CUIDADOS
DA MORTE,
E
DESCUIDOS DA VIDA.

CUIDADOS DA MORTE, E DESCUIDOS DA VIDA,

REPREZENTADOS NAS VIDAS DOS SANTOS, E SANTAS, DOS Varoens illuſtres em virtudes, e Veneraveis Servas de Deos, que, como refulgentes aſtros, e luzidiſſimos Planetas, eſmaltaraõ o Etereo firmamento da Igreja Luſitana.

PRIMEIRO TOMO.

NESTE TOMO SE PARTICULARIZAM OS NASCIMENTOS, virtudes, e acçoens memoraveis de novecentos Santos, e Santas, que ſe veneraõ Canonizados, e Beatificados, e ſe declaraõ os nomes, e patrias de mais de mil e trezentos Veneraveis Servos de Deos, de que trataõ o II. III. e IV. Tomo, pelos dias do anno:

COM A ADDIÇAÕ

DAS PRODIGIOSAS VIDAS DOS DOUS MAYORES SANTOS, o Glorioſo Patriarcha S. Jozé, Pay putativo de Chriſto: do ſeu Divino Precurſor S. Joaõ Baptiſta; e da Diſcipula mais amada de Jeſus, Maria Magdalena.

POR

BOAVENTURA MACIEL ARANHA.

Da Cidade de Braga.

LISBOA,

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno de MDCCLXI.

Com todas as licenças neceſſarias.

AO FILHO DE DEOS
JESU CHRISTO
NOSSO SENHOR
Sacramentado na Cathedral Primaz.

SENHOR.

NA vossa Divina, e Real presença tudo saõ felicidades: e como eu participo dellas no presente anno, em que assisto na vossa Capella, por obrigaçaõ da occupaçaõ de Védor da Fazenda, da Confraria, que os Nobres, e piedosos Bracharenses vos erigiraõ: esta frequencia anima ao meu temor, e respeito, para me attrever a dedicar a Vossa Divina Magestade os effeitos do meu desvélo, que ainda que indignos, por meus, as virtudes dos vossos Santos, a quem servio a minha applicaçaõ, pois lhes mereceraõ estar no Ceo logrando a vossa vista, e nos Altares a nossa veneraçaõ, tambem seraõ efficazes para que vos seja agradavel este meu sacrificio, ao qual acompanha huma intençaõ pura, e sincera de que elles sejaõ louvados, e que toda a honra, e gloria seja vossa por todos os seculos dos seculos.

PROLOGO

AOS PIOS, E TIMORATOS LEITORES.

O Gloriofo Doutor, e Summo Pontifice da Igreja Romana, S. Gregorio, depois de entrar a efcrever a celebre Obra dos feus Moraes, confiderou taõ difficil o affumpto, que efteve em termos de naõ profeguî-lo, porque a fua grande humildade excedia á fua maxima fabedoria: porèm fe alentou a continuar taõ fanta, como neceffaria Obra, pelos motivos, que declara por eftas palavras: *Depois que nefta obfcura Obra em tantas, e taes difficuldades vi me envolvia, confeffo que, vendo-a fuperior ás minhas forças, me refolvi a deixa-la; porèm de repente, pofto entre temor, e devoçaõ, levantando a confideraçaõ ao Senhor, e Author dos dons, arrojando a tibieza, cheguei a entender certamente, que naõ podia fer impoffivel a Obra, que das entranhas de meus irmaõs a caridade mandava. Eu de mim, para tanto empenho havia defconfiado; porèm fazendo-me mais forte com a minha efperança perdida, a achei mais firme, e pofta em o Senhor, que dezata as linguas dos mudos, e forma as dos meninos para difcretas vozes, e ainda aos tofcos rugidos da afna, fez fignificativas a humana intelligencia. Pois, que ha que admirar, que dê conhecimento a hum homem nefcio, o que quando quer pela boca dos jumentos a verdade declara! Affim pois animado, appliquei a efterilidade do meu faber, e a minha penna, a efta difficil Obra.* Até-qui o Gloriofo Doutor da Igreja.

Greg. Prol. cap. 2.

Se pois hum taõ grande, e Douto Santo receava fahir a publico com aquella grande Obra, muitas vezes temerario me devem julgar todos, os que conhecem a minha ignorancia, em querer fahir á luz com a dilatada Obra das vidas dos Santos, e das Santas, que afformozearaõ a efte Jardim do Mundo com as fuas exemplares vidas, e heroicas virtudes, e juftamente; pois confeffo com toda a ingenuidade fer temeridade mayor o intentar, e profeguir eu huma Obra, que fó convinha a Varoens Santos, Doutos, Ecclefiafticos, e authorizados, fendo eu hum homem, fem alguma experiencia de virtudes, ignorantiffimo, por falto de letras, mettido no mundo, e em negocios feculares. Porèm defta minha temeridade devem tirar todos, motivos para louvarem, e reverenciarem os incomprehenfives Juizos de Deos, na eleyçaõ que faz de peffoas humildes, e ignorantes, para emprezas grandes, e da fua honra, e gloria; e fe naõ digaõ, quem póde alcançar, ou comprehender o occulto confelho, com que a Bondade, e grandeza de Deos, Senhor noffo, tirou a Moyfés da occupaçaõ de guardar gado, para o fazer Capitaõ do Povo Hebreu, e o fublimar á foberana Dignidade

nidade

nidade de amigo seu? A David, da occupaçaõ de Pastor, para o elevar ao grão de Profeta, e a Rey do seu escolhido povo? A Eliseu, do ministerio inferior do arado, para o alto cume da Profecia? Finalmente, quem comprehender poderá o altissimo conselho que teve em fazer eleyçaõ de doze homens pobres, humildes, sem letras, sem armas, e sem authoridade, nem lugar no mundo, para conquistarem, por todo elle, para o Imperio de Christo aos poderosos idolatras, e peccadores, que nelle existiaõ, sem embargo da opposiçaõ dos máos Principes, e dos seus Sabios, fazendo tal mudança no mundo, que dos carnaes fizeraõ espirituaes, da terra Ceo, e dos homens Anjos, por dar áquelles ignorantes tal sciencia, e efficacia no persuadir, que de bôa vontade deraõ as vidas pelas verdades, que elles prégavaõ, innumeraveis pessoas, que aprenderaõ de taõ humildes homens huma fé firmissima, huma esperança segura, huma caridade ardente, huma fortaleza invencivel, e huma paciencia incomparavel.

Supposto pois naõ podem os homens comprehender estes segredos, e occultos conselhos da infinita Bondade de Deos nas suas eleyçoens, podem muito bem inferir, que pois naõ chama sabios, ou poderosos para as Obras de mayor excellencia, e em que mais resplandece o poder do seu braço, senaõ os mais desprezados do mundo, os ignorantes, e os fracos; he para que attribuaõ todo o seu obrar a effeito do Author Soberano, visto se naõ poder attribuir á insufficiencia dos sujeitos; e para que os vaõs, e prezumidos, ou da sua sabedoria, ou do seu poder, se animem a ser humildes, vendo o que obraõ os ignorantes, quando saõ eleytos, ou movidos por Deos, para cousas da sua honra, e gloria.

De que esta Historia he toda de Deos, se prova bastantemente do argumento della, e de mover a minha tosca penna para lhe dar principio tanto na flor da minha idade, que apenas vinte primaveras contava, como se demostra do Prologo do livro *Exercicios Admiraveis*, que fiz imprimir no anno de 1726., no qual prometti esta Obra, que prosegui, e prosigo, entre muitas, e laboriosas occupaçoens, e os cuidados, e desvélos, que andaõ annexos aos paysdefamilias. Tambem parece se prova ser ella toda de Deos, por permittir que sahisse illeza, e sem algum defeito, e que naõ corresse descaminho, no dia do 1. de Novembro de 1755., em que permittio a Bondade de Deos (por fins incomprehensiveis á nossa summa ignorancia) que a violencia de hum formidavel terremoto transformasse a populoza, e deliciosa Lisboa, em hum infeliz campo de horrores, e de tragedias, pois muitos mezes depois delle se tirou das ruinas do Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, em que vivia o Padre Mestre Estanilao Manço, Revedor da mesma Obra, como se vê da Censura que lhe fez a 25. de Outubro de 1755., poucos dias antes do terremoto.

De que a esta ardua empreza (para a minha ignorancia digo) me incitou unicamente a gloria de Deos, me seja licito prová-lo com dizer, que todas as vezes que lançava maõ á penna para a continuar, fazia, com a devoçaõ que podia alcançar o meu tibio, e curto espirito, a supplica seguinte: *Senhor Omnipotente, se nesta*

sta

sta Obra, que prosigo, vêdes que me aparto de procurar os vossos louvores, honra, e gloria, e as veneraçoens dos vossos Servos; peço-vos me confundais ás primeiras clauzulas, que pronuncie: porém, se como devo vos constituo objecto desta acçaõ, que foste servido inspirar-me, pelos fins, que naõ comprehende a minha simplicidade, assisti-me nella com a vossa graça, para que della resulte a mayor honra, e gloria vossa, e a minha eterna felicidade; pois seria fatalidade, que me occupasse em escrever, e ponderar as vidas dos vossos Servos, e que a minha fosse de perverso.

Dei a esta Obra o titulo de *Cuidados da Morte, e Descuidos da Vida*, assim por me ficarem mais desculpaveis algumas digressoens, com que exorno parte das Vidas de que se compõem, como por me naõ parecer titulo improprio da materia; pois he certo, que os Santos, e Varoens insignes em virtude, de que ella trata, naõ ordenariaõ as Vidas, e obrariaõ as acçoens, porque se fizessem benemeritos da eterna vida, se naõ cuidassem na morte, sizo das loucuras, e grilhaõ das liberdades, da menos discreta, e mais solta vida. Os que julgarem superfluas as digressoens, (que só seraõ os Doutos) saibaõ que tenho a meu favor naõ menos que a authoridade do Doutor S. Gregorio Papa, que disse a similhante intento: *O que falla, ou escreve de Deos, e suas Obras, necessario he que pense, e expresse tudo o que conduz á instrucçaõ dos Fieis, e repute por ordem recta de escrever, que havendo opportunidade de instruir os costumes, deixe por entaõ o assumpto principiado. O modo, e a corrente do rio deve imitar, que quando junto á sua corrente acha alguma concavidade, logo a procura encher; porém acabando este officio, sem leve demora torna a correr seu caminho: assim pois deve fazer o piedozo Escritor, que occorrendo congrua occasiaõ de edificaçaõ, logo applique a ella as sua palavras, e attençaõ, e acabado este officio, volte a proseguir seu começado caminho.*

Greg. Magno Prol. in Job. cap. 2.

Escrevo esta Sagrada Historia, principalmente as digressoens della, para as Religiosas, e mais mulheres do seculo, como sexo mais piedozo, e devoto; e para os homens singélos, e faltos de letras, como eu, (pois nem estes, nem aquellas attenderáõ para os defeitos, e sim para a narraçaõ dos successos) em ordem a incitá los ás virtudes, a exemplo de tantos, quantos as praticaraõ, e naõ para os Doutos; porque naõ seria razaõ que me entrasse isso em pensamento, tendo eu cabal conhecimento de quanto excede a necessidade, que tenho de aprender, a sufficiencia de ensiná-los: e como com effeito só escrevo para o devoto sexo femenino, e para os homens singélos, e indoutos, devem os Doutos, que estas historias lerem, aproveitar-se das noticias, que ignorarem, e disfarçar as palavras humildes, rasteiras, e mal limadas, com que se exprimem; porque attendi nellas mais para os abonos de verdadeiro, e de sincéro, que para os applausos de discreto, que naõ podia pertender quem só anhela pela saude das almas. O mesmo S. Gregorio tanto approvou o sincéro estylo de escrever livros asceticos, como se colhe do que tambem disse no seu allegado Prologo: *Rogo aos que lerem os ditos desta Obra, que nelles naõ busquem*

as viſtozas folhas de vozes, nem compoſtura de palavras; porque pelas Divinas, aos que dellas trataõ, eſtreitamente ſe prohibe a leveza infructuoſa da loquacidade, quando Deos manda, que junto ao ſeu Templo ſe naõ plante frondoza montanha; e todos ſabemos, que quanto os trigos em mais ſuperfluas folhas ſe eſtendem, de tanto menos pezo he o graõ, que nas eſpigas creſce: por cuja cauſa deſprezei obſervar a Arte, que o magiſterio humano enſina de fallar; pois, como neſta Obra ſe demoſtra, nem fujo da confuzaõ do barbariſmo, nem attendo ao ſitio, movimento, nem cazo das propoſiçoens, julgando por couſa indigna, que as palavras do Celeſtial Oraculo ſe reſtrinjaõ ás regas de Donato. Iſto pois, que aquelle Santiſſimo, e Doutiſſimo Papa diſſe aos ſeus, digo eu aos meus Leitores, como quem tem por certo, que neſta Obra ſe acharáõ todos os defeitos, que a grande humildade daquelle Santo attribuîa á ſua.

Se os effeitos de hiſtoriar as couſas profanas ſaõ taes, que diſpõem naturalmente para a virtude, e ſabedoria, a quem a ellas ſe applica; quaes ſeraõ os eſcritos da Hiſtoria Sagrada, e das vidas dos Santos, a qual, pela eſpecial natureza da ſua materia, he proprio naõ ſó encher o entendimento da ſabedoria Celeſtial, ſenaõ de inflammar as vontades em o amor de Deos, e em os effeitos dos bens ſobrenaturaes; porque da maneira, que do fogo procede o ardor, e do unguento odorifero a fragrancia, aſſim o entendimento do que lê as hiſtorias das Vidas dos Santos, ſe lhe infunde da liçaõ huma luz ſoberana, e na vontade hum ardente appetite dos gozos do Ceo, em tal fórma, que ja naõ deſcanſa no terreſtre, e temporal, ſendo verdadeiramente as ſuas operaçoens commũas perſuadir as virtudes, deſviar dos vicios, e impellir o animo ao amor de Deos, e do proximo. Eſtes fructos eſpirituaes tiraráõ os que entrarem neſta liçaõ ſem impeto apreſſado; porque o que ſe lê de preſſa, e arrebatadamente, naõ ſe imprime no animo, nem ſe faz fecunda a herdade, ſe naõ he com a agoa que a rega, detendo-ſe, e encorporando-ſe pouco e pouco.

Que aproveita (diz Santo Agoſtinho) occupar-ſe o tempo em liçaõ continua, revolver os feitos dos Santos, e correr pelos livros que os eſcrevem, ſe conſiderando-os, e como maſcando-os, naõ tirarmos o ſucco da liçaõ, e lho paſſarmos ao interior da alma, onde ſe digira, e faça alimento do eſpirito, para que, advertindo pelo lido o eſtado em que nos achamos, procuremos imitar as obras daquelles, cujas acçoens, e palavras ſe nos propõem na liçaõ.

Deſta ſorte ſeraõ eſtas admiraveis hiſtorias (muito venerandos Portuguezes) ſufficientiſſimas para ſe converterem muitos homens diſtrahidos, e para ſe adiantarem muitas almas devotas, que imitando as heroicas virtudes de Varoens taõ illuſtres, poderáõ ſeguir o meſmo rumo, e chegar ao porto Celeſtial, onde as ſuas vidas immaculadas os dirigem. Os que nos daõ taõ eſtupendos exemplos, naõ foraõ Egypcios, Gregos, Alemaẽs, e Africanos; e aſſim naõ podemos buſcar neſtes remotos climas eſcuzas para os naõ imitarmos. De Portugal eraõ (quaſi todos) em hum meſmo ſeyo, e clima naſcidos, e criados; razaõ he que ſejamos como

elles,

elles, pois os Santos, como diz Santo Ambrosio, naõ eraõ de melhor natureza, mas de melhor observancia, e ainda que sentiraõ guerras de vicios, tiveraõ victorias de virtudes.

Neste primeiro Tomo, dos quatro que tenho concluido, escrevo as Vidas naõ só dos Santos Canonizados, segundo os Ritos da Igreja Catholica Romana, e a Decizaõ do Santissimo Papa Alexandre III., que floreceo pelos annos de 1606., mas tambem dos Canonizados, e Beatificados na fórma antiga, e anterior á dita Decizaõ, que era com expressa, ou tacita approvaçaõ dos Bispos, ou precedendo sciencia, e tolerancia sua, e culto publico com imagens, e Altares á sua honra erigidos, e frequentados com votos, e romagens, e muitos delles celebrados com Missas, ou *de Cōmuni*, ou de todos os Santos, e suas Reliquias guardadas, e veneradas, como de Santos, sem jamais haver opiniaõ em contrario. No II. III. e IV. Tomo escrevo as vidas dos Veneraveis Servos de Deos, que, supposto naõ estaõ Canonizados, nem Beatificados pela Igreja nossa Mãy, muitos delles naõ saõ de inferior merecimento para com Deos, daquelles que veneramos nos Altares; pois a Canonizaçaõ, como diz Santo Antonino, nem accrescenta o merecimento, nem o premio essencial de Bemaventurado, nem decreta o grão, que tem de santidade, mas sómente declara ao Santo por Cidadaõ do Ceo, e o propõem á Igreja para ser reverenciado com veneraçaõ temporal, e celebrado com Officio, e festa.

Satisfaço ao reparo, que poderáõ fazer os que naõ forem versados em similhantes liçoens, quando encontrarem as Vidas de alguns, que naõ foraõ nascidos em Portugal, dizendo que escrevo de muitos, naõ naturaes pelos nascimentos, porque o Direito, e costume prescreve, que se deve escrever dos Santos, e Varoens Illustres naquelles Reynos, em que elles nasceraõ espiritualmente, pela regeneraçaõ, e Graça, que receberaõ em o Baptismo; pelas Dignidades, que nelles obtiveraõ; pela habitaçaõ, pela morte, ou por nelles se venerarem as suas Reliquias. Tambem escrevo as Vidas daquelles Santos, e Veneraveis, que floreceraõ desde a vinda de Christo nosso Redemptor, até o anno de 714. (que foy o da gerál invasaõ dos Arabes em Hespanha) nas terras sujeitas á nossa antiga Lusitania, cuja Metropoli era a Cidade de Merida, que com outras mais Cidades, e lugares, ficou na demarcaçaõ de Castella; e tambem dos Santos, que floreceraõ em Galliza, no tempo em que era sujeita a Braga no espiritural, e temporal: pois assim como Merida foy a Metropoli da antiga Lusitania, assim Braga o foy de Galliza, e esta he a razaõ, porque muitas vezes a trato nestas Historias por Galliza Bracharense. Finalmente, escrevo daquelles, que com Apostolico zelo, e grande gloria de Portugal, e de toda a Igreja Catholica, desterrando-se das suas patrias, com admiravel fructo semearaõ a Doutrina Evangelica em as remotas, e dilatadas Provincias das nossas Conquistas; e dos innumeraveis Japonezes, Gentios, Mouros, e Hereges, que nellas deraõ as vidas pela confissaõ da Fé de Jesus Christo, introduzida pelos zelosos Missionarios de todas as Sagradas Religioens deste Reyno, que os Gloriosissimos, e Christianissimos Reys delle mandaraõ, e mandaõ, naõ attendendo

ás excessivas despezas, que fizeraõ, mayormente no principio de tantas Conquistas; porque só attendiaõ a abrir caminho á prégaçaõ do Sagrado Evangelho, e á conversaõ dos cegos idolatras, a qual foy, e he copiosissima, com incomparavel exaltaçaõ da Naçaõ Portugueza, e de toda a Militante, e Triunfante Igreja.

Para que os Reynos Estrangeiros, que julgaõ, e notaõ a esta Monarchia por esteril de Santos, com o fundamento de naõ verem livros particulares, que expressem as suas virtudes, e que os desvaneça do seu errado conceito, e tambem para que a piedosa curiosidade dos meus naturaes se goze, e deleite nas Vidas prodigiosas, exemplos raros, e acçoens estupendas dos seus passados, determinei fazer duas Obras separadas, huma de homens, e outra de mulheres, em que particularizasse os principaes passos das Vidas dos Santos, e Santas, para que servissem á edificaçaõ dos Leitores, que nenhuma tiraõ das brevissimas noticias, que daõ os Agiologios, principalmente o nosso Lusitano. Escrevi as dos homens nos quattro Tomos que ja disse, e a este primeiro, que he o dos Santos, addi as Vidas das Santas, por ver que com ellas naõ podia formar hum Volume, e tambem para que o sexo femenino, que he o mais devoto, naõ ficasse queixozo, e com menos inclinaçaõ á Obra; e proseguirei com as Vidas das Veneraveis Servas de Deos, em outros Tomos, quando a bôa acceitaçaõ deste me anime, e me provoque, e Deos me conserve a saude, e a vida. A consideraçaõ, que faço, de que esta me póde faltar, me precisa a adiantar neste Volume a noticia dos nomes de todos os Veneraveis Servos de Deos, de quem tenho escrito nos tres Tomos, que estaõ correctos das licenças, como se vê das que vaõ copiadas neste Volume, para que vaõ admirando (em quanto naõ sahem á luz publica) os Estrangeiros, e nacionaes, os muitos exemplares, que só de homens occorrem a cada dia do anno: mas naõ he muito que appareçaõ taõ repetidos fructos de santidade em hum Reyno dado, e conservado por Deos, e em que por isso mesmo he taõ excellente a cultura da santidade; e nem he novidade, haver grande copia de flores no Jardim, onde naõ entra o descuido, e persevera o cuidado.

A esta Obra addi a estupenda vida do Glorioso S. Joaõ Baptista, por ser o mayor dos Santos, a quem esta Cidade de Braga tributa os mais extremozos obsequios, como se demostra das celebradas festas, que todos os annos lhe dedicaõ, e nem duvido vá a sua devoçaõ em augmento, vendo se neste livro particularizadas muita parte das sua indiziveis prerogativas, e incomparaveis virtudes. Tambem addi a estas Historias a da Vida da Gloriosa Santa Maria Magdalena, para accrescentar a Braga os motivos da ternissima devoçaõ que lhe consagra, bem remunerada com os milagres, que faz, e de que fallo no fim da sua admiravel, e prodigiosa Historia. Finalmente, addi a este Tomo a vida do Gloriosissimo Patriarcha S. Jozé, naõ só pela devoçaõ que lhe professo, e que dezejo se introduza em todos os mortaes; mas tambem por ser o nome, com que recebeo a graça o nosso Augustissimo Monarcha, em cujo governo sahe esta Obra á luz, para que se possa gloriar, e jactar de ser Senhor de hum Reyno, no qual naõ só hou-

veraõ

verao vassallos, que souberaõ conquistar Imperios nas quatro partes do mundo, mas tambem innumeraveis, que souberaõ conquistar os Reynos dos Ceos com as armas das virtudes.

Como se naõ bastassem os erros da minha escrita, muitos se lhe accumularaõ na imprenta, ainda que naõ tantos, quantos eu esperava em Obra taõ dilatada, por ser o Corrector della bastantemente exacto na sua obrigaçaõ: e assim devem os Senhores Leitores disfarçar os que encontrarem, e tambem os que julgarem na Orthografia, na qual vario em muitos vocabulos, naõ seguindo a moderna, por ainda naõ estar averiguado qual he a mais veridica, por cada hum dos criticos querer que a sua opiniaõ tenha força de ley, e que prevaleça ás dos mais: e como se deve julgar por cousa de pouca importancia o que naõ he artigo de fé, e que depende do arbitrio humano, tambem naõ deve haver escrupulo em variar de opinioens, quando se naõ varía na substancia da significaçaõ do vocabulo.

Em algumas vidas dos Santos antigos me aproveitei das authoridades de Authores, a que a severa critica naõ dá inteiro credito, como saõ Flavio Dextro, Maximo, e Juliano, naõ obstante os Doutos Cômentarios, e as Apologías que tem sahido a favor delles; porque seria temeridade o despojar das Igrejas, principalmente desta Metropoli Bracharense, os Santos Prelados, que aquelles Authores lhe assignalaraõ, (sendo Estrangeiros, e por isso pouco empenhados nas nossas glorias) e que os modernos criticos lhe querem uzurpar, mais por capricho de se mostrarem eruditos, e de sahirem com novidades, que por motivos, que convençaõ, e destruaõ os escritos, as tradiçoes, e a authoridade dos antigos Breviarios. E como ainda para o mais Douto Escritor seria arriscadissimo empenho, e exorbitante assumpto, o querer ser Juiz de hũa causa, em que acerrimamente huns reprovaõ, e outros approvaõ os Cronicoens daquelles Authores, por suppostos; eu me contento com nomear aos grandes Escritores que os approvaõ, e defendem por veridicos, quaes saõ: Bivar, Caro, Tamayo, Ramires de Prado, Moreno de Vargas, o Padre Quintadueñas nos Santos de *Sevilha*. O Padre Martins de Roa da Companhia na sua Ecija. Maldonado, Douto Dominico, na Defensa que fez a Dextro. Os Authores da Monarchia Lusitana, do Agiologio Lusitano. D. Rodrigo da Cunha nas Historias de Braga, Lisboa, e Porto. O Mestre Anjos no Jardim de Portugal, e outros innumeraveis Authores, que traz o Padre Mestre Fr. Joaõ Marques, no Defensorio Augustiniano.

Bem reconheço, e julgo por impossivel o agradar a todos o meu diffuzo, e impertinente estylo, por naõ ser o mesmo o agradar-me a mim, que aos Leitores; principalmente dizendo Santo Ambrosio, que a todos os Authores enganaõ seus escritos desorte, que naõ vem nelles os erros, que outros lhes notaõ, sendo a razaõ da tal cegueira (como diz o grande Vieira) o serem partos de seus entendimentos: e assim como os filhos, posto que sejaõ feyos, agradaõ a seus pays, e lhes parecem bem; assim os escritos de cada hum, por imperfeitos, errados, e mal compostos que sejaõ, naturalmente

turalmente lizonjeaõ a ſeus Authores, e lhes parecem bem, porque ſe parecem com elles. Porèm para eu me animar a proſeguir com o quinto, e mais Tomos deſta dilatada Obra, baſta-me que tenha a acceitaçaõ dos pios, e timoratos; pois ſó eſtes (que naõ devem ſer criticos) poderáõ deſculpar os erros della, como partos da minha bem conhecida ignorancia, e reputar todo o acerto a Deos, donde dimana todo o bem, trasladando em ſuas almas dos ſeus caracteres, para viverem aos vindouros, aſſim como os antigos viveraõ para elles, logrando em fim com augmentos proprios, e Celeſtiaes os exemplos das virtudes alheyas.

LICEN-

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M.R.P.M.Fr. JORGE DA INCARNAÇAM, Qualificador do Santo Officio, e da Sagrada Ordem dos Prégadores &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de Vossa Eminencia, vi os quatro Tomos intitulados: *Cuidados da Morte, e Descuidos da Vida*, reprezentados nas vidas, e heroicas acçoens dos Santos Varoens; compostos por Boaventura Maciel Aranha; e nelles naõ encontrei cousa, que se opponha á nossa santa Fé, ou bons costumes; antes em qualquer das vidas, de que trataõ, tem todo aquelle que os ler, o mayor, e mais efficaz despertador para a reforma da sua. Este he o meu parecer, Vossa Eminencia ordenará o que for servido. S. Domingos de Lisboa. 1. de Julho de 1743.

Fr. Jorge da Incarnaçaõ.

CENSURA DO MUITO R. P. M. Fr. ANTONIO DE Santa Maria, Qualificador do Santo Officio, Agostinho descalço &c.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

PAra que os homens cuidem com attençaõ na morte, e se descuidem com desprezo da vida, naõ póde haver clarins mais sonoros, vozes mais elevadas, e despertadores mais vehementes, que estes quatro Tomos das vidas dos Santos, e Varoens aballizados em virtude; a quem o Author intitula: *Cuidados da Morte, e Descuidos da Vida*: porque cada acçaõ, que delles refere, clama, grita, e nos desperta, o quanto importa descuidar da vida, e cuidar na morte: a vida acaba-se com o tempo, termina-se na eternidade a morte; e tudo o que vay do temporal ao eterno, nos deve levar os cuidados, ou os descuidos: quem cuida da vida, e se descuida da morte, morrerá eternamente; porém os que se descuidarem da vida, e só na morte cuidarem, seraõ eternamente immortaes. Para o serem os Santos Canonizados, que de fé cremos a possuem, e os Heróes virtuosos, que piamente suppomos a alcançariaõ, se descuidaraõ tanto da vida, e cuidaraõ muito na morte, como se nos propõem nestes Escritos, que sendo huns exemplares mudos, nos persuadem com efficaz eloquencia, Cuidados da

Morte,

Morte, e Descuidos da Vida. Infeliz he quem se naõ lembra: o que a si mesmo dizia S. Paulo na Epist. ad Roman. Cap. 7. porque naõ ter a morte por vida, e a vida por morte, he a maxima infelicidade: Morrem os Santos todos os dias; por isso os seus descuidos da vida saõ successivos cuidados da morte. Temem o instante incerto da morte, e procuraõ naõ ter instante, em que se naõ descuidem de huma taõ precipitada vida. Naõ se fogem os precipicios da vida, senaõ descuidando-se de huma vida taõ triste, para cuidar em huma bóa morte. Assim o fizeraõ todos aquelles, cujos nomes vemos com assombro escritos, e suas proezas, nestes quatro Volumes da vida decantadas: entenderaõ, como o Apostolo das Gentes, que vivendo nelles Christo, viviaõ, e naõ viviaõ; e para naõ viver se descuidavaõ da vida; e para viver só na morte cuidavaõ. As suas vidas reconheciaõ, com sabedoria do Ceo, estarem com Christo em Deos escondidas, e assim avaliavaõ esta vida perda, e o morrer lucro; porque cuidando da morte, e descuidando-se da vida, achavaõ a verdadeira vida, que só em Deos se póde achar, anhelando dezatar-se desta miseravel vida, para estarem depois da morte gloriosamente com Christo. Por tanto, com justificada razaõ, Boaventura Maciel Aranha, que he o Author destes quatro portentozos livros, os intitula: *Descuidos da Vida, e Cuidados da Morte*; pois sómente os que tiveraõ estes cuidados, e aquelles descuidos, podiaõ obrar as muitas virtudes, que aqui se achaõ, devota, e elegantemente relatadas. Ainda que pareça apertado, aspero, e laborioso este caminho da vida descuidando-se della, he largo, brando, e sem trabalhos para quem dezeja adquirir o cumulo das virtudes, que, como dizia meu grande Pay Agostinho, consiste em cuidar sempre na morte. Tambem eu cuido, ser esto todo o emprego deste famoso Escritor; porque cada hum escreve como se descuida, e cuida. E como tudo o que está escrito, nada offende nossa santa Fé, e bons costumes, se faz digno da licença de Vossa Eminencia, para se imprimir. Vossa Eminencia mandará o que for servido. Lisboa Convento da Bóa-Hora, dos Agostinhos descalços, 9. de Dezembro de 1743.

Fr. Antonio de Santa Maria.

VIstas as informaçoens, póde imprimir-se a Obra, de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 10. de Dezembro de 1743.

Fr. R. de Alencastre, Teixeira. Soares. Abreu. Amaral.

DO

DO ORDINARIO.

CENSURA DO R. DEZEMBARGADOR FRANCISCO Xavier da Silva &c.

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

NEstes quatro Tomos, a que o seu Author Boaventura Maciel Aranha dá o titulo: *Cuidados da Morte, e Descuidos da Vida*, naõ descubro cousa, que lhes faça desmerecer a luz publica; antes nos exemplos, que se propõem das Vidas de tantos Santos, e Varoens Veneraveis em santidade, acharáõ os Leitores vehementissimos estimulos para fugir o mal, e abraçar o bem, de que depende a vida ajustada, e a morte preciosa. Vossa Excellencia mandará o que for servido. Lisboa 20. de Mayo de 1755.

Francisco Xavier da Silva.

VIsta a informaçaõ, pódem-se imprimir os livros, de que trata a petiçaõ, e depois de impressos, e conferidos tornem para se dar licença que corraõ. Lisboa 4. de Junho de 1755.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PAÇO.

CENSURA DO M.R.P. M. ESTANISLAO MANSO, da Companhia de Jesus &c.

SENHOR.

POr ordem de Vossa Magestade li com attençaõ os quatro Tomos, cujo titulo he: *Cuidados da Morte, e Descuidos da Vida &c.*, e em todos elles naõ achei cousa, que encontrasse as Regalias da Coroa, e Leys do Reyno; antes da sua liçaõ se póde esperar grande fructo nas almas pelos repetidos, e multiplicados exemplos, que a cada passo se encontraõ nas prodigiosas Vidas de muitos Varoens insignes em santidade, que contèm esta utilissima Obra; pelo que a julgo digna do Real agrado de Vossa Magestade, e da licença, que pede seu Author de a dar á luz publica. Vossa Magestade ordenará o que for servido. Lisboa Collegio de Santo Antaõ da Companhia de Jesus 25. de Outubro de 1755.

Estanislao Manso.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que corra, e sem isso naõ correrá. Lisboa 4. de Mayo de 1756.

Carvalho. D. Velho. Fonseca. Emmaus. Pacheco.

INDEX

INDEX
DOS SANTOS, E SANTAS DESTE primeiro Tomo.

A.

B.

O B. Cos-

C.

D.

O B.

E.

F.

G.

O B.

H.

I.

S. Joaõ

L.

M.

N.

O.

Santo

P.

Q.

R.

S.

T.

V.

Z.

PROTES-

PROTESTAÇAÕ
DO AUTHOR.

COmo obedientiſſimo filho da Igreja Catholica Romana declaro, que nas relaçoens, que faço das Vidas dos Santos, e peſſoas Illuſtres em virtude deſte, e dos mais Tomos, naõ he minha tençaõ exceder aos termos da credulidade, que ſe coſtuma dar a huma pura relaçaõ, quando reputo por profecias, e milagres, e dou o titulo de Martyres, e de Santos a peſſoas, que naõ eſtaõ Canonizadas pela Igreja; pois com profunda ſubmiſſaõ, e humilde rendimento me ſujeito aos Decretos dos Summos Pontifices, eſpecialmente aos que expedio, e declarou o Santo Padre Urbano VIII. acerca dos milagres, revelaçoens, profecias, e ſujeitos, que, florecendo em ſantidade, naõ eſtaõ approvados, nem Canonizados pela Igreja Catholica.

Boaventura Maciel Aranha.

CUIDA-

CUIDADOS DA MORTE E DESCUIDOS DA VIDA.

VIDA, E MORTE PRODIGIOSA DE SANTO ANTONIO DE LISBOA,

Singular Ornamento de Portugal, Gloria de Hespanha, Thesouro de Italia, Delicias da Christandade, Arca do Testamento, Sacrario das virtudes, Martello das heresias, Flor da pureza, Espelho da Divindade, Assombro dos Anjos, Medianeiro dos homens, Officina de milagres, Filho primogenito do Athlante da Igreja S. Francisco.

VERDADEIRAMENTE que temerosa entra a minha penna a referir a vida de Santo Antonio; assim porque o rasteiro dos seus vôos naõ póde medir a eminencia das suas virtudes, como porque o humilde do meu estylo he muy improprio para deliniar a vida de hum Santo, que parece resplandeceo entre os mais, como o Sol entre os Planetas, a Lua entre as Estrellas, a Feniz entre as aves, e a Rosa entre as flores. Intentar pois comprehender grandezas, que foraõ por eminentes inaccessiveis excellencias, que foraõ por relevantes ineffaveis; seria querer reduzir o Sol a hum breve circulo, a Lua a hum curto espaço, o Fogo a huma faisca, a Terra a hum ponto, o Mar a huma onda. Seria, digo, querer reduzir o Ceo a huma esphera limitada, numerar as Estrellas que o exornaõ, os attomos do Sol, as arêas do mar, e as flores da terra; porèm, quando o assumpto se obstenta magnificamente grande, sempre o discursar he acçaõ difficultosa, e o comprehender impossivel; e pois he difficultosa acçaõ o discursar em breves periodos as obras maravilhosas de Antonio, por nelle resplandecerem mais excellencias do que flores brota a terra, do que arêas tem o mar, do que attomos o Sol, e do que o Ceo alterna luzes; immudeça a minha tosca lingua, suspenda-se o meu entendimento, e só trate de admirar as grandezas, virtudes, e maravilhas, que entra a referir a minha mal apparada penna.

1 Nasceo pois este portento da Santidade, e particular empenho da Maõ de Deos na Cidade de Lisboa, Corte dos nossos Augustissimos Monarchas, patria de muitos Santos, centro de bellicos Martyres, luzidissima esphera de innumeraveis engenhos, mãy universal de todas as Naçoens. E se esta pela sua antiguidade, bondade de clima, fertilidade de terreno, multidaõ de moradores, riqueza, e nobreza delles, magnificencia, e sumptuosidade dos Edificios, e Templos, e abundancia do Cõmercio, disputa com as mais famosas, e populosas Cidades do Universo; justamente blazona, como da mayor grandeza, de haver sido Patria de Antonio; porque se o valor, e brio Lusitano estendeo os seus dominios até os ultimos fins da terra, o de Antonio foy tal, que dominou o mundo, e os seus quatro elementos, exercitando plenaria jurisdiçaõ em todos elles com grande imperio. Os homens de inferior caracter se jactaõ de haver nascido em Cidades famosas, porèm os superiormente grandes, fazem mais insignes, e celebradas no mundo as Cidades em que nasceraõ; e que importa ser illustre a patria daquelle que com seus demeritos a envilece? E que desdoura ser humilde a daquelle, que com heroicas, e gloriosas obras a engrandece, e com relevantes merecimentos a authoriza? Naõ he a patria do homem, ó mortaes, aquella em que nasce, sim aquella debaixo daque nasce: os antigos, e sabios chamavaõ ao homem arvore plantada as avessas, e com razaõ, pois assim como a patria da arvore he aquella em que prende as raizes; assim a patria do homem he o Ceo, para que as tem expostas.

Recebe o sagrado baptismo com o nome de Fernando.

2 Recebeo o sagrado Lavacro na pia da Sé de Lisboa, a 15. de Agosto de 1195. com o nome de Fernando, que vale em Grego o mesmo que flor, ou lyrio, annuncio sem duvida da pureza virginal que conservou toda a vida, a poder de mortificaçoens. Conserva-se a roza entre os espinhos; entre a penitencia se conserva a pureza. Se se tiraõ os espinhos á rosa, hum breve impulso a desfolha, se se aparta da pureza a mortificaçaõ, e a penitencia, a minima occasiaõ a deslustra.

3 Seus pays foraõ Martim de Bulhoens, e D. Thereza Taveira, ambos naõ só nobres, senaõ illustres. A nobreza quando naõ he mais que de sangue, he sem fundamento, pois naõ fez Deos hum Adam de ouro, e outro de barro; hum formou, e esse de terra. Se somos todos filhos do mesmo pay, se elle foy vil, viz somos todos, se elle foy nobre nobres todos somos. Ninguem se glorie pois da nobreza de seus antepassados, pois todos tem ao barro por origem; e por isso taõ nobres saõ os que andaõ armados de purpura, afformozeados com diademas, como os que vivem afflictos com miserias, e dormem pelos Hospitaes. A cada hum fazem as obras bom, ou máo, e pouco te aproveita, ó desvanecido mortal, a claridade da nobreza dos outros, se tú a obscureces com a villeza de teus procedimentos. Adverte, que melhor fóra prezar-te de nobre, que de proceder de nobres, e de ser virtuoso, que de proceder de virtuosos. Certamente que bõa, e illustre he a nobreza, porèm muito infame, e vil, se naõ está exornada de virtudes Christaãs. Póde haver mayor nobreza, que a que temos por filhos de Deos? Pois esta nobreza he commũa a todos os Christaõs, e esta he a de que se prezavaõ os illustres pays do nosso Fernando, que esmaltaraõ sempre o illustre de seus nascimentos com a integridade de seus costumes, origem da mesma nobreza; e como ao sangue illustre deve andar sempre a bõa criaçaõ vinculada, cuidavaõ na de Fernando com grande desvélo, e circunspecçaõ.

Fallase da verdadeira nobreza.

Foy menino do Coro na Sè de Lisboa onde lhe fallava a Senhora do Altar mór.

4 Tinhaõ as suas casas defronte da Sé de Lisboa, e de taõ bõa visinhança se pegou ao menino Fernando devoçaõ, e virtude, e a tudo se applicou naquelle Templo, em que foy menino do Coro, occupaçaõ, que só os nobres exerciaõ por devoçaõ naquelle tempo, como ainda hoje se pratica na insigne Collegiada da Real, e famosa Villa de Guimaraens. Aquelle Templo,

plo, pois, fervio de aula ao nosso Fernando, em que aprendeo as primeiras letras, e documentos sagrados. E como naõ se augmentaria nas letras, e nas virtudes com avantajados progressos, se he constante tradiçaõ, de que tinha por Mestra a Rainha dos Anjos; que com ella fallava familiarmente, por meyo de huma Imagem sua, que hoje se conserva na Capella mór da mesma Sé de Lisboa. A esta Senhora soube saudar com a Ave Maria, primeiro que soubesse pronunciar pay, e mãy. A ella consagrou seus estudos, suas obras, seus affectos, e seus dezejos, e se dedicou inteiramente, para se assegurar todo dos perigos em que çoçobra a primeira idade, mais ardente, e menos cautelosa de pouco experimentada: chama a Escritura Sagrada aos Santos Estrellas: *Quasi stellæ*, e á Virgem Sol: *Electa ut Sol.* Parece que por nos mostrar, que assim como as estrellas naõ podem resplandecer, sem que o sol lhes cõmunique os rayos, assim os Santos naõ podem na virtude luzir, sem que da Virgem participem os favores. He certo, que naõ tem havido grande Santo, que desta Senhora naõ tivesse o patrocinio. Feliz daquelle que o solicita, e venturoso o que o alcança, e debaixo da sua protecçaõ vive.

5 Assistia o Bendito Fernando mais na Igreja que em casa, e tambem fazia desta Igreja. Vendo os pays tanta virtude em taõ tenros annos, presagiavaõ que lhe havia dado Deos naquelle filho hum grande servo seu, e discorriaõ prudentemente, porque os virtuosos preludios da primeira idade, saõ indicios certos de grandes progressos no decurso della. Exercitava-se em affectuosas oraçoens, mortificaçoens, e penitencias, pondo todavia o mayor empenho em esconder o seu thesouro; porque lhe naõ roubasse suas riquezas as subtilezas do amor proprio, ou as astucias da vaidade, que costuma forjar dos applausos chaves mestras para fazer os roubos. Invejoso Satanaz dos progressos do nosso menino, e prevendo a guerra, que lhe faria na idade provecta, procurava estorvar-lhe o passo ao monte da perfeiçaõ. Huma occasiaõ lhe sahio ao encontro ao subir pela torre dos sinos da Sé, e conhecendo-o o Bendito menino, fez o santo sinal da nossa Redempçaõ com o dedo em huma pedra da mesma torre, á vista do qual, e do imperio com que reprehendeo o seu atrevimento, fugio para as estigias lagoas. Para memoria do triunfo do Bendito Fernando, permittio a bondade de Deos que ficasse na mesma pedra esculpido o sinal da Cruz, que hoje se vê, e se venera entre grades na mesma torre, e alli o vi no anno de 1742. Naquella occasiaõ, e em outras mais venceo Fernando ao inimigo universal das almas com a graça do Senhor, porque andava sempre armado de prudencia contra a astucia do dragaõ, de humildade contra a sua soberba, de paciencia contra a sua crueldade, dos sette dons do Espirito Santo contra as suas sette cabeças, da observancia dos Divinos preceitos, e conselhos contra as suas dez pontas, em cuja espantosa figura o vio S. Joaõ.

Faz huma Cruz com o dedo em huma pedra da torre da Sè de Lisboa, para affugentar ao demonio.

6 Assim passava Fernando, sendo homem huma vida de Anjo, andando no mundo já parecia do Ceo, vivendo na carne todo era espirito, sendo menino dava exemplo aos velhos, sendo secular podia confundir aos Religiosos. Mas naõ satisfeita a sede insaciavel que tinha da virtude, hidropico da mayor perfeiçaõ; a tempo que a galhardia da sua juvenidade, a nobreza das suas prendas, o luzido do seu saber o haviaõ de fomentar, e inclinar á pertençaõ de postos, e honras; determinou fugir de todas as occasioens de vaidades da vida, e a fazer huma taõ justificada, que naõ pudesse temer a morte. Tendo pois quinze annos de idade, se resolveo a sahir do obstentativo da sua casa, do regálo paternal, e das delicias maternas; e a tomar a Murça dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, no Convento de S. Vicente de Fóra, que naquelles tempos era eminente palestra da mais exemplar observancia. Oh acçaõ maravilhosa! Oh que agradavel victima! E oh que grande excellencia de Fernando! Pois apenas tem

Toma a Murça de Conego Regrante em S. Vicente de Fóra.

conhecido o mundo, quando o despreza, e segue a Deos escassamente experimenta as delicias, e deleites, quando os aborrece, e abraça a penitencia.

A memoria da morte he o melhor remedio para hum total desengano.

7 Esta resoluçaõ tomou o nosso Bendito Fernando, porque cuidava na morte, pois a memoria della he remedio dos remedios para hum total desengano, he arma das armas para hum Christaõ se amparar, e reparar das tentaçoens, e he o freyo mayor para enfriar, e refrear paixoens, e appetites. Cuidemos pois mortaes na morte, pois naõ nos podemos escuzar, e acautelar contra ella, que a ninguem perdoa, e com sua fouce corta a toda a idade, e com seus pés de barro piza, e enloda as riquezas, e os deleites mais suaves. Cuidemos nella deveras, e logo repararemos em tudo aquillo que nos póde impedir, ou adquirir as virtudes, que possuidas, fazem que o virtuoso ache, entre os rigores da ultima hora, huma patente porta para melhor vida.

8 A que o nosso Fernando fez no anno da approvaçaõ, foy igual ao desengano com que buscou a Religiaõ. Voava seu devoto espirito nas azas da vontade, que gozava da doce liberdade da graça com o proveitoso cativeiro da obediencia. Venerava a seu Prelado (que era o Veneravel D. Gonçalo Mendes) como a imagem de Deos, e como a tal lhe obedecia, deixando todo o seu obrar ao arbitrio delle, e deixando-se de todo a si mesmo, como quem sabia que a virtude da Obediencia he norte da Religiaõ, fiança das mais virtudes, luz em as trevas, e lastro que assegura as almas, no mar desta vida, dos ventos das paixoens, e das ondas perigosas do mundo.

Foy seu Prelado o V.D.Gonçalo Mendes.

9 Gastava a mayor parte do tempo nas meditaçoens da morte, na consideraçaõ das miserias da vida, e dos bens celestiaes, como quem naõ ignorava ser a Oraçaõ mental o crysol em que a fogo lento se descobrem os quilates das virtudes, a escóla em que se estuda com acerto a erudiçaõ de todas as perfeiçoens, que afformoseaõ a alma. No mayor ardor da Oraçaõ se prostrava humas vezes por terra, como quem intentava submergir-se no profundo della por humilde, outras com os braços abertos, e os olhos fixos no Ceo, como quem queria voar a elle por saudoso. Destes exercicios lhe nasciaõ duplicados augmentos de graça, com os quaes se fazia aos Religiosos idéa, exemplo, e assombro.

10 No Mosteiro de S. Vicente de Fóra passou dous annos Fernando, até que vendo que as muitas visitas dos parentes, e amigos o inquietavaõ, e divertiaõ do seu recolhimento, e do dezejo que tinha de viver sepultado, e esquecido de todas as memorias do seculo, rompendo pelos laços, e caricias maternas, pedio, e conseguio o permudassem seus Prelados para o Convento de Santa Cruz de Coimbra. Vendo-se mais senhor do tempo naquella Casa, que era hum jardim do Ceo pela fragrancia das heroicas virtudes que nella floreciaõ; se entregou á vida contemplativa, de maneira, que naõ deixava a activa, e a liçaõ da Sagrada Escritura, e da Theologia Escolastica; porque naõ queria lhe pidesse Deos conta de naõ usar do talento que lhe deo em proveito da Religiaõ, e utilidade das almas.

Premudam-no para Sãta Cruz de Coimbra, onde se applica ás virtudes, e letras.

11 No estudo das humanas, e Divinas letras gastou nove annos, e nelles viveo sempre taõ abstrahido das creaturas, e taõ unido com Deos, que mais vivia em Deos, que em si mesmo: de si o arrebatava a saudade, em Deos o transportava o amor. Este o fazia abrazar em ardentes chammas, que o excitavaõ a offerecer-lhe seu coraçaõ em holocausto, e a que trouxesse sempre em Deos os sentidos, as potencias, os cuidados, os affectos, os suspiros, e as saudades. Muitos mundanos julgaõ aos virtuosos Varoẽs por melancolicos, e insoffriveis, porque os vem retirados das creaturas; porem he porque ignoraõ, que na soledade acha a alma mais facilmente a Deos, com a qual tem seus colloquios sem embaraço, e nella se aprendem

Prosegue-se o mesmo.

dem os mais altos documentos para a vida do espirito. Nesta escóla em fim estudou o nosso Fernando os primores da contemplaçaõ, pelos quaes voou á eminencia da virtude. Naõ he com tudo a soledade, e o retiro das creaturas parte essencial da perfeiçaõ; porèm dispõem muito para ella, porque entre os estrondos do cõmercio humano, e a communicaçaõ dos mundanos, he difficultoso o ouvirem-se as vozes das inspiraçoens Divinas, que saõ muito subtis, e delicadas.

12 Naõ exprimem os Escritores mais acçoens memoraveis, que obrasse naquelle Mosteiro, que as que se seguem. Costumava se occupar sempre nos mais humildes officios: estando em certa occasiaõ assim empregado, ouvio sinal de levantar a Hostia na Igreja; encheo-se de dezejos de adorar a JESUS Christo consagrado, pôs-se de joelhos, e quiz o Senhor deixar-se adorar do seu servo, permittindo que para esse effeito se abrissem as paredes mestras do Convento: tornaraõ-se a cerrar, porèm desorte, que a todos ficou patente o sinal de maravilha taõ estupenda. Assistia no mesmo Mosteiro a hum Religioso enfermo, que padecia furiosos delirios; lastimado delle se pôs em oraçaõ, e alcançando nella que aquelles monstruosos accidentes eraõ causados pelo immundo espirito, que tinha tomado posseffaõ do enfermo, lançou a sua murça na cama deste, e no mesmo ponto se descobrio o demonio, que impaciente do incendio, e tormento que lhe occasionava a murça; enchendo a cella de hediondo fumo com pavoroso estrondo fugio, deixando livre o paciente, e cheyos de confuzaõ os circunstantes.

Adora milagrosamente ao Senhor Sacramentado, e lança hum demonio de hum Religioso.

13 No tempo em que Fernando estava em Santa Cruz de Coimbra chegaraõ os primeiros Religiosos Franciscanos áquella Cidade. Recolheraõ-se em huma pequena Hermida dedicada a Santo Antonio Abbade, da qual sahiaõ a pedir esmóla á Cidade, onde edificavaõ o povo igualmente com a doutrina, que com o exemplo, que he o melhor modo de persuadir. Ponderando nelles D. Fernando hum total desprezo dos bens do mundo, e a nunca até alli vista austeridade de vida daquelles Varoens Apostolicos; começou logo a confundir-se do pouco que fazia por Deos, e a ter inveja áquelles seus servos; e como estes hiaõ pedir esmóla ao seu Convento, cuidava muito em sahir-lhes ao encontro para conversar com elles, como quem sabia, que da communicaçaõ dos virtuosos se tira grandes impulsos para se melhorar de vida, e alcançar a perfeiçaõ.

Chegaõ os primeiros Religiosos Franciscanos a Coimbra, e entra em dezejos de tomar o mesmo habito, com a vinda dos Santos Martyres de Marrochos.

14 Andando pois D. Fernando dezejoso de tomar o humilde habito dos Menores, esforçou seus dezejos com novos, e vehementes impulsos, quando vio entrar naquella Cidade, e no mesmo Mosteiro de Santa Cruz os Cadaveres dos Santos Martyres da mesma Ordem, que padeceraõ em Marrochos; e logo inflammado no amor de JESUS Christo, lhe pedia constante, e continuamente o quizesse encaminhar á felicidade daquelles Santos, permittindo que elle vencesse as difficuldades, que se lhe pudessem oppor em ordem ao alcançe do seu habito. Ouvio a bondade de Deos seus clamores, e estando huma vez em oraçaõ lhe appareceo o Padre S. Francisco no habito, e traje em que ainda andava nesta vida; vestido de sacco, apertado com huma corda, os pés descalços, e lhe disse as palavras seguintes: *Filho, eu sou aquelle Francisco, e grande peccador, que já muitas vezes ouvistes nomear. Deos me envia a ti, e te manda dizer, que para cumprimento do que dezejas, e execuçaõ dos seus divinos decretos, vistas este habito, e logo te embarques a Marrochos, e no mais te deixes governar da sua poderosa Maõ, que só sabe encaminhar o decurso das nossas vidas.* Descobrio-lhe os fins a que Deos tinha destinado sua mudança, deixando-lhe os meyos occultos, para que continuando com os dezejos do martyrio, lavrasse o merito a sua esperança. Communicou logo seus designios com os Padres de Santo Antonio dos Olivaes, que alli hiaõ pedir esmóla,

Apparece-lhe S. Francisco em Coimbra, estando ainda vivo em Italia.

esmóla, aos quaes pedio lhe quizessem dar o habito, com a condiçaõ de que lhe concederiaõ licença, para ir logo prégar a Fé entre os Infieis. Julgaraõ lhe os Menores a acçaõ por heroica, e relevante, e com o summo alvoroço abraçaraõ o partido, ao mesmo tempo que ficaraõ os Agostinhos desconsolados, quando os fez participantes de sua resoluçaõ, por entenderem perdia sua Religiaõ em Fernando grande luzimento. Era Prior de Santa Cruz D. Joaõ Cesar, Varaõ prudente, e de virtude, que reparou muito em dar-lhe licença, e entre outras cousas com que intentou dissuadir a D. Fernando de seu intento, foraõ estas: *Naõ he possivel, Padre D. Fernando, que pezando vós de vagar os inconvenientes desta vossa mudança, persistaes nella; escolhestes de principio a nosso Padre Santo Agostinho, para viveres debaixo do seu habito, e Regra; vede se entre os Fundadores das Religioẽs há outro mais authorizado na dignidade, mais acreditado na doutrina, mais santo na vida, ou melhor reputado na opiniaõ. A este Pay tratais de deixar agora, por outro de nenhumas letras, e se bem havido por Santo, acreditado com prodigios, e maravilhas sobrenaturaes, toda-via, como ainda vive sobre a terra, que estabilidade nos podemos prometter da sua virtude, sujeita á variedade de huma vontade humana.*

Pede o habito de Menor, e licença ao Prelado de Santa Cruz para o tomar. Intenta este dessersuadi-lo.

15 *Escolhestes esta sua Religiaõ de Conegos Regrantes, principiados nos Santos Apostolos, professada por elles, multiplicada por tantos Catholicos, dividida em tantas Congregaçoens, authorizada com tantos Summos Pontifices, e, o que mais he, inrequecida com tantos Santos. A esta Religiaõ tratais agora de deixar por outra nova no tempo, seguida de poucos, sem confirmaçaõ do Summo Pontifice, peregrina no habito, estreita na pobreza, rigorosa no Instituto, e por isso muito mais arriscada em se acabar em breve. Leva-vos o dezejo do martyrio; como se os Conegos Regrantes de Santo Agostinho naõ nasceramos tambem para esta felicidade. Por ventura se fizeres memoria das nossas Chronicas, achareis por ellas mayor numero de Martyres, que de sujeitos na Religiaõ dos Menores. Daqui podeis pertender a Missaõ de Africa, como outros já fizeraõ, e quando Deos vos conceda a palma do Martyrio, será com dobrado gosto de vossos irmaõs. E quando estas razoens vos naõ movaõ a deixar o começado, pelo que a vós vos toca, vos convem menos esta mudança; sois nobre por sangue, prerogativa he da nobreza a perseverança no bem em que huma vez se deliberou; perseveray pois firme em vossa primeira vocaçaõ. Mudaste-vos do Mosteiro de S. Vicente, persuadindo-vos que vossos parentes, e amigos vos serviaõ alli de algum estorvo no caminho da perfeiçaõ, e se ainda assim deo tanto que fallar aquella vossa mudança, que fará esta, onde os termos saõ taõ differentes, e o escandalo, como natural!*

16 A todas estas, e outras razoens naõ dava D. Fernando outra resposta que a de: *Sicut Domino placuit ita factum est.* O que vendo o Prior, lhe deo licença com grande magoa, e sentimento seu, e o entregou com a bençaõ a dous Religiosos Menores que o foraõ buscar. Ao despedir-se disse hum Religioso Conego, que tinha bem penetrado os fundos da sua santidade, acompanhando as palavras com lagrimas: *Anda com a bençaõ de Deos, que por ventura chegarás a ser Santo*; ao que D. Fernando respondeo com humildade profunda: *Quando ouvir que o sou, dé ao Senhor muitas graças.* Deixando em fim a murça negra, e o nome de Fernando, pelo de Antonio, titular do Convento dos Olivaes, tomou nelle o habito de burel pardo. Feliz Mãy com tal filho, e ditoso filho com tal Mãy. Reciproca foy esta excellencia, pois naõ he menos credito de Antonio o ter a esta Religiaõ por Mãy, do que honra desta Religiaõ o ter a Antonio por filho.

Entrega-o o Prior de Santa Cruz de Coimbra a dous Religiosos Menores, e toma o habito em Santo Antonio dos Olivaes.

17 Naquelle Convento, e naquella Religiaõ esteve o anno do Noviciado, no qual fez muitos empenhos por adquirir a perfeiçaõ; porque he

maxima

maxima certa de huma virtude heroica o aſpirar ſempre ao mais perfeito. E como naõ ſoffriaõ dilaçoens as impaciencias de ſeu amor, pedio aos Padres lhe cumpriſſem a palavra, dando-lhe licença para ir prégar a Fé Catholica á terra dos Mouros. Deraõ-lha com effeito, por terem os ſeguros da ſua vocaçaõ, nas experiencias do ſeu abrazado eſpirito. Partio o zelador das verdades Evangelicas para Marrochos; porèm como a providencia Divina o tinha reſervado, naõ ſó para Santo, ſenaõ tambem para que muitos o foſſem á viſta de ſeus preclaros exemplos, e precioſas acçoens; permittio tornaſſe a embarcar para Heſpanha, perſuadido de huma grande enfermidade. A náo, em que embarcou, impellida, e çoçobrada de varios contratempos, foy aportar em hum porto de Cicilia, onde havia já hum Convento da ſua Ordem, chamado Taurominenſe, no qual ſe recolheo a convaleſcer da ſua enfermidade. Em quanto nelle eſteve ſe occupou em exercicios, porque ſe inculcou aos Religioſos por Varaõ de virtude peregrina. Plantou com as ſuas benditas maõs varias arvores na cerca do tal Convento, cujo fructo ſerve ainda hoje de prezentaneo remedio, em diverſas enfermidades.

Pede licença para ir prègar a Fé a Marrochos, e a náo impelida de ventos contrarios aporta em Cicilia.

18 Depois de eſtar algum tempo no Convento Taurominenſe, partio para Aſſiz, dezejoſo de ſe achar no Capitulo Geral, que naquelle tempo celebrava o Patriarcha S. Franciſco. Chegou áquella Cidade, e nella vio o que deo luſtre, e valia ao ſayal; e que era o meſmo que lhe havia apparecido em Coimbra. Parece que occultou Deos ao Patriarcha S. Franciſco o conhecimento de Antonio, pelos occultos fins de ſua providencia; e aſſim que, aſſignalando-ſe os Prelados para todos os Conventos de Heſpanha, e os ſubditos que haviaõ de levar, ninguem ſe lembrou do noſſo Antonio por moço, por eſtrangeiro, e por doente. Vendo-ſe elle aſſim taõ deſvalido, e desfavorecido de ſeus Irmaõs, ſe reſignou na vontade de Deos com humildade, e tolerancia, e appellou para as efficacias das ſuas rogativas, com a eſperança de aſſim emendar o ſeu deſvalimento. Chegou a hum daquelles Padres Preſidentes, que ſahira eleyto Provincial de Bononia, e lhe rogou o admittiſſe por ſubdito, para que aſſim ſe lhe lograſſem os dezejos, que tinha de ſe empregar no ſerviço de Deos. Oh que grande he a providencia deſte Senhor, e que maravilhoſa he em a direcçaõ das almas juſtas! Permittio que o Santo foſſe de todos deſconhecido, e deſprezado no Capitulo, para que ſe accumulaſſe de meritos; e tinha prevenido a beniguidade de Graciano [aſſim ſe chamava o Prelado] para que tiveſſe conſolaçaõ, e allivio o ſeu deſamparo, pois naõ he ponderavel a conſolaçaõ, e agrado com que o admittio por ſubdito. Aſſim como vio Antonio que Graciano ſe alegrava com a ſua viſta, e lhe louvava muito a ſua reſoluçaõ, lhe declarou a com que eſtava de viver ſolitaria, e contemplativamente; para o que lhe aſſignalou por morada huma Hermida, que eſtá no monte de S. Paulo, em ſitio aſparo, e deſabrido.

Parte de Cicilia para o Capitulo Geral de Aſſiz, onde he deſconhecido de S.Franciſco, e menos acceito dos mais Religioſos.

Vay viver ſolitario para o mõte de S.Paulo.

19 O fogo ſempre procura ſubir. O amor ſempre pertende creſcer. O amor parado naõ he amor fogoſo. Quem ama a Deos, e naõ obra muito por Deos, diga muito embora que ama a Deos; porèm naõ diga que ſe abraza no amor de Deos, e como Antonio ſabia, que ſó he verdadeiro amor aquelle que ſe dilata em obras; naquelle dezerto ſe entregou aos rigores da penitencia por alguns tempos, e nelles moſtrou o quanto aproveitava na vida eſpiritual cada dia, e tambem no amor de Deos, com trazer humilhado, e ſujeito o appetite á razaõ, e o corpo ao eſpirito. Em concluſaõ, os dezejos que Antonio tinha de padecer por Chriſto, paſſavaõ a incendios, e as mortificaçoens a martyrios, e foraõ os que dava a ſeu corpo taõ exorbitantes, que para ir ás Communidades, lhe foy preciſo ter huma corda entezada, por onde ſe hia encoſtando deſde a cella em que eſtava. Punha ſempre ſingular cautéla nos ſentidos, e taõ particularmente

Exercicios que tinha no monte. te guardou os olhos, que sempre nelles se divisou a modestia, nunca a ociosidade. Continuamente os trazia postos na terra, ou levantados ao Ceo, porque em cousas desta vida nunca empregava o cuidado, e muito menos os affectos. Occupavaõ-no os Padres nos officios mais humildes do Convento, pelo terem por Frade simplez, e sem letras; aos que elle satisfazia com indizivel alegria. Assim penitente, e humilhado viveo Antonio naquelle dezerto algum tempo, vencendo em todo elle invasoens de demonios, lutas, e assaltos de Satanaz, que invejoso dos seus progressos, lhos procurou estorvar huma infinidade de vezes; porém naõ lhe serviraõ mais as suas diligencias, que de elle alcançar outras tantas victorias, e pomposos triunfos.

Descobre Deos o talento de Sãto Antonio. 20 Naõ querendo Deos que tanta virtude, e sabedoria estivesse retirada, e occulta tanto tempo, permittio que fosse descoberta desta sorte. Determinou seu Prelado que fosse com outros Religiosos receber Ordens de Missa á Cidade de Forlibio, ou Forli. Encontraraõ-se com huns Religiosos Dominicos, e vendo-se o Bispo daquella Cidade com Religiosos de duas Ordens taõ exemplares, pedio que quizesse algum delles fazer huma Practica na sua presença; todos se escuzaraõ com o pretexto de que se naõ haviaõ de expor a huma cousa taõ grave, sem a precedencia de algum estudo. Vendo o Prelado a repugnancia de todos, alumiado superiormente, disse a Antonio em particular dissesse alguma cousa de devoçaõ; o humilde servo de Deos respondeo: *Que seu officio naõ era de Prègador, senaõ de cozinheiro.* Insistio o Prelado em que Antonio fosse o da Practica, para o que o mandou sob pena de Obediencia; e como elle naõ tinha vontade propria, subio ao Pulpito, e invocando primeiro a graça divina, prégou dos mysterios da Vida, e Morte de Christo, desenvolvendo, e explicando tantos, e taõ difficultosos textos da Escritura, e tirando delles tantas moralidades, e documentos, que deixou a todos absortos, pasmados, e feitos linguas em seus applausos.

Manda-o S. Francisco aperfeiçoar nas letras com o Abbade Thomaz Gallo. 21 Deraõ os Religiosos conta a S. Francisco do thesouro de letras, que tinhaõ descoberto em Fr. Antonio, e logo o Bendito Patriarcha ordenou que fosse a Verceli aperfeiçoar-se nas letras Sagradas com o Abbade Thomaz Gallo, o qual foy hum dos mais eminentes Varoens, assim em letras, como em virtudes, que produzio a' Ordem Canonica naquella idade. Naõ falta quem diga, com Cornejo, que o seu Mestre fora o Abbade de Verceli, Ambrosio Aurberto, Monge Bento, no que ha grande equivocaçaõ, pois este famoso Heróe floreceo pelos annos de 890. Outros dizem, que fora Ambrosio Camaldulense, Abbade Geral desta Ordem; naõ advertindo que floreceo em letras, e virtudes pelos annos de 1480., seculos depois de Santo Antonio, que falleceo no anno de 1195. Finalmente o Abbade Thomaz Gallo, que falleceo, e se sepultou em S. Victor de Pariz no anno de 1246., e naõ no de 1400. como diz Xisto Senense na sua Bibliotheca, foy o Mestre do nosso Santo Antonio, pois com elle aprendeo ainda que pouco tempo, se he que naõ ensinou ao Mestre, como este mesmo dizia. Vendo S. Francisco o seu grande talento, lhe deo Patente de Prégador, e de Leytor de Theologia; cujo traslado he este: *A meu Charissimo Irmaõ Antonio, Fr. Francisco, saude em Christo. Será de muito agrado meu, que interpretes, e expliques aos Frades a santa Theologia: porém de tal sorte, que nem em ti, nem nelles se apague o espirito da santa Oraçaõ, como dezejo vehementemente, segundo o theor da nossa Ordem.* Vale.

Foy Santo Antonio o primeiro Leytor de Theologia da Ordem. Segundo o que affirmaõ uniformemente os Escritores, foy o nosso Santo Antonio o primeiro Leytor de Theologia, que teve a Religiaõ Serafica, e a leo nos Conventos de Mompilher, Tollosa, Padua, e Bolonha, com grande satisfaçaõ, e credito das letras; sendo taõ admiravel na Cadeira, como no Pulpito; porque a sua habilidade era rara, o engenho subtil, a memoria

memoria felice, o estudo incansavel; e como tinha para a predica as partes, que se devem procurar em hum Prégador, quaes eraõ as de pessoa veneravel, e respeitosa; o rostro agradavel, e devoto; a voz corpulenta, clara, e sonora; as acçoens sem affectaçaõ muy airosas, e naturaes; estylo claro, e facundo sem enfadosa verbosidade, nem artificio rhetorico, e grande zelo do bem das almas: o Patriarcha S. Francisco lhe ordenou deixasse as Cadeiras totalmente, e se desse á predica, mais importante emprego para a edificaçaõ dos povos, e para o proveito, e utilidade das almas. E como a sua sabedoria era toda do Ceo, e tinha por alvo a caridade, na escóla desta estudava aquellas elegantes persuasivas, que naõ sabem, nem podem conseguir os que affectaõ, e se prezaõ da arrogante, e vaidosa eloquencia.

Procurava Sãto Antonio com os seus Sermoẽs as conversoens dos peccadores, e naõ o applauso dos criticos.

22 Procurava Santo Antonio com os seus Sermoens as conversoens dos peccadores, e naõ os applausos daquelles criticos, que vaõ ordinariamente aos Sermoens, naõ mais que pela fama da artificiosa eloquencia do Prégador, a quem naõ perdoa a sua sevicia qualquer palavra que decline para grosseira, que he muitas vezes precisissima para mais clara utilidade dos conceitos; nos quaes naõ cuidava o Bendito Antonio, porque prégava ás almas dos ouvintes, e naõ aos ouvidos. E como naõ cuidava nos seus Sermoens mais, que em apregoar guerra contra os peccados, offerecendo pazes aos peccadores, se arrependidos as quizessem fazer com Deos; dispendia a terra porpocionadamente á bondade da semente, e á destreza, e vigilancia do semeador, pois eraõ copiosos os fructos, porque eraõ milhares os que se convertiaõ, e emendavaõ dos vicios, e infinitos os que se confirmavaõ, e cresciaõ na virtude. Das conversoens que fez, e dos estupendos milagres que obrou em quanto vivo, e depois de morto, diremos no fim da sua vida alguns, pois todos, só Deos, que conta as estrellas do Ceo os poderia numerar; o que fazemos por naõ cortarmos o fio da historia do nosso Santo, a qual continuamos dizendo: Que crescendo, e resplandecendo cada vez mais em excellentes acçoens, em virtudes heroicas, e em maravilhas estupendas; grangeou o applauso de grandes. e pequenos, e a graça da Summa Cabeça da Igreja Catholica o Papa Gregorio IX., que ordenou a seus Prelados lho enviassem para Roma, porque queria ver a hum homem, de que contavaõ maravilhas taõ sublimes. Obrigado pois Antonio da obediencia, se embarcou em hum navio, que fazia viagem para hum porto pouco distante de Roma; porèm Deos, que o naõ queria nesta Cidade, senaõ depois de accumulado de mais meritos, permittio que o navio fosse dar a outro porto de Cicilia, o quál foy theatro de maravilhas raras; pois converteo a infinitos homens, que viviaõ submergidos nas mais execrandas perversidades, e esquecidos totalmente da morte. E como eraõ muitos os que queriaõ viver mais cuidadosos della, e o naõ podiaõ fazer no mundo entre os trafegos, e labyrinthos da vida, com tanta felicidade como nas Religioens; fundou pessoalmente tres Conventos, nos quaes entraraõ muitos, que fizeraõ vida igual ao desengano, com que abraçaraõ a Cruz da Religiaõ.

Parte para Roma, chamado do Papa Gregorio IX., e tomando o navio o rumo de Cicilia, nella faz grandes progressos.

Resoluçaõ Apostolica com q̃ Santo Antonio fallou a hum monstro demaldades.

23 Perseguia naquelle tempo fortemente a Igreja Catholica Excelino Romano, como General dos exercitos de Federico II., inimigo acerrimo do nome Christaõ. Foy Excelino homem taõ depravado, e de condiçaõ taõ feróz, que era conhecido, e nomeado em Italia pelo monstro das mayores maldades. Ouvindo Santo Antonio as clamorosas vozes dos povos, em que as executava; accezo no fogo da caridade, se resolveo a aventurar a sua propria vida, por livrar a de tantos, quantos intentava aquelle ministro infernal passar á espada. Entrou pois pelo meyo do exercito, e dizendo aos guardas, queria fallar ao General em cousa de muita importancia, lhe concederaõ facilmente licença para isso. Assim como chegou á presença

daquelle perfido, e tyranno homem, com intrepido animo, e apostolica liberdade lhe fallou nesta substancia: *Es tù, Excellino, aquelle Romano, que tem cheya a sua Patria de tragedias, e de escandalos o mundo. Es tù, aquella venenosa vibora, que com ingrata crueldade rompes as entranhas da Igreja, piedosa Mãy, que te deo o ser. Es tù, o fatal instrumento das atrocidades do Imperador Scismatico. Quando te fartarás de profanar altares, de abrazar Igrejas, de desflorar virgens, de deshontar matronas, e de matar innocentes? Quando, ó sanguinolento Lobo, se apagará a sede, que tens de derramar o sangue humano? Atè quando uzarás mal da paciencia de Deos, que tem nas suas poderosas Maõs represadas as iras, que merece tua fereza? Como naõ temes, Barbaro, a eternidade de tormentos, que tens taõ bem merecido pela tua crueldade, e fereza? Olha que te aviso da parte de Deos Omnipotente, que se naõ poens freyo nas tuas tyrannias, ellas te haõ de precipitar no abysmo de eternas penas &c.*

Convence Santo Antonio a Excellino, e este se lhe confessa rendido.

24 Estava o Tyranno ouvindo isto com a mayor attençaõ, e os guardas, e mais confidentes, que tudo presenciavaõ, esperando lhe desse final para o despedaçarem: Porèm o final, que lhes deo, foy o de confessar as suas culpas, e o de pedir de joelhos perdaõ ao Santo, protestando nesta postura a emenda dellas. Retirou-se Antonio da presença daquelle monstro, para louvar a Deos pela virtude que puzera nas suas palavras, deixando aos guardas confusos, por verem no General acçoens taõ alheyas da sua ferocidade. Entendendo Excellino a suspensaõ de todos, lhes disse: *Naõ estranheis em mim a mansidaõ, e humildade, que he contra o meu genio; porque a tudo isto me obrigou a livre, e resoluta ousadia deste Frade, em cujo rosto vi, quando me fallava, huns rayos, e resplandores, que o faziaõ respeitoso, e formidavel; e me encheo tanto de assombro, que o gelo do meu temor apagou o incendio da minha ira. Porèm ainda me naõ dou de todo por vencido da força das suas razoens, que eu farei tal experiencia da sua virtude, que se me sahe como o tenho cuidado, elle pagarà a sua louca temeridade; e se naõ a logro, naõ duvidarei de que o homem he Santo &c.* Assentou este barbaro comsigo, (e nisto naõ mostrou ser barbaro) que se o zelo de Antonio fosse verdadeiro, havia de ser dezinteressado. Mandou-lhe hum regálo de importancia, por hum criado de que muito se fiava, ao qual advertio matasse logo ao Santo se o acceitasse, e se naõ, que o deixasse em paz, por mais mal que o tratasse. Chegou o mensageiro a Santo Antonio, e dizendo-lhe que seu amo lhe offerecia aquelle regálo em final de benevolencia, e de agradecimento, pelos bons conselhos que lhe havia dado; o Santo pondo nelle os olhos com semblante irado, respondeo com grande severidade: *Dize a teu amo, que foy muy grande o seu atrevimento, e que as verdades naõ tem preço taõ baixo, como o de temporaes interesses. Que lhe dè a estimaçaõ que merecem abrindo os olhos ao dezengano; porque lhe faço saber, que se se naõ emendar sentirá sobre si a pezada Maõ de Deos, a quem tem irritado com as suas crueldades, e tyrannias &c.* Voltou o moço corrido, e confuso para seu amo, e inferindo este do desapego das suas maõs a pureza, e santidade da sua vida, cuidou dalli em diante de emendar a sua, persuadido de taõ illustre exemplar, ou temeroso dos seus ameaços.

O verdadeiro zelo naõ ha de ser interessado.

Dezapego Apostolico do Sãto.

Virtude da Fortaleza de Santo Antonio.

25 Na virtude da Fortaleza, que constitue aos homens magnanimos, de maneira, que dezafiaõ perigos, e atropellaõ as difficuldades, que se lhes oppõem á execuçaõ de alguma empreza grande; resplandeceo muito o nosso Santo, e muito lhe foy necessaria para tolerar as perseguiçoens que os Hereges, e os homens depravados lhe faziaõ. Hum dos que lhe deraõ muitos motivos de exercitar esta virtude, naõ foy menos que Fr. Elias, a quem o Patriarcha S.Francisco elegeo por Generalissimo de toda a Ordem, pelo suppor com merecimentos para isso, por naõ querer Deos N. Senhor que elle tivesse conhecimento da sua hypocrisia, pelos occultos fins da sua providencia.

dencia. Logo que falleceo o Patriarcha Santo, intentou Fr. Elias introduzir muitos abusos contra a pureza da Regra, e a Evangelica pobreza; solicitando para esse fim Breves Apostolicos do Summo Pontifice, com o qual tinha muito cabimento por ser homem sagaz, e caviloso. Lastimados os Padres companheiros de S. Francisco de que a Ordem se fosse pondo em taõ lastimavel estado, se oppuzeraõ aos desconcertos de Fr. Elias, reprehendendo-o juntamente de se tratar deliciosa, e ostentativamente; porèm naõ tiravaõ do seu zelo mais fructo, que o de duplicadas occasioens de merecimentos que tiveraõ em soffrerem os carceres, e desterros, a que os condenou a malicia de Fr. Elias, com o pretexto de que eraõ inimigos da paz, e da quietaçaõ. Vendo Santo Antonio que Fr. Elias assim hia destruindo a Ordem, e ponderando que em pouco tempo teria grande sequito, se o zelo o naõ atalhasse, levando comsigo a Fr. Adam Marisco, Varaõ santo, e doutissimo, e entrando onde estava o relaxado Prelado, com liberdade Christaã, e abrazadissimo zelo da Religiaõ, lhe fallou assim: *Padre, a mayor parte da Religiaõ está com grande sentimento de ver introduzidas novidades em prejuizo da Regra, cuja observancia nos deixou taõ encõmendada nosso Santo Fundador; cuja gloriosa, e doce memoria vive em nossos coraçoens com affectos de filhos. Naõ merecem o titulo de taes, os que no modo possivel naõ copiaõ em si de tal Pay a similhança. Elle foy pobre, humilde, desprezado; e só aquelles que o imitarem se pódem chamar filhos seus. A pobreza Evangelica em cõmum, e em particular, o desprezo, e negaçaõ do uso dos dinheiros, a vileza, e estreiteza dos habitos, saõ artigos capitaes daquella Regra, que professamos, dictada por Christo, approvada pelo seu Vigario, e praticada pelo nosso Fundador, cujas virtudes heroicas ha canonizado a Igreja: pois como soffreremos que se relaxe a sua observancia, admittindo proprios, manejando dinheiros, e profananda os habitos? Tu, que fostes intimo, e familiar do nosso Padre, he certo que tens penetrado a sua mente: e quando gosto de Deos seja o rigor da Regra observada ao pé da letra, to deo a entender o mesmo Senhor com repetidas maravilhas: pois como, quando devera correr por conta do teu zelo a sua mais rigida observancia, soltas as redeas aos abusos, que já vemos em parte introduzidos? Os Breves Apostolicos, que para cohonestar esta corrupçaõ intentas impetrar, seràõ subrepticios, á força de sinistros informes; porque a communidade da Religiaõ naõ só naõ quer mitigaçaõ das asperezas da Regra, senaõ que clama, e reclama contra os poucos, que intentaõ relaxar seu rigor. Supplicamos-vos pois com humilde rendimento, que deponhais vosso dictame, attendendo á universal consolaçaõ; pois protestamos que a todo o risco hemos de solicitar o remedio, se, como esperamos da vossa prudencia, vos naõ valeres da authoridade do officio para castigar-nos.*

Reprehende os desconcertos de Fr. Elias.

26 Naõ he explicavel o furor, com que ficou Fr. Elias vendo-se assim reprehendido. Tratou-o de desobediente, de pertubador da paz, e o ameaçou com grandes castigos; e o mesmo desprezo experimentou tambem nos parciaes, que naõ eraõ poucos, por serem sempre mais os relaxados. Procurou Fr. Elias vingar-se de Santo Antonio, e de seu companheiro Fr. Adam com ancia igual ao seu odio: e vendo-se Santo Antonio muito propinquo á prizaõ, temeroso naõ della, mas sim de que com ella se embaracasse o remedio, que queria pôr ás vexaçoens de Fr. Elias, foy a Roma dar conta a Sua Santidade do seu modo de proceder. E como o credito da santidade, e sabedoria de Antonio era superior a toda a ponderaçaõ, ouvindo o Papa as suas razoens, logo as julgou por justificadas. Convocou a Roma os Capitulares, que se achavaõ naquelle tempo juntos em Assis, pela occasiaõ da trasladaçaõ do corpo de S. Francisco. Chegando estes áquella Cidade, lhes ordenou fizessem nova eleyçaõ de Generalissimo na sua presença, e chamando a ella Fr. Elias, lhe mandou que respondesse aos Capitulos, que

Enfurecido Fr. Elias da reprehensaõ de Santo Antonio, procura vingar-se delle.

Parte Santo Antonio para Roma a dar conta do procedimento de Fr. Elias, o qual foy privado da Dignidade.

contra elle havia dado Santo Antonio; e elle respondeo de maneira, que certamente sahira absoluto, se lhas naõ contrariara, e provara por mintirosas o mesmo Santo. Achando-se Fr. Elias sem escusa que dar, se deixou vencer tanto da paixaõ, que esquecendo-se de que estava prezente o Summo Pontifice, disse a Santo Antonio que mentia, a boca cheya. O que vendo o Pontifice, lhe deo huma bem merecida reprehensaõ, e o privou da dignidade. Este Fr. Elias veyo a largar o habito, e supposto o recebeo outra vez na hora da morte com de mostraçoens de arrependido, se duvida muito de ser verdadeira a sua penitencia.

27 Como diante do nosso Santo se humilhavaõ os mais soberbos monstros da maldade, e ao seu imperio obedeciaõ todos os elementos, e respondiaõ os defuntos; naõ he muito que fosse muito desejada a sua presença da Suprema Cabeça, como já deixamos dito. Depois que deixou Cicilia, por obedecer a seus Superiores, foy beijar o pé ao Papa Gregorio IX., e a affabilidade, benevolencia, e agrado com que o recebeo, naõ he explicavel. Ordenou-lhe que desse a conhecer o cabedal da sua sabedoria naquella Cidade, theatro mais glorioso da Christandade, e maximo Emporio do Orbe. Prégando pois na sua presença, vio que era superior á fama o seu soberano talento, a eminencia da erudiçaõ nas sagradas letras, a serenidade do seu entendimento illustrado do Ceo, a inflammaçaõ daquella vontade abrazada em o fogo purissimo da caridade, o fervoroso zelo do bem das almas, e cheyo de admiraçaõ, disse para os Cardeaes que lhe assistiaõ: *Verdadeiramente que he este Varaõ Thesouro das sagradas letras, e a Arca do testamento.* Palavras certamente em que se cifraõ os mayores elogîos de Santo Antonio.

Prèga em Roma diante do Pontifice, e elogio que este lhe faz.

28 Naõ sem lagrimas nos olhos vio o Summo Pontifice em Antonio renovado o prodigio do dom de linguas, que fez admiraveis aos Apostolos; pois achando-se nos seus Sermoens homens Gregos, Latinos, Francezes, Alemaens, Inglezes, Hespanhoes, e de outras Naçoens, todos entendiaõ em suas proprias linguas a sua celestial doutrina, e admiravaõ os raros effeitos, que sentiaõ na mudança dos seus interiores, e justamente o acclamavaõ por hum Oraculo divino, de cuja lingua se servia o Espirito Santo em beneficio das almas. Dezejava-o o Pontifice em Roma, pelas experiencias do fructo que nella fazia com a sua prégaçaõ, e porque tinha de o communicar o mayor gosto: porém cedeo deste, e da sua propria conveniencia, por naõ estancar a corrente da sua doutrina, com a qual podia fertilizar todo hum mundo; e lhe deo por fim licença para que fosse discorrer por elle, e pudesse servir os empregos da Religiaõ, onde com a sua prudencia celestial, e ardente zelo fizesse mayores fructos. Fê-lo com effeito a Religiaõ algumas vezes Prelado, em cujo cargo se patenteou sempre mais humilde, abatendo-se aos officios, e ministerios, a que naõ dou nome por viz. Era taõ austero, e rigoroso para comsigo, como benigno para os subditos. Esmerava-se muito na assistencia dos enfermos, tendo pela sua mayor delicia o servî-los de dia, e de noite, naõ perdoando ao desvélo, nem ao trabalho; porque cuidava, e se compadecia tanto das molestias alheyas, quanto se descuidava, e esquecia das incõmodidades proprias. Como tocha Evangelica collocada sobre o candieiro, derramava por todos, e por toda a parte refulgentes, e copiosas luzes de santidade, de exemplo, e de doutrina. Accendia vivamente nos coraçoens dos subditos as chammas do amor de Deos, e do proximo, radicando, e confirmando em todos os Conventos, que fundou, e em que assistio, humildade, silencio, pobreza, modestia, clausura, e as mais virtudes, que saõ os espiritos, e os alentos em que respira, e se conserva a vida religiosa. Em fim, fez taes cousas na Ordem, que lhe chamaõ os Authores: Segundo Fundador; e o certo he que foy Restaurador della, quando declinou no tempo em que a governou o relaxado Fr. Elias.

Renova Deos a Santo Antonio o dom de linguas concedido aos Apostolos.

Sahe de Roma com licença do Pontifice, e fa-lo a Religiaõ Prelado.

29 E ain-

29 E ainda que andava sempre na cella, na Igreja, no altar, no confessionario, e na rua embebido, e absorto, prostrado, e submergido em contemplaçoens do Ceo, em saudades da patria, em as doces memorias dos bens eternos, nas delicias do amor Divino, nos braços do seu amado, onde unicamente seu coraçaõ vivia, onde singularmente descançava; se retirou para a solidaõ do monte Alverne, no qual fez taõ portentosa vida, que invejoso o Principe das trevas, por meyo de seus tartareos ministros, pertendeo affogá-lo; pois estando huma noite entregue ao somno lhe entrou pela cella, e lhe apertou a garganta taõ fortemente, que certamente o affogara se naõ chamara pela Virgem Santissima, a quem nos seus annos pueris havia tomado por Auxiliadora, pronunciando o seu Hymno: *Oh gloriosa Domina*. No mesmo ponto se encheo a cella de resplandores, e affugentou a Virgem com a sua inaccessivel luz o Principe das trevas, que se foy taõ corrido, e envergonhado, quanto ficou Antonio obrigado de novo á sua Soberana Protectora, e devoto daquelle Hymno, com o qual andou sempre na boca em quanto vivo, e falleceo na ultima hora da morte. Explicava o nosso Santo a cordial devoçaõ, que tinha á Rainha dos Anjos, em copiar em si por imitaçaõ as suas virtudes, por reconhecer vivamente, que, depois de Christo seu Filho, era o exemplo mais vivo, e a mais cabal idéa de todas as perfeiçoens. Celebrava com ternura, e com o mayor affecto as suas festas, e Mysterios. E ella se deo por taõ bem penhorada dos seus devidos obsequios, que havendo elle de prégar o Mysterio da sua soberana Assumpçaõ, e tendo algumas duvidas nas circunstancias delle, a Virgem lhe appareceo desfazendo-lhas, e certificando-o de que em ambas as substancias fora levada ao Ceo Empyreo, e collocada no eminente throno da Gloria.

Intenta o Diabo affogar ao Santo.

NOTA.

Apparece nossa Senhora ao Santo para o dezembaraçar de algumas duvidas.

30 O Augustissimo, e Venerabilissimo Sacramento da Eucharistia, que tem por excellencia nome de Sacramento da Fé, por ser huma Cifra compendiosa dos milagres da Omnipotencia, hum sagrado Enigma do amor Divino, e hum Epilogo elegante das suas mayores finezas; era o regálo, e eraõ as delicias deste Santo. Deste pam dos escolhidos, deste vinho generoso nunca se vio farto, e sempre se vio faminto. E quando o recebia no tempo em que celebrava o incruento Sacrificio da Missa, as perennes lagrimas que derramava, e os soluços em que prorompia, eraõ os mais authenticos testimunhos das chammas do amor Divino, que em seu peito ardiaõ. Da devoçaõ que tinha ao Menino Deos, e do apreço que este delle fazia, seja prova o seguinte cazo. Indo prégar a huma Cidade, o dono da casa, onde teve hospicio, lhe assignou hum quarto retirado, por parte mais acõmodada para o seu recolhimento, e estudo. E como seja muito proprio da humana curiosidade ver, e especular todas as acçoens dos que tem fama de servos de Deos, curioso, se bem devoto, este hospedeiro, se pôs a reparar, por alguns resquicios do quarto em que se occupava o Santo, e achou tanto que ver, que foy muito naõ pasmar a assombros de alegria. Vio que tinha Antonio nos braços hum formoso Menino, muito prazenteiro, e alegre, e que naõ cessava de o beijar, e de o abraçar com muita ternura. Aturdido ficou o devoto (que certamente o era quem mereceo taõ grande favor) de ver a rara belleza do Menino, e que o quarto estava todo cheyo de resplandores; e desapparecida a celeste visaõ se fez todo admiraçoens. Antonio, a quem o mesmo Deos Menino revelou que o homem fora testimunha daquella singular mercè, teve grande mortificaçaõ com pedir-lhe a naõ manifestasse em quanto vivo. Oh favor amoroso! Oh mimo soberano! Oh prodigio estupendo! E oh summa felicidade a de Antonio, pois mereceo que Deos feito Menino se lhe entregasse em seus braços a gozar das suas caricias, e affagos! Oh que alegria, que jubilo, que fruiçaõ sentirias, Antonio Divino, com a graciosa vista do Menino Deos! Oh que

Favor estupendo, que fez Deos Menino ao Santo.

que grande, ainda que piedosa, inveja he a que vos tenho de alcançardes a bõa ventura de ter ao mesmo Deos nos braços! Quantas vezes, ó Divino Athlante do melhor Ceo, o chegarias ao coraçaõ, dezejando dar-lhe nelle entrada, e no intimo da alma abrigo! Quantos foraõ, ó meu Santo, os abraços que destes naquelles sagrados Pés! Quantas foraõ as vezes que os chegastes ao vosso rosto! Quantas vezes os regarias com lagrimas de prazer, e de alegria inexplicavel! Oh esclarecidissimo Portuguez, grandes merecimentos foraõ os vossos, pois fostes taõ favorecido de Deos no mundo, e depois vos fez taõ grande no seu Reyno, dando-vos o Tusaõ da mayor grandeza! Gozay em fim felizmente, e possui essa eterna felicidade; deleitai vos com a preciosissima joya da Divindade, pois a razaõ pede que goze, possua, e se deleite com tal Joya, quem foy sempre thesouro de todas as perfeiçoens.

31 Muitos, e grandes foraõ os favores, que recebeo do Ceo o Bendito Antonio, que a sua ardiloza, e rara humildade soube encobrir. Nem se estancaraõ só em huma terra, ou em hum Reyno as saudaveis agoas da sua doutrina, senaõ que correraõ a fecundar toda a Europa, pois dentro em dez annos, que viveo na Religiaõ Serafica, esteve duas vezes em França, duas em Roma, duas em Cicilia, em Milaõ, em Arimio, em Bononia, em Florença, em Padua, e na mayor parte do Senhorio de Veneza. Em todas estas terras, e Reynos, naõ prégava o Santo só com a voz, pois tambem prégava com a fama; e esta basta muitas vezes para mover, e dispôr os coraçoens á detestaçaõ de culpas. Confutou, ou convenceo a innumeraveis Herejes, assombrou muitos tyrannos, e converteo a infinitos peccadores: e sem embargo de ser o mayor milagre deste grande Santo a conversaõ delles, escreveremos alguns dos milagres que fez por naõ defraudarmos a seus devotos do gosto, que lhes resultará da sua liçaõ.

Terras, porque discorreo Missionando.

32 Prégando em huma occasiaõ no campo, por naõ caber nas Igrejas o numeroso concurso, se levantou de repente huma formidavel tempestade de relampagos, trovoens, e pedra. Reconhecendo o Santo ser ardil do demonio, por embaraçar o fructo, que esperava colher, disse para o auditorio: *Nenhum se mova, nem se altere, que poderoso he Deos para fazer que no ar fiquem suspensas as chuvas, e naõ se molhem os que estaõ ouvindo a sua palavra.* Assim succedeo, pois cahindo as agoas em toda a circunsferencia do auditorio, em nenhum dos ouvintes cahio huma gotta.

Faz suspender as agoas no ar.

33 Estando prégando em outra occasiaõ, entrou hum louco pelo auditorio fazendo taes loucuras, que ninguem podia perceber huma palavra. Quizeraõ-no lançar fóra, porèm sem effeito; pois disse que dalli naõ se sahiria, sem que o Frade que prégava lhe desse o cordaõ com que se cingia. Deo-lho o Santo, e apenas se cingio com elle, alcançou o juizo que havia perdido.

Dá juizo a hum louco.

34 Tinha huma mulher anciosо dezejo de ouvir hum Sermaõ do Santo, que naõ punha em execuçaõ por seu marido lho encontrar. Com esta desconsolaçaõ subio a huma janella, donde se via o sitio em que o Santo prégava, por enganar a seus ouvidos com os olhos. E sendo a distancia de mais de legoa, ouvio o Sermaõ com tanta distinçaõ, e clareza, como se estivera na parte mais accõmodada do auditorio. Deo parte ao marido desta maravilha, e elle incredulo nella, e com tençaõ de maltratar a mulher, que porfiadamente o instava, subio á janella, ou açotéa, e achou ser certo o que sua devota consorte lhe dizia. Ouvio o Sermaõ, e sahio delle mudado de condiçaõ, mais devoto do Santo, e mais facil em dar licença á mulher para ouvir a palavra de Deos.

Ouve-se prègar em consideravel distancia.

35 Outra mulher devota dos Sermoens de Santo Antonio, recolhendo-se tarde, seu marido a arrastou pelos cabellos desorte, que lhe ficaraõ na maõ a mayor parte delles. Sintia, como mulher, mais a falta do cabel-

Restitue os cabellos a huma mulher.

cabello, que as dores que lhe resultaraõ da violencia com que o marido lhos tirou. Chamou o Santo a sua casa, e lhe disse: *Padre, a este estado me trouxe a devoçaõ que lhe tenho, e a seus Frades, pela demaziada semrazaõ de meu marido. Doa-se da minha afflicçaõ, pois há tido nella, ainda que sem culpa sua, tanta parte.* Consolou-a o Santo com doces palavras, exhortou-a a que fizesse preciosos seus trabalhos com a paciencia, e pondo-lhe a maõ na cabeça lhe restituio inteiramente os seus cabellos.

36 Estando para prégar em outra occasiaõ, prevenio ao auditorio dizendo: Que naõ se alterassem de tudo quanto vissem succeder-lhes estando prégando, porque com o favor de Deos haviaõ de ficar sem fructo os ardides do diabo. Com grande cuidado, e naõ pouco susto, estava o auditorio esperando o fim do successo. No meyo do Sermaõ se fez em pedaços com grande estrondo o pulpito, e cahio, e debaixo delle o Prégador. Acudiraõ-lhe os que estavaõ mais perto, e o acharaõ sem lezaõ, e alegre lhes disse: *Eya filhos, naõ há que temer, que tem o demonio muito limitados os poderes; e todas as suas diligencias he avivar o incendio de seus tormentos, e o furor da sua inveja. O Sermaõ se há de acabar*; e assim foy, e com singularissimos fructos, e compunçaõ nos ouvintes.

Prediz.

37 Quando acabava os Sermoens, convidavaõ-no algumas pessoas devotas para ir a suas casas descançar do trabalho, e lhe darem o regálo que permittia a sua indizivel austeridade. Hum dia foy convidado por hum devoto, que querendo-lhe dar huma refeiçaõ, achou o vinho toldado, e vendo huma mulher que estava assistindo ao Santo a desconsolaçaõ do devoto, lhe disse, que naõ se desconsolasse, por quanto iria buscar a casa do seu vinho, que era muito generoso. Com tanta pressa foy a mulher tirar o vinho, que deixou o tapo do dozil em forma, que se verteo todo o vinho pela adega. Quando deo nisso naõ tinha remedio. Temia a devota mulher mais que a perda do vinho o agastamento do marido; porém confiando no Santo, em cujo obsequio lhe havia succedido aquelle successo, metteo o tapo no dozil, e de repente naõ só se enxugou a adega, senaõ que se encheo a pipa, ou vazilha do vinho.

Recupera a huma devota o vinho que se lhe havia derramado pela adega.

38 Como o demonio naõ podia impedir os Sermoens, cuidava muito em perturbar o auditorio. Era ouvinte do Santo huma senhora viuva, que tinha hum unico filho, e ausente. Tomou o demonio a forma de hum caminheiro, ou postilhaõ, e atravessando pelo meyo do auditorio disse, queria dar huma carta de importancia áquella senhora, dizia a carta: que seu filho acabava de morrer violentamente ás maõs de huns Assassinos. Desapoderada a pobre senhora de si, começou a levantar taes vozes, que pôs a todo o auditorio em confuzaõ. Reconheceo o Santo ser o proprio demonio, disfarçado em traje de caminhante, para introduzir o seu embuste, e perturbar ao auditorio, e levantando a vóz disse: *Senhora, socegue-se, que seu filho está bom, e saõ, e estará esta noite em sua casa. Pague o porte a esse proprio, dando-lhe com o final da Cruz nos olhos, e verá como dezapparece.*

Conhece o demonio no disfarce de caminheiro, e declara no Pulpito a vida de hum sujeito, que elle annunciava morto.

39 Indo huma devota mulher ouvir hum Sermaõ do Santo, deixou por falta de advertencia hum só menino em casa, e posta ao lume huma caldeira de agoa; o menino, ou por travesso, ou por industria do demonio, cahio na caldeira fervendo. Voltou a mãy, e achando ao innocente em taõ manifesto perigo, deo lastimosas vozes, e acudindo a ellas a visinhança, certificada do desastre foy á cozinha, onde vio, e admirou o prodigio de estar o menino brincando dentro da caldeira de agoa fervendo, como se fora de agoa fria.

Livra da morte a hum menino cahido em hũa caldeira de agoa quente.

40 Confessou-se com Santo Antonio hum peccador, e entre outras cousas de que se accusou, foy de que havia perdido o respeito a sua mãy, dando-lhe hum pontapé, com o qual a lançou no chaõ. Affeou-lhe o Santo esta

Corta hum homem hum pè, e une-lho outra vez o Santo.

esta atrocidade com a severidade, e rigor que merecia, e entre outras ponderaçoens do seu dezacato, lhe disse: *Pé que se atreve a offender a sua mây, bem merecia estar cortado.* Ouvio o penitente a reprehensaõ muito compungido, e choroso, e fazendo especial reflexo sobre aquellas palavras, de que merecia o pé ser cortado; com indiscreta temeridade, e com a vehemencia do seu arrependimento, quando chegou a casa tomou huma fouce, e cortou o pé. Começou a desangrar-se o triste paciente, e com a falta do sangue, e força da dor, se pôs nas estancias da morte. A seus lastimosos alaridos se juntou muita gente, a quem contou a causa que o movera áquelle excesso, a qual ouvindo sua mãy se pôs a queixar de Santo Antonio, notando-o de imprudente. Correo a fama deste successo, com pouco credito do Santo Confessor, e chegando a Santo Antonio, que lastimado das ancias da mãy, e admirado da indiscriçaõ do filho, foy a sua casa para os consolar, e satisfazer á mãy da sua injusta queixa, e reprehender, e emendar ao filho da indiscriçaõ do seu arrependimento: *Que crueldade he esta* (disse) *homem, que has feito contigo, dando torcida intelligencia a minhas palavras? Eya filho, tem bõa Fé, que pois a dor da tua culpa, ainda que indiscreta bem intencionada, te há posto nesse conflicto; eu espero em Deos que has de lograr o fructo de teu arrependimento, ficando livre desse trabalho.* Tomou o Santo o pé, que estava separado da perna, e com as suas maõs o ajustou pela mesma cizura, e fazendo o signal da Cruz ficou unido com a mesma solidez, e segurança que estava antes, livre de dor, e inteiramente saõ.

41 Tendo em Toloza de França huma grande disputa com certos Herejes da mesma Cidade, o principal delles chamado Guialdo, homem audáz, e muy versado nas sagradas Escrituras, corrido de se ver convencido pelo Santo em todos as argumentos, concluio: *Agora Padre Antonio deixemos as palavras, e vamos ás obras, digo pois, se com hum milagre me deres a entender, e em presença de todo o povo manifestares, que na Hostia consagrada está o Corpo de Christo, prometto, e juro de deixar as minhas opinioens, e de me sujeitar aos Ritos Catholicos.* Acceitou o partido Antonio, respondendo estava prompto para lhe dar a satisfaçaõ que pedia, dizendo-lhe: *Confio na misericordia de meu Senhor Jesus Christo, que por ganhar a tua alma, e a de tantos como seguem com cegueira os teus erros, há de fazer ostentaçaõ do seu infinito poder, a favor, e em credito desta verdade Catholica. Pois elejo o milagre.* [disse o Hereje] *Eu tenho na minha casa hum macho, e se depois de tres dias, que naõ haja comido, nem bebido, á vista da Hostia consagrada, naõ appetecer a comida, crerey que he verdade infallivel, que está Christo no Sacramento.* Veyo o Santo no partido. Chegou-se o dia assignalado, e juntando-se numeroso concurso de huma, e outra parte, a dos Catholicos confiada, porèm humilde; a dos Herejes incredula, porèm prezumida. Celebrou o tremendo Sacrificio da Missa Santo Antonio, e tomando com toda a reverencia a Hostia consagrada, sahio aonde o faminto bruto estava prevenido: puzeraõ-lhe a comida diante, e o Santo com imperiosa vóz disse: *Em virtude, e nome de JESUS Christo, que tenho nas minhas indignas maõs, te mando creatura irracionavel, que chegues a reverenciar, e a dar adoraçaõ ao teu Creador, para que conhecida a proterva obstinaçaõ dos homens, confesse alicionada de hum bruto as verdades da Fè Catholica Romana, e deixe envergonhada a cegueira dos seus erros.* Ainda naõ tinha acabado de dizer estas palavras, quando o torpe bruto, desprezando o sustento, se chegou ao Santo, e dobradas em terra as maõs adorou a Christo Sacramentado com pasmo, e admiraçaõ dos muitos circunstantes. Attenderaõ todos este maravilhoso espectaculo com lagrimas, e sendo em todos hum mesmo o effeito, eraõ os affectos varios: porque nos Catholicos eraõ as lagrimas de devoçaõ, e ternura, e nos Herejes de compunçaõ, e arrepen-

Cõverte a muitos Herejes pelo meyo da adoraçaõ, que hum macho deo ao Senhor Sacramentado.

arrependimento. Celebravaõ os Catholicos o triunfo da Fé; os Herejes confusos, e envergonhados detestaraõ suas seitas publicamente. Guialdo, em cuja erudiçaõ, e sabedoria tinhaõ os Herejes posto a confiança, abrindo os olhos á luz da verdade, detestou publicamente os erros da sua seita, e havendo tido tanta parte pelas suas letras, e authoridade na perdiçaõ de seus sequazes; naõ se contentou com detestar os seus erros, sem dar satisfaçaõ mais publica do seu engano. Converteo a seus pays, e a todos seus parentes, e a todos os mais que pode, e valendo-se dos bens da fortuna, por ser muito opulento, edificou hum Templo dedicado a S. Pedro, como Principe dos Apostolos, Vigario primeiro de Christo, e Cabeça da Igreja Romana; e na fronteira da porta fez gravar este milagre, para confuzaõ sua, e eterna memoria.

42 Em França havia hum famoso Hereje chamado Bonevilho, que por ser de ardente engenho, e muito versado nas disputas, tinha innumeraveis sequazes que o seguiaõ. Prégou-lhes o Santo, porèm elles obstinados desprezavaõ as suas doutrinas, e naõ queriaõ ouvir seus Sermoens. Irritado pois hum dia com hum santo zelo lhes disse: *Pois vósoutros cerrais, como o aspid o ouvido á vóz do encantador, os vossos á palavra de Deos; eu, para mayor confuzaõ vossa, formarei auditorio dos irracionaes, para que a sua obediencia seja vergonhosa reprehensaõ da vossa rebeldia*; e chegando-se a hum rio que perto estava, levantou a vóz, e disse: *Peixes, que viveis neste diafano elemento, sahi a ouvir a palavra de Deos, que desprezaõ os homens cegos á luz da verdade, e surdos ás vozes do desengano.* Apenas pronunciou estas palavras, quando sahiraõ á superficie das agoas variedades de peixes mayores, e menores, postos em ordem, as cabeças levantadas, e com a postura de quem escuta. Louvou a sua prompta obediencia, porque em obsequio de seu Creador accreditavaõ á sua doutrina, e havendo com lugares da Sagrada Escritura louvado a nobreza da sua origem, a pureza do seu elemento, e outras admiraveis qualidades, de que os dotou a poderosa maõ do Divino Artifice; os alentou para que pelo seu modo dessem graças ao seu Author. Era huma estupenda maravilha ver a immobilidade, e ordem com que estiveraõ ouvindo ao Santo, até que lhes deo a bençaõ, e elles se despediraõ com escarcéos, e demonstraçoens de alegria. Achou-se presente a este prodigio o celebrado Hereje Bonevilho, com outros Mestres da sua seita, e todos sentiraõ em seu coraçaõ aquella mudança, que só tem por principio a poderosa Maõ de Deos; e assim fizeraõ publica detestaçaõ dos seus erros, e a seu exemplo innumeraveis, e os que athélli eraõ mestres de erros, dalli em diante foraõ prégadores das verdades Evangelicas.

Prèga aos peixes, e converte por meyo deste Sermaõ muitos Herejes.

43 Offendidos os Herejes de huma Cidade de França, do Santo prégar contra os seus erros, o convidaraõ para comer com elles com a dissimulaçaõ de verdadeira amisade, e com o pretexto de conferencias de Fé, ás quaes nunca o Santo se negava com alegre confiança, de que na occasiaõ lhe daria Deos palavras, e razoens para acreditar as verdades infalliveis, como o tinha offerecido no Evangelho a seus Ministros. Sentado já á mesa com apparencias de benevolencia, entre outros pratos lhe puzeraõ hum com veneno mortal. Revelhou-lhe Deos Senhor nosso, antes que o provasse, a detestavel traiçaõ daquelles fementidos; porèm sem dar lugar ao enfado que era taõ justo, com grande paz, modestia, e mansidaõ, os reprehendeo da traiçaõ, que intentavaõ fazer com o veneno, com capa de amisade. Ficaraõ confusos, e corridos os Herejes vendo descubertas as maximas de suas depravadas malicias; porèm esforçando-se para honestarem o feito com grandes cavilaçoens, lhe disseraõ: *Antonio, he verdade, que esse prato tem veneno, porèm se pôz de intento, naõ para a tua perdiçaõ, senaõ para que a experiencia acredite as palavras, que Christo deixou ditas no*

Gosta de hum prato envenenado, e converte a huns Herejes que lho offereciaõ.

ſeu Evangelho a ſeus Miniſtros, aſſegurando-os, de que ainda que goſtaſſem de mortal peçonha, lhes naõ faria damno. Agora pois ſe conhecerá a firmeza deſta promeſſa, pois ſendo tu verdadeiro Miniſtro das verdades Evangelicas, poderás com toda a ſegurança provar deſſe veneno, ſem recear perigo &c. Naõ he neceſſario, [lhes diſſe Santo Antonio] *que no material ſe verifique ſempre o texto do Evangelho que allegaſtes; pois obrará, eſſe milagre, quando for a ſeus ſacratiſſimos fins conveniente: porèm nem ſempre devemos executar por elle a ſeu infinito poder, fazendo indiſcretas experiencias. Nem deve pender deſtas experiencias a Fè, que tem a ſua infallibilidade affiançada em a revelaçaõ Divina. No principio da Igreja eſte, e outros milagres foraõ convenientes, para que a Fè, entaõ planta nova, ſe radicaſſe com o rego de maravilhas; porèm já que eſtá a Fè taõ radicada, e taõ creſcida, naõ neceſſita deſte rego para a profundidade das raizes. Naõ diſputemos agora deſſe ponto* [differaõ os Herejes] *o que dizemos he, que ſe naõ virmos, que comendo deſſe prato venenoſo ficas livre, naõ queremos dár Fè, nem aſſenſo ás propoſiçoens que nos prègas, como Artigos da Fè, que profeſſa a Igreja Romana.* Veyo o Santo neſtas capitulaçoens, ancioſo de ganhar para Deos aquellas almas, e fazendo o ſignal da Cruz ſobre o prato, comeo a vianda que nelle eſtava envenenada. Eſperavaõ os Herejes impacientes o effeito fatal do ſeu veneno, para ſe verem livres por eſte caminho daquelle que tinhaõ por ſeu mayor inimigo; porèm o Santo ficando ſem lezaõ alguma, eſperou que ſe certificaſſem do milagre, para os executar pela palavra, que lhe tinhaõ dado, de ſe reduzirem á verdadeira Fé. Aſſim o fizeraõ, abjurando os erros, e o Santo com huma acçaõ, que em outro fora temeraria, e imprudente, obrou duas finezas de amor, ſacrificando a Deos a vida com admiravel fortaleza, e ganhando-lhe almas com ardente zelo da ſua mayor gloria.

Daõ-lhe a comer hum ſapo: cõverte a quem lho deo, depois de o transformar em hum capaõ.

44 Convidaraõ-no outros Herejes, e lhe puzeraõ em hum prato hum grande ſapo, para que o comeſſe, e uſando da ſagrada Eſcritura com ſiniſtra intelligencia, erro nelles o mais ordinario, lhe differaõ: *Que, como Miniſtro do Evangelho, tinha obrigaçaõ de comer aquelle ſapo, pois ſabia ſer palavra de Chriſto expreſſa a ſeus Miniſtros, que poſtos á meſa comeſſem qualquer couſa que ſe lhes puzeſſe para ſeu ſuſtento.* Reprehendeo o Santo o ſacrilego abuſo das ſagradas Eſcrituras, palliando com pretexto taõ ſagrado ſuas depravadas intençoens, e deo-lhes a conhecer com evidencia, como concorriaõ nelle todos aquelles ſignaes, que infamaraõ aos primeiros inimigos da verdade, e aos antigos Herejes, que turvaraõ a paz da Igreja Primitiva: *Porèm, ſe a voſſa protervidade*, (lhes diſſe o Santo) *ſe houveſſe de dar por vencida, com que eu comeſſe deſſe immundo prato, que haveis poſto na meſa, com intençaõ de que ſuas venenoſas qualidades me tirem a vida; eu comerei, porque deſenganados deixeis a cegueira de voſſos erros. Somos contentes*: [differaõ elles] e entaõ o Santo fez o ſignal da Cruz ſobre o ſapo, e ſe converteo em hum formoſo capaõ; trinchou-o, e repartio delle aos meſmos que intentavaõ eſcarnecê-lo, e cõmendo a parte que lhe havia tocado, os animou a que comeſſem, para que tambem o ſentido do goſto contribuiſſe com o da viſta ao ſeu deſengano. Elles attonitos com a repentina mudança, fizeraõ com todos os ſentidos experiencia, e os acharaõ contentes da maravilha. A burla, que tinhaõ prevenida, e que intentavaõ celebrar com rizo, foy vergonhoſa confuſaõ da ſua malicia; porèm reconhecidos do ſeu engano, com meritas lagrimas, e arrependimento, ſe reduziraõ ao gremio da Fé, e pediraõ perdaõ ao Santo de ſeus depravados intentos.

Aprezenta-lhe hum Hereje hũ capaõ em dia de jejum, transforma-o em peixe &c.

45 Em outra occaſiaõ o convidaraõ os Herejes em dia de peixe, e lhe puzeraõ na meſa hum ſó prato, que conſtava de hum capaõ muito bem guizado. Eſtranhou Santo Antonio ao Hereje que lhe offereceſſe aquelle prato; porèm o caviloſo Hereje lhe diſſe: *Naõ terás razaõ em deſprezar o meu*

convite,

convite, e em deixar-me corrido fazendo papel de melindroso. Eu te convidei de muito bõa vontade, e naõ tenho outra cousa que dar-te mais, que a que tens diante. Se te escusas pela abstinencia, que neste dia tem posta a Igreja Romana, he impertinente pretexto, porque mais poderoso he em ti o titulo de Ministro de Christo; e para cumprir adequadamente com elle, deves observar o que te diz o Evangelho, que he: Comer quando fores convidado, o que te puzerem na mesa, sem distinçaõ de manjares, ou grosseiros, ou regalados, evitando com isto que os Ministros da verdade naõ fossem molestos a seus bemfeitores com austeridades impertinentes. Reconheceo o Bendito Antonio a dobrada malicia do Hereje, e como quem estava taõ destro em prender esta canalha, com os mesmos laços que armavaõ, com prudentissima dissimulaçaõ, fez o signal da Cruz sobre o prato, e converteo o capaõ em peixe, trinchou-o, e comeo delle. O malicioso Hereje, a quem tinha duas vezes cego a sua depravada intençaõ, recolheo as reliquias, e os ossos, e guardou-os para mostrar ao Bispo, que tinha grande opiniaõ, e altissimo conceito de Antonio. Apenas o Hereje o despedio, foy a casa do Bispo, e com palavras muito ponderadas lhe contou todo o cazo, tirando por conclusaõ, que era huma pura hypocrisia aquella celebrada santidade; e que para prova da sua verdade, e desengano, trazia alli as reliquias de hum capaõ, com que fizera penitencia no dia de jejum. Querendo pois mostrar os ossos do capaõ, em lugar delles achou espinhas de peixe. Irritou-se o Bispo contra o Hereje com a evidencia, e o mal intencionado Hereje ainda naõ dava credito ao que com evidencia via, e tocando, e cheirando as espinhas, se vio desmentido com o testimunho de todos seus sentidos. Vendo-se assim confuso, e envergonhado, accuzado, e convencido da sua mesma consciencia, confessou diante do Bispo a sua culpa, e abjurando seus erros, partio em busca do Santo para lhe pedir perdaõ, e se fez prégador das suas virtudes.

Cazo estupendo que lhe succedeo com hum cego fingido, que lhe introduziraõ huns Herejes.

46 Subornaraõ outros Herejes hum homem da sua seita, para que fingisse tinha perdido os olhos de hum lastimoso acazo, e que cobrindo-os com hum panno ensanguentado, fosse procurar ao Bendito Antonio, para que o remediasse naquella necessidade. Industriaraõ-no bem em todas as ceremonias, recõmendando-lhe muito a importancia do seu silencio, e dissimulaçaõ &c.: A intençaõ destes fementidos, era zombar com a ficçaõ deste milagre, da verdade dos muitos, que em outras occasioens tinha o povo celebrados. Para que a burla fosse mais plausivel, convocaraõ muitos dos seus; e alguns Catholicos, que estavaõ ignorantes da sua maldade. Sahio o miseravel homem, que era o author desta fabula, com os olhos cubertos com hum ensanguentado panno, dando lastimosos alaridos, e pedindo que o levassem á presença de Fr. Antonio, para que remediasse a sua desdita. Puzeraõ-no na sua presença, fez as suas insinuadas supplicas, e os que o levavaõ pela maõ ponderando muito aquella desgraça, que lhe resultara de hum cavaco, que lhe saltara aos olhos, estando desfazendo achas, e que pois a sua compaixaõ era taõ filha da sua caridade, a applicasse a este miseravel, fazendo o signal da Cruz sobre elles. Escutou o Santo as suas bem estudadas, e ponderadas lastimas, e penetrando as suas torcidas intençoens, e vendo que neste lance estava o credito da doutrina Evangelica, levantou ao Ceo os olhos, e pedio com breve, se bem fervorosa oraçaõ, a Deos, que acudisse pela sua causa &c. Feita esta oraçaõ, pondo as maõs sobre o ensanguentado panno, fez o signal da Cruz, e disse: *Eya, dezata o panno, que já tens o remedio que merece a tua bõa fé, e a destes piedosos homens, que haõ solicitado a tua cura.* Ouvindo estas palavras os Herejes, ainda naõ podiaõ bem dissimular o rizo, parecendo-lhes que haviaõ logrado o seu danado intento. Dezatou o homem o panno, e ao apartá-lo do rosto tirou os olhos pegados nelle, e ficaraõ correndo duas fon-

tes de sangue com horror de todos os que viaõ este estupendo espectaculo. O desgraçado paciente, que levava bem estudados os alaridos para o engano, agora allicionado da dor os levantava mais lastimados para descobrir a verdade: *Ay de mim infeliz, que justamente me castiga Deos, porque intentei desacreditar ao seu Santo! Desgraçado de mim, que só pago a culpa de todos aquelles que me induziraõ a este fingimento! Padre Antonio tende misericordia de mim pelas entranhas de JESUS Christo. Doey-vos da minha miseria, e perdoai-me a injuria, porque ainda que me faltaõ os olhos para ver a luz, naõ me faltaõ para chorar os erros, em que atè este ponto hey vivido, ainda que taõ caro me custe o desengano.* Qual fosse o assombro, e a confusaõ, com que ficaraõ os Herejes, naõ tem ponderaçaõ digna. Ficaraõ attonitos, e embargados do pasmo de taõ estupendo successo, nem tinhaõ pés para a fuga, nem vozes para o sentimento. Os Catholicos, a quem o cazo colheo taõ descuidados, se informaraõ do mesmo paciente, e este contava em altas vozes toda a serie da cavilaçaõ, e fingimento. Era para ver em taõ numeroso concurso a variedade dos affectos; nos Catholicos a alegria do triunfo da Fé, e nos Herejes a vergonhosa confusaõ da sua malicia. Valeo-se o Santo de occasiaõ taõ opportuna para convencer a sua protervidade, já com a efficacia das verdades, já com a severidade das reprehensoens, culpando nos inimigos da Fé aquella affectada cegueira, com que desattendem a sua luz, fazendo que naõ vem, o que vem, e desatendendo-se das mesmas evidencias, por se conservarem obstinados na malicia. Elles o ouviraõ com paciencia, e tocados interiormente dos golpes da verdade, se offereceraõ a abjurar seus erros, se compadecido do trabalho daquelle miseravel lhe restituia os olhos. O Bendito Antonio, vendo ao paciente bem arrependido, se doeu delle, e fazendo o signal da Cruz lhe restituio a vista perdida, com a melhora tambem mais importante, que foy a espiritual. Muitos dos Herejes se converteraõ á Fé, e foy tal a confuzaõ em todos os mais que o naõ fizeraõ, que naõ se atreviaõ a apparecer diante de gente, vendo que Deos havia castigado o engano de hum com o descredito de toda a sua Ceita.

Vè-se a Santo Antonio no Pulpito, e no Choro juntamente.

47 Foy Santo Antonio acerrimo defensor do Augustissimo Sacramento do Altar, e empregou no estabelecimento desta verdade infallivel todo o cabedal do seu zelo, e de seus estudos; trazendo por esta causa sacrificada a vida, e a honra a innumeraveis perigos, e parece quiz Deos fazè-lo singular no privilegio, de que ao mesmo tempo se achasse presente em varios, e distintissimos lugares, dando-lhe em o modo possivel alguma participaçaõ daquella maravilha, com que Christo ao mesmo tempo està com replicadas presenças em as Hostias consagradas, que adora a Fé em tantas partes do mundo, ainda que esta maravilha no Sacramento he immensamente mayor em todas as suas circunstancias. Na Cidade de Limonges, em huma quinta feira Santa, tinha, como Prelado, encõmendada a liçaõ primeira das Matinas; porèm havendo de prégar naquella mesma hora em a Igreja principal de S. Pedro, se descuidou de encõmendá-la a outro, para que no choro naõ houvesse falta. Estando já prégando se lembrou, e deo-lhe pena a turbaçaõ, que podia haver no Officio Divino por seu descuido; porèm quando chegou a hora da sua liçaõ, se lançou de bruços sobre o Pulpito, e neste mesmo tempo appareceo no Choro do Convento, cantou a liçaõ que lhe tocava, e acabada desappareceo, e proseguio na Igreja de S. Pedro o seu Sermaõ.

Vè-se a mesma reproducçaõ.

48 Na Cidade de Mompilher, se lhe deo hum Sermaõ em hum dia festivo na Igreja Matriz. Estando-o aprégar, lhe lembrou que tinha no Convento pela Pauta a liçaõ da Alleluia. Para naõ fazer falta se reclinou no Pulpito, com as maõs no rosto, e suspendeo a prégaçaõ todo o tempo, que foy necessario para cantar o que lhe tocava no Choro. Bem se deixa ver, que

que leves faltas eraõ estas para quem estava taõ legitimamente occupado; porém quiz Deos que se supprissem por taõ milagroso meyo, para que com a admiraçaõ de taõ ruidosa maravilha fosse mais celebre, e conhecida a santidade de Antonio.

49 Em outras occasioens de mayor importancia, repetio o Senhor estes prodigios. Tinha seu pay Martim de Bulhoens a seu cargo, e entrega quantidades muito grossas da Fazenda Real, para a expediçaõ de diversos negocios, pertencentes ao serviço de ElRey, que corriaõ pela sua conta. Para este effeito deo a differentes pessoas partidas de dinheiro muito consideraveis; porém sem fazer a segurança necessaria, por ter mais bondade, e lizura, que a que permittem negocios de interesses, em que facilmente se corrompe a fidelidade, se esta naõ está bem atada, e prevenida com legaes cautélas. Chegou o tempo de lhe tomarem contas, e havendo dado em despeza as partidas, que havia entregue, achou que lhas negavaõ os que as haviaõ recebido, e carecia de instrumentos para justificar a sua causa, e executar aos devedores. Cahio sobre elle o alcançe das contas; confiscaraõ se-lhe os bens pelo Conselho da Fazenda. Foy tal o desgosto em Martim de Bulhoens, qual se deve conjecturar, pois em hum mesmo tempo perdia o credito, a fazenda, e a liberdade. Naõ se occultou ao Santo filho a afflicçaõ de seu pay, e estando hum dia chamado a Juizo no Conselho da Fazenda, com os que lhe negavaõ as dividas, appareceo Santo Antonio, que naquelle tempo estava em a Cidade de Milaõ, e fazendo aos Conselheiros o devido acatamento, se voltou para os devedores, a quem com imperiosa resoluçaõ disse: *Como com pouco temor de Deos negais as quantidades de dinheiro, que recebestes de meu pay, tirando a destruir com a vossa falsidade a sua honra, e á sua familia, ingratos á sua confidencia? Vós em tal dia, e em tal hora recebestes tanta quantidade: vós tanta &c.* E dando de tudo individuaes sinaes, os deixou taõ confusos, que a sua mesma turbaçaõ os convenceo culpados: *Confessai* [disse entaõ] *a verdade, porque se naõ o fazeis, da parte de Deos, que attende pelas causas dos innocentes, vos annuncio hum terrivel castigo.* Confessaraõ os miseraveis os seus delictos, e Santo Antonio pedio por elles, e lhes negociou o perdaõ. Deo a seu pay hum abraço, e beijando-lhe com humildade a maõ desappareceo, deixando a todos cheyos de admiraçaõ, e pasmo.

No mesmo tempo que o Santo estava em Milaõ, appareceo em Lisboa por convencer a hũs devedores de seu pay.

50 Andando em Missaõ em Cicilia, lhe sahio ao encontro huma pobre mulher, pedindo-lhe saude para hum menino que levava no collo, tolhido dos pés, e dos braços desde o seu nascimento. O Santo, a quem esta vez os receyos de perigar a sua humildade fez menos agradavel, a despedio com sinaes de enfadado, culpando a sua indiscreta impertinencia. A triste mulher com este desvio mais humilde, e como outra Cananéa mais fervorosa, clamava para mover a sua piedade. O companheiro do Santo, que era hum Fr. Lucas, de vida approvada, movido da compaixaõ, lhe pedio consolasse aquella pobre mulher, fazendo o signal da Cruz sobre o menino. Rendeo-se á supplica, e o mesmo foy fazer o signal da Cruz encima do menino, que o ficar sem lezaõ alguma, e com prompta expediçaõ todos os seus membros.

Dá saude a hum tolhido.

51 Como eraõ os concursos taõ numerosos, que chegavaõ a trinta mil os ouvintes de Santo Antonio, era precizo valer se da aberta liberdade dos campos. Hum dia indo certa mulher illustre para ouvi-lo, lhe faltou o pé ao passar por huma pontezinha, e cahio em hum grande atolleiro. A pobre mulher affligida, apenas podia sahir por si do lodo, e era de summa confusaõ, e vergonha, ver-se assim cheya de immundicia, que para o melindre de huma mulher asseada naõ era pouco trabalho. Tambem lhe naõ dava pouca pena a consideraçaõ da má condiçaõ de seu marido, que queria a sua mulher mais limpa, e menos devota. Com esta confusaõ, e pena invocou

Cahe huma mulher em hum lodo, e sahe delle sem mancha.

invocou ao Santo, e sahio do lodaçal taõ limpa, taõ enxuta, e taõ asseada, como se naõ houvera cahido. Os que se acharaõ presentes trocaraõ as lastimas em admiraçoens, e ella vendo-se taõ livre de seu infortunio, confessava dever a Santo Antonio a quem se encõmendou, este beneficio.

Resuscita a hũ menino.

52 Naõ perdia outra mulher occasiaõ, em que pudesse ouvir Sermoens de Santo Antonio; em huma deixou em casa a hum menino pequeno, que achou morto quando voltou. Traspassada de dor sahio a procurar ao Santo. Contou-lhe a desdita que lhe succedera. Consolou-a, dizendo: *Que fosse para casa, que seu filho estava vivo.* Creo a bõa mulher as palavras do servo de Deos, e indo para casa achou o menino brincando.

Resuscita a hũ homem com admiraveis circunstancias.

53 E sendo Prelado em Lemonges, foy prégar a huma aldéa visinha. Na volta para o Convento, encontrou hum carreiro com o carro vasio, ao qual pedio pelo amor de Deos lhe levasse nelle algumas esmólas, que lhe haviaõ dado a elle, e a seu companheiro para o Convento, por se lhe fazer a ambos com o pezo intolleravel o trabalho do caminho. O carreiro descortez, e menos piedoso, porêm dissimulado, para se escuzar disse: Que naõ podia, porque levava no carro hum morto, que o encõmendassem a Deos, e lhe dissessem hum Responso. No carro hia com effeito hum homem dormindo. Naõ penetrou o Santo a grosseira dissimulaçaõ do carreiro; creo-o: porêm, naõ quiz Deos que, com huma mentira, se fizesse pouca conta do seu Servo, e assim ficou morto o homem dormido, e o seu sonho passou a ser mais que imagem da morte. Quando se vio longe dos Religiosos, chamou o companheiro para celebrar o engano, e o achou defunto; com que o seu prevenido rizo parou em amargoso pranto. Ficou o homem pasmado com taõ funesto dezastre, e ferido do estimulo da sua consciencia, reconheceo ser aquella desgraça castigo da sua impiedade, e grossaria. Cheyo de confuzaõ, e lagrimas partio em busca do Santo, a cujos pés prostrado pedia perdaõ da sua culpa, e misericordia para o seu defunto companheiro. Compadeceo-se da sua desconsolaçaõ, e feita oraçaõ a Deos, lhe pedio a vida daquelle miseravel homem. Chegou pois aonde elle estava defunto, e feito o signal da Cruz o restituio á vida. Reprehendeo ao deshumano companheiro da falta da caridade, e do pouco que respeitava aos Ministros de Deos.

54 Indo de França para Italia, perto da Cidade de Mompelher, o hospedou huma piedosa mulher, fazendo com elle, e com seu companheiro o officio da piedosa Martha solicita no seu regálo. Pedio hum formoso copo de vidro na visinhança, para pôr na mesa, o qual cahindo da maõ ao companheiro de Santo Antonio se fez em pedaços. A piedosa mulher indo tirar o vinho a huma pipa, desorte deixou o dozil, que todo se lhe derramou pela casa. Chorava a mulher a perda do vinho, e o companheiro de Santo Antonio, que havia quebrado o copo, vendo tantos azares em huma casa, donde se esmerava tanto a devoçaõ em seu regálo, disse ao Santo: *Padre compadece-te desta pobre senhora, a quem ha posto em tanta confuzaõ a piedade com que nos assiste.* Compadecido o servo de Deos das lagrimas da sua bemfeitora, cobrindo o rosto com as maõs, se inclinou sobre a mesa, e fez oraçaõ ao Senhor. Cousa maravilhosa! Feita a oraçaõ se começaraõ a mover por si mesmo os pedaços de vidro do copo quebrado, e se uniraõ ficando com a mesma inteireza, e formosura, que dantes tinha. A admiraçaõ embargou em a mulher as lagrimas, e certificando-se com o tacto, e com a vista deste milagre teve firme Fé, de que quem tinha virtude para soldar as quebras de hum vidro, a teria para recolher os desperdicios do vinho. Baixou á adega, e a achou enxuta; resistou a vasilha, e a vio cheya, com melhoras na quantidade, e no cheiro: subio publicando a vozes o prodigio, porêm o servo de Deos temeroso, como verdadeiro humilde, dos applausos, se sahio do lugar a toda a pressa com o seu companheiro.

Faz recolher á vazilha hum vinho vertido, e unir hum copo quebrado.

55 Pre-

55 Prevenia o portentoso Antonio os futuros acontecimentos, como já deixamos dito, desbaratando as más artes do demonio, empenhado em perturbar os auditorios em seus Sermoens, reconhecendo desde Italia os trabalhos de seu pay, para vir advogar pela sua innocencia; porêm fóra dos ditos se offerecem outros, que pedem especial relaçaõ, e saõ irrefragavel testimunho do seu espirito profetico. Sendo Guardiaõ na Cidade de Podio no Reyno de França, vivia hum Escrivaõ depravadamente submergido no vicio da sensualidade, e envolto em vaidades, e interesses, que solicitava com muito anhelo por meyos pouco justificados, e naõ proprios de quem cuida em salvar-se. A este pois reverenciava Antonio sempre que o encontrava, e muitas vezes o fazia de joelhos. Reconhecendo o Escrivaõ ser digno de desprezos, e naõ de acatamentos de servos de Deos, se confundia, e naõ acertava a assentar no como havia de tomar aquellas honras. Pelas evitar fugia quanto podia por naõ se encontrar com Antonio, e parece que este de proposito, procurava encontrar-se com elle para lhe dar o costumado tratamento. O Escrivaõ, que, supposto fosse falto de consciencia, o naõ era de intendimento, vendo-se assim tratado por Antonio tido por Santo, e tendo-se a si por taõ máo, como era, assentou comsigo, que o Santo zombava delle, e tendo a reverencia por injuria, disse huma occasiaõ ao Santo: *Padre, que o move a fazer-me ceremonias taõ escusadas? Se prova minha paciencia, achará o castigo que merece a sua temeridade; e se naõ temera o escandalizar a Cidade, agora lhe mettera a espada pelo corpo.* Para lhe temperar as iras lhe pegou o Santo na maõ, e lhe disse: *Irmaõ, naõ te alteres, nem te escandalizes, porque ainda que ao presente te faz o teu destrahimento indigno de reverencia, e digno das iras de Deos, he contigo tanta a sua misericordia, que, sem que obstem as suas offensas, te tem destinado para a gloria de Martyr seu; pelo que te dou a reverencia, e veneraçaõ de que sem razaõ te offendes. Eu dezejei com as veras da alma a Coroa, que a ti te está prevenida; deo-me o Senhor a dita de dezejá-la, porèm me negou a fortuna de posuí-la; tù, que agora nem a esperas, nem a dezejas, nem a estimas, a ganharás depois vertendo teu sangue, e rubricando com elle as verdades da nossa Fè Catholica.* Mais se picou o Escrivaõ da satisfaçaõ, que lhe deo o Santo Profeta, do que das reverencias de que se queixava, e assim lhe disse: *Padre, Padre, deixa-te de illuzoens da tua enferma fantasia, e escuza o fazer-me reverencias, porque já me sobra a razaõ, e me falta a paciencia para dissimular aggravos.* Replicou-lhe Santo Antonio: *Como te tenho dado este aviso, naõ te darei mais desgosto, e ainda que agora me tenhas por louco, ou por illuzo, te peço que no conflicto do teu martyrio te lembres de mim, e que offereças a Deos com as tuas dores minhas ancias, e dezejos de morrer pelo seu santo amor, e em obsequio, e defensa da sua Fè.* Despedio-se o Escrivaõ incredulo, porêm seguro das reverencias, e submissoẽs, que tinha por zombaria.

Profetiza a hũ Escrivaõ mal procedido a felicidade do Martyrio.

56 Passados alguns mezes, auzente Santo Antonio, se sentio o Escrivaõ gravado com o pezo das suas grandes culpas. Fez confissaõ geral dellas com grande dor, e arrependimento. Reformou a vida, e nella perseverou algum tempo com grande exemplo, e edificaçaõ. Com toda esta mudança vivia totalmente desimaginado da profecia, porque ainda que se sentia com alentos de conservar a vida em virtude, naõ se achava com valor, ou dezejos para procurar occasiaõ de ser Martyr. Divulgou-se na Cidade, que o Bispo della hia á Terra Santa cumprir hum voto. O Escrivaõ, que já tinha o coraçaõ affeito a devotos sentimentos, teve aquella occasiaõ por opportuna para ir satisfazer pelas suas passadas culpas. Offereceo-se ao Bispo para ir na sua companhia, dispôs da sua casa, e fazenda, como quem hia para peregrinaçaõ taõ larga, e custosa. Estando pois na Terra Santa em companhia do Bispo, e de muitos mais peregrinos, lhe deo hum tal impulso de desenganar

fenganar aos Mouros, que fem dar parte aos companheiros fe apartou delles, e fe pôs a prégar publicamente contra a barbara ley de Mafoma. Lançaraõ maõ delle os Mouros, metteraõ-no no carcere. Intentaraõ com rogos, promeffas, e ameaços obrigá-lo a que ceffaffe de blasfemar contra a feita de Mafoma, e a tudo o acharaõ invencivel. Tres dias o tiveraõ prezo, executando em todos elles nelle variedade de tormentos fem fructo, até que tirando-o para fóra lhe fizeraõ voar a alma ao Ceo a receber a palma do Martyrio, que Santo Antonio lhe tinha profetizado. Quando fe vio no fupplicio, diffe para os Catholicos peregrinos, o como lhe havia profetizado aquella dita Fr. Antonio, e que da fua parte lhe diffeffem, delle fe naõ efquecera no conflicto.

Profetiza o Martyrio a hũ menino inda por nafcer.

57 Na Cidade de Aniffio havia huma virtuofa cazada muito devota de Santo Antonio. Achando-fe pejada, pedio ao Santo rogaffe a Deos pelo feu bom fucceffo. Fez o Santo oraçaõ por ella, e nella lhe revelou Deos, que pariria com felicidade hum menino, que feria Religiofo Menor, e Martyr de Chrifto. Affim o diffe á virtuofa, e venturofa mulher, e affim veyo a fucceder, pois pario com venturofo fucceffo hum menino, a que pôs por nome Filippe, o qual tomou o habito de Menor, é pedindo licença a feus Prelados para ir vifitar a Terra Santa, nella deo a vida pela confiffaõ da Fé na Cidade de Azoto, em companhia de muitos Chriftaõs, que tiveraõ a mefma felicidade a exemplo feu.

Préga nas exequias de hum avarento, publica a fua perdiçaõ, e moftra em o feu thezouro o coraçaõ.

58 Convidaraõ a Santo Antonio para prégar nas exequias de hum avarento. E como elle naõ procurava o applaufo, fim a utilidade dos ouvintes, empenhou todo o difcurfo em reprehender a demafiada cobiça, e em louvar muito a felicidade do pobre. Depois de haver ponderado com muitos lugares da fagrada Efcritura os perigos, e damnos das riquezas adquiridas por meyos illicitos, e guardadas com ambiçaõ concluio, por ver ao auditorio affrontado: *Deftas verdades, que vos prègo tenho huma infeliz teftimunha prezente neffe miferavel rico, que eftá occupando effe feretro. Elle dirà muito bem, à cufta da fua defdita, quanto damno lhe acarretaraõ as fuas riquezas: Viveo carregado com o pezo da poffe dellas, fem tirar dellas mais fructo que o feu canfaço; e hoje começaõ a fer o inftrumento das fuas eternas penas. Oh defgraçado, que naõ foubeftes dezatar o teu coraçaõ dos laços da tua cobiça, e o deixaftes prizioneiro na arca do teu thefouro! Filhos, o caftigo de hum quer Deos que feja efcarmento, e avizo de muitos; ide a cafa deffe rico, e achareis na arca do feu dinheiro feu coraçaõ, deo-o á fua defordenada cobiça, e efta fez prenda do que era feu. Naõ he o que vos digo encarecimento do fervor do Pulpito, fenaõ verdades, de que vos defenganareis com a mefma evidencia.* Ficou o auditorio pafmado da liberdade com que prégava, e intimava foffem ver o coraçaõ dentro da arca do dinheiro. Foraõ algumas peffoas de authoridade regiftar o que Santo Antonio lhes perfuadia, e acharaõ o coraçaõ real, e verdadeiramente entre o dinheiro, que deixava o defgraçado avarento. Occupou hum horrivel pavor a todos os que prefentes eftavaõ, e fubiraõ de ponto os creditos do Prégador.

Por acudir a huma innocencia faz fallar hum menino recemnafcido.

59 Andando Santo Antonio na Miffaõ da Cidade de Ferrara, lhe aconteceo o feguinte prodigio: Cazaraõ fe naquelle tempo dous fujeitos iguaes na fazenda, na idade, e na qualidade, que faõ as circunftancias que mais fe devem procurar, para que fique mais fuave o jugo do matrimonio. Pouco tempo durou aos taes cafados o focego, pois à tormentofa paixaõ dos zelos rompeo os laços do amor, e encheo de amarguras as fuas caftas delicias. Era a mulher formofa em extremo, de tenra idade, e fem alguma experiencia das malicias mundanas. Goftava das gallas, e naõ lhe pezava de fe ouvir louvar de linda, e bizarra; mas antes difto mefmo fazia gofto, e tinha grande complacencia. Foy advertida pelo marido; porèm fem fructo, do que refultou mudar efte o extremo do amor com que a idolatrava,

trava, ao extremo do aborrecimento com que abominava a falta de cautéla, que só na sua tenra idade tinha alguma desculpa. Entrou o marido em zelosos cuidados, deo lugar a maliciosas suspeitas, e cahio no abysmo dos zelos. Com esta excessiva paixaõ via de perspectiva as acçoens de sua mulher, avultando os mais leves atomos, e dando corpo a vanissimas sombras. Vendo a prenhe, se persuadio a que a prenhez era adulterina, ameaçou a com a morte, resolveo-se em dar-lha, e em procurar a occasiaõ em que parisse, para assim ficar herdeiro della, e ter pretexto a sua atrocidade. Sabia a triste mulher que seu marido era capaz de pôr em execuçaõ o que lhe dizia. Nesta afflicçaõ chamou ao nosso Santo Antonio, que depois de lhe ouvir a relaçaõ dos seus bem fundados temores disse: *Filha, essa calamidade, que padeces, he castigo da vãa complacencia de parecer formosa. Saberás, que os foros da castidade conjugal saõ muito delicados, e ainda que naõ se rompem, senaõ pela incontinencia, se offendem da pouca cautéla: a mulher casada só a seu marido deve querer agradar, e parecer formosa; e se por se lo parecer bem a todos, deve naõ apparecer, e desparecer se, antepondo os foros da modestia aos privilegios da formosura. Este trabalho te há sido avizo, para que, como has sido honesta, sejas cauta. Offerece a Deos esta mortificaçaõ em pena de teu descuido, e naõ tenhas medo, que parirás com felicidade, e em teu marido teraõ fim as apprehensoens, que turvaõ seu coraçaõ. Eu farei o que pedes encõmendando a Deos este negocio, faze tu o que deves emendando os teus defeitos.* Sahio a mulher da presença do Santo muito consolada, pario com felicidade a seu tempo hum formoso menino, e vendo o marido taõ bôa a occasiaõ da sua vingança prevenio o veneno. Teve o Santo revelaçaõ do perigo em que estava, e sahio a procurar o remedio delle. Valeo se de hum intimo amigo do marido para se introduzir em sua casa. Pedio que lhe mostrassem o menino, para dizer sobre elle os Evangelhos, e lhe lunçar a bençaõ; tomou pois o menino nos braços em presença de seu pay, e de muitos parentes, e amigos, e fazendo com elle aquellas caricias, que pede a innocencia infantil, disse: *Creatura de Deos, em virtude de seu Santissimo Nome te mando que digas em vóz alta, e intelligivel, quem he teu pay.* Cousa estupenda, e maravilhosa! O menino se encorporou nos braços do Santo, e pondo os olhos, e o rosto no pay, o chamou com a cabeça, porque tinha atados, ou enfaixados os braços, e em vóz clara, e intelligivel, disse: *Tu senhor F. es meu pay legitimo, e natural, e minha mãy he castissima, e nem em hum acto há offendido a fé conjugal, que te prometteo quando casou contigo.* Ficaraõ todos assombrados com prodigio taõ estupendo; porém mais que todos o pay, em cujo turbado coraçaõ contendiaõ sanguinolentas inquietaçoens. Vendo-o o Santo mais sobre si, lhe disse: *Já ves, como Deos confundio a tua malicia com esta milagrosa innocencia: pede-lhe perdaõ de tuas temeridades, e depravadas intençoens; e a tua mulher das offensas, e desgostos, que lhe has dado, sem mais causa, que a que fingio o teu temerario juizo. Ama a muito, e sirva-te este avizo de escarmento.* O homem cheyo de confusaõ, e banhado em lagrimas, se prostrou a seus pés, confessando abertamente a sua culpa, e manifestando o veneno que tinha preparado para tirar a vida a sua innocente mulher. O milagre he como de Santo Antonio de Padua, a quem deo graça a Divina Omnipotencia, para compendiar em hum muitos milagres. No fim da sua vida diremos alguns dos infinitos, que este milagrosissimo Santo tem obrado a favor dos seus devotos, pois o escrever todos os que em vida, e em morte fez, seria empreza impossivel para o que a emprendesse em particular assumpto, e alheyo do que promettemos seguir nesta Obra, a que tem direito tantos Varoens insignes, quantos no discurso della se veraõ.

60 Como o destro lavrador, que põem mayor cuidado, e emprega todo o trabalho em o mais fertil terreno, elegeo a Padua muitas vezes por

theatro das fuas maravilhas; porque achava aquelles moradores muito doceis ao enfino; e era taõ grande o numero do povo, que naquella Cidade fe ajuntava a ouvi lo, que muitas vezes excedeo o numero de trinta mil almas. Convidaraõ-no os Paduanos, para que lhes prégaffe huma Quarefma: naõ he relatavel, nem numeravel os avantajados fructos, que colheo naquelles quarenta dias, pois experimentaraõ uniformemente todos os que o ouviraõ huma univerfal reformaçaõ de coftumes, deteftaçaõ de vicios, e inflammaçaõ de coraçoens, e vontades. Teve Santo Antonio revelaçaõ de que aquelles eraõ os ultimos Sermoens que prégava, e á imitaçaõ da luz, que quando eftá mais perto de apagar-fe, aviva mais feus refplandores; ou da pedra, que faz mais apreffado o movimento, quando fe avifinha mais ao centro; naõ fe fatisfazia com eftar continuamente no Pulpito, e no Confeffionario, pois aggregava a efte grande trabalho inceffantes penitencias, e continuos jejuns. No fim dos quarenta dias veyo a attenuar-fe, e a debilitar-fe tanto, que mal podia fuftentar-fe em pé. Por efte motivo, e pelo grande amor, que fempre teve á foledade, mandou pedir licença ao feu Prelado, para que o deixaffe ir para hum Heremitorio, que eftá em pouca diftancia de Padua. Hum efpirito Angelico levou a carta, que o Santo efcreveo pedindo a tal licença, e voltando com a refpofta, que dezejava; foy para o Heremitorio levando comfigo dous Religiofos de vida exemplar. A'lèm de fer o Heremitorio pequeno, viviaõ nelle outros Varoens efpirituaes, e parecendo a Antonio que lhes feria enfadofa a fua companhia, porque cuidava muito nas conveniencias alheyas, e nada nas proprias; ordenou perto do Heremitorio tres choças de ramas de arvores, e nellas fe aquartelou com feus companheiros com mais gofto, que os Reys em feus foberbos Palacios. Quiz Antonio affim viver apartado, porque naõ inquietaffem as creaturas os filencios eloquentes da fua oraçaõ. Nefta fó achava defcanço, e empregava as ancias do feu fogozo efpirito.

Préga em Padua. Teve revelaçaõ de que eraõ os ultimos Sermoens, e leva lhe hũ Anjo huma carta.

61 Revelhou-lhe Deos Senhor Noffo, que a Cidade de Padua feria mais conhecida no mundo, quando foffe depofitaria fiel do rico penhor do feu milagrofo corpo, acudindo a ella todas as naçoens do Univerfo a implorar á fua poderofa interceffaõ, cuja revelaçaõ deo a entender neftas palavras, olhando para a Cidade: *Oh Cidade ditofa, que brevemente ferás theatro das glorias de Deos! Ver-fe-haõ em ti maravilhas do feu poder, e poffuirás hum Thefouro, que te fará feliz, e ennobrecida, com a frequencia de muitos povos, que daráõ louvores ao Senhor, de ver engrandecido feu nome com os defpojos da mortalidade.* Muito fiava certamente Deos da fantidade de Antonio, vifto lhe revelar em vida os applaufos, que depois da morte havia de ter. Claro eftá que tinha a humildade mais profunda por alicerfle da fua grande fantidade, pois nem a vaidade o alterou, nem a prezumpçaõ da humanidade o defvaneceo.

Revela-lhe Deos as honras que depois da morte havia de ter.

62 Mas ay, que já fe efconde a noffos olhos a luz, que allumiava o mundo! Já efte Sol fe occulta em feu occazo, já defmaya efta flor, atégora taõ loçãa, e taõ viftofa. Já finalmente fe chegaõ a Antonio os fins de feus dias, e o principio das fuas mayores felicidades. No mais florecente pois da fua idade [porque a que era tanto do Ceo naõ quiz Deos carregálo com muitos annos de vida, fenaõ que os gozaffe de gloria] fe vio affaltado de huma aguda febre, e logo taõ proftrado, que pedio o levaffem para hum Hofpicio, que diftava pouco de Padua. Com pouco tempo de cama pedio lhe adminiftraffem os Sacramentos, e os recebeo com o fervor, e devoçaõ, que fe deve crer teria hum Varaõ, que foy a todos os encarecimentos infigne, e a todas as ponderaçoens grande. Ao receber a Extrema-Unçaõ, fe lhe banhou a cara de celeftes refplandores, o que vendo os Religiofos, junto com huma defuzada alegria, lhe perguntaraõ que gozo era o que demonftrava na fua face; ao que refpondeo: *Vejo a meu*

Recebe ao Santiffimo na ultima hora, e vè ao mefmo Deos feito homem.

Senhor

Senhor Jesus Christo cuja dignaçaõ he admiravel com este humilde servo seu. Em fim, depois de fazer huma practica a seus Irmaõs, qual outro canoro Cysne, que rezerva a doçura do seu canto para o ultimo instante, em que celebra as exequias da sua morte, cantando o seu costumado Hymno de: *O' Gloriosa Domina &c.*, passou sua pura alma ao descanso perduravel; exornada de Seraficos meritos, e de virtudes Angelicas, onde o Senhor lhe pagou com a paz celestial a continua guerra, que neste mundo deo a seu corpo. Oh cega, e tyranna parca! Tyranna, porque a ninguem perdoas; cega, porque sempre erras. Para que destes taõ anticipada morte a hum Varaõ, que por suas heroicas virtudes, e altos merecimentos, era digno de eterna vida! Breve foy a de Antonio, pois de trinta e cinco annos e dez mezes, deixou sua alma de vivificar o corpo mortal; porêm neste breve tempo se consummou desorte na perfeiçaõ, que encheo o espaço de muitos seculos.

63 Eis-aqui pois, ó glorioso Antonio, gloria immortal de Portugal, esclarecido Sol de Italia, refulgente tocha da Igreja, luz resplandecente de toda a terra, e grande credito da Serafica Ordem, recopiladas algumas acçoens de vossa vida dilatada, naõ em dias, sim em obras. Oh que bem difficultosa empreza emprendeo o meu discurso, em querer cifrar em breves periodos acçoens merecedoras de largas escrituras! Se o meu discurso pudera comprehender grandezas, que admiraõ; se a lingua se atrevera a declarar virtudes, que assombraõ; se a penna fora capaz de descrever maravilhas, que suspendem; seriaõ certamente, ó Divino Portuguez, nesta occasiaõ vossas grandezas, virtudes, e maravilhas, adequadamente comprehendidas, e cabalmente declaradas. Porêm como a relevancia daquellas foy com tanta superioridade eminente, claro está que nem o meu discurso pode, nem a lingua se atreveo, e nem de mais foy a penna capaz. Quizera eu ser taõ eloquente como Plinio para louvar-vos; porêm recebey estes meus desejos, já que me faltaraõ as obras: e pois fostes sempre taõ bizarro, e generoso, que correspondieis com milagres, e com finezas aos que vos perseguiaõ, e murmuravaõ; usai com mayor razaõ das vossas bizarrias com todos os que vos tributamos os obsequios, e solicitamos os agrados. Dignai-vos de pôr benignamente, os olhos desse soberano Throno, que na Bemaventurança gozais, naquelles que de vós se valem. Lembrai-vos diante de Deos, ao menos, dos que de vós se naõ esquecem. Abrazai com o intenso fogo do amor Divino a todos os vossos devotos, especialmente aos do Reyno, que teve a ventura de vos procrear. Illustray com os rayos de vossa indefectivel luz nossos entendimentos, para que todos possamos imitar-vos na portentosa vida que fizestes, incitado do muito, que sempre cuidastes na morte, e alcançar a vida eterna que conseguistes, onde coroado de gloria estais vivendo, triunfando, e reynando; vivendo immortal, triunfando invencivel, e reynando glorioso.

Falla-se com o Santo.

64 Na mesma hora, que falleceo o nosso portentoso Antonio, que foy a 13. de Junho do anno de 1231., appareceo a seu Mestre o Abbade de Vercelli, que estava enfermo de huma grande, e maligna esquinencia, e lhe disse: *Agora acabo de deixar em Padua o meu jumentinho, e parto depressa á Patria*; e tocando-o na garganta se despedio delle dizendo: *A Deos senhor, e amigo.* Sentio-se o Abbade bom daquella esquinencia, que o opprimia, e sahio logo da cella a procurar o seu bemfeitor entre as pasmosas confusoens, que lhe nasciaõ de ver entrara Santo Antonio, e sahira da cella sem ser sentido, e no desengano, de que naõ fora visto no Convento, se lhe duplicaraõ as confusoens, e os assombros. Fez o Abbade reflexaõ nas palavras, que Santo Antonio lhe disse, e pela mystica significaçaõ reconheceo ser morto; porque he fraze vulgar entre os Varoens espiritualizados, chamarem ao corpo jumento, e Patria ao Ceo. Observou pois o dia, e a hora,

Anno em que falleceo Santo Antonio.

hora, e achou que na mesma hora, e dia havia fallecido, no Heremitorio de Arcella, que distava pouco de Padua.

65 Quizeraõ os Religiosos do Heremitorio dar-lhe occulta, e secreta sepultura, por evitarem o molesto concurso do povo, e os disturbios, que podia occasionar a piedosa ambiçaõ de quererem todos para si aquelle inestimavel Thesouro; sahiraõ porém infructiferas as suas diligencias, e prevençoens, ainda que naõ seus temores; porque quiz Deos que milagrosamente se soubesse na Cidade de Padua, e permittio ruidosas diffençoens, que cederaõ em mayor applauso, e gloria do Santo. Com superior impulso se ajuntaraõ os meninos da Cidade em tropas, publicando pelas praças, e ruas, que morrera o Santo. Esta morte assim apregoada pelos innocentes, que naõ sabiaõ dizer quem lhe dera a noticia, convocou os coraçoens dos Paduanos a hum ternissimo, e equivoco affecto, qual era a desconsolaçaõ da sua falta, e alegria da sua eterna felicidade. O affectado segredo, com que se houveraõ os Religiosos na publicaçaõ da sua morte, se fez á Cidade suspeitoso de que queriaõ transportar o Bendito cadaver. Pelo que concorreo ao Heremitorio, ou Convento de Arcella, o Magistrado assistido de homens armados, para que cercassem o Convento, e guardassem as Reliquias. Armou-se competencia sobre a quem pertencia o dar-lhe sepultura. Os Religiosos do Convento de Padua o pediaõ, fundando o seu direito, em que o Santo deixara dito, que teria grande consolaçaõ de que fosse depositado seu corpo naquelle Templo consagrado a Maria Santissima. Os de Arcella allegavaõ a bõa fortuna que tiveraõ, em elle eleger aquella Casa para seu fallecimento. Os Cidadaõs, vendo a competencia dos dous Conventos, quizeraõ mediá-la zelosos de algum engano, e que se enterrasse o santo cadaver em hum Convento de Santa Clara, que distava pouco de Arcella; e assim a competencia, que teve principio entre os Religiosos, a fizeraõ sua os seculares com variedade de pareceres, e chegou a tal extremo, que tomaraõ armas para sahirem cada huma das partes com a sua pertençaõ por força. A desconsolaçaõ dos Religiosos era grande, vendo o perigo de muitos escandalos, e já cedera de bõa vontade qualquer dos dous Conventos, se naõ houveraõ feito os seculares o empenho tanto seu, que se achavaõ ambos excluidos de ser partes.

Duvidas que houveraõ sobre a Igreja em que se havia de enterrar.

66 O Guardiaõ de S. Francisco de Padua deo hum córte, dizendo que se desse aviso ao Ministro Provincial, e se comprometessem na sua determinaçaõ. Fez-se assim por entaõ, porèm foy cortissima a tregoa deste concerto, porque havendo já dous dias, que o Santo estava defunto, o povo dezejava ver o seu cadaver, excitado, mais que da curiosidade, da devoçaõ fomentada com alguns milagres, que hiaõ succedendo, que logo diremos. Naõ podia pois o povo pôr em execuçaõ o pio dezejo, que tinha de ver, e venerar ao santo cadaver, por estar o Convento cercado de gente armada, e determinou impaciente romper a guarda á meya noite a todo o risco, e tirar violentamente o bendito corpo; e passando a sua devoçaõ á temeridade, atropellaraõ as guardas, e entraraõ no Convento, com aquelle excesso, que costuma obrar hum povo amotinado. Naõ acharaõ o corpo na Igreja pelo terem mettido os Religiosos em hum lugar subterraneo, temerosos de que o grande calor o corrompesse. Vendo o povo que se lhe frustravaõ seus intentos, procuravaõ com impeto todas as cellas, as quaes tinhaõ fechadas os Religiosos, temerosos da sua violencia, prevençaõ, que naõ lhes valeo; pois o povo enfurecido rompeo as portas com o prodigio, de que naõ viraõ aos Religiosos, que estavaõ dentro, e de que naõ offenderaõ levemente a Religioso algum.

Amotina-se o povo.

Continua o motim.

67 Vulgarizado em Padua este motim, com o accrescentamento de que a plebe levava o corpo, houve tanta turbaçaõ na Cidade, que foy necessario que o Bispo com o seu Clero, o Governador com os seus Ministros com

com a força das armas tomassem a si a composiçaõ. Souberaõ se naõ tinha roubado o corpo, e que estava da maõ dos Religiosos com grande formosura, e suavissima fragrancia, tendo-se já passado quatro dias de calor intolleravel; e assentaraõ uniformes com o Ministro Provincial, que se sepultasse no Convento de Santa Maria, ultima vontade insinuada pelo Santo. Deo se avizo ao Clero, Magistrado, e plebe, para que no seguinte dia se lhe fizesse a pompa funeral. O Governador prevenio gente de armas, que guardasse o feretro, e fez formar huma ponte de barcas para passar o rio, desviando o enterro do caminho ordinario. A plebe amotinada rompeo a ponte, a cuja temeridade se oppôs o mais principal da Cidade com as armas nas maõs. Foy taõ grande a confuzaõ, que houvera huma sanguinolenta batalha, se o Governador naõ tomasse á sua conta, ajudado da authoridade do Clero, e do Bispo, o compor o furor das partes, mandando lançar pregoens, que os sujeitos que amotinavaõ á plebe sahissem pena de morte, e de confiscaçaõ de seus bens. A taõ apertados, e perigosos lanços chegou a competencia, porém quiz Deos que com este meyo se socegasse o motim, e que se fizesse a pompa funebre com grande celebridade, e paz, e tanto, que mais parecia procissaõ festiva; que funebre enterro.

Continuaõ, e se terminaõ as duvidas, sepultando-o com grandes acclamaçoens, e honras.

68 Tambem houveraõ contendas, e profias, entre a principal nobreza, sobre quem havia de levar o feretro. O Clero cantava Hymnos, e Canticos com harmoniaca musica; e infinito povo o hia acclamando Santo, e contando todos as maravilhas que lhe viraõ fazer, as caridades, e beneficios, que delle receberaõ. Em fim, chegaraõ ao Convento de Santa Maria, onde, feitos os Officios funeraes, ao quinto dia lhe deraõ sepultura entregando á terra aquelle cadaver, em que parece naõ teve jurisdiçaõ alguma a morte, assim pela sua incorruptibilidade, como pela sua formosura, e cheiro suavissimo. Os Cidadaõs, que com resoluta temeridade entraraõ no Convento violentamente, e cortaraõ a ponte, temerosos de que com seu atrevimento tivessem aggravado ao defunto, e santo corpo, foraõ visitálo descalços ao seu sepulchro, em final de arrependimento: espectaculo certamente glorioso, e de muita edificaçaõ para todo o povo, que com lagrimas de compunçaõ o prezenciava. Ao exemplo destes, e á frequencia dos milagres se fizeraõ varias procissoens. Os Mestres das escólas levaraõ os meninos nellas, cantando-lhe muitos louvores, tanto mais estimaveis, quanto mais sincéros, e innocentes. Contribuio a esta publica, e universal veneraçaõ o Bispo com todo o Clero, cuja authoridade era dos muitos creditos da santidade que veneravaõ. Todos nas procissoens levavaõ tochas accezas, e outras, que offereciaõ no sepulchro. Como a continuaçaõ das maravilhas era grande, era o applauso da Cidade taõ festivo, que nas mais das noites ardiaõ luminarias pelos muros da cerca do Convento da Cidade. Vulgarizado o seu fallecimento por toda a parte das mais remotas, concorreraõ innumeraveis romeiros a solicitar o remedio para as suas necessidades, e enfermidades. Davaõ-se todos os parabens mutuamente da sua dita, pois cobravaõ no seu sepulchro os cegos vista, os mudos lingua, os surdos ouvidos, os paralyticos saude, e os mortos vida.

Intenta-se a sua Canonizaçaõ hum mez depois da sua morte, e se consegue dalli a onze mezes.

69 As vozes dos portentosos milagres, que fez Santo Antonio, despertaraõ a devoçaõ dos Paduanos de maneira, que cuidaraõ em Roma da sua Canonizaçaõ, pouco mais de hum mez do seu fallecimento, e com effeito agenciou-se a causa com tanto ardor, e com taõ feliz expediente, que aos onze mezes depois da sua morte se achava escrito no Catalogo dos Santos por Gregorio IX., que na Bulla da sua Canonizaçaõ dá a entender fora testimunha de algumas maravilhas do Santo. No Consistorio dos Cardeaes teve Santo Antonio hum, que votou que naõ se canonizasse, pretextando com que hum negocio taõ arduo, e de tanta importancia senaõ devia concluir com tanta brevidade. Os Agentes Paduanos, vendo que se

atrazava

atrazava a causa unicamente por hum só voto, recorreraõ ao mesmo Santo, como interessado nas glorias accidentaes que lhe recresciaõ, em a universal Igreja. Mudou pois o animo do Cardeal com este portentoso meyo. Sonhou huma noite que o Papa com todos os seus Cardeaes entrava a consagrar hum novo Templo, e a celebrar de Pontifical no seu Altar mayor. Via, que estando já revestidas todas as personagens, que saõ com esta solemne funçaõ necessarias, se achavaõ embaraçados, porque no Altar onde se havia de celebrar o sacrificio, naõ haviaõ Reliquias, nem sabiaõ de onde as pudessem trazer para as collocar. Havia sómente no pavimento da Igreja hum cadaver cuberto, e mandou o Papa que o puzessem no Altar. Receavaõ os Cardeas tocá-lo, como temerosos dos ascos de hum defunto corpo; porèm, instando o Pontifice, o descobriraõ, e viraõ ser o cadaver de Santo Antonio, que estava naõ só incorrupto, senaõ formoso, e veneravel, despedindo de si suavissima fragrancia. Vio tambem, que o concurso popular acudia ao feretro, e que com piedosa crueldade despedaçava o cadaver, solicitando cada qual ter para si alguma parte por reliquia: e huma acclamaçaõ universal com que todos o reverenciavaõ por Santo. Despertou o Cardeal, e feita reflexaõ nas circunstancias do sonho, o teve por mysterioso aviso, para que solicitasse a Canonizaçaõ de hum homem, cuja gloria em o Ceo descobria Deos com tantos milagres, que saõ as vozes grandes da sua Omnipotencia. Publicou em fim o Cardeal avizaõ, e foy o mais acerrimo na brevidade da Canonizaçaõ.

Notem a Vizaõ que teve hũ Cardeal, que duvidava dar o seu voto.

70 Os applausos, e acclamaçoens que no dia da sua Canonizaçaõ lhe deraõ na Cidade de Espoleto, onde estava o Summo Pontifice, fizeraõ clarissimo ecco na Cidade de Lisboa. Dispensou em taõ grande distancia a Omnipotencia Divina, para que se cõmunicasse a alegria á patria, que fez feliz a fecundidade de tal filho. No mesmo dia, e hora que em Espoleto se celebrava a Canonizaçaõ do nosso grande Heróe, se tocaraõ sem humano impulso, os sinos de Lisboa com festivos repiques. O raro, e nunca visto desta maravilha, encheo de gozo indizivel os coraçoens de todos, que andavaõ alegres sem saberem de que. Entre varias memorias, que escreveo D. Theotonio de Mello, Prior que foy de S. Vicente de Fóra de Lisboa, diz: *Naõ podendo atinar a gente da Cidade de Lisboa, qual fosse a causa de taõ grande alvoroço em todos, e de taõ extraordinario milagre, como o de se repicarem os sinos, sem se ver quem os repicava; vieraõ os principaes do Governo da Cidade a este Mosteiro de S. Vicente, a consultar o santo Prior D. Gonçalo Mendes, que era o Oraculo daquella idade; e entrando pelo Mosteiro, foraõ dar com o santo Prior no Choro, posto de joelhos em Oraçaõ todo elevado em Deos, com os olhos arrazados em lagrimas; sem dar fè dos que o buscavaõ, atè que chegando o Padre porteiro a elle, e puxando-lhe pelo habito, o fez advertir nos que o buscavaõ, e sabendo delles ao que vinhaõ, banhado todo em alegria da alma lhe respondeo: Demos todos muitas graças a Deos, pois foy servido, que esta Cidade, por patria de Santo Antonio, festejasse a hora da sua Canonizaçaõ, que hoje fez o Papa Gregorio IX. Observou-se a hora, dia, mez, e anno, e se achou depois ser verdade o que o santo Prior dissera; com que ficou tido em mayor veneraçaõ.*

No mesmo dia em que se Canonizou, se tocaraõ per si os sinos de Lisbõa, e teve revelaçaõ hum Religioso.

71 Os Cidadaõs Paduanos, festejaraõ a Canonizaçaõ do nosso Antonio com indiziveis demonstraçoens de gozo, e de luzimento. Logo que o Tyranno Excellino, de quem já fallamos, vio a Padua sem Antonio, soltou a redea ás suas tyrannias, e furias, que tinha reprezadas em vida delle, temeroso das suas ameaças, confirmadas com o prodigio daquella magestade de luzes, e resplandores, que despedio de seu veneravel rosto, quando lhe affeou a tyrannia de seus procedimentos, na occasiaõ que dissemos. Pôs lhe cerco, e a ganhou com a morte de muitos moradores. Metteo por Governador della a hum seu sobrinho chamado Anselmo, que era naõ menos barbaro

barbaro, e cruel que elle. No fim de dezanove annos do governo destes Tyrannos, o Pontifice Alexandre IV., valendo-se da Suprema authoridade da Igreja, fulminou o Rayo das Censuras contra Excellino, declarando-o por inimigo capital do Estado Ecclesiastico. Juntou as forças do seu poder com as armas de alguns Principes Catholicos, fazendo Capitaõ General desta liga a Octaviano Ubaldino, Cardeal, e Legado Apostolico, o qual com animozidade grande, e resoluçaõ galharda pôs cerco a Padua. Neste aperto se achavaõ os moradores da Cidade çoçobrados entre temores, e esperanças, quando huns Religiosos estando junto ao sepulchro do Santo, pedindo-lhe com lagrimas acudisse por aquella Cidade, que tanto o amava, ouviraõ huma clarissima voz sahida do sepulchro, que dizia: *Naõ temais, que neste mesmo anno no oitavo dia de minha festa ficará livre a Cidade do Tyranno.* Os muitos, que ouviraõ este Oraculo, o vulgarizaraõ, para que alentados os Cidadaõs com a confiança de taõ poderoso Patraõ, naõ esmorecessem no animo. Assim succedeo no dia 19. de Junho, em que fugitivo deixou Anselmo a Cidade, receozo de naõ poder manter a Praça, tendo abundancia de mantimentos, e de tudo o que podia dezejar para se defender em muitos tempos. Obrigados os Cidadaõs a este conhecido portento, o publicaraõ, e votaraõ por Patraõ da Cidade, e collocaraõ as suas venerandas Reliquias no Altar mór da Igreja Cathedral. Decretaraõ, que no seu dia concorressem todos os annos ás Vesperas os tres Estados, Governador, e Magistrados, Claustro inteiro da Universidade, e Cõmunidades Religiosas em procissaõ, em memoria da liberdade alcançada pelos seus merecimentos.

Elegem-no os Paduanos seu Padroeiro pelos livrar de hum Tyranno.

72 Os Paduânos, no mesmo anno que falleceo o Santo, deraõ ordem a hum magnifico Templo, para nelle collocarem as suas Reliquias, que naõ concluiraõ, por causa dos infortunios, e tyrannias de Excellino, senaõ depois da restauraçaõ da Cidade. Cujo Templo affirmaõ todos os que ocularmente o viraõ, ser hum dos mais singulares da Christandade, assim pela preciosidade dos materiaes, como pelos primores da architectura: no anno de 1265., em que se concluio aos 29. do Abril, pouco mais de trinta annos depois da sua ditosa morte, se fez solemne trasladaçaõ das suas sagradas Reliquias do Templo velho para este novo. Presidio a ella Guido Cardeal Legado, e o Geral da Ordem, que entaõ era o Serafico Doutor S. Boaventura, depois Cardeal da Santa Igreja Romana. Achou-se o corpo de Santo Antonio reduzido a cinzas, e só a lingua incorrupta, e taõ fresca como se estivera viva. Com os olhos cheyos de ternas lagrimas, e indizivel devoçaõ, pegou na Bendita lingua S. Boaventura, e disse: *Oh lingua bendita, que sempre louvastes ao Senhor, e persuadistes a que muitos o louvassem! Agora se deixa bem conhecer, quanto merecestes com Deos.*

Da sua trasladaçaõ, a que assistio S. Boaventura.

73 Conservou-se a lingua do nosso divino Antonio isenta dos horrores da morte, por ter sido o instrumento, que deo a tantos a melhor vida, reduzindo-os á perfeita dita da immortalidade; e foy ainda depois de morta eloquente para persuadir, e mover os homens aos louvores Divinos. Collocou o Serafico Doutor a bendita lingua em huma caixa de crystal com guarniçoens de ouro de primorosos lavores, na qual esteve alguns annos, até que hum Geral da Ordem a quiz tirar para ficar-se com ella, ou para a pôr em algum Convento da sua devoçaõ. Naõ quiz porém o Santo defraudar a Padua daquelle precioso Thesouro; pois permittio que perdesse os sentidos o Geral quando sahia com o furto, de maneira, que lhe naõ foy possivel atinar com a porta por onde entrara para o fazer. Reconhecendo entaõ a sua temeridade, e receoso de mayor castigo, escondeo a sagrada Reliquia em hum dos angulos do Altar, e chamou por quem o tirasse da turbaçaõ em que se achava, a qual foy tal, que depois que sahio naõ pode atinar como, e onde puzera a Reliquia, que veyo a apparecer, naõ sem

Colloca S. Boaventura a lingua do Santo que se achou incorrupta.

Notem o que succedeo a hum Frade, que queria furtar a bẽdita lingua.

ſem prodigio, dalli a alguns dias; e hoje ſe conſerva inteira, e freſca, com admiraçaõ de todos os que tem a dita de a verem, e venerarem.

74 Os agradecidos Paduanos, achando diminutas todas as finezas que faziaõ a Santo Antonio, em reconhecimento das muitas, e grandes obrigaçoens em que lhe eſtavaõ, mandaraõ pôr na Praça principal da Cidade duas formoſas Eſtatuas de bronze, huma do meſmo Santo, outra de S. Prodocimo, Diſcipulo de S. Pedro, e primeiro Biſpo de Padua, como a Patronos, e Padroeiros da Cidade. Decretaraõ tambem, que oito dias antes, e oito depois da feſta de Santo Antonio, houveſſe feira franca; que na Veſpera á noite eſtiveſſem nas portas do Templo de guarda hum Capitaõ, e vinte homens armados; que no dia do Santo ſe fizeſſe huma prociſſaõ geral de todos os Eſtados, com aſſiſtencia das Religioens, Clero, e Biſpo; que no dia ultimo da oitava ſe fizeſſem Eſpectaculos publicos, com premios de valor para os vencedores. A Univerſidade decretou, que o Clauſtro pleno com os Doutores de todas as Faculdades com borlas, e capirotes, fizeſſem prociſſaõ com os Religioſos de S. Franciſco, em hum dos dias do oitavario com tochas accezas. Determinaraõ tambem, que ſe deſtinaſſem cada anno quatro Cidadaõs nobres, e tres Religioſos do Convento para que por conta delles correſſe o recibo dos grandes, e ſubidos dons, que ſe offerecem ao Santo, e a cujo arbitrio ſe diſpendeſſe o que neceſſario foſſe na fabrica, e ornamentos do Templo. No meyo delle ſe fez huma Capella de rara formoſura, para cuja fabrica empenhou ſeus primores a arte, e para os materiaes concorreo a natureza com os porfidos, e jaſpes de extravagante formoſura.

Collocaõ na Praça principal de Padua huma formoſa Eſtatua do Santo, e lhe fazem muitos obſequios.

75 Para eſta Capella, pois, que na ſua pequenhez he huma das mais bellas, e mais ricas que tem a Europa, foraõ trasladadas as cinzas do noſſo Bendito Antonio no anno de 1350., com aſſiſtencia de Guido Cardeal de Santa Cizilia aos 15. de Fevereiro. Eſte Cardeal, em agradecimento de o livrar o Santo de hum mortal perigo, lhe mandou fazer huma cuſtoſa arca de prata, onde metteo as Reliquias, e eſtá dentro de outra de pedra, que he de ſingular eſtimaçaõ pela diverſidade de cores, que nella encontra a viſta. Nella eſtiveraõ ſempre as Reliquias do Santo, por ſe achar milagroſamente quando elle falleceo, e há tradiçaõ de que fora feita pelos quatro Coroados Martyres, que padeceraõ na perſeguiçaõ de Diocleciano.

Particularizaõ-ſe alguns dos muitos milagres de Santo Antonio, feitos em beneficio dos ſeus devotos, depois do ſeu fallecimento.

76 OS milagres, que Santo Antonio fez em vida, e depois de morto foraõ, e ſaõ taõ frequentes, que deixaõ de parecer milagres, por lhes faltar o raro para a admiraçaõ. Para conſolaçaõ dos ſeus devotos contaremos parte dos muitos que ſe achaõ eſcritos, e approvados nas Chronicas da Ordem. No meſmo dia que deraõ á ſepultura o veneravel cadaver, huma mulher chamada Ricarda, que havia vinte annos que exiſtia entrevada com os joelhos pegados aos peitos, as pernas, e pés ſeccos, ſem movimentos vitaes, eſtava ás portas da Igreja em hum carrinho para pedir eſmóla pelos Fieis, e vendo a ſolemnidade da pompa funeral do Santo, ſe encõmendou a elle com fervoroſiſſima fé; adormeceo por pouco tempo, e deſpertando ouvio huma vóz que dizia: *Filha, dá graças a Deos, que te ſarará pelos merecimentos do ſeu Santo.* No meſmo tempo vio hum alegre alvoroço, que ſe originou de dar ſaude a huma donzella totalmente tolhida, e avivando a fé da ſua promeſſa, ſaltou fóra do carro, e foy adorar o Santo cadaver, com cujo contacto ficou inteiramente ſaã.

Dos muitos milagres que fez nos dias dos funeraes.

Para

Para os processos da sua Canonizaçaõ se authenticaraõ quinze milagres, de tolhidos, a que restituio membros nesta occasiaõ; sette cegos a que deo vista; tres mudos a que deo falla, e dous mortos a que deo vida.

77 Estava desenganada dos Medicos, e moribunda por causa de huma dysenteria huma mulher, chamada Salangria, e ouvindo os milagres que fazia o Santo, se offereceo entre as angustias da morte a visitá-lo no seu sepulchro. Feita esta promessa, lhe appareceo o Santo, e ella cheya de admiraçaõ, e assombro, naõ sabendo quem fosse, nem por onde houvesse entrado no seu quarto, começou a dar vozes, as quaes lhe atalhou o Santo, dizendo: *Calla, e naõ temas, que sou Fr. Antonio, a quem invocaste com Fè, e venho a sarar-te da tua dezesperada doença*; e fazendo sobre ella o signal da Cruz dezappareceo. Pedio logo os vestidos, e foy dar graças ao Santo pelo beneficio, que lhe fizera em lhe restituir saude taõ repentina, e miraculosa.

Apparece, e sara a huma enferma.

78 Estava hum homem abrindo huma pedreira na raiz dehum monte, e ficou debaixo das ruinas de hum grande pedaço delle; fizeraõ-se diligencias para o tirarem, e apartando as muitas pedras que o cobriaõ, o viraõ saõ, e sem lezaõ alguma. Admirada a gente com prodigio taõ estupendo, lhe perguntaraõ o como havia passado naquelle fracaço; e respondeo, que hum Religioso de S. Francisco havia detido nas maõs a maquina de pedras, e ruinas do monte, e que estava certo haver sido Santo Antonio, a quem invocou no seu conflicto.

Livra a hum homem, que ficou debaixo de huma pedreira.

79 Aleardino soldado, natural de Salvaterra, por causa do cõmercio com os Herejes, apostatou da Fé Catholica, em que nasceo. Chegou a Padua a tempo, que naõ se fallava em outra cousa mais, que nos milagres de Santo Antonio, e fazendo galla da dureza da sua incredulidade disse, tomando hum copo de vinho na maõ: *Quando este copo lançado contra as pedras da parede naõ quebrar, crerey eu serem verdadeiros os milagres desse Frade*; e dito isto, arremessou o copo em humas pedras, o qual ficou como se fora de diamante, e naõ de vidro. Naõ pode negar-se á evidencia deste prodigio seu cego entendimento, e cedendo a sua voluntaria cegueira á luz de tanto dezengano, abjurou publicamente seus erros, confessando com lagrimas, e arrependimento seus peccados. Naõ pareceo a este homem, que cumpria com se haver reduzido á Fé de Jesus Christo, sem que reduzisse á mesma outros, que seguiaõ a Heretica cegueira. Guardou o vazo para memoria deste prodigio, e buscando a outro Hereje seu camarada, para lhe contar o successo, e o reduzir á Fé; este o ouvio com rizo, e desprezo, e lhe disse: *Se para vencer a tua incredulidade foy necessario esse prodigio, para vencer a minha he necessario outro. He certo, que o vulgo he novelleiro, e se paga dessas illuzoens, e a ti tambem se te ha pegado o seu achaque. Eu digo, que naõ crerey nenhum de tantos milagres como se contaõ, como naõ creyo, salvo esta vide secca, que tomo na maõ, der agora uvas para encher de mosto esse vaso, que trazes por testimunha da illuzaõ, que me contas.* Cousa maravilhoza! Ainda naõ havia feito o seu sacrilego protesto, quando a vide secca se vestio de verdes folhas, e entre ellas se formou hum formoso racimo de uvas, que esprimidas encheraõ com superabundancia o copo do seu doce licor. Deo-se por convencido o Hereje com a evidencia deste portento.

Faz florecer, e dar uvas hũa vide secca, e com que naõ quebre hum copo, que se atirou a humas pedras.

80 Estando tirando agoa hum Religioso leigo de S. Francisco de hum poço, lhe cahio o caldeiraõ nelle, e como lhe fazia muita falta, e sentia as iras do Prelado, fez as ordinarias, e extraordinarias diligencias pelo tirar. Era devotissimo de Santo Antonio, e rezando-lhe muitas vezes repetia a diligencia para tirar o caldeiraõ, e sempre sem effeito. Nesta occasiaõ se pôs de joelhos diante de huma sua imagem de vulto, e disse: *Santo meu, o caldeiraõ há de apparecer ainda que vos custe entrar pelo poço, pois vos rezo*

Tira hum caldeiraõ de hum poço, &c.

todo o anno, e naõ me deveis faltar nos meus apertos Em fim, pegou no Santo, e atado a huma corda o lançou no poço. Deo-se por obrigado daquella devota, e simplez porfia, e sahio do poço com o caldeiraõ no braço.

81 Vulgarizada a fama dos milagres, que Santo Antonio obrava de pouco tempo defunto, sahio huma rustica Aldeana de perto de Padua em companhia de seu marido, e de outras pessoas a visitar o seu sepulchro. Caminhava a mulher muito festeira, e alvoroçada pelo marido lhe prometter a levaria a S. Tiago de Galliza. O marido, ou pela ver de genio taõ peregrino, ou por já arrependido da promessa, lhe disse: *Tira isso do sentido, pois nunca verás cumprido esse dezejo. Como naõ,* (disse ella) *se tu me tens dado palavra de ires cõmigo? He verdade,* (disse o homem] *porèm, porque naõ posso eu reformar a minha palavra, quando do seu cumprimento se segue inconveniente, e tal como o de huma peregrinaçaõ taõ larga, e perigosa para huma mulher, e em Reynos estranhos?* Arrebatou-se a mulher de huma taõ cega colera, que disse: *Se me naõ cumprires a palavra, que me tens dado, me lançarei nesse rio. Pois dezengana-te, que naõ has de ir a S. Tiago.* [repetio o homem] Vendo a mulher entaõ frustradas suas esperanças, cega de colera, e instigada do Demonio se lançou ao rio, dizendo em altas vozes: *Santo Antonio vá cõmigo.* Arrebatou-a logo a corrente, e as mulheres da companhia, vendo que forcejava com as agoas, e naõ hia ao fundo, disseraõ ao marido a soccorresse; mas elle, que queria mais a si do que a sua mulher, e talvez, cansado já dos seus dezaffogos, se lhe naõ daria de que se affogasse, naõ cuidava em tirá-la do rio. Vendo as companheiras que se chegara á margem delle, esquecidas do seu proprio perigo, se lançaraõ á agoa donde a tiraraõ para fóra. Raro prodigio! Todas sahiraõ taõ molhadas, que foy necessario despirem-se para se enxugarem, porèm a dezesperada, imprudente, e inobediente a seu marido sahio secca, e enxuta, sem que molhasse hum fio da sua roupa.

De como livrou a huma mulher de morrer affogada.

82 Em Tesmegaõ, aldeya perto de Padua, haviaõ huns lavradores, os quaes recõmendavaõ a huma filha a guarda de hum trigo, que comiaõ os passaros. Era ella muito devota de Santo Antonio, e tinha anciosos dezejos de ir visitar o seu sepulchro, e vendo que lhe naõ davaõ licença para o cumprimento de seu dezejo, com o pretexto da guarda do trigo, impaciente da devoçaõ, que cada dia se lhe augmentava com a fama dos prodigios que obrava, fez ao Santo a supplica seguinte: *Santo meu, já naõ posso aturar mais a repugnancia de meus pays, que naõ me querem dar licença para visitar-vos, até que se seguem os trigos, porque os comem os passaros; vós haveis de ter cuidado de espantá-los, e de que me naõ pelejem em casa, que eu naõ posso deixar de vos ir ver na vossa. E se me fazeis o que vos peço, me offereço a ser vossa devota, e a visitar nove dias o vosso sepulchro.* Apenas havia feito esta promessa, quando a multidaõ dos passaros, que andava á porfia a devorar os trigos, levantaraõ o voo unidos em huma grande banda, e se foraõ dando gritos, e naõ appareceo hum só no campo senaõ depois de segado, e colhido o trigo.

Para que huma devota o visitasse, naõ deixou ir os passaros a hum trigo.

83 Hum Cavalheiro de Trento sahio a divertir-se com huns amigos a hum rio, ou braço de mar. Trazia no dedo hum precioso annel, o qual por descuido lhe cahio na agoa, de que ficou muito sentido, naõ tanto pela perda, como pela particular estimaçaõ que fazia de huma prenda, que era herdada: fez que se buscassem buzios, e pescadores destros para o buscarem; porèm como se frustraraõ todas as diligencias, voltou para casa com grande desgosto. Era o tal Cavalheiro muito devoto de Santo Antonio, e indo-o no outro dia visitar o Guardiaõ do Convento de S. Francisco, lhe disse: *Avivay Senhor a vossa Fè, pedi a Santo Antonio que vos depare o annel, e, se vos parecer, cantará a Cõmmunidade huma Missa no Altar mayor do mesmo Santo, e espero que tenha bom despacho a petiçaõ.* Cantou-se a Missa,

Faz sahir no buxo de hum peixe hum annel cahido no rio.

Missa, a que assistio o Cavalheiro muito devoto, e agradecido á fineza, que a Communidade, e o Guardiaõ haviaõ feito; sahio á marinha, e comprou huns peixes para regálo da Cõmunidade, e hum, que entre os demais era mayor, o prezentou ao Guardiaõ. Abrio-se o peixe, e se achou no bucho o annel. Mandou o Guardiaõ chamar ao Cavalheiro, e lhe disse: *Senhor, com Deos, e com os Santos saõ santas, e discretas as porfias, que nascem da necessidade, e pedem remedio. Aqui tendes o vosso annel, e sabei que o peixe, que me enviaste para meu regálo, era o Thesoureiro.* Metteo-lhe na maõ o annel, e o homem o via taõ cheyo de admiraçaõ, que apenas dava credito aos seus olhos.

84 Sendo Jacome Cavarella, Conde de Collauto, e Consul do Magistrado de Padua, Thesoureiro do sacrario, para consolaçaõ dos devotos peregrinos abrio a arca das Reliquias de Santo Antonio. Estava a Condessa sua mulher no mesmo tempo enferma de sobreparto, e deo a seu marido dous anneis de custo para que os tocasse nas Reliquias. Ao tempo de tocá-los, cahio hum delles que era de preciosos diamantes, e cahindo diante de todos os que estavaõ presentes, fazendo-se diligencia para achá-lo naõ foy possivel. O Guardiaõ do Convento, que assistia com a chave, disse ao Conde: *Senhor digamos o Responso do Santo, e vossa Senhoria tenha por certo há de apparecer o annel.* Foy o Conde para casa, que era distante, e achou a Condessa enfadada, porque pouco antes que entrasse o Conde vio junto a huma janella o annel, e julgava ser descuido do Conde; e assim quando entrou lhe fez suas queixas dizendo: *Bem cuidas em fazer o que te peço, pois deixastes junto á janella o annel, que havias de levar para tocar nas Reliquias de Santo Antonio.* O Conde ficou admirado, tendo a certeza de que o havia perdido diante de tantos olhos registos; e referindo a sua mulher o que se havia passado, deraõ graças ao Santo maravilhoso em seus servos.

Depara hum annel perdido.

85 O Bispo de Cordova D. Iñigo Manrique perdeo, ou lhe furtaraõ hum annel, que estimava pela preciosidade da pedra, e por se haver servido della no dia da sua sagraçaõ. Recorreo a Santo Antonio, de quem era devoto; porém naõ lhe appareceo o annel. Vivendo sem esperança delle, e fallando-se á mesa nos milagres de Santo Antonio, disse elle: *Tenho bastantes experiencias dos seus favores, ainda que ao prezente me tem queixoso, por naõ me deparar hum annel, que perdi, ou me furtaraõ.* Ainda naõ tinha dito a ultima palavra, quando o annel cahio no meyo da mesa diante de todos, sem que elle, e huns seus convidados vissem a maõ que o lançou. Todos ficaraõ pasmados, e admirados, e o Bispo mais devoto do Santo.

Depara outro annel.

85 Vivia em Lisboa huma sobrinha de Santo Antonio, á qual se lhe affogou hum filho, andando no mar em hum barco brincando com outros: dous dias esteve sem apparecer o seu cadaver, e quando o acharaõ o levaraõ a casa já corrompido: a inconsolavel mãy, vendo seu filho reduzido áquelle espectaculo, pedio a seu Tio Santo Antonio, que pois era taõ piedoso com estranhos, se naõ esquecesse dos de casa, e lhe restituisse a vida a seu filho. Quizeraõ-no enterrar, porém ella com huma Fé vivissima o encontrava; alcançou o premio della, e da sua devota porfia, pois ao terceiro dia resuscitou o menino com a promessa de o fazer Frade da sua Ordem. Nella tomou o habito, e nella era mais conhecido pelo nome do Menino do milagre de Santo Antonio, que pelo proprio de Fr. Aparicio.

Resuscita á hũ seu sobrinho affogado.

87 Hum Cidadaõ de Padua vendo-se sem filhos, pedio com ternas lagrimas a Santo Antonio lhos alcançasse de Deos. Nasceo-lhe pois hum filho, que amava como a dadiva milagrosa, que lhe tirou o opprobrio da sua esterilidade. Tinha a idade de sette annos, quando estando jogando com outros meninos junto a hum moinho, se rompeo a preza, e todos cahiraõ na agoa com a violencia da corrente. Recolheo-se seu pay a casa ignorante

Livra a huns meninos de morreremaffogados.

do que tinha fuccedido, perguntou pelo filho, e ninguem fe atrevia a dizer-lhe o lamentavel fucceffo. Vendo porem a grande tardança, e prefagiando nos funeftos finaes de trifteza o que havia fuccedido, diffe: *Venha o meu filho, porque faço voto a Deos, e a Santo Antonio, que mo deo, que naõ hey de comer coufa alguma em quanto o naõ vir vivo.* Já parecia forçofo defcobrir a fatalidade, porèm prevenio a má nova o mefmo menino, que em companhia dos fette companheiros vinha muito alegre acompanhado de innumeravel gente, o qual contou como Santo Antonio lhes apparecera, e detivera o movimento da roda, e tirara a elle, e a feus companheiros do fundo, que fazia aquella corrente.

Refufcita a Infanta D. Sancha.

88 Enfermou mortalmente a Infanta Dona Sancha, filha de ElRey de Leaõ Affonfo X., e de Dona Therefa fua prima [hoje Santa Therefa] filha de ElRey de Portugal D. Sancho I.; e rendeo com effeito a vida á violencia da tal enfermidade. Eraõ naquelle tempo copiofos os portentos de Santo Antonio, com o qual fe pegou Santa Therefa mãy da defunta com tanta fé, que naõ confentio fe enterraffe fua filha Sancha, eftando morta já de tres dias. Refufcitou em fim paffados elles, e diffe á mãy: *Ay Senhora, que muito mal me fizeftes com a porfia das tuas lagrimas, tirando-me da fegurança para me metter no perigo! Sabe que Santo Antonio pedio a minha vida para confolaçaõ tua, e que a tenho de poffuir fómente quinze dias, e no cabo delles irei defcançar no Choro das Virgens.* Viveo os quinze dias em companhia de fua mãy com os temores, e cuidados de quem conhecia os perigos do mundo, e efperava taõ depreffa os gozos do Ceo.

Dá faude á Infanta D. Dulce.

89 Naõ foy menos portentofo o cafo, que fuccedeo com Dona Dulce irmaã da mefma Dona Sancha. Enfermou tambem mortalmente, e eftando no ultimo da vida, fua mãy Santa Therefa pedio com o mayor fervor ao Santo, alcançaffe de Deos a confervaçaõ da vida para fua filha. Appareceo Antonio em fonhos á moribunda, á qual diffe: *Eu fou Antonio, que, obrigado das lagrimas de tua mãy, venho propor-te qual das duas coufas queres efcolher, ou morrer agora para ires defcançar na gloria, ou viver ficando expofta ás contingencias, e perigos do mundo.* Pode mais com a enferma o horror da morte vifinha, que a certa efperança do feu eterno defcanço; pois efcolheo nefciamente temeraria a vida. Dava-lhe o Santo a bençaõ, e ella lhe pegou no cordaõ para o deter, e no mefmo tempo defpertou dando vozes a fua mãy, dizendo: *Senhora, fenhora, chegue-fe cá, que tenho aqui prezo pelo cordaõ Santo Antonio.* A mãy fe laftimou muito, e mais algumas peffoas que fe achavaõ prefentes, parecendo-lhe feria delirio, e chegando-fe á cama para focegá-la, dizia ella: *Para onde há ido Santo Antonio, que eftava aqui comigo! Mãy, eu eftou bõa, bufquem ao meu Santo, que me veyo dar faude.* Viraõ em fim pelos effeitos naõ fer illufaõ, nem delirio, porque cefftaraõ os feus mortaes accidentes, pedio de comer, e fe levantou faã.

Reftitue a vida a hum menino affogado.

90 Eftando hum filho de hum letrado de Veneza jogando com outros meninos, cahio incautamente em hum canal profundiffimo. Sorveraõ-no logo as agoas, e no efpaço de muitas horas naõ puderaõ achar o corpo. Deraõ conta defte dezaftre a feu pay, o qual atraveffado de dor inconfolavel, á cufta de diligencias, e de dinheiro bufcou deftros buzios, que o bufcaffem para ter a confolaçaõ de lhe dar Ecclefiaftica fepultura. Encontrou com elle hum buzio, a tempo que o magoado pay offerecia a Santo Antonio pezar feu filho a cera fe o viffe vivo. Naõ haviaõ efperanças em o humano, havendo-fe fubmergido o menino nas agoas muitas horas antes; porèm o poder de Deos, que vence eftes humanos impoffiveis, lhe deo o menino taõ faõ, e bom, como antes que cahiffe naquelle fatal perigo. Pafmado o pay com maravilha taõ eftupenda, agradeceo ao Santo liberalmente o beneficio, e com muitas vantajens á promeffa, e mandou pintar efte milagre por hum primorofo pincel, ao pé do qual efcreveo hum elegante Epigramma; para que fe confervaffe a fua memoria.

91 Mui-

91 Muitos emulos tiveraõ as virtudes, e milagres de Santo Antonio, porêm todos ficaraõ convencidos com a evidencia dos milagres, ainda que com desigual fortuna; pois huns ficaraõ castigados para escarmento, e outros melhorados para avizo. Hia hum leproso pedir ao Santo remedio para o seu ascoroso achaque, levava nas maõs humas taboinhas, que tem de costume, e de ley, os que padecem este mal, com as quaes evitaõ o contagio; encontrou-o no caminho hum soldado Hereje, antigo amigo seu, e perguntando-lhe a que hia a Padua, respondeo o enfermo, que a pedir a Santo Antonio o remedio de sua alma; a que replicou o soldado com falso rizo, dizendo: *Certamente que levas bõa cõmissaõ, e traràs muito bom despacho; quanto melhor te estivera comeres em tua casa o que gastas mal gasto neste caminho, aventurando a vida com esta nova penalidade; anda amigo, caminha, que tu voltarás saõ, quando eu estiver leproso.* Naõ estava para argumentos o afflicto enfermo, e sim fiado no poder de Santo Antonio, e escandalizado do Heretico conselho, proseguio o seu caminho com muito trabalho; chegou ao sepulchro do Santo, e havendo feito oraçaõ com muitas lagrimas, adormeceo, e lhe appareceo em sonhos Santo Antonio, que lhe disse: *Já estás saõ da lepra, tem bom animo, e vay procurar o Hereje que escarneceo da verdade dos meus milagres; aprezenta-lhe as tuas taboas em meu nome, que bem necessarias lhe saõ, porque está coberto de lepra.* Despertou o homem assustado, porèm muito alegre, pois se vio repentinamente livre da sua ascorosa enfermidade; deo graças ao seu bemfeitor; e partio embusca do amigo. Achou-o feito hum horroroso espectaculo de lepra, e lhe disse: *Amigo, ainda que a caridade me obriga a compadecer-me do teu trabalho, vejo quaõ bem merecido tens o castigo: e assim toma as minhas taboas, as quaes me mandou Santo Antonio que tas aprezentasse em memoria da bõa fè, com que o honras.* Ficou pasmado o triste Hereje, vendo a seu companheiro de todo saõ, e vendo-se a si todo abominavel, e ascoroso. Naõ tinha o seu mal mayor recurso, que o seu arrependimento; reconheceo a sua cega temeridade, e á luz deste dezengano se desvaneceraõ as densas sombras dos seus erros. Chorou amargamente o seu peccado, offerecendo abjurar a heresia, e ser devoto perpetuo de Santo Antonio, se assim como lhe havia dado o castigo da sua temeridade, levantasse delle piedoso a maõ, e o livrasse da lepra. Confessou-se, e com verdadeira contriçaõ, e buscou quem o absolvesse das suas culpas, e erros, e o restituisse ao gremio da Igreja. Feitas estas diligencias com muitas lagrimas de compunçaõ, rogou a Santo Antonio que lhe perdoasse os aggravos que lhe havia feito, pois já estava reconhecido dos seus erros, e bem inteirado á custa do seu castigo. Naõ quiz o Santo ter ociozo nem o seu dezengano, nem a sua dor, e assim ouvio os seus rogos, e compadecido das suas lagrimas, e do seu mal, lhe restituio a saude do corpo, deixando-o ditosamente melhorado na alma. Esta bõa fortuna tiveraõ muitos Herejes, que de incredulos se fizeraõ Fieis, e de indevotos, prégadores de suas glorias.

Livra de lepra a hum leproso, e fica com ella hum Hereje, q̃ escarneceo dos seus milagres.

92 Quando se formavaõ os processos para a Canonizaçaõ de Santo Antonio, vivia em casa do Bispo de Padua hum Clerigo chamado Guidoto, que com malicioso gracejo zombava dos seus milagres, dizendo tinhaõ mais de antojo da piedade, e da devoçaõ, que fundamento da verdade. Castigou Deos a temeridade do seu juizo, e mordacidade da sua lingua, dando-lhe de repente taõ intensas dores em todo o corpo, que lhe faziaõ perder o juizo com a vehemencia dellas, e eraõ os accidentes, e movimentos taõ estranhos, que naõ achavaõ remedio algum os Medicos desconhecendo totalmente a causa; o desgraçado, na escóla de suas dores com o bicho dà sua má consciencia, estudou a origem de seu mal, e reconheceo ser a incredulidade, e pouca reverencia, com que havia fallado dos milagres de Santo Antonio. Arrependido já, e reconhecido do seu erro, chamou a sua mãy, á qual

Castiga a hum que naõ cria nos seus milagres, e depois lhe dá a saude que lhe tinha tirado.

á qual pedio fosse visitar o sepulchro do Santo, porque de corrido, e confuso naõ se atrevia a ir propriamente pedir o perdaõ que dezejava. Naõ pode discorrer mais efficaz meyo de obrigar a hum Santo Antonio, que valer-se da poderosa eloquencia da humildade. A mãy, anciosa da saude do filho, pedio ao Santo que se compadecesse das lagrimas de ambos; ouvio-a, e negociou com o Santo que cessassem as dores; e o Clerigo agradecido, e inteirado da milagrosa virtude de Santo Antonio, depôs diante do Bispo este milagre, e foy depois fervoroso, e devoto pregoeiro das excellencias do Santo.

Huma mulher por naõ guardar o seu dia, foy castigada com a morte, e depois resuscita para contar a gloria do Santo.

93 Em certa terra deste Reyno havia huma mulher incredula dos milagres do Santo, e mal affecta á sua santidade naõ queria guardar a sua festa. Indo no seu dia por desprezo ao moinho, com hum sacco de trigo na cabeça, se levantou hum vento taõ furioso, que a derrubou em terra, torcendo-lhe o pezo da carga o pescoço com tal violencia, que alli mesmo perdeo a vida. Levou hum Anjo a sua alma á parte, onde pudesse ver as penas, que se padecem no Inferno, e as que ella merecia padecer pelo desprezo do Santo. Dalli a levou aonde se manifestavaõ as glorias dos Bemaventurados, e as alegrias com que na Patria Celestial se celebrava o dia de Santo Antonio. O mesmo Santo Anjo lhe hia declarando os mysterios que via, e nisto se gastou o tempo, que bastou para que o cadaver se levasse a Torres-novas, que era o lugar mais visinho, e para que se houvesse feito todo o funeral Officio. Estando pois já para dar-se á sepultura, se levantou viva, e saã com admiraçaõ, e pasmo de todos. Disse em altas vozes o que sua alma separada do corpo havia visto; e como pelos rogos, e piedade de Santo Antonio, cuja festa se havia celebrado no Ceo, a havia Deos restituido á vida, para que arrependida de seus peccados fizesse penitencia, e fosse avizo, e escarmento a todos os homens, de como devem venerar aos Santos; porque o desprezo, que ella fez de Santo Antonio, havia sido causa da sua repentina morte.

Morre hum pedreiro dezastradamente por naõ guardar o seu dia.

94 Na Senhoria de Genova he festivo o dia de Santo Antonio por voto da Republica, e se celebra com grande solemnidade. Naõ bastou isto para que deixasse de trabalhar hum pedreiro, movido da sua cobiça, e ainda por desprezo. Desprezou tambem os avizos que lhe deraõ os amigos, que lhe estranharaõ a falta de temor de Deos, e de reverencia ao seu Servo. Pôsse pois a picar, e aos primeiros golpes lhe resaltou o picaõ á testa com tal violencia, que ficou repentinamente morto, com assombro dos companheiros, que o observaraõ, e haviaõ reprehendido.

Notem o que succedeo em Roma querendo-se picar hũa sua Estatua.

95 No primeiro anno do Pontificado de Bonifacio VIII., succedeo hum caso, que com evidencia mostra o quanto Deos zela as honras deste seu grande Servo Antonio. Reparou pois aquelle Pontifice em estarem entre as estatuas de pedra, que ha na celebre Basilica dos doze Apostolos, hũa de S. Francisco, e outra de Santo Antonio, as quaes tinha mandado pôr o Pontifice Nicoláo IV.; e lhe pareceo que naõ estava posto em razaõ, que dous Santos modernos estivessem ladeando com os primeiros Principes da Igreja. Antes de resolver-se a tirá-las, fez muitas consideraçoens, e juizo, que a de S. Francisco tinha titulo bastante para estar, por haver sido taõ pontual observador da vida dos Apostolos, e por Patriarcha de huma Familia taõ dilatada; porèm que Santo Antonio naõ devia occupar lugar taõ eminente, por naõ concorrerem nelle estas circunstancias. Chamou aos mais primorosos artifices para que a picassem sem fealdade, porque no vasio determinava pôr a S. Gregorio Magno. Formaraõ-se as estadas, e subindo os Officiaes com seus picoens a dar principio á obra; ao primeiro golpe, que se deo na capa da Estatua, sahio della hum taõ violento impulso, que os homens, e as estadas cahiraõ em terra com ruido estupendo. Era a cahida taõ alta, e com o pezo das madeiras taõ perigosa, que creraõ os que a observa-

observaraõ se houvessem feito em pedaços todos. Sahiraõ porêm de entre as ruinas sem lezaõ alguma, porèm muito assombrados do successo; porque reconheceraõ com evidencia a força do impulso, que os derrubou. Foraõ os Officiaes dar conta ao Pontifice do que se passava, o qual desistio do intento reverenciando a vontade de Deos, e mandou que se naõ borrasse o final do golpe, que o picaõ fez na capa do Santo, e que ficasse assim para perpetua memoria, e avizo dos vindouros. Requereraõ algumas pessoas ao mesmo Pontifice, prohibisse a devoçaõ que tinhaõ a Santo Antonio muitas pessoas, subindo em certos dias de joelhos pelas escadas do Convento de Ara Cœli, em obsequio do mesmo Santo, porque naõ se perdesse a devoçaõ da Escada Santa, que se venera com esta reverencia, e culto; e elle respondeo áquella instancia, dizendo: *A Fè dos Romanos sabe dar com distinçaõ a cada cousa sagrada o culto que lhe toca: para a Escada Santa tenho confirmadas muitas Indulgencias de meus Antecessores, e naõ quero pleitos com Santo Antonio, que tenho em S. Joaõ de Latraõ o avizo.*

96 Na formosa Villa de Santarem, deste Reyno de Portugal, vivia huma mulher entregue a cousas de devoçaõ, e trato interior com Deos, e com indiscreta curiosidade havia dado lugar ás illuzoens do demonio, que da mal governada simplicidade de sujeitos similhantes faz materia para os seus enganos, e solicita a perdiçaõ das almas. Accõmetteo a esta pobre mulher com suggestoens de desconfiança, e quando a vio rendida a huma profunda tristeza, lhe appareceo na fórma de Christo Crucificado, dizendo-lhe: Que só tinha para a sua salvaçaõ hum remedio, que era lançar-se nas correntes do Tejo, onde, dando fim ás miserias desta vida, se purificaria com esta curta penalidade para o eterno premio da outra. A mulher, anciosa da sua salvaçaõ, naõ previnindo que pudesse haver engano, e malicia debaixo daquella fórma, se resolveo a pôr em execuçaõ o conselho. Era devotissima de Santo Antonio, e passando por huma Igreja, que tinha Altar dedicado ao culto da sua Imagem, lhe pedio alento, e valor para executar acçaõ taõ difficultosa á natureza, como a de desprezar a vida, e tomar a morte da sua propria maõ. A afflicçaõ, que a consideraçaõ da sua tragedia enviava a seu coraçaõ, lhe occasionou profundo somno: estando pois dormindo, lhe appareceo o Santo, dizendo-lhe que tudo eraõ enganos do inimigo cõmum, e dando lhe muitos documentos saudaveis, lhe deo por ultimo hum escrito, para que posto ao pescoço lhe servisse de poderoso escudo contra os crueis insultos do demonio. Despertou a mulher, e se achou com o coraçaõ muito dilatado, e livre seu entendimento daquellas sombras, que antes lhe affogavaõ a luz da razaõ. Fez reflexo sobre o sonho, e vendo em si tanta mudança lançou a maõ ao pescoço, no qual achou pendente hum papel, em que estavaõ escritas estas palavras: *Ecce Crucem Domini, fugite partes adversæ, Vicit Leo de Tribu Juda. Alleluia. Alleluia.* Divulgado este caso, foy á noticia de ElRey D. Diniz, ou Dionysio, o qual mandou chamar a mulher, e depois de a examinar, e de reverenciar o papel, se ficou com elle como Reliquia de grande estimaçaõ. Brevemente reconheceo a triste mulher a falta do seu remedio, porque tornou no mesmo ponto o demonio a atormentá-la, tomando formas espantosas, e carregando-lhe a imaginaçaõ de fortes suggestoens, para que dezesperada se tirasse a si a vida. Noticioso ElRey desta perigosa recahida, mandou que do escrito se fizesse hum traslado, e se tocasse no original, para ver se por este meyo se socegava aquella tempestade; e succedeo bem o arbitrio, pois com elle a mulher achou o seu remedio, e ElRey guardou para si o original, do qual fez tanta estimaçaõ, que o metteo entre as preciosas Reliquias do relicario da sua Capella.

De como acudio a huma mulher, que se queria affogar.

97 Naõ he menos espantoso, nem menos admiravel o seguinte cazo, que tambem succedeo neste Reyno. Na Villa de Linhares vivia huma mulher

lher nobre, e rica, a que chamavaõ D. Lopa, taõ deixada das maõs de Deos, que teve muitos annos cõmercio carnal, e abominavel com o demonio. Aquella pois que, pela sua lascivia, se havia feito escrava de taõ tyranno senhor, vivia huma vida taõ perdida, que só tinha de Christaã o naõ ter arrenegado da Fé, e o ser devota de Santo Antonio. Accõmettida da ultima enfermidade, se deo logo por condenada, e tanto se julgou indigna da misericordia Divina, supposto o horrivel das suas abominaçoens, que naõ quiz fazer aquellas Christaãs diligencias, que praticaõ os Christaõs nos ultimos da vida, para alcançarem por meyo dos Sacramentos a Divina Misericordia; porque as forças das diabolicas suggestoens, tinhaõ rendido o seu juizo a que por nenhum meyo podia mover a piedade de Deos, quem tanto tempo havia estado confederada com o seu mayor inimigo, para lhe fazer aggravos. Advertiaõ-lhe os Medicos o seu ultimo perigo: os domesticos desconsolados de naõ a verem tratar da disposiçaõ da sua alma, a incitavaõ para que chamasse Confessor, com quem dezaffogasse a sua consciencia. Ella rendida a huma profunda tristeza, dando espantosos alaridos, dezesperada da sua salvaçaõ, naõ dava ouvidos ás instancias que se faziaõ para o seu remedio. Neste conflicto estava a sua affligida familia, quando chamaraõ á porta dous Religiosos Franciscanos de aspectos veneraveis: Informaraõ-nos os domesticos do infortunio da enferma, e da sua obstinaçaõ, elles se chegaraõ á cama, e a persuadiraõ, com mais que humana eloquencia, a que estava capaz de remedio, porque infinitamente mayor era em Deos a misericordia, que eraõ poderosas as suas culpas para a perder. Disseraõ-lhe taes palavras com huma doçura taõ persuasiva, que reverdeceo no seu coraçaõ a esperança, que havia perdido pela dezesperaçaõ: Chamou ao Parocho, e com muitas lagrimas fez confissaõ das suas culpas. As evidentes demonstraçoens da sua dor fizeraõ crer aos circunstantes, que era a sua mudança obra da poderosa Maõ do Altissimo. Naõ deixaraõ da maõ os Conselheiros negocio, que tinha taõ felices principios, até lhe darem o fim ditoso que promettiaõ. Depois de repetidas reconciliaçoens, feitas com muitos sinaes de perfeita contriçaõ, pedio perdaõ dos máos exemplos da sua escandalosa vida, e com humildade passou a raya da sua obrigaçaõ, fazendo notorias as suas abominaçoens occultas, para obrigar a todos, de compassivos, que lhe alcançassem de Deos com suas oraçoens a verdadeira dor, e disposiçaõ, que havia mister para o seu remedio. Recebeo o Viatico com grande devoçaõ, e ternura, e pedio o ultimo Sacramento da Santa-Unçaõ com todo o seu juizo, e acordo. Naõ se apartaraõ os Religiosos hum ponto da sua cabeceira, ajudando-a, e confortando-a na confiança da Divina misericordia, até que com muita paz, e quietaçaõ, entregou o espirito. Grande foy a consolaçaõ dos domesticos, vendo que havia tido taõ ditosa morte, a que poucos dias antes tinha dado taõ funestos presagios da sua condenaçaõ.

De como converteo a huma dezesperada, com circunstancias dignas de toda a attẽçaõ.

98 Mayor foy a sua alegria, e admiraçaõ, quando, querendo dar as graças aos Religiosos, a cujos conselhos, e assistencia devia aquella dita, naõ achou noticia de quem eraõ, nem de que fossem vistos naquellas partes em aquelle, ou em outro algum tempo; de que veyo a inferir a enferma, e os que lhe assistiaõ, que seriaõ S. Francisco, e Santo Antonio, cujos nomes tinha a mesma enferma frequentemente na boca, pedindo a sua assistencia, e auxilio. Conserva-se o sepulchro desta mulher na Cidade da Guarda, onde foy levado seu corpo como a enterro proprio da sua ascendencia, e dizem está em huma Capella a pintura de todo este successo.

99 Pouco depois do enterro desta mulher, estando passeando em hum campo certo Cavalheiro, ouvio humas vozes muito lastimosas, que diziaõ: *Ay de mim, que infeliz há sido o meu desvelo, e o meu serviço, pois hey perdido em poucas horas o trabalho de onze annos, que hei estado servindo como* hum

Continúa a narraçaõ do cazo.

hum escravo! Ouvio o homem estas funestas vozes muito perto de si, e naõ podendo descobrir o author dellas, entrou no cuidado do que poderia ser. Repetiraõ-se as vozes, esforçou se o homem, fez o signal da Cruz, e esconjurou da parte de Deos a quem dava as vozes, para que lhe descobrisse o mysterio: *Eu sou o demonio*, [disse a voz] *que servi de escravo a D. Lopa, que está enterrada na Guarda, onze annos de incubo, e depois de tantas immundicias á nobreza da minha natureza abominaveis, com esperanças certas de ganhar sua alma, ma tiraraõ das maõs os Capelludos Minoritas, a quem ella tinha particular devoçaõ! Vè se he justa a causa do meu pranto, porque se havia de salvar huma mulher taõ monstruosamente má! Ella me enganou, e os Capelludos ma desenganaraõ. Porèm eu me despicarei deste aggravo com a perdiçaõ de outros: e porque naõ tenhas por illuzaõ o que estás ouvindo, te dou por final, que depois que estás no campo hà succedido na Cidade, que hum ferreiro hà morto a sua mulher com suggestoens minhas, a qual está no meu poder, porque morreo em peccado mortal; o marido está já prezo, e o enforcaráõ pelo delicto; e eu farei quanto puder para que me naõ escape, que naõ se ajuda mal para parar no inferno, esta novidade acharás no lugar, e este será o final de que te hei contado a verdade, que me manda Deos que ta diga, para gloria sua, e honra dos Capelludos meus inimigos.* Confuzo, e medrozo entrou o homem na Cidade, e ouvio o rumor da morte da mulher do ferreiro, e a prizaõ deste com todos os finaes, que lhe deo.

100 Na Cidade de Bononia padecia gravissimos tormentos pela tyrannia dos demonios huma Francisca Conti. Costumava ter lucidos intervallos nos furiosos accidentes que padecia, industria do demonio, para que se cuidasse era seu achaque natural loucura, e naõ se acudisse ao sagrado remedio dos Exorcismos. Nestes lucidos intervallos chamava com fervorosa fé em sua ajuda ao glorioso Santo Antonio, de quem era cordial devota; ouvio o Santo os seus repetidos clamores, e lhe appareceo huma noite banhado em celestial refulgencia, e lhe disse: *Tem confiança, e espera da misericordia do Altissimo, e da intercessaõ de sua Purissima Mãy, que has de ficar livre da tyrannia dos malignos espiritos, que te atormentaõ, e eu obrigado da tua fè venho em seu nome a dar-te liberdade, e saude.* Pareceo á enferma, que o Santo prendendo-a pelos braços, lhe havia feito voltar o rosto a huma Imagem de Maria Santissima com seu Filho Jesus nos braços, que tinha posta na cabeceira da cama, e que o Santo rogava á Mãy de misericordia se doesse daquella sua devota. Neste mesmo ponto lançou a enferma pela boca diversidade de ascorosos animaes em grande multidaõ, e ultimamente quatro serpentes de abominavel fealdade, e de muita grandeza. Cheya de pavor, e espanto, começou a levantar a vóz, dizendo: *O' bendito Santo Antonio, agora conheço por experiencia, o maravilhoso poder de tua intercessaõ.* A estas vozes se levantou o marido, que dormia em outro quarto, e a mais familia, e todos perguntaraõ a causa desta novidade. A mulher disse entaõ como havia estado com ella Santo Antonio, e a havia deixado livre da tyrannia dos demonios, que estava ja inteiramente saã, e contou todo o successo, que comprovou a experiencia do seu dito; porque jámais sentio os passados accidentes, e em acçaõ de graças marido, e mulher foraõ descalços visitar o simulacro do Santo seu Protector.

Livra do demonio a huma mulher por modo digno de notar-se.

101 Achava-se certo Cavalheiro de Veneza na Cidade de Padua com negocios de pendor, e naõ sem receyos de algum grave perigo da sua vida. Sonhou huma noite, que hum dos seus inimigos lhe havia atirado com hum arcabuz, e que pela intercessaõ de Santo Antonio havia escapado com vida do perigo; despertou assustado, e ainda que discorreo que a funesta imagem daquelle sonho era occasionada do seu continuo temor, todavia lhe pareceo que podia ser avizo para avivar a sua devoçaõ ao Santo, e encõmendar-lhe a segurança. Foy-se pela manhaã visitar o seu sepulchro, e

Livra a hum homem de ser morto violentamente.

mandou se lhe dissesse huma Missa, a que assistio devoto, e fervoroso Acabada esta funçaõ, ao passar pela Praça do Palacio Episcopal, lhe atiraraõ a queima roupa com huma caravina com tres bálas, que abrazando, e passando os vestidos todos, ficaraõ as bálas na camiza, queimando as partes onde deraõ, sem a minima offensa da carne. O Bispo, que foy huma das testimunhas desta maravilha, quiz que a camiza ficasse para memoria pendurada na Igreja, e o homem ficou devotissimo do Santo, que o prevenio com o avizo do sonho.

102 Estando em Genova huma donzella lançando ao sol em hum terrado de muita altura, huns pannos, ou porque faltou a madeira, em que firmava, ou porque incautamente se lhe foraõ os pés, hia a cahir precipitada daquella altura; quando hia cahindo pelo ar foy vista de sua mãy, que invocando o auxilio do Santo, ficou pendente no ar, pendurada pelas pontas dos pés, e colhidas com as mesmas pontas as sayas com toda a decencia. Clamava a mãy invocando Santo Antonio, e chamando gente, que a soccorresse; esteve assim pendente todo o tempo, que foy necessario para que chegasse quem a tirasse daquelle perigo. A donzella sahio delle taõ sem susto, como se naõ tivera tido perigo, dizendo: Que o Santo (assim chamaõ absolutamente, e por antonomasia a Santo Antonio em Italia] a havia tido em seus braços todo o tempo, que parecia estar pendente no ar, e que o conheceo em todas as feiçoens do rosto, e em o ramo de açucenas na maõ, como estava na Igreja de S. Francisco.

Livra a huma mulher de precipitar-se.

103 Tinha hum Clerigo devoto de Santo Antonio offendido a certos homens. Sabendo estes que elle hia a huma jornada, se emboscaraõ para lhe tirarem a vida. Fez-se encontradiço com elles Santo Antonio, e travou conversaçaõ: porèm elles naõ a queriaõ, porque aventuravaõ os seus designios; disseraõ-lhe que passasse adiante, mas o Santo porfiava em que naõ havia de deixar as suas companhias, porque o seu trato, e conversaçaõ podia ser de utilidade para as suas almas. Offenderaõ se de taõ importuna porfia, e vendo que naõ queria deixá-los sós, se quizeraõ valer de más palavras, e peyores obras para obrigá lo a que se fosse: naõ permittio o Santo que a sua dezattençaõ chegasse a perder-lhe de todo o respeito, pois se lhe descobrio, dizendo: *Eu sou Fr. Antonio de Padua, que hey vindo a defender a vida do Clerigo, a quem tendes intençaõ de matar, porque he meu devoto; perdoai-lhe se vos há feito algum aggravo pelo amor de Deos, e vede naõ me enojeis, que sou bom para amigo*, e dito isto dezappareceo. Ficaraõ os homens confusos, e admirados, e determinaraõ esperar o Clerigo, naõ para o matarem, senaõ para lhe pedirem perdaõ da sua temeraria resoluçaõ, e vingança.

De como evitou a morte de hum Sacerdote.

104 Viviaõ na Villa de Serpa huns casados com grande desuniaõ, nascida de amancebamento do marido, o qual naõ contente com a injuria, que nisto fazia a sua mulher, lhe faltava com o necessario, e lhe punha as maõs com tyrannia. A miseravel mulher, abrazada de zelos, e aborrecida das impiedades, e semrazoens de seu marido, com suggestoens do demonio, determinou o tirar a si propria a vida com hum laço para pôr fim ás suas miserias com esta ultima calamidade. Huma noite, que considerou a seu marido com a amiga, prevenio o laço, e estando para executar a sua barbara determinaçaõ, chamaraõ com rijos golpes á porta da sua casa. Suspendeo a obra, e baixando á porta, achou dous Religiosos da Ordem Serafica, que pelo amor de Deos pediaõ os hospedasse aquella noite. Compadecida da sua necessidade os admittio, e lhes pôs a mesa com grande regálo. Sentados já á mesa, lhes perguntou de que parte vinhaõ, e como se chamavaõ. Responderaõ que vinhaõ de Regioens estranhas, e que se chamavaõ Fr. Francisco, e Fr. Antonio: *Oh Padres*, (disse a afflidissima mulher) *com quanto gosto vos servirey! Porque quero de todo o meu coraçaõ a S. Francisco,*

Livra a huma mulher de se enforcar, com circunstãcias dignas de nota.

cisco, e a Santo Antonio, que vos daõ os nomes, assim soubera eu merecer-lhe que se doessem dos meus trabalhos. Pois senhora, [lhe disseraõ] *referi os vossos trabalhos, para que em o possivel attendamos a vossa consolaçaõ. Padres*, [disse] *tenho hum marido infiel, e tyranno, que faltando a todas as obrigaçoẽs de sua casa, vive amancebado, e me trata como se fora huma vilissima escrava; he tanta a minha desconsolaçaõ. que aborreço a vida, e se agora naõ tivesseis chegado às minhas portas, já ma houvera com este laço tirado.* Affearaõ-lhe os Religiosos o seu horrivel delicto, dando-lhe a conhecer fora suggestaõ do demonio, para que depois de haver tido no mundo huma vida miseravel, e trabalhosa, padecesse no inferno penas eternas; que tivesse paciencia, pois com ella faria preciosos os seus trabalhos, e pedisse a Deos perdaõ do seu abominavel intento: compungio-se a bõa mulher, e abrindo os olhos à luz da verdade, propôs confessar o seu peccado, vertendo muitas lagrimas de arrependimento. Quando pareceo á mulher hora de recolher aos Religiosos, lhes ensinou o quarto em que lhes ordenára limpas camas. Naquella mesma noite os dous Religiosos, ou aliàs os dous Santos, Francisco, e Antonio, appareceraõ ao marido, que estava em casa da concubina, manifestaraõ-lhe quem eraõ, e lhe deraõ huma severissima reprehensaõ, ameaçaraõ no de que se naõ punha prompta emenda na vida, sentiria as iras de Deos. Disseraõ-lhe que haviaõ vindo a livrar a sua mulher do perigo em que a tinha posto o seu desprezo, e que indo a casa acharia em tal quarto o laço com que queria matar-se. Dito isto, dezappareceraõ ambos, e o homem assombrado deixou a occasiaõ da culpa, indo para casa, onde contou a sua mulher o que se passara. Ella attonita com a relaçaõ de seu marido, foy procurar aos Religiosos, que naõ achou, por terem sahido deixando as portas fechadas, e as camas da mesma sorte que as deixara. A' vista destes prodigios reconheceraõ ambos as suas culpas, confessaraõ-nas, e viveraõ dalli em diante com grande concordia, e exemplar procedimento.

Livra a hum homem de matar se com hũa dezesperaçaõ.

105 Hum homem Romano, de sangue nobre, e de vîs procedimentos, em torpezas, delicias, e profanidades gastou muitas riquezas que tinha, pondo-se no estado da ultima miseria. Padecia fome intolleravel, porque naõ achava o pedir digno de hum homem nobre: e como naõ tinha modo, nem industria para adquirir com que se sustentasse, vacillando entre melancolicos pensamentos, que lhe traziaõ á memoria as abundancias, e propriedades passadas, e as penurias, e miserias presentes, sahio ao campo, taõ dezesperado, que invocou aos demonios com obstinada temeridade. Os demonios, que, com permissaõ de Deos, naõ saõ pirguiçosos para fazerem mal, acudiraõ apressados à perdiçaõ deste miseravel; fez-se-lhe hum demonio encontradiço, em figura de hum velho bem trastejado, e lhe disse: *Homem, que fazes aqui nesta soledade taõ pensativo*? Respondeo o dezesperado: *Que buscava meyos de acabar com a sua miseravel vida, porque a sua extrema necessidade o havia posto em termos de aborrecer a vida. Se o teu mal he só esse, naõ te agastes*, [disse o demonio] *que acazo te estará bem este cazual encontro. Queres seguir-me*: *Sim senhor*, (disse o miseravel] *e serviria ao demonio, porque me tirasse de tanta miseria. Eu te creyo*, [replicou o demonio) *e como tu me sirvas fielmente, naõ ficarás enganado.* Tirou de hum alforge abundantes manjares para que saciasse a fome, e mandando-o depois pôr nas ancas de huma mula o levou comsigo, dizendo tinha casas em huma aldéa visinha. Pareceo ao miseravel homem, que sempre havia caminhado por terra chaã, e achando-se de repente em o cume de huma ingreme montanha, e taõ estreito, que lhe parecia impossivel o dar passo sem dar em hum formidavel precipicio: ficou assustadissimo, e muito mais quando o velho se lhe descobrio em quem era, dizendo o como havia acudido promptamente á sua invocaçaõ; e que veria o bom amo que havia elegido para seu remedio; pois naõ lhe faltaria eternamente. Assim que vio o triste homem

mem que levava o demonio na ſua companhia, chamou pelo nome de Jeſus, pedio-lhe miſericordia, e pedio a Santo Antonio que o protegeſſe. Appareceo logo o Santo, que deſterrando com as ſuas luzes ao principe das trevas, lhe tirou a preza das maõs, reprehendeo ao dezeſperado homem, deo-lhe ſaons conſelhos, para que tolleraſſe a ſua pobreza, e ſe ſuſtentaſſe á cuſta do ſeu trabalho, e que cuidaſſe da ſalvaçaõ da alma; em fim tirou-o da perigoſa montanha, e pondo-o em terra chaã o deixou ſeguro, compungido, e eſcarmentado.

Livra a hum homem ſentenciado á morte, pedindo elle proprio a hum Vice-Rey por elle.

106 Culparaõ na Cidade de Napoles a hum homem nobre na violenta morte de hum Cidadaõ; e ſem embargo de eſtar innocente, foy ſentenciado á morte. Vendo-ſe pois já no Oratorio, appellou da ſentença do Vice-Rey, para o piedoſo tribunal de Santo Antonio. Na noite antecedente ao dia determinado para o ſupplicio, entrou hum Frade Menor de idade ao parecer de 34. annos, onde eſtava o Vice-Rey com negocios de importancia, ao qual diſſe: *Senhor, por ſer a cauſa, que aqui me traz importantiſſima, peço a V. Excellencia ſe ſirva de paſſar os olhos por eſte memorial, e mandar ſe ſuſpenda o ſupplicio, que ſe havia de executar á manhaã, porque eſtá certamente innocente, e livre N. do delicto, que ſe lhe imputa. Naõ permitta V. Excellencia, que a innocencia padeça &c.* O Vice-Rey, eſtranhando que contra huma ordem, que tinha dado, deixaſſem entrar aquelle Frade, diſſe: *Eu cuidarey niſſo, porèm diga-me V. Paternidade o ſeu nome: Eu me chamo Fr. Antonio de Padua,* (reſpondeo) *e encarrego muito a V. Excellencia dè ordem, de que ſe ſuſpenda o ſupplicio, porque lhe pedirá Deos eſtreita conta deſta cauſa, ſe naõ fizer juſtiça. Vá-ſe o Padre,* (lhe diſſe tomando todos os ſinaes do roſto) *que eu verey iſſo.* Sahio do quarto o Frade, e tambem o Vice-Rey enfadado contra os guardas, e criados por lho deixarem entrar contra a ſua ordem, e reſpondendo todos, que tal Frade naõ viraõ, nem entrara, ficou ſuſpenſo. Toda a noite paſſou em conſideraçoẽs de quem fora o Frade, e de como entrara, e do que havia de obrar. Logo que ſe levantou no outro dia, mandou que tiraſſem o prezo do Oratorio, e que o metteſſem em hum ſeguro calabouço, e foy de caminho ao Convento de S. Franciſco, procurar o Frade do memorial, chamou ao Guardiaõ, e lhe diſſe trouxeſſe á ſua preſença a Fr. Antonio de Padua, que tinha com elle negocio de importancia, *Senhor,* [reſpondeo] *olhe V. Excellencia naõ ſe engane com o nome, porque neſte Convento naõ há Religioſo deſſe nome.* (Tornou o Vice-Rey] *Pois eſta letra, e eſta firma do memorial de quem he? Senhor* [reſpondeo o Guardiaõ] *tampouco conheço a letra; o que poſſo fazer por ſervir a V. Excellencia, he por-lhe na ſua preſença a todos os Religioſos, para ver ſe he algum delles, e ſe o conhece pelos ſinaes.* Eſta altercaçaõ era toda na Igreja, e levando ao Vice-Rey ao interior do Clauſtro para convocar aos Frades na ſala Capitular, ao paſſar pela Capella de Santo Antonio, cuja Eſtatua de talha he primoroſa, diſſe o Guardiaõ: *Senhor neſta Caſa naõ há mais Fr. Antonio de Padua, que eſte.* Vio-o com attençaõ o Vice-Rey, perdeo a cor do roſto, e turbado diſſe: *Padre Guardiaõ naõ paſſemos adiante, que eſte he o que me fallou, e a quem venho agora buſcar. Agora falta ajuſtar o que me pede no ſeu memorial, que ſendo ſeu ſerá juſtiſſimo*: e referio todo o cazo. Procedeo a novas diligencias, e deſcoberto por vehementes indicios ao aggreſſor da morte, o fez mais certo com a fugida, e a eſte paſſo a fizeraõ tambem as teſtimunhas falſas, que haviaõ depoſto contra o innocente, com que ajuſtada, e ſuſtanciada a cauſa, ſe deſcobrio a verdade com gloria do Santo.

107 Sendo Vice-Rey em Napoles o Duque de Alcalá, foy comprehendido em hum crime capital hum certo ſoldado, que com effeito ſentenciaraõ á morte. Era homem pobre, e por iſſo dezamparado de quem por elle rogaſſe, e moſtraſſe a ſua innocencia. Sua mulher, que era honrada, e

virtuosa, sabia muito bem a innocencia de seu marido, e esta razaõ fazia com que duplicasse os motivos de sentimento. Considerando pois a sua pobreza, e o seu dezamparo, e vendo-se assim destituida de todo o humano soccorro, appellou para o Divino, fazendo agente da sua causa a Santo Antonio. Fez ao mesmo Santo hum memorial, o qual metteo com viva fé debaixo da toalha de hum Altar, em que se venerava a Santo Antonio. Estava já firmada do Vice-Rey a sentença, e o marido para sahir ao supplicio no Oratorio. Naquella noite appareceo ao Vice-Rey o Santo como em sonho, e assegurando-o da innocencia, lhe rogou que admittisse aquelle memorial, e o desse livre, rubricando pela sua maõ a liberdade do tal innocente. O Vice-Rey o fez, mandando ao pé do memorial naõ se executasse o supplicio até nova ordem. Dezappareceo o Santo, e o Vice-Rey ficou em socegado somno o resto da noite. A affligidissima mulher foy logo pela manhaã procurar o memorial com a resposta, e com a fé de que o acharia bem despachado. Achou-o com effeito despachado, levou-o ao Juiz da causa para que suspendesse a execuçaõ da sentença. Estranhou o Juiz a novidade, e receoso de algum malicioso engano, foy ao Palacio, aonde aprezentou o dito memorial ao Vice-Rey, pedindo-lhe juntamente lhe dissesse se aquella letra, e rubrica era sua, do que duvidava por ser huma causa sustanciada, e sentenciada com as solemnidades de Direito. Reparou o Vice-Rey no memorial, e firma, e fazendo reflexaõ no que havia passado aquella noite, reconheceo a firma, e conheceo naõ haver estado dormindo senaõ velando, nem haver sido illuzaõ da sua fantasia, senaõ verdade certa a appariçaõ do Santo. Perguntou quem havia dado o memorial, e sabendo ser a mulher do condenado, a mandou chamar, e logo lhe ordenou dissesse o que havia naquelle cazo. A mulher lhe disse o como se valera de Santo Antonio &c. á vista do que fez juizo certo de que Santo Antonio lhe havia tirado a firma, e o decreto, e deo por livre a quem tinha hum Advogado de tanto abono. Mandou com tudo o Juiz proceder a novas diligencias, nas quaes se averiguou ser outro o delinquente.

Livra a hum innocente da morte violenta que se lhe queria dar, por modo digno de attençaõ.

108 Maravilhoso, e horroroso he este cazo. Havia em Ebuli hum mercador, chamado Joaõ de Morone, o qual se fez senhor de muitos cabedaes com avara ambiçaõ, e mil onzenas, dolos, e conluyos. Tinha hum agente, por via de quem corriaõ muitas fazendas, que lhe entregava, e tendo muito cuidado em cobrar recibo dellas, nunca cuidou em dá-lo da entrega do producto das fazendas. Vivia o agente em bõa fé, entendendo, que no livro do recibo, e despeza carregava tudo. Morreo este rico com morte arrebatada, e os filhos vendo no livro muitos assentos da entrega, e nenhuns do recibo o obrigaraõ por tudo, e por tudo foy condenado pelos Juizes. Eraõ mais os alcanços do que tinha de bens o homem, e ficou pobre, e sem credito. Vendo-se assim, recorreo a Santo Antonio para que descobrisse a verdade, o qual lhe dilatou o favor, para que fosse mayor, e mais prodigioso o beneficio. Cahio o pobre homem em huma profunda melancolia, e esta lhe accarretou huma desesparaçaõ taõ cruel como de querer-se matar. Com esta temeraria resoluçaõ se sahio a hum campo com animo de se lançar a hum rio; fez-se-lhe no caminho encontradiço hum Religioso Menor, que travando conversaçaõ com elle, lhe perguntou pelo pezar que tinha, visto no semblante publicar magoa encoberta. O homem lhe referio a sua desdita, e se lhe queixou de que Santo Antonio o naõ quizesse ouvir; consolou-o o Religioso, animou-o a que naõ perdesse a fé, nem desse lugar com a sua melancolia a conselhos precipitados. Foraõ caminhando nestas, e em outras conversaçoens até as fraldas do Monte Bezubio, aonde encontraraõ hum negro de formidavel fealdade ao qual disse o Religioso: *Vay buscar depressa o mercador de Ebuli Joaõ de Morone, e traze-o que he necessario para escrever.* No mesmo tempo, e ponto se abrio huma boca no Bezubio,

Faz vir do inferno hum avarêto a dar quitaçaõ de huns dinheiros &c.

zubio, e por ella entrou, e sahio o negro em brevissimo tempo, trazendo em sua companhia envolto em nuvens de espesso fumo ao desaventurado avarento. O pobre homem cahio esmorecido á vista de taõ horroroso espectaculo, e o Religioso o animou, dizendo: *Naõ temas, que agora verás a fineza com que Santo Antonio obra com os seus confidentes, ainda que a fraqueza da tua Fè tinha bem desmerecido os seus favores.* Virado para Joaõ de Morone disse: *Infeliz avarento, que te perdestes para toda huma eternidade pela tua cobiça, e puzestes a este miseravel em perigo de que se perdesse: Declara nesse papel, em como este homem naõ deve nada á tua fazenda, que te inteirou das partidas do dinheiro, que lhe entregastes nas mercancias compradas, que recebestes.* Assim o fez, e acabando de escrever, se abrio outra vez a boca do Bezubio, e ficaraõ o negro, e mercador sepultados em as suas funestas sombras: o Religioso dezappareceo, e lhe deixou na maõ o papel com as quitaçoens claras, como as podia dezejar.

Continua o cazo.

109 Assim confuzo, e admirado do que por elle havia passado, se recolheo a casa, onde se pôs a duvidar do modo com que se havia de haver naquelle cazo, e porque o naõ tivessem por illuzo aprezentou o papel, dizendo: Que depois de muitas diligencias achara aquella quitaçaõ que aprezentava, para a justificaçaõ da sua causa, e para que constasse da sua segurança, e confidencia. Vio-se o papel em Juizo, e escrito todo da letra do defunto, e rubricado pela sua maõ, em que constava partida por partida da satisfaçaõ que lhe havia dado o seu agente, ou feitor. Revogou-se a sentença, e restituiraõ-se-lhe os bens. O homem vivia escrupuloso com interiores instancias de manifestar, em honra, e gloria de Deos, e de seu Santo, este estupendo milagre; porèm o detinha o temor de que naõ o cressem, e o respeito daquelle máo homem, que havia visto condenado. Batalhando nestas duvidas, lhe sobrevieraõ graves accidentes com horriveis dores, as quaes tinhaõ socego, logo que propunha manifestar o cazo, e logo que se refreava no proposito lhe repetiaõ as dores com mais força, até que o seu proprio escarmento venceo o seu temor, pois chamando ao Guardiaõ de Ebuli depôs diante delle, e de muita mais gente com juramento toda a serie deste successo temeroso, e admiravel.

Faz com que saya hum perfeito menino de huma massa, ou de hum monstro informe.

110 No anno de 1617 succedeo na Cidade de Bononia este prodigio. Huma mulher devota de Santo Antonio era tida por esteril, por naõ ter filhos no decurso de vinte annos que era cazada. Dezejava muito a fecundidade pela paz da casa, e quietaçaõ do marido, que a titulo da sua esterilidade vivia escandalozamente. Com esta desconsolaçaõ havia a tal mulher recorrido muitas vezes ás aras da misericordia Divina com o sacrificio de suas lagrimas, mettendo por advogado na sua petiçaõ a Santo Antonio; porèm o Santo na dilaçaõ do cumprimento de seus dezejos lhe deo copiosa materia para o merito, e perfeiçaõ da sua esperança. Fallando com hum Religioso muito espiritual da Ordem Serafica, e referindo as dezordens de seu marido, os seus desvios, e desprezos, se lamentava muito da sua triste fortuna; porque, se Deos lhe desse successaõ, se persuadia a que seu esposo deixaria as suas diversoens, cuidaria da sua familia, e escuzaria os seus escandalos. O Religioso a alentou muito, fortificando-a com a Fé, que tinha na intercessaõ de Santo Antonio, e a aconselhou para que lhe fizesse huma Novena, e procurasse persuadir a seu marido a que se confessasse bem, deixando a occasiaõ do seu escandalo; e esperava do Senhor, que, pela intercessaõ de seu Servo Santo Antonio, lhe havia de dar legitima successaõ, em que se conservasse a sua memoria, e morgado da sua grande casa. O homem tocado de Divino impulso, e cançado da sua lascivia, e obstinaçaõ, abraçou este partido com esperanças do bom successo. Confessou-se, deo esmólas, e fez ao Santo huma devota Novena solicitando o seu poderoso patrocinio.

111 Con-

111 Concebeo sua mulher, e confirmaraõ-se ambos na bõa fé, e firme esperança que tinhaõ de ver logrados seus dezejos com a felicidade do parto, no que Deos quiz manifestar a grandeza do seu poder para credito do seu Santo, dispondo que o parto a seu tempo natural fosse apertadissimo, e com taõ infeliz effeito, que pario a mulher huma massa de carne informe, sem vital movimento, nem algum final de organizaçaõ. O afflicto aperto da parida naõ lhe deo lugar a que logo conhecesse o máo successo do seu conflicto; mas antes a comadre, e as mulheres da sua assistencia occultaraõ aquella nascida monstruozidade, e a sepultaraõ no esterco. Quando a mulher tomou alento das suas passadas dores, pedio com instancia lhe dessem a ver o fructo das suas entranhas. Tomavaõ-se varios pretextos para divertir os seus dezejos; porêm as suas ancias eraõ taes, que para que naõ perigasse mais com ellas a dezenganaraõ, procurando consolá la. O marido estava neste tempo furioso, e dezesperado, julgando com cega temeridade, que o nascido monstro fosse castigo de infiel incontinencia em sua mulher, e batalhava com sanguinolentas imaginaçoens de vingança. A triste mulher, vendo a sua desdita, e o seu perigo, disse: *Tragaõ-me o que hey parido, que eu naõ posso crer do meu Santo, que assim quizesse zombar de mim, da minha fé, e das minhas esperanças. A' sua intercessaõ devi o haver concebido, e me há de acabar o beneficio, tirando-me este opprobrio.* Trouxeraõ á sua presença a informe massa de carne quasi corrompida, e dando gritos, e vertendo excessivas lagrimas se queixava de Santo Antonio; porèm firmando-se mais na fé, e esperança de que desfaria o seu aggravo, mandou que envolvessem aquelle pedaço de carne em pannos limpos, e o puzessem sobre o Altar de Santo Antonio, em quanto ella repetia as suas clamorosas supplicas, e até conseguir o seu favor, ou perder a sua desgraçada vida. Pôs-se sobre o Altar o monstro, sendo huma das pessoas que concorreraõ a este espectaculo seu marido, senaõ com a esperança do prodigio, com os receyos de algum engano. Fizeraõ-se fervorosas oraçoens, e estando nellas viraõ que se movia, e ouviraõ que chorava o vulto, que inanimado, e informe se pôs sobre as aras, acudiraõ assombrados, e dezatando as envolturas acharaõ hum menino perfeito, e bellissimo, em toda a harmoniosa disposiçaõ das suas partes. Cheyos de hum veneravel horror o levaraõ á affligida mãy, que certamente esperava o favor de seu Santo Patraõ: o marido confuzo pedio perdaõ dos seus temerarios juizos, e ratificando-se nos propositos da bõa vida, a fez com sua mulher, e ambos unidos em casto vinculo de amor, viviaõ com terna, e cordial devoçaõ a Santo Antonio, a quem deviaõ a sua felicidade.

Continua a narraçaõ do prodigio digno de notar-se.

112 Na Cidade de Napoles ficou viuva huma mulher com huma filha muito formosa, e muito pobre. Eraõ pessoas nobilissimas, e as faltas de meyos naõ davaõ lugar a que se portassem com a decencia, que pediaõ as suas qualidades. A mãy opprimida dos apertos da pobreza, e vaã com as presumpçoens do seu sangue, fez rosto á deshonra, por naõ ver a formidavel cara da necessidade, determinando livrar-se da penuria, valendo-se do thesouro que tinha na belleza de sua filha. Tirada hum dia a mascara, lhe fallou nesta substancia: *Menina, naõ ha deshonra hoje taõ grande no mundo como a pobreza, pois como sombras inseparaveis suas a seguem sempre, e dezestimaçaõ, o ultraje, e o desprezo; de que nos serve o bom sangue, envelhecido na nossa necessidade, e sepultado no descuido de todos. Nas malicias deste seculo naõ te valerá o sagrado de ser pobre, sendo formosa, para que te tenhaõ por honesta, porque taõ difficultosamente se crem as virtudes alheyas, como se remedeaõ as necessidades. Filha, nósoutrás perecemos, e só a tua formosura póde remir esta vexaçaõ: muito póde a arte, e a cautéla, para que naõ perigue a honra; e se perigar, perigue, que eu naõ tenho alento para sustentá-la á custa de tantos trabalhos, e miserias. Dos mancebos mais nobres, e ricos da Cidade te galanteaõ*

Extraordinario modo com que procurou o dote para huma donzella, que estava a perigo de ser má.

tea͂o alguns, põem os olhos em o que for mais de teu gosto, e fazendo-o com a tua eleiça͂o ditoso, remediarás a nossa extrema necessidade. Ficou a donzella cheya de horrorosa confusa͂o com esta dezalmada proposta. Na͂o deo mais resposta que a acceza cor, que arrojou nas faces a sua virginal vergonha, e com os olhos arrazados em lagrimas se retirou a parte occulta, onde pudesse chorar livre a sua desdita. Era esta donzella devotissima de Santo Antonio, e affligida agora do seu perigo, e amante da sua honestidade, recorreo ás suas aras como a seguro asylo dos seus justos temores. Entrou huma tarde no Convento de S. Lourenço, onde está hum milagroso simulachro de Santo Antonio, e posta de joelhos banhada em lagrimas, lhe disse: *Santo meu, tu has de ser a quem deva o cumprimento dos meus Christa͂os dezejos: estes sa͂o de na͂o faltar á castidade com offensa de Deos, e detrimento de minha honra, o meu perigo nasce da minha extrema necessidade, e da temeraria resoluça͂o de minha mãy, e eu em ta͂o notorio aperto na͂o tenho mais poderoso asylo, que o da tua protecça͂o, e amparo. Tu, Santo meu, has de ser o protector, e guarda da minha honestidade.* Apenas disse estas palavras, quando alargou o Santo o braço com hum escrito na ma͂o, e lhe disse: *Toma esse escrito, e vay com elle a fulano, mercador rico desta Cidade, e dize-lhe em meu nome, que te dè para tomar estado o pezo de moedas de prata que pezar esse escrito.* Dizem alguns Authores, que estava͂o no escrito estas palavras: *Darás á mulher, que te entregar este papel, o seu pezo de moedas de prata para o seu dote.* Valc. *Fr. Antonio de Padua.* Outros dizem, que era hum quartinho de papel ordinario todo em branco.

113 A donzella vencida com a confiança do assombro, tomou reverente o escrito, e se foy ao mercador a quem deo o recado de Santo Antonio. O mercador entre confuzo, e rizonho se suspendeo por hum pouco; porèm olhando-lhe para a cara, e fazendo juizo de que era alguma mulher pouco honesta, entre alguns chistes que lhe disse foy: *O que há de cazar contigo he bom de contentar, pois se dá por pago de ta͂o curto dote, ou de balde te quer bem: porèm o que me toca em reverencia de Santo Antonio, em cujo nome pedes, he fazer o que me manda. Põem o papel nessa balança, que eu porey o pezo de prata na outra.* Pôs, como por rizo, a menor das moedas, e a balança do papel começou a cahir, e a subir a contraria em tal grão, que para vencê-la, e pô-lo em fiel com a outra fora͂o necessarios quatrocentos escudos de prata. Este prodigio trouxe ao homem á memoria a promessa, que tinha feito a Santo Antonio de huma alampada de prata deste mesmo pezo, e vendo que o Santo o executava pela divida, elegendo o modo da paga, se deo por executado, ainda que corrido de na͂o haver cumprido por omissa͂o a sua promessa; e sujeitando-se á cõmutaça͂o que fazia, melhorando esta esmóla em obra ta͂o piedosa, entregou todo o dinheiro, com o qual a donzella sahio do seu perigo, remediou a necessidade da sua casa, e tomou estado com decencia.

Cõtinua a narraça͂o deste raro milagre.

114 Na Cidade de Roma galanteava a huma donzella nobre, e pobre, que estava em casa de seus pays, hum homem de qualidade, e rico. Dezejando de evitar as suas importunaçoens, e de se livrar da nota das suas assistencias, buscou occasia͂o de fallar-lhe para o dezenganar, dizendo-lhe: Que a sua pertença͂o era ocioza, na͂o sendo para o honesto fim de cazamento, e que posto que, sendo ta͂o rico, na͂o queria aventurar as esperanças de melhor fortuna com huma mulher pobre; lhe pedia deixasse o galanteyo, e escuzasse o escandalo, de que na͂o havia de tirar mais utilidade, que a de manchar a sua bõa opinia͂o. Estava o homem cego de namorado, e por cumprir os seus dezejos foy prodigo de promessas, dando-lhe na ma͂o hum escrito de que seria seu esposo. Deixou-se enganar a pobre mulher, e deolhe entrada em sua ca a, tirando por fructo da sua liviandade a prenhez. Conhecera͂o-na os pays, que zelosos da sua honra para acudir ao seu remedio

Manda a hum homem que caze com huma mulher, de quem se queria livrar &c.

medio confeſſaraõ a filha, e ella abertamente declarou a ſua facilidade em confiança da palavra, e eſcrito, que aquelle homem lhe dera de ſer ſeu eſpoſo. Uzou o pay daquelles cauteloſos meyos, de que a prudencia, e ſagazidade ſe val em ſimilhantes lanços. Reconvieraõ ao moço com o ſeu eſcrito, e elle o confeſſou claramente, e que eſtava com animo de cumprir com a ſua obrigaçaõ, ainda que ſeria neceſſaria alguma eſpera, para que vieſſem ſeus pays niſſo, pois por eſtarem muito ricos tinhaõ mais altas eſperanças. Naõ ſe atreveo o pay a declarar em Juizo a ſua juſtiça, temeroſo do muito poder das partes, que com o ouro podiaõ torcer a verdade della. O moço (a quem já a poſſe havia cauzado faſtio) hia dando largas a eſte negocio, valendo-ſe de novos pretextos para burlar com a dilaçaõ as eſperanças da ſua enganada dama. Padecia eſta continuos opprobrios, e máos tratamentos de ſeus pays, que receyozos do perigo da tardança dezaffogavaõ na triſte filha a ſua impaciencia. Dezeſperada eſta, eſteve para ſe matar; porèm tocada de celeſtial impulſo reconhecendo a ſua culpa, e facilidade ſe confeſſou com muitas lagrimas, e ſe pôs nas maõs de Santo Antonio, a quem tinha eſpecial devoçaõ a ſua caſa. Fez a eſte fim huma Novena, antes do dia feſtivo do Santo, no Convento dos Santos Apoſtolos da meſma Cidade de Roma, onde ſe venerava huma devota, e milagroſa Imagem ſua, e ſe lhe fazia huma celebradiſſima feſta.

Continua a hiſtoria.

115 Concorreo a ella, mais por curioſidade, que por devoçaõ, o tal Cavalheiro, que infiel ás ſuas promeſſas tinha offendida, e eſcarnecida a eſta mulher. Regiſtando os affeyos do Altar, pôs os olhos na Imagem do Santo, e vio que ſe lhe mudava a cor do roſto, e que com olhos irados, e terriveis culpava a ſua infidelidade, e que o ameaçava com aſperas palavras, de que ſe ſe naõ deſpozava naquelle dia, ſentiria ſobre ſi a pezada maõ das iras de Deos. Eſta mudança do roſto, e eſtas palavras ſó eſte homem em taõ numeroſo concurſo as percebeo, e com taõ pavorozo effeito, que coberto de hum ſuor frio cahio em terra com hum mortal deſmayo. Tiraraõ-no do Templo para o Clauſtro, onde lançando-ſe-lhe agoa no roſto, e fazendo-ſe-lhe outras diligencias tornou ao ſeu acordo. Fallou com o Guardiaõ, a quem referio todo o ſuccedido, e rogou que chamaſſem o pay da moça, a quem tinha dado palavra, para diſpor o deſpoſorio em ſegredo, em ordem a que ſeus pays lhe naõ embaraçaſſem o cumprimento da ſua obrigaçaõ à cuſta da ſua vida; porque Santo Antonio o havia ameaçado de morte. Chamou-ſe ao pay da eſpoſada, para que com todo o ſegredo tiveſſe prevenido ao Parocho, e teſtimunhas para ſe celebrarem os deſpoſorios, como com effeito ſe celebraraõ naquelle meſmo dia, que era o ultimo da Novena, que havia feito a mulher, em que vio o feliz logo da ſua fé, e devoçaõ.

Evita o roubarſe o precioſo de hum ſeu Convento por modo extraordinario, e milagroſo.

116 Na Cidade de Padua, e no Convento onde eſtá o ſepulchro, e Reliquias do Santo, ſaõ tantas as riquezas offerecidas pelas devoçoens dos Principes, que a Republica, prevenindo os inſultos temerarios da cobiça, mandou fazer huma campanhia, que ſómente ſe toca em caſos de neceſſidade, e de furtos do Theſouro. Succedeo pois, que no anno de 1587. a doze de Mayo, entrando muito de manhaã na Sacriſtia o Sacriſtaõ mór, achou no interior della huma carta eſcrita no idioma Latino, a qual traduzida ao vulgar dizia o ſeguinte: *Padre Sacriſtaõ, ſe athègora, para cuidar das riquezas do Sacrario, naõ has poſto mais que huma guarda, deſde hoje he neceſſario que a dobres, e ponhas duas; porque eſtaõ ladroens prevenidos para roubar o Theſouro: iſto te avizo com illuſtraçaõ que tenho ſuperior, e celeſtial. Sejaõ as guardas de todo o cuidado; porque, ſe ſe deſcuidaõ, ſuccederá o furto, porque a prevençaõ dos aggreſſores he grande.* Conſultou o Sacriſtaõ com o ſeu companheiro a carta, naõ ſem o receyo do ameaçado ſucceſſo, e ambos a conſultaraõ com o Guardiaõ, e Diſcretos da Comunida-

de. Desprezaraõ todos o avizo, tendo-o por de algum ociozo, que queria dar aos Sacristaes em que entender. Poucas noites depois o Religioso, que tocava ás Matinas, estando esperando a hora, sentio rumor na Sacristia, que está perto, e defronte da cella em que tinhaõ o despertador.

Continua a narraçaõ do successo.

117 Deo-lhe cuidado o rumor, por ser consideravel, e chegando-se com cautéla á porta, vio dentro na Sacristia a huns homens, que foraõ os que occasionaraõ o ruido. Deo avizo ao Guardiaõ, e aos mais Religiosos, e se tocou a campainha rezervada para similhantes fracaços; acudio apressado o Senado com grande concurso de povo, cercaraõ ao Convento tomando as portas todas, e entraraõ a regístá-lo. Os ladroens eraõ tres officiaes, que haviaõ muitos dias estavaõ hospedados dentro dos Claustros com o titulo de obras, que em casa faziaõ: o pretexto era a obra, porèm o animo era roubar o Thesouro, prevenindo neste tempo chaves de todas as portas, e outros instrumentos necessarios para aquelle effeito. Vendo-se cercados, sahiraõ para á Igreja onde os prenderaõ. Deraõ-lhes tratos, nos quaes confessaraõ toda a serie do seu delicto, e as milagrosas circunstancias com que foraõ descobertos, desta sorte: *Que eraõ de Navale, povoaçaõ distante de Padua doze milhas, que com o titulo de officiaes haviaõ feito no Convento huma obra, com condiçaõ, que, por forasteiros, se lhes desse hospicio, e o sustento em casa á conta dos seus salarios; porèm que o seu animo sempre havia sido roubar o Sacrario, para sahirem da sua miseria. Que para lograr á satisfaçaõ seus intentos tinhaõ contrahido estreita amizade com o Sacristaõs, e com a sua confiança, tiveraõ occasiaõ de fazer chaves das portas da Igreja, Sacristia, e Relicario; e que tendo-as provadas á sua satisfaçaõ, se haviaõ resolvido a fazer o roubo na noite da sua prizaõ. Que havendo entrado na Sacristia, a tempo de querer abrir o Sacrario, sahio hum Religioso, que naõ conheceraõ, e os maltratara a todos tres, sem que pudessem valer se, nem das armas, nem das forças, e que este fora o ruido, que deo avizo, e despertou aos que os acharaõ com as maõs no furto. Que vendo se perdidos, e descobertos ao som do sino, intentaraõ sahir pelas portas da Igreja com as chaves falsas, que muitas vezes tinhaõ provadas; porèm, que lhes naõ foy possivel encontrar com as fechaduras.* Com esta confissaõ os condenaraõ á morte, por naõ poderem os Religiosos do Convento encontrar o rigor do Magistrado, ainda que o solicitaraõ com grandes veras. Em memoria deste prodigio se conservaõ as chaves penduradas em hum dos arcos da Capella mór do Santo, e a carta Latina tambem se conserva na Sacristia com muita decencia, naõ sem huma piedosa prezumpçaõ de que he letra do Santo; e do que se naõ duvida he, de que fosse milagrosa.

Dá falla a hum mudo &c.

118 No Convento de Santa Clara de Padua succedeo este prodigio. Offereceo-se no Altar do Santo hum mudo, e surdo de nascimento de 24. annos de idade. A este, que havia visto as maravilhas, que Deos obrava naquelles primeiros mezes depois do seu ditoso transito, lhe appareceo em sonhos, e lhe disse, que orasse diante do seu simulachro, que estava no Convento de Santa Clara, e que ficaria com inteira saude. Fez o que se lhe mandou, e se achou com falla, e sem a surdez, com admiraçaõ de todos os que no espaço de tantos annos o haviaõ conhecido mudo, e surdo, e o mais raro desta maravilha foy proromper em vozes, e palavras com louvores ao Santo na lingua vulgar, de que jámais teve nem podia ter noticia. Em memoria deste beneficio, mudou o nome de Pedro, que antes tinha, no de Antonio.

Restitue os olhos, e a lingua a hum homem &c.

119 Perto da Cidade de Padua havia hum homem de bôas letras, porêm de máo emprego, porque com vãa curiosidade de saber cousas occultas, se entregou ao perigoso estudo da Magica. Teve a sua nescia curiosidade o merecido castigo, porque fazendo huns circulos, e invocaçaõ aos demonios, estes lhe appareceraõ, e com huma furia como sua lhe tiraraõ os olhos, e lhe

lhe arrancaraõ a lingua. Avizado o miseravel homem dos seus erros com taõ lastimoso cazo, se virou para Deos, e com verdadeira dor confessou suas culpas, e se foy a Padua, com esperanças de alcançar saude pela intercessaõ de Santo Antonio. Visitou frequentemente o seu sepulchro fazendo merito da sua fé, e de sua paciencia, e o Santo lhe restituio os olhos, e lingua, de que o haviaõ privado os demonios.

120 Sarou a hum soldado, que de huma ferida havia ficado de hum braço lezo; dalli a poucos dias, quiz o Soldado tomar vingança de hum seu inimigo, e lançando maõ á espada para dar-lhe, ficou com o braço lezo como d'antes; porque Santo Antonio naõ lhe deo a saude para vingar aggravos, senaõ para agradecer beneficios.

121 Quando a Armada de Hespanha experimentou no anno de 1588. aquella grande, e celebrada tormenta, que a dividio no Cabo de S. Vicente, tomando as Náos differentes rumos, se vieraõ a ajuntar na Corunha. Necessitava huma dellas muito de lastro, e mandou quinze homens na lancha, para que a carregassem de pedra em huma Ilha, que estava perto. Fizeraõ promptamente esta diligencia, mas querendo sahir para o mar, cahio sobre elles huma taõ grande cegueira, que nenhum sabia por onde remava. Assim andaraõ á toa hum pouco de tempo, até que, ouvidos da Náo os seus gritos, veyo outra embarcaçaõ que os levou á espia; e o mesmo espanto, que a todos motivou este notavel successo, fez logo inquirir, e examinar a causa delle. Acharaõ pois, que tinhaõ tirado o lastro das ruinas de huma Hermida do nosso Santo Antonio; e sabido este principio, assentaraõ, que este admiravel Portuguez os castigava por lhe tirarem os vestigios da sua Capella. Em companhia de outros, que os guiaraõ, restituiraõ a Santo Antonio a pedra, e este a elles a vista. Por causa deste prodigio, que autenticou D. Martinho administrador da Armada, se reedificou huma Capella com mayor grandeza da antiga no mesmo sitio.

Cegaõ huns homens por tirarem pedra das ruinas de huma sua Capella.

122 Na Cidade de Compostella do Reyno de Galliza, succedeo nos nossos annos este portento. Há no Convento, que alli fundou o glorioso Patriarcha S. Francisco, huma Imagem de Santo Antonio de prata, a qual hoje se guarda em hum Sacrario por mayor devoçaõ, e respeito. Necessitava o Guardiaõ de dinheiro para huma obra, que fazia no mesmo Convento, e se resolveo com o Syndico a pedi-lo a hum homem rico da mesma Cidade, que naõ pôs duvida em dar-lho dando-lhe o Santo Antonio de prata em penhor. Deraõ-lho com effeito, e elle muito satisfeito o metteo debaixo da sua chave. No dia seguinte abrindo o Padre Sacristaõ a porta da Sacristia, [cazo prodigioso, e admiravel!] a primeira cousa em que pôs os olhos foy na propria Imagem. Deo parte ao Guardiaõ, que com o Syndico foy a casa do rico offerecer lhe o dinheiro, e pedir-lhe o santo penhor. Querendo-o elle em fim dar, o naõ achou no lugar em que o tinha fechado, e sabendo o que tinha succedido, pedio perdaõ ao Santo do pouco respeito que lhe tivera, e lhe deo huma grande esmóla para os edificios, e offereceo todo o dinheiro, que mais fosse necessario para se acabarem.

Foge hũa Imagem do Santo de huma casa em que estava empenhado.

123 Os Gentios de S. Thomé estimaõ muito as vaccas, e lhes tem mostrado a experiencia, que Santo Antonio lhas depara promptamente quando se perdem, pelo que procuraõ o Santo, que está no Convento dos Menores de S. Francisco de Cochim. Faltou huma a certa mulher, que por espaço de tres dias continuou em pedir ao Santo lhe deparasse a vacca, levando em cada hum delles ao seu Altar hum pam, e huma candeya, o que acompanhava com palavras de muito amor, para que elle se movesse a deparar-lhe a vacca. Vendo que naõ resultava fructo do seu empenho, converteo em iras todas as branduras com que tratava a Santo Antonio, e disparando em blasfemias, proferia na sua presença o seguinte: *Bem dizem, que*

Converte-se huma Gentia, á vista de Santo Antonio lhe deparar huma vacca.

quem naõ tem barba naõ tem vergonha; *tu comestes o meu pam*, *e te allumiastes com as minhas candeyas*, *e a minha vacca naõ apparece*; *come farta-te*, *e allumia-te*, *que tuto perdi.* Com estas, e com outras blasfemias hia proseguindo, quando ouvio huns mugidos, que lhe pareciaõ ser da mesma vacca, que pertendia, e correndo ao adro da Igreja a achou com grande confuzaõ sua. Logo pedio ao Santo perdaõ do que dissera, e a agoa do baptismo, e assim retardou o Santo o despacho para multiplicar o beneficio; e se houve hum Jupiter fingido, que com hum touro roubou huma Europa, tambem houve hum Europeo, verdadeiro Santo, que com huma vacca roubou para Deos huma India.

Ultrajaõ a Sãto Antonio huns Herejes, e elle os entrega ao ultimo supplicio.

124 Indo no anno de 1595. doze Náos bem guarnecidas de Francezes Luteranos, com intento de saquearem a Cidade da Bahia; intentaraõ de caminho roubar huma povoaçaõ de Portuguezes, que havia na Costa de Africa, onde degolando muita parte da gente, que nella assistia, profanaraõ juntamente o Templo della, do qual levàraõ huma Imagem do nosso Santo para mais de espaço a ultrajarem. O General da Armada, Pandemilho, levou para a sua Náo ao Santo, para mais á sua vontade escarnecer delle. Levava na sua companhia hum caõ ensinado a morder as santas Imagens, e elle foy o primeiro que lançaraõ á de Santo Antonio, e que no habito lhe deo algumas dentadas. Seguiraõ-se logo outros caens Herejes, dando-lhe cutiladas pela cabeça, e maõs, e pregando-lhe pelas costas grossos pregos, ataraõ nelles huma corda, pela qual içavaõ a Imagem, e do alto a deixavaõ cahir na coberta, dizendo com grandes alaridos: *Guia*, *guia Antonio para a Bahia.* Ouvio-lhe o Santo a supplica, e levou lá esta Náo, mas primeiro foy executando o seguinte. Estalaraõ juntamente em hum instante todos os arcos das pipas, assim de madeira, como de ferro, e naõ ficou vinho, ou agoa, que naõ se perdesse. Logo se corrompeo todo o biscouto, e mais sustento, de que hiaõ muito bem providos. Seguio-se a morte dezastrada, e repentina do primeiro que lhe deo as cutiladas, e logo a de seus companheiros, e levantando-se o mar com furia nunca vista subverteo onze náos, com toda a gente que levavaõ, ficando só a de Pandemilho, em que hia Santo Antonio, e hum patacho, que levou a nova á Arrochela, donde haviaõ sahido, e aonde tambem foy morto o seu Capitaõ. Vendo-se finalmente o General sem algum genero de sustento, e totalmente derrotado, dezejoso de salvar a sua vida, e a da gente que lhe restara da tormenta, chegou á Bahia, e se entregou ao Governador D. Francisco de Sousa, depois de lançar ao mar a Imagem do Glorioso Santo, para que naõ vissem nella os Portuguezes as injurias com que o haviaõ tratado. Porèm de nada servio a sua cautéla, pois a Imagem, como se fora vivente, chegou sobre as agoas á terra, e levantando-se em pé esperou aos Lutheranos, que por junto della passaraõ prezos com o seu General Pandemilho, o qual pondo os olhos no Santo, com grande assombro, mas igual sentimento, proferio as palavras seguintes: *Com effeito*, *Antonio*, *has tomado vingança de nós trazendo-nos á Bahia, como te pediamos!* A resposta, que deo Santo Antonio, foy a que logo viraõ os moradores da Cidade, sendo assim o General como os outros todos enforcados, e o Santo foy collocado com a devida veneraçaõ no Convento de S. Francisco da mesma Cidade da Bahia.

125 Em S. Christovaõ de Riotinto, Bispado do Porto, cahio hum menino de anno e meyo de idade, chamado Antonio, em hum poço, que tinha 60. palmos de alto, e 35. de agoa: ao tempo que cahio, clamaraõ outros meninos, que com elle estavaõ brincando, a cujas vozes acudio hum tio do tal menino, que invocando o nome de Santo Antonio, se lançou ao poço por humas cordas, donde trouxe vivo ao menino apertado entre as pernas. Teve porèm esta fortuna por successora outra mayor desgraça, porque a mãy do menino que o estava esperando summamente afflicta na boca

do

do poço, ao lançar a maõ delle o deixou cahir das maõs. Lançou-se o tio segunda vez ás agoas, e levando o sobrinho debaixo de si até o profundo do poço, se demorou algum tempo, em quanto a mãy, chamando por Santo Antonio, chorava naõ só huma, mas duas perdas. Em fim sahio daquelle abysmo, trazendo comsigo a creaturinha sem algum final de vivente; mas a mãy avivando a Fé que tinha com Santo Antonio, por ella alcançou a vida do filho.

126 Na Villa de Guimaraens intentou hum Manoel Diaz, natural do Bispado de Coimbra, profanar o sagrado da Capella, em que está collocada huma formosa Imagem de Santo Antonio, ou fosse para roubar-lhe o que tinha, ou para despojar a Igreja do precioso, como parece mais certo. Está pois fundada a Igreja do Convento de S. Francisco de Guimaraens de modo, que para a parte do Norte fica sepultada na terra em bastante altura, e por essa razaõ a fresta da Capella de Santo Antonio, que existe da mesma parte, naõ dista do chaõ mais do que seis palmos. Pareceo ao ladraõ facil por esta fresta a investidura, porque os ferros della eraõ delgados, e consumidos da sua antiguidade; e dando maõs ao empenho, despegou a rede, que defendia a vidraça: porèm naõ proseguio, porque a mesma rede, concorrendo superior impulso, o lançou por terra, e o pescou. Por espaço de tres varas se foy arrastando debaixo della, e naõ pode mais, porque tinha huma perna fóra de seu lugar, cujas dores o atormentavaõ com grande excesso em competencia dos assombros da propria confuzaõ, vendo que o seu peccado seria brevemente a todos manifestado. Desta sorte o acharaõ certas mulheres, que persuadidas de que algum inimigo deste homem o havia posto naquelle estado, tocaraõ a campainha da Portaria, e acudindo os Religiosos acharaõ junto da rede hum martello, e hum bordaõ ferrado, que parecia mais instrumento de insultos, que arrimo dos membros, que se lhe deviaõ suppor debilitados na idade de settenta annos que contava. Perguntado em fim o ladraõ pelo successo, só respondia fora castigo de Santo Antonio. Examinado pelos Cirurgioens, lhe acharaõ a perna deslocada na coixa, e a noz desta recolhida para a parte de dentro.

De como castigou a hum ladraõ, que o queria roubar, e suou.

127 A este milagre se seguio o portento de sahir do braço direito do Santo tal corrente de agoa, que molhando todas as petiçoens, e fittas, que as prendiaõ ao cordaõ, ensopou grande parte da toalha do altar, e mais adiante correra, se logo a devoçaõ de innumeravel povo, que o prezenciara, naõ aproveitara nos lenços, e em outras prendas estes milagrosos orvalhos, cujas Reliquias obravaõ prodigios. Tudo se authenticou juridicamente, e celebrou o povo de Guimaraens com luminarias, e festas ao glorioso Santo Antonio; e só as tristezas ficaraõ para o ladraõ, que os Padres entregaraõ á Misericordia para o curarem no corpo, porèm naõ se descuidaraõ em lhe procurarem tambem o remedio da alma no decurso de dous mezes que só viveo. Este milagre foy occasiaõ para que crescesse a Fé nos Fieis para com Santo Antonio de Guimaraens, desorte, que todos os annos concorria immenso povo a visitá-lo, e a procurar remedio nos seus achaques, e em outras necessidades espirituaes, e corporaes, e foraõ tantos os milagres, que fez naquelle primeiro anno, que se escreveraõ em hum livro cento e oitenta e duas pessoas, a quem com evidencia prodigiosa soccorreo, dando-lhes vida, estando já sem ella, ou com opiniaõ de defuntas.

128 Bernardino Scardonio na Chronica de Padua escreve, que Albertino Murato, Historiador da mesma Cidade, notara, que fora achada em tempo de Alberto Scaligero, Governador de Padua, nas ruinas do Hospital, que chamaõ a Casa de Deos, hum sepulchro, que diziaõ ser de Antenor, o qual edificou aquella Cidade: e certos versos manifestavaõ que a Padua viriaõ muitos Tyrannos, cujos nomes começavaõ pela letra A, os quaes a tratariaõ muito mal, e perseguiriaõ. Eraõ os versos estes:

NOTE.

Cum

Cum super A. fumes primum tibi Dardane Gramma,
Auxilium à superis tibi tunc numina clama.
Heu Patavium, qui te profugus construxit ab igne,
Multoties tali pesti subjecta maligna!
Mors cita vita, brevis, Patavos in pace volentes
Vivere non passa est, genus hoc fatale ferentes
Admonet, & punit nullo discrimine cives.

A' vista destes versos advertiraõ os mais sabios de Padua, que sempre esta Cidade foy perseguida por Tyrannos, e Principes, cujo nome começava por A, depois que Antenor a edificou, e assim nomeavaõ a muitos, que a destruiraõ por varios modos, a saber: Attila Rey dos Hunos, Agiulfo dos Longobardos, Acciolino Tyranno, e outros: *Sed per Divum Antonium fuit hæc eruta maledictio*; mas que pelo Divino Antonio foy tirada esta maldiçaõ: porque assim como antes delle houve muitos Tyrannos, cujos nomes se começavaõ por A, e fizeraõ grandes damnos á Cidade de Padua; assim depois delle entrar nesta Cidade, houve muitos Principes, e Governadores, cujos nomes começavaõ pela mesma letra, os quaes lhe fizeraõ notaveis beneficios.

Vida do Duque S. GANDULPHO *Martyr, cujo santo corpo possue Villa Viçosa.*

NAsceo o glorioso S. Gandulpho, ou Gangulfo, ou Golfredo, no mez porque he nomeado, em Burgundia da Alemanha. Foy desde menino muito dado ás virtudes, por especial favor de Deos, que *ab æterno* o destinou para o fazer grande na terra, mayor no Ceo, e para que servisse de espelho do soffrimento no penoso estado de cazado.

1 O Santo Rey Pippino de França o fez Capitaõ General dos seus Exercitos, em cuja occupaçaõ se mostrou taõ valoroso, como Catholico, pois sem deixar de ser Santo, foy militar, e Capitaõ General. Grande excellencia da Religiaõ Catholica, na qual naõ ha estado, nem exercicio honesto, já de milicia, já de rustica agricultura, já de politica civil, que seja incompativel com a verdadeira, e sublime santidade. Tanta era pois a do Santo General, como se colhe do seguinte prodigio. Chegando em huma occasiaõ cançado da guerra, a hum espesso bosque de Campania, nelle vio huma fonte de bellissima agoa, com a qual o seu sequiozo Exercito matou a sede. Pedio ao dono que lha vendesse para hum jardim, que tinha no seu Palacio, do que justamente se rio, por saber as muitas legoas, que a quinta distava daquelle sitio; porém persistindo o Santo General no empenho de que lhe vendesse a tal agoa, se ajustaraõ na venda em cem reales, que contou ao vendedor presentes muitas testimunhas. Voltou Gandulfo á sua terra, e discorrendo pelo jardim onde estaria bem aquella fonte, feita a eleiçaõ do melhor lugar, fixou nelle o punhal que levava, e no mesmo ponto brotou hum torno de agoa, da mesma quantidade, e qualidade que era a outra, que no mesmo tempo deixou de correr no bosque do vendedor, que justamente ficou confundido do prodigio. Esta milagrosa fonte se conserva em Burgundia, e serve de prezentaneo remedio para enfermidades incuraveis.

Notém hum prodigio raro.

2 Por morte de seu pay Diatrico, herdou o Ducado das duas Austracias de Alemanha, com muitas riquezas. Despozou-se com huma Senhora de igual qualidade, mas naõ de igual virtude; pois quando a sua nobreza, o seu pondonor, e a honra de taõ illustre esposo, eraõ bastantes redeas para ven-

Caza com huma mulher, que o offende na honra.

vencer, e pôr freyo a lascivias; rompendo, e atropellando obrigaçoens tantas, se deixou querer de hum Clerigo, que a namorou, e requestou, e a quem deo toda a illicita entrada

3 Como Gandulpho era homem Santo, e por consequencia sincero, claro está que zelava pouco sua honra, julgando que a tinha muito segura em huma mulher de grandes obrigaçoens, qual a sua era. Porèm topando algumas sombras, se naõ foy por ter noticia do que era publico, e só para elle occulto, sem querer fazer juizo, quiz apurar primeiro as suspeitas. As sentinellas, e espias, que pôs, foraõ seus sentidos: á vista, e aos ouvidos encarregou o cazo, e como andava a mulher taõ perdida, e taõ dezenvolta, a poucos dias de inquiriçaõ ouvio, vio, e notou ainda mais do que quizera, pois em materias taes, e taõ de portas a dentro, muito simplez ha de ser o marido, que naõ conheça se a mulher lhe he fiel. Ora considerem neste passo os homens, que se prezaõ de Catholicos, e de honrados, o que fariaõ em tal lançe. Marido, que pelos seus olhos vê sua affronta; marido, a quem dizem o que em sua casa se passa, que ha de fazer sem faltar ás leys de bom Christaõ? Matar aos adulteros, esperando colhê-los no leito, he grande rigor; pois naõ basta taõ justificada causa para lhe sanar a consciencia. Manifestá-los á Justiça, e fazer com que se faça processo do seu aggravo, he affronta mayor; pois quando mais bem se purgue, e se dê satisfaçaõ ao offendido, fica este mais affrontado, e assinalado de todos com o dedo. Descobrir-se a algum amigo, para que o remedee, aconselhe, ou console, he huma grande ignorancia, e imprudencia; porque similhante chaga he totalmente incuravel, e naõ admitte cura, nem remedio. Pois que fará, ó mortaes, em taõ horrendo cazo, hum desgraçado marido? Que? O que fez este Illustrissimo Duque, e perfeitissimo Christaõ, que foy armar-se de paciencia, deixar a Deos o castigo, fugindo do mal com silencio.

Experimenta, e conhece a infidelidade da mulher, e o que devem fazer os que tem mulheres infieis.

4 Como homem, por mais que era virtuoso; como honrado, por mais que a modestia lhe lembrava o pundonor; como offendido em fim de quem [sendo sua consorte] o aggravava, se achava o bom Gandulpho variando confuzoens, e descartando vinganças, sem saber o que faria. Viver, e passar, como fazem muitos, de menos obrigaçoens, armando-se de soffrido, se lhe fazia jugo intolleravel, por naõ ser esta Cruz que tome ás costas nenhum homem de bem. Matar a adultera, e ficar descarregado; por mais que lho aconselhava o rigor, e o incitava a offensa, temia offender a Deos. Publicar a gritos sua infamia, para naõ parecer a consentia, o achava dezattençaõ: e assim acolhendo-se aos foros de Christaõ, e negando-se aos do pundonor, remetteo a Deos a vingança, e esperou nelle o despique. Famosa resoluçaõ, e confiança Catholica! Levou sua mulher a huma quinta, com o pretexto de recreá-la, e de diverti-la; e quando, estando taõ culpada, pudera recear, e temer algum castigo, com taõ lindo dezaffogo hia ao prezumido recreyo, como a mais innocente, que he proprio nas mulheres, que se entregaõ ás lascivias, o serem descocadas, e livres. Tudo notava o Santo Duque, e com dissimulaçaõ sentia tanta liviandade.

5 Huma tarde, pois, a levou de passeyo a hum retiro da quinta, onde estava huma crystallina fonte, e vendo que ninguem o ouvia, lhe fallou assim: Ainda que as cousas que quero dizer-vos, naõ saõ materias em homens da minha qualidade para pronunciá-las, senaõ para castigá-las; eu feito mais nesta parte ao Christaõ, que ao Cavalheiro, e enclinado mais á piedade, que ao rigor, quero que saibais o que naõ sey se sabeis. Huns rumores surdos da vossa dezattençaõ, da vossa dezenvoltura, ou da vossa liviandade, ha muitos dias que me trazem inquieto. Humas vistas licenciosas, e pouco honestas me andaõ quebrando os olhos, e por mais que hey procurado naõ ouvir, nem ver, ouço, e vejo ja taes affrontas, que naõ me está bem o declará-

Falla o Duque com a aleivosa mulher, e a cõvida para huma milagrosa experiencia.

clará-las. Nunca me persuadia a que mulher de vossas prendas, de linhagem taõ illustre se manchasse em cousas indecentes, nem arrastasse, e sujeitasse a descreditos, e a infamias. Em fim, persuadia-me que comvosco estava muito segura a minha honra, e fama. Hey visto, pois, já o meu engano: porém naõ obstante, por que póde ser que o rumor me haja mentido, e meus olhos se hajaõ enganado, o reduzamos a huma prova, a huma maravilha, a hum milagre, ou a huma sorte, supplicando ao Ceo que descubra esta verdade, pois á sua providencia nada se lhe esconde; e assim vos digo que mettais a maõ dentro desta fonte, cujas agoas, nem estaõ frias, que vos gelem, nem quentes, que vos abrazem; e que tireis della a arêa, ou pedra, que topardes: porque, se estiveres livre de culpa, naõ padecereis o menor damno de taõ facil experiencia; porém se della naõ estiveres livre, Deos permittirá que se manifeste o vosso delicto.

6 Como seja muito proprio de mulheres lascivas o negarem ainda o que se vê pelos olhos, e o quererem com juramento encobrir as suas liviandades, como cada dia se experimenta, e se vio em Anna Bolena, que sendo taõ publica a sua desenvoltura, que no mesmo tempo se facilitava com tres, e quatro sujeitos; estando já o verdugo para cortar-lhe a cabeça, affirmou que era falso o que se lhe imputava, e que por estar ElRey seu marido [era Henrique VIII. de Inglaterra] prendado de outros amores, lhe fazia aquella injustiça, sem reparar que naquelle lançe saõ novos delictos as escuzas. Ou como a outra mulher de Peralvilho, que, estando para enforcar-se, jurou que a levassem os demonios, se naõ era falso o delicto, porque a castigavaõ; e de contado permittio a Magestade Divina (para escarmento de perjuros) que arrebatada de hum denso redemoinho, naõ apparecesse mais, morta, ou viva, segundo manifesta hum padraõ, que se conserva para memoria no mesmo sitio em que succedeo cazo taõ raro. Como seja pois taõ propria esta negativa, este anathematizar-se, e perjurar-se em mulheres dezenvoltas; assim no nosso cazo a tal Duqueza, ouvidas as queixas de seu santo marido, tendo a prova por cousa de rizo, respondeo com grande descoco desta sorte:

7 Eu sou mulher muito honrada, e que, tanto como a que he mais leal, sey conresponder, e conrespondo á fé, que vos devo; e quem disser o contrario mente muitas vezes. Esses rumores, que dizeis, ou essas sombras, de que vos espantais, juro pelo Ceo que he engano da vossa imaginaçaõ, e falso testimunho de quem me quer affrontar. Todas essas saõ suspeitas de maridos pouco confiados, de pouco peito, de pouco estomago, que em tendo mulher de bõa cara, donoza, ou que sabe fallar, se offendem dos atomos do sol, e se aggravaõ das mais permittidas cortezias. E para que vejais quam sem receyos estou de culpa, supposto que reduzis a milagre a prova desta verdade, vede com quanta confiança faço o que me dizeis. Dizendo isto, despio o braço quanto lhe deo lugar a manga, metteo-o na fonte, e apenas pegou em huma pedra, quando de improvizo se lhe encolheraõ os nervos, com dor taõ cruel, e intensa, que nem alentos lhe deixou para queixar-se, e lamentar-se. Ficou finalmente toda mortal, e toda envergonhada, e corrida. Vendo Gandulpho taõ milagrosamente provada a infidelidade de sua mulher, lastimado, e compassivo, lhe fallou assim:

Resposta, que dá a mulher: a quê se tolhe milagrosamente o braço.

8 Muito folgara de que me houvereis sido leal, e fiel, como tinheis obrigaçaõ, para passar, e viver comvosco o resto de minha vida, gozando ambos do prospero, e do adverso, que dá o mundo; mas desde o ponto que me quebrasteis a fé, sois merecedora de morte. Esta vos naõ quero dar por minhas maõs, por mais que o Direito o tolere; nem menos quero que acabeis em a de hum verdugo, senaõ deixar a Deos o castigo desta offensa. Elle assim como he Juiz Soberano, he tambem pay piedoso; e assim se arrependida fizeres penitencia, se choroza, e contrita tratares da emenda,

se

ſe de todo o coraçaõ pedires miſericordia, naõ duvideis de que alcançareis perdaõ, e vos tirará o tormento, que padeceis; porèm ſe acazo obſtinadamente perſeverares neſſe máo eſtado, tereis atormentada com caſtigos eternos á maõ do meſmo demonio, que vos incita, e que vos engana. Deſde hoje vos deſpedi de viver na minha companhia, pois baſtaõ já as affrontas, e as deshonras: e para que vivais, e paſſeis o reſto dos annos que vos faltaõ, vos deixo o voſſo dote; porque ainda que em rigor ſe vos naõ devia, naõ quero que ſe façaõ pleitos, em que mais ſe publiquem infamias, nem que fique vivendo em miſeria, a que ha ſido mulher minha. Dizendo iſto o prudentiſſimo Duque, deixou a ſua infame mulher, a quem fez entregar os bens dotaes, que eraõ muitos, e ſe retirou para huma quinta, que chamaõ Ababence, onde fazia, á imitaçaõ dos Monges, vida contemplativa, e ſe dava a todas as obras de piedade, remediando muitas neceſſidades, por ſerem muitas as peſſoas, que o hiaõ procurar, com a experiencia que tinhaõ da ſua grande caridade. Naõ obrava aſſim a ſua infelice mulher; pois eſquecida totalmente da morte, e da conta, que tinha de dar a Deos das ſuas paſſadas torpezas, perdida finalmente a vergonha para com o mundo, as foy continuando proterva com o ſeu amante Eccleſiaſtico, com o qual aſſentou, ſer conveniente tirar-ſe a vida ao pacientiſſimo Duque, com o pretexto, de que poderia elle reſolver-ſe a tirar-lhes as delles, por deſpicar as injurias, que lhe faziaõ. Notavel maldade, qual a de ſe tirar a honra a hum homem, e tambem a vida!

Deſpede-ſe da mulher, e ſe recolhe a huma quinta.

9 Como o profano, e indigno Sacerdote ſabia todas as entradas, e ſahidas da quinta, em que aſſiſtia Gandulpho, procurou occaſiaõ opportuna de ſe occultar no mais conveniente ſitio, onde ſe introduzio no proprio apozento do deſcuidado Duque, a quem deo huma cutillada com huma eſpada que tinha á cabeceira da cama, em que eſtava dando deſcanſo ao ſeu mortificado, e penitente corpo. Della o deixou mortalmente ferido, retirando-ſe em hum cavallo, que para a fugida tinha prevenido. Vendo-ſe finalmente no ultimo da vida, diſpôs das ſuas couſas, e da ſua alma, e recebendo os Diviniſſimos Sacramentos com devoçaõ imponderavel, entregou a alma ao Senhor, que honrou, e acreditou a ſua grande virtude com tantas maravilhas, que o declarou a Igreja Catholica por Santo Martyr, e como de tal ſe lembraõ delle os Martyrologios a 11. de Mayo. O ſeu martyrio foy pelos annos de 760. Os adulteros foraõ caſtigados pelo Ceo. O Clerigo morreo lançando as entranhas, no tempo em que eſtava contando á amiga aquella grande maldade, que obrara: ella teve mais prolongada morte em hum potro de inauditas dores, com que eſteve opprimida, caſtigo merecido de taõ grandes culpas.

Mataõ-no os adulteros, os quaes ſaõ caſtigados.

10 Sepultou-ſe o Santo Martyr na Igreja de S. Pedro de Vareñas, que elle havia fundado, e dedicado ao meſmo Santo Pontifice, donde foy transferido para huma Igreja Collegial do ſeu nome, que exiſtia no lugar Florinence, que os ſoldados Imperiaes renderaõ á força de armas, e ſaquearaõ com extorſoens. Eſtando na Alemanha o ſenhor D. Duarte no anno de 1638., e vendo taõ ſanto corpo, expoſto a dezacatos, e ludibrios de Herejes, o involveo em precioſas ſedas, e o trouxe a eſte Reyno, onde o depoſitou na Capella Ducal de Villa Viçoſa, na qual he reverenciado com magnifico culto, e ſe celebra a ſua trasladaçaõ a 11. de Mayo, para honra, e gloria de Deos, que ſeja eternamente louvado em ſeus Santos.

Foy trasladado ſeu ſanto corpo para eſte Reyno.

S. JOAM ESMOLER, *Patriarcha de Alexandria, de quem ſe conſerva o braço direito em S. Roque de Lisboa.*

1 NAſceo na Ilha de Chipre, e floreceo em as mais ſolidas virtudes no tempo do Imperador Heraclito, que o nomeou, a pedimento de todo o povo, por Patriarcha de Alexandria, dignidade que veyo a acceitar mais obrigado das perſuaſoens do pio Imperador, e das inſtancias dos que o queriaõ por Prelado, do que por ambiçaõ de governar.

2. Para hum coraçaõ generoſo, e compaſſivo, he a neceſſidade alheya hum iman poderoſo, que com ſuave violencia o arraſta: naõ tem mais goſtozo emprego, que o de ſeu ſoccorro, nem mais ſenſivel pezar, que verſe falto de meyos, e poſſibilidades para o ſeu allivio. Que goſtozo ſe acha hum homem generoſo, que tem que dar, e o dá! Que doce lhe fica a maõ, alegre o roſto; que deſcançado o coraçaõ, que contente a alma! Tiraõ-ſe-lhe as caãs, refreſca-ſe-lhe o ſangue, e a vida ſe lhe alarga; e nada diſto ſuccede ao deſgraçado avarento, que naõ tem a gloria de dar neſte mundo, e menos terá no outro o premio eterno, que Deos promette aos charitativos. Se perguntarmos aos avarentos para quem he o que enthezouraõ, reſponderaõ huns, que para ſeus herdeiros: outros, que para ſuas almas: outros para ter que deixar; e todos dezenganados de que comſigo o naõ haõ de levar: do que ſe ſegue, que nada querem dar, ſenaõ fóra de tempo, como hum aborto, que naõ tem perfeiçaõ. He a riqueza, por viſinha da ſoberba, occaſiaõ de vicios, a ſeu dono perigoſa, por tyranno, e eſcravo traidor, mas da condiçaõ do açucar, que, ſendo ſaboroſo, com as couſas quentes aquenta, e refreſca com as frias: deſorte que he a riqueza ao rico inſtrumento para comprar a Bemaventurança, por meyo da ſua liberalidade charitativa; e aquelle ſerá charitativo, e verdadeiramente rico, que fazendo rico ao pobre, ſe fizer pobre a ſi; porque com ella fica feito verdadeiro diſcipulo de Jeſus Chriſto, aſſim como o foy S. Joaõ Patriarcha de Alexandria, que, ſendo riquiſſimo, dava liberal quanto poſſuia aos pobres, e de forma, que mereceo o honorifico, e antonomaſtico nome de Eſmoler. Ora attendey.

Falla ſe da liberalidade, e caridade.

3 Adminiſtrava todos os dias o alimento, e o mais neceſſario a ſette mil e quinhentas ovelhas ſuas. Fugindo de Alexandria da furia dos barbaros, huma innumeravel multidaõ de homens, mulheres, e meninos, na ſua indizivel caridade acharaõ o precizo ſoccorro. Aſſim como teve noticia de que hum Capitaõ do Rey da Perſia ſaqueara a Jeruſalem, mandou muitos Miniſtros com grande copia de dinheiro, trigos, e outras vitualhas, para reſgate de cativos, ſuſtento de famintos, veſtidos de nus, e allivio de opprimidos, e deſconſolados. Edificou muitos Hoſpitaes para curar enfermos, agazalhar peregrinos, e mulheres prenhes pobres, aſſignando para todos rendas competentes para que foſſem permanentes. Em fim, a caridade, que he a Rainha das virtudes, e a quem todas ſe ordenaõ, luzio neſte Santo com extremo taõ admiravel, que naõ havia caminho algum por onde lhe foſſe poſſivel ſoccorrer a ſeus proximos, que o naõ andaſſe com amor incrivel. Porém como as rendas eraõ muito inferiores ás deſpezas que fazia, ſe via a bondade de Deos obrigada a multiplicá-las para que naõ ficaſſem fruſtrados os dezejos deſte ſeu amigo, e fideliſſimo Servo, que cheyo de todas as mais virtudes, e accumulado de meritos, foy receber o premio dellas a 23. de Janeiro pelos annos de 620. Sepultou-ſe na Cidade de Jeruſalem no Templo de S. Ticanio na ſepultura de dous Biſpos, cujos corpos miraculoſamente ſe apartaraõ, e deraõ lugar, recebendo-o no meyo, a eſte grande Santo. Delle manava

Acçoens da caridade de S. Joaõ.

Notem o prodigio de lhe darem dous defūtos o melhor lugar.

manava hum ſuaviſſimo licor, com o qual ſaravaõ muitos enfermos. Alli eſteve até que André Rey de Ungria o trasladou para Buda, Cidade, e Metropoli do meſmo Reyno, e dalli para a Igreja Collegial de Poſſonio, tambem no dito Reyno. O Biſpo Agrienſe, de cuja juriſdiçaõ he, lhe tirou o braço direito por empenhos mayores, o qual ſe acha no Santuario da Caſa de S. Roque de Lisboa, mettido em outro braço de prata dourado. A maõ tem dous dedos abertos, em hum ſe vê o de carne, no outro (que he o pollegar) hum nervo, e no meyo do braço [por vidraça] ſe deſcobre a cana com outro nervo do Santo.

S. TORPES, *Martyr Romano, cujo ſanto corpo exiſte no Porto de Sines, Arcebiſpado de Evora.*

1 O Seu nome proprio era Cayo Silvio Torpes, como querem alguns Authores, ainda que he mais nomeado pelo de S. Torpes. Foy homem muito illuſtre, natural de Roma, e taõ acceito ao maldito Nero, que naõ obrava couſa alguma de ponderaçaõ ſem a precedencia do ſeu conſelho, e voto.

Valido de Nero.

2 Por goſtar aquelle deliciofiſſimo, e torpiſſimo Imperador da saudavel vivenda, e benigno clima de Piſa, (Cidade de Toſcana) deixando Roma, a foy reſtaurar, e engrandecer com magnificos, e ſoberbos edificios, entre os quaes foy o mais celebrado hum Templo, que a ſua cegueira dedicou á Deoza Diana, no qual gaſtou huma grande ſomma de talentos, por mandar fazer dentro delle hum Ceo de metal, eſtribado ſobre noventa columnas de marmore, com innumeraveis eſtrellas de brilhante pedraria, e no meyo dellas o ſol, e a lua, que com ſingular artificio naſciaõ, e morriaõ todos os dias, imitando o verdadeiro curſo daquellas duas luminarias Celeſtes. E para que naõ careceſſe de agoas, tinha ſecretos canos, pelos quaes ſubiaõ ao alto as que ſe lhe introduziaõ, para depois cahirem por ſubtîs regiſtos na fórma de miuda chuva. Debaixo de toda eſta machina haviaõ humas rodas do meſmo metal fabricadas com tal arte, que movidas faziaõ tal harmonia, e eſtrondo, que reprezentavaõ os trovoens, e terremotos da terra. Andando pois o Imperador engolfado neſta, e em outras obras, que lhe inſpirava a ſua grande vaidade, e a inclinaçaõ que tinha a tudo o que eraõ goſtos, delicias, e paſſatempos da vida, teve occaſiaõ o ſeu valido Torpes de communicar com hum ſanto Sacerdote, que vivia perto da Cidade, por nome Antonio (depois Biſpo Meldenſe em França) de que reſultou o deixar a Idolatria, e o chorar amargamente o damno, que havia feito aos Chriſtaõs, e o tempo que tinha gaſto em o ſerviço do demonio.

Dedica Nero hum ſoberbo Templo á Deoza Diana, e faz hum Ceo artificial.

3 Como foy reconhecida a ſua mudança de ley pelos companheiros, que tinha na aſſiſtencia daquelle ſoberbo Monarcha, lhe deraõ parte de tudo, a qual o ſentio amargoſiſſimamente, por ſe ver precizado a perder hum tal valido, e conſelheiro, o qual entregou logo a Sabelico, Preſidente da meſma Cidade de Piſa, com a recõmendaçaõ de que lhe tiraſſe a vida, no cazo que ſe naõ deſdiſſeſſe; e feita eſta recõmendaçaõ, deixando as declaradas obras, e divertimentos de Piſa, ſe retirou para Roma ſummamente melancolico, por Torpes deixar a adoraçaõ dos Deozes. Querendo o iniquo Sabelico dar a execuçaõ a ordem de Nero, e o odio infernal, que tinha ao nome Chriſtaõ, mandou metter em hum carcere a Torpes, no qual eſteve tres dias carregado de ferros, e com o máo trato que pode dar-lhe o ſeu odio. No fim delles o fez ir á ſua preſença, na qual o exhortou, e perſuadio, com razoens mais dictadas pelo demonio, que pelo ſeu diſcurſo, a

Manda o Nero martyrizar por deixar a Idolatria.

que adoraſſe aos ſeus Deoſes &c. Vendo porèm a conſtancia com que eſtava o novo Chriſtaõ, o mandou atar a huma columna do ſeu Palacio, onde o fez açoutar com tanta deshumanidade, que corria copioſo ſangue pelo chaõ, com laſtima de muitos Gentios que o prezenciavaõ, e que admiravaõ a paciencia com que ſoffria aquelle tormento, e a conformidade com que eſtava, levantando as maõs na forma que podia, e louvando a JESUS Chriſto, pelo esforço, e valor, que lhe dava para o conflicto.

Cõtinua o martyrio, e fica ſepultado o Governador, e outros nas ruinas do Palacio.

4 Parece que naõ podendo já o Ceo ſoffrer aquella deshumanidade, entrou a caſtigá-la, mandando a Sebelico para o Inferno, e a cincoenta Gentios, que o acompanhavaõ; pois todos ficaraõ mortos debaixo das ruinas de parte do Palacio, que ſe ſegurava na columna, em que açoutavaõ ao Servo de JESUS Chriſto, que o livrou para ſe accumular de mais merìtos; pois exaſperado Silvano, filho de Sabelico, de ſer o Santo Martyr cauſa da deſgraçada morte de ſeu pay, o mandou novamente prender a huma mó de pedra, onde paſſou a noite em oraçaõ, cercado de favores Soberanos, e confortado de forças Celeſtiaes, que tudo lhe foy neceſſario para poder no dia ſeguinte tollerar os martyrios, que o barbaro, e infernal odio lhe deſtinou. Antes de entrar no certame, entrou Silvano no empenho de reduzi-lo á Idolatria, promettendo-lhe da parte do Imperador muito mayores honras do que havia tido, e o perdaõ da morte de ſeu pay, de que o julgou culpado; naõ fazendo reflexo aquelle barbaro em como do Ceo lhe viera o caſtigo, em pena de aſſim maltratar a hum innocente.

Lança-ſe-lhe aos pès hum tigre; e morre hũ leaõ na ſua preſença.

5 Como ſe moſtraſſe Torpes cada vez mais firme, e conſtante na confiſſaõ da Fé, de que tinha feito eleiçaõ; mandou o Tyranno que o levaſſem ao amphitheatro, e que nelle lhe lançaſſem féras, que o deſpedaçaſſem, e devoraſſem. Em primeiro lugar ſe lhe lançou hum tigre, que, eſquecido da ſua natural ferocidade, ſe humanou, e humilhou deſorte, que, proſtrado diante do Bendito Martyr, lhe lambeo os pés. Em ſegundo lugar ſe lhe lançou hum leaõ aſſanhado, que, remettendo á preza com furioſo impeto, cahio ſubitamente morto, no meſmo ponto em que o Santo lhe fez de longe o ſantiſſimo ſignal da Cruz; de cujo prodigio reſultou o engrandecerem muitos ao Clementiſſimo Deos dos Chriſtaõs, e o converter-ſe hum illuſtre Romano do Imperial Conſelho, que no meſmo tempo ſubio ao Ceo coroado do martyrio.

Levaõ-no ao Templo de Diana, que no meſmo tempo cahio por terra.

6 Envergonhados, e confuzos aquelles malvados miniſtros, levaraõ o Santo ao carcere, onde o laſtimaraõ, e feriraõ com bofetadas, e com outros tormentos no eſpaço de dous dias; no fim dos quaes o introduziraõ no Templo, que Nero tinha dedicado a Diana, com a grandeza que diſſemos, com o projecto de fazê-lo adorar áquelle ſimulacho do demonio. Aſſim como o Bendito Martyr ſe vio naquelle famoſo Templo, qual outro Samſam Hebreu, levantou os olhos para aquelle artificioſo Ceo, e feita oraçaõ ao Senhor, foy ella de tanta efficacia, que veyo toda aquella fabrica de romania ao chaõ, com vinte e quatro columnas, debaixo das quaes ficaraõ ſepultados Gentios innumeraveis: mas naõ ſuccedeo o meſmo a Silvano, que ſe naõ achava neſte tempo dentro do Templo; o qual ſentio tanto aquella incomparavel perda, pelo deſgoſto, que occaſionaria a Nero, que, ſem eſperar experiencias de que ſe lhe ſeguiſſe mayor damno, mandou aos verdugos que levaſſem a Torpes fóra da Cidade, e que nella o degolaſſem: com effeito aſſim o fizeraõ os impios, e miniſtros, e deſta ſorte ſubio ſua bendita alma ao Ceo a ſer coroada de gloria no triunfal Choro dos Santos Martyres, pelos annos de 64.

Entregaõ ſeu ſanto corpo ao mar em hum barco velho com hũ gato, e hum gallo.

7 Fez-ſe eſta impia execuçaõ nas ribeiras do rio Arno, onde dezagoa no Mediterraneo. O ſeu truncado corpo mandou o Tyranno metter em huma barca velha, e rota, com hum gato, e hum gallo, com o deſigno de que ſe extinguiſſe a memoria de taõ grande Martyr, aſſentando comſigo, que ſe

se elle escapasse de ser mantimento de peixes, naõ escaparia de o ser daquelles animaes, quando se vissem famintos. Hum Anjo, que animou a Torpes para o Martyrio, lhe prometteo que seu corpo havia de ser levado para outra Provincia; e por isso guiou o barco desorte, que passados vinte dias de viagem, aportou com os irracionaes marinheiros no porto de Sines, lugar maritimo no Arcebispado de Evora. No mesma noite, em que chegaraõ as santas Reliquias á praya, appareceo o mesmo Anjo do Senhor em sonhos a huma Regula, e Senadora Lusitana, que no mesmo sitio morava, e vivia na Fé Catholica, a que chamavaõ Celerina, [de quem trataremos como de Santa M.] á qual disse que se levantasse de madrugada, e fosse á beira mar, onde acharia o corpo do Santo Martyr, ao qual daria sepultura, como melhor pudesse. Chegada a manhaã, avizou a S. Mancio, primeiro Bispo de Evora, do mysterioso sonho que teve, o qual em companhia da mesma Celerina, e de outros Christaõs, foy a procurar o santo corpo: e como naõ apparecesse logo, pondo Celerina os olhos no Ceo, com muitas lagrimas exclamou: *Senhor Deos das virtudes, mostray agora vossas maravilhas, fazendo-me digna que mereça ver o que ouvi da boca do vosso Anjo.*

Chega a este Reyno, onde lhe dá sepultura Santa Celerina por mandado de Deos.

8 No mesmo tempo, que a nossa Senadora Lusitana fez esta oraçaõ ao Ceo, cantou o gallo, que vinha no pobre baixel, e guiados todos pelo ecco, descobriraõ o santo thesouro, que estava exhalando fragrancia entre os dous irracionaes guardas, e marinheiros, dentro da barquinha, que a providencia tinha varada na terra. A' vista de tal prodigio renderaõ todos as graças a Deos, e entre hymnos, e lagrimas de prazer ungio Celerina com aromaticos unguentos ao santo cadaver, que, depois de envolvido em finas toalhas, foy sepultado naquelle sitio por S. Mancio em sepultura de marmore: e depois de feita esta piedosa obra, dezappareceraõ os dous animaeszinhos, que parece permittio a providencia acompanhassem ao santo corpo, para o guardar de ser comido das aves carniceiras.

S. Mancio Bispo de Evora ajuda a sepultá-lo.

9 Passado o tempo da perseguiçaõ, erigio a santa Matrona huma sumptuosa Igreja, que dedicou ao seu nome, a qual foy frequentada por dilatados seculos dos Christaõs, que pelos merecimentos do Santo Martyr achavaõ remedio nas suas enfermidades, e dependencias. O nosso *Flos Sanctorum* antigo no liv. 3. refere esta trasladaçaõ largamente, rematando-a com estas formaes palavras: *Celerina, que era mui rica dona, e que havia de mandar a terra da metade de Hespanha, por quanto era poderoza, fez fazer en aquelle lugar hua Igreja mui grande, e mui maravilhoza, toda cercada de redes, reluzente toda com ouro, e com outras muitas colores, i em o dia que foi acabada do lavor, e que foron pagados os Mestres todos, e os obreiros, que fizeron a Igreja, saaron ali muitos enfermos de desvairadas enfermidades, que estavon orando ao corpo do S. M., e muitos que eron demoniados, foron ali saõs, e ainda atá o dia de hoje se descobren muitas ali das maravilhas de N. Senhor. E Celerina deu hý mui grandes erdades, e mui grandes riquezas áquella Igreja, en guiza que ainda no dia de hoje colhem a renda para ella.*

Edifica-lhe Sãta Celerina hũ Templo.

10 Como com a entrada dos Arabes em Hespanha se demoliraõ muitas Igrejas, e se perderaõ as memorias dos sitios, em que se sepultaraõ, e occultaraõ muitas Reliquias santas; se ignorou tambem por muitos annos o sitio, em que estava taõ preciozo thezouro, que se veyo a descobrir na forma seguinte. Vendo o Papa Xisto V. os Authores antigos, que tratavaõ da milagrosa trasladaçaõ deste Santo para o porto de Sines da Lusitania, escreveo a D. Theotonio de Bragança, Arcebispo de Evora, para que fizesse diligencia por descobri-lo no mesmo sitio de Sines. A' vista desta recõmendaçaõ, se dispôs o V. Arcebispo para taõ pia, e santa diligencia, com jejuns, oraçoens, e esmólas, e entrando a indagar o sitio, e a informar-se dos naturaes, e das tradiçoens, descobrio com effeito o sagrado penhor na praya da Junqueira, de cujo achado lhe resultou alegria inexplicavel. Reconhecidas

Descobre o sitio onde estava occulto o santo corpo, D. Theotonio de Bragança.

nhecidas as sagradas Reliquias pelas mesmas, de que fallaõ os Authores, por taes as approvou, e as depositou na Igreja Matriz daquella Villa de Sines, em huma arca de tres chaves, e se encheraõ mais duas da terra da sua sepultura, que exhála suave cheiro, e se dá aos enfermos de maleitas, com a experiencia, que há, de que he efficaz remedio para aquella enfermidade. Esta trasladaçaõ foy a 17. de Mayo de 1591. O primeiro Chronista de S. Torpes, foy hum santo Varaõ, chamado Arthemio, que assistia no Palacio de Nero, e se converteo á Fé Catholica, na fórma, que diremos no seguinte Capitulo.

SANTO ARTEMIO, E AUDAZ.

Cõvertido Santo Arthemio, teve revelaçaõ do sitio onde estava o corpo de S. Torpes.

1 SAnto Artemio era Superitendente da Casa de Nero, na occasiaõ em que se martyrizou S. Torpes, para o que tambem concorreo. Porém ponderando nos prodigios, que se viraõ naquelle martyrio, e inspirado do Ceo, que o tinha destinado para Chronista deste Santo, detestou as Idolatrias, e se reduzio á nossa sagrada Religiaõ. Logo que foy banhado na piscina da Graça, teve revelaçaõ do maritimo porto do Oceano, em que aportou o santo corpo. Dezejoso de visitá-lo partio de Italia dezasete annos depois do laureado triunfo de S. Torpes. Como vinha encaminhado pelo Ceo, facilmente deo com o sitio, no qual achou ao mancebo Audaz, que continuava na sua guarda, pelo ter ajudado a sepultar. Alli lhe contou a gloriosa tragedia do seu martyrio, e alli se resolveo a ficar até acabar a vida mortal, na companhia de Audaz, vivendo ambos em taes virtudes, que mereceraõ veneraçoens de Santos na vida, e serem tratados por taes depois da morte. Sepultaraõ-se as Reliquias destes dous Santos Confessores junto ás de S. Torpes, e com effeito se acharaõ na occasiaõ em que se achou o santo corpo (como deixamos dito tratando atras da sua trasladaçaõ) muitos ossos demais, que parece serem destes Santos Confessores; como se colhe do Agiol. Lusitano, que trata da sua trasladaçaõ no mesmo dia da de S. Torpes. Concluo com copiar aqui o que diz o *Flos Sanctorum* antigo Portuguez no liv. 3. fallando de Santo Artemio, na vida de S. Torpes.

2 *Quinze anos acabados, que aquesto foi, souberon todos certamente de como Nero perecera, e foron mui alegres por elo todalas Provincias daquella terra, e convertionse, e crion en N. Senhor, e enton saiu de Pisa hũ dos Officiaes, que foron de Nero, que avia nome de Arthemio, e que recebera ja baptismo, e foise para a ribeira do mar áquelo logar, que era chamado o porto de Seno, e quando chegou a lá começou a adorar o corpo do Santo, que hũ jazia, e disse aos que hũ estavan como há nome o Santo que aqui jas: E disseromlhe: Torpes. Enton conheceo Arthemio que aquelle era o que foi marteirado em Pisa, por mandado de Nero. E disse: Perdoeme N. Senhor, quantas couzas eu fiz contra el, por mandado dos maos Princepes Gentios. Ca eu fiz a sua paixaõ, quando este justo foi marteirado. E disseronlhe enton, como ás nome, i elle disse Arthemio, pois sabes tu verdadeiramente como morreo aqueste Martyr, e Arthemio disse: eu foi em todo, e sei como foi marteirado. Disseron elles, contanos todo seu feito. E Arthemio, que era home mui sabedor, e mui leterado, ditou o feito, e paixon, segundo que avedes ouvido, e recebeo del hũ que avia nome de Audacis, e descobriua por todo o mundo.*

SANTO AGINHA *salteador no monte de S. João de Arga.*

1 VErdadeiramente que a maõ Omnipotente do Summo Artifice entaõ se mostra mais poderosa, fazendo que os carvoens do inferno pela culpa, se transformem em carbunculos do Ceo por meyo da penitencia. E se, como diz Santo Agostinho, o mover huma vontade depravada he mayor milagre que dar vista a cegos, e vida a mortos; veremos estas maravilhas de Deos resplandecer na conversaõ de hum homem facinoroso com celestial, e Divina Luz entre as sombras da humana impiedade. Vivia pois na serra de S. Joaõ Baptista de Arga [que fica no termo da Villa de Caminha do Arcebispado Primaz de Braga] hum homem, a quem o vulgo chama Aginha, taõ esquecido da morte, e da conta, como entregue aos mais graves delictos, atrocidades, e excessos, que reprehendem, e castigaõ as Leys, e abomina a razaõ; pois naõ só tirava aos passageiros as bolsas, senaõ tambem as vidas, que he a mayor iniquidade, a que póde chegar hum homem dezamparado da maõ de Deos.

Vivia no monte de Arga salteando, e roubando aos passageiros.

2 Encontrando este monstro de excessos a hum pobre, e veneravel Religioso, [talvez Monge Benedictino de hum Convento, que antigamente houve na mesma serra] lhe pedio a bolsa; e como lhe dissesse naõ usava de bolsa por lho naõ permittir o seu estado, se pôs em termos de tirar-lhe a vida. Vendo-o com effeito o bom Religioso com a espada desembainhada, se pôs de joelhos diante delle, e pedindo-lhe que o ouvisse antes de o matar, lhe fallou assim: *Irmaõ, que tiras das continuas fadigas, que tens; dos grandes descômodos, que padeces, e da má vida, que passas neste mundo, humas vezes em risco de que te matem os que roubas; outras naõ dormindo em lugar certo, porque te naõ prendaõ; outras naõ accendendo lume, porque te naõ presintaõ, e raras vezes tendo com que te sustentes, e nada com que te cubras, pois te estou vendo quasi nù; e ultimamente hum certo Inferno para a tua alma, ganhado tanto á custa de teu corpo? Repara bem no que te digo; e quanto vay de fugir á gente para tratar com feras, como de perderes a vista de Deos, e ganhares a do Diabo. Pôem emenda na tua vida, que Deos com huma bôa morte te dará a gloria.*

Exhorta-o hum Religioso á penitencia.

3 O ladraõ, como homem que vivia totalmente esquecido de Deos, e dezesperado da sua salvaçaõ, se oppôs á practica do Servo do Senhor com o pretexto de que era indigno da misericordia Divina, quem como elle a tinha aggravado tanto com os seus grandes excessos, e latrocinios. Vendo-o o Religioso com duvida no perdaõ, lho facilitou com razoens santas, as quaes seriaõ na substancia as seguintes: *Que duvidas, ó mortal, da liberalidade Divina? Por ventura naõ he altissima gloria de Deos o perdoar aos peccadores? Para que nos espera elle no meyo de tantas iniquidades, e quando mais engolfados em vicios, e insultos; senaõ para nos receber em seus misericordiosos braços, quando nos chegarmos a elle, por meyo do arrependimento? Chega pois seguro na certeza de que tens hum Senhor, e hum Pay piedoso, cujas entranhas naõ acertaõ a castigar aos que o buscaõ arrependidos: e da maneira que o benigno pay se compadece dos filhos, a que ama muito, assim o Senhor dos que o temem; porque conhece a fragil materia de que somos formados. Alenta te pois, chora essas mesmas perversidades, que te fazem duvidar do perdaõ, aos pès de hum Confessor, e naõ ponhas duvida na clemencia de quem está dezejando que o faças assim. Naõ quer o Senhor a morte, senaõ a conversaõ, e vida do peccador; pois por isso se pôs, e pende dos braços amargosissimos da Cruz, e por isso se deixou morrer entre dous homens, a quem tu imitaste nos latrocinios: e assim, como hemos de crer condenará ao penitente, quem morreo porque o penitente*

Facilita-lhe o perdaõ suppostа a misericordia de Deos.

nitente se naõ condene? Como o lançara de si, quando se acha buscado delle, o que baixoa do Ceo a buscá-lo?

Da-se por convencido o salteador.

4 Tocado o já venturoso peccador da soberana efficacia das santas palavras, com que o Religioso o exhortou à emenda, e á penitencia de suas culpas, com grande copia de lagrimas, e sinaes sem numero de arrependimento, recorreo á memoria de seus peccados, dos quaes fez logo huma geral confissaõ com o mesmo Padre, que a ella o moveo, mediante o favor Divino; o qual lhe deo por penitencia, que, na mesma serra, em que tantos damnos havia feito, continuasse em algum tempo a soccorrer, e a fazer o bem, que lhe fosse possivel, aos passageiros, que por alli passassem. Protestando morrer antes mil vezes, do que offender a Deos huma só, se ficou no mesmo sitio a chorar seus peccados, regando com lagrimas os montes, que tinha regado com sangue innocente. Feriria seus peitos com summa dor, e sua alma com a perpetua memoria dos excessos, que alli havia commettido: e certamente que estes haviaõ de ser os fiscaes, que o accuzariaõ e que contra elle pediriaõ justiça. Parece que já naquelle penitente estado se lembraria da severidade de hum Juiz offendido, a quem constava o menor de seus peccados, e insultos; e parecendo-lhe que as lagrimas, que derramava, eraõ sangue que devia verter, naõ cessava de participar aos mesmos montes a grandeza da sua dor em prantos, gemidos, e lagrimas.

Faz penitencia dos seus peccados.

5 No tempo em que o nosso penitente andava dando satisfaçaõ a Deos, e á penitencia, que o seu Ministro lhe arbitrara, encontrou hum lavrador com a fadiga de levantar hum carro de mato, que se lhe havia virado: e querendo o nosso penitente ajudá-lo com grande caridade; o lavrador, que sabia dos seus latrocinios, e ignorava o arrependimento delles, lhe deo com huma enxada na cabeça taõ grande golpe, que delle cahio morto, e deixando-o no mesmo lugar, que era occulto, se retirou para sua casa, onde naõ participou a pessoa alguma a morte que havia feito. Como porèm chegasse á noticia do Soberano o máo procedimento de Aginha, e que era o horror daquellas montanhas, baixou decreto para que o prendessem, ou matassem, acompanhado de promessas. Tendo noticia delle o lavrador, assim por se jactar da vil valentia que obrara, como por se fazer digno do promettido premio, disse que o havia morto. E offerecendo-se logo para mostrar no sitio os ossos, o acompanharaõ muitas pessoas, que com grande pasmo, e confuzaõ acharaõ o bendito corpo naõ só preservado de corrupçaõ, senaõ tambem muito alvo, e cheirozo. O naõ se atrever a terra a desfazer seu corpo, e o naõ lhe tocarem as bestas feras, a que estava exposto, parece foy por reconhecerem era merecedor de estimaçaõ, e reverencia, por ter sido morada de hum espirito, que já habitava nos Palacios da Luz eterna em premio da sua grande contriçaõ, e perfeita penitencia. E como, álêm do prodigio da incorruptilidade, approvou Deos Senhor nosso a sua virtude no mesmo tempo com outros prodigios, que nos deixou occultos a sua antiguidade, o acclamou o povo por Santo. chamando-lhe *Santo Aginha*, que no Portuguez antigo quer dizer depressa, alludindo em elle passar de ladraõ a Santo em pouco tempo; pois o naõ conheciaõ por outro nome, que o de ladraõ da serra de Arga. Delle reza o Breviario Bracharense.

Mata-o hum lavrador.

Acha-se seu corpo incorrupto, e cheiroso.

6 Da vida, e penitencia deste Santo podemos conhecer, ó mortaes, como nenhum póde desconfiar do seu espiritual remedio, pela atrocidade de seus crimes; com tanto, que em tempo competente se aparte delles, e faça de si vivo, e agradavel sacrificio á benigna bondade de Deos, glorificando as suas infinitas misericordias com legitima penitencia, e total emenda das desordens, que nos levaõ pelo caminho da perdiçaõ, por falta da consideraçaõ do fim para que nascemos, e da morte para que como velóz rayo caminhamos. Choremos, ó peccadores, os nossos peccados á imitaçaõ deste,

Persuade-se a penitẽcia, a seu exemplo.

deste, e de todos os mais Santos penitentes. As cousas pezadas se levaõ por agoa; e como os peccadores sejaõ taõ pezados, [como diz David] com as agoas das lagrimas devem ser lavados. As lagrimas saõ huma medicina, e emplastro applicado ás chagas dos peccados: estas tiraõ o peccado, e para nenhuma outra cousa aproveitaõ, senaõ para o tirar, e desfazer. Ainda que choreis a morte de vossos pays, de vossos filhos, de vossas mulheres, e de vossos amigos, e derrameis lagrimas por algum bem temporal que perdestes; nem por isso resuscitarãõ os defuntos, nem recuperareis o bem perdido; e assim fica sendo certo que chorastes debalde: porèm debalde naõ chorareis, se chorardes os vossos peccados; pois o mesmo será o chorá-los legitamente como offensas feitas a Deos, que o serdes perdoados do mesmo Senhor, como diz pelos seus Profetas.

David Psal. 37.

Ezec. 18.

7 As lagrimas saõ medicina propria para a enfermidade do peccado, e de nada serve o applicá-las para cousas do mundo. Quando as mulheres de Jerusalem choravaõ ao Senhor na sua Paixaõ, se voltou o Redemptor para ellas, e lhes disse: *Filhas de Jerusalem, naõ choreis por mim, porèm choray por vósoutras. Vede, mulheres, que errais; porque essa medicina naõ se há de applicar senaõ onde há peccados, e pois eu naõ tenho peccados, naõ queirais chorar por mim, senaõ por vósoutras, e por vossos filhos peccadores.* Esta medicina applicava o Redemptor, como summamente Sabio, sómente aos peccadores. Chorou sobre Jerusalem; porque naõ conhecia o tempo da sua vinda. Chorou sobre Lazaro indignando-se contra o peccado, que trouxe a morte ao mundo; e chorou na Cruz por nossos peccados, e com suas lagrimas nos alcançou perdaõ delles. David, como entendido, e prudente, naõ chorou a morte do filho, que era sem peccado, antes se alegrou, e consolou, chorando com grande amargura a morte do outro filho Absalaõ, que morrera em peccado.

Luc. 23.

Prosegue-se o mesmo.

8 S. Pedro, cheyo do Espirito Santo, disse a huns peccadores: *Fazei penitencia em remissaõ de vossos peccados: rogai a Deos que vos tire a dureza do coraçaõ, e vos veja com os olhos de sua Clemencia, para que possais chorar vossos peccados neste valle de lagrimas.* Pôs Christo os olhos no mesmo S. Pedro, e logo chorou com amargura as negaçoens. Assim como o gado de Rachel naõ podia beber, sem que primeiro lhe tirasse Jacob a pedra do poço; assim, se Deos naõ tira do nosso coraçaõ a pedra dura da obstinaçaõ, naõ poderemos chorar. Naamaõ Siro, lavando-se em o Jordaõ, alcançou perfeita saude em seu corpo: a qual alcançaremos todos na alma, se nos lavarmos com a agoa das lagrimas da penitencia. A Gloriosa Magdalena derramou muitas lagrimas quando outros estavaõ comendo em casa do Phariseu, as quaes foraõ no mesmo ponto acceitas do Redemptor, que conhecia serem nascidas da sua dor; porque assim como a dor acompanha a penitencia, assim as lagrimas saõ testimunhas da dor. Assim como á alegria do mundo anda annexa a tristeza; assim as lagrimas, que por Deos se derramaõ, saõ acompanhadas de alegria. Quem haverá que possa eximir-se de chorar, e de derramar lagrimas por seus peccados! Entremos pois em o interior de nossas consciencias, examinemo-las bem, pondo os olhos na vida passada; e o que offendemos a Deos na idade da juventude, choremos na idade provecta, e na velhice, reflectindo no muito tempo que demos ao mundo, e no pouco que demos a Deos. Assim como com agoa se borra, e desfaz a escritura, assim com as lagrimas se borra, e desfez o processo, e escritura de morte, que o demonio tem contra nós. Diz o Profeta Rey: *Os que semeaõ com lagrimas, colheràõ com alegria.* Semeemos em fim, ó mortaes, agora lagrimas, para com ellas lavarmos as culpas, que tivermos cõmettido: porque só pelo meyo das lagrimas da penitencia mereceremos as musicas Celestiaes, assim como as mereceo este grande peccador pelas lagrimas da sua penitencia.

Act. 2.

Mat. 26.
Genes. 29.

Psal. 125.

S. Fr. DOMINGOS MARTINS *Religioso Cistercíense*, *e Abbade de Alcobaça.*

1 IGnora-se a patria, que o procreou, e ainda as acçoens mais particulares, em que se exercitava, nos há occultado, ou o descuido dos Escritores, ou a modestia dos Monges seus contemporaneos, que rezervaraõ só para o Ceo a gloria devida a taõ insigne Varaõ, que foy em fim taõ adornado de virtudes, que se julgou concorrerem cabaes nelle quantas exornaõ o caminho da perfeiçaõ, e quantas queriaõ tivessem os Monges daquelles tempos, quem os devia governar, e guiar por ella com o exemplo. Elegeram-no pois Abbade da Real Casa de Alcobaça, Dignidade que rejeitou com todas as veras, por temer nella os perigos, que naõ ponderaõ os homens ambiciosos das Prelazias, que as procuraõ, e talvez com capa de zelo, e com mascara de virtude. De nenhuma cousa, ó mortaes Religiosos, vos deveis tanto temer, e vigiar, como do contagio, ou infernal appetite do governo, assim pelo vosso perigo, como pelo damno da Religiaõ: e para que naõ vos deixeis sobornar, e cegar do vicio da ambiçaõ, trazei prezente na memoria o que diz o Melli-fluo Bernardo por estas palavras: *He a ambiçaõ mal subtil, peçonha secreta, peste encoberta, artifice de enganos, mãy da hypocrizia, causa da inveja, origem de vicios, traça roedora da santidade, cegueira dos coraçoens, a qual do antidoto faz veneno, e da medicina gera doenças &c.* Advirtaõ todos aquelles, que tem a ambiçaõ por mal pequeno, que he causa de damno irreparavel: o que parece tinha muito bem experimentado o Santo Monge Pachomio, que já no seu tempo dizia: *Que assim como huma faisca de fogo, se dá em huma seara, queima os trabalhos de todo hum anno; assim o vicio da mortal ambiçaõ, aonde entra abraza, e faz em breve arruinar todo o bem, que em toda a vida o Religioso tinha grangeado.*

Falla se da ambiçaõ, e do que della diz S. Bernardo, e S. Pachomio.

2 Como prudente, e santo andou o nosso Servo de Deos, em rejeitar a Dignidade; e como santamente humilde, e obediente andou em acceitála, obrigado da obediencia: porque devia naõ ignorar, que, para a obediencia ser perfeita, ha de ser sepulchro da vontade propria, e huma morte mystica, que a condene, e desterre. Olhava talvez para a propria vontade como a inimigo capital da perfeiçaõ christaã, e reconhecendo na sua liberdade o seu perigo, a prendeo em o cego carcere da obediencia: e como correraõ sempre á conta da Sabedoria Divina a segurança, e o acerto dos verdadeiros humildes, e obedientes, ociozo nos ficará escrever o acerto do seu governo. Achou-se este Servo de Deos em hum Concilio, que se celebrou em Compostella, pelo Arcebispo D. Rodrigo Gonçales, no qual se tratou da restauraçaõ da Terra Santa. Na volta do Concilio foy assistir ao Capitulo Geral, que se celebrou em França; no mesmo Capitulo alcançou licença para a erecçaõ do Real Convento de Odivellas, em cuja solemnidade depois assistio. Tambem assistio na de Almoster, benzendo o sitio, e sagrando a Igreja, como Abbade que era. Trasladou o corpo do Santo Pedro Affonso, irmaõ do santo Rey D. Affonso Henriques, do Claustro de Alcobaça para a Capella mayor da Igreja.

3 Naõ obstante cumprir exactamente com a obrigaçaõ de Prelado, estava taõ mal com as honras, que pedio com grandes instancias o alleviassem daquella, e lhe admittissem a renuncia, que della queria fazer. Admittiraõ-lha com effeito, e recolhido ao retiro de sua cella, cuidou em preparar-se para a morte, com admiravel pureza de vida, austeridade, pobreza, e perfeita observancia da Regra, atheque passou das tempestades desta

vida

vida mortal, e terrena, ao porto feguro das eternas felicidades, e ditas a 22. de Janeiro de 1302. Fez efte Servo de Deos muitos milagres em vida, e depois da morte, e muitos Authores lhe daõ o titulo de Santo; e com effeito delle fe rezava em Inglaterra, antes que, pelos peccados de feus naturaes, abraçaffe aquelle defditofo Reyno a herefia, e parece que o rezarfe delle em o dito Reyno, feria pela comunicaçaõ de Irlanda, onde Alcobaça tinha huma Abbadia da fua filiaçaõ, chamada *Mazanda*. A fua fepultura foy aberta no anno de 1601. mais de trezentos depois do feu fallecimento, e foraõ achados feus fantos offos alvos, e refplandecentes, e as fólas dos çapatos incorruptas, manifefto indicio da fua fantidade, do muito que amava a religiofa claufura, e de que naõ dava paffo, que naõ foffe em ferviço de Deos, que feja eternamente louvado em feus Santos. Defte efcrevem varios Authores, entre os quaes faõ: o Martyrologio Benedictino, a Chronica de Cifter, e o Agiologio Lufitano a 22. de Janeiro, para honra, e gloria de Deos, que feja eternamente louvado em feus Santos.

Do feu fallecimento, e de como fe rezava delle em Inglaterra.

SANTO ANCIRADO *Eremita Agoftinho, Fundador do antigo Convento de Penafirme.*

1 NAfceo efte Servo de Deos na Alemanha, e dezejofo de feguir a Chrifto, pobre, e defconhecido deixou a patria, e veyo para efte Reyno procurar hum fitio folitario, em que totalmente fe deffe ao mefmo Senhor; porque naõ ignorava fer a foledade hum porto feguro, em que livre das tempeftades do mar do mundo, de fuas perturbaçoens, e cuidados, fe recolhe o animo tranquilo, e fereno á oraçaõ, e contemplaçaõ. Para fe dar, pois, a efta, achou muito a propofito o fitio de Penafirme, que he hum dos mais folitarios de Portugal, e fica entre as Villas da Lourinhaã, e Atouguia, no qual fez affento, e affiftio alguns annos occupado em continua oraçaõ, jejuns, abftinencias, e em outras eremiticas obras dignas do feu agigantado efpirito. Aggregaraõ-fe-lhe alguns Varoens veneraveis dezejofos de o imitarem, e cuidou com tanto defvélo, e com diligencia taõ eftudiofa daquellas novas plantas da Religiaõ, que naõ ceffava de as regar com celeftial doutrina, cultivando-as com as mais infignes virtudes, e difpondo-as para que crefceffem, com o exemplo da fua Apoftolica vida. Depois de os achar muito adiantados nas eremiticas virtudes, e de eftabelecer fantas regras para o caminho da perfeiçaõ, fe refolveo a paffar á patria, talvez com animo de fazer nella a Deos iguaes ferviços. Pôs fe a caminho com grandes faudades de feus difcipulos, e antes de atraveffar Italia, naõ longe do lago Tigurino, vizinho aos Alpes, foy gozar do eterno premio entre o viftofo exercito dos Martyres de Chrifto; pois lhe tiraraõ a vida huns Herejes, em odio da Fé Catholica, que viaõ profeffava, pelo habito que levava. Defte Santo fe efcreve com diverfos nomes, e de que he Ancirado o verdadeiro he opiniaõ mais certa, fegundo o prova o Author do Agiologio Lufitano a 4. de Fevereiro, onde moftra fundara efte Servo de Deos o Mofteiro de Penafirme, pelos annos de 850. do Nafcimento de Noffo Senhor Jefus Chrifto, que feja eternamente louvado em feus Santos.

De como veyo da Alemanha.

Da-fe á côtemplaçaõ no fitio de Penafirme.

Volta para a patria, e martyrizam-no.

S. PAULO DE CRUNOQUENI , S. JOAM GOTO , E S. DIOGO QUISAI , *Martyres da Companhia de Jesus Japonezes.*

S. Paulo foy Virgem, e M.

1 NAſceo o Bemaventurado S. Paulo em Crunoqueni , Reyno de Avá , o qual de vinte e dous annos de idade entrou na Companhia , onde procedia ſantamente , ſingularizando-ſe na virtude da caſtidade , em cuja guarda velou tanto , que ſe conſervou virgem até á morte , e aſſim teve a dita da coroa de Virgem , e de Martyr. Naſceo S. Joaõ em hum lugar chamado Goto , e por ſer peſſoa de grande virtude , muito perita na doutrina , ſervia de inſiná-la , e de inſtruir aos Japonezes , que hiaõ convertendo os Padres da Sagrada Companhia de Jeſus. S. Diogo Quiſai naſceo na Cidade da Virgem , onde recolhido na Caſa da Companhia de Ozaca occupava o officio de Porteiro ſecular. Foraõ pois todos prezos com outros muitos Japonezes , com o pretexto de que guardavaõ a Fé de Chriſto , e abominavaõ as Idolatrias Japonezas. Era Paulo illuſtre por ſangue , e muito mais illuſtre pelas grandes partes , e virtudes naturaes , e ſobrenaturaes , com que o Ceo o enriqueceo , cauſa , porque ſe fazia amado , e venerado de todos ſeus naturaes ; e porque deraõ tal aſſenſo , e credito aos ſeus Sermoens , que muitos ſe deraõ por vencidos , e convencidos das Apoſtolicas verdades , que efficaz , e fervoroſamente lhes intimava , aſſim antes da prizaõ , como nella , pois o conſervaraõ prezo , opprimido , e faminto , largo tempo , perſuadidos que deixaria de confeſſar , e de prégar a Chriſto crucificado. Tirado da prizaõ , o trouxeraõ á vergonha , de Cidade em Cidade , fazendo-lhe aquella vil canalha muitos opprobrios , que recebia com alegria , e como mercês de Deos , de quem , e de ſeus altiſſimos myſterios fallava com extraordinario zelo , e indizivel fervor. No meſmo tempo , que o tinhaõ prezo , e eſtavaõ vexando , eſtavaõ tambem martyrizando aos Santos Franciſcanos , de quem logo fallaremos ; e como lhe diſſeſſe hum Idolatra , que o livraria da morte , que ſe dava áquelles Padres , ſe naõ perſeveraſſe na teima de ſeguir a ſua Ley , reſpondeo : *Que pois o Senhor o trouxera a tempo de lhe ſacrificar a vida em holocauſto , com que ſegurava a ſalvaçaõ ; queria ſeguir taõ esforçado Capitaõ acompanhando aquelles valoroſos Soldados , e taõ illuſtre eſquadraõ , e como devoto do Serafico S. Franciſco , recebia particular conſolaçaõ de padecer por Chriſto em companhia de taõ ſantos filhos.* Vendo o Idolatra principal , que o queria perſuadir , e os mais que eſtavaõ preſentes , a ſua livre reſpoſta , pegaraõ nelle , e o arvoraraõ em huma Cruz , que a ſua crueldade tinha preparado , da qual fazendo pulpito o ditoſo Paulo , lhes prégou couſas altiſſimas , e entre ellas o ſeguinte : *Que elle tambem era Japaõ ; e como tal os dezenganava , pela obrigaçaõ , que lhe corria deſde aquella hora de fallar verdade , que ſó na Ley de Chriſto havia ſalvaçaõ ; e pois o meſmo Senhor poſto na Cruz orou por ſeus inimigos , e pelos complices da ſua morte , e lhes perdoou ; tambem elle [com prompta vontade] fazia o meſmo.* Acabadas apenas eſtas palavras , enviou á Gloria o ſeu triunfante eſpirito , que deixou o carcere corporeo , ſahindo pelas bocas , que nelle abrio huma cruel lança.

S. Joaõ Cathaquiſta dos PP. da Companhia.

S. Diogo, Porteiro ſecular na Companhia.

Préga S Paulo aos naturaes com grãde fructo.

Arvorado na Cruz dezengana a ſeus naturaes, e conſumma o ſeu Martyrio.

2 O Beato Joaõ , foy o que ſe lhe ſeguio , o qual era taõ firme na Fé , que tendo avizo de que o prendiaõ , antes ſe quiz deixar prender , do que fugir á perſeguiçaõ , como couſa licita. Eſtando já prezo , tinha unicamente deſgoſto de morrer , ſem ſer profeſſo na Companhia , em que era Noviço ; porem quiz o Ceo dar-lhe eſta conſolaçaõ , ordenando o foſſe profeſ-

ſar, e confeſſar o P. Franciſco Paſſio, com a qual ficou taõ forte para o certame, que naõ fazendo caſo das paternas, e maternas lagrimas, que lhe pediaõ a vida, e eſquecido do natural temor da morte, ſó anhelava porque lhe chegaſſem a Cruz, para nella dar a vida a quem por elle primeiro a dera na meſma Cruz. Eſtando em fim para ſubir a ella, ſe deſpedio de ſeus pays, parentes, e naturaes, com admiravel valor, e diſſe já della para o Padre, que o animava: *Tiveſſe confiança, que com o divino favor naõ deſmayaria*, e por obra moſtrou a valentia, que Deos lhe cõmunicou, pois ſendo de dezanove annos ſómente, tolerou horrendas lançadas, com o mais alegre ſemblante, e valor, entre as quaes enviou a Deos o eſpirito.

Profeſſa a rõupeta da Companhia eſtando ja prezo o B. Joaõ, e conſumma o ſeu Martyrio.

3 O Beato Diogo padeceo por largo tempo, como os mais, prizoens, carceres, e deſprezos com igual alegria, e conformidade com a vontade de Deos, e por ultimo foy tambem crucificado, e alançeado, e aſſim conſummou a illuſtre coroa de Martyr, de que foy receber no Ceo a coroa da vida eterna. Seus ſantos corpos eſtiveraõ arvorados nas Cruzes, por eſpaço de nove mezes, tanto ſem corrupçaõ, que eſtavaõ alvos, e apraziveis, e como ſe eſtiveſſem dormindo. O Pontifice Urbano VIII. os declarou por verdadeiros Martyres a 10. de Julho de 1627., e delles reza a 5. de Junho a illuſtre Religiaõ da Companhia, que muito ſe deve prezar deſtes Santos Martyres, por terem os primeiros, que por taes foraõ conhecidos da meſma Religiaõ. Em Vianna do Alentejo ſe guarda, como precioſa Reliquia, na Capella da Conceiçaõ do Convento de Jeſus, hum braço do Beato Diogo, o qual trouxe de Macáo (onde ſe conſerva ſeu ſanto corpo) o Padre Antonio Cardim da Companhia de Jeſus, que ſeja eternamente louvado, em ſeus Santos. Deſtes eſcrevem varios Authores, entre os quaes ſaõ: o Padre Luiz Pinheiro na Relaçaõ do Japaõ, Fr. Elias de Santa Thereza no livro das Almas &c.

Conſumma S. Diogo o ſeu Martyrio.

Conſervaõ-ſe ſeus corpos incorruptos por nove mezes, arvorados na Cruz.

Em Vianna do Alentejo ſe cõſerva hum braço do B. Diogo.

S. Fr. PEDRO BAPTISTA *Religioſo Franciſcano, e 22. companheiros, cujos nomes ſe declaraõ, que padeceraõ no Japaõ.*

1 A Freguezia de Santo Eſtevaõ, que fica no Biſpado de Avila, muito ſe deve gloriar de haver cõmunicado os vitaes alentos a taõ grande Capitaõ da milicia de Chriſto, qual foy o glorioſo Fr. Pedro Baptiſta; e naõ menos ſe póde jactar a ſagrada Religiaõ Franciſcana, e a Provincia de S. Joſeph, de que foy digno Alumno. Sendo Guardiaõ em Merida, com auſteridades, vigilias, e outros exercicios, já interiores, já exteriores, avaſſallou o corpo deſorte, que diſpôs ſeu eſpirito a grande aproveitamento na caridade, e affectos fervoroſos do amor de Deos; tanto, que incendido neſta nobre chamma, o ſangue naõ lhe cabia nas vêas, e anhelava vertê lo na defenſa, e na ampliaçaõ da Fé Catholica, em correſpondencia (ainda que deſigual) ás finezas do Salvador. Para alcançar eſte fim, tomou o meyo de paſſar da Guardianía de Merida ás Filippinas, em que foy Cuſtodio, e dalli ao Japaõ, com o titulo de Embaixador, onde com as ſuas elegantes razoens, e efficazes perſuaſoens, conſeguio do Imperador Taycozama licença para erigir Hoſpitaes, Igrejas, e Conventos.

O B. Fr. Pedro Baptiſta.

Alcança licença do Imperador para Fundar Conventos.

2 Vendo porêm o Imperador que craõ innumeraveis os Vaſſallos, que, deixando a adoraçaõ dos Idolos, abraçavaõ a Religiaõ Catholica, mandou prender a Fr. Pedro ao Convento de Meaco, e a ſeus companheiros, os quaes eraõ: o Beato Fr. Martinho da Aſſenſaõ, natural de Vergara, Villa de Biſcaya, o qual tomou o habito na Provincia de S. Joſeph, e era Sacerdote Prégador, e muito zeloſo do bem das almas. O Beato Fr. Franciſco Branco, natural do Condado de Monte Rey, Biſpado de Orenſe, o qual noviciou

O B. Fr. Franciſco Branco.

O B. Fr. Filippe de Jesus. *O B. Fr Gonsalo Garcia.* *O B. Fr. Francisco de Parrilha.*

noviciou em S. Francisco de Villalpando, Recoleta da Provincia de S. Tiago, Religioso Sacerdote. O Beato Fr. Filippe de Jesus, natural de Mexico, que entrou na Ordem em Manila, e era Acolyto. O B. Fr. Gonsalo Garcia, natural de Baçaim da India, filho de pay Portuguez, e de mãy Indiana; o qual, depois de ter o trato de mercador, tomou o habito de leigo em Manila, e como perito na lingua Japoneza, sempre acompanhou ao Santo Cōmissario; e o B. Fr. Francisco de Parrilha, natural de huma aldêa do mesmo nome, que fica quatro legoas de distancia de Valhadolid; o qual recebendo o habito de leigo na Provincia de S. Joseph, naõ satisfeito com o rigor de vida, que nella se observa, com licença de seus Prelados veyo a Lisboa a pé, e descalço, para se metter na Arrabida: porêm naõ conseguio o effeito dos seus dezejos, pois o Generalissimo, que entaõ se achava em Lisbõa, lhe disse voltasse para a sua Provincia, que assim era vontade Divina. Estes foraõ pois os Religiosos, que se prenderaõ com o Santo Cōmissario, por ordem daquelle impio Imperador, que naõ só mandou prender aos ditos, senaõ tambem a outros innumeraveis, que incorreraõ na sua indignaçaõ, e iniqua sentença, (que foy causa de vinte mil pessoas de diversos estados se offerecerem ao martyrio) entre os quaes nomearemos os que foraõ juntamente prezos, e crucificados com os nossos santos Religiosos, com a advertencia de que todos eraõ Terceiros Franciscanos.

O B. Leaõ, Hospitaleiro. O Beato Leaõ Carasuma, que, sendo no seu principio Bonzo, se converteo a persuasoens dos santos Religiosos, de quem foy o primeiro discipulo. Querendo huma Idolatra Joponeza cazar com elle, o naõ quiz fazer sem que primeiro abjurasse, como abjurou, a Idolatria, e era no tempo da prizaõ Hospitaleiro de grande caridade.

O B. Bōaventura. O Beato Bōaventura, que cahindo primeiramente na desgraça de retroceder na Fé, temeroso dos tormentos, tornou ao gremio da Igreja com grandes mostras de arrependido, a persuasoens dos santos Religiosos.

O B. Gabriel. O Beato Gabriel, moço de dezanove annos, muito firme na Fé, o qual servia de instruir nas verdades Catholicas aos convertidos pelos Religiosos; erá natural do Reyno de Isce, e pelas suas oraçoens, se converteo seu pay.

Os BB. Miguel, e Thomè. O Beato Miguel Cozaqui, e seu filho o Beato Thomé, de doze annos de idade, naturaes do Reyno de Isce, os quaes serviaõ hum de Cathecista dos Religiosos Franciscanos, e outro de os ajudar ás Missas.

O B. Antonio. O Beato Antonio de Nangazaqui, menino de dez annos, que ajudava ás Missas aos Padres.

O B. Luiz. O Beato Luiz, sobrinho dos Gloriosos Joaõ, e Paulo, Martyres, de quem deixamos escrito, o qual era de doze annos de idade, e ajudava ás Missas aos Padres.

O B. Paulo. O Beato Paulo Zuzuniqui, Hospitaleiro, vizinho de Meaco.

O B. Cosmo, espadeiro. O Beato Cosmo Zaqueya, natural do Reyno de Outi, o qual uzava pelo officio de espadeiro, e tinha feito voto de continencia.

O B. Thomè. O Beato Thomé Danchi morador em Meaco, o qual era boticario, e lingua dos Religiosos.

O B. Francisco, Medico. O Beato Francisco, vizinho da propria Cidade de Meaco, o qual exercitava a Medicina, e converteo a sua mulher, e filhos.

O B. Joaquim, cozinheiro. O Beato Joaquim Sanquier, homem de grande caridade, o qual servia aos Religiosos de cozinheiro.

O B. Paulo, Hospitaleiro. O Beato Paulo Juaziqui, natural de Oar, Irmaõ do santo Martyr Leaõ, o qual servia de Hospitaleiro, e de interprete, Prégador.

O B. Joaõ Quizuya, tecelaõ. O Beato Joaõ Quizuya, natural da Cidade de Meaco, o qual uzava do officio de tecedor de sedas.

O B. Mathias. O Beato Mathias, que com rara felicidade entrou em lugar de outro do mesmo nome, como diremos.

O B. Francisco, carpinteiro. O Beato Francisco, official de carpinteiro, e o Beato Pedro Suquixiro, os

os quaes, indo acompanhando os Santos Martyres, tiveraõ a felicidade de os acompanhar tambem no martyrio.

3 Quando os ministros de Satanáz foraõ prender aos sobreditos Religiosos, e Terceiros, vendo que hum Japaõ dos nomeados na ordem, a que chamavaõ Mathias, lhes faltava, bradando por elle algumas vezes, sem apparecer, acudio outro do mesmo nome, inspirado pelo Espirito Santo, gritando em altas vozes: *Aqui está Mathias, que posto que naõ sou o proprio, a quem chamais, sou tambem Christaõ como elle.* De que exasperados, e corridos os barbaros ministros, pegaraõ nelle, e atando-lhe as maõs atrás, o metteraõ na companhia de todos os nomeados, aos quaes por ludibrio cortaraõ ametade da orelha esquerda, naõ se exceptuando aos nomeados meninos, de quem poderiaõ aprender constancia os mais velhos, se della careceraõ. Hum, por nome Thomé, metteo ao Gentilismo na mayor confusaõ, pois com animo superior aos annos, levantou da terra a sua orelha, e mostrando-a ao Juiz, disse: *Corta, se queres, corta mais, farta-te de sangue de Christaõs.* Todos desta sorte mutilados foraõ levados, com o mayor desprezo, pelas Cidades de Meaco, Ozaca, e Nangazaqui, em companhia dos Beatos Paulo, Joaõ, e Diogo, de quem atrás escrevemos, levando todos por guia, por Capitaõ, e por exemplar ao Bendito Cõmissario Fr. Pedro Baptista, que abrazado nas chammas do amor de Deos, e do proximo, naõ cessava de os animar, e roborar para o conflicto, com celestiaes palavras, e convenientes documentos.

De como cortaraõ a todos as orelhas, e do animo de hum menino que levantou a sua.

4 Chegados ao lugar da execuçaõ de taõ injusta sentença, qual a que tinha fulminado a barbara cegueira, de que fossem todos crucificados, e asseteados, abraçou cada hum a sua Cruz com alegria inexplicavel, dizendo-lhe mil ternuras, e colloquios taes, quaes o Espirito Santo lhe inspirava. Levantados todos nas Cruzes, e prezos com argolas de ferro, começaraõ a entoar Hymnos, e Psalmos, com singular alegria, e contentamento de padecerem por Christo a atroz morte de Cruz, que elle padeceo. Em fim, cantando como cisnes celestiaes mais suavemente, lhes foraõ atravessados os costados com duas lanças, com que consummaraõ gloriosamente seus martyrios. O Santo Fr. Pedro, que sendo o primeiro, que foy arvorado na Cruz, e posto entre os mais, para que, como Capitaõ, animasse a seus soldados, vendo-os todos crucificados, alançeados, e triunfantes, lhes lançou a bençaõ, com os mayores jubilos de sua bendita alma, acçaõ taõ acceita á benigna bondade de Deos, que se dignou se conserve the hoje a maõ na mesma postura, como abaixo dizemos: foy o ultimo em fim, a quem alancearaõ, o qual mereceo fallecer na Cruz com Christo, e com as palavras do mesmo Senhor: *In manus tuas commendo spiritu meum*; e no mesmo ponto sahio sua ditosa alma do ergastulo terreno, para gozar sem fim das felicidades celestes em premio de tantos combates, e merecimentos. Para nosso Senhor mostrar os de todos estes seus Servos, se servio de obrar hum grande prodigio, qual o de se conservarem todos incorruptos, alvos, e resplandecentes, por espaço de nove mezes, que estiveraõ arvorados nas Cruzes, expostos á devoçaõ dos innumeraveis Fieis, que de diversas partes concorreraõ á sua veneraçaõ. Os Portuguezes recolheraõ a mayor parte dos benditos cadaveres, aos quaes deraõ o devido culto, e espalharaõ pela Christandade. O manto do Santo Fr. Pedro se guarda no Convento de Manila, e da mesma sorte a maõ direita com que abençoou a seus Santos companheiros, vendo-os crucificados. Em S. Francisco de Lisboa se guarda, como preciosa Reliquia, a lança, com que os alancearaõ. A 14. de Settembro de 1627. foraõ declarados por verdadeiros Martyres, pelo Papa Urbano VIII., e delles se reza a 5. de Fevereiro na Cidade de Manila, e em toda a Religiaõ Franciscana. Antonia Martins, mãy de S. Filippe de Jesus, teve tal dita, que foy na procissaõ da Beatificaçaõ de seu Santo filho, entre o Vice-Rey, e o Arcebispo de

De como se abraçou cada hũ com a sua Cruz, e consummaraõ seus Martyrios.

Conservaõ se seus veneraveis corpos incorruptos nove mezes.

Conserva-se a maõ direita cõ que o Santo Fr. Pedro abẽçoou aos seus companheiros, e em Lisboa a lança com que foraõ martyrizados.

de Mexico, goſto de que lhe rezultou a morte, que dalli a poucos dias lhe aconteceo. Os Mexicanos tomaraõ a eſte ſeu natural por Patrono, e Padroeiro. Deſtes Santos eſcrevem os Chroniſtas da Religiaõ.

S. NUNTO *Abbade, Eremita de Santo Agoſtinho.*

1 DE Africa, onde naſceo, veyo para a noſſa Luſitania, com outros companheiros, no anno de 580, por cauſa da perſeguiçaõ Wandalica. Pela grande devoçaõ, que tinha á noſſa Santa Eulalia, Virgem, e Martyr, Patrona, e Titular da Cidade de Merida, cabeça da Luſitania, rezidio algum tempo na Igreja, aſſiſtindo de dia, e de noite aos Divinos Officios, com devoçaõ ſingular.

Da ſua rariſſima cautèla para mulheres.

2 Fugia das mulheres, como de mortifero veneno, e procurava com raro empenho naõ ver, nem ſer viſto de alguma. Raras vezes ſahia fóra da cella em que aſſiſtia, e quando o fazia, levava diante hum Monge, e outro detraz, para o advertirem ſe vinha, ou apparecia alguma, e entaõ, ou ſe eſcondia, e torcia o caminho, ou fechava os olhos, até lhe conſtar naõ apparecia. Dezejava muito cõmunicá-lo Euſebia Patricia, matrona illuſtre por ſangue, e virtude, da qual fazia tal conceito S. Gregorio Magno, que com ella ſe conreſpondia. Pedio eſta licença a S. Nunto para lhe fallar, e vendo-ſe deſgoſtoza por lha negar, procurou ao menos ter o goſto de o ver, por via de Redemto, Diacono de Merida, que a introduzio na Igreja, em parte donde o pudeſſe ver nas Matinas, e ao meſmo tempo que ella ficou ſatisfeita da ſua piedoſa devoçaõ, ficou elle taõ ſentido, que cahio, logo que a vio, em terra, chorando muitas lagrimas, e prorompendo em gemidos. Naõ digo, ó mortaes, que devemos imitar a eſte Santo no raro da ſua cautéla, mas digo que nenhuma cautéla he ſuperflua, pois quem ama o perigo, cahe nelle, por eſtar a occaſiaõ em hum ſó reſvaladiço, donde ſe vaõ facilmente os pés, e vem a cahir os mais avizados. Dizia S. Bernardo, que era milagre mais prodigioſo naõ ſe cahir no meyo das occaſioens vehementes, do que o reſuſcitarem-ſe innumeraveis mortos, e aſſim aconſelhava [o meſmo que obſervava S. Nunto] que ſe cuidaſſe com tanto eſtudo em evitar occaſioens de encontros de homens com mulheres, que ainda a viſta de muito longe déſſe temor, accreſcentando por conſequencia, que o ver mulheres, fallar-lhes, viver perto dellas, ou tratá-las com familiaridade, havia de ſer taõ alheyo de hum Religioſo, que ſó foſſe excepçaõ deſta regra ou a neceſſidade, ou a obediencia do ſeu Prelado.

Do quanto ſentio o encontro com huma veneravel matrona.

3 Vendo S. Nunto que naõ baſtava a ſua ſingular cautéla para viver onde naõ viſſe, nem foſſe viſto de mulheres, ſahio da Igreja de Santa Eulalia, e ſe recolheo a hum ſolitario ſitio em pouca diſtancia da Cidade, no qual ordenou hum pequeno, e pobre Moſteiro, em que ſe recolheo com ſeus companheiros, e viveo vida de Anjos [em quanto he capaz de imitá-la noſſa humana fragilidade) conſeguindo todo o choro das virtudes em gráo taõ eminente, que os meſmos Herejes o veneravaõ por Santo, como foy ElRey Leovigildo, que por tal o tinha, naõ obſtante o ſer fino Arriano; e em demonſtraçaõ do affecto que tinha áquelles ſantos Religioſos, mandou que das ſuas rendas lhes deſſem cada anno o neceſſario, encõmendando-ſe juntamente nas ſuas oraçoens. Os rendeiros, que ficaraõ com a obrigaçaõ de pagar ao Santo Abbade o mandado por ElRey, o fizeraõ o primeiro anno, mas naõ aſſim no ſegundo; e como o Servo de Deos mais ſentia a grave culpa, que cõmettiaõ, em ficarem com o que naõ era ſeu, do que a falta que fazia á ſua pobreza, os exhortou paternalmente, pondo-lhes diante dos olhos a culpa, que cõmettiaõ, de que eſtimulados os rendeiros (que eraõ finos

Sahe para o dezerto, onde fundou hum Moſteiro, e o venera hum Rey Arriano.

finos Herejes] lhe tirarão a vida no campo, onde estava pastoreando o gado do Mosteiro, que tal era a sua humildade. Divulgado o sacrilegio, sentio ElRey o cazo, e mandou ir á sua presença os matadores com tenção de os castigar; mas como S. Nunto era Catholico, os matadores, e Rey Arrianos, forão logo soltos, e absolutos pela Justiça da terra, mas não assim pela do Ceo, que tomou á sua conta o castigo; pois no mesmo tempo, que os largarão, se apoderarão delles os demonios, que depois de os atormentarem neste mundo alguns dias, para exemplo dos mais, e credito do Santo, os levarão para as trevas infernaes. Foy o seu ditoso Martyrio a 17. de Mayo de 583. segundo Padilha na Historia de Hespanha, e outros.

S. GEREAM *Martyr, Capitaõ de* 318. *soldados Martyres.*

1 FOy de nação Thebano, e hum dos mais illustres Capitaens, que teve a milicia de Christo, cuja Fé promulgava publicamente, e introduzio em innumeraveis pessoas, a quem animava a dar a vida pela sua confissaõ, como foraõ 318. soldados seus, que com elle foraõ degolados na grande Cidade de Colonia Agripina a 10. de Outubro na decima perseguição, que se fez á nossa Catholica Igreja, imperando o feroz Maximiano.

2 O Patriarcha S. Norberto descobrio no anno de 1121. por revelação Divina as suas sagradas Reliquias, que estavaõ em huma antiga Basilica de Colonia; e fez com que o Arcebispo de Colonia as elevasse, e lhes desse solemne culto, reservando porêm para si a prenda de mayor porte, que era a santa cabeça de Gereaõ, que ElRey D. Fernando de Ungria tirou da Capella de Burgo Archiducal, por Breve do Papa Clemente VII., para com outras santas Reliquias a mandar a este Reyno de prezente á Rainha D. Catharina. Vinha a santa cabeça em hum cofre forrado de veludo carmezi, com precintas, e fechaduras douradas; porêm a mesma Senhora lhe mandou fazer hum meyo corpo estofado, em cuja cabeça esteve a do Santo Martyr encaixada, e no vaõ do peito outras muitas Reliquias do mesmo Santo, e de seus companheiros, e assim esteve até o tempo em que a Infanta D. Maria, filha de ElRey D. Manoel, mandou fazer o meyo corpo de prata dourada por partes, com tal arte, que tem alguns agulheiros na superficie, por onde se vê o sagrado casco, e tocaõ Rosarios, e medalhas os devotos.

Vem para o Reyno as suas santas Reliquias.

3 A Rainha D. Catharina depositou a santa cabeça, com outras muitas Reliquias de seus companheiros no Convento dos Monges Jeronymos de Val Bemfeito, que fica no territorio de Peniche, os quaes veneraõ taõ preciosas Reliquias em Capella propria, onde vaõ innumeraveis romeiros, e enfermos pedir remedios para suas necessidades, os quaes os experimentaõ, e alcançaõ da bondade de Deos, pelos merecimentos de seus Servos. No famoso Santuario, que tem a Casa de S. Roque da Companhia, se venera hum braço do mesmo Santo Gereaõ em outro de prata, armado com bastaõ de General na maõ, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado.

Está a cabeça em Val Bemfeito, e hum braço em S. Roque de Lisboa.

S. GREGORIO NAZIANZENO *Doutor da Igreja, de quem se conserva o braço direito em Thomar.*

1 FOy natural de Capadocia, e chamado o Theologo, pela excellencia da sua doutrina, e intelligencia da Escritura Sagrada, que interpretou desorte, que mereceo a grande honra de ser declarado por hum dos quatro Doutores da Igreja Grega. Estudou em a grande Universidade de Athenas, em companhia do seu intimo amigo o grande Basilio. Depois de occupar a Cadeira de Bispo Nazianzeno alguns annos, onde fez immensos serviços á Magestade Eterna na conversaõ de innumeraveis almas, que trouxe á luz da Fé por meyo dos seus Sermoens, e dos seus escritos, foy transferido para a Cadeira Constantinopolitana, onde teve mais occasiaõ para sustentar, e prégar a Fé de Jesus Christo, e de confundir a muitos Herejes, que a intentavaõ opprimir, como eraõ os iniquos Macedonio, e Apollinar, pois este negava a Maternidade da Rainha dos Anjos, e aquelle a igualdade das tres Divinas Pessoas. Deixando a Prelazia de Constantinopla por causa das grandes controversias, que se originaraõ entre os Bispos daquellas partes, voltou para Nazianzeno, onde se deo á vida contemplativa, e Monachal, e á liçaõ das letras sagradas, escrevendo em proza, e em verso doutissimos livros, cheyos de muita erudiçaõ, e piedade, nos quaes se vê germanada a eloquencia com a santidade. Finalmente a 9. de Mayo (parece que do anno de 370.) passou á celeste Patria a receber o premio de seus serviços, este Mestre irrefragavel da verdade, e Pastor vigilante do Catholico rebanho. Foy o seu incorrupto corpo trasladado de Ascalon a Roma, e conservado muitos seculos nas Monjas Benedictinas de Campo Marcio, até que o Papa Gregorio XV. o trasladou para a magnifica Capella Gregoriana, onde existe sem a maõ direita, pela ter trazido de Ascalon o famoso Bracharense, e Mestre dos Templarios D. Galdim Paes no anno de 1168, em que conquistou aquella Cidade com Balduino Rey de Jerusalem. Collocou-a na antiga Igreja de Santa Maria dos Olivaes de Thomar, cabeça da Ordem dos Templarios, onde esteve até o anno de 1535, no qual foy tirada para o Real Convento de Thomar, onde se venera em hum galhardo braço de prata dourado, e onde se lhe fazem a 9. de Mayo solemnes procissoens, em agradecimento dos milagres que obra a Omnipotente maõ de Deos por acreditar huma maõ, que tanto se empenhou em escrever louvores seus.

Vem a sua maõ direita para Thomar.

SANTO HERMENEGILDO *Rey Lusitano.*

1 LEovegildo XIII. Rey dos Godos antes de ser coroado cazou com huma Senhora Catholica, chamada Theodozia (filha de Severiano Duque de Cartagena, e de Theodora sua esposa, pays de S. Leandro, de Santo Isidoro, de S. Fulgencio, e Florentina) de quem teve dous filhos, que foraõ o nosso Hermenegildo, e Recharedo. Morta Theodozia na Cidade de Toledo no anno de 566. cazou segunda vez Leovegildo, com Gosuintha, viuva de Atanagildo seu penultimo antecessor, obstinada Arriana. Querendo pois Leovegildo fazer participantes, e companheiros a seus filhos do seu Reynado, imitando nisto a ElRey Leuva seu irmaõ, que o havia feito seu companheiro no Reyno, fez ao filho mais velho o nosso Hermenegildo Rey de Merida, e de outras mais terras da nossa Lusitania,

Leovegildo duas vezes cazado.

sitania, que estavaõ debaixo do Gothico poder. Foy Hermenegildo criado com o veneno mortifero da seita Arriana, defeito que lhe fazia brilhar pouco as prendas naturaes, de que fora dotado, pois era de admiravel gentileza, de vivo engenho, de suave condiçaõ, de rara prudencia, e de singular clemencia. Prendas certamente dignas de mayor Imperio; e porque se fez benemerito de cazar com Ingunda, donzella de 16. annos, formosissima, Catholica, e filha de ElRey de França Sigiberto, e da Rainha Brunichilda sua mulher, que foy filha de ElRey Atanagildo de Hespanha, e da Rainha Goziunta, com quem cazou segunda vez Leovegildo, como dissemos, e desta sorte vinha a ser a Princeza Ingunda, com quem cazou Hermenegildo, neta da dita Gozuinta, segunda mulher de seu pay.

Fá-lo Leovegildo Rey de Merida.

2 Celebraraõ-se os esposorios do nosso Hermenegildo em Toledo, com Ingunda no anno de 579. com pompa, e grandeza Real, e nelles se achou prezente S. Gregorio Turonense, que acompanhou de França a Princeza Ingunda, com outros muitos Prelados, e pessoas de distinçaõ. A Rainha Gozuinta avó da esposada, e mulher de Leovegildo, teve contentamento com os esposorios de sua neta com seu enteado, igual ao desgosto, que concebeo com a noticia, que lhe deraõ de ella ser Catholica Romana, vendo porém que era de pouca idade, e por isso mais fragil, procurou pervertê-la, e incliná-la ao seguimento da seita Arriana, e a que se bautizasse na fórma que manda aquella maldita seita, ja com muitos affagos, e promessas, ja com ameaços, e rigores. Diz S. Gregorio Turonense que a Princeza respondera a sua avó com grandissimo valor, e constancia, dizendo: *Basta me a mim, Senhora, o haver sido huma vez lavada, e limpa do peccado original no Baptismo, confessando a Divina Trindade na igualdade das Pessoas Divinas; esta Fè creyo, e confesso de todo o coraçaõ, e, com a ajuda de Deos, naõ deixarei jamais de a crer, e de a confessar.* Ouvindo isto a cruel avó acceza em colera, e em infernal raiva pegando-lhe pelos cabellos, taõ deshumanamente a arrastou, que a deixou toda banhada em sangue: outras vezes a quiz amedrentar, e ameaçar com a morte, e a fez metter em huma cisterna de agoa, onde esteve a perigo de se affogar. Mas com estas molestias, desprezos, e ameaças, naõ pode a perversa Gozuinta mover o animo da Princeza, que estava muito firme na verdadeira Fé, e justo era que sendo ella a causa do martyrio de seu marido, como diremos, lhe ensinasse primeiro com o exemplo o como havia de soffrer os máos tratos.

Recebe em Toledo a Ingunda Infanta de França.

Padece muito Ingunda por ser Catholica.

3 Affeiçoado Hermenegildo cada vez mais ás superiores prendas de sua esposa, propondo-lhe ella as verdades Catholicas, que professava, e as falsidades Arrianas, que elle seguia, o persuadia a toda a hora com vivas razoens á detestaçaõ de seus contagiosos dogmas: naõ lhe faltando de quando em quando com saudaveis conselhos, e persuasoens santas o Arcebispo de Sevilha S. Leandro, [seu tio] e tanto trabalhou Ingunda com seu esposo, que veyo (com grande alegria dos Catholicos] a reduzí-lo á nossa santa Fé, recebendo na sua frente o sagrado crisma por maõs de S. Mausona Metropolitano de Merida, que era a ceremonia, com que os Arrianos se reconciliavaõ com a Igreja. Assim como chegou a Leovegildo noticia da mudança de religiaõ de Hermenegildo seu filho, deo as mayores mostras de sentido, e a Rainha Gozuinta como madrasta, e taõ perversa, naõ cessava de pedir ao Rey privasse a Hermenegildó do Ceptro, e da vida. Quiz ElRey, como pay, movê-lo por meyos brandos a deixar a Ley de Jesu Christo, de que fizera eleiçaõ, para o que lhe escreveo algumas cartas, as quaes foraõ de nenhum proveito; porque pela graça de Deos, que o tinha predestinado para Martyr seu, estava o animo do Principe taõ arraigado na Fé Catholica, que nem os affagos, nem as ameaças de seu pay bastáraõ para o apartar do seu santo proposito. Indignado o pay das resolutas respostas do filho, tratou de o despojar do Reyno com violencia.

Pertende a esposa de Hermenegildo fazè-lo Christaõ.

Converte se Hermenegildo, e pertende seu pay pervertè-lo.

4 Antevendo Hermenegildo o poder do pay, declarou-se Capitaõ dos Catholicos, e fortificando as melhoras Praças, que pode, bateo moedas de ouro, e de prata, as quaes tinhaõ de huma parte o seu rosto bem esculpido, com huma Cruz nos peitos, e a letra *Hermenegildo.* Da outra parte tinhaõ huma figura assentada, com coroa na cabeça, e na maõ huma cousa, que parecia ser ceptro, e a letra á roda, que dizia: *Rex inclytus*, e ao pé do assento *EM*, que he Emerita. Conservaõ-se muitas destas moedas neste Reyno em maõs de muitos curiosos, por apparecerem na Praça de Almeyda. E julgando-se Hermenegildo com desiguaes forças ás de seu pay, pedio soccorro aos Romanos, que haviaõ em Hespanha, e a Tiberio Imperador de Constantinopla, que lhe offereceo grandes sommas de dinheiro, mandando-lhe em refens sua querida esposa, e ao seu amado Infante Theodorico. Vendo Leovegildo a seu filho em tom de defensa, e naõ querendo contenda com elle, procurou reduzi-lo á sua graça, com pretextos de fingida virtude, ordenando que os pervertidos se naõ rebautizassem, mostrando com isto professar a igualdade das tres Divinas Pessoas. A este fim fez congregar Concilio em Toledo no anno de 581. pelos Bispos Arrianos, que introduzio nos Bispados dos Bispos Catholicos, que estavaõ desterrados, em o qual se estabeleceraõ estes dous essenciaes pontos exteriormente, e naõ na realidade, dissimulada astucia para enganar aos Catholicos, e mitigar ao Santo Principe. Mas nem estes, nem outros similhantes embustes, com que Leovegildo andou para fazer seguir ao nosso Principe á sua opiniaõ, foraõ bastantes, e assim publicou logo guerras contra o santo filho.

Cõgregou Leovegildo hum Concilio de Arrianos, e publica guerras contra Hermenegildo.

5 O Imperador Tiberio se confederou no mesmo tempo com Leovegildo por trinta mil soldos de ouro, e faltando ao nosso Hermenegildo com o soccorro, que lhe havia promettido, e em que se estribava, se fez forte com trezentos soldados, escolhidos no seu exercito em hum Castello, que estava em hum sitio inexpugnavel, no alto de huma rocha, junto a Offar, Cidade, ou lugar da nossa antiga Lusitania, como exprime Marco Maximo no anno de 581. *Leovegildus Hermenegildum filium obsidet ad Osser, oppidum Lusitaniæ.* S. Gregorio Turonense liv. 1. cap. 24. diz expressamente que Osser era na Provincia Lusitana: *Est & illud illustre miraculum de fontibus Hispaniæ, quos Lusitana Provincia profert; piscina nanque est apud Osser &c.* E Luitprando em seus fragmentos num. 31. diz que o vio com seus olhos, naõ longe de Eminio, que he Agueda no Bispado de Coimbra: *Cum Lusitania pertansirem publica Sarracenorum fide, vidi non longe procul Emineo in campo Ossensi vetus miraculorum stagnum, quod tot fecit miracula, & Ecclesiam stantem an.* 942. Já que apontamos alguns Escritores, que dizem que Osser foy na Lusitania junto de Agueda, por fallarem na fonte milagrosa de Osser, nos parece naõ desagradará ao Leitor o dizermos o em que fundavaõ o chamar-lhe milagrosa, que era em estar ella secca todo o anno, e em encher-se milagrosamente no Triduo da Paixaõ com altura, e cumulo consideravel sobre o bocal, de maneira, que movida de huma a outra parte naõ trasbordava. No Sabbado Santo a santificava o Bispo, com o Christma sagrado, e a levava o povo para varias partes em vazos, como a prezentaneo remedio de suas enfermidades. Naõ se diminuia, por muita agoa que tirassem; mas tanto que se baptizava o primeiro Infante, ficava logo em bastante proporçaõ para se exercitar este Sacramento; e regenerados todos os que haviaõ nascido aquelle anno, com igual milagre ao primeiro, sem se saber o modo, dezamparavaõ as agoas a piscina de improvizo, com outras mil circunstancias milagrosas, que se pódem ver no lugar citado de S. Gregorio. Perto de Agueda se vem as ruinas da tal Cidade em hum sitio, que se chama hoje Osséla, e nellas apparecem vestigios da piscina.

Faz-se forte Hermenegildo junto a Agueda.

Fonte, ou piscina milagrosa, que houve junto a Agueda.

Milagres que nellas se viaõ.

6 Na Cidade, pois, e Castello de Osser junto a Agueda se fez forte, como dissemos, Hermenegildo; porém Leovegildo se houve com tanto animo,

animo, e resoluçaõ, que, a pezar da porfia da resistencia, depois de estar perto de hum anno de cerco, o entrou com notavel mortandade, e damno dos vencidos, e ainda destruiçaõ do Castello; ao qual mandou dar fogo. Prezo o santo Principe, foy mettido em varios carceres, em Cordova, em Sevilha, em Toledo, em Valença, e em Tarragona, pois todas estas terras correo por mandado de seu pay, que sempre prezumio que o trabalho das prizoens, e o ver-se desfavorecido, e perseguido delle, seriaõ equivalentes, para o fazerem esmorecer, e tornar a abraçar a ley Arriana. Porèm o Servo de Deos sempre firme, e constante, naõ cessava de pedir ao mesmo Senhor lhe desse esforço para passar com alegria aquellas perseguiçoens, e trabalhos, que padecia, desprezando a gloria vaã, e transitoria do mundo, com animo igual ao conhecimento, que lhe dera, de quaõ nada era tudo quanto perdera, e seu pay lhe pudera tirar. Perto de hum anno andou de prizaõ, em prizaõ, servindo-lhe nellas de cama o duro chaõ, de purpura o aspero cilicio, de ceptro a rigida diciplina, de aureo collar grilhoens de ferro, e de regalada mesa a fome, e sede quotidiana. Muitos Prelados santos, que estavaõ em degredos, e desterros pela mesma cauza, consolavaõ-se com o Santo Rey, e lhe escreviaõ santissimas cartas, para que naõ se deixasse enganar de promessas; nem fizesse cazo de ameaços, e de trabalhos transitorios, a que se haviaõ de seguir eternos descansos.

Prende-se Santo Hermenegildo.

7 Outros o visitavaõ no carcere, confortando-o, e animando-o para o martyrio, em o qual procedeo temerario seu pay, vendo frustados seus disignios, pois á meya noite da Vigilia da Resurreiçaõ, lhe mandou ao carcere a sagrada Cõmunhaõ, por Paschacio Bispo Arriano [intruzo na Igreja de Toledo] pertendendo com esta dissimulaçaõ publicar, se cõmungasse das sacrilegas maõs deste Hereje, que ja estava apartado totalmente da Religiaõ Catholica. O Santo Rey, ainda que estava atado, e afflicto no corpo, estava livre na alma, estimando em mais a graça de Deos, que a de seu pay, lançou de si ao Hereje, e o reprehendeo pelo atrevimento, que tivera em querer daquella sorte procurar-lhe a ruina da sua alma, assim como procurava a ruina das dos mais, como ministro de Satanaz. Descomposto, e envergonhado se retirou o Hereje da presença do Santo Rey, e irritado Leovegildo do máo successo, que tivera o seu designio, trocado o amor paterno em mera crueldade, mandou ao Capitaõ da sua guarda Sizisberto, que na mesma noite o fosse privar da vida. Prompta, e gostozamente obedeceo o malvado Sizisberto áquella iniqua sentença, pois entrando no carcere, em que estava prostrado em fervorosa oraçaõ, lhe abrio a cabeça com o golpe de huma partazana, e ficou assim o nosso Santo mais gloriosamente coroado com a Diadema, que formava aquelle atrevido ferro, que com a riquissima coroa do Reyno Lusitano que lograva. Apenas espirou, que foy a 13. de Abril, pelos annos de 586. do Nascimento de nosso Senhor, quando este Senhor enviou os Angelicos Espiritos, que convertendo a masmorra em Real Capella, e a obscuridade da noite em resplandecente dia, entoavaõ doces hymnos, e Angelicos conceitos em sinal de tropheo.

Consumma seu glorioso martyrio.

8 A dor, e sentimento que os Catholicos tiveraõ com a noticia daquella tyranna se bem que gloriosissima morte, expressavaõ com lagrimas, e soluços. Entre estes, e a consolaçaõ, que o Senhor lhes deo com os sinaes certissimos do seu eterno descanço, lhe deraõ sepultura, na Igreja de Santa Tecla de Tarragona, Epiphanio Bispo da mesma Cidade, Euphemio da de Toledo, Joaõ Scalabitano Abbade de Val-Clara, com outros pios Varoens, que andavaõ desterrados por aquellas partes, pelos Arrianos. Naõ tardou muito o castigo ao maldito Sizisberto, pois ElRey Recharedo, irmaõ do Santo Martyr, lhe mandou arrancar os olhos, depois de ser levado ao lugar do supplicio sobre hum jumento ao revez, rapada a cabeça á navalha

lha por ludibrio, o que lhe mandou fazer ElRey, por contrahir graves delictos. Ingunda, esposa do Santo Martyr, logo que teve noticia do seu martyrio, foy levada de Constantinopla, em que estava em refens, para Palermo Cidade de Sizilia, onde morreo com opiniaõ louvavel. A Leovegildo seu pay, segundo M. Maximo, alcançou este ditoso filho arrependimento de suas culpas, e luz de seus erros, e enganos, a cuja morte diz o mesmo Author lhe assistira, e que fora hum anno depois do triunfo do Santo. Outros dizem que supposto elle reconhecera que a Fé de Christo era a verdadeira, com tudo naõ se attreveo a confessá-la publicamente, por temor de seus subditos, e por naõ perder o Reyno: o certo he que o affecto, e o dezejo desordenado de reynar he muito poderoso, e ha mister grande graça de Deos, para que o homem deixe o que tem nas maõs, pela esperança de outros bens mayores, que haõ de vir.

9 O Papa Xisto V. mandou que se celebrasse em toda a Hespanha a sua festa, por hum motu proprio dado a 12. de Fevereiro de 1586., em o primeiro anno do seu Pontificado, a instancias de ElRey Catholico D. Filippe, segundo do nome, e do Principe D. Filippe seu filho, os quaes mandaraõ trazer a cabeça do Glorioso Santo do Mosteiro de N. Senhora de Pixena, ou de Sigena, que he da Ordem de S. Joaõ de Malta, no Reyno de Aragaõ, e a collocaraõ no anno de 1568. no Real, e insigne Templo de S. Lourenço do Escurial, onde he reverenciada com o devido culto a taõ grande Servo de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos. Destes escrevem o *Flos Sanctorum*, e os mais Authores pelo discurso da vida allegados.

SANTO ISIDORO *Bispo, e Martyr.*

EM Anfiloquia, Cidade que houve na Lusitania, padeceo cruelissimo Martyrio ás maõs dos Herejes Arrianos Santo Isidoro, Bispo de Çaragoça, a 2. de Janeiro de 486. Foy Prelado santissimo, e taõ douto, que escreveo varios Commentarios á Sagrada Escritura.

S. JULIAM *Martyr.*

1 ENtre a Villa de Monçaõ, e Valladares deste Arcebispado Primaz, se conservaõ as ruinas (no sitio das Caldas) de huma Cidade a que chamavaõ Flavia Lambria. Era Episcopal, e della foraõ Bispos Ermarico, que se achou no terceiro Concilio Toledano no anno de 589. Brandilla, que se achou no Concilio decimo terceiro de Toledo, no anno de 683., e Suniaguzido, que se achou no Concilio decimo sexto de Toledo no anno de 693. D. Francisco de Padilha na segunda parte da Hist. Eccl. de Hespanha a fol. 41. ỳ. trata destes Bispos, e diz que a Cidade de Flavia Lambria fora perto do Lima, na Provincia de Entre Douro, e Minho. Joaõ Vazeo no Capitulo vinte da sua Chronica de Hespanha, tratando das Cidades Episcopaes della, diz que esta Cidade fora junto ao Lima do Reyno de Portugal, na Provincia Interamnense.

Flavia Lambria Cidade no Minho.

2 Naquella Cidade pois, nasceo o nosso S. Juliaõ, o qual, vivendo como Catholico, que era, foy accuzado diante do Presidente Marciano, a cuja presença foy. Intentou vencer a sua fortaleza, e generosidade Christaã, com branduras, e ameaças; e vendo que de nada fazia cazo, mandou executar nelle graves tormentos, e que ultimamente o açoutassem com lategos chumbados,

bados. Dezenganado pois, de que naõ podia vencer a sua constancia, o entregou a Esclipiadora sua mãy (a quem tinha Marciano por Idolatra) parecendo-lhe que só ella bastaria para o dissuadir de persistir na confissaõ da Fe de Christo; porèm como ella era naõ só Catholica, senaõ tambem santa, lhe louvou muito a fortaleza com que se tinha havido, e admoestou para que nella perseverasse, e na confissaõ da Fé de Jesu Christo, até lhe offerecer a vida, que a sua pouca idade lhe promettia, em holocausto. Passados tres dias, que o tyranno lhe deo de prazo, o mandou ir á sua presença, e achando-o mais firme, e constante, mandou que o mettessem em hum sacco de serpentes, e que o lançassem em o rio, para que soffocado das agoas, ou comido das serpentes acabasse a vida. As correntes do rio, pela Divina disposiçaõ, o levaraõ a huma Ilha chamada Procausa, onde achado pelos Christaõs della, o sepultaraõ no cume de hum monte vizinho, por ficar naquelle sitio occulto aos Idolatras, em hum tumulo de pedra. Passados tempos, despontou o monte hum terremoto, que lançou o tumulo ao mar, e este o levou reverente a Aremino, Cidade Adriatica, onde visto pelos seus moradores cercado de luzes celestiaes, e andando sobre as ondas, o tiraraõ do mar com grande trabalho, e naõ com menor pasmo de verem nadar hum tumulo de pedra, como se fora de páo. Quizeraõ abrî-lo para verem o mysterio, que encobriaõ aquellas pedras; porem naõ puderaõ consegui-lo. Quizeraõ pô-lo em hum carro para o levarem para certo sitio da Cidade, mas sem effeito; pois a pedra estava immovel. Noticiozo deste prodigio, e talvez por Divina revelaçaõ, hum Servo de Deos chamado Joaõ, Abbade do Mosteiro de S. Pedro extramuros da mesma Cidade, o foy ver, abrio o tumulo com facilidade, e achando o corpo do Santo Martyr incorrupto, e com suavissimo cheiro, vestido com as roupas que trazia no tempo do seu glorioso triunfo, com grandes jubilos de sua alma, o levou para a sua Igreja, onde o collocou em decente lugar, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos. Deste se lembraõ a 23. de Junho Silvestre Maurolico, Constancio Felice, e Tamayo Salazar em os seus Martyrologios. O Romano trata delle a 16. de Março.

Consumma o seu glorioso martyrio, e navega a distantes terras em hum tumulo de pedra.

SANTO AZA *Lusitano Martyr com 150. companheiros.*

NO tempo em que a Cidade de Orense competia á nossa antiga Lusitania, padeceo illustre Martyrio Santo Aza, com cento e cincoenta soldados, que se converteraõ na occasiaõ em que o levavaõ prezo de hum dezerto, em que estava entregue aos cuidados da morte, depois de passar muita parte da vida no exercicio militar. O Tribuno Aquilinio foy o que deo a morte a todos depois de bautizados em huma fonte, que Aza abrio milagrosamente em hum dezerto em ordem a fartar a sede áquelles venturosos soldados de Christo. A 9. de Novembro foy o seu triunfo. Anno Historico.

S. CRISPOLITO *Bispo de Britonia.*

NA vida de S. Luiz, Bispo de Britonia, mostraremos em como Britonia foy Cidade Episcopal, no sitio em que hoje està Britiandos, lugar entre Vianna, e Ponte de Lima. Desta antiga Britonia foy tambem Bispo S. Crispolito. Andava naquelle tempo muito furiosa a perseguiçaõ dos Catholicos, porèm elle esquecido da vida, e só lembrado, e desejozo de al-

cançar

cançar a morte pela confissaõ da Fé de Christo, nunca deixou de alimentar suas ovelhas com o celestial pasto da Evangelica doutrina, até que pela confissaõ della deo a vida desta sorte. Depois de o provar o Tyranno com exquisitos tormentos, e de experimentar a sua invencivel constancia, o mandou serrar em duas partes, e no meyo de taõ atroz tormento entregou a Deos seu espirito pelos annos de 300. Agiol. Lusit. 12. de Mayo.

S. PAULO *Arcebispo de Merida, Cidade principal da Lusitania.*

1 NAsceo na Grecia. Naõ se sabe a causa que teve para deixar a patria, mas naõ se ignora que, de Medico do corpo, foy escolhido para Medico das almas pela sua solida virtude. Elegeo-o pois o Clero, e povo de Merida para seu Metropolitano; e logo que tomou posse deo remedio a muitos escandalos, e abuzos, que se tinhaõ introduzido no Arcebispado, com os descuidos, e máos costumes de seu antecessor. Estava a mulher de hum Cavalheiro principal desconfiada dos Medicos, por causa de hum parto mal succedido, e como ficasse livre da morte, que lhe prognosticavaõ, por meyo das oraçoens deste Servo de Deos, ella, e seu marido lhe fizeraõ espontanea doaçaõ das copiosas riquezas que possuhiaõ.

2 Passados muitos annos fez o santo Arcebispo seu testamento, em que deixou a hum seu sobrinho, de grande virtude, por seu universal herdeiro, com disposiçaõ, que, se o Clero o acclamasse seu successor gozasse a Igreja Emeritense toda aquella herança; e creando-o seu Vigario Geral com omnimodo poder em todos os negocios da Mitra, se retirou a huma pobre cella do Convento de Santa Eulalia de Merida, onde cuidava tanto na morte, e se descuidava da vida, que usava de perpetuo cilicio, dormia em huma taboa coberta de cinza, e entregue todo ás contemplaçoens dos bens do Ceo, para onde enviou a alma no anno de 568. sendo Rey da Lusitania Atanagildo. O sobrinho lhe succedeo no Arcebispado, e foy tambem Santo, e como de tal nos lembramos delle, com o nome de S. Fiel. As Reliquias de S. Paulo estaõ em grande veneraçaõ na Igreja de Santa Eulalia de Merida. Vargas na Historia de Merida.

S. DOMICIO, PELAGIA, AQUILINA, ESPARCHIO, E THEODORA, *Martyres de Bragança.*

JUlio Briga [hoje a antiga Cidade de Bragança] foy o ditoso berço, que procriou a estes invenciveis soldados de Christo, que pelas solidas verdades da sua Religiaõ (na perseguiçaõ do Impio Diocleciano) renderaõ as momentaneas vidas, purpurizando cada hum a candida estóla com o fino roslcler do seu sangue. Foy o seu glorioso certame pelos annos de 300., o qual celebra a 23. de Março naõ só a Igreja Latina, senaõ tambem a Igreja Grega. Martyrolog. Romano no dito dia.

S. BRAS.

SANTO ERASMO, *Bispo, e Martyr, cuja cabeça possue o Convento de Escala Cœli de Evora.*

1 NAsceo na Cidade de Antiochia, onde foy Bispo, e taõ fino Christaõ, que naõ cessava de prégar, e de persuadir a Fé de Christo, sem temor dos edictos dos iniquos Imperadores Diocleciano, e Maximiano, os mayores inimigos, e perseguidores do nome Christaõ, que o mandaraõ martyrizar por muitas vezes, com a variedade de tormentos, que puderaõ idear, e a maldade dos ministros executores, que primeiramente o açoutaraõ com lategos chumbados, e depois lhe quebraraõ os ossos com grossas varas de páo. Vendo que nada bastava para o fazer deixar a Religiaõ Catholica, o lançaraõ em huma caldeira, em que estava a ferver pez, rezina, enxofre, e cera, de cujo tormento sahio sem lezaõ alguma, por favor do Ceo, que obrou este grande milagre, naõ só para confusaõ dos Infernaes ministros, senaõ tambem para credito da Fé, que prégava Erasmo, que no mesmo tempo abraçaraõ muitos Gentios, detestando a adoraçaõ dos seus falsos Deoses.

Note-se o horrendo martyrio deste Santo.

2 Levaraõ os pertinazes, e cegos Herejes a Erasmo ao carcere, onde o carregaraõ, e opprimiraõ com muitos ferros; estando em oraçaõ dando graças a Deos pelas mercês que lhe havia feito, e pela mayor de lhe dar valor, e constancia para padecer pelo seu amor, lhe appareceo (pela meya noite) hum Anjo do Senhor, cercado de maravilhosa claridade, e cheiro celestial, que o tirou do carcere, e o levou comsigo a huma povoaçaõ, a que chamavaõ Lucrino, no Reyno de Napoles, onde divulgando, e publicando a Fé Catholica com espirito admiravel, converteo a innumeraveis Infieis, e trouxe muitos peccadores ao caminho do Ceo, de que andavaõ fóra, pelos seus descuidos, e máos exemplos dos Herejes, e Gentios.

3 Como se divulgou logo por toda aquella Provincia a fama do santo Bispo, o mandou prender Maximiano, e o fez affligir de novo com diversos generos de tormentos, entre os quaes foy hum, o de lhe vestirem huma lorica de aço, do tamanho de seu corpo, abrazada em chammas de fogo, tormento que lhe naõ fez damno, por virtude do Altissimo Deos, que adorava, e porquem padecia. Embravecido o Tyranno, mandou preparar outra caldeira de chumbo derretido, com os mesmos materiaes da passada, na qual o mandou lançar, com o designio de o ver alli consumido. Porém como o fogo naõ póde ter actividade quando naõ quer quem o creou, sahio livre Erasmo, e sem lezaõ, daquella infernal caldeira, como ja tinha sahido de outra similhante o Evangelista amado. Mais obstinados, que commovidos, e vencidos da verdade, levaraõ ao santo Bispo para o carcere, donde o tirou o Anjo na mesma noite, e o levou pelo mar á Cidade da Fernova em Campania, na qual fez immenso fructo nas almas de seus naturaes, a quem intimou, e persuadio as Catholicas verdades. Finalmente, estando alli hum dia orando, ouvio huma vóz, que lhe disse: *Erasmo, fiel Servo meu, pois tens pelejado por mim, como bom soldado, he tempo de receberes a coroa sempiterna*, e vendo logo huma riquissima coroa que se lhe trazia do Ceo, inclinando a cabeça disse: *Recebe Senhor o meu espirito em paz*, e com isto voou á Bemaventurança em figura de huma candida pomba, acompanhado de melodias celestiaes a 2. de Junho de 303. segundo Baronio, em cujo dia celebra a Igreja Catholica a sua festa. Seu santo corpo descançou muitos annos na mesma Cidade de Fernova, da qual foy trasladado para a Igreja Mayor de Caeta, onde parece ainda existe, excepto sua santa cabeça, que alcançou o Veneravel Arcebispo de Evora, D. Theo-

Chama o Deos á felicidade eterna.

tonio de Bragança, que a depofitou, no fumptuofo Convento da Cartuxa de Efcala Cœli, que o mefmo Prelado fundou na Cidade de Evora, em cujo Convento fe reza defte grande Santo, para honra, e gloria de Deos, que feja eternamente louvado.

S. Fr. PEDRO GONSALVES TELMO *Religiofo Dominico.*

1 NA prodigiofa vida defte grande Servo de Deos offereço aos mortaes huma fingular idéa para faberem defprezar, a tempo, o mundo, com todas as fuas felicidades, os que entregues ás fuas fementidas delicias, paffaõ a vida fem mais cuidado, que o do dezempenho de feus appetites, enganados dos miniftros de Satanás, que os trazem prezos no carcere da culpa, com duplicados grilhoens; hum, o dos torpes goftos, que lhes adminiftraõ; outro da efperança, que lhes daõ, de que no fim da vida facilmente poderáõ fahir do carcere do peccado pela porta da confiffaõ Sacramental, quebrados os grilhoens, que os prendiaõ, com os golpes da penitencia; vendando-lhes affim os olhos da confideraçaõ, para que naõ vejaõ os innumeraveis, que naõ acertando com effa porta na ultima hora da morte, em que a bufcavaõ, defceraõ para o calabouço do Inferno, que tendo porta para entrar, a naõ tem para della fahir.

Notem os mortaes.

2 Nafceo pois Fr. Pedro Gonfalves Telmo, a que cõmummente chamaõ Santelmo, em Eromefta, Villa de Caftella a Velha, cinco legoas de Palencia. Seus pays eraõ nobres, e ricos. Criou-fe em cafa de feu tio D. Fr. Raymundo Bifpo de Palencia, que o mandou applicar ás letras naquella Univerfidade, e lhe deo huma Conezia na Sé della, e depois a Dignidade de Deaõ, que pedio ao Papa o mefmo Bifpo, por confiderar a Pedro aproveitado, igualmente nas letras, que nas virtudes. Porèm as riquezas, que poffuia, e as honras, a que fe vio elevado, o fizeraõ degenerar dos bons principios, deforte, que fem fe lembrar da obrigaçaõ que tinha de viver bem, por Catholico, e Miniftro de Chrifto, fe entregou ás torpezas, diffoluçoens, prazeres, e vaidades, que andaõ annexas aos nobres, moços, e ricos, que vivem fem fe lembrarem da morte, remate da bõa, e má vida. Porèm quando mais corria para o precipicio, em que cego dos appetites fe hia a defpenhar, o chamou Deos como a outro S. Paulo, para o fazer feu Apoftolo, e grande da fua Corte, defta forte Chegadas as Bullas do Deado, tomou poffe delle com a mayor oftentaçaõ, e apparato, que pode idear a flor dos annos, que naõ era regada com o orvalho da Divina graça. Foy o dia da poffe o do Nafcimento de N. Senhor Jefus Chrifto, no qual fubio em hum briofo ginete bem acompanhado, ricamente enjaezado, e elle cuftofamente veftido, com intento de fe moftrar a todo o povo, e de quebrar as calçadas daquella Cidade, o que fez com grande efcandalo della, por ver que mais fe inculcava hum briofo Capitaõ da milicia de hum Rey do mundo, que hum Sacerdote, e foldado da milicia de Chrifto. Chegando pois a certa praça com tanta vaidade, para fe acreditar de cavalleiro diante do muito povo, que nella eftava, apertou as pernas ao foberbo cavallo, e quando fe naõ precatou, fe achou no meyo da carreira lançado no chaõ, defcompofto, e cheyo de immundicias.

Foy Conego, e Deaõ de Palencia, e dado ás torpezas, e vaidades.

3 Acudiraõ-lhe os companheiros, e amigos, e affim envergonhado, e confuzo fe retirou para cafa fentidiffimo, de ver que em hum inftante fe lhe trocara o contentamento em magoa, a alegria em trifteza, a jactancia em vergonha, e a galhardia em menofcabo de fua peffoa. Em fim, com efta queda cahio em fi como Paulo, e com efte lodo fe lhe abriraõ os olhos como ao cego do Evangelho, deforte, que affentou, e prudentemente, que naõ

Converte-fe a Deos por fe ver lançado de hum cavallo em hum lodo.

naõ merecia tal mundo ser olhado, quanto mais servido, e amado, pois dizia fallando comsigo: *Ja tens [ó Pedro] recebido do mundo, o que merecestes por servi lo com tanto desvélo; elle te tem pago como costuma. Tu caminhavas vaidoso; mas Deos sepultou a tua soberba. Tens ja experimentado o que dá o mundo? Bom será resolver-te a deixá-lo. Ah mundo infiel, serea enganosa; eu me vingarey de ti, pizando-te, ja que tu me lançaste com a face por terra.* Com resoluçaõ pois igual ao conhecimento, que por aquelle cazo teve, do que saõ as fallacias, e as miserias do mundo, o deixou, tomando o habito Dominico em hum Convento, que naquelle tempo se andava fundando [depois de repartir pelos pobres de Christo todas as riquezas que possuia] no qual, sem lhe fazerem saudades as Dignidades, e as delicias, a que deo as costas, se abraçou valorosamente com a cruz da mortificaçaõ, para poder merecer com ella a coroa, que Deos tem promettido aos que com ella o seguirem. Naquelle Convento se applicou ao estudo da Sagrada Theologia, na qual aproveitou muito, como quem a ella se applicava, naõ movido da ambiçaõ das estimaçoens de sabio, sim provocado dos dezejos de saber para ganhar almas a Deos, por ser o principal Instituto do seu Glorioso Patriarcha S. Domingos a conversaõ das almas.

Deixa as dignidades, e toma o habito Dominico.

4 Antes de entrar este novo Apostolo de Hespanha a fazer guerra aos vicios, e a prometter pazes aos peccadores, que as quizessem fazer com Deos, entrou a fazer guerra a seu corpo, para o ter sujeito ao espirito, e com taõ bõa fortuna, que dando-se elle por vencido, veyo a ser huma officina de varios cheiros, que recreava ao Senhor com varias virtudes. Nelle se via a abstinencia com tal fragrancia, que jejuava a mayor parte do anno a pam, e agoa, sendo cõmummente o pam grosseiro, mayormente quando esteve nesta Provincia do Minho, e no Reyno de Galliza, e constando esta grande abstinencia da sua vida particular, que anda impressa, naõ posso alcançar a razaõ, porque o plebeo, mayormente o de Lisboa, o festeja como a Santo de grande raçaõ, contando delle indignas patranhas, e cazos nunca succedidos. Nelle se via a altissima pobreza respirando o seu olor, contentando-se com hum só habito, e esse sempre pobre, e remendado. Nelle se via naõ menos olorosa, e suave a mortificaçaõ dos sentidos, e a aspereza, e austeridade com que affligia a carne, reprimindo seus antojos, e liberdades, e sujeitando-a ao impeto do espirito, e á razaõ. Nelle se via resplandecer a Angelica flor da castidade desorte, que, vivendo na terra, na pureza se parecia com os Cidadaõs do Ceo, sendo as tentaçoens taõ fortes, como adiante veremos.

Das suas mortificaçoens, e virtudes.

5 Nelle se via o affecto ás cousas sagradas tanto na sua perfeiçaõ, que quando celebrava o incruento sacrificio da Missa, banhava com lagrimas o altar; e quando rezava no Coro, parecia na compostura, e na reverencia, que estava entre os Coros dos Anjos louvando ao Creador. Nelle se via, e admirava huma mansidaõ socegada, e benigna, que tinha seu animo em perpetua quietaçaõ, livre das mudanças, e peregrinas impressoens da ira; pois conservava em todo o tempo, e em todos os cazos huma aprazivel, e serena tranquilidade. Nelle se via huma oraçaõ fervorosissima, e quasi continua, que abstrahindo-o totalmente do terreno, e tirando-o da esfera de homem, o levantava a conversar com o mesmo Deos, e a gozar em extasis, e raptos a suavidade das immortaes delicias. Finalmente, nelle se viaõ todas as virtudes em numero taõ copioso, e extremos taõ subidos de perfeiçaõ, que podia accõmodar-se-lhe com propriedade, o que antigamente disse de Josias o Ecclesiastico: *A memoria de Josias pela fragrancia, que arroja de si, he como huma obra de artifice destro em fazer confeiçaõ de aromas.*

Continua.

6 Depois que este insigne Prégador, e obreiro diligente da herdade de Christo, trabalhou em beneficiar a terra de seu animo, cultivando-a com humildade, com desprezo proprio, com obediencia promptissima, e com

Prèga Miſſaõ por varias partes.

as mais virtudes que deixamos dito, paſſou a trabalhar na vinha do Senhor Celeſtial, como Servo fiel, que, ſem reparar em incõmodidades, em trabalhos, em caminhos, e em peregrinaçoens, buſcava ſempre eſpinhas de vicios, que arrancar com a força da doutrina; coraçoens duros, que trilhar com a aſpereza da ſua reprehenſaõ, e pedras rebeldes, e obſtinadas, que converter em filhos de Chriſto. O ſeu exercicio quotidiano era perſuadir peccadores aos cuidados da morte, ás memorias do Ceo, ao aborrecimento dos vicios, e ao amor das virtudes, e aſſim colheo copioſiſſimo fructo eſte Obreiro Evangelico nos Reynos de Caſtella, por onde diſcorreo; no de Portugal, onde muitos annos aſſiſtio; e no de Galliza, em que finalizou a ſua dilatada vida. Jamais entrou em caſa particular a comer, ou a dormir, que della ſahiſſe ſem ficar confeſſada toda, ou a mayor parte da familia. O meſmo procurava nos caminhos, e nas eſtalagens aos paſſageiros, reduzindo a dous lugares cõmuns toda a converſaçaõ: *Hum da eſcravidaõ do peccado, e ſua tyrannia, com os damnos, que cauſa na alma: outro do gozo, e alegria, que tem os bons neſta vida, e da felicidade, e bemaventurança, que eſperaõ na outra.* O que fazia com tal eſpirito, e vehemencia, que enternecia aos mais obſtinados, empedernidos, e regelados coraçoens. Dos doentes ſe compadecia ſummamente, e para lhes aſſiſtir, e os conſolar, e confeſſar, deixava o pulpito, a reza, o comer, e o ſomno, naõ parando, nem deſcanſando, por mais dilatado que foſſe o caminho onde viveſſe alguma peſſoa, que careceſſe de confiſſaõ.

Manda-o El-Rey D. Fernando com hum exercito.

7 Como eraõ muito publicas as ſuas grandes virtudes, e letras, o eſcolheo S. Fernando Rey de Caſtella para acompanhar hum famoſo exercito, que mandava a lançar fóra de Cordova, e de Sevilha os Mouros, que tyrannizavaõ aquelles dous Reynos; porque aſſentou aquelle Santo Rey, que com ſeus exemplos ſe reformariaõ os ſoldados, e com as ſuas oraçoens ſe conſeguiria a victoria; e naõ ſe enganou na eleiçaõ o Pio, e Catholico Monarcha, pois em breve tempo ſe tomou aos Mouros a famoſa Cidade de Sevilha, e outras muitas terras, naõ ſem ſe attribuir muita daquella fortuna ás oraçoens de S. Fr. Pedro; que por reprimir os impetos da ſoldadeſca com a efficacia das ſuas palavras, ſe conjuraraõ contra elle alguns militares, a quem tinha reprehendido por diſſolutos, em ordem naõ a tirar-lhe a vida corporal, ſim a eſpiritual, e juntamente a honra, e o credito. Induziraõ pois á força de dadivas a huma mulher, igualmente bella que deshoneſta, para que procuraſſe todos os meyos de fazer cahir em culpa ao Servo do Senhor. Mandou-o ella chamar a ſua caſa, com o pretexto de que com elle queria cõmunicar huma couſa do ſerviço de Deos. Por naõ dilatar a conſolaçaõ da tal mulher, e fazer o ſerviço a Deos, que ſuppunha do fingido recado, procurou logo áquella laſciva, que vendo-o na ſua preſença começou, entre ſoluços, e lagrimas, a expreſſar-lhe o muito que o amava, e que dezejava lhe correſpondeſſe com ſimilhante affecto &c.

Tenta o huma mulher, que cõverteo, lançando-ſe em huma fogueira.

8 Vendo o Servo do Senhor o diverſo intento do recado, entrou a reprehender áquella miſeravel mulher da culpa, e ſacrilegio, que intentava, com razoens dignas do ſeu talento, e da ſua grande virtude; porem vendo que naõ fructificavaõ couſa alguma naquella obſtinada, confiado na piedade de Deos, lhe diſſe: *Ja que naõ baſta o temor de Deos para vos tirar deſte propoſito, fazei o que quizeres; mas ſerá bem que primeiro buſquemos lugar accõmodado.* Como o tempo era de Inverno, e eſtava alli huma grande fogueira, ſe lançou nella o Bendito Padre, dizendo para a deshoneſta moça: *Irmaã para pòr por obra o voſſo capricho do Inferno, naõ vi leito mais proprio, que eſte de fogo. Se vos achais com animo de me fazer companhia, vinde, aqui me tendes.* Vendo a mulher tal reſoluçaõ, e virtude tanta, cahio eſmorecida, e dando hum dezentoado grito, para que acudiſſem ao Santo, que ſe queimava, acudiraõ os malevolos ſoldados, que eſtavaõ á eſpia do ſucceſſo,

cesso, em ordem a serem pregoeiros delle, se lhes sahisse como imaginavaõ; mas tudo succedeo pelo contrario, pois vendo-o nas chammas, sem se queimar, dellas o tiraraõ, e pedindo-lhe perdaõ dos seus sacrilegos intentos, a pezar seu, se viraõ obrigados a publicar o seu peccado, e a grande virtude de Fr. Pedro. Abrio a cega mulher á vista daquella luz do Ceo os olhos da alma, desorte que, deixando as torpezas em que vivia, se reformou dalli em diante, passando de huma vida escandaloza, para outra exemplar. Em Compostella, para onde passou depois das guerras, como diremos, lhe succedeo outra similhante tentaçaõ, da qual tambem triunfou, reprimindo com o fogo material o fogo da lascivia.

9 Pouco depois de succeder o que deixamos dito, se lhe augmentaraõ os creditos a este Servo de Deos, por causa do seguinte prodigio, que refere Fr. Vicente Antiste no Capit. 2. da sua vida, por estas palavras: *O que neste cerco* [falla do cerco de Sevilha, em que se achou] *rendeo grande gloria ao Santo, e á Ordem, foy huma companhia de homens do mar, que o vieraõ buscar, sabendo que estava no exercito, para lhe renderem as graças da sua salvaçaõ. Eraõ elles Portuguezes, e contavaõ que partindo da barra de Lisboa com huma náo, carregada de vitualhas, para provimento do Catholico campo, passado o Cabo de S. Vicente, lhes sobreviera taõ rijo vento, e desfeita tormenta, que se deraõ por perdidos, atè que desconfiados do remedio naõ acharaõ outro, mais que chamarem pelo Santo, a cuja virtude tinhaõ ouvido dizer obedeciaõ os ventos, e tempestades, e no mesmo ponto viraõ todos sobre a gavea hum Frade Dominico, que naõ duvidaraõ ser elle, com que ficaraõ animosos, e confiados, tornando-se logo o mar leite, e o Ceo claro, e sereno.* Deste milagre, e do seguinte, que conta Santo Antonino, provêm a devoçaõ, que todos os mareantes tem a este Santo, principalmente os do Reyno de Portugal, e Conquistas. Diz pois o sobredito Padre na 3. part. da sua histor. titulo 23., que certos marinheiros vendo-se no mar salteados de hum temporal taõ forte, que, destroçada a náo, e quebrados os mastros, esperavaõ cada hora o verem-se comidos dos peixes, acudiraõ entaõ aos seus meritos, e chamando por elle, lhes appareceo visivelmente, dizendo: que naõ perdessem o animo, que alli o tinhaõ propicio, e immediatamente serenou o tempo. E porque a náo ficou em estado, que se naõ podia governar, o Santo se fez Piloto até se pôr a salvamento, em porto seguro. Por fugir das estimaçoens, e veneraçoens de Santo, que lhe davaõ em Castella, por occasiaõ do que contamos, e de outros milagres que pelos seus merecimentos obrava a poderosa maõ de Deos, voltou para o Convento de S. Pedro de Compostella do Reyno de Galliza, donde sahia a prégar áquelle povo com o seu costumado fervor, e era tanta a gente, que se commovia da sua grande, e milagrosa persuasiva, que, deixadas as casas, o seguiaõ milhares de homens, mulheres, e meninos. Na Diocesi de Compostella accrescentou o vinho a hum Clerigo, deixando-lhe hum frasco cheyo, por huma limitada porçaõ que lhe deo, para elle, e seu companheiro.

Livra a huns Portuguezes de hum naufragio.

Volta para Compostella onde continúa a Missaõ, e accrescenta o vinho &c.

10 De Compostella passou a Tuy proseguindo com a sua Missaõ, em cuja Cidade, e contornos fez a Deos muitos serviços, por serem innumeraveis as almas, que se reformavaõ a melhores vidas, convencidas das verdades que intimava, e dos milagres, com que Deos approvava a sua virtude, e doutrina. Estando hum dia á mesa em casa de hum seu devoto, lhe chegou hum moço de Bayona, pedindo-lhe que fosse lá confessar a hum seu amigo Clerigo, que estava proximo á morte. No mesmo ponto se levantou da mesa, sem comer cousa alguma, e se pôs a caminho com hum Frade leigo, que era seu companheiro. Chegaraõ ao alto de huma serra, onde vendo-se o leigo fraco, por naõ ter comido aquelle dia, disse para o moço, que fora chamar ao Bendito Padre: *Este bom Padre, porque he velho, e costumado a jejuar, naõ tem vontade de comer, e julga os outros por si.* Hia o Santo

Reprehendeo ao companheiro do que disse delle, estando distante.

Santo em tal diſtancia, que naõ era poſſivel o ouvi-los naturalmente, porêm moſtrando que ouvira as palavras, de que tivera revelaçaõ, chamou ao companheiro queixozo, e lhe diſſe: *Irmaõ, ſe tendes fome, naõ murmureis, que Deos vos proverá. Ide áquelle penedo*, [moſtrando-lho com a maõ] *e ahi achareis com que matar a fome.* Ficou o Converſo confundido da repre-henſaõ, e do avizo, e naõ duvidando nada da virtude do companheiro, foy ao ſitio apontado com o ſecular, no qual acharaõ dous branquiſſimos paẽs, embrulhados em huma toalha muito aſeada, com hum fraſco de precioſo vinho. Levaraõ tudo ao Bendito Padre, que lhes diſſe comeſſem, e bebeſ-ſem o que quizeſſem, mas que tornaſſem a pôr no meſmo lugar o que lhes ſobraſſe. Fizeraõ-no aſſim, e continuaraõ a jornada; mas a poucos paſſos (vendo que o Santo Padre hia diante, elevado em contemplaçoens altiſſimas) voltaraõ atraz para ſe aproveitarem das ſobras, porêm naõ acharaõ couſa alguma. Com nova admiraçaõ apreſſaraõ os paſſos, por chegarem ao Servo de Deos, que tendo ſabido em eſpirito a deſobediencia, os reprehendeo, e lhes diſſe: que o meſmo que tinha poſto os paens inteiros, tinha recolhido o que ficara.

Aſſinala ao cõpanheiro o ſitio, onde havia de achar pam, e vinho &c.

11 Informado do rapido curſo que levava no Inverno hum váo no rio Minho, e de como muitas peſſoas lhe pagavaõ tributo de contado, perecendo nas ſuas agoas, procurou logo fazer huma ponte, com que atalhaſſe tantos damnos das almas, e dos corpos, fiado na providencia de Deos, a quem pedio inſpiraſſe a quem lhe deſſe eſmólas, e trabalhaſſe em huma obra, que ſe fazia impoſſivel, mayormente naõ entrando nella o braço Real. Convocou os officiaes com humas limitadas eſmólas: elle era o architecto, e o pagador; elle o meſtre, e o obreiro, naõ ſe contentando com menos, que carregar a pedra, e cal ás coſtas. Quando ſe via exhauſto de dinheiro para a feria dos officiaes, ſe punha em oraçaõ, e logo corriaõ enchentes de miſericordias da divina liberalidade, que obrou eſtupendos prodigios, naõ ſó para moſtrar que a obra era ſua, ſenaõ tambem para honrar a eſte ſeu Servo. Quando lhe faltava ſuſtento para os officiaes, caminhava com ſeu companheiro Fr. Pedro Marinho ás prayas do rio, onde chamava os peixes, que acudiaõ em cardumes como ſe foraõ racionaes, que eſtiveſſem ſujeitos á ſua obediencia. Delles tomava os que lhe eraõ preciſos, e os mais mandava com a bençaõ, ſem a qual ſe naõ auzentavaõ da ſua preſença. A' viſta de cujos prodigios foraõ tantos os officiaes, que concorriaõ para trabalhar na obra, que em pouco tempo ſe vio acabada, e perfeita huma famoſa ponte de cantaria lavrada, ſem ter mais fazenda o ſeu pobre Fundador, que o velho Breviario por onde rezava. No termo de Bayona, junto ao lugar de Ramaloza, fundou outra ponte, por attender tambem á neceſſidade que della havia, a qual ainda hoje permanece.

Funda huma ponte a poder de maravilhas.

12 Depois de fazer muitos ſerviços a Deos no Reyno de Galliza paſſou ao de Portugal, e neſta Provincia do Minho eſteve muitos annos de aſſento, ora no Hoſpital de Guimarens, onde converteo a muitas almas, e trouxe ao eſtado Religioſo a naõ poucos dos ſeus naturaes; ora na Ermida de N. Senhora da Peneda, [hoje hum famoſo Templo] duas legoas diſtantes da Villa de Soajo; porêm em huma alta penha, e naquelle tempo taõ dezerto, que era ſitio bem accõmodado para o retiro de quem, como elle, ſe quizeſſe entregar ás contemplaçoens do Ceo, ſervindo á Prodigioſiſſima Imagem da Rainha delle, que por milagroſiſſima he frequentada de innumeraveis devotos. Naquella montanha da Peneda o mordeo hum bicho peçonhento, que elle amaldiçoou, e da meſma ſorte huma arvorezinha, de que ſahio, chamada Abroſca, a qual nunca mais creſceo em alto, como muitas que ſe vem naquelles contornos; mas ſómente eſtende ſeus ramos pela face da terra. Daquelle ſagrado retiro da Peneda ſahia o Apoſtolico Miſſionario a eſpalhar a Divina palavra, andando ſem ceſſar de lugar em lugar,

Préga Miſſaõ neſta Provincia do Minho onde aſſiſtio.

lugar, de aldêa em aldêa, para se cõmunicar a todos, trazendo a innumeraveis almas das trevas do peccado á luz da graça: e nem ha que admirar de que convertesse facilmente aos mais obstinados peccadores, porque suas palavras eraõ humas settas, que penetravaõ até o mais retirado do coraçaõ, logrando alli o incendio, que levavaõ comsigo, em os movimentos que despertavaõ de odio perfeito do vicio, e dezejo affectuoso da virtude. Como naõ he sempre tempo de semear, segundo diz o Sabio, senaõ talvez de segar, e colher: depois de haver semeado o Bendito Padre copiosamente em o povo de Deos a palavra do mesmo Senhor, e em seu animo a semente das virtudes, se chegou a occasiaõ de colher o fructo do semeado. Prégando pois em dia de Ramos no Mosteiro Benedictino de Gaysey, que fica visinho da Cidade de Tuy, e na Comarca de Valença deste Arcebispado de Braga, segundo huns Authores, e segundo outros em hum Convento de Benedictinos, chamado Presecario no Reyno de Galliza, disse á multidaõ do povo que o ouvia: *De duas cousas importantes tenho que avizar vos esta manhaã: A primeira he, que apparecendo Christo Senhor nosso a meu companheiro, se queixou que muitos velhos, enfermos, e outros desamparando as proprias casas, me vem seguindo, padecendo excessivo trabalho, e necessidade, ou fazendo-o padecer aos que tem deixado. Em nome do mesmo Senhor mando a todos os velhos, enfermos, e a quaesquer, que dezamparaõ suas familias, que me naõ sigaõ, mas que tornem para suas casas. A segunda he, que brevemente deixarey esta vida, e ja me naõ ouvireis neste lugar: peço-vos, que quando souberes a minha morte, rogueis ao Senhor pela minha alma; porque supposto espero na Divina misericordia salvar-me, conheço naõ ter vivido taõ exactamente, que naõ tenha extremosa necessidade das vossas oraçoens.*

Prèga hũ Sermaõ em que se despede dos ouvintes, com circunstancias dignas de notar.

13 Naquelle dia passou para Tuy com o fim de ter naquella Cathedral a semana Santa, na qual [tomando exemplo de seu Mestre Jesus Christo, que nas Vesperas da sua morte prégou com mais frequencia] prégou toda ella sem descançar com notorio aproveitamento dos ouvintes, que o respeitavaõ, naõ como a homem da terra, sim como a Anjo do Ceo. Passado o dia de Pascoa cahio enfermo, e por ter revelaçaõ de que era chegado o tempo da partida, e a queria fazer do seu Convento de Compostella, pelo naõ haver naquelle tempo em Tuy da sua Religiaõ, se pôs a caminho para aquella Cidade; porém como visse a poucos passos, que naõ podia continuá-los, disse ao companheiro: *Filho, ja conheço ser vontade de Deos, que os meus trabalhos tenhaõ fim nesta Cidade, donde sahimos; convem tornarmo-nos a ella.* Voltando finalmente para casa de hum seu bemfeitor, depois de se confessar, e preparar com todos os Sacramentos com devoçaõ imponderavel, chamou ao bemfeitor que o tinha em casa, e lhe disse: *Irmaõ, o piedoso Senhor, que nos dá sempre mais do que nós merecemos, quer ja pagar-me com premio eterno estas pequenas fadigas. He vontade sua, que eu morra nesta Cidade; porque me quer fazer protector della. Quizera tambem pagar-vos a caridade, que tendes usado cõmigo. Mas que póde dar vos hum pobre Religioso? Tomay este meu cingidouro, e guarday-o, que hum dia vos servirá!* Feita esta disposiçaõ, se abraçou com a Imagem de Christo, que tinha nos braços, a quem disse enternecidos colloquios, e unido assim com o Sol Divino passou o tormentoso golfo da morte suavissimamente, para viver no consorcio dos escolhidos, em huma perpetua complacencia de deleites no oitavo dia da Pascoa do anno de 1246., que cahio a 14. de Abril.

Do seu fallecimento.

14 Esteve muitos dias exposto á devoçaõ do innumeravel povo, que acudia a venerá lo por Santo, e a pedir-lhe remedio para suas necessidades. D. Lucas Bispo de Tuy, seu grande devoto, lhe deo sepultura com honradas exequias, a que assistiraõ os principaes de Tuy, em huma pequena Ermida, que o mesmo Santo havia edificado, da qual sepultura brotou no mesmo dia, em que se sepultou, huma fonte manancial de oleo, admiravel

Manava seu santo corpo milagroso oleo.

vel em si por sua maravilhosa fragrancia, e nos effeitos, por ser antidoto contra todo o genero de doenças. Passados alguns annos no governo do sobredito Bispo D. Lucas (grande historiador de Hespanha) por continuarem os prodigios na pequena Ermida em que estava sepultado, tomou o Reverendo Cabido de Tuy á sua conta o trasladá-lo para a Sé, e para hum custoso monumento de marmore, em cuja trasladaçaõ se continuou a maravilha de manarem suas Reliquias suavissimo, e milagrosissimo oleo, e em tanta quantidade, que colheraõ delle huma redoma, que parece ainda se conserva. O Bispo D. Lucas se mandou sepultar junto a este Servo de Deos, porém se acharaõ os sepulchros milagrosamente separados. [segundo diz o Author do Agiol. Dominico na vida deste Santo]

Da sua Beatificaçaõ, e dos seus milagres.

15 Succedendo na Dignidade de Bispo de Tuy a D. Lucas D. Gil Pires de Cerveira, Portuguez, authenticou cento e oitenta milagres, que Deos havia obrado por acreditar, e approvar as virtudes deste seu fiel Servo, os quaes remetteo ao Capitulo Geral da Ordem Dominicana, que se celebrou em Toloza no anno de 1250. para obrigar a mesma Religiaõ a cuidar na sua Beatificaçaõ, na qual com effeito cuidou, pois dalli a quatro annos o Beatificou o Papa Innocencio IV. nos ultimos dias do seu Pontificado, como mostra Sandoval no Catalago dos Bispos de Tuy. Dos milagres que fez no seu sepulchro apontarei alguns. Dous leprosos recuperaraõ inteira saude. Sette cegos foraõ restituidos á vista. Quatro surdos alcançaraõ o ouvir, e tres mudos a falla; e foraõ innumeraveis os demonios que sahiraõ dos corpos, que opprimiaõ, diante do seu sepulchro. Pediraõ os Conegos de Tuy ao hospedeiro do Santo que lhes desse parte do cingidouro que lhe deixara; quiz elle partî-lo, mas a faca, saltando-lhe fóra da maõ, o ferio: á vista do que se vio precizado a dá-lo inteiro, com outras mais Reliquias, que se tem em grande veneraçaõ, como instrumentos, porque Deos obra muitas maravilhas. Huma mulher grave daquella terra, a quem elle havia promettido em vivo o deixar-lhe alguma memoria sua, vivia desconsolada por ver que naõ cumprira a sua palavra. Appareceo-lhe o Santo em huma noite, e lhe disse: que fosse ao seu sepulchro, que alli lhe cumpriria a promessa, e indo ella a fazer experiencia de se fora apparencia, ou verdadeira vizaõ, mettendo a maõ por hum pequeno buraco da sepultura, della sahio com hum dente do Servo de Deos, que na maõ se lhe metteo. Fez Deos a este Santo Protector, e Advogado dos homens maritimos, e ja deixamos contados dous prodigios, que ainda em sua vida obrou Deos em huns afflictos, que por elle chamaraõ vendo-se engolidos das ondas; e sendo innumeraveis, os que mais se puderaõ contar, quero concluir sómente com hum, por singular. Estando hum marinheiro na gavea de huma náo, foy lançado ao mar com huma forte rajada de vento; vendo-se luctando com as ondas, invocou ao nosso Santo, ao qual vio logo sobre as agoas, vestido no seu Dominicano habito, e pegando-lhe no braço, lhe disse: *Ja que me chamastes, quero livrar-te*, e o pôs no convéz da náo, que hia fazendo a sua viagem, por entenderem que ficava o triste marinheiro ja engolido das ondas. Este, e outros muitos milagres, que o Santo tem feito aos homens maritimos deste Reyno de Portugal, tem sido causa de se lhe erigirem muitos Templos, e Confrarias, e, o que he mais, para pedirem os mareantes a sua Canonizaçaõ ao Papa Clemente VIII., por meyo de D. Miguel de Castro, Metropolitano de Lisboa, que fez a supplica a 27. de Agosto de 1592, e a mesma supplica fez ao Papa Paulo V. a 26. de Março de 1608. o nobre Senado de Braga, naõ por nella existirem homens maritimos, que a isso o persuadissem, sim incitado do dezejo que tinha esta Cidade de ver Canonizado hum Santo, que assistio a mayor parte da vida nesta Provincia de Entre Douro, e Minho, e falleceo na Cidade de Tuy, de cuja Provincia era entaõ parte inseparavel.

Pedem os Portuguezes a sua Canonizaçaõ.

16 Em

16 Em Portugal, e Hespanha he venerado este Santo pelos navegantes por novo Santelmo, e dizemos novo, por quanto antes delle florecer houve hum Santo Bispo na Sicilia, cujo nome proprio era Santelmo. Este pois sendo ja muito velho sahio em peregrinaçaõ com o dezejo de visitar os grandiosos Templos, que edificou em Constantinopla o Imperador Constantino, e de ver, e adorar a Cruz, em que Christo com a sua morte nos ganhou a vida. Depois de satisfeitos seus piedosos dezejos, determinou voltar para a patria em hum navio, que para ella estava de partida. Por causa de huma grande tormenta, que sobreveyo, se pôs o navio em termos de ser engolido das ondas; e estando todos lamentando a morte, que julgavaõ imminente, disse o Santo Bispo: que elle era o que estava na ultima hora da vida, e de partida para a Patria, que pedia a todos que naõ lançassem o seu corpo ao mar depois de morto, que o levassem para a sua terra, porque logo cessaria a tempestade, e chegariaõ a Sicilia com tranquilidade, e bonança: accrescentando, que lhes dava sua palavra, de que rogaria diante de Deos por elles, e por todos os mais navegantes que se vissem no mar em tormentas. Assim como acabou o periodo da vida, logo appareceraõ sobre o navio humas chammazinhas como de candêas, e no mesmo ponto cessou a tempestade: á vista de cujo prodigio assentaraõ os navegantes que aquellas luzes mandava Deos para credito da virtude daquelle seu Servo, e para os assegurar da promessa que havia feito. Levaraõ com grande gosto o santo corpo para o seu Bispado muito seguros de que a elle chegariaõ com felicidade, e dalli em diante o tomaraõ os navegantes por Protector diante de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos. Deste Santelmo escreve Jeronymo Ruchelo, e do nosso escrevem todos os Authores Dominicanos, e outros muitos.

Notem quem foy o Santelmo.

Ruch. lib. de le impresse.

S. LEUCIANO *Regulo*, S. MARCIAL, S. VALENTINO *Bispos*, S. ROMAM, COLUMBANO, SIMPLICIO, *e outros Martyres na Provincia do Minho.*

1 EM distancia desta Augusta Cidade de Braga cinco legoas, e da Real Villa de Guimaraens duas, ha hum delicioso valle, junto ao celebre monte de Pombeiro, no qual, segundo varios AA., permaneceo huma Cidade até á invasaõ dos Mouros em Hespanha com o nome de Eufrasia, de que se tem por sem duvida, que foy Rey, ou Regulo Leuciano, que por apostatar da Fé, era hum acerrimo perseguidor dos Christaõs, unido com dous Bispos estrangeiros, a que chamavaõ Marcial, e Valentino, que tambem tinhaõ cahido na mesma miseria de deixar a Deos pelo diabo.

Brit. Monarch. Lusit. part. 2. lib. 5.
Corog. Portug. tom. 1. cap. 23.

2 A este Rey pois, e a estes Bispos converteo a Apostolica Virgem Santa Quiteria, por modo taõ extraordinario, como diremos na sua vida, na occasiaõ em que fugindo da perseguiçaõ de seu pay, e de Germano, esposo que lhe queria dar, deixou esta Cidade de Braga, e fugio para o monte de Pombeiro, por mandado do Ceo, onde deo a vida por seu dulcissimo Esposo, e á sua imitaçaõ se offereceraõ a dar a mesma os convertidos Leuciano, Marcial, e Valentino, e os discipulos da Santa, Romaõ, Columbano, e Simplicio, e outros muitos, cujos nomes se naõ declaraõ. A mesma felicidade alcançaraõ muitas Virgens, que acompanharaõ a Santa Bracharense, entre as quaes era a principal Columbina, que vendo a morte de sua Mestra, e o maldito ministro Adriano, com huma grande patrulha de assanhados Gentios sobre tantos innocentes, estava como dezanimada:

Converte Santa Quiteria a Luciano, e a dous Bispos apostatas.

Anima Marcial os companheiros ao martyrio.

o que conhecendo o Bispo Marcial [ja legitimo penitente] a animou, e aos mais Christaõs, dizendo: *Nada, ó Fieis, vos engane, naõ vos perturbe, e aparte do verdadeiro Deos, naõ receeis os tormentos, que vos aguardaõ, porque se perderes neste mundo a vida temporal, ganhareis a eterna no outro, onde vos espera Christo com os braços abertos para vos dar a estóla da Gloria. Naõ negueis vossos nomes, naõ encubrais vossa Religiaõ, fiai-vos daquelle Senhor, que adorais, o qual ama a cada hum de vós mais, que a todo este barbaro exercito &c.*

3 Confortada Columbina do Ceo, por meyo da exhortaçaõ do ja ditoso Bispo, ficou esperando, e appetecendo a coroa do martyrio, assim como todos os mais. Quiz o outro Bispo Valentino alcançar tambem a sua, entrando a prégar áquelles barbaros, o que naõ consentio Romano, Varaõ Santo, que havia acompanhado sempre a Quiteria, dizendo: *Que melhor seria o prepararem-se para a batalha, que o perder tempo, e o fructo da prègaçaõ*, e fallou prudentemente, pois apenas se tinhaõ todos disposto com actos de quem estava para trocar a vida temporal pela eterna, deraõ sobre elles os ministros infernaes, que tiraraõ as vidas aos ditosos, Rey Leuciano, Marcial, e Valentino Bispos, que nunca se apartaraõ do lado Real, para que naõ esmorecesse á vista dos tormentos, e se lhe naõ pudesse pôr por diante o que deixava, por serem caducos, e transitorios bens. A estes se seguiraõ Romano, Columbano, e Simplicio, e outros muitos Christaõs, que Santa Quiteria converteo pelo meyo de prodigios, e nem foraõ poucos os que se viraõ logo que se deo á execuçaõ maldade taõ grande, qual a de se tirarem as vidas a huns innocentes, sem mais causa, que a de confessarem a Christo por seu Deos, e Redemptor.

Preparaõ se todos para o martyrio.

Castiga Deos aos ministros da maldade.

4 Pois desembainhando este Senhor a espada da sua Justiça, sepultou nos Infernos a muitos, que no mesmo sitio expiraraõ por causa de hum terremoto, que cahio entre elles, e dos que escaparaõ com vida, huns se abrazaraõ com fogo, outros se tolheraõ com frio, huns se despedaçaraõ com raiva, comendo as proprias maõs, e pés, outros enloqueceraõ, apoderando-se os demonios de seus corpos: e assim acabaraõ as vidas miseravelmente aquelles que as tiraraõ a tantos Servos de Deos, que revelou o successo, por meyo de hum Anjo, a outro Servo seu, por nome Estrancho, que vivia no valle de Aufragia, a quem mandou desse sepultura naquelle mesmo monte áquelles seus Martyres, como com effeito deo.

Convertem-se dous dos perseguidores dos Santos Martyres &c.

5 Noticioso Germano, filho de Adriano [que sendo o principal ministro daquella barbaridade estava ainda com vida] dos prodigios, que Deos obrara em honra daquelles seus Servos, conheceo a sua culpa, pedio em continente perdaõ della, e andando cuidando na satisfaçaõ que havia de dar á Magestade Divina, lhe appareceo hum Anjo, o qual lhe disse: *Se buscas verdadeira penitencia, alcançarás verdadeiro perdaõ. E se com tuas maõs bautizares a teu pay Adriano, conseguirás, sem duvida, a vida eterna.* Obedeceo Germano ao Celestial Embaixador. Sujeitou-se a huma aspera vida, pois usando de paõ, e agoa, misturado com lagrimas, e cinza, procurou, e trabalhou na conversaõ de seu pay Adriano desde 25. de Fevereiro daquelle anno, até 10. de Janeiro do seguinte, tempo em que Deos Senhor nosso trouxe a Adriano ao estado da penitencia, no qual acabou a vida.

Apparecem no monte de Pombeiro os corpos dos Santos Martyres.

6 Que succedesse o martyrio de Santa Quiteria, e dos nomeados companheiros no monte de Pombeiro Interamnes he indubitavel, como se mostra na vida da mesma Santa, composta pelo Padre Doutor Fr. Bento da Ascensaõ, Abbade do Mosteiro de Pombeiro da Ordem Benedictina: e para se desvanecerem todos os escrupulos, e confundirem todas as opinioens, bastava saber se os rarissimos prodigios, que a Santa alli tem obrado, e o apparecerem no anno de 1719. ao fazerem-se os alicerses de hum famoso Templo, que dedicou á Santa a piedade Christaã, no mesmo sitio em que estava

tava huma pobre Capella dedicada a S. Pedro, e na circunferencia della settenta e cinco sepulturas concertadas *modo Christiano*, com a circunstancia de que em algumas se acharaõ a' duas cabeças, em outras vestigios de quatro braços; em duas, dous corpos inteiramente organizados, a que naõ faltava mais que a carne: e finalmente entre todas estas sepulturas se achou huma muito pequena, que naõ tinha mais que huma cabeça. Todos os ossos se metteraõ em tres caixoens debaixo do Altar de S. Pedro, por ordem do Illustrissimo Arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Telles, que mandou assistir a tudo hum Ministro da sua Relaçaõ, que fez Judicial instrumento de tudo o que se achou; assentando todos por sem duvida que saõ aquelles ossos dos Bemaventurados Martyres, que deraõ naquelle sitio a vida pela Fé de Jesus Christo, que seja eternamente louvado. A 22. de Mayo se celebra o Triunfo destes Santos.

SANTO EUSEBIO PALATINO.

1 NAsceo em Medelhim, huma das mais celebres Collonias da nossa antiga Lusitania, Santo Eusebio Palatino, cujo appellido demostra ser pessoa principal, e que tinha cargo honorifico, ou ao menos grave, na Casa Real, pois no tempo dos Godos se denominavaõ assim todos os que serviaõ aos Reys em ministerios authorizados, como com evidencia se colhe de alguns Concilios de Hespanha, em que elles assinavaõ como pessoas muito distinctas, o que prova Morales. E supposto se naõ conservem nos Palacios dos Reys estes titulos, se conservaõ nos do Summo Pastor, e Rey dos Romanos, pois dá este o titulo de Condes, e de Cavalleiros do mesmo Palacio, a algumas pessoas illustres, ou nobres. As obrigaçoens principaes, que tem, saõ acompanhar ao mesmo Pontifice nas funçoens mais publicas, a que chamaõ Cavalgadas, montados em cavallos, vestidos á cortezaã, com huma Cruz vermelha por habito, pendente de hum collar de ouro, e outra tambem vermelha de seda na capa. Parece conrespondem a estes Cavalleiros, que cria o Pontifice, os Cavalleiros Fidalgos que faz o nosso Monarcha, pois se estes tem obrigaçaõ de acompanhar ao mesmo Monarcha nas funçoens mais publicas, aquelles tem tambem a de acompanhar ao Rey dos Romanos, e Pontifice Supremo nas funçoens mais plauziveis, e celebres. E se os Monarchas Portuguezes concedem muitos privilegios aos seus Cavalleiros, os Pontifices Romanos concederaõ taes graças, privilegios, e izençoens aos seus, que se lhes limitaraõ pelo Sagrado Concilio Tridentino as que os eximiaõ da obediencia, e izençaõ dos Bispos das Diocezes em que viviaõ.

Morales lib. 12 cap. 31.

2 Os mesmos Monarchas, e Principes mais devotos da Sé Apostolica, se gloriavaõ de serem, ou de se intitularem seus Cavalleiros, e por naõ irmos fóra do Reyno, nomearemos sómente os primeiros Reys de Portugal, que foraõ D. Affonso Henriques, de que escrevemos como de Veneravel Servo de Deos, e seu filho D. Sancho. O primeiro se fez, e offereceo Cavalleiro do Pontifice Romano, quando lhe pedio a confirmaçaõ do Reyno, pela seguinte carta: *Affonso por graça de Deos Rey de Portugal beija os pès ao Santissimo, e Beatissimo Senhor Innocencio Papa. Conhecendo eu como as Chaves do Reyno do Ceo foraõ entregues por N. Senhor Jesus Christo ao Bemaventurado Apostolo S. Pedro, determinei de o tomar por Advogado para com Deos todo poderoso, porque nesta vida me dè favor, e me aconselhe nos cazos arduos, desorte, que possa alcançar os premios da Bemaventurança eterna. Por tanto, eu D. Affonso, pela graça de Deos Rey de Portugal, por maõ do Senhor Cardeal G. Legado da Sè Apostolica, e de nosso Senhor o Papa Innocen-*

Brit. na Chron. de Cist. l. 3. c. 4. e 5.

Innocencio; offereço tambem minha terra ao Bemaventurado S. Pedro, e á Santa Igreja Romana, com censo, e tributo annual de quatro onças de ouro, com tal condiçaõ, e pacto, que todos aquelles, que depois de minha morte forem senhores desta terra, paguem o sobredito tributo ao Bemaventurado S. Pedro, como eu o faço, em foro de seu Cavalleiro, e do Pontifice Romano. O segundo se fez tambem Cavalleiro do Papa, pela Carta seguinte: *Ao Santissimo Papa, e Senhor, Urbano, pela graça de Deos Summo Pontifice, D. Sancho pela mesma Rey de Portugal, deseja saude, com toda a devoçaõ, e obediencia. Saiba vossa Santidade, que quero ser Cavalleiro vosso, e da Santa Igreja Romana, do proprio modo que o foy meu pay dos Summos Pontifices vossos antecessores, e com os grandes desejos que tenho de alcançar a bençaõ, e favor de vossa Santidade o estou merecendo, álem de manifestar bem a summa obediencia, que em tudo se deve á vossa grandeza &c.*

Brand. 4 part. da Monarch. Lusitan.

3 Como o principal emprego, e empenho dos nobres, e dos que descendem de sangue illustre, se deve dirigir ás virtudes moraes, e ainda á da fortaleza bellica, para pelejarem pela Patria, pelo Rey, e pela Ley, e entendeo talvez o nosso Eusebio, que injustamente possuiria alguma prerogativa de nobreza, se se naõ distinguisse da sorte ordinaria, em virtuosas acçoens; emprendeo, e exerceo as mais heroicas, e desorte, que offerecendo-se por ultimo espontaneamente á morte, conseguio o egregio premio da gloria, pelo nobre valor, e generosa constancia, com que soffreo em hum horrendo carcere intolleraveis fomes, sedes, e infernaes cheiros, com que o opprimiraõ, por persistir em abominar aos Idolos, e na confissaõ da Fé de Jesus Christo, pela qual exhalou a vida, na companhia de nove valorosos soldados de Christo, cujos nomes estaõ no livro da eternidade, no anno de 134. conforme todos os Martyrologios. O Agiol. Lusit. trata destes Santos Martyres a 5. de Março.

Vida, e morte admiravel do grande Patriarcha dos pobres S. JOAM DE DEOS, *natural de Monte-mór.*

1 OFferece-se-nos por assumpto agora a vida, e virtudes do Glorioso exemplar do desprezo do mundo, do assombro da santidade, do precioso ornato da Igreja Catholica, do pasmo, e admiraçaõ de toda a terra, o Patriarcha S. Joaõ de Deos, gloria immortal da nossa Lusitania, e eterna saudade de Granada.

Nasceo em Monte-mór.

2 Nasceo em Monte-mór o novo deste Reyno de Portugal, que desde entaõ, entre as muitas glorias com que se illustra, conta por huma das mayores o haver sido feliz Oriente de tal Sol. Seu pay se chamava André Cidade, de sua mãy naõ se sabe o nome. Fez o seu nascimento pouco estrondo, e ruido, (que naõ podia ser grande nas humildes, e limitadas casas de seus pays) mas tam festejado, e applaudido do Ceo, que mandou Anjos para que naquella feliz hora repicassem os sinos da sua Parochia, revelando juntamente as excellencias do recemnascido a hum Veneravel Varaõ, que vivia na Serra de Ossa entregue aos cuidados da morte. Mortaes, ao mesmo tempo que justificados, incomprehensiveis saõ os juizos de Deos, veneremolos com rendimento obsequioso, e quando naõ se nos manifeste o occulto da Divina Sabedoria, naõ blasfememos prezumidos do que ignorantes naõ alcançamos.

Como se fez pastor.

3 As voltas da fortuna, e o aperto da pobreza o levaraõ a peregrinar por terras estranhas em companhia de hum Clerigo, naõ tendo mais que oito annos de idade. Acõmodou se com hum lavrador em Oropeza de Castella, o qual lhe deo a occupaçaõ de pastor, que exercitou com grande cuidado,

do, e diligencia. Na soledade dos montes, e dos campos incitado de eloquencia muda da formosissima variedade das creaturas, que as soledades povoaõ, se suspendia em admiraçoens da grandeza do Creador, das quaes devia considerar pregaõ cada creatura. Entre a variedade de devoçoens com que nos seus primeiros annos obsequiava, e lisongeava a Maria Santissima, para a merecer propicia neste valle de lagrimas, eraõ as do seu Rosario cada dia, e a de rezar-lhe vinte e quatro vezes o Pater noster, e outras tantas Ave Marias, em memoria, e correspondencia dos 24. annos que viveo depois que Christo nosso bem subio ao Ceo. Foraõ tambem acceitos desta Divina Senhora os seus obsequios, como o mostrou amparando-o, e defendendo-o em muitas ruinas da alma, e em muitos perigos do corpo. Logo o veremos.

Devoçaõ que tinha a Maria Santissima.

4 Parecendo ao amo de Joaõ naõ ser justo perseverar na humildade de pastor, podendo seguir caminho de que se lhe seguisse mais authoridade, e lucro, o persuadio a que trocasse a occupaçaõ de pastor na de soldado. Conveyo no gosto do amo levado em fim do brio Portuguez, e do fervor da idade; passou-se pois com huma Companhia a Fonte-Rabîa infestada entaõ dos Francezes, em cuja Praça se entregou totalmente aos descuidos da morte, seguindo a vida licenciosa, que ordinariamente anda annexa aos soldados. Estando na fronteira com outros militares, e faltando-lhes o provimento, o elegeraõ para que o fosse procurar a humas casas pouco distantes da mesma fronteira: o cavallo se havia tomado aos inimigos, e logo que reconheceo as terras do seu nascimento com brutal impeto, e raivosa furia, despenhou a Joaõ em hum rochedo, e fugio á redea solta até se encorporar com os seus. Ficou sem sentidos, e estando quasi para expirar o vital alento, escoado do sangue, que lançava pela boca, e narizes em quantidade pasmosa, se valeo da consolaçaõ, e amparo universal dos mortaes, dizendo ja posto de joelhos: *Mãy de Deos, sede em minha ajuda, e favor nos perigos, em que me vejo, obrigue-vos vossa piedade a alcançar de vosso Benditissimo Filho seja servido de me livrar delles. Lembrai-vos, Senhora, da devoçaõ, e dezejo, que sempre tive de vos servir, para que naõ permittais que seja prezo de meus inimigos; naõ vos esqueçais de vosso piedoso costume, que he soccorrer aos necessitados como eu o sou.* Compadecida Maria Santissima das suas supplicas lhe appareceo em traje de pastora muito formosa, deo-lhe hum pucaro de agoa, consolou-o naquella afflicçaõ, aconselhou-o para que deixasse huma occupaçaõ, em que tanto se arriscava a vida, e a salvaçaõ. Estes favores lhe deraõ animo para perguntar quem lhos fazia, ao que respondeo: *Sou aquella, a quem tu te encommendas; adverte que entre tantos perigos naõ caminhas seguro sem o arrimo da oraçaõ.* Disse-lhe em fim que se retirasse sem susto para a Companhia, pois lhe segurava o naõ se encontrar com os inimigos. Ficou Joaõ com favor taõ estupendo tal, qual o devemos considerar, e entendendo que tudo quanto lhe succedera fora por naõ ter naquelle dia feito as suas costumadas devoçoens, posto de joelhos as disse com excessivas lagrimas. Retirou-se para a sua estancia, porém apenas se vio livre deste perigo, se achou em outro mayor.

Como se fez soldado, e se entregou a vida licenciosa.

Implora o auxilio de Maria Santissima em hum perigo, a qual o soccore, e lhe dá hum pucaro deagoa.

5 Fiou hum Capitaõ do seu cuidado a guarda da sua roupa, furtaraõ-lhe esta huns soldados, sem culpa sua; porém o Capitaõ, sem admittir desculpa, nem se condoer da bondade, e sem malicia de Joaõ, mandou que o enforcassem em huma arvore. Valeo-se tambem neste aperto do seu antigo asylo Maria Santissima, que o mandou livrar por hum Cavalleiro passageiro, nesta forma. Indo continuando na vereda de sua jornada perdeo o caminho, achou a Joaõ propinquo a padecer; pareceo-lhe seu erro mysterioso, encheo-se de brio, e de lastima de ver se tirava a vida a hum homem por taõ leve causa, qual a de hum natural descuido, e se empenhou pela revogaçaõ de taõ cruel sentença, que com effeito conseguio; pois he certo

Livra-o N. Senhora de morrer enforcado.

certo que quem lhe cõmunicou tantos brios para o empenho, os havia de cõmunicar tambem a quem havia de dezempenhá-lo. Deo-lhe o Capitaõ por pena, que naõ lhe apparecesse mais.

6 A consideraçaõ pois destes dous casos o fez entrar na de quam frequente, e occasionado era aquelle modo de vida aos perigos de perdê-la. Nestes ponderaria tambem os de sua eterna salvaçaõ; pois se quem morre na sua cama assistido de Padres espirituaes continuamente, com todos os Sacramentos, e ajudado de todos aquelles meyos, que dispôs a piedade da Igreja nossa Mãy, tem muito que trabalhar, que vencer, e que temer; que será quem morre na Companhia, onde em lugar de Padres espirituaes, que lhe estejaõ clamoreando aos ouvidos, com o seu perigo, e com o risco da sua salvaçaõ, se Catholicamente naõ se dispuzer, só ouvem dezesperaçoens, furias, tyrannias, vinganças, confuzoens, alaridos, estragos, horrores, sangue, e mortes. Estas consideraçoens, em fim, o fizeraõ retirar para Oropeza a seu pristino exercicio, e assim se retirou a guardar gado mais contente, e seguro na companhia delle, e das ovelhas no campo da solidaõ, do que na Companhia do seu Capitaõ no campo da milicia. Indo para Oropeza, e reparando que em huma arvore estava o sinal de nossa redempçaõ, encostado nella se pôs a considerar nos evidentes perigos, em que se vira, quam perto esteve da morte, quam duvidosa estava sua salvaçaõ, e quam pouco grato se tinha mostrado a Deos, e a sua Santissima Mãy, por tantas quantas finezas lhe haviaõ feito. Nestas, e em outras meditaçoens, gastou naõ menos que dous dias, e duas noites, e como esteve todo este tempo sem comer cahio em summa fraqueza, e debilitado ao pé da arvore. Vio de repente diante de si tres paens, e huma taça de vinho; porém, ainda que se achava em necessidade extrema, de nada se quiz aproveitar, assim por naõ ser seu, como por naõ o querer attribuir a milagre. Rezou o Padre nosso, e chegando ás palavras *o pam nosso de cada dia nos day hoje*, ouvio huma vós, que dizia: *Sim a ti envia Deos esse pam para que o comas.* Com este favor estupendo, e com este viatico proseguio, e finalizou a sua emprendida jornada.

De como he arriscada a vida, e morte de soldado, e de como tornou para pastor.

Envia-lhe Deos pam, e vinho em huma necessidade.

7 Sabendo que o Conde de Oropeza passava a Alemanha com o Imperador Carlos Quinto a impedir a entrada, que o Turco Solimaõ intentava fazer por aquella parte, pedio o levasse na sua companhia. Servio em sua casa com grande satisfaçaõ, lealdade, e fidelidade. Na volta do Conde para Hespanha, dezembarcou na Corunha de Galliza. Depois de fazer huma Novena ao Glorioso S. Thiago, veyo a este Reyno, e a Monte-mór, sua patria, onde achou noticias de que sua mãy fallecera, logo que elle se ausentara, e que seu pay acabara santamente no Convento de S. Francisco de Xabregas, onde tomara o habito de Religioso. Hum tio, que lhe deo estas noticias, intentou persuadí-lo a que ficasse na sua companhia, mas sem fructo; pois sentido dos apressados fallecimentos de suas pays, se retirou para Sevilha, onde tornou á occupaçaõ de pastor de huma Senhora daquella terra, ainda que por breve tempo.

Passa a Alemanha, e vay a S. Thiago de Galliza, e á sua patria.

8 A misericordia, em cuja formosa physionomia se vê copiado muito ao vivo o semblante da caridade, e a quem sempre segue, ou por similhante, ou por companheira; e a caridade, ouro que dá valor, e estimaçaõ ás demais virtudes, se apoderou tanto deste famoso homem, que em toda a vereda da sua vida se inculcou vulcaõ, ou incendio, em cujas activas, e purissimas chammas se lhe abrazou sempre o coraçaõ. O que em si por propria experiencia prova a acerbidade dos males, muito tem andado para compassivo, porque a memoria da sua passada dor o move á lastima da alheya; em si proprio experimentou o nosso Santo muitas necessidades; e miserias, o que junto com a natural compaixaõ, que o Ceo lhe concedeo, fez com que fosse toda a sua vida hum perenne manancial de remedios das alheas

Da virtude da misericordia.

lheas miserias. No decurso della o veremos muitas vezes provado; seja porèm a primeira prova o que se segue.

9 Passando para o estreito de Gibraltar, para adquirir com que sustentar-se, delle passou a Ceuta, por acompanhar hum Cavalheiro, que para ella hia desterrado, com sua mulher, e quatro filhas, cuja pobreza era taõ summa, que ainda sendo Portuguez chegou a manifestá-la a Joaõ, o qual o consolou, e exhortou á paciencia, e trabalhando alguns tempos nas muralhas daquella Praça lhe dava inteiramente o jornal, e o que mais podia agenciar-lhe para os remediar da morte, a que a fome os condenava: chegou a vender huns unicos çapatos, que tinha, para soccorrer tanta necessidade; obras de caridade certamente taõ agradaveis a Deos, que parece lhe grangearaõ os favores, e soberanos beneficios, que recebeo depois.

Exercita a virtude da caridade com huns desterrados.

10 Dos que trabalhavaõ na obra se passaraõ muitos a Tetuaõ, onde se faziaõ Mouros exasperados do máo tratamento que lhe davaõ os Officiaes de ElRey. Lamentava o nosso Joaõ as suas desgraças. Cahio na mesma hum grande amigo seu, persuadia-o a que o acompanhasse, porèm sem fructo. Tomou o diabo daqui occaziaõ para tentá-lo, e com effeito quasi o teve vencido, principalmente quando recebeo huma carta do tal amigo, ou do diabo, que a fabricou em seu nome, segundo Jorge Cardozo no seu Agiologio, pela qual o convidava para a deliciosa vida que passava, e para que deixasse a trabalhoza de Ceuta, pintando tudo com taes razoens, e com taõ diabolicas efficacias, que se vio Joaõ perplexissimo, e a pique de seguí-lo, se naõ dera parte de tudo a hum Religioso Franciscano, que lhe aconselhou a retirada daquelle sitio, por fugir de occasiaõ taõ propinqua, com que o diabo lhe estaria clamoreando aos ouvidos, invejoso dos progressos, que por algumas acçoens da sua vida prevía. Mortaes, bem nos póde o demonio incitar ao máo, por si, e pelo instrumento dos máos, que o parecem; porèm naõ nos póde forçar a elle. O nosso coraçaõ he hum castello, que para se assaltar he precisо que por si proprio se renda, e abra as portas ao inimigo. A nossa humana vida naõ he mais que huma tentaçaõ continua. Deos nosso Senhor nos prova, o demonio nos tenta, os bens do mundo nos enganaõ, as adversidades nos querem abater. Nossos amigos, e inimigos, nossos corpos, e paixoens, por mil modos nos tentaõ, e incitaõ a mil ruinas da alma. Naõ procuremos pois eximir-nos de tentaçoens, porque até á morte nos haõ de acompanhar. Evitemos, á imitaçaõ de S. Joaõ de Deos, a occasiaõ dellas, quando naõ, infallivelmente seremos precipitados, e vencidos; e fazendo da nossa parte, tenhamos esperança de vencê-la, por mais violenta, e ardua que se nos proponha, pois a graça do Senhor nunca falta para a resistencia, a quem humilde lhá supplica.

Passa hum seu amigo aos Mouros, e por se ver tẽtado a seguilo fugio da occasiaõ.

Exhorta se a fugir da occasiaõ das tentaçoens.

11 Embarcou-se o nosso Joaõ por fugir da tentaçaõ, e se ergueo logo no mar taõ furiosa tormenta, que ja todos se davaõ por irremediavelmente affogados. A sua summa humildade o persuadio a que áquella tormenta davaõ causa seus peccados, e logo se pôs a exclamar, que se naõ queriaõ perecer submergidos naquellas ondas, o lançassem ao mar. Com taes veras instava nisto, que se resolveraõ a deitá-lo no mar os marinheiros, certificados de que lhe naõ faziaõ aggravo á vista da sua propria confissaõ. Indo pois para o fazerem, e principiando o Servo de Deos a *Salve Rainha*, de repente se acabou aquella taõ embravecida tormenta, e com isso o motivo da sua morte.

Embarca-se, e pede aos marinheiros o lancem ao mar.

12 Aportou em Gibraltar, onde pedio a suas maõs o sustento, que a tantos depois o haviaõ de administrar. Era o jornal, que lhe davaõ, mayor que a despeza, causa porque lhe naõ foy difficultoso ajuntar hum cabedalzinho, com que comprou algumas imagens de papel, cartilhas, e livros, de que se fez tratante, porèm com esta celebre singularidade, que elle mesmo desacreditava a sua mercadoria, porque exaggerava aos compradores o quanto

Dezembarca em Gibraltar, onde se sustenta com o suor de seu rosto, e se faz tratante de livros.

to huns dannaõ, e os outros aproveitaõ. Andava de feyra em feyra com a tenda aos hombros, buscando a Deos para si, e compradores para os livros; mas o Senhor, que se deixou achar dos que o naõ buscavaõ, [como elle mesmo diz por Isaias] como se esconderia aos olhos de quem com tantas veras o pertendia! Em hum caminho lhe sahio ao encontro em figura de menino mal vestido, e descalço; e como o nosso Santo Varaõ jamais attendeo necessidade no proximo, que o naõ condoesse, e lastimasse, tirou os çapatos, e lhos deo; mas como por grandes lhe naõ servissem, o menino lhos tornou, dizendo-lhe os guardasse para outros pobres mayores, e mais necessitados. Ficou muito desconsolado Joaõ pelo menino se naõ aproveitar da sua offerta; por causa dos çapatos serem grandes, e lhe disse: *Menino bendito, e Irmaõ, se vos naõ servem os meus çapatos, servi vos de meus hombros; que mais justo será que levem elles o que a Deos custou tanto, que livros que taõ pouco valem.* Acceitou o Menino a offerta, e subindo ao hombro de Joaõ, se lhe fez muito pezada a carga, sendo sempre leve, talvez para que se costumasse a trazer ás costas pobres de mayor corpo. De crer he, que o Soberano Rey da Gloria, que taõ proximamente levava ás maõs, lhe alimparia muitas vezes o suor, que de seu rosto cahia em fio, pois chegando a huma fonte lhe pedio licença para beber, e descançar do trabalho; deo-lha, e desviando-se a beber, o chamou o Menino, que querendo gratificar-lhe os trabalhos, que tivera em o levar ás costas, lhe mostrou huma romaã aberta, e nella huma Cruz, e lhe disse: *Joaõ de Deos Granada será a tua Cruz*, e logo dezappareceo, ficando taõ sentido, que levantados os olhos ao Ceo culpava a si com muitas lagrimas de naõ ter conhecido a seu Creador. Confundia-se de ver que, sendo elle huma vilissima creatura, recebera taõ extraordinario favor, e entendendo daqui que a Divina Magestade o queria em Granada, a ella dirigio seus passos. Chegou áquella Cidade, e nella proseguio a venda dos livros por algum tempo.

O como se houve com o Menino Deos, que encontrou disfarçado, e pôs aos hombros.

Mostra-lhe o Menino Deos huma romaã aberta, e lhe diz que Granada será a sua Cruz.

13 Festejava se em huma Ermida, que ficava perto da sua tenda o triunfo do Invicto Martyr S. Sebastiaõ, e vendo elle a muita gente, que concorria áquella festa, por ouvir ao Veneravel Padre Joaõ de Avila seu Prégador, se resolveo tambem a ser seu ouvinte. Tratou o Apostolico, e fervoroso Prégador dos louvores do Santo Martyr, e com elles da formosura da virtude, e da fealdade do peccado &c. com tanto espirito, e efficacia, que tocado, e ferido o bendito Joaõ das settas do amor Divino, sahio do Sermaõ todo banhado em lagrimas, pedindo a Deos misericordia, confessando publicamente seus peccados, lançando-se no chaõ, arrepellando as barbas; e em resoluçaõ, alcançando em breve a alta sciencia do desprezo do mundo, arrastou atras de si toda a rapazia, que o começaraõ a acclamar, *doudo, doudo*, pelo verem daquella sorte, e com a boca chea, e as barbas untadas de lama, chegou á casa em que costumava assistir, e por naõ retardar mais o pôr em execuçaõ o conselho do Evangelho, deixando tudo por Christo, repartio o dinheiro que tinha pelos pobres, e livrando com elle da prizaõ 22. pessoas, remetteo aos livros profanos com tal furor, que a maõs, e a dentes os despedaçou, e deo os espirituaes ás primeiras pessoas que lhos pediraõ; e desta sorte ficou brevemente de todo pobre, mal vestido, sem chapeo, e descalço, e assim discorreo outra vez pelas ruas de Granada, soltando as mesmas vozes, seguido da inculpavel plebe, que o tinha por louco, e com alguma razaõ; pois fazia as sobreditas cousas, e outros mais acenos, que persuadiaõ a crer-se o seu fingimento, e se póde dizer, que ninguem pôs mais estudo para inculcar-se prudente, do que punha o nosso Joaõ para inculcar-se louco.

Converte-se de todo a Deos por meyo de hum Sermaõ que ouvio.

Finge se louco por Deos, e dá tudo o que tinha, e livra da cadeya 22. prezos.

14 Esta resoluçaõ tirou o nosso Santo por fructo da palavra divina, porque a foy ouvir com dezejo de fructo, e este naõ tiramos os que vamos ouvir ao Prégador, unicamente por lizongearmos o gosto com os pensamentos

Exhorta-se a ouvir os Sermoẽs com a devida attençaõ.

tos delicados, pelo deleite que nos resulta de ouvirmos hum bom conceito, e pela galantaria com que o expõem; quando naõ he por notar-lhe faltas, reprovando-lhe os discursos por humildes, e satyrizar-lhe as palavras por muy rasteiras. Tudo isto, mortaes, saõ meyos, e pretextos, que o diabo toma, para que da palavra divina naõ tiremos os fructos de que carecemos, para a reforma da nossa vida, fazendo que desta sorte fiquemos como surdos ás clamorosas vozes da verdade, sempre cativos, e precipitados no peccado, sempre submergidos, e engolfados nos delictos, de que sem duvida nos levantaramos, se com attençaõ ouviramos louvar, e engrandecer a formosura da virtude, as excellencias da alma, a gloria, e belleza, que com a graça adquire os thesouros que lhe dá, e as riquezas que lhe appropria; e se ouviramos com attençaõ exaggerar a gloria dos bemaventurados, e pelo contrario as miserias da vida, as vaidades do mundo, a malicia coroada, a innocencia escrava, os horrores da morte, o tremendo do Juizo, a ira de Deos, e as penas do inferno. Cuidemos pois na morte, e na conta, e logo daremos attençaõ ao que ouvirmos, e tiraremos o fructo que tirou S. Joaõ de Deos. Naõ nos queiramos publicar surdos aos clamores da verdade, pois surda está aquella alma áquellas vozes, a que naõ guarda os avizos, que lhe annunciaõ; obrar o que se ouve he ouvir; ouvir, e naõ obrar he insurdecer. Ouvirmos a doutrina, notarmos o documento, louvarmos o avizo, e naõ nos aproveitando de nada na occasiaõ do perigo, de nada nos servirá, a naõ ser para mayor confuzaõ, e ruina da nossa alma. Em fim, mortaes, rezervemos a doutrina, que ouvirmos no pulpito, no confessionario, ou lermos em algum livro, para o tempo da necessidade, que he quando por aquella parte nos virmos incitados, ou tentados com algum vicio. Declaro-me: Quando virmos que a carne nos brinda com deleites, lembremo-nos dos remedios, que ouvimos, ou lemos sobre os deleites; quando o mundo nos brindar com profanidades, riquezas, regálos, e gostos, ajudemo-nos dos exemplos que ouvimos, e recorramos ás historias humanas, e Divinas, onde acharemos a pouca estabilidade de tudo, e que jamais há gostos no mundo sem mesclas de amarguras, tristezas, e ruinas do corpo, e da alma. Se o demonio, ou os máos amigos nos animaõ á perseverança do peccado, com a esperança de que tempo teremos para a emenda, naõ os creamos, aproveitemo-nos da doutrina, que tivermos ouvido neste cazo, e dos avizos, e experiencias, que servem de dezengano a muitos. Se assim o observassemos, seriamos bons ouvintes, pois saberiamos usar, para nosso remedio, daquillo que haviamos ouvido. Naõ está o ponto, ou a graça em ouvirmos Sermoens cada dia, em sabê-los ouvir está. Naõ consiste o remedio da nossa salvaçaõ em irmos muitas vezes aos pés do Confessor, sim consiste em fazer o que nos diz, em cumprirmos o que nos ordena, e em abrigar no peito, e abraçar com toda a alma os documentos, que para bem della nos dá. Se quem vos prégar, e persuadir a emenda da vida, a detestaçaõ, e aborrecimento dos vicios, vos parecer hum grande peccador, ou for hum homem mettido no mundo, entregue ás vaidades da vida, qual eu sou, fazei o mesmo que fizereis quando intentasseis tirar hum cacho de uvas de entre espinhos, que seria colher o cacho, e esconder a maõ. Em materias convenientes para a vossa salvaçaõ, nunca attendais para a villeza, e ignorancia do instrumento, sim para a superiodade do influxo. Vamos proseguir com a vida do nosso Santo em quanto algum Critico fica notando de impropria esta digressaõ.

15 No estado, e apparencia de louco, em que deixamos a S. Joaõ de Deos, chegou á Igreja Mayor daquella terra, e prostrado diante do Santissimo Sacramento, dando em si muitas bofetadas, naõ cessava de chorar pedindo perdaõ de suas culpas, e peccados, e exclamando com dolorosas, e lacrimosas vozes: *Deos meu, misericordia; Senhor, a piedai-vos deste grande peccador*

cador, que vos offendeo muitas vezes gravemente. Condoeraõ-se muitas pessoas daquellas palavras, e se persuadiraõ a que naõ eraõ doudice, mas sim fervor de espirito, e levantando-o do chaõ com amorosas caricias, o consolaraõ, e levaraõ diante do Veneravel Mestre Avila, por meyo de cujo Sermaõ se havia convertido. Prostrou-se aos pés do P. Avila o bendito penitente, depois de se ver só com elle, e com as maõs levantadas se começou a accuzar na forma seguinte: *Padre, e Senhor, aqui vereis o mayor dos peccadores, que neste mundo soffre a bondade Divina, pois se oppós ás sagradas misericordias com declaradas offensas, correspondendo a favores com peccados; aqui está o mais ingrato, que sustenta a terra, pois resistio milhares de vezes ás Divinas inspiraçoens.* Depois de lhe dar miudamente conta da sua vida, concluio: *Pudera, Padre meu, dezesperar se naõ soubera que era mayor com grande excesso a misericordia Divina, que a minha malicia: e pois fostes o meyo da minha conversaõ, peço-vos que sejais o medico da minha enfermidade. Aqui estou rendido a vossos pès taõ obediente, como aos de Deos, porque vos tenho como a embaixador, para seguir o que me ordenardes em ordem à minha salvaçaõ.*

Do que passou com o V. Padre Avila, e da sua humildade.

16 Alegrou-se em o Senhor o bom Mestre com o novo discipulo, e admirando-se de o ver taõ contrito, e adiantado no espirito, respondeo: *Esforçai-vos, Irmaõ, com Christo, confiai na sua misericordia, sede-lhe fiel atè à morte, para que nella alcançeis a coroa da vida, a qual elle tem preparada no Ceo para seus escolhidos. Nesta nova milicia vos naõ haõ de faltar tentaçoens, e trabalhos, animai-vos, que o Clementissimo Jesus vos hà de acudir nella sempre. Se me quereis para conselho, aqui me tendes; porque, mediante o divino favor, levareis sempre saudavel medicina, com que se cure vossa alma, e novas forças contra o inimigo do genero humano. Ide-vos com a bençaõ de Deos, e minha, que eu confio nelle vos naõ negarà a sua misericordia; assim que eu vos acceito por filho, e vos offereço as minhas oraçoens.*

17 Sahio Joaõ da presença do Veneravel Avila summamente consolado, e proseguindo nas suas chamadas loucuras, com mayores extremos, o perseguiaõ notavelmente os rapazes, que para huma destas, como dizem, os pariraõ as mâys. Compadeceraõ-se huns homens delle, e o levaraõ ao Hospital dos doudos. Prenderaõ-no logo os enfermeiros, que levados do afforismo, de que o louco pela pena he sezudo, amarraraõ-no nú, e cruelmente o açoutaraõ; e como os hospitaleiros se graduaõ de bõas forças para aquella sciencia, eraõ os açoutes continuos, e rigorosos; quando o açoutavaõ, dizia: *Castigai, castigai essa maldita carne, que ella tem a culpa, e para poder sarar necessita de mais rigorosa penitencia.* O sustento, que lhe davaõ, era o mais desabrido; o retiro huma gayola sem luz; o credito quasi irreparavel, pois raras vezes sanêa a opiniaõ o que a ganhou de louco, e assim se reduzio por proprio gosto ao mais abatido estado, que podia alcançar o discurso humano, a naõ ser illustrado pela divina luz.

Levaraõ no à casa dos Orates, para se curar por louco, enfermidade que fingio.

18 Foy-o visitar o Mestre Avila, e vendo o muito mal que o tratavaõ por saber o seu espirito, [como quem lho havia approvado] pois o fim das acçoens, nem de si más, nem prejudiciaes a terceiro, lhes dá, ou tira a bondade, lhe disse que ja bastava a fingida loucura para se confirmar na humildade, e na paciencia, e que desse ja mostras de que hia melhorando, para sahir a exercitar a mayor, e a melhor virtude, que he a caridade; assim o fez, dizendo repetidas vezes aos enfermeiros: *Bendito seja nosso Senhor, que ja me sinto saõ, e melhor do que eu mereço*; porque como a enfermidade era tomada por vontade propria, naõ durou mais que o tempo que o enfermo quiz. Deixaraõ-no logo andar pelo Hospital, indo-se pôr a servir aos verdadeiros enfermos alguns dias, varrendo-lhes as casas, lavando-lhes os pratos, e alimpando-lhes as immundicias: em fim, ainda que isto era bom, e meritorio, naõ continuou muito, porque o tinha Deos destinado para outro fim.

Mostra-se melhorado da loucura.

Despe-

Despedio-se do Mordomo do Hospital nesta forma: *Irmaõ, nosso Senhor Jesus Christo lhe pague a esmóla, e caridade, que nesta Casa se me fez, no tempo de minha enfermidade, agora, bendito seja nosso Senhor, me sinto com forças para trabalhar; peço-lhe me dè licença para me ir.* Quiz o Mordomo se dilatasse alguns dias mais para convalescer, mas naõ quiz vir nisso o nosso Joaõ, que fraco, roto, descalço com a cabeça descoberta se sahio do Hospital a procurar a Deos. *Oh Patriarcha felicissimo, e mil vezes ditoso, que pelas apparencias de louco soubestes merecer, e conseguir as realidades de Santo, e de sabio: reparti comnosco daquella sapientissima loucura, que vos elevou ao throno de tanta gloria. Todos somos loucos, os que vivemos descuidados da morte, e por consequencia da nossa eterna salvaçaõ, pois loucura he grande naõ cuidarmos no que nos póde succeder cada momento. Illustrai pois nossos entendimentos, para que deixando estas, e outras loucuras, em que andamos, comecemos a ter juizo, fazendo-nos loucos por amor de Jesus Christo; porque entaõ nos patentearemos perfeitamente sabios, quando a ser loucos por Christo nos resolvermos.*

19 Tinha seu Mestre em Montilha, onde logo o foy procurar, a darlhe parte de quanto havia passado. Recebeo-o com paternal amor, e excessivo contentamento, e o teve na sua companhia alguns dias, depois dos quaes se confessou com elle geralmente, e trataraõ ambos o exercicio, e modo de vida que havia de tomar. Ajustaraõ em que fosse dalli em direitura ao milagroso, e devoto Santuario da Virgem da Guadalupe, para darlhe as graças dos favores recebidos, e pedir-lhe lhos continuasse em ser sua Protectora na sua gloriosa empreza. Antes de o pormos naquelle sagrado Templo, contaremos o que no caminho lhe succedeo.

Corta lenha no monte, e vẽde-a nos povoados, e accende lume á chuva.

20 Na entrada de alguma povoaçaõ costumava cortar hum feixe de lenha, que trocava por pam para sustentar-se, e onde havia Hospital o levava aos pobres, e pedia o pam pelo amor de Deos: chegou a hum lugar em huma noite muito fria, e chuvosa com o feixe de lenha ás costas, e por naõ achar quem lho trocasse, quiz ao menos sustentar-se da quentura, de que naõ menos necessitava. Deo fogo à lenha no meyo de huma praça, ao qual teve respeito a agoa para o naõ apagar. Viraõ isto com pasmo algumas pessoas que prezumindo de Joaõ era feiticeiro o levaraõ prezo; porèm como reconheceraõ a sua invejada innocencia, naõ só lhe deraõ liberdade, mas tambem algum dinheiro, e paens, que logo repartio pelos primeiros pobres que encontrou ao sahir do povoado, para o que lhe determinaraõ meya hora.

Pertende o demonio tentá-lo com huma bolsa de dinheiro, e malogra o seu designio.

21 Indo com o seu costumado feixe de lenha para outro povoado, sahio-lhe hum homem muito bem vestido ao encontro, a perguntar-lhe se o vendia, respondeo-lhe que para isso o levava; offereceo-lhe por elle huma bolsa de dinheiro, fez-se lhe suspeitosa liberalidade tanta, e dizendo naõ queria pela lenha mais que o que justamente valia, respondeo o homem lhe dava o mais de muito bõa vontade. Em fim porfiou tanto com elle, que se vio precizado a concluir, dizendo: *Venha a bolsa; porèm adverto lhe que tomarei para mim só o que val a lenha, e que mandarei dizer o mais de Missas por vossa tençaõ na Virgem da Guadalupe aonde vou.* Tanto que o fingido homem ouvio fallar em Missas, e em nome taõ gloriozo, fugio como hum rayo, que he a porta que o demonio costuma tomar.

Recebe hum favor de Maria Santissima da Guadalupe, a qual castiga a hum Religioso por tratar mal ao Santo.

22 Chegou a Guadalupe, pôs-se de joelhos diante da Imagem daquella milagrosa Senhora, onde saudando-a com a *Salve Rainha*, chegando áquellas palavras: *Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei*, se correo por si mesmo a cortina da Imagem. Ao ruido daquelle milagroso movimento sahio o Sacristaõ do Convento, e naõ vendo alli mais que a Joaõ, se persuadio a que elle a correra por roubàr a Imagem. Tratou-o de ladraõ, de insolente, e depois de lhe pôr as maõs com raivosa furia, levantou o pé para lhe

lhe opprimir o pescoço; porém lhe ficou immovel no ar. Entendendo o Sacristaõ fora castigo do Ceo, pedio perdaõ ao bendito Joaõ, que lho deo de muito bõa vontade, e lhe disse: *Reze huma Salve Rainha á Virgem em satisfaçaõ da descortezia que em sua divina presença cõmetteo.* Ficou o Sacristaõ livre, e Joaõ mais obrigado a Maria Santissima por lhe restituir o credito a poder de maravilhas. A estas acudiraõ muitos Religiosos, e o Prior do Convento, que levando-o para a cella, nella o tratou com veneraçoẽs de Santo. Na sua companhia o teve alguns dias, e nella o tivera sempre se o bendito Joaõ naõ quizera fugir das estimaçoens, e singularidades, com que o tratavaõ. Confessou-se, e cõmungou naquelle Convento, e estando engolfado na oraçaõ mereceo ver o Prior, que a mesma Sacratissima Senhora lhe puzesse em suas maõs ao seu bendito Filho nu, e lhe desse huns pannos com que o envolver. Daqui foy a Oropeza, onde se compungiraõ, e admiraraõ muito os amigos, e conhecidos de verem pobre, descalço, roto, com a cabeça rapada, a quem tinhaõ conhecido brioso soldado. Naõ quiz acceitar a pouzada particular, e se foy metter no Hospital, onde servio aos enfermos por algum tempo, tirava esmólas pela Villa, que repartia pelos doentes, e pobres naõ só do Hospital, senaõ tambem da mesma Villa, na qual curou a huma mulher, que tinha huma perna chea de innumeraveis chagas, sómente com lhe lamber, e chupar toda a corrupçaõ que tinhaõ.

Exercita a caridade em Orapeza, e cura a huma enferma com lamber-lhe as chagas.

23 Daqui dirigio os passos a Granada, e antes que entrasse nella preparou o seu feixe de lenha; porém occorrendo-lhe o quanto os rapazes o haviaõ perseguido no tempo da sua fingida loucura, por naõ resuscitar nelles aquella antiga opiniaõ trocou o feixe de lenha por huma tigella de lentilhas antes de entrar na Cidade: recolhido á noite, se pôs a ponderar no que havia feito, e lançando maõ de hum ladrilho dava no peito grandes pancadas, e chorando com muitas lagrimas aquella propria estimaçaõ dizia: *Dom burrinho honrado, como tivestes vergonha de entrar com o feixe de lenha, e o naõ tivestes de peccar? Tanto respeito tens aos olhos dos homens, e taõ pouco aos de Deos? Este Senhor naõ se envergonhou de ir para Jerusalem com o feixe da Cruz ás Costas por tuas culpas, e tu te envergonhas de entrar em Granada com o teu sustento? Pois na verdade que se te fez violento venderes hoje a lenha em huma rua particular; a manhaã a venderás na praça publica, onde sejas visto de todos, e tratado como mereces*, assim o fez, e tanto que o viraõ o cercaraõ quadrilhas de rapazes, e de ociosos, que lhe perguntavaõ, ou diziaõ: *Que he isto Joaõ, que se tem feito de vós em tanto tempo? Cada dia fazeis mudanças? Hontem livreiro, e hoje acarretador de lenha? Dizei-nos, como vos foy no Hospital? Ainda o vosso aposento está dezoccupado, e ainda, conforme parece, o haveis mister.* Ao que o bendito Joaõ respondeo: *Irmaõs, este he o jogo do birimbao, tres galés, e huma náo, do qual quanto mais virdes, menos haveis de aprender.*

Da humildade, e desprezo com que se tratava.

24 Continuou com o exercicio do troco da lenha alguns tempos, e como já andava sezudo, naõ o perseguiraõ os rapazes. Do que lhe davaõ pela lenha tirava para si o menos, e dava aos pobres o mais. Ouvia Missa pela manhaã antes de ir ao monte, e o restante do dia empregava em fervorosas oraçoens pelas Igrejas, e imagens de sua devoçaõ. Gastou huma tarde diante de hum santo Crucifixo, pedindo-lhe inspirasse o caminho, por onde o havia de servir. Ao sahir para fóra lhe pareceo que a Virgem N. Senhora, e S. Joaõ Evangelista, que estavaõ ao pé da Cruz se baixaraõ, e lhe punhaõ huma coroa de espinhos na cabeça, e supposto a vizaõ fosse imaginaria, a dor foy verdadeira, pois lhe pareceo que os espinhos lhe entraraõ pela cabeça, e que a Virgem lhe dizia: *Por espinhos, e trabalhos, Joaõ, quer meu Filho que alcances merecimentos.* Ao que respondeo o bendito Joaõ: *Trabalhos, e espinhos dados por vossa maõ, rozas, e cravos seráõ para mim.* Havendo

Apparece lhe em vizaõ Maria Santissima, e S. Joaõ Evangelista, e lhe põem huma coroa de espinhos.

do dado poucas paſſadas, achou o myſterio deſta vizaõ, porque indo pela rua de Lucena, vio que á porta de huma caſa eſtava hum eſcrito que dizia: *Eſta caſa ſe aluga para pobres*, e entrando nella ſe vio com taõ grande impulſo de aluga-la para recolher os pobres, e enfermos, que ſe perſuadio a que era aquella a coroa de eſpinhos, que a Virgem lhe havia poſto, e caminho que devia ſeguir para acertar no ſerviço de Deos. Só a difficuldade, que ſe lhe devia oppor, era a de naõ ter com que pagar o aluguer, e, o que era mais, com que traſtejar as caſas, e ſuſtentar os pobres.

25 Como porém os empenhos de hum coraçaõ reſoluto, quando por arduos fazem eſmorecer aos puzilanimes com fantaſticas apparencias, e diſcurſos, ſaõ faceis a quem ſe apoya com o Divino poder: fiado neſte ſe arrojou intrepido a alugar as taes caſas, para nellas recolher a todos os pobres, dando aſſim principio a huma Religiaõ, de que foy glorioſo Fundador, e Patriarcha. Com ajuda de muitas peſſoas devotas deo ordem a preparar logo no principio quarenta e ſeis camas, ainda que pobres, pois naõ conſtava cada huma mais que de duas mantas velhas, de huma almofada, e de huma Cruz de páo. Dizia aos pobres doentes: *Irmaõs, dai graças a Deos que vos eſperou tanto tempo, e vo-lo deo para fazeres penitencia. Cuidai em que o tenaes offendido, que eu vos quero trazer hum Medico eſpiritual, que vos cure as almas, que para o corpo naõ faltará remedio.* Procurou lhes hum Confeſſor prudente, e virtuoſo para os confeſſar, e iſto obſervou ſempre dalli em diante logo que entravaõ.

Principio que teve a Religiaõ de S. Joaõ de Deos.

26 Naquella caſa ajuntava todo o genero de enfermidades contagioſas, e naõ contagioſas, e abrazado em caridade levava a ella os enfermos aos hombros, e ſahia de noite no principio a pedir eſmóla para os ſuſtentar, com huma alcofa grande ao hombro, para o pam, e duas panellas para as eſmólas da liquida materia, deſcalço, e ſem nada na cabeça, dizendo com voz compaſſiva, e piedoſiſſima: *Quem faz bem para ſi meſmo? Fazei bem por amor de Deos, Irmaõs meus em Jeſus Chriſto.* Enterneciaõ-ſe os mais duros coraçoens com aquelle novo modo de pedir, e aſſim lhe davaõ eſmólas em tanta abundancia, que naõ ſó chegava para a ſuſtentaçaõ dos muitos pobres, que juntava, ſenaõ tambem para o de outras peſſoas particulares, e neceſſidades, que a ſua officioſa caridade deſcobria. Quando ſe recolhia com as eſmólas dizia aos doentes: *Deos vos ſalve irmaõs, rogai a Deos por quem vos faz bem.*

De como andava de noite pedindo eſmólas para os enfermos.

27 Depois de dar aos enfermos de comer, o fazia tambem, dava graças a Deos, encomendava-lhe os bemfeitores, lavava as louças, varria a caſa, concertava as camas, e hia buſcar a agoa, e a lenha aos matos, onde colhendo-o muitas vezes a noite o acompanharaõ Anjos com tochas: e nem ha para que admirar ſirvaõ os Anjos a quem com verdadeira caridade ſe occupa no ſerviço dos pobres. Achou-ſe huma noite ſem agoa, ſahio a buſcá-la longe, e quando voltou achou o Hoſpital varrido, as camas feitas, e as louças lavadas, e preparadas, perguntou aos pobres quem fizera aquillo, e lhe reſponderaõ, ſe admiravaõ de perguntar quem fizera o que elle acabara de fazer. Diſſe entaõ com alegre ſemblante aos enfermos: *Na verdade, Irmaõs, que muito quer Deos a ſeus pobres, pois manda Anjos que os ſirvaõ.* O que tomou a ſua figura naõ foy menos que o Archanjo S. Rafael, como elle meſmo diſſe: Attendei pois.

Acompanhaõ-no Anjos &c., e toma a ſua figura o Archanjo S. Rafael.

28 Encontrou em huma noite de inverno a hum pobre penetrado do frio, e queixando-ſe de naõ haver quem o recolheſſe: offereceo-lhe o Hoſpital, e duvidando o pobre de ir para elle por falta de forças, lhe diſſe o bendito Joaõ: *Pois naõ nos havemos de deſconcertar por iſſo*; e ſem embargo de que ſe achava carregado com as eſmólas, carregou com o pobre. Veyo a cahir com elle no chaõ pelo exceſſo da ſobre-carga, de que enfurecido contra ſi meſmo ſe reprehendia, e perguntava: *Aſno veſtido, naõ comeſtes hoje? Pois*

Toma hum doente ás coſtas, e o ajuda o Archanjo S. Rafael.

como

como naõ podeis com a carga! Eu vos tratarey como vós mereceis, que de poltroens he comer, e naõ trabalhar. Estando pois para o tornar a pôr ás costas, appareceo hum galhardo mancebo, que o ajudou, e acompanhando-o lhe disse: *Irmaõ Joaõ, Deos me manda a que te ajude em teu ministerio, e para que saibas quam acceito lhe he, sabe que tudo o que fazes por elle tenho a meu cargo de escrever em hum livro.* Respondeo o humilde Joaõ: *Todo o bem he de Deos, porèm quizera, Irmaõ, que me dissesseis quem sois. Sou*, respondeo, *o Archanjo Rafael destinado por Deos para ser teu companheiro, e guarda tua, e de teus Irmaõs.*

Soccorre-o o Ceo em huma necessidade com hum cesto de pam.

29 Dalli a poucos dias, estando dando de comer aos seus amados pobres, faltou pam para alguns: entrou diante de todos hum mancebo, com hum cesto delle á cabeça ao qual conheceo logo Joaõ, desde que o ajudara, como dissemos. Pôs-lhe o cesto de pam diante, e disse: *Irmaõ, todos somos de huma Ordem*, [que ás vezes encobre hum pobre sayal homens, que vivem como Anjos] *recebe pois agora da dispensa do Ceo este pam, com que podes remediar a necescidade presente de teus pobres.* Despedio-se o Angelico Espirito, deixando a todos justamente pasmados, e admirados, e a S. Joaõ de Deos com mais crescidos motivos para louvar a Deos, e se empregar no serviço dos pobres, de que taõ especial cuidado mostrava aquelle Senhor.

Lava os pès a N. Senhor Jesus Christo na figura de pobre.

30 Costumava lavar os pés a todos os pobres, que entravaõ no Hospital, na primeira noite, entre os quaes certo dia havendo lavado, e alimpado hum, (que sendo riquissimo se fez pobre por nosso amor) indo para lhe beijar os pés, vio que tinha chagas, e que dellas sahiaõ rayos de resplandecente luz. Vindo no conhecimento de que era o Benignissimo Jesus, se fez todo a admiraçoens por taõ estupendo, e singular favor, e do modo que lhe foy possivel com hum diluvio de lagrimas a seus pés prostrado lho agradeceo, e attendeo que o Senhor lhe dizia: *Joaõ, a mim se faz todo o bem, que em meu nome recebem os pobres, eu sou o que estendo a maõ para tomar a esmóla, que se lhes dá, eu o que visto todos seus trajes, eu a quem lavas os pès, quando uzas com algum esta caridade.* Em outra occasiaõ indo para lavar os pés a hum pobre, que ás costas havia levado, brotou de huma chaga, que tinha, hum taõ impetuoso chorro de luz, que o cegou, banhando juntamente o Hospital de taõ grande resplendor, que os doentes mais dezimpedidos dezampararaõ as camas cuidando que tudo se abrazava, e clamoreando, fogo, fogo, dezappareceo a luz, e o enfermo, que era Christo nosso Bem. Favores taõ estupendos como estes lhe fazia Deos Senhor nosso, por assim gratificar-lhe ainda nesta vida com copiosas enchentes de graças a fervorosa misericordia, a abrazada caridade, e a aprazivel benignidade com que servia aos pobres, e enfermos, solicitando sempre que no agradavel do semblante achassem consolaçaõ, quando naõ remedio os pacientes, que muitas vezes conseguiraõ a dezejada saude, mais por meyo das suas oraçoens, e do contacto de suas maõs, que pelo das receitas dos Medicos.

He visto andar entre o fogo sem offensa.

31 Em huma grande inundaçaõ de hum caudaloso rio se expôs a manifestos perigos por colher a lenha, que o mesmo rio arrancara, e levava inutilmente ao mar; porém mayor foy o perigo em que se vio em outra occasiaõ, que ateou o fogo no Hospital Real, entre o qual foy visto sem offensa, tirando, e pondo em salvo aos enfermos, dous, e dous, e se antes o povo o publicava doudo, depois de o verem entre as chammas sem se queimar o acclamavaõ Santo. Com o credito que adquirio, cresceo muito o numero dos enfermos, razaõ porque lhe era necessario sahir a pedir para elles fóra de Granada: encaminharaõ no para Valhadolid, onde entaõ estava a Corte para pedir a ElRey Filippe II. huma esmóla, se he que o naõ mandou chamar noticioso das suas preclaras virtudes, como querem alguns Authores. Pôs-se de joelhos diante de ElRey, a quem disse: *Senhor, a todos costumo chamar Irmaõs, porèm como vós sois meu Rey, estou duvidoso no com o*

Da santa singeleza deste servo do Senhor.

vos

vos hei de chamar. Aqui podemos ponderar a santa simplicidade do nosso Santo, pois duvidava de dar o tratamento de Irmaõ, a quem tratava já por vós. ElRey com engraçado rizo lhe respondeo: *Chamai-me Irmaõ, ou como quizeres*, e Joaõ disse: *Pois chamo vos bom Principe, e bom principio vos dê Deos em reynar, e bom fim para que vos salveis.* Mandou ElRey que se recolhesse no Paço todo o tempo que se quizesse demorar na Corte, deo-lhe huma grande esmóla, e o mesmo fizeraõ suas Irmaãs, as Infantas, e outras pessoas principaes: porèm, como onde está a Corte está a vaidade, e aonde está a vaidade está a pobreza, tornava a semear as esmólas que tirava, e advertindo-lhe o companhéiro que guardasse para os pobres de Granada, respondeo sabiamente: *Dá-lo cá, ou dá-lo lá, tudo he dá-lo; em todas as partes está Deos, e em qualquer parte se dá por amor delle, e finalmente aonde quer que se veja necessidade, se deve soccorrer.*

32 Passados nove mezes voltou para Granada com certos papeis de esmóla, que alguns Fidalgos lhe deraõ para pagar algumas dividas que tinha feito, pois costumava fazer muitas, sem mais fiador que a Divina Providencia. Muito foy o que fez com o que desta jornada adquirio, pois pagou as dividas, deo muitas esmólas particulares, e casou dezaseis mulheres, a quem tinha convertido, porque era hum dos seus mayores empenhos, atalhar publicas offensas de Deos como logo diremos. Em huma occasiaõ o cercaraõ huma grande chusma de rapazes, que por desamparados, e despidos lhe pediaõ soccorro, e elle com muitas caricias se metteo com elles em huma loja de pannos, e a todos vestio, com cuja acçaõ conrespondeo a Virgem de Guadalupe, que lhe pôs nas maõs seu Santissimo Filho, e humas faixas, com que o envolvesse, como já dissemos, talvez para o ensayar a vestir meninos despidos, e para que considerasse em cada hum ao mesmo Deos.

Caza 16. mulheres que converteo, e veste a muitos rapazes.

33 Estando na Cidade de Granada o Marquez de Tarifa jogando em huma noite com huns Cavalheiros, entrou o nosso Joaõ a pedir esmóla para os seus pobres; juntou o Marquez com os outros Cavalheiros vinte e cinco ducados, e lhos deo em huma bolsa. O Marquez dezejoso de fazer experiencia da sua caridade, sahio logo da conversaçaõ, e indo-lhe sahir ao encontro, lhe disse: *Irmaõ Joaõ, eu sou hum Fidalgo estrangeiro, que vim aqui a seguir huma demanda; padeço summa necessidade, e porque naõ me obrigue a fazer alguma vileza, vos peço que me soccorrais.* Vendo o bendito Joaõ o modo de pedir, respondeo: *Dou-me a Deos*, [era o seu modo de fallar] *dar-vos hei o que trago, agora me deraõ isto, tomay-o, e esperay que o Senhor vos naõ faltará, como naõ o offendais em cousa alguma*: e assim deo a bolsa com os 25. ducados ao mesmo que pouco antes lhos tinha dado. No outro dia procurou o Marquez a Joaõ, e lhe disse com muito rizo: *Que he isto, Irmaõ Joaõ, que me dizem vos roubaraõ hontem à noite!* Elle respondeo: *Dou-me a Deos, que naõ me roubaraõ, mas cheguei sem hum real a minha casa.* O Marquez replicou: *Como naõ, se o furto veyo ás minhas maõs, e o trago aqui!* Em fim para alleviá-lo, disse elle fora o ladraõ, deo lhe os vinte e cinco ducados, e vinte escudos de ouro, e ordem para que todos os dias mandasse a sua casa por quatro carneiros, oito gallinhas, e cento e cincoenta paens, e em quanto esteve em Granada todos os dias o cumprio.

Continuaõ as suas caritativas acçoens.

34 Furtou lhe hum homem o jumentinho, que tinha para o serviço do Hospital, e caminhando toda a noite para ganhar terra, se achou pela manhaã á porta do Hospital a cavallo nelle; sem embargo deste prodigio, se pôs a picá lo fortemente, porèm a nada se movia o brutinho. Sahio Joaõ, e seus Irmaõs, e vendo ao ladraõ montado no mesmo furto, picou a muitos o dezejo de que fosse açoutado nelle; mas o nosso piedoso Joaõ naõ só lhe tirou os açoutes, senaõ que tambem lhe deo liberdade, e esmóla, acompanhando tudo com huma practica, que lhe fez, para que pedisse, e naõ furtasse.

Prosegue-se o mesmo.

taffe. Dava muitas efmólas ás mulheres pobres, e recolhidas, ás quaes comprava tudo o que lhes era neceffario para o ferviço da cafa, por evitar o fahirem fóra della, por naõ terem quem as ferviffe. Quando fe recolhia á noite, achava muitos homens envergonhados a efperá-lo, e a todos remediava, humas vezes com o fuftento, outras com dinheiro, outras com roupa, e muitas vezes fuccedeo dar aos pobres os feus pobres fatos, e ficar embrulhado em huma manta até Deos lhe deparar outros. Naõ reparava muito em quem lhe pedia efmóla, e dizendo-lhe algumas peffoas que outras a quem a dava naõ eraõ tanto neceffitadas, e taõ bôas, como elle cuidava, refpondia: *Naõ me enganaõ a mim, elles olhem por fi, que eu por amor do Senhor lha dou.*

Exhorta-fe a virtude da humildade a feu exemplo.

35 Mortaes confundamo-nos á vifta do que obrava Joaõ; pois pedia para dar, e nós naõ damos do que nos fobra. Naõ attendia para quem eraõ os pobres. Dai pois, os que tendes que dar, efmóla aos pobres, naõ examineis as fuas vidas, como muitos fazem, fim ponde os olhos nas fuas neceffidades. Deos envia o fol para os bons, e para os máos, e a chuva para os juftos, e para os injuftos. Affim devemos nós fer mifericordiofos com os bons, e com os máos para fermos fimilhantes a Deos. O officio da mifericordia naõ he examinar, nem julgar a vida do proximo, fim foccorrê-lo na fua neceffidade. Em fim, mortaes, o efcrutinio, que fe faz no exame da vida do pobre, he o efcrutinio diabolico, pois procura o demonio efte exame para fufpender, e embaraçar as obras de mifericordia, entorpecendo o fentido do homem, para que a piedade com a devoçaõ fe esfrie. Imitai pois no dar, no dar logo, e no dar fem fazer exame da pobreza, ou de procedimentos, ao noffo S. Joaõ de Deos.

De como andava com hum defunto ás coftas, pedindo para o feu enterro.

36 Encontrou com hum pobre morto, e como a fua caridade era mãy de vivos, e de mortos, acudio a cafa de hum rico, e lhe diffe: *Irmaõ, hum pobre, que morreo na rua, naõ tem mortalha, nem com que fe enterrar, e affim, foccorra taõ grande necefcidade.* O rico refpondeo: *Affirmo-lhe, Irmaõ Joaõ, que naõ tenho agora que lhe dar.* Ouvindo ifto o charitativo Santo, tornou aonde eftava o defunto, carregou com elle ás coftas, e levando o a cafa do rico, lho deitou no pateo, dizendo: *Irmaõ, tanta obrigaçaõ tem elle a efte defunto, como eu, e pois tem mais poffes, por amor de Deos o foccorra, fenaõ ahi lhe ficará.* Entaõ o rico pafmado, de ver o cadaver na fua porta, chamou ao Irmaõ Joaõ, e lhe deo com que fe amortalhaffe, e pedio que logo o levaffe dalli, e com efta acçaõ confeguio o enterrar-fe o morto, e o enfinar-fe o vivo.

De como entrava a converter as mulheres lafcivas.

37 Confiderando o noffo Santo as infinitas offenfas que a Deos faziaõ as muitas mulheres damas daquella Cidade de Granada, fe laftimava fummamente, e como quem naõ ignorava fer o peccado mortal o mayor dos males que podem acontecer aos mortaes, pois nos priva de poffuirmos a Deos, que he o fummo Bem, e nos tira a graça, porque nos faziamos filhos feus, deixando-nos objecto da fua vingança, e efcravos do demonio, entrava em cafa daquellas defcuidadas, e miferaveis mulheres, e lhes dizia: *O que outros te podem dar em huma hora, muito mais te darei eu, e ouve-me duas palavras.* Fazia-as affentar, e elle pofto de joelhos defcobria as coftas, e com hum Crucifixo na maõ efquerda, e humas diciplinas na direita fe açoutava até que corria fangue em fio, correndo tambem em fio as lagrimas de feus olhos; accuzava-fe de feus peccados claramente, pedia a Deos perdaõ delles, repetia muitos paffos da Paixaõ de Jefus Chrifto, e concluía dizendo eftas, e outras fimilhantes palavras, que o mefmo Senhor lhe infpirava: *Olha, Irmaã, quanto cuftafles a efte Senhor, o que padeceo por ti, naõ fejas tu caufa da tua perdiçaõ, olha que tem premio eterno para os bons, e tambem caftigo eterno para os que vivem em peccado, como tu: naõ o provoques mais a que te deixe, como merecem teus peccados, que vas como pedra pezada ao profundo do infer-*

inferno &c. Movidas destas exhortaçoens, e muito mais deste horroroso espectaculo, se renderaõ muitos daquelles duros, e obstinados coraçoens a hũa segura emenda, ás quaes procurava via, para que vivessem honestamente. Apozentou a huma destas em certa casa, foy-a ver huma noite, achou-a muito enfeitada, e entendendo perseverava na culpa a reprehendeo com tanto espirito, e efficacia, que ouvindo o cego amante, que se achava na mesma casa escondido, sahindo para fóra, depois de Joaõ, disse á mulher: *A Deos para sempre, que a quem ouvio este homem naõ ficaõ ja forças para offender a Deos.* Eis aqui a efficacia da palavra divina, pois converteo a quem naõ se pregava, e colheo onde naõ semeava.

Converte-se hum homem, que o ouvio em casa de huma mulher torpe.

38 Muitas foraõ as mulheres mundanas, a que deo estado, pois só em huma occasiaõ casou dezaseis como ja dissemos; e muitos foraõ tambem os trabalhos, e desprezos, que tolerou por esta causa, assim dos homens, que andavaõ perdidos por aquellas mulheres perdidas, como por outras pessoas, que naõ sendo publicamente de máo viver, mostravaõ o eraõ com favorecerem a quem vivia mal, e desfavorecerem a quem vivia bem, qual o nosso Joaõ de Deos: quando algum reprehendia as mulheres mal procedidas, que o injuriavaõ de palavra, dizia: *Deixai-as, e naõ me tireis minha coroa, que estas me conhecem, e me trataõ como eu mereço.* Em huma occasiaõ o enganaraõ quatro mulheres publicas desta sorte. Fingiraõ-se convertidas pelas suas exhortaçoens, e lhe disseraõ que naõ podiaõ cazar-se, nem seguir o modo de vida que elle queria seguissem, sem que primeiro fossem a Toledo, sua patria, onde tinhaõ que dispor cousas que importavaõ ás suas consciencias. Alegrou-se o nosso Joaõ com lhe parecer ganhava para Deos aquellas quatro almas, e se offereceo a levá-las a Toledo, e a lhes fazer os gastos da jornada. Alugou logo quatro bestas, nas quaes mandou pôr a cavallo ás quatro damas, e elle as acompanhou, e seu discipulo Simaõ de Avila. Muitas injurias lhe disseraõ pelo caminho as pessoas que conheciaõ aquellas mas mulheres pelos trajes, e liviandades; mas tudo soffria o Santo por ignorar que aquelle fora meyo para irem para Toledo á custa alheya. Finalmente, huma lhe fugio no caminho, duas lhe dezappareceraõ em Toledo, e só huma das quatro se resolveo a voltar novamente convertida. O companheiro Simaõ de Avila nunca foy de parecer que se fizesse tal jornada, e á vista do successo naõ cessava de lamentá-la, e o Santo Varaõ o consolou dizendo: *Si fueradeis a Motril a buscar quatro cargas de pescado, e las tres se perdieran, echaradeis tanbien a mal la que quedava buena? No por cierto. Pues hermano si las otras no eran nuestras, y se perdieron, esta que lo es, y quiere ser buena, no es justo que la dexemos: bolvamos a Granada.* Voltaraõ em fim com aquella, que morreo no estado de cazada, no qual viveo com muita virtude.

Dava estado ás mulheres mundanas.

Celebre engano que lhe fizeraõ humas mulheres torpes.

39 Huma das mais lamentaveis miserias, a que vive sujeita a vida dos mortaes para a sua conservaçaõ he o somno; porque se embargaõ nelle, como em funesta imagem da morte, as excellentes operaçoens da alma, fazendo profissaõ de tronco, e privando-se de todo o racional, perde grandes thesouros de merecimentos. Desta lamentavel miseria se eximem todos os Santos, e Servos de Deos, accrescentando á vida tudo o que ao somno tiraõ, e dando a Deos, com o emprego de piedosos exercicios, tudo o que á vida accrescentaõ. Esta importante maxima foy taõ praticada pelo nosso S. Joaõ de Deos, que entre os muitos ardides de que usava para se tirar o somno, ou para preservar-se delle, era levantar-se do santo exercicio á meya noite, e atar huma fita de cascaveis a huma perna, com os quaes dava desordenados saltos pela casa, cantando com este dezaffinado acompanhamento.

Do pouco tempo que dava ao somno.

Quem a Deos há de servir,
Nunca lhe convem dormir.

As invençoens, que traçava, e executava para quebrantar seus debilitados, e mortificados membros, eraõ taes, que passavaõ da execuçaõ a assombro; comia muito pouco, jejuava as sextas feiras, e em outros mais dias da sua devoçaõ, a pam, e agoa; dormia o pouco que dissemos sobre huma esteira com huma pedra á cabeceira coberto com hum pedaço de manta velha. Diciplinava-se até derramar sangue; andava sempre descalço com a cabeça descoberta, e rapada á navalha. Isto tudo se faz mais digno de pasmo, considerado o trabalho que lhe resultava de taõ trabalhosissima occupaçaõ; porém o certo he, que servia a quem dá, e tira a vida, pois a naõ ser conservada por Deos, com muito menos causa, a deixara por despojos á morte.

Da sua abstinencia, e aspereza de vida.

40 A mortificaçaõ exterior, que naõ anda acompanhada da verdadeira humildade, he fomento de certa vaidade occulta, que pelo caminho da penitencia procura a celebridade do seu nome, e as estimaçoens mundanas; entre pois os apoyos, que mais efficazmente qualificaraõ a bondade, e bom espirito das penitencias, e exercicios deste grande homem foy o principal o de sua summa humildade; esta o persuadia a publicar-se pelo mayor peccador do mundo, e a ter-se por tal; esta o fazia andar vilissimamente vestido, e a que naõ vestisse senaõ os trapos, que outros pobres deixavaõ: esta o fazia appetecer os desprezos, que muitas pessoas lhe faziaõ, humas pelo naõ conhecerem, e outras talvez pelo assim querer Deos para o accumular de mais meritos.

Da sua grande humildade.

41 Prova-se a sua grande humildade, e fervorosa caridade, com o que lhe succedeo com o Arcebispo de Granada D. Pedro Guerrero. Informaraõ a este santo Prelado algumas pessoas indiscretamente zelosas, e que naõ podiaõ penetrar o subido modo de proceder do Servo de Deos, desorte, que mandou chamar ao Bendito Joaõ, a quem disse: *Irmaõ Joaõ de Deos, informado estou, que no vosso Hospital se recolhem alguns homens, e mulheres, que a outros daõ máo exemplo; e a vós muito trabalho com as descortezias que vos fazem; necessario he, que despidais a todos logo, alimpando o Hospital de similhantes pessoas, para que os mais fiquem quietos, e vós menos affligido.* Ouvio com grande attençaõ ao Veneravel Arcebispo a quem respondeo: *Senhor, e bom Padre meu. De mim só poderáõ dizer, com razaõ, que sou o máo, o incorrigivel, e sem proveito, e que mereço ser lançado da Casa de Deos; mas os pobres, que estaõ no Hospital todos saõ bons, nem conheço vicio algum nelles, e quando o haja, procuraremos a sua emenda, que para o remedio das suas almas, e vidas, os levamos ao Hospital, e pois Deos soffre aos máos, e bons, e sobre todos estende cada dia os rayos do sol, naõ será justo lançar aos dezamparados, e affligidos da sua propria Caza.* Vendo o Arcebispo que elle se dezacreditava a si por acreditar aos seus pobres, lhe disse: *Ide Bendito de Deos, Irmaõ Joaõ, em paz, e fazei no Hospital como em vossa propria casa, que eu vos dou licença para tudo.*

Continua.

42 Da sua grande humildade lhe nascia a invicta paciencia, com que se achava constante, e forte nos desprezos, e injurias, que lhe faziaõ; e nem he possivel que saiba temperar a ira quando se lhe faz alguma injuria, aquella alma, que se naõ considerar inferior a todos, e dependente de todos. Pelo contrario o que há chegado ao cume da verdadeira humildade, ainda que o persigaõ, injuriem, e affrontem, como tem conhecimento da sua propria vileza, naõ ha palavras taõ affrontosas, nem injurias taõ atrozes, que bastem a tirar lhe a paz. A razaõ he, porque o humilde, que se reputa por vil, em qualquer affronta, que se lhe faça, julga que lhe vem ainda menos do que merece, e sempre fica dezejando mayor injuria. Tudo isto veremos praticado por este raro homem nos acontecimentos seguintes. Joaõ da Torre, Cavalheiro moço de Granada, estava em huma occasiaõ dizendo a humas mulheres, pouco honestas, palavras indecentes na presença deste Servo de Deos, o qual incitado, e levado do grande zelo, que tinha da sua hon-

za,

ra, reprehendeo ao liviano, dizendo: *Que naõ era justo dar em publico taõ ruim exemplo.* Vendo-se Joaõ de Torres assim reprehendido, respondeo: *Que se fosse com Deos o maltrapilho, e se naõ mettesse a julgar o que naõ sabia. Porque naõ quereis que saiba o que vejo?* (Replicou o Bendito Joaõ) *Corregei-vos, e temei ao Senhor, que naõ há hora segura.* Encolerizou-se o mancebo tanto contra o zeloso Servo de Deos, que lhe deo huma cruel bofetada. Assim como a recebeo, se pôs de joelhos sem a minima alteraçaõ, dizendo: *Dai-me outra, e muitas, com tanto, que naõ offendais a Deos.* Com esta acçaõ se confundio Joaõ de Torres desorte, que prostrado de joelhos diante de Joaõ de Deos, lhe pedio muitas vezes perdaõ da grande injuria, que lhe fizera, e foy depois grande devoto seu, e lhe acudio em outra igual affronta, que junto á sua casa se lhe fez; porque se assim naõ fosse ficaria huma face de Joaõ de Deos invejosa da outra.

Recebe huma bofetada com humildade, e alegria &c.

43 Passando pois Joaõ de Deos pela porta de Joaõ de Torres, carregado de pam para os seus pobres, se embaraçou com hum Cavalheiro estrangeiro de fórma, que lhe lançou a capa aos pés. Tratou-o o Cavalheiro de picaro, de villaõ, e com outros injuriosos nomes, a que o provocaraõ a grande colera, que concebeo pela sua descompostura. Pezaroso o Servo do Senhor de haver assim descomposto, e agoniado aquella creatura, lhe disse: *Perdoe-me Irmaõ pelo amor de Deos, que naõ foy malicia, senaõ descuido, e inadvertencia.* Julgando o Cavalheiro a nova offensa o tratamento de Irmaõ, levantando a maõ lhe deo huma grande bofetada, a qual soffreo com semblante alegre, sem indicios de alteraçaõ, dizendo: *Bem vejo que sou o que errey, e assim vos peço, Irmaõ, que me deis outra bofetada da outra parte.* Naõ lhe fez o gosto o tyranno homem com lhe dar a appetecida bofetada, mas sim lho fez com lhe augmentar as injurias, e os motivos do soffrimento com lhe mandar dar pelos lacayos que o acompanhavaõ muitos couces, e pontapés. Tudo tolerava com paciencia rara, sem formar queixas, nem articular vozes, porque lhe naõ acudissem no castigo, que aquelle homem lhe dava, em pena do seu descuido, e de continuar a tratá-lo por Irmaõ. Com tudo acudiraõ ao ruido muitas pessoas principaes, e entre ellas Joaõ de Torres, que vendo-o taõ maltratado, e sinalada a face do golpe que nella recebera, lhe veyo á memoria o que lhe havia dado, e de novo arrependido do passado, compadecendo-se do que via prezente, deo vozes, dizendo: *Que he isto, meu Irmaõ Joaõ de Deos?* Assim como o Cavalheiro delinquente ouvio pronunciar o nome de Joaõ de Deos, assentando que era o celebrado por toda a Hespanha pela sua grande santidade, ficou aturdido, e confuso, e julgando-se pelo mais infeliz em pôr a maõ sacrilega em pessoa taõ innocente, se lançou a seus pés sem querer levantar-se sem que lhos deixasse beijar. Tudo era pouco quanto fazia por alcançar perdaõ de offensa taõ mal empregada, e o Servo do Senhor naõ fazia mais, que levantar do chaõ ao Cavalheiro, julgando-o por livre, e só a si por culpado com as occasioens que lhe deo para aquelles excessos. Em fim, parece que mais mereceo este Cavalheiro no arrependimento, que teve da culpa, do que offendeo em cõmette-la; porque ainda que injuriou, e lastimou a hum proximo, ignorava a qualidade da sua pessoa, tanto, que imaginava era hum homem de ganhar, e de poucas obrigaçoens, como inculcavaõ os seus pobrissimos, e humildissimos vestidos, e o andar sem calçado, e sem cobertura na cabeça. Condenou-se porem a si proprio em cincoenta ducados, que deo para o Hospital, e desta sorte ficaraõ todos com ganancia, o Cavalheiro com a satisfaçaõ, S. Joaõ de Deos com o fructo da paciencia, e os pobres com a esmóla.

Recebe outra do mesmo modo.

Arrependimento de quem lha deo, e o maltratou.

44 E se a injuria cresce tanto mais, quanto menos val o sujeito que a faz, cresça similhante offensa com a circunstancia de que a fez ao nosso Santo hum homem vilissimo no trato, e no procedimento, que pelo Servo

Injuriaõ-no, e lhe daõ outra bofetada.

de Deos lhe dar huma esmóla limitada, em occasiaõ que a repartia a mais, disse para muitos que estavaõ presentes: *Naõ considerais este embusteiro, e o respeito que toda Granada lhe tem? Em bõa fé, que o naõ conhecem como eu, que o tenho por hum hypocrita, ainda que elle se faz hum Santarraõ: se o conheceraõ o trataraõ como eu*, e levantando a maõ lhe deo huma bofetada, que recebeo com a mesma alegria com que recebeo as mais, para que conhecesse aquelle vil homem que naõ era hypocrita quem soffria taõ grande injuria tanto sem queixa, que pedio a hum Cavalheiro, e a outras pessoas, que acudiraõ, que naõ dessem, nem procurassem castigo para aquelle pobre soberbo, e insolente. Outro, a este muito similhante, se lhe offereceo por companheiro para o serviço dos pobres, e por ver que o naõ acceitava, naõ se contentando com o descompor com palavras injuriosas, lhe atirou com huma pedra, com a qual o ferio na cara. Quizeraõ castigá-lo, mas o pacientissimo Servo de Deos o naõ consentio, desculpando ao malfeitor com o fundamento de que estava enojado pelo naõ receber na sua companhia; e assim que naõ era de maravilhar que sentido prorompesse naquelle excesso, que lhe tinha perdoado, julgando por cousa justa, que perdoasse huma vez, quem havia de ser perdoado muitas.

Soffre outras injurias.

45 Entre as muitas ingratidoens, que experimentou nas pessoas a quem fazia bem, e lhe tornavaõ mal, foy huma mulher que havia tirado da casa publica, por cazá-la com sufficiente dote, á qual depois soccorria com repetidas esmólas. Entrou esta no Hospital com o designio de pedir ao Servo de Deos panno branco para certa obra, a tempo que elle se achava coberto com huma manta, por hum pobre lhe haver levado o vestido, deixando-o nu, como muitas vezes lhe succedia: o que naõ obstante fez a mulher a sua supplica, e vendo que o charitativo Joaõ a mandava voltar outro dia, se sahio de si chamando-lhe hypocrita, santarraõ, e todos os nomes que pode inventar huma má mulher, e brava. Os que estavaõ presentes se escandalizaraõ muito das injurias, e muito mais por serem feitas por huma mulher summamente favorecida do Bendito Joaõ, que as ouvio com tanto gosto, que disse sem alteraçaõ, e rindo-se: *Dos reales te mando, si fueres a dezir en la plaça publica las verdades que aqui me dizes.* Com este dito se encolerizou de novo aquella brava, e ingrata mulher, e provocando-o de novo, foy proseguindo em duplicar as injurias, ouvindo-as o Santo com semblante alegre, e lhe disse: *Filha minha, se tarde, ou cedo tenho de te perdoar, porque assim o manda Deos, desde logo te perdo-o as injurias que me fazes.* Disse estas palavras com tanta doçura, e agrado, que se applacou a mulher das suas iras, e se retirou corrida, e envergonhada de assim maltratar a quem devia venerar, e reverenciar.

Soffre mais injurias.

46 Muitos foraõ os casos, em que S. Joaõ de Deos mostrou a grandeza da sua paciencia, porém os referidos bastaõ para prova de que elle cumprio com o preceito do Evangelho, imposto por nosso Divino Mestre, e Legislador Jesus Christo, e praticado por elle mesmo com taõ immensa caridade como ardeo em seu amante coraçaõ, que foy quem mais teve que perdoar; pois nem ha havido, nem póde haver nenhum, a quem a malicia dos homens chegasse mais a offender; nem quem com mayores injurias explicasse mais incendidas as ancias em beneficio dos sacrilegos aggressores, por quem, com o perdaõ, que lhes solicitava, offereceo a seu Eterno Padre a vida, quando elles lha tiraraõ com taõ injusta, e violenta morte. Oh mortaes, se tiveramos sempre presente na memoria o quanto se portou Jesus Christo amante dos seus mesmos offensores, he certo que nunca procurariamos vingança dos nossos. Os que receberes os mayores aggravos, naõ percais de vista este espelho; porque só assim comporeis os dezaires da ira, e vos naõ dareis por offendidos das injurias que vos fizerem, se reflectires a Christo Crucificado taõ paciente, e rendido no padecer. Certo he que foraõ

Exhorta-se a soffrer, e a perdoar injurias.

foraõ aquelles passos de gigante, e que os nossos saõ de Pigmeus; porèm se nos alentassemos a segui-lo, chegariamos a imitá-lo no soffrimento, e no perdaõ, porque achariamos na sua graça o valor, (que para virtude taõ ardua nos nega a nossa mesma natureza) que achou S. Joaõ de Deos, pois, por naõ perder dos olhos os exemplos do nosso Divino Mestre, alcançou a coroa de soffrido, e a palma de rendido perdoador.

47 Como o fogo tem tanta actividade, e procura converter todas as cousas em si, da mesma sorte o Bendito Joaõ abrazado no Divino amor de Christo Crucificado, cuja Paixaõ naõ ouvia, ou meditava sem muitas lagrimas, procurava cõmunicar a todos este fogo. Sentia amargamente que naõ alcançassem a coroa da Gloria todos os remidos com o precioso Sangue daquelle Senhor, a quem a summa desgraça tinha fóra da pureza da sua Fé. Chorava a obstinaçaõ dos Herejes, lamentava a perfidia dos Judeos, lastimava-se dos enganos dos Mouros, compadecia-se dos erros dos Gentios, dezejando finalmente dilatar a Fé, que no seu coraçaõ ardia, por todos, para que naõ se condenasse nenhum; e porque o naõ podia fazer por meyo da prédica, que naõ era da sua profissaõ, se empenhava com muitos rogos, e penitencias, que offerecia a Deos pela conversaõ do mundo, e pela dos peccadores. Ja dissemos o grande zelo, que tinha da conversaõ das mulheres erradas, e agora dizemos, que a muitas pessoas tirou dos vicios, em que andavaõ submergidas, e a outras animou para caminharem com mayores ancias á perfeiçaõ, pondo a todos diante dos olhos as obrigaçoens dos seus estados, a eternidade do premio, e o amor infinito de hum Deos, que se humilhou á nossa humanidade, por remir-nos da culpa de Adam. Das pessoas que reduzio, e converteo ao mesmo Senhor diremos sómente as seguintes.

Zelo, que tinha de que todo o mundo se salvasse.

48 Antaõ Martins, natural da Villa de Mira, deixou a patria, e passou a Granada por accusar a hum Pedro Velasco, por este lhe haver morto hum irmaõ. Em quanto a causa da accusaçaõ corria, se entretinha Antaõ Martins na Cidade em occupaçoens indignas de hum Catholico, quaes as de rufiaõ, pois tinha mulheres, que ganhavaõ na casa publica, o que elle gastava com as gallas de que se vestia; e parece que em dizer-se isto se diz o que basta para se ter por hum grande peccador. Chegava-se o tempo de se dar sentença a Pedro Velasco, e como se tinha por certo ser de forca, muitas pessoas Religiosas, e de qualidade, se empenharaõ com Antaõ Martins, para que perdoasse ao Velasco, mas sem effeito; porque era grande o dezejo que tinha de vingar a morte do irmaõ. Noticioso o nosso S. Joaõ de Deos do que se passava, encõmendou o negocio a Deos, e confiado no seu favor, procurou a Antaõ Martins ao passar por huma rua, e posto de joelhos a seus pés, com hum Crucifixo nas maõs, lhe disse assim: *Assi este Señor os perdone, hermano Anton Martin, os pido que perdoneis a vuestro contrario: mirad lo mucho que contra èl haveis cometido, para que os olvideis de lo que contra vós se comitio: mirad que con ser infinita la misericordia de Dios, no la tendrà para quien no usa della con su proximo: si vuestro contrario derramò la sangre de vuestro hermano, por las mias, e vuestras culpas derramò este Señor la suya; puedan màs las vozes de la Sangre del Hijo de Dios para concederle el perdon, que las de vuestro hermano, para procurar su vengança.* Nestas palavras pôs a bondade de Deos tal graça, que rendido a ellas o duro coraçaõ de Antaõ Martins, respondeo: *Hermano Juan de Dios, no solo perdono al que hasta aora tuve por enemigo, mas desde aqui me ofresco a èl por amigo, y a vós por compañero, suplicandoos, que pues fuisteis ocasion de que el no perdiesse la vida, lo seais de que yo no pierda el alma: yo os llevarè a la carcel, para que se haga el perdon al preso, y vós me llevad a vuestro Hospital, para que os acompañe en el servicio de Dios, y de los pobres: si vuestas palabras pudieron reduzirme, vuestro buen exemplo podrà conservarme &c.*

Converte a hum peccador, e o faz perdoar a hum homem, que lhe tinha morto hum irmaõ.

49 Dito

O que perdoou, e o perdoado tomaõ o habito de S. Joaõ de Deos.

49 Dito isto se levantaraõ ambos, e encaminhando os passos para o carcere, nelle firmou o perdaõ que fez a Pedro Velasco, o qual agradecido á mercê, que Deos lhe fazia, assentou em empregar no seu serviço a vida que de novo pensava haver recebido, e assim se offereceo tambem por companheiro de S. Joaõ de Deos, o qual acceitou a ambos, e os levou vestidos da mesma forma que andava a pedir pela Cidade, onde foy muito applaudida a conversaõ de ambos, e com razaõ; pois he mayor milagre a conversaõ de hum peccador, que a resurreiçaõ de hum morto. Antaõ Martins se entregou á virtude, e ao amor de Deos com tantas veras, que o Menino Jesus o achou capaz de empregar nelle suas flechas, naõ tendo este Senhor asco de conversar com quem taõ más conversaçoens havia tido. Pedro Velasco perseverou na Religiaõ, com o nome de Pedro Peccador, até á morte, que teve de Bemaventurado.

50 Vivia na Cidade de Granada hum Cavalheiro chamado D. Fernando Nuñes com grandes dezejos de se espofar com huma sujeita de igual nobreza, e com este honesto fim lhe fazia muitas assistencias pela porta, e pelas partes para onde sahia, ainda que com o devido respeito; porque supposto naõ tinha mais idade, que a de 19. annos, tinha o louvavel dezejo de fazer o tal casamento só no caso de que fosse do serviço de Deos. Determinou-se pois o tal Cavalheiro a fazer huma grande esmóla com o fim, de que Deos ordenasse o tal casamento sendo para gloria sua: e duvidando do modo, e do como, e a quem a havia de dar, se resolveo a entregá-la ao Servo de Deos para elle a repartir; mas antes de lha dar quiz experimentar primeiro se era certo o que se dizia de que repartia as esmólas, que lhe davaõ, pelas pessoas mais necessitadas, e assim fazendo-se encontradiço com elle, andando de noite pedindo para os seus pobres, lhe fallou embuçado nesta forma: *Hermano Juan de Dios, yo soi un Cavallero principal, y forastero en esta Ciudad, tan apretado de una necessidad, que rezelo dezesperar si no la hallo remedio, y siendo taõ rigurosa como he dicho, es taõ secreta, que no os la puedo dezir, y es taõ grande, que no se puede remediar con poco, pues no necessita de menos que de docentos ducados: si por amor de Dios, y por la conpassion que como a proximo me deveis, os atreveis a buscarlos, hareis una obra de muy gran caridad, e misericordia, y si no pudieredes con la obra, ayudadme con las oraciones, para que no caiga en la desesperacion que me amenaza.*

Experiencia que fez hum homem da sua caridade.

Continua a experiencia.

51 Nem tantas palavras eraõ precizas para enternecer o piedosissimo coraçaõ do charitativo Joaõ, que respondeo: *Doi-me a Dios, hermano, no tengo tanto yo, mas no faltará Dios, ni èl por esta summa, ni por otra mayor, haga cosa alguna contra Su Divina Magestad: mañana a las nueve me espere en este lugar, que yo trabajare con todas mis fuerças para socorrerle con lo que pudiere.* Na noite seguinte foy o Santo para o lugar assinalado, no qual lhe sahio o fingido necessitado pedindo-lhe resposta da promessa, a qual lhe deo por estas palavras: *Seais bien venido, que ya ha rato que os espero, dad gracias a nuestro Señor, que nos ha deparado con que podais remediar vuestra necessidad, aqui traigo toda la cantidad en la capacha, ved si quereis que la lleve a alguna parte, o vós los recebid, como mejor os estuviere.* Edificadissimo ficou D. Fernando de caridade taõ grande, e abraçando ao Servo de Deos lhe deo muitos louvores, que concluio dizendo: *Hermano Juan de Dios, yo no quiero vuestros docientos ducados, si no daros otros tantos mios; pero quise experimentar quan bien los empleava, poniendolos en vuestras manos; veislos aqui en esta bolsa, repartidlos con vuestros pobres, mas sea por mi intencion, de que os quiero dar cuenta, para que lo encomendeis a Dios.* A este Senhor louvou o Santo por cuidar nos seus pobres por aquelle modo, e ao Cavalheiro prometteo as suas oraçoens para alcançar de Deos se era, ou naõ do seu agrado o casamento que intentava.

52 Retirou-se D. Fernando Nuñes para sua casa, muito confiado nas oraçoens

çoens do Bendito Joaõ, e naõ se enganou na sua esperança, porque o Senhor usou com elle, o que costuma usar com seus amigos, que he conceder-lhes o que pedem, ou o que mais lhes convem, quando o que pedem he opposto á sua vontade. Hia pois D. Fernando montado em hum bom cavallo pela rua de Santa Maria, com o projecto de passear pela porta da sujeita que pertendia, e antes de chegar á Igreja, parou o cavallo, sem que nada bastasse para dar hum passo para diante. Querendo examinar a causa, vio huma profundidade taõ espantosa, que lhe pareceo a porta do Inferno, em que miseravelmente se sepultava, se o cavallo desse mais hum passo. Nesta afflicçaõ levantou os olhos ao Ceo, lugar que todos buscamos para soccorro de nossos perigos, o qual vio tambem aberto, lançando de si taõ grandes resplandores, que julgou o afflicto Cavalheiro que lhe era propicio. Assentando á vista de taes prodigios, que se fazia o casamento se precipitaria naquella profundidade do Inferno, e que se mudasse de intento entraria pelas portas da Gloria, que se lhe patenteavaõ abertas; procurou logo que chegou a casa ao V. P. Mestre Avila, Oraculo daquelles tempos, e Mestre de espirito de S. Joaõ de Deos, a quem contou tudo o que havia passado com Joaõ de Deos, e as vizoens que tivera. Assentaraõ ambos em que proseguisse os estudos que havia principiado, e em que se ordenasse de Sacerdote, o que fez; e confessando dever a sua conversaõ ao Servo de Deos, á sua imitaçaõ deo o que tinha aos pobres, e vivendo de esmólas, tanto enriqueceo sua alma de virtudes, que se cuidou na sua Beatificaçaõ.

Notem hum caso raro.

53 Simaõ de Avila, natural de Granada, por ser hum daquelles curiosos, que andaõ á vigia das faltas, e leves defeitos das almas dadas a Deos, para lhas notarem, enxergando nos olhos dellas, como dizem, os argueiros, e naõ vendo nos seus cavalleiros armados, vendo que entrava muitas vezes em casa de huma viuva, a quem soccorria, e a tres filhas que tinha, observou huma vez o que fazia dentro, caso raro! Vio huma espada de fogo sobre a sua propria cabeça, e escritos na parede os peccados, que havia cõmettido, talvez em castigo de querer ver nos outros, quem tinha tanto que ver em si. Cahio justamente assustado á mesma porta em que estava observando ao Santo, o qual sahindo ao ruido da queda, e vendo-o estendido no chaõ, a vozes dizia: *Jesus Jesus, que tem Irmaõ meu!* Fez-lhe o final da Cruz sobre o coraçaõ, e logo lhe foraõ restituidos os espiritos vitaes, que parece o tinhaõ de todo desamparado. Levantou-se Avila melhorado da cahida, por ser costume em Deos o derrubar para levantar; porèm muito confuso do que havia visto: e considerando finalmente o perigo em que se vio, e a mercè que Deos lhe havia feito, naquella mesma noite foy procurar ao Hospital ao nosso Santo, a quem contou tudo o que havia passado; pedio-lhe perdaõ da sua impertinente curiosidade, e que o admittisse á sua companhia. Nella perseverou muitos annos imitando ao Santo no zelo, caridade, e serviço dos pobres, desorte, que finalizou os seus dias com evidentes sinaes de predestinado.

Vè hum homem que observava ao Santo, huma espada de fogo sobre a sua cabeça &c.

Converte-se, e toma o habito do mesmo Santo.

54 A principal prova da verdadeira amisade entre os mortaes he a cõmunicaçaõ dos segredos. Deos Senhor nosso tambem para demostrar o quanto ama aos que o servem de veras, lhes revela as cousas presentes, e futuras, quando convem para utilidade, ou das almas a quem as revela, ou do proximo; a naõ ser tambem, para que o mundo reconheça por amigos seus aquellas pessoas, que publicaõ as cousas futuras como presentes, as quaes naõ poderiaõ ser sabidas sem revelaçaõ de Deos, que finalmente revelou muitas cousas a este seu humildissimo Servo para evitar gravissimos males, das quaes apontaremos algumas. Hiaõ dous mancebos deliberados a cõmetter o peccado, a que chamaõ nefando, por infamissimo, e torpissimo, fóra da Cidade de Granada. Revelou-lhe Deos o intento, e como quem tanto dezejava que o mesmo Senhor naõ fosse offendido, lhes foy sahir ao encon-

tro.

Teve revelação de hum peccado que estavaõ para cõmetter dous moços.

tro. Saudou-os, e reprehendeo-os com a grande efficacia, que Deos dava ás suas palavras, de intentarem cõmetter huma culpa, de que Deos tanto se offende, e que os mesmos homens abominaõ &c. Confusissimos ficaraõ aquelles frageis, e miseraveis mancebos, vendo-se assim convencidos da verdade, de que eraõ testimunhas as suas consciencias. Vendo pois que Joaõ de Deos naõ podia saber da sua culpa senaõ por illustraçaõ Divina, lhe deraõ palavra de nunca jamais a cõmetterem, e de fazerem penitencia de seus peccados, e assim voltaraõ para a Cidade os dous companheiros penitentes, e confusos, e o nosso Santo muito alegre pela victoria, que alcançou do inimigo, e pela offensa, que evitou do Creador em suas creaturas.

Teve a mesma do máo estado de hum enfermo.

55 Estava hum enfermo no Hospital, ao parecer, lidando com a morte: Pôs o Servo de Deos nelle os olhos, e no mesmo ponto teve revelaçaõ do máo estado em que estava, com tanta clareza, que, cheyo de zelo da honra de Deos, disse ao miseravel enfermo: *Traidor, porque naõ confessas a tua culpa? Naõ ves que está o demonio ao teu lado para levar tua alma ao Inferno para sempre?* O enfermo lhe perguntou pela causa, que tinha para lhe dizer aquellas palavras, e elle respondeo: *Porque es cazado duas vezes, com ambas as mulheres vivas, e porque tens cõmettido o peccado nefando.* Ficou o enfermo justamente envergonhado, e confuso, e tendo aquelle aviso por de Deos, tratou com todas as veras do remedio da sua alma. No mesmo Hospital estava huma mulher enferma, muito no cabo da vida, dizendo em altas vozes, que a arrastassem pelas praças, e ruas da Cidade, porque o demonio, que estava senhor de sua alma, tambem dezejava ver arrastado seu corpo. Acudio o Santo áquellas horrendas vozes, e lhe disse: *Hermana, arrastrada? Quite el demonio de su alma, e luego se mostrará menos inimiga de su cuerpo: creame, que no se me esconde, que ha diez años que está en mal estado; considere al que ha llegado, y quan presto hade dar cuenta a Dios de su alma, y de su mal gastada vida. Arrepientase de coraçon, pues tardò con la verdadera penitencia, e no será infructuosa, se fuere verdadera.* Recebeo aquella peccadora a reprehensaõ, e pedindo confessor, tratou do remedio da sua alma com as mayores demonstraçoens de penitente, para o que naõ concorreraõ pouco as oraçoens do Servo de Deos.

Teve a mesma do máo estado de huma mulher.

Teve revelaçaõ de outra enferma encobrir hũ peccado.

56 Estava outra mulher no Hospital nos ultimos da vida, e sem tençaõ de confessar hum peccado, que muitos annos havia encoberto; e como foy revelado ao Santo Varaõ as muitas confissoens sacrilegas que havia feito, por naõ haver confessado que tomara remedios para abortar huma criança; entrou a declarar-lhe aquella grande culpa, e a exhortá-la á confissaõ, e arrependimento della. Tudo ouvio a miseravel moribunda com muita humildade, e naõ menor confusaõ de ver assim publicado, o que tinha em tanto segredo, e se aproveitou da misericordia que Deos com ella queria usar, fazendo repetidas confissoens dos peccados de toda a vida. Havia na Cidade de Granada hum pobre official, com mulher, e filhos, e sem ter com que sustentá-los em hum anno de grande esterilidade de trigo. Era homem apoucado, e falto de Fé. Conhecendo o demonio a sua fraqueza, lhe offereceo tantas occasioens de aborrecer a vida, que pode persuadi-lo a que a tirasse a si proprio. Supposto seja esta tentaçaõ de ignorantes, naõ o era o maldito, que lha propunha, tirando-lhe de diante dos olhos, como por atalho taõ penoso, vida taõ cheya de miserias. Queria assim que fugisse das temporaes, para padecer as eternas. Finalmente, resoluto o miseravel a evitar as miserias da pobreza com huma morte apressada, se sahio n'uma madrugada da Cidade com huma corda escondida debaixo da capa, com a qual determinava dar fim á tragedia da sua triste vida.

Teve a de hum homem que se queria matar, e evita taõ dezastrada morte.

57 Estava no mesmo tempo o nosso S. Joaõ de Deos na cama, e taõ prostrado, que dalli a poucos dias falleceo; porém como se naõ descuidava ainda naquella occasiaõ de rogar a Deos pelos peccadores, lhe revelou o mesmo

mesmo Senhor o estado daquella dezesperada alma, e logo se vestio, e sahio para fóra, contra a vontade dos que lhe assistiaõ naquella doença, por temerem que desfallecesse com a violencia que fez em se pôr a pé estando summamente prostrado. Desta sorte foy sahir ao encontro ao dezesperado homem, que ja achou ao pé da arvore em que intentava sacrificar se a quem lhe deo taõ diabolico conselho. Mostrou pois que sabia o intento que alli o levava, e sabendo tambem delle qual era o motivo, entrou a reprehendê-lo pela pouca confiança que tinha em Deos, e a trazer-lhe á noticia, que perdia a vida, que todos os homens tanto amaõ, e com ella a alma: que com aquella morte que intentava, supposto evitava as miserias temporaes, naõ evitava as eternas. Prometteo-lhe juntamente o soccorrê-lo com algumas esmólas, para que pudesse melhor alimentar a mulher, e filhos naquella esterilidade; e assim convencido o pobre homem entregou a corda ao Servo de Deos, a quem acompanhou muito compungido, e arrependido atè á casa onde estava enfermo. Deo-lhe finalmente huma grande esmóla, e o encaminhou para parte, onde achou remedio com que supprio a carestia. Quando chegou o Servo de Deos, disse aos donos da casa, que hia muito contente por evitar huma morte dezastrada, e por tambem saber que a sua estava chegada.

58 Mandava dar a Extrema-Unçaõ a hum pobre, que estava no Hospital. Replicou o pobre enfermo, com o pretexto de que naõ estava ainda taõ mal, que necessitasse daquelle Sacramento, concluindo, que elle o pediria, quando se achasse mais prostrado. A' vista desta repugnancia se dilatou o dar-se-lhe a Extrema Unçaõ, por cuja causa falleceo sem ella. Estava S. Joaõ de Deos para o amortalhar, com outros Irmaõs, e todos prezenciaraõ este raro caso. Voltou o defunto á vida, e pondo os olhos no Santo disse: *Pay dos pobres, porque fuy negligente em obedecer ao vosso mandado, e por minha culpa, parti desta vida sem a graça Sacramental da Extrema-Unçaõ, sou condenado pela Justiça Divina a cento e vinte annos de Purgatorio.* Dito isto, voltou a continuar no somno da morte. A' vista deste portento se confirmaraõ mais de que Joaõ era favorecido de Deos, pois lhe cõmunicava os segredos, que só costuma cõmunicar aos seus amigos.

Resuscita hum homem para prova da virtude de S. Joaõ de Deos.

59 Hum homem honrado da Cidade de Granada deixou a patria por dilatado tempo, por certos interesses, e nella a sua mulher sem o necessario para o seu honesto alimento, e como as necessidades de ordinario costumaõ atropellar a honestidade, [quando o temor de Deos naõ prevalece] obrigada della, se rendeo a pobre mulher a hum homem que a solicitou, do qual concebeo hum filho, que criava em sua casa, [com alguma dissimulaçaõ] a tempo que entrou nella seu marido, sem della ser esperado. Receoso do que na verdade era, perguntou á mulher de quem era aquelle menino, e ella respondeo sem turbaçaõ, como quem tinha a Deos a seu favor, que aquelle menino, ja desmammado, lho havia dado Joaõ de Deos para que o criasse, e que o tomara á sua conta, para supprir, com o que lhe dava, parte da necessidade que padecia. Duvidando o marido da verdade, encerrou a mulher em hum apozento, com animo de a matar se naõ fosse certo o que lhe dissera, e indo no mesmo ponto procurar ao Servo de Deos para averiguar a verdade, elle lhe disse, antes que dissesse ao que hia: *Hermano, bien se que haveis tenido disgusto en vuestra casa con vuestra muger por el niño que allá cria, el pobrecito es huerfano, y aun que yo doy un tanto cada mez a vuestra muger, todavia si os da molestia, dadmelo, que yo lo dare a criar en otra casa.* Entendendo o homem, e com razaõ, que só Deos lhe podia revelar o que naquelle ponto tinha passado com sua mulher, dando credito ao que esta lhe havia dito, se lançou aos pès do Santo, confessando o fim porque o procurava, e o proposito com que hia de matar a sua mulher, concluindo, que queria se criasse o menino em sua casa, sem

Tem revelaçaõ de que hum homem queria matar a mulher, e o evita por engraçado modo.

mais paga, que a de encommendá-lo a Deos nas suas orações.

60 D. Gutierre Lazo, Cavalhero de Malaga, era muito amigo, e devoto deste Santo. Tinha dous filhos, e lhe dava cuidado o estado que lhes havia dar. Consultou com Joaõ de Deos isto mesmo, e elle lhe respondeo com grande lhaneza em huma carta, [que parece se conserva] na qual lhe dizia, que hum delles cantaria Missa, e que o outro se cazaria, e se verificou inteiramente esta profecia. Dizendo-lhe alguns amigos que edificasse hum Hospital sumptuoso, respondeo com espirito profetico: Naõ faltaráõ muitos, que, seguindo o nosso Instituto, edifiquem sumptuosas Casas, e Hospitaes magnificos, porque eu naõ trato mais que de remediar necessidades, e de sustentar estas paredes vivas; do que se deixa ver a sua grande humildade, e espirito profetico, pois seus filhos fundaraõ em Hespanha, Italia, Alemanha, França, Saboya, e em outras partes famosos Hospitaes, e magnificos Templos.

Prognostica.

61 Muitos annos viveo este desprezador de tudo quanto no mundo se estima, sem querer que o tratassem mais que por Joaõ, tudo nascido da sua summa humildade, que tambem o obrigava a naõ andar com vestido decente, ja que o naõ queria trazer á imitaçaõ de Religioso, ou de Terceiro de alguma Ordem, por se julgar por indigno de trazer vestido, que inculcasse veneraçaõ. Com tudo, mudou de parecer, pelo que respeitava ao nome, e ao vestido desta sorte. Estando hum Bispo de Tuy em Granada, e tendo noticia da sua grande virtude, o mandou convidar para jantar. Perguntou-lhe como se chamava, e respondeo-lhe que Joaõ, o Bispo replicou pedindo-lhe o sobrenome, ao que respondeo humilde, que hum menino, que o guiara a Granada, lhe chamara *Joaõ de Deos*, e que naõ se atrevia a usar de nome taõ alto. Disse-lhe o Bispo, que dalli em diante se chamasse Joaõ de Deos, e elle respondeo: *Sim serey se Deos quer.* Aqui teve o principio o chamar-se Joaõ de Deos, bem que muito a pezar da sua humildade.

Principio, que teve o seu nome.

62 Vendo-o o mesmo Bispo taõ desprezivel, e pobremente vestido, lhe disse: *Irmaõ Joaõ de Deos, por vossa vida que pois levais daqui o nome, leveis tambem a fórma de vestir-vos, porque o que trazeis dá asco, e molestia aos que tem devoçaõ de vos tratar, e seja que vos vistais de hum chapeo, huns calçoens de burel, com hum capote de sayal, que saõ tres cousas em nome da Santissima Trindade.* Veyo o Servo de Deos no gosto do Bispo, que lhe fez logo comprar, e levar o vestido de sua maõ com o nome, e a bençaõ. Naõ mudou o vestido até á morte. Naõ temos que esperar, mortaes, que o nosso immortal inimigo se canse de perseguir aos justos, porque de vencido naõ fica escarmentado, pois ainda que muito bem reconheça ser mayor sua arrogancia que o seu poder; sempre he mayor que o seu poder, e arrogancia a sua obstinada soberba, e inveja de que nós venhamos a possuir o que elle perdeo. Hum pois dos sujeitos, a que procurou arruinar com o mais crescido empenho, foy ao nosso S. Joaõ de Deos, ao qual, além de tentá-lo invizivelmente, lhe apparecia em figura espantosa na sua cella, onde o deixava taõ moido, e quebrantado a poder de açoutes, que lhe era preciso sangrar-se; andando a pedir de noite lhe appareceo em figura de porco, e depois de o fazer cahir no chaõ o naõ deixava levantar fazendo-o andar ao redor, ao que acudiraõ algumas pessoas, que o observaraõ. Tambem lhe appareceo em figura de mulher para o persuadir a offensas de Deos; porém de todos estes, e outros infinitos combates, que lhe deo, naõ tirou o diabolico espirito mais que desenganos de que nada póde com aquelles, que tem posto em Deos toda a sua esperança, todo o seu amor, e toda a sua attençaõ. He Deos, ó mortaes, maravilhosissimo em seus Santos, alternando, para aperfeiçoar suas almas, favores, e penalidades, tribulaçoens, e consolaçoens, luzes, e trevas, sendo desta variedade de bens, e de males fim

Principio, que teve o seu vestido.

O demonio sempre persegue aos justos, e Sãtos, e perseguio, e açoutou a este com o seu implacavel odio.

fim a utilidade de quem os recebe, e principio sua providencia. Achavase o nosso Joaõ muito favorecido de Deos, de sua Mãy Santissima, e assistido de Anjos; e quando se podia prometter esperar de taõ estupendos favores mais segurança, se achava no meyo do perigo entre desfeitas tormentas de tentaçoens, e ainda mortificado, e açoutado pelo diabo. Com o soccorro daquelles favores lhe dava Deos vigor, e fortaleza para que provasse a alma sua virtude no combate destas tentaçoens, que lhe serviraõ para accumular-se de mais meritos.

63 Temos dado huma breve noticia das esclarecidas virtudes de S. Joaõ de Deos, porque para as ponderar, e escrever todas, seria toda esta obra pequeno mappa, pois nella mal se poderia descrever a sua grande penitencia, e oraçaõ, na qual se vio muitas vezes transportado, absorto, e elevado nas delicias da Gloria, como inculcavaõ os celestiaes resplendores de que se via banhado: pois nella mal se poderiaõ explicar os favores estupendissimos, que recebeo do mesmo Deos, de Maria Santissima Mãy sua, e de toda a Corte Celestial, e as maravilhas, que obrou por sua intercessaõ a favor dos seus devotos; pois nella mal se poderiaõ numerar as ordinarias lutas, que teve com o Principe das trevas, porque invejoso de ver praticadas por elle as virtudes mais sublimes, procurava por infinitos meyos estorvar-lhas. Quem declarar poderia neste epitome a sua inalteravel paciencia, muitas vezes provocado por aquelles, que mais obrigados lhe estavaõ, e a quem mais finezas, e caridades fazia; e, o que he mais, quem explicar cabalmente poderia o seu zelo, e caridade, pois jámais attendeo necessidade alhea, a que naõ desse remedio: a donzella, que trazia sua honra em perigo de perdê-la, na sua caridade a achava: a viuva pobre, a quem os filhos pediaõ o que naõ lhes podia dar, nelle achava o seu allivio: o entrevado, que tendo só forças para padecer, e bôca para se lamentar, nelle achava remedio, consolaçaõ, e allivio: o mesmo achava o rico, que vinha a cahir em pobreza acompanhado com exhortaçoens, com que o incitava á paciencia: o pleiteante, que, depois de gastar seu cabedal, vinha a ser seu interesse principal o perder a demanda, nelle achava favor, e dinheiro para a proseguir, quando a considerava justificada. Em fim, o soldado destroçado da guerra, e todo o perigo necessitado nelle achavaõ soccorro, remedio, e consolaçaõ. Façanhas ha taõ illustres, e virtudes taõ heroicas que ellas per si só merecem os applausos, e como donas da celebridade, tem assalariadas a seus elogios as vozes da fama. Nesta superior classe tem o mais eminente lugar as gloriosas façanhas de S. Joaõ de Deos, pois o principal empenho da sua heroica vida foy beneficiar aos pobres, e favorecer aos cahidos; e hum animo generoso todo remedio, e todo beneficios, justamente se fez crédor das universaes veneraçoens, que se lhe tributaõ, e que mereceo com a sua morte gloriosa

Resumo das suas virtudes.

64 Gravado em fim o corpo com o peso dos trabalhos, e attenuado com a rigorosidade das penitencias, se rendeo a summa fraqueza, por dar liberdade á alma, para que voasse á patria celestial, livre das pensoens lastimosas deste desterro. Noticiosa huma devota senhora de ser a enfermidade mortal, o foy visitar, e rogar para que fosse para sua casa, visto estar entre tantos pobres, que naõ o deixavaõ socegar, e deitado em humas taboas com a capa á cabeceira: repugnou quanto pode o sahir de entre os seus amados pobres; porém como fossem muitas as instancias, e naõ fossem poucos os escrupulos que lhe metteraõ de que estava obrigado a procurar a saude, condescendeo com o gosto da devota senhora. Quando os pobres o viraõ posto em huma cadeira para sahir, proromperaõ em lastimosos suspiros, que lhes resultavaõ da consideraõ de que naõ veriaõ mais a quem taõ ternamente os amava: elle naõ menos magoado de os deixar, pondo os olhos no Ceo, disse: *Sabe Deos, Irmaõs, que quizera morrer entre vósoutros, mas pois Deos*

Enferma mortalmente.

quer outra cousa, cumpra-se sua santa vontade, e com isto lhe lançou a benção.

65 Levando-o pois a sua devota para casa, nella o deitou em huma bôa cama, e lhe fez vestir huma camiza, e huma, e outra cousa lhe custaria muito, pois de nenhuma dellas usava; alli era visitado de muitas pessoas piedosas, e das mais qualificadas da Cidade, e o que he mais, [oh pasmo! oh admiraçaõ!] alli foy visitado da Soberana Imperatriz do Ceo, e da terra, que com as suas sagradas maõs lhe alimpava o suor, que lhe causava a sezaõ. Alli lhe assistiraõ o Archanjo S. Rafael, que lhe havia assignalado o dia, e hora da sua morte, e o Discipulo amado.

Limpa-lhe Maria Santissima o suor, e lhe assistem o Archanjo S. Rafael, e o Discipulo amado.

66 Huma das pessoas que com mais piedade lhe assistiraõ foy o Arcebispo de Granada D. Pedro Guerreiro, Varaõ de grandes virtudes, que como tal disse a Joaõ lhe dissesse se alguma cousa lhe dava pena, porque lhe faria tudo quanto coubesse na sua possibilidade. Elle muito folgou com este offerecimento, pois naõ cessava de pedir a Deos inspirasse em quem lhe pagasse as dividas, respondeo: *Tres cousas tenho, Padre, e Pastor meu, que me daõ cuidado, huma do pouco que tenho servido a Deos nosso Senhor; a outra, os pobres do Hospital, e a outra as dividas que devo, e tenho feito por Jesus Christo.* Ao que respondeo o devoto Arcebispo: *Irmaõ, pelo que pertence ao que dizeis, que naõ tendes servido a Deos nosso Senhor, confiai em a sua misericordia, que supprirá com os merecimentos da sua Sagrada Paixaõ o que vos falta: quanto aos pobres do vosso Hospital, eu os recebo, e os tomo a meu cargo, como sou obrigado; e quanto ás dividas que deveis, eu me obrigo a pagá-las logo: por tanto nada vos dè pena, mas encõmendai-vos a Deos nosso Senhor.*

Assiste-lhe o Arcebispo de Granada.

67 Grande foy a consolaçaõ, que occasionou ao nosso Santo o zelo, e liberalidade do santo Prelado: e como parece que só por isto esperava para entregar a alma ao Creador, confessou-se, sem embargo de o ter feito muitas vezes, adorou ao Santissimo Sacramento, que naõ pode receber, por causa da enfermidade, e prostrado de joelhos se abraçou com hum santo Crucifixo, a quem dava reverentes, e amorosos osculos, e pronunciando com voz alta, e intelligivel: *Jesus, Jesus, em vossas maõs encõmendo o meu espirito*, voou seguro á Patria Celestial, onde receberia premio condigno de tantos merecimentos. Ficou seu santo corpo na postura em que falleceo, e nella perseverou muitas horas, e perseverara sempre, se a piedade indiscreta o naõ mettera em agoa para o estender, e amortalhar no habito dos Minimos.

Entrega a Deos o espirito deixando o corpo de joelhos.

68 Assim que expirou dobraraõ os sinos por si, assim porque correspondesse a morte ao nascimento, como por querer o Senhor, a quem servio, mostrar com vozes de prodigios o quanto lhe foraõ gratas as virtudes deste grande Santo seu. Logo que os sinos, e mais prodigios vulgarizaraõ a sua felice morte, soaraõ em vozes de huma universal acclamaçaõ os elogîos da sua santidade. A' grande, e incomparavel humildade do nosso Santo justo era lhe succedessem crescidas acclamaçoens na morte; estas teve em quanto vivo, sem perigo de vaidade, pelo prevenir a maõ do Altissimo para edificaçaõ dos mortaes com hum profundo conhecimento do seu nada. Depois de morto se continuaraõ as suas acclamaçoens avivadas com as vozes dos sinos, e mais prodigios, e assim melhoraraõ de condiçaõ os seus applausos, pois estes depois da morte correm sem o risco de que a lizonja os vicie. Os que lhe fizeraõ com o enterro, foraõ taes, que bem se mostra o quanto cuidou Deos nosso Senhor em honrar, e exaltar, ainda neste mundo, a quem tanto cuidou em dezacreditar-se, e abater-se por seu amor. A fórma pois do enterramento he a seguinte, que traslado ao pé da letra do Padre Ribadaneyra. Sabendo-se que Joaõ de Deos era morto, veyo tanta gente de todas as qualidades, sem se chamar alguma pessoa, que foy

Dobraõ se os sinos por si.

Das exequias, e hõras funeraes, que lhe fizeraõ.

cousa de admiraçaõ: amortalharaõ o corpo, e o puzeraõ sobre hum sumptuoso leyto em huma grande sala, aonde fizeraõ tres Altares, em que se disseraõ muitas Missas por Clerigos, e Frades da Cidade, as quaes disseraõ por sua devoçaõ com Responso sobre o corpo. Quando foraõ nove horas da manhaã era tanta a gente, que nem em a casa, nem na rua cabia. Começou-se a fazer o enterro, e tomaraõ o corpo aos hombros o Marquez de Tarifa, o de Cerralvo, D. Pedro de Bobadilha, e D. Joaõ de Guevara. Todos quatro o levaraõ até á rua, aonde o tomaraõ os Religiosos de S. Francisco, e logo os de outras Religioens: o Corregedor da Cidade pôs a gente em ordem, e foy para á vista hum dos mais gloriosos triunfos, que vio a famosa Cidade de Granada, que assim honra Deos na morte aos que por elle se desprezaõ em vida.

69 Davaõ principio á procissaõ os pobres, e os Irmaõs do Hospital, as mulheres que havia cazado, as viuvas, e donzellas dezamparadas, que havia remediado, com suas vélas nas maõs, chorando amargamente a falta de tal Pastor, e Capitaõ, e dizendo a vozes os bens que deste Servo de Deos haviaõ recebido. Seguiaõ-se todas as Confrarias da Cidade, que saõ em grande numero, com seus pendoens, e Cruzes. As Religioens pela sua antiguidade. A Cleresia das Parochias, e a da Santa Igreja de Granada, Dignidades, e Conegos, e o seu devoto, e santo Prelado D. Pedro Guerreiro Depois o Presidente da Chancelaria Real. Os Inquisidores com todos seus Officiaes, e Ministros. Os Cavalheiros da Cidade, e gente sem numero que acudio, naõ chamada, nem obrigada de algum respeito, senaõ só da devoçaõ que todos tinhaõ a este grande Servo de Deos, para mostrar quanto esta honrada pompa excedia ás dos grandes Principes.

Continuaõ as honras funeraes.

70 Chegou a procissaõ a huma praça, que está antes da porta principal do Convento da Victoria, para onde caminhava, e foy necessario parar hum grande espaço, por naõ ser possivel entrar nella o ataude, assim pela multidaõ de gente que impedia o passo, como porque as muitas pessoas, que ficavaõ de fóra, vendo que lhe tiravaõ ao Servo de Deos para mais o naõ verem, pertendiaõ chegar ao ataude, para se despedirem do santo cadaver, e nelle tocarem medalhas, e Rosarios. Entrou em fim o corpo na Igreja com muito trabalho, na qual estava hum leyto bem preparado, em que o depositaraõ. Disse a Missa, o Geral dos Minimos de S. Francisco de Paula. Pregou hum Religioso da mesma Ordem, e tomou por Tema: *Surgunt indocti, & rapiunt Cœlum*, palavras, que o Doutor Santo Agostinho disse aos seus doutos companheiros, quando ouvio as maravilhas que de Santo Antaõ Abbade lhe contava hum amigo seu. Sobre ellas disse muito da humildade, e desprezo do mundo, porque tinha muito que dizer, e que provar com este Santo, a que parece nenhum outro o excedeo no desprezo da sua propria pessoa. Acabado o Officio, o sepultaraõ em huma Capella de Garcia de Piza, que era daquella Senhora, em cuja casa falleceo, e está no Convento de S. Francisco de Paula. Nos dias seguintes houveraõ similhantes Officios, e Sermoẽs, e nenhum se prégou em Granada por espaço de hum anno, em que se naõ dissesse alguma virtude, e excellencia deste grande Santo. Foy o seu ditoso transito a 8. de Março de 1550. com 55. annos de idade, e 12. do serviço dos pobres. Cahio em Sabbado, e parece que ainda se conserva o prodigio, que conta o Illustrissimo D. Antonio de Gouvea Bispo de Sirene, na vida que delle escreveo, o qual he de exhalar celestiaes fragrancias todos os Sabbados hum Oratorio, que se fez no sitio em que falleceo. A mesma fragrancia exhalavaõ todas as roupas da cama em que esteve enfermo, as quaes guardaraõ como precioso thesouro os devotos, que lhas deraõ, e tiveraõ em casa até o seu fallecimento.

Continuaõ.

71 Na Capella, em que se sepultou, appareceraõ milagrosas luzes, e tendo noticia deste prodigio o Arcebispo, que era de Granada vinte annos depois

Acha-se seu corpo incorrupto.

depois do fallecimento do Bendito Joaõ mandou visitar a tal Capella, e se achou que o corpo estava incorrupto, e que exhalava celestial fragrancia. No mesmo tempo em que se fez esta averiguaçaõ, alcançou saude em hum braço hum homem que o tinha tolhido. Sendo Arcebispo de Granada D. Pedro de Castro, morreo huma Senhora parenta dos Pizas, a qual como tal tinha na Capella, e abobada onde está o santo corpo, lugar para o seu enterro. Abrio-se a abobada para esse effeito, e exhalou tal fragrancia, que ninguem se atreveo a entrar nella. Deraõ conta ao tal Arcebispo, e de que os parentes da defunta instavaõ em que se enterrasse na abobada, e elle mandou, que naõ a enterrassem nella, dizendo, que onde estava o corpo de hum Santo, naõ era justo que ninguem mais se enterrasse.

Exhalava fragrancia.

72 Supposto os milagres naõ arguaõ mayor santidade, arguem muito favor de Deos em quem os faz; motivo que me preciza a escrever mais alguns, principalmente dos que differem respeito a fazer elle obras de piedade depois de morto, assim como as fazia vivendo: e sejaõ os primeiros as conversoens de huns inimigos da Fé. Como o seu Hospital era cõmum para Christaõs, e Infieis, [porque a misericordia, ainda que pondere merecimentos, naõ costuma exceptuar pessoas] entrou para se curar nelle hum Mouro Alfaqui, que os discipulos do Santo receberaõ com grande gosto, pelo que tinhaõ de dar-lhe saude no corpo, e na alma. Entraraõ logo a cuidar em tudo, e com mayor empenho a persuadí lo a que deixasse as borracheiras da seita de Mafoma, e a que abraçasse a verdadeira Ley, qual era a de Jesus Christo. Vendo hum Irmaõ, chamado Fr. Bartholomeu Carrilho, que o Mouro se fazia surdo ás vozes da verdade, incitado de grande zelo, e movido da força do espirito, chamou a hum Donato virtuoso, que servia aos mais pobres, e lhe disse: *Irmaõ, ponha-se ae joelhos junto ao leyto deste Mouro, e invoque em nosso favor ao nosso Bendito Padre, para que, pois nósoutros naõ podemos, possa elle converter o seu obstinado coraçaõ.*

De como converteo hũ Mouro.

73 O Donato assim o fez, pedindo ao Senhor pelos merecimentos de seu Servo Joaõ, que naõ permittisse que se perdesse aquella alma; o que fez com tanta fé, que antes de levantar-se da postura em que estava, que era de joelhos, o Mouro fez final, e demonstraçaõ de que via alguma cousa rara para hum lado do leyto. Era pois o nosso S. Joaõ de Deos, que veyo a favorecer a justa causa dos Irmaõs, que com a sua presença, e oraçaõ moveo ao obstinado coraçaõ do Mouro desórma, que com muita devoçaõ, e lagrimas pedio o santo Baptismo, o qual recebeo depois de instruido do que era mais preciso. Finalmente sahio do Hospital limpo na alma, e saõ no corpo, e perseverou na nossa santa Fé em todo o tempo que viveo, no qual naõ cessava de contar o favor, que o Santo lhe fizera. Havia na Cidade de Malaga huma mulher grave, e devota, a quem chamavaõ D. Izabel de Penuela, a qual álem de contar ja 85. annos de idade, tinha huma enfermidade, que lhe tirou a falla, e a pôs no ultimo da vida. Era devotissima de S. Joaõ de Deos, a quem havia tratado em Granada; e sem embargo dos Medicos lhe darem o ultimo desengano, ella se apegou com o Santo com taõ viva fé, que a foy visitar, com a saude, que inteiramente alcançou, com grande admiraçaõ dos Medicos, e de todos os que lhe assistiraõ, a qual muito mais se augmentou, quando a ditosa velha declarou o successo, dizendo: *Deo-me saude o meu devoto Joaõ de Deos, a quem de coraçaõ me encõmendey, e esta noite o vi posto de joelhos diante da Virgem Mãy de Deos, pedindo-lhe alcançasse saude, e mais annos de vida para esta devota sua. A Virgem lhe despachou a petiçaõ, e hoje me acho taõ bõa, como se nunca houvera tido enfermidade, ou dor.*

Continua o modo com que o converteo.

Dá saude a hũa enferma, e converte a hum seu escravo Mouro.

74 Entre os muitos, que se acharaõ presentes a esta maravilha, foy hum Mouro, escravo da mesma enferma, e muito firme na sua seita, a qual logo começou a detestar, e a pedir o Sacramento do Baptismo, dando por causa

Continua a historia da conversaõ.

causa que naõ podia deixar de ser a melhor Ley aquella, em que via se fazia tal prodigio. A' Senhora se lhe duplicou a alegria, vendo-se saã no corpo, e vendo ao seu Mouro com dezejos de deixar a enfermidade da alma no banho do Baptismo; e assim encómendou a hum Joaõ Baptista, que catequizasse, e ensinasse ao Mouro a doutrina necessaria para poder receber este Sacramento. Era o Mouro naturalmente rude para tomar o ensino, assim por falta de memoria, como por naõ saber a lingua, e assim se retirou Joaõ Baptista desconsolado hum dia á noite, deixando ao Mouro no seu apozento. No seguinte dia de manhaã entrou o Mouro no quarto de sua Senhora, pedindo-lhe que o mandasse bautizar, accrescentando, que já sabia a doutrina, porque naquella noite lha havia ensinado hum homem descalço, sem chapeo, vestido nesta, e naquella fórma. Entendeo-se clarissimamente por todos os sinaes que fora o mesmo S. Joaõ de Deos; mayormente por se ver que sem milagre naõ podia o Mouro aprender a doutrina em huma noite. Costumava o ditoso Mouro, antes, e depois de bautizado, explicar o modo com que o ensinou, por estas palavras: *Quando este buen hombre me enseñava, si yo acaso dormia, me despertava, dizendo: Hamete, repetid lo que yo os hè enseñado, y assi supe todo lo que conviene para recebir el bautismo.* Daqui se vê obrar S. Joaõ de Deos tres milagres, quaes saõ, o de dar repentina saude a huma moribunda, de converter a hum Infiel, e de ensinar-lhe a doutrina em huma noite. Reprezentando-se na Cidade de Segovia a Comedia deste Santo, representava a sua figura hum moço que se chamava Christovaõ; sahio pois este ao tablado descalço, descoberto, e taõ mal vestido como o Santo andava, e com hum Christo na maõ se pôs a prégar aos ouvintes, e principalmente ás mulheres de máo viver, na fórma que o zeloso Servo de Deos o fazia. Parece que o mesmo S. Joaõ de Deos desceo do Ceo a fazer o Sermaõ, ou que [como S. Paulo costumava] enviou seu espirito ao que em seu nome pregava, pois huma mulher lasciva, que o ouvio, alli se arrependeo desórma, que a vozes publicou as suas maldades, e pedio misericordia a Deos. Retirada para casa fez condigna penitencia, vivendo sempre reformada, e como perfeita Christaã.

Converte-se huma mulher mundana em huma sua Comedia.

75 Tinha o Servo de Deos em Granada hum amigo, chamado Joaõ Fernandes, que o ajudava na conversaõ das mulheres publicas, e no serviço dos pobres, aos quaes fazia as caridades, e esmólas que podia. Dizia-lhe o Santo, que naõ se cançasse de fazer bem a pobres, porque até nesta vida Deos lhe havia de pagar. Tinha tanta fé este bom homem nas palavras do Santo, que ainda depois de morto se naõ esquecia dellas, naõ deixando de fazer esmólas conforme podia. Sahio de Granada em certa occasiaõ com o intento de chegar a Carthagena, com o alforge muito bem provido, para remediar o inconveniente de haver naquella occasiaõ pelo caminho muita falta de mantimentos. Logo que sahio de casa, o seguiraõ muitos pobres, por ser anno em que havia muitos, com os quaes a poucos passos repartio tudo o que levava, talvez por experimentar, e por ver cumprida a promessa do Servo de Deos; e proseguindo o seu caminho com muita confiança em Deos, chegou a tarde daquelle dia sem ter que comer, nem onde o comprasse. Chegou-se a elle hum homem, com o pretexto de fazer a mesma jornada, o qual a poucas palavras de cumprimento, lhe perguntou se queria comer. Respondeo-lhe Joaõ Fernandes, que sim queria, e o homem lhe disse: *Pois tome esse pam, e coma-o, e se quizer beber apee-se, e naõ faltará vinho.* Comeo o pam, no qual achou hum sabor extraordinario, e sem embargo de naõ ver borracha, ou vaso, em que o passageiro pudesse levar vinho para lhe dar, se apeou o bom de Joaõ Fernandes, a quem disse o passageiro fingido: *Chegue-se Irmaõ áquelle arroyo, e beba, pois tem sede.* Assim o fez Joaõ Fernandes, que pensando matar a sede com a agoa do tal arroyo, a matou com o vinho mais generoso que havia gostado em sua vida,

Soccorre a hum amigo em hũa necessidade.

vida. Querendo depois de beber fazer reflexo, e ainda dar as graças ao seu bemfeitor, o naõ vio, porque tinha dezapparecido. Admirado ficou Joaõ Fernandes, mas bem certo que aquelle beneficio era satisfaçaõ das promessas, que S. Joaõ de Deos lhe havia feito muitas vezes, que elle sem duvida havia vindo a cumprí-las, e a pagá-las com regálos do Ceo, que por celestiaes julgou o vinho, e pam, que lhe deo.

76 Caminhando o mesmo Joaõ Fernandes em outra occasiaõ para Madrid, achando-se só no caminho, lhe veyo á memoria a alegria, com que vivia na conversaçaõ, e companhia do Bendito Joaõ, e quaõ só se achava sem ella. Com esta consideraçaõ lhe sobreveyo huma summa tristeza, e melancolia. A poucos passos se chegou a elle hum homem desconhecido, que depois de o salvar, e de alguns cumprimentos lhe perguntou a causa, que tinha para a tristeza que mostrava no semblante. Encobrio-a Joaõ Fernandes, mas confessou hia melancolico. Pois desviemo-nos (disse o homem) hum pouco do caminho, e ouvirá huma musica que o alegre. Conveyo Joaõ Fernandes, e depois de apeados, e sentados em huma relva, começou a soar huma harmonia taõ sonora, e huma musica taõ suave, que parecia ser do Ceo, e os Anjos os Cantores. Alli esteve embebido, e transportado muitas horas, té que acabada a musica, com muito pesar seu, foy proseguindo a jornada, sem que o acompanhasse o fingido homem, que dezappareceo depois que o deixou elevado naquelle favor do Ceo, a quem agradeceo, do modo possivel, o que lhe fazia pelos merecimentos de seu amigo S. Joaõ de Deos.

Alegra a hum seu devoto com hum descante Celestial.

77 O Doutor Nunhes de Espinosa, insigne Medico da Cidade de Granada, era excessivamente devoto do Santo, e dos seus Religiosos, e curava os pobres do Hospital com o estudo com que curaria a qualquer Principe, e com o amor com que curaria á pessoa que mais conjunta lhe fosse. Comprou este huma mula muito maliciosa, a qual indo por certa rua tomou hum medo tal, que quebrou a sella com os mais arreyos, e se precipitava indubitavelmente, se lhe naõ acudira de repente hum Religioso de S. Joaõ de Deos, que pegou na mula pela redea, e a deixou como hum cordeiro: e como dezappareceo no mesmo tempo, e naõ havia tal Religioso no Convento de Granada, se assentou que fora favor, que o Santo lhe fizera, como em agradecimento da sua devoçaõ, e da caridade com que tratava aos doentes do Hospital.

Soccorre em hũ perigo a hum seu devoto.

78 Naõ foy menor o perigo, em que hum dezenfreado cavallo pôs a D. Joaõ Peres. Hia este passeando por huma rua de Granada, que vay a parar na porta da Igreja do Hospital de S. Joaõ de Deos, e entrou no cavallo huma taõ infernal furia, que sem que desse por freyo, nem parasse na carreira, como hum rayo hia direito a dar nas portas da Igreja, que estava cerrada. Vendo D. Joaõ que infallivelmente se precipitava com o cavallo naquelle sitio, por ter a porta da Igreja humas escadas perigosas, recorreo a huma Imagem do Santo, que estava no frontispicio della, o qual soccorreo logo ao seu devoto cavalleiro, pois, ou fosse o Santo que baixou, ou outro que em seu lugar enviasse, ao ponto que chegou o cavallo á porta da Igreja, abrio hum mancebo hum postigo, por onde o cavallo entrou com a furia que levava, sem lezaõ alguma do cavalleiro, que se baixou, e cozeo com a sella. O mayor milagre consistio em que entrasse o cavallo, e o cavalleiro por hum postigo da porta, pelo qual naõ podia caber naturalmente, e sem que se lhe rompesse huma correa da sella.

Soccorre a outro seu devoto em outro perigo.

79 Francisco Martins de Alarcaõ, Escrivaõ de Granada, sahio daquella Cidade a certa jornada em companhia de outros sujeitos, e levava hum relicario ao pescoço com hum dente do Bendito Joaõ, o qual lhe deo no principio da jornada hum Irmaõ da sua Ordem, dizendo: *Quero senhor fazer-vos este favor, e que leveis esta reliquia do nosso Padre, para que tudo vos*

succeda

suceda bem nesta jornada. Por causa do calor caminhavaõ de noite, motivo porque tropeçando a besta na subida de hum barranco, a que chamaõ os Dentes da Velha, cahio no mais profundo daquelle sitio: assentaraõ os companheiros que sem duvida exhalara logo a vida, mas acharaõ-se enganados; porque descidos a examinar o que se passara, acharaõ a Francisco Martins debaixo da mula, encima de humas pedras, sem mais queixa, que a do susto. A altura era de mais de oito estadios, e o sitio pedras taõ agudas, que se chama o de Dentes da Velha, e cahindo sobre o relicario se admirou tambem o prodigio de se naõ amassar, nem menos quebrar o vidro. Finalmente pôs-se a cavallo na mula, e proseguio a sua jornada com bom successo, declarando nella, e em todo o tempo que viveo, o favor que devia ao Santo, a quem no principio da jornada se encõmendou.

Livra da morte a outro devoto seu.

80 A Miguel de Santo Estevaõ, mercador de Granada, lhe tomaraõ todos os bens que possuhia, por fallir hum homem a quem fiou. Vivia com muitas miserias com sua mulher, e seus filhos, que pagavaõ a loucura, que seu pay teve, á imitaçaõ de outros muitos homens que se constituem devedores principaes dos dinheiros, que outros tomaõ a juro para melhor se tratarem, e para talvez divertirem em usos profanos, e pouco Catholicos. Como naõ tinhaõ genio, e nem sabiaõ as destrezas, e industrias de pedir, e naõ sabiaõ trabalhar, naõ cessavaõ de andar pelas Igrejas pedindo a Deos o remedio, que da terra naõ esperavaõ, dando-lhes alguma industria, ou modo honesto, com que grangeassem o necessario para naõ perecerem. Succedeo pois ouvir Miguel de Santo Estevaõ muitas acçoens de misericordia, que obrava S. Joaõ de Deos, quando se cuidava nas provanças para a sua Beatificaçaõ, á vista do que, se lhe accendeo tanto a devoçaõ, e confiança, que pedio ao Senhor que pelos meritos daquelle seu Servo o soccorresse em tanta necessidade. Fez huma Novena ao Santo, e mandou dizer no ultimo dia huma Missa.

De como remediou a hum homem fallido.

81 No mesmo dia, em que finalizou a Novena, encontrou a hum amigo seu, que sabendo a sua necessidade, lhe disse que no seguinte dia se haviaõ de prover huns officios pelos Vinte e quatro da Cidade, e que fallasse a D. Miguel de Avellam, que era homem de muita caridade, e dezinteressado. Desculpou-se o pobre Miguel, com o fundamento, de que como forasteiro, e pobre, naõ se havia de attender para o seu pedido, á vista dos innumeraveis empenhos, que haviaõ de haver para aquelles officios, concluindo, que naõ fallava a pessoa alguma, por ter posto toda a sua esperança em S. Joaõ de Deos, em louvor do qual foy ouvir Missa na occasiaõ em que se davaõ os officios. Grande sem duvida foy a sua fé, pois ao sahir da Missa se lhe foraõ pedir as alviçaras de estar provido em hum officio, que rendia settecentos ducados por anno. Foy á casa do Vinte e quatro D. Miguel, a agradecer-lhe taõ grande esmóla, e elle lhe respondeo, que a agradecesse a Deos, porque sendo muito grandes os empenhos, que tivera para o dar a outras muitas pessoas, o preferira a elle, sem ninguem lhe fallar, obrigado de huma interior violencia. Como na maõ delle se haviaõ de depositar grandes sommas de dinheiro, e era preciso dar-se fiadores antes de entrar na posse do tal officio, se vio Miguel de Santo Estevaõ justamente agoniado, por naõ ter quem o fiasse. Recorreo ao Santo dizendo: *Santo meu, pois me haveis dado, e alcançado o officio, alcançai-me o fiador para elle.* No mesmo tempo foy a casa de hum homem rico chamado Francisco Quesada, a outro differente intento, o qual sabendo lhe era necessario fiador, se lhe offereceo para o ser, movido tambem de huma interior violencia, e nem podia deixar de mover superior impulso a Francisco de Quesada para fiar a hum homem fallido por fianças, desconhecido, e forasteiro.

Continua a historia do milagre.

82 Dona Leonor de Mendoça, mulher de D. Fernando Alvares Ponce de Leon, da Cidade de Toledo, pedio ao Servo de Deos, em huma occasiaõ

Alcança filhos para huma esteril.

que foy a Toledo, que rogasse a Deos lhe desse filhos, que herdassem a sua illustre Casa. Respondeo-lhe, que confiasse em nosso Senhor, que lhos havia de dar, e deixando-lhe em prendas desta promessa o Cajado de que usava nas jornadas, partio de Toledo para Valhadolid. Em breve tempo concebeo, e pario a D. Fernando Ponce de Leon, ao qual se seguirao D. Joanna de Mendoça, e D. Maria de Mendoça, e todos pario com feliz successo, o que attribuio á virtude do sobredito Cajado, do qual se valia no mesmo ponto que lhe chegavaõ as dores, e parece que com insinuaçaõ, que o mesmo Santo lhe fez na occasiaõ em que lho deo.

De como appareceo no ar hũ Cajado, que se parecia com o que trazia, para determinar o sitio, em que se fundou hum Cõvento da sua Ordem.

83 Como o Bendito Joaõ alcançou aquelles Fidalgos aquelles tres filhos para o Ceo, e naõ para o mundo, falleceraõ todos antes da mãy, que vendo-se tambem sem marido no anno de 1578, assentou comsigo de que Deos queria que distribuisse as suas riquezas em obsequio da piedade, e em obras dedicadas ao seu Divino culto. Determinada pois a fazer de sua casa hum Mosteiro, entrou na duvida se seria de Frades, se de Freiras. Fez muitas supplicas a Deos para que lhe inspirasse o mais acertado, e o mesmo fazia huma devota dona, que tinha em casa, chamada Maria da Paz. Levantava-se esta de madrugada para fazer alguns exercicios espirituaes em companhia de D. Leonor, a quem chamava a certas horas, e pondo a virtuosa dona os olhos no Ceo, vio, bem ao direito da Capella das casas, hum Cajado feito de nuvem, como o que se conservava em casa, e dera S. Joaõ de Deos. Naõ disse nada á Senhora, porèm vendo o mesmo Cajado no mesmo sitio segunda, e terceira vez, chamou a D. Leonor, que á vista do prodigio, assentou ser vontade do Senhor, que o Mosteiro, que em sua casa queria fundar, fosse para filhos daquelle seu Servo, e Hospital para seus pobres. Logo executou tudo, chamando aos Religiosos de S. Joaõ de Deos para fundadores, e concorrendo com todos os gastos, e com as rendas necessarias para os Religiosos, e pobres. Divulgada pela terra a visaõ do Cajado, que aquella Senhora mandou que se conservasse na Igreja como reliquia preciosa, se valiaõ della as mulheres de partos perigosos, que experimentaraõ milagrosissimos successos, que se autenticaraõ para os processos da sua Canonizaçaõ, com outros muitos milagres que fez em Granada, e em outras terras de Hespanha, e na Praça de Ceuta, onde se lhe dedicou Capella no mesmo lugar em que havia assistido por soldado.

Conventos, e Hospitaes, que ha no Reyno deste Santo.

84 D. Alexandre de Bragança, Arcebispo de Evora, mandou levantar Igreja das ruinas da casa em que nasceo, que se amplificou no anno de 1627., por dous Religiosos que vieraõ de Castella para esse effeito, e se acha agora reduzida a Convento, e he cabeça dos poucos que neste Reyno há, que naõ sey passem de dous, qual o da Cidade de Lisboa, que fundou no anno de 1629. D. Antonio Mascarenhas, Deaõ da Capella Real, e Cõmissario Geral da Cruzada, e o de nossa Senhora da Gloria da Villa de Moura. Tem esta Religiaõ neste Reyno alèm dos Conventos ditos a administraçaõ dos Hospitaes seguintes. O Hospital da Conceiçaõ do Castello de S. Jorge de Lisboa. O Hospital da Cidade de Elvas. O da Villa de Estremôs. O Hospital da Villa de Olivença. O da Villa de Campo mayor. E o da Villa de Ponte de Lima. Os que tem pela Hespanha, Italia, França, pelas Indias, e pelas mais partes da Christandade saõ innumeraveis.

Deo principio S. Joaõ de Deos a esta celebre Religiaõ pelo seu pio, e caritativo Instituto na Cidade de Granada no anno de 1538. que depois confirmou debaixo da Regra de Santo Agostinho o Papa S. Pio V. no primeiro de Janeiro de 1571. Foy Beatificado pelo Papa Urbano VIII. a 21. de Settembro de 1630., para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos. Deste escrevem muitos Authores.

Vida,

Vida, acçoens, e morte admiravel de S. FILIPPE, *ou* FILIPPINHO, *companheiro do Gloriofo Santo Antonio.*

1 NEfte Reyno de Portugal nafceo S. Fr. Filippe, e da Cidade de Coimdra, de idade de 18. annos (e naõ da de Lisboa como diffe Mattheu Aleman) acompanhou ao Gloriofo Santo Antonio na occafiaõ em que emprendeo a viagem de Marrocos, com o dezejo de facrificar a vida por Jefus Chrifto Senhor noffo. Ja efcrevemos na vida do Santo a occafiaõ, porque naõ pós em execuçaõ o feu dezejo, e do que lhe fuccedeo até chegar a Affiz, onde o Gloriofo Patriarcha S. Francifco fazia Capitulo Geral, e agora dizemos, que por naõ gozarem na terra a grande confolaçaõ, que lhes refultava de andarem ambos juntos, Santo Antonio foy mandado para o Monte de S. Paulo, e S. Filippe para a Cidade de Caftélo, ou Civita Caftelana, e efta he a caufa porque alguns Authores affirmaõ fora Caftelhano, por fe chamar Fr. Filippe Caftelano, ou de Caftélo, para diftinçaõ de outros Religiofos; e havendo Authores, que dizem foy Caftelhano, por efte refpeito nenhum nega que elle eftiveffe morador na Cuftodia chamada de Portugal, quando com Santo Antonio fe embarcou para Africa, e dahi para Italia, affentando por fem duvida com Mattheu Aleman ja citado, e com o Padre Efperança, de que foy noffo Portuguez; vamos dizer parte das acçoens porque fe fez benemerito, de que muitos Reynos pudeffem contender fobre a fua filiaçaõ.

Foy companheiro de Santo Antonio.

2 No Convento de Civita Caftelana começou logo a moftrar o quanto a proveitara na virtude com o exemplo de Santo Antonio. Vivia como Cidadaõ do Ceo, e muito conforme á politica dos Anjos: com humildade taõ rara, que diminuio athé o feu nome proprio de Filippe, pelo de Filippinho. Foy taõ ditofo, que mereceo achar-fe no felice tranfito do Gloriofo Patriarcha S. Francifco, cujas chagas beijou, e regou com fuas lagrimas. Confiderou os milagres daquella morte prodigiofa, e depois de celebrar fuas devotas exequias, fe recolheo ao monte de Pombal, a que chamaõ Columbario em Caftella. Naquelle monte de Pombal, onde eftava hum Convento muito pobre, foy Fr. Filippinho pomba candiffima, que em continuo gemido, e perpetuo pranto chorava as amarguras, e tormentos da Paixaõ de feu amado. Efte dom de lagrimas, indice do feu puriffimo amor, foy tanto, que nem de dia, nem de noite fe viaõ enxutos feus olhos, fontes, a cujo rego fe deveo flor, e fructos copiofos de virtudes. Elevou-o Deos Senhor noffo a taõ eminente grão de perfeiçaõ, como fe houvera nafcido no dourado feculo da innocencia, pois com rendimento alegre lhe tributava obediencia todo o genero de brutos. Das aves, das féras, e de outros animaes, que cria aquella montanha, formava coros, para que todos, com a variedade de vozes, que lhes deo a natureza, louvaffem a feu Creador, em cuja harmoniofa confufaõ fe arrebatava o fogofo impulfo do feu efpirito fobre as arvores mais eminentes daquelle monte.

Acha-fe no tranfito de S. Francifco, e lhe beija as chagas, e fe arrebata fobre as arvores.

3 Eftas maravilhofas elevaçoens obfervaraõ muitas vezes os Religiofos, que no mefmo monte affiftiaõ. Em huma occafiaõ o foy vifitar o Veneravel Servo de Deos Fr. Boaventura de Podio, que, com feu companheiro, o viraõ pofto no ar fobre as mais altas arvores com os joelhos dobrados, com as maõs levantadas, e os olhos poftos no Ceo. Cheyos de admiraçaõ efperaraõ o fim de taõ maravilhofo rapto, e viraõ que voou girando pela vaga regiaõ do ar, com a velocidade de hum animado rayo, e que perdendo-o de vifta, fora parar dalli feis legoas ao monte de Zetonio, onde eftava feu intimo amigo S. Fr. Gil, ou Egidio, Religiofo da mefma Ordem, para fe confo-

Arrebatamento rariffimo.

consolarem conversando, como sempre costumavaõ ao modo de Elias, e de Moysés sobre o Monte Tabor, no amoroso excesso, que Christo obrou na Cruz. No mesmo monte illustrou o benigno Deos seu entendimento de modo, que, sem saber letras humanas, nas Divinas era insigne Theologo, e sabia explicar com admiravel destreza os passos difficultosos da Escritura Sagrada. Teve todas as virtudes em gráo heroico, e aquellas com mayor perfeiçaõ, que amava muito o Patriarcha S. Francisco, pobreza summa, humildade profunda, sinceridade de pomba, oraçaõ frequente, e mortificaçaõ passiva dos sentidos, e paixoens, thesouro, que guardava com a chave de ouro do profundo, e continuo silencio. Quando porém chegava a practicar na caridade immensa, com que o Filho de Deos remio os peccadores com seu precioso Sangue, ou na grande paciencia, com que agora nos soffre as nossas ingratidoens, entaõ se aproveitava do dom da sabedoria, que este mesmo Senhor lhe tinha cõmunicado, fallando nisto com tanta suavidade, e com tanta eloquencia, que suspendia as almas.

Da abstinencia, e aspereza, com que se tratava, e de seu ditoso transito.

4 Descuidava-se tanto da vida, que nunca comeo carne, e muito poucas vezes peixe, depois que entrou na Ordem, e só ervas, ou fructas agrestes eraõ o seu mantimento; porem lhe dava Deos taes forças, que ainda na velhice andava quatro legoas cada dia encostado ao seu bordaõ. De 85. annos falleceo cheyo de Deos, e de merecimentos, deixando de si muitos dezejos, muitos exemplos de virtudes, e muita dor da sua perda. Apenas se divulgou o seu ditoso transito, quando os moradores do monte Helcino voaraõ ao monte Columbario, para levarem comsigo morto, a quem haviaõ venerado, e amado vivo, com resoluçaõ taõ arriscada, que foraõ prevenidos com armas para sahirem com seu empenho por força, quando a industria naõ bastasse. Era do gosto de Deos, e de seu Servo este piedoso roubo, como se póde inferir dos milagres com que favoreceo seus intentos. Ja caminhavaõ com o roubado thesouro, quando noticiosos os moradores de Columbario sahiraõ com tropas armadas a tirar-lhes a preza; porem lhes atalhou os passos huma grande chuva, a qual impedia, e molhava aos que os seguiaõ, sem que huma gotta de agoa alcançasse aos que fugiaõ, seguros com a terra enxuta, e o Ceo sereno. Em o tempo que durou a chuva, ganharaõ muita terra os que levavaõ o veneravel cadaver; chegando pois com o andor ás ribeiras de hum rio, que com a inundaçaõ se havia alterado, tornou a picar na retaguarda a gente de Columbario: o pégo naõ se podia passar: elles estavaõ parados sem se darem a conselho; senaõ quando as maravilhas antigas do Jordaõ, e do Mar Roxo, aqui tambem se viraõ executadas. Apartaraõ-se as agoas, suspendendo de huma parte a corrente, fugindo com muita pressa da outra, e depois de lhe fazerem caminho, se tornaraõ a fechar. Vendo isto os que ficaraõ atraz, desistiraõ da contenda, e elles levaraõ o santo corpo ao seu monte Helcino, onde o depositaraõ pela festa de S. Marcos no Convento de S. Francisco, com solemne pompa.

Dos prodigios que succederaõ com o seu santo cadaver.

5 Todos os annos se faz festa no dia do seu felice transito, á qual concorrem os povos circunvisinhos, que lhe offerecem muita cera, e outras esmólas para adorno do seu sepulchro. Conserva-se a tunica com que morreo em o Sacrario, e no dia da sua festa se tira para que a vejaõ, e toquem seus devotos, com cujo contacto haõ sido sem numero os milagres. Referí-los fora molestissimo, porém sempre tocaremos alguns. Cobrou hum cego a vista; a falla hum mudo; e o ouvir huma surda. Dous enfermos de gravissimas dores, que lhe cortavaõ a vida: outro, de febre ardente: dous tambem apostemados no peito, e na garganta, com os quaes naõ obravaõ medicinas, venerando o seu sagrado sepulchro todos tiveraõ saude. A mesma alcançaraõ de repente hum menino enfermo do mal caduco; hum aleijado de hum braço; huma mulher que tinha a maõ queimada; e concluiremos com o que succedeo a hum Clerigo, divertido pela sua singular extravagancia.

Dos milagres que fez.

cia. Este totalmente descuidado da morte, e por isso mesmo das obrigaçoens do seu estado, tinha com huma mulher huma illicita cõmunicaçaõ, com grande escandalo da visinhança. Procuraraõ os parentes della occasiaõ de tirar lhe a vida, e esperaraõ a de quando elle entrasse em casa da complice. Viraõ no com effeito entrar, cercaraõ todas as portas, e janellas para que naõ lhe escapasse. Vendo se o Clerigo em perigo taõ evidente, pedio a Deos misericordia da sua culpa com firme proposito de emenda, e metteo por seu intercessor ao Bendito Filippinho, promettendo visitar seu sepulchro, se sahisse livre de taõ fatal conflicto. Romperaõ as portas os contrarios impacientes da tardança, e estando o Clerigo em parte onde todos o podiaõ ver, nenhum o vio para o offender. Elle animado com taõ bom principio, ratificando-se muito de coraçaõ em seus propositos, tomou huma escada, e por entre todos sahio sem pressa, nem alteraçaõ, por lhe lançar nosso Senhor a capa da caridade, com que o fez invisivel. O mesmo Senhor seja eternamente louvado em seus Santos.

SANTO EUGENIO *Papa, cujo corpo se acha na Cidade de Lisboa.*

FOy Santo Eugenio, primeiro do nome, natural de Roma, e succedeo na Cadeira Pontificia a S. Martinho, tambem primeiro do nome, no anno de 655. Governou a Igreja de Deos com grande prudencia, e exemplo, por nelle concorrerem todas as virtudes de que naõ devem carecer os verdadeiros Pontifices, quaes saõ as da honestidade, piedade, religiaõ, mansidaõ, benignidade, e caridade. Falleceo a 2. de Junho do anno de 657. Foy sepultado na Basilica de S. Pedro, donde trouxe o seu santo corpo para este Reyno no anno de 1619. o Padre Luiz Lobo da Companhia de Jesus, a quem o deo por Breve o Papa Paulo V., e se acha hoje na Cidade de Lisboa, no Oratorio dos Baroens de Alvito.

S. JOAM *Presbytero Martyr, de quem possuem hum braço as Religiosas de Santo Alberto.*

FOy Romano de naçaõ, e contemporaneo do Apostata Juliano, que tendo noticia de que prégava contra a adoraçaõ dos Idolos, o mandou degolar diante da estatua do Sol. Outro Presbytero, a que chamavaõ Concordio, deo honrada sepultura ao seu truncado corpo, junto ao lugar chamado Concilio dos Martyres, donde se tiraraõ algumas Reliquias, que possuem os Trinitarios de Madrid; e hum braço, que possue o Convento de Santo Alberto de Religiosas Carmelitas de Lisboa, onde se reza deste Bendito Martyr a 23. de Junho.

S. PANCRACIO *Martyr, cujo corpo se acha no Convento de Santa Clara da Guarda.*

FOy este glorioso Santo coroado de Martyrio nas primeiras perseguiçoens, que se fizeraõ aos Christaõs, e sepultado no Cemiterio de Callisto, do qual foy tirado por virtude de hum Breve Pontificio, passado a instancias do Marquez de Vilhena, Embaixador de ElRey Catholico, que o deo

deo ao Padre Francisco Sarayva, Secretario do Illustrissimo D. Jozé de Mello, Agente de Portugal na Curia Romana, o qual fez doaçaõ do santo corpo ás Religiosas do Convento de Santa Clara da Guarda a 10. de Março de 1614.

S. BONO *Presbytero Martyr.*

POr ordem do Imperador Valeriano foy degolado este Servo de Deos em Roma, com outros muitos Christaõs. O Papa Santo Estevaõ, primeiro do nome, lhe deo as Ordens Sacras, e o persuadio, e animou para dar a vida em testimunho das verdades Catholicas. Foy seu santo corpo sepultado pelos Christaõs no Cemiterio de Prescila, donde foy tirado no Pontificado de Urbano VIII. correndo o anno de 1642., e no de 1658. com licença do Papa Alexandre VII. foy transferido á Cidade de Lisboa com huma redoma de seu sangue, e outras Reliquias de varios Santos, que trouxe o Reverendo Padre Fr. Antonio Teixeira, Provincial da Ordem da Santissima Trindade neste Reyno, que collocou as sobreditas Reliquias, com as suas authenticas, com procissaõ solemne, e repiques geraes de sinos, no Santuario do Convento da Santissima Trindade. Delle se lembra o Martyrologio Romano no 1. de Agosto.

Vida, e morte do Glorioso S. ROZENDO, *Religioso Benedictino, e Bispo do Dume.*

1 NA Provincia de Entre Douro, e Minho, terra naõ menos procreadora de altos, e generosos espiritos, que de illustres, e santos Varoens, nasceo, para bem de muitas almas, o santissimo Varaõ, o Illustrissimo Prelado, e miraculoso Abbade S. Rozendo. Teve por pays a D. Gutterre Arias, Conde de Eminio, [hoje Agueda junto a Coimbra] e Ildaura Matrona santa, e de igual nobreza. Seus Avós paternos foraõ D. Hermenegildo, e D. Hermecenda, Condes da Cidade do Porto, e de Tuy, e senhores de muitas herdades na Provincia de Entre Douro, e Minho, e da Beyra. Em fim, foy Hermenegildo parente muito propinquo de ElRey D. Affonso o Magno, que o fez seu Mordomo mór, e Capitaõ General em muitas emprezas militares. Seus Avós maternos foraõ D. Honorio, e Adozinda, Condes de Lugo, descendentes de D. Tibalte Feyo, e de D. Romaõ da Ribeyra, de cujas antigas Casas, e Solares veyo o nosso S. Rozendo a ser senhor.

Foy de nascimento esclarecido.

2 Antes que começassemos a escrever as virtudes deste nosso insigne Portuguez, nos pareceo justo fallarmos da nobreza do seu sangue; porque sendo este illustre, dá mayor lustre á virtude, que, fundada na nobreza, he como o ouro fundado sobre a prata, pois assim como a prata he mais fina, assim o ouro nella fica mais lustroso. He tambem sem duvida que o ouro sobre o barro [symbolo da pobreza humilde, e gente ordinaria] parece bem, mas sobre a prata, que he symbolo da nobreza, melhor resplandece. Viviaõ D. Gutterre Arias, e sua esposa Ildaura com a desconsolaçaõ de se acharem sem filhos, fructo, de bençaõ, que suaviza o jugo matrimonial; quando o carecer-se delles, o costuma fazer, se naõ pezado, muitas vezes desabrido.

A virtude mais resplandece em sangue nobre.

3 Dezejavaõ estes conformes casados ao menos hum filho, naõ para o constituirem herdeiro dos seus Estados, sim para o dedicarem ao serviço de

de Deos Senhor nosso, a quem com esta condiçaõ o pediaõ incessantemente, assim por meyo de perennes supplicas, e grandes esmólas, como de rigorosas abstinencias, e penitencias, com que se affligiaõ, principalmente a santa Ildaura, que muitas vezes visitava descalça a Hermida de S Salvador, que estava no cume do monte Cordova, a que chamaõ agora Corva; e junto a elle tinhaõ seu Palacio os nossos ditosos cazados, o qual ficava em pouca distancia da antiga Villa de Sallas, e da Cidade do Porto. Naquella Hermida pois importunava Ildaura a Deos com oraçoens, qual a antiga Anna no Templo de Jerusalem, se ja naõ totalmente esteril como ella, taõ parecida no infecundo, que foy necessario conseguir com rogos a graça de ficar sem estorvo a sua detida natureza. Ouvio-a em fim Deos Senhor nosso, que ainda que costuma dilatar muitas vezes a consolaçaõ aos tristes, por ultimo lha concede. Tinha mettido por seu valedor ao Glorioso Principe da Igreja Triunfante, e Militante S. Miguel, o qual apparecendo na mesma Capella á devota Condessa, lhe disse ouvira Deos suas oraçoens, e que por ellas lhe daria hum filho, que naõ sómente seria claro esplendor da sua prosapia, senaõ gloria de toda Hespanha. O contentamento, que havia de resultar a Ildaura de favor taõ estupendo, pondere-o o devoto, considerando as circunstancias, que o faziaõ mais estimavel.

Alcançaõ este filho a poder de oraçoens.

4 Recolhido o Conde de Coimbra, onde andava na conquista dos Mouros, e certificado da Divina revelaçaõ, teve hum contentamento taõ grande, que parece lhe sahia o coraçaõ do seu lugar, e a alma do corpo. Rendidas duplicadas graças ao Altissimo, e dispendendo muitas, e grandes esmólas pelos pobres, em reconhecimento de obrigados, se puzeraõ a esperar anciosos o desempenho do Divino Oraculo. Passados nove mezes, a 26. de Novembro do anno de 907., se viraõ pays de hum formosissimo infante, cujos dous nascimentos honrou o Ceo com duas notaveis maravilhas. Sendo a primeira a de sahir á luz do mundo das trevas do calabouço materno, sem a menor dor; e a segunda a de acreditá-lo na fórma seguinte. Dezejava a ditosa mãy regenerar o bendito menino na mesma Capella, em que fora annunciado o seu nascimento, e para esse effeito levou da Villa de Sallas a pia em hum grande carro, a qual cahindo no monte perto da Hermida se fez em pedaços; com cujo successo ficou a Condessa, e os que a acompanhavaõ taõ tristes, quaõ admirados, e contentes, depois que prezenciaraõ o prodigio, de lhes desapparecer a pia de diante dos olhos, indo-se metter inteiramente saã na Capella, em que Ildaura intentava baptizar seu santo filho. Os jubilos, que causariaõ nas almas daquelles santos Condes mercê taõ singular, e taõ certo presagio da santidade do filho, grandes seriaõ sem duvida: e se nem elles os saberiaõ explicar, temerario andaria quem os intentasse descrever.

Milagre, que Deos fez na occasiaõ do seu baptismo.

5 Muitos exemplos temos lido de cazados, que foraõ taõ caritativos, e liberaes antes de terem filhos, quanto avaros, e miseros depois de os terem; porem naõ succedeo assim aos venturosos Condes, pois o mesmo foy o dar-lhes Deos hum filho, que começarem a dispender sem algum reparo as suas rendas em sustento de pobres, em resgate de captivos, e no amparo de muitas orfaãs. De muitos tambem se escreve o que occularmente se está vendo, que he o empobrecerem muitos por desperdiçarem as riquezas em jogos, em grandezas desnecessarias, e em varios vicios, e deleites, que lhes facilitaõ o descuido com que vivem da morte; e que succedesse, ou succeda o mesmo a algum por esmóler, naõ consta. Crassissimo he o erro de naõ quererem dar muitos cazados esmólas, com o pretexto de que tudo lhes he necessarios para os filhos, devendo-as dar por isso mesmo, por terem mais almas que redemir. Repartamos pois, ó mortaes, com os pobres de Jesus Christo das riquezas que foy, ou for servido dar-nos, do muito muito, e do pouco pouco, advertindo que mais attende Deos Senhor nosso

Exhorta se á virtude da caridade.

noſſo para o caritativo affecto, com que ſe daõ, do que para a grandeza com que ſe repartem, e confiemos em o meſmo Senhor, que, ou nos há de accreſcentar os bens com deſigualiſſima recompenſaçaõ á deſpeza, ou fazer que com o pouco que tivermos ſuppramos as mayores, e neceſſarias deſpezas, livrando-nos de doenças, de trabalhos, e de deſgovernos, cauſas principaes das ruinas das caſas.

6 Criavaõ os Condes ao menino Rodezindo, (eſte he o nome com que recebeo a graça) como dado do Ceo, e encaminhando-o ſempre ao ſerviço Divino: foy creſcendo igualmente na idade, que na diſcriçaõ, virtude, e ſciencia. Ardia muito fogo em taõ pequeno corpo, lavrava muito em taõ poucos annos o dezejo de ſer todo de Deos. Ouvio a doutiſſimos Meſtres, e ſahio em breves annos conſummado nas letras Divinas, e humanas, avantajando-ſe tanto entre os mais condiſcipulos, que a todos era aſſombro. Vendo o Clero, e povo do Dume a grande ſciencia, e virtude, de que Deos o dotara, [naõ tendo mais que dezoito annos de idade] o fizeraõ promover a Biſpo do Dume, e foy a primeira Dignidade, que teve, ſegundo as mais certas opinioens. De crer he, que haveria diſpenſa do Summo Pontifice, que ſe lhe facilitaria, ſuppoſto o illuſtre de ſeu ſangue, e o preclaro das virtudes, com que mais o illuſtrava, e ſe fazia benemerito das mayores Dignidades. Muito bem podem os pequenos, e de poucos annos ſeguir a Chriſto pelo caminho das virtudes, pois naõ eſtá atada a graça do meſmo Senhor aos foros, e leys da noſſa limitada natureza, e póde muito bem fazer gigantes em perfeiçoens aos meninos, ſem eſperar pelos terminos da idade. E nem ſe póde oppôr duvida a ſer o noſſo ſanto Biſpo da idade de dezoito annos, porque muitos o tem ſido de idade ſimilhante, pois D. Joaõ, Infante de Aragaõ, foy de dezaſette annos Arcebiſpo de Toledo. S. Luiz, Infante de França, foy Biſpo de Toloza de taõ pouca idade, que falleceo de vinte e tres annos. S. Remigio de vinte e dous annos foy Arcebiſpo da Cidade de Remes. Eſtes ſaõ os que de caminho nos occorrem, e os que baſtaõ para prova.

Foy Biſpo do Dume, tendo 18. annos de idade.

7 ElRey D. Ramiro II., em attençaõ dos ſeus grandes merecimentos, o melhorou para o Biſpado de Mondonhedo, e deſte foy promovido para Arcebiſpo de Compoſtella por ElRey D. Sancho I. Recuſou ſempre o formidavel pezo de taõ grandes Dignidades, porque cuidava na morte, e deſprezava tudo o da vida; porém as acceitou, aſſim movido das inſtancias dos Eleytores, como por conhecer interiormente era vontade Divina. Naõ foraõ aquellas Dignidades cauſa, para que elle ſe entregaſſe aos deſcuidos da morte, e aos cuidados da vida; pois proſeguio, quando Prelado, a vida, que começara quando particular, ajuntando ao ardentiſſimo zelo, que tinha do Divino culto, outras ſingulares virtudes, mortificando o corpo com quotidianas diciplinas, e cilicios, e ſingularizando-ſe na caridade para com o proximo, ſendo muito vigilante em doutrinar aos ſubditos, na reformaçaõ dos coſtumes, e perſeverante na oraçaõ, e na liçaõ das Sagradas Eſcrituras.

Foy Biſpo de Mondonhedo, e de Compoſtella.

8 Em os exercicios das virtudes, que, naõ cabendo nos limites de Compoſtella, a fama delles corria por toda Heſpanha, ſe fazia amado de todos; e tanto o era de ElRey D. Sancho o I., que naõ ſe contentando com o ter Arcebiſpo de Compoſtella, para que com a ſua ſumma prudencia emendaſſe o peſſimo governo do Arcebiſpo Siſinando III. [a quem tinha prezo] o nomeou Governador de Portugal, e Galliza, cargo que acceitou depois de precederem as muitas eſcuzas, que lindamente havia de compor a ſua humildade. Houve-ſe no Governo com taõ bôa ſatisfaçaõ, prudencia, e vigilancia, que em breve ſe vio Galliza livre dos Corſarios Normandos, e das entradas, e ordinarios aſſaltos dos Mouros: o que tudo fazia mais à poder de lagrimas, e de oraçoens, que inſtantaneamente fazia a Deos,

Governou Portugal, e Galliza.

Deos, que com induſtria militar. Neſte tempo por Divina revelaçaõ fundou o famoſo Moſteiro de Cella nova, junto á foz do notavel rio Lima, no Reyno de Galliza, no qual gaſtou a mayor parte do ſeu grande patrimonio; pois as rendas dos Biſpados as repartia inteiramente pelos pobres, edificios vivos de Chriſto Salvador noſſo. Sobmetteo-o debaixo do amparo, e Regra do Principe dos Patriarchas S. Bento, dando-lhe por primeiro Abbade, e Meſtre dos muitos, que dezenganados do mundo queriaõ aſſegurar a ſua ſalvaçaõ, ao grande Servo de Deos Franquilla, Abbade que havia ſido do Convento de Santo Eſtevaõ de Riba de Sil, tres legoas diſtante da Cidade de Orenſe.

Funda o famoſo Moſteiro de Cella nova.

9 Morto ElRey D. Sancho I., ſe ſoltou das prizoens [em que o tinhaõ poſto ſeus demeritos] Siſinando, Arcebiſpo que havia ſido de Compoſtella, e cheyo de furor, em companhia de outros de taõ bõas prendas como elle, ſe foraõ ao Clauſtro da Igreja de S. Tiago, onde o ſanto Biſpo eſtava para dar principio ás Matinas em huma noyte de Natal, e depois de lhe fallar muito mal, o ameaçou com a infallivel certeza da morte, ſe naõ dimittia de ſi o Biſpado. O Servo de Deos, vendo aquelle dezatino, diſſe: *Tu, qui mihi gladio mortifero minaris, mortifero gladio violenter morieris*, como depois ſe vio. Se o noſſo Santo cuidava tanto na morte, e naõ fazia caſo das honras, e Dignidades da vida, como náõ dimittiria de ſi aquella honra, e pezada carga promptiſſimamente, como com effeito logo fez, recolhendo-ſe ao Convento de Cella nova, que, como ja diſſe, fundara, e recebendo a Cogulla Benedictina da maõ do ſeu primeiro Abbade Franquilla. E ſe até áquelle tempo vivera como ſanto, depois viveo como ſantiſſimo, accõmodando ſe aos exercicios Religioſos com tanta facilidade, como o fizera ſe fora para a Religiaõ de treze annos. Nas obrigaçoens do Choro era o primeiro, e indiſpenſavel; nas do Convento, e trabalho de maõs o mais cuidadoſo; o mais pontual no rigor da obſervancia; na contemplaçaõ dos bens Celeſtiaes o mais fervoroſo; e finalmente nos jejuns, nas vigilias, e nas mortificaçoens era hum vivo retrato do ſeu Santo Patriarcha, alcançando por eſte meyo ſoberanas conſolaçoens do Ceo, noticia de muitas couſas futuras, e hum perfeito conhecimento do bom, ou do máo eſtado em que eſtavaõ os com que tratava.

Deixa a Mitra, e recolhe-ſe ao Moſteiro, que fundou.

10 Eſtando converſando em materias eſpirituaes com o ſanto Abbade Franquilla, vio que lhe entrava, e ſahia pela boca huma branca pomba, e entendendo ſer evidente ſinal de entregar a Deos o eſpirito brevemente, andava taõ deſconſolado por perder a ſua ſanta companhia, quaõ alegre pela certeza de ter dalli a pouco hum taõ grande amigo na preſença de Deos. Falleceo em fim o ſanto Abbade, e os Monges mitigaraõ a ſaudade, que a ſua falta lhes occaſionava, com ſe lembrarem do digniſſimo ſucceſſor, que deixava no noſſo Santo, a quem logo geralmente elegeraõ Abbade, acompanhando os rogos com multiplicadas lagrimas; e allegando que a razaõ pedia os ſuſtentaſſe no eſpirito quem os ſuſtentava no corpo, e que pois a elle deviaõ a vida corporal, bem era lhe deveſſem a eſpiritual. E como era dotado de animo brando, benigno, magnanimo, e compadecido, enternecido de lagrimas taõ juſtas, acceitou o novo cargo, mais com animo de ſervir a todos, que para ſer ſervido, e obedecido de alguem.

Elegem-no Abbade do Moſteiro.

11 A muito ſe obrigaõ os que a governar a outros ſe ſujeitaõ; porque ſe no governo ſe portaõ juſtos, ſeraõ notados de crueis. Se ſe houverem com piedade, com facilidade os deſprezâraõ, e teraõ em pouco. Se ſe portarem liberaes, naõ faltará quem os avalie por prodigos, deſperdiçados, e por deſgovernados. Se quizerem ſer governados, os julgaraõ avarentos, ambicioſos, e meſquinhos. Se ſe quizerem inculcar pacificos, os avaliaráõ por ignorantes, timidos, e cobardes. Se animoſos, reſolutos, e deſembaraçados, os avaliaráõ por inquietos, e orgulhoſos. Em fim, ſe ſe quizerem tra-

Difficuldade que há em contentar a todos quem governa.

tar com gravidade, por soberbos; se com affabilidade, por livianos; se recolhidos, por hypocritas; e se alegres por dissolutos. Todas estas difficuldades venceo o nosso illustre Abbade, pois se houve com tal prudencia, e exemplo no governo dos subditos, que a nenhuns deixava motivos para murmurarem do seu modo de proceder, deixando-lhes sim muitos para louvar a Deos por lhes dar hum Prelado, em que campeavaõ igualmente todas as virtudes, partes, e qualidades, que a natureza, e a graça póde cõmunicar aos mayores Heróes. A exemplo deste, muitas pessoas nobilissimas renunciaraõ o mundo, e as suas mundanas pompas, por serem seus subditos, e se aproveitarem do fragrante, e celestial da sua doutrina.

12 Mandou fazer na cerca do Mosteiro huma Capella, que hoje permanece em grande veneraçaõ, onde hia cada dia com grande devoçaõ offerecer a Deos o Sacrificio incruento de si mesmo, em memoria do cruento, que elle offereceo no Altar da Cruz a seu Eterno Pay, sendo hostia, e Sacerdote a hum mesmo tempo. Neste Sacrificio de amor lhe fez Deos a seguinte fineza. O seu Ajudante, logo que o via no Præfacio, hia fazer algumas cousas da sua obrigaçaõ, pela certeza que tinha de se deter huma hora nos Mementos, no fim dos quaes voltava para proseguir com o Officio de Ajudante. Succedeo hum dia deter-se mais do necessario, e levantando o Santo a segunda hostia, e dizendo: *Per omnia sæcula sæculorum*, e o *Pater noster*, que se segue, os Anjos lhe responderaõ, prezando-se talvez de serem Acolytos de tal Santo.

Respondem lhe os Anjos na falta de Acolyto.

13 Estava este ausente de Cella nova, e tendo noticia os Religiosos que elle chegava ao Convento em certa manhaã, mandaraõ que se naõ dissesse a Missa de Terça até á sua chegada. Na propria hora, em que a Missa se havia de dizer, ouvio o Santo cantar pelos Santos Anjos o Introito della. Desceo-se da mulla em que hia, e prostrado em terra esteve ouvindo cantar os Angelicos Espiritos até o fim, e dando duplicadas graças ao Senhor por favor taõ estupendo, tambem deo ao Prior do Convento, logo que a elle chegou, a advertencia, de que por nenhum humano respeito deixasse de celebrar os Officios Divinos ás suas horas.

Ouve cantar aos Anjos o Introito da Missa.

14 Estava recolhida em hum Mosteiro Dona Aragonta, viuva de ElRey D. Ordonho II., e tia do nosso Santo, a quem mandou pedir a fosse visitar em huma mortal doença com que se achava. O Santo, pela razaõ de sangue, e da caridade, se pôs logo a caminho, e chegando á terra de Sande, distante desta Cidade de Braga cousa de legoa e meya, ouvio pelas dez horas hum Choro de Anjos, que cantavaõ doce, e suavemente: naõ se turbou o Santo, como costumado ja a receber similhantes mercês, sim se prostrou logo em terra com grande devoçaõ, e respeito, e depois de estar em oraçaõ algum tempo, disse aos companheiros, que com elle hiaõ: *Ja naõ temos necessidade de ir mais adiante, pois a Rainha he morta, e sua alma vay caminhando para o Ceo acompanhada de Anjos.* Com effeito tinha fallecido a venturosa Rainha no mesmo instante em que ao Santo sobrinho foy revelada a sua felicidade.

Vè acompanhar os Anjos a alma de hũa Rainha sua tia.

15 Veyo S. Rozendo do Mosteiro de Cella nova ao de S. Joaõ de Vieyra, que houve em Basto, distante da Cidade de Braga cousa de cinco legoas, no qual era Abbadessa a nossa Gloriosa Santa Senhorinha, prima do mesmo Santo. Naõ se tinhaõ visto os dous Santos primos havia muito. Detiveraõ-se a conversar em materias espirituaes, como bem versados nellas; e naõ faltou quem tivesse a practica por licenciosa, e illicita, quaes foraõ dous officiaes, que andavaõ retelhando o Mosteiro, os quaes começaraõ a publicar o máo juizo que fizeraõ interiormente. Mas pouco tempo lhes tardou o castigo da sua rustica, e maliciosa temeridade, para que ficasse manifesta ao mundo a innocencia dos Santos, pois logo se apoderaraõ delles dous espiritos malignos, que os lançaraõ abaixo dos telhados, em que andavaõ,

De como castigou Deos a dous homens, que temerariamẽte julgaraõ mal do Santo.

davaõ, mortos. Santa Senhorinha, tendo grande compaixaõ do caso, sem saber a causa delle, pedio a S. Rozendo, com grande instancia, que rogasse a nosso Senhor por aquelles pobres homens.

16 Mandou os o Santo levar á Igreja, onde, depois de fazer oraçaõ a Christo Bem nosso, e de tomar por intercessora Maria Santissima Mãy sua, e Senhora nossa, para que naõ se tivesse por seu o milagre, ungio os olhos, e as bocas dos defuntos com oleo santo, e logo mandou que em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo se levantassem vivos. Levantaraõ-se logo os dous homens resuscitados, e publicamente pediraõ perdaõ aos Santos, e aos presentes das suas maliciosas temeridades, confissaõ que ouviraõ com pasmo os que ignoravaõ o motivo do castigo. Em fim, achando-se aquelle verdadeiro espelho de Prelados carregado de annos, nomeou para seu successor a seu discipulo Manilano, [hoje S. Manilano] por lho pedir a Cõmunidade. Fez seu testamento, encarregando aos Monges que lhe cantassem cada anno dous solemnes anniversarios: o primeiro no dia do Archanjo S. Miguel, pelas almas dos Condes seus pays; o segundo nas festas dos Santos Secundo, e Permitivo, por nascer na sua vespera, com estas palavras: *Pro peccatore Rodezindo &c.* que na conta de peccador se tinha o nosso Santo.

Renuncia, e faz testamento, e fallece ditosamente.

17 Apertavaõ com elle as saudades da Gloria, e naõ sabendo quando se havia de ver livre das ataduras do corpo, andava continuamente repetindo: *Quem admodum desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te, Deus.* Dispunha-se para aquella ultima hora com duplicadas abstinencias, e mortificaçoens germanadas de continuos exercicios devotos, e vendo ser chegado o prazo vital, lançado em cilicio, e cinza, recebendo neste intervallo multiplicados favores da liberal maõ, e repetindo devotos Psalmos, entregou a Deos o seu incontaminado espirito no primeiro dia de Março do anno de 977. tendo 70. de idade, e governado 30. os tres Bispados, que ficaõ ditos; porêm foy tal o amor, que teve ao do Dume, que ainda depois de passar ao de Mondonhedo, e ao de Compostella, e de ser Abbade de Cella nova, se assinava: *Rodozindus Episcopus Domiensis, e Abbas Cella nova.* Donde veyo a entender Fr. Diogo do Rosario no seu *Flos Sanctorum*, que a Mitra do Dume fora a ultima que possuira; sendo que os Breviarios sentem o contrario, e de mais que, na sua vida foraõ Bispos de Dume Theodomiro, Ariano, e Armentario. Na vida de S. Martinho, Arcebispo de Braga, declaramos o principio que tiveraõ os Bispos do Dume.

18 Na mesma hora, em que aquelle santo espirito se expedio do ergastulo terreno para gozar a gloria, que lhe tinhaõ grangeado os seus preclaros meritos, e excellentes virtudes, ouvio sua parenta Santa Senhorinha, de quem acima fallamos, e de quem tambem escreveremos, huma Celestial musica, que entoava o *Te Deum laudamus*; a qual disse ás Religiosas no mesmo instante como fallecera seu primo, e era levado pelos Anjos á gloria perduravel. Dos milagres que fez logo depois de morto este Glorioso Santo, direy alguns.

Vè Santa Senhorinha sua alma gloriosa.

Havia em terra de Lima hum Clerigo tolhido de huma maõ, desorte, que tinha os dedos pegados na palma della, foy visitar o sepulchro do Santo, onde lhe applicaraõ os Monges á maõ enferma hum annel, e outras Reliquias do mesmo Santo com taõ bõa ventura, que foy para casa saõ.

Seguem-se alguns dos muitos milagres q̃ obrou.

Hum homem, chamado Miguel, trazia desde o nascimento os pés encurvados para tras, desorte, que estavaõ pegados junto ás curvas. Levou-o sua mãy assim tolhido á sepultura do Santo, onde estando ouvindo a Missa de Terça começou a dar vozes dizendo: *Soccorrei-me irmaõs, soccorrei-me, que me despedaçaõ os ossos.* Neste mesmo tempo se foy levantando, e pegando aos pillares do sepulchro do Santo, e acudindo os Monges aos seus gritos, viraõ no levantado sobre os seus pes, e saõ de toda a aleijaõ.

Vivia junto ao Mosteiro hum moço chamado Joaõ, ao qual deo huma enfermidade, da qual ficou privado de todas as acçoens de seus sentidos de modo, que nem via, nem ouvia, nem sentia: encõmendou-se ao Santo no seu sepulchro, e logo andou, vio, e ouvio. Em Deça, terra do Reyno de Galliza, havia hum Fidalgo poderoso, que, contra justiça, e razaõ, tinha prezo com grilhoens a hum pobre homem; e como por seu mandado o atormentassem os criados cruelmente, para que se resgatasse com dinheiro, vendo-se sem remedio, disse entre si, em huma occasiaõ, em que assim o estavaõ atormentando pela meya noite: *Vede Senhor S. Rozendo os tormentos, que me daõ sem justiça, e livrai-me.* Acabado de dizer isto, adormeceo, e appareceo-lhe o Santo entre sonhos, e disse-lhe: *Levanta-te, e vem cõmigo seguro*; e como espertou, tomou-o o Santo pela maõ, e tirou-o sem perigo do carcere, passando por meyo das guardas, que o guardavaõ. Em fim, seria largo processo o querer escrever os milagres de S. Rozendo em huma Obra, a que tantos Varoens illustres tem direito; e concluo com dizer que he Advogado das cousas perdidas, como outro Santo Antonio de Lisboa.

Tira a hum homem da cadèa.

Sendo Legado Apostolico em Hespanha o Cardeal Jacinto, pelos annos de mil e cento e settenta, visitou o sepulchro do Santo, autenticou os milagres que tinha feito, e ultimamente o Beatificou. Passados alguns annos, se retirou para Roma, onde foy assumpto a Summo Pontifice com o nome de Celestino III., e no quinto anno do seu Pontificado Canonizou ao Glorioso S. Rozendo pelas mesmas razoens, que o moveraõ, sendo Cardeal, a Beatificá-lo, cuja Bulla de Canonizaçaõ se conserva no Mosteiro de Cella nova, na qual o Pontifice, alludindo ao nome de Rozendo, lhe chama *Rosa de cheiro admiravel, e de singular suavidade: que naõ era bem que a fragrancia de seus merecimentos se coarctasse a hum breve espaço de terra, qual era Galliza, senaõ que se dilatasse, e espalhasse pelo mundo todo.* Deste Santo escrevem o *Flos Sanctorum*, o Author do Agiol. Lusitan. no 1. de Março; a Benedictina Lusitana part. 3. pag. 145. cap. V.

Beatifica-se, e Santifica-se.

Vida de S. Fr. GUALTER *Religioso da Ordem Serafica, Fundador do Convento de S. Francisco de Guimaraens, e Padroeiro da mesma Villa.*

1 NA occasiaõ, em que o Glorioso S. Francisco veyo a Hespanha, e a S. Thiago de Galliza, passou pela Villa de Guimaraens, onde foy taõ bem recebido dos seus moradores, que lhes deo palavra de mandar seus filhos fundar hum Convento na mesma Villa, promessa que cumprio, mandando a S. Gualter, e a S. Zacarias no anno de 1216., que foy o em que celebrou o primeiro Capitulo Geral em Assis. Quando delles se despedio lhes disse estas palavras, as quaes costumava dizer em similhantes occasioens.

Manda S. Frãcisco fundar o Convento de Guimaraens.

2 *Filhos, eu vos tenho destinado para Prègadores no Reyno de Portugal. Haveis de ir em nome do Altissimo Senhor, o qual vos guarde, e ajude no caminho: e lembrai vos que elle vos encõmenda a salvaçaõ de muita gente. Pelo que trabalhai por prègares penitencia: mas sejaõ vossas palavras acompanhadas de obras; porque neste cazo o exemplo monta mais que a doutrina. Ha de ser taõ humilde, e taõ santa a vossa conversaçaõ, que quem vos vir, e ouvir, em vós mesmos glorifique a vosso Eterno Padre. Annunciai com alegria a paz do Ceo, da qual sois embaixadores, e naõ escandalizeis, nem ainda ao mayor peccador; porque a todos devemos suave correspondencia; e aquelles, que agora nos parecerem sequazes do demonio, á manhaã poderáõ ser fieis Discipulos de*

de Christo. Levai sempre pelos caminhos recolhidas vossas almas na contemplaçaõ de Deos; que deste modo vivereis em perpetua clausura dentro da cella do corpo, se o espirito naõ andar vagueando pelo mundo. Encômendo-vos tambem o amor da senhora pobreza, e quando vos achardes mais apertados da fome, largai entaõ vosso cuidado a Deos, o qual vos sustentará com as migalhas da sua mesa, pois correis por conta delle. Ide, filhos, com a bençaõ do Senhor, e nada vos embarace, porque esta he a sua santa vontade. Em particular advertio a S. Gualter viesse fundar o Convento de Guimaraens. Estiveraõ os Servos de Deos ouvindo a seu Santo Patriarcha com muita humildade, e submissaõ, e elle levantando os da terra, em que estavaõ prostrados, com os braços abertos os metteo no coraçaõ, e com as lagrimas nos olhos se acabou de despedir.

3 Puzeraõ-se pois a caminho na mesma hora com o Santo Fr. Bernardo de Quintaval, que vinha para Prelado dos Conventos de Hespanha: todos a pé, e descalços, sem alforge, nem viatico, senaõ só a confiança em Deos, e o merecimento da santa obediencia, escrita em dous dedos de papel, a qual traziaõ no seyo, ou dentro no coraçaõ, juntamente com a Regra. Caminhavaõ em profundo silencio, e alta contemplaçaõ da primeira luz do dia até a hora de Terça, e depois tinhaõ licença para poder conversar nos mysterios do Ceo, ou na conversaõ das almas, sem se ouvir entre elles huma palavra ociosa. Se no caminho achavaõ Cruz, Hermida, ou Igreja, logo se ajoelhavaõ, e faziaõ oraçaõ, dizendo estas palavras, que ja tinhaõ ouvido a seu Mestre: *Adoramos vos, Senhor Jesus Christo, aqui, e em todas as Igrejas, que estaõ edificadas no mundo; e vos damos muitas graças, porque pela vossa Santa Cruz remistes o mesmo mundo.* Quando entravaõ em algum lugar, a primeira diligencia, que faziaõ, era visitar a Igreja delle. Ao pôr do sol se punhaõ em oraçaõ, e rezavaõ Matinas á meya noyte, inda que lhes faltasse o lume. Saudavaõ a todos os que encontravaõ com a suavissima saudaçaõ do Santo Patriarcha: *O Senhor vos dè a sua paz.*

Exercicio que fazia o Santo, e companheiros pelo caminho.

4 Muitas vezes caminhavaõ taõ quebrantados da fome, e da sede, que só o espirito lhes alimentava os corpos; se bem, que o Senhor, a quem serviaõ, os recreava por meyos particulares, e escondidos, de sua grande clemencia. Em huma occasiaõ se acharaõ debilitadissimos, e quasi desfallecidos entre humas montanhas. Chegando assim a huma fonte, fizeraõ sobre ella o santissimo sinal da Cruz, e logo se mudou a agoa em vinho, do qual beberaõ, e recuperaraõ as forças com taõ milagroso vinho. Como os Servos de Deos vinhaõ amortalhados em hum pedaço de burel grosseiro, e remendado, com os pés descalços, e huma corda pela cinta; a huns causavaõ horror, e a outros admiraçaõ: huns mais pios, attribuindo-o a desprezo do mundo, se lhes mostravaõ devotos, outros os reputavaõ por loucos, e os mais por embusteiros, e Herejes, como muitos que naquelles tristes tempos desciaõ de Italia em chusmas. Muitos os naõ queriaõ consentir nas portas a pedir, receando que debaixo daquellas pelles de ovelha estivesse embuçada a fereza de alguns lobos carniceiros. Isto mesmo, que lhes succedeo pelo caminho de Italia até Hespanha, lhes succedeo quando entraraõ neste Reyno de Portugal; porque, por lhes estranharem a linguagem, e a novidade do habito, os tratavaõ com desprezos, e naõ os queriaõ consentir em suas casas. Neste aperto recorreraõ a Deos, que lhes inspirou se valessem em Coimbra do patrocinio da Rainha D. Urraca, cuja piedade lhes tinha encarecido o Glorioso Patriarcha S. Francisco.

Convertem a agoa em vinho.

5 Entrando na Cidade de Coimbra, onde naquelle tempo estava a Corte, ElRey D. Affonso II. os mandou examinar, se eraõ Fieis, e Religiosos; se Herejes, e inimigos da Fé: E perguntados por seu estado, e intentos, a tudo deraõ bõa satisfaçaõ, exhibindo tambem a Regra, que professavaõ; a obediencia, que lhes dera o Glorioso Patriarcha, e juntamente huma Carta

ta do mesmo Santo, das que elle nestes casos costumava enviar pelos seus Frades aos Senhores das terras, a qual, traduzida, dizia assim:

Copia das Cartas que S. Francisco costumava escrever aos Potentados &c.

6 *A todos os Potentados, Governadores, Consules, Juizes, e quaesquer outros Senhores, que estas nossas letras virdes, o vosso servo pequenino, e humilde no Senhor, Fr. Francisco de Assis, vos dezeja paz, e salvaçaõ. Considerai que ja se chega o dia da vossa morte; e assim vos peço com toda a reverencia, que nunca vos esqueçais do grande Senhor do Ceo, nem por causa das vaidades do mundo vos aparteis dos seus preceitos. Porque haveis de saber, que quem delle se aparta, ou esquece, tambem será esquecido, e amaldiçoado da sua Omnipotencia; e quando vier a morte, ficarão defraudados os mundanos do que agora possuem na sua opiniaõ: e aquelles, que se imaginaõ mais poderosos, e sabios na sabedoria deste mundo, mayores penas haõ de padecer depois no abysmo do Inferno. Pelo que vos aconselho, meus Senhores, que, deixando estes cuidados da terra, recebais devotamente o Santissimo Corpo, e Sangue de Jesu Christo, em memoria da sua Morte, e dolorosa Paixaõ. E tambem com muita instancia vos rogo que nas terras de vossa jurisdiçaõ tanta honra procureis a este Altissimo Senhor, que mandeis todos os dias á tarde denunciar por hum pregaõ, ou por outro final publico, que lhe dè todo o povo muitas graças, e continuos louvores. E se naõ fizerdes isto, estai certos, que no dia do Juizo lhe dareis estreita conta. Mas quem guardar esta Carta, e lhe der perfeita execuçaõ, abençoado será para sempre do Clementissimo Senhor.* Considerando nesta Carta a singeleza do espirito Serafico, a humildade do estylo, o entranhavel do affecto, com que persuadia aos louvores Divinos, e outras cousas mais, que em cada clausula della ponderaraõ as pessoas graves, e do Conselho, com quem ElRey a cõmunicou, assentaraõ em que eraõ Servos de Deos, e em que se lhes podia dar licença para fundarem Conventos da sua Ordem. A Rainha D. Urraca os adoptou por filhos, e lhes assistio com especial favor, e se lhes deo licença para fundarem hum Convento em Lisboa, e outro em Guimaraens, para onde partio cada Fundador com seu companheiro.

Funda-se o Convento de Guimaraens.

7 Chegado pois o nosso Servo de Deos á Villa de Guimaraens, nella fundou hum Convento muito humilde, e pobre, no qual entraraõ muitos homens nobres, que, inspirados por Deos, e desenganados das vaidades do mundo, o quizeraõ imitar. Sendo Fundador deste Convento, e o primeiro Guardiaõ, tambem era o primeiro na oraçaõ, no Coro, e no serviço da Casa. Tomava o alforge, e pedia a esmóla pela Villa, para descançar os subditos, e para lhes regular o que bastava nos limites da pobreza, a que era summamente inclinado, por ser o principal preceito da Regra de seu Patriarcha: e naõ seria elle verdadeiramente humilde, se naõ procurasse viver nas estancias da santa pobreza, considerando que as opulencias, principalmente nos Religiosos, saõ ordinariamente fomento da vaidade, e altivezas do coraçaõ. He a virtude da caridade, ó mortaes, o primeiro fructo do Espirito Santo, e fogo seu: primeiro bem de todos os bens, primeiro principio do fim ditoso: tem incluzas em si a Fé, e a Esperança: he caminho do Ceo, ligaduras que ataõ a Deos com o homem, obradora de milagres, açoute da soberba, e fonte da sabedoria. Sabendo pois o nosso Santo que todo o bem se encerra na virtude da caridade, a exercitava dando do que lhe davaõ, curando, e assistindo aos doentes dos Hospitaes, [e nunca tanto se alegrava, como quando tinha occasiaõ de curar, e assistir ás doenças mais ascorosas] os quaes recebiaõ muitas vezes saude pelo contacto de suas maõs. Abraçava-se com os que morriaõ, e os amortalhava, e enterrava; e como mandava fazer a seus subditos a mesma caridade, muitos annos depois a continuaraõ.

Virtude da caridade.

8 Visitava tambem as cadèas dos prezos, consolava os nos seus trabalhos, persuadia os á paciencia, e á guarda da Ley de Deos, e procuravalhes

lhes a sua soltura com tantas veras, que naõ descançava até lha naõ conseguir. Condoído do esquecimento com que viviaõ os homens da morte, e da sua salvaçaõ, sahia pelas ruas a prégar, discursando ordinariamente pelo thema do Grande Baptista: *Pœnitentiam agite*; *Fazei, peccadores, penitencia*: e discorria com tanto espirito, que os ouvintes se compungiaõ, e reformavaõ muito as vidas. Tambem usava da liberdade dos Varoens Apostolicos com os que eraõ publicos peccadores, e perseveravaõ na obstinaçaõ do peccado, sem embargo das suas prégaçoens publicas, e das admoestaçoens secretas. Entrava pois em suas casas como trombeta do Ceo, admoestando-os para que fizessem pé atrás, porque naõ parassem no Inferno seus caminhos. Como o Servo de Deos dava ás palavras grande efficacia com o exemplo, tirava dellas copioso fructo, e tanto, que vieraõ a chamar-lhe *Novo Apostolo de Christo*, mandado a Guimaraens, como a Ninive Jonas, para prégar penitencia. Era taõ hydropico na sede de ganhar almas para Deos, que jamais se achava saciado.

Do grande zelo que tinha do bem das almas

9 Descuidava-se tanto da vida, que comia ordinariamente pam, e naõ se saciava de agoa: e sequioso tambem das fontes Celestiaes, onde os Bemaventurados fartaõ todos seus dezejos, andava continuamente derramando lagrimas com saudades da Gloria. Em fim, fez S. Gualtér naquelle primeiro Convento ostentaçaõ de todas as virtudes importantes á vida de hum Religioso perfeito, e santo; e representando-as muito elegantes na sua pessoa, as cõmunicava sublimes aos subditos pelas inspiraçoens suaves do seu raro exemplo. Foy assistir aos principios da Casa de S. Francisco do Porto; e assentadas as suas dificuldades acompanhadas de prodigios, voltou para o seu Convento de Guimaraens, donde passou ao perduravel descanço, cumulado de meritorios trabalhos, e decorado de Apostolicas virtudes a 30. de Junho, o anno naõ se sabe com certeza. Resplandeceo em muitos milagres, dos quaes diremos alguns. Saravaõ muitos enfermos por meyo da terra, que tiravaõ da sua sepultura. Depois de o tirarem da raza, em que se enterrou, para hum sepulchro de pedra, bastava tocar nos seus veneraveis ossos com hum ponteiro de ferro, que applicavaõ á parte dos enfermos, para alcançarem muitos milagrosa saude. O mesmo sepulchro destillou em muitos annos suavissimo licor, de que se aproveitaraõ os enfermos para remedio das suas enfermidades. Do mesmo sepulchro se viaõ sahir de noite chammas de fogo, que allumiavaõ a Igreja, e o Convento. Succedendo apagar-se a alampada do Divinissimo Sacramento, metteo hum Religioso [que tinha a incumbencia de accendê-la] a véla no sepulchro, e a tirou acceza.

Assiste á fundaçaõ da Casa do Porto, passa a melhor vida, e resplandece em milagres.

10 Ha huma fonte, a que chamaõ de S. Gualter, por nella costumar lavar o habito, onde banhados alcançaraõ saude nove tolhidos, e aleijados: dous quebrados: dous enfermos de chagas incuraveis: hum, que tinha o braço apostemado: dous de inchaços deformes: sette de tumores, e lobinhos na bocca, nas ventas, e nos lagrimaes dos olhos: huma mulher com a maõ semeada de verrugas, e hum homem quasi cego. Diante do seu sepulchro alcançaraõ tambem saude dous asmaticos, huma surda, quatro cegos, hum mancebo, que naõ via por hum olho por causa de huma bellida; huma moça derreada, que andava de gatinhas; huma mulher tolhida de todo o corpo; e outra de ambas as maõs aleijada: hum menino de dous annos, que nasceo com os pés pegados ás costas, e com as maõs retorcidas, e fechadas, dentro das quaes criava bichos.

Milagres que fez.

Huma mulher da Cidade de Braga tinha hum menino paralytico, levou-o ao sepulchro do Santo em huma canastra, e depois de lhe fazer huma Novena, disse angustiada: *Glorioso S. Gualter, ou me dai saude a este filho, ou lhe dai logo a morte, pois sabeis que por minha pobreza o naõ posso sustentar.* Foraõ taõ bem acceitas as suas lagrimas, que logo saltou o menino fóra da canastra saõ.

Prosegue-se com a manifestaçaõ dos milagres.

Levou

Levou hum homem hum filho quebrado de tres annos, lavou-o algumas vezes na fonte, e disse: *Ou morto, ou saõ te hei de levar daqui.* Sempre o levou depois ao sepulchro do Santo, em cuja presença alcançou a dezejada saude.

Huma mulher, que naõ tinha leite para criar hum menino, orando diante do seu sepulchro, logo o teve em tanta abundancia, que pode continuar a sua criaçaõ.

Os ausentes, que imploravaõ o seu patrocinio, tiveraõ tambem a bõa ventura de alcançá-lo. Dous aleijados, tres moribundos, outro tido por morto, os quaes foraõ offerecer as mortalhas, e as moletas ao seu sepulchro.

Dous paralyticos, hum dos quaes naõ dava sopro, que pudesse apagar huma candea, alcançaraõ saude perfeita pela fé com que beijaraõ huma sua Imagem.

Deo naõ só saude a dous doentes, que foraõ visitar o seu sepulchro, senaõ tambem a dous filhos, hum asmatico, e outro leproso, que lhes ficavaõ em casa.

Os doentes, que o hiaõ visitar, costumavaõ levar agoa da sua fonte para suas casas, pela qual obrava Deos Senhor nosso grandes maravilhas nos enfermos que a bebiaõ.

Huns romeiros da Villa de Espozendo, na volta da sua romaria levaraõ tanta quantidade desta agoa, que andavaõ como á porfia de quem mais levaria. Vendo isto hum moço, chamado Antonio Rodrigues, disse por zombaria: *Por ventura essa agoa ha de levar-vos ao Ceo!* Mas logo foy castigada a sua pouca fé, e temeridade, pois andando brincando com outro moço, o lançou no chaõ, desorte, que quebrou huma perna. Occorreo-lhe ser castigo, recorreo ao Santo, por cujos merecimentos alcançou a saude para a perna.

11 No anno de 1271. sahiraõ os Religiosos do Conventinho, que fundou S. Gualter, para hum Hospicio que a Villa lhes deo. Naõ trasladaraõ as Reliquias deste Servo de Deos com tanta brevidade, que naõ dessem lugar a que o Reverendo Cabido de Guimarens naõ quizesse appropiar-se deste thesouro, e collocá-lo na sua Collegiada. Esperaraõ para este piedoso furto o silencio de huma noite: e pondo por obra a sua determinaçaõ, naõ teve effeito; porque naõ houveraõ forças humanas, que bastassem a levantar, nem a mover a pedra do sepulchro. A difficuldade, que na empreza sentiraõ, avivou o empenho, sem attribuir a immobilidade da pedra, mais que ao seu grande pezo; valeraõ-se de poderosas industrias, quaes as de ferros, de trancas, e de forças de boys: e vendo serem vaãs todas estas diligencias, reconheceraõ mysterio em a invencivel difficuldade, e cederaõ admirados do seu empenho. Deraõ conta aos Religiosos, para que elles o levassem para o novo Convento: cresceo mais a admiraçaõ do Cabido, quando vio a facilidade, e promptidaõ, com que levantaraõ a pedra, que muitos homens com força, e artificio naõ puderaõ mover.

Pertende o Cabido de Guimaraens senhorear-se do seu sãto cadaver, e o naõ consegue por se fazer immovel a pedra, que o cobria.

12 Vendo o povo de Guimaraens as maravilhas, que Deos Senhor nosso fazia pelos merecimentos deste grande Servo seu, o elegeraõ por seu Padroeiro, e lhe fazem festa todos os annos, e há no segundo dia de Agosto huma Feira franca, na mesma Villa, que he das mais celebres, que tem Portugal. Achaõ se collocadas as suas santas Reliquias com magestosa decencia em huma formosa Capella, que se fez a expensas da Villa, e na pedra do sepulchro se vé hum letreiro de letras douradas, que diz:

Divo Gualtero D. F. D. Vimaran.
Patrono instaurati festi voto iv. annoque M. D. LXXVII. P. V. F. C.

Que

Que quer dizer: No anno de 1577. mandou fazer o povo de Guimaraens esta Capella, e sepultura a S. Gualter, discipulo de S. Francisco, e Padroeiro da mesma Villa, por voto que lhe fez a quarta vez de renovar a sua festa.

Algumas Reliquias se conservaõ em hum cofrezinho, vestido de veludo carmezim, e chapeado de prata, e a cabeça em hum meyo corpo, figura do mesmo Santo; de quem trataõ todas as Chronicas da Religiaõ, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

Vida, e morte de S. Fr. ZACARIAS *Fundador do Convento de S. Francisco de Alemquer.*

1 NA vida de S. Gualter, que acabamos agora de escrever, contamos o como estes dous Santos foraõ mandados de Italia, pelo seu Glorioso Patriarcha, e o como chegaraõ a este Reyno, e á Cidade de Coimbra, onde foraõ enviados, S. Gualter para Fundador do Convento de S. Francisco de Guimaraens, e S. Zacarias para fundar outro na Cidade de Lisboa, cuja fundaçaõ naõ teve effeito, pela razaõ que agora diremos. Partio S. Zacarias para Lisboa para effectuar a dita fundaçaõ, e como no caminho achasse hum recado para que fosse por Alemquer, onde assistia a Gloriosa Infanta Santa Sancha, que muito o dezejava ver, e cõmunicar, foy o Servo de Deos com seu companheiro procurá-la. Estava a Santa Infanta bem informada das suas esclarecidas virtudes, e como era taõ piedosa, como Santa, os recebeo como a Anjos vindos do Ceo. Vendo-os taõ despreziveis, taõ penitentes, taõ mortificados, e taõ dados a Deos, e adiantados na contemplaçaõ dos Divinos attributos, lhes cõmunicou tambem a sua vida, e os seus devotos sentimentos; e de tal sorte se lhes inclinou, que naõ consentio passassem adiante, persuadindo sim a S. Fr. Zacarias que naquella Villa fundasse hum Convento da sua Ordem.

Principio da fundaçaõ de Alemquer.

2 Vendo S. Fr. Zacarias os piedosos, e santos dezejos da Santa Infanta, se offereceo promptamente para lhe dar gosto, e ella lhe deo logo huma Capella da Gloriosa Martyr Santa Catharina; na qual deo principio á fundaçaõ do Convento, ordenando humas cellinhas terreas, e pobres, com algumas officinas, que pertenciaõ ao corpo do Convento, em particular o Coro para louvarem a Deos. Naõ havia, nesta morada de Santos, claustros grandes, nem varandas, nem as muitas casas perdidas, que agora se vem, assim pelo naõ permittir a estreiteza do sitio, como porque o Bendito Zacarias naõ queria mayor casa do que a que bastasse para se agazalhar a santa pobreza. Esta virtude preclara da pobreza tinha hum lugar sublime na sua estimaçaõ. Naõ era pequena prova de existirem em seu peito muito vigorosas todas as mais perfeiçoens; porque nos Religiosos, pelo amor, e observancia da pobreza Evangelica, se conhece, e qualifica a eminencia da santidade. Aquelle que dezeja ter menos do mundo, esse he o que pertende possuir mais de Deos; e anhela ser mais santo, quem appetece ser mais pobre.

Continua a fundaçaõ do pobre Convento, e se falla da pobreza.

3 Naquelle pobre, pequeno, e humilde Convento se agazalhou o Santo Zacarias mais alegre, e mais contente do que os Reys podem estar em seus sumptuosos, e magnificos Palacios. Viviaõ naquelle domicilio do Ceo como Anjos, edificando os povos, confundindo as vaidades do mundo, e mostrando a grande estimaçaõ, que faziaõ de serem na terra peregrinos. E como corria por huma parte daquelle sitio o rio, e por outra a estrada, tomavaõ o Santo Zacarias, e seus companheiros occasiaõ para contemplarem nas mudanças ordinarias do mundo, e na pressa, com que todos caminhaõ para a morte. Algumas vezes inflammados no espirito sahiaõ á estrada, e vendo passar algum, lhe perguntavaõ: *Para onde caminhais? Para a Corte do*

do Ceo, ou para as covas do Inferno: Discorriaõ neste thema com tanto espirito, que muitos, deixando o caminho de seus gostos, procuravaõ o do Ceo por meyo da penitencia.

4 Os attractivos da verdadeira virtude saõ taõ poderosos para arrebatar, e levar tras si os coraçoens, que há de ter muito de Luciferina a malicia, que naõ se deixe render á sua doce violencia. Experimentou S. Zacarias esta verdade em muitas pessoas, que em pouco tempo povoaraõ o novo Mosteiro attrahidos dos seus exemplos, e santidade. No tempo do seu governo alcançou do Ceo grandes favores, porque recolheo os cinco Martyres, que da sua companhia partiraõ para Marrocos: foy o primeiro Prelado, que celebrou o seu martyrio. Por esta causa lançou a bençaõ ao Convento o Padre S. Francisco, como escrevemos nas vidas, e Martyrios dos mesmos Santos Martyres: vio illustrada a Casa com resplandores de Gloria, quando a morte levou della o primeiro dos seus subditos. Andou em campo com todo o Inferno junto, alcançando muitas, e gloriosas victorias. Os Anjos do Ceo lhe levaraõ de comer a elle, e a seus Frades, aos quaes tambem serviraõ de moços de mesa, e foraõ vistas muitas cousas, que fizeraõ muito santa a sua Guardiania.

Foy o primeiro Guardiaõ de Alemquer, e muito favorecido do Ceo.

5 Assim como os Santos Martyres de Marrocos triunfaraõ da morte, appareceraõ em Alemquer com as lauréolas de Martyres a Santa Sancha, como diremos nas suas historias, agradecendo-lhe a caridade com que os recebera no seu Palacio. Alumiada pois com tantas luzes do Ceo, como resplandeceraõ naquellas Gloriosas almas, descobrio outro caminho para servir bem a Deos, o qual foy metter-se Religiosa no Mosteiro de Cellas, fundaçaõ sua, e converter o seu proprio Palacio em Igreja, para ser mais venerada a mesma Camera dos seus Paços, em que os vio gloriosos, ordenando junto della o segundo Convento, que hoje existe, seis annos depois da edificaçaõ do primeiro, cujo Convento pelo sitio, e em razaõ da Fundadora, he Convento Real, se bem que se acha hoje muito mais accrescentado, e magnifico. Parece que naõ encontra a pobreza a magnificencia dos Conventos, visto serem fundados por pessoas, que naõ querem regular suas grandezas pela pobreza com que S. Francisco os mandava edificar. Foy consultado neste ponto o Glorioso Patriarcha por seu companheiro Fr. Leaõ, a quem respondeo: *Tenhaõ embora os meus Frades grandes Casas, pois o tempo os obriga: mas quero eu que nellas guardem a Regra, sem offenderem com algum peccado mortal a Divina Magestade.*

Dá Santa Sancha o seu Palacio para se permudar o Convento.

6 A Paixaõ, e Morte de Jesus Christo, Salvador, e Redemptor nosso, era o mais frequente assumpto da sua meditaçaõ. Diante de hum santo Crucifixo, que hoje se conserva em grande estimaçaõ, persistia de joelhos dias, e noites inteiras, engolfado no mar roxo das finezas daquelle vertido Sangue. Alli, como em fonte de vida, e de luz, achava a claridade, que desterrava sombras; ardores, que naõ davaõ lugar a tibiezas; doçuras, que suavizavaõ tormentos; e regos, que lhe fecundavaõ a alma de virtudes. Todas suas ancias eraõ viver crucificado com Christo, seus anhelos imprimí-lo como sello no coraçaõ: morria, por naõ padecer; a Cruz era toda a sua gloria: sua vida só Christo Crucificado. A este Senhor pois escolheo por seu Prelado, e este Senhor lhe ensinou as maximas do bom governo, e os meyos com que lhe havia de metter almas no Ceo, fallando-lhe por meyo da Imagem, que dissemos, como costumaõ fallar dous particulares amigos. De cujas consideraçoens, e singulares favores lhe nasciaõ impetuosos arrojos para as penitencias; grande atropellamento do amor proprio, inimigo declarado da Cruz; huma alegre resignaçaõ nas mayores tribulaçoens; hum total desamparo, e desprezo de si mesmo, e hum ardente zelo da salvaçaõ das almas.

Falla-se da Paixaõ de Christo, de quem era muito devoto.

7 Sahia a prégar por Alemquer, e terras circunvisinhas com maravilhoso

fructo:

fructo: porque naõ procurava outra gloria dos Sermoens, mais que o aproveitamento dos ouvintes; e persuadia igualmente com as verdades, que com virtudes; sendo a sua vida hum admiravel Sermaõ em silencio, com o qual persuadia á virtude, e convertia muitas mais almas, que com os Sermoens que prégava. Achou-se em hum dia no auditorio hum homem, que vivia vacillante acerca da real presença do Santissimo Sacramento, e ferido com as settas das suas santas palavras, pedio que o confessasse. Era a sua cegueira grande, razaõ porque nunca pode o Santo acabar com elle, que cresse inteiramente a verdade do mysterio, pelo que inflammado do zelo da Fé lhe disse: *Pois naõ cres as palavras do Senhor, que eu da sua parte te digo; vem a manhaã a ouvir a minha Missa, e elle será servido de te allumiar com a sua santa presença.* Toda a noite gastou de joelhos diante do seu Santo Crucifixo, pedindo-lhe com muitas lagrimas abrisse os olhos áquelle incredulo. No outro dia disse a Missa, a que assistio o tal incredulo, que vio na Hostia Sacrosanta até o tempo da Comunhaõ a Carne purissima do nosso Redemptor. A' vista de taõ raro portento, se converteo o incredulo, com grande alegria da alma do Servo de Deos, por trazer daquella sorte aquella perdida ovelha para o rebanho de Christo.

Vè hum incredulo a Carne purissima de Christo na Missa que disse este Santo.

8 Naõ se sabe com certeza o dia, em que foy chamado ao premio eterno, pois os antigos Escritores o naõ dizem. Fr. Artur, e Fr. Filippe Ferrario lhe assignalaõ dias diversos, aquelle no Martyrologio Franciscano o de 20. de Janeiro, e este no Catalago dos Santos a 22. de Agosto, naõ porque lhes constasse fallecera em algum destes dias, sim, pelo metterem naquelles dias, em que careciaõ de Santos, por escreverem pelos dias. Como se celebra porèm a sua festa a 3. de Mayo, junto com a tradiçaõ, que ha, se tem por verosimil o levá-lo nosso Senhor para si no dia da sua Invençaõ. O anno parece foy o de 1249. Sepultaraõ-no logo em sepultura honrada, que naõ foy pequena prova da sua santidade, á vista de se naõ praticar excepçaõ nos enterros naquelles tempos. A' sua sepultura concorreraõ logo, e depois innumeraveis enfermos, a procurar saude nas suas enfermidades, e naõ foraõ poucos os que a alcançaraõ, e que tiveraõ o premio da sua Fé. Da primeira sepultura foy trasladado por vezes, e a ultima foy no anno de 1611., sendo Provincial Fr. Ambrosio de Jesus, e Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, de quem nesta Obra nos lembramos; os quaes fizeraõ a tal trasladaçaõ com grande pompa, e magnificencia. Mandaraõ fazer hum cofre forrado de veludo carmezim, no qual foy depositado este precioso thesouro, e mettido em hum nicho de pedra com grades sobredouradas no lado do Altar mór da parte do Evangelho. O Epitafio he este:

Sepulchrum B. Zachariæ, Socii B. Patris Francisci, & duorum, Sociorum, erectum Aprilis anno 1611.

Tirou-se huma Reliquia deste Santo, que está na sua imagem, e se mostra nos dias mais solemnes. Delle escrevem os Authores allegados, e a primeira Part. da *Historia Serafica*, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

Vida de S. GONSALLO DE AMARANTE, *Apostolo de Entre Douro, e Minho, maravilha da Graça, adorno da natureza, e novo esplendor da Dominicana Familia.*

1 NAsceo em Riconha, lugar que fica na celebre ribeira de Vizéla, junto da Villa de Guimaraens. Seus pays foraõ taõ nobres, como descendentes dos legitimos Pereiras, Sás, Pintos, e Giaës, e se mostra o sitio das casas em que nasceo, e seus pays viveraõ, com a tradiçaõ de que se chamava o Paço de D. Gonsallo Pereira.

Costuma Deos prevenir com alguns prodigios a santidade de grandes Servos seus.

2 Diz S. Vicente Ferreira, que he regra da Divina Providencia, quando quer mandar algum justo de grande utilidade á Igreja, o anunciá-lo com algum prodigioso sinal, ou profecia, antes, ou depois de nascer, o que parece obra, para que os pays cuidem na sua educaçaõ com especial diligencia, segundo os sinaes, e fins, a que os destina a sua suprema bondade; ou para que os mesmos justos, ja informados do seu Divino beneplacito, por aquelles maravilhosos indicios, humildes, e agradecidos, mais fervorosos cooperem, dispondo-se com os meyos para o que Deos os dirige; se naõ he tambem, para que, vistas, e publicadas ja as exemplares operaçoës dos taes justos, tanto mais os Fieis os tenhaõ em veneraçaõ, dezejando sua imitaçaõ, quanto mais certo conhecem, pelos anuncios do Ceo, que Deos os deo para seu exemplo. Do annunciar pois a Divina providencia a vinda dos Santos grandes ao mundo temos muitos exemplos na Ley da Natureza, e na Escrita, nos quaes naõ fallaremos, e só sim de alguns da Ley da Graça, porque fallar de todos seria emprender hum impossivel.

Nomeaõ-se alguns.

3 As mãys dos Gloriosos S. Bernardo, S. Domingos, e de S. Juliaõ Bispo de Cuenca, tiveraõ o mysterioso sonho, ainda que com mais, ou menos circunstancias, de que cada huma trazia no ventre hum cachorro com huma tocha accesa na boca, com a qual allumiava o mundo. Quando nasceo S. Joaõ de Deos, nosso Portuguez, se repicaraõ os sinos da sua Parochia por invisiveis maõs, e foy annunciada a sua santidade a hum santo Eremita da Serra de Ossa. Quando nasceraõ o Glorioso Cardeal S. Carlos Borromeu, e Santa Ignez de Montepoliciano, Religiosa Dominica, se viraõ sobre o sitio, em que nasceraõ, luzes celestiaes. Estando no berço S. Pedro Nolasco, hum enxame de abelhas fabricou hum favo na sua ilharga. Outro enxame de abelhas brancas se metteo na boca de Santa Rita de Cassia, estando tambem no berço. Desde que nasceo S. Nicoláo de Bari, naõ tomou o peito dous dias cada semana. Viraõ-se luzes celestiaes no mesmo ponto em que foy concebido S. Francisco de Paula, e o seu nascimento foy celebrado com musicas Celestes: e finalmente hum dos que a Divina bondade de Deos quiz tambem annunciar ao mundo por hum grande Servo seu, foy o nosso S. Gonsallo: ora attendaõ. Quando o baptizaraõ prorompeo em descompassados, e dezentoados gritos; porèm ficou muito socegado, e contente, logo que pôs os olhos em hum Santo Crucifixo, com o conhecido prodigio de naõ os querer desviar delle, o qual foy continuando em todas as occasioens, que a ama o levava á Igreja, na qual procurava logo com os olhos a sagrada Imagem, com a circunstancia de que se desfazia em lagrimas, quando o retiravaõ da sua presença, ou o mudavaõ para parte, onde naõ visse ao seu amado. Em quanto o naõ levavaõ á Igreja jamais pegava no peito, quasi mostrando que dezejava visitar ao Creador em jejum. Estes portentosos sinaes, e instinctos da devoçaõ eraõ justamente motivos dos mayores assombros para os que os prezenciavaõ, e particu-

Presagios da santidade de S. Gonsallo.

particularmente para seus pays, que viaõ naquelle filho taõ certos prognosticos da sua futura santidade.

4 Cresceo na idade, e muito mais nas virtudes; pois dando na natureza passos pirguiçosos, dava na graça apressados voos. Vendo os pays taõ innocentes desenganos, e taõ deluzados sinaes de Servo de Deos, achavaõ no seu trato incentivos para os louvores Divinos, edificaçaõ para o acerto das suas vidas, e grande consolaçaõ em ver que tanta madureza de juizo, em idade taõ tenra, naõ carecia dos seus dictames. Mandaraõ-no sim receber os dos Religiosos Benedictinos do Mosteiro de Pombeiro, segundo opinioens muito provaveis, os quaes lhe deraõ os necessarios documentos para caminhar com acerto para o monte da perfeiçaõ, e lhe insinaraõ os primeiros rudimentos até o aperfeiçoarem na Grammatica. Daqui parece vem o querer a sagrada Religiaõ Benedictina que este Santo seja Monge seu, como se necessitasse Religiaõ taõ santa de acreditar-se com a filiaçaõ de mais este Santo, e se naõ desse ainda por satisfeita com contar 225. mil filhos Canonizados, como asseveraõ os Chronistas da Religiaõ, e o Supplemento das Chronicas. E se isto he grande gloria para esta esclarecida Religiaõ, naõ he menos a que se lhe segue de pedir á Sé Apostolica que lhe naõ canonizasse mais Santos; porque se naõ viesse a offender com a multidaõ o que tanto se deve venerar: e supposto naquelle numero entrem milhares de Martyres, incrivel parece tanta profuzaõ de Santos Canonizados em huma só Religiaõ: mas tudo cabe no possivel, pois, segundo prova D. Constantino Caetano, Abbade de S. Baronto, governaraõ a Barca de S. Pedro cento e trinta e hum Papas Benedictinos; e, segundo Trithemio, tiveraõ a Dignidade de Cardeaes 400. Monges; além de que o mayor numero destes Santos havia de ser Canonizado pelos Bispos, e povo, como se praticou nos primeiros seculos.

Do tempo que governaraõ a Sè Apostolica Monges Bentos, e dos Cardeaes desta Religiaõ.

5 De se fazerem dignas de Canonizaçaõ tantos milhares de Almas Religiosas, tambem o naõ poderá duvidar quem souber que esta Religiaõ sagrada entrou no mundo no principio do sexto seculo, e que foy a unica que floreceo, e perseverou muitos seculos antes que nascessem, e fundassem os mais Santos Patriarchas as differentes Religioens, que veneramos por santissimas. Dos tempos em que ellas se fundaraõ damos aqui huma abbreviada noticia, para prova do que dizemos, a qual suppomos naõ dezagradará a alguns curiosos, ainda que outros a julguem impropria da vida de S. Gonçallo.

6 O Glorioso Principe dos Patriarchas S. Bento escreveo a sua Regra no anno de 521., a qual approvou S. Gregorio Magno, e entrou neste Reyno seis annos antes delle fallecer; pois fallecendo o Santo no anno de 542., ou de 543., o Convento de Lorvaõ estava fundado de Monges Bentos no de 536. Da Ordem de S. Bento dimanou a de Cister, a que deo principio S. Roberto Abbade no anno de 1098., no qual foy approvada por Urbano II.; porèm o Glorioso S. Bernardo, Abbade de Claraval de França, a accrescentou, e reformou desorte, que ficou sendo o seu Patriarcha. Entrou neste Reyno no anno de 1110., no tempo do santo Rey D. Affonso Henriques. A dos Eremitas de Santo Agostinho foy fundada pelo mesmo Santo Doutor na Africa, donde era natural, no anno de 388. Approvou-a o Papa Innocencio I. no anno de 402. S. Profutano Arcebispo de Braga a trouxe a este Reyno no anno de 392., como diremos na sua vida. Os Conegos Regrantes de Santo Agostinho começaraõ na primitiva Igreja, e foraõ depois reformados pelo mesmo Santo. Viviaõ nas Cathedraes. Principiaraõ neste Reyno a viver clausurados no anno de 1131., dos quaes foy o primeiro Prior S. Theotonio, como consta da sua vida, que escreveremos neste Volume. A Religiaõ dos Cartuxos instituio-a S. Bruno, Alemaõ, em hum monte chamado Cartusio, no anno de 1086., e o Veneravel D. Theotonio de Bragan-

Da-se noticia do tempo, em que se fundaraõ as principaes Religioens.

ça, de quem escrevemos nesta Obra, a trouxe a Evora no anno de 1587. A Religiaõ da Santissima Trindade fundaraõ em França S. Joaõ da Matta, e S. Felix de Vallois no anno de 1197., ou no de 1204. Teve principio neste Reyno no anno de 1208. A Religiaõ dos Prégadores fundou o Glorioso S. Domingos, e a confirmou o Papa Innocencio III. no anno de 1170. Trouxe-a a este Reyno no anno de 1217. o V. D. Fr. Sueyro Gomes, de quem nos lembramos nesta Obra. A dos Menores fundou o Serafico S. Francisco, e a confirmou o mesmo Papa Innocencio III. no anno de 1223. Trouxeraõ-na a Portugal no anno de 1224. os Santos Zacarias, e Gualter, de quem escrevemos neste Volume. A Religiaõ de S. Paulo, primeiro Eremita, he antiquissima, principiou neste Santo, e nos mais Eremitas, que andavaõ dispersos pelos Dezertos da Thebaida, Palestina &c.; porém se fundou em Religiaõ com Regra, e Instituiçaõ no anno de 1268., e a confirmou o Papa Joaõ XXII. A Religiaõ de N. Senhora do Carmo teve a sua origem nos Profetas Elias, e Eliseu, que viveraõ Eremiticamente no Monte Carmélo. Santo Alberto, Patriarcha de Alexandria lhe deo a Regra, e modo de viver, e se intitularaõ Eremitas de Santo Elias até o tempo do Papa Honorio IV., que começou a governar pelos annos de 1286., e lhes deo o habito, de que usaõ. O V. D. Nuno Alvares Pereira, de quem escrevemos nesta Obra a trouxe a Lisboa no anno de 1368. A Religiaõ de S. Jeronymo fundou o Beato Joaõ Columbino, Cavalheiro de Sena. Começou no anno de 1355., e a approvou o Papa Urbano V. no anno de 1367. Chama-se de S. Jeronymo, pelo tomarem os Eremitas por seu Padroeiro. Trouxe-a a este Reyno o V. Padre Fr. Vasco Martins, que falleceo no anno de 1420., como dizemos na sua vida. A Religiaõ dos Conegos Seculares, a que chamaõ Loyos, teve principio em Veneza pelos annos de 1400. Trouxe-a a Portugal o Mestre Joaõ Vicente, que falleceo Bispo de Lamego no anno de 1460., como dizemos na sua vida. A Religiaõ dos Clerigos Regulares, a que chamaõ Theatinos, instituio o Papa Paulo IV., sendo Bispo de Theatis, S. Caetano, e dous companheiros mais, e a approvou Clemente VII. no anno de 1524. Começou neste Reyno no anno de 1650. A da Companhia de Jesus fundou Santo Ignacio de Loyola no anno de 1535., e no mesmo anno foy confirmada pelo Papa Paulo III. Foy approvada pelo Concilio Tridentino no anno de 1540., e entrou neste Reyno de Portugal no mesmo tempo. A Congregaçaõ do Oratorio fundou em Roma S. Filippe Neri, e approvou o seu Instituto o Papa Paulo V. no anno de 1612. O V. Padre Bartholomeu do Quental lhe deo principio neste Reyno, como diremos na sua vida. A Religiaõ de S. Joaõ de Deos deixou este Santo instituida, e fallecendo no anno de 1550., o Papa S. Pio V. a confirmou no anno de 1572. dando-lhe a Regra de Santo Agostinho. Ao primeiro Convento que teve neste Reyno, que foy em Monte mór, no sitio em que nasceo, se deo pirncipio no anno de 1647. A Terceira Ordem da Penitencia, fundada pelo Glorioso S. Francisco, approvou o Papa Nicoláo IV. no anno de 1521., e teve principio neste Reyno no anno de 1422. A Reformaçaõ dos Capuchinhos da Graã barba teve principio no anno de 1526., sendo Papa Clemente VII., que concedeo licença para a tal Reforma, e teve principio em Lisboa no tempo de ElRey D. Joaõ o IV. A Reformaçaõ dos Capuchinhos Arrabidos teve principio neste Reyno no anno de 1538. A Religiaõ dos Agostinhos Descalços, dezannexada dos Eremitas calçados, principiou em Hespanha no anno de 1589., e entrou em Portugal pelos annos de 1650. A Reforma dos Carmelitas descalços mandou Santa Theresa a este Reyno no anno de 1581.

7 E tornando ao nosso Santo, de cuja historia nos divertimos com estas noticias, dizemos, que depois de aprender letras, e virtudes no Benedictino Mosteiro de Pombeiro, o metteraõ seus pays na familia de D. Godinho,

dinho, Arcebispo de Braga, que reconhecendo o aggregado de virtudes, de que Deos o dotara, o amava com especialidade. Logo que o vio com competente idade o ordenou de Sacerdote, e lhe conferio na Igreja de S. Payo de Vizella huma Abbadia de mediocre rendimento, por lhe ficar em pouca distancia da terra em que nasceo. Sabia, como Santo, as obrigaçoens que lhe accresceraõ como Sacerdote, e Parocho. Cuidava na morte, e por isso implorava incessantemente a intercessaõ de Maria Santissima para que lhe alcançasse de seu Bendito Filho, e Senhor nosso, luz, e prudencia para desempenhar as grandes obrigaçoens de Parocho, por se naõ querer parecer com aquelles Parochos, que esquecidos dellas, por se naõ lembrarem da morte, só cuidaõ em tosquiar a laã de suas ovelhas, e nada em apascentá-las com o exemplo, e doutrina.

Foy familiar de hum Arcebispo de Braga, que o proveo em huma Abbadia.

8 Por reconhecer muito bem o quanto aproveitaria na virtude tomando por Protectora aquella Imperatriz do Ceo, e da terra, a obsequiava fervorosissimo com os mayores extremos, com cuja devoçaõ mostrava ser hum dos que o Ceo tem predestinado para si, pois entre os sinaes, que os Santos daõ da predestinaçaõ, he o principal a devoçaõ da Virgem Mãy, e o provaõ assim: Todos os Predestinados haõ de ser conformes a Christo: [segundo S. Paulo] logo o haõ de representar em a caridade, humildade, paciencia, e nas demais virtudes, e em ser filhos de Deos, e de Maria, elle por natureza, e nósoutros por graça, e adopçaõ: e como Christo, em quanto Homem, amou a Deos, e a sua Mãy com cordialissimo affecto, assim os Predestinados haõ de ser conformes a elle em amar, e reverenciar a esta Soberana Senhora, com reverencia, e respeito; porque haõ de ser irmaõs de Pay, e Mãy, os escolhidos para o Ceo: logo sinal he de felicidade eterna a devoçaõ de Maria.

He sinal de predestinaçaõ a devoçaõ de Maria Santissima.

9 Andava pobre, e honestissimamente vestido, esmerava-se na virtude da humildade exterior, e interior, na da abstinencia, e na da caridade, repartindo pelos pobres de Jesus Christo tudo o que lhe crescia da sua congrua, e parca sustentaçaõ, pois queria fazer o seu thesouro no Ceo, e naõ na terra, com evidente risco da sua salvaçaõ, como hoje praticaõ muitos Beneficiados, e Abbades, que por se naõ lembrarem da morte, e da estreita conta, se descuidaõ de repartir pelos pobres o que justamente lhes pertence, por se naõ esquecerem das vaidades da vida, e cuidarem sómente em amplificar as suas casas, instituindo morgados com os bens das Igrejas, e sangue dos pobres. Cuiday, ó ambiciosos, e indignos Sacerdotes, menos nas vaidades, e deleites da vida, e naõ vos descuideis tanto da morte, e logo cumprireis com as vossas grandes obrigaçoens, quaes saõ as de dar hum grande exemplo ao proximo, e a vossas ovelhas tudo o que vos sobrar da vossa honesta sustentaçaõ. Lembrai-vos de que assim como a Dignidade Sacerdotal he a todas superior, e Divina, assim requer virtude superior, e Divina. Que cousa ha taõ pura, [diz S. Joaõ Chrysostomo] a que se naõ deva adiantar com grandes vantajens o que se emprega em taõ alto ministerio? Os rayos do sol parecem sombra, a respeito do resplandor, e pureza, que he justo tenhaõ as maõs, que haõ de repartir a Carne de nosso Redemptor; os labios, que haõ de arder em incendio taõ sagrado; a lingua, que ha de ser tingida de taõ precioso Sangue.

Da caridade com que tratava as suas ovelhas.

10 Nada disto ignorava o nosso Santo Abbade, que depois de viver alguns annos naquella Igreja, e de exercitar o emprego de vigilante Pastor com o exemplo, pureza, prudencia, dezinteresse, e zelo, que he prezumivel da sua grande virtude, se inflammou em fervorosos desejos de visitar os Lugares santificados com o precioso Sangue de Jesus Christo Redemptor nosso. Pôs-se pois a caminho em companhia de outros peregrinos, e depois de visitar os Santos Lugares de Roma, e de beijar o pé ao Summo Pontifice, partio para a ditosa Cidade de Jerusalem, na qual se elevou desorte,

Vay em peregrinaçaõ a Jerusalem.

forte, que nella, e nos mais Lugares santificados com os Pés, e precioso Sangue de Jesus Christo gastou quatorze annos, parecendo-lhe outros tantos minutos á vista das mercês, e jubilos interiores, que sua alma tinha com aquellas pias consideraçoens. Passados aquelles annos, com grande magoa, e saudade deixou os Lugares Santos, lembrado das ovelhas, que deixara recõmendadas a hum Sacerdote seu sobrinho, que desde menino havia criado em santos costumes, como quem o destinava para gráo taõ sublime.

11 Assim como a peregrinaçaõ, que fez S. Gonsallo, foy causa de se lhe augmentar na alma o Divino Espirito, assim o ver-se o sobrinho totalmente na sua liberdade, e prospero com os rendimentos da Igreja, foy occasiaõ de lhe entrar na alma o diabolico espirito da avara ambiçaõ; pois pedio logo ao Arcebispo de Braga, com cartas fingidas, e testimunhas, que affirmavaõ ser morto o tio, [pois naõ he novo o haverem-nas falsas] o confirmasse naquella Abbadia, o que com effeito fez o Arcebispo, em attençaõ a ser sobrinho de Gonsallo. Logo que este chegou, muito mal vestido, e deforme pelos trabalhos do caminho, ás casas da residencia, em que estava o sobrinho, lhe pedio huma esmóla, para fazer experiencia de se exercitava, ou naõ, a virtude da caridade, que lhe havia recõmendado; e vendo lha negara, se lastimou muito, e muito mais de ver huma grande quantidade de caens, que sustentava para o divertimento da caça, que sendo muitas vezes presentaneo remedio para naõ se entregarem algumas pessoas a outros vicios mais prejudiciaes, naõ succedia assim áquelle miseravel Abbade, pois se tinha entregue a todos os vicios, a que se costumaõ dar todos os que, descuidados da morte, se lembraõ sómente de seguir os appetites, e deleites da vida.

Hum sobrinho, a quem deixou recõmendada a Igreja, se lhe levantou com ella.

12 Instou huma, e mais vezes em pedir esmóla ao sobrinho, e desenganado de que eraõ de nenhuma efficacia as suas importunaçoens, descobrio quem era, e começou logo a reprehender asperissimamente ao máo Abbade, trazendo-lhe á memoria a bôa educaçaõ, que lhe havia dado, e o mal que procedia, e desempenhava as promessas, que lhe havia feito quando se entregara daquella Igreja. Assim como o ingrato, e intruso Abbade ouvio a reprehensaõ do tio, e legitimo Parocho, o molestou com hum páo, e depois de o descompor tambem de insolentes palavras, lhe lançou os caens para que o mordessem, e maltratassem. Finalmente ameaçou-o com a certeza da morte, se se naõ ausentasse, e insistisse em querer ser Abbade. Taõ deshumanos, e taõ crueis saõ os vicios da cobiça, da torpeza, e da ingratidaõ, de que se deixou cativar aquelle miseravel, que naõ lhe deixaraõ lugar para a natural gratidaõ, que muitas vezes se tem achado nas mais indomitas féras dos matos. Cuidemos muito, ó mortaes, em evitar a demasiada cobiça; pois naõ sendo bom para nada o cobiçoso, para si he malissimo, aos outros naõ dá nada, e a si proprio tira tudo; e cuidemos da mesma sorte em nos livrar do vicio da ingratidaõ, pois he o mayor dos males, o mais rigoroso dos aggravos, homicida dos beneficios, e he em fim vicio, e delicto sem escusa, e abominado pelas mais barbaras naçoens.

De como o maltratou o sobrinho na volta de Jerusalem.

13 Nos primeiros annos da infancia fallou Deos muito deveras ao nosso Gonsallo em seu coraçaõ, infundindo-lhe nelle huma luz grande da vaidade do mundo, hum conhecimento claro dos eternos premios, e humas indiziveis ancias de seguir, e servir a Jesus Christo, que querendo ainda mais dezenganá-lo do que era o mundo, e do pouco que se devia fiar dos homens, permittio achasse, em hum sobrinho, que havia criado, desprezos, injurias, e máos tratos; para que, deixando aquelle ingrato, como deixou, na Igreja, exposto ao evidentissimo perigo da salvaçaõ, em que estaõ todos os Parochos, assegurasse melhor a sua, deixando os bens temporaes pelos eternos, a opulencia pela pobreza, os regálos pela mortificaçaõ, e seguis-

Deixa a Igreja, e se entrega á vida cõtemplativa em huma choça.

e seguisse a Jesus Christo pobre, como com effeito seguio, mettendo-se em huma pequena choça, que fabricou junto ao rio Tamega, em pouca distancia da antiga Villa de Amarante. Alli se entregou com todas as veras aos cuidados da morte, ás consideraçoens das miserias da vida humana, e dos gozos Celestiaes, e eternos, que Deos tem promettido a quem o serve. Todos celebravaõ as suas heroicas virtudes, e admiravaõ a sua grande resoluçaõ, e austeridade de vida; mas elle, como verdadeiro humilde, sempre se temia peccador, se receava imperfeito, e anhelava á perfeiçaõ; porém duvidava muito de se era, ou naõ, aquella vida propria de alcançá-la, como quem naõ ignorava que a ancora das virtudes he a obediencia, e que a escóla, onde melhor se ensinaõ, e praticaõ, saõ as Religioens.

14 Para alcançar de Deos Senhor nosso a resoluçaõ da duvida com que estava do caminho, e modo de vida, que havia de eleger, duplicou as horas de oraçaõ, augmentou as mortificaçoens, e jejuou huma Quaresma a pam, e agoa. Vio se precizada a bondade do mesmo Senhor a deferir aos piedosissimos rogos de seu Servo por meyo de Maria Santissima, que elle tinha tomado por sua Protectora, como dissemos, para o acerto da sua vida. Na prima noite, pois, da Pascoa que se seguio, ao romper da alva, se lhe encheo a choçazinha de resplandores Celestiaes, e logo ouvio lhe dizia a Senhora, que tinha em hum Altar: *Levantai-vos, e buscay entre os estados de Religiosos, a Ordem, onde o meu Officio se começa, e acaba com a Ave Maria, e entray nella; porque eu a exaltey com habito, que trouxe do Ceo, e nella acabareis vossa vida, e alcançareis a Gloria.* Os gostos, e jubilos da alma, que occasionaria ao nosso Santo taõ admiravel visaõ, pondere-o o devoto Leitor, pois excede com grande vantajem á capacidade da nossa ponderaçaõ.

Declara-lhe nossa Senhora a Religiaõ, que devia seguir.

15 Procurou logo saber se em alguma Religiaõ se começava o Officio da Senhora, e se acabava com a Angelica Saudaçaõ, e como achasse que todas acabavaõ por *Benedicamus Domino*, se desconsolava summamente. Tendo porèm noticia que na Villa de Guimaraens se achavaõ huns Religiosos de novo, e naõ conhecidos no habito, foy ter com elles, informou-se da fórma da reza, e achando ser a que lhe assinalou a Senhora, pedio o habito ao Presidente, que era S. Fr. Pedro Gonsalves Telmo, [de quem nos lembramos neste Volume] o qual lho deo no Hospital da mesma Villa de Guimaraens, onde o Santo assistia com seus companheiros. Depois de tomar o santo habito, pedio a S. Fr. Pedro Gonsalves licença para ir proseguir a vida, que principiado tinha na sua choça, e para della sahir a prégar as verdades Catholicas. Deo-lha o Santo Presidente sem repugnancia, por reconhecer o espirito naõ vulgar, de que Deos o havia dotado. Continuou na prédica, e na declaraçaõ dos Sagrados Evangelhos com tanto ardor, e zelo do bem das almas, que justamente lhe chamavaõ o Apostolo de Entre Douro, e Minho, na qual procurou sempre accender o fogo da caridade em todos os coraçoens dos mortaes, para que com verdadeiro amor amassem ao immortal, vendo com os olhos da Fé, que saõ os da alma, a sua formosura invizivel para os do corpo. As palavras penetrantes, e efficacissimas, que da sua boca sahiaõ, levavaõ comsigo a chamma do amor, que ardia no seu peito, para prender-lhes nos coraçoens de todos os que o ouviaõ, naõ respirando outra cousa em todas suas practicas, e conversaçoens, mais que amor de Deos, detestaçaõ de peccados, e empregos cuidadosos de virtudes.

Toma o habito na Dominica.

16 Estando prégando perto da Villa de Amarante, passou por junto delle huma mulher com hum cesto de pam alvo, pedio-lhe que o puzesse na sua presença, e logo dirigindo a practica a todo o povo disse: *Vedes todos quaõ alvo he este pam, pois eu da parte do todo poderoso Deos, e da santa Igreja o excõmungo.* Ainda bem naõ acabava de pronunciar estas palavras, quando se lhe tornou o pam taõ negro como carvaõ: *Assim faz a sentença de excõmunhaõ*

Notem o prodigio de se converter o pam branco em negro, e pelo contrario.

munhaõ feas as almas, [diſſe para os preſentes] *e ſe quereis ver o bem*, *que ſuccede ás peſſoas que ſe abſolvem*, *trazei-me agoa benta.* Levaraõ-lha, deitou a no paõ, e depois de o abſolver tornou á ſua primeira perfeiçaõ. Proveitoſiſſimo foy aquelle milagre para o povo, pois havendo entaõ muitos, que negavaõ a obediencia á Igreja, logo ſe ſubmetteraõ a ella, á viſta de taõ raro prodigio.

Edifica a ponte de Amarante a poder de maravilhas.

16 Como era ardentiſſima a ſua caridade, muito ſe laſtimava de ver os muitos paſſageiros, que ſe affogavaõ no Rio Tamega em tempo das inundaçoens, e agoas dos montes, e por atalhar tantas ruinas de corpos, e de almas, fiado na Divina providencia determinou fazer huma ponte, cujo ſitio lhe aſſinalou depois hum Anjo entre dous montinhos junto da meſma Villa de Amarante, onde era mais rapido o impeto das ſuas correntes. Deo pois principio a ella com algumas, e pequenas eſmólas dos moradores, que naõ eraõ muitos, por ſer a Villa pouco populoſa, nem abundantes, por ſer terra ſertaã, ſem cõmercio; e aſſim a foy proſeguindo com muita grandeza, e ſem demora, confiado na miſericordia Divina, que nunca falta aos que com fé, e eſperança lhe pedem couſas juſtas, e ſantas. Do muito, que a Deos foy acceita aquella obra, ſejaõ prova os milagres com que a approvou.

Tomaõ-ſe os peixes á maõ para os officiaes da ponte.

17 Faltava ao Bendito Gonſallo em certo dia com que comprar o conducto para os officiaes, e logo cheyo de huma viviſſima fé ſe chegou ao Rio em que ſe fabricava a ponte, e fazendo nelle o final da ſantiſſima Cruz, lhe acudiraõ os peixes aos pés em copioſos cardumes, e fazendo dos pedreiros peſcadores daquella nova, e milagroſa peſcaria, lhes ordenava tiraſſem ſómente os que lhes foſſem neceſſarios para o ſuſtento proprio. Eſte prodigio obrou o noſſo Santo por muitas vezes.

Abre huma fonte de agoa, e outra de vinho em hum rochedo.

18 Havia falta de agoa para o ſuſtento dos meſmos pedreiros, por diſtar delles a fonte, e a remediou abrindo com o ſeu bordaõ huma em hum penedo, a qual ainda hoje permanece, e he remedio de muitas enfermidades. Grande foy o prodigio de abrir em hum penedo huma fonte de agoa; porêm muito mayor foy o de abrir no meſmo penedo outra de vinho, que permaneceo em quanto a obra durou: os officiaes, que prezenciavaõ taõ ſingulares prodigios, trabalhavaõ goſtoſos na obra, e davaõ louvores a Deos pelo muito que engrandecia as virtudes do ſeu Servo.

Amanſa hum bravo touro.

19 Pedio a huma mulher nobre lhe deſſe huns boys para acarretarem pedra para a ponte, e como ella lhe diſſeſſe naõ tinha mais que huns touros bravos, que andavaõ no monte, com elles ſe contentou, e naõ tendo mettido nunca a nuca no jugo, os fez acarretar pedra em hum carro que lhes pôs; e para final do prodigio em domar aquelles bravos touros, permittio Deos que os rodeiros do carro deixaſſem final por onde paſſaraõ, o qual hoje ſe vê em penhas, e em ſitios taõ ingremes, que apenas o podem ſubir os meſmos que o admiraõ como prodigio.

Leva ás coſtas grandes pedras.

20 O meſmo Servo de Deos levava ás coſtas pedras, com que naõ podiaõ muitos homens; e como todos viaõ, e prezenciavaõ taõ deſuzados prodigios, ſe hiaõ offerecer ao Santo para tudo o que mandaſſe, em ordem á fabrica da ponte, que hoje ſe conſerva illeza, e promette eterna duraçaõ, por eſtar fortiſſima, maciça, e bem fundada. He ponte feita a poder de maravilhas.

Do ſeu ditoſo tranſito.

21 Chegando em fim o prazo, em que Deos tinha determinado levar para ſi a eſte ſeu fiel Servo, precedendo revelaçaõ da Sacratiſſima Virgem do dia do ſeu tranſito, preparado com os Sacramentos da Igreja, e nos braços da meſma Senhora, que cercada de grande multidaõ de Anjos naquella hora o acompanhou, ſe deſatou ſua Bendita alma das prizoens do carcere mortal, e reveſtida de ſoberanos reſplandores ſubio aos Palacios eternos a 10. de Janeiro. Ha duvida no anno, pois huns dizem foy o de

1259.,

1259., outros que no de 1260., outros no de 1262. No mesmo ponto em que falleceo se ouviraõ por aquellas visinhanças estas vozes: *Levantai-vos, e ide compressa sepultar o Santo.* Os que foraõ dignos de ouvir voz taõ mysteriosa, sahiraõ de suas casas, e chegando ao Oratorio, onde estava aquelle sagrado deposito, o acharaõ sobre palhas, naõ eclipsado com as sombras da morte, mas resplandecente, e cheiroso com o rosto cercado de huma luz celestial, e extraordinaria. Com multiplicados, e devotos prantos, misturados com alegrias excessivas, se lhe celebraraõ as exequias, e foy o veneravel cadaver sepultado no mesmo Oratorio, onde, pelo tempo adiante, se edificou o famoso Convento de S. Domingos de Amarante, quasi com as esmólas que os devotos deraõ, em gratificaçaõ das muitas mercês, que pelos seus merecimentos recebiaõ de Deos Senhor nosso, que eternamente seja louvado em seus Santos.

22 Para que se veja o quanto este zela, ainda do Ceo, a sua ponte, attendaõ para o milagre, que fez no anno de 1400. que he o seguinte. Por occasiaõ das muitas chuvas, que houveraõ naquellas partes, se arrancaraõ muitas arvores, que ficavaõ contiguas ao rio Tamega, que este levava no rapido da sua corrente. Entre ellas appareceo hum grande carvalho, que promettia ruina na ponte, se se atravessasse em algum dos arcos della. Vendo pois os moradores, que observaraõ taõ imminente perigo, que se naõ podia evitar por humanos meyos, recorreraõ aos Divinos, dizendo: *S. Gonsallo, livrai deste perigo a vossa ponte, que para proveito cõmum edificastes.* Cazo prodigioso! No mesmo tempo, que articularaõ estas vozes, sahio do Oratorio, em que tinha vivido o Santo, hum homem vestido de Religioso Dominico, com hum cajado na maõ, o qual lançando as abas da capa sobre os hombros, se chegou á ponte, e subindo por huma das guardas com pasmosa facilidade, com o cajado encaminhou o carvalho por hum dos arcos. Feita esta diligencia, sem fallar palavra, se retirou para o sitio donde tinha sahido, no qual desappareceo de entre as pessoas que o acompanharaõ na retirada, dezejosas de averiguarem se aquelle Religioso era homem na realidade, ou só na apparencia; e assentando finalmente por sem duvida, que era o mesmo Glorioso Santo, naõ cessaraõ de dar-lhe as graças por aquelle taõ prodigioso milagre.

Notem o como livrou a sua põte de hum perigo.

23 Innumeraveis foraõ os milagres, com que Deos acreditou, e approvou as heroicas virtudes deste seu grande Servo, os quaes se autenticaraõ para a sua Canonizaçaõ. O Santissimo Papa Pio IV. o Beatificou, approvando-lhe os cultos, que se lhe davaõ desde o tempo do seu transito, a instancias de ElRey D. Sebastiaõ, e da Rainha D. Catharina sua avó, do Cardeal Infante D Henrique, do Arcebispo de Braga, e da sua Religiaõ. A sentença definitiva, que deraõ o Serenissimo Cardeal, e o Excellentissimo Nuncio Apostolico he a seguinte: Christi nomine invocato. *Vistos estes autos, Breve, e cõmissaõ de nosso Senhor o Papa Pio IV. hora na Igreja de Deos Presidente impetrado á instancia do muito alto, e muito poderoso Rey destes Reinos D. Sebastiaõ; que nos foy apresentado, e as inquiriçoens das testimunhas tiradas por mandado de Pompeyo Zambicario, Nuncio que foy nestes Reynos, por virtude de hum Breve do Papa Julio III. impetrado á instancia delRey D. Joaõ de gloriosa memoria, e assim mais as inquiriçoens de novo tiradas pelo Reverendo* D. Rodrigo Pinheiro, *Bispo do Porto, e pelo Doutor Balthazar Alvares, Provizor do Arcebispado de Braga: e como se prova por muito numero de testimunhas contestes, legaes, e de credito, ter nosso Senhor feito, e fazer cada dia muitos milagres por intercessaõ do Glorioso S. Gonsallo de Amarante em muitas pessoas doentes de diversas enfermidades, que a elle se encõmendavaõ; e ser a Igreja do dito S. Gonsallo, que está em Amarante, onde seu glorioso corpo jaz sepultado, visitada de muito numero de gente, que de diversas partes de todo este Reyno com muitas veneraçoens, e fervor vem á sua Casa em roma-*

Da sua Beatificaçaõ.

ria. E como se prova alèm disso por muitas testimunhas haver fama muito antiga de tempo immemorial a esta parte entre pessoas devotas, religiosas, e de authoridade, de como o dito Santo foy em sua vida Servo de Deos, e Religioso muito observante da Ley de Deos, e das Regras da Ordem do Bemaventurado S. Domingos, que elle professou. O que tudo visto, e examinado, conformando-nos com a fórma do dito Breve de Sua Santidade, e disposiçaõ dos Sagrados Canones, com parecer do dito Bispo do Porto, e Provizor de Braga, havendo tambem respeito ao testimunho de D. Balthazar Limpo, Arcebispo que foy de Braga, e de muitas outras graves pessoas, que nas ditas inquiriçoens testimunharaõ, os quaes todos conformaõ, e dizem maravilhas deste Santo. Nós ad perpetuam rei memoriam, authoritate Apostolica, *concedemos, e damos licença, para que daqui adiante em todos, e quaesquer Mosteiros, ou Igrejas Seculares, ou Regulares de todos estes Reynos, e Senhorios de Portugal, se possa rezar livremente Officio Divino, e Horas Canonicas, e celebrar Missas do Bemaventurado S. Gonsallo de Amarante assim, e da maneira, que se reza, e celebra dos outros Santos Confessores. E mandamos* eàdem authoritate Apostolica, *que esta nossa Sentença se guarde, e cumpra inteiramente, como nella se contèm &c. Dada a 16. de Settembro de 1561.* Per omnia benedictus Deus, qui in Sanctis suis semper est mirabilis. Amen.

O Papa Urbano VIII. concedeo á Religiaõ Dominica deste Reyno, por Breve de 29. de Dezembro de 1629., que rezasse deste Santo com Oraçoens, e Liçoens proprias. No anno de 1672. concedeo Clemente X. esta graça a toda a Ordem de S. Domingos. Clemente XI. á instancia de ElRey D. Joaõ o V. concedeo a todo este Reyno, e seus Dominios as mesmas Liçoens, e Oraçoens proprias por Breve de 10. de Agosto de 1717. O mesmo Summo Pontifice assignou o dia para a sua festa, que he o de 28. de Janeiro á instancia do Reverendissimo Cabido de Lisboa. Os milagres, que este Santo tem feito, e faz, principalmente nos quebrados, saõ tantos, que nenhuma memoria se faz delles no Convento de Amarante, onde concorrem todos os annos milhares de pessoas em romaria.

SANTO ADRIAM, *e outros Martyres, cujas Reliquias se conservaõ em Lisboa no Convento de Chellas.*

1 FOy Santo Adriaõ natural de Nicomedia de Bethinia, homem illustre, segundo os olhos do mundo, mas muito villissimo, segundo os de Deos; porque, como hum dos principaes soldados da Milicia, e Corte do Imperador Maximiano, perseguia aos soldados da Milicia Christaã, fazendo executar os edictos daquelle impio Imperador.

Deixa a Idolatria.

2 Vendo porèm o brio, valor, e constancia, com que se haviaõ entre os grandes martyrios, que lhes davaõ, os professores da Ley de Jesus Christo, e ponderando juntamente em alguns milagres, com que o mesmo Senhor approvava suas virtudes, e os animava para os martyrios, detestou a adoraçaõ dos Idolos, declarando-se por Christaõ. Logo que foy á noticia do Imperador a resoluçaõ, que tomara, de blasfemar dos fementidos deoses, e de adorar ao Creador dos Ceos, e da terra, por seu Deos, e Redemptor, o mandou metter em hum carcere, no qual achou a 23. pessoas, que a barbara cegueira tinha tambem prezas por terem abraçado a clara luz da Fé.

3 Consoladissimo estava Adriaõ com taõ santa companhia, e dando mutuamente huns aos outros os parabens da felicidade que os esperava, entrou a dar lhe os mesmos Natalia sua esposa, e a exhortá-lo com resoluçaõ mayor do que se podia esperar do seu sexo, e de huma mulher, que perdia

dia o esposo, para que fizesse preciosos diante de Deos aquelles trabalhos, e se preparasse para os mais com a devida constancia. Como aquella Matrona, sem segunda, desconfiava da do marido, por ser convertido de pouco, e a persuasoens suas, e de 28. annos de idade, naõ quiz dezamparà-lo, mas sim assistir-lhe, em ordem a confortá-lo, e animá-lo naquelle conflicto, como animou, trazendo-lhe á noticia o eterno premio, que havia de conresponder áquelle limitado trabalho. Duas vezes o açoutaraõ na sua presença com nervos de boy, e da ultima taõ deshumanamente por quatro homens robustos, que logo lhe appareceraõ as entranhas. Mandou o maldito Imperador, que sobre bigornas de ferro lhe quebrassem as pernas, e a todos os mais companheiros prezos; e temendo a famosa Natalia, que, vendo elle a execuçaõ nos companheiros esmoreceria medroso, pedio aos encarniçados ministros da maldade, que começassem por Adriaõ. Promptamente lhe obedeceraõ pegando nelle, e pondo-lhe as pernas emcima de huma bigorna, e sobre ellas huma barra de ferro, em que descarregaraõ fortes pancadas com hum malho do mesmo ferro. Tudo soffreo o Bendito Adriaõ com animo incomparavel; e a tudo assistio sua santa esposa, sentida por ver executar na prenda que mais amava taõ grande tyrannia, e alegre por ver, que dalli voava ao Ceo a alma do seu caro esposo a coroar-se de gloria, e a pedir para ella a mesma felicidade, que passados tempos veyo a conseguir, como diremos quando tratarmos das Santas mulheres, pelas suas santas Reliquias existirem tambem com as de seu esposo, que justo era se conservassem juntos depois de mortos, os que foraõ taõ conformes, e unidos em vida.

Prendem no, e o conforta assistindo-lhe ao martyrio sua esposa Santa Natalia.

4 Como depois de assim lhe amassarem, e quebrarem as pernas, e as canellas, lhe cortassem os pés, e as mãos, ella levou huma, muito consolada, que trouxe na sua companhia em quanto lhe naõ tiraraõ a vida, dandolhe a cada passo muitos osculos, e mostrando-a, e dizendo a todos, que nada temia tendo comsigo a maõ daquelle seu Martyr, cujo corpo mandou o Imperador que se queimasse com os demais companheiros, que deraõ as vidas nos mesmos tormentos: porêm como a Divina providencia tinha determinado que corpos taõ santos honrassem, e engrandecessem a este Reyno de Portugal, enviou hum grande chuveiro, que apagou o fogo preparado para a queima, e hum horrendo terremoto, que affugentou os Idolatras para ella deputados, ao mesmo tempo que deo lugar, e inspirou aos Catholicos, para que os recolhessem, e passassem a Constantinopla, onde lhes deraõ decente sepultura; e esta he a causa porque a Igreja Grega celebra a sua memoria a 26. de Agosto, assim como a Latina a 8. de Settembro, por ser o dia em que foraõ trasladados para Roma, donde vieraõ para este Reyno, e para o Convento das Religiosas de Chellas, pelo motivo seguinte.

Leva sua esposa Natalia hũa maõ do Santo Martyr.

5 Obrigado ElRey D. Affonso, o Magno, ao Pontifice Joaõ VIII. por mercês especiaes, que lhe havia feito, lhe mandou dar as graças por Jesuado, Conde, e Senhor das Montanhas de Bonhal, no Reyno de Leam, a quem o mesmo Pontifice recebeo com grande benignidade, e deo os corpos de Santo Adriaõ, de Santa Natalia, e dos seus 23. companheiros, por se acharem todos em Roma. Quando ElRey D. Affonso enviou ao Conde, se achava na Cidade de Lisboa, pela haver recuperado do poder dos Mouros, com outras muitas terras, causa porque entendeo o Conde o acharia na mesma Cidade na volta de Roma, para onde dirigio os passos, e onde entrou com as santas Reliquias, que mysteriosamente desembarcaraõ junto á Igreja de S. Felix, que hoje he do Mosteiro de Chellas, de Conegas Regulares de Santo Agostinho, onde se veneraõ as Reliquias de Santo Adriaõ, de sua esposa, e mais Martyres em 26. meyos corpos, que estaõ engrandecendo os altares collataraes. Cuja collocaçaõ se fez no 1. de Agosto de 1604. sendo Prioreza D. Luiza de Noronha, e Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, que a tudo assistio.

Vem suas santas Reliquias para este Reyno.

Vida de S. BRISSOS *Bispo de Evora.*

1 NAsceo em Mertola, antigamente Cidade, e hoje Villa do Arcebispado de Evora. Segundo as melhores opinioens, foy Irmaõ de S. Baraõ Eremita, de quem neste Volume nos lembramos, e de Santa Barbara. Naõ ignorando ser a soledade silenciosa dos campos instrumento muito opportuno, e accõmodado para a contemplaçaõ das maravilhas de Deos, por nella respirarem os ares da verdade puros, sem que os inficione a lizonja, e os corrompa a malicia; deixando totalmente o mundo, se retirou para os Estevaes do Campo de Ourique, onde em huma pobre choça, se entregou aos cuidados da morte, e ás contemplaçoens da eterna vida.

Na solidaõ lhe falla Deos ao coraçaõ.

2 Naquella solidaõ lhe fallava Deos ao coraçaõ, servindo-lhe de lingua aquella formosa variedade de creaturas, que povoaõ os dezertos, e outras muitas, que com muda eloquencia persuadem os louvores de seu Author, e nos incitaõ a viver bem. Alli via, como em hum clarissimo espelho, o como naõ he este mundo outra cousa, mais que hum verdadeiro livro, cujas folhas estaõ relatando o infinito poder do seu unico Creador. Que saõ suas creaturas, senaõ folhas, em que se lê a virtude, e grandeza de Deos? Letras saõ, que com muitos caractéres estaõ exhortando a todos os mortaes a que o amem. Os Luzidos Planetas, que com movimento continuo, mudamente, e sem cançaço obedecem ao seu Creador, nos exhortaõ, e persuadem á obediencia do mesmo Senhor. O Sol, que como gigante se levanta de manhaã para correr sua carreira, allumiando ao Emisferio, participando dos seus rayos aos bons, e aos máos, purificando fontes, arvores, plantas, e tudo o mais creado, ao mesmo tempo que demostra a summa bondade do nosso Creador, nos persuade a fazer bem, e a beneficiar aos bons, e aos máos.

Continua.

3 A inconstantissima Lua, com o seu crescente, e minguante, ao mesmo tempo que nos relata o mudavel, e inconstante deste mundo, nos exhorta, para que, naõ crendo nos seus enganos, nos occupemos sómente em amar as verdades eternas. Os elementos concordes, ainda que differentes, que, por guardarem a sua connexaõ, sóbe o leve ao alto, e baixa o pezado ao centro, muito bem nos persuadem a concordia, e uniaõ, que devemos ter com todos nossos Irmaõs. Os toscos, e duros penhascos, refugios de ferozes brutos, com a sua dureza nos estaõ ensinando a ser abrigo, e a ter piedade de todos. A terra, que quando mais offendida, e rasgada do agudo arado, nos dá fructos em mais abundancia, mudamente nos compelle para que perdoemos, e beneficiemos a quem nos offende, e maltrata. Em conclusaõ, com profunda attençaõ escutaria o nosso S. Brissos a harmoniosa consonancia da natureza em suas obras, em cujos suaves conceitos se suspenderia seu espirito, e passando do sensivel ao espiritual, cõmerciava seu pensamento com as puras intelligencias, com tanto fructo nos progressos das mais solidas virtudes, que em poucos annos mereceo o ser tido, e avaliado por Santo, pelos Varoens mais prudentes.

He elevado a Bispo de Evora.

4 Tanto o tinha nesta conta S. Jordaõ Bispo de Evora, que o persuadio a que se ordenasse de Sacerdote, para o nomear, como nomeou, por seu Coadjutor, e futuro successor naquelle Bispado, que entrou a governar pelos annos de 305., em que passou á Celeste Patria, coroado de martyrio o mesmo Santo Bispo. Depois de estar exercitando o officio de vigilante Pastor com o zelo de Santo alguns annos, o Presidente Marciano obediente aos Decretos dos Imperadores Diocleciano, e Maximiano, passou ordem para

para que fosse prezo, por prégar as verdades Catholicas com Apostolica liberdade. Noticiosos os Catholicos da ordem, que estava passada contra o seu Prelado, lhe pediraõ com grandes instancias, e lagrimas, que se retirasse da barbara crueldade. Recolheo-se a Mertola, naõ só persuadido dos Catholicos de Evora, senaõ tambem obrigado dos muitos, que viviaõ em a mesma Cidade, ainda que occultos, com medo das perseguiçoens Gentilicas.

5 Tendo porèm Marciano noticia do que se passava, alli mandou prender ao Santo Prelado, e no mesmo tempo ordenou se levantasse hum Tribunal na praça mais publica daquella Cidade, para nella se sentenciar o mesmo Santo, o que fez aquelle Tyranno, por lhe parecer que horrorizaria o seu martyrio aos muitos Catholicos, que observassem ocularmente a sua deshumanidade. Mandou Marciano pois que lhe levassem á sua presença o Santo Bispo, e vendo que persistia constante na confissaõ da Ley de Jesus Christo, e que abominava as Idolatrias Gentias, mandou que o açoutassem cruelissimamente, e que lhe quebrassem os dentes, e gengivas; tormentos que tolerou com constancia, e alegria pasmoza, com igual consolaçaõ dos Catholicos á confuzaõ dos Idolatras. Mandou o recolher outra vez ao carcere o impio Marciano com tençaõ de estudar daquelle até o seguinte dia no martyrio, que lhe havia de dar: porèm naõ vio o fructo dos seus damnados intentos, mas sim o castigo condigno das tyrannias, que queria usar com este, e tinha praticado com outros muitos Catholicos; pois sobreveyo naquella noite hum terremoto, que lhe sepultou o corpo debaixo das ruinas da casa em que estava, e a alma no Inferno. A' vista de taõ evidente castigo, que por tal conheceraõ os ministros subalternos, por verem fora o Presidente a unica victima do terremoto, deraõ logo liberdade ao Santo Bispo, que voltou para Evora, onde proseguio em apascentar suas ovelhas com o cuidado de zeloso Pastor. Passados quatro annos pôs fim á vida mortal, e deo principio á immortal no anno de 312. Em tres legoas de distancia da Cidade de Evora ha huma Igreja Parochial dedicada a S. Brissos, e outra junto á Cidade de Beja. A' critica moderna, que quer negar as Prelazias de S. Brissos, e de S. Jordaõ, respondeo ja o Author de *Evora Gloriosa* tratando destes dous Santos. O Martyrologio Romano antigo se lembra deste Santo Bispo a 9. de Julho.

Martyrizam-no.

S. VEDASTO *Bispo, cuja cabeça possue a Igreja de S. Roque de Lisboa.*

ESte Glorioso Santo foy hum dos mais zelosos Prelados que teve o Christianismo. Fez grandes converssoens de almas para Deos; e para que merecesse eterna memoria o seu nome, e sua alma o premio da Gloria, bastava o trazer á Fé Catholica a Clodoveo Rey de França, de que tantas converssoens se seguiraõ naquelle Reyno. S. Remigio o constituio primeiro Bispo de Arrás, cuja Igreja governou, e juntamente a de Cambray, com grande exemplo, prudencia, e virtude, que o Senhor approvou com maravilhas estupendas em sua vida, até que clausurou esta com outras muitas pelos annos de 570. Na Cidade de Arrás descança o seu santo corpo em Mosteiro do seu nome, excepto a sua santa cabeça, que a Imperatriz D. Maria, mulher de Maximiniano segundo, deo com outras muitas Reliquias a D. Joaõ de Borja, o qual fez dellas doaçaõ á Casa de S. Roque de Lisboa. Festeja-se a 3. de Fevereiro.

SAN-

SANTO INNOCENCIO *Bispo de Merida.*

1 NAsceo neste Reyno de Portugal, e sendo hum dos mais modernos Diaconos da Metropolitana de Merida, foy elevado a Metropolitano, por morte do Arcebispo Mausona, por universal approvaçaõ de todos, os que nelle attendiaõ á innocencia da sua inculpavel vida, e aos predicados dignos de hum Prelado. E desde logo se conheceo que a eleiçaõ havia sido dictada pelo Espirito Santo; porque o exemplo da sua santa vida, o acerto do seu governo, a sua fervorosa caridade, o ardente amor de Deos, o zelo, e dezejo que tinha de que todos o servissem, naõ era para ficar no estado de Diacono, sim para luzir sobre o Candelabro, e para estar sobre o monte, onde de todos fosse visto, e imitado.

Elegem-no Arcebispo de Merida.

2 Obrou Deos Senhor nosso grandes maravilhas em abono da sua virtude, e principalmente em dar agoa no tempo das esterilidades; pois bastava que elle o implorasse com as lagrimas que brotavaõ do seu piedoso, e humilde coraçaõ, para se fertilizarem as terras: e parece que o condescender o mesmo Senhor todas as vezes com os seus rogos, era por mostrar que se naõ servia de estarem fechados os Ceos contra a terra, quando os olhos do seu Servo se humedeciaõ para se abrirem. Foraõ poucos os annos que governou este Santo Prelado, e o em que falleceo naõ especifica o seu Chronista Paulo Diacono na Historia de Merida. O certo he que negociou desorte com os talentos, que achando-o o Senhor Servo bom, e fiel, o metteo de posse da Gloria a 21. de Junho pelos annos de 615, pois no de 610. se achou em Toledo quando ElRey Gundemaro estabelecco o Decreto, que fez em favor da Igreja de Merida, para que fosse Metropolitana da Provincia de Cartagena, no qual se vê sua firma em dous lugares por estas palavras: *Ego Innocentius, Emeritensis Provinciæ Lusitaniæ Metropolitanus Episcopus, dum in Urbem pro occursu Regio advenissem, agnitis his Constitutionibus, assensum prabui, & subscripsi.*

Obrava grandes maravilhas, e fallece.

Vida de S. MARÇAL, *ou* MARCELLO, *Centuriaõ de Galliza Bracharense.*

1 HUm dos mais assignalados Martyrios, que celebra a Igreja de Deos, foy o de S. Marçal, e de doze filhos, que em diversos lugares, e tempos vieraõ a dar a vida por Christo. Com justissima causa se compara este Santo Martyr com o Patriarcha Jacob, pelo numero dos filhos, e pela nobreza da sua fecundidade; pois se aquelle Patriarcha, sobre a sua propria virtude, he taõ celebre, e famoso, por ser pay de doze filhos taõ illustres, e nomeados; com mais justo titulo devemos exaltar ao Centuriaõ Marcello, porque no mesmo numero resplandeceo mais a santidade de seus filhos, de quem se naõ escreve nem inveja, nem traiçaõ, nem outra alguma culpa, como se lê dos filhos daquelle Santo Patriarcha. Ha variedade de opinioens sobre os nomes dos doze Martyres, mas nós seguimos a que está averiguada por mais certa. Tambem ha diversidade de opinioens sobre a ditosa terra, que procreou a S. Marçal, pois huns dizem que foy a Cidade de Leaõ, e outros que foy Astracia, ou Arsacia, que segundo muitos Authores, e D. Joaõ Munhôs benemerito Bispo de Orense, nas noticias da sua Igreja, que deo á luz no anno de 1726., foy Astracia,

Teve doze filhos Martyres.

cia, huma Cidade, que houve junto ao Rio Minho, em distancia de Orense tres legoas. O certo he, que todos assentaõ que foy natural do Reyno de Galliza, e que nos pertence por estar naquelle tempo Galliza sujeita a Braga, que era Metropoli de Tuy, de Lugo, de Astorga, e de Orense.

2 Professou a Milicia, e pelo valor com que se houve em todas as militares empresas subio a honorificos cargos, e entre elles ao de Centuriaõ da Legiaõ chamada Trajona, ou Trajanica, da gente de guerra, que no tempo dos Romanos residia em Leaõ, e em Galliza, onde casou com huma nobre, e virtuosa donzella, a que chamavaõ Nona, da qual houve os doze filhos que dissemos, e de que trataremos adiante. Celebraraõ as Legioens militares os nascimentos dos Imperadores Diocleciano, e Maximiano, e entre as mais cousas, com que todos demonstravaõ o seu contentamento, eraõ principaes as de irem com coroas tecidas de flores offerecer incensos, que levavaõ nas maõs, ás estatuas dos mesmos Imperadores. Achando se Marçal presente a esta funçaõ a abominou como a cousa má, e perversa, e com desprezo naõ quiz offerecer o incenso, dizendo que só era devido ao verdadeiro Deos. Accuzaraõ-no logo ao Tribuno de Galliza, o qual mandando-o ir á sua presença, nella lhe respondeo com tanta liberdade ás perguntas, que lhe fez, que o mandou prezo para a Cidade de Leaõ de França, onde se achava o Presidente Fortunato, que lhe disse diante do Consistorio: *Que dezatinado pensamento cõmetteste contra a disciplina militar em desprezares as insignias de soldado!* Ao que respondeo: *Que era Christaõ, e que, sendo o, naõ podia seguir outra bandeira, nem guardar outro juramento, senaõ manter a Fè, e lealdade de Christo.* Fortunato lhe disse: *Já naõ posso dissimular a tua loucura, e será necessario dar noticia de tudo aos nossos Invictissimos Imperadores, e tu serás remettido ao Tribunal do Senhor Aurelio Agricolao Prefeito Pretoriano na Mauritana Tingitana.*

Foy Centuriaõ de Galliza Bracharense.

Do seu martyrio.

3 Carregado de ferros foy S. Marçal enviado a Agricolao, que naquella occasiaõ estava em Africa na Cidade de Tangere, a cuja presença chegou, depois de tolerar com animo bizarro muitos trabalhos, e opprobrios, que padeceo por taõ largo caminho. Depois de Agricolao ler a carta de Fortunato, pondo os olhos no Bendito Soldado de Christo, disse: *Dize-me, Marçal, disseste diante do Presidente em sua audiencia todas as palavras, que na sua carta escreve: Sim disse.* (respondeo Marçal) Replicou Agricolao: *Seguias a Milicia com o officio de Centuriaõ!* Marçal respondeo, *que sim.* Tornou Agricolao: *Pois que loucura te tomou para assim quebrantares o juramento da Milicia, e para dizeres, e fazeres taes dezatinos!* Respondeo Marçal: *Naõ ha loucura em quem teme a Deos.* Perguntou-lhe mais Agricolao: *Se lançara por terra as armas!* A que respondeo, *que sim, e que o Christaõ, que fosse temente a Deos, naõ havia de andar sujeito á Milicia do mundo, quando os que o seguem, e governaõ, pedem cousa contra o que Deos manda.* Enfurecido Agricolao, mandou que fosse logo degolado, sentença, que ouvio taõ gostoso como quem dezejava conseguir há muito a felicidade de dar a vida por Christo: e depois de dar os agradecimentos ao Tyranno, foy descabeçado, e desta sorte subio sua alma á gloria aos 30. de Outubro de 298. Dalli a muitos annos foy trasladado seu santo corpo a Hespanha, e á Cidade de Leaõ, onde se celebra o seu triunfo no dito dia, e a sua trasladaçaõ a 29. de Março. Delle escreveo o *Triunfo dos Santos.* Padilha na *Histor. Eccles. de Hespanha* na 3. Centuria, e outros muitos Authores, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

Continua.

Vida, e martyrio de S. SERVANDO, *e de* S. GERMANO.

1 NAfceraõ na Provincia de Galliza, no tempo que eſtava ſujeita a Braga, e foraõ filhos de S. Marçal, ou Marcello, Centuriaõ da meſma Provincia. Communicou Deos noſſo Senhor a eſtes Santos logo na primeira idade a graça de fazerem milagres, de maneira, que invocando o ſeu Santiſſimo Nome davaõ ſaude a muitos enfermos, lançavaõ fóra dos corpos humanos muitos demonios, deſtruiaõ muitos templos, convenciaõ, e convertiaõ aos Gentios. Na Cidade de Merida, cabeça da noſſa Luſitania, para onde parece foraõ a prégar, e a perſuadir as verdades Catholicas, foraõ prezos por hum Juiz chamado Viator, o qual os fez atormentar com açoutes, e pentes de ferro, e com outros generos de crueldades.

2 Eſtava em Tangere o Prefeito Pretorio, onde Viator fez levar carregados de ferros, e de prizoens aos Santos Martyres, e até niſto quiz o Ceo ſe pareceſſem eſtes Santos com ſeu pay S. Marçal, pois ſeguindo as ſuas pizadas andaraõ o meſmo caminho, ou parte delle, em prizoens; e podemos conjecturar que quiz o Governador Viator levar eſtes Santos ao Prefeito Pretorio, para que viſſe a ſemente, que havia deixado o Centurio S. Marcello, a quem o dito Prefeito havia mandado degolar, como deixamos dito na ſua vida, e martyrio. Foy taõ máo o trato, que pelo caminho deo aos Santos, Viator, e os mais miniſtros infernaes, que naõ podiaõ dar hum paſſo, e totalmente ficaraõ debilitados de forças em Cadiz. Vendo pois o maldito Viator que naõ tinhaõ forças para proſeguirem a jornada, e viagem de Tangere, os fez ſubir a huma ſerra, e a huma herdade, que chamaõ Urſoniana, onde os mandou degolar aos 23. de Outubro de 298., ſegundo o *Triunfo dos Santos* no meſmo dia, e Padilha na *Hiſtor. Eccleſ. de Heſpanha* Centuria 4., e o *Martyrologio Romano*, que diz fora enterrado o corpo de S. Servando em Sevilha, e o de S. Germano, que fora levado a Merida, e enterrado na Igreja de Santa Eulalia, para honra, e gloria de Deos, que ſeja eternamente louvado em ſeus Santos.

Vida, e martyrio de S. JANUARIO, *de* S. FAUSTO, *e de* S. MARCIAL.

1 SEguiraõ eſtes Santos irmaõs a Milicia, como ſeu pay S. Marçal, ou Marcello, Centuriaõ de Galliza Bracharenſe; e como eraõ verdadeiramente Soldados de Jeſus Chriſto, procuravaõ achar ſe naquellas terras, onde tinhaõ mais certo o padecer por elle. Sabendo pois que Eugenio, Preſidente de Cordova, promulgava edicto para que todos os Chriſtaõs foſſem ſacrificar aos Idolos, ſobpena de padecerem muitos generos de martyrios: dejoſos deſtes, foraõ ter com elle, e lhe fallaraõ aſſim: *Porque queres, Eugenio, aborrecer, e maltratar aos Servos de Deos, antes que crer o que da ſua parte prègaõ, e admoeſtaõ.* Eugenio reſpondeo irado: *Homens dezaventurados, quem ſois, que aſſim fallais?* Diſſe Fauſto: *Somos Chriſtaõs, e confeſſamos a Chriſto.* Replicou Eugenio: *Quem he eſſe Chriſto, que vósoutros confeſſais?* E reſpondeo Fauſto: *He hum Deos, e Senhor, pelo qual foraõ feitas todas as couſas; a eſte ſó confeſſamos, e na ſua confiſſaõ, dezejamos viver, e morrer.* Parecendo a Eugenio ſer grande atrevimento o confeſſar-ſe livremente a Chriſto na ſua preſença, mandou aos verdugos que puzeſſem a Fauſto

Da grande cõſtancia deſtes Santos.

Fausto em o equuleo, e condoendo-se Januario de Fausto, disse: *O' amado Fausto, nossos peccados saõ causa da tua pena, e de te haveres juntado na nossa companhia te redunda essa fadiga.* Respondeo Fausto: *Nossa companhia ha sido sempre por Jesus Christo, e assim naõ me póde vir della senaõ todo o bem, e por tal terey qualquer cousa, que me succeder.* Por estas palavras pareceo a Ambrosio de Moraes que naõ eraõ todos irmaõs; porém fraco argumento he este, pois todos os Authores dizem o eraõ, e ainda o mesmo verdugo como adiante diremos.

2 Estando pois S. Fausto a ponto de começar o seu martyrio, o Presidente, pondo os olhos em Marcial, disse: *Vejo a grande loucura destes, que com maldade, e engano te haõ feito do seu bando; deixa de perseverar com elles em o seu damno, se queres ser tido por discreto, e gozar de alegre vida sacrificando aos deoses.* Ao que respondeo Marcial: *Deos, Creador do Ceo, e da terra, te castigue, e destrua, pois taõ malvadamente me aconselhas a minha perdiçaõ.* Disse logo Eugenio aos verdugos: *Suba este tambem em o Equuleo.* E posto nelle o Bendito Marcial, com muito gozo disse: *Gloria sem fim seja dada a meu Senhor Jesu Christo pela mercè que me faz, de que eu venha, meu irmaõ Fausto, a fazer-te companhia.* Agastou-se o maldito Eugenio de ouvir isto, e disse aos verdugos: *Atormentay-os até que adorem aos nossos deoses, ou morraõ em o tormento.* Ao que disse S. Fausto: *Naõ te será possivel a ti, nem ao demonio, que te incita, apartar-nos da Ley de Deos verdadeiro, e converter-nos aos falsos deoses.* Vendo-o Eugenio assim resoluto, mandou que lhe cortassem as orelhas, e os narizes, e lhe arrancassem os cabellos das selhas, e os dentes; soffreo tudo o Santo com grande constancia, e alegria. Parecendo ao Presidente que com estes tormentos se amedrentavaõ os outros, disse a Januario: *Ja vez o que Fausto ha padecido por perseverar na sua maldade.* Ao que respondeo Januario: *Tal maldade persevere em mim, com tanto que eu permaneça na caridade, com que elle se move a soffrer, e a fallar assim.* Mandou logo Eugenio que a Januario fizessem outro tanto como haviaõ feito a Fausto; o que logo se fez Pondo depois Eugenio os olhos em S. Marcial, lhe disse com affectada brandura: *Olha a loucura de teus irmaõs, e os males, e damnos, que lhes has acarretado. Tu com melhor conselho considera o que te convem, e aparta te da tua má obstinaçaõ. Mui bom conselho está* [disse Marcial] *em seguir a Jesu Christo, a quem Fausto, e Januario com tanto gozo confessaõ.*

Triunfaõ entre vorazes chammas.

3 Dezesperado o maldito Eugenio de poder vencer a sua invicta fortaleza, e temeroso de se ver cada vez mais descomposto delles, os mandou queimar. Vendo se assim sentenciados, alegremente se começaraõ a despedir dos Christaõs, que se achavaõ presentes, e a rogar-lhes que perseverassem na confissaõ da Fé, e naõ temessem os tormentos, que mais espantavaõ, que doiaõ. Em fim, impedindo-lhes o fogo o fallar, lhes tirou as almas dos corpos, para que livres voassem a Deos por cujo amor taes tormentos haviaõ padecido. Succedeo o seu felice triunfo a 13. de Outubro; o anno naõ se sabe com certeza, e parece ser pelo de 306. do Nascimento de Christo. Os Christaõs sepultaraõ os seus santos corpos, meyos queimados, com grande veneraçaõ. No anno de 1575. foraõ achados em Cordova os seus santos corpos, e os trasladaraõ com grande veneraçaõ para lugar eminente, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos. Destes escrevem Padilha na 4. Centuria da sua *Historia Ecclesiastica*, e o Breviario de Sevilha delles reza a 28. de Settembro.

Vida, e Martyrio de SANTO EMETERIO, *e de* S. CELEDONIO.

1 ERaõ eftes Santos tambem filhos do Centuriaõ de Galliza Bracharenfe, S. Marçal, os quaes feguindo a Milicia, como feu fanto pay, andaraõ algum tempo debaixo das bandeiras dos Imperadores Romanos; porèm como filhos de pays Chriftaõs, e Santos, traziaõ as fuas almas felladas com a bandeira, e armas da Cruz de Chrifto. Promulgando os Imperadores edictos, em que mandavaõ que todos os Chriftaõs foffem compellidos a ir aos Templos, e Aras dos Idolos, para nelles lhes offerecerem facrificio, e negarem a Chrifto, differaõ eftes foldados de Chrifto publicamente no exercito: *Sendo nós gerados para Chrifto, hemos de fer dedicados ao demonio?* Differaõ outras mais coufas pela honra de Chrifto, e contra os Idolos, caufa porque logo foraõ prezos pelos foldados, e levados á Cidade de Leaõ, e defta á de Calahorra, onde eftavaõ Afterio, e Maximo, principaes Juizes da execuçaõ daquelles edictos. Ifto dizem alguns Authores, mas nas liçoens do Breviario antigo fe lê que dezejando eftes Santos padecer por Chrifto, e entendendo, que em Calahorra havia bom apparelho para o martyrio, foraõ de fua propria vontade, fem ferem levados, áquella Cidade, e que Emeterio, que era o mayor, animando a feu irmaõ pelo caminho dizia: *Ja hemos fervido muitos annos em efta guerra do mundo, onde o trabalho arrifca a vida, e o ocio gafta a honra. Agora fe move outra guerra ao Rey dos Ceos Jefus Chrifto noffo Senhor, vamos a ganhar o feu foldo, que he a gloria fem fim. Naõ creyo has mifter irmaõ* [refpondeo Celedonio] *gaftar muitas palavras em me amoeftar para taõ dezejado fim, pois a companhia de toda a noffa vida póde fer bõa teftimunha do meu dezejo, e fe ifto naõ bafta para que ifto me creas, vamos aonde mandares a bufcar a morte por Jefu Chrifto, que alli te moftrarey com o meu esforço, e firmeza, como naõ prometto ifto vaãmente: leva-me onde te poffa fatisfazer da minha conftancia &c.*

2 Armados pois com efta fegurança da fua fé, e esforçados com a fua ardente caridade, foraõ atè Calahorra, onde, depois de haverem padecido muitos generos de tormentos, foraõ condenados a fer degolados. Santo Ifidoro ingenuamente adverte, que foraõ taõ exceffivos, e enormes os tormentos, que a eftes Santos Martyres deraõ aquelles malvados Juizes, que ainda elles, que os mandavaõ executar, tiveraõ vergonha de que fe publicaffem, e de que ficaffe memoria da fua crueldade, e por iffo prohibiraõ que fe leffem feus martyrios. Foraõ em fim levados para o lugar do fupplicio, que era hum areal junto ao rio, onde agora eftá a Igreja Cathedral de Calahorra. Em quanto o verdugo fe preparava para executar a iniqua fentença, fe prepararaõ os Santos com a fanta oraçaõ, e acabada ella, para final da fua fé, e para confufaõ daquelles malvados homens, tirou hum o annel, que tinha, e outro o lenço de que ufava, e tudo lançaraõ ao ar, e foraõ fubindo para o Ceo atè que os perderaõ de vifta os que eftavaõ prefentes. Vendo o verdugo efte milagre, duvidou de executar a fentença por algum tempo; mas prevalecendo a fua grande tyrannia a tudo o mais, os degolou a 3. de Março do anno de 300. Os feus fantos corpos foraõ fepultados no mefmo lugar em que foraõ martyrizados, onde eftiveraõ fem veneraçaõ em quanto alli durou a Infidelidade Gentilica. Agora eftaõ com a devida veneraçaõ na Igreja Cathedral da Cidade de Calahorra, onde a bondade de Deos obra grandes maravilhas pelos feus merecimentos, o que tudo redunda em honra, e gloria fua, que para fempre feja louvado em feus Santos.

Santos. Destes escrevem o Martyrologio, Santo Isidoro no seu Missal, e Breviario. *Triunfo dos Santos.* Padilha na *Historia Ecclesiastica de Hespanha.*

Vida, e martyrio de S. CLAUDIO, LUPERCIO, *e* VICTORIANO.

1 ESTes gloriosos Martyres saõ irmaõs dos que temos escrito, e filhos do ditoso S. Marçal, Centuriaõ de Galliza Bracharense. Na Cidade de Leaõ estava o Presidente de Galliza Diogeneano executando crueis sentenças contra todos os que confessavaõ a Jesu Christo, e tendo noticia de que estes bemaventurados irmaõs se prezavaõ mais por Servos de Christo, que pela nobreza de seus santos pays, os mandou ir á sua presença, na qual lhes disse: *Qual he a razaõ, que tendes, atrevidos mancebos, para naõ obedecer aos Imperadores, a quem obedece todo o mundo, e para contraditares os seus decretos?* Os Santos responderaõ: *Tu naõ tens noticia de quanta multidaõ de Anjos tem por contrarios a infidelidade da Idolatria dos Romanos; e por isso te parece que só nósoutros a contradizemos. Pois em quem* [disse Diogeneano] *confias principalmente?* Responderaõ elles: *Em Jesu Christo nosso Senhor temos nossa confiança, e esta basta para naõ temer o poder dos Imperadores, e vencer-te a ti, e a elles.* O Presidente disse: *A victoria dos Christaõs he soffrer os tormentos: este he triunfo muito nescio, mas nem ainda esse levareis de mim, para que naõ vos valhaõ as vossas falsidades para dardes exemplos aos demais.* Naõ podendo os Santos soffrer a injuria, que se fazia a nosso Senhor Jesu Christo em lhe chamar falsa á sua Ley, responderaõ: *Tu es o que tratas, e fallas falsidades, que nósoutros confessamos a Fè de Christo, onde está toda a verdade, e certeza do Ceo, e naõ queremos obedecer, nem temer a quem sómente póde matar aos nossos miseraveis corpos, mas tememos, e obedecemos a Deos todo poderoso, que póde matar corpos, e almas.*

2 Indignado o malvado Juiz com estas, e outras respostas, por evitar mais argumentos sem fructo, os mandou degolar junto do seu Tribunal aos trinta de Outubro de 303.; e assim passaraõ a gozar da felicidade da Gloria, que compraraõ com o seu innocente sangue. Os Christaõs sepultaraõ seus truncados corpos, que hoje se achaõ com grande veneraçaõ em hum Convento de Monges Benedictinos da mesma Cidade de Leaõ. He grande a devoçaõ, que naquella terra se tem a estes Santos, a qual se manifesta com o costume, que ha, de pôrem os pays aos filhos os nomes delles. O *Triunfo dos Santos* a 30. de Outubro se lembra delles, e Padilha na *Historia Ecclesiastica de Hespanha* na 4. Centuria, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

Vida, e martyrio de SANTO ACISCOLO, *e de* SANTA VICTORIA.

1 COm estes dous bemaventurados Martyres se completa o numero dos doze filhos, que dissemos teve S. Marçal de sua mulher Santa Nona, por cujo martyrio ficaraõ estas ditosas creaturas de tenra idade entregues a huma ama chamada Nicomedia, a qual, temendo a perseguiçaõ, que naquelle tempo havia contra os Catholicos, se foy para Cordova com os benditos meninos. Vivia em Cordova huma Senhora Catholica chamada Iniciana, ou Miniciana; e sabendo que os meninos eraõ Christaõs, e filhos de Martyres, os tomou debaixo da sua protecçaõ. Por morte

morte de Nicomedia, os levou para sua casa, onde foraõ crescendo igualmente na idade que na virtude. Tinhaõ ja idade perfeita, quando chegou a Cordova hum Presidente, ou Governador da Provincia Betica, por nome Dion, o qual mandou publicar com pena de morte que todos os Christaõs adorassem aos Idolos. Vendo pois hum fiscal, chamado Urbano, que os nossos Santos naõ só os naõ adoravaõ, senaõ que tambem blasfemavaõ delles, os accusou ao Presidente, o qual, mandando-os ir á sua presença, lhes fallou assim: *Sois vósoutros os que desprezais os sacrificios dos nossos deoses, e persuadis a todo o povo a que se aparte delles?* E Santo Acisclo respondeo: *Nósoutros servimos a Jesus Christo nosso Senhor, e naõ aos demonios, ou Idolos feitos de vis pedras.* Replicou o Presidente dizendo: *E tu sabes que por sentença havemos mandado matar a todos os que naõ quizerem sacrificar?* Respondeo Acisclo: *E tu, Presidente, tens ouvido que penas tem apparelhadas nosso Senhor Jesus Christo a ti, e aos teus Imperadores, por adorardes, e mandardes adorar as pedras, e madeiros mudos?*

2 Irado com isto o Juiz Dion, disse muitas blasfemias contra a Ley de Jesu Christo: e entendendo que venceria a Sancta Victoria com affagos, ou com ameaços, como a mulher fraca, lhe disse: *Victoria, tenho de ti lastima como se foras minha filha, adora aos nossos deoses, para que te perdoem, e eu naõ prosiga na execuçaõ dos tormentos, que te estaõ apparelhados se naõ me obedeceres.* Mas a constante Victoria respondeo: *Muito grande beneficio me farás em executar em mim o que me dizes.* E vendo o Juiz que Victoria estava mais forte do que imaginava, pôs os olhos em Acisclo, ao qual disse com brandura affectada: *Acisclo, considera bem a flor da tua idade, lembra-te de que será grande lastima, o haver-se de destruir taõ depressa a tua grande gentileza, e formosura rara.* A cuja lizonja respondeo o Santo: *Todo o meu pensamento puz em Jesu Christo, o qual me fez do pó da terra tal qual me ves. Tu cuidas no que naõ devias cuidar, pois intentas forçar aos homens para que adorem as estatuas dos falsos deoses, que naõ tem vista, nem outro sentido.* Indignado Dion com isto, mandou logo açoutar com varas a Santo Acisclo, e atormentar a Santa Victoria pelas plantas dos pés; e depois de bem atormentados, os mandou metter no mais profundo de hum carcere, onde os Santos irmaõs gastaraõ a noite practicando, e contemplando em Deos, e no que elle padeceo por remir-nos; e no meyo desta sua contemplaçaõ lhes appareceraõ quatro Anjos, que lhes levaraõ de comer, e com a sua presença, e celestial visita receberaõ a consolaçaõ, que lhes devemos considerar. Deraõ a Jesus Christo muitas graças por querer ainda nesta vida gratificar a quem padecia trabalhos pelo seu amor.

Levaõ lhe os Anjos de comer.

3 No outro dia os mandou ir o Presidente á sua presença, e vendo que nenhumas das razoens, com que intentou incliná-los á adoraçaõ dos deoses, foraõ efficazes, mandou atassem a cada hum huma grande pedra ao pescoço, e que assim os lançassem em o Rio Guadalquivir, que passa junto á Cidade de Cordova. Lançaraõ-nos com effeito naquelle rio os crueis verdugos; porém os Santos Anjos os sustentaraõ, e trouxeraõ como nas palmas porcima da agoa, sobre a qual andavaõ louvando, e engrandecendo ao Senhor, taõ firmes, e taõ descançados, como se andassem passeando pelo campo. Tudo observavaõ os ministros infernaes, que, em lugar de se converterem a Deos á vista de taes portentos, muito mais se enfureciaõ contra os Santos. No mesmo tempo appareceo sobre elles huma resplandecente nuvem, entre a qual viraõ a nosso Senhor Jesu Christo acompanhado de infinitos Anjos; e confortados, e alegres com esta Celestial visaõ sahiraõ para a praya, donde foraõ levados para o carcere.

Conforta-os Deos no seu Martyrio.

4 Mandou o Presidente depois que os atassem em humas rodas, e que debaixo dellas se accendesse muito fogo com azeite, para que andando-se com ellas se lhes desvanecessem as cabeças, e os corpos se assassem pouco a pouco.

a pouco. Vendo-se os Santos nas rodas, e o fogo preparado para os queimar, rogaraõ ao Senhor o extinguisse com a sua poderosa maõ; e no mesmo tempo saltou o fogo com violencia entre os Gentios, aos quaes abrazou inteiramente. Vendo o Presidente que os Santos estavaõ nas rodas taõ alegres, e descançados, como se estivessem em camas brandas, e regaladas, e que o fogo, destinado para os queimar a elles, abrazava aos seus sequazes; assentando que era encanto, e obra do demonio [que he o que costumaõ ter para si quando observaõ similhantes portentos] mandou que os tirassem das rodas, e depois de tirados lhes disse: *Basta ja, miseraveis, e pois haveis bem mostrado a força das vossas artes magicas, e feitiçarias, acabay ja de sacrificar aos deoses, que tanto vos soffrem, e consentem.* Santo Acisclo respondeo: *Como naõ tens entendimento, nem juizo, nem temor de Deos, que te ensine, naõ podes entender as maravilhas, que faz, para livrar a seus Servos das tuas maõs.*

Estupendo martyrio.

5 Mandou o cruel Dion a Santo Acisclo para o carcere, e que cortassem os peitos a Santa Victoria: e como quando lhos cortaraõ sahisse delles leite em lugar de sangue, disse a victoriosa Victoria para o Tyranno: *Contempla, homem de coraçaõ de pedra, como pela virtude de Christo sahe de meus peitos leite por sangue.* E com os peitos cortados foy a Bemaventurada Santa para o carcere, no qual foy visitada por muitas mulheres daquella terra, que condoîdas della, ainda que Gentias, lhe levaraõ alguns regalos, os quaes muito bem lhes pagou, principalmente a sette, que naquella noite converteo á nossa santa Fé com as suas santas palavras, e efficazes persuasoens. No outro dia mandou tirar o Presidente do carcere a estes Bemaventurados irmaõs, e depois de ver a pouca efficacia, que tinhaõ as suas porfias, ordenou que cortassem a lingua á Santa, e que depois a assetteassem, como fizeraõ; e sem lingua morreo, louvando, e dando graças a Deos. Santo Acisclo foy degolado no mesmo tempo no Amphiteatro, lugar deputado para as festas publicas. No mesmo ponto, em que exhalaraõ suas almas pelas bocas de tantas feridas, foraõ ouvidas humas vozes Angelicas, que diziaõ: *Vinde, Santos, e recebey as Coroas, que por premio da vossa nobre peleja vos estaõ apparelhadas.*

6 Aquella Senhora Iniciana, que criou, e educou a estes Santos, pelo fallecimento de sua ama Nicomedia, como ja dissemos, procurou tirar os santos corpos do lugar do supplicio, e sepultou a Santo Acisclo em sua casa, e a Santa Victoria perto da porta do rio. A razaõ, que teve para apartar a huns irmaõs no sangue, e no martyrio, se ignora. Edificou-se hum Templo, em que estes Santos estiveraõ. Usuardo, e o Bispo Equilino dizem que no dia da festa destes Santos se colhiaõ antigamente em Cordova rosas milagrosamente, cuja Cidade os tem por Patronos. Foy o seu triunfo a 17. de Novembro de 303. Delles escreve Padilha na *Historia Ecclesiastica de Hespanha*, e outros, para gloria, e honra de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

SANTO APOLLONIO, *Senador Romano, Martyr, cuja cabeça se venera nos Carmelitas de Evora.*

SEndo Apollonio nobilissimo Senador Romano, vivia no engano em que viviaõ todos os que seguiaõ as Idolatrias, e naõ adoravaõ ao Deos, que confessavaõ á custa do seu sangue os Christaõs; e fazendo-se hum destes, no mesmo ponto foy denunciado por hum escravo seu diante de Perenio, Prefeito do Imperador Commodo, o qual lhe assignalou certos dias, para que dentro delles desse a razaõ, porque trocara a adoraçaõ dos seus deoses,

ſes pela de Chriſto. Naquelle pouco tempo compôs hum volume, em que eſcreveo as principaes razoens, que o moveraõ a fazer eleyçaõ da Religiaõ Catholica, com a declaraçaõ dos artigos, e das verdades em que ſe funda, e tudo leo publicamente no Senado no fim do aſſignalado tempo. Vendo os Senadores o muito que engrandecia a noſſa Catholica Religiaõ, e que blasfemava da barbara cegueira, o condenaraõ logo á morte, que no meſmo tempo ſe lhe deo atrociſſima, da qual tomou o Ceo logo vingança por credito do ſeu poder, e por honra daquelle ſeu Servo; pois deſpedio hum rayo, que arrazou o Capitolio, e reduzio a Imperial Chancellaria, e muitas galarias, e caſas nobres a pó, e cinza o fogo que delle ſahio. Ao tal rayo ſe ſeguio hum grande terremoto, vomitando a terra hum Volcaõ de fogo, que abrazou o templo da paz. Finalmente, com a morte do Santo Senador Apollonio ſe viraõ eſtes caſtigos em Roma, e ſobre elles os da fome, e peſte, e de outras calamidades, que opprimiraõ, e confundiraõ, mas naõ deſenganaraõ, áquelles cegos homens. Padeceo em Roma no oytavo anno do Imperio de Cómodo, que concorreo com o de Chriſto 190. No de 1609. alcançou em Roma a ſua ſanta cabeça com outras muitas Reliquias o Arcebiſpo de Evora D. Jozé de Mello, ſendo Agente na meſma Curia do noſſo Monarcha, e as collocou no Convento de noſſa Senhora dos Remedios, que elle fundou na Cidade de Evora, para os Religioſos Carmelitas deſcalços. Delle trataõ os Martyrologios a 18. de Abril.

Caſtiga o Ceo a ſua morte.

S. JUVENCO *Presbytero Luſitano.*

NAſceo em Cezarobriga, Cidade antiquiſſima da noſſa Luſitania. Foy Varaõ de grande ſantidade, e o primeiro Poeta Catholico. Compôs a Vida de N. Senhor Jeſus Chriſto em verſo heroico, em quatro livros, ſeguindo nelles o Texto dos quatro Evangelhos; e naõ ſendo os termos em todos legitimamente poeticos, na valentia, e cadencia dos verſos he obra admiravel, pelo engenho, e fidelidade com que metteo verſo por verſo o Texto do Evangelho. Eſcreveo tambem muitos Hymnos ſobre os ſette Sacramentos. Todas as ſuas Obras foraõ por vezes impreſſas, e ſe achaõ expreſſadas no fim da *Bibliotheca Patrum.* Finalmente, cheyo de dias, e accumulado de virtudes ſubio ao deſcanço eterno aos 12. de Settembro de 337.

O primeiro Poeta Catholico.

Vida, e martyrios de S. VICENTE, *e ſuas Irmaãs, naturaes de Evora.*

1 DIſcorrendo o peſſimo Daciano por toda Heſpanha, por lhe encarregarem os Imperadores o Governo de toda ella, chegou á Cidade de Evora, onde começando a inquirir dos Chriſtaõs, que nella viviaõ, teve noticia deſtes Santos irmaõs. Mandou levar á ſua preſença a Vicente, e como era de agradavel diſpoſiçaõ, e de gentil preſença, intentou com o mayor empenho diſſuadi lo da Ley de Jeſu Chriſto, que profeſſava, e perfeitamente guardava, dizendo lhe que adoraſſe aos deoſes, e que naõ quizeſſe perder a vida por hum homem, que por publico Juizo havia ſido condenado á morte de Cruz. Indignado S. Vicente contra o Juiz, diſſe: *Malvado, naõ digas blasfemias contra o que havias de adorar, ſe o demonio naõ te tiveſſe cego o entendimento.* Daciano lhe reſpondeo: *Por ſeres, como es, moço, e naõ teres prudencia para entender o que devias reſponder, te perdoo; e ouve-me attento, pois como pay te admoeſto a que ſacrifiques*

fiques aos Deoses, que se assim o naõ fazes, morrerás. Ao que respondeo o nosso Vicente, dizendo: *Aquelle se deve dizer carecer de prudencia, e de juizo, que deixando de adorar a Deos verdadeiro, Creador de todas as cousas, adora as pedras, madeiros, e metaes.* Indignado Daciano destas, e de outras razoens do Santo, disse com desdem: *Cousa he indigna de minha pessoa, e officio, por-me ás razoens contigo;* mandou logo aos seus infernaes ministros que lho tirassem dediante, e o levassem ao altar de Jupiter, com ordem de que diante delle o matassem, quando naõ quizesse adorá-lo. Levaraõ-no os ministros com pontualidade, e indo subindo por humas escadas o invicto Soldado de Christo, determinado a morrer antes, que a dar taõ infame adoraçaõ, huma pedra, sobre que pôs os pés, cedendo ao seu contacto enternecida, como branda cera admittio em si os finaes dos pés, movendo a piedade aos circunstantes, e enternecendo seus coraçoens. Enternecida pois a pedra, e trasformado em cera o marmore, suspenderaõ a morte rigorosa, sem embargo da ordem de Daciano. Diziaõ os Gentios movidos interiormente por Deos: *Nunca os que honraõ, e sacrificaõ aos nossos deoses, fizeraõ similhantes cousas. Verdadeiramente o Deos, que adora Vicente, he o verdadeiro, pois as pedras duras se enternecem por seu mandado, perdendo a força, e a sua natural dureza.* E naõ querendo ser mais crueis que o penhasco, cahiraõ-se-lhes as armas das maõs com o rigor, á vista de taõ grande prodigio, e ficaraõ os mesmos, que haviaõ de ser ministros da sua morte, sendo guardas piedosas da sua vida; pois fingindo a Daciano que Vicente pedia tres dias para se determinar no que se lhe mandava, o metteraõ no carcere, onde lhe deraõ modo para fugir os guardas, que até alli mais o defendiaõ, sendo Deos o movedor desta piedade á custa do prodigio, que dissemos. Fugio com effeito, naõ só por lhe darem os guardas occasiaõ para isso, senaõ tambem conmovidos das lagrimas de suas irmaãs, que indo-o visitar lhe ponderaraõ a soledade em que ficavaõ, se se entregava á morte. As mesmas irmaãs o acompanharaõ, e a poucos passos confirmou S. Vicente a suas irmaãs na Fé de Jesu Christo, de maneira, que abrazadas em fervorosos dezejos de morrer por ella, deixando os retiros dos campos, se offereciaõ ao perigo. Estas saõ as fadigas dos bons Christaõs: fogem para mais proveito, e quando parece que recuzaõ huma batalha, se cingem depois de duplicadas coroas, como S. Vicente, que fugio de padecer só, para que o seguissem para o Ceo suas irmaãs com a coroa do martyrio.

Abrandaõ-se as pedras, em que pôs os pès S. Vicente como se foraõ branda cera.

Foge o Santo das prizoens em que o meteraõ os Idolatras.

2 Assim que Daciano teve noticia da fugida do Santo, e de suas irmaãs, mandou varias pessoas no seu alcançe, o qual lhe deraõ em Avila, [Cidade que naquelle tempo pertencia á nossa antiga Lusitania] onde foraõ prezos illustrando seus campos com a sua purpura. Levaraõ-nos os ministros de Daciano para hum lugar, que estava fóra da Cidade, a que chamaõ *As Pizadas*, nome que parece se lhe pôs em memoria das pizadas que de S. Vicente ficaraõ assignaladas na pedra do templo dos Gentios. Foraõ os tormentos com excesso rigorosos, vingando os infernaes ministros em a crueldade, a raiva, e o desgosto, que conceberaõ com a fugida; porem os tres invenciveis Martyres, em os crueis açoutes, e no potro, onde lhes desconjuntaraõ os ossos, só alentavaõ continuos louvores á Santissima Trindade, a quem alegres confessavaõ, á imitaçaõ dos tres mancebos do forno de Babylonia, suavizando-lhes Christo Senhor nosso os tormentos, assim como áquelles refrescava os ardores. Offendidos os malvados ministros de ouvir o nome de Jesu Christo, e da Trindade Beatissima, e de vêr tanta alegria, e paciencia como os Santos irmaõs mostravaõ, quizeraõ tirar a occasiaõ da affronta, que lhes parecia receber com aquillo, e com hum novo genero de crueldade lhe fizeraõ pôr as cabeças sobre tres pedras, e dando-lhes com outras pedras sobre as cabeças, lhas machucaraõ até sahirem os miólos, e as almas para o Ceo. Assim se coroaraõ das pedras do martyrio,

Prendem ao Santo, e a suas irmaãs, e triunfaõ todos tres &c.

ſendo naõ ſó as pedras do tormento, ſenaõ a pedra ineſtimavel de Chriſto Senhor noſſo a margarita de ſuas Coroas.

3 Como naõ ſe acabava com a morte a crueldade daquelles tyrannos, deixaraõ os Bemaventurados corpos no campo para que foſſe ſuſtento das vorazes féras. Querendo Deos Senhor noſſo acreditar a ſeus Servos, e confundir áquelles Barbaros, mandou huma ſerpente para guarda delles, a qual os guardava com tanta vigilancia, que bem parecia mandada pelo ſeu Creador. Sahio hum Judeo rico da Cidade para vingar nos Santos o ſeu antigo, e herdado rancor com Chriſto em os ſagrados depoſitos, e ao lançar de noite a maõ ás ſagradas Reliquias para o deſprezo, ſe achou enlaçado com a enroſcada ſerpente, que, ainda que com brandura, o opprimia, e naõ o maltratava, obrigando-o a que ſe arrependeſſe, e mudaſſe de vida. Conheceo o Hebreo na ſua afflicçaõ o aviſo, que em cazo taõ impenſado, e prodigioſo lhe inviava o Ceo, e com hum verdadeiro propoſito diſſe: *Jeſu Chriſto, guardador dos teus Servos, livra-me deſta fera ſerpente, que ſe della me livras crerey em ti, receberey a tua Fè, e enterrarey os corpos deſtes, que por ti morreraõ.* No meſmo ponto o deixou a ſerpente, a qual nunca mais foy viſta naquellas terras, tendo até alli feito nellas grandes eſtragos. Cumprio o ja venturoſo Judeo a palavra, baptizando-ſe, e ſepultando os corpos dos Martyres com toda a decencia: e pelo tempo adiante mandou fazer pelos ſeus bens hum Templo aos meſmos Martyres, ſendo nova gloria dos noſſos invictos Martyres eſta conquiſta do Judaiſmo depois da morte. Bem ſe póde dizer delles em a ſua acclamaçaõ, e em deſdouro do Tyranno, o que Santo Agoſtinho diſſe de outro Vicente Padroeiro de Lisboa, que venceo ao tyranno na vida, e na morte; porque ſe áquelle o venceo na vida com o ſoffrimento, e na morte, ſahindo ſe do mar, adonde o aborrecimento lançou as ſuas Reliquias: o noſſo S. Vicente, e ſuas irmaãs o venceraõ perſeverando conſtantes em os tormentos quando vivos, e conquiſtando novos filhos para a Igreja quando mortos.

Guarda ſeus corpos hũa ſerpente, e converte-ſe hum Hebreo.

4 E niſto veyo aparar a fugida dos noſſos inclytos Martyres. Fugiraõ para entrarem depois pelos tormentos com valor; porque nem ſempre ſe ha de fugir, nem ſempre ſe ha de eſperar; e ſó ſe haõ de medir os affectos conforme as occaſioens, fugindo, e offerecendo-ſe depois ao martyrio. Cumpriraõ em fim os noſſos illuſtres Portuguezes a doutrina do Divino Meſtre fugindo, e eſperando prudentes, e valoroſos.

5 Foraõ por muitos ſeculos veneradas dos Fieis as Reliquias dos noſſos Santos na ſumptuoſa Igreja, que fabricou o agradecido Judeo no lugar da ſacrilega execuçaõ, até que eſcondidas pelos Chriſtaõs no tempo dos Barbaros, que reduziaõ a cinzas as Reliquias ſagradas, ſe perdeo totalmente o lugar, que guardava taõ precioſo theſouro. Condoìdo o grande Servo de Deos D. Garcia, Abbade de S. Pedro de Arlança em Avila, de que eſtiveſſem aquelles ſantos penhores occultos, e ſem culto, pedio a Deos Senhor noſſo com muitas lagrimas, e oraçoens, acompanhadas de muitas penitencias, e de jejuns a pam, e agoa, lhe revelaſſe o ſitio, em que eſtavaõ, que com effeito o Senhor lhe revelou em premio das ſuas rogativas em a ſexta feira Santa do anno de 1062. Acharaõ-ſe preſentes á ſolemnidade da traſladaçaõ os piiſſimos Reys D. Fernando, e D. Sancha, S Domingos de Silos, Santo Alvito de Leaõ com outros Prelados de Heſpanha. Dizem por tradiçaõ que levou o dito Rey o corpo de S. Vicente para Santo Iſidoro de Leaõ, e D. Garciá o de ſuas irmaãs para S. Pedro de Arlança junto a Burgos, ficando grande parte deſtas ſagradas Reliquias na ſua antiga Igreja. Alguns Authores eſtrangeiros nos quizeraõ levar eſtes Santos para Talaveira de Caſtella, principalmente, o Padre Joaõ de Marianna, por ſer natural da meſma terra, e ſempre contrario a tudo o que póde ſervir de gloria a Portugal. Caſtelhano foy Padilha, e como mais verdadeiro, e menos apaixonado

do na historia, trata de nossos Santos na sua *Historia Ecclesiastica de Hespanha*, como naturaes da Cidade de Evora. O Doutissimo, e insigne antiquario Rezende doutamente resolve todas as duvidas, que occorrem sobre a naturalidade destes Santos na *Epistola ad Rebediũ*, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

S. CAYO *Papa Martyr, cujo corpo se conserva em o Convento de Santa Clara de Pinhel.*

NAsceo em Salona, Cidade de Dalmacia, seu pay se chamou Cayo Maximino, Senador, e Varaõ Consular. Succedeo no Pontificado a Euthiciano, primeiro do nome, o qual regeo mais de doze annos no meyo de immensos trabalhos, e de continuas perseguiçoens, que no seu calamitoso tempo se faziaõ aos Pontifices, e a todos os Christaõs. Distribuio os bairros da Cidade de Roma por Notarios, que tivessem a obrigaçaõ de contar, e escrever fielmente as vidas, e martyrios dos que dessem as vidas por Christo. Ordenou muitos, e uteis decretos dirigidos ao bom governo da Igreja Universal, e sem embargo de estar pelo espaço de oito annos occulto em huma cova subterranea, por causa da perseguiçaõ, que no seu tempo levantou o infernal Diocleciano, deo quatro vezes Ordens, e administrou o sagrado Baptismo a muitas almas. Em fim, descoberto pelos iniquos Juizes o sitio, desde o qual estava governando a Igreja Catholica, alli o foraõ prender, e lhe tiraraõ a vida, e a seu irmaõ S. Gabino a 22. de Abril de 284., em cujo dia celebra a Igreja a sua festa, juntamente com a de S. Sother tambem Pontifice. Sepultou-se com Hymnos, e Canticos de louvor no Cemiterio de Calisto, onde se conservou o seu santo corpo até o tempo do Papa Paulo V., que delle fez graça, e de outros santos corpos, a Heitor da Sella Falcaõ, nobre Portuguez, o qual os depositou no Convento de Santa Clara de Pinhel, de que seu pay Luiz de Figueiredo Falcaõ fora fundador. Agiolog. Lusitan. tom. 2. a 22. de Abril.

S. TORIBIO *Bispo de Tuy, e de Astorga.*

1 NAsceo na Provincia de Galliza, no tempo em que estava sujeita a Braga. Seus pays, dezejosos dos seus augmentos, o fizeraõ seguir os estudos, o que elle fez, e proseguio com aproveitamento, naõ só nelles, senaõ tambem nas virtudes Christaãs. Ordenou-se de Presbytero, e querendo ir visitar os Santos Lugares de Jerusalem, se pôs a caminho para cumprir o seu pio dezejo. Chegando a Roma, e indo beijar o pé ao Papa Leaõ I. do nome, se detiveraõ em varias practicas sobre os estados das cousas destas Provincias, de que lhe deo taõ bõa razaõ, e por taõ bom estylo, que grangeou a vontade do Summo Pastor, com quem travou estreita amisade. Depois de ver, visitar, e admirar as singulares Reliquias, e magnificos Templos, que tanto illustraõ aquella maravilhosa Cidade, e de tomar a bençaõ ao Summo Pontifice, partio para Jerusalem, onde esteve cinco annos meditando, e contemplando com grande affecto, e ternura naquelles sagrados Mysterios, e alli estaria toda a vida, se o Ceo lhe naõ revelasse a propinqua destruiçaõ daquella Cidade, da qual sahio completos os cinco annos, naõ por temer que os tyrannos executassem nelle alguns tormentos, sim por pôr em salvo hum precioso cofre de Reliquias, que tirou do sepulchro, de que foy Thesoureiro em todo o tempo que alli esteve.

Vay a Roma donde passa a Jerusalem.

esteve. Chegou em fim a Galliza, depois de experimentar, e de tollerar os mayores trabalhos com summa paciencia, que todavia lhos suavizava a consideraçaõ de taõ bõa companhia. Pouco depois de chegar a Galliza, o fizeraõ Arcediago de Tuy, dignidade que acceitou, mais obrigado que gostozo.

2 Andava inficionada quasi toda a Provincia de Galliza com a pestifera lepra Prisciliana, donde era natural o seu malvado inventor. Lastimado o nosso Santo das muitas almas, que se hiaõ submergindo em hum abysmo de erros, naõ cessava de os atalhar com a salutifera medicina da Divina palavra, escrevendo, disputando, e prégando com grande fervor, e incansavel desvélo. Vendo que nada bastava para se darem por convencidos, recorreo á Sé Apostolica, dando-lhe miuda conta do que havia, e do que tinha obrado, ainda que sem proveito. O Summo Pontifice lhe escreveo a Epistola, que adiante offerecemos á curiosidade. Mandou o Papa hum Breve para que todos os Prelados das Provincias Tarraconense, Carthaginense, Lusitana, e Gallíciana congregassem Concilio, em que anathematizassem taõ pernicioso contagio. Por algumas causas, que tiveraõ os Prelados congregados, o celebraraõ em Fam, Villa, e porto maritimo distante desta Cidade de Braga cinco legoas, no tempo em que se chamava *Aquas Celenas*. Presidiraõ nelle Idacio Bispo de Lamego, e Ceponio Bispo de Tuy, por ordem de Balconio Arcebispo de Braga, que naõ pode presidir, movido de algumas queixas; porêm confirmou, e assinou os decretos, que se fizeraõ contra Prisciliano, e seus sequazes. Concluido o conclave, intimou de novo o nosso Santo Toribio [como Apostolico Notario] aos Metropolitanos de Hespanha, que congregassem outro em Toledo, a fim de que soubesse cada hum na sua Diecesi, o que havia de seguir em taõ importante materia, remettendo tudo o que nelle se decretasse ao mesmo Primás, por assim o ordenar S. Leaõ Papa.

Oppoem-se ás heresias dos Priscilianos.

Celebra-se Concilio em Fam.

3 Pouco depois de celebrado o Concilio, falleceo Ceponio, Bispo de Tuy, e achando o Clero, e povo que ninguem era mais benemerito para aquella dignidade que o nosso Santo, o acclamaraõ seu Bispo, emprego que acceitou, e pouco depois o Bispado de Astorga, por fallecimento de S. Dictinio, naõ menos que pelo obrigar a hum, e a outro, o Papa S. Leaõ, que com elle se correspondia familiarmente. Se antes de ser Prelado era zeloso, e incansavel na prégaçaõ Evangelica, e em procurar os mais conducentes meyos para desterrar as heresias, depois se mostrou eximio perseguidor dos Herejes, e Dogmatistas, dissipador dos vicios, e torpezas, e amador da piedade, e caridade Christaã. Em fim, depois de governar aquelles Bispados muitos annos, e de padecer infinitos trabalhos em todos, passou destes ao descanço, e da terra ao Ceo aos 16. de Abril de 454., como aponta Juliano num. 230. Sepultou-se na sua Sé de Astorga, onde esteve fazendo prodigios, até á nunca assás chorada destruiçaõ de Hespanha, em cujo tempo foy trasladado para hum Mosteiro Benedictino, que está em Lievane, Montanha das Asturias, onde se venera outro Santo do mesmo nome, Monge Bento, que alli fundou aquelle Convento, cousa de hum seculo depois da morte do nosso Santo, com a invocaçaõ de S. Martinho. Era natural da Cidade de Toledo, de illustre nascimento, e depois de ter servido grandes cargos na Republica, conhecendo a vaidade delles, e o pouco que lhe aproveitariaõ para o acerto de huma bõa morte, deixando a patria, e tudo quanto nella possuia, se veyo metter naquellas montanhas, por se dar totalmente a Deos, onde pelo seguirem muitos companheiros, fundou o sobredito Convento, que hoje se chama naõ de S. Martinho, sim de S. Toribio, depois que para alli se trasladou, com outras muitas Reliquias no tempo dos Mouros. De S. Toribio rezaõ muitas Igrejas de Hespanha, como Bispo de Astorga. Para que se saiba o grande do seu zelo, e se tenha noticia das heresias de Prisceliano, transcreveremos a Epistola Decretal, que lhe mandou S. Leaõ.

Leaõ

Leaõ Bispo a Toribio Bispo saude &c.

4 „ A Carta, que havemos recebido por maõ do vosso Diacono, dá „ bem a entender quaõ de véras, e quaõ louvavelmente tratais as „ cousas da Fé, e com quanta diligencia, affecto, e devoçaõ cuidais da ma- „ nada do Senhor, fazendo o officio de bom Pastor. Por ella nos dais noti- „ cia de quaõ accesa anda nessas partes a pestilente enfermidade dos anti- „ gos; e a vossa petiçaõ, e libello demostra o como se segue a hedionda „ doutrina dos Prisciliamistas, porque nenhuma çugidade ha nas outras here- „ sias, que naõ se haja recolhido, e juntado nesta; a qual há sido mesclada, „ e composta das fezes, e immundicias de todas as falsas opinioens, para „ que ellas só bebessem tudo aquillo, que outros em parte haviaõ gostado. „ Porque se buscarmos todas as heresias, que antes de Prisciliano se inven- „ taraõ, naõ se achará erro algum, do qual se lhe naõ haja pegado alguma „ cousa. E ainda naõ contente de haver recebido as falsidades daquelles, que „ debaixo do nome de Christaõs se apartaõ do Evangelho de Christo, se ha „ mettido nas trevas do Paganismo, querendo pôr as cousas da Fé, e da Re- „ ligiaõ, e os costumes em o poder dos demonios, e no effeito das es- „ trellas, pelos profanos segredos da Arte Magica, e vaãs mentiras dos Ma- „ thematicos. O que se se permittisse crer, e ensinar, nem se deveria pre- „ mio pelas virtudes, nem pena pelos vicios. E naõ seria menos, que des- „ fazerem-se os Decretos, e estabelecimentos, naõ sómente das leys huma- „ nas, senaõ tambem das Constituiçoens Divinas. Porque naõ se poderia „ tomar juizo das bôas, nem das más obras, se o movimento da alma fosse „ compellido a huma, e a outra cousa pela necessidade do fado: que naõ „ he menos que dizer, que tudo aquillo que he feito pelos homens, naõ o fa- „ zem os homens senaõ as estrellas, pondo loucamente huma distinçaõ pro- „ digiosa de todos os membros do corpo humano pelos doze Signos do „ Ceo, querendo dar a entender que cada hum delles tem diverso poder „ sobre diversas partes do corpo; e que a creatura, que Deos fez á sua Ima- „ gem, e similhança, tenha os membros corporaes pendentes da constellaçaõ „ das Estrellas. Com muita razaõ nossos antepassados, em cujo tempo co- „ meçou a brotar essa abominavel heresia, com grande instancia por todo o „ mundo procuráraõ que este malvado furor fosse expellido, e lançado de „ toda a Igreja, e os Principes do mundo assim abominaraõ este sacrilego des- „ vario, que mandaraõ executar pena de morte, com o cutello das leys pu- „ blicas, no author delle, e em muitos discipulos seus, entendendo que se „ permittissem viver os que tratáraõ disto, com tal profissaõ se tirava todo „ o cuidado da honestidade, se dezatava o vinculo do matrimonio, e se lan- „ çava pelo chaõ todo o Direito Divino; e humano, e foy necessario aquel- „ le castigo, e que a mansidaõ Ecclesiastica [que contentando-se do Juizo „ Sacerdotal o qual recusa sanguinolentas vinganças] fosse ajudada, e favo- „ recida com as Constituiçoens rigorosas, [ainda que de Principes Christaõs] „ para que os que naõ temem o remedio espiritual, temaõ o castigo corpo- „ ral: e depois que a multidaõ de inimigos occuparaõ muitas Provincias, e „ as tempestades das guerras estorvaraõ a execuçaõ das santas leys, e pelas „ difficuldades, e perigos dos caminhos deixaraõ de juntar-se os Sacerdo- „ tes de Deos a celebrar Concilios, com a publica perturbaçaõ achou li- „ berdade a secreta perfidia, e foy incitada a perdiçaõ, e destruiçaõ de mui- „ tas almas com estes males, com os quaes antes devera ser castigada. E que „ povos, ou quanta parte delles poderá estar livre do contagio desta peste! „ Aonde, segundo vossa Caridade o demostra, estaõ corrompidos os cora- „ çoens de alguns Sacerdotes com esta mortal enfermidade: e por aquelles „ que havia de ser a falsidade opprimida, e a verdade defendida, por esses

Summa do que continhaõ as heresias Prisci- lianas.

„ se

,, se ha anteposto a doutrina de Prisciliano ao Evangelho de Christo, de tal
,, maneira, que, depravada a verdade das Santas Escrituras com sentidos
,, profanos, com nome de doutrina de Prophetas, e Apostolos se pregue,
,, naõ o que o Espirito Santo ensinou, senaõ o que o ministro do demonio
,, introduzio. E porque vossa Caridade, com a mayor, e mais fiel diligen-
,, cia que pode, comprehendeo em dezasseis Capitulos as opinioens antes de
,, agora condenadas; Nósoutros tambem brevemente trataremos de todas el-
,, las, porque ninguem entenda ser toleravel, ou duvidosa alguma daquel-
,, las blasfemias. No primeiro Capitulo se demostra quaõ sacrilegamente sen-
,, tem da Divina Trindade os que affirmaõ ser huma mesma Pessoa a do
,, Padre, e a do Filho, e o do Espirito Santo: como que o mesmo Deos seja
,, nomeado humas vezes Pay, outras vezes Filho, e outras Espirito Santo; e
,, que naõ seja hum o que gerou, outro o que foy gerado, e outro o que de
,, hum, e de outro procede, e que seja huma singular unidade em tres vo-
,, cabulos, e naõ em tres Pessoas. Cujo genero de blasfemia tomaraõ elles
,, da opiniaõ de Sabelio: aos discipulos do qual com razaõ se chamaraõ: *Pa-
,, tripassianos.* Porque se o mesmo, que he o Filho, he o Pay, a Cruz do
,, Filho seria Paixaõ do Pay, e tudo aquillo que o Filho padeceo em forma de
,, servo, obedecendo ao Pay, tudo o haveria recebido em si o mesmo Pay:
,, o que sem duvida alguma he contrario á Fé Catholica, que confessa ser a
,, Trindade huma só substancia, de tal maneira que crê, o Padre, o Filho,
,, e o Espirito Santo ser indivisos sem confuzaõ alguma, sempiternos sem
,, tempo, e iguaes sem differença; porque a unidade em Trindade se en-
,, che naõ de huma mesma Pessoa, senaõ de huma mesma essencia.

Reprova-se o erro dos Priscilianistas acerca do Mysterio da Sãtissima Trindade.

5 ,, No segundo Capitulo se demostra huma ficçaõ nescia, e vaã, do
,, modo de proceder algumas virtudes de Deos, as quaes dizem que come-
,, çou a ter, e que a sua essencia lhes precedeo em tempo: em o qual favo-
,, recem o erro dos Arrianos, que dizem ser o Padre primeiro que o Filho,
,, porque em algum tempo naõ teve Filho, e entaõ começou a ser Pay quan-
,, do gerou ao Filho. Porèm como aos outros abomina a Igreja Catholica,
,, assim abomina a estes, que pensaõ que em algum tempo faltou em Deos
,, aquillo que he da sua mesma essencia. Porque assim como seria blasfemia
,, dizer que Deos he mudavel, tambem o seria dizer que em hum tempo
,, tivesse o que antes naõ teve: que como se muda o que se diminue, tambem
,, se muda o que se augmenta.

Diziaõ os Priscilianistas haver em Deos algumas virtudes, que em algum tempo naõ teve.

6 ,, No terceiro Capitulo se refere, que os mesmos malvados affirmaõ
,, que por tanto o Filho de Deos he chamado Unigenito, porque só nasceo
,, da Virgem, o que naõ differaõ se naõ houveraõ bebido a peçonha de Pau-
,, lo Samorateno, e de Photino, Herejes, os quaes differaõ que nosso Se-
,, nhor Jesu Christo naõ havia sido, antes que nascesse da Virgem Maria. E
,, se estes de seu sentido querem entender outra cousa, e daõ a Christo prin-
,, cipio de sua Mãy, necessario he que tambem digaõ naõ ser só hum o Fi-
,, lho de Deos, e haver outros tambem gerados do Eterno Pay, dos quaes
,, este hum ha nascido de mulher, e este seja por isso chamado Unigenito,
,, porque nenhum outro dos filhos de Deos haja nascido daquella maneira:
,, e por qualquer caminho destes, que vaõ, vaõ aparar em hum despenha-
,, deiro de grande impiedade, ou querendo que Christo nosso Senhor haja
,, tido principio de sua Mãy, ou naõ confessando ser Unigenito de Deos
,, Padre; sendo assim, que o que nasceo da Mãy era o Verbo de Deos, e
,, do Pay nenhum he gerado, senaõ he o Verbo.

Outro erro, em que diziaõ se chamava a Christo Unigenito por sua Mãy naõ parir outro.

7 ,, Em o quarto Capitulo se contêm que estes naõ honraõ verdadeira-
,, mente o nascimento de Christo, que a Igreja Catholica venera; porque
,, o Verbo foy feito carne, e veyo a morar com nósoutros: mas antes fin-
,, gem honrá-lo jejuando o dia do seu nascimento, como tambem jejuaõ o
,, dia de Domingo que he dia da Resurreiçaõ de Christo: o que elles fazem
,, porque

,, porque naõ crêm haver nafcido Chrifto noffo Senhor em verdadeira ,, natureza de homem, feguindo a falfa doutrina de Cerdon, e Marcion, con- ,, cordando nifto de todo em todo com feus parentes os Manicheos; que ,, como pareceo, e foraõ convencidos em o exame que fizemos delles, paf- ,, faõ em trifteza de jejum o dia do Domingo confagrado com a Refurrei- ,, çaõ de noffo Salvador, por fe apartarem em tudo da uniaõ da noffa Fé, ,, paffando com trifteza, e afflicçaõ o dia, que nósoutros celebramos com ,, alegria: pelo que merecem os inimigos da Cruz de Chrifto, e da fua Re- ,, furreiçaõ, receber tal fentença, qual he a doutrina que efcolheraõ.

Outro erro.

8 ,, No quinto Capitulo fe refere, que eftes dizem fer a alma do homem ,, de fubftancia divina, e que a noffa natureza naõ differe da de feu Crea- ,, dor: cuja impiedade, e blasfemia, que procedeo da opiniaõ de alguns Fi- ,, lofofos, e dos Manicheos, a Catholica Fé a condena, fabendo que ne- ,, nhuma creatura ha taõ fublime, nem taõ principal, que feja de natureza ,, de Deos, porque o que he delle, he o mefmo que elle he, e ifto naõ he ,, outra coufa que o Filho, e o Efpirito Santo. E fóra defta Deydade [hũa ,, confubftancial, fempiterna, e incõmutavel] da Santiffima Trindade, ne- ,, nhuma creatura, ha que no feu principio naõ haja fido creatura de nada; ,, e nem tudo aquillo, que refplandece em as creaturas he Deos, nem o ,, que he grande, e admiravel nellas, he o que elle he, e fó elle faz gran- ,, des maravilhas. Nenhum homem he Verdade. Nenhum homem he Sabe- ,, doria. Nenhum he Juftiça; porèm muitos faõ participantes da Verdade, ,, da Sabedoria, e da Juftiça. Só Deos he o que naõ tem neceffidade de al- ,, guma participaçaõ, do qual tudo aquillo que dignamente fe entende naõ ,, he qualidade, fenaõ effencia, que ao que he incõmutavel nenhuma cou- ,, fa fe lhe póde accrefcentar, e nenhuma coufa lhe póde faltar; porque ,, a elle lhe he fempiterno, e fempre proprio Ser. E affim ficando em fi mef- ,, mo, renova todas as coufas, e nenhuma toma, que elle naõ haja dado. Lo- ,, go muy foberbos, e muy cegos faõ os que, dizendo fer a alma huma- ,, na da Divina fubftancia, naõ entendem que ifto naõ he outra coufa, que di- ,, zer que Deos he mudavel, e que padece o que podem padecer os que di- ,, zem que participa da fua natureza.

Outro erro.

9 ,, No fexto Capitulo fe declara, que eftes dizem que o demonio nun- ,, ca foy bom, e que a natureza delle naõ he factura de Deos, fenaõ que ,, elle fahio do chaos, e das trevas; e que he o principio, e fubftancia de ,, todo o mal. Como fe affim, que a Fé verdadeira, e Catholica confeffe ,, fer bõa a fubftancia de todas as creaturas, affim efpirituaes, como corpo- ,, raes, e naõ haver alguma natureza do mal, porque Deos que he o fabri- ,, cador de todas as coufas, nenhuma fez que naõ foffe bõa. E affim o de- ,, monio fora bom, fe permanecera naquillo em que foy creado: porèm ain- ,, da que ufou mal da fua natural excellencia, e naõ permaneceo em verda- ,, de, naõ mudou a fua fubftancia em outra contraria, fó fe apartou do ,, Summo Bem, a que fe devia chegar; affim como aquelles, que taes cou- ,, fas affirmaõ cahem do verdadadeiro no falfo, e arguem a natureza em ,, aquillo, em que efpontaneamente peccaõ, e pela fua vontade, e malda- ,, de faõ condenados, o qual certamente ferá mal nelles, e efte mal naõ fe- ,, rá fubftancia, mas ferá pena da fubftancia.

Continua.

10 ,, No fettimo Capitulo fe diz que eftes condenaõ as bodas, e fazem ,, afco da procreaçaõ dos que nafcem, como quafi em todas as coufas con- ,, cordaõ com a profanidade dos Manicheos; e affim como os coftumes ,, delles o manifeftaõ, abominaõ a conjunçaõ conjugal, porque nella naõ ha ,, liberdade de torpeza, antes nella fe conferva a vergonha do matrimonio, ,, e a efperança da geraçaõ.

Outro erro.

11 ,, O oitavo difparate delles he dizer que os corpos humanos faõ fei- ,, turas do diabo, e que por obra dos demonios faõ formados em os ventres

,, das

,, das mulheres os que saõ concebidos, e que por isso naõ se ha de crer em ,, o Artigo da Resurreiçaõ da carne, porque a creaçaõ do corpo naõ he congruente á dignidade da alma. Cuja falsidade he sem duvida alguma obra ,, do diabo, e opinioens taõ prodigiosas naõ podem ser inventadas senaõ pelos demonios, os quaes naõ formaõ os homens nos ventres das mulheres, ,, mas fabricaõ taes erros nos coraçoens dos Herejes; a qual muy cuja peçonha, que especialmente procede da fonte da impiedade dos Manicheos, ,, antes de agora está condenada pela Fé Catholica.

Outro erro.

12 ,, O nono Capitulo diz que estes affirmaõ que os filhos, que foraõ promettidos, ainda que nasceraõ de mulher, foraõ concebidos do Espirito ,, Santo, com o que querem entender naõ ser feitura de Deos a geraçaõ, que ,, nasce de semente da carne. E isto he repugnante, e contrario á Fé Catholica, que confessa todo o homem, quanto ao corpo, e quanto a alma, ser ,, feito, e formado no ventre de sua mãy pelo fabricador de todas as cousas, ficando com o contagio do peccado, e da mortalidade, que do primeiro pay se deriva nos seus descendentes, e isto se remedea com o Sacramento da regeneraçaõ, com o qual tornamos a renascer pelo Espirito Santo filhos de promissaõ, naõ em o ventre de carne, senaõ pela virtude ,, do Baptismo, pelo que David, que era filho de promissaõ diz a Deos: *Vossas maõs Senhor me fizeraõ, e me formaraõ*; e Deos disse a Jeremias: *Antes que te formasse em o ventre te conheci, e no ventre de tua mãy te santifiquey.*

Continua.

13 ,, No decimo Capitulo se refere que as almas, que se infundem nos ,, corpos, estiveraõ antes em outros corpos em o Ceo; e porque alli pecaraõ foraõ lançados delles, e cahiraõ em corpos de diversas qualidades ,, pelos ares, e poder das estrellas. Humas acertaraõ a ser encerradas em corpos duros, e outras em corpos mais brandos, com sorte diversa, e condiçaõ dissimilhante. De maneira, que tudo o que nesta vida provêm vária, ,, e desigualmente, [segundo estes] parece vir destas cousas precedentes. ,, Cuja iniqua fabula foy tecida dos erros de muitos, mas a todos elles aparta a Fé Catholica do corpo da sua unidade, prégando constante, e verdadeiramente, que as almas dos homens naõ foraõ antes de ser infundidas em seus corpos, nem foraõ postas nelles senaõ por Deos, que he o ,, Creador dellas, e dos corpos. E porque pelo peccado, e prevaricaçaõ do ,, primeiro homem toda a geraçaõ do genero humano ficou corrompida, nenhum se póde livrar da condiçaõ do homem velho, senaõ pelo Sacramento do Baptismo, no qual nenhuma differença ha dos que nascem; porque o Apostolo diz: ,, *Todos os que estais baptizados em Christo, estais vestidos de Christo, naõ me dá mais o Judeo que o Grego, que o servo, ou que o livre, nem o varaõ mais que a mulher; porque todos sois huma mesma cousa em Jesu Christo.* ,, Pois que fazem aqui os cursos das estrellas! Que fazem as ficçoens dos fados! Que faz a mundana nobreza do estado, e a diversidade inquieta! Que a todos, por desiguaes que sejaõ, a graça de ,, Deos os faz iguaes, com a qual, se permanecerem fieis entre todos os trabalhos desta vida, naõ pódem ser miseraveis, dizendo em qualquer tentaçaõ aquillo do Apostolo: *Quem nos apartará da Caridade de Christo? Apartar-nos-ha porventura a tribulaçaõ, ou a perseguiçaõ, ou a fome, ou a desnudez, ou o perigo, ou o cutélo?*

Outro erro.

Ad Galat. cap. 5.

Ad Roman. cap. 8.

14 ,, E por tanto a Igreja, [que he o Corpo de Christo] nenhuma cousa ,, teme das desigualdades do mundo, porque nenhuma cousa cobiça de bens ,, temporaes, nem teme ser aggravada com o sonido dos fados, porque sabe ,, com paciencia he augmentada em as tribulaçoens. A undecima blasfemia ,, destes he, que pensaõ depender as almas, e os corpos dos homens dos fados das estrellas, por cuja loucura estaõ envoltas em todos os erros dos ,, Pagoens, e honraõ as estrellas, que os favorecem, e procuraõ mitigar as ,, que

Continuaõ os erros.

„ que lhes saõ contrarias; porém os que estas cousas seguem naõ tem lugar „ na Igreja Catholica; porque o que se ha dado a taes persuasoens, todo está „ apartado do Corpo de Christo.

15 „ O duodecimo disparate destes he, que pōem as partes da alma sujeitas „ a humas potestades, e os membros corporaes a outras, e as qualidades dos „ que interiormente presidem, as pōem nos nomes dos Patriarchas, aos quaes „ pelo contrario oppōem os signos das estrellas, a cuja virtude estaõ sujei- „ tos os corpos, e em todas estas cousas se embaraçaõ com o erro intrica- „ do, naõ ouvindo ao Apostolo que diz: „ *Vede naõ vos engane algum por Filosofia, e fallacia vaã, seguindo a doutrina dos homens, segundo os elementos do mundo, e naõ segundo Christo, em o qual mora todo o complemento da Divindade corporalmente, e estais cheyos nelle, que he cabeça de todo o Principado, e de todo o poder.* „ E em outro lugar: *Naõ vos engane algum, com a cor de querer dizer que anda na humildade, e Religiaõ aos Anjos, inchado em vaõ com o sentido de sua carne naõ tendo cabeça, da qual pelas suas transgressoens, e conjunçoens regido todo o corpo, e composto cresce em augmento de Deos.* „ Pois que necessidade ha de admittir, e de crer o que a ley naõ en- „ sina, nem a profecia o canta, nem a verdade do Evangelho o préga, nem „ a doutrina da Igreja o mostra! Mas estas cousas saõ encobertas, e escon- „ didas a elles, dos quaes diz o Apostolo: „ *Tempo virá quando naõ sustentaraõ doutrina saã, senaõ, conforme a seus dezejos, amontoaráõ para si mestres, tendo vontade de ouvi-los, e naõ quereraõ ouvir a verdade, e ouviráõ de bõa vontade as fabulas, e mentiras.* „ Pois os que taes cousas ensinaõ, „ ou crem, ou em qualquer maneira querem affirmar que naõ ha de haver „ resurreiçaõ da carne, e os que negaõ o Sacramento da Incarnaçaõ de Chri- „ sto (dizendo que foy cousa indigna de Deos tomar todo o homem intei- „ ro, sendo tambem cousa indigna, que todo o homem fosse livre) estes taes „ sejaõ apartados da nossa companhia.

Continuaõ os mais erros dos Priscilianos.

16 „ No decimoterceiro Capitulo se refere que estes dizem que todo o „ corpo das Escrituras Canonicas se ha de tomar debaixo dos nomes dos „ Patriarchas; porque aquellas doze virtudes, que obraõ a reformaçaõ do ho- „ mem interior, se demostraõ nos nomes daquelles, sem a qual sciencia ne- „ nhuma alma póde conseguir ser reformada em aquella substancia, de que „ foy feita. Porem esta impia vaidade despreza a sabedoria Christaã, que sa- „ be ser a natureza da verdadeira Deidade inviolavel, e inconventivel. E que a „ alma assim estando animando o corpo, como apartada delle, está sujeita a „ muitas paixoens; a qual se fora da natureza da Divina Essencia, nenhuma „ cousa adversa pudera padecer, e portanto incomparavelmente ha muita „ differença do Creador á creatura; porque o Creador he sempre o mesmo, „ que com nenhuma variedade se póde mudar, e a creatura he mudavel, „ ainda que naõ se mude; porque o naõ mudar-se poderiaõ ter por se lhe ha- „ ver dado, mas naõ porque fosse seu proprio.

Erro dos Priscilianos.

17 „ O decimoquarto Capitulo he, que sentem estes que o corpo, ou a „ sua terrena qualidade está debaixo do poder das Estrellas, e dos Signos, e „ que por isso se achaõ muitas cousas em os livros santos, que pertencem „ ao homem interior, e que em as mesmas Escrituras, se acha a diversidade, „ e repugnancia, que ha entre a Divina natureza, e a natureza terrestre, que „ ha cousas, que pertencem aos presidentes da alma, e cousas que pertencem „ aos fabricadores do corpo. As quaes fabulas pōem para affirmar ser a alma „ de Divina, e a carne de má natureza; porque elles affirmaõ que ainda o „ mesmo mundo com os seus elementos naõ he obra de Deos bom, senaõ „ ser feito por máo Author; e para córar com bom titulo estes sacrilegios „ de suas mentiras, corromperaõ quasi todas as Divinas Escrituras, decla- „ rando-as com sentidos abominaveis.

Outro erro.

18 „ Disto vos queixais em o decimoquinto Capitulo, abominando com

Continuaõ os erros.

,, razaõ a diabolica prezumpçaõ destes, a qual nósoutros havemos sabido por ,, relaçaõ de testimunhas verdadeiras, e temos achado muy corrompidos os ,, livros delles, aos quaes põem titulo de *Escrituras Canonicas*. Porque co- ,, mo poderiaõ enganar aos simplez se naõ lhes dessem untado com algum mel ,, a envenenada bebida, para que naõ sintaõ ser desabrida, a que lhes ha de ,, ser mortal? Convêm pois procurar, e provar com diligencia Sacerdotal, ,, que em nenhuma maneira se leaõ, ou tenhaõ os livros corrompidos, e dis- ,, cordes da vontade sincera: e naõ sómente se devem prohibir as escritu- ,, ras apochryphas, que debaixo dos nomes dos Apostolos saõ seminario de ,, muitas falsidades, mas tirá-las de todo em todo, e abrazá-las com fogo; ,, porque ainda que nellas haja algumas cousas, que pareçaõ ter especie de ,, piedade, naõ estaõ vasias de veneno, e com o doce das fabulas, sem se ,, sentirem, vaõ obrando, e com o engano da narraçaõ de cousas maravi- ,, lhosas, enredaõ com os laços todos os erros: e assim se algum Bispo naõ ,, prohibir o ter algum em suas casas livros apochryphos, ou permittir lerem- ,, se em a Igreja, debaixo de titulos de Canonicos, os livros corrompidos ,, com a adulterina emenda de Prisciliano, saiba que será julgado por He- ,, reje; porque o que naõ aparta a outro do erro, mostra que tambem erra.

19 ,, Em o ultimo Capitulo vos queixais justamente de que muitos lem ,, com grande veneraçaõ os Tratados, que escreveo Dictinio, segundo a Sei- ,, ta de Prisciliano, e que se em alguma maneira ha de ser honrada a me- ,, moria de Dictinio, ha de ser tendo attençaõ á sua conversaõ, e naõ á ,, cahida, e os que lem os taes livros, naõ se ha de dizer que lem a Dicti- ,, nio, senaõ a Prisciliano, pois approvaõ aquillo, que errando ensinou; e ,, nenhum que usar de escrituras naõ sómente condenadas pela Igreja Catho- ,, lica, senaõ tambem pelo seu author, naõ seja contado entre os Catholi- ,, cos. Naõ se permitta aos máos dissimular o que fingem, nem pensem que ,, com a cor do nome de Christaõs, se eximiráõ dos Estatutos, e Decretos ,, Imperiaes. Vem estes á Igreja Catholica com tençaõ de attrahirem a si aos ,, que puderem, e de se eximirem da severidade das leys estabelecidas con- ,, tra os Herejes, fingindo ser dos nossos. Isto fazem os Priscilianistas, e ,, tambem o fazem os Manicheos, que estaõ taõ confederados com elles, que ,, só nos nomes se differençaõ, estando unidos, e mui conformes para os sa- ,, crilegios. Porque ainda que os Manicheos dezejaõ o Velho Testamento, ,, o qual os Priscilianistas fingem recebê-lo, a intençaõ de huns, e de outros ,, atira ao mesmo fim, corrompendo huns o que recebem, e impugnando ,, outros o que dezejaõ: e nos abominaveis mysterios delles [que tanto saõ ,, mais çujos, quanto mais procuraõ que sejaõ secretos] huma mesma maldade ,, há, huma çugidade, e simillhante torpeza, a qual ainda que temos vergo- ,, nha de fallar della, porêm com muito diligente inquiriçaõ, a buscamos, ,, e por confissaõ dos Manicheos, que foraõ prezos, foy descoberta, e fize- ,, mos que fosse publicada a noticia della, para que de nenhuma maneira se ,, tivesse duvida do que foy feito no nosso Juizo, no qual concorreo naõ ,, só a presença de muitos Sacerdotes, senaõ tambem as Dignidades de il- ,, lustres Varoens, e parte do Senado, e do Povo, com o que se tapou a ,, boca daquelles, que similhante maldade háviaõ procurado, e introduzi- ,, do, como vereis dos actos que vos enviamos, e o que agora se ha divulga- ,, do da abominavel maldade dos Manicheos. O mesmo foy tambem acha- ,, do antes de agora dos sacrilegos costumes dos Priscilianistas; e os que saõ ,, iguaes de todo em todo em a impiedade de seus sentidos, naõ podem ser ,, desiguaes em suas cousas sagradas.

Erros dos Priscialinastas, e Manicheos.

20 ,, Havendo assim discorrido por todo o contheudo no vosso libello, e pe- ,, tiçaõ, cuido que sufficientemente havemos mostrado o que nos parece das ,, cousas que nos haveis referido, e que naõ se ha de soffrer que os Sacer- ,, dotes consintaõ taõ profanos erros, e naõ lhes resistaõ. Com que conscien-

,, cia

„ cia querem ser honrados os que naõ trabalhaõ pelas almas, que lhes haõ „ encomendado, e entraõ as bestas pelos seus apriscos, e naõ as encontraõ? „ Andaõ os ladroens tanto alérta para os roubar, e naõ pőem guardas para „ que naõ o façaõ? Crescem as enfermidades, e naõ procuraõ o remedio del„ las? E accrescentaõ a tudo isto recusar de consentir com aquelles, que „ trataõ de remediá-lo com cuidado, e dissimulaçaõ consentindo com elles, „ e naõ anathematizando as maldades antes de agora por todo o mundo con„ denadas. Que querem que se entenda delles, senaõ que naõ saõ do nume„ ro dos irmaõs, e que saõ da parte dos inimigos?

Continuaõ os erros.

21 „ Quanto áquillo, que se diz em a ultima parte de vossa Epistola, „ eu me maravilho que haja Catholico, que trabalhe, e se canse por enten„ der [como se fosse cousa incerta] se descendo a alma de Christo aos infer„ nos, ficou a sua Carne no sepulchro, a qual assim como verdadeiramente „ foy morta, e sepultada, assim verdadeiramente resuscitou ao terceiro dia. „ Que isto ainda o mesmo Senhor o havia denunciado aos Judeos dizendo: *Desfarey este Templo, e em tres dias o tornarey a reedificar*: „, aonde accres„ centa o Evangelista, que isto dizia do Templo de seu Corpo. Cuja verdade „ havia dito antes tambem o Profeta David, fallando em Pessoa do nosso „ Salvador: *A'lèm disto, minha carne repousará com esperança, porque naõ deixarás a minha alma em o inferno, nem permittirás que teu Santo padeça corrupçaõ.*

22 „ Das quaes palavras se collige manifestamente que a Carne do Se„ nhor repousou sepultada, e naõ padeceo corrupçaõ, porque resuscitou lo„ go, sendo vivificada pela alma que tornou a seu Corpo; e naõ se crer „ isto he impiedade. E naõ ha duvida senaõ que isto pertence á doutrina dos „ Manicheos, e dos Priscilianos, os quaes com sentido sacrilego assim fin„ gem confessar a Christo, que tiraõ a verdade da sua Incarnaçaõ, da sua „ Morte, e Resurreiçaõ. Convêm pois que entre vósoutros se celebre Con„ cilio de Bispos, os quaes convenhaõ, e se juntem das Provincias a vós mais „ proximas, em hum lugar, que para todos seja mais a proposito; para que, „ segundo aquillo que havemos respondido á vossa consulta, com diligen„ te exame se inquira se ha algum dos Bispos, que estejaõ tocados do con„ tagio desta heresia: os quaes se naõ quizerem condenar as maldades de to„ dos os sentidos desta nefandissima seyta, sejaõ apartados sem duvida al„ guma da Comunhaõ Catholica. Porque em nenhuma maneira se deve to„ lerar que o que ha recebido officio de prégar a Fé, se atreva a disputar „ contra o Evangelho de Christo, e contra a doutrina dos Apostolos, e „ contra o Symbolo da Igreja Universal. Que taes seraõ os discipulos, que „ de taes mestres foraõ ensinados! Que tal será a saude, e a religiaõ daquelle „ povo, donde toda a humana sociedade se perde a vergonha, e se tira o „ vinculo dos matrimonios, e se prohibe a multiplicaçaõ da geraçaõ, e se „ condena a natureza da carne! E contra o verdadeiro culto do verdadeiro „ Deos se nega a Trindade da Deydade, e se confunde a propriedade de „ Pessoas, e se préga ser a alma do homem de Divina Essencia, e que a „ mesma se encerra em a carne á vontade do diabo: e que o Filho de Deos „ he chamado Unigenito porque nasceo da Virgem, e naõ porque proce„ da do Pay!

Manda o Santo Pontifice ao Santo Arcebispo que faça Cōcilio.

23 „ Temos escrito a nossos Irmaõs os Bispos das Provincias Tarraco„ nense, Cartaginense, Lusitana, e de Galliza, aos quaes havemos promul„ gado Concilio Geral. Ao solicito cuidado da vossa pessoa pertence, que „ a authoridade do que nisto havemos ordenado, seja levada aos Bispos das „ ditas Igrejas. E se [o que naõ queriamos] houver algum impedimento, „ pelo qual naõ se possa celebrar Concilio Geral, ao menos em algum lu„ gar de Galliza se ajuntem os Bispos, em cuja Congregaçaõ presidiráõ nos„ sos Irmaõs Idacio, e Ceponio, e vós com elles, para que o mais breve

„ que puder ser, se ponha remedio a tantos males, ainda que seja em hum „ Concilio Provincial. Dada a doze das Calendas de Agosto, sendo Consu„ les os Clarissimos Varoens Alipio, e Ardaburo. „ Isto he o que contem a Epistola Decretal, que escreveo o Papa S. Leaõ ao nosso Toribio, que com os mais Bispos fizeraõ Concilio, e condenaraõ as herezias declaradas na fórma, que lhes mandava a Summa Cabeça da Igreja, assim como se condenaraõ no Concilio de Burdeos, que fez celebrar Maximo, que succedeo a Graciano no Imperio em França. Naquelle Concilio de Burdeos foraõ remettidas ao Imperador Maximo as culpas, e o mesmo Hereje Prisciliano, que estava intruzo Bispo de Avila, o qual, deposto das Ordens, e do Bispado, foy mandado degolar, e a seus companheiros nos erros, Matroniano, Asarino, e Aurelio; sendo no mesmo tempo degradados outros muitos, que confessaraõ as suas miserias, e protestaraõ a emenda, e penitencia dellas.

Fez se Concilio em que se condenaraõ as heresias declaradas.

Martyrio de S. VICTOR *Soldado*, STERCACIO, *e* ANTINOGENES, *Lusitanos.*

1 NAsceraõ na Cidade de Merida, cabeça da nossa antiga Lusitania, e foraõ Irmaõs no sangue, e na Fé, o que sabendo o Presidente Daciano, mandou que os mettessem no carcere, onde a sua barbaridade, e grande odio, que tinha ao nome de Christo, encerrava aos que se prezavaõ da sua Santissima Ley. Do carcere os mandou ir á sua presença, e perguntando-lhes quem eraõ, e que Religiaõ professavaõ, respondeo Victor, como mais velho de seus irmaõs: *Nós somos nascidos nesta Cidade, daquelles, que souberaõ seguir honrada vida nas milicias Romanas, que eu tambem sigo alistado debaixo da insignia da Aguia; porèm nem por isso deixo de professar, e de seguir a Ley de Jesu Christo, como verdadeiro Deos, observando os preceitos do Evangelho, sem que falte ás obrigaçoens da vida militar &c.* Ao que respondeo o malevolo Presidente: *Logo esse vosso Christo foy mayor que os nossos Cesares, e do que os nossos Principes?* Ao que o valoroso Soldado resolutamente disse: *Por este Senhor, a quem eu sigo, reynaõ os Reys; e os vossos Cesares naõ saõ dignos de lhe desatar a correa do çapato.*

Liberdade com que falla ao Tyranno.

2 Com a impaciencia, que devemos ponderar, ouvio Daciano esta resposta, e cheyo do mais diabolico furor mandou açoutar aos Servos do Senhor, que depois de recolhidos ao carcere por alguns dias, os fez ir novamente á sua presença, na qual intentou que adorassem, e offerecessem incenso aos Idolos, ja com promessas de accrescentamento, e ja com as ameaças de exquisitos tormentos. Vendo finalmente que nada bastava para os fazer retroceder do proposito, com que estavaõ de confessar a Jesus Christo até á morte, os mandou pôr no equuleo, onde com pentes de ferro os despedaçaraõ; martyrio, que padeceraõ com taõ grande constancia, e alegria, que servia de confusaõ, e de pasmo áquelles ministros da maldade, que vendo naõ exhalavaõ as vidas naquelle tormento, os tornaraõ a levar presos para o carcere, onde cortadas as cabeças dos corpos, lhes fizeraõ enviar as almas a Deos, de quem receberaõ o premio da sua constancia a 24. de Julho, pelos annos de 306. Delles se lembraõ os Martyrologios para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

Horrendo martyrio.

Vidas,

Vidas, e martyrios de S. LUPERCO, *e seus companheiros, Optato, Sucesso, Marcial, Urbano, Julio, Quintiliano, Publio, Fronto, Felix, Ceciliano, Evento, Primitivo, Apodemico, Matutino, Cassiano, Januario, e Fausto Martyres Bracharenses.*

1 FOy S. Luperco illustre Cidadaõ desta Cidade de Braga, e irmaõ da mãy da Princeza Santa Engracia, que indo acompanhada com 18. companheiros, ás fronteiras de França, onde estava esposada com o Duque de Ruisellhãõ, padeceraõ Martyrio desta sorte.

2 Passando a gloriosa Princeza por Çaragoça de Aragaõ, padeceo o glorioso martyrio, que em seu lugar exprimiremos por ordem do Presidente Daciano: e se o Ceo permittio que aquella fresca rosa entrasse na Imperial Cidade de Çaragoça com taõ grande pompa, e magestade, tambem ordenou entrasse no Empyreo Celestial com a mesma, levando tras si os companheiros, coroados de immortaes grinaldas, esmaltadas com as finas granadas de seu sangue. Animado pois S. Luperco, e seus companheiros, nomeados, da inconstratavel fortaleza, com que a sua Capitania triunfára dos tormentos, sem que a fragilidade do sexo lhe impedisse a victoria; se dispuzeraõ para a mesma dita. Em fim, dez dias depois do glorioso triunfo da Santa [segundo as mais provaveis opinioens] alegres, e gozosos em Christo offereceraõ espontaneamente as amadas vidas nas maõs dos infernaes ministros, que os descabeçaraõ á espada, depois de os atormentarem em todos aquelles dias com variedade de açoutes. O sanguinolento Presidente mandou que entregassem aquelles truncados corpos ás vorazes chammas, para serem reduzidos a pó, e a cinza; porém tomado outro acordo, ordenou se deitassem em hum monturo, para que servissem de sustento ás aves de rapina, e animaes ferozes; mas naõ conseguio o effeito de seu designio, pois os Christaõs [amparados das sombras, e do mayor silencio da noite] os sepultaraõ junto a Santa Engracia, onde se conservava escondida, em quanto a persecuçaõ naõ dava lugar a que fossem venerados na terra, com culto igual á seus merecimentos: e com effeito o Glorioso S. Prudencio Bispo de Tarragona [apaziguada a persecuçaõ] lhe deo religioso culto em huma Igreja, que depois se chamou *das Santas Massas*, e foy mui venerada no tempo dos Godos. S. Braulio a reedificou; porèm como com a entrada dos Arabes em Hespanha fosse destruida Çaragoça, se perdeo a memoria do lugar, que encerrava em si taõ precioso thesouro, que quiz a Divina bondade descobrir a 13. de Março de 1389.; pois indo huns pedreiros para abrirem alicerses naquelle sitio, encontraraõ com hum grande sepulchro de marmore, e com outro de pedra abetumada, e abrindo-se este, o acharaõ com dous repartimentos, e letreiros; em hum delles estavaõ os ossos de Santa Engracia taõ rozados, que sua vista alegrava a alma; no outro os ossos de seu tio S. Luperco, taõ brancos como a neve; e no sepulchro de marmore se acharaõ os ossos dos mais companheiros com seus titulos. Divulgando-se por toda a Cidade o ditoso achado, concorreo o povo a venerá-lo cheyo de grandes jubilos. Levantando no mesmo lugar hum magnifico Templo, e deputando-se hum dia certo se fez huma solemnissima procissaõ em obsequio dos invictos Martyres, cujas Reliquias se collocaraõ em particulares Altares, e saõ veneradas dos Fieis, que a ellas recorrem nas suas necessidades. Muitos Authores escreveraõ destes Martyres, e ultimamente o do Agiologio Lusitano.

Triunfa S. Luperco, com outros muitos, dos Tyrannos.

S. FAUS-

S. FAUSTO *Martyr*, *Bracharense.*

NO Capitulo antecedente dissemos alcançara S. Fausto a palma do martyrio em companhia de S. Luperco, e agora lho fazemos particular por darmos noticia das suas Reliquias. Hum Rey de Navarra [cujo nome se ignora] por se mostrar grato a algumas mercês, que recebera de Deos pela sua intercessaõ, pedio, e levou o seu truncado corpo para Buynda, terra de Capadocia, onde lhe erigio hum famoso Templo, e he venerado daquelles povos, que recebem da maõ do Omnipotente especiaes mercês pela sua intercessaõ, e em particular os cazados esteriles, que della se aproveitaõ.

Vida, e martyrio de S. VICTOR, *ou* VITOURO.

1 MUito mais acreditaõ esta Augusta Cidade de Braga as illustres proezas do Glorioso, e Invictissimo Martyr Victor, que as antiquissimas memorias dos Romanos, que a illustraõ. Nasceo em Paços, lugar pouco distante desta Cidade famosa, de pays nobres, porèm Gentios. Teve a dita de vir no conhecimento da verdadeira Fé pela occasiaõ, que contaremos.

2 A ditosa Samaritana, que Christo converteo junto ao Poço de Sichar, teve hum filho, a que chamavaõ Victor Photino, que dezejoso de grangear nome, e fama veyo a servir ao Imperador Nero. Houve-se em todos os empregos militares, que lhe encõmendou, desorte, que alcançando glorioso nome de intrepido soldado, o premiou dando-lhe o illustre cargo de Adiantado de Italia, hoje Sevilha a Velha. Rebellaraõ-se contra os Romanos alguns povos circunvisinhos a esta Cidade, e o famoso Victor Photino os sujeitou ao Romano Imperio, mais por desta sorte tirar da escravidaõ do diabo aos Gentios, que por fazer serviços ao Imperador. Entre os muitos, que aquelle bendito Soldado de Christo trouxe ao conhecimento da Fé desse Senhor, foy muy principal o nosso Victor, nome, que elle lhe deo, differindo-lhe o sagrado lavacro para quando estivesse industriado nos principaes mysterios da nossa santa Fé. Costumava o Gentio Bracharense correr os arrabaldes, e campos circunvisinhos a esta Cidade em fórma de procissaõ, em obsequio dos Idolos Silvanos, e Ceres, a quem reconheciaõ protectores dos bosques, e searas, e agradeciaõ a fertilidade das novidades do anno, sacrificando-lhes em certas paragens diversos animaes, e concluindo com a ceremonia do porco negro, ou javali, que corriaõ em forma de montaria. Dispôs Deos Senhor nosso, que andando aquelle cego povo occupado com aquelles barbaros, e Olympicos jogos, [a doze de Abril] se encontrasse com elles o nosso Cathecumeno. Como era todavia pessoa de respeito, e por isso muy conhecido de todos, o convidaraõ para aquella celebridade, para que com a sua pessoa honrasse aos mais, e fizesse serviços aos deoses: a que naõ condescendesse com o gosto dos Gentios obrigou a Fé de Christo ao nosso Victor, cujo noviço era. Persuadiaõ-no os amigos, e conterraneos com muitas, e frivolas razoens para que ao menos coroasse tambem a cabeça com huma capella de flores, quaes elles todos traziaõ nas suas, para festejarem aos falsos deoses. Porêm o magnanimo Soldado respondeo resoluto, que naõ poria na sua cabeça flores profanadas nas gentilicas aras, quem adorava a Jesus Christo (verdadeira Flor do Campo) Senhor universal do Ceo, e da terra. Amotinado o povo com taõ livre resposta,

Era Gentio, e converte-se á Fè de Christo.

Corria o Gentio de Braga á porca preta, em obsequio dos idolos &c.

posta, e levantando a voz em dezentoados eccos, naõ cessavaõ de supplicar aos deoses pela vingança, e a Sergio (seu Governador) pela justiça.

3 Os que andavaõ no festejo pelas margens do rio Alerte, ou Leste, acudiraõ aos reciprocos eccos dos mais, e todos juntos levaraõ a empuxoens o santo Cathecumeno á presença do Governador Sergio Galba. Perguntou-lhe qual era o motivo, porque naõ quizera adorar, e festejar aquellas deidades? E elle respondeo taes cousas em desabono dellas, e em abono de Jesu Christo, que naõ ficou ao Governador acçaõ para o pertender convencer, ficando-lhe sim o animo concitado de hum taõ diabolico furor, que, sem mais demora, mandou que despido nu, e atado a huma arvore o açoutassem cruelmente. Puzeraõ os malvados ministros em praxe o mandato do Tyranno, despedaçando-lhe as costas com indizivel rigor; e parecendo a todos que as dores dos tormentos presentes, e as promessas, e certeza da morte futura seriaõ efficazes para contrastar aquella invencivel constancia, viaõ que naõ cessava de ratificar o que havia dito, confessando em altas vozes a Ley, que lhe tinha sobornado a alma; e mostrando-se cada vez mais firme, e roborado na virtude da constancia, suspirava, e pedia aos malevolos duplicados tormentos, para assim grangear, e merecer multiplicados triunfos. E que pedia o nosso Martyr insigne, para que lho naõ concedessem! Logo o Governador mandou que o abrazassem com ardentes laminas de ferro, e que com pentes, e unhas do mesmo metal despedaçassem seu santo corpo. Diligentissimos andaraõ os algozes na execuçaõ do mandato, que cumpriraõ desorte, que apparecendo-lhe as entranhas corriaõ do Santo Martyr rios de sangue, que regavaõ a terra, naõ para pedir vingança de taõ grandes crueldades, sim para a fertilizar brotando de novo innumeraveis, e similhantes fructos.

Prendem a Victor, e o levaõ diante do Governador por naõ querer venerar aos Idolos, e principia o seu martyrio.

4 Finalmente, vendo o carnifice que nada era bastante para o fazer desistir das confissoens de Christaõ, sendo-o para que muitos o seguissem, publicando ser muy poderoso hum Deos, que conservava a vida de Victor entre tanta variedade de tormentos, qual era os de que sahia victorioso por se conformar com a etymologia do nome. Vendo, digo, que naõ queria aquelle espirito deixar o corpo, que tanta gloria lhe grangeava padecendo, lhe mandou cortar a cabeça, e desta sorte foy aquella odorifera flor nascida entre as espinhas da Gentilidade transplantada ao Ceo depois de regar a terra, e de ser baptizada com o seu proprio sangue. Executou-se aquella impia sentença sobre huma pequena ponte, que servia, e serve hoje de passagem a hum regato de pouco nome, pois dalli a pouco o perde mettendo-se no rio Leste. Em memoria de execuçaõ taõ sanguinolenta, chamaõ os naturaes *Golladas* áquelle sitio. Ficou pois aquelle truncado corpo no campo diante da estatua do deos Silvano, por quererem os Tyrannos fosse enterrado nas entranhas das bestas feras, que, sendo muitas as que por aquellas partes entaõ havia, o naõ ouzaraõ tocar; andando nisto mais finas, e humanas que os tyrannos, que taõ inhumanamente o despojaraõ da chara vida. Os Christaõs, e Catecumenos encobertos, animados de S. Silvestre Martyr, e Bispo desta Cidade, o tiraraõ dalli no mayor silencio da noite, e quando o somno occupava os cansados, e debilitados membros, lhe deraõ occulta sepultura em lugar propinquo ao do certame, onde (melhorados os tempos) se erigio huma Igreja á sua honra, que veyo a ser muitos annos hum opulento Priorado da Ordem Benedictina.

Consuma o seu glorioso martyrio.

Noticia das suas Reliquias.

5 O Illustrissimo Arcebispo D. Agostinho de Castro, dezejoso de pôr em lugar eminente as Reliquias do nosso Santo, mandou abrir a sua sepultura, que estava na mesma Igreja para á parte da Epistola; porém ficou descontente por nella naõ achar mais que huns poucos ossos de sua irmaã Santa Susanna, que deixara o Arcebispo de Compostella na occasiaõ, em que o trasladou para S. Tiago, como nas suas vidas diremos. O mesmo Illustrissimo,

ſimo Arcebiſpo D. Agoſtinho de Caſtro, erigio junto ao lugar de ſeu certame huma pequena Capella, ſó a fim de metter nella huma pedra, que ſe conſervava na ponte, com a tradiçaõ de que nella fora degolado, pelo teſtimunharem as nodoas daquelle innocente ſangue, que jamais ſe conſumiraõ com os tempos, e chuvas, a que eſtavaõ expoſtas. Naõ era vaã a tradiçaõ, pois aſſiſtindo o devoto Arcebiſpo á mudança da pedra, preſenciou o prodigio de eſtar tinta de ſangue freſco, e em tanta quantidade, que muitos dos que eſtavaõ preſentes ſe aproveitaraõ em lenços daquella precioſa Reliquia. Vê-ſe eſta pedra na ſobredita Capellinha com o final do ſangue precioſo, eſmalte que quiz o Ceo ſe conſervaſſe por tantos ſeculos, quantos ſaõ os que ſe tem paſſado deſde o primeiro do Naſcimento de noſſo Senhor Jeſus Chriſto, em que triunfou dos Tyrannos, pois ſegundo as mais graves opinioens alcançou a palma do martyrio poucos annos depois do em que o alcançou o ſeu Meſtre Victor Pothino, que foy no anno de 70. ſendo Imperador Romano o maldito Nero.

6 Se hum dos actos mais excellentes da Juſtiça he o reconhecimento do beneficio recebido, naõ devo negar, nem eſquecer-me, ſem louvar, e ter muito preſente na memoria o que recebi deſte Glorioſo Martyr, que paſſou aſſim. Padecia minha mulher Franciſca Thereza Maciel humas intolleraveis dores em hum braço, e lembrada de que o meſmo Santo padecera na ſobredita ponte que eſtá unida ao muro de huma propriedade minha, e que ſe conſervava a memoria do ſeu martyrio, e a pedra com o final de ſeu ſangue, na ſobredita Capellinha defronte do portal da meſma propriedade, ſe pôs de joelhos diante do Bendito Santo, a quem pedio que como taõ Santo, e honrado viſinho a alleviaſſe daquelle tormento. Vio-ſe o Santo obrigado do empenho, e da fé com que implorou a ſua interceſſaõ, deſorte, que lhe alcançou da bondade de Deos ficar inteiramente livre das dores que muitos mezes havia, que a tinhaõ opprimido. E ſe os antigos Hebreos, aſſignalávaõ os braços, e punhaõ inſignias pelas portas, em memoria, demonſtraçaõ, e agradecimento do bem que haviaõ recebido de ſeus bemfeitores, por nos naõ moſtrarmos menos gratos ao prodigioſo beneficio, que recebemos deſte Santo, mandámos fazer o braço, que ſe acha na ſua Capella, para demonſtraçaõ, e final do milagre, e teſtimunho do noſſo agradecimento, e publicá-lo pelo meyo da eſtampa, para que a todos fique patente o poder do Santo Martyr, e a noſſa obrigaçaõ.

Milagre, que fez em caſa do Author.

7 O Illuſtriſſimo Arcebiſpo Primaz D. Luiz de Souſa mandou fazer huma famoſa Igreja em ſeu obſequio, no lugar em que eſtava a antiga, lavrada ao Suevo, e Gothico, em cuja maravilhoſa, e cuſtoſa fabrica nos deixou bem manifeſta a generoſidade, e magnanimidade do ſeu illuſtriſſimo animo. He Igreja Parochial, e por ſer a mais dilata Fregueſia, que tinha eſta Cidade de Braga, a dividio em duas o Senhor D. Jozé Arcebiſpo Primaz no anno de 1747., com Indulto Apoſtolico, ficando a Fregueſia de S. Victor com a metade dos freguezes, que antes tinha, e a de S. Jozé de S. Lazaro, que novamente ſe erigio, com outra metade, e ainda aſſim divididas rende a cada hum dos dous Parochos perto de trezentos mil reis.

S. LUCIO *Biſpo de Britonia, e ſeus companheiros* ABSOLONIO, LARGO, HERACLIO, *e* PRIMITIVO.

NEſta Provincia do Minho houve antigamente huma Cidade, a que chamavaõ Britonia, de cujas ruinas ſe erigio Britiandos, lugar entre as delicioſas Villas de Viana, e Ponte de Lima. Deſta Cidade foy Biſpo S. Lucio alguns annos, e como naquelles primitivos ſeculos ſe naõ ſatisfaziaõ

faziaõ os Prelados com prégarem a Divina palavra sómente ás suas ovelhas, dezejoso de o fazer ás do Reyno de Capadocia, pelos justos, e santos fins que lhe devemos considerar, sahio de Britonia para elle, levando comsigo a Absolonio, Largo, Heraclio, e Primitivo. Andava por aquellas partes muito acceza a perseguiçaõ do maldito Nero, e logo que seus ministros tiveraõ noticia da liberdade com que prégava o Santo Bispo, e companheiros, os prenderaõ, e todos com intrepido valor soffreraõ diversos generos de tormentos, com os quaes eternizaraõ as suas viçosas palmas, e victoriosas coroas a 2. de Março de 66. segundo o Martyrologio Romano.

S. GORGONIO, *e seus companheiros* FIRMIO, ANTONIO, *e* AGAPES.

SE o nosso Santo Lucio passou a Capadocia dezejoso de prégar a Ley de Christo, e de alcançar a palma do martyrio na perseguiçaõ de Nero; da Cidade de Nicia de Bithinia, vieraõ dezejosos de alcançar a mesma felicidade na de Britonia os Santos Gorgonio, Firmio, Antonio, e a virgem Agapes; onde estava muito viva a perseguiçaõ de Decio, cujos ministros os affligiraõ com atrozes tormentos, que soffreraõ por amor de Christo com summa constancia, até que conseguiraõ a gloria, que ella lhes adquirio aos 10. de Março, segundo Jorge Cardoso.

Vida do Glorioso S. THEOTONIO, *Conego Regrante de Santo Agostinho, e primeiro Prior de Santa Cruz de Coimbra.*

1 HUm expresso prodigio da Divina Graça se nos offerece na vida do Glorioso S. Theotonio, cujas virtudes, e singularidades naõ cabem na vastidaõ dos mayores hyporbeles, pois foy Anacoreta no recolhimento, aspereza, e rigor da vida, Anjo nos costumes, Martyr no dezejo, e novo Moysés Augustiniano na morte.

2 Nasceo no lugar de Gaysey, pouco distante de Valença, huma das principaes Villas que ennobrecem esta Provincia do Minho, sempre fertilissima em procrear muitos, e grandes Santos. Naõ nasceo pois na Cidade de Tuy, como dizem Fr. Diogo do Rosario, e Duarte Nunes de Leaõ, que se equivocaraõ por causa da vizinhança que tem Gaysey com Tuy. Seus pays se chamaraõ Oveco, e Eugonia, que ficaraõ mais nobres por darem a Portugal taõ santo filho, que pelo esplendor da sua geraçaõ. Baptizou-se na pia do Mosteiro de Gaysey, que he de Monges Benedictinos, por morarem seus pays na mesma Freguesia em huma quinta que tinhaõ no lugar de Tardinhade. Neste lugar, junto a huma fonte, que chamaõ de Torninho, se dedicou huma Capella á sua honra, e memoria, por ser o sitio em que elle nasceo, e em que seus pays viveraõ, na qual se conserva huma Reliquia sua, que para a mesma Capella se tirou de Santa Cruz de Coimbra, como consta da autentica, que passaraõ os Religiosos Conegos do mesmo Convento, cujo original tenho ao presente em meu poder, pelo fiar de mim o Reverendo Theotonio Cerqueira de Barros, Cavalleiro da Ordem de Christo, natural da Villa da Barca, e Abbade de S. Thomé de Trozello, huma legoa de distancia desta Cidade, successor do fundador da tal Capella, e actual administrador della, com a obrigaçaõ de fazer cantar huma Missa no dia do mesmo Santo. E como nos persuadimos a que naõ será desagradavel ao Leytor, o copiarmos a sobredita attestaçaõ, o fazemos, sem aug-

Nasce em Gaysey.

No lugar em q̃ nasceo se conserva huma Capella com huma Reliquia sua.

mento , nem diminuiçaõ de huma ſó palavra do original.

3 ,, Dom Sebaſtiaõ da Graça , Prior do Moſteiro de Santa Cruz de Co-
,, imbra , Geral da Congregaçaõ dos Conegos Regulares de Santo Agoſtinho
,, nos Reynos de Portugal , Cancelario na Univerſidade da dita Cidade.
,, Fazemos ſaber ao Illuſtriſſimo Senhor Arcebiſpo de Braga Primaz , e a ſeus
,, Officiaes , e aos que a prezente virem , que no noſſo Capitulo Geral , que
,, ſe celebrou no dito Moſteiro no anno de 1618., fez petiçaõ Simaõ Lopes
,, de Lima , Sacerdote , natural da Freguefia do Salvador de Gayfey , ter-
,, mo da Villa de Valença do Minho , em que com muita devoçaõ , e en-
,, carecimento pedia huma Reliquia do Glorioſo Padre S. Theotonio , pri-
,, meiro Prior que foy do dito Moſteiro , e que nelle eſtá ſepultado , para
,, ſe depoſitar , e eſtar em huma Hermida , que novamente tinha feito da
,, invocaçaõ de S. Theotonio , no ſitio, e lugar em que o meſmo Santo naſceo,
,, e viveraõ ſeus pays na dita Freguefia de Gayfey , e outras razoens conteu-
,, das em ſua petiçaõ ; as quaes viſtas, ſe lhe concedeo a dita Reliquia que
,, pedia , para ſer poſta , e venerada na dita Hermida, e por reſpeitos , e
,, mudanças dos tempos , ſe naõ effectuou logo eſta graça , nem ſe deo á ex-
,, ecuçaõ eſte deſpacho the eſte Capitulo Geral preſente do anno de 1624.
,, em o qual fez ſegunda petiçaõ Anna Rodrigues de Lima , viuva , morado-
,, ra na dita Freguefia de Gayfey , thia do ſobredito Simaõ Lopes , o qual
,, ſe mettera Religioſo , e ella fora continuando com a obra da dita Hermida
,, de S Theotonio, que tinha acabado, e applicado fabrica baſtantemente
,, com approvaçaõ , e licença do Ordinario , que nos conſtou , e de como
,, na dita Hermida ſe deziaõ cada dia tres , e quatro Miſſas com grande de-
,, voçaõ , e ajuntamento da gente , pedindo-nos com muita piedade ſizeſſe-
,, mos a ella , e áquella terra , e povo mercê da dita Reliquia , que lhe eſtava
,, concedida , para a qual tinha feito hum relicario , em que podia eſtar de-
,, centemente : e nós , vendo ſeus ſantos dezejos , e piedoſos rogos , lhe man-
,, damos dar do Sacrario , e Oratorio das Santas Reliquias do dito Moſtei-
,, ro onde eſtava depoſitado, que he hum oſſo do encontro do peſcoço ,
,, que tem de cumprido quaſi hum dedo , e naõ tem eſta largura em todo
,, o comprimento , e pezou huma oitava , e hum ſcrupolo ; a qual Reliquia
,, entregamos neſte Moſteiro de Santa Cruz ao Muito Reverendo Padre D.
,, Manoel de Santo Antonio , Prior do noſſo Moſteiro de Refoyos de Lima,
,, para a levar na ſua guarda , e veneraçaõ devida , e para a pôr com ſolem-
,, nidade no relicario , e Hermida, que indo para ella eſtá preparado. Eſta
,, verdade affirmamos com os Padres Capitulares , e Vogaes do Capitulo
,, Geral , e Conventuaes deſte Moſteiro , que foraõ preſentes á entrega , e
,, reconhecimento da dita Reliquia , ſendo tambem preſente a tudo Pero do-
,, liveira , Notario Apoſtolico , para dar ſua fé , que todos neſte aſſinaraõ,
,, e eſte fizemos com o Sello Conventual , em os 4. dias de Mayo de 1624.
,, Eu D. Simaõ das Chagas , por D. Lourenço da Piedade , Secretario do Ca-
,, pitulo Geral , a eſcrevi. E eu D. Lourenço da Piedade Secretario da Me-
,, ſa do Capitulo , a ſobſcrevi. D. Sebaſtiaõ da Graça Prior Geral. = D.
,, Luiz dos Anjos Prior de Moura. = D. Pedro de Santo Agoſtinho Prior do
,, Bouto. = D. Jeronymo da Cruz Prior de S. Vicente. = D. Antonio de
,, Santo Agoſtinho Prior de ...... = D. Manoel Prior de Refoyos. = D.
,, Franciſco das Neves, Cuſtodio das Santas Reliquias, = e outros muitos mais
,, aſſinaraõ , e tudo paſſou por fé o Natario acima nomeado. ,, No fim da
ſobredita atteſtaçaõ conſta tambem juridicamente ſe collocou a ſanta Reli-
quia com muita veneraçaõ aos 25. do mez de Agoſto do meſmo anno de
1624. , aſſiſtindo á tal funçaõ o Doutor Luiz Tello , Deſembargador deſta
Cidade , e Vigario Geral da adminiſtraçaõ de Entre Minho , e Lima , [he
o meſmo que Vigario Geral da Comarca de Valença] e ſe entregou huma
chave ao Dom Abbade de Gayfey , e ficou a outra na maõ do Adminiſtra-
dor

Atteſtaçaõ que deraõ os Conegos de Santa Cruz com a Reliquia do Santo.

dor da Capella, e com effeito desde aquelle tempo até o presente assim se tem conservado as chaves nas maõs dos Abbades de Gaysey, e dos Administradores, que succederaõ aos Instituidores da Capella, que de prezente he o sobredito Theotonio Cerqueira.

4 No sagrado lavacro lhe foy imposto o nome de Theotonio, que, sendo nome propriamente Grego, em o nosso vulgar quer dizer, Divino. Hum Anonymo, Discipulo do mesmo Santo, que lhe escreveo a vida, diz no Capitulo 1.: *Assim soube este Santo ornar sua vida com todo o genero de virtudes, que, naõ sem singular inspiraçaõ do Espirito Santo, lhe foy posto o nome de Theotonio, palavra Grega, que traduzida em Latim significa Divino, e na verdade parece lhe veyo nascendo, e como cortado do molde este nome, porque assim soube desde a tenra idade, e em toda a parte onde viveo, conversar santamente, e ornar sua alma de virtudes, e santos costumes, que mais parecia Divino, que humano.* O mesmo Discipulo Anonymo diz no Capitulo 7 o que se segue: *Este Santo desde o ventre de sua mãy, como alguns dizem, foy justo, e sem macula de peccado, donde lhe veyo naõ se achar nelle nenhuma leve suspeita da mayor liviandade.* Depois de dizer isto o sobredito Author, exclama dizendo: *Oh Bemaventurado Varaõ, que assim viveo no mundo, que nenhum só dos mal dizentes, e murmuradores ousáraõ a fingir delle huma minima culpa!*

5 Eraõ seus pays prudentes, virtuosos, e bem nascidos, razoens todas que muito os incitavaõ a dezejar, e a procurar os augmentos espirituaes, e temporaes do menino Theotonio, para que accrescentassem á nobreza do seu sangue o mayor lustre, que lhe provém da virtude; e assim o entregaraõ aos Monges Benedictinos do mesmo Convento de Gaysey, em cuja santa companhia aprendeo as primeiras letras, e se exercitou nas virtudes desorte, que naõ servio da menor oppressaõ áquelles Religiosos, e a seus pays, que attendendo para a doçura, graça, e prudencia, com que Deos o enriqueceo nos primeiros crepusculos da infancia, presagiavaõ que lhes havia dado Deos naquelle filho hum grande Servo seu; e justamente, pois os virtuosos preludios da primeira idade saõ indicios certos de grandes progressos no decurso della. Até á de dez annos esteve na companhia daquelles Religiosos, no fim dos quaes foy para a de seu tio D. Cresconio, irmaõ de seu pay, e Bispo de Coimbra. Grande foy o contentamento, que teve o Bispo, quando vio ao menino Theotonio com certos, e anticipados sinaes de Servo de Deos, e com taõ raro engenho, que dentro de tres annos soube perfeitissimamente Latim, e Rhetorica, e dentro de outros tres sahio consummado Escriturario com conhecida vantajem dos condiscipulos. Seu Mestre foy o Veneravel D. Tello, Arcediago da mesma Sé de Coimbra, que lhe ensinava igualmente virtudes, e letras, por ser em tudo Varaõ perfeito. Andando o nosso Theotonio nos estudos com muitos condiscipulos, cuidou muito em fazer entre elles escolha de amigos, e das companhias, que lhe convinhaõ, naõ só para á alma, mas tambem para a honra. Chegava-se ás bõas, como quem sabia que sempre dellas se cõmunica algum bom cheyro; e fugia das más, como quem naõ ignorava serem peste, e corrupçaõ dos bons costumes, pois he certo que, por mais benevolo, e saudavel que seja hum Planeta, se se junta com estrellas malévolas seraõ nocivas suas influencias.

Teve a educaçaõ dos Monges de Gaysey, e de seu tio D. Cresconio Bispo.

Das cõpanhias.

6 No anno de 1098. falleceo o Bispo Dom Cresconio, e como era Prior em Vizeu D. Tedonio, tambem tio do nosso Theotonio, o mandou ir para sua companhia. Viviaõ ainda o Prior, e Conegos de Vizeu em Cõmum, segundo a Regra de Santo Agostinho, e logo que Theotonio chegou a Vizeu, lhe lançaraõ o habito tendo dezasseis annos de idade. Alli se ordenou de Sacerdote, em cujo grão mostrou sempre huma rarissima simplicidade de animo. Desprezando todos os divertimentos, e deleites da vida, se empre-

Foy Conego Regrante na Sé de Vizeu.

gava nos cuidados da morte, e em contemplaçoens altissimas. Occupava-se continuamente em muitas preces, e em celebrar Missas pelo povo, que com a companhia dos Mouros, que ainda naquelles tempos habitavaõ Hespanha, cahia em notaveis erros. Foy dotado de singular modestia, e de hum virginal pejo, a quem S. Bernardo chama: *Bella flor, e engraçado ornato da mocidade.* Em tendo alguma perturbaçaõ, mostrava no rosto huma cor rozada por cima da natural, acudindo com ligeireza o sangue áquellas partes superiores com mais espirito, e viveza, como mostrando-se aggravado, e offendido de alguma cousa, que vio, ou ouvio contraria ao seu procedimento. Sem embargo de ser a sua modestia testimunha da sua innocente vida, defensora da sua natural pureza, guarda da fama, honra da vida, e primicias de todas as virtudes; naõ faltaraõ más mulheres, que por muitas vezes o provocaraõ, e incitaraõ a sensuaes deleites, das quaes, e dos demonios, que as inspiravaõ, triunfou gloriosamente em muitos, e perigosos combates, deixando em hum delles parte de seus vestidos na maõ de huma deshonesta mulher, no que quiz imitar ao casto Jozé, cuja acçaõ tanto celebraõ as Escrituras Sagradas. E verdadeiramente, mortaes, que grande gloria será para hum Justo o sahir de similhantes tentaçoens victorioso. Para este grande Servo de Deos conseguir mayor coroa, e alcançar os eternos premios, permittio Deos Senhor nosso fosse muitas vezes tentado: pois para haver premio ha de preceder vencimento; para haver vencimento, ha de preceder batalha; e para haver batalha, ha de haver tentaçaõ. Ponderando os Servos de Deos os fructos, que tiraõ das tentaçoens, naõ pedem a Deos que lhes tire as tentaçoens, sim que naõ os deixe cahir nellas, para nas tentaçoens se fazerem mais benemeritos, e se mostrarem maes finos. Mortaes tentados, e por isso affligidos, a tentaçaõ nada val pelo que em si he, mas val muito pelo que descobre: he como a pedra de toque, que, naõ sendo em si preciosa, descobre o preço, e valor das outras pedras. Na tentaçaõ se descobre a fé, a constancia, a fortaleza, a paciencia, a humildade, o conhecimento da propria fraqueza, a esperança na protecçaõ Divina; alli se resolve a final o sim, ou naõ do amor: alli vê o Senhor o que tem em nós, e cada hum o que tem em si. Se naõ houveraõ tentaçoens, sim viveriaõ os Santos mais seguros, mas seriaõ menos gloriosos.

Triunfa da sensualidade, e trata-se das tentaçoens.

7 Segundo o que escreve o Discipulo Anonymo na vida deste seu Santo Mestre, foy S. Theotonio Anjo mortal na pureza da vida, pois desde o ventre de sua mãy se conservou casto, e puro, sem embargo do muito, que foy tentado: e se tentado naõ fora, naõ mereceria a gloria do triunfo; pois fraca gloria se consegue, onde a opposiçaõ he fraca. Vencer ao que naõ se defende, mais he villeza, que valor. Triunfar sem perigo, será fortuna, mas naõ será valentia. S. Pedro Chrysologo no Sermaõ 143. compara a pureza de hum Santo Varaõ naõ só aos Anjos, mas tambem a antepõem a estes, e com razaõ; pois ser o Anjo virgem, e casto, sendo só espirito, naõ he muito, mas ser hum homem virgem, e casto, vivendo em carne mortal, como se fora puro espirito, he o valente da virtude. Esta valentia pois da virtude da castidade mostrou S. Theotonio em todo o decurso da sua vida; porque cuidava na morte, e por consequencia na obrigaçaõ, que por isso mesmo tinha de fazer vida perfeita, e de se apartar de tudo, o que podia ter apparencia de máo, exercitando se com grande fervor em todas as obras de virtude, e desorte, que se fez taõ amado do povo, que, uniforme com o Clero, o pediraõ por Prior, por morte de D. Tedonio, a D. Mauricio Bispo de Coimbra, a quem pertencia aquella apresentaçaõ, a qual naõ só lhe deo com grande gosto seu, senaõ que o obrigou á acceitar o tal Priorado.

Continúa.

Elegem-no Prior de Vizeu.

8 A mudança na honra, e o augmento da riqueza naõ fizeraõ mudar seus santos costumes, como succede a muitos, que conservaõ a humildade, e a virtude, sómente em quanto se naõ vem prosperos, e ricos, e constituidos

dos

dos em Dignidades, que fazem mudar de costumes aos que naõ tem bem arraigada em si a virtude da humildade. Na administraçaõ daquelle Priorado se portou com rara prudencia, trazendo com seu santo zelo os delinquentes, e peccadores, á penitencia, aos quaes com suaves admoestaçoens, e palavras de muita edificaçaõ reconciliava com Deos. Foraõ innumeraveis as almas, que Theotonio tirou do caminho dos vicios para o da virtude. Naõ tem numero os que reduzio das trevas da heresia [de que entaõ estava taõ infestado este Reyno] á luz da verdadeira Fé, santificando os com o sagrado Baptismo, e reconciliando-os com Jesus Christo. Visitava os cativos, os enfermos, e encarcerados, e a todos consolava com palavras inflammadas, cahidas do intimo de sua alma, e do abrazado da sua caridade. Dava a todos grandes esmólas, ou as que podiaõ supprir as suas rendas, as quaes todas dispendia em obsequio de Christo, figurado nos necessitados, e em ornamentos da sua Igreja, em cujo asseyo cuidava muito, como Casa propria em que Deos assiste. Muitos eraõ os pobres, e peregrinos, que na sua casa se recolhiaõ, causa porque se chamava *o Seyo de Abraham*, por ser muito similhante o agazalho, que nella se fazia aos pobres, e peregrinos, ao que naquelle lugar fez o Santo Patriarcha ao pobre Lazaro, segundo se refere no sagrado Texto.

Das suas virtudes.

9 Depois de administrar por alguns annos o seu Pastoral Officio com o exemplo, e virtude, que dissemos, dezejoso de visitar os Santos Lugares de Jerusalem, onde o Filho de Deos obrou o nosso remedio, dimittio de si aquella honra, e pezada carga, que por tal a julgava, naõ pelo que tinha de trabalhosa, e penosa; sim pelo que tinha de honrosa, pois os Servos de Deos, que fogem ás Dignidades, naõ he por evitarem os trabalhos, e curas das almas, que comsigo trazem, sim por fugirem de serem respeitados, estimados, e venerados. Renunciou, pois, o Priorado, com o pretexto de ir a Jerusalem, em hum Conego chamado Honorio, de muita authoridade, e virtude, entre os mais Conegos; o qual tanto se naõ senhoreou, e levantou de todo com o Priorado, e rendas delle na ausencia do nosso Santo Prior, [como o fez o sobrinho de S. Gonsallo por outro similhante motivo] que nunca quiz o instituissem Prior, mas sim Cura do Prior, sem embargo de renunciar nelle em todo S. Theotonio.

Renuncia o Priorado, e vay a Jerusalem, donde voltou.

10 Partio com effeito o nosso Santo para Jerusalem, onde visitou com fervorosissimo espirito aquelles Lugares Sagrados, e naõ com poucas lagrimas. Voltou para este Reyno, e entrando em Vizeu, naõ pode acabar com elle Honorio, nem o povo, para que tornasse a encarregar-se da Dignidade de Prior. Neste tempo querendo a Rainha Dona Thereja, viuva do Conde Dom Henrique, restituir a Igreja de Vizeu á sua antiga dignidade de Bispo, nomeou a S. Theotonio primeiro Bispo delle depois da restauraçaõ dos Mouros; porèm se escusou com as razoens que a sua grande humildade soube formar: e assim, por naõ se ver precizado a acceitar movido das instancias da Rainha, e dos amigos, como porque jamais lhe sahiraõ da memoria as espirituaes consolaçoens, que tivera em Jerusalem, tornou a emprender aquella, taõ dilatada, como piedosa, peregrinaçaõ, que fez com excessivos descõmodos, e trabalhos. Nestas suas peregrinaçoens insistio sempre nas obras de misericordia, e em fazer muitos serviços a Deos, que com estupendos milagres manifestava a sua santidade.

Elegem-no Bispo de Vizeu, e por naõ acceitar, volta para Jerusalem.

11 Em certa paragem do Mar Mediterraneo se levantou huma desabrida tormenta, e tal, que se davaõ por perdidos os passageiros, e marinheiros, e a isso muito mais os persuadia, e horrorizava a vista de hum formidavel monstro marinho, que parecia querer tragar a náo, e que lançava fogo pelos olhos. Animou o Santo a todos dizendo-lhes que confiassem em Deos, que pela sua Divina misericordia os havia de livrar brevemente do precipicio, em que se suppunhaõ, cujo favor elle por todos implorava. O mesmo foy

Obra Deos hum milagre pelos seus merecimẽtos.

foy acabar o Santo huma breve oraçaõ, que porem-se os ventos em huma tal serenidade, que parecia aos peregrinos haver sido a tormenta passada sonho, e naõ realidade. Naõ cessavaõ os passageiros de dar graças a Deos, e a Theotonio, a quem acclamavaõ *Santo Santo*, em reconhecimento do prodigio obrado pelas suas oraçoens.

12 Chegou, pois, a Jerusalem, onde se deteve alguns annos na companhia dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, a cujo cargo estava naquelle tempo a guarda do santo Sepulchro. Alli recebeo sua alma consolaçoens taõ grandes, que por alguns dias esteve alli arrebatado, extatico, e absorto na contemplaçaõ daquelles Divinos Mysterios, sem que nelles gostasse mantimento algum. Do que admirados os Conegos Regrantes, o convidaraõ para á sua companhia, e para que fosse tambem guarda do Sepulchro. Acceitou a offerta com vontade grande; porèm com a condiçaõ de que primeiro havia de vir a este Reyno dispôr algumas cousas, que lhe davaõ cuidado, para depois livre, e desembaraçado tornar para áquelles Santos Lugares a dar a vida por quem nelles a deo por elle.

Volta segunda vez de Jerusalem.

13 Assim como chegou a este Reyno, cuidou em dispor todas as cousas, que lhe davaõ cuidado, com tençaõ de voltar para Jerusalem, como promettera aos Conegos guardas do santo Sepulchro. Querendo despedir se de Dom Oderio, entaõ Prior de Vizeu, e sabendo que se achava em Coimbra em casa do Arcediago D. Tello, foy procurar a ambos. Tinha o Veneravel Arcediago D. Tello determinado com outros Apostolicos Varoens a fundaçaõ de hum Mosteiro nos arrabaldes da Cidade de Coimbra, assim por deixarem totalmente o mundo, como por conservarem o Instituto dos Conegos de Santo Agostinho, que os Conegos da sua Sé deixaraõ, por viverem com o proprio; o que bem se particulariza na vida do Veneravel Dom Tello, que escrevemos; e como faltasse hum sujeito para o numero de doze, com que queria entrar D. Tello naquella conquista, ou naquelle domicilio do Ceo, entendendo que deste lhe vinha enviada aquella visita, mandou chamar a todos os companheiros para que, com o pretexto de lhe darem as bôas vindas, entrassem todos na empreza de o resolverem: entraraõ, pois, todos aquelles Apostolicos Varoens a dizerem as razoens, que os moveraõ a deixarem o mundo, e que os moviaõ a quererem por seu companheiro ao nosso Theotonio, que ao mesmo tempo, que lhes louvou suas santas resoluçoens agradeceo o favor, que lhe faziaõ em o acharem com capacidade para os acompanhar em taõ grande dezengano, se desculpou com a palavra, que tinha dado aos Conegos do santo Sepulchro, concluindo, que naõ podia deixar de voltar para Jerusalem. A's razoens, que deo S. Theotonio, respondeo hum dos onze, que era o Mestre Escóla de Coimbra D. Joaõ Peculiar, o que se segue: *Vosso intento he, meu Padre, e amigo, servir a Deos, naõ queira elle que nós sejamos causa de o naõ seguires; porèm adverti que a fè, e palavra dada foy de viver em Mosteiro recolhido debaixo da Regra, e habito do Patriarcha Santo Agostinho; e esta palavra podeis vós muito bem cumprir, e guardar entrando comnosco em o Mosteiro, que temos traçado; pois nelle havemos de seguir esse mesmo Instituto de Conegos de Santo Agostinho; e queremos que este novo Mosteiro seja hum retrato muito ao natural ao Mosteiro do santo Sepulchro, a que estais taõ effeiçoado; e pois estamos ja juntos onze, he bem que vós aperfeiçoeis o sagrado numero de doze, em honra dos doze Apostolos de Christo, que pertendemos imitar. Bem sabeis o que disse o Divino Mestre no Evangelho por S. Mattheus*: Non est opus valentibus Medicus, sed malè habentibus: *E pois em Palestina, como vistes, e experimentastes, se vive nos Mosteiros com grande perfeiçaõ, e pelo contrario neste nosso Reyno está a diciplina Regular muito relaxada; naõ he bem, nem he razaõ que vós deixeis vossos naturaes em tal estado, e vos vades a terras estranhas, onde naõ he taõ necessario vosso exemplo de vida. Bem vejo, meu charo amigo, que a vós*

Principio do Convento de Santa Cruz de Coimbra, onde toma a murça.

vós vos fora muito doce o viver em Jerusalem entre esses santos Conegos, de quem vindes taõ saudoso, mas considerai bem, que o que nos he mais doce, nem por isso nos he mais proveitoso, e que a verdadeira caridade o seu naõ busca, mas o de Jesus Christo, como disse o Apostolo &c.

14 Obrigado destas razoens, e de outras instancias do Veneravel Arcediago Dom Tello, a quem venerava pelas suas grandes virtudes, deo o sim, e o consentimento para ser Irmaõ, e em tudo fiel companheiro daquelles Varoens Apostolicos: e dada esta resoluçaõ, com os olhos allagados em agoa rompeo nestas palavras: *A Deos Jerusalem amada, a Deos Jordaõ sagrado, a Deos Monte Olivete, a Deos Igreja do santo Sepulchro, amores da minha alma; porque Coimbra desde hoje será a minha Cidade de Jerusalem, e o Rio Mondego o meu Jordaõ, e aquelle monte de Oliveiras junto á Igreja de Santa Cruz o meu Olivete, e essa mesma Igreja será para mim a do santo Sepulchro, em que com Christo me sepultarey para sempre.*

15 No anno de 1132, sendo Papa Innocencio II., e Rey de Portugal D. Affonso Henriquez, se começou a edificar o sobredito Mosteiro em honra da Santissima Cruz, e da Virgem nossa Senhora, na Vigilia dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, e sendo doze os Varoens espiritualizados, que seguiraõ a D. Tello no principio, a 24. de Fevereiro do anno seguinte se achou com 72. Cavalleiros de Christo, que uniformemente elegeraõ ao nosso S. Theotonio por seu primeiro Prior, e Director daquella nova, e espiritual Milicia. Vendo, e ouvindo pois o humilde Theotonio deixavaõ a D. Tello, e o elegiaõ a elle, rompeo nestas palavras: *Ah Padres, e Irmaõs meus, que fizestes! Deixastes a oliveyra, e o espinheiro buscasteis! Por certo, que bem mal elegestes. Ah Padre, e Mestre meu Tello, que com titulo de amigo me mettestes no mayor perigo, conforme ao que escreve o nosso grande Padre Santo Agostinho, no cap. 7. da sua Regra:* Quia inter vos, quanto loco superiori, tanto in periculo majori versatur. *Isto he: que entre os seus Conegos aquelle anda mettido em mayor perigo, que está posto em lugar superior, e precede aos outros em Dignidade.* Respondeo D. Tello: *Bem reconheço que he perigoso ser primeiro; porèm vós, Padre meu, naõ viestes ao Mosteiro fazer a vossa vontade; mas sujeitar-vos ao que de vós ordenassem: e pois por ordem do Ceo, e vontade de Deos fostes eleyto, acceitai o cargo, e conformai-vos, com a vontade Divina. Abbade estais eleyto, naõ tendes que replicar, porque em ser obediente consiste o ser perfeito.*

Foy o primeiro Prior do Convento, obrigado da obediencia.

16 Acceitou em fim aquella Prelazia obrigado da obediencia, e authoridade de D. Tello, a quem respeitava como a pay, e venerava como a irmaõ. Sabendo muito bem S. Theotonio, que o nome de Abbade significa Pay, naõ quiz consentir lho chamassem, assim como se chama aos Prelados dos Conegos Regrantes nos Reynos de Hespanha, França, e Italia; e só sim quiz o intitulassem Prior, nome, que ainda conservaõ seus successores. Naquelle cargo experimentou logo os favores, que Deos faz aos que violentos, e sem respeitarem as proprias cõmodidades, entraõ nos officios. Deo a seus subditos singular exemplo de abstinencia, continua oraçaõ, e desprezo de si; resplandecendo igualmente em todas as mais virtudes, e desorte, que a sua vida era hum perfeito modello aos Religiosos, mas naõ imitavel, pelo singular, e asperrimo rigor, com que se tratava; pois em tudo o que era obrar acçoens humildes, e asperas, a todos seus subditos excedia, considerando talvez, que era elle a fórma, e elles a materia, elle o signete, e elles a cera, em que se havia de imprimir, e dar-lhes ser, como ensina o Principe dos Apostolos. Naõ tratava aos Religiosos como a subditos, e inferiores, mas como a Irmaõs, e a iguaes em tudo. Servia, e amava a todos em caridade, mostrando-se com elles affavel, e gracioso, sem o encapotamento, ou carranca, que fazem muitos indiscretos, que cuidaõ naõ podem ser Prelados sem aquillo, ou que aquillo he ser Prelados. Com tudo, quando a occasiaõ o pedia,

Da humildade, e prudencia, com que se havia na Prelazia.

pedia, naõ lhe faltava authoridade, pois se vestia de huma authoridade de Pay taõ inteira, que todos lhe tinhaõ grande reverencia; se nos subditos havia alguma discordia, os reprehendia asperamente, lembrando lhes de caminho aquelles palavras do Apostolo: *Naõ se ponha o sol sobre a vossa ira.*

17 Naõ desprezava os conselhos, e acertadas direcçoens de Dom Tello, e de outros Varoens prudentes, nem se envergonhava de pedi-los, como fazem muitos nescios, que por se quererem governar pelos seus proprios dictames, vem a cahir em muitos dezacertos, justo castigo de suas soberbas. Com prudencia de Santo se havia o nosso Theotonio em naõ seguir em tudo seu juizo, e parecer; porque em ser guiado por alheyo conselho tinha meyo caminho andado para chegar ao fim dos acertos; no que tambem evitava os laços, que costumaõ armar os proprios caprichos, que saõ tantos quantos alcançou, e ponderou Santo Efrem, quando escreveo, que se algum sujeito quizesse subir, e voar ao Ceo, levando por norte da sua subida, e por adail de seu caminho a propria vontade, lhe cortassem as azas, e dessem com elle em terra; porque sem duvida se precipitaria em algum abysmo de erros, e se arrojaria no profundo pégo de alguma maldade; por ser tanto o engano, tanta a illuzaõ do proprio discurso, que ainda que guie para o Ceo, naõ ha que crer em seus passos, que sempre saõ em extremo arriscados, e taõ visinhos a grandes precipicios, que mais depressa faltará ao fogo calor, e ao sol o dar luz, que ao prezumir o errar.

Que ninguem se governe pela vontade propria.

18 Com a noticia destas, e de outras virtudes, em que resplandecia o Bendito Theotonio, se fazia amado, e venerado dos homens, e o foy tanto do nosso santo Rey D. Affonso Henriquez, que nenhuma empreza ardua intentava, sem lha cõmunicar, e pedir suas oraçoens, ás quaes se attribuiraõ a milagrosa tomada de Santarem. Assim o dizem varios Authores, e o traz o Discipulo Anonymo no Cap. 14. da vida do mesmo Santo por estas palavras: *Quaõ solicito, e cuidadoso se mostrou sempre o Varaõ de Deos Theotonio por ElRey D. Affonso, e quanto o mesmo Rey confiava nas oraçoens do mesmo Prior, se póde bem ver, e considerar no successo miraculoso da tomada de Santarem, porque, querendo o dito Rey tomar aquella Cidade, com novo ardil de guerra furtivamente, (pois com outros apparatos de guerra a naõ pode nunca entrar, em razaõ de ser o sitio da terra inexpugnavel) se foy ter com o Varaõ de Deos ao Mosteiro de Santa Cruz, e lhe descobrio a elle só seu intento, e determinaçaõ, dizendo-lhe em segredo o dia, em que tinha assentado o assalto de repente em Santarem, e pedindo-lhe com grande encarecimento, que naquelle dia o encõmendasse muito particularmente a Deos, e fizesse oraçoens publicas com os seus Religiosos pelo bom successo daquella empreza. E dito isto se apartou ElRey do Santo Prior, e se partio para tomar Santarem com todo o segredo. No dia pois assignado para o assalto, chamou o Prior S. Theotonio todo o Convento dos Religiosos a Capitulo, e lhes deo conta do que ElRey lhe deixara encõmendado, e ordenou que logo naquelle dia se fizesse procissaõ de Ladainhas pelo Claustro do Mosteiro, em que fossem todos com os pès descalços com toda a devoçaõ, invocando o favor dos Santos, que todos fossem em ajuda de ElRey: e feitas outras deprecaçoens publicas, e particulares, concluio o Santo Prior as preces com a seguinte oraçaõ:*

A's suas oraçoens se attribuio a tomada de Santarem.

Senhor Deos Omnipotente, que sem espada, nem arco, destes por terra com os muros de Jericó, e que a rogo de Josué fizestes parar o sol contra Gabaon; rogamos a vossa ineffavel clemencia, que deis victoria ao nosso Rey vosso Servo, debaixo de cuja sombra por vossò amparo vivemos, para que

lança-

lançado fóra daquella inimiga Cidade do povo Christaõ o falso rito de Mafamede, o vosso nome sacrosanto seja ahi louvado para todo sempre. Amen.

19 Entre outras cousas, que o santo Rey disse aos seus soldados, e Capitaens para os animar áquella difficultosa conquista foy esta: *Cobrem vigor vossos braços, porque sem falta alguma temos o Senhor da nossa parte, com cuja ajuda cada hum de vós poderá desbaratar cem inimigos, e hoje creyo, por sem duvida, que estando orando por nós a Cõmunidade de Santa Cruz, a quem dei conta desta empreza, e em quem confio muito.* Cuja practica se verá na terceira parte da Monarchia Lusitana liv. 10. cap. 22., e sem embargo disto na mesma parte quer attribuir o Author della todo o bom successo da tomada de Santarem a S. Bernardo Abbade de Claraval em França, por ser seu Patriarcha. No outro dia depois que se fizeraõ as ditas preces, chegou a Coimbra noticia de que fora tomada Santarem á meya noite do dia em que S. Theotonio orou com o seu Convento, que foy a 15. de Março de 1147. Naõ só se deve o bom successo desta batalha ás oraçoens do nosso S. Theotonio, senaõ tambem o vencimento de todas as mais, que o glorioso Rey D. Affonso alcançou dos Mouros: assim o escreve o Discipulo Anonymo no Cap. 15. da 2. part. da vida do Santo, e D. Rodrigo da Cunha na 2.part. da *Historia Ecclesiastica de Braga*, Cap. 16.

Vence ElRey D. Affonso Henriquez Santarẽ, e outras terras, pelas suas oraçoens.

20 Tanta veneraçaõ fazia da sua pessoa, e virtudes o nosso santo Rey, que lhe pedia a bençaõ com os joelhos postos por terra. Recolhendo-se victoriozo de cinco Reys Mouros, que venceo na celebrada batalha do Campo de Ourique a 25. de Julho de 1139., sahio a recebê-lo o Santo Prior, e dar-lhe o parabem da Victoria, e do novo titulo de Rey; e logo que o avistou o santo Rey, se apeou com todos os Grandes, e Capitaẽs, e postos de joelhos beijaraõ as maõs ao Santo Prior, acçaõ digna de louvar em hum Monarcha, e que deo bastante que sentir ao humilde Servo de Deos, que anhelava desprezos, e naõ honras. Offereceo-lhe ElRey dos despojos da Guerra; porém como toda a ambiçaõ do Servo de Deos consistia em ganhar almas para este Senhor, pedio a liberdade dos Cativos Moçarabes, que eraõ Christaõs, assim chamados por andarem misturados com os Arabes, com o pretexto de os querer instruir, e cathequizar na Fé, que muitos tinhaõ perdido com a continua cõmunicaçaõ dos Mouros. Deo-lhos ElRey com grande vontade, e passando de mil, fóra mulheres, e meninos, depois de bem os instruir, e doutrinar na Fé, deo liberdade aos que a quizeraõ, e aos que quizeraõ ficar em Coimbra, deo casas junto ao Convento, e sustentou por muitos annos, que taõ extremosa era a sua caridade. Obrigados estes Christaõs da caridade com que S. Theotonio os tratava, lhe deraõ noticia onde estava o corpo de S. Vicente Martyr, que o santo Rey D. Affonso mandou buscar, e depositou em Lisboa.

Da grande veneraçaõ, com que o tratava ElRey Dom Afõso Henriquez.

21 A sua mayor ancia era que naõ affroxasse a Religiaõ em seu primitivo rigor, nem se desse lugar á minima relaxaçaõ, ainda nas cousas ao parecer muito miudas, para que naõ se deslustrasse o bom nome, que alcançaraõ, naõ só neste Reyno, senaõ fóra delle, da sua eximia observancia. Recõmendava muito, como ja dissemos, a paz entre os Religiosos, que consistia, em se tirarem todas as raizes da dissençaõ, que pela mayor parte saõ os dezejos de subir, e de mandar, veneno lançado nas veas dos homens desde seus principios, e mammado no leite dos primeiros pays. Dava taõ bom exemplo a seus subditos para que guardassem apertada clausura, que no decurso de trinta annos, que nella viveo, só tres vezes sahio fóra. A primeira, quando foy esperar, e dar o parabem a ElRey D. Affonso da Victoria de

Do seu grande recolhimento, e zelo do bem das almas.

Ourique: a segunda, quando foy chamado do mesmo Rey, estando doente de huma aguda febre, e taõ perigoza, que estava dezenganado dos Medicos. (se he que estes costumaõ dezenganar ás pessoas Reaes, e poderosas) O qual alcançou saude com a presença, e toque da maõ do nosso Santo, que lha pedio ElRey para a beijar, como digo na vida do mesmo Rey. A terceira vez, quando foy chamado da Rainha Dona Mafalda, que estando de parto, sem poder lançar a criança, logo que lhe botou a bençaõ o Santo Padre, a lançou com felice successo. Esta era a clausura, que guardava para exemplo dos subditos, a quem encõmendava forrassem as sahidas, e cerceassem visitas, que he o mesmo, que fazer de huma vez muitas cousas; assim como fez o Anjo, que de huma vez annunciou á Senhora a Incarnaçaõ do Verbo, e lhe disse o nome de Jesus, que havia de ter, por escuzar o sahir outra vez do Ceo a dizê-lo no tempo da Circuncisaõ. Com tudo, sendo grande o zelo, que tinha da observancia, mayor era o que tinha da conversaõ das almas, em obsequio das quaes deixava sahir da clausura os Religiosos Prégadores, que fizeraõ muito fructo, naõ só em Coimbra, senaõ nos lugares circunvisinhos, em que vivia o mais do povo só com o nome de Christaõ, pelo muito que ficaraõ inficionados de erros, e de vicios por causa da cõmunicaçaõ dos Mouros. Este mesmo zelo fez com que fundasse o Mosteiro de S. Romaõ da Cea, donde sahiaõ os Religiosos a prégar pela Provincia da Beyra: o mesmo zelo o obrigou a fundar outro Mosteiro em Leyria, donde hiaõ os Religiosos a prégar, e doutrinar pelas terras da Estremadura, por todas carecerem muito de Operarios Evangelicos.

Conventos, que fez fundar.

22 Era taõ conhecida no mundo a virtude de Theotonio, que de Reynos estrangeiros o vinhaõ ver, e admirar muitas pessoas. O Glorioso S. Bernardo, Abbade de Claraval em França, tratou estreita amizade com elle por meyo dos Monges, que para este Reyno remetteo, pelos quaes mandou o Santo Abbade ao Santo Prior, por ser ja velho, e achacado, hum bordaõ, ou bago, a que se encostou sempre no restante da vida. Quando o Santo tinha alguma dor, applicando á parte della o bordaõ, se achava bom, sobre o que pondera o Discipulo Anonymo: *Naõ sey certo qual seja mayor, se a virtude de S. Bernardo, que com o seu bordaõ sarava qualquer dor de S. Theotonio; se a humildade de S. Theotonio, que sendo taõ milagroso em dar saude a varias enfermidades, só para si se valia do bordaõ de S. Bernardo.* Com ser summamente humilde, fazia tanto caso das Magestades da terra como se verá, e julgará do que lhe succedeo com a Rainha D. Thereja, mulher do nosso Conde D. Henrique, tronco dos Esclarecidos Reys de Portugal. Costumava aquella Senhora ouvir todos os dias Missas em publico nas principaes Igrejas, em que se achava. Achando-se, pois, em hum Sabbado na Cidade de Vizeu, sendo ainda nella Prior S. Theotonio, e carecendo de tempo para o emprego das suas occupaçoens, mandou dizer a S. Theotonio, que estava na Sacristia para dizer Missa, que por aquella vez a apressasse mais, e elle respondeo: *Dizey á Rainha, que no Ceo ha outra Rainha muito mais excellente, a quem eu determino offerecer esta Missa com summa veneraçaõ, e pauza, e que se Sua Alteza tem necessidade de tempo, em sua maõ está o ir-se quando for servida.* Esperou todavia a Rainha, e o Santo naõ alterou em cousa alguma o seu costumado modo de celebrar, e a Rainha se compungio tanto da pauza, e da devoçaõ com que celebrou, que lhe pedio perdaõ do recado, que lhe mandara, com os olhos allagados em lagrimas. As palavras com que o refere o Discipulo Anonymo, na vida, que escreveo deste seu Santo Mestre, saõ dignas de notar: *Conhecendo entaõ a Rainha sua culpa, se accuzava por miseravel peccadora, confessando ser o Santo Varaõ Theotonio Justo, e verdadeiro, e mandando-o chamar depois de Missa, se lançou a seus pès, nem se quiz levantar, senaõ pelos rogos do mesmo Santo, a quem pedio com lagrimas, e humildade, lhe desse penitencia por aquelle excesso, e rogasse* ao

Quando tinha alguma dor, se valia de hum bordaõ de S. Bernardo.

Do que passou com a Rainha D. Thereja.

ao Senhor por ella. Neste taõ humilde lançe devemos ponderar, e ainda admirar a virtude daquella Rainha, e notar a de S. Theotonio, que julgava muito culpavel o apressar huma Missa.

23 Visitando-o a Rainha Dona Mafalda, mulher do santo Rey D. Affonso Henriquez, quiz ver os Claustros do Mosteiro de Santa Cruz, e o animozo Prelado lho encontrou com valentia, e sem rebuço, dizendo-lhe, entre outras cousas dignas do seu espirito, que estava dentro do Convento outra Rainha, com a qual se naõ compadecia Sua Alteza. Que, Cortezaõs, Damas, e Rainhas, naõ entravaõ na Casa de Theotonio, occupada por outra Rainha toda Gloriosa. Encontrou pois Theotonio a entrada da Rainha no interior do Mosteiro, temendo que o ar dos Cortezaõs, Damas, e Rainha lho infestassem, e pegassem o contagio do mundo a seus santos Religiosos. Quiz em fim evitar o perigo de serem seus Claustros, por onde andavaõ Anjos, profanados, e pizados de pés de homens, e de mulheres. Seria processo infinito, e alheyo da brevidade do assumpto, que seguimos nesta Chronica, a que tem direito taõ illustres sujeitos, o nomearmos as merces, e os privilegios Pontificios, e Reaes, que impetrou para a sua Congregaçaõ; os prodigios, que obrou dando vista a cegos, pés a coxos, maõs a aleijados, acudindo a huns em naufragios, a outros em grandes apertos em diversas Regioens, sendo formidavel aos mesmos demonios, desorte, que dezamparavaõ os corpos, em que estavaõ apossados, ao imperio, com que os mandava; e assim vamos ao fim da vida porque alcançou avantajado credito na terra, e sublimada gloria no Ceo.

Naõ consente que a Rainha entre no Convento.

24 Vendo-se pois o nosso Servo de Deos com mais de 71. annos de idade, e com 21. de Prior, renunciou o Priorado em seu sobrinho D. Joaõ Theotonio com beneplacito de todos os Religiosos, que uniformemente nelle votaraõ, por nelle campearem igualmente virtudes, e letras, e ser grande imitador de seu Santo Tio, que desembaraçado totalmente das muitas obrigaçoens, que incumbem a hum bom Prelado, se entregou á Divina contemplaçaõ das cousas celestiaes, na qual existia dias inteiros em taõ elevados extasis, que nem do mundo, nem do precizo sustento do corpo se lembrava. Havia no Mosteiro de Santa Cruz hum Religioso velho na idade, e provecto nas virtudes o qual, sendo arrebatado em hum extasi, que lhe durou tres dias, vio estar diante do Throno de Christo a muitos dos Conegos seus Irmaõs ja defuntos louvando o mesmo Senhor, e entre elles em lugar superior a todos o Padre Theotonio, que ainda era vivo, mas junto do Throno Divino vestido de mayor gloria; e que quando se inclinava a adorar, e a louvar ao Senhor, recebia delle nova gloria. Depois de tornar o Santo velho do extasi, contava com muitos jubilos, e alegria de sua alma, com admiraçaõ de todos, o favor, que Deos lhe fizera em querer lhe assim mostrar a virtude do seu Servo.

Vè o hum Religioso, estando ainda vivo, no Ceo em lugar eminente.

25 Quando o procurava algum Religioso Conego para lhe cõmunicar alguma cousa de espirito, o recebia com entranhas de verdadeiro Pay, e com indizivel gosto, e alegria, dava soluçaõ ao que lhe propunhaõ. Com doces colloquios da alma, dirigia todas as suas practicas a cousas de Deos, e do Ceo, exhortando-os a pórem todo o seu cuidado na lembrança da morte, seus dezejos na Celestial Jerusalem, fallando com tanta doçura nos bens, regálos, e delicias della, como quem lhe tinha tomado naõ só o sabor, mas o gosto. Com ternos suspiros, que arrancava do mais intimo de sua alma, naõ cessava de clamar com David: *Domine, dilexi decorem Domus tuæ, & locum habitationis gloriæ tuæ.* E outras dizia com grande doçura aquelles primeiros versos do Psalmo 83.: *Quàm dilecta tabernacula tua Domine virtutum &c.* Porém o que mais vezes lhe ouviaõ seus discipulos, eraõ as palavras do Psalmo 21.: *Lætatus sum in his, quæ dicta sum mihi, in Domum Domini ibimus &c.*

26 Vendo-se o Bendito Theotonio mais consumido das saudades, que

tinha de se ver com Christo, que de quasi oitenta annos, que ja contava, tratava de se apparelhar para a morte. Com prudencia, e madureza de velho, com brios, e fervores de moço, conservou sempre fervoroso aquella illibada innocencia com que nasceo, se criou, e proseguio desde a primeira idade, e nesta, em que envelhecia no corpo, reflorecia no espirito; e posto que a fraqueza, e o pezo dos annos o naõ ajudavaõ, o fervor, e o zelo o fortaleciaõ, e davaõ tal animo, e fortaleza, que além das grandes abstinencias, e penitencias, com que affligia seu debilitado corpo, e das muitas horas, que dava á oraçaõ, e contemplaçaõ, se dava á liçaõ das Sagradas Escrituras, e rezava todos os dias, além das Horas Canonicas, e Officio Divino, que com grande reverencia, e temor rezava, todo o Psalterio de David, que consta de 150. Psalmos, applicando os primeiros 50. pelas Almas do Purgatorio, os segundos pelos que estavaõ em peccado mortal, e os terceiros 50. pelo estado do Summo Pontifice, Prelados da Igreja, e Principes Christaõs. Em fim, a sua vida parecia mais Angelica, que humana; porque, sendo toda espirito, podia dizer de si, que estando nesta peregrinaçaõ com o corpo, a sua conversaçaõ, e dezejo estava só na Patria Celestial. Naõ buscava no amor de Deos gostos, nem consolaçoens, nem para si queria descanços, nem glorias, pois todas as honras, e glorias queria para o seu amado, amando-o por amá lo, e negando-se a tudo, o que naõ era elle, pelo agradar, e servir. Este Senhor, como bom gratificador dos serviços, que se lhe fazem, attendendo para os muitos, que lhe fez Theotonio, o consolou poucos dias antes da sua morte, com a seguinte vizaõ: *Vio se como posto sobre a mais alta torre do seu Mosteiro de Santa Cruz, com huma lança muito comprida na maõ, mas era lança sem ferro, e muito resplandecente; e estando neste lugar, lhe appareceo o Apostolo S. Pedro, a quem o Santo Prior tinha feito o dito Mosteiro tributario, e feudatario, e o certificou como sua partida para o Ceo seria em breve tempo; porque era chegado o de se acabarem ja seus trabalhos, e de receber o premio delles. Mostrou-lhe além disso huma formosa escada, que do dito Mosteiro de Santa Cruz chegava ao Ceo pela qual (lhe dizia) subiraõ as almas dos seus Religiosos á Bemaventurança depois de purificados no exercicio da oraçaõ, e da mortificaçaõ, que entre elles se praticava, guiados por sua doutrina, e bons exemplos.* Tambem lhe fez a saber o Santo Apostolo, que por seus merecimentos tinha Deos feito, e havia de fazer grandes mercês, e beneficios áquelle seu Mosteiro; e finalmente lhe declarou, que a lança sem ferro, com que se via na maõ, significava o como havia trabalhado, e pelejado animosamente, e havia vencido sem ferro, mas com a penitencia, a si mesmo, ao mundo, que desprezou, e ao demonio, que atemorizou, e dito isto desappareceo.

Apparelha-se para a morte, e tem huma admiravel vizaõ.

27 Chegando o tempo determinado, que foy a 18. de Fevereiro de 1162., em huma sexta feira, recebidos devotissimamente os Divinos Sacramentos, e lançado em terra sobre cinza, e cilicio, esperou a morte com notavel serenidade, e exterior alegria, despedindo-se de todos os prezentes, que com saudosas lagrimas choravaõ a sua ausencia. Solto das prizoens da carne aquelle purissimo espirito, foy gozar na Patria Celestial eternas felicidades entre hum formoso globo de estrellas, que do Ceo baixou no tempo em que estava para espirar, para nelle subir triunfante, melhor que Elias no carro de fogo, cujo portento foy a todos patente.

Sóbe ao Ceo entre hum formoso globo de estrellas.

28 Ficou o santo corpo com taõ formoso aspecto, que mais parecia dormindo em cama de flores descançando de suas fadigas, que cadaver, em que a morte havia empregado suas frechas, e he certo pudera enganar-se a vista, se naõ o dezenganara o tacto. Naõ foy possivel o enterrarem-no senaõ passados dous dias, pelo grande concurso de povo, que hia tocar naquelle santo corpo contas, e medalhas. Fizeraõ-lhe honradissimas exequias por ordem do santo Rey D. Affonso Henriquez, que andando como derreado

das

das cadeiras, alcançou faude perfeita, logo que fe lançou fobre a fepultura raza em que o fepultarão. Daquella fepultura o trasladarão para lugar mais digno de tão fanto corpo, que fe achou incorrupto, e como fe fora enterrado naquella hora, tendo-fe paffado perto de 400. annos depois do feu ditofo obito. Na terceira trasladação, que fe fez do Bendito corpo no anno de 1582., fe achou ja refoluto, ainda que com a carne mirrada, e o corpo organizado; e parece quiz a Divina providencia, que fe vieffe a refolver, para que foffem repartidas, e veneradas as Reliquias de hum tão grande Servo feu por todo o Reyno, e por muita parte da Chriftandade, como com effeito fe repartirão para muitas Cathedraes, Conventos, e Santuarios, que nomeya o Chronifta da Ordem na vida do mefmo Servo de Deos, que feja eternamente louvado em feus Santos.

S. FRUTOS *Ermitaõ.*

NAfceo em Segovia, Cidade da noffa antiga Lufitana, a qual deixou indo para hum dezerto, no qual affiftio muitos annos totalmente entregue aos cuidados da morte, aos defcuidos da vida, e ás contemplaçoens da vida eterna, que mereceo pela Divina mifericordia de Deos, que acreditou as fuas virtudes com muitos milagres, que por elle obrou na vida, e na morte. *Anno Hiftor.* 24. de Outubro.

SOCRATES, *e* ESTEVAM *Martyres.*

ENtre os muitos Chriftaõs, que deraõ a vida por Chrifto, em Britonia, Cidade, que houve entre as Villas de Vianna, e Ponte de Lima, foraõ Socrates, e Eftevaõ, que padeceraõ illuftre martyrio, imperando Trajano, a 17. de Settembro. *Anno Hiftor,*

S. MARTINHO *Abbade Ciftercienfe.*

AOs fette de Outubro do anno de   falleceo em Zamora, Cidade da antiga Lufitana, S. Martinho, difcipulo do Gloriofo S. Bernardo, e grande imitador de fuas virtudes, que Deos acreditou fazendo pelos feus merecimentos muitos milagres, affim na vida, como depois da fua morte. *Anno Hiftor.*

VALENTINO, *e* ENCRATIDE *Martyres.*

AVinte e feis de Outubro do anno de 727., na primeira invazaõ dos Mouros na noffa Hefpanha, padeceraõ conftantes pela confiffaõ da Fé de Jefus Chrifto Valentino, e Encratide, em Segovia, Cidade pertencente á noffa Lufitana. *Anno Hiftor,*

SAN-

SANTO HIEROTEO *Bispo Martyr.*

DA mesma Cidade de Segovia foy primeiro Bispo Santo Hieroteo, que estudando em Athenas no tempo dos Apostolos, foy convertido á Fé de Christo no mesmo tempo em que o foy S. Dionysio Areopagita. Teve a felicidade de assistir ao Glorioso transito da Virgem Mãy de Deos, e Senhora nossa, e depois a de dar a vida por seu Filho Jesus Christo, sendo Bispo de Segovia, para onde veyo a prégar o Evangelho, aos 4. de Outubro. *Anno Histor.*

S. ROMAM *Abbade, Monge Benedictino, fundador de alguns Conventos no Alentejo.*

1 NAsceo no districto da Cidade de Leaõ de França. Desde a primeira idade foy taõ inclinado ao desprezo do mundo, das suas riquezas, e dos deleites momentaneos, que nem as promessas, nem as ameaças de seus pays bastaraõ para que elle fizesse eleyçaõ de estado, que de cazado lhe queriaõ dar, para que ficasse herdeiro de suas riquezas. Por morte de seus pays deixou as posses, e as esperanças, com que o mundo lhe brindava, e passou para hum dezerto, que ficava em pouca distancia do povo Lurence, ou Jurence, em companhia de seu Irmaõ S. Lupecino, na qual fizeraõ alguns annos viva guerra ao demonio, que vendo-se pizado, e abatido por huns mancebos de poucos annos, os perseguio com tentaçoens proprias, e commũas para os que povoaõ os dezertos, quaes as da memoria importuna da fazenda, que deixaõ os Eremitas, o desamparo dos pays, ou das irmaãs, a nobreza da sua linhagem naõ proseguida, o amor das cousas mais amadas, a falta de hum sustento regalado, ou ao menos decente, as cõmodidades da vida do seculo, o fim arduo da virtude, o trabalho para a conseguir, a fraqueza do corpo, os prolixos passos da idade, concluindo com introduzir nos animos movimentos torpes, e máos, e a pompa dos deleites.

2 Vendo o demonio que com estas, e similhantes tentaçoens naõ vencia aos valentes soldados de Christo, entrou a apedrejá-los cada dia desorte, que andavaõ sempre ensanguentados; á vista de cuja perseguiçaõ se resolveraõ a mudar de sitio: porem foy tal a reprehensaõ, que lhes deo huma pobre mulher, em cuja casa se recolheraõ na retirada, e que os curou das feridas, que voltaraõ para o mesmo sitio, no qual persistiraõ constantes a pezar de todo o inferno, sustentando-se de ervas, e raizes cruas, por ser o verdadeiro pasto de suas almas a continua, e fervorosa oraçaõ. Foraõ tantas as pessoas, que procuraraõ aos Santos irmaõs attrahidos do suavissimo cheiro de suas virtudes, que se viraõ precizados a fundar naquellas partes tres Conventos, em que apenas cabiaõ os Monges, que deixaraõ o mundo. Era S. Lupicio o Prelado de todos, porque S. Romaõ se escusava de sê-lo, por se dar á vida contemplativa. Vendo S. Romaõ que estavaõ doze Monges resolutos a voltar ao mundo, com o fundamento de naõ poderem proseguir com vida taõ austera, e penitente, recorreo a Deos na oraçaõ, e com huma breve practica, que lhes fez, os convenceo desorte, que mudaraõ de intento, e perseveraraõ na Religiaõ, fazendo agradaveis serviços á Magestade eterna, e fundando alguns Conventos.

3 Indo S. Romaõ a Alemanha visitar hum Convento da sua jurisdiçaõ, se agazalhou no caminho em hum Hospital, no qual haviaõ nove pobres leprosos, a quem servio, e lavou os pés com a mayor humildade, e depois de

Dá saude a hũs leprosos.

de estarem dormindo tocou a todos com as suas maõs, e mediante a oraçaõ, que por elles fez, ficaraõ todos restituidos á sua antiga saude. Como era insaciavel a sede, que tinha de dar almas a Deos, passou a Hespanha, onde converteo muitas com a sua fructuosa prégaçaõ, e santissima vida. De Hespanha passou a este Reyno, e na Provincia de Alemtejo fundou alguns Conventos, sendo o primeiro, ao que parece, o do Campo de Ourique, que elegeo para deposito das suas santas Reliquias, cujos Conventos se extinguiraõ com outros muitos com a entrada dos Arabes, como diz a Chronica Benedictina.

Funda Conventos no Alentejo.

4 Em fim, depois de resplandecer em muitas virtudes, e milagres, e de deixar os dezertos de França, e Alemanha povoados de Conventos, passou ao Ceo, pelos annos de 570. Seu sagrado corpo se conserva em grande veneraçaõ no Campo de Ourique, em huma Hermida, que he dedicada ao seu nome, onde he visitado de muitos peregrinos, que por seus merecimentos alcançaõ de Deos copiosas mercès. A sua santa cabeça se venera engastada em prata, com a mesma veneraçaõ, na Igreja de Panoyas, Villa pouco distante do Campo de Ourique, por cujo contacto faz a poderosa Maõ de Deos muitos prodigios, principalmente nos mordidos de caens damnados. Delle escreve o Mestre Heredia nas vidas dos Santos da Ordem, a *Benedictina Lusitana*, e outros muitos Authores, entre os quaes o Author do *Agiologio Lusitano* a 28. de Fevereiro.

Cõserva-se seu milagroso corpo no Campo de Ourique.

S. THEODORO *o Admiravel, Lusitano.*

1 SEgundo o Cardeal Baronio, floreceo S.Theodoro pelos annos de 300., e segundo Flavio Dextro, e outros Authores, nasceo em Medelhim, [municipio da nossa antiga Lusitania] e militou muitos annos com avantajados creditos, até que convertido á nossa santa Fé deixou o mundo com todas as suas fantasticas apparencias, e se retirou para huma soledade; e desta sorte trocou a luzente lorica de aço por huma asperrima tunica de entrançado cilicio. Foy chamado *o Admiravel* pelos extremos com que se tratava, pois se esquecia tanto da vida, que passava muitos dias sem se desjejuar; dormia na terra nũa, e orava quasi sempre, com esta vida fazia guerra a todo o inferno, cujos ministros fugiaõ da sua vista, como a sombra da luz, e era-lhes taõ formidavel seu santo nome em Hespanha, como no Egypto o do grande Antaõ; pois bastava para que fugissem dos miseraveis energumenos, que nomeassem o seu nome.

Foy soldado, e depois Eremita.

Fugiaõ os demonios da sua vista, como a sombra da luz.

2 Divulgando-se pelo orbe a fama da sua portentosa vida, e veneranda santidade, o hiaõ buscar de partes muy remotas para se valerem de taõ poderosa intercessaõ nas suas urgentes necessidades; de que achavaõ presentaneo remedio só no tacto da sua tunica. Como era conhecido de todos por Santo, e por milagroso, e lho chamavaõ na sua presença sem escrupulo, pedia continuamente a Deos o levasse para si, antes que o universal applauso fosse occasiaõ de alguma sobrançaria. Ouvio-lhe Deos a sua piedosa supplica, e foy servido condescender com o seu gosto trasladando-o da Babylonia deste mundo, para a Jerusalem Celestial, que tanto anhelava, a 20. de Janeiro, dia em que se celebra a sua festa, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado.

S.BAU-

S. BAUDELIO *Martyr*.

S Baudelio, ou Boal, (como vulgarmente fe chama] nafceo em Çamora, Cidade nos confins da Lufitania, que floreceo pelos annos de duzentos, e noventa e oyto. Naõ duvidou dar a vida pela Ley de Chrifto, e confiffaõ de feu fanto Nome, ferido a açoutes, e atraveffado a lançadas, cuja coroa fe lavrou no monte, chamado do Confelho, proximo a feus muros, de mandado do impio Prefidente Daciano. Na Cidade de Oviedo fe veneraõ algumas Reliquias defte Santo, tiradas das que eftaõ na mefma Cidade de Çamora, na Igreja de S. Torquato, onde faõ vifitadas com pio, e religiofo culto. *Agiol. Lufitan.* 20. de Abril.

SANTO ELIAS, S. PAULO, *e* SANTO ISIDORO.

1 DEfte Reyno de Portugal faõ naturaes Santo Elias, S. Paulo, e Santo Ifidoro, que fempre obfervaraõ a Fé Catholica. Competem algũas Religioens fobre o habito, que tomou Santo Elias, como faõ: a Carmelitana, Auguftiniana, e Benedictina, affirmando cada huma fer profeffo no feu habito. Porém Santo Elogio, que efcreveo a fua vida, naõ explica delle mais que o Presbyterato, efpecificando ferem Monges os companheiros. O certo he, que foraõ Martyres de Chrifto na Cidade de Cordova, da maneira feguinte.

2 Perfeguia naquelle tempo com infernal odio aos Chriftaõs o Tyranno Mahomet, filho de Abderramen, de quem herdou o Ceptro, e Coroa, e ainda mayor odio, e aborrecimento aos Chriftaõs, pois carregava aos profeffores da noffa Ley de novos, e intolleraveis tributos, executados com incrivel tyrannia, arrazando os fagrados Templos, que efcaparaõ das guerras dos Godos, e das primeiras furias dos Barbaros. Entre os innumeraveis Catholicos, que naquella perfecuçaõ deraõ teftimunho das verdades Catholicas, foraõ os noffos Santos, que antes quizeraõ offerecer as gargantas ao talho, e as vidas ao ferro com a efperança de gozarem o infallivel premio, que na Gloria havia de correfponder a taõ fuave facrificio, que condefcenderem na defatinada troca da Ley de Chrifto com a nefanda de Mafamede, a que os tyrannos os incitavaõ. Depois de lhes truncarem os corpos, os levantaraõ n'umas hafteas á vifta da Cidade, para que as deformidades, que nelles cauzaffe o tempo, ferviffe de mayor horror aos paffageiros, e Chriftaõs, em quanto os naõ fuftanciavaõ em fi as aves de rapina. Porém como o Benigno Deos tem particular cuidado, naõ fó dos feus Servos em quanto vivos, fenaõ tambem depois de mortos, fez que elles pareceffem cada vez mais formofos, e bellos, e que as aves lhes guardaffem decoro; de que fe confundiaõ os Mahometanos, que envergonhados os lançaraõ nas correntes do rio Guadalquivir. Mereceraõ eftes ditofos Martyres ter por Chronifta das fuas façanhas ao fanto Pontifice, e Martyr Santo Eulogio, teftimunha irrefragavel do feu triunfo, que foy a 17. de Abril de 856. Delles trataõ os Martyrologios Romano, e os Benedictinos de Arnoldo, e Menardo.

Nota o martyrio, que lhes fizeraõ, e o prodigio que fuccede com os fãtos corpos.

S. JANUA-

S. JANUARIO *Bispo de Alcaçar do Sal, e Martyr.*

NAsceo neste Reyno de Portugal, e deixando os patrios domicilios, se foy para Roma, onde foy Consul, e Prefeito, até que se converteo á nossa santa Fé, que andou publicando por diversas Provincias, e chegando á de Portugal, fez seu assento em Alcaçar do Sal, onde foy Bispo acclamado pelo povo, depois de receber conspicua luz do Santo Evangelho, pelas suas persuasoens. A Cidade de Heraclea, no Reyno de Andaluzia, foy o theatro da sua constancia, pois nella o mandou degolar, e a tres companheiros o Presidente della por ordem dos Imperadores Diocleciano, e Maximiano, e assim foraõ possuir a hum mesmo tempo a immarcescivel coroa da Gloria, pelos annos de 305. Delle se lembra o *Agiolog. Lusitan.* a 9. de Janeiro, e a 16. de Abril, dia da sua trasladaçaõ.

S. RAYMUNDO *Pastor.*

1 NAsceo em Medelhim. [Colonia da nossa antiga Lusitania] Foy Varaõ pio, singélo, manso, sobrio, caritativo para com os pobres, e misericordioso para os enfermos, que acudiaõ em grande numero a receber o soccorro das suas caritativas maõs, e o remedio para as necessidades, e enfermidades incuraveis, que nelle o achavaõ presentaneo, sómente com elle invocar o suavissimo nome de JESUS. Naõ se sabe qual fosse a causa, que teve para deixar a sua patria por Ciruelos, lugar no Arcebispado de Toledo, pois consta que fora para elle, e que nelle continuara no mesmo exercicio pastoril, fazendo vida taõ santa, que deixavaõ os Angelicos Espiritos as celestes moradas por lhe fazerem companhia. Obrou o Omnipotente infinitas maravilhas em abono da santidade de Raymundo, assim na vida como na morte, que o fizeraõ mais glorioso. Os devotos Christaõs lhe deraõ huma honrada sepultura nas ribeiras do Tejo, erigindo-lhe brevemente sobre ella Eremitorio de seu nome, no qual se celebra ainda hoje a sua feliz memoria na segunda Oytava da Paschoa da Resurreiçaõ, na qual foy chamado ao premio pelos annos de 900. a 5. de Abril.

Visitavaõ-no os Anjos.

2 Os Metilienses tem tanta devoçaõ a este seu inclyto compatriota, que todos os annos o festejaõ com publica, e solemne procissaõ, concorrendo a ella grande numero de povo dos lugares circunvisinhos. Luitprando, e Juliano escreveraõ a vida deste Santo, e accrescentou Ramires do Prado, que fora contemporaneo do grande penitente S. Joaõ Guarim, tambem Portuguez, cuja portentosa vida escreveremos neste Livro.

S. DONATO, S. SECUNDIANO, *e* S. ROMULO, *e oitenta e seis companheiros.*

NAsceraõ neste Reyno de Portugal, e, segundo Dextro, padeceraõ em Concordia, Cidade, que houve em Portugal, perto da nobre Villa de Thomar, aos 27. de Fevereiro de 145. na perseguiçaõ de Antonio, que os mandou martyrizar, em odio da nossa santa Fé, com 86. companheiros, e em companhia de quem foraõ receber do Divino remunerador o premio merecido pela sua incontrastavel fortaleza, e invencivel constancia. Da

antiga Cidade de Concordia se achaõ ainda vestigios em Besfelga, lugar que se fundou nas suas ruinas.

S. FROALENGO, e S. GONSALLO *Bispos de Coimbra.*

1 FOraõ successivamente Bispos de Coimbra, e considerando a grave, e pezada carga, que sobre seus hombros traziaõ de governar tantas almas, e a obrigaçaõ que tinhaõ de as apascentarem com o exemplo, e doutrina; renunciaraõ aquellas Ecclesiasticas Dignidades, e se recolheraõ ao Porto da Religiaõ Benedictina na Provincia de Galliza, e no Religioso, e antiquissimo Mosteiro de Santo Estevaõ de Rivas de Sil, incitados da grande santidade em que aquelles Monges floreciaõ: e obrigados do bom exemplo dos nossos Santos, se despojaraõ das suas Dignidades sette Prelados, que todos, pelo muito que cuidaraõ na morte, souberaõ exercitar virtudes de Santos, e realçes de milagrosos. Os corpos de todos estes Santos Prelados foraõ depositados em differentes sepulturas no Claustro velho do mesmo Mosteiro; porém como no anno de 1473. se reedificou a Igreja, se fizeraõ suas imagens, e se puzeraõ em publico altar, e no retabolo da Capella mór collocaraõ as Reliquias de todos com distinçaõ, e grande veneraçaõ: mas como proseguissem em fazer maravilhas prodigiosas, se viraõ precizados os Monges a pôr aquelles santos corpos mais patentes, e em ricos cofres de prata, naõ só para satisfaçaõ da affectuosa devoçaõ do povo, que lhes vay supplicar o remedio, de que carecem, senaõ tambem para que levante o pensamento ao Ceo, e considere quaõ sublime será a gloria, que teraõ no Ceo as almas dos corpos, que com tal grandeza, e magnificencia saõ venerados na terra. Delles trataõ Jorge Cardoso no seu *Agiol.*, e outros.

Deixaõ os Bispados, e tomaõ o habito Benedictino.

S. CELERINO, S. LAURENTINO, e SANTO IGNACIO.

1 S. Celerino, Diacono, nasceo na Cidade de Evora, e foy neto de Santa Celerina, nobilissima matrona, e Senadora Lusitana da mesma Cidade, de quem fallaremos particularmente em outro lugar. Affirmaõ os Authores por sem duvida, que o Papa S. Cornelio estivera desterrado neste Reyno, e parece muy factivel que levaria em sua companhia para Roma ao nosso Santo, de quem o mesmo Pontifice fez hum celebre elogio, por presenciar a confissaõ, que publicamente fez da Fé de Christo naquella famosa Cidade, e a inconstratavel tollerancia, com que por essa causa soffreo diversos generos de tormentos, dos quaes sahio livre por ordem do Ceo, que lhe tinha destinado o seu triunfo para outra melhor occasiaõ.

2 Levantou-se naquelle comenos huma grande persecuçaõ contra a Igreja Catholica em Africa, e dezejoso Celerino de dar a vida pela verdade della, deixou as estimaçoens, com que o tratava S. Cypriano Bispo Carthaginense, que pouco antes o havia ordenado de Diacono, e foy prégar a Fé de Jesu Christo, e o fez desorte, que logo o mandou prender o Presidente, diante do qual se houve com tal valor, e fortaleza, que foy exemplo aos muitos Christaõs, que, imitando o, alcançaraõ as gloriosas palmas do martyrio. Persistindo em fim o nosso Santo Diacono com animo intrepido na confissaõ da Fé, o levaraõ ao carcere, e metteraõ n'uma prizaõ chamada *Nervo* a modo de cepo, em que juntamente lhe tinhaõ prezo os pés, e a cabeça, e assim esteve dezanove dias, padecendo incrivel fome, e sede com maravilhosa constancia.

3 No

3 No remate dos quaes, dezatado das corporaes correntes voou a sua victoriosa alma á Bemaventurança, e desta sorte ficou o Santo Martyr vencedor dos tormentos, dos algozes, dos tyrannos, e ainda do mesmo inferno. A 3. de Fevereiro de 254. foy o triunfo deste Santo, e neste mesmo dia celebra a nossa Santa Madre Igreja o de Santo Laurentino irmaõ de seu pay, e de Santo Ignacio irmaõ de sua mãy, que de valorosos soldados no seculo, o passaraõ a ser na Milicia de Christo. No mesmo dia se lembra de todos Cardoso no seu *Agiol.*

Martyrizaõ ao Santo, e se celebra o martyrio de dous tios seus.

S. RENOVATO *Bispo de Merida, Monge Benedictino.*

FOy Monge do Principe dos Patriarchas S. Bento, e Abbade do Mosteiro Claudiano, que distava duas legoas da Cidade de Merida, ribeiras de Guadiana, no sitio em que agora se vè a Hermida de Santa Maria da Covilhaã, cujo Mosteiro era naquelle tempo Seminario de Varoens sabios, e Santos, e de Prelados insignes. Era Varaõ de veneral aspecto, e magestosa composiçaõ acompanhada de grande formosura de rosto, que mostrava bem a sua nobreza, pois descendia do melhor sangue dos Godos. Deo taõ bõa conta da dignidade de Abbade, que querendo o Clero fazer eleyçaõ de Prelado, [sem contradiçaõ alguma] foy assumpto a Metropolitano da mesma Cidade de Merida, em cujo governo se portou com taõ singular prudencia, igualdade, e mansidaõ, que deixou naõ só aos subditos, mas tambem a seus successores raros exemplos, que imitassem na administraçaõ de similhantes dignidades, e em todas as virtudes, nas quaes consummado, o Senhor o chamou, e trasladou para a gloria perduravel a 8. de Janeiro de 633. Delle se lembra Jorge Cardoso no mesmo dia.

S. VICENTE, SANTO ORENCIO, S. VICTOR, *e* SANTA AQUILINA.

NA Cidade de Beja se celebra o triunfo dos Gloriosos S. Vicente, e de seus companheiros, que inflammados no fogo do divino amor, e dezejosos de sacrificarem as vidas por Christo, com grande fervor, e ousadia [sem serem buscados] se foraõ offerecer a Rufino Legado de Daciano, por ordem de quem foraõ mortos, e coroados de martyrio. Achouse a elle presente hum Santo Diacono chamado Victor, que os tinha hospedado em sua casa, e lhes deo honrada sepultara: porèm como isto chegasse á noticia do cruel Rufino, mandou que lhe decepassem as maõs por serem instrumento de obra taõ piedosa, e santa, e que o degolassem depois no mesmo lugar, em que S. Vicente, e Orencio tinhaõ padecido. Soube o pay de Victor do martyrio de seu filho, e temendo, como fraco, que lhe succedesse o mesmo, fugio á persecuçaõ: porèm naõ succedeo assim a sua mulher Aquilina, pois logo foy procurá-lo, e com abrazado fervor, e efficacia o persuadio a que voltasse, e naõ temesse: e assim firmes, e constantes offereceraõ as gargantas aos agudos fios da espada. Celebraõ-se os triunfos destes Santos a 22. de Janeiro, e o padecerem na dita Cidade de Beja, traz miudamente provado o Author do *Agiol. Lusitan.*, incansavel investigador da verdade.

S. BOEMUNDO *Abbade de S. João de Tarouca, Monge de Cister.*

FOy este Servo de Deos verdadeiro filho do Glorioso Doutor da Igreja S. Bernardo, que o mandou com outros discipulos fundar a Ordem de Cister a este Reyno. Foy Abbade do Convento de S. João de Tarouca, onde falleceo andando-se continuando com as obras delle, com grande saudade de seus companheiros, e de todos os que o veneravaõ por hum assombro, e modello da Monastica perfeiçaõ. Fez muitos milagres no dia do seu fallecimento, no qual exhalou seu santo corpo cheiro admiravel, e nos dias que esteve exposto á veneraçaõ dos devotos. Deo-se-lhe sepultura em hum pequeno Oratorio, que entaõ servia de Igreja, a 12. de Settembro.

S. BARAM, *ou* VARAM, *Eremita.*

1 NAsceo na antiga Cidade de Mertola, que hoje se conhece sómente com o titulo de Villa no Arcebispado de Evora, e, segundo tradiçaõ, foy irmaõ de S. Brissos Bispo de Evora, e de Santa Barbara. Cõmunicou-lhe Deos huma clara luz, e conhecimento da brevidade da vida, incerteza da hora, tempo, e lugar da morte, e que a prezente vida se nos dá sómente para ganhar a eterna; e querendo pôr os meyos mais seguros para alcançá-la, fugio dos laços do mundo, e se retirou para hum dezerto, que está legoa e meya distante de Mertola, onde em tosca gruta se entregou á vida solitaria, e contemplativa, por muitos annos, naõ com o habito de Monge Benedictino, como quer o Author da *Benedictina Lusitana*, por florecer este Santo muitos annos antes que nascesse S. Bento, sim com o de Eremita, talvez á imitaçaõ do primeiro Eremita da Christandade, qual S. Felix, que o foy no monte de Rates, desta Provincia do Minho, de quem fazemos breve memoria neste Volume; ou de S. Paulo, a que a Igreja chama primeiro Ermitaõ, que falleceo na Thebaida pelos annos de 300., donde poderiaõ ter vindo noticias da sua portentosa vida, o que naõ encontra o tempo em que hum, e outro floreceo; porque sendo, como se affirma, este Santo irmaõ de S. Brissos, este floreceo pelos mesmos annos de 300. Purificaçaõ, Chronista Augustiniano, tambem quer que fosse seu Eremita, o que naõ cabe no possivel, por fundar o Glorioso Santo Agostinho em Africa a sua Religiaõ no anno de 388., e entrar em Portugal no anno de trezentos e noventa e dous, com a vinda de S. Profuturo Arcebispo de Braga seu Eremita, de quem neste Volume nos lembramos.

Duvidas, que ha sobre o Instituto, que professou.

2 Descuidava-se pois o nosso Santo Eremita tanto da conservaçaõ da vida, que se sustentava com as ervas, que a sua industria cultivava, regadas com a cryltallina agoa de huma fonte, que no mesmo sitio brota em abundancia. Gastava a mayor parte dos dias, e das noites em contemplaçoens altissimas, nas quaes receberia de Deos grandes mercês, sendo lhe taõ acceito, como publicava ao mundo pelas vozes dos sinos de Mertola, que por invisiveis maõs se repicavaõ todos os Sabbados, em que descia á Cidade a pedir esmóla, que repartia pelos pobres de Christo, por reservar sómente para si algumas fatias de pam. Faltou hum Sabbado na Cidade, e como no mesmo tempo se dobraraõ os sinos della, se ajuntou muito povo, que indo á lapa para averiguar o motivo, acharaõ ao Bendito Baraõ (como outro Paulo tambem Ermitaõ) com os olhos postos no Ceo, para onde havia enviado o espirito havia poucas horas. Novidade, que occasionou ao povo extraordinario

Prodigio estupendo.

dinario sentimento pela saudade, que lhes havia de occasionar a falta daquelle, a quem veneravaõ como a Oraculo, e igual contentamento, pela quasi infallivel certeza, que tinhaõ delle estar gozando da vista de Deos, e rogando pelos patricios, e compatriotas.

3 Deraõ-lhe os Fieis sepultura na mesma Serra, e no sitio em que hoje está huma Capella de seu proprio nome, onde concorre muito povo em romaria por todo o decurso do anno, e mayormente as sextas feiras de Ramos, nas quaes alcançaõ seus devotos especiaes mercês, nas suas necessidades, e enfermidades com a terra, que levaõ em panninhos, e que tiraõ debaixo do seu Altar, que tornaõ a restituir pendurando-os na Capella como tropheos, e despojos sagrados. Tem-se averiguado, que a principal prerogativa deste Santo he a de dar filhos aos estereis, e assim os podem pedir a Deos, pelos seus merecimentos, os cazados que delles carecerem, e que os dezejarem para os dedicarem ao que for da sua mayor gloria. Os povos daquellas partes edificaraõ tres Capellas á honra deste Santo, e de seus irmaõs o Santo Bispo Brissos, e Barbara, todas nos cumes de tres altos montes, com a circunstancia, que de qualquer daquellas Hermidas apparecem as outras, sendo a distancia de algumas legoas. Os Authores allegados, e *Agiol. Lusitan.* a 17. de Março.

He Advogado dos estereis.

S. PASCACIO *Confessor, Conego Regrante.*

NO Real Convento de Santa Cruz de Coimbra ha tradiçaõ permanente, de que floreceo nos primeiros seculos da Religiaõ, em esclarecidas virtudes, e prodigiosas acçoens S. Pascacio, Conego seu, cuja vida se perdeo, com outras muitas, nas varias inundaçoens, que em diversos tempos padeceo aquella grande Casa. No livro antigo dos obitos do mesmo Mosteiro de Santa Cruz se acha hum assento, que diz: *A quatro do mez de Março falleceo D. Durantia mãy de S. Pascacio Conego de Santa Cruz.* Naõ se sabe o dia, e menos o anno do seu ditoso transito. *Chronica dos Conegos Regul.* liv. 7. cap. 25.

SANTO AMADOR *Anacoreta, Confessor.*

1 NAsceo em Monte Santo, Villa que fica na Provincia da Beyra, Bispado da Guarda. Infundio-lhe Deos Senhor nosso nos primeiros annos hum alto conhecimento de si mesmo, e do nosso Redemptor, e medianeiro Jesus Christo, cujo conhecimento he principio, e fundamento da vida eterna: e ainda que este conhecimento infunde Deos em todas as almas, em algumas o faz com mais efficacia, como foy ao nosso Amador, a quem illustrou o entendimento para conhecer o temporal, e o eterno, e deo hum generoso desprezo das cousas do mundo, e de si mesmo, o que foy singular beneficio; porque como a alma he de taõ alta dignidade, e nobreza, naõ póde deixar de procurar alguma honra, que satisfaça o seu natural appetite, desorte, que quando naõ põem o seu affecto na gloria do Ceo, busca a honra da terra, e deste dezejo nasce o das Dignidades, e mandos, de forma que he filho do amor proprio o amor dos Officios, e Dignidades, em quanto saõ meyo para ser estimados. Melhor o fez o nosso Amador, [por especial favor de Deos] pois deixando as pompas, e as esperanças vaãs, que o mundo lhe offerecia, e fugindo das suas perigosas tormentas, e furiosas ondas, se entregou á vida contemplativa em huma Hermida,

mida, que eſtava fundada na raiz do monte, que fica contiguo á ſobredita Villa de Monte Santo, na qual ſe fez pelas grandes virtudes, que exercitou, amado de Deos, venerado dos homens, e abominavel aos demonios.

Tira a hũ menino das garras do demonio, e o cria com o leite de huma corça.

2 A oraçaõ era o quotidiano paſto com que recreava ſua alma, e ſahindo della huma tarde a divertir-ſe por fóra da ſua choçazinha, lhe aconteceo eſte ſingular prodigio. Olhando para a formoſura do Ceo, preſenciou a grande feſta, que hiaõ fazendo os immundos eſpiritos, que levavaõ hum menino pelos ares, de cuja deſdita enternecido, ſe proſtrou logo por terra, pedindo com terniſſimas lagrimas a Deos, que naõ permittiſſe ſe perdeſſe aquella alma, feita á ſua Imagem, e ſimilhança: e de tanta efficacia foy a ſua breve oraçaõ, que, fugindo os demonios confuzos, lhe deitaraõ a ſeus pés o infante. Tomou-o logo nos braços, com ſummo prazer, e o offereceo ao altar do Apoſtolo S. Pedro, Orago daquella Hermida, depois de ſe moſtrar grato a Deos por taõ grande beneficio. Hia o noſſo Santo criando ao já venturoſo infante com benignidade de pay, e caridade de Santo; porêm como vivia deſconſolado por naõ ter naquelle dezerto o natural nutrimento para o tenro menino, lhe deparou o Pay de toda a conſolaçaõ hũa corça, que todos os dias hia procurá-lo á Hermida, e ſuſtentá-lo com o ſeu leite, exercicio que continuou em quanto delle careceo. Applicou-ſe aos eſtudos, e ſe veyo a ordenar de Sacerdote. Coſtumava o Santo Anacoreta ajudá-lo á Miſſa, e vendo-o ſeu diſcipulo muito triſte ao virar do *Orate fratres*, rezervou para depois o perguntar-lhe a cauſa daquella novidade a que reſpondeo Santo Amador: *Tanto me alegro de te ver neſſe ſublime eſtado, quanto me entriſteco de naõ ſaber as penas, que teu pay padece na outra vida; por tanto, lembra-te da ſua alma nos teus Sacrificios, para que Deos haja miſericordia della.* Diſſe antaõ o bom filho pela alma do pay hum certo numero de Miſſas, que o Santo meſtre lhe apontou, e no fim dellas lhe foy revelado eſtivera ſeu pay no Purgatorio até áquelle tempo, e que por meyo dellas fora gozar da Gloria Celeſtial, noticia que lhe motivou o contentamento, que ſe poderá prezumir teria hum filho, com a certeza da Gloria de ſeu pay.

Fé-lo ordenar de Sacerdote, e tem eſte a certeza de ſeu pay ſahir do Purgatorio, por meyo de humas Miſſas, que lhe diſſe.

3 Proſeguindo em fim o noſſo Santo nos deſcuidos da vida, nos cuidados da morte, e nos ſeus louvaveis exercicios de oraçaõ contínua, de penitencia aſperrima, e de abſtinencias extraordinarias, com as quaes dava novo vigor ao eſpirito, pois eſte com o jejum ſe allevia, e levanta ſobre ſi, até penetrar o Ceo: quiz Deos dar-lhe o premio devido aos ſeus muitos merecimentos, e lhe enviou huma enfermidade, por meyo da qual lhe entregou o ſeu eſpirito, depois de receber os Sacramentos da maõ de ſeu diſcipulo, e de ter muitos colloquios com Jeſu Chriſto, Sua Santiſſima Mãy, e S. Pedro. Foraõ grandes as lagrimas, que derramou o amado diſcipulo, pela auſencia de ſeu Santo pay, a quem deo ſepultura debaixo do altar da Hermida, com a reverencia, e devoçaõ, que lhe foy poſſivel, e ficou paſſando o reſtante da vida na meſma Hermida, por imitar o freſco dos exemplos, e motivos de ſantidade de Santo Amador, para ſe fazer digno de gozar na outra vida a ſua glorioſa companhia. Na antiquiſſima Hermida, e no altar de S. Pedro de Vir-a corça, alludindo o ſobrenome ao milagre manifeſtádo, dizem deſcançaõ os oſſos deſte virtuoſo Sacerdote com os de ſeu Meſtre Santo Amador, que eſtaõ em hum dourado cofre forrado de ſetim carmezim, onde he venerado de tempo immemoravel, e invocado de toda a Provincia da Beira, que achaõ prezentaneo remedio para a impertinente enfermidade das maleytas, na terra que tiraõ da ſua ſepultura, trazendo-a ao peſcoço.

4 O Padre Eſtevaõ de Caſtro da Companhia de Jeſu, no ſeu *Breve apparelho para bem morrer*, encarece muito a virtude, que tem as Miſſas de Santo Amador, de que fallaõ os antigos Miſſaes deſte Reyno, e que mandaõ dizer

dizer milhares de pessoas pelas almas de seus pays, e parentes: e sem embargo de que naõ achamos com clareza ser devoçaõ deste nosso Santo Anacoreta, attribue se-lhe a sua instituiçaõ, com o fundamento da tradiçaõ, e da historia referida. As taes Missas que saõ 33. se mandaõ dizer por esta ordem. A 1. he da Annunciaçaõ, 2. do Natal, 3. da Circuncisaõ, 4. da Epiphania, 5. da Purificaçaõ, 6. da Cruz de Mayo, 7. da Resurreiçaõ, 8. da Ascensaõ, 9. do Espirito Santo, 10. da Trindade, 11. da Assumpçaõ, 12. dos Anjos, 13. de S. Joaõ Baptista, 14. de S. Pedro, 15. de S. Paulo, 16. de Santo André, 17. de Santiago, 18. de S. Joaõ Evangelista, 19. de S. Thomé, 20. de S. Filippe, e S. Thiago, 21. de S. Bartholomeu, 22. de S. Mattheus, 23. de S. Simaõ, e Judas, 24. de S. Mathias, 25. de S. Barnabé, 26. de Santa Maria Magdalena, 27. dos Martyres, 28. dos Confessores, 29. das Virgens, 30. de Todos os Santos. A'lem destas, se haõ de dizer tres *pro Fidelibus defunctis.*

Nota a devoçaõ das Missas.

S. Fr. ALVARO DE CORDOVA, *natural da Cidade de Lisboa, Dominico.*

1 NAsceo na Cidade de Lisboa, donde foy de tenra idade para a de Cordova, incitado do dezejo que tinha de servir a Deos em terras desconhecidas. Tomou o habito da Ordem dos Prégadores no Convento de S. Paulo da mesma Cidade, onde se applicou de sorte ás letras, que sahio famoso Letrado; e cheyo de Apostolico zelo discorreo por muitas Provincias de Hespanha, semeando sempre [como bom obreiro] a semente da divina palavra nos coraçoens dos ouvintes. Passou a Italia, e depois a Jerusalem, cujos Lugares Sagrados visitou com grande devoçaõ, e ternura. Voltou para Hespanha, e sendo patentes a todos as suas grandes letras, e virtudes, o nomeou para seu confessor a Rainha D. Catharina mulher de Henrique III, e depois ElRey D. Joaõ II. ambos Reys de Castella. Porém como o nosso Santo naõ ignorasse os grandes inconvenientes, que tem, e perigos da alma, a que estaõ expostos os que frequentaõ as Cortes, e os Palacios dos Reys, por nelles se costumar cuidar mais na vida, que na morte, pedio licença a seu Prelado, e se retirou para huma serra, que dista huma legoa de Cordova, para nella cuidar mais na morte, que na vida. Nella viveo muitos annos com notavel aspereza, continua oraçaõ, e vida interior, que illustrou com espirito prophetico, e prerogativa de milagres. Alli edificou hum Convento com licença do seu Geral, e ajuda delRey: e como na mesma serra se venerava huma Imagem de nossa Senhora da Piedade, todas as noites sahia do Convento, e açoutando-se com cadêas de ferro, e de joelhos por asperos, e fragosos caminhos a hia visitar. Era taõ acceito, e grato a Deos este seu exercicio, que lhe enviava Anjos do Ceo, que lhe alimpavaõ o caminho por onde hia, e o sustentavaõ pelos braços quando disso carecia: prodigiosas mercês, que muitos Religiosos merecceraõ ver, em differentes occasioens.

De como foy a Italia, e a Jerusalem, e depois q voltou a Hespanha, foy nomeado para Cõfessor dos Reys de Castella.

Edifica hum Convento em huma serra, para onde se retira, onde he muito favorecido dos Anjos.

2 Na Cerca do Convento mandou fazer varias Capellas, nas quaes se representava a Paixaõ de Christo, e outros muitos mysterios, e como as visitava de joelhos, experimentava os mesmos favores. Em huma occasiaõ, que andava naquelle santo exercicio, se encheo hum grande regato, que estava entre as Capellas, com copiosa chuva, que cahio desorte, que naõ podia passá-lo sem manifesto perigo: porém como naõ quizesse faltar ás Matinas daquella noite, se resolveo a fazer da capa barco, e a passar nella a pé enxuto. Costumava ir prégar á Cidade muitas vezes, e tirar esmólas para os Fieis, e encontrando huma vez a hum pobre cheyo de chagas, compadecido

Passa hum regato encima da capa, e cuidando levar hum pobre ás costas se acha cõ hum Crucifixo.

decido da sua miseria, o pôs ás costas, e levou para o Mosteiro, com tençaõ de o curar. Viraõ os Frades a afflicçaõ com que hia, occasionada do grande pezo do pobre, e indo para lho tirarem, se acharaõ com huma grande, e devota Imagem de hum Crucifixo, que naquelle Convento se conserva, e festeja com a devoçaõ devida a taõ relevante favor, e singular mercè, que fez Deos áquelle seu fiel Servo, em premio da sua summa caridade, e acharaõ os alforges cheyos de esmólas, que o Ceo havia provido milagrosamente.

Transforma-se-lhe o pam em rosas; e exhalaõ as suas Reliquias suave cheiro.

3 O pam, que sobrava no Refeitorio costumava repartir pelos pobres, e indo com elle no manto, e perguntado do Prior o que levava, respondeo que rozas, e estendendo o manto, as vio o Prior, muito a seu gosto; porèm mandando as pôr no altar, logo desappareceraõ. Este mesmo prodigio succedeo a Santa Izabel Rainha de Hungria, a sua sobrinha Santa Izabel Rainha de Portugal, a Santa Thereza nossa Portugueza, como nas suas vidas diremos, e a outros muitos Santos, que as historias celebraõ. Com estas, e com outras singulares mercès, acreditou Deos, e fez patentes ao mundo as virtudes, e a santidade do nosso famoso Portuguez, até que o trasladou para a Bemaventurança a 19. de Fevereiro do anno de 1420. Recolheraõ-se as suas sagradas Reliquias em hum cofre dourado, das quaes sahe muitas vezes hum suavissimo cheiro. As Chronicas da Religiaõ de S. Domingos trazem a vida deste Santo, e quem duvidar de que seja Portuguez, póde ver o como o prova Jorge Cardozo a 19. de Fevereiro.

S. FIEL *Arcebispo de Merida.*

1 CRiou-se em casa de seu predecessor, e tio, S. Paulo Arcebispo da Metropoli de Merida. Logo desde menino mostrou o que havia de ser na idade provecta, pois se empregava com o mayor fervor, e cuidado a tudo o que era piedade, e do serviço de Deos. Applicou-se aos estudos, nos quaes naõ aproveitou pouco; o que vendo seu Santo tio, e juntamente a sua Angelica condiçaõ, lhe administrou as Ordens Sacerdotaes, com summo prazer, e contentamento, e depois o elegeo por seu Vigario, com plena potestade em todos os negocios da Mitra.

2 Chegou o tio á ultima idade, e conhecendo a sua fundamental virtude, o deixou por seu testamenteiro, e universal herdeiro de seus bens, com condiçaõ, que se o Clero o elegesse em Metropolitano gozasse a dita Igreja de toda a sua fazenda; quando naõ, que o sobrinho dispuzesse della, como melhor lhe parecesse, prevenindo [com espirito prophetico] as grandes contradiçoens, que na eleyçaõ havia de ter. Falleceo em fim o tio, e logo o elegeraõ por successor: porèm como lhe faltaraõ alguns votos, que, sem embargo de reconhecerem os seus meritos, queriaõ a outro Arcebispo; esteve algum tempo sem tomar posse, até que cahindo no seu erro os contrarios, naõ só approvaraõ por bõa a eleyçaõ, senaõ com lagrimas lhe foraõ pedir perdaõ da contumacia, e pouca consideraçaõ, com que se tinhaõ havido Logo que o nosso Santo se vio constituido naquella grande Dignidade, se empenhou em conciliar as vontades de todos, com a mayor benevolencia, e entregando tudo o que seu tio deixara á Igreja, ficou a mais opulenta. Cuidava na morte, entre os fastos, e grandezas com que se achava sublimado na vida; e por isso procedeo com tal perfeiçaõ, e exemplo, que adquirio nome de Santissimo Prelado, alcançando do Ceo as prerogativas, que o Espirito Santo diz do Varaõ Justo, que despreza as riquezas do seculo, e que o Senhor o enriquece com notaveis favores.

3 Sentindo-se ultimamente enfermo, e visinho á morte, se mandou levar

var á Igreja de Santa Eulalia de Merida, onde com grande contriçaõ, e lagrimas pedio a Deos perdaõ de seus peccados implorando a intercessaõ da Santa: e depois de distribuir muito dinheiro aos pobres, e remittir muitas dividas a diversas pessoas, se despedio sua alma do ergastulo terreno, rodeada de grande numero de Santos, e Angelicos Espiritos, que formados em varios esquadroens o trasladaraõ desta mortal vida á eterna a 7. de Fevereiro de 570. (segundo M. Maximo) Paulo Diacino escreve a vida deste Santo na historia de Merida, e o seguem os Cõmmentarios Tamaio, e Moreno de Vargas.

S. Fr. PAYO, *Dominico, natural da Cidade de Coimbra.*

1 NAsceo na Cidade de Coimbra, e ja provecto em annos, consummado nas letras, e virtudes, tomou o habito da Ordem dos Prégadores da maõ do Santo D. Fr. Sueyro Gomes. E como se andava fazendo o Convento da mesma Cidade, trabalhou nelle indefessamente, assim no material, como no espiritual daquelle edificio, de que foy o primeiro Prior Confessava, e prégava continuamente, exercicios porque adquirio muitas almas para o Ceo, pois converteo a melhor vida a muitos peccadores obstinados, e á Ley de Christo a naõ poucos Cismaticos. Fazia tudo com tal perseverança, e zelo da honra de Deos, com tal pobreza, e desprezo do mundo, com tal humildade, e abatimento proprio, com tal secreto, e dissimulaçaõ, que assim como a sua vida foy surda, e sem rumor, assim tambem sua morte; pois foy enterrado no cemiterio cõmum, como outro qualquer Religioso. Depois de haver fallecido havia mezes, quiz nosso Senhor manifestar ao mundo quaõ gratos lhe foraõ os seus serviços, e o fez da maneira seguinte.

2 Estava o coveiro abrindo huma sepultura junto á delle, para enterrar outro Religioso, e foy tal a fragrancia, que sahio dos seus veneraveis ossos, e de qualquer torraõ de terra, que naõ a podendo tolerar, por activa, foy dar parte aos Religiosos, que juntos viraõ era mais suave, e celestial do que o coveiro havia exaggerado. Quiz o coveiro aproveitar-se do escondido thesouro, que Deos por aquelle modo havia descoberto, para o engrandecer com milagres, e logo foy buscar huma filha, que tinha, paralytica de muitos annos, e rompendo por todos se lançou com ella na cova, onde experimentou o prodigio de se levantar por si, e tornar para casa por seus pés, a que foy nos braços de outrem, e para comprovaçaõ do milagre, acarretou aquelle dia muita agoa do Mondego.

Achaõ seu santo corpo inteiro, e sara hum paralytico.

3 Seguiraõ-se logo outros muitos milagres, por meyo das cousas de seu uso, que (como preciosas Reliquias) brevemente se procuraraõ, principalmente a cinta de ferro, que trouxe á raiz da carne, remedio ainda hoje procurado em partos difficultosos. A mesma virtude se achava na terra de seu sepulchro; e em fim cresciaõ os prodigios á vista dos necessitados, pois ninguem se valia da sua efficacissima intercessaõ, que ficasse desconsolado.

Conserva se huma cinta de ferro que trazia á raiz da carne.

4 Qualquer destes prodigios bastava para que viessemos no conhecimento dos grandes merecimentos, que grangeou este Santo, com se lembrar da morte, e se esquecer da vida: porém naõ queremos omititir hum, de que lhe naõ redundará pequeno credito, e que vive muy prezente nas memorias dos moradores da Cidade de Coimbra, onde aconteceo, que foy desta sorte. Mandou o Prior do Convento fazer hum sino para o mesmo Convento, e indo o fundidor para lançar o metal derretido nas formas, ficou confuso por lhe faltar a terça parte do metal: o que vendo hum Religioso, cheyo de fé, e confiado nos merecimentos do Santo, lançou dentro do metal

Conserva-se hũ sino, em que se deitou ao fundir terra em lugar de metal.

tal derretido, huma grande quantidade de terra. Gritou o fundidor julgando o feito a dezatino, e vendo que elle se empolova, e transmutava em bronze, ficou mais socegado: lançado entaõ nos moldes, sahio o sino excellentissimo obrado com toda a grandeza, e perfeiçaõ, crescendo duas arrobas e 24. arrateis de gito, faltando d'antes tanto metal, que era pasmo. Este sino persevera hoje saõ, com differente tom dos outros, e nelle se vê o metal arenoso da mistura da terra, recreando aos ouvidos, quando se toca, com nova harmonia, fazendo a todos lembrança do manifestado prodigio.

5 Ainda naõ para aqui esta maravilha; porque estando no campanario do Convento velho, com ser de pedra, e fortissimo naõ sendo bastantes tantas inundaçoens do Mondego para atégora o derrubar, todas as vezes que se tangia, parecia que na apparencia o levava comsigo, fazendo tanta inclinaçaõ, que causava grande espanto a quem o via de fóra, quanto mais a quem o tocava, abrindo-se o campanario com o aballo pelo pé, grossura de hum dedo pollegar. Por estas, e por outras singulares maravilhas, que obrou, lhe tiraraõ as suas sagradas Reliquias do cõmum cemiterio, e as recolheraõ em huma pequena arca de marmore, com sua effigie emcima, que está collocada em superior nicho na Capella mór do novo Convento á parte do Evangelho, ficando fóra a sua cabeça, que se mostra aos devotos, e leva aos enfermos com maravilhosas experiencias. Foy receber o premio a 15. de Abril de 1240. Advirtaõ os devotos, que quando virem alguma imagem de S. Payo com o rosto de velho venerando, e com huma Cruz na maõ, he o nosso Santo Prior. Isto dizemos, porque se naõ equivoquem com outro S. Payo, menino de treze annos, muito venerado neste Reyno, e principalmente nesta Provincia do Minho, de quem neste Volume fazemos honorifica mençaõ.

Martyrios de S. FELIX, *e de seus companheiros, outro S. Felix, S. Luciolo, S. Fortunato, Santo Eusebio, S. Martinho, S. Herodes, S. Antigono, Januario, Tortula, Gaviano, Quiriolo, Donato, Quinto, Basilisco, Eutropio, e Creonico.*

SEgundo as mais provaveis opinioens padeceraõ estes Santos na acerba perseguiçaõ de Diocleciano, e Maximino, (debaixo de cujas Imperiaes bandeiras militaraõ alguns na populosa Cidade de Evora] donde he natural o primeiro S. Felix, Capitaõ de todos, que com os mais companheiros foy convertido, e baptizado pelo Glorioso Martyr S. Vicente, na occasiaõ em que esteve prezo na mesma Cidade de Evora. Foraõ pois prezos pelo Vice-Presidente Asclepiades, que nelles executou diversos generos de tormentos, e vendo que era impossivel o apartá-los da Fé de Christo, os mandou degolar a 3. de Março do anno de 304., e desta sorte triunfaraõ do infernal Presidente, fabricando as suas illustres coroas com a gloria de taõ preciosos martyrios. O eruditissimo Rezende mostra com os mais solidos, e efficazes argumentos, o como estes Santos padeceraõ na Cidade de Evora.

MARTY-

MARTYRES DE OUREGA.

NO anno de 305. veyo a Evora o Presidente Daciano, que noticioso dos innumeraveis sujeitos, que abominavaõ as suas idolatrias, e publicavaõ claramente as verdades Catholicas, os fez prender, e levar para huma quinta de recreaçaõ, que tinha com hum magnifico Palacio, de que hoje se vem vestigios no lugar da Ourega, que fica em duas legoas de distancia da Cidade de Evora, onde vendo que as promessas, e ameaças eraõ de nenhuma efficacia para os fazer deixar a Fé de Christo, que professavaõ, os mandou degolar, martyrio que toleraraõ com taõ grande constancia, que deixaraõ ao impio Presidente, e aos mais Infieis admirados, e confundidos. O numero, e os nomes delles se conservaõ escritos nos Annaes da eternidade, e monumentos da Gloria. Sepultaraõ-se em huma gruta, a que chamaõ hoje a *Cova dos Martyres*, onde tem obrado Deos pelos seus merecimentos muitos milagres. Delles se lembra o Author de *Evora Gloriosa*, e outros.

S. JORDAM, *Bispo de Evora*, *e Martyr.*

NAõ falta quem diga que fora natural de Evora, ou do lugar de Tourega; porèm como a antiguidade he taõ grande, he impossivel averiguar-se a verdade. Diz a tradiçaõ, e constantemente affirmaõ varios Authores, que fora o segundo Bispo de Evora, e irmaõ de Santa Comba, e Anominata, de quem escreveremos querendo Deos, no Tomo das Santas. As suas illustres acçoens naõ achamos particularizadas, pois só se louvaõ em geral as suas virtudes, e engrandece a resoluçaõ com que procurara a sua irmaã Santa Anominata, para a persuadir a dar a vida por Christo, que havia recusado fazer com temor da morte, e vencida do horror dos tormentos, que vira executar em Santa Comba. Achou a na serra de Espinheiro, que fica em pouca distancia da Cidade de Evora, a qual arrependida da sua inconstancia, se offereceo espontaneamente ao martyrio, com grande consolaçaõ do Santo Bispo, que no mesmo sitio foy prezo, e degolado, depois de soffrer com paciencia incrivel muitos, e diversos martyrios. Cortou-se-lhe a cabeça em huma cova, que ainda persevera com o nome *da Cova de S. Jordaõ*, na qual se observa o prodigio, de lhe naõ cahir agoa dentro, por mayores que sejaõ as enchentes, causa porque he muito venerada, e procurada dos enfermos de maleitas, que experimentaõ prezentaneo remedio no seu patrocinio; como tambem os que padecem dores de costas, graça que parece lhe concedeo Deos, em premio das grandes dores que nas suas padeceo, quando os algozes lhe tiraraõ, antes de o degolarem, o coraçaõ por ellas. O seu santo corpo foy levado para a Igreja de Tourega, onde se sepultou com outros Martyres. Padeceo na perseguiçaõ de Daciano a 3. de Agosto pelos annos de 305. do Nascimento de Christo, que seja eternamente louvado.

Procura a huma irmaã para a persuadir ao martyrio, que tambem teve.

Vidas, e martyrios de S. FACUNDO, *e* PRIMITIVO *soldados.*

1 SEgundo o que elegantemente prova D. Joaõ Munhoz Bispo de Orense no livro que compôs, e deo ao prélo no anno de 1726. com o titulo de *Noticias Historicas da Santa Igreja Cathedral de Orense*, houve junto ao Rio Minho, em distancia huma legoa do Real Mosteiro de Offera, e tres legoas de Orense, huma Cidade, ou povoaçaõ, a que se chamou *Astracia*, ou *Arsacia*. Nesta Cidade pois, e no tempo em que era sujeita à esta Metropoli de Braga, assim no espiritual, como no temporal, nasceraõ S. Facundo, e S. Primitivo: seus pays foraõ Facundo, Capitaõ, e Primitiva irmaã de Marçal, Centuriaõ de Arsacia mais antigo, e dos Ascendentes de S. Marçal, Centuriaõ de Leaõ, de quem nesta Obra nos lembramos. Em tudo seguimos ao Illustrissimo, e erudito Escritor, de quem traduzimos esta historia.

Trata-se da criaçaõ que se deve dar aos filhos.

2 Queixaõ se, ó mortaes, ordinariamente os pays, e as mãys, quando attendem em seus filhos travessuras, e máos costumes; porém naõ advertem, nem choraõ nas suas amargas, e nas suas impacientes queixas, que elles tem ordinariamente a mayor parte da culpa, quando naõ toda, em as culpas de seus filhos, em as suas desordens, e viciosos procedimentos. Saõ para com os filhos os pays, em a fraze do Philosofo, huns como Deoses visiveis. Aquella authoridade, e superioridade natural, que se continua nos alimentos, e caricias da criaçaõ, desde a origem que lhes cõmunica o ser, tem sobre os filhos huma natural, e como insensivel influencia, de cuja efficacia he mais desconhecida, e alheya a violencia, quanto he mais propria, e vay como embebida a ternura. Por tanto, se os pays, tendo a Deos presente, e vendo que he nosso primeiro principio, nosso ultimo fim, e nosso Justo Juiz, puzessem na criaçaõ de seus filhos o devido cuidado; e se o desvélo Christaõ, que inspira o santo temor, corregesse as nimiedades do amor carnal, e do desordenado carinho, sem duvida, com a educaçaõ virtuosa evitariaõ muitos males, e fariaõ muitos bens aos povos, e ás Republicas, e se livrariaõ a si de muitas, e de amargas lagrimas, de cargos terriveis de consciencia, e assim em vida tranquila fundariaõ melhor as esperanças do eterno descanço da Gloria.

Continúa.

3 Parece conheceraõ, e praticaraõ bem estas maximas importantissimas Facundo, e Primitiva, ditosos pays de dous Santos, e Martyres taõ insignes; porque se he gloria do pay hum filho prudente, e bom, dobrada gloria he para Primitiva, e Facundo o serem pays de filhos taõ Santos. O primeiro louvor se deve a Facundo, porque, como ensina a experiencia, a virtude, e o cuidado das mãys he quem mais influe, e imprime nos filhos huma virtuosa criaçaõ; ou porque com o leite se infundem para os costumes as bõas, ou más qualidades; ou, o que he mais certo, porque as mays cuidaõ, trataõ, e soffrem mais aos filhos desde que nascem, e como vaõ crescendo, em seus mais ternos, mais flexiveis, e mais doceis annos.

Foraõ soldados, e sempre virtuosos.

4 Nada em particular acho escrito da infancia, e puericia dos nossos Gloriosos Santos, só os encontro em a sua juventude soldados nobres, e Martyres invictos na confissaõ da Fé. E digo soldados nobres, porque este foy o emprego, e devera ser sempre dos que nascem de sangue fidalgo, e illustre; pois a virtude, e fortaleza bellica para defender, e pelejar pela Ley, pelo Rey, e pela Patria, foy o primeiro, o real, ainda que aspero, caminho, por onde os ascendentes herdaraõ a seus successores os timbres da honra, e esta só se póde conservar pelas causas, e principios de que dimanou seu

seu ser; e assim, quando nisto falta o generoso cheiro dos ambares, e balsamos finos, se troca, em o molesto fumo de ascorosa corrupçaõ; de mais de que, em a acertada harmonia de qualquer bem governada Republica, se se negaõ os nobres ao devido manejo das armas, sem razaõ se destinguem, e injustamente possuem prerogativa alguma de nobreza. Sem deixar de ser Santos, foraõ soldados nobres S. Facundo, e S. Primitivo. Grande he a excellencia da nossa Catholica Religiaõ, pois naõ ha nella estado, ou exercicio honesto, ja de milicia, ja de rustica agricultura, e ja de politica civel, que seja incompativel com a verdadeira, e ainda com a sublime santidade. Sem duvida os nossos Facundo, e Primitivo seguiaõ o que prégava S. Joaõ aos soldados, que tudo se resumia em encõmendar-lhes que naõ fizessem mal algum, e que se contentassem com os seus estipendios; e assim, se abstinhaõ de molestar aos inimigos com vexaçoens, e roubos, reservando todo o valor para aquelles destroços, que permitte a guerra justa nos seus contrarios. Taõ certo he, que sem virtude naõ há honra, e que a honra, que dimana do conceito, e estimaçaõ alheya, he sombra da virtude; como que os vicios contrarios, e dissonantes a toda a racional natureza tisnaõ a fama dos que naõ pervertem o juizo, e buscaõ o applauso em a extravagante insolencia. Capricho monstruoso, como o daquelle incendiario, que abrazou o Templo de Epheso, que pobre, e nu de prendas pessoaes, e de heroicas acçoens, que o recõmendassem para a posteridade, borrou a memoria, que pertendia deixar, em a acçaõ mais sacrilega, e mais barbara.

5 Servindo pois os dous Santos irmaõs, e seguindo as bandeiras do Imperador do mundo com lealdade, e com honra, naõ com menor, senaõ com mayor valentia, e com fidelissimo zelo faziaõ guerra ao abysmo, e anhelavaõ á celestial conquista, que he a empreza mais propria de animos esforçados, e de espiritos generosos. Para esta, armados, e defendidos com o escudo da santa Fé, empunhada a espada de dous fios da palavra de Deos, firmes no seu posto com a esperança das Divinas promessas, em a milicia, e continua guerra desta miseravel vida, e pelejavaõ contra a propria sensualidade, e contra as ciladas, e assaltos descobertos, com que o mundo, e o demonio procuraõ bater sempre, e abater toda a virtude. Achava-se em Arsacia Lucio Catelio Atico, Prefeito, e Governador pelo Romano Imperio, donde havia sido Consul, pois mandavaõ os Romanos para Governadores das Provincias de Hespanha, aos sujeitos mais illustres em Dignidades, e nobreza, assim pela grande conta em que os tinhaõ, como pelo receyo de que se lhe rebellassem. O Presidente, ou Prefeito Atico, com a superstiçaõ de Gentio, vestido, e revestido de Adam, e da sua velha corrupçaõ, que ainda depois da morte revive, e sempre anhela a ser mais, procurava nas occasioens de valer-se das artes bem vistas, e das apparencias affectadas de devota, ainda que falsa, religiaõ, cujo erro póde minorar a sua culpa, que cresce mais, e se aggrava em os que vivendo, e devendo viver segundo a luz da Religiaõ verdadeira, buscaõ accrescentamentos com o enganoso disfarce da vil hypocresia, que roubando apelle ás ovelhas, e cobrindo maldades com capa de piedade, e de virtude, abre aos interesses da ambiçaõ a sua tenda, e mostra hum reluzente apparador, cheyo dos ouros pelas da fingida santidade.

6 Em hum frondoso bosque, que estava junto ao rio Anceo, hoje da Cea, que corria por entre esta Villa, e a antiga Cidade de Arsacia, chamada depois Ursaria, e Cobraria, fez levantar Atico hum altar ao idolo Phebo, e ao deos das batalhas, ou a Marte, reputado nas fabulas por seu filho, e mandou que os soldados, e povos concorressem áquella vaã, e profana dedicaçaõ no fim de Novembro, para celebrarem a seus deoses solemnemente. Chegado pois o sinalado dia, foy innumeravel o concurso, assim dos soldados Idolatras, como dos cegos povos, que acudiraõ a offerecer a

seus

Do culto que os Gentios davaõ aos Idolos.

seus deoses incensos, e sacrificios, que, em injuria, e offensa do verdadeiro Deos, lhes suggeria o demonio. Ajudava á mayor concurrencia o verem que por coroa, ou remate das suas superticiosas ceremonias se soltavaõ os diques á gula, e embriaguez, e o freyo, e redeas á lascivia mais fea: digno obsequio certamente de huns deoses taõ torpes, como os Poetas cantaraõ em as suas fabulas, e romances. Para este fim os brutaes Gentios eregiaõ suas aras em sombrios, e densos bosques. Oh venha, e baixe aqui todo o espirito da verdade, e da piedade Christaã, que purifique nas nossas solemnidades, naõ só o culto externo, senaõ o occulto, e intimo de todos os Christaõs coraçoens para zelar, e fazer que as nossas visitas, e concursos aos Templos, quando saõ mais festivos, sejaõ tambem mais limpos, mais humildes, temperados, e devotos.

Pertendem que os Santos dem o mesmo culto.

7 Em dia pois de festa taõ ruidosa foy Atico á solemnidade com grande pompa, e comitiva; e offerecendo elle primeiro o sacrificio aos seus Idolos, proseguiraõ em o sacrilego culto os que pela sua nobreza, e Postos na milicia, eraõ os mais assinalados, até que se deo lugar ao povo miudo. Em funçaõ taõ plauzivel se acharaõ menos os dous irmaõs Facundo, e Primitivo, que como Christaõs fugiraõ com horror da adoraçaõ dos deoses. Reputou Atico a sua falta por mais indecente, e notavel, á vista de serem das principaes pessoas, que haviaõ de concorrer para aquella celebridade, e assim os mandou ir á sua presença, onde os reprehendeo de naõ haverem assistido, e concorrido para a solemnidade de seus deoses, como Nobres, e como Militares. Responderaõ modestos, que sendo ambos, como eraõ, Christaõs, naõ podiaõ achar-se, nem convir em cultos falsos, vaõs, e supersticiosos. Atico, ouvindo esta resposta, com seria dissimulaçaõ lhes disse: *Naõ haveis visto os Decretos de nosso Imperador, e Senhor, e os que eu hey mandado publicar? Sim os hemos ouvido, e intendido*, [responderaõ os Santos] *porèm a Decretos taõ injustos naõ obedecemos nósoutros.*

8 Indignado Atico com esta resposta, lhes disse que elegessem, ou sacrificar aos deoses, ou perder logo a vida: *Nósoutros* [responderaõ] *só reconhecemos por Deos, e vivemos de todo sacrificados a nosso Redemptor Jesu Christo, que he Deos vivo, e verdadeiro; por este temos vida, e por elle queremos dar a que nos deo. Como* [replicou o Presidente] *como póde ser Deos esse, a quem naõ conhecem por tal, nem os Filosofos sabios dos Latinos, e Gregos, nem os Imperadores Augustos? E sendo vós de illustre linhagem, e seguindo as bandeiras das Aguias Romanas, dando, como vassallos fieis, a Cesar o que he de Cesar, pelejando pela defensa, e honra da patria, como ouzais a blasfemar dos seus deoses, e vos atreveis a desobedecer ás suas leys, e respondeis taõ atrevidamente a quem tem tantas almas, e vidas em seu poder, e arbitrio? Nósoutros* [responderaõ os Santos irmaõs] *hemos servido, e seguido leaes debaixo das Romanas bandeiras, dando, como vassallos fieis, a Cesar o que he de Cesar, pelejando pela defensa, e amor da patria, e da Republica; porèm sendo a obrigaçaõ mayor, e summa a que todos os homens tem de darem a Deos o que a elle se deve, só a Deos offerecemos o nosso culto, e sacrificio, tendo por demonios a esses deoses, cobertos com os nomes apparentes dos que, se viveraõ no mundo, foraõ homens ambiciosos, e profanos, que puderaõ infamar por instigaçaõ diabolica, atè os astros do Ceo. E em quanto ao poder, que dizes tens sobre nossas almas, e vidas, respondemos: que todo o teu poder he dependente do Divino querer, o qual poderàs exercitar nos nossos corpos, que saõ de fragilissimo barro; porèm naõ em nossas almas, porque estas saõ immortaes, e eternas, e no las guarda nosso Deos, e Senhor para interminavel vida, e inmarcescivel coroa.*

Da liberdade com que fallaraõ ao Governador Atico.

9 Com hum falso rizo disse Atico: *Muito sabeis, e muito rhetorico sois; sem duvida me pareceis, ou Leitores, ou Diaconos, como os Christaõs chamaõ a alguns dos seus Ministros. Naõ temos* [responderaõ os Santos] *nem merecemos*

cemos ter taõ alto gráo, e honra; nem affectamos rhetorica, nem eloquencia, nem menos presumimos da vaã sabedoria: o que somos, e o que sabemos de Deos, com a luz soberana da Fè, tudo he mercè, dom, e graça de sua Divina bondade, e assim dispõem o que quizeres de nossos corpos, e vidas, que outra vida melhor nos asseguras, pois com toda a firmeza a esperamos gozar bemaventurada, e eterna. Ouvindo estas razoens, e vendo a tranquilidade dos animos, e constancia dos semblantes, e rostos, com que os Santos irmaõs faziaõ estes discursos, dezesperado Atico de pode-los vencer, como hum dezesperado os mandou atormentar, e assim intimou aos verdugos, que pondo-lhes as maõs sobre humas pedras, com outras pedras, em lugar de martellos, lhes quebrassem os dedos. E crescendo mais o furor da sua diabolica raiva, accrescentou que em hum cepo, ou prensa lhe entallassem, e apertassem as pernas até que lhes espedaçassem as canellas. Assim se executou, com igual, ou mayor tolerancia dos Santos irmaõs, que raivosa loucura do Juiz, pondo ambos suas mentes, e os seus coraçoens na Cruz, e nas dores de Jesu Christo, a quem davaõ as graças, e se esforçavaõ a ser similhantes nas penas ao seu grande exemplar, e Protector, que lhes punha á vista a Coroa da Gloria.

Metem-nos a rigorosos tormentos.

10 Horrorizado Atico de ver tanta firmeza de animo, e valor nos pacientes, nem a podendo soffrer, nem ainda a si mesmo soffrer-se, se retirou dizendo, que assim moidos como estavaõ os mettessem no carcere. Encerrados nelle os valerosos soldados louvavaõ ao Senhor, que os esforçava para padecer; e com profunda humildade lhe pediaõ, que naõ os dezamparasse a sua graça, de quem só esperavaõ a constancia, e a fortaleza. Ao contrario Atico, combatido das inquietas ondas de impaciente, e de confuzo, agitado de varios pensamentos, palpava entre o seu cego furor, por ver se encontrava hum modo, ou meyo efficaz de attrahir a seu intento aos benditos irmaõs: offereceo-se-lhe provar o contrario artificio de mostrar-lhes compassiva ternura, mandando-os regalar com pratos da sua mesa, e visitar com recados cheyos de urbanidade, e significativos do muito que estava sentido dos seus passados tormentos; assegurando-lhes que se mudassem daquella falsa opiniaõ, e daquelle louco capricho, desde logo cuidaria das suas curas, do seu regálo, e de seus accrescentamentos a lugares honrosos.

Constancia que nelles tiveraõ.

11 Quaõ alheyos, e distantes estavaõ os Santos Martyres de assentir em a idéa do iniquo Presidente, o mostraraõ na mais inteira resposta, e desprezo com que lançaraõ de si, com grande abominaçaõ, os manjares, e aos criados, e ministros que com taes recados lhos levavaõ; manifestandolhes que na piedade fingida, de que usava seu senhor, se continha a summa da mais fina impiedade. Naõ he ponderavel a indignaçaõ, e colera, que concebeo Atico com similhante resposta. A' irrizaõ dos seus adorados idolos, á desobedencia ás leys dos Imperadores Romanos se juntava o desprezo, que faziaõ da sua pessoa os Santos irmaõs, Facundo, e Primitivo, e resolvendo dar-lhes cruel morte, mandou accender hum forno com grande copia de lenha, e de outros materiaes combustiveis; e que quando o fogo, e ardor chegasse ao mais alto ponto, os lançassem nelle a todos, e como nelles reynava a Fé mais viva, e a mais firme constancia, naõ se acobardaraõ com a cruel sentença, mas antes se deixaraõ atar alegres, e lançar no forno, que os verdugos cerraraõ, no qual estiveraõ tres dias, taõ longe de sentirem pena, que naõ cessavaõ de dar graças a Deos, e de lhe cantarem muitos louvores, assistidos de hum Anjo, que os sarou dos primeiros tormentos, e os consolou, refrigerou, e manteve com igual maravilha á que o Senhor obrou com os tres meninos do forno de Babylonia, preservando do fogo até os vestidos, e sem que se queimasse nem hum cabello da cabeça. Estas maravilhas [ó mortaes] se viraõ frequentemente em todos

Metem-nos em hum forno, donde sahẽ sem lezaõ, e sara-os hum Anjo das passadas feridas.

todos os tempos, e em todas as batalhas dos Martyres de Christo. Padeciaõ estes muitas vezes o summo da angustia, e dor, durando alguns naõ só dias, e noites, senaõ annos, e mezes em hum intenso padecer: outras vezes com repetidos milagres (como temos visto nesta historia) entre muitas penas mortaes conservava sua vida a soberana Piedade: quando os deixava lutar com as mais intensas, dolorosas, e prolongadas angustias; mostrava em a nossa humana fraqueza o poder, e a virtude da sua graça: quando com milagres visiveis, ou embotava, ou convertia em refrigerio, ou saude a actividade do fogo, e de outras penas; era para que entendessem os homens a verdade da sua Fé, e as entranhas da sua misericordia. E sempre devemos reconhecer, e louvar a paternal ternura de nosso Salvador, e nosso Medico, que naõ havendo querido obrar milagre algum para se livrar a si de trabalhos em vida, e das summas dores com que morreo na Cruz; os obrou, suspendendo com o seu Divino poder a gloria, que necessariamente resultára á humanidade santissima, da uniaõ com a Divindade, para que em quanto homem pudesse padecer, e morrer; todavia para livrar das penas, e conservar as vidas dos seus Servos, naõ só dos Martyres, naõ só dos Justos, senaõ ainda dos peccadores desagradecidos, obrou, e obra frequentemente sua Divina bondade innumeraveis milagres. Louvemno para sempre os Anjos, e todas as creaturas; e temamos nósoutros miseraveis, se desagradecidos, naõ nos fazemos linguas, e se conrespondemos ingratos com novas culpas a tantas misericordias.

Sente muito Atico, que os Santos sahissem vivos do forno.

12 Passados os tres dias, mandou Atico que fossem abrir o forno; e tendo por sem duvida achariaõ aos Santos Martyres reduzidos a cinzas, com a noticia que lhe deraõ que estavaõ no forno saõs, bem dispostos, e alegres, possuido de pasmo, falto de conselho, e de juizo, naõ sabia o que havia de determinar dos Santos á vista de taõ estupendo prodigio. Passado algum tempo mandou que os tornassem a metter no carcere, e que nelle lhes estreitassem a prizaõ, ficando elle mais apertado, e prezo da mais amarga confuzaõ, e das tristes especies, que tinha na sua desbaratada, e louca fantasia, e huma vontade vehemente, com tantos desordenados affectos, naõ só combatida, senaõ tambem resistida, e contrastada; porque se [como disse o Chrysologo] o tormento mais intoleravel para os condenados, he ver na mayor felicidade aos que elles trataraõ com desprezo, e irrisaõ; que seria para o raivoso, e confuso Atico, ver saõs, e alegres, e sem o menor prejuizo aos que elle condenou a taes supplicios, e naõ só livres, senaõ tambem triunfantes de taõ voraz incendio!

13 Atormentado no potro de taõ violentas paixoens, que eraõ as que lhe torciaõ o coraçaõ, servindo-lhe de cordeis, ja bramava, ja gemia o miseravel Atico, dezejando achar algum, que lhe desse prompto conselho, ou arbitrio para acabar com os Martyres, que como impassiveis sahiraõ livres do forno: e como a diabolica malicia he artifice destro para inventar, e multiplicar as penas, e procurar que os máos naõ vaõ sós, nem caminhem sem companheiros á perdiçaõ de suas almas; a ponto se lhe offereceo hum Feiticeiro malevolo, promettendo ao Presidente, que brevemente, e sem ruido lhes tiraria a vida por meyo de huma mortal peçonha. Com esta damnada intençaõ se foy ao carcere, e disse aos Santos, que, compadecido da sua necessidade, se havia movido a levar-lhes de comer, e assim que sem algum receyo podiaõ comer o manjar, que lhes levava, por se naõ fazerem complices da fome, para serem seus homicidas contra o justo dictame da razaõ, da Ley natural, e da propria consciencia. Conheceraõ os Martyres, com luz superior do Ceo, o veneno, e a morte, com que os convidava o ministro de Satanaz, e movidos da mesma inspiraçaõ Divina disseraõ ao malefico: *Naõ ignoramos a tua piedade, e a tua intençaõ, nem o saudavel manjar, que nos offereces nessa tua vianda: porèm para que conheças, e entendas a vista-*

Da-lhes hum Feiticeiro peçonha, e naõ lhes faz damno.

a virtude de Deos Jesu Christo, a comeremos toda. E fazendo sobre o prato, e sobre si mesmos o signal da Santa Cruz, convertido em triaga o veneno, e maleficio, lhes servio juntamente de saá, gostosa, e substancial refeiçaõ. Pasmado o Feiticeiro do que observou nos Santos, invocou ao demonio seu familiar, com o qual preparou outros manjares, com distincto veneno, mais efficaz, e a seu parecer mais activo, com o qual foy procurar segunda vez aos nossos Santos, a quem disse: *Venho a fazer-vos esta segunda visita, naõ com animo taõ perverso como da primeira vez, senaõ prompto a assegurar-vos, que se comendo deste prato, e manjar, naõ morreis com elle, abraçarei de todo o coraçaõ a profissaõ da Fé de Christo, e me dedicarei com todas as minhas forças a ser vosso discipulo, e vosso fiel companheiro.* Acceitaraõ os Santos o partido, e comendo segunda vez a vianda envenenada, em lugar de angustias, e symptomas mortaes da maleficiada peçonha, lhes emprestou mais vivas forças, e alentos. A' vista deste prodigio se trocou de todo o Artifice do inferno, e queimando os livros da sua diabolica Magica, foy admittido ao partido da Fé, e se abraçou com a Cruz, depois de ser instruido nas verdades della pelos nossos Santos.

Converte-se o Feiticeiro.

14 Qual ficaria Atico, vendo malogrado o effeito de venenos taõ efficazes, e a Facundo, e Primitivo com saude, e valentia, sem que os impedissem as chammas, nem as peçonhas, póde-se considerar, mas naõ se póde dizer. Fervia a sua impiedade, e como em mar borrascozo, as tempestuosas ondas cobriaõ o seu coraçaõ; e por mais que entre discursos violentos, e melancolicos, buscava a seus pensamentos allivio, fugindo dos monstros de Carybdis, cahiaõ em Scylla com naufragio mayor seus pensamentos. Como estava taõ dado ás infernaes furias, que nos seus idolos adorava, o que aquellas naõ podiaõ lograr em Facundo, e Primitivo, induzindo-os á torpe apostasia, despicavaõ em Atico seu devoto, opprimindo-o com desgostos, e angustias. Esta he a economía, e esta ha sido sempre a politica do demonio, levar por abrolhos, e espinhas ao inferno, e naõ por caminhos que elle finge, e promette muito floridos, e chaõs, aos escandalosos peccadores, e aos que mais o servem no mundo. Aquelle rebelde espirito inflexivel, naõ affroxa, nem descahe, nem póde na sua obstinaçaõ descahir do implacavel odio, que na sua ruina concebeo, e com que sempre tira a destruir, e abater a humana felicidade: e assim, de taõ irreconciliavel inimigo nunca devem, nem podem esperar os homens bens; e mais quando a experiencia repetida dos seculos mostra que, se alguma vez com algum bem apparente, e momentaneo, engana este inimigo aos homens, sempre o cobrou, ainda entre as miserias desta vida presente, com os redditos excessivos de amargosissimos males.

15 No lastimoso estado, em que se achou Atico, lhe occorreo se seria bem, affogando como pudesse as ondas da sua propria paixaõ, provar outra vez, e tentar socegadamente aos Martyres invictos, á força de razoens, de discursos, e de affagos; porque as razoens sempre tem grande força, nos entendimentos claros, e racionaes, e os affagos obraõ com suave energia nos espiritos nobres. Parecendo-lhe pois que seria efficaz este meyo, mandou que os tirassem do carcere, e os levassem á sua presença. Prezentaraõ-nos no seu Tribunal, e vendo o soberbo Atico diante de seus olhos taõ claros, e crystallinos espelhos de modestia, e mansidaõ, como muy pratico na prudencia do mundo, que havia aprendido na triunfante, e Gentilica Roma, florida Academia da prudencia terrena, resolveo valer-se das industrias, e artes, de que usaõ no mundo os que se prezaõ nelle de sagazes politicos, e de resabidos prudentes, para enganar a sinceridade, ou simplicidade dos justos, como explica, e abomina o grande Pontifice S. Gregorio. Por tanto, Atico, occultando sua mente cheya de furor, e raiva, com o disfarce de huma carinhoza brandura, lhes começou a fallar, esforçando a rhetorica:

Pertende Atico convencer a cõstancia dos Santos.

louvou-lhes o illustre de seu sangue; ponderou-lhes as honras militares, e politicas, que haviaõ gozado seus ascendentes, e a obrigaçaõ, que tinhaõ aos Romanos Imperadores, que com tantos Postos, e taes preminencias haviaõ ennobrecido aos de sua casa, e familia; de que concluio, que seria huma estremada loucura querer perder tantas honras com as affrontas, supplicios, e mortes infames, que haviaõ de padecer, se obstinadamente porfiavaõ em negar, e injuriar aos seus deoses: e accrescentou, que se se rendessem ao que elle lhes admoestava, e pedia, tomaria a seu cargo interceder, e solicitar com o Cesar o promovê-los a taes Dignidades, que elevassem a sua linhagem, e casa aos mais illustres timbres.

16 Vendo Atico que os Santos irmaõs se faziaõ surdos ás suas palavras, esforçou a eloquencia, e o discurso dizendo: *He possivel que queirais ser prodigos do vosso sangue, e vidas, malogrando o verdor dos vossos annos? E que pela esperança de naõ sey que futuros bens, vos queirais privar de interesses, gostos, e honras, que tendes á vista, e se vos aprezentaõ diante, com o contra-cambio de affrontas, destroços, e de estremadas dores! Que magico embeleco vos transtorna o juizo, para seguir com tal tenacidade a profissaõ de Christaõs, sem temor dos supplicios, nem da morte, mais dolorosa, e sensivel entre ignominias, e opprobrios! Naõ sabeis que o nome de Christaõ he geralmente vilipendiado, e tido por infame? Esse Christo, que adorais, naõ foy sentenciado pelo Presidente Pilatos em Jerusalem, e morto entre ladroens, como insigne malfeitor em o patibulo da Cruz? Patibulo taõ affrontoso, que, como Ciceraõ ponderou, deve estar muy apartado, e muy longe, naõ só dos corpos, senaõ dos pensamentos, dos olhos, e dos ouvidos dos Cidadaõs Romanos; porque naõ só a sua expectaçaõ he indigna, senaõ que o seu nome, e memoria basta para desluzir, e manchar a mais qualificada nobreza. Eya, cuiday em vós, enganados mancebos, naõ recuseis a paz, com que vos convido, e a sorte feliz, e o mayor bem, que para vósoutros dezejo, quando por amor de vósoutros vos requeiro huma, duas, e mais vezes contra o mesmo que pede a obrigaçaõ do meu officio. Este me persuade a usar mais de rigores, que de piedosas razoens, quando vejo aos deoses privados do seu serviço, e culto, vilipendiadas as leys, e desobedecidos os Decretos Imperiaes; porèm em fim, a minha esperança benigna, e este arbitrio de piedade, se naõ vos convence, e obriga, quanto mais me precisa a proseguir os meyos de hum inaudito rigor, tanto mais me livra da nota de cruel.*

17 Assim discorria Atico, quando com o vigor, e espirito de huma celestial inteireza, o interrompeo o nosso Facundo, fallando-lhe assim: *Espera Atico, naõ prosigas, detente; porque no que dizes, com prezumpçaõ de que sabes, naõ sabes o que te dizes, e vaãmente prezumes. Todas estas razoens, que a teu parecer vaõ fundadas em sabedoria, e prudencia, mostraõ mais de ignorancia, que de verdadeira sabedoria: E quando te revestes do teu Posto, e do teu Officio, mais te declaras por ministro dos demonios, que dos Imperadores Romanos. Grande injuria nos fazes em prezumir que á força de tormentos nos poderás apartar da verdade celestial, e da profissaõ da Fè de Jesu Christo nosso Deos, e Redemptor, cuja virtude, e graça, manifestada em nósoutros, nos confirma; e ati, e a todos basta para nos convencer da sua doutrina, e verdade. Tu, que voluntariamente segues os vaõs erros da torpe, e brutal idolatria, que naõ queres conhecer a immortalidade das almas, e que, com injuria sua, collocas o summo bem nas honras, e gostos da terra, quando a experiencia a qualquer dezengana de que na terra naõ se encontra algum bem, que encha os vazios, nem que facie os dezejos de huma alma, que he immortal: Tu, que naõ consideras com madura reflexaõ, que aos diversos caminhos da justiça, ou injustiça, por onde caminhaõ os homens no mundo, corresponde precizamente na morte premio, ou pena eterna: Tu, digo, que procedes deste modo, nem usas da razaõ como devias usar, nem levantas os olhos, nem os dezejos*

Respondem ás persuasoens de Atico.

dezejos ao Ceo, para recéver a luz, que dirige os passos dos homens pela via da paz, e indireita o seu caminho. Daqui nasce, que a curta luz da razaõ, e da prudencia humana, te offusca, e naõ te allumia, para que tropeçando na tua errada ceguzira, naõ encontres áquelle Mestre, e Senhor, que pela saude das almas, baixando a conversar na terra, se faz para os homens Caminho, Verdade, e Vida. Naõ ignoramos a temporal nobreza de nossos nascimentos; porèm estimamos em mais a qualidade de Christaõs. O ser escravos, e Servos de Jesu Christo o antepomos a todas as riquezas, honras, e deleites do mundo. De Jesu Christo, digo, Deos, e Homem verdadeiro, Filho do Eterno Pay, Creador de todo o visivel, e invisivel. E se se humilhou a ser homem, para morrer pela redempçaõ dos homens no affrontozo lenho da Cruz, naõ deixou de ser Deos; antes bem o mostrou fazendo de si mesmo sacrificio voluntario no mysterio ineffavel, e na obediencia, e obra taõ propria, como digna da sua immensa Caridade. Este he o mysterio escondido aos Sabios, e prezumidos do mundo, e tido por escandalo dos obstinados Judeos, e reputado por loucura de Poetas Gentios, e Filosofos: porèm huns, e outros blasfemaõ o que pela sua culpa ignoraõ; pois querem mais corromper-se como bestas, deixando-se arrastar das suas torpes paixoens em a breve carreira desta vida. Por esta causa na sua miseravel impiedade, põem os olhos na Cruz como em abominavel ludibrio; porèm se, reparada a razaõ, desse lugar á Fè, em a Cruz de Jesu, e em os seus mysterios, achariaõ o remedio, e o summo beneficio de todo o genero humano, linhagem certamente em sua creaçaõ, e condiçaõ ditosamente nobre; porèm induzida á soberba, e á desobediencia ingrata pelos Anjos rebeldes, ficou escravo do peccado, arrastando as cadeyas dos seus feyos appetites, sujeito á miseria, e á morte, e necessitado em fim a que hum Deos pela sua immensa caridade se humilhasse a ser homem, e com seus exemplos, e ignominiosa morte remediasse aos homens, e juntamente os ensinasse a ser obedientes, e humildes.

18 *Esta, ó Atico,* [accrescentou Primitivo] *he a obra, em que mais resplandece o poder, a bondade, e sabedoria Divina. Esta he a que, como Facundo começou a dizer antes, mostra o caminho recto, ensina a verdade, e dá a vida aos homens: e assim tu, e todos os Idolatras cegos, que perseguis ingratos a doutrina, e a graça de nosso Senhor Jesu Christo, ides fóra de caminho, e vos arrojais ao eterno precipicio, a que vossos idolos vos impellem, e arrastaõ os demonios.* Com a efficacia, e pezo do espirito, com que fallaraõ os dous Santos irmaõs, esteve Atico como pasmado, attonito, e suspenso; porèm, permittindo-o Deos, tornou a si, e respirando o impeto da sua raivosa impiedade, mandou aos verdugos com dezentoadas vozes que pendurassem no equuleo aos benditos Martyres, os quaes se entregaraõ a este terrivel tormento mais resignados, e promptos, que estiveraõ para a sua execuçaõ os dezapiadados verdugos.

Continuaõ.

19 As almas esclarecidas, e penetradas da Divina luz, temperadas, e limpas da escoria terrena em a fragoa do soberano amor, naõ fogem, naõ recuzaõ, nem se espantaõ das penas, antes as dezejaõ com amorosas ancias; porque fixa sua vista na amante, e tolerante fineza do Divino Redemptor, ou anhelaõ, e suspiraõ por morrer, ou se entregaõ ao unico dezejo de mais, e mais padecer. E como o Santo Job chegou a pôr a consolaçaõ em que a maõ Divina lhe dobrasse as dores, sem perdoar ás que fossem mais agudas, e afflictas; assim quando chegaõ ao auge da perfeiçaõ os Justos, só se consolaõ no presente desterro com que se lhes dupliquem as tribulaçoẽs, e trabalhos. Taes eraõ os elevadissimos espiritos dos nossos Santos: haviaõ soffrido ja a fracçaõ dolorosissima de seus ossos nas pernas, e artelhos das maõs: haviaõ passado pelo horrivel caminho das chammas do forno: haviaõ naõ só gostado, senaõ apurado até as amargosissimas fezes em os calices de veneno; e como se até aqui nada houvessem padecido, pendurados

do equuleo, mandou o inhumano Atico, que com garfos de ferro, e com agudas unhas azassem seus corpos, rasgassem nervos, e ossos até lhes descobrirem as entranhas, e que com azeite fervendo rociassem as feridas. Oh espectaculo digno do mayor horror, e que só coubera em huma mais que barbara crueldade! Porém melhor direy. Oh espectaculo digno dos olhos de Deos! Cuja immensa bondade, a nosso modo de explicar, joga, se entretem, ou diverte, vendo aos seus valorosos Soldados, que carregados de feridas naõ desamparaõ o campo da batalha, até conseguir a victoria; victoria em que o mesmo Deos tem as suas particulares delicias, e victoria, que naõ consiste em matar, nem em ferir a outros, senaõ em tolerar, e soffrer até á morte a furiosa torrente de tormentos, por naõ faltar á lealdade, e fé do Divino Imperador. Bem o declararaõ os nossos Santos, pois pondo os olhos em Atico, com huma portentosa mansidaõ lhe disseraõ: *O que consegues com as tuas invençoens de penas, he dar-nos mayor constancia em o amor, e Fè de Jesu Christo, nosso Deos, e Redemptor.* Bramando Atico, mandou que de cal viva, delida com fel, e vinagre, fizessem huma beberagem, e que, postos os Martyres com as bocas para cima, lhas enchessem até as gargantas. Naõ duvidaraõ os Santos de bebê-la, e zombando de Atico, lhe disseraõ: *Esta cal com fel, e vinagre, he para nósoutros hum favo de mel doce, e suave.* Corrido ja, e sentido o Presidente, clamou com raivosas vozes: *Tiray-lhes os olhos, porque me envergonhaõ quando para mim olhaõ, e eu mesmo me confundo de vê-los.* No mesmo ponto obedeceraõ os verdugos; porém no mais sensivel de huma execuçaõ taõ impia, Facundo, e Primitivo com firme, e alegre animo se puzeraõ a cantar louvores a Deos, e a render-lhe humildes graças, julgando como beneficio novo a dor de cada pena, e sendo a que fere os olhos, por cõmum experiencia, a mais viva, e dolorosa, a acceitaraõ os Santos, e a soffreraõ com gosto, pela viva esperança de que com a vista pura da luz do Senhor, gozariaõ mais da claridade da sua luz, quanto mais carecessem da vista dos objectos temporaes, privados da vista corporal.

Continuaõ em atormentar aos Santos.

20 Esta devoçaõ taõ graciosamente humilde, e esta constancia taõ suavemente forte dos invictos Martyres, despedaçava, e enchia de furor o malvado coraçaõ do iniquo Juiz: *Ha tal pertinacia!* [dizia agitado das infernaes furias:] *Ha mais inaudita dureza! Pendurem-nos pelos pès, e vejamos se voltados debaixo para cima logramos que elles cayaõ em si, e deixem de insultar-me, de injuriar aos nossos deoses, e de persistir rebeldes ao Romano Imperador.* Obedeceraõ promptamente os infernaes ministros; e levantando huma forca, ou patibulo affrontoso, penduraraõ pelos pés aos benditos irmaõs, que postos em tal supplicio, como innocentes victimas, sem fallar palavra, nem mostrar a menor queixa, começaõ a verter sangue as chagas, que abriraõ em seus corpos os afiados garfos, e como juntamente corria pelos olhos, pelas bocas, e pelos narizes, e naõ faziaõ movimento vital, julgando-os Atico por mortos, se retirou com a turba dos malditos ministros, deixando aos Bemaventurados pendentes do madeiro.

Continuaõ os tormentos.

21 Ficaraõ assim junto ao Rio Anceo, a que hoje chamaõ da Cea, suspensos no ar, e descobertos ao Ceo por tres dias, em os quaes o maldito Atico, cheyo de vergonha, e de confuzaõ, se naõ podia soffrer a si, e se mostrava insoffrivel a todos os de sua casa: que quem serve ao demonio, e ao peccado, ainda neste mundo começa a gostar dos preludios do inferno dentro da sua propria consciencia. Passados os tres dias, mandou que fossem tirados os cadaveres do madeiro, e que os lançassem em hum denso bosque, para que servissem de pasto aos lobos, e a outros animaes silvestres. Indo pois a executar a ordem do Presidente os seus ministros, acharaõ aos Santos vivos, saõs, robustos, e com os orgaõs, e vista perfeitamente restituida nos olhos. Ficaraõ á vista de tal portento taes, quaes elles naõ pode-

Maravilha rara.

poderiaõ explicar, e nós naõ podemos dizer. Do medo, e susto, com que estavaõ, os tiraraõ os Santos dizendo: *Naõ amigos, naõ pasmeis, nem temais. Jesu Christo nosso Senhor, por quem havemos padecido, he quem, como vedes, nos restituio os olhos, e quem nos deo a saude, com que nos vedes, depois de tantos martyrios, quantos saõ os que em nós haveis executado.* Foraõ logo os ministros dar noticia a Atico do que haviaõ visto, prezenciado, e ouvido aos Santos.

22 O maldito Juiz, assim como teve relaçaõ do prodigio, como frenetico, e louco correo a observá-lo, e vendo ser verdade o que lhe haviaõ dito, como encarniçado, e bravo leaõ, bramando mandou que vivos os esfollassem: tormento naõ sey se mais horrivel, que sensivel; e quando só de ouvî-lo, ou imaginá-lo, estremecem as carnes, impossivel parece, que, se naõ lhes governa o demonio as maõs, o possaõ executar os homens. Naõ cessavaõ emtanto de cantar fervorosamente louvores a Deos, e de offerecer suas vidas por victima perpetua do mais duro padecer. Atados pois a huns troncos, começaraõ a despojar da pelle aos nossos Santos irmaõs, que, como holocausto, ardiaõ em fogo do Amor Divino: se bem que, no meyo de tal carniceria, e destroço, com celestial impulso, como se deve crer, encarados a Atico, lhe disseraõ: *Eya, homem sacrilego, e infiel, alheyo, e apartado de Deos, vencido estás, porque com todas as tuas maquinas, e invençoens crueis, naõ has podido conseguir, nem lograr em nósoutros a victoria, que dezejavas: conhece, ó miseravel, a tua impotencia, e fraqueza, como tambem a de teus mentirosos deoses.*

Esfolaõ aos Santos.

23 Ao acabarem os Santos de dizer estas palavras, vio hum dos circunstantes dous Anjos, que, rodeados de luzes Celestiaes, traziaõ aos ditosos Martyres duas coroas. Com vozes cheyas de jubilos começou a publicar, e a declarar o que via; e ouvindo-o Atico, e vindo commovido ao numeroso concurso, mandou que cortassem aos Santos as cabeças, julgando, e vozeando a sua ignorancia, que com isso naõ teriaõ lugar em que recebessem a honra das coroas. Se bem naõ he de estranhar a sua ignorancia, porque o homem carnal naõ percebe, nem entende os dons invisiveis do Espirito de Deos, que no santo Baptismo pelos de mais Sacramentos, e nas obras feitas com os Divinos auxilios, se cõmunicaõ, e augmentaõ nos Fieis Christaõs, para que saibaõ discernir, como S. Paulo explica, do grosseiro, e baixo da terra, os dons espirituaes, e por isso mais preciosos, que nos vem do Ceo. Em fim, quando os nossos Facundo, e Primitivo, ao compasso das suas penas subiaõ ao mais alto ponto de fervoroso amor as graças, e os louvores Divinos; em taõ sonoro, como ditoso ponto, cortaraõ os verdugos seus pescoços, orgaõs do Espirito Santo; e como sahisse dos golpes sangue misturado com o candor do leite, se converteraõ muitos Gentios, que tinhaõ observado os mais prodigios.

Coroaõ-nos dous Anjos.

Consummaõ o seu estupendo Martyrio.

24 Os Christaõs novamente convertidos sepultaraõ os santos cadaveres junto ao rio Cea, onde se conservaõ vestigios, e huma fonte de seus nomes, que por lhes servir de refrigerio no tempo de seus martyrios, a ennobreceraõ com a milagrosa virtude de sarar aos enfermos doentes, que bebem suas agoas com viva, e sincera fé. No mesmo sitio se erigio hum Templo a estes Santos irmaõs, que hoje he Igreja Parochial. As suas santas Reliquias foraõ trasladadas para a Cathedral de Orense parece que pelos annos de 1136, tempo em que se reedificou a dita Igreja Parochial. No anno de 1720. fez exame nellas, e as collocou em duas urnas, e em eminente lugar o Illustrissimo Bispo de Orense D. Joaõ Munhoz, a quem seguimos em todo o discurso desta historia, como no principio dissemos. Celebra-se a festa destes Gloriosos Santos a 27. de Novembro, e havendo diversas opinioens do anno dos seus martyrios, a mais provavel he de que succedeo no anno de 168. da vinda de nosso Senhor Jesu Christo, que seja eternamente louvado em seus Santos.

S. VI-

S. VITAL *soldado Martyr, cujo corpo se venera em Pinhel.*

FOy natural de Milaõ, e cazado com Santa Valeria, de quem teve os dous Santos Martyres Gervasio, e Protasio. Sendo soldado de profissaõ, e zelosissimo Christaõ, deo sepultura honrada na Cidade de Ravena ao famoso Medico Ursino, a quem havia confortado para dar a vida por Christo, motivo porque o mandou prender o Consul Paulino, e metter no equuleo, no que tolerou grandes tormentos, no fim dos quaes o mandou enterrar vivo em huma profunda cova, entupida de pedra, e cal. Della subio sua bendita alma a possuir a herança das permanentes moradas da Gloria a 28. de Abril. Heytor da Sella Falcaõ trouxe de Roma as suas santas Reliquias, e as depositou no Convento de S. Luiz de Pinhel, que he de Religiosas Clarissas, por ser sobrinho do Fundador, aos 28. de Abril de 1620., no qual saõ veneradas com o devido respeito a taõ sagrado deposito.

Vida de S. ATTO *Bispo de Pistoya, natural da Cidade de Beja, Monge Benedictino.*

Deixa huma Conezia, e vay a Jerusalem.

1 NAsceo na Cidade de Beja, que fica na Provincia do Alemtejo. Applicou se ás letras nos seus primeiros annos, e ordenado de Sacerdote alcançou hum Canonicato, que voluntariamente deixou, incitado do dezejo de venerar os Lugares de Jerusalem, que nosso Redemptor santificou com os seus sagrados Pés, e esmaltou com o seu precioso Sangue.

Toma o habito Monachal, do que foy Abbade Geral.

2 Depois de visitar aquelles Sagrados Lugares, ficou com taõ grande aborrecimento ás cousas do mundo, que logo determinou deixá-lo, e recolher-se a huma Religiaõ, em a qual se entregasse unicamente ao serviço de quem obrara taõ inauditas finezas pela salvaçaõ do genero humano. Recebeo pois o habito Monachal de Val Umbroza, de que foy fundador S. Joaõ Gualberto; e naquelle dezerto crucificou este verdadeiro Discipulo da Cruz a carne com os vicios, abrindo a terra de seu corpo com o arado das penitencias, e mortificaçoens, porque naõ arrojassem espinhos de affectos, e appetites desordenados, dispondo o animo de tal sorte para receber a semente das virtudes, que cahindo em terra fecunda, e purgada de más ervas, cresceraõ em copia abundante, até encher de suavissimas flores, e depois de sazonados, e uteis fructos o jardim daquella santa Religiaõ, que o elegeo seu Abbade Geral, por ser transferido á Mitra de Parma S. Bernardo de Ubertio.

Deve-se ensinar aos subditos com o exemplo &c.

3 Como se vio successor de Prelado taõ Santo, se empenhou em mostrar em como fora acertada a eleyçaõ dos Monges, pois conhecendo que a Prelazia consiste em duas cousas, que saõ: doutrina, e vida, cuidou em exercitar o officio, ensinando aos subditos naõ só com a doutrina, senaõ tambem com a sua exemplarissima vida. E que monstruosidade póde imaginar-se mais grande em quem he Pastor, que hum gráo supremo, e hum animo baixo! Hum assento superior, e huma vida infima! Huma lingua muy larga, e humas máos muy curtas! Muitas palavras, e nenhum fructo! Semblante grave, e acçoens leves! O certo he que os Prelados tem obrigaçaõ de attender ao proveito dos subditos, e de instruí los mais que mandá-los, e que naõ os aproveitaõ nem instruem com o imperio, e authoridade, se naõ os edificaõ tambem com a vida, e com o exemplo, devendo saber,

faber, que os fubditos faõ mais faceis em inficionar-fe com os vicios de feus fuperiores, que em affeiçoar-fe á virtude, que prégaõ contraria aos vicios. Finalmente, conhecendo o noffo Santo Prelado que os coftumes dos Prelados faõ a verdadeira erudiçaõ dos inferiores, procurou enfiná-los, e perfuadi-los, antes com a lingua das obras, que com o ruido das palavras, á guarda da regra Monaftica, que ampliou com a fundaçaõ de nove Abbadias, e com o augmento, e reedificaçaõ de outras, que eftavaõ quafi extinctas. E como foy muito acceito dos Summos Pontifices Innocencio II., e Celeftino tambem II., alcançou para a Religiaõ muitos privilegios, e grandes graças.

Elegem-no Bifpo de Piftoya.

4 Por fe achar vago o Bifpado de Piftoya fuffraganeo ao Arcebifpado de Florencia, o Clero daquelle Bifpado o elegeo para feu Bifpo, cuja eleyçaõ foy confirmada pelo Summo Pontifice Innocencio II. no anno de 1133. Naquelle fupremo lugar procedeo pelo efpaço de vinte annos deforte, que todos o refpeitavaõ, e veneravaõ Santo, e que fe vio precizado o mefmo Pontifice a fazer-lhe o feguinte elogio em hum Breve expedido em Piza a 21. de Janeiro de 1134., que relata Baronio no tom. 12. dos Annaes Ecclefiafticos: *Gaudemus equidem, & debita jucunditate lætamur quàm fuperna difpofitionis providentia, Te fapientem vitæ verum, & in Religione probatum ejufdem loci Paftorem conftituit, & ad gubernandum, & inftruendum doctrina, & vita exemplo populum fuum miferatio divina vocavit.*

5 Fez muitos milagres em a vida, que claufurou com huma preciofiffima morte a 22. de Mayo de 1135., na qual approvou, e canonizou Deos as fuas virtudes com as vozes de muitos milagres. Ao feu fanto cadaver fe lhe deo fepultura na Igreja de S. Miniato, donde foy transferido no anno de 1337. para a Igreja Cathedral. A 24. de Mayo de 1605. expedio Clemente VIII. Breve, para que delle fe rezaffe como de Beato. Delle efcrevem Yepes na *Chronica Benedictina*, e outros muitos Authores, para honra, e gloria de Deos, que feja eternamente louvado em feus Santos. Efcreveo efte as vidas de S. Joaõ Gualberto, de S. Bernardino Abbade de Val Umbroza, de Santa Verdiana Florentina &c.

S. JULIAM, S. DATIVO, S. VICENCIO, *e vinte e fette companheiros Martyres.*

NAfceo S. Juliaõ em Araduci, de cujas cinzas fe edificou a Villa de Moura no Alemtejo. Das virtudes em que fe exercitaraõ, eftados, e occupaçoens, que tiveraõ, naõ achamos noticia alguma, de que tornamos a culpa á incuriofa antiguidade, que apenas fe lembra delles, dizendo que padeceraõ conftantes illuftre martyrio pela confiffaõ da Fé de Jefu Chrifto na Provincia de Galliza, imperando Domiciano no anno 95., e no dia 27. de Janeiro, fegundo Flavio Dextro, que efcreve os feus triunfos na fua *Omnimoda hift.* do anno de Chrifto 95. por eftas palavras: *Aquis quintianis in Gallici Hifpaniæ Sancti Chrifti Martyres Julianus, Dativus, Vincentius & alii 27. Socii eorum.* Foraõ em fim os noffos Santos Portuguezes receber na celefte Patria o premio da fua conftancia, e louvar a quem para ella lhes infundio o valor.

S. BONIFACIO *Bispo de Coria, Cidade da antiga Lusitania.*

FOy de illustrissimo sangue entre os Godos, e se fez mais illustrissimo com as virtuosas obras, e preclaras virtudes, em que sempre se exercitou, das quaes naõ achamos individual noticia, e só sim que no sexto Concilio Toledano resplandecera por modo admiravel com as suas grandes letras, e heroicas virtudes, das quaes fora pouco depois gozar o premio na Bemaventurança a 8. de Janeiro, e que resplandecera em prodigios, para honra, e gloria de nosso Senhor Jesu Christo, que seja eternamente louvado.

Vida de S. SESINANDO *Diacono Martyr, natural de Beja.*

1 NAsceo na Cidade de Beja, donde passou á Cidade de Cordova com o destino de se applicar ás letras, para as quaes tinha aptidaõ. Naquelle tempo succedeo no Senhorio de Cordova, e nos mais Reynos de Hespanha o cruel Abderramen, que martyrizava a todos os Christaõs, que se naõ queriaõ converter á sua maldita seita, o qual fez atormentar, e matar aos Santos Pedro de Ecija, e Walabonso de Penhaflor, que animaraõ, e pediraõ ao nosso Sesinando, que á sua imitaçaõ se offerecesse espontaneamente ao supplicio para os ir acompanhar no premio da gloria. Acceitou o Bendito Estudante o conselho; e desprezando os muitos annos de vida, que a sua florida idade lhe promettia, e as esperanças com que o mundo lhe brindava, procurou ao pessimo Juiz, em cuja presença confessou naõ só que era Christaõ, senaõ tambem desprezador das patranhas, e mentiras, que os Mouros criaõ do impio Mafamede.

Procura ao Juiz Mouro, e confessa a Fè &c.

2 Vendo-se o iniquo Juiz injuriado por hum moço de poucos annos, se accendeo de huma diabolica colera, e o mandou metter em rigorosa prizaõ, a qual lhe ficou sendo muito suave, lembrado do premio, que lhe havia de correſponder, e da dolorosa Payxaõ de Jesus Christo, que foy servido revelar-lhe que hiaõ os ministros de Satanaz busca-lo para o levar ao patibulo, estando escrevendo huma carta para hum amigo, a qual deo ao portador por acabar, e dizendo: *Ide-vos filho com pressa deste lugar, porque vos naõ achem nelle os ministros da execuçaõ, que ja vem a buscar-me.* Apenas disse isto, quando entraraõ os Mouros com grande tropel, os quaes vendo-o muito alegre, e que se entregava á elles com grande resoluçaõ, descarregaraõ sobre elle muitas bofetadas, e pancadas, e com outras muitas injurias o levaraõ á presença do infernal Juiz, onde ratificou, que só na Ley de Jesus Christo havia salvaçaõ, e de como elle, e todos os sequazes de Mafamede hiaõ pelo caminho da perdiçaõ. No mesmo ponto o mandou degollar, e assim com universal edificaçaõ de todos os Catholicos foy laureado com a insigne palma de Martyr aos 16. de Julho do anno de 851. Seu truncado corpo foy lançado em hum rio, donde foy tirado, e sepultado na Igreja de Santo Acisclo, da qual foy trasladado para a de S. Pedro, onde persevera, excepto huma cana do braço, que no anno de 1600. veyo para a sua patria Beja, onde se venera em Igreja propria, e se reza delle como de natural.

Prendem-no, e revela-lhe Deos a hora do martyrio.

SANTO

SANTO HERMOGENES, *e* DONATO, *e vinte e dous Martyres Portuguezes.*

NAscerão neste Reyno de Portugal de pays nobres, e bons Christãos, que os criarão em santo temor de Deos, e na observancia da sua santa Ley. Perseguia com diabolico furor o Presidente Daciano aos Christãos, e sabendo que Hermogenes, e Donato o erão, os mandou prender, e a 22. companheiros. Depois de lhes brindar com as promessas de riquezas, de deleites &c. lhes mandou dar diversos tormentos, imaginando que serião de efficacia para fazerem esmorecer aquelles valorosos soldados; porém sahirão baldadas as suas esperanças. Mandou-os metter na cadêa da Cidade de Merida, na qual estiverão muito tempo prezos, no em que estava pendente a causa da nossa Santa Eulalia; e depois sahirão do carcere para o supplicio, onde lhe cortarão as cabeças aos 12. de Dezembro pelos annos de 304., e assim enviarão ao Ceo as suas benditas almas, onde estão gozando o premio de suas constancias, para honra, e gloria de Deos, que seja louvado em seus Santos. *Triunfo dos Santos* no mesmo dia.

S. URSO *Bispo da Cidade de Beja.*

NAsceo no Reyno de França, donde veyo para a Cidade de Beja. Pelos annos de 566. succedeo no Bispado a Santo Aprigio. Das suas virtudes nada dizem os Escritores, exaggerando sómente S. Maximo Bispo de Çaragoça o grande valor, e maravilhosa constancia, com que se oppôs contra a maldita seita Arriana, e seus sequazes intitulando-o *Raro defensor da Fè de Christo*, que para sempre seja louvado em seus Santos. *Agiolog. Lusitan.* 1. de Fevereiro.

SANTO ATAULFO *Bispo de S. Thiago de Galliza.*

1 NAsceo neste Reyno de Portugal Santo Ataulfo, ou Adulpho, como quer Lucas Tudense. Seu pay foy o Conde D. Gonsallo, Capitaõ, e Senhor de muitas terras neste Reyno, aquelle que em hum mortifero pomo deo peçonha a ElRey D. Sancho o Gordo, segundo Sampiro Bispo de Astorga.

2 Fé-lo ElRey D. Affonso o Magno Bispo de Iria Flavia, e depois de S. Thiago de Galliza, por assim lhe pagar a bõa educaçaõ, que lhe dera sendo seu Mestre, e Ayo. Occupava-se este vigilantissimo Prelado em apascentar as suas ovelhas com o dulcissimo pasto da doutrina Evangelica, arrancando vicios, e plantando virtudes nos coraçoens de todos com notavel trabalho, e desvélo, e sem embargo disso, ou por isso mesmo, induzio o demonio a tres servos da sua Diocesi para que se conjurassem contra elle, accusando-o falsamente diante de ElRey D. Ordonho primeiro do nome [entre os de Leaõ] de que contratava com os Mouros a fim de lhes entregar o Reyno de Galliza. Sendo pois muito mimoso de Deos o nosso Santo permittio este Senhor, para mayor gloria deste composto de meritos, e de virtudes, que padecesse por meyo daquelles malvados os favores, e ordinarios regálos de adversidades, e trabalhos, com que costuma experimentar, e purificar nesta mortal vida aos seus mais intimos amigos.

Accusão-no falsamente diante do Rey &c.

3 Naõ deixaraõ aquelles ditos de alterar o animo Real, que sem mais informaçaõ mandou chamar o Bendito Prelado a Oviedo, onde entaõ residia a Corte. Assim como teve a noticia, como humilde, e fiel vassallo se pôs ao caminho. Chegou á Cidade em huma quinta feira de manhaã, e dirigindo os passos para a Igreja de S. Salvador, os soldados da guarda lhe disseraõ fosse primeiro beijar a maõ a ElRey, aos quaes respondeo: *Primeiro está o do Ceo, que o da terra, a quem reconheço, e venero por meu Redemptor.*

Revela-lhe Deos na Missa o como lhe tinhaõ maquinado a morte.

4 Estando celebrando o incruento Sacrificio da Missa, e ponderando nos soberanos Mysterios della, e nas singularissimas mercês que Deos por ellas fez aos mortaes, lhe revelou o mesmo Senhor o que haviaõ maquinado os malvados perjuros, e como se achava ja condenado á revelia. Quem lhe deo esta parte, tambem o moveo para que vestido de Pontifical, como estava, fosse fallar a ElRey. Naõ quiz este ouví-lo, e o mandou metter em hum terreiro, para que nelle fosse morto por hũ indomito touro, que nelle estava agarrochado, e irritado de lebréos. Vendo-se o innocente Prelado no meyo do perigo, naõ se alterou, antes pondo os olhos no Ceo se encõmendou a Deos, e ao Apostolo S. Thiago, Patrono da sua Igreja, pedindo-lhes acudissem pelo seu credito, dando a entender áquelle mal informado Rey, e alvoroçado povo a sua innocencia.

Prostra-se hum touro aos pés do Santo, e tira-lhe este as pontas &c.

5 Foraõ taõ bem ouvidas no conspecto Divino as supplicas do seu amado, e fiel Servo, que quando todos esperavaõ que o assanhado touro o despedaçasse com as pontas, o viraõ mais manso que hum cordeiro prostrado aos pés do Santo, lambendo-o, e affagando o, e do modo que podia mostrando sujeiçaõ, e reverencia. Fez o Servo de Deos huma Cruz sobre as pontas do touro, e por Divina virtude lhe ficaraõ ambas nas maõs. Despedaçou sim o touro aos iniquos juizes da sentença que alli estavaõ prezentes. A' vista de taes portentos, ElRey, e seus Conselheiros reconheceraõ a innocencia, e pureza da vida do Santo Prelado, a quem pediraõ muitos perdoens, que de bõa vontade lhes deo, amaldiçoando aos sacrilegos accusadores com as mesmas palavras de David a Joab, e a toda a sua descendencia pela morte de Abner. *De Semine Zadon, Cadon, e Ansilon* (que estes eraõ seus nomes) *non deficiet leprosus, & cladus, cacus, & mancus, viles, & teneris fusum*; o que elles experimentaraõ, e suas parentélas, morrendo, e vivendo miseravelmente.

Persuade-se a confiar em Deos nas perseguiçoens, e tribulaçoens.

6 Mortaes, quando nos virmos injuriados, accuzados, e perseguidos falsamente, ou em alguma grande necessidade, confiemos em Deos, que só elle nos póde remediar, e aclarar a nossa innocencia. Elle está sempre promptissimo para favorecer-nos, e para consolar-nos nas nossas afflicçoens; invoquemo lo nestas com viva fé, e humildade, e nada duvidemos de que sejaõ todas nossas supplicas taõ bem despachadas, como as do nosso Santo, e adverti que he providencia singular permittir o Ceo em seus Servos testimunhos, e trabalhos, que lhes sirvaõ de lastre para navegarem seguros no mar do mundo. Oh quantas vezes as prosperidades levaraõ a seus incautos possuidores pela maõ á perdiçaõ! Oh quantas vezes os que pareceraõ males, foraõ facil atalho para se chegarem a mayores bens.

Exhorta-se a dar se graças a Deos no tempo dos trabalhos, e das mercês, e prosperidades.

7 Obrigado o nosso Santo a Deos nosso Senhor de que lhe valesse, e aclarasse a sua innocencia por taõ peregrino modo, lhe foy á Igreja de S. Salvador render as graças com summa devoçaõ, e deixando alli a torcida ferramenta, se retirou para Compostella com intento de proseguir nos louvores de Deos pelas mercês recebidas com zelo mais ardente. Guardemos-nos pois de nos parecermos com as aves, que cantaõ no veraõ, e calaõ no inverno. Em todo o tempo devemos louvar, e dar graças a Deos, assim no dos trabalhos, que nos permitte, como no das prosperidades, contentamentos, e gostos, com que nos favorece. Os Bemaventurados no Ceo sempre

daõ

daõ graças a Deos, dizendo: *Bençaõ, claridade, sabedoria, acçaõ de graças, honra, virtude, e fortaleza se dè a nosso Senhor para sempre sem fim. Amen.* A estes Cidadaõs do Ceo devemos imitar cá na terra, e naõ aos ingratos moradores de Babylonia, que sempre se esquecem de Deos, e de lhe agradecerem os beneficios, que lhes faz. He este Senhor taõ poderoso, e taõ sem necessidade de cousa alguma, que naõ carece de nossos dons: contenta-se com que lhe sejamos gratos louvando-o, e amando-o de coraçaõ, e cumprindo seus mandamentos.

8 Estando em Compostella proseguindo com a sua santa vida, o sobresaltaraõ humas quenturas, que o obrigaraõ a retirar-se para Santa Eulalia, que fica junto á Villa de Granada nas Asturias, onde recebeo logo o Corpo, e Sangue do Senhor, e em huma quarta feira ao romper do sol se dezunio aquelle antigo cõmercio da alma, e corpo placidamente, e subio ella ao Palacio da Gloria, ficando elle taõ immovel na terra, que mil homens o naõ poderiaõ abalar: e persuadidos os seus de que naõ queria ser dalli trasladado, lhe deraõ na mesma Igreja honorifica sepultura, na qual se conserva ainda hoje com grande veneraçaõ, e copia de milagres, e desorte, que perdeo a dita Igreja o nome antigo de Santa Eulalia, pelo de Santo Ataulfo. A casulla, com que celebrou naquelle celebre dia, se teve depois por preciosa reliquia, ficando com tal virtude, que se naõ deixou vestir de Sacerdote impudico. A mitra posta na cabeça dos que testimunhavaõ em Juizo, distinguiaõ-se os verdadeiros dos falsos pela facilidade, ou trabalho grande com que lha tiravaõ. As pontas se conservaraõ muito tempo penduradas na Igreja. Quiz nosso Senhor pelo meyo de maravilhas taõ estupendas fazer patente a grande virtude, innocencia, e Angelica pureza deste seu grande Servo. O mesmo Senhor seja eternamente louvado em seus Santos. Celebra-se a sua festa a 19. de Abril, e delle escreve Lucas Tudense, e outros.

Do seu glorioso transito, e do portento da immobilidade do seu corpo.

S. JOAM DE SAAGUM, *Eremita Agostinho, de quem se conserva no Convento da Graça de Lisboa a cana de hum braço.*

1 Foy este Servo de Deos natural de hum lugar chamado Saagum em Castella a Velha, causa porque he mais conhecido pelo sobrenome de Saagum, que pelo de S. Facundo, que era o com que se tratava. Applicou-se ás letras, e foy grande Theologo, ainda antes de entrar para a Eremitica familia Augustiniana, cujo habito tomou, deixando a murça de Conego da Sé de Burgos. Tambem teve a Capellania do famoso Collegio de S. Bartholomeu de Salamanca.

Foy Conego em Burgos, e depois Eremita Agostinho.

2 A sua vida anda impressa diffusamente, e he huma das mais admiraveis, e prodigiosas que se tem escrito, e nesta nos naõ dilatamos, por naõ ser Santo nosso natural, e só fazemos delle esta breve lembrança, pelo motivo de possuir o famoso Convento de nossa Senhora da Graça de Lisboa a preciosa Reliquia da cana de hum seu braço. Era pois este Glorioso Santo taõ grato á Divina Magestade, que mereceo por muitos annos ver com os olhos corporaes, elevados com o lume da Gloria, no sacrificio da Missa [em que se dilatava muitas horas] a nosso Senhor Jesus Christo resplandecente, e Glorioso, sem o velame das especies Sacramentaes. Alli lhe fallava com a familiaridade com que fallaõ dous intimos amigos. Alli lhe descobria os mayores mysterios da sua Sagrada Vida, e Payxaõ; e mostrava aquelles cinco incendidos rubins, de que tanto se preza este amoroso Deos, que até na Gloria, lugar superior, e izento de tristeza, os conserva, para que sirvaõ a nós os peccadores de refugio, e de esperança da nossa eterna salvaçaõ. Na Missa pois lhe fazia especialissimas mercés, e lhe despachava as mui-

Fazia-lhe Deos na Missa especiaes favores.

muitas ſupplicas, que nella lhe expunha a favor dos mortaes, e das benditas Almas do Purgatorio, por quem offerecia a Deos todos os ſeus ſerviços, todas as ſuas continuas oraçoens, e grandes penitencias, e mereceo ver ſubir ao Ceo immenſas almas Bemaventuradas, que lhe agradecerão os ſuffragios, que por ellas fazia. He eſte Santo hum dos mayores devotos que tem tido as Almas do Purgatorio, e o que mais ſe laſtimou das penas, que alli padecem em ſatisfação das culpas, que neſte mundo não purgarão com penitencias, e indulgencias.

Morre de veneno, e toma-o Salamanca por Patrono.

3 Terminou eſte Santo a ſua prodigioſa vida a 21. de Junho de 1479., e ſe eſcreve que lhe apreſſara a morte huma poderoſa, mas laſciva, mulher, que lhe introduzira veneno, por elle a reprehender da ſua eſcandaloſa vida. No anno de 1602. a famoſa Univerſidade de Salamanca o elegeo por ſeu Patrono, reconhecida aos ſingulares favores que tinha recebido do Ceo pelos ſeus grandes merecimentos. O Padre Fr. Antonio da Reſurreição, ſendo Provincial em Portugal, mandou pedir á meſma Cidade de Salamanca, (que he o Archivo das ſuas ſantas Reliquias) huma deſte ſeu Santo Religioſo, para exornar o Santuario de noſſa Senhora da Graça de Lisboa, e com effeito conſeguio huma formoſa cana do braço, da parte de cima, que tem de cumprimento a terça de huma vara, a qual ſe recebeo em Lisboa com as mayores demonſtraçoens de jubilos. Eſtá collocada em huma rica pyramide de prata dourada, de quatro faces, com vidraças, e pé proporcionado, para ſe poder levar com facilidade nas prociſſoens publicas. A 21. de Dezembro de 1603. foy entregue, e recebida com triunfo eſta ſagrada Reliquia no ſobredito Convento.

Vem para Lisboa a cana de hum braço ſeu.

S. FELIX *Presbytero de Nola, cuja cabeça, ſe conſerva em Santa Clara da Guarda.*

1 TEndo noticia os malditos miniſtros do infernal Diocleciano de que eſte fiel Miniſtro de Chriſto com ardente zelo da ſua Ley a andava promulgando publicamente na Cidade de Nola, o prenderão, e metterão em hum eſcuro carcere, onde carregado de cadêas, e de grilhoens o eſtenderão nú ſobre miudas conchas, eſcacillos de telhas, e pedaços de vidro quebrado, tormento que tolerou com o mayor goſto, e como quem ſabia o premio, que delle ſe lhe ſeguia. Eſtando pois aſſim prezo, e maltratado, lhe appareceo hum Anjo, dizendo-lhe que o ſeguiſſe. Seguio-o com effeito por ſe achar livre das prizoens, e com as portas do carcere francas. Levou-o o Santo Anjo a hum monte, para que nelle conſolaſſe a Marino ſanto Biſpo da meſma Cidade de Nola, que nelle eſtava por cauſa da meſma perſeguição, deſmayado de fraqueza, velhice, fome, e frio, por ſer a mais rigoroſa quadra do Inverno. Compadecido delle o levou do monte ás coſtas para a Cidade, na qual lhe procurou caſa em que o occultou, em quanto continuou a perſeguição dos Catholicos, que com effeito durou pouco tempo.

Horrendo tormento que lhe dão.

Tira-o hum Anjo do carcere.

2 Vendo pois o ſanto Sacerdote a perſeguição apaziguada, e tendo noticia de que nella muitos eſmorecião, e ſe acobardavão, ſahio pelas praças a prégar a Fé, e a animar, e roborar aos Catholicos para que ſe offereceſſem conſtantes a dar a vida por ella. Vendo iſto os miniſtros infernaes, procurarão prendê-lo, do que tendo noticia, ſe occultou entre duas paredes velhas, nas quaes o não acharão os Idolatras, pela Divina Omnipotencia o encobrir aos ſeus olhos, com humas teas de aranha, que repentinamente alli apparecerão. Dalli paſſou para huma caſa, na qual eſteve occulto, e ſem fallar com peſſoa alguma por tempo de tres mezes, ſuſtentado

Intentão prendê-lo, e o encobrem humas teas de aranha.

tado por milagre: e como tiveſſe revelaçaõ de como eſtava paſſada a perſeguiçaõ, deixou aquella dezerta caſa, e voltou para a Cidade de Nola, onde o acclamou todo o povo por ſeu Biſpo, Dignidade que naõ acceitou, com o pretexto que a ſua grande humildade ſoube tomar.

3 Tinha muitas herdades, e riquezas, que todas ſe lhe ſequeſtraraõ pelos idolatras, aſſim como o fizeraõ a outros muitos Chriſtaõs, porém correraõ as couſas da perſeguiçaõ deſorte, que ſe tornaraõ a entregar a alguns os bens confiſcados, aſſim como ſe queriaõ entregar ao Bendito Felix, o qual reſpondeo: *Que nunca Deos permittiſſe, que o que huma vez perdera pelo amor de Chriſto, o tornaſſe mais a cobrar*: e aſſim por melhor imitar a Chriſto, viveo dalli em diante pobre de bens temporaes, e rico de virtudes, e de grandes merecimentos, que teve na converſaõ de innumeraveis Gentios, que trouxe das denſas trevas da idolatria á clara luz da Fé. Approvava a ſua doutrina com maravilhas eſtupendas, que por ſeus rogos obrava a maõ do Omnipotente de Deos, que o chamou ao deſcanço eterno. Seu ſanto corpo ſe conſerva com grande veneraçaõ em Pinces, lugar junto á Cidade de Nola, menos a melhor parte delle, que he a cabeça, a qual ſe conſerva no Convento de Santa Clara da Guarda, onde a depoſitou D. Jozé de Mello Arcebiſpo de Evora, que a alcançou em Roma, na occaſiaõ em que nella eſteve com a occupaçaõ de Agente de Portugal. Deſte Santo ſe lembraõ os Martyrologios a 15. de Janeiro.

Faz-ſe pobre voluntario.

Vem a ſua cabeça para a Guarda.

Vida de SANTO OLYMPIO *Arcebiſpo de Toledo, natural de Lisboa.*

1 A Famoſa Cidade de Lisboa, Metropoli deſte ditoſiſſimo, e fertiliſſimo Reyno de Portugal, entre as innumeraveis grandezas de que ſe gloría, ſe naõ deve gloriar pouco da que lhe veyo em communicar os vitaes alentos ao Glorioſo Santo Olympio, pois foy ſem controverſia hum dos mais Doutos, e Santos Varoens, que produziraõ os primeiros ſeculos, cujos merecidos louvores, e juſtificados encomios decantaraõ em ſuas eruditiſſimas obras os mayores Padres da Igreja, principalmente aquellas duas refulgentes luminarias della, Agoſtinho, e Nazianzeno, que o antepuzeraõ aos Prelados, e Doutores mais eminentes em virtude, e ſabedoria, que deraõ aquelles dourados ſeculos.

2 Dizem os mais dos Authores que paſſara a Conſtantinopola no tempo do Imperador Conſtantino Magno, com o projecto de ſe fazer mais ſabio nas letras humanas, e Divinas. O certo he, que vendo o meſmo Imperador o quanto eſtava aproveitado nellas, e em materias politicas, e razoens de Eſtado, o fez Preſidente, e Governador de Capadocia, occupaçaõ, que adminiſtrou por alguns tempos, com taõ grande rectidaõ, prudencia, e zelo da noſſa ſagrada Religiaõ, que o elegeraõ para Principe da Igreja, dandolhe o Biſpado de Enos na Tracia. Vendo-ſe elevado áquella Dignidade, cuidou logo em ſe patentear acerrimo defenſor, e columna firme, e conſtante da Fé de Jeſus Chriſto, perſeguindo aos Arrianos, que com infernal impetu procuravaõ infeſtar aquelles povos com os execrandos erros de negarem a *Igualdade das Tres Divinas Peſſoas, fazendo o Filho menor que o Pay.* Cujo deſatino obrigou ao Papa S. Silveſtre a mandar convocar o Concilio Provincial Gangrenſe, por principiar aquella hereſia no Oriente, e a favorecer Conſtancio Imperador, que, como Arriano, pertendia derrubar com promeſſas, e com ameaças as principaes columnas, em que ſe formava a noſſa ſanta Fé.

Paſſa de Lisboa a Conſtantinopla.

Sendo Governador o elegeraõ Biſpo &c.

3 Naquelle Concilio pois com os rayos da ſua ſabedoria, e maravilhoſa

ſa ſantidade, fez eſtabelecer muitos Canones contra aquella, e outras heréſias, e taõ uteis á Igreja Catholica, que depois os confirmou, e acceitou o Concilio Conſtantinopolitano. Concluido o Concilio, unido Olympio com Theodoro Biſpo de Trajanopolis, naõ ceſſavaõ de prégar, e de eſcrever contra os deſatinos Arrianos, que deſcaradamente defendiaõ Urſazio, e Valente, aos quaes ſe tinha oppoſto aquelle farol da Igreja Grega, e benemerito Paſtor da grande Alexandria, pauta de perſeguidos, e exemplar de deſterrados, Santo Athanaſio. Como porém aquelles dous hereſiarchas, e os ſeus ſequazes tinhaõ a graça do Imperador, tambem ſeu ſectario, com facilidade ſe promulgaraõ decretos, para que foſſem privados das rendas, e deſterrados das Igrejas, Santo Athanaſio, Santo Olympio, Theodoro, e outros mais Biſpos, que prégavaõ contra aquellas hereſias.

Aſſiſte a Concilios préga, e eſcreve contra os Arrianos.

4 A fé viva do noſſo Santo Olympio lhe dava generoſos affectos, para emprender couſas grandes pela ſua confiſſaõ, e para ſoffrer infinitos trabalhos por amor de Jeſus Chriſto, alentado com as palavras do Apoſtolo S. Paulo, que diz a todos os Fieis que naõ haõ recebido eſpiritos ſervis para andar opprimidos de temor, ſenaõ que haõ alcançado eſpirito de adopçaõ de filhos de Deos, com que á boca cheya lhe podem, e devem chamar Pay. Com eſta confiança reſiſtio com valor a todas as ameaças, e perſeguiçoens dos inimigos da Fé, e padeceo deſterros, perigos, e indiziveis trabalhos, mas firme, e victorioſo de todos, e naõ vencido de algum; mas antes como a Feniz, que ſe renova nas chammas, ſe renovava o noſſo Olympio em o repetido incendio das perſeguiçoens, que padecia daquelles obſtinados Arrianos, inimigos declarados da verdadeira Fé.

Padece deſterro, e perſeguiçoens.

5 Aſſim como o Summo Pontifice Julio I. teve noticia de muitas calumnias, que os Herejes Arrianos impuzeraõ a Santo Athanaſio, e de como o haviaõ deſterrado, e aos mais Biſpos, que ſeguiaõ a ſua ſanta doutrina, mandou convocar o Concilio Sardicenſe, do qual foy Preſidente Oſſio Biſpo de Cordova, e ſuppoſto nelle ſe achaſſem innumeraveis Prelados, do noſſo Olympio fiou o Preſidente as couſas mais arduas, e todos admiraraõ o grande cabedal de ſciencia, e de virtude, que o Ceo lhe tinha cõmunicado. Naquelle Concilio pois ſe ſentenciaraõ aos Herejes, e ſe averiguaraõ por falſiſſimas as impoſturas, e as falſidades, com que tinhaõ intentado tirar o credito, e ainda a vida ao Glorioſo Santo Athanaſio, e injuriar aos mais Biſpos Catholicos, que ſeguiaõ o ſeu partido, e por finalmente ſe declararem a todos os Prelados por benemeritos Prégadores das verdades Catholicas. Eſcreveo logo Oſſio cartas ao Imperador Conſtancio, e da meſma ſorte o Concilio ao Pontifice Julio, nas quaes ſe declararaõ as razoens, que houveraõ para ſe condenarem aos accuſadores, e abſolverem aos accuſados. Levaraõ tanto a mal os Arrianos as ſentenças do Concilio, que com infernaes aſtucias perſuadiraõ ao Imperador, para que paſſaſſe novo decreto de que foſſem deſterrados todos os Biſpos Catholicos, e condenados á morte: e como o principal empenho dos Arrianos era o de tirarem as vidas a Santo Athanaſio, a Theodoro, e a Olympio, aquelles ſe occultaraõ, e deſterraraõ para partes remotas, e eſte veyo para Heſpanha em companhia do Biſpo Oſſio, logo que ſe acabou o ſobredito Concilio; em cujo deſterro occupou o noſſo Olympio igualmente a lingua, e a penna, aquella em prégar a Fé, augmentando a Religiaõ Catholica, eſta em dar á luz livros contra os Herejes, refutando as hereſias Arrianas, os quaes dedicou a Celeſtino, Varaõ Conſular da Provincia Betica.

Aſſiſte ao Concilio Sardicenſe.

Vem deſterrado para Heſpanha.

6 Como a perſeguiçaõ de Conſtancio foy continuando para com os Biſpos, que prégavaõ contra a ſeita Arriana, que elle profeſſava, e tiveſſe noticia, de que Natal, Arcebiſpo de Toledo era hum dos que mais abominava taõ heretica, e deprevada ſeita, o fez deſterrar para Italia, com grande ſentimento das ſua ovelhas, que o veneravaõ por hum vigilantiſſimo Paſtor, as quaes

quaes elegeraõ para ſeu ſucceſſor ao noſſo Olympio com applauſo univerſal, e com razaõ, pois ſempre foy grande fortuna para as Dioceſes, a de ter Prelado douto, e ſanto. Reſiſtio eſte á eleiçaõ que delle fizeraõ os Toledanos, porque aos que cria Deos para luz da ſua Igreja, para exemplo dos Fieis, e para allivio dos fracos, lhes dá nobres izençoens, onde á viſta de todos em eſpirituaes batalhas acreditem ſua cauſa no caminho da perfeiçaõ, que he grande pezo a felicidade, o poſto, e a Prelazia, e de mayor temor, que a deſdita, a penalidade, e que o abatimento.

Fazem-no Arcebiſpo de Toledo, e naõ acceita.

7 Foraõ porém tantos os empenhos, e as inſtancias dos eleytores, que ſe vio precizado a tomar aos hombros aquella nova carga, a qual temia o noſſo Olympio com juſtificadiſſimas razoens, pois o meſmo he o ſer Prelado, que ſer Meſtre de virtudes. Dizia S. Lionizio, que nenhum ſe havia de atrever a ſer guia, e meſtre das almas, ſe naõ eſtiveſſe transformadiſſimo no meſmo Deos, reveſtido das ſuas Divinas propriedades, com a mayor ſimilhança, que póde haver na terra, juntando o ſupremo da contemplaçaõ com o grande da obrigaçaõ, ſendo em ſi mui perfeito, e procurando que outros o ſejaõ: e como ſó Deos póde dar cabedal taõ copioſo, e levantar a taõ glorioſa ſimilhança, ſendo rara na terra perfeiçaõ taõ conſummada, fazem bem todos os que temem as Prelazias, ſem ter o dezintereſſe, o zelo da honra de Deos, e as mais virtudes, que tinha o noſſo Olympio, que logo convocou Concilio, em o qual ſe eſtabeleceraõ pontos eſſenciaes para eſplendor da Igreja Toledana, reforma dos coſtumes, e proveito dos Fieis. Reparou os Seminarios, e Collegios, em que eſtudavaõ os Chriſtaõs naquella grande Cidade. Em fim padeceo pela Igreja as muitas perſeguiçoens, e trabalhos, que ſó poderia tolerar quem como elle ſe empregava nos cuidados da morte, e nos deſcuidos da vida, que trocou pela eterna no anno de 360. com oyto de governo. O Arcipreſte de Toledo Juliaõ Peres, fallando deſte Santo no ſeu *Cronicon* no anno de 354., declara ſer natural de Lisboa por eſtas palavras: *S. Olympius Epiſcopus Thraciæ, quo tempore Natalius mittitur in exilium in Italiam, & ille mittitur in Hiſpaniam Vacanti Sedi Toletanæ præfuit. Fuit ſcriptor nobilis, & acerrimus Fidei defenſor. Cum eſſet Epiſcopus Traciæ interfuit C. Gangrenſi. Fuit natione Hiſpanus ex Ulyſſipone, Civitate Luſitaniæ. Succeſſit Natalio, anno 352. ad annum* 360. A eſte ſe deve dar o mayor credito, por ſer natural de Toledo, onde foy Arcebiſpo o noſſo Santo. Santo Agoſtinho no livro 1. *Contra Julianum Pelagium* diz delle eſtas honorificas palavras: *Olympius Hiſp. Vir magnæ in Eccl. & in Chriſto Gloriæ*, e no liv. 2. cap. 10. o numera entre os Santos Doutores da Igreja. Anda o ſeu nome no Canone da Miſſa Muzarabe, e no Theſouro das Ladainhas. Cunha no *Catalogo dos Arcebiſpos de Lisboa*, *Agiol. Luſitan.* a 12. de Junho, trataõ tambem deſte Santo para honra, e gloria de Deos, que ſeja eternamente louvado.

Acceita a Prelazia, e notem os Prelados.

Reſplandece em ſantas obras, e fallece &c.

S. GENS, S. PLACIDO, *e* SANTO ANASTASIO *naturaes de Lisboa.*

NA meſma Cidade de Lisboa naſceo o Glorioſo S. Gens. Das ſuas acçoens naõ temos individual noticia, pela grande pobreza que padeceo Portugal das noticias dos Santos antigos ſeus naturaes. O Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha prova no *Catalogo dos Biſpos de Lisboa*, em como elle o fora da meſma Cidade. Tambem ſe ignora o anno, e lugar em que deo a vida por Chriſto; porque nas meſmas tradiçoens ſe achaõ grandes diverſidades, e encontros: pois os que eſcrevem as antiguidades de Madrid dizem padecera martyrio naquellas partes, e o Arcipreſte Juliano tem

tem para si, que o padecera na Cidade de Cordova. Na Villa de Santarem se tem por sem duvida que nelle alcançara a palma de Martyr, e mostraõ huma porta, por onde dizem foy levado para o supplicio. E na Cidade de Lisboa affirmaõ, que martyrizaraõ a este Glorioso Santo em huma Cadeira de pedra, que se conserva na Capella de N. Senhora do Monte, e que vimos no anno de 1742., e como naõ he facil de averiguar a certeza, na mesma duvida o deixamos, pois nos basta termos por sem duvida, que elle he natural da populosa Cidade de Lisboa, e seus companheiros S. Placido, e Santo Anastasio, que com elle padeceraõ, e de quem faz mençaõ o Martyrologio Romano a 11. de Outubro.

S. VERISSIMO, SANTA MAXIMA, *e* SANTA JULIA, *naturaes de Lisboa.*

1 TAmbem nasceraõ na populosa Cidade de Lisboa os Santos irmaõs Verissimo, Maxima, e Julia. Seus pays foraõ Christaõs, e virtuosos, e por isso os criaraõ com taõ bõa educaçaõ, que vieraõ a dar as vidas pela Fé Catholica nesta fórma. Eraõ muito devotos de romarias, que lhe seriaõ taõ uteis para o espirito, como inuteis para os que hoje as fazem mais por verem, e por serem vistos, que por devoçaõ das sagradas Imagens, que dizem vaõ adorar. O certo he, que de muitas romarias poucos saõ os que trazem virtudes, por serem raros os que as fazem com o fim dos nossos Santos, que todo era dirigido ao agrado divino, e a augmentar o espirito.

2 Depois de visitarem, e adorarem as milagrosas Imagens, que ennobrecem este Reyno, partiraõ delle em direitura a Roma, em cuja Cidade estiveraõ vendo, e adorando os muitos, e milagrosos Santuarios de que taõ justamente se preza aquelle mundo abbreviado, até que hum Angelico Espirito os admoestou da parte de Deos para que voltassem para o Reyno, onde lhes tinha determinado a Coroa do martyrio, que anciosos procuravaõ. Logo que ouviraõ a Divina embaixada, sahiraõ alegrissimos, e contentes, desejosos de deixar as vidas, e de alcançarem taõ feliz morte. Chegaraõ a Lisboa onde estava hum Tyranno, por nome Tarquino, com ordem do infernal Diocleciano, para atormentar a todos os professores da Ley de Jesu Christo, e informados da incumbencia de Tarquino, se lhe foraõ offerecer, publicando-se por Christianissimos. Mandou logo Tarquino aos ministros que os mettessem a todos no carcere, e que os atassem cruelmente: assim o fizeraõ os ministros, que, como mortaes inimigos dos Christaõs, naõ só satisfaziaõ promptamente, senaõ excediaõ a tudo o que se mandava em ordem a atormentar os innocentes Servos de Jesu Christo.

Vaõ a Roma donde os manda hũ Anjo para este Reyno, no qual foraõ prezos pela Fè.

3 No carcere appareceo aos nossos Santos hum Angelico Espirito, que lhes veyo dar do Ceo Empyrio o parabem da constancia, com que se tinhaõ havido, e da ancia, com que estavaõ de padecerem por Jesus Christo. Mandou o impio Tarquino que os desconjuntassem no equuleo, e como visse que nelle cantavaõ alegremente louvores a Deos, ordenou os açoutassem com escorpioens, que eraõ huns azurragues, que tinhaõ as pontas chumbadas. Depois os mandou abrir pelas costas com garfos, e unhas de ferro, e que lhes puzessem sobre as feridas laminas, e ardentes pranchas de ferro. Dezesperado o Juiz de naõ largarem as vidas entre taõ crueis tormentos, os fez atar nas caudas de huns cavallos, que andaraõ com aquelles santos corpos arrastos pelas ruas da Cidade, cujas pedras esmaltaraõ com seu sangue, e desorte, que se achavaõ, e ainda hoje se achaõ, em algumas ruas da Cidade humas pequenas pedras com humas Cruzes ensanguentadas, que o povo venera

Da-lhes hum Anjo o parabem da constancia.

venera em obſequio dos noſſos Santos, que por ellas obravaõ muitos prodigios, ſegundo o Padre Anjos no ſeu *Jardim de Portugal.* Em fim, foraõ os noſſos Santos apedrejados dos infernaes idolotras, e por fim degolados no primeiro de Outubro do anno de 303.

4 Depois que o Preſidente Tarquino vio que os animaes, e as beſtas feras naõ ouzavaõ tocar aquelles ſantos cadaveres, os mandou lançar no pego, que fazem as agoas do mar, que ſe miſturaõ com as do Tejo, entre Lisboa, e Almada. Porèm antes que os barqueiros chegaſſem a terra, chegaraõ á praya os ſantos corpos, ſem embargo de os atarem com grandes pedras para irem logo ao fundo. Ficaraõ os Tyrannos taõ admirados do prodigio, que ſe naõ atreveraõ a impedir aos Chriſtaõs, que logo os foraõ arrecadar com grande venerăçaõ, para lhes darem honrada ſepultura, na qual fizeraõ portentoſos milagres. No tempo, em que os Arabes tomaraõ Heſpanha, e entraraõ Lisboa, eſconderaõ os Chriſtaõs os corpos dos noſſos Martyres inſignes, que deſcobrio depois de reſtaurada Heſpanha Dona Sancha, primeira Commendadeira da Ordem de S. Thiago, que lhes mandou fazer hum nobre Templo no ſitio, a que hoje ſe chamaõ Santos o Velho. ElRey Dom Joaõ o ſegundo os trasladou para Santos o Novo, onde hoje eſtaõ, com huma ſolemniſſima prociſſaõ a 5. de Settembro do anno de 1495. Lembra-ſe deſtes Santos D. Rodrigo da Cunha no *Catalogo dos Biſpos de Lisboa*, o Padre Anjos no *Jardim de Portugal*, Leaõ na *Deſcripçaõ de Portugal*, e outros.

Prodigio que ſe obſervou com os ſeus corpos.

S. JOAM, *e* S. PAULO *naturaes da Cidade de Bragança.*

1 NAſceraõ na Cidade de Bragança, no tempo em que eſta Cidade competia ao Arcebiſpado de Braga. A eſtes Santos fez a carne, e o ſangue irmaõs, e elles o quizeraõ tambem ſer na Fé, e no martyrio. Deixaraõ a patria, e ſe foraõ para Roma, em companhia de ſeu parente S. Gallicano Ovino, de quem logo fallaremos. Naquella Cidade ſe fizeraõ logo taõ conhecidos pelas ſuas galhardas prendas, que Conſtancia, filha do Imperador Conſtantino Magno, os levou para o ſeu Palacio, no qual fez a Joaõ ſeu Mordomo mór, e a Paulo ſeu Secretario, officios da authoridade, que a todos he manifeſta. E ſe os noſſos Santos grangearaõ a graça da ſanta donzella pelas ſuas prendas, Gallicano grangeou a do Imperador de maneira, que o mandou por ſeu General contra os Scythas. Acompanharaõ-no os noſſos Santos irmaõs, e o perſuadiraõ a que renunciaſſe a idolatria [pois ainda perſeverava na ſua ethnica cegueira] ſe queria ſahir vencedor do numeroſo exercito contra quem hia. Pareceo ao General acertado o conſelho, recebeo o ſanto baptiſmo, e logo venceo ao inimigo com avantajada gloria ſua, e do povo Romano, que nelle tinha cifrado todas as ſuas eſperanças.

Foraõ para Roma, onde tiveraõ occupaçoẽs honradas, e converteraõ a Gallicano.

2 Morta Conſtancia, deixou aos noſſos Santos muitas riquezas, que como as eſtimavaõ em pouco, por cuidarem mais na morte, que na vida, as diſpenderaõ por muitos pobres, e Chriſtãos neceſſitados. Teve noticia Juliano Apoſtata que Joaõ, e Paulo, privados que haviaõ ſido de Conſtancia, gaſtavaõ deſta ſorte as riquezas, que ella lhes deixara, e dezejoſo de lhes uſurpar as que mais tinhaõ, lhes offereceo o ſeu Palacio, e pedio que nelle quizeſſem aſſiſtir, porque teria muito goſto de ter na ſua companhia miniſtros taõ fieis, e que os encheria de honras, e mercès, ſe adoraſſem juntamente aos deoſes da Gentilidade protectores, e conſervadores dos Imperios. Ao que os Santos reſponderaõ com valor, e ouſadia Chriſtaã: *Que naõ deixavaõ o ſeu ſerviço por outro da terra, mas ſim por Jeſu Chriſto, Creador*

Intenta Juliano Apoſtata pervertè-los, e haõ-ſe com elle com grande cõſtancia.

dor do Ceo, verdadeiro dador, e conservador das Monarchias. Demais que rejeitavaõ a amizade de quem taõ vergonhozamente apostatara da Fè, e do baptismo, que no principio recebera com demonstraçoens de contentamento. Ja se vê que muito se havia de estimular Juliano da liberdade, e resoluçaõ, com que lhe fallaraõ os nossos Santos; porèm sem embargo disso ainda os intentou dissuadir amigavelmente, e como lhes desse dez dias para se resolverem, elles responderaõ, que os desse por concluidos, e que fizesse o que tinha determinado fazer depois do dito termo, pois sempre haviaõ de permanecer na resoluçaõ com que estavaõ de sacrificarem as vidas em obsequio de Jesu Christo. Naõ quiz Juliano adiantar-lhes a coroa, e assim os mandou embora, imaginando que esmoreceriaõ em tanto com o temor da morte, que lhes ameaçara. Persuadidos os Santos a que se lhes chegava a coroa, que anhelavaõ anciosos, repartiraõ pelos pobres tudo o mais que possuiaõ, para assim ficarem livres, e desembaraçados para a jornada da Gloria.

3 No fim do tempo assignalado, deo com elles hum ministro de Juliano, que com huma manga de soldados os prenderaõ. Disseraõ-lhes que adorassem aos idolos, se naõ queriaõ que nelles executassem a sentença do Imperador: e como os Santos se rissem, e zombassem das suas ameaças, foraõ degolados, e enterrados na mesma casa, em que estavaõ, por aquelles iniquos ministros, que tudo obraraõ com grande silencio, e segredo, por evitarem motim na Cidade, e a veneraçaõ dos santos corpos. Mas quem poderá enganar a Deos, e livrar-se das suas maõs? Indo Juliano no anno subsequente dar huma batalha contra os Persianos morreo nella miseravelmente no mesmo dia, que padeceraõ os Santos em Roma, de que rezultou ir o Imperio a Saviniano Principe Catholico, e grande Protector da Igreja.

Consummaõ os seus gloriosos martyrios.

4 Querendo Deos nosso Senhor fazer patentes ao mundo os corpos dos Santos Martyres, permittio que os endemoninhados publicassem o lugar, em que foraõ sepultados, sendo pela sua intercessaõ livres dos malignos espiritos. Na Cidade de Roma se conservaõ as Reliquias destes Santos em o magnifico Templo, que os Fieis consagraraõ a seus nomes, e nella se vê a mesma pedra sobre que foraõ martyrizados. Fazem mençaõ do martyrio destes Santos a 16. de Junho todos os Martyrologios, e o *Flos Sanctorum.*

S. GALLICANO OVINO, *natural da Cidade de Bragança.*

1 NAsceo na mesma Cidade de Bragança, no tempo em que se chamava Julio-Briga. Era parente muy chegado de S. Joaõ, e de S. Paulo, cujos martyrios acabamos de escrever, e a elles deve a sua conversaõ, que foy desta sorte. Estimava-o muito o Imperador Constantino, e tanto, que o fez Consular, e engrandecer com as Togas Romanas, e lauros triunfaes, pelo seu grande valor. Apertaraõ os Scythas com guerras ao Imperador, e reconhecendo elle o grande valor, e experiencia de Gallicano, o mandou por General de hum exercito contra os Scythianos, gente barbara, e feroz. E como Gallicano adorasse ainda as gentilicas aras, e invocasse a Marte em seu favor, e se visse quasi destruido, esmoreceo desorte, que se queria entregar, ou fugir como pudesse. Achavaõ-se no mesmo exercito os Santos irmaõs, e seus parentes Joaõ, e Paulo, que vendo ser aquella bõa occasiaõ de o converterem, entraraõ a persuadi-lo a que fizesse voto de abraçar a Ley de Christo, se ganhasse aquella batalha, que ja dava por perdida. Pareceo-lhe bem o conselho dos Santos, e ainda bem naõ tinha feito o voto, quando vio á sua ilharga hum formoso mancebo, acompanhado de muitos soldados veteranos, armados de ponto em branco,

Foy Consular, e engrandecido com as Togas Romanas.

branco, e attendeo que lhe dizia o mancebo: *Toma a espada, e segue-me.* E aos soldados: *Naõ temais, entray pelos arrayaes inimigos, e naõ pareis atè a tenda de ElRey; que nós imos em vosso seguimento.*

2 Obedeceo Gallicano ás ordens dos Celestiaes Espiritos, entrou por meyo do exercito sem perigo, chegou á tenda do Rey, e vendo-o este com taõ celestial companhia, se lançou a seus pés, pedindo-lhe a vida, que lhe otorgou movido da sua grande piedade, e natural compaixaõ. E desta sorte alcançou aquella gloriosissima victoria, pela qual livrou a Thracia dos Barbaros, que a opprimiaõ, fez tributarios os Scythas, recolheo sem perda o seu exercito, e naõ admittio a elle os soldados, que se tinhaõ passado ao inimigo, sem que primeiro fizessem profissaõ da Fé de Christo, e aos que o faziaõ avantajava em honras, e em Póstos honorificos. Para se mostrar com a gratidaõ devida ao Senhor dos Exercitos, que lhe deo taõ assignalada, e milagrosa victoria, naõ só cumprio o voto, que tinha feito de ser Christaõ, senaõ que tratou de deixar as grandezas da vida, e os desposorios de Constancia filha do Imperador, [que lhe estava promettida, se voltasse victorioso] por se entregar a Deos, e aos cuidados da morte em vida solitaria, e contemplativa. Com esta milagrosa victoria, mayor do demonio, que do Scytha, entrou Gallicano triunfante em Roma, onde foy recebido do Imperador, e do Senado com vivas, e festejos de alegria. Deo conta ao Imperador do bellico successo, e de como o Creador do Ceo, e da terra lhe dera a victoria, a quem ja adorava, e reconhecia por seu Redemptor, e logo lhe lançou o Cesar os braços ao pescoço em demonstraçaõ do grande gosto que tinha de vencer a batalha, e de se vencer a si mesmo Gallicano.

Converte-se á Fè de Christo, de que carecia.

3 Quiz Gallicano deixar logo a Corte, e retirar-se para a solidaõ, porèm o naõ consentio o Imperador, que o fez novamente Consul Romano, honrando, e exaltando a sua pessoa, para que a todos fosse notoria a sua mudança, os Christaõs se animassem, e os Gentios se confundissem: porèm como Gallicano estava sobornado, e cheyo do divino Espirito Santo, naõ esteve por isso, e naõ querendo em fim assentir com o gosto do Imperador, deo liberdade a cinco mil captivos, que tinha, vendeo as suas muitas herdades, e possessoens, distribuio o procedido dellas pelos pobres, e se retirou para o porto de Hostia Tyberina, quatro legoas de Roma, onde fez edificar a primeira Igreja que alli houve, a qual enriqueceo de muitos, e ricos dons, e privilegios Pontificios. Fez outro Templo em obsequio de S. Lourenço Diacono, que lhe appareceo mandando que lho erigisse, e junto a elle edificou tambem hum famoso Hospital para agazalhar os pobres, e peregrinos, a cujo serviço se dedicou com hum santo Varaõ, por nome Hilario. Ali se exercitava nas obras, e empregos mais humildes, varrendo o Hospital, lavando as roupas, em que comiaõ os pobres, e lavando-lhes a estes as maõs, e os pés. Eraõ taõ acceitos a Deos nosso Senhor os seus santos exercicios, que os approvava com muitos milagres, que fazia só pelo toque das suas maõs.

Dá tudo aos pobres, e consagra Templos.

Edifica hum Hospital, a cujo serviço se dedica.

4 Naquella santa vida perseverou muitos annos Gallicano, até que morto Constantino, e os filhos que lhe succederaõ no Imperio, lhe veyo a succeder seu sobrinho Juliano Apostata, que logo procurou com razoens dissuadi-lo da Ley de Christo, e incliná-lo á adoraçaõ dos idolos. E como visse aquelle cruel Tyranno que nem as suas branduras, nem as suas ameaças eraõ efficazes para o fazerem esmorecer do seu proposito, mandou que despejasse Italia. Recolheo-se para a Alexandria, com intento de proseguir na vida Anacoretica, que principiado tinha; onde foy de novo combatido, e perseguido pelo Juiz Rausiano, que o mandou açoutar tyrannamente, e degolar por fim a 25. de Junho de 362. Neste dia trata delle o Martyrologio Romano, e o Padre Higuera no Hespanhol por estas palavras: *Em*

Do seu martyrio.

Alexandria S. Gallicano Varaõ Consular, natural de Bragança visinha de Braga, e descendente, e originario da antiga, e celebrada Sagunto, que depois da guerra de Scythia, convertido a Christo por Joaõ, e Paulo, seus parentes, e paisanos, se retirou a hum Hospital, e ausentado delle pelo Apostata Juliano, pela confissaõ da Fè padeceo illustre martyrio.

S. VIGILIO *Bispo, natural de Coria Cidade da Lusitania.*

1 NAsceo em Coria, Cidade antiga do Reyno de Portugal, donde foy para Roma em companhia de seus santos pays, e irmaõs logo nos crepusculos da sua idade. Applicou-se aos estudos, e aproveitou tanto nelles, que era venerado por hum thesouro de erudiçaõ, e por Oraculo da sciencia. Morto Asterio, Bispo de Trento, o povo o acclamou em Bispo da mesma Cidade, tendo apenas vinte annos de idade. Sagrou-se em Roma, recolheo-se para a dita Cidade, onde teve em sua companhia a sua mãy Santa Maxencia, cuja vida em outro lugar escreveremos, e a seus irmaõs S. Claudiano, e Magoriano, de quem apontaremos algumas acçoens nos Capitulos seguintes.

2 Logo que o bom Pastor entrou no governo da sua Igreja, começou a prégar o santo Evangelho com incançavel zelo, purgando as ovelhas das muitas heresias, e superstiçoens com que o demonio as trazia atropelladas. Confirmava a doutrina, que annunciava, com a integridade da sua vida, e prestancia dos seus milagres, pois só com o final da nossa Redempçaõ cobravaõ os cegos vista, os surdos ouvidos, os mudos lingua, e os energumenos perfeita saude. Destruio innumeraveis templos, em que se veneravaõ outros tantos idolos, e erigio outros em seu lugar ao verdadeiro Deos, e em tanta quantidade, que sómente nas Cidades de Brixia, e Verona fez edificar trinta. Soube que no Valle de Rendena, haviaõ ainda idólatras, e cultores dos simulachros do demonio, intentou a sua destruiçaõ, e querendo effectuá-la, se pôs a caminho para o tal Valle, e achando nelle junto ao rio, que o banha, hum famoso idolo de Saturno, abrazado em amor, e zelo do verdadeiro Deos, e confiado neste Senhor, entrou pelo meyo dos infinitos Gentios que o estavaõ reverenciando, tirou-o da peanha em que estava, desfê-lo em pedaços, e os lançou nas correntes daquelle rio, e fez daquelle templo profano, Casa de oraçaõ, sem temor algum da morte, pelo ter totalmente perdido por fructo do muito que nella cuidava na vida. Encheraõ-se em fim os idolatras de furor mais que grande, e concitaraõ, e alvorotaraõ a plébe contra o vigilante Prelado de maneira, que lhe fizeraõ voar a alma ao Ceo, no meyo de hum deluvio de pedras, que sobre o seu santo corpo choveo a 26. de Junho de 405.; tendo 40. de idade. Lembraõ-se deste Santo todos os Martyrologios, Romano, Usuardo, Galesino, Castelhano, e outros.

Faz muitos milagres, e morre apedrejado.

S. CLAUDIANO *Confessor, natural da antiga Cidade de Coria.*

NAsceo na Cidade de Coria, (Praça principal da antiga Lusitania) teve por mãy a Santa Maxencia, e por irmaõ a S. Vigilio Bispo, de quem fallamos no antecedente Capitulo. Falleceo pouco depois do glorioso Triunfo de seu irmaõ na mesma Cidade de Trento, donde voou á Bemaventurança, com argentadas azas de copiosos merecimentos a 6. de Março de 406.

S. MAGO-

S. MAGORIANO, *Confessor, natural da Cidade de Coria da nossa Lusitania.*

1 NAsceo na mesma Cidade de Coria, e, como ja dissemos, teve por mãy a Santa Maxencia, e por irmaõs a S. Vigilio Bispo, e Martyr, e a S. Claudiano, Confessor. No tempo em que S. Vigilio governou o seu Bispado, lhe naõ foy de pouca utilidade a companhia do nosso Magoriano, pois muito o ajudava, naõ só na administraçaõ, e governo da sua Igreja, senaõ tambem na conversaõ dos muitos Herejes, qué pelos seus districtos habitavaõ.

2 Deo honroso sepulchro ao corpo de seu irmaõ S. Vigilio, se bem que tambem nesta acçaõ o acompanhou Claudiano, a quem a deo tambem. E perseverando depois em as muitas obras pias, a que o incitavaõ os cuidados da morte, esmaltado de heroicos merecimentos, e de preclaras virtudes, impôs gloriosamente o coronide a sua felice jornada a 15. de Março de 416, em cujo dia lhe celebra festa solemne a antiga Cathedral de Trento, que goza o precioso penhor de seu corpo, como escreve Ferrario, Geral da Ordem dos Servitas, no Martyrologio de seus Santos, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado.

SANTO EVAZIO *Bispo de Tuy, Martyr.*

FOy este Santo o segundo Bispo de Tuy, o qual por andar prégando o santo Evangelho por aquelle Bispado, e pela Lusitania, alcançou a palma do martyrio perto da Villa de Caceres, no tempo em que era Cidade de muito nome, como mostraõ as suas ruinas com grandes sinaes de antiguidade Romana. Na Cathedral de Placencia se conserva hum Martyrologio manuscrito, que trata deste Santo. *Decembris Casali in Lusitania Sanctus Evasius secundus Episcopus Tudensis Martyr.*

Vida do Glorioso S. FRUCTUOZO, *Arcebispo de Braga, Monge Benedictino.*

1 NAsceo este Prelado de prodigiosa santidade, este raro exemplo da vida, este Inclyto Monge, e egregio Cenobiarca, em huma povoaçaõ, a que chamaõ Terra de Vierço, que fica no Bispado de Astorga, entre as montanhas de Leaõ, e Galliza, da qual seu pay era senhor, assim como tambem o era de outras muitas povoaçoens, que herdou dos seus nobilissimos antepassados, e lhe vieraõ com o dote da mulher, com quem cazou, que era Matrona de igual nobreza, como taõ alliada no sangue com a Casa Real dos Godos, de que elle tambem participava em propinquo gráo. Naõ exprimem porèm os seus Chronistas os nomes de seus illustres pays, e só dizem huns que seu pay era Duque, e outros que era Capitaõ General do Reyno.

Nasce no Bispado de Astorga.

2 Logo nos primeiros annos da juvenilidade descobrio hum genio muito accommodado, e propenso para o exercicio das virtudes, e vendo-o seus illustres pays alheyo daquellas pueris diversoens, em que se occupa de ordinario a innocente viveza da primeira idade, puzeraõ na sua criaçaõ singular

gular

Dá-se á virtude nos primeiros annos, e naõ quer ser morgado da casa de seus pays.

gular cuidado, com esperanças certas, de que aquellas flores de virtudes chegariaõ a ser fructos de admiravel santidade. Como primogenito da casa, o quizeraõ seus pays cazar; porèm elle com prudente desvio os persuadio a que cazassem primeiro huma unica irmaã que tinha, a quem, como a mais velha, e mulher, se naõ devia dilatar o estado. Quiz deixar as posses, e as esperanças da terra, com o designio de alcançar mayores bens, e felicidades, como quem sabia que no mundo podia medrar muito, mas fóra delle, tanto mais, quanto vay do eterno ao temporal, da verdade á vaidade, do tudo ao nada.

3 Movidos os pays de Fructuozo das suas persuasoens, se resolveraõ a cazar a filha com hum fidalgo, supposto igual na qualidade, desigual na condiçaõ, por ser demasiadamente cobiçoso como adiante diremos. Celebraraõ-se pois as bodas com grandes demonstraçoens de alegria; porèm pouco duraraõ entre os espozados, por fallecerem pouco depois os pays de hum, e outro. Hia Fructuozo com o pay á caça pelos montes da Terra de Vierço, e como era dado á liçaõ dos livros devotos, e á das vidas dos Santos Monges, e Anacorethas, summamente se alegrava de ver as concavidades, que por aquelles montes haviaõ, pela grande affeiçaõ, e dezejo, que tinha de se occultar de todo aos olhos do mundo, e de viver só para Deos, resuscitando em si a Anacorethica vida da Thebaida, e povoando aquelles incultos dezertos de Monges; e por isso, logo que se vio livre do impedimento dos pays, pôs em praxe os santos dezejos, que tinha, depondo o habito secular, [tendo vinte annos completos] e recebendo o habito Benedictino, segundo huns, das maõs de Torancio Bispo de Placencia, e segundo outros, das de Conancio, Abbade Agaliense, ambos Varoens de conhecida virtude. Seu cunhado o acompanhou desde Vierço até Toledo, ou Placencia, onde tomou o habito, porque, como estava com o olho no interesse, dezejava, e louvava muito a sua resoluçaõ.

Toma o habito de Monge Benedictino.

4 Recebeo pois o santo mancebo com a cogulla do Principe dos Patriarchas o seu fervoroso espirito, e inflammada caridade, abraçando com amplissima vontade a asperrima vida de Monge, e fazendo huma vida mais Angelica, que humana; porque como se achava desembaraçado dos estrondos do seculo, e muito mais da inquietaçaõ dos terrenos appetites, tinha toda a sua conversaçaõ no Ceo, por meyo da Divina contemplaçaõ, a que dava a mayor parte do tempo, que lhe sobrava das occupaçoens, e exercicios da Communidade. De nada cuidava mais que de viver, naõ só morto, senaõ sepultado ao mundo, por conhecer que poucas vezes se póde cõmerciar com elle, sem que o espirito chegue a contaminar-se com alguma das suas infecçoens. Como porèm se lembrava daquelles incultos montes, que na sua terra registara, e levado do grande amor que tinha á vida solitaria, pedio, e alcançou licença de seus Prelados para fundar hum Mosteiro no dezerto de Vierço sua patria, ao qual deo por Patroens a S. Justo, e S. Pastor. Como os seus bens patrimoniaes eraõ muitos, logo fez a fabrica do Mosteiro magnifica, e dilatada, como quem previa, que naõ só o haviaõ de procurar para sua assistencia muitos homens, que de novo se convertessem a Deos, senaõ tambem Monges de outros Mosteiros, pois huns, e outros se foraõ submetter debaixo da sua obediencia attrahidos da fragrancia da sua grande santidade.

Funda em hum dezerto o Mosteiro de S. Justo, e Pastor.

5 Elegeraõ no os muitos Monges, que alli se ajuntaraõ, por seu primeiro Abbade, e naõ se arrependeraõ da eleyçaõ, porque logo se mostrou idéa de hum perfeito Prelado, pela summa paz, e prudencia, com que a todos governava. O certo he que venceo o nosso Fructuoso hum grande impossivel em governar, e em governar sem queixa dos Monges, e sem o dezagrado de Deos, pois se naõ ha cousa mais dezejada [pelos espiritos ambiciosos digo] nas Religioens como o serem Prelados, tambem a naõ ha mais

mais difficultosa que governar homens. He esta verdadeiramente a sciencia das sciencias, que pertendendo-a aprender muitos, mui raros, ou nenhum a comprehende. Aquelle meyo, entre o rigor, e a brandura, a que responde o temor, e amor do subdito, he hum ponto taõ indizivel, e taõ cego, que ninguem deo com elle atégora. Daquella rigorosa alternativa de incorrer, ou no dezagrado de Deos, ou no odio dos homens, nenhum Prelado se livrou na realidade, por mais que o pinte na imaginaçaõ. Se faz guardar as leys, quebraõ com elle os subditos, e primeiro os mais amigos; se as deixa quebrar, lá vay a consciencia. Se vigia, resentem-se; se dissimula, relaxaõ-se; se castiga, he tyranno; se perdoa, he remisso; em fim, que, ou aperte a redea, ou a alargue, sempre, ou elle se faz insofrivel, ou os subditos insolentes.

Falla-se dos Prelados.

6 Estimulado o cunhado do Bendito Fructuozo de se ver privado dos bens, que dotara ao Mosteiro, que fundou, e que suppunha seus com a resoluçaõ que tomara de deixar o mundo, lhe pôs demanda pelas herdades dotadas, com o pretexto de que pertenciaõ a sua mulher, e filhos, por serem bens de morgado, e elle seguir o estado Cenobitico. Era a parte poderosa, e com dadivas, e respeitos subornou os animos dos Ministros de sorte, que naõ só lhe deraõ justiça, senaõ tambem occasiaõ para que El-Rey mandasse imperativamente, que dessem posse ao cunhado dos bens que estivessem applicados ao Mosteiro, e ainda em ser. Vendo-se Fructuozo perplexo com a injustiça, que lhe faziaõ, em lhe tirarem o que era inteiramente seu, e naõ de sua irmaã, recorreo a Deos por meyo da oraçaõ, para que inspirasse aos homens, e a ElRey lhe fizessem justiça. Ouvio o Benignissimo Deos as suas justificadas deprecaçoens, pois permittio que se abrandasse aquella tormenta, com a falta da vida do cunhado; cuja morte tiveraõ todos por evidente castigo do Ceo, da qual tomaraõ occasiaõ para publicar-se pelas praças, que quem quizesse comer o seu em paz, se naõ atrevesse a perseguir, e a molestar a quem tivesse a Deos da sua parte.

Demanda-o hũ cunhado, a quem castiga Deos com a morte.

7 Era aquelle Mosteiro hum dos mais ricos de toda a Hespanha, naõ só pelo Santo o dotar com os seus bens patrimoniaes, senaõ tambem pelo tomar debaixo da sua protecçaõ, e o enriquecer com grandes donativos El-Rey Cindasuinto, e a Rainha Reciverga, que na doaçaõ que fizeraõ ao Mosteiro a 18. de Outubro da era de Cesar de 684., declararaõ que as faziaõ em attençaõ á virtude de Fructuozo, e do sangue Real de que procedia. A elle pois concorria immenso povo de partes muito remotas, por se divulgar por todo o Orbe as grandes virtudes, e talentos do Abbade Fructuozo, que todos consultavaõ como a Oraculo divino. Como naquelle Convento se viaõ com evidencia os favores com que Deos acreditava as suas grandes virtudes, e cresciaõ cada dia os applausos dos homens, se vio precizado a fugir destes, e a retirar-se para hum lugar, em que naõ fosse visto, nem procurado, o que com effeito fez, com o mayor sentimento daquelles Monges, que consideravaõ na sua auzencia as faltas de huma Luz, os retiros de hum Astro, e a separaçaõ de hum Mestre na doutrina, direcçaõ, e exemplo do caminho da salvaçaõ.

Retira-se a viver occulto em hum dezerto.

8 Duas razoens, principalmante, foraõ as que teve o nosso Fructuozo para se retirar do Convento, e se ir metter em hum sitio, que estava no mais retirado das serras; huma era a dissonancia, que faziaõ no ouvido de seu interior os louvores, e as acclamçoens da sua virtude; porque como estava muito fundado na humildade, e tinha bem radicada em si a virtude do proprio conhecimento, cria com firmeza que se lhe devia de justiça o desprezo, e o vituperio de todas as creaturas. A outra razaõ, e a que com mais força o apertava, era o temor do seu perigo; porque, ensinado da luz Divina, sabia muito bem, se naõ achava virtude entre as acclamaçoens dos homens de taõ robusta saude, que naõ pudesse refrear-se, e ainda enfermar

A razaõ que teve para retirar-se.

fermar

fermar de morte, se se naõ cuidava muito de guardar-se do ar subtil da vangloria, que costuma correr quasi invizivelmente com a aura popular, de cuja fatal desgraça se tem visto em todos os seculos repetidas experiencias.

9 Naquelle sitio occulto retirado dos populares applausos fabricou huma tosca choupana, na qual existia quasi sempre entregue ás contemplaçoens da vida Celestial, aos cuidados da morte, e aos descuidos da vida, desorte, que andava descalço, vestido de pelles de animaes, e forrado com asperrimo cilicio, prevenindo com estes quebrantos da carne os insultos da concupiscencia, reputando com acertado juizo por melhor, e mais nobre medicina, a que preserva do mal, que a que o sara. Naquelle sitio esteve o Santo penitente imminente a ser morto por hum caçador, que enganado com o rustico das pelles, e com a estranha postura, em que orava, levou o arco ao rosto para despedir a setta, e o naõ fez, por ver que no mesmo tempo levantava as maõs ao Ceo, soltando juntamente hum grande suspiro. Conhecido pelo caçador o Servo de Deos, se foy prostrar a seus pés, e referir-lhe o perigo de que a Divina bondade o livrara. Ambos deraõ graças ao mesmo Senhor por taõ grande beneficio.

Da grande aspereza com que se tratava, e de como o queriaõ matar suppondo-o fera.

10 Proseguindo o Santo na vida solitaria, se retirou a hum Valle, situado entre altissimas serranias, que ficava em seis legoas de distancia do primeiro Mosteiro, que fundou de S. Justo, e Pastor, a que chamavaõ Compluto. Alli fundou huma Ermida em honra do Apostolo S. Pedro, e junto della huma estreita cella em que apenas cabia, com fresta para o Altar, onde se deo a taõ rigorosa penitencia, como se daria outro, que principiasse a fazê-la, em satisfaçaõ de grandes peccados, e escandalos que tivesse commettido no mundo. Como o hiaõ procurar muitas pessoas que se queriaõ dar a Deos, se vio precizado a fundar naquelle sitio hum pequeno Mosteiro, a que chamaõ hoje S. Pedro de Montes, o qual fica em distancia da Villa de Ponferrada só tres legoas. Este tal Mosteiro he hum dos mais magnificos, que há em Hespanha da Religiaõ Benedictina, pelo reedificarem, e accrescentarem em edificios, e rendas S. Valerio Abbade, e S. Genadio Bispo de Astorga. O que com evidencia se prova de hum letreiro Latino, que está na porta da Igreja do mesmo Convento, que traduzido quer dizer: *O Bemaventurado S. Fructuozo, Varaõ insigne em merecimentos, depois de fundar o Mosteiro de Compluto, edificou neste lugar hum Oratorio de pequena fabrica, da invocaçaõ de S. Pedro, depois do qual S. Valerio, nada inferior a seus merecimentos, estendeo a obra desta Igreja, e depois delles Genadio Presbytero com doze companheiros a restaurou, na era de 933.* E sendo depois feito Bispo, a edificou novamente desde os fundamentos, com a obra maravilhoza que nella se deixa ver, e naõ a lavrou carregando o povo com tributos, mas pagando liberalmente aos trabalhadores, e á conta do trabalho, e suor dos Monges deste Mosteiro. Foy consagrado este Templo por quatro Bispos, Genadio de Astroga, Sabario do Dume, Fruminio de Leaõ, e Dulcido de Salamanca na era de 944. aos 24. de Outubro.

Funda o Mosteiro de S. Pedro de Montes.

11 O insaciavel dezejo que tinha de dar-se continuamente a Deos, livre da communicaçaõ dos homens, o obrigavaõ a procurar lugares occultos, e subterraneas covas, para nelles viver de todo esquecido, e sepultado para o mundo. Muitas vezes as gralhas mostravaõ com estrondozos alaridos o sitio em que habitava, por permissaõ do Altissimo, que queria ser louvado naquelle seu grande Servo, e servido dos peccadores, que convertia com o seu raro exemplo, e admiravel doutrina, pois prégava com tanta efficacia, e fervor, que fazia despovoar as Cidades, e Villas, enchendo-se os Ermos, e os dezertos de penitentes. Para recolher, e doutrinar a estes se vio precizado a fundar muitos Conventos em diversas terras de Hespanha, dos quaes diremos alguns dos mais conhecidos. Nos confins de Galliza fundou o Mosteiro Visuniense,

Descobriraõ as gralhas o sitio em que estava, e se lança ao mar para pegar em hum barco &c.

funiense, e junto do mar na mesma Provincia, outro chamado Peona, donde se embarcou certo dia com alguns Monges, com o projecto de verem se em huma Ilhota, que estava dentro do mar, haveria lugar accõmodado para fundar outro Convento. Sahindo pois em terra, se descuidaraõ de amarrar o barco, motivo porque no tempo em que queriaõ voltar para o Mosteiro de Peona, se acharaõ sem elle, em fórma, que apenas o divizavaõ no mar alto. Vendo o Santo aos barqueiros, e aos Monges afflictos, por darem occasiaõ áquella desordem, se lançou ao mar, renovando o milagre do Apostolo S. Pedro, com grande confuzaõ, e magoa de todos, que o choraraõ affogado, ainda que por pouco tempo, pois logo appareceo o barco navegando direito á terra, e S. Fructuozo sentado nelle taõ enxuto, e descançado, como se naõ entrara no mar. Fundou neste Reyno os Mosteiros seguintes: o de Castro de Avelans em Tras os Montes; o Duplece de Thomar, na Estremadura; o de Santo Thirso no Bispado do Porto; o de S. Miguel de Refoyos de Basto, o de S. Martinho de Sande, que houve na estrada de Guimaraens. O de Salvador de Arnoya, o de Santa Maria de Miranda, o do Salvador de Gaisem, e o de S. Salvador, agora de Capuchinhos, de seu proprio nome, em pouca distancia desta Cidade.

Dos Mosteiros que fundou.

12 Naõ eraõ só homens, os que persuadidos do seu exemplo, e da efficacia dos seus Sermoens deixavaõ o mundo, pois o mesmo faziaõ innumeraveis mulheres, entre as quaes he digna de particular memoria, huma Bemaventurada Benta, que naõ obstante o estar esposada de pouco com hum galhardo mancebo Gardino de ElRey, se prostrou aos pés do Santo pedindo que lhe insinuasse a vida que havia de seguir ella, e mais oitenta companheiras, que estavaõ resolutas a sacrificarem inteiramente a Deos suas virgindades. Mandou-lhes edificar o Bendicto Fructuozo hum Mosteiro, no qual serviraõ ao Esposo das Virgens, de cujo amor foraõ taõ prezas, quaõ soltas de tudo o que no mundo lhes podia roubar a affeiçaõ. Alli as visitava, pelas instruir no caminho da perfeiçaõ Evangelica, e benzendo o pam, e ervas, de que se sustentavaõ, lhes mandava tudo por alguns dos meninos que se criavaõ nos Mosteiros, ás mesmas horas em que elle comia, porque até nisto o queria imitar a santa Benta, á que elegeo por Abbadessa do tal Mosteiro. Esta rara resoluçaõ motivou no juizo vario do povo diversos discursos, dando occasiaõ, para se supporem os pays sem filhas, os irmaõs sem irmaãs, e o que he mais, os maridos sem mulheres. Levantavaõ a Fructuozo muitos testimunhos falsos, de que se defendeo lindamente, porque tinha a Deos da sua parte. O esposo de Benta era Ministro de ElRey, a quem pedio lha mandasse entregar, visto estar cazado com ella, allegando serem aquellas mudanças enganos, com que Fructuozo queria despovoar o Reyno de mulheres, como ja o tinha feito de homens. ElRey lhe nomeou por Juiz da causa, ao Conde Argelate, o qual indo ao Mosteiro, e ouvindo a santa Abbadessa, deo sentença contra o Ministro, com o fundamento, de que naõ era justo tirar a esposa ao Rey da Gloria, para a dar a hum homem da terra. Finalmente eraõ tantos os Mosteiros que fundava, que se reprezentou por vezes a ElRey, que se naõ os prohibisse, se veria sem gente nas occasioens em que lhe fosse necessaria. Poucas eraõ naquelle tempo as Religioens, e ponderava-se o inconveniente de que fossem tantos os Conventos!

Manda fazer hum Mosteiro para recolher 81. donzellas.

13 Andando o nosso Santo passeando em hum campo junto ao Mosteiro primeiro que fundou, a que chamavaõ Compluto, se lhe lançou aos pés huma Cerva perseguida dos caçadores, a qual reconhecida de ver que a livrara da morte, naõ quiz sahir da sua companhia, mas antes lha fazia para onde elle hia. Matou a dalli a tempos hum mal inclinado, e mal criado moço, a quem logo castigou Deos com huma febre, da qual se livrou por oraçoens do Santo, a quem as pedio na certeza de que lhe seriaõ proficuas

Do que passou com huma Cerva, e de como foy castigado quem a matou.

diante de Deos, rogando-lhe por aquelle mesmo que o tinha offendido. Indo á Cidade de Merida, cabeça da nossa antiga Lusitania, por visitar o corpo de Santa Eulalia, ao passar por hum lugar, pouco distante de Idanha, se retirou para hum sitio occulto com o designio de orar, e talvez de tomar alguma diciplina. Encontrou-o casualmente hum rustico lavrador, que vendo-o descalço, e pobremente vestido, se persuadio que era algum escravo, que fugia a seu senhor para aquelle occulto sitio, e pegando de hum páo, tratou muito mal ao humildissimo Santo, sem que este uzasse da defeza natural, pois sómente lhe assegurava era hum passageiro, e naõ escravo de pessoa alguma, e como da sua mesma mansidaõ tomava o tyranno rustico mais motivo para maltratá-lo, mandou Deos a hum demonio que entrasse no corpo do villaõ, a quem maltratou taõ cruelmente, que em breve exhalara a vida, se S. Fructuozo, movido da sua grande piedade, lhe naõ pagara as pancadas, pedindo a Deos livrasse aquelle miseravel homem do poder daquella infernal fera.

Soffre as pancadas que lhe deo hum lavrador, e pede a Deos que livre ao mesmo do demonio &c.

14 Intentou Fructuozo a peregrinaçaõ de Jerusalem, pelo intenso dezejo que tinha de acabar a vida, onde Jesus Christo deo a sua por nos redimir; porèm como a naõ pode effectuar com tanto segredo, que della naõ tivesse noticia ElRey, lha impedio com varios pretextos, sendo o principal o de naõ querer que seus Reynos experimentassem a falta de hum Varaõ, que pelas suas virtudes, e letras era a columna, e o Oraculo de toda a Hespanha. Temendo porèm que elle se auzentasse, naõ obstante o seu empenho, o mandou metter em huma casa, que guarneceo com guardas; porèm quando estes cuidavaõ que mais seguro o tinhaõ, viraõ que no mayor silencio da noite della sahia, por ministerio dos Anjos, com huma pedra ao pescoço, e com huma pezada Cruz ás costas, a correr as Estaçoens, e Templos da Cidade.

Sahe milagrosamente de hũa casa em que o tinha prezo ElRey, para estorvar-lhe o ir a Jerusalem.

15 Certificado, e assombrado ElRey de taõ grande prodigio com mayor empenho procurava estorvar-lhe a sua emprendida peregrinaçaõ, alcançando com rogos, o que naõ podia por violencia, e para o ter mais seguro, o fez eleger Bispo do Dume, crendo que, por ter annexa Prelazia de Monges, acceitaria esta Dignidade com mayor vontade: porèm nada bastou para que acceitasse voluntariamente a tal Dignidade o nosso humildissimo Santo, e como tal desprezador de todas as grandezas, Dignidades, e vaidades da vida. Veyo com effeito a acceitá-la constrangido com censuras, e com a obediencia, que lhe puzeraõ os Prelados de Hespanha, que tinhaõ nella alguns poderes do Papa. Rejeitou Fructuozo a Dignidade de Bispo, de cujo repudio augmentou ElRey mais a opiniaõ que tinha da sua virtude, fazendo entaõ tanto mayor conceito delle, quanto vay de merecer, e naõ acceitar a Dignidade, a sómente merecê-la, pois para hum sujeito merecer a Dignidade, basta que exceda a muitos em virtude; porèm para a naõ acceitar merecendo-a, he necessario que tenha virtude em gráo taõ heroico, que se chegue a vencer a si mesmo. O certo he, que a primeira victoria se póde julgar por vulgar, e rasteira, e a segunda por taõ rara, como gloriosa

Elegem-no Bispo do Dume, q̃ acceita obrigado de Censuras.

16 Veyo S. Fructuozo para Dume, e por consequencia para esta Cidade de Braga, pois confina com a Freguezia de Dume, onde entaõ era Bispado, como dizemos na vida do seu primeiro Bispo S. Martinho, com cuja vinda naõ só os Dumienses, senaõ tambem os Bracharenses, e toda a Provincia do Minho, começaraõ a sentir nas almas o fervor da sua Apostolica Doutrina. Com a nova Dignidade naõ mudou o traje, e modo de vida, que tivera sendo Monge, nem o zelo de fundar Mosteiros, pois em distancia desta Cidade, pouco mais de hum quarto de legoa, em hum pequeno recosto, chamado Montolios, fundou o que ja dissemos, em honra do Salvador do mundo, o qual pelo decurso de annos se veyo a dar aos

Funda o Mosteiro do Dume, e escreve a Regra dos Monges.

Religiosos

Religiosos Capuchos, onde parece vive o espirito, e santidade do seu primeiro fundador., de quem tomaraõ o nome. Finalmente, do Dume sahio a fundar os Mosteiros, que ja dissemos fundara nesta Provincia. Em Dume escreveo a Regra dos Monges, a que chamaõ de S. Fructuozo, podendo-se chamar, como lhe chamaõ alguns Authores, o Contraponto do Canto chaõ da de S. Bento. Por ella, além da propria, se governaraõ muitos annos os Monges Benedictinos de toda a Hespanha, como aquelles que pela mayor parte moravaõ em Mosteiros fundados, ou por S. Fructuozo, ou por seus Discipulos.

17 No anno de 656. se celebrou Concilio em Toledo, a que chamaõ o decimo, aonde foy chamado como Bispo do Dume. Os Veneraveis Padres, que nelle se acharaõ, vendo-o, e conversando-o, reconheceraõ ser o seu talento, e a sua virtude mayor do que a fama publicava, e por isso o veneraraõ, e festejaraõ muito; porque a virtude conhecida, e tratada se faz mais estimavel, e veneravel, e bem se prova o grande conceito, que delle fizeraõ aquelles santos Prelados, com lhe darem a Metropolitana Cadeira de Braga, de que depuzeraõ ao Arcebispo Pontamio, pela sua incontinencia, por entenderem que só a santidade, e talento de Fructuozo, era benemerita da Primazia de toda a Hespanha, e digna de refazer, e restaurar o que esta Igreja tinha perdido com o crime de Pontamio. O Decreto, que passaraõ os Veneraveis Padres do Concilio, transcrevemos na vida do mesmo Pontamio.

Vay ao Concilio de Toledo, donde vem com o governo de Braga.

18 Naõ cabiaõ os Bracharenses de prazer quando souberaõ se lhe tinha dado por Prelado ao Bispo Fructuozo, e logo o Cabido, e a Cidade lhe deraõ os parabens, e pediraõ abbreviasse a jornada, porque dezejavaõ vê lo, e tratá-lo como proprio, naõ obstante o terem-no athelli taõ vizinho em Dume. Voltou pois o Santo Prelado para esta Cidade com o governo deste vasto Arcebispado, e com a administraçaõ do Bispado do Dume. Esperaram-no os Bracharenses com grandes demonstraçoens de contentamento, cantando, como na entrada de nosso Redemptor em Jerusalem, ó povo, e meninos com ramos nas maõs: *Benedictus, qui venit in nomine Domini.* Bendito o que vem em nome do Senhor.

De como foy esperado pelos Bracharenses.

19 Logo que se vio de posse deste grande Arcebispado, e ponderou nas muitas, e novas obrigaçoens, que lhe incumbiaõ, se pôs a cuidar na reformaçaõ das suas ovelhas, mais com acçoens exemplares, do que com novas leys, naõ mudando do traje, ou theor de vida que usara em quanto Monge, e Bispo, observando com tanta perfeiçaõ a santa Regra, vivendo com tanta parcimonia, e mortificaçaõ, que cada dia se lhe observavaõ cada vez mais attenuadas as forças corporaes, cauzando as suas rigorozas penitencias a todas as suas ovelhas compaixaõ notavel, pois tratava taõ mal de conservar a vida, que nunca largava os cilicios, e jamais dormia em cama mais regalada, que a de hum feixe de vides. Visitava a pé, e sem fasto de criados esta dilatada Diocese. Remediou innumeraveis abuzos, que o tempo havia introduzido. Castigava aos culpados com Angelica brandura. Dispendia todas as esmólas pelas suas maõs, em obsequio das suas necessitadas ovelhas, sem deixar para si mais, que aquillo, com que apenas se podia sustentar, e a sua pouca familia. Cuidava muito em que os sagrados Templos fossem venerados, e servidos com a limpeza, e mageslade possivel. Amava aos culpados, e aborrecia os vicios. Affligia-se, quando os via em pessoas Ecclesiasticas, as quaes castigava com mais rigor, que aos seculares. O certo he que huns, e outros viviaõ com notavel reforma, por verem a suavidade do seu governo, germanado de obras conforme o seu nome.

De como se portava, e das penitencias que fazia em Braga.

20 Presagios de estar perto o seu fim eraõ as impaciencias santas do seu amor, e os continuos voos do seu espirito, que todo o incendio da caridade forcejava a romper a prizaõ do corpo, que o detinha para subir a

Prepara-se para a morte de que teve revelaçaõ.

sua esfera á Divindade. Vendo pois que estava ja para apagar-se com as sombras da morte a luz da vida, pôs cuidadoso desvélo em aperfeiçoar a sua tarefa com taes ancias, como se sempre houvera estado ocioso. Os dous polos, em que se moveo sempre este animado ceo, foraõ o amor de Deos, e o odio santo de si mesmo; e agora, que conheceo ja o ultimo perigo, se desfazia de si mesmo, para ser todo victima do amor de Deos. Recolheo-se ao Mosteiro do Salvador do Mundo, que naquelle comenos acabava de fundar, e naõ obstante o sobrevir-lhe huma lenta febre, naõ deixou de celebrar Missa de Pontifical na Igreja delle, nem de prégar no fim della a muita gente que lhe assistia, para a exhortar ao amor, e serviço de Deos, e para pedir-lhes o ajudassem com oraçoens, e sacrificios, na ultima hora, que julgava propinqua.

21 Deitou se na cama, que os Monges lhe tinhaõ preparado, e perguntando-lhe hum se temia o perigoso golfo da morte, respondeo: *Ainda que sou grande peccador, a certeza de me ver com Christo, me desterra nesta hora todo o temor.* Quando lhe pareceo ser chegada a ultima hora da vida, seguindo o louvavel costume daquelles tempos, se fez levar á Igreja do Mosteiro, onde coberto de cinza, e de cilicio, recebeo devoto, e compungido os Sacramentos, ficando todo aquelle dia, e noite em oraçaõ. Chamou á sua presença aos Monges, e domesticos, e de todos se despedio com lagrimas excessivas, pedindo-lhes que se naõ entristecessem com a sua partida, pois hia gozar dos perduraveis bens da Gloria; e assim em huma quarta feira nos primeiros crepusculos da aurora, levantadas as maõs, e os olhos ao Ceo, entregou o immaculado espirito nos amplexos do Creador a 16. de Abril de 665., que era anno de Christo de 659., aos nove do Reynado de Recesuindo, havendo tres annos, tres mezes, e vinte dias, que fora eleyto pelo Concillo para Arcebispo desta Metropoli de Braga.

Do seu fallecimento.

22 O seu enterro se celebrou mais com lagrimas, que com pompa funeral no seu Mosteiro do Salvador do Mundo, para o qual elegeo por seu primeiro Abbade, a Dicencio, Monge de grande virtude, que o havia acompanhado, e servido desde menino. Resplandeceo a sua sepultura com innumeraveis milagres, que naõ escrevemos, por se perder a memoria delles com a entrada dos Mouros em Hespanha, a qual deo occasiaõ a que fosse demolido a mayor parte do Mosteiro. Quinhentos, e sessenta e hum annos se conservou alli o corpo deste grande Santo, até o de Christo de 1102., em que D. Diogo Arcebispo de S. Thiago de Galliza o levou para aquella Sè, com os corpos de S. Vitor, de S. Silvestre, de S. Cucufate, e de Santa Suzanna, deixando porèm hum só osso de S. Fructuozo, e hum pequeno do Pallio com que foy enterrado. He S. Fructuozo invocado nos pleitos, e demandas, pela renhida, que trouxe com seu cunhado, e tambem nas tempestades maritimas, por haver dominado o salgado elemento na occasiaõ em que se lançou a elle, como se diz no num. 11. Deste Santo Escrevem muitos Authores, entre os quaes saõ o da *Monarchia Lusitana*, o Illustrissimo Cunha na *Historia de Braga*.

Estaõ as suas santas Reliquias em S. Thiago de Galliza.

S. QUIRICO, *ou* QUIRINO, *Arcebispo de Braga, e de Toledo, Monge Bento.*

1 S. Quirico, ou Quirino, foy filho de Clario Emetrio Quirino, e este de Odoarico Quirino, ambos Camareiros dos Reys Godos. Tomou a cogulla Benedictina no Mosteiro Agaliense junto a Toledo, onde viveo sempre de maneira, que bem mostrava o dezapego, com que deixou as delicias da vida, por se entregar aos cuidados da morte no Cenobio

Cenobio da Religiaõ. Fizeraõ-no Abbade do mesmo Mosteiro, e como elle cuidava na morte, e se lembrava da conta, ociozo he o escrevermos o acerto do seu governo. De Abbade Agaliense foy acclamado para Arcebispo de Braga, e naõ se sabe com certeza os annos que o foy. Sendo Arcebispo de Braga se achou em hum Concilio, que se celebrou na Cidade de Toledo, e fundou o Templo de Santa Eulalia de Barcelona, obra de notavel grandeza, e architectura.

Foy acclamado Arcebispo de Braga, donde passou para Toledo.

2 Por morte de Santo Ildefonso, Arcebispo de Toledo, o elegeraõ os Toledanos em seu Arcebispo, dignidade, que acceitou, naõ por com ella melhorar, sim por gratificar aos Toledanos a lembrança que delle tiveraõ, e os dezejos, que mostravaõ de o terem na sua Cidade. Tambem se ignoraõ os annos que governou aquelle Arcebispado; prezume-se foraõ muitos, pois por se achar com muita idade, e a seu parecer menos sufficiente, e habil para a satisfaçaõ das suas obrigaçoens, fez nomear, e sagrar por seu successor a Juliano Arcediago de Toledo. E lembrado da quietaçaõ da vida Religiosa se retirou para o Mosteiro de Plampego, ou Plampliega, onde estava vivendo no mesmo tempo santissimamente o nosso Santo Rey Uvamba. Alli pois se exercitou em muitas virtudes, em ferventes oraçoens, e em contemplaçoens altissimas, até que foy receber o premio do Eterno Remunerador, por meyo de huma venturosa morte a 20. de Novembro pelos annos de 682., segundo D. Rodrigo da Cunha na *Historia Bracharense.*

S. LEODIZIO JULIAM *Arcebispo de Braga.*

1 FOy de naçaõ Hebreo, posto que seus pays guardáraõ sempre a Ley de nosso Senhor Jesus Christo. Applicou-se aos estudos, e sahio Varaõ consummado nas divinas, e humanas letras. O seu conhecido talento, singular engenho, indefesso estudo, claro juizo, e memoria incrivel, o faziaõ amado de todos, e muito mais por germanar todas estas partes com grande pureza de vida. Estando servindo actualmente a dignidade de Arcebispo de Toledo, o nomeou o povo, e Clero Bracharense por digno successor de S. Quirino, que foy transferido para Arcebispo de Toledo. Chamavaõ-lhe nesta Cidade de Braga cõmummente Urbano. Ignora-se se era nome proprio, ou appellativo, que lhe grangeasse a sua muita urbanidade, e cortezia, que esta nunca encontrou a santidade, antes a realça, e aquilata mais. Governou este Arcebispado Primaz com grande exemplo, e notavel prudencia, no decurso de treze annos que obteve esta dignidade. No ultimo delles, que foy o quarto do Reynado do nosso Rey Uvamba, se convocou o quarto Concilio Bracharense, onde assistiraõ os Bispos suffraganeos de Braga, e com elles Juliano Arcebispo de Sevilha, sendo Presidente delle, como Primaz, o nosso Santo; e como saõ dignas de andarem nas memorias, e maõs dos homens taõ santas antiguidades, no fim deste breve rezumo copiarey o mesmo Concilio. Pouco depois de se concluir o tal Concilio, foy permudado o santo Arcebispo para Toledo, naõ por entender que melhorava na Dignidade, sim por ir para a sua terra: e para que naõ haja quem imagine que o mudar-se S. Quirino, e S. Juliaõ para Toledo foy por melhorarem, saibaõ que no anno de 534. veyo outro Prelado do mesmo nome de Toledo para Braga, e que naquelles tempos, e ainda nestes, foraõ, e saõ transferidos de mayores a menores Igrejas, attendendo-se á necessidade destas, ou daquellas ovelhas, ou ás cõmodidades, e a outros proprios, e particulares respeitos.

Nomea-o o Clero, e povo Bracharense por Arcebispo, e preside ao quarto Concilio Bracharense.

2 Quatro Concilios se celebraraõ no seu tempo em Toledo, e em todos campeou grandemente com a sua grande sciencia, orthodoxa doutrina, e

rara

rara virtude. Em huma, e outra Igreja se mostrou Prelado muitas vezes insigne. Insigne na caridade, porque as suas rendas eraõ sustento dos pobres, o dote das orfaãs, o resgate dos cativos, e o remedio universal de todos os necessitados. A todos assistia, e amparava a todos, vivendo mais para os seus, que para si, consolava aos miseraveis, acariciava os afflictos, sublevava aos humildes, resistia aos soberbos, visitava aos enfermos, libertava os prezos, e em resoluçaõ servia de pay benignissimo a todo o estado, e sorte de gente. Foy insigne na prudencia, como bem se demostra dos Concilios a que assistio nesta Cidade, e na de Toledo. Insigne na sabedoria, como se evidencia dos muitos livros, que compôs, cheyos de erudiçaõ, e de piedade. Tambem compôs muitas Homilias, Hymnos, e Epitafios em louvor de varios Santos, nos quaes mostrou o profundo do seu engenho. Era consultado de varios Santos, e Doutores do seu tempo, como Oraculo Divino. Reformou o Breviario, e as Missas Bracharenses, e Muzarabes, accrescentando lhe muitas oraçoens pias, e devotos Hymnos. Nestas santas occupaçoens o tomou a morte, e passou placidamente da vida prezente a 8. de Março de 690. havendo regido a Igreja de Toledo dez annos hum mez e sette dias, segundo D. Rodrigo da Cunha na *Historia Bracharense.*

Do Concilio, que se celebrou nesta Cidade de Braga, no anno de Christo 675., e no do quarto anno de ElRey Uvamba, o qual tem huns pelo terceiro, e outros pelo quarto Concilio Bracharense. Neste presidio o sobredito Prelado Leodizio.

Notem o quarto Concilio Bracharense.

3 CONgregados taõ necessariamente por ordem do Espirito Santo na Cidade de Braga, foy ajuntar-nos para haver de tratar das cousas, que com máo termo se fazem dentro da Igreja; porque ajudando-nos aquelle, que diz se achará no meyo de dous, ou tres, onde quer que forem juntos em seu nome, tiremos de raiz os erros mal introduzidos, levantando-nos contra elles com animo conforme, e igual dezejo de devoçaõ. Ajuntando-nos pois em hum corpo a determinaçaõ Synodal, e assentado cada qual no lugar que lhe era devido, começámos primeiro a tratar do Sacramento da santa Fé, porque com a vaidade dos que disputaõ, ou com a ignorancia dos que pouco sabem, se naõ tivesse algum erro neste Sacramento. E como nos apurassemos na verdadeira Fé, e nella, como em espelho, nos mostrassemos incontaminados; démos graças ao Omnipotente Deos, de ver que a nenhum de nós obscurecera a nevoa de error cismatico; mas a todos nos mostrou idoneos neste Sacramento a simplez, e verdadeira prégaçaõ Apostolica: e tambem porque esta regra da nossa Fé a tornamos a referir, com as proprias palavras, e sentenças, que sabemos foy declarada no Concilio Niceno. Cremos em hum Deos Padre todo poderoso, feitor do Ceo, e da terra, e Creador das cousas visiveis, e invisiveis, e em hum Senhor Jesus Christo Filho de Deos Unigenito, nascido do Padre, antes de todos os tempos, Deos de Deos, lume de lume, Deos verdadeiro de Deos verdadeiro, nascido, e naõ feito, homousion com o Padre, convem a saber, da mesma substancia com o Padre, pelo qual saõ feitas todas as cousas que ha no Ceo, e na terra, o qual por amor de nós, e de nossa saude descendeo, e incarnou do Espirito Santo, e nasceo de Maria Virgem, e feito homem padeceo sob Poncio Pilato, foy sepultado, e resurgio ao terceiro dia: subio aos Ceos, sentou-se á dextra de Deos Padre: outra vez ha de vir a julgar vivos, e mortos, cujo Reyno naõ terá fim. Cremos tambem no Espirito Santo, Senhor, e Vivificador, que procede do Pay, e do Filho, e como Pay, e Filho se ha de adorar, e glorificar, que fallou pelos Prophetas,

tas, e huma Santa Igreja Catholica, e Apostolica. Confessamos hum baptismo para remissaõ de peccados, esperamos a resurreiçaõ dos mortos, e a vinda do Mundo, que ha de vir.

4 Depois do Sacramento desta santa Fé se referio nos ajuntamentos de todos nós hum manifesto, e juntamente desacostumado erro, que ja com outros da seita de Prisciliano, foy condenado nas santas Constituiçoens, mandadas pelos Padres de Africa, e Oriente a esta santa Igreja de Braga, por maõ de hum Veneravel Sacerdote, cuja lembrança nos serve de honrosa bençaõ, [era este Sacerdote Paulo Orosio, de quem se escreve nesta Obra como de natural de Braga] o qual se deve atalhar com tanto artificio de sabedoria, quanta he a perversidade, com que se prova ser ensinado. Porque de certas pessoas nos foy referido que offereciaõ, nos sacrificios do Senhor, leyte em lugar de vinho, e que tinhaõ para si haver-se de dar ao povo a Eucharistia lançada no vinho, para inteireza da Cõmunhaõ: e o peyor de todas estas cousas he, que naõ faltaõ alguns Sacerdotes, que põem suas iguarias nos vazos do Senhor, e ouzaõ de comer nelles. De outros Sacerdotes se nos disse, que, esquecida a ordem de costume Ecclesiastico, ouzaõ dizer Missa sem Estóla; e que nas solemnidades dos Martyres lançando Reliquias ao pescoço, e sentados em cadeiras, tem para si, que he justo serem levados, naõ menos que pelos Diaconos revestidos em Alvas: e tambem que muitos Sacerdotes, sem approvaçaõ, moraõ com mulheres; e que alguns delles opprimem a seus irmaõs, honrados ja com gráos de Ordens, com açoutes inconsiderados: e àlèm disto, que alguns levados da cobiça simoniaca, approvaõ debaixo de concerto aquelles que se haõ de ordenar, para que depois de ordenados recebaõ delles o dinheiro promettido, e que debilitaõ, e diminuem os criados da Igreja em seu proprio serviço, fazendo damno nas cousas Ecclesiasticas. Todas as quaes cousas nos pareceo ajuntar em ordem de titulos apartadas, para que naõ pareçaõ referidas confuzamente.

I. Como quer que todo o crime, e peccados se apaguem com sacrificios offerecidos a Deos, que fica para se dar ao Senhor em satisfaçaõ dos delictos, quando na propria oblaçaõ do sacrificio se cõmettem erros! Ouvimos certamente, que algumas pessoas engolfadas em ambiçaõ cismatica, offerecem nos Divinos sacrificios leyte em lugar de vinho, contra as disposiçoens Divinas, e Constituiçoens Apostolicas. Outros, que daõ ao povo a Eucharistia lançada em vinho, em cumprimento da Cõmunhaõ: outros finalmente que offerecem vinho espremido da uva no Sacramento do Caliz do Senhor, a qual cousa quaõ contraria seja á Doutrina Evangelica, e Apostolica, e contraposta ao costume Ecclesiastico, com facilidade se prova da propria fonte da Verdade, de que ordenados procederaõ os proprios mysterios Sacramentaes. Porque quando o Mestre da Verdade encõmendou a seus Discipulos o verdadeiro sacrificio de nossa saude, sabemos que lhes naõ foy encõmendado leyte, debaixo deste Sacramento, mas pam, e vinho sómente, e assim diz a Verdade Evangelica: Tomou Jesus o Pam, e o Caliz, e benzendo-os, deo a seus Discipulos. Deixe-se logo de offerecer leyte no sacrificio, pois nos resplandece hum claro, e manifesto exemplo da Verdade Evangelica, o qual naõ deixa offerecer outra cousa fóra do pam, e do vinho. E quanto a se dar ao povo pór inteireza de Cõmunhaõ a Eucharistia junto ao Sangue, nem isto admitte o testimunho trazido do Evangelho, onde encõmendou aos Apostolos seu Corpo, e Sangue, porque apartadamente se faz mençaõ da encõmenda do pam, e apartadamente do Caliz. Porque o pam molhado naõ lemos que Christo o desse a outros, senaõ foy áquelle Discipulo, a quem a sopa molhada declarasse por vendedor de seu Mestre, sem mostrar todavia a Instituiçaõ deste Sacramento. E quanto a se cõmungar o povo com vinho esprimido de cacho, convem a saber, de bagos

gos de uvas, he cousa demasiadamente confuza: porque o Caliz do Senhor [conforme disputa hum certo Doutor] deve-se offerecer com agoa, e vinho misturado, porque vemos na agoa entender-se o povo, e no vinho mostrar se o Sangue de Christo, por onde, quando no Caliz se lança agoa no vinho, se ajunta o povo a Christo, e o povo dos Fieis se ajunta, e encorpora com aquelle, em quem crê. A qual encorporaçaõ, e ajuntamento de agoa, e vinho, de tal modo se mistura no Caliz do Senhor, que aquella cõmixtaõ se naõ póde separar; por onde se alguem offerecer vinho sómente, começa o Sangue de Christo a estar sem nós, e se a agoa estiver só, começa a estar sem Christo. Pelo que, quando se offerece o cacho sómente, no qual se mostraõ só os effeitos do vinho, se passa por alto o Sacramento de nossa Redempçaõ, significado na agoa; por onde naõ póde o Caliz do Senhor ser agoa por si só, ou vinho apartado, se hum, e outro se naõ mistura; e porque desta materia procederaõ muitas, e mui notaveis sentenças de nossos antepassados, e religiosa piedade dos quaes para com Deos nos ensinou os copiosos effeitos destes Sacramentos, e nos declarou suas verissimas Instituiçoens, convem que todo o erro, e prezumpçaõ similhante cesse daqui em diante, porque a desordenada uniaõ dos máos naõ enfraqueça o estado da verdade. Por tanto, naõ seja deste tempo em diante licito a pessoa alguma offerecer outra cousa nos Divinos sacrificios, senaõ for pam sómente, e o Caliz misturado com vinho, e agoa, conforme aos Decretos dos Pontifices antigos, e fazendo alguem daqui em diante fóra daquillo que está mandado, cessará de sacrificar tanto tempo, até que emendado, com legitima satisfaçaõ da penitencia, torne ao Officio da sua Dignidade que perdeo.

II. Deve se prover com toda a diligencia, e cuidado, que aquelles, a cujo cargo parece estar o lugar do governo, naõ sejaõ vistos fazer affronta aos Celestiaes Sacramentos; porque nos foy dito, o que he horrivel de ouvir, e abominavel para crer, que alguns Sacerdotes levados da sacrilega temeridade, tomaõ os vazos do Senhor para o seu proprio serviço, e põem nelles as iguarias em seus banquetes, da qual maldade pasmados a choramos, e chorando-a pasmamos de ver que a humana temeridade prepare para si mesmo convite naquelles vazos, em que sabe ter invocado o Espirito Santo, e depois de farto coma guizados de carne no mesmo lugar em que foy visto celebrar os Divinos Mysterios; e naquelles mesmos vazos em que sómente offereceo os Sacramentos por perdaõ de seus peccados, naquelles mesmos, satisfaça a vontade de seu passatempo; e por tanto a pessoa, que daqui em diante for de tal presumpçaõ, que conhecendo os Divinos vazos, e o uso delles, os mudar a seu proprio serviço, ou os tomar para comer, ou beber nelles: será condenado a privaçaõ do gráo, ou officio, que tiver, de tal modo, que sendo secular fique sujeito a perpetua excõmunhaõ, e sendo Religioso fique deposto do seu officio. E debaixo desta sentença de condenaçaõ se comprehenderaõ tambem aquelles, que sabendo-o tomarem para seus usos proprios os ornamentos Ecclesiasticos, veos, ou quaesquer vestimentas, e alfayas, ou as entregarem a outrem, para serem dados, ou revendidos.

III. Porque sabemos ser mandado por antiga instituiçaõ da Igreja, que a todo Sacerdote quando he ordenado se lhe cinjaõ ambos os hombros com a Estóla, para que aquelle a quem se manda estar sem temor entre as couzas prosperas, e adversas, appareça sempre cercado em hum, e outro hombro com ornamento de virtude: Porque razaõ, pois, naõ toma, ao tempo de sacrificar, aquillo que naõ duvida ter recebido no Sacramento da sua ordenaçaõ. Pelo que convem em toda a maneira, que aquillo que foy dado a cada hum, na consagraçaõ de honra, isto mesmo conserve na oblaçaõ, ou recebimento de sua saude de tal modo, que quando o Sacerdote se chega

ga á solemnidade da Missa, ou para offerecer sacrificio a Deos por si mesmo, ou para receber o Sacramento do Corpo, e Sangue de nosso Senhor Jesus Christo, naõ chegue de outro modo, que com a Estóla posta sobre ambos os hombros da maneira que foy consagrado, ao tempo que lhe deraõ Ordens. De tal maneira, que apertando o pescoço por cima dos hombros com a Estóla, venha a fazer diante dos peitos o final da Cruz com ella; e se alguem fizer outra cousa, fique sujeito á pena de excõmunhaõ merecida.

IV. Inda que a antiga Instituiçaõ dos Canones ordenasse muitos preceitos, e resolutas Constituiçoens sobre atrevimento similhante, nós todavia por causa de brevidade, e desejando tirar toda a occasiaõ de fornicaçaõ, determinamos com toda a authoridade, que se guarde o seguinte: Que nenhum Sacerdote, ou pessoa Ecclesiastica, sem honesto, e competente testimunho, prezuma tratar secretamente com quaesquer mulheres, se naõ for com sua propria mãy sómente, e naõ só deixe de tratar com mulheres estranhas, mas com suas proprias irmaãs, e parentas; porque libertado elle com licença das irmaãs, e parentas, se naõ faça mais entremettido para cõmetter a maldade; e o transgressor deste preceito, saiba que ficará sujeito ás leys da penitencia por espaço de seis mezes.

V. Pois he cousa proveitosa para os Sacerdotes tratarem os Mysterios Divinos, todavia se há de ter grande resguardo, que naõ torça cada hum, em uso de sua maldade propria, aquillo com que devera contentar só a Deos, mediante a pureza da sua consciencia, porque está escrito: Ay daquelles que fazem a obra do Senhor enganoza, e tibiamente; pelo que sendo referida no nosso ajuntamento, para effeito de se lhe pôr termo, a detestivel prezumpçaõ de alguns Bispos; soubemos como alguns delles, quando haõ de ir ás Igrejas nas solemnidades dos Martyres, lançaõ as Reliquias ao pescoço, para com a gloria de mayor apparato se ensoberbecerem diante dos homens, e serem levados em certas cadeiras por Diaconos revestidos em alvas, como se elles fossem Arcas das sagradas Reliquias. A qual prezumpçaõ detestavel deve ser derogada em tudo, porque naõ prevaleça sómente a vaidade, disfarçada em apparencia de santidade, se o respeito de cada estado naõ conhecer o modo que lhe he devido. Por tanto, se guardará neste particular o antigo, e solemne costume, que em qualquer dia de festa levem sobre seus hombros a Arca do Senhor, naõ os Bispos, senaõ os Levitas, aos quaes sabemos que na Ley Velha foy encõmendada a mesma obrigaçaõ: mas se o Bispo quizer levar por si mesmo as Reliquias, naõ seja elle levado em cadeira pelos Diaconos, mas a pé em companhia da procissaõ do povo, que vay aos ajuntamentos, que se costumaõ fazer nas santas Igrejas, e deste modo seraõ as Reliquias do Senhor levadas pelo mesmo Bispo; e quem, sabendo estes Institutos, dilatar a execuçaõ delles, em quanto viver no cargo, será suspenso da administraçaõ do Sacramento do Altar.

VI. Como quer que o Apostolo mande arguir, rogar, ou increpar com toda paciencia, soubemos como alguns de nossos irmaõs, deixada esta doutrina, se indignaõ contra os que ja saõ ordenados, e os maltrátaõ com tantos açoutes, quantos puderaõ merecer salteadores de caminhos; por tanto aquelles que ja mereceraõ gráos Ecclesiasticos, como saõ os Sacerdotes, Abbades, e Diaconos, que fóra das graves, e mortaes culpas, naõ devem ser sujeitos a castigo de açoutes, naõ he conveniente que qualquer Prelado a cada passo, e conforme a seu gosto, e vontade os sujeite á dor, e castigo de açoutes, sendo elles os seus mais honrados membros; porque naõ aconteça, que ferindo elles os membros, que lhes saõ sujeitos, percaõ a reverencia que lhes devem seus subditos, conforme aquillo, que hum certo sabio disse: *O que he castigado brandamente, tem respeito a quem o castiga, e a reprehensaõ da aspereza demasiada, nem admitte correcçaõ na emenda.* Por

tanto, se alguem levado só da malicia voluntaria, e ensoberbecido com a licença da Dignidade que tem, imaginar que devem ser castigados, fóra deste modo, que temos ordenado, os sobreditos subditos, honrados ja com Ordens, conforme ao modo dos açoutes que lhe der, será castigado com a pena de excõmunhaõ, e desterro.

VII. Porque naõ convem que o Dom do Espirito Santo se compre com dinheiro [posto que sobre esta materia hajaõ diversos documentos dos Canones antigos] todavia, porque he necessario que se atalhe mais vezes, áquillo, que sem cessar se cõmette: por tanto instituindo huma fórma de nova Constituiçaõ, ordenamos, que quem quer que, por dar gráo de Sacerdote, a qualquer pessoa que seja, acceitar dadiva alguma, ou promessa della, assim antes, como depois de ser ordenada, e consentir em algum modo ser peitado por esse respeito, ou seja aquelle que deo, ou o que recebeo, seja privado do seu gráo, conforme a sentença do Concilio de Calcedonia.

Naõ convem aos Reytores das Igrejas serem diligentes na administraçaõ das suas cousas, e remissos nas da Igreja, porque se diz: Que alguns Sacerdotes desbarataraõ os criados da Igreja em seu proprio serviço, accrescentando o proveito da fazenda propria, e conservando a destruiçaõ das cousas de Deos. Por onde, quem quer que com esta negligencia differir o melhoramento das cousas Divinas, seja obrigado com particular preceito, para que sendo cazo que com as cousas, e rendas da Igreja accrescentasse proveito á sua fazenda propria, e houvesse com isto negligencia em melhorar os bens Ecclesiasticos, e lhe cauzasse diminuiçaõ, e perda, restitua á Igreja tudo o que lhe diminuio em seus bens, a cuja custa, e despeza se lhe prova ter accrescentado a sua fazenda: E se por ventura gastou alguma cousa do seu pelo proveito, e substancia da Igreja, e recebeo alguma perda, ou fez alguma despeza, que claramente se prove, recompense-se-lhe tudo da fazenda da mesma Igreja por cujo proveito se prova que fez as taes despezas.

Com isto damos graças ao Omnipotente Deos, depois rogamos pela paz, saude, e muitos annos de vida, do piedosissimo Rey Uvamba, amador de Christo nosso Senhor, cuja devoçaõ nos ajuntou a este salutifero Decreto, rogando á Clemencia Divina, que a Gloria de Christo confirme seu Reyno até a ultima velhice, e no lo conceda aquelle Deos, que com o Padre, e Espirito Santo vive, e tem gloria para sempre dos sempres. Amen.

Leodizio, Bispo em nome de Christo, sobescreveo.

Juliano, Bispo de Sevilha em nome de Christo, sobescreveo.

Genetino, em nome de Christo Bispo da Igreja de Tuy, sobescreveo.

Froarico, por vontade de Deos Bispo da Igreja de Britonio, sobescreveo.

Izidoro, Bispo da Igreja de Astorga, sobescreveo.

Alario, Bispo da Igreja de Orense, confirmo.

Rectogero, Bispo da Igreja de Lugo, sobescreveo.

Hidulfo, por sobrenome *Felix*, Bispo da Igreja de Iria, sobescrevi.

S. FAUS-

§ S. FAUSTINO *Arcebispo de Braga, Monge Benedictino.*

§ 1 FOy Religioso, e Abbade nesta Provincia do Minho de hum Convento do Principe dos Patriarchas S. Bento. Exercitava-se nelle em taõ raras virtudes, que os Bracharenses o acclamaraõ para seu Arcebispo, cuja dignidade acceitou obrigado pela obediencia de seu Prelado, e como naõ tinha sede della, por saber muito bem o quanto mais seguro he o obedecer, que o mandar, naõ ha para que escrever a prudencia, paz, e exemplo com que administrou esta grande dignidade.

2 Aos 15. de Mayo de 688., primeiro de ElRey Egica, e do Pontificado do Papa Sergio, se celebrou hum Concilio nacional na Igreja de S. Pedro dos arrabaldes de Toledo, no qual se achou o nosso Faustino com mais quatro Metropolitanos, cincoenta e seis Bispos, onze Abbades, cinco Procuradores, ou Vigarios de Bispos auzentes, e dezasette Varoens illustres Officiaes da Casa, e Corte Real. Campeou nelle tanto sua modestia, sabedoria, e virtude, que no Concilio seguinte foy mudado para Sevilha em lugar de Felix, que de Sevilha passou para Toledo, por privarem os Padres Congregados ao seu Arcebispo Sisiberto, pelo motivo que para isso deo com a sua muita soberba; pois parecendo-lhe que nem o Ceo, nem o mundo o estorvaria, intentou dizer Missa hum dia de festa, com a cazula que a Virgem nossa Senhora deo a Santo Ildefonso; porèm o Ceo lhe encontrou o seu gosto, e castigou a sua temeridade, com lhe occupar os membros de humas dores taõ sensiveis, que por dellas se livrar, naõ proseguio no seu intento, e mandou fechar outra vez o caixaõ onde estava, e està Reliquia taõ singular. E como de hum dezatino nascem muitos, se conspirou contra a pessoa Real, desorte, que lhe tinha machinado a morte, que lhe daria se naõ houvesse quem fizesse publicos os seus occultos designios. Logo que foraõ patentes a ElRey, o fez pôr a bom recado, atè que o entregou a hum Concilio, que para esse effeito fez congregar em Toledo. Nelle deraõ sentença definitiva contra Sisiberto, depondo-o da dignidade Pontifical, declarando-o por publico excõmungado, e desterrando-o para fòra de toda Hespanha.

Achou-se em hũ Concilio nacional na Igreja de S. Pedro de Toledo.

NOTA.

3 Ficou-lhe succedendo na dignidade (por assim o pedir ElRey) Felix, Arcebispo de Sevilha, e para Sevilha nomearaõ os Padres Congregados ao nosso Santo Faustino, por entenderem que carecia aquelle Arcebispado de hum taõ sabio, e santo Prelado, para desterrar os abusos, que deixou introduzir Sisiberto, e os mesmos Padres Congregados nomearaõ para Arcebispo Primaz a S. Felix Torcato, que naquelle tempo estava sendo Bispo da Cidade do Porto. Celebrou-se o tal Concilio a 2. de Mayo do anno de 693. nelle assistiraõ 58. Bispos, cinco Abbades, tres Vigarios de Bispos auzentes, dezaseis Varoens illustres, e nelle presidio Felix Metropolitano de Toledo, e o assignou em primeiro lugar, e S. Faustino no segundo. Querendo pois o nosso Santo acreditar a sua virtude entre os estrangeiros, começou a governar com summa prudencia, reformada vida, e integerrimo valor, attendendo tanto a suffocar as reliquias, que em seus naturaes deixara a perniciosa heresia Arriana, quanto a aperfeiçoar, e realçar as cousas da nossa santa Fé.

Foy Arcebispo de Sevilha.

4 Obrigado disto ElRey Egica, convocou o XVII. Concilio de Toledo, onde assistio com os mais Prelados de Hespanha, e concluido se tornou á sua Cathedral, para dar á execuçaõ os seus saudaveis decretos. Logo que os Arrianos viraõ a liberdade com que prégava contra a sua abominavel seita, o lançaraõ, e desterraraõ para fóra do Arcebispado, e a mesma perse-

Celebra-se o 17. Concilio Toledano.

guicaõ levantaraõ contra os outros Prelados de Hefpanha os Barbaros Ifmaelitas; por cuja razaõ fe retiraraõ muitos a lugares remotos, fugindo da fua primeira furia, para conferirem entre fi os meyos mais opportunos a taõ grande calamidade. E deixando os Bifpos dos outros Reynos, nomeemos os do noffo, que foraõ Fauftino Arcebifpo de Sevilha, Arconio Bifpo de Evora, Theodofredo de Vifeu, Fionio de Lamego, com alguns miniftros de fuas orfaãs Igrejas, e feculares, que a troco de fe verem livres da mifera fujeiçaõ Ifmaelita, tiveraõ por de melhor acerto naõ dezampararem a feus fantos Prelados, lamentando todos o menoscabo da Religiaõ Catholica, com o novo, e perfido fenhorio, obrigando com oraçoens, e facrificios ao Ceo, para que mitigaffe o rigor da fua ira, e Divina Juftiça. Alli adminiftrava os Sacramentos aos Fieis, que acudiaõ de varias partes, onde fe diz que rebentou huma fonte de cryftallinas agoas em fubfidio dos afflictos Chriftaõs.

Bifpos que fugiraõ da ira dos Barbaros Ifmaelitas.

5 O Senhor, que os havia deftinado para o premio do martyrio, permittio foffem defcobertos pelos Mouros. Eftando pois todo aquelle devoto ajuntamento affiftindo ao Incruento facrificio da Miffa, que celebrava o noffo S. Fauftino, entraraõ os Mouros, e prendendo a todos, intentaraõ haver ás maõs a fagrada formula, porém o naõ confeguiraõ, por S. Fauftino (movido de fuperior impulfo) a lançar em hum poço que junto a fi tinha. Irritados entaõ os Barbaros, lhe tiraraõ a vida, e aos mais Bifpos, e fuppofto fe naõ efpecifique de que forte, de crer he que com elles fe haveriaõ taõ crueis, como coftumavaõ com todos os Chriftaõs, aquelles malaventurados homens. Dezamparado o fitio dos Mouros, os Chriftaõs, que ficaraõ com vida, tiraraõ do poço a fagrada Hoftia, e a collocaraõ honorificamente em decente altar, dando ao Ceo mil graças, de que aquellas facrilegas maõs naõ houveffem tocado taõ inapreciavel margarita. O ditofo monte [em que entenderaõ falvar as vidas, e acharaõ as mortes, pofto que gloriofas, aos 11. de Março de 715.] dizem eftava perto de Sarandula, e Caceres, ambos da Lufitania, que hoje cahe na Eftremadura. D. Rodrigo da Cunha na *Hiftor. Bracharenf.*, e Jorge Cardofo no feu *Agiol.*

Martyrizaõ ao Santo, e a feus companheiros.

S. TORCATO FELIX *Arcebifpo de Braga, e vinte e fette companheiros: Vicente, Martinho, Romano, Felix, Eftevaõ, Leocadia, Columba, Sabina, Juftina, e Chrifteta.*

1 NAfceo na Cidade de Toledo de nobiliffima familia. Criou-fe defde pequeno na Sé della. Applicou-fe aos eftudos das Divinas, e humanas letras, e em todas fe patenteou infigne, e fingular no exercicio das virtudes, ás quaes fe inclinou de maneira, e aproveitou tanto, que, com poucos annos de idade, fe fez benemerito Arciprefte daquella Imperial Cidade, dignidade donde fe tomaraõ muitos para Arcebifpos della. Com ella viveo alguns annos deforte, que bem moftrava o pouco cazo que fazia das dignidades da vida, por fe lembrar de quaõ prejudiciaes faõ para a confecuçaõ de huma venturofa morte. Falleceo o Bifpo de Padraõ de Galliza, e tendo o Clero, e povo daquelle Bifpado noticia da fabedoria, prudencia, e virtude do Arciprefte de Toledo, o pediraõ para feu Prelado. Acceitou a Prelazia, e poucos annos a adminiftrou, pelo permutarem para o Porto por morte do Bifpo Froareco. Eftando pois governando aquelle Bifpado com prudencia grande, e exemplo fingular, foy affiftir a hum Concilio, que fe celebrou em Toledo, no qual depuzeraõ de Arcebifpo daquella Cidade a Sifiberto, por juftiffimas caufas, que para iffo deo. Os Veneraveis Padres do Concilio tiveraõ por de melhor acerto o darem por

De Arciprefte de Toledo paffou para Bifpo de Padraõ do Porto, e depois para Braga.

por succeſſor de Siſiberto a Felix, Arcebiſpo de Sevilha, e por succeſſor de Felix, a Fauſtino, Arcebiſpo de Braga, e ao noſſo Torcato Felix, Biſpo do Porto, por ſucceſſor de Fauſtino, Arcebiſpo de Braga, de cujo Arcebiſpado tomou poſſe na volta do Concilio, e eſtando adminiſtrando eſta grande Dignidade, com a paz, prudencia, e inteireza, que devemos prezumir de huma virtude heroica; veyo aquelle calamitoſo tempo para o eſtado temporal da Heſpanha, ſe bem feliciſſimo para a Religiaõ Catholica.

2 Entraraõ pois os ſequazes do peſtifero Mafamede na Conquiſta de Heſpanha com taõ grande odio do nome de Jeſus Chriſto, que abrazavaõ tudo como rayo, naõ perdoando a ſagrado, nem a profano. Soube o noſſo ſanto Prelado que os Capitaens Muça, e Tarifa vinhaõ para cá da Villa de Guimaraens em direitura a eſta Cidade, e lhes foy ſahir ao encontro, reprehendeo-os das crueldades que uſavaõ, e dos ſacrilegios que faziaõ a Deos, com a liberdade que ſe deve prezumir em quem, como elle, naõ fazia cazo da vida, pelo muito que dezejava alcançar por aquelle meyo a morte. Os malevolos Capitaens o mandaraõ logo prender, e ſem mais demora, lhe fizeraõ voar a alma ao Ceo, por meyo de muitos tormentos que nelle executaraõ a 26. de Fevereiro de 719.

Martyrizaõ-no.

3 A meſma felicidade, e no meſmo tempo, alcançaraõ vinte e ſette patricios Bracharenſes, que tinhaõ acompanhado ao ſeu ſanto Prelado dezejoſos de taõ bõa ventura. Os nomes dos principaes companheiros eraõ: Vicente, Martinho, Romano, Felix, Eſtevaõ, Leocadia, Columba, Sabita, Juſtina, e Chriſteta. Huma legoa diſtante do ſitio em que ſe vem as ruinas da antiga Cidade da Citonia, e meya da celebre Villa de Guimaraens ſe conſerva o ſeu ſanto corpo em huma Igreja Parochial, que foy Moſteiro duplez, em que viveraõ Religioſos, e Religioſas, da Ordem do Glorioſo Patriarcha S. Bento. Eſteve em hum ſepulchro de pedra pouco polido, aſſentado ſobre quatro columnas toſcas, cercado de grades de ferro, dentro de huma Capella, que eſtá á entrada da porta principal, até o tempo em que foy Arcebiſpo deſta Dioceſe Bracharenſe D. Sebaſtiaõ de Matos de Noronha, pois nelle ſe reformou o ſepulchro deſte Santo com nova archictetura, e em fórma pyramidal, a pedimento, e a expenſas do Reverendo Cabido de Guimaraens, ſendo D. Prior daquella inſigne Collegiada D. Bernardo de Ataide.

4 A 14. de Julho do anno de 1637. ſe abrio o antigo ſepulchro, com a aſſiſtencia do Doutor Ruy Gomes Golias, Meſtre Eſcóla da Collegiada. Balthazar de Meyra, Arcipreſte. Miguel da Silva de Mello, Chriſtovaõ Ferraz, Miguel de Affonſeca Arochéla, todos Conegos, e Dignidades da meſma Collegiada. Antonio Coelho, Cura, Paulo Barreto, e o Licenciado Jeronymo Coelho, Reytor, e Vigario da Igreja, e Moſteiro de S. Torcato, com outras innumeraveis peſſoas, que a Divina bondade de Deos quiz ſe juntaſſem para que teſtimunhaſſem o prodigio de verem ao Glorioſo Santo inteiro, ſem alguma corrupçaõ, veſtido de Pontifical com Bago, na fórma que ſe venera no ſeu altar. De tudo ſe fez hum juridico Inſtrumento, que ſe conſerva no Archivo da Collegiada. Porèm o que neſta occaſiaõ deo mayores motivos para todos os prezentes louvarem a Deos em ſeus Santos, foy o verem que ſahio ſangue do pé á violencia, que o Meſtre Eſcóla fez para lhe tirar, como tirou, hum tornozelo, movido de devoçaõ, cuja Reliquia levou para caſa manchada em ſangue, donde a mandou collocar no Santuario de Guimaraens, depois de experimentar muitas enfermidades, que attribuio a caſtigo da ſua devoçaõ indiſcreta. Conſerva-ſe a tal Reliquia com nodoas de ſangue entre dous vidros tranſparentes.

Abre ſe o ſeu ſepulchro, e ſe acha o ſeu ſanto corpo inteiro, e lança ſangue.

5 ElRey D. Manoel pela ſua grande piedade procurou no ſeu tempo que ſe recolheſſem ás Cidade, e Villas inſignes os corpos dos Santos que ſe achavaõ pelas aldêas do Reyno, e querendo que o de S. Torcato ſe

tiraſſe

tiraſſe do ſitio em que eſtá, eſcreveo ao Cabido de Guimaraens huma Carta, que ſe conſerva no ſeu Archivo, cuja copia he a ſeguinte: *Conegos da Igreja de Guimaraens, eu ElRey vos envio muito ſaudar. Fazemos-vos ſaber, que Nós havemos por bem, que o corpo do Bemaventurado S. Torcato ſeja trasladado á Igreja Collegiada da dita Villa, em lugar onde ao Prior parecer bem, o qual levará o Breve, para ſe a dita trasladaçaõ fazer, e por tanto havemos por eſcuzadas as deſpezas, que ſe haviaõ de fazer, onde atè hora jouve. E porém nós mandamos, que deis ordem como ſe logo aſſi faça. Feita em Lisboa a 28. de Fevereiro de 1501.* Querendo o Reverendo Cabido de Guimaraens dar ſatisfaçaõ á ordem de ElRey, aſſentou o dia da trasladaçaõ; porèm naõ teve effeito, por quanto os moradores da Freguezia ſe puzeraõ em armas, e com taõ valente reſoluçaõ, que julgaraõ conveniente o naõ proſeguirem com o intento. Eſte teve tambem o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Braga de o trazer para a Cathedral, e indo para eſſe effeito á Freguezia no anno de 1597., tocaraõ o ſino a rebate, e ſe ajuntou tanto povo para impedir ao Arcebiſpo, que lhe foy precizo deſiſtir da empreza. Eſcreve-ſe que perguntando elle a huma mulher, que eſtava entre outras, pela roca ella lhe reſpondera: *Senhor, eſtas ſaõ as maçarocas* (moſtrando-lhe humas poucas de pedras, que levava) *para quem nos quizer roubar o noſſo Santo.* Delle eſcreve D. Rodrigo da Cunha na *Hiſtoria de Braga*, e Jorge Cardozo no *Agiol. Luſitano* para honra, e gloria de Deos, que ſeja eternamente louvado em ſeus Santos.

Carta que ElRey D. Manoel eſcreveo ao Cabido de Guimaraens.

S. VICTOR *Arcebiſpo de Braga, Monge Benedictino, e ſeus companheiros* ALEXANDRE, *e* MUSSIANO, *Martyres.*

PEla vacancia do Glorioſo Martyr S. Torcato Felix, foy aſſumpto a eſta Primazia, por ſeu benemerito ſucceſſor S. Victor, cujas letras, e virtudes eraõ manifeſtamente grandes, e ſó em quem concorreſſem eſtes dous predicados, aſſentava bem eſta Dignidade, e iſto no tempo em que andava taõ acceza a perſeguiçaõ dos Mouros, que ſe naõ davaõ os Prelados, e mais Chriſtaõs por ſeguros, ſenaõ nas covas, e concavidades do dezerto, onde hiaõ tomar paſto eſpiritual as deſgarradas ovelhas do rebanho de Chriſto. Alguns Catholicos, mais fervoroſos na Fé do meſmo Senhor, eſquecidos da vida, e lembrados do premio que lhes correſpondia á morte, que anhelavaõ, naõ ſó ſe naõ eſcondiaõ, e retiravaõ da perſeguiçaõ, ſenaõ que andavaõ de propoſito procurando aſſiſtir nas terras, onde mais cruel a ſuppunhaõ. Hum deſtes foy o noſſo Santo Arcebiſpo Victor, pois ſabendo que a Cidade de Baeça era o amphiteatro, em que os Barbaros exercitavaõ as mayores crueldades nos Fieis, com abrazadiſſimo eſpirito ſe reſolveo a ir áquella Cidade, com intento de prégar publicamente a Ley de Jeſus Chriſto, e de animar aos muitos, que pela confiſſaõ della eſtavaõ ſendo victima do meſmo Senhor; e como até no nome levava a ſegurança da victoria, pelo ſeu exemplo, e efficazes perſuaſoens a alcançaraõ dos Tyrannos innumeraveis Catholicos, e pouco depois elle, que com exquiſitos generos de tormentos foy receber o premio da Gloria, em companhia de Alexandre, e Muſſiano, que mereceraõ a meſma ventura, e o acompanhar no triunfo a ſeu ſanto Prelado, aſſim como o acompanharaõ no zelo, e no fervor, com que deſta Cidade ſahiraõ. O ſeu ditoſo triunfo foy a 16. de Settembro de 734. ſegundo D. Rodrigo da Cunha na *Hiſtoria Bracharenſe*, e os Authores que eſte allega, alguns dos quaes affirmaõ viera o noſſo Santo de Abbade do Moſteiro de Tibaens, para Arcebiſpo deſta Cathedral Primaz, e que fora ſem duvida Monge Benedictino o dizem todos.

SANTO

SANTO ARCHARICO *Arcebispo de Braga, Monge Benedictino.*

1 MOnge Benedictino foy tambem o Santo Arcebispo Archarico, e Abbade do Convento do Salvador do Mundo, que ficava em pouca distancia desta Cidade de Braga, e he agora Convento dos Piedosos Capuchinhos. A fama, que adquirio com os seus suaves costumes, e preclaras virtudes, foy a occasiaõ, que teve o povo, e Clero Bracnarense para o sublimar a Arcebispo desta Metropolitana Igreja. Parece que por especial mercè do Excelso foy dado a Hespanha este eminente Prelado, no tempo que tanto delle necessitava, para convencer com a sua singular sabedoria ao Arcebispo de Toledo, e aos seus sequazes, que publicavaõ, e defendiaõ o diabolico dogma Nestoriano, que dizia: *Christo Senhor nosso era sómente adoptivo, e de nenhum modo natural Filho de Deos.* Chamava-se ao tal Arcebispo Elipando, e a esta heretica doutrina o persuadio, e inclinou Felix Bispo de Urgel, que prégava esta diabolica doutrina em Catalunha, assim como a prégava tambem Elipando em Toledo. Oh que grande he a miseria, e cegueira dos homens, e que pouco se deve fiar delles! Andavaõ digo aquelles dous cegos Prelados abrazando á maneira de duas luciferinas fachas a gente a quem prégavaõ, e o certo he, que se difficultava o remedio, que se naõ podia dar com facilidade, por serem Bispos, e de muita authoridade, os que publicavaõ por mais certa aquella grande heresia. Teve noticia o nosso Arcebispo da grande miseria daquelles Prelados, chorou-a amargamente, fez penitencias grandes, orou muito para que Deos nosso Senhor se condoesse daquelles enganados homens, e das almas, que a seu exemplo deixavaõ o rebanho de Christo, pelo luciferino aprisco.

2 Sobornado o nosso Santo do amor de Deos, e cheyo de hum ardentissimo zelo de conservar incorrupta a Fé Catholica, procurou apagar aquelle furioso, e atiado incendio com a mayor ancia, para que a dilaçaõ naõ fosse causa de tomar mayores forças, e de se perverter Hespanha. Pareceo-lhe acertado escrever a Elipando, pedindo-lhe ponderasse o máo caminho que levava, os novos erros que hia ingerindo em Hespanha, com a introducçaõ de huma doutrina taõ contraria ás divinas letras, á verdade da nossa Fé orthodoxa, e á universal dos Santos Padres. E para de todo o convencer alargando a penna por hum, e por outro Testamento, lhe fez huma larga relaçaõ de lugares da Escritura Sagrada, dos Concilios universaes, tudo com taõ grande erudiçaõ, e com taõ vivas, efficazes, e subtîs razoens, que convencido logo Elipando, confessou o seu erro, e permittio se escrevesse, e disputasse contra elle.

Cõvence ao Herege Elipando Arcebispo de Toledo.

3 Naõ se satisfez o Santo Arcebispo com este grande triunfo, senaõ que convocando nesta Cidade de Braga Concilio Provincial, e condenando nelle a dita heresia, a 20. de Mayo de 795., remetteo a Elipando os saudaveis decretos, que nelle sahiraõ contra ella. Elipando, á instancia do Papa Adriano I., de Carlos Magno, e do nosso Archarico, celebrou outro Concilio em Toledo, no qual confessou seu erro, e protestou estar pelo determinado pelos ritos Catholicos. He certo que muitos foraõ os Prelados, que escreveraõ a Elipando, porém tambem o he, de que Archarico foy o que mais que todos o convenceo, e por isso Elipando por toda a vida o reconheceo mestre, e por principal instrumento da sua reducçaõ. Felix Bispo de Urgel tambem cahio em si, e foy pedir ao Papa perdaõ do seu erro. Elipando perseverou até a morte na sua penitencia, ainda que o Padre Gabriel Vasques duvida de ambos. Varios Bispos de Italia, França, e Hespanha

Convoca-se nesta Cidade Concilio Provincial, em que condena a heresia de Elipando, e de seus sequazes.

panha deraõ os parabens a Elipando da sua conversaõ, huma das cartas, com que o mesmo fez o Santo Arcebispo Archarico, aqui traduzimos, para que veja o curioso o estylo daquelles antigos tempos.

Epistola de Archarico, Metropolitano de Braga, a Elipando Arcebispo de Toledo.

Crata de Archarico a Elipando.

4 „ EMinentissimo, e verdadeiramente amado de Deos Elipando, „ Arcebispo de Toledo, a quem Archarico Metropolitano de Braga „ ga dezeja saude no Senhor: Grandemente nos alegraõ as cartas de V. Paternidade, „ nidade, em que nos significais como haveis congregado Concilio, e nelle se „ estivera pela sentença da Santa Madre Igreja de Roma, dando benevolos, „ e faceis ouvidos aos Decretos Apostolicos do Santo Papa Adriano. Fizestes „ nisto, Reverendissimo Pontifice, o que convinha ao pezo, e gravidade da „ vossa idade, á vossa fé, e Religiaõ, approvada, e explorada da vossa mocidade „ cidade por tantos annos de discurso. Letificastes ao Ceo, enchestes de „ contentamento as almas de vossos amigos, e a Hespanha de vossa santa, e „ louvavel fama, espalhada por toda a parte. Confundistes ao miseravel Felix, „ lix, e a seus sequazes enchestes de opprobrio temp terno, e em resoluçaõ „ confirmastes a opiniaõ antiga, que todos os Pontifices Hespanhoes tinhaõ „ concebido de vosso maduro juizo, e da humildade da vossa santa pessoa. „ Permitta Deos prosperar vossa santidade, guardando-vos por muito tempo „ saõ, e salvo, para bem dos Hespanhoes. Muitas outras cousas vos dirá de „ palavra Gumesindo nosso Arcediago de Braga. 8. de Agosto de 795.

Archarico Bispo M. de Braga.

5 Em fim, havendo Archarico feito a Deos estes, e outros santos serviços, em quinze annos que governou este Arcebispado, realçado de meritos, e de virtudes, carregado dellas, e de annos acabou o mortal curso da vida, no proprio mez, e anno, que seu amigo, e contemporaneo Elipando, deixando por hereditario brazaõ aos Prelados Bracharenses, seus successores, hum ardente zelo, que [por favor soberano] sempre conservaraõ da pureza da Fé Catholica. A 7. de Abril se celebra a pia memoria deste Santo Prelado. D. Rodrigo da Cunha na *Historia Bracharense*, e Jorge Cardoso no seu *Agiol.*

SANTO HERONIO, *ou* HEROS, *Arcebispo de Braga.*

1 NAquelle calamitoso, e tyrannico dominio dos Barbaros, governou naõ poucos annos esta Igreja Primacial o Santo Arcebispo Heronio, ou Heros, Varaõ piedosissimo, e solicito zelador dos progressos da Ecclesiastica Jerarchia, padecendo igualmente com o seu Catholico rebanho grandes molestias, e oppressoens, soffrendo continuas injurias, e affrontas, e estando muitas vezes a pique de experimentar os Agarenos ferros. Naõ faltava este vigilante Pastor ás suas ovelhas com os saluberrimos penhores da Gloria, ainda quando ellas andavaõ occultas pelos dezertos, por naõ experimentarem a carniceria daquelles lobos, sempre famintos do sangue Christaõ. Alimentava-os, pois, a toda a hora com santas exhortaçoens, consolava os com a esperança do premio, que havia de corresponder áquelles trabalhos, e animava-os para que por conservarem a vida temporal se naõ fizessem indignos da eterna, dimittindo de si a Religiaõ Catholica. Nestes santos exercicios perseverou alguns annos o Bendito Prelado, no fim dos

dos quaes consumido de miserias, e de trabalhos, coroou o Ceo a sua santa vida com huma venturosa, e felice morte que lhe enviou, em premio do muito que nella cuidou na vida. Deste Veneravel Prelado se lembra D. Rodrigo da Cunha, e o Agiologio Lusitano a 7. de Mayo. Luitprando, Subdiacono de Toledo, e Bispo Cremonense foy naõ só contemporaneo de Horonio, senaõ tambem seu particular amigo, como se colhe de huma carta, que de Toledo lhe escreveo, depois de se recolher de huma jornada, que fez a estas partes, a qual traduzimos aqui, para que o curioso nella advirta o como tratava ao Servo de Deos, sendo Arcebispo de Braga.

Carta, que Luitprando escreveo a Heronio Arcebispo de Braga.

Carta de Luitprando a Heronio.

„ AO Santissimo Padre, e Eminentissimo Papa Heronio meritissimo „ Arcebispo de Braga, Luitprando Subdiacono de Toledo roga saude, „ e felicidade eterna, e desculpa faltar em sua obrigaçaõ.

„ Pediste-me, Santissimo Pay, e Eminentissimo Papa, a mim servo vosso, „ quazi envergonhando me com rogos continuos, com aquillo que mais justa- „ mente puderas mandar pela superioridade que em mim tendes. E eu pela „ obrigaçaõ que vos devo, obrigaçaõ tinha de obedecer a qualquer aceno „ vosso. Quando fuy em romaria a sagrada Igreja de S.Thiago filho de „ Zebedeo, Doctor, e Apostolo nosso, e aos lugares mais celebres de Por- „ tugal, e Galliza, e principalmente ao sagrado Templo, e admiraveis „ Reliquias do Sanctissimo Doctor Martyr, e Apostolo Pedro, primeiro „ Discipulo do mesmo Apostolo, e primeiro Martyr de Hespanha, em Bra- „ ga Augusta, fuy hospedado em vossa casa com muita humanidade por „ vós, e por vossos ministros. Entaõ vindo a fallar nos meus escritos, e „ entre elles na continuaçaõ da minha Chronica, que faço até o anno de „ 960. proseguindo a de Marco Maximo Monge de S. Bento, poeta muy „ sabio, e Bispo de Çaragoça, e assim a de Flavio Dextro: Logo entra- „ stes em dezejos de ver meus borroens, por quanto havias visto a Dex- „ tro. e a Marco Maximo, e alleviavaes com a liçaõ das Sagradas Escrituras, „ e historias os trabalhos do cargo, e penozo cativeiro, que entre os Mou- „ ros padeceis. Prometti-vos logo mandar este meu parto, ou para melhor „ dizer abortivo, e antes o quiz mandar assim como vay, para o emendar- „ des, que deixá-lo ficar, attendendo ser mais acertado obedecer ao vosso „ preceito, que resistir a rogos taõ comedidos. Naõ sey de verdade se vos „ contentará este pequeno serviço; se naõ contentar, a culpa he vossa, que „ me obrigastes. Se vos parecer bem, mandar-vos hey os mais annos, que „ vou accrescentando. Guarde vos Deos Santissimo Pay, e a vosso santo „ (ainda que pobre) senado dos Fieis. Saudai primeiramente aos ministros, „ e ao Clero, que andaõ entre lobos como ovelhas mansas, e todas as horas „ estaõ sujeitas á crueldade dos Barbaros, soffrendo continuas injurias, e „ más palavras dos Mouros, cuja espada está sobre seus pescoços.

„ O santo velho Joaõ, Servo de Deos, Bispo de Toledo, vos manda „ muito saudar, e me ordenou soubesse de vós se vos fora dada huma carta „ sua sobre o Cyclo. Huma, e muitas vezes tenhais saude. Toledo 12. de „ Outubro de 981.

Luitprando Diacono.

Vida de S. GIRALDO *Arcebiſpo, e ſingular Patraõ de Braga, Religioſo Benedictino.*

1 ENtro a eſcrever temerario a vida, e virtudes do Glorioſo S. Giraldo, ſem embargo de ſe conhecer que careço de eſpirito para as comprehender, de termos para as manifeſtar, de frazes para as exprimir, de vozes para as publicar, e finalmente de penna, que dignamente eſcreva as heroicas acçoens de hum Santo taõ grande, que ja em vida era tratado com o honorifico titulo de S. Giraldo Arcebiſpo de Braga. Naſceo pois eſte Principe deſta Monarchia Eccleſiaſtica, para honra do famoſo Reyno de França, para luſtre da Benedictina Familia, para gloria de Braga, e para nova maravilha da Graça, na Cidade de Cahors, que fica na Provincia de Aquitania do Biſpado Carducenſe, a que chamaõ vulgarmente Biſpado de Cahors. Seus pays eraõ nobres, e ſervos de Deos, e como taes prometteraõ logo que cazaraõ dedicar-lhe o primeiro fructo que lhes deſſe, cuja palavra cumpriraõ, pois dando-lhes o meſmo Senhor por morgado a hum belliſſimo infante, lhe puzeraõ o nome de Giraldo, e deſde logo o foraõ encaminhando para Deos, que lhe anticipou a prudencia, e o diſcurſo para abominar o máo, e amar o bom, deſorte, que achavaõ ſeus pays no bendito menino ſuperflua a doutrina, que intentavaõ dar lhe, como quem ſabia que a bõa doutrina em a idade terna he á maneira de agoa lançada em huma liza taboa, que com o dedo a guiaõ aonde querem que corra.

2 Amavaõ-no os pays extremamente, naõ ſó por filho primogenito, ſenaõ tambem por nelle attenderem virtudes, e prudencia impropria dos ſeus tenros annos. O certo he, que a prudencia naõ eſtá vinculada aos annos, e que naõ chegaõ a ſer diſcretas as peſſoas pela prolixidade delles, pelas caãs ſerem ſinaes da idade, naõ indicios da prudencia. Rompeo em Giraldo a Graça os foros da natureza, pois teve em menino prudencia de anciaõ. A Jozé amava muito Jacob, e, ſegundo muitos dizem, o fazia pelo haver gerado na velhice; porèm S. Joaõ Chryſoſtomo expõem o texto maravilhozamente, dizendo, que Jacob amava a Jozé, naõ porque o gerou na velhici, ſim porque via que, ſendo elle menino, tinha prudencia, e virtudes de anciaõ. Theodoreto, e Toſtado aſſim o entenderaõ tambem, pois dizem que amava Jacob a Jozé, por nelle ver hum animo generoſo, huma innocencia ſocegada, huma indole taõ compoſta, e humas taes virtudes, que pronoſticavaõ as acçoens, que havia de vir a exercitar na idade provecta.

Foy virtuoſo deſde menino em cuja idade tomou o habito Benedictino.

3 Nos primeiros annos pois da ſua idade, entregaraõ a Deos os pays do noſſo Santo a prenda que mais amavaõ, como tinhaõ promettido, no Moſteiro Mouziaco, ſituado no dito Biſpado de Cahors, hum dos principaes que a Religiaõ Benedictina tinha no Reyno de França. Chriſto noſſo Senhor por S. Mattheus mandou a ſeus Diſcipulos, naõ impediſſem que lhe offereceſſem meninos, ſenaõ que os deixaſſem chegar a S. Mageſtade, porque delles era o Reyno dos Ceos. Depois chegou o mancebo a perguntar ao meſmo Senhor pelo que faria para ſer perfeito, e por lhe dizer Chriſto: *Que deixar o que poſſuia, e dá-lo de eſmóla*, ſe foy triſte, naõ ſeguindo ao Senhor. Do que infere o Glorioſo Patriarcha S. Bento, que os meninos, e meninas, que ſe criaõ nos Moſteiros, offerecidos por ſeus pays deſde a infancia, os admitte Deos a ſi com mais certeza, que áquelles, que pezaõ o que deixaõ, e lhes peza de deixá-lo, por cuja razaõ o meſmo Glorioſo Patriarcha trasladava deſde o berço aos ſeus Moſteiros aos meninos, como ſe prova de Placido, e de Amaro ſeus ſobrinhos, que de idade muito tenra os chamou para que ſe criaſſem com o leyte da Religiaõ.

Devem ſe offerecer a Deos os meninos de tenra idade.

4 Plantado

4 Plantado pela maõ de Deos na ſua Caſa, e fertilizado com o rego de favores, ſe vio brevemente taõ medrado em todo o genero de virtudes, que era, entre os humildes, o mais humilde; entre os pobres o de mais pobreza; entre os mortificados, o de mais mortificaçaõ; e entre os penitentes, o mais penitente. Entre os caſtos, taõ caſto, que, por eſpecial privilegio do Ceo, guardou a pureſa virginal. Finalmente nos primeiros annos de Religioſo foy a todos os mais de ſumma confuzaõ, e depois de grande aſſombro, por nelle verem hum legitimo filho do grande Patriacha S. Bento: pois vencida a carne, os ſentidos, e todos os vicios; quanto ſe manifeſtava em ſeus olhos, em ſeu habito, em ſeu andar, em ſuas acçoens, e em ſeus coſtumes era virtude. Applicou-ſe ás letras Divinas, e humanas, e como era de viviſſimo engenho, e de memoria feliz, ſahio em todas Varaõ conſummado. Com poucos annos de habito o fizeraõ ſeus Religioſos Viſitador Geral dos Moſteiros ſujeitos a Mouſiaco, Dignidade, ou occupaçaõ, que ſe naõ dava, ſenaõ aos Religioſos, em que campeavaõ igualmente os predicados de prudencia, ſabedoria, e virtude, e que elle acceitou obrigado da obediencia, e naõ de dezejo de governar, por eſte ſe naõ achar em almas que deveras ſe entregaõ ao ſerviço de Deos. Os ſerviços, que fez ao meſmo Senhor naquella occupaçaõ foraõ grandes, pois reformou a todos os Conventos com ſeu exemplo, e doutrina. O Moſteiro em que ſe demorou mais tempo foy o de Santa Maria Aurenſe, ou de Santa Maria Dourada, que eſtá no Biſpado de Toloza, por nelle achar mais reſiſtencia á ſua ſanta doutrina; porèm como elle havia bebido (ao que parece) por praticular graça de Deos todo o eſpirito do Samaritano Evangelico, ja com o vinho do rigor, ja com o azeite da piedade applicou aos ſubditos daquelle, e dos mais Conventos taõ opportuno, e efficaz remedio, que, naõ deixando ſem caſtigo aos que delle careciaõ, os caſtigava com tal brandura, que deixava aos réos naõ ſó emendados, ſenaõ agradecidos. Quando andava viſitando, e reformando os Conventos, ſahia tambem a procurar a reformaçaõ de todas as almas, por meyo dos Sermoens que fazia pelos povos, pelos quaes colheo muito fructo para Deos, que lhe deo eſpecial graça no dizer, grande fervor no propôr, e grande efficacia no perſuadir.

Das ſuas virtudes, e letras, e de como foy Viſitador Geral.

5 Logo que ElRey D. Affonſo VI. ganhou aos Mouros muitas terras, de que eſtavaõ de poſſe na Heſpanha, e a famoſa Cidade de Toledo, nomeou para Arcebiſpo della ao Abbade do Moſteyro de Sagahum Frey Bernardo, que por natural da Provincia de Aquitania, donde tambem era o noſſo S. Giraldo, por Monge Benedictino, e por finalmente ter cabal conhecimento das virtudes, e letras de S. Giraldo, o fez ſahir do Convento de Mouſiaco, e o levou para Chantre da ſua Sé de Toledo, como quem neceſſitava de hum homem taõ douto, e ſanto em huma Cidade taõ populoza, e que eſtava cheya de abuſos introduzidos pela aſſiſtencia, que actualmente os Mouros nella faziaõ. Juliano Perez, Arcipreſte na meſma Sé de Toledo, e contemporaneo do meſmo Santo, fallando delle no anno de 1098. da ſua Chronica, diz o ſeguinte: *Flores Toleti fama Sancti Gerardi, quem cum aliis rediens Roma de Gallis ſecum tulit Divus Bernardus Primás Hiſpaniarum; Fuit autem Gerardus Monachus Cluniacenſis, cantor primus Sanctæ Eccleſiæ Toletanæ, qui electus eſt Archiepiſcopus Bracharenſis, vivens, mortuusque clarus fuit multis miraculis, quem ego cognovi, & ſuaviſſima ejus conſuetudine, Sanctoque alloquio fui merui. Fuit vir procero corpore, vultu gravi, & modeſto, facie venerabili incana, & parum capite calvo, oculis ceſſis, vultu prolongato, & macillento, naſo aquilino, fuit eximius in dicendo, concionator fervens, alacer. &c.*

Fè lo o Arcebiſpo de Toledo Chantre da ſua Sè.

6 As innumeraveis virtudes, que exercitava o noſſo Giraldo na Sé de Toledo, eraõ taõ patentes a toda a Heſpanha, que muitas Cathedraes della o dezejavaõ para Prelado; porem ſó mereceo a dita de alcançá-lo a Metropo-

Elegem-no Arcebispo de Braga. litana de Braga, pois por fallecimento de D. Pedro, o Clero, e povo Bracharense o elegeraõ por seu successor, eleyçaõ de que tiveraõ especial gosto ElRey D. Affonso o VI., seu genro o Conde D. Henrique, Senhor deste Reyno, que se lhe havia dado em dote, e o Arcebispo de Toledo D. Bernardo. Consta tudo de hum livro, que se conserva no Archivo Primacial, que tem o titulo: *Liber Fidei*, o qual tratando da eleiçaõ de S. Giraldo, e da morte, ou ausencia de D. Pedro, conclue com estas palavras: *Post cujus decessum Clero, & populo voluntatibus, nec non & Archiepiscopo Toletano, & Rege Alfonso, Comiteque Enriquo simul concordantibus, Gerardus Venerabilis Monachus in Episcopum Pralatus est, atque canonicè praelectus in Bracharensi Cathedra solemniter est intromizatus.* Resistio o humildissimo Giraldo á eleiçaõ, que delle fizeraõ os Bracharenses para seu Prelado, porque aos que cria Deos, como a este Santo, para luz da Igreja, para exemplo dos Fieis, e para allivio dos fracos, lhes dá nobres izençoens, e conhecimento de que as Prelazias, as honras, os poderes, e as grandezas estaõ cheyas de innumeraveis perigos da salvaçaõ, e que elles se naõ achaõ em o estado humilde, na desdita, na perseguiçaõ, e na penalidade. O certo he, ó mortaes, que a alma verdadeiramente amante de Deos, mais quer que a persigaõ, e humilhem do que a honrem, e exaltem; porque sabe por experiencias certas, e infalliveis, que as perseguiçoens, e tribulaçoens humilhaõ; que as felicidades, e honras desvanecem; que os trabalhos fatigaõ ao corpo, e as ditas intibiaõ á alma; que as penas lastimaõ a natureza, e os gostos se atrevem a pelejar com a graça; que nas penas acha aproveitamento a alma, e nos gostos, perigo; que entre os gozos finalmente se entrega a alma ao mundo, e entre as afflicçoens se busca a Deos. Justamente pois resistia a acceitar a honra, e a carga de Prelado o nosso D. Giraldo, mas Deos, que lhe assistia, e a quem elle ternamente amava, quiz que levasse as honras, como as tribulaçoens; que penasse, onde tantos gozaõ; e quiz em fim pôr no Candeiario desta Metropolitana Igreja Bracharense hum Prelado taõ eminente em virtudes, e letras, inspirando-lhe acceitasse a eleyçaõ, e condescendesse com o gosto do povo Bracharense, de ElRey D. Affonso, do Conde D. Henrique, e do Arcebispo D. Bernardo, que approvou a tal eleyçaõ, naõ como Arcebispo de Toledo, sim como Legado da Sé Apostolica.

Resistio à eleyçaõ, e se falla do perigo das Prelazias, e honras.

7 Este glorioso Santo sempre foy bom, ajustado, e observante das mais solidas virtudes, mas no Pastoral officio descobrio manifestamente melhor o fundo dellas. Muitas saõ as qualidades, de que naõ deve carecer hum Prelado, mas tres saõ as mais forçosas, quaes saõ: o trabalho continuo, fortaleza, e sciencia, e estas sobre outras muitas teve o nosso Giraldo. He essencialissima a sciencia, mas para reduzir á pratica suas regras, he necessario animo, valor, e forças. Nada importa que hum saiba o que ha de fazer, se o naõ faz, ou porque naõ quer, ou porque naõ póde; em tal cazo, nada val a sabedoria, tudo he necessario. Naquellas bazes, que Salomaõ pôs no Templo, diz o sagrado Texto que fez esculpir leoens, boys, e Serafins: tres symbolos expressos de outras tres qualidades, que haõ de ter os superiores, que tomaõ a seus hombros o governo de outros. Trabalho perpetuo, significado pelo boy; fortaleza em o leaõ, e sabedoria em o Cherubim. O grande Orador Cicero diz, que os que governaõ devem ter estas virtudes: *Trabalho nos negocios, valor nos perigos, sabedoria, e industria no manejo, e trato.*

Vem com effeito para Arcebispo, e se falla das qualidades que devem ter os Prelados.

8 Estas virtudes praticou o nosso S. Giraldo, por nelle se achar, álem de outras muitas que dissemos, em summo grão, pois he indizivel o cuidado, desvélo, e trabalho, com que entrou a governar este vasto Arcebispado, que estava cheyo de infinitos abusos, e escandalos, introduzidos da assistencia dos Mouros, e dos Christaõs por elles pervertidos. Amava muito a Deos este vigilantissimo Prelado, e assim se lhe facilitavaõ todos os trabalhos, que lhe

lhe occasionavaõ as continuas visitas em que andava, por tirar das garras do demonio as ovelhas de que Deos o fez Pastor. Nem he possivel saberem os Prelados o que haõ de fazer, sem que primeiro amem: assim o diz S. Joaõ na sua Canonica: *Quem diz que tem allumiado o entendimento, naõ tendo affeiçoada a vontade, mente, e por mais que prezuma de luz, está em trevas.* Na Philosophia natural do mundo he regra certa, que sempre o entendimento há de ir diante, e que naõ póde chegar á vontade nenhuma cousa, que primeiro se naõ haja registado na sua aduana; mas em a sobrenatural que Deos nos ensina, tudo passa ao contrario; primeiro he o amar, que o saber, sempre prevenidos de sua graça, allumiados da Fé. Primeiro pois chegou a vontade deste illustre Prelado a Deos por amor, e caridade, e logo allumiou a bondade do mesmo Deos, para que accertasse no governo da sua Prelazia; desorte que todos seus subditos o amavaõ como a pay, lhe obedeciaõ como a Prelado, e respeitavaõ como a Santo, tratando-o por tal, por verem que era leaõ na fortaleza, com que procurava defender, e conservar a Catholica Religiaõ, e com que procurava conservar a immunidade Ecclesiastica; similhante ao boy em o continuo trabalho, que tinha por esse respeito; e ao Cherubim em a grande sabedoria com que governava, e administrava justiça aos grandes, e aos pequenos, sem excepçaõ de pessoa. Ora vejaõ a melhor prova.

Notem.

9 Teve noticia que hum homem, illustre no sangue, era taõ vil, e mecanico no procedimento, que andava publica, e escandalozamente amigado com huma sua parenta. Procurou reduzi-lo a melhor vida por meyo de muitas, e suavissimas admoestaçoens; porèm com taõ pouco fructo, que cada vez affectava mais o seu máo viver, fiado talvez no valimento que tinha com o Conde D. Henrique pay do primeiro Rey de Portugal, e por entender que assim se vingava do Servo de Deos, que tanto lhe zelava a sua salvaçaõ. Muito arriscada trazem esta os homens poderosos, pela connexaõ que tem o poder com a violencia, pois naõ obraõ com respeito á razaõ, naõ guardaõ ao temor os foros, naõ attendem ao seu decoro, e á salvaçaõ de suas almas, mayormente quando se ajunta ao poder huma cega, e desordenada paixaõ. He o poder espada de dous fios, que corta quanto quer. Vio-se em David, naõ só em a violencia de Bersabé, vencido da sensualidade, naõ só em a tyrannia, que usou com Urias, em que o empenhou o primeiro erro, senaõ, o que he mais admiravel, em a murmuraçaõ do povo sendo tanto contra razaõ, contra o parecer dos Principes, e Cabos da Milicia só porque estava empenhado em querer, fez huma cousa contra si, e contra o seu Reyno, que a pagou com mortes de tantos, porque se ajuntou a hum querer desordenado hum querer supremo. Com o poder pois que tinha D. Egas com o Conde D. Henrique, Senhor desta Monarchia Portugueza, foy continuando em fazer pouco caso das admoestaçoens do Santo Prelado, e por accrescentar os absurdos, a que o incitava a sua cega paixaõ, nenhum veyo a fazer das excõmunhoens, que lhe impôs o zelosissimo Pastor.

Valor com que castigava aos peccadores publicos &c.

10 Neste tempo convidou o Conde D. Henrique a S. Giraldo para que lhe dissesse Missa de Pontifical em huma festa, que fazia na Villa de Guimaraens, onde tinha o principal Palacio. Estando o Santo Prelado ja revestido, vio a D. Egas Paez junto ao Conde, e disse com liberdade Christaã: *Lançem fóra da Igreja a Egas Paez, porque he peccador publico, e por tal está evitado da Igreja como membro podre, e se assim o naõ fizerem nem proseguirey com o sacrificio, nem vós ouvireis Missa.* Soffreo D. Egas taõ mal o dito, que confiado no valimento do Principe, se atreveo a maltratar o Santo, vomitando mais peçonha pela boca, do que lançaria de si huma vibora pizada. Finalmente foy tal a colera, e paixaõ, de que se deixou vencer, que intentou affrontá-lo com as maõs, e certamente o faria, se o naõ atalhara a bondade de Deos, que attendendo pela honra do seu Servo, mandou a hum demonio,

Manda lançar fóra da Igreja a Egas Paez, e deste se apossa o demonio &c.

monio, que se apossasse do corpo do sacrilego Egas, o que fez o inimigo universal de nossas almas, atormentando-lhe o corpo, prezente todo o povo, o qual o lançou fóra da Igreja, para que dissesse o Santo Arcebispo a Missa como disse, sem alguma alteraçaõ.

Lança o demonio fóra a Egas Paez depois deste o injuriar.

11 Acabada a Missa o illustre Conde D. Henrique, e sua mulher a Rainha D. Tareja, e os Fidalgos que seguiaõ a Corte destes Principes, rogaraõ humildemente ao Santo, para que pedisse a Deos por aquelle peccador: e como os Santos dezejaõ occasioens de merecerem, e de offerecerem a Deos injurias, logo se prostrou de joelhos diante do Altar do Diviniffimo Sacramento, onde depois de offerecer a este Senhor os aggravos, que havia recebido, lhe supplicou o perdaõ, que D. Egas alcançou com saude no corpo, e na alma; pois cahindo no seu erro, e arrependido do seu dezatino, e da sua grande contumacia, se lançou aos pés do seu bemfeitor, nos quaes protestou emendar a vida, e mereceo pelas lagrimas do arrependimento ter huma venturoza morte, que adquirio com obras santas, e piedosas, que depois fez, qual a da fundaçaõ do Convento dos Monges Bentos de Santo André de Rendufe, cousa de huma legoa desta Cidade de Braga. Verificou-se neste zelosissimo Prelado o que assegura o Espirito Santo aos Prelados superiores: *Que pelejem por fazer justiça, e o Senhor lhes renderá os contrarios. Prov.* 14. 21. *Eccl.* 4. Naõ póde faltar a palavra Divina, os Ceos, e a terra sim. Justiça ha sempre na terra, mas naõ para os poderosos, e por isso nada se reforma; porèm, naõ queria praticar o estylo cõmum este zeloso Prelado, pois pelas mayores cabeças queria entrar com a reformaçaõ de todos os mais subditos: assim o faz tambem o discreto medico, que á fonte, e origem da enfermidade applica a medicina. Os Prophetas, que habitavaõ em Jericó, deraõ conta a Eliseu seu Prelado, de como as agoas daquella Cidade eraõ amargas, e malissimas, e que sendo a terra por sua natureza fecunda, e pingue, pelo accidente das agoas era esteril; e como no mesmo tempo lhe rogaraõ remediasse aquelle inconveniente, fez o Propheta Eliseu ir á sua presença hum vaso novo de agoa, e depois de nelle lançar sal, foy á fonte, e lançando-o nella tambem ficaraõ dalli em diante doces, e saudaveis as agoas; no que nos quiz ensinar Eliseu, que nas fontes se haõ de remediar os males. Para Redemptor do seu povo elegeo Deos a Gedeaõ, o qual, para extirpar a idolatria, o primeiro que fez foy matar hum touro que tinha seu pay, e derrubar a Ara que servia á idolatria; porque sabia muito bem, que para desarreigar o vicio havia de começar pela cabeça, sem guardar respeitos humanos, como fez este zelosissimo Prelado, expondo-se a perigos, e a injurias de homens soberbos, e insolentes que viviaõ nesta Provincia, e se tinhaõ assenhoreado dos bens que pertenciaõ á Mesa Arcebispal, e os naõ queriaõ largar á mesma Mesa, de quem os tinhaõ usurpado, como pessoas qualificadas, e das principaes que o Reyno entaõ tinha. De tudo foy dar conta ao Papa Pascoal II., que por ser tambem Monge da Congregaçaõ Cluniacense, e por ter noticias da sua solida virtude, o recebeo com benignidade grande, e honrou com especiaes favores, entre os quaes foy hum o de dar lhe o Pallio com a honra da antiga Primazia, e jursidiçaõ dos Bispos que lhe eraõ suffraganeos, quaes o de Astorga, de Lugo, de Mondonhedo, de Orense, de Tuy, de Lamego, de Coimbra, do Porto, e de Vizeu, os quaes lhe naõ queriaõ obedecer. O mesmo Papa escreveo huma carta ao Conde D. Henrique encommendando-lhe que tratasse com toda a reverencia, e veneraçaõ a seu irmaõ Giraldo, e que lhe desse toda a ajuda para recuperar os bens da Igreja, cuja carta se acha no Archivo desta Sé Primaz, no livro *Fidei*, e diz: *Commonemus etiam. Ut ipsum fratrem nostrum Gerardum veneratione debita complectaris, atque ad recuperanda ipsius Ecclesiæ bona devotus adjutor existas.*

Notem como devem principiar os castigos pela cabeça &c.

4. Reg. 2.

Vay a Roma onde recebe o Pallio, e a honra de Metropolitano de nove Bispados.

Volta de Roma, e assiste a hum Cõcilio em Placencia &c.

12 Vindo de Roma com os Breves, os apresentou no Concilio, que se estava celebrando na Cidade de Placencia de Hespanha, á instancia do Cardeal

Cardeal Ricardo, Bispo de Albalonga, Legado da Sé Apostolica, o qual ordenou por Decreto do mesmo Concilio, que todos os Bispos, que d'antes eraõ suffraganeos, e sujeitos á Metropoli de Braga, o reconhecessem por seu Metropolitano. Todos os Bispos lhe prometteraõ alli mesmo obediencia, excepto D. Gonsalo Bispo de Mondonhedo, que naõ se achava no Concilio, o qual resistio tanto a tributar-lhe sujeiçaõ, que foy precizo escrever-lhe o Papa Pascoal, a reprehendê-lo, e a mandar-lhe restituisse ao Arcebispo D. Giraldo a Igreja de S. Martinho de Dume, que lhe tinha preoccupada, e naõ lhe queria restituir. O mesmo Papa escreveo ao Bispo de Astorga mandando-lhe que restituisse ao Santo Arcebispo tres Igrejas, que lhe tinha occupado. Pelo tempo adiante tiraraõ os Bispados suffraganeos de Galliza a esta Diocese Bracharense, e se sujeitaraõ ao Bispado de S. Thiago, que levantou a Metropolitano a Santidade do Papa Calisto II., e segundo o que mostrou com evidencia provado D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Braga no tratado da Primazia della, os Bispos das Igrejas suffraganeas ao Arcebispo de S. Thiago, pediaõ a Confirmaçaõ das suas eleyçoens, e davaõ obediencia ao Metropolitano de Braga na fórma seguinte: *Eu fulano, que agora sou ordenado Bispo da Igreja de tal parte, prometto a sujeiçaõ, e reverencia ordenada pelos Santos Padres, conforme o tem decretado os Canones, á Igreja de Braga, e seus Prelados em prezença do Senhor Arcebispo fulano, ao qual me sujeito para sempre, e isto confirmo pondo as maõs sobre o Altar.*

Manda-lhe o Papa Pascoal restituir algumas Igrejas.

De como davaõ obediencia aos Metropolitanos de Braga os seus suffraganeos.

13 Era tal a norma de vida do nosso S. Giraldo, e taõ grandes as mercês, que Deos fazia pelas suas oraçoens, que era celebrado seu nome, naõ por de D. Giraldo Arcebispo, sim pelo do Arcebispo S. Giraldo, assim o attestaõ os escritores da sua vida, como tambem de como se encommendavaõ muitas pessoas nas suas oraçoẽs, e pediaõ a Deos mercês pelos seus merecimentos. Sirva para prova do que dizemos o seguinte cazo. No Castello de Lanhozo (em distancia desta Cidade duas legoas, bem conhecido no tempo prezente, por junto a elle se dedicar hum magnifico Templo á Imperatriz do Ceo, e da Terra com a invocaçaõ do Pilar, e pelos devotissimos passos da Payxaõ de seu Filho, e Redemptor nosso, que no mesmo sitio se adoraõ pelos Fieis que alli concorrem compungidos, e devotos) morava hum homem poderoso pelas riquezas, que tinha adquirido no serviço, e Casa do illustre Conde D. Henrique, a quem chamavaõ Ordonho. Este se namorou de huma donzella chamada *Toda*, por nella achar os predicados, que geralmente querem os homens nas mulheres que pertendem para esposas, quaes o de formosa, rica, nobre, e de claro procedimento; porèm como Toda fazia pouco cazo das suas riquezas, assim pela naõ igualar na nobreza do sangue, como por naõ querer sujeitar o seu alvedrio a hum homem soberbo, e insolente, o desenganou da pertençaõ que tinha de alcançá la por esposa. Com este desengano se estimulou desorte, que quiz levar por força, o que naõ podia por vontade.

Invocaõ no por Santo em vida

Notem o como se livrou huma certa donzella de hum homem sensual.

14 Entrou em casa da donzella o insolente Ordonho, e tirando-a della violentamente, a pôs da sua maõ, com o designio de grangear lhe a vontade com promessas, offerecimentos, galantarias, e submissoens, mas nada foy bastante para vencer a fortaleza de sua firme vontade, porque a defendia a graça Celestial. Encõmendou-se sim a Deos, e pedindo-lhe a soccorresse pelos merecimentos do seu Servo S. Giraldo, o Senhor lhe inspirou que trocasse o vestido com huma criada sua, e que sahisse da casa, onde a tinha Ordonho, no traje da tal criada como a buscar agoa com hum cantaro á cabeça; e tudo assim executou com taõ bõa fortuna, que naõ foy presentida de Ordonho, o qual vindo no mesmo tempo no conhecimento da troca, depois de deixar á criada por morta, mandou com muita pressa varias pessoas no seguimento da casta fugitiva. Bem vio esta a gente que a procurava, e no meyo da afflicçaõ de ser achada na brenha em que se mettera, clamava interi-

interiormente por S. Giraldo que lhe valesse, como que o tivera presente, ou o considerasse ja no Ceo; e o milagre foy evidentissimo, por quanto os homens andaraõ por onde ella estava, e como se fossem cegos a naõ viraõ.

15 Passados tres dias, que esteve embrenhada, sahio sem ser conhecida de alguem, e procurou ao Santo Arcebispo, a quem contou o como escapara das maõs daquelle atrevido homem, e dos seus confidentes pelos seus merecimentos: o Santo a consolou com santissimas palavras, e a dirigio para o caminho do Ceo o tempo que viveo nesta Cidade debaixo da sua protecçaõ Ella em reconhecimento do favor, que do Ceo recebeo, foy á Sé della, e no Altar mayor offereceo á Rainha dos Anjos sua Padroeira ricas joyas, e lhe fez doaçaõ de algumas herdades. O mal criado, e malevolo Ordonho, vendo que S. Giraldo protegia á casta Toda, e entendendo que elle era cauza de naõ effectuar o cazamento, que intentava, naõ cessava de blasfemar, e de perseguir, no modo que lhe era possivel, ao Bendito Prelado. Indo pois este ao Castello, que elle governava, tanto naõ sahio a recebê-lo, como era obrigado, que do alto de huma torre o deshonrou de palavras, dizendo-lhe com boca sacrilega as injurias, e affrontas, que podia inventar hum homem rico, soberbo, e favorecido do Senhor do Reyno, qual era o Conde D. Henrique. Tudo soffreo o nosso Arcebispo com paciencia de Santo, offerecendo a Deos aquellas injurias, que aquelle máo homem lhe fez, o qual parece cuidou em despicar a seu Servo, pois dalli a poucos dias exhalou a vida naquelle mesmo sitio violentamente ás maõs de huns inimigos, que tinha.

Injuria o sensual a S. Giraldo, e se falla do soffrimento das injurias.

16 Em naõ responder este Pontifice Bracharense palavra quando o maldizia aquelle sacrilego; imitava ao Pontifice Supremo S. Pedro, que o mesmo fazia. Christo Redemptor nosso nos ensinou esta Doutrina, e foy o primeiro que a praticou. Quem se despica de huma offensa, naõ tem nobre sangue. Os animos generosos desprezaõ as injurias. As que fez Ordonho ao nosso Santo, soffreo, e dissimulou. Da Esposa ponderava o Glorioso S. Bernardo que a infamaraõ de negra, e que calara a injuria, naõ voltando má palavra; mas antes fallando cortez, e comedida. Por Filhas de Jerusalem trata a quem a infama, merecendo por sua culpa as tratasse por filhas de Babylonia. Finalmente com huma aguda comparaçaõ nos persuade o Grande Chrysostomo ao soffrimento. As portas do coraçaõ [diz elle] saõ as bocas, a tua, e a do contrario saõ duas portas; responder a huma injuria com huma má palavra, he abrir huma, e outra porta, para que corra o ar; se se cerrou huma, faltou a correspondencia, e a tempestade se apazigua. Calava S. Giraldo, e se aquietava a borrasca, immudecia, e cessava a tormenta. Horrorosa he a tempestade; as arvores grunhem, e se despedaçaõ á violencia do vento; em agoa se resolvem as nuvens, despenhaõ-se do monte os arroyos, inundaõ-se os valles, e fertiliza a terra. Colhem-se do soffrimento muitos fructos. O seguinte milagre sirva tambem de prova de como S. Giraldo era tratado por Santo, e de como em vida se valiaõ delle, pedindo-lhe, o que só se pede aos Bemaventurados, que gozaõ a Beatifica Vizaõ. Vindo em huma occasiaõ de visitar, chegou ao Rio Cadavo, (que fica em huma legoa de distancia desta Cidade, e o mais perigoso que se conhece por estas partes) ao mesmo tempo que hum barco cheyo de passageiros hia precipitado das arrebatadas correntes, e sem guia alguma, pelo barqueiro se lançar a ellas, por escapar com vida no imminente perigo que considerava. Valeraõ-se os miseraveis passageiros do Santo Prelado, pedindo-lhe com doloridas vozes que lhes valesse naquella afflicçaõ. Compadecido delles, pôs os olhos no Ceo, pedindo o remedio para aquelles miseraveis; e no mesmo tempo se vio retroceder o barco, que hia descahindo, e precipitado, e que tomando o caminho direito sem guia alguma, chegara ao sitio costumado do desembarque da tal passagem.

Livraõ-se huns passageiros de naufragar por se valerem dos seus merecimẽtos.

17 Costumavaõ-se repicar os sinos por invisiveis maõs em certas fun-

çoens,

çoens, que o Santo hia fazer á sua Sé, e como faltasse o costumado prodigio, entendendo que Deos estava irado contra elle, recorreo a humas cadêas, que tinha, e que costumava trazer cingidas na carne de dia, e com que se açoutava todas as noites, e lhe pôs hum cadeado, e fechando o com huma chave, mandou lançar esta no rio Leste, ou Aleste, que fica em pouca distancia desta Cidade, e era naquelle tempo mais caudaloso do que hoje he, assentando comsigo que naõ tiraria o cilicio, senaõ depois de ter cabal certeza, de que Deos estava seu amigo. Compadecida a bondade do mesmo Deos do tormento que lhe occasionava a apertada cadêa, e tambem por mostrar o quanto estimava aquella acçaõ, determinou que hum peixe engollisse a tal chave; e que fosse entre outros para a cozinha do Santo Prelado, onde a achou o cozinheiro, que por divulgar o achado o levaraõ á maõ do Santo Prelado, que com razaõ se persuadio a que ja estava Deos bem com elle, e logo tirou as cadêas, com as quaes foy continuando em açoutar-se todas as noites até o ultimo dia da sua vida, cujas cadêas se tem em grande veneraçaõ, como adiante diremos. Como os principaes Authores, de que nos aproveitamos, naõ contaõ o prodigio do repique dos sinos, e só alguns o trazem por tradiçaõ, poderia naõ ser o motivo de lançar a chave ao rio a tal falta, e sim outro muito differente, e nem he justo se assevere por certo, o que se naõ acha bem authenticado, nem deixar de escrever hum prodigio taõ grande, ainda que por tradiçaõ, pois he a tradiçaõ huma noticia certa das cousas passadas, que se cõmunicaõ por relaçaõ de pays a filhos, e dos velhos aos moços, e desta sorte se vay conservando huma escritura largos seculos na memoria dos homens. O certo he, que tem a tradiçaõ tanta authoridade como a mesma historia, e desorte, que chegou a dizer Roberto Guaguino na vida de Santo Hilario Bispo, que mais credito dava aos milagres daquelle Santo, que se conservavaõ na memoria dos homens, que aos escritos, porque estes os podia diminuir o odio, ou accrescentar o amor; porèm que os que por tradiçaõ se sabiaõ, a sua mesma verdade os sustenta em pé.

Notem hum raro prodigio.

18 Era o Santo Arcebispo incansavel nas visitas deste Arcebispado, e delle lhe naõ ficou monte, que naõ subisse, nem valle, que naõ descesse, sendo naquelle tempo este Arcebispado mais dilatado do que hoje he, pois comprehendia as terras, que agora saõ do Bispado de Miranda, as quaes se desmembraraõ do mesmo Arcebispado, no tempo de ElRey D. Joaõ o III. Faltando-lhe por visitar as montanhas de Barrozo, pôs-se a caminho (sem mais carruagem, que a do seu bordaõ, e sem mais familia, que a que lhe era preciza para a assistencia da Crisma, e dos mais officios Pastoraes) porque naõ queria este bom Pastor, que a rude gente daquellas asperezas ficasse sem a consolaçaõ da sua presença, e sem o bem da sua doutrina. Porèm como gastava a mayor parte do dia no pulpito, no confessionario, e na averiguaçaõ do bem, ou do mal que viviaõ as suas ovelhas, e as noites em continuas vigilias, em perennes, e fervorosas oraçoens, se prostrou, e enfraqueceo desorte, que julgou era chegado o fim da sua peregrinaçaõ. Vendo que naõ podia ir á Igreja do lugar de Bornes, por se lhe descobrir huma aguda febre, mandou a seus familiares que a ella o levassem, por querer sem duvida acabar entre os cheiros do Templo, para renascer feniz na Bemaventurança. Levaraõ no com effeito a sua familia, e as mais pessoas que se achavaõ na sua companhia á porta da sobredita Igreja; aonde assistio aos Divinos Officios, e onde recebeo todos os Sacramentos com indizivel devoçaõ, e com o mayor jubilo de sua alma. Vendo-o sua familia assim disposto, e que se preparava para morrer, começou a exclamar, dizendo: *Pay santissimo, naõ deixeis neste desterto aos filhos que doutrinastes*, e elle a todos consolava com as entranhas de pay, e caridade de Santo, dizendo-lhes, que naõ deviaõ chorar a sua partida, quando com ella alcançaria pelos merecimen-

Andando visitando por Barrozo, adoeceo no lugar de Bornes.

Recebe os Diviníssimos Sacramẽtos na Igreja &c., e o tenta o demonio na hora da morte.

tos de Christo o premio de seus trabalhos.

19 Muito devemos temer os mortaes aquelle ultimo instante da vida, pois nella costumaõ accômetter os demonios com mayor força que nunca, naõ só aos que a passaraõ mal, senaõ aos que a gastaraõ bem. Bõa, e santissima foy sempre a vida do nosso Giraldo, e nem por isso foy izento dos combates dos malignos espiritos, pois estando nas estancias da morte, dizia repetidas vezes em altas vozes: *Aparta-te daqui maldito, e condenado, reconhece a sentença, que contra ti foy dada; naõ cuides que com inveja me has de tirar, o que ja me está concedido no Ceo por misericordia de Deos.* No tempo em que o Santo Arcebispo estava dispondo-se para a morte, revelou a Magestade eterna a hum Sacerdote de vida santissima seu Capellaõ a sua eterna felicidade, em hum accidente, ou arrobamento de sentidos, no qual se lhe mostrou huma grande multidaõ de Angelicos espiritos, e que huns, que na maõ tinhaõ huma formosissima coroa, lhe diziaõ: *Ves, esta he a coroa com que á manhaã ha de ser coroado teu Senhor por nossas maõs. Damoste mostras della, porque como has de viver, e tornar em ti, consoles os filhos desse Santo Prelado, e os convides, e exhortes, quanto em ti fôr, a imitá-lo, e servi-lo para que depois de mortos, mereçaõ gozar com elle a Gloria, que ha de ter para sempre.* Voltou o Sacerdote a si, e contando a vizaõ, e assinalando a hora em que havia de partir deste mundo o Santo Prelado, mitigaraõ todos a tristeza que lhes occasionava a sua falta, na consideraçaõ de que teriaõ brevemente no Ceo hum pay, que melhor os favoreceria, e ampararia delle

Revela Deos a sua gloria a hum seu Capellaõ.

20 No dia seguinte pedio, e recebeo os Divinissimos Sacramentos com fervor, fé, e humildade de Santo. Logo chamou a toda a sua familia, e ao mais povo que presente estava, e depois de abraçar, e beijar á mayor parte dos assistentes, lhes pôs por obediencia que naõ chorassem a sua morte, e fez huma practica aos Sacerdotes, a qual rematou com estas palavras: *Filhos, e Irmaõs, da parte de Deos vos amoesto, que vos guardeis de todo o peccado, especialmente do sensual, e conservai honestidade de modo, que seja Deos em vós louvado, e o povo edificado; e naõ só da obra da carne vos livrai muito, senaõ tambem dos trajes deshonestos.* Acabada esta, e outras santissimas practicas, lançou a bençaõ ao povo, que de muitas partes concorreo para a receberem, e assistirem a taõ santa morte, e imaginando todos que della escapava pelo bom ar, e alegre semblante com que estava, o Servo de Deos os tirou de toda a duvida, dizendo que lhe fizessem huma cama de cinza, porque nella queria espirar, segundo o costume daquelle tempo. Nella se pôs de joelhos, e com as maõs levantadas ao Ceo, cantou os Psalmos penitenciaes, e outras devotas oraçoens, entre as quaes enviou a Deos o seu incontaminado espirito aos 5. de Dezembro de 1109. A força da dor, e a consideraçaõ da falta de hum Prelado taõ santo naõ deo lugar aos que presentes estavaõ para cumprirem com o que havia mandado por obediencia, sobre o naõ chorarem a sua falta, pois foraõ grandes os alaridos, e as confuzoens com que todos a lamentaraõ.

Do que encommendou aos Sacerdotes na hora da morte.

Fallece entoando Psalmos.

21 Acreditou a Divina bondade de Deos as suas grandes virtudes com muitas maravilhas, das quaes contaremos algumas. Assim como espirou, se encheo a casa em que estava de taõ odorifero cheiro, que fazia duvidar a todos os prezentes se tinhaõ subido á Gloria, ou se esta se abbreviara naquella casa. D. Bernardo Religioso Benedictino, que havia trazido por seu companheiro de França, e a quem tinha feito Arcediago de Braga, se achou á sua morte, e por saber era vontade do Santo, metteo o veneravel cadaver em huma tumba com os cilicios, cadêas, e outros instrumentos de penitencia, de que usava. Mandou a pôr em huma mula, com a qual sahio do lugar de Bornes na companhia da familia do mesmo Santo, e de muita gente sua devota. Chegaraõ todos ao rio Tamega, e como a gente era muita,

Enche se a casa em que fallece de odorifero cheiro, e vem o corpo para Braga, e pára o Rio em quanto elle passou.

ta, e naõ podia passar sem muito trabalho em hum pequeno barco, que nelle havia, de repente parou aquelle irreprimivel elemento com as suas correntes desorte, que passaraõ todos a pé enxuto. Espectaculo certamente notavel! Favor singular, e prodigio estupendo, com que Deos quiz acabar de manifestar ao mundo os merecimentos de S. Giraldo! Aqui se renovou o milagre do Mar Roxo, e do Rio Jordaõ, quando por elles passou a Arca do Testamento, e os filhos de Israel que a hiaõ seguindo, conforme aquelle espanto de David: *Quid est tibi, mare, quod fugisti, & tu Jordanis quia conversus es retrorsum*: E com o mesmo se póde perguntar: *Quid est tibi, Tamaga, quod fugisti &c.*

22 No mesmo tempo em que passava o santo cadaver com o mais povo aquelle rio a pé enxuto, se foy a pique o barco delle com dous moços, que sahiraõ a terra sem perigo algum, por invocarem nelle o nome do santo cadaver, que vieraõ conduzindo para Braga, a qual se despovoou para ir esperar ao caminho o santo deposito, junto do qual renovaraõ as lagrimas, duplicaraõ os soluços, e lamentaraõ taõ grande perda os grandes, e os pequenos, os ricos, e os pobres, porque era igualmente amado de todos, por serem todos delle ternissimamente amados. Levaraõ para a Sé o santo cadaver, na qual lhe fez o seu Cabido humas solemnes exequias, e depois o depositou em hum tumulo de pedra fina, que milagrosamente havia vindo do Convento de Tibaens para a Capella de S. Nicoláo, que o mesmo Servo de Deos havia mandado fazer, assim por obsequio a este Glorioso Bispo, como por nella se enterrar, cuja Capella veyo a perder o nome que tinha, porque hoje se naõ denomina senaõ pela Capella de S. Giraldo. Diz Juliano, Arcipreste da santa Sé de Toledo, que assim como D. Bernardo, Arcebispo da mesma Sé, e Legado à Latere de Sua Santidade, teve noticia da morte de seu grande amigo, logo o começara a festejar como a Santo, e lhe fizera hum Sermaõ em seu louvor, que o mesmo Juliano ouvira, no qual tomara por Thema o verso de David: *Mirabilis Deus in Sanctis suis.* O mesmo Juliano diz, fallando delle no anno de 1098., que tivera por particular mercê de Deos o gozar da sua santa conversaçaõ.

Livraõ dous moços de naufragar pela sua intercessaõ.

Assim como falleceo o festejou como a Santo o Arcebispo de Toledo.

23 Foy o Santo continuando em fazer prodigios no seu tumulo, e havendo noticia de que foraõ innumeraveis, se naõ declaraõ as suas circunstancias, pela falta de curiosidade, que houve de escrevê los. A piedade Christaã abrio hum buraco no caixaõ deste Glorioso Santo, por onde os devotos inquietavaõ as santas Reliquias, e mettiaõ contas, e medalhas; e tendo noticia do tal buraco o Illustrissimo Arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, muito devoto do Santo, quiz tambem ter prenda sua. Preparou se pois para a tirar pelo mesmo buraço com jejuns, vigilias, e oraçoens; porém naõ teve effeito a sua devoçaõ, por quanto achou milagrosamente o buraco tapado, com grande pasmo, e admiraçaõ das muitas pessoas que entaõ viviaõ, e que tinhaõ visto o tal buraco. Confuzo, humilhado, e mais devoto do Santo, que assim quiz castigar a sua ousadia, ou a sua devota curiosidade, lhe mandou dourar a sua Capella, e deixou renda para que diante do Santo ardesse perpetuamente huma alampada.

Notem o que succedeo ao Arcebispo D. Agostinho de Castro, querendo tirar huma Reliquia sua.

24 O Senhor D. Fernando da Guerra Arcebispo de Braga, como summamente devoto deste Santo, fez collocar o seu sagrado corpo sobre duas columnas curiosas, e custosas, e assegurou em dous caixilhos com suas grades as cadêas de ferro, de que o Santo usava, e de que fizemos ja mençaõ, e parte dellas se veneraõ á imitaçaõ das de S. Pedro em Roma; e como a thesouro mais estimavel que todos os collares de ouro, e diamantes, que o mundo tanto preza, vio se precizado o Senhor Arcebispo a segurar as taes Reliquias desta sorte, para evitar o serem limadas pelos devotos do Santo, que a elle recorriaõ supplicando-lhe remedio em muitas necessidades; e sendo muitas as pessoas que o achavaõ presentaneo na sua intercessaõ, se singulari

Colloca o Arcebispo D. Fernando as suas Reliquias, e cadêas.

gularizavaõ as mulheres de parto. Assim como na populosa, e alta Roma se instituio particular festa á honra das Cadêas do Supremo Pontifice S. Pedro, assim se pudera instituir outra em Braga á honra das cadêas do seu Pontifice, e Patrono S. Giraldo; porque se aquellas saõ fontes de curas, e remedio de nossos males: *Catenas has curationum fontem illas reddi disci &c.* O mesmo podemos dizer das cadêas de S. Giraldo, porque supposto humas, e outras sejaõ de ferro, como diz Methafrastes, estaõ cheyas da Divina Graça, e Omnipotencia de Deos para obrarem maravilhas: *Licet sint natura ferrea, divina tamen gratia, & potentia plena sunt, ex quibus miracula a buna escaturiunt.* E se as cadêas de S. Pedro só por lhe tocarem, e prenderem as maõs, ficaraõ instrumento de milagres, participando dellas a virtude para os obrar; as do nosso S. Giraldo, que lhe cingiaõ todo o corpo, todos os males do corpo humano pódem remediar tocando-se com fé viva, e devoçaõ. Finalmente, se a Igreja Romana se póde jactar de rica, por ter nas Cadêas de S. Pedro hum precioso thesouro; a Igreja Bracharense se póde gloriar de esposa formosa, e bem ornada com as cadêas de S. Giraldo, tendo-as por hum collar de ouro de grande preço, e valor.

Metaphr. Ser. Pet. ad vincula.

25 O mesmo Senhor Arcebispo, que teve a devoçaõ de collocar o santo corpo, e as cadêas de S. Giraldo, a teve tambem de se mandar sepultar aos pés das columnas em huma sepultura entaõ levantada, e hoje raza, com o letreiro seguinte: *Aqui jaz o mui nobre Senhor D. Fernando, Arcebispo de Braga, bisneto de ElRey D. Pedro. Finou-se a 23. de Settembro de 1467.* Parecendo ao Excellentissimo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, que ainda naõ estavaõ taõ sagradas Reliquias com a veneraçaõ a ellas devida, as fez trasladar no mesmo tumulo de pedra em que estavaõ para a Capella do Angelico Doutor Santo Thomaz (que existe nos Claustros da Sé) aos 3. de Janeiro de 1707., onde estiveraõ até 16. de Dezembro de 1712., dia em que tornaraõ a ser trasladadas solemnemente para a mesma Capella em que hoje estaõ, a qual o mesmo Prelado mandou reedificar, e fazer de novo com a grandeza que a todos he notorio, naõ só pela grande devoçaõ, que tambem tinha ao Santo Arcebispo, senaõ tambem por ter determinado o sepultar-se nella, como com effeito fez, deixando legados, e rendas para a sua fabrica, como dizemos na sua vida na 4. parte desta Obra.

Manda-se sepultar D. Fernando junto ao Santo, e o traslada o Arcebispo D. Rodrigo novamente.

26 De tempo immemorial se festeja este Glorioso Santo nesta Cidade de Braga no seu dia, no qual concorre toda ella á porfia a beber agoa por hum pequeno caliz de prata, que se conserva em muita veneraçaõ, pela certeza que ha de que era o proprio com que celebrava o incruento sacrificio da Missa. A armaçaõ, com que sempre se armou, e arma actualmente, a Capella, em que está o seu sagrado corpo, e huma imagem sua, que está contigua á Sé, junto a huma fonte subterranea, que dizem ser obra sua, saõ uvas, maçaãs, peras, laranjas, limoens, cidras, e toda a mais variedade de fructas, que póde excogitar a diligencia dos Mordomos da sua Confraria, e parece fazem ao Santo este raro obsequio como a intercessor para com Deos da sua creaçaõ, e tambem pela tradiçaõ que ha de que o mesmo Senhor fizera reverdecer, e dar amoras huma amoreira no mez de Dezembro, para consolar a este seu mimoso Servo, que as appeteceo estando visinho á morte no sobredito lugar de Bornes, onde se conserva com effeito o velho tronco da tal amoreira em tal veneraçaõ, que delle tiraõ os devotos do Santo bocadinhos de páo, que guardaõ como se foraõ reliquias santas, por meyo das quaes alcançaõ algumas mercês de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

O Venera-

O Veneravel D. GODINHO *Arcebispo de Braga, Conego Regrante de Santo Agostinho, natural de Barcellos.*

NAsceo em Barcellos, Villa antiga, e nobre deste Arcebispado de Braga. Chamavaõ-se seus pays Joaõ de Faria, e Anna Godinha, filha de Godinho Pays de Villar, hum dos Padroeiros do Salvador de Villar do Frades, Convento de Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista, que fica entre Braga, e Barcellos.

1 Seus pays, que eraõ nobres, e bem dotados, o deraõ para o Convento do Salvador de Banho, (que naquelle tempo florecia em virtudes debaixo da Regra de Conegos Regulares de Santo Agostinho, e agora se acha Reytoraria Secular) para nelle aprender as primeiras letras, e virtudes com D. Salomaõ Prior do mesmo Convento. Bem instruido em virtudes, e letras, o metteraõ seus pays na familia do Illustrissimo Arcebispo de Braga D. Joaõ Peculiar, Conego Regrante de Santo Agostinho, dezejosos dos seus acrescentamentos, como quem naõ ignorava ser o Arcebispo de Braga hum dos mayores Principes Ecclesiasticos que o mundo reconhece, e que mais tem que dar a quem o serve. Nella esteve algum tempo, ou o que bastou para vir no conhecimento de que só a Deos se póde servir, pela liberalidade com que costuma premiar aos que bem o servem, o que se naõ experimenta nos senhores do mundo, pois de ordinario costumaõ premiar aos que menos o merecem, sendo liberaes para os que os lizonjeaõ, e curtos para os que os dezenganaõ.

Estuda no Convento de Banho, e vem para a familia do Arcebispo de Braga.

2 Por ponderar nesta desigualdade o nosso Godinho, se resolveo a deixar o mundo, e as esperanças que este lhe promettia no serviço daquelle Principe da Igreja, e a tomar o habito de Conego Regrante no mesmo Convento, em que se educara, por se empregar todo no serviço do Monarcha Eterno. Alli se fez hum exemplar, e modelo daquelles Religiosos Conegos, posto, ao parecer, por Deos no mundo para a imitaçaõ, e ensino dos mais, por luzir nelle huma singular pureza de animo, igual gravidade de costumes, huma rara mortificaçaõ dos sentidos, acompanhada de hum ardente zelo da disciplina regular, de honestidade perfeita, de humildade summa, de abstinencia perpetua, de oraçaõ continua, e de hum universal aborrecimento a todo o deleite.

Toma o habito de Conego Regrante em Banho.

3 Em hum vaso cheyo naõ cabe muita cousa, no homem bem occupado naõ acha hospedagem algum vicio, nem encontra concavidade o demonio. O ocio debilita o corpo, e a alma. A saude do corpo se conserva com o exercicio, e a da alma com a occupaçaõ. Conhecia pois o nosso Godinho huma, e outra cousa, e repartia as horas de maneira, que sempre lhe faltava, e nunca lhe sobrava tempo, e em todo trazia na lembrança a sentença, de que faz mençaõ Cassiano: *Que a hum Religioso occupado tenta hum só demonio, e a hum ocioso muitos.*

Da ociosidade.

4 Era naturalmente brando, alegre, affavel, modesto, composto, humilde, e mortificado, e muito inclinado á liçaõ dos livros espirituaes, dos quaes tirava o fructo que naõ tiro eu, e todos os maes que os lemos, mais por curiosidade, que por aproveitar nos dos documentos, e sentenças de que todos os livros estaõ abundantes. Com poucos annos de habito o elegeraõ os Conegos Regrantes por Prior do Mosteiro de S. Salvador de Banho, Prelazia, que acceitou, gostozo naõ, obrigado sim. Alguns Authores querem fosse tambem Prior de S. Vicente de Fóra em Lisboa, porém muitos o negaõ; e que foy Bispo de Lamego por morte do Bispo D. Mendo, naõ falta quem diga; porém o certo he, que nem huma, nem outra cousa

Fazem-no Prior do Salvador do Banho.

De Prior do Banho veyo para Arcebispo de Braga.

ſa foy, pois o Prior de S. Vicente, que veyo a ſer Biſpo de Lamego, era outro Godinho Prior do Banho; que veyo para Arcebiſpo de Braga, por acclamaçaõ do povo, e eleyçaõ deſte Illuſtriſſimo Cabido, ſuccedendo na dignidade a D. Joaõ Peculiar, de quem havia ſido familiar, como diſſemos.

Foy a Roma, e a Jeruſalem.

5 Dia do Apoſtolo S. Thomé do anno de 1175. entrou neſta Cidade, e poucos dias depois partio para Roma, onde foy ſagrado pelo Papa Calixto IV., que lhe deo o Pallio, e concedeo licença para ir viſitar os Santos Lugares de Jeruſalem, e depois de cumprir taõ pios dezejos com a devoçaõ, e ternura, que ſe deve prezumir da ſua grande virtude, ſe recolheo ao governo deſte Arcebiſpado, no qual ſe patenteou hum vivo retrato dos Santos Prelados ſeus predeceſſores. Sendo para com todos ſummamente brando, e humilde, era para ſi hum tyranno, pois ſe tratava como a cruel inimigo. Raras vezes tirava os aſperiſſimos cilicios com que ſe cingia. Na abſtinencia foy ſingular, nas diciplinas continuo. Em fim, nunca veſtio linho, e nem dormio em cama, em que o corpo naõ ſentiſſe mayor moleſtia, que deleite. Cuidava o noſſo ſanto na morte, lembrava-ſe da conta, e por iſſo deſprezava a vida, e ſe mortificava, e por nós nos eſquecermos da conta, e nos naõ lembrarmos da morte, o naõ imitamos nos exercicios penitenciaes, e menos nas obras da caridade, na qual foy extremoſo ſempre. Aſſim como recebia as rendas, as diſpendia pelos pobres, e por iſſo no eſpaço de treze annos que governou eſte grande Arcebiſpado, nenhuma donzella lamentava a ſua orfandade, nenhuma viuva ſe julgava deſamparada, e nenhum neceſſitado ſe reputava por ſem remedio, pois de todos era pay, abrigo, e univerſal amparo.

6 Acreditou Deos as ſuas virtudes com muitos milagres, ainda quando vivo, e naõ foraõ poucos os que obrou depois da morte, para moſtrar ao mundo quam gratos lhe foraõ os ſerviços que nelle lhe fez, dos quaes he ſem duvida lhe daria o premio o Divino remunerador, com a bizarria que coſtuma, aos 30. de Julho do anno de 1188., ſegundo D. Rodrigo da Cunha na *Hiſtoria Bracharenſe*, e a Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes liv. XI. Cap. V.

Vida, e martyrios de S. BAZILEO, *ou* BAZILIO, *ſegundo Arcebiſpo de Braga, e* SANTO EPITACIO *Biſpo de Tuy.*

Baptiza-o S. Thiago Mayor a S. Bazileo.

1 NAſceo o Glorioſo S. Bazileo em Judea, e ſegundo as mais provaveis opinioens he o aleijado, a quem S. Pedro Apoſtolo deo ſaude na porta eſpacioſa do Templo de Jeruſalem. Baptizou-o S. Thiago Mayor, e o trouxe em ſua companhia quando veyo para Heſpanha, e nella o deixou com S. Pedro de Rates, quando voltou para a Paleſtina.

Fazem a S Bazileo Biſpo do Porto, e a Santo Epitacio de Tuy.

2 Naſceo o Glorioſo Santo Epitacio na Cidade de Ambracia, hoje Placencia, e renaſceo para Deos, com grande gloria de Heſpanha, por meyo da fructuoſa prégaçaõ do noſſo S. Pedro de Rates, primeiro Biſpo, e primeiro Martyr della. Reconhecendo pois o noſſo Santo Primaz o grande talento, que tinha para a prégaçaõ do Evangelho S. Bazileo, o fez Biſpo da Cidade do Porto, aſſim pelo ter perto de ſi, e ſe aproveitar dos ſeus conſelhos, como por aquella Igreja pedir a preſença de hum grande Paſtor: e naõ ignorando tambem o talento, e as virtudes, que igualmente campeavaõ em Epitacio, o conſtituio em Biſpo da Cidade de Tuy, e de Ambracia patria ſua.

3 Logo que eſtes Santos ſe viraõ elevados áquellas grandes Dignidades, ſe

se naõ quizeraõ mostrar indignos dellas, e começaraõ a prégar a verdade da nossa santa Fé, naõ só pelas praças, e ruas publicas das suas Dioceses, senaõ tambem por muitas de Hespanha, por onde andavaõ discorrendo dezejosos do aproveitamento das almas: e como acreditavaõ a doutrina que prégavaõ, com as suas inculpaveis vidas, e com os prodigios que obravaõ em abono da nossa santa Fé, esta mais se radicava, crescia, e se multiplicava a olhos vistos, rendendo-se á verdade da luz Catholica a falsidade da Gentilica cegueira.

4 No tempo em que S. Bazileo governava a Igreja do Porto, chegaraõ a hum Porto de Galliza os Discipulos de S. Thiago, com as suas sagradas Reliquias, e logo que o nosso Santo teve esta noticia, foy assistir á honorifica collocaçaõ, que dellas fizeraõ na Cidade do Padraõ, e com tanto louvor se portou no espaço de sette annos no governo do seu Bispado, que pela occasiaõ do martyrio de S. Pedro de Rates, foy elegido por seu benemerito successor. Naõ nos consta das virtudes em que mais se assignalou, e menos dos milagres, que obrou, em hum, e em outro Bispado. De crer he, que seria em huma, e em outra cousa esclarecido, como o foraõ todos os Varoens que beberaõ na fonte purissima da Escóla de Christo, e de seus Apostolos. Naõ he pequeno argumento da sua santa, e Apostolica vida, o escolherem-no os Prelados de Hespanha para ir com Santo Athanasio Bispo de Çaragoça, e com Santo Elpidio Bispo de Toledo, visitar, e consolar nas suas prizoens ao Apostolo das Gentes, que nellas estava em Roma, levando-lhe juntamente a Collecta, que os Fieis destas partes lhe offereciaõ, para allivio das suas necessidades, e remedio dos muitos Christaõs, que prezos se achavaõ. Estimou grandemente o sagrado Apostolo a grande caridade dos Hespanhoes, e se alegrou com a presença dos Santos Prelados, e naõ se alegraraõ elles menos de verem aquelle prodigio do mundo, aquella trombeta do Evangelho, aquelle rayo da Fé, mettido entre malfeitores, com tanto gosto da sua alma, que por nenhuma cousa da vida, trocara aquellas suas cadêas, por lhe pronosticarem a felice morte, que mereceo conseguir.

Assiste S. Bazileo á collocaçaõ das sagradas Reliquias de S. Thiago.

He S. Bazileo assumpto a Arcebispo de Braga.

Vay S. Bazileo visitar a S. Paulo encarcerado em Roma.

5 Voltou S. Bazileo de Roma para esta Cidade, e pouco depois de a ella chegar, lhe veyo noticia de que tinhaõ prezo em Ambracia, a Santo Epitacio, e reconhecendo Bazileo [como prudente, e Santo] as afflicçoens em que se achariaõ os Christaõs da sua recente Igreja, partio com grande alvoroço desta Cidade de Braga em direitura ao Bispado de Epitacio, para amparar, e consolar o rebanho de Christo, para que naõ dezanimasse com a prizaõ de seu Santo Pastor. Primeiramente foy o nosso Bazileo ao carcere em que elle estava, e o certo he, que com a sua presença se encheo Epitacio de novos brios, e de alentos de padecer, e confirmava seus affectuozos dezejos, pedindo a Deos o merito da coroa.

Recolhido de Roma a esta Cidade, foy visitar a Santo Epitacio Bispo, prezo em Ambracia.

6 Souberaõ os Tyrannos da chegada de Bazileo, e como concitasse o diabo em seus animos huma dezesperadissima furia contra elle, sem demora o prenderaõ, e metteraõ no calabouço em que Epitacio estava, talvez por assim o permittir Deos, para que fossem igualados na prizaõ aquelles, que apartados havia confirmado a Fé, e aggregado a Religiaõ, germanando-os huma cadêa, e coadunando os huma victoria. Começaraõ, digo, aquelles Santos Prelados a dar graças a Deos, pela dita a que os havia chegado, e a prevenir se com o antidoto da oraçaõ para a batalha, que esperavaõ. E como estavaõ no mesmo carcere muitos Christaõs com incessantes exhortaçoens os roboravaõ, pois nem a pezada carga das prizoens era bastante para que diminuissem a sua extremosa constancia, e nem a temerosa estancia do carcere, para os deixar de apurar, e menos as horriveis invençoens dos tormentos, para fazer mudança nelles, e assim mais, de nenhuma efficacia foraõ as persuasoens de seus errados amigos, para os abalarem. Pois pelo contrario

Prendem a S. Bazileo com Santo Epitacio.

De como se portavaõ no carcere os Santos Bispos.

trario as cadêas os affervoravaõ mais, as prizoens os alegravaõ muito, os tormentos os naõ lizongeavaõ pouco, e as persuasoens muito os fortaleciaõ.

7 Naquelle carcere padeceraõ os nossos inclytos Prelados infinita variedade de martyrios, até que o Divino Omnipotente, que deo valor a seus corpos para o conflicto, otorgou a suas almas o premio com o triunfo no quinto anno do Imperio de Nero, e 60. do nascimento de Christo nossa eterna saude. Governou o nosso S. Bazileo, ou Bazilio a Igreja Bracharense quinze annos completos. Celebra se o seu triunfo a 23. de Mayo. Destes Prelados escreveraõ Tamayo Salazar, no 3. tom. do Martyrologio, Sandoval na Historia de Tuy, e outros Authores.

S. SILVESTRE *Arcebispo de Braga, e seu natural.*

Nasce em Braga.

1 SEgundo graves Authores, foy S. Silvestre naõ só natural desta Augusta Cidade de Braga, senaõ Bispo della, na vacancia de S. Bazileo, e intrancia de Santo Ovidio, pois o primeiro alcançou a lauréola do martyrio no anno de sessenta, e o segundo [como especifica Dextro] foy assumpto á mesma Dignidade no anno de Christo de noventa e cinco; e naõ era consentaneo, que a Igreja Primaz das Hespanhas estivesse vaga trinta e hum annos, e isto quando os recentes Christaõs careciaõ tanto de Pastores, para os animarem, e confortarem na Fé. O Illustrissimo Dom Rodrigo da Cunha, sem embargo de confessar que muitos Authores saõ da mesma opiniaõ, naõ o conta no numero dos Arcebispos Primazes; porèm nós o contamos seguindo ao Author do *Agiologio Lusitano*, e por nos conformarmos com o Breviario Bracharense, que delle reza a 14. de Abril, como de Bispo, e de Martyr, e naõ como de Martyr só, pois lhe dá este titulo: *Aprilis* 14. *in festo. S. Silvestri M. Archiepisc. Bracharensis.*

Dá sepultura a S. Victor natural de Braga.

2 Encheo pois o nosso Santo as obrigaçoens desta grande Dignidade com singularissimo fervor, ja convertendo os Gentios á Fé, ja confirmando nella aos Cathacumenos, ja ensinando aos Catholicos os primores da perfeiçaõ Evangelica, e ja incitando-os aos cuidados da morte, e aos descuidos das delicias da vida. Constando-lhe da inconstratavel fortaleza, com que o Glorioso S. Victor padecera por Christo, e que os Tyrannos deixaraõ o seu descabeçado corpo exposto á voracidade das féras, o foy buscar acompanhado de alguns devotos Christaõs, e depois de o ungir com preciosos, e aromaticos unguentos, lhe deo sepultura no mayor silencio da noite. Porèm naõ bastou esta prevençaõ, para que deixasse de saber o Presidente Sergio Galba desta piedosa acçaõ, o qual o mandou ir logo á sua presença, onde confessando de plano o santo furto, naõ quiz declarar o sitio em que o havia sepultado, temendo alguma irreverencia. Instou Sergio, porèm de balde, e vendo a infructifiridade das suas instancias, o mandou degolar á espada, e com elle hum grande numero de Bracharenses, pois mais antiga he ainda a sua piedade, e a viveza da sua fé, que jamais deixaraõ de confessar com o seu sangue. Esmoreceraõ os Bracharenses com a morte que viraõ executar em S. Silvestre, e nos mais patricios, por sepultarem a Victor, naõ declararem o sitio onde, e confessarem a mesma Ley? Naõ por certo. Pois esquecidos da vida, e dezejosos da mesma morte, recolheraõ os santos cadaveres, e os foraõ sepultar com o do Santo Cathecumeno, visto o Ceo os fazer participantes da mesma lauréola, e estóla da immortalidade, a 14. de Abril do anno de Christo settenta.

SANTO

SANTO OVIDIO *Arcebispo de Braga.*

1 NAsceo na Cidade de Roma, Imperio, e abbreviado mapa do mundo. Seus pays foraõ nobilissimos no sangue, porèm vilissimos nos costumes, por adorarem as gentilicas aras. Teve Ovidio, sendo tambem Idolatra, extremosa amizade com o famoso Filozofo Seneca, e com o Varaõ Consular Maximo Cesonio, a quem seguio no tempo em que foy desterrado para a Ilha de Sicilia, pelo Imperador Nero, e assim soube deixar as delicias da Corte, pelas incômodidades do desterro, por se naõ dizer que desamparava nas adversidades, e miserias a taõ bom amigo, mostrando com esta fineza, que de todos sómente elle o sabia ser, pois nos trabalhos, e penas o acompanhara, dezejoso de por algum modo lhas suavizar. Oh que exemplo para aquelles que naõ saõ amigos, senaõ em quanto os consideraõ prosperos, e felices!

Nasce em Roma, e se cria na cegueira Gentilica.

2 Falleceo no desterro Maximo Cesonio, sentio-o Ovidio com extremo mais que grande, e naõ com pequena saudade se retirou para Roma sua patria, onde teve a dita de alcançar viventes aos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, a ventura de os ouvir prégar, e a felicidade de ser por elles convencido de maneira, que logo deixou as superstiçoens gentilicas, e abraçou as verdades Catholicas, e em fórma, que sobornado dellas, e dezejoso de que todos fizessem a mesma eleyçaõ, se empregou em prégá las publicamente ao Gentilico povo, por cujo respeito recebeo ultrajes, e tolerou desprezos, que tudo lhe suavizava o copioso fructo que colhia, com as almas que tirava do Luciferino aprisco, para o rebanho de Christo.

Foy convertido pelos sagrados Apostolos Pedro, e Paulo, e fazse prégador das virtudes Catholicas.

3 Alguns dizem, que se desterrara de Roma o nosso Santo para a nossa Hespanha, por naõ poder tolerar as injurias, e devassidoens do maldito Nero, que com a sua má, e depravada vida escandalizava ainda aos mais perdidos daquella Republica. Outros affirmaõ, que sabendo o Papa S. Clemente, de quem era discipulo, que se achava vaga esta Cadeira Primacial, o mandara para que a viesse substituir, por entender que com o seu animo, e celestial valor, poderia roborar aos Christaõs, confortar aos Martyres, e resistir aos Tyrannos. Mas, ou viesse por este, ou por aquelle motivo, chegando á Provincia de Galliza, a tempo que a Igreja de Tuy estava sem Pastor, por morte do Santo Bispo Evario, tomou posse della. Logo que os Bracharenses tiveraõ noticia do copioso fructo, que colhia pela sua sublime doutrina, com alvoroço foraõ ter com o Santo Prelado, e achando nelle mais predicados do que a fama publicava, o elegeraõ, e acclamaraõ para seu Prelado Primaz.

De Bispo de Tuy veyo para Arcebispo de Braga.

4 Foy taõ venturoso seu governo, que nelle floreceraõ muitos Santos, entre os quaes se contaõ aquellas nove purpureas rozas, filhas de Attilio, e de Calcia, Regulos desta Augusta Braga, que elle preservou da morte eterna, e mandou criar por sua conta nos arrabaldes da mesma Cidade, depois de as regenerar em Christo, pelo sagrado baptismo, que com as suas maõs lhes administrou, como nas historias de seus martyrios expriminemos. Segundo varios Authores foy o nosso Santo assumpto a esta Primazia, no anno de noventa e cinco, e supposto se ignore o dia do seu felice transito se tem por sem duvida, que regeo este Arcebispado mais de trinta annos, visto constar que S. Policarpo, seu successor, tomou posse no anno de cento e trinta. Se com a lauréola de Martyr, se de Confessor, naõ consta, pois saõ discordes as opinioens. O certo he, que partio da vida carregado de preclaros meritos, os quaes lhe galardoaria o Eterno remunerador com a vantajem que costuma. A Cathedral Primaz celebra a sua festa aos 2. de Junho,

Floreceraõ no seu governo S. Quiteria, e suas oito Irmaãs naturaes de Braga.

naõ porque seja este o dia do seu felice transito, senaõ porque querendo esta rezar delle buscou dia, e mez em que naõ tinha Santo natural. No mesmo dia se celebra a sua festa na Cidade do Porto, em huma Capella que se lhe dedicou. Em Val de Alhos, pequena aldêa junto a Azeitaõ, termo de Coimbra, ha huma Ermida dedicada a este Santo, á qual concorre innumeravel povo a buscar remedio para suas necessidades, principalmente para as dores de ouvidos. Em hum alto monte, perto da fresca Villa de Ponte de Lima, ha outra Capella dedicada ao seu nome, á qual tambem concorre povo innumeravel, que alcança saude nas dores dos ouvidos. Naõ se sabe o motivo porque seja advogado delles, e a naõ ser pela etymologia do nome, como parece será, seria por padecer nelles algum tormento, e que por esse motivo ficaria advogado dos ouvidos, assim como o saõ de outras enfermidades os Santos seguintes:

1 Santa Luzia advogada dos olhos, pelas dores que nelles padeceo, quando lhos tiraraõ os Tyrannos, e o mesmo privilegio tem Santa Flamina Virgem, e Martyr.
2 S. Tillaõ Abbade advogado das febres, pelas que padeceo quando falleceo, e o mesmo privilegio tem S. Quintiano Bispo Ruthenense, e Santo Onofre Confessor, e S. Domingos.
3 Santa Barbara V. e M. advogada dos trovoens, e rayos, pelos que houveraõ na occasiaõ do seu martyrio para castigar os Tyrannos.
4 Santa Apollonia advogada para as dores de dentes, pelas dores que nelles padeceo quando os Tyrannos lhos arrancaraõ.
5 S. Braz Bispo, e Martyr advogado para as dores de garganta pelas que padeceo quando o degollaraõ.
6 S. Servulo Confessor advogado contra a paralizia, pelas intensas dores que lhe resultaraõ do mesmo achaque.
7 Santa Tecla V. e Martyr advogada dos que cahem no fogo, em premio de se lançar em huma fogueira, preparada pelos Tyrannos.
8 S. Gregorio Papa advogado para as dores do estomago, em premio das muitas que soffreo.
9 S. Venancio M. advogado contra as quedas, em premio de dar a vida pela confissaõ da Fé, despenhado de hum alto rochedo.
10 Santa Gunera V. e M. advogada da esquinencia, em premio da tolerancia com que soffreo esta molestia.
11 Santo Adelredo Abbade advogado da dor de pedra, gotta artetica, tosse secca, e collica, em premio da muita paciencia com que tolerou taes achaques. Para o achaque da pedra he tambem advogado S. Liborio Bispo; e Santa Syria Virgem tem a mesma prerogativa de dar saude a quem padece este mal.
12 Santa Agueda V. e M. advogada das dores dos peitos, em premio da paciencia com que soffreo as dores delles, quando os Tyrannos lhos arrancaraõ.
13 Santo André Avelino Confessor advogado dos accidentes apopleticos, pelo chamar Deos para o Ceo por meyo de hum, estando dizendo Missa. Finalmente concluimos com nomear os nomes dos Santos a quem Deos deo particular privilegio, para o remedio de varios achaques.
14 Para as vertigens os Santos Reys Magos.
15 Para o veneno S. Joaõ Evangelista.
16 Para os terremotos S. Filippe Neri, e S. Francisco de Borja.
17 Para a surdez Santo Quintino M.
18 Para haver successaõ masculina nas casas S. Francisco de Paula.
19 Para as sezoens Santo Alberto Confessor.
20 Para a sarna, e comichaõ S. Marinho Martyr.

Para

21 Para as quebraduras S. Gonſalo de Amarante, e Santo Apollinar Biſpo, e Martyr.
22 Para as quartaãs S. Sigiſmundo Rey de Borgonha, e Martyr.
23 Para o pulgaõ, e lagarta, que infeſtaõ as vinhas, Santa Martha Virgem.
24 S. Fructuoſo Arcebiſpo de Braga advogado nos pleitos, e demandas, pelas que teve.
25 Para peſte Santo Adriaõ, S. Carlos Borromeu Cardeal, S. Roque, e S. Sebaſtiaõ Martyr.
26 Para mulheres eſtereis Santa Anna, e S. Baraõ, de quem neſte Volume eſcrevemos.
27 Para Ernias S. Calogero.
28 Para o mal caduco os Santos Reys Magos.
29 Para caminhantes os meſmos.
30 Para o medo S. Bartholomeu.
31 Para pernas, e braços Santo Amaro.
32 Para mariantes o Santo Biſpo Santelmo, e o noſſo S.Fr. Pedro Gonſalves Telmo, e S. Fructuoſo Arcebiſpo de Braga &c.
33 Para partos perigoſos Santo Ignacio de Loyola.
34 Para alcançar bõa morte S. Joſeph.
35 Para couſas impoſſiveis Santa Rita de Caſſia.
36 Para dar agoas em lugares ſeccos S. Franciſco de Paula.
37 Para perigos de agoas S. Romano.
38 Para almorreimas, e cancros S. Fracrio Confeſſor.
39 Para mordeduras de bichos venenoſos S. Focas Martyr, e S. Pedro Gonſalves.
40 Para dores de cabeça S. Joaõ Baptiſta, Santa Birgida Viuva, e S. Nazario Confeſſor.
41 Para caens damnados Santa Quiteria, e S. Romaõ M.
42 Para collica Santo Adelredo Abbade.
43 Para dores do coraçaõ Santo Ignacio M.
44 Para couſas perdidas Santo Antonio de Padua.
45 Para infeſtaçoens do demonio S. Bento, Santo Anaſtaſio Martyr, S. Bartholomeu, e S. Callogero Confeſſor.
46 Para deſmayos S. Duarte Rey de Inglaterra.
47 Para donzellas pobres S. Nicoláo Arcebiſpo de Mira.
48 Para energumenos Santo Ubaldo Biſpo, e Confeſſor.
49 Para epilepſia S. Lupo Biſpo, e os tres Reys Magos.
50 Para erizipela Santo Antaõ Abbade.
51 S. Bento advogado contra as mordeduras das aranhas, e para todas as naſcidas incuraveis.
52 S. Jordaõ Biſpo de Evora, para dores de coſtas.

Eſtes baſtaõ para que todos venhaõ no conhecimento dos muitos Santos, a quem Deos deo a graça de advogados para diverſas couſas, aſſim como a deo a Santo Ovidio para as dores dos ouvidos. E concluindo com a hiſtoria do noſſo Santo, dizemos, que o ſeu ſanto corpo venera eſta ſanta Sé Primaz em particular Altar, junto á porta da Sacriſtia. O entalhado, e dourado caixaõ, em que elle eſtá, tem eſte letreiro: *Oſſa Beatii Ovidii, tertii Epiſcopi Bracharenſis.*

S. POLICARPO *Arcebispo de Braga.*

SEgundo muitos Authores, foy digno fuccessor de Santo Ovidio S. Policarpo, Varaõ de vida inculpavel, e de profunda doutrina. A incuriosa antiguidade, e falta de Escritores daquelles seculos, nos occultou as noticias mais particulares da sua vida, e morte. Piamente devemos crer, naõ careceria do merito do martyrio, quando naõ conseguisse a execuçaõ delle, pois administrou o seu Pastoral officio, quando andava mais acceza a perseguiçaõ. Naõ he facil de averiguar se he o nosso Santo o que deo nome celebre á Igreja Romana a 26. de Janeiro, por padecer no mesmo dia, e no anno de 169.; pois assim como Melito seu immediato successor, sendo Bispo de Sardis o veyo ser de Braga, podia S. Policarpo sendo Bispo de Braga passar a Esmirra, aonde foy Bispo S. Policarpo, cuja festa se celebra a 26. de Janeiro. Com que poderia ser o nosso S. Policarpo o mesmo Discipulo do Evangelista S. Joaõ, pois a razaõ do tempo o naõ contradiz, e consta da sua lenda que viveo 86. annos, e em taõ largo decurso de tempo, bem poderia ser primeiro Bispo de Braga, antes que o fosse de Esmirra. D. Rodrigo da Cunha *Histor. Eccl. de Braga*, e *Agiol. Lusitan.*

S. FABIAM *Arcebispo de Braga.*

S. Fabiaõ, segundo Juliano, succedeo na Cadeira Primacial ao Arcebispo Sereniano. Dos annos que governou esta grande Diocesi, e das virtudes em que mais resplandeceo naõ temos noticia alguma. O certo he, que como naquelles tempos da primittiva Igreja, naõ tinha lançado taõ profundas raizes a cobiça das riquezas, e a ambiçaõ da honra annexa ás Prelazias, que somente promoviaõ a similhantes Dignidades os sujeitos em que campeavaõ virtudes, e letras. Em fim falleceo a 23. de Agosto de 230. com tantas virtudes, que mereceo andar no Catalogo dos Bemaventurados. D. Rodrigo da Cunha na *Histor. Bracharens.*

Vida de S. FELIX *Arcebispo, e natural de Braga.*

1 NAsceo nesta Cidade de Braga, na qual vivia com tal exemplo de virtude, e com taõ grande fama de sabio, que seus patricios uniformemente o acclamaraõ seu Prelado, pela vacancia de S. Fabiaõ. Ignora se os annos que obteve esta grande Dignidade, mas naõ que a administrava pelos de 245., quando a Igreja Catholica por causa da idolatria padecia grandes perseguiçoens dos Tyrannos.

2 Eraõ taes as suas virtudes, que deixou a Dignidade, renunciando a favor de Hilario, que assistio no Concilio Romano em que presidio S. Cornelio, e fez outro em Braga, no qual condenou a Novaciana heresia. Sabia, como Santo, que a soledade silinciosa dos campos he instrumento muito opportuno, e accõmodado para a contemplaçaõ, onde aspiraõ os ares da verdade puros, sem que os inficione a lizonja, e corrompa a malicia, e por isso se foy para o dezerto de Hormilhos, cinco legoas desviado de Clavijo no Reyno de Navarra, onde elegeo por espaçoso Palacio huma arvore, por pavelhaõ o estrellado do Ceo, por cama a dura terra, e por susten-

to

to o leite, que por especial favor de Deos todas as noites lhe ministrava huma vacca, a qual por faltar sempre no curral ás mesmas horas, seguida curiosamente de quem a pastoreava, vio o prodigio de sahir logo que anoitecia com duas vélas accezas nas pontas, em demanda do Santo Bispo, e assim que com esta abstinencia se sustentou muitos annos, para confuzaõ de todos os mortaes, que nos persuadimos a que sem penitencia, e sem jejum hemos de gozar dos abundantes deleites da Bemaventurança.

Vay para o dezerto, onde o alimentava hũa vacca.

3 Os que naõ puderem jejuar pela sua pouca saude, [naõ com o rigor com que o fazia este, e os mais Santos, sim na fórma que o manda a Igreja nossa Mãy] jejuem abstendo-se dos vicios, porque isto naõ damnará a saude, e augmentará a virtude. Quem jejuando pecca, naõ jejua jejuando; quem naõ pecca jejuando, jejuando jejua; quem jejua, e pecca, naõ jejua, poupa: o que se naõ comer naõ se ha de poupar, ha-se de distribuir em esmólas, e obras de piedade, porque o contrario he jejuar para adquirir, e amontoar as riquezas para mais vaidade. Se nos dias que a Igreja nos manda jejuar nos naõ abstivermos em tudo em fazer a nossa vontade, servirá o jejum de pena, que nos mortifique, mas naõ de penitencia que nos aproveite: será mortificaçaõ para o corpo, mas sem todas as utilidades para a alma. Jejuem pois todos os nossos sentidos, a gula abstendo se dos mantimentos regalados; os olhos abstendo-se de vistas obscenas, e ainda curiosas; a lingua abstendo-se de palavras viciosas, e ainda das superfluas; os ouvidos abstendo-se de ouvir palavras licenciosas, e de murmuraçaõ, e jejue finalmente a alma abstendo-se de todas as operaçoens voluntarias, porque só assim seraõ os jejuns taõ acceitos de Deos, como foraõ os do nosso Santo Arcebispo, que, como estava no dezerto, com mais facilidade fez com que jejuassem todos os sentidos desorte, que fez taõ grandes progressos na perfeiçaõ Evangelica, que mereceo acabar felizmente o curso da sua vida depois de muitos annos de dezerto.

Falla-se do jejum.

4 Seu santo corpo se venerou muitos seculos em huma Ermida do seu nome, em hum sepulchro de pedra, a qual estava sujeita ao celebre Mosteiro de S. Prudencio, entaõ da Ordem Benedictina, hoje da Cisterciense, para o qual foraõ trasladadas suas Reliquias no anno de 1551. para hum dourado cofre. A sua milagrosa cabeça se venera junta com a de S. Funes, ultimo Bispo de Najara, em hum vistoso relicario de prata. D. Rodrigo da Cunha na *Histor. de Braga*, e outros Authores.

S. SECUNDO, *ou* SECUNDINO, *Arcebispo de Braga, e Martyr.*

POr morte do Arcebispo D. Grato, tomou posse da Cadeira Primacial S. Secundino, que foy o decimo Prelado desta Dioceſi, a qual pastoreava com ardente, e Apostolico zelo do bem das almas, quando Valeriano Imperador mandou matar, e desterrar dos dominios do seu Imperio a todos os que professavaõ a Ley de Jesus Christo, e naõ adoravaõ aos fementidos deoses, a que elle tributava sacrilegas adoraçoens. Foy pois desterrado o nosso Santo Arcebispo naquella perseguiçaõ, que era a oitava que havia tido a Igreja de Deos, para Cirthe, Cidade de Numidia, que ficava na Africa, nos confins da Mauritania Cesariense, e hoje he conhecida por Constantina, segundo Jovio, Ferrario, e Ortellio. Naquelle desterro padeceo, e soffreo indiziveis mortificaçoens, penalidades, e contradiçoens do demonio, e das creaturas que o reprezentavaõ, onde mostrou o grande da sua fé, e a sua invicta paciencia, até que coroado de triunfos, e de lauros acabou a carreira da sua santa vida, e passou a gozar a eterna

pelos

pelos annos de cento e settenta. Os Martyrologios Romanos, Usuardo, e Maurolico se lembraõ delle a 29. de Abril, e Juliano nos Adversarios n. 533. faz delle mençaõ como Arcebispo de Braga.

Vida do SANTO CALIDONIO *Arcebispo de Braga.*

Nasce em Africa, onde foy Bispo.

1 NAsceo em Africa, segundo o que se collige das Epistolas de S. Cypriano, e foy Bispo na mesma Africa, antes que viesse permudado para Braga. Dextro affirma, fora o nosso Calidonio hum dos egregios Escritores do seu tempo, e D. Hugo Bispo do Porto diz, que compôs muitos livros, e a vida de S. Pedro de Rates, primeiro Bispo, primeiro Doutor, e primeiro Martyr de Hespanha. E todos os Authores confessaõ ter sido insigne em santidade, de profunda doutrina, e grande perseguidor dos Herejes Novicianos. Hum dos que mais perseguio foy a Navoto sua infernal cabeça, e a Noviciano seu discipulo, que foy o primeiro Anti-Papa, e author das scismas que houve na Igreja, e o que pertendeo usurpar o Pontificado, tirando delle ao Papa S. Cornelio. Em Roma convenceo o nosso Santo Arcebispo ao tal Hereje Noviciano, e fez tal estrago em todos os seus sequazes, que de ouvir o seu nome titubeavaõ, e de sua presença fugiaõ, como a sombra da luz. Retirou se de Roma para Africa gostoso, e triunfante dos inimigos de Christo, e de Africa passou a Hespanha, com o fim de argumentar, e de confundir a alguns mais Novicianos, que perseveravaõ no seu erro. Colheo copioso fructo, fazendo innumeraveis conversoens, e com tanta efficacia persuadia, e com tantas, e taes razoens intimava as verdades Catholicas, que se davaõ por vencidos todos os que o ouviaõ.

Foy de profunda doutrina, e cõvenceo a muitos Herejes.

2 Como este Santo Prelado se deo logo a conhecer pelas suas singulares letras, e preciosas virtudes, o acclamaraõ, e pediraõ os Bracharenses para seu Prelado, pela occasiaõ do martyrio de S. Secundino. Quatro annos governou este Arcebispado, e muitas ovelhas foraõ as que convencidas pelos seus Sermoens abjuraraõ os erros em que tinhaõ miseravelmente cahido temerosos das perseguiçoens dos Tyrannos. Abraçava com paternaes entranhas a todos os fracos, que, conhecendo a enormidade da culpa cõmettida, humildemente lhe supplicavaõ perdaõ, por naõ ter animo aquelle piissimo, e piedoso pay para negar a penitencia, e a reconciliaçaõ que pediaõ. E como naquelles tempos se costumavaõ morar muito as conciliaçoens dos que deixavaõ cegamente a Ley de Jesus Christo, e o reputassem por facil nellas, naõ faltou quem escrevesse a S Cypriano Carthaginense, para que o advertisse da tal facilidade, como taõ insigne Doutor, seu compatriota, e amigo, e como tal naõ dissimulou o que lhe escreveraõ, e lhe advertio a cautela com que se devia portar nas reconciliaçoens, porque naõ succedesse ser a muita facilidade em prejuizo dos que ainda estavaõ levantados, e em damno dos ja cahidos, fazendo lhes estimar em menos a misericordia quando se lhe dava taõ barata, e que muitos vendo a facilidade do perdaõ tomaõ mais ousadia para os crimes &c.

Acclamaõ-no Arcebispo de Braga.

3 Logo que o nosso Calidonio recebeo a carta, e a admoestaçaõ de S. Cypriano, lhe respondeo, dando-lhe inteira satisfaçaõ do que obrava, e mandando-lhe alguns dos que havia admittido á penitencia, os quaes (posto que por fraqueza haviaõ sacrificado aos Idolos] com tudo segunda vez prezos, se mostraraõ constantes na Fé, querendo antes padecer desterro, que sacrificar de novo, e perder honra, fazenda, e patria, que retroceder na Fé, por purgarem com a segunda confissaõ a primeira culpa. A resposta, que o nosso Santo Prelado teve, foy taõ acertada, e conforme á doutrina Evange-

Evangelica, que para sua abonaçaõ a mandou a todos os Prelados de Hespanha, que com ella ficaraõ de caminho justificados do bem, que obrava Callidonio, e inteirados do mal que faziaõ em o naõ imitarem no mesmo modo de proceder com os miseraveis, e arrependidos Catholicos. Naõ nos consta o anno em que falleceo, e menos se goza no Ceo a lauréola de Doutor, junta com a palma do martyrio. Porèm de qualquer modo que fosse, se naõ póde duvidar do avantajado premio que havia de conresponder ás suas preclaras virtudes, e singulares meritos. Esta santa Sé Primaz faz commemoraçaõ deste Santo Prelado a 12. de Fevereiro, e parece falleceo pelos annos de 268., em que teve por successor a S. Narcizo, como escreve Dextro. D. Rodrigo da Cunha na *Histor. Bracharens.*

Vida de S. NARCIZO *Arcebispo de Braga, e martyrio das Santas Afra, Hilaria, Digna, Eunomea, e Eutropia; e de* S. FELIX *Arcediago de Braga.*

Nasce em Santarem, e acclamaõ Arcebispo de Braga.

1 NAsceo na famosa Villa de Santarem, no tempo em que se chamava Scalabitana. Seus pays foraõ ricos, e nobilissimos, e segundo M. Maximo, parente mui chegado de Pomponio Paulato Bispo de Toledo, Varaõ da primeira nobreza de Hespanha. Applicou-se ás letras, e sahio taõ insigne nas humanas, e Divinas, como na prudencia, e santidade, e informado de huma, e de outra cousa o Clero, e povo Bracharense, o elegeraõ por digno successor do Beato Calidonio. Collocada pois a resulgente tocha no Candelabro da Igreja, resplandeceo de novo com rayos de excellentes virtudes, allumiando a huns com a sua orthodoxa doutrina, e edificando a outros com a sua reformada vida, pelo que á competencia pertendiaõ muitos imitá lo, porèm o naõ conseguiaõ, pois seu ardente zelo do bem das almas, asperrima vida, e singular penitencia, era mais para admirada, que para imitada.

Leva-o a Alemanha o zelo da Fé de Christo, e a S. Felix seu Arcediago.

2 Estavaõ os Bracharenses mais que satisfeitos com a bõa ventura, que tiveraõ, em alcançar por successor do Santo Arcebispo Calidonio ao santissimo Arcebispo Narcizo; porèm como naõ ha nesta humana vida gosto sem mesclas de tristeza, tiveraõ o dissabor de se verem privados da sua presença, pois lhe inspirou Deos fosse prégar á Alemanha, onde mais se carecia da sua santa presença, por andarem quasi todos os Alemaõs submergidos em gentilicos erros. Partio S. Narcizo para Alemanha a procurar as ovelhas perdidas, e totalmente desgarradas, e levou em sua companhia a Felix seu Arcediago, por ser pessoa de igual zelo. Chegaraõ os dous Varoens Apostolicos á Cidade de Augsbg, chamada pelos Latinos *Augusta Vindilicorum*, ou *Rhetiorum*; e por acazo se agazalharaõ a primeira noite em casa de Hilaria, Rainha que fora de Chipre, a qual, perdido seu estado, se retirara á dita Cidade com sua filha Afra, mulher summamente sensual, e lasciva, [como saõ ordinariamente as Chipriótas] a cuja casa he sem duvida os guiou Deos nosso Senhor, para lhe dar saude, e vida espiritual, e a tirar de hum abysmo de torpezas, e de deshonestidades, que com as trevas da idolatria, e com as sombras da morte, em que estava, a faziaõ desconhecer a sua desgraça, da qual se levantou para o conhecimento da clara luz do Evangelho, e para huma bem merecida penitencia desta sorte.

Recolhe-se em casa de humas lascivas mulheres.

3 Assim como a lasciva Afra se vió de portas adentro com o Santo Prelado, e companheiro, se persuadio a que tinha com quem satisfazer o seu luxurioso appetite; porèm logo se dezenganou quando vio a composiçaõ da sua pessoa, a santidade das suas palavras, e que com ellas a incitava á virtude, ao mesmo tempo, que imaginava iriaõ todas dirigidas ao vicio sensual.

Vem-no entre resplandores, e se convertem a Deos.

sensual. Naõ gostaõ os homens, e as mulheres regaladas, e perdidas de ouvir palavras de edificaçaõ, e contrarias aos seus procedimentos, e por isso mui pouca satisfeita ficou Afra com os hospedes; por ver que naõ só naõ assentiaõ com o seu gosto, senaõ que tambem lhe hiaõ prégar virtudes. Depois de tomarem os Servos de Deos huma parva, e corporal refeiçaõ, se retiraraõ para hum quarto com intento de tomarem a espiritual, por meyo da oraçaõ. Afra, talvez por ver o em que fallavaõ os Santos companheiros, incitada da curiosidade mulheril, ou mais certo inspirada pelo Divino Espirito, se foy pôr á porta do tal quarto, donde vio, que os Servos de Deos estiveraõ toda a noite em oraçaõ, cercados de hum celestial resplandor, e logo ficou fóra de si, devotissima, e dezejosa de mudar de ley, e de trocar a vida a que se tinha entregue, por falta de desengano, e da consideraçaõ da morte. No seguinte dia, informado Narcizo da sua má vida, compadecido da sua miseria, lhe affeou o máo estado em que vivia, e o grande escandalo que motivava ainda aos mesmos Gentios, e isto com taõ penetrativas, e efficazes razoens, que dando de improvizo de maõ ás preciosas gallas com que se exornava, vestida de penitencia, e de confuzaõ supplicou a Narcizo o baptismo, que lhe administrou, depois de jejuar sette dias com Hilaria sua mãy, e tres criadas que as serviaõ, porque em todas aproveitou a efficacia da Divina palavra, e pois acompanharaõ todas a Afra nas culpas, razaõ era que o mesmo fizessem no arrependimento.

Daõ-lhe o titulo de Apostolo de Augusta.

4 Animado S. Narcizo com taõ excellentes principios, sabendo que a perseguiçaõ andava menos furiosa, sahio a prégar a Divina palavra com seu companheiro, naõ só pelas ruas, e praças da Cidade, senaõ tambem por quasi toda a Provincia, confirmando a nova doutrina, que inculcava, com estupendas maravilhas, ganhando tantas almas para o Ceo, que justamente o intitulavaõ Apostolo de Augusta, e Mestre daquellas gentes, e depois de levantar Templos, de erigir Altares, de ordenar Sacerdotes, e de nomear Bispos, que governassem aquelles recentes Christaõs, (entre os quaes foy hum Dionysio, irmaõ de Hilaria, e tio de Afra, a quem em sua auzencia deixou recõmendada a Cidade de Augusta) passou outra vez a Hespanha depois de estar nove mezes fóra d'ella, saudoso do seu antigo aprisco, que em Braga deixara com grande sentimento, e dor dos neophitos Christaõs. Trouxe o caminho de Alemanha por Catalunha, e discorrendo em forma Apostolica pelos principaes povos daquelle Principado, chegou á Cidade de Gyrona, onde, por assim o pedir a necessidade, prégou com mayor zelo o sagrado Evangelho, dentro em tres annos que nella esteve, nos quaes adquirio tantas almas para Deos, que julgando os Gentios se converteriaõ todas se o naõ atalhassem, deraõ parte ao seu Presidente Lucio Celonio Macro, o qual o mandou logo prender, e trazer diante de si; porém vendo a sua constancia, e que com nenhuns tormentos deixava de confessar a Jesus Christo, o mandou atormentar no equuleo com variedade de martyrios, e depois que o matassem a ferro; o que executaraõ os Tyrannos com impio rigor, estando celebrando o Incruento sacrificio da Missa, com tres feridas que lhe deraõ, a saber, huma no hombro direito, outra na garganta, e outra na perna esquerda. Em fim, estando dizendo Missa o tomou a morte, talvez porque acabasse ultimamente em sacrificio, aquelle que toda a vida vivera sacrificado a Deos. Fez lhe ditosa companhia S. Felix, que naõ era bem entrasse na Gloria aquella bella flor, sem o seu fidelissimo companheiro, e felicissimo Arcediago.

Prèga a Fè em Gyrona, pela qual foy martyrizado com S. Felix.

Queimaõ viva a Santa Afra, e martyrizaõ ás Santas Hilaria, Digna, Eunomea, e Eutropia.

5 Santa Afra, que viera de Alemanha com sua mãy, e as tres criadas seguindo os passos de seu Mestre, mereceo ser queimada viva no mesmo dia, e pelo mesmo Tyranno, e desta sorte purgou com o sagrado fogo do martyrio o profano, em que tantos tempos vivera. Santa Hilaria sua mãy, e suas criadas Santas Digna, Eunomea, e Eutropia tambem mereceraõ a laureola

réola de Martyres seis dias depois do martyrio do nosso Santo. He S. Narcizo Patrono inclyto das Cidades de Gyrona, e Augusta. Desta, porque alli prégou a Fé, e foy seu primeiro Apostolo; daquella por theatro da sua fortaleza, e possessaõ de seu milagroso, e incorrupto corpo. Honrou pois S. Narcizo a Santarem com o seu nascimento, (e bem se póde gloriar esta nobre Villa de ter procreado a taõ Santo Varaõ) a Braga com a sua assistencia na Prelazia, a Augusta com a sua prégaçaõ, e a Gyrona com o martyrio, com que se acreditaõ com o nosso Santo taõ celebres, e illustres Cidades no Universo. No anno de 1116. se achou incorrupto seu sagrado corpo, cingido com hum cilicio, adornado de venerandas caãs seu aprazivel rosto, deixando-se ver expressamente em seu corpo os sinaes das feridas, que lhe grangearaõ a perpetuidade da coroa. Depois de muitos annos, aberto o sepulchro, o viraõ da mesma sorte, mas com a maõ direita á maneira de quem lança bençaõ. E muitos viraõ o prodigio de fugir com o pé, querendo o Abbade de hum Convento de Monges cortar-lhe hum dedo para reliquia. Resplandeceo em muitos milagres em vida, e obrou Deos innumeraveis pelas suas Reliquias. Entre os quaes he mui celebre por toda Hespanha, o que refere o nosso Gaspar Barreiros na *Chrorog.* pag. 137. que se vio nas travadas guerras, que tiveraõ Carlos Rey de Sicilia, e Filippe de França, com D. Pedro Rey de Aragaõ. Tendo ja os Francezes entrado Gyrona á força de armas, na mayor furia de sangue, como para os soldados naõ ha lugar sagrado, entraraõ na Igreja do Santo, e profanada com roubos, e sacrilegios, pouca reverencia de Deos, e dezacato grande dos vasos sagrados, subitamente sahio daquella colmea do sagrado tumulo innumeraveis enxames de abelhas, e moscas extraordinarias na figura, cor, e grandeza, as quaes espalhando-se pelos soldados, e cavallos, assim os alvoroçou, e atormentou, que sem tino, nem acordo algum, desampararaõ a Cidade, e a deixaraõ livre, e nella quarenta mil soldados, e trinta mil cavallos, que mataraõ os exercitos de moscas, que sahiraõ do tumulo de S. Narcizo. No anno de 1561. cahio hum rayo na sua Igreja, o qual derrubou o campanario della, e se experimentou o prodigio de acharem aõ mesmo Santo no sepulchro com as maõs levantadas para o Ceo, como pedindo pelos moradores de Gyrona; e esta he a razaõ, que ha, para se ter por advogado contra os rayos, assim como tambem se tem por advogado contra a peste; porque ardendo nella em hum mesmo tempo toda Cataluna; só Gyrona ficou izenta de taõ cantagioso mal. Celebra-se o seu triunfo a 18. de Março para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos. Deste escreve Cunha na *Histor. Bracharens.* e outros Authores.

He S. Narcizo Patraõ das Cidades de Gyrona, e Augusta.

De como se achou seu santo corpo incorrupto, com a maõ em fórma de quem lança bẽçaõ &c.

Nota o notavel prodigio de vẽcer com hũ exercito de moscas outro de homens.

S. SALOMAM *Arcebispo de Braga.*

1 NAsceo em Grecia, e foy irmaõ de Melancio Arcebispo de Toledo. Naõ consta da patria, criaçaõ, estudo, e menos das Dignidades que obteve, antes de ser assumpto a Arcebispo Primaz, pois delle se naõ diz mais, de que foy Santo Varaõ sobremaneira douto, e sabio. No tempo em que administrava este grande Arcebispado, se levantou a heresia dos Samosatenos, que eraõ huns homens, que negavaõ a Divindade de nosso Senhor Jesus Christo, dizendo, que nelle naõ havia mais que a pessoa humana, e que havia de ser adorado só como homem, e naõ como Deos. O Author daquelle heretico erro foy hum soberbissimo homem chamado Paulo Samosateno, Bispo de Antiochia, cuja Dignidade conseguio por illicitos meyos, daqual foy privado em hum Concilio, que para esse effeito se convocou na mesma Cidade de Antiochia, em cujo Concilio presidio

fidio S. Gregorio Bifpo de Neocefaria, a quem a multidaõ, e grandeza de milagres deo o titulo de Thaumaturgo.

2 Sentio pois o noffo Santo Arcebifpo ver ateada taõ diabolica blasfemia, e por iffo anciofo procurava convocar com clariffimas authoridades da Efcritura Sagrada áquelles que tinhaõ cahido naquella grande miferia: e naõ fe contentando com ifto, e pertendendo affogar de todo aquella diabolica femente, convocou nefta Cidade de Braga Concilio nacional, no qual feguiraõ os P.P. Congregados os decretos do Concilio de Antiochia, em que, como fica dito, affiftio S. Gregorio Taumaturgo, tornando a condenar de novo a Paulo Samofateno com a fua nova blasfemia, abominando fua memoria, e apartando-o do numero dos Fieis, e fulminando cenfuras graviffimas contra quem ouzaffe fegui-lo, ou defendê lo. Logo que S. Salomaõ fechou o Concilio, mandou huma copia a Melancio Arcebifpo de Toledo, e feu irmaõ carnal, pedindo-lhe fizeffe executar feus decretos, como taõ proveitofos ao bem de todas as Igrejas de Hefpanha. O mefmo encõmendou, e recõmendou aos outros Bifpos, pois o zelo com que nefta materia procedia o faziaõ vigiar fobre todos, e naõ perder ponto no que para bem, e accrefcentamento da Fé lhe parecia neceffario. Governou em fim S. Salomaõ nove annos a fua Igreja, vivendo em todos elles taõ penitente, como quem cuidava na morte, e fe defcuidava da vida, e com virtudes iguaes á fua Dignidade, e conftancia digna da fua fé. Foy receber o condigno premio a 24. de Janeiro de 299. Jorge Cardofo no feu *Agiolog.*, e outros Authores.

Do que trabalhou S. Solomaõ para vencer os Samofatenos.

S. LEONCIO *Arcebifspo de Braga.*

1 NAfceo na Cidade de Conftantinopla. Efquecido da morte, e lembrado da vida, fe entregou a todos os deleites della, e desperdiçou os melhores annos da mocidade com a Philofofia Ethnica; mas abrazado com os inflammados rayos do Sol Divino, correo apreffadamente fequiofo ás fontes da Evangelica verdade. E fe d'antes vivera fegundo as leys gentilicas, e os appetites da carne, depois de regenerado em Chrifto pelo baptifmo, que recebeo goftofo, viveo fegundo as do efpirito, guardando naõ fó os Mandamentos com fervor grande, fenaõ tambem os Evangelicos confelhos com pontualidade rara. Sahio de Conftantinopla dezejofo de trazer ao caminho da verdade aos muitos que viviaõ nas efcuras trevas da ignorancia, e muitas foraõ as almas que adquirio para Deos, pelas fuas perfuaçoens. Teve o Clero, e povo Bracharenfe noticia da fua fanta vida, e o acclamou por feu Prelado.

Nafce em Conftantinopla onde fe entrega aos deleites da vida.

Converte-fe a Deos, e cuida em converter-lhe almas, e he acclamado Arcebifpo de Braga.

2 No tempo em que principiava a adminiftrar efte Arcebifpado, começou a refufcitar, e a tomar alentos a Religiaõ Catholica, pela converfaõ, e baptifmo do Imperador Conftantino. Ventilando-fe em Hefpanha aquella celebre queftaõ: *Utrum effet maius Sacramentum, Baptifmus, an Confirmatio*: Confultada a Sé Apoftolica, lhe efcreveo o Papa S. Melchiades defenindo, que o Sacramento do Baptifmo he meyo neceffario para a falvaçaõ, e que fem o da Confirmaçaõ fe pódem falvar as almas; com outros pontos fubftanciaes, e Theologicos. Vendo-fe o noffo S. Leoncio favorecido do Soberano Paftor da Igreja, foy a Roma para fe moftrar grato aos favores recebidos, e communicar com elle algumas coufas importantes á Igreja; porèm quando chegou áquella Curia achou que S. Melchiades tinha enviado o efpirito para o Ceo, e que S Silveftre lhe tinha fuccedido no Summo Pontificado. Para fe feftejar o fagrado lavacro do Imperador Conftantino, mandou o Summo Paftor fe ajuntaffem em Roma os principaes Prelados de

Efcreve-lhe o Papa, e vay a Roma cõmunicar lhe alguns pontos importantes.

de Hespanha, e com effeito se acharaõ na tal funçaõ 284. Bispos, entre os quaes eraõ os principaes Leoncio de Braga, e Marino de Toledo, que depois de regenerado no sagrado lavacro o santo Imperador fizeraõ Concilio, no qual se ordenaraõ saudaveis decretos em favor da Christandade, e bom governo das Igrejas, e se condenaraõ as heresias de Hypolito, Callisto, e Victorino. Este Concilio se fez no anno de 324., e nelle assistio o santo Imperador com sua mãy Santa Helena, e presidio S. Silvestre Papa.

Assistio em Roma ao sagrado lavacro do Imperador Cõstantino, e a hum Concilio.

3 No anno seguinte de 325., se celebrou em Nicea Cidade de Bithinia o primeiro Concilio Geral de toda a Christandade, para o que chamou a Bithia o Papa S. Silvestre a todos os Bispos dezimpedidos, assim Orientaes, como Occidentaes, no qual se achou o nosso Santo com 318. Prelados, entre os quaes luzio, e resplandeceo com grande vantajem, e singular reputaçaõ, sendo o mais acerrimo em condenar as heresias de Arrio, Photino, e Hebio, que reprovavaõ a igualdade do Verbo Divino, segunda Pessoa da Santissima Trindade com o Padre Eterno &c. Naquelle Concilio Niceno ordenaraõ o Symbolo, que se canta nas Missas. O Imperador Constantino [que tambem com a Magestade da sua pessoa quiz honrar aquelle acto) mandou com generosa magnificencia prover de todo o necessario a este grande ajuntamento de Prelados, e a suas familias, e criados, fazendo-lhes os gastos da ida, e da vinda, como affirmaõ muitos Authores. Restituida pois a paz á Igreja, que tantos annos havia que andava escondida pelas cavernas da terra, por causa das perseguiçoens, e fechado o Concilio, voltou o nosso Santo para Hespanha, dezejoso, e saudoso de ver promulgados, e praticados na sua Igreja os decretos Apostolicos; mas a Divina providencia ordenou, que em Guimaraens, (Villa das principaes desta Provincia] e distante tres legoas desta Cidade, por meyo de huma preciosa morte, exhalasse os ultimos alentos dos vitaes espiritos nas maõs do Creador a 19. de Março de 326., dia em que delle faz mençaõ o *Martyrologio Romano.* O sagrado penhor deste Prelado tem occulto o Omnipotente, pois na sobredita Villa de Guimaraens nenhuma noticia ha da sua sepultura. O certo he que o dilatado tempo que os Mouros infestaraõ Hespanha, foy o motivo principal de ignorarmos o lugar em que foy depositado este, e outros similhantes Thesouros.

Acha-se no primeiro Concilio Geral de toda a Christandade.

Volta de Roma, e sobe ao Ceo da Villa de Guimaraens.

SANTO APOLLONIO *Arcebispo de Braga.*

1 NAsceo em Grecia, e logo desde menino se recreou com a doçura da doutrina Christaã. Estava connaturalizado em Portugal, e tinha grande amizade com S. Leoncio, cuja morte choraraõ ternamente os Bracharenses, pelo estarem esperando com grande alvoroço. Como a Igreja de Deos gozava da tranquilidade da paz pelo motivo manifestado na antecedente Vida, cuidou o Clero Bracharense em eleger por successor de S. Leoncio quem o governasse, e como tinha noticia da eximia santidade, e profunda doutrina de seu amigo Apollonio, o elegeraõ por seu digníssimo successor. E se os Patricios Bracharenses, esperando com festas a S. Leoncio, celebravaõ a sua morte com lagrimas, as enxugaraõ com a acertada eleyçaõ que fizeraõ, pois governou esta vasta Diocese com a prudencia que se devia prezumir, e esperar da sua grande santidade, fazendo logo executar os decretos, que S. Leoncio trazia dos Concilios em que assistio.

2 Naquelle comenos se convocou hum Concilio em Toledo, por ordem de S. Silvestre, e do Imperador Constantino, sendo Arcebispo daquella Cidade Natal; a ella foy assistir o nosso Arcebispo Apollonio, como Me-

tropolitano, que era de Galliza, onde havia de haver mayor repulsa, por se quererem pôr em melhor ordem os Bispados, restituindo-se a cada hum o que lhe andava sonegado. Tornou para esta Igreja, e padecendo bastantes trabalhos, no meyo delles fechou o circulo da vida, subindo sua alma a gozar da tranquilidade eterna a 19. de Março de 334. Seu sagrado corpo tem occulto o Omnipotente, até que elle mesmo permitta manifestá-lo para sua mayor gloria, e desta santa Igreja Bracharense. D. Rodrigo da Cunha &c.

S. PATERNO *Arcebispo de Braga.*

Nasce em Galliza Bracharense, e se corresponde com Santo Ambrosio.

1 NAsceo no Reyno de Galliza Bracharense de pays Christaõs, ricos, e nobres. Applicou-se aos estudos, e nelles sahio insigne, e grande na virtude, em que logo se exercitou, por conhecer que as letras humanas, sem ella, naõ servem mais que de fomento da vaidade, e da prezumpçaõ. Teve noticia o Doutor Santo Ambrosio de que era o nosso Santo Varaõ consummado nas letras, e singular nas virtudes, e lhe escreveo, louvando-lhe huma, e outra cousa, e assim que ambos se correspondiaõ ainda quando secular. A mesma correspondencia tinha com Simacho, Varaõ illustrissimo, e pessoa principal do Senado Romano.

Fazem-no Prelado de Braga, e o privaõ da Dignidade.

2 Vendo pois os Bracharenses que concorriaõ em Paterno predicados, porque se fazia benemerito da Dignidade de Arcebispo Primaz, o elegeraõ para ella. Sagraraõ-no Simphosio Bispo de Orense, e Dictino de Astorga: porém como estes dous Bispos seguiaõ a heresia de Prisciliano, e por isso estavaõ apartados da Igreja, e condenados pelos Bispos Catholicos de Hespanha, logo que estes tiveraõ noticia da sagraçaõ de Paterno, fizeraõ congregar Concilio em Toledo, no qual deraõ sentença da privaçaõ da Dignidade a Paterno.

Convence aos dous Bispos herejes, e he restituido á sua Dignidade.

3 Grande foy o horror, e extremosa a paixaõ, que occasionou a sentença do Concilio no animo, e coraçaõ de Paterno, naõ por se ver privado da Dignidade, pois nada tinha de ambicioso della; mas porque com ella cahio no seu erro, e veyo no conhecimento da pouca consideraçaõ, que tivera, em se deixar sagrar por dous Bispos herejes. Queixou-se aos mesmos herejes; e affeou-lhes a culpa desorte, que convencidos, e desenganados da sua cegueira, propuzeraõ ir-se accusar della publicamente no primeiro Concilio que se congregasse. O que cumpriraõ no anno de 400. em hum Concilio que se celebrou em Toledo, no qual confessaraõ os dous Bispos o seu erro, Paterno a sua culpa, e todos mereceraõ o perdaõ daquella sagrada Congregaçaõ, por reconhecerem o vivo da sua dor, e a verdade do arrependimento. Foraõ reconciliados, e restituidos ás Igrejas que tinhaõ os dous Bispos Simphosio, e Dictino, e o nosso Paterno restituido á sua Dignidade, por ser ja fallecido, na occasiaõ em que se promulgou a tal sentença, S. Profuturo Arcebispo de Braga, eleyto pelo Concilio que havia extraminado a Paterno. Viveraõ os dous penitentes Prelados com grande confuzaõ, e exemplo, e mereceraõ na morte veneraçaõ de Santos, e a Igreja de Astorga reza a 2. de Junho de S. Dictino. O nosso Santo Arcebispo recolhido á sua Diocese, totalmente se entregou aos exercicios de piedade, e á prédica da Ley de Christo, reprovando os muitos abusos, que no Arcebispado se tinhaõ introduzido com a seita Prisciliana. Fez juntar Concilio em Aquas Celenas, (que he agora a Villa de Faõ, segundo as mais provaveis opinioens] e nelle condenou a heresia de Prisciliano.

Preside em hum Concilio de Toledo como Arcebispo Primaz.

4 No anno de 405. se fez em Toledo hum celebre Concilio nacional, em que assistiraõ dezanove Bispos, e presidio o nosso Paterno, como Arcebispo Primaz, segundo affirmaõ Dextro, Juliano, Marco Maximo, e outros

tros Authores, que cita D. Rodrigo da Cunha, no Tratado da Primazia, no qual se condenou tambem a heresia Prisciliana, que se tinha espalhado por toda Hespanha, e se fizeraõ vinte decretos mui importantes á reformaçaõ dos costumes. Affirma Juliano, que fora assistir ao dito Concilio o Santo Bispo Metropolitano de Ravena, Expurancio, cuja Igreja pertendia contra Millaõ seu Primaz de Italia; e o mesmo diz Flavio Dextro. E se pois sendo Expurancio pertendente da Primazia de Italia, naõ presidio no Concilio, senaõ Paterno Metropolitano de Braga, e Primaz de Hespanha, que duvida ha em que o Bispo de Ravena respeitou ao nosso Arcebispo como Primaz, e por isso consentio que presidisse, e tivesse melhor lugar naquelle celebre Concilio, e ja que tocamos em materia de Primazia naõ podemos deixar de dizer, que injustamente pertende a santa Igreja de Toledo competir com Braga, que he Primaz das Hespanhas, por S. Pedro de Rates ser o primeiro Bispo, e o primeiro Martyr della, e a Primazia de Toledo he unicamente por privilegio, que lhe deo ElRey Godo Chindasuinto, ou Cindosundo, que entrou a Reynar no anno de 649., como escreve o Mestre Pedro Sanches na Vida dos Filosofos, tratando das grandezas de Toledo pag. 236., o qual era Racioneiro de Toledo, e dedicou a tal obra ao Cabido daquella grande Sé. Tambem diz, que antes de Toledo se intitulava Primaz o Arcebispo de Sevilha, cuja Dignidade, e preeminencia se lhe tirara no tempo de Theodosto seu Arcebispo, por se julgar Arriano. Finalmente, fechado o Concilio se retirou o nosso Paterno para esta Diocese, onde accumulado de meritos passou ao Ceo a buscar o premio delles a 24. de Março de 407.

O Arcebispo de Toledo he Primaz por privilegio.

S. PROFUTUROS *Arcebispo de Braga, Eremita Agostinho.*

FOy Africano de naçaõ, discipulo de Santo Agostinho, e de taõ grande sabedoria, e santidade, que lhe costumava chamar aquelle grande Doutor: *Alter ego*, encomio, que só penetra bem, quem bem penetrar que cousa seja Agostinho. Naõ he facil de alcançar a occasiaõ que o trouxe a Hespanha. Alguns Authores dizem, que o mandara o seu grande Mestre, para que prezenciasse, e observasse os Concilios que por Hespanha se faziaõ. Porèm, ou fosse por este, ou por aquelle motivo, o certo he, que se achou no Concilio que em Toledo se fez na occasiaõ em que se condenaraõ aos dous Bispos Simprosio, e Dictinio, e a Paterno Arcebispo de Braga, pelo motivo que na sua vida dizemos. Naquelle Concilio pois viraõ os Padres a sua alta prudencia, e profunda sabedoria, e que fallava, e votava taõ profundamente como filho de quem era, e logo puzeraõ todos nelle os olhos pela exterminaçaõ de Paterno, e naõ lhe valendo as muitas escuzas que deo para naõ acceitar, veyo de Toledo para Braga, onde viveo poucos annos, pois ja tinha enviado a Deos o espirito no tempo em que S. Paterno foy restituido pelo segundo Concilio á sua Dignidade. Fundou alguns Mosteiros, e Eremitorios neste Reyno, e naõ falta quem diga ser fundaçaõ sua o Mosteiro de S. Martinho de Sande, agora Reitoria Secular, pois sendo no principio de Eremitas de Santo Agostinho, veyo a ser de Monges Benedictinos, edificado de novo por S. Fructuozo Arcebispo de Braga. A Ordem Eremitica de Santo Agostinho teve principio neste Reyno pelos annos de 393. com a vinda para elle deste Santo Prelado. Viviaõ dispersos por diversos Ermos os Religiosos, até que o Papa Innocencio IV., que começou a florecer pelos annos de 1240. mandou que estivessem todos unidos á obediencia de hum Prelado Geral, e lhes deo muitos privilegios. O Papa Alexandre IV. seu Successor lhes deo a Regra de Santo Agosti-

Agostinho, e mandou que tomassem o appellido do mesmo Santo, pois elle havia começado esta observancia, assinalando-lhes o habito, que haviaõ de vestir, e o Officio, que haviaõ de rezar.

SANTO AUSBERTO *Arcebispo de Braga.*

NAõ a S. Profuturos, sim a outro Profuturo que poucos mezes logrou esta Dignidade, succedeo Santo Ausberto, Flamengo de naçaõ, Varaõ eminente em letras, prudencia, e Religiaõ. Poucas saõ as noticias, que se achaõ do particular da sua vida. Sabe-se porém, que depois de governar alguns annos esta Igreja passara a Flandes, dezejoso de prégar a Ley de Christo, e de desterrar naquelles Senhorios muitos erros, que andavaõ introduzidos entre os Christaõs seus naturaes, e foy taõ copioso o fructo que nelle fez, que mereceo o titulo de Grande Apostolo de Flandes. Andando naquella Apostolica vida passou á eterna S. Aldeberto, Bispo de Cambras, e achando o Clero daquelle Bispado, que só elle podia supprir o lugar de taõ Santo Prelado, o elegeraõ por seu Bispo, em cuja Dignidade perseverou, e resplandeceo com exemplos de excellentes virtudes, trazendo a Provincia de Hanonia, e a outras circunvisinhas ao conhecimento, e culto do verdadeiro Deos, de quem foy receber o premio merecido pelos seus travalhos a 13. de Dezembro de 533. Cunha *Histor. de Braga.*

Vida, e morte de S. MARTINHO *do Dume, Arcebispo de Braga, Monge Benedictino.*

1 OFferece-se-nos por assumpto as memorias de hum Sol resplandecente da Igreja Catholica, de hum Mestre universal do mundo, do acerrimo flagello da heresia Arriana, do Amparo soberano dos homens, do Pay illustre das Religioens, o Grande, e admiravel S. Martinho do Dume.

2 Andaraõ discordes os Authores sobre a certeza da sua patria, pois huns o fazem do Oriente, outros de Ungria, e outros deste Reyno; porèm a opiniaõ mais certa, e a mais provavel he a de que com effeito nasceo no Reyno de Ungria, e esta seguimos. Tambem se duvida onde tomou o habito Benedictino. Provavel he que o tomaria em França, onde a Religiaõ Benedictina estava na sua primavera com a santidade de S. Mauro, [a que chamamos os Portuguezes Amaro] e de seus discipulos, que tanto floreciaõ naquelle Reyno. Tambem o poderia tomar neste Reyno das maõs de S. Romaõ Abbade, que do mesmo Reyno de França veyo fundar muitos Conventos a este, como na sua vida diremos, ou das do Veneravel Lucencio, primeiro Abbade de Lorvaõ, discipulo de S. Bento, e o primeiro Monge que entrou em Portugal da sua Monastica Ordem. Porèm, ou tomasse o habito em França, como parece mais certo, ou em Portugal, importa pouco, o certo he que foy Monge Benedictino, e naõ Eremita de Santo Agostinho, como alguns Authores queriaõ, contra a torrente dos Authores antigos de Hespanha.

3 No principio da sua juvenidade partio para a Palestina, incitado dos dezejos que tinha de ver, e visitar aquelles Santos Lugares, em que o Filho de Deos humanado obrou os soberanos Mysterios da nossa Redempçaõ; e tambem o naõ moveriaõ pouco a esta peregrinaçaõ as noticias, que tinha de tantos homens famosos em letras, que viviaõ na Cidade de Jerusalem, pois se

ſe applicou naquella famoſa Cidade á lingua Grega, e á Latina, em que ſahio eminentiſſimo, e ſobre tudo á Filoſofia moral, e letras Divinas, em que aproveitou tanto, quanto teſtimunhaõ as ſuas doutiſſimas obras, e o publicava S. Gregorio Turonenſe, dizendo, que no ſeu tempo naõ havia outro homem mais ſabio na Chriſtandade, ſendo que concorreraõ com elle no ſeculo dos quinhentos para os ſeiscentos, de Africa os Fulgencios, os Ferrandos, os Eugippios, os Victores, os Junilios, os Primacios, e os Liberatos. De Aſia os Andrés Ceſárienſes, e os Anaſtaſios Sinaitas. De Europa os Eunodios, os Marcellinos, os Avitos, os Baecios, os Caſſiodoros, os Leoncios, os Juſtos Orgilitanos, os Dacios, os Venancios, os Evagrios, e outros de que teve bõa noticia o dito S. Gregorio, quando diſſe, que nenhum excedia na ſabedoria, e ſantidade ao noſſo S. Martinho.

Doutores que floreceraõ no ſeu tempo.

4 Dos muitos peregrinos, que de todas as partes da Chriſtandade concorriaõ a Jeruſalem, em eſpecial de Heſpanha (ordenando o aſſim Deos) ſe informava Martinho do eſtado em que eſtava a Fé neſtes Reynos. Soube como os Reys Suevos, que dominavaõ na Luſitania, e Galliza, tinhaõ deixado a pureza da Fé, e paſſado á contagioſa ſeita Arriana, mediante o engano do finiſſimo Hereje Aiax, que viera de França demandar as ditas Provincias, donde era natural, mas criado em França na Corte de ElRey Theodomiro, e muito ſeu valido, em cujo pernicioſo barathro perſeveraraõ os Reys, e Vaſſallos perto de cem annos. Soube mais dos peregrinos, que ElRey Theodomiro, que ao preſente reynava, andava mui afflicto, e anguſtiado, por ver falto de ſaude ao Principe ſeu herdeiro, ſem eſperança alguma de a cobrar por meyos humanos, e por ver que as oraçoens dos Biſpos Arrianos eraõ de nenhuma efficacia para lha alcançar do Ceo, recorrera a S. Martinho Biſpo de Turs, eſclarecidiſſimo em milagres, e romagem mui celebre naquelle tempo, mandando hum Embaixador com o Principe ſeu filho, com ordem para o pezar a ouro, e prata diante do Santo; porèm que como Deos naõ quizeſſe pôr os olhos na offerta de Theodomiro, ſem primeiro lhe allumiar os da alma, entrara em penſamentos de abjurar a hereſia, e fazer-ſe da meſma Fé que S. Martinho ſeguira, ſe deſſe ſaude ao filho, pois della pendia a perpetuidade do ſeu Reyno, e que com eſta promeſſa mandara ao Santo novos Embaixadores, para que lhe trouxeſſem alguma reliquia ſua. Accreſcentaraõ os peregrinos, que naõ duvidando de que S. Martinho deſſe ſaude ao Principe, nem de que Theodomiro cumpriſſe a ſua palavra, pelo conhecimento que tinhaõ da ſua grande prudencia, e elevado entendimento, receavaõ que naõ perſeveraſſe, por ter comſigo muitos miniſtros zeloſiſſimos daquella maldita ſeita, que, a naõ poderem vencer a ElRey, fariaõ com que o povo o naõ ſeguiſſe, porque tinhaõ agudeza para tudo.

Noticias que lhe deraõ em Jeruſalem do miſeravel eſtado deſta Provincia.

De como mandou ElRey Theodomiro ao Principe ſeu filho a França.

5 Ouvindo S. Martinho eſtas couſas em Jeruſalem, começou a arder logo em chammas do amor de Deos, e do proximo, e em dezejos de remediar os Heſpanhoes, vindo-lhes prégar a palavra Divina. Vio-ſe ſummamente perplexo no que faria, pelo muito que eſtava contente, e ſatisfeito de viver, e morrer naquelles meſmos Lugares, onde o Salvador do mundo vivera, e morrera; e como ſe naõ podia vencer a deixá-los, recorreo a Deos lhe inſpiraſſe o melhor. Continuou em fazer-lhe para iſſo perennes oraçoens, e mereceo, que eſtando huma noite orando com grande devoçaõ, e ternura, lhe appareceo hum Anjo, ordenando-lhe ſe embarcaſſe para Heſpanha, em huma náo que eſtava para dar á véla no Porto de Joſſe. Logo que o noſſo Santo ſoube a ultima vontade de Deos, ſahio de Jeruſalem, e chegando ao Porto de Joſſe, embarcou em huma náo Heſpanhola, que nelle eſtava aparelhada. Deſembarcou, pois, Martinho em Portugal, ou em Galliza, no meſmo dia que de França haviaõ chegado os ſegundos Embaixadores ricos com a reliquia da milagroſa capa de S. Martinho, e muito mais com

Diz-lhe hum Anjo convinha ao Servo de Deos ſe embarcaſſe para Heſpanha.

com a ſaude, que com ella trouxeraõ aó Principe. Eſtava ElRey contentiſſimo em extremo, e dezejoſo de lançar de ſi o jugo Arriano, porém indeterminado no como o havia de fazer, á viſta do mais principal do Reyno ſeguir aquella maldita ſeita. Eſtando mettido em hum labyrintho de perplexidades, lhe deraõ a ſaber, que a eſta Cidade de Braga chegara no meſmo dia, que os Embaixadores de França, hum homem de novo habito, de aſpecto veneravel, do meſmo nome de S. Martinho, e mui ſimilhante a elle na doutrina &c. Alegrou-ſe ſummamente Theodomiro, e logo o mandou procurar, e que o levaſſem á ſua preſença. Informou ſe Theodomiro miudamente do nome, patria, e tençaõ do noſſo Santo, e vendo que S. Martinho partira de Levante no proprio dia, que a reliquia de S. Martinho de França, aportara em Galliza no dia em que ella chegara, conheceo ſer tudo obra do Ceo, logo pedio o baptiſmo, e de todo ſe entregou nas maõs de S. Martinho, que o fez ſenhor do ſeu coraçaõ, e vontade. O meſmo fizeraõ o Principe Miro, e com elle toda a Fidalguia Sueva, a quem ſeguio aquelle cego povo, que até entaõ vivia nos deſcuidos, e ſombras da morte, e a todos amanheceo a clara luz do dia, por induſtria de S. Martinho, que naõ ſó lhes deo ſaude nas almas com o verdadeiro conhecimento de Chriſto, ſenaõ tambem nos corpos, pois todos os leproſos que recebiaõ a agoa do baptiſmo ſaravaõ, que era nelles, e naquelle tempo a enfermidade mais ordinaria, e contagioſa.

Chega a Braga, e notic'oſo Theodomiro o mandou ir á ſua preſença.

Recebe Theodomiro, Caſa Real, e mais fidalguia o baptiſmo da maõ de S. Martinho.

6 Governava naquelle tempo o Arcebiſpado de Braga, e os poucos Chriſtaõs, que por elle haviaõ, o Veneravel Arcebiſpo Eleutherio, que teve o contentamento com a vinda de S. Martinho, e converſaõ dos Suevos, que ſe naõ póde explicar, e deraõ as maõs hum a outro, para ſe empenharem na converſaõ de todos os Arrianos vaſſallos de Theodomiro, e o fizeraõ primeiro em Braga, e depois diſcorreraõ pelas Cidades, Villas, e Aldêas deſte Reyno, com taõ feliz ſucceſſo, que todos geralmente ſe convertiaõ, pelas perſuaſoens, e razoens, com que S. Martinho os convencia, e moſtrava claramente as ſuas cegueiras.

7 Depois de andar neſte Apoſtolico exercicio alguns tempos, e de ter reconciliados ao gremio da Igreja Catholica os Suevos, ſe recolheo a eſta Cidade de Braga; porém como ſe naõ ſatisfazia ſómente com plantar a Fé Catholica neſtes Reynos, pedio a Theodomiro (ſe he que elle lha naõ offereceo) a Igreja do Dume, que de pouco havia edificado ElRey em honra de S. Martinho, e em acçaõ de graças do milagre que obrara no Principe ſeu filho, para nella fundar hum Moſteiro de Monges Benedictinos, no qual ſe pudeſſem mais cõmodamente entregar aos cuidados da morte, os que deſprezavaõ as riquezas, e vaidades da vida. Theodomiro naõ ſó lhe deo a Igreja, mas lhe mandou fazer hum magnifico Moſteiro, que logo vio povoado de Monges, de que foy primeiro Abbade o meſmo S. Martinho. Morto Eleutherio Arcebiſpo de Braga, lhe ſuccedeo o Arcebiſpo Lucrecio, que ſublimou aquelle Moſteiro a Cathedral, e fez conſagrar a S. Martinho por ſeu primeiro Biſpo, porém ſuffraganeo a Braga. O Concilio de Lugo lhe aſſinou por ſubditos a Familia, e Caſa Real, e conſeguintemente o cargo, e authorizada Dignidade de Capellaõ mór dos Reys Suevos, (que os de Portugal ainda hoje conſervaõ) a qual logrou em quanto vivo, e nelle teve principio eſta Dignidade.

Funda o Convento do Dume, do qual foy o primeiro Abbade, e primeiro Biſpo do Dume.

8 Vendo ſe S. Martinho com a Dignidade Epiſcopal, creſceo no zelo, e no fervor do bem das almas, e por iſſo fez com que ElRey Theodomiro, e Lucrecio Arcebiſpo deſta Cidade convocaſſem Concilio nella, para ſe emendarem muitos abuſos que havia, e ſe eſtabeleceerem as materias mais neceſſarias da Fé, que eſtavaõ taõ eſcurecidas, que ainda os meſmos Parochos ignoravaõ o que haviaõ de enſinar a ſeus Freguezes. Celebrou-ſe pois o tal Concilio, que foy o ſegundo que ſe celebrou em Braga. (Foy o primeiro

meiro no tempo do Arcebispo Pancracio] no anno de 563. do Nascimento de nosso Redemptor, no qual assistiraõ oito Bispos, e como as materias que nelle se trataraõ eraõ importantissimas, e de maravilhosa, e santa Doutrina, e da pureza da Fé, que sempre se guardou nesta Cidade de Braga, saõ merecedoras de que andem diante dos nossos olhos taõ honradas, e proveitosas antiguidades, motivo, porque copiamos no fim desta vida o mesmo Concillo.

9 Demais de ser vigilantissimo em doutrinar suas ovelhas, e em assistir sempre ás Matinas com os seus Monges, deixando-se ficar no Coro depois dellas em fervorosa oraçaõ, orvalhada de ternissimas, e suavissimas lagrimas, com frequentes consolaçoens do Ceo. Fundou muitos Conventos da sua Ordem, a quem deo santissimas leys, correspondentes á Regra Monastica, dos quaes diremos os mais sabidos, que foraõ: O de Tibaens, que por elle foy fundado, e reedificado por D. Payo Gutterres da Silva, e he cabeça da Congregaçaõ Benedictina neste Reyno. O de Santo Antonio, ou Antaõ, que esteve no monte Brito, perto da Freguezia de Barbudo. O Mosteiro de S. Salvador da Torre, a quem chamavaõ antigamente Salvador do Dume, por ser Collonia sua, e grande imitador da sua observancia, foy por elle fundado, e he agora Igreja Parochial, e unida ao Convento de S. Domingos de Vianna, pelo Veneravel Servo de Deos, o Senhor D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo Primaz, cuja santa vida nesta Obra escreveremos. Fundou o Mosteiro de S. Claudio, que tambem he hoje Igreja Parochial. Na Freguezia de S. Joaõ de Cabanas tambem fundou outro Mosteiro, no qual assistiraõ muitos annos settenta e cinco Monges. Em Varsea, meya legoa de Barcellos, houve outro Mosteiro fundado pelo mesmo Santo, e he hoje Igreja Parochial unida ao Convento de Villar, pelo Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, que tambem unio ao mesmo Convento a Igreja de S. Martinho de Manhedo, entaõ Abbadia secular, tendo sido no principio Mosteiro de Monges Benedictinos, e fundaçaõ de S. Martinho. O Convento de S. Salvador de Villar de Frades, como vulgarmente se chama, foy edificado pelo mesmo Santo Arcebispo, e perseverou com Monges Bentos muitas centenas de annos, até que estes o despovoaraõ, e o Arcebispo D. Fernando da Guerra fez doaçaõ delle ao Santo Mestre Joaõ, fundador neste Reyno da Congregaçaõ do Evangelista, e depois Bispo de Lamego, e de Viseu. A Igreja de S. Victor, ou de S. Vitouro, como lhe chamaõ os naturaes, tambem foy Mosteiro de Monges, e fundaçaõ de S. Martinho, e se deo para nelle viverem Religiosos, e ser Priorado do Mosteiro de Santo Antaõ de Moure, por hum Vasco Mendes, e pela doaçaõ que se fez a S. Giraldo do dito Mosteiro de Santo Antaõ de Moure, cujo Priorado era S. Vitouro de Braga, ficaraõ os Senhores Arcebispos sendo Abbades desta Igreja.

Mosteiros que fundou.

10 Grande era a ancia que S. Martinho tinha de adquirir almas para Deos, e certamente, que muitas lhe havia de dar por este meyo, por serem muitos os que desenganados do mundo, e aborrecidos dos deleites, e gostos da vida, se recolhiaõ á Religiaõ, para nella totalmente se darem a Deos, e aos cuidados da morte, que saõ o mais efficaz meyo para fazerem bõa vida. E assim que com o santo exemplo dos Monges se reformavaõ os Ecclesiasticos, e com o destes se edificavaõ, e reformavaõ os seculares. Naõ fallamos nos muitos Servos de Deos, que floreceraõ nos sobreditos Conventos, porèm naõ deixamos com tudo em silencio os que floreceraõ no que primeiro se fundou em obsequio de S. Martinho Bispo de Turs, como ja deixamos dito, que foraõ os Martinhos, os Paschacios, os Fructuozos, os Pigmenios, os Felices, e os Rosendos. No mesmo Mosteiro vestio a Cogulla Benedictina o penultimo Rey dos Suevos Eborico, sendo o primeiro Monarcha, que de toda a Christandade professou a santa Regra, e succedeo aquel-

Eborico primeiro Monarcha que tomou o habito Monachal.

aquelle celebrado milagre das uvas, que S. Gregorio Turonense escreve, e refere no liv. 4. cap. 17., e naõ no da Sé de Orense, como queriaõ Ambrosio de Morales, o Padre Fr. Antonio de Yepes, e outros Authores Castelhanos, e para que o Leytor naõ ignore qual elle fosse, apontaremos aqui as suas principaes circunstancias.

11 Como a Igreja de S. Martinho Bispo de Tures estava fundada no campo em sitio fresco, e aprazivel, muitas vezes sahia a recrear-se ElRey Theodomiro. O mesmo fazia depois seu filho Ariamiro, e indo este huma tarde para se gozar da frescura de huma admiravel fonte, que estava no meyo de huma vistosissima, e fertil parreira, a que chamaõ *a Lata de S. Martinho*, disse para os que o acompanhavaõ: *Ninguem se atreva a tocar nestas uvas, porque naõ succeda offendermos ao dono dellas.* Estavaõ as uvas meyas pintas, e por isso espertavaõ mais o appetite. Achava se presente hum moço, ou chorreiro, como lhe chama S. Gregorio Turonense, e tomando o dito por graça, e querendo delle mesmo fazer festa, disse: *Se as uvas saõ, ou naõ saõ de S. Martinho, isso me naõ consta a mim, o em que naõ duvido he da vontade que tenho de as comer.* O mesmo foy o dizer estas palavras, que o pendurar-se na Lata com a maõ direita, com intento de tirar algum cacho com a esquerda; porêm naõ o chegou a cortar, por lho impedirem as excessivas dores, que lhe deraõ na maõ, que se lhe pegou na latada. Exclamou pelos presentes, para que lhe acudissem, e pelo Santo, que lhe perdoasse. Acudio ElRey aos alaridos, quiz de indignado cortar-lhe a maõ, impediraõ-lho os escudeiros, dizendo-lhe, que assaz estava castigada a sua golodice; foraõ todos á Igreja, fizeraõ oraçaõ ao Santo, e alcançaraõ remedio para o moço. Que de consideraçoens offerece caso taõ raro! Fique-as ponderando o curioso na imagem desta advertencia, em quanto nós continuamos a narraçaõ summaria da vida do nosso Santo, e dizemos, que o dito Mosteiro, e Igreja Cathedral do Dume se conservou em ser, e observancia até á entrada dos Arabes em Hespanha, os quaes destruindo a Braga, destruiraõ a Dume tambem, porêm naõ desorte, que deixasse de conservar titulo de Bispado até o tempo do nosso Conde D. Henrique, Tronco dos Serenissimos Reys de Portugal. Em cujo tempo passaraõ seus Monges para Mondonhedo, e por isso aquella Cathedral tem por seus Santos os do Dume, e reza de S. Martinho como proprio, e daqui veyo o dizer Marco Maximo, que primeiro fora Bispo de Mondonhedo, o que foy conhecida equivocaçaõ, pois no tempo em que floreceo o nosso S. Martinho, ainda naõ era Mondonhedo Cidade.

Nota hũ grande milagre.

Conservou-se o titulo do Bispado do Dume, atè o tempo do Conde D. Henrique.

12 Talvez que o seguir o Cabido de Mondonhedo a opiniaõ de Marco Maximo fosse o mayor motivo, que o obrigou a mandar pedir por hum seu Capitular huma reliquia do nosso Santo ao Illustrissimo Arcebispo Primaz D. Rodrigo de Moura Telles, que com effeito lha deo authenticamente, tirando-a do cofre particular em que estavaõ depositadas, e mettendo-a em outro, que para esse effeito estava preparado, depois de precederem as devidas, e costumadas ceremonias. Chamava-se o Capitular D. Antonio Frijo, y Falçon. Era Varaõ Doutissimo, virtuoso, e extremosamente devoto de S. Martinho. Estava para se pôr a cavallo com a sagrada reliquia deste Santo, e com outra naõ menos admiravel, que no mesmo tempo lhe havia dado o dito Illustrissimo Prelado, com attestaçaõ de que era do Senhor Martyr S. Joaõ Marcos, [que naquelle comenos se havia trasladado para o magnifico tumulo em que agora está] taõ contente estava digo de se ver de posse daquelles gloriosos thesouros, e taõ satisfeito das honras, e attençoens com que foy tratado deste Illustrissimo Prelado, e Reverendissimo Cabido, que me attrevo a affirmar, que estes duplicados gostos foraõ causa da morte, que o accõmetteo taõ de repente, que apenas pode pronunciar Jesus, S. Joaõ Marcos, e S. Martinho do Dume; que supposto lhe naõ valeraõ para lhe alcança-

Pede o Cabido de Mondonhedo hũa reliquia de S. Martinho, e fallece de repente o Capitular a quem se entregou.

cançarem a vida temporal, lhe valeriaõ para o metterem de posse da eterna, como piamente devemos crer, e esperar da vida exemplar daquelle Sacerdote, e da intercessaõ dos Santos de que se valeo.

13 O excessivo gosto, que Diagoras teve de ver coroados tres filhos no mesmo dia, lhe occasionou morte repentina. O Papa Leaõ X. falleceo de repente, pelo gosto que teve com a nova que lhe deraõ, de que os Francezes tinhaõ resgastado a Cidade de Millaõ. Hum dos sette Sabios de Grecia, a que chamavaõ Chilo, morreo abraçado com hum filho, que sahira vencedor nos Olympicos jogos. Crotoritas morreo com gosto de se ver coroado por victorioso nos mesmos jogos, e o mesmo succedeo a Eneto. Philippe Comico morreo repentinamente por vencer em hum Certame a sette Poetas. O famoso Pintor Zeuxio teve a mesma morte, pelo gosto que lhe resultou de ver a propriedade com que elle mesmo acabava de pintar a deformidade de huma velha. A' mãy de D. Domingos, Arcebispo de Evora, lhe deo hum mortal accidente do contentamento que lhes nasceo de ver Bispo de Evora, a quem julgava morto havia muitos annos, por delle nunca ter noticia. Antonia Martins, mãy de S. Filippe de Jesus, de quem nos lembramos neste Tomo, morreo do gosto, que lhe resultou de ir na procissaõ da Beatificaçaõ de seu Santo filho. E se todos estes morreraõ de contentamento, e outros mais que as historias celebraõ, desculpavel nos fica o dizermos, que attribuimos a mesma morte áquelle devoto Sacerdote, pois a isto nos faz ainda mais persuadir o vermos que chorava de contente, depois que conseguio, e teve na sua maõ a reliquia do nosso S. Martinho, que todavia lhe pareceo no principio difficil de conseguir. Foy em fim a reliquia para á Igreja de Mondonhedo, naõ por hum Beneficiado, que tinha vindo na companha do dito Conego, mas por outro Capitular, que para esse effeito novamente mandou aquelle Reverendo Cabido. Motivou esta improvisa morte hum notavel sentimento no Illustrissimo Prelado, e no Reverendo Cabido desta Sé Primaz, que se houveraõ no enterro, e honras funeraes do tal defunto, com notavel grandeza. Deo-se-lhe sepultura bem de fronte, e junto da Capella, em que estaõ collocadas as Reliquias de S. Martinho do Dume, aos 7. de Settembro do anno de 1718. E como com estas noticias cortamos o fio á historia do nosso Santo, o emendamos, com proseguir com a manifestaçaõ della.

Algumas pessoas a quem cõtentamêtos privaraõ da vida.

14 Morto Lucrecio Arcebispo de Braga, nomeou ElRey Theodomiro a S. Martinho por seu successor, como quem a ninguem trazia mais nos olhos. Escuzou se com as razoens que lindamente haviaõ de compor a sua humildade; porèm vencido dos rogos, e instancias de Theodomiro, e do Clero, e povo Bracharense, acceitou a Dignidade de Arcebispo, ficando juntamente com a de Bispo do Dume, pelo grande amor que lhe tinha. Com a nova Dignidade resplandeceo mais a olhos vistos com as grandes virtudes, que encerrava a sua purissima alma [occultas até entaõ no divorçorio da Religiaõ] portando-se para comsigo austero, e penitente, severo, e justiçozo para castigar os vicios, onde era necessario o castigo publico. Era benigno, e compassivo para os arrependidos, liberal, e caritativo para com os pobres, dando esmólas onde sentia necessidades, e ainda onde as suspeitava. Aprendiaõ delle os subditos a jurisprudencia no decidir as causas, a justiça distributiva em dar a cada hum o seu, a aspereza da vida em castigar vicios, a Religiaõ em frequentar os Divinos Officios, o fervor da Fé em prégar a doutrina orthodoxa, o zelo da Igreja em reformar o Clero, e finalmente a amplificaçaõ della em arrancar os abusos, que ainda permaneciaõ no vulgo do tempo da Gentilidade, e da Prisciliana heresia, que, como nascida em Galliza, naõ se havia de todo extinguido.

Fá lo Theodomiro Arcebispo de Braga.

15 Governava o Arcebispado havia alguns annos, quando se resolveo a convocar Concilio em Braga, para desterrar de todo alguns abusos, que ainda

se conservavaõ: e fallando neste seu intento a ElRey Ariamiro, filho, e Successor de Theodomiro, este lho approvou. Juntou-se pois o Concilio nesta Cidade aos 15. de Dezembro de 572., no qual presidio, e se decretaraõ importantissimos institutos, naõ sómente acerca da Fé, mas em ordem aos Bispos, e Sacerdotes, como delle se verá, pois o offerecemos tambem copiado no fim desta Vida, para que gozem os Bracharenses de cousas taõ merecedoras de serem sabidas, e notadas por todos os Catholicos Romanos. Era a occupaçaõ do nosso Santo, depois do aproveitamento da sua alma, attender ao de suas ovelhas, ensinando, e remediando com tanto cuidado a cada huma, como se tivera aquella só, e a todas, como se naõ fora mais que huma. Nunca esta Cidade, e Arcebispado se vio mais florente em todos os bons costumes, que no tempo deste Prelado, e para que naõ só fosse proveitoso ás suas ovelhas com a lingua no Pulpito, e com o exemplo, e conversaçaõ, se resolveo a compor muitos, e varios livros, e tratados eruditissimos cheyos de celestial doutrina, para que os que se naõ aproveitassem do que lhes prégasse com a bocca, e com o exemplo, se aproveitassem do que prégava com a penna.

Preside ao Terceiro Concilio Bracharense.

16 Chegado em fim o tempo, em que o Omnipotente queria metter de posse da Gloria a seu felicissimo Servo, pelo bem que se portara na conversaõ dos Suevos, e na Pastoral administraçaõ da sua Igreja por espaço de vinte annos, roborada sua alma com os celestiaes antidotos dos Sacramentos, ordenando seu testamento, com muitos legados pios, e clauzulas importantes ao bem della, nomeando por executores, e testamenteiros aos Reys Suevos, esperou a ultima hora, vestido de cilicio, e sacco, lançado no chaõ sobre cinza, onde logrou a assistencia de Christo N. Senhor, acompanhado de sua Mãy Santissima, dos Anjos, e de S. Martinho Turonense; (de quem sempre fora devotissimo) pelo que, presente taõ Celestial companhia, placidamente se desunio aquelle composto, voando ao Ceo sua alma aos vinte de Março de 583. ficando todos chorando pelo perderem, alegrando-se os Bemaventurados pelo ganharem. Esteve o seu sagrado corpo sepultado no Mosteiro do Dume, de que foy Fundador, e primeiro Prelado, muitos annos, em cujo sepulchro achavaõ os Fieis remedio em suas necessidades. Com a entrada dos Mouros em Hespanha, e com a destruiçaõ desta Cidade, e do Mosteiro do Dume, occultaraõ os Fieis as sagradas Reliquias, para que os Barbaros as naõ dezestimassem; mas o fizeraõ de maneira, que sempre se conservasse a memoria donde estavaõ escondidas, até que, tornando melhores tempos, os mesmos, que reedificaraõ o Mosteiro, as collocaraõ outra vez no seu proprio sepulchro, levantado sobre duas columnas na Capella mór da mesma Igreja. Dalli as tirou o Arcebispo D. Manoel de Sousa, e as guardou, com intento de as trasladar a esta Sé, quando fosse tempo, e para em tanto despersuadir aos do Dume, que as naõ queria tirar, senaõ segurar. Falleceo o Arcebispo D. Manoel, antes de pôr em execuçaõ o santo intento, que tinha de collocar aquellas sagradas Reliquias nesta santa Sé, e com a sua morte se perdeo a memoria dellas.

Fallece S. Martinho com assistencia de Jesus Christo, de Maria Santissima &c.

O lugar da sua sepultura se occultou.

17 Entrou no Governo deste Arcebispado o dignissimo Pastor desta preeminente Dignidade D. Fr. Agostinho de Castro, que zelando o augmento da sua Igreja, e a mayor gloria dos Santos seus predecessores, instou ao Ceo, que fosse servido de revelar, ou mostrar por alguma sorte o sitio em que occultadas estavaõ, para cujo fim mandou pelos Mosteiros, e Templos deste Arcebispado, encomendassem este negocio a Deos, por meyo de fervorosas oraçoens, esmólas, e jejuns &c. Andando todo occupado nestes santos pensamentos, movido de superior impulso, [effeitos de tantas rogativas] mandou desfazer o altar mór da antiga Igreja do Dume, e quiz a Divina bondade, que com pouco trabalho, e grande alvoroço, e consolaçaõ dos prezentes, fossem achadas em sepulchro de pedra, exornado com algumas

Achaõ-se as Reliquias de S. Martinho &c.

gumas

gumas imagens de Santos de relevo entalhadas delle. Dalli foy levado com grande decencia, e solemnidade ao Mosteiro de S. Fructuozo, no qual esteve depositado, em quanto na Sé se preparava lugar conveniente para serem collocadas. No tempo que se fazia entrega aos ditos Religiosos daquellas sagradas Reliquias, sahio do tumulo hum taõ celestial, e penetrativo cheiro, que o naõ podiaõ tolerar os Religiosos em muitos dias, e realmente lhes parecia viviaõ na Gloria. Notaraõ os presentes serem os ossos muito grandes, com especialidade os das canas, e pernas. Esteve muitos dias em S. Fructuozo, e depois se trasladou com huma solemne procissaõ para esta santa Sé no anno de 1606., armando-se para isso, e pondo-se de festa toda a Cidade: houveraõ varios jogos, danças, e folias, e em fim cada Bracharense tinha aquelle dia por proprio, e por isso cuidava que naõ dezempenhava a sua obrigaçaõ, se naõ vencia aos demais nas demonstraçoens de contentamento, que deviaõ mostrar á vinda de seu Apostolo morto, em recompensa, e agradecimento dos bens, que seus antepassados delle receberaõ vivo. Foraõ collocadas na Capella de Santa Martha, que está junto á de S. Pedro de Rates, em hum tumulo de pedra dourada, no qual se gravaraõ as seguintes letras:

Aqui jaz o corpo de S. Martinho, Arcebispo que foy desta santa Igreja de Braga, pelos annos de 574., o qual o Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus, de bõa memoria, no Synodo que celebrou no mez de Outubro do anno de 1606., trasladou da Igreja do Dume, na qual primeiro foy Bispo, e nelle estava sepultado, e o collocou neste tumulo.

Transcreve-se o Concilio Bracharense, que se celebrou no tempo de S. Martinho, e he o segundo, por ter sido o primeiro, sendo Arcebispo de Braga Pancracio, que nelle presidio aos Bispos, de Coimbra Elipando, Pamerio de Idanha, Arisberto do Porto, Deodato de Lugo, Gelacio de Merida, Pontamio de Agueda, Tiburcio de Lamego, Agathio de Iria, Pedro de Numancia. Cujo Concilio escreve Brito na segunda Part. da *Monarchia Lusitana.*

COmo no anno terceiro de ElRey Theodomiro, ao primeiro de Mayo, se ajuntassem os Bispos seguintes da Provincia de Galliza, Lucrecio, André, Martinho, Cotto, Hilderico, Lucencio, Timotheo, e Milioso, e por mandado do sobredito Rey Theodomiro se achassem na Igreja de Braga, Metropolitana da mesma Provincia: Sentados juntamente os Bispos, presentes tambem os Sacerdotes, e assistindo os Ministros, e todo o Clero, Lucrecio Bispo da dita Igreja disse: Muito tempo ha, Irmaõs Santissimos, que dezejavamos se celebrasse entre nós hum Concilio de Sacerdotes, segundo os Institutos dos Veneraveis Canones, e os Decretos da Doutrina Catholica, e Apostolica, porque quando os Sacerdotes juntos em nome do Senhor buscaõ com salutifera alteraçaõ aquellas cousas, que, segundo a Doutrina Apostolica, sustentaõ a unidade do espirito com vinculo de paz, naõ só causaõ huma concordia conveniente ás regras, e ordenaçoens Ecclesiasticas, mas estavel sempre, e firme, em amor fraternal. Agora pois, que nosso gloriosissimo, e piissimo filho, inspirado do Senhor, nos concedeo com authoridade Real, que hum dia que dezejavamos ha tantos para este ajuntamento, e para que unidos todos considerassemos o que convem; tratemos primeiro [se vos parecer bem] do estado da Fé Catholica, depois disto viraõ a luz os Institutos dos Santos Padres, referindo os Canones delles,

Notem. O segundo Concilio Bracharense.

les, e no fim de tudo se trataráõ com toda a diligencia certas cousas, que pertencem ao serviço de Deos, e ao Officio de Sacerdotes, para se porem por ventura algumas cousas, que, ou por descuido de ignorancia, ou por inadvertencia da muita antiguidade, se guardaõ entre nós diversamente, ou se tem por duvidosas, e se tornem [como he razaõ] a huma forma razoavel, e verdadeira. Todos os Bispos disseraõ: O procedimento de vossa Beatitude he justo, porque a causa deste nosso ajuntamento foy para nos redundar algum proveito, de se dar ordem nas cousas da Igreja. O Bispo Lucrecio disse: Tratemos primeiro dos Estatutos, como ja dissemos acima, porque dado cazo, que a contagiaõ da heresia de Prisciliano fosse descuberta, e condenada ha muito tempo nas Provincias de Hespanha; todavia, porque naõ haja alguem, que por ignorancia, ou engano, [como he ordinario] com escrituras apocrifas, esteja ainda inficionado com a peste deste erro, declare-se mais abertamente ás pessoas ignorantes, porque estes, como habitaõ no estremo, e derradeira parte desta Provincia, ou tem pouco, ou quasi nenhum conhecimento da verdadeira erudiçaõ.

Creyo que sabe Vossa fraternidade, que naquelle tempo em que a peçonha da nefandissima seita Prisciliana, inficionava estas Regioens, o Beatissimo Papa da Cidade de Roma, Leaõ, que foy quasi o quadragesimo Successor do Apostolo S. Pedro, mandou suas Bullas, no Synodo, que se ajuntou em Galliza, contra a heresia Prisciliana, por Toribio, Notario da Sé Apostolica: por cujo mandado tambem os Bispos Tarraconezes, Cartaginences, Lusitanos, e Andaluzes, feito entre si Concilio, e escrita huma regra da Fé, contra a heresia de Prisciliano, com alguns Capitulos a mandaraõ a Balconio, que entaõ era Bispo desta Igreja de Braga: pelo que pois temos aqui á maõ o traslado da Fé sobredita, com todos seus Capitulos, parecendo bem a Vossas Reverencias, recite-se para ensino dos ignorantes. Todos os Bispos disseraõ: Mui necessaria he a liçaõ destes Capitulos, para que declarando-se aos mais simplez os antigos Institutos dos Padres Santos, se conheçaõ as ficçoens da heresia Prisciliana, abominadas, e condenadas de tempo antigo, pelos Successores do Bemaventurado Apostolo S. Pedro. Leo-se o traslado da Fé com seus Capitulos, que por naõ cauzarem prolixidade se deixaõ de ajuntar a estes actos Depois da liçaõ dos Capitulos disseraõ todos os Bispos: Posto que a liçaõ se referisse necessariamente, todavia se declarem com mais evidencia, e lhaneza, por Capitulos distinctos, as cousas que se haõ de evitar, para que o menos sabio as entenda, e exprimindo sentença de excõmunhaõ, se condenem finalmente os fingimentos do erro de Prisciliano, para que qualquer Clerigo, Monge, ou Secular, que for achado crer, ou defender cousa similhante se corte logo do corpo, como membro podre da Igreja, para que da macula da sua companhia, e maldade, naõ nasça algum oprobrio aos Fieis na opiniaõ dos que verdadeiramente crem, quando os virem misturados com tal gente. Os Capitulos que se propuzeraõ contra a heresia Prisciliana, e se tornaraõ a ler contêm o seguinte.

Dos Capitulos que nelle se propuzeraõ.

I. Se alguem naõ confessar, que o Padre, Filho, e Espirito Santo saõ tres Pessoas de huma substancia, virtude, e poder, assim como ensina a Igreja Catholica Apostolica, mas diz ser huma Pessoa sómente, de tal modo, que o mesmo seja o Pay, que o Filho, e o Espirito Santo, como disseraõ Sabelio, e Prisciliano, seja excõmungado.

II. Se alguem, fóra da Santissima Trindade, introduz outros, naõ sey que nomes da Divindade, dizendo que a mesma Divindade he a Trindade, assim como os Gnosticos, e Prisciliano disseraõ, seja excõmungado.

III. Se alguem diz, que o Filho de Deos N. Senhor Jesus Christo, naõ foy antes de nascer da Virgem, como disseraõ Paulo Samosateno, Photino, e Prisciliano, seja excõmungado.

IV.

IV. Se alguem naõ honra verdadeiramente o Nafcimento de Chrifto, fegundo a carne, mas finge diffimuladamente que o honra, jejuando no mefmo dia, e o Domingo, porque naõ crê que Chrifto tem verdadeira natureza humana, affim como differaõ Cedron, Marcion, Manicheo, e Prifciliano, feja excõmungado.

V. Se alguem crê, que os Anjos, e almas humanas foraõ da fubftancia de Deos, como differaõ Manicheo, e Prifciliano, feja excõmungado.

VI. Se alguem diz, que as almas humanas peccaraõ primeiro eftando no Ceo, e por iffo foraõ mandadas á terra a viver em corpos humanos, como diffe Prifciliano, feja excõmungado.

VII. Se alguem diz, que o diabo naõ foy primeiro Anjo bom, feito por Deos, nem fua natureza fer obra de Deos, mas diz que procedeo das trévas, fem ter Creador que o formaffe, mas que elle he principio fem fubftancia, do mal, como differaõ Manicheo, e Prifciliano, feja excõmungado.

VIII. Se alguem crê, que o diabo fez algumas creaturas immundas, e que o diabo pela fua propria authoridade faz os trovoens, rayos, tempeftades, e efterilidades, como diffe Prifciliano, feja excõmungado.

IX. Se alguem crê, que as almas, e corpos humanos eftaõ fujeitas a fignos, e eftrellas fadadas, como os Paganos, e Prifciliano differaõ, feja excõmungado.

X. Se alguem crer, que os doze fignos, convem a faber, as eftrellas, que os Mathematicos coftumaõ obfervar, eftaõ repartidos por cada potencia da alma, ou membro do corpo, conrefpondendo aos nomes dos doze Patriarchas, como diffe Prifciliano, feja excõmungado.

XI. Se alguem condena os cazamentos humanos, e abomina a geraçaõ dos que nafcem delles, como differaõ Manicheo, e Prifciliano, feja excõmungado.

XII. Se alguem diz que a organizaçaõ do corpo humano he obra do diabo, e a formaçaõ dos meninos no ventre de fuas mãys, diz que fe faz por induftria do diabo, por onde naõ crê a refurreiçaõ das carnes, como differaõ Manicheo, e Prifciliano, feja excõmungado.

XIII. Se alguem diz, que a creaçaõ de todas as coufas corporaes, naõ he obra de Deos, mas dos Anjos máos, como diffe Manicheo, e Prifciliano, feja excõmungado.

XIV. Se alguem cuida que os manjares da carne, que Deos deo para ufo dos homens, faõ immundos, e fe abftem delles, naõ por caufa de affligir o corpo, mas pelos ter por coufa immunda, nem come ervas cozidas juntamente com a carne, por effe refpeito, como enfinaraõ Manicheo, e Prifciliano, feja excõmungado.

XV. Se algum Clerigo, ou Monge tiver em fua companhia algumas mulheres, em lugar de parentas adoptivas, e morar com ellas, ainda que lhe fejaõ mui conjunctas por confanguinidade, naõ fendo mãy, ou irmaã, como enfinava a feita de Prifciliano, feja excõmungado.

XVI. Se alguem na Quinta feira de Pafcoa, que fe chama da Cea do Senhor, naõ ouve as Miffas na Igreja, guardando o jejum até a hora coftumada depois da Noa, mas honra a fefta, e quebra o jejum defde a hora da Terça, em que fe dizem as Miffas dos defuntos, conforme a feita de Prifciliano, feja excõmungado.

XVII. Se alguem ler as efcrituras, que Prifciliano depravou conforme o feu erro, ou os tratados que Dictinio (antes de fe converter) efcreveo debaixo dos nomes de alguns Patriarchas, Profetas, e Apoftolos, fingindo-os conformes a feus erros, e defender, ou feguir fuas ficçoens impias, feja excõmungado.

XVIII. Propoftos eftes Capitulos, e tornados a ler, o Bifpo Lucrecio, diffe:

disse: Pois saõ declaradas mais facil, e manifestamente (ainda para o intendimento dos ignorantes) as cousas que os Catholicos condenaõ, e abominaõ, me parece consecutivamente necessario, (parecendo bem a Vossa fraternidade) que se nos declarem os Institutos dos Santos Padres, referindo os Canones antigos, e se naõ todos, ao menos se leaõ alguns poucos, que pertencem para instrucçaõ da disciplina Sacerdotal. Todos os Bispos differaõ: Contenta nos esse parecer, e he cousa conveniente, que aquelles, a quem a pouca curiosidade fez por ventura esquecer as Constituiçoens Ecclesiasticas, ouçaõ, e guardem as regras dos Santos Canones. E sendo lidos por hum livro diante de todo o Concilio os Canones dos Synodos, assim universaes, como nacionaes, o Bispo Lucrecio, depois da sua liçaõ acabada, disse: Agora conhecereis (Irmaõs meus) da propria liçaõ dos Canones, como os Sacerdotes Congregados, naõ só nos Concilios Geraes, mas ainda nos nacionaes, ordenaraõ de uniforme parecer as cousas que convinhaõ á Ordem Ecclesiastica, provendo segundo requeria a necessidade de cada cousa, seguindo nisto a sentença da Doutrina Apostolica, que diz: *Approvay as cousas que saõ bôas, e guardai as.* Por tanto (se parecer bem a Vossa Caridade) ordenemos entre nós certos Capitulos, para que as cousas que naõ guardamos todos de hum modo, se reduzaõ totalmente a huma propria fórma, havendo respeito a certas Ceremonias Ecclesiasticas, que se guardaõ, principalmente nos confins desta Provincia, naõ por contumacia, nem Deos o permitta, mas [como dissemos acima] por ignorancia, e pouca curiosidade. Todos os Bispos differaõ: Temos por cousa necessaria, e mui proveitosa, que aquellas Ceremonias, que com vario, e desordenado costume, guarda cada hum de nós, unidos entre todos pela graça de Deos, se celebrem com animo conforme, e por tanto, se ha alguma cousa grande, ou pequena em que pareçamos desconformes, torne-se [como está dito] a huma fórma, ordenando para isto os Capitulos necessarios, tendo principalmente comnosco instrucçaõ da Sé Apostolica, sobre certas cousas particulares, que a prudencia de vosso predecessor Profuturo, de veneravel memoria, alcançou algum tempo do proprio Successor do Bemaventurado Apostolo S. Pedro. Lucrecio disse: Com razaõ lembrastes [Irmaõs meus] a authoridade da Sé Apostolica, a qual posto que, no tempo em que veyo, fosse mui sabida: todavia, por firmeza de testimunho, e instrucçaõ de muitos, parecendo assim a nossa conformidade, pois a temos entre maõs, lea-se diante de todos. Todos os Bispos differaõ: Justo he, pois que se fez mençaõ da sobredita authoridade, que ouçaõ todos os circunstantes a Doutrina que contêm. Leo se entaõ a authoridade da Sé Apostolica, dirigida ao Bispo Profuturo, que por evitar prolixidades se naõ juntou a estes actos; depois de cuja liçaõ, disse o Bispo Lucrecio: Agora vemos mais claramente como nos favorece a Doutrina Apostolica, por tanto (conforme ao parecer de Vossa fraternidade) se alguma cousa por ignorancia he differentemente guardada por alguns, reduza-se a huma fórma, e regra conforme, por Capitulos ordenados entre nós. Propuzeraõ-se os Capitulos, que continhaõ o seguinte.

I. Aprouve a todos de commum sentimento, que se guarde huma propria ordem de cantar nos Officios, e Matinas, e Vesperas, e naõ se misturem, nem confundaõ os particulares costumes dos Mosteiros, com a regra commũa das Igrejas.

II. Aprouve tambem que pelas Vigilias, e Missas dos dias solemnes, se leaõ na Igreja todas, e as mesmas liçoens, e naõ outras differentes.

III. A'lem disto aprouve, que os Bispos naõ saudem ao povo de hum modo, e os Sacerdotes do outro, mas todos de hum modo, dizendo: *Dominus sit vobiscum*, como se lé no livro de Ruth, e o povo responda: *Et cum spiritu tuo*, assim como o ensinaraõ os Apostolos, e o guarda todo o Oriente,

Oriente, e naõ como o mudou o hereje Prifciliano.

IV. Aprouvè tambem, que as Miffas fe celebrem de todos pela mefma ordem, que Profuturo, Bifpo hum tempo defta Igreja Metropolitana, recebeo em efcrito por authoridade da mefma Sé Apoftolica.

V. Aprovc àlèm difto, que ninguem deixe de guardar aquelle modo de baptizar, que teve de tempo antigo a Metropolitana Igreja de Braga, e o fobredito Bifpo Profuturo, para tirar a duvida de alguns, recebeo, fendolhe mandada pelos Succeffores do Bemaventurado Apoftolo S. Pedro.

VI. Aprouve tambem, que guardando-fe a Primazia do Bifpo Metropolitano, os demais Bifpos fegundo o tempo da fua confagraçaõ precedaõ huns aos outros na ordem dos affentos.

VII. Aprouve álem difto, que das rendas Ecclefiafticas fe façaõ tres porçoens iguaes, huma para os Bifpos, outra para os Sacerdotes, e a terceira para a Fabrica, e alampada da Igreja, da quarta parte, o Arciprefte, ou Arcediago que adminiftrar, faça fua raçaõ ao Bifpo.

VIII. Aprouve tambem, que nenhum Bifpo, ouze ordenar Clerigo de outro Bifpado, conforme a prohibiçaõ dos Canones antigos, falvo quando lhe moftrar Reverendas affignadas pelo feu proprio Bifpo.

IX. Aprouve álèm difto, que por quanto alguns Diaconos defta Provincia coftumaõ trazer as eftólas efcondidas debaixo das tunicas, de tal modo que naõ parecem differir dos Subdiaconos, tragaõ daqui em diante as eftólas encima do hombro, como he razaõ.

X. Aprouve tambem, que naõ feja licito a nenhum dos Leitores, pôr as maõs nos vafos fagrados do Altar, nem a outros alguns, fenaõ os que forem ordenados pelos Bifpos em Subdiaconos.

XI. Aprouve demais difto, que os Leitores naõ cantem nas Igrejas em habito, e ornato fecular, nem deixem feus gráos conforme ao rito Gentilico.

XII. Aprouve tambem, que nenhuma coufa do Teftamento Velho fe cante na Igreja compofta em verfo, como mandaõ os fantos Canones.

XIII. Aprouve tambem, que naõ feja licito aos homens, e mulheres leigos entrar a cõmungar dentro da Capella, fenaõ fó aos Clerigos, como eftá ordenado nos Canones antigos.

XIV. Aprouve álèm difto, que os Sacerdotes, que naõ comem carne, por evitar a fufpeita da herefia de Prifciliano, os obriguem a comer alguma vez ervas cozidas com ella; e fe defprezarem efte preceito, convem, (fegundo o que os Santos Padres antigamente ordenaraõ acerca dos taes) pela fufpeita defta herefia, ferem excõmungados, e removidos totalmente do Officio Sacerdotal.

XV. Aprouve tambem, que aquelles que faõ excõmungados por herefia, ou outro crime qualquer, ninguem prezuma cõmunicar com elles, como mandaõ os antigos Eftatutos Canonicos, os quaes fe alguem defpreza voluntariamente, fe aparta a fi mefmo da cõmunhaõ dos Fieis.

XVI. Aprouve demais difto, que aquelles que fe daõ a fi mefmo morte violenta, ou com ferro, ou com peçonha, ou defpenhando-fe, ou enforcando-fe, fe naõ faça por elles Commemoraçaõ alguma no facrificio, nem fejaõ feus corpos levados á fepultura com Pfalmos; porque ha muitos que por ignorancia uzaõ difto, e o mefmo fe deve praticar com os que faõ jufliçados por fuas maldades.

XVII. Aprouve tambem, que os Catecumenos, que morrem fem a redempçaõ do baptifmo, do proprio modo fe naõ faça Commemoraçaõ no facrificio, nem Officio de Pfalmos, porque tambem ifto fe introduzio por ignorancia.

XVIII. Aprouve álèm difto, que os corpos dos defuntos em nenhum modo fe fepultem dentro das Igrejas dos Santos, mas quando for neceffa-

 rio,

rio, da parte de fóra, junto ao muro da Igreja, onde naõ he tanto de estranhar, porque se as Cidades até nossos tempos guardaõ firmissimamente este privilegio, que do circuito de seus muros a dentro, se naõ sepulte o corpo de qualquer defunto em nenhum modo, quanto mais o deve de ter a reverencia dos Martyres Veneraveis!

XIX. Aprouve tambem, que se algum Sacerdote, depois desta prohibiçaõ, se atrever a benzer o oleo da Crisma, ou sagrar Igreja, ou Altar, seja deposto de seu officio, porque os Canones antigos prohibem tudo isto.

XX. Aprouve tambem, que ninguem suba de leigo, ao gráo de Sacerdote, sem que primeiro aprenda por hum anno inteiro, em o Officio de Leitor, ou de Diacono, a Doutrina Ecclesiastica, e assim doutrinado por cada hum dos gráos suba ao Sacerdocio, porque assaz reprehensivel he, que aquelle que inda naõ aprendeo, comece ja de ensinar: sendo isto principalmente prohibido pelos antigos Estatutos dos Padres.

XXI. Aprouve demais disto, que se pela liberalidade dos Fieis, ou nas festas dos Martyres, ou na Commemoraçaõ dos defuntos, se offerece alguma cousa, se ajunte fielmente na maõ de hum Sacerdote, e por tempo determinado, ou huma, ou duas vezes no anno, se divida entre todos os Clerigos, porque nascem grandes discordias da desigualdade, quando cada hum na sua semana toma para si o que se offerece.

XXII Aprouve, álem disto, que ninguem se attreva a traspassar os preceitos dos Canones antigos, que agora se referiraõ neste Concilio, e se alguem por contumacia os quebrantar, convem que o deponhaõ do seu officio.

Deixados os Capitulos, Lucrecio Bispo, disse: Pois ja com o favor Divino determinamos aquellas cousas que pertenciaõ á firmeza da Fé Catholica, e ao Officio do Estado Ecclesiastico, com unanime conformidade como era razaõ: resta agora, que cada hum de nós trabalhe por ensinar, e instruir sua Diocese de todas aquellas cousas que saudavelmente saõ instituidas mediante a graça de Deos. E se alguem de nós em suas Freguezias, depois de sabidas as Constituiçoens deste Concilio, achar algum Clerigo, ou Monge contrario a esta Doutrina, ou o sentir viver ainda em algum erro da seita de Prisciliano, e o naõ deitar logo fóra da Igreja, excõmungado, e anathematizado, de tal modo, que nenhum dos Fieis se atreva a comer, nem cõmunicar com homem similhante, saiba o que tal homem receber, que fica sujeito á excõmunhaõ de todos nossos Irmaõs, e réo sem duvida da sentença Divina. Todos os Bispos disseraõ: Quaesquer cousas que mediante a graça Divina foraõ determinadas por nós de commũm consentimento, he necessario se guarde com vigilante cuidado: as quaes para que alcancem firmeza de conforme Constituiçaõ, cada hum se assigne nestes actos por sua propria maõ. Lucrecio Bispo sobscreveo. André Bispo sobscreveo. Martinho Bispo sobscreveo. Cotto Bispo sobscreveo. Hilderico Bispo sobscreveo. Lucencio Bispo sobscreveo. Timotheo Bispo sobscreveo. Melioso Bispo sobscreveo.

Se o curioso Leytor quizer saber as heresias, que escreveo o maldito Gallego Prisciliano, as achará neste mesmo Volume, no fim da Vida de S. Toribio Bispo.

Do terceiro Concilio Bracharense, em que presidio S. Martinho no anno de 572.

Do terceiro Cõcilio Bracharẽse.

REynando nosso Senhor Jesus Christo, e correndo a era de seiscentos e dez, no segundo anno de ElRey Ariamiro, aos dezoito dias das Kalendas de Janeiro, ajuntando-se os Bispos da Provincia de Galliza, assim da Jurisdiçaõ de Braga, como de Lugo, com seus Metropolitanos, por manda-

mandado do glorioſiſſimo Rey acima nomeado, na Igreja Metropolitana Bracharenſe, convem a ſaber: Martinho, Nitigio, Remiçol, André, Lucencio, Adorio, Sardinario, Viator, Avila, Polemo, Mailoc; eſtando todos eſtes Biſpos aſſentados, e preſentes todos os Sacerdotes, Martinho Biſpo de Braga diſſe: Por inſpiraçaõ Divina tenho para mim que aconteceo [Padres Santiſſimos] que de ambas eſtas Metropolis nos ajuntaſſemos em hum ſó Concilio, ordenando-o aſſim o ſantiſſimo Rey noſſo filho, para que naõ ſó nos alegremos da viſta huns dos outros, mas para que juntamente pratiquemos as couſas que pertencem á ordem, e diſciplina Eccleſiaſtica, porque no Evangelho ſe eſcreve, que diſſe o Senhor: Onde quer que eſtiverem dous, ou tres juntos em meu nome, ahi eſtarey eu no meyo delles. Nitigio, Biſpo da Igreja de Lugo, diſſe: Nem ſe póde crer outra couſa, ſenaõ que convem principiar, e levar ao fim aquellas couſas que pertencem ao proveito de noſſas almas. Martinho Biſpo, diſſe: Para mim tenho, ſe lembraraõ Voſſas Beatitudes, que quando ſe ajuntou o primeiro Concilio de Biſpos na Igreja de Braga, depois de muitas couſas que ſe determinaraõ para concordia da verdadeira Fé, decretámos tambem algumas, que comprehendem o Direito dos Canones Sagrados, cujo proveito, para ſe trazer á memoria com mais facilidade, ſerá bem ſe lea em voſſa preſença o meſmo papel, em que ſe contèm, ſendo tódos deſte parecer. Todos os Biſpos diſſeraõ: Convem, de todo em todo, que ſe leaõ, e os ouçaõ todos os que eſtaõ preſentes. Lidos pois todos os Capitulos do primeiro Concilio, que ſe naõ ajuntaõ a eſtes actos, por evitar prolixidade, Martinho Biſpo, diſſe: Eſtas couſas pois que agora ſe acabaraõ de referir, e que entaõ nos pareceraõ diſcrepantes entre ſi, duvidoſas, ou pouco ordenadas, eſtaõ em eſtado, para com o favor de Deos alcançarem ſua inviolavel firmeza, e as couſas que entaõ naõ vieraõ á memoria, ou pareceo trabalhoſo accumular muitas juntas naquelle primeiro Concilio: parece neceſſario trazê-las agora á noticia da Voſſa ſanta Caridade, pelo particular reſpeito de ſerem apuradas, ventilando-as em diſputa eſpiritual; porque os Santos Padres noſſos predeceſſores, ou fizeraõ ajuntar Synodos Geraes de todas as partes, por reſpeito da conformidade da Fé verdadeira, aſſim como o Niceno contra Arrio, onde ſe acharaõ trezentos e dezoito; e no Conſtantinopolitano contra Macedonio cento e cincoenta; e no de Ephezo contra Neſtorio duzentos; e no de Calcedonia contra Eutiches ſeiscentos e trinta: ou ajuntaraõ particulares Synodos, cada hum em ſua Provincia, por deſarraigar diſcordias, e emendar negligencias de algumas peſſoas; e conforme pedia a qualidade das culpas, e o exceſſo de cada qual, aſſim conſtituiraõ particulares, e Divinas ſentenças dos Canones, mediante o Eſpirito Divino, que reſidia entre elles, as quaes nos convem ler muitas vezes, e guardá-las.

E porque, mediante a graça de Chriſto, naõ haja neſta Provincia couſa duvidoſa, acerca da unidade, e inteireza da Fé, nos convem agora trabalhar particularmente por ver ſe achamos alguma couſa reprehenſivel, e alheya da Doutrina Apoſtolica, que a ignorancia, ou negligencia introduziſſe entre nós, e recorrendo aos teſtimunhos das ſantas Eſcrituras, ou aos Eſtatutos dos Canones antigos, e interpondo o conſentimento de todos, emendemos com moderado diſcurſo as que nos naõ contentarem. E primeiro de tudo, [ſe aſſim vos parecer bem] lidos os preceitos, que o Bemaventurado Apoſtolo S. Pedro eſcreveo claramente em ſua Epiſtola, para regra dos Sacerdotes, tudo aquillo que virmos ſe faz entre nós, fóra do theor que enſinou o Principe dos Apoſtolos, trabalhemos ſem detença alguma de o reduzir a emenda, nem por ventura aconteça que prégando aos outros, e ſendo nós imperfeitos, ſejamos condenados por aquella Divina ſentença, que diz: *Tu aborreceſte a diſciplina, e lançaſtes minhas palavras detras das coſtas.*

coſtas. Todos os Biſpos diſſeraõ: Dezejamos que ſe traga a eſte lugar a Epiſtola do Apoſtolo S. Pedro, de que ſe faz mençaõ, e ouvir o Texto onde enſina os Sacerdotes. Trazendo-ſe entaõ o livro, ſe referiraõ da propria Epiſtola as couſas ſeguintes: Velhos, roga-vos eſte companheiro voſſo na idade, que apaſcenteis as ovelhas de Deos, que moraõ em vós, provendo-as, naõ forçoſa, mas voluntariamente, conforme Deos quer, nem por reſpeito de intereſſe infame, mas graciofamente; nem como ſenhores dos outros Sacerdotes, mas na forma de quem apaſcenta rebanho, e de todo coraçaõ; para que quando apparecer o Principe dos Paſtores, recebais a coroa da Gloria, que nunca perde ſeu luſtre. Lidas eſtas couſas, diſſeraõ todos os Biſpos: Agora que temos conhecimento do que ſe referio da Epiſtola do Bemaventurado Apoſtolo S. Pedro, dezejamos, com o favor da graça de Deos, obedecer aos preceitos Divinos, e imitar a fórma da Carta Apoſtolica, que nos foy lida, em todas as couſas que diz, nem por ventura aconteça, que procedendo em algumas fóra da ordem, ſejamos (o que Deos naõ permitta) condenados pelo Divino Juizo: antes ſeguindo as piſadas dos Santos Padres, mereçamos ſer participantes do ſeu deſcanço, e alcançar com elles a incorruptivel coroa da Gloria promettida. Pelo que todos juntamente pedimos a Voſſa Caridade, que comprehendendo brevemente eſtas couſas, em particulares Capitulos, e o modo como ſe haõ de emendar, as ajunteis a eſte tratado; porque ſendo curioſamente lidas, e trazidas com evidencia ao conhecimento de nós todos, as ſobſcreva, e aſſigne cada qual com ſua propria maõ, para ſua emenda, e confirmaçaõ, e eſtas couſas determinadas para perfeiçaõ do Officio Epiſcopal, aproveitem naõ ſó para nós, mas ainda para noſſos Succeſſores.

I. Aprouve a todos os Biſpos, e ainda releva, que diſcorrendo os Biſpos por todas as Igrejas, e por ſeus Biſpados, primeiro que tudo examinem os Clerigos acerca da ordem que guardaõ para baptizar, e celebrar Miſſas, e do modo que celebraõ nas Igrejas quaeſquer Officios, e achando que procedem bem, dem graças a Deos; e quando naõ, devem enſinar os ignorantes, e mandar-lhes em todas as maneiras, (conforme diſpõem os Canones antigos) que os Cathecumenos concorraõ á purificaçaõ do exorciſmo, vinte dias antes do baptiſmo, nos quaes vinte dias, ſeja eſpecialmente enſinado aos Cathecumenos o Symbolo, que começa: *Creyo em hum Deos Padre Omnipotente.* Depois que os Biſpos examinarem ſeus Clerigos neſtas materias, ao dia ſeguinte, chamado o povo daquella Igreja, os enſinem a fugirem dos erros da idolatria, e de crimes varios, como ſaõ: homicidio, adulterio, perjuro, falſo teſtimunho, e os demais peccados mortaes; e que naõ façaõ a outrem, o que naõ quereriaõ lhes fizeſſem a elles, e que creaõ a Reſurreiçaõ de todos os homens, e o dia do Juizo, no qual cada hum ha de receber ſegundo ſuas obras, e depois diſto feito, ſe parta o Biſpo daquella Igreja para outra.

II. Aprouve, que nenhum dos Biſpos, andando por ſeus Biſpados, tome alguma outra couſa pelas Igrejas, mais que o reconhecimento da ſua Dignidade, que ſaõ dous ſoldos, nem peça nas Igrejas Parochiaes a terceira parte das offertas do povo; mas aquella terceira parte ſe guarde, ou para cera, ou para fabrica da Igreja, e cada anno ſe faça dalli ſua raçaõ ao Biſpo, porque ſe o Biſpo tomar aquella terceira parte, deſpoja a Igreja de cera, e de telhados; da meſma maneira, aos Sacerdotes, que ſaõ curas, naõ os obriguem a ſervir aos Biſpos em materias algumas a modo de ſeus eſcravos, porque eſtá eſcrito, que naõ governem como ſenhores dos Sacerdotes.

III. Aprouve, que os Biſpos naõ recebaõ bens alguns por ordenarem os Clerigos, mas aſſim como eſtá eſcrito: Aquillo, que recebem da maõ de Deos graciofamente, dem-no de graça, nem ſe venda a graça de Deos, e impoſiçaõ das maõs por nenhum preço porque a definiçaõ antiga dos Padres

dres assim o determinou acerca das Ordens Ecclesiasticas, dizendo, que seja excõmungado o que der, e receber; porque algumas pessoas sujeitas a crimes, e que servem indignamente no altar, alcançaraõ esta Dignidade, naõ por testimunho de bõas obras, mas por grandeza de peitas: por tanto, convem ordenar os Sacerdotes, naõ por respeito de dadivas, mas primeiro por rigoroso exame, e depois por testimunho de pessoas.

IV. Aprouve, que por aquelle pouco de balsamo bento, que se costuma partir pelas Igrejas para o Sacramento do Baptismo, pelo qual se costuma pedir a cada pessoa que o leva huma moeda, chamada Tremisses, que he a terça parte de hum soldo, se naõ peça daqui em diante cousa alguma; porque naõ aconteça, que aquillo que se consagra para saude das almas, pela invocaçaõ do Espirito Santo, vendendo-o nós, da maneira, que Simaõ Mago quiz comprar por dinheiro o dom de Deos, sejamos vendidos na condenaçaõ eterna.

V. Aprouve, que todas as vezes que os Bispos forem rogados por quaesquer dos Fieis, para consagrar Igrejas, naõ peçaõ alguma dadiva ao fundador, como se lha devesse: mas se elle por sua livre vontade offerecer alguma cousa, naõ se lhe enjeite: mas se estiver opprimido de pobreza, ou necessitado, naõ lhe acceitem cousa alguma. E com tudo, advirta cada hum dos Bispos, que naõ consagre Igreja, sem primeiro receber patrimonio para o serviço della, confirmado por doaçaõ em escrito, porque naõ he culpa leve a temeridade de consagrar huma Igreja sem cera, e sem renda para sustentaçaõ dos que haõ de servir nella, como se fora huma casa particular.

VI. Aprouve, que se algum edificar Igreja, naõ por devoçaõ da Fé, mas por interesse da cobiça, parta com os Clerigos ametade de tudo aquillo que nella se recolhe de offertas do povo, pois fundou Igreja em suas terras por causa do ganho, como em muitos lugares he fama que se faz ainda agora. E isto se deve guardar daqui em diante, que nenhum dos Bispos consinta em taõ abominavel cousa, nem se atreva a consagrar Igreja, fundada, mais debaixo de condiçaõ tributaria, que do patrocinio, e invocaçaõ dos Santos.

VII. Aprouve, que cada hum dos Bispos mande por suas Igrejas, que aquelles que levaõ seus meninos ao baptismo, se voluntariamente quizerem por sua devoçaõ offerecer alguma cousa, se lhes receba; mas se por necessidade da pobreza naõ tem cousa que offerecer, naõ lhes seja tomado pelos Clerigos penhor algum contra sua vontade; porque muitos pobres com este temor deixaõ de trazer seus filhos ao baptismo, os quaes se por ventura, neste meyo tempo da dilaçaõ, partirem desta vida sem a graça do baptismo, convem se tire conta da sua perdiçaõ áquelles, por temor de cuja avareza se apartaraõ da graça do baptismo.

VIII. Aprouve, que se alguem demandar algum Clerigo accuzando-o de fornicaçaõ, se lhe peçaõ duas, ou tres testimunhas, conforme ao preceito do Apostolo S. Paulo; o qual se naõ puder provar o que disse, dando as testimunhas, a excõmunhaõ que merecia o accuzado, se dê ao accuzador.

IX. Aprouve, que depois que todas as cousas forem ordenadas no Concilio dos Sacerdotes, se guarde em toda a maneira, que a Pascoa que ha de vir em cada hum anno, se declare pelo Bispo Metropolitano, aos quantos dias do mez, e aos quantos da lua se ha de celebrar: o qual dia, os demais Bispos, ou Sacerdotes, annotaraõ no Kalendario, e vindo o dia do Nascimento do Senhor, estando o povo presente, o denunciará cada hum em sua Igreja, depois que se disser o Evangelho, e no principio da Quaresma, ajuntando-se as Freguezias visinhas, por tres dias, e correndo as Igrejas dos Santos cantando Psalmos, celebrem Ladainhas, e ao terceiro dia, ditas as Missas a hora nona, ou decima, e despedindo o povo, se lhe encõmende as guardas dos jejuns da Quaresma; e meada ella, lhe lembrem, que

que vinte dias antes offereçaõ a purificaçaõ dos exorcismos, os meninos que se houverem de baptizar.

X. Aprouve, que por quanto pelo dezatino de hum erro introduzido ha pouco, ou por ventura, pela corrupta podridaõ ainda da antiga heresia de Priscialiano, soubemos que alguns Sacerdotes perseveraõ no atrevimento desta prezumpçaõ, ouzando celebrar Missas pelos defuntos, depois de terem bebido vinho, e feito collaçaõ; por tanto isto se guarde com admoestaçaõ de sentença publica, e evidente que se algum Sacerdote, depois deste nosso Edicto, for comprehendido mais neste dezatino de consagrar oblaçaõ no Altar, naõ estando em jejum, mas tendo comido alguma cousa, seja logo privado do seu officio, e deposto das Ordens por seu proprio Bispo.

Ordenadas assim estas cousas aprouve a todos, para confirmaçaõ da guarda dellas, que cada hum as assignasse por sua maõ; feito entre todos este acordo, que se algum, passado o limite destes Capitulos, se quizer tornar aos costumes desordenados, álèm de incorrer em excõmunhaõ de todo o Concilio, saiba que tem sobre si verdadeirissima sentença de privaçaõ de sua Dignidade.

1 *Martinho*, Bispo da Igreja Metropolitana de Braga, sobscrevi nestes actos.

2 *Remiçol*, Bispo da Igreja de Viseu, sobscrevi nestes actos.

3 *Lucencio*, Bispo da Igreja de Coimbra, sobscrevi nestes actos.

4 *Adorio*, Bispo da Igreja de Idanha, sobscrevi nestes actos.

5 *Sardinario*, Bispo da Igreja de Lamego, sobscrevi nestes actos.

6 *Viator*, Bispo da Igreja de Magalona, sobscrevi nestes actos.

7 *Nitigio*, Bispo Metropolitano da Igreja de Lugo, sobscrevi nestes actos.

8 *André*, Bispo da Igreja de Iria, sobscrevi nestes actos.

9 *Avila*, Bispo da Igreja de Tuy, sobscrevi nestes actos.

10 *Pulemo*, Bispo da Igreja de Astorga, sobscrevi nestes actos.

11 *Mailoc*, Bispo da Igreja de Britonia, sobscrevi nestes actos.

S. BENIGNO *Arcebispo de Braga.*

1 POr morte do Glorioso S. Martinho do Dume, foy assumpto á preeminente Dignidade de Metropolitano Bracharense S. Benigno, cuja patria se ignora, como tambem os cargos que occupou, e as Dignidades que obteve antes desta. O que naõ se ignora he, que no decurso de cinco annos, que administrou o seu Pastoral Officio, se portou Varaõ de vida inculpavel, de excellente doutrina, e pureza da Fé. Como obedientissimo filho da Romana Igreja, e como Santo, e humilde Pastor, recorria ao Pastor Supremo em todos os casos que lhe aconteciaõ, para seguir

guir as disposiçoens mais acertadas, e se naõ apartar hum ponto da Apostolica doutrina. Entre as Epistolas Decretaes de Pelagio II., que subio ao throno Pontificio a 10. de Novembro de 577., se acha huma escrita ao nosso Santo, que aqui transcrevemos para que se veja o conceito, que delle fazia aquelle Pontifice, o qual foy taõ santo, e taõ caritativo para com os pobres, que converteo o seu sacro Palacio em Hospital em que se recolhiaõ.

Carta do Papa Pelagio II. a Benigno Arcebispo de Braga.

2 „ PElagio Bispo, ao amado Irmaõ Benigno Arcebispo Metropoli„ tano de Braga. Tanto que lemos a vossa carta, logo vimos „ nella a viveza da vossa Fé, que de mais longe tinhamos conhecida, e vos „ damos as graças do cuidado, e vigilancia Pastoral com que guardaste o „ rebanho de Christo, e defendeis vossos subditos. Todas as bõas obras nos „ causaõ grande alegria, e as que o naõ saõ, e succedem como naõ de„ vem, nos daõ grandissíssima tristeza. Mercè he particular que nos faz a „ Divina bondade, quando nos dá lugar para entre nós conferirmos, e tra„ tarmos por cartas o que convem para se fazerem regras de Doutrina sau„ davel, e nos deixa chegar ao fim dezejado da paz, e concordia, pela „ qual devemos a Deos sacrificios pacificos. A consulta, que fazeis á Sé Apo„ stolica &c.

Escreve-lhe o Papa Pelagio.

3 Assistia o nosso Benigno á Consagraçaõ da Sé Cathedral de Toledo no anno de 587. sendo Rey Recaredo, que no mesmo tempo se converteo á Fé Catholica, dando de maõ á heresia Arriana, para cuja felicidade lhe naõ valeria pouco a intercessaõ de seu Irmaõ o Glorioso Martyr Santo Hermenegildo, e os conselhos de seus tios S. Leandro, e S. Fulgencio.

4 Recolhido a esta Cidade no anno de 588. levado da grande devoçaõ que tinha a S. Martinho Bispo de Turs de França, cuja fama era entaõ muito celebre, por obrar Deos muitos milagres pelos seus merecimentos, se resolveo a ir visitar o seu milagroso sepulchro. Alli lhe sobreveyo huma mortal doença, por meyo da qual rematou o periodo da vida com huma morte de Bemaventurado. Sepultaraõ-no porèm entre çarças, e espinhos, sepultura commũa, e destinada para os peregrinos que hiaõ alli em romagem. Conta S. Gregorio Turonense, que por ignorar aquelle povo o nome, e as virtudes deste Santo, descobrira a bondade de Deos huma, e outra cousa desta sorte. Morreo hum filho a certo homem, e tirando o pay a pedra que cobria a sepultura do Santo para servir de campa á do filho, castigou Deos este atrevimento ficando aleijado, cego, surdo, e mudo, em cujo miseravel estado esteve perto de hum anno, até que apparecendo-lhe visivelmente hum Veneral Sacerdote, lhe disse o seguinte:

Vay a França em peregrinaçaõ, onde fallece.

Descobre Deos seu nome, e virtude.

5 *Que te fiz a ti, ou ás tuas cousas, pois me descobriste, tirando a pedra do meu tumulo? Se queres ter saude, vay logo, e manda-ma restituir, porque se assim o naõ fizeres brevemente acabarás a vida, que eu sou o Bispo Benigno, que vim em peregrinaçõ a esta Cidade.* O pobre homem atemorizado com a vizaõ, foy logo cuidar em levantar a pedra da sepultura do filho, e o mesmo foy o pô-la sobre o santo corpo, que alcançar a vista, e a saude de que carecia. Com este portentoso milagre quiz Deos Senhor nosso manifestar ao mundo naõ só a pessoa de Benigno, senaõ tambem a gloria da sua alma. Elle seja eternamente louvado em seus Santos. Delle escreve o *Agiolog. Lusitan.* a 18. de Janeiro, e D. Rodrigo da Cunha na sua *Histor. Bracharens.*

Vida de S. TOLOBEU *Arcebispo de Braga, Religioso Benedictino.*

Nasce no Minho, e toma nelle o habito Benedictino.

1 POuco fora dar esta insigne, e celebrada Provincia de Entre-Douro, e Minho tanto quanto deo á sagrada Religiaõ Benedictina, se lhe naõ desse tambem esclarecidos Varoens em letras, e em virtudes, que a illustrassem, e ennobrecessem, qual o nosso Tolobeu, que nesta Provincia nasceo ao mundo, e renasceo para Deos na Religiaõ Benedictina, cuja cogulla tomou, e tanto a peito o exercicio das Monasticas virtudes, que por ellas, e pelas suas grandes letras foy collocado na Cadeira Primacial de Braga, cujo governo administrou com a prudencia, inteireza, e santidade, que se deve suppor em quem fazia pouco caso das riquezas, honras, e Dignidades da vida, pelo muito que cuidava na morte, e na conta.

Deixa a Dignidade de Arcebispo, e vay para o dezerto.

2 A consideraçaõ desta o persuadio a depor a Mitra, e a Dignidade aos pés do dezengano, e a se retirar para o porto da Religiaõ, com o projecto de nella cõmerciar novamente com todo o genero de virtudes, para que mais rico de merecimentos chegasse a deitar ancora no porto do eterno descanço. Noticioso pois da prodigiosa vida, que exercitava o Monge S. Toribio na Provincia das Asturias, foy viver na sua companhia, levando na sua a muitos amigos, e patricios Bracharenses, entre os quaes se contaõ Synobi Diacono, Eusebio, Euzostomo, e Jozafo, que todos receberaõ a cogulla Benedictina da maõ do Santo Monge Toribio, e souberaõ conseguir virtudes de Santos, e realces de milagrosos, movidos todos da consideraçaõ da morte inevitavel, e de huma conta estreita.

Notem.

3 Nem nos admiramos, ó mortaes, destes Servos de Deos deixarem as Dignidades, e os bens do mundo, por se entregarem ao mesmo Senhor, pois todos os que cuidarem na morte, e na conta que haõ de dar a Deos do mal, e do bem que obrarem na vida, desprezâraõ todas as riquezas, as Dignidades, e tudo o que nella mais se ama. Ora ponhamos os olhos na vistosa arvore, a que chamaõ Cinnamomo, e veremos hum verdadeiro retrato de huma alma posta a ser julgada na presença de Deos. Vejamos que despida está daquellas folhas, e flores, de que a vestia o veraõ, (que saõ significaçaõ dos deleites, e pompas que se gozaõ no mundo) e que carregada das fructinhas, ou contas, (que saõ significaçaõ das que se haõ de dar a Deos) que lhe ha deixado o inverno. Façamos reflexo, que isto, que succede a esta arvore, nos ha de succeder a todos os que vivemos neste mundo; em quanto nos durar o veraõ da vida, tudo será gozar a formosura, que offerece as delicias dos tempos; ja nos verdores da tenra juventude, ja nas flores da ardente mocidade, ja na pompa das Dignidades, ja na frondozidade dos deleites; porèm em chegando o inverno da morte, só ficará a carga das nossas contas, com que appareceremos em Juizo.

Esta arvore se cõserva no Jardim, ou cerca do Bom Jesus do Monte de Braga, e na cerca de Tibaens &c.

4 Que importou ao Cinnamomo carregar se de folhas, augmentar-se de ramas, encher se de taõ delicadas flores, se em tudo o que colhia muitas mais contas amontoava? Que pensa que alcança o que junta mais riquezas no mundo? Mais contas para o dia de Juizo. Quanto mais se recolhe de todas as cousas temporaes nesta vida, he mais conta para a outra. Das que dá a mesma natureza se ha de dar conta no Juizo, para que se saiba se foy bom o uso dellas; e assim em quanto aquellas forem mais, será mais a conta tambem. Amas a nobreza, segue-se mais conta; amas a formosura, mais conta; amas a discriçaõ, mais conta; amas a sabedoria, mais conta; amas a Dignidade, mais conta; amas o deleite, mais conta; amas a grandeza, mais conta. Pois de que servirá ao Cinnamomo carregar-se tanto de tudo agora,

Notem.

ra, se haõ de ser mais as contas para o depois? Importar-lhe-ha de alguma cousa o verdor, e louçania passada, se sahe mal da conta presente? Valer-lhe-ha a pompa, que naõ passou da sepultura, se chegou com mais conta ao juizo? Oh se entendessemos, e ponderassemos bem nisto os mortaes, como naõ appeteceriamos os bens, que dá o mundo, por naõ passarmos com tantas contas ao outro! Oh se estimassemos a virtude, e dezestimassemos a vaidade, como aligeirariamos a carga, que faz mais pezada a conta!

5 E tornando ao nosso S. Tolobeu dizemos, que naquelle Convento fez vida igual ao desengano com que o foy procurar, cuidando muito na cultura, e edificio da sua alma, e em ajudar a seus santos companheiros, que acarretavaõ pedra, e os materiaes necessarios para a fabrica do Convento, que fizeraõ de notavel grandeza, para que pudessem accõmodar nelle os muitos Christaõs, que o hiaõ tomar por asylo, quando se viaõ perseguidos dos Mouros, e dos mais inimigos da nossa santa Fé.

6 Estava este Convento fundado em huma aspera, e dezerta montanha, e segundo muitos Authores ainda hoje permanece debaixo da disciplina, e Regra de S. Bento com o nome de S. Toribio. Naõ consta de particularidade alguma mais da vida do nosso Santo, e menos a certeza do anno em que falleceo, pois nada disto declaraõ Marco Maximo, e Juliano, que todavia apontaõ o dia da sua festa a 3. de Julho.

S. PEDRO JULIANO *Arcebispo de Braga.*

SE a incuria dos antigos foy causa de naõ sabermos as virtudes, em que mais particularmente resplandeceo o Arcebispo S. Tolobeu, tambem o foy a de ignorarmos agora as em que mais se assignalou o Arcebispo S. Pedro Juliano, pois apenas nos dizem os Authores que delle escrevem, se achara no quarto, e sexto Concilio Toledano, a quem deo o ser, e alma com a sua grande authoridade, e summa sabedoria. Tambem se escreve fora natural de França. De Arcebispo, ou Bispo de Braga passou para Bispo de Narbona, e tambem se ignora o motivo que teve para a tal mudança. Sabe-se porêm, que governou aquelle, e este Bispado com a prudencia, exemplo, e santidade, que bastou para os Fieis o venerarem, e festejarem como a Santo Confessor a 13. de Outubro. D. Rodrigo da Cunha *Historia Bracharens.*

Vida do BEATO POTAMIO *Penitente, Arcebispo de Braga.*

1 NAõ dizem os Ecclesiasticos Escritores qual fosse a patria do Santo Arcebispo Potamio, e menos especificaõ algumas Dignidades que obtivesse, ou acçoens grandes que exercitasse, antes de ser sublimado a Pontifice Bracharense.

2 Sabe-se porèm que se achou este Santo Prelado authorizando com a sua grande prudencia, e sabedoria o oitavo Concilio Toledano, que se celebrou no anno de 652., no quinto do Reynado de ElRey Resesuinto, Principe Religiosissimo. Voltando deste Concilio, e estando governando esta Curia Bracharense, com notavel prudencia, e exemplo de virtude, enganado do demonio se deixou vencer da fragilidade humana. Cahio digo com certa mulher em huma culpa grave, e logo em si com taõ prodigioso arrependimento, que depondo voluntariamente a Dignidade, se apresentou réo, e convencido da sua propria confuzaõ, por huma carta que escreveo ao decimo Concilio.

Cõmette huma culpa grave, e a delata a hum Concilio.

cimo Concilio Toledano, na qual manifestava a sua queda, pedia penitencia della, e relatava a que ja havia feito por sua vontade, qual a de se ter retirado para hum dezerto, onde se tinha entregue a rigorosas penitencias por nove mezes, e onde esperava as que aquelle santo Concilio lhe assignalá-se em pena do seu grande delicto.

Falla se da penitencia.

3 Vingar as offensas de Deos, he o emprego da virtude da penitencia, porque conhecendo os penitentes ao corpo como complice em as cõmetter, nelle executaõ a vingança, fazendo-o alvo de rigorosas diciplinas, de abstinencias, de asperos cilicios, e de outras mortificaçoens, com que destroindo-lhe o imperio com que domina, o reduzem ao conhecimento da sua vileza, ensinuando lhe a sujeiçaõ que deve ter ao espirito. A todos aproveita a penitencia, ó mortaes, porque he sal, que a huns preserva, e a outros emenda; sem ella, nem a delicia das mais virtudes se cõmunica, nem o desabrido do peccado se remedea. Para os peccadores he a segunda taboa, em que se salvaõ, e para os innocentes he a melhor taboada, por onde aprendem a multiplicar os merecimentos com que cada vez mais se realça a sua innocencia. Aonde o amor proprio prevalece, as suas prerogativas se escurecem; logra com tudo singulares estimaçoens, onde o amor de Deos he só o que reyna. Delle era o coraçaõ do nosso Potamio ardente fragoa, e por isso estimou tanto a penitencia, que toda a sua vida foy huma primorosa idéa das estimaçoens que lhe devem tributar, mayormente aquelles que huma só vez offendessem á Mageslade eterna gravemente, por quanto he o que basta para privar ao homem da possessaõ de Deos, que he o Summo Bem; e para o fazer objecto da sua vingança, naõ havendo verdadeira, e legitima penitencia.

Titulo q̃ dava o Cõcilio á carta de Potamio.

4 Logo que os Veneraveis Padres daquelle grande Concilio viraõ a do nosso Potamio, ficaraõ justissimamente edificados, compungidos, e confuzos, por verem que hum Prelado virtuoso, e velho cahira em taõ grande miseria, e que elle mesmo a publicava pela sua propria letra, e isto havendo sido a culpa taõ secreta, que a naõ sabiaõ mais que os dous complices. Chamavaõ aquelles Veneraveis Padres á carta de Potamio: *Obliteranda pagina, & obolenda literarum elementa*: digna de ser riscada, e apagada; mas o certo he, que carta escrita com lagrimas, he carta de ouro, digna de viver para sempre na memoria dos homens, e de se naõ perder a menor virgula della.

Manda-o o Cõcilio ir á sua presença.

5 Depois de verem a sobredita carta, despedio o Concilio hum Decreto, pelo qual ordenou se fosse o nosso penitente apresentar diante do mesmo Concilio. Logo que lho apresentaraõ no sitio da sua penitencia, como obediente filho da Igreja Catholica Romana, sahio do carcere, a que se tinha condenado, vestido de sacco, com o rosto, e habito de penitente, e desta sorte se pôs a caminho, e appareceo diante daquella Veneravel Congregaçaõ, onde confessou publicamente quem era, e o peccado que cõmettera com tantas lagrimas, e gemidos, nascidos do vivo da sua dor, que enternecido aquelle Veneravel Concilio, com elle começou a chorar, e a lamentar, dizendo com Jeremias: *Acabou se o gosto do nosso coraçaõ, e a nossa musica se converteo em pranto &c.* Vendo pois aquelles Santos Padres sua propria confissaõ, e grande contriçaõ, depois de lhe perdoarem a culpa, conformando-se com elle, o privaraõ para sempre do governo do Arcebispado, e condenaraõ a servir de portas a dentro em hum Mosteiro, em officios humildes, para que desta maneira se fizesse digno do perdaõ. A administraçaõ das ovelhas cõmetteraõ a S. Fructuozo, Bispo que era do Dume, porêm lhe naõ tiraraõ o titulo, que sempre conservou, ainda quando occupado nos officios mais humildes do Convento do Dume, onde se affligio com perennes oraçoens, e perpetuos jejuns, em quanto a miseravel vida lhe durou, e mereceo, pelas lagrimas do arrependimento, as veneraçoens de Santo.

Decreto

Decreto, que o Concilio deo acerca de Potamio Arcebispo de Braga.

6 ,, PUderamos tocar de espaço a sonora frauta da fraternal alegria, por ,, quanto a Divina piedade nos ajuntou a todos concordes, e unidos, ,, e convinha evitar a tristeza, pois mediante a disciplina parece tinhamos ,, renovadas as regras, que para ella deraõ nossos Predecessores. Mas em lu- ,, gar do instrumento alegre lançamos maõ dos tristes, e em lugar de versos ,, cantamos lamentaçoens. Gemendo acompanhamos as lagrimas de Jeremias, ,, e dizemos: Acabou-se o gosto de nosso coraçaõ, e nossa musica se con- ,, verteo em pranto, ja diante de nós se naõ vê mais que ays, pois em nos- ,, sos olhos vemos derrubada a coroa da nossa cabeça; quando cousa taõ no- ,, bre, e que taõ sublime grão alcançara cahio em lugar taõ baixo, e hu- ,, milde. He pois de saber, que estando nós em santa paz, tratando das ,, Leys Ecclesiasticas, se trouxe a nosso ajuntamento hum memorial de con- ,, fissaõ confuza, e de letra digna antes de ser riscada, que Potamio Bis- ,, po de Braga com pura dor de seus proprios defeitos, dictara de sua nota, e ,, escrevera de sua maõ o que aberto se leo pelo choroso ajuntamento, mais ,, com lagrimas, que com palavras. Ajuntados entaõ em segredo, e particu- ,, larmente os Bispos, fizemos apparecer diante de nós ao proprio Bispo, a ,, quem fallando mais com lagrimas, que com razoens, lhe mostramos aber- ,, ta a escritura de seus defeitos, e nossa confuzaõ, a qual tomando elle, ,, e tornando-a a ler, sendo perguntado por nós se era aquella intimaçaõ obra ,, sua, e de sua nota, affirmou que tudo o que tinha lido eraõ palavras suas, ,, e o sinal seu. Outra vez o admoestamos, e esconjuramos pelo nome Divi- ,, no dissesse com verdade se por ventura levantava a si aquelle falso testi- ,, munho, ou alguem com alguma violencia o constrangia; ao que elle com ,, voz choroza, e os olhos arrazados em lagrimas, partindo as palavras com ,, soluços, jurando pelo nome de Deos bradou, que verdadeiramente con- ,, fessava seus defeitos, e que ja por espaço de quasi nove mezes se tinha ,, privado do governo da sua Igreja, e mettido em hum lugar estreito, para ,, alli fazer penitencia. Sabido entaõ, e declarado por sua fiel confissaõ, que ,, elle cahira em peccado de deshonestidade, ainda que os Canones Sagra- ,, dos determinem, que aos taes lhes sejaõ tiradas suas Dignidades, nós to- ,, da-via guardando as leys da misericordia lhe naõ tiramos o nome de hon- ,, ra, que elle se tirara a si proprio pela confissaõ de seu peccado, mas de- ,, terminamos com firme authoridade, que elle servisse em officios de perpe- ,, tua penitencia, e miserias, achando ser melhor, que elle caminhe pelos ,, asperos, e trabalhosos caminhos da penitencia, para que alguma hora che- ,, gue á morada do descanço, que deixando-o á largueza da sua vontade se ,, precipitasse na eterna condenaçaõ. Determinamos entaõ, por eleyçaõ com- ,, mûa de todos, que o Veneravel Bispo do Dume Fructuozo governe a Igreja ,, de Braga de maneira, que tomando a seu cargo o governo de todo o Me- ,, tropolitano do Reyno de Galliza, de todos os povos, e Bispos da sua ,, jurisdiçaõ, e o cuidado de todas as almas daquella Igreja, de tal modo os ,, componha, e conserve, que glorifique a nosso Senhor com a inteireza do ,, seu trabalho, e nos dê contentamento com a paz da sua Igreja. E por- ,, que importa prevenir o futuro para que no estado da paz se naõ levante ,, alguma inquietaçaõ de demanda, procurou nossa vigilancia ajuntar a este ,, Decreto a sentença dos Padres, que juntamente condenaraõ ao dito Po- ,, tamio &c.

Exprime-se o Decreto do Cōcilio porque privaraõ a Potamio da sua Dignidade.

7 Ora ponderemos, ó mortaes, o quanto he horrorosо diante de Deos, e ainda diante dos homens santos a culpa sensual, pois por elle se condenou a este Arcebispo à perpetua penitencia. O certo he, que naõ poderaõ fu-

Persuade-se a deixar o vicio da sensualidade.

gir do rigoroso castigo de Deos, os que deshonestamente tratarem do Templo do Espirito Santo. Por este maldito vicio destruio Deos o mundo com as agoas do diluvio, abrazou as cinco Cidades. Por elle foy Ona morto arrebatadamente, assolada a Cidade de Sichen, e consumido quasi todo o Tribu de Benjamim. Causou má morte a Amon, fez idolatrar a Salomaõ, matou os maridos de Sara, cegou a Samsam, fez grandes damnos a David, destruio aos velhos accuzadores da Casta Susana. Por amor deste muitas vezes maldito vicio matou Deos em hum dia vinte e tres mil Varoens do povo de Israel, e tem vindo os mayores males, e castigos ao mundo. Naõ compreis, ó mortaes, possuidos deste vicio, taõ cara a eterna ruina de vossa alma. Dura cousa vos parecerá o resistires as tentaçoens sensuaes, porèm mais duro vos será o serdes atormentados eternamente no fogo do inferno, os que cahindo, como Potamio, vos naõ entregares a huma perpetua penitencia, como elle fez. Lembrai-vos pois daquelle fogo infernal, e logo extinguireis o sensual. Trazey sempre no cuidado as memorias da morte, e facilmente guardareis o que julgais difficultoso. As cinzas da vibora queimada, he saudavel medicina contra a mordedura da mesma vibora. Da mesma sorte a memoria das cinzas, em que haõ de ser convertidos esses vossos corpos, he o mais efficaz prezervativo para matar, e vencer este vicio; pois nenhuma cousa val tanto para domar os appetites carnaes, como cuidarem os homens no que haõ de vir a ser depois de mortos. Fazei reflexo na fealdade, e abominaçaõ, em que haõ de ser resolvidos os vossos corpos, e os dessas pessoas, que julgais imagens de perfeiçoens; porque tendo tudo isto presente na vossa memoria, servireis a Deos com corpo casto, e limpo, e depois o gozareis para sempre, livres daquelles fogos infernaes, onde arderàõ eternamente os homens, que como brutos se foraõ neste mundo traz de seus appetites sensuaes, e falleceraõ impenitentes, por se naõ sujeitarem a tempo, como Potamio, a huma verdadeira penitencia. Deste Servo de Deos escreve D. Rodrigo da Cunha na *Histor. Bracharens.*, e o *Agiol. Lusitan.* a 2. de Janeiro.

Vida do Glorioso S. PEDRO DE RATES, *primeiro Apostolo da nossa Lusitania, primeiro Bispo, e primeiro Martyr das Hespanhas.*

1 QUerendo a incomprehensivel Sabedoria, e a infinita piedade de Deos, Senhor nosso, pôr em execuçaõ o remedio das immensas miserias, em que jazia toda a linhagem humana, determinou, que incarnasse, e se fizesse homem mortal, e passivel o Divino Verbo. Esta foy a Obra mayor, e mais singular, que vivificou o Padre Eterno, e com que obrou a saude da humana natureza, no meyo da terra, com o preço inextimavel do Diviníssimo Sangue, que derramou na sua affrontoza morte [como verdadeiro homem] a segunda Pessoa da Santissima Trindade. Este foy o admiravel modo com que o Verbo Divino se manifestou Luz do mundo, como Redemptor, e Mestre; ja com os exemplos, e prégaçaõ da sua admiravel Vida; ja na Cadeira da Cruz; ja nos resplandores da sua Resurreiçaõ, e Ascensaõ; ja ficando-se entre os mortaes atè o fim do mundo; e ja no amoroso fogo do Espirito Santo, que vizivelmente enviou sobre a sua Igreja, quando apenas se compunha de cento e vinte pessoas, e com a indefectivel promessa de cõmunicar aos Fieis, por modo visivel, este fogo amoroso no Sacramento da Confissaõ, nos dons, e auxilios da sua Graça, e nos demais Sacramentos.

Incarna o Divino Verbo para dar remedio ás miserias da natureza humana.

2 Com taes dons, passados cincoenta dias da Resurreiçaõ do Senhor, S. Pe-

S. Pedro, e os mais Apostolos começaraõ a prégar em Jerusalem os Mysterios de Christo, da sua Cruz, Caminho, Vida, e Verdade: e supposto que com aquelles Sermoens converteraõ innumeraveis Judeos, Principes, e Sacerdotes, muitos mais resistiraõ obstinados, e cerraraõ os olhos á luz do Evangelho; por cuja razaõ, seguindo a Ordem do Divino Mestre, se dividiraõ os Sagrados Apostolos por todo o mundo para converterem ao mesmo Senhor todas as naçoens barbaras, e politicas, ainda que todas cegas com a idolatria, e erros da Gentilidade. S. Pedro, Principe, e Cabeça do Collegio Apostolico, elegeo para collocar a sua Cadeira á grande Cidade de Antioquia, e depois á de Roma, como a cabeça do mayor Imperio do mundo, na qual o acompanhou na Missaõ, e conversaõ do mesmo mundo o Vaso da Eleyçaõ Paulo. Seus Irmaõs S. Joaõ Evangelista, e Santo André, ficaraõ na repartiçaõ, o primeiro da Asia, e o segundo do Reyno dos Scythas. S. Thomé com a do Reyno dos Parthos, e India. S. Bartholomeu com a da Armenia Mayor, ou India Ceterior. S. Mattheus ficou na repartiçaõ da Ethiopia, e na mesma S. Matthias, que foy eleyto em lugar do traydor Judas. S. Simaõ Zelote, teve a sua repartiçaõ no Egypto, e por S. Judas Thadeo seu Irmaõ a ter na Mesopotamia, se ajuntaraõ por fim a missionar no grande Reyno da Persia. Em fim, S. Thiago Menor ficou Bispo em Jerusalem, e S. Thiago Mayor com a repartiçaõ de Hespanha, para onde veyo no anno de trinta e sette, conforme a torrente dos Authores; mas segundo o que diz a Beata Soror Maria de Jesus na sua prodigiosa, e milagrosa obra *Mystica Cidade de Deos*, veyo no anno de trinta e cinco, hum anno e cinco mezes depois da Payxaõ do Senhor.

Dividem-se os Discipulos do Verbo Incarnado por todo o mundo, a dar as noticias da sua chegada, e da Redempçaõ.

Myst. Cidade de Deos 3. p. lib. 7. cap. 16.

3 Se todos sabem que esta Santa está declarada por Bemaventurada, e que todas as suas obras, e revelaçoens estaõ approvadas pela Sé Apostolica, naõ fica a pessoa alguma lugar para duvidar da vinda de S. Thiago a Hespanha, sem que incorra na nota de impio, ou ao menos de temerario. Da certeza da vinda de S. Thiago a Hespanha, e da volta para a Palestina escreveraõ particulares tratados o Condestavel de Castella Joaõ Fernandes Velasco, o Arcebispo de Compostella D. Joaõ Beltraõ de Guevara, Fr. Francisco de Xodas Religioso Carmelitano, os Padres da Companhia de Jesus Joaõ de Mariana, e Gaspar Sanches, Bivar, e Cazo, e os mais que apontaremos adiante no Preambulo ás vidas de S. Torquato, e dos mais Santos Bispos seus companheiros, que converteo o mesmo Santo nesta Provincia.

4 He pois sem duvida que S. Thiago Zebedeo veyo a Hespanha prégar as verdades Catholicas, e a desterrar della com a clara luz do Evangelho, as densas, e obscuras trevas, em que toda ella vivia; e tambem o he de que S. Pedro de Rates foy seu Discipulo, e o primeiro Bispo que fez na mesma Hespanha. Muitas saõ as opinioens, que seguem os Ecclesiasticos Escritores sobre o nascimento de S. Pedro de Rates. Dizem huns, que fora natural de França, seguindo a Roberto Claudio, Presbytero de Longres, que lhe dá por patria a Cidade de Lemoges, que por outro nome se chama Rutiastum, conforme a Julio Cesar, e a Ptolomeu, e por isso se equivocaraõ com o appellido de Rates, e com outro Arcebispo de Braga Francez do mesmo nome, de quem fazemos mençaõ nesta Obra, o qual he S. Pedro Juliano. O Beato Calledonio Arcebispo de Braga, e Juliano Arcipreste de Toledo, lhe chamaõ Cidadaõ de Braga, e outros muitos o seguem. Flavio Dextro accrescenta, que era hum dos Aduanas, que se acharaõ em Jerusalem, quando Christo nosso Senhor padeceo, e que depois de receber o baptismo fora o primeiro Discipulo que tivera S. Thiago Apostolo; o qual o mandara por seu Precursor para Hespanha.

Opinioens sobre quem era S. Pedro de Rates.

5 Segundo outros Authores nasceo S. Pedro de Rates na Provincia da Palestina, onde teve por pay a Urias, aquelle Profeta que mandou matar El Rey

Continuaõ as opinioens.

ElRey Joaquim por lhe prégar cousas de que naõ gostava; reprehendendo-o dos descuidos da morte com que vivia: e sendo assim, foy o nosso Santo hum daquelles, que pelos annos da creaçaõ do mundo de quatro mil e settecentos e quarenta e tres se desterraraõ da Babylonia por ordem de Nabuco Donosor, ordenando-o assim a Divina Providencia, para que aquelles miserrimos cativos tivessem com quem se consolar na desconsolaçaõ grande que lhes resultava de se verem privados de seus bens, e desterrados de suas patrias. Se teve outro nome proprio, e qual elle fosse, naõ he facil de averiguar, pois nenhum Author o escreve, affirmando muitos que lhe chamavaõ cõmummente Malachias o Velho, ou Samuel o Moço, appellidos que lhe davaõ, por delles se fazer benemerito, assim pela integridade dos seus costumes, e angelico semblante, como pela similhança que tinha na santidade, e no dom da profecia com aquellas Santos Profetas.

De como elle resuscitara.

6 S. Cicilio discipulo de S. Thiago Mayor, e primeiro Bispo Ehbeberetano, no livro que escreveo, (se naõ he apocrifo) e a que deo o titulo: *Liber primus bonitatum S. Jacobi &c.* refere, que S. Thiago o Zebedeu, Irmaõ de S. Joaõ Evangelista sahira de Jerusalem por mandado da Virgem N. Senhora, para prégar em Hespanha poucos dias depois que o Espirito Santo descera sobre o Collegio Apostolico, trazendo comsigo hum livro, que a mesma Senhora lhe dera, escrito na lingua Arabiga, e que quando lho dera lhe disse: *Naõ prègasse em Hespanha, senaõ depois que resuscitasse a hum defunto, que havia de estar enterrado em hum monte.* Diz mais, que S. Thiago se mettera com huns discipulos em hum baixel, de que fora Piloto o Archanjo S. Rafael, e que por isso chegara brevemente a nossa Hespanha, e dezembarcara em hum porto naõ longe de Almeria, donde fora por terra á Cidade de Guadix, [entaõ Collonia Romana chamada Acei] e que cõmendo nella sem receber damno algum de seus moradores, passara avante, e chegara á Cidade de Illipula, nome que corresponde ao de Helipoleos, referido nas Divinas letras, a qual ficava em oito legoas de distancia da dita Cidade.

7 Prosegue a narrativa do sobredito livro, dizendo, que quando chegara áquella Cidade, naõ entrara nella, por lho impedir o grande cansaço, que lhe havia occasionado o caminho, mas que subira ao monte Illipulitano com o intento de recostar-se, e de dar algum refrigerio, e allivio á sua fadiga; que trazia comsigo hum çurraõ pastoril, que lhe servia de alforge, em que tinha o sobredito livro, que a Virgem N. Senhora lhe havia dado, e outras cousas necessarias para a administraçaõ dos Sacramentos; que assim que o tirara do alforge, se abrira de repente a terra, e sahira pela abertura della hum homem, estendendo os braços, esfregando os olhos, e fazendo as demonstraçoens, que costuma fazer quem desperta de hum largo, e profundo somno. Diz mais, que entendendo o Santo Apostolo que dalli mandava a Virgem N. Senhora começasse a prégar; enviara á Cidade alguns discipulos para que o fizessem, dando noticia de Christo nosso bem, e da sua sagrada Ley. Isto tudo refere S. Cicilio naquelle celebrado livro acerca deste defunto, o qual (segundo Santo Athanasio Bispo de Çaragoça) he o nosso S. Pedro de Rates, que por seu contemporaneo, e por testimunha de vista se lhe deve dar o mayor credito, a serem seus os fragmentos que correm em seu nome, nos quaes diz: *Eu conheci a S. Pedro Bispo de Braga, a quem, sendo hum dos Profetas antigos, resuscitou S. Thiago, filho de Zebedeo meu Mestre. Este tinha vindo com as doze Tribus, que de Jerusalem mandara Nabuco Donosor a Hespanha, sendo Capitaõ Nabuco-Cerdam, ou Pyrro, Prefeito dos Hespanhoes. Chamou-se este Profeta Samuel o Moço, ou Malachias o Velho, pela gravidade de seus costumes, e formosura de seu rostro. Foy filho de Urias Profeta. Feyto Bispo, converteo muitos Judeos á Fé, dizendo que elle viera com seus antecessores, e lhes*

Cõtinua a prova da sua resurreiçaõ.

e lhes prégára, e morrera vinte annos depois de chegarem a Hespanha. Este Varaõ Apostolico, recebendo de S. Thiago as Instituiçoens Apostolicas, o Evangelho, e Ordem de celebrar Missa, e os mais Sacramentos, veyo a Braga: escreveo muitas cartas cheyas de espirito Apostolico ás Igrejas em que pós Bispos, como foraõ Iria Flavia, Amphilochia, Eminio, e o Porto, onde pós a S. Bazileo seu discipulo, (o qual depois de seu martyrio lhe succedeo em Braga) e pós em Tuy a Epitacio. Estes Varoens Divinos, e verdadeiramente Apostolicos, naõ se deixavaõ estar sempre em hum lugar, mas á imitaçaõ dos Apostolos discorriaõ por todos aquelles, onde os levava o Espirito Santo. Como Epitacio, que naõ só prègou em Tuy, senaõ tambem em Ambracia, Cidade da Lusitania: illustrando todos sua prègaçaõ com milagres, e variedade de linguas. Nem elles sahiaõ sós a prègar o Evangelho, mas levavaõ comsigo muitos discipulos, á imitaçaõ de Christo, S. Pedro, S. Thiago, e mais Apostolos. Atéqui Santo Athanasio.

Huns Authores negaõ, e outros confessaõ a resurreiçaõ de S. Pedro de Rates.

8 Se muitos Authores escrevem por infallivel a resurreiçaõ de S. Pedro de Rates, naõ saõ poucos os que a naõ acreditaõ; naõ dando mais razaõ, porèm, que a de ser desnecessario hum taõ grande prodigio: naõ advertindo, que com elle se manifestavaõ melhor, e se faziaõ mais resplandecentes as maravilhas de Deos, querendo que hum defunto sepultado de mais de seiscentos annos introduzisse a verdade do Evangelho, e desterrasse a idolatria, que taõ radicada estava nos tenazes coraçoens dos barbaros, e indomitos Hespanhoes, e fosse Primaz de toda a Hespanha, Apostolo da nossa Lusitania, substituto do seu sagrado Mestre S. Thiago, honra dos Pontifices, Pastor resplandecente, Ancora da Fé, e finalmente Doutor, e Protomartyr illustre das Hespanhas.

9 Nem seria pois desnecessario este prodigio da resurreiçaõ do nosso Pedro, porque muitos bens se seguiriaõ della, principalmente aos muitos Judeos que infestavaõ a nossa Hespanha, que necessitavaõ de quem, por natural, os convencesse da sua contumacia, e perfidia; e de quem, por da mesma ley, os encaminhasse, e por morto de tantos seculos os enchesse de terror, e espanto. Os que duvidaõ de taõ estupendo prodigio, daõ quasi a entender que duvidaõ do poder de Deos, ou ao menos que ignoraõ as infinitas resurreiçoens, que contaõ as Historias Ecclesiasticas obraraõ os Santos, mayormente na primitiva Igreja, para ratificarem na Fé aos reçem convertidos, e para que se convertessem outros a ella á vista dos prodigios, que viaõ se obravaõ em nome de Jesus Christo. E se os Santos Ermitaons da Thebaida, e os mais, que depois delles veneramos Santos, quaes o Arcebispo S. Patricio, S. Gregorio Taumaturgo, Santo Antonio de Lisboa, S. Vicente Ferreira, S. Francisco de Paula, S. Francisco de Xavier, e outros innumeraveis, resuscitaraõ naõ só homens, senaõ irracionaes, para fazerem mais resplandecer o poder, e a grandeza de Deos; que muito era que hum Apostolo do mesmo Senhor resuscitasse a S. Pedro, dizendo todos, os que escrevem de S. Thiago, que nenhum dos outros Apostolos obrou tantos, nem taõ estupendos milagres como elle obrou.

Baptiza-o S. Thiago com o nome de Pedro.

10 Deixando porèm na mesma duvida, em que está a resurreiçaõ do nosso primeiro Pontifice Bracharense pelo filho do Trovaõ, passemos ao principal da sua vida, e a declarar o como triunfou da morte. Ou o resuscitasse S. Thiago no monte Illipolitano, como dizem muitos Authores, ou o trouxesse na sua companhia de Jerusalem, como dizem outros, lhe pôs no saudavel lavacro o mysterioso nome de Pedro, em memoria, e reverencia do Principe dos Apostolos; e assim como Christo nosso Senhor ordenou que o primeiro Pontifice, e Pastor Universal da sua Igreja se chamasse Pedro, sobre cuja pedra viva ficasse mais solido seu fundamento; assim tambem dispôs se intitulasse o primeiro Prelado de Hespanha, [baze permanente da sua primazia] pois nella havia de perseverar taõ firme a Igreja Romana. Depois de

de o sublimar á Dignidade do Sacerdocio, (alcançada de muitos, e merecida de poucos) o mandou prégar a Fé a esta Augusta Cidade de Braga, entaõ huma das mais opulentas de Hespanha; naõ só pelas soberbas fabricas, multidaõ, e riquezas dos moradores, senaõ tambem pelos grandes cõmercios, que tinha para todas as partes do mundo, e por ser Convento Juridico, onde assistiaõ os Archeflamines da Gentilidade, e onde, segundo muitas opinioens, e bõas conjecturas se promulgou, primeiro que em nenhuma outra Cidade do Oriente, o Edicto, que Augusto Cezar passou, para que todos os homens, que havia no Imperio Romano, se puzessem na lista Geral, e fossem offerecidos (como nota o nosso grande Paulo Orosio) a Christo nosso Senhor, que dalli a poucos tempos havia de vir á terra. Segundo alguns Authores, com Tarrafa, o Edicto foy feito em Tarragona, Cidade, e cabeça da Provincia Tarraconense, que chegava até á Cidade do Porto, e tinha por sua Chancellaria principal a esta Cidade de Braga. Nella tomou pois posse o nosso Santo das terras da Gentilidade, como cabeça principal della, verificando-se o que o Padre Eterno tinha promettido a seu Filho, segundo estava profetizado por David, no Psalmo segundo: *Postula à me, & dabo tibi gentes hæreditatem tuam, & possessionem tuam terminos terræ: Pede-me que eu te darei as gentes por tua herança, e por tua possessaõ os terminos da terra, onde fica Braga &c.*

Promulgou-se o Edicto de Cezar em Braga, sendo Cõvento Juridico da Gentilidade.

11 Empregou-se o Bendito Pedro na prégaçaõ da Fé com fervor admiravel, e colhia della fructo copioso, pois vendo o Gentio Bracharense, que acompanhava as palavras com obras, e que confirmava a Doutrina com milagres, o respeitava, e venerava como a Paraninfo soberano do verdadeiro Deos, e eraõ infinitos os Gentios, e Judeos, que se convertiaõ igualmente convencidos da efficacia das razoens com que reprovava a ja extincta ley de Moysés, e abominava a adoraçaõ dos idolos. Chegou S. Thiago a esta Cidade pouco depois de S. Pedro, e admirado de ver o quanto tinha fructificado o pequeno graõ de mostarda do Evangelho, ordenou em forma de Capella huma gruta contigua ao Templo da Deosa Isis, onde levantou Altar, que consagrou á Soberana Imperatriz do Universo, (segundo Santuario que teve vivendo] no qual celebrou o Incruento sacrificio da Missa, assistido de seus sagrados Discipulos, e de muitos, e recentes Christaõs, primicias da Fé da Europa. Escreve Sazomeno no livro quinto da sua Historia, que entrando a Virgem nossa Senhora, com o seu Bendito Filho nos braços pelo Egypto, se baixou hum pesseguelro, aonde o idolo de Isis era adorado, no que se cumprio a profecia de Isaias, que diz: *Ecce Dominus ascendet super nubem levem, & ingredietur Ægyptum, & commovebuntur simulacha Ægypti.* O Senhor indo na nuvem leve, que he a Virgem sua Mãy, izenta de todo o pezo do peccado, entrará no Egypto, e cahiràõ seus idolos. Assim foy tambem destruido o idolo de Isis nesta Cidade, aonde a cega Gentilidade o adorava, dedicando-se-lhe á Virgem Senhora nossa o seu Templo, que era o de Fano, como se colhe do primeiro Concilio Bracharense, que fallando da Sé de Braga, lhe chama: *Fanum Sanctæ Mariæ.* No que parece se cumprio em muita parte aquillo de David, quando diz á Senhora: *As filhas de Tiro, e os principaes ricos da terra viraõ com dadivas, e rogos venerar vosso Vulto.* Porque de Tiro saõ filhas Carthago, e outras Cidades de Africa, e de Carthago vieraõ os primeiros fundadores de Braga, e chamaraõ-lhe assim de Bragada, Rio da mesma Cidade. Que foy esta de Braga muito rica, naõ ha que duvidar, e assim o diz Auzonio, fallando das Cidades mais nobres do seu tempo: *Quaque sinu pelagi se jactat Braccara dives.*

Levanta S. Thiago hum Altar a Maria Sãtissima, vendo ella junto ao Templo de Isis.

Notem.

12 Plutarcho, no livro que fez do idolo Isis, diz que lhe dedicaraõ os Gentios o pessegueiro, que tem na folha a figura das linguas, e no fructo dos coraçoens, significando, que taes haviaõ de ser os seus devotos, que haviaõ de fallar com o coraçaõ. Attribuiaõ-lhe os Gentios a castidade, fingindo

Dedicavaõ os Gentios a Isis o pessegueiro, e porque?

gindo que naõ favoreceria, senaõ aos que a amavaõ de coraçaõ. Tinha por isso mesmo o idolo huma virgem por principal entre seus Ministros, que eraõ certos Eunucos, e sem barba. Deste idolo, e de seus castos Ministros, trata huma pedra, que está na Sé desta Cidade de Braga, detraz da Capella do Glorioso S. Giraldo seu Arcebispo, que diz o seguinte.

ISIDI SACRUM
LUCRETIA FIDA SACERD.
PER P. ROM. ET AUG.
CONVENTUS BRACARÆ
AUG. D.
TITUS CÆLICUS TRIPES.
FRONTO, ET M. ET L. TITI
FILII PRONEPOTES CÆLICI
FRONTONIS RENOVARUNT.

Disticos que se achaõ em Braga, dedicados a Isis.

Querem dizer os taes disticos: A Chancellaria Augusta de Braga dedicou este Templo a Isis, sendo Sacerdotiza Lucrecia Fida, pelo povo Romano, e pelos Augustos Tito Celio, Tripes Fronto: e Marco, e Lucio, filhos de Titio, bisnetos de Celico Fronto renovaraõ o mesmo Templo. Aos taes disticos accrescentou hum moderno os seguintes Versos:

Aspice quam subito marcet, quod floruit ante:
Aspice quam subito, quod stetit ante, cadat.
Nascentes morimur, finisque ab origine pendet,
Ipsaque vita suæ semina mortis habet.

Cujo sentido he o seguinte: Vê quaõ azinha se secca o que de antes floreceo; quam azinha cahe, o que de antes esteve em pé: nascendo morremos, porque o fim depende do nosso principio, e a mesma vida tem em si occasioens da morte.

13 Depois do Apostolo S. Thiago levantar o dito Altar, sagrou ao nosso Pedro, e entregando lhe esta nova, e formosa Esposa, o constituio Proto-Presul de toda a Hespanha, instruindo-o primeiro nos Ritos, e ceremonias Ecclesiasticas, Constituiçoens, e Ordens Apostolicas, modo de celebrar, e de prégar o Evangelho, e outro sim, como se havia de portar nas eleyçoens das pessoas, que havia de escolher para Pastores das Igrejas: e depois de tudo isto, e de discorrer por toda Hespanha, deixando-a toda saudosa, se embarcou para a Palestina, levando na sua companhia a parte dos Discipulos que elegeo nesta Provincia, que foraõ S. Torquato, S. Thezifonte, S. Secundo, Santo Indalecio, S. Cecilio, Santo Eufrazio, Santo Hezichio, S. Theodoro, e Santo Athanasio, dos quaes escrevemos adiante, onde remettemos ao Leytor, mayormente para que lea o Preambulo que fizemos antes de entrarmos nas relaçoens particulares das suas vidas, que se segue a esta do nosso S. Pedro, e se faz precizo lê-lo para melhor intelligencia do que dizemos nesta.

Deixa S. Thiago a S. Pedro por Prelado de Braga, e se retira para Jerusalem.

14 Foy continuando S. Pedro no seu Pastoral exercicio na ausencia de seu Santo Mestre, e como o rebanho Catholico fosse crescendo, e de animaes indomitos, e ferozes se tornassem mansos, e doceis cordeiros, trouxe de novo muitos Gentios, e Judeos á nossa sagrada Religiaõ, porque illustrava a solida Doutrina, que prégava, com famosos milagres, naõ sómente nesta Cidade, e Bispado, senaõ tambem em diversas partes de Hespanha, pois discorreo por toda ella, á imitaçaõ de Christo nosso Senhor, e de seus sagrados Apostolos, como lhe deixara ordenado S. Thiago. Crescendo pois o rebanho

Bispos que fez S. Pedro.

de Christo, se vio precizado a dar-lhe varios Pastores, e assim que nomeou para a Igreja do Porto a S. Bazilio, que por sua morte lhe succedeo em Braga, como na sua vida dizemos, e para a Igreja de Tuy a Epaticio, e estes foraõ os primeiros Bispos, que governaraõ aquelles Bispados. Assim mais provéo a Igreja de Lisboa, Coimbra, Iria Flavia, (hoje Padraõ em Galliza] Ansiloquia, [hoje Orense no mesmo Reyno] Emilio [hoje Agueda] de Prelados santissimos, cujos nomes nos encobrio a incurioza antiguidade, mas estaõ escritos no livro da vida eterna. A todas estas Igrejas visitava o nosso Santo, e acudia com grande vigilancia, presidindo nellas como principal Pastor, ensinando a todos como Mestre, e soccorrendo-os como Pay.

Martyrio de S. Thiago.

15 No anno de quarenta e hum, chegou o Glorioso S. Thiago a Jerusalem em companhia de seus Discipulos, onde proseguio a prégar áquelle cego povo a nova Ley, que o esperado Messias veyo dar ao mundo, e que na mesma Cidade lhe tinha prégado depois da Ascensaõ do nosso Redemptor, de que estimulado ElRey Heródes o mandou prender, e martyrizar na festa da Pascoa do anno de quarenta e dous, com grande desprazer dos muitos que alli haviaõ convertido, e dos Discipulos que atraz dissemos o acompanharaõ desta Provincia, os quaes por Divina inspiraçaõ procuraraõ o haver ás maõs o truncado corpo, que foy dividido da cabeça com huma espada, com o qual se embarcaraõ no Porto de Jaffa, com o projecto de trazerem taõ precioso thezouro para com elle enriquecerem a sua patria, e nossa Hespanha. Com elle chegaraõ á Costa de Galliza depois de passarem pela praya de Matozinhos, e lugar de Bouças, onde succedeo o prodigio que adiante contamos na cõmemoraçaõ de S. Torquato, e dos mais Discipulos que o trouxeraõ. Estes, e os mais, que cá tinha deixado, se ajuntaraõ na Cidade de Iria Flavia, agora Padraõ, para lhe darem a sepultura que Deos lhes tinha inspirado. Alli com grande veneraçaõ o collocaraõ debaixo de hum Altar, depois de fazerem entre soluços, e lagrimas as ceremonias, que na primitiva Igreja se costumavaõ, sendo huma principal, o dizerem Missas sobre o santo cadaver.

Trazem os Discipulos do mesmo Santo o seu santo corpo para Galliza.

16 Logo que S. Thiago foy martyrizado em Jerusalem, teve noticia o nosso Santo, que segundo muitos Authores, se achou tambem presente ás suas exequias, naõ só como Discipulo do sagrado Apostolo, senaõ tambem como cabeça de todos, dispondo, e ordenando as ceremonias daquelle Religioso acto. A preciosa cabeça deste Santo Apostolo naõ trouxeraõ seus Discipulos pela naõ poderem haver á maõ naquella occasiaõ, porèm se acha com effeito em Compostella, pela trazer de Jerusalem o Veneravel Fr. Pedro Affonso, Abbade do Convento de Carvoeiro, que he de Monges Benedictinos, em distancia desta Cidade quatro legoas, cujo Servo de Deos a foy buscar de proposito a Jerusalem, por revelaçaõ que teve do mesmo Senhor, como diremos na sua vida no segundo Tomo desta Obra.

Traz a sua cabeça de Jerusalem hum Monge Bento.

17 A Fé, que he o nervo da vida Christaã, a porta por onde se entra a Deos, e se sahe delle, he hum credito que damos ás cousas reveladas, sem as havermos visto; he cativar o entendimento a esta potentissima virtude; he hum triunfo dos sentidos, pois o entendimento testifica contra tudo o que elles experimentaõ. Assim como nos exercitos se conhecem os soldados pela cor da banda, que lhes cruza o peito, assim os filhos da Igreja Catholica Romana se divizaõ pela Celestial banda da Fé. Esta teve o nosso Pedro taõ firme, e constante, como derivada dos mesmos Apostolos de Christo, e como primeiro prégador della nas Hespanhas, onde declarava os mais reconditos Mysterios, e artigos della, com o fervor, e espirito que devemos prezumir em hum homem talvez resuscitado, ou mandado taõ prodigiosamente por Deos a promulgar a sua nova Ley. Depois de converter a innumeraveis Gentios, naõ cessava de entimar-lhes, e mostrar-lhes, como a Fé sem obras he morta, como diz o Apostolo, e que nada importaria o confessarem a Fé de Christo, se

Falla se da Fè, e de como de nada serve a Fè sem obras.

viveſſem

vivessem como Gentios, assim como nada importa que sejamos nascidos, e criados com o lume da Fé, se vivemos entregues a todos os vicios, e peccados, que prohibe a mesma Fé, taõ amortecida entre os Catholicos. O certo he, ó mortaes, que se nós tiveramos huma viva Fé, de que Deos está em todo o lugar, por essencia, prezença, e potencia, que nos naõ atreveriamos a offendê-lo. Compõem-nos aprezença de hum rustico, e naõ nos havia de correr a Magestade de hum Divino Monarcha! Se buscamos lugar secreto para peccar, se temos Fé, bem sabemos que naõ ha lugar, aonde naõ esteja Deos.

Prosegue-se o mesmo.

18 Duas vezes nos cegamos quando peccamos, huma com a vinda da paixaõ, a outra com a mortandade da Fé. Sem Fé Divina se animaõ os Gentios a crer que vivem, e fallaõ seus falsos deoses em animados bronzes, em polidos marmores, em seccos páos, e ainda em ascorosas sivandijas; e naõ nos animaremos nós a crer que está Deos em todo o lugar, vendo em cada parte as maravilhas de seu Divino poder! O rompimento dos trovoens com que espanta, e atemoriza Deos ao mundo, naõ he credito do seu poder! O Imperio, que tem no fogo, fazendo-o subir ao mais alto, para que, deixando-se cahir, naõ abraze o mundo, naõ he testimunho seguro da sua piedade, e de seu imperio? O senhorio com que se acha sobre os ventos, reprimindo a huns, soltando a outros, temperando a estes, e embravecendo áquelles, naõ he argumento irrefragavel de hum Deos Omnipotente? O sustentar Deos a terra, sem mais columna, que sobre sua palavra, naõ diz que Deos se acha em tudo? Pois se avivaramos a Fé de quem he Deos, de que está sempre diante de nós, e de que está vendo o que obramos, como seria possivel que nos atrevessemos a fazer o que fazemos, vivendo agora quasi como viviaõ os Gentios nossos antepassados, no tempo em que lhes prégava a Fé, e as Catholicas verdades o nosso Pedro! Avivemos pois, ó mortaes, a nossa Fé, se queremos que Deos coroe a perfeiçaõ de nossos procedimentos.

19 Entre os muitos Artigos da Fé, que prégava ao Gentilismo o nosso Glorioso Pedro, era o seu mais mimoso aquelle, que ensinou o Glorioso Apostolo S. Thiago seu Mestre, na instituiçaõ do Credo, o qual he: *Que o Verbo Eterno, segunda Pessoa da Santissima Trindade, fora concebido nas Purissimas Entranhas da Santissima Rainha dos Anjos por obra do Espirito Santo, ficando ella sempre Virgem, antes do parto, no parto, e depois do parto*; cuja infallivel verdade ouviaõ os Hespanhoes com grande attençaõ, e recebiaõ com mayor piedade. Tratava pois o nosso Santo Prelado de prégar primeiramente das excellencias, e prerogativas da Gloriosa Imperatriz do Ceo, e da Terra, mostrando que sempre fora Virgem, como a tinha profetizado David, por huma comparaçaõ de cousa bem vil, para que fiquem mais confundidos os que naõ crem na sua Virginal Pureza: *Sicut pluvia in vellus, & sicut stilicidia stilantia super terram*; assim como a chuva do Ceo cahe sobre o vello da laã, e naõ lhe quebra hum só fio, e tambem sahe do mesmo vello deixando-o taõ inteiro, como d'antes: do mesmo modo o Filho de Deos será concebido feito homem, e nascerá de sua Mãy ficando sempre Virgem.

Converte S. Pedro a huma Princeza, e á Rainha sua mãy.

20 Entre as innumeraveis pessoas, que converteo á Fé, foy muito celebre a conversaõ de huma Princeza, filha de hum Rey, ou Regulo desta Cidade de Braga. Deo-lhe milagrosa saude em huma enfermidade de lepra, que padecia, doença que se acha nos Reys, porque dizem se gera ordinariamente das muitas delicias; e com mayor milagre a persuadio naõ só a receber a nossa santa Fé, senaõ tambem a consagrar a Deos a sua pureza, cumprindo-se primeiro em o nosso Portugal que em nenhuma outra parte, que saibamos de Hespanha, aquella profecia do mesmo David: *Adducentur Regi Virgines post eam.* Que seriaõ guiadas, e naõ constrangidas ao Rey Celestial muitas virgens, seguindo aquella, que o he por excellencia Virgem antes do parto,

parto, no parto, e depois do parto. Seguio-se á conversaõ da filha a da mãy, a quem o mesmo Santo baptizou, e ainda que naõ era grande Rainha no poder, he a primeira que se acha com titulo de Rainha convertida á nossa santá Fé na nossa Hespanha, e talvez em toda a Gentilidade. Logo que o barbaro Regulo soube que a filha se convertera a Jesus Christo, e que sua mulher a imitara, esquecido do grande beneficio, que sem merecimentos proprios lhe entrara pela porta, determinou vingar-se do Santo Prelado, tendo para si, que privando o da vida, retrocederiaõ as novas Christaãs da nova Ley, que tinhaõ elegido. Desta diabolica determinaçaõ foy avizado o Bendito Pedro, que com grande animosidade, e resoluçaõ estava disposto para o martyrio, como quem dezejava ancioso taõ venturosa morte; porém como os Fieis o instaraõ com lagrimas, para que fugisse ao furor do Regulo, (pois era a sua presença muito necessaria na terra para augmento da Fé Catholica, e daquellas tenras plantas, que a ella trouxera com a sua doutrina) se sahio da Cidade, auzentando-se, na forma que Christo aconselha, para Rates, terra distante quatro legoas della, e povoado ja entaõ de Christaõs em tanto numero, que tinhaõ publicamente Igreja, onde se ajuntavaõ a ouvir a palavra de Deos, e a celebrar os Divinos Officios. Nesta tal Igreja se recolheo o Bendito Pedro, e estando orando diante do seu Altar, puzeraõ os Tyrannos os hombros ás portas, e lançando-as por terra executaraõ o mandato do Regulo, matando-o com crueis estocadas. Esmoreceraõ os recentes Christaõs de maneira, que se naõ atreveraõ a dar-lhe sepultura, ainda que por entenderem isto mesmo os sacrilegos ministros arrazaraõ a Igreja em que estava, ficando debaixo das suas ruinas banhado o santo corpo do seu proprio sangue, no anno 45. da nossa Redempçaõ, sendo Vigario de Christo na terra S. Pedro, e Imperadores Caligula, e Claudio seu Succeſſor. O Martyrologio Romano, e o Breviario Bracharense o trazem a 26. de Abril, dia em que nesta Cidade se faz sua festa.

Foge S. Pedro de Braga para Rates, onde o martyrizaraõ.

21 Esteve alguns tempos aquelle sagrado corpo incognito debaixo das ruinas da sobredita Igreja, até que foy descoberto por revelaçaõ Divina da maneira seguinte. Em hum aspero, e fragozo monte, que naquelle sitio está, fazia vida eremitica hum santo Varaõ, a que chamavaõ Felix, e vendo elle por repetidas vezes, que na mayor obscuridade da noite desciaõ resplandores, e luzes soberanas sobre aquelle humilde lugar, tendo-as por Celestiaes, cõmunicou o prodigio a seu companheiro, e sobrinho, que tambem vivia entregue aos cuidados da morte, e aos descuidos da vida naquella soledade; e vendo este o mesmo prodigio, se determinaraõ a ir limpar aquelle entulho, entre o qual, com pouco trabalho, descobriraõ o escondido thezouro. Deraõ-lhe naquelle lugar, se naõ a sepultura, que dezejavaõ, ao menos a que puderaõ, esperando em Deos que viria ainda tempo em que por respeito de S. Pedro o mesmo lugar fosse frequentado dos Fieis, e em que as suas Reliquias conseguissem a veneraçaõ devida a seus merecimentos. Cumprio o Ceo aos dous piedozos Eremitas o que esperavaõ, pois, sem embargo das perseguiçoens dos idolatras, levantaraõ os Christaõs alli hum Templo á sua honra, que depois veyo a ser Mosteiro de Monges Benedictinos, thezoureiros [por muitos seculos] daquelle sagrado deposito; porèm como elles dezampararaõ o tal Mosteiro, por causa de huma grande peste que os obrigou, veyo a ficar Igreja Parochial como hoje se conserva.

Descobre-se milagrosamente o santo, e truncado corpo.

Houve em Rates Mosteiro de Monges Bentos.

22 O Illustrissimo Arcebispo de Braga D. Fr. Balthazar Limpo era summamenre devoto deste Santo, e tanto, que ainda sendo Bispo do Porto dizia, que dezejava ser Arcebispo de Braga, sómente para trasladar, e collocar aonde fossem respeitadas as Reliquias do seu primeiro Prelado. Cumpriolhe Deos os dezejos que tinha de ser Arcebispo de Braga, e elle pôs em praxe os que tambem tinha de trasladar o Santo Martyr; pois indo visitar as Marinhas no anno de 1552., se certificou de que naquella Igreja de Rates

De como foy trasladado para Braga.

se

se achava aquelle precioso cadaver; e logo que se recolheo da visita, mandou fazer hum caixaõ, e forrado de veludo carmezim o levou comsigo a Rates com todo o segredo, e mettendo nelle ao Bendito corpo, se recolheo com elle para Braga, onde chegou na madrugada, por caminhar toda a noite. Antes que aquelle zeloso Prelado sahisse desta Cidade, deixou ordem para que se armasse a Igreja de Maximinos, e que se repicassem a certo final os sinos de toda a Cidade. Chegando digo ainda de noite a Braga, depositou as Reliquias santas na sobredita Igreja. [a qual o mesmo Santo Martyr erigio ao Claviculario do Ceo, vivendo ainda na terra] Deraõ-se em fim repiques geraes, e como eraõ fóra de horas, occasionaraõ ao povo grande cuidado, e alvoroço, porque ignoravaõ o motivo: e com razaõ se alvoroçavaõ, pois poucas pessoas se poderáõ achar, que se izentem dos assaltos da perturbaçaõ com o repentino de huma novidade naõ esperada. Porèm certificado o povo da vinda do seu Santo, e primeiro Prelado, e fazendo-se no outro dia huma solemne procissaõ, nella, e em toda a Cidade por tempo de tres dias festejou com as duplicadas demonstraçoens de alegria, e contentamento que o tempo lhe permittio, o descobrimento, e posse de taõ grande thezouro. Finalmente naquelles poucos tempos se houveraõ os Bracharenses (incitados do seu zelo, e da generosidade de seus coraçoens) como se costumaõ haver em todas as occasioens de piedade, e dos louvores de Deos, nos quaes naõ cedem aos mais zelosos Christaõs, a naõ excederem a todos. Naõ digo isto levado do amor da patria; pois, supposto vivo nella, naõ sou nella nascido, senaõ do affecto, e amor que tenho a esta Cidade, depois que tenho lido, e admirado o numeroso exercito de Martyres, e de Santos Confessores, que della tem ao Ceo subido; e prezenciado o grande zelo, e incansavel desvélo, com que todos os seus moradores se empregaõ na veneraçaõ do Divino culto.

23 Quatro Dignidades desta Sé levaraõ na procissaõ o sagrado deposito em hum andor lindamente ornado, e o puzeraõ no Altar da Capella mór, onde foy visitado, e venerado por alguns dias de grande multidaõ de gente. Offereceo-lhe Altar o Pontifice S. Pedro, que fica no Cruzeiro á parte do Evangelho, e collocado alli em sepulchro de pedra branca, e dourada, se mandou gravar nelle este letreiro.

Aqui jaz o corpo de S. Pedro Martyr Discipulo do Apostolo S. Thiago, trasladado da Igreja de Rates por D. Balthazar Limpo, Arcebispo de Braga, a esta sepultura, que se lhe fez para mayor veneraçaõ, e por ser o primeiro Prelado desta Igreja, aos 17. de Outubro de 1552.

O Illustrissimo, e Veneravel D. Rodrigo de Moura Telles, incansavel imitador do nosso Santo, e de todos os mais Santos Prelados seus Predecessores, dezejoso de pôr o santo cadaver em mais eminente lugar, lhe mandou lavrar Capella ao moderno, e no Altar della o collocou dentro de hum rico, e dourado cofre, com o Epitafio seguinte.

Beati Petri de Rates
Corpus.

PRE-

PREAMBULO, E COMMEMORAÇAÕ

A's vidas, e martyrios de S. Torquato, de S. Thezifaõ, de S. Cecilio, de Santo Hezichio, de S. Secundo, de Santo Eufrasio, de Santo Athanasio, de Santo Theodoro, de Santo Indalecio, e de Santo Archadio Bispos da Provincia de Galliza Bracharense.

1 SO' homens amigos de novidades, de engenho mal contentadiço, e que carecem de razaõ, e de discurso, podem duvidar da vinda de S. Thiago a Hespanha, e á Provincia de Galliza Bracharense, á vista da authoridade dos antigos Breviarios della, e da dos Summos Pontifices Leaõ III., Calixto II., e Gregorio VII., que uniformemente o affirmaõ, além da immemoravel tradiçaõ, que sempre se conservou em toda Hespanha, que tem tanta força, como a mesma historia. Vejaõ os invejosos, ou emulos de tanta gloria os Authores que o affirmaõ com irrefragaveis argumentos, quaes saõ os que ficaõ nomeados na vida de S. Pedro de Rates, e os muitos que elles allegaõ. Leaõ a D. Rodrigo da Cunha na sua Primazia, ao Padre Francisco de Santo Agostinho Macedo no livro a que deo o titulo: *Diatriba de Adventu S. Jacob. in Hispaniam*, e os Authores de que estes se aproveitaraõ. Naõ desprezem as Revelaçoens do nosso Beato Amadeo, pois saõ dignas do mayor credito, por serem feitas por hum Varaõ, que naõ desigualou nas virtudes heroicas a muitos dos ja santificados pela Igreja Romana: e vejaõ finalmente o como confirma a vinda de S. Thiago a Hespanha a illustradissima, e Bemaventurada Soror Maria de Jesus, Authora dos celebradissimos, e milagrosissimos livros *Mystica Cidade de Deos*, em quanto nós relatamos as vidas, e os martyrios dos muitos Varoens Santos, que o Apostolo S. Thiago converteo nesta Cidade, e no seu districto.

Authores que escreveraõ da vinda de S. Thiago a Hespanha.

Mystic. Cidad. 3. part. n. 319.

2 Supposto S. Thiago naõ dezembarcasse nesta Provincia, ella foy a primeira, que na Hespanha ouvio o Santo Evangelho da sua boca, e da de S. Pedro de Rates a quem mandou em direitura a esta Cidade de Braga por ser huma das mais, ou a mais conhecida Cidade de Hespanha, Collonia Romana, e Convento Juridico, onde rezidiaõ os Archiflamines da Gentilidade, e os mais Doutos, e zelosos na adoraçaõ dos idolos, razaõ porque quereria o Apostolo S. Thiago dar principio nella (como a cabeça) á prégaçaõ do Evangelho, escolhendo Discipulos, que o ajudassem, quaes foraõ: S. Torquato, S. Thezifaõ, S. Secundo, Santo Indalecio, S. Cecilio, Santo Eufrasio, Santo Hezichio, Santo Theodoro, e Santo Athanasio, reconhecidos por taes pelo Papa Calixto II. no Prologo do livro, que compôs da traladaçaõ de S. Thiago, pelo Papa Leaõ III., e pelos Authores allegados á margem, que contaõ as suas vidas, Dignidades, e mortes.

Brit. 2. part. Monarch. Lusitan c. 3. Faria no seu Epitome. Fr. Luiz de Sousa 1. part. da Chronica Dominica. Macedo Flores de Hespanha.

3 Todos estes Discipulos levou S. Thiago comsigo, quando se fez na volta de Jerusalem, onde assistiraõ á sua gloriosa tragedia, e memoravel triunfo. Por Divina revelaçaõ recolheraõ o seu truncado corpo, e se retiraraõ com elle para Hespanha, para nella lhe darem honorifica sepultura, como com effeyto fizeraõ na Cidade de Iria Flavia, (agora Padraõ em Galliza) e recõmendando a guarda de taõ precioso thesouro aos Discipulos recem convertidos, se partiraõ em direitura a Roma, para darem parte ao Apostolo S. Pedro [como a Principe, e a Cabeça da Igreja] do martyrio de S. Thiago, da resoluçaõ que tomaraõ em o trazer para Hespanha, da breve, e felice viagem que trouxeraõ, e das soberanas maravilhas que obrou, á vista da

De como veyo de Jerusalem o corpo de S. Thiago para Galliza.

Cidade

Cidade do Porto, e do lugar de Bouças nos festivos desposorios de Cayo Carpo com Claudia Loba, que se converterão á Fé de Christo, com outros muitos desta sorte. No tempo em que vinha S. Torquato, e mais Discipulos, ou companheiros nomeados, por perto da Cidade do Porto, e do lugar de Bouças, se achavaõ na praya varios Cavalheiros, demonstrando em diversos jogos, e torneyos o gosto que tinhaõ de se darem a maõ de esposos Cayo Carpo, e Claudia Loba, pessoas muy principaes daquellas terras.

4 Movido Cayo de huma violencia, naõ vulgar, entrou pelo mar a cavallo, como se fora por terra solida, e plaina, e chegando á barca em que vinhaõ os Discipulos, e Reliquias de S. Thiago, se achou cheyo de vieyras, que saõ o mesmo que conchas. Confuzo do succedido, informado de quem eraõ, e do a que vinhaõ, protestou de se baptizar, e voltando para a terra com a mesma facilidade, naõ sómente foy Discipulo, mas tambem prégador, e mestre de taõ Celestial doutrina, depois que se baptizou por maõ de S. Torquato com a sua mulher, e mais convidados, que se acharaõ naquella celebridade. Inexplicavel foy o jubilo, que occasionou a S. Pedro, o se lhe irem offerecer os Discipulos, que dezejava, para os fazer prégadores da Provincia do Occidente. No anno de 45. os ordenou, e sagrou em Bispos, e os mandou em direitura á Provincia de Andaluzia, onde havia menos conhecimento do Evangelho. Chegaraõ aos Estados de Hibernia, onde S. Thiago seu Mestre havia promulgado a Ley Evangelica, e dalli vieraõ a Galliza ver, e adorar seu sepulchro, e implorar o seu favor; e assim, que foraõ os primeiros, que deraõ principio a esta taõ meritoria, como celebrada peregrinaçaõ.

Singular prodigio succedido junto ao Porto na occasiaõ em que veyo o corpo de S. Thiago de Jerusalem.

Foraõ todos a Roma, donde voltaraõ Bispos de varias partes.

5 Daqui se embarcaraõ para Almeria com o vento em popa do Espirito Santo, em cujo porto sahiraõ, e caminharaõ pela terra dentro, até ás portas da Cidade de Guadix, (entaõ Collonia Romana) donde mandaraõ á Cidade alguns dos Discipulos mais novos, que comsigo levavaõ, para que levando-lhes alguns refrescos, alimentassem seus cansados ossos. Celebrava naquella occasiaõ o Gentio de Guadix (chamado entaõ Acci) o mayor de seus deoses, e como vissem aos Santos mensageiros, e os desconhecessem pelo traje, e falla, os prenderaõ para se informarem do negocio a que hiaõ. Perguntados os Santos mancebos, responderaõ, que a unica, e principal cousa, que os encaminhava áquelles Paizes, fora a de quererem ailumiar a sua cegueira, dando-lhes noticia da nova luz, que havia trazido o mesmo Deos ao mundo. Irritaraõ-se os Gentios desorte contra os prégadores Evangelicos, que deixando os festins em que andavaõ empregados, os seguiraõ ás pedradas até á ponte de hum rio, que sem embargo de ser de canteria mui forte, deixou affogados, e entre as suas ruinas a muitos daquelles idolatras.

6 Os que tiveraõ a dita de ficar com vida, vendo aquelle portento, deixaraõ de adorar mais aquelles falsos simulacros do demonio, pedindo efficazmente o santo baptismo. Entre os muitos que se converteraõ nesta occasiaõ, foy huma nobre matrona, a que chamavaõ Luparia, que mandou chamar os Servos de Deos para lhes offerecer o seu favor, e hospedagem; que elles acceitaraõ agradecidos, pela benignidade, e bom animo com que lha offereceo. Baptizou se pois aquella ditosa mulher, com toda sua familia, depois de estar informada da soberana embaixada que traziaõ, e dos sacrosantos Mysterios que obrara o Redemptor do mundo pela saude do genero humano. A exemplo daquella venturosa matrona, e á vista dos prodigios que obravaõ aquelles pregoeiros Evangelicos, se converteo a mayor parte da Cidade, da qual elegeraõ Bispo a S. Torquato. Os outros foraõ eleytos nas Cidades que diremos, nas particulares Vidas que escrevemos de cada hum.

Affogaõ-se hũs idolatras, e se convertem outros com a prégaçaõ destes Santos.

7 Justamente se deve gloriar o Sollo Bracharense de ser o primeiro, que, depois de Judéa, Galilea, e Samaria, abraçou a Fé de Christo, e de haver procrea-

procreado, e regenerado neste Senhor huns Varoens taõ insignes, que foraõ as primicias da Christandade de Hespanha, os primeiros pregoeiros que nella divulgaraõ a Ley da Graça, os primeiros Mestres que ensinaraõ a seus naturaes os preceitos Divinos, e os primeiros Martyres que padeceraõ pelas verdades Catholicas.

8 Quem duvidar de serem estes Santos originarios, e patricios desta Provincia Bracharense, lea a Fr. Bernardo de Brito, na 2. Part. da *Monarchia Lusitana* c. 3. A Manoel de Faria, e Sousa no seu *Epitome*. A Fr. Luiz de Sousa na 1. Part. da *Chronica Dominica*. A Antonio de Sousa de Macedo nas *Flores de Hespanha*, e a outros muitos por estes citados.

S. TORQUATO *Bispo de Guadix, natural da Provincia de Galliza Bracharense.*

1 SAõ discordes as opinioens, que tem os Authores, sobre que Cidade fosse Guadix, donde fizeraõ Bispo a S. Torquato, e como as mais dellas saõ provaveis, nós naõ seguimos alguma, por nos naõ mettermos a decidir com a nossa ignorancia, o que naõ fizeraõ graves Authores, e por isso vamos á historia do seu martyrio.

2 Logo que o nosso Santo pôs Cadeira Episcopal, prégou com incansavel desvélo, naõ só aos seus subditos, senaõ tambem aos que o naõ eraõ, de que colheo copioso fructo, trazendo ao gremio da Igreja multidaõ de almas, que adoravaõ as Gentilicas aras. Andou naquelles Apostolicos empregos muitos annos, até que os idolatras mais contumazes, e finos na adoraçaõ dos deoses, estimulados de verem se hiaõ convertendo todos a Christo, o prenderaõ, e com innumeraveis tormentos fizeraõ com que esmaltasse a thiara com o subido rosicler do seu sangue. Os discipulos, e Cathecumenos o enterraraõ em hum lugar decente, onde foy erigido hum Templo de seu nome, junto do qual perseverou muito tempo huma oliveira, que elle tinha plantado, a qual florecia no dia da sua festa, e dava milagroso fructo, de que logo se tirava oleo, com que se allumiavaõ as alampadas, que ardiaõ diante do seu sepulchro, recolhendo-se o que crescia em vasos, que causava maravilhosos effeitos.

Florecia no dia da sua festa huma oliveira &c.

3 No tempo em que os Arabes entraraõ, e destruiraõ Hespanha, tiraraõ os Christaõs, naõ só as Reliquias do nosso Santo, senaõ tambem a oliveira, e tudo levaraõ para Galliza, onde se perpetuaraõ na Igreja de Santa Comba de Arauxo em terra de Lima muitos annos; no fim dos quaes vendo-se os nossos naturaes defraudados de taõ precioso thezouro, o furtaraõ huma noite, e sem embargo de ser o furto piedoso, naõ quiz o Ceo se despojasse delle a Galliza; pois permittio houvesse huma nevoa taõ espessa, que cuidando os piedosos ladroens tinhaõ vencido muito caminho, se acharaõ á porta do Convento de Cella Nova, fundaçaõ do nosso S. Rozendo Portuguez, e Bispo do Dume, cuja vida tambem escrevemos. Teve o nosso Rozendo, que naquelle comenos era Abbade do Mosteiro, revelaçaõ do successo, e logo foy ter com os ladroens, demandando os pelo sagrado penhor, e elles de bôa vontade o largaraõ na maõ do Santo Abbade, por se persuadirem a que aquella era a vontade de Deos, que mandou repicar os sinos por invisiveis maõs. Naquelle insigne Convento de Cella Nova se conservou no sepulchro até o de 1593., em que fora aberto por ordem de ElRey Filippe Prudente. Achou-se cuberto com hum panno de linho mui delgado, e alvo, lavrado de seda encarnada, e taõ novo, como se naquella hora fora alli depositado. O coraçaõ se achou inteiro, e mirrado, a cabeça com huma ferida atada com hum lenço, e tudo o mais revoluto em cinzas, excepto

Intenta-se roubar as suas Reliquias, e opoem se o Ceo.

Noticia das santas Reliquias.

excepto hum braço, que se conserva cheyo de carnes no Mosteiro da Veiga da Ordem Cisterciense, com huma ferida aberta entre o quarto e quinto dedo da maõ, da qual sahe cheiro extraordinario. Celebra-se a sua festa no 1. de Mayo. Os Authores allegados na Commemoraçaõ que fizemos deste Santo, e de seus companheiros.

S. THEZIFAM *Bispo em Andaluzia, natural da Provincia Bracharense, e martyrio de tres companheiros.*

FOy irmaõ de S. Cecilio, Secretario do Apostolo S. Thiago, e hum dos primeiros que receberaõ a Fé de Christo. Prégou, e foy Bispo na Provincia de Andaluzia, onde arrancou a idolatria dos tenazes coraçoens de seus naturaes, plantando a Religiaõ Catholica. Allumiou a mayor parte daquelle Reyno (segundo a etymologia do seu nome) com a resplandecente luz da sua doutrina, até que no segundo anno do Imperio de Nero foy queimado vivo, com tres Discipulos seus, a que chamavaõ Maximino, Lupario, e Musitano, que elle havia trazido ao conhecimento do verdadeiro Deos. No monte Illipulitano padeceo martyrio no 1. de Abril, pelos annos de 57. Os Authores allegados na Cômemoraçaõ de S. Torquato.

S. Maximino, S. Lupario, e S. Musitano Martyres.

S. CECILIO *Bispo, e Martyr, e companheiros, da Provincia de Galliza Bracharense.*

1 FOy irmaõ de S. Thezifaõ, e Varaõ consummado nas Divinas letras, perito em diversas linguas, e famoso em santidade, predicados dignos de que S. Pedro naõ só o sagrasse Bispo, senaõ tambem de que o nomeasse por cabeça dos mais que enviou a Hespanha, cujos nomes ficaõ atraz declarados.

2 Prégou a Fé orthodoxa na Cidade Illiberitana, e seus contornos, onde colheo infinito fructo, e tanto, que estimulado Alloto (Governador Romano) contra elle, e seus Discipulos, tratou de lhes dar cruel morte. Prendem-nos com effeito no primeiro de Fevereiro, (dia mui festivo para a cega Gentilidade) e accendendo hum grande forno, nelle metteraõ a S. Cecilio, e a seus Discipulos S. Setentrio, e S. Patricio, que queimados vivos sacrificaraõ generosamente as vidas por Christo em verdadeiro holocausto. Os Authores allegados na Commemoraçaõ de S. Torquato seu companheiro.

S. Setentrio, e S. Patricio Martyres.

SANTO HEZICHIO *Bispo, e Martyr Bracharense, e quatro companheiros.*

1 SAgrado Bispo, e tomada a bençaõ do Papa S Pedro, se partio para Hespanha, em companhia dos mais Discipulos de S. Thiago, onde Evangelizaraõ os Mysterios da nossa santissima Fé. E como todos seguiraõ diversas Missoens por paizes diversos, para que em nenhum se ignorasse a verdadeira Fé; ao nosso Hezichio lhe coube a mayor parte da Provincia de Andaluzia, e do Reyno do Algarve, onde naõ só a publicou, senaõ tambem em Caceres, e Capara (lugares celebres na Lusitania) onde solicitando a nova conversaõ da Gentilidade, tirou da idolatria com a sua Evangelica doutrina innumeraveis almas, que trouxe á Religiaõ Catholica,

muitas das quaes teſtimunharaõ com ſeu ſangue a ſua infallivel verdade, conſeguindo glorioſamente o dezejado fim de ſeus deſignios.

2 No ſegundo anno do Imperio de Nero ſe ateou huma grande perſeguiçaõ por querer aquelle maldito homem cortar os fecundos fructos da Chriſtandade, que ſe havia plantado pelos noſſos Santos, e pelos ſeus Diſcipulos. Prenderaõ ao noſſo Santo Hezichio, e ſe apurou mais no cryſol da ſua prizaõ o inextimavel preço de ſeus quilates, naõ ſe diminuindo com as ameaças dos tormentos, nem com as promeſſas dos favores o ſolido valor da ſua Religiaõ, e fortaleza. Fruſtradas humas, e malogradas outras, foy inhumanamente arraſtado, e apedrejado o Santo Prelado, que pondo os olhos no Ceo, que os golpes dellas lhe adoçava, naõ cedeo a eſte tormento a vida, que para mayores coroas guardava. Foy no Illipulitano monte entregue ás chammas, que o fogo da ſua ardente caridade apagara, a naõ ſerem ellas o abrazado coche, em que ſeu puriſſimo eſpirito voou para a Bemaventurança, fazendo-lhe ditoſa companhia Centulio, Turillo, Maronio, e Panuncio no primeiro dia de Março. Seus ſantos corpos [convertidos em cal branca] foraõ com grande honra ſepultados nas cavernas daquelle monte donde ſe trasladaraõ depois a lugar eminente. Os Authores allegados na Commemoraçaõ, que atraz fizemos, deſte, e dos mais companheiros.

Martyrizaõ ao Santo, e a S. Centulio, S. Turillo, S. Maronio, e S. Panuncio.

S. SECUNDO *Biſpo, e Martyr Bracharenſe.*

1 COube a eſte Santo por ſorte a Miſſaõ da Cidade de Avila, que naquelle tempo pertencia á noſſa Luſitania, na qual deſtruio a cega idolatria, plantou a Religiaõ Chriſtaã, conſagrou Templos á Divindade do Filho de Deos, introduzio o ſacroſanto ſacrificio da Miſſa, e finalmente trouxe innumeraveis Gentios, das trevas em que eſtavaõ ſepultados, á luz verdadeira de Chriſto.

2 Obrava o noſſo Santo eſtupendos, e prodigioſos milagres, em confirmaçaõ da nova doutrina, que prégava, paſſando o mais do tempo em alta, e profunda oraçaõ, e contemplaçaõ dos attributos Divinos. Foy aſſumpto a primeiro Biſpo de Avila pelo Summo Pontifice S. Pedro, depois do Martyrio de S. Thiago ſeu Meſtre, que lhe deo a ordem de Oſtiario. Em fim, depois de gaſtar 64. annos nos ſantos empregos da converſaõ do Gentilico povo, o prenderaõ os inimigos do nome Chriſtaõ, e nelle executaraõ muitos generos de tormentos, no meyo dos quaes envion ſeu eſpirito á Celeſtial Jeruſalem, para ſer coroado da gloria merecida pelos ſeus trabalhos. Feſteja-ſe o ſeu triunfo a 2. de Mayo. No anno de 1519. revelou Deos Senhor noſſo em Avila o lugar em que eſtava occulto o ſeu ſanto cadaver, e achando-ſe cheiroſos, e aromaticos ſeus aridos oſſos, foraõ collocados em magnifico tumulo, e expoſtos á devoçaõ dos Fieis, que os veneraraõ como Reliquias do ſeu primeiro Prelado, e de Prelado de huma ſantidade heroica. Jorge Cardoſo a 2. de Mayo.

SANTO EUFRASIO *Biſpo, e Martyr Bracharenſe.*

FOy Santo Eufraſio hum dos ſazonados fructos, que S. Thiago colheo por meyo da ſua fructuoza prégaçaõ neſta Provincia Bracharenſe. Coube-lhe a Cidade de Illiturgi [agora Andujar, ou Jaen] onde depois de plantar a Fé Catholica com felicidade, teſtimunhou a infallivel verdade della com ſeu ſangue, entre os muitos generos de tormentos, que nelle executaraõ

taraõ os carnifices, por ordem do Imperador Nero. As suas santas Reliquias se tiraraõ no anno de 1596. do Convento de Valdemaõ de Galliza, e agora estaõ no Escorial de Madrid, e na Matriz de Audujar, onde resplandece em perennes milagres. Authores allegados na Commemoraçaõ deste, e dos mais Santos seus companheiros. *Agiol. Lusitan.* a 25. de Mayo.

Noticia das suas Reliquias.

SANTO ATHANASIO, *e* SANTO THEODORO *Bispos, e Martyres Bracharenses.*

FOraõ tambem estes Santos do numero dos nove, que S. Thiago Mayor converteo nesta Provincia. Santo Athanasio foy Bispo de Çaragoça alguns annos, e Santo Theodoro lhe succedeo na mesma Cadeira Episcopal, e se fizeraõ grande fructo no seu Bispado, ganhando muitas almas para Deos; naõ foy menos o que fizeraõ nas Provincias de Celtiberia, e Carpentania, pois as adquiriraõ com as suas magnificas prégaçoens, confirmando ambos com patentes maravilhas a doutrina Divina, que Evangelizavaõ: Prerogativa que naõ podia faltar-lhes, conforme aquellas palavras de Christo bem nosso: *Illi autem prædicaverunt ubique Domino cooperante, & Sermone confirmante sequentibus signis.* Recolhendo-se em fim Athanasio para a Igreja de Çaragoça, carregado de espirituaes despojos, e de almas innumeraveis adquiridas a Christo, junto aos muros della, conseguio degolado o premio de taõ gloriosas fadigas, e felices trabalhos. Santo Theodoro mereceo a mesma dita na Cidade Cirinense em Pentapoli. Na Igreja de Compostella se mostraõ seus sagrados depositos, porque quiz Deos que acompanhassem quando mortos, a quem tanto amaraõ quando vivos. Celebra-se na dita Igreja o seu triunfo aos 25. de Junho. Delles escrevem os Authores allegados na Commemoraçaõ de Santo Torquato, que atraz fica.

Morrem pela Fè, e noticia das suas Reliquias.

SANTO INDALECIO, *Bispo, e Martyr Bracharense.*

1 TAmbem foy dos nove Discipulos convertidos por S. Thiago nesta Provincia. Depois de preceder tudo o que deixamos dito na Commemoraçaõ de S. Torquato, e de seus companheiros, foy eleyto, e constituido no Bispado da Cidade de Ursitana, que recebeo da sua sagrada boca as alegres novas do Evangelho, assim como tambem as receberaõ as Provincias, e Cidades de Urci, Illiberia, Cartagena, Murcia, Baéça, Illicona, Assota, Lacedemonia, Eliocrata, e outras muitas, que nos parece superfluo declararmos.

2 Estando exercitando o seu Apostolico ministerio, lhe mandou tirar a vida o Imperador Nero, com variedade de tormentos, de que foy receber a coroa merecida pela invencivel constancia com que nelles se houve. As suas preciosas Reliquias se conservaõ com grande veneraçaõ no sumptuoso Mosteiro de S. Joaõ de la Penha em Aragaõ, onde se celebra o seu ditoso triunfo a 23. de Março.

Do seu martyrio, e donde estaõ as suas Reliquias.

SANTO ARCHADIO *Bispo, e Martyr.*

1 FOy Santo Archadio hum dos Discipulos, que o Apostolo S. Thiago trouxe de Jerusalem. Constituio-o em primeiro Bispo da Cidade de Julio Briga, hoje Bragança, Cidade que fica na Provincia de Traz os Montes. Prégou o santo Evangelho na sua Deocese com tanto zelo, e fervor, que trouxe innumeráveis almas ao conhecimento dos verdadeiros Mysterios da nossa santa Fé, pois por meyo da sua prégaçaõ fazia detestar os Gentilicos ritos, e a falsa veneraçaõ dos idolos.

2 Logo que teve noticia de ser chegado á Cidade de Iria Flavia (agora Padraõ) o truncado corpo de seu Mestre S. Thiago, foy assistir ás exequias, que lhe celebravaõ os mais Discipulos, de que agora acabamos de fallar. Ateada naquelle comenos a grande perseguiçaõ do infernal Nero, determinaraõ todos aquelles Santos Discipulos congregar Concilio, para nelle elegerem Pastores, que governassem aquella afflicta Igreja, e estabelecessem algumas cousas convenientes ao Divino culto. Juntaraõ-se pois todos na Cidade de Chersonezo, que fica no Reyno de Andaluzia, e se chama hoje *Peniscola*, entendendo que por terra mais remota estariaõ livres da persecuçaõ; porèm permittio a Divina Providencia, que chegasse á noticia do Questor Alloto, que havia aprendido as crueldades do Imperador Nero, de quem foy Copeiro mór, o qual mandou prender a todos os Santos Prelados, e que os affligissem com variedade de tormentos, até que entregassem o espirito ao Creador. Entre pois os que mereceraõ naquella occasiaõ a palma de Martyres, foy o nosso Santo Archadio, que soffreo a voracidade do igneo alimento, subindo ligeiro, e victorioso seu espirito ao inexhausto candor da luz eterna. Deste Santo se lembra Jorge Cardoso no seu *Agiologio* a 4. de Março.

S. SILVANO *Martyr Portuguez.*

SEgundo Servando, Bispo de Orense, na sua antiga Historia de Galliza, e o Doutor Gregorio de Lovarinhas Feijó, Cura da Igreja de Crosente, e Chronista dos Santos daquella Provincia, naõ só foy Silvano Portuguez, senaõ tambem descendente da nobillissima Familia dos Silvas. Naõ achamos mais claras noticias das gloriosas acçoens deste Santo Bispo, que a de padecer martyrio com grande constancia na Cidade de Roma, por mandado do Imperador Maximino. O Summo Pontifice Bonifacio, I. do nome, exornou com immortaes porfidos, e heroicos versos as preciosas Reliquias deste Santo. O Papa Gregorio XIII. achando-se obrigado á grande piedade do Conde de Villa Franca D. Manoel da Camera, por concorrer liberal com certa somma para as guerras que o mesmo Pontifice trazia com os inimigos da Fé Catholica, lhe deo este precioso thezouro, que conservaõ os Illustrissimos descendentes daquelle piedoso Conde no Oratorio da sua Casa, com a devida decencia, e a 5. de Mayo se festeja o seu triunfo, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado.

S. SILVANO *Bispo, e Martyr Lusitano.*

OUtro S. Silvano nos deo a Illustrissima Familia dos Silvas deste Reyno, que dezejoso de visitar os lugares, que Christo nosso Senhor rubricou com seu Sangue, passou á Palestina, onde prégou o santo Evangelho na Cidade de Gaza, da qual o fizeraõ Bispo, na forma do costume da primitiva Igreja. Como andava naquelle tempo muito acceza a perseguiçaõ de Maximiano, foy prezo, e muitos Sacerdotes Discipulos seus, com os quaes deo a vida por Jesus Christo, depois de cruelissimos tormentos, aos 4. de Mayo pelos annos de 303. O Martyrologio Romano se lembra deste Santo, e Martyr, e o *Agiol. Lusitan.* no mesmo dia mostra que foy Portuguez.

SANTO APRIGIO *Bispo de Beja, Confessor.*

FOy Varaõ eminente naõ só nas letras humanas, senaõ tambem nas Divinas, e de engenho taõ subtil, e excellente erudiçaõ, que mereceo elegantissimos panegyricos do Grande Doutor da Hespanha Santo Isidoro, que naõ cessa de engrandecer com justificados encomios a eruditissima interpretaçaõ, que o Santo fez sobre as vizoens do Apocalypse, que dedicou ao nosso insigne Bracharense o Doutor Paulo Orosio seu contemporaneo, e amigo. No tempo em que Theodorico, Principe dos Godos, dominava Hespanha, o fizeraõ Bispo de Pax Julia, ou Pax Augusta, que he agora a Cidade de Beja, Dignidade, que administrou com a prudencia, e inteireza, que se póde presumir de quem cuidava na morte, e se exercitava nas virtudes, que Deos approvou com milagres, e de que foy receber o premio aos 3. de Janeiro de 530. segundo o Author do *Agiolog. Lusitano*, e outros Authores.

A principal obra, que compôs, he a seguinte: *Commentarium in Apocalypsim*, que principia: *Biformem divinæ legis Historiam duplicis Sacramenti mysterio differendam non nostræ humilitatis fragilitas aliter poterit ennarrare, nisi ab eo Auctore suæ legis Domino Jesu Christo modum dicendi, & Sermonem sumat eloquii.*

S. GREGORIO MAGNO, *Papa, e Doutor da Igreja, cuja cabeça se conserva em Torres novas.*

1 NAsceo o Doutor Optimo, e esclarecida Luz da Igreja Catholica S. Gregorio, na Cidade de Roma, de pays illustres, e muito abundantes dos bens da fortuna. Desde menino foy virtuoso, e taõ bem inclinado, e applicado aos estudos, que delle se teve sempre grande esperança de que havia de ser o que dezempenhou com as obras. Tomou o habito de Monge do Principe dos Patriarchas S. Bento, cuja Religiaõ augmentou muito com os seus esclarecidos exemplos, e com a fabrica de muitos Conventos, que fundou, e de que foy Abbade. Passou a Constantinopla, onde estando alguns annos, escreveo aquella Divina exposiçaõ sobre o livro de Job. Fez innumeraveis, e maravilhosos Sermoens de Missaõ, com os quaes converteo a muitas almas a Deos. Por morte do Papa Pelagio, o elegeo o povo Romano em Summa Cabeça da Igreja, honra que recuzou desorte, que fugio para huma montanha, onde se metteo em huma

Toma o habito Benedictino, e vay a Constantinopla.

cova

Foge pelo fazerem Papa, e o mostra huma columna de fogo.

cova com traje mudado; porém como o povo andasse no seu seguimento, deo com elle na tal cova, onde o assinalou huma resplandecente columna de fogo, que appareceo sobre ella, presentes todas as pessoas que o buscavaõ, e que o levaraõ com mayor gosto, e alegria á Basilica de S. Pedro, onde foy consagrado em Summo, e Universal Pastor da Igreja.

Foy Deos seu convidado na mesa, e os Anjos.

2 Como era homem douto, e Santo, governou a Catholica Igreja com rara prudencia, e piedade, sem que faltasse á justiça commutativa. Sendo em todas as virtudes eminente, resplandeceo mais nas da humildade, e caridade. Nunca comia sem peregrinos á mesa, humildade, e caridade, que Deos ainda nesta vida lhe gratificou, fazendo-se algumas vezes peregrino, e seu convidado, e mandando-lhe Anjos substituir o lugar dos peregrinos da terra, em occasiaõ que os naõ tinha. Sustentava com eximia liberalidade aos pobres de toda a Cidade, e contornos, cujos numeros tinha por hum rol. Como a Fé Catholica estava quasi extincta em muitas partes do universo, por causa das heresias que a infestavaõ, reprimio em Africa aos Donatistas, em Hespanha aos Arrianos, em Alexandria aos Agnoitas, em Sicilia aos Manicheos, em França aos Neophitos, negando o pallio a Syagrio, Bispo Augusto Donense; pelos naõ reprimir, e lançar fóra della.

Do que obrou na Igreja, e de como se vio o Espirito Santo sobre a sua cabeça.

3 Trouxe aos Inglezes ao gremio da Igreja por meyo da prégaçaõ do seu Monge Santo Agostinho, que áquelle Reyno mandou a esse effeito, com outros companheiros: exornou a Igreja Catholica com santissimas Leys, e prudentissimas Constituiçoens. Celebrou Synodo, no qual ordenou utilissimos Decretos. Additou o Ecclesiastico Officio com excellentissimos Hymnos, e Oraçoens, e accrescentou as Ladainhas, e Estaçoens de Roma. Mandou que o credito que se dava aos quatro sagrados Evangelhos, se desse aos quatro Concilios Niceno, Constantinopolitano, Ephesino, e Chalcedonense. Pedro Diacono, sendo seu amanuense, vio muitas vezes o Espirito Santo em figura de pomba sobre a sua cabeça, quando estava dictando as suas obras, que por si estaõ mostrando ter tal Paracleto. Padeceo grandes enfermidades, em todo o tempo do seu governo, que chegou ao de 13. annos, seis mezes, e dez dias, em cujo tempo creou sessenta e dous Bispos, e deo Ordens sómente a 39. Presbyteros, e a 5. Diaconos. Chamou-o o Senhor para lhe dar o premio de seus grandes merecimentos aos 12. de Março de 604. Foy sepultado na Basilica de S. Pedro, donde alcançou a sua santa cabeça o Bispo de Ceuta D. Jayme de Lancastro, o qual a collocou no Convento dos Carmelitas de Torres novas, onde se festeja naquelle dia de 12. de Março, com grande solemnidade, por nelle haver jubileo, e feira franca com muitas izençoens, e privilegios.

S. SALOMAM, e S. RODRIGO *Martyres.*

1 NAsceo Salomaõ em Portugal, Reyno naõ menos procreador de altos, e generosos espiritos, que de illustres, e santos Varoens. Applicou-se ás letras na sua juvenilidade naõ para subir, sim para saber: anhelava saber, naõ para encher-se de sciencia, sim para enriquecer se de sabedoria com que pudesse edificar ao proximo, e confundir aos Arabes, e aos muitos Herejes, que infestavaõ no seu tempo a nossa Hespanha. Estes piedosos intentos o obrigaraõ a deixar os patrios domicilios, e a tomar a vereda da Cidade de Cordova, onde haviaõ Mestres peritissimos em muitas faculdades. No mesmo tempo, que muito cuidava nos estudos das Divinas letras, se naõ esquecia de blasfemar, e de detestar publicamente a superticioza ley de Mafamede, por ser aquella Cidade a principal, ou huma das principaes Cortes dos Arabes.

Vay de Portugal para Cordova.

2 Noti-

2 Noticioso o Juiz Arabigo de que o Bendito Salomaõ fallava como tal em tudo o que era blasfemar, e vituperar a sua errada seita, e engrandecer, e louvar a Ley de Jesus Christo, o mandou metter em hum carcere, onde se achou com hum Sacerdote chamado Rodrigo, com o qual alentava seu coraçaõ em o Senhor para toda a ardua empreza. Naõ cessavaõ os dous Benditos companheiros de darem duplicadas graças a Deos, pelos fazer benemeritos de padecer pelo seu amor, e esquecidos da vida temporal, e dezejosos da perduravel, attenuavaõ seus corpos com vigilias, e jejuns, e fortaleciaõ suas almas com o soberano pasto da oraçaõ, e meditaçaõ, e como outro S. Paulo ardiaõ em vivos dezejos de se verem livres das corporeas prizoens. Invejoso Satanaz dos admiraveis exercicios, e das singulares devoçoens, em que se occupavaõ aquelles dous fervorosos coraçoens, tratou de fazer com que o Juiz os apertasse, e prohibisse de ter cõmunicaçaõ com gente alguma. Apartaraõ-nos em fim, de cujo apartamento resultou a cada hum delles o sentimento, que se póde ponderar, o qual offereciaõ mutuamente a Deos em sacrificio. O certo he que costuma Deos Senhor nosso privar aos que mais ama de algumas consolaçoens corporaes, porque se augmentem nos meritos.

Prendem-no com S. Rodrigo Presbytero.

Apartaõ aos Servos de Deos.

3 Imaginava o barbaro Juiz que o verem-se os Servos de Deos assim separados, e dezamparados de todo o humano cõmercio seria meyo efficaz para se renderem á ley de Mafamede apostatando da de Christo, porem naõ conseguio o effeito de seus designios, pois cada vez se mostravaõ mais generosos, e roborados na virtude da constancia. Chamou-os á sua presença fez lhes as suas costumadas promessas de honras, e de riquezas do mundo, mas debalde. Ameaçou-os com a certeza da morte, mas sem fructo. Deolhes tempo para se rezolverem, e como elles dissessem uniformente que em nenhum deixariaõ de publicar por melhor a Ley de Jesus Christo, mandou o barbaro aos algozes que os despojassem das claras vidas degolando-os. Ouviraõ os Benditos companheiros a sentença com alegria mais que grande, e logo se prostraraõ aos pés dos destinados algozes, dando-lhes as graças pelo bem que lhes quériaõ fazer, e pedindo-lhes naõ lhes retardassem a dezejada coroa, e promettendo lhes no Ceo as suas intercessoens, para que pudessem vir no conhecimento de suas cegueiras. Em fim, com affectuozissimos colloquios, e osculos de paz sahiraõ da prizaõ para o lugar do supplicio, que foy nas ribeiras do Gadalquivir.

Sentenceaõ-se à morte.

4 Estando propinquos á morte, intentou o Juiz iniquo pervertê-los com tantas, como frivolas razoens, com as quaes ganharaõ novos brios os esforçados Cavalleiros de Christo, que com liberdade santa abominavaõ, e afeavaõ a ley de Mafoma, e engrandeciaõ, e exaltavaõ a de Jesus Christo: vendo o insolente, e miseravel barbaro suas constancias, disse para os ministros infernaes: *Cortai, cortai as cabeças a estes traidores obstinados em seus enganos, e rebeldes ás minhas razoens; para que consigaõ o preço de seu louco atrevimento:* Puzeraõ-se logo os Santos de joelhos, e armados com o signal da Cruz descobriraõ os collos ao carnifice, que arvorando o alfange descabeçou de hum golpe a Rodrigo. Ordenou-o assim o Juiz parecendo-lhe que com aquelle espectaculo se deixaria vencer o nosso Salomaõ; porèm enganou-se, como em tudo o mais, pois o mesmo foy ver o felice triunfo de seu Santo companheiro, que o pedir com instancia lhe abbreviassem a morte, para ir receber junto com elle o premio de suas constancias, que com effeito foy receber no mesmo dia, que foy o de 13. de Março de 857.

Martyrizaõ aos Santos.

5 Naõ contentes os barbaros com os despojar das vidas, se quizeraõ vingar dos Benditos corpos mandando-os encravar pelos pés em dous cepos, e que estivessem assim todo o dia expostos ás injurias dos mais barbaros. Passado algum tempo assim atados os mandou o iniquo Juiz lançar no rio, cujas agoas [como sujeitas ao Divino imperio] os trouxeraõ ás suas ribeiras. O de

Onde paraõ as suas Reliquias.

de S. Rodrigo foy levado em folemne procifsaõ pelo Bispo de Cordova para a Igreja de S. Ginès, onde lhe deo honrada fepultura. O de S. Salomaõ foy levado para a Igreja dos Gloriofos Martyres S. Cofme, e Damiaõ. Deftes Santos fe lembraõ os Martyrologios Romano, Ufuardo, Maurolico, e Gallefino.

Vida, e morte de S. DAMAZO *Pontifice Maximo, natural de Guimaraens.*

1 O Famofo Pontifice Damazo nafceo em Guimaraens, huma das mais illuftres Villas defte Reyno, ainda que naõ no fitio em que hoje exifte, mas em outro pouco diftante, em que primeiro fora fundada aquella nobiliffima Villa, que querem alguns Authores foffe Cidade. Que foffe o noffo S. Damazo natural de Guimaraens, ou da antiga Cidade de Guimaraens, o affirmaõ conftantemente Efcritores naturaes, e eftrangeiros, ainda que alguns differaõ, com pouco fundamento, nafcera em Idanha do Alemtejo; e outros, com nenhum, e á força de eftiradas conjecturas, lhe pertendem dar a Madrid por patria.

Ordenou fe de Sacerdote, e fe exercita em virtudes.

2 Chamava-fe a feu pay Antonio, e como era peffoa de refpeito, nobre, e rica, o fez applicar ás letras, nas quaes fahio infigne, e tambem na Poezia, como teftimunhaõ as muitas Obras, que nella nos deixou efcritas. Ordenou fe de Sacerdote, e fe antes de o fer vivia taõ bem, como os que vivem lembrados mais da morte, que da vida; com a nova dignidade fe empenhou a viver de maneira, que fe fizeffe pelos exercicios das virtudes menos indigno de hum caracter, de que apenas podem fer dignos os Angelicos Efpiritos. Naõ o encitaria tambem pouco a viver bem a confideraçaõ da breve vida do homem, pois morre quando apenas principia a viver: e nem o animaria pouco ao defprezo da vida a confideraõ das miferias della, pois jamais teve algum gofto na vida, fem mefcla de amarguras, ou triftezas. O certo he que efta vida he taõ agradavel aos infenfatos, como molefta aos prudentes; pois os que a amaõ a naõ conhecem, e os que a conhecem a defprezaõ como fez o noffo Damazo, que cuidava mais em viver bem, defprezando tudo o da vida, que em viver mal amando as vaidades della. Naõ procuremos pois [ó mortaes] viver muito, porque para fermos máos larga he a vida, e para fermos fantos tempo temos por breve que feja; procuremos fim emprega la no ferviço de Deos, como o fizeraõ todos os Santos, e o praticava o noffo S. Damazo, por ponderar era a fua vida hum ponto a refpeyto da eternidade.

3 Nafce com a roza o guzano, e com a virtude a perfeguiçaõ; para aquella fer laftimada do dente roedor naõ tem mais culpa, que o nafcer roza; a fua formofura he o feu delicto: affim a verdadeira virtude do jufto, para fer perfeguida, murmurada, e mortificada do peccador, naõ tem mais motivo, que o deixar-fe ver formofa. O refplandor da fua belleza dá nos olhos á malicia humana, a qual, como fraca, e achacoza de vifta, nem a póde foffrer, nem a póde ver. Ha porem entre a virtude, e a flor huma grande differença: pois efta, como delicada, e caduca beldade, logo que a laftima o dente roedor, fe desfolha, e perece; porém a virtude, como conftante belleza, e fempre fuperior ao tempo, e á natureza, augmenta a fua formofura com as perfeguiçoens: das affrontas faz galla, das ignominias tira mais calor, dos opprobrios realces para mais luzir. Em fim, hum dos Heróes em que mais campearaõ os candores, e belleza da innocencia, foy o noffo S. Damazo; vejamo-lo pois provado.

A virtude fempre he fuperior ao tempo, e á natureza.

4 Por caufa do defterro, que teve para Tracia o fanto Pontifice Liberio,

rio, foy nomeado Damazo pelo mesmo Pontifice, e pelos Principes Romanos para governar a Igreja de Deos, o que foy vaticinio de que lhe havia de succeder, como succedeo, pois sabendo os Bispos, e Sacerdotes a sua grande virtude, e talento, o elegeraõ por benemerito Successor daquelle santo Pontifice. Outros, que talvez naõ teriaõ cabal noticia dos seus grandes merecimentos, elegeraõ a outro, por nome Ursino; homem taõ ambicioso da suprema Tiara, que intentou usurpá-la ao nosso Damazo, depois de estar enthronizado nella, levantando-lhe para esse effeito muitos testimunhos, que fulminou com huns depravados Diaconos, a que chamavaõ Concordio, e Calixto. Accuzaraõ-no estes principalmente de que cõmettera hum adulterio, cujo aleive sentio tanto, quanto era honesto, pois o foy sempre de maneira, que jamais maculou a virginal pureza, segundo o que affirma o Doutor S. Jeronymo, seu contemporaneo, e amigo. Fez congregar Concilio em Roma para patentear ao mundo a sua innocencia: Quarenta Bispos se acharaõ nelle, que depois de informados da falsidade, condenaraõ aos falsos accuzadores, lançando-os fóra do gremio da Igreja. Segue o crysol ao ouro, e a perseguiçaõ á virtude: nem o ouro se acrysolara sem o fogo, nem a virtude sem a murmuraçaõ, e contradiçaõ; pois he certo que naõ admiramos aos Santos taõ sem escoria de imperfeiçoens, se naõ houveraõ tolerado em largo soffrimento infernaes linguas.

Levantaõ ao Santo huns testimunhos falsos.

5 Mortaes, murmurados, se isto succedeo a S. Damazo, porque vos haveis de affligir, e lastimar os que, naõ sendo taõ justos como elle, vos vedes censurados, e murmurados de visitas singellas, e correspondencias honestas. Se quem talvez vos nota, e murmura, he dos que vivem mal, e dos que onde entraõ tisnaõ sempre, quando naõ manchaõ, ou abrazaõ. Naõ façais extremos, nem vos entregueis ao pezar. Soffrei o aggravo, consagray a Deos a dor, e a elle deixai o castigo. Se contra hum Pontifice da Igreja de Deos, e Pontifice taõ Santo, ha quem se atreva, que maravilha he se levantem maldizentes contra os que somos peccadores, dizendo quantos testimunhos inventar póde hum homem invejoso, e máo, que, quando o he, he malissimo. Parece intoleravel a dor, assim o confesso, e naõ o nego; mas naõ acho que seja remedio o morrer-se de pena, e o dar gosto ao offensor. A queixa naõ se póde evitar, por mais que hum peito seja bronze, ou por mais que hum coraçaõ se queira fazer ao valente; pois sempre a queixa, e o pranto saõ como lenitivo, e allivio do tormento. Em fim, se nos accuzarem de algum delicto, de que todavia naõ estivermos de todo innocentes, evitemos a occasiaõ de que de nós se murmure; e se innocentes nos considerarmos, alegremo-nos com a consideraçaõ de que nos trataõ como trataraõ a Jesus Christo nosso Mestre, e Senhor, e aos seus mais estimados Servos. Consolemo-nos com o testimunho, e seguro da nossa bõa consciencia, e suppliquemos a Deos manifeste a verdade da culpa, que o odio nos impõem, e a inveja nos fulmina, se he que naõ quizer purguemos por este meyo nesta vida alguns delictos, de que naõ estejamos innocentes.

Exhorta-se a soffrer com prudencia injurias, e testimunhos.

6 He a caridade virtude taõ benigna, como bizarra, que naõ sabe procurar vingança do rendido, ainda quando este solicita sua ruina com as maquinas da emulaçaõ; antes compadecida o allevia, levanta, e consola, accrescentando a seu proprio triunfo duplicados lauros com Christaã magnanimidade. Pelo contrario o odio, que, ignorante destas santissimas bizarrias, feito antipoda da caridade, se inculca paixaõ taõ ruim, como bruta, que, cevada nas mesmas feridas dos cahidos, naõ ouve seus lamentos, nem se dá por satisfeita, athé ficar saciada, bebendo-lhe todo o sangue. Bem longe de tamanha villeza esteve o nosso Santo vencedor; porque, ajustado, e medido ao coraçaõ de Deos, naõ soube aborrecer em seus emulos senaõ a culpa. Vio rendidos, e arrependidos seus contrarios, perdoou-lhes com summo gosto; e por fazer bem por mal, constituio a Ursino Bispo de Napoles

A caridade naõ soffre o tomar vingança do rendido, mas faz que se dê bem por mal.

depois de o considerar mais benemerito. E assim attendei mortaes: Quereis que Deos vos perdoe? Perdoai. Quereis perdoar? Lembrai-vos de que Deos vos perdoa. Perdoar, e ser perdoado, he premio, e merecimento tudo junto: perdoar he merecimento, ser perdoado he premio; e huma, e outra cousa nasce de nos lembrarmos do muito que Deos nos perdoa, e tem perdoado. Imitemos pois ao nosso Damazo, que assim perdoou, e assim premiou a quem tanto o quiz offender.

Leva seus pays para Roma, e obra muito em beneficio da Igreja.

7 Se Deos Senhor nosso tanto nos encõmenda a piedade para com todos; certo, e de crer he que a devemos ter em principal lugar com os parentes, e amigos, favorecendo-os, e protegendo os no tempo que as prosperidades nos ajudarem. Logo que o nosso Santo se vio prospero, mandou ir para Roma a seus pays, e a sua Irmaã Eyrla, de quem nesta Obra nos lembramos, por naõ se querer parecer com alguns homens, que aos proprios pays desprezaõ, depois que a fortuna os elevou a alguma grandeza. Vivia no seu tempo a Igreja Catholica muito inquieta, principalmente no Oriente, onde com muita difficuldade se achava quem prégasse a Fé publicamente, pelo temor das perseguiçoens, que fulminava o odio de varios Heresiarcas. Valeo-se o nosso S. Damazo das letras do Divino, e eloquentissimo S. Jeronymo, e da Sapiencia de Santo Ambrosio, e fez ajuntar Concilio em Roma, no qual assistiraõ os Santos Doutores, que condenaraõ muitas heresias, e particularmente as que inventou o impio Apollinar, que affirmava tomara o Verbo Eterno carne humana sem alma racional, e que as Tres Divinas Pessoas eraõ entre si desiguaes. O grande Bazilio, Gregorio Nazianzeno, e Pedro Bispo de Alexandria tambem foraõ contemporaneos do nosso Pontifice, e dos que trabalharaõ em defensa da Igreja Catholica com incansavel desvélo. Do mesmo tempo foy o Imperador Theodosio nosso Portuguez, de quem nos lembramos nesta Obra, ao qual escrevia muitas vezes S. Damazo, persuadindo-o a que cortasse as raizes das heresias, que infestavaõ o Oriente. A' supplicas suas juntou o santo Imperador Concilio na Cidade de Constantinopla, onde se acharaõ cento e cincoenta Bispos, que conformes confessaraõ a fé do Concilio Niceno, e condenaraõ a Macedonio, e a outros Herejes. Confirmou S. Damazo este Concilio, e pôs por ley o santo Imperador, que todos os subditos do seu Imperio seguissem a Religiaõ que ensinou S. Pedro em Roma, e que professava seu Successor Damazo, como dissemos na Vida deste santo Imperador.

Do que mais obrou em beneficio da Igreja.

8 Muitas cousas obrou S. Damazo em utilidade da Igreja. Mandou que todos os Christaõs dessem a decima parte dos fructos, que colhessem, para as Igrejas. Prohibio as usuras. Ordenou que as Missas dos dias solemnes se cantassem á hora de Terça, e que no fim de cada Psalmo dissesse toda a Igreja Catholica o *Gloria Patri &c.* por assim lho requerer o apoyo das Divinas letras, e seu Secretario S. Jeronymo. Ordenou tambem se cantasse Alleluya nas Missas que se celebraõ pelo decurso do anno, sendo costume o cantar se só pela Pascoa. Mandou aos Sacerdotes fizessem a Confissaõ Geral antes de principiarem a Missa. Encarregou aos Bispos a residencia nos seus Bispados, mostrando como era de Direito Divino. Edificou em Roma dous Templos de architectura, e grandeza singular. Dedicou o primeiro a S. Pedro, e a S. Paulo, no lugar em que tiveraõ o primeiro sepulchro; e o segundo a S. Lourenço Martyr, adornando-os juntamente com preciosos ornamentos, e singulares peças. Deo remate ás Igrejas das Virgens, e Martyres Rufina, e Secunda, e nellas collocou as suas Reliquias, que pela sua industria se acharaõ. Fez na Igreja Vaticana huma pia baptismal de fabrica, e grandeza maravilhosa, em que no Sabbado da Pascoa se fazia a bençaõ das fontes, e se baptizavaõ todos os Cathecumenos, e meninos, que haviaõ na Cidade, segundo o estylo daquelles tempos. Foy Poeta de grande elegancia, e pureza, de cuja Arte deixou varios monumentos sendo o mayor o Epi-

o Epitafio, que elle compôs para se gravar na sua sepultura, que he o seguinte:

Qui gradiens pelagi fluctus compressit amaros,
Vivere qui præstat morientis semina vitæ,
Solvere qui potuit lazaro sua vincula mortis.
Post tenebras fratrem, post tertia lumina solis.
Ad Superos iterum Mariæ donare Sorori
Post Cineres Damasum faciet, quia surgere credo.

Epitafio, que compôs para a sua sepultura.

Compôs este grande, e Doutissimo Pontifice muitas Obras em utilidade da Igreja, das quaes se declaraõ algumas, e saõ as seguintes:

1 Doze Epistolas escritas a varias pessoas, e quarenta Poesias de diversos metros a varios assumptos, sendo a mayor parte sagrados, e tudo se acha transcrito em varios Authores, como nos *Annaes Ecclesiasticos de Baronio*, e na *Roma Subterranea* de Aringhio.

2 *Fide contra Hæreticos* tambem foy Obra sua, segundo Trithemio, mas ha quem duvide, por della naõ fazer mençaõ S. Jeronymo no Catalogo dos Escritores, que compôs depois da morte de S. Damazo.

Livros, que compôs.

3 O Tratado *de Trinitate*, que se conserva em Constantinopla, segundo Antonio Verdier, que o affirma.

4 O Tratado *de Virginitate*, que ainda naõ sahio á luz.

5 *Epistolæ variæ*, das quaes se achaõ muitas impressas na Collecçaõ dos Concilios de Severino Binio, e Lucas Holstenio.

6 *Passionis Sanctorum Marcellini, & Petri relatio*, cuja Obra se conserva no Archivo da Basilica de S. Pedro.

7 *Vita S. Nicolai Episcopi Myrensis*, escrita em verso, a qual se recita todos os annos na vespera deste Santo na Igreja de seu nome, que existe no carcere Toliano.

8 *Summa quorundam Voluminum utriusque Testamenti hexametris versibus breviter comprehensa*, cuja Obra se conserva no Archivo da Igreja de S. Pedro.

9 *In Psalterium Carmina*, de cuja Obra se conserva huma Copia na *Bib. Vatican.*, e outra na *Bib. Cassinense.*

10 *De Authoritate Concilii Capuensis*, cuja Obra se conserva na *Bib. de Bazilea.*

11 *De Vitis Pontificum Romanorum*, que huns intitulaõ: *Pontificale*, e outros por *Acta Summorum Pontificum*, e *Gesta Pontificum Romanorum*, de cuja Obra se conservaõ varias Copias na *Bibl. Vatican.*

12 *De Singulis, quæ Presbyteris licere non caperunt postquam ab Episcopali excellentia separati sunt.* Cuja Obra se conserva na *Bib. Vatican.*

13 *Dicta ad Episcopos.* Conserva-se na Real *Bib. de Pariz.*

14 *Carmina in D. Paulum, & in Danielem Prophetam*, se conserva na *Bib. Cassinense.*

9 No tempo deste Sapientissimo, e Santissimo Pontifice subio a authoridade, e Magestade Pontificia a taõ alto gráo de reputaçaõ, que Pretextato, illustrissimo Romano, e que ainda professava os erros do Gentilismo, lhe dizia por graça: [como diz Santo Agostinho] *Fazei-me Bispo de Roma, e logo serey Christaõ.* Para fazer mais respeitada a authoridade Pontificia a augmentou com pompa Real, causando aos Gentios tanta inveja este exterior ornato, que o julgavaõ escandoloso luxo, reputando ao Santo por soberbo, sendo no interior summamente humilde, e tanto, que foy o primeiro, que introduzio na testa dos Decretos Pontificios aquellas palavras: *Servus Servorum Dei*, de cujo titulo usaraõ depois nos Diplomas Pontificios S. Gregorio Magno, e seus Successores.

No seu tempo subio a authoridade Pontificia a alto gráo.

10 Finalmente com perto de oitenta annos de idade, dezanove, tres mezes,

zes, e alguns dias de Pontifice, com admiravel tranquillidade, e focego acabou aquella vida taõ dilatada, e taõ cheya; dilatada em dias, e cheya de heroicas, e bõas obras a 11. de Dezembro de 385. Sepultaraõ-no na Igreja que elle fundou das Catacumbas, onde ja eftava feu pay, mãy, e irmaã. Depois fe trasladaraõ as fuas fantas Reliquias para a Igreja que edificou, e dedicou a S. Lourenço Martyr. No tempo defte Santo Pontifice floreceraõ o Doutor Maximo S. Jeronymo, o Doutor Santo Ambrofio, o Doutor Santo Agoftinho, Santo Hilario em França, S. Bazileo Magno, S. Gregorio Nazianzeno, S. Cyrilo Bifpo de Jerufalem, Santo Eufebio Bifpo de Urfeli, S. Martinho de Turon, Santo Efrem, Santo Ephifanio, e o Santo Abbade Arfenio.

Do feu fallecimento, e dos Santos que floreceraõ no feu tempo.

11 Dos Authores eftrangeiros, que delle trataõ como Portuguez, e natural de Guimaraens faõ: Ilhefcas na *Hiftor. Pontificia*, Vafeu, Ambrofio de Morales, Padilha, Cornelio Hazert *in Triunf. Pontif. Roman.*, Joaõ Francifco Boudino Arcebifpo de Avinhaõ *Sum. Pontif.*, *Urb.*, & *Series* &c., e outros muitos, que aponta Barbofa na fua *Biblioth.* dos Authores Portuguezes.

Authores que delle efcreveraõ.

S. JOAM MARCOS *Bifpo de Attina, Martyr, de quem fe conferva o feu fanto corpo em Braga.*

1 NAõ fe fabe com individual certeza qual foffe a ditofa patria que o procreou; porém como todos uniformente affentaõ por fem duvida fer natural de Judéa, póde-fe crer que a Cidade de Bethania, ou de Jerufalem, foy o feu patrio berço; pois em huma, e em outra Cidade viviaõ, e tinhaõ cafas Simaõ Leprozo, e Maria, pays do noffo Santo, que tiveraõ a bõa ventura de hofpedarem a Jefus Chrifto, e fua Santiffima Mãy, e a todos feus Difcipulos na Cidade de Jerufalem; pois nas famofas cafas, que naquella grande Cidade tinhaõ, celebrou Chrifto Bem noffo a ultima Cea, confagrando-a em myfteriofo Templo em que fe expôs a primeira vez, fendo affiftido das duas Divinas Peffoas Padre, Efpirito Santo, e dos mais principaes Cidadaõs do Ceo Empyreo; e affim que foraõ as cafas dos pays de S. Joaõ Marcos as em que Inftitutio Chrifto Bem noffo o Santiffimo Sacramento da Eucariftia, as que ferviraõ de Cenaculo, as em que fe recolhia Maria Santiffima em quanto efteve em Jerufalem, as em que appareceo Chrifto aos Apoftolos, as em que fe recolheo aquelle devoto, e felliciffimo efquadraõ de cento e vinte peffoas, (compofto de doze Apoftolos, de 72. Difcipulos, e de outros piedofos homens, e tantas mulheres) que depois da Afcenfaõ do mefmo Senhor defceo faudofo do Monte Olivete a efperar a vinda do Efpirito Santo, que defceo fobre aquelle devoto ajuntamento em linguas de fogo. Em fim, em cafa de S. Joaõ Marcos diffe a primeira Miffa o Principe dos Apoftolos, que a ella fe recolheo quando fe vio livre das fuas prizoens pelo miniflerio de hum Anjo, e fe arbitraraõ, e eftabeleceraõ debaixo do magifterio de Maria Santiffima as prudentiffimas refoluçoens com que fe dirigio felizmente a fundaçaõ da Catholica Igreja.

Celebra Jefu Chrifto a fua ultima Cea em fua cafa.

Nota.

2 Depois de fundar o Principe dos Apoftolos a Igreja de Antiochia, foy mandado a ella S. Barnabé para que converteffe áquelle Gentilico povo, no anno 43. do nafcimento de Chrifto, fegundo Baronio. Era S. Barnabé primo com irmaõ de S. Joaõ Marcos, e por iffo o rogou, fe he que elle fe lhe naõ offereceo para o acompanhar naquella Apoftolica Miffaõ. Teve S. Barnabé noticia de que eftava em Tarfo o Apoftolo S. Paulo, e lhe foy dar parte do que fe lhe havia determinado em Jerufalem, que eftava toda envolta, e confuza, com as perfeguiçoens que nella fe levantaraõ contra os Chri-

Baron. tom. 1. ad an. 43. n. 10.

Christaõs. Informado pois S. Paulo por S. Barnabé do que havia feito em Antiochia, voltaraõ para aquella grande Cidade, e nella se detiveraõ hum anno, no fim do qual foraõ a Jerusalem a levar aos Christaõs daquella famosa Cidade as esmólas que os Fieis de Antiochia lhes enviavaõ compadecidos caritativamente das grandes necessidades que padeciaõ, motivadas de huma cruellissia fome que experimentava toda Palestina. Depois dos Santos Apostolos satisfazerem á sua caritativa incumbencia, e de roborarem áquelles recentes Christaõs para que naõ esmorecessem do proposito com que estavaõ da confissaõ da Ley de Jesus Christo, incitados das necessidades, ou persuadidos dos ameaços, voltaraõ outra vez para Antiochia no anno de 44., tempo em que claramente nos diz S. Lucas, que S. Joaõ Marcos o companhara. *Actor.* 11.

3 Naquella Cidade, e seu circuito prégaraõ os sagrados Missionarios com fervor grande, e summa efficacia, trazendo á luz da Evangelica Doutrina a muitos infieis, que viviaõ nas obscuras trevas de muitas ignorancias. Nella foraõ constituidos por Apostolos Supernumerarios, e dezejosos de dezempenharem a alta dignidade a que Deos os elevara, sahiraõ de Antiochia levando por companheiro das suas Apostolicas emprezas ao nosso S. Joaõ Marcos. Chegaraõ a Seulecia, e navegando dalli para a Ilha de Chipre na Cidade de Salamis, Bilbili, Seleucia, e Perge, começaraõ a despregar os rayos da luz Evangelica para dissipar as funestas sombras das Judaycas Synagogas, annunciando como sonoros clarins da verdade a nova Ley que o Filho de Deos humanado havia trazido ao mundo.

Deixa S. Joaõ Marcos a companhia de S. Paulo, e de S. Barnabè.

4 Naõ podendo o nosso S. Joaõ Marcos tolerar o rigor da vida Apostolica, [como huns querem] ou os trabalhos, e incõmodidades dos caminhos (como outros dizem) dezamparou aos Santos Apostolos, e se retirou para Jerusalem, e aquella sua repentina, e inconsiderada resoluçaõ, lhe servio depois de hum vagaroso, bem considerado, e justo arrependimento: *Tudo o que nesta vida podemos padecer, ó mortaes, he nada, em comparaçaõ do premio que na outra nos está destinado. Todos os trabalhos saõ leves, de pouca dura, e mesclados com algumas consolaçoens, e sobretudo he taõ curta a nossa vida, que cotejada com a eternidade, he só hum momento tudo quanto nella se padece, e vive. O premio que Deos nos tem disposto no Ceo he na duraçaõ eterno, e na grandeza infinito; e se isto he assim, para que he o desvelarmo-nos tanto, em fazermos cazo de huma vida, que nos priva de taõ grande felicidade depois da morte? e para que hemos de ter horror aos trabalhos, que nos grangeaõ o Ceo, e nos coroaõ de immortal gloria? Cuidemos pois todos nisto os que temos por grandes os trabalhos da vida, e tiraremos por fructo a resoluçaõ que o nosso S. Joaõ Marcos tirou de ponderar isto mesmo, pois vendo se em Jerusalem, e achando-se envergonhado da sua inconstancia, começou a fazer obras taõ heroicas, que eraõ os mais autenticos testimunhos do seu arrependimento*; e entrou em huma fervorosa resoluçaõ de padecer por amor de Christo multiplicados trabalhos, por grangear duplicados meritos. O certo he, que muitas vezes tem sido permissaõ do Altissimo o cahirem os seus mayores amigos, para que se levantassem com mais vigorosas forças, e dobrada valentia, pois a lembrança das culpas, e a consideraçaõ das fraquezas, faz exercitar as mais asperrimas penitencias, e as mais heroicas obras. Em humas, e em outras se exercitou o nosso Santo na Cidade de Jerusalem, desde o anno de 45., até o de 51., tempo em que chegaraõ áquella grande Cidade das Apostolicas Missoens S. Paulo, e S. Barnabé, para assistirem ao Concilio chamado dos Apostolos.

Attende mortal.

Muitas vezes tem sido permissaõ do Altissimo o cahirem seus Servos.

Baron. tom. 1. ad. an.

5 Logo que S. Joaõ Marcos vio naquella Cidade aos Santos Apostolos agitado de soberanos impulsos se foy lançar aos pés delles, e com grandes alaridos, e lagrimas, lhes pedio perdaõ da sua cobardia, e penitencia igual a ella, com tanto, que o admittissem outra vez á sua companhia, pois se achava com animo de procurar alentado a todos os trabalhos, e de dezafiar

fiar intrepido a todos os perigos. Naõ o queria admittir nella S. Paulo, por castigar assim a sua inconstancia, e dizendo que hum homem, que deixara fugitivo a sua companhia, naõ era benemerito de ser admittido a ella. Mas S. Barnabé, como parente, e de condiçaõ mais compassiva, o admittio ao seu consorcio, promettendo-lhe da parte de Deos o perdaõ, se as suas obras futuras dourassem o escuro das suas faltas passadas.

Argumentaõ S. Paulo, e S. Barnabè, sobre admittirem a S. Joaõ Marcos para a sua companhia.

6 Acabado o Concilio sahiraõ os sagrados Apostolos para Antiochia, levando com effeito em sua companhia a S. Joaõ Marcos, e querendo ir continuar por outros paizes a Apostolica Missaõ, S. Paulo insistio no que havia dito, de que naõ queria o acompanhasse quem o havia deixado, e S. Barnabé persistio em que na sua companhia havia de levar a hum homem, que tinha chorado com rios de lagrimas a sua culpa. Em fim, havendo muitos argumentos de parte a parte, e dando cada hum as mais provaveis razoens para os seus ditos, nascidos todos da diversidade dos genios, porque no colerico, de que era dotado S. Paulo, naõ achavaõ lugar as lagrimas, e os suspiros, achando-o no coraçaõ terno, e animo compassivo de S. Barnabé, que concluio dizendo a S. Paulo, que pois naõ queria na sua companhia a seu Primo Joaõ Marcos, que procurasse outro companheiro, porque elle naõ havia de dezamparar a quem arrependido supplicava perdaõ, e tinha dado equivalentes testimunhos de ser verdadeira a sua penitencia. Tudo foraõ disposiçoens do Altissimo, que permittio desta sorte se separassem aquelles Operarios Evangelicos, para que os Reynos da Syria, para onde navegou S. Paulo, com seu companheiro Sylla; e os de Chypre para onde foraõ S. Barnabé, e S. Joaõ Marcos, lograssem no mesmo tempo os luminosos rayos da sua doutrina. Para Chypre digo foraõ S. Joaõ Marcos, e S. Barnabé, que, como natural daquella Ilha, parece lhe quiz cõmunicar as luzes da divina graça em agradecimento de lhe haver cõmunicado as primeiras luzes da vida.

Vay S. Barnabè com S. Joaõ Marcos para Chypre.

7 Prégaraõ pois os Santos aos Chyprienses com Apostolico fervor, e logo viraõ victorioso o sagrado estandarte da Cruz de Christo, e que se escrevia o nome Santissimo deste Senhor com rayos da luz da Fé nos coraçoens dos indomitos Chyprienses. Com os exercicios das mais singulares virtudes, e com os mais sagrados empregos de seu Evangelho se detiveraõ naquella Ilha perto de tres annos, pois para ella foraõ no de 51., e della sahiraõ no de 55., conforme as melhores conjecturas, por dezempenharem o seu Apostolico ministerio, por onde mais se carecia da Evangelica Doutrina. S. Barnabé tomou o caminho de Italia, onde fundou a celebre Igreja de Millaõ, de que foy primeiro Bispo, e S. Joaõ Marcos partio para Epheso para naõ só dar conta a S. Paulo do fructo que haviaõ feito nas Missoens, senaõ tambem para receber delle a bençaõ, e a gratificaçaõ da sua perseverança. S. Paulo, julgando-o por benemerito das mayores, e mais deficeis emprezas, o mandou Evangelizar aos Collosenses na Frigia, onde parece andou sómente até o anno de 59., pois nelle se acha ja em Epheso com Timotheo, como se verifica da segunda Epistola que S. Paulo escreveo ao mesmo Timotheo, na qual lhe dizia, que fosse com toda a brevidade ter com elle a Roma, onde estava prezo, e que levasse infallivelmente na sua companhia a Joaõ Marcos, porque lhe era mui util para os Evangelicos ministerios.

Funda S. Barnabè a Igreja de Millaõ de que foy Bispo.

Vay prègar a Epheso.

Baron. tom. 1. ad. an. 59. n. 13.

8 Por obedecerem ao sagrado Apostolo, partiraõ de Epheso Timotheo, e S. Joaõ Marcos no anno de 59., e S. Joaõ Marcos esteve em Roma até perto do anno 61., e era taõ bem acceita a S. Paulo a sua assistencia, que nas Epistolas, que escreveo no anno de 60. aos Colosenses, e a Philimon, os sauda da sua parte, encarecendo-lhes o quanto o ajuda nos Apostolicos ministerios. Invejava o nosso Santo a felicidade, que S. Paulo tinha com as prizoens, e com intrepido animo, e mais que grande resoluçaõ, andava dezafiando

Sahe de Epheso para Roma.

zafiando

zafiando aos inimigos de Christo, para assim conseguir taõ bõa ventura. Porém como Deos tinha disposto que conseguisse a que anelhava, depois de se accumular de mais meritos, permittio que os Judeos, e Herejes de Roma o naõ prendessem, sem embargo do sem nenhum temor com que os reprehendia, e lhes intimava as verdades Catholicas. Ordenou sim a Divina Providencia que fosse a Roma S. Barnabé, levado do dezejo de visitar S. Paulo nas suas prizoens, e que sahisse daquelle abbreviado mundo com o beneplacito do mesmo Santo, dezejoso de ir dar a vida entre os Chyprienses, e de testimunhar por ultimo com o fino rocicler do seu sangue a Fé orthodoxa, que no principio lhes havia prégado em companhia de S. Joaõ Marcos, que agitado do mesmo impulso deixou Roma, e partio para Chypre com a esperança da mesma felicidade. Prégando pois estes Apostolicos Varoens na Cidade de Salamina, huns Judeos, que nella se acharaõ, lhe maquinaraõ logo a morte a S. Barnabé, o qual vindo no conhecimento da sua diabolica determinaçaõ, por revelaçaõ Divina, se despedio amorosamente dos muitos Discipulos que trazia, e chamando de parte ao seu amado primo, e nosso S. Joaõ Marcos, disse: *Hoje me haõ de tirar a vida meus inimigos em odio da Fè que prègo; depois da minha morte, sahe tu pela porta da Cidade, que olha para o Occidente, e ahi acharás meu corpo, que enterrarás logo, e enterrado elle, sahe de Chypre, e partindo a buscar a Paulo, na sua companhia persevera, atè que o Senhor disponha das tuas cousas, porque virá a ser o meu nome celebrado em todo o mundo.*

Torna a Chypre em companhia de S. Barnabè.

Dà parte S. Barnabè a S. Joaõ Marcos de como estava chegado o seu martyrio.

9 Grandes foraõ os gemidos, e os soluços, com que S. Joaõ Marcos celebrou as palavras com que S. Barnabé lhe annunciava o seu triunfo, e quando a consideraçaõ da incomparavel felicidade a que subia lhe communicou os alentos, que lhe havia roubado a do seu apartamento, lhe protestou de naõ faltar a algum dos seus mandamentos. E assim que, morto S. Barnabé por aquelles inhumanos homens, no dia assinalado, sahio S. Joaõ Marcos pela porta destinada, e achando o martyrizado cadaver, entre saudoso, e sentido, o enterrou, se naõ no cofre de que era digno taõ precioso thezouro, no que pode agenciar-lhe o seu amor entre o odio dos Judeos.

Enterra S. Joaõ Marcos a S. Barnabè.

10 Certificado S. Joaõ Marcos de que o Apostolo das Gentes discorria por differentes regioens, ja livre das suas prizoens, sahio de Salamina em sua busca, assim por satisfazer ao mandamento de S. Barnabé, como por manifestar ao sagrado Apostolo a forma do seu triunfo. Ignora-se qual fosse a terra em que primeiramente se avistaraõ, porèm se sabe, que ambos prégaraõ na nossa Hespanha, e particularmente na Cidade de Celtiberia, a que os Geografos chamaõ Bilbilis, ou Bilbis. Informado S. Pedro da quantidade de graõ que com tanta velocidade havia recolhido no celleiro da Igreja o nosso S. Joaõ Marcos, e reputando-o por dignissimo da Dignidade Episcopal, o constituio por Bispo de Attina em Italia. Assumpto a esta sublime Dignidade, [appetecida de muitos, e merecida de poucos] se portou na sua administraçaõ taõ santamente, como se portaraõ todos os que foraõ dignos de beberem na fonte purissima da Escóla de Christo. Estando pois promulgando, e Evangelizando o Reyno do Ceo aos povós Equicolos, e vendo que estes adoravaõ a hum simulacro do demonio com reverentes obsequios, inflammado do zelo da honra de Christo, e agitado de hum valor Apostolico, despedaçou aquelle engano, e lançou por terra aquelle adorado alvo da Gentilica cegueira. Vendo o Gentilico povo despedaçado o idolo, a quem tributava adoraçoens, pela sua cegueira o mentir divino, ficou com as maõs prezas para a vingança, e com as linguas soltas para a blasfemia. Juntou-se huma infinidade de Gentios, e como famintos tigres, e assanhados leoens, foraõ pedir ao Presidente Maximo, mandasse fazer ao innocente cordeiro, o mesmo que elle havia feito ao seu Pagóde.

Fá lo S. Pedro Bispo de Attina.

11 Muito se enfureceo Maximo com o que havia feito o nosso Santo

ao

ao seu idolo; porèm se naõ achou com animo de satisfazer per si só ao pedido pelos Gentios. Deo fim parte ao Imperador Domiciano, o qual mandou logo expedir muitos decretos, porque ordenava prendessem ao Santo, e a todos os que o seguissem na doutrina, e que lhe tirassem as vidas, depois de nelles executarem os tormentos que inventar pudessem. Prendeo logo Maximo ao Santo Bispo, como a cabeça principal daquella Christandade, e persuadindo se que com fraudulentas caricias, e terriveis ameaças viria na adoraçaõ dos falsos Deoses, o mandou ir á sua presença, onde aprendendo da dureza dos ferros a constancia, respondeo com heroica audacia: *Que naõ adorava simulacros do demonio, mas sómente a Jesus Christo, Deos, e Homem verdadeiro.* Pasmou o tyranno ministro da sua constancia, e encolerizado contra elle o mandou metter no mais obscuro retiro do carcere, no qual opprimido de mais duras prizoens, o teve sette dias, e entendendo que entre elles exhalaria a vida, o prohibio de todo o humano sustento; porèm como Deos lha queria conservar para duplicados triunfos, o mandou alimentar, e confortar pelos Angelicos Espiritos. Mandou-o o tyranno ir segunda vez á sua presença, e com tal efficacia reprehendeo a sua cegueira, blasfemou dos fementidos deoses, e iniquos Imperadores, que sem mais demora o sentenciou a capital pena; e para a execuçaõ da sentença o levaraõ os crueis algozes para fóra da Cidade, onde, com deshumanidade grande, lhe coroaraõ a fronte com dous penetrantes cravos, que entraraõ pelo seu sagrado cerebro, á violencia de dous maços; em fim, com hum alfange lhe cortaraõ a cabeça, e assim veyo S. Joaõ Marcos a esmaltar a candida açucena da sua vida com os finos rubins de seu precioso sangue, aggregando ao sublime officio Apostolico a inclyta palma do martyrio.

Prendem ao Santo.

He martyrizado S. Joaõ Marcos.

12. Seus Discipulos lhe deraõ logo sepultura, supposto a que puderaõ agenciar-lhe entre as espias dos idolatras, naõ a de que se fazia digno taõ santo cadaver, que por isso esteve muitos annos occulto sem veneraçaõ, e sem memoria. Porèm querendo a Divina Bondade de Deos que fosse mais celebrado, e venerado no mundo o corpo de hum Santo, que nelle o servio com taõ finos, e extremosos obsequios, permittio que elle mesmo se manifestasse desta sorte. Afflicta a Provincia da Campania, e a mayor parte de Italia de huma grande esterilidade, e inficionados os povos de copiosos cardumes de animaes ferozes, que dos montes desciaõ famintos, e sequiosos, e entravaõ nas casas em que devoravaõ a tudo o que encontravaõ, recorreo a Deos para que desse remedio a tanta necessidade. Estava hum virtuoso Sacerdote fazendo a mesma supplica, e S. Joaõ Marcos lhe appareceo glorioso, disse-lhe quem era, e que se queria fossem os seus rogos acceitos diante de Deos, que encõmendasse ao povo fizesse algum tempo penitencia, e lhe guardasse o seu dia. Manifestou o Sacerdote a revelaçaõ celestial, e logo que todos uniformente propuzeraõ de cumprir o que se lhes intimava, se vio remediada toda Italia, descendo do Ceo por toda ella hum copioso chuveiro, que a fertilizou, e subindo para as suas brenhas, e grutas os famintos, e ferozes animaes.

Apparece S. Joaõ Marcos Glorioso ensinuando se lhe guardasse o dia.

13 Que fosse o nosso S. Joaõ Marcos filho de Simaõ Leproso, e de Maria, primo de S. Branabé, Discipulo de Christo, Bispo de Attina, e Martyr, segundo deixamos dito, o prova eruditamente o sobredito Mestre Mariz, que tanto se desvelou na averiguaçrõ da verdade. Naõ pode todavia vir no conhecimento do anno em que foy trasladado de Attina aquelle santo deposito, e nem nós pudemos alcançar quem foy o que o trasladou, para esta sempre Augusta Braga. Os varios contratempos, e as vezes que foy destruida esta Cidade no tempo dos Suevos, Godos, e Mahometanos, he equivalente desculpa desta ignorancia. Muitos annos esteve sepultado em huma humilde Capella da invocaçaõ de S. Marcos Evangelista, até que D. Diogo de Sousa, Arcebispo Primaz, o tirou do chaõ, e no mesmo sepulchro de marmore

more, em que estava, o metteo no nicho da mesma Capella, no qual obrou taõ estupendos milagres, que até o campo a ella contiguo, adquirio o pronome de *Campo dos Remedios.*

14 Vendo porém os Bracharenses, que ainda o corpo de S. Joaõ Marcos naõ estava com a veneraçaõ devida a tantos merecimentos, incitados dos seus generosos, e piedosos espiritos, ou subornados de impulsos mais que humanos, emprenderaõ o collocarem-no em lugar mais eminente, e menos indigno do cadaver de hum taõ grande Cidadaõ do Ceo Empyreo. Para o que reformaraõ a Capella mór do Hospital do seu nome, fazendo-lhe hum retabolo com hum nicho no meyo, azulejando as paredes, pintando-se as ilhargas, e o tecto com tal primor, que bem se deixaõ ver os dezempenhos da generosidade Bracharense, e a devoçaõ que tinhaõ a S. Joaõ Marcos. No anno de 1718. se concluio a sobredita obra, e querendo a Mesa da Misericordia desta Cidade, (como administradora do Hospital do nosso S. Joaõ Marcos) trasladá-lo para o meyo do retabolo do Altar mór com a solemnidade devida, fizeraõ petiçaõ ao Illustrissimo Arcebispo Primaz D. Rodrigo de de Moura Telles [nome que será immortal veneraçaõ dos seculos] para que dispuzesse o dia, e determinasse o como.

Traslada-se o corpo de S. Joaõ Marcos no anno de 1718.

15 Louvou muito este zelosissimo Prelado a piedosa supplica dos Irmaõs da Misericordia, e se offereceo para tudo o que fosse necessario em ordem á consecuçaõ de designio taõ santo. Dispôs a fórma da solemnissima procissaõ, que se fez no dia da Trasladaçaõ; mandou a todos os Sacerdotes que se achassem na Cidade, que a acompanhassem. Ordenou ás Communidades della fizessem o mesmo, e o mesmo determinou ás Confrarias que costumaõ acompanhar procissoens. Mandou mais a toda a Cidade que puzesse luminarias nos tres dias do Triduo, e deo ampla licença aos Bracharenses para que corressem cavallos, e fizessem outros festivos applausos, assim serios, como burlescos. Em fim, na tarde de 25. de Abril sahio o dito Illustrissimo Prelado deste seu Paço Primaz, e foy para a Capella, que teve a ventura de ser cofre de tal thezouro, com tençaõ de abrir o tumulo de marmore em que estava, e de fazer hum Instrumento Juridico do que nelle achasse; para o que determinou se achassem presentes o Excellentissimo D. Luiz Alvarez de Figueiredo entaõ Bispo de Uranopolis, e seu Coadjutor, e depois dignissimo Arcebispo da Bahia, Primaz da America; e em nome do seu Reverendissimo Cabido o seu Deaõ D. Francisco Pereira da Silva, e o Conego Antonio Filgueira de Lima. Assistiraõ mais ao mesmo acto o Senado desta Cidade; o Vigario Geral deste Arcebispado; dous Theologos da Companhia de Jesus; dous Medicos; dous Notarios Apostolicos; e assim mais o Illustrissimo Conde de Villa-Verde D. Antonio de Noronha, General das Armas desta Provincia do Minho, que casualmente se achou naquella occasiaõ nesta Cidade. Aberto pois o tumulo, e vestido de Pontifical, e posto de joelhos foy tirando delle os sagrados ossos, e trasladando-os para hum cofre de cedro, forrado de damasco carmezi, e orlado com galoens de prata. Acharaõ-se inteiros a mayor parte dos ossos, e se isto occasionou admiraçaõ aos presentes, mayor admiraçaõ, e assombro lhes occasionou o verem nos fragmentos em que estava devidido o veneravel casco, orificios, sinaes dos agudos cravos com que foy traspassada aquella martyrizada cabeça. Todos os notaraõ com grande advertencia, e os Medicos certificaraõ que só com o instrumento de hum penetrante cravo se poderia abrir o orificio, que se via aberto em fórma esferica, ou redonda, naquelle sagrado craneo, ou cerebro. De tudo se fez hum instrumento authentico, que assinaraõ taõ authorizadas testimunhas, quaes saõ as nomeadas; pelas quaes repartio sua Illustrissima muitas Reliquias, e certamente que seria entaõ menos liberal em dispendê-las, e os circunstantes mais importunos em pedir lhas, se soubessem o quanto haviaõ de ser estimadas, pelos prodigios raros, e milagres

lagres estupendos, com que Deos nosso Senhor as quiz acreditar, como veremos.

16 Inclusas as sagradas Reliquias no sobredito cofre, o fechou o Veneravel Arcebispo com tres chaves, e dando huma ao Provedor da Misericordia, e outra ao Senado da Camera, se ficou com a terceira, e deixando o santo deposito no Altar da mesma Capella entre copiosas luzes, e muitas guardas, se retirou para o seu Palacio ja de noite. No outro dia, que foy o de 26. de Abril, demanhaã, sahio para a nova Capella do nosso Santo, onde estava ja infinita gente para ver, e acompanhar a procissaõ, que discorreo pelas principaes ruas desta Cidade. Levavaõ o sagrado cofre o Deaõ, o Chantre, e dous Conegos desta Sé Primaz, o qual hia cuberto com hum precioso panno de ouro da China, e debaixo de hum rico pallio, em cujas varas pegavaõ seis nobres Cidadaõs. Hiaõ immediatos ao pallio o Illustrissimo Arcebispo Primaz com Pluvial, Mitra, e Bago, e o seu Reverendissimo Coadjutor revestido na mesma fórma. Recolheo-se por fim a procissaõ, e se collocou o veneravel cofre em hum nicho primorosamente lavrado sobre a banqueta do Altar mór, superior ao qual fica o Tabernaculo do Augustissimo Sacramento da Eucharistia. Nos tres dias seguintes houveraõ os tres Sermoens do Triduo, e continuaraõ os Bracharenses com varios entretenimentos de cavallaria, mascaras, e danças, com que festejaraõ a elevaçaõ daquelle escondido thezouro, que logo se quiz mostrar agradecido áquelles devidos obsequios, com romper em taes, e tantos prodigios, que nos primeiros tres mezes seguintes á sua Traladaçaõ, naõ deixou passar dia, em que naõ obrasse algum, havendo sim muitos em que fez quatro e cinco diante do innumeravel povo, que de proposito hia para a Capella com a piedosa curiosidade de ver fazer milagres. Dos que andaõ impressos na vida, que do mesmo Santo compôs o Reverendo Padre Antonio de Mariz Faria, sustanciaremos parte, para que a curiosidade fique satisfeita, e a devoçaõ naõ fique queixosa. O ultimo que relato foy feito a hum irmaõ meu com circunstancias dignas de notar.

1 Christovaõ Fernandes desta Cidade, alcançou inteira saude em hum defluxo de sangue, que lançava pela boca, logo que se encõmendou a este Glorioso Santo.

2 Faustino da Cunha desta mesma Cidade, naõ podendo escrever por causa de hum lobinho, que tinha no pulso da maõ direita, logo que untou a maõ com o azeite da alampada do mesmo Santo, desappareceo.

3 O Licenciado Crispiano Gomes desta Cidade, alcançou a dezejada saude em huma terrivel dor, que padecia em hum quadril, e que o privava de andar havia tempos, logo que sahio de casa com muito trabalho, e com animo de ir na procissaõ da Trasladaçaõ.

4 Dona Helena de Christo, Religiosa no Convento dos Remedios, depois de estar muitos tempos entrevada, alcançou a dezejada saude logo que entrou no sagrado tumulo do Santo, que levaraõ ao Convento a rogos seus.

5 Jeronymo, filho de Constantino Borges desta Cidade, andando derreado, e muito mal da boca, ficou de todo saõ assim que entrou no mesmo sagrado tumulo.

6 Antonia Silva da Freguesia de Parada de Tibaens, teve a felicidade de ficar livre da lezaõ de hum braço, logo que se metteo no mesmo tumulo.

7 Izabel Fernandes de Adause, indo visitar ao Santo, e entrando no seu tumulo, alcançou o ficar livre de humas dores, que a opprimiaõ, e o poder andar sem as muletas de que usava, e que deixou na Capella do Santo.

8 Pascoa de Oliveira, desta Cidade, tendo aleijados tres dedos da maõ direita, lhe foy restituido o uso delles, logo que se metteo no mesmo tumulo.

9 Ma-

9 Maria Ferreira de Santa Maria de Ferreiros, estando entrevada das pernas, se fez metter no mesmo tumulo, com o conhecido prodigio de ir para a sua terra a pé.

10 Paulo Cerqueira da Freguesia de Semelhe, tendo os nervos dos pés encolhidos desorte, que naõ podia andar, se achou delles desempedido logo que fez certas rogativas ao Santo.

11 Francisca solteira da Freguesia de Maxeminos, naõ podendo andar, por causa de muitas molestias, recuperou a saude perdida, assim que se metteo no sagrado tumulo.

12 O Padre Manoel Barbosa, desta Cidade, andando em muletas, (por causa de hum estupor) sendo levado ao tumulo, foy para casa sem ellas.

13 Joaõ, filho de Manoel de Araujo desta Cidade, estando aleijado de hum joelho havia oito annos, alcançou a dezejada saude depois de se metter no mesmo tumulo.

14 Joaõ Maciel da Freguesia da Avelleda, andando tolhido das costas de forma, que se naõ endireitava, conseguio andar a pé depois que entrou no sagrado tumulo.

15 Ignacia Ribeira da Freguesia de S. Martim, mettendo a cabeça no tumulo, conseguio o ficar livre de huns tumores que tinha na garganta.

16 Thereza de Jesus da Freguesia de Besteiros, andando em muletas com os pés arrasto, deixou as taes muletas na Capella do Santo, retirando-se para a sua Freguesia em seus pés.

17 Maria Vieira desta Cidade, tendo huma lezaõ na perna direita, que lhe estorvava o andar, e o pôr o pé no chaõ, alcançou a appetecida melhora, depois que fez huma Novena ao Santo.

18 Esperança da Gloria, Religiosa no Convento dos Remedios, tendo dous inchaços nas partes occultas, pondo em conrespondencia dellas huma Reliquia do Santo, passados alguns dias se achou sem elles.

19 Bento Pereira da Freguesia de Moure, estando sem se poder mover da cinta para baixo, cingindo-se com huma toalha, tocada no sagrado tumulo, immediatamente se achou saõ.

20 Francisca Silva, da Freguesia da Avelleda, estando entrevada na cama havia cinco annos, a trouxeraõ ao sagrado tumulo, do qual foy a pé para casa depois que fez huma Novena ao Santo.

21 Antonio Ribeiro da Villa de Guimaraens, andando em muletas, as largou, depois que veyo em romaria ao Santo.

22 Margarida Luiza, Religiosa no Convento de nossa Senhora da Conceiçaõ, padecia humas taõ gravissimas queixas nas maõs, e joelhos, que naõ podia dobrá-los, nem assentar-se, e de tudo se vio livre depois que applicou ás partes dolorosas huma Reliquia do Bemaventurado Santo.

23 Jozé, filho de Domingos Rebello desta Cidade, estando aleijado da perna, maõ, e braço esquerdo, conseguio o ficar inteiramente saõ, depois que o metteo seu pay no sobredito tumulo.

24 Maria Gonsalves da Freguesia de Sequeira, por meyo de huma Novena que fez ao Santo Bispo, conseguio o ficar livre de hum inchaço, que tinha no pescoço.

25 Maria Pessoa, estando tolhida dos braços por causa de hum estupor, ficou saã depois que se encõmendou ao mesmo Santo.

26 Domingos Fernandes da Freguesia de Barbudo, havendo tres annos que era aleijado da maõ, e pé esquerdo, sahio com inteira saude do tumulo, em que seu pay o metteo.

27 Manoel, filho de Joaõ Francisco da Avelleda, tendo as pernas tortas, lhas indireitou o Santo no seu tumulo.

28 Domingos da Silva da Freguesia de Barbudo, havendo cinco annos que andava em muletas [por ser aleijado da perna esquerda] as deixou ao

Santo para memoria do prodigio que lhe fez em o farar no mesmo tumulo.

29 Maria Antonia de Santa Eulalia de Tolloens, sendo aleijada de hum braço, e de huma perna, desorte, que se naõ podia assentar, no sagrado tumulo achou o remedio de tanto mal.

30 Manoel Barbosa de S. Payo de Azois, naõ vendo mais que os vultos das pessoas com quem tratava, no sagrado tumulo achou a vista perfeita.

31 Joaõ do Valle, desta Cidade, naõ andava sem muletas por causa de huma aleijaõ, as quaes deixou no sagrado tumulo para testimunho do milagre.

32 Angela, menina de nove annos da Villa de Ponte de Lima, recuperou a vista, de que carecia, no tumulo do mesmo Santo.

33 Dona Ignacia de Christo Religiosa no Convento do Salvador do Mundo, havendo tres annos que padecia em toda a parte direita humas dores, que a naõ deixavaõ mover de huma para outra parte, alcançou milagrosa saude por intercessaõ do Santo.

34 Izabel da Cunha da Freguesia de Pedregaes, sendo aleijada de pés, e maõs, e mettida no tumulo, de repente ficou livre de taõ grave molestia.

35 o Padre Gonsalo Alvarez da Freguesia de Nogueiro, se achava entrevado na cama sem uso algum dos sentidos; porèm no tumulo do mesmo Santo, a que foy trazido, achou o remedio de tamanho mal.

36 Anna Gonsalves da Freguesia de Palmeira, vindo em hum carro visitar ao Santo, por naõ poder andar senaõ em muletas, conseguio do mesmo Santo o naõ usar mais dellas, por se retirar livre da aleijaõ que tinha.

37 Joaõ Affonso de Amorim de S. Romaõ de Neiva, por ser aleijado de huma perna, se naõ movia sem hum bordaõ, e entrando no tumulo sahio taõ saõ, que naõ usou mais delle.

38 Manoel Pires da Freguesia da Alheira, havendo doze annos que estava aleijado, e desorte, que naõ andava sem muletas, mettido no mesmo tumulo sahio sem ellas.

39 Antonio Joaõ, andando em muletas havia sette annos, no tumulo as largou, por delle sahir com vigorosa valentia.

40 Joaõ Neto, do Couto de Pedralva, que naõ andava senaõ com huma muleta, e hum páo, mettido no sagrado tumulo ficou saõ.

41 Gaspar da Cunha Teixeira, de Santo André de Molares, de idade de 80. annos, sarou da gotta que muito o opprimia, e o que he mais de huma rotura, por meyo de huma Novena, que fez ao Santo huma sua filha Religiosa no Convento dos Remedios.

42 Maria Gonsalves de Portela Suzã, naõ se podendo mover das juntas, nem fechar as maõs havia quatro annos, mettida no tumulo sahio saã.

43 Joaõ Francisco da Freguesia de Covas, que por aleijado andava em duas muletas, mettido no tumulo ficou sem a aleijaõ, que o obrigava ás taes muletas.

44 Custodia Rodriguez da Freguesia de S. Migues de Cunha, alcançou vista em hum olho, que tinha com huma nevoa, logo que se encõmendou ao Santo Bispo.

45 Luzia Silva de S. Martinho de Condes, trazendo huma perna arrasto, logo que se metteo no tumulo correo sem impedimento.

46 Maria Francisca do lugar do Carmo, sendo aleijada de huma perna, se metteo no tumulo, e ficou saã.

47 Thereza Domingues de Gaifar, naõ só deixou humas muletas, em que andava, na presença do Santo, senaõ tambem foy livre de hum espirito maligno, que a opprimia.

48 Marianna Soares da Freguesia de Barbudo, andando arrasto por aleijada das pernas, alcançou a dezejada saude, logo que a metteraõ no tumulo.

49 Jeronyma Francisca da Freguesia de Gondisalves, tinha huma perna torta,

torta, desorte que a naõ movia, nem bolia hum braço, e de tudo ficou saõ logo que se metteo no tumulo.

50 Jozé Rodrigues da Villa de Vianna, se vio livre de huma vexaçaõ, que o demonio lhe fazia, por intercessaõ do mesmo Santo, em cujo tumulo se metteo.

51 Adriaõ Vieyra da Freguesia de Taboassas, tendo havia sette annos hum braço, e huma maõ tolhida, no tumulo achou todo o seu remedio.

52 Francisca Lopes de Santa Maria de Azois, aleijada de maõs, e de braços, no tumulo do Santo conseguio o remedio do seu mal.

53 Antonio, menino de dous annos, filho de Pedro da Cunha da Freguesia de Ferreiros, ficando debaixo do rodeiro de hum carro carregado, que passou por cima delle, esmagado, e lançando o escremento pela boca, e sem acordo, o trouxe seu pay ao sagrado tumulo, onde mettido se levantou saõ, como se nunca molestia tivera, pedindo de comer ao pay.

54 Jozefa Fernandes de Andrade da Villa de Vallença, sendo vexada dos demonios haviaõ muitos annos, ficou livre delles depois que se metteo no sagrado tumulo.

55 56 57 58 Luiza da Silva da Freguesia de Santo André de Codessozo, havendo dous annos que era possessa do demonio, mettida com grande repugnancia deste no sagrado tumulo, se sentio logo livre. Esta mesma felicidade tiveraõ depois Luiza Silva, Maria Silva, e Maria Alvares da mesma Freguesia, e outras innumeraveis pessoas que se vem na relaçaõ dos milagres, e outras, de que se naõ fez lembrança.

59 Antonio, filho de Francisco de Araujo desta Cidade, de idade de seis annos, sendo quebrado da virilha direita, foy livre desta oppressaõ, e grande molestia, logo que seus pays fizeraõ huma Novena na Capella do Santo.

60 Francisco da Rocha da Cidade do Porto, no tumulo do mesmo Santo achou a vista, que lhe tinha tirado a gotta serena.

61 Maria Jozefa de Santa Maria de Abbade, recuperou a vista em hum olho depois que entrou no mesmo tumulo.

62 Maria, menina de nove annos, filha de Manoel Fernandez de S. Martinho da Gandra, torcia ao andar hum pé, e quasi o naõ podia pôr no chaõ; porêm o mesmo foy o metter-se no tumulo, que sahir delle sem aquella lezaõ.

63 Hemenegildo Domingues da Freguesia de S. Juliaõ da Silva, tendo huma perna aleijada, virada para traz, e desorte, que naõ podia chegar ao chaõ senaõ com as pontas dos dedos, mettido no sagrado tumulo alcançou o ficar inteiramente saõ daquella aleijaõ.

64 Birgida Rodrigues da Freguesia de S. Joaõ de Pardelhos, no tumulo do Santo recuperou a falla, que tinha perdido havia cinco mezes.

65 O Padre Balthazar da Costa, Vigario de Santa Maria de Conde, alcançou no sagrado tumulo do Santo a vista que tinha perdido havia seis mezes.

66 Francisca, filha de Manoel Fernandes de S. Miguel de Refoyos, no mesmo tumulo alcançou em ambos os olhos a vista, que havia perdido com as bexigas.

67 Manoel, filho de Maria Fernandez de Chorente, estando tulhido de todo o corpo. foy restituido á sua antiga saude, logo que sua mãy o metteo no tumulo.

68 Thereza, escrava de Margarida de Lima da Villa de Vianna, tendo huma perna arrasto, por causa de hum grande tumor, assim que se metteo no mesmo tumulo ficou livre delle.

69 Maria dos Reys viuva, da Cidade do Porto, tendo huma maõ com hum fio desconjuntado desorte, que naõ podia fazer cousa alguma, della totalmente sarou, com lhe applicar huma medida do Glorioso Santo.

70 Anna

70 Anna Dantas mulher de Antonio Correa de Villa Nova de Cerveira, tendo desde menina hum tumor no pescoço, se vio livre delle, logo que se encõmendou ao Glorioso Santo, e que lhe prometteo huma Missa.

71 Domingas Silva filha de Joaõ Domingues da Freguesia de Santo André de Palme, havia dous mezes, e meyo que padecia hum achaque, que a fazia lançar pela boca todos os dias tres tigélas de materias. Encõmendou-se a S. Joaõ Marcos, e promettendo lhe o visitá-lo com huma offerta, logo conseguio o ver-se livre de taõ perigoso achaque.

72 Catharina da Costa de S. Mamede de Gondoriz, vindo a esta Cidade em huma besta, por causa da aleijaõ de huma perna, se metteo no tumulo do Santo, donde sahio saã.

73 Francisca da Silva de Santa Marinha de Annaes, sendo tolhida de ambos os braços em fórma que se naõ vestia, nem os bolia, alcançou perfeita saude por intercessaõ do Glorioso Santo, a quem veyo visitar.

74 Caietano de Freitas de S. Payo de Saramil, tinha no pulso da maõ esquerda hum lobinho, o qual lhe desappareceo logo que se metteo no sagrado tumulo.

75 Francisco da Costa de Santa Eulalia de Gaifar, naõ vendo cousa alguma do olho esquerdo, alcançou vista nelle, assim que se metteo no mesmo tumulo.

76 Maria Thereza de S. Bernardo Religiosa no Convento dos Remedios, padecendo hum perigoso achaque nas partes verendas, no fim de huma Novena, que fez ao Santo, ficou inteiramente saã.

77 Pedro Ferreira da Freguesia de Cabeçudos, sendo aleijado de gotta desorte, que naõ podia andar sem muletas, se achou inteiramente saõ assim da aleijaõ, como das dores que padecia, logo que se metteo no tumulo.

78 Thomaz, filho de Jeronymo da Silva, da Freguesia de Gondomar, tendo huma rotura nas virilhas, della ficou livre, por intercessaõ do Glorioso Santo, a quem seus pays o encõmendaraõ.

79 Dona Michaella Rosa filha de Fernando de Magalhaens, sendo oppilada, e padecendo huma grande dor no coraçaõ, alcançou total remedio nestes males, por meyo de huma Novena que fez ao Santo.

80 Joaõ Pereira desta Cidade, era molestado de vertigens de tal qualidade, que lhe repetiaõ duas, e tres vezes no dia, e desorte que ficava sem falla, e sem sentidos, e se vio livre de taõ perigoso achaque logo que se metteo no tumulo do Santo.

81 Vendo eu os perennes prodigios deste Glorioso Santo Bispo, e Martyr, lhe principiei huma Novena, para que alcançasse da Summa Bondade de Deos saude para hum irmaõ meu, chamado Antonio Maciel, que se naõ tinha em pé havia quatro annos, por causa de hum estupor que lhe deo sendo de hum, do qual ficou com a perna direita leza, e com o braço esquerdo arido. Dentro dos dias da Novena mandei vir o tal aleijadinho da minha patria, e fazendo-o metter no sagrado tumulo, voltou para casa sem melhoras; porèm logo que acabei a Novena, se levantou de repente o aleijadinho com admiraçaõ geral de todos os que o conheciaõ, e naõ pequena consolaçaõ de meus pays, e alegria minha. Este grande milagre ja anda tambem escrito no sobredito livro da vida deste Glorioso Santo, e eu o repito aqui, assim por saber, que com a lembrança, e confissaõ do favor recebido satisfaz quem se reconhece obrigado, como por fazer prezente a todos o fim com que implorei o favor deste prodigioso Santo. Naõ lhe pedi absolutamente alcançasse de Deos saude para o enfermo, sim lhe suppliquei, lha alcançasse ao menos desorte, que pudesse andar a pé, se com isso se naõ encontrasse a gloria, e vontade de Deos, para a qual devemos attender em todas as nossas supplicas, e dependencias; porque como summamente ignoran-

ignorantes dos seus altissimos juizos, e dos differentes caminhos por onde leva as suas creaturas, naõ succeda pedirmos alguma cousa, que naõ seja da sua honra, e gloria. Justamente creyo eu naõ ser conveniente para a saude da alma de meu irmaõ o conseguir igualmente saude para a perna, e para o braço, pois dando-lhe naquella taõ vigorosas forças, que de repente começou a andar com prodigiosa valentia, lha naõ deo neste, que conservou arido até o fim da vida, que clausurou com huma morte ao parecer de predestinado, alcançada talvez pelo seu Bemfeitor, do qual era taõ devoto, que nos muitos annos que depois viveo, se tratou sempre com o nome de Antonio Marcos Maciel.

S. FELIX *Presbytero, Martyr, cujas Reliquias possue o Convento de Chellas.*

1 NAsceo em Sulitana Cidade de Africa. Foy inclinado ás sciencias desde menino, causa porque passou a estudar as mayores a Cezarea, Cidade Metropoli da Mauritana em companhia de seu irmaõ Cucufate. Vivendo pois engolfado na ambiçaõ de saber, e ja com as estimaçoens de sabio, illustrado de luz superior, trocou os cuidados dos estudos, e os da vida, por seguir sómente a importante doutrina do Evangelho, ainda que lhe custasse a morte. Para caminhar mais dezembaraçado para huma morte, que havia de ser meyo de alcançar a eterna vida, se desappropiou dos livros que tinha, e que seguia por genio, dizendo: *De que me serve a Filosofia deste mundo! Necessario he apressar-me a buscar a vida eterna, que dá tempo ao tempo, que naõ teme os instrumentos da morte, mas só attende ao Author da vida.* Isto costumava dizer o zeloso Christaõ, que sabendo em Hespanha estava acceza a perseguiçaõ de todos os que professavaõ a Ley de Jesus Christo, deixou a patria, dezejoso de padecer morte pelo Senhor, que primeiro a padecera por elle.

Applica-se ás letras que deixa por prègar a Fè Catholica.

2 Embarcou-se pois, e com bõa viagem aportou na Cidade de Barcelona, donde passou a Gyroná, como quem sabia que naquella Cidade o esperava a coroa de hum largo, mas esclarecido martyrio. Alli começou a intimar, e a persuadir a Fé de Jesus Christo com fervor admiravel, e com grande fructo das almas que convencidos da verdade, huns se convertiaõ á Ley que promulgava, e outros se ratificavaõ de novo nella, movidos do grande exemplo, que dava com huma asperissima vida, e do sem nenhum temor com que se convidava para provar com o seu sangue as verdades Catholicas, diante daquelles que naõ queriaõ admittir outros argumentos.

Prèga a Fé em Gyrona.

3 Noticioso Daciano, Prefeito do Romano Imperio, dos Sermoens que fazia, e da liberdade com que fallava contra as idolatrias, mandou a Rufino seu ministro, que prendesse ao prégador das verdades, e lhe desse o castigo que merecia por transgressor dos Edictos Imperiaes. Executou Rufino a ordem do maldito Daciano prendendo ao Bendito Felix, e vendo a constancia com que na sua presença exaltava o nome de Jesus Christo, e blasfemava dos idolos, o mandou açoutar com a mayor crueldade, e depois atado de pés, e maõs, foy mettido em huma immunda, e horrorosa prizaõ, na qual esteve, sem lhe darem o necessario alimento para a conservaçaõ da vida. E assim debilitado o tiraraõ da prizaõ, e o ataraõ a duas mullás, que o arrastaraõ pelos lugares mais publicos da Cidade. Desconjuntado o corpo, mas ainda com vida, o levaraõ os infernaes ministros ao carcere, onde foy visitado, e confortado na primeira noite por hum Anjo, que o deixou saõ das feridas, e com o talento necessario para padecer, e mere-

Principia o seu horrendo martyrio.

merecer mais no ſegundo combate que o eſperava.

4 Como Felix era hum dos primeiros Chriſtaõs que experimentavaõ a crueldade de Daciano, (o qual com infernal politica queria com o horror dos tormentos atemorizar os coraçoens de todos os que ſeguiaõ as verdades do ſagrado Evangelho, naõ houve martyrio que tiveſſe inventado a ſua barbara malicia, e o ſeu infernal odio, que ſe naõ executaſſe neſte Santo. Ja com unhas de ferro lhe foraõ cruelíſſimamente deſpindo a pelle, tendo o pendurado com a cabeça para baixo algumas horas, mas vencia animoſo a tyrania, porque de novo confortado com celeſtes favores, naõ ſentia dor alguma, acreditando Deos com eſta milagroſa inſenſibilidade os merecimentos deſte ſeu bom Servo. Recolhido ao carcere, nelle foy viſitado de Eſpiritos Celeſtes, que com reſplandecentes luzes, e acordes muſicas, encheraõ de gozos ineffaveis áquella venturoſa alma. Sentida eſta maravilha pelos guardas, deraõ noticia a Rufino, que em lugar de ſe commover, e converter ao Deos que adorava Felix, ſe exaſperou deſorte, que mandou, logo o foſſem lançar em hum mar, que diſta algumas legoas de Gyrona. Executaraõ os viz miniſtros a ordem de Rufino, lançando-o no mar atado de pés, e maõs; mas por Divina diſpoſiçaõ, dezatadas as ligaduras por hum Anjo, ſuſpenſo ſobre as agoas, como em branda cama, ſuavemente o conduziraõ á praya as meſmas ondas. Corrido o Tyranno de tantas maravilhas, o mandou degollar ſecretamente no carcere, e aſſim foy coroado na eternidade por hum dos mais inſignes Martyres da primittiva Igreja. As Religioſas de Chellas, que fica na diſtancia de Lisboa meya legoa, ſe gloriaõ de ter as ſuas ineſtimaveis Reliquias deſde tempo immemorial, entre as que mais illuſtraõ, e engrandecem aquelle religioſo Convento, que o elegeo Padroeiro, e como a tal o celebra no 1. de Agoſto, com Officio duplex de primeira claſſe, e Oytava, deſde tempo muito antigo.

Continuaõ os tormentos entre os quaes he viſitado dos Anjos.

Vem ſeu ſanto corpo para Chellas.

S. GRACILIANO *Martyr de Alcaçar do Sal.*

1 NAſceo na Villa de Alcaçar do Sal, que no tempo em que exiſtia a noſſa antiga Luſitana, era Cidade, com o nome de Salacia. Seus pays foraõ nobres para com o mundo, porém viliſſimos para com Deos, porque adoravaõ as ceguciras Gentilicas. Deixou, e deteſtou Graciliano as trevas do Gentiliſmo pelas claras luzes das verdades Catholicas, que achou em hum livro dos Evangelhos que leo, e ponderou deſorte, que convencido da verdade delle, ſe abrazou logo nos dezejos de ſeguir huma Ley, que o meſmo Filho de Deos trouxe ao mundo. Recebeo a ſagrada agoa do baptiſmo da maõ de hum Sacerdote a que chamavaõ Euticio, e no meſmo ponto ſe declarou por verdadeiro Chriſtaõ, de que tiveraõ a mayor magoa ſeus gentilicos pays, que jamais o puderaõ perſuadir a que tornaſſe a adorar aos ſeus falſos deoſes. Chegou á noticia do Prefeito de Salacia a reſoluçaõ que tomara Graciliano, e logo o mandou metter no carcere publico, onde maltratado de bofetadas, e de fomes, pertendia que foſſe vencido, ou que pagaria com a vida o deſprezo que fazia aos ſeus deoſes, mas naõ conſeguio o barbaro o fructo dos ſeus deſignios, pois o conſtante mancebo, firme na ſua ſanta reſoluçaõ, mereceo pela ſua grande fé que a Divina Providencia moſtraſſe os admiraveis effeitos da ſua Omnipotencia, obrando pelas ſuas oraçoens no meſmo carcere muitos prodigios, quaes os de reſuſcitar mortos, e de dar ſaude a enfermos de incuraveis enfermidades.

Deixa a idolatria.

2 O' mortaes, ſe quereis ratificar-vos na Fé de Jeſus Chriſto, e creſcer em virtude, lede as Eſcrituras Sagradas, e livros devotos, e eſpirituaes, porque

Louva-ſe a liçaõ dos livros.

que toda a Efcritura infpirada por Deos, fegundo o Apoftolo, he proveitofa para enfinar, para arguir, para correger, e para inftruir em virtudes. Se padeces trabalhos, e es perfeguido dos iniquos, e mundanos, nas Efcrituras Sagradas acharás confolaçaõ, vendo os trabalhos, injurias, e opprobios que fempre padeceraõ os Servos de Deos no mundo, affim no tempo do Velho, como do Novo Teftamento. Se eftás profpero, e rico, nas Efcrituras fantas acharás doutrina, e exemplo para te naõ enfoberbeceres, e defvaneceres, vendo as miferaveis cahidas dos foberbos, e prezumidos. Todas as coufas que eftaõ efcritas, efcritas eftaõ para noffo proveito, e doutrina, e affim fantiffima occupaçaõ he ler as Efcrituras Sagradas, e livros devotos, e efpirituaes, cujas liçoens deves encõmendar muito á memoria, para te aproveitares da fua erudiçaõ, e exemplo. Serve a Sagrada Efcritura para que fe naõ arroje o homem a vicios, e peccados: Affim o dizia o Santo Rey David fallando com Deos no Pfal. 118.: *Em meu coraçaõ efcondi tuas palavras, porque naõ peque contra ti.* Depreffa cahiras em muitas maldades, fe naõ tiveres alguma coufa em teu coraçaõ de Jefus Chrifto teu Senhor, e Deos noffo. Para trazeres a Deos contigo, traze na tua memoria o bom que leres, e guarda-o em teu coraçaõ, para tua confolaçaõ, e para o teu proveito. Se ifto naõ fizera o noffo Graciano, he certo que naõ fe aproveitara das verdades que encontrou nos fagrados Evangelhos, e que ficaria nas mefmas trevas em que eftava, fe os leffe de corrida, fem attençaõ, e reflexo.

3 Havia na mefma Cidade huma donzella chamada Feliciffima, cega naõ fó no corpo, mas tambem na alma, pois vivia nas trevas Gentilicas, a qual, tendo noticia dos prodigios que a maõ de Deos obrava pela de feu fiel Servo, o procurou no carcere em companhia de fua mãy viuva, onde com grande inftancia lhe pediraõ a vifta de que carecia a miferavel cega; a qual com effeito alcançou em premio da fua fé a luz do dia nos olhos, e ambas a claridade no efpirito deforte, que pediraõ, e receberaõ o fanto baptifmo da maõ do fobredito Sacerdote Euticio. Noticiofo o Prefeito do fucceffo, em lugar de fe converter a Deos, fe encheo de furor infernal, e mandou metter no carcere a Feliciffima, onde publicamente proteftava morrer na Fé de Jefus Chrifto, pela qual finalmente deo a vida, em companhia de Graciliano, pois ambos foraõ degollados depois de lhes pizarem as bocas com pedras.

Dá vifta efpiritual, e corporal a huma Gẽtia.

Martyrizaõ Graciliano, e a convertida Feliciffima.

4 Como os pays de Graciliano naõ tinhaõ outro filho, choravaõ amargamente a fua falta, julgando (como Gentios que eraõ) defgraçada huma morte, que taõ preciofa fora diante de Deos, que querendo levar para fi as almas dos pays de Graciliano, ordenou que efte lhes appareceffe, juntamente com Feliciffima, fummamente refplandecentes acompanhados de dous Angelicos Efpiritos, que naõ fó confolaraõ aos ja felices Gentios, mas exhortaraõ a que deixando a cegueira do Gentilifmo abraçaffem a Religiaõ Chriftaã, declarando-lhe de caminho, em como o Prefeito dentro de tres dias iria ter caftigo da fua fereza por meyo da morte que lhe fuccederia, o que pontualmente viraõ cumprido, e louvando os ditofos Gentios os incomprehenfiveis Juizos de Deos, deteftaraõ os feus erros, e abraçaraõ os dogmas Catholicos, que obfervaraõ deforte, que deixaraõ evidentes finaes de fua falvaçaõ. Os corpos deftes Benditos foldados de Chrifto fe fepultaraõ com grande decencia pelos Chriftaõs daquella terra, donde pafiaraõ para o Ducado de Florença, e para a Cidade Caftellana, na occafiaõ em que Hefpanha efteve opprimida do poder Mauritano. Tamayo no *Martyrologio Hifpano. Jardim de Portugal. Agiol. Lufit. a* 12. de Agofto.

Apparece gloriofo a feus pays, que tambem fe converteraõ.

S. PAULO, e SANTO HELADIO, *Martyres de Galliza Bracharense.*

NAſceraõ na Cidade de Iria Flavia, (hoje Villa de Padraõ Reyno de Galliza) no tempo em que eſtava aquella Cidade ſujeita no eſpiritual a eſta Metropoli Bracharenſe. Foraõ eſtes Servos de Chriſto prezos na perſeguiçaõ de Decio, por profeſſarem a Ley do meſmo Senhor, por quem padeceraõ grandes martyrios com indizivel paciencia, ſendo atados a huma roda, que movida com impeto ſe lhes deslocaraõ todos os membros, e depois de ja deſpedaçados, e afflictos, os tornaraõ a recolher no carcere, onde ſe acharaõ repentinamente ſaõs de todas as feridas pela Divina virtude. Vendo o Juiz executor de taõ execranda ſentença aos Benditos Servos de Deos repentinamente ſaõs, ſem moleſtia, e muito alegres, os mandou por ultimo degollar, e com taõ precioſa morte paſſaraõ ſuas almas ao Ceo, a receber o premio da ſua conſtancia Delles eſcrevem varios Authores, e Tamayo ſe lembra delles a 28. de Julho.

SANTO ARISTOBOLO ZEBEDEU *Martyr.*

NA Cidade de Britonia, prégou a Fé de Chriſto Santo Ariſtobolo Zebedeu, ditoſo pay de S. Thiago, e de S. Joaõ Evangeliſta, e daquella antiga Cidade, [neſta Provincia entre as varias do Minho] foy o primeiro Biſpo, té que nella o martyrizaraõ. Confeſſamos que naõ achamos mais authoridade para provar a verdade do que dizemos, que a do *Anno Hiſtorico*, que a 15. de Março ſe lembra deſte Santo, ſem allegar Author algum com que authorize o ſeu dizer, o que pratica em todo o decurſo da ſua obra.

Vida de SANTO ANTONIO DE NOTO, *homem preto, natural de Guiné, e Terceiro Franciſcano.*

1 A Divina Bondade de Deos, que no ſalgado dos mares cria as mais precioſas perolas, e que de carvoens do inferno pela culpa forma carbunculos do Ceo por meyo da penitencia, nos dá para aſſumpto a vida de Santo Antonio de Noto, de taõ humilde naſcimento, e de taõ villiſſimo ſangue, como de hum vil preto, naſcido, e criado na Cafraria de Guiné, entre as cegueiras Mahometanas; porém taõ favorecido, e amado do meſmo Deos, que ſe ſuſpende a penna, admirando os exceſſos do Senhor do Univerſo com huma taõ humilde, e deſprezada creatura, para confundir a prezumpçaõ dos grandes ſenhores, e ſoberbos do mundo.

Naſce em Guinè, donde veyo para o poder dos Chriſtaõs.

2 Na Cafraria pois de Guiné, ſujeita a eſta Monarchia Portugueza, naſceo eſte Bemaventurado preto de pays pretos, e que ſeguiaõ a depravada ſeita Mahometana; porém querendo Deos Senhor noſſo que nelle viſſemos todos os effeitos da predeſtinaçaõ, ordenou que foſſe captivo [para ſua mayor felicidade] por hum Coſſario de Sicilia. Captivo veyo para poder de Chriſtaõs, entre os quaes foy vendido em publica praça a hum rico lavrador chamado Joaõ Laudavula, morador no lugar de Abola, junto

to á Cidade de Noto, que fica no Reyno de Sicilia. Era o lavrador homem de bõa vida, e costumes, e vendo ao escravo muito singello, docil para o ensino de costumes louvaveis, e alheyos de hum preto, e infiel, lhe entregou todo o seu gado, fazendo-o principal pastor de innumeraveis cabeças; e lastimado de que aquella alma se perdesse por falta do conhecimento da verdadeira Fé, lhe introduzio a de Christo, que elle abraçou com summo contentamento, depois de catechizado, e instruido sufficientemente nos soberanos Mysterios della. No sagrado Baptismo tomou o nome de Antonio, por devoçaõ que ja tinha ao nosso esclarecido Portuguez, de quem ainda na Cafraria ouvia celebrar portentos.

Foy pastor dos gados de seu senhor.

3 Para que lhe naõ acontecesse o que diz o Apostolo S. Paulo, *de que a fé sem obras, he fè morta*, logo que se vio com o nome de Christaõ, e que conheceo as obrigaçoens que tinha de ser bom, se empenhou em ser Christaõ, naõ só no nome, senaõ tambem nas obras; e naõ se contentando com guardar sómente os Mandamentos, se desvelou na guarda dos conselhos; e assim que achou este venturozo escravo ser mais facil o caminho da virtude, do que nós o consideramos. Mortaes, o caminho da virtude, naõ he taõ difficil como nos parece, pois Deos nos naõ manda fazer mais do que podemos. Examinemos os seus Mandamentos, e nos veremos convencidos desta verdade. Tudo o que nelles ordena he conforme á razaõ, e para nosso bem. Os Principes da terra, o mundo, e as nossas payxoens nos mandaõ muitas vezes cousas impossiveis sem razaõ, e damnosas, o que naõ obstante, obedecemos aos seus Mandamentos; pois como recusamos obedecer a Christo, que nos naõ manda cousa grave, nem molesta, e que nos ajuda a executar o mesmo que nos manda. Deos pois nos dá auxilios para o servirmos, a graça naõ nos falta, e as suas consolaçoens suavizaõ alguma amargura, que ha no caminho da virtude. Se o bom exemplo dos Santos, cujas vidas lemos, e dos virtuosos, de cujas virtudes temos noticias, nos facilitaõ tambem a pratica da virtude; a deste Santo escravo sirva de exemplo a todos os da sua cor, e de confuzaõ aos brancos, que se prezaõ de nobres, sendo de viz costumes, e que se jactaõ de entendidos, sendo na realidade huns ignorantes, pois toda a sabedoria sem virtude he estulticia.

Exhorta-se á virtude com o exemplo deste Santo preto.

4 Vendo-se Antonio no estado de escravo, cuidou com todas as veras em o naõ ser de algum vicio, procurando evitar todos, e procurar o agrado de Deos pelo caminho da perfeiçaõ, exercitando, e praticando com o mais crescido empenho as virtudes, que ouvia dizer eraõ do agrado daquelle Senhor, que o queria tirar de escravo, para Grande do seu Reyno. Dizendo-se-lhe que o appelido de Christaõ era o dulcissimo nome de Jesus, o trazia sempre na boca, para com elle saudar a todos os que encontrava, com a louvavel saudaçaõ, que ja hoje vemos praticada, de *Louvado seja o dulcissimo nome de Jesus.* Quando houvia jurar pelo santo nome de Deos se affligia summamente, e como se fora o proprio aggressor, batia deshumanamente no peito com huma pedra, pedindo perdaõ a Deos para aquelles que o tinhaõ offendido.

5 Ouvindo louvar em hum Sermaõ a virtude da abstinencia, ficou taõ namorado della, que naõ obstante o grande trabalho corporal, que tinha na sua occupaçaõ pastoril, propôs logo jejuar todos os dias que possiveis lhe fossem, e com effeito jejuou até o fim da vida quasi todos os dias, e com tanto rigor, que naõ comia mais que huma vez ao dia, e essa com muita temperança. Sabida por seu senhor a sua grande abstinencia, lhe pôs por preceito que naõ jejuasse mais que os jejuns da Igreja, porque queria a vida, e saude de taõ bom escravo; porêm o Servo de Deos tomava a raçaõ, e a distribuia pelos pobres muito em segredo, por naõ desgostar a seu senhor, a quem servia, e venerava em tudo como quem considerava na sua

Da sua abstinencia, oraçaõ, e mais virtudes.

peſſoa a de Chriſto, de quem vinha a ſeu ſenhor a authoridade, que ſobre elle tinha. Como naõ orava de dia as horas que quizera o ſeu abrazado eſpirito, por cauſa das ſuas occupaçoens, a que ſatisfazia com grande primor, e perfeiçaõ, furtava ao corpo as melhoras horas do ſomno para velar na oraçaõ, á qual ſe levantava, como outro David, á meya noite, tempo em que louvava a Deos de joelhos. A cama, em que dormia de ordinario, era o chaõ, e quando mais regalada, a de huma pouca de palha. E como ouvira dizer, que oraçaõ ſem mortificaçaõ era illuſaõ, depois de orar á meya noite, ſe deſpia, e com humas diciplinas, que tinha feito de vergas torcidas, ſe açoutava até derramar grande copia de ſangue. Alegrava-ſe muito de que lhe coubeſſe por ſorte a carne preta, porque ſignificava na cor que tinha, ſer em tudo eſcrava do eſpirito, e que como tal eſtiveſſe ſempre rendida ao que o eſpirito quizeſſe.

Da devoçaõ que tinha a Maria Santiſſima.

6 Foy ſummamente devoto de Maria Santiſſima, e procurava com tanto empenho, que todos ſe eſmeraſſem na devoçaõ deſta Divina Senhora, que naõ ceſſava de a encarecer, e de perſuadir a devoçaõ do Roſario. Aprendeo a fazer roſarios, e coroas, que dava gracioſamente aos paſtores, aos pobres, e ás mais peſſoas que naõ os tinhaõ, porque naõ lhes ſerviſſe de deſculpa a falta de contas para deixarem de rezar, e de terem conta com as ſuas ſalvaçoens. Como ouvira dizer que os Santos Padres do Ermo por aborrecerem a ocioſidade, faziaõ no tempo que lhes ſobrava de ſeus ſantos exercicios varias obras, e curioſidades, cuidou muito neſta parte em imita-los, fazendo alcofas de palma, ceſtinhas, e outras varias curioſidades, iſto no tempo que lhe ſobrava do dezempenho das ſuas obrigaçoens paſtoris, e do que tinha determinado para gaſtar abſolutamente com Deos, ſe bem que nunca ceſſava de orar, e de eſtar no Ceo com os penſamentos, e com o cuidado, ainda quando mais occupado eſtava nos temporaes empregos. Nas quartas, e nas ſextas feiras, no tempo em que ſe havia de recolher para deſcançar, carregava com huma muito grande, e pezada pedra, com a qual andava ás coſtas por largo eſpaço de tempo em memoria da Paixaõ de Chriſto, e fazia outras penitencias, e aſperezas, com que ſe fazia ſingular entre os paſtores, e povo do lugar, que o veneravaõ, reverenciavaõ, e attendiaõ como a Santo, e como a tal o procuravaõ, pedindo-lhe conſelhos nas duvidas, que ſe lhes oppunhaõ em varias materias, principalmente nas eſpirituaes.

Em que occupava o tempo que lhe ſobrava da oraçaõ.

7 Cazou ſeu ſenhor duas filhas que tinha com dous homens da Cidade de Noto, aos quaes deo em dote o gado, e juntamente o Bendito paſtor, com a recõmendaçaõ do ſeu bom trato. Os noivos bem informados da ſua virtude, e felicidade, lhe entregaraõ o governo, e adminiſtraçaõ dos mais paſtores, e ſe no lugar de Abola foy fiel eſcravo, e ſolicito procurador da fazenda de ſeu ſenhor, naõ ſe deſcuidou de zelar em Noto a dos novos ſenhores, que lhe couberaõ novamente em ſorte; e menos com a mudança de terra mudou de vida, mas antes duplicou os fervores na virtuoſa, que principiado tinha, pois ſe levantava á meya noite, como diſſemos, a orar de joelhos, com a cabeça deſcoberta, maõs erguidas, e olhos poſtos no Ceo, donde lhe vinha tanto bem. Acabada a oraçaõ, ſe açoutava por eſpaço de hora e meya. Deſpertava, e provia aos paſtores do neceſſario, e depois ſe mettia ordinariamente em huma cova, na qual perſeverava a mayor parte do dia em oraçaõ, e ſe açoutava rijamente.

Paſſa a ſer eſcravo de novo Senhor.

8 Vulgarizada a virtude do Bendito preto, e a grande piedade com que ſoccorria aos pobres, acudiaõ innumeraveis á ſua cabana, aos quaes dava queijo, leite, paõ, e nata. Os paſtores, em quem elle dominava, deraõ parte a ſeus ſenhores de que com os pobres gaſtava a mayor parte do rendimento dos gados: e elles, que bem conheciaõ o ſeu zelo, e que delle lhes naõ poderia reſultar prejuizo, naõ fizeraõ cazo dos emulos do caritativo preto. Chegando porèm á noticia do terceiro dono do gado [pois era de tres o que elle

Da ſua caridade.

elle apascentava] como mais ambicioso, lhe ordenou naõ desse cousa alguma aos pobres. Foy esta prohibiçaõ para elle a mais sensivel, da qual tendo noticias os dous senhores, o consolaraõ, dizendo: *Tio Antonio [assim lhe chamavaõ todos] day aos pobres tudo o que for vossa vontade, e ponde-o por nossa conta, e quando vo la pedir nosso companheiro, dizei lhe que por nossa conta se dispende, e gasta, e naõ pela sua.* Com esta liberdade ficou o charitativo preto taõ contente, como ficaria o mais ambicioso homem com o achado do melhor thezouro. Certo lavrador deo a seus senhores duzentas ovelhas, a meyas, mas parecendo-lhe que naõ lhe resultaria conveniencia alguma á vista da liberalidade com que o Santo pastor repartia pelos pobres dos rendimentos dellas, desfez outra vez o contrato, tomando á sua conta, e de outros pastores o cuidado das suas rezes, mas permittio o Senhor que aquelle avarento viesse no conhecimento do seu erro com a experiencia que teve nas perdas, e diminuiçaõ dos rendimentos naquelle anno, pois naõ colhia tantos queijos, e tanta nata, como o Santo preto lhe dava, repartindo com os pobres. Vendo-se pois este prodigio tornou-lhe a entregar as ovelhas, com a licença para esmolar.

Continua.

9 Deo huma taõ grande enfermidade no gado, que morreraõ oitocentas cabeças aos amos do Bendito pastor, causa porque estavaõ muito tristes, e affligidos, o que vendo o Servo de Deos os consolou, dizendo: *Que estivessem de bom animo, e confiassem muito em Deos, em quem elle esperava, que antes que se cumprisse o anno, recobrariaõ todas as rezes que tinhaõ morrido, sem que lhes faltasse huma só cabeça.* Confiados ficaraõ com a promessa do Santo preto, porque tinhaõ bem bastantes experiencias da sua virtude, e para acabarem de experimentar a verdade della, foraõ no fim do anno ver o gado, e perguntar pelo desempenho da promessa; aos quaes satisfez, dizendo: *Nunca a misericordia de Deos faltou aos que esperaõ nelle*, e mostrando-lhe logo muitas ovelhas, e cabras com duas crias cada huma, em tempo que era impossivel o produzirem tanto naturalmente: e logo querendo seus senhores certificar-se mais do prodigio, fizeraõ contar todas as rezes, e acharaõ inteiramente o numero das oitocentas, que lhes tinhaõ morrido com a doença, e acabando com este milagroso acontecimento de conhecer com evidencia a virtude do escravo, lhe deraõ carta de alforria, por lhes naõ parecer justo terem por escravo aquelle, a que Deos tratava como amigo. Offereceraõ-lhe sim as suas proprias casas para viver com a liberdade de comer, e de fazer da sua pessoa o que quizesse, cuja mercê agradeceo a seus senhores muito, naõ por lhe parecer pezada a carga do cativeiro, mas sim por ter mais liberdade para se entregar ao serviço de Deos como dezejava. Em gratificaçaõ do favor, que seus amos lhe fizeraõ, os servio como d'antes quatro annos, tomando dentro delles unicamente o tempo que lhe era necessario para assistir aos santos sacrificios, e para ouvir os Sermoẽs. Na Igreja de Santo Theodoro da Cidade de Noto tinha cada dia duas horas de oraçaõ pela manhaã cedo, depois das quaes sahia ao serviço dos amos, e a apascentar o gado nascido o sol, e assim sem faltar ao serviço de seus senhores, se empregava no de Deos, para que conheçamos que nunca falta tempo para o servir áquelle que deveras o procura, e sabe furtá-lo ao affectado descanço á ociosidade, e aos entretenimentos, talvez peccaminosos.

Milagre da caridade.

10 Andando no campo com o gado, e vendo huma mula bravia, e desenfreada seguida de huns homens praguentos, e blasfemos os deteve, e disse: *Naõ offendais ao Senhor, nem amaldiçoeis a mula, que eu vo la darei quieta, e posta em vossas maõs*, e logo virado para a mula, disse: *Animalzinho para em nome de Deos, e ajoelha-te ahi logo.* Cazo admiravel! O mesmo foy pronunciar o Servo de Deos estas palavras, que ajoelhar aquella creatura irracional, e chegar-se para ouvir o que determinava o Servo do seu Creador, o qual a reprehendeo dizendo: *Creatura de Deos, porque naõ queres servir a teus*

Ajoelha huma mula a seu mandado.

a teus amos? Pegou-lhe pelo cabresto entregou-a ao dono, a quem disse: *Ide no nome do Senhor, e naõ jureis mais; porque o tendes muito offendido.* Retiraraõ se os homens, que seguiaõ a mula, com ella mais mansa que huma ovelha, e cheyos de assombro, e confuzaõ, por verem o poder que Deos deo a hum homem taõ vil na opiniaõ dos homens. O Servo do Senhor por se mostrar grato a taõ grande mercè, e por pedir a Deos por aquelles que o haviaõ offendido com as blasfemias, se metteo no mesmo tempo na cova, onde foy observado pelos pastores com hum crucifixo na maõ, ferindo o corpo com açoutes, e pedindo a Deos misericordia para aquelles peccados

11 Quarenta e dous annos havia ja, que servia a seu senhor, quando pedio aos administradores do Hospital de Noto, que o admittissem para servo, e escravo dos pobres delle, o que fizeraõ com gosto igual ao desgosto com que seu amo lhe deo licença, pelo muito que interessava da sua santa companhia. De noite assistia aos enfermos com caridade grande, de dia depois de visitar todos os Altares da Igreja, e de ouvir muitas Missas, sahia a pedir esmóla pela Cidade para os pobres do mesmo Hospital, e para os encarcerados, a quem hia visitar, e consolar repetidas vezes. Nestes santos empregos andava, quando movido de hum homem pio tomou o habito da Terceira Ordem de S. Francisco, e tanto a peyto a guarda da Regra, que deixando o Hospital, e as estimaçoens que nelle, e na Cidade lhe davaõ, se foy para o dezerto onde mettido em huma cova fazia vida mais Angelica, que humana. Seguiraõ no muitos Sacerdotes, e homens de respeito, que tanto póde hum bom exemplo. Dos quaes o Bẽaventurado preto era o alvo em que todos punhaõ os olhos, e o espelho em que compunhaõ todos a vida. Taõ humilde se mostrava, como se fora escravo de cada hum delles, servia á mesa, esfregava os pratos, lavava a louça sem dar occasiaõ a que outros lhe ganhassem por maõ. Sahia á Cidade, ainda que poucas vezes, a procurar o que era precizamente necessario para os Ermitaons, e pedindo esmóla para elles, a repartia na mesma Cidade pelos pobres que encontrava, porque naõ lhe soffria o coraçaõ ver padecer alguma pessoa, podendo dar-lhe remedio; porèm como Deos Senhor nosso lhe multiplicava as esmólas em retorno da sua caridade, ficavaõ os pobres da Cidade soccorridos, e os Ermitaons remediados.

Toma o habito de Terceiro, e vay para o dezerto.

12 Como eraõ manifestas a todos as suas virtudes, sahia-lhe muito povo ao encontro, huns pelo verem, outros por lhe beijarem a maõ, e outros por lhe pedirem saude para suas contagiozas enfermidades. Vivia huma Paula Jamblundo da Cidade de Noto enferma havia annos de hum grande tremor de cabeça, e encontrando o Servo de Deos lhe disse: *Senhor, dai-me saude*, e querendo beijar-lhe a maõ, nunca o humilde Antonio o quiz consentir, dizendo: *Esta honra só a Deos se deve, e naõ aos negros, e escravos, como eu sou; porèm confiai no Senhor que vo la dará.* Pôs logo as maõs na cabeça á enferma, e ficou inteiramente saã. Com o toque de suas maõs fez innumeraveis milagres, que naõ escrevemos por naõ fazermos prolongada a historia, e ser impropria para quem quer dar noticia de tantos Varoens Santos. Como Deos Senhor nosso queria que fosse patente ao mundo o apreço que fazia das virtudes deste seu Servo, permittio que estando em oraçaõ no Convento de Religiosas do Salvador de Noto, apparecesse seu rostro taõ resplandecente, que parecia sahirem delle chammas daquelle fogo, em que seu espirito se abrazava. Estando em outra occasiaõ em oraçaõ no mesmo Convento diante do Altar mayor, foy visto entre hum globo de fogo de admiravel resplandor. Em outra occasiaõ viraõ no mesmo Convento sobre a sua cabeça huma resplandecente estrella.

Vè-se seu corpo resplandecer.

13 Com a norma da penitente vida, que deixamos dito, chegou a larga velhice, e predizendo-lhe o seu bom Anjo, dias de antes, o do seu transito, se retirou do dezerto para a Cidade de Noto, e para casa de seus senhores, aos

aos quaes pedio passados alguns dias o levassem para o Hospital. Sentiraõ Miguel, e Vicente Jamblungo, [que assim se chamavaõ seus amos] que elle naõ quizesse acabar em sua casa, e lhe disseraõ: *Tio Antonio, naõ nos affronteis, querendo deixar nossa casa, que tudo quanto ha nella se gastará com muito gosto em vosso serviço*, ao que respondeo o Santo preto: *Eu vos agradeço a caridade que me tendes feito, e me offereceis; o Senhor vo la pague, que se dezejo ir para o Hospital, he por poder ouvir Missa a miudo, que sente muito minha alma naõ ver cada dia a prezença Sacramental de seu Deos, e naõ porque me dè aqui por mal servido, ou me falte alguma cousa.* Fizeraõ-lhe entaõ o gosto levando o para o Hospital, onde perseverou quatro dias, quasi sempre de joelhos, sendo que apenas se podia ter em pé, por causa da velhice, e de huma lenta febre. Querendo o Parocho da Igreja da Cidade persuadí-lo que se mandasse enterrar na Capella do Santo Christo da mesma Igreja, pelo dezejo que tinha de que ella fosse o ditoso cofre daquelle thezouro, respondeo o Servo de Deos com profundissima humildade: *Que naõ merecia elle taõ honrada sepultura, como era a que lhe offerecia, por ser o mais indigno escravo que no mundo havia. Mas que como pobre, e mendigo, dezejava enterrar-se na casa de seu Padre S. Francisco, no Convento de Santa Maria de Jesus da mesma Cidade, aonde havia recebido o habito da sua Terceira Ordem.*

Enferma mortalmente, e vay para o Hospital.

14 Em fim, recebidos os Divinissimos Sacramentos com singular devoçaõ, subio sua pura alma ao Throno da permanente Gloria, acompanhada de suave, e Angelica melodia, que foy ouvida de muitos, e de todos os sinos da Cidade, que por inviziveis maõs publicavaõ a sua santidade, com a repetiçaõ dos toques, e convidavaõ o povo para os louvores de Deos, que com taõ raro prodigio quiz acabar de dar a conhecer ao mundo o valimento, que com elle tinha este pobre escravo, a quem todo o povo com santa ambiçaõ procurou venerar, beijando-lhe os pés, cortando-lhe o habito, e tirando terra do lugar onde havia estado de joelhos na doença. Muitas pessoas foraõ á cova onde habitára no dezerto, e achando nella palha, e vides que de cama lhe servia a levaraõ por reliquias. Acclamado entaõ de todos por Santo, se tratou do seu enterro, ao qual concorreo innumeravel povo de muitas partes do Reyno. Dizem os escritores, que parecia seu enterro huma procissaõ geral, pois nella se acharaõ os Regedores, e nobres da Cidade. As Justiças, assim Seculares, como Ecclesiasticas, a Clerezia, e o povo, em forma, que naõ cabendo pelas ruas subia ás janellas, aos telhados, ás torres, e ás arvores, que estavaõ pelo caminho por onde passou o Bendito cadaver, em ordem a terem o gosto de verem, e de admirarem a tosca concha, em que se creou huma brilhante perola do Ceo. Foy entregue á sepultura levantada da terra nos hombros dos Magistrados da Cidade, em huma Capella no Convento dos Frades Menores Observantes, na qual se penduraraõ muitas muletas de aleijados, que no mesmo dia em que se sepultou alcançaraõ saude. Esta recuperaraõ outros enfermos de diversos achaques, pois todos a elle corriaõ, como a huma perenne fonte de remedios.

Sobe sua alma ao Ceo acompanhada de Celestiaes melodias, e tocaõ os sinos da Cidade por inviziveis maõs.

Sepulta-se com muita honra, e resplandece em milagres.

15 Foy o seu ditoso tranzito a 14. de Março do anno de 1549. Pouco depois Nicoláo Sortino, Cavalleiro do habito de S. Joaõ de Malta, e Horlando Sortino seu irmaõ, edificaraõ em louvor do Santo preto huma Capella na mesma cova, em que elle viveo, na qual ardia sempre huma alampada, e outra diante do seu sepulchro. Vendo D. Joaõ Orosco, Bispo de Caragoça, que naõ cessava a bondade de Deos de honrar a este seu humildissimo Servo com a repetiçaõ de muitos prodigios, fez com que se collocasse em outro lugar mais decente, e honrado, cuja trasladaçaõ fizeraõ com grande pompa os Jurados da Cidade, que o puzeraõ em huma formosa arca em hum Altar dentro da parede.

16 O povo do lugar de Abola, em que primeiramente morara, e se

fizera

fizera Christaõ emulo de tanta, quanta gloria resultava aos de Noto, com a posse daquelle thezouro, pertendeo enriquecer-se com elle, roubando o na melhor forma que pudesse. Chegado porém o rumor do piedoso furto á noticia dos Senadores de Noto, trataraõ logo de transferí-lo a mais seguro lugar, e de porem, em tanto, homens armados, que o guardassem de dia, e de noite. Abriraõ finalmente a arca, na qual acharaõ o santo corpo inteiro, sem corrupçaõ, e cheirozo, e assim o collocaraõ em outra arca mais preciosa sobre o Altar da Tribuna, cuja trasladaçaõ se fez aos 13. de Abril de 1599., para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos. Deste escrevem muitos Authores, entre os quaes saõ: Daça, e Carrilho, confundindo-o com o Beato Antonio de Callatagirona, Religioso professo no Convento de S. Francisco da Cidade, deste nome, sendo distincto, como consta dos progressos de huma, e de outra vida, e do *Martyrologio Franciscano.*

Conserva-se o seu santo corpo incorrupto.

SANTO HERMENEGILDO *Monge.*

NAs visinhanças de Tuy floreceo em grandes virtudes na primitiva Igreja este santo Monge, de quem naõ exprimem os Escritores acçoens mais memoraveis, que a de viver eremiticamente muitos annos, e de fallecer santissimamente a 9. de Outubro de *Anno Diario.*

Martyrios dos SANTOS Fr. LEAM, Fr. HUGO, Fr. DOMINGOS, Fr. JOAM, *e* Fr. ELECTO.

A Tempo que ElRey D. Sancho segundo de Portugal cuidava em extinguir os Sarracenos deste Reyno, por meyo de muitas batalhas que lhes deo, em Africa se naõ descuidavaõ de ensanguentar as espadas nos Christaõs, que lá se achavaõ. Entre os muitos, que passaraõ á felicidade eterna laureados com a coroa do martyrio, foraõ os Santos Portuguezes Fr. Leaõ, Fr. Hugo, Fr. Domingos, Fr. Joaõ, e Fr. Electo, conventuaes no Convento de Marrocos. Enfurecidos os Mouros de verem os progressos, que faziaõ, assim em conservarem os Christaõs na pureza da Fé, como na conversaõ de muitos Mouros, entraraõ na Igreja do Convento, estando os Santos Religiosos exercitando os Divinos Officios em presença de muita gente Catholica, e passaraõ á espada igualmente a homens, mulheres, e meninos, e despedaçaraõ aos cinco Servos de Deos, como Capitaens daquelle ditozo esquadraõ. Para confuzaõ daquelles barbaros, e edificaçaõ dos Catholicos, acreditou Deos aquelle martyrio com milagrosos finaes, e maravilhas estupendas, porque os finos daquelle Convento, em que se sepultaraõ, se tangeraõ sem humano instrumento. Os Anjos desceraõ do Ceo por lhes fazerem as exequias, cantando Angelicamente, e muitas luzes do Ceo ardiaõ diante delles ao modo de alampadas. O *Martyrol. Francisc.* traz o seu triunfo a 16. de Settembro de 1232. *A Chron. Monastica Lusitana* traz o seu martyrio no anno de 1500., no que ha erro, pois naõ consta das Chronicas antigas, nem modernas, que padecessem naquelle tempo estes, ou outros Frades Franciscanos na Cidade de Marrocos.

Martyrizaõ-se, e approva Deos as suas virtudes com prodigios.

S. Fr.

S. Fr. BERNARDO *Religioſo Dominico.*

1 INcomprehenſiveis ſaõ os Juizos de Deos, e procederia mais que temeraria a noſſa ignorancia, ſe ſe arrojaſſe com prezumpçaõ a eſquadrinhar as occultas, e ſabias permiſſoens da ſua altiſſima Providencia, principalmente pelo que toca á predeſtinaçaõ, e vocaçaõ dos ſeus eſcolhidos. Andava pois eſte Santo na Villa de Santarem, por deſcuidado da morte, entregue a todos os deleites com que lhe brindava a vida, e franqueava a riqueza, e nobreza de ſeus pays, e foy a Divina Bondade de Deos ſervida tirá-lo de vida taõ arriſcada pela occaſiaõ ſeguinte. Sahio certo dia a cavallo com outros ſeus iguaes a moſtrar a deſtreza, e ſciencia, que tinha na arte da cavallaria, e foy taõ deſcompaſſado o impeto com que o ginete em que hia ſe arremeſſou á carreira, que o deſcompôs. Vendo-ſe pois arrancado da ſella, com os eſtribos perdidos, e em termos de ir ao chaõ, ſe valeo do Glorioſo Patriarcha S. Domingos, e no meſmo inſtante, ſem ſaber como, ſe vio ſenhor da ſella, e do cavallo, ſem dezar na carreira, mas naõ ſem eſpanto dos aſſiſtentes, que prezencearaõ o perigo.

De como Deos o converteo a melhor vida da que tinha, e tomou o habito Dominico.

2 Recolhido a caſa, começou a ponderar em que ſe vira, e nos perigos da vida da alma, e do corpo, que eſtaõ imminentes aos que vivem no ſeculo, e logo tratou de deixar eſte, pedindo o habito do Glorioſo S. Domingos em gratificaçaõ, e reconhecimento do favor que lhe fizera na occaſiaõ daquelle perigo. Deo-ſe-lhe o habito ſem dilaçaõ, porque eraõ publicas as ſuas qualidades, e ſe naõ ignorava ja ſer a ſua vocaçaõ do Ceo, como moſtrou em todos os progreſſos da ſua vida. Começou logo a ſentir o incendio do amor Divino, que até áquelle ponto havia eſtado como ſoffocado, e coberto nas cinzas frias das ſuas liviandades, e penetrando com mais actividade o fundo de ſuas paſſadas culpas, e a fatalidade do ſeu perigo, era mayor o aborrecimento aos deleites, e vaidades do mundo. Vendo-ſe pois ja livre dos naufragios deſte, deo principio a nova vida pela dor, e arrependimento de ſeus peccados. Chorava (aſſiſtido da luz Divina) os odios, que havia fomentado taõ cegamente contra o amor de Deos: as inimizades, que havia incendido contra a paz interior de ſeu animo: a flor da juventude, que havia malogrado entre lizonjas, enganos, e vaidades do ſeculo, ſem levar fructo; e ſe animava a caſtigar ſeu corpo com todo o rigor, em pena dos goſtos que havia gozado, e dos males em que o havia mettido. Eſtimava a pobreza, como ſe nunca fora rico; aſſim obedecia, como ſe naõ ſoubeſſe que couſa era mandar. Era rigorozo no jejum, continuo na oraçaõ, conſtante no ſilencio, goſtozo no recolhimento, e muito affecto á liçaõ dos livros eſpirituaes, e das vidas dos Santos, de cujas acçoens, tirava documentos para compôr as ſuas.

3 Deo-lhe a Religiaõ a incumbencia de Sacriſtaõ, e parecia hum eſpirito de fogo na pontualidade com que aſſiſtia a todas as couſas do Divino culto. Adornava os Altares, principalmente com a limpeza, alinho, e engaſtes, em que o engenho dá valor, e eſtimaçaõ ás ſuas alfayas. Fazia-ſe inſoffrivel á malicia do diabo a norma de vida do noſſo Santo, e concebeo contra elle hum taõ implacavel odio, que naõ perdia occaſiaõ de lhe obſervar as acçoens, e de lhe fazer ſanguinolenta guerra. Mas oh como andaõ em vaõ os caçadores, que armaõ as redes aos olhos das aves, que intentaõ prender! Pudera ſaber muito bem eſta ſoberba fera, a naõ ſe haver feito taõ neſcio de obſtinado, que ás valentias da graça ſe oppõem inutilmente os esforços da ſua malicia; porèm o malaventurado geme, e porfia ſempre vencido, e nunca eſcarmentado. Vendo, pois, que mediante os esforços da Divina

Fá-lo a Religiaõ Sacriſtaõ, e perſegue-o o diabo, apagando-lhe as alampadas muitos annos.

graça sempre sahia o nosso Santo triunfante, e vencedor das silladas, que lhe armava, em ordem a divertí-lo na oraçaõ, e nos exercicios devotos, combateo a sua pasciencia traçando de novo huma extraordinaria invazaõ, que consistio em a pagar todas as alampadas dos dormitorios, e da Igreja.

4 Queixavaõ-se os Frades, e o arguiaõ do descuido com que se havia na sua obrigaçaõ. Elle, como ignorante da destreza do malfeitor, lançava azeite em dobro ás alampadas, mas com a mesma fortuna, pois de repente se viaõ todas apagadas. Naõ admittiaõ os Frades as suas desculpas, e assim foy reprehendido, e penitenciado como culpado em Capitulo. Sentia o Servo de Deos naõ tanto o seu descredito, como o escandalo da Cõmunidade; doia-lhe o desgosto do Prelado, mais que o custo das penitencias, pois outras mayores, e continuas executava. Naõ menos de nove annos lhe durou este combate, dentro dos quaes andou sempre afflicto, e desvelado, por encontrar com o seu perseguidor, e para accender as alampadas. No fim delles veyo no conhecimento de que o infernal dragaõ era o que o perseguia em ordem a fazer perder-lhe a paciencia, pois vendo huma noite, que o mesmo foy accender a alampada do Santissimo, que apagar-se, estando de azeite, e de torcida bem provida, e o tempo sereno, pedio com efficacia, e devoçaõ ao mesmo Senhor fosse servido de declarar-lhe aquelle enigma. Ouvio a benigna bondade a sua supplica, e permittio fosse descoberto o author daquella perseguiçaõ desta sorte. Accendeo a alampada do Santissimo outra vez, e logo lhe appareceo hum horrendo animal, bode nas barbas, e nas armas, como esperando occasioens de apagá-la. Conheceo o Servo de Deos logo ser o diabo disfarçado em tal mascara, e para se vingar delle lhe pôs por preceito, que naõ mudasse de posto, nem da vil figura que tomara. Procurou logo huma corda, e pegando pelas barbas ao fingido cabraõ lhe deo huma bõa diciplina, a qual naõ havia de sentir pouco o infernal barbassas, naõ pela dor que della lhe rezultava, sim pelo desprezo com que se lhe dava.

Açouta ao diabo que lhe appareceo em figura de bode.

5 Naõ desaffogou com isto a sua colera o nosso Santo, pois o levou arrasto pelas barbas pelos dormitorios, que atroava com medonhos berros, ao mais immundo lugar do Convento donde precipitado o mandou para as infernaes trevas. Com estas perseguiçoens de tantos annos tanto naõ fez perder a graça de Deos ao nosso Santo, que lha fez augmentar com o muito que nelles mereceo, que saõ estes os fructos, que o diabo tira das perseguiçoens que faz aos verdadeiros Servos de Deos, aos quaes este Senhor naõ dezampara, como a objectos de suas attençoens Divinas. He certo, ó mortaes, que permitte Deos Senhor nosso que os seus Servos sejaõ provocados dos homens, tentados, e perseguidos dos demonios, para provar nas perseguiçoens, e nas tentaçoens com o exame os quilates de suas virtudes, e para que mereçaõ ser approvados com aquellas palavras da sabedoria: *Deus tentavit eos, & invenit illos dignos se.* Verdade, que se verifica ainda nas cousas temporaes, pois o diamante antes de lavrado he bruto, o ouro antes de acrysolado he tosco; o Piloto destro na tempestade se conhece. Com mar de rosas, e vento em popa quem quer navega. No combate se vê o valor do soldado, e os mais briozos pedem por favor os postos mais arriscados.

Permitte Deos que seus Servos sejaõ perseguidos.

6 Era igualmente S. Fr. Bernardo perseguido do demonio, e favorecido do Ceo, de quem recebeo especiaes favores, e a prerogativa de milagrozo. Sarou a muitos enfermos dezamparados dos humanos remedios, livrou a muitos das garras da morte. Sarou aleijados, deo olhos a cegos, e resuscitou mortos. De todos seus milagres só particularizaremos hum por mais memoravel. Enforcou-se hum pobre homem por crimes que cõmetteo, ou lhe accumulou a malicia, em certo dia de manhaã. Na seguinte tarde passaraõ pelo lugar do patibulo, em que estava pendurado, huns homens, que por notarem o serem chamados chegaraõ aonde estava o miseravel padecente, de cuja boca ouviraõ

Dá a vida a hũ enforcado.

ouviraõ, que Fr. Bernardo Sacriſtaõ de S. Domingos, o acompanhara em todo o tranſe, e o livrara da morte, ſuſtentando-o até áquelle ponto. Deſceraõ-no logo para baixo louvando a Deos pelo muito que cuida em acreditar, e premiar neſte mundo as virtudes dos ſeus Servos. Soube ſe depois que a mãy do padecente era grande devota do Santo Fr. Bernardo, e que lhe pedira com viva fé a vida de ſeu filho no tempo em que fora para o ſupplicio. Em fim, havendo vivido na Religiaõ muitos annos, recreando-a com o ſuaviſſimo cheiro das ſuas celeſtiaes virtudes, e illuſtrando-a com milagres, e com a ſua exemplar vida, o tirou Deos para o numero dos mortos, traſladando-o ao Reyno da immortalidade, onde tem os ſeus eſcolhidos, a 2. de Mayo de 1371., ſegundo Padilha, que delle eſcreve com o titulo de Santo, para honra, e gloria de Deos, que ſeja eternamente louvado.

S. PIGMENIO *Biſpo do Dume, Biſpado que houve junto a Braga, e Monge Bento.*

NAſceo neſte Reyno de Portugal. A particular relaçaõ da ſua vida nos occultou os varios incidentes da fortuna, que no decurſo de tantos ſeculos padeceo eſte Reyno, e toda Heſpanha. O que ſe tem por ſem duvida he, que foy Abbade do Moſteiro do Dume, e o ſexto Prelado daquella Igreja, por morte do Biſpo Germano, e que como Biſpo do Dume, que ficava pouco diſtante dos arrabaldes deſta Cidade de Braga, foy aſſiſtir ao Concilio Toledano, que ſe celebrou no anno de 638. Foy Monge Benedictino, e Varaõ de taõ ſingular virtude, que o XII. Concilio Can. 4. lhe dá o encomio de *Santiſſimo.* ElRey Uvamba o amava terniſſimamente, e por ſeu reſpeito erigio em Cathedral a antiga Villa de Aquis, hoje Talavéra em Caſtella, e venturoza por cofre de ſuas ſagradas Reliquias. Naõ ſe ſabe o anno, nem ainda o dia certo da ſua felice morte, porém della ſe faz Commemoraçaõ a 2. de Fevereiro, ſegundo Jorge Cardoſo no ſeu *Agiol.*

SANTO ESTEVAM *Abbade de Rates, Monge Bento.*

1 A Incurioſa antiguidade nos uſurpou o goſto de ſabermos agora, com individual certeza, as mais principaes acçoens da vida de Santo Eſtevaõ Abbade. Que foraõ grandes, ninguem o ignora, á viſta de fazer honorifica mençaõ de ſuas virtudes S. Gregorio Papa no Capitulo 19. do l. 4. dos ſeus Dialogos. Ja diſſemos na vida de S. Pedro, primeiro Arcebiſpo de Braga, que no lugar de Rates perſeverara muitos ſeculos hum Moſteiro da Ordem Benedictina, e agora dizemos que naquelle Moſteiro tomou o habito, e foy Abbade o noſſo Santo, dando ſempre aos companheiros, e ſubditos hum notavel exemplo das muitas virtudes que praticava, incitado dos cuidados, e meditaçoens da morte. Eſmerou-ſe porém, na virtude da paciencia, pois com animo tranquilo, e benevolo ſoffreo grandes damnos, e injurias, que lhe fizeraõ, na conſideraçaõ [como elle dizia] de que os ſeus perſeguidores o ajudavaõ a ganhar o Ceo, e a fazer penitencia de ſeus peccados. Aſſiſtio no Concilio, que ſe celebrou em Toledo no anno de 590., em que os Godos Arrianos abjuraraõ aquella infernal hereſia. Havendo pois governado o cargo Abbadecial muitos annos religioſa, e ſantamente, e querendo o eterno renumerador premiar as ſuas virtudes com a bizarria que coſtuma, lhe enviou da Empyria Curia hum eſquadraõ de Angelicos Eſpiritos, que por meyo de huma breve enfermidade lhe levaraõ

Levaõ lhe para o Ceo a alma hum eſquadraõ de Anjos.

venturoso espirito, para o collocarem nas sempiternas, e celestiaes moradas a 13. de Fevereiro, pelos annos de 590.

S. GONSALO *Abbade de Santo Tirso, e de Junias, Monge Bento.*

1 NAsceo na Villa de Chaves. Chamou-se no seculo Gonsalo Marinho. Estudou as sagradas letras por ordem de seus pays, e sendo de tenra idade, e movido de interior vocaçaõ, vestio a cogulla Benedictina no Mosteiro de Santo Tirso de Riba de Ave, Bispado do Porto, e naõ no de Offera, da Ordem Cisterciense, como dizem alguns Authores. Como o nosso Santo procurou, e tomou o habito Religioso, persuadido de que era o estado mais perfeito para melhor servir a Deos, e imitar a vida de Christo, e naõ com o fim de se livrar dos trabalhos do mundo, e de ter certo o sustento, como muitos dizem, cumprio as suas obrigaçoens com tanta perfeiçaõ, e exemplo, que a poucos annos foy elegido canonicamente em Abbade do dito Mosteiro, dignidade que se dava, naõ aos que tinhaõ mais que dar, nem aos que tinhaõ mais empenhos, (como agora se pratica) sim aos em que campeavaõ as letras, prudencia, e virtudes, que devem ter os que haõ de governar subditos; e como todas estas prerogativas se achavaõ singularmente unidas no nosso Santo Abbade, ociozo nos parece o querermos escrever o acerto do seu governo, e por isso vamos ao mais da sua vida.

2 Houve antigamente no Termo de Monte Alegre, deste Arcebispado Primaz, hum Mosteiro de Cister chamado: *Santa Maria de Junias*, sujeito ao de Offera no Bispado de Orense. Extinguio-se no anno de 1608., e he agora Igreja Parochial sujeita ao Ordinario de Braga. Deste Mosteiro, foy Abbade D. Fr. Alvaro, que depois de administrar o governo alguns annos, o demittio de si, renunciando nas maõs do Papa Alexandre VI., a favor do nosso Fr. Gonsalo, seu parente em propinquo gráo. Tomou posse daquella Abbadia aos 5. de Fevereiro do anno de 1499., sendo Arcebispo Primaz D. Jorge da Costa, a quem logo veyo dar obediencia, por estar no limite da Diocese Bracharense. Tinha a Abbadia de Junias duas annexas, huma no Reyno de Galliza, a que chamavaõ: *Santa Maria de Cella*, e outra neste Arcebispado, a que chamavaõ: *S. Rozendo*, ás quaes hia muitas vezes prégar, e cumprir com as obrigaçoens que lhe incumbiaõ, como a Prelado. Retirando se de Cella, onde se tinha ido entreter em taõ santos, e caritativos empregos, e dizendo Missa no caminho hum Domingo, vespera da Purificaçaõ, nella lhe foy revelada a sua morte, como deo a entender aos assistentes, que foy desta sorte.

Morre entre a neve, e approva Deos a sua santidade com prodigios.

3 Como na noite antecedente tivesse nevado em tanta quantidade, que estava a neve de altura de huma lança, principalmente na eminencia de hum monte, e sitio a que chamavaõ *Fontre fria*, chegou a elle taõ debilitado, que naõ podendo resistir entregou o espirito ao Creador, que querendo dar a conhecer ao mundo a santidade do seu Servo, mandou repicar os sinos de Junias, e de Cella por inviziveis maõs. Vendo os Monges prodigio taõ inaudito, se persuadiraõ a que alguma desgraça havia succedido ao seu Abbade, pela occasiaõ das neves. Ajuntaraõ quantidade de homens do lugar de Pitoens, para que abrindo-lhes caminhos pelas neves, pudessem procurar o Santo Abbade, a quem em fim acharaõ entre as neves com o corpo exanime, de joelhos, e com os olhos, e as maõs levantadas ao Ceo., como se lê achara Santo Antaõ Abbade a S. Paulo primeiro Ermitaõ de Thebaida.

4 Confuzissimos, e admirados ficaraõ os Monges com taõ singular prodigio,

digio, e louvando todos os altissimos Juizos, porque permittio tivesse aquelle seu Servo similhante morte. Levaraõ o santo cadaver para o Mosteiro de Junias, onde naõ cessaraõ os finos de tocar; senaõ depois de o terem dado à sepultura no 1. de Fevereiro de 1501. Naõ nos admiremos de Deos dar esta morte a este seu Servo, porque o Justo que acaba a vida, com qualquer genero de morte adquire refrigerio. S. Simeaõ Estelites morreo abrazado de hum rayo, S. Belino despedaçado de caens, S. Gataõ de leoens, e os lastimosos dezastres das suas mortes naõ obscureceraõ as luzes das suas vidas. A do nosso S. Gonsalo acreditou Deos nosso Senhor com muitos prodigios, e continua em fazê-los pela sua santa cabeça, que se conserva na Parochia de Junias, e a que chamaõ os naturaes, *o Casco de S. Gonsalvo*. A sua festa se celebrava antigamente nos Mosteiros de Junias, e de Offera a 10. de Outubro. Deste Santo se lembra o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha na *Historia de Braga*.

Conserva-se a sua cabeça com grande veneraçaõ.

S. LUCIO CAYO ATILIO, *Martyr*, *Regulo de Braga*.

FOy pay das nove irmaãs Martyres, que deraõ a vida por Christo, como diremos nas suas vidas, principalmente quando tratarmos da Gloriosa Santa Quiteria, que entre todas se fez a mais conhecida. De que seus pays foraõ Regulos, e idolatras, o dizem todos os Authores; porem que fossem Martyres de Christo, o naõ a chamos thé agora em algum, mais que no moderno do *Anno Historico* no dia 20. de Agosto, que delles trata como de Santos, sem allegar mais authoridade que a sua. Diz que padeceraõ na perseguiçaõ do Imperador Antonino, e bem poderiaõ taõ Santas filhas alcançar lhes de Deos taõ grande dita, porèm duvidamos della, vista a falta de noticias, e o que se colhe das Lendas das mesmas Santas.

S. Fr. THOMAZ DO TOLENTINO, S. Fr. JACOME DE PADUA, S. Fr. PEDRO DE SENA, *e* S. Fr. DEMETRIO, *Franciscanos*, *e Martyres de Christo*.

INdo estes quatro valentes soldados de Christo para os Estados da India combater aos infernaes esquadroens com as Evangelicas armas, na Cidade de Taná encontraraõ campo, em que venceraõ, e triunfaraõ da morte. Prégando pois as Evangelicas verdades aos Mouros em campo, e a cara descuberta, foraõ arrastados por tres horas, e prezos com as cabeças descubertas á torreira do sol, que era calidissimo: refrigerados porèm com a viraçaõ do Ceo, que sempre os alentou. Duas vezes, huma vestido no habito, e outra despido delle, mas untado com azeite, e manteiga para arder mais depressa, entrou o Santo Fr. Jacome no meyo de huma fogueira, que esquecida do seu natural furor, reconheceo primorosa a Divindade de Christo, naõ ouzando pelo menos chamuscar hum cabello da cabeça do Prégador Apostolico. Alterada a Cidade á vista deste milagre, e acclamando muitos Mouros por santa a nossa Ley, aconteceo na morte destes Santos illustres, huma similhança grande da Paixaõ do Redemptor. O Melique Governador da Justiça, os dava por innocentes, como Pilatos a Christo: e o Cadì, seu Sacerdote, enfronhado na malicia de Annás, e Caifáz, instava que os matasse, senaõ que faria queixa aos seus superiores, e que o sangue dos Martyres corresse por sua conta. Com esta consolaçaõ, que seria muito

to grande, de se verem assimilhados a Christo, foraõ tres despedaçados debaixo de huma arvore á meya noite, quando rezavaõ Matinas, quinta feira antes do dia de Ramos a 9. de Abril de 1321. No outro, que foy o Santo Fr. Pedro, executou o Tyranno impiedades notaveis, e estando cruelmente açoutado, mandou que o enforcassem. Assim esteve dous dias prégando sempre, com o baraço na garganta, a nossa sagrada Ley, até que os infernaes ministros envergonhados, por lhe taparem a boca lhe cortaraõ a cabeça sabbado á tarde. Mas o Senhor clementissimo, que os coroou no Ceo com as laureolas de Martyres, tambem os honrou na terra, inculcando-os por Santos o seu Vigario Benedicto XII. á sombra de muitos, e de grandes milagres. Celebra-se a festa do seu triunfo na primeira quarta feira depois da Paschoa. O Padre Mestre Esperança na 2. parte *da Hist. Seraph.* pag. 234. de quem trasladei tudo, por naõ variar a substancia de taõ illustre martyrio.

S. PEDRO *Martyr, Conego Regrante de Santo Agostinho.*

NAsceo na Cidade de Lisboa, e sendo Conego no Real Convento da Santa Cruz de Coimbra, dezejoso de propagar a Religiaõ Catholica, passou á Cidade de Marrocos, onde os perfidos Sarracenos lhe tiraraõ a vida, e a outros muitos Catholicos, á violencia de muitos tratos, e martyrios, que nelles fez executar a barbara cegueira. Delle se lembra a *Chronica da Ordem* no livro VII. Cap. 25.

S. AFFONSO *Martyr, Conego Regrante de Santo Agostinho.*

NAsceo na Cidade de Coimbra, e tomou a murça de Conego Regrante no Real Mosteiro da Santa Cruz, donde passou tambem a Marrocos com S. Pedro, e outros companheiros, por intimar áquella barbara gente as verdades Catholicas, em fé das quaes exhalou a vida por meyo dos crueis tormentos, que nelle executaraõ aquelles inimigos de Christo. Delle se lembra brevemente a *Chronica da Ordem* liv. VII. Cap. 25.

SANTO AMARANTO, *natural da Villa de Amarante.*

1 NAsceo Santo Amaranto em Amarante, Villa bem conhecida, pelo rico thezouro que em si tem do Gloriosо S. Gonsalo, de quem escrevemos. Applicou-se aos estudos nos primeiros annos, e se nelles muito aproveitou, naõ aproveitou pouco em todas as virtudes, principalmente na da caridade, que resplandeceo entre as mais, como o Sol entre os Planetas, e a Lua entre as Estrellas.

Occupa-se no Apostolico exercicio por varios Reynos.

2 Com inextinguivel zelo da salvaçaõ das almas se deo ao Apostolico exercicio entre seus naturaes, com o qual adquirio muitas para o rebanho de Christo, tirando-as do aprisco diabolico. Desconhecem amor naõ sómente ao odio, senaõ tambem ao ocio os amantes de Deos, porque como sempre buscaõ para seu amado aquelles bens, que rara vez, ou nunca conseguem á medida de seus interesses, jamais chegaõ nesta vida á occasiaõ do descanço. O fructo, que Santo Amaranto colhia com a sua fructuoza prégaçaõ, ainda sendo innumeravel, naõ era bastante a preencher o grande do

seu

ſeu zelo. Eſte pois o encaminhou a diverſas terras, e em França prégou, naõ com zelo menos ardente, nem com effeitos menos felices, porque poſtos os olhos em todas as almas remidas com o Sangue de Chriſto anhelava com avareza ſanta a ganhar a todas, para que nellas ſe naõ malograſſe o preço de taõ copioſa redempçaõ.

3 Noticioſo Decio de ſuas grandes virtudes, o mandou metter em huma eſtreita prizaõ, na qual lhe fez tirar a vida, depois de nelle fazer executar tormentos bem parecidos á ſua deshumanidade a 7. de Novembro. Naõ ſe ſabe o anno com certeza, ſó ſim que foy nos primeiros ſeculos da noſſa redempçaõ. Huns Catholicos o ſepultaraõ em hum deſpovoado, e querendo accender hum cirio em ſeu obſequio, naõ puderaõ, por mais que procuraraõ, tirar lume de huma pederneira. Acudio o Ceo a eſta falta, porque nunca eſte falta em acreditar ſeus Santos, enviando huma chamma de fogo, que accendeo o cirio, e o meſmo prodigio ſuccedeo em quanto aquelle ſitio naõ foy habitaçaõ de Catholicos. Deſte Santo eſcreve o Author do *Triunfo dos Santos*, e delle reza o Breviario Bracharenſe.

Padece martyrio por mandado de Decio.

Accende-ſe hũ cirio com huma chamma de fogo que deſceo do Ceo.

S. GANFRIDO, *ou* GAYFEY, *Monge Bento.*

1 NO territorio de Valença nas faldas de hum oiteiro, vizinho da Cidade de Tuy, haviaõ as ruinas de hum Convento, que dizem edificara S. Martinho do Dume, ou S. Fructuozo, Arcebiſpo de Braga, e Monge de S. Bento, cujo Convento parece foy demolido por Almançor Mouro, na occaſiaõ daquelle grande deſtroço, que fez na Luſitania, e Galliza, aſſolando as Cidades, e Templos ſagrados, até chegar ao Santuario de S. Thiago, donde trouxe os ſinos nos hombros dos Chriſtaõs, para ſerem alampadas na ſua Meſquita da Cidade de Cordova, como foraõ até o tempo de ElRey D. Fernando o Catholico, o qual, tomando Cordova, mandou como Rey juſto, e ſanto, que a hombros dos Mouros ſe tornaſſem outra vez, e reſtituiſſem os ſinos à Igreja do ſagrado Apoſtolo.

2 No principio da reſtauraçaõ de taõ lamentavel perda, pelos annos de Chriſto de 1018. reedificou D. Granfrido, ou Gayfeiros, o Convento, que hoje permanece de Monges Benedictinos, com a invocaçaõ do Salvador de Gayfey, que por corrupçaõ da lingua ſe chama aſſim ao Santo reedificador, que dizem alguns Authores fora tambem Monge, e Abbade do meſmo Convento, e que illuſtrando ſeu governo com grande pureza de vida, e claros rayos de admiraveis virtudes, fora receber o premio dellas com demonſtrativos ſinaes de Santo, e como a tal lhe deraõ ſepultura dentro da Igreja, onde naõ ſe ſepultavaõ antigamente, ſenaõ os Santos. Traſladaraõ-no da primeira ſepultura para junto das grades do Cruzeiro, cercando-o com humas gradinhas baixas. O epitafio lhe dá o titulo de S. Gayfey. He Santo milagroſo, e advogado particularmente para o fogo dos meninos, e para outras doenças proprias daquella tenra idade, e tambem experimentaõ a efficacia da ſua interceſſaõ os moleſtados da toſſe, e outros muitos Gallegos, e Portuguezes, que vaõ implorar a ſua protecçaõ nas ſuas neceſſidades. Delle eſcreve o *Agiolog. Luſitan.* a 3. de Janeiro, ainda que erradamente o faz Franceza Fr. Leaõ de Santo Thomaz na *Benedictin. Luſitan.*

S. PRO-

S. PROCULO, e HILARIAM *Martyres*.

NA antiga Villa de Serpa foraõ opprimidos com mil vexaçoens, e moleſtias S. Proculo, e Hilariaõ em odio da Fé de Jeſus Chriſto, que perſuadiraõ aos Chriſtaõs, e á barbara cegueira, até que a teſtimunharaõ com ſeu ſangue no anno de 308. em que ſuas almas ſubiraõ deſte deſterro para a liberdade, e refrigerio da Gloria, ſegundo Flavio Dextro no meſmo anno, e a *Benedictin. Luſitan.* tom. 1. pag. 436.

S. MARCOS, S. MUSSIANO, e S. PAULO *Martyres Portuguezes*.

NAſceraõ neſte Reyno de Portugal de pays nobres para com o mundo, porèm viliſſimos para com Deos, pois adoravaõ as Gentilicas aras. Naõ ſeguiraõ os noſſos Santos Marcos, e Muſſiano a ſeus pays nos erros, mas antes os abominaraõ deſorte, que jamais ceſſavaõ de prégar a todos a Ley de Jeſus Chriſto. Do que noticioſo hum Juiz, que perſeguia os Chriſtaõs por ordem dos Imperadores Diocleciano, e Maximiano, os mandou prender, e affligir com graves, e horriveis tormentos, procurando por eſte meyo reduzí-los a que deſſem cultos aos falſos deoſes; porèm como creſceſſe a conſtancia nos Martyres, creſceo tambem o rigor no Tyranno, que cada inſtante ideava novas invençoens de a tormentá-los. Achava-ſe preſente hum menino Chriſtaõ, e vendo eſte que os dous Santos desfalleciaõ com os exceſſivos tormentos, diſſe: *Naõ ſacrifiqueis aos malditos deoſes, tende fé, e ſereis ſalvos.* Indignou-ſe o Juiz com o innocente menino, e logo o fez açoutar crueliſſimamente. Admirado Paulo (que eſtava entre os idolos) da conſtancia deſte, e daquelles, ſe metteo entre todos, dezejoſo de taõ feliz morte. Indignado em fim o Juiz fez tirar a vida a todos, a 3. de Julho de 308. Delles ſe lembra o *Triunfo dos Santos* no meſmo dia.

S. GOLFREDO *Prior de S. Pedro de Folques, Conego Regrante de Santo Agoſtinho*.

1 NAõ particularizaõ os Eccleſiaſticos Eſcritores as virtuoſas, e memoraveis acçoens, em que reſplandeceo eſte Servo de Deos, e com que ſe fez benemerito do titulo de Santo, ſó dizem que fora Prior de S. Pedro de Folques, ſette legoas diſtante de Coimbra, ou aliàs de S. Pedro de Arganil, onde eſtivera primeiro Moſteiro, e donde era natural. No Cartorio daquelle Convento (diz o ſeu Chroniſta) ſe acha huma doaçaõ de letra Gotica, pela qual doaraõ ao Servo de Deos certas herdades, a qual diz o ſeguinte: *Em nome de Deos amen. Saibaõ todos os prezentes, e os futuros, que eu Vermudo Paes juntamente com minha mulher Elvira Draiz, fazemos doaçaõ, e teſtamento das noſſas herdades, que temos no lugar de Folques, ao ſanto Varaõ Golfredo Prior de Arganil, e a ſeus Clerigos Religioſos por remedio de noſſas almas, e para que ſejamos participantes das oraçoens que fazem a Deos. Foy feita eſta carta de doaçaõ, e firmeza em os Idos de Junho da era de* 1124. Iſto he. Foy feita eſta carta a 13. de Junho do anno do Senhor de 1086 Por eſta doaçaõ vemos florecera eſte Servo de Deos no anno de 1086.,

1086., e que lhe davaõ o tratamento de ſanto Varaõ, que he hum qualificado teſtimunho de ſer ſingulariſſimo nas virtudes, de que foy receber o premio a 4. de Fevereiro do anno de...... em cujo dia lhe mandou celebrar a ſua feſta o Biſpo de Coimbra D. Miguel, por terem naquelle tempo os Biſpos Juriſdiçaõ para canonizar nos ſeus Biſpados. Eſte o canonizou movido dos eſtupendos milagres que lhe autenticou, e de hum que a elle proprio fez, livrando-o de humas maleitas, que o tinhaõ poſto no ultimo da vida.

2 Quando ſe fez a mudança do Convento de Arganil, para o lugar de Folques, que fica em pouca diſtancia, querendo-ſe trasladar o ſeu ſanto corpo com a aſſiſtencia do Prior D. Gonſalo, e do Biſpo de Coimbra D. Martinho, ſe achou todo organizado, alvo, e muito cheiroſo. Metteo-ſe no caixaõ que eſtava preparado, e foy depoſitado debaixo do Altar mór do novo Moſteiro. A inſtancias do Prior do meſmo Moſteiro deixou o Biſpo huma canella da perna do Servo de Deos, a qual foy encerrada em hum cofre chapeado de ferro envolto em hum fino volante. Agora ſe acha eſta precioſa Reliquia em outro cofre guarnecido de veludo carmezim, com pregaria, e fechadura dourada.

3 Concorrem muitos devotos a venerarem, e a procurarem a protecçaõ deſte Servo de Deos, e alcançaõ os deſpachos de ſuas ſupplicas, principalmente os que padecem as enfermidades de febres, e maleitas. A imagem, que ſe venera no Moſteiro de Folques, moſtra no traje grande antiguidade, tem roupas compridas, e brancas, manto preto, com barrete na cabeça, e bordaõ na maõ, e no pé hum letreiro, que diz: *S. Golfredo.* Deſte Santo eſcreve o Author do *Agiol. Luſit.* a 4. de Fevereiro, e o Padre D. Nicoláo de Santa Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes* liv. 8. Cap. 16., e 17. pag. 158.

S. MARTINHO ARIAS *Conego Regrante de Santo Agoſtinho, e Prior de Soure.*

1 NAſceo na Villa de Aurença, e foy filho do Eremita Ayres Manoel, de quem nos lembramos neſta Obra. Vendo-o eſte com propenſaõ para as letras, e para as virtudes, procurava que eſtudaſſe, e que ſe diſpuzeſſe para o Sacerdocio. Conforme o que diz huma memoria do livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, neſta Cidade de Braga viveo, e eſtudou alguns annos, donde foy para a de Coimbra, em cuja Cathedral aprendeo ſciencia, e bons coſtumes com o bom exemplo dos Conegos della, que ainda viviaõ em Communidade guardando a Regra de Santo Agoſtinho. Como pelas ſuas virtudes ſe fazia amado, e venerado de todos, logo que ſe ordenou de Sacerdote o fizeraõ Conego da Sé, donde paſſou para Vigario, ou Prior da Villa de Soure, por eleyçaõ do Biſpo D. Gonſalo, cargo que acceitou por dar goſto á Rainha D. Tereja, que lho pedio ao Biſpo, e por ter mais occaſiaõ de ſe dedicar ao ſerviço do proximo.

Foy Conego, e Prior de Soure.

2 Eſtava aquella Villa totalmente aſſolada pelos Mouros, e de maneira, que foy neceſſario mudar-ſe, e começar-ſe a povoar de novo. E como as terras naõ acudiaõ com os ſeus ordinarios fructos, padeceo nos primeiros annos muita pobreza, que lhe era ſenſivel por naõ ter com que ſoccorrer as neceſſidades alheyas. Creſceo tanto aquella Villa em edificios, e campos pela ſua induſtria, e diligencia, que com brevidade ſe vio ſenhor de renda, com que de alguma ſorte ſaciava a ſede que tinha de a empregar nos pobres, pois fez de ſua caſa Hoſpicio delles, aos quaes agazalhava, e aſſiſtia com grande urbanidade, naõ ſahindo por eſte reſpeito fóra ſenaõ quando ſe via pre-

cizado das obrigaçoens de seu officio. Por meyo da sua prégaçaõ, se converteraõ a Deos, mediante a graça deste Senhor, muitos peccadores obstinados, e abraçaraõ a Ley naõ poucos Mouros, e Herejes. Era muito dado á virtude da oraçaõ, da qual colhia por fructo a muita penitencia que fazia, aspereza, e dezabrimento com que se tratava, e a brandura, e affabilidade com que tratava aos peccadores, e ás suas ovelhas, ás quaes amava com especialidade, e cordialmente apascentando-as com saudavel, e santa Doutrina no caminho da salvaçaõ, e perfeiçaõ. Vinte annos havia que servia de Parocho naquella Villa, quando deraõ sobre ella os Mouros com repentino assalto Oppuzeraõ-se-lhe os Cavalleiros Templarios, e o nosso Veneravel Parocho, porèm com pouca fortuna na batalha, pois foraõ os nossos vencidos. Entre os muitos cativos, que levaraõ os Mouros para Santarem, foy este Santo Vigario, que sentia mais a calamidade de suas ovelhas, que o seu proprio damno, cuja companhia naõ foy de pouca importancia aos afflictos cativos, aos quaes visitava publicamente na masmorra pelos soccorrer com esmólas, que lhes agenceava, e pelos consolar, e animar a que firmes, e constantes permanecessem na Fé, e para mais os corroborar lhes anunciou, que no seguinte anno alcançariaõ liberdade, porque havia de ganhar ElRey D. Affonso Henriques aquella Praça aos Mouros, cuja profecia, se cumprio inteiramente.

Do grande zelo que tinha do bem das almas.

3 Naõ gozou o nosso Santo Parocho da felicidade, que aos mais annunciou, pois estimulados os Mouros da publicidade com que elle desdourava a sua maldita seita, assistia, e roborava aos Christaõs, o passaraõ a Evora, depois a Sevilha, e de Sevilha a Cordova, passando pelos caminhos grandes trabalhos, e tolerando naõ menores desprezos, até que entre elles, e diversos martyrios exhalou a alma, que foy gozar da felice liberdade da Gloria a 31. de Janeiro do anno de 1145. Os Christaõs enterraraõ seu santo corpo com grande reverencia na Igreja de nossa Senhora, a qual perseverou illeza do senhorio Mahometano, como outras muitas de Hespanha. Delle escrevem varios Authores, entre os quaes saõ: Brito na primeira parte *da Monarchia Lusit.*, Brandaõ na 3. parte, e no *Apendice &c.*

Dà a vida pela confissaõ da Fè.

S. THIOFILO, SATURNINO, *e* REVOCATA *Martyres.*

1 A Notavel Villa de Vianna fós do Lima, na cõmodidade, e amenidade do seu sitio, na magnificencia, e formosura de edificios, na nobreza, e numero dos moradores he huma das mais principaes, e das mais illustres Villas deste Reyno; e se muito a engrandece o bellico valor que seus naturaes tem mostrado em todas as nossas emprezas, e conquistas, muito mais a engrandece, illustra, e exalta, os que nos tem dado raros em santidade, dos quaes apontaremos alguns, pelo decurso desta Obra.

2 Naturaes saõ de Vianna S. Thiofilo, Saturnino, e Revocata, os quaes receberaõ o sagrado baptismo, por meyo da prégaçaõ de S. Secundo, ou Secundino Arcebispo de Braga. Ficaraõ pois os santos soldados de Christo por virtude do baptismo taõ inseparaveis, e constantes, em o seu Christaõ proposito, que jamais a tyrannia pode dividi-los, nem fazê-los retroceder hum ponto em a Fé. Perseguia naquelle tempo aos Christaõs o iniquo Imperador Decio, segundo huns dizem, ou o Imperador Valeriano, como outros affirmaõ, e mandando hum delles a hum ministro chamado Julio Minerva á Provincia de Galliza Bracharense, para nella perseguir, e matar aos que fossem Christaõs, [quando naõ quizessem adorar aos deoses] foraõ prezos diante delle os nossos Viannezes, aos quaes propôs com varias fallacias, ameaças, e bran-

branduras, que deixassem a Ley de Jesus Christo, e que adorassem as Gentilicas aras; porem como os achasse firmes, e constantes em a verdadeira Ley de Jesus Christo; mandou executar nelles os mais barbaros tormentos, até que entre elles exhalaraõ as almas a 6. de Fevereiro de 260., segundo Dextro.

§ Naõ padeceraõ estes Gloriosos Santos Martyres no mesmo sitio em que hoje está Vianna, mas sim na antiga Vianna, que ficava ao Norte, nas fraldas de hum ingreme monte, a que chamaõ de Santa Luzia, por se achar no mais alto della huma Capella da invocaçaõ da mesma Santa. Ha tradiçaõ constante de que estaõ sepultados naquelle monte, e os Viannezes a elle vaõ em procissaõ no dito dia de 6. de Fevereiro, em que se celebra o seu triunfo, e como a Santos naturaes, e Padroeiros lhe erigiraõ, e dedicaraõ de novo ha poucos annos no mesmo monte huma propria, e magnifica Capella, junto da qual se está actualmente edificando hum Recolhimento, debaixo da protecçaõ dos mesmos Santos, no qual vivem ja entregues aos cuidados da morte, e aos descuidos da vida cinco mulheres de vida exemplar: e estas piedosas obras se devem em muita parte ao Padre Antonio Jozé de Santo Theodoreto Vigario de nossa Senhora de Monserrate da mesma Villa [em cujo districto fica a sobredita Capella] a quem o zelo da honra da patria, e de ver ainda mais louvado, e engrandecido Deos naquelles Santos seus naturaes, obrigou a dar principio, e a proseguir taõ santas, e piedosas obras com as occurrencias das esmólas dos piedosos Viannezes, e de outros devotos Christaõs. D. Rodrigo da Cunha, o Author do *Triunfo dos Santos*, e outros trataõ destes Servos de Deos.

S. MAXIMILIANO, *e* S. VALENTINO *Bispos de Vianna.*

NA primitiva Igreja foy a antiga Vianna Cidade Episcopal, e se unio ao Bispado de Tuy no anno de 610., e depois a este Arcebispado de Braga. Da antiga Vianna foraõ pois Bispos S. Maximiliano, e Valentino, que mereceraõ ser laureados de illustre martyrio na perseguiçaõ dos Vandalos, pelos annos de 424., segundo Dextro, que delles trata no mesmo anno. Para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

S. BENTO *Eremita.*

SEgundo a tradiçaõ, foy este Servo de Deos Eremita nesta Provincia do Minho, e na visinhança da Villa de Ponte de Lima, pois se affirma foy sepultado em huma Capella, que fica em pouca distancia da mesma Villa, onde he venerado, como a milagroso, daquellas visinhanças. *Chronica Monastica.*

S. MARINHO, S. FELIX, *e* S. NABOR *Martyres.*

NAsceo S. Marinho no Reyno de Galliza, no tempo em que estava sujeito a Braga. Seus pays foraõ illustres, e Catholicos, e guardando elle a Fé Catholica com grande observancia, dezejoso de testimunhar as verdades della com o seu sangue, passou a Africa, onde se unio com outros Christaõs, a quem chamavaõ Felix, e Nabor. Todos tres dezejosos

da amplificaçaõ da Fé Catholica occulta, e publicamente procuravaõ dissuadir aos infieis da pestifera heresia dos Arrianos, e Donastitas. Em Africa esteve o nosso S. Marinho cousa de trinta annos fazendo a Deos em todos elles agradaveis serviços. Publicando-se na Cidade de Cezarea da Mauritania huns Edictos por ordem do Imperador Juliano Apostata contra os Christaõs, foraõ prezos o nosso S. Marinho com os dous companheiros Felix, e Nabor, e com o pretexto de que eraõ Christaõs, e de que procuravaõ que o fossem todos. Levaraõ-nos em fim á presença do Tyranno, o qual depois de procurar com o mayor empenho, que elles deixassem a Ley de Jesus Christo, mandou executar nelles varios tormentos, e que por ultimo os degolassem, e assim voaraõ suas almas ao Ceo a gozar a coroa da Gloria, aos 10. de Julho de 362. do nascimento de Christo, que seja eternamente louvado em seus Santos. Delles se lembra no mesmo dia o *Triunfo dos Santos.*

Vidas, e martyrios de S. MELECIO, *de* S. JOAM, *de* SANTO ESTEVAM, *e de duzentos e cincoenta e oito companheiros.*

1 NAsceraõ na Provincia de Galliza Bracharense. Professava S. Melecio a hum mesmo tempo a Ley de Jesus Christo, e a Milicia, pois era Capitaõ de 252. soldados, e se bem todos Christaõs, dous delles naõ só o eraõ no nome, senaõ tambem na vida, os quaes se chamavaõ Joaõ, e Estevaõ, causa porque os amava muito Melecio.

2 Foy á noticia dos Imperadores Diocleciano, e Maximiano de que Melecio, Joaõ, e Estevaõ, naõ só guardavaõ a Ley de Christo, senaõ que tambem a prégavaõ, e publicavaõ por melhor a todos os com que tratavaõ. Mandaraõ logo muitos soldados para levarem prezos assim aos tres Melecio, Joaõ, e Estevaõ, como aos 252. soldados da sua companhia, e logo que na sua presença appareceraõ, ordenaraõ que adorassem a huns idolos, que para esse effeito alli tinhaõ preparado; porém os valorosissimos Soldados de Christo começaraõ a hum mesmo tempo a blasfemar dos idolos, e a dezenganar a todos os que presentes estavaõ da certeza com que se perderiaõ, se naõ abraçassem a Ley de Christo, e desprezassem aquelles apparentes deoses. Estimulou-se muito o Imperador da resoluçaõ, e fortaleza dos Santos Martyres, e logo mandou que lhes abrazassem as costas com abrazados ferros, e lhes rasgassem as carnes com garfos do mesmo metal. Puzeraõ em praxe os tyrannos ministros a sentença do iniquo Imperador, e vendo este que com todos aquelles tormentos naõ cessavaõ de publicar em altas vozes ser Jesu Christo verdadeiro Deos &c. Mandou que atassem a Melecio a hum páo, e que nelle o açoutassem até morrer; e que a Joaõ, a Estevaõ, e aos mais ditosos soldados os passassem á espada, e desta sorte voaraõ ao Ceo aquelles Bemaventurados soldados, onde estaõ, e estaraõ eternamente na companhia da Celestial Milicia.

3 Tambem foraõ degoladas pela Fé de Christo Suzana, Marianna, e Peladia, mulheres de tres Martyres, e da mesma sorte dous meninos chamados Cypriano, e Christiano, que cheyos de espirito confessaraõ a Ley de Christo, sem esmorecerem com os tormentos, que viaõ executar em seus pays, em companhia dos quaes enviaraõ ao Ceo as almas em 29. de Mayo do anno 300. da vinda de Christo, que seja eternamente louvado em seus Santos. Destes se lembra o *Triunfo dos Santos* no mesmo dia com a sua costumada brevidade.

S. GUI-

S. GUILHERME *Arcebispo, cujo corpo se venera em Odivellas.*

NAsceo em Aquitania de França de illustrissimos pays. Tendo huma Conezia na famosa Universidade de Pariz, a deixou dezejoso de se dar á vida contemplativa em hum dezerto da Congregação Grandimontense; donde passou para o Convento de Pontinicea, que he da Ordem Cisterciense, na qual servio os mayores cargos com prudencia, e exemplo admiravel, os quaes lhe serviráõ de degráos para subir a Arcebispo de Bituria Primaz de Aquitania, com cuja Dignidade nem mudou o habito, nem a rigorosa observancia, que no Mosteiro guardava, antes entre as pompas, e apparatos de Prelado, era mais humilde, dispendendo liberal pelas suas mãos todas as suas grandes rendas em beneficio da pobreza, e em cazamentos de orfãas. Foy em todo o decurso da sua vida exemplarissimo, e tanto, que acreditou Deos suas virtudes com muitos milagres, que obrou pelos seus merecimentos na sua vida, e morte. Sabendo que esta lhe estava proxima, foy assistir á sua Cathedral, e acabadas as Matinas, fez huma celestial practica aos seus Conegos, encõmendando-lhes a paz, e conformidade na eleyçaõ de Successor, e despedido de todos se lançou em terra sobre cinza em forma de Cruz, tendo vestida a cogulla, como verdadeiro Religioso, e recebida a Unçaõ entregou a alma a Deos a 10. de Janeiro de 1208. O Papa Honorio III. o matriculou no Catalogo dos Santos. O Seu santo corpo foy trasladado de França para o Convento de Odivellas, que he da Ordem de S. Bernardo, e da do mesmo Santo, onde se venera em rico cofre de prata, e onde faz muitos milagres.

Vida portentosa de S. JOAM GUARINO, *Ermitaõ de Monserrate Lusitano.*

1 COnvido-vos, ó mortaes, para veres com a mayor attençaõ a mais rara historia, qual a de S. Joaõ Guarino, que foy idéa da pinitencia, portento da santidade, e hum expresso prodigio com que a Divina graça quiz honrar Portugal, e assombrar o mundo.

2 Segundo Juliano Arcipreste de Toledo, e Luitprando nos Adversarios n. 104. nasceo em Valencia de Alcantara, que pertencendo naquelle tempo á nossa antiga Lusitania, agora pertence a Castella a Velha. Nas notas que se fizeraõ ás obras do dito Luitprando, e que se estamparaõ em Antuerpia, no anno de 1640. fallando-se do nosso S. Raymundo de Medelhim, se accrescentaõ estas palavras: *In quo tempore florebat in Cathalonia S. Fr. Joannes Guarinus Lusitanus.* Tirou Deos Senhor nosso a Guarino do trafego do seculo ao silencio da soledade, para nella mais cõmodamente se entregar aos cuidados da morte, e aos descuidos da vida. No dezerto de Monserrate que fica em pouca distancia de Barcellona em que se occultou ao mundo, e ás creaturas delle, lhe fallava Deos Senhor nosso ao coraçaõ, servindo-lhe de lingua aquella formosa variedade de creaturas, que povoaõ os dezertos, que com grande eloquencia persuadem aos louvores da Magestade Eterna. Com profunda attençaõ escutava a harmoniosa consonancia da natureza em suas obras, em cujos suaves concertos se suspendia seu espirito, passando do sensivel ao espiritual, e cõmerciando com seu pensamento com as puras inteligencias.

Vay para o dezerto de Monserrate, e fallasse da soledade, e das creaturas insensiveis.

3 A terra ja dilatada em valles, ja fragosa em cerranias. A vaga regiaõ do

do ar com a contrariedade de ventos alternados, ja manfos, ja furiozos. As agoas cryftallinas, que apreffadas caminhavaõ a feu centro, ja deslizando-fe brandamente pelas areas, ja precipitando-fe pelas fragas. O fogo, que em crefpas chammas forcejava por fubir á fua efsfera. Por ultimo a difpofiçaõ conforme deftes quatro elementos o levava como pela maõ ao conhecimento de Deos, que com fanto impulfo fe enfinua em feus effeitos maravilhofos, para que o homem conheça, admire, e venere as fuavidades da fua providencia, e as valentias do feu infinito poder. A belleza dos Ceos lhe fallava das perfeiçoens do feu amado, com tantas linguas, como os rayos, e luzes, que brilhaõ em aftros, e Planetas. Do fuave gorgorejo das aves, da fragrancia das rofas, da amenidade dos prados, dos incultos bofques, da fecundidade dos fructos, formava altiffimos conceitos da Divindade, e tirava poderofos motivos para o mais puro amor. Nefte grande theatro da natureza via como reprefentada em fombras a grandeza incomprehenfivel de feu Author; e deixando as fombras, guiado da luz da Fé, fe abraçava com o corpo da eterna verdade. Amava como a principal formofura ao Author de tantas bellezas, como regiftaõ os olhos. Admirava fua fabedoria na variedade formofa das fuas obras, celebrava fua bondade em a communicaçaõ de feus beneficios. Venerava o feu poder na valentia dos feus effeitos, a fua providencia na fuave efficacia com que conduz a feu fim, e governa efta vizivel machina do univerfo.

4 Triunfando pois o noffo Anacoreta (movido do que temos dito, e incitado da confideraçaõ da morte) dos inimigos da alma, attenuando a natureza com perpetuos jejuns, penitencias afperrimas, e vencendo infinitas tentaçoens com a graça Divina; invejofo o demonio de o ver na eminencia da virtude, procurou derrubá-lo até o abyfmo do peccado. Chamou o Principe das trevas a dous demonios induftriofos, aos quaes encarregou tiraffem ao noffo Joaõ Guarino a herdada graça. Como os demonios faõ taõ cobardes, que naõ fe atrevem a tentar aos Servos de Deos a cara defcoberta, procuraraõ, e acharaõ a feguinte induftria para deftruir a virtude defte Santo. Hum fe veftio de Ermitaõ anciaõ, e penitente, e fingio habitar continuamente na afpereza daquelles montes em huma cova em pouca diftancia da de Guarino, [a qual fe chama hoje a cova de Satanáz] e fazendo-fe encontradiffo com o noffo Eremita, fingio admirar-fe de o encontrar naquella afpereza, depois de tantos annos que nella vivia, fem a confolaçaõ de humana companhia. Vendo Joaõ Guarino a compoftura da fua peffoa, as caãs veneraveis, o roftro penitente, fe perfuadio a que era Varaõ fanto, e a que fe naõ tinha encontrado com elle por caufa do feu grande recolhimento. Communicaraõ muitas coufas de virtude, nas quaes fallava o Anjo das trevas, como fallaria hum Anjo de Lúz. Em fim, acabada huma dilatada converfaçaõ fe defpediraõ affentando o vifitarem-fe hum a outro a miudo, para cõmunicarem os negocios da alma, e duvidas efpirituaes.

Induftria que o demonio procurou para fazer cahir em culpa a efte Santo.

5 O outro demonio, que pela outra parte hia á mefma guerra, entrou no mefmo tempo em huma formofa donzella filha do Conde de Barcellona Grifapelos ou Uvifredo, á qual atormentava com a mayor crueldade, e dizia quando a exorcifmavaõ, que nunca fe apartaria de atormentá-la até a naõ levarem á prefença de Joaõ Guarino, que eftava em huma cova de Monferrate, a quem pela fua fanta vida rendia vaffallagem, e que ainda depois de deixar a poffe daquelle corpo fe naõ defpediria de a tornar a occupar. Informado o Conde de que no dezerto de Monferrate (que diftava de Barcellona fette legoas) vivia com opiniaõ de Santo o noffo Guarino, entendendo que fó nelle confiftia a melhoria da fua filha, fe pôs logo ao caminho. Vendo Guarino ao Conde, a filha, e mais cõmittiva em huma afpereza, onde apenas chegavaõ os penitentes mais folitarios, ficou muy confuzo, e muito mais quando ouvio que o nomeavaõ pelo feu nome, e que proftrados por terra pediaõ

Continua a diabolica induftria, que he digna da noffa attençaõ.

pediaõ com amorofas inftancias as fuas oraçoens para a afflicta donzella. Era humildiffimo, e naõ prezumia de fi tanta virtude, que pudeffe farar endemoninhados. O certo he, que ainda que nenhuma virtude tivera, farara a prezente endemoninhada fem milagre algum, porque o demonio naõ fe metteo nella pela atormentar, fim pela levar á cova de Joaõ Guarino; deforte que o induftriozo demonio, que a occupou na Cidade, fó a queria deixar no monte fem o menor impedimento, porque fó da fua formofura faã, e bôa neceffitava. Naõ fabia ifto Joaõ Guarino, e julgava que o demonio tinha enganado aquella gente para zombarem delle, imaginaçaõ que o confundio deforte, que quizera envergonhado fepultar-fe em as entrenhas das penhas daquelle dezerto. Foraõ as lagrimas da fua humildade teftimunhas de tanta confuzaõ, e enviando ao feu vifinho Ermitaõ aquelle empenho, determinou encerrar-fe no feu retiro. Bramava o demonio disfarçado no habito de Ermitaõ, dizendo, que elle naõ tinha virtude para lançar aquelle efpirito fóra da donzella, e que fó tinha a certeza de que naõ tardaria elle em fahir, fe naõ o tempo que Joaõ Guarino tardaffe em mandá-lo. Neftes termos pedio o Conde, e os que o acompanhavaõ com muita fubmiffaõ, e com naõ poucas lagrimas a Guarino, que lhe lançaffe a bençaõ, pois em fazê-lo naõ arrifcava nada. Movido em fim das inftancias, e da piedade, lançou na donzella a bençaõ, e o mefmo foy lançá-la, que o demonio fahir.

6 Vendo o Conde á filha que muito amava livre do demonio, que muito a opprimia, naõ ceffava de dar louvores a Deos, e as graças a efte feu Servo, ao qual pedio quizeffe ter em fua companhia a fua filha nove dias, para que enfinada com os feus efpirituaes exercicios, e defendida com fua fantidade, ficaffe de todo livre daquelle demonio, que a atormentava, e que tinha dito fe naõ defpediria de o fazer. Efte era todo o empenho do demonio, e a ifto, e naõ ao tormento da donzella, fe havia encaminhado a fua induftria, para triunfar defte Santo em a fua mortificaçaõ, com o mefmo inftrumento com que triunfou de Adaõ no regálo do Paraizo. Naõ prevêo o noffo Joaõ Guarino os ardides do demonio, porèm fem offerecer-fe-lhe que podia fer fua efta traça, conheceo que naõ era bem viver entre os dragoens, nem pôr na occafiaõ do precipicio; e affim refpondeo ao Conde, que a vida folitaria naõ permittia aquella companhia, nem a pequenhez daquella cova, onde apenas cabiaõ duas peffoas, era capaz habitaçaõ para o regálo de que carecia fua filha. A efta refpofta fe feguiraõ importunos rogos do Conde, prantos da donzella temorofa da recahida, e fupplicas de todos os que a acompanhavaõ. Ultimamente movido de fupplicas, de prantos, e de rogos, affentio em que ficaffe na fua companhia a donzella a fazer huma Novena, e em que fe lhe mandaffe o fuftento do povoado mais vifinho.

Lança o demonio de huma donzella, e fica efta depois na fua companhia.

7 Efta occafiaõ folicitou o demonio para que fe veja fer o meyo mais efficaz para a ruina de huma alma huma occafiaõ perigofa. Se de tantas induftrias uzou efte demonio, fó por metter a efte Santo em huma occafiaõ, como viverá feguro quem naõ he taõ fanto mettido na occafiaõ! Se confia no feu alento, e fe fe tem por invencivel, ponha os olhos nefte Santo, que de huma fó occafiaõ fe lhe originou o precipicio que diremos. Defte exemplo fe pódem aproveitar os Ecclefiafticos, e peffoas dadas a Deos, para que, por mais mortificados, e abftrahidos que eftejaõ das coufas defte mundo, naõ fe fiem em tratar fó, e fem teftimunhas com mulheres: e os feculares, e paysdefamilias delle fe pódem aproveitar tambem, para que naõ fejaõ taõ fingélos, como o bom Conde, que fem cuidar em que deixava com hum homem fua filha, fe retirou da fua companhia por nove dias. Mortaes, que dezejais confervar-vos puros, e caftos, evitay a communicaçaõ de homens, e de mulheres, ainda que fejaõ, ou vos pareçaõ de virtude: porque ainda que a parede branca naõ fique queimada com o lume da candêa, que a ella chegou, fica denegrida. Advirtamos que em toda a idade, eftado, tempo,

Falla-fe da occafiaõ, e de como fe deve evitar.

tempo, e lugar sempre somos o mesmo, e assim devemos cuidar muito em viver com cautéla, evitando a occasiaõ de conversaçoens de homens com mulheres, por mais velhos, mais santos, e mais parentes que sejaõ. Lembremo-nos do parentesco que a neve tem com a agoa, e que com tudo para se conservar a neve se há de guardar da agoa; desta mesma sorte he o sal, que para que naõ se esvaeça o acautelaõ da agoa. Sempre se deve evitar o cõmercio de Religiosos com mulheres, por muito santos que sejaõ, ou pareçaõ, porque em fim he homem com mulher. Naõ nego que podem ser muito puros, porèm devem ser muito cautos. Em pontos que tocaõ á pureza da castidade, nenhum receyo póde ser nimio, nenhum reparo, por miudo que seja, ser melindroso. Nas confianças da bondade, e saã intençaõ, se póde tropeçar por descuido de huma paixaõ, que he taõ natural para introduzir-se, como violenta para atropelar a razaõ com as forças do appetite, e das seguranças da singeleza se pódem formar laços para dar no perigo.

8 Violento se metteo nelle o nosso Joaõ Guarino, e conhecendo-o, se armou de mortificaçaõ com todas as veras, e procurou instruir á sobredita donzella com santas doutrinas no caminho da perfeiçaõ, affeando-lhe os enganos, e vaidades do mundo. Dava-lhe saudaveis conselhos, para que, se por menos recatada na sua vida havia dado causa ao demonio para entrar a possuí-la, dalli em diante cuidadosa evitasse todas as occasioens da divina offensa, para o demonio naõ ter por meyo della mais entrada. Nestes exercicios se entretinha Guarino, acompanhando-os com novas mortificaçoens, e diciplinas, temerozo justamente de que daquella occasiaõ se valesse o demonio para prevalecer contra a sua pureza. Naõ era a sua prezumpçaõ vaã, pois brevemente começou a sentir em seu coraçaõ humas chammas de concupiscencia, e huns dezejos torpes da formosura que tinha na sua companhia, com tanto excesso, que titubiando a razaõ, e temendo-se ja despenhado ao delicto, tratou de salvar a vida da graça, fugindo da cova, e encõmendando a formosura que o abrazava á Divina Providencia. Bem fazia em deixá-la, que se, como dizia Origines, naõ ha espada que resista á beldade, nem coraçaõ de bronze, que naõ se renda á belleza, o fugir do combate, onde he taõ certa a ruina, he a mais segura victoria. Bem conheceo isto o demonio, quando prevendo o retiro, se fingio primeiramente Ermitaõ amigo seu para o estorvar. De outra sorte naõ poderia despenhar ao nosso Santo.

Vè-se Guarino tentado, e foge da occasiaõ.

9 Fugio pois do inimigo em a formosura a toda a diligencia, porèm fugindo, deo em outro inimigo, que estava de emboscada para o fazer voltar para a Troya, onde havia de ser sua virtude cinza. Foy á cova do anciaõ Ermitaõ, com quem se tinha encontrado. Contou-lhe o successo que elle muito bem sabia, e o como hia fugindo do perigo em que se havia visto quasi despenhado. Aqui entrou o segundo demonio com a sua industria, fazendo todos os esforços possiveis porque voltasse ao perigo. Consolou-o com palavras como suas, e depois de o fazer socegar nos temores, lhe fallou nesta substancia: Naõ entendas, amigo, que o Ceo te envia acazo a estes montes a batalha, que taõ penoza te parece. Permissaõ he Divina para experimentar como em Job o teu valor, e alento. Primeiro te quiz favorecer com o milagre de lançar o demonio dessa donzella, prodigio taõ grande que iguala com as maravilhas do Salvador; agora te dá essa occasiaõ de peleja, que ainda que a ti te parece perigosa, naõ he senaõ segura, tendo da tua parte o favor do Ceo, e muy a proposito, para que campeem em ti os resplandores da Graça. Muito quiz Deos a Paulo, e lhe deo hum espirito de concupiscencia, que o molestasse, para purificar a sua virtude; e pedindo-lhe que lho tirasse, lhe respondeo, que se contentasse com ter sua graça, que com ella nada temesse, e que a virtude com aquella tentaçaõ se aperfeiçoava. Daqui procedeó o aconselhar o mesmo Apostolo a todos os Christaõs, que se expuzes-

Persuade-o o demonio cõ razoens ao parecer santas a voltar para a occasiaõ.

expuzessem ás batalhas, porque só a quem tinha o peito exposto ás frechas do inimigo, e vencesse na peleja, se lhe devia a coroa, e esta doutrina a aprendeo de seu Mestre, que naõ fugindo no dezerto das tentaçoens, porque permaneceo nellas, e venceo constante, fez mais celebre o seu triunfo. Pois se isto he assim, e Deos ha manifestado a tua virtude em o referido milagre, será bom que a tua cobardia com essa fugida desdoure o teu valor, que ha de ser norte, e guia de todo este dezerto? Será acertado escuzar as batalhas a quem póde seguir as coroas? Será alento acobardar-te em huma peleja, que continuaõ muitos santos no seculo, e sahem victoriosos? Bom fora, que quando essas occasioens, buscadas, fazem celebres no mundo a quem as vence, enviadas por Deos ao dezerto desdouráraõ o valor de quem está costumado a penitencias, e a batalhas! Em fim, amigo, o meu parecer he, que naõ te afflijas, nem deixes temeroso, e cobarde a occasiaõ, de que póde seguir-se taõ glorioso triunfo, para que vencendo o lance, que te parece de tanto pezo, seja para ti mayor a victoria.

10 Com este diabolico conselho, taõ enfeitado na apparencia, e no interior taõ venenoso, voltou para a cova o nosso Guarino. Voltou digo enganado á occasiaõ, julgando-se valoroso para resistir-lhe; porèm apenas chegou á presença da belleza de quem se retirava, quando instado novamente do demonio, que o combatia naquella deidade, se despenhou sem reparo ao delicto, esquecido da sua santidade, e da sua penitencia: violou por força á descuidada formosura, roubando a sua pureza, sem reparo na occasiaõ, o mesmo que voltando as costas ao perigo temeo tanto no principio. Bem fugias, santo Ermitaõ; temor santo era o teu, seguro caminhavas, e vencias; pois a coroa que assegurava S. Paulo ao vencedor tua era, voltando as costas ao perigo, porque guerras de formosura só se vencem fugindo, como o mesmo Santo disse. Conheçaõ pois os mais ajustados na vida, com este exemplo, o que póde huma occasiaõ, e as poderosas armas que nella tem o demonio contra os Fieis, e naõ confiando em o fragil, e enganozo valor da nossa natureza, fujaõ da occasiaõ se naõ querem cahir na culpa. Quantos santos Bispos, quantos Ecclesiasticos, e Seculares, depois de vencerem arduas emprezas, e de haverem adquirido innumeraveis victorias na guerra da sensualidade, perigaraõ depois, e correraõ a tormentoza borrasca de huma occasiaõ, por se confiarem em o fragil vaso da nossa natureza. Quantos leoens sujeitou huma mulher delicada, e terna que, ao passo que he menos forte, rende ao mais valoroso! Oh como a visinhança, e conversaçaõ de huma mulher affetéa os coraçoens dos homens! Oh que certas tem suas frechas as feridas na alma! De taõ contagioso veneno, ó mortaes, o pôr terra em meyo he a melhor medicina: no fugir desta peste consiste a segurança, e no se retirarem os homens de taõ traydora peçonha consiste toda a sua valentia.

Persuade-se a fugir da occasiaõ.

11 Executado este delicto, se chegou o arrependimento, cessou o incendio, faltou a cegueira, e se seguio o conhecimento da fealdade da culpa. A este sobreveyo a tristeza, considerando perdido em hum momento o fructo da virtude de tantos annos. Triste estado he o peccado! [ó mortaes] Que sobresaltos, e medos causa em huma alma! Que folha de arvore bóle; que naõ pareça ao desgraçado peccador que vem toda sobre elle! Que trovaõ soa pelo ar, que lhe naõ pareça que o rayo da Divina Justiça o vem castigar! Quam mal descançado vive, e come seu paõ, e que salteado de pavores tem seu gosto! Sem ninguem o perseguir foge; (diz a Sabedoria Divina) porque traz dentro de si o cruel perseguidor, que o affugenta, e acobarda, que he o peccado; porque sempre a consciencia perturbada prezume cousas crueis. De quem se temia Cahim, quando pedia a Deos hum final como seguro real da sua Divina Maõ, para que ninguem o matasse? E quem havia entaõ no mundo de quem se segurar, senaõ que a consciencia

Falla-se do triste estado do peccado.

ſciencia lhe fazia prezumir, o que intendia que ſua culpa merecia? Neſte meſmo eſtado, pois ſe achava o noſſo Guarino, medrozo de que foſſe publicado, e juſtiçado pela grave culpa que cõmetteo: e parecendo-lhe que qualquer folha que bolia eraõ os executores da Divina Juſtiça, ou o Conde, que hia vingar a ſua honra, e violencia de ſua filha, eſtava penſativo, e irreſoluto da ſatisfaçaõ que havia de dar a Deos, e ao mundo. Para ſe conſolar, e conſultar o modo com que ſe havia de haver, procurou ao fingido Ermitaõ, e conſelheiro, ao qual deo conta da ſua cahida, e tornou á culpa pelo conſelho que lhe deo. Fingio ſentimento o enganoſo inimigo, e procurando conſolar a ſua dezeſperada triſteza com ſuaves palavras, lhe propôs a miſericordia de Deos para o peccador que ſe arrepende, as cahidas dos Juſtos, e a ſua exaltaçaõ pela penitencia; o adulterio, e homicidio de David, e o perdaõ inſtantaneo pelo ſeu arrependimento. Diſſe-lhe que naõ queria Deos a morte do peccador, ſenaõ a ſua dor, e pranto pelo haver offendido; que naõ teria que fazer a miſericordia, ſe naõ houveraõ offenſas que perdoar. Que ſem duvida havia permittido Deos aquella falta na ſua virtude, para que naõ ſe envaneceſſe com a ſua ſantidade, e para que conheceſſe que era homem, que neceſſitava ſempre dos favores Divinos. A eſte arrezoamento accreſcentou nova, e naõ menos damnoza induſtria, para o deſpenhar a mayor delicto, e dezeſperá-lo mais do remedio, dizendo: O que agora te aconſelho he, que tires a vida a eſſa donzella, que ha ſido inſtrumento da tua fatalidade, porque naõ ſeja com as ſuas vozes cauſa da deſtruiçaõ de tantos Ermitaons, quantos povoaõ eſtes dezertos; pois do contrario ſe ſeguirá o aborrecerem os ſeculares aos mais Santos Anachoretas, e o fazer verter o Conde ſangue de innocentes. Eſte peccado de eſcandalo he graviſſimo, e a publicidade do delicto o fará mayor, a naõ te aproveitares do ſaudavel conſelho, que te dou.

Continua o demonio diſfarçado em tentá-lo, com razoẽs ſantas ao parecer, e perſuade-o a matar a donzella.

12 Eſte foy o ſegundo conſelho do demonio, em que aſſentio Joaõ Guarino, como no primeiro; e accreſcentando delicto a delicto, tirou a innocente vida, que eſtava deſcuidada chorando a ſua paſſada deſdita. Sepultou-a debaixo de hum penhaſco, e voltando á cova do ſeu amigo no meſmo ponto, (antes que ſe encontraſſe com quem lhe levava o alimento) lhe contou o ſucceſſo do ſeu conſelho. O fingido Ermitaõ, que até alli com affagos lhe havia palliado os delictos, tirando o embuço, e deſcobrindo quem era, lhe começou a affear com horror a ſua deſgraçada cahida. Deo-lhe nos olhos com a gravidade dos delictos, lembrou lhe a pureza da vida paſſada, e a atrocidade prezente. Diſſe-lhe que á viſta de tantas culpas lhe naõ podia Deos perdoar, e que na dezeſperaçaõ da miſericordia de Deos conſiſtia o ſeu mais ſuave remedio. E mofando da ſua inconſtancia, dezappareceo com grandes rizadas pelo haver vencido. Como ficaria Joaõ Guarino quando ſe vio feamente vencido, e zombado do demonio, de quem tantas vezes havia triunfado, bem ſe deixa entender. A afflicçaõ do ſeu coraçaõ, a gravidade das culpas, a perda da Divina graça, o eſtado miſeravel a que havia vindo, o temor de ſer achado pelo Conde, o perigo da ſua vida, com razaõ arriſcada por taõ abominaveis delictos a huma affrontoza morte, e tras de tudo iſto, o ver em hum ponto perdidas as penitencias, e mortificaçoens de tantos annos, lhe amortiguavaõ tanto a eſperança do remedio, que eſteve para deſpenhar-ſe de huma eminencia, ſendo infame miniſtro do ſeu eterno caſtigo. Mas Deos, que, como lhe diſſe o demonio para o alentar á culpa, naõ quer a morte do peccador, ſenaõ o ſeu arrependimento, e pranto, abrio os olhos da razaõ a Joaõ Guarino com os ſeus ſoberanos auxilios, enchendo-o de confiança a ſua piedade, para que a buſcaſſe na ſua penitencia; e como quem deſperta de hum profundo ſomno, voltou ſobre ſi aquelle affligido coraçaõ, que ja cego em a ſua deſgraça hia procurar o reſto da dezeſperaçaõ á ſua deſdita; e mudando a dezeſperaçaõ em lagrimas, ſe partio para Roma.

Tira Guarino a vida á donzella, e a ſepulta debaixo de hum penhaſco.

Deſcobre-ſe o diſfarçado demonio, e intenta fazer dezeſperar ao Santo.

13 Mor-

13 Mortaes, quando succeder cahirmos em graves culpas, naõ sigamos a dureza de Faraó, porque naõ sejamos como elle allagados no profundo, nem imitemos a dezesperaçaõ de Cahim, porque naõ cõmettamos crime mais grave, desconfiando da misericordia Divina, e menos nos entristeçamos demasiadamente, como outro Judas, porque pela demaziada dor naõ recorramos mais depressa ao baraço, que ao perdaõ. Pois o penitente do seu peccado deve ter grande dor porque peccou, porèm nunca ha de perder a esperança do perdaõ, porque clementissimo he o Senhor, contra quem peccou. Assim o entendeo o nosso Guarino, contra a doutrina de Satanáz, pois chegando a confessar sua culpa ao Pontifice Estevaõ, quinto do nome, com grandes mostras de sentido, elle o absolveo como piedoso Pastor, e como Santo lhe assignalou por penitencia, que voltasse para o mesmo dezerto em que cõmettera os delictos, e que nelle se portasse sempre como bruto, com as maõs por terra, sem levantar ao Ceo os olhos, e que desta sorte perseverasse, e vivesse, até que hum menino de tres mezes o mandasse levantar, dizendo, que Deos lhe havia perdoado seus delictos. Acceitou a penitencia com a mayor humildade, e voltando para o dezerto, a pôs em execuçaõ. Sette annos continuava nella pastando como outro Nabuchodonosor em sua penitencia, e como andou sempre nelles exposto ás inclemencias do tempo, rompidos os vestidos, se fez taõ negro, e cabelludo por todo o corpo, que mais que homem parecia monstruoza fera.

Confessa Guarino a sua culpa ao Papa, que lhe deo a mais rara penitencia.

14 Estando neste mesmo tempo sette pastorinhos do lugar de Ministrol guardando o seu gado nas mesmas montanhas de Monserrate, viraõ em alguns Sabbados ao anoitecer que baixavaõ luzes do Ceo a huma cova da montanha. Disseraõ-no ao Parocho de Ministrol, e este participou o milagre a hum Bispo, que havia naquella occasiaõ em Manreza, o qual fazendo experiencia vio no seguinte Sabbado as luzes, e no Domingo, ainda que com grande trabalho, subio á cova, onde achou huma Imagem de vulto de nossa Senhora, de grande devoçaõ. Quiz o Bispo levá-la para Ministrol, para o que mandou preparar huma solemne procissaõ, porèm querendo tirar a santa Imagem da cova em que foy achada, se fez taõ immovel, que naõ houveraõ forças humanas que a pudessem mover: e reconhecendo o Bispo com esta evidencia, que sem duvida era vontade de Deos que alli ficasse, fez com que logo lhe fizessem huma Ermida, ficando na sua guarda o Parocho de Ministrol. No mesmo sitio se fez hum magnifico Templo a expensas dos devotos, que concorreraõ a receber favores daquella devota Imagem, que he a celebrada de Monserrate, e hum dos mayores Santuarios da Christandade. No mesmo tempo pois que se descobrio a milagrosa Imagem de N. Senhora de Monserrate succedeo descobrir-se o nosso Guarino desta sorte.

De como appareceo a sagrada Imagem de nossa Senhora de Monserrate.

15 Andava o Conde de Barcellona pelas mesmas montanhas á caça, e mandando os monteiros ao cume dellas, para que espantando as feras baixassem a sitio plano, e mais a proposito para as perseguir. Chegando perto da cova de Joaõ Guarino, começaraõ os caens a ladrar furiosos, sem se atrever a passar a porta da obscura cova. Julgando os caçadores que seria algum javali que estaria escondido, chegando apressados, acharaõ ao Bendito penitente que parecia hum Urso na cor, e na representada fereza. Como viraõ que naõ se enfurecia, se chegaraõ mais a elle para o verem, mas naõ conhecendo algum que era homem, antes julgando ser rara, e nunca vista fera, deraõ conta ao Conde, o qual lhes disse pegassem nelle sem o ferirem para o levarem vivo a Barcellona. Preveniraõ-se de cordas para o amarrarem; porèm chegando á cova viraõ fora superflua a prevençaõ, pois sem contradiçaõ se lhes entregou a supposta fera, a qual levou o Conde para Barcellona, como a novo monstruo da natureza, e aborto nunca conhecido dos homens. Mandou-o metter entre os seus cavallos, onde comia o seu mesmo sustento. Em certo dia se ajuntaraõ muitas pessoas em huma salla do Conde com

Come entre os cavallos do Cõde de Barcellona.

com o dezejo de ver, e admirar aquella monstruosidade, e estando o nosso Guarino exposto á curiosidade, e á admiraçaõ de todos na tal falla, permittio Deos para testimunha da sua misericordia, que entrasse tambem a vê-lo huma ama, que criava hum menino do mesmo Conde com elle nos braços, e que tendo apenas tres mezes dissesse com pasmo de todos: *Irmaõ Joaõ Guarino levanta-te como homem, deixa o parecer de bruto, porque ja Deos te ha perdoado, e está satisfeito da tua penitencia.* No mesmo ponto se levantou o Bendito Guarino, e posto de joelhos com copiosas lagrimas de alegria, deo graças ao Ceo por tanta misericordia. Pasmados ficaraõ os Condes, e os que o acompanhavaõ, assim por ouvirem fallar a quem julgavaõ fera, como de ouvirem pronunciar distintamente a hum menino de tres mezes. Tirou-os logo Guarino da confuzaõ contando com soluços todo o successo, que concluhio com offerecer-se deliquente aos pés do Conde para o castigo que merecia a sua culpa. Enternecido o Principe o levantou de seus pés, e abraçando-o disse, que a quem perdoava Deos com tantos prodigios, testimunhos da sua clemencia, naõ havia elle de castigar com rigores, antes sim favorecer com piedade.

Manda-o hum menino pôr a pè, e diz-lhe tem Deos perdoado o seu peccado.

16 Ultimamente depois de celebrar taõ altas maravilhas, como em taõ breve tempo o Ceo havia obrado, tratou o Conde de trasladar os ossos da sua defunta beldade do dezerto, para lhe dar em Barcellona decente sepultura. Querendo os pois tirar do lugar que Joaõ Guarino assinalou, levantaraõ humas pedras que serviaõ de campa, e resplandeceraõ as piedades Divinas novamente com o mais estupendo milagre. Estava a donzella viva, saã, boa, e formosa, e só com huma ferida na garganta para testimunho do prodigio. Levantou-se alegre, e gozosa, e depois de abraçar a seu pay com grande carinho disse, que Maria Santissima Mãy de Deos, a quem se havia encõmendado ao tempo que lhe fez as feridas, a havia guardado, e conservado naquella cova. Quem poderá explicar o gozo do Conde, e de Joaõ Guarino, á vista de tal prodigio? Melhor se explicaõ similhantes affectos com o silencio. Quiz o Conde levá-la a Barcellona, mas ella respondeo, que naquella soledade se havia de consagrar todos os dias da sua vida á Purissima Virgem que lha concedeo. Assentio o pay no seu santo proposito, e fundando hum Mosteiro naquelle dezerto, trasladou a elle as Religiosas Benedictinas do Mosteiro de S. Pedro de Barcellona em cujo Convento foy Abbadessa, e acabou santissimamente, como se escreve nas Chronicas da Ordem Benedictina, e no primeiro tomo das Santas della, que escreveo o Licenciado Pedro Ciria, o qual a trata com o nome de Requilda.

Acha-se a donzella viva estàdo enterrada sette annos.

17 O nosso Joaõ Guarino da mesma sorte, augmentando suas mortificaçoens até os annos mais cançados da velhice, viveo tambem servindo á Soberana Senhora de Monserrate, sendo exemplo de santidade com a sua penitencia, assim como havia sido escandaloso com os seus delictos. Floreceo pelos annós de 888. As suas Reliquias se conservaõ em grande veneraçaõ no magnifico Templo de nossa Senhora de Monserrate, onde se celebra a sua memoria a 12. de Junho. Quem duvidar desta historia, por rarissima, e estupenda, saiba que, álèm da tradiçaõ de Cataluna, anda escrita por varios Authores, pintada, e esculpida em pedra, e comprovada com a milagrosa appariçaõ de nossa Senhora de Monserrate, onde se mostra a cova em que viveo, fez penitencia, e morreo. O *Martyrologio de Hespanha* se lembra deste Santo no sobredito dia. Yepes na *Chronica de S. Bento*, Genonio nas *Vidas dos Santos Padres Orientaes.* Domenec. *Historia dos Santos de Cataluna.*

Do seu fallecimento.

Vida

Vida de S. FRUCTUOSO GONSALVES *Conego Regrante de Santo Agostinho, e Abbade de Constantim, Arcebispado de Braga.*

1 NAsceo este Servo de Deos nesta Cidade de Braga, segundo alguns Authores, porèm como para isso naõ dem fundamento solido, seguimos a tradiçaõ, a qual he, de que nascera em Constantim, ou nas suas visinhanças, de hum rico lavrador. Tambem he tradiçaõ entre os naturaes de Constantim (que he hum lugar pequeno na Comarca de Villa Real) lhe dera Deos Senhor nosso logo nos primeiros crepusculos da infancia tal graça para obrar prodigios, que encõmendando-lhe os pays por muitas vezes enxotasse os passaros, que lhe devoravaõ as searas, elle os fazia metter em huma choupana, onde estavaõ até que os mandava buscar a vida.

Nasce em Constantim, e obra milagres na puericia.

2 O Padre Antonio de Vasconcellos na sua *Descripçaõ de Portugal* faz a Fructuoso contemporaneo de S. Gonsalo de Amarante, sendo este Santo muito mais moderno, como da sua vida consta. Jorge Cardoso, no seu *Agiologio Lusitano*, o faz contemporaneo do Arcebispado de Braga. D. Eleuterio, dizendo levara deste carta para o Papa Vegilio, florecendo aquelle Arcebispo pelos annos de 550., e o nosso Santo pelos annos de 1162. em que falleceo, como das vidas de ambos consta. D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Braga, escreve duvidoso sobre o Instituto, que professara, e em que anno florecera. O Mestre Fr. Leaõ de Santo Thomaz o faz Monge Benedictino, e Fr. Antonio da Purificaçaõ, Chronista dos Eremitas de Santo Agostinho, quer que seja seu Eremita. Todos á força de apparentes razoens, e de estiradas conjecturas, sem terem da sua parte as razoens, e solidos fundamentos, que tem os Conegos Regrantes de Santo Agostinho, cujo filho he. Ponderemos agora, ó mortaes, á vista da piedoza contenda, que tem taõ illustres Religioens, por acreditar-se com taõ sublime filho, o quanto he digna de estimaçaõ a virtude. Queremos ser grandes neste mundo, e no outro? Cuidemos na morte, pois o mesmo será o cuidarmos nella, que o sermos virtuosos. Grande he a virtude, que faz grandes, pois o que he grande naõ he logo virtuoso; sim o que he virtuoso, he logo grande. Naõ he cortezia, necessidade he o sermos bons, porque naõ sejamos peyores do que nascemos. A verdadeira dita de hum Christaõ he a virtude, pelo menos he a virtude instrumento de huma ditosa vida, e o meyo de huma feliz morte. O nosso S. Fructuoso pela sua virtude levou ainda neste mundo a gloria, que teve Homero pela sua sciencia, ou com mais propriedade a de Santo Hilario Abbade, entre os de Cipro, e Siria, que ambas contenderaõ sobre a sua filiaçaõ. Vejamos em fim, ó mortaes, ambiciosos de honra, a que se nos segue de ser virtuosos, e saibamos, que ainda que sejamos honrados de todos, senhores de tudo, e sejamos mais saudaveis que todos, que ninguem justamente nos poderá chamar bons sem virtude. Falte-nos muito embora tudo, com tanto, que naõ nos falte a virtude, pois nella consistirá a nossa mayor felicidade, assim como consistio a do nosso S. Fructuoso, que álèm da gloria que alcançou sua bendita alma no Ceo, tem a de competirem taõ illustres Religioens sobre a sua filiaçaõ na terra.

Contendẽ muitas Religioens sobre a sua filiaçaõ, e persuade-se a seu exemplo á virtude.

3 Todas as duvidas, que se oppuzeraõ aos sobreditos Authores sobre o tempo em que floreceo o nosso Santo, e sobre o Instituto, e Regra que guardou, nasceraõ da falta de noticia que tinhaõ do Cartorio, antiguidades, e escrituras do Mosteiro de S. Martinho de Caramos, que he de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, distante desta Cidade de Braga cinco legoas, em cujo Mosteiro, pois, foy Conego o nosso Bendito Fructuoso, e Prior feito canonicamente por morte do Veneravel Padre Dom Gonsalo Mendes,

Foy Conego Regrante de Santo Agostinho, e Prior de Caramos.

des, de quem nos lembramos nesta Obra, ainda que brevemente. Cuja eleyçaõ foy confirmada pelo Arcebispo de Braga D. Payo Mendes aos 18. de Janeiro de 1124. por estar naquelle tempo sujeito o Mosteiro de Caramos ao Ordinario de Braga. Houve-se na administraçaõ, e governo daquella Prelasia, com a virtude, prudencia, e exemplo digno da sua grande santidade, e de quem mais queria obedecer, que ser obedecido. Estava taõ mal com a honra, que lhe rezultava daquella Prelasia, que acceitou, e conservou mais por obediencia, que por vontade, cousa de seis annos, que no fim delles com repetidas supplicas, humildes, e religiosas instancias, pedio aos Religiosos, e ao Arcebispo D. Payo Mendes lhe acceitassem a renuncia, que della queria fazer, e lhe dessem licença para ir a Jerusalem visitar os Lugares esmaltados com o Sangue de Jesus Christo, nosso Redemptor. Condescendeo o Arcebispo violento com o pio dezejo do santo Prior, e os Religiosos Conegos tambem vieraõ na renuncia sem gosto, pelo grande que tinhaõ de serem governados por taõ santo Prelado.

Renũcia o Priorado, e vay a Jerusalem.

4 Fez a sua peregrinaçaõ com os trabalhos, e excessivos descõmodos prezumiveis, em jornada taõ prolongada. Bem queria o Santo peregrino ficar em Jerusalem terrestre até della subir á Celestial, em companhia dos Conegos Regrantes, que naquelle tempo guardavaõ o santo Sepulchro; mas como carecia para isso de licença, partio para o seu Mosteiro de Caramos deixando em Jerusalem o coraçaõ. Foy recebido pelo Prior D. Mendo Pires, que lhe succedeo no Priorado, e pelos mais Religiosos Conegos com indizivel contentamento, assim pelo muito que o amavaõ, como por se aproveitarem do suave cheiro de suas virtudes. Attendendo pois ás muitas em que se exercitava o Bendito Fructuoso, o santo Rey D. Affonso Henriques, insigne honrador de todos os Servos de Deos, fez muitas mercês, e doaçoens áquelle Mosteiro, entre as quaes foy huma a do Padroado da Igreja de Constantim junto a Villa Real, a qual se conserva no mesmo Mosteiro de Caramos, a qual traduzida do Latim diz assim: *Em nome de Christo. Eu D. Affonso Rey de Portugal, e a Rainha D. Mafalda minha mulher tivemos por bem, e nos aprove, por vos fazer mercè, e mostrarmos o amor que vos temos, de vos fazer doaçaõ a vós Dom Mendo Pires Prior do Mosteiro de Caramouros, e aos Conegos vossos companheiros da Igreja Parochial de Santa Maria de Constantim, que he do nosso Padroado, para que vós, e vossos successores, que ahi viverem santamente, segundo a Regra de Santo Agostinho para sempre. E isto fazemos por remedio de nossas almas, e para que sejamos participantes de vossas oraçoens.* Foy feita esta Carta de doaçaõ no mez de Julho da era de 1192., que he o anno de Christo 1154.

Fazem-no Abbade de Constãtim na volta de Jerusalem.

5 O Prior Dom Payo Mendes por virtude desta doaçaõ tomou posse da dita Igreja, na qual aprezentou por Abbade ao nosso Fructuoso, por resplandecerem entre todos os mais Conegos as suas virtudes, como o sol entre os mais Planetas. Vendo porem o Prior, que o Santo naõ queria acceitar a tal apresentaçaõ, o trouxe comsigo a Braga, onde pedio ao Arcebispo Dom Joaõ Peculiar, Conego Regrante de Santa Cruz de Coimbra, que o obrigasse a acceitá-la. Approvou, e louvou muito o Arcebispo a nomeaçaõ em Fructuoso, e a este mandou por obediencia acceitasse o governo daquella Igreja, pois naõ era bem antepuzesse a sua quietaçaõ particular ao bem cõmum dos proximos, nem que escondesse o talento, que Deos lhe tinha dado.

6 Sabendo muito bem o Bendito Fructuoso montar mais no Divino conspecto huma vida ordinaria por obediencia, que muitas muito penitentes por vontade propria, obedeceo ao Arcebispo, e se sacrificou ao serviço da Igreja de Constantim, cujas ovelhas careciaõ muito de doutrina, e exemplo de hum tal Pastor pela grande falta de Operarios Evangelicos, que naquelle tempo haviaõ por causa da perversa cõmunicaçaõ dos Arabes, e Hebreos. Avultou pois o nosso Santo com o seu grande talento incomparavelmente no pul-

pito,

pito, e no confessionario, onde empenhando o zelo, e eloquencia em intimar as verdades da Fé, as galhardias, e utilidades da virtude, as torpezas, e desgraças da culpa, reduzio muitas almas perdidas á penitencia, naõ só na Freguesia de Constantim, senaõ tambem nas circunvisinhas, e em Villa Real. Foy verdadeiro Pay dos pobres, e vigilante Pastor das suas ovelhas, pelas quaes repartia tudo o que lhe rendia a Abbadia, reservando para si huma limitadissima porçaõ, nos poucos annos que apascentou aquelle rebanho de Christo, pois rematou santamente a sua peregrinaçaõ entre elle, subindo sua ditosa alma a regalar-se com o mesmo Senhor a 10. de Novembro de 1162., de cuja morte parece teve revelaçaõ, por se ir pouco antes despedir dos Conegos Religiosos de Caramos seus Irmaõs, que recõmendaraõ a D Affonso Paes companheiro do Santo Abbade avizasse logo a Caramos do seu fallecimento, o que elle fez logo, e da mesma sorte ao Arcebispo de Braga Dom Joaõ Peculiar, que partio com muita pressa para Constantim, onde admirou, com os Religiosos de Caramos, o acharem o bendito corpo depois de dias alvo, corado, e cheiroso. Tinha o Santo feito huma Capella na Igreja, em honra de S. Fructuoso Arcebispo de Braga, e mandou o enterrassem ao pé do Altar do Santo, onde se enterrou naõ com pouca magoa dos Conegos de Caramos, que o intentavaõ levar para o seu Mosteiro. O Illustrissimo Arcebispo fez o Officio, e ceremonia do enterro com grande solemnidade, e concurso de gente aos 14. de Novembro de 1162. Seu successor Dom Affonso Paes mandou abrir na sepultura do Santo Abbade, este Epitafio:

Do seu ditoso transito.

Aqui jaz sepultado em terra o celebre Abbade Fructuoso, cuja alma esteja no Ceo, pois amou, e guardou tam bem suas ovelhas. Falleceo cheyo de merecimentos aos 4. *dos Idos de Novembro da era de* 1200., *que he era de Christo* 10. *de Novembro de* 1162.

7 Naquella sepultura esteve fazendo portentosos milagres até o anno de 1216., em que foy trasladado o deposito de taõ rara santidade para huma urna de pedra pelo Arcebispo de Braga D. Estevaõ Soares da Silva, que autenticou todos os milagres, que tinha feito, e para consolaçaõ do innumeravel povo, que concorria a pedir o favor do Santo, deixou fóra o craneo, que mandou encastoar em prata, para assim ser tocado dos devotos, que concorrem a invocá-lo com o titulo da Cabeça Santa.

8 O Santo Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Varaõ prudentissimo, douto, e taõ santo, quanto se verá da vida que delle escrevemos, nas occasioens das visitas venerou com os merecidos encomios aquella santa cabeça, e o mesmo fizeraõ todos os Prelados seus successores. Como a naçaõ Portugueza teve, e tem sempre grandes, ainda que piedosos ladroens dos seus Santos, naõ faltou quem subrepticiamente levasse para o Reyno de Galliza a santa cabeça no anno de 1540., a qual querendo estar antes entre os naturaes, que entre os estrangeiros, dezappareceo do cofre em que estava, e a tinhaõ os piedosos ladroens, e appareceo no Altar da sua Igreja, em que de prezente se guarda com a decencia devida a tal Reliquia. Segundo o que referem por sem duvida os naturaes daquelles contornos, se experimentaõ naquella santa cabeça, entre outros prodigios, tres singulares. Saõ estes: preservar da corrupçaõ o paõ que nella se toca. Sararem as gentes, e todos os animaes irracionaes mordidos de caens danados, que chegaõ a vê-la. A terceira he que os visinhos das terras á em que está aquelle precioso thezouro, vaõ tocar nelle huma espiga de milho de cada campo, ou seara, pela experiencia, que tem de que jamais entra passaro algum a desbastar o paõ,

Venerava D. Fr. Bartholomeu dos Martyres as suas Reliquias.

Dos prodigios que se observaõ na sua santa cabeça.

paõ donde ſahio a eſpiga tocada na ſanta cabeça. No anno de Chriſto de 1321. fez ElRey D. Diniz doaçaõ do Cazal de Capaos da Freguefia de S. Miguel de Pena de Villa Real a eſta ſanta cabeça, e confirmou o Padroado da Igreja de Conſtantim ao Moſteiro de Caramos, e diz que o faz por amor do Santo Abbade Fructuoſo, que nelle foy Conego, e pela devoçaõ que tinha á ſua ſanta cabeça, porque tocando-a ficou ſaõ de huma dor de cabeça, que havia tempos o moleſtava. Os ſucceſſores do Santo Abbade, por humildade, e reverencia ſua, ſe naõ chamaraõ mais Abbades, ſim Priores, Reytores, e Vigarios, e eſte he o titulo que agora tem.

Notem.

S. THIAGO, *ou* JACOB INTERCISO, *Martyr Perſiano, cujas Reliquias poſſue a Cathedral Primaz.*

1 LEvantou a Divina bondade de Deos hum eminente Padraõ á ſua grande, e immenſa miſericordia, na vida deſte grande Martyr, gravando nelle hum glorioſo epitafio, para timbre da ſua ſumma piedade, pois naõ reſplandece eſta menos na graça, que cõmunica aos Juſtos, do que na paciencia, com que ſoffre aos mayores peccadores, que á viſta da miſericordioſa piedade, com que ſe houve com eſte Santo, naõ devem deſconfiar da ſua eterna ſalvaçaõ, ſe chorando as ſuas culpas buſcarem a Deos arrependidos, e fizerem penitencia a ellas conreſpondentes.

2 Naſceo pois S. Thiago na Cidade de Elape da Perſia, de pays nobres, Catholicos, e virtuoſos, e elle pelos imitar ſeguio a meſma Fé, e procurou para eſpoſa huma mulher de ſangue nobre, tambem Catholica, e de virtudes raras. Noticioſo ElRey da Perſia Ildigerdes das ſuas grandes partes, e alta comprehenſaõ para o manejo de arduos negocios, ſe lhe affeiçoou deſorte, que nada fazia de ponderaçaõ, ſem a precedencia do ſeu voto, e conſelho. Sabendo porèm ElRey que elle era Chriſtaõ, entrou no deſignio de fazè-lo deixar a Ley de Jeſus Chriſto, o que com effeito veyo a conſeguir; pois eſquecido da dita que tivera em ſer filho de pays Chriſtaõs, em cazar com mulher Chriſtaã, e virtuoſa, apoſtatou da Fé de Chriſto, offerecendo publicamente incenſo aos idolos. O que vendo ſua mãy, e eſpoſa, naõ ceſſavaõ de lamentar a ſua deſgraça, publicando-o por apoſtata da noſſa ſanta Fé, e tratando-o com tal deſprezo, que nunca mais quizeraõ cõmunicá-lo, nem menos que em ſuas preſenças ſe nomeaſſe o ſeu nome.

Foy valido do Rey da Perſia, que o faz deixar a Fè de Chriſto.

3 Vendo-ſe aſſim dezamado, e aborrecido das duas creaturas que tinhaõ a mayor razaõ para o amarem, e venerarem, e ponderando a grande deſgraça em que tinha cahido, em negar a hum Deos, que lhe dera o ſer, creou, e redemio com o ſeu precioſo Sangue, por comprazer com o goſto do barbaro Rey, aſſentou comſigo em tirar daquella ſua fraqueza valentia para publicar diante do meſmo Rey, e de todo o mundo a ſua inconſtancia, e em como ſó na Ley de Jeſus Chriſto havia ſalvaçaõ; e dezenganado finalmente, de que ſervir aos homens era trabalhar debalde, e de que ſó em ſe ſervir a Deos ſe aſſegura o premio, em que ſe cifra a coroa de todas as felicidades, foy á preſença do Rey abjurar a idolatria que profeſſara a perſuaſoens ſuas, e moſtrar-lhe o errado que andava em ſeguir a falſa crença do Gentiliſmo, e iſto meſmo publicava a todos os idolatras, como quem ſe lhe naõ dava ja da perda de huma vida, e appetecia huma morte, por cujo meyo evitaria huma eterna deſgraça, e conſeguiria a eterna vida.

Converte-ſe a Chriſto cuja Fè confeſſa diante do Imperador.

4 Convertendo o Rey o amor que lhe tinha em refinado odio, mandou logo que o prendeſſem, e deſpedaçaſſem com os tormentos mais exquiſitos, que pudeſſem idear, e inventar os infernaes Tyrannos. Pegaraõ eſtes no Bendito Martyr, e em preſença do barbaro Rey o deſpedaçaraõ, e retalharaõ miuda-

Do nunca viſto martyrio que lhe daraõ.

miudamente por todas as juntas do corpo, cujo horrendo, e nunca visto martyrio contaremos pela Lenda do Breviario Bracharense, pois se gloria esta antiquissima, e nobilissima Cidade de possuir os santos ossos de taõ grande, como esclarecido Martyr. Cortou-lhe pois o Tyranno carnifice o dedo pollegar, e o segundo da maõ direita, e logo disse o Bendito Martyr com a valentia, e fortaleza, que lhe deo o braço de Deos: *O' Libertador Jesus, recebe por ramo da tua misericordia estes dous ramos, que plantou a tua Maõ direita.* Logo lhe cortou o terceiro dedo, e disse o Martyr invicto: *De tres tentaçoens estou livre, louvarey ao Padre, ao Filho, e ao Espirito Santo, e com os tres meninos da fornalha de Babylonia confessarei a ti Senhor.* Cortou-lhe o quarto dedo, e exclamou: *O' Protector dos filhos de Israel, que na quarta bençaõ fostes pronunciado, toma deste teu Servo a confissaõ do quarto dedo, como Bendito em Judá.* Cortando-lhe o quinto, disse: *Completo está o meu gosto.* Como neste tempo o verdugo se visse movido da natural compaixaõ, que se extende ainda aos mesmos irracionaes, disse a Thiago: *Perdoa á tua alma, naõ persistas na teima de querer perder a vida na flor da idade, entre os muitos tormentos que te estaõ destinados, por taõ leve causa. Naõ te entristeças pela perda da maõ, que muitos ha que tem a mesma falta, e nem por isso lhes faltaõ as riquezas, e as honras para sua consolaçaõ, e huma, e outra cousa podes ter tu, se te desdisseres do que tens dito, e blasfemado dos nossos idolos.* A isto respondeo o valorosissimo soldado da Milicia de Christo: *Quando os pastores o gado tosquiaõ, por ventura o fazem só da parte direita, deixando a esquerda? Pois se o gado, sendo taõ bruto, toda a laã quer largar a favor do seu pastor, porque razaõ me eximirey eu, sendo homem racional, de entregar todos os meus membros ao sacrificio atè dar com elles a vida em obsequio, e honra do meu Deos, Creador, e Redemptor, que vos prègo, para que sigais a sua Ley, e abomineis, e detesteis as abominaçoens, e cegueiras Gentilicas, que erradamente seguis.*

5 Exasperados os ministros de Satanaz de taõ livre resposta, e de taõ grande constancia, foraõ continuando em executar no invicto Martyr os tormentos mais inauditos. Cortaraõ-lhe o dedo pequeno da maõ esquerda, e logo pondo os olhos no Ceo disse: *Tu Senhor, naõ obstante o seres taõ grande, da tua Magestade te humilhaste, descendo a nós feito homem, e morrendo por nós como tal.* Ao cortar-lhe o settimo dedo, disse: *Sette vezes, Senhor, neste dia te louvarey.* Cortando-se-lhe o oitavo, disse: *No oitavo dia se circuncizou Jesus, e o Hebreo se circunciza no oitavo dia, para passar às legaes ceremonias; eu porèm sou cortado, para que veja o perdaõ, ó Senhor, e a tua face.* Cortando se-lhe o nono, disse: *Na hora nona entregou Christo o Espirito na Cruz, e assim na dor do nono dedo te confesso, Senhor, e te dou graças.* Cortando se-lhe o decimo, disse: *O numero dez he o dos Mandamentos, e Jota he a primeira letra do nome de Jesus Christo.* Acabada a maõ esquerda, entraraõ os Tyrannos a persuadirem no para que deixasse a Ley de Christo, com a promessa de premios, e riquezas; porèm de nada fazia cazo o esforçado Cavalleiro do mesmo Senhor, que vendo que alguns dos que assistiaõ a taõ horrendissimo tormento se condohiaõ, lastimavaõ, e ainda choravaõ por verem tanta deshumanidade, aproveitando-se das palavras de nosso Redemptor, dizia: *Naõ quizessem chorar sobre elle, mas que chorassem sobre si mesmos, a quem esperavaõ tormentos eternos.*

Cõtinua o horrendo martyrio.

6 Dezenganado do nenhum fructo das suas persuasoens, lançaraõ os barbaros as maõs ao pé direito, e seguindo o tyranno estylo, que observaraõ com os dedos das maõs, lhe cortaraõ o dedo pollegar, o que vendo o Santo Martyr, disse: *Tenho muito na lembrança, de que foy cravado o Pé de Christo, e que delle sahio o Sangue, que nos remio.* Cortando-se lhe o segundo dedo, disse: *Mayor do que todos os mais he hoje este dia para mim, porque para Deos fortemente me irey.* Cortou-se-lhe o terceiro, o qual se lhe lançou diante

Continua o mesmo.

ante dos olhos, o que vendo, disse: *Vay ó dedo terceiro para os teus companheiros, e do mesmo modo, que o graõ de trigo traz muito fructo, brevemente descançarás com teus companheiros.* Cortando-se-lhe o quarto, disse: *Porque estás triste alma minha?* Cortando-se-lhe o quinto, disse: *Agora principiarei eu a louvar ao Senhor, porque me fez digno de ser companheiro dos seus Servos.* Depois dos algozes verem que nenhuns destes martyrios eraõ efficazes para vencerem a sua constancia, pegando-lhe no pé esquerdo, lhe cortaraõ o dedo minimo, ao qual disse o Martyr invicto: *Dedo pequenino consola-te, porque o grande, e o pequeno tem a mesma resurreiçaõ.* Assim como lhe cortaraõ o segundo, disse: *Destrui a vossa antiga casa, porque se vos apparelha outra mais resplandecente.* Cortando-se-lhe o terceiro, disse: *Para os batedores se fez a bigorna.* Cortando-se-lhe o quarto, disse: *Conforta-me Deos da verdade, que em ti confia a minha alma, e á sombra das tuas azas esperarei, atè que passe a iniquidade.* Cortando-se-lhe o quinto dedo, exclamou dizendo: *O' Senhor, a ti me sacrifico tantas vezes, quantas foraõ os dedos que em odio teu me cortaraõ.* Acabada a carniçaria de todos os dedos, lhe cortaraõ o pé direito, e logo prorompeo dizendo: *Agora vos offereço mais esta dadiva, ó Rey Celestial.* Cortando-se lhe o esquerdo, exclamou dizendo: *Ouve-me, ó Senhor Deos, e salva a quem tanto te offendeo negando a tua santa Fè.* Cortando-se-lhe a maõ direita, pondo os olhos no Ceo, proseguio a exclamar: *As tuas infinitas misericordias me valhaõ neste conflicto, e sejaõ as que salvem a minha afflicta alma.* Cortando-se-lhe a esquerda, proseguio dizendo: *Tu es, ó Deos, o que fazes estas, e as mais maravilhas.* Cortando-se-lhe o braço direito disse, fallando com a sua alma: *Loava alma minha ao Senhor, por tantas mercès que te tem feito, em predestinar te para o poderes louvar eternamente* Cortando-se-lhe o braço esquerdo, disse: *Cercaraõ-me as dores da morte, e em nome do Senhor nellas serei defendido.* Cortando-se-lhe a barriga da perna direita atè a coxa, exclamando disse: *Senhor Jesus Christo ajudai-me*, e cortando-se-lhe da mesma sorte a esquerda, pondo os olhos no Ceo, donde lhe veyo o valor para resistir com vida a taõ deshumanos, e continuados tormentos, disse: *Naõ tenho dedos, Senhor, que a vós estenda, nem maõs, que para vós levante; cortaraõ-me os pès, e demoliraõ-me os joelhos para que vo los naõ dobre.* Acabadas estas palavras, hum dos verdugos deo o fim a taõ glorioso martyrio, degolando-o á espada a 27. de Novembro de 420. na mesma Cidade de Elape.

Vay o martyrizado corpo para Roma, donde veyo trasladado para Braga por D. Mauricio Arcebispo de Braga.

7 Alli esteve aquelle despedaçado corpo com muita veneraçaõ de alguns Catholicos, que o alcançaraõ, atè que hum nobre Romano chamado Cirilo, que se achava na Persia a negocios do Imperio, o levou para Roma occultamente, e sepultando-o com todo o segredo em huma herdade, que tinha junto ao Castello Martiniano, alli existio atè o anno de 1110., ja com publica veneraçaõ dos Fieis, no qual se entregou a D. Mauricio Arcebispo desta Metropoli Bracharense, com outras preciosas Reliquias, de que lhe fez graça o Pontifice Pascoal segundo, a primeira vez que foy a Roma. Trouxe pois este Arcebispo taõ santas Reliquias para esta Cidade, experimentando no caminho milagrosos successos, acreditados com celestiaes vizoens, com as quaes quiz a bondade de Deos honrar ao seu fiel Servo, e approvar a trasladaçaõ. Depositou-as o mesmo Arcebispo em huma arca de prata, que para taõ santo deposito mandou lavrar, em quanto lhe naõ erigia Capella propria, e sepulchro magnifico, como tinha deliniado, o que naõ deo á execuçaõ, pela auzencia que fez desta Cidade a Roma, onde se deixou cegar do vicio da ambiçaõ desorte, que desvanecido com o favor, e graça do Imperador Henrique V. levantou scisma contra os Papas Pascoal, e Gellacio, ambos segundos do nome, atrevendo-se a tomar o nome no seu Antipapado de Gregorio oitavo.

8 Porèm como os ambiciosos quanto mais se dezejaõ levantar entre os homens, tanto mais abominaveis se fazem nos olhos de Deos, e ainda dos

mesmos

mesmos homens, foy castigada a sua ambiçaõ pelo Papa Calisto II., que o fez prender, e o condenou a carcere perpetuo em huma torre do Monte Cassino, donde passou por ordem de Honorio II. para o Mosteiro da Cava no Reyno de Napoles, que he da Ordem Benedictina, que elle professava, no qual perseverou chorando o seu dezatino, e os grandes disturbios, que com elles causou muitos annos na Igreja Catholica. Chamava-se este Arcebispo D. Mauricio Burdino, e era natural de Limoges de França, o qual, de Arcediago de Toledo, subio para a Dignidade de Bispo de Coimbra, e depois para a de Arcebispo de Braga, por morte do Glorioso S. Giraldo de quem escrevemos nesta Obra. Por causa pois da tragica vida do sobredito D. Mauricio se perdeo a noticia do sitio em que se achavaõ as santas Reliquias deste Glorioso Martyr, até que no felice governo do Illustrissimo Arcebispo D. Agostinho de Castro, foraõ achadas em huma caixa chapeada de prata. Alegre o devotissimo Arcebispo com o precioso achado, pelo qual tinha feito muitas deprecaçoens a Deos, o depositou em sepluchro particular, na Capella do Espirito Santo, que fica bem defronte da porta da Sacristia da Sé Primaz, com a seguinte inscripçaõ:

Notem os ambiciosos o fim, que teve o mesmo Arcebispo.

> *Aqui está o corpo de S. Thiago Intercíso, Persiano de naçaõ, que de Roma trouxe para esta Igreja de Braga, o Arcebispo D. Mauricio, pelos annos de* 1110., *e no da era do Senhor de* 1606. *o collocou neste tumulo o Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus, de bõa memoria, no Synodo que celebrou no mez de Outubro do dito anno, estando até entaõ no Thesouro da Sé no Cofre grande das Reliquias.*

Esta trasladaçaõ se celebra na Sé Primaz com particular Officio, e tambem na do Porto, que possue hum braço do mesmo Santo, de quem escrevem o *Martyrologio Lusitano*, o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha na *Historia de Braga*, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

Estupenda Historia da vida, e martyrio de S. CLEMENTE *Bispo de Ancira, e de seu discipulo* SANTO AGATANGELO, *cujas Reliquias possuem as Religiosas Minoritas de Villa-Viçosa.*

1 NAsceo este portentoso Santo na Cidade de Ancira, a que hoje chamaõ Augoury, [na Provincia de Gallacia] pelos annos de 250. do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo. Seu pay foy de nobilissima geraçaõ, porèm taõ vilissimo pelos costumes como infiel: sua mãy, á que chamavaõ Sophia, fez realçar a nobreza do seu sangue com huma vida muito santa. Falleceo-lhe o pay nas trevas de sua cegueira com notavel sentimento de sua mulher, Sophia, que como Catholica, e temente a Deos, tratou de criar ao menino Clemente em o santo temor do mesmo Senhor. Vendo a santa matrona, que se lhe hia chegando o fim de seus dias, e dezejando fazer ao seu filho herdeiro dos thezouros do Ceo, assim como o deixava herdeiro dos da terra, abraçada com elle lhe fallou nesta substancia:

Nasce de pay idolatra de que fica orfão.

2 *Filho da minha alma, filho muito amado meu, filho que primeiro que visses a teu pay, viste a tua orfandade, mas Deos ha sido teu Pay, e te ha enri-*

Do que lhe disse, e pronosticou sua santa mãy.

enriquecido pois usou da tua orfandade para felicidade da tua alma: eu te dei esse corpo que tens, e Christo te reengendrou com o seu espirito; conhece amado filho este Pay, e cuida muito em que naõ tenhas em vaõ o nome de filho. Serve a Jesus Christo, e põem nelle toda a tua esperança, pois elle he a immortalidade á saude, e he o que desceo pelo nosso amor do Ceo, e nos levantou comsigo atè os Ceos, fazendo-nos filhos seus; e por tanto quem obedecer a este Senhor, e Pay, vencerá todas as cousas, naõ sómente aos Reys, e Tyrannos, que adoraõ aos idolos, mas tambem aos demonios que moraõ nelles. Ditas estas palavras, que bem inculcavaõ a grande caridade, e amor de Deos, que no seu peito ardia, começou com lume profetico a dizer-lhe o que lhe havia de succeder por estas palavras: *Rogo-te, amabilissimo filho, que em huma perseguiçaõ, que brevemente vem contra a Igreja Catholica, estejas forte, e constante na confissaõ de Jesus Christo, pois confio, filho meu, que elle porá na tua cabeça huma florida coroa de Martyr. Peço-te me faças esta graça, e me des esta honra, pelo que deves a esta mãy que te criou. Por tanto, aparelha-te com tempo, e com grande animo para esta batalha, porque naõ te ache dezapercebido. Adverte que naõ pelejamos com fracos inimigos, nem por cousas de pouco preço, senaõ contra adversarios muito poderosos, quaes saõ os demonios, e contra seus defensores; e o negocio de que se trata he a Gloria, e vida eterna. Naõ sejaõ parte a vencer teu proposito as suas promessas, nem tampouco as suas ameaças; porque grande vergonha he, que morrendo constantemente os Cavalheiros pelo Rey mortal da terra, naõ queremos fazer o mesmo pelo Rey immortal dos Ceos, mayormente sendo taõ desigual o galardaõ. Porque, que bem se póde fazer ao morto, que nada sente? Mas a quem morre por Christo, em premio desta vida mortal, se dá a immortal, e pelas riquezas, e deleites, que correm com o tempo, se dá a Bemaventurança perduravel. Mas que digo! Porventura se agora naõ morremos naõ havemos de morrer pouco depois, e pagar esta commua divida do genero humano! A morte, que se padece por Christo, se naõ póde chamar morte, porque com a esperança do gallardaõ se allevia o sentimento da sua dor. Antes de tudo deves considerar, filho meu, que o Creador do Universo se fez homem por nósoutros, e conversou com os homens, e o que he sobre toda a admiraçaõ, por nósoutros, servos ingratos, foy o Senhor das Magestades condenado, e escarnecido, cuspido, esbofeteado, açoutado, e por fim morto em huma Cruz. O que tudo padeceo por nósoutros pela nossa eterna saude, e por nos livrar da tyrannia do peccado, e nos abrir as portas do Ceo. Pois em que razaõ cabe, que, padecendo elle taes cousas por nós, naõ padeçamos nós alguma cousa por elle! Estas cousas deves filho meu imprimir em teu coraçaõ, para que naõ haja cousa que te aparte da caridade de Christo, naõ as ameaças dos tyrannos, naõ os novos generos de tormentos, naõ o medo dos Reys, senaõ que contra tudo isto te esforcem os bens, que estaõ apparelhados aos Martyres, e o Reyno do Ceo, que he o premio do martyrio*

3 Estas cousas dizia repetidas vezes esta santa mãy a este santo filho, ao qual disse estando para partir desta vida: *Este he o premio, que te peço filho meu pelos trabalhos da criaçaõ, e pelas dores do parto, que seja eu glorificada nos membros do meu filho, porque ja me aparto de ti: esta sensivel luz á manhaã me falta, por tanto te rogo, luz, e vida minha, que me naõ falte esta minha esperança. Huma mulher Hebrea pario sette Martyres, e pelejou em sette corpos, mas tu só bastas para minha gloria, e para que seja bemaventurada entre as outras mãys. Ja filho me aparto de ti, e meu corpo se apartará de teus suavissimos olhos, mas minha alma estará sempre pendente da tua, com cuja virtude confiadamente me apresentaràs ante o Tribunal de Christo; gloriando-me em teus trabalhos, e nos sinaes das feridas, que receberes por elle.* Isto dizia a bõa mãy a seu filho, e juntamente beijava todos os seus membros, dizendo: *Ditosa eu, que beijo os membros de hum Martyr, e os membros, que se haõ de offerecer a Christo em sacrificio.* Dizendo isto, abraçou-o, e fallando

Continua, e tambem fica orfaõ de mãy.

lando com elle decentemente acabou em paz, encõmendando a Deos o espirito, e o corpo ao filho, que o sepultou com honra igual á sua pessoa, e á de que se fazia digna pelos seus grandes merecimentos.

4 Ficando pois de pouca idade, e orfaõ de pay, e de mãy, tomou a Deos por Pay, o qual o provêo de outra mãy, que no nome, na nobreza, na santidade, e riquezas era similhante á primeira, pois tambem se chamava Sophia, e vivia com grande exemplo de virtude, e entregue á oraçaõ, e contemplaçaõ. Teve esta matrona grandes dezejos de filhos, pelos dedicar ao serviço de Deos; porém naõ lhos deo este Senhor, pelos seus Altissimos Juizos. Criava pois a Clemente, que tomou por filho, com a criaçaõ que se póde prezumir em huma mulher santa, e sabia, tendo-lhe tanto amor como se na realidade o trouxera nas suas entranhas, e nem era menor o amor, e reverencia, que elle a ella tinha. Começou logo o Bendito Clemente como terra fertil a dar fructo de excellentes virtudes; na caridade, como rainha de todas, se esmerou muito, pois havendo huma grande esterilidade, e fome nas terras de Gallacia, elle recolhia os meninos orfaõs, e pobres, que andavaõ pelas ruas famintos, e nus, aos quaes vestia, e sustentava do necessario com beneplacito da santa Sophia. Educava-os tambem em santos costumes, criando-os em toda a virtude, na Fé, e amor de Christo: e com effeito de tanta efficia foy a sua doutrina, que vieraõ a dar a vida por Christo. Desta maneira a santa matrona Sophia veyo a ter muitos filhos, e taõ virtuosos como Martyres. Clemente, lembrado das profecias, e recõmendaçoens, que lhe fez sua santa mãy, se pôs a preparar para o martyrio, que lhe pronosticara. Com o exercicio de todas as mais virtudes desprezou tudo aquillo, que tinha vizo de regálos, sustentando-se unicamente com legumes, lembrando-se talvez daquelles tres Santos mancebos, que usavaõ do mesmo manjar, mediante o qual, nem o fogo dos vicios, nem o do forno de Babylonia pode nada com elles.

Prefilha-o hũa santa mulher.

De como se preparava para o martyrio.

5 Porèm como convinha que a candêa se puzesse sobre o Candieiro da Igreja, ordenou Deos, que o que resplandecia com tantas virtudes ensinasse a outros o caminho da saude; e assim, por commum consentimento do povo de Gallacia, [como era costume naquelles tempos] lhe deraõ primeiramente o cargo de propôr a palavra de Deos, e pouco depois fizeraõ com que se ordenasse de Diacono, e Sacerdote. Houve-se na Dignidade de Sacerdote tam bem, que o povo, vendo se naõ enganara no conceito que fazia da sua virtude, o acclamou por seu Bispo, tendo sómente vinte annos de idade. Nesta nova Dignidade vendo se lhe duplicaraõ as obrigaçoens, que tinha de servir a Deos, e de procurar que todos o servissem, multiplicou os virtuosos exercicios, entregando-se totalmente á conversaõ dos Herejes, Idolatras, e Cismaticos, nos quaes fez copiosissimo fructo.

6 Começou neste tempo a imperar o maldito Diocleciano, que no primeiro anno de seu Imperio, incitado do infernal odio que tinha ao nome de Christo, mandou passar Edictos aos Adiantados de todo o Imperio Romano, para que á força dos tormentos desterrassem do mundo o nome de Christaõs: e para que os Adiantados, e os mais infernaes ministros, cuidassem com mais crescido empenho na execuçaõ dos Edictos, os lizonjeou com a promessa de grandes premios, e mercês. Era Presidente da Gallacia Domiciano, diante do qual foy accusado o Bendito Bispo, com o pretexto de que havia feito largar a adoraçaõ dos idolos a grande numero de povo a que tinha baptizado, e que condenava publicamente o culto dos seus deoses; o que vendo Domiciano mandou ir Clemente á sua presença, ao qual primeiramente procurou attrahir á sua idolatria com brandas palavras, e grandes promessas, como era costume entre elles. Porèm o nosso Santo como cuidava na morte, e naõ temia a que lhe poderia succeder, reprehendeo de atrevido a Domiciano, pois procurava que elle deixasse huma Ley, que estava prompto

Principia o seu rarissimo martyrio, tirando-lhe a carne em garfos.

to a confessar, até derramar a ultima gotta de sangue. Vendo o impio ministro a sua resoluçaõ, tirando a mascara, começou a vomitar a peçonha, que occultava seu coraçaõ. Mandou despir ao Santo Martyr, que o atassem a hum madeiro, e logo que lhe rasgassem as carnes com garfos de ferro, e assim lhe tiraraõ com os garfos tanta carne, que lhe appareciaõ as entranhas. Aos mesmos verdugos commovia a lastima o ver taõ doloroso espectaculo; nenhuma tinha de si o invicto Martyr, mas antes naõ dando mostras de alteraçaõ no animo, naõ mudou o semblante, nem deo palavra alguma lastimosa, nem os gemidos, que a dor permitte aos que a padecem, antes perseverando com mais segurança dos que estavaõ presentes, e como se sentira menos as dores, que os mesmos que o atormentavaõ, occupava seu animo em dar graças a Christo Capitaõ seu, que tal valor lhe dava para o conflicto. Muito tempo se passou neste primeiro tormento, que foy tanto, ou o que bastou para cançarem as maõs, e os braços aos algozes. Vendo o Juiz a sua invencivel constancia, lhe disse: *Naõ imagines, que tu has de ser poderoso para vencer a minha fortaleza, porque ainda que estejaõ cançados os que atè qui te atormentaõ, eu mandarei succeder outros de refresco, que acabem de despojar-te de toda a carne que fica, atè descobrir de todo os ossos.* Mandou pois atormentá lo novamente por novos verdugos, que o fizeraõ até cansarem como os primeiros. Admirado o tyranno de taõ grande constancia, e envergonhado de se ver vencido, mandou que o desprendessem do madeiro a que o tinhaõ atado. Estava o corpo do Bendito Martyr taõ descarnado, e ensanguentado, que naõ parecia homem, sim hum esqueleto delle pelo organizado dos ossos. Dezesperado o tyranno de o vencer pelos meyos do rigor, entrou pelos da brandura, dizendo-lhe: *Que ao menos por hum breve espacio desse allivio áquelle miseravel corpo, que naõ quizesse mostrar valentia, e esforço em huma cousa taõ vaã, e padecer morte por ella &c.* Porèm o Santo Martyr, naõ fazendo cazo algum destas palavras, respondeo: *Esta morte com que me ameaças, supposto tire a vida ao meu corpo, dá immortalidade á minha alma, por tanto ja que sabes esta minha determinaçaõ, naõ te canses com mais palavras, sim põem por obra tudo o que quizeres, e nem deixes de provar em mim tudo o que te parecer intoleravel ao soffrimento.* Uzando entaõ o tyranno da sua costumada ira, disse: *Este homem he hum animal porfiaõ, por tanto o feri rijamente na cara, e na cabeça, pois por ter sómente esta parte saã uza de tanta liberdade no fallar.* Logo entre os verdugos os que eraõ mais humanos, o naõ ouzavaõ tocar, porque estava seu corpo taõ desfeito, que apenas se podia ter em pé, mas os que eraõ mais crueis o feriaõ com pedras na boca. Vendo se assim ferido o Martyr disse: *Naõ he este tormento para mim, porque grande honra he para o servo padecer o que padeceo seu Senhor, o qual foy esbofeteado, e seu servo Santo Estevaõ apedrejado, e allevia este meu trabalho a imitaçaõ da Paixaõ, e a igualdade da honra dos que saõ mayores que eu.* Isto dizia muito alegre, e concluhia lavantando as maõs, e os olhos ao Ceo, para louvar a quem tanto valor, e graça lhe dava.

7 Perdida a esperança de vencê-lo, mandou Domiciano o levassem dous homens nos braços a Carcere, parecendo-lhe que naõ se poderia menear pelos tormentos passados; porèm aquelle Senhor, que lhe cōmunicou espirito, e fortaleza para naõ exhalar a vida entre taõ grandes tormentos, lhe cōmunicou forças para ir por seu pé para o carcere. De que todos os presentes muito se admiraraõ, e muito em especial Domiciano, que disse: *Soldados de taes espiritos como este, havia de ter o Imperador, para todas as emprezas arduas, porèm elle naõ será mais aprezentado no meu tribunal, pois eu o enviarei para o Imperador Diocleciano, porque só elle será poderoso para vencè lo.* Escreveo ao Imperador tudo o que havia passado, e mandou ao Santo Martyr prezo para Roma, aonde assistia o iniquo Imperador.

8 Vendo-se o Santo Martyr fóra de Ancira sua patria, levantou as maõs, e o co-

e o coração ao Ceo, e disse: *Senhor Deos, que ordenais todas as cousas para saude do genero humano, e nos abris muitos caminhos de saude, peço-vos por esta minha Cidade, e pelas almas que nella creem em vós, para que naõ cayaõ no laço do demonio, nem sejaõ enganadas com os artificios dos tyrannos. Naõ consintais que elles sejaõ desterrados desta Cidade, que os criou. Pois fizestes, Senhor, com que Jacob voltasse para casa de seu pay livre das maõs de Esaù. Pois que fizestes com que os ossos de Jozè fossem levados da terra do Egypto à sepultura de seus pays, tende por bem de fazer com que volte para esta Cidade, que me gerou, e criou atè a idade prezente, para que assim se lhe restitua este deposito.*

Pede a Deos pelos seus naturaes, e que lhe dè a morte entre elles.

9 Feita esta oraçaõ, começou alegremente o seu caminho, e chegando a Roma, entregues as cartas a Diocleciano, foy apresentado na sua presença. Fazendo aquelle maldito homem reflexo na pessoa, generoso, e alegre semblante do invicto Martyr, dissimulando o que encobria em seu maligno animo disse: *Tu es aquelle grande Clemente, que tem hum esforçado, e generoso espirito? Mais fora razaõ, que a generosidade do teu animo se empregara em cousas grandes, e naõ em defender essa vaã Ley, que provoca a nossa ira, e move a vingança os nossos deoses, aos quaes deves essa fortaleza, que tens, com a qual pudeste resistir a taõ grandes tormentos para que assim viesses ao conhecimento da verdade.* Dizendo isto, pôs diante dos olhos do Santo, ouro, prata, vestiduras ricas, insignias de Magistrados, e dignidades, que lhe promettia; e de outra parte instrumentos para o atormentar, que eraõ maõs de ferro, rodas, e pentes, cadêas, e outros mil instrumentos forjados na officina do infernal odio, que aquelles cegos homens tinhaõ ao nome de Christo. Com tudo isto presente olhou para o Martyr com brando rostro, e mostrando aquellas riquezas, lhe disse: *De tudo isto te faremos mercè se adorares nossos deoses.* Ao que respondeo o Santo com hum grande gemido: *Destruidos sejaõ os vossos deoses, e vósoutros com elles.* Ouvindo isto o Imperador, com grande colera disse, olhando para os instrumentos: *Estes estaõ apparelhados para os que blasfemaõ dos nossos deoses.* Ao que replicou o Santo Martyr: *Se vossos tormentos saõ taõ terriveis, e intoleraveis como imaginais, e vossos dons taõ resplandecentes, e magnificos, quaes vos parece que seraõ os bens de Deos, e quaes os castigos, e rios de fogo, que tem apparelhado aos máos! Porque vosso ouro, e prata, que saõ, senaõ pó, e lodo, e materia vil, sem fructo, sujeito aos ladroens, e vossas vestiduras preciosas, que saõ senaõ fios, e babas de bichos, e invençoens de homens barbaros. Taes pois saõ as vossas cousas, mas as de Deos pelo contrario tem deleites immortaes, e resplandor perpetuo; no Ceo naõ haõ mudanças, e voltas do tempo, naõ se sabe nelle que cousa he velhice &c.* Ao que respondeo Diocleciano: *Parece-me Clemente que fallas bem, e sentes mal, porque com as tuas palavras tratas da immortalidade, e por outra parte poens a tua esperança em hum homem mortal, que he o vosso Christo; o qual dizem haver padecido innumeraveis tormentos por maõs dos Judeos, que por fim o crucificaraõ. Mas nossos deoses saõ immortaes, e livres de toda a molestia, e dor. Verdade he* [disse o Martyr] *o que dizes, porque como haõ de morrer os que nunca viveraõ; e como haõ de sentir dor os que carecem de sentido!*

Argumētos, que teve com Diocleciano, que intentava pervertè-lo.

10 Indignado o Imperador com estas, e outras palavras similhantes, deixou as palavras, e argumentos, e foy ás obras, mandando que o mettessem em huma roda, e que no mesmo tempo que andasse com violencia, com ella fosse açoutado com varas. E assim quando a roda o tomava debaixo, quebravaõ-se-lhe os ossos com a violencia do movimento, e quando subia acima choviaõ os açoutes sobre o corpo; e estando neste rigorosissimo tormento fez esta oraçaõ: *Senhor meu Jesus Christo, vem a ajudar-me, e levanta-me do pezo deste tormento, porque me haõ cercado as dores da morte, favorece-me Senhor para gloria tua, confissaõ do teu nome; e para confuzaõ, e deshonra*

Continua o martyrio.

honra de teus inimigos, e para esforçar-me para padecer por ti mayores dores. Feita esta oraçaõ, logo cessou o movimento da roda, e o tormento dos açoutes, todas as ataduras se soltaraõ, e o Santo Martyr foy restituido repentinamente á sua primeira robustez. A' vista de prodigio taõ estupendo, se converteraõ a Jesus Christo muitos dos idolatras, que o observaraõ, os quaes clamavaõ com vozes: *Grande he o Deos dos Christaõs.* O que vendo o Glorioso Martyr dizia: *Dou-vos immensas graças, Senhor, por permittires eu padecesse nesta grande Cidade em presença de tantos homens por vosso Unigenito Filho, que tambem padeceo por nósoutros, e deo seu Sangue em preço do nosso captiveiro.* Logo contou por seus nomes aos Santos de Roma: *Nesta Cidade* disse *S. Pedro glorificou a Deos, Paulo o prègou, e Clemente [cujo he o meu nome] o adorou, e o Divino Onesimo o confessou, por quem elles tambem padeceraõ, os quaes agora saõ venerados dos Fieis, e daqui a poucos dias o seraõ dos Imperadores.* Isto disse profetizando o fim, e destruiçaõ da idolatria.

11 Levou tanto a mal Diocleciano estas palavras, que mandou lhe despedaçassem a boca com humas muito agudas pontas de ferro, com as quaes lhe moeraõ os dentes, e quebraraõ as gengivas; porèm a vóz do Santo Martyr nunca se reprimio, e menos a liberdade com que fallava aos tyrannos. Parecia huma estatua de metal, que quanto mais golpes lhe daõ mais soa. Desconfiado o Imperador de vencer o invicto Martyr, mandou o levassem para o carcere, que se encheo de muita gente, que se converteo á vista do milagre da roda, á qual baptizou. Pela meya noite lhe appareceo huma visaõ Celestial, que era huma luz taõ grande, que nem se podia explicar com palavras, nem a soffriaõ ver os olhos, a qual assim como hum relampago esclarecia aquelle carcere, e em meyo daquella luz appareceo hum homem com muito alegre rosto, vestido de huma resplandecente vestidura, o qual chegando-se a Clemente, lhe pôs na maõ hum paõ, e hum Caliz, e feito isto dezappareceo, deixando aos que alli estavaõ attonitos, e immudecidos com esta admiravel vizaõ: e conhecendo o Santo Varaõ ser aquella a materia do Sacramento, feitas as suas oraçoens, e pronunciando as palavras da consagraçaõ, deo a santa Cõmunhaõ aos que estavaõ baptizados. Com a noticia daquella singular merce cresceo em grande numero o dos Fieis, que fizeraõ do carcere Igreja. Noticioso o Imperador pelo carcereiro do que se passava, mandou que fossem todos prezos, e que os matassem logo, quando naõ quizessem negar a Fé de Christo, e confessar a adoraçaõ dos idolos. Estavaõ ja os venturosissimos Christaõs taõ instruidos na Fé de Jesus Christo por aquelle seu fiel Servo, que muito se alegraraõ quando se viraõ prezos, e souberaõ a iniqua sentença do Imperador, a qual se executou em todos fóra do carcere, e da Cidade, pois antes quizeraõ perder a vida temporal, que negar a Christo, que os creou, e resgatou com o seu Sangue precioso. Todos deraõ em fim a vida por Christo, excepto hum chamado Agatangelo, que naõ ficou por fugir da batalha, senaõ para pelejar com mayores dores, como adiante diremos.

Da admiravel visaõ que teve no carcere, onde baptiza Clemente a muitos idolatras.

12 Envergonhado Diocleciano do copioso fructo, que via fazer ao Santo Martyr, o mandou ir á sua presença. Entrou a conversar com elle louvando-o do esforço, e da efficacia que tinha no persuadir, e mostrando em como se achava arrependido do passado, e condoido dos muitos tormentos com que o tinhaõ affligido. Vendo porém que nenhum fructo colhia daquellas fingidas branduras, cuidou, e excogitou, por contemplaçaõ de hum homem principal, chamado Amphio, outro modo de tormento com que tentasse a constancia do Santo Martyr; foy o arbitrio pois, de que muitos homens juntos pegando-lhe pela cabeça, pelos braços, pelas maõs, e pelos pés, lhe dezencaixassem todos os membros do seu lugar, e que em quanto os verdugos lhe puxassem pelas ditas partes, o açoutassem com nervos seccos de touro. Tudo se executou, e tolerou o invicto Martyr com admiravel constancia,

Continua o tormento do Santo.

ſtancia, a qual obſervando Diocleciano, diſſe: *Vejo, Clemente, que es muito porfiaõ, mas naõ imagines me has de vencer, porque agora te atormentarei com garfos de ferro, porque tambem tu es de ferro, e careces de ſentido como elle, e talvez por eſta via te deſpertarei deſſe profundo ſomno em que dormes. Bem dizes* (reſpondeo o Santo) *ó Imperador que durmo, porque durmo hum doce ſomno, adormeceo-me Chriſto as dores com a eſperança dos bens da Gloria, e esforçando-me a padecer por elle mayores trabalhos; o qual tambem me faz velar, e eſtar attento para que livremente falle, e pregue o ſeu nome.* Dizendo iſto o Santo, ſe enfureceo de novo o Imperador, que mandou deixaſſem de o açoutar, e o levantaſſem em hum madeiro, e que lhe raſgaſſem ſeu corpo com garfos de ferro, até que lhe conſumiſſem todas as carnes. Puzeraõ os verdugos em execuçaõ o cruel mandato, e vendo-ſe o Santo deſcarnado, e deſſangrado, diſſe ao tyranno: *Sabe que o corpo, que a natureza me deo, ja ſe conſumio com os paſſados tormentos, ſem ficar alguma parte delle, e eſte novo corpo, que agora deſpedaçaſte, me deo meu Senhor Jeſus Chriſto, e conſumido eſte, elle me dará outro, porque naõ lhe falta materia de que o faça.* Ouvio o Imperador eſtas, e outras palavras com grande impaciencia, e ſe deſpicou com mandar aos ſeus infernaes miniſtros, que applicaſſem ao Santo achas de fogo accezas, as quaes lhe eraõ deleitaveis, porque eraõ luz que o allumiavaõ ſem queimar-ſe. A' viſta deſte prodigio, e deſta maravilhoſa conſtancia, diſſe o Imperador para os preſentes: *Muitos deſtes malaventurados Chriſtaõs tenho atormentado, e morto, mas nunca tal coraçaõ, nem corpo taõ robúſto tenho viſto como eſte; por tanto determino enviá-lo a Nicomedia a Maximiano companheiro do meu Imperio, o qual ſem duvida terá as couſas deſte homem por hum prodigio incrivel, pois naõ haverá viſto tal conſtancia.* Dizendo iſto com grande admiraçaõ, mandou que o Martyr com ſuas prizoens foſſe levado pelo mar a Nicomedia, para ſer examinado de Maximiano, ao qual deo por carta miuda conta de quanto havia paſſado, aſſim com Domiciano, como com elle, recõmendando-lhe por fim, que quando o venceſſe, teria grande prazer de que lho tornaſſe a enviar para moſtra do ſeu grande engenho, e prudencia.

Exaſperado Diocleciano de vencer ao Santo o mandou a Maximiano.

13 Muitos Catholicos, a quem tinha convertido o Santo, o ſeguiraõ de Roma até ſe embarcar. Eſtando para entrar no Navio foraõ reciprocas as lagrimas, e amoroſas as deſpedidas. Huns lhe beijavaõ as maõs, os pés, e as feridas, que por Jeſus Chriſto lhe tinhaõ feito. Outros ſe ungiaõ com o ſangue dellas, e todos lamentavaõ o dezamparo em que ficavaõ com a falta deſte eſclarecido Varaõ, e amoroſiſſimo pay, a quem pediraõ ancioſos, que naõ ſe eſqueceſſe nas ſuas oraçoens daquelles a quem tinha dado o ſer de Chriſtaõs, pois ficavaõ entre taõ crueis inimigos. O piedoſo Clemente, ao meſmo tempo que louvou áquelles ſeus filhos eſpirituaes os ſeus juſtos ſentimentos, e as ſuas piedoſiſſimas ſupplicas, lhes prometteo o naõ ſe eſquecer delles diante de Deos, recõmendando-lhes juntamente naõ ſe deſcuidaſſem elles de ſervir, adorar, reverenciar, e confeſſar a eſte Senhor.

14 Sentidos ficaraõ em fim aquelles Chriſtaõs com a viagem de Clemente, e eſte lhe deo alegre principio, como quem ſabia que della ſe lhe ſeguiaõ mais occaſioens de padecer pelo ſeu Capitaõ Jeſus Chriſto. Entre os muitos que o Santo baptizou no carcere, como ja diſſemos, e que delle ſahiraõ a padecer pela confiſſaõ da Fé, eſcapou do martyrio hum mancebo chamado Agatangelo. Eſte, ſabendo que o Santo era enviado pelo Imperador naquelle Navio, ſecretamente ſe metteo nelle, e depois de eſtar em grande altura, ſahio do occulto lugar em que eſtava, e procurando ao Santo, lançado a ſeus pés lhe diſſe, em como fora o primeiro que elle baptizou no carcere, e em como vinha inſpirado por Deos para ſer companheiro em ſeus trabalhos. Vendo o Santo Biſpo taõ bom, e ſanto companheiro, que Deos lhe enviava para ſua conſolaçaõ, deo muitas, e mil bençoens a Agatangelo, e a Deos muitas graças, dizendo: *Dou-te muitas graças, meu Senhor Jeſus*

Acompanha-o ſeu diſcipulo Agatangelo.

Christo, pois es minha consolaçaõ, e ajuda, naõ me dezemparando na terra, nem no mar; defendendo-me toda a vida, e recreando meu animo affligido com trabalhos. Dou-te graças, Senhor, por me haveres consolado agora no mar, com este meu irmaõ Agatangelo. Concede-me, ó Jesus meu, que elle atè o fim persevere fiel, e que tu o glorifiques com a confissaõ da tua Fè, e tu sejas glorificado nelle.

15 De dia, e de noite estiveraõ aquellas duas almas amantes de Christo em continuos colloquios com elle, sem se desjejuarem; porque nenhum cuidado puzeraõ em se proverem para a viagem, como pessoas, que traziaõ o paõ vivo, e a agoa da graça em suas almas com que se sustentavaõ; compadecidos delles lhes offereceraõ os soldados, e marinheiros do seu sustento; cuja offerta naõ acceitaraõ, se bem que lhe agradeceraõ affectuosos a bõa vontade com que lho offereceraõ, desculpando-se naõ acceitavaõ a offerta, e aquelle soccorro, pelo esperarem de Deos, como se cumprio, pois naõ havia de faltar a Providencia de hum taõ fiel Senhor a taõ fieis Servos. Por ministerio dos Anjos os provèo, pois, do mantimento, de que careciaõ aquelles desfallecidos corpos, que ficaraõ bem confortados com mimos, e visitas do Ceo.

Soccorre-os o Ceo com o sustento por maõs dos Anjos.

16 Depois de muitos dias de viagem chegaraõ á Ilha de Rhodas, onde desembarcaraõ muitos dos navegantes, para se proverem de algumas cousas precisas. Pediraõ os Santos aos guardas os deixassem ir a huma Igreja, que havia naquella Ilha em pouca distancia, e como era Domingo, e se achassem muitos Christaõs nella, e tambem o Bispo Photino, este em companhia de muitos Christaõs foy ao porto buscar aos Santos, e pedir aos guardas, que tirassem os grilhoens, e cadèas com que hia prezo Clemente. Ainda que repugnantes, concederaõ a Photino o que lhes pedio. Foraõ, pois, todos á Igreja onde pegando Clemente no livro dos Evangelhos, a primeira cousa que abrio, e leo, foraõ aquellas palavras do Salvador do mundo: *Naõ queiras temer aos que podem matar ao corpo, e naõ podem matar a alma.* Com estas palavras para o Santo taõ proprias se affervoraraõ muito, e levantando as maõs, e olhos ao Ceo, fizeraõ oraçaõ com ternissimas lagrimas nascidas de alegria. Rogou o Santo Bispo Photino ao Santo Bispo Clemente, que celebrasse Missa naquella sua Igreja, a qual celebrou com aquella devoçaõ, e ternura, que se devia suppor em hum Varaõ de taõ rara santidade, a qual Deos Senhor nosso quiz acreditar diante daquelle povo com hum portento, qual foy o de verem, os que o mereceraõ, sobre o Altar em que celebrava huma braza muito resplandecente rodeada de Espiritos Angelicos. Vizaõ taõ admiravel, que fez lançar por terra aos que a viraõ, cegos a tanta luz, e resplandor.

Vizaõ admiravel.

17 Divulgada esta fama pela Cidade, se abbreviou toda na Igreja por verem, e admirarem tanta virtude, e constancia, quanta logo souberaõ depositara Deos naquella bendita alma. Outros acudiaõ a pedir remedio em diversas enfermidades, o qual acharaõ mediante o toque de suas benditas maõs A' vista das muitas pessoas, a que curou as enfermidades do corpo, se convenceraõ da clara luz da verdade muitos Gentios, que viviaõ nas densas trevas da Gentilica cegueira. Pouco tempo teve a Cidade de Rhodas o gosto de ver Varaõ taõ Santo, pois os guardas, por temerem alvoroços, e motins á vista das acclamaçoens, e reverencias com que o tratavaõ, lhe lançaraõ as prizoens, e levaraõ ao Navio, deixando aquelle devoto povo com a desconsolaçaõ de lhe permittir o Ceo por taõ pouco tempo a cõmunicaçaõ de hum taõ grande Servo seu.

18 Com poucos dias de viagem chegou o Navio a Nicomedia, onde estava o malvado Maximiano. Deraõ-lhe a carta de Diocleciano, na qual miudamente particularizava o que tinha passado com Clemente. Pôs os olhos neste, e julgando, e conjecturando do semblante do Santo a grandeza do seu animo, naõ se atreveo a examiná-lo, e cõmetteo este empenho a hum Presidente chama-

chamado Agrepino, o qual mandando-o ir á sua presença, lhe perguntou se era Clemente, e respondendo lhe que era, e Servo de Christo, mandou aos soldados lhe dessem hum grande pescoçaõ, e disse a elle, que era para que se chamasse dalli em diante servo do Imperador, e naõ de Christo: *Oh prouvera a Deos* [disse o Santo] *que todos os vossos senhores, e Imperadores se chamassem Servos de Christo, e que todas as gentes o servissem, e obedecessem, e naõ servissem á maldade de vossa superstiçaõ.* Enfurecido o Juiz com esta resposta, e concebendo mayor ira, da que com palavras podia explicar, virado para Agatangelo, lhe perguntou quem era, visto naõ fazer mençaõ delle a carta do Imperador. Agatangelo, postos os olhos no Ceo, e logo em Clemente, porque de ambas as partes esperava o soccorro, disse: *Eu pela graça de Deos tambem sou Christaõ, e por meyo de Clemente Servo de Christo alcancei este bemaventurado nome.* Mandou logo o Juiz que a Clemente levantado em alto o ferissem, e lhe cortassem os membros, e que açoutassem á Agatangelo com nervos de boy seccos. Mas Clemente, soffrendo seu tormento com grande, e generoso coraçaõ, naõ cessava de fazer oraçaõ por si, e por seu ditoso companheiro.

Do que passaraõ com Maximiano, que os manda atormẽtar de novo.

19 Depois de executarem os crueis ministros o mandado de seu Presidente muito á satisfaçaõ delle, foraõ levados para o carcere, até o outro dia, no qual queria o tyranno sahissem a campo, e a publico theatro a medir as forças com crueis feras. No carcere se entregaraõ á oraçaõ, e á contemplaçaõ com devoçaõ digna de seus espiritos, e nelle foraõ consolados, e animados pelos Angelicos Espiritos, que pelos visitarem vizivelmente foraõ vistos com pasmo, e admiraçaõ de muitos prezos, que no carcere se achavaõ por diversos delictos, os quaes lançados aos pés dos Santos pediraõ com ternas lagrimas lhes dessem conhecimento de Jesus Christo. Gostosissimos admittiraõ as piedosas supplicas daquelles, que Deos quiz chamar a si taõ maravilhosamente; capacitaraõ-nos nos principaes rudimentos da Fé aquella noite, purificaraõ-nos com o santo baptismo, e por meyo da oraçaõ abriraõ as portas do carcere, e despidiraõ todos os prezos, que sahiraõ taõ alegres como se póde crer de se verem livres por taõ milagroso modo. Ficaraõ sim os nossos Santos prezos, porque achavaõ que nunca mais bem livres estaõ, que os que estaõ prezos por amor de Christo.

Visitaõ-nos no carcere os Angelicos Espiritos, e convertem-se muitos idolatras.

20 Esta generosa façanha de Clemente alterou summamente ao Juiz, que como assanhado tigre, e raivoso leaõ começou a bramir contra os Santos, e a protestar-lhes a proxima vingança. Mandou lhes lançar os leoens, os tigres, e outros diversos animaes, que a deshumana fereza tinha sempre preparados para similhantes empenhos, ou dezempenhos. Tanto naõ fizeraõ aos Santos damno, que puzeraõ nelles os olhos com sinaes alegres lambendo-lhes as maõs, lançando-se lhes aos pés, e fazendo-lhes outros affagos, e caricias, esperadas mais em hum amoroso caõ, que reconhece a seu senhor, que em humas feras, em quem he propria a crueldade. Este portento occasionou grande admiraçaõ, e espanto ao tyranno, e duplicou aos Santos os motivos de louvarem a Deos, dizendo: *Gloria seja a ti, Christo, por quem as bestas feras nos tiveraõ acatamento, e fizestes com nósoutros, o que com Daniel em o lago dos leoens, pois o mesmo fizestes com nósoutros como verdadeiro Deos de Daniel.*

Lançaõ nos a tigres, e a outros animaes, e estes os trataõ com respeito.

21 A' vista daquelle prodigio naõ cahio em si aquelle barbaro, mas antes com elle mais se enfureceo, pois mandou, que mettessem por entre os dedos das maõs dos Santos huns certos ferros largos, e agudos em braza, e em forma, que lhes sahissem ao cotovêlo, e outros por baixo dos sobacos, que penetrassem até os hombros. Vendo o povo que entre tantos tormentos conservavaõ a vida, e que com muita alegria estavaõ entre elles louvando a Deos, assentou ser grande o Deos que adoravaõ, e se alvoroçou desorte, que apedrejaraõ ao tyranno, clamando, e publicando geralmente ser grande o Deos dos Christaõs. Com este alvoroço fugio o Juiz, e em tanto subiraõ

Conservaõ a vida entre diversos tormentos, e apedrejaõ ao tyranno.

os Santos a hum monte chamado Pirami, onde o tyranno os achou depois de os procurar com ancia alguns dias. Logo mandou, que todos os devotos dos seus deoses se juntassem naquelle monte, e com effeito se juntaraõ, e pondo nelle seu tribunal fez ir á sua presença aos Santos Martyres, a quem disse: *Porque com os vossos encantamentos, e feitiços alvoroçastes o povo, e fizestes com que se levantasse contra nós, e maldicessem os nossos deoses?* Ao que responderaõ os Martyres: *Nósoutros nada disso fizemos, porèm, callando nós, a força da verdade lhes deo conhecimento de Deos, e por isso o prègaraõ a grandes vozes como tu vistes. Por tanto, se tens outro tormento, que executar em nós, naõ o dilates; porque elle he poderoso para nos livrar de tuas maõs.* Ouvindo isto o tyranno, usou de outra nova crueldade mandando estender os Santos sobre huma grande pedra, que estava naquelle monte, e quebrar-lhe os ossos com huns páos grossos. Depois que com effeito lhe esmiuçaraõ os ossos, os metteraõ em dous saccos, na boca dos quaes attaraõ duas grandes pedras, e assim foraõ lançados do cume do monte por huma ladeira, que hia dar ao mar, que estava na raiz do mesmo monte. Alguns Catholicos se chegaraõ á praya por verem se occultamente podiaõ tirar os santos corpos para lhes darem decente sepultura, e tambem se chegaraõ os idolatras desvanecidos com o vencimento. Mas oh pasmo! Oh assombro, e oh admiravel poder de Jesus Christo! Que para confundir mais aquelles idolatras, e confirmar na Fé aos Catholicos; permittio que os Santos Martyres escapassem sem lezaõ daquelles deshumanissimos tormentos, sahindo para fóra dos saccos, e do mar, á vista de muito povo que tudo presenciava. Naõ contente o nosso piedoso Deos, com este favor, e regálo, pela meya noite daquelle dia mandou Anjos, que os recreassem do trabalho passado, e os provessem de mantimentos.

Lançaõ-nos ao mar em saccos, donde sahem vivos, e saõ consolados pelos Angelicos Espiritos.

22 Noticioso o Presidente deste estupendo milagre, vendo que este, e outros eraõ causa de se converterem muitos idolatras, e desconfiando totalmente do vencimento, deixou de tentar mais as suas forças, ou as dos seus tyrannos subditos. Deo sim parte ao Imperador Maximiano do que passara, a conselhou-lhe, que como eraõ de Ancira, os mandasse para lá, pois ao Presidente daquella Cidade pertencia o castigar aos seus naturaes delinquentes. O Imperador approvou o conselho, e mandou que os remettessem a Curicio Presidente de Ancira. Desta maneira quiz Deos Senhor nosso despachar as supplicas, que lhe fez o seu fiel Servo Clemente, quando de Ancira sahio prezo, que era de acabar a vida na patria, que lhe deo o ser, e diante de suas ovelhas. Inexplicavel foy ao Santo a alegria, que teve quando se vio em Ancira, porque sempre suspirava, e ao entrar por esta Cidade, disse: *Gloria seja a ti, Senhor meu Jesus Christo, que ouviste a minha oraçaõ, e me restituiste á minha patria, e ao sepulchro de meus mayores, com este fructo de Agatangelo companheiro em meus trabalhos.*

Mandaõ no para a sua patria Ancira.

23 O Presidente Curicio, tendo noticia da chegada dos Santos Martyres, e dezejo grande de fazer, o que tantos infernaes ministros seus sequazes naõ fizeraõ, mandou ir para ante si aos Santos. Procurou persuadi los, á adoraçaõ dos seus deoses com brandissimas palavras, e ao seu parecer efficacissimas, concluindo todas as suas razoens com as dos costumados, e sabidos ameaços de rigorosa morte. Ao que responderaõ os Santos: *Para que pertendes persuadir nos com branduras, se para nos persuadirem outros como tu, rigores naõ bastaraõ? E para que nos ameaças com rigores, e trabalhos, se estes para nós saõ deleitaveis, soffridos por Jesus Christo nosso Salvador. Tem por certo naõ temos compaixaõ de nossos corpos, senaõ de vossas almas miseraveis, pois servis a huns deoses, que nenhum sentido tem.* Embravecido o Juiz com a resoluçaõ, e semrespeito com que os Santos lhe fallaraõ, respondeo: *Pois tanto folgais com os trabalhos, nesta parte serei muito liberal para comvosco.* Mandou que lhes atassem os braços, que lhes mettessem huns ferros em braza pelos sobacos, que os atassem assim a cada seu madeiro, e que rijamente os ferissem por todas

Proseguem em atormentar aos Santos com novo genero de martyrios.

todas as partes de seus corpos. O Juiz observando se se fazia tudo conforme o depravado do seu gosto, escarnecendo perguntava: *Que taes eraõ aquelles tormentos, e se os sentiaõ?* Ao qual respondeo Clemente como Apostolo: *Quanto mais se corrompe o nosso homen exterior, tanto mais se renova, e aperfeiçoa o interior.* Mandou o tyranno pôr em braza hum capacete de ferro, e que o mettessem na cabeça de Clemente, e logo o fumo das abrazadas carnes começou a sahir pela boca, pelos narizes, pelos ouvidos, e pelos olhos. Vendo-se o Santo com as agonias, que saõ prezumiveis em taõ horrendo, e insoffrivel tormento, deo hum grande gemido, dizendo: *Oh Deos! Oh agoa viva, oh chuva da nossa saude! Envia-me Senhor huma do teu rocio, e pois antes nos tirastes da agoa, agora nos tirai do fogo, dando-nos o vosso refrigero*, e dizendo isto se refrigerou o ferro. Vendo o tyranno, com grande confuzaõ sua, que Clemente assim escapara com vida daquelle tormento, mandou soltar aos Santos, e que os levassem ao carcere, dissimulando a perplexidade, em que estava com a capa da misericordia.

24 Aquella Santa mulher Sophia, que perfilhou a Clemente, como dissemos, tendo noticia da sua chegada, e do que tinha padecido por Christo, com taõ grande constancia, naõ cabia de prazer, nem cessava de louvar ao mesmo Senhor, que tanto valor repartira com aquelle orfaõ, e Servo seu. Visitou a Clemente no carcere aquella noite, abraçou-o repetidas vezes, beijou com grande devoçaõ todas aquellas feridas, e chagas, que eraõ gloria, e resplandor da sua gloriosa confissaõ, com lenços que levava alimpou o sangue daquellas ditosas feridas. Deo-lhe em fim dos manjares, que em sua casa costumava comer, dos quaes bem careciaõ aquelles debilitadissimos corpos. Dezesperado o Juiz de poder vencer aos Santos, encarregou a incumbencia a outro, naõ menos cruel, o qual era Juiz dos Amassenos, e se chamava Domicio.

Visita-os Sophia no carcere.

25 A Santa Sophia naõ só continuou em ir consolar aos Santos no carcere, senaõ tambem encaminhou para elles a todos aquelles mancebos, que o Santo tinha criado, cathequizado, e baptizado, quando estava em companhia desta sua segunda mãy Sophia, e assim mais outros muitos, que instruira nas verdades Catholicas, quando alli fora Bispo. Sabendo pois Maximiano que o carcere estava cheyo daquelles mancebos, mandou que se apartassem de Clemente, e os deixassem livres, e se naõ, que os matassem. Dada esta sentença, quizeraõ os soldados apartá-los de seu Mestre Clemente, mas elles resistiraõ a isto quanto podiaõ lançando-se em terra, e abraçando-se aos pés do Santo com mayor constancia, e prudencia, do que pedia a idade. Muitos delles em fim quizeraõ antes morrer alli na presença de seu Mestre, que apartarem se da sua companhia. Na de S. Clemente, que no mesmo tempo foy levado para os Amassenos, fora Sophia; porém ficou dando decente lugar aos corpos dos Martyres, que era justo desse honroso lugar na morte, áquelles, que taõ gloriosa a tiveraõ por meyo das santas doutrinas que lhes deo na vida.

Martyrizaõ a alguns discipulos de S. Clemẽte.

26 Chegaraõ pois Clemente, e Agatangelo á Cidade dos Amassenos, onde fizeraõ logo oraçaõ a Deos com devotas lagrimas, pedindo-lhe valor, e ajuda naquelle novo conflicto. Aprezentados diante de Domicio, tanto naõ recusaraõ de padecer os tormentos com que logo os ameaçou, que intentou Clemente converter a Christo o mesmo Juiz, que tomando disto mesmo armas para pelejar contra elles, mandou se apartassem, parecendo áquelle barbaro, que estando dividido hum do outro enfraqueceriaõ, e esmoreceriaõ na batalha, por naõ saber importava pouco estarem apartados com os corpos, aquelles que estavaõ taõ identicados, e unidos nos espiritos. Mandou o tyranno encher huma cisterna de cal viva, que mettessem nella aos Santos, e que postos soldados de guarda defendessem o serem dalli tirados pelos Christaõs, naõ sabendo o barbaro, que o que guardou aos tres moços do forno

Mandaõ aos dous Santos para os Amassenos.

Metem-nos em huma cisterna de cal virgem, da qual sahiraõ sem lezaõ.

forno de Babylonia, guardaria alli ſeus Servos, como o fez, e aſſim eſtiveraõ alli todo o dia ſem receberem damno algum. Na ſeguinte noite ſe encheo a ciſterna de reſplandecentes luzes, que obſervaraõ os ſoldados da guarda, que, movidos pelo milagre dellas, receberaõ outra mais excellente luz em ſuas almas, com taõ grande fé, e devoçaõ, que ſe lançaraõ na meſma ciſterna, e ſe juntaraõ com os Santos. Parecendo ao tyranno que eſtavaõ ja mortos, mandou na manhaã do outro dia os tiraſſem da ciſterna, e com paſmo, e confuzaõ acharaõ vivos, e ſem lezaõ, naõ ſó aos Santos Martyres, ſenaõ tambem aos dous ſoldados da guarda, a que chamavaõ Phegon, e Eucarpo. Honrou a Divina bondade de Deos a eſtes dous ſoldados com a imitaçaõ da ſua morte de Cruz, pois logo foraõ crucificados por ordem do Juiz, que mandou açoutar cruelmente aos Martyres, e que lhes tiraſſem duas correas das coſtas. Vendo que nada diſto aproveitava, mandou lançá-los em dous leytos de ferro com fogo por baixo; por cima lhe lançavaõ azeite fervendo, pes derretido, e pedra ume. Neſtas camas dormiaõ os Santos Martyres doce ſomno, e nellas foraõ viſitados por Chriſto acompanhado de Anjos, o qual os conſolou, e alentou para que naõ temeſſem. Como Domicio tinha exprimentado, e executado nos Santos Martyres todos os generos de tyrannia que pode excogitar o ſeu infernal odio, deſconfiando da victoria os mandou a Maximiano, que de Tarço tinha vindo a Ancira, com o pretexto de que lhe parecia impoſſivel o vencê-los.

Conſtancia admiravel com q̃ ſe houveraõ em diverſos generos de martyrios.

Conſola-os, e viſita os Jeſus Chriſto nos tormentos.

27 Para Ancira acompanharaõ aos Santos Martyres muitos ſoldados da guarda, e naõ poucos Fieis, que ſe tinhaõ convertido á Jeſus Chriſto pela efficacia dos ſeus Sermoens, e por obſervarem os ſeus portentos quaes os de conſervarem a vida entre taõ deshumanos, e intoleraveis tormentos. Era o caminho comprido, dezerto, e muito falto de agoas, razaõ porque todos ſe viraõ affligidiſſimos com ſede. Condoido Clemente da alheya neceſſidade fez oraçaõ a Deos, e no meſmo ponto rebentou naquelle dezerto huma fonte com cujas freſcas agoas todos ſe recrearaõ. Vulgarizada a fama daquelle milagre, concorreo muita gente enferma a valer-ſe da ſua efficaz interceſſaõ, e alcançou as appetecidas melhoras ſó com o toque de Clemente, que vendo-ſe cada dia mais obrigado a Deos noſſo Senhor pelas maravilhas que obrava em credito ſeu, lhe pedio com indizivel devoçaõ, foſſe ſervido permittir, que todos os dias que lhe reſtavaõ da vida padeceſſe trabalhos, e dores pelo ſeu amor. Feita eſta piedoſa ſupplica, ouvio huma voz, que dizia: *Concedido ſe te ha Clemente o que pediſte, esforça te, e apparelha-te para paſſar conſtantemente eſta carreira, porque com o tempo que has trabalhado, e com o que reſta por paſſar, ſe te contará vinte e oito annos de martyrio.* Alegre com eſta reſpoſta caminhou o Santo para Ancira, e ſabendo os ſoldados que o Imperador eſtava em Tareis, lugar de Cilicia, levaraõ alli aos Santos, e aprezentaraõ-nos ao Imperador, o qual começou primeiro a tratá-los com palavras brandas, e grandes promeſſas, pertendendo attrahí-los á ſua falſa religiaõ, mas elles pelo contrario pertendiaõ com palavras ſantiſſimas reduzí-los á de Chriſto, profetizando-lhe juntamente, que os ſucceſſores do ſeu Imperio haviaõ de ſer honradores de Chriſto. Indignado com iſto Maximiano, e deixadas muitas palavras, que ſe paſſaraõ de parte a parte, mandou fazer huma grande fogueira, e lançar nella os Santos. Mas o Senhor, que guardou aquelles tres Santos moços no forno de Babylonia, guardou tambem a eſtes de tal maneira, que eſtando todo o dia, e toda a noite naquella fogueira, nunca o fogo fez damno áquelles delicados membros. Eſpantado Maximiano com eſta maravilha, e vendo como os Santos eſtavaõ no meyo da fogueira, e que levantadas as maõs, e os olhos ao Ceo, davaõ a Deos graças, e louvores, os mandou tirar dalli, e apreſentados no ſeu tribunal, lhes diſſe: *Rogo-vos, que ao menos em huma couſa me façais a vontade, que he dizer-me com que linhagem de encantamento haveis reprimido a voracidade do fogo.* Naõ [reſponderaõ

Dá agoa em huma grande neceſſidade.

Pede Clemente a Deos lhe dè cada dia em que padecer, e deſpacha lhe o Senhor a ſua ſupplica.

Sahem ſem dãno de huma fogueira, e fazem-ſe Chriſtaõs muitos idolatras.

raõ elles] *ó Imperador com encantamentos, senaõ com a virtude daquelle Senhor, que nos promette dizendo: Estando no fogo naõ te queimarás.* Mandou entaõ o Imperador aos verdugos, que publicamente os arrastassem, e ferissem, até acabarem as vidas; porèm tambem isto naõ succedeo como o tyranno queria, pois vendo muitos dos Gentios por huma parte a genorosidade daquelles, e a liberdade com que fallavaõ ao Imperador, a sua fortaleza, e constancia invencivel, e ponderando, que de entre tantos tormentos sahissem com vida, reconheceraõ aqui o dedo, e virtude de Deos, renegaraõ, e blasfemaraõ dos seus deoses, e se fizeraõ Christaõs.

28 Muito custou ao Imperador o ver o povo assim levantado, e convertido a Jesus Christo, e naõ achando ja o seu luciferino odio novo arbitrio para atormentar aquelles innocentes Christaõs, mandou que atados como estavaõ os levassem para o carcere, e que nelle estariaõ quatro annos, parecendo áquelle louco, que o tempo, e a prizaõ domaria aos que nem o fogo, nem o ferro haviaõ podido domar. Passaraõ com effeito os quatro annos no carcere com alegria grande, como quem dezejava padecer muito por quem primeiro padecera por elles. Findos os quatro annos, sahiraõ para fóra mais esforçados para a confissaõ da Fé, porque o dezejo, e amor de Christo, e a esperança certa de eterno descanço lhes fazia parecer os mayores rigores suaves deleites.

Estaõ quatro annos prezos.

29 Tendo o Imperador noticia da constancia, fortaleza, e alegria com que estavaõ esperando a coroa do martyrio, desconfiado da victoria, e por obviar a liberdade com que fallavaõ na sua presença contra elle, e contra os seus deoses, naõ quiz mais examiná-los, cõmetteo sim esta incumbencia a hum cruelissimo Sacerdote dos idolos, muito exercitado em atormentar Christaõs, e grande official em perverter coraçoens; e para mais o picar, e incitar a todo o genero de crueldades, lhe disse, que os Juizes passados foraõ vencidos mais pelas suas proprias fraquezas, e falta de astucia, e industria, que pelo esforço, e animo dos Santos. Segurou lhe aquelle official de Satanaz o dezempenho, que tentou primeiramente com os Santos por meyo das artes, que o diabo seu mestre lhe ensinou; mas vendo que a brandura das suas palavras, que o rigor das suas ameaças, e que o liberal das suas promessas eraõ de nenhuma efficacia para contrastar aquelles invenciveis animos, passou a açoutá-los taõ cruelmente por todo o corpo, que consumida toda a carne apparecia sómente o organizado dos ossos. Vendo que no fim deste tormento se puzeraõ os Santos a pé, e que assim hiaõ para o carcere, corrido, e envergonhado desmayou, e foy levado nos braços para sua casa. Indo os Santos pelo caminho lhes sahiraõ ao encontro muitos Catholicos a colher as reliquias dos pedaços das carnes, que lhes hiaõ cahindo, e a ensopar lenços no sangue, que por todo o corpo derramavaõ, que guardavaõ como hum preciozo thezouro. Sabido por Maximiano, que aquelle máo Sacerdote desconfiara de vencer aos Santos, zombando delle lhe disse: *Este era o que tanto me louvavaõ!*

Entra outro infernal ministro a atormentar aos Santos.

30 Estando pois Maximiano fallando nas cousas dos Santos Martyres, e tratando-as como de impossiveis, e incriveis á fé, hum dos que se achavaõ presentes, a que chamavaõ Maximo, pedio ao Imperador lhos mandasse entregar, pois confiava de si, que, ou os havia de tirar do seu proposito, ou os havia de matar. Foy este o tyranno oitavo, que intentou vencer aos Santos. Passados alguns dias se introduzio com elles fingindo-se grande amigo seu, e que como tal lhes queria dar saudaveis, e proveitosos conselhos. Em huma occasiaõ procurando-os, cariuhozo lhes disse: *Deos vos salve, homens amados dos deoses immortaes, que vos tem em lugar de filhos muito queridos, os quaes muitas vezes fallaraõ cõmigo, e me appareceraõ em sonhos, reprimindo a ira, que tinhaõ contra vós, naõ por outra cousa senaõ porque esperaõ a mudança do vosso proposito, que daqui a pouco será, como esta noite passada me revelou*

Entra o oitavo tyranno a atormentar aos Sãtos.

o grande

o grande deos Dionysio, e me mandou que vos chamasse; aqui tendes o Altar aparelhado, e tambem os sacrificios, por tanto chegay, e sacrificai aos que tanto vos amaõ. A isto responderaõ os Santos: *Falso he, ó Juiz, o que dizes, porque aqui naõ conhecemos mais, que dous Dionysios, hum de pedra, e outro de metal, e nenhum destes he immortal, porque nenhum tem vida, nem sentido, e hum se póde quebrar, e converter em cal, e outro fundir-se para delle se fazer vazos de serviço.*

31 Vendo o tyranno que naõ serviaõ suas artes passadas senaõ para se porem maculas em seus deoses, tirada a mascara de amigo, descobrio a de inimigo, e assim mandou fazer huma cama semeada de agudas pontas, na qual fez lançar a Clemente de costas, e mandou aos verdugos, que com grossos páos o ferissem rijamente no ventre, e nos peitos, para que assim penetrassem mais as pontas as costas; mas com todo este tormento o Santo Varaõ naõ perdeo a vida, nem a confiança na promessa do Senhor, que lhe prometteo naõ morreria com algum destes tormentos. Mandou o tyranno no mesmo tempo lançar chumbo derretido pela cabeça á Agatangelo, cujo tormento tolerou com admiravel constancia. Vendo Clemente espantados aos tyrannos de o verem vivo, tendo o corpo por todas as partes despedaçado, lhes disse: *Agora conhecereis que naõ só nosso corpo peleja contra vós, senaõ tambem nosso Deos, pois por singular providencia sua naõ consente que a alma se aparte de nossos corpos.*

Atormentaõ aos Santos com novos martyrios.

32 Exasperado ja este tyranno, deo parte ao Imperador de tudo quanto tinha passado, o qual mandou mettessem aos Santos no carcere, e que naõ lhes dessem cousa alguma de comer, até acabarem a vida. Entendendo hum homem, por nome Aphrodizio, natural de Persia, que fazia huma grande lizonja ao Imperador se acabasse o que os mais tyrannos naõ puderaõ, lhe pedio licença para entrar naquella empreza. Concedeo-lha o Imperador com grande vontade, por nella interessar muito o seu gosto. Convidou os o novo tyranno para huma magnifica cea, pretextando-lhe o tal convite com o de ser precizo alleviar assim os trabalhos passados, de que se achava muito sentido, e lastimado. Porèm como os Santos muito bem perceberaõ o fim de seus occultos designios, e eraõ amantissimos da virtude da abstinencia, disseraõ que se mantinhaõ com o paõ do Ceo, do qual quem comesse naõ padeceria mais fome, se naõ viveria eternamente, e que só alli esperavaõ huma bõa cea. Encolerizado o tyranno, por ver lhe sahiaõ infructiferas as suas maximas, disse: *A vossa cea será morte com dores, para a qual vos convidarei á manhaã.*

Entra o nono tyranno a atormentá-los.

33 No outro dia, com effeito, fez atar duas pedras de atafonas ao pescoço dos Santos, e assim os mandou arrastar pelo meyo da Cidade, onde sobre tudo eraõ apedrejados da vil plebe, com grande dor, e sentimento dos Catholicos, que tanta tyrannia prezenciavaõ, e que naõ podiaõ obviar, por serem poucos em numero; quando assim os arrastavaõ diziaõ os pregoeiros em voz alta: *Obedecei aos deoses, e aos Imperadores, pois quem isto naõ fizer assim será castigado.* Isto fazia o tyranno por fazer esmorecer aos Santos, e levantar a Cidade contra elles; porèm naõ sahio bem da sua esperança, pois vendo os Gentios a alegria com que os Santos toleravaõ ultrajes tantos, e que conservavaõ a vida entre elles, assentaraõ serem homens impassiveis, e immortaes, e assim deixada a idolatria glorificavaõ a Deos, que taõ grande fortaleza lhes cõmunicara. Logo que soube o Imperador do que passara o novo tyranno, mandou que lhes dessem carcere perpetuo.

Continuaõ os tormentos.

34 Depois de estarem muitos tempos no carcere, cançados os guardas de guarda taõ proluxa, e moroza, deraõ parte ao Imperador Maximiano, [que entaõ começava a imperar] de que estavaõ alli aquelles Catholicos, que pareciaõ immortaes. Informado o tyranno Imperador miudamente de quanto haviaõ passado, blasfemou dos seus deoses por naõ terem tirado a vida áquelles

seus

seus inimigos. Sabendo que eraõ de Ancira, os enviou a Lucio, que era Presidente naquella terra. Assim dispôs Deos Senhor nosso as cousas, que depois de tantos caminhos se viesse a cumprir a petiçaõ de Clemente, que era de acabar na sua patria. Lucio os mandou encerrar em huma obscura, e estreita masmorra, logo que lhos apprezentaraõ. No dia seguinte chamou a Agatangelo, ao qual disse: *Eu sei que tu naõ por ignorancia, senaõ pela facilidade, e simplicidade da tua condiçaõ, te deixastes enganar deste Clemente, pois dessa mesma facilidade deves agora aproveitar-te para fazer me a vontade, e conresponder á significaçaõ do teu nome, dando nos bõas novas com a mudança da tua conversaõ.* A isto respondeo Agatangelo: *Esta constancia que ves em mim, naõ nasce dessa facilidade, ou simplicidade que dizes, porque se eu essa tivera, como pudera resistir a tantos Juizes, e aos mesmos Imperadores, e a tantas invençoens de tormentos com que nos pertendiaõ vencer, e a tantos artificios de promessas, e palavras, com que nos quereis enganar? Assim que naõ deves chamar a isto facilidade, se naõ verdadeira sabedoria, a qual tem mais conta com os bens eternos, que nunca se mudaõ, que com os temporaes, que cada dia vaõ, e vem, e esta nos faz desprezar aos vossos falsos deoses, e adorar ao verdadeiro Deos, e por esta causa temos a morte por hum sonho, que passou. Assim, que naõ he só Clemente o que me ha convertido, senaõ muito mais Christo, que por seu meyo me chamou: nem elle me enganou, antes sim me livrou do engano em que vivia, e assim rogo a Deos, que dezengane a vósoutros, para que desta maneira vos seja eu alegre mensageiro da verdade.*

Passaõ a ser atormentados por o decimo tyranno, que intenta persuadir aos Santos com razoens.

35 Vendo o Juiz quaõ mal sahira da sua maxima, mandou metter ao Santo humas pontas de ferro em braza pelas orelhas, e ao mesmo tempo, que lhe applicassem humas achas accezas pelos lados, tormento que soffria com a costumada valentia, e alegria, e dizendo: *Senhor meu Jesus Christo, naõ premittas, que eu seja privado do fructo daquelles bens immortaes; e assim me dai fortaleza, e paciencia, para que acabada esta jornada da minha confissaõ, me juntes com o teu Servo Clemente, e com todos aquelles que pelo teu glorioso nome pelejaraõ.* Ouvio o Senhor a sua piedosa petiçaõ, pois vendo o Juiz, que por demais era tudo o que fazia, apartou a Agatangelo para hum lugar por nome Criptos, no qual lhe mandou cortar a cabeça aos cinco de Novembro, havendo primeiro batalhado com os Imperadores Diocleciano, e Maximiano, e com os Magistrados Agripino, Curicio, Domicio, com o Sacerdote dos idolos, e com Maximo, Aphodizio, e Lucio. A piedosa mulher Sophia, lhe deo honrada sepultura.

Consũma Agatangelo o seu triunfo.

36 Mandou o tyranno dar em Clemente cento e cincoenta feridas cada dia, com as quaes allagava a terra em sangue, cujas feridas lhe curavaõ os Anjos, que de noite o hiaõ visitar. Sua segunda mãy Sophia, cheya de caridade, e de zelo Catholico, juntando comsigo seus familiares, e alguns sujeitos a que o Santo havia criado, foraõ ao carcere, dezataraõ-lhe as prizoens, e o puzeraõ fóra; logo o vestio a santa matrona de huma roupa branca, e ella vestio outra da mesma cor em final de alegria, pôs-lhe na maõ o santo Evangelho, e com muitas vélas accezas, e perfumes olorosos, entrou com elle na Igreja. Sentindo Clemente neste caminho, que era chegado o tempo de receber a coroa condigna a tantos trabalhos, levantando huma maõ em alto com o Evangelho na outra, fez oraçaõ por sua mãy Sophia, logo pelos seus Clerigos, e por todos aquelles, que depois do seu triunfo pedissem a nosso Senhor mercês por elle. Assim entrou na Igreja, cujas portas se fecharaõ por seus discipulos, e amanhecido o dia glorioso da Epiphania, celebrou o Santo Bispo os sagrados Mysterios, deo o Divinissimo Sacramento aos que estavaõ apparelhados, recreou-os com suavissimas palavras, saudaveis doutrinas, e como vio a todos temerosos da violencia de seus contrarios, os esforçou, dizendo: Que nenhum delles pereceria, além de dous, que haviaõ de partir juntamente com elle. Profetizou mais, que logo cessaria aquella raiva, e furia

Curaõ os Anjos a Clemente.

Valor de Sophia, e preparo, que fez Clemente para receber o martyrio.

dos Gentios, que fucederia huma nova paz no Imperio dos Romanos, que todas as Cidades, e terras fe encheriaõ do conhecimento de Chrifto, que fe abririaõ as Igrejas, e fechariaõ os Templos dos idolos, e que tudo fe cumpriria brevemente. Tanta foy a alegria, que refultou a Sophia deftas profecias, que levou a fua cafa todas as viuvas, e orfaõs, que pode defcobrir, onde, por efpaço de doze dias lhes deo de comer abundantemente, e a todos os mais Catholicos que alli fe acharaõ, e affim feftejava no modo poffivel a vinda do feu querido Clemente para Ancira, e o feu proximo triunfo.

37 Chegado o dia de Domingo foy Clemente á Igreja, celebrou Miffa, deo a fagrada Cõmunhaõ aos Fieis Catholicos com grandes jubilos, e confolaçaõ de fua alma. Eftando pois affim exercitando efte fanto emprego, entrou hum dos Magiftrados acompanhado de foldados com grande impetu, e furor na Igreja, e logo mandou a hum dos feus foldados, que cortaffe a cabeça a Clemente, e affim eftando facrificando foy offerecido elle mefmo a Deos em facrificio. Daquella fagrada Mefa fubiraõ a receber a laureola de Martyres dous difcipulos do Santo Bifpo, como elle antes profetizara, a que chamavaõ Chriftoval, e Chariton Todos os que mais eftavaõ na companhia do Santo Martyr, fe recolheraõ a fuas cafas faudofiffimos, e laftimados de perderem aquelle piedofo Pay, e Santo Meftre, que como tal tambem os encaminhava pelo caminho da Gloria.

Confumma S. Clemente o martyrio, que lhe durou 28. annos.

38 Com grandeza, e grande confolaçaõ de fua alma, deo a fanta Sophia fepultura ao corpo de feu querido filho Clemente, em huma Igreja junto ao feu companheiro Agatangelo, e na mefma parte fepultou os dous companheiros, que no mefmo tempo triunfaraõ. Depois de fepultàr a todos, dizia com entranhavel affecto, e exceffivas lagrimas de gozo: *Filhos meus, eu vos fepultei nefte fecreto lugar, mas Chrifto vos publicará, e dará defcanço, por cujo amor tantos trabalhos padecefles; e como a minha velhice fe dilatou atè agora para receber, e fepultar voffos corpos, rogo vos vos lembreis diante de Deos de mim, que fuy voffa mãy, e voffa ama, para que affim como mereci acompanhar-vos, e affiftir-vos na vida, e nos trabalhos, vos acompanhe no premio, que na Gloria recebereis delles.*

39 Quem foubera, ó mortaes, agora bem philofofar fobre a nunca vifta hiftoria deftes efclarecidos Martyres de Jefus Chrifto, que olorofiffimas flores puderamos colher defte taõ frefco jardim, que motivos de amor, e de confiança naquella bondade fem limite, que affim quiz esforçar, e glorificar aos feus Servos. Ponderemos, pois, na fumma grandeza, bondade, e providencia do noffo Bom Deos, para com feus Servos, aos quaes naõ dezampara, mas antes acode nos feus mayores apertos, e neceffidades. Circunftanciemos os portentofos martyrios deftes grandes Santos, e veremos com quantos favores, e regálos, com quantas maravilhas, e prodigios, quiz aquelle fideliffimo Senhor ampará-los, foccorrê-los, e ainda curá-los, e confervar lhes as forças para entrarem de frefco nas pelejas. Notemos huma gloriofa competencia entre o Senhor, e feus Servos, pois veremos a elles a padecer por elle, e elle a obrar maravilhas por elles. Deixava os padecer por algum tempo. e logo lhes acudia com o feu foccorro; para feu merecimento lhes dava os trabalhos, e o foccorro para o feu esforço. Notemos tambem aqui, mortaes, a formofiffima ordem com que em tudo fe ha a Divina providencia, a qual ufa da malicia dos máos para o adiantamento de fua gloria, naõ fó pela que elle recebia com a conftancia de feus Martyres, fenaõ pelos muitos que á Fé fe convertiaõ, em a profecuçaõ deftes martyrios, de maneira, que pelos meyos que os tyrannos pertendiaõ diminuir o numero dos Fieis, por effe mefmo o accrefcentavaõ, como nefta hiftoria temos vifto.

Attençaõ mortaes.

40 Nefta portentofa hiftoria ponderemos a efficacia do Sangue, e redempçaõ de Jefus Chrifto Senhor noffo, por cujos merecimentos alcançaraõ eftes

estes Martyres aquella sobrenatural, e espantosa fortaleza, e constancia. Vejamos, e ponderemos mais nella hum certo modo de dezafio entre a Omnipotencia da graça, (se assim se póde dizer) e toda a potencia do mundo, a qual aqui chegou ao ultimo do que podia, juntando em hum todas as suas forças, e todas as sortes, e maquinas de tormentos, que homens, e demonios puderaõ inventar, e isto naõ em hum dia, nem em hum anno, se naõ em vinte e oito annos, succedendo huns aos outros com novos inventos, de artificios, e crueldades; e com tudo isso ficou o campo pela graça, e toda a potencia do mundo vencida, affrontada, envergonhada, e corrida.

41 Por aqui tambem veremos quaõ enganados vivemos, os que nos eximimos de guardar a Ley de Deos, dizendo que he difficultosa, e pezada, por naõ nos lembrarmos das forças, e poderes da graça, que nestes Martyres resplandeceo, a qual está Deos apparelhado a dar a quem a pertender, e pedir, naõ faltando da sua parte com o que couber nos limites da sua possibilidade. Veremos tambem daqui quaõ má sentença teremos no dia do Juizo, quando nosso Deos nos mostrar a estes, e a todos os mais Martyres com as diversas, e gloriosas insignias de seus martyrios, e diga aos máos: *Todos estes, que aqui vedes, compraraõ o Reyno do Ceo com todos estes tormentos, e vós o naõ quizestes comprar mais barato, que era com a guarda dos dez Mandamentos.*

42 Por aqui nos confirmaremos mais na Fé de Jesus Christo; porque, naõ fallando nos mais Martyres, que homem haverá taõ insensato, que naõ veja que tal fortaleza como a deste Glorioso Clemente, e de seu companheiro naõ era possivel achar-se em corpo, e coraçaõ humano, se naõ fora potentissimamente soccorrido, e ajudado com a virtude, e fortaleza do Braço de Deos: pois se este Senhor era o que ajudava aos Martyres á confissaõ da Fé, segue-se ser ella verdadeira; porque naõ póde dar Deos favor, e ajuda a cousa falsa, nem ser testimunha, e fautor de mentiras. Sobre tudo isto, aqui veremos a grande força da caridade, e amor de Christo, considerando com que palavras, e rogos pedia a mãy de Clemente a seu unico, e muito amado filho, que morresse por Christo, e a festa que fez a segunda mãy Sophia, quando vio este filho, que ella tanto amava, morto, e despadaçado em seus braços, pois convidava a todos os Fieis a comer em sua casa, para celebrar esta festa; e quaõ longe estava de pôr luto pela morte deste filho, quem contra a authoridade, estylo, e idade se vestio de roupas brancas, em sinal de alegria. Onde estaõ aqui as leys da natureza? Onde a vehemencia do amor de mãy para hum tal filho? Vejamos, e ponderemos quaõ grande he o merecimento, que tem os que padecem trabalhos pela obediencia, e gloria de Christo, pois a estes antepunhaõ as santas mãys a vida, e amor de seus filhos.

43 Em fim, estes, e outros similhantes fructos podemos colher, ó mortaes, da liçaõ desta prodigiosa historia, e tambem huma grande, e vergonhosa confuzaõ, de á vista destes exemplares cuidarmos tanto no regálo, e delicias da carne, devendo-nos servir de incentivo para nos esforçarmos a padecer alguma cousa por amor daquelle Senhor, porquem os Martyres tanto padeceraõ. Finalmente, veremos a graveza de hum só peccado mortal, pois por naõ cahirem nelle, ainda que fosse por hum pequeno espaço, taes tormentos padeceraõ os Martyres, ainda que sabiaõ, que cahidos nelle com o temor dos tormentos, taõ facilmente alcançariaõ o perdaõ como alcançou o Principe dos Apostolos, e outros muitos, que pelo humano temor negaraõ a Jesus Christo. As sagradas Reliquias deste Santo se conservaõ em grande veneraçaõ no Convento Minorita das Chagas de Villa-Viçoza, onde as depositou o Illustrissimo Arcebispo D. Jozé de Mello a 5. de Março de 1610., pelas trazer de Roma, onde foy Agente de Portugal. O dia do seu mar-

Granada Symbolo da Fé.

tyrio he o de 25. de Janeiro. Deste Santo escreveraõ Metaphrastes, Necifero, e ultimamente o Veneravel Padre Fr. Luiz de Granada, de quem traduzimos esta vida, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

Vida, e martyrio de S. PAYO, *ou* PELAYO, *Martyr de treze annos.*

1 SAõ muitas as opinioens, que seguem os Authores sobre a felice patria de S. Payo. Porém as mais provaveis saõ as que seguem o Doutor Fr. Bernardo de Brito, na segunda parte da *Mornarchia Lusitana*, Manoel de Faria e Sousa, na segunda parte do *Epitome das historias Portuguezas*, e D. Rodrigo da Cunha nas *Addiçoens á primeira parte da historia de Braga*, que todos assentaõ em que naõ só foy Portuguez, senaõ das nobres Casas dos Cunhas, e S. Payos deste Reyno, e nascido no territorio de Coimbra. E isto mesmo escreveo Sandoval, antes de ser Bispo de Tuy na *Chronica de ElRey D. Affonso VII.* Teve pois o nosso Santo excellente criaçaõ em casa de seu tio Hermogio Bispo de Tuy, que enxertou naquella tenra planta huma copada arvore de virtudes, cujo fructo colheo o Ceo brevemente, pois na primavera de seus annos mereceo a dita de ser victima de Christo, cuja maravilhosa constancia, e invicta fortaleza em taõ tenra idade, e delicado corpo, deixou assombrado o mundo, exaltada a Igreja, e adornada a Gloria.

2 Entrando pois Abderramen, Rey de Cordova, abrazando como se fosse hum rayo a todos os Christaõs com hum poderosissimo exercito, que trazia, e naõ podendo ElRey D. Sancho Abarca resistir ás insolencias que ouvia, e via fazer áquelle perfido Ismaelita, pedio ajuda, e soccorro a ElRey Ordonho, segundo de Leaõ, por se achar muito desigual em forças, e bellicos petrechos. Sahio ElRey em pessoa contra áquelle cruel inimigo, em companhia de hum grande numero de guerreiros, e de dous Santos Prelados, que rogou para animarem os Christaõs, que foraõ, Dulcido Bispo de Salamanca, e Hermogio Bispo de Tuy. Juntaraõ-se em hum campo, e sahindo animosos em busca dos inimigos, acostou-se a victoria á parte destes, e dando-se os nossos por vencidos, se retiraraõ com grande perda de gente, justo Juizo de Deos, que assim o permittio, pelos motivos que nós comprehender naõ podemos.

3 Os vencedores, depois de uzarem de todo o genero de hostilidades com os vencidos, se retiraraõ para suas casas ricos de despojos, e de captivos; e hum dos a quem tocou esta fatalidade foy o Santo Bispo Hermogio, a quem levaraõ os barbaros para Cordova entre a mais chusma. Metteraõ-no em huma masmorra, onde esteve padecendo muitas miserias, até que offereceo por resgate alguns Mouros do seu serviço. E acceitando ElRey o partido lhe disse, que deixasse refens para segurança da divida, e assim, lhe entregou a Payo seu sobrinho, prenda que mais que tudo amava, tendo apenas dez annos de idade.

Dá Hermogio Bispo a seu sobrinho Payo em refens aos Mouros.

4 Foy o nosso ditoso menino para o carcere, naõ para viver como prezo, sim para o santificar como Jozé em tempo de Pharaó com a sua angelica presença, e admiravel exemplo; pois vivia entre as cadêas mais alegre que os Reys em seus palacios, guardando pureza na alma, e no corpo grande honestidade, e modestia. Naõ se enfadava com os prezos, nem se affligia com o encerramento, e mais trabalhos, e occasioens de desgostos, que se podem prezumir em quem está captivo, e encarcerado. Antes louvava muito a Deos, e prégava, e incitava aos companheiros a que o mesmo fizessem,

De como passava no carcere e foy levado á presença de ElRey.

e naõ

e naõ lamentaſſem, nem tiveſſem por deſgraçado o captiveiro, que era occaſiaõ de mais ſe unirem com Deos, ou de os levar mais de preſſa a poſſuir a ſua Divina preſença. E como o trato do noſſo innocente menino era hum interior eſpelho da pureza de ſua alma, pareceo aos guardas do carcere, naõ menos Anjo no roſtro, que o do primeiro Martyr Eſtevaõ aos que o apedrejavaõ; e aſſim como os malditos Sodomitas ſe deixaraõ captivar dos Angelicos Eſpiritos, que entraraõ em caſa de Lot, aſſim os güardas, admirados da ſua rara belleza, julgaraõ que era alvitre para ſeu Rey o innocente menino, e fazendo-o ſabedor da ſua galharda preſença, mandou que o levaſſem logo á ſua.

5 Naõ daõ os veſtidos precioſos formoſura, a quem a negou a natureza; porèm a quem com ella naſceo, ſervem de precioſo matiz que a realça: e aſſim para que á natural formoſura de Payo ſerviſſe de matiz a artificial, o veſtiraõ ricamente, para que deſta maneira attrahiſſe melhor os appetites deſordenados, e penſamentos ſenſuaes daquelle Barbaro. Por eſtes paſſos chegou o noſſo Payo aos da morte taõ honrada, e glorioſa, que pudera acreditar mil vidas, quando foraõ mais largas, e menos illuſtres que a ſua. Entrou o exemplo da caſtidade na camera Real, e conhecendo os deſignios de ElRey, e onde hiaõ dar comſigo os affagos, e caricias com que o recebia, ſem perturbaçaõ alguma começou mui ſenhor de ſi a deſprezar as eſtimaçoens, affagos, e promeſſas, com que Abderramen lhe brindava, ſó a fim de o fazer cahir na nefanda culpa, e de o fazer deixar a Ley de Jeſus Chriſto. Sem embargo de ElRey ver os deſvios, e inzençoens de Payo, como eſtava ſobornado da ſua gentil preſença, ſe chegou a elle, e pondo-lhe as maõs pelo roſtro, o intentou beijar. Vendo-ſe o ſanto menino em lance taõ apertado, com mais valor do que a idade lhe permittia, lhe deo huma grande punhada na boca, dizendo: *Aparta perro, aparta o teu roſtro do meu, e naõ entendas que ſou algum dos affeminados rapazes, com que te dezenfadas.* No meſmo tempo raſgou, e lançou fóra de ſi parte das roupas precioſas de que o veſtiraõ, para aſſim ficar mais livre, e deſembaraçado para a luta que eſperava. Eſtava ElRey taõ cego, e ſobornado da affeiçaõ de Payo, que nem aquelle taõ grande deſprezo foy baſtante para o encolorizar, e foy continuando nas caricias, e promeſſas, que tudo deſprezava finalmente o venturozo Payo, por ter por vaõ tudo o da vida temporal.

Pertende ElRey a Payo para o trato nefando, e da-lhe eſte huma punhada.

6 Deixou ElRey ao ſanto menino, e encõmendou a alguns criados, que proſeguiſſem em reduzí-lo, ameaçando-o com os caſtigos que lhe dariaõ, ſe naõ mudaſſe de intento, e admoeſtando-o a que conſentiſſe com a ſua vontade, porque ſó aſſim viria a gozar deleites, e riquezas na vida, e naõ padeceria cruel morte em taõ tenra idade. Cuidava o noſſo menino na morte, e por iſſo naõ eſtimava a vida temporal, que ja dezejava perder por alcançar a eterna, e aſſim dezenganou aos terceiros de ElRey, que debalde ſe cançavaõ em querer fazer mudar de intento a quem eſtava reſoluto antes a morrer, que a peccar.

7 Vendo pois os criados, que lhe ſahiaõ infructiferas todas as ſuas diligencias, foraõ dar parte a ElRey da ſua invencivel conſtancia. Mudou logo o amor em odio, e cheyo de hum diabolico furor, que lhe naſceo de naõ poder contraſtar a hum pequeno ſujeito, o mandou atanazar vivo, para que acabaſſe nos tormentos. Executaraõ os impios miniſtros o cruel mandamento do ſeu Rey, e logo aquella açucena com o nacar de ſeu ſangue ficou huma encarnada roſa, e moſtrando no ſemblante huma celeſtial alegria, publicava em voz alta, e ſem temor eſtas palavras: *Chriſtaõ ſou, e Vaſſallo indigno de Jeſu Chriſto, cuja Ley confeſſarei eternamente, ſem haver couſa na vida, que della me aparte por ſó hum inſtante.*

Principia o ſeu martyrio.

8 Deraõ-lhe tratos de polé, levantando-o muitas vezes em alto, e deixando-o cahir de pancada, para verem ſe com a rigoroſidade do martyrio o faziaõ

Continua, e consuma-o.

o faziaõ esmorecer do seu proposito. Vio ElRey que cada vez ganhava mais brios aquelle grande espirito, e mandou que lhe cortassem os membros miudamente, para que o martyrio se prolongasse; remetteraõ os algozes ao Bemaventurado menino como lobos, e famintos tigres, e fizeraõ nelle hum novo genero de carnicaria, sem attenderem a piedade alguma. Levantou o piedoso Payo ao Ceo as suas angelicas maõs louvando a Deos, e fazendo-lhe sacrificio de seu sangue, e logo as vio cahidas aos pés com os golpes dos alfanges. Deceparaõ-lhe em fim os braços, e lhe cortaraõ a cabeça com hum alfange, e desta sorte voou ao Ceo a alma daquella flor mais linda da belleza, do mais agradavel lirio da pureza, e da rosa mais purpurea do martyrio. O seu santo, e milagroso corpo está hoje na Cidade de Oviedo. Foy o seu glorioso triunfo no anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de 925. como querem huns, e no de 926. como outros dizem. O *Agiologio Lusitano* tambem se lembra delle a 26. de Junho, e Fr. Manoel da Esperança na segunda parte da *Historia Serafica*, e os ja nomeados.

Escrevem-se alguns dos muitos milagres, que a Divina Bondade tem obrado pelos merecimentos deste seu Servo.

Milagres que fez.

1 SAõ infinitos os milagres, com que Deos tem engrandecido o nome deste invicto Martyr, de que naõ pude alcançar noticia, mais dos que traz o Padre Fr. Manoel da Esperança, Chronista da Ordem Serafica, tratando do Convento de S. Payo do Monte desta Provincia do Minho, onde diz, que desde o anno de 1577., até o de 1586. se justificaraõ, e approvaraõ mais de cento e oitenta, nos quaes entravaõ entre derreados, tolhidos, e aleijados quarenta e seis, quebrados 22, cegos 11, loucos 2, hum defunto, hum mudo, hum surdo, e hum leproso, tres assombrados de espiritos malignos, e os mais opprimidos de outros males, e grandes necessidades. Pelas mesmas palavras, e estylo do dito Padre Esperança particularizo a noticia de alguns depois.

Continuaõ.

2 Havia trinta e tres annos, que o senhor D. Fulgencio, filho do Duque de Bragança D. Jayme, e Dom Prior da Villa de Guimaraens, andava molestado com huma impigem brava, a qual corria do joelho até á cinta, e em algumas conjunçoens se desfazia em sangue, magoando-o com dores crueis, e insopportaveis. Veyo visitar o Santo para lhe pedir saude, e vendo que elle lha dilatava, tornou-se a Guimaraens com hum pouco do azeite, que ardia na alampada diante do seu Altar. A poucos dias andados se assanhou a impigem com muito mayor braveza, inchando na grossura de hum paõ de quatorze reis, que entaõ era mayor do que agora: fez-se azul, e arregoou em partes, e ficando muito ascorosa á vista, o pruido, e as dores o faziaõ perder de todo a paciencia. Esteve neste tormento da huma hora da tarde até ás onze da noite, no qual tempo gritou pelo Santo, dizendo estas palavras: *Senhor S. Payo, busquei-vos na vossa casa, para me dares saude, como sey que dais a muitos, e vejo que tornei da romaria mais enfermo do que fuy Prevaleça a meus demeritos a vossa misericordia.* Nisto se untou com azeite do Santo, e adormecendo logo, quando depois acordou pela manhaã naõ havia ja impigem, nem o menor sinal della.

Continuaõ.

3 Muito mais notavel foy o milagre, que obrou com hum menino chamado Gomes filho de Ruy de Sequeiros de Soto-mayor, Justiça Mór de Tuy. Andava elle gravemente achacado, e huma manhaã, que o sol começava a nascer, o viraõ morto na cama. Impaciente o pay fez promessa a S. Payo, que se lho tornasse vivo, o traria a esta sua Igreja, e o pezaria a trigo. Feito o voto, resuscitou o menino com admiraçaõ de todos.

4 Naõ estava ainda morta Brites Alvares da Cidade de Astorga, porém taõ

taõ mortificada, e tolhida, que naõ podia bolir-se, e para passar de huma parte a outra era força que a levassem nos braços; rezolve-se em ir pedir a saude a S. Thiago de Galliza, mas quando chegou a Tuy, e ouvio os milagres de S. Payo, desistio da romaria, e fez que logo a trouxessem a esta Santa Igreja, onde teve huma Novena inteira, no fim da qual se acabaraõ seus males, e se tornou a pé a Astorga, saltando de alegria, e louvando a este Glorioso Santo.

Continuaõ.

5 Ainda hoje o louvaõ os moradores de Brandara, termo de Ponte de Lima, por outro grande milagre. Tinha-lhe dado o bicho em todas as suas terras, sem deixar erva no campo, nem folha verde nas arvores, tudo rohia, e tudo lhes destruia; neste aperto recorreraõ a S. Payo, fazendo voto de irem em procissaõ á sua Capella, foraõ, e nunca mais appareceo nos seus campos esta praga.

6 Queria o Santo menino que o honrassem na terra guardando o dia da sua festa, assim como elle os amparava no Ceo. Pelo que, aconteceo neste dia encontrarem huns romeiros de Galliza com outro homem, que andava sachando milho, e como lhe estranharaõ sua pouca devoçaõ, respondeo rusticamente: *E se eu naõ trabalhar, por ventura S. Payo ha me de dar de comer*: Sentio porèm o castigo da sua temeridade, porque o sacho ficou pegado á maõ sem o poder arrancar. Mas conhecendo seu erro pedio-lhe perdaõ, e o sacho saltou fóra, com o qual foy seguindo aos romeiros, e deixou-o pendurado na Igreja.

Castiga Deos hum homem por naõ guardar o dia do Santo.

7 Naõ entrou o seu nome no Brasil, sem que levasse comsigo a virtude, e a fama de milagres, como sempre confessou Francisco Barbudo, assistente na Bahia. Tinha cahido de huma arvore alta, e quebrado huma perna por quatro, ou cinco partes, sem lhe bastarem sette mezes de cama para alcançar saude, antes as dores se fizeraõ mais intensas, e elle dezanimado perdia o soffrimento. Neste tempo lhe entraraõ pela porta dous naturaes da insigne Vianna do Lima, que pela grande noticia, que tinhaõ deste Convento de S. Payo do Monte, lhe inculcaraõ muito a devoçaõ de S. Payo, advertindo o porèm, que lhe fizesse alguma bõa promessa. Comprara elle a saude ainda por mayor preço, mas por entaõ prometteo-lhe duas arrobas de açucar, e huma depois cada anno em toda a sua vida. Com isto se recolheo, e quando amanheceo estava de todo saõ com tanto conhecimento do favor que o Santo lhe fizera, que sem faltar na promessa lhe multiplicou serviços, e para ter por irmaõs aos Religiosos, que nesta casa o servem, lhes pedio huma carta de Irmandade. Assim foy facilitando com seus agradecimentos outros favores iguaes como se vê no seguinte.

8 Fugiraõ-lhe trinta escravos de hum engenho de açucar, e naõ lhe chegou a nova senaõ depois de ter perdida a occasiaõ de mandar em seu alcançe, mas recorreo a S. Payo por meyo de muitas Missas, o qual logo se lhe mostrou favoravel; porque tendo elles ja caminhado trinta legoas, começando a entrar por huma matta espessa, donde o poder do mundo naõ podia arrancá-los, apparecendo lhe o Santo em figura de hum mancebo formosissimo, cortou-lhes logo o passo, e com bõas palavras, que lhes fez entender, sendo negros, e boçaes, os obrigou a tornarem em rebanho para casa do senhor. Diz o Padre Esperança na segunda parte da *Historia Serafica*, tratando dos milagres suprà o que se segue.

9 Seria ingratidaõ deixar eu de referir o que me aconteceo hontem doze de Fevereiro de 1663. a tempo, que escrevia estas maravilhas. Abrazou-seme sobre a tarde o figado com tamanha vehemencia, como se estivera ardendo em huma fornalha. As maõs despidiaõ fogo, os olhos chammas accezas, e todo o corpo rayos. A pelle, que ja estava crestada, parecia de camello, e coalhada de empollas me comia por tantas partes, que acudindo a huma, as outras naõ queriaõ esperar. Grande pena me dava este achaque, porèm mais me

me affligia o cuidado de huma doença passada, que tive ha quatro annos, a qual, começando por estes mesmos principios, cinco mezes, e meyo me teve atormentado. Assim estive até ás quatro da manhaã, em que adormeci descançado, mas lembrei-me do Glorioso S. Payo, em cujo serviço me occapava, e por seus merecimentos amanheci hoje sem molestia alguma, seja Deos muito bendito, que naõ esconde dos mayores peccadores a sua misericordia.

10 Com tantos favores, e beneficios deste valoroso Martyr, se vay ainda levando a devoçaõ peregrina, que lhe tem todos os povos á roda: Os Portuguezes por natural, os Gallegos pelo haverem criado; e a huns, e outros o respeito dos milagres. Naõ lhe chamaõ por todo este districto, muito mais em Galliza, senaõ o Senhor S. Payo.

11 Eraõ muitos os Romeiros, que o hiaõ visitar pelo decurso do anno, huns pretendentes da sua intercessaõ, outros agradecidos á sua benevolencia. Haviaõ casas onde se agazalhavaõ no tempo das Novenas, deixando na despedida armadas as paredes da Igreja com mortalhas, mulletas, e outras muitas insignias, que eraõ como trofeos do seu notavel poder sobre a morte, e doença. No dia do seu Orago a 26. de Junho, havia muito que ver na multidaõ dos devotos, que hiaõ de Portugal, e Galliza. Eraõ muitos os clamores, a saber as Freguesias inteiras acompanhadas dos Parochos com suas Cruzes alçadas em fórma de procissaõ, entoando Ladainhas, e era cousa galante, que a som de alegres instrumentos subiaõ a cavallo pela ladeira do monte alguns diciplinantes açoutando-se nas costas. Traziaõ tambem muitos molhos de centeyo por malhar entre as suas offertas, reconhecendo ao Santo por advogado de todas as sementeiras. He verdade, que as guerras, e os trabalhos dos tempos tem diminuido muito a sobredita devoçaõ, mas até agora naõ puderaõ extinguir o amor nos innumeraveis devotos, que o procuraõ para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

SANTO THIRSO *Martyr, de quem existem as suas sagradas Reliquias no Bispado do Porto.*

1 ALguns Authores lhe daõ o nascimento na Cidade Samardiana, que fica na Provincia da Bithia, e outros com melhores fundamentos dizem, nascera na Cidade de Toledo, donde sahira para a Grecia (sendo ainda Cathecumeno) com o emprego militar. Como naquelle tempo era crudelissima a perseguiçaõ, que fazia o maldito Decio a todos os que guardavaõ a Fé de Jesus Christo, teve este grande Servo seu occasiaõ para dar a vida por elle. Vendo pois como Cobricio, Governador da Bithia, por comprazer com o gosto, e com os decretos de Decio, perseguia, e maltratava com inaudita ferocidade aos professores da Ley de Jesus Christo, inflammado do divino zelo o procurou, e reprehendeo da tyrannia, que praticava com os que seguiaõ o verdadeiro caminho da salvaçaõ, e como de caminho lhe affeou o quanto errado andava em adorar aos demonios nos seus idolos, se infureceo Cobricio desorte, que logo mandou o prendessem, e que o apertassem fortemente pelas pernas, e dedos pollegares das maõs, e pés com correas delgadas, para mayor tormento. Vendo o tyranno carnifice a grande alegria com que o invicto Martyr soffria estes tormentos, mandou, que lhe cortassem as capellas dos olhos, parecendo-lhe, que vendo-o o povo com aquella deformidade, se moveria mais a desprezá-lo.

Principia o seu horrendo martyrio.

2 Tudo tolerou com pasmosa paciencia, e com indizivel gosto de padecer por Jesus Christo, a quem estava dando continuas graças por lhe dar tal valor, e constancia. Vendo esta o malevolo Cobricio, mandou aos algozes que lhe quebrassem as maõs, e que estendido no chaõ o açoutassem com nervos

Continua.

nervos de boy, e lhe lançassem por cima das feridas chumbo derretido. Estando os iniquos, e viz ministros executando taõ deshumana sentença, se encomendou o Bendito Martyr a Deos com huma fervorosa oraçaõ, por virtude da qual foy livre daquelle tormento, pelo metal fervente se voltar contra os que lho applicavaõ, que no mesmo ponto exhalaraõ as vidas. Naõ foy bastante este prodigio, para que dezistissem os ministros da maldade de martyrizarem a este innocente, mas antes outros, como assanhados, e famintos leoens, entraraõ a cortar lhe os membros, e a retalhar-lhe as carnes com a mayor deshumanidade.

3 No mesmo tempo em que se estava executando esta carnicaria, desceo hum resplandor do Ceo, que cercou ao Santo Martyr, e confortando-o no mesmo ponto huma voz Celestial, tremeo a terra, e se abalou toda a Cidade, e principalmente o lugar em que Cobricio estava assentado. Attribuindo este tyranno todos os prodigios que presenciava a Arte Magica, mandou ao invicto Martyr para Nicomedia, onde estava governando Silvano, homem de igual tyrannia. Estando prezo na occasiaõ destas mudanças, e dezejoso de receber a agoa do baptismo, pois ainda era Cathecumeno, como ja dissemos, lhe appareceo de noite hum Anjo, o qual naõ só o curou de todas as chagas, que tinha, senaõ que tambem o pôs em liberdade, e o encaminhou para que fosse receber o baptismo das maõs do santo Bispo Bias, que estava occulto em certo sitio.

4 Depois de receber o santo baptismo o tornaraõ a prender. Mandou-o Silvano levar ao templo do Apollo, por pessoas que o induzissem para que lhe offerecesse sacrificios, ja com promessas, e ja com ameaças. Porèm no mesmo ponto que nelle entrou, e que fez oraçaõ ao verdadeiro Deos, cahio o idolo em que fallava o diabo, fazendo se em pedaços. Enfurecido o malvado Silvano, ordenou aos algozes, que lhe assistiaõ, que mettessem a cabeça do Santo dentro de huma tina de agoa, para que naõ pudesse blasfemar dos seus deoses em quanto o açoutavaõ por todo o corpo. Executado este mandado, ordenaraõ huma roda de navalhas para que lhe retalhassem o seu lastimado corpo, a qual naõ quiz Deos o offendesse a elle, mas sim a hum dos que a moviaõ, a quem a mesma roda fez em pedaços. No mesmo tempo morreo de repente Silvano, e succedendo-lhe outro igual tyranno, chamado Asclepio, com animo de proseguir com a mesma perseguiçaõ, morreo na noite seguinte. A ambos naõ quiz a terra receber em si, lançando-os fóra das sepulturas, e só depois que o Santo Martyr pedio ao Ceo, que como mãy de todos recebesse a terra aquelles corpos, os consentio em si. Succedeo áquelles no governo, e na fereza outro Governador chamado Bando, que querendo dar fim á causa do Bendito Martyr, o mandou lançar ás feras, mas vendo que naõ só o naõ offendiaõ, mas que antes o reverenciavaõ, ordenou que o serrassem pelo meyo, e supposto o ferro naõ pode entrar pelo corpo, por mais força que os algozes puzeraõ, naquelle martyrio entregou o seu bemaventurado espirito a 28. de Janeiro de 254., em Apollonia de Ponto.

Continua, e exhala a vida cerrado.

5 As suas sagradas Reliquias trouxe de Constantinopla, Fonça, Conde da nossa Lusitana, e Galliza, [que sobscreveo no Concilio terceiro Toledano] a cuja Cidade foy a negocios de importancia, pelos annos de 600. Como Meinedo, lugar nos ultimos fins da Diocese do Porto, por onde se divide este Arcebispado de Braga, era ja naquelle tempo muito conhecido, e nelle tinha o sobredito Conde algumas herdades, nelle erigio hum Templo á honra do Santo Martyr, dentro do qual depositou as suas Reliquias em huma sepultura raza, segundo o que se praticava naquelles tempos. Foraõ taõ grandes os milagres, que obrou a poderosa Maõ de Deos, pelos merecimentos deste invicto Martyr, que desde entaõ até o presente he visitado, e procurado de innumeravel povo, com devoçaõ extraordinaria. He

Vem as suas Reliquias para este Reyno.

advogado das febres, e maleitas, de que ficaõ livres os doentes, com a applicaçaõ da terra da sua sepultura, ou do pó da campa em que se depositou.

6 S. Leandro, Arcebispo de Toledo, foy o primeiro que lhe erigio Templo naquella Cidade, o que naõ faz pequena prova, de que o fez como a natural della. Pelo mesmo motivo lhe edificaria o segundo na mesma Cidade Cexilha, tambem Arcebispo de Toledo. ElRey D. Affonso o Casto lhe edificou outro em Oviedo. Neste Arcebispado de Braga ha huma Igreja Abbadia, que tambem se edificou á sua honra, e se chama Santo Thirso de Prazins, e ha finalmente no Bispado do Porto o antigo, e magnifico Convento de Monges Benedictinos, a que chamaõ Santo Thirso de Riba Dave, fundado por Aboafar Ramires, filho de ElRey D. Ramiro II. Deste Santo escrevem Surio, Baronio, Vilhegas, e outros para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado.

Templos que se lhe dedicaraõ.

Vida, e estupendo martyrio de S. VICENTE *Padroeiro de Lisboa, onde se acha seu santo corpo.*

1 NAsceo este portento da santidade, e invictissimo Martyr de Christo em Osca, huma das principaes Cidades do Reyno de Aragaõ. Seu pay se chamou Eutichio, parente muito conjuncto dos Santos Orencio, e Paciencia, pays do Glorioso Martyr S. Lourenço. Sua mãy se chamou Enola, que era irmaã do mesmo Martyr S. Lourenço, e assim está claro, que por ambas as linhas participava da illustre prosapia de S. Lourenço, de quem tambem participou a constancia, pois nem as ameaças dos tyrannos o renderaõ, nem os açoutes abrandaraõ, nem o fogo contrastou. Os annos da puericia gastou Vicente na Cidade de Ç,aragoça á sombra de nossa Senhora do Pillar. Alli se exercitou em todas as virtudes, e se applicou ás sagradas letras, tendo por Mestre, e por exemplar a S. Valerio, segundo do nome, Bispo da mesma Cidade de Ç,aragoça, de quem foy Arcediago, e o principal dos sette Diaconos que teve o devoto santuario daquella Divina Imperatriz do Ceo, e terra; e taõ grande conceito fazia o Santo Bispo das suas virtudes, e letras, que o levou por seu interprete, e companheiro ao Concilio Eliberetano, onde deo grandes mostras da sua grande prudencia, modestia, e virtude, e da sua abrazada Fé.

Foy sobrinho de S. Lourenço, e discipulo, e Arcediago de S. Valerio.

2 Na volta do Concilio, mandou prender Daciano executor dos perversos Diocleciano, e Maximiano, a Valerio, e Vicente, com o pretexto de professarem a Ley de Christo, que aquelles crueis Imperadores intentavaõ extinguir do mundo, e carregados de ferros, e cheyos de injurias, e contumelias, os mandou para Valença de Aragaõ, jornada larga, que fizeraõ a pé, com immenso trabalho pelo pezo dos ferros, e grilhoens lhes estorvarem o andar com a pressa que queriaõ os viz ministros que os conduziaõ. Logo que chegaraõ a Valença, os metteraõ em hum medonho carcere, no qual estiveraõ alguns dias, até que o infernal Daciano os mandou ir á sua presença, onde procurou persuadí los, a que offerecessem incenso a huma estatua de Diocleciano que tinha diante. Como o Santo Bispo tinha certo embaraço na lingua, que lhe naõ dava lugar para fallar demaneira que bem o percebessem, respondeo Vicente por ambos com valor intrepido, e liberdade Christaã, e de quem nenhum apreço fazia da vida: *Nós os Christaõs naõ adoramos mais que a Deos verdadeiro, Creador do Ceo, e da terra, e a seu Filho Jesus Christo, e ao Espirito Santo, que por ineffavel modo procede de ambos, em confirmaçaõ de cuja verdade estamos deliberados a dar as vidas.* Assim como o tyranno ouvio resposta taõ livre, desterrou para certa paragem ao Santo Bispo Valerio, por lhe parecer, que ficando só com seu discipulo

Prendem no pela Fè, e resoluçaõ Christaã com que falla ao tyranno.

pulo Vicente, mais depressa o persuadiria a convir na adoraçaõ que intentava dar á estatua do infernal Diocleciano. Vendo porêm o como se enganara no discurso que fizera de poder com razoens, e promessas vencer a sua constancia, entrou no projecto de obrigá-lo á força de martyrios.

3 Mandou que o levantassem pelos braços em huma alta columna, e que lhe atassem os pés com cordas, porque puxassem, como puxaraõ os crueis verdugos com tanta violencia, que lhe ficaraõ desconjuntados todos os membros do seu bendito corpo. Sobre este tormento lhe deraõ o de cruelissimos açoutes, e o de lhe rasgarem o corpo com garfos, e unhas de ferro, de cujas feridas manava copioso sangue, que regava a terra, e salpicava as caras, e vestidos daquelles carniceiros infernaes. Confuzo o iniquo Presidente de tanta constancia, e de fortaleza tanta, o mandou levantar no equuleo, e que continuassem a rasgar-lhe o corpo com unhas de ferro, para que abrissem novas portas, e feridas, por onde se mettessem tochas accezas, que lhe abrazassem as entranhas, nas quaes se apagassem as mesmas tochas, para multiplicar o tormento. Tudo assim se executou, e tudo soffreo o valoroso soldado de Christo com valor inaudito, e alegria pasmosa, e com grande admiraçaõ dos ministros do inferno, que testimunhavaõ, e viaõ que o Santo no meyo de tantos tormentos levantava os olhos ao Ceo, dando lhe graças pelo valor que lhe cõmunicava, e pedindo-lhe o naõ dezamparasse.

Principia o horrendo martyrio.

4 Dezataraõ-no do equuleo, e vendo que os algozes o deixavaõ descançar, naõ continuando com outro tormento, se lançou em hum leito de ferro, do feitio de grelhas, semeado de agudas, e empinadas pontas, que no mesmo lugar estava preparado, tormento que lhe penetrou todo o corpo, e as mesmas entranhas, e que Daciano fez mais cruel, com lhe mandar applicar por baixo fogo lento, com grossas pedras de sal, que saltavaõ abrazadas ao lastimado, e ferido corpo. Vendo o monstro do inferno, que nada bastava para o fazer retroceder, da Fé que tinha no coraçaõ, e publicava com a boca, mandou que lhe corressem todo aquelle despedaçado corpo com laminas abrazadas ao lume, e que por cima lhe lançassem lardo derretido. Ao mesmo tempo que estavaõ executando no Bendito corpo taõ atrozissimo tormento, corria delle tanto sangue, que apagou o fogo, se bem que no combustivel licor de novo se ateava, apparecendo por muitas partes o corpo aberto, e consumido, as entranhas tisnadas, os ossos denegridos, e torrados, demaneira que todos julgavaõ impossivel o conservar a vida, mas nada bastava, para que aquelles desgraçados, e cegos homens se convertessem para hum Deos, que conservava a vida a hum homem entre tanta variedade de tormentos, que repartidos puderaõ tirar a vida a homens innumeraveis.

Continuaõ os tormentos.

5 Confortado pois Vicente do Braço do Omnipotente Deos, que adorava, e por quem padecia, reprehendia aos viz ministros de fracos, e negligentes, como se aquellas vivas brazas fossem frescas rosas, e aquelle agudo, e ardente leito regalada cama de flores. Assanhado, e furioso cada vez mais Daciano, o mandou metter em hum sitio medonho, e escuro que o carcere tinha, o qual estava semeado de agudos escacilhos de telhas, e que sobre elles o lançassem, para que em lugar de descanço, seus desconjuntados membros achassem novo modo de padecer. Por comprazerem os verdugos com o gosto do tyranno, naõ só obraraõ o que mandou, senaõ que tambem inventaraõ novo modo de tormento, qual foy, o de lhe cravarem os pés em hum cepo, e de o deixarem naquelle horrendo sitio com guardas, para que naõ tivesse consolaçaõ alguma. Porêm (oh caso maravilhoso!) no mais alto da noite se encheo aquelle sitio de celestiaes luzes, entre as quaes appareceraõ muitos Anjos, que entoando celestiaes melodias, cantavaõ a Vicente a galla da victoria, e do triunfo. E como de tudo foraõ testimunhas os guardas, deraõ parte a Daciano, que querendo ser testimunha de vista, achou o escuro carcere revestido de resplandores de gloria, as telhas em alcatifas de flores,

Reprehendia aos verdugos de fracos.

Descem os Anjos do Ceo a consolá-lo no meyo do martyrio.

res!, os pés livres do cepo, e a quem imaginava morto, com novo vigor, e inteireza, como se nenhum tormento houvera padecido. Este prodigio foy causa de se converterem muitos Idolatras á Fé de Jesus Christo, mas naõ de abalar o duro, e obstinado coraçaõ de Daciano, que naõ mereceo a mesma dita, por que as crueldades, que praticou com elle, e com outros innumeraveis Christaõs, estavaõ pedindo o castigo eterno, que teve.

Sóbe ao Ceo de huma cama de flores acompanhado de muitos Anjos.

6 Em fim Daciano, ou dezenganado de que com rigores naõ poderia vencer ao Santo Levita, ou movido de alguma compaixaõ, ordenou que o lançassem em huma branda, e cheirosa cama semeada de boninas, e que nella o regalassem, e curassem das feridas, a cujo ministerio acudiraõ muitos Christaõs, que veneraraõ, e serviraõ ao Bendito Martyr no modo possivel, qual o de lhe comporem a cama, de lhe alimparem, e beijarem as feridas, as quaes exhalavaõ fragrancia celestial, que passava aos lenços que nellas ensopavaõ. Querendo em fim a bondade de Deos collocar nas Celestes Jerarchias entre os mais illustres Santos da sua Igreja a alma deste seu Servo, a chamou a si logo que o tyranno fez lançar seu corpo na sobredita cama. Acompanharaõ-na innumeraveis exercitos de Anjos, que vestidos de festa hiaõ fazendo applauso a taõ glorioso triunfo, que foy a 22. de Janeiro de 303.

Lançaõ seu santo corpo em hũa lagoa, na qual o guarda hum corvo.

7 Vendo o infernal Daciano frustrados os seus dezejos, procurou vingar-se na morte, de quem naõ pudera em vida. Mandou-o lançar em huma lagoa de agoa encharcada, na qual lhe assistio hum corvo, que com bico, unhas, e azas defendeo ao santo corpo de hum atrevido lobo que nelle hia fazer preza, o que he tanto mais de admirar, quanto he proprio dos corvos o alimentarem-se de carnes mortas. Vendo pois os idolatras o prodigio do corvo o naõ tocar, e de o defender do lobo voráz, e dos mais animaes carniceiros, o metteraõ em hum couro de boy, ao qual ataraõ huma grande pedra, e assim o lançaraõ no mar alto, com o fim de que mais naõ apparecesse, o que naõ succedeo assim; pois o mesmo foy o chegarem a terra os homens que em hum barco o levaraõ, que o chegar o santo corpo á praya, onde os mesmos homens o deixaraõ sem o tocarem, admirados do prodigio. O reciproco movimento das agoas lhe fez alli hum cobertor de area com que ficou occulto aos idolatras em quanto durou a perseguiçaõ, no fim da qual revelou Deos a huma mulher virtuosa o sitio em que estava, de cuja revelaçaõ deo conta aos Christaõs, que o tiraraõ, e lhe deraõ sepultura magnifica, porque tinha o Ceo reservado taõ precioso thezouro para a Sé Metropolitana de Lisboa, onde honorificamente descança, com grande emulaçaõ, e inveja das naçoens estrangeiras desde 15. de Settembro do anno de 1173. em que foy trasladado do Promontorio Sacro, pelo zelo do santo Rey D. Affonso Henriques; em cujo dia entrou pela barra de Lisboa em huma só náo huma riquissima frota, porque trazia aquella só náo (que Lisboa tomou por Armas) o cadaver de taõ insigne Martyr, que finalmente tomou por Patrono, e Protector: e assim como Jerusalem foy clarificada com as Reliquias do Proto-Martyr Santo Estevaõ, a alta Roma com o corpo do Glorioso Levita S. Lourenço, naõ menos se obstenta Lisboa ennobrecida com o sagrado corpo deste seu preclarissimo Patraõ o Martyr S. Vicente.

Lançaõ-no ao mar donde volta milagrosamente, e he trasladado para Lisboa.

8 A grande Cidade do Porto muitos annos o teve tambem por seu Padroeiro, e agora o naõ tem, por quererem variar para outro, de que fizeraõ eleyçaõ, qual foy o famoso Martyr S. Pantaleaõ, de quem tambem nos lembramos, mas sempre festejou, e festeja a sua Cathedral ao mesmo Santo Diacono a 22. de Janeiro com festa duplice, e de guarda em todo o seu Bispado, e com razaõ, pois possue a preciosa reliquia de hum seu braço, que o Ceo lhe enviou na forma seguinte. Querendo o santo Rey D. Affonso engrandecer a Sé Primaz de Braga com Reliquias taõ santas, lhe mandava hum braço do mesmo Santo Martyr; porém a mulla, em que elle vinha encaixotado com a mayor decencia, parou na Sé do Porto, e entrando por ella

Notem. Milagrosamente vay para a Cidade do Porto hum braço deste Santo.

ella dentro, se prostrou diante do Altar mayor, onde acabou a vida logo que lhe tiraraõ o sagrado penhor, naõ permittindo o Ceo que servisse mais a homens, quem havia trazido sobre si taõ santa carga. Conserva se em hum braço de prata na Capella de nossa Senhora da Saude, que está no claustro da mesma Sé.

9 Tendo o Beato Godinho Arcebispo desta Metropoli Bracharense noticia deste raro prodigio, se lhe duplicou a devoçaõ ao Santo Martyr, e pedio ao santo Rey, que naõ deixasse defraudada a huma Sé, que tanto estimava, de huma taõ grande Reliquia, e assim lhe mandou o outro braço no anno de 1176., em que foy recebido na entrada desta Cidade por aquelle santo Prelado, e pelo seu Reverendo Cabido com solemnissima procissaõ, obrando em tanto o inclyto Martyr hum grande milagre em huma donzella, que estando ja desconfiada dos medicos, beijando a santa Reliquia, ficou de repente restituida á sua antiga saude. Conserva-se esta sagrada Reliquia entre as innumeraveis que tem no seu santuario. Foy esta trasladaçaõ a 4. de Mayo do sobredito anno de 1176.

Conserva-se em Braga outro braço seu.

S. PEDRO *Eremita Lusitano.*

S. Pedro Eremita floreceo pelos annos de 1099. em grandes virtudes. Exhortou com maravilhosa efficacia aos Principes Christaõs para a Conquista da Terra Santa, segundo Peneda na sua *Monarchia*, foy o primeiro inventor de se rezar por contas o Rosario de Maria Santissima, e segundo o Author do *Anno Historico* foy Protuguez, e por tal o tenhaõ os que naõ duvidarem da sua authoridade, visto naõ allegar Authores, que comprovem o que diz em toda a sua Historia. Assina-lhe o dia de 15. de Julho.

S. TORCATO, *e* CUCUFATE *Martyres, naturaes de Braga.*

NAsceo nesta Cidade de Braga, e foraõ irmaõs no sangue, e na Fé de Santa Suzanna, de quem escrevemos no Tomo das Santas com individuaçaõ, motivo porque só dizemos que na occasiaõ em que Sergio Galba martyrizou a Santa Suzanna com os mais deshumanos tormentos, fez passar á espada a estes seus irmaõs, por persistirem constantes na confissaõ da Fé de Christo, e naõ quererem adorar aos deoses da Gentilidade Sylvano, e Ceres, a quem faziaõ grandes festas em agradecimento da fertilidade dos campos. Os Christaõs sepultaraõ estes Martyres junto a S. Victor, e ao Bispo S. Silvestre, onde estiveraõ em quanto naõ se erigio huma Igreja no mesmo territorio, e no sitio, em que hoje está o magnifico Templo de S. Victor, que mandou fazer o Illustrissimo D. Luiz de Sousa das ruinas da primeira. O corpo de S. Cucufate está com o de S. Silvestre, e outros na Sé de S. Thiago na Capella do sagrado Evangelista, para onde os levou no anno de 1102. D. Diogo Gelmires Arcebispo de Compostella, que as roubou nesta Cidade andando em visita o Arcebispo della S. Giraldo.

S. LEO-

S. LEONARDO *Martyr*.

NAsceo em Lamas de Orelhaõ, Comarca da Torre de Mencorvo deste Arcebispado Primaz. Era irmaõ de Santa Comba, que padeceo martyrio por conservar a preciosa margarita da virgindade a maõs de hum barbaro Regulo, que tambem despojou da vida a este seu Bendito irmaõ, por naõ querer concorrer para os seus depravados intentos. Na vida da mesma Santa relatamos toda a historia, e só agora dizemos, que se celebra na mesma Igreja a festa de ambos. Pelos annos de 713. triunfaraõ do tyranno, e segundo alguns Authores a 6. de Novembro.

S. GERVAZ *Bracharense*.

NAsceo no territorio de Braga S. Gervaz. Seus pays se chamaraõ Adulfo, e Thereza, Condes de Vieyra, e de outras terras de Basto. Floreceo no tempo de sua irmaã Santa Senhorinha, de quem escrevemos diffusamente no primeiro Tomo da Obra das Santas, cuja santissima vida elle imitou desorte, que he venerado com o titulo de Santo na Comarca de Basto, e por tal o celebra a Sé de Lisboa a 3. de Junho de tempo immemorial. ElRey D. Pedro Cru annexou á Igreja de Santa Senhorinha de Basto (onde está sepultado este Santo com o de sua irmaã, e de sua tia Santa Godinha) os fructos da Igreja de Santa Maria de Salto de Barrozo, como se vê da Escritura seguinte, que traz o Chronista Fr. Antonio Brandaõ: *Em nome de Deos Amen. Saibaõ quantos esta Escritura virem, como eu D. Pedro, pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, á honra, e serviço de Deos, e de Santa Maria sua Madre, e assinaladamente á honra, e louvor da Bemaventurada Santa Senhorinha de Basto, e do Bemaventurado S. Gervaz, e em remimento de meus peccados faço doaçaõ á dita Igreja de Santa Senhorinha para sempre, e em guiza que nunca possa ser revogada, de todo o direito, que hey do Padroado da Igreja de Santa Maria de Salto, do Arcebispado de Braga &c.*, e mais abaixo declara os encargos, com que a dá, assim: *Com tal condiçaõ, que qualquer que della for Abbade tenha hum Capellaõ para todo sempre, que cante em cada hum dia Missa sobre o altar, e diga as horas Canonicas numa Capella que na dita Igreja fez D. Ignez de Castro, aonde está o corpo de S. Gervaz, e otro si tenha hum mossinho, que sirva o dito Capellaõ na dita Igreja, de tudo o que lhe cumprir, e tenha para todo o sempre tres alampadas com azeite, que tambem de dia como de noite estejaõ sempre accezas, e huma estè diante do Crucifixo, outra ante hu jaz o corpo de Santa Senhorinha, e outra na Capella ante o lugar hu jaz o corpo de S. Gervaz. Dada em Valensa de Riba-Minho 15. dias de Settembro. ElRey o mandou, Gonsalo Rodriguez o fez, era de 1398.* Desta Escritura se vê a devoçaõ, que naquelle tempo se tinha a S. Gervaz, de cujas virtudes naõ achamos noticia particular. Floreceo pelos annos de 980.

SANTO APOLLINAR *Bispo, e Martyr, cujo corpo se conserva na Comarca de Torre de Mencorvo.*

1 NA Freguesia de S. Bartholomeu de Urros, Comarca da Torre de Mencorvo deste Arcebispado de Braga, se conservaõ em sepultura tosca as Reliquias de Santo Apollinar, Bispo, e Martyr. Donde foy Bispo se naõ averiguou athégora pelos mais exactos, e diligentes Escritores, que delle fazem breve lembrança. A 23. de Agosto intenta provar Tamayo no *Martyrologio Hispano*, que saõ de Synodio Apollinar illustre Prelado de Claramonte de França, e sendo este, bem se podia prezar Urros, de ser cofre de taõ santo deposito, pois foy santissimo, e taõ douto, que escreveo eruditissimas obras em beneficio da Igreja Catholica, no quinto seculo em que floreceo; porém como este Sydonio Apollinar foy Confessor, e naõ Martyr, e a tradiçaõ daquella Cõmarca o trata por Bispo, e Martyr, fica desvanecida a opiniaõ de Tamayo.

Opinioens que ha sobre este Santo.

2 A *Corografia Portugueza*, fallando deste Santo, o trata por Bispo de Ravena de França, e o mesmo faz o Padre Cardoso da Congregaçaõ do Oratorio, na sua *Receita Universal, ou Breve noticia dos Santos*, fundando-se ambos na tradiçaõ daquella terra, e Provincia, que he de que fora Bispo de Ravena; e sendo opinavel o ser este, ou aquelle Santo, justo será que exprimamos a sua vida, e Martyrio, se naõ para gloriar-se aquella terra de ser merecedora de corpo taõ santo, para gloria de Deos, e edificaçaõ dos leytores, que precisamente haõ de admirar vida, e martyrio taõ digno de admiraçaõ.

Continuaõ.

3 Foy pois Santo Apollinar hum dos discipulos do Glorioso Apostolo S. Pedro, e por elle consagrado Bispo, e enviado a prégar o santo Evangelho á Cidade de Ravena de França, como quem antevia, ou sabia o copioso fructo, que alli havia de colher a semente do Evangelho. Antes de chegar á Cidade, se hospedou em casa de Irineo, soldado que seguia a idolatria em que fora criado, o qual tinha hum filho cego, a quem deo vista Apollinar no corpo, e na alma, pois á vista do prodigio detestou as cegueiras Gentilicas, e abraçou a clara luz da Fé, e o mesmo fez seu pay, e a mais familia de sua casa.

Foy Discipulo do Apostolo S. Pedro, e resplandece em milagres.

4 Por outro milagre, que fez a Tecla, mulher do Tribuno da Cidade, se converteraõ ambos, a familia, e muitas pessoas que delle tiveraõ noticia, e desta sorte em breve tempo, teve hum grande numero de devotos, e de discipulos, que claramente engrandeciaõ a nova Ley, que intimava, e desdenhavaõ da que télli tinhaõ seguido, como iniqua, e indigna de ser seguida de homens de mediocre juizo.

Continua, e he prezo pela Fé.

5 Assim como Saturnino Perfeito da Cidade teve noticia de que Apollinar prégava nova Ley, e dos muitos que o seguiaõ, o mandou ir á sua presença, na qual lhe disse: *Quem te mandou a esta Cidade a perverter o culto dos deoses? Naõ ves que nella está o Templo de Jupiter, aonde elle preside. e tem cuidado de seu bem, e augmento! Se tens algum amor á tua vida, vay reconciliar-te com elle, pede lhe perdaõ, e faze-lhe sacrificios. Eu* (respondeo Apollinar) *nem conheço por Deos a Jupiter, nem taõpouco sey aonde tenha o Templo.* Ouvida esta resposta pelos idolatras, e ministros de Saturnino, pegando nelle, lhe disseraõ: *Nós te levaremos ao Templo do nosso Jupiter*, e pegando do Bendito Apollinar, com violentas maõs, o levaraõ ao famoso, e riquissimo Templo, que tinha dedicado a cegueira Gentilica á huma estatua de Jupiter.

6 Vendo pois Apollinar o fasto, magnificencia, e riqueza daquelle Templo

plo dedicado ao diabo, que naquella estatua fallava, com hum affecto de dor, nascido da alma, disse: *Oh quanto melhor fora repartirem-se todas estas riquezas pelos pobres, e resgatá-las desta sorte do poder do demonio!* Assim como ouviraõ estas palavras os ministros do inferno, puzeraõ as maõs sacrilegas no innocente Prelado, ferindo-o, esbofeteando-o, e maltratando-o de muitas maneiras, sendo o menos as muitas injurias que lhe fizeraõ. No fim de tudo o lançaraõ ao mar, donde sahio á terra com vida, porque queria Deos desse a da graça a muitos Gentios. Depois de seus discipulos o curarem das feridas, que lhe fizeraõ, e da fraqueza, e debilidade, que lhe resultou das agoas do mar em que esteve submergido, passou a Cluzi, Cidade de Toscana, na qual divulgou o santo Evangelho, com taõ bôa fortuna, que em hum só dia converteo a Deos quinhentos Gentios, que achou aptos para receberem o graõ do Evangelho.

Do como o martyrizaraõ, e escapando converteo muitos Gentios.

7 Outros porèm, bem achados nas suas idolatrias, o prenderaõ, e maltrataraõ com lastimosas feridas, e depois de o fazerem passar descalço por brazas acceзas, o desterraraõ para fóra da Cidade, com cominaçaõ de lhe tirarem a vida se nella mais entrasse. Dalli passou a Emilia [hoje Flaminia] onde o procurou logo hum homem por nome Rufo, que lhe pedio saude para huma filha mortalmente enferma. Indo entrando pela casa, em que estava a tal moribunda, espirou, antes de a ver, de que resultou o encolerizar-se o afflicto pay, e o dizer ao Santo: *Nunca tu ca vieras, pois cuidando me darias saude a minha filha, ma mataste.* Vendo Apollinar a sua afflicçaõ, lhe prometteo resuscitá-la. Chegou-se ao cadaver, armou-se de huma viva fé, e com vóz imperiosa lhe mandou se levantasse. Assim o fez, pois se levantou a donzella viva, e saã, como se nada houvera passado por ella, de cujo prodigio se seguio a conversaõ della, de Rufo, e da mais familia, que logo receberaõ o santo baptismo.

Continuaõ o martyrio, e os milagres.

8 Divulgado taõ grande prodigio, mandaraõ os Sacerdotes dos idolos a Roma, onde residia o Supremo Governo, a rogar lhe quizessem pôr remedio, e atalhar tantos damnos, quantos aquelle só homem causava, pois a naõ ser assim, cedo naõ haveriaõ idolos, nem Templos aonde os deoses fossem adorados &c. Mandou logo o Magistrado por Juiz a Messalino, homem cruel, e acerrimo zelador dos idolos, que logo fez prender a Apollinar. Quiz persuadí-lo a adoraçaõ dos idolos, e vendo que naõ conseguia os seus intentos, o mandou açoutar, e prender no equuleo, e moê-lo com grossos páos, e vendo que com grande alegria tolerava o tormento, lhe disse o tyranno, admirando a sua constancia: *Que premio esperas do teu Deos por tudo isto, que por amor delle padeces!* Respondeo o Santo Bispo: *O que perseverar atè o fim, esse será salvo, e o que morrer por Christo, alcançará a vida eterna.* Mandou que o tornassem a açoutar, e que sobre as feridas frescas derramassem agoa quente, o que puzeraõ por obra os infernaes verdugos, e vendo que nada bastava para o fazer esmorecer do proposito com que estava de blasfemar dos deoses, lhe mandou pizar a boca, e quebrar os dentes em huma pedra. Por ultimo o mandou desterrado para Grecia, onde finalmente acabou a vida rendido á violencia dos tormentos, que alli lhe deraõ, aos 23. de Julho, governando o Imperio Romano Vespasiano, donde poderia trazer seus ossos para Urros algum devoto Christaõ, assim como outros trouxeraõ o de S. Joaõ Marcos Discipulo de Christo, e de S. Thiago Intercizo para Braga, o de S. Vicente, de Santo Adriaõ, e Natalia, e outros para Lisboa, o de S. Pantaleaõ para o Porto, e se trouxeraõ de distantes terras outros muitos de que faço mençaõ nesta Obra.

Prosegue-se o mesmo, e consumma o martyrio.

9 O Santo Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres visitava a sua sepultura postrado por terra, e costumava dizer, que se naõ fosse de algum dos Santos Apollinarios, de que tinha noticia, que sempre se devia ter por Reliquias de outro Santo do mesmo nome visto Deos approvar as suas virtudes

Veneraçaõ que lhe dava D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

tudes com prodigios. Hum Visitador incredulo de se acharem naquella sepultura Reliquias de Santo, intentou abrí-la, e logo teve o castigo da sua incredulidade, ficando no mesmo tempo cego, de cuja cegueira ficou livre, depois de fazer ao Santo huma Novena no mesmo sitio. Muitos saõ os milagres, que tem feito, e faz Deos pelos seus merecimentos, principalmente nos quebrados, de que he especialmente Advogado.

Vida admiravel de S. PEDRO NEGLES *Eremita, natural da Cidade de Lisboa.*

1 GOstoso he o presente assumpto, [amabillissimos Portuguezes] pois se encaminha a dar-vos a conhecer as estupendas acçoens, e admiraveis virtudes de hum nosso natural, que foy assombro da santidade, pasmo da perfeiçaõ, portento da fortaleza, e hum dos mais gloriosos exemplares do desprezo do mundo, do sangue, das honras, estimaçoens, e delicias da vida. Proximamente sahio a sua á luz, pela douta penna do muito Reverendo D. Jozé Barboza, Clerigo Regular da Divina Providencia, á vista da qual a minha se intimida a impulsos de hum reverente receyo: mas como a obrigaçaõ, que tenho de escrever, mais se augmenta a respeito de hum taõ santo, e preclaro Portuguez, será precisso que ceda o temor ao preceito da historia, e faça o discurso obrigado do empenho, o que naõ executara constrangido do mesmo applauso.

2 Nasceo na portentosa Lisboa, taõ fertil na producçaõ de similhantes monstros de santidade, como se verá desta Obra. Seus pays se chamaraõ Jozé Antonio Negles, e Eucaria, ambos de clara ascendencia. Consiste a verdadeira nobreza na virtude, e quando esta resplandece nos filhos, superabunda a gloria dos pays, a toda a que póde ter na posse das mayores riquezas. Nascer nobre, ó mortaes, he fortuna, que se póde perder com qualquer volta da sua roda, quando se degenera em vicios, que saõ as trombetas da infamia; pois quem assim procede, naõ só se inculca vil a si proprio, mas pôem em opiniaõ o credito de seus pays. Souberaõ illustrar pois estes o ouro da sua conhecida nobreza com o esmalte da virtude, e o nosso Pedro estudou-a em mostrar desde menino, que as suas acçoens eraõ filhas da virtuosa, e santa doutrina de seus pays.

Nasce fazendo milagres, e se abstem do alimento nas festas de N. Senhora.

3 A benigna bondade de Deos, que tinha destinada esta creatura para gloriosa obstentaçaõ do seu poder, quiz que sahisse á luz do mundo, sem que sua mãy sentisse as dores a que estaõ sujeitas todas as mulheres, parece que em castigo da primeira culpa, e que venerasse desde o berço a nossa Mãy, e Senhora Maria Santissima, pois nos dias de alguma solemnidade sua naõ tomava alimento mais que huma vez ao dia, e se esta abstinencia era digna do grande pasmo com que se celebrava, cresciaõ nelle os motivos quando viaõ ao tenro menino com as maõs juntas, e com os olhos fixos no Ceo. Anticipou-lhe pois Deos nosso Senhor tanto a luz do conhecimento, que as primeiras palavras, que proferio, foraõ estas: *Jesus meu Salvador, e Redemptor.*

De cinco annos faz penitencia.

4 Naõ contava Pedro ainda cinco primaveras perfeitas, quando o viaõ seus pays, e domesticos desvelado em procurar instrumentos de penitencia para affligir a seu innocente corpozinho, o qual trazia cingido com huma corda muito grossa, e castigava com diciplinas, e domava com repetidos jejuns. Naõ póde chegar a mais, [ó mortaes] o mais fervoroso dezejo da santidade, que sujeitar-se ao remedio do peccado, quem goza os privilegios da innocencia. Era muito amante da soledade, e silencio, e fazendo grande apreço da preciosidade do tempo, fugia sempre da ociosidade, como quem ja sabia que no seu acertado emprego, com os instantes se negoceaõ usuras de

 eternidades.

eternidades: convidava sim aos meninos para louvarem a Deos diante dos oratoriozinhos, que occultamente fazia, nos quaes o achavaõ, ou muito chorofo, ou muito alegre, alternando nesta variedade de affectos a diversa meditaçaõ dos Mysterios Gozosos, ou Dolorosos. Dos meninos merecia mayor agrado, o que nas suas devoçoens lhe fazia grata companhia.

5 Quando se vio com dez annos de idade, e se considerou com mais forças para dar á execuçaõ as penitencias, que anhelava o seu fervoroso espirito, se apertou novamente com duas grossas cadêas de ferro, augmentou as horas da oraçaõ, os jejuns de paõ, e agoa, descuidando-se por fim tanto da conservaçaõ da vida, que dormia no chaõ, ou sobre humas taboas nuas; e se lançava em agoa frigidissima, mortificaçaõ que concluia com huma aspera diciplina. Vendo os pays em idade taõ tenra taõ innocentes desenganos, delles tiravaõ incentivos para os Divinos louvores, exemplo para as suas melhoras espirituaes, e grande consolaçaõ de ver ser naquella creatura superflua a sua doutrina; magoavaõ-se porém de verem, que elle com taõ penitente vida abbreviaria a dilatada, que lhe dezejavaõ, para consolaçaõ das suas velhices.

Continuaõ as penitencias.

6 Recebia o paõ dos Anjos com imponderavel devoçaõ, e eraõ frequentes os extasis, e arrobamentos de espirito, com que o regalava Jesus Christo, cuja Payxaõ dolorosa nunca lhe sahia do pensamento, e o despertava para fazer os mayores excessos. Naõ foge com mais ancias das serpentes venenosas hum homem acautelado, e temoroso, do que elle fugia a toda a conversaçaõ do seculo. Por esta causa naõ tinha consolaçaõ mayor, do que a de viver nos oratorios, desviado do cõmercio dos pays, e domesticos, e dos mais humanos, onde, esquecido de quanto se passava na terra, empregava todos seus pensamentos nas meditaçoens da Gloria.

7 Ardia muito fogo em taõ pequeno corpo, lavrava muito em taõ poucos annos o dezejo de ser todo de Deos. Naõ tarda a luz da natureza, quando a despertou temporaã a Luz Divina, e ainda; com ignorancias de huma, obra prodigios a outra. Ancioso pois das delicias do Summo Bem, a elle só dedicava as esperanças, e consagrava os affectos; e para que o amor de Deos tivesse amplo lugar no seu coraçaõ, lançou delle todo o amor das creaturas, repondo as em hum tal esquecimento, que nem de seus pays se queria lembrar mais, que para encõmendá-los ao mesmo Deos. A este Senhor pedio lhe inspirasse o caminho, porque o havia de seguir, e vendo que a Divina Bondade lhe inspirou o de deixar pelo seu amor aos pays, patria, e riquezas, pôs em praxe a vontade de Deos, como quem sabia, que se se fizesse dezentendido ás vozes Divinas, era desmerecê-las, e esterilizar para si aquella grande misericordia, que o convidava com a segurança, e com o caminho.

Pede a Deos lhe declare o novo modo de vida &c.

8 Sahio de Lisboa em companhia de hum amigo do mesmo espirito, com o designio de peregrinarem a Roma, e sem viatico para taõ grande jornada; porque como ja sabia quaõ estreita he a porta do Ceo, julgava que qualquer cousa seria impedimento em passo taõ apertado. Heroica foy, ó mortaes, a resoluçaõ do nosso Pedro em deixar os pays, as delicias da Corte, as posses, e as esperanças: pois naõ ha duvida, que naõ he taõ heroica a resoluçaõ com que se dezestima o que se ignora, como a com que se despreza o que se conhece; porque a primeira rara vez deixa de admittir escrupulos de arrependimento, e a segunda sempre se admitte triunfante na constancia.

Deixa a patria.

9 Muita lhe foy necessaria para resistir ás tentaçoens, com que o demonio o instigou para o fazer retroceder do caminho, e da sua santa peregrinaçaõ. No decurso della lhe sahiraõ huns ladroens, que com as espadas lhe ameaçavaõ a morte, se logo lhe naõ entregassem as bolsas. Parece procurou o inimigo este meyo para se tirar a vida do corpo a quem elle naõ podia tirar a da Graça, mas naõ succedeo assim; pois vendo se os Servos de Deos,

Vè os Ceos abertos a seu favor &c.

Deos em taõ grande aperto, visto naõ terem bolsas, ou dinheiro, com que comprassem a vida, levantaraõ o pensamento ao Ceo, pedindo-lhe delle o soccorro. Caso estupendo! Viraõ, como outro Estevaõ abertos os Ceos, e a nosso Redemptor em pé á maõ direita de seu Eterno Pay com huma espada de dous gumes na maõ, com o final, e argumento de que defendia a innocencia de seus Servos, que no mesmo ponto se acharaõ livres dos ladroens, a quem o Senhor castigou com a cegueira; e proseguindo a peregrinaçaõ sem embaraço dos que o naõ podiaõ ver, chegaraõ a Roma com 58. dias de jornada, soffrendo nella os trabalhos, e descõmodos, que saõ prezumiveis em quem anda por terras estranhas, sem noticia das linguas dos paízes, e sem o necessario para a passagem.

10 Amar a meu proximo, como me amo a mim, he [ó mortaes] entre todos o mayor sacrificio, por ser feito no Templo de Deos vivo: nem o dom de profecia, nem o conhecimento dos Mysterios, nem sciencia de Deos, nem toda a Fé, faltando a caridade, he nada. He a caridade o fim dos preceitos. O que for caritativo, o Senhor será com elle misericordioso, e como sem Deos nada merecemos por nósoutros, e a caridade seja dom do Ceo, he necessario pedir com lagrimas, que se nos conceda, e fazer obras com que alcançá-la. Com as que fez o nosso Pedro alcançou de Deos huma caridade taõ ardente, que depois de visitar as Reliquias dos sagrados Apostolos, e as mais que enriquecem, e de que tanto se gloria aquelle mundo abbreviado, se entregou inteiramente ao soccorro dos pobres, pedindo para dar aos que naõ podiaõ pedir. Assistia nos Hospitaes, nos quaes consolava acariciava, e regalava aos pobres enfermos, exercitando no allivio de suas ascorosas doenças até os mais inferiores ministerios, taõ sem melindre, e receyo das suas contagiosas immundicias, como se andara meneando rosas. Affligia-se com o affligido, chorava com o triste, alentava-se com o animoso, fervorizavasse com o paciente, e se trasformava todo em todos, que he o caracter mais proprio da caridade verdadeira.

Da sua grande caridade.

11 Naõ póde estar muito tempo a virtude encoberta, por mais artificios, que invente a humildade, pois tem em si huma fragrancia, que a descobre; e ainda que saõ importantes os ardides, e artificios, que engenha para esconder-se, porque assim se assegura do máo olho da vaidade, que costuma inficionar sua belleza; todavia he muito conveniente que naõ se logrem suas diligencias, porque naõ fique defraudado o mundo de seus bons exemplos. Por mais que o Servo do Senhor quiz encobrir os seus, se vieraõ a publicar desorte as suas virtudes, que se vio precisado a deixar Roma, e a desprezar as estimaçoens que lhe davaõ, assim por evitar o perigo da vaidade, como por ver que só desprezos, e deshonras se conformavaõ mais com a vida de Christo, a quem elle dezejava intimamente imitar.

Publica-se a sua virtude em Roma.

12 Tres annos havia que estava em Roma, quando della sahio com seu companheiro. Dirigio os passos á Santa Casa do Loreto, dezejoso de venerar á Purissima Aurora do Sol Eterno da Justiça, que na mesma Casa foy concebida, sem macula da culpa do primeiro homem, que nella dotada da mayor formosura sahio ao mundo, e que nella misericordiosamente tiveraõ a dezejada execuçaõ os Mysterios da Annunciaçaõ, e Incarnaçaõ do Verbo, que se fez homem para restaurar com as affrontas da sua Morte as ruinas do peccado. A Maria Santissima se havia dedicado desde o berço, como ja dissemos, e se havia consagrado logo que teve uso de razaõ, solicitando que todos os seus exercicios espirituaes corressem por este purissimo aqueducto, para que fossem aos olhos do seu docissimo Filho mais gratos; mas diante desta sua milagrosa Imagem multiplicou os affectos, avivou os incendios, e duplicou os votos de a imitar nas virtudes desorte, que se dignou a amorosa Māy de piedade a declarar-lhe o adoptava por filho, e de que Deos o tinha destinado para beneficio geral de todo o povo da Cidade de Purugia.

Faz-lhe a Senhora do Loreto especiaes favores.

13 A' vista do que lhe denunciava o Divino Oraculo, sahio do Loreto em direitura áquella Cidade, que he cabeça do governo da Umbria, e sujeito ao dominio da Sé Apostolica. Elegeo para a sua assistencia, e mais do companheiro, o Hospital publico, no qual assistia aos enfermos, com a ardente caridade que deixamos dito exercitava nos Hospitaes de Roma: e sendo as necessidades, e os achaques que tocaõ as almas incomparavelmente mais perigosos, e sensiveis, que os que padecem os corpos, era incomparavelmente mayor o desvélo, e cuidado, que punha em exhortar aos pacientes á resignaçaõ, e á paciencia, para que fizessem preciosas suas dores.

Assiste no Hospital.

14 Passados alguns tempos lhe deraõ para viver huma pobre, e pequena casa junto ao Hospital, a qual foy hum admiravel theatro, onde o poder Divino fez ostentaçaõ da sua grandeza, dando esforço a Pedro, tendo apenas vinte annos de idade, para pelejar contra todo o inferno, e fazendo-lhe favores taes, que occasionariaõ admiraçaõ aos Anjos, assim como causaõ confuzaõ aos homens. Sendo pois aqui a sua vida hum continuado martyrio, composto de abstinencias, viligias, cilicios, e de rigurosas diciplinas de sangue, naõ satisfeita a insaciavel sede que tinha de padecer por Christo, pedia ardentissimamente ao companheiro que o açoutasse, e mortificasse. Nas sextas feiras atava huma corda ao pescoço, e com huma grande Cruz ás costas dava quinze voltas ao Hospital. Era tal o pezo da Cruz, e a debilidade do Servo de Deos, que em huma occasiaõ ficou opprimido debaixo della, e ao mesmo tempo que estava louvando ao Senhor pelo achar digno de padecer pelo seu amor, lhe appareceo da mesma sorte que se venera Crucificado na entrada do Hospital, e tirando a este seu mimoso Servo de debaixo do madeiro da Cruz, restituio-lhe as forças, consolou o, e animando-o para a perseverança com taõ extraordinario favor se despedio delle com hum abraço, que lhe deo como a intimo amigo seu. Prevendo que os moradores de Purugia haviaõ de ser castigados com huma formidavel guerra, se pós em fervorosa oraçaõ, pedindo a Deos que suspendesse aquelle ameaçado flagello. Appareceo lhe o Senhor, e lhe disse, como havia dito a Moysés: *Deixa-me*; porém eraõ taes as chammas da caridade que ardiaõ em seu peito, que com Moysés respondeo: *Senhor, ou lhe haveis de perdoar esta culpa, ou haveis de riscar o meu nome daquelle livro, em que estaõ escritos os nomes dos vossos escolhidos.* Obrigado o Senhor desta amorosa, e piedosa supplica, e doce violencia, perdoou ao povo, e em final da reconciliaçaõ abraçou ternamente ao medianeiro do perdaõ.

Das suas grandes penitencias.

Admiravel favor, que lhe faz Christo Senhor nosso.

15 Estes estupendos favores confundiaõ a Pedro tanto, quanto delles se julgava indigno. Despicava-se em atormentar seu debilitado corpo com exquisitas mortificaçoens, e com tê-lo em continuas vigilias. Costumava dar muitas voltas á roda do Hospital, lambendo a terra, como quem entendia que naõ era digno de a habitar. Pendurava huma corda de hum prego grande, e seguramente cravado, voltava os braços para trás, atava as maõs nas extremidades da corda, da qual estava muito tempo pendurado, e repetindo algumas vezes huma especie de tratos, horrivelmente se atormentava. O grande amor, que tinha a Deos, o persuadia a amar ao proximo com todas as véras, naõ perdendo occasiaõ de o consolar, e de o visitar nos carceres, e nos Hospitaes, nos quaes assistia aos enfermos com pontualidade pasmosa, lavava-os, limpava-os, e muitas vezes lhe lambia as chagas, por mais purulentas que fossem,

Do muito que se mortificava.

16 Cinco annos viveo em Purugia, donde foy para huma povoaçaõ chamada Betona, por entender era essa a vontade de Deos, na qual assistio sómente hum anno, pois no fim delle passou para hum monte, que lhe ficava em menos de huma legoa de distancia, no qual elegeo para a sua perpetua assistencia, e de seu companheiro, a huma Hermida que estava arruinada. Vinte e quatro annos contava este Servo de Deos de idade, quando o mesmo Senhor

Senhor o encaminhou para viver naquelle dezerto, livre de todos os obstaculos, que costuma ter quem vive no mundo. Naquella soledade se começou logo a explicar em contemplaçoens continuas, e desatando do intimo da alma diluvios de ternuras, as vozes, e os suspiros andavaõ em competencia com os pensamentos caminhando todos a Deos por instantes.

17 Observava o nosso Eremita pontualmente os documentos de S. Paulo conversando sómente com Deos, e nas cousas do Ceo. Julgava ao mundo pelo que he, e naõ pelo que parece, e vendo-se desterrado em Babylonia, naõ admittia conversaçoens, que o pudessem divertir da lembrança de Jerusalem; e como para esta Cidade triunfante sómente reservava os allivios, eraõ os martyrios, e penalidades que dava ao corpo taes, que naõ podia continuar sem que Deos lhe administrasse as necessarias forças milagrosamente. Tres vezes cada dia tomava asperas diciplinas de sangue, as quaes repartia por esta ordem: durava a primeira duas horas, a qual applicava pelas Almas do Purgatorio: a segunda tres horas, que applicava pela conversaõ dos peccadores: a terceira durava o mesmo tempo, a qual offerecia a Deos pela exaltaçaõ da Santa Madre Igreja, e pelos seus bemfeitores. Os instrumentos dos açoutes eraõ diversos, porque os primeiros eraõ de ferro, os segundos tecidos de espinhos de romeiras, e os terceiros de bicos de ferro cruelmente agudos. Guardou a abstinencia dos jejuns taõ rigorosa, que lhe serviaõ de alimento ordinario gafanhotos, fructos silvestres, e raizes de arvores. Bebia sempre agoa, a qual fazia amargosa com a infuzaõ de losna. Por modo de coro rezava, e cantava Hymnos, e Canticos com seu companheiro, e alguns devotos, o que fazia com tanta devoçaõ, que muitas vezes succedeo o responderem-lhe os Angelicos Espiritos, e ainda o mesmo Deos.

Continuaõ as mortificaçoens.

18 Como resplandeciaõ ainda mais estas virtudes com a da sua humildade, precisamente havia de ser perseguido do demonio, principe dos soberbos, que lhe opprimia a imaginaçaõ com innumeraveis tentaçoens, sendo a principal a de lhe introduzir vaidade, e soberba, supposta a sua norma de vida. Tambem intentou arruinar a sua pureza com lascivas representaçoens; porèm triunfante das soberbas astucias do seu mayor inimigo, sahio do fogo da tentaçaõ mais puro, como o crysol do ouro. Teve o mesmo demonio permissaõ algum tempo para lhe apurar a paciencia, e exercitar a valentia de hum taõ elevado espirito, que lhe fazia taõ clara guerra: appareciа-lhe visivelmente em horrendas, e formidaveis figuras, sendo principaes as de leaõ, e serpente; e vendo que naõ esmorecia, nem se rendia ao medo, lhe dava desapiadados golpes, arrastava-o, e levantava-o no ar, mas fortalecido Pedro da Divina Graça, que no conflicto implorava, com injuriosas palavras fazia retirar aos soberbos demonios.

Persegue-o o demonio.

19 Foy summamente devoto de nossa Mãy, e Senhora Maria Santissima. Estudou em toda a sua vida na imitaçaõ das suas virtudes, e com todos os esforços do seu coraçaõ se applicava ao seu serviço, e á veneraçaõ, e culto das suas Imagens. Eraõ em fim taes os extremos com que o nosso Pedro amava, venerava, servia, e inculcava a todos a devoçaõ desta Imperatriz dos Ceos, e da terra, que se vio precizada a premiá-lo ainda neste mundo, por modo taõ estupendo, que o juizo pasma, e o intendimento se confunde, vendo que esta piedosa Mãy baixava do Ceo Empyreo a consolar, e a animar ao Bendito Pedro quando o via desmayado, e desfallecido por occasiaõ das penitencias, e o que he mais, naõ só dando-lhe o tratamento de *Amado filho*, senaõ tambem (Oh favor estupendo! Oh mimo soberano!) o Sagrado alimento de seus Virginaes, e Purissimos Peitos.

Estupendo favor, que recebe de Maria Santissima.

20 Approvou a bondade de Deos as virtudes deste seu mimoso Servo com muitos milagres, se bem que naõ os achamos particularizados na vida, que no principio apontamos, e que se escreveo com a brevidade, que naõ quizera-mos; porèm a falta de noticias, e as grandes distancias tudo disculpaõ.

Estan-

Milagre que fez diante de huns ladroens que converteo.

Estando pois o nosso Servo de Deos na sua Hermida, foraõ huns ladroens pedir-lhe paõ, e vinho, e logo com o ameaço de que lhe haviaõ de tirar a vida se lho naõ desse. Deo-lhes o paõ que tinha, e naõ se dando os ladroens por satisfeitos, insistiraõ em que lhes desse vinho, pena de morte. Neste aperto fez Pedro oraçaõ ao Ceo, e logo disse ao companheiro fosse á fonte por agoa, a qual mandou dar aos ladroens como vinho generoso em que se resolveo; e vendo elles este prodigio, e que ao Servo de Deos se lhe banhou a cara de resplandores, allumiados de taõ celestial luz, detestaraõ as suas crueldades, e as culpas da vida passada na presença do mesmo Servo do Senhor.

Intenta o demonio o estorvar-lhe huma obra de caridade.

21 Indo descendo do Ermo com o projecto de assistir a hum moribundo, lhe sahio ao encontro o demonio em figura de hum terrivel dragaõ, que vendo o naõ atemorizava com a sua horrenda vista, para que dezistisse do piedoso intento que levava, lhe disse com medonha vóz, que naõ proseguisse no caminho, porque aquella alma ja estava condenada: o que vendo o caritarivo Pedro, se zombou das astucias de Satanaz com os poderosos nomes de Jesus, e de Maria, e apressando os passos para onde estava o enfermo, o exhortou á penitencia, e á contriçaõ das suas culpas taõ efficazmente, que deo claros sinaes da sua eterna salvaçaõ.

Da sua ditosa morte.

22 Trinta e tres annos viveo naquelle dezerto, e quasi em todos elles padeceo muitas enfermidades com exemplarissima paciencia, sem deixar de maõ as austeridades da sua vida, alentado com os fervores do seu espirito, que em repetidos voos se remontava ás celestes galarias. Rendeo em fim o pezo das suas doenças á carne, e reconhecendo o Servo de Deos nellas o aviso do Esposo, que o chamava á felicidade das bodas, sahio a recebê-lo alvoroçado, e alegre como quem se achava tam bem prevenido. Recebeo o paõ dos Anjos, que com indizivel fervor pedio, naõ por maõs humanas, sim pelas Angelicas, offereceo-o logo ao Eterno Pay pela salvaçaõ da sua alma, pela conversaõ dos peccados, pela exaltaçaõ da Igreja Catholica Romana, e pelos seus muito amados Bettonienses. Chamou ao seu fidelissimo companheiro, do qual se despedio com amorosas palavras, e depois de o exhortar á perseverança da vida começada, entrou a dar as graças á Santissima Trindade, pelos muitos, e grandes beneficios, que lhe havia feito; e estando desfazendo se em colloquios, e em saudades da Patria Celestial, baixaraõ della esquadroens de Anjos, os quaes traziaõ huma veste de naõ conhecida formosura, huma coroa tecida de rosas, e de lirios, e huma palma como a triunfador de todos os inimigos. Em fim, entre a alegria, as acclamaçoens, e as musicas dos Espiritos Celestiaes, deo seu corpo liberdade á alma, para que voasse, como voou, á sua Patria Celestial livre das lastimosas pensoens deste desterro aos 15. de Outubro de 1405.

Sepulta se seu corpo, e milagre que succede na sua trasladaçaõ.

23 A dor, e sentimento do companheiro, e dos mais que lhe assistiraõ ao seu ditoso transito, expressada em lagrimas, e soluços era incomparavel, porém todos suavizavaõ a grande saudade que lhes resultava da sua falta, com a consideraçaõ de que estava de posse do eterno descanço. Na mesma Capella foy sepultado o seu veneravel corpo honorificamente, e nelle esteve por espaço de tres annos, e até que os Cidadaons, e povo de Purugia, lembrados dos muitos beneficios, que lhes havia feito em vida o Servo de Deos, intentaraõ dar-lhe sepultura mais especial. Em companhia pois de grande numero de soldados foraõ os Purugianos huma noite á sepultura do Bendito defunto, onde acharaõ o corpo resolvido, ou aliàs resolvida a pelle, que era a que unicamente cubria os ossos: entre os quaes sim acharaõ o coraçaõ taõ inteiro, fresco, e encarnado, que parecia de homem vivo. Com grandes jubilos, e alvoroço puzeraõ aos hombros as veneraveis Reliquias, e voltando para Purugia em devota procissaõ, dispôs Deos fossem cercados de huma densissima nevoa, que lhes impedia o continuarem o caminho, e ainda

ainda o verem-se huns aos outros. Naõ querendo pois Deos, que as cinzas de seu Servo fossem para a Cidade de Purugia, permittio que depois de dous dias, que estiveraõ impedidos de andarem, o fizessem, mas desorte, que imaginando entravaõ pelas portas de Purugia dentro, se acharaõ nas de Bettona, á vista de cujo prodigio desistindo do empenho, deixaraõ o sagrado deposito aos Bettonezes.

24 Ainda que o argumento mais irrefragavel da santidade dos Justos, he a pratica das suas heroicas virtudes, todavia os milagres, que fazem depois das suas mortes, he hum daquelles firmes, e solidos apoyos, em que se funda a piedade, e devoçaõ dos Fieis para venerá-los como a Santos, e recorrer ao asylo da sua intercessaõ em todas as suas necessidades. Tanto naõ quiz Deos que faltasse esta graça de milagroso a este grande Servo seu, que fez em credito da sua virtude nesta occasiaõ os mais estupendos milagres, quaes os que deixamos dito da densa nevoa, e de florecer a terra por onde passou o Bendito corpo. Em 28. de Fevereiro se fez esta trasladaçaõ, e sendo o coraçaõ do inverno, justamente applaudiaõ todos com lagrimas o prodigio de verem as arvores, e vinhas repentinamente floridas, e aquellas sagradas cinzas cercadas de formosissimas flores, naõ cortadas da terra por maõ humana, mas produzidas, e cultivadas instantaneamente pela maõ Divina. A'lèm desta sobrenatural demonstraçaõ, repicaraõ os sinos da Igreja, tocando-se por invisiveis maõs, prodigios todos, que commoveo aquelles povos ás mayores veneraçoens do santo cadaver, que acompanharaõ em huma devota, e grande prociſsaõ, que depois de discorrer por todas as ruas, e praças, se recolheo na Igreja de Santo André Apostolo. No Altar Mór da mesma Igreja foraõ collocadas as santas Reliquias, e o coraçaõ separadamente em hum Relicario de prata. Sobre os ossos, e o coraçaõ se pôs esta inscripçaõ no anno de 1575.

Florecem as arvores por onde passaõ os santos ossos.

Hic jacent ossa, & cor carneum
Beatri Petri Heremitæ 1575.

25 Pelas sobreditas maravilhas, e outras muitas, que a liberalidade de Deos dispendeo a favor de seus devotos, lhe deo o povo o titulo de Beato, que se conservou com tacito consentimento da Sé Apostolica, pois o Papa Gregorio XIII. concedeo indulgencia a todos os Fieis Christaõs, que no dia ultimo de Fevereiro visitassem a Igreja, em que descançavaõ as sagradas Reliquias do Beato Pedro. Settenta e tres annos depois da morte do Santo Varaõ, por hum auto publico, e solemne o elegeo o povo de Betona em seu Patrono perpetuo, pintando o seu retrato sobre a porta da Igreja mayor, dedicada á Gloriosa Assumpçaõ da Virgem Maria Senhora nossa; e quiz assim mostrar aquelle povo a grande obrigaçaõ em que lhe estava, pelo livrar miraculosamente com sua intercessaõ do açoute da peste. Nos nossos tempos se resolveo o coraçaõ deste Santo em pó similhante a arêa, e assim se conserva para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

Da-se-lhe o titulo de Beato.

Vida do Beato Fr. ANTONIO DE S. PEDRO *Religioso Mercenario, Hebreu de naçaõ, natural da Villa de Cerolico.*

1 HE o presente assumpto a vida de hum homem, em cuja admiravel conversaõ se viraõ realçados os primores da efficacia da Divina graça, e o poder infinito de Deos; de hum observante da extincta Ley de Moysés, a quem as obstinadas, e ridiculas esperanças da sua crença tiveraõ dementado, e louco, até que o açoute do escarmento, e as amarguras do

do desengano curaraõ sua locura, deixando livre ao entendimento das sombras da mentira, com as luzes das verdades Catholicas, que lhe mostraraõ ser Jesus Christo o verdadeiro, e promettido Messias, que á custa de seu proprio, e precioso Sangue remio a condenada descendencia de Adaõ, e instituio na sua Igreja os Sacramentos, para remedio de todo o genero humano, e para que gozassemos todos em realidade, o que o povo de Israel gozou em sombras, e figuras.

Nasce em Cerolico de pays Hebreos.

2 Nasceo pois Antonio Correa [nome com que se tratou antes de Religioso] no anno de 1571. na Villa da Cerolico, que fica no districto do Bispado da Guarda. Foraõ seus pays Manoel Thomaz, e Antonia Correa ambos professores da extincta ley de Moysés, na qual educaraõ a Antonio, sem embargo de que o fizeraõ baptizar como a verdadeiro Christaõ, engano que observaõ todos os cegos, e fingidos Christaõs, e que pagaõ justamente nos carceres do Santo Officio. Era Antonio o mais exacto nas ridiculas ceremonias, que impõem esta gente vil á ley de Moysés; porque como se havia criado nesta grande cegueira, lhe parecia era a mais acertada direcçaõ da sua vida abominar tudo aquillo, que era opposto a este infernal discurso. Tal he a inveteraçaõ no peccado, e tal a habituaçaõ na malicia, que faz parecer bem aquillo que he claramente máo, e representar máo, o que he de sua natureza bom: similhante ás aves noturnas, que amando as trevas aborrecem as luzes.

Vay para Salamanca, e depois para as Indias.

3 Vendo os pays que tinhaõ dado bastante causa para serem punidos pelo Santo Tribunal, antes que este lançasse maõ delles, puzeraõ os pés ao caminho dirigindo os passos para Salamanca, e levando comsigo a Antonio Correa, o mandaraõ instruir em algumas letras, que naõ proseguio, por ver prezo a seu pay pela Inquisiçaõ de Toledo, e a sua máy fugida para Leorne, a quem naõ acompanhou, por lhe parecer mais conveniente o passar ás Indias Occidentaes, onde tinha muitos parentes da mesma crença, entre os quaes poderia viver mais seguro por desconhecido.

Faz assento na India, e he prezo pela Inquisiçaõ.

4 Fez assento nas Ilhas de Margarita, Ariquipa, Guancabelica, e ultimamente no Potosí, onde teve loja aberta de varias drogas, e mercancias, e onde observou exacta, ainda que occultamente, as ceremonias, e jejuns dos Judeos até a idade de 33. annos, em que foy prezo, e mettido nos carceres da Inquisiçaõ de Lima, Cidade famosissima do Reyno do Perú. Nas confissoens que fez no Tribunal andou vario, e geralmente negativo, e diminuto, variando em huma Audiencia do que em outra confessava. Mas que grande he a misericordia de Deos, ainda para com os seus mais rebeldes antagonistas! Ferido de hum rayo de luz Celestial de tal modo se lhe penetrou a dureza do coraçaõ, que, como outro Saulo transformado em Paulo, começou a detestar a sua perfidia, e desorte, que postrado por terra, e posto de joelhos, com os olhos alagados em lagrimas, disse aos Ministros do Tribunal:

Conhece o erro em que tinha andado, e assim o confessa na Inquisiçaõ.

5 Que elle conhecia, e confessava haver andado errado, e que naõ o havia acabado de entender senaõ naquella manhaã, em que se tinha desenganado do erro em que estava, e em que havia estado, sem delle se apartar maliciosamente. E que como conhecia o seu erro, queria confessar o peccado, que tinha cometido em naõ seguir a Ley, que viera ensinar o Redemptor do mundo. E tomando nas maõs o Crucifixo que estava na mesa da Inquisiçaõ, lhe fez huma taõ larga, e devota exclamaçaõ, que commoveo a compunçaõ aos Ministros do Santo Tribunal, a qual concluio com a confissaõ, que fez, de que sempre vivera observando a ley de Moysés, e de que pedia por isso mesmo condigna penitencia áquelle recto Tribunal; e perguntando-lhe este a causa, que tivera para naõ fazer aquella confissaõ em alguma das muitas vezes que nelle fora perguntado, respondeo: *Que por haver estado todo aquelle tempo cego na sua obstinaçaõ, e que havendo feito certas depre-*

caçoens

caçoens ao Ceo naquella noite de sesta feira, ao amanhecer o havia tocado Deos da sua maõ, illustrando lhe o entendimento, e trocando-lhe a vontade desorte, que veyo no conhecimento do erro, em que havia vivido, em naõ adorar pelo promettido Messias a Jesus Christo, Filho de Maria Virgem pura, que nescia, e obstinadamente negavaõ todos seus parentes.

6 No Auto publico da Fé que naquella Cidade se celebrou a 12. de Março de 1605., ouvio a sua Sentença com a mayor humildade, e compunçaõ, na qual sahio condenado com tres annos de carcere, que lhe assinalaraõ para a mesma Cidade, trazendo no mesmo tempo o Sambenito. Que cõmungasse as tres Paschoas do anno, e que se confessasse, e instruisse com dous Religiosos doutos, que tambem lhe nomearaõ, e finalmente mandaraõ na Sentença, que findos os tres annos de penitencia, voltasse para Hespanha.

Ouve a Sentença do Santo Officio.

7 Pedia o nosso penitente Antonio pela Cidade de Lima o necessario para seu sustento com grande trabalho, e naõ menor occasiaõ de merecer muito, porque no principio era tratado na Cidade com desprezo, pelos Christaõs virem no conhecimento de que os trouxera enganados com o fingimento de Christaõ, e por duvidarem muito por isso mesmo de que continuava o imbuste, sendo falsa a penitencia, que inculcava fazia; e se os Christaõs o tratavaõ com algum desprezo, e lhe naõ davaõ esmólas, melhor o faziaõ os que o seguiaõ nos seus erros, assim por elle delatar a todos os que tinhaõ delinquido, como por se naõ descobrirem por da mesma crença, temerosos do ardente cauterio, que nelle haviaõ visto; alèm de que naõ pertendia Antonio delles esmólas, ou beneficio algum, por ja naõ querer cõmunicaçaõ com homens, que via seguiaõ huma ley ja iniqua, perversa, e escandalosa, por morta, e reprovada com a vinda de Christo.

Pede pela Cidade de Lima Sambenitado.

8 Neste tempo estava servindo de Porteiro no Convento dos Religiosos Mercenarios da mesma Cidade de Lima, o Bemaventurado Fr. Gonsalo Diaz de Amarante nosso Portuguez, de quem nesta Obra fazemos larga mençaõ, de cuja caridade se valeo Antonio Correa, para o soccorro da necessidade em que se via, por exhausto de bens, e de quem lha soccorresse. Quando o Servo de Deos veyo no conhecimento de que Antonio Correa era Portuguez, Christaõ baptizado, e que havia apostatado da Fé, se alterou contra elle; porem vendo que humilde, e sinceramente confessava a sua antiga cegueira, e detestava os seus erros com muitas lagrimas, muito se enterneceo. Entrou logo a examiná lo da Doutrina Christaã, e achou que naõ tinha mais que noticias em cõmum dos Mysterios da nossa santa Fé, por se haver criado desde menino (como elle proprio confessava) naõ só na sua ignorancia, senaõ tambem com a iniqua persuasaõ do seu aborrecimento, causa porque naõ havia tratado em sua vida materias de Religiaõ, senaõ com gente infecta, e que lhe ensinuavaõ lesse os livros de Apostatas, cheyos de mil blasfemias, e naõ os Catholicos, que estaõ cheyos das Catholicas verdades, e expurgados de tudo o que tem sombra de mentira.

Cõmunica-se com o B. Fr. Gonsalo Diaz.

9 Vendo-o o Veneravel Padre Fr. Gonsalo destituido do necessario sustento, e das necessarias noticias da Fé Catholica Romana, cuidou com ardente zelo em soccorrer-lhe as necessidades do corpo, e da alma. Deo-lhe a occupaçaõ de barrer os pateos, e as mais Officinas do Convento, assim por fazer experiencia da sua humildade, como por merecer o sustento, que lhe dava, e no mesmo tempo instruio-o nos Mysterios da Fé, e nas obras que havia de fazer como verdadeiro Christaõ, valendo-se tambem para isto dos talentos, e virtudes de huns Lentes do mesmo Convento, a quem os Ministros da Inquisiçaõ nomearaõ novamente por seus Confessores, e Directores, a pedido do Santo Fr. Gonsalo, que admittindo-o á sua cella, nella lhe tomava conta do que lhe haviaõ ensinado, e elle havia estudado naquelle dia, explicando-lhe no mesmo tempo as verdades da nossa santa Fé, admirando Antonio o grande dom, que Deos havia cõmunicado a hum ignorante Leigo, e

Dirige-o no serviço de Deos o B. Fr. Gonsalo &c.

este a facilidade, que neste novo Christaõ via para a intelligencia, e comprehensaõ dos mesmos Mysterios; e admirava finalmente a dor, que mostrava Antonio, de haver chegado taõ tarde ao conhecimento de verdades taõ certas, e taõ importantes.

Exercita se em obras santas

10 Depois que o Bendito Gonsalo vio a seu discipulo bem instruido, e radicado nos Mysterios da Catholica Religiaõ, e por consequencia hum finissimo, e perfeitissimo Christaõ, entrou a exercitá lo em virtudes, em austeridades, em penitencias, e em frequente trato com Deos por meyo da oraçaõ mental, na qual passavaõ inteiramente as noites, procurando cada hum adiantar se ao outro nos rigores. As manhaãs gastava Antonio Correa em ouvir Missas com grande devoçaõ, e edificaçaõ de quantos o viaõ, e as tardes em varrer, e alimpar as Officinas mais humildes do Convento, mostrando-se em obras, e palavras taõ verdadeiro penitente, e dizendo taes cousas em ordem á sua propria confusaõ, que punha em admiraçaõ a todos os Religiosos, e a todos os Seculares, que ja o veneravaõ, e respeitavaõ como a Santo, depois de o desprezarem, e abominarem como a Apostata da Ley de Christo.

Falla-lhe hum Senhor Crucificado, e recebe outros favores do Ceo.

11 Naquelle Convento se adiantou tanto nas virtudes cõmũas, e nas especiaes dos Religiosos mais versados nas virtudes, que mereceo a approvaçaõ do mesmo Deos, que lhe fez naquelle estado especiaes favores na oraçaõ, principalmente hum Senhor Crucificado, com quem tinha especial devoçaõ, que amorosamente lhe fallou confirmando-o na Fé, e alentando-o á paciencia. Aos trinta dias das suas lagrimas, achou arrobadas em hum sonho as potencias, e em huma singular visaõ teve intelligencia do ineffavel Mysterio da Trindade, e ouvio huma vóz, que lhe dizia se preparasse, porque queria viver em seu coraçaõ; e que com profunda humildade, e reverencia pedira ao Senhor, que lhe purificasse a vil pousada de sua alma, para se fazer digna de tantas mercès: e logo sentio em si a presença de Deos com taes favores, que nunca lhe faltou em todo o decurso da sua vida, nem deo occasiaõ, com advertencia, a que a Divina Magestade o deixasse. Preparou-se para huma confissaõ, que lhe foy insinuada na visaõ, com tal dor das suas passadas culpas, que lhe parecia exhalava a vida, e penetrando cada vez com mais actividade o fundo das suas culpas passadas, e a fatalidade do seu perigo, era mayor o aborrecimento que tinha a ellas, e às vaidades do mundo, e mais constantes os propositos de deixar tudo com desprezo, sacrificando todas as suas potencias, e sentidos nas aras da mortificaçaõ, a qual era tanta, e taõ grande a dor de seus peccados, que esteve em termos de perder a vida, e chegou a perder o juizo em fórma, que só para chorar seus peccados se achava com juizo, porque para tudo o mais estava louco, e por tal o julgavaõ os que naõ tinhaõ penetrado os motivos das suas loucuras.

A dor de seus peccados lhe faz perder o juizo.

12 Por louco o tinhaõ muitos homens, mayormente os cegos Hebreos seus conhecidos, por elle intentar persuadi-los a que o seguissem em adorar a Jesus Christo pelo Messias, que tinhaõ profetizado os seus Profetas, assim como o tinhaõ seguido em negá-lo, e se com effeito fora Antonio homem intelligente nas Sagradas Escrituras, poderia convencer a perfidia Judaica, pondo-lhe diante dos olhos o Testamento Velho, e Novo, e o resumo do que os Profetas disseraõ do Messias, e os nossos Evangelistas escreveraõ de Jesus; porque convencidos aquelles, e outros obstinados Judeos do como conferem em tudo ambos os Testamentos, e de que está cumprido em Jesus, tudo o que estava profetizado, desistiriaõ da sua obstinada perfidia. Porèm, como Antonio o naõ fez aos do seu tempo, movido eu do zelo de que venhaõ no conhecimento do seu gravissimo erro os Hebreos, que curiosamente lerem a vida de Antonio, e de que se ratifiquem mais na Fé os Catholicos Romanos, me resolvo a escrever os Textos, que para desengano da perfidia Judaica trouxe no Sermaõ, que lhes fez no Auto publico da Fé, que se celebrou em S.

Domin-

Domingos de Lisboa a 9. de Julho de 1713. o Padre Francisco Pedroso da Congregaçaõ do Oratorio da mesma Cidade, o qual depois de convencer áquelles cegos, e miseraveis penitenciados, com os mais proprios Textos, e com as mais claras, efficazes, e prudentes razoens, concluio o Sermaõ na fórma que se diz no seguinte paragrafo.

13 Ponhamos pois de huma parte o Testamento Velho, e da outra o Novo como dous espelhos fronteiros hum do outro, e veremos como cõmunicando-se reciprocamente as luzes, ambos vem a representar o mesmo, só com esta differença: que o Testamento Velho representa a Christo como futuro. E o Novo como presente. O Velho diz que ha de vir: o Novo diz que aqui está. O Velho diz que será, o Novo diz que ja veyo. Ora applicai a vista, e vede, cegos, e obstinados homens. Primeiramente do Messias diz o Testamento Velho, que seria descendente de Abraham, de Isaac, e de Jacob. Esta foy aquella grande promessa, que Deos fez a estes illustres Patriarchas: *In semine tuo benedicentur omnes gentes terræ.* E de Jesus diz o Testamento Novo por S. Lucas, que he Filho de Abraham, de Isaac, e de Jacob: *Jesus qui fuit Jacob, qui fuit Isaac, qui fuit Abrahæ.*

Convencem-se os Hebreos com lhes porem aos olhos os dous Testamentos.

Gen. 22. v. 18. 26.

Luc. 3.

Do Messias diz o Testamento Velho pelo Psalmista, que seria do Tronco Real de David, e se sentaria no seu Throno: *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam.* E de Jesus diz o Testamento Novo por S. Lucas, que he Filho David, e que se sentaria no Throno Regio de seu pay: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patri ejus, & regnabit in æternum.*

Psal. 131. v. 11.

Luc. 1. n. 32.

Do Messias diz o Testamento Velho por Malachias, que teria por Precursor a hum Varaõ Angelico, que lhe apparelhasse os caminhos: *Ecce ego mittam Angelum meum, & preparabit viam.* E de Jesus diz o Testamento Novo por S. Joaõ, que teve por Precursor ao grande Bauptista, Anjo verdadeiramente na vida, que lhe preparou os coraçoens dos homens: *Fuit homo missus à Deo, cui nomen erat Joannes.*

Mal. 3. v. 1.

Joan. 1. v. 6.

Do Messias diz o Testamento Velho por Micheas que nasceria na pobre Cidade de Belem: *Et tu Bethelem Ephrata parvulus es.... ex te mihi egredietur qui sit dominator in Israel.* De Jesus diz o Testamento Novo por S. Mattheus, que a humilde Cidade de Belém foy o berço, e solar aonde nasceo: *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda.*

Mich. 5. v. 2.

Matt. 2. v. 1.

Do Messias diz o Testamento Velho por Isaias, que nasceria de huma Virgem pura: *Ecce Virgo concipiet, & pariet filium, & vocabitur nomen ejus Emmanuel.* E de Jesus diz o Testamento Novo por S. Lucas, e S. Mattheus, que nasceo de Maria Virgem Purissima antes do parto, no parto, e depois do parto: *Missus est Angelus Gabriel ad Virginem desponsatam viro.... & nomen Virginis Maria. De qua natus est Jesus.*

Isai. 7. v. 4.

Matth. 1. v. 16.

Do Messias diz o Testamento Velho por David, que seria adorado dos Reys da terra: *Et adorabunt eum omnes Reges terræ*; e por Isaias, que os do Oriente lhe viriaõ offertar seus thezouros de ouro, e insenso: *Omnes de Saba venient aurum, & thus deferentes, & laudem Domino annuntiantes.* E de Jesus diz o Testamento Novo por S. Mattheus, que do Oriente vieraõ os Magos a adorá lo, e offertar-lhe seus thezouros de ouro, incenso, e mirrha: *Et procidentes... obtulerunt ei munera, aurum, thus, & mirrham.*

Psal. 71. v. 11.

Isai. 6. v. 6.

Matth. 2. v. 11.

Do Messias diz o Testamento Velho por Malachias, que entraria nõ Templo de Jerusalem: *Et statim veniet ad Templum suum Dominator, quem vos quæritis.* E de Jesus diz o Testamento Novo por S. Lucas, que foy presentado no Templo de Jerusalem; e por S. Marcos, que todos os dias nelle ensinava: *Quotidie eram apud vos in Templo docens.*

Malach. 30. 2.

Luc. 2.

Do Messias diz o Testamento Velho por Isaias, que seria levado a Egypto nos braços purissimos de sua Mãy, como se fora em huma nuvem ligeira: *Ecce Dominus ascendet super nubem levem, & ingredietur Ægyptum.* E de Jesus diz o Testamento Novo por S. Mattheus, que para declinar a crueldade

Isai. 19. v. 1.

de Heródes se retirara nos braços de sua Mãy com S. Jozé para o Egypto: *Et secessit in Ægyptum.* Matth. 2 v. 14.

Do Messias diz o Testamento Velho por Isaias, que faria muitos milagres; porque entaõ os cegos veriaõ, os mudos fallariaõ, os surdos ouviriaõ, e os coxos correriaõ: *Tunc aperientur oculi cacorum, & aures surdorum patebunt. Tunc saliet sicut servus claudus, & aperta erit lingua mutorum.* Isai. 35. v. 5. 6. E de Jesus diz o Testamento Novo por todos os quatro Evangelistas, que todos estes, e mayores milagres obrou atè resuscitar mortos, em tal fórma, que Jozefo, sendo Judeo, se persuadio pelos milagres, que Jesus era mais que homem: *Fuit autem hoc tempore Jesus* [escreve Jozefo] *vir sapiens, si tamen virum illum oportet dicere, erat enim mirabilium operum effector.* Jozef. de antiquit. l. 8. cap. 4.

Do Messias diz o Testamento Velho por Isaias, que daria huma nova Ley aos homens: *Judicium gentibus proferit*, Isai. 42. v. 1. e assim o entenderaõ tambem os Rabbinos com Rabbi Hamá: *Non venit Rex Messias, nisi ut det gentibus mandata.* E de Jesus consta de todo o Testamento Novo a nova Ley da Graça, que deo aos homens escrita naõ em taboas de pedra como a de Moysés, mas nos coraçoens dos Fieis como diz S. Paulo: *Dando leges meas in mentem eorum, & in corde eorum superscribam eas.*

Do mesmo Messias diz o Testamento Velho por Zacharias, que na sua primeira vinda ao mundo viria pobre, e humilde, e faria a sua entrada publica em Jerusalem, sentado em hum jumentinho: *Ecce Rex tuus veniet tibi justus, & salvator ipse pauper, & ascendens super asinam.* Zach. 9. 5. E de Jesus diz todo o Testamento Novo por todos os quatro Evangelistas, que viveo pobre, e humilde; e por S. Mattheus, que com esta pobreza, e apparato fez a sua entrada em Jerusalem no dia de Ramos, e do seu Triunfo.

Pois pelo que toca á sua Morte, e Payxaõ, tudo o que o Testamento Novo diz de Jesus, foy profetizado pelos Profetas, que havia de padecer o Messias; e se naõ, vede. Profetizou David, que os Reys, e Principes da terra haviaõ conspirado na morte do Messias: *Astiterunt Reges terra, & Principes convenerunt in unum adversus Dominum, & adversus Christum ejus.* Psal. n. 2. v. 2. Profetizou Zacharias, que seria vendido por trinta dinheiro: *Apenderunt mercedem meam triginta argenteis.* Zach. 11. v. 12. Profetizou Jeremias, que havia de ser prezo injustamente: *Christus Dominus captus est in peccatis nostris.* Jerem. Theron. 4. v. 20. Profetizou o Psalmista, que havia de padecer testimunhos falsos: *Surgentes testis iniqui qua ignorabam interrogabant me.* Psalm. 34. v. 11. Profetizou Isaias, que havia de ser ferido, e esbofeteado: *Corpus meum dedi percutientibus, & genas meas valentibus.* Isai. 50. v. 6. Profetizou David, que havia de ser açoutado: *Congregata sunt super me flagella.* Psal. 54. v. 15. Profetizou o Sabio, que havia de ser condenado a huma morte affrontosissima: *Morte turpissima condemnemus eum.* Sapient. 2 v 20. Profetizou Zacharias, que havia de ser crucificado: *Aspicient ad me, quem confixerunt.* Zach. 12. v 10. Profetizou o Real Profeta, que lhe haviaõ de dar a beber fel, e vinagre: *Dederunt in escam meam fel: & in siti mea potaverunt me aceto.* Profetizou o mesmo, que lhe haviaõ de dividir, e sortear os vestidos: *Diviserunt sibi vestimenta mea, & super vestem meam miserunt sortem.* Psal. 21. v. 19. Profetizou finalmente Isaias, que havia de ser sepultado em hum Sepulchro novo, e por isso glorioso: *Et erit Sepulchrum ejus gloriosum.* Isai. 12. v. 10. Tudo isto profetizaraõ os Profetas do Messias, e tudo isto dizem os nossos Evangelistas, e a nossa Fé, que padeceo Jesus, e nem os Judeos o negaõ; porque muito bem sabem que seus pays, e avós foraõ os que urdiraõ esta tea; e se carregaraõ com o Sangue deste innocente: pois que mayor combinaçaõ quereráõ de hum, e outro Testamento os obstinados Hebreos para que o nosso Jesus seja o Messias, como elle diz por boca de Isaias: *Ego sum ipse.* Isai. 43. v. 25. Mas passando ás acçoens da sua Resurreiçaõ Gloriosa, veraõ tambem os cegos Judeos, como ambos os Testamentos conferem; porque se o nosso Jesus Nazareno resuscitou ao terceiro dia depois de morto, isso mesmo tinha profetizado Oseas do Messias: *Tertia die suscitabit.* Ose. 6. 3. E o disse tambem

bem o seu Jozefo: *Nam post tertium diem redivivus ipsis apparuit.* Se depois de quarenta dias resuscitado subio glorioso, e triunfante ao Ceo, isso profetizaraõ do Messias David: *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem*, e tambem Micheas: *Ascendet enim pandens iter ante eos.* Se subido ao Ceo, se sentou á maõ direita do Eterno Pay, isso tinha dito do Messias o mesmo David: *Dixit Dominus Domino meo: sede à dextris meis.* Se do Ceo mandou o Espirito Santo sobre seus Discipulos, e toda a Igreja, isso tinha do Messias vaticinado Joel: *Effundem spiritum meum super omnem carnem.* Se mandou seus Apostolos, e Discipulos pelo mundo todo a Africa, Lydia, Italia, Grecia, e ás mais terras para pregarem a sua Fé, e o darem a conhecer a todas as gentes, isso tinha dito Isaias que havia de fazer o Messias: *Mittam ex eis, qui salvati fuerint in mare, in Africam, & Lydiam tendentes sagittam in Italiam, & Græciam ad insulas longe, ad eos qui non audierunt me, & non viderunt gloriam meam, & annuntiabunt gloriam meam gentibus.* Finalmente, se cremos, e confessamos que no dia do Juizo ha de vir outra vez julgar o mundo com grande gloria, poder, e Magestade: isso dizem tambem do Messias os Profetas com o mesmo Isaias: *In igne Dominus dijudicabit.* Hum dos enganos dos Judeos, he confundir esta segunda vinda com a primeira; vindo na primeira pobre, e humilde, e na segunda com indizivel poder, e Magestade. Pois se assim conferem as duas paginas de hum, e outro Testamento na Pessoa de Jesus: se ambos os espelhos do Testamento Velho, e Novo representaõ com tanta uniformidade o mesmo: se todas as acçoens, que os Profetas vaticinaraõ do Messias, se vem com tanta evidencia verificadas no nosso Jesus Filho de Maria Virgem: que demonstraçaõ mais evidente, que prova mais plena, e cabal de que Jesus, e naõ outro, he o verdadeiro Messias? *Ego sum ipse.* Sabeis, cegos Hebreos, como me parecem estes dous Testamentos conferindo entre si, e tendo ambos postos os olhos em Jesus Messias? Como aquelles dous Querubins, que estavaõ no *Sancta Sanctorum*, hum fronteiro ao outro, mas ambos com os olhos no Divino Propiciatorio: *Respiciantque se mutuo, versis vultibus in Propitiatorium.* Isto he o que vos acabo de dizer. Os dous Testamentos, Velho, e Novo, saõ estes dous Querubins cheyos da plenitud da sciencia, e conhecimento do Messias: mas ambos estaõ olhando para Jesus verdadeiro Messias, que he o Divino Propiciatorio: *Ipse est propitiatio pro peccatis nostris.* Pois se ambo estes Querubins assim conferem na Pessoa de Jesus, e o estaõ publicando por Redemptor, por Salvador, e por Messias: porque se naõ daõ por desenganados estes cegos, e enganados Hebreos? Porque se naõ deixaõ convencer de taõ evidente demonstraçaõ?

Jozef. antiqu. lib. 8. c. 4.

Psal. 67. v.

Mich. 2. v. 13.

Psal. 109. v. 1.

Joel. 2. v. 28.

Isaias 66. v. 19.

Ibid. v. 16.

Exod. 25. v. 20.

Nesta demonstraçaõ achou Rabbi Samuel tanta força, que se vio obrigado a confessar, que os testimunhos, que os Profetas deraõ do Messias, claramente se applicaõ ao nosso Jesus: *Timeo* [diz elle] *quod de justo illo Jesu, quem colunt Christiani, sint testimonia Prophetarum, & illa eadem in sua doctrina valde apertè applicant Christo.* Se he grande o desengano, que dá aos Judeos este seu Rabino, mais temeroso he o que se segue: *Timeo quòd nos apostatavimus à Deo in adventu istius justi Christi cui expresse conveniunt omnia, quæ scripta sunt apud nos in libris Legis, & Profetarum.* De tudo se colhe terem os Judeos apostatado da verdadeira Fé, por naõ receberem a Jesus Christo por Messias; pois nelle clara, e expressamente se verifica tudo o que está escrito nos livros da Ley, e Profetas. Pois se tudo o que está escrito na Ley dos Judeos, e Profetas acerca do Messias, se vê verificado no nosso Jesus, ainda pela confissaõ dos Rabinos, ou Doutores Hebreos; como poderaõ estes negar que Jesus Christo, e naõ outro, he o Messias? Naõ ha remedio: a cousa está clara, e evidente, e a evidencia obriga aos Judeos a confessar a verdade, assim como obrigou ao seu Rabino Jacob, que ponderando este grande negocio, e de tanta importancia para a salvaçaõ com todas

Rabb. Samuel in Epist. ad Rab. Isaac. c. 7.

todas as ſuas circunſtancias, veyo a concluir, e dizer huma ſentença, que eu dezejava ficaſſe impreſſa no coraçaõ com caracteres indeleveis aos perfidos Judeos: *Expleti ſunt termini adventus Meſſiæ: res pendet à ſola pænitentia, ac bonis operibus.* Quer dizer: *Eſtaõ cumpridos todos os prazos da vinda do Meſſias, pelo que naõ reſta ao Judeo mais, que chorar a ſua perfidia, e fazer penitencia.* Oh miſeraveis, e perfidos Judeos! Iſto vos diz o voſſo Rabino, e iſto vos digo eu tambem agora. Eſtaõ cumpridos todos os prazos da vinda do Meſſias: *Expleti ſunt termini.* Naõ ha que appellar para os Profefetas, porque todas as profecias eſtaõ cumpridas: *Expleti ſunt termini.* Naõ ha que recorrer para as figuras, porque ja todas eſtaõ desfiguradas com a preſença da realidade: *Expleti ſunt termini.* Naõ ha que recorrer para as allegorias, e enigmas, porque todas ja eſtaõ deſcobertas: *Expleti ſunt termini.* Naõ ha que appellar para o tempo, porque ja he paſſado, e mais que paſſado: *Expleti ſunt termini.* Em fim, tudo eſtá completo, e conſummado, como o noſſo Jeſus diſſe, quando pregado na Cruz: *Conſummatum eſt.* O que reſta pois he, que confeſſeis a perfidia, e choreis o peccado: *Res pendet à ſola pænitentia, & bonis operibus.* Confeſſar a perfidia, reconhecendo a Jeſus por verdadeiro Meſſias, e chorar eſte taõ grande peccado de o teres negado, e deſconhecido á imitaçaõ dos innumeraveis da voſſa crença, que deſenganados do ſeu erro choraraõ ſeus peccados &c.

Tratando da penitencia ſe achava reſtituido ao ſeu natural juizo.

14 E continuando com as acçoens da vida do noſſo Antonio, dizemos, que eſtando louco, e falto de juizo para tudo, que ſe achava reſtitudo ao natural juizo, logo que tratava da ſua penitencia, trabalho que lhe durou tres annos, e de tal qualidade, que lhe foy dito por huma vóz Celeſte, que ſe lhe dava em lugar de Purgatorio. O demonio raivoſo de inveja vendo taõ favorecida da maõ do Altiſſimo a huma creatura taõ humilde, e que havia julgado ſua, o atormentava com furioſos golpes, inquietava com formidaveis ruidos, e com as abominaveis viſoens de medonhos monſtros, monos, e de outras feras, com que pertendia perturbá-lo da paz do coraçaõ, divertí-lo da oraçaõ, e das penitencias; mas elle intrepido, e animoſo lhe fazia frente, e provocava ſuas furias com acçoens de humildade, e de deſprezo. Naõ te envergonhas (lhe dizia) infernal, e deſeſperada beſta, de que para o ultraje das tuas altivezas tome o Altiſſimo hum inſtrumento taõ vil como o meu. Ladra, ladra infernal caõ, e ſe tens licença do Altiſſimo Deos morde, pois ſempre ficarás conſumido com a tua raiva, e eu em virtude do dulciſſimo nome de Jeſus, e de Maria Santiſſima ſua Mãy, e tua antiga inimiga, ganharei a victoria.

Perſegue-o o demonio.

Continua, e ſe moſtra ſer ſuave o jugo de Chriſto.

15 Tentavaõ-no tambem os demonios trazendo-lhe á memoria a larga vida, que deixara, e a facilidade com que mudara de crença, fazendo eleyçaõ da Ley de Chriſto, que era a mais difficil de guardar, tentaçaõ com que naõ ſó os demonios, ſenaõ tambem os homens carnaes tentaõ aos Servos de Deos; porque aſſim como o jugo de Chriſto he ſuave aos que o amaõ, leve aos manſos, e amavel aos humildes; he pezado aos tibios, amargo aos ſoberbos, e intoleravel aos carnaes. A eſta tentaçaõ reſiſtia o veneravel, e novo ſoldado de Chriſto, porque lhe dava eſte Senhor para tudo valor, e conhecimento, moſtrando-lhe em como o ſeu jugo era ſuave, e a ſua carga leve, fazendo doces todos os trabalhos. O Pſalmiſta diz, fallando do que anda pelo caminho de Deos: *Comerás o trabalho das tuas maõs.* Pſal. 127. Naõ diz o fructo dos trabalhos, ſenaõ os trabalhos, porque os Servos de Deos naõ ſó gozaraõ da Bemaventurança, que he o fructo dos trabalhos, porèm, o que mais he, com eſſes meſmos trabalhos ſe mantem neſta vida, pelo goſto, e ſabor, que a alma recebe em os trabalhos que toma por Jeſus Chriſto. He eſte Senhor taõ bom, que ainda neſte deſterro entre trabalhos dá deſcanço aos ſeus; e ſe naõ, vede, ſe naõ ſaõ mais doces as lagrimas dos que oraõ, que o rizo dos mundanos; e mais deleitavel qualquer gotta de ſuavidade do eſpirito,

espirito, que todos os deleites, e consolaçoens do mundo, e mais engorda a nossa alma a menor das consolaçoens do Ceo, que todos quantos prazeres póde cõmunicar este miseravel mundo.

16 Ineffaveis saõ pois os deleites, que recebem todos os Servos de Jesus Christo, debaixo da aspereza das tribulaçoens. Flores saõ que nascem em as espinhas. Os mundanos, que julgaõ aspera a Ley de Christo, e tem por trabalhoso o caminho do Ceo, daõ testimunho do que naõ sabem, e condenaõ o caminho que nunca andaraõ, e mal póde julgar o cego das cores. Finalmente, todos os Santos nos deraõ por novas, e deixaraõ escrito em seus livros, que servir a Christo era obra doce, e deleitavel, e assim se deve dar mais credito aos que trouxeraõ o jugo de Christo, do que aos que nunca o tomaraõ. Nenhum tomou este jugo, que naõ dissesse bem delle, e nenhum que o traz aos hombros o julga aspero, assim como o naõ julgava o nosso novo Christaõ, porque a lembrança que tinha do que Jesus Christo padecera para redempçaõ do mundo lhe suavizava todos os trabalhos, e as tribulaçoens, que o mesmo Senhor lhe enviava, para purificar o homem velho. Porem [oh bondade infinita de Deos!] que importa que lhe desse os trabalhos, e as tribulaçoens, se á medida delles lhe dava valor para as tolerar, e huma especial protecçaõ do seu Anjo da guarda, que sempre lhe durou, achando-o a seu lado em todos os perigos, tentaçoens, e afflicçoens, o qual lhe recõmendou que naõ temesse, pois tinha por Mãy, e por Protectora a Virgem Maria, em paga da grande devoçaõ, que tributava áquelle verdadeiro amparo dos afflictos, e attribulados. Em conclusaõ, depois de toda a tormenta de tentaçoens, e de tribulaçoens, que teve no decurso dos tres annos, que esteve satisfazendo a penitencia imposta pelo Tribunal do Santo Officio, ficou sua alma com tal serenidade, e com tal paz interior, e exterior, que lhe parecia gozar ja dos ares da Celeste Patria.

Deleites que recebem os Servos de Christo com os trabalhos.

Tinha amparo em N. Senhora, e no seu Anjo.

17 Cumpridos os tres annos da sua reclusaõ em Lima, a 14. de Março de 1608. se apresentou no Tribunal da Inquisiçaõ, mostrando como tinha satisfeito, no Convento dos Religiosos Mercenarios da mesma Cidade, a penitencia que se lhe impuzera, e por certidoens de seus Confessores em como o tinhaõ confessado, e instruido nas verdades Catholicas; á vista do que lhe mandaraõ tirar o sambenito penitencial, e que se retirasse para Hespanha na fórma da sentença, que se lhe deo; e com effeito no seguinte mez de Abril se embarcou gozoso para Hespanha, naõ por se ver na sua liberdade, e por poder ajuntar riquezas entre os seus, porque tudo isto aborrecia como crueis cadêas, que tantos annos o haviaõ tido atado ao infame banco da sua infidelidade, senaõ por se ver, e cõmunicar de caminho no Porto de Calhào com o Veneravel Fr. Gonsalo de Amarante seu primeiro Mestre, que se havia mudado para aquelle Convento, que alli ha da sua Ordem, no tempo em que Antonio Correa estava concluindo a sua penitencia; e com effeito o pouco tempo que alli se trataraõ os dous Servos de Christo, tiveraõ grandes gozos espirituaes, e ambos revelaçaõ de que se queria o mesmo Senhor servir de Antonio Correa em Hespanha na Religiaõ Mercenaria. Embarcado finalmente para Hespanha, no Cabo de S. Vicente padeceo a embarcaçaõ tal tormenta, que veyo a naufragar defronte da Serra da Arrabida. Das despedaçadas reliquias do naufragio alcançou Antonio Correa huma taboa, em que á descripçaõ do temporal era levado do impeto das agoas, lutando com montes de ondas; e quando ja esperava em alguma dellas a sepultura se encontrou com hum companheiro quasi affogado, e sem alento, que combatendo ja com a morte lhe disse: *Naõ sinto perder a vida senaõ o amparo que nella meus filhos tinhaõ; por Deos nosso Senhor te rogo tenhas compaixaõ da sua innocencia, dando me essa taboa em que salves a elles mais do que a mim.* Cazo rarissimo, e por tal ja nunca mais visto! Immediatamente largou a taboa, para que salvasse a vida o afflicto homem, deixando nesta acçaõ da sua incompa-

Satisfeita a penitencia vay para Hespanha.

Naufraga o navio em que hia.

Rara acçaõ da sua caridade.

incomparavel caridade, hum irrefragavel teſtimunho do amor do proximo, pelo qual offerecia a vida nas aras do amor de Deos, que como o tinha rezervado para fazer glorioſa obſtentaçaõ do ſeu poder, permittio que venceſſe as furias dos mares, e que aportaſſe livre com todos ſeus companheiros, na praya de Setuval.

Parte para Sevilha, e ſerve aos Religioſos da Mercè no habito de Donato.

18 Paſſados alguns dias, dando graças a Deos por aquellas novas mercès, por naõ dilatar mais a Divina ordem, que do Ceo havia tido no Convento do Calháo, partio para a Cidade de Sevilha a pé, e ſem viatico algum. Naquella grande Cidade procurou o Convento dos Religioſos Mercenarios, no qual pedio lhe deſſem em que exercitar a vontade, que tinha de ſervir áquella Communidade, a qual conveyo em que o acceitaſſem para ſervir aos Porteiros, e aos mais Religioſos em tudo o que lhe mandaſſem, o que fazia com grande contentamento, e naõ menor humildade, empregando-ſe juntamente no exercicio das virtudes mais ſolidas nas horas deſoccupadas, e deſorte, que edificados os Religioſos do exemplo, que lhes dava aquelle ſecular peregrino, ſem indagarem quem, e donde era, lhe offereceraõ o habito de Leigo do meſmo Convento, o qual repugnou acceitar por ſe naõ ver precizado a declarar os ſeus defeitos, e por naõ ignorar era contra os Eſtatutos da Religiaõ, o acceitarem-ſe para Religioſos homens da naçaõ Hebrea; porèm ſempre veyo a acceitar o habito de Donato, como quem ſabia, que o ſer ſimplez Donato naõ era ſer Religioſo, ſenaõ criado dos Religioſos.

Paſſa para Offuna onde toma o habito de Leigo.

19 Neſte humilde eſtado de Donato viveo o noſſo Antonio Correa alguns annos, e ſempre com grande augmento nas virtudes no Convento de Sevilha, do qual paſſou para o Convento dos Deſcalços de Offuna, que he da meſma Familia Mercenaria, que naquelle tempo ſe reformava, porque tinha Deos creado, e deſtinado para aquelle novo Jardim do Ceo eſta fragantiſſima flor. Na veſpera de S. Pedro do anno de 1611., ſe lhe lançou naquelle Convento o habito, e em obſequio do Principe da Igreja, tomou o nome de Antonio de S. Pedro, pelo qual o trataremos daqui em diante. O gozo que a Fr. Antonio reſultou de ſe ver com o habito de Religioſo ás coſtas, e mayormente depois que ſe vio nelle profeſſo, era igual á indignidade que em ſi julgava de tanto bem, pelo qual naõ ceſſava de dar a Deos as devidas graças, deſpicando ſe em ſervì lo com mais fervor, pois ſe atélli parecia Religioſo perfeito, e ſó lhe faltava o habito, com elle naõ ſó era perfeito Religioſo, mas eſpelho, e idéa de Religioſos perfeitos.

Applica ſe ás virtudes.

20 Com fervor incrivel ſe applicou todo a ſervir, e a obedecer, porque lhe naõ faziaõ embaraço as memorias do mundo, que á muito havia deſprezado, depois de haver conhecido os ſeus enganos. A ſua ancia, e os ſeus dezejos eraõ os bens do Ceo, onde ſó deſcança o coraçaõ humano como em centro, porque por mais felicidade que alcançe, e logre, ſempre ſuſpira, e ſempre anhela por mais, naõ achando nunca em todo eſta mappa vizivel das creaturas alguma, que cabalmente o encha, porque a ſua verdadeira felicidade he de esfera mais alta. Por ella ſuſpirava o fervoroſo eſpirito de Fr. Antonio, todo eſquecido das vaidades do mundo, e todo entregue ao amor de quem o trouxe á luz da Fé, e ao eſtado de Religioſo: e dando por muitos motivos principio a huma vida mais de Anjo, que de homem, ſervia aos Religioſos daquelle Convento de exemplar, de idéa, e de aſſombro.

Da ſua grande caridade.

21 Como o tal Convento era muito pobre, encómendou o Prelado a Fr. Antonio as eſmólas da Villa de Offuna, as quaes pedia com modeſtia, alegria, e affabilidade ás peſſoas que julgava lhas podiaõ dar, naõ uſando da importunaçaõ que muitos Frades praticaõ, ainda com peſſoas de mayor neceſſidade, cauſas todas porque era ſoccorrido com maõ liberal pelo povo da Villa; porém como a ſua caridade era ardentiſſima, das eſmólas que lhe davaõ, repartia com os pobres que dellas careciaõ. Vendo o Prelado que as eſmólas hiaõ diminuindo, ao meſmo tempo que eſperava nellas o augmento,

que

que traz comſigo o tempo, perguntou a Fr. Antonio a cauſa daquella diminuiçaõ; a que reſpondeo, procedia d'elle tambem repartir com alguns neceſſitados, e de empreſtar alguns dinheiros a algumas peſſoas, [a que chamava Santinhos] as quaes o reſtituiriaõ; e como lhe ſuccediaõ muitos deſtes cazos, ſe vio preciſado o Prelado a taxar-lhe o até quanto poderia dar, e a que naõ empreſtaſſe dinheiro ſenaõ a peſſoas conhecidas, e capazes de o tornar, porque de outra ſorte ficaria prejudicado o Convento.

22 Porèm como as eſmólas vieraõ a creſcer em grande abundancia, ſem defraude do Convento as repartia por peſſoas miſeraveis, e recolhidas; e o fazia deſorte, que jamais negou a algum pobre, o que por amor de Deos lhe pedio, ficando muitas vezes ſem habito, e nos pannos menores pelos veſtir aos pobres, no que imitava ao celebre S. Fr. Junipero companheiro do Glorioſo S. Franciſco de Aſſis, que obrava o meſmo exceſſo, cauſa porque tambem dava motivo para a perſeguiçaõ, e dezenfado dos rapazes, e para o caſtigo dos Prelados, tirando aſſim dos exceſſos da ſua caridade novos motivos para exercitar a paciencia. Os prezos naõ ſó tinhaõ na ſua caridade o ſoccorro certo nas eſmólas que lhes dava, ſenaõ tambem procurador, e padrinho para o livramento. Com eſpirito profetico livrou a hum prezo da pena da morte, a que eſtava condenado, moſtrando com clara evidencia que innocentemente o culpavaõ.

Continuaõ as acçoens da ſua caridade.

23 Com os pobres enfermos ſe havia com rara caridade, viſitando-os, e levando lhe, os regálos que podia adquirir, e de que neceſſitavaõ, e lhes levava juntamente a ſaude, pois ao imperio da ſua vóz obedeciaõ as enfermidades, fazendo levantar os tolhidos, e baldados, ſem que houveſſe achaque, que reſiſtiſſe á ſua grande fé, e caridade. Quando viſitava algum doente, dizia com ſanta inveja: *Ditoſa cama, e ditoſo doente*: affligindo-ſe com os afflictos deſorte, que moſtrava o muito que dezejava, que todas as afflicçoens, e enfermidades dos mais lhe vieſſem para a ſua peſſoa, e muitas foraõ as que ſoffreo no decurſo da ſua vida com inalteravel paciencia, mayormente as de dores de dentes, que o atormentaraõ cinco annos.

Caridade para com as mulheres publicas.

24 A ſua grande caridade, e o grande zelo que tinha da honra de Deos, o obrigava a entrar nas caſas das mulheres publicas, ás quaes dizia taes couſas ſobre a abominavel vida que ſeguiaõ, que muitas, rendidas á efficacia das ſuas razoens, ſe davaõ por convencidas, deixando o depravado de ſuas vidas. A muitas daquellas mulheres publicas dava certas porçoens, com a condiçaõ de que naõ offendeſſem naquelles dias a Deos, e com eſte principio as hia capacitando, e perſuadindo a naõ fazê-lo nunca, com conhecido fructo; porque como lhes declarava os ſeus mais occultos peccados, e ainda os penſamentos, com facilidade ſe moviaõ á penitencia aquellas frageis mulheres, por cuja perſeverança rogava a Deos com eſpeciaes oraçoens, e exercicios, e eraõ ouvidas do meſmo Senhor as ſuas rogativas deſorte, que rariſſimas tornavaõ ao vomito da vida paſſada. Aſſim como as convertia, as tirava do perigo de offenderem mais a Deos, e as mettia em partes em que o naõ tiveſſem, em quanto lhes naõ procurava eſpoſos com quem as cazava. Compadecido das miſerias que paſſavaõ muitas donzellas, e orfaãs em ſuas caſas, e ponderando que aquellas daõ occaſiaõ a muitas ruinas da alma, ſe empenhou em que ſe fizeſſe em a Villa de Oſſuna hum Recolhimento, e com effeito o fundou, e eſtabeleceo ſem mais meyos, que o de huma viva fé na Divina Providencia, que o fez vencer innumeraveis difficuldades, que ſe lhe oppuzeraõ, a poder de evidentes maravilhas.

O amor da carne he impedimento para a virtude.

25 Entre os muitos perigos que aſſuſtaõ á virtude no caminho do Ceo, naõ he o menor, pela humana fragilidade, o da carne, a qual fazendo guerra como aſtutiſſima ſerea, com os ardides dos affagos, e continuando ſuas tregoas os combates, internando no meſmo ſer do homem animal, derruba da felicidade, e altura da graça a infinitos. Por iſſo os verdadeiros Servos de

Deos, que dezejaõ a ſegurança das ſuas branduras traydoras, com feliz, e glorioſa victoria, a primeira defenſa que prevem neſta batalha, he tapar os ouvidos, enſurdecendo ás vozes com que a meſma carne perſuade a propria conveniencia, e diſpôr toda a vida em amargura, e dor, ſem admittir deſcanço, nem deleite dos ſentidos. Eſta ha ſido [ó mortaes] a grande maxima, de que tem uſado todos os que pertenderaõ imitar a Chriſto, e a que praticou o noſſo Fr. Antonio de S. Pedro, perſeguindo, e atormentando de tal ſorte o ſeu corpo, que parecia ſe conſervava por milagre, pois ainda quando eſtava enfermo, ſe tirava da cama, e ſe lançava em huma eſteira, ſendo o traveſſeiro huma pedra. No peito trazia huma Cruz de páo largo, com trinta e tres cravos, com que ſe mortificava repetidas vezes, principalmente quando ſe confeſſava, pois eraõ taõ repetidos os golpes que dava no peito, que fazia muito mais ſenſivel aquella penitencia.

Do como mortificava a ſua.

26 Uſava de differentes cilicios, hum á feiçaõ da camiza, que o cobria até á cintura, taõ aſpero, que com horror ſe via depois da ſua morte. Veſtia outro a modo de jubaõ, forrado de peças de ferro. Tambem ſe cingia com huma cadêa de ferro, cercada de agudas pontas. As diciplinas eraõ cruelissimas, e até derramar muito ſangue. A eſtas grandes penitencias ajuntava em algumas noites do inverno, em que o frio era mais rigoroſo, o deſpir-ſe da cintura para cima no Clauſtro, no qual paſſava deſta ſorte as noites. Outras paſſava da meſma ſorte, e com huma Cruz na maõ eſquerda, e huma pedra na outra, ſe feria no peito com crueis, e repetidos golpes. A tudo o que comia tirava o ſaboroſo, ſem que deſſe a entender a mortificaçaõ; e como ſe tinha por indigno de ſe lavar no lavatorio cõmum, uſava de huma pia em que cahia a agoa da chuva. Em huma occaſiaõ eſtava ella taõ immunda, que teve nojo de a ver, e inquietando ſe-lhe o eſtomago, venceo com o eſpirito a repugnancia da natureza, pois mettendo a maõ tirou daquella aſcoroſa agoa, cheya de putrefacçaõ, e bichos, e a bebeo, de que lhe veyo huma extraordinaria dor de eſtomago, que tolerou com a paciencia de quem appetecia todas as occaſioens de a exercitar, e de ſoffrer mais para mais meritos.

Continuaõ as mortificaçoens da carne.

27 Entre os apoyos, que mais efficazmente qualificaõ a bondade, e bom eſpirito das referidas penitencias do Servo de Deos, he hum a ſua profundiſſima humildade, pois ordinariamente a mortificaçaõ exterior, que naõ anda acompanhada da humildade verdadeira, he fomento de certa vaidade occulta, que pelo caminho da penitencia buſca a celebridade do ſeu nome, e as eſtimaçoens mundanas, que tanto deſprezava Fr. Antonio, como ſe colhe da ſua rariſſima humildade. Taõ abatido conceito tinha de ſi meſmo, que, como acima diſſemos, ſe reputava indigno de ſe lavar no lavatorio em que ſe lavavaõ os mais Religioſos. Naõ ſó aos racionaes de qualquer idade, e qualidade conhecia por ſuperiores, mas ainda ſe tinha por mais vil que os meſmos brutos, antepondo os á ſua peſſoa. Andava nas jornadas, e peditorios com hum jumento da Communidade, ao qual tratava por ſeu amo, acontecendo muitas vezes o tirar lhe muita parte da carga que levava, e o levá-la ás ſuas coſtas até o Convento, moſtrando-ſe muito magoado do jumentinho; de cujas humildiſſimas acçoens muito bem ſe infere o baixo conceito que de ſi tinha, e o pouco cazo que fazia do mundo.

Da ſua profundiſſima humildade.

28 A hum caõ, que trazia comſigo, intitulava tambem por ſeu amo, e lhe chamava o *Bem mandado*, ao qual coſtumava dar a maõ direita nas jornadas, como quem ſe ſuppunha por grande peccador, inferior aos meſmos animaes irracionaes. Naõ podiaõ os devotos, que lhe davaõ de comer, alcançar delle que comeſſe em meſa levantada, pois ſempre o fazia no chaõ com os caens, e gatos; ſendo eſtes os primeiros que goſtavaõ do que ſe lhe dava. O ſeu mayor deſvélo era que todos o deſprezaſſem, e tiveſſem por mentecapto, e ſendo com luz Divina adornado de profecia, e conſelho, era neceſſario grande artificio para interpor o ſeu juizo, a que ſó o obrigava a ſalvaçaõ de alguma

Reſplandece a ſua humildade ainda para com os irracionaes.

guma alma. O mesmo lhe succedia em materias de espirito, em que lhe mettiaõ a practica por modo que o queriaõ instruir, e respondendo se conheciaõ as luzes da eterna Sabedoria. Nunca fiou cousa alguma do seu discurso, pois perguntava duvidas em materias espirituaes aos que podiaõ ser nellas seus discipulos. Os Prelados faziaõ da sua humildade extravagantes experiencias: em huma occasiaõ lhe tiraraõ o capello, e o escapulario, e lhe puzeraõ hum rotolo, que dizia: *Por velho, louco, e desatinado.* Com o qual andava taõ contente, e alegre, como outro andaria com hum Capello de Cardeal, e como quem finalmente se zombava, e triunfava das estimaçoens, e vaidades do mundo.

A meditaçaõ da Paixaõ de Christo, he o melhor incentivo para desprezar o mundo. Isaias 49.

29 Para desprezarmos como elle o mundo, e as suas vaidades, he o melhor, e mais efficaz meyo a meditaçaõ da Paixaõ de N. Senhor Jesus Christo. Naõ nos devemos descuidar, ó mortaes, daquelle, que, por se naõ esquecer de nós, nos escreveo em suas Maõs, como elle mesmo diz, fallando por Isaias: *Em minhas Maõs te escrevi*; e assim he justo, que taõ alto beneficio nos naõ saya da memoria. Velava ElRey Assuero de noite, lendo como Mardocheo o livrou da morte, cujo serviço havia mandado escrever em seus memoriaes; pois quanto mayor razaõ ha para que o Christaõ se naõ esqueça de taõ alto beneficio, qual o de ser livre por Jesus Christo da morte do inferno! Aquella morte, de que livrou Mardocheo a Assuero, naõ era morte da alma, sim do corpo; porém Christo N. Senhor nos livrou da morte da alma. A Mardocheo naõ custou dar a vida a Assuero mais que as palavras, porque deo aviso da traiçaõ; porém Jesus Christo nos livrou da morte eterna á custa da sua honra, e vida. Naõ derramou Mardocheo, ó mortaes, seu sangue por Assuero, como Jesus Christo derramou por nós: e assim obrigados a taõ incriveis, e incomprehensiveis finezas, devemos escrever nos memoriaes de nossas almas taõ singulares beneficios, pois estando condenados á morte eterna, nos livrou a infinita bondade do Redemptor, e teve por bem de nos abrir a porta do Ceo, onde nunca entraramos, se elle com seu precioso Sangue naõ as abrira. Lembrava-se pois o nosso Fr. Antonio tanto das finezas deste Deos humanado, que passava a mayor parte das noites lendo no livro da nossa Redempçaõ, e trazendo á memoria a mercè, que recebera do verdadeiro Mardocheo Jesus Christo, por quem fora livre com especialiadadade da morte infernal: e porque nunca perdesse da memoria as finezas deste verdadeiro Mardocheo, naõ largava do peito hum livro, em que estavaõ escritas as que nos fizera com sua Vida, Morte, e Paixaõ, cujo livro fez imprimir por vezes, e distribuio por pessoas devotas, em ordem a que se affervorizassem no amor de Jesus. Ao final da nossa Redempçaõ teve especialissima devoçaõ, sendo a Cruz mais tosca, a que mais o enternecia, e a de que usava. Fazia muitas Cruzes sem primor da arte, as quaes repartia pelos enfermos, por virtude das quaes obrava a bondade de Deos singulares prodigios.

Da devoçaõ q tinha ao Santissimo Sacramento da Eucharistia.

30 Poucas saõ as almas verdadeiramente devotas da Paixaõ, e Morte de Christo, que o naõ sejaõ tambem do Santissimo Sacramento do Altar, ja porque este Augusto, e Veneravel Mysterio dos Mysterios he huma viva memoria da Paixaõ, ja porque o amado, que lhe rouba os coraçoens com as finezas da Cruz, real, e pessoalmente se deixa achar, e possuir no mesmo Sacramento do Altar Huma destas almas era a do nosso Fr. Antonio, que havendo sido devotissimo de Christo Crucificado, por consequencia quasi necessaria naõ havia de ser menos a sua devoçaõ a Christo na Eucharistia. A qual adorava com tal fé, e reverencia, que humilhando se, parece se queria abater ao mais profundo da terra, tendo para si, que naõ só era o mais indigno que o recebia, mas que o adorava. Nunca se tiraria da sua Divina presença, se as suas Religiosas occupaçoens da Cõmunidade o naõ estorvassem. E querendo augmentar o culto, e veneraçaõ a este Senhor Sacramentado, instituio

tuio no seu Convento huma Confraria, com immenso trabalho, por encontrar repugnancias, e repulsas dos Prelados, causa porque veyo a conseguir o estabelecimento della por meyos extraordinarios, e milagrosos, tendo o gosto de chegar a ver em menos de dous mezes assentados por Irmaõs do Santissimo Sacramento cinco mil pessoas.

Da devoçaõ para com Maria Santissima.

31 A devoçaõ que tinha á Virgem nossa Senhora era incomparavel. Todas as vezes que via Imagens suas, se punha de joelhos, e lhe dedicava em ardentes, e vivos affectos o coraçaõ, com taes ternuras, que naõ podendo reprimí-los, prorrompia em altas vozes: *Maria! Oh Maria!* De taõ ardente officina do amor de Deos, eraõ preciosos os holocaustos na sua presença, de que foraõ testimunhas especiaes favores do Ceo, sendo recreado com Celestiaes visoens, em que a Divina Magestade mostrou o quanto estimava aquella purissima alma, que confundida se tinha por indigna de taes mercês. Naõ tendo estudado, fallava a proposito dos lugares mais difficeis da Sagrada Escritura, naõ sem admiraçaõ dos Doutos, que escutavaõ em materias de espirito soberanas intelligencias. O certo he, que aos pequenos, e humildes revela Deos seus segredos, e que esta sciencia a alcançaõ os que com humildade se chegaõ á fonte da Sabedoria. Para que o cantaro receba agoa da fonte, he necessario que se abaixe, e humilhe, e que inclinada sua boca entre nelle agoa. Naõ aos sabios, e arrogantes, senaõ aos humildes, que inclinaõ seus coraçoens, e se sujeitaõ a Deos, se dá a agoa daquella eterna Sabedoria, e fonte perenne de Jesus Christo. Os olhos levantados, e sobresahidos á flor do rosto vem pouco, e os homens que assim os tem saõ curtos de vista; porém os que tem os olhos fundidos vem melhor, por serem de vista mais forte. Assim os humildes melhor entendem, e comprehendem os Divinos Mysterios, do que os soberbos, que andaõ levantados confiando-se de seus engenhos, e letras; porque estes saõ cegos no conhecimento das cousas altas, e diante de Deos desprezados.

Revela Deos seus segredos aos humildes, e naõ aos soberbos.

32 Naõ podia o nosso universal inimigo soffrer tantas virtudes em hum sujeito taõ humilde, e em huma alma que havia julgado sua: e naõ desenganado do triunfo que tivera da sua luciferina inveja, e soberba, continuou com os combates, e com as tentaçoens, propondo-lhe, que o Ermo era o mais proprio lugar para chegar com mais facilidade ao cume da perfeiçaõ, porque alli ficava sendo senhor de todas suas acçoens, e livre da sujeiçaõ de quem lhe coarctava as penitencias, e exercicios, por naõ conhecerem o relevante, e grande do seu espirito. A esta tentaçaõ resistio, dando parte ao seu Confessor, e fazendo na sua presença voto a nossa Senhora de perseverar na sua Religiaõ. Porém naõ se deo por vencido o tentador, que com novos ardides contrastou aquelle coraçaõ abrazado no Divino amor, pertendendo introduzir-lhe vaidade no mesmo rigor das penitencias, com que se affligia. Castigou este pensamento baixando a hum pateo no mayor silencio da noite, e posto de joelhos, com o peito descoberto, e huma Cruz na maõ esquerda, e na direita huma pedra, e á força de crueis golpes supprimio toda aquella fantasia, e affugentou a tentaçaõ.

Tenta-o o demonio com o dezerto, e desvanecimento.

33 Porfiando o cruel inimigo, o buscava com mayor cuidado, querendo com a lascivia render aquella fortaleza, que taõ vigorosamente lhe resistia; porém debalde, porque apenas propôs á idéa as torpes chammas da paixaõ humana em que lhe parecia arder, quando indignado, e corrido desceo ao pateo depois da meya noite, onde todo despido se lançou em huma matta de ortigas, na qual como em huma bem concertada cama se voltava, sendo a neve daquella estaçaõ o cobertor que o cobria, até que o desabrido do frio, e o ardor das ortigas apagaraõ aquella inhonesta chamma; e parece que em premio desta, e de outras muitas asperezas que praticou, em ordem a se livrar de tentaçoens impudicas, lhe deo Deos a graça para livrar a muitos, que delle se valem, do fogo impuro da incontinencia. A hum Religioso

Tenta-o com a lascivia, e lhe resiste com rara mortificaçaõ.

que vivia dissoluto, appareceo depois de morto, admoestando-o á emenda, e nunca mais consentio em pensamentos impuros. He, ó mortaes, o Senhor taõ zeloso de seus escolhidos, e taõ cuidadoso de guardá-los, que naõ sómente lhes dá graça para conseguir os bons fins, mas ainda os encaminha sempre por bons meyos: de maneiras, que se permitte que trabalhem, naõ consente que periguem. Quando dá licença aos demonios para que tentem, ou dezassoceguem a algum Varaõ Justo, naõ he a tençaõ de Deos que o tente, senaõ que o exercite; porque he de tal qualidade a virtude, que logo se marchita, quando naõ he com trabalhos exercitada.

De como he Deos zeloso de seus escolhidos.

34 Finalmente, os rigores das penitencias, e o trabalho, e desvélo continuo lhe promettiaõ pouca duraçaõ; mas elle nem por isso perdia as occasioens de merecer, tirando forças da fraqueza, e animo da mesma debilidade, dezejoso de cifrar em curto numero de dias hum numero dilatado de bõas obras, e com os auxilios da Divina graça crescia cada vez mais no exercicio das virtudes, e na perfeiçaõ da vida, até que carregando os achaques huns sobre os outros, depois de estar doze dias de cama, e de receber repetidas vezes os Santissimos Sacramentos, dizendo enternecidos colloquios a hum Christo Crucificado, deo felizmente fim á carreira mortal a 18. de Julho de 1622. tendo 53. de idade. Deixou seu corpo com apparencias de vivo. Toda a Villa se abbreviou naquelle Convento a aproveitar-se das suas Reliquias, e a acclamá-lo por Santo, á vista dos muitos milagres que havia feito na vida, e fez depois da morte, dos quaes se fez instrumento para a sua Beatificaçaõ, hum anno depois de seu fallecimento, por ordem de D. Innocencio Maximo, Nuncio, e Legado à latere da Santidade de Urbano VIII. em Hespanha, e foraõ continuando as maravilhas desorte, que a 24. de Dezembro do anno de 1624. lhe mandou dar culto privado Julio Sachete, Nuncio de Hespanha, para honra, e gloria de Deos que seja eternamente louvado em seus Santos. Deste escreveraõ diffuzamente em volumes inteiros Fr. Joaõ de S. Damazo, Fr. Agostinho de Santo André, e outros muitos. Em Hespanha se abrio o seu retrato em laminas, com a inscripçaõ seguinte:

El B. Fr. Antonio de S. Pedro, Descalço de Nuestra Señora de la Merced, Redencion de Cautivos, Varon de santidad prodigioza, por haverlo sido su conversion, e muy semejante à la del Apostol S. Pablo: parecia viva Imagem de Jesu Christo, de cuya Passion fue devotissimo. Tuvo las virtudes todas em heroico grado, exercitandolas con actos, màs para admirar, que para imitar. Resplandeciò en el don de profecia, e virtud de hazer milagros, assi en su vida, como en su muerte, que fué em 30. de Julio de 1622. años à los 53. de su edad. Su cuerpo está en su Convento de Ossuna, donde fué hijo, y siempre morador, com grande veneracion, y culto privado, por authoridad Apostolica.

Vidas,

Vidas, e martyrios dos Santos Fr. BERARDO, Fr. PEDRO, Fr. ACURSIO, Fr. ADJUTO, *e* Fr. OTHO, *cujos corpos estaõ em Santa Cruz de Coimbra.*

1 FAzendo Capitulo Geral no anno de 1219. aquelle Serafim abrazado, e Gloriofo Patriarcha dos pobres S. Francifco, dezejofo de converter todo o Univerfo ao gremio da Catholica Igreja; para todas as partes delle elegeo Operarios Evangelicos, que a toda a cufta de trabalhos, e tribulaçoens reformaffem os Fieis, e converteffem aos infieis: e deixando Deos Senhor noffo a eleyçaõ dos fujeitos áquelle feu grande, e fiel Servo, fó cinco deftinou para que foffem plantar a Fé no Imperio de Miramolim, eftendido pela Africa, e Europa, e fepultado no cego abyfmo, e denfas trevas do Alcoraõ de Mafoma. Seus nomes faõ: Berardo, natural de Canvio povoaçaõ pequena do Condado de Narnia, Sacerdote, famofo prégador, e douto na lingua Arabiga. Pedro, natural da Villa de S. Gimiano no Reyno de Florença: Acurfio, e Adjuto Leigos, e Othon Sacerdote, todos Varoens de virtude peregrina, aos quaes fallou o Gloriofo S. Francifco nefta forma:

Manda os S. Francifco prègar a Fè e pratica, que lhes fez ao defpedilos.

2 *Cariffimos filhos, o Senhor Todo Poderofo me manda que vos envie ás terras dos Sarracenos, para que nellas pregueis a fua Santa Ley, levanteis o eftandarte da Cruz, e confuteis a perniciofa, e torpe ley do impio Mafoma. Eu com outros meus filhos, e voffos Irmaõs, iremos para a Siria, e outras Regioens do Oriente; e para as mais partes do mundo defpacharei embaixadores fieis, e zelofos, que annunciem as verdades do Evangelho. Preveni, pois, voffos coraçoens, para que na voffa refignaçaõ logre feu effeito o beneplacito Divino. Para que cumpridamente, e com fructo Celeftial tenha bom logro a voffa peregrinaçaõ, vos encarrego muito a paz, e uniaõ; e que vos eftreiteis com o indiffoluvel vinculo da perfeita caridade. Deponde de todo o coraçaõ o peftilente affecto da inveja, infaufta origem da noffa perdiçaõ. Sede nas tribulaçoens pacientes, nas profperidades humildes, e fereis em todas as batalhas victoriofos. Tende fempre nos olhos, e entranhada no voffo efpirito a imitaçaõ de Jefus Chrifto em pobreza, obediencia, e caftidade. Nafceo efte Senhor pobre, viveo pobre, na fua efcóla a fua principal liçaõ foy a pobreza, e abraçado com ella, defpido fe defpedio da vida nas affrontas da Cruz. Em credito da caftidade, elegeo a Mãy Virgem. Os feus primeiros foldados foraõ o numerofo efquadraõ de Virgens innocentes, que morreraõ a maõs da impiedade de Heródes. Aconfelhou a virgindade no feu Evangelho, fantificou-a com a fua adoravel Peffoa, e affiftido de Virgens, Maria, e Joaõ, deo da vida o ultimo alento nos braços da Cruz. Nafceo obediente, viveo fujeito, e nos ultimos lanços da fua penofa peregrinaçaõ, deveo á obediencia a exaltaçaõ do feu gloriofo nome.*

Eya filhos, lançay em Deos voffa confiança, efte Senhor, que vos deftina a empreza taõ gloriofa, ferá voffo conductor, voffo amparo, e voffa fortaleza; o voffo viatico feja a voffa Regra, e o Breviario, para que deis ao Senhor com exacta perfeiçaõ devidos louvores. Fr. Vital ferá voffo Prelado, ao qual dareis em tudo rendida obediencia. Amados filhos meus, ainda que a alegre promptidaõ do voffo coraçaõ me ferve de muita confolaçaõ, todavia fente meu efpirito nefta voffa aufencia huma amorofa amargura, huma terna dor, que facrifico nas aras da conformidade á vontade de Deos; vede que tenhais fempre viva na memoria a acerbiffima Paixaõ de Chrifto. Efta ferá a pitima, que conforte voffos coraçoens, e vos dará alentos para padecer conftantes pelo feu fanto amor.

3 Enterneceraõ fe os Santos Difcipulos com as amorofiffimas palavras de feu Santo Meftre, e refignados na obediencia fe offereceraõ com prompta, e gene-

e generosa alegria a esta difficultosa empreza, posta em Deos toda a sua esperança. Pediraõ ao Santo Patriarcha, que delles se naõ esquecesse com as suas oraçoens, e que lhes lançasse a sua paternal bençaõ, e elle lhes disse: *Eya filhos, bom animo, naõ ha para que temer perigos, que a Deos, que vos elegeo para este fim altissimo de trabalhar pela sua honra, e pelo credito da sua santa Fè, toca a vossa segurança, para que atropellando, e vencendo difficuldades, façais sua a causa, e rubriqueis com o vosso sangue as verdades do seu Evangelho.* Prostraraõ-se-lhe a seus pés para tomar-lhe a bençaõ humildes, e o Santo Patriarcha, banhado em lagrimas de ternura, e alegria, lha deo com estas palavras: *A bençaõ de Deos Padre Omnipotente venha sobre vósoutros, como sobre os Apostolos de seu Filho, ella vos conforte, vos dirija, e vos console nas vossas tribulaçoens, naõ deis lugar em vosso peito ao temor, porque Deos està comvosco como forte guerreiro. Caminhai pois em nome do Senhor, que vos envia por agentes da sua causa &c.*

4 Com isto se despediraõ os valentes Soldados da milicia de Christo, e sem mais viatico que o da confiança na Divina Providencia partiraõ para Hespanha, onde, e na Cidade de Aragaõ, enfermou Fr Vital, que era o Prelado delles como fica dito, e Varaõ de muita virtude, e de singular prudencia. Assim como os Soldados de Christo viraõ ao seu Capitaõ enfermo gravemente, se metteraõ em a mayor confusaõ, e aperto, qual o de suspenderem a jornarda por naõ faltarem á sua assistencia, ou deixá-lo alli, posto que desamparado, e seguirem seu caminho. Era porèm tal a ancia, com que estavaõ de darem as vidas por Christo, que concordaraõ em deixá-lo, por a isso tambem os persuadir, e obrigar por obediencia o mesmo Santo Fr. Vital, o qual lhes disse, que pois as suas muitas culpas, e indignidade lhe tiravaõ a dita de ser participante nos seus trabalhos, naõ queria ser parte em embaraçar-lhes a fortuna de que naõ era digno. Que se conformassem com a vontade do Altissimo, cujos profundos Juizos eraõ veneraveis, e incomprehensiveis &c. Sobdelegou o poder de Prelado no Santo Fr. Berardo. Deo a todos os ultimos abraços, e elles chorosos por deixarem taõ bõa companhia, e obedientes ás disposiçoens de seu Prelado, sahiraõ de Aragaõ.

Enferma mortalmente o Prelado delles, e proseguem a peregrinaçaõ.

5 Com grande trabalho chegaraõ os Benditos Soldados de Christo a este Reyno de Portugal, e á Cidade de Coimbra, aonde se achava naquelle tempo a Rainha D. Urraca, mulher de ElRey D. Affonso II. do nome, a qual tendo noticia da sua chegada, os chamou á sua presença, e informando-se miudamente dos seus designios, reconhecidos os fervores do seu Catholico zelo, se consolou, e edificou muito da sua espiritualizada conferencia. Fè-los deter alguns dias gostosa de os cõmunicar, e inteirada das experiencias de seu grande espirito, e santa vida, lhes pedio com muito encarecimento lhes alcançassem de Deos o saber o dia da sua morte. Muito estranharaõ a petiçaõ os Apostolicos, e humildissimos Varoens, e valendo-se do encolhimento da sua humildade, responderaõ serem huns miseraveis, e indignos de que o Senhor lhes revelasse os seus segredos, e que a sua devoçaõ excedia de piedosa. Portiou huma, e outra vez a bõa Rainha, a cuja importunaçaõ responderaõ, que fariaõ oraçaõ ao Senhor sobre aquelle ponto, purgando-se da temeridade de quererem saber os Divinos segredos com a força da obediencia intimada por Fr. Berardo a seus companheiros. Feita esta oraçaõ, no dia seguinte se foraõ ao Palacio, onde fallou o Santo Fr. Berardo á Rainha por todos, e nesta fórma: *Senhora, pois Vossa Alteza por melhor se apparelhar para a morte deseja saber o dia della, receba a noticia, que lhe dou da parte de Deos com resignaçaõ, e santa conformidade, posto que no conformar-se com a vontade do Altissimo consiste o bom logro dos seus desejos. Saiba Vossa Alteza que lhe restaõ poucos annos de vida, e dè graças a Deos, que lhe dá tempo, e lugar para melhorá-la. Quando pois, voltarem nossos corpos despedaçados em Marrocos, e entrarem nesta Cidade, onde seraõ recebidos com veneraçaõ, morrerá*

Chegaõ a este Reyno, onde foraõ bem acceitos da Rainha D. Urraca, a quem pronosticaõ morreria, quando voltassem suas Reliquias.

Vossa

Vossa Mageſtade. A lenda antiga, que ſe acha manuſcripta no Archivo de Santa Cruz de Coimbra diz, que o que pedia a devota Rainha aos Santos Martyres foy, que alcançaſſem de Deos na oraçaõ quem morreria primeiro, ElRey ſeu marido, ou ella! E que a reſpoſta foy, que dos dous morreria primeiro, o que primeiro ſahiſſe a receber as ſuas Reliquias na volta de Marrocos: cuja revelaçaõ [diz a meſma lenda, e Fr. Marcos de Lisboa, que a ſegue na ſua Choronica] guardou a Rainha em grande ſegredo thé que chegaraõ as Reliquias perto de Coimbra, onde indo eſperá-las toda a Cidade, como diremos, fez a Rainha com que ElRey ſe lhe adiantaſſe, com o pretexto de que hia em ſeu ſeguimento. Foy com effeito ElRey diante com toda a Corte a procurar as ſantas Reliquias, que eſtavaõ fóra de Coimbra huma legoa, e ſahindo lhe em hum montado hum javali, foraõ todos em ſeu ſeguimento, onde ſe detiveraõ o tempo, que foy baſtante para a cavilloſa Rainha chegar, e aviſtar primeiro as ſagradas Reliquias, onde deſenganada do engano, achou o fatal pronoſtico da ſua morte, ſe bem que ditoſamente prevenida para diſpôr das couſas da ſua alma, como com effeito diſpôs.

6 Pezaroſa a devota Rainha de naõ gozar por mais tempo da converſaçaõ de taõ Santos Varoens, os remetteo a ſua cunhada a Infanta Santa Sancha, que vivia no ſeu Palacio de Alemquer, toda entregue aos cuidados da morte, e á contemplaçaõ da eterna vida. Notavelmente ſe affeiçoou a Santa Princeza dos Santos Varoens, logo que conheceo ſeus agigantados eſpiritos, e a reſoluçaõ com que eſtavaõ de dar a vida por quem lha tinha dado. Alguns dias teve a Santa Infanta aos Benditos Varoens na ſua companhia, ainda que violentos, pois mais queriaõ eſtar, como tambem eſtiveraõ no ſeu Convento de Alemquer, em que era Prelado o Santo Fr Zacharias, que com ſeus ſubditos naõ ceſſavaõ de pedir noticias de ſeu Patriarcha, que ficava vivo em Italia, do eſtado da Religiaõ por humas, e outras partes, e de louvarem a Deos pelo grande eſpirito que dera áquelles ſeus Irmaõs.

Fallaõ com Santa Sancha em Alemquer, que lhes da veſtidos ſeculares para entrarem com disfarſe nas terras dos Mouros.

7 Inteirada porèm Santa Sancha da eſtupenda reſoluçaõ dos Cavalleiros de Chriſto, contribuio com ſua piedade a ſeu Apoſtolico zelo, diſpondo-lhes a viagem para Sevilha, que eſtava em poder de Mouros, em hum navio que naquella occaſiaõ eſtava para dar á véla em Lisboa. Sabendo a Santa Infanta do Capitaõ, ou Meſtre do tal navio, que de nenhuma ſorte os levaria com os ſeus penitentes habitos, por attençaõ aos Mouros, lhes mandou fazer veſtidos de ſeculares, os quaes veſtiraõ em huma camera da devota Infanta, e deſta ſorte ſe deſpediraõ alegres aſſim della, como de ſeus Irmaõs os Religioſos de Alemquer para a Cidade de Lisboa, onde logo ſe embarcaraõ para pôr em praxe o mandamento do Senhor.

8 Aſſim diſſimulados com os disfarçados veſtidos entraraõ ſeguros na Cidade de Sevilha, entaõ Corte de ElRey Mouro. Tomaraõ lingua em caſa de hum mercador Chriſtaõ, onde ſe hoſpedaraõ; porèm encubertos os deſignios, porque naõ lhos embaraçaſſe por cauſa do intereſſe do ſeu cõmercio. Poucos dias alli eſtiveraõ hoſpedados, armando-ſe nelles na armaria da oraçaõ de todas as armas para ſahirem a batalhar com inimigos taõ deshumanos; porèm por naõ ſerem de deſconveniencia ao mercador, que com muita caridade os tratava, ſahiraõ da ſua caſa, e tomando pouſada em huma publica venda, deſpiraõ os veſtidos ſeculares, e veſtiraõ os ſeus habitos. Era o dia para os Mouros de grande feſtividade, e concurſo na Meſquita mayor da Cidade. Entraraõ nella, e Fr. Berardo, como bem pratico na lingua Arabiga, fazendo eleyçaõ de lugar eminente, em alta vóz começou a prégar a Fé de Jeſus Chriſto abominando os horroroſos delirios do çujo, e falſo Mafoma. Os mais companheiros com altas, e creſcidas vozes apreguavaõ a Fé de Chriſto, e deteſtavaõ as falſidades do Alcoraõ. Ficaraõ os Mouros attonitos tanto da intrepidez, e audacia, como da novidade, e eſtranheza dos habitos, e aſſentaraõ comſigo ſerem fatuos, ou loucos. Vendo porèm profanada

Chegaõ a Sevilha, onde por prègar a Fè ſaõ maltratados dos Mouros.

nada a sua Mesquita, e ultrajado, e posto por falso seu Mafoma, se resolveraõ a castigar o atrevimento; pois em confuso tropel os tiraraõ da Mesquita dando-lhes muitos pescoçoens, bofetadas, e empuxoens, e assim estropeados, e banhados em sangue os puzeraõ na rua. Os valentes Soldados de Christo, logo que assim se viraõ, deraõ-se mutuos parabens de verem em seus máos tratamentos, e injurias, primicias opimas do bom logro de seus dezejos.

9 Vendo que por aquelle meyo naõ podia surtir effeito a sua prégaçaõ, determinaraõ ir a Palacio prégar a ElRey: compuzeraõ-se para este fim o melhor que lhes foy possivel, para que a seriedade, e apparente compostura lhes facilitasse a audiencia. Chegaraõ a Palacio, e entimaraõ aos guardas a precisa necessidade que tinhaõ de fallar a ElRey em negocios de summa importancia, e dos principaes interesses da sua Corte, tudo em ordem a lhe facilitarem a audiencia, que com effeito lhe deo ElRey, o qual vendo-os em trajes taõ humildes, e desprezíveis, teve por suspeitosa a sua embaixada, e assim logo lhes preguntou de que naçaõ eraõ, que profissaõ era a sua, e a que negocios hiaõ? Berardo, depois de fazer huma profunda reverencia, disse: *Senhor, nósoutros somos de naçaõ Italiana, Christaõs de profissaõ, e o negocio, que nos trouxe á sua Corte, he hum ardente dezejo do mayor bem da sua Coroa, e da salvaçaõ da sua alma. Vimos, Rey, e Senhor, a dezenganá lo, e a dar lhe noticia da verdadeira Ley, que he a de Christo, Deos, e Homem verdadeiro, para que a receba, e dè lugar a que seus vassallos dezenganados a abracem, e professem, deixando a abominavel, e escandaloza seita do seu falso Mafoma, em cujo sequito he infallivel, e inevitavel a sua eterna perdiçaõ.*

Fallaõ a ElRey de Sevilha.

10 Assim como ElRey ouvio estas palavras, se deixou vencer de raivosas iras, e tapando os ouvidos, disse: *Que he isto? Como se deo lugar para que na minha presença entrassem estes blasfemos? Tirem-lhes, tirem lhes logo as cabeças, e as suas linguas sacrilegas fiquem cravadas para ludibrio, e escarmento de similhantes loucuras.* O Principe filho de ElRey, que se achava presente, encontrou a execuçaõ da morte, dizendo: *Senhor, em cousa de tanta importancia naõ convem proceder com tanta paixaõ, e pressa, acazo o que estes homens haõ dito será delirio da sua leza fantasia; naõ dá poucas suspeitas da sua loucura a extravagancia ridicula dos seus trajes, tome-se tempo para se ponderar com madureza a origem deste atrevimento, se for delirio, com menos castigo ficará reparado o aggravo da nossa ley, se he que podem fazer á ley aggravo os que adoecem do juizo; pois he credito da verdade, que a impugnem, ou a desconheçaõ os loucos, e os loucos ficaõ castigados só com ficarem conhecidos. Porèm se esta audacia se entender naõ he loucura, tambem será conveniente que se proceda com prudente madureza, e se tomem meyos de convencer os erros, pois será de mayor credito para a nossa Religiaõ o vencè los com a força da verdade, que matá los com o fio da espada: e em todo o cazo, Senhor, dar tempo he conveniente, ou para que a sua protervidade, e contumacia justifique seus enojos, e seus castigos, ou para que a nossa ley fique mais gloriosa com o seu arrependimento.* Com estas instancias do Principe se suspendeo a sentença de morte dos Santos Martyres, mas naõ a de cruelissimos açoutes, que primeiramente lhes mandou dar, e assim os mandaraõ metter em huma torre forte, a que hoje chamaõ a Torre do Ouro, e que se lhes desse de comer com abundancia, por lhe parecer que a sua grande necessidade, e desnudez lhes tirara o juizo. Desenganaraõ-se porèm muito depressa de ser grande a sua abstinencia, entre a abundancia que lhes davaõ, e de que aquella prizaõ servio de soltura ao fervor de seus abrazados espiritos, pois fazendo pulpito das ameyas da torre prégavaõ a Fé de Jesus Christo, e detestavaõ a do maldito Mafoma. Chegaraõ as suas clamorosas vozes aos ouvidos de ElRey, que logo mandou fossem carregados de cadêas, que se lhes naõ desse mantimento algum, e que os mettessem em huma profunda masmorra, onde naõ entrava luz do Ceo, e donde naõ pudessem ser ouvidas suas vozes, e onde á força

Què-los ElRey logo matar, ao que se oppos o Principe, porèm os atormētaõ por mil modos.

força da fome, e fede, ou exhalassem as vidas, ou desistissem do aggravo feito a Mafoma, renegando da Fé de Christo. Em fim, quando cuidava que os tinha quebrantados, entaõ os achou mais fortes que o duro diamante; porque levados á sua presença, nella proseguiraõ em reprovarem os erros da sua maldita ley, ameaçando com os castigos eternos, se naõ recebessem bem a embaixada, que lhe levavaõ de Deos, para se fazer Christaõ.

11 ElRey, vendo-os assim contumazes, disfarçou a colera, em que se abrazava, e vestindo a mascara de compassivo, lhes disse: *Homens dezaventurados, que loucura he esta vossa, que assim vos faz prodigos de vossa saude, de vosso sangue, e da vossa vida? Como naõ temeis as iras de Alá, pondo com blasfemo atrevimento vossas immundas linguas no nosso Profeta Mafoma! Porèm ja que sois para vós mesmos taõ pouco piedosos, eu quero se-lo perdoando os vossos erros, e os aggravos feitos á minha ley, só com que vósoutros vos desdigais, e deis publica satisfaçaõ á minha Corte da vossa loucura, deixando a Ley que professais, e abraçando a minha. Este só meyo, e bem facil, tendes para salvar vossas desgraçadas vidas; e para as fazeres felices vos offereço, e empenho minha Real palavra, riquezas, mulheres, e tudo o necessario para que na minha Corte, e Reyno vivais com honra, e sobradas delicias. A esta piedade, taõ pouco merecida do vosso atrevimento, me move o zelo da minha ley, e o amor do meu grande Profeta, para quem espero tirar de vosso arrependimento a mayor gloria &c.*

Pertende ElRey pervertè-los com promessas &c.

12 Ouviraõ os invictos Martyres com modestia este arrezoamento de ElRey, a quem responderaõ: *Senhor, nem as tuas promessas nos movem, nem as tuas ameaças nos assustaõ. Naõ fazemos cazo das tuas promessas, porque todos esses bens, e sensuaes delicias, que nos offereces, desprezamos nós voluntariamente, seguindo os conselhos do nosso Mestre Jesus Christo, cuja Santissima Ley te prègamos. As tuas ameaças nos naõ assustaõ, porque nós os Christaõs naõ tememos a morte, sim a esperamos. O que nos mata, porque defendemos, e prègamos as verdades da nossa santa Fè, a quem só, e unicamente está vinculada a gloria da eternidade, naõ nos derruba em terra, sim nos levanta ao Ceo, naõ nos tira a vida, sim no la melhora. A compaixaõ, que dizes tens de nós, he vanissima; porque a compaixaõ se deve á miseria, naõ á dita: e para nósoutros o morrermos por esta causa he dita: perder a occasiaõ de padecer, e de morrer, he miseria. A nossa compaixaõ sim he justissima, vendo que ás luzes da verdade cerras os olhos, para ficar cego no teu antigo engano, negociando com a tua protervidade, e rebeldia huma eterna perdiçaõ.*

Respondem a ElRey.

13 Irritado o barbaro com resposta taõ intrepida, os fez ir para o carcere, e que lhes dobrassem as prizoens, até que com os do seu Conselho tomasse resoluçaõ ultima, e conveniente para desfazer as injurias da sua ley, e vingar os aggravos de Mafoma. Quando se esperava da consulta sentença de morte, foy a determinaçaõ, que sahissem desterrados daquelle Reyno, e conduzidos ao Reyno de Marrocos. As razoens, que a isso o moveraõ, naõ he facil averiguar, o certo he, que ElRey enviou os Santos Martyres para Marrocos soltos, em companhia de hum Cavalheiro Castelhano, chamado D. Pedro Fernandes de Castro.

Manda ElRey aos Santos para Marrocos.

14 O nosso Infante D. Pedro, queixozo de ElRey seu irmaõ D. Affonso II., se retirou a Marrocos, querendo antes assistir aos Mouros em desterro, que padecer offensas na sua patria. O Imperador Mahomad, chamado Miramolim por appellido cõmum dos outros Imperadores, o qual nome, que quer dizer Pay de Crentes, escolheo Aben Ramon, quando desterrado de Damasco pelos Califas, veyo fundar seu Imperio nas partes Africanas, se affeiçoou tanto do nosso Infante, que delle fiava o manejo das armas, e o fez Cabo principal, ou General absoluto dos seus exercitos. Assim que soube pois da chegada dos Operarios do Evangelho, os fez ir á sua presença, compadeceo-se muito de os ver taõ pallidos, e debeis por causa dos máos tratamentos, que

Encontraõ-se em Marrocos com o Infante D. Pedro, que intenta dissuadi-los de prègarem a Fè.

lhe deraõ nas prisoens de Sevilha, e lhes deo Hospicio no seu proprio Palacio, e mandou se tratasse muito do seu regálo, para que recuperassem as forças perdidas nos infortunios passados. Teve com elles muitas practicas, e conferencias, e examinando com grande empenho, e singular cuidado os fundos do seu espirito, reconheceo o incendio do amor Divino, e o ardentissimo zelo da propagaçaõ da Fé Catholica, que occultavaõ seus abrazados peitos. Intentou diffuadî los da empreza, que levavaõ, em prégar o Evangelho, parecendo-lhe seria de nenhum fructo, e de muito escandalo, e com grande, e manifesto prejuizo dos Catholicos, que tinhaõ naquelles Reynos o cõmercio franco com crescidos interesses.

15 Era certamente este meyo muito efficaz para atrazar a pertençaõ de seus martyrios, valendo se a authoridade de hum Principe taõ grande de pretextos taõ piedosos para atalhar seus intentos. Porèm os Servos de Deos, reconhecendo naõ dever render os impulsos da sua vocaçaõ ao leve pezo de respeitos politicos, e temporaes conveniencias, dissimularaõ prudentes para darem mais prompto expediente ao seu empenho. Sabendo que Miramolim sahira a visitar os sepulchros de seus antepassados, com os ritos superticiosos da sua ley, sahiraõ do Palacio do Infante, e fazendo se encontradiços com o dito Miramolim, a quem, affeando a superstiçaõ, e embustes do Alcoraõ, persuadiraõ a que abraçasse a Ley de Jesus Christo, como unico meyo para a sua salvaçaõ. Com taõ desimaginado encontro se irritou o Imperador, e zeloso da sua Religiaõ houvera logo mandado matar aos Santos, se naõ temera desgostar ao Infante D. Pedro, de quem tinha fiado o manejo das suas armas, como ja dissemos, ao qual com effeito os mandou entregar para que os castigasse como a homens loucos. Cheyos de ultrajes, e injuriados com bofetadas, e outros acintes chegaraõ á presença do Infante, o qual sentio muito vê los daquella sorte, e que atropellando seus conselhos se puzessem a prégar a Ley. Temendo que proseguissem, os enviou com guardas a Ceuta para que dalli os enviassem a Italia. Naõ valeo ao Infante a prevençaõ, pois de entre os guardas se sahiraõ, e tornaraõ para Marrocos, em cuja mayor praça, por ser nella o concurso mais numeroso, prégaraõ a Ley de Jesus Christo, e abominaraõ a immundissima seita do seu falso Mafoma.

Prégaõ os Santos a Miramolim, e padecem muitas affrontas.

16 Noticioso Miramolim deste excesso, mandou que os prendessem, e que os mettessem em hum obscuro, e immundo carcere cheyo de bichos, onde entre a hediondez, e os ferros das suas prizoens, sem comer, nem beber, perdessem a vida. Vinte dias padeceraõ naquella horrivel prizaõ atrozes tormentos, sem comer, nem beber, sustentando os sempre com as migalhas do Ceo aquelle Senhor, que naõ limita ao paõ material a conservaçaõ da nossa vida. Deo-se Deos por offendido dos aggravos, que se faziaõ aos seus Servos, em hum funesto castigo, que enviou a Marrocos, onde se destemperou o ar com maligna influencia dos astros, e se ateou hum contagio de peste, de que morreo grande parte da Cidade. Andava toda em confuzaõ, e assombro, e assentando que aquella repentina, e contagiosa epidemia era açoute, e castigo do Ceo, em vingança dos aggravos feitos aos Christaõs prizioneiros, o ensinuaraõ a Miramolim, que por evitar algum motim do povo, mandou soltar aos Martyres, e que sem os offenderem os puzessem em terras de Christaõs. Sahiraõ da prizaõ, depois de trabalhos taõ prolixos, taõ alegres, e robustos, como se houvessem estado entre muitas conveniencias, e regálos. Cessou a epidemia, logo que os soltaraõ, o que vendo o povo, junto com a fortaleza, e alegria com que os observou, se confirmaraõ no juizo, que haviaõ feito, de que aquelle trabalho fora açoute do Deos dos Christaõs.

Continuaõ os trabalhos dos Santos Martyres, e castiga Deos Marrocos.

17 Puzeraõ com effeito os Santos em terra de Christaõs, onde estiveraõ unicamente o tempo, que foy preciso para esperarem occasiaõ de voltarem para Marrocos, fertil terreno dos opprobrios porque tanto anhelavaõ aquelles fervorosos espiritos. Logo que o Infante D. Pedro teve aviso da sua chegada, os

os levou para o ſeu Palacio, onde os tratou com humanidade grande, e pôs em cuſtodia, para que naõ reſultaſſe do ſeu ardimento novos eſcandalos, e alvoroços. No meſmo tempo ſe offereceo a D. Pedro o ſahir a governar as tropas de Miramolim, que hiaõ ſobre outro Rey Mouro, e naõ quiz ir áquella militar empreza, ſem levar por auxiliares a eſtes cinco Soldados de Chriſto, em cujas oraçoens fundou a eſperança da victoria, que conſeguio. Abrazavaõ-ſe os Mouros com ſede em huma certa paragem, quando voltaraõ glorioſos do triunfo, e vendo os Benditos Soldados de Chriſto occaſiaõ opportuna para fazerem ſerviços a ſeu Capitaõ, ſahindo das ſuas tendas confiados no poder do meſmo Senhor começaraõ a publicar, que Deos lhes daria agoa para beberem ſe nella ſe quizeſſem tambem baptizar. Vendo porèm a todos na ſua obſtinaçaõ, pelos confundir mais o Santo Fr. Berardo, ferio tres vezes a terra em nome das tres Peſſoas da Santiſſima Trindade, e deſcobrio huma vêa de agoa doce, e taõ copioſa, que todo o exercito mitigou a ſede em que ardia. Servio ſómente aquella milagroſa fonte naquelle aperto, pois nem antes, nem depois naquelle ſitio ſe vio hum leve ſinal de que alli houveſſe agoa, porèm nem á viſta de taõ eſtupendo, e claro milagre, abrio os olhos aquelle cego, e barbaro exercito.

Acompanhaõ em huma batalha ao Infante D. Pedro, onde ſoccorrem aos ſoldados com huma milagroſa fonte.

18 Entrou pois o noſſo Infante D. Pedro na Cidade de Marrocos com applauſos, e acclamaçoens de triunfante, e lembrando-ſe dos lances, e diſturbios paſſados, por evitar outros ſimilhantes, mandou ſe guardaſſem em Palacio com todo o ſilencio, e cuidado os Santos Soldados. Correm porèm taõ por igual paſſo nos verdadeiros amigos de Deos as ancias de padecer pelo ſeu amor, e pelo zelo da ſua honra, que naõ ſó naõ temem os perigos, ſenaõ que os deſprezaõ, dezafiando á meſma morte por eſtabalecerem a gloria do ſeu nome. Quem, ó mortaes, goſtou das doçuras, que reſultaõ de padecer por Deos, atropella todo o funeſto dos trabalhos, e das tribulaçoens por ſatisfazer de penas a ſeu abrazado, e amante coraçaõ. Pouco importou pois ao Infante D. Pedro o cuidado, que teve em guardar aos Martyres, ſendo neſtes muito mayor que ſeu cuidado a zeloſa ambiçaõ de eſtabelecer a Fé de Jeſus Chriſto, e de rubricarem as verdades della com o ſangue de ſuas véas. Fugiraõ de entre as guardas em huma ſeſta feira, e como tinhaõ no tal dia mais viva a memoria da Paixaõ de Chriſto, chorando o deſperdicio do ſeu precioſo Sangue em tantas almas, quantas tinha illuzas com ſeus enganos o execravel Mafoma; na praça, com mais fervor que nas vezes paſſadas, prégaraõ áquelle taõ obſtinado, como numeroſo povo, a Ley verdadeira. Amotinou-ſe o Paganiſmo com mayor furor, vendo tantas vezes repetido o aggravo da ſua Religiaõ, e opprobrio do ſeu Profeta Mafoma. Deraõ aviſo a Miramolim, o qual, ſoltada toda a corrente das ſuas iras, os mandou metter em huma obſcura prizaõ carregados de ferros, onde os teve tres dias inteiros ſem comer, nem beber, e atormentados com muita variedade de penas. Depois dos ditos tres dias foraõ atados com cordas, e levados á preſença de ElRey, o qual diſſimulando ſuas iras, por ver ſe com branduras podia dobrar a ſua firmeza, lhes diſſe: *Que ſe eſquecia das injurias paſſadas, com tanto, que naõ ſe quizeſſem perder antes de obſtinados, que ganhar ſe de arrependidos. Que para que conheceſſem a genoroſidade de ſeu coraçaõ magnanimo, naõ ſó naõ tomaria vingança dos aggravos feitos á ſua ley, caſtigando as ſuas blasfemias, ſenaõ que promettia com empenho da ſua Real palavra dar-lhes mulheres formoſas á ſua eleyçaõ, riquezas, e honras no ſeu Reyno, como deſſem publica ſatisfaçaõ dos ſeus erros, deixando a Ley de Chriſto, e abraçando a de Mafoma. Porèm que ſe obſtinados perſiſtiaõ nas ſuas loucuras lhes daria hum cruel caſtigo, que a ſimilhantes ſerviſſe de eſcarmento.* Reſponderaõ os valoroſos Soldados de Chriſto: *Que nem eſtimavaõ ſuas promeſſas, nem temiaõ as ſuas ameaças, e que mais generoſo era ſeu coraçaõ, pois com o deſprezo de ſeu ſangue, e de ſua vida ſolicitavaõ o remedio de ſuas almas.* Vendo eſta invencivel conſtancia, os entregou

Prendem de novo aos Santos, atormētaõ-nos, e intenta Miramolim o pervertè los.

tregou a hum homem feroz, e deshumano, para que fubftanciaffe a caufa, e executaffe nelles o fupplicio, que foffe mais digno da fua crueldade, e fereza.

19 Mandou-os o deshumano Juiz para o carcere, e vendo que fe ratificavaõ em feus intentos os mandou defpir, e açoutar com varas, com impiedade tanta, que das feridas vertiaõ fangue deforte, que banhava copiofamente a terra, e fe lhe viaõ os offos defpidos de carne. Mandou depois, que nas chagas fe lançaffe azeite fervendo, vinagre, e fal, e que affim defpidos, e defpedaçados os arraftaffem pelo chaõ coberto de abrolhos: ficaraõ os Santos defte horrivel tormento taõ mortalmente laftimados, que imaginou o barbaro Juiz perdiaõ na feguinte noite a vida. Poftos defta forte no carcere, obfervaraõ os guardas com attenta diligencia, e naõ fem curiofidade, o que elles faziaõ nelle, e pela meya noite viraõ a todos banhados de extraordinarias luzes, e acompanhados de grande numero de Anjos, e que fe davaõ mutuamente os parabens do paffado conflicto. Viraõ tambem, que entre aquelle golfo de luzes fe levantavaõ no ar, e receofos os guardas de que efcapavaõ os prezos, deraõ vozes pedindo foccorro, e ajuda. Abriraõ o carcere onde acharaõ menos os Anjos, e aos Santos alegres, e robuftos em oraçaõ. Deraõ avifo ao Juiz, e efte a Miramolim, dizendo: *Que naquelle carcere naõ fe havia vifto naquella noite coufa, que naõ foffe huma maravilha, que eftava toda cheya de conftancia, de alegria, de luzes, e de outros portentos, que tinhaõ abforto em admiraçaõ aos guardas, que convinha tomar a ultima refoluçaõ, tirando-lhes a vida, antes que por arte magica lhes efcapaffem das maõs, e com efta novidade fe perverteffe o povo.*

Vem os guardar aos Santos no carcere entre Anjos.

20 Mandou ElRey, fuppofto o confelho do Miniftro, lhe levaffem logo os Santos Martyres á fua prefença. Levaraõ-lhos com effeito nus, e amarrotados, a cujo efpectaculo contribuio tambem a impiedade de alguns, que com pedras, e páos os maltrataraõ tanto, que fe viraõ precifados os miniftros da juftiça a encontrar-lhes aquelles dezaforos, fe bem, que naõ por compaixaõ que dos Santos tiveffem, fim porque chegaffem vivos a Palacio. Na antecamara de ElRey fe chegou a Fr. Othon hum dos Magnates, o qual com o pretexto de piedade o quiz perfuadir a que deixaffe a Ley de Chrifto, e confeffaffe por fanta a de Mafoma, com o que falvaria a vida, e elle tomava a feu cargo o cuidado, e augmento da fua peffoa; o Santo lhe deo huma refpofta breve, e compendiofa, porque, nomeando a Mafoma, cufpio duas vezes na terra com defprezo. O Mouro irritado lhe deo huma cruel bofetada, e o Santo com grande manfidaõ fe proftrou de joelhos, e lhe offereceo a outra face para que repetiffe o golpe. Chegaraõ á prefença de ElRey, o qual cheyo de paixaõ, e ira diffe: *Atè quando, barbaros blasfemos, ha de durar voffa loucura, e rebeldia! Tendes feito empenho de apurar minhas piedades! Pois eu vos juro por Alá, que fe aqui na minha prefença naõ negais a Fè de voffo Chrifto, e confeffais por fanta, e verdadeira a do meu fanto Profeta, que vos hei de tirar pela minha maõ as voffas infames vidas.* Olharaõ fe os Santos huns aos outros com alegre, e rifonho femblante, deraõ fe os parabens de ver taõ perto as fuas ditas, e animaraõ-fe huns aos outros com admiravel conftancia, e pafmo dos circunftantes, e unidos nas vozes, e nas vontades, por evitarem a confufaõ da refpofta, fallou por todos Fr. Berardo, dizendo: *Rey poderofo, quanto nos tem fido poffivel procurámos atè aqui, o tirar-te do abyfmo dos teus erros, e o dar-te a conhecer a luz da verdade de noffa fanta Ley: ja a tua obftinaçaõ, e dureza naõ póde ter defculpa para a tua eterna perdiçaõ. Meus Irmaõs, e eu eftamos taõ conftantes na Fè de noffo Meftre Jefus, que fó fentimos naõ ter muitas vidas, que offerecer nas aras de feu amor, e em facrificio da fua fanta, e puriffima Ley. Da morte fó fentimos os tormentos, e tardança, como embaraço, e dilaçaõ da noffa gloria. Todos os aggravos, que atè aqui nos fez tua crueldade, te perdoamos, e fó teremos por fatisfaçaõ, que*

deixes

deixe, os teus erros, e dès lugar em teu coraçaõ ás verdades da nossa Fè. Irritado o barbaro Rey, e corrido de taõ portentosa constancia, despio hum alfange, e feito verdugo, sacrificando a authoridade Real ao seu falso Profeta, se chegou aos Martyres, que estavaõ de joelhos, e lhes tirou as cabeças, fazendo alarde da valentia de seu braço, e do fio da sua espada, ou alfange.

Consumaõ seus martyrios, e no mesmo ponto apparecem Gloriosos á Infanta D. Sancha.

Mandou depois tirar com ignominia os corpos do Palacio, e entregá-los ao povo, para que com ludibrio, e escarneo os arrastassem pelas ruas nus; porèm vestidos com a galla da fortaleza, purpura, que tingio seu vertido sangue. Na mesma hora, que estes esclarecidos Soldados de Christo padeceraõ martyrio, appareceraõ em Alemquer á Infanta Santa Sancha, que estava em oraçaõ, cada hum com sua espada nua, e manchada com sangue, como insignia, e troféo da sua victoria, deraõ as graças á Santa, dizendo: *Deos vos salve, Illustrissima Princeza. Sabei, Senhora, que as vossas caridades tem chegado ao Ceo, que com ellas fostes parte, para nós merecermos a Gloria. Agora acabamos de vencer á mesma morte, e imos viver eternamente na companhia do Deos: e porque vós nos recebestes aqui nesta vossa santa casa, e della nos enviastes a esta batalha santa, o mesmo Senhor nos manda, que vos demos estas novas.*

21 Summamente sentio o Infante D. Pedro a crueldade, e desacato, que obraraõ os Pagaõs com os Benditos Martyres: porèm bem inteirado do seu fervoroso espirito, teve por glorioso triunfo da Fé Catholica, o que a impiedade representava no theatro daquella Corte, como sanguinolenta, e funesta tragedia. Por se naõ desavir com Miramolim, nem dar o seu braço a torcer manifestando inutilmente seu sentimento, dissimulou a sua dor, e em segredo mandou a alguns de seus criados, e Christaõs confidentes, que puzessem todo o cuidado em recolher as Reliquias dos Martyres. O demaziado zelo destes, e a impaciencia da sua devoçaõ, naõ deo lugar a que se obrasse com a necessaria cautéla, razaõ, porque sabendo os Mouros a diligencia, em que andavaõ, tomaraõ armas para a embaraçar. Puzeraõ-se os Christaõs em defeza, e com effeito de parte a parte houveraõ feridos, e mortos, entre os quaes foraõ D. Martim Affonso Tello, sobrinho do Infante D. Pedro, por ser filho de huma sua meya irmaã D. Thereza Sanches, e D. Pedro Fernandes de Castro, Castelhano, que foy conductor dos Santos desde Sevilha a Marrocos. Deo se pela manhaã noticia a ElRey do tragico successo daquella noite, o qual mandou se accendesse huma fogueira, e que nella queimassem os santos corpos, para que naõ ficassem com veneraçaõ, e apreço as Reliquias, que em vingança da sua ley tratava com escarneo. Cousa maravilhosa! Reverenciou o fogo como sagradas as Reliquias, e naõ só teve suspensa, e sem emprego a sua voracidade, senaõ que se apartava dellas, ou ellas com sobrenatural impulso fugiaõ das suas chammas. Huma das cabeças, que estava mais inteira que as outras, a lançaraõ muitas vezes no meyo do incendio, e outras tantas sahio inteiramente livre, e sem a minima lezaõ em hum cabello. Hoje se conserva inteira, sem que na coroa, que forma o cercillo, falte hum cabello. Envergonhados os Mouros com este portento, espalharaõ os santos corpos por lugares immundos, vigiando porém teimosos na sua guarda, até que o Ceo os affugentou com huma tempestade grossa de ventos, trovoens, e agoa, com que amedentrados se esconderaõ, e deixaraõ o campo livre aos Christaõs, que recolheraõ, com a mesma luz que cintillavaõ as nuvens, parte das Reliquias, e as mais as alcançou o devoto Infante a poder de dinheiro, que deo aos guardas, que saõ de genio interessado. Puderaõ aquelles barbaros convencer-se á vista do prodigio do fogo tratar com respeito, e veneraçaõ aos santos corpos; porém a sua grande cegueira, lhes naõ dava lugar para verem, e attenderem para aquelles portentos como sobrenaturaes, e obrados pelo Senhor que confessavaõ, e prégavaõ aquelles Santos Varoens; mas antes tinhaõ para si que era effeito de algum

Tem o fogo respeito aos santos corpos, os quaes recolhe a si o Infante D. Pedro.

gum poderoſo feitiço, ou que era providencia de Alá, que naõ pegaſſe o fogo em material taõ infame, como eraõ os corpos, que vivos ſe atreveraõ a blasfemar do ſeu Profeta Mafoma. Que naõ engenhará huma cega obſtinaçaõ para ficar conſolada, e naõ ſe dar por vencida nos ſeus erros!

22 Em fim, juntas todas as Reliquias em poder do noſſo Infante, as entregou a Joaõ Roberto, Conego Regrante de Santa Cruz de Coimbra, ſeu Capellaõ, dando-lhe por coadjutores tres meninos, que tinha em ſeu ſerviço, para que com ſagradas, e innocentes maõs ſe compuzeſſem com decencia. A reſoluçaõ que ſe tomou no affeyo das ſantas Reliquias, foy deſcarnar os oſſos, deixando os membros principaes em ſer.

23 Quaõ bem acertada prevençaõ foy a de naõ permittir que tocaſſem as Reliquias maõs menos puras que as de hum Sacerdote, nem menos innocentes que de huns meninos, o deo a entender o ſeguinte ſucceſſo, em todas as circunſtancias admiravel. Tinha o Infante em ſua companhia por familiar, e confidente a hum Cavalheiro Portuguez, a quem chamavaõ Pedro da Roſa, appellido, que tinha naõ como brazaõ da ſua linhagem, ſim como infamia do ſeu delicto, porque trazia comſigo huma Dama Burgaleza chamada Roſa, com quem tinha cõmercio deshoneſto, e eſcandaloſo. Bem ſabia o Infante eſte defeito, porque era muito publico; porem naõ ſe achava em fortuna de caſtigar a delinquentes, ſim de conſervar amigos. Eſte Cavalheiro pois havia ſido teſtimunha de viſta do milagre do fogo, e ſabendo a diligencia que ſe fazia com as Reliquias, quiz vê-las, e ſubindo pela eſcada para entrar na camera onde ellas eſtavaõ, no meyo della ſe ficou immovel, como ſe fora huma eſtatua de pedra. Eſte accidente taõ fatal, e taõ eſtranho o obrigou a cuidar que havia chegado á ſua ultima hora, e deo vozes pedindo confiſſaõ, inſtado do eſtimulo da ſua má conſciencia. Sahio o Conego ás vozes, e vendo-o aſſim immovel, temeroſo de que perdeſſe a falla, o ouvio de confiſſaõ, confortando-o com a eſperança do perdaõ, ſe fizeſſe verdadeiro propoſito de emendar a vida, e de deixar a occaſiaõ eſcandaloſa. Fe-lo aſſim, recebeo a abſolviçaõ, e no meſmo ponto ſe achou livre, e expedito para mover-ſe, e pelo ſeu pé baixou as eſcadas que tinha andado. Quando chegou ao ſobrado ſe lhe travou a lingua, e perdeo a falla, e temendo ſer a morte certa, apertou a maõ ao Confeſſor, com ſinaes de arrependido, para que o abſolveſſe outra vez. Levaraõ-no á cama, deraõ conta ao Infante deſte ſucceſſo, e antes que obraſſe a arte da Medicina, quiz foſſe tocado com as ſantas Reliquias, com cujo contacto ficou taõ inteiramente ſaõ, e taõ perſuadido a que havia ſido diſpoſiçaõ Divina, e caſtigo do ſeu atrevimento todo o ſeu accidente, que deſde entaõ deixou a manceba, e emendou a vida.

Cazo raro, que ſuccedeo a hum laſcivo, q̃ quiz ver as Reliquias dos Santos.

24 Ainda he mais raro o cazo que ſe ſegue, no qual ſe confirma a averſaõ daquellas ſantas Reliquias ás immundicias da ſenſualidade. Hum dos criados da camera do Infante, entrando no ſeu retrete pela manhaã, para lhe dar de veſtir, ſendo aſſim que havia paſſado aquella noite nos laſcivos braços de huma Moura, foy a paſſar perto de hum tamborete, onde em hum açafate tinha o Infante por ſua devoçaõ bõa parte de Reliquias dos Martyres. Apenas o laſcivo moço chegou perto das Reliquias, quando ſe levantou o açafate com ellas no ar fugindo do ſeu contacto, e da ſua preſença. Ficou mortalmente aſſombrado o moço, e o Infante cheyo de admiraçaõ de ver taõ eſtranha maravilha. Naõ quiz Deos que ficaſſe occulta a cauſa, porque o moço tocado de ſuperior impulſo confeſſou com lagrimas o ſeu peccado, e ſahio da camera a procurar Sacerdote, que borraſſe a ſua culpa com o beneficio da abſolviçaõ, e no meſmo ponto, em que o moço ſahio da quadra, ſe tornaraõ a baixar ao bofete as Reliquias. Deſtes ſucceſſos ſe originou entre os que aſſiſtiaõ ao Infante hum medo reverencial taõ grande, que ſentindo-ſe alguns com má conſciencia, e principalmente manchados da luxuria, naõ ſe atreviaõ a pôr os pés em Palacio.

Outro cazo naõ menos raro ſuccedido com outro laſcivo.

25 Os

Milagres que fizeraõ.

25 Os Santos, que ainda depois de mortos obravaõ taõ milagrosamente a beneficio das almas, naõ foraõ menos piedosos em curar com o contacto das suas Reliquias as enfermidades do corpo. Huma donzella Moura, que estava baptizada em segredo, padecia huns males extraordinarios porque com vizagens, e furias, se naõ a detinhaõ, se despadaçava. O Infante a tinha em sua casa, e lastimado do seu mal, lhe tocou huma Reliquia, que obrigou aos demonios a que se descobrissem, como causa de taõ horrives effeitos. Quizeraõ-se fazer fortes, porèm venceo a humilde virtude dos Santos Martyres á sua obstinada soberba, e deixaraõ á donzella livre, e finaes da sua infame hospedagem na hediondez intolleravel.

Resuscitaraõ a hum Moço-fidalgo do sobredito Infante, a quem tinha morto hum cavallo aos couces.

A outro moço, que estava na cama incuravel, restituiraõ a saude perdida, mediante o toque das suas santas Reliquias.

Outro, que tinha huma ferida em huma perna incuravel, alcançou saude nella, logo que a lavou com a agoa em que se tinhaõ lavado as santas Reliquias.

Com esta mesma agoa se tirou a hum Sacerdote hum tumor, que tinha no rosto muito antigo, e de muita fealdade.

A outro hum perniciosо corrimento de olhos, a cujo remedio naõ alcançavaõ as medicinas.

Muitos mais enfermos sararaõ, em casa do Infante, pelo meyo desta agoa purificada neste balsamo do Ceo.

26 Com pouca satisfaçaõ, e muito receyo vivia ja em Marrocos o Infante D. Pedro, porque Miramolim desde aquelle infausto dia, que, por recolher as Reliquias, houvera aquelle sanguinolento encontro, se mostrava mal affecto aos Christaõs, que estavaõ no seu Reyno. Dezejava muito voltar para este, porèm temia a ElRey seu irmaõ, por saber que as aversoens, que nascem nos Reys de zelo de Estado, tem muito difficultosa cura. Vendo-se pois o affligido Principe, dentro, e fóra do seu Reyno, mal seguro, confiou toda a sua segurança á poderosa intercessaõ dos Martyres: pedio-lhes com muita instancia a liberdade, e offereceo-lhes em recompensa deste beneficio solicitar com todas as suas forças a sua veneraçaõ, e culto. Tiveraõ bom effeito suas oraçoens, porque brevemente teve carta de ElRey seu irmaõ, em que lhe empenhava a sua palavra de pôr de parte todas as suas queixas, com tanto que dispuzesse a vinda breve, porque necessitava da sua pessoa para o seu serviço. Avisava-o tambem de como tinha em Ceuta prevenida embarcaçaõ com armas, e todo o necessario para a sua passagem, e segurança. Tratou logo com todo o cuidado de dispor a fugida; e elegendo por guias aos Santos Martyres; pôs as suas Reliquias em duas caixas grandes de prata com o segredo, que pedia taõ arriscada determinaçaõ: fallou aos Christaõs seus confidentes, para que á desfilada fossem deixando a Corte, assinalando-lhes a paragem onde se haviaõ de achar juntos. Com cautelosa manha tirou de ElRey Mouro licença, para sahir por alguns dias a divertir-se na caça, em ordem a ganhar terra.

Mette o Infante as Reliquias em duas caixas de prata, e as acompanha para o Reyno.

27 Pôs em huma valente mulla as caixas das Reliquias, e emboscando-se pelas montanhas, começou por descaminhos a sua viagem. Mandou o Infante, que toda a tropa seguisse a mulla. Grande fé, e maravilhoso arbitrio! Porque conhecida a fuga de Miramolim, tinha empenhado a todo o seu poder em empedir os caminhos; porèm, pelo meyo deste bruto quiz Deos ficassem vaãs as industrias dos racionaes, se he que assim se pode chamar a homens, que vivem vida de brutos. Chegaraõ a Ceuta, onde acharaõ náos prevenidas, e sem detença alguma na mesma noite deraõ ao vento as vélas. A poucas horas se levantou huma borrasca taõ desfeita, e taõ horrivel, que sem se poderem valer do leme para o governo, perderaõ os marinheiros o rumo, e começa-

Livraõ os Santos aos que traziaõ suas Reliquias de hum grande perigo de vida.

raõ a çoçobrar entre horriveis baixos, e penedos de mares naõ conhecidos. Todos cahiraõ de animo dando se por perdidos, excepto o Infante, a quem alentava a grande fé que tinha em seus Patroens. Tirou pois parte das Reliquias, e invocando o patrocinio dos Santos em taõ horrendo perigo, repentinamente appareceo huma luz de grande resplandor, com a qual viraõ o evidente risco do seu naufragio. Serenaraõ-se logo os mares, aquietaraõ se as ondas, e endireitando os marinheiros a proa a Tarifa, naquelle porto deraõ fundo.

28 Foy providencia, e piedade grande de Deos, que chegassem a este porto, porque o intento do Infante era ir a Sevilha, de cujo Rey tinha alguma confidencia, e aqui em Tarifa lhe deraõ aviso de que ElRey de Sevilha tinha ja ordem de Miramolim, para que prendesse ao Infante D. Pedro, e tirasse as vidas aos da cômitiva. Com esta noticia, pouco segura, pareceo ao Infante a sua demora em Tarifa pouco conveniente, e tornando a dar as vélas ao vento endireitou a proa a Galliza. Chegou ao porto da Corunha com bom successo. Era Rey de Leaõ, e de Galliza Affonso, primo irmaõ seu, a quem procurou na sua Corte, para com o seu abrigo fazer viagem para este Reyno. Deteve-se em Astorga em casa de hum Cavalheiro rico, e seu confidente, o qual estava paralytico; e de cama havia muitos annos, pagou-lhe bem a hospedagem, pois tocando-o com as Reliquias dos Santos Martyres alcançou repentinamente a saude, de que naõ tinha humanas esperanças. Soube em Astroga como por suggestoens de alguns mal inclinados seus, estava todavia seu irmaõ mal affecto ás suas cousas, e determinou enviar a Coimbra as Reliquias por huns confidentes seus, tomando pretextos para a sua demora, e tratando em tanto de assegurar-se em a graça de seu irmaõ, que tinha a Corte em Coimbra, por intervençaõ de ElRey de Leaõ seu primo.

Apertaõ as Reliquias na Corunha.

29 O solemnissimo triunfo, com que a nobre Cidade de Coimbra recebeo as Reliquias dos Santos Martyres, dá bem a entender a providencia com que Deos attende a recompensar com gloria, e com applausos as ignominias, e opprobrios, que os seus escolhidos padecem pela exaltaçaõ do seu nome, e propagaçaõ da sua santa Fé. Determinando o Infante ficar em Astorga com decentes pretextos, como ja dissemos, determinou grangear a benevolencia de ElRey seu irmaõ, remettendo-lhes as Reliquias dos Santos, como precioso thezouro, e segurissimo apoyo da felicidade do seu Reyno. Entregou-as a Affonso Peres da Cunha, Cavalheiro Protuguez; o qual estando ja perto de Coimbra se adiantou para dar a carta de confidencia, que levava do Infante para ElRey. Recebeo ElRey a Embaixada com singular agrado, e deo ordem para que se detivessem as Reliquias huma legoa de Coimbra, donde as queria conduzir em companhia dos Grandes da sua Corte, e de todo o Clero. Foy glorioso, e alegrissimo o dia, vendo empenhada a grandeza da terra, em solemnizar os triunfos da humildade. Compôs-se huma bem concertada procissaõ de todo o Clero, com innumeravel multidaõ de gente de todos os estados, e coroavaõ a procissaõ ElRey, e Rainha, com todo o luzimento, e grandeza da sua Corte. Eraõ os campos emulaçaõ dos Elysios que fingio a fabulosa antiguidade, ja com a vistosa variedade de gallas, ja com a enganosa invetiva dos fogos, ja com a musica, e destreza de singulares vozes, ja com o ruidoso estrondo dos instrumentos musicos, e militares, resultando da sua confuzaõ a harmonia, e fazendo gostosa ao ouvido a mesma dissonancia.

Do triunfo com que entraraõ os santos corpos em Coimbra.

30 Quando chegaraõ á porta da Cidade se avivou a controversia, de qual havia de ser o sitio digno de taõ precioso deposito. Gostava ElRey que fosse em seu Palacio, porèm resistia com humildade o Clero, dizendo, que por sagrado tocava á Sé aquelle Thesouro. Decidio a controversia Affonso Peres da Cunha, dando noticia a ElRey das maravilhas, que Deos havia obrado na occasiaõ da fugida de Marrocos, deixando-se nas maõs da providencia, que guiando ao macho livrou a todos de cahirem nas maõs dos Mouros, e que lhe parecia acertado esperar que Deos por aquelle mesmo meyo descobrisse

briffe a fua vontade. Veyo nefte partido ElRey inftado dos inftinctos da fé. Ordenou pois ElRey que o bruto, que hia ricamente adereçado, entraffe diante fem outra alguma guia. Em nada fe cuidava menos, que no Convento de Santa Cruz de Coimbra, de Conegos Regrantes de Santo Agoftinho, taõ defprevenido, que nem abertas tinha as portas do feu Templo. A efte fitio endireitou o animal a fua jornada, levado de fuperior impulfo, e chegando ás portas da Igreja, que eftavaõ cerradas, fe deteve batendo com as maõs para entrar por ellas; obfervaraõ fe o faziaõ paffar adiante com o caftigo; porèm embravecido o irracional porfiava em bater, e á vifta defte portento fe abriraõ as portas Entrou o macho a paffo largo até á Capella mayor, e alli [eftranha maravilha!] ajoelhou com admiraçaõ de todos, e affim efteve por efpaço de tempo com muita manfidaõ, até que o alleviaraõ da fua preciofa carga, e attenderaõ todos fer aquelle ditofo Templo o Maufoléo, que Deos tinha prevenido para depofitar os defpojos dos feus invictos Capitaens, e certamente que fizeraõ bõa efcolha para ferem venerados, e tratados com grandeza. Alli pois fe collocaraõ a mayor parte das Reliquias com magnificencia Real, e parte dellas no Convento de Lorvaõ de Religiofas Ciftercienfes, com a qual o quiz ElRey enriquecer, por nelle fe achar fua irmaã a Rainha D. Thereza, ou aliàs Santa Thereza, de quem nos lembramos nefta Obra. No Convento de S. Francifco de Gouvea fe veneraõ tambem Reliquias dos mefmos Santos, que fe tiraraõ do cofre de Lorvaõ a nove de Março de 1515., fendo Abbadeffa Dona Catharina de Eça.

De como hum macho, em que vieraõ as Reliquias, fez eleyçaõ do Templo de Santa Cruz, para depofito dellas.

31 Sendo Prior do Mofteiro de Santa Cruz de Coimbra D. Gomes no anno de 1459. trasladou os fantos corpos de huma arca de pedra, em que primeiramente foraõ mettidos, para hum cofre de cedro veftido de prata, e inftituio tambem dous Capellaens do Mofteiro para a fua Capella. Na dita trasladaçaõ deixou o mefmo Prior fóra do Cofre duas cabeças dos Martyres, que fe guardaõ em meyos corpos de prata, e hum offo para tocar nelle a agoa, que fe dá aos enfermos. Na Sacriftia fe confervaõ com muita veneraçaõ algumas coufas pertencentes aos mefmos Santos, como faõ alguns pedaços de taboas, ferros, e couros dos caixoens em que vieraõ. O Convento de S. Francifco de Valhadolid poffue tres inftrumentos do Gloriofo martyrio, quaes faõ: hum azurrage, hum alfange, e hum pente de offo, com o qual lhes foy rafgada a carne.

Trasladaçaõ, e noticia das fuas Reliquias.

32 As alegrias, que houveraõ em Coimbra na occafiaõ defte folemniffimo recebimento, fizeraõ ecco em Affis, onde eftava o Gloriofo Patriarcha S. Francifco, o qual gozou em efpirito defta folemnidade, na qual tinha taõ bõa parte o feu fanto zelo, e Apoftolica Doutrina. Com grandes jubilos de feu coraçaõ deo conta de tudo a feus filhos, difpenfando no fegredo defta vez a fua humildade, por lhes dar efta confolaçaõ, e os animar com taõ poderofos exemplos a fimilhantes empregos: *Agora* (lhes dizia) *amados filhos meus fei de certo, que tenho cinco verdadeiros Frades Menores nos meus cinco filhos mortos pela Fè.* Nefta occafiaõ abençoou ao Convento de Alemquer, armaría, onde fe armaraõ eftes Soldados de Chrifto, com o disfarce do habito fecular, para lograrem com mais fegurança os fervores do feu zelo. A bençaõ pois, que lhe lançou, vertida em Portuguez he a feguinte: *Cafa fanta, Conventinho fagrado: cinco flores pequeninas, mas formofas, e alegres, de cor rozada, e fuaviffimo cheiro, defte a Deos pelo fanto Martyrio; eftas faõ as primicias, e flores gloriofas dos Menores, que ja poffuem venturofas os Reynos dos Ceos: Nunca em ti Cafa de Deos faltem perfeitos Frades, os quaes devotiffimamente guardem o voffo fanto Evangelho.*

Vè S. Francifco o triunfo deftes Santos em efpirito, publica o, e abençoa o Convento de Alemquer.

33 Com efta amorofa, e myfteriofa bençaõ abrangeo o Santo Padre naõ fómente ao corpo, e officinas materiaes do Convento, mas tambem á Familia dos Frades, que nelle eraõ moradores. Defta bençaõ tem colhido, e colhe efte Convento copiofos fructos de fantidade, porque he fecundo mine-

ral

ral de Apoſtolicos Varoens, e jamais ha faltado algum nelle de ſingular virtude. O que eraõ feſtas em Coimbra, eraõ funeraes em Marrocos, porque deſde o dia que ſahio fugitivo o Infante D. Pedro com as ſagradas Reliquias, ſe começou a ſentir nos ares huma deſtemperança peſtilente; faltaraõ a ſeu tempo as chuvas, eſterilizaraõ-ſe os campos; a penuria dos fructos acarretou huma fatal fome, e eſta accendeo huma peſte, que durou cinco annos continuos, conſumindo os homens, e os gados. ElRey Miramolim, que enſanguentou a ſua eſpada na innocencia dos Martyres, ſobre ver as fatalidades do ſeu Reyno, e ſobre haver incorrido no odio dos vaſſallos, ſentio ſobre ſi o rigoroſo açoute da Juſtiça Divina; porque de hum nocivo ar lhe eſqueceo todo o lado direito, deſde a cabeça até o pé, ficando vivo para a dor, e morto para o movimento.

Caſtiga Deos a Marrocos com cinco annos de peſte, pelas mortes dos cinco Martyres.

34 Deos Senhor noſſo, que diſpôs ao Rey, e aos vaſſallos eſte atrociſſimo caſtigo, naõ quiz que ficaſſe occulta a cauſa aos pacientes, para que de eſcarmentados, ja que naõ de convencidos, honraſſem de neceſſidade aos meſmos, a quem com tanta fereza tiraraõ as vidas, e trataraõ com taõ indignos eſcarneos: cinco foraõ os Martyres, cinco os annos que durou a peſte, porque conreſpondeſſe ao numero dos offendidos o dos açoutes. Com a obſervaçaõ do tempo em que começou, e em que acabou, vieraõ no conhecimento, de que os males, e infortunios, que padeciaõ, eraõ caſtigo da crueldade com que obraraõ com aquelles innocentes, e vingança de ſeus aggravos. Esforçou-ſe eſta vóz, e o povo opprimido do pezo das ſuas deſditas, em concurſo numeroſo acudia áquelles lugares, onde vivos, e mortos padeceraõ os Martyres mayores eſcarneos, e com feridos gritos pediaõ miſericordia a Deos confeſſando a ſua culpa. Eraõ indignos da piedade Divina pela cega obſtinaçaõ da ſua infidelidade; porèm apiedou-ſe o Senhor, e ouvio os ſeus clamores, porque cedeſſe a ſuſpenſaõ do caſtigo em a mayor honra, e gloria dos ſeus Santos.

Reverenceaõ os tyrannos aos Santos.

35 Dezabrochou-ſe o Ceo em copioſas chuvas, que fertilizaraõ os campos, parou o contagio, e creſceo o clamor do povo, inteirado com taõ evidente milagre, de que deviaõ aos Martyres eſte beneficio. Recorreraõ a Palacio, e pediraõ a ElRey, que pois pelos effeitos ſe conhecia claramente haver eſtado Deos offendido da crueldade, que ſe obrou com aquelles cinco Chriſtaõs, ſe deſſe alguma digna ſatisfaçaõ daquellas injurias. Mandou pois pôr publico Edicto, que os Chriſtaõs pudeſſem ter na ſua Corte, e Reyno, Templos, e Miniſtros com todos os ritos da ſua Ley, com tal condiçaõ, que o Miniſtro ſuperior foſſe Fr. Franciſco, o Menor com effeito na Corte de Marrocos. Durou muitos annos a aſſiſtencia dos Frades Menores, dos quaes dous foraõ ſeus Biſpos; ao primeiro ſe chamou Fr. Angelo, e ao ſegundo Fr. Lobo.

Dá Miramolim licença para ſe erigirem Templos no ſeu Reyno.

36 A mayores demonſtraçoens obrigou o medo aos Mouros, porque o numero de cinco computado nos Martyres para o ſeu delicto, e nos annos da peſte para o ſeu eſcarmento, que devera faze-los arrependidos, e deſenganá-los, os fez pernicioſos, tendo-os por agouro; e aſſim deſde eſte tempo o tiveraõ por veneravel o Rey, e os Senhores da ſua Corte, obſervando-o nas alfayas da meſa, nos pratos em que comem, e em outras couſas ſimilhantes. Aſſim attende Deos pelos creditos da ſua Fé tirando teſtimunhos de abono, e confirmaçaõ das ſuas infalliveis verdades, dos ſeus mayores inimigos, fazendo que publiquem as glorias de ſeus Servos os meſmos, que a ſua deshonra ſolicitaõ.

O numero de cinco he de agouro entre os Mouros.

37 A Rainha D. Urraca, a quem os Santos profetizaraõ a morte ao partir em buſca do martyrio, vendo cumprida na mayor parte de ſuas circunſtancias a profecia, ſe acharia talvez neſta funçaõ muito affligida, e combatida de affectos contrarios: attenta a ſua virtude, creyo teria bem diſpoſtas as couſas da ſua conſciencia, e eſtaria conforme com a Divina vontade; porèm attento o natural appetite de viver, tambem creyo que ſe acharia muito tri-

De como se cumprio a profecia da Rainha D. Urraca, a qual foy vista subir ao Ceo.

ſte, e a Toſtada, eſperando por inſtantes o ultimo golpe prevenido com taõ evidentes ſinaes: Succedeo pois como o temia hum dos dias immediatos ao recebimento das Reliquias, e com arrebatado, e naõ prevenido accidente. Na noite, em que ſuccedeo ſua morte, teve aviſo em viſaõ imaginaria o ſeu Confeſſor, que era hum Conego de Santa Cruz de Coimbra de grande virtude, chamado D. Pedro Nunes, deſta ſorte: Eſtando em oraçaõ no Choro, vio entrar na Igreja do ſeu Convento muitos Frades Menores, em duas bem concertadas fileiras; o que preſidia era hum Frade de mediana eſtatura, o roſto pallido, e penitente, o habito muito pobre, e deſprezado, e eſtavaõ a elle immediatos cinco tambem com habitos de Frades Menores, porém banhados em luzes, e em reſplandores admiraveis. O Conego, todo cheyo de admiraçaõ, dezejava ſaber que ſignificava eſte concurſo, e vencendo a curioſidade o ſeu aſſombro, ſe determinou a perguntar a hum dos que formavaõ a prociſſaõ, o qual reſpondeo: *Nós ſomos Frades Menores, que paſſados os trabalhos deſta vida reynamos hoje na outra. Aquelle, que tu ves avantajado nos reſplandores a todos, he Fr. Franciſco noſſo Padre, a quem dezejavas ver, os outros cinco ornados de ſingular formoſura ſaõ os Martyres de Marrocos, cujos corpos deſcançaõ neſte Moſteiro; e nós todos com particular licença da Mageſtade Divina temos vindo a celebrar as exequias da Rainha D. Urraca, que falleceo neſta hora, obrigados do entranhavel amor, com que neſte Reyno amparou á noſſa Religiaõ: e como tu eras o ſeu Confeſſor, a ti meſmo tomamos por teſtimunha do noſſo agradecimento. E ficarás advertido de que ella foy reynar com Deos no Ceo. Em prova diſto te dou tambem por ſinal, que logo os ſeus criados te aviẓaraõ da ſua morte.* Dito iſto, deſappareceo a viſaõ, e o Conego tornou em ſi, e eſtando confuzo, e admirado do que por elle havia paſſado, chamaraõ á porta da ſua cella com grande preſſa, para que chegaſſe a Palacio, porque de hum accidente repentino havia fallecido a Rainha; com que entendeo naõ havia ſido illuzaõ, ſenaõ aviſo, para conſolaçaõ do bom eſtado em que colheo a morte á Rainha, pois cuidava Deos com taõ ſingular providencia de que ſe lhe fizeſſem ſuffragios, para temperar o rigor de ſuas penas, e a deſconſolaçaõ de ſeus vaſſallos. Era eſta illuſtre Rainha filha de ElRey de Caſtella D. Affonſo o VIII., a quem chamavaõ o Bom, ou das Navas, e da Rainha D. Leonor. Teve tres irmaãs, que todas foraõ Rainhas, a ſaber: em Leaõ, em Aragaõ, e em França, das quaes eſta ultima, que ſe chamou D. Branca, foy Terceira Franciſcana, e Mãy de ElRey S. Luiz da meſma Ordem Terceira, e de Santa Izabel da Ordem de Santa Clara. O Pay deſta devota Rainha foy o primeiro, que nos Reynos de Heſpanha aſſiſtio com o ſeu favor ao Padre S. Franciſco, e na Cidade de Burgos lhe concedeo a licença, com que fez as primeiras Caſas. Ella tambem com a meſma devoçaõ foy a primeira, que introduzio na deſcendencia Real o entranhavel amor, com que ſempre honrou, e honra á Religiaõ Seráfica. Recebeo em ſua caſa o Padre S. Franciſco, S. Gualter, S. Zacharias, e os Santos Martyres de que tratamos, ouvindo de ſuas bocas naõ ſó conſelhos devotos, mas Oraculos Divinos. Foy ſepultada no Moſteiro de Alcobaça, onde por mandado de ElRey D. Sebaſtiaõ ſe abrio o ſeu ſepulchro no qual a viraõ inteira.

38 Publicado pelo mundo o triunfo dos Benditos Soldados de Chriſto, ſe accenderaõ muitas almas devotas em dezejos da meſma dita. Aquelle Servo de Deos, que os Santos Martyres deixaraõ em Aragaõ por cauſa da enfermidade, que lhe ſobreveyo, a que chamavaõ Fr. Vidal, chorou ſempre atè á morte a deſgraça de perder taõ bõa ventura. O grande Padre Santo Antonio, quando vio entrar em Santa Cruz as ſuas ſagradas Reliquias, deſpio a ſobrepelliz, e murça, para ſeguir os ſeus paſſos, como na ſua vida diſſemos. Santa Clara naõ tinha quietaçaõ no Convento, e clauſura do Moſteiro, magoada de que lhe naõ foſſe poſſivel derramar tambem o ſangue pela confiſſaõ da Fé. O Patriarcha S. Domingos, alegre em o eſpirito, exhortou grandemente

te

te aos seus Frades em hum Capitulo Geral a fazerem este mesmo sacrificio. O Glorioso Patriarcha S. Francisco naõ cabia de prazer festejando a ventura de seus filhos. Em fim, muitos filhos seus se espalharaõ pela Africa onde ganharaõ as vidas, fazendo entrega dellas aos tyrannos.

39 Referir todos os milagres, em que tem resplandecido estes grandes Servos de Deos, fora assumpto muito largo, diremos com tudo alguns, para consolaçaõ de seus devotos. Cegos, surdos, quebrados, e tolhidos, aleijados, e enfermos de differentes doenças, que visitaraõ o sepulchro; ou bebiaõ agoa tocada nas suas santas Reliquias, recuperaraõ a saude de que careciaõ. Muitos das portas da morte foraõ tornados á vida, huns escarravaõ ossos, que na garganta traziaõ atravessados, outros pela boca lançavaõ as sanguisugas, que tinhaõ bebido, outros de repente convalesciaõ de mortaes enfermidades.

Milagres.

40 Esperando huns assasinos a hum homem defronte do Convento de Santa Cruz de Coimbra, lhe deraõ em huma noite muitas estocadas. Pedio confissaõ em grandes vozes invocando juntamente o auxilio dos Santos Martyres. Quando lhe acudiraõ, o acharaõ ja sem falla, sem final algum de vivo, e todo allagado em sangue, e envolto em a sua propria capa o levaraõ para dentro do Mosteiro de Santa Cruz, onde esteve muita parte da noite servindo de lastima aos Conegos, que lhe estavaõ assistindo esperando fosse dia para avizar a seus parentes, e se lhe dar sepultura. Neste tempo se levantou por si só o que estava tido por morto, dando vozes, e publicando, que devia a vida aos Santos Martyres a quem no seu coraçaõ invocara; e o que mais o acreditou foy o acharem a capa, e vestido retalhado, e elle sem feridas, nem final dellas.

Continuaõ.

41 Gracioso he o seguinte milagre: Andava na Cidade de Coimbra com huma dezesperada dor de dentes hum Rodrigo Affonso Alvete, e por se ver como doudo, pedio aos Santos que o soccorressem, e tirassem aquella dor. Sonhou que todos os cinco Martyres chegaraõ a elle pelo consolarem, e que hum delles lhe deo huma grande bofetada, com cujo susto acordou, e se achou inteiramente saõ. Na Freguesia de S. Pedro de Padrozo, que fica duas legoas desviada do Porto, se despedaçava com raiva terrivel hum moço, a quem havia mordido hum furaõ danado. Andando seu pay afflicto por causa daquella desgraça, teve hum sonho, no qual lhe dizia hum Padre Franciscano levasse o filho comsigo a Santa Cruz, e lhe desse a beber da agoa, que se tocava nas Reliquias dos Martyres; fez a romaria, e nella achou todo o remedio da sua enfermidade incuravel.

Continuaõ.

42 Duas mulheres assombradas do demonio, huma da Serra da Estrella, outra do Lugar da Aguada no Bispado de Coimbra, sendo levadas ao sepulchro dos Santos, foraõ livres dos espiritos malignos. Hum destes, que mais lhe obedecia, descobrio tambem o furto do Relicario de prata, no qual estava hum osso destes Gloriosos Martyres, que costumava levar-se aos enfermos da terra. Estando fallando este demonio pela boca de hum homem, e que vio o ladraõ, lhe disse publicamente, que pois tinha furtado o Relicario, o restituisse logo, senaõ que lhe daria o castigo, que merecia o furto.

43 Condenaraõ por final sentença á morte natural, a hum Ruy Lourenço de Pontes, o qual no meyo da sua afflicçaõ implorou o patrocinio dos Santos, para que o livrassem daquella infamia, e mostrasse a sua innocencia: revogou-se a sentença, e indo agradecido com os grilhoens, que lhe haviaõ lançado nos pés, á Capella dos Santos, onde lhes mandou dizer huma Missa, no fim della os ferros, e grilhoens estalaraõ por si mesmos, para mostrarem tinhaõ sido os authores da sua soltura, sem embargo de algum meyo natural, que para isso se procurasse.

Continuaõ.

44 No anno de 1423. houve huma peste taõ furiosa na Cidade de Coimbra, e suas visinhanças, que houveraõ lugares em que naõ ficou huma unica pessoa. Hum homem do lugar de Falla, Freguesia de S. Martinho do Bispo,

po, por nome *Vicente Martins o Grangieiro*, vendo-se em taõ funesto perigo, sem appellaçaõ para os remedios humanos, invocou a protecçaõ dos Santos Martyres, aos quaes fez juntamente voto de que se o livrassem, e a seus filhos: *Estevaõ*, *Alvaro*, *Affonso*, *Gonsalo*, *e Joaõ*, iriaõ visitar o seu sepulchro nus, em tudo o que permittisse a honestidade publica, e solicitaria que outros o imitassem. Os filhos se conformaraõ com a promessa do pay, e com todos outro homem chamado *Joaõ Cabellos*, de hum lugar pouco distante, que sendo enfermo de gotta coral havia sido curado pelos mesmos Santos. He certamente engenhosissima a necessidade nas invetivas, e esta com ser taõ estranha, e taõ difficultosa, naõ só teve seu effeito nos que ficaõ nomeados, que ficaraõ livres do contagio, senaõ em outros muitos, que pela sua persuasaõ lhe fizeraõ companhia, com pasmo, e admiraçaõ do povo, que observou huma novidade nunca vista.

Principia a Procissaõ dos nus.

45 Desde este successo se juntaõ todos os annos muitos homens dos lugares visinhos com grande numero de meninos, huns nos braços dos pays, outros nos das mãys, ou das amas, e ordenaõ huma procissaõ nesta fórma. Na manhaã de 16. de Janeiro, que he o dia dos Santos, se vaõ todos juntar no Convento de S. Francisco da Ponte, huns ja despidos, outros que se despem nelle, ficaõ nus dos joelhos para baixo, e da cinta para cima, em calçoens, e quando muito huma thoalha cingida. Alguns se confessaõ, e cõmungaõ, e acabada huma Missa, que cantaõ os Frades, vay sahindo a Cruz da Cõmunidade nas maõs de hum Religioso, cujos lados acompanhaõ outros dous, que levaõ Ceroferarios. Seguem-se logo os nus postos em duas fileiras, assim despidos, e descalços com as cabeças descobertas, as contas em huma maõ, e huma véla na outra. Depois se segue a Cõmunidade do dito Convento, e ainda mais atraz outras fileiras de nus, os quaes levaõ assim as varas do pallio como tochas em companhia de huma Reliquia dos Gloriosos Martyres.

Do como se faz a procissaõ.

46 Deste modo, e neste dia no coraçaõ do inverno atravessaõ a Ponte do Mondego, e duas ruas da Cidade as mais correntes, e publicas, até chegarem ao Real Mosteiro de Santa Cruz, recompensando a gloria deste notavel triunfo as affrontas, e opprobrios, com que os invictos Martyres foraõ levados despidos, e açoutados pelas ruas de Marrocos da cadea até o Paço. Nas portas da Igreja de Santa Cruz esperaõ os Conegos a procissaõ com muita parte do Clero, e da nobreza da Cidade, tocaõ-se-lhe os sinos, e os orgaons com muita alegria, e com grande pompa, e solemnidade os acompanhaõ até á Capella em que estaõ as santas Reliquias, que he sumptuosa, houvem Missa, que está no Altar prevenida, e hum breve Sermaõ, attendendo á desnudez dos penitentes, que saõ ordinariamente perto de trezentos, e se tem observado, que jamais se seguio damno á saude de algum: e para que algum se naõ attreva a condenar de nimia, de ridicula, ou de impenitente esta rara ceremonia, e esta horrivel penitencia attenda para os seguintes successos.

Continua a procissaõ.

47 Certo Nuncio Apostolico, tendo noticia de que em Coimbra se fazia a procissaõ, na fórma que deixamos dito, quiz occultamente observá la achando-se presente. Pareceo-lhe aquella desnudez indecente em tanta publicidade, e que se excedia na veneraçaõ de huns Martyres, que naõ estavaõ ainda declarados por taes da Catholica Igreja. A' vista do que, mandou que dalli por diante se naõ fizesse similhante procissaõ, e menos se desse veneraçaõ publica ás Reliquias, até que o Summo Pontifice determinasse outra cousa. Tudo isto sobpena de gravissimas censuras. Cazo raro! Ao sahir do Convento de Santa Cruz, e indo para se pôr a cavallo em huma mulla, cahio esta repentinamente morta, e elle em si vendo este castigo, e que o abrazava huma grande quentura. Voltou para a Igreja pedio aos Santos com lagrimas perdaõ do seu torcido juizo, e lhes deo palavra de revogar o decreto se lhe restituissem a saude. Ouvio o Senhor as suas humildes vozes, e de repente se lhe foy a quentura, e se levantou a mulla morta.

Castiga Deos a hum Nuncio por mandar se naõ continuasse com a procissaõ.

48 Este

48 Este notavel prodigio succedeo á vista de hum taõ numeroso concurso, que avivou a devoçaõ de todos para que louvassem as grandezas de Deos em seus Santos, cresceraõ os fervores da Fé tanto, que os Cidadaons nobres de Coimbra imitaraõ aos aldeanos, ainda que com a limitaçaõ de irem despidos sómente da cinta para cima com os rostos cubertos, e valendo-se para naõ serem conhecidos do silencio, e escuridade da noite. Hum Bispo de Coimbra, que de muito modesto se passou a melindrozo, deo em affear a procissaõ como indecente, e pouco decorosa, e ainda indigna da modestia Christaã, e da reverencia dos Templos; fechou-se neste dictame com tal inflexibilidade, que sem dar ouvidos a replicas, mandou que tal procissaõ com desnudez naõ se fizesse, por ser escandalosa, e em prejuizo da publica honestidade. Os aldeanos obedientes por força, e contra os impulsos da sua devoçaõ, e bõa fé, naõ foraõ a Coimbra aquelle anno. Permittio Deos, que sendo o tempo o mais rigoroso do inverno, e para males contagiosos pelo rigor dos frios menos occasionado, estando todo o Reyno com saude se accendeo huma furiosa peste em Coimbra, ficando livres todos os lugares circunvisinhos. Reconhecendo aquella Cidade pela saude de todo o Reyno, e das aldêas visinhas, ser aquella peste particular castigo do Ceo, por haver embaraçado cousa, que era de tanta edificaçaõ, prometteo fomentar a que tornasse a seu antigo vigor esta devoçaõ, e no mesmo tempo cessou a peste.

Outro castigo do Ceo.

49 O Papa Xisto IV. escreveo no anno de 1481. a estes Martyres no Catalago dos Santos, e havendo estado antes em publica veneraçaõ collocados na sumptuosa Capella, que lhe fabricou ElRey D. Affonso II., duzentos e sessenta annos. O original da Bulla está no Archivo de Araceli, e começa: *Cum alias animare voluerimus Beatorum Martyrum Berardes &c.*

50 Padeceraõ estes inclytos Athlantes da Fé Catholica na Cidade de Marrocos a 26. de Janeiro do anno de Christo de 1220., cinco annos antes do transito do grande Patriarcha S. Francisco, que teve a fortuna de ver primicias taõ gloriosas da fecundidade do seu espirito. He de guarda o seu dia na Cidade de Coimbra, e em todo o seu Bispado, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos. Destes trataõ todas as Chronicas da Religiaõ.

Vida, e martyrio de S. PANTALEAM *Martyr, Padroeiro da Cidade do Porto.*

1 NAsceo em Nicomedia, Cidade na Asia Menor, e huma das primeiras que receberaõ a Fé de nosso Senhor Jesus Christo. Teve por pays a Eustorgio, e a Ebula, Cidadaons nobres, e ricos. Sua mãy foy Catholica Romana, e falleceo deixando-o de menor idade em poder de seu pay, que seguia ás trevas do Gentilismo, causa porque resplandeceo mais nelle a Fé de Jesus Christo. Naõ podemos dizer claudica aqui aquella natural Filosofia, que dictou o Divino Mestre quando affirmou, que huma arvore de má qualidade naõ podia produzir fructos dignos de estimaçaõ, porque os effeitos necessariamente haõ de ser proporcionados ás suas causas; mas podemos asseverar, que nas arvores racionaes vencem tanto as valentias da Divina graça a força da natureza, que de huns pays muito viciosos se podem gerar filhos, cujas virtudes sirvaõ ao mundo de admiraçaõ: a melhor prova temos em Pantaleaõ, que sendo filho de hum Gentio sahio hum taõ perfeito Christaõ, que deo a vida pela Fé que professava, a pezar dos tyrannos, que nelle executaraõ os tormentos mais deshumanos.

2 Applicou se á Medicina, e como era de grande engenho, e comprehensaõ, fazia curas admiraveis, e milagrosas, depois que se resolveo a curar em nome

Foy Medico, e fazia milagrosas curas em nome de Christo.

nome de Jesus Christo, a quem hum cego publicou por Deos, logo que Pantaleaõ lhe deo vista nos olhos em nome daquelle Senhor. Vendo os professores da Medicina, que de todos os enfermos era chamado, e que era publicado pelo nome de Medico Celeste, entraraõ no empenho de tirá-lo da Cidade, e do mundo, delatando ao Imperador Maximiano, de que naõ só era Christaõ, senaõ tambem de que curava maravilhosamente aos Christaõs, que elle mandava atormentar. Mandou o Imperador ir á sua presença o cego, a quem deo vista, e como a altas vozes ratificou o que havia succedido, e engrandeceo o nome de Jesus, lhe mandou o tyranno cortar a cabeça, cujo corpo comprou Pantaleaõ, para lhe dar sepultura.

Prepara se para o martyrio.

3 Vendo que estava imminente a sua morte, visto o Imperador estar informado de que era, e se prezava do nome de Christaõ, se dezembaraçou de tudo o que lhe podia dar cuidado na hora da partida, para a qual se preparou como perfeitissimo Christaõ, repartindo a sua fazenda com os pobres, e enfermos, e dando liberdade aos escravos que possuia. Poucos dias se tinhaõ passado, quando foy chamado á presença do Imperador, que o tratou com muita familiaridade, e lhe perguntou se adorava aos deoses, a que respondeo com generosa liberdade, que era Christaõ, que adorava a hum só Deos, Author Universal do Ceo, e da terra, e que abominava aos fementidos deoses, que a cega Gentilidade seguia, accrescentando, que para demonstraçaõ da Omnipotencia, que em Deos adorava, em seu nome se obrigava a restituir á perfeita saude o doente mais perigoso, e destituido das esperanças da vida; e que para aquelle fim mandasse aos Sacerdotes, que elle venerava como oraculos dos deoses, que presente o enfermo deprecassem pela sua saude; e que elle tambem faria o mesmo, em nome de Jesus Christo; concluindo, que se reverenciaria, e adoraria aquelle Deos, a cujo nome obedecesse a enfermidade.

Dá saude a hũ paralytico para confuzaõ do Imperador, e Sacerdotes Gẽtios.

4 Como naõ pareceo ao Imperador fóra da razaõ a proposta, mandou ir hum paralytico, em quem o achaque se tinha ja envelhecido desorte, que vivia sem esperanças de poder conseguir saude. Deraõ os malditos Sacerdotes principio ás deprecaçoens aos seus falsos deoses, pedindo saude para o miseravel enfermo, e sem fructo, porque naõ podia resultar algum bem das suas perniciosas, e diabolicas ceremonias, por lhes faltar o lume da Fé, que era necessaria para se obrar o intentado prodigio. Desvanecidos pois os idolatras de naõ serem ouvidas as suas supplicas, se deo lugar a Pantaleaõ, que chegando ao paralytico, lhe disse: *Levanta-te em nome de Jesus Christo Filho de Deos vivo.* No mesmo ponto se levantou o enfermo restituido á sua antiga saude, dando muitos vivas a Pantaleaõ, e publicando por grande o nome de Christo, e a sua Fé, e o mesmo fizeraõ muitas das pessoas, que testimunharaõ taõ grande milagre.

Tormentos que lhe daõ, e prodigios que nelles se observaõ.

5 Ficou aturdido o Imperador, e vacillante toda a Corte, mas os iniquos Sacerdotes pertinazes, e contumazes nas suas falsas crenças, persuadiraõ ao Imperador que Pantaleaõ era Magico, e encantador, que como homem diabolico, e desprezador dos deoses que conservavaõ o seu Imperio, devia ser asperamente castigado. Capacitou se o ignorante, e barbaro Maximiano de que era certo o que lhe diziaõ os malignos embusteiros, e intentou persuadir a Pantaleaõ, a que deixando a adoraçaõ de Christo, a desse aos seus fementidos deoses. Vendo porém a nenhuma efficacia das brandas persuasoens, procurou obrigá-lo á força de tormentos. Mandou o atormentar, e despedaçar com unhas de ferro, e queimar ao mesmo tempo com tochas accezas, para lhe tirarem da boca, e do coraçaõ o nome de Jesus, que visivelmente o confortou em figura de seu Mestre, e á vista de taõ soberana presença se dezataraõ as cordas com que estava ligado, se apagaraõ as tochas, e desfalleceraõ os algozes. Metteraõ no em huma caldeira de chumbo derretido, da qual sahio illezo, porque o mesmo Senhor lhe assistia. Naõ se cõmoveo, e menos converteo o Imperador á vista de taõ grandes prodigios, mas antes mais irado,

do, e enfurecido contra o Santo Martyr, o mandou lançar ao mar, com huma grande pedra ao pescoço; porèm se lhe duplicaraõ as confuzoens, vendo o saõ, e salvo na praya, por favor do mesmo Senhor, que terceira vez se dignou de consolar, e confortar a este seu mimoso Servo. Assanhado o furioso Imperador de novo contra Pantaleaõ, o mandou entregar a huns leoens para que o devorassem, mas vio, com grande vergonha, e confuzaõ sua, áquelles ferozes animaes humildemente prostrados a seus pés, e a muitos Gentios publicarem, e reconhecerem por verdadeira a Ley de hum Deos, que taes prodigios obrava em credito daquelle seu Servo. Os muitos que assim se declararaõ, receberaõ do mesmo Senhor o espirito, e a constancia necessaria para no mesmo tempo darem as vidas por elle, pelos mandar entregar o maldito Imperador á verocidade dos leoens, que como taes os despedaçaraõ.

Continuaõ os tormentos, e os prodigios.

6 Ufano, e desvanecido o barbaro daquella carnicaria, com nova idéa excogitou outro genero de tormento para Pantaleaõ, que foy huma roda coberta de pontas de aço, na qual mandou que o atassem, e que assim o precipitassem de hum alto monte: e sendo todo o designio daquella racional fera, de que chegasse o santo corpo despedaçado das pontas do aço, e do rapido movimento, vio o como nelle se enganara, pois chegando o Martyr ao pé do monte sem lezaõ, muitos idolatras foraõ retalhados no impeto da roda. Vendo Maximiano frustradas tantas diligencias, e invençoens da tyrannia, mandou que o degolassem, e que lhe queimassem o corpo, para o que o ataraõ a huma oliveira. Descarregando-lhe hum tyranno o golpe, ficou o corpo de Pantaleaõ illeso, e o ferro da catana brando como cera; o que vendo os algozes se lhe lançaraõ aos pés, declarando era mais que homem. Fez o Santo huma oraçaõ a Deos, e logo se ouvio huma voz que dizia, fora a sua oraçaõ ouvida, e que ja naõ seria nomeado por Pantaleaõ, senaõ por Pantaleimaõ, e que faria muitos favores pelos seus merecimentos. Finalmente animando elle aos mesmos algozes para que o degolassem, lhe foy cortada a cabeça, da qual sahio sangue, e leite, e a oliveira a que estava atado se vio de repente carregada de sazonado fructo. A pezar do tyranno foy seu corpo enterrado com grande veneraçaõ. Passados muitos seculos foraõ trazidas á Cidade do Porto as suas santas Reliquias milagrosamente, pois huns devotos Christaõs Armenios, que as houveraõ ás maõs, entregues á inconstancia dos mares, se metteraõ com ellas em huma embarcaçaõ, pondo nas maõs do Santo Martyr as suas vidas, e a eleyçaõ do sitio em que queria ser honrado, que foy o da dita Cidade do Porto, que o elegeo seu Padroeiro, e o venera na Capella Mór da sua singular Sé, em tumulo de prata, no qual he venerado, e festejado com demonstraçoens conrespondentes aos muitos beneficios, que tem aquella famosissima Cidade recebido de Deos pelos merecimentos deste seu prezado Servo. Celebra-se a sua festa aos 27. de Julho.

SANTO EVODIO, S. PRISCO, AGATAM, VIDAL, *Orencio, Aurino, Capracio, Mandalo, e Ero Bispo de Lugo.*

JA dissemos, que o relatarmos as vidas de alguns Santos, que nasceraõ em Galliza, como nossos, era por estar aquella Provincia no tempo de seus nascimentos, e martyrios sujeita á Metropoli de Braga, assim no espiritual, como no temporal, e agora o tornamos a repetir, por tratarmos como proprios aos Santos Evodio, Prisco, Agataõ, Vidal, Orencio, Aurino, Capracio, Mandalo, e Ero Bispo de Lugo, sendo todos naturaes do dito Reyno. Toda esta nobilissima companhia padeceo intolleraveis tormentos, [por naõ quererem entregar os livros Catholicos, á ordem do Imperador Diocleciano] até que passando pelo mar vermelho de seu sangue á dezajada terra

da promissaõ da Bemaventurança, triunfaraõ do impio Presidente Daciano a 14. de Fevereiro, pelos annos de 300., segundo a Historia Ecclesiastica de Galliza.

SANTO ADELPHIO *Bispo de Tuy, e Martyr, e seus companheiros.*

1 NO mesmo Reyno de Galliza nasceo Santo Adelphio, que pelo grande das suas virtudes, e letras, foy assumpto a Bispo da Cidade de Tuy. Depois que os Mouros Africanos destruiraõ Portugal, naquelle infelice anno de 714. foraõ assolar Galliza desorte, que naõ perdoaraõ a Sagrado, nem a profano, matando juntamente aos muitos Christaõs, que naõ puderaõ escapar das suas crueldades, e tyrannias. Tendo pois o nosso Santo noticia daquellas barbaridades, e cheyo de zelo da honra de Deos, sahio ao encontro ao Capitaõ Muça, e sem nenhum temor, e com Apostolica liberdade, o reprehendeo das deshumanidades com que se havia com os Christaõs, e dos sacrilegios que fazia a Deos, destruindo-lhe os seus sagrados Templos, e matando-lhe os Sacerdotes delles.

2 Estimulou-se Muça da liberdade com que o nosso Santo lhe affeou o seu modo de proceder, e se encheo de huma diabolica colera contra o Santo Bispo, a quem logo tirou a vida, e mandou despojassem da mesma aos muitos Ministros, que acompanhavaõ ao Santo Prelado, e todos uniformente constantes consummaraõ seus ditosos martyrios, e entraraõ na Celestial Jerusalem com triunfantes palmas, aos 13. de Janeiro de 714., segundo Fr. Prudencio de Sandoval nas *Antiguidades de Tuy* pag. 48.

SANTO ODOARIO *Bispo de Lugo, e Arcebispo de Braga.*

1 NAquelles infelices annos de 714., e de 762., foy totalmente destruida esta opulenta Cidade de Braga, pelos Capitaens Sarracenos Muça, e Omar, que arrazaraõ os seus sumptuosos edificios, e soberbos muros, e assolaraõ os magnificos Templos, e Casas de oraçaõ, só a fim de que naõ houvesse mais memoria da sua grandeza. Trinta annos depois desta destruiçaõ foy Deos servido de enspirar a ElRey D. Affonso o Casto, para que, sahindo de Oviedo, viesse conquistar este Reyno de Portugal. Sahio pois com muita copia de gente armada, e entre as Praças, e Castellos que venceo, foy muy principal esta Cidade, que tirou do poder dos Sarracenos no anno de 792. Vivia neste tempo com notavel fama da santidade, e prudencia Santo Odoario Bispo da Cidade de Lugo, e dezejando o piedoso Rey reedificar, e povoar de novo a esta Augusta Braga, lhe deo o governo della, naõ lhe tirando porèm o da de Lugo. Houve-se este Santo Prelado com tanto acerto, que naõ só tratava do material, senaõ tambem do espiritual, procurando, e congregando as ovelhas, que andavaõ remontadas por varias terras, e incultos dezertos incitadas das persecusoens dos malditos Ismaelitas. Fez [com ajuda de ElRey D. Affonso] com que fossem restituidas a esta Cathedral todas as Igrejas, rendas, izençoens, e privilegios, que lhe haviaõ sido concedidos pelos Reys Suevos, quando ja convertidos por S. Martinho do Dume. E se a morte lhe naõ cortara o fio da vida, por causa dos muitos annos, em bem poucos faria tornar Braga a seu antigo esplendor. A 15. de Mayo de 810 passou da morte à vida, e do trabalho ao descanço, deixando muy saudosos os subditos de Lugo, e Braga, em cuja Sé

esta

eſtá ſeu ſagrado corpo, na parte do Evangelho da Capella Mór. Fr. Prudencio de Sandoval pag. 176. Gil Gonſalves Dávila, e Jorge Cardozo.

SANTO AVICTO *Arcediago de Braga.*

1 NAſceo neſta Auguſta Braga, onde gaſtou os annos da puericia, e juventude, até que doutrinado na ſagrada Religiaõ, e mui perito nas linguas Latina, e Grega, ſegundo Jorge Cardozo no ſeu Agiologio, foy Arcediago deſta Metropoli pelo Arcebiſpo Balconio.

2 Foy Varaõ de grande nome, e authoridade, e da ſua ſciencia, e virtude deo egregios teſtimunhos em Heſpanha, perſeguindo ja com a penna, e ja com a palavra a todos os ſequazes das infernaes ſeitas Preſciliana, e Originiſta, que naquelle infelice ſeculo infeſtavaõ Heſpanha, e com eſpecialidade a Provincia de Galliza Bracharenſe. Os dezejos que tinha de ir viſitar os Lugares Sagrados, em que Chriſto Bem noſſo conſummou os ſublimes Myſterios de noſſa redempçaõ, o fez emprender, e effectuar a meritoria peregrinaçaõ de Jeruſalem, com o beneplacito do Arcebiſpo Balconio, que lhe encarregou algumas couſas convenientes ao bem da Religiaõ Catholica, como quem reconhecia em Avicto authoridade, ſciencia, e ſantidade. Encontrou-ſe com o Veneravel Paulo Oroſio, (honra, e luſtre deſta Cidade de Braga, que juſtamenre ſe preza de o haver procreado) que alli fora mandado de Africa onde aſſiſtia, para averiguar, e conſultar com o celebre Doutor S. Jeronymo humas queſtoens, que entre os Biſpos Africanos ſe tinhaõ levantado, ſobre a origem, e immortalidade da alma. Grandes, ſem duvida, foraõ os jubilos que tiveraõ aquelles dous famoſos Bracharenſes, com o naõ eſperado encontro. Santo Avicto naõ ceſſava de abraçar, e de dar os parabens a Oroſio pelo grande nome que tinha adquirido na Chriſtandade com as ſuas letras, e virtudes; e Oroſio naõ achava palavras equivalentes a exaggerar a obrigaçaõ, que lhe reconhecia, por lhe haver enſinado as primeiras letras, e dados os documentos na puericia, e juventude, de que tanto ſe aproveitara. Paſſados alguns tempos ſe reſolveo o grande Paulo Oroſio em vir para Heſpanha, e dando eſta conta a Santo Avicto, eſte lhe diſſe o naõ acompanhava, por eſtar com permanente tençaõ de viver mais alguns annos naquelles Santos Lugares. Acharaõ-ſe naquelle tempo por revelaçaõ Divina alguns corpos de Martyres junto a Jeruſalem, e alcançando delles humas grandes Reliquias de Santo Eſtevaõ primeiro Martyr, o noſſo Santo Avicto, as mandou ao Arcebiſpo Balconio [por Paulo Oroſio] com huma carta, que dizia:

Vay viſitar os Lugares Santos de Jeruſalem, e encontra com o Douto Oroſio.

Ao Beatiſſimo, e mui amado ſempre em o Senhor o Papa Balconio, e a todo o Clero, e povo da Igreja de Braga. Avicto Presbytero, ſaude eterna dezeja em o Senhor.

Eſte era o ſobreſcripto, pois dentro dizia:

3 „DEzejo, e rogo, que tenhais ſempre lembrança de mim, aſſim co„mo eu a naõ perco de vós em quanto me he poſſivel, e com„padecendo-me com grande dor minha de voſſas tribulaçoens, e derraman„do lagrimas continuas neſtes Santos Lugares pela deſtruiçaõ da noſſa patria, „para o que o Senhor, ou nos reſtitua a liberdade, pois nos quiz admoeſtar „com o caſtigo, ou dê mais humanidade aquellas, que permittio prevaleceſ„ſem. Eu ſem duvida Beatiſſimos Irmaõs [como tomo por teſtimunha ao meſ„mo Senhor Jeſus Chriſto] por muitas vezes me quiz ir para eſſa terra, para

Eſcreve Avicto a Balconio Arcebiſpo de Braga, e lhe manda as Reliquias de Santo Eſtevaõ.

,, junto comvosco padecer vossos males, ou gostar de vossos bens: mas im-
,, pidio-se meu dezejo, vendo os inimigos espalhados por toda Hespanha, e
,, receei, que deixando os Lugares Santos, e por ventura naõ chegando a
,, essa terra, pagasse as penas da ousadia incosiderada atalhada de todas as par-
,, tes: mas foy servido o misericordioso Deos de offerecer a meu dezejo, e
,, vosso merecimento a graça de sua liberalidade, permittindo que meu aman-
,, tissimo filho, e companheiro no Sacerdocio Orosio, fosse mandado a es-
,, tas partes pelos Bispos Africanos, cuja caridade, e consolaçaõ me fez pa-
,, recer quando o vi, que vos tinha a todos presentes. Depois disto em ser ser-
,, vido o Bemaventurado, e verdadeiramente Santo, e primeiro Martyr San-
,, to Estevaõ, coroa de nossa gloria em Christo Jesus, de se revelar, e mani-
,, festar evidentemente com milagres, e virtudes naquelles proprios dias, em
,, que o mesmo Orosio preparava sua partida, cujas Reliquias, havidas por von-
,, tade de Deos, me pareceo mandar a vossa Caridade, para que presente como
,, advogado, e defensor, tenha por bem acudir ás vossas petiçoens, pois quan-
,, do padecia martyrio, chegou a rogar pelos seus proprios inimigos. Assim
,, que (Irmaõs Beatissimos) trazendo-o eu de continuo na memoria, e ha-
,, vendo occasiaõ accõmodada, e ordenada por Deos, naõ perdi ponto em
,, alcançar alguma parte do corpo novamente achado do Sacerdote, a quem
,, elle se revelou, a qual grangeada com brevidade, e alcançada com segre-
,, do, naõ me detive em vo la mandar. Mando vos finalmente pelo santo
,, filho, e companheiro meu no Sacerdocio, as Reliquias do corpo de Santo
,, Estevaõ primeiro Martyr, a saber, pó da sua carne, e nervos, e o que se
,, póde crer mais firmemente, e certamente, os ossos duros, mais cheirosos que
,, todas as confeiçoens, e perfumes exquisitos, em manifesto final de sua san-
,, tidade; e por naõ haver alguma duvida, vos mando juntamente a mesma car-
,, ta, e relaçaõ do santo Sacerdote, a quem foy feita a revelaçaõ, a qual elle,
,, a minha petiçaõ, e em fé desta verdade, escreveo primeiro em Grego, de-
,, pois a traduzio em Latim, a qual eu dezejo, Santos, e Bemaventurados
,, Irmaõs, que vós a recebais taõ sinceramente, quanto ella he verdadeira;
,, porque estou certo, que assim como o Santo Martyr se quiz revelar, e ma-
,, nifestar para bem do mundo, que em tanto perigo anda, assim se vós amar-
,, des taõ grande penhor, como elle merece, com a presença de tal defensor,
,, vivireis daqui por diante seguros, e quietos. A graça de nosso Senhor Jesu
,, Christo, e do Espirito Santo seja comvosco Irmaõs amantissimos em o Se-
,, nhor. Amen. ,,

4 Contentissimo partio Orosio com a piedosa carga, e tendo os ventos prosperos até Bóna, alli se dezembarcou por dar conta a Santo Agostinho do que passara com S. Jeronymo, com quem tinha ido fallar por ordem sua. Repartio com o glorioso Doutor das Reliquias do Martyr Glorioso, em cujo obsequio erigio logo algumas Igrejas, persuadido dos muitos prodigios que obravaõ. Na volta da Africa para Hespanha, deo ao Bispo Severo de Magana outra Reliquia de Santo Estevaõ, em gratificaçaõ das muitas merces delle recebidas, que começou a fazer prodigios desorte, que por elles abjurou o seu erro huma grande synagoga de Judeos, que alli havia. Veyo em fim Orosio para esta Cidade, passados alguns annos, e naõ se sabe com certeza onde estaõ collocadas Reliquias taõ preciosas, e se suppõem estarem em huma arca de prata, que estando cheya de Reliquias antiquissimas, se ignora os nomes dos Santos dellas.

5 E tornando ao nosso Santo Avicto, dizemos, que na Cidade de Jerusalem era venerado de todos como Oraculo Divino, pois o hiaõ consultar em cousas de Religiaõ os mais Doutos daquellas partes, e que elle convertendo alguns á Fé de Christo, e animando a outros á perseverança, concluio seus felices dias, enviando seu santo espirito ao Ceo a 17. de Junho de 440., segundo Baronio no 5. titulo de seus *Annaes*. O Padre Higuera, da Companhia de

de Jesus, certifica estar o corpo de Santo Avicto em Buytrago, Villa de duzentos visinhos, que fica no caminho de Burgos, distante de Madrid treze legoas. O nosso Idacio Lamacense nos Faustos Consulares, que o Padre Jacob Sermondo da Companhia estampou em Pariz no anno de 1619. lhe dá o titulo de Santo pag. 64.: *Honorio X. & Theodosio VI. His Consulibus, Sancto Stephanus, primus Martyr, revelatur S. Presbytero Luciano, die 6. feria, quæ fuit tunc 17. Nonas Decembris in Hierosolymis S. Joanne Episcopo præsidente, & extant ex his gestis, Epistola supradicti Presbyteri, & S. Avicti Presbyteri Bracharensis, qui tunc Hierosolymis degebant.* Querem dizer: No Consulado de Honorio X., e Theodosio VI. foy revelado o corpo de Santo Estevaõ, primeiro Martyr, ao Santo Presbytero Luciano, em sesta feira 17. das Nonas de Dezembro, presidindo na Cadeira de Jerusalem S. Joaõ, de que estaõ Epistolas do sobredito Presbytero, e de Santo Avicto Presbytero Bracharense, que entaõ se achavaõ naquella santa Cidade.

Tamayo de Salazar no seu Martyrologio, diz: *Em Hespanha floreceo a memoria de Santo Abundio Avicto, Presbytero Hierosolymitano, o qual, sendo Hespanhol por nascimento, se achou na Invençaõ das Reliquias do Proto-Martyr Santo Estevaõ com Luciano, homem Celestial, cuja narraçaõ, escrita por elle em Grego, verteo em Latim, mandando-a a todas as Igrejas do mundo, finalmente esclarecido em virtudes voou ao Senhor inclyto Confessor.*

Aulo Halo, que floreceo pelos annos de 1132., lhe fez hum Epitafio mais pio que elegante, que muito comprova o que deixamos dito do nosso preclaro Bracharense.

Almus Abundius hic jacet, & cognomine Avitus
Presbyter Hispanus Braccariensis erat.
Balchonio primum Papæ fuit ipse Minister
Orosio demum post comes ipse fuit.
Martyris en Primi exuvias invisit, & una
Eventum charta, omnibus ille dedit.
Juli post moriturque decem cum Quinio Kalendis.
Corpus humus capiunt, spiritus astra Viri.
Obiit sanctissimus Presbyter Hierosolymis
XV. Kal. Julii.
Valentiniano, & Anatolio Cons. E.
CCCCLXXVIII.

Outros disticos mais levantados traz em seu louvor Nicoláo Audaest E. d. *In fastis Sacris*, com o titulo: *De Avito Presbytero.*

Oscuri quamvis te progenuere parentes
Non tamen obscurus fulgor, Avite, fuit.
Qui cunas strinxit nascentis, uti neque virtus.
Obscura est vitam, quæ comitata tua.
Hinc Monachus, sive Antistes, sive incola Erimi,
Quidquid coneris, delituisse nequis.

SANTO

SANTO HILARIO *Martyr, cujas Reliquias se veneraõ no Convento das Chagas de Villa Viçosa.*

SAnto Hilario Romano, padeceo martyrio na Cidade de Roma, em companhia de Demetrio, e Concesso, e de outros muitos na primeira perseguiçaõ da Igreja Catholica, de cujo martyrio se naõ especificaõ as circunstancias. O Illustrissimo Arcebispo de Evora, D. Jozé de Mello, trouxe da Curia Romana as suas santas Reliquias, com as de outros Santos, de que fazemos mençaõ nesta Obra, e as depositou no Religiosissimo Convento das Chagas de Villa-Viçosa com solemne procissaõ a 16. de Março de 1610., onde saõ veneradas pelas filhas do Serafim abrazado, e festejadas no mesmo dia, e no de 9. de Abril em que foy o seu triunfo.

S. GENNADIO *Bispo de Astorga, Monge Benedictino.*

1 NAsceo nesta Cidade de Braga, ou no seu territorio. Seus pays foraõ nobres, e ricos; porèm reconhecendo que a verdadeira nobreza era ser Christaõ, e seguir a vida de Christo, desprezou os bens, e as grandezas momentaneas, a fim de merecer ganancias Celestiaes. Deixou pays, parentes, e amigos logo nos primeiros annos da juventude, indo-se para a Provincia de Galliza Bracharense, onde tomou a cogulla Benedictina, das maõs de hum Santo Varaõ, que era Abbade do Mosteiro Ageo. Professou com muitas lagrimas aquella Monastica vida, e aproveitou em breve tanto nella, subindo pelos solidos degráos das virtudes ao sublime cume da perfeiçaõ, que intentou retirar-se ao dezerto de Vierço para mais livre vacar a Deos, por meyo da Divina contemplaçaõ. Retirou-se com effeito com licença de seu Prelado, e em companhia da alguns Monges, que se lhe aggregaraõ, dezejosos de se unirem mais com Deos, entregando-se aos descuidos da vida, e aos cuidados da morte.

Tomou a cogulla Benedictina, e assiste no dezerto de Vierço.

2 Ja dissemos na vida de S. Fructuoso Arcebispo de Braga, que elle fundara em terra de Vierço o Mosteiro de S. Pedro de Montes, e agora digo, que sem embargo de o haver reedificado S. Valerio, o achara o nosso Gennadio taõ arruinado, e coberto de espessos matos, e de arvores silvestres, que se vio precizado a restaurá lo, e a faze-lo como de novo, [com a ajuda de Deos, e de seus companheiros] pois novamente levantou os edificios, e cellas, e plantou vinhas, e hortas. Cresceraõ em fim as sumptuosas fabricas, e as virtudes dos obreiros a olhos vistos, e desorte, que naõ cessavaõ os povos circunvisinhos áquelle dezerto de se admirarem, por verem em tempo muy limitado taõ avantajado augmento. Retirou-se o nosso Santo com a sua santa companhia incitado do dezejo que tinha de se apartar das gentes, por se unir com Deos; porèm o naõ conseguio, pois o mesmo foy o saberem a sua santa vida, e grande prudencia, que o irem-no consultar cada instante sobre materias importantes, ás quaes dava todavia singular soluçaõ, abonando muitas vezes as suas respostas com conhecidos portentos. Aqui viveo o Santo Varaõ alguns annos, e entregue ao recolhimento quanto lhe era possivel, e á oraçaõ em que era quasi continuo, na qual recebia de Deos perennes favores, naõ sendo pequenos os de lhe mandar varias embaixadas pelos Angelicos Espiritos, com quem tinha familiar conversaçaõ.

Tinha familiaridade com os Angelicos Espiritos.

3 Estando vago o Bispado de Astorga, e ElRey de Hespanha indeterminado no Prelado que lhe havia de dar, lhe foy á noticia as virtudes, e letras do Santo Abbade de Vierço, e sem mais demora o nomeou Bispo, [bom tempo

tempo era aquelle, pois se attendia mais para as virtudes, e letras, que para as qualidades] em lugar do Santo se alegrar com a eleyçaõ (como o faria, e faz quem ignora a grande carga das Prelazias) se agoniou summamente, pelo quererem tirar daquelle Paraizo, mettendo-o outra vez em Dignidades, e nos cuidados da vida, que havia desprezado. Deo a ElRey infinitas escuzas, acompanhadas de multiplicadas lagrimas, porêm elle naõ as admittio, mas antes o mesmo era duplicar razoens a fim de se eximir, que o accrescentarem-se em ElRey os motivos para o naõ excluir.

Fá-lo ElRey Bispo de Astorga, e renunciado o Bispado volta para o dezerto.

4 Em fim, venceo o Mageftozo, e obedeceo o humilde, que indo com o corpo para Astorga, deixou a alma no dezerto de Vierço, onde havia edificado tres Conventos, álem de varias Hermidas; e como o seu apartamento foy desta sorte, ja se vê que naõ poderia estar muito tempo em Astorga, tendo a alma em Vierço, que estando-o chamando continua, e interiormente para aquella vida quasi celestial, obedeceo ao Divino impulso, renunciando a Prelazia no seu discipulo Fr. Fortes, e recolhendo se para a sua Monastica vida. Informados os povos daquellas Regioens da prodigiosa, que proseguio, depois de se recolher ao Cenobio Benedictino, e das grandes maravilhas com que Deos o accreditava, huns vendiaõ as herdades, e campos, e se hiaõ submetter debaixo da sua disciplina, e outros [principalmente os que falleciaõ] lhe faziaõ doaçoens de grandes fazendas, e granjas, para que no futuro tivessem os Religiosos o necessario, e com abundancia. ElRey Ordonho II., e a Rainha Geloura sua mulher, fizeraõ doaçaõ ao Mosteiro de S. Pedro de toda a terra de Vierço, com as muitas izençoens, e privilegios; que hoje conservaõ os Reys de Hespanha áquelle grande, e Religioso Convento.

5 Vendo se cheyo de annos, e proximo á morte, fez seu testamento, deixando por herdeiros de tudo o que justamente lhe pertencia aos Conventos, que havia edificado, e por meyo de huma leve enfermidade, deixou sua alma o corpo por despojos á morte a 23. de Mayo de 917. Sandoval na *Fundaçaõ de S. Pedro de Montes*, e Avila no *Theatro da Igreja de Astorga.*

S. PASCACIO *Monge Benedictino*, e *Cardeal.*

NAsceo S. Pascacio no territorio Bracharense, e dezejoso da Evangelica perfeiçaõ, tomou a cogulla Benedictina no Convento de Dume, das maõs do seu primeiro Abbade S. Martinho, de quem neste Volume escrevemos, como de Bispo do Dume, e Arcebispo de Braga. Cuidava na morte, e por isso se fez com o exercicio das virtudes, hum vivo retrato do seu Santo Mestre. Foy muito perito nas linguas Latina, e Grega, motivo porque lhe encarregou seu Mestre S. Martinho a traducaõ de alguns Concilios Orientaes, e sentenças dos Santos Padres, e Anachoretas do Egypto. Naõ se sabe qual fosse o motivo, porque deixou o Convento do Dume, indo para Roma, onde o fez Cardeal Diacono o Papa S. Gregorio, gloria da Benedictina Religiaõ, a quem mereceo Chronista, pois diz que fora o nosso Pascacio Varaõ de admiravel santidade, pay dos pobres, grande desprezador de si mesmo, e das vaidades do mundo. Passou desta peregrinaçaõ ás moradas da Celeste Patria a 31. de Mayo de 560. Fr. Luiz dos Anjos na *Chronica Augustiniana*, o Padre Antonio Pessoa no *Apparato Sacro.*

S. PAL-

S. PALMACIO *Martyr, cuja cabeça se venera em Santa Cruz de Coimbra.*

FOy S. Palmacio Cidadaõ, e Consul Romano; e casado com huma Senhora illustre, e Catholica. Indo á noticia do Imperador Alexandre, que o ditoso Consul vivia com sua mulher, filhos, e mais familia na Ley de Jesus Christo, como inimigo de taõ excelso nome, mandou que se degolassem todos os que naõ quizessem apostatar da Fé; porém como uniformemente a confessaraõ, foraõ com effeito degolados o Bemaventurado Consul com sua mulher, filhos, e quarenta e dois homens, e mulheres, que tinha em casa, e debaixo da sua jurisdiçaõ. As cabeças de todos os ditosos Martyres foraõ por ludibrio postas em lugares publicos da Cidade de Roma, e os santos corpos sepultados com muita honra pelo Papa Calixto, no grande Cemiterio do seu nome. A preciosa Reliquia da cabeça deste Santo se venera no magnifico Convento de Santa Cruz de Coimbra, encastoada em meyo corpo de prata ao natural, cuja fronte cinge huma verde coroa de louro, insignia do seu militar Officio. Delle resa o mesmo Convento a 5. de Outubro, sendo o dia do seu triunfo a 10. de Mayo, segundo o *Martyrologio Romano.*

S. FELIX, *primeiro Ermitaõ.*

1 NA Historia da vida de S. Pedro, primeiro Arcebispo, e primeiro Martyr de Hespanha, dizemos que hum Santo Eremita Felix, que habitava no Monte de Rates, lhe dera sepultura por revelaçaõ que tivera, e agora dizemos (com o Author do *Agiologio Lusitano*) que foy S. Felix naõ só o primeiro que com a sua presença, e assistencia santificou os incultos dezertos da Hespanha, abrindo larga estrada para que muitos o seguissem, e imitassem no caminho da perfeiçaõ, e vida Monachal; senaõ tambem o de toda a Christandade. A prova he clara: os antigos Breviarios deste Reyno, e todos os Authores que escreveraõ de S. Pedro de Rates, affirmaõ, que sendo martyrizado este Santo a crueis estocadas, e deixado envolto em seu proprio sangue debaixo das ruinas da Igreja de Rates, dellas o tirara o Eremita Felix, que naquellas soledades vivia: e se este S. Felix falleceo pelos annos de 46., e S. Paulo pelos de 300., que duvida póde haver em ser o nosso Felix o primeiro Eremita da Christandade! O chamar a Igreja nossa Máy a S. Paulo primeiro Ermitaõ, se deve entender, que he seguindo a mais universal noticia, que ha dos que viveraõ nos dezertos da Thebaida, Egypto, e outras Provincias Orientaes, e naõ como definiçaõ Ecclesiastica precisa, de que naõ houvesse outro antes em alguma parte do mundo.

Foy o primeiro Eremita, e o que deo sepultura a S. Pedro de Rates.

2 Ditosissima, e felicissima he esta Provincia de Entre Douro, e Minho, naõ pela benignadade do seu clima, naõ pela frescura, e pelo saudavel dos seus ares, naõ pela invejada fertilidade, e formosura de seus paizes, sim porque em ella, depois que veyo ao mundo a luz do Verbo Incarnado, mais geralmente que nas outras Provincia do mundo, brilhou a aurora do conhecimento de Deos, resplandeceo mais ao meyo dia a Fé de Jesus Christo, que nella divulgaraõ, primeiro que em outra parte, o Glorioso S. Thiago, e seu Discipulo S. Pedro de Rates, que foy o primeiro Bispo, e o primeiro Martyr de Hespanha, (por converter nesta Cidade á primeira Rainha da Gentilidade) assim como S. Felix foy o primeiro, que por gratificar a Christo as incomparaveis finezas, que veyo fazer ao mundo, o deixou, retirando-se para huma

Notem.

huma soledade em que as pudesse contemplar, e em que pudesse pôr em praxe os conselhos Evangelicos.

3 Ignora-se o dia, e anno, em que deixou o desterro pela Patria, e só se sabe, que seu santo corpo foy depositado pelos Christaõs na mesma Igreja, em que estava o corpo de S. Pedro, que elle descobrio Algumas Igrejas, ou Ermidas, que nesta Provincia se conservaõ com a invocaçaõ de S. Fins, saõ deste Santo, como o testimunhaõ os habitos Eremiticos, e a tradiçaõ de que he o Santo, o que deo a sepultura a S. Pedro de Rates.

Vida de S. Fr. LOURENÇO MENDES, *Religioso Dominico.*

1 NAsceo, segundo a tradiçaõ na Freguesia de S. Lourenço de Villar, junto á Ponte de Chaves, nesta Provincia do Minho. Era da nobre familia dos Chacins, cujos descendentes saõ hoje os Barretos. Affeou a primeira flor da sua idade com todo o genero de vicios, escurecendo assim o lustre, e resplandor de seus nobres progenitores, porque era daquelles mortaes, que tem pelo seu ultimo bem aos deleites corporaes, por naõ reflectirem, que naõ merecem este nome, os que por sua natureza causaõ mil males, assim nas almas, como nos corpos. Pois quem naõ sabe quaõ cheyo está de ancias, e de molestias o appetite dos deleites em quanto se naõ conseguem, e em se conseguindo quaõ inquieta se vê a sua posse, e quaõ perturbada de sustos, e de temores, receando se acabem com brevidade. E ainda quando duraõ, saõ hum mantimento, cuja fartura vem a causar fastio, sem deixar no animo mais reliquias, do que prantos, e trevas. De que seraõ testimunhas, e de quaõ tristes saõ os fins dos deleites, que andaõ em companhia do mal, os que quizerem lembrar-se dos seus appetites, e do que haõ ganhado em seu cumprimento, e execuçaõ.

Foy dado a deleites &c.

2 Ponderando pois o nosso Lourenço nas más consequencias, e nos desgraçados fins dos deleites corporaes, taõ momentanios, e inconstantes, que se desvanecem mais de pressa que o fumo, se resolveo a deixá-los totalmente, e a fazer eleyçaõ da vida virtuosa, como quem tambem ja ponderava, que só a virtude he perpetua, estavel, melhor que todas as riquezas, e mais doce que todas as delicias, porque com ella se fazem os homens quasi divinos, e muito similhantes a Deos, que lhes prevem imperio, e coroa no Ceo, assim como com os vicios se fazem similhantes aos demonios, que lhes prevem no inferno huma eterna escravidaõ. No tempo em que andava dando satisfaçaõ a Deos, e ao mundo dos peccados que havia commettido, e dos escandalos que havia dado, teve noticia de que chegaraõ ao Hospital de Guimaraens o Glorioso S. Fr. Pedro Gonsalves, e outros Religiosos Dominicos com o projecto de fundarem alli Convento: e vendo que submettendo-se debaixo da sua obediencia, lograria o dezejado fim de seus novos, e santos designios, [que eraõ de entregar-se de todo a Deos, fazendo penitencia igual aos seus demeritos] se foy prostrar aos pés do Santo, e pedir lhe o habito de S. Domingos, o qual lho deo com grandes jubilos de sua alma, por antever os grandes serviços, que havia de fazer a Deos, aquelle que tantos havia feito ao diabo.

Reforma a vida, e toma o habito Dominico.

3 Ligeiro corre o caminhante, que dezembaraçado caminha; naõ assim quem leva pezada carga. Quem quizer chegar-se a Deos, despido ha de caminhar dos vicios, e occupaçoens superfluas, e dos affectos, e paixoens do homem velho, vestindo-se do novo, como diz o Apostolo, que he o habito mais justo, e mais ajustado á Divina vontade, e mais agradavel a Deos. Este vestio o Bendito Lourenço, junto com o do Glorioso S. Domingos, o qual bordou de varias, e de heroicas virtudes. Chegou pois a conseguir o estado

da perfeiçaõ em grão eminente, á custa de largas vigilias, continua oraçaõ, rigorosas penitencias, penosas mortificaçoens, repetidos jejuns, e huma total negaçaõ, e abstracçaõ de todos os allivios, que offereciaõ os sentidos.

Dá se á penitencia, e prèga a doutrina que approvava com milagres.

4 He sem duvida, que naõ poderemos fazer cousa mais agradavel aos Divinos olhos, que o prégarmos as virtudes com o exemplo. Com elle, e com os seus discursos prégava incansavelmente o nosso Servo de Deos, e por isso colhia o copioso fructo, que naõ colhem muitos prégadores deste tempo, que descuidados da sua salvaçaõ, e da utilidade das almas, só cuidaõ em amontoar conceitos, e agudezas indignas dos pulpitos, e que entibiaõ aos ouvintes em lugar de os affervorar. Discorreo pela mayor parte das Villas, e aldêas de Entre Douro, e Minho, e de Tras os Montes, ensinando a Doutrina, e exhortando aos cuidados da morte, e aos descuidos da vida. Confirmava o que prégava com portentosos milagres, pois ao contacto das suas maõs obedeciaõ naõ sómente muitas enfermidades, e a mesma morte, senaõ tambem os proprios demonios, que mais apoderados estavaõ dos corpos humanos, que deixavaõ livres, atemorizados da sua vista, e santidade.

Mandou fazer a ponte de Caves a poder de maravilhas.

5 Compadecido das desgraças, que cada dia se experimentavaõ no rio Tamega, emprendeo a fabrica da Ponte de Caves, que hoje permanece, a qual effectuou a poder de maravilhas, e de prodigios, iguaes aos do nosso Glorioso S. Gonsalo de Amarante, pois com metter o bordaõ na agoa, vinhaõ ao redor delle cardumes de peixes, e com a sua bençaõ accrescentava o paõ, e o vinho na mesa dos pedreiros. Depois de acabar hum Sermaõ no termo de Chaves, lhe appareceo hum Anjo na fórma de hum formoso mancebo, e lhe entregou hum cofre de Reliquias, dizendo as tirara da Cidade de Antiochia, que naquelle instante fora entrada dos infieis Conservaõ se no Convento de S. Domingos de Guimaraens, e saõ as seguintes: *O Santo Lenho. Das faixas, e mantilhas, em que a Virgem nossa Senhora involveo ao Menino Deos. Pedra do Santo Sepulchro de Christo. Outra donde subio ao Ceo. Vèo de nossa Senhora, e da sua sepultura. Ossos dos Santos Apostolos, Pedro, Joaõ, Andrè, Filippe, Jacob, Bartholomeu, e Matthias. Do manná, que se achou no sepulchro do amado Evangelista. Da Vara de Moysés. Dos Santos Innocentes. Dos Santos Martyres Estevaõ, Sebastiaõ, Lourenço, Braz, Verissimo, Jorge, Hyppolito, Paulo, Crecencio, e Angerio, e do habito de S. Pedro Martyr. De alguns Santos Confessores, quaes saõ: S. Silvestre Papa, Martinho, Agostinho, Ambrosio, Jeronymo, Bento, Bernardo, Roberto, Francisco, Domingos, e do Abbade Moysès.* Naõ faltaraõ Reliquias de algumas Santas, as quaes saõ: da *Magdalena, Ursula, Luzia, Ignez, Cecilia, Justina, Comba, Justa, Rufina, Brigida, e Clara. O coraçaõ de Santo Ignacio terceiro Bispo de Antiochia. Duas ambolas do oleo, que havia manado do sepulchro de Santa Catharina Virgem, e Martyr*, e outras muitas que naõ tem rotulos.

Entrega lhe hum Anjo hum cofre de Reliquias.

Do seu fallecimento, e sepultura.

6 Adoeceo em fim este eximio, e Apostolico Ecclesiastes, mais das muitas penitencias com que se affligia, e dos muitos trabalhos que passava com o seu Apostolico ministerio, que dos annos, e depois de receber os Divinissimos Sacramentos com o mayor jubilo da sua alma, desamparou esta o corpo, e voou em alcançe da Gloria Celestial. Deo-se lhe sepultura no Hospital de Guimaraens, onde assistiraõ annos os Religiosos Dominicos, e depois o trasladaraõ para o Convento de S. Domingos, que na mesma Villa se edificou, onde o veneraõ os Fieis como a grande Santo. A sua portentosa vida manuscrita se perdeo no mesmo Convento, motivo porque se ignoraõ muitos passos della, e porque escreveraõ brevemente Fr. Antonio Brandaõ, Fr. Luiz de Sousa, e D. Rodrigo da Cunha.

SANTO

SANTO HERMOGIO *Bispo de Tuy.*

1 OU nasceſſe eſte Santo no territorio de Coimbra, como naſceo ſeu ſobrinho S. Payo Martyr, [ſegundo alguns Authores] ou naſceſſe na Cidade de Tuy, como querem outros, ſempre nos fica obrigaçaõ de eſcrever delle, por eſtar naquelle tempo o Biſpado de Tuy ſujeito a eſta Metropolitana de Braga. O Doutor Fr. Bernardo de Brito na ſua *Monarchia Luſitana* diz que fora Monge, e Prior do Moſteiro de Lorvaõ pelos annos de 913., e que depois fora elevado a Biſpo de Tuy, o que naõ contradiz com os annos, pois D. Prudencio de Sandoval, Biſpo de Tuy, a pag. 56. do livro que compôs das *Antiguidades de Tuy*, diz que Hermogio fora Monge, e que no anno de 936. aſſinara, como Biſpo, huma doaçaõ que os Reys de Galliza D. Ordonho, e D. Elvira, fizeraõ ao Moſteiro de S. Pedro de Montes &c.

Foy cativo dos Mouros.

2 Como naquelles tempos andavaõ os Reys Chriſtaõs em continuas guerras com os inimigos de Chriſto, os acompanhavaõ nellas os Biſpos, Abbades, e outros Eccleſiaſticos, naõ para pelejarem como ſoldados, ſim para esforçarem, e animarem a eſtes para defenderem as ſuas patrias, e perſeguirem aos que ſe tinhaõ aſſenhoreado dellas, quaes os malditos Iſmaelitas, e Mahometanos, mortaes inimigos da Ley de Jeſus Chriſto. Com zelo pois da honra deſte Senhor, acompanhou o noſſo Hermogio a ElRey D. Ordonho em varias emprezas militares, até que na batalha de Val de Junqueira foy cativo dos Mouros, que o levaraõ prezo para a Cidade de Cordova, e a Dulcido Biſpo de Salamanca, aos quaes metteraõ no carcere publico, como á plebe mais vil do exercito.

Reſgata-ſe, e deixa em refês a ſeu ſobrinho S. Payo.

3 E como era ja muito entrado na idade, e homem para pouco trabalho, tratou de ſe reſgatar com huns cativos que tinha em ſeu poder, e em quanto os naõ mandava, deixou em refens ao Anjinho Payo, ſeu ſobrinho, que veyo a ſer illuſtriſſimo Martyr da caſtidade, como dizemos neſte Volume, ſucceſſo que incitou a Hermogio, para que mais depreſſa puzeſſe em praxe o intento, que tinha de proſeguir na vida Monaſtica, que profeſſara. Renunciou o Biſpado nas maõs de ElRey, e ſe retirou para o Moſteiro de Santo Eſtevaõ de Ribas de Sil, no Biſpado de Orenſe, [que he de Monges Benedictinos] onde era Abbade o Monge S. Tranquila. Porèm como o inquietaſſem alli as ſuas ovelhas com frequentes viſitas, e dezejava viver eſquecido de todas as couſas da vida, ſe mudou para hum Convento tambem de Monges Benedictinos, que houve na Labruge, que fica em diſtancia da Villa de Ponte de Lima couſa de legoa e meya, cujo Convento diz o meſmo Sandoval elle havia fundado. Alli ſe deo totalmente á Divina contemplaçaõ, e a huma vida taõ penitente, e reformada, que mereceo o titulo de Santo em vida, e em morte, que lhe ſuccedeo ditoſiſſima a 26. de Junho. A ſua ſepultura eſteve elevada da terra até o anno de 1560., em que a mandou pôr raza o ſanto Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, viſitando a Igreja da Labruge, que he hoje Parochial, e come as rendas della hum Arcediago com o titulo de Arcediago da Labruge.

S. JOAM DO PORTO, *Monge Bento.*

NAõ se sabe com individual certeza o tempo em que floreceo S. Joaõ do Porto, e segundo Gregorio de Louvarinhas Feijó, Chronista dos Santos de Galliza, foy Monge Benedictino, e floreceo no tempo em que os Mouros senhorearaõ estes Reynos de Hespanha. Affirmaõ muitos Authores ser natural da Cidade de que tomou o nome, e ainda que assim naõ seja, sempre nos pertence por viver na Cidade de Tuy com a grande fama de Santo, que lhe adquirio a portentosa vida que fazia, approvada com a assistencia de Angelicos Espiritos, e com muitos milagres, que a bondade de Deos obrava pela sua intercessaõ, assim em vida como na morte. Conservase o seu santo corpo no Cruzeiro do Convento de S. Domingos da Cidade de Tuy, com grande veneraçaõ, para onde foy trasladado da Igreja dedicada ao seu nome, em que foy sepultado (sobre a qual se fundou o mesmo Convento) no anno de 1282. Naquelle Convento se celebra a sua festa a 24 de Junho, com o nome de S. Joaõ Tresonio, e de S. Joaõ do Porto, pois de huma, e de outra sorte o nomeaõ os Authores He invocado pelos doentes que padecem febres, os quaes experimentaõ a melhora dezejada passando por baixo do seu sepulchro, ou trazendo terra delle em nominas ao pescoço, a qual tornaõ a restituir, logo que se vem livres das taes febres.

S. DECIANO *Martyr Lusitano.*

Foy idolatra, e baptizado pelo Papa Evaristo.

1 EM Merida, Cidade, e cabeça da nossa antiga Lusitana, nasceo S. Deciano, que nos primeiros annos da adolescencia deixou as delicias da patria, e foy para a famosa Cidade de Roma, incitado dos intensos dezejos que tinha de se fazer insigne nas sciencias, de que era mãy universal aquella Cidade. Nella com effeito se assinalou tanto na Filosofia, Jurisprudencia, e Poesia, que mereceo ser numerado por hum dos mais sabios, e insignes Varoens da sua idade. Foy famoso Stoico, e muy douto em todo o genero de letras Gregas, e Latinas, grangeando com ellas naquelle tempo a opiniaõ de melhor sujeito do mundo. Era extremoso no amor dos amigos, verdadeiro, fiel, obediente á razaõ, observante da Justiça, dezinteressado, limpo de maõs, honestissimo na vida, de animo candido, e de innocente vida; e como era taõ opposto ao mal, naõ foy muito que conseguisse tantas partes: e o certo he, que raras vezes fará assento á inquietaçaõ, a injustiça, e os vicios, no homem que tiver juizo. Todas estas virtudes praticava o nosso insigne Portuguez sendo ainda idolotra, e certamente que por estas moraes virtudes lhe deo Deos os auxilios de graça necessarios para vir no conhecimento da nossa verdadeira Religiaõ, e se converter a ella, como o fez no tempo do Papa Santo Evaristo, que lhe conferio o baptismo com as suas proprias maõs, depois de o industriar nos sagrados Mysterios da nossa santa Fé.

2 Naõ declaraõ os Authores as virtudes em que resplandeceo Deciano depois do baptismo; porém de crer he, que em muitas se havia de avantajar sendo Christaõ, quem tantas obrava sendo idolatra. Em fim, exercitou-se nas que foraõ equivalentes para lhe grangearem a coroa da Gloria, e lauréola do martyrio, no tempo do Imperador Adriano, que com exquisitos tormentos lhe fez voar a alma ao Ceo [onde incessavelmente rogará pelos seus devotos, e compatriotas] a 26. de Outubro de 121.

Vidas,

Vidas, e martyrios de S. FELIX, S. FORTUNATO, *e* SANTO ACHILLEO, *Martyres.*

1 MUitas opinioens ha sobre a ditosa patria, que procreou a estes ditosos Santos; porèm as mais provaveis, e as que segue o erudito Cardozo no seu *Agiologio*, saõ de que nasceraõ em Valença da Lusitania, da qual passaraõ para França, onde mereceraõ ser discipulos do Glorioso Doutor, e Arcebispo de Leaõ, Santo Irineo, que os mandou prégar (ordenados de Diaconos) contra a heresia do finissimo hereje Marcos. Fizeraõ-no todos com tal efficacia, e persuadiraõ aos herejes com taes razoens, que tiveraõ a gloria de ver, que quasi todos os que os ouviraõ deixaraõ os seus erros, e seguiaõ o que lhes intimavaõ.

Vaõ para Frãça, e prègaõ contra as heresias &c.

2 Constou ao Presidente Cornelio dos seus felices progressos, e os mandou prender, entendendo que assim lhos atalharia, e persuadiria á mesma fé que vituperavaõ, se naõ movidos das promessas com que lhes brindava, receosos dos tormentos com que os ameaçava. Com huma, e outra cousa os convidou Cornelio, e de huma, e outra cousa se riraõ os Santos Martyres, por desprezarem todas as honras, e riquezas da vida, e dezejarem a felice morte, que se lhes preparava. Mandou-os o tyranno açoutar com nervos de boys, em summa crueldade, e se enganou, cuidando que os Servos de Deos renderiaõ as vidas no meyo daquelle tyrannico martyrio; mas sahiraõ delle mais robustos, e confortados do que entraraõ. Levaraõ-nos os tyrannos para o ergastulo do carcere; onde se acharaõ derepente sem final algum das nodoas, e pizaduras, que os nervos lhes haviaõ feito, e o que he mais, restituidos por hum Anjo á sua liberdade, o qual lhes ordenou fossem no outro dia, e quebrassem os idolos, e estatuas, que veneravaõ em obsequio dos falsos deoses da cega Gentilidade; elles o fizeraõ com grande ousadia, e celestial valor.

3 Estimulado, e enfurecido o Juiz, quando lhe deraõ conta deste successo, os mandou prender outra vez, e metter entre rodas de agudas, e affiadas navalhas, que com rapido curso se moviaõ sem cessar, até lhes deixarem as canas dos braços, e canellas das pernas quebradas, experimentando outro sim seus costados aquelle impio tormento. Delle sahiraõ quasi despedaçados, e sem carnes, e depois os penduraraõ pelos pés no equuleo, cercados de hum fumo pestilencial, para que aquelle luciferino perfume entrando pelos narizes lhes abbreviasse as vidas, o qual sopportaraõ os Evangelicos Prégadores (confortados da Excelsa Maõ) hum dia, e huma noite. Em fim, conseguiraõ a coroa degolados com huma espada, e assim formozearaõ, com o fino, e subido rocicler do seu sangue, a Valença de Alcantara, que os procreou para tanta gloria, e felicidade. Os sagrados corpos destes Santos se conservaõ hoje em duas custosas arcas douradas, no Mosteiro de Azuelo da Ordem de S. Bento no Reyno de Navarra, para onde foraõ trasladados de Cantabria no tempo, que os Arabes infestaraõ Hespanha. No primeiro de Junho celebraõ naquelle Religioso Mosteiro a sua trasladaçaõ, e a 23. de Abril celebra a Igreja Catholica os seus triunfos.

Mettem-nos em rodas de navalhas, e degolam-nos.

S. MANCIO *Bispo de Evora.*

1 NAsceo S. Mancio na Cidade de Roma, e foy hum dos Discipulos que receberaõ a Christo na entrada, que fez em Jerusalem dia de Ramos. Achou-se na noite da Cea de Christo, e teve a bõa ventura de o ajudar a lavar os pés dos Apostolos, a dita de o ver espirar na Cruz, a gloria

Foy hum dos Discipulos que receberaõ a Christo em dia de Ramos.

gloria de o ver resuscitado, e de receber com os Apostolos o Divino Espirito. Quando todos se dividiraõ pela redondeza do Orbe, inflammado daquelle amoroso, e Divino fogo, que naõ queima, mas allumia, foy destinado para prégar a Ley Evangelica nas partes de França: e cumprindo fervoroso a sua Apostolica Missaõ, fez assento na Cidade de Chalons em Campania, onde no principio recebeo de seus moradores, e cultores dos idolos graves improperios, e affrontas com aspecto benevolo. Taõ fóra estava de procurar vingança, que retirando-se para huma soledade se deo aos exercicios espirituaes, só a fim de alcançar de Deos désse luz áquelles cegos homens para o conhecerem. Foraõ taõ proveitosas as suas preces, e taõ efficazes os seus gemidos, que voltando da soledade, e fazendo grandes milagres, se abrandaraõ aquelles empedrenidos coraçoens desorte, que todos se convertiaõ á nossa sagrada Religiaõ, em cujo obsequio erigio muitos Templos, e consagrou Altares á Virgem nossa Senhora, e ao Principe dos Apostolos S. Pedro.

Sahe de Roma huma sua irmaã em sua busca, e se converte á Ley de Christo.

2 Estando Poma, donzella formosa, e irmaã de S. Mancio em Roma, e ouvindo os felices progressos da nova Ley, que prégava seu irmaõ, dezejosa de a seguir, e de o ver, e practicar, sahio da Cidade em sua busca, e achando-o na sobredita Cidade, ficou summamente contente; e foraõ taes as persuasoens, que Mancio lhe fez, que naõ só se resolveo a seguir a Ley de Christo, senaõ tambem a consagrar ao Cordeiro sem macula a pureza virginal, que toda a vida conservou illeza. Teve noticia do fructo, que o Apostolo S. Thiago fazia na nossa Hespanha, e cheyo do divino zelo da salvaçaõ das almas, determinou deixar França por Hespanha, o que effectuou vindo para ella, como Anjo veloz. Discorreo por muitas terras, e Cidades, até que fez seu assento na de Evora, que naquelle tempo era huma das mais nomeadas do universo. Alli começou Mancio a Evangelizar, e a prégar o Reyno de Deos, de quem aquelle povo naõ tinha ainda distincta noticia, e a converter a muita gente, que naõ podia resistir á força das razoens com que persuadia a verdade da nossa santa Fé, e dos innumeraveis milagres com que a acreditava. Dos infinitos, que converteo, escolheo alguns que lhe pareceraõ mais idoneos, e scientes, e os mandou prégar pelas terras circunvisinhas, e desta sorte se dilatou a Religiaõ Catholica em pouco tempo por toda a Comarca. Do que envejoso Satanaz, por se ver despojado do dominio, que tinha sobre aquellas almas, excitou os animos dos impuros Sacerdotes dos idolos de maneira, que o começaraõ a perseguir com tanta sede do seu sangue, que foy necessario auzentar se da Cidade, para dar lugar á furia popular, que concitaraõ contra elle.

Vem para Hespanha, e faz assento em Evora.

3 Andou discorrendo, e prégando por varias terras da Lusitania, e baptizando aos que convertia, e confirmando na Fé aos que achava convertidos por seus discipulos. Constou a Validio, Presidente de Evora, que o nosso Santo Bispo hia convertendo a mayor parte do povo, e o mandou prender, e levar perante si, disse-lhe: *Que dezistisse da nova Ley que prègava, e que sacrificasse aos deoses da Gentilidade, conservadores do Imperio Romano, senaõ queria experimentar a sua ira, e ainda a mesma morte*; porèm como o nosso Santo naõ temia esta, e nem fazia cazo algum da vida, lhe respondeo com liberdade santa: *De melhor vontade perdera esta, e outras vidas, se muitas tivera, por amor do verdadeiro Deos, Trino em Pessoas, e Uno em Essencia, a quem rendo adoraçoens, que obrar taes desatinos, adorando aos fementidos simulacros do demonio. Se os tormentos haõ de ser vivos testimunhos da minha constancia, e a morte premio della, aqui tens este corpo offerecido a tudo, e o animo taõ firme em seu proposito, que em quanto elles naõ chegaõ, me parecem mil annos.*

Vay prezo diante do Presidente de Evora, a quem falla com Apostolico espirito.

Açoutaõ no atado a hũa columna que hoje se conserva.

4 Vendo o Presidente a ousadia, e o sem nenhum temor com que o Santo lhe respondeo, o mandou açoutar por huns robustos algozes, e elles o fizeraõ atado a huma columna, que hoje he mui venerada na Cidade de Evora.

Açoutaraõ-no pois nella com taõ grande crueldade, que regava a terra com o ſeu precioſo ſangue, e lhe cahiaõ aos pés pedaços de carne. No meyo de taõ deshumano martyrio naõ ceſſava de dar a Deos graças com inceſſaveis vozes. Dava-lhe preſſa o tyranno para que adoraſſe aos deoſes, e dizia aos miniſtros que avivaſſem os açoutes, entendendo que com ella, e com elles derrubaria melhor a ſua invicta conſtancia, e invencivel fortaleza. Porèm o Santo Martyr lhe naõ dava mais reſpoſta, que a de que abominava a falſidade dos idolos, e engrandecia a Divindade de Chriſto, rendendo-lhe muitas graças pela que com elle repartio, para ſoffrer, e triunfar daquellas atrocidades, e rigores.

5 Pugnou por muitas horas a protervia de Validio com a fortaleza de Mancio, e em reſoluçaõ canſou elle, e os algozes de atormentá-lo, ſem que o glorioſo Santo cançaſſe de padecer. Mandou Validio que o metteſſem em hum tenebroſo carcere, onde, deſtituido de todo o humano ſoccorro, lhe apodreceraõ as chagas dos açoutes, enchendo ſe lhe de innumeraveis bichos. E querendo o maldito Validio prolongar-lhe o martyrio, prorogou-lhe a vida, mandando o ſahir para fóra do carcere agriolhado, para ſervir n'uma pedreira, em que ſe quebrava pedra para as mais publicas obras da Cidade. Acarretando pedra paſſava o noſſo Santo os dias, e as noites as paſſava no carcere miſeravelmente, pois lhe mettiaõ os pés no tormento do nervo, ou cepo, comendo taõ pouco, que a naõ ſer confortado da Divina graça brevemente deixaria a vida. Porèm como na eliada dos trabalhos naõ deixaſſe o noſſo Santo de prégar, e de adquirir almas para o Ceo, deraõ parte a Validio de que Mancio hia convertendo, e baptizando o povo, com quem praticava, e que puzeſſe cobro niſſo, ſe naõ quizeſſe ver a todos convertidos á nova Ley que lhes prégava. Informado diſto Validio, ordenou que levaſſem o Santo Biſpo á ſua preſença. Levaraõ-no os miniſtros maniatado, e Validio intentou de o levar com fingidas caricias, e fantaſticas promeſſas, dizendo-lhe, que lhe daria na Republica os cargos que coubeſſem na ſua peſſoa: *E quando naõ* [dizia elle] *ſer-me-há forçoſo uſar do que naõ quizera, e abrandar com ferro a dureza da tua pertinacia.* O Santo roborado interiormente lhe tornou: *Já puderas, ó Validio, eſtar deſenganado do pouco cazo que faço das pertençoens, e honras do mundo; a Ley de Chriſto he a que profeſſo, pela qual hey de dar a vida. Queres ſaber o que ſinto dos teus deoſes, he ſerem mortos, e inſenſiveis, como as arvores, e pedras, de que ſe formaraõ, e como naõ tem nada de divinos, nenhuma adoraçaõ ſe lhes deve.*

Andava a carretar pedra atado com grilhoens.

6 Indignado o Preſidente com eſta taõ dezabrida reſpoſta, o mandou eſtender no equuleo, e que novamente o açoutaſſem com varas, e lategos de ferro, e os miniſtros o fizeraõ promptamente, e deſorte, que, vendo-ſe eſgottado de ſangue, e deſpedaçado, levantou o eſpirito, e os olhos ao Ceo, pedindo a Deos que o recebeſſe no ſeu Reyno. No meſmo inſtante ouvio huma vóz, que o chamou ao premio, com que alegre rendeo o eſpirito nos braços do Redemptor, que muitos dos preſentes viraõ ſahir, em figura de candida pomba, deixando o ſeu truncado corpo nas maõs do iniquo tyranno, hydropico do ſangue dos Martyres, que para que paſſaſſe o ſeu odio ainda depois da morte, mandou que arraſtaſſem aquelle ſanto corpo pelas ruas mais publicas da Cidade, que ficaraõ ſantificadas com o ſeu ſangue. Depois ordenou que o enterraſſem de noite em hum lugar immundo, e onde naõ foſſe viſto por Chriſtaons, por temer que eſtes o tiraſſem, e reverenciaſſem como merecia pelas ſuas grandes façanhas, e heroicos merecimentos. Com iſto ſe perdeo a memoria do lugar em que o ſanto corpo jazia, até que no tempo dos Godos quiz Deos patentear aquelle precioſo thezouro, da maneira ſeguinte.

Fallece entre varios tormentos, e ſe vè ſahir ſua alma em figura de pomba.

Arraſtaõ no pelas ruas da Cidade, e o interraõ em lugar immundo.

7 Hum Cavalheiro da Cidade de Evora, tinha huma fazenda perto da Cidade, em que ordinariamente vivia, e donde hia varias vezes ſolicitar

huma

huma demanda que trazia na Cidade. Sahindo pois de casa para este effeito, foy sobresaltado de hum tal quebranto de somno, que adormeceo em hum campo, que occultava taõ precioso thezouro, onde lhe appareceo o Santo em sonhos cercado de resplandores, e das cadêas, com que fora amarrotado, e enterrado. Disse ao homem, que dalli a sette dias alcançaria sentença a seu favor, se lhe promettesse dar a seu corpo honrosa sepultura: assignalou-lhe o lugar onde jazia, e dezappareceo. Passados os dias, sahio sentença a favor do Cavalheiro, e vendo que o sonho fora realidade, cavou no sitio, e achou o bendito corpo, com as mesmas cadêas com que o vira no sonho, e taõ fresco, recente, e livre de corrupçaõ como se naquella hora fora enterrado. Deo parte do prodigioso successo a alguns parentes, e amigos, e todos levaraõ o santo corpo para huma sua herdade, na qual o metteraõ em hum formoso, e custoso tumulo de pedra, que era visitado de infinito povo, que a elle concorria de muitas partes a implorar a sua intercessaõ para com o Altissimo, cuja efficacia experimentavaõ os devotos, que se recolhiaõ com venturosos successos nas suas dependencias.

Notta o como o Santo mesmo assignalou o sitio em que o enterraraõ.

8 Veyo aquella herdade a ser do Conde D. Juliaõ, e de sua mulher Julia, que viviaõ no tempo do nosso Rey Uvamba, os quaes lhe levantaraõ huma magnifica Bazilica de notavel fabrica, e architectura com quantidade de pillares de jaspes, e junto della huma fonte de bellissima agoa, para que os peregrinos mitigassem a sede, e huma famosa torre, (que ainda hoje permanece) em que as santas Reliquias se guardavaõ, em sepuchro de finissimo marmore sobre hum rico, e custoso altar de prata, donde os Christaõs as tiraraõ, temendo que fossem queimadas por Abderramen Rey de Cordova, e as levaraõ com outras muitas para Castella, onde se conservaõ hoje em hum Mosteiro de seu nome, da Ordem de S. Bento, em hum precioso cofre de prata rodeado de crystaes, pelos quaes he visto dos devotos, que alli concorrem a implorar o seu auxilio, e intercessaõ, e no anno de 1592. se tirou do dito cofre, a requerimento da nobreza de Evora, o precioso braço que logra aquella Cidade. Foy o seu glorioso triunfo a 21. de Mayo de 106.

S. JOAM GODO *Monge Bento, e Bispo de Gyrona, natural de Santarem.*

1 NAsceo para bem de muitas almas, em Scalabitana, [hoje a nobre Villa de Santarem] que deixou na adolescencia, persuadido dos dezejos que tinha de estudar, e de adquirir nome. Discorreo por varias terras de Hespanha, e fez assento na Cidade de Toledo, onde aprendeo, os primeiros ensayos da Latinidade, e humanidade, até que desprezando as honras, e fastos, que o mundo mais estima, recebeo a cogulla do grande Patriarcha S. Bento, segundo alguns Authores, no Mosteiro Dumiense, hum quarto de legoa distante de Braga. Era naquelle tempo a Cidade de Constantinopla, publica escóla de todas as sciencias, e bõas artes, para ella o mandou seu Prelado, para que cursando os estudos se viesse a aproveitar da grande habilidade, e engenho de que Deos o dotou. Dezasette annos esteve naquella grandiosa Cidade, e sahio com superioridade eminente em todas as letras, e consummado nas linguas Latina, Grega, e Caldea, e muito avantajado na intelligencia dos Santos Padres. No tempo em que o perfido Liovigildo impunhou o Gothico Ceptro, e fervia a insania Arriana em toda a parte, voltou o nosso Santo de Constantinopla para Hespanha, e dezejoso do bem de seus pays, irmaõs, e parentes, veyo a Santarem, onde os persuadio á guarda da Ley de Jesu Christo, e a muitos patricios, e grandes idolatras.

Toma o habito Benedictino, e vay estudar para Constantinopla.

2 Chegou á noticia do maldito Liovigildo os progressos de Joaõ, e o mandou

mandou chamar, e querendo acreditar a sua grande protervia, e cegueira, procurou grangear-lhe a vontade, imaginando talvez que lhe seria facil o reduzir á sua parcialidade a hum mancebo de poucos annos, com honorificas promessas, e benevolas caricias. Porèm enganou se o barbaro, porque nada disto foy bastante a fazer affroxar o nosso Santo nos seus santos propositos, e menos as ameaças, e promessas de desprezos foraõ equivalentes para abalarem o seu generoso, e invencivel peito. Vendo o obstinado Rey a determinaçaõ, e ultima resoluçaõ do nosso Santo, naõ se lembrando delle ter sido Mestre de seu filho o invictissimo Martyr Santo Hermenegildo, o desterrou para Barcellona, ordenando-o assim a Divina Providencia, para que prégasse naquella Provincia a Fé Catholica, assim como o tinha feito em muitas de Hespanha. Dez annos esteve naquella Cidade, servindo sempre aos Catholicos de refugio, aos herejes de flagello, padecendo com maravilhosa constancia as perseguiçoens de muitos, que repetidas vezes lhe quizeraõ dar a morte, estimulados das muitas victorias, que delles conseguia em publicos certames.

3 Neste felice desterro fundou o celebre Mosteiro de Valclara, que povoou de Monges Benedictinos, aggregando á Regra saluberrimas Constituiçoens em utilidade da vida Monastica. Melhorados os tempos pela infelice morte de Leovigildo, e felice governo de seu filho Recharedo, foy eleyto Bispo de Gyrona, que vagou pelo Bispo Alapio, e o mesmo foy começar o nosso Santo a apascentar as suas ovelhas, que ver-se nellas grande melhora, e reforma de vida, pois com mayor desvélo se empenhou em arrancar as muitas heresias, que tinhaõ ficado da seita Arriana. Naõ se convocou no seu tempo Concilio, a que naõ assistisse pessoalmente, campeando em todos com as suas grandes letras, e pulcherrimas virtudes. Com todas as occupaçoens, que tinha com o seu Pastoral Officio, naõ deixava os exercicios espirituaes, e empregos dos Religiosos, que vivem esquecidos da vida, e lembrados da morte, e por isso chegou ao cume da Monastica perfeiçaõ, que realçou ainda nesta vida com innumeraveis milagres, para que esta soberana luz collocada no Candieiro da Igreja, resplandecesse nella cada vez mais. Depois de ter obrado em fim assignaladissimas façanhas no serviço de Deos, e da Apostolica Igreja de Hespanha, com grande credito seu, e de sua patria, foy gozar do premio de taõ sublimes merecimentos a 6. de Mayo de 631. Tamayo Salazar no terceiro tomo do *Annaneci*, traz o Epitafio, que se pôs no tumulo deste Santo, que na nossa lingua vulgar, diz o seguinte:

Funda o Mosteiro de Valclara, e o elegem Bispo de Gyrona.

4 *Aqui debaixo deste marmore [ó S. Joaõ] cobre a terra tuas sagradas Reliquias, seja-te esta leve. Tu es a delicia da tua patria, e o amor da Ley Divina. Tu a formosura de Hespanha. Assim andastes solicito na vida, que o coraçaõ todo empenhastes na Fè. Em Santarem fostes gerado ao mundo de pays Godos Lusitanos. Depois Toledo te deo grandes Prebendas, e Constantinopla a suprema Arte das suas Gregas sciencias. Tornaste para a tua patria, cheyo da affeiçaõ da gente Goda, que reduziste á Fè Catholica. Mas como Leovigildo te naõ pudesse trazer, por mal, nem por bem, á profissaõ da sua damnada seita, te desterrou para Barcellona, e como infiel te perseguio, onde padecestes muitos trabolhos. Aqui logo, ó Inclyto Joaõ, edificastes o Mosteiro de Valclara para morada de muitos Monges. Finalmente reduzistes os Godos á Fè Catholica, em que merecestes a alta Dignidade de Gyrona, e exercitastes o Officio Pastoral excellentemente, até que esclarecido em doutrina, e illustre em piedade, passaste pela morte, e a mesma te foy grangearia.* Este metrico, e dilatado Epitafio, reduzio a hum distícho hum engenho:

Epitafio que se pos no seu tumulo.

Me Scalabis genuit; Toletum rure cuculat;
Dat baculum vadis: Clara, Gerunda Mitram.

Delle trataõ muitos Authores, dos quaes he o sobredito Tamayo, Cunha na *Historia Ecclesiastica de Lisboa &c.*

S. CARILIPPO, SANTO APHRODISIO, SANTO AGAPIO, *e* SANTO EUSEBIO.

EM Caparras, Cidade Episcopal da antiga Lusitania, receberaõ as laureolas do Martyrio estes ditosos soldados da milicia de Christo. Naõ particularizaõ os Authores mais acçoens suas, que as da celestial fortaleza, e constancia invencivel, com que triunfaraõ da cega idolatria, e de seus malditos sequazes, para se fazerem herdeiros das permanentes moradas do Ceo, a 28. de Abril de 91. em cujo dia traz o *Martyrologio Romano* o seu triunfo.

Vida, e morte admiravel de S. Fr. GIL, *Religioso Dominico, natural de Vousella.*

1 NAsceo na Villa de Vousella, cabeça do Concelho de Lafoens, este novo prodigio da Graça, e expresso milagre da Omnipotencia Divina, que parece faz realçar com mais eminencia a sua piedade, quando se empenha em transformar hum negro carvaõ em huma brilhante perola, e hum obstinado demonio em hum abrazado Serafim. Carvaõ pela culpa, e demonio pela obstinaçaõ foy pois o nosso Fr. Gil, que brevemente veremos transformado em huma brilhante perola do Ceo, e em Serafim ardente, por meyo da penitencia, a que o encitou a Excelsa Bondade, por modo bem peregrino. Seu pay se chamou Ruy Peres de Valladares, e foy de taõ illustre prosapia, que ElRey D. Sancho I. o fez seu Mordomo Mór. Era o nosso Gil de agudissimo engenho, razaõ porque lhe naõ foy difficil o aproveitamento nos estudos, principalmente no da Filosofia, em que se ostentou eminente. Conseguio tres Conezias, nesta Sé Primaz, na de Coimbra, e na da Guarda, e os Priorados de Santarem, e de Coruche.

Foy Conego em Brag, em Coimbra, e Guarda.

2 Cuidava o mundano Gil muito na vida, e nada na morte, e naõ era reparavel que uzasse malissimamente dos rendosos Priorados, e das Ecclesiasticas Prebendas, cujas rendas consumia em todos os vicios, que inventar póde hum homem, que naõ se lembra da morte, nem da conta. Ao vicio da lascivia, e torpeza da carne se entregou com tanta ancia, e resoluçaõ, que parecendo-lhe ser a Medicina grande meyo para mais facil pôr em execuçaõ os seus depravados, e inhonestos intentos, renunciando todos os Beneficios, foy estudá-la para Coimbra, em cuja sciencia aproveitou muito. Como era notoria a sua alta comprehensaõ, e o naõ ignorava ElRey D. Sancho, lhe disse fosse á Cidade de Pariz aperfeiçoar-se naquella, e nas mais sciencias, a que o provocasse a sua inclinaçaõ, por nella haver a mais celebre, e decantada Universidade da Europa, como mãy de infinitos Sabios em todas as Faculdades, que com o valor das suas letras accrescentavaõ, e accrescentaõ a gloria da nossa Igreja, defendendo-a dos barbaros, e dos muitos herejes, que a contrastaõ continuamente com a ignorancia dos seus erros, e enganos. Conveyo Gil Rodriguez no gosto de ElRey, porque lhe naõ disse cousa, que se oppuzesse ao seu, e á sua natural inclinaçaõ.

Depois de Conego estudou Medicina, para se dar as lascivias.

3 Pôs-se Gil Rodriges de Valladares (assim se chamava no seculo) ao caminho para Pariz, e nelle contrahio amizade com o demonio, que lhe appareceo em figura de passageiro. Cômunicou-lhe os intentos, que o levavaõ a Pariz, os quaes depois de lhe louvar o infernal passageiro, disse: *Excellentes sciencias saõ essas, que aprendestes, mas onde está a Nigromantica, cessa tudo, com*

Apparece-lhe o diabo, e o persuade a aprender a Nigromancia, que aprendeo, entregando-se ao diabo.

com ella poderàs adquirir no mundo , naõ ſó nome , e fama avantajada , mas grandes riquezas , e honras , que he o que os homens mais buſcaõ , e appetecem ; eu te levarei ſe quizeres a parte onde aprendas , e ſayas peritiſſimo. Logo que o liviano , e cego Gil ouvio o offerecimento , ſe começou a dar parabens a ſi meſmo , e dizendo : *Nunca achey homem , que tanto me encheſſe as medidas :* e pedindo logo ao fingido homem o encaminhaſſe para o ſitio em que ſe enſinava , pois era aquella ſciencia a que muito lhe convinha ; ficou o diabolico eſpirito com o contentamento que ſe póde ponderar , por ver fructuoſos ſeus deſignios. Levou-o a humas tenebroſas , e horriveis grutas , que eſtavaõ junto á Cidade de Toledo , nas quaes ſe enſinava aquella infernal ſciencia. Aſſim como entrou a ſer ouvinte da Luciferina Academia , lhe deraõ muitas vivas , e rizadas os Luciferinos Academicos , e pouco depois lhe diſſeraõ , que ſe levava intento de aprender , havia de dar hum eſcrito feito com o ſeu proprio ſangue, pelo qual apoſtataſſe da Fé , e negaſſe os Sacramentos , que Chriſto deixou na ſua Igreja , entregando-ſe de todo ao demonio Reytor daquellas aulas infernaes. Ficou Gil todavia ſobreſaltado , e confuzo com condiçoens taõ diabolicas ; porèm o medianeiro lhe facilitou as duvidas , com as razoens , que lindamente lhe havia de dar , deſorte , que eſquecido de Deos que o creou , e redemio , ſe entregou totalmente ao diabo , pelo eſcrito que fez com o ſeu proprio ſangue.

Sette annos curſou nas infernaes Aulas.

4 Deſta ſorte ficou o noſſo Gil Rodriguez numerado entre os mais diſcipulos de Lucifer, e curſou aquellas obſcuras aulas naõ menos de ſette annos, ſem que em todos elles abriſſe os olhos da alma, para ver a grande cegueira em que vivia , e mayormente vendo que aquelles infernaes eſtudantes eſpedaçavaõ, e lançavaõ nas eſtigias lagoas a muitos de ſeus condiſcipulos , que alli ficavaõ ſepultados em corpo , e alma. No fim dos ſette annos ſahio conſummadiſſimo Nigromantico , e logo foy a Pariz , onde fez huns actos de Medicina, que cauſaraõ a mayor admiraçaõ aos Doutores deſta profiſſaõ. Soltou as redeas a todos os vicios , uſando das diabolicas artes , ja para cumprimento dos ſeus luxurioſos appetites, ja para dar goſto ás peſſoas com que tratava , fazendo diante dellas couſas , que excediaõ a humana capacidade : aſſim andava nas azas da fama , ſendo temido de huns , amado de outros , e invejado de muitos , que dezejavaõ as ſuas partes , para campearem como elle , e poderem conſeguir o agrado , e applauſo do povo.

Vizaõ admiravel que teve, em ordem a deixar a mà vida em que andava.

5 Neſte intricado labyrinto , e profundo pelago de miſerias , andava ſubmergido o miſeravel , e cego Gil Rodriguez , quando o piiſſimo , e miſericordioſo Deos , pela ſua ſumma piedade , e indizivel miſericordia o trouxe ao eſtado da graça , da maneira ſeguinte : Eſtava em huma tarde engolfado nos eſtudos da Nigromantica ſciencia , e por iſſo bem deſcuidado da ſalvaçaõ de ſua alma , e lhe repreſentou hum Cavalleiro armado com huma lança na maõ , que lhe dizia muito colerico : *Muda a vida homem , muda a vida peccador.* Ficou ſobreſaltado com a medonha viſaõ , e por algum tempo ſe pôs a ponderar na enormidade das ſuas culpas ; porèm como eſtavaõ taõ apoſſadas , e radicadas na ſua alma , naõ pode proſeguir com a conſideraçaõ , mas antes o affecto , e inclinaçaõ, que tinha á delicioſa vida que lograva , lhe fez parecer que ja naõ eſtava na ſua maõ o mudar de vida , e que aquillo fora ſonho , ou apparencia fantaſtica , e naõ verdadeira viſaõ. Perſuadido de que o ſuccedido era ſonho , e que lhe naõ era poſſivel mudar de vida , foy continuando , e proſeguindo na eſcandaloza , naõ perdendo occaſiaõ donde lhe pudeſſe reſultar o menor goſto. Em fim , reſolveo-ſe a viver , como quem pertendia ter a gloria neſte mundo , e naõ eſperava a eterna. Aſſim andou totalmente eſquecido da morte , e das obrigaçoens que lhe incumbiaõ como a Chriſtaõ , até que o Bom Paſtor , que naõ ſe coſtuma eſquecer da ovelha deſgarrada o tornou a aviſar pelo Cavalleiro , que lhe appareceo mais aſſanhado , e furioſo que da vez primeira , dizendo : *Ja que naõ quizeſtes mudar de vida , tem*

por certo que naõ has de escapar hoje das minhas maõs. Sentindo se tocado da lança, e traspassado da Divina graça, disse: *Senhor estou prompto para fazer a vossa vontade, e conheço ser digno de grande castigo, por vos naõ obedecer a vez primeira.*

Converte se á violencia de huma lança, e lamenta a sua passada cegueira.

6 Neste tempo cahio no chaõ, e chamou pelos criados com vóz desentoada, e acudindo-lhe estes com a mayor pressa o acharaõ sem sentidos com huma ferida na superficie do peito, que deixara feita a lança. Tornou a si do accidente, e cahio tanto em si, e na conta, que começou com mil soluços, e enternecidos suspiros, a discorrer no máo estado em que havia andado na sua culpa, na sua maldade, na sua miseria, e na sua condenaçaõ, e como quem despertava de hum letargo, dizia: *Que he isto Ceos, que he isto! Que he o que por mim passou! Que he o que me succedeo! Que fiz! Ay miseravel de mim! Oh desdita! Oh sorte adversa! Eu fuy taõ máo! Eu taõ torpe! Eu taõ louco de juizo, que renunciei, e arreneguei de hum Deos, que me deo o ser, que me sustenta, e que me redemio com o seu Sangue purissimo! Eu sou quem negou a Deos, firmando hum escrito com o meu proprio sangue! Como a terra me soffre! Como vivo me naõ traga! Como me consente o Ceo! Como este naõ me arroja hum rayo, que em cinzas me converta! Que farei! Aonde irei! A quem pedirei consolaçaõ! Quem terá valor para ouvir-me, sabendo neguei a hum Deos, que me deo o ser! Porèm se a bondade de Deos me chama por modo taõ superior; porque desconfiarei! Porque dezesperarei do meu remedio! Naõ sou Christaõ! Naõ estou ainda vivo para chorar culpas tantas, e para pedir perdaõ dellas a poder de penitencias! Pois que ha que desmayar, se naõ maõs á obra.*

De como o mesmo he cahir em culpa que negar a Deos, e tomou o habito Dominico.

7 Com similhantes discursos, e lamentos se atormentava, e convencia o nosso Gil Rodriguez, que sem esperar por terceira advertencia, pedio os livros, e as postillas da arte diabolica, e entregou tudo ás vorazes chammas. Mortaes descuidados, ponderemos bem no que fazemos, quando inadvertidos, e cegos nos queremos arrojar a qualquer peccado. Persuadamo-nos, que no mesmo ponto em que cahimos em alguma culpa grave, negamos a Deos como Gil, e que logo nos ferra o demonio, como ao mais vil escravo; e que por mais que intentemos com prantos borrar o erro, por mais que na confissaõ nos lavemos, sempre nos fica final, que se ha de tirar com fogo, ou ha de mediar toda a graça de Deos para tirá-lo.

8 Determinou voltar para este Reyno, e com effeito sahindo logo daquella casa, que fora theatro de seus escandalos, triste, melancolico, e cheyo de infinitos cuidados, e combatido de mil aldrabadas, que lhe occasionava a lembrança de vida taõ depravada, chegou a Palencia, nobre Cidade de Hespanha, a tempo que andavaõ huns Religiosos Dominicos desfazendo huns pardieyros para delles fundarem hum Convento da sua Ordem. Edificou-se muito da ancia com que aquelles Servos de Deos andavaõ çujos, e enlodados, ja acarretando pedras, ja desfazendo paredes, ja amassando barro para a erecçaõ de outras, e logo inspirado por Deos, determinou tomar aquelle habito se lho quizessem dar: cõmunicou ao Prior a sua vida, e os seus intentos, o qual naõ pode ouvir a manifestaçaõ de tal vida, e de taõ desuzada converçaõ a olhos enxutos, e depois que as lagrimas, que aquelles destilaraõ, lhe permittiraõ lugar, lhe deo muitos parabens da sua bõa dita, e acceitou para a sua companhia, pelo ver verdadeiramente contricto por huma parte, e cheyo de amor de Deos pela outra.

9 Era o genio do nosso Fr. Gil, ao mesmo tempo que generoso, doce, e amartellado, e assim que quando na passada vida lhe haviaõ vendado os olhos o demonio, e seus appetites, corria exhalado no seguimento das caducas formosuras, dando todo o seu amor á vaidade de huma sombra; porem depois que amanheceo no seu entendimento a venturosa luz de taõ raro desengano, seguindo as impetuosas doçuras de seu amoroso genio, fez alvo de todos seus affectos

affectos á infinita Bondade de hum Deos, que tanto se lhe inculcara benigno, no qual, como em centro, se uniraõ todas as linhas de suas opperaçoens, e pensamentos; e como naõ se deve ter por amante, o que recuza as penalidades de padecente, só no padecer por Deos mostrava algum socego. Cingio-se pois, em obsequio do seu amado, com huma larga, e pesada cinta de ferro, que fechou com hum cadeado, e mandou lançar a chave em hum rio a exemplo de S. Giraldo Arcebispo de Braga. Para voar melhor o seu espirito á esfera da Divindade, desfazia-se do pezo da carne atormentando-a com desuzadas abstinencias, diciplinas rigorosas, continuas assistencias nas obras, e ferventes oraçoens mentaes, e jaculatorias, em que passava a mayor parte da noite, e de que se servia como de braços, com que se atava, e unia aos pés de seu amado Deos.

Dos exercicios santos, em que se empregava, e de como lançou a chave de huma cadèa cõ que se cingio em hum rio.

10 Quatro annos residio Fr. Gil no Convento de Palencia, dando a todos o mayor exemplo de virtude, no fim dos quaes o permudaraõ para o Convento de Santarem, Villa famosa deste Reyno de Portugal. Achou aquelle Convento muito florido de Varoens esclarecidos, assim em virtude, como em letras, o que lhe occasionou o mayor jubilo na alma. Picado de taõ exemplares Religiosos, e lembrado da perversidade da sua passada vida, e naõ esquecido do escrito que o diabo conservava na sua maõ, foy continuando em vingar-se de si, como do mais cruel inimigo, castigando-se com tres diciplinas de sangue cada dia, e com outros diversos instrumentos em satisfaçaõ da liberdade com que servira ao mundo, e do sem nenhum temor, com que deliciara a carne, e se entregara ao diabo.

Vem para o Convento de Santarem onde continua em grandes asperezas de vida.

11 Invejoso, e picado Satanaz dos progressos, que lhe observava no seguimento das melhores virtudes, pertendia ancioso divertí-lo dellas, pelo meyo de horrendas, e medonhas carantonhas com que lhe apparecia, ja incitando-o á desesperaçaõ, ja pondo-lhe por incontingente, e irremidiavel o seu remedio á vista do escrito que lhe tinha feito, e que cada dia lhe mostrava, e ja persuadindo-o a que peccados taõ enormes naõ eraõ dignos de perdaõ; porèm o nosso peccador lembrado de que a Divina misericordia senaõ nega em tempo algum ao que arrependido a supplica, naõ esmorecia de a poder alcançar, e no mayor auge das infernaes perseguiçoens banhava todas as suas passadas torpezas com perennes lagrimas, diante daquella Sacratissima Virgem, que he verdadeiro asylo, Senhora, Mãy, e amparo de todos os affligidos. No Capitulo pois daquelle Convento havia huma sua Imagem, onde hia prantear cada instante, e pedir-lhe interpuzesse o seu poder, para lhe ser restituido o seu escrito, e confiando juntamente ser indigno do perdaõ do seu Santissimo Filho, se dava a si mesmo o castigo, banhando as costas em sangue até regar a terra. Isto mesmo fazia muitas vezes na Igreja, diante do Divissimo Sacramento.

Apparece-lhe o diabo muitas vezes incitando-o á dezesperaçaõ.

12 Muitos tempos perseverou nestes piedosos exercicios, sem que em todo elle tivesse alguma consolaçaõ, ou orvalho do Ceo, mais que huma interior confiança na benignidade Eterna, que lhe naõ havia de faltar com o despacho, se perseverasse conforme a Divina promessa: *Omnis qui petit accipit, & qui querit invenit.* Porèm como o tentador naõ perdia lançe nos intervallos das suas preces, o atormentava com medonhas apparencias, e deformes figuras das almas damnadas, que lhe reprensentava nos calabouços do inferno, ja submergidos em profundas lagoas, ja sendo seu substento de vorazes chammas. A'lèm das sobreditas apparencias, com que o atormentavaõ, lhe diziaõ: *Que por muito que orasse, aquelle sempiterno horror seria sua morada.* Outras vezes lhe dizia o Capitaõ do infernal esquadraõ, que lhe costumava apparecer: *Oh vassallo ingrato, e desconhecido, naõ ves quantos bens conseguistes com a sciencia que te ensinei, agora por taõ pouco me deixas! Sabe que naõ hey de cessar de atormentar te toda a vida, pois vestistes o habito dessa Ordem.* Outras vezes dizia muito raivoso, e furioso: *Se ainda que chores,*

Continuaõ os demonios em persegui-lo.

que

que trabalhes, e que derrames esse aleivoso sangue, has de ser meu, quanto melhor te será viveres alegre, e gostoso. A todas estas visagens resistia o Servo de Deos com o sinal da Cruz, e depois de passados sette annos de perseguiçoens daquelles infernaes espiritos, e de fazer em todos elles duplicadas oraçoens a Deos, e a Maria Santissima, mereceo a posse do escrito que tinha feito, desta sorte.

Cõsegue a posse do escrito que deo ao demonio por meyo de Maria Santissima.

13 Estava em huma occasiaõ fazendo á Senhora o seu costumado requerimento, quando vio de repente huma tropa de demonios, que, depois de o intentarem affogar, se retiraraõ bramindo, como furiosos, e affanhados perros, dizendo: *Toma a tua cedula, com a nossa maldiçaõ; nunca a houveras de conseguir se naõ nos obrigara quem está neste Altar.* Achou pois a cedula aos pés da Virgem nossa Senhora, a quem logo prostrado rendeo as graças, por alcançar pela sua intercessaõ o que tanto o atormentava, e com tantas ancias, e lagrimas lhe pedia: *Mortaes, attendei: fez escrito Gil ao diabo com o seu proprio sangue, e conseguio a possessaõ delle por intercessaõ de Maria Santissima. Se acazo por tua fraqueza, ou fragilidade, cahires nas mais horrorosas culpas, abraça-te de Maria Santissima, tem-na firme, naõ a soltes, que com tê-la a ella, por mais peccados que hajas feito, por mais que Satanaz te haja escalavrado, acharás cura em teu mal, e remedio em tuas feridas.* Logo que se vio na posse do escrito, determinou em prégar-se todo, e inteiramente no divino obsequio, e na conversaõ do povo; para cujo effeito, com licença de seu Prelado, tornou para a Cidade de Pariz, onde estudou, e aproveitou muito na Sagrada Theologia. Assim como o nosso Santo Antonio foy o primeiro Leytor, e Mestre da Religiaõ Franciscana, assim o foy o nosso S. Fr. Gil na Dominicana; pois deo felice principio ás muitas Cathedras de Filosofia, e Theologia, que tanto a illustraõ. Voltou para Santarem graduado Doutor, onde teve principio a espiritual marinha, donde ainda hoje se tira o sal da Doutrina Evangelica para todo este Reyno.

Foy o primeiro Mestre de Theologia da Religiaõ.

Foy Provincial dos Dominicos.

14 Pouco depois de chegar a Santarem enviou a Deos seu santo espirito o santo D. Fr. Sueyro Gomes, primeiro Provincial dos Dominicos no Reyno de Hespanha, e logo os Vogaes nomearaõ por seu benemerito successor ao Santo Fr. Gil, e certamente que naõ se enganaraõ na eleyçaõ, pois nelle acharaõ hum aggregado de virtudes, e letras, que campeavaõ summamente ajudadas da sua grande prudencia, brandura, e zelo da Religiaõ, que muito se augmentou neste Reyno à diligencias, e desvélos seus. Se o nosso Fr. Gil sem os estimulos de hum magisterio corria taõ apressadamente pelo caminho das virtudes, com este estimulo voava levantando se cada dia sobre si mesmo com ascensos incomparaveis na perfeiçaõ Christaã. Considerava se sobre o Candelario da Prelazia, para servir de luz, e de exemplar ás operaçoens dos subditos; e com os dezejos de cumprir taõ preciosa obrigaçaõ, se adiantava a todos nas mais danosas, e viz occupaçoens de maneira, que sem embargo de se achar velho, e debilitadissimo de forças quando o elegeraõ, se naõ eximio de visitar a pé os Conventos de toda a Provincia, de acudir cada anno aos Capitulos Geraes, extendendo-se a Provincia desde Portugal a Barcellona, que saõ mais de trezentas legoas.

Exercitava-se nas virtudes mais sublimes, e no zelo do bem das almas.

15 Confessava, e prégava com zelo mais que grande, e como em seu peito ardia hum volcaõ de caridade, e suas palavras eraõ faiscas daquelle incendio, derramava pela boca, e pelos labios mais luzes, que palavras, mais rayos, que periodos: ás luzes se submettia vencida a ignorancia, aos rayos cedia a obstinada dureza da malicia; fazendo em fim com a eloquente persuasiva de seu exemplo, e com a energia de suas palavras maravilhosos fructos, negociou tantas acclamaçoens de Santo, que por onde quer que passava lhe sahiaõ ao encontro varios enfermos demandando-o pela saude, que alcançavaõ em premio de sua fé. Andava no seu tempo revoltissimo este Reyno de Portugal por causa do máo governo de ElRey D. Sancho Capello, que sendo

do benigniſſimo, benevolo, brando, pio, e Religioſo, fazia grandes injuſtiças, e conhecidos diſparates, por ſe fiar de homens Miniſtros ſem conſciencia, que o aconſelhavaõ ſem attençaõ ao bem publico, e ſó ſim com a de ſuas particulares conveniencias. Compadecido pois o Santo Varaõ da infinidade de deſordens, que diſto reſultavaõ, affeou muitas vezes a ElRey os ſeus deſcuidos, ſe bem que ſem fructo, pois attendia ElRey mais para os que o lizonjeavaõ, do que para as verdades claras, e ſolidas do noſſo Fr. Gil. Noticioſo o Summo Pontifice de que aſſim ſe hia ſubmergindo o Reyno, paſſou hum Breve, pelo qual privava do Ceptro a D. Sancho, o qual lhe intimou o noſſo Fr. Gil, com deſuzado animo, e intrepido valor, por naõ haver ſujeito, que o tiveſſe para notificar a hum Rey em materia taõ pezada como a da privaçaõ de hum Ceptro. Soffreo com admiravel paciencia por eſta cauſa muitas injurias, e affrontas dos lizonjeiros, e favorecidos de D. Sancho.

Notifica a ElRey D. Sancho a privaçaõ do Ceptro.

16 Vendo ſe carregado de annos, e ſem as forças corporaes, que dezejava para ſatisfazer ás obrigaçoens de Prelado, pedio nomeaſſem outro, e com effeito nomearaõ a Fr. Pedro de Oſca, que pouco tempo obteve o Provincialado, por a morte lhe cortar o fio da vida, e a eſperança do bom governo que promettia. Tornaraõ-no a eleger os Vogaes, depois de muitas repugnancias acceitou novamente o cargo, mais por naõ ter quem o encontraſſe na rigoroſidade das ſuas inimitaveis penitencias, que por goſto de governar aos Padres. A' medida da rigoroſidade com que ſe tratava, lhe cõmunicava Deos Senhor noſſo as mais ſingulares mercès. Eraõ continuos os extaſis em que ſe remontava roubado dos ſentidos. Taõ deſcuidado andava da vida, e de tudo o que era mundo, que qualquer momento, que lhe creſcia das occupaçoens da Cõmunidade, o empregava em contemplaçoens altiſſimas na ſua cella, unindo-ſe por amor com a infinita bondade. Alli ſe abrazava em terniſſimo dezejos de romper as prizoens da carne, ficando muitas vezes em eſtado, que lhe parecia eſtar ja livre dellas feito Cidadaõ do Ceo. Alli finalmente ſe via ſalteado dos ſentidos, engolfado nos perpetuos, e endiziveis goſtos da Bemaventurança, arrebatado no ar por muitas horas á viſta da Cõmunidade, ſem dar acordo de ſi, por mais que o procuraſſem, gozando deſta ſorte ja neſta vida as delicias, e influencias da outra, e era tal a ſuavidade, que neſtes exercicios achava, que quando delles ſahia, humas vezes era com as lagrimas nos olhos, e outras com enternecidos ſuſpiros.

17 Preſagios de eſtar perto o ſeu fim, eraõ as impaciencias ſantas de ſeu amor, e os continuos voos do ſeu eſpirito, que todo o incendio da ſua abrazadiſſima caridade forcejava a romper a prizaõ do corpo, que o detinha para ſubir a ſua esfera á Divindade. Vendo-ſe com oitenta annos de idade, debilitadiſſimo, a poder das incriveis penitencias, e conſiderando que eſtava para apagar-ſe com as ſombras da morte a luz da vida, pôs cuidadoſo empenho em aperfeiçoar a ſua tarefa, com taes ancias, como ſe ſempre houvera eſtado ocioſo. Os dous polos, em que ſempre ſe moveo eſte animado Ceo, foraõ o amor de Deos, e o odio ſanto de ſi meſmo, e agora ſe desfazia de ſi meſmo, para ſer todo victima do amor de Deos. Querendo finalmente o corpo dar liberdade á alma para que voaſſe á Patria Celeſtial, livre das laſtimoſas penſoens deſte deſterro, ſe rendeo a ſumma fraqueza, dia da Triunfante Aſcenſaõ do Senhor. Pedio, e recebeo os Veneraveis Sacramentos com admiravel devoçaõ, e lançado em terra ſobre huma manta de ſacco, ſe deſpedio dos Religioſos, fazendo-lhes huma practica com huns termos taõ brandos, huns encarecimentos taõ vivos, humas razoens taõ diſcretas, e com huns exemplos taõ efficazes, e fortes, que a todos deixou igualmente admirados que compungidos. Alegre entaõ em o Senhor, levantadas as maõs, e os olhos no Ceo, pronunciadas aquellas doces palavras: *In manus tuas Domine cõmendo eſpiritum meum*; entregou a Deos o eſpirito eſte noſſo inclyto Portuguez, gloria de Vouſela ſua patria, ornamento da Religiaõ Dominicana, monſtro de

Prepara-ſe para a morte feliz que teve.

de santidade, portento da graça, e vazo de eleyçaõ, pois nelle se viraõ, como em outro Paulo, os effeitos da eterna predestinaçaõ. Ficou com o rosto taõ aprazivel, que de todos era julgado por hum retrato da gloria, que sua bendita alma possuhia.

18 Innumeravel foy o povo, que concorreo a beijar-lhe as maõs, e os pés, naõ havendo pessoa que naõ procurasse levar para casa Reliquia sua. Quando o amortalharaõ o acharaõ com a cinta de ferro, que fechara ao caraõ da carne no principio da sua conversaõ, que hoje se conserva, como a de S. Pedro em Roma, e a de S. Geraldo em Braga. Pedem esta inextimavel Reliquia as mulheres, que se achaõ com perigo nos partos, nos quaes experimentaõ successos milagrosos, porque ainda dura naquelle ferro frio, e morto a virtude dos benditos membros, que por espaço de 44. annos acompanhara vivos. Os milagres, que em vida, e morte obrou, foraõ sem numero, segundo os Annaes da sua Religiaõ. Depois de morto resuscitou hum seu parente na Villa de Vouscla, outro defunto em Lisboa, outro em Estremoz. Teve em vida, e tem agora a mesma graça para o mal da garganta, que o Glorioso S. Braz. Em fim, he o advogado dos peccadores, que se querem verdadeiramente arrepender. Falleceo pelos annos de 1265. e sem embargo de haverem diversas opinioens do dia, he mais provavel o de 14. de Mayo, em que se celebra o seu triunfo.

Milagres que fez.

19 Mortaes, que acabais de ler esta verdadeira, e naõ fabulosa historia, e que correis á redea solta pela carreira dos vicios, vede quanto póde a graça de Deos, e a resoluçaõ de hum homem, admirando este monstro de maldades transformado em outro de santidade. Vejamos neste exemplar da penitencia, que converter-nos podemos com a graça de Deos, ainda que sejamos taõ grandes, ou mayores peccadores que elle. Naõ esperemos que Deos Senhor nosso nos persuada a emenda da nossa vida por meyo taõ extraordinario como este, e como o de outros, pois a emenda della muito bem nos persuade por meyo dos Pulpitos, dos Confessionarios, e de outros successos, com que nos bate á porta da alma, para que tenhamos na memoria as imagens da nossa mortalidade, e os semblantes do desengano, e naõ os da vaidade. Esforcemo-nos pois para nos darmos totalmente a Deos; porque talvez quando quizermos nos faltará o tempo, e os meyos. Confiemos na misericordia Divina os que fomos peccadores, para que naõ entremos em dezesperaçaõ; porém guardemo nos de cahir em alguma vaã, e falsa prezumpçaõ. Deos nos quer salvar, com tanto, que trabalhemos pela nossa salvaçaõ. Nós todos queremos esta, porem naõ fazemos por ella o que devemos. Advirtamos em fim, que o Ceo he huma coroa eterna, e que he necessario pelejar varonilmente por alcançá-la. He premio, que só se dá a quem sabe merecê lo. A graça nos naõ falta, e assim naõ faltemos nós a ella, pois nos convida, como convidou a este Santo, que pelas lagrimas do arrependimento mereceo andar nos annaes da fama, para confuzaõ dos que perseveraõ na sua obstinaçaõ, e edificaçaõ dos penitentes. Desculpe o critico a mal alinhada exhortaçaõ, com tanto, que se aproveite della, naõ como minha, mas como do Santo, a quem he certo naõ resultará pouca gloria accidental, se esta sua vida for a causa de converter-se hum peccador a melhor vida, ou de dizer hum Justo: *Louvado seja Jesus Christo.*

Persuade se a emenda da vida a seu exemplo.

Vida,

Vida, e martyrio do Gloriofo S. SEBASTIAM, *Protector do flagéllo da pefte, de quem fe achaõ Reliquias nas Cathedraes de Braga, Evora, Coimbra, e em S. Vicente de Fóra &c.*

1 INcorreriamos juftamente na cenfura de todos os leytores, fe naõ exornaramos efta Obra com a vida de hum Santo, que fuppofto naõ feja na realidade noffo natural, o he tanto no affecto, inclinaçaõ, e devoçaõ, que o tem tomado o Reyno, ou ao menos a mayor parte das Cidades, Villas, e Lugares delle, por feu Patrono, contra o rigorofo mal da pefte, erigindo-lhe muitos Templos, e dedicando-lhe innumeraveis Altares, bem certificados todos de que do feu nome eftremecem os abyfmos, os ares infeftos fogem, e as peftes fe affugentaõ. He efte o Gloriofo S. Sebaftiaõ, mancebo taõ galhardo, que nos Jardins de Chypre fe podia oftentar Adonis, e taõ generofo, e valente Soldado, que na paleftra de Marte foube tirar lauros por triunfo, fem que exceffos Militares, nem traveffuras do ocio lhe pegaffem o contagio. O mais famofo Capitaõ, que com o baftaõ Gentilico obfervou, e confervou Chriftaã a Alma. S. Sebaftiaõ digo, aquelle Capitaõ da Guarda, de que Diocleciano fiou a vida, e a alma, e que fem attender a privanças, nem a refpeitos, fe declarou taõ grande Soldado da Milicia de Chrifto, que exhortava a padecer os Martyres, que fraqueavaõ. Aquelle, que, a poder de milagres, trouxe ao rebanho do mefmo Senhor innumeraveis Gentios. Aquelle, que, por alvo das fettas, mereceo fer de Deos alvo, pois da aljava do feu amor Divino lhe frechou doces, e fuaves fettas. Aquelle, que por fim bebia as fettas, que a Jefus atiravaõ os carnifices, que o puzeraõ no feu peito.

Nafce em Narbona, donde paffa para Millaõ, e defta para Roma, onde o elegeo Diocleciano Capitaõ da Guarda.

2 Do feu nobiliffimo nafcimento fe gloría juftamente a Cidade de Narbona, e naõ pouco fe jacta a grande Cidade de Millaõ, pela eleger para domicilio, pois della tranzitou para a de Roma, em tempo que os tyrannos Diocleciano, e Maximiano intentavaõ extinguir do mundo a todo o Chriftianifmo, o que parece fez por defenganar aquelles barbaros idolatras, e de dar a vida por Chrifto. Tendo pois noticia Diocleciano de que Sebaftiaõ era illuftre por fangue, de grande valor, de gentil prefença, e de extremados agrados, o elegeo para o feu ferviço, fazendo-o o Capitaõ principal da fua Guarda, e dando-lhe a honra de privado. E fe obrigaçoens taõ grandes o punhaõ em empenho de obedecer aos preceitos de quem tanto lhe fiava; as de Chriftaõ o obrigavaõ a favorecer, ainda que em fegredo, a caufa de Chrifto, padecendo no animo tantas penas, e tormentos, como padeciaõ em feus corpos os Fieis por mandado daquelle maldito homem. No publico era Sebaftiaõ Gentio, no fecreto Chriftaõ, e efte era o tormento: porque alli a obrigaçaõ do feu Officio o mandava perfeguir, e aqui a de Chriftaõ o obrigava a foccorrer. Alli fazia prender para atormentar, e aqui foccorria os prezos, e atormentados; pois naõ póde haver mayor pena, nem mayor dor em hum animo nobre, e piedofo, que o ver-fe precizado a moftrar acçoens de de tyranno contra peffoas a quem ama, e que julga innocentes.

Anima no carcere aos Santos Martyres Marco, e Marcelliano.

3 Nefte disfarce, e apparencia de Gentio vivia Sebaftiaõ, quando eftavaõ prezos, por profeffarem as verdades Catholicas, os efclarecidos Romanos, e irmaõs gemeos, Marco, e Marcelliano, aos quaes occultamente perfuadia, para que toleraffem por Deos os muitos açoutes, e máos tratos, que lhes dava a Gentilica cegueira, com a efperança do eterno galardaõ que haviaõ de ter, e como perfiftiffem conftantes na confiffaõ da Fé, os fentenciaraõ os infernaes miniftros a morrer degolados. Eraõ os venturofos prezos filhos de Tarquilino, e Marcia, que, como Gentios, alcançaraõ do Governa-

dor Chromacio se naõ executasse a sentença, senaõ depois de passarem trinta dias, que lhe pediraõ, com o fundamento de persuadirem dentro delles aos Santos Martyres a adoraçaõ dos idolos, em cujo tempo tiveraõ terriveis baterias dos amigos, e parentes, dos pays, e das amadas consortes, que lhes aprezentaraõ os caros filhos com soluços, suspiros, lagrimas, e alaridos, que subiaõ ao Ceo, e abrandariaõ as duras pedras..

4 Vendo-os S. Sebastiaõ em perigo de titubiarem na Fé, julgando que ja naõ era tempo de dissimular, valorosamente se oppôs contra aquella bateria, que lhe fizeraõ os amigos, pays, parentes, consortes, e filhos, confortando, e persuadindo aos Santos para que perseverassem na confissaõ da Fé, e naõ se deixassem vencer daquellas branduras, e lagrimas, propondo-lhes a brevidade da vida, dos seus deleites, e dos tormentos que podiaõ padecer, e a duraçaõ do premio, que por elles Deos lhes havia de dar &c. A' vista da exhortaçaõ, que fez a cara descoberta o Santo Capitaõ, permaneceraõ os Santos Martyres constantes na confissaõ da Fé, fazendo pouco cazo das persuasoens, e lagrimas dos seus amigos, e parentes, que naõ sabiaõ, como Gentios, que àquelles momentaneos tormentos se lhes seguiaõ eternos descanços. Bem via Sebastiaõ, que daquella resoluçaõ, que tomava em exhortar a padecer os Martyres, se lhe seguia o cahir da privança do Imperador, e o ser martyrizado: mas tambem via, e sabia, que saõ Bemaventurados os homens, a quem os outros homens aborrecem, perseguem, e injuriaõ, por fazerem o que manda a Ley de Christo; e tambem naõ devia ignorar, que he engano manifesto o quererem os mortaes chegar aos gozos da Gloria em a patria, sem padecerem com o Author da Gloria em o desterro.

Continua S. Sebastiaõ a confortá-los, vendo-os em perigo de naõ persistirem.

5 Logo que S. Sebastiaõ capacitou aos Martyres, appareceo ao seu lado hum Anjo, e hum Celestial resplandor, que observaraõ os muitos que estavaõ presentes em casa de Nicostrato. A mulher deste, chamada Zoe, tinha perdido a falla havia seis annos, por causa de certa enfermidade; e cómovida da practica, que ouvira ao Santo, e admirada do resplandor Celestial que observara, e do Anjo que vira, fez sinal com a maõ, ja que com a lingua naõ podia, de que se devia dar inteiro credito a tudo o que dizia Sebastiaõ, o qual disse: *Se eu sou verdadeiro Servo de Christo, e se tudo o que esta mulher ouvio da minha boca, e creo, he verdade, mande meu Senhor Jesus Christo, que falle.* No mesmo ponto clamou a mulher, dizendo: *Bemaventurado es tu, e bendita he a palavra da tua boca, e bemaventurados saõ os que creem o que tu disseste; porque eu vi hum Anjo, que veyo do Ceo, o qual tinha hum livro aberto diante de ti, onde estavaõ escritas todas as cousas que dizias.*

Vem os Martyres, e outros hum Anjo, e hum Celestial resplandor junto ao Santo &c.

6 Vendo Nicostrato que fallava sua mulher, e fazendo reflexo no que dizia, e no que tambem havia visto, se prostrou aos pés de S. Sebastiaõ, pedindo-lhe perdaõ por ter prezos aos Santos Marco, e Marcelliano, ainda que por ordem do Imperador. Logo lhes tirou os grilhoens, e pondo-os na sua liberdade, disse: *Oh quaõ ditoso seria eu, se por vossa saude merecesse ser prezo!* *Se tu estimas* [responderaõ elles] *tanto a gloria da Fè, que atèqui naõ tiveste, e agora recebeste, como a deixaremos nós, que com o leite a recebemos!* Nicostrato, e sua mulher pediraõ aos Santos que os instruissem na Fé, e tambem pediraõ o mesmo muitos visinhos, a quem elles convidaraõ, e contaraõ os acontecidos prodigios, e todos foraõ baptizados por Policarpo Sacerdote, depois de muito bem instruidos na Fé por S. Sebastiaõ, que lhes fez algumas practicas com zelo, e fervor Apostolico.

Convertem-se muitos Gentios.

7 Tarquelino pay de Marco, e Marcelliano, alcançou por intercessaõ de S. Sebastiaõ a saude de que carecia, por andar aleijado nos pés, e maõs, por causa de gotta, logo que se baptizou. Tambem alcançaraõ saude, hum hydropico, e outro cheyo de chagas, ambos irmaõs, e filhos de Claudio, e todos se baptizaraõ na companhia de sessenta e oito Gentios, que alcançaraõ a mesma felicidade de deixarem ao diabo por Deos. Assim como Chromacio, Governa-

Alcançaõ alguns enfermos saude por intercessaõ do Santo, e se convertem mais Gentios.

Governador de Roma, teve noticia de que Tarquelino estava inteiramente saõ da sua gotta, o rogou para que lhe levasse a casa o que lhe dera saude, para que tambem lha desse a elle, por padecer o mesmo achaque. Fallou Tarquelino a S. Sebastiaõ, que com o Sacerdote Policarpo foraõ a casa de Chromacio, a quem disseraõ que sararia da gotta, se renega-se dos idolos a quem adorava, e lhes desse licença para os desfazerem, e despedaçarem, como a imagens do diabo. Renegou Chromacio dos idolos, e condescendendo com a vontade, que tinhaõ Sebastiaõ, e Policarpo de os despedaçarem, lhes deo tambem licença para a executarem, o que fizeraõ quebrando mais de duzentos.

Despedaça S. Sebastiaõ muitos idolos.

8 Vendo S. Sebastiaõ que Chromacio naõ alcançara logo a dezejada saude, lhe disse: *Naõ receberes tu a inda saude, ou he porque naõ desherdaste de ti totalmente a infedilidade, ou por teres alguns idolos escondidos.* A isto respondeo Chromacio, era verdade que tinha huma camera, em que conservava os signos, e os planetas, nos quaes havia despendido seu pay mais de duzentos marcos de ouro, por onde advinhava, e sabia as cousas futuras: e dizendo-lhe Sebastiaõ, que em quanto conservasse aquelles idolos naõ poderia alcançar a appetecida saude, lhe deo Chromacio licença para os desfazer, ao que se oppôs seu filho Tiburcio, dizendo: *Naõ consentirei que taõ excellente obra se destrua; mas para que naõ pareça contrario á saude de meu pay, accendaõ-se dous fornos, para que, se destruida esta obra, meu pay naõ alcançar saude, sejaõ Sebastiaõ, e Policarpo queimados vivos.* Respondeo S. Sebastiaõ: *Seja assim como dissesste.* Destruido, e desfeito todo aquelle astrolabio da camera, appareceo hum Anjo a Chromacio, com cuja celestial visita ficou inteiramente livre da queixa da gotta, que o opprimia. A' vista de cujo prodigio se baptizaraõ Chromacio, seu filho Tiburcio, toda a sua numerosa familia, e muitos escravos, aos quaes deo liberdade no mesmo tempo em que se baptizaraõ, dizendo: *Quem a Deos tem por Pay, naõ convem que seja escravo de homens.*

Continua a destruiçaõ dos idolos, e apparece hum Anjo a Chromacio de novo convertido.

9 Por esta acçaõ de caridade foy crescendo Chromacio em muitas virtudes Christaãs, e desorte, que andava convidando a todos os Fieis, que naõ estavaõ seguros nas suas casas, para que fossem para a delle, onde os tinha occultos da perseguiçaõ do Imperador. Tendo noticia S. Cayo Papa desta sua grande caridade, foy occultamente a sua casa, na qual disse áquella devota Congregaçaõ de Fieis: *Nosso Senhor Jesus Christo, que vè toda a humana fraqueza, ordenou dous gráos de Fieis, hum de Confessores, e outro de Martyres; por tanto, se a alguns dos que aqui estaõ parece que naõ poderáõ soffrer a pena do martyrio, lancem maõ da gloria de Confessores, e com seus filhos, e com Chromacio, e Tiburcio, se vaõ embora esconder, ou pòr em seguro; e sòmente os que quizerem fiquem comigo nesta Cidade, porque naõ apartaõ as diversas terras aos que a caridade de Christo unio, e ajuntou.* Logo levantou Tiburcio a vóz, dizendo: *Rogo vos, Padre, que naõ permittais virar eu as costas aos perseguidores, porque sou muito contente, e alegre de perder esta vida por alcançar a eterna.*

Recolhe Chromacio os Christaõs em casa, onde os visita o Papa S. Cayo.

10 Ouvindo S. Cayo taõ valorosa resposta, e ponderando naquella constancia, deo muitas graças ao Author della, entre muitas lagrimas de gozo. Ficaraõ pois com o Papa na Cidade S. Sebastiaõ, Marco, Marcelliano, Tarquelino seu pay, e Nicostrate, sua mulher Zoe, com seu irmaõ Castorio, e Claudio, com seu irmaõ Victorino. Destes ordenou o Santo Pontifice a Marco, e a Marcelliano Diaconos, a Tarquelino Sacerdote, aos outros Subdiaconos, e a S. Sebastiaõ Defensor da Fé, e da Igreja, e foy o primeiro titulo, que deo a Santa Sede Romana, e o que depois deo como a mayor honra ás Magestades Cezareas.

Dá o Papa a S. Sebastiaõ o titulo de Defensor da Fè.

11 Em casa de Chromacio estavaõ os sobreditos Servos de Christo preparando-se com muitas oraçoens, penitencias, e jejuns para o dezejado martyrio.

tyrio. Muitos cegos, e doentes de varias enfermidades alcançaraõ vista, e saude pelas suas oraçoens. Conhecendo-se na Cidade a Zoe por Christaã foy preza, e levada diante da estatua de Marte, para que a incensasse, por ordem de hum iniquo Juiz, que estava presente, a quem disse: *A mim, que sou mulher, mandas tu sacrificar a Marte? Pois sabe que trabalhas debalde, porque trago no coraçaõ a Fè de Jesus Christo.* Vendo o tyranno Juiz a sua livre resposta, a mandou metter em hum carcere, no qual esteve seis dias sem comer, nem beber, no fim dos quaes a mandaraõ enforcar pelo pescoço, e cabellos, em huma arvore muito alta. Lançaraõ o seu santo corpo no Rio Tiber atado a huma pedra. Dalli a oito dias prenderaõ a Tarquelino, e alcançou a palma do martyrio entre diluvios de pedras. Tiburcio, depois de andar descalço sobre brazas sem se queimar, alcançou a mesma coroa degolado. Marco, e Marcelliano, foraõ encravados em huma viga, e ultimamente alanceados.

Padecem Martyrio Zoe, Tarquelino, Tiburcio, Marco, e Marcelliano.

12 Chegando á noticia do Imperador que Sebastiaõ, com o titulo de Capitaõ seu, era Soldado da Milicia Christaã, o fez ir á sua presença, na qual lhe disse: *Eu te honrei com occupaçoens honorificas, e com te fazer confidente, e meu fiel em muitas cousas do meu serviço, e estado, e tu abuzando dos meus favores, com injurias minhas, e dos deoses, me encobriste a Christandade.* Respondeo: *Reconheço as mercès, e favores, que te devo, para te servir, e obedecer com promptidaõ, e fidelidade em tudo o que me naõ encontrava o servir a Jesus Christo, que he o verdadeiro Senhor, e Deos, a quem se deve toda a adoraçaõ, e naõ ás pedras, e páos insensiveis, que saõ estatuas do diabo, ou de homens perversos &c.* Irado Diocleciano com esta, e com outras similhantes respostas, que o Santo lhe deo, para provar o pouco cazo que fazia das occupaçoens honorificas que lhe tinha dado, e da morte que lhe ameaçava, mandou aos ferozes ministros de similhantes execuçoens, que o atassem em hum páo, e que nelle o assetteassem. O Padre Manoel Fernandes da Companhia de Jesus diz a pag. 685. do primeiro tomo da sua *Alma Instruida*, que o tyranno mandara pôr a Sagrada Imagem de Jesus no peito de S. Sebastiaõ, e que recõmendara aos malditos executores das suas tyrannas ordens, que ao tirar das settas, tomassem por alvo a Jesus, como quem sabia que, sendo Jesus o alvo dellas, Sebastiaõ havia de ser, como foy, o que as bebia. Fosse desta, ou de outra sorte, choveo sobre o Santo tal deluvio de settas, que das muitas que lhe ficaraõ cravadas no corpo, representava hum horrendo espectaculo.

Vay S. Sebastiaõ á presença de Diocleciano.

Manda o tyranno assetear ao Santo.

13 Por morto o deixaraõ os carnifices assetteado no páo, e como a morto o hia tirar delle a santa Matrona Irena, mulher do Santo Martyr Castulo, para lhe dar honrada sepultura. Porèm como o achou ainda com a vida, que Deos lhe conservou, para que se accumulasse de mais meritos, o levou para sua casa, onde o curou das chagas das settas, e naõ sem milagre, pois dalli a poucos dias se achou inteiramente saõ. Os Christaõs, que muito o amavaõ, como a seu Capitaõ, e Director na Milicia de Christo, se empenharaõ com elle, para que se occultasse, naõ dando occasiaõ para que fosse novamente prezo: mas como elle naõ temia taõ honrada, e ditosa morte, procurou ao Imperador no seu Palacio, e de huns altos de gráos delle o reprehendeo da tyrannia com que se havia com os Servos de Jesus Christo, desenganando-o, de que indubitavelmente perderia a alma, se naõ adorasse, e servisse ao mesmo Senhor, e desterrasse aos idolos; e exasperado Diocleciano da liberdade com que lhe fallara o valoroso Soldado de Christo, mandou que o levassem para a carreira de seu Paço, e que nella o açoutassem até que exhalasse a vida: e finalmente entre crudelissimos açoutes, que lhe deraõ, consummou o seu illustre triunfo, sahindo a sua ditosa alma do carcere terreno, para as eternas gallarias da Gloria, a receber o premio de tanta constancia a 20. de Janeiro do anno de 286., ou de 287.

Exhala a vida entre os muitos açoutes que lhe mandou dar o Imperador pelo ir reprehender.

14 Man-

14 Mandou o Imperador lançar o santo cadaver em hum lugar immundo, para que os Christaõs o naõ achassem; porèm S. Sebastiaõ appareceo em sonhos a Santa Lucina, a quem disse o sitio em que estava, e pedio o tirasse delle, e o sepultasse aos pés dos Santos Apostolos Pedro, e Paulo: o que cumprio a Santa pontualmente, donde se tiraraõ depois da perseguiçaõ para lugar mais eminente. Repartiraõ-se as suas sagradas Reliquias para muitas Igrejas, e Casas de devoçaõ da Christandade, e naõ coube dellas pequena parte ás santas Cathedraes de Braga, Evora, e Coimbra, e aos Collegios da Companhia das mesmas Cidades. Nos Reaes Conventos de Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça, Belem, e Thomar ha grandes Reliquias suas. No Convento das Religiosas de Odivellas se conserva hum dedo, parte de hum joelho, e sangue no Carmo de Lisboa. Hum braço em S. Vicente de Fóra, o qual se leva na solemnissima procissaõ, que a Cidade celebra cada anno neste dia, em memoria de haver nascido nelle o Senhor Rey D. Sebastiaõ; e tambem vay na procissaõ de N. Senhora da Saude, a qual se faz na terceira quinta feira de Abril, em acçaõ de graças, por se attribuir á sua intercessaõ o remedio das pestes, que houveraõ por vezes neste Reyno.

Reliquias, que se conservaõ neste Reyno de Portugal.

15 No tempo em que o Imperador Carlos V. saqueou a Roma, furtou da Igreja de Millaõ certo homem o sobredito braço de S. Sebastiaõ, o qual passou para este Reyno, onde o apresentou a ElRey D. Joaõ o III., que delle fez a mayor estimaçaõ, e o deo como prenda de inextimavel valor aos Reverendos Conegos Regulares de S. Vicente de Fóra. Ao sahir da barra de Lisboa se fundio o navio em que hia o excõmungado, que furtou o santo braço, de que se seguio o naõ dar o mar peixe em muito tempo, como se fora capaz, e participante da censura em que incorreo aquelle piedoso ladraõ. Entendendo ElRey o mysterio, mandou a D. Belchior Belleago, Bispo de Targa, que fosse á barra, e levantasse a excõmunhaõ: e fazendo-o o Bispo continuou em haver peixe como d'antes. Poderá este successo padecer a fallencia, que naõ padece o pedir o mesmo Rey D. Joaõ absolviçaõ deste piedoso furto ao Papa Clemente VIII., pois consta juridicamente de hum Breve, que anda no segundo livro das Bullas da Torre do Tombo a fol. 35., expedido em Roma a 17. de Março de 1531. O Papa Gregorio XIII. mandou huma setta banhada em sangue a ElRey D. Sebastiaõ, com estas affectuosas palavras: *Jacula illa amoris acutissima, quæ cordi alte infixa gerebat, testificari voluit sagittis illis, quibus toties configebatur, & morte acerbissima. Harum igitur sagittarum unam innocentissimo imbutam sanguine mittimus Majestati tuæ &c. Datum Romæ 8. Novembr. 1573. ex eodem l. fol. 96.*

Notem de como o mar naõ dava peixe, por se affogar nelle hum homem que furtou huma Reliquia do Sãto &c.

16 O ser este Santo Advogado contra a peste, parece vem dos successos seguintes: Conta o Eminentissimo Baronio, sobre o lugar do *Martyrologio Romano* neste dia, que no tempo do Papa Agathaõ, estando Roma affligidissima de peste, se vio livre de taõ grande mal, logo que por Divina inspiraçaõ se invocou, e se erigio Altar a S. Sebastiaõ. No tempo de Humberto Rey de Lombarda foy toda a Italia ferida de taõ grande peste, que apenas havia em muitas partes quem enterrasse os que falleciaõ á violencia de taõ grande mal. Este flagello era mayor em Pavia, e em Roma, onde se viraõ andar dous Anjos, hum bom, e outro máo, e que o máo trazia huma lança na maõ, e matava a quantos o Anjo bom lhe mandava, e que quantos golpes dava com a lança nas portas de alguma casa, tantos morriaõ nella. Diz mais a historia Lombarda, que tivera revelaçaõ hum Varaõ Santo, de que naõ cessaria a peste sem que fizessem na Cidade de Pavia hum Altar a S. Sebastiaõ. Fizeraõ com effeito o Altar na Igreja de S. Pedro da mesma Cidade, e logo cessou a peste. Destes, e de outros exemplos veyo o valerem-se as principaes Cidades, Villas, e Lugares do Universo da sua efficacissima intercessaõ em similhantes apertos, de que Deos livre a este Reyno, e a todos os que lhe saõ fieis, pela sua summa bondade, e infinita piedade.

Vida,

Vida, acçoens, e prodigios de S. FRANCISCO XAVIER *Apostolo do Oriente, da Companhia de Jesus.*

1 TEmos visto athéqui as acçoens dos Varoens insignes em santidade, que como Estrellas deste espiritual firmamento haõ resplandecido nelle com divinas virtudes, humas de mais, e outras de menos luz. Agora escreveremos as de hum prodigioso Astro, levantado do pó da terra com a efficacia do Sol da Justiça, e collocado na mais superior ordem das estrellas. He este o grande Padre Francisco de Xavier, incansavel Apostolo das Indias Orientaes, segundo Precussor do sagrado Evangelho, fructo da Excelsa Bondade, nobilissima flor da Catholica Igreja, tuba Evangelica, tocha ardente, e luminosa, vóz sonora da Palavra Eterna, com a qual fez resurgir a innumeraveis almas do sepulchro de seus vicios, e por quem Deos obrou na terra maravilhas estupendas, e no Ceo houve tantas festas, quantas foraõ as almas Indianas, que trouxe das densas trevas do Gentilismo, em que viviaõ, para a clara luz da Fé em que morreraõ.

Nasce no Castello de Xavier.

2 Naõ faltou a este bello Planeta o lustre do illustre sangue; porque naõ se podendo negar que o melhor nos costumes he o mais nobre na geraçaõ, tambem se naõ póde deixar de confessar, he de mayor estimaçaõ a virtude, quando como preciosa pedra está engastada no ouro da fidalguia. Nasceo pois D. Francisco de Jasso e Xavier no Castello de Xavier, antigo Solar de seus ascendentes por linha materna, o qual fica no Reyno de Navarra, na parte que confina com o Reyno de Aragaõ. O seu ditoso nascimento foy no anno de 1497., em que Vasco da Gamma partio da praya de Lisboa ao descobrimento da India, e parece foy altissima providencia o crear Deos Senhor nosso este seu Apostolo no mesmo anno, em que moveo o coraçaõ do Esclarecido, e bem affortunado Rey D. Manoel, para lhe mandar abrir a Missaõ por mares nunca trilhados de outras quilhas. Seu pay se chamou D. Joaõ de Jasso, Senhor de Idossim, Presidente do Conselho de ElRey D. Joaõ o III. de Navarra, e seu privado. Sua mãy D. Maria de Arpilqueta, e Xavier, appellidos das duas mais illustres Familias daquelle Reyno. Foy D. Francisco de Jasso o menor entre seus irmaõs, e o mais querido de todos, qual outro Benjamin entre os filhos de Jacob: e como Deos Senhor nosso o havia ab eterno escolhido, e predestinado para Santo de superior esfera, e para successor do Apostolo S. Thomé na Conquista espiritual do Oriente, teve cuidado de o formar com taes disposiçoens da alma, e do corpo, que, recebendo depois as saudaveis impressoens da graça, pudesse mais facilmente satisfazer ás obrigaçoens da sua Apostolica vida. Porém como eraõ muito diversas as disposiçoens de Deos dos designios de Xavier, aspirava este á gloria das Dignidades Ecclesiasticas, fundando bem suas esperanças no poder de seus esclarecidos pays, e parentes, na modestia de seus costumes, e nas suas letras, pois foy excellente Theologo, e taõ grande Filosofo, que ensinou publicamente Filosofia na Academia de Pariz, celebre Emporio das sciencias.

Applica-se ás letras, e lè Filosofia.

3 Conhecendo o grande Patriarcha Santo Ignacio as admiraveis prendas de que Deos o havia dotado, entrou com o empenho de o fazer trocar as Cadeiras de Pariz, e todas as posses, esperanças, e glorias mundanas pelo timbre da mayor gloria de Deos na Companhia de Jesus, que ja entaõ formava o Santo Patriarcha dos sujeitos mais insignes em letras, e virtudes daquella florentissima Universidade. Era seu companheiro no Collegio de Santa Barbara, e pouco a pouco, ja com conselhos, e ja com lagrimas, o persuadio a tomar os seus nunca assás louvados Exercicios. A elles se entregou com tantas veras, e com taõ grandes dezejos do seu espiritual aproveitamento, que passou

Chama-o Deos para si por meyo de Santo Ignacio, cujos Exercicios toma.

passou os primeiros quatro dias sem comer bocado, satisfeito com as delicias da contemplaçaõ continuada por dias, e noites. Destes exercicios sahio taõ trocado, e taõ differente de si mesmo, quanto vay de hum engenho Academico, com os olhos nas vaidades da terra, a hum Varaõ Apostolico, todo applicado a cuidar no como levaria homens ao Ceo.

4 Propôs logo de subir ao supremo cume da perfeiçaõ, e ordenou a subida de tal sorte, e em seu animo, que indo de virtude em virtude, (que saõ os passos por onde se sobe) veyo a chegar com facilidade, e seguramente à mais incumbrada altura, onde se vê a Deos dos deoses em Siaõ. O primeiro passo foy o das virtudes, cujo officio he tirar os impedimentos, que embaraçaõ ao espirito o chegar-se ao bem, e o inclinaõ ao mal. Porque da maneira que em hum campo, que se naõ ha lavrado, antes que se semee he estylo cõmum da agricultura arrancar as espinhas, e raizes de arvores, que nelles ha, para que fique limpo, e capaz de receber fructuosamente o que se ha de semear; assim o homem, antes que semee em sua alma as virtudes mais solidas, e em que consiste o copioso fructo espiritual, ha de abraçar aquellas com que se arrancaõ, e desterraõ os vicios, e se alimpa o coraçaõ de affectos, e de paixoens. Que a virtude naõ nasce logo em nós perfeita, senaõ depois que se haõ renunciado totalmente os vicios; pois a mesma diligencia com que se exclue o peccado, he a com que se adquire a innocencia: assim o nôsso grande Xavier para alimpar o animo dos vicios, e em particular os que saõ seminarios de todos, começou o exercicio das virtudes pela abstinencia, observando o mais rigoroso jejum: e conhecendo, que só a fome naõ era arma sufficiente contra este inimigo, accrescentou outras, que ajudassem a vencê-lo. Açoutava-se sem piedade, dormia pouco, orava muito, e perseguindo desta sorte os vicios domesticos da carne, lhe ficou muito facil o subir ao cume da perfeiçaõ, pelo exercicio das mais excellentes virtudes, como em seu lugar diremos.

Persuade-se ao desengano a exemplo de Xavier.

5 Da resoluçaõ de Xavier, suppostas as suas grandes qualidades, e esperanças, podemos tirar, ó mortaes, o fructo de hum maduro desengano, pois sendo raros nas pessoas grandes os desenganos, naõ deixaõ de ser nellas mais admiraveis do que nas pessoas de inferior sorte; assim pelo muito que vencem desprezando o mundo, como pelo muito que desprezaõ para o vencerem. Triunfaõ os homens grandes, e illustres do mundo, da soberania, da mesma grandeza, dos favores da fortuna, das adulaçoens, da lizonja, das idolatrias, do respeito, e em fim de tanto, que quasi os impossibilita a cortarem de hum golpe tantas hydras, a sacudirem de hum jacto tantas remoras, e levarem de huma vez tantas ancoras, quantas no tempestuoso mar do mundo os tem em seus portos amarrados, e prezos.

Faz voto de pobreza, e de castidade.

6 Gostosissimo ficou Santo Ignacio com a resoluçaõ do novo companheiro, e como tinha ja cinco de similhantes qualidades, e muito conformes ao seu agigantado espirito, uninames resolveraõ o se consagrarem a Deos com voto da pobreza, e de castidade perpetua, os quaes puzeraõ todos seis em praxe em hum Templo fóra de Pariz, da invocaçaõ de Santa Maria no Monte dos Martyres, dia da Assumpçaõ de nossa Senhora do anno de 1534., tendo 37. de idade o Santo Xavier. No mesmo tempo assentaraõ todos o irem prégar o sagrado Evangelho aos Infieis, e quando naõ fizessem viagem para a Palestina dentro de hum anno, depois de chegados a Veneza se irem lançar aos pés do Summo Pontifice, submettendo-se á sua obediencia em qualquer serviço da Igreja, a que os quizesse destinar. Passados alguns tempos, se puzeraõ os novos Soldados de Christo ao caminho de Veneza, o qual passaraõ com grandes trabalhos, e incõmodos. Entre os estudantes de Pariz se uzava muito naquelle tempo o exercicio de saltar, e correr, o qual praticou Xavier como homem de avantajadas forças. Considerando-se no caminho com obrigaçaõ de satisfazer a Deos a vaidade, que havia tido em exceder

ceder na deſtreza a ſeus competidores, ſe apertou por cima dos joelhos, e pelos buchos dos braços, com huns cordeis delgados, e torcidos em nós, taõ rijamente, que entrando-lhe pela carne, pouco, e pouco, com o movimento do caminho foraõ profundando-ſe por ella até chegarem as dores a ſerem inſoffriveis. Vio-ſe precizado a dar parte aos companheiros, que muito ſe edificaraõ da mortificaçaõ, e laſtimaraõ de verem os cordeis taõ profundamente mettidos pela carne inchada, e taõ viſinhos aos nervos, que hum Cirurgiaõ, que chamaraõ, duvidou de os poder cortar, e tirar ſem novo tormento, e grande perigo de vida. Recorreraõ os companheiros ao Medico Divino por meyo da fervoroſa oraçaõ, que lhe fizeraõ; e receberaõ o premio da ſua fé, pois amanheceo o Santo enfermo no ſeguinte dia ſaõ, e valente a beneficio de dous milagres, hum, que lhe fez os cordeis em miudos pedaços, outro, que lhe fechou perfeitamente as chagas. Com mais eſta obrigaçaõ á bondade de Deos, proſeguio no meſmo dia o ſeu caminho, e chegando a Veneza a 8. de Janeiro de 1537., ſe recolheo no Hoſpital dos incuraveis, no qual deo evidentiſſimas provas da ſua ardentiſſima caridade, e grande mortificaçaõ. Nelle chupou, e engolio as materias de huma horrivel chaga de hum moribundo, e deſta ſorte venceo o aſco, que ſentia em ſervir aos enfermos, e nem mais ſentio ſimilhante repugnancia.

Dá-lhe Deos ſaude milagroſamente.

7 Continuando a ſua peregrinaçaõ chegou a Monte-feliz, terra em pouca diſtancia de Padua, onde eſteve quarenta dias, todo entregue aos cuidados da morte, e á contemplaçaõ da eterna vida. Interrompia ſómente a oraçaõ no tempo, que lhe era neceſſario para ir mendigar de porta em porta paõ, e agoa para alimentar ſeu debilitado corpo. Chegou a Vicuncia onde diſſe a ſua primeira Miſſa, e ſe recolheo no Hoſpital dos incuraveis na propria cama de outro enfermo, por naõ haver outra em que deitar-ſe pela pobreza do Hoſpital. Eraõ grandes as queixas, que o obrigaraõ a encamar-ſe, das quaes ſe vio livre milagroſamente por meyo de huma viſita, que lhe fez o Doutor S. Jeronymo, de quem era eſpecial devoto, o qual lhe profetizou a grande tempeſtade de trabalhos, porque havia de paſſar. Na Cidade de Bolonha ſe achou affligido com humas largas, e moleſtas quartaãs; porèm nem por iſſo deixou de trabalhar no ſerviço do proximo com o vigor de ſaõ. Prégava nas praças publicas com grande fructo dos ouvintes, pois era couſa admiravel a efficacia, que tinha em as ſuas exhortaçoens, aſſim para apartar dos vicios, como para inclinar ao eſtudo das virtudes, e ao dezejo dos bens eternos. Suas palavras eraõ frechas ardentes, e penetrantes, que, paſſando ao intimo dos coraçoens, obravaõ maravilhoſos effeitos de converſoens, e emenda de vida, podendo applicar-ſe-lhe o que diſſe o Profeta de ſi: *Por ventura minhas palavras naõ ſaõ como fogo, e como martello, que quebranta a pedra?* Alli confeſſava de dia, e de noite, e foy conſultado de innumeraveis peſſoas, que o veneravaõ, e reſpeitavaõ como a Oraculo daquelle tempo. Dalli paſſou a Roma por ver encontrado o dezejo que teve de paſſar á Terra Santa com a occaſiaõ das guerras. Naquelle abbreviado mundo achou já a Santo Ignacio com alguns companheiros, onde fez grandes ſerviços á Mageſtade Eterna com os Sermoens, que prégou pelas Igrejas della, em quanto Santo Ignacio attendia a impetrar do Summo Pontifice a confirmaçaõ da Companhia.

Recolhe-ſe à ſoledade por quarenta dias em Mõte-feliz.

Da-lhe ſaude em huma enfermidade S. Jeronymo, e prèga em Bolonha cõ grande fructo.

8 Informado o eſclarecido, e zeloſo Rey D. Manoel de que viviaõ em Roma Santo Ignacio, e ſeus diſcipulos, ou companheiros, com o ardente zelo de reduzir peccadores, converter infieis, e com reſoluçaõ de viverem em qualquer parte do mundo, onde ſe eſperaſſe mayor ſerviço de Deos; eſcreveo ao ſeu Embaixador Pedro Maſcarenhas recõmendando lhe, que na volta, que fizeſſe para eſte Reyno trouxeſſe ſeis companheiros ao menos do Padre Ignacio de Loyola, pois queria mandar taõ valoroſos Soldados de Chriſto combater a pertinacia da idolatria Oriental. Diſſe, que da ſua parte os pediſſe ao Padre Ignacio, ou ao Summo Pontifice. Expôs o Embaixador

Pede ElRey D. Manoel a Santo Ignacio Miſſionarios para a India.

dor a Santo Ignacio o pio intento do nosso Monarcha; e o Santo, cujo coraçaõ abraçava o mundo todo, lhe respondeo: *Se se dez, que somos por todos, der seis à India, quantos me ficaõ para o restante do mundo?* Julgou pois o Santo Patriarcha, que de dez bastavaõ dous, e deixando tudo ao arbitrio do Summo Pontifice, este disse o mesmo, deixando porèm na sua eleyçaõ quaes haviaõ de ser. Em fim, depois de varias duvidas, e deprecaçoens ao Ceo, foy eleyto o nosso Xavier por hum dos dous, eleyçaõ que festejou com o mayor jubilo de sua alma, pois nella via explicados os enigmas, em que Deos por muitas vezes lhe havia promettido de o fazer instrumento da sua gloria entre Naçoens barbaras, e idolatras, á custa de gravissimas fadigas. Porque muitas vezes lhe aconteceo, entre sonhos, levar ás costas por largo espaço de terras hum Indio negro, e taõ pezado, que apenas o podia sustentar, e opprimido do pezo, e sobresalto, rompia em suspiros, e em altas vozes, e se achava moido, e cançado quando acordava. Em outras occasioens lhe mostrou Deos as molestias, que havia de padecer pela exaltaçaõ de seu nome. Via reduzidos a compendio os trabalhos futuros da sua vida: fomes, sedes, caminhos, navegaçoens, tormentos, traiçoens, tempestades de pedras, chuveiros de settas, invazoens de barbaros, perseguiçoens de Christaõs &c. Naõ desmayou com esta vista este Apostolico Varaõ, que anhelava multiplicados trabalhos pela honra, e gloria de Deos, e bem das almas. A sua futura santidade revelou a Summa Bondade de Deos a sua irmaã, a Veneravel D. Maria Magdalena, Religiosa descalça em Santa Clara de Gandia; pois querendo-o seu pay tirar dos estudos de Pariz, ella o encontrou, dizendo, que o deixasse continuar os estudos, porque Deos o havia determinado para Apostolo de hum novo mundo, para gloria do seu nome, e accrescentamento da sua Igreja.

Foy eleyto Xaver por hum dos Missionarios, e lhe mostra Deos em visaõ os seus futuros trabalhos, e revela a sua santidade futura.

9 Querendo Xavier partir para este Reyno em companhia do Embaixador, no dia seguinte ao da eleyçaõ foy beijar o pé, e tomar a bençaõ ao Pontifice, a quem tinha promettido obediencia, visto Santo Ignacio naõ ser ainda seu legitimo superior. O Pontifice, que era Paulo III., lhe concedeo a bençaõ amplissima, e com palavras de paternal amor, o exhortou a esperar em Deos os venturosos effeitos de taõ heroica resoluçaõ. Tomou tambem a do Padre Santo Ignacio, a quem amava como a Prelado, e a homem muito favorecido de Deos. Antes de sahir de Roma entregou ao Padre Diogo Laînes huma cedulla escrita da sua maõ, na qual dizia, que elle da sua parte approvava a Regra, e as Constituiçoens, que o Padre Ignacio, e seus companheiros haviaõ de ordenar, e estabelecer, e se obrigava á observancia dellas. Que elegia por Geral da Companhia ao Padre Ignacio, e por sua morte ao Padre Fabio. Que fazia a Deos estes votos Religiosos: de pobreza, castidade, e obediencia na Companhia de Jesus, os quaes teriaõ seu vigor quando ella fosse Religiaõ, confirmada por Authoridade Apostolica, como ja se tratava, e depois se conseguio aos 27. de Settembro do mesmo anno de 1540. Este papel se conserva ainda em Roma, com a veneraçaõ devida a tal reliquia. Em fim, com a sua loba naquelle ultimo dia por elle remendada, e com o Breviario debaixo do braço, deo principio á sua grande peregrinaçaõ, mas de outra nenhuma cousa mais podia necessitar, quem trazia a Deos comsigo.

Dá obediencia, e beija a maõ a Paulo III., e a Santo Ignacio, e approva a Regra da Cõpanhia.

10 Pelo caminho foy recebido com veneraçoens de Santo, principalmente na Cidade de Bolonha, onde havia feito as Missoens, que dissemos. Nelle succederaõ algumas maravilhas, que diremos no Catalogo dellas. Passando o Embaixador os Pyrineos, foy dirigindo a jornada ao Castello de Xavier, patria do mesmo Santo, por ter por sem duvida o querer este visitar sua mãy, irmaõs, e parentes, que naõ tinha visto havia annos. Vendo porèm, que no pensamento de Xavier lhe naõ entrava o implorar licença para taõ justificado cumprimento, lhe lembrou esta obrigaçaõ, e pedio com instancia fosse render as ultimas ternuras a sua mãy, a quem naõ havia de ver mais na

Passa pela patria, e naõ falla com sua mãy, nem parentes.

na prefente vida. Lembrado o Santo por aquelle axioma da Filofofia de Chrifto, que nos enfina aborrecer pay, e mãy, e ainda a propria vida; refpondeo cortez ao Embaixador, e perfeverou conftante em naõ torcer aquelles poucos paffos do caminho direito da fua Miffaõ.

Chega a Lisboa, recolhe-fe no Hofpital, e dà faude ao Padre Meftre Simaõ.

11 Antes que chegaffe a Lisboa, chegou ao magnanimo, e Catholico Rey D. Manoel a noticia da fua grande fantidade, por via do mefmo Embaixador, que naõ ceffava de admirar o ardente da fua caridade, a grandeza da fua innocencia, e humildade, e o raro do defprezo do mundo, e de fi mefmo. Efte o perfuadio a dirigir os paffos para o Hofpital de Todos os Santos, onde ja eftavaõ o Veneravel Padre Simaõ Rodriguez, noffo Portuguez, de quem efcrevemos nefta Obra, e o Padre Paulo Carmeta, os quaes tinhaõ partido de Roma por mar antes do noffo Xavier. Com hum abraço, que deo ao Veneravel Simaõ Rodriguez na primeira faudaçaõ, o deixou livre de huma quartaã, que naquella hora o coftumava opprimir. Anciofo eftava o piedofo Monarcha de ver, e converfar hum fujeito de taõ grande perfeiçaõ, e affim o mandou logo vifitar, e convidar. Paffados tres dias, foraõ os noffos Xavier, e Simaõ Rodriguez chamados a Palacio, no qual foraõ recebidos de ElRey, e da Rainha com as veneraçoens devidas ás fuas virtudes. Admirando a fumma humildade, e defprezo do mundo de Xavier, e o zelo do bem das almas, que das fuas practicas perceberaõ, lhe deraõ licença para fe recolher, e ordem a feus Miniftros para affiftir áquelles Apoftolicos Varoens com affabilidade, e grandeza. E como nada quizeraõ acceitar os pobres de Jefus de Chrifto, fe retiraraõ outra vez para o Hofpital, donde fahiraõ a mendigar pela Cidade, de porta, em porta, o precifo alimento. Dizia Xavier Miffa de madrugada, e depois de confolar aos doentes do Hofpital nas fuas enfermidades, fahia pelas praças da Cidade a intimar as Catholicas verdades. Os feus Sermoens naõ fe compunhaõ de hiftorias fabulofas, nem de queftoens fubtis da Theologia, que entretiveffem ao auditorio, ou alimentaffem a curiofidade, naõ adornados de flores rhetoricas, nem de linguagem polida, e compofta, fenaõ puros, fimplez, e Evangelicos reduntantes de virtudes celeftiaes, e finalmente dignos de hum Varaõ Santo. Defta forte introduzio tal reforma de coftumes naquella Imperial Cidade de Lisboa, que era coufa pafmofa a frequencia dos Sacramentos de Confiffaõ, e Cõmunhaõ, e as pazes que faziaõ os mayores inimigos. Em fim, era taõ copiofo o numero das almas, que tirou do luciferino aprifco para o rebanho de Chrifto, que por ElRey, Grandes, e pequenos foraõ nomeados Xavier, e o Padre Simaõ por Apoftolos, titulo, que fe derivou, e conferva dignamente nos Padres da Companhia defte Reyno. De fer grande o fructo, que Xavier fazia nos feus Sermoens, naõ ha que admirar, porque nunca fubio ao Pulpito, fem haver feito primeiro oraçaõ, e confiderando talvez aquelle confelho de Santo Agoftinho: *O Prègador procure que o ouçaõ com entendimento, com gofto, e com obediencia, e naõ duvide que ifto confeguirá mais feguramente orando, que fendo orador, de maneira que ha de orar por fi, e por feus ouvintes com oraçaõ mental, e Evangelica, antes que rhetorica; e em chegando a hora de prègar, naõ ha de fahir do feu retiro fem primeiro fe pòr em prefença de Deos com a lingua, e alma, fequiofa da agoa viva, que fua graça coftuma cõmunicar, para que affim verta depois o que houver bebido, e derrame do vafo da fua oraçaõ o que tiver cheyo.*

Falla com ElRey, naõ acceita fuas offertas, pede pelas portas, prèga, e reforma Lisboa.

Intenta ElRey que ficaffem em Portugal os Miffionarios, e confultado Santo Ignacio, mãda Xavier para a India, e deixa em Lisboa ao Meftre Simaõ.

12 Vendo ElRey o grande fructo, que os Apoftolicos Varoens tinhaõ feito na fua Corte, entrou no penfamento de naõ os mandar para a India, parecendo lhe impiedade tratar mais do bem efpiritual das Conquiftas, que do proprio Reyno. Pôs o negocio em confelho, e a mayor parte dos Confelheiros votaraõ em que ficaffem os Padres em Portugal: mas naõ foy do mefmo parecer o Infante D. Henrique, que moftrava fer de mayor ferviço de Deos, e do Reyno o mandarem-fe para a India conquiftar almas ao mefmo Deos. Vendo o Santo Xavier, e o Veneravel Simaõ Rodriguez o negocio em opinioens, efcre-

eſcreveraõ a Santo Ignacio manifeſtando-lhe por huma parte a promptidaõ da ſua obediencia, e por outra ſignificando-lhe o receyo de perderem taõ glorioſa empreza. Deo o Santo Patriarcha de tudo parte á Suprema Cabeça da Igreja; que reſolveo ſe accõmodaſſem em tudo ao goſto de ElRey: porèm como Deos Senhor noſſo tinha deſtinado a Xavier para Apoſtolo daquelle novo mundo, e ao Padre Meſtre Simaõ Rodriguez para Fundador da Provincia de Portugal, inſpirou ao Santo Patriarcha, para que eſcreveſſe a D. Pedro Maſcarenhas, dizendo-lhe, que os dous Miſſionarios eſtavaõ de todo em as diſpoſiçoens, e vontade de Sua Alteza, porèm, que ſe lhe pediſſem o ſeu parecer ſatisfazia a ambas as partes, mandando ao Meſtre Franciſco para a India, e retendo em Portugal o Meſtre Simaõ. Goſtoſiſſimo ficou ElRey com eſte conſelho, que eſtimou, e executou como de homem, que vivendo na carne mortal veneravaõ muitos como celeſtial.

Vay Xavier a Nazareth antes de ir para a India, onde tinha ido tambẽ Vaſco da Gamma, que foy para a meſma no anno em que Xavier naſceo.

13 Em quanto ſe apreſtava a Frota, que havia de partir para a India, peregrinou a noſſa Senhora de Nazareth, onde alcançou ſaude para hum moribundo, como diremos no Catalogo dos ſeus milagres. Com a bençaõ, e interceſſaõ de Maria Santiſſima, que para os caminhantes he Luz, e para os que navegaõ Eſtrella, e Guia, voltou para a Corte contente, e animado com hum bom final, pois hia pelos meſmos paſſos por onde começara o primeiro deſcobridor da India o Grande D. Vaſco da Gamma, o qual, antes de partir, foy a noſſa Senhora de Nazareth, e trocou humas contas ricas, que levava, com as da meſma Virgem, com as quaes obrou na ſua dilatada, e perigoſa viagem maravilhas; e aſſegurava outra bõa conjectura ao ſucceſſo da empreza, ver que naſcera Xavier no meſmo anno, em que ſahira a deſcobrir a India o meſmo D. Vaſco, e parece grande myſterio, que deſſe Deos Senhor noſſo a Portugal hum homem; que lhe conquiſtaſſe hum mundo, quando para eſte mundo naſcia ja hum conquiſtador Santo.

Recolhe-ſe a Lisboa onde lhe entrega ElRey os Breves de Nuncio Apoſtolico.

14 Recolheo-ſe a Lisboa, e como eſtava a Frota para dar á véla, foy tomar as ordens de ElRey, que lhe encõmendou com grandes veras a converſaõ dos infieis, os coſtumes, e vidas dos Portuguezes: que viſitaſſe as Fortalezas, e Prezidios, procurando extirpar os abuſos, e remediar as deſordens dos Capitaens, e o avizaſſe por cartas, de tudo quanto julgaſſe ſer conveniente ao ſerviço de Deos, e da Coroa; e para que pudeſſe com mayor authoridade, e com menor contradiçaõ, manejar o negocio da converſaõ das almas em taõ diſtantes partes, lhe entregou hum Breve, porque o Pontifice Paulo III. o fazia Nuncio Apoſtolico na India, e ao Veneravel Padre Meſtre Simaõ Rodriguez, mas como eſte ficou em Portugal perſeverou a Dignidade em Xavier. Acompanhou-o atè a náo o meſmo Meſtre Simaõ, a quem por deſpedida declarou hum ſegredo, que deſde o Hoſpital de Roma atè alli lhe dilatara, e foy, que repreſentando ſe-lhe em ſonhos grandiſſimos trabalhos, fadigas, fomes, ſedes, frios, caminhos, naufragios, traiçoens, perſeguiçoens, e perigos, que tinha de paſſar em ſerviço do Senhor, o meſmo Senhor lhe dava entaõ graça, e forças para lhe pedir *mais, mais, mais.*

Embarca para a India.

15 Começou pois o grande Apoſtolo das Indias aos 7. de Abril de 1541. a larga Iliada de ſeus trabalhos, mas tambem largo theatro a ſuas glorias; pois no meſmo dia deo a náo a véla, na qual hia o Governador da India Martim Affonſo de Souſa. Levava por companheiros ao Padre Paulo Carmette Italiano, e ao irmaõ Franciſco Mancilha Portuguez, recebido em Lisboa para Sacerdote. Para taõ larga, e dilatada viagem, naõ paſſava a ſua matalotagem de alguns livros eſpirituaes, de tres veſtidos groſſeiros contra os frios da terra do Natal, que acceitou á cuſta da fazenda Real, por ſe naõ moſtrar altivo, e obſtinado ás liberaes offertas do piedoſo Rey, e repetidos rogos do primeiro Conde da Caſtanheira, D. Antonio de Attayde, a quem naõ cuſtou menor trabalho como elle dizia, a conſtancia do Padre Meſtre Franciſco em naõ querer acceitar o neceſſario, do que a importunaçaõ de

toda a armada junta em pedirem demasias. No mar mostrou logo sim o grande cabedal de virtudes, que levava da terra. Offereceo-lhe com importunas instancias o Governador a sua mesa, favor que lhe agradeceo, e naõ acceitou. O pouco de que se sustentava pedia na mesma nao de esmóla, confessava, prégava doutrinas, e orava. Assistia aos enfermos com caridade grande, aos quaes fazia o comer por sua maõ, lavava-lhes as roupas, e naõ descançando todo o dia, e toda a noite em o serviço, e obsequio do proximo, juntamente alcançou aqui o nome de Padre Santo, com o qual foy conhecido em toda a India.

Pobreza, e caridade de Xavier na viagẽ.

16 Depois de cinco mezes da viagem chegou a Frota a Moçambique, onde foy logo Xavier procurar o Hospital para nelle assistir aos doentes da terra, e aos passageiros das náos, que para elle foraõ impellidos de huma doença contagiosa, de que elle tambem naõ escapou Era porém o seu mayor achaque, o ver-se prostrado desorte, que naõ pudesse assistir ao regálo do corpo, e ao bem das almas dos enfermos. Soube que hum grumete estava frenetico com perigo de vida, e sabia tambem que a naõ trazia bem ajustada, e sem embrago de estar na intensaõ da febre, se levantou da cama, que tinha por doente, e indo a do grumete, pegou delle nos braços, deitou-o no seu leito, tornou logo o enfermo em si, confessou-o, exhortou-o ao arrependimento de suas culpas, administrando-lhe todos os Sacramentos, e falleceo nas maõs do Santo com grandes sinaes de sua salvaçaõ.

Chega a Moçãbique, e prosegue no exercicio da sua caridade.

17 Seis mezes se detiveraõ em Moçambique, no fim dos quaes foraõ proseguindo a sua navegaçaõ. Hia Xavier ainda muito mal convalescido, e nem o privilegio de doente era efficaz, para o fazer acceitar algũns regálos, com que lhe brindava o Governador, e menos para acceitar cama de doente, pois comia do que pedia de esmóla, e passava as noites na praça da náo S. Thiago, em que hia, com os marinheiros, sobre as amarras, tomando por cama as voltas do calabre, e por cabeçal a ancora. Passaraõ por Melinde a Socotorá, na qual, supposto fosse pouca a detença, naõ foy pouco o fructo que Xavier fez nos payzanos, que eraõ Christaõs só no nome. Prezaõ-se os de Melinde de serem descendentes dos Christaõs, a que converteo, e baptizou o Apostolo S. Thomé, porém seguem muitos erros dos Abexins.

Dor-me sobre as amarras, e faz Missaõ em Melinde.

18 Aportou Xavier aos 6. de Mayo de 1542. na barra de Goa, esclarecida Corte do Imperio Portuguez naquelle tempo no Oriente, e hoje lastimosa cabeça de hum pobre, e miseravel Estado. Era de armas a terra, mas a guerra dos vicios tinha ferido muitas almas: pelo que primeiro começou o Santo Apostolo a reformar Catholicos, que a converter Infieis; eraõ pois taõ pouco estranhadas cinco, ou seis concubinas de portas a dentro, como se fossem legitimas mulheres. Muitos naõ procuravaõ os Sacramentos da Igreja, nem no tempo que ella os obrigava. Se algum se confessava fóra da Quaresma, era reputado por hum fino hypocrita. Para despertar aos homens deste mortal letargo trabalhava o Evangelico Operario com igual desvélo do bem da sua alma, que das alheas. Nos Domingos, e dias Santos, ao despertar da manhaã, hia dizer Missa aos leprosos de S. Lazaro nos arrabaldes da Cidade, aos quaes repartia por suas maõs o Paõ dos Anjos, depois de os confessar, e consolar com celestiaes practicas. Do Hospital de S. Lazaro voltava para a Cidade, em a Igreja de N. Senhora do Rosario prégava aos Portuguezes. Explicava de tarde a Doutrina Christaã, e para se accõmodar melhor aos ouvintes, fallava de proposito portuguez barbaro, e grosseiro. Nos dias feriaes, depois de servir aos enfermos, e de ouvir ao grande numero de penitentes, que o buscavaõ, hia visitar aos encarcerados, aos quaes ensinava o modo de examinar as consciencias, e persuadia a fazer Confissoens geraes.

Chega a Goa onde fez grande fructo com o seu exemplo, e doutrina.

19 Daqui se partia a correr Goa com huma campainha na maõ, e tocando-a nas bocas das ruas principaes, levantava a vóz, e lançava este pregaõ: *Fieis Christaõs, amigos de Jesu Christo, manday vossos filhos, e filhas, escravos, e escra-*

e escravas a ouvir a santa doutrina por amor de Deos. Era innumeravel o povo, que concorria de todos os estados, e idades. Tinha o Santo Apostolo huma força em dizer taõ vehemente, e taõ imperiosa, mediante a Divina virtude que lha cõmunicava, que naõ havia nos animos dos homens diamante taõ duro, que naõ fosse cera em o ouvindo, nem fabrica de vicios taõ alta, e firme, que ao alento da sua vóz a naõ prostrasse. Sahia nas suas palavras, e reprehensoens huma espada aguda de dous fios, lavrada naõ com industria humana, nem eloquencia rhetorica, senaõ com espirito taõ celestial, que penetrando ao intimo da alma, e do coraçaõ, cortava na parte mais sensivel, dividindo ao filho do pay, tirando á mãy a filha, á sogra a nora, e apartando dos braços do mundo aos que mais enlaçados andavaõ em suas delicias, e loucuras. Em fim, lançavaõ-se fóra as concubinas, desfaziaõ-se contratos usurarios, restituiaõ-se famas, e fazendas, perdoavaõ-se aggravos, fazia-se justiça nos Tribunaes, e concorria tanta gente a Xavier para a confessar, que escrevendo elle a Roma diz: *Que se Deos o multiplicasse em dez, e no mesmo tempo o reproduzisse em dez lugares, ainda assim naõ bastaria, para satisfazer a tantos penitentes.*

20 Tinhaõ fundado hum Seminario em Goa pouco tempo havia o Padre Miguel Vaz, Vigario Geral, e o Padre Mestre Diogo de Borba, Clerigos Seculares, com o santo destino de nelle estudarem meninos de todas as Naçoens Orientaes, a fim de que, vindo estes a ser Sacerdotes, tomassem as suas practicas, e prégassem o sagrado Evangelho a seus naturaes. Vendo pois o principal Fundador, Diogo de Borba, o grande talento, e a rara virtude do nosso Xavier, dimittio de si o governo de sessenta Collegiaes, que nelle tinha, pedindo-lhe que fosse seu Reytor, e os educasse em santos costumes, e letras. Por algum tempo o governou Xavier, pois logo encarregou a liçaõ da Grammatica, e o cuidado espiritual dos Collegiaes a seu companheiro o Padre Paulo Carmete, que chegou a Goa depois do Santo, por convir ficar a náo em que hia em Moçambique algum tempo. E foy este Seminario a primeira Casa da Companhia do Oriente, donde a cada passo sahiaõ, e sahem os Ministros do Evangelho, huns para o Norte, outros para o Sul, a desterrar com a clarissima luz da Fé as escuras trevas da idolatria; a lavar nas agoas do santo Baptismo innumeraveis povos, muito differentes nas linguas, e muito diversos nos costumes; a sujeitar ao suave jugo da Igreja Romana Reys, e Principes poderosos; a levantar no mais remontado Paganismo Templos do verdadeiro culto, e Religiaõ; e a fundar a Jesu Crucificado hum novo, e dilatado Imperio.

Foy Reytor do Seminario de Goa, e primeiro Mestre da Provincia o Padre Carmete.

21 Vendo o nosso Xavier a Goa reformada, cuidou logo em ir Evangelizar as verdades Catholicas ao Gentilismo; porèm antes que nos mettamos a compendiar os mares que navegou, as terras que discorreo, os trabalhos que passou em beneficio das almas este Obreiro diligente da herdade de Christo, diremos o que trabalhou primeiro em beneficiar a terra de seu animo, cultivando-o com humildade, com desprezo proprio, com austeridades, com mortificaçoens, com pobreza, com peregrinaçoens, e com as mais virtudes de hum homem Evangelico. A preclara virtude da pobreza tinha lugar muito sublime na sua estimaçaõ. Estudava com todas as veras em desprezar tudo o que lhe naõ era necessario para a conservaçaõ da vida, e ainda do necessario uso ao mais pouco, e ao mais vil. O amor que tinha a esta Evangelica margarita da pobreza, naõ era pequena prova de existirem em seu peito muito vigorosas todas as mais perfeiçoens; porque nos Religiosos, pelo amor, e observancia da pobreza Evangelica se conhece, e qualifica a eminencia da santidade. O viatico pois com que partio de Roma para este Reyno, como ja dissemos, foy huma sotana remendada, e o seu Breviario. A matalotagem com que partio de Lisboa para a India, indo com a Dignidade de Nuncio Apostolico, naõ passou de alguns livros devotos, e de tres vestidos grossei-

Da sua pobreza.

grosseiros, que acceitou mais por comprazer com a vontade de ElRey, que por vontade propria. O colchaõ, e almofada, de que usava na náo, era huma amarra della. Sendo lhe necessario na Cidade de Goa huma loba, ao uso dos Clerigos modestos da terra, segundo a Regra da Companhia, a pedio de esmóla ao Mordomo do Hospital. Mandou lhe este cortar logo huma loba de chamalote grosso, como traziaõ os mais Sacerdotes, mas o Santo a naõ quiz acceitar, parecendo-lhe menos decente á pobreza religiosa, e foy necessario dar-lhe outra de algodaõ. Costumavaõ andar os Clerigos com as lobas soltas, e sem capaz, pela razaõ das grandes calmas, e assim andou sempre Xavier. Compadecido o mesmo Mordomo de lhe ver os çapatos rotos, lhe mandou fazer outros novos, mas naõ pode acabar com elle que os calçasse, por lhe parecer estavaõ ainda os velhos em bom uso. Pedia de esmóla as camizas que vestia, e amava tanto de coraçaõ as peças velhas, que era necessario buscar alguma traça, para lhe fazerem vestir as novas.

Continuaõ as provas da sua pobreza.

22 Rompeo-se-lhe depressa a loba de algodaõ com o continuo exercicio dos carceres, e Hospitaes, e huma noite estando dormindo lha trocaraõ por outra nova, que elle vestio, sem advertir por hum dia todo o santo engano. Quando sahio de Goa para a Missaõ da Costa da Pescaria, regeitados todos os liberaes offerecimentos, que lhe fez o Governador Martim Affonso de Sousa, acceitou sómente dos amigos humas botas, para poder pizar as abrazadas areas da Pescaria, e huma coura para se reparar dos destemperados calores do sol, que reflectindo os rayos nas areas, as queima, e abraza os corpos com mayor força. Quando chegava a terra onde naõ havia Hospital, Convento de Religiosos Franciscanos, ou casa de Parocho, armava hum cubiculo com paredes de esteiras tecidas de folhas de palmas. Constavaõ as alfayas de huma pequena mesa, onde estava hum Crucifixo lavrado do páo da Casa de S. Thomé cuberto com seu véo, e o Breviario por onde rezava. Tinha algumas vezes seu catre precintado de cordas tecidas da estopa das cascas dos cocos. Sobre este, ou outro similhante catre naõ apparecia outro enxoval senaõ huma dura pedra, que lhe servia de cabeceira. Quando foy recebido em Mallaca com triunfo, edificou a todos com huma sotana taõ rota, e hum chapeo taõ desfeito, que naõ podia escolher melhor galla a mesma pobreza. Em fim, todos os seus thezouros consistiaõ nos paramentos da Missa, nos seus manuscritos, no sobredito Crucifixo, em bõa quantidade de cilicios, de diciplinas de ferro, e de rozetas, e no relicario que trazia ao pescoço, e em alguns livros precisamente necessarios.

Da sua obediencia.

23 A virtude da obediencia, que he a principal das virtudes, e mãy sua, segundo Santo Agostinho, a que Sua Magestade Divina sacrificou até á morte ao seu Eterno Pay, a que pede aos homens, affirmando-lhes, que he melhor, que o sacrificio, e a que em o numero dos votos, que fazem os Religiosos quando professaõ, tem o primeiro lugar; porque sujeita a Deos todo o homem, e contèm em si os votos restantes, e quantos preceitos, e conselhos ha nas Regras, foy summamente estimada do nosso Xavier. Como nunca teve Superior na Companhia, senaõ a Santo Ignacio, para o exercicio da sua obediencia, nenhuma outra cousa mais procurava, e dezejava, que direcçoens, e ordens suas, naõ se querendo guiar por sua cabeça, senaõ por aquelle, a quem tinha em lugar de Christo nosso Senhor. Ou fiquemos em Lisboa, ou naveguemos á India (diz Xavier a Santo Ignacio) vos peço pelo amor de Deos, que nos escrevais o modo, e a ordem, que devemos guardar em ajuntar companheiros, e isto muito por extenso, porque bem sabeis a limitaçaõ do nosso talento. Ainda o Santo Patriarcha Ignacio naõ era seu legitimo Superior, por naõ estar confirmada a Companhia, e avisado por elle para a Missaõ da India, obedeceo taõ prompto, que logo se pôs a caminho com o viatico que dissemos.

24 Escrevendo da India ao Santo Patirarcha no ultimo anno da sua vida, lhe

lhe dá o titulo de Santo no sobrescrito, dizendo assim: *A meu em Christo Santo Padre Ignacio.* Fallava-lhe sempre nas cartas por *Vossa santa caridade*, *e por seu verdadeiro Pay.* Em outra carta rematava com esta clausula: *Peço vos, Pay da minha alma, e a quem summamente venero, com os joelhos postos em terra, [porque assim vos escrevo esta carta como se vos tivesse presente] que naõ cesseis de rogar por mim a Deos em vossos santos sacrificios.* Escrevendo ao Veneravel Padre Simaõ Rodriguez a este Reyno, diz: *De muito bõa vontade vos convidara, e rogara muito que viesseis para a India, se o Padre Ignatio approvasse a vinda, e vos desse este conselho, porque he nosso Pay, e he bem que lhe obedeçamos, nem nos he licito mover hum pè sem sua licença.* Aos subditos da India nada mais encarecia, que a obediencia, ainda aos que naõ eraõ superiores. Escrevendo de Maluca ao Padre Carmete, rezidente no Seminario de Goa, naõ acaba de lhe recõmendar a sujeiçaõ aos administradores daquella Casa, concluindo com estas palavras: *Entendei, que naõ podeis fazer cousa, que mais me agrade, do que obedecer-lhes à risca. Se eu ahi estivesse, naõ faria a minima cousa sem seu consentimento, e authoridade, e daria diligentissima execuçaõ a tudo quanto me ordenassem.* E despedio alguns Padres da Companhia, todos por falta de obediencia. Em fim, na ultima carta, que Santo Ignacio lhe escreveo só pôs na firma hum I., primeira letra do seu nome: que como era de obediencia a carta, achava que só huma letra bastava para quem era taõ sujeito.

Continuaõ as provas da sua obediencia.

25 A castidade, flor de maravilhosa formosura em hum Religioso, e fonte de honestidade, e de vergonha, conservou Xavier illeza até o ultimo dia de sua vida, como deixaraõ escrito seus Confessores, que tambem affirmaraõ naõ acharem nunca nelle culpa venial deliberada nas mais especies de peccados. Estudava Xavier em hum Collegio de Pariz, cujo Mestre era de costumes taõ depravados, que sahia muitas noites fóra com os discipulos a dar execuçaõ ás suas torpezas, que lhe abbreviaraõ os dias da vida, por meyo de huma enfermidade gallica: e florecendo Xavier entaõ no mais vigoroso da idade, e sendo de galharda presença, com o predominio de sangue, nem huma só vez se resolveo a seguir ao escandaloso Mestre, e aos mais companheiros, que com instancias o provocavaõ. Estando o Veneravel Padre Mestre Simaõ Rodriguez em Roma enfermo, lhe assistia Xavier, o qual dormia junto ao seu leito. Naõ podendo dormir em huma noite o enfermo, vio que Xavier fazia grande força com os braços, como quem affastava, e lançava de si algum inimigo, que o accõmettia, e que nesta fadiga lançara pela boca muito sangue, e despertara. Perguntou o Mestre Simaõ pela causa de taõ grande violencia, e effuzaõ de sangue, mas o Santo a occultou sempre em seu peito, até partir para a India, pois na ultima despedida, entre outras cousas que lhe declarou, foy, que sonhara estar entaõ em certa estallagem removendo de si huma moça, que lhe queria tocar com a maõ no peito, e que pela muita força que fazia se lhe romperaõ algumas vêas, donde manou aquelle sangue. Naõ podem os Anjos dormir, mas se por impossivel se sonhassem provocados, naõ poderiaõ fazer mais valorosa resistencia.

Da sua castidade.

26 Ninguem ignora, ó mortaes, que entre todas as batalhas dos Christaõs, as mais difficultosas, e duras, saõ as da castidade, porque tem mais frequente peleja, e mais rara victoria. Diz S. Cypriano elegantemente, que naõ ha victoria mayor, que a que se alcança da sensualidade. O que prostrou a seu inimigo foy superior a outro homem; porèm o que sujeitou os deleites carnaes, foy superior, e venceo-se a si mesmo. O que rende ao seu contrario, triunfa de hum inimigo de fóra; mas o que reprimio hum appetite, conseguio troféo de hum contrario de dentro de casa. Qualquer mal se vence mais facilmente que o dezejo carnal; porque aquelle a qualquer que seja he horrendo, e abominavel, mas este he lizonjeiro, e de bom parecer. Com que pode muito bem dizer hum Poeta:

He a victoria da castidade a mais difficil.

Quien

Quien se vence en domestica batalha,
Mas haze, que en ganar una muralla.

Continua.

27 E se guardar castidade o que huma vez cahio, se tem por acçaõ taõ difficil, e milagrosa, que deo ao Apostolo occasiaõ para que dissesse: *Trazemos este thezouro em vazos de barro*; para que entendessemos que a conservaçaõ delle sem quebra procede da virtude de Deos, e naõ de nósoutros, que será justo dizer daquelles, [qual o nosso Xavier] que sem haver cahido guardaraõ a virgindade limpa, e pura, defendendo a de tantos contrarios que a cercaõ, e combatem até á morte! De que louvores naõ seriaõ dignos, de que applausos, e de que memorias, os que vivendo em carne sem incorrer no vicio cõmum da carne, mais se haõ de julgar por Anjos, que por homens! S. Basilio o diz por estas palavras: *Se em a resurreiçaõ naõ haverá cazamento de homens, nem de mulheres, senaõ todos seraõ como Anjos, e se converteràõ em filhos de Deos; tambem os que conservaõ virgindade haõ de reputar se por Anjos, que vivendo em carne corruptivel illustraõ a vida dos mortaes.*

Da graça que deo Deos a Xavier para converter lascivos.

28 A pureza Angelica de Xavier lhe remunerou Deos com a graça, que lhe deo para converter lascivos. Na Cidade de S. Thomé vivia escandalosamente concubinado hum Fidalgo Portuguez. Grangeou-lhe primeiro a benevolencia com a sua costumada, e santa industria, e feito ja domestico lhe entrou hum dia por casa a hora de jantar para o colher á mesa com a causa da sua ruina: apresentou-se-lhes diante saudou os cortezmente, e com hum semblante muito aprasivel lhes disse: *Senhores, eu venho a estas horas, porque estas saõ as mais opportunas para o meu negocio, que naõ he outro senaõ jantar comvosco*, e assim lhes foy dizendo algumas palavras graciosas, em ordem a tirar-lhes a suspeita de que procurava aquella hora pelos achar juntos. O Fidalgo se fingio muito alegre, e lhe deo muitas graças pela bõa vinda. Comeo o Santo como se nunca houvesse provado iguarias de melhor gosto, e fallando no principo de cousas alegres, concluio a mesa com practicas devotas, porèm suaves. Acabada a mesa, deo a ambos as graças, e partio sem fallar em cousa que tocasse no vicio do Fidalgo: ficou este pasmado, e inquieto, dizendo comsigo: *Que me queria o Padre! Se esmóla naõ lhe falta na terra, a que veyo a minha casa! Tanto asco lhe cauzei na mesa, que nem no a que vinha me fallou! Sem duvida correo se de me ver, e eu me naõ corro do que sou! Ja tenho contra mim aquelles olhos, e a elles me acolherei, que pois me feriraõ me sarem.* Foy-se em fim procurar ao Santo, e dizer-lhe, que o seu calar lhe ficara bradando ao coraçaõ. Confessou se com elle, remediou a propia consciencia, deo estado de salvaçaõ a quem lhe causava o perder a sua, e reformou totalmente a vida. Entrou o Santo em similhante occasiaõ do jantar em casa de outro pár similhante: e retirada ella para dentro logo que o sentio, o zeloso Santo taes cousas disse, que a fez tornar a sahir. Eraõ ambos solteiros, e naõ tinhaõ cousa que os impedisse a cazarem. Exhortou-os a isso com taõ efficazes palavras, que logo alli celebraraõ os desposorios, e depois o matrimonio com as solemnidades da Igreja.

Prosegue-se o mesmo.

29 Convidou se para jantar com hum mercador Portuguez enfermo do mesmo achaque. Fez elle hum banquete esplendido, e abundante. Comeo Xavier sem ceremonia, e mostrando muita graça, e gratidaõ ao mercador, naõ cessava de louvar o bom tempero dos guizados, e de lançar mil bençoens ás maõs que tal fizeraõ, de que o bom do homem estava muito satisfeito, e desvanecido No fim da mesa agradeceo Xavier a esmóla ao Portuguez, e pedio que mandasse apparecer a cozinheira, porque tambem lhe queria agradecer o trabalho, que por seu respeito tivera. Appareceo logo huma Japoneza Christaã cativa, e concubina de seu amo, louvou-lhe a perfeiçaõ com que temperava as iguarias, exhortou-a a ser bõa mulher, e a servir bem a seu senhor, de cuja grande liberidade receberia o premio de seus serviços; e sem

passar

passar adiante se foy. Fez-se encontradiço dalli a poucos dias com o mercador, e feitas as reciprocas saudaçoens, lhe perguntou pela sua escrava, e ensigne cozinheira. Ignorava o mercador todos os designios do Santo, e lhe respondeo, que em casa estava, e passava bem: *E que de bõa vontade* [replicou o Santo] *lhe pagaria eu aquelle bom jantar! Porèm sou pobre, e naõ tenho com que, e só da vossa fazenda lhe poderei dar algum premio.* Offereceo-lhe o sincero Portuguez de bôamente tudo quanto havia em sua casa, e pessoa, e o Santo, que naõ esperava por outra cousa, lhe disse: *Pois dai lhe vós liberdade, que eu lhe darei marido: e ficareis ambos remediados na alma, e Deos vos pagará por mim esta caridade, dando-vos em recompensa a salvaçaõ, cujo inextimavel preço deve ser preferido a huma escrava.* A' vista disto abrio os olhos o Portuguez, e vendo a que fim tiravaõ os louvores das iguarias, e da cativa, ficou taõ compungido, que logo a entregou ao Santo, e elle lhe deo marido.

Prosegue-se o mesmo.

30 Recolheo-se na Cidade de Malaca a pernoitar em casa de hum mercador China, e Christaõ, que vivia com duas concubinas de portas adentro. Quando eraõ horas de repousar pedio ao China lhe mandasse huma dellas, e naõ duvidando de lha mandar ao seu quarto, foy observar o que lhe queria. A' vista da impudica mulher, tirou Xavier huma cadea de ferro, e começou a tomar huma horrivel diciplina nas costas, e depois de bem ensanguentado, offereceo á mulher outra cadêa dizendo-lhe que fizesse ella por si, o que elle fazia por ella, para que Deos se movesse a piedade, e lhe desse a conhecer o estado da sua eterna condenaçaõ; e dito isto, tornou segunda vez a diciplinar-se. Tudo observava o China, e ferindo-lhe aquellas cadêas a alma, e abalando-lhe o coraçaõ o sangue do innocente, desfeito em lagrimas pegou no braço ao Santo para que naõ continuasse em castigar-se pelas suas miserias, que só para elle era proprio aquelle castigo, por ser a causa da perdiçaõ daquellas almas, as quaes, e a si mesmo entregava nas suas maõs. Tomou o Santo entrega dellas, pô las da sua maõ, e em parte em que reformaraõ a vida, e deo ao mercador as receitas necessarias para resuscitar á graça, e preseverar nella.

Continuaõ as conversoens.

31 Na mesma Cidade de Malaça vivia outro mercador muito rico de fazendas, e taõ pobre de virtudes, que tinha sette concubinas em casa, e todas bem parecidas, e de gente nobre. Procurou grangear-lhe a vontade, e quando vio que o tratava como amigo, o persuadio pouco a pouco a dar o estado de casadas a tres. E naõ lhe occorrendo traça de que se pudesse valer para lhe tirar de casa as quatro, se resolveo a affear-lhe a rosto descoberto o infelice estado da sua alma, com persuasoens taõ fortes, e com palavras taõ vehementes, que o mercador, dado por convencido das suas efficazes, e santas razoens, lançou logo fóra de casa as quatro concubinas, ás quaes deo sufficiente dote para cazarem. O ditoso mercador se confessou com Xavier geralmente, e tomando o por seu Director da nova vida que queria tomar, teve nella tantas copias de consolaçoens espirituaes, que nunca mais appeteceo as liberdades, e larguezas da carne.

Industria, com que convertia aos peccadores.

32 Em fim, as conversoens, que fez desta sorte nos lascivos, foraõ innumeraveis, e naõ escrevemos mais por evitar prolixidade, e concluimos com dizermos, que nestas conversoens se valia de varias traças, e ordinariamente engraçadas. Se as concubinas naõ eraõ geitosas, ainda Xavier as fazia mais deformes, dizendo ao amo, ou ao amigo com grande admiraçaõ: *De que inferno tirastes este demonio! Como tendes paciencia para a ver diante de vós! Huma mulher, ou huma negra torpe, e taõ mal feita, que mette horror a quem a vè, merece o vosso amor, o vosso coraçaõ, e, o que mais importa, a vossa propria alma, que perdeis por ella! Lançay amigo essa fealdade fóra de casa, apartai-a da vossa presença, senaõ por amor de Deos, ao menos por amor de vós, e naõ vos arrisqueis a ter monstros por filhos. Faltar-vos-ha huma mulher formosa,*

mosa, e honesta em lugar deste bruto, e medonho animal: Desta sorte concertava logo tudo, e muitas vezes correo por conta do Santo, o procurar mulher para o amo, e marido para a criada. Se as concubinas eraõ prudentes, e formosas, e dignas de passarem a mulheres proprias, as louvava muito, e fazia com que as acceitassem por mulheres. Se eraõ muitas, encarecia as prendas da mais digna, e os persuadia a tomar esta por mulher, e a lançar fóra as outras.

Da sua grande abstinencia.

33 Naõ era menos amante da virtude da abstinencia, pois comia com tanta moderaçaõ, que nunca ficava satisfeito, como quem naõ ignorava, que a fartura, ainda que seja de paõ sómente, he contraria á castidade, e que nella consistio, segundo o Profeta, a detestavel abominaçaõ de Sodoma. Eraõ continuos os seus jejuns de dous, ou tres dias, e huma vez sette dias esteve sem gostar bocado. Jamais bebeo vinho, nem comeo paõ de trigo, fóra das occasioens em que se convidava, ou o convidavaõ, porque nestes cazos comia sem ceremonia do que lhe punhaõ diante, por evitar impertinentes singularidades. Quando estava só, ou entre os subditos, passava com hum pouco de arroz cozido em agoa, e sal, ou com algum peixe, ou daim, que he leite coalhado com limaõ, ou com outro licor azedo. Nos dous annos e meyo, que trabalhou no Japaõ, se absteve do pescado, e se mantinha ordinariamente de certas raizes taõ amargosas, que só o prová-las era rigorosa penitencia. Nos dias de grande solemnidade mandava fazer algumas pappas de arroz, que saõ huns certos bolinhos, de que viviaõ os payzanos, e lembrava aos companheiros, que dessem graças a Deos por aquellas delicias, e naõ excedessem o necessario para sustentar a vida, e conservar as forças no Divino serviço. Parece se lembrava o nosso Xavier do que dizia S. Jeronymo, por estas palavras: *Os jejuns te sejaõ quotidianos, e a comida taõ temperada, e curta, que naõ cauze fartura; porque pouco virá a aproveitar-te estar sem comer dous, ou tres dias, se depois comeres junto quanto havias deixado.* He pois mais conveniente, ó mortaes, que o Varaõ Religioso use com temperança de comidas cõmuas, e de carne tambem ás vezes, que buscar mantimentos extraordinarios para o jejum, tomados estes sem a devida moderaçaõ. O Mellifluo Bernardo o diz: *Melhor he comer a carne, que baste ao uso, e á necessidade, que fartar se de huns legumes, principalmente sabendo, como sabemos, que Esaù naõ foy reprehendido por appetite que tivesse á carne, senaõ ás lentilhas; nem Adaõ condenado por carne, senaõ por fructa, nem Jonatas taõ pouco entregue á morte por comer carne, senaõ por haver gostado o mel. E pelo contrario, Elias comeo carne sem culpa, Abraham sustentou com carne aos Anjos muito a gosto de Deos, e os sacrificios, que Sua Magestade lhe mandou offerecesse no seu Altar, foraõ tambem de carnes.* Comia em fim o nosso Xavier carnes, peixes, e de tudo o mais que se lhe punha diante, sem melindre, mas com tanta parcimonia, que ficasse sempre corrigido o vicio sensual da gula com o soberano freyo da virtude da abstinencia. Pouco digna de louvor he a abstinencia daquelles, que estreitando o jejum com notavel aspereza, naõ comendo mais que paõ, e agoa, ou legumes em alguns dias da semana, se fartaõ nos mais destemperadamente; pois a verdadeira abstinencia he a dos que comem manjares cõmuns com tal attençaõ, que naõ cebaõ o appetite, senaõ sustentaõ a natureza, e da mesa jamais se levantaõ fartos.

Do que diziaõ S. Jeronymo, e S. Bernardo da abstinencia.

Da sua penitencia, e aspereza de vida.

34 Tambem affligia, e atormentava seu corpo com cilicios, e diciplinas, que tomava sem piedade recolhido em cavernas solitarias, ou em Ilhotas dezertas: passava semanas inteiras em vigilias, e abstinencias, dormindo na terra nua, ou nas areas ao sereno; porque queria este Apostolo da India imitar ao das Gentes no castigo de seu corpo, para o ter depois obediente, e fiel companheiro em tantos perigos da terra, e mar, quantos encontrou em onze annos, que peregrinou pelos dilatados Imperios do Oriente. Ja deixamos dito, e ainda diremos, o como castigava seu corpo em satisfaçaõ de alheas culpas.

Em

Em Amboyno fez taõ aſperas penitencias por converter tres ſoldados de vida eſtragada, que debilitado dellas eſteve doente hum mez inteiro. Confeſſou geralmente a Pedro Velho, homem de negocio, grande amigo ſeu, e mandando-lhe fazer algumas penitencias em ſatisfaçaõ de ſuas culpas, elle ſe eſcuzou com a delicadeza da ſua carne, pedindo-lhe outro modo de ſatisfaçaõ. Pois, diſſe o Santo: *Repartamos entre nós a penitencia, vós day eſmólas, e eu tomarei por vós as diciplinas*; e aſſim o fizeraõ ambos, [porque o bom Velho começou a ſer taõ grande eſmoler, que mereceo por eſta virtude ter a precioſa morte, que o Santo lhe profetizou, como adiante ſe verá no Catalogo dos ſeus milagres] e Xavier começou logo na náo em que hiaõ a diciplinar-ſe, nos ſitios mais occultos.

35 Aſſim como da altura de huma arvore ſe póde conjecturar a profundidade das ſuas raizes, aſſim da ſublimidade de virtudes a que ha aſcendido huma alma, a humildade com que ſe prevenio. Mal poderá, ó mortaes, ſubir em noſſa alma o affecto das virtudes, ſe naõ ſe lançaõ primeiro no coraçaõ os fundamentos da verdadeira humildade, que podem ſuſtentar com firmeza o pezo da perfeiçaõ, e da caridade. Daqui ſe reconhece, quam profunda haja ſido a humildade deſte Apoſtolico Varaõ, cuja perfeiçaõ o elevou á altura de tantos merecimentos, e canonizou Deos com tantos portentos. Quem ler com attençaõ todos os paſſos da ſua vida, e reflectir no eſtylo de ſuas cartas, nas quaes retratou muito ao vivo o ſeu eſpirito, virá no conhecimento da ſua profundiſſima humildade, e do grande deſprezo com que ſe tratava, como quem naõ ignorava, que tanto mais precioſa ſe faz huma alma aos olhos de Deos, quanto he nos ſeus mais deſprezavel. Chegou a Goa com a Dignidade de Nuncio Apoſtolico, e podendo-ſe accõmodar em alguma das muitas caſas opulentas, que o convidaraõ, ſe accõmodou no Hoſpital publico, onde ſe conſagrou como eſcravo ao ſerviço dos enfermos, e eſcravos. Antes de começar a prégar, ſe foy lançar aos pés de D. Joaõ de Albuquerque Biſpo de Goa, entregando-lhe os Breves do Pontifice, e declarando-lhe o fim porque o mandavaõ áquellas Provincias; reſignou na vontade do Biſpo com fideliſſima promeſſa os poderes de Nuncio Apoſtolico. Huma das mais admiraveis couſas, que no Oriente ſe admiraraõ de S. Franciſco Xavier, foy a da reſurreiçaõ dos mortos, e taõ longe eſtava de ſe ver combatido da vaidade, quando obrava algum deſtes prodigios, como ſe póde colligir do ſeguinte cazo. Correo em Goa fama de que elle havia reſuſcitado hum menino affogado no Cabo de Camorim. Perguntando-lhe o Meſtre Borba ſeu grande amigo pela verdade do cazo; a eſta pergunta cobrio o Santo o roſto de huma vergonhoſa, e modeſta eſcarlata, e pondo os olhos no chaõ, e como admirado, e confuſo, diſſe: *Jeſu, Senhor Meſtre Diogo de Borba, eu reſuſcitar mortos! E de hum taõ grande peccador como eu vos vem tal couſa ao penſamento!* Dalli a pouco deo-lhe hum abraço, e com a boca cheya de rizo, lhe diſſe eſtas palavras: *Aprezentaraõ-me hum menino, dizendo que eſtava morto, porèm elle eſtava vivo: mandei-lhe que ſe levantaſſe: que milagre he eſte: O povo, que de tudo faz milagres, póde ſer que o fizeſſe diſſo.* Deſte modo de reſponder bem ſe colhe, que a ſua grande humildade o conſtrangeo a equivocar a reſpoſta, pois eſtando o menino morto, quanto ao corpo, diſſe que eſtava vivo quanto á alma, por eſtar em graça.

Da ſua humildade.

36 Por imitar ao grande Apoſtolo S. Paulo fazia-ſe tudo com todos. Irmanava-ſe indifferentemente com os mais viz eſcravos, moſtrando-ſe ſim mais familiar aos mayores peccadores. Convidava-ſe a jantar, e a cear com elles, e na meſa introduzia practicas alegres, e apraziveis; quando havia jogo nas náos, hia ſentar ſe junto dos mais impacientes, e diſſolutos no jurar; e ſe alguns quando elle apparecia eſcondiaõ as cartas, e os dados, ſe dava por aggravado, dizendo, que elles naõ eraõ Religioſos para eſtarem todo o dia meditando, e rezando: que os juramentos, os enganos, e as contendas eraõ

Proſegue-ſe o meſmo.

prohibidas, mas naõ o jogo ao ſoldados: continuava aſſim o jogo ſem offenſa de Deos, que era o barato com que Xavier ſe recolhia; conquiſtadas aſſim as vontades dos ſoldados, quando ſe achava ſó com algum delles: diſcorrendo ſobre a guerra, ou ſobre outra alguma couſa propria do genio do ſujeito, o levava pouco a pouco ao conhecimento do máo eſtado da ſua conſciencia, e da neceſſidade que tinha de reformar a vida. Com a meſma induſtria ſe irmanava, e tratava com os pobres grumetes, e com todos os paſſageiros, que com elle navegavaõ: naõ reparava em algumas miudezas, que talvez poderia eſtranhar outro genio mais auſtero. Achando-ſe em huma viagem ſem çapatos, lhe offereceo hum ſoldado huns brancos, os quaes agradeceo logo muito, e calçando os, andou pela náo com elles, e dizendo com bõa graça lhe ajuſtavaõ bem nos pés, e que razaõ era ſahiſſe algum dia com hum par de çapatos á moda. Pedio ultimamente ao ſoldado licença para os tingir de preto, porque delle ſe naõ riſſem os meninos. Com mercadores, ſe introduzia tambem veſtido dos ſeus proprios intereſſes, fallava-lhes na ſua linguagem dos portos, dos generos, das comiſſoens, das remeſſas, das compras, das vendas, dos avanços, e depois voltando ſuave, e deſtramente ſobre elles os fazia cotejar o Ceo com a terra, e os bens temporaes com os eternos. Tirou do trato, e converſaõ deſtes ultimos o fructo de fazer hum grande numero de eſmoleres, que liberalmente lhe davaõ dotes para orfaãs, e grandes eſmólas para o ſoccorro de viuvas, e de outras peſſoas neceſſitadas. Era em fim taõ humilde, e taõ caritativo, que andava pelas Cidades, e povoados pedindo pannos velhos para as curas dos enfermos dos Hoſpitaes, os quaes lançava em hum ſacco que trazia ás coſtas. Quando encontrava cahidos alguns payzanos, como ſuccede muitas vezes naquellas partes, pela grande pobreza, e miſeria da gente natural, os levava em braços, ou ás coſtas ao Hoſpital, lavava-lhes os pés de joelhos, ſervia-lhes de Cirurgiaõ, e cozinheiro, que até eſtas artes lhe enſinou a induſtria da ſua caridade.

Da ſua oraçaõ, e cõtemplaçaõ.

37 Vivendo o grande Xavier entre os homens, pareceo Anjo nas virtudes; porque como aquellas Celeſtiaes intelligencias nunca apartaõ o ſeu entendimento da contemplaçaõ, e viſta de Deos, aſſim eſte Servo ſeu ſempre o tinha fixo mediante o continuo exercicio da ſua oraçaõ em aquelle ſoberano, e ſabõroſo objecto em todo o lugar, e tempo, e parecia trazia na lembrança o que diſſe Santo Agoſtinho por eſtas palavras: *Quando rogas naõ clames com a vóz, ſenaõ com a mente, porque tambem ouve Deos aos que naõ fallaõ Daniel eſtá alegre entre os leoens; gozoſos no forno de Babylonia os tres meninos Hebreos; Job triunfante ſe deſpio no muladar; deſde a Cruz achou o ladraõ o Paraizo; naõ ha lugar em que naõ eſteja Deos.* Applicava as horas do dia aos miniſterios de Martha, e de noite ſe lançava aos pés de Chriſto como a Magdalena: e deſte modo unia perfeitamente a vida activa, e Apoſtolica com a contemplativa, e Monaſtica: porque, tiradas duas, ou tres horas, que dava ao ſomno, paſſava o reſtante com Deos. Tinha por regra infallivel quando navegava, orar deſde a meya noite até o ſahir do ſol. Quando eſtava em Meliapor, ſe recolheo em caſa do Vigario da meſma terra, e como entre a caſa deſte, e a Igreja do Apoſtolo S. Thomé, mediava ſómente huma pequena horta, para ella ſahia o Santo todas as noites a cõmunicar, e a conſultar com Deos as ſuas Miſſoens, ſem embargo de ſer avizado pelo Parocho, de que na tal horta andavaõ os demonios todas as noites. Em huma dellas eſtando orando diante de huma Imagem de Maria Santiſſima, o aſſaltaraõ os infernaes eſpiritos com huma taõ grande tempeſtade de golpes, que o ſujeitaraõ dous dias á cama atormentado de grandes dores. Convaleſcido do paſſado aſſalto tornou como antes a gaſtar as noites orando, porèm dalli em diante lhe naõ chegaraõ os malignos ao corpo, e ſó de longe faziaõ ruido, para o divertirem da ſanta oraçaõ. Huma noite, mudando de eſtylo, foraõ cantar Matinas á Igreja, e de ſorte as cantaraõ, que o Santo á primeira

Perſeguem-no os diabos na oraçaõ.

face

face os naõ conheceo, e perguntando ao Vigario, que Clerigos eraõ aquelles, da sua resposta ficou entendendo eraõ as vozes infernaes, e a solfa dos Nocturnos composta pelos Principes das trevas.

38 Estando em Malaca, foy observado por seu grande amigo Diogo Pereira, e por outros seus devotos, e curiosos, de como passava as noites, e acharaõ que o seu descanço, depois das grandes fadigas do dia, era pôr-se de joelhos diante de hum Crucifixo com a alma toda suspensa nelle, e passar immovel á maneira de extatico muitas horas em huma profunda contemplaçaõ, da qual se naõ divizava fóra da choça em que estava, senaõ o fogo do rosto, argumento de quanto ardia dentro do peito, e huma continua affluencia de lagrimas de interior consolaçaõ. Tambem foy visto muitas vezes suspenso no ar, e cingido todo á roda de hum circulo de rayos de excessivo resplandor. Depois de ter a Companhia Casa em Malaca, a assistencia de Xavier era a Sacristia, donde depois de dormir as suas tres horas entrava na Igreja, e levava o resto da noite ajoelhado diante do Diviniffimo Sacramento, e de huma Imagem de nossa Máy, a sempre Virgem Maria. Em Maliapor foy muitas vezes visto, pelo dono da casa em que assistia, prostrado aos pés de hum Crucifixo, e todo o aposento resplandecente com a luz dos rayos, que lhe sahiaõ do rosto. Passava tambem muitas noites ao sereno, por se consolar com a vista das estrellas, recebendo entretanto do Ceo aquelles orvalhos das Celestiaes delicias, de que estavaõ banhados os cabellos do esposo. Celebrava ordinariamente ao despontar da madrugada, e naõ tinha na Missa certa medida de tempo, porque Deos lhe assinava o tempo, como era servido. Gozava porèm sempre nella tantas doçuras do Paraizo, que redundavaõ no ajudante. Hum sentio, a primeira vez que o ajudou, taõ grande consolaçaõ de espirito, que depois andava apôs o Santo offerecendo-se por seu ajudante a taõ Divino ministerio, e isto só pelo interesse, como elle dizia, de tornar a gostar daquelle Celestial regálo. Tinha Xavier faculdade do Summo Pontifice, para satisfazer a obrigaçaõ do Officio Divino com outro mais breve de tres liçoens, e para cõmunicar a certo numero o mesmo privilegio; porêm deste senaõ aproveitou nunca, sendo taõ continuas, e importantes as suas occupaçoens, mas antes no principio de cada huma das sette Horas Canonicas accrescentava o Hymno *Veni Creator Spiritus*, e o Espirito Santo lhe descia sobre o coraçaõ, em taõ vivas chammas de fogo, que lhe abrazava, e accendia o rosto. Em fim, onde quer que estava, por onde quer que andava, lançava muitas Jaculatorias ao Ceo, e particularmente aquella: *O' Santissima Trinitas*; ainda estando dormindo despedia estas ligeiras settas ao Ceo, e muitas vezes lhe ouviraõ repetir em vóz clara: *O' meu Jesu! O' meu doce Jesu, a Jesú do meu coraçaõ, ó Santissima Trinitas*, e outros affectos similhantes.

Foy muitas vezes suspenso, e elevado na oraçaõ, e cercado de resplandores.

39 Naõ podia Xavier com nenhuma cautéla encubrir os incendios amorosos com que Deos lhe abrazava o coraçaõ, mas quem mette ao fogo no seyo, (como diz o Sabio) que naõ se lhe abrazem os vestidos, e divulguem os ardores! Respirava, e eraõ seus desaffogos as lagrimas, e seus dezabafos os gemidos; mas os incendios mais se ateavaõ, porque o fogo, que he vehemente, mais se inflammna com as respiraçoens, e com as agoas mais se exaspera. Quanto mais chorava, e dizia a Deos: *Basta Senhor, naõ mais Senhor*, mais se incendia; e quanto mais gemia, mais se abrazava. Refrigerava pois Xavier com agoa fria o intenso fogo, que lhe ardia no peito, e outras vezes se mettia dentro de rios. O seu ordinario modo de caminhar pelas estradas era com os olhos postos no Ceo, e a alma em Deos, abanando muitas vezes, e abrindo ao vento a sotana sobre o peito, por ser intolleravel o fogo, que o queimava por dentro. No celebrar o divino Sacrificio da Missa, e depois no tempo de dar as graças, ordinariamente se elevava, e tirando-lhe o ajudante pelos vestidos, naõ podia fazer que tornasse ao uso dos sentidos, senaõ depois que o Divino Esposo lhe escondia a belleza de seu rosto. Era taõ attractivo

Do seu abrazado amor para com Deos.

attractivo o amor de Xavier para com Deos, que lhe levantava, e suspendia o corpo no ar por largas horas, coroado de santos resplandores, e com hum semblante taõ devoto, e affectuoso, que podia servir de prototypo aos Serafins do Ceo, se quizessem apparecer em forma humana. Foy visto muitas vezes hum covado levantado da terra, com o rosto cercado de luzes, e com os olhos taõ resplandecentes como estrellas. Naõ foy tambem poucas vezes visto suspenso no ar, na Missa, quando estava para consagrar. Andando na Igreja da Companhia de Goa dando a Cõmunhaõ ao povo de joelhos, por mayor reverencia a taõ alto Sacramento, se levantou do chaõ tres palmos, assim de joelhos como estava, e assim suspenso foy ministrando pelo ar a Sagrada Eucharistia.

Vem-no suspenso no ar, e resplandecente.

40 Estando em Goa encõmendou a hum Collegial o chamasse pelas duas horas da tarde de certo dia, para ir visitar ao Governador, que estava enfermo. Dadas as duas horas, o foy chamar o Collegial, porèm o achou com o rosto abrazado, e se bem com os olhos abertos, sem uso dos sentidos. Depois de passarem outras duas horas lhe puxou pela loba, tornando a si, perguntou se eraõ ja as duas horas, e respondendo o Collegial, que eraõ ja quatro, sahiraõ ambos para a visita. Mas como a agulha de marear, ainda que por força a desviem do polo, torna outra vez a buscar o Norte em quanto lhe dura a virtude magnetica; assim o coraçaõ de Xavier, como estava taõ embebido em Deos, ainda que o divertiraõ da oraçaõ, correo a se unir com elle com tanto impeto, que todo o resto da tarde andou pela Cidade passando de huma a outra rua, e correndo-as todas sem entrar em casa alguma, nem saudar a viva pessoa, nem dar acordo de nada, até que ja de noite voltou para o Collegio, e disse ao companheiro entrando pela portaria: *Filho, outro dia teremos para o Governador, porque o de hoje Deos o tomou pàra si.* Na horta do Collegio de Goa, onde hia de ordinario de noite orar, foy visto com as maõs a dezabafar o peito, e que dizia todo anciado: *Naõ mais, Senhor, naõ mais.*

Anda elevado pelas ruas de Goa.

41 Ardia no animo de Xavier de tal sorte o fogo do amor de Deos, que seu mayor dezejo era sacrificar a Christo a sua vida. Para semear naquellas incultas, e dilatadas terras a semente da Ley Evangelica, e para a regar com seu sangue sahio de Roma. He a palma do martyrio suprema comprovaçaõ do amor de Deos, e para se merecer, he necessario hum copioso apparato de virtudes, de que naõ carecia o nosso Xavier: mas supposto naõ conseguio a laureola de Martyr, supprio a falta da coroa com a repetiçaõ do merecimento, e se morresse Martyr huma vez, naõ se offereceria tantas ao martyrio, quantas foraõ os perigos da vida a que se expôs por levar as luzes do Evangelho ás Provincias, que diremos. No Reyno de Travancor vio armado contra si hum exercito de Badegas: vio arder as casas, em que morava. Vio-se muitas vezes buscado dos Gentios para o fazerem adorar aos seus pagodes. Vio-se açoutado pelos demonios na Igreja do Apostolo S. Thomé. Vio-se em Malaca affrontado, e escarnecido pelas ruas publicas, e provocado com mil improperios pelos Christaõs, menos reformados. Vio-se no Morro apedrejado pelos Jabaros montezes, e salvajes. Vio-se no Japaõ corrido como louco pelos rapazes, e duas vezes apedrejado, ferido, e frechado nos rios, e duas vezes levado ao supplicio. Vio-se tantas vezes com a morte diante dos olhos, quantas foraõ as navegaçoens, que fez pelos dilatados, e perigosos mares do Oriente. Os motivos de todas as suas viagens eraõ morrer por Christo, e dilatar a Fé, e daqui resultava o desprezar perigos, e naõ fazer cazo de venenos, de ameaços, de açoutes, e de cativeiros. Em fim, os efficazes dezejos de martyrio creavaõ no nosso Xavier aquelles generosos espiritos, com que mettido no coraçaõ da idolatria plantava Cruzes, levantava Igrejas, derrubava altares, e despedaçava os pagodes, que nelles se adoravaõ. Ora vamos ja particularizando, e escrevendo em summa, alguns dos passos que deo este prodigio-

Dezeja a palma do martyrio, e mostra se ser Martyr no dezejo, e repetidas vezes.

prodigioso Gigante depois de sahir de Goa, até morrer na China, carregado das ricas matalotagens de virtudes, que deixamos dito.

42 De Goa o levou o seu abrazado zelo do bem das almas ao Cabo de Camorim, onde está a Costa da Pescaria, nome que adquirio por causa das perolas preciosas, que nella se caçaõ. Esta foy a Christandade primogenita de Xavier, mercador Evangelico, que nella aportou ao resgate das pedras preciosas redemidas com o Sangue de Jesu Christo. Naquella Costa achou pois tantas perolas de valor inextimavel, quantas foraõ as almas, que converteo á Fé, empregou na compra de taõ fina pedraria toda a riqueza de seus admiraveis talentos. Havia naquella Costa apenas noticia de Christaõ, e como era muito exquisita a lingua daquella gente, deo principio a fallar-lhe por acenos, e aprendendo depois o que bastava para instruí-la nas verdades Catholicas, trouxe grande numero á Fé, e baptizou tantas almas, que elle mesmo confessou por carta, que escreveo a Roma, que neste santo exercicio lhe cançaraõ muitas vezes os braços, e as forças. Discorria por todas as partes com hum Christo Crucificado, com a sua sobrepelliz, e campainha. Teve grande consolaçaõ de ver, que naquella Costa voaraõ ao Ceo mais de mil almas de meninos de pouco baptizados. Recebiaõ os povos daquelles povoados, e aldêas a Fé de Jesu Christo com admiravel resoluçaõ, pela efficacia com que a persuadia, e pela approvar com as maravilhas, que em seu lugar diremos. Os meninos abraçavaõ a Ley com tantas veras, que naõ contentes com reprehenderem aos pays, se cahiaõ em alguma superstiçaõ, os accusavaõ ao Santo, dizendo lhe onde estava o idolo, ou pagode escondido, e feitos todos em hum esquadraõ, saltavaõ na casa, pizavaõ aos pés, quebravaõ, e queimavaõ as estatuas do diabo. Quiz converter a hum homem Gentio, e poderoso; o qual o naõ quiz ouvir, e nem que entrasse em sua casa, dizendo com desprezo, que se algum dia elle fosse para entrar na Igreja do Padre, lhe fechasse tambem a porta. Correo por conta de Deos esta injuria feita ao seu Servo tanto, que dalli a poucos dias foraõ sobre o desditoso barbaro seus inimigos com maõ armada, e vendo-se em lugar, e occasiaõ, que naõ tinha para onde se recolher senaõ para a Igreja; achou fechadas as portas, e a ellas o mataraõ cruelmente. Este cazo foy causa de venerarem dalli em diante a Xavier com mais especialidade; e os defuntos, que resuscitou, de que o respeitassem como a homem vindo do Ceo. Depois de convencer em publicas disputas aos Bramanes, falsos Sacerdotes dos Gentios, e de converter á Fé nesta Costa quarenta mil Christaõs, voltou a Goa, donde levou muitos Sacerdotes virtuosos, e outros muitos, que se tinhaõ criado para o intento no Collegio da mesma Cidade, aos quaes deixou encarregada aquella nova Christandade.

Sahe de Goa a Camorim, e á Costa da Pescaria, e serviços que faz a Deos.

Castiga Deos a hum Gentio por naõ querer ouvir ao Santo.

43 Da Costa da Pescaria, fertil seara de seus trabalhos, e abundante campo das suas consolaçoens, passou para o Reyno de Travancor, onde introduzido com o Rey promulgou a Fé com sua licença. Celebrava os Divinos Mysterios, em falta de Igreja, nos campos, e nas prayas com tal concurso, que muitas vezes se achava com cinco, e com seis mil almas junto de si. Dizia-lhes Missa debaixo das vélas dos navios, serviaõ-lhe de pulpito muitas vezes as arvores, e com taõ copioso fructo da sua sementeira, que só em hum mez baptizou a mais de mil almas, entre as quaes foy o mesmo Rey, que mandou publicar por todo o seu Reyno, ser seu gosto de que obedecessem todos áquelle grande Padre como á sua Real Pessoa.

Passa a Travancor, e prèga a Fè com grande fructo.

44 Vendo-se porèm o soberbo Lucifer pizado aos pés daquelles, que pouco havia lhe rendiaõ adoraçoens, instou a seus amigos os Badegas, que de repente dessem sobre os Catholicos de Travancor, e os matassem. Vinhaõ elles como assanhados leoens de repente sobre os neofitos Christaõs, que naõ cessavaõ de ferir ao Ceo com alaridos. Pôs-se Xavier logo que o soube em oraçaõ com os joelhos em terra, e os olhos no Ceo, e sahindo ao encontro áquelles barbaros com hum rosto, e semblante magestoso, os reprehendeo de

Só com a sua presença, e persuasiva faz retirar hum exercito, que hia sobre os Catholicos.

infieis

infieis para Deos, de feros para os homens. Ameaçou-os com o castigo do Ceo se proseguiaõ com o destino que traziaõ, e como se ferira com a vista, e derrubara com as palavras, perderaõ os Gentios a furia, e esmorecendo da impreza, voltaraõ para suas casas sem fazer damno algum nos de Travancor. Com este prodigioso successo se confirmaraõ mais na Fé os Catholicos, e se converteraõ a ella innumeraveis Gentios.

Manda prègar á Ilha de Manar, onde deraõ a vida por Christo seiscentos Christaõs.

45 Noticiosos os Ilheos de Manar da nova Fé, que prégava o grande Padre, e dos muitos que o seguiaõ na sua visinhaça, mandaraõ pedir a Xavier o santo baptismo, e como elle naõ podia ir naquella occasiaõ por justas causas, mandou em seu nome certo Sacerdote, o qual baptizou a mayor parte do povo daquella Ilha. Ficaraõ elles taõ constantes na Fé, que por ella deraõ a vida seiscentos Christaõs, de hum lugar chamado entaõ Patin, e hoje a Villa dos Martyres. A estes mandou tirar as vidas em odio da Fé, o barbaro Rey de Safanapataõ, grande inimigo do nome de Christo, e dos Portuguezes. Aqui começou aquelle dezerto a dar flores, e este foy o mais rico presente, que até áquelle tempo fez a India a seu Senhor.

Converte a hum obstinado peccador.

46 Na primeira viagem, que fez a Malaca a negocio da Fé, converteo hum homem de qualidade, e cargo a melhor vida, desta sorte. Hia na mesma náo, e sabendo que sua vida era escandalosa, se fez seu familiar, e amigo. Com destreza lhe foy lembrando a incerteza da morte, e a certeza da conta estreita, e a tudo respondia obstinado, inexoravel, e com aspereza. Com o mesmo rosto o ouvia Xavier, e naõ cedendo da pertençaõ deixou o effeito della ao tempo. Logo que desembarcaraõ em Malaca, foy introduzindo Xavier ao Fidalgo a huns palmares com huma suave, e santa practica. Concluio esta quando se vio na mayor solidaõ, com se lançar aos pés do peccador obstinado, açoutando-se cruelmente com humas diciplinas de rozetas. Hiaõ os tyrannos golpes fazer ecco naquelle impedernido coraçaõ, saltava o sangue ao rosto daquelle por quem sahia, affectando branduras; naquelle diamante duro, ajuntavaõ se ao sangue as lagrimas, e com as lagrimas hiaõ regadas humas palavras taõ affectuosas, que naõ cortava menos ao peccador o que ouvia, que o que via. Compadece-se em fim, corre-se, e confunde-se, lança-se por terra, pede as diciplinas, diz que quer em si fazer a justiça, que seus delictos pedem; acclama triunfos pelo Santo Padre, dizendo: *Vencestes, vencestes: aqui me tendes rendido, confessai me; e castiguai-me.* Levantou da terra o ja bem affortunado peccador, confessou-o geralmente, deo-lhe huma penitencia muito diminuta, e exhortou áquelle seu amigo a que o fosse de Deos. Converteo na mesma viagem a hum Piloto, que vivia depravadamente, e sem se confessar havia muitos annos.

Vay a Ceylaõ, e visita ao Apostolo S. Thomè.

47 Partio para Ceylaõ, e daqui foy visitar o sepulchro do Apostolo S. Thomé, na Cidade de Meliapor. Nesta viagem passou sette dias sem comer bocado, e se dedicou todo ao serviço, e obsequio do grande Apostolo com indizivel devoçaõ. Como, primeiro que elle, chegou a esta terra a noticia da sua santa vida, foy notavel a attençaõ com que o ouviaõ, e a veneraçaõ com que o tratavaõ. Aqui converteo a huns lascivos, como ja deixamos dito. Aqui deo huma esmóla milagrosa a hum mercador, como diremos tratando dos seus milagres, e aqui finalmente foy açoutado pelos immundos espiritos, como deixamos dito tratando da sua oraçaõ.

Passa a Malaca converte hũ jogador, e faz muitos serviços a Deos.

48 Da Cidade de Meliapor foy o Santo Apostolo para Malaca, Cidade, e fortalesa de muitos vicios; e querendo applacar a ira de Deos, se condenou a grandes, e rigorosas penitencias. Andava muitas vezes dous, e tres dias sem comer, e rogando aos Fieis de noite, e de dia pelas praças publicas pelas Almas do Purgatorio. Fez grandes conversoens nas almas daquella sodoma de vicios. Estava jogando hum soldado Portuguez com outro, que lhe tinha ganhado seiscentos cruzados, causa porque dizia as juras costumadas em similhantes homens, e occupaçoens. Vendo o Xavier justamente agoniado, pegou

pegou das cartas, baralhou-as, e entregando-lhas, disse que proseguisse com o jogo; assim o fez o jogador, e vendo que a poucas maõs se achara forro, quiz continuar por tirar lucro; este atalhou o Santo, dizendo: *Basta recuperar o vosso, e naõ levar o alheyo*, e dizendo-lhe as más consequencias, que se tiraõ de taõ perniciosa occupaçaõ, quando naõ cabe nos limites de hum honesto divertimento, o persuadio a naõ usar delle mais. Hum Fidalgo de Malaca lhe estranhava muito a grande facilidade com que se introduzia, ria, e conversava com toda a casta de gente, e com effeito chegou a arguí-lo de menos virtude. Mandou observar em certas horas da noite o em que a passava, e como o achassem suspenso, e elevado em Deos, fez penitencia do máo conceito, que delle fizera, e dalli em diante fez grande estimaçaõ da sua virtude.

Converte a hum Hebreo.

49 Havia na mesma Cidade de Malaca hum Judeo, que como tal dizia mal da vida, e doutrina de Xavier, de que se seguia o esfriarem na Fé os que a ella se queriaõ converter; soube disto o Santo, procurou-o, tratou-o como amigo, e convidou-se para ir jantar, e cear em certo dia a sua casa; e na mesa conversou com taõ bôa graça, e disse cousas taes da sua errada crença, que convencido o Hebreo mudou de linguagem, de opiniaõ, de vida, e de ley, baptizando-se publicamente. Foy esta conversaõ reputada em Malaca por hum dos mayores milagres deste Santo, sendo que resuscitou mortos, como diremos tratando de seus milagres, e que deo saude a muitos enfermos.

Passa ás Malucas, onde prèga com muito fructo.

50 De Malaca foy prégar ás Ilhas Malucas, onde converteo innumeraveis Gentios principalmente em Amboyno. Aqui assistio com a sua costumada caridade aos muitos doentes, que desembarcaraõ em huma armada da Nova Hespanha. Aqui pronosticou a proxima morte de hum mercador. Aqui disse, estando dizendo Missa, que encômendassem a Deos hum sujeito, que no mesmo ponto fallecera em Ternate. Destes dous cazos fallaremos adiante. Aqui entrou na Companhia hum Sacerdote Valenciano, que hia na armada, só de ver a Xavier todo elevado em Deos, e com apparencias de Anjo do Ceo. Fez este Sacerdote muitos serviços a Deos, os quaes elle profetizou. Chamava-se o Padre Cosme de Torres. Em huma das Ilhas Malucas, a que chamaõ Ternate, converteo a Neachile Rainha Moura, a qual depois viveo com grandes sinaes de Catholica, e se chamou D. Izabel no baptismo. Este persuadio ella a que o tomassem muitas pessoas parentas suas, e de qualidade.

Converte muita gente na Ilha do Moro.

51 Passou á Ilha de Moro, contra vontade dos Catholicos, que lhe representavaõ a morte certa por aquella barbara gente, que se sustentava de carne humana, e era de sua natureza indomavel. Correo toda a Ilha, domesticou os seus habitadores com grande paz, e com tanta consolaçaõ, que dizia, se nella vivesse muito, perderia os olhos com as muitas lagrimas de gozo que alli derramava. Com tudo, sempre padeceo muito nesta Ilha por alguns de seus indomitos, e obstinados habitadores. Della voltou para Malaca depois de deixar baptizadas mais de vinte e cinco mil pessoas. Aqui se fez nesta occasiaõ mais conhecida a sua grande virtude, pela singular victoria, que por seu conselho, e oraçoens alcançaraõ os Portuguezes dos Achens. A diante a escreveremos como milagre seu no Catalogo delles.

Baptiza huns Japonezes, e intenta passar ao Japaõ.

52 Estando para partir de Malaca para Goa, o foy procurar hum Gentio Japaõ, com o pretexto de que queria cômunicar com elle alguns remorsos de consciencia, que o traziaõ affligido, e a que os seus Bonzos, ou Sacerdotes, naõ podiaõ dar remedio. Ouvio o Xavier com affabilidade de Santo, persuadio-o a deixar a adoraçaõ dos idolos, e os embustes daquelles falsos, e ignorantes Sacerdotes, e levando-o comsigo para Goa, lhe administrou o santo baptismo no Collegio de S. Paulo, e a dous criados seus. Chamava-se este ditoso Japonez Angero, e tomou o nome de Paulo de Santa Fé. Delle se informou das varias seitas, e idolatrias de sua patria, e de que era gente muito politica, e entendida, e facil de abraçar o bem. Capacitado de que o era,

cheyo entaõ Xavier de zelo do bem das almas, se resolveo a passar ao Japaõ. Teve grandes opposiçoens, mas por todas passou, e deixando os Religiosos da Companhia, e outros Sacerdotes repartidos pela Christandade da India, partio de Goa para Malaca; e desta para o Japaõ, levando por companheiros ao Padre Cosme de Torres, e ao Irmaõ Joaõ Fernandes, e ao sobredito Japones Paulo de Santa Fé.

Embarca-se para o Japaõ, e aporta na Cidade de Congoxima, onde foy bem aceito, e converteo muitas almas.

53 Embarcou-se em hum junco, que chamavaõ do Ladraõ. Pertendia o Capitaõ ir desembarcar á China patria sua, por assim lho aconselhar o diabo em hum idolo, que comsigo levava; mas naõ valeo a industria deste, pois naõ foy possivel ver o Capitaõ outra terra, mais que a de Cangoxima, Cidade do Japaõ, e patria de Paulo de Santa Fé, onde com effeito aportaraõ dia da Gloriosa Assumpçaõ de N. Senhora. Foy Paulo de Santa Fé dar logo parte aos parentes, e amigos da virtude de Xavier, da nova Ley que hia Evangelizar áquelle povo. Foy recebido de todos com especiaes demonstraçoens de gosto, e com grandes cumprimentos dos Governadores da Cidade, que muito se maravilhavaõ de verem Sacerdotes Christaõs em terras taõ remotas, e se edificaraõ de que os levasse da Europa, naõ o interesse do ouro, prata, ou riquezas, senaõ o zelo do bem das almas Os primeiros, que se converteraõ, foy a mulher, huma filha, e muitos parentes de Paulo de Santa Fé, cresceo logo o numero da Christandade á medida dos prodigios, que Xavier obrava. Delles só contaremos o mais memoravel, tratando de seus milagres, que foy o resuscitar a filha de hum Fidalgo. Convencido o Rey de Saxuma pelo Santo Apostolo, deo licença para que seus vassallos se pudessem fazer Christaõs. Argumentou aqui com alguns Bonzos, e converteo a dous mais especiaes. Vendo porèm os mais, que todo o povo seguia a Xavier, e que as suas rendas, e esmólas se acabavaõ, obrigaraõ com diabolicas razoens a ElRey para que mandasse se conservassem todos na sua antiga ley, sobpena de graves penas. Desta nova ordem se seguiraõ grandes trabalhos no decurso de hum anno a Xavier, que foy conservando a Christandade a poder de muitos perigos de vida, de ameaças, e de desprezos.

Passa a Firando, e a outras Cidades.

54 Da Cidade de Cangoxima passou a Firando, onde converteo muitas almas, que deixou recõmendadas ao zelo do Padre Cosme de Torres, indo para Ymanguche, Cidade, e Costa de dez mil visinhos. Depois de padecer nesta muitos trabalhos, e desprezos por amor de Jesu Christo, passou para Meaco, Corte, e Cabeça de todo o Japaõ, com o designio de alcançar licença para prégar em todo elle; e como naõ sabia Xavier o caminho, se concertou com hum homem, que hia para a mesma Cidade, para o acompanhar como a amo; hia o homem de cavallo, e com o medo dos muitos ladroens, que por elle haviaõ, tomava em alguns sitios o caminho de carreira, e o Santo por força o acompanhava pela neve muitas vezes descalço, com os pés magoados das espinhas, e pedras, e o que he mais, carregado com os ornamentos para dizer Missa. Descompunhaõ-no, e desprezavaõ-no á primeira vista os Japonezes, pelo verem pobre, e pelo supporem homem falto de juizo. Andava ElRey de Meaco todo occupado com guerras, e vendo ser difficultoso o darlhe audiencia, voltou para Ymanguche como Embaixador dos Portuguezes.

Vay por Embaixador a Ymanguche, onde prèga com muito fructo.

O Rey o recebeo com muito aggrado, agradecendo muito hum presente, que lhe levou, naõ pelo valor, sim pela singularidade: e querendo lho recompensar com humas dadivas de preço, lhas regeitou Xavier, dizendo, que só o levava áquella terra o interesse de levar as almas de S. Alteza, e de seus vassallos ao Ceo; e entrando assim a discorrer na falsidade da ley que seguia, e na verdade do que lhe hia intimar; convencido o Rey lhe deo naõ só licença para prégar, senaõ tambem hum Mosteiro de Bonzos, que estava de vago, para sua habitaçaõ. Dentro de hum anno se baptizaraõ tres mil Japoens, os quaes feitos Missionarios, e Apostolos, foraõ convertendo, e fazendo baptizar a innumeraveis.

55 Noti-

55 Noticioso ElRey de Bungo da nova Fé, que divulgava o Santo Apostolo, e das maravilhas com que o Monarcha Eterno approvava a verdade della, o mandou convidar para a sua presença. Acompanharaõ-no muitos Portuguezes fazendo-lhe grandes honras, e tratando-o com summa reverencia, por credito da sua doutrina, entre huma gente, que só as cousas ricas, e grandiosas veneravaõ. Recebeo-o o Rey com muitas demonstraçoens de gosto, e fallando em materias de Fé, mandou juntar os Bonzos, para que na sua presença disputassem com o Santo. Tres mil se ajuntaraõ em huma occasiaõ, dos quaes escolhidos os mais sabios disputaraõ diante de ElRey, e de toda a Corte, de tal sorte, que ficaraõ convencidos, e envergonhados por perguntarem, e responderem ao Santo cousas muito ridiculas, e disparatadas, como confessaraõ o mesmo Rey, e Cortezaons. Grangeou ElRey taõ grande amor á Fé, e a Xavier, que recebeo logo o sagrado Baptismo, e tomou o nome de Francisco. Favoreceo sempre a Christandade, e o Ceo o favoreceo tambem com muitas prosperidades, e fazendo-o Rey de quatro Reynos. Os Japoens que se converteraõ á Fé neste Reyno foraõ sem numero: e que muito, se fallando Xavier em huma só lingua, e sendo os ouvintes de diversas, todos o entendiaõ na sua! Em fim, foraõ tantas as virtudes, que admiraraõ em Xavier, e taes os prodigios que obrou, que os Japoens assentaraõ em que se lhe mandasse huma Embaixada perguntando-lhe se era Deos, para o adorarem.

Convida-o o Rey de Bungo para prègar no seu Reyno. Argumenta, e convence aos Bonzos, e baptiza innumeraveis almas.

Fallando em huma só lingua, he intendido em diversas.

56 Informado pelos embusteiros Bonzos de que a sua religiaõ constava de nove seitas, e de que trazia a sua origem da China, se resolveo a ir prégar a este Reyno, para assim lhe ficar mais facil a conversaõ dos Japoens. Deixou entregue a Christandade ao Padre Cosme de Torres, e embarcou para a India com tençaõ de passar della para a China. Nesta viagem lhe naõ faltaraõ occasioens de padecer por Christo, nem de mostrar o quaõ bem acceitas eraõ deste Senhor as suas deprecaçoens. Quando fallarmos de seus milagres, relataremos o que nesta viagem obrou em fazer apparecer hum batel perdido da náo, e em apparecer no mesmo tempo em dous lugares. Logo que chegou a Goa, deo saude a hum Religioso da Companhia, que estava moribundo; e ordenadas, e postas em ordem todas as cousas da Companhia, partio para Ceylaõ, em cuja viagem fez muitos serviços a Deos, e applacou huma tempestade, com lançar ao mar hum Relicario seu pendurado por hum cordaõ, no qual trazia hum ossinho do Apostolo S. Thomé, a fórma dos seus votos, que todos os dias renovava na Missa, e huma firma tirada de huma carta do Glorioso Patriarcha Santo Ignacio, que estimava como reliquia de Santo, como quem parecia ja sabia o havia a Igreja de publicar por tal. Deixada Malaca, navegou logo para a China, em cuja viagem adoçou a agoa do mar como logo diremos. Nella o deixamos, em quanto vamos compendiar alguns dos innumeraveis milagres, com que a Divina bondade de Deos acreditou a sua doutrina, em quanto peregrino, e viandante neste mundo.

Applaca huma tempestade com o seu relicario

57 Na occasiaõ em que fazia jornada com o Embaixador para este Reyno, ao passar dos Montes Alpes, por meyo da sua oraçaõ, livrou a hum criado do mesmo Embaixador, que andava em hum rio, ja lutando com a morte. Na mesma jornada começou a dar mostras de prever os futuros contingentes, pois sendo reprehendido outro criado do Embaixador de negligente em preparar a aposentadoria; este entregue á colera desabafou em palavras escandalosas, naõ decentes a hum Catholico, e indignas de se proferirem diante de Xavier, o qual as ouvio, e dissimulou com santa sagacidade. Vendo porèm, que na seguinte jornada se adiantara á cõmitiva para satisfazer a sua obrigaçaõ de aposentador, antevendo o futuro successo, pedio hum cavallo em que montou, e indo correndo apôs delle o alcançou no mesmo tempo, em que despenhando-se por huma rocha o cavallo do miseravel homem, rebentou da queda, e levando-o debaixo, milagre parece o naõ fizesse em pedaços. No

Livra da morte a hum homem, e prevè huma desgraça de outro.

mesmo ponto desmontou Xavier, e desembaraçando-o do cavallo com grande trabalho, o tomou nos braços, e pondo-o no seu cavallo, o foy acompanhando a pé até chegarem a lugar accõmodado, em que o ouvio de confissaõ, a que primeiro o persuadio á vista do perigo da eterna morte, de que Deos taõ milagrosamente o livrara: exhortou-o por fim a que fosse sempre agradecido a Deos, e a pedir perdaõ ao offendido.

Alcança saude para hum homem, que naõ queria perdoar a morte.

58 Estando no Templo de nossa Senhora de Nazareth, [onde foy em romaria nas vesporas da viagem da India] o chamaraõ com grande pressa para confessar hum Fidalgo, ferido de outro mortalmente em hum dezafio. Procurou o Santo Confessor logo persuadir ao moribundo o perdaõ de seu contrario, mas estava elle taõ obstinado, e taõ dezejoso de que os seus o vingassem, que se resolvia a perder a alma. Vendo Xavier a impenitencia daquelle cego penitente, lhe perguntou se perdoaria o aggravo fazendo-lhe Deos mercè da vida? E respondeo que sim, levantou os olhos, e o coraçaõ ao Ceo pedindo ao Senhor da vida, e da morte, concedesse a vida áquelle miseravel homem, para que naõ se condenasse. Ouvio Deos Senhor nosso a sua petiçaõ, pois se levantou saõ o moribundo, que vendo taõ evidente portento cumprio a palavra, deo muitas graças a Deos, e o agradecimento ao Santo.

Profetiza a santidade futura de hum menino.

59 Andando em Missaõ em Cananor da India, o hospedou hum Portuguez seu devoto, a quem tratava por amigo. Estava este descontente dos máos procedimentos de hum filho, que tinha ainda de tenra idade. Com lagrimas muitas os manifestou a Xavier, que querendo gratificar ao hospedeiro a hospedagem, levantou os olhos ao Ceo por breve espaço com o rosto todo abrazado em fogo, e logo todo banhado em alegria inexplicavel, pegou pela maõ ao ditoso homem, a quem disse: *Consolai-vos, porque sois hum dos mais ditosos pays, que houve no mundo. Este menino, que agora vos traz desconsolado, mudará os costumes com os annos, será Religioso de S. Francisco, de grandes letras, e em virtude insigne.* O tempo verificou a profecia, pois o menino tomou o habito de S. Francisco, foy de grandes letras, e de tantas virtudes, que deo a vida por Christo em Ceylaõ, chamava se Fr. Lucas.

Prediz o perigo de hũa náo, e de que chegara ás maõs da Rainha hum diamante que nella hia.

60 Na Cidade de Cochim se encontrou com hum seu grande amigo chamado Cosme Anes, Veador da Fazenda Real, e perguntando-lhe se tinha ja carregadas as náos, que tinhaõ de vir para o Reyno aquelle anno, respondeo Cosme, que sim tinha carregado sette náos de pimenta, e de outras drogas preciosas, e de muita valia, e que mandava hum diamante a Sua Alteza, que valia vinte e cinco mil cruzados. Perguntou o Santo em que náo vinha o diamante, e dizendo-lhe que na Atouguia, lhe reprovou a eleyçaõ. Sobresaltado ficou o Veador da Fazenda, como quem naõ ignorava as suas muitas virtudes, e por se declarar mais, disse: *Naõ repare V. P. na agoa, que essa náo fez aqui huma vez, porque depois disso foy muito bem calafetada, e vay tam bem concertada, como se fosse nova.* Naõ reparo nisso. [respondeo Xavier, e naõ foy mais por diante.] Vinha o diamante por conta, e risco do Veador, e inferindo do silencio de Xavier algum máo successo, lhe pedio com instancias rogasse a Deos pela bõa viagem daquella náo. Dalli a alguns tempos estando ambos á mesa intrometeo Cosme Anes a practica do cuidado, que lhe dava o seu diamante, e naõ soffrendo o coraçaõ do Santo o retardar por mais tempo huma bõa nova áquelle, que tinha por verdadeiro amigo, lhe disse, que desse graças a Deos porque ja o seu diamante estava nas maõs da Rainha. Soube-se depois em como a náo no meyo da viagem abrira agoa ao pé do mastro grande, o qual cortado a ultimo remedio, por naõ varar em terra, tornou logo a taboa a cerrar sem se saber como, e com duas entenas, e a cruzeta do mastareo, acompanhou as outras seis náos até chegarem a lançar ferro todas juntas no rio de Lisboa.

61 Navegando Xavier de Malaca para Cochim, ao atravessar do Golfo de Ceylaõ, se levantou hum furioso vento, que disparou em huma taõ horrivel tem-

tempeſtade, que o meſmo Santo julgou pela mayor, que havia viſto. Os mares ja feitos de longe ſaltavaõ taõ altos, e groſſos, como ſe vieſſem apoſtados a metter no fundo a náo. Lançaraõ os navegantes, e paſſageiros as fazendas ao mar, como ſe coſtuma fazer nos ultimos perigos, e dezeſperados da vida, ſó com a moneta ao pé do maſtro, foraõ correndo á diſcriçaõ do tempo por eſpaço de tres dias, e de tres noites. Os brados, os prantos, e os votos eraõ tantos, e quaes devemos prezumir em huns homens, que bebiaõ huma morte em cada onda. Vendo o Santo occaſiaõ opportuna para huma legitima dor, incitava a todos á de ſeus peccados, e os conſolava com a eſperança da vida da alma, quando naõ alcançaſſem a do corpo. Em fim, tendo-os bem diſpoſtos na ultima noite, em que foy mais exceſſiva a tormenta, ſe recolheo á ſua eſtancia, onde poſto de joelhos diante da ſagrada Imagem de noſſo Senhor Jeſu Chriſto Crucificado, implorou a vida para tantas affligidas almas. Sahio da oraçaõ, e procurando ao Piloto, que eſtava ao leme da náo, e atando no prumo hum pedaço da ſua loba raſgado da parte inferior, o lançou ao mar fazendo eſta deprecaçaõ: *Deos Padre, Filho, e Eſpirito Santo, tende compaixaõ deſte povo, e de mim.* O meſmo foy o pronunciar eſtas palavras, que o acalmar o vento, e o ſe arrazarem de improvizo em dilatadas campinas, as altiſſimas montanhas de agoa em que a náo ſoçobrava.

Applaca huma tempeſtade lançando ao mar hum pedaço da ſua loba.

62 Vindo Xavier do Japaõ para a India no anno de 1552., ſe moſtrou ainda mais maravilhoſo ſobre as agoas. Sobreveyo á náo, em que hia, taõ grande tempeſtade, que ſe julgaraõ todos nas ultimas eſtancias da morte, para a qual ſe prepararaõ com os ſagrados Sacramentos no decurſo de muitos dias, que andou a náo correndo a fortuna por mares nunca d'antes navegados pela Naçaõ Portugueza. Por oraçoens do noſſo Apoſtolo ſe vio a náo livre de perigo; porém com a deſconſolaçaõ de deixar nelle a cinco Portuguezes, e a quinze marinheiros, e Mouros, que ſahiraõ em hum batel a abater o caſtello da popa, e quebrar todas as obras mortas da proa, para ſe marear melhor a véla, e a náo, em taõ grande diſtancia, que todos julgaraõ logo o ſeu naufragio. Laſtimado Xavier do naufragio eterno dos Mouros, ſe pôs em oraçaõ, da qual ſahio dizendo muito alegre, que os quinze companheiros eſtavaõ ſalvos, e que a mais tardar dentro de tres dias viria o batel buſcar a náo. Difficultoſa de crer foy aos navegantes eſta profecia, aſſim por lhes parecer impoſſivel o naõ ſe virar o pequeno baixel em hum mar taõ tormentoſo, como por julgarem naõ poder alcançar a náo, que corria precipitada á deſcriçaõ do tempo. Succedeo iſto de noite. No ſeguinte dia de manhaã, perguntou o Santo aos companheiros por noticias do baixel, e como lhe reſponderaõ que naõ apparecia, e que o gajeiro havia ſubido á gavia, e que naõ vira ſenaõ mar, moſtrou dezejo de que tornaſſe acima. Naõ faltou quem diſſeſſe ſer materia de rizo, o eſperar por hum batel ja ſubmergido dos mares, e tambem naõ faltou quem creſſe a Xavier, pela experiencia que tinha de ſuas maravilhas. Foraõ pois á gavia repetidas vezes, e vendo o Santo diziaõ os marinheiros naõ apparecia o batel, proſeguio elle em hum quarto fechado em oraçaõ, [a qual continuava ja havia dous dias, e tres noites, ſem dormir, nem comer] da qual ſahio perto da noite dizendo, que ſubiſſem á gavea, a ver ſe viaõ o eſquife, porque ja o julgava muito perto: ſubio o meſmo Piloto pelo naõ deſgoſtar, e deſceo dizendo, naõ via mais que ondas, e eſpumas. Pedio entaõ o milagroſo Xavier ao Meſtre da náo mandaſſe arriar o traquete, a fim de eſperarem algum tempo pelo batel. Obedeceolhe promptamente contra vontade dos incredulos marinheiros, e paſſageiros, que vendo a náo tres horas á eſpera, tendo tudo por quimera, e ao Santo por nimiamente facil, a huma vóz pediraõ ao Meſtre içaſſe a véla; o que fez contra vontade do Servo do Senhor, que vendo a náo proſeguia com a viagem, ſem eſperar pelos companheiros, inclinou a cabeça ſobre o maſtro, onde depois de romper em hum laſtimoſo pranto, com as mãos apertadamen-

Notem hum milagre com eſtupendas circunſtancias.

te

te enlaçadas huma na outra, rompeo tambem nesta devotissima jaculatoria, com os olhos postos no Ceo: *Jesu Christo, meu verdadeiro Deos, e Senhor, pelas dores de vossa sagrada Payxaõ, e Morte, vos supplico salveis a vida daquelles vossos Fieis, que com perigo taõ manifesto vem navegando naquella barquinha.* Ditas estas palavras, tornou a reclinar a cabeça, e deixando-se assim estar obra de dous, ou de tres Credos, gritou de repente hum menino, que hia na náo: *Milagre, milagre, aqui vem o nosso batel.* Acudiraõ á vóz do menino todos, com a pressa que devemos ponderar, e vendo com os seus olhos o batel em pouca distancia, começaraõ a acclamar a Xavier por Santo, e a procurar a beijar-lhe os pés como a tal. Huns lhe pediaõ perdaõ da sua incredulidade, e de formarem delle diverso conceito, outros se publicavaõ indignos de vir na companhia de hum homem taõ valido de Deos, e todos choravaõ lagrimas de prazer de ver com seus olhos taõ rara maravilha. Envergonhado Xavier de se darem a elle as graças, que só se deviaõ dar a Deos, se recolheo, e fechou com muito trabalho na camera do Capitaõ. Chegou o batel á náo com facilidade, e subindo para ella os suppostos naufragados, foraõ infinitos os abraços, e mutuos os parabens, que se davaõ de taõ grande felicidade: tudo se interrompeo por huma nova occasiaõ de espanto, qual a de dizerem os do batel, que andaraõ sem temor algum do naufragio, ou de vida, pelos grandes alentos que lhes infundia a presença do Padre Francisco, que vinha com elles no esquife, e os governara em taõ rota borrasca, com arte mayor que de Piloto. E porque os da náo juraraõ assistira sempre com elles o Padre Mestre Francisco, e recontavaõ todos os successos referidos, os outros, que tambem o haviaõ visto presente, naõ podiaõ acabar comsigo de lhes dar credito, salvo se por milagre se houvesse reproduzido no mesmo tempo em dous lugares. Este prodigio atteſtaraõ mais de cincoenta testimunhas na occasiaõ dos processos para a sua Canonizaçaõ. Vendo os Mouros que hiaõ no batel taõ grandes maravilhas, abjurando a seita de Mafamede pediraõ o santo baptismo.

Reproducçaõ de Xavier em duas partes.

63 Na mesma occasiaõ assegurou ao Piloto da náo, que naõ morreria em agoa, senaõ em terra, e que levaria a salvamento todas as embarcaçoens em que navegasse, por mayor que fosse a tempestade. Tendo o Piloto a profecia do Santo por taõ certa como Evangelho, parecia que de proposito sahia ás viagens em tempo contrario ás navegaçoens, sem reparar se estas eraõ, ou naõ capazes de as fazer, e achou sempre infallivel a verdade da profecia, se bem, que com mais evidencia nesta occasiaõ: Querendo fazer viagem de Tanassari a Pegum, a fez em huma embarcaçaõ pequena, e ligeira, álem de muito velha, e destroçada; levantou-se hum vento taõ rijo, e precipitado, que arrojou aos penedos com irreparavel naufragio algumas náos, que de conserva se faziaõ na mesma volta; só a pequena, e velha, sem forças para resistir ao mar bonança, á maneira de péla lançada das ondas hia acima, e vinha a baixo, com tanta segurança do bom Piloto, que se pôs a cantar alegremente, como se navegasse marè de rosas. Vendo-o os passageiros alegre, e sem susto á vista de perigo taõ imminente, e certo, o arguiraõ de pouco temente á morte, aos quaes satisfez, dizendo: *Naõ temia mares, nem ondas, posto que fossem mil vezes mais altas, e o navio de vidro; porque o Padre Mestre Francisco lhe havia profetizado, chegaria sempre a salvamento, assim elle, como tambem qualquer embarcaçaõ em que elle navegasse.* Os Christaõs ficaraõ com grande animo com a sua resposta, e sem duvida em escaparem do naufragio; e os Mouros passageiros prometteraõ abominar a torpe ley em que se criaraõ, e abraçarem a de Jesu Christo, á vista de taõ evidente milagre. Assim o observaraõ, logo que chegaraõ á terra de Tavar.

Profetiza a hũ Piloto a naõ haver de naufragar, e verifica se esta profecia.

64 Fazendo viagem para Malaca em huma náo chamada Santa Cruz, que era de hum seu grande amigo chamado Diogo Pereira, proseguio com as suas maravilhas, pois julgando se todos perdidos por causa de hum Tufaõ, que he

he hum vento furiosissimo, que se gera no Archipelago; elle depois de fazer a sua costumada oraçaõ por hum breve espaço, muito alegre levantou o braço direito diante do seu amigo Pereira, e dos mais, que se suppunhaõ ja no ultimo da vida, e lançou a bençaõ à náo, dizendo: *A náo Santa Cruz, nem agora, nem nunca perigará no mar, mas por si mesma se desfará no mesmo lugar onde foy feita, e accrescentou: Assim pudesse dizer isto da outra náo, que sahio comnosco do porto.* He o Tufaõ a cousa mais perigosa, que tem aquelles mares, mas o mesmo foy o lançar a bençaõ o Santo, que o deixar a náo livre do perigo, tomando outro caminho. Logo encontraraõ muitas alfayas, e drogas da outra náo, que apontara, e fora soçobrada pelo vento Tufaõ, da qual recolheraõ ainda dous marinheiros, que pegados a huma taboa andavaõ a Deos misericordia. Vulgarizada pelas Indias a bençaõ, e profecia de Xavier, contendiaõ os homens de negocio sobre quem havia de carregar nella as suas mercadorias, e assim tanta carga lhes lançavaõ, quanta lhe cabia dentro, e fóra. Trinta annos durou depois da morte do Santo, e por isso taõ velha, e carcomida, que se julgava milagre o se poder ter sem carga encima da agoa; mas sim se carregava como nova, e assim fazia as viagens com feliz successo. Quando entrava em algum porto, era festejada dos outros navios com artilherias, e lhe chamavaõ a náo do Santo vulgarmente. Fazendo reflexo em que profetizara nunca perigaria no mar, cuidaraõ sempre em fazer-lhe nelle alguns precizos concertos, fugindo de a varar á praya com medo da profetizada ruina. Foraõ muitas as viagens, que fez por grandes tormentas, borrascas, e naõ poucas as batalhas, em que se achou, de que era impossivel escapar se Deos com particular providencia a naõ guardasse. Em fim, passados trinta annos, que andou a náo em huma roda viva por todos os mares, e portos do Oriente, veyo ter ás maõs de hum Capitaõ de Dio, o qual vendo-a ja podre, e desbaratada, se arriscou a mandá la conduzir á terra em Cochim, para a renovar em huma praya, onde havia sido fabricada. Fê la deitar sobre hum lado para se consertar, e huma noite cahio sobre si mesma vencida da muita velhice, e opprimida do seu proprio pezo, e pela manhaã naõ appareceo della senaõ alguns pedaços de taboas, e traves, que só podiaõ servir para o fogo. Concorreo toda a Cidade, noticiosa da profecia, a ver o como se verificou, e em memoria de taõ grande maravilha se fez huma publica solemnidade. O Mestre de huma fragata, chamado Jorge Nunes, tomou huma taboa da náo, e a encaixou na dita fragata, muito seguro de que ficaria dalli adiante com o mesmo privilegio da náo donde a tirara, e teve o premio da sua fé, pois sempre sahio victorioso nos mayores perigos, e com bom successo nas mais horriveis tempestades em que se achou. Quando o notavaõ de imprudente, e de temerario respondia, que os ventos, e os mares conheciaõ melhor que elles a sua fragata, e sabiaõ nella distinguir aquella taboa, a qual só bastava para a fazer toda, respeitada, como cousa do Santo.

Desfaz hũ Tufaõ de vento, e lança a bençaõ a huma náo, á qual profetiza, nunca naufragar, e ve-se a profecia cumprida.

65 Estando doutrinando a huma grande multidaõ de povo em Manapar, lhe pediraõ com grande instancia fosse lançar hum demonio, que estava apossado de huma pessoa principal. Naõ quiz deixar Xavier a santa occupaçaõ em que estava, e por tal vez lhe parecer desnecessario o ir, podendo mandar, entregou a hum dos meninos, que lhe assistiaõ, a Cruz, que trazia ao peito, e mandou-o com outros lançar aquelle demonio fóra. Acompanharaõ aos meninos muitos idolatras, e curiosos Christaõs, e vendo aos meninos cantar com muito socego, e sem o menor susto as santas oraçoens, que lhe tinha ensinado, e que fazendo-lhe beijar a Santa Cruz ao miseravel possesso, o deixaraõ livre de tal miseria: vendo os idolatras a maravilha, e o poder da Santissima Cruz, e ponderando tambem as vozes, e alaridos, que o demonio entoou quando lha mostraraõ, se alistaraõ debaixo do estandarte da Cruz de Christo deixando a cegueira da idolatria.

Manda lançar hũ demonio fóra por huns meninos.

66 Recolhendo-se em Ponicale em casa de hum homem cazado muito carita-

caritativo, e seu devoto, lhe significou o dezejo grande que tinha de hum filho, para consolaçaõ da sua velhice, e para amparo de tres meninas, com que se achava. Disse lhe Xavier, que confiasse em Deos, que elle lho daria; mas como o bom homem se naõ desse por satisfeito, senaõ com huma promessa absoluta do Santo, o importunou naõ só por ella, senaõ tambem para que, em fé della, lhe desse o nome de Francisco escrito por sua maõ em hum papel. A tudo satisfez a benignidade de Xavier, e Deos Senhor nosso o desempenhou desorte, que deo ao caritativo homem outros tantos filhos, como filhas.

Alcança hum homem filhos pelas suas oraçoens.

67 Foraõ muitos os homens a que resuscitou em vida, e depois da morte. Dos que resuscitou em vida diremos alguns neste, e nos mais Capitulos. Acompanhavaõ-no na Costa da Pescaria dous meninos Indios, chamados Antonio de Miranda, e Agostinho de Pinna, e chegando a certa aldêa, se retiraraõ os dous meninos a dormir a huma choça, e o Santo a orar em outra. He a India abundante de humas cobras, a que chamaõ de capello, que saõ summamente venenosas, huma das quaes abrigada na mesma choupana em que dormiaõ os meninos, mordeo em hum pé ao Miranda, e com taõ efficaz peçonha, que o matou em poucas horas. Quando o companheiro o vio morto na madrugada, e observou a fugida da cobra da mesma estancia, gritou, e foy levar a nova a Xavier, que sorrindo-se em lugar de se turbar, disse ao menino: *Vamos vè-lo, porque naõ está morto como dizeis.* Chegou á palhoça, pôs-se de joelhos ao lado do defunto, e levantando os olhos ao Ceo, depois de huma breve oraçaõ, lhe untou com a saliva o pé mordido, e inchado, e fazendo sobre elle o final da Cruz, lhe pegou por huma maõ, dizendo: *Antonio, levanta-te, em nome de Jesu Christo.* Levantou-se o menino, naõ só vivo, mas taõ saõ, e valente, que foy proseguindo com o Santo a emprendida jornada.

Resuscita a hũ menino.

68 Estava o grande Xavier na mesma Costa em huma Igreja revestido para dizer Missa, a tempo, que entrava por ella huma mulher com grandes alaridos, lamentando a morte de hum filho, que morrera affogado em hum poço, e que levavaõ a enterrar. Compadecido da afligida mãy, assim revestido como estava, sahio a consolá-la, e ella logo que o vio o abraçou pelos pés, e lhe pedio o resuscitasse, ja que tanto podia com Deos. Eraõ muitos os circunstantes, e todos em altas vozes lhe supplicavaõ o milagre. Pôs se Xavier de joelhos, e passada huma breve oraçaõ se levantou, e pegando do menino pela maõ, mandou que em nome de Jesu Christo se levantasse, e vivesse. Naõ disse mais, nem era necessario mais para o menino resuscitar; levantou-se immediatamente, e applaudindo todos a milagrosa resurreiçaõ do menino, trocaraõ as lamentaçoens em jubilos, o pranto em prazer, e as lagrimas em alegria.

Resuscita a hum menino affogado em hum poço.

69 Corria em Pinicale hum contagio pestilencial, que fazia andar ao caritativo Xavier em huma roda viva, assistindo a huns, e dando a saude a outros só com o toque de suas maõs. Falleceo do mesmo mal hum mancebo principal, e successor da casa de seus pays, que se arguiaõ de homicidas de seu proprio filho, por naõ haverem recorrido ao Santo pela sua vida. Alentados porém de huma grande fé, tomaraõ ao defunto nos braços, e se foraõ com elle procurar ao Santo em cuja presença lho puzeraõ, e pediraõ que se condoesse delles resuscitando-lho, com as mais ternas lagrimas. Movido Xavier de taõ lastimoso espectaculo, pondo os olhos no Ceo, orou, e chamando pelo defunto, o entregou vivo aos pays.

Resuscita a outro defunto.

70 Na Cidade de Malaca, entre outros milagres que fez, resuscitou hum menino desta sorte. Metteo por descuido na boca huma setta hervada, e era taõ fina a peçonha, que espalhando-se logo pelas vêas, irreparavelmente o matou. Ja o amortalhavaõ para o enterrarem, quando acudio Xavier todo enternicido ás lagrimas da mãy, e pegando-lhe por hum braço, como quem o queria

Resuscita hum menino.

queria levantar, só com lhe dizer: *Francisco, levanta-te em nome de Jesu*, o resuscitou. Entrou este menino depois na Companhia, onde naõ perseverou, mas sim na Religiaõ de S. Francisco, onde viveo, e morreo com opiniaõ de Veneravel.

71 Consta dos processos da sua Canonizaçaõ resuscitar em Travancor duas mulheres, e dous homens. Da resurreiçaõ das duas mulheres, e de hum homem, naõ ficou outra memoria, que a simplez verdade do feito. A resurreiçaõ do outro homem he digna de contar-se, pelas suas admiraveis circunstancias. Prégava hum dia no lugar maritimo de Coulaõ, e vendo a muitos obstinados na idolatria, pedio com muitas lagrimas a Deos, abrandasse, e vencesse a dureza, e pertinacia daquelle auditorio, pela gloria de seu nome &c. Feita a sua oraçaõ, voltou para o auditorio, com hum semblante mais que humano, e fez esta proposta: *Ja que me naõ dais credito a mim, ou para melhor dizer a Deos, que por mim vos está fallando, vede que testimunho quereis, em prova das verdades, que vos prègo. Abri aquella sepultura*, [era ella de hum defunto enterrado no dia antecedente] *e vede primeiro muito bem se esse corpo está morto.* A curiosidade moveo logo a que o auditorio desenterrasse o defunto, e o desembaraçasse do lançol, em que estava amortalhado, viraõ todos que estava taõ morto, que vaporava corrupçaõ. Attonitos estavaõ todos com os olhos em Xavier, a esperar o fim de taõ horroroso apparato. Logo os tirou da duvida em que estavaõ, pondo-se de joelhos, e virando-se para o defunto a quem disse, da parte de Deos se levantasse, em testimunho da verdade que prégava. O mesmo foy o proferir as palavras, que o respirar o defunto taõ vivo, e taõ vigoroso, como se naõ resuscitasse da morte, mas despertasse de hum ligeirissimo somno. Naõ foraõ necessarias mais exhortaçoens, onde prégava taõ evidente maravilha, exclamaraõ os idolatras com grandes vozes, alaridos, e lagrimas de prazer: *Grande he o Deos dos Christaõs, e verdadeira a Ley, que o grande Padre nos ensina.* Foraõ innumeraveis os Gentios, que correraõ apressados a procurar a agoa do baptismo, á vista de taõ evidente milagre.

Resuscita dous homens, e duas mulheres.

72 Levavaõ a enterrar hum menino em Mutaõ, lugar da mesma Costa. Acompanhavaõ-no seus pays ao uso da terra, e como encontrassem no caminho Xavier, lhe lançaraõ o cadaver aos pés, pedindo lhe com affectuosos rogos, e lastimosos prantos restituisse a vida a seu filho. Commoveo-se a lagrimas o piedoso Santo, e enternecendo-se a fé dos pays, e dos circunstantes, fez oraçaõ a Deos, borrifou o menino com agoa benta, mandou o desembaraçar da mortalha, fez sobre elle o sinal da Cruz, e pegando-lhe pela maõ, o levantou em nome de Jesu Christo, e vivo o entregou a seus pays. Ficaraõ os Christaõs mais firmes na Fé, á vista deste portento, e em memoria delle arvoraraõ o estandarte da Santa Cruz no mesmo sitio, onde oravaõ os Catholicos, e alcançavaõ bons successos nas suas deprecaçoens pelos merecimentos do Santo, que invocavaõ.

Resuscita outro menino.

73 Na Cidade de Malaca resuscitou huma menina com estupendas circunstancias. Estava ella enferma, e com perigo de vida, e parecendo a sua mãy que só Xavier lhe podia dar saude, o procurou a tempo, que estava ausente da Cidade. Falleceo com effeito a menina, e tinha a mãy tanta fé no poder do Santo, que sabendo se havia recolhido á Cidade, o foy procurar, e pedir-lhe lhe resuscitasse a filha, sem embargo de estar enterrada havia tres dias. Maravilhou-se Xavier de tanta fé em huma mulher de pouco baptizada, e parecendo lhe benemerita da graça, que implorava, levantou os olhos ao Ceo, pedindo a Deos que a consolasse; e voltando-se logo para a lastimosa mãy, disse: *Que se fosse, porque sua filha estava viva.* Replicou ella, que sua filha estava enterrada havia dias: *Isso naõ importa*, tornou Xavier, *andai, abri a sepultura, e vereis como está viva.* Com esta resposta, foy a devota mulher á Igreja, e diante de muito povo, que nella estava, fez abrir a sepultura,

Resuscita hũa menina.

donde tirou a filha viva, e faã com indizivel prazer feu, e pafmo dos circunftantes, e de todos os Indianos, a que chegou a noticia de maravilha taõ rara.

De huma milagrosa efmóla q̃ deo.

74 Navegando de Meliapor para a Cofta Occidental Joaõ Fernandes de Mendoça, foldado Portuguez, foy defpojado de tudo quanto levava. Andando pedindo algum fubfidio para remedio da fua pobreza, fez a mefma petiçaõ a Xavier, e naõ tendo elle que lhe dar, fenaõ o affecto de hum animo compaffivo, metteo com tudo a maõ nas algibeiras, e naõ achando nellas dinheiro, levantou o rofto, e os olhos ao Ceo, e voltando-fe para o pobre Mendoça, diffe: *Irmaõ, Deos te foccorra*, e fem dizer mais fe foy andando. Apenas tinha dado quatro, ou cinco paffos adiante, quando fe fentio defpachado; voltou o rofto, chamou pelo pobre, e tornando com a maõ á mefma algibeira, tirou cincoenta moedas, parte de ouro, e parte de prata, de hum cunho jamais vifto, ou conhecido na India. Entregou-as todas ao pobre, dizendo lhe que as gozaffe, ja que Deos lhas mandava, e guardaffe fegredo. Por onde o pobre foy, publicou o prodigio, que fe faz mais admiravel por naõ ferem as moedas conhecidas.

Notavel milagre de hum Rofario de noffa Senhora.

75 Querendo hum mercador feu devoto partir para Malaca, fe foy defpedir delle, e depois de lhe tomar a bençaõ, lhe pedio alguma lembrança em penhor da fua benevolencia. O Santo tirou do pefcoço o Rofario de noffa Senhora porque rezava, e lho entregou, dizendo que fizeffe delle grande apreço, porque em quanto o tiveffe comfigo, efcaparia feguro de naufragar no mar. Contentiffimo ficou o devoto mercador com a fanta prenda, e com a profecia de Xavier: e navegando para Malaca, entre efta, e S. Thomé, fobreveyo tal tempeftade no navio, que foy por ella lançado em huns penhafcos, onde fe affogaraõ a mayor parte dos paffageiros, e marinheiros. Na coroa de hum penhafco efcapou o mercador com alguns companheiros; porèm como eftavaõ no mar alto, fem coufa alguma com que fe pudeffem alimentar, refolveraõ fazer huma jangada de algumas taboas do navio, e lançar-fe nellas dezefperadamente ás ondas. Começaraõ eftas a jogar com elles por todos os lados, e logo ficou o mercador arrebatado dos fentidos de fórma, que cinco dias perfeverou nefte rapto fem tornar em fi, no fim dos quaes fe achou, fem faber como, em huma praya naõ conhecida por elle, e olhando para todas as partes, naõ vio os companheiros, nem a jangada de que fiaraõ as vidas, porque todos ficaraõ fubmergidos no mar; perguntando aos payzanos onde eftava, lhe differaõ, que na Cofta de Negapataõ, perto de Meliapor donde havia partido. Contou depois, que fó fe lembrara de que lhe parecia eftava na Cidade de S. Thomé, praticando com o Padre Meftre Francifco.

Nomea aos meninos de Malaca pelos nomes.

76 Antes que chegaffe a primeira vez a Malaca, chegaraõ as noticias das fuas efclarecidas virtudes, caufa porque fahio innumeravel povo a efperá-lo á praya, onde havia de defembarcar, e principalmente quantos meninos haviaõ na Cidade, que em chufma publicaraõ hiaõ receber ao Padre Santo. Chegavaõ-fe a elle, davaõ-lhe as bõas vindas, beijavaõ-lhe a maõ, e elle acariciando-os com igual affabilidade, e modeftia, foy nomeando a cada hum pelo feu proprio nome, como fe foffe antigo morador de Malaca, o que foy logo avaluado por illuftre milagre, por ferem os meninos em grande numero, e elle nunca ter ido áquella Cidade.

Abençòa huma cafa, e prediz felicidades nos feus moradores

77 Morando alguns dias em Malaca, em cafa de hum pobre feu devoto, lhe gratificou a hofpedagem com a bençaõ, que lhe lançou á cafa, profetizando-lhe, que quantos habitaffem nella dalli por diante feriaõ felizes no eftado. Os effeitos verificaraõ a promeffa. Emparelhava a cafa com o baluarte S. Thiago, cujos muros para a parte do mar eraõ altiffimos, e cahindo delles abaixo dous meninos, e huma menina em varios tempos, nenhum delles perigou, devendo naturalmente fazer-fe em pedaços pela demaziada altura, nas pedras, que eftavaõ ao pé do muro. Ganhou a cafa tanta eftimaçaõ, com eftes fucceffos,

cessos, que eraõ innumeraveis os que as queriaõ comprar, porèm o que as possuhia por nenhum preço as quiz largar, dizendo, que quando naõ tivesse mais fazenda, deixaria bem herdados os seus filhos só com as paredes daquella casa, santificada por hum Santo taõ insigne, e sempre rica com o thezouro de huma bençaõ taõ rendosa.

78 Estando em Amboyno pedia a hum Joaõ de Araujo, homem rico, que o havia acompanhado de Malaca, algumas caridades para dispender com os soldados enfermos. Mas como as petiçoens eraõ muitas, pareceo ao Araujo que era ser cruel comsigo, ser taõ piedoso com os outros: e assim se estriou de sorte no dar, que Xavier se valia de terceiros. Mandou-lhe pedir por hum huma galheta de vinho para remedio de hum enfermo debilitado, e elle a deo de taõ má vontade, que o desenganou de que lhe naõ daria mais, se tornasse com similhante supplica, visto ter pouco vinho, e lhe ser necessario para si. Deo o mensageiro o vinho, e a resposta ao Santo, o qual sahio nestas palavras: *Imagina o Araujo, que ha de beber o seu vinho, e para o guardar para si o nega aos pobres de Christo. Pois engana-se: porque primeiro se lhe acabará a vida, que o barril. Esta he a ultima terra, que vè, e depois da sua morte, quer elle queira, quer naõ, toda a sua fazenda cahirá nas maõs dos pobres.* Dalli a pouco intimou a Joaõ de Araujo a visinhança da morte, dispô-lo para ella, exhortou-o a dispender com merecimento, o que havia de deixar por necessidade, e partindo o Santo de Amboyno para Ternate, estando dizendo Missa ao povo desta terra, pedio aos circunstantes rogassem a Deos pela alma de Joaõ de Araujo, que fallecera em Amboyno. Ficou a gente admirada do dito, por haverem cem legoas de distancia de Amboyno a Ternate, e muito mais, quando dalli a onze dias souberaõ tinha fallecido o Araujo na mesma hora em que o publicara na Missa.

Profetiza a morte a hum mercador, e publica a hora estando distante cem legoas.

79 Agonizava em Ternate Diogo Gil, no mesmo tempo em que Xavier prégava em Amboyno. Mostrou-lhe Deos o estado do enfermo, que deixara valente, e bem disposto, e cortando o fio do Sermaõ, disse aos ouvintes: *Irmaõs, encòmenday a Deos ao nosso Diogo Gil, que neste ponto está agonizando em Maluco.* Puzeraõ-se todos de joelhos, e rezaraõ hum Padre Nosso, e huma Ave Maria; depois se soube, que elle fallecera no mesmo tempo em que o publicara do pulpito.

Publica a morte de outro, estando prègando em muitas legoas distante.

80 Em Congoxima, lhe apresentou huma mulher hum filho deformemente inchado, por causa de huma larga oppilaçaõ. Tomou-o Xavier nos braços, e olhando para elle com terno semblante, disse duas, ou tres vezes: *Benzate Deos*; e isto bastou para Deos lhe lançar a bençaõ do Ceo, e taõ efficaz, que immediatamente lhe sarou nas maõs, e desinchado o restituio ao seu estado natural, e totalmente saõ o entregou a sua mãy.

Dá saude a hũ oppilado.

81 Na mesma Congoxima vivia hum idolatra leproso, e desesperado dos humanos remedios. Mandou pedir a Xavier lhe fosse dar a saude de que necessitava, e como se achasse occupado em negocios importantissimos, chamou hum companheiro a quem disse, fosse visitar ao enfermo, e que lhe perguntasse tres vezes, se recebida a saude queria abraçar a Ley de Christo, e se elle contentemente dissesse que sim, entaõ fizesse sobre elle o sinal da Cruz, e lhe daria saude. Tudo succedeo felizmente. Pacteou-se a saude pela conversaõ: tres vezes se repetio a formula do contracto, e o mesmo foy sinalar ao enfermo com a Cruz, que o cahirem-lhe das costas as escamas, e cascas da lepra. A' vista do milagre taõ evidente se baptizou o leproso, depois de instruido na Fé, e outros muitos idolatras a seu exemplo.

Dá saude, e converte a hum leproso.

82 Era amigo de hum homem de negocio, chamado Diogo Pereira, a quem profetizou, que havia de ser bem pago de huns serviços, que fez a El-Rey na India, e que nem a elle, nem a seus filhos faltaria jamais de comer. Tudo se cumprio a poder de maravilhas. Estando Xavier para embarcar para a China, em huma náo em que hiaõ fazendas do mesmo Diogo Pereira, per-

Profetiza varias cousas.

guntou a este, a qual dos seus agentes o tinha recõmendado para o prover na viagem de paõ, e de agoa, e respondendo-lhe o Pereira, que a Gaspar Mendes de Vasconcellos, respondeo o Santo: *Naõ fizestes boa eleyçaõ para as vossas cousas, nem para as minhas. Buscay outro a quem as recõmendar. O Mendes naõ ha de fazer viagem, ficará em Malaca, onde morrerá.* Estava elle muito bem disposto, porèm adoeceo, e morreo quatro dias depois da partida do Santo.

Profetiza ao Padre Peres o escapar de hũa doença perigosa, e o viver muitos annos.

83 Contrahio o Padre Francisco Peres, seu companheiro, huma enfermidade mortal no serviço dos empestados de Malaca. Querendo pois Xavier embarcar-se para a China, no mesmo tempo, se foy despedir do enfermo. Este lhe pedio com efficacissimos rogos, se deixasse ficar com elle, até que Deos fosse servido de o levar para si, que naõ poderia tardar muito, e naõ teria mayor consolaçaõ naquelle ultimo passo, que espirar nas suas maõs. Deo-lhe entaõ o Santo hum ternissimo abraço, dizendo: *Naõ me peçais que fique comvosco para vos assistir a bem morrer, porque naõ haveis de morrer desta. Deos vos guardará para mais largas fadigas em seu serviço, e utilidade da India*; viveo o enfermo muitos annos depois, nos quaes fez grandes serviços a Deos naquelles Estados.

Profetiza o castigo de D. Alvaro de Attayde.

84 D. Alvaro de Attayde, alcançou a Patente de Capitaõ Mór do mar de Malaca, por intervençaõ de Xavier, e em lugar de lhe conresponder agradecido, foy seu opposto em tudo quanto intentava do serviço de Deos, e da Coroa. Delle disse, que Deos o havia de castigar na honra, na fazenda, e no corpo, ajuntando, e Deos lhe guarde a alma. Tambem disse, que naõ havia de acabar o tempo da Capitanía, e tudo se vio cumprido, pois logo se vio cuberto de huma feya lepra, e sem a Capitanía, que lhe tirou o Vice-Rey, o qual lhe confiscou a fazenda, e o mandou em ferros de Malaca para a India, e da India para este Reyno, onde morreo na prizaõ corrupto de huma apostema taõ ascorosa, que o fez insoffrivel a parentes, e amigos, dezamparado dos quaes acabou sem honra, e sem fazenda.

Lava, e sara as chagas a hum mendigo.

85 Andando em Missaõ junto ao Cabo de Camorim, se encontrou com hum pobre todo despido, e chagado. Compadecido o caritativo Santo de tanta miseria, o chamou, e depois de lhe lavar as chagas com as suas maõs se pôs em oraçaõ: acabada ella, viraõ todos os que acompanhavaõ ao venturoso mendigo, com todas as chagas fechadas, e este foy seguindo seu caminho, publicando a boca cheya a maravilhosa virtude do Padre Mestre Francisco. Lavava este Servo do Senhor de ordinario as chagas dos enfermos, e bebia depois a agoa impetrando-lhe Deos a repentina saude á custa de taõ heroica mortificaçaõ.

Adoça a agoa do mar com singulares circunstancias.

86 Navegava Xavier pelo Cabo mais Austral da terra firme de Asia, em huma náo de quinhentos homens. Como a viagem se dilatou mais do que imaginavaõ, os Officiaes da náo se acharaõ totalmente exhaustos de agoa. Procuraraõ sahir a algumas Ilhas para se proverem, mas sem effeito. Vendo-se todos nesta consternaçaõ, lembrados alguns dos milagres, que ouviraõ publicar de Xavier, lhe rogaraõ com ternas lagrimas se compadecesse de tantas almas, que estavaõ a pique de morrerem de sede. Enternecido o Santo de taõ evidente necessidade, fez pôr a todos de joelhos diante de hum Crucifixo, e com elles entoou as Ladainhas. Feito isto, os exhortou a confiarem em Deos, e se recolheo no seu camarote. Dalli a pouco sahio ao convez da náo, mandou aprestar o batel, e se metteo dentro delle com hum menino innocente, ao qual disse, que com as maõs tirasse agoa do mar, e a provasse, e perguntando-lhe se era doce, ou salgada, respondeo o menino, que salgada. Ordenou-lhe que a tornasse a provar, fê-lo elle assim, e desta segunda vez a sentio doce. Subio logo do batel á náo, e mandou a hum marinheiro Mouro, que preparasse quanta louça havia na náo, e posta toda em ordem sobre a cuberta, ordenou que a enchessem de agoa do mar. Quando

do a tiravaõ huns por curiosidade, e outros por sede, levavaõ para baixo algum sorvo, e sentiaõ ainda nella o sal nativo. Fez entaõ Xavier sobre todas as vasilhas o final da Cruz, e ficou a agoa taõ doce, e taõ admiravel como milagrosa. Gritaraõ todos milagre, milagre, e acclamando juntamente por Santo a Xavier, se lançaraõ todos a seus pés pedindo-lhe a bençaõ, e os muitos Mouros, que passavaõ com familias inteiras para a China, pedindo-lhe a agoa do baptismo.

87 Mais admiravel he o seguinte milagre. Cahio da mesma náo ao mar hum menino de cinco annos, filho de hum marinheiro Mouro. O miseravel, e afflicto pay todo cercado de sentimento, se retirou para baixo da cuberta da náo a prantear o desastre do filho, e desta sorte esteve tres dias sem subir ao convez, por naõ ter olhos para ver o mar, em que deixava o filho sepultado. Passados tres dias vendo-o Xavier tristissimo, lhe perguntou pela occasiaõ que tinha de tristeza, e relatando-lha o Mouro, respondeo dalli a algum espaço: *Se Deos tornar a metter vosso filho vivo nesta náo, dais-me vós palavra de vos fazer fiel, e verdadeiramente Christaõ.* Esteve o Mouro facilmente pelo partido. Retirou-se o Santo para a sua oraçaõ, e dalli a tres dias antes de nascer o sol, appareceo o menino sentado no bordo da náo muito alegre, e rizonho; porém sem saber dizer onde estivera aquelles seis dias, e só se acordava, que cahira ao mar, e que agora se achava na náo, sem saber como. Quando o pay o vio esteve para morrer de alegria, e logo se foy lançar aos pés do Santo, dando-lhe os agradecimentos, e pedindo a santa agoa do baptismo para si, para sua mulher, para hum criado, e para o menino, que tomou o nome de Francisco em obsequio do Santo. Innumeraveis foraõ os idolatras, e Mouros, que ao desembarcar no porto da China para onde navegava, baptizou por causa destes dous prodigios, que publicaraõ os mareantes aos payzanos.

Faz apparecer vivo hum menino cahido no mar depois de seis dias.

88 Deo a náo fundo em Sachoaõ, Ilha da China, onde o Santo se pôs a Missionar com indizivel fructo. Quiz cazar huma moça orfaã, e pobre, e sabendo da caridade, e riqueza de Pedro Velho mercador, e seu grande amigo, lhe foy pedir o dote para ella. Estava elle jogando com outros amigos, e como era homem naturalmente engraçado, e alegre, respondeo a Xavier: *Que hia a muito máo tempo pedir dinheiro a hum jogador pobre, e fóra de sua casa. Como posso eu agora dar o meu* (dizia elle) *se estou trabalhando por ganhar o alheyo! Para fazer bem,* (tornou o Santo) *todo o tempo he bom, e para dar esmóla este he o melhor, porque tendes o dinheiro á maõ. Ora está feito* replicou Pedro Velho, fingindo-se enfadado: *He necessario fazer, que V. Reverencia nos deixe: aqui tem,* [e dizendo isto lhe entregou a chave debaixo da qual guardava quarenta e cinco mil cruzados] *e advirta que quanto achar he seu.* Abrio o Santo o cofre, tirou trezentos cruzados, e tornou a entregar-lhe a chave. Desfeito o jogo, foy Pedro Velho averiguar o que o Santo havia tirado, e achou naõ lhe faltava hum só cruzado. Procurou logo a Xavier a fazer-lhe huma amorosa queixa, e sabendo delle de como tinha tirado trezentos cruzados, respondeo, pois a mim me naõ falta nada, mas seja o que for, Deos perdoe a V. Reverencia em naõ tirar muito mais, pois quando lhe entreguei a chave a minha tençaõ era, que partissemos igualmente, porque para mim me bastavaõ quinze mil taeis dos trinta mil que tinha. Fallou o bom Velho, e caritativo Portuguez tanto de coraçaõ, que o Santo todo abrazado, e com huma vehemencia de espirito lhe respondeo: *Pedro, a vossa offerta foy recebida por aquelle Senhor, que peza as tençoens mais occultas da vontade: elle vos pagará a seu tempo: entretanto vos prometto da sua parte, que nunca nesta vida vos faltará com que passar cõmodamente. Tereis occasioens de empobrecer, mas achareis bons amigos, que vos soccorraõ, e além de tudo isto naõ morrereis, sem primeiro saber o dia da vossa morte.* Ficou o ditoso Pedro Velho muito consolado com o que lhe annunciou Xavier, e dalli por

Profetiza felicidades, e o dia da morte a seu amigo Pedro Velho.

por diante começou a reformar a vida desorte, que, sendo mercador de profissaõ, parecia hum Religioso reformado. Quiz saber do Santo o como havia de ter noticia do dia da morte, e elle lhe respondeo, que se apparelhasse para ella, quando lhe soubesse mal o vinho.

Vè se cumprida a profecia de Pedro Velho, com circunstancias dignas de notar.

89 Viveo Pedro Velho, e sobreviveo a Xavier muitos annos, sempre prospero, e abundante, se bem, que esteve muitas vezes arriscado a quebrar, mas com a ajuda dos amigos tornava a levantar cabeça. Finalmente estando hum dia muito alegre, e festivo em hum solemne banquete, querendo beber vinho, parou ao primeiro sorvo, porque lhe soube como fel, e trazendo á memoria a profecia de Xavier, teve hum certo horror a taõ improviso annuncio da morte. Querendo certificar-se mais, passou o copo aos amigos, e vendo que elles diziaõ era excellente o vinho, referio aos convidados a profecia do Santo, e posto logo nas maõs de Deos, se começou a preparar para morrer. Repartio com os pobres a parte que podia, e o mais deixou a seus filhos, que viveraõ ricos, e abastados. Despedio-se dos amigos, que vendo-o saõ, e valente, attribuiaõ a tontiçe as suas disposiçoens repentinas; porèm elle os levou a todos á Igreja, onde havia mandado aprestar tudo quanto era necessario para hum Officio funeral. Tomou o santo Viatico, e a Extrema-Unçaõ, e deitando-se na tumba, como se estivesse morto, fez cantar com solemnidade huma Missa *de Requiem*: era innumeravel o povo que se ajuntou, parte por zombarem do bom Velho, e parte por verem cumprida a profecia do Santo. No fim da Missa, se chegou o Sacerdote com os Ministros junto á tumba para lhe cantarem, segundo o costume, o ultimo Responsorio. Estava vivo no principio desta ceremonia, mas acabado o Responsorio, e cantando o *Requiescat in pace*, se chegou hum criado a elle para o levantar, e o achou morto. O ruido, e o aballo, que causou no povo taõ rara maravilha, foy tal, qual se deve ponderar: huns lançavaõ affectuosas bençoens á memoria do Santo, fallecido havia muitos annos, e outros naõ cessavaõ de louvar a virtude, e de invejar a felicidade de Pedro Velho.

Prediz a desastrada morte de hum Capitaõ.

90 Estando em Sanchoaõ hum Capitaõ, para partir com o seu navio para Malaca, o Santo o persuadio a que naõ fizesse viagem, até lhe chegar hum junco, que havia mandado comprar a huma das outras Ilhas. Incredulo o miseravel Capitaõ ás palavras, e persuasoens de Xavier, preparou a náo, despregou as vélas, e partio estando dizendo Missa. No fim desta se voltou para os circunstantes, e correndo a todos com os olhos hum por hum, perguntou pelo Capitaõ, e como lhe respondessem que tinha partido para Malaca, sahio nestas palavras: *Naõ sey se vay bem com Deos. Aonde o levaõ seus peccados! De que foge! Quem o lança fóra! Porque naõ esperou pelo junco que dezejava! Eylo alli*, e apontou com o dedo para o mar, mas elle só o via naõ os outros; e proseguio dizendo: *O que esse desaventurado busca em Malaca, elle o sabe, mas naõ sabe a morte que o espera, pouco depois de chegar á terra. E que morte!* E naõ passou a diante. Dalli a poucas horas se avistou o junco pela mesma linha, que o Santo mostrava; verificou-se a profecia dalli a pouco tempo, em que veyo noticia de que os ladroens fizeraõ em postas ao Capitaõ, indo ao mato buscar madeira para fazer o seu navio.

Prevè, e atalha enforcar se hũ desesperado.

91 Estando huma vez em Goa sentado no confessionario, de repente se levantou assim como estava, sem barrete, nem chapeo, e levado do impeto do espirito, foy correndo pela Igreja fóra ao campo de S. Thomé, e topando com hum homem o abraçou ternissimamente, levou-o comsigo ao Collegio, onde lhe fez entregar huma corda, que comsigo levava para se enforcar, compellido das muitas miserias que padecia com sua familia. Consolou-o o caritativo Xavier com palavras suaves, e santas, teve-o no Collegio alguns dias, e depois lhe tirou algumas esmólas, e lhe deo modo de vida, com que se pudesse sustentar, e a sua familia.

92 Navegando pelas Ilhas Malucas, sobreveyo huma taõ horrenda tempestade,

ſtade, que dando-ſe todos por perdidos, naõ cuidavaõ mais que em ſalvar as almas, e fazer votos, e rogativas a Deos. Vendo Xavier o ſeu, e alheyo perigo, lançou ao mar o ſeu Crucifixo prezo por hum cordaõ. No meſmo ponto ſe aquietou a tempeſtade, com cujo milagre ficaraõ todos os navegantes muito alegres, mas naõ ficou com igual alegria Xavier, por ficar engolido das ondas o ſeu prezado Crucifixo. Depois de deſembarcar foy para a praya paſſear triſte, e penſativo com os olhos no mar, e com hum mar nos olhos de ſaudades da ſua amada prenda, e Companheiro de tantos annos. Eſtando em fim com eſta deſconſolaçaõ, teve a conſolaçaõ de lograr achado, o que chorava perdido; pois vio ſahir hum grande caranguejo do mar, feito todo hum calvario de hum Senhor Crucificado. Louvando ao meſmo Senhor pela maravilha, lançou maõ delle, e ſe recolheo taõ alegre, como nem elle meſmo poderia explicar.

Applaca huma tempeſtade, lãçando o ſeu crucifixo ao mar, o qual lhe traz do mar hum caranguejo.

93 Em Congoxima, Cidade do Japaõ, morreo huma filha de hum Fidalgo Gentio. Tinha eſte ouvido muitas maravilhas de Xavier, e querendo fazer experiencia dellas, procurou-o, pedindo-lhe com lagrimas, e inſtancias, lhe reſuſcitaſſe aquella unica prenda, que a morte lhe roubara. Pôs-ſe logo o Santo em oraçaõ, e ſeu companheiro o irmaõ Joaõ Fernandes, e ſahindo della, diſſe ao Fidalgo, que foſſe conſolado, que ſua filha eſtava com vida. Deſconfiou o Gentio, entendendo que era aquelle meyo de o lançar de caſa; porèm a poucos paſſos ſoube de hum ſeu criado, que a filha eſtava reſuſcitada. Certificado da verdade, perguntou á filha como tornara a eſta vida, e ella reſpondeo, que aſſim como morrera fora entregue a huns feyos miniſtros, que a queriaõ lançar em hum poço de fogo, mas que de repente appareceraõ dous Varoens muito formoſos, que a livraraõ, e trouxeraõ á Cidade. Tendo o pay por ſem duvida, que aquelle beneficio lhe alcançaraõ as oraçoens de Xavier, foy em companhia da filha dar-lhe as graças. Vendo ella ao Santo, e ao companheiro, diſſe muito alegre ao pay: *Eys-alli os que me tiraraõ do inferno.* Todos os deſta caſa, e de outras muitas ſe baptizaraõ, e ſeguiraõ a doutrina de Xavier.

Reſuſcita hũa Gentia cõ ſingulares circunſtancias.

94 Invejoſo o Rey do Achem, Mouro de naçaõ, de que os Portuguezes eſtiveſſem ſenhores de Malaca, e de ſeus mares, de improviſo deo ſobre ella com huma Armada de ſeſſenta navios de peleja, entre muitas galeotas, e outras embarcaçoens de remo, que introduziraõ pela barra dentro. Queimaraõ alguns navios, que eſtavaõ na ribeira, e querendo avançar aos muros da Praça, o naõ conſeguiraõ, pelos noſſos os rebaterem, e matarem com taõ bõa fortuna, que ſe viraõ precizados a fugir para o mar. Hia por General da Armada Bayaya Soora, valido do Rey, e anticipadamente premiado com o titulo de Rey de Pedir. Eſte ſahindo para o mar alto por força das balas, e canhoens expedidos da Praça, encontrou ſette peſcadores, a quem mandou cortar os narizes, as orelhas, e a alguns os nervos dos pés, e das maõs; e deixando-os ir aſſim para a Cidade, lhes entregou hum cartel de dezafio para Simaõ de Mello Capitaõ da Praça, taõ barbaro, e jactancioſo, como deſta copia ſe vê: *Bayaya Soora, que para ſua honra traz guardado em pucaros de ouro fino o rizo do Gram Soldaõ Alaradim, Caſtiçal da ſanta caſa de Meca, com perfumes de ſuave cheiro, Rey de Achem, e das terras de hum, e outro mar: Faço-te a ſaber, para que tu o eſcrevas ao teu Rey, que eu eſtou neſte ſeu mar cauſando, e mettendo terror, e eſpanto a eſta Fortaleza com o meu fero bramido: e muito a ſeu pezar aqui eſtou peſcando, e aqui eſtarey em quanto me der na vontade: e diſto tomo por teſtimunhas a terra, e as naçoens que habitaõ nella com todos os elementos atè o Ceo da Lua, aos quaes certifico com a palavra da minha boca, que o teu Rey eſtá desbaratado, e vencido, ſem reputaçaõ, ſem valor, e as ſuas bandeiras abatidas, e arraſtadas por terra, e jamais ſe poderáõ arvorar, ſalvo ſe lhe der licença para iſſo quem ganhou eſta victoria. Pela qual mettendo a ſua cabeça debaixo dos pès do meu Rey, fique*

Dezafia huma Armada de Achens aos Portuguezes de Malaca, e aceitaõ eſtes o dezafio por conſelho de Xavier.

aeſte

defte dia por diante rendido, fubdito, e efcravo; e atè que tu mefmo confeffes efta verdade, defta hora, e defte lugar, em que me acho, te réto, e dezafio, fe tu te fentes com animo de o contradizer em feu nome. Recebeo Simaõ de Mello a carta, que foy celebrada dos Portuguezes com rizadas, e zombarias; moftraõ-na a Xavier, e pedindo lhe o feu confelho, refolveo que acceitaffem o dezafio, pois naõ era bem diffimulaffem aquella affronta, donde refultaria grande defcredito á Fé, e á naçaõ, e dizendo outras mais razoens, lhas atalhou Simaõ de Mello (e naõ Francifco, como diz hum grave Hiftoriador por equivocaçaõ) com o pretexto de que naõ haviaõ mais que quatro fuftas eftroncadas, e rotas, que feria neceffario quafi tanto tempo para concertá las, como para fazê-las de novo. E que ainda que bõas eftiveffem, eraõ quatro contra feffenta. A efta duvida refpondeo o Santo: *Ainda que fejaõ mil. Por quantas mais val Deos! Naõ he fua efta empreza! Naõ a tomará elle á fua conta, fe nós a profeguirmos em feu nome &c.!* Taes coufas diffe, que entendendo Simaõ de Mello, e os do Confelho, que por elle fallava o mefmo Deos, affentaraõ em fe acceitar o dezafio.

Prepara-fe hũa limitada Armada em poucos dias pela fua induftria.

95 Defceraõ ao eftaleiro, e nelle acharaõ hum catur pequeno, e fette fuftas taõ caducas, e desfeitas, que ellas mefmas, por inuteis para a agoa, fe eftavaõ condenando ao fogo. Querendo-fe calafetar, acharaõ o armazem fem huma madeixa de eftopa, huma braça de corda, hum palmo de panno, hum fio, ou hum prego. Deraõ parte de tudo a Xavier, que atalhou toda efta falta, com repartir as fuftas pelos mais ricos da Cidade, abraçando a cada hum delles, e pedindo com enternecidas, fuaves, e fantas palavras fe encarregaffem defta, ou daquella fufta. Acceitaraõ todos o convite de taõ bõamente, que abundando os materiaes, e fobrando os officiaes, em cinco dias efteve a Armada em termos de navegar, e combater. Guarneceo a Simaõ de Mello com cento e oitenta foldados Portuguezes, repartidos pelos oito navios, e nomeou por Capitaõ a D. Francifco Deça. Quiz Xavier ir na Armada, porém como lhe encontraraõ o feu gofto os Cidadaons de Malaca, no dia em que fahio fez hum practica aos foldados, do grande ferviço que faziaõ a Deos, e do igual premio que delle receberiaõ, ou venceffem, ou morreffem na batalha. Della refultou o jurarem de pelejar até derramar a ultima gotta de fangue.

Sahe a Armada, vay a pique a Capitania, e prediz em lugar della foccorro de dous navios.

96 Logo que a armada fahio, fe foy a pique a fufta Capitania, falva porèm a gente, fem haver penedo em que topaffe, ou onda que a fubmergiffe. A' vifta defta desgraça, começou logo o povo a avaluar a empreza por louca, e temeraria, e a eftranhar aos Confelheiros o deixarem-fe perfuadir das razoens do Santo, e de Simaõ de Mello, que vendo o povo quafi levantado, mandou hum recado ao Santo para que foffe focegá-lo. Eftava elle dizendo Miffa em noffa Senhora do Outeiro, e affim como a acabou, antes que o menfageiro lhe diffeffe o recado, lhe deo a refpofta dizendo: *Tornai para cafa, e dizei ao fenhor Capitaõ da minha parte, que naõ fe affliga, que Deos naõ falta a quem efpera nelle, e que nos mayores apertos fe moftra mais liberal.* Pós-fe logo em oraçaõ diante de hum Senhor Crucificado, e acabada ella foy procurar, e confolar ao Capitaõ, ao qual reprehendeo fuavemente, por haver perdido por taõ ligeira caufa a fua generofidade, e confiança em Deos. Para o Mello aquietar o povo metteo o negocio a confelho. O povo votou unanime, fe naõ devia paffar adiante em huma empreza de taõ miferavel principio, que claramente eftava pronofticando a infelicidade do fim. Os foldados, incitados de Xavier, tomaraõ mais generofa refoluçaõ, pois differaõ com a mefma coragem antecedente, que elles como foldados, naõ fó de ElRey por foldo, mas de Chrifto por juramento, nenhum outro partido admittiaõ, fenaõ dar execuçaõ á fua promeffa. Vendo Xavier aos foldados affim refolutos, diffe com vehemencia de efpirito: *Naõ nos faltará effa fufta, e ferá mayor o numero dellas. Eu prometto por huma que fe perdeo duas melhores. Ja vem*

nave-

navegando pelo mar, Deos as manda, e hoje antes de se pôr o sol as veremos com os nossos proprios olhos. A estas palavras ficaraõ todos os do Conselho admirados, e desfazendo a junta, remetteraõ a decizaõ do negocio ao cumprimento da profecia. Vio-se cumprida com dous navios mercantes, que pelas cinco horas da tarde appareceraõ no mar, onde Xavier os foy buscar, informado de que navegavaõ para o Pegum, e de que naõ queriaõ entrar em Malaca, por naõ pagarem direitos, nem ancoragem. Obrigou-os Xavier a acompanharem a Armada, e assim cresceo o numero dos soldados Portuguezes a duzentos e trinta, por levarem os dous navios sessenta. Sahio pois a Armada pela barra fóra, em huma sesta feira a 21. de Outubro, com a bençaõ do Santo Apostolo.

97 Correndo a Armada os limites, que Simaõ de Mello lhe assinou, naõ acharaõ vestigios, nem novas da outra, que anciosos procuravaõ. Querendo-se entaõ retirar para Malaca, a vinte e oito de Outubro, houve hum taõ grande ecclypse da Lua, junto com hum vento taõ ponteiro, e obstinado, que naõ podendo velejar com elle para Malaca, estiveraõ vinte e tres dias sobre as amarras, e consumiraõ se os mantimentos, e foraõ obrigados a ir prover-se delles aos portos de Junsalao, ou Tanassari, para onde o vento aspirava em popa. Aqui tiveraõ certeza donde estava a Armada dos Achens, noticia que festejaraõ todos com grandes jubilos, e prazeres: arvorou se o estandarte, despregaraõ-se as bandeiras, disparou-se toda a artilheria, vestiraõ-se os Officiaes de galla, e o Capitaõ Mór fez repartir por todos os marinheiros, e soldados quanto havia de mantimentos. Em fim, estavaõ o Capitaõ, e soldados celebrando o triunfo antes de começarem a batalha, ao mesmo tempo, que em Malaca os estavaõ lamentando vencidos, e mortos. Introduzio se em Malaca, por via de huma sétia vinda de Salangor, que a nossa Armada fora desbaratada pela dos Achens, e todos os Portuguezes passados ao alfange: e como relatava a novella como testimunha de vista, e apontava o lugar, o tempo, e o modo da batalha, foy facil de persuadir a todo o povo de Malaca. Continuou este a murmurar do imprudente da impreza, e do Capitaõ Simaõ de Mello, de fórma, que se envergonhava de apparecer em publico, e mostrava ao Santo Apostolo pouco agrado. Com esta noticia, e com a de outra Armada, que de improvizo deo sobre Malaca, estava o povo pasmado, e affligido. Só Xavier, que via a todos desmayados, e lastimados, se mostrava alegre, e confiado em Deos: Dizia ao povo, que tivesse confiança, porque a Armada ainda naõ havia pelejado; porêm incredulo o povo o motejava muito ás claras. Exhortava os nos Sermoens, e practicas a rogar a Deos pela victoria, e pela vinda da Armada, e diziaõ huns para os outros: *Resuscite-os elle primeiro, e depois nós pediremos que tornem victoriosos.* Ora vamos ver ja como tirando Deos os olhos da indignidade daquelle povo, attendeo mais á Fé, e aos mericimentos deste seu grande Servo.

Chega noticia a Malaca da destruiçaõ da Armada, e Xavier a publica falsa.

98 Sahindo pois a nossa Armada do Rio de Parles, onde foy fazer agoada, a procurar a dos Achens, tiveraõ a dita de encontrar, e de tomar tres baloens, ou bateis Mouriscos, que hiaõ espiar, e como dos prisioneiros souberaõ o sitio onde parava a sua Armada, e os designios com que estava, a foraõ buscar com alento, e ousadia Portugueza. Logo que se avistaraõ ambas as Armadas, o nosso Capitaõ Mór vestio huma coura sobre roupa carmesi, e com hum estoque na maõ se apresentou aos soldados, animando-os ao combate com a memoria do juramento, que tinhaõ feito a Deos, e com as oraçoens do Padre Mestre Francisco, por cujo conselho se havia emprendido aquella batalha naval. Fazendo-se reflexo nos muitos navios contrarios, fez tambem eleyçaõ de sitio, onde naõ pudessem cercar os nossos por todos os lados, mandando dar as popas a hum cotovê-lo, com que a terra entrava pelo rio. Apenas se pôs neste lugar, quando os Achens suppondo-se ja triunfantes, á vista de taõ pouco poder, levantaraõ huma barbara, e dissonantissima alga-

zarra, ao som de trombetas, de tambores, e de outros instrumentos, de que uzaõ. Sahiraõ diante tres galeotas de Turcos, e Janizaros, e a Capitania do General, nomeado Rey de Pedir, lindamente armada, seguiraõ-se em bõa ordem nove fileiras de seis fustas cada huma. Descarregaraõ os Turcos sobre a nossa Armada primeirameite toda a sua artilheria, mas perderaõ as balas, por estarem ainda fóra de tiro. Adiantaraõ-se as duas Capitanias, e pelejava-se de parte a parte com taõ bõa vontade, que custaria muito sangue a victoria, se Deos naõ guiasse de huma nossa fusta hum tiro de camelo tanto a ponto, e a taõ bom tempo, que varando a náo Real de parte, a parte pelo costado junto á proa, a metteo no fundo. Entaõ as tres galeotas Turquescas, por salvarem ao General, e mais de cem Cavalheiros, que se affogavaõ com elle, se atravessaraõ no rio com tanta desordem, que descompuzeraõ todas as outras, que vinhaõ atraz: em quanto pois cuidavaõ em salvar a gente principal, e em se desembaraçarem as náos humas das outras, teve a nossa Armada tempo, para descarregar na contraria á maõ tente toda a sua artilheria quatro vezes sem perder tiro, affundando nove náos, e destroçando muitas com grande mortandade dos barbaros. Vendo pois os Soldados de Jesu [como lhe chamou S. Francisco Xavier] que elle Senhor manifestamente pelejava por elles, deraõ com grande animo sobre o inimigo, que tornava a pôr-se em ordem de batalha. Separaraõ quatro fustas para jogarem com a artilheria de longe, e as mais se metteraõ entre os inimigos, e com panellas de polvora, lanças, e mosquetes, fizeraõ nellas hum grande estrago ao perto, e ao longe. Encaminhou Deos para complemento da victoria ao soberbo, e arrogante General hum pelouro de mosquete, que o fez retirar escoltado de duas fustas para onde durou poucas horas, perdendo assim a gloria de morrer na batalha. A' vista do exemplo do General, o seguiraõ os soldados, e mareantes, que, deixadas armas, e remos, se lançaraõ ao rio, no qual ficaraõ sepultados por naõ poderem vencer com os braços a força da sua corrente. Em fim, só escaparaõ da morte os que fugiraõ com o General Rey. Da nossa parte houveraõ muitos feridos, vinte e seis mortos, nos quaes entraraõ sómente quatro Portuguezes. O despojo ainda fez mais estimavel a victoria, pois constou de quarenta e cinco cascos de fustas, trezentas peças de artilheria de vario calibre, nas quaes entravaõ sessenta e duas com as armas de Portugal, perdidas por varias vezes em outras batalhas, e aqui restauradas todas juntas: oitocentos mosquetes, alfanges, arcos, rapayas, e outras armas similhantes sem numero.

Pelejaõ as duas Armadas, e destroe-se a dos Achens.

Despojo com q se retirou a nossa Armada.

99 Esta celebrada, e singular victoria dispôs a Summa Bondade ás nove para as dez horas de hum Domingo, tempo em que estava Simaõ de Mello, e o principal da Cidade na Sé, ouvindo prégar a Xavier do Evangelho. No meyo do Sermaõ parou improvizamente sem dizer mais palavra, como se de repente o arrebatara a vista de algum objecto raro, e peregrino, reprezentado muito ao longe. Tinha as maõs em punho apertadamente enlaçadas, os olhos immoveis, e postos em hum Crucifixo pendente sobre o arco da Capella Mór, e variando a cada passo as cores do rosto, e os affectos da alma, ora se mostrava alegre, ora compassivo, ora triste, e magoado com excesso. Entre estas alternativas de semblantes se lhe ouviraõ algumas troncadas; e perplexas, e ainda palavras interrompidas, das quaes bem entendia o povo algum effeito de armas, em que estava vendo varias investidas, e retiradas, grande destroço, e mortandade; e taõ elevado estava o povo com o que ouvia, como o mesmo Santo no que via. Ouviaõ que elle lembrava a Christo Crucificado, que aquelles eraõ seus, expostos a morrer pela gloria de seu nome; que eraõ poucos contra tantos, que os guardasse, e defendesse, e naõ prevalecessem os barbaros contra os defensores da sua Igreja, e da sua Fé no Oriente. Depois tornava a descrever huma nova pendencia com nova mudança de cores, e successiva traça de affectos, até que restituido

Estando Xavier prègando em Malaca, publica a victoria no mesmo põto em que succedia.

restituido o rosto á sua antiga serenidade, como quem ja tinha visto o fim do que dezejava, se declinou com os braços, e com a cabeça sobre o pulpito, e esteve deste modo obra de dous, ou tres Credos. Attonitos os ouvintes daquelle admiravel espectaculo, esperavaõ anciosos o fim daquelle raro successo. Levantou-se entaõ Xavier, com hum semblante Angelico, e disse: *Irmaõs, rezemos todos juntos hum Padre Nosso, e huma Ave Maria, em acçaõ de graças a Deos nosso Senhor, pela victoria que neste mesmo ponto alcançou a nossa Armada contra os Achens. Sesta feira chegará aqui quem nos traz a nova. Pouco depois vereis a Armada victoriosa, e rica, com os despojos dos seus, e dos vossos inimigos.* Dito isto, desceo do pulpito. A alegria que causaria no auditorio tal noticia, e por tal meyo, pondere-a o leytor. Chegou emfim a nova no assignado dia, e sahio o Santo com hum Christo arvorado, seguido da mayor parte do povo, a receber ao Capitaõ Simaõ de Mello, e aos soldados, e abraçou a todos ternamente desde o mayor atè o menor soldado, dando lhes muitos parabens, e lançando-lhes muitas bençoens pelo valor com que pelejaraõ. Quando se fizeraõ os processos para á sua Canonizaçaõ, noventa e tres testimunhas juraraõ este cazo.

Da veneraçaõ com que o tratavaõ.

100 Destes, e de outros portentos, que obrava Xavier nas vastas campinas do Oriente, nascia a grande veneraçaõ com que o trataavaõ. Pessoas haviaõ, que o sahiaõ a receber ás suas portas quando elle as procurava, com os joelhos em terra, e outras, que nunca jamais se quizeraõ cobrir diante delle. Quando alguma náo Portugueza entrava em algum porto de infieis, onde o Santo estivesse, toda se preparava para o receber com triunfo, e todos os Portuguezes lhe faziaõ Corte, avantajando-se mais neste obsequio os mais ricos, e nobres. Quando importava ir visitar algum senhor Gentio, huns tiravaõ as capas das costas, e lhas estendiaõ aos pés por alcatifas, e outros faziaõ dellas hum coxim, que lhe servisse de assento, aos costumes da terra; e para o obrigarem a vir nisto, protestavaõ os Portuguezes que o fariaõ sómente para mostrarem aos Gentios quanto estimavaõ os Christaõs aos Sacerdotes, e Ministros do Evangelho.

Estando para passar á China, adoece mortalmente.

101 Deixamos ao Santo Apostolo navegando de Malaca para á China, e agora dizemos que aportou na Ilha de Sanchoaõ, em trinta legoas de distancia da China, com intensos dezejos de achar alli alguma via para se introduzir naquelle Reyno. Tinha pena de morte, quem a elle levasse algum estrangeiro sem ordem especial dos Mandarins, que saõ os Governadores. Sobornado porèm de duzentas patacas, que o agente de Xavier offereceo, se encarregou de levá-lo hum mercador China. Concordaraõ no dia 19. de Novembro para fazerem viagem com segredo inviolavel; chegou o dia, e em lugar do China, a noticia a Xavier de que era chegado ao fim dos seus trabalhos, e ao principio das suas eternas felicidades. Foy logo esperar a morte para huma pobre, e desabrida choça, que lhe tinhaõ emprestado, e em lugar de temer o lance, ou julgá-lo terrivel, lhe parecia que lhe tardava, e occupando-se em louvores Divinos, repetia aquellas palavras do Apostolo: *Dezejo sahir do carcere do corpo, e estar com Christo.* Tambem naõ cessava de repetir: *Jesu Filii David miserere mei*: e á Rainha dos Anjos: *Monstra te esse Matrem*, e aquella sua taõ ordinaria Jaculatoria: *O' Santissima Trinitas!* Desamparado se vio totalmente Xavier da terra, porèm assistido dos mimos do Ceo. Vio-se sem remedios humanos, mas com soccorros Divinos, destituido da companhia dos homens, e principalmente dos da sua Companhia, mas em companhia do seu Jesu Crucificado, a quem entregou a alma dizendo entre doces lagrimas: *In te Domine speravi non confundar in eternum.*

Fallece desamparado em hũa palhoça.

Em huma sesta feira pelas duas horas depois do meyo dia, dous de Dezembro do anno de 1552., tendo 55. de idade, e doze da Companhia, depois de formada em Religiaõ, e na India dez, e sette mezes. Havia no Castello de Xavier, em que o Santo nasceo, hum Crucifixo de páo, antiga herança de

Sua Sangue hũ Crucifixo em casa de Xavier muitas vezes.

sua familia, a qual todas as sestas feiras deste anno suou sangue, e desta sesta feira por diante estancou o milagroso suor, e nos annos antecedentes, quantas vezes padecia na India alguma extraordinaria afflicçaõ, tantas a declarava em Navarra o mesmo Crucifixo destilando-se todo em gottas de Sangue; como se a estreita uniaõ entre hum, e outro lhes fizesse reciprocas as penas, padecendo Christo por Xavier, quando Xavier padecia por Christo.

Era de bõa presença, e aprazivel.

102 Foy S. Francisco Xavier de galharda presença, de estatura hum pouco mais que mediana, de bõa compreiçaõ, e de forças proporcionadas ao pezo de grandes fadigas; porèm como estas foraõ excessivas, emmagreceo muito, e pintava de branco. Foy de alegre, e aprazivel semblante, medianamente alvo, de testa larga, de nariz decente, de olhos entre negros, e castanhos, de barba, e cabello castanho escuro. Sempre andou sem manteo com a loba solta, as contas ao pescoço, e nas Missoens descalço. Ribadeneyra, e outros curiosos, querendo fazer conta aos passos que deo este prodigioso gigante, depois de sahir da Europa até morrer na China, lhe contaõ trinta e tres mil legoas. E querendo reduzir a numero as almas que baptizou, lhe assignalaõ trezentas mil; porèm como tudo parece impossivel de comprehender para a averiguaçaõ, basta-nos dizer, com a sua Lenda, que converteo este Apostolo de Christo á sua Fé muitas centenas de milhares, e com Jacobo Bossio de *Signis Ecclesiæ Dei*, que mais almas converteo hum só Xavier á Fé de Christo em onze annos, do que todos os heresiarcas perverteraõ por mais de mil e quinhentos annos. Diz o Padre Daniel Bartholi, que a cada passo juraõ nos processos testimunhas de vista, que o Padre Mestre Francisco converteo toda a Cidade, toda a Ilha, todo o Reyno, e naõ se diz mais. Baptizou muitos Principes, e Reys: Duas Princezas irmaãs, e dous sobrinhos de ElRey de Maluco: A Rainha Neaquile mulher de ElRey de Ternate: os Reys de Nuliager, e de Ulate com todos seus vassallos: Dous Reys em Malaca: o Rey das Maldivas, e o Infante D. Pedro seu filho: O Rey Macacar: hum Principe seu irmaõ, e grande numero de vassallos: D. Leonor filha do mesmo Rey. Prégou em fim a Fé ao Rey de Travancor: a dous Reys de Ceylaõ: ao Rey de Saxuma; ao de Amangachi, e ao de Bungo, e intentou ir prégá la ao Imperador, e Reys da China.

Das legoas que andou, e das almas que coverteo.

Reys, e Principes, que converteo.

Enteraõ no em hum caixaõ em hum monte.

103 Estava hum navio de Portuguezes no porto de Sanchoaõ, os quaes tendo noticia da morte de Xavier, o foraõ ver á sua pobre choupana, onde o acharaõ com tanta graça no rosto, que bem inculcava serem ares da gloria, que sua bendita alma possuia. Beijaraõ-lhe todos as maõs com muitas lagrimas de ternura, e venerando o como a Santo, se aproveitaraõ da mayor parte da loba, que dividiraõ entre si. Hum Piloto, chamado Francisco de Aguiar, escolheo huma bota para perpetua lembrança do muito que lhe devia, por lhe haver profetizado, que nunca seria pobre, e que naõ morreria no mar, como ja dissemos. Mandaraõ-lhe fazer hum caixaõ, onde o metteraõ com as vestes Sacerdotaes, lançando-lhe por cima muita quantidade de cal virgem, para que comesse a carne de pressa, e pudessem levar os ossos limpos á India, quando o navio partisse para Malaca. Para o lugar da sepultura escolheraõ hum outeiro, e em elle o sitio em que estava huma Cruz de páo levantada pelos Portuguezes, onde foy sepultado pelas duas horas da Dominga seguinte, por dous mulatos, que o levaraõ ás costas, pelo seu discipulo Antonio de Santa Fé, e pelo seu amigo Francisco de Aguiar. A causa que houve para se dilatar o enterro, e para que a elle naõ assistissem os mais Portuguezes, se ignora. Com este pequeno, e pobre sarcophago se contentou [como de outro se disse] ó mortaes, este grande Alexandre, a quem a terra parecia huma estreita cova. Dentro de soberbos Mausoleos, e debaixo de singularissimas piramides se recolhiaõ antigamente com soberbos apparatos no Egypto infames cinzas de monstros humanos. Dentro daquella humilde cova sepultaraõ com summa pobreza, e desamparo o corpo, que foy animado por

por hum taõ grande, como Apostolico Varaõ. Aquelles tendo cá na terra soberbos, e grandiosos sepulchros, estaõ cativos no carcere do inferno, padecendo horrendas, e eternas penas: elle tendo na terra seu corpo recolhido em taõ pobre como desamparado jazigo, a alma se passea alegremente pelos eternos Palacios da Luz Infinita.

104 Por estar a náo para partir, foraõ alguns Portuguezes a 17. de Fevereiro de 1553. ver se estava desfeito o corpo de Xavier. Abrio-se a sepultura, e como se achou o santo corpo inteiro, solido, succoso, cheyo de sangue, o vestido inteiro, e expedindo de si huma celestial fragrancia, se confirmaraõ na opiniaõ que tinhaõ da sua grande santidade, e da sua gloria, vendo que aquella formosissima flor, que havia cheyo todo o Oriente do suave cheiro de suas virtudes, ainda que passou sobre ella o inverno da morte, que naõ pode escusar, naõ perdeo a suavidade do olor, antes milagrosamente augmentado, manifestava o veraõ eterno em que florecia com seguro verdor na vista de Deos, e em seu Paraizo. Hum Portuguez com piedosa tyrannia lhe cortou hum pedaço de carne junto ao joelho esquerdo, e se cômoveo a muitas lagrimas, á vista das muitas gottas de sangue, que a veneravel perna derramou pelo golpe: com a noticia desta maravilha foraõ todos os da náo beijar os pés do santo cadaver, e pedir-lhe perdaõ de o desampararem na sua doença, e nas honras do enterramento. Tiraraõ o caixaõ da cova, e com a mesma cal, que lhe haviaõ lançado, o levaraõ com muita veneraçaõ sobre seus hombros para o batel, e do batel á náo para enriquecerem a India com taõ precioso thesouro. Partio pois na náo Santa Cruz, a quem tinha lançado a sua bençaõ, e profetizado naõ naufragar como deixamos dito; e respeitando hum certo temporal, que continuamente havia em huma paragem, porque passou o sagrado deposito, se ausentou naquella occasiaõ, e por muitos annos daquelles mares.

Achaõ o santo corpo dalli a mezes inteiro, fresco, e cheiroso, e levaõno para Malaca.

105 Chegou a náo Santa Cruz, com o precioso thesouro de S. Francisco Xavier a Malaca, aos 22. de Março do mesmo anno de 1553., e como estava prevenido seu grande amigo Diogo Pereira, por aviso que tivera, tinha mandado lavrar muita cera, e se fez no dia seguinte a mais solemne procissaõ, que nunca se havia visto em Malaca; pois a acompanhou toda a nobreza da Cidade, todo o Clero, a mayor parte do povo, Mouros, e Gentios. Naõ cessavaõ todos de acclamá-lo por Santo, e de publicar as suas virtudes, e obsequios, que o generoso Santo lhes agradeceo, alcançando de Deos, que cessasse totalmente no mesmo dia a peste, que havia muito abrazava, e consumia aquella Cidade, e dalli em diante naõ morreo pessoa alguma das muitas que estavaõ tocadas do contagio. Parou a pompa funeral na Igreja de N. Senhora do Outeiro, onde, depois de feitas as exequias, tiraraõ o veneravel corpo da caixa em que hia, e o enterreraõ á porta da Sacristia, como se costuma fazer a outro qualquer defunto, e porque a cova era curta, e á força o metteraõ nella, lhe rebentou do pescoço muito sangue taõ fresco, como se naquella hora saltasse das vêas, e taõ odorifero como era o cheiro do jardim do esposo, quando soprava o vento Sul. Nenhum destes prodigios bastaraõ para se persuadirem os nossos Portuguezes podia haver na India corpo incorrupto, e parece que empenhados a que a terra o consummisse, o calcaraõ fortemente ao maço.

Recebe Malaca o santo corpo com muitas honras, e pára a peste que havia na Cidade.

Enterra-se segunda vez.

106 Aportou de Goa em Malaca dalli a cinco mezes Joaõ da Beyra, com tençaõ de passar ás Malucas com dous companheiros, e estranhando a indecencia com que estava enterrado hum corpo, que Deos tinha canonizado por Santo, com as vozes de muitos prodigios, determinou colocá-lo em lugar mais decente, se o achasse com a inccorrupçaõ, que lhe relataraõ. Concertou-se com o amigo, e favorecido do Santo, Diogo Pereira, com hum seu irmaõ, com outros mais, e hum Ermitaõ, a cujo cuidado estava a Igreja, para o dezenterrarem occultamente. Fizeraõ-no com effeito, e sem embargo de

Segunda vez se dezenterra, e apparece fresco, e incorrupto.

de ser o sitio da sepultura humido em summo gráo, o acharaõ depois de cinco mezes taõ inteiro, e cheiroso, como antes estava. Acharaõ-lhe sim demais huma ferida no lado esquerdo, que occasionou huma pedra aguda, que o penetrou a força do maço. O nariz amaçado pela mesma causa, e hum lenço branco com que lhe cobriraõ o rosto, todo banhado em sangue fresco, e de todo incorruptas as vestes Sacerdotaes. Com excessivas lagrimas de gozo viraõ aquelles devotos approvada com milagres a virtude de Xavier, e assentaraõ em que se naõ tornasse a dar á sepultura, e em que fosse levado para a India. Mandou logo Diogo Pereira fazer hum ataude forrado de damasco, e cuberto com hum panno de brocado, no qual o depositaraõ em quanto se esperava monçaõ para a India. Proseguio a Summa Bondade de Deos em honrar a este seu Servo com prodigios, naõ sendo de menor esfera o de arder dezoito dias continuos diante deste ataude huma véla de cera, que estava em hum castiçal, que naturalmente naõ podia durar mais de dez horas, com a circunstancia de que a cera derretida cobria quasi todo o castiçal, e pezava mais do que antes a mesma véla.

Arde dezoito dias diante delle huma véla.

107 Assim como houve occasiaõ de monçaõ para Goa, embarcaraõ o santo cadaver em huma náo muito velha, e carcomida, na qual foy muita gente, na sem duvida de que naõ poderia naufragar huma nao em que hia taõ Santo passageiro. Naõ se enganaraõ no conceito, pois se viraõ em grandes perigos de que naõ poderiaõ escapar sem milagre. Chegaraõ de caminho a Cochim, onde foy venerado o santo corpo com as mayores demonstraçoens de jubilos. Aqui presenciou a sua milagrosa incorrupçaõ seu amantissimo companheiro, o Padre Francisco Peres, Superior da Companhia, a quem havia profetizado, em huma perigosa doença, mais vida para mais trabalhos. Assim como o Vice-Rey da India teve noticia do precioso thezouro, que para Goa levava a náo, mandou esquipar huma embarcaçaõ grande, e outra pequena, e mettido em huma dellas o Padre Belchior Nunes, Vice-Provincial da India com tres da Companhia, e quatro Collegiaes musicos, foraõ procurar a náo a Baticala, vinte legoas distante de Goa. Tiraraõ o precioso deposito do camarote ao convez, e depois de cantado o *Benedictus Dominus Deus Israel*, o desceraõ com ternissimas lagrimas a outra embarcaçaõ, que estava ricamente adereçada, e alcatifada, e assim entrou no rio de Goa aos 15. de Março de 1554. O navio em que hia, sentindo-se sem aquella doce carga, se foy logo a pique. Na manhaã do dia seguinte appareceo o devoto do Santo Diogo Pereira, conduzindo seis bargantins com seus amigos, e criados, com tochas, e brandoens de cera branca nas maõs. Aos seis bargantins se seguiraõ doze, ou treze embarcaçoens, com a nobreza da Cidade tambem com cirios acezos nas maõs, e todos acompanharaõ ao santo corpo até o caes da ribeira, onde o estava esperando o Vice-Rey, com a sua Corte, e Cabido, e toda a Clerizia com suas Cruzes, a Irmandade da Misericordia com suas insignias, infinita multidaõ de povo, e grande numero de enfermos, que se naõ podiaõ ir pelo seu pé, eraõ levados em braços alheyos: sahio a procissaõ da ribeira ordenada nesta fórma. Precediaõ noventa meninos vestidos de branco com suas grinaldas de flores na cabeça, e ramos de palmas nas maõs, que ao levantar do ataude descobriraõ hum devoto Crucifixo, que levaraõ comsigo, e começaraõ a marchar entoando o Cantico *Benedictus Deus*. Seguiaõ-se os irmaõs da Misericordia com sua tumba coberta de brocado, e depois o corpo do Santo em huma caixa nova aos hombros dos Padres da Companhia, e hum turibulo de cada parte. As ruas, álem de estarem custosamente armadas, ardiaõ em luzes, e recendiaõ com perfumes. Das janellas, e dos telhados se lançava continuamente sobre o Santo grande copia de flores, por ser naquelle paiz o mais proprio tempo dellas.

Vay o santo corpo para Goa, e passa por Cochim.

Das grandes honras com que foy recebido em Goa.

108 Despovoaraõ-se as Ilhas visinhas a Goa com a noticia da vinda de Xavier, causa porque foy taõ grande a multidaõ do povo, que concorreo á procissaõ

procissaõ, e que procurava tocar a caixa em que hia, que em muitas horas naõ pode chegar ao Collegio de S. Paulo. Eraõ grandes os affectos de devoçaõ, e de piedade naquelle enternecido, e saudoso povo. Lançavaõ-se por terra, e alargando os braços ao estylo do paiz, invocavaõ, e louvavaõ ao Santo congratulando-se entre si do thezouro do Ceo, que lhe entrava pelas portas. Estes obsequios, que a gente Goana lhe fez nesta entrada, despicou com muitos milagres que nella obrou, dando repentinamente saude a muitos enfermos, que sahiraõ das camas por vê-lo ás ruas, a tolhidos, e leprosos, e vista a alguns cegos. Collocaraõ com immenso trabalho o santo corpo na Capella Mór, que estava armada de festa, com o rosto, e as maõs descobertas, e os pés descalços, para satisfaçaõ da piedosa curiosidade, e grande devoçaõ do povo. Os Conegos de Goa cantaraõ aquelle dia, que era de sesta feira de Lazaro solemnemente a Missa da Cruz; e como ella acabada naõ fosse possivel lançar-se a gente fóra da Igreja, foy preciso levantarem o corpo do Santo, e mostrarem-no ao povo por tres vezes. Desde o dito dia esteve exposto, e sempre com o mesmo concurso até Domingo á noite; e no Sabbado cantaraõ a Missa de nossa Senhora os Religiosos de S. Francisco, aos quaes venerava Xavier tanto, que lhes naõ fallava senaõ com os joelhos em terra. Estando o santo corpo exposto nestes tres dias, com os pés descalços como dissemos, se chegou a elle huma mulher illustre, chamada D. Izabel de Carom, a qual lhe tirou com os dentes o dedo minimo, do que correo muito sangue com espanto de todo o povo, que presenciou o prodigio.

Fez muitos milagres no dia em que entrou em Goa.

Tira-lhe huma mulher o dedo minimo, e lança sangue.

109 Na noite entre o Domingo, e a segunda feira metteraõ o bendito cadaver em hum sepulchro de abobada, que se abrio junto ao Altar da Capella Mór, da parte do Evangelho, e foy a terceira sepultura de Xavier. Por ser esta Igreja pequena, se lançou abaixo para se fazer outra mais sumptuosa, causa porque foy mudado o santo corpo. Esteve algum tempo no cubiculo, do Padre Reytor de Goa. Tambem esteve no do Mestre dos Noviços, na Capella de S. Thomé, donde foy mudado para a Casa Professa do Bom Jesu, na qual esteve dez annos. Estando nesta Casa, lhe cortaraõ o braço direito, a 3. de Novembro de 1614., com o pretexto de que o Reverendo Padre Geral mandava lhe remettessem alguma Reliquia sua. A parte superior deste braço cortado se remetteo para Roma ao dito Geral no anno de 1615., a inferior se dividio em duas partes, huma das quaes se mandou ao Collegio de Malaca, e outra ao de Cochim, e a pá do braço ao de Macáo. Aos doze de Março do anno de 1622. foy Canonizado pelo Summo Pontifice Gregorio XV. Neste tempo o collocaraõ na Capella, que hoje he de S. Francisco de Borja. Daqui o trasladaraõ no anno de 1655. para a sua Capella, onde hoje se venera Peregrinou o grande Xavier em corpo, e alma por innumeraveis mares, e por dilatadas Provincias. Em traje de peregrino, desceo do Ceo a terra a dar vida ao Padre Marcello Martrili, que veyo a ser Martyr de Christo; e até o seu corpo ja morto, e sem alma, andou peregrinando de Sancnoaõ a Malaca, de Malaca a Goa, de huma sepultura em outra, mudando tumulos, e ataudes, cubiculos, sálas, e Capellas; e como se naõ deo apressado remedio aos sabidos estragos, e lastimosas ruinas, em que está o Imperio Portuguez no Oriente, por falta do antigo zelo, e dos descuidos Portuguezes, ainda peregrinará, e navegará até Lisboa o que o Senhor naõ permita pela sua misericordia, e pelos merecimentos deste seu grande Servo, que ha tantos annos está com hum só braço tendo maõ em Goa, e naquella sua grande Christandade, principalmente desde o de 1683. em que o Conde de Alvor, Vice-Rey da India, aberto o tumulo lhe entregou o bastaõ, e a patente Real, e hum papel da sua letra, e final, no qual, em nome do nosso Monarcha, lhe cõmettia o governo do Estado para que o defendesse, e conservasse com o seu milagroso patrocinio: este em fim mostrou no mesmo ponto, livrando a Goa de hum improvizo assalto, que lhe deo o inimigo Sambagi

Da sua Canonizaçaõ, e das varias trasladaçoens do seu corpo.

bagi com quasi vinte mil homens, e quatro, ou cinco mil de cavallo, e dez elefantes; e tem mostrado em todas as mais occasioens de conflictos, e nem se deve duvidar de que só aquelle Imperio se póde conservar a poder de milagres.

Milagres depois da morte.

110 Os que S. Francisco Xavier fez depois de sua morte foraõ tantos, que só em huma Aldêa de Calabria, chamada Potami, se contaõ duzentos e quarenta e dous. Resuscitou Deos Senhor nosso pelos seus merecimentos depois da sua morte, trinta e cinco pessoas. He especial Advogado dos navegantes da India, e para elle appellaõ nos mayores perigos. Andavaõ huns naufragantes lutando com as ondas, e vendo que se punha o sol, e que com as trevas da noite tinhaõ certas as da morte, pediraõ lhe soccorro no perigo. Esteve o sol conhecidamente parado no mesmo orizonte por algumas horas, até que se salvaraõ.

Veneraçaõ com que está em Goa.

111 O santo corpo de Xavier está em huma caixa de prata fina, e de tal grandeza, e custo, que tem seiscentos marcos de pezo. Diante della, das grades da Capella para dentro, pendem nove alampadas de prata, e diante do Altar, que está das grades para fóra, ardem continuamente tres alampadas, cada huma de sessenta marcos. Em fim, todos os ricos, e preciosos ornamentos, e toda a prata, e ouro, que possue a Casa Professa da Companhia de Goa, que naõ cede na magestade, e ornato ás mais ricas da Europa, saõ rendimentos da devoçaõ, e retribuiçoens de maravilhas, que Deos obra pelos merecimentos deste seu Servo.

Vida admiravel do Beato Fr. GONSALO DIAZ, *Religioso Mercenario, do Bispado do Porto.*

1 SAõ tantas as prerogativas do Bemaventurado Fr. Gonsalo Dias, taõ grandes seus merecimentos, suas proezas taõ fóra do ordinario, sua vida taõ prodigiosa, e suas virtudes taõ heroicas, que nem artificios rhetoricos, nem clausulas rodadas, nem frazes, nem amplificaçoens, nem quanto o engenho humano alcança, basta a ser da sua alteza o parallelo; e se a huma estatua composta de muitos rostos reduziraõ os antigos Lizos quantas a antiguidade fingia divindades, mostrando com mais facil culto, que esta valia por todas; a Graça naõ se mostrou menos empenhada em fazer a este ditoso homem, hum prodigioso epilogo de todas as virtudes, que por muitos estavaõ distribuidas, e com quem se podiaõ engrandecer, e acreditar muitas vidas.

Do seu nascimento de pays humildes.

2 Nasceo no lugar de Barral de Campos, que fica no districto da Freguesia de S. Joaõ da Telhada, distante da Villa de Amarante huma legoa, mas ja na demarcaçaõ do Bispado do Porto Seu pay se chamou Balthazar Diaz, natural da Freguezia de Santo André da Varzia, e sua mãy Antonia Barbosa natural da mesma Freguezia de S. Joaõ da Telhada, ambos filhos de humildes lavradores. Despreza o mundo, ó mortaes, como taõ cheyo de vaidade, os sujeitos de inferior sorte, estimando só os que vê assistidos de riquezas, e dignidades; mas Deos Senhor nosso com opposto genio faz apreço das virtudes em qualquer dos seus Fieis que lhas descubra, por mais abatidos que se supponhaõ. Vio-se esta differença em o nosso Gonsalo Diaz, pois o chamou o mesmo Deos á Religiaõ do nascimento, e estado mais humilde, para o fazer nella exemplar de perfeiçaõ Evangelica, e depois hum dos Grandes da sua Corte, como veremos.

3 Assim como chegou á idade do uso da razaõ, lhe abrio a Divina Bondade de Deos os olhos com aquella luz, com que sabe Sua Magestede despertar na primeira vigilia aos que quer vivaõ até á ultima com sagrado desvélo.

vélo. Naõ se achou ao conhecer o mundo com nobreza, e riquezas, que saõ as suas prendas mais estimaveis; porèm deo-lhe Deos luz para que alcançasse a formosura das virtudes, que saõ nos seus Divinos Olhos os thezouros de mais estimaçaõ: e sabendo quaõ cheya estava sua alma destas preciosas joyas, que lhe deo Deos em a graça pelos meritos, e Sangue de nosso Senhor Jesus Christo, cõmunicados em a sagrada fonte do Baptismo, ficou mais contente, que se houvera nascido primogenito de hum grande Monarcha.

Desde menino foy virtuoso.

4 Deo-lhe pois quem o escolheo, para que obrasse em seu serviço, [o que veremos, e admiraremos] conhecimento do desvélo, com que nos rodea o demonio, para roubar da alma este thezouro da graça, bem conhecido da sua inveja, ainda que nunca chorado pelo inflexivel da sua obstinaçaõ, valendo-se do mundo, e da nossa carne mesma. E assim se determinou fugir desde logo daquelle, e a tratar como a rebelde escrava esta, enfreando-a como a desbocado bruto, ja que naõ podia arrojá-la do interior de sua casa; com que começou a sentir o regálo com que seus pays o tratavaõ, e as poucas occasioens, que em sua casa tinha para os exercicios virtuosos, que Deos lhe inspirava. Naõ podia jejuar sem o ruido do porque naõ comia, e das lagrimas de sua mãy, que julgava achaque o que nelle era virtude. Naõ podia mortificar sua carne sem nota, nem castigar seu corpo com asperas diciplinas, sem rizo dos que naõ alcançaõ quanto costuma adiantar-se [quando Deos quer] em seus effeitos a graça: com que determinou fugir do mundo, e pôr-se em paragem, onde pudesse desaffogar sem estorvos a chamma, que dentro do seu coraçaõ sentia.

Dispõem-se para deixar a casa de seus pays.

5 Occupou-se na mesma Freguesia na guarda de humas ovelhas, [com beneplacito de seus pays] em cujo exercicio, allicionado do Ceo, se entregou á contemplaçaõ do seu Creador, e começou a domar com jejuns, e diciplinas rigorosas sua carne, porque soubesse desde o principio, que havia de estar rendida sempre ao espirito. Alli dormia nos campos, sem mais cama que a terra nua, nem entrava em o povoado mais que para ouvir Missa, e frequentar os Sacramentos naquellas Freguesias. Alli aprendeo a ler, e a escrever com tanta facilidade, e brevidade, que admirado o seu Confessor o persuadio a que estudasse Grammatica, que com effeito se resolveo a ir estudar com beneplacito de sua mãy á Villa de Amarante, onde escolheo para dormir hum cobérto, que havia junto da ponte, com huma pedra por cabeceira. Alli se affligia tres vezes na semana com diciplinas, e com jejuns de paõ, e agoa. Algumas vezes, que hia ver sua mãy, a persuasoens della, se levantava da cama que lhe fazia, e se deitava no chaõ com huma pedra á cabeceira.

Guarda ovelhas, e se exercita em obras virtuosas.

6 Quando tomava a diciplina no portal, a acompanhava com ardentes suspiros de contriçaõ, e como era alta noite, tinha atemorizado a humas mulheres, que viviaõ alli perto, por ignorarem o que era, e lhes parecer, como credulas, que era cousa do outro mundo. Cõmunicaraõ o que ouviaõ em noites, e horas certas, ao Licenciado Thomaz Delgado, Mestre do santo estudante, que, como homem moço, costumava andar de noite divertido, carregado de armas, o qual por se mostrar valente, e attrevido, entrou a examinar o que era, e achando despido a seu discipulo, e que se açoutava cruelmente, lhe perguntou porque fazia taõ aspera penitencia? A que respondeo, que pelos peccadores, e para que Deos lhe desse luz para que cumprisse com as obrigaçoens de seu estado. Estas palavras penetraraõ desorte o coraçaõ de seu Mestre, que, fazendo-o vestir, lhe disse: *Vamos filho para minha casa, que ja o has conseguido*, e levando o a ella, lhe deo hum apozento, e elle, deixando as verduras da mocidade, viveo dalli em diante com grande exemplo, sendo este o primeiro lance, que logrou da Divina piedade a penitencia deste grande Servo de Deos.

Estudando Grãmatica, se converteo seu Mestre, movido da sua penitencia.

7 Vendo o o Mestre aproveitado na virtude, e na Grammatica, tratou de

que tomasse o habito da Ordem dos Prégadores no celebre Convento que alli tem, e que tanto ennobrece aquella Villa, como cofre do corpo do Glorioso S. Gonsalo seu fundador; porèm como Deos o naõ tinha destinado para Sacerdote, nem para Religioso daquella Religiaõ, naõ teve effeito a pertençaõ do Mestre, que era contra a inclinaçaõ do santo discipulo, que lhe tremia todo o corpo, quando lhe fallava em ser Sacerdote, por se achar indigno de caracter taõ sagrado. No mesmo tempo se corria o veneravel estudante das estimaçoens, que todos lhe davaõ, e temendo que aquella aura suave do applauso humano naõ parasse em algum furacaõ, que desse por terra com seu espirito, se resolveo a deixar a Villa, e a ir-se para onde o naõ conhecessem, para se entregar ao serviço dos pobres, a quem assistia no Hospital daquella Villa com caridade de santo.

Por se ver estimado na Villa de Amarante, se resolve a deixá-la.

8 Nelle se encontrou com huns marinheiros, que hiaõ a dar satisfaçaõ a huns votos, que haviaõ feito em diversos perigos de vida, ao Glorioso S. Gonsalo, e ouvindo delles a trabalhosa vida que passavaõ no mar, os muitos que enfermaõ, e morrem á necessidade por falta do temporal, e o evidente perigo em que estaõ de condenar-se, por falta de doutrina, e de exhortaçaõ na ultima hora da vida; cheyo de zelo da honra de Deos, e do bem das almas, assentou comsigo que aquelle era o caminho, porque Deos o chamava, e começou logo a exclamar: *Oh infeliz estado, onde do que importa mais se cuida menos! Que importa o viver, se naõ se vive bem! Que aproveitaõ largos annos, se depois o homem se condena! Se he infelicidade ter a alma escrava dos vicios pelo regálo, a riqueza, o poder, e a magestade; que lamentavel miseria naõ será viver com trabalho, com desnudez, com abatimento, e escravos do demonio! Oh quem pudera reparar tanto damno!*

Encontra-se cõ huns marinheiros, e se condoe da sua perigosa, e trabalhosa vida.

9 Estas consideraçoens, e outras, o obrigaraõ a acompanhar aos taes marinheiros, que muito se alegraraõ com a resoluçaõ, excepto o mais anciaõ, e prudente, que vendo-o estudante, e ignorando as incõmodidades, e máo trato com que se havia criado, o procurou dissuadir daquelle intento, com prudentes, e acertadas razoens, pondo-lhe diante dos olhos aquella miseravel, e perigosa vida, onde ainda os desgraçados, que nascem, e se criaõ nella, passaõ com continuo tormento; e naõ bastando as razoens do marinheiro se pôs com todos ao caminho.

Resolve-se a eleger o trato de marinheiro.

10 Nos nossos mares navegou alguns annos, e como Deos o escolheo para enfrear, e reprehender barbaros dezaffogos de homens perdidos, quaes os marinheiros; com o seu raro exemplo de vida os enfreava, e reprehendia, mostrando-lhe praticadas as virtudes da mortificaçaõ, da oraçaõ, da caridade, da paciencia, e da conformidade com a vontade de Deos, de que todos muito careciaõ. Instruia-os em as cousas mais necessarias para a sua eterna salvaçaõ com tanta doçura de palavras, com tanta efficacia, que se todos se naõ convertiaõ a huma vida reformada, todos se commoviaõ, e edificavaõ de ver tanta santidade, e hum zelo taõ Apostolico em hum pobre marinheiro, que vendo-se venerado, e estimado de todos, tratou de ausentar-se de entre os conhecidos, porque naõ podia tolerar sua grande humildade a pezada carga dos applausos.

De como edificava aos marinheiros seus cõpanheiros.

11 Foy em peregrinaçaõ ao Glorioso Apostolo S Thiago de Galliza, com huns companheiros da mesma occupaçaõ, aos quaes dispôs pelo caminho para se confessarem geralmente, e poderem lucrar as innumeraveis Indulgencias, que os Romanos Pontifices concederaõ áquelle admiravel Templo: e nem he ponderavel o gozo que recebeo a sua alma naquelles santos lugares, nos quaes se confessou repetidas vezes, e pedio ao Glorioso Apostolo, e aos mais Cidadaons do Ceo que alli se veneraõ, que o illustrassem com o conhecimento do caminho que devia seguir. Na volta de S. Thiago veyo pela sua terra, na qual se despedio de seus parentes, a quem recõmendou o santo temor de Deos, e passando a Cadiz, se accõmodou por marinheiro nos Galeoens de ElRey

Vay a S. Thiago de Galliza em peregrinaçaõ.

ElRey de Hespanha, com o dezejo que tinha de proseguir com a sua Missaõ entre aquelles homens, que de ordinario vivem descuidados da morte, trazendo a todos os instantes taõ imminente, e proxima.

12 Naquelles Galeoens começou a mostrar no trato, na conversaçaõ, nas obras, na affabilidade, e doçura das suas palavras, em como era homem criado em mais politicos principios, e que havia professado na mocidade mais cortezaã Universidade que as agoas. As suas virtuosas acçoens, a compostura, e exemplo pareciaõ mais de filho da austeridade de huma Religiaõ, que de hum pobre marinheiro, em quem o estado costuma envilecer as almas, e ladear suas operaçoens a bem differentes obras. Nos estreitos, e voluntarios carceres das náos, naõ podia exercitar as que dezejava, pois ainda cousas de sua natureza mais occultas, que as penitencias penaes, diciplínas &c. se naõ podiaõ obrar sem a publicidade de muitas testimunhas. Dormia sim sobre taboas como os mais companheiros; porèm como elle offerecia a Deos aquella mortificaçaõ, e se conformava com aquelle estado, lhe dava o merito de penitente. Comia louvando a Deos, porque, sem merecê-lo lhe dava aquelle duro, e velho biscouto. Assistia aos doentes todo o tempo, que lhe deixava livre a sua occupaçaõ. Compunha-lhes as camas o mais brando que podia, e que a sua ardente caridade podia engenhar. Dava-lhes o comer por suas maõs, pedindo para isso esmóla aos passageiros ricos, que admirados da sua caridade, e de ver que com os pobres dispendia quanto ganhava, lhe davaõ liberaes dinheiros, com que naõ só regalava aos enfermos, senaõ tambem com que comprova lançoes, e camizas, e o mais necessario para os doentes pobres, e necessitados.

Volta para a occupaçaõ de marinheiro nos Galeoens de Hespanha, e se exercita em a virtude da caridade.

13 Naõ sendo grande do corpo, era de grande coraçaõ, e força, e assim naõ só cumpria com o trabalho a que estava obrigado, senaõ tambem tomava á sua conta o de seus companheiros, só pelos alleviar. Era muito affavel, e aprazivel com todos, causa porque de todos era muito amado, e venerado. Mostrava-se porèm aspero, e desabrido contra os escandalosos, naõ podendo dissimular os juramentos, e as blasfemias: *He possivel* [dizia] *que sendo a culpa nossa, a hajaõ de pagar os sacrosantos nomes de Deos, e de sua Máy Santissima, e dos mayores Santos!* Quando ouvia algum juramento dizia: *Rezai, senhor, a oraçaõ do Padre Nosso, para que Deos vos perdoe esse peccado, que eu vos ajudarei com sua Santissima Máy, rezando por vós huma Ave Maria.* E era tal a veneraçaõ, que lhe tinhaõ, que lhe levavaõ com paciencia estas, e outras reprehensoens, porque sabiaõ que obrava tudo o que queria obrassem os mais. Deo lhe Deos muita graça para compôr animos discordes, e dissensoens ainda entre pessoas de mayor esfera.

De como reprehendia os peccados.

14 A grande devoçaõ, que com as cousas sagradas tinha, e a veneraçaõ que aos Ministros da Igreja mostrava, occasionava em os de mais o respeito que deviaõ, e costuma faltar, se faltaõ estes exemplares. Os Capellaens dos Galeoens sabiaõ que tinhaõ nelle hum pontual criado. Os Religiosos, e Sacerdotes, que passavaõ, o achavaõ a todas as horas assistente, e prompto para tudo o que queriaõ. Elle era o sacristaõ do navio, trazendo a Capella sempre limpa, e o Altar muito asseado. Elle era o que todas as noites tocava á Salve, que se canta de ordinario em todos os navios Catholicos com a possivel solemnidade. Introduzio com a sua devoçaõ o rezar se todos os dias o Rosario da Virgem Máy de Deos a córos na Capella, e elle accendia as vélas, e queimava olorosos perfumes diante da sua santa Imagem, e procurava com todo o empenho o afficiçoar a todos os mortaes á devoçaõ da mesma Senhora.

Veneraçaõ, que tinha ás cousas sagradas.

15 Confessava se muito a miudo com muitas lagrimas, e vehemente dor de seus peccados, que sua humildade fazia mayores que seus descuidos, e sempre que tinha occasiaõ recebia com indizivel devoçaõ o Corpo de nosso Senhor Jesus Christo em a Eucharistia. Estava pois taõ acreditado por estas, e por

Conceito, que delle faziaõ os passageiros.

por outras virtudes, que quantos succeffos prosperos haviaõ nas viagens os attribuiaõ á sua virtude, e algumas vezes que se viaõ atemorizados de conhecidos perigos, diziaõ os mareantes, e passageiros, que as oraçoens deste Servo de Deos os haviaõ tirados delles com felicidade. Outras vezes faltando agoa, posto em oraçaõ, se naõ abrio fontes em penhascos, como Moysés, abrandou sua supplica a dureza das nuvens para reparar a presente necessidade.

Andava com os doentes ás costas, e pedia para elles.

16 Quando chegava a algum porto, em que havia Hospital, hia assistir, e servir aos pobres enfermos, e a elle levava os que encontrava, ao hombro, quando a enfermidade era tal, que lhes impossibilitava o andar, e gozoso com aquella piedosa carga, hia pelo meyo das Cidades, Villas &c. taõ contente como aquelle bom pastor com a cançada ovelha aos hombros, movendo a compaixaõ os coraçoens de todos os que viaõ aquelle exemplar da piedade Christaã. Com os pobres enfermos gastava o que nas viagens havia forrado, e pedido aos passageiros, e em faltando, sahia a pedir para os pobres enfermos.

Recebia o Santissimo a miudo com devoto respeito, e oraçaõ que lhe fazia.

17 Ouvia todos os dias Missa. Cõmungava duas vezes na semana, e tinha tal devoçaõ, e medo, e huma veneraçaõ taõ respeitosa ao Diviníssimo Sacramento, que se julgava indigníssimo de o receber com mais frequencia. Sahia como fóra de si de gozo, que levava sua alma, o dia que, supprindo o grande amor de Christo a humana indignidade, o admittia por convidado á sua Mesa: *Oh Senhor! repetia* seu fervor, *que grande he vossa fineza! Pois renovando a antiga, e ainda adiantando a, se lá vos deixaveis convidar dos peccadores, e vos sentaveis á mesa, que vos preveniaõ, hoje a mim, que sou o mayor, vós me chamais á vossa; vós me fazonais o prato de vosso precioso Corpo, com vosso Divino Sangue, favor que naõ fizestes aos Anjos, e o concedestes aos homens, ainda que sejaõ taõ ruins como eu sou. Com que pagarei este amor? Com que conresponderei a esta fineza!*

Ancia que tinha de cõmungar a miudo.

18 Nestas, e em outras mais piedosas consideraçoens gastava as manhaãs em que cõmungava, derramando o seu amor muitas lagrimas, ficando com taõ santa fome de tornar a receber aquelle Paõ dos Anjos, que lhe pareciaõ tardos os dias que faltavaõ para outra Cõmunhaõ, crescendo desorte esta ancia, que foy necessario para desafogo do incendido volcaõ de seu peito, que nos ultimos annos de sua vida lhe franqueassem os Superiores a Cõmunhaõ de cada dia, para que a obediencia lhe tirasse os medos, que o seu respeito, e veneraçaõ lhe occasionava, e com ser mayor do que temos ponderado a sua sagrada fome, com tudo isso a grande resignaçaõ, que na vontade de Deos tinha, o fazia viver no mar conforme, nas muitas occasioens que se lhe dilatava a sagrada Cõmunhaõ, satisfazendo áquella sede ardente, que, como a cervo ferido do Divino amor, abrazava seu coraçaõ, com pôr a todas as horas os labios de seus dezejos em aquella doce fonte, contentando-se com cõmungar espiritualmente.

19 Quando se via em terra, hia ao mais retirado dos campos, e embofcado entre as arvores, e espessuras daquellas soledades, affligia com rigorosas diciplinas sua carne, até banhar muitas vezes com seu sangue a terra por seus peccados, que naõ deveraõ de ser muitos, segundo o cuidadoso desvélo de sua vida, desde a primeira idade. Muitos foraõ os trabalhos que padeceo, e em que se vio, dos quaes contaremos alguns, para que conheçaõ os homens os perigos a que se expõem, por caducos, e humanos interesses.

Naufraga hum navio em que navega, e se contaõ os grandes trabalhos, e as grandes fomes, que passou.

20 Sahio de Hespanha em hum Galeaõ, que hia dirigido a tomar porto na Ilha de S. Domingos, o qual foy accõmettido de huns navios inimigos, que com as muitas balas, que nelle disparáraõ, inremediavelmente deo á costa. Dos poucos homens, que escaparaõ do naufragio, foy hum o nosso Gonsalo. Dividiraõ-se por huns dezertos montes, para buscarem algum caminho, que os guiasse a algum lugar de Hespanhoes, ou os puzesse em rumo conhecido, assinalando hum determinado sitio onde se ajuntassem, para proseguir em companhia, com que alleviassem os trabalhos, que podiaõ temer, e se defendessem

dessem dos perigos, que prudentemente podiaõ recear das muitas ferâs, e serpentes, que ha naquellas montanhas. Começou o nosso Gonsalo a vencer a altura destas, naõ pizadas talvez de pés humanos, sem haver encontrado caminho, nem ainda que comer em os dias, em que, segundo o concerto, haviaõ de explorar os montes. Resolveo-se a procurar o sitio assinado, a ver se os companheiros haviaõ tido melhor fortuna; e como naõ achasse algum delles, deo vozes, accendeo fogo, fez grandes fumos, esperou alguns dias, e vendo que nenhum apparecia a procurar o determinado sitio obrigado do final, assentou em que tomaraõ differentes caminhos, e se partio, com a desconsolaçaõ, que lhe devemos presumir, á Divina Providencia, por montes, e valles naõ conhecidos, onde em cada tronco se temia hum tigre, em cada passo huma venenosa cobra, e em cada arvore numerosas bandadas de infestissimos mosquitos, praga, que naquellas partes muito offende aos caminhantes.

Continua.

21 Tendo andado assim sem ordem, nem esperança de encontrar caminho porque andasse gente, ouvio huma vóz humana, que ao principio o medo lhe figurou de algum Caribe, ou fero salvagem; porèm fazendo-o o mesmo temor attender com mais cuidado, reconheceo que eraõ as vozes de hum dos companheiros, com o qual se juntou com reciproca alegria. Foraõ proseguindo o caminho, que ignoravaõ, com immenso trabalho, e interiores afflicçoens, que lhes occasionava o naõ saberem para que parte, e em que distancia ficava a Cidade de S. Domingos, onde dezejavaõ chegar, e o naõ terem cousa alguma com que alimentar-se. O companheiro de Gonsalo naõ só por ficar maltratado das pedras em que o lançaraõ as impetuosas das ondas do mar, senaõ tambem á violencia da fome, exhalou a vida conforme com a vontade de Deos, a diligencias do seu santo companheiro, que vendo naõ podia dar allivio a seu corpo, com santas palavras procurou o remedio da sua alma. Depois de taõ grande golpe, naõ era pequena dor para o attribulado, e desamparado Gonsalo, o ver-se precisado a deixar o corpo do companheiro, entregue á voracidade das feras. Pedio a Deos o remedio, e logo vio junto a hum rio hum foyo grande, que haviaõ deixado as raizes de huma arvore, que havia arrancado a corrente, ao qual levou aos hombros o defunto corpo, que cubrio de areas, e pedras, entre muitas lagrimas que sobre elle derramou.

Cõtinua a narraçaõ de seus trabalhos.

22 Depois de encõmendar-lhe naquelle mesmo sitio a alma a Deos, foy proseguindo em procurar caminho de gente; atravessando rios caudalosos com muito perigo, e trabalho, valendo-se da destreza, que tinha em nadar, contra o rapido das correntes, impellidas da violencia com que baixavaõ despenhados os rios das montanhas visinhas. Assim caminhou, sem poder tomar repouso, muitos dias, pelo medo que lhe causavaõ os bramidos dos tigres, e os espantosos silvos das cobras, que naquellas paragens saõ de grandeza horrivel, sem lhe servir de meyo para o descanço as arvores, porque alli o cercavaõ densos bandos de mosquitos, que lançando-se a elle o deixavaõ todo ensanguentado, por se lhe romper o vestido.

Encontra huns pastores que o encaminhaõ &c.

23 Depois de passar estes, e outros muitos trabalhos, veyo a encontrar com huns pastores, que o agazalharaõ, e alimentaraõ com a sua pobreza, e encaminharaõ para huma Cidade pequena, onde dirigio os passos. e achou hum Convento dos Religiosos Mercenarios, no qual foy tratado com muita piedade. Dalli passou para a Cidade de S. Domingos, atravessando a pé aquella dilatada Ilha, onde procurou outro Convento dos Religiosos Mercenarios, no qual se confessou muitas vezes, e deo conta do que havia passado: e como alli haviaõ muitos Portuguezes, e vieraõ todos no conhecimento das suas grandes virtudes, lhe offereceraõ o habito de N. Senhora, e a sua Imagem, segundo elle disse depois, lhe bradou ao coraçaõ para que alli o servisse; mas, resistindo á Divina inspiraçaõ, determinou embarcar-se novamente em hum navio, que se prepava para Porto Bello, onde chegou com feliz viagem, e

logo

logo que desembarcou, na fórma do seu santo costume, foy encõmendar-se, e dar graças a Deos, e á Virgem das Mercès, que he a devoçaõ mayor que tem os daquelle Porto. Em quanto o navio se detinha em Porto Bello, foy o nosso santo marinheiro á Cidade de Panamá, que fica em dezoito legoas de distancia, a ver huns Portuguezes que alli viviaõ, e a visitar huma milagrosa Imagem de N. Senhora das Mercès, que tambem alli se venera.

Naufraga outro navio em q̃ embarcou, e padece novos, e mayores trabalhos.

24 Naquella Cidade o assaltou huma gravissima enfermidade, que o pôs no ultimo aperto da vida, na qual mostrou os quilates da sua virtude. Alcançou saude milagrosamente por intercessaõ de Maria Santissima, e teve novos pensamentos de tomar alli o seu habito, o que naõ teve effeito, porque o tinha Deos determinado para illustrar o novo mundo do Perú com as suas grandes virtudes. Embarcou-se novamente em hum navio, com o qual deo hum cossario Inglez, que o amedrentou desorte, que cuidaraõ todos na fugida, e em salvar em terra as vidas, e as fazendas, o que naõ succedeo como intentavaõ, pois impellido o navio de hum rijo vento, se fez em pedaços em huma rocha, ficando huns affogados, e outros mortos nas penhas á violencia dos golpes das furiosas ondas. Os poucos, que puderaõ a sahir á terra, encontraraõ mais cruel morte em a inhumana fereza dos barbaros Caribes. Entre esta horrenda confuzaõ guardou Deos a Gonsalo, que havendo fiado sua vida da destreza, com que, nadando muitas vezes em similhantes desgraças, se havia livrado da morte; agora foy caminhando sobre as agoas muito tempo, chegando-o á terra huma onda, quando o arrebatava outra para o mar: em cujas idas, e vindas, ficou taõ cançado, e sem alento, que naõ foy pouco o poder encõmendar a Deos sua alma por meyo de sua Santissima Máy, e Protectora, julgando por indubitavel a morte; e assim clamava a Deos, naõ tanto por conseguir a saude do corpo, que julgava dezesperada, quanto por alcançar a da alma, que era a que sempre havia dezejado. Chegou finalmente a perder o sentido, quando alguma onda, ou algum Anjo o pôs em terra, onde tornando a si se achou só, e em paragem naõ conhecida, vendo no mar os despojos da sua braveza em tantos corpos mortos, quantos lançava á praya.

Continua a narraçaõ de seus trabalhos.

25 Naõ he ponderavel a confuzaõ em que se achou, vendo-se, ainda que livre das agoas, rodeado de manifestos perigos na terra, havendo conhecido era de salvagens a que pizava, pelos barbaros gritos, e outros sinaes de fereza, com que os vio celebrar a desgraça dos naufragantes. Naõ era menor o perigo, que tinha de ser devorado dos tigres, que ao cheiro das carnes mortas, baixaraõ dos montes ás prayas. Com que de huns, e de outros naõ esperava escapar livre o nosso afflicto Gonsalo, que pedindo a Deos misericordia, e ajuda, começou o seu caminho por humas grandes asperezas, entre as quaes subio a huma arvore, com o destino de nella passar a noite. Dalli vio os barbaros, que novamente hiaõ fazer preza nos naufragantes, que os primeiros haviaõ deixado, e que os tigres desciaõ a comer os corpos, que estavaõ pelas areas Vendo se pois livre de taõ imminentes perigos pela piedade de Deos, lhe deo, e a sua Bendita Máy as devidas graças, fazendo-lhe promessas, de que se a sua piedade o tirava com vida daquelles perigos, executaria as luzes, que de deixar o mundo, e de recolher-se ao sagrado da Religiaõ, sua piedade lhe havia dado, tendo por certo, que aquelles trabalhos eraõ em castigo de haver resistido a tantas vozes do Ceo, quantas eraõ as inspiraçoens que lhe dera de deixar totalmente o mundo.

Continua.

26 Assim passou a noite, dormindo pouco, ou nada, fazendo-lhe o aperto, e a devoçaõ, que naõ cessasse de implorar o auxilio de Deos, e o patrocinio de sua Santissima Máy. Fazia varios discursos dos lances, e peregrinaçoens de sua vida; considerava o risco grande em que se achava, depois de tantos trabalhos, e se julgava muito digno de tudo, por naõ haver deixado o mundo quando Deos o chamou. Pedia-lhe perdaõ da sua ingratidaõ,

tidaõ, entre gemidos, e lagrimas; e conformado com a sua vontade Divina, baixou logo que amanheceo da arvore, a que tinha subido, e reparou a muita necessidade que padecia com algumas hervas, e palmitos.

27 Depois de haver caminhado com muito trabalho, veyo a dar em hum rio, que passava junto de hum agrissimo monte, ao qual subio, e no qual pernoitou com mais descanço que a noite passada, porque a conformidade com a vontade de Deos lhe suavizava todo o trabalho. No dia seguinte subio a humas grandes penhas, para descobir o nascimento daquelle rio, que se conhecia era no cume daquella serra, pela qual foy caminhando alguns dias, se bem affligido dos muitos mosquitos, consolado de ter agoas, hervas, e fructas silvestres. Cuja consolaçaõ lhe faltou, logo que achou o nascimento do rio que buscava, que era em humas grandes penhas, a que se seguio huma terra muito secca sem herva alguma, coberta de muito altas, e taõ espessas arvores, que por algumas partes se naõ deixavaõ penetrar dos rayos do sol.

Cõtinua a mesma narraçaõ.

28 Por alli caminhou perto de hum mez, comendo só folhas de arvores, e os mais tenros gomos das suas ramas; o que porèm mais o affligia era a sede, que reparava, chupando o rocio que achava nas folhas das plantas. Alli se lhe acabou o vestido, e o calçado, sendo singular favor de Deos o naõ se lhe acabar tambem a resignaçaõ, e conformidade. Muitas vezes se lhe offerecia á consideraçaõ, que era tentar a Deos o seguir aquelle caminho, que levava, taõ sem esperança de sahir delle; e assim vacillava no que adiante poderia offerecer-se, pois subindo muitas vezes ás arvores mais crescidas, naõ descobria mais que Ceo, e arvores, sem haver podido, com o conhecimento que tinha das estrellas, alcançar a paragem em que se achava, nem o rumo que seguia.

Continua.

29 No fim deste tempo, consumido de tantos trabalhos, bem lavrado seu corpo das picaduras dos mosquitos, e traspassado de fome, e sede, subio a huma bem cercada arvore, donde vio, com grande gozo do seu espirito, no fim daquella dilatadissima montanha ao mar, para onde dirigio os passos, e conhecendo que era o mar do Sul, delle bem conhecido, naõ acabava de dar graças a Deos, e a sua Bendititissima Mãy, repetindo as suas promessas, e ratificando os seus antigos votos. A distancia de povoado era ainda muito grande, os caminhos inhabitaveis, e perigosos; porèm como eraõ ja terras conhecidas, proseguio a jornada pela praya do mar. Accendia de noite, e de dia muito fogo, naõ só para assar alguns peixinhos, que lançava o mar, senaõ tambem para que fosse visto, e soccorrido de algum navio, ou barco, por ser aquelle sinal frequente grito, com que os que se vem em similhantes apertos, chamaõ a piedade dos passageiros a que os soccorraõ.

Descobre caminho conhecido.

30 Neste tempo determinado a executar a vóz de Deos, que tantas vezes o chamava por meyo de sua Santissima Mãy, se resolveo a seguir a Divina vocaçaõ no estado Religioso: mas como naõ houvesse percebido as claras vozes, com que a Virgem das Mercès o chamava á sua Religiaõ, estava resoluto a entrar na do Glorioso S. Francisco, a que sempre teve particular inclinaçaõ; porèm como a Virgem das Mercès queria que o servisse na sua Religiaõ, lhe appareceo vestida da Candidez do habito Mercenario, acompanhada de dous Religiosos Veneraveis, que naõ conheceo, a qual lhe declarou era sua vontade seguisse aquelle Instituto Mercenario. A alegria, que lhe occasionou tal desengano, e favor taõ estupendo, naõ podem haver palavras com que se exprima.

Maria Santissima lhe apparece, convidando-o para tomar o seu habito das Mercès.

31 Finalmente, passado quasi outro mez de trabalhos, e de penalidades, e pouco depois do apparecimento de Maria Santissima, se chegou hum navio á praya, no qual embarcou Gonsalo com a vóz taõ trocada, a barba, e cabellos taõ crescidos, a carne taõ tostada, e denegrida, que mais parecia salvagem, que homem, causa porque seus mais intimos amigos o naõ conheciaõ, e só pelos sinaes que dava do que haviaõ passado, se capacitavaõ a que

Naõ o conhecem seus amigos &c.

a que era quem dizia, e se lastimavaõ das tragedias da sua vida, que ainda eraõ mayores do que aqui contamos, e do que elle mesmo lhes podia explicar.

Notem.

32 As peregrinaçoens de Abraham, disse Philo Hebreo que haviaõ sido exames, que Deos fazia da sua grande virtude, especialmente da sua prompta obediencia, e huma preparaçaõ de seu espitito, para que subisse a tal altura de perfeiçaõ em suas grandes maravilhas. O mesmo devemos dizer do nosso Gonsalo, a quem amou Deos desorte, que para gozar se em sua conrespondencia, sem que no seu coraçaõ tivesse parte o mundo, quiz primeiro que em tantas miserias, e trabalhos o deixasse vazio o desengano de todos os affectos ao terreno. Que assim explicaõ alguns Santos aquella resoluçaõ de Christo aos Judeos, que consultando de que se era licito dar tributo a Cesar, respondeo: *Dai a Cesar o que he de Cesar, e a Deos o que he de Deos.* Como dando a entender, que para nos entregarmos a Deos deveras, havemos de ter rematado contas com o Cesar, que he o mundo; porque em deixando no coraçaõ alguma cousa, que liquidar com elle, naõ acabaremos de tomar como se deve o caminho da perfeiçaõ.

Chega ao Porto de Calhão, onde o choravaõ morto.

33 Chegou o nosso Gonsalo ao Porto do Calhão, duas legoas da grande Cidade de Lima, Emporio dos dilatados Reynos do Perú, sujeitos á Monarchia de Castella. Alli foy recebido de todo aquelle povo com universal contentamento, porque sendo a mayor parte de seus visinhos gente, que trata do mar, de todos era muito conhecido, e amado pelo seu bom trato, e conrespondencia, e estimado pelo exemplo de virtude, que a todos dava; e porque o haviaõ chorado morto, recompensavaõ seus sentimentos com as alegrias da sua vida: mas elle dizia a seus amigos, que naõ se enganaraõ, porque elle havia morrido para o mundo, e que só havia de procurar viver para Deos, emendando na nova vida, que pertendia fazer, os muitos erros da passada; e isto dizia com tantas lagrimas, e com taes demonstraçoens de penitencia, que enterneciaõ a quantos o ouviaõ, dizendo huns aos outros: *Se isto publica de si hum homem, a quem sempre hemos conhecido de inculpavel vida, que será de nósoutros!*

Notem a humildade com q̃ pedio o habito da Mercè.

34 Foy ao Convento de nossa Senhora das Mercès do mesmo Porto de Calhão, a quem tinha dado por vezes muitas esmólas, e depois de dar graças a Deos, e a Maria Santissima Padroeira delle, procurou ao Prelado, e lançado a seus pés diante de muitos Religiosos, lhe fallou assim: *Padres, naõ trago hoje nada que offerecer vos, porque o mundo me tirou o pouco que trazia: ainda este vestido me haõ dado de esmóla: o que trago he hum fervoroso dezejo de offerecer lhe em mim hum rendido escravo, que servirá com fidelidade a este santo Convento atè á morte. Eu tenho entregado em as maõs da Mãy de Deos, em esta Imagem das Mercès, o meu coraçaõ, pelas muitas que me ha feito; e sei que o ha recebido, porque he o dom que mais lhe agrada. Pois, Padres meus, como andará o corpo lá por fóra sem coraçaõ! E assim lhes peço, pela Virgem Santissima sua Mãy, me recebaõ na sua santa Casa, e me admittaõ em sua companhia, com o habito, ou sem elle, no traje que quizerem.*

Continua a supplica que fez para lhe darem o habito.

35 *Olhem para mim como para o filho prodigo, pois ha muitos annos que Sua Magestade, entre as muitas mercès, que em mim ha executado, a mayor ha sido escolher-me por seu filho, e que eu, como taõ máo, ha outros tantos que desprezo os seus santos chamamentos, e sagradas vocaçoens, gastando com o mundo a preciosa joya do tempo, e da idade, que meu Deos me concedia. Atèque, vendo a minha esquivança, me rendeo a desnudez, sede, e fome. Assim reconhecido, venho a ser hum dos seus Mercenarios. Muito a tempo me chamou Deos á sua vinha, porèm eu hey esperado para a ultima hora, e ainda a esta me admitte, e me envia a trabalhar na herdade de sua Mãy. Naõ me desprezem pois, Padres Veneraveis, pois aquelle Soberano Senhor, que me traz, a todos admittio, e deo igual premio: eu naõ quero outro, senaõ servir a minha Mãy a Virgem Maria*

em

em sua Casa. Sem vontade propria estou, dezejando que só se faça em mim a dos Superiores, e dos mais Religiosos, que a todos venho a servir com mais humildade, e rendimento, que hum escravo negro da Virgem das Mercès.

36 Todos os Religiosos o estiveraõ ouvindo com a attençaõ, e ternura, que merecia sua humildade, e logo lhe deraõ o habito, se naõ fora precisa licença do Provincial, que estava no Convento de Lima, a quem deraõ parte da sua pertençaõ, e virtude, á vista da qual mandou que fosse a Lima, onde o mandaraõ os Religiosos de Calhão, bem receosos de que o Convento de Lima quizesse reservar para si peça de tanta estimaçaõ, e naõ foy vaõ o seu receyo, pois o Provincial admirado do seu bom juizo, e prudencia, e bem informado do seu grande espirito, o mandou ficar no Convento de Lima, onde lhe lançou o habito, depois de provar a sua vocaçaõ por alguns dias, que esteve exercitando no habito de secular os ministerios mais humildes, e trabalhosos da Cõmunidade.

Recebe o habito no Convento de Lima.

37 Naõ he dizivel o gozo, que recebeo Fr. Gonsalo, vendo-se no estado, de que com verdadeira humildade se achava indigno, e ainda que os da sua idade [tinha mais de 50. annos] difficilmente se amoldaõ á religiosa disciplina, especialmente ás puerilidades de hum Noviciado, onde se criaõ os meninos, sendo sempre mui difficultoso, e cousa rara, fazerem-se áquelle trato os homens de caãs, criados nas larguezas, e liberdades do mundo: mas Fr. Gonsalo, desde o primeiro dia que tomou o habito, começou a ajustarse desorte, que executava com alegria as cousas, que ainda para os de pouca idade pareciaõ pezadas, despedindo de si a fragrancia das virtudes religiosas, como se desde menino se houvera criado naquelle estado.

Novicia de 50. annos.

38 Como se havia criado em vida taõ trabalhosa, lhe naõ fez novidade a aspereza do Noviciado. Estava costumado a dormir no chaõ, e assim lhe pareceo demasiado regálo huma tarima, que lhe deo seu Mestre, mandandolhe que naõ dormisse em huma esteira sobre a terra, como fazia. Passava a mayor parte da noite em oraçaõ na Capella do Noviciado, ja de joelhos, ja prostrado, e ja com os braços postos em Cruz. As suas diciplinas eraõ taõ rigorosas, que ao principio atemorizavaõ a seus companheiros. Tres eraõ as ordinarias de cada noite: a primeira no principio da oraçaõ, outra ao amanhecer, e a terceira, quando fatigado, e rendido pedia treguas em o devido somno seu corpo, e quando o molestava, e importunava muito, lhe respondia com huma sanguinolenta diciplina; e chegou a triunfar da paixaõ do somno desorte, que até á sua morte só concedeo á natureza por tres horas este tributo, e assim lhe sobrava tempo para si, para a sua Cõmunidade, e para seus proximos. Ainda que tantas vezes rendido, naõ desistia o demonio, infundindo-lhe muitas vezes nas occasioens de mais publicidade grandes somnolencias, para que, compadecidos os Prelados, o mandassem dormir o necessario.

Das grandes asperezas com que se tratava.

39 Nestas occasioens se defendia Gonsalo, dando golpes nas partes onde eraõ mais agudas as pontas dos cilicios, e picando-se com altinetes, para que a força da dor o despertasse. Outras vezes corrido o inimigo de naõ poder vênce-lo, arremettia-lhe, e o arrastava, dando-lhe tantos golpes, que o deixava muitas vezes por morto, e ao ruido acudiaõ os companheiros, ficando o Servo de Deos muito corrido de naõ poder occultá-lo.

Atormentava-o o demonio.

40 Dando lhe seu Mestre logo que entrou no Noviciado as ordinarias faixas de ferro, e hum gibaõ de asperas pelles, para exercitar-se em mortificaçoens, naõ lhe pareceo que era aquillo bastante para que se saciasse o dezejo, que em si sentia de mortificar-se. Perguntado pelo Mestre dos Noviços, o como se achava com aquelles penitentes instrumentos; respondeó: Que aquillo era bom para seus companheiros, que eraõ meninos, e delicados, e naõ para elle, que tinha muito duras as carnes, e necessitava, para sentir, instrumentos mais fortes, e penetrantes. Vendo o Mestre o seu agigantado espirito, lhe per-

Cilicios de que uzava.

mittio uzasse de hum jibaõ de rede, tecido de grossos fios de ferro, com rozetas da mesma materia; este vestio sobre as carnes o nosso bendito penitente, mais contente com aquella galla, que hum Principe moço com huma resplandecente purpura.

Resposta, que deo ao Superior, que o aconselhava á moderaçaõ nas penitencias.

41 Perguntado pelo Superior pelo tempo que trazia aquelle aspero cilicio; respondeo: Padre, o Soldado de Christo naõ ha de deixar até á morte as armas; porque sendo as da penitencia defensa da alma em quanto se vive, sempre está ameaçando o perigo; e dizendo-lhe o mesmo Prelado, que naõ se atormentasse tanto, como lhe diziaõ o fazia, porque perderia a saude, e a vida &c. lhe disse: *Eu, Padre nosso, sou o Mercenario, que chamado tantas vezes á vinha do Senhor, esperei a ultima hora para vir ao trabalho: que será de mim, se naõ fizer mais que os que desde o amanhecer naõ haõ soltado da maõ a enxada em seu serviço. Mal se me dará igual premio com meus irmaõs, se, chegando ao anoitecer da vida, naõ procurar reparar o tempo perdido. Eu naõ hei vindo a viver ao gosto dos outros, senaõ ao que for mais conveniente para minha alma. Reconheço em mim grande culpa, de haver tido muito tempo, e occasioens de ser bom, e o naõ haver sido, e de me haverem servido as más obras de exemplo, e naõ de escarmento; e assim agora, que tenho tantas bôas aos olhos, deixem-me recuperar o tempo perdido. Eu espero na intercessaõ de nossa Santissima Mãy, que me naõ ha de faltar a saude para servir ao seu Convento, como atègora se ha experimentado; e assim peço a V. Paternidade humildemente, que naõ creya o que os Religiosos publicaõ, porque estaõ enganados em muito do que dizem, e como saõ taõ bons, julgaõ de mim o que naõ sou, nem alcançaõ as forças, que eu tenho, pois saõ tantas, que pudera executar, sem perigo, o que devia fazer, e elles cuidaõ que obro.*

De como o demonio o tentava para naõ professar.

42 Com o mayor jubilo da alma se dispunha o nosso santo Noviço para a profissaõ, augmentando as penitencias, e a oraçaõ, e nem lhe faltaraõ neste tempo perseguiçoens do demonio, que vendo chegava ja aquella humilde pedra ao amado centro da sua perpetuidade, com a velocidade que costuma a natural, quando se chega ao appeticido lugar da sua quietaçaõ, procurava, por quantos meyos alcançava a sua inveja, embaraçar a dita que o esperava. Humas vezes lhe propunha interiormente, para mais o inquietar, o estado de tanto abatimento a que com laço indissoluvel se atava, o como devia procurar que ElRey lhe pagasse os serviços, que lhe tinha feito nas Armadas em que andara, para descanço da sua velhice. Outras vezes lhe lembrava (para o fazer desvanecer) dos muitos serviços, que a Deos tinha feito no mar, e o como era mais accertado o hí los continuar, porque no Convento se naõ carecia da sua doutrina, e do seu exemplo. Vendo porèm, que nada obrava com estas tentaçoens, entrou na de querer persuadí-lo a ir para hum dezerto, com o pretexto, de que ficaria assim a sua virtude mais izenta do perigo da vaidade, a que estava exposta entre os Religiosos daquelle Convento, e o povo da Cidade, que o tratavaõ, e veneravaõ santo. Vendo-se pois o bendito Noviço summamente afflicto, recorreo a Maria Santissima, para que lhe valesse, e arrojou com as vozes de Christo ao demonio: *Anda Satanáz ao inferno, que ja te hei conhecido.*

Maltrata o o demonio.

43 Ficou taõ envergonhado o inimigo, que manifestou bem a victoria de Gonsalo, pois como o caõ ferido da pedra, cura a sua dor com mordè la, e como vibora pizada, que pega com o dente no çapato que a esmagou; assim o demonio desaffogou a ira, que contra Fr. Gonsalo tinha, em o máo tratamento de seu corpo, pois dando lhe muitas pancadas, o deixou por morto, com tal raiva, que foy sem o ruido, que outras vezes costumava fazer; porque naõ acudissem seus companheiros a tirá lo das maõs do seu furor, sendo sua ira fogo de arcabuz, carregado com polvora moida, que dá o golpe sem estrepito, e fere sem estampido.

44 Antes de professar, teve hum rapto, em que a Divina Bondade de Deos

Deos, lhe cõmunicou a felicidade, que tinhaõ alcançado os Bemaventurados, o que deo a intender ao seu Prelado por lhe pôr obediencia, dizendo: *Padre, se assim obra huma alma, se assim se goza em quatro dias, que se ha desembaraçado dos exercicios corporaes cá na terra, que será no Ceo, onde agora estaõ os Justos livres desta pezada carga do corpo, e depois da resurreiçaõ, ainda que em carne, sem os estorvos da carne, como se naõ fora de taõ vil materia! Com que fervor amaráõ aquella Bondade Immensa! Arrojar-se-haõ seus coraçoens em aquelle immenso pelago de formosura; e, maripozas racionaes, solicitaraõ abrazar se, ja que naõ podem consumir se, naquella fogosa chamma. Com que viveza conheceráõ aquella verdade eterna! Oh Deos! Oh Bondade Infinita! Que bem fizestes em naõ pôr termo à perpetua felicidade daquelle estado! Quem dezeja no mundo vida, sendo só aquella a verdadeira! Quem anhela na terra por honra! Quem se desvèla por fazenda, quando alli se achaõ todos com coroas, que naõ tem fim; com purpuras, que naõ consome o tempo, e com riquezas verdadeiras, que naõ arrebata a morte, nem consomem os infortunios! Ditosos os que com as suas muitas penitencias encurtando desta vida caduca os voos, acceleraõ aquella Gloria.*

Teve hum rapto, no qual lhe communicou Deos a felicidade dos Bemaventurados.

45 Com estas, e outras muitas cousas, que disse o favorecido Gonsalo, ficou seu Prelado sagradamente invejoso, vendo com quaõ claras luzes cõmunicava Deos á ignorancia dos pequenos, e humildes da terra, os secretos escondidos do Ceo, de quem diz o Apostolo S Paulo: que nem os olhos jamais viraõ, nem os ouvidos perceberaõ, nem no coraçaõ humano cabe o conceito daquella felicidade, para poder dizer o que se vê, o que se ouve, e o que se percebe, como he, segundo o muito, que a Divina bondade tem guardado para os seus na Gloria.

46 Chegado o dia da profissaõ, concorreo a ella povo innumeravel, e pessoas ricas, e de distinçaõ, e sabendo a grande pobreza do professante, solicitaraõ huns devotos ser seus padrinhos, [como naquelle Reyno se uzava] para o soccorrerem em suas necessidades, offerta, que o Servo de Deos naõ admittio, dizendo, que havia escolhido ja por seus padrinhos a Christo, e a Maria Santissima, e menos admittio as camas, habitos, e outros preparos que lhe mandaraõ para a cella, dizendo, que do que a Religiaõ lhe dava, que lhe havia de sobrar muito, e que elle só havia de vestir na Religiaõ dos habitos que seus irmaõs deixassem. Professou a 10. de Outubro de 1604., e aos votos que fez na profissaõ, conforme o uso daquella Religiaõ, accrescentou: *Y poner mi vida por qualquiera cautivo Christiano, que estuviere en poder de Moros.*

Professa, e se ha com dezapego digno de notar.

47 Sem embargo de que Fr. Gonsalo naõ havia tido experiencia alguma de agricultura, o mandaraõ os Religiosos cuidar na administraçaõ de humas fazendas, que tinhaõ perto do Convento, nas quaes trabalhavaõ alguns escravos. Estimou muito a occasiaõ, como quem dezejava de proseguir naquella soledade mais tempo no trato com Deos; a quem deo muitas graças, e disse ao demonio: *Olha nescio quaõ bom he Deos, pois havendo professado na Religiaõ de sua Mãy, me dà o retiro, e soledade, com que a tua malicia procurava apartar-me deste ditoso estado, e Sua Magestade mo offerece sem o grande custo, que tu lhe promettias.* Com que ficou a invejosa serpente taõ corrida, que dissimulou por algum tempo a sua sanha.

De como o mãdaraõ cuidar em hũa fazenda, e do que disse ao demonio.

48 Ainda que haviaõ muitos escravos negros para o trabalho, e elle só hia para governá-los, em nada quiz parecer amo, senaõ obrar como se fora hum daquelles humildes servos, a quem alentava ao trabalho, naõ com vozes, ou ameaças, sim com a sua apacibilidade, e com o seu exemplo, sendo o primeiro que pegava na enxada, no machado &c. e que carregava com a mais pezada carga. A poucos dias de exercicio soube governar os boys, reger o arado, semear, e cegar como os mais destros lavradores. Se via a algum escravo rendido, e enfadado, lhe tirava da maõ o instrumento, e dizia: *Filho,*

De como trabalhava tambem na fazenda, exhortava, e tratava aos escravos.

descança, que nos importa tua saude, e vida pois com o teu suor, e fadiga sustenta Deos tantos Ministros do seu Altar, como estaõ occupados de dia, e de noite em seus louvores naquelle santo Convento. Nósoutros, que naõ valemos nada para isso, hemos de ajudá-los com o trabalho de nossas maõs, ja que elles nos ajudaõ diante de Deos com as suas oraçoens. Quando via a algum enfermo, o naõ deixava sahir ao trabalho, e elle hia supprir a sua falta, e lhe dava de comer, e regalava pelas suas proprias maõs: e como aquelles miseraveis Indios, e escravos viaõ huma humanidade nunca com elles praticada, todos se alentavaõ ao trabalho mais do que aquillo que lhes encarregava.

Continua.

49 Dava-lhes continuamente conselhos saudaveis, tirava-os de algumas vaãs superstiçoens, que traziaõ de seus mayores. Todas as noites os juntava a rezar o Rozario da Mãy de Deos, e os aconselhava se prevenissem com o Acto de Contriçaõ antes de se deitarem a descançar. Naõ permittia que trabalhassem cousa alguma nos dias de festa, senaõ que descançassem dos muitos da semana, e dessem a Deos graças por lhes haver dado vida, e saude aquelles dias. Naõ permittia que se dessem aos Indios, e pretos os tratos crueis, que costumaõ dar lhes homens deshumanos. Procurava fosse sempre Confessor o Sacerdote, que hia dizer a Missa, para que o confessasse a elle, e aos cativos, aos quaes ensinava, e explicava a doutrina, e as verdades Catholicas o mesmo Padre nas tardes dos dias santos, a pedido do zeloso Fr. Gonsalo. Os serviços, que este fazia a Deos naquella occupaçaõ, serviaõ para o diabo do mayor tormento, causa porque procurava por todos os meyos, que podia, dar á execuçaõ o seu infernal odio. Perseguia-o naquella soledade, ja escondendo lhe as diciplinas, e cilicios, ja dando lhe varias vezes muitos golpes, ja cobrindo de sinaes apparantes os fructos, desorte, que todos lhe diziaõ estava malogrado o trabalho; porèm como o Servo de Deos sabia donde lhe vinha o mal, lançava a bençaõ nos fructos, e se descobria o engano, com grande credito da sua virtude, que approvava o Ceo com favores singularissimos. Ora attendaõ para o seguinte.

Persegue-o o diabo &c.

50 Indo o Servo de Deos para hum olival colher azeitona, o vio hum Religioso conversar com huma mulher, cousa que elle naõ costumava, e em sitio tal, que escandizara ao tal Religioso, se naõ tivera hum grande conhecimento da sua summa modestia. Com tudo, sempre deo parte ao Prelado de como vira ir conversando ambos com muita lhaneza, e affabilidade, e sem embargo de que o Prelado lhe naõ deo credito, pela muita segurança que tinha da virtude daquelle seu subdito, o chamou, e perguntando lhe pelo mysterio, respondeo muito humilde, e envergonhado: [vendo que Maria Santissima queria descobrir-se] *Que ainda que elle era taõ máo filho, era a Virgem Santissima bõa Mãy: e assim era a Mãy de Deos, que sempre o acompanhava.*

Maria Santissima o acompanhava.

51 Vendo-se muito estimado de muitas pessoas nobres, que tinhaõ quintas naquelle sitio, e que sabiaõ as maravilhas, que Deos por elle obrava, pedio ao mesmo Senhor incessantemente o livrasse daquelle tormento, que sua humildade padecia. Ouvio-o a Bondade de Deos, que lhe enviou huma febre, que o precizou a passar ao Convento de Lima, onde, depois de convalescido, foy eleyto por Porteiro do mesmo Convento, em cuja occupaçaõ luzio com o heroico de suas virtudes, sobresahindo entre todas a sua abrazada caridade, a sua paciencia, e mansidaõ, purificadas em o crysol da paciencia, taõ necessaria em hum Religioso Porteiro, pelos muitos lances, que alli a contrastaõ. Na occupaçaõ de Porteiro adquirio o nome de santo, que haviaõ começado a dar-lhe no campo a fama das maravilhas, que por elle havia obrado nosso Senhor, nas fazendas dos Cidadaons nobres de Lima, pois soccorria aos necessitados, naõ despedindo a nenhum sem consolaçaõ; porque ainda que eraõ muitos os pobres, para todos tinha, sendo vóz commũa, e certa, que acabada muitas vezes a esmóla, obrigado da necessidade

Enferma, e vay para Porteiro do Convento de Lima.

dos mais pobres que occorriaõ, voltava ao sitio em que guardava o paõ, e o achava provido, tendo-o deixado exhaurido. Dos milagres da sua caridade fallaremos adiante.

52 Edificava a todos com a sua modestia, devoçaõ, mansidaõ, e paciencia; virtudes que lhe eraõ muito necessarias, para soffrer diversissimos genios de vagabundos, e pobres ociosos, que por lhe dar com as esmólas saudaveis conselhos, em ordem á sua salvaçaõ, de que elles, ainda que naquella miseria, andavaõ descuidados, se irritavaõ contra elle, dizendo-lhe palavras atrevidas, e nomes injuriosos, mas a tudo estava como huma incontrastavel rocha, dizendo aos que o maltratavaõ de palavras: *Filhos, tenhamos todos paciencia: eu soffro tudo de bõa vontade, porque conheço que essas vozes naõ saõ vossas, senaõ do demonio nosso inimigo, que procura perder vos, e perder me. Vósoutros vos deveis conformar com a vontade de Deos, que vos ha posto nesse estado por castigo de vossas culpas, e especialmente de vossa soberba; e se naõ vos emendais, como quereis achar perdaõ, e misericordia? Se o fizeres, Deos, que cuida das aves do campo, reparará vossa necessidade, e se naõ, cá vivireis com miseria, e lá com eterna pena.* Finalmente, fazia-lhes estas, e outras exhortaçoens com tanto espirito, que converteo a muitos pobres na portaria.

Paciencia com que soffria aos pobres, e exhortaçaõ q lhe fazia.

53 Como a Cidade de Lima era opulentissima, eraõ muitos os homens nobres, e ricos, que o procuravaõ, e que lhe davaõ grandes esmólas para repartir, a seu arbitrio, pelos necessitados da mesma Cidade. Muitas vezes estando no portaria com pessoas de authoridade, as deixava por ir remediar a algum pobre, ou consolar a algum negro, ou negra, o que edificava ás mesmas pessoas; pois os seculares prudentes, que buscaõ aos Religiosos pelo bem de suas almas, naõ esperaõ delles os vaõs cumprimentos do mundo, e mais os atrahe, e edifica a santa lhaneza, com que em o mais doce da conversaçaõ se levantaõ, e os deixaõ, por irem á vóz do sino, que os chama, ou a algum exercicio de piedade para que os convidaõ.

54 Aos ricos, que sabia eraõ esmoleres, lhes ponderava a grande felicidade, que nesta vida tinhaõ os caritativos, e as muitas graças, que deviaõ dar a Deos, por lhes levar ás maõs occasiaõ de exercitá la: *Porque a esmóla* [dizia] *borra da alma os peccados, dando Deos pelas oraçoens daquelles pobres soccorridos seus auxilios, para fazerem penitencia: que a esmóla apaga todas as chammas, que levantaõ no nosso coraçaõ os appetites: que nos livra de muitos perigos, que naõ conhecemos. que era huma luz, que nos mostrava os tropeços do corpo, e alma; e finalmente que era o cofre mais seguro, pois o dinheiro, que nelle depositavaõ, nunca podia faltar, nem podia temer-se quebra na caixa dos thesoureiros de Deos, e assim fazendo se acredores do seu cabedal podiaõ pedir-lhe com confiança, e esperar com segurança.* Outras muitas cousas dizia aos esmoleres, que ainda que desta virtude eraõ vulgares, sahiaõ da sua boca com tal virtude, e efficacia, que todos confessavaõ naõ haviaõ ouvido taõ celestial doutrina nas bocas de Prégadores muito doutos.

Do que dizia aos Esmoleres.

55 Eraõ as esmólas, que lhe davaõ, para repartir, com tanta abundancia, que fez da sua cella hum armazem de çapatos, meyas, camizas, chapeos, vestidos, e mantos, com o que estava o mais contente homem do mundo, vendo quaõ liberalmente Deos lhe havia dado com que dezaffogar o animo generoso, que sempre teve de dar ao proximo o de que necessitava. Para os pobres mendicantes preparava todos os dias huma olha, com todo o aceyo, que dava em hum aposento, que tinha preparado com toalhas, guardanapos, e o mais necessario, aos soldados, e Hespanhoes pobres pelo meyo dia, e pouco depois dava aos mais pobres na porta do carro outra olha, assinalando differentes horas para os homens, e para as mulheres. Antes que começassem a comer, se punha de joelhos com todos os pobres, com os quaes dizia as principaes oraçoens da doutrina Christaã. No fim, fazia dar a Deos as graças, e depois os despidia, dando-lhe santos conselhos, em ordem á conformidade

De como se havia com as esmólas dos pobres.

formidade com a vontade de Deos, e a que fossem agradecidos ao mesmo Senhor, naõ o offendendo, pois lhes dava de comer sem lhes custar o menor cuidado, cousa que naõ logravaõ muitos ricos. Mandava, e levava olhas a muitas casas da Cidade, que dellas careciaõ, e se admirou muitas vezes o prodigio de no mesmo tempo se achar em varias, e distantes partes soccorrendo aos pobres, como escreve por vulgar o Author da sua vida, e Chronista da sua Religiaõ.

56 Do Convento de Lima, onde estava muito estimado, e favorecido dos Religiosos, e dos Cidadaons, e mais povo daquella Imperial Cidade, que he das mais ricas do Universo, foy mandado para o Convento de Calhão, [porto maritimo] onde foy recebido dos Religiosos daquelle pobre Convento, com gosto igual ao desgosto, que tiveraõ os de Lima com a sua mudança, a qual elle tinha profetizado na occasiaõ em que a elle foy pedir o habito. Universal foy tambem o gosto, que teve o povo de Calhão com o terem por visinho, o qual demonstraraõ com o irem procurar como a hum homem, que a fama, e a experiencia publicava santo. Estava o tal Convento por acabar, e taõ pobre, que naõ tinhaõ para o ordinario gasto de muito poucos Religiosos, que nelle assistiaõ; porèm depois que para elle foy o Bendito Gonsalo, cresceraõ as esmólas desorte, que lhe deo o Prelado licença para gastar a metade pelos pobres envergonhados, e depois para que repartisse por estes, e pelos mais que lhe parecesse, tudo o que sobrasse do sustento do Convento, e dos gastos da Sacristia. Elle o fazia da mesma sorte, que o fazia em Lima, para onde mandava tambem grandes esmólas a pessoas, que tinha por seus roes, e que corriaõ por conta da sua piedade.

No Convento de Calhão para onde passou, o injuriavaõ alguns pobres.

57 Ja dissemos, que a multidaõ de pobres, que hiaõ á portaria de Lima pedir esmólas, lhe davaõ grandes occasioens em que exercitasse a paciencia, e agora dizemos: que na portaria do Convento de Calhão naõ teve menos occasiaõ de qualificar a firmeza desta virtude, pois encontrou alli muitos daquelles, a quem o mesmo bem ensoberbece; e julgando que o soccorrê-los he divida, e naõ piedade, dezestimaõ ingratos a liberal maõ, que os favorece; e estes o reprehendiaõ, se talvez a esmóla lhes tardava, dizendo-lhe, que elle lhes naõ devia demorar, e regatear aquelle pequeno soccorro, pois naõ era elle o que lho dava. Outros lhe diziaõ: que naquelle bem, e esmóla, que lhes fazia, elle era o mais interessado, pois á conta daquelle pouco, que lhes dava, enriquecia o seu Convento; porque a titulo de que cuidava em alguns pobres, a piedade dos ricos, e poderosos andava com elle taõ franca. Outras muitas cousas similhantes lhe diziaõ os pobres, que naõ seraõ difficeis de crer dos que por piedade, ou por obrigaçaõ se exercitaõ no soccorro de similhantes necessitados, ou dos que fingem o saõ.

De como exhortava, e desculpava os pobres.

58 Nestas occasioens campeava mais o manso, e soffrido do Servo de Deos, procurando com hum rosto aprazivel, e com a boca cheyo de rizo desagastá los, pedindo-lhes perdaõ da tardança, e desculpando-se com muita humildade. Outras vezes dizia: *Gloria seja a Deos, filho meu: Deos seja Bendito, e louvado sempre. De-lhe muitas graças, pois lhe envia este soccorro, e se se ha detido a sua liberal maõ, he para que mereça com a espera.* Se algum ouvia, e se agastava contra o desconhecido pobre, o socegava dizendo: *Naõ póde mais o pobrinho, a força de sua necessidade o fez fallar.* Demos nósoutros graças a Deos, que naõ nos há posto em similhante trabalho. Soffsamos do pobre a impaciencia, para que elle soffra a nossa tardança. Que nos agradecerá Deos, se naõ soffrermos as imprudencias dos pobres! Muito desgraçado fora o pouco trabalho, que nisto pomos, e malogrado o tempo que nelle gastamos, se no agrado, com que nos recebe o pobre, puzermos a esperança do premio; mais generoso há de ser o nosso anhelo; e se Deos permitte que o pobre o naõ estime, he porque Sua Magestade quer dar-nos per si toda a paga: e assim com estes pobres soberbos, ingratos, e desconhecidos, se mostrava

ſtrava mais carinhozo, e lhes aſſiſtia com mais cuidado. Dizendo-lhe alguns amigos, que os tratava aſſim, porque os temia, reſpondia: *Sim em verdade, porque temo naõ percaõ a ſanta conformidade, que nos ſeus trabalhos, e enfermidades devem ter; e aſſim hemos de acudir-lhes com mais diligencia, por ſua fraqueza, que aos que Deos há feito em ſuas miſerias fortes.*

59 A devoçaõ, que todos tinhaõ ao noſſo Gonſalo, era deſorte, que em cahindo algum enfermo, logo pedia que o chamaſſem, pela fama publica que corria dos muitos milagres, que Deos em taes apertos fazia por ſua interceſſaõ. Quando lhe davaõ o recado, perguntava ſe eſtava o enfermo confeſſado, e como lhe reſpondeſſem muitas vezes que naõ, com o pretexto de que no dia antecedente eſtava bom, e de que naquella noite tivera a primeira quentura; tornava a perguntar ſe haviaõ chamado o Medico, e dizendo lhe que ſim, entrava a reprehender o deſcuido dos mortaes, com o que tanto importa, como he a ſaude da alma, e o deſvélo com que andaõ pela do corpo, ſendo taõ differente o intereſſe, pois em hum ſe arriſca huma eternidade de vida, e em outro ſe procura a caduca, e perecedeira, que, ſe hoje ſe conſegue, á manhaã ſe acabará. Dizia lhe: pois ſe hontem eſtava bom, que ſabem ſe hoje morrerá? Se a noite paſſada foy a da primeira quentura, quem os aſſegura, que naõ póde vir a morte com a ſegunda, ſendo em tal creſcimento, que antes que venha o Confeſſor, eſpire o enfermo, e cheguem tarde as diligencias da ſaude da alma. Que ao ponto que Lazaro ſe ſentio enfermo, enviaraõ ſuas Santas Irmaãs hum papel a noſſo Senhor Jeſus Chriſto, e quando chegou ja havia eſpirado. Chamaõ-me para que peça a Deos pela ſua ſaude, pois para que Sua Mageſtade me ouça, naõ ſeria bom haverſe primeiro reconciliado com elle das offenſas, que lhe tem feito?

Era chamado dos enfermos aos quaes exhortava á penitencia.

60 Cada dia ouvimos nos pulpitos, que eſtando enfermo ElRey Ezequias, e ſabendo Deos que lhe havia de dar ſaude, naõ obſtante lhe enviou hum Profeta dizendo-lhe, que daquella enfermidade havia de morrer, naõ porque receaſſe contingencia a ſumma infallibilidade de hum infinito ſaber, ſim porque com as ſuas lagrimas ſe purgaſſe da ſua ingratidaõ, que era a cauſa da ſua enfermidade, e reconciliado com Deos pela confiſſaõ, que havia de fazer da ſua culpa, ſe fizeſſe digno de que o meſmo Senhor lhe deſſe milagroſa ſaude. Se o Medico deſtro, no principio de huma grave enfermidade, minora o corpo para limpar aquella primeira regiaõ que eſtá gravada, porque no principio naõ haviamos de minorar a conſciencia, purificando a principal regiaõ, que he a alma, pois he mais perigoſo o ſeu embaraço. Neſcia couſa he o cuidarmos que he goſto de Deos, ou favor da ſua piedade, que o peccador deixe o confeſſar-ſe para o ultimo alento da vida, ainda que ſeja milagre da ſua grande miſericordia, que de tempo a quem malogrou tantos tempos, como dizia David, vendo que Deos lhe eſperou, havendo eſtado hum anno impenitente. Eſtas, e outras couſas ſimilhantes dizia o Veneravel Padre com tal eſpirito, e efficacia, que conſolava aos enfermos, perſuadia-os á conformidade com a vontade de Deos nas penalidades, que trazem comſigo as enfermidades, e a fazerem confiſſaõ de ſeus peccados no principio das enfermidades, nas quaes finalmente os viſitava muito a miudo, com cujas viſitas, e com o toque de ſuas maõs recuperaraõ milagroſa ſaude innumeraveis enfermos, e tiveraõ felices ſucceſſos nos partos muitas mulheres; o que tudo conſta das vidas, que delle eſcreveraõ varios Authores, e principalmente da que eſcreveo diffuſamente o Meſtre, e Chroniſta Geral da Religiaõ Fr. Filippe Colombo.

Exhortaçaõ q fazia aos enfermos.

Com o toque de ſuas mãos melhoraraõ muitos enfermos.

61 A caridade perfeita ſe naõ contenta com ſoccorrer as neceſſidades corporaes, ſenaõ que primeiro ſolicita o reparo das eſpirituaes; porque como ama aos homens por Deos, todos quizera que o amaſſem: como ſe empenha no bem das creaturas, todas quizera ſe dedicaraõ a Deos, que he o verdadeiro bem, e o unico fim das que naſceraõ com razaõ; como a do noſſo

De como exercitava a virtude da caridade.

nosso Fr. Gonsalo he a que vimos, e a que ainda veremos, pois com estar em taõ heroico grão de virtudes, entre as de mais era ella a que sobresahia. Com as suas piedosas, e doces palavras persuadia a todos a que frequentassem os santos Sacramentos da Igreja, e a que fizessem como bons Christaõs as diligencias que deviaõ, para ganhar as muitas indulgencias, que os Santos Pontifices haõ concedido aos Fieis. Para isto, todos os dias que sabia que havia em alguma Igreja de Calhão Jubileu, o publicava no dia dantes, ainda nas casas mais cuidadosas do bem de suas almas, exhortando a todos a que se dispuzessem para lograr aquelle grande bem, que lhes enviava nosso Senhor, por meyo do seu santo Vigario; e sabendo que muitos se escuzavaõ de alcançar as indulgencias, por falta da Bulla da Cruzada, se affligia summamente, porque nunca havia imaginado que pudesse chegar a froxidade humana a tal infelicidade, que por huma taõ curta esmóla se privassem os homens de taõ grande bem. Reprehendia a todos deste descuido, e os convencia com razoens a que tomassem Bullas os que naõ eraõ summamente pobres, pois a estes as dava dalli em diante o caritativo Padre. Nem só a sua caridade se continha em o limite dos que vivem, senaõ que passava a dezejar o descanço dos Fieis que morrem, pois assim como tinha noticia do aperto ultimo, ou que sabia, que era morto algum pobre, logo lhe levava sua Bulla de defuntos.

Falla-se da profecia.

62 Naõ julgueis antes de tempo, diz o Apostolo S. Paulo, nem discernaes o que naõ conheceis, adiantando vossa presumpçaõ ao que por occulto naõ alcançais, cousa esta em que haõ tropeçado muitas vezes os dezejos vaõs dos homens, por saberem mais do que convem. Esperai que venha o Senhor, e se corraõ as cortinas das sombras, se allumie o mais obscuro das trevas, e fique patente o mais retirado em os cerrados seyos do coraçaõ humano. Vem Deos por si, quando por si o descobre. Vem por seus Santos, quando por elles o revéla, e o manifesta. Naõ sendo de Deos a luz, quando só serve para a vaã curiosidade dos poderosos da terra, senaõ quando se ordena para cousas do Ceo, para bem, e proveito das almas, e talvez para o temporal das vidas, e fazendas de nossos proximos, sendo o fim para a mayor gloria de Deos, e espiritual proveito nosso; e assim naõ só se chama Profeta o que annuncia o por vir, senaõ tambem o que manifesta o occulto, descobre o retirado, e traz a noticia de cousas mui distantes quando naõ ha na natureza humana luz para conhecê-lo especialmente os pensamentos, que concebe o homem no retirado de seu peito, a que naõ chega o conhecimento do Anjo, nem do demonio. De todas estas cousas se vem na vida deste Servo de Deos provas evidentissimas, e certas de que o mesmo Senhor o adornou com a luz da profecia, com que ha illustrado a tantos Santos na sua Igreja, das quaes diremos algumas. Mandaraõ-no chamar para assistir a huma mulher, que, segundo o seu parecer, e o juizo dos Medicos, e assistentes, estava no ultimo da vida, por naõ poder lançar huma criança, e elle a consolou, dizendo que naõ morreria, mas que pariria hum formoso menino, que viria a ser Sacerdote, e tudo se cumprio, pois melhorou a enferma, pario hum menino, e foy Sacerdote com o nome de D. Pedro Bravo de Velasco.

Profetiza.

63 Professou no Convento de Lima, com grande gosto, hum Fr. Jeronymo de Antezana, porèm dalli a pouco tempo o inquietou o demonio com dezejos de vir ver a Europa. Naõ se atreveo a cõmunicar a pessoa alguma o seu pensamento, com o que andava melancolico, porque batalhavaõ no retirado de seu coraçaõ os dezejos, com a impossibilidade por falta dos meyos. Se pedia licença, sabia que o naõ havia de conseguir, por naõ haver razaõ, nem apparente, que o justificasse, pois para estudar haviaõ em Lima excelentes Mestres, e muitos condiscipulos. Offerecia lhe o demonio que fosse sem licença, facilitando-lhe diversas embarcaçoens, como fosse sem habito,

Profetiza.

porque

porque assim podia arrimar se a hum rico passageiro, que o poderia trazer para Hespanha. Porèm o fiel despertador da consciencia desvanecia todo este sonho, remordendo-o com a consideraçaõ do miseravel estado em que punha sua alma, entre tantos riscos da vida. Com estas fortes, continuas, e taõ contrarias imaginaçoens andava tal, que movia a compaixaõ aos Religiosos, que ignoravaõ o motivo. Finalmente, como o silencio impossibilitava a cura, e o demonio avivava o fogo, veyo a render-se á sua instigaçaõ, determinando deixar o habito, e embarcar-se em algum navio, que partisse para a terra firme.

64 Assim o executou, e buscando hum vestidinho, a troco de huns habitos, sahio á meya noite do Convento, causa porque chegou ao amanhecer ao porto de Calháo, onde procurou logo o mar sem entrar no povoado. Estando pois procurando occasiaõ de introduzir-se em hum navio, vio diante de si ao Veneravel Padre, que lhe disse: *Que faz aqui nesse traje, homem perdido? Tome essa pataca, alugue huma mula, e volte para Lima, que no caminho achará recado.* Foy tal o pavor, e medo, que cahio sobre o enganado Fradinho, que naõ teve alento para responder huma palavra, mayormente conhecendo pelos sinaes, que era o santo Fr. Gonsalo, e sem reparar nos castigos que lhe haviaõ de dar em Lima, se pôs ao caminho, donde novamente tentado queria tomar outra vereda; porèm a múla se naõ quiz affastar do trilhado caminho de Lima, no qual achando dous Religiosos, que o hiaõ procurar, acabou de entender que tudo era misericordia de Deos, para a salvaçaõ de sua alma, conseguida pelas oraçoens do seu Servo Fr. Gonsalo.

65 Estando Manoel Peres de Lima, do porto de Calháo, preparado para fazer huma viagem a Mexico, em companhia de hum seu primo Antonio Barbosa, sua mulher procurou ao Veneravel Padre, para perguntar-lhe se conviria fazer aquella viagem. Respondeo-lhe: que voltasse no outro dia pela resposta, a qual foy, de que dissesse a seu marido, que naõ fizesse tal viagem; porque se a fizesse naõ havia de voltar para Calháo, assim como naõ havia de voltar seu primo, se a fizesse. Deo esta noticia a mulher ao homem, o qual naõ se fiando nella, procurou ao Servo de Deos para certificar-se, e foy tal a resoluçaõ que lhe deo, que assentou em naõ fazer a viagem, que fez seu primo, que naõ chegou a Mexico, com cuja noticia deraõ a Deos as graças Manoel Peres, e sua mulher, por assim querer acreditar a seu Servo.

Profetiza.

66 Tinha feito viagem para Castro Virreina, hum Joaõ Diaz Jañes, marido de Magdalena Ramon, e tendo-se passado algum tempo, que esta naõ tinha noticia delle, lhe entrou o Servo de Deos em casa, onde lhe deo de esmóla hum patacaõ, e dous paens grandes, dizendo, lhe dava aquillo por saber tinha necessidade. Admirou-se a mulher, por nunca lhe ter pedido cousa alguma, nem ter cõmunicado a tal necessidade a alguem. Vendo porèm que Fr. Gonsalo lhe hia continuando a esmóla por tempo de dous mezes, lhe perguntou hum dia pelo motivo que tinha para assim a favorecer, a que respondeo: *Sey que se ha acabado o dinheiro, que para comer lhe deixou seu marido, e assim lhe faço estas esmólas, para que naõ se empenhe, e depois naõ tenha com que pagar.* Como a mulher tinha por santo ao Veneravel Padre, justamente começou a temer a falta de seu marido, da qual se certificou, quando soube fallecera no mesmo dia em que Fr. Gonsalo lhe principiara a dar aquella esmóla.

Profetiza.

67 Manoel Rodriguez, Capitaõ de hum navio, que navegava de Calháo para varias partes, antes de embarcar para Payta, procurou ao Servo de Deos para pedir-lhe o encõmendasse ao mesmo Senhor, e foraõ de tanta efficacia as suas oraçoens, como mostra este raro prodigio. Voltando de Payta para Calháo, se detiveraõ mais dias dos que pensavaõ, motivo porque estavaõ sentindo a falta de mantimentos, por naõ poderem tomar terra por causa dos temporaes, que tinhaõ derrotado a náo. Estando nesta consternaçaõ viraõ com admiraçaõ perto della huma barca, e nella ao Servo de Deos Fr. Gonsalo,

Notem o como Deos lhe augmenteu o paõ &c.

com huma taleiga em que pedia eſmóla ao hombro. Perguntado a que hia daquella ſorte; reſpondeo: *Que, porque ſabia tinhaõ neceſſidade, havia ido a dar-lhe algum refreſco, ainda que como de hum pobre Religioſo* Como conheciaõ o Capitaõ, e os mais companheiros a virtude de Fr. Gonſalo, ſe naõ admiraraõ muito de que Deos lhe cõmunicaſſe a noticia da ſua neceſſidade. Tirou pois dos alforges a prevençaõ que levava, que tudo ſe cifrava em dous paens, e em huns poucos de pepinos da terra, e foy dando a todos dos paens, e dos pepinos. Era o numero de ſeſſenta peſſoas, entre paſſageiros, e homens do mar, e reparando o Capitaõ em que para tanto gaſto havia na taleiga pouco vulto, quando entrou o caritativo Padre no navio, e que depois de haverem comido todos, eſtava da meſma ſorte, perguntou: *Que temos aqui Padre Fr. Gonſalo*? A que reſpondeo: *Como os amigos eſtavaõ com fome, nos ha prevenido Deos de paens, e de pepinos.* Com que, lembrando-ſe o Capitaõ do milagre de Chriſto, com as famintas turbas, ſuſtentadas com taõ poucos paens, e com huns poucos de peixes, naõ duvidou de que a bondade de Deos quizeſſe repetir o milagre, que com dous paens, e huns poucos de pepinos ſuſtentaſſe, ſenaõ milhares como Chriſto, a ſeſſenta famintos homens ſeu Servo Fr. Gonſalo.

68 E porque tambem niſto tiveſſe alguma ſimilhança a maravilha, mandou o Capitaõ eſtender huma pelle de vacca, e vazar nella a taleiga de Fr. Gonſalo, e ſe acharaõ mais paens, e pepinos dos que ſe haviaõ gaſto, naõ para que comeſſem, porque ſe experimentaſſem em ſi os demais o effeito, que fez no Capitaõ o milagre, naõ ficariaõ com fome, pois diſſe de ſi, que nos ſeguintes oito dias naõ teve vontade de comer. Fê-lo para que todos levaſſem aquelles ſinaes das maravilhas, que Deos obrava pelo ſeu Servo Fr. Gonſalo, a quem dezejava o Capitaõ ver venerado, e reſpeitado por todos, que mais tiveraõ occaſiaõ para admirarem o prodigio de ir ao mar largo em hum fraco barco, e de chegar nelle á terra no meſmo dia, naõ o podendo fazer o navio ſenaõ no ſeguinte, indo com as vélas ſoltas.

Entrava nas cellas a portas fechadas.

69 Dos ſeguintes cazos ſe prova que entrava, e ſahia das cellas de ſeus Prelados, a portas fechadas. Ao ſahir em huma noite do refeitorio, ſe chegou eſte Servo de Deos ao ſeu Prelado, a pedir-lhe licença para ir á Cidade de Lima a hum negocio de muita importancia. Denegou lhe o Prelado a tal licença, com o pretexto de que naõ queria andaſſe pelas eſtradas hum homem velho. Pós ſe logo de joelhos, e com muita humildade beijou o eſcapulario ao Prelado, que ſe recolheo para a ſua cella, e o Veneravel Padre para a Igreja, onde propós a Deos o goſto com que executara as ſuas ordens, ſe a vóz do ſeu Prelado o naõ embaraçara, a qual havia tido ſempre por mais clara explicaçaõ de ſua Divina vontade, que naõ ás interiores locuçoens, onde póde haver engano, e nas da obediencia nunca póde hum Religioſo ter perigo. Na oraçaõ parece lhe fallou noſſa Senhora com mais claras vozes, mandando-o que tornaſſe a pedir licença, que Sua Mageſtade faria com que ſe lhe concedeſſe; pois eſtando o Prelado recolhido na ſua cella, e com a porta taõ fechada, como quem tinha em ſeu poder a prata da Redempçaõ, lhe appareceo ao pé da cama. Ficou o Prelado juſtamente aſſuſtado, e perguntando-lhe, que queria áquellas horas, e por onde entrara; reſpondeo o Servo de Deos poſto de joelhos, que lhe hia pedir licença para ir á Cidade de Lima, a negocio do ſerviço de noſſo Senhor. O Prelado cheyo de confuzaõ, e de medo, naõ ſe atreveo a mais exame, e dando-lhe de muito bôa vontade a licença, que lhe pedia o Veneravel irmaõ, lhe pedio a bençaõ, e que lhe abriſſe a porta para ſahir, o que fez levantando-ſe, e tirando a chave de debaixo da cabeceira, onde a tinha. Fez experiencia primeiro ſe a porta eſtava fechada, e achando que ſim, deſpedio ao ſanto ſubdito, e ficou louvando a Deos pelas grandes mercês, que fazia áquelle ſeu humilde Servo, que examinado depois pelo meſmo Prelado do como havia entrado, reſpondeo,

deo que naõ ſabia mais de que fora mandado por Deos, e que ſe achara na ſua preſença ſem ſaber o como.

70 Eſtando em outra occaſiaõ outro Prelado na ſua cella, lhe foy pedir licença o Veneravel Irmaõ para ir á Cidade de Lima a hum negocio do ſerviço de Deos, cuja licença tambem lhe denegou, com o pretexto de que naõ havia nos ſeguintes dias quem tiraſſe as eſmólas para a Communidade. Retirou-ſe Fr. Gonſalo, baixando a cabeça com muita humildade, e fechando o Prelado a porta da cella com huma aldrava, ſe encoſtou com hum livro na maõ, no qual eſtava lendo pelas dez horas, quando vio de repente ao Servo de Deos á ſua cabeceira, pedindo-lhe novamente licença para ir a Lima, a qual lhe deo, e levantando-ſe da cama para fechar a porta, perſuadido de que naõ a fechara com a aldrava, a achou fechada como coſtumava, á viſta do que ſe lhe eſtremeceraõ as carnes, e arrepellaraõ os cabellos da cabeça, vendo com ſeus olhos taõ eſtupendo cazo.

Proſegue-ſe o meſmo.

71 As occaſioens, em que a bondade de Deos quiz manifeſtar a eſte ſeu fiel Servo em varias partes ao meſmo tempo, foraõ muitas, ja vendo-ſe aſſiſtir no ſeu Convento, e no meſmo tempo conſolando aos enfermos. Ja pedindo pelas ruas eſmólas, e eſtando na meſma occaſiaõ repartindo-as aos pobres ſoldados no Caſtello; ja dando de comer aos Religioſos no Convento de Calháo, e no meſmo tempo ſoccorrendo, conſolando, e dando ſaude aos enfermos pobres em Lima; ja eſtando á porta do Convento deſta Cidade, e no meſmo tempo no Porto de Calháo, e ja dando de comer aos Religioſos deſte Convento, e no meſmo tempo em alto mar, temperando as furias das agoas, e ſoccorrendo a baixeis, e navios perdidos; e omittimos a narraçaõ com as circunſtancias deſtes ſucceſſos, por ſe parecerem huns com os outros, e por naõ dilatarmos mais eſta Obra, a que tem direito muitos, e grandes Servos do Senhor.

Manifeſtou-o Deos em varias partes.

72 Porèm, naõ deixaremos de contar ainda alguns prodigios, que o meſmo Senhor fez, por honrar a eſte ſeu humilde Servo. Huma Maria de Almendra, do Porto de Calháo, tinha o marido de condiçaõ taõ desbaratada, que naõ ſó a tratava com grandes deſprezos, e ultrajes, ſenaõ que tambem a maltratava de pancadas, o que ſoffria como mulher de bem, virtuoſa, e taõ prudente, que naõ queria que na rua ſe ſoubeſſe a ſua deſdita, a que ja ſe ſabe dava cauſa o andar ſeu marido torpemente divertido, pois de ordinario os que com offenſa de Deos gaſtaõ fóra de caſa os agrados, accreſcentaõ a culpa, guardando para ella as azedias, pagando deſta ſorte a innocente familia quantas diſſenſoens occaſiona a culpa. Finalmente, chegou a malicia a encher deſorte o vazo, que a occaſiaõ do eſcandalo deſte homem, naõ ſe contentando com a má vida, que por ſua cauſa dava a ſua mulher, lhe perſuadio que a mataſſe, temoroſa talvez, de que a ſua virtude, e tolerancia naõ alcançaſſe de Deos, que aquella torpe correſpondencia ſe acabaſſe, offerecendo-lhe ſem tantas ſoçobras os deleites, e os goſtos do mundo, ſem aquella forçoſa penſaõ de cada dia, de que elle lhe dizia eſtava muito cançado.

De como evitou huma morte, e converteo a hũ homem cazado eſcandaloſo.

73 Nem ſe deſcuidaria, como coſtuma neſtes infames lanços, o demonio, que tem por eſpecial triunfo as diſcordias do ſanto matrimonio; e aſſim conſentindo em eſta villiſſima infamia, a mayor das maldades que póde cõmetter o deſpenho de hum homem, que mereceo que Deos o deixaſſe de ſua maõ, e no meſmo ponto o inimigo o avivou para a execuçaõ, que coſtuma a demora ordinariamente deſvanecer. Foy pois com eſte animo traydor a ſua caſa, onde a meſma turbaçaõ fez tanto ruido, que ás vozes de huma filha, acudio quem embaraçou taõ cruel delicto. Por mais vezes intentou o meſmo, e ſempre Deos o eſtorvou. Creſceraõ na mulher os juſtos medos, e vendo que viver com aquelles ſuſtos era huma morte dilatada; por naõ querer buſcar pelo meyo da Juſtiça o reparo, por naõ pôr em publico deſcre-

Continua.

dito a seu marido, a quem amava ao mesmo passo que elle a offendia, determinou, como outra Anna, buscar na Casa de Deos o remedio, procurando como procurou ao Servo de Deos, estando na Igreja do Convento diante do Santissimo Sacramento, que he certo lhe cõmunicou logo o intento da sua devota, pois a procurou a ella, sem recado que lhe tivesse mandado, e sem a conhecer. Contou-lhe a afflictissima mulher tudo o que havia passado, o evidente perigo em que estava, e lhe pedio com grandes ancias rogasse a Deos por ella, para que lhe desse paciencia, e por elle, para que lhe tirasse taõ máos intentos, e o puzesse no estado da salvaçaõ. Affligio-se o Veneravel Padre de ver tantas offensas de Deos juntas, e disse á pobre mulher: que confiasse em Sua Divina Magestade, e fosse segura, de que seu marido naõ só cessaria na execuçaõ da quelle máo pensamento com que andava, senaõ tambem que se recolheria, e cumpriria com as obrigaçoens de Christaõ, e de bom cazado, apartando-se do que fosse offensa do mesmo Senhor.

74 Com esta resposta se retirou para casa com taõ grande contentamento interior, que assentou comsigo, tudo lhe havia de succeder como o Veneravel Padre lhe dizia: naquella primeira noite estava esperando anciosa ao marido, ja capacitada de que havia de entrar em casa diffirente do que sahira, e assim succedeo, pois ouvindo á porta hum estrondo como de cousa que havia cahido, a abrio, na qual achou ao marido como morto. Recolheo-o para dentro, e mais huma filha que tinha, lançaraõ-no na cama pelo verem desmayado, onde esteve sem acordo até á manhaã seguinte, na qual chamou a sua mulher, a quem com muitas lagrimas, e arrependimento do passado, pedio perdaõ do máo trato que lhe havia dado, confessando o máo intento que havia tido de tirar-lhe a vida, e o como naquella noite hia com a determinaçaõ de executá-lo, o que lhe estorvara hum vulto grande, que se puzera a porta taõ medonho, que de medo cahira no chaõ sem sentidos, e tanto em si logo que se achara com elles, que no mesmo ponto fez proposito de mudar de vida. Assim o disse, e assim o cumprio, vivendo dalli em diante com sua mulher na fórma que lhe dissera, e profetizara o Veneravel Padre Fr. Gonsalo.

Fim do cazo.

75 Sem mais diligencia que a de fallar em diverso intento, trocou o Veneravel Padre a fera condiçaõ de outro homem cazado, e mal procedido. O cazo succedeo assim. Soube outra mulher que seu marido andava com intentos de matá-la, por causa de hum testimunho que lhe havia levantado outra, com quem elle tinha trato illicito; e como tinha noticia do que Deos obrava pelas oraçoens deste seu Servo, o procurou com duas mulheres conhecidas delle. Expuzeraõ-lhe o que pertendiaõ, e como lhe fallaraõ em cousa que dizia respeito á honra de Deos, e do proximo, disse ás mulheres que o seguissem, porque elle hia diante fazer aquellas pazes. Entrou em casa diante o Servo de Deos, o qual achando ao homem muito furioso pela falta da mulher, lhe fallou com semblante muito aprazivel, e rizonho, dizendo: *Louvado seja Deos no Ceo, e na terra: compadre, que ha que cear?* Ao que respondeo: Naõ faltará Padre, e fallando com sua mulher com o semblante alegre disse que entrasse, e lhe fizesse huns ovos. Comeraõ-nos, e depois de fallar por breve espaço em cousas bem differentes das pazes, e amizades a que hia, se sahio com as duas mulheres que haviaõ acompanhado a cazada, a quem disse se fossem com Deos, que aquelle negocio ficava composto. Foraõ-se admiradas de que dissesse ficava composto hum negocio em que naõ fallara huma só palavra; porèm no seguinte dia souberaõ o mysterio, pois lhe disse a mulher, que seu marido ficara taõ trocado de condiçaõ, que o naõ conhecia, fallando-lhe com tanto carinho, e fazendo-lhe tantos agazalhos, como se naõ tivera havido entre elles desgosto algum. Finalmente deixou o homem os illicitos divertimentos, e cuidou dalli em diante em viver muito conforme, e ajustado com as obrigaçoens de cazado.

De como fez trocar a má cõdiçaõ de hum homem cazado.

76 Fez

76 Fez hum pobre homem de Calhão hum grande meloal, para com o producto delle remir as suas necessidades. Cahio sobre elle hum tal gelo, que todo o murchou, e sobre isso foraõ tantos os bichos que nelle deraõ, que sem remedio julgava o pobre homem o seu gasto, e trabalho perdido. Andando assim afflicto encontrou ao Servo de Deos, a quem manifestou a desconsolaçaõ com que estava, com os fins, ou de que obrasse algum milagre, ou reparasse a sua miseria, e necessidade com que estava com mulher, e filhos. Elle o consolou dizendo: que pediria a nossa Senhora das Mercês que o remediasse, e que sendo taõ justificada a petiçaõ, por ser naõ culpa, senaõ desgraça a origem da sua necessidade, tinha muita confiança de que lhe faria mercês. Ficou o homem muito alegre com a resposta, e o Servo do Senhor passados dous dias o procurou, e segurou, de que acharia o meloal muito verde, e loçaõ. Assim o achou o lavrador, que fez huma nunca vista conveniencia nos meloens que produzio, por serem innumeraveis, formosos, e todos quererem comprar os meloens do milagre de Fr. Gonsalo.

Faz reverdecer hum meloal &c.

77 Sesta feira Santa do anno de 1611. cahio sobre o monumento, que estava na Igreja do Convento, huma faisca, de que resultou o arder o Altar, frontal, e toalhas desorte, que houveraõ muitos alaridos, e muitas confuzoens nas pessoas que acudiraõ para evitar o damno. Estava o Servo de Deos no mesmo tempo em oraçaõ, da qual sahio dizendo que naõ era nada, como naõ foy, pois mettendo-se como salamandra no meyo das chammas, a sopros, com as maõs, e com o escapulario apagou em hum instante todas as chammas, com a circunstancia de que naõ ficou final algum do incendio no frontal, nas toalhas do Altar, e nas mais armaçoens, que aliàs todos tinhaõ visto arder. Vendo Santo Agostinho, que S. Lourenço dezafiava as chammas, e pedia novo fogo, com o pretexto de que aquelle ja naõ queimava, disse: *Que muito, se era mais fogosa a chamma que ardia em seu peito, que apagasse o exterior fogo.* Se o peito de huma alma santa he o melhor altar de Deos, e a de Fr. Gonsalo era como imagina a nossa devoçaõ, que maravilha, que apagasse seu contacto outro fogo, como succedeo ao capitulo primeiro dos Machabeos, onde o fogo do Altar de Deos apagou o incendio, que ardia sobre as pedras do Templo. Ora vamos particularizar parte das virtudes porque se fez taõ acceito, e favorecido de Deos.

De como apagou hum incendio na Igreja, sem delle ficar final.

78 Naõ podemos tirar à virtude da humildade a primazia, porque he o fundamento de toda a fabrica espiritual, sobre que estribaõ as mais virtudes, e naõ só he a humildade pedra que as sustêm, senaõ raiz que as fecunda; e com propiedade se chama raiz, porque como esta vive sepultada debaixo da terra, sem se ver, e desde alli fecunda, e alenta aos ramos, para que se elevem: dá a cor, e a fragrancia ás flores, e a sazaõ, e doçura aos fructos. Assim a humildade desde o mais abatido cõmunica vida, força, e formosura ás demais virtudes, alentando-as até subirem ao cume da perfeiçaõ. Esta virtude teve o nosso Veneravel Fr. Gonsalo em summo gráo, naõ fria, e enregelada, senaõ fructuosa, e ardente. Desde o seu Noviciado, até á sua morte, naõ lhe cahia da boca a vóz do abatido da sua origem, e do desprezavel da sua occupaçaõ.

Da virtude da humildade.

79 Quando lhe diziaõ que puzesse o habito, ou vestido novo, dizia: *Que desnecessario era para quem como elle fora criado com huma pobre jaquetinha, e com huns calçoens de grosso panno.* Se lhe aconselhavaõ que dormisse em cama, e que nas enfermidades se despisse, respondia: *Que aquillo lhe faria damno, por estar costumado a dormir sobre humas taboas, e que vestidos passavaõ suas enfermidades os pobres marinheiros.* Dizendo-lhe os seus devotos, e amigos, que naõ andasse aos soes, nem se desvelasse tanto com os peditorios, que ao Convento lhe mandariaõ as esmólas, respondia, rindo-se: *Como me ha de fazer damno o sol, havendo-me criado ás inclemencias do tempo, sendo os peitos, que me alimentaraõ, o sol no Estio, as agoas no Outono, e o gelo*

Exercita-se em humildes acçoens.

o gelo no Inverno. Se lhe davaõ algum regálo, o naõ admittia, dizendo: *Que o estranharia seu natural, costumado ao duro, e tosco bíscouto*, accrescentando, se porfiavaõ, *que o enviassem a tal enfermo, que a elle muito bem lhe sabia hum pouco de paõ, e cebola.* Finalmente, naõ havia occasiaõ em que fizesse fazer recordo de miseria em que havia nascido, e do abatimento em que se havia criado, que a perdesse, solicitando por este meyo, que naõ fizessem estimaçaõ delle, senaõ que antes o deprezassem

80 Dizia tambem, que se a necessidade de seus proximos o naõ tiraraõ de sua casa, e a obediencia o naõ obrigasse a andar pelas ruas, naõ sahiria do seu Convento; porque o seu estado o teria na cozinha, e varrendo a casa, sem reparo de ninguem, e que lá fóra o atormentavaõ as estimaçoens dos que, sendo bons, cuidavaõ que elle o era, e que se o conheceraõ lhe cuspiriaõ na cara.

Continuaõ as acçoens da sua humildade.

81 Depois de ajuntar a esmóla para o seu Convento, e de repartir com os pobres a parte para que tinha licença, se hia á cozinha fazer o comer naõ só para os pobres, senaõ tambem para os Religiosos, ainda que houvesse outro official. Servia á mesa, para que se sentasse nella a comer quem tinha obrigaçaõ de servir. Varria a Igreja alguns dias duas vezes, alimpava os Altares, tocava á alva todos os dias indubitavelmente, e servindo por muitos, sempre andava com medos, julgando-se por inutil no Convento, parecendo-lhe que comia o paõ debalde. Por isto era necessario preceito da obediencia para que vestisse alguma roupa nova, dando por causa, que naõ a merecia.

Continuaõ.

82 E se nas suas obras era taõ humilde, o naõ era menos nas palavras, que sahiaõ da singeleza do seu coraçaõ. Ellas mostravaõ bem a humildade de seus pensamentos, todas se encaminhavaõ a que o tivessem por ruim, por máo, e pelo peior dos máos, dizendo: *Que era a escoria do mundo, a savandija mais sem proveito, que havia sobre a terra.* Ja velho, lhe offereceraõ seus amigos hum negro, para que lhe levasse o sacco das esmólas, e o naõ permittio, dizendo: *Que aquillo era dar-lhe criado, que nunca tinhaõ tido seus pays, e parentes, porque todos haviaõ sido huns pobres, que servindo, e trabalhando por si, ganhavaõ com seu suor o sustento* Fugia quanto possivel lhe era de ir a casa do Vice-Rey, e do Arcebispo de Lima, por evitar as grandes honras que lhe faziaõ: e dando-lhe grossas esmólas para o obrigarem a ir mais vezes, nem isso bastava. Nunca puderaõ aquelles Principes acabar com o Servo de Deos, que comesse, ou dormisse nos seus Palacios.

Continuaõ.

83 E se a propiedade principal da humildade he o esconder o ouro purissimo das virtudes, nisto cuidava o Veneravel Padre Fr. Gonsalo com tanto desvélo, que da sua boca nunca se pode saber os grandes favores, que recebia de Deos, e de Maria Santissima, a naõ ser obrigado por obediencia. Custava-lhe muita afflicçaõ o ver que Deos descobria os favores que lhe fazia, e se queixava ternamente, pedindo ao mesmo Senhor que lhe enviasse penalidades, e trabalhos, como lhe escuzasse occasiaõ de applausos dos homens, o que fazia por temer, como humilde, o risco que podia correr sua alma entre as tormentas, e os furacoens do humano applauso, que tantas vezes haõ dado em terra com fortissimas torres de virtude.

Do seu soffrimento.

84 Outro effeito reconhece a virtude da humildade por sua especial causa, que he a paciencia em os ultrajes, o soffrimento nos desprezos, e a tolerancia nas adversidades; porque como o verdadeiramente humilde sente taõ baixamente de si, julga que as palavras com que o ultrajaõ, saõ muito merecidas das suas obras. Poucas foraõ as occasioens, que deraõ á humildade de Fr. Gonsalo materia para explicar esta virtude, pela veneraçaõ com que todos o tratavaõ, ainda que naõ faltaraõ algumas, porque era justo naõ faltassem estas preciosas pedras á coroa do seu merito. Dous irmaõs seus, sem duvida revestidos do demonio, lhe disseraõ palavras de grande desprezo, chamando-lhe hypocrita, dizendo-lhe que as suas obras eraõ hum mero fingimento, para

adquirir

adquirir eſtimaçoens dos ſimplez, e eſmólas dos ricos. O que ouvio poſtos os olhos em terra, e as maõs debaixo do eſcapulario, e depois de os ver cançados de dizer affrontas, proſtrado por terra com grande manſidaõ pedio, que lhe perdoaſſem a cauſa, que, ſem conhecê-lo elle, lhes haveria dado para o ſeu enojo. Com iſto voltaraõ em ſeu acordo os iracundos, e imprudentes homens, reconhecendo havia ſido tentaçaõ do demonio, ou permiſſaõ de Deos, que queria ſe reconheceſſe o fundo, que tinha a humildade deſte ſeu Servo, pois naõ poderaõ encontrar nelle, como a terra da noſſa miſeria, e fraqueza, os dentes de taõ pezadas ancoras.

85 Pedio a hum Religioſo do meſmo Convento que foſſe ao Coro a Prima, porque eraõ poucos, e qualquer para os louvores de Deos fazia falta. O Religioſo, pouco humilde, tomou em cazo de honra o empenho, pór ſer de hum Frade leigo, como ſe foraõ de mais authoridade as aves do ar, que todos os dias nos deſpertaõ, e chamaõ para os louvores de ſeu Creador. Arrebatado pois de huma diabolica colera, diſſe muitas palavras injurioſas a Fr. Gonſalo, que ouvio com a mayor modeſtia, e profunda humildade, ſem replica, nem contradiçaõ, e tendo a ſeu favor huma materia taõ ſanta, pedio perdaõ tambem ao impaciente Frade, pela cauſa que lhe dera para encolerizar-ſe.

Continua.

86 Era pacientiſſimo, e manſo de condiçaõ, tendo a virtude do ſoffrimento em gráo heroico, porque nunca moſtrou queixa, nem ſentimento de nada, ainda que ſe lhe offereceraõ algumas occaſioens. Nunca deo a entender era demaſiado o trabalho em que o punhaõ, nem manifeſtou enfado, nem deſgoſto com os Prelados, que o mandavaõ. Antes em tudo foy ſuaviſſimo, e a todos tratava com notavel manſidaõ, amor, e caridade, doendo-ſe ſempre dos trabalhos, e enfermidades de ſeus proximos.

87 Deos, que tem offerecido de naõ negar-ſe a quem o chama, de ſahir ao encontro a quem o buſca, e de acudir a quantos trabalhaõ por achá-lo, lhe enſinou na oraçaõ todas as virtudes, e cõmunicou á ſua alma taes docuras, e ſuavidades, que naõ acertava a deixar taõ importante exercicio, pelo qual chegou á ſuprema altura daquella ſoberana uniaõ, taõ dezejada das almas, que caminhaõ por eſta eſtrada, a qual ſe conhece em deſprezar todas as delicias do mundo por hum pequeno eſpaço deſta Celeſtial quietaçaõ, e de poſſe, ſem gaſtar ja o tempo em diſcurſos, unida a alma com Deos, no meſmo ponto que ſe recolhe.

Da ſua oraçaõ

88 O ſublime gráo de oraçaõ, a que Deos elevou o eſpirito do noſſo Veneravel Fr. Gonſalo, ſe comprova muito bem pelos arrobos, e extaſis, que nella tinha, e de que ainda fallaremos. Era taõ grande o celeſtial deleite, que na oraçaõ ſentia ſua alma, que naõ quizera ſe acabaſſe o tempo de eſtar nella. Sabia como pela profiſſaõ eſtava obrigado a ſeguir a vida activa como Martha, e dezejando ter tempo para a contemplativa da Magdalena, tratou de faze lo na noite, que lhe permittiaõ para o ſeu deſcanço, furtando muitas horas a eſte, e em ordem a iſto trabalhou o que vimos, e padeceo as perſeguiçoens do demonio que diſſemos, e diremos. Tinha huma ſanta inveja aos Religioſos, que eſtavaõ na cama com enfermidades largas, a qual demoſtrava quando os viſitava, e lhe dizia: *Eſteja meu Padre muito conforme, e conſolado com a vontade de noſſo Senhor, pois lhe fez tantas mercès, que, ſem faltar á obediencia, lhe dá tanto lugar para que eſteja muito de eſpaço tratando com Sua Mageſtade. Faça o aſſim, que eu lhe dou palavra de que naõ ſentirá as muitas dores que o affligem, porque na oraçaõ fica ſem ſentimento a carne, e ſem forças os achaques, e as dores. Em verdade, que ſe fora vontade de meu Deos, eu de quando em quando com muito goſto o admittira, para deſcanço do muito trabalho que tenho*; ſendo aſſim, que naõ era ſenaõ para ter mais dezembaraço para a oraçaõ.

Continua.

89 Dos muitos cazos, em que ſe vio arrobado a eſte Servo do Senhor, ſó

só refiriremos dous, porque referir todos feria nunca acabar efte livro, e mais fendo todos fimilhantes, pois chegou a tal eftado em a fua oraçaõ, que rara vez fe recolhia, que naõ gozaffe efte favor de Deos. Entrando huns Religiofos huma tarde para o Coro do Convento de Calháo, com o defignio de lerem nelle a vida de S. Francifco Solano, lhes deo no rofto huma grande claridade, que fahia de hum refplandor, que enchia todo o Coro. Admirados do prodigio, entraraõ a indagar a caufa, e acharaõ que dimanava do Veneravel Padre, que eftava em hum lugar retirado do dito Coro, de joelhos, e arrobado diante do Santiffimo Sacramento. Ficaraõ fufpenfos á porta do Coro, the que viraõ defvanecer-fe toda aquella claridade, e novos motivos para o affombro, pois fem o Veneravel Padre paffar pela porta do Coro, o obfervaraõ profeguindo na oraçaõ, e no arrobo junto ao Altar Mayor da Igreja, que diftava muito do Coro, e efte lhe ficava muito alto. A' vifta de cujos prodigios, julgaraõ os dous Religiofos por certo, o havé-lo levado Deos naquelle rapto pelo ar, ao lugar continuo da fua oraçaõ.

Vè fe com a cara refplandecẽte &c.

90 Hia ao Convento de Calháo hum homem taõ tulhido, que andava arrafto, pedir efmóla, e procurando ao Veneravel Padre para lhe dar a que coftumava, o achou levantado no ar, e muito abrazado. Reconhecendo que eftaria amorofamente fallando com Deos, lhe diffe com muita fé: *Padre meu Fr. Gonfalo, peça a Sua Divina Mageftade que me fare, para que o poffa fervir nefta fua fanta Cafa, onde tanta caridade me fazem.* No mefmo ponto fe lhe eftenderaõ as cordas dos nervos, que por muitos annos havia tido encolhidos, e fe lhe alargaraõ as pernas deforte, que correo pelo Convento a publicar: Milagre, milagre do Padre Fr. Gonfalo. Levaraõ o homem ao Prelado, que, depois de louvar a Deos com os mais Religiofos por taõ grande maravilha, lhe recõmendou naõ differfe coufa alguma ao Veneravel Servo de Deos, porque fabia o muito que fe contriftava, quando fe publicava algum favor, que Deos lhe fazia.

Vè fe no ar, e fara hum tolhido.

91 No anno de 1615. puzeraõ os Herejes Olandezes, huma grande Armada no mar do Sul, e por confequencia intentavaõ tomar o Porto de Calháo, o qual defampararaõ a mayor parte do povo, fugindo para Lima, e para os montes, receofos de ferem roubados, e mortos por aquelles tyrannos, que difparavaõ infinitos tiros de artilheria fobre aquella Praça, entaõ de pouca refiftencia. Vendo o Veneravel Padre a jufta afflicçaõ daquelles moradores, fe valeo do amparo da Virgem das Mercès, e depois de inftar a Deos com oraçaõ, jejuns, e penitencias, fahio pelas ruas a ajuntar a pouca gente, que havia ficado, e a pedir-lhe foffem á Igreja do Convento pedir com elle o amparo de Maria Santiffima. Levou com effeito os velhos, e alguns enfermos, que puderaõ ir á Igreja, porque huns, e outros foraõ os que fó ficaraõ, e pofto diante da Senhora, lhe rogou com inceffantes lagrimas por aquella Chriftandade a quem queria opprimir a furia dos Herejes. Nefte tempo foy vifto arrobado, e com o rofto cintilando como fogo. Dalli a pouco deo a todos as alegres novas da fegurança com que deviaõ eftar, porque a inimiga Armada fe fazia á véla, naõ profeguindo com o intento com que eftava de tomar a Praça, o que fe comprovou com a noticia, que logo deraõ os que eftavaõ atalayando o tempo de defembarcar os inimigos.

92 Como era ardentiffima a devoçaõ, que tinha á Mãy de Deos, e grande o zelo do Divino culto, fe affligia de que no Convento de Calháo fe naõ celebraffem as feftas, por ferem poucos os Religiofos, com a folemnidade com que fe celelebravaõ no Convento de Lima. Conturbou fe mais feu coraçaõ em a primeira fefta, que alli teve do Nafcimento de Chrifto, por ver os poucos Religiofos, que haviaõ no Convento para celebrarem taõ ineffavel Myfterio, que foy contemplar para o Coro, muito antes das horas de Matinas, onde efteve até á Miffa vertendo lagrimas, por tambem ver os poucos feculares que affiftiaõ na Igreja, para louvarem a Deos por tamanho beneficio.

Vè aos Angelicos Efpiritos celebrar o Nafcimẽto de Chrifto.

Reco-

Recolhidos finalmente os feculares, que affiftiraõ, e cerradas as portas da Igreja, ficou nella em oraçaõ, na qual fe queixou amorofamente a Deos, que o encheo interiormente de huma grande confolaçaõ, e lhe dizia: *O Rey taõ gloriofo eftá, e taõ Rey he, quando applaudido entre a multidaõ de feus Cortezaons, como fe acha contente entre as curtas celebridades de huma pequena aldèa; onde fe falta á exterior policia, fe achaõ verdadeiros, e rendidos affectos, e com os muitos que de fua cafa lhe affiftem, naõ acha menos os feftejos, que das Cortes, e Cidades grandes alli lhe faltaõ.* No mefmo ponto ouvio huma fonora mufica de Celeftes inftrumentos, e ficando arrobado, lhe pareceo, que via ao Coro, e á Igreja tudo cheyo de Efpiritos Celeftes, e no Altar huma gruta, e nella, no Prezepe a Deos Menino, entre a Virgem Mãy, e feu ditofo Efpofo: e que os Anjos cantavaõ: Gloria aos Ceos, e paz á terra, e outros motetes com tal doçura, que lhe pareceo hum inftante de duraçaõ, durando aquelle eftupendo favor até fer hora de tocar á alva, cuja mufica quiz Deos foffe ouvida por muitos vifinhos do lugar. Perguntado pelo Prelado pelo que fe contava, refpondeo com grande humildade: *Que eraõ os Santos Anjos, que haviaõ celebrado o Nafcimento do feu Deos em noffa carne, para fupprir á folemnidade que faltou, pela pobreza, e falta de Religiofos daquelle Convento.*

93 Depois de haver referido o Doutor das Gentes as muitas revelaçoens dos mais occultos Myfterios de Deos, que havia gozado, e os muitos favores, que Deos lhe havia feito, accrefcenta: *Porèm para que o exceffo deftas maravilhas, e a grandeza de favores tantos me naõ desvaneça, me haõ deixado hum defpertador continuo da minha miferia, hum demonio vigilante, que me firva de eftimulo para me ter fempre em fentinèlla.* Ifto, que dizia o Gloriofo Apoftolo S. Paulo, pudera dizer o noffo Fr. Gonfalo. Era continua fua oraçaõ, porèm tambem era continua a prefeguiçaõ do invejofo inimigo, para que a naõ tiveffe, ou a tiveffe fem focego, arrojando-lhe tal fomno aos olhos, que fe via precifado a eftudar cada noite novas traças para vencer a repetida tentaçaõ. No Noviciado o começou a prefeguir o infernal dragaõ, procurando com feus feros golpes atemorizá-lo. Depois de profeffo o atormentava tambem com pancadas, e com tantos eftrondos, que atemorizava aos companheiros; e outras fem ruido, porque lhe naõ acudiffem, e affim o achavaõ muitas vezes na cella, e na Igreja fem fentidos, e cheyo de golpes. Como fabe efte inimigo do genero humano o muito que fe agrada Deos da oraçaõ dos Juftos, e da muita gloria de que por ella fe fazem dignos, he a virtude que no caminho do Ceo mais o atormenta: porèm ao ver alicionar Deos para ella a hum pequeno, a hum ignorante, a hum humilde, e que nella aproveite tanto, que mereça fer archivo dos fegredos de Deos, e depofito dos feus fingulares favores, ifto o abraza mais que todos os fogos, e penas do inferno; porque, como he taõ foberbo, tem na fua inveja o feu mayor caftigo, e efta he mayor, quanto he menor o que vê favorecido do feu Deos.

De como o atormentava o demonio.

94 Vendo pois as diligencias, que Fr. Gonfalo fazia para que lhe fobraffe tempo para tratar fó com Deos, e como á força de rigorofos exercicios procurava naõ fó vencer o fomno, porèm taxar á natureza effas poucas horas de defcanço, e fazer difto habito, e facilidade permanente por toda a fua vida; o embaraçá-lo foy fempre o principal empenho do demonio: e affim lhe arrojava profundo fomno aos olhos em as acçoens da Cõmunidade, ou para que os Religiofos compadecidos fizeffem que a obediencia temperaffe aquelles rigorofos fervores, que chamavaõ indifcretos; ou para que batalhando o Servo de Deos por affugentar efta tentaçaõ, lhe embaraçaffe o fervor da fua oraçaõ: fendo tal a fua ambiciofa inveja, que ainda que conheça que com efte triunfo fe adianta nos Servos de Deos o merito, paffará, porque lhe crefça o premio, com tanto, que lhe eftorve hum pequeno efpaço

Continua.

de oraçaõ. Carregava-lhe de ſomno os olhos, e elle ſe punha ja em cruz arrimado á parede, pondo ſobre dous grandes cravos os braços. Outras vezes ſe encoſtava ſobre hum banco eſtreito, deixando os pés no ar, e penduradas nelles duas pedras grandes, e dalli o arraſtava o inimigo, e lhe dava muitos açoutes, deixando-o enſanguentado, e eſcalavrado innumeraveis vezes com grande paſmo dos Religioſos, que o obſervavaõ hoje ferido, e muito laſtimado, e logo ſaõ, e bom, e capaz de nova briga, e de alcançar novos triunfos. Naõ expreſſamos os que teve do demonio por ſerem muitos, e ſimilhantes, e ſó dizemos que todos foraõ dirigidos a embaraçar-lhe a oraçaõ, final de que nella teve mais favores de Deos do que ſe relataõ na ſua vida, os quaes nella ſe naõ particularizaraõ, por levar o meſmo Senhor para ſi a ſeu Confeſſor depoſitario delles, talvez por eſte humilde Servo ſeu lhe pedir o levaſſe primeiro, aſſim como o fez o Glorioſo Santo Ignacio de Loyola, pois pedio a Deos levaſſe para ſi a ſeu Confeſſor primeiro, porque naõ divulgaſſe, ficando atraz, os favores que recebera do Ceo.

Da devoçaõ ao Santiſſimo Sacramento.

95 A devoçaõ, que tinha ao Santiſſimo Sacramento do Altar, era incomparavel; porque como todas as riquezas, que Deos deixou á ſua Igreja, ſe cifraõ nelle, á ſua veneraçaõ ſe dirigiaõ todos os ſeus cuidados. Diante de Sua Divina Mageſtade eraõ todas ſuas oraçoens, e diciplinas, e coſtumava dizer: *Que ainda que Deos eſtava realmente preſente em todas as partes, ſó acertava a pedir-lhe com ſegurança, quando ſe achava á viſta daquella perenne fonte das finezas de Deos, pois deſde o Sacramento vertia com abundancia ſuas miſericordias ſobre os homens.* Era tal a confuzaõ, e reſpeito, que tinha a Deos Sacramentado, que ſe naõ atrevia a cõmungar cada dia, [e ſó por obediencia o fez nos ultimos annos] dizendo era neceſſario deter-ſe alguns dias, para que creſceſſe com a fome ſagrada o temor, e reverencia, que a eſte Divino Sacramento ſe devia: Com que chegava depois com ardente ſede, e mais fervoroſo impeto ſua devoçaõ.

96 Naõ era inferior a devoçaõ para com os mais Myſterios de Chriſto Senhor noſſo, em eſpecial para com os da ſua Paixaõ, e Morte, porque nelles conſiderava noſſa Redempçaõ; e como na ſua meditaçaõ conhecia a divida, nella ſe accendia o fogo da ſua devoçaõ, dezejando a conreſpondencia, e aſſim augmentava ás ſeſtas feiras os ſeus fervores, jejuando as, deſde que tomou o habito, a paõ, e agoa. Na Quareſma geralmente naõ comia mais que hervas, e ſe eſtivera na ſua liberdade, naõ deixara dia de toda ella ſem eſta abſtinencia, que a obediencia lhe interrompia, mandando-lhe comer em certos dias alguns peixinhos.

Da devoçaõ para com N. Senhora.

97 A devoçaõ, que para com a Mãy de Deos teve, foy muito grande. Deſde menino a continuou, por recõmendaçaõ de ſeus pobres, mas virtuoſos pays. A ella acudio ſempre nos ſeus trabalhos. Ella o livrou delles, e de muitos perigos com luzes, e locuçoens interiores, e ainda com vozes exteriores dirigio ſeus paſſos. Ella o levou á Religiaõ, apparecendo-lhe para iſſo; e para que naõ pudeſſe duvidar, lhe moſtrou dous Religioſos da Ordem, a quem devia ſeguir. Solicitava entranhar em todos a devoçaõ deſta Divina Senhora, repartindo as ſuas eſtampas, dando muitos Roſarios, e encarregando o rezarem-nos todos os dias, como elle o fazia entre outras devoçoens, que lhe tributava, a que conreſpondia a Virgem Mãy com a fineza mayor de acompanhá-lo, e de fallar-lhe, como elle meſmo declarou obrigado da obediencia.

Da ſua penitencia.

98 A oraçaõ nos une com Deos, a carne com ſuas deſordenadas paixoens nos aparta delle; aquella nos arrebata para o Ceo, e eſtoutra nos arraſta para a terra: por iſſo ſe naõ achará Santo muito contemplativo, que naõ ſeja muito penitente. Principiou a ſua penitencia deſde moço, e proſeguio-a com ſagrada efficacia na mayor idade, chegando na ſua velhice a fazer como natureza o máo tratamento de ſeu corpo. A ſua cama conſtava de huma ſó taboa,

ſe

sebem que ainda nella poucas vezes descançava, julgando o por demasiado regálo, e assim arrimado a hum degráo na Igreja, ou em outros sitios similhantes, dormia mui poucas horas. Levantava-se, e para sacudir o somno tomava huma rigorosa diciplina; entrava para a oração, a qual rematava com outra similhante. Vendo os Religiosos a asperissima vida que tinha, o aconselhavaõ para que naõ abbreviasse sua vida, e adiantasse sua morte com aquelle rigor; aos quaes costumava dizer: *Que era cobardia, por dous, ou tres annos mais, deixar a penitencia taõ encarregada de Christo, e dos Santos; e que se estes ensinaraõ, que a mortificaçaõ era freyo da nossa carne, quem, senaõ hum louco, indo em hum cavallo desbocado, affroxa as redeas? E que se o melhor campo se cobre de espinhos, e de matos em se lhe levantando a maõ da enxada, e do arado; que succederia ao nosso corpo, em quem sem cessar arrojava o inimigo as sementes da fizania, e de más hervas em taõ desbaratados pensamentos.*

99 Se alguma vez recalcitrava ao duro golpe da sua penitencia a carne, lhe dizia o que ao mesmo proposito havia dito outro Varaõ Santo: *Nisto, carne minha, conhecerás o muito que te quero, pois com estas curtas penalidades te vou lavrando hum descanço eterno; pois naõ só a alma gozará no Ceo o premio, porèm ainda tu, com seres huma pouca de terra, depois da resurreiçaõ universal, pelo que cooperaste com ella tolerando estas penitencias, serás premiada com indizivel Coroa &c.* Ja dissemos que as diciplinas depois que tomou o habito, deo a cada huma sua acredora, deixando sempre huma extraordinaria para as necessidades espirituaes que occorriaõ de seus proximos. Desde que tomou o habito se naõ despio, mais que por limpeza, ainda que tivesse molestia; e admirava, que sendo o seu habito taõ facil de manchar-se, o trouxesse sempre muito limpo. Nunca comia senaõ nas horas ordinarias, e costumando beber vinho em quanto secular, nunca o bebeo depois de Religioso. Muitos dias passava com hervas, e paõ; outros com paõ só. Quando se via precizado a comer em cazas particulares, e de alguns devotos seus, com dissimulo mettia na boca fel, ou outras cousas amargosas, com o que tirava o sabor á mais regalada comida.

Do que dizia ao seu corpo.

100 A virtude da pobreza interior, e exterior he o alcaide que guarda, e conserva todas as mais virtudes em hum Religioso, porque só sendo este verdadeiramente pobre, se póde chamar Religioso. He humilde, he obediente, e como se contenta com pouco, o que lhe dá a Religiaõ lhe parece muito, e assim vive sempre alegre com o seu estado. Pelo contrario succede aos que carecem desta virtude, porque vivem sempre affligidos, e os demais com elles atormentados. A sobra do temporal em cõmum, he certo, que conserva a observancia na Religiaõ, como a abundancia, e demasia em os particulares a arruina, e de todo a acaba; por isso, para caminhar seguro neste estado o Religioso, he hum dos essenciaes votos o da pobreza, a qual amou sempre o nosso Fr. Gonsalo. Criava-o Deos para exemplar de Religiosos, e assim desde o seculo o affeiçoou á santa pobreza, que naõ consiste só na falta de bens temporaes, senaõ no affecto com que se desprezaõ, e no animo liberal com que se manejaõ os poucos que se tem. Naõ lhe deixou bens seu pay, causa porque procurou occupaçaõ, com que pudesse ganhar o sustento, e o vestido; porèm elle nem ainda deste preço do seu suor, e trabalho foy dono, pois desde logo o dedicou para remedio dos pobres enfermos, gastando comsigo só aquillo, que bastava para a conservaçaõ da sua vida, segundo o miseravel estado em que havia nascido, e em que se havia criado, e com a mesma pobreza se vestia, usando de hum panno de estopa, para cobrir as carnes, sem prevençoens, nem defensa contra os varios temporaes em climas taõ diversos.

Da sua grande pobreza.

101 Desta sorte deo principio a opprimir as suas carnes, e a facilitar seu corpo, para que depois naõ estranhasse o rigor da sua penitencia. Nas navegaçoens jamais o viaõ comer cousa de regálo, se naõ o tosco manjar, que

era forçoso para o pobre sustento, e conservaçaõ da vida humana. Tudo o que assim poupava dos seus salarios o applicava aos pobres enfermos, como dissemos no principio. Nunca quiz do mundo casa, nem cama propria, contentando-se com dormir nos navios em huma taboa, ou nos Hospitaes junto aos enfermos, a quem servia: e se no mundo conservou desta sorte a virtude da pobreza, naõ sendo dono do que com seu trabalho adquiria, que seria no estado Religioso, onde nesta santa, e voluntaria escravidaõ, ainda o interesse do trabalho, e suor pessoal naõ he do Religioso senaõ do seu Convento! Aqui, ainda que nunca viveo mais acõmodado, foy hum exemplar da Evangelica pobreza. Tinha huma pequena cella, porèm nunca lhe servio mais que de guardar os cilicios, e os mais instrumentos da sua penitencia; porque de noite, e o tempo que de dia estava em casa, era sua habitaçaõ a Igreja. Os adereços, e alfayas da sua cella, era huma humilde, e pobre cama, que lhe deo o Convento, de que nunca uzou, porque naõ teve na Religiaõ mais enfermidade que a ultima. Tinha tambem huma pobre mesa, e hum banquinho, e penduradas as taleigas com que pedia esmóla. Servia-lhe porèm a tarima da cama de cubrir as diciplinas, os cilicios, e outros instrumentos com que se mortificava. Naõ tinha caixa, porque a naõ havia mister, pois as esmólas, que lhe davaõ, entregava inteiramente todas as noites ao Prelado, onde hia buscar na manhaã seguinte o dinheiro necessario para alguma cousa da Communidade. Recebeo muita prata para repartir em esmólas, e nunca della lançou maõ para propria necessidade, porque naõ está no ouro, nem na prata a liga, senaõ nas maõs, e no coraçaõ de quem a maneja.

Continua.

102 Naõ he menos essencial ao estado Religioso a obediencia, que a pobreza, e se reflectirmos bem, nella cifra hum Frade todos os desempenhos de suas obrigaçoens. Cazos podem haver, em que seja hum Religioso muy perfeito, e tenha para seu uso alguns bens permittidos, só com que a propiedade seja da sua Ordem, e seu coraçaõ esteja desapegado delles; porèm na obediencia jamais ha havido dispensaçaõ, porque em faltando seu exercicio, falta o estado, naõ ficando Religioso, se naõ fica interior, e exteriormente obediente. Foy este Servo de Deos desorte, que jamais replicou ás ordens de seus Prelados, pois nunca se lhe offereceo, nem em razaõ de duvida, dificuldade ao que lhe ordenavaõ. Duas vezes lhe manifestou o Ceo a necessidade espiritual, que tinhaõ da sua assistencia seus proximos, e em ambas lhe negaraõ os Superiores as licenças: e com serem claras as luzes com que lho manifestou o Ceo, lhe pareceraõ mais seguras as dos Prelados, que lhe negaraõ as licenças, sem replicar aos Superiores pela importancia da sua ida, nem intimar-lhes era ordem expressa de Deos, senaõ que tendo aquillo pelo mais certo, e conveniente, voltou com grande quietaçaõ para a oraçaõ. Sendo necessario que Deos obrasse taõ portentosas maravilhas, quaes as de penetrar as paredes das cellas fechadas de seus Superiores, como ja dissemos nos paragrafos 69., e 70.; porque via a obediencia de Fr. Gonsalo a voz de Deos tanto na boca de seu Prelado, que sendo os milagres a firma, ou sello de Deos, os repetia Sua Divina Magestade para obrigá los a que dessem por elles licença a seu Servo Fr. Gonsalo, para que executasse as ordens que lhe havia dado. Em fim, nunca pensou, que o que elle tinha por melhor, e mais perfeito, era nem ainda bom, a respeito do que lhe ordenava o Prelado. Mandavaõ-no algumas vezes, que aquelle dia naõ jejuasse a paõ, e agoa, que bebesse vinho, que deixasse a oraçaõ que tinha na Igreja, e a tivesse na sua cella &c. e em tudo sem replicar obedecia, até que os Superiores lhe levantavaõ a obediencia.

Da sua grande obediencia.

103 Na virtude da castidade foy Angelico, pois declarou, por obediencia dos Prelados, que morria virgem, o que tinhaõ por certo antes da sua declaraçaõ, por nunca se ver nelle acçaõ, que naõ fosse honesta, movimento, que naõ fosse casto. Suas obras, e palavras foraõ sempre de purissima modestia,

Da sua pureza, e modestia.

ſtia, com que edificava, e movia a compoſtura a quantos o ouviaõ, e viaõ. Conhecia as mulheres ſó pelas vozes, e dizia que o meſmo ſuccedia aos cegos, e tinhaõ menos viſta que elle. Finalmente, Deos pela ſua piedade lhe concedeo o favor de que naõ o perſeguiſſe, nem tentaſſe o demonio em materias de pureza, tentando-o para o embaraçar em o exercicio das mais virtudes.

104 Manifeſtava huma ardentiſſima fé nos dezejos, que em todas as occaſioens moſtrava, de que todos conheceſſem a Deos, e ſe converteſſem á ſua ſanta Ley, chorando muitas vezes com grande amargura os muitos que viviaõ na ſua antiga cegueira, entre as torpezas da ſua idolatria; tantos Mouros enganados, tantos obſtinados Herejes, e tantos perfidos Judeos. Pela converſaõ deſtes miſeraveis pedia frequentemente a Deos, ajudando a oraçaõ com penitencias, e coſtumava dizer: *Que ſe houvera ſido homem de letras, houvera gaſtado ſua vida em prègar lhes, ſegundo as ancias com que dezejava ſua ſalvaçaõ, e que tinha interiormente taõ claro conhecimento das verdades da noſſa Fè, que lhe parecia que os convenceria dos ſeus erros, e ſe naõ que daria a vida goſtoſa pelo haver intentado.* Tinha grande inveja, e devoçaõ aos Santos Martyres, que por eſte empenho padeceraõ tantos tormentos. Naõ ſabia com que demonſtraçoens agazalhaſſe aos Religioſos da ſua Religiaõ, e das mais que ha no Perú, e ſe occupavaõ no Apoſtolico miniſterio da converſaõ dos Indios. Aos que hiaõ nomeados para Curas dos Indios convertidos, pedia com o mayor empenho, e com a humildade mais profunda, que trataſſem aquelles Indios com amor de filhos, moſtrando-lhes mayor carinho ao paſſo, que era mayor o ſeu rendimento: que attendeſſem que hiaõ a enſiná los, e naõ a ſervir ſe delles. Outras muitas couſas lhes dizia naſcidas todas do zelo da honra de Deos, e da converſaõ das almas, e tudo concluia com pedir muitos perdoens aos Padres por dar conſelhos, ſendo taõ ignorante, a Padres Doutos, e Santos. Em todas as ſuas obras, e promeſſas entrava com grande ſegurança, porque era a porta da ſua confiança a ſua grande fé: e aſſim perguntando-lhe os Prelados [quando em materias muito arduas reſpondia com muita certeza] ſe havia tido daquillo revelaçaõ, coſtumava reſponder: *Que naõ, ſe naõ fè, e que ſe todos os Chrſtaõs a tiveſſemos como deviamos, a cada paſſo encontrariamos milagres.* Aſſim os obrou a bondade de Deos pela ſua grande fé, e ſagrada confiança, augmentando humas vezes a eſmóla, e outras produzindo de novo o paõ. Finalmente o zelo que tinha da converſaõ dos Infieis, que era naſcido da ſua grande fé, bem o moſtrou no muito que trabalhou na converſaõ do Bemaventurado Fr. Antonio de S. Pedro, Judeo de naçaõ, cuja portentoſa vida eſcrevemos neſte primeiro Tomo, como de noſſo Portuguez.

Da ſua grande fè.

105 A caridade, e amor, que tinha a Deos, ſe manifeſta muito bem em todas as clauſulas, e periodos deſte Livro. Ainda que o ſeu bom natural, e o bom conceito que geralmente fazia de todos, o embaraçava o penſar mal em particular de peſſoa alguma, com tudo, como era muito entendido, e ſe havia criado tantos annos no mundo, naõ ignorava, que na noſſa fragilidade, e nos tropeços do ſeculo, com o deſvélo do noſſo cõmum inimigo, pudeſſem faltar peccados; e aſſim o zelo da honra de Deos a quem ſobre todas as couſas amava, lhe mordia interiormente, e eſta afflicçaõ mais que as penitencias lhe traziaõ roubado o calor do roſto, batalhando aquella chamma, que do amor de Deos ardia continuamente em ſeu peito, com as offenſas, que contra Sua Mageſtade ſe cõmettiaõ. Conhecia que, ſendo tantas, naõ podia elle remediá-las; e para que deſſe Deos aos homens graça para que o naõ offendeſſem, applicava huma das tres diciplinas, que cada dia tomava.

Da ſua caridade.

106 Se elle pudera, naõ duvidara andar em o mundo prégando penitencia, e publicando a grande bondade de Deos, e ſua infinita miſericordia, mas em quanto ſeu eſtado permittia, naõ perdia lance. Nas feſtas de concurſo,

Continua.

curso, e dias de Jubileus, estava desde a madrugada á porta da Igreja do Convento muito alegre, por ver que nella entravaõ muitas almas a reconciliar-se com Deos, a quem pedia no mesmo tempo dor para os penitentes que entravaõ, e perseverança para os que sahiaõ arrependidos de suas culpas. Nas vesperas dos dias de Jubileu, sahia por todo o lugar a publicá-lo, dizendo: *Filhos, á manhaã em tal Igreja ha perdaõ geral dos peccados, disponhaõ-se para fazerem huma bõa confissaõ, naõ percaõ pelo amor de nosso Senhor esta graça, e indulgencia, que Deos lhes envia, que naõ sabem se chegaráõ a alcançar outra.* Naõ faltavaõ alguns taõ barbaros, que lhe respondiaõ: *Padre Fr. Gonsalo, isso he para os ricos, que tem o sustento seguro, naõ para os pobres, que se naõ o buscamos o naõ comemos.* A estes lhe replicava com grande lastima da sua cegueira: *Filhos, tambem pelos pobres morreo Christo, e he lastima, que cõmettendo peccados, como os ricos, naõ busqueis as occasioens, em que a Santa Igreja, como Mãy piedosa, vos franquea os thesouros daquelle precioso Sangue de nosso Redemptor Jesu Christo. Se tambem vósoutros manchais a alma, porque naõ ireis procurar limpá la? He possivel, que haveis de estimála menos que o corpo! E cuidando da limpeza deste cada dia, haveis de estar por todo o anno submergidos em tantas culpas, deixando a alma manchada, que importa tanto!* Outros se desculpavaõ com a falta de Bullas, que pontualmente lhes dava, para que naõ lhes valesse a tal desculpa. Finalmente, reprehendia aos que naõ guardavaõ os dias dedicados ao Divino culto, e aos que via quebrantavaõ levemente a Ley de Deos, mas com taõ grande prudencia, e com taõ excellente modo, que conseguio de muitos o que pertendia, sem nenhum ficar contra elle, nem o privar das esmólas. O certo he, que toda a fortuna das nossas obras consiste no zelo com que se executaõ, e no espirito com que se obraõ, pois sendo este como deve, toca a Deos que sejaõ bem recebidas ainda as vozes, que reprehendem, e amargaõ.

Do zelo da salvaçaõ das almas.

107 Para sabermos a caridade que tinha para com o proximo, naõ he necessario mais que attendermos para a chamma que sahia da fogueira do seu coraçaõ, ainda vivendo na pobreza, e no miseravel estado que teve no mundo. Foy sempre amantissimo dos pobres, e tanto, que pela sua grande caridade mereceo o titulo de Pay dos Pobres; e ainda que elle o foy mais que todos, dispôs Deos que abrissem a este volcaõ incendido de seu peito tantas bocas, por onde respirasse sua compaixaõ, quantas foraõ as maõs dos Fieis seus apaixonados, e devotos, os quaes com generosa largueza, e Christaã liberdade lhe franqueavaõ suas fazendas, compadecidos, ainda naõ tanto da miseria dos necessitados, como das muitas lagrimas, e perpetua afflicçaõ em que ao Servo de Deos tinha o muito que padeciaõ os pobres.

Continuaõ as acçoens da sua caridade.

108 Ja dissemos o quanto cuidava nelles, quando morava no Convento da grande Cidade de Lima; porèm alli só acudia de ordinario aos pobres que o procuravaõ, e que Deos lhe encaminhava: mas no porto de Calháo como andava muitas vezes na semana pelas ruas, nenhum dos muitos que haviaõ se escondiaõ á luz do seu amor, pois a todos soccorria com maõ larga. Buscava os pobres envergonhados, especialmente mulheres, que como a viuva de Elias morriaõ de fome a portas cerradas, porque naõ entendesse o mundo a sua necessidade, ponto miseravel de nossa cega vaidade, querer antes padecer, e soffrer o tormento de huma continuada pobreza, que o confessar sua necessidade, e demonstraçaõ singular da humana soberba, pois quer, ainda entre a summa miseria, obstentar a vaidade de que se naõ saiba, alimentando sua elacçaõ, ainda quando naõ póde alimentar sua vida. Pelas portas destas entrava, e com grande segredo lhes introduzia esmólas para o sustento, e vestido. Bõa prova he o que escrevemos no paragrafo 66. da mulher a que soccorreo, no mesmo tempo em que lhe falleceo seu marido. A todas as pessoas, principalmente a mulheres viuvas, demais do ordinario sustento, as provia de vestidos, e calçado, e ainda de algumas alfayas neces-

Continuaõ.

sarias,

farias, porque naõ procuraſſem por meyos indecentes buſcar o de que neceſſitavaõ, e com grande confiança da Divina Providencia lhes aſſegurava o comer de cada dia para ſi, e para os filhos que criavaõ, e nunca faltou a Divina Providencia, pois repetidas vezes lhe multiplicou as eſmólas no Convento, e fóra delle, achando ſe com a arca cheya de paõ, depois de a ter vazia com as eſmólas; com os alforges cheyos, no meſmo tempo que acabava de dar o que elles tinhaõ; e finalmente muitas vezes ſe obſervou o darem lhe reaes de prata para repartir com os pobres, e o acharem eſtes nas maõs patacoens.

109 Querendo a Divina bondade de Deos premiar eſtas, e outras muitas virtudes, em que ſe exercitou eſte ſeu fiel Servo, lhe enviou huma ardente febre, que o proſtrou junto ás caſas de huns Cavalheiros cazados, chamado D. Luiz de Medrano, e Dona Gregoria da Cova, ambos de muita virtude, e muito devotos do Veneravel Padre, a quem recolheraõ para hum quarto, no qual lhe deraõ huma aſſeada cama, muito contra ſua vontade, ſe bem que com a promeſſa de que depois o paſſariaõ para o ſeu Convento. Mas como o fim daquelles ſeus devotos era o de aſſiſtir lhe, e de regala-lo naquella enfermidade, pediraõ ao Prelado que aſſim o houveſſe por bem, e que mandaſſe ao Servo de Deos que naõ inſiſtiſſe em ir para o Convento, o que fez o Prelado, que nomeou dous Religioſos Sacerdotes para que lhe aſſiſtiſſem de dia, e de noite. Quizeraõ que ſe deitaſſe na cama deſpido, porèm apenas conſeguiraõ que ſe deſcalçaſſe, por pedir com ternas lagrimas o naõ obrigaſſem a mais, por ter promettido á Virgem, que naõ tiraria do corpo o ſeu habito em ſaude, ou em enfermo.

Enferma gravemente fóra do Convento.

110 Proſeguia a enfermidade com ardentiſſimas quenturas, que abrazavaõ as maõs dos devotos que lhas tocavaõ; porèm elle eſtava com tanta paciencia, e conformidade, que parecia naõ era elle o que o padecia: e ſe era taõ fogoſo o incendio do amor de Deos, que ardia em ſeu coraçaõ, que muito naõ ſentiſſe o exterior fogo da mais ardente febre! O que mais ſentia era o ver proxima a morte, e o naõ morrer no ſeu Convento; e batalhando o ſeu dezejo com a ſua obediencia, ſe valeo de dous grandes amigos ſeus, e bemfeitores do Convento, para lhes pedir foſſem perſuadir ao Prelado para que lhe levantaſſe a obediencia, mandando o buſcar para a ſua pobre cella, aos quaes fallou aſſim: *Ja ſabeis, Senhores, que o meu eſtado ha ſido ſempre de hum pobre, e humilde, e neſta miſeria me hey criado, com que poſſo temer, que o muito regálo, que eſtes ſenhores me fazem, me empeiore: minhas ancias ſaõ de morrer como o Religioſo em ſua cella, e ao lado de meus irmaõs, e naõ entre as lagrimas impertinentes da multidaõ de ſeculares, que de dia, e de noite aqui concorrem, que ainda que os traz huma bôa vontade, me gaſtaõ o tempo, que hey miſter para meu recolhimento. Quando tive ſaude vivi para elles, deixem me na enfermidade viver para mim. Bem vejo que a caridade deſta familia obra goſtoſa; porèm por iſſo meſmo ſe lhe ha de procurar alleviar o trabalho, e embaraço, que forçoſamente lhes ha de cauſar o ver de dia, e de noite as ſuas caſas cheyas de gente. Eu ſe em ſaude houvera vivido no ſeculo, para morrer me recolhera á Religiaõ: pois naõ ſerá deſgraça que havendo vivido nella, morra della fóra, em caſa de hum ſecular, entre tantos regálos, como pudera hum homem muito poderoſo! Tudo iſto lhes digo como a meus mayores amigos, naõ porque haja conſentido em tal dezejo, eſtando de permeyo a obediencia ſanta; porque ainda que iſto, que eu appeteço, me faz interior guerra, ſempre pela miſericordia de Deos fica victorioſa a obediencia. E aſſim para dezejá lo, e conſegui lo ſem eſcrupulo, quizera que Vv. Mm., pois ſaõ tanto amigos do meu Prelado, lhe pediſſem, me mandaſſe para a minha cella; advertindo que eu, atè que elle me conceda eſta graça, nem quero, nem dezejo couſa em contrario. &c.* Pediraõ ſeus amigos com grande empenho ao Prelado o deſpacho de taõ juſtificada ſupplica, a que naõ deferio com varios pretextos, ſendo o principal, o naõ

Sente o morrer fóra do Convento, e procura recolher-ſe a elle.

o naõ querer que fallecesse pelo caminho, por estar a juizo dos Medicos para poucas horas: e com este desengano ficou o Bendito Fr. Gonsalo muito conforme com a vontade de Deos, cujos porquês saõ incomprehensiveis a nossos grosseiros discursos.

S. Luc. cap. 4.

Resplandece em virtudes nos ultimos dias da vida.

111 A luz costuma arder mais, quando quer deixar de arder, levantando mais sua chamma, quando se quer apagar. Que por isso, sem duvida, advertio o Evangelista S. Lucas, que ao pôr-se o sol levavaõ a Christo os enfermos, e que todos saravaõ; porque, segundo a explicaçaõ de S. Joaõ Chrysostomo, o Occazo do sol significa a morte de Christo, e á representaçaõ da morte de seu Creador latia mais a chamma da sua piedade. Luz resplandecente de virtude foy a vida do Veneravel Fr. Gonsalo, porèm ao ir-se chegando seu fim, a attenderaõ com admiraçaõ, ainda os olhos costumados a ver as suas repetidas maravilhas. Todas as virtudes, que nelle haviaõ florecido, parece que esperavaõ vê-lo na cama, para sazonar seus fructos, adiantando-se humas ás outras com sagrada porfia de parecer cada huma a primeira. Foy summa a paciencia, e conformidade com a vontade de Deos, que mostrava em o ardente das suas febres, e na força das suas continuas dores; porque havendo chegado sua hora, todos os achaques o accõmetteraõ de tropel, fazendo cada hum seu tiro em aquelle desfallecido corpo: porèm achavaõ no seu soffrimento hum homem, que naõ parecia composto da nossa sensibilidade, senaõ de bronze, e assim era grande consolaçaõ para seus devotos, ver aquella alegria, com que estava, e aquella boca de rizo, com que recebia a todos, quantos entravaõ a visitá-lo.

Milagres que fez na cama.

112 Visitavaõ-no as pessoas de mais authoridade da Cidade de Lima, de Calháo, e das terras visinhas, Indios, negros, e negras, que lhe levavaõ seus filhinhos para lhes lançar a bençaõ, com a qual hiaõ todos muito consolados. Perguntado pelos grandes, e ricos, pelo que lhes deixava encõmendado, respondia: *Que os pobres.* Estando na cama o visitou huma Dona Catharina de Barreda, a quem deo repentina saude em huma enfermidade velha, que padecia. A mesma saude alcançou nesta mesma occasiaõ, em huma perna, que tinha muito enferma, huma Magdalena Ramon. Outra mulher, que padecia hum fluxo de sangue, recuperou repentina saude com o contacto da sua capa. Levaraõ-lhe huns cazados á cama hum filho muito enfermo de gotta coral, para que pedisse a Deos lhe desse a saude, que muito lhe dezejavaõ para o ordenarem de Sacerdote; consolou-os o Veneravel Padre dizendo: que em nome do seu Deos lhe dava palavra, de que sararia seu filho, seria Sacerdote, e que por muitos annos offereceria por elles a Sua Divina Magestade o incruento Sacrificio do Altar. Tudo se cumprio, pois alcançou saude perfeita, que implorou na sua sepultura, e viveo no estado de Sacerdote cincoenta annos, ainda que seus pays o naõ alcançaraõ.

Estando enfermo tem musicas Celestes.

113 Estava na cama em continuos colloquios com Jesus Christo, com sua Santissima Mãy, e com muitos Santos da sua devoçaõ, e muitas vezes, que pedia o deixassem só, foy ouvida no Oratorio, em que tinha a cama, huma doce musica, que com tanta suavidade, e melodia cantava, que justamente a julgavaõ do Ceo, e depuzeraõ os que a ouviraõ, nos juramentos, que deraõ para a sua Beatificaçaõ, que acabada a musica, dizia o favorecido Gonsalo: *Que linda musica! E que suave! Quando o mereci eu! O' Senhor, Deos, e bem meu! Com que excesso pagais nossas curtas obras! Quem vos houvera servido, e amado como devia!*

Favorece-o Maria Santissima com a sua presença.

114 Na vespera do seu transito teve hum parocismo, em que esteve privado do sentido por espaço de huma hora, do qual tornou a si chorando, e dizendo: *Mãy de Deos, agora he hora, day me Senhora essoutra maõ, day-me essoutra maõ; pois me haveis dado huma, day-me Senhora a outra; day-me esses braços.* Cujas palavras acompanhava com as acçoens, que significavaõ succeder na verdade o que com a boca dizia. E por terem por sem duvida todos os

os prefentes, que era mercê, e regálo, que lhe fazia María Santiſſima, ſe puzeraõ de joelhos, e accenderaõ pivetes, e cheiros, entre muitas lagrimas de gozo, e outras acçoens de grande reverencia.

115 Reconhecendo D. Luiz de Mendrano que o Servo de Deos eſtava ſem alguma eſperança de vida, chamou hum carpinteiro, e lhe mandou fazer hum caixaõ para nelle ſe enterrar. Fê-lo o carpinteiro com pontualidade, e ſegredo, naõ querendo pagar-ſe delle, com o pretexto de que tambem era devoto do Padre Gonſalo, e de que lhe devia mais que todos, cauſa porque lhe queria fazer aquelle pequeno obſequio, ainda que com grande dor, conſiderando a ſua morte, e falta univerſal. No meſmo tempo em que concluio o tal caixaõ, entrou a ver ao Servo de Deos, o qual lhe pôs os olhos, e naõ lhe fallando palavra com a boca, ouvio clara, e diſtintamente que lhe dizia: *Que Deos lhe pagaſſe a caridade que lhe havia feito.* Admirado Luiz Verdugo (que era o carpinteiro) de tantas circunſtancias como alli concorriaõ, dignas todas de admiraçaõ, pois era muito ſecreto o que havia feito, e ouvia a vóz de Fr. Gonſalo, ſem lhe ver mover os beiços, lhe replicou, que como naõ havia feito nada por elle, a que fim lhe dizia aquí-lo. Ao que treplicou dizendo por duas vezes, ſem abrir os beiços, nem abrir a boca: *Que Deos lhe pagaria a caridade, que com elle havia praticado.*

Vè o que ſe faz na ſua auſencia.

116 Dona Catharina de Canellas, da Cidade de Lima, tendo noticia dos milagres que eſtava fazendo em Calhão o Servo de Deos, ſe metteo em huma carruagem com grande reſguardo, com o deſtino de viſitá-lo, e de pedir-lhe ſaude para humas agudiſſimas dores, que padecia na garganta, naſcidas de huma inflammada chaga, que lhe pronoſticava a morte muito proxima. Chegou pois á preſença do Servo de Deos, que lhe pós os olhos com demonſtraçoens de agrado, e as maõs na garganta enferma, com cujo contacto ſe lhe extinguiraõ de repente as dores, e as chagas de ſorte, que ficou aſſiſtindo ao ſeu bemfeitor até o ultimo inſtante da ſua vida, em gratificaçaõ de lhe dar a de que ja naõ tinha eſperanças.

Dá ſaude a huma enferma.

117 Com a voz de ſer chegada a hora do tranſito do Servo de Deos, concorreraõ innumeraveis peſſoas a vê-lo, e a aſſiſtir-lhe, entre os quaes foy hum mercador Heſpanhol muito abundante de bens, que tinha chegado havia pouco áquelle Porto, e eſtava quaſi vencido da tentaçaõ de ficar para ſempre na Cidade de Lima, ſem embargo de ter mulher, e filhos em Heſpanha, que muito careciaõ da ſua aſſiſtencia, e dos cabedaes que havia adquirido por aquellas partes. De tudo iſto teve revelaçaõ o Bendito Gonſalo, pois eſtando com hum Crucifixo nas maõs fazendo fervoroſiſſimos Actos de Contriçaõ, e de amor de Deos, pedio aos que lhe aſſiſtiaõ lhe chamaſſem *N.* que eſtava na primeira ſála, o que fizeraõ com grande aſſombro, porque o naõ conhecia, e menos ſabia que eſtava naquella ſála, entre os muitos que dezejavaõ entrar no Oratorio, e naõ podiaõ. Com muita confuzaõ entrou o tal Heſpanhol, que beijou a maõ ao Servo de Deos, o qual mandou a todos que ſahiſſem, e depois diſſe ao Heſpanhol: *Que tinha offendido muito a Deos, e que o demonio lhe punha eſtorvos, para que naõ ſe embarcaſſe: que o fizeſſe logo ſem dilaçaõ, indo fazer vida com ſua mulher, e ſeus filhos, que eſtavaõ muito neceſſitados.* Vendo o tal Heſpanhol aquelle prodigio, lhe prometteo embarcar-ſe logo, e lhe pedio a ſua bençaõ, a que reſpondeo: *Que a de Deos o alcançaſſe.* Logo entrou Fr. Gonſalo aos ſeus fervoroſos actos, e o homem ſahio para fóra do Oratorio publicando que era ſanto, e profeta, pois lhe diſſera o que tinha no coraçaõ. Dalli a meya hora eſpirou, e o mercador logo embarcou para a ſua patria, por taõ claramente entender era vontade de Deos.

Revela os penſamentos de hũ mercador, e o reprehende &c.

118 Finalmente depois de fazer outros muitos milagres, e de receber os Diviniſſimos Sacramentos repetidas vezes no decurſo de 11. dias, que lhe durou a enfermidade, acabou felizmente o curſo da vida cheyo de dias, pois

Do seu ditoso transito, e de como exhalou suave cheiro seu cadaver.

tinha navegado settenta pelo dilatado már do mundo, e no estreito da Religiaõ, commerciando sempre em todo o genero de virtudes, para que rico de merecimentos, chegasse a deitar ancora no porto do eterno descanço, desde o porto de Calhão, que deixou a 27. de Janeiro de 1618. Assim como fálleceo exhalou o seu veneravel corpo hum cheiro celestial, e huma fragrancia Divina, que pôs em assombro as muitas pessoas que estavaõ naquella casa, que, como na morte se quebrou o barro, rompendo-se aquelle estreito laço, que a alma tinha com o corpo, sahio a fragrancia pela casa, como refere o Evangelista S. Mattheus succedeo com o vazo, que ao ungir a Christo quebrou a Magdalena, dizendo o mesmo Senhor, que aquillo era figura da sua morte, em a qual, segundo a devoçaõ de muitos Santos, respirou aquelle Divino Cadaver pelas bocas de tantas feridas a celestial fragrancia, que na vida havia occultado. E com haver encuberto as luzes, que como Deos homem gozava, em chegando no Monte Tabor a tratar com Moysés, e Elias de sua morte, á vista dos tres Apostolos, se correraõ as cortinas, e resplandeceo seu rosto como o sol, ficando seus vestidos affronta da neve na brancura, como diz o mesmo Evangelista. Isto ha querido Deos mostrar em alguns Santos, e foy Sua Magestade Divina servido de comunicá-lo a seu Servo Fr. Gonsalo em sua morte, para que publicassem todos com o Profeta Rey, que he preciosa a morte dos Justos nos olhos de Deos, e com sagrada emulaçaõ, procurando melhorar as vidas para merecer taes mortes, digaõ: *Bemaventurados os mortos, que morrem em o Senhor.*

Gente que acudio a venerar seu cadaver.

119 Ainda antes que as lagrimas dos que assistiaõ ao transito do Servo de Deos, publicou aos de fóra sua morte aquelle suavissimo cheiro, que sahio repentinamente do Oratorio, onde estava, enchendo de gozo os coraçoens, pelo que piedosamente criaõ, e os olhos de lagrimas, pela universal falta, que consideravaõ. Correo a *vóz* pelo porto de Calhão, e chegou muito breve á Cidade de Lima, que no mesmo ponto se despovoou, enchendo-se o caminho de carruagens, cavallos, e mulas, em que hiaõ homens, e mulheres de todos os estados, e a pé infinitos pobres, Indios, e negros de ambos os sexos, a venerar seu santo corpo, publicando o Santo, e referindo o que cada hum de sua virtude tinha recebido. E se os seus Religiosos, e as grandes personagens choravaõ incessantemente a falta de tal Varaõ, os gemidos, e prantos que enterneciaõ os coraçoens eraõ os dos pobres, que andavaõ pelas ruas como ovelhas assustadas, e sem pastor, dizendo: *Quem nos dará em nossas enfermidades o regálo? Quem em nossas afflicçoens nos consolará? Quem nos dará o vestido na nossa desnudez, e o allivio em nossos trabalhos? Pois com a morte deste santo nos veyo a nossa orfandade &c.*

Achaõ-no cheyo de cilicios, e se repartem &c.

120 Cerraraõ os seus Religiosos [que sempre lhe assistiraõ até espirar] as portas para lhe despirem o habito com que falleceo, e lhe vestirem outro que os donos da casa lhe tinhaõ preparado; os quaes ficaraõ admirados de verem o corpo daquelle santo Religioso cengido de asperos, e rigorosos cilicios de ferro, e que com elles havia passado na sua enfermidade, com tanto soffrimento, como que sua carne fosse de ferro. Estes instrumentos de seu martyrio continuado foraõ para o Vice-Rey, e Arcebispo de Lima, e as roupas que haviaõ servido na cama, pannos, e lenços, com que se servio na enfermidade, os alforges com que andava a pedir, as diciplinas, e mais cilicios de que usava, se repartio em miudos bocados para satisfazer dezejos piedosos, que tudo pediaõ como reliquias preciosas, os quaes acharaõ nas taes reliquias huma fragrancia que consolava.

Veneraçoẽs que o povo lhe fez.

121 Era taõ grande a ancia com que todos estavaõ de ver o seu veneravel corpo, que foraõ muitos os que na noite de Sabbado, para o Domingo, passaraõ sem dormir, e que com huma piedosa impaciencia pediaõ aos Padres que o vestiaõ abbreviassem, e lhes naõ detivessem a vista daquelle santo, o qual puzeraõ em hum grande pateo das casas elevado desorte, que pu-

deste

desse ser visto do innumeravel concurso, e que pudesse estorvar o chegaremlhe os devotos; o que naõ bastou, para que muitas vezes o naõ despojassem dos habitos, até que foy tirado o bendito cadaver pelos Clerigos, e Religiosos de todos os Conventos do Porto, os quaes naõ puderaõ proseguir com o *Psalmo de profundis*, pelo estrondo de diversas vozes, que se ouviaõ, humas lamentando sua morte, outras acclamando a sua gloria, outras pedindo sua intercessaõ para com Deos, e todas acclamando-o por Santo, e por digno das veneraçoens de tal.

122 Sahindo pois o veneravel corpo do pateo aos hombros dos Prelados das sagradas Religioens, acompanhado do General de Calhão, e dos Ministros Reaes, foy tal o impeto do povo, que foy preciso deixar-se nas suas maõs ao veneravel cadaver, que despojaraõ novamente do habito, dos çapatos, e meyas, e das almofadas sobre que levava reclinada a cabeça, chegando a indiscreta devoçaõ a arrancar-lhe com os dentes hum dedo do pé; e sendo muitos os milagres que fez, naõ se avaluou por pequeno o naõ perigar pessoa alguma com aquelle grande tropel, e confuzaõ, concorrendo muitas Indias, e negras com os meninos nos braços. Naõ só quiz Deos Senhor nosso honrar a este seu grande, e humilde Servo com as universaes acclamaçoens de todo o povo, senaõ que tambem quiz que o acclamasse, e publicasse por santo hum menino de peito Hespanhol, que levava huma negra nos braços, e que ainda naõ fallava, o qual pondo os olhos no santo cadaver, e apontando com a maõzinha, disse em vóz alta: *Santo, Santo*, e naõ repetio terceira, porque o Tricacio Divino sómente se deve no Ceo a Deos, a quem os Serafins chamaõ tres vezes Santo, como ouvio o Profeta Isaias.

Continuaõ as veneraçoens, e o acclama santo hum menino de peito.

123 Como determinaraõ se sepultasse no Domingo de tarde, sahio o veneravel corpo nos hombros dos Prelados, e Prebendados, que haviaõ ido da Cidade de Lima, os quaes o passaraõ a outros, e os outros a outros, por satisfazer-se á devoçaõ dos muitos, que queriaõ ter parte naquella sagrada carga, e encaminhando os passos para o seu Convento de nossa Senhora da Mercè, naõ puderaõ proseguir as Ladainhas, que começaraõ, porque aquella multidaõ de gente que estava pelas ruas, enchia o ar de vozes, com que clamavaõ: *Santo Padre Fr. Gonsalo roga por nósoutros, santo Padre lembra-te de nós, santo esmoler olha que nos deixas desamparados.* Finalmente, huns com lagrimas, outros ternos da devoçaõ, e gozo do que viaõ, davaõ a Deos as graças por assim sublimar aos pequenos, e humildes, dando a hum pobre leigo o triunfo, que naõ conseguio o mais poderoso Monarcha.

Continuaõ os obsequios ao santo cadaver.

124 Assim como entraraõ com o bendito corpo na Igreja, lhe tiraraõ novamente a capa, çapatos, e meyas, e parte do habito, e com grande difficuldade o puzeraõ sobre hum tumulo, que estava prevenido, onde o tornaraõ novamente a vestir. E ainda que os Superiores tinhaõ disposto o sepultaremno aquella tarde, o naõ puderaõ conseguir, porque foraõ taes as instancias das pessoas mais authorizadas daquelle Reyno, que naõ puderaõ deixar de deferir o determinado enterro para aquella noite, porque queriaõ aquellas personagens dar tempo a que chegassem algumas obrigaçoens suas da Cidade de Lima, que queriaõ venerar, e beijar as maõs, e os pés, como fizeraõ, ao santo cadaver. Assim como se começou naquella noite a cavar na sepultura, se turbou com os golpes a gente, que começou a queixar se, de que lhe roubavaõ da sua vista a consolaçaõ, que lhe haviaõ promettido de deixá-lo para o seguinte dia: e assim logo que viraõ dar principio ao Officio, arremetteraõ ao tumulo, sem bastar o estorvá-los a authoridade, e o respeito das mais qualificadas pessoas de Lima, e Calhão, e lhe cortaraõ grande parte do habito. Em fim, entre muitas lagrimas, e acclamaçoens de santo, se lhe deo sepultura raza, na qual se lhe esculpio hum epitafio, que declarava as suas grandes virtudes.

Continuaõ.

125 Era seu sepulchro melhorada piscina, pois naõ hum, senaõ quantos

enfermos chegavaõ conseguiaõ a saude, sendo tantas, e taõ repetidas desde a sua morte as maravilhas, que se vio precisado o Illustrissimo D. Bartholomeu Lobo Guerreiro, Arcebispo de Lima, a mandar authenticar os seus milagres, e a tirar as necessarias informaçoens das suas virtudes, dous mezes depois do seu fallecimento, em ordem a dar-lhe culto. Quarenta e duas testimunhas de graduaçaõ, letras, e virtudes juraraõ nos taes processos, e examinado com toda a exacçaõ pelo mesmo Prelado (muito devoto do Servo de Deos) tudo o que era necessario para cousa de tanto pezo, determinou collocar em hum Altar com grande solemnidade as suas Reliquias, para o que publicou o dia de 3. de Janeiro de 1621., no qual se abbreviou no porto de Calháo a principal, e a mayor parte de gente da Cidade de Lima, que acompanhou ao mesmo Prelado, e a mayor parte do Cabido daquella Metropolitana Igreja.

Determina o Arcebispo de Lima dar-lhe culto.

126 Abrio-se a sepultura, e sentio-se no mesmo ponto huma celestial fragrancia, que mostrava a incorruptibilidade daquelle santo corpo, e a gloria, que piedosamente todos criaõ que gozava a sua bendita alma. Achou-se com effeito seu corpo taõ inteiro, taõ tratavel, e taõ fresco, como o estaria no dia em que o enterraraõ, movendo à admiraçaõ a quantos o viaõ; á vista do que novamente o acclamou santo o muito povo que alli se achava, e o mais que concorreo, movido da maravilha, no decurso de tres dias, que o Illustrissimo Arcebispo dispôs, para que estivesse exposto ás veneraçoens dos Fieis, que naõ cessavaõ de lhe beijar os pés, e as maõs, e de pedir reliquias do seu habito; e se o Arcebispo muito se alegrava de ver taõ venerado depois de morto a quem elle tinha venerado em vida, muito se enterneceo, quando ao prégarem-se naquelles tres dias as suas virtudes, e milagres, via que se hiaõ levantando as pessoas, a quem haviaõ succedido, e postas no meyo daquelle grande concurso diziaõ: *Assim he meu Padre, eu sou a pessoa a quem succedeo &c.*

Acha-se o corpo inteiro, cheiroso.

127 Entre muitas lagrimas, e alegrias do povo, se pôs o veneravel corpo, por maõs do Illustrissimo Arcebispo, dos Prelados das Religioens, e dos Prebendados da Cathedral de Lima, em huma arca de madeira dourada, e lavrada com grande primor, a qual levaraõ os Cavalheiros principaes de Lima, acompanhados de Ecclesiasticos, para o sitio onde estava prevenida a sua collocaçaõ, que era no Altar Mayor, no lado da Epistola, onde se puzeraõ duas alampadas de prata allumiando ás taes Reliquias. Tudo isto obrou o Arcebispo, por a elle lhe pertencer o dar-lhe culto como Prelado, e Metropolitano, e por ser quatro annos antes que a Santidade de Urbano VIII. despachasse os novos Decretos, pelos quaes reservava estas, e outras algumas demonstraçoens de culto publico á Sé Apostolica, dando nelles a fórma com que o Ordinario dalli em diante devia proceder nestes cazos. Finalmente, com este culto esteve o Bendito Gonsalo até o tempo em que se publicou em Lima o tal Decreto, pois logo os Religiosos, como filhos obedientes da Santa Madre Igreja, enterraraõ segunda vez o corpo que haviaõ venerado, experimentando ao abrir da caixa fragrancia, e cheiro taõ suave, que a todos encheo de hum interior gozo, e hum exterior recreyo do olfato, ainda que naõ puderaõ perceber de que especie fosse, nem a que cheiro se pudesse attribuir o picante da suave fragrancia, que se percebia. Achou se incorrupto, porèm com a falta de alguns dedos das maõs, e dos pés, que lhe tinha tirado a indiscreta devoçaõ, pelo que foraõ castigados, pois se escreve, que os Religiosos, e seculares, que lhe tiraraõ reliquias de seu corpo, haviaõ padecido naquella mesma parte algumas dores. Fizeraõ-se novas diligencias na fórma dos Decretos de Urbano VIII., em ordem a alcançar-se a sua Beatificaçaõ pela Sé Apostolica, no que parece cuida a sua Religiaõ.

Colloca-se seu corpo.

128 Para escrevermos esta vida nos aproveitamos da que escreveo em Hespanhol o Padre Mestre Fr. Filippe Colombo, Chronista Geral da Religiaõ Mercenaria, que traz os muitos milagres, que obrou o Servo de Deos depois da sua morte, e que naõ relatamos por naõ fazermos mais fastidioso

este

este epitome, porèm naõ omittiremos os seguintes prodigios, pelo que tem de maravilhosos. Como naquellas partes tinhaõ muitos os seus retratos, e o veneravaõ em imagens de vulto, como o faziaõ a outro qualquer Santo declarado pela Igreja Romana, hum leigo da mesma Ordem Portuguez, chamado Fr. Antonio de Oliveira, pôs o seu retrato, em vulto de meya vara de alto, em hum Altar do Convento de Lima. Naquelle Altar estava dizendo Missa em sexta feira da Paixaõ do anno de 1639. o Mestre Fr. Jeronymo de Castilho, Doutor Theologo daquella Universidade, quando ao dizer a Paixaõ vio o retrato taõ incendido, e demudado de cor, que admirado chamou ao Acolyto, e lhe disse: *Repare irmaõ, que mudança esta deste Servo de Deos.* Logo reflectiraõ ambos novamente na tal mudança, e acharaõ que lhe cahiaõ dos olhos lagrimas em gottas, e de toda a cara abundancia de suor. Acabada a Missa, e divulgado o prodigio, acudio povo innumeravel a observá-lo, tendo-se por ditosas as pessoas, que puderaõ chegar a colher o suor, ou lagrimas, que vertia o retrato do Servo de Deos, em algodoens. Na tarde do mesmo dia foy o Illustrissimo Arcebispo testimunhar o prodigio, de que muitos Notarios deraõ fé. No dia seguinte se pôs o retrato na sua cor, e se naõ enxergou o suor. Como dalli a pouco chegou o dia em que se celebrou o Auto da Fé na Cidade de Lima, se publicou que no mesmo, em que havia suado, e chorado o retrato de Fr. Gonsalo, era o catorzeno da Lua de Março, em que os Judeos prezos celebraraõ o transito do Mar Vermelho, e a Pascoa, comendo o cordeiro.

Chora, e sua o seu retrato no dia em que hũs Judeos fizeraõ huma sacrilega festa.

129 E naõ só fez esta demonstraçaõ o Servo de Deos defunto da sua fé, e zelo da conversaõ dos infieis, senaõ tambem a que se segue, naõ menos admiravel por suas santas reliquias. Hum mez pois antes da vespera de S. Lourenço Martyr do dito anno, todos os dias á hora da Missa mayor se ouviaõ na caixa, em que entaõ estava collocado seu corpo, rijos golpes, que atemorizavaõ aos Religiosos, e traziaõ admirados a todos os seculares, que concorriaõ de muitas partes a testimunhar prodigio taõ raro. Assentaraõ por vezes em que se abrisse o caixaõ, e naõ acharaõ nelle novidade alguma. Cessou o prodigio na vespera de S. Lourenço, dia em que se prenderaõ todos os Judeos que haviaõ na Cidade de Lima. Com que estas demonstraçoens no sepulchro do Servo de Deos fazem ecco com aquelle suor, e lagrimas de sua imagem, e tudo mostra o grande zelo que na vida teve da honra de Deos, e o dezejo de que se convertessem, e castigassem os perfidos Apostatas da nossa santa Fé; pois se chora, e sua o seu retrato no dia que em Lima se ajuntaraõ os Judeos a celebrar huma sacrilega festa, que maravilha, que por todo o mez de Julho, e principios de Agosto, golpeassem inquietas na urna suas sagradas Reliquias, se neste tempo celebravaõ os Judeos as suas festas, e observavaõ muitos jejuns, como foraõ pela morte de Aarom, primeiro Pontifice dos Judeos, a qual succedeo no principio de Julho, em cuja memoria jejuavaõ. A quatro do mesmo mez era festa, por se haver começado a fabrica dos muros de Jerusalem, em tempo de Edras, e naquelle dia jejuavaõ. A nove jejuavaõ com grande austeridade, pela sediçaõ que causou no povo as más informaçoẽs dos exploradores da terra da Promissaõ, fóra de Calebet, e Josué. No dia dez, por haver começado Nabusardaõ a queimar o Templo, o Palacio Real, e todas as casas grandes de Jerusalem. A 18. jejuavaõ pela extensaõ da Lucerna Occidental no tempo de Achaz. Nos dias 28. até 30., celebravaõ o haver-se applacado Deos pelos rogos de Moysés, e o mandar-lhe lavrar outras taboas, dando-lhe nellas segunda vez a Ley: e se quem ao sacrilego congresso de huma festa fez suasse o seu retrato em hum tronco, que muito, que a tantas juntas, e a jejuns tantos, dessem golpes suas reliquias em huma urna! Foy taõ ruidoso este successo, que prégando-se no Auto da Fé, e da pertinacia dos Judeos, disse o prégador: Que o Servo de Deos Fr. Gonsalo Diaz com lagrimas, e golpes lhes prégava, e que parecia lhes queria dizer:

Dá golpes no caixaõ o seu corpo nas occasioens em que celebravaõ outras, e cessou quando se prenderaõ.

Paysanos

Payſanos meus: *Uſquequo gravi corde?* Até quando ha de durar voſſa rebeldia? Ao zelo da fé deſte ſanto leigo ſe deve muita parte da converſaõ, e do adiantamento nas virtudes de hum perfido Judeo, cuja vida he certamente digna de ſer lida, a qual acharáõ os Leytores neſte primeiro Tomo com o nome de Fr. Antonio de S. Pedro. Deſte Bemaventurado eſcrevem varios Authores, a Chronica da Ordem, e em vida particular Fr. Filippe de Colombo Chroniſta da Religiaõ, para honra, e gloria de Deos, que ſeja louvado em ſeus Santos.

Vida do Beato Padre Fr. GONSALO DE LAGOS *Eremita Agoſtinho, natural da Cidade de Lagos.*

1 SE muito, e juſtamente ſe jacta a incomparavel Cidade de Lisboa de ſer a ditoſa patria do noſſo Taumaturgo Portuguez, ſe naõ jacta pouco a Cidade de Lagos (que fica no Reyno do Algarve) por ſer a venturoſa mãy, que cõmunicou os vitaes alentos, ao Beato Gonſalo, por ſer ſem controverſia hum dos mais ſantos homens, que deo a bondade de Deos no ſeu tempo, para exemplo, e confuzaõ dos mortaes, que vivem, por deſcuidados da morte, entregues ás delicias da vida, e eſquecidos do fim para que naſceraõ.

2 Seus pays eraõ peſſoas honeſtas, e muito tementes a Deos, motivo porque lhe deraõ a melhor criaçaõ, naõ ſó com os dictames, ſenaõ tambem com o exemplo. O certo he, que nem a arvore má póde dar bom fructo, nem a bõa máo, pois naõ produzem as eſpinhas uvas, nem as ortigas palmas; porque ſendo o natural, que toda a cauſa trabalhe, por imprimir-ſe em ſeu effeito, vem a ſer como neceſſario, que ſayaõ os effeitos da qualidade das ſuas cauſas.

Vive ſantamente no ſeculo, e entra para a Religiaõ de Santo Agoſtinho.

3 Com o exemplo pois, e com a bõa criaçaõ, que lhe deraõ ſeus pays, viveo os primeiros annos applicado ás primeiras letras, e ás virtudes, deſorte, que em huma, e em outra couſa aproveitou, por viver retirado daquellas companhias, que previa o podiaõ diſtrahir, e divertir de huma vida louvavel, e digna da attençaõ Divina. Naõ obſtante viver ſantamente no ſeculo, ſe reſolveo a entrar em alguma Religiaõ. Na qualidade o meſmo ſaõ os lirios do campo, do que os dos jardins; mas eſtes ſe fazem mais perfeitos, pela diligencia da cultura que falta aos dos campos. Com eſte conhecimento paſſou á Cidade de Lisboa, acompanhando a certos amigos, e parentes, que a ella hiaõ a negocio, com o deſignio de nella fazer eleyçaõ do Convento que Deos lhe inſpiraſſe; para o que o obrigou com muitos jejuns, e naõ com poucas mortificaçoens. Vendo pois que Deos o chamava para Eremita Agoſtinho, pertendeo, e conſeguio o habito no Convento de N. Senhora da Graça, da meſma Cidade de Lisboa.

Exercita-ſe em ſingulares virtudes.

4 Foy o noſſo Gonſalo Varaõ de admiravel innocencia, e pureza de vida, ainda antes de Religioſo; porèm depois de ſê lo, a augmentou tanto com outras virtudes, que era hum prodigio da obediencia, da humildade, da penitencia, e do eſtudo da oraçaõ. Admiravaõ-ſe os Religioſos de verem em pouco tempo de habito adiantados principios, e concebiaõ eſperanças de huns progreſſos, e fins taõ excellentes, que o conſtituiſſem Varaõ perfeito, e Apoſtolico, e com razaõ; porque a ſua grande pureza, a integridade de ſeus coſtumes, a ſuavidade das ſuas palavras, a aſpereza da ſua vida, e a ſua quaſi continua oraçaõ, o faziaõ hum Serafim na terra.

Continua a expreçaõ dellas.

5 Deſcuidava-ſe tanto da conſervaçaõ da vida, que macerava ſeu corpo com abſtinencias ſingulares, com crueis diciplinas, e com hum taõ dilatado cilicio, que lhe cingia todo o corpo, o qual naõ tirava, nem por cauſa de enfer-

enfermidade. O descanço, que de noite a este dava, era sobre humas seccas vides, mortificaçaõ, que continuou até o ultimo instante da vida, como diremos. Celebrava com tanta devoçaõ, e espirito, que parecia naõ homem que vivia na terra, sim Anjo que gozava da face de Deos no Ceo.

6 A mayor parte da noite gastava na oraçaõ, e na contemplaçaõ dos bens Celestiaes, e eternos, o que o fazia andar sempre taõ absorto em Deos, que parecia viver mais em Deos, que em si mesmo. Ardia em taõ vivas chammas do amor deste Senhor, que lhe dava grande pena, e tormento o ver era desamado, e offendido dos mortaes: e sendo a boca pregoeira das abundancias, que se depositaõ no coraçaõ, abundava o de Gonsalo em suavidades de amores perfeitos para com Deos, que respiravaõ em fragrancia pela boca, naõ se lhe ouvindo palavra, que naõ fosse expressiva das suas finezas, e que naõ fosse dirigida a incitar a todos os mortaes a que naõ offendessem a hum Deos taõ digno de ser amado. Ora attendaõ.

Continua.

7 Sendo Prior no Convento de Torres Vedras muitos annos, e até o ultimo instante da sua vida, logo que acabava de cantar Completas no Coro, sahia para a porta da Igreja delle, que ficava naquelle tempo na estrada, onde esperava até á noite os homens, e as mulheres, que vinhaõ das suas lavouras, aos quaes admoestava em geral, e em particular, para que amassem, e naõ offendessem a Deos; o que fazia com palavras naõ persuasivas, expressivas, e convenciveis, e fervorosas, que reformavaõ as vidas deforma aquelles rusticos, que pareciaõ no trato mais Religiosos, que seculares.

8 O que fazia á porta do seu Convento, praticava tambem nas casas particulares em que entrava, nas Villas, e Aldêas por onde pedia esmóla. Ainda hoje se tem em grande veneraçaõ naquellas partes algumas pedras, pela tradiçaõ, que ficou de pays a filhos, e de filhos a netos, de que nellas se assentava o Servo de Deos a persuadir o povo ao verdadeiro conhecimento da Summa Bondade do mesmo Senhor, e a viver como verdadeiros Christaõs, redemidos com o seu preciosissimo Sangue.

9 Juntava aos meninos, para lhes ensinar a Doutrina, e os dirigir a viver bem. Punha-lhes as maõs sobre a cabeça, e pondo juntamente os olhos no Ceo, pedia com grandes affectos a Deos os fizesse seus Servos, e permittisse, por sua Divina misericordia, que o naõ offendessem, e os puzesse no numero dos seus escolhidos. Nesta postura foy visto muitas vezes arrebatado, e immovel, com o rosto abrazado, e lançando pelos olhos lagrimas em fio.

Vê-se arrebatado, e immovel.

10 Naõ ha sciencia mais perfeita, e admiravel, de cujo copioso manancial melhor se aproveite a alma para o augmento dos seus virtuosos progressos, do que o conhecerem se os homens a si mesmos. Sciencia he esta mais celestial do que terrestre, e na qual se devem exercitar todos, e mayormente os que procuraõ a Religiaõ, e Casa de Deos; e sendo este o principal dictame, que devem aprender, lhes ha de servir tambem de continuo despertador para delle se naõ affastarem. O quanto aproveitou nesta sciencia o Bendito Gonsalo, se evidencia do pouco em que se tinha, e dos humildissimos empregos que exercitava, pois sendo Prior das Casas de Lisboa, de Santarem, e ultimamente de Torres Vedras, se empregava nos officios mais humildes, e baixos dos taes Conventos, fazendo o de cosinheiro, de porteiro muitas vezes, e sempre o de enfermeiro. Preparava a agoa, com que hia lavar os pés aos hospedes que hiaõ aos Conventos, varria as casas, alimpava as officinas, fazia as camas aos enfermos, aos quaes finalmente servia em tudo, naõ como Prelado, sim como o mais vil escravo.

Da sua grande humildade.

11 Vendo o inimigo universal das almas a humildade, a caridade, e o zelo que tinha este Servo de Deos do bem dellas, e os favores que Deos lhe fazia, approvando as suas virtudes com as vozes dos prodigios, procurava perseguí-lo, e inquietá-lo na oraçaõ, em diversas, e medonhas figuras, ora com affagos, ora com ameaços, passando destes á obra deforte, que muitas vezes o deixou

Inquieta-o, e açouta o o diabo.

o deixou por morto, com os açoutes que lhe deo. Porèm o que vinha a negociar o maldito espirito era, que Gonsalo, exercitado em receber seus golpes, e em rechaçá-los, accrescentava fervores á oraçaõ, e fazia que as armas do inimigo cõmum se convertessem em seu proprio damno.

12 Estando em Torres Vedras, se lhe queixou huma velha pobre, e cega, dizendo: *Padre, a todos os que vos pedem fazeis mercès, a todos curais, a todos remediais, só a mim, que sou velha, e pobre, naõ quereis acudir, e dar saude, nem me quereis pòr as maõs nestes olhos, e dar-me vista nelles.* Compadeceo-se o Servo de Deos da pobre velha, e lhe disse com profunda humildade: *Irmaã estais enganada, eu naõ faço maravilha alguma das que dizeis, nem as posso fazer; sou servo sem proveito, e o mayor peccador de todos: Deos he o que faz os milagres àquelles que tem fè viva, e verdadeira, e que com o coraçaõ contricto, e humilde se unem com elle: naõ está a cousa em vos eu pòr a maõ nos olhos, que minhas maõs saõ maõs de peccador, nem saõ poderosas para bem algum, mas se vòs tiveres fè em Deos, ainda que laveis os olhos com agoa de sardinhas, com isto sarareis, e abrirse-vos-haõ.* Como a pobre cega respeitava, e venerava as palavras do Bendito Gonsalo, como de hum Anjo do Ceo, esquecendo-se de quaõ encontrada mesinha era aquella para a enfermidade dos seus olhos, logo que chegou a casa, deitou humas sardinhas salgadas em agoa, com a qual lavou com muita devoçaõ os olhos, pedindo com grande singileza ao Senhor, que pelos merecimentos do seu Servo Fr. Gonsalo, que lhe aconselhara aquella mesinha, fosse servido de lhe dar saude, e vista com ella; e conseguio o premio da sua fé, pois no mesmo ponto se lhe abriraõ os olhos, ficando de todo saã, e mais devota do Servo do Senhor.

Alcança vista para hũa cega.

13 Nasceo a outra mulher hum lobinho sobre o olho direito, o qual lhe foy crescendo desorte, que lhe impedia a vista delle. Nesta afflicçaõ pedio ao Servo de Deos que arremediasse, e elle respondeo com muitas lagrimas, e suspiros, nascidos da sua grande humildade: *Que elle era o mayor peccador do mundo, e o mais ingrato aos beneficios de Deos, e que tivesse muita fè no azeite que ardia na alampada do Santissimo Sacramento, que elle pela sua misericordia lhe acudiria á sua necessidade.* Pôs-lhe com effeito o Servo de Deos o azeite com as suas maõs, e fazendo o sinal da santissima Cruz sobre a nascida, logo esta desappareceo.

Desapparece hũ lobinho, que tinha huma mulher sobre hum olho.

14 Escrevia com summa perfeiçaõ, motivo porque os Prelados mandaraõ que puzesse na sua engraçada, e bõa letra varios livros do serviço do Coro, e elle o fez, com o espirito, e devoçaõ, de quem como elle era taõ affecto aos louvores Divinos, a que os taes livros se encaminhavaõ. Quando fallarmos de alguns dos milagres, que Deos fez pelos seus merecimentos depois da sua morte, diremos o que succedeo com dous livros, que fez para os Conventos de Lisboa, e de Santarem.

15 Havendo vivido na Religiaõ muitos annos, recreando-a sempre com o suavissimo cheiro das suas celestiaes virtudes, e illustrando-a com a sua exemplar vida, cahio enfermo do mal da morte, no Convento de Torres Vedras, sendo delle actual Prelado, com tanta alegria sua, quando conheceo que se hia chegando o fim da sua peregrinaçaõ, que em lugar de temer o lançe, ou de julgá-lo horrivel, lhe parecia que lhe tardava. Recebeo todos os Divinissimos Sacramentos, com tanta devoçaõ, e com tantos jubilos de espirito, que parecia ja gozava na terra daquella gloria, porque tanto trabalhara em todo o decurso da sua vida.

Enferma mortalmente.

16 No principio de Outubro do anno de 1445. se entregou á penitente cama, de que toda a vida usara, que se compunha das vides seccas que dissemos, e como nem naquella ultima enfermidade se pode acabar com elle o affroxar em taõ rigorosa mortificaçaõ, encostado ás taes vides, admoestou aos subditos para que amassem ternamente a Deos, e guardassem a Regra com perfeiçaõ,

perfeiçaõ, e rezando com elles o Officio da encõmendaçaõ, e as oraçoens que costumaõ rezar na Ordem aos que estaõ em taõ perigosa hora, lhes deitou a bençaõ, e elle foy receber a de Deos, e o premio dos seus trabalhos a 15. do mesmo mez de Outubro. Logo que se divulgou o seu fallecimento, concorreo todo o povo a venerá-lo, e a aproveitar-se das suas reliquias, como de homem que era tido por santo, naõ só pelo mesmo povo, senaõ tambem pelos Religiosos da Provincia, como se demostra de mandar esta se lhe desse sepultura particular, apartada dos outros Religiosos na Capella Mór do Convento, e que nenhum assistisse na sua cella, dando com isto a entender, que na cella de hum homem santo naõ deviaõ habitar homens, que naõ fossem santos.

Dá a alma ao Creador, e enterraõ seu corpo em sepultura distincta &c.

17 Depois de sepultado obrou a Divina bondade de Deos tantos milagres nas pessoas que lhos pediraõ pelos merecimentos deste seu Servo, que frequentavaõ o seu sepulchro como de hum homem, que estivesse ja canonizado pela Igreja. Vendo os Religiosos que naõ estava com a decencia devida hum corpo, que era de todos venerado por santo, o trasladaraõ [com beneplacito dos Superiores] no anno de 1492. para hum arco, que se fez em o lado do Evangelho da mesma Capella Mór, mettendo as suas veneraveis reliquias em huma rica caixa, a qual seguraraõ com humas grades de ferro, em que puzeraõ duas chaves. E como concorria innumeravel povo a tirar terra do lugar da sepultura, onde estivera enterrado, se viraõ precisados os Religiosos a mandarem pôr nelle hum sepulchro de pedra, com a sua imagem nella esculpida, e com hum buraco na mesma sepultura, porque pudessem os enfermos metter as cabeças, braços, e maõs, e tirar della a terra para as suas enfermidades; e foraõ tantos os prodigios, que Deos fez por acreditar a este seu humilde Servo, que instituio o povo huma Confraria em veneraçaõ sua, a qual passados muitos annos se extinguio, por ser erecta sem authoridade Pontificia, mas naõ se extinguio a fé, e a devoçaõ do povo daquella Comarca, que sempre o visitavaõ, e visitaõ, como a santo, e offerecendo-lhe offertas, em agradecimento dos favores, que recebem de Deos pela sua intercessaõ.

Traslada-se o santo corpo, e se institue huma Confraria.

18 O Padre Fr. Duarte Pacheco da mesma Ordem, escreveo hum epitome das vidas de alguns Santos, com brevidade tal, que deixa à devoçaõ queixosa. Diz no tal epitome, que este Servo de Deos fizera innumeraveis milagres, e que estavaõ escritos nos processos, que se conservaõ no Convento em que falleceo, contentando-se sómente com contar os seguintes.

19 Entre os muitos livros, que escreveo pela sua peregrina, e engraçada letra, para o uso dos Coros dos Conventos em que assistio, como ja dissemos, foy hum Cõmum dos Santos para a Casa de Lisboa, o qual depois da sua morte foy furtado para hum Convento de Salamanca, do qual desappareceo, voltando outra vez para o Coro, mediante as supplicas, que os Religiosos fizeraõ ao Servo de Deos, naõ só pela conveniencia que lhes resultava de terem o tal livro, senaõ tambem por terem a gloria, de ser escrito por hum Religioso taõ santo. O mesmo succedeo com outro livro, que escreveo para o Convento de Santarem, onde tornou a apparecer, depois de estar tempos furtado.

Faz com que tornem a seus lugares dous livros furtados &c.

20 A Maria Henriquez, mulher nobre de Torres Vedras, cresceo a unha do dedo pollegar do pé direito dentro da carne desorte, que lhe furava o dedo todo, até sahir pela parte debaixo por duas partes, do que lhe resultava intolleraveis dores, e alcançou o total remedio de taõ grande molestia, logo que metteo o pé no buraco, que estava no sepulchro antigo do Servo de Deos.

Sara da molestia de hũ unheiro &c.

21 Pedro Caõ, criado do Bispo, alcançou perfeita saude logo que visitou o sepulchro do Servo de Deos, em hum achaque taõ incuravel, como o de peste, de que estava ferido, e ja com grande febre, e com pestifero inchaço na virilha.

Dá saude a hũ empestado.

22 Navegando hum navio do Reyno do Algarve, em que hiaõ muitos naturaes da Cidade de Lagos, em certa altura se submergio, escapando só com vida dous homens, e como hum delles era sobrinho de Fr. Gonsalo, andando ja desfallecido, e lutando com a morte entre as ondas, pedio a seu santo tio, que lhe valesse naquelle mortal perigo. No mesmo tempo appareceo hum Frade de Santo Agostinho na praya, o qual, depois de lhe dizer que naõ temesse, entrou por entre as ondas, e pegando no afflígido sobrinho, o levou para a praya onde lhe disse, que elle era o tio, por quem chamara; que fosse ao Hospital da terra, para nelle cobrar forças para poder caminhar, e que tanto que as tivesse partisse em direitura a Torres Vedras, onde estava o seu corpo sepultado, e onde alcançaria saude perfeita nas chagas, e feridas, que recebera no naufragio. Com grande jubilo da alma, e alegria do corpo, ouvio o ditoso naufragante a seu santo tio; e obedecendo ao que lhe mandava, a seu tempo chegou a Torres Vedras, onde visitou a sepultura com tanta devoçaõ, que dormio a primeira noite ao pé della, depois de lançar terra da mesma sepultura nas feridas que levava, das quaes se achou na manhaã seguinte inteiramente saõ, de cujo milagre se fez juridico instrumento com as testimunhas, que o tinhaõ visto no dia antecedente com feridas, e chagas abertas.

Livra a hum sobrinho da morte em hum naufragio.

23 Andando em huma caravella alguns homens da Cidade de Lagos, se levantou tal tempestade, que se julgavaõ todos os caravelleiros submergidos das ondas, motivo porque chamaraõ com grande instancia, e fé pelo santo Fr. Gonsalo, para que lhes valesse, e logo viraõ no meyo das ondas, e junto á caravella hum Frade de Santo Agostinho, com hum cajado na maõ, que os esforçava, dizendo-lhes que naõ tivessem medo, que chamassem pela Senhora da Graça, que ella como Advogada dos peccadores lhes acudiria; e dizendo isto, cessou a tempestade, ficando a caravella em mar bonança. Perguntaraõ-lhe quem era, e respondeo que Fr. Gonsalo seu natural, por quem haviaõ chamado, e que fóra mandado por Deos, para os livrar do perigo em que estavaõ, concluindo, que voltassem para Portugal, e que indo ao seu sepulchro, que estava em Torres Vedras, nelle agradecessem os beneficios, que tinhaõ recebido.

Livra a huns caravelleiros de naufragar.

24 Fr. Alvaro Monteiro, Religioso da mesma Ordem, era muito atormentado de dores de gotta, e sentindo se hum dia com ellas mais crescidas, senaõ levantou da cama, e como o ignorou o enfermeiro, lhe naõ levou de comer. Estando para exhalar a vida de summa fraqueza, vio entrar pela cella dous Religiosos, que a encheraõ de admiravel claridade. Conheceo logo hum delles, que era o B. Fr. Joaõ de Estremoz, [de quem escrevemos neste Volume] a quem alcançara na Ordem sendo moço, e dizendo-lhe o outro, que era o Servo de Deos Fr. Gonsalo, ficou o Religioso, que o era perfeito, summamente consolado com taõ celestiaes visitas. Como se fossem ainda viadores se assentaraõ junto ao ditoso enfermo, e depois de o consolarem, e exhortarem á paciencia, e á conformidade com a vontade Divina, estenderaõ huma toalha, na qual puzeraõ paõ, e huns pessegos, que Fr. Alvaro comeo, e naõ só recuperou as forças perdidas, senaõ tambem inteira saude na maõ, e braço, em que tinha o mal, por virtude da bençaõ, que nelle lhe lançou o nosso Servo de Deos Fr. Gonsalo.

Dá de comer a hum Religioso enfermo.

25 Joaõ de França de Brito, homem nobre de Torres Vedras, vendo peste naquella Villa, se retirou para huma quinta; porèm como perto da mesma quinta começassem a haver rebates, e sinaes do mesmo mal, estava determinado a mudar de posto. Era porèm summamente devoto do Servo do Senhor, de quem trazia huma reliquia, na qual tinha fé o livraria, fazendo elle o que devia da sua parte, por fugir de tamanho mal. Na manhaã pois do dia, em que queria deixar a quinta, estando dormindo, vio em sonhos a Fr. Gonsalo, e que lhe dizia: *Para que te inquietas a ti, e a toda a tua casa?*

Está

Está seguro, porque tua mulher tem por advogado a S. Nicoláo de Tolentino, tua mãy a S. Sebastiaõ, e tu a mim, e assim naõ hajas medo, que nós te livraremos. Socegou com esta vizaõ o devoto Joaõ de França, mas vendo que se hia ateando a peste naquella visinhança, determinou outra vez de fugir ao perigo. Estando ante manhaã esperto, ouvio huma vóz, como de reprehensaõ, que dizia: *Porque tens pouca fé, aonde vás, porque desconfias das mercês do Senhor, e das minhas promessas? Naõ sabes, que onde quer que fores, naõ podes escapar das maõs de Deos? Naõ hajas medo, que eu tenho a tua casa a meu cargo.* A' vista desta reprehensaõ, e desta promessa ficou Joaõ de França seguro de que havia de ser livre de taõ horrendo achaque; e tudo experimentou, pois nem elle, nem cousa sua foy ferido daquelle mal, ao mesmo tempo em que por elle pereceraõ os visinhos, e ficou dalli em diante muito mais devoto do Servo de Deos, que seja eternamente louvado nos seus Santos.

Notem o meo com que livrou da peste a huma casa &c.

Vida, e morte do Beato ANTONIO DE SANTAREM, *Religioso da Ordem de S. Francisco.*

1 NAsceo este Servo de Deos na populosa Villa, de que tomou o nome, de pays nobres. Havia na mesma Villa huma donzella, a quem amou com extremos mais que grandes, por duplicados predicados, que nella considerava, sendo o principal a sua muita nobreza, e formosura rara, que poderá ser fosse menor, que a prezumpçaõ, e desvanecimento, que ella de si tinha, achaque de que cõmummente adoecem as que se pagaõ de si mesmas. Expressou-lhe o rendido amante por algumas vezes os castos intentos, que tinha de alcançá-la por esposa, e ella desdenhoza respondeo: *Depois que vós fores ao Rio Jordaõ, e nelle vos lavrades bem, entaõ vos darei a maõ de esposa.* Que naõ fará huma cega affeiçaõ, e hum amor abrazado! Acceitou por condiçaõ de cazamento o que era zombaria, e respondeo: *Senhora, se debaixo dessa condiçaõ me dais palavra de ser minha, desde logo me offereço a obedecer-vos. Pois sim,* disse ella, *eu a dou de ser vossa, se vos mostrardes taõ fino.*

Note huma fineza mundana.

2 Vendo-se pois o namorado Antonio empenhado no capricho de sustentar o que dissera, partio para a Palestina, aonde se banhou nas agoas do Rio Jordaõ, das quaes trouxe huma redoma cheya, com bem bastantes attestaçoens de como havia feito aquella peregrinaçaõ, e nunca vista fineza. A' vista da qual se rendeo a esquiva donzella, dandolhe a maõ de esposa. Trocouse porèm dentro de pouco tempo aquelle amoroso consorcio em triste separaçaõ, e lastimosa saudade, pois a morte tirou de diante dos olhos de Antonio á sua amada prenda, deixando lhe entre immensas dores profundos desenganos. Começou pois logo a cuidar na morte, na inconstancia das cousas da vida, no fragil da belleza, na pouca duraçaõ dos gostos do mundo, e a ponderar nos extremos que fizera, trabalhos que passara, e perigos a que se arriscara pela posse de hum bem taõ caduco, que como fragil, e delicada flor se murchou, e desappareceo taõ facilmente. Vio, digo, na morte da sua amada, que a formosura por mais que a lizonja affirme della que he o medo das estrellas, e o desmayo das boninas, porque de envejosas, e corridas, perdem, á sua vista, aquellas a luz, e estas a cor; era finalmente apparencia vaã, e enganosa, que encobre, e disfarça o horror, e a sombra de huma caveira: alli vio que a alteza, e regalia do nobre sangue, por mais que seja estimada, e adorada na vida, era huma vaidade vermelha, taõ desmayada na morte, como inutil na sepultura. Alli ponderou na riqueza, no poder, na discriçaõ sem proveito, sem uso, e sem valor, e só aproveitadas, e pro-

Pela morte da esposa se desengana do mundo.

veitosas as virtudes, as penitencias, e as bõas obras. Abertos em fim os olhos aos rayos de tantas luzes, penetrado o coraçaõ dos golpes de tantas settas com que o illustrara o Sol da Graça, com que o ferira o desengano da vida, se resolveo a deixar a patria, e tudo o que nella lograva, fazendo-se peregrino na alheya, para que se conhecesse a estimaçaõ que fazia do novo, e soberano bem, que buscava.

Deixa o Reyno, e vay tomar a Toledo o habito de Donato Franciscano.

3 Na Cidade de Toledo tomou, com heroica resoluçaõ, o humilde habito de Donato. Conhecido porèm pelos Prelados o seu talento, e qualificados procedimentos, o fizeraõ professar o habito de Sacerdote. Admittido ao Noviciado, de virtude em virtude foy subindo ás eminencias de Sion, gozando em paz ineffaveis doçuras. Deo-se muito ao estudo da oraçaõ, e das letras, recolhendo em si mesmo as agoas muitas da graça celestial, que depois havia de repartir pelas charnecas maninhas, de que Deos Senhor nosso naõ recolhia fructo algum de virtude. E desbastando seu corpo com o ferro da penitencia, como quem naõ estimava a vida, lavrou nelle hum instrumento perfeito, para com elle obrar o mesmo Senhor muito grandes maravilhas.

Zelo com que prègava.

4 Alguns annos esteve na Provincia de Castella, donde veyo para á de Portugal, por satisfazer o nascimento á patria com o thesouro das virtudes, que fóra della grangeou Naõ invillecia, ó mortaes, o nosso santo Prégador os nobillissimos suores da prégaçaõ com o interesse corruptivel, nem com a vangloria dos mundanos applausos. Dava á sua sabedoria o mayor apreço, e estimaçaõ quando cõmunicava de graça, e sem inveja, o que de graça havia recebido. Prégava com o fim recto, e com a pura intençaõ de que se restaurasse o grande, e inextimavel preço da redempçaõ nas almas, que, por se descuidarem da morte, voluntariamente se entregaõ ao demonio, pela voluntaria escravidaõ da culpa: Este zelo do bem das almas, e do efficaz effeito da redempçaõ em todas ellas, forjava na fragoa de sua caridade as palavras que despedia como accezas settas, com que feria, e abrazava ainda aos coraçoens mais empedernidos.

Castiga a huma obstinada.

5 Eraõ por esta causa innumeraveis as conversoens de grandes peccadores. Andava de terra em terra por cõmunicar a todos as innumeraveis misericordias do Senhor, e trazia comsigo sempre ao menos hum Confessor, que ouvisse de confissaõ aos peccadores. Sepultou muitos odios antigos, e innovou amizades, que pareciaõ impossiveis. Quiz reconciliar a huma mulher, que tinha hum antigo rancor com outra, para que feitas as pazes naõ tivesse sua alma condenada á eterna inquietaçaõ. Pôs todos os esforços possiveis para a reduzir, e vendo-a rebelde a entregou como outro S. Paulo a Satanás para que castigasse a sua dureza, e obstinaçaõ, dizendo-lhe: *Perdida, e desalmada mulher, que mais quereis dar gosto ao demonio, que ao Filho de Deos, o qual perdoou a quem o pregou na Cruz. Pois eu tambem, em virtude do nome de Jesus Christo, te entrego a esse mesmo demonio para que te atormente no corpo, e a alma seja salva.* Cazo certamente notavel! Em pena de sua rebeldia se apoderou logo della o maligno espirito, o qual a foy affligindo cruelmente, até que pedio o perdaõ, que no principio naõ quizera conceder.

Persegue-o o demonio, do qual se vinga tirando-lhe hum apparente olho.

6 Naõ podia soffrer o demonio com a sua obstinada soberba a profunda humildade deste Servo de Deos, e assim lhe fazia sanguinolentas opposiçoens: mas elle alentado com as armas da Cruz, e com o escudo impenetravel da Fé, naõ só se defendeo das suas raivosas iras, senaõ que tambem o affrontou ganhando gloriosas victorias. Apparecia-lhe, quando orava, em diversas, e formidaveis figuras, e algumas vezes em a de hum Ethiope inquietando-o sempre, principalmente quando estava em oraçaõ, para o divertir de taõ glorioso emprego: em huma occasiaõ se lançou ao Ethiope o nosso Servo de Deos, e lhe tirou hum olho da cara. Com esta apparente exterioridade quiz Deos Senhor nosso que se conhecesse o opprobrio do demonio, e o triunfo do seu fiel Servo. Nunca pode o tal demonio apparecer em fórma humana, se-

ſenaõ com a falta do olho; pelo que veyo a ſer pavor, e eſpanto naquelle tenebroſo reyno de trevas, que os malignos eſpiritos governaõ, ou deſgovernaõ; e como elles ainda entre ſi naõ tem amizade ſem emulaçaõ, o corriaõ, e affrontavaõ, chamando-lhe o Monuculo; em ouvindo o ſeu nome dezamparavaõ os corpos de que eſtavaõ ſenhores fugindo de puro medo. As creaturas inſenſiveis lhe obedeciaõ, reconhecendo o poder, que o Creador lhe tinha dado para grandes maravilhas. Indo a viſitar hum prezo, que na cadêa de Santarem eſtava carregado de cadêas, e de grilhoens, por cauſa de huma falſa culpa que lhe impuzeraõ, de que elle tinha noticia; fez por elle oraçaõ, e no meſmo ponto ſe romperaõ os grilhoens, e as cadêas, e ambos ſe acharaõ poſtos na praça livre. Inteirados deſte prodigio os Miniſtros da Juſtiça o julgaraõ innocente. Procederaõ porèm com diligencia mais exactas por ſaberem a verdade do cazo, e com effeito acharaõ ſer outro o delinquente, e que elle eſtava totalmente alheyo daquelle delicto. O Padre Meſtre Eſperança, que eſcreve deſte Servo de Deos na primeira Part. da *Chronica dos Menores* no Cap. XXV. diz, que entrando o Servo de Deos na ſobredita cadêa, que eſtalaraõ as correntes, as algemas, e os grilhoens dos que eſtavaõ ſem culpa.

Reſplandece em milagres.

7 O demonio Monuculo de quem acima fallamos, parece que em ſeguimento do author da ſua affronta, veyo a eſte Reyno, e em quanto naõ ſe lhe offerecia opportuna occaſiaõ para vingar-ſe, por naõ ter ocioſa ſua malicia, ſe apoderou de hum paſtor chamado Domingos de S. Machinete, deſta ſorte: Apartou-ſe eſte paſtor dos mais companheiros com que andava apaſcentando ſuas ovelhas, e ſentado junto a huma fonte tirou paõ do ſeu çurraõ, lançou-o na agoa pelo fazer mais molle, e querendo-o tirar ficou com os braços aridos, ou tolhidos. Afflicto com cazo taõ raro, eſtava na meſma fonte a fazer diverſos diſcurſos, quando lhe appareceo hum negro torto, que com moſtras de condoido da ſua deſgraça lhe diſſe: *Domingos, ſe tu me quizeres ſervir, eu te darei a ſaude de que neceſſitas.* Perguntou-lhe o paſtor quem era, e ſendo elle o pay da mentira, lhe fallou naquella occaſiaõ verdade, dizendo era o diabo, com cuja reſpoſta ficou confuzo, medroſo, e ſuſpenſo. Tornou o univerſal inimigo a fazer a meſma pergunta ao ruſtico paſtor, e vendo que por deſprezo lhe naõ fallava, lhe deo huma grande bofetada, com a qual o deixou todo tolhido, e diſſe eſtas palavras: *Naõ ves como te tenho debaixo da minha maõ? Se queres ſer meu criado, logo te curarei, e depois ſerás rico eſtimado neſta terra, e venerado por ſanto.* Como o demonio prometteo riquezas, e eſtimaçoens, ſe deo por convencido o miſeravel paſtor, tributando vaſſallagem ao negro infernal. No meſmo tempo ſe levantou de repente huma grande multidaõ de Cavalleiros armados, os quaes diziaõ em altas vozes: *Noſſo he Domingos, noſſo he Domingos de S. Machinete.* Vendo o Monuculo que todos o queriaõ, ſe pôs em tom de batalha com todos, e diſſe a elle que diſſeſſe por ſua boca de quem era, e declarando ſer do demonio torto, todos os mais deſiſtiraõ da empreza, e ſe retiraraõ para os calabouços infernaes.

De como enganou o demonio a hum paſtor, que por ſua diabolica induſtria era havido por ſanto.

8 Ficou o demonio Monuculo muito agradecido, e obrigado ao deſgraçado Domingos, a quem logo diſſe: *Pois es meu criado, quero tenhas honras de tal, e cumprir te o que te prometti. Neſte valle eſtàras ſette dias como morto, e depois achado por teus companheiros por morto, te levaraõ a Elvas para ſeres enterrado por teu irmaõ; eu levantarei grande differença entre os Clerigos ſobre a tua ſepultura, porque todos quereraõ as tuas ovelhas. E quando te quizerem enterrar, tu te levantaras vivo, e começarás a profetizar como eu te diſſer, e enſinarei como has de fazer, e reſponder ao povo.* Alli eſteve os ſette dias como morto, ſem em todos elles lhe dar o demonio a comer mais de hum pedaço de paõ groſſeiro, e negro, dadiva em fim digna de tal peſſoa, e regálo com que coſtuma regalar aos que melhor o ſervem.

Finge-ſe o paſtor morto, e reſuſcitado por induſtria do demonio.

9 Sen-

9 Sendo achado Domingos pelos companheiros na figura de morto, magoados o levaraõ para Elvas, onde se levantou grande contenda entre os Clerigos, sobre quem herdaria o seu gado, porque o inimigo cõmum interessa muito nas contendas, e competencias, e cobiças das pessoas Ecclesiasticas. Na duvida pois da parte em que se havia de enterrar estavaõ, quando se fingio resuscitado, e se pôs á profetizar cousas raras, que aquelle espirito maligno lhe inspirava. Absorto estava o povo com o que viaõ, e ouviaõ de hum homem que julgavaõ vir do outro mundo. Disse-lhes, que logo logo levantassem em tal lugar hum Templo, á honra de S. Machiuete, onde os Anjos que o traziaõ, e tratavaõ, faziaõ muitas maravilhas. Vendo havia dilaçaõ na obra, ameaçou ao povo, dizendo, que naõ choveria naquelle Estio, em quanto se naõ fizesse a obra; desculpou-se o povo com a falta de cal, e o demonio lhe descubrio huma mina de barro branco, que ligava melhor que a propria cal.

10 Logo que se concluio a Igreja, levou o demonio a Domingos pelos ares a hum Templo dos Cavalleiros de Alcantara, donde lhe fez furtar huma Cruz de reliquias de cima de hum Altar; encommendou-lhe que se retirasse com ella taõ cuberta, e escondida, que ninguem lha pudesse ver. Ao sahir do Templo com a Cruz, naõ achou o demonio, e chamando por elle, lhe respondeo de longe, dizendo: *Esconde a Cruz que trazes, que naõ posso de outra maneira chegar-me a ti.* Escondeo Domingos a Cruz, chegou logo o demonio, e lhe deo huma grande bofetada, dizendo: *Naõ te disse que trouxesses cuberto o que trazias.* Tornando a Elvas, lhe disse o demonio: *Faze em tal lugar huma cova, onde possas esconder essa Cruz, e põem lhe muitas pedras em cima para que fique bem enterrada*: assim o fez Domingos, e entre outras pedras que lhe lançou em cima, foy huma de muita grandeza, por industria do mestre do enredo, o qual lhe disse dissesse ao povo, que em final de que aquella Igreja era a Deos muito acceita, elle tivera por bem de revelar-lhe onde estava hum thesouro de reliquias, que estavaõ enterradas, desde o tempo dos perseguidores da Ley de Christo, por hum Bispo Santo. Assiná-lou o lugar donde estavaõ, ajuntou-se muito povo por observar o prodigio, que todo admirou achando o promittido thesouro, e vendo que Domingos só levantara com facilidade a grande pedra que a cobria, que muitos homens primeiro intentaraõ levantar sem effeito. Daqui tirou o ministro do inferno o dezejado fructo, qual foy o dos aggravos, que recebeo hum Cavalleiro de Alcantara, que esteve a pique de ser morto ás pedradas, por intentar o levar a Cruz como sua; as muitas dissensoens que houve entre a Clerizia, e povo, em quanto naõ assentaraõ onde haviaõ de pôr as reliquias, e a grande veneraçaõ em que ficou aquelle falso profeta.

Ensina lhe o demonio a furtar humas reliquias, e a enterrá-las para depois adivinhar o sitio.

11 Vendo-se este hypocrita respeitado, e venerado por santo, por fingir melhor a sua hypocrizia, se foy outra vez para o campo, e para a occupaçaõ de pastor, querendo persuadir ao povo com esta sua retirada, que fugia das suas acclamaçoens, e que abraçava o retiro, e aquella humilde occupaçaõ em que fora criado. Noticioso o povo do lugar em que estava, em procissaõ o foy buscar para Elvas, e com tantas acclamaçoens de santo, que na Igreja, como a tal lhe fizeraõ apposento, e pelo Caliz sagrado lhe davaõ o vinho, que bebia. Continuou Domingos com enganar a todos dizendo, que como o tiraraõ daquella paz, e solidaõ em que estava, contra sua vontade, por mais guardas que puzessem, os seus Anjos o tornariaõ a levar. Assim succedeo, pois na noite seguinte foy tirado pelos demonios da Igreja, sem ser sentido pelas muitas guardas que lhe tinhaõ posto. Procurou-o o povo logo com indizivel cuidado, desvélo, e devoçaõ, por ter por de Deos estas, e outras muitas maravilhas que fazia.

Venerava o povo ao pastor por santo, e elle continua em parece-lo.

12 Ja dissemos em como para a edificaçaõ da Igreja, fizera a de apontar o sitio, onde estava hum barro branco, que servio de cal, e agora dizemos que

que tomando hum pouco do mesmo barro, o deo a hum Sacerdote, dizendo: *Desta terra darás a enfermos, e logo seraõ saõs como a beberem, em agoa.* Com effeito muitos foraõ curados de enfermidades que padeciaõ, por meyo daquelle barro, e como acudissem muitos enfermos ao fingido santo, dezejosos de terem saude, elle os enviava ao tal Sacredote, como mostrando, que lhe tinha subdelegado o poder de fazer milagres. Achando se pois o Sacerdote com pouca terra a começou a negar, com o pretexto de que lhe seria necessario para si, e para seus parentes, e amigos. Disseraõ alguns a Domingos, que o Clerigo ja naõ tinha barro, e elle disse: *Dizei da minha parte a esse Sacerdote, que a terra, que elle guardou para si, e para seus amigos se enfermassem, que vo la dè, que naõ impida vossa saude, que por final a tem em hum panno em tal lugar.* Ouvindo isto o Sacerdote deo a terra dalli em diante com mayor reverencia, affirmando sabia Domingos os segredos do coraçaõ.

Dos milagres que obrava por meyo de hum pouco de barro que deo a hum Clerigo.

13 A' vista dos ditos, e de outros prodigios ao parecer maravilhosos, e de o verem arrebatado muitas vezes no ar, estava a sua opiniaõ na mayor altura; porèm o demonio, por mais que o affecte a sua astucia, nunca sabe tecer tambem estas télas, que se naõ descubraõ os máos fios dellas. A'lèm de que a Providencia do Altissimo cuida em que naõ sejaõ duraveis seus enganos, para que com o escaramento fique a sua soberba castigada, e avizada a ignorancia dos homens. Sendo pois Guardiaõ de Evora o nosso Veneravel Servo de Deos, sahio a prégar á Cidade de Elvas, onde estava muito viva a fama da santidade do embusteiro Domingos. Conferio Fr. Antonio com discriçaõ prudente as circunstancias das maravilhas, porque o povo o acclamava, e allumiado do Ceo, foy a Jurumenha para desfazer esta torre de babel. Apenas vio a Domingos, quando conheceo o seu achaque, e soube que estava apoderado do demonio Monuculo seu antigo contendor. *Aqui estás torto maldito*: lhe disse o Servo de Deos, e no mesmo ponto o endemoninhado fugio da sua presença taõ desapoderadamente, que naõ houveraõ forças que o detivessem. Disse logo o Santo ao povo, que Domingos naõ era profeta, nem santo, nem milagroso, mas sim hum embusteiro hypocrita, e instrumento do demonio; e como era grande o credito, que Domingos tinha grangeado no povo, se levantou este contra o Servo de Deos, affrontando-o de Frade malicioso, de invejoso, e de outros nomes, que a paixaõ do povo inventou.

Descobre o Beato Antonio os embustes do pastor, e o como eraõ os seus milagres diabolicos.

14 Ouvio o santo Fr. Antonio as affrontas com prudencia, soffrimento, e paciencia de santo, e disse: *Vaõ buscar esse homem á minha presença, que eu mostrarei pela sua mesma confissaõ em como está endemoninhado, e em como todas suas acçoens saõ infernaes enredos*: Neste tempo lhe disse lá o demonio: *Domingos, tu naõ vaz a Jurumenha, porque vieraõ a hi por meu mal dous Capelludos, e grandes meus inimigos, hum dos quaes me quebrou ja este olho: e se te levarem prezo naõ te benzas, nem entres na Igreja, senaõ logo te hey de tirar a vida* Levaraõ-no com effeito diante do Servo de Deos á Igreja, onde naõ quiz tomar agoa benta, nem adorar a Cruz de Christo, nem benzer-se. Virava sim as costas para Fr. Antonio, e companheiro, e se queixava da violencia, e força que lhe faziaõ. Obrigou o o nosso Servo de Deos a fazer o sinal da santissima Cruz, e logo que o fez o começou o demonio a atormentar de modo, que muitos homens naõ podiaõ ter maõ nelle: só Fr. Antonio tinha valor, e forças para o naõ deixar fugir, chamando sempre pelo nome de Jesus, que lhas comunicava Neste tempo gritou o demonio dizendo: *Deixa-me Frade Capelludo usar dos poderes, que tenho neste meu servo: senaõ a ti mesmo te porei no seu estado.* Vendo porèm o demonio que os seus ameaços naõ bastavaõ para largar a Domingos, lhe pôs a boca a orelha com tanto pavor do povo, que até seu companheiro fugio para de traz do Altar, ficando elle no campo, e em braços com o demonio. Compôs logo a figura do torto por

Continua a historia dos embustes do pastor, e dos enredos do demonio, que appareceo vizivel ao povo.

por meyo do final da santissima Cruz que fez, e do nome de Jesus que invocou. Em fim, disse o Veneravel Padre com grande espirito, e fé: *Em virtude de Jesus Christo te mando que deixes a esse miseravel homem, e appareças em a má figura, que te pôs a tua malicia.* No mesmo instante cahio Domingos no chaõ como morto, e appareceo o demonio em huma formidavel figura de Ethiope torto. Assim o viraõ os que estavaõ presentes com o pasmo, e confuzaõ, que lhes devemos considerar, e depois de estar á vergonha por algum tempo, e de jurar vingar-se de Domingos por fazer o final da Cruz, desappareceo, deixando de si fedor intoleravel. Confessou Domingos publicamente tudo quanto havia passado, e o santo Fr. Antonio averiguou, que da parte delle naõ houve mais culpa, que a da sua grande simplicidade. Queixozo porèm o malevolo inimigo, por lho tirarem das suas infernaes garras, lhe armou outro laço, em que veyo a cahir. Posto em figura humana lhe pedio fosse á Cidade vender-lhe humas vacas, as quaes tinha tirado do campo de Badajos. Acudiraõ os donos noticiosos do furto, e pelo justificarem foy condenado a forca, e assim acabou a vida em Badajoz enforcado o embusteiro Domingos, premio bem merecido pelos serviços que fez ao demonio no decurso da sua vida; como era porèm grande a sua simplicidade Deos quereria que ella lhe valesse para o alcance da vida eterna. Assim como o Beato Antonio acabou a Guardiania de Evora, se passou para o Convento de Santarem, onde se apurou cada vez mais nos realces da perfeiçaõ, até que subio sua alma ao descanço interminavel. Naõ se sabe o dia do seu felice transito, e sim que se acha o seu santo corpo no mesmo Convento, em huma magnifica sepultura na Capella que chamaõ das Almas, a esperar a final resurreiçaõ para honra, e gloria de Deos, que para sempre seja louvado em seus Santos. Deste escrevem os Chronistas da Religiaõ.

Vida, e morte do Beato ANTONIO DA CONCEIC,AM *Conego do Evangelista S. Joaõ.*

1 NAsceo este grande Servo de Deos em Pombal, Villa, que fica entre Leyria, e Thomar. Seu pay se chamava Jorge Borges da Cunha, e sua mãy Lucrecia Leytoa, ambos muito tementes a Deos. Se todos os filhos merecessem achar em seus pays bons exemplos, e santa doutrina, com que endereçassem os empregos da graça, e as torcidas inclinaçoens da natureza nos primeiros annos, se naõ veriaõ tantas bôas indoles perdidas, e cheyas de abrolhos, ou espinhas, por falta de cultura. Naõ adoeceo pois deste achaque a educaçaõ do Bendito Antonio, antes bem, como a sua docilidade era tanta, e o seu coraçaõ qual branda cera, e facil a imprimir-se nelle a formosissima imagem da virtude, viraõ seus pays bem logrados, e naõ só com fructo, senaõ com admiraçaõ, o lavor, cultivo, exemplo, e educaçaõ que lhe deraõ. Fizeraõ-no applicar aos estudos, e a meu ver he a mais heroica virtude nos pays applicar aos filhos aonde aprendaõ doutrina, e ensino, pois hum homem sem letras, por mais que a alma o esmalte, he corpo de barro bruto.

Foy sempre de virtude.

2 Amanheceo-lhe taõ anticipadamente a luz do entendimento, que em todas as palavras, e acçoens se portava com pezo, e madureza de velho; nos preceitos de seus pays era officioso, e diligente, com os seus domesticos humilde, e brando, com os estranhos grave, generoso, e com todos reportado; fugia dos condiscipulos viciosos, temendo na fraqueza propria a contingencia do perigo, e na alheya a força do máo exemplo. Foy crescendo na idade, e juntamente no espirito de servir a Deos, mas detido entre as duvidas do caminho que havia de tomar, e seguir, vacilava na resoluçaõ, que com effeito veyo

Toma a murça do Evangelista.

veyo a tomar depois de ordenado Sacerdote, indo para a Cidade de Evora, onde no Convento de S. Joaõ tomou a cerulea murça.

3 Logo que a tomou, como servo ferido das settas do amor, e como esposo amado da sabedoria, todo se abrazava em beber na fonte da santidade as agoas da virtude, para o seguimento da qual o naõ incitava pouco o exemplo de seu Mestre Diogo de S. Christovaõ Religioso contemplativo. Gemia, suspirava, e punha continuamente no Ceo os olhos, os pensamentos, e os affectos, e se algumas vezes os voltava para as creaturas, era só para ver o que havia de desprezar. E que muito que desta sorte grangeasse neste Convento o nome de santo, que nunca jamais perdeo, se nelle assentou comsigo de nunca jamais se descuidar de trazer na memoria aquellas palavras dignissimas de andarem sempre nas dos mortaes: *Vida breve. Morte certa. Hora incerta. Pena eterna. Juiz riguroso. Ay do pirguiçoso.* Na sua cella tinha hum rotulo, que dizia: *Lembra-te, Christaõ, que sempre tens a Deos presente, para nunca o offenderes.* Com estas quotidianas consideraçoens, e continuas memorias da morte, chegou a taõ eminente grào da perfeiçaõ, que mereceo lhe dessem o titulo de Beato, e que se cuidasse, e cuide na sua Canonizaçaõ, que permitta Deos seja breve, naõ só para que se veja mais louvado, e engrandecido neste seu Servo, senaõ tambem para que com ella succéda a Portugal as grandezas, que por muitos Santos lhe estaõ pronosticadas, e haõ de ter principio com a Canonizaçaõ do nosso Beato Antonio, segundo deixou escrito a Veneravel Serva de Deos Birgida de Santo Antonio sua filha espiritual, de quem nos lembraremos nesta Obra.

Consideraçoens que trazia sempre presentes.

4 Continuamente andava na presença de Deos com quem fallava familiarmente. Os effeitos, que em sua alma causavaõ o amor Divino, eraõ taõ vehementes, que naõ davaõ lugar ao dissimulo; porque, ou se vertiaõ pelos olhos em lagrimas, ou respiravaõ pelos labios em suspiros, ou subiaõ ao rostro em sensiveis, e admiraveis incendios, principalmente quando celebrava o Incruento Sacrificiò da Missa, na qual muito se dilatava a receber os superabundantes favores do Ceo, e gozava nesta vida ja dos soberanos nectares, e doçuras da outra. Ardía em perennes levaredas do amor Divino, em fim, cujo fogo ateava nos coraçoens daquelles, com quem cõmunicava, aos quaes amava ternissimamente, e como quem suppunha em cada pessoa a de Jesus Christo, por cujo amor remediava a todos com aquillo que podia. Desvelava-se no amparo das orfaãs, e das viuvas, para as quaes pedia esmólas áquelles em que suppunha caridade, e abundancia. Esta sua ardente caridade o fez deixar Evora, por ir fundar o Convento de S. Bento de Xabregas de Lisboa, a que deo principio com sette tostoens, com que unicamente se achava, e a poder de maravilhas prodigiosas proseguio, e finalizou a Igreja, que he huma das mais sumptuosas, que tem a Corte: porèm quando as cousas saõ verdadeiramente de Deos, he empenho da sua providencia se façaõ a poder de maravilhas, para que tenhaõ mais firmeza, e duraçaõ.

Fundó o Convento de Xabregas.

5 Logo que chegou a Lisboa para dar principio a taõ grande obra, e souberaõ do aggregado de suas prendas, e virtudes, o foraõ ver as pessoas mais qualificadas da Corte, e o mais povo, e todos o reverenciavaõ como a santo, e cõmunicavaõ como a Oraculo, cujas determinaçoens veneravaõ muito, e como ditas, ou feitas por hum Anjo. Em fim, cõmunicavaõ-no pelo tempo adiante na sua propria cella, naõ só as pessoas mais principaes da Corte, senaõ tambem ElRey D. Joaõ o III., a Rainha Dona Catharina, o Cardeal, Alberto, e o Duque de Bragança, e todos sahiaõ cõmummente da sua presença derramando diluvios de lagrimas, a que os incitava a ternura, efficacia, e espirito, com que fallava das cousas celestiaes, e Divinas, e os prodigios que ocularmente lhe viaõ fazer aos enfermos, que costumava benzer todas as sextas feiras em grande quantidade, dias em que ordinariamente hiaõ aquelles Principes ser testimunhas de prodigios. Muitos devotos levavaõ açafates de flores,

Veneravaõ-no, e visitavaõ-no as principaes pessoas do Reyno.

que lançavaõ por onde elle andava, e naõ poucos apanhavaõ as em que elle punha os pés, e as guardavaõ como reliquias. Na ultima Sexta feira, que appareceo a dar a bençaõ, se encheo mysteriosamente de gente todo o caminho, ou rua, que vay de Lisboa até S. Bento de Xabregas, parece que advinhando, que aquella havia de ser a ultima em que o haviaõ de ver.

Tinha espirito profetico.

6 Gastava ordinariamente os dias no confessionario, por meyo do qual revelava muitas cousas futuras aos penitentes, e as noites de joelhos no Coro em continuas contemplaçoens aljofaradas de lagrimas, extatico, e com o rosto banhado de resplandores. Era devoto com extremo da Paixaõ de Jesus Christo bem nosso, e a este Original de todas as perfeiçoens andava sempre ajustado; neste purissimo espelho se via para o assevo, e mayor formosura da sua alma, registando nelle os mais leves atomos da perfeiçaõ. Ponderava no inextimavel preço dos trabalhos deste Senhor, e no fecundo mineral de seus merecimentos, para que ambicioso do escondido thesouro da Gloria, que por elles se lhe prometria, acabasse com o arado da mortificaçaõ, e penitencia o campo do seu corpo, sem perdoar fadiga por adquirir taõ dezejada riqueza. Tinha na sua cella huma Imagem deste Senhor, com o qual foy visto fallar muitas vezes familiarmente, dizendo-lhe enternecidos, e amorosos colloquios. Depois de Christo a ninguem amava com mais finos extremos que a Maria Santissima. Tambem se inculcou muito devoto do Evangelista amado, Patraõ da Religiaõ, e de S. Bento titular da Casa, diante do qual benzia aos enfermos com o azeite da sua alampada, pelo qual obrava o Divino poder innumeraveis milagres. Por fugir dos applausos, e estimaçoens populares, que saõ hum perigoso cachopo, em que soçobra a virtude, ferida do furioso furacaõ da vaidade, quiz acautellar o perigo com a fugida para a Cartuxa, cujo intento lhe atalhou Deos Senhor nosso, revelando-lhe naõ se servia daquella mudança, sim de que perseverasse na vida começada. Formava de si taõ baixissimo conceito, que nunca mais quiz cargo honorifico da Religiaõ, onde apenas, e muito contra sua vontade, foy Presidente de hum Capitulo Geral.

Era devotissimo da Paixaõ de Christo, de quem recebeo especiaes favores.

Intenta ir para a Cartuxa.

Naõ saõ dignos os trabalhos da vida da eterna vida.

7 Como he certo naõ serem condignas as mayores paixoens, trabalhos, e enfermidades desta vida, naõ só de gloria eterna, mas nem ainda das delicias escondidas, com que Deos Senhor nosso costuma regalar a seus escolhidos neste desterro, a fim de proporcioná-los para similhantes favores, de ordinario lhes carrega a maõ de penalidades, deixando ensinado com isto aos mortaes mundanos, que naõ se chega a gozar senaõ pelo escabroso caminho do padecer, e que será vanissima a nossa confiança se prezumirmos colher flores da Gloria, sem nos havermos lastimado com os espinhos das penitencias. Grandes foraõ as do nosso Beato Antonio, pois tomava rigorosas diciplinas, trazia asperos cilicios, jejuava quasi todos os dias, e chegou a tanto extremo, que ja naõ podia engolir pelo descostume de comer. Como o Senhor o tinha elegido para Santo, e para Santo dos de mayor esfera, quiz acrysolar a sua santidade dando-lhe muitos motivos de paciencia, e conformidade; pois padeceo nos ultimos annos da sua vida muitas enfermidades, as quaes lhe occasionaraõ as mais intensas dores, que alegremente tolerava, como quem sabia o quanto lhe aproveitavaõ para se fazer menos indigno da Gloria, que esperava; pedia sim no meyo das mayores afflicçoens a Jesus Christo, que repartisse liberalmente com elle das muitas, que padecera pelo genero humano, quando fora homem mortal, e passivel, privilegio, que parece lhe foy concedido, pois no mayor aperto dos accidentes, e das dores exclamava com Santo Agostinho: ***Domine, auge dolorem, & da patientiam.***

Acrysola Deos as suas virtudes com penalidades da vida.

Revelá-lhe Deos a morte, e prepara se para ella.

8 Passados cincoenta e dous annos de Religiaõ, e oitenta de idade, lhe revelou Deos Senhor nosso em hum Sabbado, ser chegado o tempo de premiar seus grandes merecimentos, e como nunca jamais lhe sahira da memoria a lembrança da morte, e a dezejava com extremo, sempre andava dizendo, e repetindo com S. Paulo: *Cupio dissolvi, & esse cum Christo.* Lançou-

se

se pois na cama com a mayor alegria, para nella esperar a ultima hora, e a ella o foraõ visitar tres bellos meninos, que lhe deraõ hum descante de celestiaes melodias, de que lhe resultou o mayor jubilo Viraõ-nos muitos Religiosos, que pela belleza, e suavidade da musica logo suppuzeraõ do Ceó os instrumentos, e ficaraõ livres de toda a duvida, quando viraõ desapparecer os Angelicos Espiritos. Logo que concluiraõ o descante, o nosso Servo de Deos entre lagrimas, e gemidos, de contente deo muitas graças a Deos pela celestial consolaçaõ, que lhe enviou em desconto das ancias, e afflicçoens daquella enfermidade mortal.

Mandá-lhe Deos hum descante.

9 Querendo o enfermeiro, que lhe assistia, dar-lhe de hum vidro de cordial, que estava em huma janella lhe cahio da maõ da parte de fóra. Viose afflicto, perturbado, e endeterminado no como se haveria com o santo enfermo, o qual vendo a sua confuzaõ, e o desgosto, que o seu pouco sentido lhe occasionou, disse: *Naõ vos agasteis, que o vidro naõ quebrou.* Assim succedeo, pois se achou o vidro inteiro, e taõ amolgado como se fora de chumbo, á vista de cujo prodigio deraõ os Religiosos muitas graças a Deos, por daquella sorte querer acreditar a virtude de seu Servo, que como estava certo do Senhor o galardoar, brevemente se preparou para a ultima hora com notavel alegria, e pedio os Divinos Sacramentos; que recebeo com a humildade, devoçaõ, e compunçaõ, que se deve presumir de sua avantajada virtude.

Cahe hũ vidro, e amolga-se como se fora de cera.

10 Quando lhe diziaõ que estava muito fraco, e debilitado, e que era necessario alimentar a natureza, respondia: *Paratus sum, & non sum turbatus.* Perguntado como estava pelo Medico no ultimo dia, respondeo: *Vou caminhando para a terra da verdade*, e dizendo-lhe o Medico, que o Senhor lhe daria ainda saude para nesta vida o servir, disse por resposta: *Atè á meya noite he o prazo.* Como com effeito succedeo. Despedio-se de seus irmaõs, que com gemidos, e soluços davaõ evidentes sinaes da grande saudade, que lhes occasionava a sua ausencia. Pedio a bençaõ ao Geral, dizendo que lhe era precisa para fazer aquella felice jornada; obrigado da obediencia condescendeo o Geral com o seu gosto; porèm pedio-lhe tambem a sua para si, e para os que presentes se achavaõ, o que fez com a humildade de Santo, pedindo juntamente a todos lhe cantassem as Cõmemoraçoens de nossa Senhora, e de S. Bento, cujas oraçoens disse elle proprio com indizivel devoçaõ, e pouco depois pronunciando aquellas palavras: *In manus tuas Domine cõmendo spiritum meum*, rematou placidamente a vida transitoria aos 12. de Mayo de 1602.

Do seu felice transito.

11 Ficou seu santo cadaver taõ alegre, composto, tratavel, e flexivel, que mal se podia averiguar se tinha, ou naõ satisfeito ao tributo da natureza. Naõ faltaraõ sinaes, que demonstraraõ evidentemente estar sua Bendita alma de posse da Bemaventurança, porque no mesmo instante, em que espirou, lançou o Ceo hum pavelhaõ carmezi sobre o Convento, e appareceo á sua muito amada, e prezada discipula, a Veneravel Serva de Deos Birgida de Santo Antonio, de quem nos lembraremos, á qual disse: *Filha, eu me parto para o Ceo em busca do premio, que Deos tem rezervado nelle para seus escolhidos, onde me lembrarei de ti.* Cuja intellectual vizaõ foy de tanta consolaçaõ, e impressaõ para a santa virgem, que por muito tempo a trouxe estampada na memoria. Chegou-se a elle hum Religioso seu particular amigo, e depois de lhe beijar os pés, hia para lhe cortar, ou arrancar huma unha delles, a qual o Servo de Deos lhe largou na maõ miraculosamente, successo que occasionou grande admiraçaõ aos que estavaõ presentes.

Acredita Deos a sua virtude com hum prodigio.

12 Concorreo ao seu enterro infinito povo a tocar contas, e medalhas no veneravel cadaver, que deraõ á sepultura apressadamente com o habito retalhado no cruzeiro da Igreja, e da sua sepultura tiraraõ terra seus devotos, por cujo meyo tem obrado, e obra a Divina Omnipotencia copiosos milagres, que se autenticaraõ para os processos da sua Canonizaçaõ, que espe-

Daõ-lhe veneraçoens de santo.

ramos ver conseguida, para gloria de Deos, honra de Portugal, e da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, de que foy benemerito alumno. Delle escrevem os Chronistas da Orden, e outros muitos. Era este Servo de Deos de estatura comprida, muito secco do corpo, calvo da cabeça, alvo do rosto, e de bôa presença.

Particularizaõ-se alguns dos muitos milagres, que fez em vida, segundo os traz escrito o Padre Mestre Jozé dos Anjos, no Jacinto Portuguez.

1 ADoeceo o Conde de Atouguia, Joaõ Gonsalves de Attayde de humas terçaãs, que lhe duraraõ dous mezes, e sobrevindo-lhe hum profundo letargo, desconfiaraõ os Medicos da sua vida. Foy chamado o Veneravel Padre, e vindo, disse Missa, rezou-lhe sobre a cabeça hum Evangelho, e depois diante de huma Imagem da Santissima Virgem huma Ladainha, e acabada ficou em oraçaõ por hum pouco de tempo, e logo se virou para os circunstantes, dizendo, que para Deos revogar huma sentença taõ grande como tinha dado, eraõ necessarios muitos jejuns, e oraçoens, pelo que todos jejuassem a paõ, e agoa, e a comida, que houvesse em casa se desse a pobres. Continuando com a oraçaõ ficou arrebatado á vista de todos, sem dar fé dos que entravaõ, ou sahiaõ, e assim perseverou perto de oito horas. Neste tempo mandaraõ os Medicos ungir ao enfermo, e sendo disto avizado o Padre, respondeo: *Que se fizesse o que os Medicos mandavaõ, mas que tivesse confiança em Deos, porque tinha revogado a sentença.* Eraõ ja as seis horas da tarde, e affirmavaõ os que lhe assistiaõ, que até ás cinco da manhaã acabaria a vida; foy-lhe tambem dado este segundo avizo, e elle respondeo, que o Conde havia de viver muitos annos, e que antes da meya noite o veriaõ rir. Ainda naõ tinhaõ dado as onze, quando o enfermo se achou livre do parocismo, e, o que mais he, de toda a febre, e taõ alleviado, que se pôs a conversar, e a rir com os da sua familia, e em brevissimo tempo se levantou, e viveo ao depois mais de vinte annos.

Alcança de Deos saude para o Conde de Atouguia.

2 Ao Padre Filippe Bernardes, Beneficiado na Igreja de S. Christovaõ, nasceo na maõ direita huma verruga tal, que lhe impedia fechar a maõ. Foy ter com o Veneravel Padre, o qual lha benzeo, e logo naquella noite, estando dormindo, a verruga se lhe foy, e a maõ ficou limpa sem sinal algum.

3 Affonso Cordovil, moço da Camera de Sua Magestade, enfermou de huma perna, na qual lhe nasceraõ dous buracos, que lhe causavaõ terriveis dores: e andando em maõs de Cirurgioens dous annos, nunca experimentou melhoria, até que no fim delles prometteo ir tres quartas feiras ao Veneravel Padre, para que orasse por elle; e satisfazendo á promessa voltou na ultima saõ, e sem dor alguma.

Sara de huma enfermidade inveterada.

4 Ao Padre Vicente da Resurreiçaõ, Reytor do Convento de Santo Eloy, nasceo huma ingua grossa debaixo do queixo, e procurando ao Veneravel Padre para que lhe desse remedio, apontando-lhe aonde tinha o mal, o Servo de Deos sorrindo-se disse, que tivesse confiança que naõ era nada, e pondo-lhe a maõ sobre a mesma ingua, rezou juntamente em vóz baixa a Antifona de S. Bento com sua oraçaõ, e sahindo da cella do Padre subitamente se achou sem ingua, e logo o disse a quantos encontrou no dormitorio: e tornando outra vez a dar graças pelo succedido ao Veneravel Padre, elle lhe respondeo, que se havia materia de que, que a Deos se dessem, e a S. Bento.

Sara de repente huma ingua.

5 Trouxeraõ-lhe huma menina cega, prometteo o bom Religioso dizer por ella humas tantas Missas, na ultima ao levantar a sacratissima Hostia exclamou a menina dizendo, que via a nosso Senhor em as maõs daquelle Padre,

Alcança vista para huma cega.

dre, e dalli em diante teve nos olhos perfeita saude.

6 Outra sendo de tres annos cegou, e permaneceo o mal outros tres, sem haver remedio que fosse de proveito, até que foy nove sextas feiras ao Veneravel Padre para que abenzesse, e na ultima recebeo juntamente a bençaõ, e a vista.

Dá vista a outra cega.

7 Pedia pelas portas huma cega de seu nascimento, e buscando ao mesmo Padre, achou nelle as da misericordia abertas; porque benzendo-a vio perfeitamente.

Dá vista a outra.

8 Trouxeraõ-lhe hum menino, que sendo de sette annos naõ podia articular a minima palavra. Pôs-se o Veneravel Padre em oraçaõ, e quando estava no mayor silencio della, o menino o rompeo fallando como se nunca fora mudo; e nenhum dos presentes o foy em dar a Deos as graças pelas maravilhas que obra por meyo de seus verdadeiros Servos.

Dá falla a hum mudo.

9 No tempo da peste, mandou o Veneravel Padre a Dona Isabel Henriquez, mulher do Cõmendador Mór de Aviz, com grande pressa hum recado, que logo se sahisse das casas onde entaõ vivia. Fê-lo assim, e na seguinte noite morreraõ nas mesmas algumas pessoas feridas daquelle terrivel mal.

10 Quiz partir-se para Flandes hum soldado Portuguez, foy despedir-se do Veneravel Padre, rogando-lhe se lembrasse delle em suas oraçoens. Prometteo o Padre de o fazer assim, e depois de o confessar geralmente lhe deo hum lenço, e lhe encõmendou que o guardasse com grande cuidado, e diligencia, porque lhe serviria em huma necessidade urgente. Partio se o soldado, e partiraõ-lhe no primeiro encontro que teve com o inimigo huma perna; neste aperto lhe vieraõ á memoria as palavras do Padre: e logo mandou buscar a perna, que pouco distante estava, e unindo-a como melhor pode lhe atou o lenço. Oh força superior de huma oraçaõ fervorosa! Immediatamente se levantou saõ como d'antes, louvando a Deos por este prodigio, que foy verdadeiramente admiravel a quantos o viraõ, e ouviraõ.

Admiravel prodigio.

11 Adoeceo hum Religioso no seu Convento, e depois de alguns dias, indo o Veneravel Padre do Coro com muita pressa se foy á enfermaria, e lhe disse: que se apparelhasse a bem morrer, porque era chegada a sua hora, e logo o confessou, e ministrou o Viatico, e dalli a pouco o enfermo deo a alma a Deos, posto que os finaes da doença naõ permittiaõ taõ accelerada morte.

12 Determinava certo homem dá-la a outro por causas particulares, e andando para pôr em execuçaõ seu intento, sem que disso soubesse pessoa alguma, o mandou chamar o Veneravel Padre, e o reprehendeo gravemente, dizendo-lhe muitas circunstancias, que só o tal homem sabia; pelo que arrependido, e admirado, se lançou a seus pés pedindo a Deos perdaõ daquella culpa.

Conhece pensamentos occultos.

13 Offereceo-lhe certo homem pobre hum cestinho de uvas. Acceitou o bom velho o mimo gratificando-o com estas palavras: *Deos vo lo pague*, mas o homem mal pago com a resposta do Padre, voltou para casa murmurando interiormente delle. Porèm como assim seja, que os pensamentos mais occultos saõ no Divino acatamento manifestos, o Senhor, em cuja presença o fiel Servo sempre andava, lhe declarou os daquelle homem. Mandou o logo chamar, veyo promptamente, e vieraõ tambem humas balanças, tudo por ordem do Veneravel Padre. Escrevendo as sobreditas palavras: *Deos vo lo pague* em hum papel, o pôs de huma parte, e mandou que das outras se puzessem as uvas, suspenderaõ-se logo as balanças, e juntamente os entendimentos dos circunstantes, quando viraõ que a parte onde estavaõ as uvas se levantou no ar; dando-nos a entender, que todas as cousas do mundo saõ aérias, e vaãs, e só as do Ceo de pezo, e substancia.

Celebre milagre.

14 Andando trabalhando seis homens em huma concavidade, que tinhaõ solapado no mesmo sitio, em que se fundava a Igreja de Xabregas, foy o Servo

Livra a huns homens de ficarem debaixo de huma pedreira.

Servo de Deos dizer Missa. Depois da consagraçaõ, ficou como tinha de costume arrebatado, e tornando em si repentinamente, a continuou com grande pressa, e acabando com a mesma, foy correndo, mais ligeiro do que seus annos permittiaõ, ao sitio em que estavaõ os homens, que fez logo sahir da pedreira, e o mesmo foy o sahirem elles, que o cahir ella.

15 Assistiá o Veneravel Padre a descarregar certas barcadas de pedra para a mesma obra da Igreja, e dizendo os homens do serviço: *Oh se nós agora colhessemos aqui hum peixe para o jantar!* Levantando elle os olhos ao Ceo, disse: *Poderoso he Deos para tudo.* Ainda naõ tinha acabado, quando huma pescada lhe saltou aos pés, como obedecendo obsequiosa ao Varaõ de Deos; nem he novidade que os peixes obedeçaõ aos Antonios Portuguezes. Mas o que accrescenta esta maravilha he, que daquella especie rara vez se pescou algum naquelle rio.

Obedecem-lhe os peixes.

16 Trazia-se agoa para a dita obra de hum lugar pouco distante; mas como era forçoso ir a elle muitas vezes, esta repetiçaõ o fazia desviado: apontaraõ-lhe os trabalhadores o incómodo, e Antonio lhe respondeo, que confiassem em Deos, que a tudo havia de acudir, e assim foy, porque em breve tempo nasceo junto á Igreja hum successivo milagre, pois seccando-se pelo decurso do anno outras circunvisinhas, esta sempre persevera para remedio de innumeraveis enfermos, que della usaõ.

Abre huma milagrosa fonte.

17 Entre os muitos, que buscavaõ ao Padre, veyo certo dia hum homem, [naõ da inferior plebe] e movido sem duvida pelo maligno espirito, começou a dizer algumas cousas, e palavras, em desprezo da sua candida virtude, e santas obras; estranharaõ-lhe os circunstantes a acçaõ, (que nunca o fallar mal póde parecer bem] mas elle contumaz no erro, cada vez mais se precipitava, nem acabara a temeraria practica com tanta brevidade, se por primissaõ Divina de repente naõ endoudecera, ficando verdadeiro bruto nas obras, o que até agora era bruto apparente nas palavras. Foy a pena similhante á culpa, porque a culpa foy hum juizo errado, a pena foy hum juizo perdido; porèm sabendo dahi a alguns dias o que acontecera, o mandou trazer á sua presença, e movido de huma compaixaõ, e amor entranhavel, [que sempre teve a seus proximos] se pôs em oraçaõ ao Ceo, implorando com muitas lagrimas a saude do mesmo que o offendera, e o Senhor, se, como Deos de vinganças, a havia tomado daquelle pobre homem, privando-o do juizo por satisfazer ás injurias do innocente: tambem como Pay de misericordia a usou com elle restituindo-lhe o entendimento, por satisfazer de seu Servo as deprecaçoens: cahio o homem em si, e logo se lançou aos pés do Padre, e com mostras de grande arrependimento lhe pedio humildemente perdaõ; e assim qualificou o milagre, pois nos deo a entender os concertados discursos, que ja fazia naquellas acçoens que obrava, as quaes continuou pelo decurso dos annos que viveo.

Castiga Deos a hum homem que o injuriou, e pede ao Senhor por elle.

Particularizaõ se alguns dos milagres, que Deos fez depois da morte do Veneravel Padre.

1 NA manhaã em que falleceo fez dous milagres, porque sendo levado diante do Veneravel cadaver hum homem aleijado de ambas as pernas, no mesmo ponto em que lhe beijou as maõs se lhe estenderaõ os nervos das pernas, e dos braços, dando-lhe os ossos estallos, e voltou para a Cidade por seu pé Hum cego alcançou tambem perfeita vista, fazendo sómente o que o aleijado fez.

Dá saude a hũ aleijado, e vista a hum cego.

2 A Anna Pinheira, moradora na Freguezia de nossa Senhora dos Olivaes, se lhe apostemou hum peito, e lhe inchou de qualidade, que lhe causava excessivas dores: applicou-lhe varios medicamentos, porèm o mal a todos re-

Sara a huma enferma dos peitos.

sistia

fiſtia. Pôs-lhe a terra da ſepultura do Veneravel Padre, e immediatamente rebentou, e ficou ſaõ.

3 Outra mulher eſtando de parto em grande riſco, e perigo, ſem poder em eſpaço de ſeis horas lançar a criança, bebeo huma pouca de agoa com a dita terra, e logo pario.

4 A hum menino de doze annos ſobreveyo huma lepra, que o cobrio todo: exhaurio-ſe a Medicina, e logo a eſperança, deſconfiando os que lhe aſſiſtiaõ da ſua ſaude. Eſtando as couſas neſtes termos, o lavaraõ com agoa, em que ſe havia lançado terra da meſma ſepultura. Caſo maravilhoſo! Ao meſmo tempo que a agoa o tocava, o mal ſe deſpedia; bem aſſim como quando em hum apoſento eſcuro entra alguma luz de repente, affugenta toda a ſombra.

Dá ſaude a hũ leproſo.

5 A Ignez Martins, e Symoa Rodriguez, ambas moradoras em Sacavem, fatigavaõ continuas terçaãs, doença moleſtiſſima, e ſe naõ he perigoſa, ao menos, em quanto ſe padece, o parece. Bebeo huma, e outra da dita terra desfeita em agoa, e desfez-ſe como neſta o ſal a malignidade do achaque.

Sara de maleitas.

6 Hum menino de dez annos cahio de huma janella; deſconjuntou-ſe-lhe todo o corpo. Deraõ-ſe-lhe muitas ſangrias ás quaes ſobreveyo huma aguda febre, acompanhada de crueis dores, e modorra profundiſſima: cada inſtante alternava ſymptomas a doença, desfalleciaõ as forças, no meſmo paſſo que creſcia o faſtio. Sobrevieraõ delirios no juizo, pontadas pelo corpo, intercadencia no pulſo, cifraraõ-ſe em fim eternidades de penas em dous luſtros de idade. Mas que importa ſe conjurem os males, ſe Antonio he theſouto dos bens! Deraõ-lhe a beber agoa da ſua fonte com terra da ſepultura, e foy tal a actividade deſte excellentiſſimo remedio, que logo alcançou a ſaude que dezejava, e lhe dezejavaõ.

Dá ſaude a hũ menino &c.

7 Naſceo hum grande inchaço no roſtro a Iſabel Alvares, e pondo ſobre elle a meſma terra, ſarou logo, e em naõ deixar ſinal, foy mais aſſinalado o prodigio.

Sara de inchaços.

8 Dona Maria de Andrade, eſtando gravemente enferma de febres malignas, deſconfiada dos Medicos, pôs ſobre ſeus peitos huma pequena de terra da dita ſepultura, e repentinamente lhe deo huma grande copia de ſuor tal, que ſe enſopavaõ lenços, e toalhas nelle, e acabado iſto ſe ſentio ſem febre, e bõa.

Sara de febres malignas.

9 Teve certa mulher huma grande enfermidade, e taõ grande, que lhe tirou a viſta. Cega em fim, mendigava pelas portas, e levada talvez da fama de outras maravilhas ja referidas, que o Veneravel Padre obrara ſendo vivo, foy á ſua ſepultura, pedio huma pouca de terra, applicou-a aos olhos, e baſtou aquelle benevolo contacto, para que os olhos cegos ſaraſſem a olhos viſtos.

Dá viſta a hũa cega.

10 Fazia ſua viagem do Eſtado do Brazil para o Reyno, huma caravella de Cezimbra, e vindo oitenta legoas da Ilha Terceira, lhe ſobreveyo tal tempeſtade, que os mais experimentados em ſimilhantes, confeſſavaõ naõ a terem viſto mayor. O Piloto perdeo o rumo, os marinheiros as forças, e todos as eſperanças das vidas. Mas como o perigo evidente faz lembrado o remedio mais eſquecido, hum Clerigo, que alli vinha, por nome Matthias Rangel, lançou ás ondas certos retalhos do habito do noſſo Veneravel Padre; ex que com admiraçaõ de todos ſubitamente o mar ſe tornou de embravecido tranquillo, o vento de furioſo lizonjeiro, o Ceo de contrario favoravel, e navegando com proſpera viagem, em breves dias ſurgiraõ no dezejado porto.

Serena tempeſtades.

11 Em caſa de Diogo de Siqueira Sottomayor ſe ateou o fogo: e derivando-ſe de huma em outra caſa, hia abrazando quanto topava; até que chegando a certo lugar, onde eſtava hum barrete, que fora do Veneravel Padre, ſuppoſto que havia alli roupa, e madeira em que pudera arder, parou á viſta de todos, e ſuſpendeo a natural voracidade naquelle termo, que lhe pôs a Omnipotencia do Senhor pelos merecimentos de ſeu Servo.

Pára a voracidade do fogo á viſta de hum ſeu barrete.

12 Sendo

Dá saude em huma enfermidade grave.

12 Sendo de dous annos huma neta do dito Diogo de Siqueira, teve huma enfermidade taõ grave, que muitos dias naõ abrio olhos para ver, nem a boca para mammar; desconfiavaõ ja todos dos remedios naturaes, e appellando para os do Ceo, lhe puzeraõ sobre a cabeça o dito barrete, e immediatamente abrio os olhos, e cobrou saude.

Dá juizo a hum louco.

13 Adoeceo Francisco de Oliveira de hum achaque taõ agudo, e activo, que em breve veyo a endoudecer: puzeraõ-lhe na cabeça o mesmo barrete, e recuperou a saude, e o juizo, recebendo da maõ do Servo de Deos, naõ só o ter vida, mas o ser homem, pois pelo juizo se distinguem os que o saõ dos brutos.

Sara de pedra.

14 Pedro de Mendonça, Fidalgo de conhecida qualidade, morador junto a Santa Clara, estando muito doente de dor de pedra sem melhorar com os remedios, que os Fisicos lhe applicavaõ, pondo sobre o estomago huma reliquia do Veneravel Padre, lançou nove pedras, e ficou saõ. Nem dalli em diante lhe tornou mais a tal doença, nem ainda outras a que era sujeito.

15 A Manoel Borges, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, o arrojou de si hum cavallo com taõ furioso dezapego, que quebrou miseravelmente huma perna; curaraõ lha alguns Cirurgioens, e deixaraõ-lha antes remendada, que remediada, como em similhantes cazos vulgarmente succede. Padecia o enfermo acerbissimas dores, até que pondo huma murça do Veneravel Padre, no mesmo instante sentio que a perna lhe dava tres, ou quatro estálos, e que as dores se lhe alleviaraõ, e brevemente se levantou, e foy dar as graças ao Veneravel Padre.

Sara hum louco.

16 Adoeceo, e pouco depois endoudeceo, hum criado de Dona Isabel de Alancastre; applicaraõ-se a tanto mal varios remedios, mas naõ tinha remedio tanto mal: assim esteve dous mezes a loucura sem cura, e a doença sem melhora, quando hum dia lhe puzeraõ na cabeça hum barrete, que fora do Veneravel Padre, e de repente cobrou entendimento, e saude.

17 Por tempo de quatro annos, perseguiaõ a huma menina de nove, continuos accidentes, sem haver para elles remedio, que fosse de substancia, lançaraõ-lhe ao pescoço huma reliquia do Veneravel Padre, e nunca mais lhe tornaraõ

18 Rendida ao incendio de huma febre mortal cahio certa mulher na cama, privou-a hum tyranno frenezi do uso das potencias, e sentidos; prostrada finalmente, e quasi morta a offereceraõ ao Veneravel Padre, e pondo-lhe na cabeça hum retalho da sua alva, se achou com repentina, e inteira saude, e dezimpedidas as potencias se empregaraõ todas, o juizo no conhecimento, a memoria na lembrança, a vontade na gratificaçaõ de tal beneficio.

Sara de huma mortal enfermidade.

19 A Barbara Monteira inchou a garganta desorte, que naõ podia levar nem ainda cousas muitos liquidas: caminhava ja a pobre mulher para a morte, porque faltava o caminho para o sustento da vida, quando lhe applicaraõ huma reliquia do habito do mesmo Padre, e foy taõ efficaz a virtude permanente daquelle celestial contacto, que logo se vio livre de tanto mal.

Sara de febres malignas.

20 Cahio na cama com huma febre maligna a Madre Marianna da Conceiçaõ Freira de Villa-Longa, e applicando-lhe outra Religiosa hum retrato do Veneravel Padre, immediante lhe sobreveyo hum copioso suor, com o qual ficou taõ alleviada do mal, como agradecida aos bens que recebera.

Sara de huma enfermidade mortal.

21 Adoeceo outra mulher de huma gravissima enfermidade. Desconfiaraõ, os que a visitavaõ, da sua vida, mas ella com grande fé, e confiança, pôs na cabeça hum retrato do Veneravel Religioso, e melhorou desorte, que vindo os Medicos naõ acharaõ outra novidade mais, que o espanto de todos por taõ rara maravilha.

22 Prometteo o Veneravel Padre, sendo ainda vivo, visitar a sua querida discipula em Christo, a Veneravel Madre Birgida de Santo Antonio, dia de Santa

Santa Tecla. Naõ cumprio no anno proximo a palavra, porque lhe atalhou a morte os intentos, mas a Veneravel Religiosa sempre firme na esperança da promessa, se apparelhava para a visita, pelo decurso dos annos seguintes, no dia assinalado. Neste meyo tempo Mathias de Albuquerque, Vice-Rey que foy da India, mandou fazer hum retrato do Bendito Loyo, o qual sahio com grande primor. Dezejava porèm o Fidalgo saber se conferia a copia com o original, e entendendo que ninguem como a Madre Birgida o podia tirar desta duvida, lhe mandou cazualmente o dito retrato em dia de Santa Tecla, e por este modo satisfez o Veneravel Padre a palavra, e promessa que fizera.

25 A mesma Veneravel Birgida tinha em seu poder outro retrato do Veneravel Padre, o qual por muitas vezes lhe fallou, naõ só em particular, senaõ tambem diante de algumas pessoas, que com ella se hiaõ aconselhar em materias de grande importancia, pelo qual obrou o Senhor muitos milagres.

Vida do Beato THADEO DAS CANARIAS *Eremita Agostinho, natural de Lisboa.*

1 NAsceo na Cidade de Lisboa, onde tomou o habito no magnifico Convento de nossa Senhora da Graça. Vendo o Prelado que elle era na pureza virginal todo Angelico; nos incendios do amor santo hum Serafim; na profunda intelligencia das Sagradas Letras todo Cherubim; nos apreços da sua humildade todo nada; e na ancia, e zelo, que tinha da salvaçaõ das almas, todo Apostolico, o mandou para ás Ilhas Canarias, que pouco havia se tinhaõ descoberto, para que prégasse aos ignorantes Ilheos a solida doutrina, de que careciaõ.

2 Com indizivel gosto se embarcou o Servo de Deos para aquellas Ilhas, porque huma vontade generosa, ajudada do vento favoravel da graça, dá todas as vélas ao amor, e piza immensos mares de difficuldades, e sem que a assustem, nem a estranheza de naõ conhecidos rumos, nem a funesta imagem dos perigos, corre veloz á conquista de heroicas emprezas. Isto se vio pois, no ardente zelo do nosso Bemaventurado Thadeo, pois logo que chegou ás Ilhas, intimou as verdades Catholicas aos seus moradores, e vendo que com facilidade as abraçavaõ, se encheo em dezejos da conversaõ dos infieis, e de dar a vida por quem lha havia dado, e cõmunicado caridade taõ ardente. Para os effectuar pois, passou á Barbaria, e discorrendo por varias Cidades della, com incansavel trabalho, tirou a muitas almas das garras do leaõ infernal, e administrou os Sacramentos aos captivos, a quem exhortava efficazmente, para que enganados das promessas, ou temerosos dos tormentos, naõ demittissem a Ley de Jesus Christo. Servia o Servo de Deos de grande assombro aos Christaõs, que ponderavaõ a sua summa, e voluntaria pobreza, as rigorosas penitencias, e abstinencias com que se affligia, e o desprezo grande que tinha de si, e de todas as cousas que mais estimamos, os que engolfados nas cousas da vida, nos descuidamos miseravelmente das memorias da morte.

Vay para as Ilhas Canarias.

Passou a prègar a Barbaria.

3 Accumulado, em fim, destas sobreditas virtudes, e de outras, que a sua humildade soube encobrir, e a antiguidade occultou, trocou a terrena pela Celestial morada, se com a laureola de Martyr, se de Confessor, naõ se póde averiguar, a 8. de Janeiro de 1470. O seu veneravel corpo se conservou em pé muitos annos, [como o de S. Francisco em Assiz] debaixo de hum alpendre na postura seguinte: Vestido no habito da Ordem, olhos pregados no Ceo, maõs recolhidas nas mangas, que descançavaõ sobre o peito, reprezentando quarenta annos de idade. Obrava a Omnipotente maõ innumeraveis maravilhas pela sua intercessaõ, e foraõ muitos os barbaros, que deixaraõ a sua

Da sua ditosa morte, e do prodigio da incorrupçaõ de seu corpo.

falsa seita, e se voltaraõ á Igreja Catholica, convencidos pelos portentos que ocularmente prezenceavaõ.

Veneraçaõ com que está seu sãto cadaver, e de como Deos publica suas virtudes com prodigios.

4 No anno de 1564. metteraõ os moradores da Cidade de Tagaos em Barbaría seu santo corpo em huma urna de pedra fechada, que está dentro de huma Igreja, que os mesmos barbaros [posto que sem fé] erigiraõ em seu nome, movidos dos infinitos milagres que lhes fez, com grande credito para a Religiaõ Catholica, e confuzaõ para a seita Mahometana, cujos erros detestaõ cada dia, principalmente os favorecidos, e os que tem a ventura de ver seu sepulchro rodeado de celestiaes resplandores, como muitas vezes acontece aos soldados, que estaõ guardando as portas desta Igreja, por ordem dos Mahometanos, que receaõ o verem-se defraudados pelos Christaõs daquelle thesouro, que he universal remedio, por meyo de hum suavissimo oleo, que de si mana, para as necessidades dos que com fé, e sem ella se valem da sua intercessaõ. Deste grande Servo de Deos escreve D. Jozé Pampillo, Bispo Seguino, no Catalago dos Santos da Ordem, e Jorge Cardoso no seu *Agiologio Lusitano*, que affirmaõ conservaõ os Mahometanos quatro guardas á porta da Igreja deste grande Santo, gloria de Portugal, e lustre da Religiaõ Augustiniana.

Vida do Beato D. GARCIA MARTINS, *Balio de Leça.*

Foy Balio de Leça.

NAsceo neste Reyno de Portugal de pays Illustrissimos. Foy Cavalleiro de S. Joaõ Jerosolymitano, e mereceo pelas suas heroicas proezas, que o fizessem Gram Cõmendador dos Reynos de Portugal, Castella, Leaõ, Aragaõ, e Navarra. Por fim o elegeraõ Balio de Leça, em cujo Baliado assistio muitos annos, exercitando-se em os muitos exercicios de virtudes, a que o incitava a continua memoria da morte, que alcançou muito ditosa no Divino conspecto pelos annos de 1303. No primeiro dia de Mayo do anno de 1598. se abrio o tumulo de pedra, em que enterraraõ seu veneravel corpo, e o acharaõ inteiro com suavissimo cheiro, armado Cavalleiro com o roçagante manto da sua Ordem. Ajuntou-se muito povo a presenciar aquella maravilha, e advertio em outra mayor, pois como estivesse alguns dias exposto á devoçaõ, e veneraçaõ dos Fieis, lhe cresceo a barba consideravelmente, e lhe cresceraõ as unhas dos pés desorte, que lançaraõ fóra as servilhas que as cobria, as quaes sendo de couro, se conservavaõ ainda illezas da corrupçaõ. Tiraraõ-no no mesmo sepulchro da Sacristia, em que estava, e o puzeraõ no meyo da Igreja de Leça, em hum monumento, que sustentaõ tres leoens. Na Inclyta Igreja de S. Joaõ de Malta se venera o seu retrato com o titulo de Beato, entre os mais Santos daquella sagrada Religiaõ. *Agiol. Lusitan.*, e outros.

Conserva-se seu corpo incorrupto.

Vida do Beato Fr. BERNARDO, *ou* ARNALDO DE RIVO, *Dominico.*

1 FOy filho de Guilhelmo Arnao, Mordomo mór da Rainha Dona Filippa, mulher de ElRey D. Joaõ o I. Logo nos primeiros crepusculos da sua idade, se determinou a cuidar na morte, e a desprezar os gloriosos postos, e honorificas honras, que o mundo lhe promettia. Tomou o habito da Ordem dos Prégadores, e como foy unicamente por servir a Deos, livre das occasioens, e perigos do seculo, professou, e proseguio na vida religiosa, com avantajado credito de virtude, que o Ceo cada

da

da dia acreditava com patentes maravilhas. Descuidava-se tanto da vida, por cuidar muito na morte, que dormia sempre emcima de hum feixe de seccas vides, com huma pedra á cabeceira. Açoutava-se quotidianamente, e se affligia em tudo com deshumano rigor. Na oraçaõ era muito frequente, e além da que tinha na sua cella, ficava toda a noite no Coro, diante do Diviniſſimo Sacramento, onde o achavaõ os Religiosos arrebatado em amorosos extasis, ou elevado alguns palmos da terra. Dizia Missa com o mayor fervor, e nella o prezenciavaõ os ouvintes inflammado, e elevado na consideraçaõ daquelles soberanos Mysterios.

Da sua penitecia, e oraçaõ.

2 Indo para se levantar da oraçaõ no Convento de Bemfica, tropeçou no vidro de huma alampada, que arde diante de hum Altar, em que está o Crucifixo, desorte, que o quebrou. Occasionou-lhe aquelle descuido hum notavel sentimento, e logo de joelhos pedio perdaõ á santa Imagem da inadvertencia, ferindo o peito deshumanamente, e fazendo outras demonstraçoens de sentido. Querendo Deos consolá-lo naquella afflicçaõ, mandou hum Anjo das Celestes galerias, que pôs a alampada em seu ser, e a accendeo. Estando a Communidade em Completas, e ouvindo sinal de estar hum Religioso agonizando, as deixavaõ com tençaõ de as ir proseguir. Porém o nosso Servo de Deos estava taõ elevado, que de nada deo fé, e foy entoando em altas vozes os Divinos louvores em companhia dos Espiritos Angelicos, que vieraõ da Empyrea Curia continuar as Matinas na falta dos Religiosos, como entendeo Arnao, que vio todas as cadeiras occupadas, e estranhou a melodia das vozes com que entoavaõ os Psalmos. O incensarem-se todas as cadeiras do Coro na Religiaõ Dominica nas festas Duplex, e totum Duplex, teve principio neste prodigioso successo, e singular mercê, que Deos quiz fazer á Ordem Dominicana.

Nota os favores que recebeo do Ceo.

3 Sendo porteiro de Bemfica, se compadeceo summamente de hum pobre, que lhe pedio esmóla, depois de ter repartido as costumadas esmólas; e para remediar a grande necessidade, que o pobre lhe reprezentava, foy pedir ao refeitoreiro, que ao menos lhe desse huma fatia de paõ. Disse-lhe este, que nenhum tinha no refeitorio; importunou-o o caritativo Arnao desorte, que indignado o refeitoreiro o levou ao refeitorio para nelle o desenganar ocularmente. Ora veja Padre (disse abrindo a caixa do paõ) se lhe fallava verdade. Aberta a arca, a acharaõ cheya de paõ, e ficou o refeitoreiro confundido, e admirado com taõ prodigiosa maravilha, que naõ cessava de publicar, para credito da virtude da esmóla, e do Veneravel Arnao, a quem dalli por diante tratava como a favorecido, e amigo de Deos.

Milagre da caridade.

4 Indo para dar aos pobres alguns fragmentos da mesa, que levava no escapulario, lhe perguntou o Prior que levava, e querendo responder-lhe mostrando-lhe os pedaços de paõ, se achou com o escapulario cheyo de olorosas boninas, e vendo o Prelado o portento, se lançou aos pés do Servo de Deos choroso, e arrependido da pergunta, que todavia fez com imperio de Prelado dezabrido, e pouco prudente. O transformarem-se esmólas em flores, tem succedido a muitos Santos, dos quaes nomearemos os Portuguezes que nos lembraõ, que saõ: S. Fr. Alvaro de Cordova, Portuguez, Santa Isabel Rainha de Portugal, e Santa Thereza, Portugueza.

Transforma-se-lhe o paõ em boninas.

5 ElRey D. Joaõ o II. visitava muitas vezes a este Servo de Deos, por cujo respeito fez o Convento de Bemfica; e sua mulher a Rainha Dona Leonor pedio com instancia, e conseguio com difficuldade o ser visitado della huma vez no anno, pois como pia, e devota, gostava, e se edificava muito com a sua conversaçaõ. O mesmo Rey, da tribuna em que assistia, quando hia ao Convento a exercitar-se em piedosos exercicios, venerava muito a alampada em que estava o vidro, que o Anjo soldou.

6 Havendo-se finalmente avantajado em acçoens heroicas, e em virtudes insignes, a decrepita idade de cento e quinze annos, passou ao perduravel

banquete da Gloria aos 2. de Mayo de 1502. Sepultou-se no Capitulo, donde o tiraraõ passados 14. annos para huma honrada sepultura, que na Igreja lhe fizeraõ, em cuja trasladaçaõ experimentaraõ os assistentes que sahiaõ daquelles veneraveis ossos fragrancias celestiaes. Sena na Chronica da Ordem, e *Agiologio Dominicano* 2. de Mayo.

O Beato ROMEU, *Religioso leigo em Refoyos de Lima.*

1 NO Mosteiro de Santa Maria de Refoyos de Lima, que he dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, neste Arcebispado de Braga, he celebre a memoria do Beato Romeu, que falleceo em huma Capella chamada de S. Joaõ de Penas, que está na mesma Freguesia, e pertence ao mesmo Mosteiro. Obrou Deos pelos seus grandes merecimentos muitas maravilhas, e a terra de sua sepultura deo saude a muitos enfermos de varias, e incuraveis enfermidades.

Acha-se seu corpo incorrupto.

2 Sendo Prior do Mosteiro D. Mauricio, querendo pôr o santo corpo em lugar mais digno, abrio a sepultura, em presença do Arcebispo de Braga D. Joaõ de Menezes, o qual acharaõ inteiro, e incorrupto, e com grande solemnidade o trasladaraõ para a Capella mór do mesmo Mosteiro no anno de 1582., e lhe puzeraõ hum epitafio Latino, que no vulgar diz: *Neste sepulchro jaz o famoso Herôe em virtude Romeu, gloria grande de sua patria Ansoma, em Italia.*

3 Este Servo de Deos veyo de Italia em romaria a S. Thiago, e se recolheo em hum Hospital de peregrinos, que havia junto da dita Capella, no qual ficou servindo aos pobres com singular, e ardente caridade, o que conhecendo o Prior de Refoyos D. Gonsalo, lhe deo o habito de leigo, á instancia do mesmo Servo de Deos. Delle escreve D. Rodrigo da Cunha na segunda Part. da *Hist. Eccl.* cap. 91. pag. 398. *Chron. dos Coneg. Regrant.* liv. VI. cap. 309.

O Beato Fr. DOMINGOS DE CUBA *Religioso Dominico.*

Toma o habito Dominico.

1 NAsceo em huma Aldêa, a que chamaõ Cuba, que fica tres legoas distante da Cidade de Beja. O Patriarcha S. Domingos veyo a Hespanha pelos annos de 1219., e tendo o nosso Domingos noticia das suas esclarecidas virtudes, e da nova Religiaõ, que fundava para bem de tantas almas, deixou pays, amigos, e parentes, incitado do dezejo que tinha de deixar totalmente o mundo, com todas as suas vaidades, e deleites, e dando conta de seus santos designios ao Glorioso Patriarcha, este lhos louvou muito, e animou á perseverança, ensinuando-lhe sem duvida, que para esta seria a consideraçaõ da morte o melhor incentivo. Conhecendo pois S. Domingos a bôa indole do nosso Servo de Deos, lhe lançou gostozamente o habito da sua Religiaõ, e pouco depois o mandou de Madrid, para que neste Reynó prégasse a Divina palavra, e intimasse a todos cuidassem menos da vida, e se naõ descuidassem tanto da morte. Obedeceo Fr. Domingos, prégou a palavra Evangelica com fervor grande, e com muito aproveitamento dos patricios. Ajudou muito a fundaçaõ da Ordem neste Reyno ao seu principal Fundador D. Fr. Sueyro Gomes.

Funda o Convento de Santarem.

2 O Convento de S. Domingos de Santarem fundaçaõ foy do nosso Beato Domingos, e nelle viveo sempre em pulcherrimas virtudes, das quaes foy receber o premio pelos annos de 1263. Obrou muitos milagres em vida, e

muitos

muitos mais depois da morte, que lhe grangearaõ o titulo de Beato. Manifestou Deos a gloria da sua bendita alma desta sorte. Vivia naquelle tempo a Veneravel Serva de Deos Elvira Paez, que estando na mesma Igreja de Santarem, junto á sepultura do Servo de Deos, ponderando as virtudes, que exercitara na vida, e dezejosa de saber o premio, que nellas teria na outra; vio dous velhos veneraveis, adornados de rica purpura, entretecida de ouro, os quaes ella conheceo ser o Beato Fr. Domingos de Cuba, e S. Fr. Gil, seu particularissimo amigo, e vio mais huma grande escada, cujo pé estribava no cemiterio, em que ambos estavaõ sepultados, e as pontas no Ceo, pela qual desceraõ dous Angelicos Espiritos, que muito rizonhos chamavaõ pelos santos Religiosos, dizendo: *Vinde irmaõs, vinde, e subi, que vos chama o Senhor*, os quaes logo foraõ subindo em seguimento dos Celestiaes Espiritos, até se recolherem com elles nas eternas galerías da Gloria.

Manifesta Deos a sua virtude.

O Beato REMISSOL *Bispo da Cidade de Viseu.*

1 NO tempo em que os Suevos governavaõ este Reyno de Portugal, elegeraõ Bispo da Sé de Viseu ao Beato Remissol, por verem que nelle se achavaõ singularmente unidas virtudes, e letras. Governou o seu Bispado alguns annos dando a todos os subditos exemplo do mais perfeito Prelado.

2 Vivia no seu tempo o maldito Leovegildo professor acerrimo da perniciosissima seita Arriana, e como via que o santo Prelado publicamente prégava contra ella, o desterrou da sua cara patria, provendo a Mitra Episcopal em Sunila, Arriano, o qual no terceiro Concilio Toledano abjurou aquella maldita seita. No desterro padeceo grandes trabalhos, com animo, e rostro taõ alegre, como quem sabia a grandeza do premio, que lhe estava reservado no Ceo, que foy receber com muitos annos de idade. Sobscreveo este Servo de Deos no terceiro Concilio Bracharense, que se celebrou no anno de 572. no Reynado de Atriamiro, e no segundo Concilio de Lugo, em que presidio S. Martinho do Dume, Arcebispo de Braga. Por Beato o traz o *Agiologio Lusitano.*

O Beato Fr. JERONYMO DA CRUZ *Martyr Dominico, natural de Lisboa.*

1 NAsceo na Cidade de Lisboa de nobre prosapia, e foy bautizado na pia da Sé della. Applicou-se aos estudos, e sendo ja Bacharel pela Universidade de Coimbra, e de 30. annos de idade, tomou o Dominicano habito em S. Domingos da mesma Cidade, onde viveo totalmente entregue aos cuidados da morte, aos descuidos da vida, e taõ contemplativamente, que toda as vezes que se punha a orar, era arrebatado de profundos extasis, nos quaes recebia do Ceo consolaçoens, e mercès especiaes. Tendo o Provincial da Religiaõ determinado mandar quatro Religiosos para á India, em huma náo que estava para dar á véla, sobreveyo a hum impedimento; o que vendo o Prelado, chamou ao Servo de Deos, a quem disse, que vista a impossibilidade daquelle Religioso, só elle podia supprir aquella falta. Ainda bem naõ tinha pronunciado estas palavras, quando o perfeito obediente inclinando a cabeça, lhe beijou o escapulario, e recebida a bençaõ, e tomada a capa, e Breviario, caminhava a embarcar-se logo, o que naõ fez naquelle dia, pelo mandar o Prior tomar Ordens de Missa no seguinte, as quaes lhe deo o Bispo de

Da sua obediencia, e paciencia.

de Annel D. Belchior Beliago. Na viagem mostrou o grande zelo que tinha da salvaçaõ das almas, e pelo conseguinte o quanto abominava as offensas de Deos, por cujo amor sofreo com grande tranquilidade de animo huma bofetada, que lhe deo hum perjuro, a que reprehendeo.

2 Assim como chegou a Goa, o mandou a obediencia para o Convento de Malaca, donde passou para o Reyno de Siaõ, levando por companheiro a Fr. Sebastiaõ do Canto. Depois que se instruio na lingua da terra, pôs em praxe o ardente do seu zelo, trazendo pelo meyo dos seus Sermoens, das suas persuasoens, e do seu exemplo, muitas almas das trevas da Gentilidade á clara luz do Evangelho. Estimulados os Mouros, que alli comerciavaõ, de ouvir abominar as suas barbaridades, e idolatrias, procuraraõ tirar a vida, a quem lhes avaluava por falsa, e barbara a ley, que elles tinhaõ por verdadeira, e prudente; e para ficar palliada a traiçaõ, fizeraõ hum ruido fictício á porta dos Religiosos, os quaes querendo-lhes acudir com o seu caritativo animo, atravessaraõ com huma lança a Fr. Jeronymo, e fazendo muitas feridas no companheiro, por naõ serem mortaes, escapou com vida; disposiçaõ do Ceo, que o guardou para se accumular de mais meritos. Toda a Cidade mostrou grande sentimento desta, posto que atraiçoada, felice morte, e ElRey, que estava ausente, deo tambem as mayores mostras de sentido, procurando castigar os delinquentes, a que se oppôs o companheiro ferido, intercedendo por elles como verdadeiro Discipulo de Christo, com cuja acçaõ muito edificou ao Rey, e aos vassallos. Foraõ levadas as veneraveis reliquias a Malaca, onde foraõ recebidas com solemne prociçaõ, e geral applauso, e elevadas em lugar superior no Convento da Ordem, onde era venerado por santo, e procurado para intercessor nas afflicçoens de seus devotos, que alcançaõ felices despachos nas suas petiçoens. O seu triunfo foy no anno de 1566., o qual escrevem Fr. Antonio de Sena na sua Chronica. Marieta no *Flos Sanctorum*, e outros.

Do Beato Cavalleiro HENRIQUE, *e dos Portuguezes que morreraõ no cerco de Lisboa, quando o santo Rey D. Affonso Henriquez lançou aos Mouros fóra da Cidade.*

1 ASsim como chegou no anno de 1444. a Europa a lamentavel noticia de que Noradino, Principe Turco, se assenhoreara de Edessa, Cidade populosa, e a que chamavaõ o Thesouro dos Christaõs; determinou o zeloso Rey de França Luiz VII. o ir em pessoa a Asia, atalhar os progressos daquelle valoroso infiel, que ameaçava a Conquista da famosa Antioquia. Naõ só lhe approvou o santo Papa Eugenio III. a sua piedosa determinaçaõ, senaõ que tambem lhe concedeo a Cruzada, cuja Cruz recebeo o mesmo Monarcha na Paschoa de 1146., com todos os grandes do Reyno. Por ordem do mesmo Pontifice foy S. Bernardo prégá la a Alemanha, onde persuadio á mesma empreza ao Imperador Conrado III., que com muitos Principes, e Fidalgos Alemaens, foraõ os primeiros que marcharaõ na vanguarda de settenta mil cavallos couraças, e de huma numerosa Infantaria. Em Abril do mesmo anno sahio de Inglaterra huma Armada, que se compunha dos ditos Alemaens, dos Francezes, (que naõ acompanhavaõ ao seu Rey, que ficou a sahir-lhes a certa paragem) Flamengos, e Inglezes, composta de mais de cem vélas, com o designio de irem aportar a Constantinopla; porèm como Deos tinha determinado, pelos seus incomprehensiveis Juizos, que naõ tivesse aquella Armada o bom exito, que pertendiaõ os Monarchas, e Principes que a dirigiaõ, e que se acudisse ao nosso Rey D. Af-

Notem.

fonso-

fonso Henriquez, que no mesmo tempo tinha posto cerco aos Mouros de Lisboa. Impellida a Armada de ventos contrarios, arribou em Lisboa, onde tendo por providencia, o que parecia casualidade, se uniraõ os valorosos Cruzados com os nossos Portuguezes de forma, que ajudaraõ a ganhar ao nosso valoroso Rey, o Augusto Throno da Sua Magestade.

2 Hum pois dos Capitaens daquella grande Armada, foy o grande Cavalleiro Henrique, [nascido em Bona, Villa da Alemanha, que fica em poucas legoas de distancia da Cidade de Collonia] que naquella occasiaõ se singularizou em mostrar hum animo intrepido, e destemido, estimulado do brio, a que o incitava o generoso do seu illustre sangue a pendurar no templo da honra os trofeos de victorioso. E como cuidava tanto na morte, quanto a considerava imminente em todos os conflictos militares, naõ se descuidava de evitar as liberdades, e as licenças mal praticadas de Cavalheiros militares, como oppostas ás leys da milicia de Christo, por cuja honra, e gloria exhalou a vida naquelle cerco, com o mayor sentimento de ElRey D. Affonso Henriquez, que delle fazia especialissimo apreço, assim pelas suas grandes virtudes Christaãs, como pelo grande do seu valor. Mandou-o sepultar honradamente no cemiterio deputado para os Portuguezes que morressem naquelle cerco; porèm naõ permittio o Senhor, a quem servio, que com o corpo se enterrasse tambem a memoria deste seu Servo, sendo na vida inculpavel, e na morte reputado por Martyr, e assim começou a canonizá-lo com patentes, e estupendos milagres. Saõ elles os seguintes, que traslado fielmente da Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, onde se trata deste Servo de Deos no Livro 8. Cap. 4.

3 Foy o primeiro milagre, que Deos obrou pelos merecimentos do santo Cavalleiro Henrique, o que succedeo a dous mancebos seus naturaes, que vieraõ com elle na Armada; eraõ ambos surdos, e mudos desde seu nascimento, e pela affeiçaõ que tinhaõ ao santo Cavalleiro, se foraõ lançar a par do seu sepulchro, aonde adormecendo lhes appareceo o mesmo Veneravel Henrique em habito de peregrino, usado dos que hiaõ á Terra Santa, com hum bordaõ de palma na maõ, e lhes disse, como Deos por seus rogos, e dos outros Martyres seus companheiros, que perderaõ as vidas naquelle cerco, lhes concedia perfeita saude, que se levantassem com grande prazer, fallassem, e ouvissem. Acordaraõ saõs os dous mancebos, com a falla, e ouvidos restituidos, e rompendo em louvores Divinos, foraõ dar a ElRey D. Affonso conta do cazo, o qual, divulgado pelo exercito, causou em todos taõ grande contentamento, que dezejavaõ perder as vidas, arriscando-as, como quem as naõ estimava pelo interesse certo que esperavaõ da Bemaventurança, e dalli em diante foy tido o sepulchro do santo Cavalleiro Henrique em mayor honra, e veneraçaõ.

Dá ouvidos, e falla a dous mudos.

4 Passados alguns dias, e sendo ja entrada a Cidade de Lisboa, e começando-se a edificar a Igreja de S. Vicente de Fóra, succedeo outro milagre, e foy que fallecendo hum escudeiro criado do santo Cavalleiro Henrique, de grandes feridas que recebeo no ultimo combate, que se deo á Cidade, o enterraraõ no mesmo cemiterio, e Igreja de S. Vicente em que estava seu amo sepultado, algum tanto affastado de seu sepulchro. Na noite seguinte appareceo o santo Cavalleiro em sonhos a hum homem leigo de bôa vida, que servia de guarda da dita Igreja de S. Vicente, e lhe mandou desenterrasse a seu criado, e o lança-se com elle em seu sepulchro, e para esse effeito lhe appareceo segunda, e terceira vez, e o obrigou com ameaços a executar seu mandado na terceira noite em que appareceo; e confessava este guarda, ou Sacristaõ da Igreja, que com andar toda aquella noite trabalhando á candêa em desenterrar, e enterrar o corpo daquelle escudeiro do santo Cavalleiro, se achara pela manhaã taõ descançado, como se nunca aquelle trabalho passara por elle. Em amanhecendo deo conta ao Capellaõ da dita Igreja

Note o como mandou se enterrasse na sua sepultura hum seu criado.

Igreja, Roardo, que indo ver os ditos ſepulchros, e achando ſer verdade, publicou a vizaõ, e milagre, que todos vieraõ ver, dando muitas graças, e louvores a Deos, que, ſem excepçaõ de peſſoas, dava o galardaõ do Ceo igualmente a todos, e naõ permittia houveſſe deſigualdade de enterro em aquelles, em quem a morte, e merecimento igualaraõ.

Naſceo huma palma na ſua ſepultura.

5 Naõ pararaõ aqui os milagres, com que Deos noſſo Senhor quiz manifeſtar os grandes merecimentos do ſanto Cavalleiro, e quaõ acceitos lhe foraõ os ſerviços, que lhe fizera em vida, porque em ſinal daquella palma que em a Gloria recebeo o meſmo Santo, naſceo outra na ſua ſepultura hum dia pela manhaã, e logo começou a creſcer ſobre a terra em ſua juſta altura, lançando formoſas, e verdes folhas, e cachos por fructo. Foy grande a admiraçaõ em todos deſta maravilha, e correndo logo a nova de taõ grande milagre por toda a Cidade, acudio ElRey com os Prelados, e Senhores da Corte, Cidadaons, e povo, a ver eſte prodigio, dando todos grandes louvores a Deos, que, como diz David no Pſalmo 67., he admiravel em ſeus Santos.

Obrava Deos por ella milagres.

6 Perſeverou muito tempo eſta palma na ſepultura do ſanto Cavalleiro, fazendo effeitos milagroſos em varias enfermidades, porque como por devoçaõ ſe tiraſſem della algumas folhas, e pedaços, ſe achou por experiencia, que trazidas ao peſcoço, ou lançadas na agoa, ou desfeitas em cinza, e ſeccas, e desfeitas em pós, e tomadas com devoçaõ, ſaravaõ os doentes de ſuas enfermidades. Porém a meſma devoçaõ, e concurſo grande, com que ſe acudia à buſcar eſte remedio, o apurou de maneira, que dos muitos pedaços, e folhas, que tiravaõ da palma, ſe veyo a diminuir muito, e a titulo de a conſervarem melhor, a mudaraõ com pouco acerto para outra parte, com que ceſſaraõ os milagres, por naõ ſerem da raiz com que naſcera, e ſe tinha criado, que eraõ do corpo do ſanto Cavalleiro Henrique.

7 Conſerva-ſe com tudo ainda hoje em o ſacrario das reliquias do Moſteiro de S. Vicente, em hum relicario de prata, parte de hum ramo, e cacho deſta milagroſa palma, que ElRey D. Affonſo Henriquez, levado da devoçaõ do ſanto Cavalleiro Henrique, tomou para ſi, e a pôs depois no meſmo Moſteiro, para memoria de taõ famoſo milagre, e ſe tem por huma grande reliquia, por ſe conſervar por eſpaço de mais de quinhentos annos ſem corrupçaõ alguma.

8 Eſcreve o Chroniſta Duarte Galvaõ no Cap. 36. da Chronica de ElRey D. Affonſo Henriquez, que ſendo mandado deſte Reyno por Embaixador a Alemanha, e paſſando pela Villa de Bona, donde o ſanto Cavalleiro era natural, achou os moradores daquella terra com muita affeiçaõ, e ſaudoſa lembrança deſte ſanto Cavalleiro. E no Cap. 38. da meſma Chronica eſcreve tambem o ſeguinte: *Todas as vezes que ElRey D. Affonſo Henriquez ſentia em ſi algum abalamento de doença, ſe hia ao ſeu Moſteiro de S. Vicente, e ſe deitava em oraçaõ ſobre os jazigos dos Santos Martyres, e ſe achava logo remediado &c.*

Devoçaõ, que tinha o ſanto Rey D. Affonſo aos Martyres.

9 O ſagrado corpo deſte ſanto Cavalleiro foy ſempre deſde aquelle tempo até o preſente, muito venerado dos Conegos do Moſteiro de S. Vicente, que o tiraraõ do antigo ſepulchro, e o puzeraõ em hum caixaõ de cedro, forrado de veludo carmezi, e o trasladaraõ para a Sacriſtia, onde eſteve por muitos annos mettido na parede em lugar alto, até que ſe trasladou para a Capella de Santo Antonio.

10 Hum Conego do meſmo Moſteiro, chamado D. Coſme, compôs em ſeu louvor huns verſos Latinos elegantiſſimos, que mandou pôr no caixaõ com letras de ouro, que no noſſo vulgar, e em ſumma vem a dizer: *Aqui jaz o valente, e esforçado Cavalleiro Henrique, que derramando ſeu ſangue, fez fugir os eſquadroens dos inmigos; porque vindo guiado por Deos apertou a eſtas prayas Occidentaes, e ſe achou com ElRey D. Affonſo no cerco deſta Cidade*

Cidade de Lisboa, onde exercitando as armas com esforço, e valor, se mostrou prodigo da sua vida, só levado do amor Divino, e zelo da Fè Catholica, naõ temendo as lanças inimigas, e perigo da morte. Sua virtude, e valor resplandeceo mais em o sepulchro, aonde Deos o honrou com evidentes milagres; pelo que taõ licito nos he crer, que o Senhor o tem em sua Gloria, como prohibido duvidar, que está gozando da Bemaventurança.

11 Naõ só se mostraraõ solicitos, e cuidadosos os Reverendos Conegos Regrantes de S. Vicente, para com o veneravel cadaver do santo Cavalleiro Henrique, mas tambem dos veneraveis ossos dos Cavalleiros Portuguezes, que morreraõ no mesmo cerco, e estaõ tidos por Martyres, pois quando se desfez a Igreja velha, juntos os ossos, os trasladaraõ com grande veneraçaõ, para hum sacrario, que está mettido na parede de hum cemiterio de abobada, com hum letreiro de letras de ouro, que diz:

> *Aqui estaõ encerrados os ossos dos santos Cavalleiros Portuguezes, que morreraõ no cerco desta Cidade de Lisboa, quando El-Rey D. Affonso Henriquez primeiro Rey de Portugal a tomou aos Mouros no anno de* 1147.

A 8. de Novembro, em que a Igreja celebra o Oitavario de todos os Santos, se celebra a festa destes Cavalleiros, como de Santos Martyres, por licença que para isso concederaõ os Illustrissimos Arcebispo de Braga D. Joaõ Peculiar, como Primaz, e D. Gilberto Bispo de Lisboa, como Ordinario, como prova o Author da Chronica dos Conegos Regrantes.

Vida do Beato Fr. JOAM DE ESTREMOZ *Religioso Eremita de Santo Agostinho.*

1 NAsceo na Villa de Estremoz, e se esta se póde prezar de o ter por filho, se naõ deve gloriar pouco a Religiaõ Augustiniana de a tomar por mây, pois he huma das mais candidas açucenas, que tem produzido o ameno jardim daquella Religiaõ, e seria delicia da devoçaõ, e adorno decoroso da Igreja a vida deste Servo de Deos, se a incuriosidade de seus contemporaneos, e a cautéla propria nos naõ occultara as acçoens, por que se fez benemerito de ser collocado em particular Altar.

2 Naõ achamos declarados os nomes dos pays, acazo porque aos pobres ninguem sabe o nome. Eraõ de humilde nascimento, e se naõ podiaõ dar a seu filho as riquezas, que o mundo mais estima, lhe deraõ huma bôa criaçaõ, que he o que a Deos mais agrada. Vendo pois a penuria com que passavaõ seus pays a vida, pelo preço do seu trabalho, sahio de casa delles dezejoso de procurar modo de vida, em que passasse a sua honesta, e cômodamente, chegou á Cidade de Lisboa, (terra em que achaõ vida os que a naõ querem passar ociosa] e se accômodou com hum olleiro para que lhe ensinasse o officio, que podia aprender com facilidade, e exercitar sem escrupulo. Empregava todos os dias de trabalho no do seu officio, e as manhaãs dos dias Santos nas Igrejas, onde se confessava frequentemente, e quasi todo o mais tempo, que os outros officiaes costumaõ passar em divertimentos proprios da idade, e talvez alheyos da virtude, passava o Bendito Joaõ na solidaõ do campo, para onde se retirava a procurar motivos de louvar a Deos, pois vendo aquelles verdes prados, e nelles as frondosas arvores, plantas, e flores, o deliciofo

Aprēde a olleiro.

liciofo fufurro das agoas, e a melodia das fonoras aves, levantava o penfamento ao Paraizo Celeftial, fe enchia de dezejos do Ceo, e fe desfazia em lagrimas, na confideraçaõ de qual feria a compofiçaõ do Ceo Empyreo, e a melodia dos Angelicos Efpiritos, que continuamente eftaõ louvando ao Creador de tantas maravilhas. Deftas confideraçoens tirava pois o fingélo moço, materia para huma altiffima oraçaõ, na qual achava fatisfaçaõ fem fartura, como verdadeiro alimento da alma.

Das creaturas incenfiveis tirava motivos de louvar a Deos.

3 Chegada a noite, fe recolhia para cafa do Meftre, onde fe punha a rezar as contas de noffa Senhora, a quem fe dedicou inteiramente, para que fe pudeffe affim livrar dos perigos da primeira idade, que he mais ardente, e menos cautelofa por falta da experiencia. Acabado o Rofario, fe punha a converfar com a familia de cafa com muita alegria, encaminhando porèm fempre as fuas practicas ao amor de Deos, e do proximo, ao feguimento das virtudes, e ao aborrecimento dos vicios. Defta forte vivia o Bendito official na Cidade, como o mais perfeito Religiofo no feu Mofteiro. Com eftes virtuofos exercicios augmentava em feu coraçaõ a chamma do amor Divino, de maneira, que nelle andava quafi fempre transformado, e abforto.

Exercicios que fazia em cafa.

4 O Meftre, que naõ era de má vida, fe gloriava muito de ter hum official de vida taõ exemplar, e dezejofo de que lhe ficaffe em cafa aquelle thefouro, o convidou para efpofo de huma fua parenta. Venerava Joaõ muito ao velho, e lhe refpondeo eftava prompto para dar-lhe gofto. Grande foy o com que ficou o Meftre da fua refoluçaõ, e obediencia, á vifta da qual mandou correr os banhos. Concluidos eftes, e affentado o dia das bodas, fahiraõ ambos em outro dia de madrugada de cafa, para as celebrar com a efpofa, que vivia no lugar do Lumiar fóra de Lisboa, e como madrugaraõ muito, e naõ queriaõ entrar no lugar fenaõ ao romper do dia, fe puzeraõ ao pé de huma arvore, onde adormecendo Joaõ lhe appareceo Maria Santiffima, que lhe fez efta pergunta: *Joaõ aonde vas?* Elle refpondeo: *Vou Senhora receber a donzella, com quem tenho celebrado os efponfaes.* Tornou a Virgem Maria: *Como affim? Effa he a palavra que me defles de te dedicares ao meu ferviço? Sendo eu a Mãy de Deos, me deixas por outra creatura? Em que te melhoras? Por ventura parece-te mais formofa, mais rica, ou de mais illuftre fangue? Vè pois o que fazes, que ainda eftás em tempo de te arrepender. Vay a minha Cafa, toma nella o habito de Religiofo, e viveras cõmigo alegre por toda a eternidade.* Cuidava certamente muito Joaõ em fazer a vontade de Deos, e como lhe naõ parecia incompativel o ferviço no eftado de cazado, conveyo logo no cazamento quando lho propuzeraõ; porèm vendo depois era vontade da Senhora que o repudiaffe em obfequio feu, deixando o Meftre a dormir, fahio com o fervor com que devemos confiderar ficaria com taõ celeftial vifita, e foy pedir o habito a hum Convento de S. Domingos de Lisboa, por fer o primeiro que fe lhe offereceo á vifta: Negaraõ lho os Religiofos, porque tinha Deos difpofto o tomaffe no de noffa Senhora da Graça, a cuja porta foy logo bater, e achou o Prelado, e mais Religiofos com os braços abertos para o receberem, porque naõ viviaõ ignorantes dos admiraveis progreffos da fua vida.

He convidado para cazar, e procura receber fe.

Apparece-lhe Maria Santiffima reprehendendo-o.

Deixa a efpofa, e entra na Religiaõ.

5 Naõ he explicavel o jubilo, que occafionou a Joaõ, o ver-fe de poffe da fua mayor dita. Applicou-fe logo no anno do Noviciado com tanto fervor aos exercicios religiofos, que era o feu obrar accufaçaõ dos tibios, admiraçaõ dos perfeitos, e incentivo dos aproveitados. He a oraçaõ virtude taõ propria do Religiofo, como a efpada do foldado, e nella gaftava o tempo que lhe accrefcia das humildes occupaçoens, que lhe affinalou a obediencia; e a mayor parte da noite, exercitando-fe fempre nella com taõ fogofo efpirito, que vivia feparado, e abftrahido do trato, e cõmercio das creaturas, embebido, e entranhado nas memorias do Creador. Elevava-fe em amorofos extafis, e muitas vezes eftando arrebatado no Coro, naõ era vifto dos Religiofos, porque

o queria

o queria Deos encobrir, talvez por assim lho rogar a sua humildade.

6 Do fogo do amor Divino, que se lhe ateava na oraçaõ, lhe nascia o do proximo, que sempre andaõ juntos em apertado vinculo. Particularmente o mostrava nas muitas esmólas que dava, e na assistencia dos enfermos, a quem servia com tanto fervor, que nem de dia, nem de noite se apartava da sua presença, consolando-os igualmente com os acepipes que lhe pediaõ, que pelas doces pradticas com que os exhortava á paciencia. Em fim, aos Religiosos, que enfermaraõ em quanto esteve no Convento, e aos pobres que se recolheraõ no Hospital das Caldas, em quanto foy seu Administrador, como logo diremos, acompanhava, e servia com tanto fervor, e ternura, que bem parecia haver enfermado com elles: elles por desconcertos na natureza, elle por extremo da caridade. A que tinha com os pobres saõs chegou a tanto, que naõ se contentando com lhes dar o que lhes podia dar, davalhes muitas vezes o que dar naõ podia, e se naõ vejaõ. Houveraõ grandes esterilidades de paõ em Lisboa no seu tempo, e o perseguiraõ tanto os pobres, que attendendo mais á necessidade destes, do que á em que ficaria o Convento, repartio o pouco trigo que havia no celleiro por elles. No tempo pois em que estava sem hum graõ, pedio Gomes Soares de Alvergaria, Alcayde mór de Torres Vedras, hum sacco de trigo ao Prior, e querendo este soccorrê-lo, logo chamou por Fr. Joaõ, para que o acompanhasse ao celleiro. Vendo este totalmente exhausto, virado para o caritativo Padre o reprehendeo asperamente pelas suas imprudencias, e parece que com razaõ, pois dava o de que carecia a Communidade, esquecido de que a caridade deve principiar pelos de casa. Ouvio o Servo de Deos a reprehensaõ com submissaõ digna da sua humildade, e lhe respondeo estas palavras:

Caridade que tinha com os enfermos.

7 *Naõ se moleste, Padre Prior, confie em Deos, que naõ ha de desamparar-nos se formos bons, e se tratarmos de o servir como merece.* Voltou o Prior as costas para dizer ao Fidalgo o que havia feito com a sua caridade o celleireiro, e este se pôs logo em oraçaõ, pedindo ao Senhor o soccorresse naquelle aperto, assim como elle havia soccorrido aos pobres pelo seu amor. Oh que grande he a efficacia da oraçaõ, que com viva fé se faz! Encheo-se no mesmo instante o celleiro de trigo de maneira, que foy preciso passarem muita parte para outro celleiro, para o que foy o Servo de Deos chamar logo quem o ajudasse.

Nota hum milagre da caridade.

8 Andavaõ os moços nesta diligencia de encher, e vazar saccos, e vendo-os o Alcaide Mór, que se detivera com o Prior, estranhou a este o modo com que se excluhira de dar-lhe o sacco que lhe pedira. Ficou fóra de si o Prior, e foy em companhia do Alcaide ao celleiro, perguntar a Fr. Joaõ donde viera, e como entrara alli aquelle trigo; e o Servo de Deos respondeo: *Naõ se admire, Padre Prior, pois saõ misericordias do Senhor, que naõ falta a quem confia nelle, e assim compensa o que se dispende com os seus pobres.* Naõ sem lagrimas lhe disse o Prior: *Fr. Joaõ, dê aos pobres o que lhe parecer, e offereça a Deos as graças, que todos lhe rendemos por huma maravilha taõ manifesta.* Em outra occasiaõ, assim como veyo o paõ para a Cõmunidade o repartio pelos pobres. Tangeo-se ao refeitorio, e advertindo os Religiosos que nas mesas naõ havia paõ, o disseraõ ao Prelado: reprehendeo o este por deixar tanger á Communidade, sem ter paõ na mesa para lhe dar. Fez o Servo de Deos a ceremonia de dizer a sua culpa, e rogou ao Prelado mandasse aos Religiosos que entrassem para a mesa, que Deos os proveria, visto ter dado em seu obsequio o paõ que havia aos seus pobres. Os Religiosos entraraõ a fazer experiencia da sua fé, e acharaõ as mesas com o paõ costumado no numero; porèm muito avantajado na formosura, e no sabor, o qual era taõ peregrino, que justamente se persuadiraõ a que naõ fora feito por maõs humanas. Ora vejamos, mortaes, que naõ falta o Ceo em abonar aos Justos, que com coraçaõ o servem, e com viva fé lhe pedem favores.

Nota outro milagre da caridade.

9 Muitos foraõ os prodigios com que quiz a Divina Providencia approvar os extremos da caridade deste Bemaventurado, que deixamos de escrever pelo muito que se parecem huns com os outros. Era taõ amante da pobreza propria, que ainda no precizo naõ quiz proprio uso. De dia passava o tempo nas occupaçoens da obediencia, e as noites no Coro em oraçaõ, assim mental, como vocal. E quando se via debilitado, e opprimido do somno, o tomava por breve tempo, servindo-lhe de delicioso leito o primeiro assento de pedra, ou de grão que encontrava. Foy na penitencia admiraçaõ dos Padres; porque, depois que entrou no Mosteiro, nunca comeo carne, nem peixe, nem bebeo vinho. Bebia sempre agoa, e em pouca quantidade; comia sempre hervas, e legumes mal temperados. Todos os dias tomava rigorosas diciplinas, e jamais deixava o cilicio. Quem taõ asperamente se tratava, bem mostrava o quanto cuidava na morte, e se esquecia da propria vida. Ora confundamonos os descuidados daquella, e cuidadosos desta, á vista de taes exemplos, ponderando no muito que este Servo de Deos fazia por se salvar, e no muito que nós fazemos por nos perder.

Da sua muita oraçaõ, e grande penitencia.

10 No tempo deste Servo de Deos fundou a Rainha D. Leonor o Hospital das Caldas, e como era muito affeiçoado da Ordem de Santo Agostinho, e devota de Fr. Joaõ, pela grande fama que corria da sua caridade, pedio ao seu Prelado lho desse para Administrador delle. Estimou o Prelado que a Rainha se quizesse servir de Fr. Joaõ tanto, quanto sentia por outra parte o ver-se privado da sua companhia. Fr. Joaõ se naõ alegrou pouco com a noticia, por se lhe offerecer com ella taõ bôa occasiaõ de exercitar a sua ardentissima caridade. Dezaseis annos, pouco mais, ou menos, esteve naquelle Hospital, e he constante fama, e tradiçaõ averiguada desde aquelle tempo até o presente seculo, que curara a innumeraveis enfermos, sómente com fazer-lhes o final da Cruz; porèm naõ achamos expressados mais milagres, que os dous seguintes. Enfermou o atafoneiro da casa de maneira, que naõ podia usar dos instrumentos da natureza, para allivio das necessidades de seu corpo, por estar tolhido de pés, e de maõs. Tomou-o o piedoso Joaõ á sua conta, e depois de lhe assistir muito tempo com desvélo, e cuidado digno da sua caridade; lhe alcançou de Deos o beneficio da saude desta sorte. Chamou por huns moços, para que lho ajudassem a pôr ao sol, em hum dia que se lhe queixava da rigorosidade do frio, e estando alli com elle, disse para os moços: *Ah irmaõs, que pouca caridade temos, como naõ rogamos ao Senhor, que haja piedade deste pobre enfermo, e lhe dè saude, pois padece tantas dores!* Ditas estas palavras, disse aos moços que se puzessem de joelhos á roda do doente ensinando-os a orar com os olhos no Ceo, e as maõs levantadas. Nesta postura esteve hum breve espaço, e acabada a oraçaõ que nelle fez, se levantou o tolhido taõ bem, que foy continuar com o trabalho da sua atafona. Havia hum Religioso no Convento, que padecia crueis accidentes de hum mal, que ignoravaõ os Medicos, e por isso lhe eraõ infructiferos todos os remedios que lhe applicavaõ. Vendo-o huma noite muito afflicto, se foy pôr a orar diante do Altar de nossa Senhora da Graça, que lhe fez a de dar saude ao enfermo taõ de repente, que na manhaã do dia seguinte se levantou, e foy dizer Missa, e assistir aos mais actos da Communidade.

Foy muitos annos enfermeiro nas Caldas da Rainha.

Resplandece em milagres.

11 O naõ se adiantarem os passos no caminho da virtude, he hum prognostico certo do atrazamento della, porque no pulso da devoçaõ toda a intercadencia he perigosa. Logo desde menino começou Fr. Joaõ a caminhar pelo caminho da virtude, e ao passo dos annos cuidava muito em apressar os passos na mais heroica. Trazia sempre o cuidado na morte, e a consideraçaõ na eternidade, e taõ largo caminho sabia que pedia de necessidade muita diligencia, sendo taõ incerto o dia desta vida mortal para jornadas taõ immensas. Vendo pois que os rigores da penitencia, o trabalho continuo, e os annos lhe prometiaõ pouca duraçaõ, pedio ao seu Provincial licença para sahir do Hospital,

Sahe das Caldas a preparar-se para a morte.

Hofpital, e ir viver em lugar mais retirado, para mais livremente fe preparar para a morte, e entregar a Deos fuas potencias, e dedicar feus affectos. Affinalaraõ-lhe o Convento de Pena-firme, e nelle fe entregou totalmente á contemplaçaõ dos Divinos attributos, vivendo de maneira, que mais parecia habitador do Ceo, do que homem que no mundo peregrinava.

12 Sempre efte Servo de Deos fe preparou para morrer, porque fempre cuidava na morte; porèm agora, que a confiderava mais de perto, tudo quanto dizia, e fazia era encaminhado á felicidade daquella tremenda hora; e como fe houvera tido vida eftragada, chorava com perennes lagrimas as fuas culpas. Chegou em fim o dia, e hora deftinada, e perfiftindo em fallar alta, e fervorofamente de Deos, e de feu amor, inclinou como para dormir brandamente a cabeça, e exhalou a alma a 2. de Julho de 1517. fegundo o feu Chronifta Fr. Jozé de Santo Antonio. A Divina Providencia cuida tanto em engrandecer a humildade, como o fez na morte defte Servo de Deos, acreditando para com o mundo as fuas virtudes com vozes de milagres, pelos quaes mereceo fe lhe deffe o culto de Bemaventurado, e que com refplandores fe pintaffem fuas imagens. O feu fanto corpo fe enterrou na Igreja velha do Convento de Pena-firme, donde o trasladaraõ por vezes, até que o vieraõ a collocar na Igreja nova, onde eftá elevado da terra em hum cofre dentro de grades, e fechado com tres chaves, para honra, e gloria de Deos, que feja eternamente louvado em feus Santos. Defte efcrevem os Chroniftas da fua Religiaõ, e ultimamente Fr. Jozé de Santo Antonio.

Fallece, e eftá feu fanto corpo com grande veneraçaõ.

Vida, e morte admiravel do Beato Fr. PEDRO DA GUARDA, *Religiofo leigo da Ordem Serafica.*

1 EStylo foy fempre da Divina Bondade de Deos o dar a conhecer aos mortaes, que as fuas mais familiares converfaçoens faõ com os pequenos, e humildes do mundo, a quem revela os myfterios mais occultos da fua Sabedoria incomprehenfivel. O que bem fe verifica na prefente vida de hum pobre, e humilde idiota, qual o Beato Fr. Pedro da Guarda, Irmaõ leigo da Ordem Serafica, a quem o Senhor fez rico de virtudes, fabio de altiffimas intelligencias, e revelaçoens, hum compendio de prodigios, huma cifra de portentos, e hum congreffo de milagres, para confundir as fabedorias, e foberbas do mundo, e fazer mais amaveis as delicias do Ceo.

2 Nafceo pois o Beato Fr. Pedro na Cidade da Guarda, Provincia da Beira. Seus pays foraõ Joaõ Luiz, e Agueda Gonfalves, que carecendo da nobreza herdada, por ferem humildes Teceloens de pannos, naõ careciaõ da adquirida pelas fuas muitas virtudes, pois eraõ limpos de fangue, muito pios, Catholicos, e caritativos com tal exceffo, que na fua cafa recolhiaõ os peregrinos, e enfermos, aos quaes affiftiaõ naõ fó com os obfequios das peffoas, fenaõ tambem com o que lucravaõ pelas fuas maõs. No exemplo de feus pays eftudou Pedro a pratica das virtudes. Fez nefta efcóla os progreffos maravilhofos, que fe logaõ ordinariamente nos filhos, quando os pays formaõ de fuas opperaçoens cartilha, para por ella aprenderem a perfeiçaõ Chriftaã; pois he fem duvida, que a lingua, fem os esforços dos exemplos, he inftrumento muito froxo para imprimir na dura rebeldia do humano coraçaõ a doutrina da primeira educaçaõ.

Nafce na Cidade da Guarda de pays virtuofos.

3 Naõ tinha o Bendito Pedro ufo da razaõ para decifrar o que era mundo, e as vaidades delle, quando as começou a defprezar, e a amar a virtude de maneira, que mais parecia empenho de hum Varaõ infigne, do que exercicios de hum menino innocente. Affombro fe oftentava na Cidade na

Foy defde a infancia virtuofo, e fempre cafto.

na qual, quando os pays reprehendiaõ ſeus filhos, o allegavaõ por exemplo. Crecia nos annos, e nas virtudes, mas eſtas faziaõ taõ grande ſomma, que avultavaõ ſem comparaçaõ mais que os annos. O temor de Deos eſteve nelle ſempre como no ſeu auge. Na devoçaõ para com N. Senhora foy extremoſo ſempre. Trazia diante dos olhos a obediencia, e ſujeiçaõ de ſeus pays, a quem obedecia, e reverenciava como a taes, e venerava ſeus documentos, como de Santos. De todos era amado pela ſua agradavel diſcriçaõ, modeſtia, manſidaõ, e caſtidade; pois de tal ſorte guardou eſta, que em todo o decurſo de ſua vida naõ pôs huma leve ſombra nos candores da ſua pureza. Naõ ignorando o Bendito Pedro que ſó na pobreza voluntaria ſe achaõ os theſouros encantados, e eſcondidos aos olhos do mundo, e que naõ ſó era caminho, ſenaõ atalho para a Gloria; tomou o pobre, e humilde habito de leigo na Religiaõ Serafica pelos annos de 1455. Logo que o tomou pôs em admiraçaõ aos Religioſos mais provectos nas virtudes, por neſtas ſe oſtentar ſummamente exemplariſſimo, e aſſim que devendo receber dictames para dirigir os paſſos no caminho da vida eſpiritual, todos aprendiaõ da ſua vida os melhores documentos.

Toma o habito de leigo, e reſplandece em muitas virtudes.

4 Era ſummamente zeloſo do bem das almas, e naõ ſe contentando de perſuadir as virtudes com o exemplo, que dava com a ſua vida mais Angelica, que humana, perſuadia a todos com a boca, e com efficacia, e energia ſanta exhortava aos Religioſos a que foſſem devotos dos Myſterios ſoberanos, eſpecialmente da Incarnaçaõ, Naſcimento, Paixaõ, Morte, e Reſurreiçaõ de Chriſto, dos quaes era affectuoſamente devoto, e a todos incitava aos deſcuidos, e deſprezos da vida, e ás memorias da morte, com fervor mais que grande. Lembrava a todos os com que fallava as delicias eternas, e expunha as ſuavidades, e doçuras do amor de Deos, com a elegancia, e efficacia de quem como elle andava ſempre abrazado em ſimilhantes contemplaçoens. Quando tratava com os ſeculares, cuidava muito em moſtrar-lhes o quanto eraõ deſpreziveis os bens, e honras mundanas com a paridade dos Celeſtiaes. Encarecia-lhes a horroroſidade do peccado para que o abominaſſem, e a formoſura da virtude, para que a amaſſem. Reprehendia-os com prudencia, e humildade de ſanto, dos vicios a que os reconhecia mais attentos, e inclinados, do que colhia muito fructo, pois como todos o veneravaõ como a homem ſanto, como de tal ouviaõ as reprehenſoens, e documentos, e ſe retiravaõ, ſe naõ de todo convertidos, ao menos compungidos, e aviſados.

Da virtude da pobreza.

5 A preclara virtude da pobreza tinha o mais ſublime lugar na ſua eſtimaçaõ. Naõ era pequena prova de exiſtirem em ſeu peito muito vigoroſas todas as perfeiçoens, porque nos Religioſos, pelo amor, e obſervancia da pobreza Evangelica, ſe conhece, e qualifica a eminencia da ſantidade. Aquelle que dezeja ter menos no mundo, eſſe he o que pertende poſſuir mais de Deos, e anhela a ſer mais ſanto, quem appetece ſer mais pobre. Nunca uſou mais que de hum habito, e eſſe o mais velho, e taõ remendado, que mal ſe diſtinguia a materia principal de que foy feito. Nunca veſtio tunica interior, nem conſentio outro algum genero de reparo, concedido aos Religioſos. Sempre andou deſcalço, por mais neves, e geadas que houveſſem, e por mais aſpero que foſſe o caminho. Em nenhuma couſa da terra punha o cuidado, porque ſó nas delicias da gloria trazia o ſentido. Tinha ſe pelo mais vil, e inutil ſervo do Convento; e como todos na ſua eſtimaçaõ eraõ ſeus ſenhores, a todos obedecia goſtoſiſſimo no que lhe mandavaõ, ſem pôr os olhos em quem lhe mandava, e no que, ou porque lhe mandavaõ. Na pureza foy taõ ſingular como ja diſſemos.

6 Aſſiſtio o noſſo Veneravel Servo de Deos neſte Reyno perto de trinta annos, nos quaes lhe ſuccederaõ cazos admiraveis, em abono da ſua virtude. Experimentavaõ os homens a cada paſſo os favores do Ceo pela ſua interceſſaõ, e por iſſo o acclamavaõ, e lhe chamavaõ Santo, e deſorte que ſe

ſe

ſe vio precizado a fugir dos aſſaltos da vaidade. Pedio licença aos Superiores para ir para o Convento da Ilha da Madeira, eſtes lha deraõ mais pelo ſatisfazerem, que por vontade que tiveſſem de ſe verem privados de taõ ſanta companhia.

Vay para Ilha da Madeira.

7 No anno pois de 1485. ſe embarcou para a dita Ilha, e como primeiro que elle a ella chegaſſe, tiveſſem os Ilheos, e Religioſos noticias das ſuas ſingulares virtudes, o receberaõ com feſtivos jubilos, e grandes demonſtraçoens de goſto. Procurou o Bendito Pedro eſte Convento para aſylo da virtude, porém o fez logo hum theatro eſpaçoſo de rigoroſiſſimas penitencias. Sentia que a luz da vida caminhava para o occazo da morte, e como tocha abrazada oſtentou mayores exhalaçoens de luz: quiz aproveitar-ſe do tempo, fabricando em pouco huma grande ſeara de meritos. Sabia que o trigo mortificado era ſómente o que renaſcia fructuoſo, e fazendo do ſeu corpo campo, ſe conſtituio agricultor dos affectos proprios, mortificando os como trigo nas aberturas que fazia em ſeu corpo, cingido com huma cadea de ferro. Eſta verdadeiramente parecia inſtrumento de lavrar os campos, pois rota a ſuperficie da carne, lhe penetrava os oſſos. Por outra parte a raſgava todos os dias com diciplinas do meſmo ferro, banhando ſe em ſangue, que como orvalho do Ceo fecundava eſta cultura da penitencia.

Da ſua penitencia, e mortificaçaõ.

8 Neſte Reyno ſe tratava com o meſmo rigor no açoute, no qual nunca diſpenſou, nem ainda em caſa de ſeu pay, aonde recolhido algumas noites depois de Religioſo, ſe levantava no mais profundo ſilencio dellas, e retirado da familia ſe açoutava com grande tyrannia. Apertou logo tambem as abſtinencias, e auſteridades. O ſeu ordinario ſuſtento era fructa, e ao muito os fragmentos do paõ, que ſobrava da meſa, e ſe algumas vezes comia peixe, era das eſpinhas que ficavaõ nos pratos dos Religioſos, e quando achava algum bocado ſaboroſo o lançava fóra, ou lhe fazia a miſtura que baſtava, para que ficaſſe dezabrido. Fugia da agoa, como de hum grande regálo, porque foſſe em tudo ſingular a ſua mortificaçaõ. Dava aos pobres de Jeſus Chriſto a ſua reçaõ, e o que mais podia agenciar, e lhe dava igualmente a eſmóla corporal, com a eſpiritual, pois lhes enſinava a doutrina Chriſtaã, e perſuadia ás virtudes com ſingular energia, e Apoſtolico zelo.

9 Em abono da grande caridade do noſſo Bendito Pedro, obrou Deos Senhor noſſo maravilhas eſtupendas, como diremos. Tendo a incumbencia de coſinheiro, entre os tiçoens, e panellas orava muitas horas, quando naõ deixava tudo por ſe ir entregar totalmente a Deos diante do Diviniſſimo Sacramento, e muitas vezes deſceraõ os Anjos do Ceo a guizar o mantimento para os Religioſos; e aſſim em quanto o noſſo Pedro fazia na terra o officio de Anjos, faziaõ eſtes o de coſinheiro. A coſinha, em que os Anjos coſinhavaõ, ſerve hoje de Capella em que ſe celebra o Incruento Sacrificio da Miſſa. Nella exiſtem a chaminé, panellas, e mais inſtrumentos, de que os Anjos uſavaõ; e para mais viva lembrança do prodigio, eſtaõ os Angelicos Eſpiritos mexendo, e coſinhando.

Deſcem os Anjos a coſinhar quando elle tinha o officio de coſinheiro.

10 Naõ ſahia fóra do Convento, ſenaõ obrigado da obediencia, ou incitado da caridade, indo viſitar os enfermos, conſolar os prezos, e fazer pazes entre os Ilheos, gente naturalmente inquieta, e bellicoza. A ſua cama conſiſtia em hum feixe de vides, ainda que poucas vezes nellas deſcançava, pois ordinariamente dormia na Igreja diante do Santiſſimo Sacramento, onde o achavaõ os Religioſos muitas vezes arrebatado no ar. O Syndico do Convento lhe tirou da cella o feixe de vides, e admirando ſe das muitas ſavandijas de que eſtava cheyo, o Servo de Deos ſe eſcandalizou muito, e diſſe por dezabafar: que ſe deviaõ ſuſtentar tambem os bichinhos, pois Deos lhe dera a prerogativa de viventes; e como conſiderava iſto, e via que o ajudavaõ a merecer a Gloria, mortificando-o, jamais ſe atreveo a matar algum. Dormiſſe nas vides, ou no pavimento da Igreja, ſempre conſervava huma pe-

Da ſua mortificaçaõ, e oraçaõ.

dia

dra para reclinatorio da cabeça. Teve esta tal pedra mais estimação na sua morte, que podiaõ conseguir as pedras, e diamantes de mayor preço, pois se repartio em miudas lasquinhas, para se satisfazer aos piedosos empenhos dos devotos, que com ellas pelo tempo adiante lucravaõ as riquezas de perennes maravilhas. Com as austeridadades que temos dito, e com outras que o seu recatado cuidado, e descuido dos antigos nos encubrio, conservou a vida com vigorosos alentos até ás estancias da morte. Logrou infinitos favores da maõ do Omnipotente, que em credito da sua virtude fez tantos milagres, que desde o anno de 1505., em que falleceo, até o de 1597., se autenticaraõ seiscentos, dos quaes diremos alguns para consolaçaõ do Leytor.

Dos milagres que fez.

11 Muitas vezes o demandavaõ os pobres por esmólas, e nenhuma os despedia sem ella, pois sempre achava paõ na arca, com admiraçaõ dos refeitoreiros, que a tinhaõ sem elle. Quando os Religiosos tinhaõ necessidade de paõ, ou de peixe, punha-se em oraçaõ, e acabada ella hia á portaria, onde achava aquillo mesmo de que se carecia, e posto que muitas vezes naõ visse o portador, muito bem sabia era Divina a Pessoa que o enviava.

Milagres da caridade.

12 Passou-o hum homem a cavallo em hum ribeiro, e em paga do serviço, que lhe fizera, lhe prometteo 122. annos de vida, cuja certeza vio cumprida. Nesta occasiaõ se quiz parecer com o seu Patriarcha S. Francisco, que alcançou de Deos para hum Indio, que o passou a cavallo em hum rio, quatrocentos annos de vida, o qual ainda vivia no anno de 1605., com a disposiçaõ de hum homem de 30. annos, tendo-lhe cahido, e nascido duas vezes os cabellos, e outras tantas os dentes Teve o dom da profecia desorte, que penetrava os coraçoens de muitos, e alcançava os segredos delles. Via as almas que falleciaõ, e sabia o estado a que eraõ levadas. As aves de rapina, e toda a casta de animaes irracionaes obedeciaõ promptamente aos clamores das suas vozes.

Pormette 122. annos de vida a hum homem.

Obedeciaõ-lhe os animaes.

13 Com estes exercicios de virtudes, e favores do Ceo passou muitos annos o nosso Servo de Deos, e como muitos annos de saudades da Gloria, saõ muitos seculos de saudades, chorava sem interpolaçaõ, gemia sem descanço, e suspirava dizendo com S. Paulo: *Quem me livrará do corpo desta morte, ou da morte desta vida. &c.* E como o Senhor naõ podia negar as attençoens de piedade aos dezejos de hum taõ amoroso espirito, e por pôr remedio a ancias taõ virtuosas, lhe revelou o dia do seu transito. Naõ cabia aquella gostosa noticia dentro da esfera do seu coraçaõ, e assim lhe sahia o contentamento pelos olhos em lagrimas, pela boca em rizos, e pelas faces em rayos.

Tem revelaçaõ do dia do seu transito.

14 Convocou aos Religiosos quando se vio propinquo ao assinalado tempo da sua morte. Exhortou-os ao exercicio das virtudes com supereminente efficacia. Pedio a hum irmaõ leigo, que logo lhe fosse abrir a sepultura. Recebeo todos os Sacramentos, como illustres defensores contra os assaltos formidaveis, e combates horriveis daquella ultima hora, e banhado de huma celestial alegria passou a receber a immarcescivel coroa da Gloria aos 7. de Julho de 1505., e naõ a 11. de Fevereiro como alguns dizem.

Do seu ditoso transito.

15 No ponto em que a sua ditosa alma deixou o corporeo carcere, se tocaraõ os sinos do Convento, sem humana industria, no que quiz Deos patentear ao mundo o quanto lhe foraõ gratas as virtudes deste seu Servo. Acudiraõ os Religiosos aos miraculosos sinaes, e o acharaõ com os braços em Cruz, os olhos pregados no Ceo, vestido com o seu pobre habito, e lançado com muita compostura sobre o feixe de vides, que na vida lhe serviraõ de descanço. Oito dias lhe durou a enfermidade de huma diarrhéa, e ficou exhalando fragrancias taõ activas, como se estivera embalsamado em ambares, e preciosos aromas. Vulgarizado o fallecimento deste grande Servo de Deos, acudiraõ ao Convento todos os Ilheos, que com indizivel devoçaõ o beijavaõ, e lhe tiravaõ reliquias, e delle receberaõ taes favores, e observaraõ taes milagres,

Tocaõ-se os sinos do Convento sem humana industria.

milagres, que naõ só uniformes o acclamaraõ por Santo, senaõ que tambem lhe começaraõ a dar culto, e a venerar as suas imagens em Altares proprios, com authoridade do Ordinario.

16 O apparecerem continuamente milagrosas luzes sobre a sepultura do nosso Santo, incitou ao Bispo do Funchal D. Luiz de Figueiredo, e ao Commissario da mesma Ilha Fr. Ambrosio de Jesus, para que lhe dessem sepultura mais eminente; o que puzeraõ em execuçaõ no anno de 1597., tirando o bendito cadaver da humilde sepultura em que estava, e mettendo-o com a devida decencia em hum caixaõ curiosamente feito, do qual sahiraõ na seguinte noite resplandores celestiaes, que naõ só encheraõ a Capella, ou aposento, em que estavaõ, senaõ que tambem entraraõ pela porta do gavinete do Bispo, e pela cella do Commissario.

Apparecem luzes milagrosas no seu sepulchro.

17 Fizeraõ huma solemne procissaõ, e collocaraõ o santo thesouro em hum nicho da Capella Mór, onde esteve com grande veneraçaõ até o mez de Dezembro de 1619., no qual se abrio por ordem do Provincial Fr. Jeronymo da Madre de Deos, para se tirarem tres reliquias, para tres Conventos, que estaõ na mesma Ilha. Finalmente, no anno de 1667. se collocaraõ as reliquias muito diminutas em huma Capella, que se erigio na sepultura do mesmo Servo de Deos, donde continuamente manaõ fragrancias celestiaes. Quantos entraraõ na sepultura deste Servo de Deos, alcançaraõ a saude de que careciaõ, como foraõ tres entrevados, quatro tolhidos, dous aleijados de pés, e de maõs. Sette mancos, que naõ se podiaõ mover. Hum paralytico, e hum doente de gotta coral. A mesma dita tiveraõ hum homem assombrado do ar. Huma mulher com o queixo feamente torcido sobre o peito, e quatorze homens quebrados. Tambem tiveraõ prezentaneo remedio na sua intercessaõ hum homem, que tinha hum osso fóra do seu lugar. Dous enfermos de esquinencia. Cinco mais de gotta coral. Huma mulher de alporcas, e outra de hum fluxo de sangue. Deo vista a tres cegos; falla a dous mudos; saude a dous leprosos, e vida a muitos defuntos.

Tresladaõ-se suas milagrosas reliquias.

Milagres que fez na sepultura.

18 Naõ se deo por satisfeito o Divino poder em fazer patente a todos a gloria do Santo Fr. Pedro com as referidas, e outras mayores maravilhas; pois tambem as manifestou nas creaturas irracionaes, e insensiveis, para que todos tivessem motivos de lhe tributar applausos, e render agradecimentos. Murchou huma cereijeira a hum pobre homem nos principios de Mayo; sentio a perca tanto, quanto lhe era necessario o fructo della, para ajuda de sobrelevar a sua pobreza. Era muito devoto do Servo de Deos, a quem pedio se condoesse da sua pobreza, e restituisse o verdor á sua cereijeira; pôs ao pé della tres papelinhos com terra da sua sepultura, e logrou o fructo da sua fé, pois no outro dia achou a cereijeira, naõ só com os verdores recuperados, senaõ tambem maduras as cereijas, portento que todos observaraõ com pasmo. Entrava o bicho em huma seara de açucar desorte, que dissipava totalmente as canas. Polvarizou seu dono o canavial com a terra da sepultura do Servo de Deos, e logo vio a praga morta, e reverdecido o canavial.

Continuaõ os milagres.

19 Os mareantes, que se viraõ quasi engolidos das ondas, experimentaraõ estas muitas vezes favoraveis, com lhe lançarem terra da sepultura do Servo de Deos. Lançou huma mulher no fogo hum papel, em que havia embrulhado da mesma terra; porèm aquelle voraz elemento o respeitou, sem offender com huma unica sombra as suas levaredas. Cahio hum menino de oito mezes sobre as ardentas chammas, e ficou com o rosto em huma chaga viva; mas naõ durou muito este effeito lastimoso, porque applicada a terra miraculosa, immediatamente desappareceraõ todos os sinaes do incendio.

Continuaõ.

20 Em muitas casas, que tinhaõ a terra da sepultura deste Servo de Deos, se viaõ luzes de noite, e em huma continuaraõ as luzes por tempo de hum anno, e com especialidade nas festas solemnes, e nas noites seguintes aos Domingos,

Viaõ-se luzes nas suas reliquias.

mingos, e appareciaõ humas vezes como tochas, outras como faiſcas, e outras como eſtrellas. Todas eſtas repreſentaçoens com a fragrancia, que procedia da terra [diſpondo-o aſſim a Mageſtade de Deos] parece ſignificavaõ, que eſte ſeu Servo exhalara na vida aromas de odoriferas virtudes, ſendo na humildade, no exemplo, na bõa direcçaõ das almas, e triunfos das infernaes aſtucias, pequena faiſca, abrazada tocha, fulminante eſtrella, e envencivel palma. Delle eſcrevem os Chroniſtas da ſua Religiaõ, e outros.

Vida, e morte eſtupenda do Beato Fr. BERNARDO DE SANTAREM, *ou de* MORLANS, *Religioſo Dominico, e de dous meninos ſeus diſcipulos.*

Naſce em França.

1 NAſceo o Beato Bernardo em huma terra chamada Morlans no Reyno de França. Seus pays foraõ nobiliſſimos, e ricos, e ficaraõ mais illuſtres do que naſceraõ com as virtudes deſte ſeu ditoſo filho, pois ſó as virtudes ennobrecem, aſſim como os vicios dezauthorizaõ, porque pouco importa a nobreza da geraçaõ, ſe faltaõ as virtudes, origem da melhor nobreza, como bem ponderou o Imperador Maximo ao Senado Romano. Era pois o noſſo Bernardo filho de pays ricos, e nobres, e taõ inclinado á virtude, de tal innocencia de coſtumes, de ſimplicidade taõ columbina, e de pureza taõ virginal, que repudiou os eſpoſorios de huma rica, e galharda donzella, que ſeus pays lhe haviaõ procurado, para na ſua ſucceſſaõ perpetuarem ſeu nome, por ſeguir pobremente a Jeſus Chriſto no pobre habito Dominico, que tomou em a Cidade de Çaragoça de Aragaõ, das maõs do noſſo portentoſo S. Fr. Gil, que alli havia ido a hum Capitulo Geral, a primeira vez que foy Provincial. Com ſingulares jubilos da alma lhe deo o dito habito, e o acceitou por diſcipulo, e por Noviço ſeu, como quem conheceo, naõ ja com a magia da terra, mas ſim com a do Ceo, os theſouros das virtudes, e graças, que Deos tinha depoſitado na ſua alma.

Repudia huns eſpoſorios, e toma o habito Dominico &c.

2 de Çaragoça trouxe comſigo a Fr. Bernardo, para o ſeu mimoſo Convento de Santarem, coſtumado naquella aurea idade a ter das portas a dentro, ſimilhantes monſtros da ſantidade. Fê-lo logo a obediencia Sacriſtaõ do Convento, occupaçaõ que exercitou com tal pontualidade, affeyo, e humildade, que a pouco eſpaço mereceo o conceito, que os Religioſos fizeraõ da ſua grande virtude, e taõ grande de ſanto entre os ſeculares, que andavaõ á porfia a quem lhe entregaria ſeus filhos, para lhos educar em ſantos, e bons coſtumes. Nas horas que lhe ſobravaõ do deſempenho das ſuas religioſas obrigaçoens, ſe applicava a enſinar as primeiras letras, ás tenras plantas, que lhe encarregavaõ, com tal benevolencia, deſvélo, amor, e caridade, como quem as hia diſpondo para que vieſſem a brotar pompoſo frucło no ameno vergel da Religiaõ. Dous deſtes diſcipulos, [e parece que irmaõs] andavaõ, por devoçaõ dos pays, ou por voto, veſtidos com o ſanto habito Dominico, com coroas abertas, como os Noviços, e em fim na fórma em que andaõ hoje muitos meninos, que tem ſeus pays devotos da Ordem, os quaes eraõ por eſte reſpeito, e pela ſua mais conhecida candidez, muito amados do Bendito Bernardo, que lhes ordenou eſtiveſſem na Capella da invocaçaõ dos Santos Reys Magos, em quanto elle ſe naõ dezimpedia das ſuas obrigaçoens, para dar-lhes liçaõ. Naquella Capella, pois, eſtudavaõ as liçoens, que ſeu Meſtre lhes havia encarregado, e coſtumavaõ ſahir com os almocinhos, ou merendas, que as mãys coſtumaõ dar a ſeus tenros infantes, para mais lhes facilitarem o trabalho, que lhes reſulta do eſtudo dos primeiros rudimentos, que lhes cuſta tanto, quanto ignoraõ as conveniencias que delles ſe lhes ſeguem para os annos provećtos.

Foy Sacriſtaõ em Santarem.

3 Eſtando

3 Estando digo os dous Fradinhos merendando com grande gosto o que haviaõ levado de casa em certa occasiaõ, pôs hum delles os olhos em o Infante Jesus, que Maria Santissima tinha em seus braços, e com a innocencia, e simplicidade propria daquelles annos disse: *O' meu Menino, se quereis merendar comnosco, vinde, que de bõa vontade vos convidamos.* E como a Magestade eterna se pague tanto de coraçoens sinceros, e puros, honrou simplicidade taõ santa, baixando naõ só esta vez, mas outras muitas, a comer com os Benditos meninos, e voltando em continente para o Throno de Maria Santissima em que repousava amoroso. Oh ditosa innocencia! Oh feliz, e bemaventurada simplicidade, que mereceo conversar taõ famaliarmente com aquelle Senhor, em cuja presença titubiaõ os Santos, e esmorecem os Angelicos Espiritos! Aqui se verifica o que disse o Sabio, de que as mayores delicias de Deos saõ assistir, e tratar com os filhos dos homens.

De como baixou o Menino Deos a merendar com dous meninos discipulos de Fr. Bernardo.

4 A mesma simplicidade, que os moveo a convidar, e a comer com o Menino Deos, lhes facilitou a contar tudo a seus pays, talvez com o designio de lhes accrescentarem as raçoens, como elles entenderaõ, fazendo pouco cazo das sinceras relaçoens, e queixas, que faziaõ, de que o Menino comia do delles, e que naõ dava nada do seu. Esta queixa fizeraõ ao Beato Bernardo tambem, depois de lhe contarem tudo o que havia passado, o qual naõ acabava de persuadir-se a dar credito a prodigio taõ singular. Notando porèm a conformidade, e singeleza dos ditos, naõ duvidou do favor, que a Divina bondade quiz fazer áquelles seus innocentes discipulos, e derretendo seu coraçaõ em louvores, e amores Divinos, começou a cuidar no modo que procuraria para utilizar sua alma daquelle favor estupendo, e assentou em pedir aos meninos dissessem ao Menino Deos: *Que pois tinha vindo tantas vezes comer com elles, era razaõ que os levasse a cear comsigo em casa de seu pay; e naõ só a elles, mas tambem ao seu Mestre, em cuja companhia queriaõ ir.* Ficaraõ os ditosos meninos muito satisfeitos de que seu Mestre lhes ensinasse o recado, que haviaõ de dar ao seu hospede, como quem julgava que delle se lhe havia de seguir huma gostosa, e larga merenda, e assim esperavaõ com ancia a occasiaõ de que o Infante Jesus descesse dos braços da Virgem Mãy, para lhe darem o estudado recado. Este lhe deraõ no primeiro dia das Ladainhas de Mayo, por ser o primeiro em que desceo a merendar com elles, ao qual respondeo o Senhor, com semblante rizonho: *Parece-me justo, e agrada-me o que pedis: eu vos convido para hum banquete solemne, que daqui a tres dias vos darei em Casa de meu Pay.*

De como contaraõ a seus pays, e Mestre, o faver que alcançaraõ.

Pede Fr. Bernardo aos meninos dem da sua parte ao Menino Deos hum recado.

5 Muito satisfeitos da resposta ficaraõ os meninos, que com grande contentamento a foraõ relatar ao bom Mestre. Vendo porèm este das palavras della, que elle naõ entrava no convite, mandou-os com segundo recado, que consistia em que dissessem ao Menino, que visto vestirem o habito Dominico, deviaõ observar as Regras da Ordem, entre as quaes era muito principal, a de naõ irem os Noviços sem o seu Mestre a parte alguma. Deixou-se a benigna bondade de Deos vencer das santas, e piedosas supplicas de seu fiel Servo Bernardo, dizendo aos meninos lhe dissessem, que fosse elle por terceiro convidado. Recebeo a nova o Bendito Mestre com os mayores jubilos da alma, entendendo como Varaõ Santo qual havia de ser o banquete; tratou logo de prevenir-se da veste nupcial para aquella sagrada Mesa. E ainda que o dezerto da Religiaõ, he hum perpetuo apparelho para a da Gloria: com tudo aquella tremenda, e ultima hora da morte he, e deve ser sempre de notavel confuzaõ, e temor para os espiritos, que mais perfeitos viveraõ, pela trazerem sempre na memoria, como especial objecto de seus cuidados. Grandes foraõ os apparelhos de Fr. Bernardo sobre huma vida inculpavel, e santa. Confessou-se geralmente, e deo parte de tudo o succedido ao seu Padre espiritual, como quem naõ ignorava ser preciso o conselho para o accerto que dezejava no apparelho, e viatico para jornada taõ comprida, qual

De como recebeo Fr. Bernardo o despacho da sua supplica, e foy convidado com os discipulos para o banquete da Gloria.

a da eternidade, que confiderava imminente. Chegado em fim aquelle ditofo dia, em que o Senhor triunfante collocou fobre os Anjos á maõ direita de Deos Padre a noffa natureza, (o qual era o deftinado para o convite) derretidos nos actos de amor de Deos, que fe pódem prezumir em quem era taõ namorado delle, e fe fentia taõ vifinho á fonte, onde podia extinguir a fua ardentiffima fede, e faciar todos os dezejos, efperou o tempo da ultima Miffa, por fer mais vifinho á hora em que Chrifto fubio ao Ceo, e acabada a Conventual, a que affiftio com os ditofos meninos, em quanto a Communidade foy para a mefa, declarou-lhes o fegredo do convite, inftruindo-os no como fe haviaõ de apparelhar para elle. Logo fe reveftio para celebrar, o que fez no mefmo Altar dos Reys, em que tinhaõ fuccedido as relatadas maravilhas.

Apparelhaõ-fe Fr. Bernardo, e feus difcipulos para o tranfito que lhes fuccedia gloriofo.

6 Serviraõ-lhe de ajudantes os innocentes Fradinhos, que commungaraõ na mefma Miffa, fegundo a tradiçaõ. Acabado o Sacrofanto Sacrificio, affim como eftava reveftido nos paramentos Sacerdotaes, fe proftrou entre os meninos de joelhos, com as maõs levantadas ao Ceo, e os olhos na fagrada Imagem, como quem efperava que os chamaffe para as bodas eternas. E affim na fobredita poftura renderaõ todos tres as almas ao Senhor, que comfigo os levou a Cafa do Eterno Pay, a goftar do immortal banquete, para que os havia convidado. A Communidade achou a eftes tres ditofos corpos ajoelhados, com as maõs levantadas, e os olhos poftos no Ceo, e ficou taõ attonita, como devemos crer á vifta de hum taõ admiravel, e nunca vifto efpectaculo, e naõ ceffavaõ de dar a Deos as graças por favor taõ eftupendo, depois de faberem do Padre efpiritual, e dos pays dos meninos o que fe havia paffado.

7 Fizeraõ as exequias os Religiofos com affiftencia de innumeraxel povo, com lagrimas de fanta inveja, e de compunçaõ, e deraõ fepultura aos veneraveis corpos, á fombra do mefmo Senhor, que foy fervido banqueteá-los com tanta magnificencia. Suas Reliquias fe guardaõ hoje em grande veneraçaõ em particular Altar de huma Capella, que lhe mandou fazer o Arcebifpo de Lisboa, D. Jorge de Almeida, em cujo tempo foraõ achadas as fantas Reliquias em huma caixa fechada, e mettida no nicho da parede da Capella dos Reys. No dia da admiravel Afcenfaõ de Chrifto fe fefteja cada anno efte prodigiofo fucceffo, que fuccedeo no de 1277., para honra, e gloria do mefmo Senhor, que feja eternamente louvado em feus Santos. Deftes efcrevem os Chroniftas Dominicanos, e outros muitos.

Sitio em que eftaõ collocadas fuas Reliquias.

VIDA

VIDA
DE
S. JOAÕ BAPTISTA,

ESCOLA DAS VIRTUDES, MESTRE DA VIDA, FO'RMA da Santidade, Regra da Justiça, Espelho da Virgindade, Titulo de pudicicia, Exemplo de Castidade, Caminho da penitencia, Perdaõ dos peccados, Disciplina da Fé, Mayor que homem, Igual aos Anjos, Summario da Ley, Confirmaçaõ do Evangelho, Vóz dos Apostolos, Silencio dos Profetas, Candêa do mundo, Precursor do Juiz, Mediador de Christo, e Testimunha do Senhor.

1 NO Prologo desta Obra demos a razaõ, porque a exornamos, e illustramos com a vida, e virtudes de S. Joaõ Baptista, que foy hum Anjo na vida, e na virgindade, e inteireza; mais nobre, e mais perfeito que todos os Anjos, huma vóz sonora, hum trovaõ que espantou o mundo, hum homem milagroso, hum portento na terra, hum pasmo, hum assombro, huma cousa rara, e extraordinaria, que admirou a todo o Orbe com excellencias taõ grandes, com huma vida taõ penitente, e perfeita, com huma virtude taõ consummada, com humas obras taõ heroicas, com humas acçoens taõ gloriosas, e com huns prodigios taõ raros, que para desengano do mundo, o Evangelista advertio, que Joaõ naõ era a Luz, como o mesmo mundo suppunha, por tanto se parecer com Deos.

2 A Sabedoria eterna, que forte, e suavemente dispõem todas as cousas, e que desde o principio da sua eternidade sem principio, determinou a vinda do Divino Verbo a este desterro em similhança de carne, entendendo que cousa taõ peregrina, e alheya do juizo humano, e taõ fóra de todos os principios das sciencias naturaes, seria dura de acceitar-se entre os homens: ordenou, que desde o principio dos seculos fossem feitas, e ditas taes cousas, que fossem manifestos avisos, figuras, e similhanças da vinda, vida, e morte de Jesus Christo; porque, como diz Santo Athanasio, tem Deos por estylo de aperceber muito d'antes, quando quer fazer alguma cousa notavel: e eraõ taõ grandiosas as cousas de Christo, diz o Santo Chrysostomo, e Santo Thomaz, que naõ puderaõ ser cridas dos homens, se pelo decurso do tempo naõ se foraõ como emmoldando na intelligencia dellas. Estas cousas Profeticas teve Deos por bem que se encõmendassem á memoria, e que ficassem guardadas em os seus Archivos Profetaes, escritos pelos seus Notarios Profetas, dos quaes diz o Apostolo S. Pedro, que os homens Santos de Deos fallaraõ inspirados pelo Espirito Santo.

3 Como a vinda do Verbo em carne fosse taõ incrivel pela desporpoçaõ do infinito ao finito, foy vontade da summa bondade de Deos, aperceber ao mundo com o nascimento de Joaõ, para o Nascimento do Redemptor: para que (como diz Santo Agostinho) quando vissem vir ao Anjo por natureza saudar a Virgem, cressem que brevemente seria concebido, mas que quando ouvissem clamar ao que era Anjo por Graça, cressem que ja era nascido. Do que se tira por consequencia, que hum dos mais immediatos finaes da

Aug. Serm. 1. de Joanne Baptista.

da vinda de nosso Redemptor, foy o da vinda de S. Joaõ, conforme ao que Christo disse tratando das prerogativas do mesmo Santo, com os que hiaõ vè-lo ao dezerto: Convem a saber: *Este he de quem està escrito* [pelo Profeta Malachias] *Cata, que eu envio o meu Anjo diante de tua haz, que apparelharà teu caminho diante de ti.* Esta Profecia allega tambem S. Marcos ao mesmo proposito. Quanto ao primeiro he de Fé Catholica, que aquellas palavras disse o Profeta Malachias fallando de S. Joaõ, porque a verdade de Deos todo poderoso as declara delle, e como ditas delle. Quanto ao segundo, estas palavras se entendem de S. Joaõ no sentido literal que he ao que os Theologos chamaõ do Espirito Santo, por quanto diz Nicoláo, e segue o Tostado, que onde em qualquer dos lugares do Testamento Novo se allega alguma authoridade do Testamento Velho em outro sentido que o literal, alli onde se traz, se declara em que sentido se diz: como fez S. Paulo escrevendo aos Galatas, que havendo dito, que Isac, e seu irmaõ Ismael eraõ dous Testamentos, logo accrescentou, que aquella fórma de fallar se entendia no sentido allegorico.

Matth. 11. *Malach.* 3. *Marc.* 1. *Nicol. Abul. q.* 57. *sup. cap.* 2. *Matth. Gala* 4.

4 Sem os ditos Doutores nos ensinaõ Santo Agostinho, e Santo Thomaz, que ha alguns lugares na Santa Escritura, que tem dous sentidos literaes, hum pretendido mais principalmente, e o outros menos principalmente: qual he aquelle passo do Profeta Oseas: *Do Egypto chamei a meu filho*, donde diz S. Jeronymo, que se entende de Christo, e do povo de Israel, e qual he aquelle do Exodo, onde se dá a maneira do comer do cordeiro Pascoal, que se entende do cordeiro, que comiaõ os Judeos em figura, e do mesmo Christo figurado nelle, porque S. Joaõ allega, que a Christo lhe naõ quebraraõ as pernas depois de crucificado, a proposito desta profecia, que tinha dito, que naõ lhe haviaõ de quebrar osso algum: logo no sentido literal a allega, pois segundo Santo Agostinho, e a commûa doutrina Theologal, a Theologia Mystica, ou figurativa, naõ prova o proprio sentido da Escritura. O mesmo estylo se guarda no segundo dos Reys, e no principio do Paralipomenon, onde Deos chamou filho a Salomaõ, o que tambem se entende á letra de Christo. Havido por bem provado, que a profecia de que aqui fallamos, se disse de S. Joaõ, e literalmente, he agora de advertir, que S. Bernardo seguindo a doutrina de S. Jeronymo, e da Glossa, diz que saõ palavras ditas como em pessoa do Padre Eterno a seu Filho Unigenito, tratando com elle, como dissemos, da sua vinda ao mundo: ainda que em rigor de verdade, se naõ escreveraõ senaõ para nosso ensino, como hum dos sinaes, que nos pôs Deos desde os primeiros seculos, para que por elles estivessemos prevenidos para o conhecimento do Verbo Incarnado.

August. lib. 3. *de Doct. Ch. & lib.* 12. *Hyeron. cap.* 3. *Matth. em Glossa.* *Nicol. Malac.* 3. *Bernard. Hier. Glossa.*

5 Diz alli o Profeta, que S. Joaõ veyo diante da has, ou presença do Salvador, por ser a has, ou rosto [conforme a doutrina de S. Gregorio] a parte do homem, pela qual melhor, e mais facilmente he conhecido: para dar a entender, que antes que Christo fosse conhecido dos homens por quem era, viria S. Joaõ, e naõ assim como quer, senaõ como homem, que faria muito ao cazo para Christo ser conhecido. O que se verifica quando disse: *Eys alli o cordeiro de Deos*: por isso disse, que viria diante da has do Redemptor. Este he o officio, que por outro nome se chama de Precursor, ou de Adalid, ou de Aposentador, que vem diante do seu Rey, e Senhor: o qual lhe foy imposto antes que nascesse, e ainda antes que fosse concebido, por lho haver posto o Anjo quando o annunciou a seu pay Zacharias, como diremos.

Greg. Ezech. *Joan.* 1. *Luc.* 1.

6 Outro testimunho profetico de S. Joaõ dá o Profeta Isaias, dizendo: *A vóz do que clama em o dezerto, apparelhai as carreiras do Senhor, e fazei direitos seus caminhos.* Esta profecia trazem todos os quatro Evangelistas, e tambem se entende literalmente como a outra, pela sobredita regra vedes como o que foy dito que viria como Anjo, se diz agora vir com vóz clamorosa,

Isai. 40. *Matth.* 3. *Marc.* 1. *Luc.* 3. *Joan.* 1.

morosa, e que como tal clama no dezerto, e naõ faz senaõ levantar a vóz, trabalhando por ser ouvido, ao tom daquillo de Isaias: *Levanta a tua vóz como trombeta, e annuncia ao meu povo as suas maldades, e á casa de Jacob os seus peccados*: o que fez o Glorioso S. Joaõ, primeiro que cousa alguma, pois no lo propõem os Evangelistas, recemchegado do Dezerto ao Jordaõ, e dizer a vóz em grito: *Fazei penitencia, e se vos achegará o Reyno dos Ceos.* Para que outra cousa foy annunciar as culpas aos Judeos, senaõ para que fizessem penitencia dellas? E esta penitencia, que outra cousa he, senaõ o que a nossa profecia contèm; convem a saber: *Apparelhai os caminhos do Senhor*? Assim que enviou Deos a S. Joaõ diante do seu Filho em fórma de trovaõ, para que até os surdos o ouçaõ, e ouvindo-o clamar com a vida, e com tal vóz em o dezerto, creaõ que o Verbo, cuja vóz he, anda no povoado. Isto he o que attentamente ponderamos, que porque a vinda de Deos ao mundo naõ achasse aos homens desapercebidos, lha quiz figurar antes, e apercebê-los para ella com tantas maneiras de avizos; e o mesmo quiz guardar acerca da vinda do Baptista, dandolhe com isto huma tal prerogativa, que em todo o corpo da Ley da Graça naõ se diz de outro algum Santo, que fosse profetizado.

Isaias 58.
Matth 3.
Luc. 3.
Marc. 1.

7 O pay de S. Joaõ se chamou Zacharias, e a mãy Isabel, e ambos descendiaõ do primeiro Summo Pontifice, que houve no povo de Israel, que era irmaõ de Moysés, e se chamou Aaron, do Tribu de Levi. Esta he a linhagem Sacerdotal dos Levitas, que naõ quiz Deos que entrasse em sortes com seus irmaõs no repartimento das terras, senaõ que vivessem misturados com elles, sem terem herdades proprias, e que se mantivessem do offerecido no Templo, e dos Dizimos, que Deos lhe dava por herdade. Foy pois o nosso Grande Joaõ do Tribu Real de Judá, e do Sacerdotal de Levi, ao qual por Divino preceito se devia todo ministerio Sacerdotal, e serviço do Templo, e deste foy S. Joaõ por duas vias, pois seu pay foy da sorte do Sacerdote Abias, e sua mãy das filhas de Aaron, e como sua mãy tambem descendia do Tribu Real, se conclue, que o Glorioso Baptista se misturou no Real com a Sacerdotal. Para se dar luz a esta razaõ, tomo por fundamento a Santo Agostinho, e Santo Antonino, que dizem fora Santa Ismara, mãy de Santa Isabel, Irmaã carnal de Santa Anna, Mãy de Maria Santissima, e Senhora nossa. Se Santa Ismara, e Santa Anna foraõ Irmaãs, a Mãy de Deos, e Santa Isabel, que foraõ filhas dellas, eraõ primas filhas de Irmaãs, e pelo conseguinte nosso Redemptor, e S. Joaõ Baptista foraõ primos segundos. Santa Ismara, e Santa Anna foraõ filhas de outra Santa Matrona chamada Emerenciana, a qual era do Tribu de Judá, e cazada com hum Varaõ temente a Deos, chamado Stolano, filhas dos quaes foraõ Santa Ismara cazada com Aprano de Levi, e Santa Anna mulher de Joaquim de Judá.

S. Luc. 1.
Exod. 2. Num. 29.
Foy S. Joaõ do Tribu Real de Judá, e do Sacerdotal de Levi.
Santo August. Serm. 25. ad fra. in Ermo.
Santo Antonino 1. part. hist. tit. 4.

8 Depois que S. Lucas explicou os nomes, e a linhagem dos pays de S. Joaõ Baptista, pintou suas pessoas de muita variedade de virtudes, dizendo que eraõ ambos Justos diante de Deos, e que cumpriraõ seus Mandamentos, e preceitos de Justiça, sem que alguem delles se queixasse. Aqui nos aviza Santo Ambrosio, de como a Sagrada Escritura nos ensina, que quando houvermos de louvar a alguem, que naõ basta contarmos as suas virtudes, se tambem naõ recontarmos as de seus pays, porque fazendo-o assim damos a entender, que lhes vem a virtude como por successaõ natural; e he razaõ muito acertada para dizer que S. Joaõ naõ sómente nasceo nobre no espirito, senaõ tambem no sangue. Justos, diz S. Lucas, que foraõ os pays do Baptista diante de Deos, e disto inferem Origenes, e Beda, que era verdadeira justiça, alheya, e izenta de toda a falsidade de hypocrisia com que muitos saõ tidos por bons diante dos homens, que nos olhos de Deos saõ condenados. Prosegue o Evangelista a razaõ desta justiça, dizendo que se remiravaõ estes Veneraveis Anciaons acerca da guarda dos Divinos Mandamentos. Bem conclue,

Os pays de S. Joaõ foraõ Justos diante de Deos, e nobres para com o mũdo.

clue, como a entrada da Justiça seja dar a cada hum o que se lhe deve, o que he commũa determinaçaõ dos Theologos, Filosofos, e Juristas. A Deos devemos a observancia dos seus Mandamentos; e com esta lhe pagamos, o que elle quiz que de justiça lhe devessemos: com obrigaçaõ que nos pôs da paga, sobpena do castigo conrespondente á qualidade da culpa. E he taõ efficaz a guarda dos Divinos Mandamentos, que diz o mesmo Deos, que quem quizer entrar á vida, que naõ tema a morte, que guarde os seus Mandamentos, em o qual se funda toda a justiça; e em outra parte diz a seus Discipulos, que os recebia por amigos, com condiçaõ, que guardassem os seus Mandamentos. Bemaventurados, segundo isto, os pays do grande Baptista, e todos os que a tal estado chegaõ, pois Deos lhes põem seu partido tanto em seguro, que pódem viver confiados de sua consciencia, e dormir sem remordimento de peccado mortal.

Matth. 19.

Joann. 15.

9 Depois que o Evangelista louvou aos pays de S. Joaõ Baptista da sua justiça, e louvavel conversaçaõ, accrescentou, estes Velhos taõ honrados naõ tinhaõ filho, e que pelo mesmo cazo lhes faltava muito para viverem consolados, pois, conforme diz Aristoteles, e a experiencia mostra, naõ saõ de todo ditosos os cazados, que carecem de filhos. Pondera Santo Agostinho, que diz o Evangelista, que estes Velhos naõ tinhaõ filho, usando do numero singular, que falla de hum, porque havia de ser unico, e singular, o que delles havia de nascer. Querendo tambem o Evangelista encarecer o nascimento do Baptista, propõem os impedimentos, que havia para poder ser gerado, dizendo que seus pays eraõ ja velhos, para haverem filhos, e que sobre tudo havia mais outro notavel embaraço, qual o de ser Isabel naturalmente esteril. Segundo isto mostra as duas difficuldades, que haviaõ para o Baptista ser gerado, a primeira a da esterilidade da mãy, que naõ podia ser tirada por via natural, e a segunda a da idade de cada hum, que era inhabil para o acto da geraçaõ.

Era o pay de S. Joaõ velho, e sua may esteril.

10 Como bem visto o Santo Velho Zacharias nas Sagradas Escrituras, perseverava muito em pedir ao Altissimo Deos, que enviasse ao mundo o Messias, que desde o principio do mundo tinha promettido: e estando fazendo no Templo esta oraçaõ, e pondo incenso no Altar, como Sacerdote que era, lhe appareceo hum Anjo, cuja vista o turbou desorte, que o Celestial mensageiro o tirou daquelle temor, dizendo: *Que naõ temesse, porque a sua vinda era para sua consolaçaõ, que lhe fazia certo que as suas oraçoens eraõ ouvidas de Deos: que tivesse por certo, que Isabel sua mulher pariria hum filho, ao qual chamaria Joaõ, e que seria tal, que haveria com elle grande prazer, e que muitos se gozariaõ no seu nascimento: que seria grande no acatamento do Senhor: que nem vinho, nem cidra jamais beberia. Que desde o ventre de sua mãy seria cheyo do Espirito Santo. Que seria taõ zeloso da honra de Deos, e da saude das almas, que converteria a muitos dos filhos de Israel ao conhecimento, e ao serviço do Senhor: que trabalharia por ter ao povo instruido no caminho da perfeiçaõ, para que quando o Senhor viesse a este mundo, achasse acolhida onde fosse recebido.* Tal foy a Divina Embaixada com que o Espirito Angelico descendeo das Alturas, para dar taõ bõas novas ao Veneravel Sacerdote, o qual duvidando da verdade de tantos bens, que se lhe annunciavaõ, respondeo ao Anjo: *Porque razaõ, ou em que final conhecerei eu ser certo o que me has dito, como eu seja taõ velho, e minha mulher Isabel taõ anciaa.* De cuja resposta se tira por consequencia ser grande a idade de qualquer dos dous, pois sendo Zacharias homem sabio, difficulta tanto o poder ter filho, que pede final sobrenatural; e naõ pudera fazer mais se lhe annunciara hum artigo de Fé nunca ouvido, cuja prova excedera a possibilidade humana. Parecia a Zacharias maravilhoso o que o Santo Anjo lhe promettia, e por isso esperava alguma maravilha que o persuadisse a crer, por talvez se recear de que se naõ transformasse Satanaz em Anjo de luz, e o quizesse escarnecer com taes promessas.

Estando Zacharias pay de S. Joaõ Baptista no Templo, lhe foy revelado q̃ sua mulher conceberia hum filho, que se chamaria Joaõ &c.

11 Ven-

11 Vendo o Anjo a incredulidade do Santo velho, e que lhe pedia final, receoso de engano, lhe disse: *Eu sou Gabriel, que estou diante de Deos, e delle sou enviado a ti a te notificar tanto bem como de mim tens ouvido; mas pois pediste final da minha verdade com palavra de incredulidade, eu te dou por final, que desde este ponto ficarás mudo, que mais naõ fallarás, atè que venha o dia, em que se cumpra tudo o que tenho dito.* Oh Bemaventurado Joaõ, que tal annunciador alcançastes do teu nascimento, e que taõ affeiçoado se te mostra, que se preza de dizer quem es sem ser perguntado, para que todos saibaõ que entendeo em teus negocios, como gloriando-se de ser medianeiro para o teu nascimento, por cuja vida Deos ha de ser glorificado. Diz S. Lucas, que depois de Zacharias acabar os dias, que tinha de assistencia do Templo, por obrigaçaõ de Sacerdote, se retirara para sua casa, e que dentro de poucos dias sua mulher Isabel se achara emcinta, mas que como era dona religiosa, e honestissima, que tinha muito pejo de apparecer prenhe, por parecer-lhe que era occasiaõ para que della se tratasse no publico, como de mulher que naõ guardava continencia, a que as suas caãs a obrigavaõ, se bem que ao mesmo tempo se consolava com a bençaõ da sua prenhez, e dando graças a Deos dizia, que elle se naõ tinha esquecido della, pois em tal idade havia tido por bem de a livrar da esterilidade, e do opprobrio em que era tida, por naõ deixar successaõ em Israel.

Por duvidar Zacharias da revelaçaõ do Anjo ficou mudo, atè o nascimento de S. Joaõ.

Luc. 1.

Concebe Santa Isabel, e se envergonha de apparecer prenhe.

12 Mandou o Altissimo Deos dizer a Maria Santissima pelo Anjo S. Gabriel, que sua Prima Isabel tinha concebido hum filho, que ja estava no sexto mez, que a fosse visitar, para que ella, e o filho, que tinha no ventre, ficassem santificados, com a presença do seu Reparador. Deo Maria Santissima graças ao Senhor com admiravel jubilo do seu Espirito, por se dignar de fazer aquelle favor á alma do que havia de ser seu Precursor, e a sua mãy Isabel; e offerecendo-se ao cumprimento do Divino beneplacito, fallou com Sua Divina Magestade, dizendo: *Altissimo Senhor, principio, e causa de todo o bem, eternamente seja glorificado o vosso nome, e de todas as naçoens seja conhecido, e louvado. Eu, a menor das Creaturas, vos dou humildes graças pela misericordia, que taõ liberal quereis mostrar com vossa Serva Isabel, e com o filho do seu ventre. Se he beneplacito de vossa dignaçaõ, que me ensinueis de que eu vos sirva nesta obra, aqui estou preparada, Senhor meu, para obedecer com promptidaõ a vossos Divinos mandamentos.* Respondeo-lhe o Altissimo: *Pomba, e amiga minha, escolhida entre as creaturas, de verdade te digo, que pela tua intercessaõ, e pelo teu amor, attenderei como Pay, e Deos liberalissimo, a tua Prima Isabel, e ao filho que della há de nascer, elegendo-o por meu Profeta, e Precursor do Verbo em ti feito Homem, e os vejo como cousas proprias, e chegadas a mim. E assim quero que vá meu Unigenito, e teu, a visitar á mãy, e resgatar ao filho da prizaõ da primeira culpa, para que d'antes do tempo commum, e ordinario dos outros homens, soe a vóz das suas palavras, e louvores nos meus ouvidos; e santificando sua alma, lhe sejaõ revelados os Mysterios da Incarnaçaõ, e Redempçaõ: e para isto quero, Esposa minha, que vás visitar a Isabel; porque todas as tres Pessoas Divinas elegemos a seu filho para grandes obras do nosso beneplacito.*

Mystic. Cid. p. 2. lib. 3. n. 191. Trata de como foy revelado a Maria Santissima de que estava pejada sua Prima Santa Isabel, e da oraçaõ, que fez a mesma Senhora a Deos.

Manda o Senhor a Maria Santissima, que visite a Santa Isabel, e que santifique o Divino Verbo a S. Joaõ no ventre de sua mãy.

13 A este mandato do Senhor, respondeo a Beatissima Virgem: *Bem sabeis, Senhor, que todo o meu coraçaõ, e meus dezejos se encaminhaõ ao vosso Divino beneplacito, e quero com diligencia cumprir o que mandais á vossa humilde Serva. Dai-me, Bem meu, licença, para que a peça a meu Esposo Jozè, e que faça esta jornada com obediencia, e gosto seu, e para que do vosso naõ me aparte, governai nella todas minhas acçoens, e endireitai meus passos á mayor gloria do vosso santo nome, e recebei para isto o sacrificio de sahir em publico, e deixar minha retirada soledade &c.*

Mystic. Cidad. n. 192.

14 Pedio Maria Santissima licença a seu Esposo Jozé, com o qual fez a jornada para Judea, na forma que diremos na vida deste Santissimo Patriarcha,

Pede licença Maria Santissima a S. Jozè para ir visitar a sua Prima, e chegaõ ambos a casa della.

archa, e foy esta a primeira peregrinaçaõ, que fez o Filho de Deos no mundo, quatro dias depois de haver entrado nelle, porque naõ pode soffrer mayor dilaçaõ o seu ardentissimo amor, em começar a accender o fogo, que vinha a derramar nelle, dando principio á Justificaçaõ dos mortaes no seu Divino Precursor. Chegaraõ Maria Santissima, e S. Jozé á Cidade de Judá, situada nas Montanhas de Judea, onde viviaõ S. Zacharias, e Santa Isabel, e depois da primeira Saudaçaõ, que fez Maria Santissima a sua Prima, se retiraraõ sós, e logo a Mãy de toda a Graça saudou de novo a Santa Isabel, dizendo: *Deos te salve Prima, e carissima minha, e a sua Divina luz te comunique graça, e vida.* Com esta vóz de Maria Santissima ficou Santa Isabel cheya do Espirito Santo, e taõ illuminado o seu interior, que no mesmo instante conheceo altissimos Mysterios, e Sacramentos. Estes effeitos, e os que sentio ao mesmo tempo o menino Joaõ no ventre de sua mãy, resultaraõ da presença do Verbo humanado no Thalamo de Maria, donde servindo-se da sua vóz, como de instrumento, começou a usar do poder, que lhe deo o Eterno Pay, para salvar, e justificar as almas, como seu Reparador: e cómo a executava como homem, estando no mesmo ventre Virginal aquelle Corposinho de oito dias concebido, (cousa maravilhosa!) se pôs em fórma, e postura humilde de orar, e pedir ao Padre, e orou, e pedio a Justificaçaõ do seu Precursor futuro, a qual alcançou da Santissima Trindade.

Mystic. Cid. n. 206. e 216.

Pede o Divino Verbo Incarnado a Justificaçaõ de S. Joaõ.

Continua a oraçaõ do Divino Verbo.

15 Foy S. Joaõ em o ventre materno o terceiro, por quem em particular fez oraçaõ nosso Redemptor, estando tambem em o de Maria Santissima, porque ella foy a primeira por quem deo graças, e pedio, e orou ao Padre, e por Esposo seu entrou S. Joseph em segundo lugar em as petiçoens, que fez o Verbo humanado, e no terceiro entrou o Precursor Joaõ nas petiçoens particulares por pessoas determinadas, e nomeadas pelo mesmo Senhor. Tanta foy a felicidade, e taõ grandes foraõ os privilegios de S. Joaõ. Prezentou Christo Senhor nosso ao Eterno Pay os merecimentos, Payxaõ, e Morte, que vinha a padecer pelos homens, e em virtude delles pedio a santificaçaõ daquella alma, e nomeou, e assinalou ao menino, que havia de nascer Santo para Precursor seu, e que desse testimunho da sua vinda ao mundo, e preparasse os coraçoens do seu povo, para que o reconhecessem, e recebessem; e que para taõ alto Mysterio se concedessem áquella pessoa elegida todas as graças, dons, e favores convenientes, e proporcionados.

16 Isto precedeo á Saudaçaõ, e vóz de Maria Santissima, e ao pronunciar a Divina Senhora as palavras referidas, pôs Deos os olhos no menino, que estava no ventre de Santa Isabel, e lhe deo perfeito uso da razaõ, e illustrou com especiaes auxilios da Divina luz, para que se preparasse, conhecendo o bem que lhe faziaõ. Com esta disposiçaõ foy santificado do peccado original, e constituido filho adoptivo do Senhor, e cheyo do Espirito Santo, com abundantissima graça, e plenitud de dons, e virtudes, ficando todas as suas potencias santificadas, sujeitas, e sobordinadas á razaõ; com o que se cumprio o que havia dito o Anjo S. Gabriel a Zacharias. Ao mesmo tempo o ditoso menino desde o materno claustro vio ao Verbo Incarnado, servindo-lhe de crystaes purissimos o Thalamo das virginaes entranhas de Maria Santissima, e adorou, posto de joelhos, ao seu Redemptor, e Creador. E este foy o movimento, e jubilo, que sua Mãy Santa Isabel reconheceo, e sentio no seu Infante, e no seu ventre. Outros muitos actos fez o menino Joaõ, exercitando todas as virtudes de Fé, Esperança, Caridade, culto, agradecimento, humildade, e devoçaõ, e as demais, que alli podia obrar, e desde aquelle instante começou a merecer, e crescer em santidade, sem perdê-la jamais, nem deixar de obrar com todo o vigor da graça.

De como foy a S. Joaõ concedido perfeito uso da razaõ no ventre de sua mãy.

Mystic. Cid. n. 218.

17 Conheceo Santa Isabel ao mesmo tempo o Mysterio da Incarnaçaõ, a santificaçaõ de seu filho, e o fim, e Sacramentos desta nova maravilha. Conheceo tambem a virginal pureza, e a dignidade de Maria Santissima, e naquella

quella

quella occasiaõ estando a Divina Senhora toda absorta na vizaõ destes Mysterios, e da Divindade, que os obrava no seu Filho Santissimo, ficou toda divinizada, e cheya de luz, e claridade dos dotes que participava; e Santa Isabel a vio com esta magestade: e como por hum purissimo crystal vio tambem ao Verbo humanado no Thalamo virginal. Admirada pois a ditosa Isabel do que sentia, e reconhecia em taõ Divinos Sacramentos, foy toda commovida com espiritual jubilo do Espirito Santo, e desorte, que prorompeo naquellas palavras, que refere S. Lucas: *Bendita es Maria entre todas as mulheres, e Bendito o Fructo de teu ventre: e donde a mim isto, que venha a Mây de meu Senhor aonde eu estou? Pois logo que chegou a meus ouvidos a vóz da tua saudaçaõ, se exultou, e alegrou o Infante em meu ventre. Bemaventurada es tu, que creste, porque em ti se cumpriraõ perfeitamente todas as cousas, que o Senhor te disse.* A estas palavras, com que Santa Isabel engrandeceo a Maria Santissima, respondeo esta Senhora, com huma docissima, e suavissima vóz, com o Cantico da Magnificat, que refere S. Lucas: *Magnifica minha alma ao Senhor, e meu espirito se alegrou em Deos, que he a minha saude: porque attendeo á humildade de sua Serva, e por isso todas as geraçoens me diraõ Bemaventurada; porque o Poderoso fez comigo grandes cousas, e o seu santo nome, e a sua misericordia se estenderá de geraçaõ em geraçaõ, para os que o temem. Em o seu braço manifestou a sua potencia, destruio aos soberbos com o espirito do seu coraçaõ; derrubou aos poderosos, e levantou aos humildes. Aos que tinhaõ fome encheo de bens, e deixou vazios aos que estavaõ ricos. Recebeo ao seu Servo Israel, e se lembrou da sua misericordia, como disse a nossos pays Abraham, e sua geraçaõ por todos os seculos.*

Conhece Santa Isabel o Mysterio da Incarnaçaõ, e o da santificaçaõ de seu filho &c.

Chama Santa Isabel a Maria Santissima Bendita entre as mulheres. S. Lucas.

Responde a Senhora a Santa Isabel com a Magnificat.

18 Santa Isabel foy a primeira que ouvio este Cantico da boca de Maria Santissima, e tambem foy a primeira que o entendeo, e que o cômentou com a sua sciencia infusa, com a qual entendeo nelle os grandes Mysterios, que encerrou a Mestra da Divina Sabedoria em taõ poucas palavras. Sahiraõ Maria Santissima, e Santa Isabel do quarto em que estiveraõ bastante tempo, ponderando, e louvando a Deos pelos singularissimos favores, que tinha feito a ellas, e ao mundo; e procurando a humildissima Senhora a Zacharias, lhe pedio a bençaõ, como a Sacerdote do Senhor; e ainda que o vio com piedade, e ternura com a sua mudez, como sabia o Sacramento, que encerrava aquelle trabalho, naõ se moveo a remediá-lo. Vendo S. Jozé, que se precisava voltar para sua casa, voltou para ella passados tres dias de assistencia na casa de Zacharias, com indiziveis saudades da companhia da sagrada Esposa que deixava, até que tivesse ordem della, ou do Ceo, para a ir procurar.

Retira-se S. Jozè para Nazareth, deixando a Maria Santissima com Santa Isabel.

19 Deo Santa Isabel a Maria Santissima hum quarto separado, para nelle assistir, e orar, sem que fosse communicado, e registado por pessoa alguma. Nelle se dava á Divina contemplaçaõ, e ao trabalho dos lavores, e do serviço da casa de sua Prima, a quem pedia lhe naõ tirasse a consolaçaõ, que se lhe seguia de a servir a ella, e a toda a casa nos ministerios mais humildes, e laboriosos. Para ser feliz em tudo S. Joaõ, mereceo que a Rainha dos Anjos lhe fizesse as camisinhas, e as faixas, e embrulhos necessarios para quando nascesse, e se criasse. Todos os Mysterios, que conheceo Santa Isabel por Divina luz, e os prodigiosos extasis, e innumeraveis prodigios, que observou com o trato de Maria Santissima, os guardou em seu peito, como depositaria fidelissima, e prudentissima secretaria do que se lhe havia fiado, pois só com seu filho Joaõ, e com Zacharias, em o pouco tempo que viveo depois do nascimento do filho, conferio os Sacramentos que havia alcançado, por entender que era assim vontade do Altissimo. He digno de reflectir-se o querer a bondade de Deos manifestar o grande Sacramento da sua Incarnaçaõ a tres mulheres, primeiro que a outra nenhuma creatura; porque a primeira foy Santa Anna, a segunda sua Filha, e Mây do Verbo, e a terceira

Faz Maria Santissima as camizinhas, e embrulhos para S. Joaõ.

Notem como Deos fiou o Sacramēto da sua Incarnaçaõ a tres Mulheres.

ceira Santa Isabel, e todas tres guardaraõ os segredos de taõ Altissimos Mysterios, até que a Divina bondade mandou que os publicassem.

20 Como se tinhaõ passado mais de dous mezes da assistencia de Maria Santissima em casa de sua Prima, e esta temia que se lhe auzentasse aquella formosa Lua, com o Sol da Justiça, que encerrava no seu Thalamo virginal, chorava, e suspirava muitas vezes, porque naõ achava meyos para deter o Sol, que taõ claro dia de graça, e luz lhe havia cauzado. Pedia ao Senhor com muitas lagrimas, inclinasse o coraçaõ de sua Prima, que naõ a deixasse só, ou que ao menos naõ a privasse logo de taõ amavel companhia. Servia-a com extraordinaria veneraçaõ, e assistencia, e nem era maravilha que huma mulher taõ prudente, e Santa solicitasse o que puderaõ cobiçar os mesmos Anjos, pois além da Divina luz, que havia recebido, de qual era a sua suprema santidade, e dignidade, ella por si mesma com a sua docissima, e Divina conversaçaõ, roubava os coraçoens a todas as creaturas com que fallava.

Teme Santa Isabel que se retire Maria Santissima para Nazareth, e a convida para que ficasse em sua casa com seu Esposo Jozè.

Para se consolar pois Santa Isabel no cuidado, que lhe dava a sua breve retirada para Belem, e mitigar a pena, que disso lhe resultava, com grande reverencia, e veneraçaõ lhe expôs os seus dezejos, e as suas afflicçoens, dizendo: *Prima, e Senhora minha, pelo respeito, e attençaõ com que vos devo servir, naõ me tenho attrevido atè agora a manifestar o meu dezejo, e huma pena, que me tem possuido o coraçaõ: dando-me licença, para que eu busque o allivio, com manifestar-vos os meus cuidados, os referirei, pois só vivo com a esperança do que dezejo. O Senhor, pela sua dignaçaõ Divina, me fez a singular misericordia de trazer-vos, onde eu tivesse a dita que naõ podia merecer de tratar-vos, e de conhecer os Mysterios, que em vós, Senhora minha, tem encerrado a Divina Providencia. Eu, como indigna de taõ grande beneficio, o louvo eternamente. Vós sois o Templo vivo da Gloria do Altissimo; a Arca do Testamento, que guardais o Manná, com que vivem os mesmos Anjos; vós sois as Taboas da Ley verdadeira, escritas com o mesmo ser de Deos. Considero a minha baixeza, e quaõ rica me fez Sua Magestade em hum instante, achando me sem merecimento, com o thesouro dos Ceos em minha casa, e com a que elegeo por Mãy sua entre as mulheres: temo ja, com razaõ, que desobrigada, vós, e o Fructo do vosso ventre, com meus peccados, desampareis esta pobre escrava, deixando-me dezerta, e privada do Summo Bem, que agora gozo. Possivel he para o Senhor, se fosse tambem vontade vossa, que eu alcance a felicidade de servir vos, naõ me apartando de vós em o que me resta de vida, e se o ir eu para vossa casa tem mais difficuldade, mais facil será ficares vós na minha, e o mandarse chamar ao vosso Esposo Jozè, para que os dous vivais nella como donos, e senhores, a quem servirei como escrava, e com o affecto, que move meu dezejo; e ainda que naõ mereço o que peço, vos supplico naõ desprezeis a minha humilde petiçaõ, pois o Altissimo excedeo com seus favores a meus merecimentos, e dezejos.*

21 Ouvio Maria Santissima com summo agrado a proposiçaõ, e supplica de Santa Isabel, e lhe respondeo: *Carissima amiga da minha alma, os vossos santos, e piedosos affectos seraõ acceitos ao Altissimo, e vossos dezejos agradaveis aos seus olhos, eu os agradeço de coraçaõ; porèm em todos os nossos cuidados, e propositos he devido que acudamos à vontade Divina, e a ella sobordinemos com todo o rendimento a vossa. E ainda que estas obrigaçoens saõ de todos os nascidos, bem sabeis, amiga minha, que eu lhe devo mais que todos, pois com o poder do seu braço me levantou do pó, e com piedade immensa olhou para a minha baixeza. Todas as minhas palavras, e movimentos se haõ do governar pela vontade de meu Senhor, e Filho. Naõ hei de ter querer, nem naõ querer, mais que a sua Divina disposiçaõ. Aprezentaremos a Sua Magestade os vossos dezejos, e aquillo que ordenar de seu mayor beneplacito, isso executaremos. Ao meu Esposo Jozè devo tambem obedecer, pois sem sua ordem, e disposiçaõ, naõ posso eu eleger as minhas occupaçoens, nem lugar, e casa para viver,*

Respondeo Maria Santissima, que naõ póde resolver o que pertende, sem o consultar com Deos, e com seu Esposo Jozè.

ver, e he razaõ estejamos ás obediencias dos que saõ nossas cabeças, e Superiores. A estas taõ efficazes razoens se sujeitou Santa Isabel, dizendo: *Eu quero obedecer á vossa vontade, e reverenciar a vossa doutrina. Só vos reprezento de novo o amor intimo do meu coraçaõ, rendido ao vosso serviço; e se naõ posso conseguir tudo o que os meus dezejos tem proposto, ao menos, se possivel for, dezejo, Senhora, que me naõ desampareis, antes que saya á luz o filho que tenho nas minhas entranhas; para que assim como em ellas ha conhecido, e adorado a seu Redemptor, nas vossas goze da sua Divina presença, e luz, antes que de nenhuma outra creatura, e receba a vossa santa bençaõ, que dè principio aos passos da sua vida, á vista do que os ha de encaminhar rectamente.*

Conforma-se Santa Isabel com a vontade da Senhora, e lhe pede que a naõ desampare ao menos em quanto naõ parisse.

22 Naõ quiz Maria Santissima negar esta ultima petiçaõ a sua Santa Prima, a qual se offereceo para pedir ao Senhor o cumprimento do seu dezejo. Posta Maria Santissima no seu Oratorio em oraçaõ, foy arrobada em hum extasi, onde conheceo com nova luz Divina a vida, e merecimentos do Divino Precursor, e que era vontade do Altissimo que assistisse ao seu nascimento, que lho offerecesse a mesma Senhora depois de nascido, e que se retirasse a Senhora com seu Esposo para Nazareth, depois de assistir tambem á sua Circuncisaõ, cuja noticia communicou Maria Santissima a sua Prima, a qual se encheo de novos jubilos, por assim se ver favorecida do Altissimo, e da Virgem sua Mãy.

Conhece Maria Santissima as virtudes de S. Joaõ, e que era võtade de Deos lhe assistisse ao seu nascimento.

23 Passados alguns dias, chegou a ditosa hora de nascer ao mundo o luzeiro, que prevenia ao claro Sol da Justiça, e annunciava o dezejado dia da Ley da Graça. Primeiro que sahisse do ventre materno, manifestou o Senhor ao Bendito menino, que se chegava a hora do seu nascimento, para começar a carreira dos mortaes em a commũa luz de todos. Tinha o santificado Infante perfeito uso de razaõ, e sciencia infuza, que havia recebido da presença do Verbo humanado, com o que conheceo, e attendeo, que chegava a tomar porto em huma terra maldita, e cheya de perigosas espinhas, e a pôr os pés em hum mundo cheyo de laços, e semeado de maldades, onde muitos padeciaõ naufragio, e pereciaõ, e assim entre este conhecimento, e a ordem Divina, e natural de nascer, estava o Bendito menino como suspenso, e duvidoso; porque de huma parte as causas naturaes haviaõ conseguido o seu termo em formar, e alimentar o corpo até sua perfeiçaõ, com que naturalmente era compellido com força para nascer, e elle conhecia, e sentia que o despedia, e arrojava a pousada materna. Juntava-se á efficacia da natureza, a vontade expressa do Senhor, que lho mandava; e por outra parte conhecia, e ponderava o risco da perigosa carreira da vida mortal, e entre o temor, e a obediencia, se detinha com o medo, e se movia com promptidaõ. Quizera desistir, e queria obedecer, e dizia comsigo mesmo: Aonde vou, se entro no conflicto do perigo de perder a Deos? Como me entregarei á conversaçaõ dos mortaes, onde tantos perdem o sizo, e o caminho da vida? Em trevas estou no ventre de minha mãy, porèm a outras passo de mayor perigo. Opprimido estava desde que recebi a luz da razaõ; porèm mais affligc a liberdade dos mortaes. Porèm vamos, Senhor, com esta vontade ao mundo, que sempre o executá-la he o melhor; e se no vosso serviço, ó Rey Altissimo, se póde empregar a minha vida, e potencias, isto só me facilitará o sahir á luz, e admittir a carreira. Dai-me Senhor a vossa bençaõ, para passar ao mundo.

Myst. Cid. part. 2. lib. 3. n. 270. e 271.

Conhece o menino Joaõ no ventre de sua mãy, que era chegada a hora do seu nascimento.

24 Mereceo com esta petiçaõ o Precursor de Christo, que Sua Divina Magestade ao ponto de nascer lhe desse de novo a sua bençaõ, e graça, e assim o conheceo o Bendito menino, porque teve presente a Deos na sua mente, e que o envi[a]va a obrar cousas grandes no seu serviço, e lhe promettia a sua graça para executá-las. Chegada a hora do dezejado parto, sentio Santa Isabel, que se movia o menino no seu ventre, como se se puzesse em pe, o que era effeito da mesma natureza, e da obediencia do Santo

A mesma n. 272. e 274.

Infan-

Naſce o menino João.

Infantinho. Como ſobre iſto teve algumas dores moderadas, deo avizo a Maria Santiſſima, porèm a naõ chamou para que lhe aſſiſtiſſe ao parto, porque a digna reverencia devida á excellencia de Maria, e ao Fructo que tinha no ſeu Virginal ventre, a deteve prudentemente para naõ pedir, o que naõ parecia decencia. Tampouco foy Maria Santiſſima em peſſoa aonde eſtava ſua Prima; porèm lhe enviou as camiſinhas, e as faixas, que tinha prevenidas para envolver ao ditoſo Infante, que naſceo logo muito perfeito, e creſcido, teſtificando com a limpeza do ſeu corpo, a que trazia na ſua alma, porque naõ tinha tantas impuricidades como os outros meninos.

Recebe Maria Santiſſima o menino em ſeus braços, e offerece ao Eterno Pay. Myſtic. Cid. n. 176.

25 Aſſim como Maria Santiſſima ſoube que Santa Iſabel eſtava compoſta, e o menino veſtido, ſahio do ſeu Oratorio a dar o parabem a ſua Prima, e recebendo o menino em ſeus ſantiſſimos braços, o offereceo ao Eterno Padre, por eſta oraçaõ: *Altiſſimo Senhor, e Pay noſſo Santo, e Poderoſo, recebei no voſſo ſerviço o temporaõ fructo de voſſo Filho Santiſſimo, e meu Senhor. Eſte he o Santificado, e reſgatado pelo voſſo Unigenito do poder, e effeitos do peccado, e de voſſos antigos inimigos. Recebei eſte ſacrificio matutino, e infundi nelle com voſſa ſanta bençaõ voſſo Divino eſpirito, e de vós ſeja fiel diſpenſeiro do miniſterio a que o deſtinais, em honra voſſa, e de voſſo Unigenito.* No meſmo tempo, em que Maria Santiſſima teve reclinado no peito, em que em breve tempo havia de reclinar ao Menino Deos, ao menino Joaõ, teve hum dociſſimo extaſi, no qual fez tambem oraçaõ, e offerecimento pelo ditoſo menino; e nem he muito, que o Anjo publicaſſe por grande na preſença do Senhor a quem antes de naſcer viſitou, e ſantificou, e depois de naſcido foy levantado ao Throno da Graça, e eſtreou os braços em que havia de reclinar o meſmo Deos humanado. Oh Bemaventurado Joaõ, que ſahiſtes das trevas em que andavas, e te recolheo o luzeiro por onde entraõ todos os rayos da Graça enviada pelo Sol da Juſtiça! Sahiſte da terra cançada para fructificar, e receber a terra, que nunca foy lavrada, a terra virgem de que corre branco leite de humildade, e doce mel de divindade; cujo fructo he bento, e de cuja bençaõ tu es Bendito, e por cujas graças a ti feitas todos te bendizemos.

26 Logo que ſe divulgou o naſcimento de Joaõ, como diz S. Lucas, todos os parentes, viſinhos, e amigos, foraõ dar o parabem a Zacharias, e a Santa Iſabel; porque como a ſua caſa era nobre, e rica, e elles eraõ pelas ſuas grandes virtudes muito eſtimados, e venerados naquella Comarca, todos goſtaraõ com a dita que tiveraõ, de hum filho com tantos preſagios, e annuncios de que ſeria grande nos olhos de Deos, e do mundo. Aſſim como chegou o tempo determinado pela Ley para a Circunciſaõ, ſe juntaraõ em caſa de Zacharias muitos parentes, e amigos, conforme o que ſe praticava entre os Judeos nobres, onde conferiraõ o nome, que ſe poria ao infante, attendendo todos á maravilha de haver concebido, e parido ſendo velha, e eſteril, no que todos ſuppunhaõ myſterio. Como eſtava mudo Zacharias, preſidio Santa Iſabel naquella junta, e tambem Maria Santiſſima, a rogos da meſma Santa. Queriaõ os parentes que lhe puzeſſem o nome de Zacharias, e vendo que Santa Iſabel dizia ſe lhe havia de pôr o de Joaõ, ſe oppuzeraõ, dizendo que naõ era razaõ ſe lhe puzeſſe hum nome, que naõ havia tido Varaõ algum da ſua linhagem. Vendo porèm as inſtancias de Iſabel, conſultaraõ todos em que deixaſſem o nome ao arbitrio de Zacharias, e pedindo-lhe o diſſeſſe por finaes, elle pedio por ſenhas huma penna, com a qual eſcreveo: *Joannes eſt nomen ejus.* Ao meſmo tempo que o eſcrevia, uſando Maria Santiſſima do poder que tinha ſobre as couſas naturaes, mandou á mudez de Zacharias que o deixaſſe livre, e á ſua lingua, que ſe dezataſſe, e louvaſſe ao Senhor, a cujo imperio ficou livre, e começou a fallar com grande paſmo, e admiraçaõ de todos os que preſentes eſtavaõ. Foy no meſmo tempo cheyo do Eſpirito Santo, e do dom da profecia, com que fallou, e diſſe:

Circuncida-ſe ao menino; põem-ſe-lhe o nome de Joaõ, e no meſmo tempo alcança falla Zacharias, o qual prorompeo em profeticos Canticos.

26 Ben-

27 Bendito he o Deos Senhor de Israel: porque ha visitado, e feito a redempçaõ do seu povo.
E levantou para nósoutros a força da saude em a casa de seu Servo David.
Assim como o tinha dito pela boca de seus Santos, que foraõ seus Profetas dos passados seculos.
A saude desde nossos inimigos, e da maõ de todos aquelles, que nos aborreceraõ.
Para usar de sua misericordia com nossos pays, e fazer memoria de seu santo Testamento.
O juramento, que jurou a nosso pay Abraham, de que se nos daria a nósoutros.
Para que sem temor, ficando livres das maõs dos nossos inimigos, o sirvamos
Em santidade, e justiça em sua presença, todos os dias da nossa vida.
E tu, Menino, serás chamado Profeta do Altissimo: porque irás diante da sua face, para preparar seus caminhos.
Para dar sciencia, e noticia de saude a seu povo, em a remissaõ de seus peccados.
Pelas entranhas da misericordia do nosso Deos, em as quaes nos visitou, nascendo das alturas.
Para dar luz aos que de assento vivem em trevas, e sombra da morte, e dirigir nossos pés em o caminho da paz.

Neste Divino Cantico recopilou Zacharias os altissimos Mysterios, que os antigos Profetas haviaõ dito, com mais extensaõ da Divindade, Humanidade, e Redempçaõ de Christo; e em poucas palavras encerrou muitos, e grandes Sacramentos, e os entendeo com a copiosa graça, que illuminou seu espirito, e o levantou com ardentissimo fervor em presença de todos os que haviaõ concorrido a este acto da Circuncisaõ de seu filho.

Manda Santa Isabel chamar a S. Jozè para acompanhar para Nazareth a Maria Santissima.

28 Depois de celebrada a Circuncisaõ, mandou Santa Isabel chamar a S. Jozé, para acompanhar a Maria Santissima. Logo que elle chegou a Judá, se prepararaõ os ditosissimos, e castissimos Esposos para voltarem para Nazareth. Ao despedir-se a Virgem Mãy de Zacharias, lhe disse este, como quem estava ja illustrado com a sciencia do Ceo: *Senhora minha, louvai eternamente ao vosso Creador, que se dignou, por sua misericordia infinita, de eleger-vos entre todas as creaturas para Mãy sua, depositaria unica de todos os seus grandes bens, e Sacramentos: e lembrai-vos de mim, vosso servo, para pedir ao nosso Deos, e Senhor, me envie em paz deste desterro á segurança do verdadeiro bem que esperamos, e que por vós mereça ser digno de chegar a ver o seu Divino rosto, que he a gloria dos Santos; e lembrai-vos tambem, Senhora, da minha casa, e familia, e especialmente de meu filho Joaõ, e rogai ao Altissimo pelo vosso povo.*

Pede Maria Santissima a bençaõ a Zacharias, e elle lha dá tomando muitas palavras das Escrituras.

29 Maria Santissima se pôs de joelhos diante de Zacharias, e como a Sacerdote lhe pedio a bençaõ, com tanta instancia, que vencido della o Santo Sacerdote, e movido da luz Divina, tomando as palavras da Escritura Sagrada, disse: *O braço do todo Poderoso, e verdadeiro Deos te assista sempre, e te livre de todo o mal. Tenhas a graça da sua efficaz protecçaõ, e te encha do rocio do Ceo, e da grossura da terra, e te dè abundancia de paõ, e de vinho: sirvaõ te os povos, e adorem-te as Tribus, porque es Tabernaculo de Deos: serás Senhora de teus irmaõs, e os filhos de tua mãy se ajoelharaõ na tua presença: o que te beneficar, e louvar, será engrandecido, e bendito, e o que naõ te benzer, e louvar, será maldito. Conheçaõ em ti a Deos todas as naçoens, e seja por ti engrandecido o nome do Altissimo Deos.* Em retorno desta profetica bençaõ, Maria Santissima beijou a maõ ao Sacerdote Zacharias, e lhe pedio perdaõ da molestia, que lhe havia dado em casa, e deixando-o cheyo de saudades, e de ternuras, se despedio de sua Prima Isabel, que por desfallecer com a dor, que lhe resultava da sua auzencia, naõ podia formar razoens, servindo as copiosas lagrimas, e os soluços, de manifestar o intenso da pena que a opprimia. A Serenissima Senhora, como invicta, e superior

Despede-se Maria Santissima de Santa Isabel.

Myst. C. p. 2. lib. 3. n. 308.

rior a todos os movimentos das paixoens naturaes, esteve com severidade agradavel senhora de si mesma, e fallando com a Santa lhe disse: *Amiga, e Prima minha, naõ vos queirais affligir tanto pela minha partida; pois a caridade do Altissimo, em quem com verdade vos amo, naõ conhece divizaõ, nem distancia de tempo, nem lugar. Em Sua Magestade vos vejo, e nelle vos terei sempre presente, e vós tambem me achareis em elle mesmo. Breve he o tempo, em que nos apartamos corporalmente, pois todos os dias da vida humana saõ taõ breves, e alcançando com a Divina graça victoria de nossos inimigos, brevemente nos veremos, e gozaremos eternamente na Celestial Jerusalem, onde naõ ha dor, pranto, ou divizaõ. Em o emtanto, carissima minha, todo o bem achareis no Senhor, e tambem me tereis, e vereis a mim nelle. Elle fique no vosso coraçaõ, e vos console.* Naõ alargou mais a practica a prudentissima Virgem, pela atalhar o pranto de Isabel, á qual pedio perdaõ da molestia que lhe havia dado, e juntamente a bençaõ, posta de joelhos.

Despede-se Maria Santissima do menino Joaõ, e elle lhe falla tratando-a por Mãy de Deos Myst. C. n. 309. do lib. 3.

30 Ao despedir-se do ditoso menino Joaõ, o tomou nos seus santissimos braços, nos quaes lhe fez ternissimos affagos, que concluio com muitas bençoens efficazes, e mysteriosas. O milagroso menino, por disposiçaõ Divina, fallou á Santissima Virgem; ainda que em vóz baixa, e de menino, dizendo: *May sois do mesmo Deos, e Rainha do Creador. Depositaria do thesouro inestimavel do Ceo, amparo, e Protectora de mim vosso Servo, day-me vossa bençaõ, e naõ me falte a vossa intercessaõ, e a vossa graça.* Beijou tres vezes a maõ á Rainha do Ceo, e adorou no seu virginal ventre ao Verbo humanado, e pedindo-lhe a sua bençaõ, e graça, com summa reverencia se offereceo ao seu serviço. O Menino Deos se mostrou agradavel, e benevolo ao seu Precursor, como observou a mesma Senhora, que finalmente deixando santificada a toda a casa de Zacharias, partio para Nazareth.

Manda Maria Santissima avizar a Santa Isabel por hũ Anjo para que occulte o menino Joaõ da tyrannia de Heródes, e Santa Isabel se retira com o menino para o dezerto.

Myst. C. 2. p. n. 676. do liv. 4.

31 Na vida do Glorioso S. Jozé diremos o que elle, e Maria Santissima passaraõ desde que se recolheraõ a Nazareth, até fugirem para o Egypto na companhia de Jesus nosso Deos, e Redemptor, para cuja deliciosa, e admiravel historia convidamos ao Leytor piedoso, com a certeza de que naõ lhe seraõ desagradaveis taõ gostosas noticias: e proseguindo com as que dizem respeito ao divino Joaõ, dizemos, que vendo-se Maria Santissima no caminho do Egypto, fugindo da perseguiçaõ de Heródes, que pertendia matar a todos os meninos, que naõ excedessem a idade de dous annos, por entre elles matar tambem a nosso Redemptor, mandou avizar por hum Anjo a sua Prima Santa Isabel, para que temendo a tyrannia daquelle barbaro, e iniquo homem, acautélasse ao menino Joaõ, cuja Embaixada deo o Angelico Espirito a Santa Isabel, com a noticia de que tambem ella havia fugido para o Egypto com o Menino Jesus; de que resultou mandar Santa Isabel hum moço no alcance de Maria Santissima com hum refresco, e dinheiro para o caminho, e o retirar-se logo Santa Isabel da sua casa de Judá com o menino Joaõ para parte occulta, e ultimamente para hum dezerto, no qual entraraõ mãy, e filho a fazer vida heremitica com a falta de Zacharias, que havia passado para o Limbo, quatro mezes depois do nascimento do Menino Deos, o qual revelou a Maria Santissima, depois de estarem de assento em Heliopolis, a viuvez de Santa Isabel, e as necessidades que passavaõ Isabel, e Joaõ, ensinuando-lhe juntamente que os mandasse soccorrer com o necessario: o que fez Maria Santissima pelos Anjos que lhe assistiaõ, até o terceiro anno de dezerto, tempo em que passou para o Seyo de Abraham a ditosa Santa Anna, com a assistencia de grande numero de Anjos, que a mesma Senhora lhe mandou com consentimento de seu Filho Jesus, que lhe declarou o dia do seu transito.

Mandava Maria Santissima soccorrer ao dezerto a Santa Isabel, e ao menino Joaõ.

32 O orfaõsinho Joaõ foy o que deo sepultura a sua mãy Santa Isabel, tendo a idade de quatro annos, e supposto que desamparado das humanas creaturas, favorecido, e amparado dos mesmos Anjos, que celebraraõ as exequias

quias de taõ ditosa creatura. Maria Santissima mandou o sustento ao menino Joaõ todos os dias, do Egypto em que estava, pelos Anjos, até que teve idade para sustentar-se pela sua industria, e trabalho com as hervas, raizes, e mel silvestre. Naquelle dezerto pois, que era junto do Jordaõ, perseverou o ditoso Joaõ até o termo, que lhe determinou a Divina Providencia, e que logo diremos, vivendo mais vida Angelica, que humana, mais de Serafim, que de homem terreno. A sua conversaçaõ era com Anjos, e com o Creador delles, e de todo o creado, e sendo este só o seu trato, e a sua occupaçaõ, jamais esteve ocioso, continuando o amor, e o exercicio das virtudes heroicas, que começou no ventre de sua mãy, sem que a graça estivesse nelle occiosa, nem vazia hum ponto. Nunca o embaraçaraõ os sentidos, retirados dos objectos terrenos, que costumaõ ser as janellas por onde entra a morte á alma, dissimulada nas imagens da formosura mentirosa das creaturas: e como este felicissimo Santo foy taõ ditoso, que nelle se anticipou a Divina luz á do Sol material; com aquella pôs no esquecimento tudo quanto esta lhe offerecia, e ficou a sua interior vista immovel, e fixada em o objecto nobilissimo do ser de Deos, e de suas infinitas perfeiçoens.

Falleceo no dezerto Santa Isabel, á qual dá sepultura o menino Joaõ, e os Anjos.

Myst. C. lib. 4. á n. 676.

33 A todo o humano pensamento excedem, e se levantaõ os favores, que recebeo S. Joaõ na sua soledade da maõ de Deos, e a sua santidade, e excellentissimos merecimentos, só se conheceráõ no premio que recebeo na Patria Celestial, pelos que tiverem a dita de vê-lo. Ja dissemos que Maria Santissima lhe mandara pelos Anjos o sustento, até que elle pode agenciá-lo pela sua industria, e trabalho, e agora accrescentamos, que Maria Santissima lhe mandou o necessario, e precizo sustento para meninos até á idade de sette annos, e desde esta idade até á de nove annos, lhe enviou sómente paõ, e nada lhe mandou dos nove por diante, porque conheceo ser vontade Divina, e do mesmo Santo, que comesse dalli em diante raizes de hervas, mel silvestre, e langostas, que saõ certas hervas, segundo varios Authores, com o que se sustentou sempre, até que sahio a prégar; e ainda que Maria Santissima o naõ regalava com o sustento, o regalava com as visitas, que lhe mandava fazer pelos Anjos, para que o consolassem, e dessem noticia das suas occupaçoens, e empregos, e dos Mysterios, que o Verbo humanado obrava. Estas visitas lhe mandava fazer a piedosa Senhora huma vez cada semana.

Mandou Maria Santissima o sustento ao menino Joaõ atè certa idade pelos Anjos.

34 Este estupendo favor, entre outros fins, foy necessario, para que S. Joaõ tolerasse a soledade, naõ porque o horror della, e a sua penitencia lhe cauzasse fastio, pois para se lhe fazer dezejavel, e mui doce, era sufficiente a sua admiravel santidade, e graça; sim para que o amor ardentissimo, que tinha a Christo nosso Senhor, e a sua Santissima Mãy, lhe naõ fizesse taõ molesta a auzencia, e a privaçaõ da sua conversaçaõ, e vista, que com extremo dezejava como Santo, e agradecido, e nem ha duvida, que lhe fora de mayor mortificaçaõ, e dor o deter-se neste dezejo, que soffrer as inclemencias, jejum, penitencias, e o horror das montanhas, se lhe naõ recompensara a Divina Senhora, e amantissima Tia, esta privaçaõ com os continuos regálos de enviar-lhe os Anjos com as novas do seu amado. Perguntava-lhes o grande solitario pelo filho, e pela mãy com as amorosas ancias da Esposa. Enviava-lhe intimos affectos, e suspiros do coraçaõ, ferido do seu amor, e da sua auzenzia; e pedia á Divina Princeza por via dos Angelicos Embaixadores, que em seu nome lhe pedisse a bençaõ, o adorasse, e desse humilde reverencia. No interim o adorava o mesmo Joaõ em espirito, e verdade, desde a soledade em que vivia.

Myst. C. p. 2. lib. 5. n. 942., e 943., e 944.

Mandava Maria Santissima visitar a S. Joaõ pelos Anjos, e elle lhe correspondia &c.

35 Com estas ordinarias occupaçoens, chegou o grande Precursor á idade perfeita de trinta annos, que era o tempo destinado pela bondade de Deos, em que havia como vóz do Verbo clamar em o dezerto penitencia, como tinha profetizado Isaias, e referem os Evangelistas: sahio á ribeira do Jordaõ, prégando baptismo de penitencia, para se alcançar remissaõ de peccados, e se

Da idade de trinta annos principiou a prègar.

se disporem, e prepararem os coraçoens, para que recebessem ao Messias promettido, e esperado haviaõ tantos seculos. Esta palavra, e mandato do Senhor entendeo, e conheceo S. Joaõ em hum extasis, que teve, onde por influxo do poder Divino foy illuminado, e prevenido com plenitude de novos dons de luz, graça, e sciencia do Espirito Santo. Conheceo naquelle rapto com mais abundante sabedoria os Mysterios da Redempçaõ, e teve huma vizaõ da divindade abstractiva; porèm taõ admiravel, que o transformou, e mudou em novo ser de santidade, e graça. Nesta vizaõ lhe mandou o Senhor que sahisse da soledade a preparar os caminhos da prégaçaõ do Verbo humanado com a sua, e que exercitasse o Officio de Precursor, e tudo o que ao seu cumprimento tocava.

36 Tinha o Santo Anacoreta á cabeceira da cova, em que vivia, huma grande Cruz, fabricada pelos Anjos a instancias suas, pelos mesmo Anjos lhe dizerem, que Jesus nosso Redemptor orava sobre outra, que tinha no seu Oratorio: e naõ querendo deixar no dezerto aquelle thesouro, o enviou a Maria Santissima pelos mesmos Anjos, que de seu mandado o visitavaõ, dizendo-lhe, que aquella Cruz havia sido a companhia mais amada, e de mayor recreyo, que na sua larga soledade havia tido, e que lha enviava como rica joya, pelo que nella se havia de obrar. Maria Santissima a recebeo com summo agrado, como quem sabia era o final da nossa redempçaõ, e a deixou depois aos Apostolos. Depois de enviar á Senhora a unica alfaya que tinha na sua cova, sahio della, e daquella soledade o novo, e primeiro Prégador da Ley da Graça, Joaõ, vestido de pelles de camellos, cingido com huma cinta, ou correya tambem de pelles; descalço, com o rosto macilento, o corpo attenuado, semblante gravissimo, e admiravel, com incomparavel modestia, e humildade severa, animo invencivel, e grande, o coraçaõ inflammado em caridade de Deos, e dos homens, prégando a todos penitencia. As suas palavras eraõ vivas, graves, e abrazadas, como faiscas de hum rayo despedido do braço poderoso de Deos. Era aprazivel para os mansos, amavel para os humildes, terrivel para os soberbos, admiravel espectaculo para os Anjos, e homens, formidavel para os peccadores, horrivel para os demonios. Era finalmente S. Joaõ Baptista o Pregador de que necessitava aquelle povo Hebreo, duro, ingrato, e pertinaz; com Governadores idolatras, com Sacerdotes avarentos, e soberbos; sem luz, sem Profetas, sem piedade, sem temor de Deos, depois de tantos castigos, e calamidades, aonde seus peccados os haviaõ trazido, para que em taõ miseravel estado se lhe abrissem os olhos, e o coraçaõ, para conhecerem, e receberem a seu Reparador, Mestre, e Senhor.

Myst. C. p. 2. lib. 5. n. 946., e 947.

Tinha S. Joaõ á cabeceira hũa grande Cruz, que mandou a Maria Santissima quando sahio a prègar.

37 Diz S. Lucas que sahira S. Joaõ por toda a Ribeira do Jordaõ, e que todo o seu trabalho era prégar o caminho do Ceo, tomando por fundamento dos seus Sermoens o Baptismo da penitencia em remissaõ dos peccados, segundo o havia profetizado o Profeta Isaias: *A' vóz do que clama em o Dezerto, apparelhai o caminho do Senhor.* Quem ensinou á outra Sibylla, que Joaõ havia de discorrer pelos dezertos, clamando que as gentes fizessem penitencia, e que se baptizassem para ficarem sem peccado? E quem ensinou a S. Joaõ as santas Escrituras, havendo-se criado no ermo, desde antes que soubesse fallar? Quem lhe disse, que aquella profecia estava em Isaias, e ja que soubesse que estava alli, quem o certificou que estava dita delle, para que logo se aproveitasse della, allegando-a em seu favor, e obrigando com ella ás gentes, a que o ouvissem, e lhe dessem credito, bem como quem levava mais authoridade para prégar, que outros? A esta razaõ, que ha para nos admiramos, se satisfaz com dizer-se, que as cousas do grande Baptista se naõ devem regular pelas dos outros Santos, porque em obras fóra do commum, só a vontade do Divino Author he a regra da sua potencia.

[Pr]egou pela ribeira do Jordaõ. Luc. 3.

Isai. 4. Sybilla. liv. 1. Oracul.

38 Deixando a populosa Cidade de Jerusalem, escolheo o Baptista ao dezerto

dezerto por pulpito dos seus Sermoens, e naõ fallando palavra da multidaõ dos sacrificios do Templo de Salomaõ, prégou com grande instancia o baptismo: dando a entender, que desamparada de Deos, e destruida dos Romanos Jerusalem, a verdadeira Doutrina se havia de prégar na Igreja Catholica, que he chamada Dezerto na Escritura: e que deixados os sacrificios de carvoens, e bezerros, sómente se havia de achar a saude das almas no Sacramento do baptismo. Receando-se S. Joaõ que o calumniassem por falta de abono para prégar doutrina taõ inaudita, com palavras taõ rasgadas, e com ceremonias taõ novas, acolhia-se ao favor Divino da profecia; e dizia: *Eu sou de quem está dito, que ha de fazer o que eu faço*, e assim diz Theophylato que foy feita a palavra do Senhor sobre S. Joaõ; [conforme a relaçaõ Evangelica] porque entendais, que naõ temerariamente, nem sem ser chamado, sahio a dar o testimunho de Christo, mas inspirado pelo Espirito Santo. Dizem S. Jeronymo, e S. Chrysostomo, que o primeiro que prégou o Reyno dos Ceos fóra S. Joaõ Baptista, porque foy bom que quem taõ alto officio trazia como ser Precursor do Principe da Gloria, fosse honrado com privilegio de annunciar a entrada do Ceo! Oh com que vozes, e gritaria começaria este valoroso Prégador o seu officio, pois clamando no dezerto, atemorizava os homens nos povoados; no monte dava o golpe, e se achavaõ os homens feridos nas suas casas.

Eusebio lib. 9. Demonstr. Evang. c. 5.

Continua na sua prègaçaõ.

39 Naõ prégava o Baptista em segredo, e ás furtadélas, como fazem os Herejes, mas a vozes diante de todo o mundo, nem com vóz de homem, senaõ como trovaõ do Ceo: naõ regalava peccadores, mas espantava ainda aos menos justos: naõ dava largas esperanças, senaõ representando os perigos proximos. Fazei penitencia, dizia o Baptista, e naõ a dilateis, porque será sem proveito, qual he a dos damnados, da qual diz a Sabedoria de Deos, que faraõ penitencia de haverem vivido como nescios, que quer dizer, que lhes pezará disso. Fazei penitencia, e naõ forçada, qual he a dos ladroens, que enforcaõ contra sua vontade, e elles nenhuma cousa merecem nisso, porque a naõ offerecem a Deos com paciencia voluntaria. Fazey penitencia, diz, mas naõ fingida, qual he a dos hypocritas, que se fingem muy contritos, e penitentes por serem tidos por bons, e naõ por aprazer a Deos, que condena os taes fingimentos. Fazei penitencia, diz, e naõ a dos dezesperados, como a fez Judas: mas fazei-a verdadeira, e de verdadeiro coraçaõ, que vos peze de haver offendido a Deos, e que por quanto Deos tem creado o naõ offenderieis outra vez.

Continua.

Sapient. 5.

40 Esta he a penitencia, que S. Joaõ prégava; mas a penitencia, que chamamos Sacramento, instituio-a Christo nosso Redemptor muito depois, quando por S. Mattheus disse a S. Pedro, que lhe havia de entregar as chaves dos Reynos do Ceo, o que tambem disse depois a todos os Apostolos, que tudo o que elles atassem, ou dezatassem sobre a terra, se daria por atado, ou dezatado no Ceo. O Baptista deo o baptismo da penitencia, e annunciou sómente o baptismo da remissaõ dos peccados, e por isso diz o Doutor S. Boaventura, que a prégaçaõ do Baptista começou da penitencia, que se chama Virtude, que he o pezar que temos de haver offendido a Deos: o qual pezar, e arrependimento protestavaõ os que se baptizavaõ com S. Joaõ, mediante a confissaõ, que dizem S. Mattheus, e S. Marcos faziaõ, que naõ era outra cousa, senaõ huma confissaõ geral de se conhecerem por peccadores, e que pediaõ a Deos misericordia, da qual confissaõ se entende o que o grande Bazilio diz, que os baptizados por S. Joaõ confessavaõ todos os seus peccados, e que recebiaõ perdaõ delles. Conforme diz Hugo na Historia Ecclesiastica, S. Joaõ naõ baptizava, senaõ aos que entendia hiaõ penitentes pelo passado, e com proposito de emenda para o futuro.

Matth. 3. Marc. 1.

Bazil. lib. 1. do Baptista.

41 Diz S. Chrysostomo, que S. Joaõ mais espanto punha com as suas obras virtuosas aos que o viaõ, que com as suas palavras aos que o ouviaõ, e que

Despovoava se Jerusalem pelo ouvirem, e o julgava o povo pelo Messias. Luc. 3.

por ventura se as suas palavras naõ foraõ taõ abonadas com a sua exemplar vida, que naõ se despovoaria Jerusalem pelo ver, nem o procuraraõ todos aquelles povos pelo ouvirem, porque naõ as palavras abonaõ as obras, mas as obras as palavras. Olhe pois para a bondade da sua vida, principalmente o Prelado, a Dignidade, o que tiver officio publico, porque se viver mal, ainda que aconselhe, e prégue bem, fará mais mal do que bem. Tinhaõ, conforme diz S. Lucas, aquelles povos a S. Joaõ pelo Messias, suppostos os seus prodigios, e as muitas mudanças que fazia nas vidas dos Hebreos, e capacitados de que naõ o era, lhe estranhavaõ o baptizar, e prégar remissaõ de peccados, e a tudo satisfez Joaõ, dizendo: *Bem he verdade que eu baptizo, mas baptizo só com agoa, e em só sinal de penitencia: mas o que ha de vir depois de mim, que he mais valoroso que eu, cuja Dignidade he tal, que eu naõ mereço dezatar-lhe a correa do seu çapato: esse vos baptizará em Espirito Santo, e fogo.* Este foy o primeiro testimunho, que S. Joaõ Baptista deo do Redemptor. *Meus negocios naõ saõ taes,* [diz o Santo] *que nelles deva parar vossa intençaõ, esperando remedio delles: mas sómente intendo em o que vedes, para vos advertir de outro que ha de vir, que he de quem haveis de conseguir o que agora vos prègo, cuja authoridade he tal, que baptizará em Espirito Santo, e seus merecimentos saõ tantos, que eu naõ mereço descalçar-lhe os çapatos.*

Do primeiro testimunho que deo do Messias.

42 Por fallecimento de S. Jozé, ficou Jesus Christo nosso Redemptor exercendo o officio de Carpinteiro, naõ só para sustentar-se a si, senaõ tambem a Maria Santissima sua Mãy, porèm assim como cumprio vinte e nove annos de idade, vendeo a tenda, e as ferramentas do officio, e dando o producto a sua Mãy Santissima, lhe pedio licença para ir para o dezerto, e para dar principio á Redempçaõ humana, nesta substancia: *Ja, Mãy, e Senhora minha, se ha chegado o tempo de começar a manifestar ao mundo a minha Doutrina, e de publicar as ordens de meu Pay, fundando a minha Igreja, e dando-lhe Sacramentos, com que á custa do meu Sangue fique rica, e ácusta da minha Cruz fique victoriosa do peccado, e da morte. Ja sabeis que para isto baixei ao mundo, para isto tomei carne em as vossas puras entranhas, que para isto nasci, e que para isto me haveis criado, e guardado; com cuja consideraçaõ naõ se vos ha de fazer cousa dura, ver que de vós me aparte, nem que este respeito nos divida, quando as almas estaraõ sempre estreitamente unidas, por mais que medeem ausencias, soledades, e retiros. Demais, que nem tampouco me parto agora a morrer, por ser precizo passar-se primeiro muito tempo, no qual me esperaõ muitas perseguiçoens, trabalhos, fadigas, fomes, sedes, e cansaços. Porèm todas estas penas se faraõ doces, quando ja aqui, ja em Canná, ja em Betania, ja em Jerusalem, nos vejamos muitas vezes, que com estas esperanças se fará toleravel o sentimento. Eu vos visitarei tambem a miudo, sem dar lugar a que a calumnia mo note; que como hey de annunciar a minha vinda em quanto Deos, he necessario, para que me creaõ Divino, que naõ vejaõ que me elevaõ ternuras de Mãy. Se bem para o demonio, porque naõ estorve, nem impida o meu pretexto* [*que he a redempçaõ*] *procurarei me tenha só por humano, e por Filho de Jozè. Huma lide, huma batalha hey de ter com elle no dezerto. Com tentaçoens ha de querer averiguar as suas duvidas, e saber se sou Deos; porèm ficará vencido, e eu triunfante. Ao Jordaõ me parto agora a ver-me com Joaõ meu Primo, e meu Precursor, a quem desde o vosso purissimo ventre, estando elle no de sua mãy, dei a minha bençaõ, para que nascesse em graça, e para que fosse o mayor dos nascidos do ventre de mulheres. He a minha vóz, que prèga, e annuncia penitencia; e ainda que eu sou o Verbo, hey de começar humilde os meus altos Sacramentos, fazendo que ao santificar as agoas, que haõ de lavar culpas, seja elle quem me baptize.*

Despede se nosso Redemptor de sua Santissima Mãy para ir para o dezerto, e para baptizar-se por S. Joaõ.

43 *E se me preguntais, que para que sendo eu concebido, e nascido sem genero de culpa, quero baptizar-me? Vos quero significar as causas, que me movem. A primeira, porque he razaõ, que quem faz nova Ley, se sujeita em primeiro*

lugar

lugar a seus ritos, e observancia. E assim como quero que cesse, e se borre a ley carnal da Circuncisaõ, dada em final de obediencia ás pessoas fieis; e que comece a do baptismo, que instituo, que he a da verdade, e da Graça, [porque a outra era sombra] he necessario, que naõ obstante o ser eu Deos, e homem, e sem macula nenhuma a observe, para que com o meu exemplo todos os homens a sigaõ, e abraçem. A segunda, por me humilhar, qual vós, que, esquecida de que sois Mãy de Deos, vos abateis atè os abysmos. A terceira, porque com o meu baptismo hey de dar ás agoas santidade, e virtude, para abrir o Ceo aos Fieis baptizados. A quarta, para que ao ver a minha humildade, dè testimunho o Padre de que sou seu Filho, o Espirito Santo o confirme, e Joaõ o annuncie ao povo. Por todas estas causas, Mãy minha, me aparto de vós, para baptizar-me no Jordaõ, e para ir depois para o dezerto. Tolerai esta auzencia, armando-vos do vosso valor, que, por mais que a sintais, vos naõ deverei nada em o sentimento. Com o que vos fica, vos podereis sustentar algum tempo, pois para este fim augmentei, e adiantei as minhas tarefas. Com vossas parentas, e devotas ficareis abrigada, pois sei que vos serviraõ propicias, e obsequiosas, e que em qualquer cuidado vos seraõ companheiras. Eya, day-me a vossa bençaõ, e os vossos braços, e essas lagrimas, que vos sahem ja aos olhos, naõ as vertais vos rogo. Voltai-as ao coraçaõ, que como reliquias suas valem muito, e he lastima que se percaõ.

Das causas porque o Divino Verbo quiz baptizar-se.

44 Com similhantes razoens, como piamente devemos crer, communicou nosso Redemptor a sua partida: a sua Santissima Mãy, que entre deliquios mortaes, abraçada do mesmo Senhor, e prostrada a seus pés lhe disse: *Filho da minha alma, e Verbo tambem do Padre, a quem por ambos os respeitos vos reverenceo, e adoro, vos amo, vos quero, e vos estimo. Ja vejo que naõ posso, e que nem he justo estorvar-vos o ires a cumprir os vossos Decretos, e as ordens Divinas, que a poder fazè-lo, tambem o fizera; mas porque quereis, bem meu, que em dor taõ grave, em pena taõ fera, em tormento taõ cruel, como he o estar sem vós, dissimule o meu sentimento, refree o pranto, e me faça á paciencia! Naõ he bom, que vos aparteis dos meus olhos, sem dizeres que me naõ queixe! Naõ he bom deixar vos ir, sem estorvar-me que chore! Se vós foreis, meu Deos, a festas, ainda talvez me consolara; porèm quando considero que he ires ja a morrer, a soffrer trabalhos, ingratidoens, affrontas, e martyrios, se me enche a alma de angustias, e se me cobre o corpo de suores frios. Considerar-vos prezo, maniatado, escarnecido, posto á vergonha, e cravado em huma Cruz, me deixa taõ mortal, me deixa taõ sem alento, que a naõ soccorrer-me o Ceo com os seus auxilios, exhalara a vida em o tormento. Ide-vos, Senhor, na bõa hora, deixai ja esta escrava, pois ja a naõ haveis mister, mas lembrai-vos de que algum dia naõ vos achaveis bem sem os meus braços, nem querieis desappegar-vos dos meus peitos. Naõ vos esqueçais do que passei comvosco fugindo para o Egypto. Quantos sobresaltos! Quantos sustos! Quantas penas! Mas para que faço eu memoria do que melhor sabeis! Ide-vos em paz, meu Jesus, porèm levai-me comvosco. Levai-me em vós, Jesus, pois bem sabeis que naõ vos póde ir mal commigo, e se me deixais, naõ me estorveis, nem impidais que a dezatados rios de prantos consumma noites, e dias a vida que me fica.*

Do que disse Maria Santissima a seu Divinissimo Filho quando della se despedio.

45 Deixando pois nosso Redemptor a sua Mãy Maria Santissima em Nazareth taõ sentida, e lastimada com a sua partida, sahio em direitura ao Jordaõ (onde o seu Precursor Joaõ estava prégando, e baptizando, perto de Bethania) sem apparato, sem ostentaçaõ, nem companhia; sahio digo o Senhor das creaturas, o Supremo Rey dos Reys desconhecido, sem assistencia de alguns dos seus humanos Vassallos, e taõ seus, que só por sua vontade tinhaõ o ser, e conservaçaõ, levando por sua Real recamara a extrema, e summa pobreza, e desabrigo. Proseguio o caminho para o Jordaõ, e derramando por diversas partes delle as suas antigas misericordias, com os estupendos beneficios,

Chega ao Jordaõ nosso Redemptor, e com a sua Divina presença se enche de nova luz S. Joaõ.

beneficios que fez nos corpos, e nas almas de muitos necessitados; antes de chegar á presença do Baptista, lhe enviou ao coraçaõ nova luz, e jubilo, que mudou, e elevou seu espirito, e reconhecendo o Santo novos effeitos dentro de si mesmo, admirado disse: *Que mysterio he este! Que presagios do meu bem! Pois desde que conheci a presença de meu Senhor no ventre de minha mãy, naõ hey sentido taes effeitos como agora. Se vem por dita, ou está perto de mim o Salvador do mundo!* A esta nova illustraçaõ se seguio no Baptista huma vizaõ intellectual, na qual conheceo com mayor clareza o Mysterio da uniaõ hypostatica na Pessoa do Verbo, e outros da Redempçaõ humana. E em virtude desta nova luz, deo os testimunhos, que refere o Evangelista S. Joaõ, em quanto estava Christo nosso Senhor no dezerto, e depois que sahio delle, e voltou ao Jordaõ, hum á pergunta dos Judeos, e outro quando disse: *Ecce Agnus Dei.*

Pede o Senhor a S. Joaõ, que o baptize, o qual repugnou fazê-lo.

46 Chegando Sua Magestade Divina entre os demais, pedio a S. Joaõ que o baptizasse, como a hum dos outros, porèm como o Baptista logo o conheceo, prostrado a seus pés lhe fallou nesta substancia: *Que he o que dizeis, Senhor? Que he o que ouvem meus ouvidos? Que he o que haveis pensado? Que eu vos baptize, dizeis? A que effeito? Ou para que? Que vos ha de alimpar a agoa, se sois vós o que lhe dá a limpeza? De que vos ha de purificar se estais izento de toda a culpa? Quando sois a mesma graça? Toda a santidade? Toda a pureza? E Deos em fim? Se o fazeis acazo por provar-me, e para ver se vos conheço, escuzai as diligencias, pois me estais lendo o peito, e sabeis como vos adoro. Naõ porque os barbaros rumores do vulgo me tenhaõ por Messias, me hey desvanecido, quando desengano a todos, que sois vós, e a gritos de annunciar-vos estou rouco. E quando por obedecer-vos fizera o que me mandais, que dissera de mim o Ceo? Por quem me tivera o mundo? Que dissera de mim o vosso Eterno Pay? Que disseraõ os Anjos? Que os Serafins quando me viraõ a mim com a maõ posta sobre a vossa Cabeça, e vós de joelhos a meus pès? Eya, Senhor, naõ me envorganheis assim, naõ me corrais do campo, quando estou a vossos pés. Pizai-me, Senhor, pizai-me se vos hey sido máo escravo.*

Naõ obstante a repugnancia de S. Joaõ, foy por elle baptizado Christo &c.

47 Gostoso Jesus por huma parte de ver a humildade de Joaõ, e resoluto pela outra de passar adiante com o seu intento, lhe disse: *Deixa-me agora fazer o que dezejo, que assim convem cumprir toda a Justiça.* Disse entaõ Joaõ: *Se he mandato, e gosto vosso, faça-se como mandais.* Despido o Salvador das suas vestes sagradas, entrou no Rio, e tomando Joaõ dos seus crystaes, os verteo sobre a sua divina Cabeça, sem que se possa alcançar a fórma; porque se S. Joaõ baptizava a todos, dizendo: *Eu te baptizo em nome de Christo, que há de vir*, naõ quadrava dizer o mesmo, baptizando ao mesmo Christo. Baptizou a este Senhor em fim, e o mesmo foy o tocarem as agoas aquelle Divinissimo Corpo, que ficarem santificadas, limpas, e aptas para lavar culpas, e naõ só aquellas, senaõ quantas agoas ha, por participarem todas daquella virtude. E para testimunho de que era Deos o que se baptizava, se abrio o Ceo, e descendeo o Espirito Santo em forma vizivel de pomba sobre a Cabeça do Divino Verbo, e se ouvio no mesmo ponto a vóz do Padre Eterno, que dizia: *Este he meu Filho amado, em quem tenho hoje o meu agrado, e complacencia.* Esta vóz do Ceo ouvio naõ só S. Joaõ, senaõ tambem muitos dos circunstantes, que mereceraõ tambem o especial favor de verem ao Espirito Santo.

Baptiza Christo a S. Joaõ.

48 Encheo-se de assombros o sagrado Precursor quando vio tantas maravilhas, e prostrado aos pés de Christo, entre lagrimas, e soluços, lhe pedio a santa agoa para gozar do caracter de taõ alto Sacramento, e ser o primeiro Christaõ, assim como era o ultimo em que cessava a Ley da Circuncisaõ. Segundo as conjecturas do Texto Sagrado, naõ ha duvida que Christo baptizou alli ao Baptista, e que alli instituio a forma deste Sacramento, assim como

mo dispôs a materia, que era a agoa, dizendo: *Baptizo-te em nome do Pay, do Filho, e do Espirito Santo*, pois dalli a poucos dias do Baptismo de Christo, baptizavaõ os seus Apostolos, e Discipulos, e nem se póde colligir, que houvesse tempo mais apto, e opportuno que nesta occasiaõ, para instituir este grande Sacramento.

49 Eraõ tantos os baptismos, que fazia S. Joaõ, e seus discipulos, tantas as conversoens, e tantas as mudanças de vida, que se naõ fallava em toda Judea em cousa de mais admiraçaõ, e pasmo, que na prodigiosa vida, valor, e santo zelo do filho de Zacharias, o que deo occasiaõ a que os moradores de Jerusalem, determinassem o mandarem-lhe Embaixadas solemnes, para que declarasse quem era. Quatro perguntas lhe fizeraõ os Embaixadores, que eraõ dos principaes da Cidade, e Sacerdotes. Se era Christo, se Elias, se Profeta: e se naõ era nenhum destes, que lhes dissesse quem era! Oh grande filho de Zacharias, que vos falta ja, senaõ que a Celestial Jerusalem nossa Mãy vos envie seus Embaixadores, pois a Jerusalem terrena vo los enviou, e os mais authorizados que tinha! Se bem, que para fallarmos com mais acerto, dizemos, que nos naõ devemos maravilhar que Jerusalem da terra vo los enviasse, vendo que Jerusalem do Ceo vo los enviou primeiro. Quem jamais teve tal estylo de prégar penitencia, que a troco della promettesse o Reyno dos Ceos, senaõ foy S. Joaõ Baptista? Por esta razaõ se alteraraõ os Judeos, e lhe mandaraõ perguntar quem era, sentindo de tal maneira delle, que o receberiaõ por qual elle se quizesse aprégoar, e especialmente [como ponderou Gerson] porque de inveja de Christo (cuja fama, e maravilhas ja voavaõ) quizeraõ muito mais os Phariseus que S. Joaõ, por ser da sua mesma Tribu de Levi, fora o promettido na Ley, que naõ Christo, que mais principalmente era da Tribu de Judá, com a qual elles naõ tinhaõ tanto parentesco.

Mandaõ os moradores de Jerusalem Embaixadores a S. Joaõ a perguntar-lhe quem era.

Gerson p. 4. Alpha 24.

50 Diz Chrysostomo, que naõ prégou Christo antes de ser o Baptista prezo, porque se naõ levantasse divizaõ na terra sobre a qual dos dous seguiriaõ, e que naõ fez o Baptista milagre algum, por naõ estorvar ao povo de acudir a Christo, que attrahia as gentes com a multidaõ de suas obras, maravilhas, e milagres. Diz o Sagrado Evangelista S. Joaõ, que S. Joaõ Baptista fora perguntado se era Christo, ou Profeta, ou Elias; e que a tudo disse de naõ, e que confessou, e naõ negou: mas confessou o que naõ era, [segundo o dito de S. Gregorio) e naõ negou o que era. Confessou que naõ era o Messias, ou o Christo que esperavaõ, mas nunca negou ser Joaõ, o filho de Zacharias. Como os Embaixadores viraõ que respondia taõ seccamente a preguntas de tanta ponderaçaõ, replicaraõ, ja enfadados de ouvirem tanto naõ, dizendo: *Se naõ es nenhum destes, porque te havemos perguntado, dize-nos ao menos quem es, para que cumpramos com os que a ti nos enviaraõ.* A isto respondeo, que era a vóz do que clamava no dezerto, como estava dito pelo Profeta Isaias. E como viraõ que naõ podiaõ concluir com elle conforme a sua vontade, moveraõ outra questaõ, dizendo: *Se tu naõ es Christo, nem Elias, nem Profeta, como, ou porque baptizas?* A isto respondeo Joaõ o que ja tinha respondido em outras occasioens: *Que elle baptizava só com agoa, mas que entre elles andava, e com elles conversava, e a quem elles naõ conheciaõ, de quem deviaõ esperar o verdadeiro baptismo*; e continuou em fallar-lhe alguma cousa mais claro, dizendo: *Este, de quem eu vos digo o que haveis ouvido, he o que virá depois de mim, e foy feito antes que eu.* Daqui, e dos muitos milagres que começou a fazer Christo, resultou o concorrer todo o povo ao seu baptismo, no qual o ajudava o mesmo Santo, em quanto naõ foy prezo por prégar as verdades contra a mancebia de Heródes; porque naõ he novo no mundo o padecer a virtude entre os poderosos, que vivem licenciosamente.

Chrysost. ho. 14. in cap. 4.

Naõ fez S. Joaõ milagres, e porque.

Resposta que deo S. Joaõ aos Embaixadores.

Isai. 40.

Joannis 1.

51 Por morte de Heródes Ascalonita, aquelle barbaro, e iniquo homem, que fez degolar aos innocentes, e entre elles a hum filho seu, se dividio o

Ceptro

Devide-se o Ceptro de Judá em quatro partes, e caza o Rey Filippe com Herodias.

Ceptro de Judá em quatro partes, que, com nome de Tetrarcas, se repartiraõ entre tres filhos seus. A Archelao o Mayor ficaraõ as duas partes, que foraõ o Reyno de Judea; a Heródes, a que chamavaõ Antipa, a outra parte que era de Galilea, e Pereca; e a Filippe o Menor ficou a Regiaõ de Traconitisde com outras adjacentes; mas nenhum ficou com o titulo de Rey, pelos Romanos, que consentiraõ na divizaõ, como Senhores daquelles Reynos, lho naõ consentirem, se bem que alguns, ou por lizonja, ou por affeiçaõ os tratavaõ com o tal titulo. Succedeo pois, cazar Filippe com huma sua subrinha, filha de seu irmaõ Aristobolo ja defunto, chamada Herodias, a qual era formosa, desenvolta, descocada, e prezada de tudo. Tiveraõ deste matrimonio huma filha, que lhes nasceo para causa da mais triste tragedia; pois como criada com a doutrina de tal mãy, a soube imitar bem na desenvoltura, sahindo grande bailarina; que as boas mãys, como esta, e outras que se prezaõ de senhoras, e qualificadas, ensinaõ a suas filhas a bailar, e a instrumentos musicos, em lugar de as fazer occupar o tempo em bordar, cozer, e fiar, pondo-as assim no precipicio quasi inevitavel de serem o tropeço das almas, o escandalo das virtudes, e alvo das lascivias.

Namora ElRey Heródes a Herodias, mulher de seu irmaõ Filippe, e a leva para sua companhia.

52 Neste tempo se offereceo a Heródes, irmaõ de Filippe, ir a Roma a compôr as controversias, que tinha com Pilatos, alli Governador por parte do Imperio Romano, e como lhe ficava em caminho o Principado, e Provincia de seu irmaõ Filippe, foy pouzar no seu Palacio, no qual foy taõ bem recebido, servido, e regalado como naõ merecia, pela aleivozia, e ingratidaõ com que correspondeo á bõa hospedagem, que lhe fez seu irmaõ; pois pondo os olhos na cunhada, e vendo nella algum carinho, lhe fallou terno, e desorte, que a poucos lances ficaraõ prendados, motivo porque logo ajustaraõ que na volta de Roma tornaria pelo seu Principado, e Palacio, a pezar de seu marido Filippe, que como homem froxo, e muito namorado de sua mulher, lhe dava a maõ, e o governo de tudo. O certo he, que se muitos, a que chamaõ bons homens, souberaõ indagar o bom, e o mal que se passa em suas casas, que se fizeraõ temer, e respeitar de suas mulheres, evitariaõ muitas infamias proprias, muitas offensas de Deos, muitos escandalos, e muitas desditas, que trazem comsigo os seus descuidos. Em fim, o ser Filippe froxo, e descuidado da obrigaçaõ de homem, deo occasiaõ a Herodias de se precipitar á mayor maldade, pois na volta que fez Heródes de Roma se lhe entregou desorte, que naõ só a levou comsigo para Jerusalem, senaõ tambem a filha que tinha, cohonestando taõ descarado rapto com capa, e apparencia de matrimonio.

Escandalizou este adulterio ao Reyno, e o foy reprehender S. Joaõ.

53 Escandalizou o successo a toda Galilea, como se deixa entender, pois chegaraõ os escandalos ao dezerto, onde lastimaraõ os castissimos ouvidos do Baptista, tanto, que se vio obrigado a deixar a sua estancia, e a ir reprehender os adulteros. Parece que Heródes naõ pensava que ninguem o murmurava, e que tinha para si, que aquillo era bem feito, pois os que o podiaõ reprehender, e aconselhar se encolhiaõ de medrosos, e o dissimulavaõ. Oh desdita das Magestades, e dos Principes do mundo, que naõ tem amigos, nem ainda os mais privados, que os desenganem, e digaõ o que se passa! Ou seja razaõ de Estado, ou seja medo [que isto he o mais certo] por naõ perder a graça, sempre he grande desdita o naõ dizer-lhe a verdade, pois se o Principe soubera, ou entendera o que se murmurava, e o que delle se dizia, talvez que se emendara de corrido, ou se abstivera de prudente. Que outra se naõ esta foy a causa daquelle adulterio de David, que julgava que ninguem o sabia, e estava todo o Reyno escandalizado a gritos do excesso! E como alli foy necessario que Deos lhe enviasse hum Profeta, que o desenganasse, assim aqui em nosso cazo para despertar a Heródes do letargo da sua vida, foy necessario que o Baptista, vóz Soberana de Deos, lhe fosse dar vozes ao Palacio. Escuzem-se, pois, ou naõ se escuzem, os que saõ Conselheiros dos Reys, de

que

que se naõ saõ perguntados, naõ haõ de fallar palavra, que para com Deos lhes naõ haõ de valer estas escuzas, segundo affeveraõ os mais Doutos, e Santos Padres. Naõ saõ os Reyzes, e Principes deoses, e mayormente os que saõ Catholicos, naõ haõ de julgar por dezacato, que hum Conselheiro hum amigo, ou hum privado, lhes digaõ em o que erraõ, antes talvez, ainda que o sintaõ, estimaráõ o avizo, e emendaráõ a falta, sem esperar a que hum prégador lha diga em publico, mediante o seu officio. Assim succedeo a Herodes, que com tanta pompa, e magestada, gozava das delicias do seu amancebamento, e com tanto dezenfado se tratava Herodias como Rainha, que por publicos Sermoens foy o Baptista affear-lhe as suas maldades ao proprio Palacio, revestido do Divino zelo, cuberto de toscas pelles, a carne denegrida, pallido o rosto, fallando-lhe nesta substancia:

Do que prègava S. Joaõ a Herodes.

54 *Em que ley barbara se permitte que tenha hum Rey por mulher á mulher de seu irmaõ? Nem que cor se póde dar a excesso taõ horrendo, para que se tolere, e permitta? E ainda que fora hum rapto só de outra qualquer mulher, vivo seu marido, haverá quem diga que se póde fazer com ella matrimonio? E se os Principes, se as cabeças, que saõ, ou devem ser, os espelhos em que os subditos, e vassallos se haõ de ver, para emendarem as suas faltas, e compor seus costumes, se arrastaõ a estes delictos, e se deixaõ levar destas paixoens, como castigaráõ aos que delinquirem, e que exemplo lhes daraõ para que naõ pequem? Se tem para si V. A., porque ninguem lho diz, que he bem feito o que faz; crea que se engana, porque todos lhe murmuraõ as suas faltas, todos o sentem, e ainda que parece que calaõ, todos universalmente lhas abominaõ. Nas praças, nos campos, nas ruas, na Corte, e em todo o Reyno, e fóra delle, senaõ falla em outra cousa: Atè aos dezertos do Jordaõ haõ chegado as noticias do grande escandalo que ha, o que me preciza vir dizer a V. A. o que lhe convem, e assim da minha parte lhe peço, e da parte do Ceo lhe admoesto, que se aparte de tal infamia; que mande essa Senhora a seu marido, que repare para a sua consciencia, e que naõ dè lugar a que o povo amotinado lhe peça isto mesmo por justiça.*

55 Com similhantes admoestaçoens se deixa entender do Sagrado Texto, que reprehenderia o Baptista a Heródes muitas vezes; porèm elle estava taõ bem achado no seu amancebamento, taõ elevado do amoroso feitiço, taõ cativo daquella fragil beldade, que ainda que á força da razaõ via o seu delicto, e considerava que o Baptista lhe aconselhava o bom, sem poder vencer-se atropelava por tudo, e fazia o seu gosto. Naõ ha duvida, que logo quiz matar ao Baptista, por lhe dar na cara publicamente com o seu excesso, e que o naõ executá-lo naõ foy virtude, sim temor; porque como via o grande predicamento em que estava Joaõ para com todos os que o estimavaõ, e applaudiaõ como a Profeta de Deos, receou que se o matava se revelaria contra elle o povo, e lhe tiraria a Coroa. Algumas vezes mais reportado, e mais feito á razaõ, vendo que o que o Baptista lhe dizia era Santo, e bom, o ouvia, e reverenciava, fazendo em outras materias tudo quanto lhe rogava, e lhe pedia, estorvando por vezes a morte, que Herodias lhe procurava dar, picada, e raivosa pela querer tirar da sua mancebia. Vendo Herodias que o mesmo Herodes o amparava, naõ permittindo que lhe tirasse a vida, mui chorosa, e triste se queixava a Herodes nesta substancia: *He possivel, Senhor, que valha eu taõ pouco, que taõ pouco me estimeis, que vendo com o desprezo com que me trata este Profeta, este Prègador, chamando-me em segredo, e em publico manceba, adultera, incestuosa, deslizando com as suas vozes a todo o povo, perdendo-vos a vós o respeito, e a mim o decoro! He possivel digo, que vendo a vossos olhos todas estas cousas, naõ castigueis a este attrevido homem, tirando-lhe mil vidas que tivera! Ou ja que o naõ fazeis vós, me naõ permittais a mim que despique os meus enojos, e que vingue os meus aggravos! Isto he o que me quereis? Isto o que me estimais! Isto o que me offerecestes*

Queixa-se Herodias a Herodes por naõ querer se tirasse a vida a S. Joaõ.

cestes quando me rendi as vossas promessas! Quando me venci dos vossos rogos! Quando me enterneci aos vossos affagos! Quando por vós deixei a meu marido, a minha honra, ao meu pundonor? Assim pagais as minhas finezas! Oh mal haja eu, pois com tanta facilidade vos quiz, vos obedeci, vos cri, para ver estas affrontas, estes opprobrios, estes baldoens, estes dezacatos!

Prende-se S. Joaõ Baptista por ordem de Herodes, e mostra este sentimento.

56 Com similhantes queixas, ajudadas de lagrimas, andaria Herodias cada dia, para persuadir a Herodes a que conviesse no seu depravado gosto; e com effeito, ou ja fosse por lho fazer, ou ja fosse por temer que ella executasse a morte do Justo, ou ja fosse por castigar em parte, o que chama a razaõ de estado attrevimento, ou ja fosse por huma, e outra cousa, mandou Herodes prender ao Baptista, e encerrá-lo na Fortaleza de Macheronta. Este foy o pago, este o premio, que tirou o Precursor de prégar verdades a hum Rey lascivo, a hum Principe amancebado, a huma mulher desenvolta. Deste caso tomaõ medo alguns Prégadores, para naõ arriscarem o perder a graça daquelles, a quem vaõ prégar. Lastima grande! Porque a escandalos, e a peccados publicos deve o bom prégador reprehender com dezafogo, e fallar com publicidade, ainda que como ao Baptista lhe custe a cabeça; e se naõ, naõ prégue, que talvez será menos damnoso. No Castello de Macheronta metteraõ ao Prégador das verdades, e nelle em hum obscuro calabouço, carregado de prizoens, atado de cadêas, com grande lastima de quasi todos aquelles povos, que o reverenciavaõ pela sua doutrina, e pela sua aspera penitencia, exemplar, e portentosa vida. Só os adulteros se achavaõ gostozos; sebem que Herodes, por comprazer com o povo, se mostrava sentido, dando a entender lhe pezava de usar do rigor, a que o precizava a razaõ de estado, por lhe naõ guardar o decoro devido, e lhe ultrajar o seu credito. Ficçoens de homens cautelosos, de homens dobrados, especialmente de Governadores, e Juizes, que por encubrirem a sua crueldade, fingem dor, e lagrimas em os rigores, que usaõ de tormentos, e supplicios com os miseraveis reos. Isto, quando naõ a justiça, senaõ alguma paixaõ, rancor, ou vingança lhes move o animo.

Prégava no carcere, e nelle festejava as noticias que lhe hiaõ dos prodigios de Christo. Matth. 11.

57 Alli passava o Glorioso S. Joaõ a vida, na companhia de muita gente facinorosa, suavizada com muita paciencia, e soffrimento, como quem sabia os augmentos de graça, e de gloria, que lhe provinha de padecer prizoens, e máos tratos por Jesus Christo. Alli prégava aos prezos a sua nova Ley, e publicava a sua vinda; porque supposto este Senhor naõ quiz patentear-se, nem prégar publicamente em quanto prégou o seu Precursor, depois que prenderaõ a este, tirando o embuço, começou de humas Cidades em outras a prégar penitencia, attrahindo a sua doutrina as almas a milhares, e nem para Joaõ haviaõ noticias mais agradaveis, e gostosas, que as de ouvir os prodigios, e milagres, que obrava Christo, que como elle o havia assinalado com o dedo, para que o cressem Divino, e Poderoso, vendo que ja com suas obras confirmava o que delle tinha dito, se enchia de alvoroço, e alegria, e daqui nasceo o enviar ao Senhor dous Discipulos seus, a preguntar-lhe se elle era o Messias, naõ porque elle o ignorasse, sim para que aquelles, e todos os mais discipulos, acabassem de desenganar-se, e vissem, e cressem que era Christo.

Mystic. Cidad. p. 2 lib. 6. n. 1073., e 1074. Diz que o fora visitar Christo, e sua Santissima May ao carcere.

58 Segundo o que diz a Authora da Mystica Cidade, Maria Santissima o mandava visitar muitas vezes pelos Santos Anjos, que tambem lhe levavaõ o sustento preciso. A mesma Senhora, prostrada aos pés de Jesus Christo, lhe pedio que o amparasse, e consolasse na morte, que lhe estava imminente, ao que o Senhor respondeo, que o seguisse, e logo por Divina virtude entraraõ invizivelmente no carcere em que estava o ditoso Joaõ, amarrado com cadêas, e maltratado com muitas chagas, porque a impia adultera, havia mandado a huns criados, (que foraõ seis em tres occasioens) o açoutassem, e maltratassem, como com effeito fizeraõ, por comprazerem com a vontade da sua tyranna,

ranna, e vil ſenhora, que por eſte meyo queria abbreviar a vida, e tapar a boca áquelle Prégador das verdades. Com a preſença corporal de Chriſto, e de ſua Santiſſima Mãy, ſe encheo de luz aquelle lugar do carcere, onde eſtava o Baptiſta, e vendo eſte ao Redemptor do mundo, e a ſua Santiſſima Mãy com grande refulgencia, e muitos Coros de Anjos, que o acompanhavaõ, ſe encheo de incomparavel jubilo, e proſtrado por terra, livre das cadêas, e curado das chagas, pedio a bençaõ ao Verbo Incarnado, e a ſua Mãy Santiſſima, a qual lhe deraõ, e entre os muitos colloquios, em que eſtiveraõ, diſſe o Senhor ao Baptiſta com agradavel ſemblante: *Joaõ Servo meu, como vos adiantais ao voſſo Meſtre em ſer primeiro açoutado, prezo, affligido em offerecer a vida, e padecer morte pela gloria de meu Pay, antes que eu padeça? Muito vaõ caminhando os voſſos dezejos, pois gozais taõ de preſſa o premio em padecer tribulaçoens, e taes, como eu as tenho prevenidas para a minha humanidade; porèm com iſto remunera meu Eterno Pay o zelo, com que haveis feito o officio de meu Precurſor. Cumpraõ-ſe as voſſas ancias affectuoſas, e entregai o peſcoço ao cutèlo, que vos eſtá proximo, que eu o quero aſſim, e que leveis a minha bençaõ, e bemaventurança de padecer, e morrer pelo meu amor. Eu offereço voſſa morte a meu Pay, com o que ſe dilata a minha.*

Pede S. Joaõ a bençaõ a Chriſto, e eſte lha dá, e o conforta para a morte.

59 Com a virtude, e ſuavidade deſtas razoens, foy penetrado o coraçaõ do Baptiſta, e prevenído de tanta doçura do amor Divino, que por algum eſpaço naõ pode pronunciar palavra; porèm confortado da Divina Graça, pode com abundancia de lagrimas reſponder a ſeu Senhor, e Meſtre, agradecendo-lhe aquelle ineffavel, e incomparavel beneficio, entre os mais grandes, que da ſua liberal maõ tinha recebido, e com ſuſpiros do intimo da alma diſſe: *Eterno bem, e Senhor meu, naõ poſſo eu merecer penas, e tribulaçoens, que foſſem dignas de tal favor, e de tal conſolaçaõ, como gozar de voſſa Real preſença, e da de voſſa digna Mãy, e minha Senhora: indigno ſou deſte novo beneficio. Para que mais fique engrandecida a voſſa miſericordia ſem medida, daym me Senhor licença, para que morra antes de vós, para que o voſſo ſanto nome ſeja mais conhecido; e recebei o dezejo, que tenho, de que ſeja muito penoſa, e dilatada a morte, que me eſpera. Triunfe da minha vida Heródes, e os peccados, e o meſmo Inferno, que eu a entrego por vós amado meu com alegria. Recebei-a, Deos meu, em agradavel ſacrificio; e vós, Mãy do meu Salvador, e Senhora minha, ponde os voſſos olhos clementiſſimos, e piedoſos neſte voſſo ſervo, tendo-me ſempre na voſſa graça, como Mãy, e cauſa de todo noſſo bem. Toda a minha vida abracei o deſprezo da vaidade, amei a Cruz, que ha de ſantificar meu Redemptor; porèm nunca pude merecer eſta alegria, que nos meus tormentos ha feito doce o padecer, minhas prizoens ſuaves, e a meſma morte appetecivel, e mais amavel que a vida.*

Agradece S. Joaõ a Chriſto, e a ſua Santiſſima Mãy a eſpecial honra de viſitá-lo, e lhes offerece a morte em ſacrificio.

60 Naõ ſocegava o animo de Herodes, nem a inſolencia de Herodias ſe aſſegurava com ter prezo ao Baptiſta, que como era taõ luzido Sol, ainda deſde o carcere penetravaõ ſeus rayos, e feriaõ, e offendiaõ a viſta daquelles adulteros. A injuſtiça da ſua prizaõ, o ſentimento commum, a vóz de que, e porque eſtava prezo, ſemeava ruidos, e alteraçoens contra os que eraõ a cauſa, pois a meſma Mageſtade naõ ſe eſcapa de cenſura, mayormente quando delinque. Bem quizeraõ os adulteros extinguir, e apagar de todo aquella luz, para viverem com mais quietaçaõ, e gozarem dos ſeus torpes goſtos, em eſpecial Herodias, que por ver morto a Joaõ dera todos os ſeus haveres, pois, como entendida, ſabia muito bem que os homens, por mais prendados que eſtejaõ, coſtumaõ mudar-ſe; e que á viſta dos repetidos avizos, que S. Joaõ lhes dava do carcere, podia Herodes arrepender-ſe, e reduzir-ſe a deixá-la, e enviá-la a ſeu eſpoſo, couſa que ella tanto aborrecia. Se pois Herodias como mulher reſoluta, e pouco conſiderada, dezejava com grande ancia dar a morte ao Santo prezo, Herodes mais attento, e conſiderado, ponderava o inconveniente, que poderia ſeguir-ſe, de matar a hum innocente, taõ

Contra a vontade de Herodias ſe conſerva a vida a S. Joaõ.

bem visto, e estimado do povo, que poderia este tirar-lhe a Coroa, e ainda a vida.

61 Porèm como Herodes estava taõ namorado, e taõ cativo daquella deidade, que idolatrava, pela naõ ver triste, sem socego, e choroza, dera a morte a mil Santos, quanto mais a hum; e ponderando ambos no meyo, que procurariaõ para dar-lha, sem que o povo lhes attribuisse culpa, assentaraõ, que quando fizesse Herodes a festa dos seus annos, convidariaõ para a cea a todos os Principes, e Magnates de Galilea, e que depois de haverem ceado, no saráo que se costumava fazer, sahisse a filha de Herodias, Salome, que como taõ habil, e destra no exercicio de bailar, roubaria os animos, e os olhos de todos, e que por premio do bem que fizesse a tal funçaõ, lhe prometteria elle Herodes de dar-lhe o que lhe pedisse, ainda que fosse a metade do seu Reyno, e isto por juramento; e que Herodias catiquizasse bem a Salome sua filha, para que lhe pedisse a cabeça do Baptista. Nesta traça infernal, neste arbitrio cruel deraõ aquelles lascivos, para rebuçar com capa de virtude, a mayor insolencia, que se escreveo nos Annaes, e o delicto mais atroz, que chorou Palestina, e que ouvio o Orbe.

Arbitrio em que deraõ Herodes, e Herodias para tirarem a vida a S. Joaõ.

62 Chegou pois a noite fatal, em que com mais celebre pompa que outras [tudo cautéla para ter os animos mais gratos] quiz Herodes celebrar a sua festa. Ardeo a Cidade com luminarias, encheo-se o Palacio de musicas, de clarins, e de muitos instrumentos, e foy o banquete taõ esplendido, taõ rico, taõ abundante, de cubertas taõ exquisitas, de vinhos taõ generosos, e de bebidas taõ regaladas, que nem o gosto teve mais que dezejar, nem a magnificencia que supprir. Os convidados foraõ tantos, que naõ ficou homem de conta, que naõ assistisse. Finalizada a cea, ficaraõ todos bem alegres, e ainda embriagados, naõ ficando de fóra o Rey, que se estivera em seu juizo naõ obrara o que obrou. Levantadas as mesas, se começou o saráo, a que deraõ principio algumas damas, com alguns Principes, e depois se lhes seguio Salome com tanto donaire, com tanto asseyo, com tal despejo, e descoco, que arrebatando os olhos de quantos a viaõ, cativou as vontades, e avassallou os sentidos. Ao ordenar as mudanças, ao tocar as castanhetas, se houve com tal compasso, com tanto garbo, e brio, que tendo a todos os prezentes abobados os encheo de assombros, e desorte, que huns sem ficçaõ, e outros por lizongear ao Rey, que viaõ doudo de contente, a acclamavaõ com vozes, dizendo que era digna de huma Coroa, e de hum mundo de riquezas. Aproveitando-se o iniquo Rey da occasiaõ, que taõ a proposito sahio aos seus intentos, chamou a Salome, deo-lhe mil abraços, e lhe disse: *Filha minha, pede-me mercès, pois te juro por Deos, a quem adoro, de dar-te quanto me pedires, ainda que me peças a metade da minha Coroa.*

Celebra-se a festa dos annos de Herodes, e sahe Salome filha de Herodias a bailar.

63 Como ja estava advertida da infame mãy, mui prezenteira, e mui gozosa, como se pedisse cousas de alegria, ou gosto, lhe disse: *A mercè, que V. A. me ha de fazer, mediante a sua promessa, he, que mande, antes que nos apartemos daqui, me tragaõ a cabeça de Joaõ; esta mercè he a que só lhe peço, e a com que só me contento.* Quando, ou em que seculo se ouvio maldade mais detestavel! Atrocidade mais cruel! A mayor cabeça, que [fóra a de Christo] ha tido o mundo, o mayor exemplo de santidade, e virtude, que haõ visto os mortaes, que a faça huma moça insolente premio do seu baile! Paga da sua desenvoltura! Interesse das suas mudanças! Quem jamais o ha ouvido! Nem quem o crera, se naõ o certificaraõ dous Evangelistas! Como o consentio o Ceo! Como naõ se abrio a terra ao ouvir tal petiçaõ, e naõ tragou viva á tal insolente! Como o Palacio do maldito Herodes naõ tremeo ao ouví-la, e como naõ cahio sobre quantos viraõ, e consentiraõ o espectaculo triste, ficando tumba funesta, e mal composto sepulchro, o que era Palacio Regio!

Em premio, do bem que bailou, pede Salome a cabeça do Baptista.

Matth. 14. Marc. 6.

64 Ao ouvir-se taõ iniqua petiçaõ, ficaraõ todos os convidados aturdidos,

dos, pasmados, e mudos, pois ninguem despegou a boca, nem fallou a menor palavra; e nem he para espantar, porque o cazo era terrivel, e apertado, por ser entre os Judeos o juramento cousa taõ sagrada, que o quebrar-se se tinha pelo mayor sacrilegio, sem reflectirem na epicheia de se era licito, ou naõ, o que se offerecia. Como viraõ por huma parte a ElRey obrigado a cumprir o juramento, e por outra consideravaõ o rigor da execuçaõ, todos se remetteraõ ao silencio, e a todos se gelou o sangue, por verem que havia de derramar o seu, morrendo, taõ innocente hum homem, de cujos merecimentos estavaõ taõ seguros, que o criaõ bastantes para dar a vida a muitos mortos.

Pasmaõ todos os convidados de taõ iniqua petiçaõ.

65 Vendo o maldito Rey que todos os Grandes, encolhendo os hombros, se remettiaõ ao silencio, dando assim a entender que aquillo naõ tinha remedio, lançando hum grande suspiro, (tudo com engano) chamou a huns vis ministros, a quem ordenou fossem ao carcere prevenidos do necessario, e que com toda a diligencia degolassem a Joaõ Baptista, e lhe levassem a cabeça em hum prato. Este foy o Decreto, despacho, sentença, e execuçaõ, tudo em hum ponto, sem firma, sem papel, sem Assessor, nem Escrivaõ. Ora vamos depressa ao carcere antes que chegue o verdugo, porque vejamos a Joaõ antes da sua morte.

Manda Heródes cortar a cabeça a S. Joaõ.

66 Quem duvida, que em noite de tanta festa, de tanto regozijo, de taõ esplendido convite, naõ chegaria ao carcere alguma das sobras! Pois sempre nestes cazos cuida a piedade em dar algum allivio, e refrigerio, aos que encarcerados, e prezos choraõ as suas tristezas, e passaõ as suas desditas. Pratos lhe haviaõ ido do banquete, o que tambem seria traça, para que o resto dos prezos estivesse alegre, e naõ se amotinasse, e estorvasse o supplicio; porque estava Joaõ em tal opiniaõ, que naõ fora muito, que ainda os mesmos prezos, á custa das sua vidas, fizessem hum grande excesso. Em fim, a tempo que estavaõ para recolher-se os prezos depois de bem ceados, bateraõ ás portas do carcere com muita acceleraçaõ, e ruido. Respondeo o Carcereiro, e vendo que hiaõ homens da parte de ElRey, assim elle, como os prezos, naõ só naõ imaginaraõ cousa infausta, senaõ que julgaraõ todos lhes levavaõ boas novas, como as da liberdade, e soltura de alguns. Julgavaõ, e discorriaõ prudentemente, porque em hum dia, que está hum Principe de festa, ou celebrando bodas, ou solemnizando ditas, he muito ordinario o fazer mercès. Pondera neste passo o grande Pastor de Milaõ Santo Ambrozio: *Quem vendo ir os ministros desde o convite ao carcere, desde tantos Principes alegres, e festivos a despertar aos prezos, naõ imaginara, e naõ crera que hiaõ a dar liberdade, e a tirar das prizoens, naõ só ao Baptista, senaõ a outros muitos! Quem em tempo de mercès imaginara crueldades! Quem, sabendo que a Salome lhe havia dado ElRey licença para pedir, vendo ir os Aguazis com tanta pressa ao carcere, naõ dissera que havia pedido a soltura de Joaõ, que lhe levariaõ o indulto, e hiaõ a pedir as alviçaras! O menos discursivo, o homem mais buçal discorreria isto.* Assim como os prezos ouviraõ perguntar por Joaõ, se alegraraõ, e regozijaraõ todos, julgando, como julgaraõ, que era o escolhido; alguns sem esperar pela certeza do recado, dando gritos de prazer, procuraraõ ao Baptista, que estava na oraçaõ, para dar-lhe o parabem da sua liberdade.

Vaõ os crueis ministros ao carcere, e conceito que fizeraõ da sua ida os prezos delle.

S. Amb. l. 3. de Virginibus.

67 Vendo porèm intimar ao Baptista a sentença, que havia dado o iniquo Rey: Que attonitos! Que pasmados! Que atturdidos ficaraõ! Tudo eraõ prantos, tudo soluços, tudo abraçarem-se com elle dizendo-lhe mil ternuras: *Pay meu*, (dizia hum) *companheiro meu*, [dizia outro] *amparo, e consolaçaõ nossa*, [diziaõ todos] *que hemos de fazer sem vós nesta miseravel prizaõ? Quem nos consolará nos nossos trabalhos? Quem pacificará os nossos enojos? Quem nos tirará nossos pezares? Quem nos dará doutrina a nossas almas? A Deos, Pay, a Deos, Senhor, a Deos, companheiro, a Deos, amigo, day-nos a vossa bençaõ;* *para*

Do como sentiraõ os prezos a nova da morte de S. Joaõ.

para que nos fique esta graça: e pois ides para o descanço eterno, naõ vos esqueçais destes tristes homens, que tiveraõ a ditta de serem vossos companheiros na prizaõ, ainda que naõ na innocencia. Abraçou o Santo a todos, e lançando-lhes a bençaõ, disse: *Ficai-vos em paz, filhos meus, naõ sintais a minha auzencia, naõ vos peze da minha desgraça, que morrendo, como morro, por prègar a verdade, he passar a melhor vida. Esta morte, que me espera, por mais que será chorada dos seculos, he coroa para mim, he lauro immortal, que me acclamará invencivel. Eya, naõ vos affligais, naõ vos desconsoleis, deixai o pranto, ficai vos em paz. Encomendo vos meu corpo para que o guardeis com recato, atè que meus discipulos o enterrem &c.*

Despede-se S. Joaõ, e consola aos prezos.

68 Como o Santo alcançou dos verdugos licença para dispôr-se para a morte, posto de joelhos, fez esta oraçaõ: *Apparelhado está o meu coraçaõ, e a minha alma para se ir para ti, ó Pay das misericordias, e Deos de toda a consolaçaõ. Desde agora ta offereço, e me despeço da vida: e pois he do teu serviço que eu me aparte deste mundo, eu o renuncio com tudo o que he seu, e te dou infinitas graças, pela morte taõ honroza, que te ha aprazido dar me, qual a de morrer descabeçado pela tua honra. Recebe, ó Pay Eterno, a minha alma, que eu te offereço, e tem por bem que eu seja hum dos que para sempre te haõ de gozar; e porque tenho esperança certa de que sou dos que para ti elegeste, naõ me resta mais de que me peza por naõ ter outra cousa, que mais valha, que esta minha cativa vida, para ta offerecer, como em primicias do que te offerecera, se me deras com que te pudera servir.* E convertendo a sua attençaõ para o Redemptor [que lhe assistia naquella hora, e sua Mãy Maria Santissima, conforme foy revelado á Authora da *Mystica Cidade*] lhe disse: *A ti, ó Filho de Deos Eterno, e Deos com o teu mesmo Pay, e Esposo Celestial, que por remediar as miserias humanas tiveste por bem de te fazer homem: a ti, ó meu especial amigo, e meu Deos, e Senhor, me encomendo, e te peço que te naõ esqueças do teu amigo Joaõ, a quem tantas mercès tens feito neste mundo. Vè, Senhor, como pela prègaçaõ, e defensaõ da verdade, que me mandaste prègar, me mataõ. Eu te offereço esta minha morte como te offereci a minha vida. Eu me aparto, Senhor, para onde a tua vontade sacrosanta me manda que vá, onde te espero, Redemptor do mundo, para que me livres da sombra da morte. Da parte de quantos lá estaõ te peço, Senhor misericordioso, que naõ nos dilates muito na boca do inferno, senaõ que tendo por bem de cumprir o que por teu mandado escreveraõ os teus Profetas de ti, morrendo nos des a vida, e a todo o mundo livres da morte. Peço á tua benignidade, que a minha partida seja taõ conforme com a tua vontade, como foy a minha entrada neste mundo; e que pois mostraste ter tanto cuidado na minha meninice, que a minha morte te seja acceita: para que rematando com a vida expendida á tua vontade em este momentaneo mundo, tu pela tua infinita misericordia me queiras receber na tua Casa, onde os meus poucos serviços sejaõ galardoados com a largueza, que de taõ liberal, e agradecido Senhor se espera.*

Dispoem-se para a morte por meyo de huma oraçaõ que fez a Deos.

Mystic. Cid. p. 2. lib. 6. n. 1076.

69 Com o mayor valor, posto de joelhos, entregou Joaõ o pescoço ao cutélo, com o qual lhe tirou o algoz a cabeça dos hombros. O truncado corpo recebeo em seus Diviniſſimos, e amorosissimos braços o Summo Sacerdote Jesus, que assistio ao sacrificio, como ja dissemos; e Maria Santissima recebeo a sagrada cabeça, e offereceraõ ambos ao Eterno Pay a nova Hostia na sagrada ara das suas Divinas maõs. Deo lugar a tudo isto, naõ só o estarem alli invizivelmente para os circunstantes, senaõ huma pendencia, que travaraõ os criados de Heródes, sobre qual delles havia de lizonjear a infame Salome, e a sua impia mãy, levando-lhe a cabeça do mayor homem dos nascidos. A santissima Alma de S. Joaõ mandou o Redemptor para o Limbo, acompanhada de multidaõ de Anjos, com cuja chegada se renovou a alegria dos Santos Padres, que nelle estavaõ esperando a redempçaõ. Oh filho de Zacharias, o mayor dos Profetas, principio do Novo Testamento, e annuncia-

Corta se a cabeça a S. Joaõ, e a recebe Jesu Christo, e sua Santissima May. Mystic. Cid. p. 2. lib. 6. n. 1076.

nunciador da chegada da Ley da Graça: aonde estás, que naõ te vemos, e aonde, que naõ nos ouves: he possivel que fostes morto, e com hum cutélo, como mal feitor! Ah que naõ parece crivel, que assim seja morto o grande Baptista! Ah que naõ parece crivel, que homem algum naõ morresse de espanto de só considerar que havia de pôr maõs violentas em hum homem taõ consagrado, que mereceo ser padrinho de Jesus Christo, e afilhado de Maria Santissima sua Mãy! Ah Deos, e como mataraõ ao que desde o ventre de sua mãy foy consagrado em Profeta! Oh como barbara, e cruelmente despedaçaraõ ao que desde antes que nascesse foy annunciado, que havia de ajuntar a diversidade de muitos coraçoens em hum mesmo sentimento da Fé. Excõmungado sejas de Deos, e de todos seus Santos, ó Heródes, filho de Satanáz, maldita a terra que pizas, o paõ que comes, e a agoa, e vinho, que bebes, o fogo que te aquenta, o ar que te toca! O' carniceiro cruel, e o mais sacrilego dos mortaes, fogo baixe do Ceo, que vivo te abraze, em justa vingança da morte do segundo Elias, como nos tempos passados descendeo para queimar aos que ao primeiro Elias desestimaraõ. Naõ repararas em quem punhas as maõs, naõ viras a quem ferias, a quem degolavas, nem reflectias no crime que cõmettias? Excõmunguem-te os Ceos, com o seu Omnipotente Creador, excõmunguem-te os elementos, excõmunguem-te os homens, excõmunguem-te os vivos, excõmunguem-te os mortos, só o assento infernal te acolha, aonde os tormentos te allumiem do peccado que cõmetteste.

Falla-se com S. Joaõ, e com Herodes.

70 Morto jaz em fim S. Joaõ, com haver sido o mais digno de vida de quantos nasceraõ para viver: o corpo frio está por si tendido na terra, e o que naõ basta a cobrir o pobre cilicio, que vestia, o sangue de que está banhado muito bem o cobre. Solta, solta, ó mayor traidor dos traidores, e o mais sacrilego que nunca profanou o sagrado, solta a cabeça de S. Joaõ, que levas pendurada pelos cabellos: deixa da tua barbara maõ a cabeça do que teve a sua maõ sobre a Cabeça daquelle, cuja Cabeça he Deos. Sahi profanos do sagrado, descalçai vossos pés, que estais em lugar santo; ponde os vossos joelhos em terra, ó gente sem reverencia, que estais diante do mayor de todos os Santos, e tal, que o canonizou o Anjo de Deos, antes que nascesse, e ainda o mesmo Deos, muito antes que morresse. Oh carcere o mais ditoso que no mundo jamais houve, que com o sangue do innocente ficas consagrado em Templo Santo de Deos, e em Casa de Oraçaõ! Oh paredes, que tanto tempo gozastes da companhia do Baptista, como naõ ides atraz delle, pois devieis ter entendido, que ainda no Limbo serieis veneradas na companhia de tal Varaõ! Oh casa de ladroens, feita ja Basilica de Martyres! Oh cova de malfeitores tornada ja Oratorio de Religiosos! Oh casa de deshonestidade, que desde que S. Joaõ morou em ti, ficaste escóla de disciplina, e de toda a virtude, e santidade! Mas deixando ja de verter mais lagrimas sobre o corpo descabeçado de S. Joaõ Baptista, vamos dizer o que se passou com a sua sagrada cabeça.

Falla-se com os sacrilegos, q̃ o degolaraõ, e com o carcere.

71 Logo que o verdugo levou a sagrada cabeça, coberta com huma toalha, a aprezentou em hum prato ao malvado Herodes, que á vista de todos os convidados fez manifestaçaõ daquelle triste espectaculo, cujos olhos, ainda abertos, reprehendiaõ por senhas a sua maldade. Crueldade horrivel; entre banquetes, e festas, sahir por ultimo prato a cabeça de hum Justo, vertendo arroyos de sangue, salpicando-se, e manchando-se com elle as maõs, os estrados, e as mezas! Tomou o barbaro Rey o prato, e chamando por Salome, lho entregou, dizendo: *Vede ahi, filha minha, que á custa da minha dor vos cumpro a palavra, por naõ poder deixar de fazê-lo. Tomai a joya, que me haveis pedido, e de melhor vontade vos dera a Cidade mais rica do meu Estado.* Mentes enganoso, mentes traydor, [lhe diriaõ talvez feitos linguas os olhos do Baptista, abertos, ainda que defuntos] mentes mil vezes, que por

Aprezenta-se a cabeça no banquete, e a entrega Herodes a Salome &c.

tirar

tirar do mundo quem te dê na cara com os teus vicios, has tirado a vida a esta cabeça. Teu he o engano, tua a traiçaõ, por mais que o dissimules, por mais que faças que o sentes. Tomou Salome o prato, e com mais alvoroço, e mais contentamento, do que se levara humas Indias, [ainda que mais que Indias levava] foy onde estava sua mãy, e prezentou-lho. De humas maõs em outras andava como rodando a sagrada cabeça, do verdugo ao ministro, do ministro a Herodes, de Herodes a Salome, de Salome a Herodias, a qual talvez temendo que ainda lhe havia de fallar, accusando-a da sua torpeza, naõ quiz se ajuntasse ao corpo, e a fez enterrar debaixo do mesmo quarto em que habitava, depois de proceder com tanta crueldade contra a santa cabeça, que com hum alfinete a picava na lingua, e lhe fazia outros dezacatos, em vingança do que della havia dito: assim o diz o Doutor S. Jeronymo.

Hyeron. in Apologia contra Rufinum.

72 Ha diversidades de opinioens sobre o tempo em que foy degolado S. Joaõ. Abulense prova, que morreo hum anno antes de Christo, dando em razaõ, de que fora prezo na Pascoa do Cordeiro no principio do anno dos Judeos, e que fora degolado dalli a hum anno na mesma Pascoa; e do mesmo parecer saõ: S. Cypriano, e Alberto Magno, e outros. Cristiano Masseu, diz que o Baptista naõ cumprio trinta e tres annos. Simaõ Metafrastes lhe dá trinta e dous annos e meyo. O certo he, que S. Joaõ prégou pouco tempo, porque começou no decimo quinto anno de Tiberio Cesar, e Christo morreo no decimo oitavo; e como S. Joaõ foy prezo dous annos antes da morte de Christo, se segue que prégou sómente hum anno, ou pouco mais. He este o parecer de Tostado, e de S. Jeronymo, pois este affirma que nosso Redemptor naõ prégara hum anno inteiro depois da morte de seu Precursor. Diz S. Mattheus, que assim como degolaraõ a este Santo, se embarcou Christo em huma barca, e se passou ao Mar de Galilea, para a parte da Cidade de Tiberias, que fica nos confins da Cidade de Bethsaida, como enternecido de se tirar assim a vida ao seu destro, animoso, e prudente Capitaõ, e singular amigo. Apartou-se pois logo naquella occasiaõ nosso Redemptor da conversaçaõ das gentes, talvez para nos ensinar, que ainda que da maõ de Deos nos venhaõ as adversidades, como as mortes de nossos parentes, e amigos, affrontas, ou perdas de fazendas, que nem por isso devemos izentar-nos de todo o humano sentimento, porque se incorreria no peccado de insensibilidade, que he propria dos irracionaes. Devemos sim doer-nos, segundo a doutrina Christaã, prudente, e moderadamente, como quem naõ tem os coraçoens de pedra, fugindo sempre dos excessos, e ainda das blasfemias, em que prorompem alguns puramente carnaes, quando se vem opprimidos, ou afflictos por qualquer motivo de falta de vida, de saude, ou de bens temporaes.

De quando foy a morte do Baptista.

Christianus Massè lib. 8. Cronicorum.

Assim que tiraraõ a vida ao Baptista, se retirou nosso Redemptor ao dezerto.

73 Consideremos, ó mortaes, attentamente em como, por matarem a S. Joaõ, desapparece Jesus Christo, em como por se transpostar para sempre o luzeiro, priva o Sol ao mundo dos seus resplandores. Eclipsou-se o Sol de lastima do luzeiro, enlutou-se o Sol pela morte do luzeiro. Quem crera que Deos, por cousa que no mundo pudera succeder, se houvera de carregar de luto, e de tristeza? Retirou-se o Senhor logo para o dezerto, fugindo do cõmercio, e conversaçaõ dos homens, como dando a entender que ja naõ tinha em quem se fiar em todo o mundo, nem a sua vida segura á vista de se tirar sem culpa áquelle seu innocente amigo. Todo o mundo devia sentir a morte de S. Joaõ Baptista, porque Christo a sentio taõ sensivelmente como vemos, e porque por aquella morte perdeo o mundo a Christo, fugindo delle para os montes. Quando o Reyno perde o seu herdeiro, e o seu Principe, e Senhor, quem duvida que todo o seu Reyno se deve enlutar, e fartar de prantos? Perdeo o mundo a seu Rey Jesus Christo, por se querer elle fazer perdidiço, e he o Primogenito de seu Pay, e de sua Mãy, e a Cabeça de toda a creatura, o universal Creador, e Governador de todo o Universo: e como toda a auzencia,

cia, e falta, que faz ao mundo, proveyo da morte do Baptista, se segue de que todo o mundo se deve enlutar por esta morte.

74 Maria Santissima sentio a cruelissima morte deste seu valorosissimo sobrinho, e afilhado, como quem tinha o seu virginal coraçaõ mais terno, e generoso, que jamais teve, ou terá outra alguma creatura. Que suspiros despediria! Que lagrimas verteriaõ aquelles olhos, mais resplandecentes que as estrellas na noite serena! Naõ duvidais de que a lua recebe a sua claridade do sol, e que quando o sol fallecesse da sua luz, nem a lua, nem as estrellas alumiariaõ. Pois se Christo he o Sol, e está cuberto da nuvem da tristeza; que tal quereis que esteja a Virgem, que he a Lua, e que tal quereis que estejaõ os Apostolos, que saõ as Estrellas! *Ay sobrinho meu*, (diria a Senhora) *e como sahis taõ malogrado deste mundo, e com morte taõ indigna do vosso merecimento! Quem, ó Joaõ, me pode tanto lastimar com tratar taõ mal a vossa veneranda pessoa, que me seja forçado chorar-vos morto, ao mesmo tempo que vos dezejava vivo junto a mim, para minha consolaçaõ, e allivio! Bom socego dê á vossa alma o Pay de meu Filho Jesus Christo, ja que taõ máo foy o que deraõ os homens ao vosso corpo. O' Joaõ, de mim taõ querido, ó Baptista taõ affamado, e ó Profeta das minhas excellencias, ainda antes que nascido, como temo que a vossa morte seja vespera da de meu Filho, e Senhor; e como este Deos quiz que assistisse ao vosso nascimento, para quando houvesse de ser Mãy; assim com a vossa morte me ensinou a chorar os defuntos, para quando me visse viuva. O' Filho meu Jesus Christo, e Filho do Eterno Pay, e como naõ livraste de tal perigo a hum parente taõ propincuo, ao vosso taõ intimo amigo, e a hum homem de tal valor, que foy tido por algum tempo de alguns por demais altos merecimentos que vós! Ay de mim, meu Filho, e Deos, que choro pelo presente, e me derreto em lagrimas pelo que está por vir! Porque se o sobrinho me afflige com a sua morte, o sobresalto com que vivo da vossa, parece que qualquer dia me fará exhalar a vida, a naõ quereres vós conservar-ma, para ter mais que sentir, e que padecer.*

De como sentio Maria Santissima a morte de S. Joaõ, e a lamenta.

75 Tanto devemos contemplar que Maria Santissima, ternissima, e piedosissima Senhora, se affligiria magoada nestas consideraçoens, que foy necessario divertir-se para outras practicas, para que a sua alma bendita, e mais santa que tudo o que naõ he Deos, naõ fosse taõ lastimada da intensa dor, que da morte do Baptista recebia. Que morte de Imperador, de Papa, Rey, ou Principe, foy nunca desde a creaçaõ do mundo, nem será até que elle feneça, solemnizada com choros de tanta estimaçaõ, e de tanta authoridade, como a de Joaõ Baptista, pois devemos ter por sem duvida, que mais honrozo lhe foy o ser por taes Pessoas chorado, que o haver sido dellas mesmo visitado! Esta morte se faz mais digna de estimar, quando os taõ estimados tanto a estimaõ. Esta morte se faz mais digna de chorar, quando aquelle, em quem naõ deve caber choro, a chora; quando aquella, em quem naõ se devia admittir pezar, a prantea. Esta morte se faz mais digna de sentir, vendo-se que tanto mostra senti-la, o que todas as cousas sente, e que tanto se mostra pezarosa, a que naõ tem porque sentir pena. Oh exequias as mais veneraveis, que nunca os moradores do Ceo, quanto mais os da terra jamais viraõ! O' valoroso Joaõ, e quem crera que a tua morte havia de custar tanto a Deos, e a sua Mãy, ao Filho do Padre Eterno, e á Esposa do Espirito Santo! O' Mãy de Deos, cessai de chorar pelo sobrinho, pois vos fica hum Filho, que he Filho de Deos, e tal Filho de Deos, que Deos o naõ póde ter melhor. Chorai em fim, porque sois mar amargoso, e mar de lagrimas, e ides ja entendendo que se chega o dia, que naõ querereis ser chamada Noemi, que quer dizer linda, e formosa; senaõ Maria, que quer dizer a toda cheya de tristeza, e amargura. Ja via a Virgem que se lhe começaõ a abrir as fontes do grande abysmo, os mananciaes do mar das suas afflicçoens, hum dos quaes, e naõ o menor, foy a morte taõ cruel do seu taõ amado sobrinho, e

Lamenta se a mesma morte.

o principal delles será a morte de seu Filho, e Deos, que ja se começa a urdir. Nem he fallar fóra do proposito, pois dizem os Doutores, que fallaõ na ida do Redemptor para o dezerto, que o fez, por dar vagar á perseguiçaõ; porque como Herodes estava encarniçado, e os Farizeos consentiaõ com a sua sanguinolenta vontade, naõ fora muito o prenderem logo ao Redemptor, que seguia as pizadas do seu Precursor em reprehender o máo: mas como naõ era chegada a hora, naõ quiz ser taõ de preça prezo.

Prosegue-se o mesmo.

76 Accrescentaõ mais os Doutores, e com elles hum Decreto do Papa Nicoláo, primeiro do nome, que tambem com aquelle seu apartamento nos ensinou a dar lugar á malicia dos que mal nos querem, e nos perseguem com apartar-nos delles, se naõ ha tal necessidade que nos obrigue esperar; e assim Christo esperou a noite da sua Paixaõ, por estar determinado que havia de morrer entaõ: ainda que tambem com esta acçaõ dizem alguns Doutores, que nos ensinou o mesmo, naõ esperando em Jerusalem, senaõ sahindo-se ao Horto, para que naõ pareça que nos vem a perseguiçaõ por nossa culpa, se, podendo, a naõ queremos declinar; e ainda, porque muitos se offerecem aos trabalhos, e se offereceraõ ao martyrio, que se desfalleceraõ nos tormentos: pelo que diz o Redemptor, que se nos perseguirem em huma Cidade, que fujamos para outra. Mas se se chega occasiaõ de esperar os trabalhos, alli está o merecer soffrendo-os pelo amor de Deos, e do proximo. Santo Agostinho diz, que o que podendo fugir da perseguiçaõ, o naõ faz, porque naõ perigue a Fé de alguns por falta de doutrina, que merece mayor galardaõ diante de Deos, que o que fugindo da perseguiçaõ chega a ser Martyr. Derramou em fim nosso Senhor Jesus Christo suas lagrimas na morte do Baptista, porque nem elle por si, nem por ser Filho de tal Mãy, tinhaõ condiçaõ para deixar de chorar pelo seu grande amigo Joaõ, havendo depois chorado na morte de Lazaro seu menor amigo.

Dá se noticia onde se sepultou a santa cabeça.
Hieron. in Epit. Paula.
Theophi. in Cap. 14. Matth.

77 S. Jeronymo, grande investigador dos Mysterios, e das antiguidades, e cousas memoraveis da Terra Santa, em que assistio muitos annos diz, que S. Joaõ Baptista foy sepultado na Cidade chamada Augusta, ou Sebaste, a qual se chamava, antes de adominar Augusto Cesar, Samaria, entre os Profetas Abdias, e Eliseu, alli tambem sepultados haviaõ 900. annos. Theophilato diz, que a primeira parte, onde se sepultou a santissima cabeça, foy a Cidade de Emeça, ainda que outros Authores, com Voragines, dizem que Herodias a fez levar a Jerusalem, e enterrar secretamente no Palacio de Herodes, por se lhe figurar que resuscitaria, se se lhe juntasse ao corpo; e Methafrastes diz, que Herodias soterrou a cabeça, e que perto della se sepultou o corpo do Santo. Neciforo Calixto Xantopolitano, e a Historia Tripartita dizem que huns Monges sequazes do Hereje Macedonio, que morava em Jerusalem, acharaõ a sagrada cabeça em o lugar em que a perversa Herodias a havia enterrado, e que tendo noticia della o Imperador Valente, Hereje Arriano, mandara que a fossem tirar do poder dos taes Monges, e que a levassem para a Cidade de Constantinopla, o que naõ tivera effeito, porque como os mensageiros puzessem a sagrada cabeça com a caixa em que estava em cima de hum carro, as bestas que o levavaõ, naõ quizeraõ proseguir com a jornada, perto da Cidade de Calcedonia, motivo porque ficara no lugar chamado Coslay, com consenso do mesmo Imperador, que naõ quiz teimar contra as disposiçoens do Ceo, ainda que Arriano.

Niceph. l. 12. Cap. 29. Hist. Tripl. ca. 43.

Cõtinua o mesmo, e se diz o como foy queimado o santo corpo de S. Joaõ.

78 Pelos annos de trezentos e oitenta e oito do Nascimento de nosso Redemptor, em que Reynava o grande Imperador Theodosio, foy trasladada a santissima cabeça por aquelle religiosissimo Principe para hum magnifico Templo, que lhe dedicou á sua honra em huma povoaçaõ, que ficava distante duas legoas de Constantinopla, donde pelo decurso dos tempos veyo para a Curia Romana, na qual se venera com reverentes cultos na Igreja de S. Silvestre, Mosteiro de Monjas de Santa Clara. O seu sagrado corpo esteve

esteve sepultado trezentos e trinta e quatro annos na Cidade de Samaria, até que Juliano Apostata o mandou dezenterrar, e derramar pelos campos, e depois de mandá-lo outra vez recolher, o fez queimar aquelle maldito, e arrenegado Imperador. A Historia Ecclesiastica conta esta impiedade, nesta fórma: Em tempo de Juliano Imperador de Roma, como se tivera dado redea solta ás maldades, assim se encruelezeu com a barbara raiva dos pagaons, que chegou a sua excómungada furia a romper o sepulchro do Baptista, que estava na Cidade de Samaria, invejando a grande devoçaõ, com que era visitado dos Christaõs. Chegaraõ a tanta malicia os descridos, que dezenterrando os ossos sagrados, os derramaraõ por diversas partes, e ainda parecendo-lhes depois, que ainda naõ ficavaõ bem vingados da santidade de S. Joaõ, os tornaraõ a recolher, e queimaraõ, e as benditas cinzas, em que se tornaraõ, misturaraõ com o pó da terra, e assim as esparciraõ por todo aquelle campo. Prosegue a Historia Ecclesiastica, dizendo: Pela Divina Providencia se acharaõ entaõ em Samaria huns Monges de Jerusalem, que haviaõ ido visitar o sepulchro do mesmo Santo, os quaes esforçados por Deos se metteraõ entre os barbaros, ao tempo que recolhiaõ os ossos derramados para os queimarem, e tomando delles muita parte, os levaraõ para Jerusalem, onde os entregaraõ ao seu Abbade Filippe; mas o bom homem tendo-se por indigno da guarda de tal thesouro, o mandou por hum seu Diacono, chamado Juliano, a Athanasio Patriarcha de Alexandria, para que puzesse em cobro Reliquias taõ sagradas. O Patriarcha as recebeo, e as collocou dentro do Sacrario, donde pelo tempo adiante se repartiraõ para varias partes da Christandade.

Hist. Eccl. livro ultimo tit. 28.

79 Marino Veneto, e Brocardo Theotonio, aos quaes segue Abulense contaõ, que em a Cidade de Babylonia do Egypto está hum Mosteiro dedicado a S. Joaõ Baptista, no qual tem em hum cofre alguns dos seus sagrados ossos: e que no dia de S. Joaõ se ajuntaõ alli muitos milhares de Christaõs, e de Mouros, e todos juntos em procissaõ vaõ cinco legoas pelo Nilo abaixo até outro Mosteiro da invocaçaõ do mesmo Santo, onde os Christaõs celebraõ Missa, comem, e descançaõ todos. Ao tempo que querem voltar provaõ se he vontade do Baptista, que as suas Reliquias tornem para sua Casa, o que fazem mettendo o cofre no Rio Nilo, assentando, que se elle se for com a agoa, que naõ he vontade de S. Joaõ, que tornem a Babylonia, e se naõ, que elle fará como sejaõ levadas; o que com effeito faz por meyo do prodigio que obra, pois assim como se mette o cofre na agoa, sóbe, e retrocede o Rio com grande impeto, e naõ diminue este, senaõ quando tiraõ o sagrado cofre. Oh arquinha cheya de rico thesouro, e parte da mais rica mina, que nunca Deos creou em a terra; e quem te tira, indo morto o Piloto que te governa, e naõ levando véla, que colha o vento que te sopre, e sendo contraria a corrente do Rio! Com este taõ ordinario milagre poucos pódem correr parelhas.

Notem hum grande milagre de S. Joaõ.
Marinus. Broc. lib. 2. c. 5. Abulens. q. 60. super §.

80 De S. Gregorio consta, escrever a hum Abbade, pedindo-lhe a tunica de S. Joaõ Baptista, que tinha em seu poder, e devia ser algum vistuario que trazia por cima da pelle de camello, ou a mesma pelle, e escrevendo o mesmo Santo Padre a Recaredo Rey dos Visi-Godos diz, que lhe envia em huma Cruzinha alguns dos cabellos de S. Joaõ Baptista. Santo Antonino diz, que pelos annos de 393. foraõ trazidos á Cidade de Florença dous ossos deste Glorioso Santo, hum do dedo segundo da maõ, e o outro do pescoço. No livro da Embaixada que ElRey Henrique III. enviou ao Tamorleque de Samaricante, a que chamaõ Tarmolaõ, se diz, que no anno 1403. a 3. de Outubro se mostrou aos Embaixadores de Castella em Constantinopla em huma Igreja do Baptista o braço esquerdo desde o hombro até á maõ, e que naõ tinha mais que o osso, e couro: e que em outra Igreja da Madre de Deos lhe mostraraõ o braço direito do mesmo Santo, desde o cotovê-lo, que estava fresco, e saõ, que tinha a maõ com menos hum dedo. Este devia ser o Indice,

Dá-se noticia de algumas Reliquias do Baptista.
Greg. l. 2. Regist. Epist. 42. Lib. 7. Ep. 126. Antoni. 3. petri. 22.

dice, com que assinalou ao Redemptor, pois dizem alguns Authores, com o Mestre Joaõ Beleth, que foy guardado dos Fieis Christaõs, e que indo Santa Tecla, discipula de S. Jeronymo, á Terra Santa no anno de 377., alcançara taõ sagrada Reliquia, e a trouxera para Normandia.

Berg. lib. 10.

Dá-se mais noticias das Reliquias do Baptista.

81 Filippe Bergomense diz, que os Genovezes acharaõ na Cidade de Mirea algumas das cinzas do Santo Baptista, e que em Genova se veneraõ como reliquias inextimaveis, as quaes saõ approvadas pelos Papas Innocencio IV., e Alexandre III. Caorsino escreve, como testimunha de vista, que pelos annos de 1490. o Graõ Turco Bagiazit enviou ao Mestre de Rodes Pedro Dambuson o braço direito do Baptista com a maõ inteira; e diz mais, que sabia pelas Historias Gregas, que S. Lucas Evangelista o houvera dos discipulos do mesmo Santo, e o levara á Cidade de Antiochia, donde no tempo do Imperador Constantino II. o furtou hum Diacono chamado Jacob, que o levou a Constantinopla, e deve ser o mesmo, que vio o Embaixador de Castella, quando foy a Constantinopla, de que acima fallamos.

O grande Constantino Imperador lhe dedica a primeira Igreja.

82 O grande Constantino, primeiro Imperador Christaõ, a quem baptizou o Papa S. Silvestre, que começou a imperar no anno de 312., deo licença aos Christaõs do seu Imperio para edificarem Igrejas, e era tal a devoçaõ que tinha ao sagrado Baptista, que mandando edificar huma dedicada ao Salvador do Mundo no seu Palacio Lateranense, chamado assim, por ter sido cousa de huma linhagem de Romanos, chamada Laterana, junto a ella mandou tambem edificar huma Capella á honra do mesmo Santo, a qual foy logo taõ authorizada, que repartindo o Papa Simplicio a Roma em cinco Igrejas, nomeou por huma dellas a S. Joaõ de Latraõ. Daqui vemos, que o primeiro Principe Romano, que se publicou Christaõ, foy taõ devoto do Baptista, que lhe edificou Igreja publica, primeiro que a outro algum Santo, em todo o seu Imperio, o que parece mysterio; pois assim como S. Joaõ foy o primeiro, que publicamente prégou, e deo a conhecer a Pessoa do Salvador ao Povo, e Reyno Judaico, assim a primeira Igreja de Santo onde fosse prégado á Gentilidade, publica, e solemnemente, fosse sua: para que a todo o mundo conste, que nasceo primeiro que o Salvador para o prégar ao mundo, e morreo primeiro, para o denunciar no Inferno do Limbo; e que assim tambem se edifica Igreja primeiro em seu nome, que de outro algum, para que alli se lea a Fé publicada, e prégada na Cabeça do Imperio Romano. Primazias saõ estas, que merecem nome de melhorias, por tocarem ao primeiro, por tocar ao melhor, por ser do mais Santo, por ser do Mayor, que Deos achou entre todos os Grandes da sua Igreja. Elle seja bendito, e louvado eternamente.

VIDA

VIDA PRODIGIOSA DO GLORIOSO PATRIARCHA

SAÕ JOSEPH,

Filho de Deos Padre, Pay putativo de Deos Filho, e Esposo da Mãy de Deos.

1 NO Prologo desta Obra demos a razaõ, porque a ella addimos a vida do Glorioso Patriarcha S. Jozé, e ainda que ella naõ fora taõ relevante, me parece fazia huma grande lizonja aos meus Leytores, com dar-lhe noticia neste Volume dos mais principaes passos da vida de nosso Redemptor, e de sua Santissima Mãy, ao mesmo tempo que lha dou de toda a vida, e virtudes de S. Jozé, que foy o Thesouro das mayores grandezas, hum formoso relicario dos bens do Ceo, hum prodigio extraordinario, o mais raro homem do mundo, ou aliàs hum homem, que mereceo ser Esposo de Maria Santissima, Mãy de Deos, no que se cifraõ os mayores elogios: pois como tal, e como Pay putativo de Jesus nosso Redemptor, teve mando naquelle, de quem tremem os mais remontados Serafins; naquelle, a quem toda a Corte Celestial se humilha; naquelle, a quem o mesmo Ceo com suas estrellas se prostra; naquelle, a quem o mar com quantos peixes cria se rende; naquelle a quem a terra com quantos fructos goza lhe obedece: e finalmente teve S. Jozé mando naquelle, a quem como seu absoluto Senhor todo o creado se prostra, rende, e humilha.

2 Os mais Doutos, e Santos, naõ acharaõ palavras com que bem exprimissem as suas grandes prerogativas, nem termos, ou appellidos com que suas excellencias frizassem. Santo André Hierosolymitano lhe chamou Tutor da Virgem, desorte que veyo a ter por menos aquella, de quem diz S. Joaõ Damasceno, que entre ella, e os Servos de Deos, ha huma distancia infinita, huma immensa differença, e hum excesso incomparavel. Teve por menor áquella, de quem diz S. Chrysostomo, que he tal o excesso que aos Cherubins faz, que nem medir-se, nem alcançar-se, nem comprehender se póde: desorte, que teve S. Joaõ Damasceno por menor, a que he mais que elle, e que todo o creado.

Santo Andrè Hierosolymitano.

3 O Mellifluo S. Bernardo diz que escolheo Deos a S. Joseph para consolaçaõ de sua Mãy, e Ayo seu, para que o alimentasse, e criasse: dito notavel, pois delle se tira por infallivel consequencia, que naõ só teve por menor á Mãy, senaõ por pupillo, e menor o Filho. Aquelle pois, que só he Creador, feito homem, foy com o suor do rostro de S. Jozé criado. Aquelle, que alimenta todos os passaros do ar, os animaes da terra, e os peixes nas agoas, foy de Jozé alimentado. Aquelle, [conforme diz o Real Profeta] de quem todas as cousas a boca aberta esperaõ o alimento da sua liberalidade, e franqueza, e que em abrindo a maõ enche de bençoens a todos, esse esperava que Jozé abrisse a maõ, e lhe desse o alimento.

4 O Glorioso Santo Agostinho diz, que foy verdadeiro Pay de Christo, porque o naõ sê-lo natural, naõ tirava o sê-lo verdadeiramente: *Recte Pater etiam esse potuit ejus quem non ex sua conjuge procreatum aliunde adoptasset*, que ainda que naõ era Filho natural, era adoptivo, desorte, que Filho adoptivo de S. Jozé foy o Senhor. Rarissimo cazo, que aquelle, de quem saõ filhos

Elogio.S.Agost.

lhos

filhos adoptivos os Santos, os Martyres, os Apostolos, os Confessores, e Virgens, queira ser Filho adoptivo de S. Jozé! Quem tal pensára! Quem imaginara taõ estupendo cazo! Em que engenho cahira tal proeza! Estas, e outras cousas muito estranhas, e encriveis ao nosso limitadissimo discurso, dizem do Glorioso S. Jozé os Santos Doutores espantados da sua excellencia, e de que nenhuma expressaõ basta para louvar, e engrandecer as graças, os privilegios, as izençoens, prerogativas, e virtudes extraordinarias, de quem mereceo por Esposo de Maria Santissima ser gloria de toda a nossa gloria; gloria do que deo gloria ao mundo, novo Senhor ao Ceo, e trouxe a Deos à terra. O assumpto desta prodigiosa, e deliciosa vida que vay exornada com muita parte das vidas de nosso Redemptor, e de sua Santissima Mãy, he grande, negocio arduo, e impreza difficil, para a minha bem reconhecida ignorancia: mas como nelle sigo em tudo os Authores allegados á margem, e nos passos mais piedosos, e incriveis ao nosso limitadissimo discurso, á Authora da *Mystica Cidade de Deos*, cujas obras estaõ approvadas, como verdeiras vizoens, pelos Summos Pontifices, fique desculpada a minha temeridade.

Mystic. Cidad. de Deos part. 2. lib. 5. n. 888, e 889.

Nasceo santificado, teve sciencia infuza, e foy virgem.

5 Nasceo pois este Cherubim, que guardou o Paraizo mais Celestial, o Noe, que guardou a melhor Arca dos filhos de Adaõ, na Cidade de Belem. Seu pay se chamou Jacob, e era irmaõ de Heli, segundo alguns Authores. Foy santificado no ventre de sua mãy aos sette mezes da sua concepçaõ, e lhe ficou atado o fomes peccati por toda a vida; e ainda que lhe naõ deraõ uso de razaõ nesta primeira santificaçaõ, por só se justificar do peccado original, sua mãy sentio novo jubilo do Espirito Santo, e sem entender o mysterio, fez grandes actos de virtude, e julgou, que o que tinha no ventre seria admiravel nos olhos de Deos, e dos homens. Nasceo perfeitissimo, e muito formoso no natural, e occasionou o seu nascimento a seus pays, e parentes extraordinaria alegria, ao modo da que houve com o nascimento de S. Joaõ Baptista, ainda que a causa della foy mais occulta. Accelerou-lhe a Divina bondade de Deos o uso da razaõ, dando-lho ao terceiro anno mui perfeito, com sciencia infuza, e novo augmento de graça, e de virtude. Desde entaõ começou o ditoso menino a conhecer a Deos por fé, e tambem pelo natural discurso, e sciencia o conheceo como primeira causa, e Author de todas as cousas, e attendia, e percebia altamente tudo o que se fallava de Deos, e das suas obras. Desde aquella idade teve mui levantada oraçaõ, contemplaçaõ, e exercicio admiravel das virtudes, que a sua pueril idade promettia; de maneira, que quando aos sette, ou mais annos, chega aos demais o uso da razaõ, ja S. Jozé era Varaõ perfeito nella, e em a santidade. Era brando de coraçaõ, caritativo, affavel, e singélo, e descobria em todas as suas acçoens naõ só inclinaçoens santas, senaõ Angelicas; jamais teve movimento impuro, e desordenado, mas antes em a virtude, e dons da castidade, foy mais levantado que o supremo dos Serafins, (a rogos de Maria Santissima) porque a pureza, que elles tem sem corpo, concedeo a Divina bondade de Deos a S. Jozé no corpo terreno, e carne mortal. Como Deos o havia destinado, e prevenido para o alto fim de Esposo da Virgem, precizo era que lhe desse a santidade, as virtudes, os dons, e as graças, que jamais houvera tido homem humano.

De trinta e tres annos se desposou com Maria Santissima, naõ obstante ter feito voto de castide.

6 Tinha trinta e tres annos este ditosissimo Santo, quando foy chamado ao Templo, com outros muitos descendentes da Tribu de Judá, linhagem de David, para de entre elles se fazer eleyçaõ de digno Esposo para Maria Virgem Santissima, que estava no mesmo Templo, fazendo vida mais Angelica que humana, naõ obstante o ter ella feito voto de castidade, assim como tambem o havia feito o mesmo Santo de idade de doze annos. Era o Santo, como dissemos, natural da Cidade de Belem, porèm morava naquelle tempo na de Jerusalem, exercendo o officio de carpinteiro, e tambem era parente em terceiro gráo da mesma Virgem; e assim congregado com

com todos os mais Varoens livres em o Templo, juntos com os Sacerdotes delle, fizeraõ oraçaõ ao Senhor, para que todos fossem governados pelo Divino Espirito, que fallando ao coraçaõ do Summo Sacerdote lhe inspirou, que a cada hum dos mancebos alli congregados puzesse huma vara secca nas maõs, e que pedissem todos com viva fé a Sua Divina Magestade, declarasse por aquelle meyo a quem havia elegido para Esposo de Maria: e como o bom cheiro da sua virtude, honestidade, e fama da sua formosura, fazenda, qualidade, e o ser primogenita da sua casa, era a todos manifesto, cada qual cobiçava a ditosa sorte de alcançá-la por Esposa. Só o humilde, e rectissimo Jozé naõ aspirava a tanto bem, por se lembrar do voto de castidade que tinha feito, cuja observancia propôs de novo naquella occasiaõ, naõ obstante o acto de resignaçaõ, que tambem fez em a vontade Divina para o que delle quizesse dispôr. Estando pois todos os congregados nesta oraçaõ se vio florecer sómente a vara, que tinha Jozé, e ao mesmo tempo baixar huma pomba candidissima, cheya de admiravel resplandor, que se pôs sobre a cabeça do mesmo Santo. No mesmo ponto lhe fallou Deos ao seu interior, dizendo-lhe: *Jozè, Servo meu, tua Esposa será Maria, admitte-a com attençaõ, e reverencia; porque nos meus olhos he acceita, Justa, e purissima na alma, e corpo, e tu farás tudo o que ella te disser.* Com a declaraçaõ, e final do Ceo, os Sacerdotes deraõ a S. Jozé por Esposo elegido do mesmo Deos para a donzella Maria, e chamando-a para o Esposorio, sahio a escolhida como o Sol, e appareceo na presença de todos com hum semblante mais que de Anjo, e os Sacerdotes a Esposaraõ com o mais casto, e Santo dos Varoens, Jozé.

Florece na maõ de S. Jozè huma vara secca, e se lhe põem huma pomba sobre a cabeça.

7 A Divina Princeza, mais pura que as estrellas do firmamento, com semblante choroso, e grave, e como Rainha de Magestade humildissima, se despedio dos Sacerdotes, pedindo-lhe, a bençaõ, e á Mestra, e donzellas do Templo perdaõ. Despedio-se do Templo, naõ sem grande dor de deixá lo contra a sua inclinaçaõ, e dezejo, se bem que tinha muito bem alcançado que aquelle Esposorio era dirigido a altissimos fins da Divina Providencia. Acompanharaõ-na, e a seu Esposo Jozé, alguns dos muitos Ministros leigos, que tinhaõ occupaçoens no mesmo Templo, até Nazareth, patria natural dos felicissimos Esposados.

Sahe Maria Sãtissima do Templo, e acompanha a seu Esposo Jozè.

8 Chegando ao lugar de Nazareth, onde a Princeza do Ceo tinha a fazenda, e casas de seus ditosos pays, foraõ recebidos, e visitados de todos os amigos, e parentes com as demonstraçoens de applausos, praticadas em semilhantes occasioens. Havia costume entre os Hebreos, de fazerem os esposados nos primeiros dias exames, e experiencias dos costumes, e condiçoens de cada hum, para ajustar-se melhor reciprocamente a de hum com a do outro. Nestes dias fallou S. Jozé a sua Esposa, assim: *Esposa, e Senhora minha, eu dou graças ao Altissimo Deos, pela mercè de haver-me assinalado, sem meritos, por vosso Esposo, quando me julgava indigno de vossa companhia; porèm Sua Magestade, que póde, quando quer, levantar ao pobre, fez esta misericordia cõmigo; e dezejo me ajudeis, como espero da vossa discriçaõ, e virtude, a dar o retorno que lhe devo, servindo-o com recto coraçaõ. Para isto me tereis por vosso Servo, e com o verdadeiro affecto, com que vos estimo, vos peço queirais supprir o muito que me falta de fazenda, e de outras partes, que para ser Esposo vosso convinhaõ. Dizei-me, Senhora, qual he vossa vontade para que eu a cumpra.*

Chegaõ a Nazareth, e falla S. Jozè com Maria Santissima.

9 Ouvio estas razoens a Divina Esposa com humilde coraçaõ, e aprazivel severidade no semblante, e deo esta resposta ao Santo: *Senhor meu, eu estou gozoza de que o Altissimo, para pór-me neste estado, se dignasse de assinalar-vos para meu Esposo, e Senhor, e que o servir-vos fosse com o testimunho de sua Divina vontade; porèm, se me dais licença, direi os intentos, e pensamentos, que para isto vos dezejo manifestar.* Como prevenia o Altissimo com a sua graça o singélo, e recto coraçaõ de S. Jozé, respondeo: *Fallai, Senhora,*

Assistiaõ á Senhora mil Anjos da guarda.

nhora, que vosso Servo ouve. Assistiaõ nesta occasiaõ á Senhora mil Anjos da guarda em fórma vizivel, como tinha pedido ao Altissimo. A causa desta petiçaõ foy, porque o mesmo Senhor, para que a purissima Virgem em tudo obrasse com mayor graça, e merito, deo lugar a que sentisse o respeito, e cuidado, com que havia de fallar a seu Esposo, deixando-a em o natural encolhimento, e temor, que sempre havia tido de fallar com homens só, o que nunca até alli havia feito. Com a assistencia pois daquella multidaõ de Anjos, fallou a seu Esposo S. Jozé, dizendo: *Senhor, e Esposo meu, justo he que demos louvor, e gloria com toda a reverencia a nosso Deos, e Creador, que em bondade he infinito, e nos seus Juizos incomprehensivel, e com nósoutros pobres ha manifestado a sua grandeza, e misericordia, escolhendo-nos para o seu serviço. Eu me reconheço entre todas as creaturas pela mais obrigada, e devedora a Sua Alteza, que outra alguma, e que todas juntas; porque, merecendo menos, hey recebido de sua maõ liberalissima mais que ellas. Na minha tenra idade, compellida da força desta verdade, que com desengano de todo o vizivel me communicou a Divina Luz, me consagrei a Deos, com perpetuo voto de ser casta na alma, e no corpo; sua sou, e o reconheço por Esposo, e dono com vontade immutavel de guardar-lhe a fé da castidade. Para cumprir isto, quero, Senhor meu, que me ajudeis, que em o demais eu serei vossa fiel Serva, para cuidar da vossa vida, em quanto durar a minha. Admitti-me, Esposo meu, esta santa determinaçaõ, e confirmai-ma com a vossa, para que offerecendo-nos em sacrificio acceitavel a nosso Deos Eterno, nos receba em cheiro de suavidade, e alcancemos os bens eternos, que esperamos.*

10 O castissimo Jozé, cheyo de interior jubilo com as razoens de sua Divina Esposa, respondeo: *Senhora minha, declarando-me vossos pensamentos castos, e propositos, haveis penetrado, e despegado meu coraçaõ, que naõ vos manifestei antes de saber o vosso: eu tambem me reconheço mais obrigado entre os homens ao Senhor de todo o creado, porque muito cedo me chamou com a sua verdadeira luz, para que o amasse com rectidaõ de coraçaõ: e quero, Senhora, que entendais, como de doze annos fiz tambem promessa de servir ao Altissimo em castidade perpetua; e agora torno a ratificar o mesmo voto, para naõ impedir o vosso, antes na presença de Sua Alteza vos prometto de ajudar-vos, quanto em mim for, para que com toda a pureza o sirvais, e ameis, segundo vosso dezejo. Eu serei com a Divina graça vosso fidelissimo Servo, e companheiro, e vos supplico recebais meu casto affecto, e me tenhais por vosso irmaõ, sem admittir jamais outro peregrino amor, fóra do que deveis a Deos, e depois a mim.* Com esta practica confirmou o Altissimo de novo no coraçaõ de S. Jozé a virtude da castidade, e amor santo, e puro, que havia de ter a sua Esposa Santissima.

Repartem em 3. partes os bens, que tinhaõ.

11 Deo tambem o Altissimo a S. Jozé nova pureza, e dominio sobre a natureza, e suas paixoens, para que sem rebelliaõ, nem fomes, porèm com admiravel, e nova graça, servisse a sua Esposa Maria, e em ella a vontade, e beneplacito do mesmo Senhor. Logo distribuiraõ os castissimos cazados a fazenda herdada de S. Joachim, e Santa Anna, Pays da Santissima Senhora; offerecendo huma parte ao Templo, onde havia estado, outra aos pobres, deixando sómente a terça parte para o gasto da casa, que ficou á conta de S. Jozé, pois Maria Santissima sempre se eximio de comprar, e de vender, mas naõ de servir a S. Jozé, e fazer o necessario na casa.

Pede S. Jozè beneplacito a Maria Santissima para exercitar o officio de carpinteiro.

12 Como o Glorioso Patriarcha aprendeo nos primeiros annos o officio de carpinteiro, por mais honesto, e acõmodado para adquirir o sustento da vida, perguntou a sua Santissima Esposa, se gostava que exercitasse o tal officio, para a servir, e grangear alguma cousa para os pobres. Respondeo-lhe a prudentissima, e humildissima Senhora, que continuasse naquelle exercicio, accrescentando, que o Senhor os naõ queria ricos, sim pobres, e amadores dos pobres. Tiveraõ logo huma santa contenda sobre qual dos dous havia de

dar

dar obediencia ao outro como ſuperior, na qual ficou vencedora a Divina Senhora, que naõ conſentio que ſendo o Varaõ a cabeça, ſe pervertеſſe a ordem da meſma natureza. Pedio ſim licença para poder dar eſmólas aos pobres, a qual S. Jozé lhe deo goſtozo, como quem cada dia reconhecia, com nova luz do Ceo, as incomparaveis virtudes de Maria, pelas quaes naõ ceſſava de louvar inceſſantemente ao Senhor, por lhe haver dado tal companhia, e Eſpoſa ſabia, ſem merecimentos ſeus. E para que eſta obra foſſe de todo perfeitiſſima, [porque era principio da mayor, que Deos havia de obrar com toda a ſua Omnipotencia] fez que a Princeza do Ceo infundiſſe com ſua preſença, e viſta em o coraçaõ de ſeu meſmo Eſpoſo hum temor, e reverencia taõ grande, que naõ ha expreſſoens com que ſe poſſaõ explicar; e iſto reſultava a S. Jozé de huma refulgencia, ou rayos da Divina luz, que deſpedia de ſeu roſto Maria Santiſſima, junto com huma mageſtade ineffavel, que ſempre a acompanhava.

Pede lhe a meſma Senhora licença para dar eſmólas &c.

13 Teve Maria Santiſſima logo no principio dos Eſpoſorios de S. Jozé huma Divina viſaõ, na qual lhe fallou aſſim a Mageſtade Divina: *Eſpoſa minha dilectiſſima, e eſcolhida, attende como ſou fiel em minhas palavras com os que me amaõ, e temem: corresponde, pois, agora á minha fidelidade, guardando as leys de Eſpoſa minha, em ſantidade, pureza, e toda a perfeiçaõ: para iſto te ajudará a companhia do meu Servo Jozè, que te hei dado. Obedece-lhe como deves, e attende á ſua conſolaçaõ, que aſſim he minha vontade.* Reſpondeo a Santiſſima Virgem: *Altiſſimo Senhor, eu vos louvo, e magnifico pelo voſſo admiravel conſelho, e providencia cõmigo, indigna, e pobre creatura: o meu dezejo he obedecer-vos, e dar-vos goſto, como voſſa Serva, mais obrigada que nenhuma outra creatura. Dai-me, Senhor meu, voſſo favor Divino, para que em tudo me aſſiſta, e me governe com mayor agrado voſſo: e para que tambem attenda ás obrigaçoens do eſtado em que me pondes, para que, como eſcrava voſſa, naõ ſaya das voſſas ordens, e beneplacito. Dai-me a voſſa licença, e bençaõ, que com ella acertarei a obedecer, e ſervir a voſſo Servo Jozè, como Vós meu dono, e Creador me mandais.*

De como a Mageſtade Divina mandou á Senhora que obedeceſſe, e conſolaſſe a ſeu Eſpoſo Jozè.

14 Com eſtes Divinos apoyos ſe fundou a Caſa, e Matrimonio de Maria Santiſſima, e de Jozé, e deſde oito de Settembro, em que ſe fez o Eſpoſorio, até vinte e cinco de Março ſeguinte, em que ſuccedeo a Incarnaçaõ do Divino Verbo, viveraõ os dous Santiſſimos, e caſtiſſimos Eſpoſos, diſpondo-ſe para a Obra, para que os havia elegido o Altiſſimo, que pôs a Maria Santiſſima na obrigaçaõ de cõmunicar com o proximo, como Eſpoſa de S. Jozé. Ambos ordenaraõ as operaçoens das ſuas novas vidas com tal ſabedoria, que foy admiravel emulaçaõ para a Angelica natureza, e magiſterio nunca viſto para a humana. Poucos conheciaõ a Eſpoſada, e menos a cõmunicavaõ; porèm eſtes mais ditoſos recebiaõ taõ Divinos influxos do Ceo de Maria, que com admiravel jubilo, e conceitos peregrinos davaõ vozes, e publicavaõ, que o lume que lhes accendia os coraçoens ſe derivava da ſua preſença. Pedia continuamente ao Senhor a occultaſſe dos homens, e que foſſe ignorada, e deſprezada de todos os mortaes.

15 Os actos heroicos que fez Maria Santiſſima de todas as virtudes interiores, e exteriores, de caridade, de humildade, Religiaõ, eſmólas, beneficios, e outras obras de miſericordia, foraõ taõ eminentes, que ſe vio Deos como obrigado [a noſſo groſſeiro modo de entender] a apreſſar o paſſo, e a eſtender o braço da ſua Omnipotencia á mayor das maravilhas, que antes, nem depois ſe conhecerá, tomando carne humana o Unigenito do Padre em as Virginaes entranhas deſta Creatura, para redempçaõ do genero humano, que eſtava privado da viſta de Deos, pela ſentença promulgada contra o primeiro homem.

Toma o Divino Verbo carne humana no puriſſimo ventre de Maria Santiſſima.

16 Quatro dias depois de haver entrado no mundo, e nas puriſſimas entranhas da Virgem Maria o noſſo amabiliſſimo Redemptor, revelou o Anjo S.

Myftic. C. p. 2. l. 3. Cap. XV.

Quatro dias, depois teve Maria Santiffima revelaçaõ da concepçaõ de Santa Ifabel, e pedio licença a feu Efpofo Jozè para a ir vifitar.

Gabriel á mefma Senhora em como fua Prima Santa Ifabel havia concebido hum filho, e que ja tinha feis mezes a fua prenhez. Depois teve huma vizaõ intellectual, pela qual lhe revelou o Altiffimo Deos, que feria o filho de fua Prima Profeta, e Precurfor do Verbo Humanado. Na mefma, e em outras vizoens teve a intelligencia, de que era muito do agrado do mefmo Senhor, que foffe vifitar a fua Prima, para que ella, e o filho que trazia no ventre, ficaffem fantificados com a prefença do Reparador do mundo. Deo Maria Santiffima infinitas graças a Deos por fe dignar de fazer aquelle favor á alma do que havia de fer feu Profeta, e Precurfor, e a fua Mãy Ifabel, como differnos quando tratamos do mefmo Santo, pois agora dizemos, que pedio logo a humildiffima Senhora licença a feu Efpofo Jozé, para fazer aquella dilatada jornada, nefta fórma: *Senhor, e Efpofo meu, por Divina luz tenho conhecido como a dignaçaõ do Altiffimo ha favorecido a minha Prima Ifabel, mulher de Zacharias, dando-lhe o fructo que pedia em hum filho que concebeo; e efpero na fua immenfa bondade, que fendo minha Prima efteril, e havendo-lhe concedido efte fingular beneficio, que ferá para muito agrado, e gloria do Senhor. Eu julgo que em tal occafiaõ como efta me occorre obrigaçaõ decente de ir vifitá-la, e tratar com ella algumas coufas convenientes á fua confolaçaõ, e ao feu bem efpiritual. Se efta obra, Senhor, he do voffo gofto, a farei com voffa licença, porque eftou em tudo fujeita á voffa difpofiçaõ, e vontade. Confiderai vós o melhor, e mandai-me o que devo fazer.*

Refpofta que lhe deo S. Jozè.

17 Como a Mageftade Divina tinha bem difpofto o coraçaõ de Jozé, dando-lhe luz para tudo o que devia obrar, refpondeo: *Ja fabeis, Senhora, e Efpofa minha, que todos os meus dezejos eftaõ dedicados para fervir-vos com toda a minha attençaõ, e diligencia: porque de voffa grande virtude confio, como devo, naõ fe inclinará voffa rectiffima vontade a coufa alguma, que naõ feja de mayor agrado, e gloria do Altiffimo, como creyo ferá efta jornada. E para que naõ eftranhem que vades a ella fem a companhia de voffo Efpofo, eu vos acompanharei com muito gofto, para cuidar de voffo ferviço no caminho: e affim podeis determinar o dia.*

Preparaõ-fe para a jornada de Judéa.

18 Agradeceo Maria Santiffima a feu prudente Efpofo Jozé, a vontade, e gofto que moftrava, e com que queria cooperar para a vontade Divina, e determinando ambos o dia da partida, preparou S. Jozé para a jornada, paõ, peixinhos, e fructa, que tudo foy em hum jumento, que pedio empreftado, no qual tambem foy a Rainha de todo o creado, a qual, ao fahir da fua pobre cafa, fe pôs de joelhos aos pés de feu Efpofo S. Jozé, pedindo-lhe a bençaõ, para dar principio á jornada em nome do Senhor. Encolheo-fe o Santo, vendo a rara humildade de fua Efpofa, excluindo fe de dar-lhe a bençaõ; porèm a doce inftancia da humildiffima Senhora o perfuadio a que a abençoaffe em nome do Altiffimo.

Sahê os fantiffimos peregrinos em companhia dos mil Anjos da guarda de Maria Santiffima. Myft. Cid. p. 2. lib. 3. n. XV.

19 Chamou Maria Santiffima aos mil Anjos da fua guarda, que logo fe lhe manifeftaraõ em fórma corporea, aos quaes declarou o que o Senhor lhe tinha mandado, e pedio que naquella jornada lhe affiftiffem cuidadofos, e folicitos, para a enfinarem a cumprir aquella obediencia conforme o agrado do Senhor. Com efta Angelica companhia fahiraõ Maria, e Jozé de Nazareth a procurar as montanhas de Judéa, onde affiftiaõ Zacharias, e fua Prima Santa Ifabel. A diftancia era de vinte e fette legoas, e quafi todas de afpero, e fragozo caminho para taõ delicada, e tenra donzella, a qual muitas vezes fe apeava do jumento, em que hia, para que feu Efpofo Jozé alleviaffe o cançaço, que lhe occafionava o caminho; e fuppofto nunca o Santo confentio nos feus rogos, a naõ pode eftorvar de ir acompanhando-o algumas vezes a pé.

20 Com eftas humildes competencias continuavaõ fuas jornadas Maria Santiffima, e S. Jozé, que diftribuiaõ o tempo fem lhe ficar hum inftante ociofo. Caminhavaõ por aquellas foledades, fem companhia de creaturas humanas;

manas; porèm lhe assistiaõ os mil Anjos, que guardavaõ o leito de Salomaõ Maria Santissima: e ainda que hiaõ em fórma vizivel servindo á sua Rainha, e a seu Filho santissimo no seu ventre, só ella os via. E attendendo aos Anjos, e a S. Jozé seu Esposo, caminhava a Mãy da Graça, enchendo os campos, e os montes de suavissima fragrancia com a sua presença, e com os Divinos louvores, em que sem intervallo algum se occupava. Humas vezes fallava com os seus Anjos das obras da creaçaõ, e Incarnaçaõ, e outras entoava com elles Canticos Divinos com motivos differentes.

21 Amava S. Jozé a sua Esposa ternamente com amor santo, e castissimo, ordenado com especial graça, e dispensaçaõ do mesmo Amor Divino, e como àlèm deste privilegio era de condiçaõ nobilissima, cortez, agradavel, e aprazivel, naõ cessava de perguntar a Maria Santissima, se se affligia, e cansava, e que lhe dissesse em que a podia servir, e alleviar. Porèm como a Rainha do Ceo levava ja no seu Thalamo Virginal o Divino fogo do Verbo Incarnado, sentia o Santo Jozé (ignorando a causa) novos effeitos em sua alma, pelas palavras, e conversaçaõ de sua amada Esposa, com que se reconhecia mais inflammado no Amor Divino, e com altissimo conhecimento destes Mysterios, que fallavaõ com huma chamma interior, e nova luz, que o espiritualizava, e renovava. E quanto mais proseguiaõ o caminho, e as practicas Celestiaes, tanto mais cresciaõ estes favores, de que conhecia serem instrumento as palavras de sua Esposa, que penetravaõ seu coraçaõ, e inflammavaõ a vontade ao Divino Amor.

Acha-se S. Jozè novamente inflammado no Amor Divino com a practica de Maria Santissima, e com a presença.

22 Era taõ grande esta novidade, que naõ pode deixar de attender muito a ella o discreto Jozé, e ainda que conheceo lhe vinha tudo por meyo de Maria Santissima, e com a admiraçaõ se consolara com saber a causa, e inquiri-la sem curiosidade; com tudo isto, pela sua grande modestia, naõ se atreveo a perguntar-lhe cousa alguma, dispondo-o assim o Senhor, porque naõ era tempo de que conhecesse entaõ o Sacramento do Rey, que no ventre virginal estava escondido. Conhecia a Divina Princeza tudo o que seu Esposo passava no secreto do seu peito, e discorrendo com a sua prudencia, se lhe reprezentou que naturalmente era forçozo vir a manifestar a eleiçaõ, que Deos tinha feito della para Mãy do Redemptor. Naõ sabia, pois, a grande Senhora, o modo com que a Divina bondade de Deos governaria este Sacramento; porèm ainda que naõ havia recebido ordem, para que o occultasse a seu Esposo, a sua Divina prudencia, e discriçaõ lhe ensinaraõ quam bom era occultar hum Sacramento grande, e o mayor de todos os Mysterios: e assim o teve occulto, e secreto, sem fallar palavra delle com seu Esposo, nem nesta occasiaõ, nem antes em a Annunciaçaõ do Anjo, nem depois que vio ao Santo cuidadoso, e zeloso.

Occulta Maria Santissima a S. Jozè o Mysterio da Incarnaçaõ.

23 No decurso do caminho, que durou quatro dias, exercitaraõ os Divinos peregrinos, Maria, e Jozé, naõ só as virtudes, que respeitavaõ a Deos, como objecto, e outras interiores, senaõ tambem muitos actos de caridade com os proximos, porque naõ podiaõ estar ociosos em presença dos necessitados de soccorro. Naõ achavaõ em todas as pouzadas igual acolhida, porque alguns, como rusticos, os despediaõ, sem lhes darem cõmodo, e outros os admittiaõ com amor, movidos da Divina Graça. Porèm a ninguem negava a Mãy da misericordia a que podia exercitar com os pobres enfermos, e affligidos, porque a todos consolava, soccorria, e sarava nas suas enfermidades.

24 Chegaraõ com effeito os nossos peregrinos á Cidade de Judá, que estava situada nas montanhas de Judéa, em distancia de 27. leguas de Belem, e duas de Jerusalem, na qual tinhaõ casas, e fazendas os nobres Zacharias, e Isabel, Prima da Virgem. O como esta Senhora foy recebida, e seu Esposo Jozé, dissemos na vida de S. Joaõ Baptista, pois sómente dizemos aqui, que ficou Maria Santissima na companhia de Santa Isabel com o projecto de assistir-lhe ao parto, que se recolheo S. Jozé para Nazareth, onde esteve

Chegaõ os Divinos peregrinos a Judá donde volta S. Jozè para Nazareth.

tres mezes, no fim dos quaes foy buscar a sua Sagrada Esposa para a sua Casa de Nazareth, onde estavaõ vivendo com indizivel paz, amor, e caridade, quando o Santo Patriarcha começou a reparar em que crescia o Virginal Ventre de sua Castissima Esposa. Conhecendo pois o Santo com evidencia, que Maria Santissima tinha todos os sinaes de andar pejada, se lhe ferio o coraçaõ com huma frecha de dor, que o penetrou até o mais intimo, sem achar resistencia á força das suas causas, que ao mesmo tempo se juntaraõ em sua alma. A primeira o amor castissimo, porèm mui intenso, e verdadeiro, que tinha a sua fidelissima Esposa, onde o seu coraçaõ estava desde o principio mais que em deposito; e com o agradavel trato, e santidade sem similhante da Senhora, se havia confirmado mais este vinculo da alma de S. Jozé, em obsequio seu. E como ella era taõ perfeita, e cabal em a modestia, e humilde severidade, entre o respeito cuidadoso de servi-la, tinha o Santo Jozé hum dezejo, como natural ao seu amor, da conrespondencia do de sua Esposa. O que ordenou assim o Altissimo, para que com o cuidado desta reciproca satisfaçaõ, o tivesse o Santo mayor em servir, e estimar á Divina Senhora.

Começa S. Jozè a reparar em Maria Santissima estar pejada.

25 Cumpria com esta obrigaçaõ S. Jozé, como fidelissimo Esposo, e dispenseiro do Sacramento, que ainda lhe estava occulto, e quanto era mais attento em servir, e venerar a sua Esposa, e seu amor era purissimo, castissimo, santo, e Justo; tanto era mayor o dezejo de que ella lhe conrespondesse, ainda que nunca lho manifestou, assim pela reverencia, a que o obrigava a Magestade humilde de sua Esposa, como porque lhe naõ havia sido molesto aquelle cuidado, á vista do seu trato, conversaçaõ, e pureza mais que de Anjo. Porèm quando se achou neste aperto, testificando-lhe a vista a novidade, que naõ podia negar-lhe, ficou sua alma dividida com o sobresalto; e ainda que satisfeito, que na sua Esposa havia aquelle novo incidente, naõ deo ao discurso mais do que o que naõ podiaõ negar os olhos; porque como eraõ Varaõ santo, e recto, ainda que conheceo o effeito, suspendeo o juizo da causa; porque se se persuadira a que sua Esposa estava culpada, sem duvida morrera de dor naturalmente.

Continua.

26 Juntou-se a esta causa a certeza de que naõ tinha parte na prenhez, que suppunha, e que a sua deshonra era inevitavel, quando se chegasse a saber. Este cuidado era de tanto pezo para S. Jozé, quanto elle era de coraçaõ mais generoso, e honrado, e com sua grande prudencia sabia ponderar o trabalho da sua infamia propria, e de sua Esposa. A terceira causa, que occasionava mayor tormento ao Santo, era o ver-se precisado a entregar a sua Esposa, para ser apedrejada, conforme a Ley imposta ás adulteras. Entre estas consideraçoens, como entre agudas pontas de aço, se achou o coraçaõ de S. Jozé ferido de huma pena, ou de muitas juntas, sem achar de improvizo outro sagrado, com que se alleviasse, mais que o da assentada, e santissima opiniaõ, que tinha de sua Esposa. Porèm como todos os sinaes testificavaõ a impensada novidade, e naõ se offerecia ao Santo Varaõ alguma sahida contra ellas, nem tampouco se atrevia a communicar a sua dolorosa afflicçaõ a pessoa alguma, se achava cercado das dores da morte.

Tormento, que padeceo S. Jozè por suppor a sua Esposa pejada.

27 Queria discorrer só, porèm a dor lhe suspendia as potencias. Se o pensamento queria seguir ao sentido das suspeitas, todas se desvaneciaõ como o gelo á força do sol, e como o fumo á do vento, lembrando-se da experimentada santidade da sua recatada, e advertida Esposa. Se queria suspender o affecto do seu castissimo amor, naõ podia, porque sempre a achava digno objecto de ser amado, e a verdade (ainda que occulta) tinha mais força para attrahir, que o engano apparente da infidelidade para desviar. Naõ se podia romper aquelle vinculo, assegurado com fiadores taõ abonados, de verdade, de razaõ, e de Justiça. Para declarar-se com sua Divina Esposa, naõ achava conveniencia, nem tampouco lho permetia aquella igual-

Continuaõ os motivos do seu tormento.

dade

dade ſevera, e divinamente humilde, que nella reconhecia. E ainda que via a mudança em o ventre, naõ correſpondia o proceder taõ puro, e ſanto a tal delicto, como ſe pudera prezumir: porque aquella culpa naõ ſe compadecia com tanta pureza, igualdade, ſantidade, diſcriçaõ, e com todas as graças juntas, em que era manifeſto o augmento cada dia em Maria Santiſſima.

No meyo da ſua afflicçaõ faz oraçaõ a Deos.

28 Appellou das ſuas penas o melhor Eſpoſo para o Tribunal do Senhor, por meyo deſta oraçaõ: *Altiſſimo Deos, e Senhor Eterno, naõ ſaõ occultos á voſſa Divina preſença os meus dezejos, e gemidos. Combatido me acho das violentas ondas, que por meus ſentidos haõ chegado a ferir meu coraçaõ. Eu o entreguei ſeguro á Eſpoſa, que recebi da voſſa maõ. Da ſua grande ſantidade hey confiado, e as teſtimunhas da novidade que nella vejo, me põem em queſtaõ de dor, e em temor de ſe fruſtrarem as minhas eſperanças. Nenhuma peſſoa, que a conhece, póde pór duvida em ſeu recato, e nas ſuas grandes virtudes, porèm tampouco poſſo negar que ella eſtá pejada. Julgar que ha ſido infiel, e que vos ha offendido, ſerá temeridade, á viſta de taõ peregrina belleza, e ſantidade: negar o que a viſta me aſſegura, he impoſſivel; mas naõ o ſerá morrer á força deſta pena, ſe aqui naõ eſtá encerrado algum myſterio, que eu naõ alcanço. A razaõ a deſculpa, e o ſentido a condena. Ella me occulta a cauſa da ſua prenhez, eu o vejo; que hey de fazer? Conferimos ao principio os votos de caſtidade, que entre ambos prometemos para voſſa gloria; e ſe fora poſſivel que houveſſe violado a voſſa fé, e a minha, eu defenderia a voſſa honra, e pelo voſſo amor depuzera a minha. Porèm como tal pureza, e ſantidade em tudo o demais ſe póde conſervar, ſe houvera commettido taõ grave crime! Como, ſendo ſanta, e taõ prudente, me zela eſte ſucceſſo! Suſpendo o juizo, e me detenho, ignorando a cauſa do que vejo. Derramo na voſſa preſença o meu affligido eſpirito. Oh Deos de Abraham, de Iſac, e de Jacob! Recebei minhas lagrimas em acceito ſacrificio, e ſe as minhas culpas merecéraõ voſſa indignaçaõ, obrigai-vos, Senhor, de voſſa propria clemencia, e benignidade, e naõ deſprezeis taõ vivas penas. Naõ julgo que Maria vos ha offendido; porèm tampouco, ſendo eu ſeu Eſpoſo, poſſo prezumir myſterio algum, de que naõ poſſo ſer digno. Governai meu intendimento, e coraçaõ com voſſa luz Divina, para que eu conheça, e execute o mais acceito a voſſo beneplacito.*

29 Perſeverou neſta oraçaõ S. Jozé, com muitos mais affectos, e petiçoens: porque ſebem ſe lhe repreſentou que havia algum myſterio, que elle ignorava, em a prenhez de Maria Santiſſima, ſe naõ aſſegurava niſto; porque naõ tinha mais razoens, das que por mayor ſe lhe offereciaõ, para dar ſahida ao juizo de que tinha culpa em aquella prenhez, reſpeitando a ſantidade da Divina Senhora; e aſſim naõ chegou ao penſamento do Santo, que podia ſer Mãy do Meſſias. Suſpendia as ſuſpeitas algumas vezes, e outras ſe lhe augmentavaõ, e arraſtavaõ as evidencias, e aſſim fluctuando padecia impetuoſas ondas por huma, e por outra parte. Tudo o que paſſava pelo coraçaõ de S. Jozé em ſegredo, era manifeſto á Princeza do Ceo, que o eſtava vendo, com ſciencia Divina, e luz, que tinha. E ainda que ſeu ſantiſſimo coraçaõ eſtava cheyo de ternura, e compaixaõ do que padecia ſeu Eſpoſo, naõ lhe fallava palavra niſſo, pelo ſervir com ſummo rendimento, e cuidado, na meſa, e em outras occupaçoens domeſticas.

Conhecia Maria Santiſſima a afflicçaõ de ſeu Eſpoſo, mas naõ convinha revelar-lhe o myſterio.

30 Naõ obſtante o ſer S. Jozé Santo, e recto, depois que ſe eſpozou com Maria Santiſſima, ſe deixava reſpeitar, e ſervir della, guardando em tudo a authoridade de cabeça, e Varaõ, ainda que o temperava com rara humildade, e prudencia; porèm em quanto ignorou o myſterio de ſua Eſpoſa, julgou que devia moſtrar-ſe ſempre ſuperior, com a conveniente temperança, á imitaçaõ dos Padres antigos, e Patriarchas, de quem naõ devia degenerar, para que as mulheres foſſem obedientes, e rendidas a ſeus maridos. Naõ houve, nem haverá, mulher taõ obediente, humilde, e ſujeita a

Deixava-ſe S. Jozè reſpeitar, e ſervir de Maria Santiſſima.

ſeu

seu marido, como o esteve nossa amabilissima Mãy, e Senhora a seu Esposo, ao qual servia com incomparavel respeito, e promptidaõ, e ainda que conhecia seus cuidados, e attençaõ á sua prenhez, nem por isso se escuzou de fazer todas as acçoens, que lhe tocavaõ, nem menos cuidou de dissimular, e escuzar a novidade do seu Ventre Divino; porque este rodeyo, ou artificio, naõ se compadecia com a verdade, e candidez Angelica, que tinha, nem com a generosidade, e grandeza do seu nobilissimo coraçaõ.

Servia muitas vezes de joelhos S. Jozè a Maria Santissima.

31 E ainda que a compaixaõ, e amor, que tinha a seu ditosissimo Esposo, a persuadiaõ a consolá-lo, e a despena-lo, naõ o fez desculpando-se, nem occultando-se, senaõ servindo-o com mayores demonstraçoens, procurando sempre o regalá-lo, e perguntando-lhe o que dezejava, e queria que lhe fizesse. Muitas vezes o servia de joelhos, e ainda que alguma cousa consolavaõ estas demonstraçoens a S. Jozé, por outra parte lhe davaõ mayores motivos de affligir-se, considerando as muitas causas, que tinha para amar, e estimar a quem naõ sabia se o havia offendido. Fazia sim a Divina Senhora continua oraçaõ por elle, pedindo ao Altissimo confortasse a seu Esposo naquella justissima afflicçaõ que tinha, e que lhe dava occasiaõ, para a tratar algumas vezes com alguma severidade, o que fazia com affecto inseparavel do seu affligido coraçaõ, e naõ por indignaçaõ, ou vingança.

Augmentaõ-se a S. Jozè os zelos, e se lhe debilitaõ as forças.

32 Na tormenta de cuidados, que combatiaõ ao Patriarcha Santissimo, procurava cobrar alento na sua grande afflicçaõ, pondo em duvidas a prenhez da sua castissima Esposa: porèm deste engano o tirava cada dia o augmento do Ventre Virginal, que com o tempo se hia manifestando com mais evidencias. E como estava Maria Santissima cada vez mais agradavel, e formosa, e sem suspeitas de outros achaques, assentou Jozé com evidencia estar a Virgem pejada. Supposto conformava sempre o seu espirito com a vontade de Deos, a carne enferma sentia o summo da dor da alma, com que chegou ao ponto, onde naõ achou sahida alguma na causa da sua tristeza. Sentio quebranto, ou deliquio em as forças do corpo, as quaes se lhe debilitaraõ, e perdendo as cores, mostrava profunda tristeza, e huma melancolia, que o affligia, e que era tanto mais intoleravel, quanto incommunicavel.

Assiste Maria Santissima á enfermidade de S. Jozè com mayor desvèlo, e cada vez mais se confunde o Santo, que resolve deixar a Senhora.

33 Naõ era menor a dor, que a Maria Santissima penetrava o coraçaõ, porèm ainda que era grandissima, era mayor o espaço do seu dilatadissimo, e generoso animo, com o qual dissimulava as suas penas; porèm naõ o cuidado, que lhe davaõ as de S. Jozé seu Esposo: e assim determinou assistir-lhe mais, e cuidar da sua saude, e regálo. Por si mesma fazia-lhe quanto podia, fallava-lhe na sua saude, perguntava-lhe o que queria fizesse para o seu serviço, e allivio do achaque, que tanto o desfallecia. Rogava-o para que tomasse algum descanço, e regálo &c. Attendia o Santo Patriarcha a tudo o que a sua Divina Esposa fazia, e ponderando comsigo naquella virtude, e discriçaõ, e sentindo os santos effeitos do seu trato, e presença, dizia: *He possivel que mulher de taes costumes, e onde tanto se manifesta a graça do Senhor, me ponha a mim em tal tribulaçaõ! Como se compadece esta prudencia, e santidade com os sinaes, que vejo de haver sido infiel a Deos, e a mim, que tanto de coraçaõ a amo! Se quero despedi-la, perco a sua dezejavel companhia, toda a minha consolaçaõ, a minha casa, e a minha quietaçaõ. Que bem acharey, como ella, se me retiro! Que consolaçaõ terey, se esta me falta! Porèm tudo peza menos, que a infamia de taõ infeliz fortuna, e que de mim se entenda hey sido complice em algum delicto. Occultar-se o successo, naõ he possivel: porque tudo o ha de manifestar o tempo, ainda que eu agora o cale, e dissimule. Fazer-me eu author desta prenhez, será huma vil mentira, e contra a minha propria consciencia, e reputaçaõ. Naõ a posso reconhecer por minha, nem attribui-la á causa que ignoro. Pois que farey em tal aperto? O menor de meus males será auzentar-me, e deixar minha casa, antes*

que

que chegue o parto, no qual me acharia mais confuzo, e affligido, sem saber que conselho, e determinaçaõ tomaria, vendo em minha casa filho, que naõ era meu.

34 Vendo a Rainha do Ceo a determinaçaõ com que estava de deixá-la seu Esposo Jozé, fez esta supplica aos seus Santos Anjos Custodios: *Espiritos Bemaventurados, e Ministros do Supremo Rey, que vos levantou à felicidade, que gozais, e por sua dignaçaõ me acompanhais, como fidelissimos Servos seus, e sentinellas minhas, eu vos peço, amigos meus, que aprezenteis ao Clementissimo Senhor as afflicçoens de meu Esposo Jozè. Pedi-lhe que o console, e veja como verdadeiro Deos, e Pay. Vós, que com promptidaõ obedeceis ás suas palavras, ouvi tambem os meus rogos. Pelo que, sendo infinito, quiz incarnar em minhas entranhas, vos peço, e rogo, que sem dilaçaõ acudais ao aperto, em que se acha o fidelissimo coraçaõ de meu Esposo, e alleviando-o de suas penas lhe tireis do animo, e do pensamento a determinaçaõ, que ha tomado de auzentar-se.* Obedeceraõ á sua Rainha os Santos Anjos, que elegeo, e logo occultamente enviaraõ ao coraçaõ de S. Jozé muitas inspiraçoens, pelas quaes o persuadiaõ a que sua Esposa era Santa, e perfeitissima, e que naõ se podia crer della cousa indigna; que Deos era incomprehensivel nas suas obras, e occultissimo nos seus rectos juizos, que sempre era fidelissimo aos que confiavaõ nelle, e que a ninguem desprezava, nem dezamparava nas tribulaçoens.

Vendo Maria Santissima que S. Jozè pertende deixá-la, fez huma supplica aos Anjos.

35 Com estas, e outras inspiraçoens socegava hum pouco o turbado coraçaõ de S. Jozé: porèm como o objecto da sua tristeza se naõ melhorava, logo voltava a ella, sem achar sahida de cousa fixa, e certa, em que assegurar-se, e assim renovou os intentos de auzentar-se, e de deixar a sua Esposa; á vista do que se resolveo a affligida Senhora a fazer a seguinte supplica, ao Filho Santissimo que tinha no seu ventre: *Senhor, e bem da minha alma, se me dais licença, ainda que sou pó, e cinza, fallarei na vossa Real presença, e manifestarei meus gemidos. Justo he, dono meu, que eu naõ seja remissa, em ajudar o Esposo, que me destes da vossa maõ. Vejo-o na tribulaçaõ em que está posto, pela vossa Providencia, e naõ será piedade deixá-lo nella. Se acho graça nos vossos olhos, vos peço, Senhor, e Deos Eterno, pelo amor que vos obrigou a vir ás entranhas de vossa escrava para remedio dos homens, tenhais por bem de consolar a vosso Servo Jozè, e dispô-lo para que ajude ao cumprimento das vossas grandes obras. Naõ estará bem vossa escrava sem Esposo, que a ampare, patrocine, e sirva de resguardo. Naõ permitais, Senhor, que execute a sua determinaçaõ, e que auzentando-se me deixe.*

Faz Maria Santissima oraçaõ a seu Filho Santissimo pedindo-lhe consolasse a S. Jozè.

36 Respondeo o Altissimo a esta petiçaõ, dizendo: *Pomba minha, e amiga minha, eu acudirei com presteza à consolaçaõ do meu Servo Jozè, e em eu lhe declarando por meyo do meu Anjo o Sacramento, que ignora, poderás fallar com elle com clareza tudo o que contigo hey obrado, sem que para adiante guardes nisto mais silencio. Eu o encherei de meu espirito, e o farei capaz do que deve fazer nestes mysterios. Elle te ajudará nelles, e te assistirá a tudo o que succeder.* Com esta promessa do Senhor ficou Maria Santissima toda confortada, e consolada, dando rendidas graças ao mesmo Senhor, que com taõ admiravel ordem dispunha todas as cousas com pezo, e medida; e porque àlèm da consolaçaõ, que teve a mesma Senhora, ficando sem aquelle cuidado, conheceo quaõ conveniente era para seu Esposo Jozé haver padecido aquella tribulaçaõ, em que se provasse, e dilatasse seu espirito para as cousas grandes, que se haviaõ de fiar delle.

Responde-lhe o Senhor.

37 Ao mesmo tempo estava S. Jozé conferindo as suas duvidas comsigo mesmo, e como tivessem ja passado dous mezes nesta grande tribulaçaõ, vencido da difficuldade, disse: *Eu naõ acho meyo mais opportuno à minha dor, que o auzentar-me. Confesso que minha Esposa he perfeitissima, porque nada vejo nella, que a naõ acredite por Santa; porèm em fim, está prenhe, e naõ alcanço este mysterio. Naõ quero offender a sua virtude, com entregá-la á execuçaõ da Ley,*

Augmentaõ-se os zelos ao Santo de sorte, que se prepara para fugir.

Ley, porèm tampouco devo esperar o successo. Partirei logo, e me deixarei á Providencia do Senhor, que me governe. Prevenio-se pois para a jornada com hum vestido que tinha, com alguma roupa que metteo em hum fardinho, e com algum dinheiro que cobrou de algumas obras, com tençaõ de partir pela meya noite. Fez porèm antes da hora destinada, esta oraçaõ: *Altissimo Deos Eterno de nossos Pays Abraham, Isac, e Jacob, verdadeiro, e unico amparo dos pobres, e affligidos, manifesto he á vossa clemencia a dor, e afflicçaõ, de que o meu coraçaõ está possuido. Tambem, Senhor, conheceis [ainda que sou indigno] a minha innocencia na causa da minha pena, e a infamia, e perigo, que me provem do estado em que está minha Esposa. Naõ a julgo por adultera, porque conheço nella grandes virtudes; porèm com certeza vejo que está pejada. A causa, e o modo do successo, eu o ignoro, mas naõ acho sahida, que me satisfaça. Determino, por menor damno, o apartar-me della, aonde ninguem me conheça, e aonde acabe a vida entregue á vossa Providencia. Naõ me dezampareis, Senhor meu, e Deos Eterno; porque só dezejo a vossa mayor honra, e serviço.*

Oraçaõ que faz a Deos na despedida.

Faz voto de levar ao Templo parte do dinheiro que levava para a jornadá com o fim de que Deos livrasse a sua Esposa das culũnias dos homens.

38 Feita esta oraçaõ, se prostou por terra, e fez voto de levar ao Templo de Jerusalem parte do pouco dinheiro, que destinou para a jornada, com o fim de que Deos defendesse a sua Esposa das calumnias dos homens, livrando-a de todo o mal: e daqui se colhe, qual era a rectidaõ do Santo Patriarcha, e o apreço que fazia de nossa Mãy Maria Santissima, e Esposa sua. Depois desta oraçaõ se lançou a dormir hum pouco, para sahir na determinada hora, e em sonhos teve os favores que logo direi, pois agora digo, que a Divina Princeza, conhecendo o voto que tinha feito, e o fardelinho, e peculio que tinha preparado, se encheo de nova ternura, e compaixaõ, fez nova oraçaõ por elle, louvando ao Senhor nas suas obras, e na ordem com que as dispõem, sobre todo o pensamento dos homens. Deo a Magestade Divina lugar para que Maria Santissima, e S. Jozé chegassem ao extremo do aperto de dor interior, para que, além dos meritos, que com este dilatado martyrio accumulavaõ, fosse mais admiravel, e estimavel o beneficio da consolaçaõ Divina: e ainda que a Virgem Santissima estava constantissima na Fé, e Esperança, de que o Altissimo acudiria opportunamente ao remedio de tudo, com tudo a affligio muito a determinaçaõ de S. Jozé; porque se lhe reprezentavaõ os grandes inconvenientes, que se lhe seguiaõ de ficar só, sem arrimo, e companhia, que a amparasse, e consolasse pela ordem commũa, e natural, pois sabia muito bem que nem tudo se póde buscar, e procurar por modo milagroso, e sobrenatural. Estava pois a Divina Senhora esperando o remedio, e solicitando-o com Divinas petiçoens, a tempo que o Altissimo o deo, mandando que o Archanjo S. Gabriel declarasse a S. Jozé o Mysterio da Incarnaçaõ, e Redempçaõ, dizendo-lhe que naõ temesse estar com sua Esposa Maria, porque era obrá do Espirito Santo o que tinha no seu ventre; que pariria hum Filho, a que chamariaõ Jesus; que seria Salvador do seu povo &c. Naõ vio S. Jozé ao Anjo com especies imaginarias, porque só ouvio a vóz interior, e entendeo o mysterio, de que sua Esposa era Mãy verdadeira do mesmo Deos.

Estorva Deos a jornada de S. Jozè mandando-lhe declarar o Mysterio da Incarnaçaõ.

De como se reprehendeo S. Jozé a si depois de o conhecer.

39 Assim como despertou, entre o mesmo gozo da sua dita, e naõ pensada sorte, se prostrou em terra, e com outra humilde turbaçaõ, temeroso, e alegre fez heroicos actos de humildade, e reconhecimento. Deo graças ao Senhor pelo mysterio que lhe havia revelado, e pelo haver feito Sua Magestade Esposo da que escolheo por Mãy, naõ merecendo ser escravo seu. Com este conhecimento, e acçoens de virtudes, ficou serenado o espirito de S. Jozé, e disposto para receber novos effeitos do Espirito Santo. Com a duvida, e turbaçaõ passada, se assentaraõ nelle os fundamentos mui profundos da humildade, que havia de ter, a quem se fiava a dispensaçaõ dos mais altos conselhos do Senhor, sendo a memoria deste successo hum magisterio, que lhe

durou

durou toda a vida. Feita aquella oraçaõ a Deos, se reprehendeo o Santo Varaõ a si mesmo, dizendo: *Oh Esposa minha, Divina, e mansissima pomba, escolhida pelo muito Alto para morada, e Mãy sua! Como este teu humilde escravo teve ousadia para pôr em duvida a tua felicidade! Como o pó, e cinza deo lugar a que a servisse a que he Rainha do Ceo, e terra, e Senhora de todo o creado! Como naõ hey beijado o chaõ, que tocaraõ os teus pès! Como naõ hei posto todo o cuidado em servir-te de joelhos! Como levantarei meus olhos na tua presença, e me atreverei a estar na tua companhia, e despegar os meus labios para fallar-te! Senhor, e Deos Eterno, dai-me graça, e forças para pedir-lhe me perdoe. Ay de mim, que como estava cheya de luz, e graça, e encerra em si o Author da luz, lhe seriaõ patentes todos meus pensamentos, e havendo tido os de deixá-la, atrevimento será o apparecer diante dos seus olhos! Conheço o meu grosseiro proceder, e pesado engano; pois á vista de tanta santidade admitti pensamentos indignos, e duvidas da fidelissima correspondencia, que eu naõ merecia. E se em castigo meu permittira a vossa justiça que eu executara a minha errada determinaçaõ, qual fora agora a minha desdita! Eternamente agradecerei, Altissimo Senhor, taõ incomparavel beneficio. Day-me, Rey poderosissimo, com que lhe satisfaça com condigna retribuiçaõ. Irey a minha Senhora, e Esposa, confiado na doçura de sua clemencia, e prostrado a seus pès, lhe pedirei perdaõ, para que por ella, Vós meu Deos, e Senhor Eterno, me vejais como Pay, e perdoeis os meus desacertos.*

Pede S. Jozè perdaõ a sua Santissima Esposa de presumir nella defeito.

40 Com esta mudança sahio o favorecidissimo Jozé do seu apozento, e como a Rainha do Ceo estava no seu retirada, naõ quiz despertá-la da doçura da sua contemplaçaõ, na qual se lhe estavaõ fazendo patentes os seus pensamentos, e movimentos. Desfez o fardinho, com que se tinha prevenido, prevenio a casa, limpou o chaõ, que haviaõ de pizar as suas plantas, e preparou outras cousas, que costumava remetter á Divina Senhora, quando naõ conhecia a sua Dignidade, determinando mudar de intento, e de estylo, applicando a si o officio de servo, e a ella o de Senhora; logo que esta abrio o quarto, em que estava encerrada, se lançou Jozé a seus pés, dizendo, com a mais profunda veneraçaõ, e humildade: *Senhora, e Esposa minha, Mãy verdadeira do Eterno Verbo, aqui está o vosso Servo, prostrado aos pès de vossa clemencia. Pelo mesmo Deos, e Senhor vosso, que tendes no vosso Virginal Ventre, vos peço me perdoeis o meu atrevimento. Seguro estou, Senhora, que nenhum dos meus pensamentos he occulto á vossa Sabedoria, e Luz Divina: grande foy a minha ousadia em entender deixar-vos, e naõ ha sido menor a grossaria, com que atègora vos hey tratado, como a meu inferior, sem vos haver servido, como a Mãy de meu Senhor, e Deos; porèm tambem sabeis, que tudo fiz com ignorancia; porque naõ sabia o Sacramento do Rey Celestial, e a grandeza da vossa Dignidade, ainda que venerava em vós outros dons do Altissimo. Naõ attendais, Senhora minha, ás ignorancias de huma vil creatura, que ja reconhecida offerece o coraçaõ, e a vida a vosso obsequio, e serviço. Naõ me levantarei de vossos pès, sem saber que estou em vossa graça, e perdoado da minha desordem, alcançada vossa benevolencia, e bençaõ.*

Pede Maria Santissima tambem perdaõ a S. Jozé.

41 Assim como Maria Santissima ouvio as humildes razoens de S. Jozé seu Esposo, sentio diversos effeitos; porque com grande ternura se alegrou em o Senhor de vê-lo capaz dos Mysterios da Incarnaçaõ, que confessava, e venerava com taõ alta fé, e humildade; e se affligia pela determinaçaõ, que vio no mesmo Esposo, de tratá-la dalli em diante com o respeito, e rendimento que offerecia; porque com esta novidade se reprezentou á humilde Senhora, que se lhe hia das maõs a occasiaõ de obedecer, e de humilharse como Serva de seu Esposo. E como o que de repente se acha sem alguma joya, ou thesouro, que grandemente estimava; assim Maria Santissima se contristou com apprehender, que S. Jozé a naõ trataria como a inferior, e sujeita em tudo, pela haver conhecido Mãy de Deos. Levantou pois de seus

 pés

pés ao Santo Espoſo, e ſe pôs aos delle, naõ obſtante o naõ querer elle permittir tal humildade, por ſer ella invencivel neſta virtude, e reſpondendo ao Santo, diſſe: *Eu Senhor, e Eſpoſo meu, ſou a que devo pedir vos me perdoeis, e vós ſois quem ha de remir as penas, e amarguras, que de mim tendes recebido; e aſſim vos peço, proſtrada a voſſos pès, que vos eſqueçais dos voſſos cuidados, pois o Altiſſimo admittio voſſos dezejos, e as afflicçoens, que nelles padeceſteis.*

42 Pareceo á Divina Senhora conveniente, e preciſo conſolar a ſeu caſto Eſpoſo, dizendo-lhe: *Do occulto Sacramento, que em mim tem encerrado o braço do Altiſſimo, naõ póde o meu dezejo dar-vos noticia alguma; porque, como eſcrava do Altiſſimo Senhor, era juſto guardar a ſua vontade perfeita, e ſanta. Como ſempre fui, e ſerei Serva voſſa, do intimo de coraçaõ vos peço, pelo Senhor que tenho nas minhas entranhas, que naõ mudeis na voſſa converſaçaõ, e trato, o eſtylo, que atègora praticaveis. Naõ me fez o Senhor Mãy ſua, para ſer ſervida, e Senhora neſta vida, ſenaõ para ſer de todos ſerva, e eſcrava voſſa, obedecendo á voſſa vontade. Eſte he Senhor o meu officio, e ſem elle viverei affligida, e ſem conſolaçaõ alguma. Juſto he que mo deis, pois aſſim o ordenou o Altiſſimo, dando-me voſſo amparo, para que eu á voſſa ſombra eſteja ſegura, e com voſſa ajuda poſſa criar ao Fructo do meu Ventre, meu Deos, e Senhor.* Com eſtas, e outras muitas razoens, cheyas de ſuavidade efficaciſſima, conſolou, e ſocegou Maria Santiſſima a S. Jozé, que recebeo taõ grande plenitud de Divinas influencias, que lhe reſpondeo aſſim: *Bendita ſois, Senhora, entre todas as mulheres: ditoſa, e Bemaventurada em todas as naçoens, e geraçoens. Seja engrandecido com eternos louvores o Creador do Ceo, e terra; porque do Supremo do ſeu Real Throno vos vio, e elegeo para ſua habitaçaõ, e em Vós ſó nos cumprio as antigas profecias, que fez a noſſos Pays, e Profetas. Todas as geraçoens vos louvem, porque com nenhuma ſe magnificou tanto, como o fez com a voſſa humildade; e a mim, o mais vil dos viventes, por ſua Divina dignaçaõ, me elegeo por voſſo Servo.* Neſtas bençoens, e palavras, que fallou S. Jozé, eſteve illuſtrado do Eſpirito Divino, ao modo que Santa Iſabel, quando reſpondeo á Saudaçaõ da noſſa Rainha, e Senhora, ainda que a luz, e ſciencia, que recebeo o Santo, foy admiravel, e a que para a ſua Dignidade, e miniſterio convinha.

Conſola Maria Santiſſima a S. Jozè, e eſte lhe correſpòde com chamar-lhe Bẽdita entre as mulheres.

43 Aſſim como a Virgem Santiſſima ouvio aquellas palavras, que o Santo diſſe, inſpiradas pelo Divino Eſpirito, reſpondeo com o Cantico da Magnificat, accreſcentando ao que diſſe a Santa Iſabel, e logo foy inflammada, e elevada em hum extaſi altiſſimo, e levantada da terra em hum globo de excellente luz, que a rodeava, ficando toda transformada como com dotes de Gloria. Com a viſta de taõ Divino objecto, ficou S. Jozé admirado, e cheyo de incomparavel jubilo, porque nunca havia viſto a ſua Benditiſſima Eſpoſa com ſimilhante gloria, e eminente excellencia. Alli a conheceo com claridade, e plenitud; porque ſe lhe manifeſtou juntamente a integridade, e pureza da Princeza do Ceo, e o Myſterio da ſua Dignidade, e vio, e conheceo no ſeu Virginal Thalamo a Humanidade Santiſſima do Filho de Deos, e a uniaõ das naturezas na Peſſoa do Verbo. E com profunda humildade, e reverencia o adorou, e reconheceo por ſeu verdadeiro Redemptor, e com heroicos actos de amor ſe offereceo a Sua Mageſtade, que lhe pôs os olhos com tanta benignidade, e clemencia, que o acceitou, e lhe deo o titulo de Pay Putativo, e a plenitud de ſciencia, e dons celeſtiaes, que a piedade Chriſtaã deve preſumir devia correſponder ao renome de tanta Dignidade.

Reſponde Maria Santiſſima com o Cantico da Magnificat.

Myſtic. Cid. p. 2. lib. 4. cap. 4.

44 Se he hum grande argumento da grandeza do animo de S. Jozé, e claro indicio da ſua inſigne ſantidade, naõ morrer, ou desfallecer com os zelos da ſua amada Eſpoſa; de mayor admiraçaõ he, que naõ o opprimiſſe o inopinado gozo, que teve com o dezengano. O certo he, que ſe a Divi-

na

na bondade lhe naõ dilatara o coraçaõ, nem pudera receber tantos dons do Ceo, nem resistir ao jubilo do seu Espirito, pois em tudo foy renovado, e elevado, para tratar dignamente com a que era Mãy do mesmo Deos, e Esposa propria sua. Determinou de proceder com a Divina Senhora com novo estylo, e reverencia, o que era conforme á sua sabedoria, e á luz que tinha da sua excellencia. Quando lhe fallava, e passava por diante della, lhe fazia genuflexoens com summa reverencia, naõ consentindo que ella o servisse, como de antes, em cousa alguma da sua pessoa, e dos ministerios da casa, porèm a Divinissima Senhora, que entre os humildes foy a humildissima, dispôs as cousas de maneira, que sempre ficasse nas suas maõs a palma de todas as virtudes, pois pedio ao Santo Esposo com as mayores expressoens, que lhe naõ desse a reverencia de ajoelhar na sua presença, dizendo, que supposto aquella reverencia se devia ao Senhor, que tinha no seu Ventre, em quanto estava nelle, e se naõ manifestava, se naõ podia distinguir naquella acçaõ a Pessoa do Senhor da sua. Convencido assim das suas persuasoens se ajustou ao gosto da Rainha do Ceo, observando o naõ se pôr diante della de joelhos, e dando esta veneraçaõ, e este culto ao Senhor, que trazia nas suas Entranhas, quando ella naõ podia perceber naturalmente.

De como tratava S. Jozè a Maria Santissima depois que soube a sua Dignidade.

45 Sobre o exercitar a Senhora as humildes acçoens do serviço da casa, tiveraõ muitas, e humildes contendas, por naõ querer S. Jozé ceder nesta parte, adiantando se a fazer tudo o necessario; á vista do que se vio precizada a humildissima Senhora a pedir ao Senhor, obrigasse a seu Esposo para que naõ a impedisse o exercitar, como dezejava, os officios servîs daquella casa, de cuja petiçaõ resultou o mandar o Altissimo ao Anjo Custodio do Santo, que lhe fallasse interiormente nesta fórma: *Naõ frustres os dezejos humildes da que he Superior a todas as creaturas do Ceo, e da terra. No exterior dà lugar a que te sirva, e no interior lhe guarda summa reverencia; e em todo o tempo, e lugar dà culto ao Verbo humanado; cuja vontade he, com sua Divina Mãy, vir a servir, e naõ a ser servidos, para ensinarem ao mundo a scienc ia da vida, e a excellencia da humildade. Em algumas cousas de trabalho pódes alleviá-la, e sempre nella reverencea ao Senhor de todo o creado.*

Manda o Senhor a S. Jozè, que se deixe servir de Maria Santissima &c.

46 Com esta instrucçaõ do Altissimo, permittio S. Jozé á Senhora o exercitar os humildes officios da casa, tendo desta sorte ambos occasiaõ de offerecerem a Deos sacrificio acceito da sua vontade, Maria Santissima, logrando sempre a sua profundissima humildade, e obediencia a seu Esposo em todos os actos destas virtudes, que com heroica perfeiçaõ obrava, sem omittir alguma, que pudesse fazer; e S. Jozé obedecendo ao Senhor com a prudente, e santa confuzaõ, que lhe occasionava o ver-se administrado, e servido da que reconhecia por Senhora sua, e de todo o creado, como Mãy do mesmo Deos, e Creador. Com este motivo recompensava o prudentissimo Jozé a humildade, que naõ podia exercitar em outros actos, que remettia a sua Esposa; porque isto o humilhava mais, e o obrigava a abater-se na sua estimaçaõ com mayor temor reverencial, com o qual reverenciava a Maria Santissima, e nella ao Senhor encerrado no Virginal Thalamo, no qual se lhe manifestava muitas vezes por admiravel modo, deixando-se ver, como por hum crystal.

Obedece S. Jozè ao Senhor com prudente, e santa confuzaõ.

47 Depois que o Divino Jozé foy illustrado, e informado dos magnificos Sacramentos da Uniaõ Hypostatica das duas naturezas Divina, e humana, conferia a Mãy de Deos com elle os Mysterios da Incarnaçaõ, declarando lhe todos sem cautéla, nem receyo. Viviaõ estes santissimos Esposos em huma humilde casa, que constava de tres apozentos: em hum dormia S. Jozé, no outro trabalhava pelo seu officio, e no terceiro assistia Maria Santissima, no qual tinha huma tarima, que fez S. Jozé na occasiaõ dos Espozorios. Nella descançava muito pouco tempo entre duas mantas, que tinha, porque todo o occupava em lavores, fiar, e cozer, no que era perfeitissima, o que fazia

Da casa em q viviaõ Maria Santissima, e S. Jozè.

ſem deixar a oraçaõ, na qual a via arrobada cada dia, em amoroſos extaſis, e altivas contemplaçoens, ſeu ditoſiſſimo Eſpoſo, depois que lhe foy revelado era a ditoſa Mãy do Redemptor. Tambem a vio innumeraveis vezes cheya de refulgentes luzes, e acompanhada de immenſos Anjos, que lhe davaõ ſuaviſſimas muſicas, e Celeſtiaes deſcantes. Naõ tinhaõ criado algum, que os ſerviſſe, naõ ſó pela ſua profunda humildade, e por naõ ter a quem mandar, ſenaõ tambem, porque naõ houveſſem teſtimunhas das raras, e profundas maravilhas, que haviaõ naquella ditoſa caſa.

48 A Princeza do Ceo naõ ſahia de ſua caſa, ſenaõ por urgentiſſima cauſa, qual a do ſerviço de Deos, e do proximo; porque o que era neceſſario para o ſerviço della, eſtava por conta de huma ſua viſinha, que foy a que ſervio a S. Jozé, em quanto a Senhora eſteve aſſiſtindo a Santa Iſabel ſua Prima, a qual acabou ſantamente com toda a ſua caſa, em premio de ſervir com pontualidade, amor, e caridade a Jeſus, Maria, e Jozé. O veſtido interior, de que uſava Maria Santiſſima, era huma tunica, ou camiza de cor de cinza, de téla como algodaõ, mais ſuave que o panno commum, e ordinario, cuja tunica jamais mudou, depois que ſahio do Templo, porque nunca ſe manchou, nem envelheceo, nem menos a vio S. Jozé, que ſó lhe via o veſtido exterior; eſte ſim mudava algumas vezes, como tambem as toucas de que uſava, naõ porque eſtiveſſe nada diſto manchado, ſim por eſcuzar a advertencia de a verem ſempre em hum eſtado. O ſuſtento era parviſſimo, e de ordinario peixe, fructa, e hervas cozidas, e ſe S. Jozé algumas vezes comia carne, Maria Santiſſima a naõ comia, naõ obſtante o comerem todos os dias á meſma meſa. A quantidade, e ordem dos manjares era ſómente aquella, que pedia preciſamente o alimento da natureza, e o calor natural, ſem que ſobraſſe couſa alguma, que paſſaſſe a exceſſo, e corrupçaõ damnoſa. Ambos eſtes Santiſſimos, e Caſtiſſimos Eſpoſos trabalhavaõ para fóra as coſturas, e as obras, que lhes encõmendavaõ, naõ por intereſſe, ſenaõ por obedecerem, e fazerem caridade a quem lhas pedia, deixando nos ſeus arbitrios o darem-lhes, ou naõ darem-lhes alguma couſa, que recebiaõ como por eſmóla, de que reſultava o naõ lhe recompenſarem muitos o ſeu trabalho, e o faltar-lhes o neceſſario a ſeu tempo, em cujas neceſſidades eraõ providos por miniſterio dos Anjos, e todas as faltas do neceſſario, que tinhaõ, diſpunha o Senhor; porque a fé, e paciencia de Maria, e de Jozé naõ eſtiveſſem ocioſas, e porque aquellas neceſſidades eraõ mayormente para a Divina Senhora de incomparavel conſolaçaõ, naõ ſó pelo grande amor que tinha á virtude da pobreza; ſenaõ tambem pela ſua prodigioſa humildade. Santa Iſabel ſoccorria aos Santiſſimos Eſpoſados liberalmente, attendendo naõ ſó a que careciaõ, ſenaõ tambem á inclinaçaõ que tinhaõ em repartir com os pobres do pouco que tinhaõ. Em muitas occaſioens ſe valia Maria Santiſſima, para mayor gloria do Altiſſimo, do poder, que lhe tinha dado ſobre as creaturas, mandando ás aves do ar, que lhe levaſſem peixes do mar, ou fructas do campo, a que promptamente obedeciaõ.

Do como ſe veſtia Maria Santiſſima, e ſe alimentavaõ ambos, com o producto do que ganhavaõ pelo que trabalhavaõ.

49 As aves hiaõ viſitar a eſta ſua Senhora, á qual rodeavaõ, como quem lhe fazia coro, e cantavaõ com admiravel harmonia, a ſeu modo, louvores Divinos. A primeira vez, que S. Jozé vio eſta maravilha, cheyo de admiraçaõ, e jubilo, diſſe á Soberana Senhora: *He poſſivel, Eſpoſa minha, que haõ de cumprir as aveſinhas ſimplez, e as creaturas irracionaes com ſuas obrigaçoens, melhor que eu! Razaõ ſerá que, ſe ellas vos reconhecem, ſervem, e reverenceaõ no que pódem, me deis lugar a mim para que eu cumpra com o que devo de juſtiça.* Reſpondeo a prudentiſſima Senhora: *Senhor meu, no que fazem eſtas aveſinhas do Ceo, nos offerece o ſeu Author hum efficaz motivo para que nós outros, que o conhecemos, façamos digno emprego de noſſas forças, e potencias nos ſeus louvores, como ellas o vem a reconhecer no meu Ventre; porèm eu ſou creatura, e por iſſo naõ ſe me deve a mim a veneraçaõ, nem he razaõ a admit-*

As aves viſitavaõ a Maria Santiſſima, do que tirava S. Jozè motivos para confundir-ſe.

a admitta; porèm devo procurar que todos louvem ao mui Alto, porque pòs os olhos nesta sua Serva, e a enriqueceo com os thesouros da sua Divindade.

50 Antes que o Glorioso Patriarcha tivesse noticia do Mysterio da Incarnação, ouvia ler, e explicar a sua Sagrada Esposa as Escrituras, principalmente os Psalmos, e outros Profetas; porèm depois que foy illustrado com a noticia deste grande Sacramento, fallava com a amabilissima Esposa, como quem era coadjutora das obras, e admiraveis Mysterios da nossa Redempção, e assim conferião todas as Profecias, e Divinos Oraculos da Concepção do Verbo por Mãy Virgem, do seu Nascimento, educação, e vida santissima. Tudo explicava a Divina Senhora, prevenindo, e conferindo o que devião fazer, quando chegasse o dia tão dezejado, em que o Menino nascesse ao mundo, e ella o tivesse nos seus braços, e alimentasse com o seu Virginal Leite. Com estas doces practicas, e conferencias, todo se inflammava, o fidelissimo, e ditosissimo Esposo, que com lagrimas de jubilo dizia: *He possivel, Senhora minha, que nos nossos castissimos braços hey de ver a meu Deos, e Creador! Que o adorarei nelles! Que o ouvirei, e tocarei, e meus olhos verão seu Divino Rosto, e será o suor do meu tão bem affortunado, que se ha de empregar em seu serviço, e sustento! He possivel que elle viva com nósoutros, e que comamos á sua mesa, e que com elle fallemos, e conversemos! Donde a mim tão grande dita, sem que a possa merecer! Oh como me dóe o ser tão pobre! Quem tivera ricos palacios, para o receber, e muitos thesouros, que offerecer-lhe!* A isto respondeo a Senhora: *Senhor, e Esposo meu, razão he que vosso cuidadoso affecto se estenda a todo o possivel em obsequio do seu Creador; porèm não quer este Grande Deos, e Senhor nosso, vir ao mundo por meyo das riquezas, e Magestade temporal, e ostentosa; porque de nenhuma destas cousas necessita, nem por ellas baixará dos Ceos á terra. Só vem a remediar ao mundo, e encaminhar aos homens pelo recto caminho da vida eterna, e isto ha de ser por meyo da humildade, e pobreza, e nella quer nascer, viver, e morrer, para desterrar dos coraçoens a pezada cobiça, e arrogancia, que lhes impede a sua felicidade. Por isso escolheo a nossa pobre, e humilde casa, e nos não quer ricos dos bens apparentes, fallazes, e transitorios, que são vaidades de vaidades, e afflicção do espirito; opprimem, e escurecem o entendimento, para conhecer, e penetrar a luz.*

Inflamma-se S. Jozè com a cõsideração de que se havia de fazer Deos homem mortal, e de que o havia de ter em seus braços.

51 Vendo a Virgem Sacratissima, que se lhe hia approximando o parto, e que era preciso preparar o enxoval, e o mais necessario para o Divino Infante, não obstante o ser sómente officio que pertence ás mulheres, nada quiz dispôr, sem licença de seu Esposo Jozé, a quem disse: *Senhor meu, ja he tempo de prevenir as cousas necessarias para o nascimento de meu Filho Santissimo; e ainda que Sua Magestade infinita quer ser tratado como os filhos dos homens, humilhando-se a padecer as suas penalidades, nesta parte he razão que no seu serviço, e obsequio, no cuidado da sua criação, e assistencia, mostremos que o reconhecemos por nosso Deos, e verdadeiro Rey, e Senhor. Se me dais licença, começarei a dispôr as camizas, e o mais necessario para o receber, e criar. Eu tenho huma tea, fiada pela minha mão, que servirá agora para os primeiros pannos de linho, e vós Senhor buscareis outra de laã, que seja suave, branda, e de cor humilde, para o involver, que para ao diante, eu lhe farei huma tunica inconsutil, e tecida, que será a proposito. E para que acertemos em tudo, façamos especial oração, pedindo a S. A. nos governe, encaminhe, e nos manifeste sua Divina vontade, de maneira, que procedamos com o seu mayor agrado.*

Pede Maria Santissima licença a S. Jozè para fazer o enxoval ao Menino Deos.

Mystic. Cid. p. 2. lib. 4. cap. 7.

52 *Esposa, e Senhora, minha*, respondeo S. Jozé, *se com o mesmo sangue do coração fora possivel servir a meu Senhor, e Deos, e fazer o que mandais, eu me tivera por satisfeito, e por ditoso em derramá-lo com atrocissimos tormentos, e em falta disto quizera ter grandes brocados, e riquezas para servirvos nesta occasião. Disponde o que for conveniente, que em tudo quero obedecer vos*

Resposta de S. Jozè.

O que a ambos disse o Senhor sobre a sua vida.

cer-vos como vosso Servo. Fizeraõ oraçaõ, e a cada hum singularmente respondeo o Altissimo com huma mesma vóz: *Eu vim do Ceo á terra, para levantar a humildade, e humilhar a soberba; para honrar a pobreza, e desprezar as riquezas. Para desfazer a vaidade, e fundar a verdade, e a fazer digno apreço dos trabalhos; e por isso he minha vontade, que na humanidade, que hey recebido, me trateis no exterior, como se fora Filho de ambos, e no interior me reconhecereis por Filho de meu Eterno Pay, e verdadeiro Deos, com a veneraçaõ, e amor, que como a homem, e a Deos se me deve.*

Do enxovalzinho que fizeraõ para o Menino Deos, segundo a mesma Mystica Cid.

53 Confirmados Maria Santissima, e Jozé com esta vóz da Divina Sabedoria, conferiraõ o mais alto, e perfeito estylo de reverenceá-lo como a seu verdadeiro Deos, e de tratá-lo para os olhos do mundo, como se fosse Filho de ambos, visto assim o cuidarem os homens, e o querer o mesmo Senhor. Determinaraõ, pois que na esfera, e estado da sua pobreza, era razaõ fazerem em obsequio do Menino Deos quanto fosse possivel, sem exceder, nem faltar; para que o Sacramento do Rey Divino estivesse occulto com o véo da humilde pobreza, e o incendido amor, que lhe tinhaõ, naõ ficasse frustrado no que podiaõ executar-lhe. Logo S. Jozé, em recambio de algumas obras das suas maõs, buscou duas teas de laã, huma branca, e outra de cor quasi parda, ambas as melhores que pode achar, das quaes cortou a Divina Rainha as primeiras envoltas para o seu Santissimo Filho, e da tea, que ella havia fiado, e tecido, cortou as camizinhas, e as toalhas necessarias para o vestir, e enfaixar. Era a tal tea muito delicada, como de taes mãos, a qual começou no dia que entrou em a sua casa com S. Jozé, com intento de offerecê-la ao Templo, e ainda que este dezejo se commutou taõ melhorado, o panno que sobrou das alfayazinhas do Menino Deos, o mandou para o santo Templo de Jerusalem. Toda a roupa, e alinho necessario para o Divino parto, fez Maria Santissima de joelhos pelas suas proprias maõs, derramando lagrimas de incomparavel devoçaõ. S. Jozé procurou odoriferas flores, e hervas aromaticas, das quaes fez a mais feliz Mãy agoas cheirosas, que lançou no enxoval, que guardou em huma caixa com a divida devoçaõ, da qual os tirou quando foy a Belem.

Continuamente offerecia Maria Santissima a nova Dedicaçaõ, e Templo de Deos vivo em a humanidade Santissima de Deos, que havia de nascer ao mundo; e o mesmo fazia S. Jozé.

54 Continuamente offerecia Maria Santissima o sacrificio da nova Dedicaçaõ, e Templo de Deos vivo em a humanidade Santissima de seu Filho, que havia de nascer ao mundo. Conhecia a Soberana Senhora, mais que todo o resto das creaturas, a incomprehensivel Alteza do Mysterio de humanar-se Deos, e baixar ao mundo, e admirada com incendido amor, e veneraçaõ, repetia muitas vezes o que Salomaõ fabricando o Templo: *Como será possivel que habite Deos com os homens na terra! Se todo o Ceo, e os Ceos dos Ceos saõ estreitos para recebê-lo; quanto o será esta habitaçaõ da humanidade, que se ha fabricado nas minhas entranhas!* Se aquelle Templo, que servio taõ sómente para nelle ouvir Deos as oraçoens, que se lhe offereciaõ, se fabricou; e dedicou com taõ explendido apparato de ouro, prata, thesouros, e sacrificios; que faria a Mãy do verdadeiro Salomaõ na fabrica, e Dedicaçaõ do Templo vivo, onde habitava corporalmente a verdadeira Divindade do mesmo Deos Eterno, e incomparavel! Tudo pois o que em sombras continhaõ aquelles sacrificios, e thesouros sem numero, que para o Templo figurativo se offereciaõ, o cumprio Maria Santissima, naõ com prevençoens de ouro, e prata, nem brocados, senaõ com as virtudes heroicas, e com as riquezas da graça, e dons do Altissimo, com os quaes fazia Canticos de louvores; offerecia holocaustos do seu ardentissimo coraçaõ, discorria por todas as Escrituras Sagradas, e os Hymnos, Psalmos, e Canticos os applicava, e reduzia a este Mysterio, accrescentando muitos mais. Obrava as figuras antigas verdadeira, e mysticamente, com exercicio das virtudes, e actos interiores, e exteriores. Convidava, e chamava a todas as creaturas, para que louvassem, e dessem honra, louvor, e gloria a seu Creador, e para

ra que o esperassem, para serem santificados com a sua vinda ao mundo. Finalmente em todas estas obras a acompanhava o seu fidelissimo, felicissimo, e ditosissimo Esposo.

55 Os Altissimos merecimentos, que accumulava a Divina Princeza com estes, e outros innumeraveis actos, naõ podem explicar ainda as linguas Angelicas; porque se o menor gráo de graça, que recebe qualquer creatura com hum acto de virtude que exercite, val mais que todo o universo; que valor de graça alcançaria a que naõ só excedeo aos antigos sacrificios, offertas, holocaustos, e a todos os merecimentos humanos, senaõ tambem aos dos supremos Serafins, excedendo-os incomparavelmente! Chegavaõ a tal extremo os affectos amorosos da Divina Senhora, esperando a seu Filho, e Deos verdadeiro, para recebê-lo em seus braços, criá-lo a seus peitos, alimentá-lo com a sua maõ &c., que neste docissimo incendio de amor exhalara a vida, se milagrosamente lha naõ conservara o mesmo Deos, pois de ordinario o via no seu Virginal Ventre com claridade Divina a sua humanidade unida á Divindade, e todos os actos interiores daquella Santissima Alma; o modo, e postura do Corpo, e as oraçoens que fazia por ella, por S. Jozé, e por toda a linhagem humana, e singularmente pelos Predestinados.

Continua.

56 Todos estes, e outros muitos Mysterios conhecia, e na imitaçaõ, e louvores de hum taõ benigno, e amoroso Deos se abrazava desorte, que lhe dizia: *Amor meu, docissimo Creador do universo, quando gozaraõ meus olhos da luz do vosso Divino rosto! Quando se consagraráõ meus braços abraçando os vossos? Quando beijando como serva o chaõ, que calcarem vossos sagrados pès, chegarei como Mãy ao osculo dezejado de minha alma, para que participe, com vosso Divino alento, do vosso mesmo espirito! Quando a luz inaccessivel, que sois Vós, Deos verdadeiro de Deos verdadeiro, e lume de lume, se manifestará aos mortaes, depois de tantos seculos, que vos haõ tido occulto á nossa vista? Quando os filhos de Adaõ, cativos por suas culpas, conheceráõ a seu Redemptor, veraõ a sua saude, acharáõ entre si mesmo ao seu Mestre, Irmaõ, e verdadeiro Pay? Oh vida minha, luz de minha alma, virtude minha, querido meu, por quem vivo morrendo! Filho das minhas entranhas, como fará officio de Mãy, a que o naõ sabe fazer de escrava, nem merece tal titulo? Como vos tratarei eu dignamente, sendo hum vil, e pobre bichinho? Como vos servirei, e administrarei, sendo vós a mesma Santidade, e bondade infinita, e eu pó, e cinza? Como ouzarei fallar na vossa presença, nem estar diante do vosso Divino acatamento? Vós, dono do meu ser, me escolhestes, sendo pequena, entre as mais filhas de Adaõ; governai minhas acçoens, encaminhai meus dezejos, e inflammai meus affectos, para que em tudo acerte a dar-vos gosto. E que farei eu, bem meu, se das minhas entranhas sahis ao mundo a padecer affrontas, e morrer pela linhagem humana, senaõ morro comvosco, e vos acompanho ao sacrificio sendo meu ser, e minha vida! Tire a minha a causa, e motivo, que ha de tirar a vossa, pois taõ unidas estaõ. Menos bastará que a vossa morte, para remir ao mundo, e milhares de mundos: Morra eu por vós, e padeça vossas ignominias, e vós com vosso amor, e luz, santificai ao mundo, e allumiai as trevas dos mortaes: e se naõ he possivel revogar o decreto do Eterno Pay, para que seja a Redempçaõ copiosa, e fique satisfeita a vossa excessiva caridade, recebei os meus affectos, e tenha eu parte em todos os trabalhos de vossa vida, pois sois meu Filho, e Senhor.*

Abrazava-se Maria Santissima em louvores, e colloquios ao Senhor, que tinha nas suas Virginaes Entranhas.

57 Vendo S. Jozé que a sua castissima Esposa estava imminente a dar ao mundo ao Menino Deos, que tinha nas suas purissimas entranhas, andava muito solito buscando, e prevenindo o necessario, para solennizar o dia daquelle nascimento, o mais feliz, seguindo o que se praticava naquellas terras, em os nascimentos dos primogenitos. Andando pois com aquelles cuidados, sebem cuidados gostozos, se publicou hum Edicto, e Pragmatica de Octaviano Augusto, em que mandava se escrevesse, e numerasse todo o orbe, cada

Andando S. Jozè dispondo o necessario para o Nascimento de Deos humanado, se publicou o Edicto de

Augusto Cezar para que se numerasse todo o Orbe nas terras onde tinhaõ as suas origens.

cada pessoa na Cidade, ou Villa donde traziaõ a sua origem, ou derivava a sua parentéla, com pena de morte; cujo Edicto occasionou taõ grande tristeza ao castissimo Esposo, por ver que como natural de Belem se via precizado a fazer huma aspera, e dilatada jornada com a sua doce Esposa, que começou a lamentar-se, e a dizer para comsigo: *Oh miseravel de mim! Oh forte infeliz a minha! Se agora vou a Belem, ja minha casta Esposa está vizinha ao parto, e perco o assistir-lhe, e o achar-me a taõ ditoso nascimento. Se deixo de ir, dar me-haõ por inobediente, e arriscarei a vida, com o que se naõ poderá lograr meu dezejo. Irme, e deixar a Maria em occasiaõ taõ forçosa, he forte rigor, para quem tanto a estima, e ama. Atropellar o Decreto, he hum perigo notavel, e será dar a Maria muita pena. Para qualquer parte, que me volte, acho muitas difficuldades, sem que haja meyo entre os extremos, que naõ me martyrize. Aonde irei, ou que farei, para naõ errar!*

Afflicçaõ, que teve o Santo de se ver precizado a levar a Maria Santissima a Belem.

58 Atormentado com estas confuzoens, e duvidas, entrou Jozé em casa, na qual procurou occultar a Maria Santissima as penas, que o affligiaõ; como porèm a Divina Senhora conheceo no seu semblante as lastimas, que encobria, muito amorosa lhe rogou, e pedio lhe dissesse o que sentia, o cuidado que o affligia, e a causa que o atormentava. Obrigado pois o Santo Patriarcha dos amorosos rogos, feito á ternura, e lançando mil suspiros, lhe contou o que passava. Consolou a Consoladora dos afflictos a seu terno Esposo, segundo S. Vicente Ferreira, dizendo: *Se naõ he mais que essa a causa, naõ façais por ella sentimento: deixai a melancolia, desterrai a vossa tristeza, que eu vos acompanharei nesta viagem, pois tambem descendo como vós da Casa de David, e assim juntos iremos a cumprir com o Edicto, juntos voltaremos para naõ termos que sentir. Ay Virgem Soberana,* [replicou S. Jozé] *que ainda que me alegra a alma o levar vos cõmigo, e o ver que gostais disso, reparo tambem na vossa incommodidade, de caminho largo, e tempo rigoroso. Que diriaõ os que me vissem com huma donzella tenra, como vós, e mais indo pejada, e proxima ao parto! E se acaso parires no caminho, que commodidade teremos! Que regálo vos poderei fazer! Como vos poderei servir!* Respondeo entaõ a Virgem, taõ versada nas Divinas Escrituras, que as sabia de memoria: *Eya, pay meu, naõ andeis com esses escrupulos, naõ vos canseis em porfiar, pois importa que vamos a Belem, porque, segundo o que tenho lido no Profeta Micheas, he vontade Divina que alli nasça o Salvador, e Filho, que esperamos.*

Consola Maria Santissima a S. Jozé, dizendo que era vontade de Deos que parisse em Belem.

59 Naõ se attreveo S. Jozé a replicar a taõ clara resposta, antes muito regozijado, e contente, cuidou a dispôr a jornada, e a preparar a roupa de ambos, que com o enxoval, que dissemos tinha Maria Santissima preparado para Deos Menino, fez huma cargazinha a hum jumento desorte, que nella pudesse ir assentada, como foy a Soberana Rainha, segundo S. Vicente Ferreira, e a Authora da *Mystica Cidade*. Esta accrescenta, que para dar principio a esta jornada, se pôs de joelhos a Imperatriz do Ceo, e pedio a S. Jozé lhe desse a bençaõ, e que supposto elle resistisse, attendendo á Dignidade de sua Esposa, ella o obrigou a que lha desse com as suas humildes, e efficazes rogativas. S. Jozé summamente confuzo, com abundantes lagrimas se prostrou tambem em terra, pedindo-lhe o offerecesse de novo ao seu Bendito Filho, para que lhe perdoasse, e concedesse muitos augmentos na sua graça; e assim com esta preparaçaõ partiraõ em huma manhaã de Nazareth, sendo Jozé o melhor moço de mullas, que guiava o jumento para Belem.

Prepara S. Jozè o necessario para a jornada, a que deraõ principio.

60 Caminharaõ como pobres, e humildes peregrinos para os olhos do mundo, mas prosperos, abundantes, e magnificos para os de Deos, como o objecto mais digno do Eterno Pay, e do seu amor immenso, e o mais estimavel de seus olhos. Levavaõ comsigo o thezouro do Ceo, e da mesma Divindade. Venerava-os toda a Corte dos Cidadaons Celestiaes. Reconheciaõ todas as creaturas insensiveis a viva, e verdadeira Arca do Testamento, melhor

melhor que as agoas do Jordaõ á ſua figura, e ſombra, quando cortezes ſe devidiraõ para fazer franco paſſo a ella, e aos que a ſeguiaõ. Acompanharaõ-nos neſta jornada dez mil Anjos, conforme revelou Maria Santiſſima á Authora da *Myſtica Cidade de Deos*, cujos Celeſtes Eſquadroens hiaõ em forma vizivel, e corporea para a Divina Senhora, que hia no meyo delles, mais guarnecida, e defendida, que o leyto de Salomaõ com os ſeſſenta valentes de Iſrael, que com as eſpadas cingidas o rodeavaõ. Fora deſtes dez mil Anjos, aſſiſtiaõ outros muitos, que baixavaõ, e ſubiaõ aos Ceos, enviados do Padre Eterno a ſeu Unigenito humanado, e a ſua Mãy Santiſſima.

Acompanhaõ aos Santiſſimos peregrinos dez mil Anjos. Myſtic. Cid. p. 2. lib. 4. c. 9.

61 Com eſte Real apparato, occulto aos mortaes, caminhava Maria Santiſſima, e S. Jozé, ſeguro de que naõ offenderia a ſeus pés a pedra da tribulaçaõ, porque mandou o Senhor a ſeus Anjos, que os levaſſem nas maõs da ſua defenſa, e cuſtodia. Serviaõ os fideliſſimos Miniſtros a Maria Santiſſima como a ſua Rainha, com grande gozo, e admiraçaõ, por verem recopilados em huma creatura tantos Sacramentos juntos de perfeiçoens, grandezas, e thezouros da Divindade, e tudo com a Dignidade, e decencia, que ainda á ſua meſma capacidade Angelica excedia. Faziaõ novos Canticos ao Senhor, contemplando o Summo Rey da Gloria deſcançando no ſeu Reclinatorio de Ouro, e á Divina Mãy, ja como Carroça incorruptivel, e viva; ja como eſpiga da Terra promettida, que encerrava o graõ vivo; ja como náo rica do mercador, que o levava a que naſceſſe na caſa do paõ, para que morrendo na terra foſſe multiplicado no Ceo. Nunca a Soberana Rainha conheceo noite nos cinco dias deſta jornada, porque nas occaſioens em que caminhavaõ, parte della deſpediaõ os Anjos taõ grande reſplandor, como todas as luminarias do Ceo juntas, quando ao meyo dia tem a ſua mayor força na mais clara ſerenidade. Deſte beneficio, e da viſta dos Anjos, gozava S. Jozé naquellas horas das noites, tempo em que formavaõ hum Celeſtial Coro, no qual Maria Santiſſima alternava com os Soberanos Eſpiritos admiraveis Canticos, e Hymnos de louvores, com que os campos ſe convertiaõ em novos Ceos.

Continua a peregrinaçaõ com a aſſiſtencia dos Anjos.

62 Com eſtes admiraveis favores, e regálos, meſclava o Senhor algumas penalidades, e moleſtias, que ſe offereciaõ na jornada aos Santiſſimos peregrinos; porque como o concurſo da gente em as pouzadas, era grande, ſe naõ podiaõ accõmodar taõ bem, como ſe acõmodavaõ os ricos, e ſoberbos, que hiaõ cumprir com o Edicto, pois eſtes eraõ admittidos nas pouzadas, ao meſmo tempo que eraõ dellas deſpedidos os melhores peregrinos por inuteis, e deſpreziveis, e remettidos a lugares humildes, e indecentes na eſtimaçaõ do mundo; porèm em qualquer delles, eſtava a Corte dos Cidadaõs do Ceo, que rodeava ao ſeu Supremo Rey, e á Soberana Princeza. Que mortal haverá taõ duro, a quem ſe naõ abrande o coraçaõ! Ou taõ ſoberbo, que ſe naõ confunda! Ou taõ inadvertido, que naõ ſe admire de ver huma maravilha compoſta de taõ varios, e contrarios extremos! Deos infinito, e verdadeiramente occulto, e eſcondido no Thalamo Virginal de huma tenra donzella, cheya de formoſura, e de graça, innocente, pura, ſuave, doce, amavel aos olhos de Deos, e dos homens, ſobretudo quanto o meſmo Senhor ha creado, e creará! Eſta grande Senhora com o theſouro da ſua Divindade, deſprezada, affligida, e dezeſtimada da cega ignorancia, e ſoberba mundana! E por outra parte nos lugares mais humildes, amada, e eſtimada da Santiſſima Trindade, ſervida dos ſeus Anjos, reverenciada, defendida, e amparada da ſua grande, e vigilante cuſtodia! Oh filhos dos homens, tardos, e duros do coraçaõ, que enganoſos ſaõ voſſos pezos, e juizos, como diz David, pois eſtimais aos ricos, deſprezais aos pobres, levantais aos ſoberbos, abateis aos humildes, lançais de vós os Juſtos, e applaudiz aos vaõs! Cego he o voſſo dictamem, e errada a voſſa eleyçaõ.

Padecem os Diviniſſimos peregrinos grandes incõmodos pelo caminho, e ſe lamenta a crueldade dos homens.

63 Chegaraõ com effeito Maria, e Jozé á Cidade de Belem ao quinto

Chegaõ a Belem onde naõ acharaõ quem os recolhesse.

dia perto da noite, e discorrendo por muitas casas de parentes, de conhecidos, e de estalagens, para que os recolhessem, em nenhuma acharaõ piedade as melhores Creaturas que Deos creou, naõ obstante as humildes supplicas que lhes fazia o Santo, expondo-lhes as suas causas taõ justas, como piedosas, quaes as de levar sua Esposa, Menina tenra, proxima ao parto, e o ser a noite de frio. Ajuntava lagrimas ás supplicas, mas nada bastou para cõmover a piedade daquelles impios Cidadaõs, que o motejavaõ de mui marido, por fazer aquella jornada com a Esposa ao lado, e com outros dicterios, que o Santo soffria, e disfarçava, por naõ dar pena a Maria, que cada vez mais conforme, e animosa venerava as altas disposiçoens de Deos, e dizia: *Eya Esposo, e Pay meu, naõ ha senaõ paciencia, e buscar hum Hospital, que he pouzada de pobres. Naõ vos affligais, nem desconsoleis, que com estar ao vosso lado, nem sinto incõmodidades, nem reparo em inclemencias.* Procuraraõ Hospitaes, onde tambem naõ quizeraõ receber aos melhores peregrinos do mundo, com o fundamento, de que como naõ eraõ enfermos, podiaõ procurar outras pouzadas. Admiravaõ-se os Espiritos Soberanos dos Mysterios Altissimos do Senhor, da mansidaõ, e paciencia de sua Mãy, e da insensivel dureza dos homens. Com esta admiraçaõ bendiziaõ, e louvavaõ ao mesmo Senhor nas suas Obras, e nos seus occultos Sacramentos, e porque desde aquelle dia quiz acreditar, e levantar a tanta gloria a humildade, e pobreza desprezada dos mortaes.

Consulta S. Jozè com Maria Santissima o irem recolher-se fóra dos muros da Cidade, e convem a Senhora na sua eleyçaõ.

64 Vendo o Santo Patriarcha cerrados todos os caminhos, sem que em toda huma Cidade, e patria sua, pudesse achar hum peito piedoso, que se condoesse da sua necessidade, e se cõmovesse dos seus rogos, disse a sua docissima Esposa: *Senhora, e Esposa minha, o meu coraçaõ desfallece de dor nesta occasiaõ, por ver que naõ posso accõmodar-vos, naõ só como vós mereceis, e meu affecto dezejava, porèm com nenhum abrigo nem descanço, que raras vezes, ou nunca se nega ao mais pobre, e desprezado do mundo. Mysterio tem sem duvida esta permissaõ do Ceo, que naõ se movaõ os coraçoens dos homens a receber vos em suas casas. Lembro-me, Senhora, que fóra dos muros da Cidade está huma cova, que costuma servir de recolhimento aos pastores, e ao gado. Cheguemos lá, que se por dita está desoccupada, alli tereis do Ceo algum amparo, quando nos falta o da terra.* Respondeo-lhe a prudentissima Virgem: *Esposo, e Senhor meu, naõ se afflija vosso piedosissimo coraçaõ, porque se naõ executaõ os dezejos ardentissimos, que procedem do affecto que tendes ao Senhor, e pois o tenho nas minhas entranhas, pelo mesmo vos peço que lhe demos graças pelo que assim dispõem. O lugar, que me dizeis, he muito a proposito para o meu dezejo. Convertaõ se as vossas lagrimas em gozo, com o amor, e posse da pobreza, que he o thesouro rico, e estimavel de meu Filho Santissimo. Este o vem a buscar desde os Ceos, preparemo-lo com jubilos da alma, que naõ tem a minha outra consolaçaõ, e veja eu que ma dais nisto. Vamos contentes aonde o Senhor nos guia.*

Encaminharaõ os Anjos aos Divinos peregrinos para o mesmo sitio.

65 Encaminharaõ os Santos Anjos aos Divinos peregrinos para aquelle sitio, de que ninguem tinha feito eleyçaõ, por desprezado, e humildissimo, naõ obstante o serem innumeraveis os peregrinos, que naquella occasiaõ se achavaõ na Cidade, e a mayor parte delles pobres; e porque o tinha destinado o Supremo Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, para Palacio, em que se havia de hospedar em o mundo seu Filho Unigenito, e para primeiro Templo da luz, e Casa do verdadeiro Sol da Justiça, que para os rectos do coraçaõ havia de nascer da candidissima Aurora Maria, no meyo das trevas da noite, [symbolo das do peccado] que occupavaõ todo mundo.

Entraõ nelle, e daõ os Divinos peregrinos graças ao Senhor pelos seus altissimos juizos.

66 Entraraõ Maria Santissima, e Jozé naquelle prevenido hospicio, e com o resplandor, que despediaõ os dez mil Anjos, que os acompanhavaõ, puderaõ facilmente reconhecê-lo pobre, e só, como o dezejavaõ, com grande consolaçaõ, e lagrimas de alegria. Logo os Santos peregrinos, postos de joelhos

joelhos louvaraõ ao Senhor, e lhe deraõ graças por aquelle beneficio, que naõ ignoravaõ era disposto pelos occultos Juizos da Eterna Sabedoria. Deste grande Sacramento esteve mais capaz a Divina Princeza Maria, porque assim como santificou com as suas plantas aquella covazinha, sentio huma plenitud de jubilo interior, que a elevou, e vivificou toda. Pedio ao Senhor, que pagasse com maõ liberal a todos os visinhos daquella Cidade, que despedindo-a de suas casas, lhe haviaõ occasionado tanto bem, como naquelle humilde lugar esperava. Era ella toda de huns penhascos naturaes, e toscos, sem genero de curiosidade, nem de artificio, e tal, que a julgaraõ os homens conveniente para alvergue de animaes; porèm o Eterno Pay a tinha destinada para abrigo, e habitaçaõ do seu mesmo Filho.

67 Os Espiritos Angelicos, que como Milicia Celestial guardavaõ a sua Rainha, e Senhora, se ordenaraõ em fórma de esquadroens, como quem fazia corpo de guarda no Palacio Real, e na fórma corporea, e humana, que tinhaõ, se manifestavaõ tambem ao Santo Esposo Jozé; que naquella occasiaõ era conveniente gozasse deste favor, assim por alleviar a sua pena, vendo taõ adornado, e formoso aquelle pobre hospicio com as riquezas do Ceo, como para alleviar, e animar seu coraçaõ, e levantá-lo mais para os successos, que previnha o Senhor aquella noite, e em taõ desprezado lugar. A grande Senhora, que ja estava informada do mysterio, que se havia de celebrar, determinou alimpar com suas santissimas maõs aquella cova, que logo havia de servir de Throno Real, e de Propiciatorio Sagrado: porque nem a ella lhe faltasse exercicio de humildade, nem a seu Filho Unigenito aquelle culto, e reverencia, que era o que em tal occasiaõ podia prevenir-lhe para adorno do seu Templo.

Servem os mil Anjos de corpo de guarda a Maria Santissima, e Jozè.

68 O Santo Esposo Jozé, attento á Magestade da sua Divina Esposa, lhe pedio que lhe naõ tirasse a elle o officio, que naquella occasiaõ lhe tocava, e adiantando-se, alimpou a cova, ao mesmo tempo que tambem fazia o mesmo a humildissima Senhora. Tudo observavaõ os Anjos em fórma corporea, e vizivel; e porque, a nosso modo de explicar, se achavaõ envergonhados, e corridos á vista de taõ devota porfia de humildade, acabaraõ de alimpar toda aquella caverna, deixando-a alinhada, e cheya de fragrancia. S. Jozé accendeo fogo com preparos que levava, ao qual se chegaraõ para receberem algum allivio no muito frio que os molestava. Cearaõ do pobre sustento que levavaõ, com incomparavel alegria de suas almas, ainda que Maria Santissima, com a vizinha hora do seu parto, estava taõ absorta, e abstrahida em aquelle estupendo Mysterio, que nada comera, se naõ mediara a obediencia de seu castissimo Esposo S. Jozé.

Maria Santissima, e Jozè alimpaõ a cova, e o mesmo fazem os Anjos.

69 Assim como a Purissima Virgem reconheceo que se approximava a hora do parto, rogou a S. Jozé que se recolhesse a descançar: e obedecendo o Varaõ Divino a sua carissima Esposa, lhe pedio tambem que ella fizesse o mesmo, e para isto compôs, e prevenio, com as roupas que levava, hum prezepe, que estava dentro da cova, no qual comiaõ os animaes que nella se recolhiaõ; e deixando a Maria Santissima accõmodada naquelle Thalamo, se retirou para hum canto do portal, onde posto em oraçaõ, foy visitado do Espirito Divino, e logo arrebatado, e elevado em hum altissimo extasis, no qual se lhe mostrou tudo o que succedeo aquella noite naquella ditosa, e humilde cova, na qual deo ao mundo a Eminentissima Senhora ao Unigenito do Padre, e seu, e nosso Salvador Jesus, Deos, e Homem verdadeiro, á hora da meya noite, dia de Domingo, do anno da creaçaõ do mundo de 5199., conforme a conta da Igreja, e o confirma a Authora da *Mystica Cidade*. Nasceo glorioso, e transfigurado, porque a Divindade, e Sabedoria infinita dispôs, e ordenou que a gloria da Alma Santissima redundasse, e se communicasse ao Corpo do Menino Deos ao tempo de nascer, participando os dotes da Gloria, como succedeo depois no Thabor, em presença dos tres Apostolos.

Nasce o Divino Verbo, e vè S. Jozè em hum extasis taõ admiravel Mysterio.

Myst. Cid. p. 2. lib. 4. n. 475., e 479.

70 Nem era neceſſaria eſta maravilha para penetrar o Clauſtro Virginal, e deixar-ſe illezo em a ſua virginal integridade; porque ſem eſtes dotes pudera Deos fazer outros milagres, que naſceſſe o Menino deixando Virgem á Mãy: porèm a vontade Divina foy, que a Beatiſſima Mãy viſſe a ſeu Filho Homem Deos a primeira vez Glorioſo em o Corpo, para dous fins. O primeiro, para que, com a viſta daquelle objecto Divino, a prudentiſſima Mãy concebeſſe a altiſſima reverencia, com que havia de tratar a ſeu Filho Deos, e Homem verdadeiro, e ainda que antes havia ſido informada diſto, com tudo ordenou o Senhor que por eſte meyo, como experimental, ſe lhe infundiſſe nova graça, correſpondente á experiencia, que tomava da Divina excellencia do ſeu dociſſimo Filho, e da ſua incomprehenſivel Mageſtade, e grandeza. O ſegundo fim deſta maravilha, foy como premio da fidelidade, e Santidade da Divina Senhora, para que ſeus puriſſimos, e caſtiſſimos olhos, que a todo o terreno ſe haviaõ cerrado pelo amor de ſeu Filho Santiſſimo, o viſſem logo em naſcendo com tanta gloria, e recebeſſem aquelle gozo, e premio da ſua lealdade, e fineza.

S. Miguel, e S. Rafael receberaõ o Menino Deos, e o entregaraõ á Virgem Mãy, a quem falla o meſmo Senhor.
Myſt. C. p. 2. Cap. 10. n. 480.

71 O Sagrado Evangeliſta S. Lucas diz, que havendo parido a Virgem Santiſſima ao ſeu primogenito Filho, o involveo em pannos, e reclinou em hum prezepe. A illuſtrada Authora da *Myſtica Cidade* declara o que o Evangeliſta naõ declarou, accreſcentando que os Principes Soberanos S. Miguel, e S. Rafael foraõ os que entregaraõ o Menino á Virgem Mãy, porque como aſſiſtiraõ em fórma corporea ao Myſterio, ao ponto que o Verbo humanado, penetrando-ſe com a ſua virtude pelo Thalamo Virginal, ſahio á luz, em devida diſtancia o receberaõ nas ſuas divinas maõs, com incomparavel reverencia; e ao modo que o Sacerdote propõem ao povo a Sagrada Hoſtia, para que a adore, aſſim eſtes dous Celeſtiaes Miniſtros aprezentaraõ aos olhos da Divina Mãy a ſeu Filho Glorioſo, e refulgente, o qual pondo os olhos na mais ditoſa dos naſcidos, lhe diſſe, eſtando ainda nas maõs dos Santos Anjos: *Mãy, aſſemelha-te a mim, que pelo ſer humano, que me has dado, quero deſde hoje dar-te outro novo ſer de graça mais levantado; que ſendo de pura creatura, ſe aſſemelhe ao meu, que ſou Deos, e Homem por imitaçaõ perfeita.* Reſpondeo a prudentiſſima Maria: *Leva-me Senhor, e atraz de ti correremos em o olor de teus unguentos.* Alli ſe cumpriraõ muitos dos occultos Myſterio dos Cantares, e entre o Menino Deos, e ſua Mãy Virgem, paſſaraõ outros, e Divinos colloquios.

Falla a Maria Santiſſima o Eterno Pay, a quem a meſma Senhora reſponde.
Myſt. Cid. p. 2. lib. 4. n. 481.

72 Ao meſmo tempo conheceo, e ſentio a Divina Senhora a preſença da Santiſſima Trindade, e ouvio a vóz do Eterno Pay, que dizia: *Eſte he meu Filho amado, em quem recebo grande agrado, e complacencia.* A prudentiſſima Mãy divinizada toda entre taõ altiſſimos Sacramentos, reſpondeo, dizendo: *Eterno Pay, e Deos Altiſſimo, Senhor, e Creador do Univerſo, dai-me de novo voſſa licença, e bençaõ, para que com ella receba em meus braços ao dezejado das gentes, e enſinai-me a cumprir em o miniſterio de Mãy indigna, e de eſcrava fiel, voſſa Divina vontade.* Ouvio logo huma vóz, que lhe dizia: *Recebe a teu Unigenito Filho, imita-o, e cria-o, e adverte, que mo has de ſacrificar, quando eu to pedir. Alimenta-o como Mãy, e reverencea-o como a teu verdadeiro Deos.* Reſpondeo a Divina Mãy: *Aqui eſtá a factura das voſſas divinas maõs, adornai-me da voſſa graça, para que voſſo Filho, e meu Deos, me admitta por ſua eſcrava, e dando-me a ſufficiencia de voſſo grande poder, eu acerte em ſeu ſerviço, e naõ ſeja atrevimento, que a humilde creatura tenha nas ſuas maõs, e alimente com ſeu leite a ſeu meſmo Senhor, e Creador.*

73 Acabados eſtes colloquios, taõ cheyos de Divinos Myſterios, o Menino Deos ſuſpendeo o milagre, ou voltou a continuar o que ſuſpendia os dotes da Gloria de ſeu Corpo ſantiſſimo, ficando reprezada ſó na alma, e moſtrando-ſe ſem elles no ſeu ſer natural, e paſſivel. Neſte eſtado o vio

tambem

tambem sua Mãy purissima, e com profunda humildade, e reverencia, adorando-o na postura em que estava, qual era a de joelhos, o recebeo das maõs dos Santos Anjos. Quando pois o vio nas suas, lhe disse: *Dulcissimo amor meu, lume dos meus olhos, e ser da minha alma: vinde em bõa hora ao mundo, Sol de Justiça, para desterrar as trevas do peccado, e da morte. Deos verdadeiro de Deos verdadeiro, redemi a vossos servos, e veja toda a carne a quem lhe traz a saude. Recebei para vosso obsequio á vossa escrava, e suppri a minha insufficiencia para servir vos. Fazei-me, Filho meu, tal como quereis que seja comvosco.* Logo a prudentissima Senhora offereceo ao Eterno Padre o seu Unigenito, dizendo: *Altissimo Creador de todo o Universo, aqui está o Altar, e o sacrificio acceitavel a vossos olhos. Desde esta hora, Senhor meu, vede a linhagem humana com os vossos misericordiosissimos olhos, e quando mereçamos a vossa indignaçaõ, tempo he de que se applaque com vosso Filho, e meu. Descanse ja a justiça, e magnificencia da vossa misericordia, pois para isto se ha vestido o Verbo Divino a similhante da carne do peccado, e se ha feito irmaõ dos mortaes, e peccadores. Por este titulo os reconheço por filhos, e peço do intimo de meu coraçaõ por elles. Vós, Senhor Poderoso, me haveis feito Mãy do vosso Unigenito, sem eu o merecer, porque esta Dignidade he sobre todos os merecimentos de creaturas; porèm devo aos homens em parte a occasiaõ, que haõ dado á minha incomparavel dita, pois por elles sou Mãy do Verbo humanado passivel, e Redemptor de todos. Naõ lhes negarei o meu amor, o meu cuidado, e o meu desvèlo para o seu remedio. Recebei, Eterno Deos, meus dezejos, e petiçoens, para o que he do vosso mesmo agrado, e vontade.*

Postrada de joelhos recebe Maria Santissima das maõs dos Anjos ao seu Unigenito, de Deos, a quem offereceo ao Eterno Pay.

74 Fallando a mesma Senhora para os mortaes, disse: *Consolem-se os affligidos, alegrem-se os desconsolados, levantem-se os cahidos, pacifiquem-se os turbados, resuscitem os mortos, letifiquem-se os Justos, alegrem-se os Santos, recebaõ novo jubilo os Espiritos Celestiaes, alleviem-se os Profetas, e Patriarchas do Limbo, e todas as geraçoens louvem, e magnifiquem ao Senhor, que renovou as suas maravilhas. Vinde, vinde pobres; chegai pequenos sem temor, que nas minhas maõs tenho feito cordeiro manso, ao que se chama Leaõ; ao Poderoso, fraco; ao invencivel, rendido. Vinde pela vida, chegai pela saude; chegai-vos pelo descanço eterno, que para todos o tenho, e se vos dará de graça, e communicará sem inveja. Naõ queirais ser tardos, nem pezados de coraçaõ, ó filhos dos homens.* E sem deixar a Deos Menino de seus braços, servio de Altar, e de Sacrario, onde os dez mil Anjos, em fórma humana, adoraraõ a seu Creador feito Homem. E como a Beatissima Trindade assistia com especial modo ao nascimento do Verbo Incarnado, ficou o Ceo como dezerto dos seus moradores, porque toda aquella Corte invizivel se trasladou á feliz cova de Belem, e adorou tambem ao seu Creador em habito novo, e peregrino. E em seu louvor entoaraõ os Santos Anjos aquelle novo Cantico: *Gloria in excelsis Deo, & in terra pax hominibus bonæ voluntatis*, e com dulcissima, e sonora harmonia o repetiraõ, admirados das novas maravilhas, que viaõ postas em execuçaõ, e da indizivel prudencia, graça, humildade, e formosura de huma donzella tenra de quinze annos, depositaria, e digna ministra de taes, e tantos Sacramentos.

Falla Maria Santissima com os mortaes, e adoraõ os dez mil Anjos ao Divino Verbo nos braços de Maria Santissima. A mesma Myst. C. n. 483.

75 Ja era hora, que a advertida, e prudentissima Senhora chamasse a seu fidelissimo Esposo S. Jozé, que estava em Divino extasis, como fica dito, onde conheceo por revelaçaõ todos os mysterios do sagrado parto, que naquella noite se celebraraõ. Porèm convinha tambem que com os sentidos corporaes visse, tratasse, adorasse, e reverenceasse ao Verbo humanado, antes que outro algum dos mortaes, pois elle só era entre todos escolhido para dispenseiro fiel de taõ alto Sacramento. Voltou do extasis mediante a vontade de sua Divina Esposa; e restituido nos seus sentidos, o primeiro que vio foy ao Menino Deos nos braços da Virgem Mãy, arrimado ao seu sagrado rosto, e peito. Alli o adorou com profundissima humildade, e com

Foy S. Jozè o primeiro homem que adorou ao Menino Deos humanado. Myst. C. p. 2. lib. 4. n. 484.

com excessivas lagrimas. Beijou-lhe os pés com novo jubilo, e admiraçaõ, que lhe arrebatara, e dissolvera a vida, se lha naõ conservara a virtude Divina, e perdera os sentidos se naõ fora necessario usar delles naquella occasiaõ. Logo que o Santo Jozé adorou ao Menino, a prudentissima Mãy pedio licença a seu mesmo Filho para assentar-se, [por estar até entaõ de joelhos] e administrando-lhe o ditoso Jozé as involtas, e camizinhas, que levavaõ, o vestio com incomparavel reverencia, devoçaõ, e alinho, e depois de vestido o reclinou em o prezepe, na fórma que diz o Evangelista S. Lucas, applicando algumas palhas, e feno a huma pedra, para accõmodá lo no primeiro leito, que teve Deos Homem na terra, fóra dos braços de sua Santissima Mãy. Entrou logo hum boy naquella sagrada cova, o qual se foy juntar com o jumentinho, que a mesma Senhora, e S. Jozé haviaõ levado. Ambos, por ordem de Maria Santissima, adoraraõ a seu Creador com a reverencia que podiaõ, e prostrados diante delle com o seu alento o aquentaraõ, e serviraõ com o obsequio, que lhe negaraõ os homens. Assim esteve Deos feito Homem, involto em pannos, reclinado no prezepe, entre dous animaes, no que se vio cabalmente cumprida a Profecia: *Que conheceo o boy a seu dono, e o jumento ao prezepe de seu Senhor: e naõ o conheceo Israel, nem seu povo teve intelligencia.*

Adoraõ hũ boy, e hum jumento ao Menino Deos no prezepe. Myst. Cid. n. 485.

76 Tinha Maria Santissima quasi continuamente em o sagrado tabernaculo de seus braços ao seu dulcissimo Filho, e tambem o dava a seu Esposo Jozé, naõ só para o fazer mais ditoso, senaõ tambem para que servisse a Deos humanado no ministerio de Pay. A primeira vez que lho entregou, lhe disse Maria Santissima: *Esposo, e amparo meu, recebei em vossos braços ao Creador do Ceo, e da terra, e gozai a sua amavel companhia, e doçura, para que meu Senhor, e Deos tenha em vosso obsequio os seus regàlos, e delicias. Tomai o thesouro do Eterno Pay, e participai do beneficio da linhagem humana*, e fallando interiormente com o Divino Deos, lhe disse: *Amor dulcissimo da minha alma, e lume dos meus olhos, descançai nos braços do vosso Servo, e amigo Jozè, meu Esposo: tende com elle vossos regàlos, e por elles dissimulai as minhas grossarias. Sinto muito estar sem vós hum só instante, porèm a quem he digno, quero sem inveja communicar o bem, que com verdade recebo.*

O que disse Maria Santissima a S. Jozé quando lhe entregou a primeira vez o Menino Deos.

77 Reconhecendo o fidelissimo Esposo a sua nova dita, se humilhou até á terra, e respondeo: *Senhora, e Rainha do mundo, Esposa minha, como eu o mais indigno me atreverei a ter em meus braços ao mesmo Deos, em cuja presença tremem as columnas do Ceo! Como este vil bichinho terá animo para admittir taõ peregrino favor! Pó, e cinza sou; porèm Vós, Senhora, suppri a minha pouquidade, e pedi a Sua Alteza me veja com clemencia, e me disponha com a sua graça.* Entre pois o dezejo que tinha de receber ao Menino Deos, e o temor reverencial que o detinha, fez actos heroicos de amor, de fé, de humildade, e de profunda reverencia, e com ella, e com hum temor prudentissimo, posto de joelhos, recebeo ao Menino Deos das maõs de sua Mãy Santissima, derramando docissimas, e copiosas lagrimas de jubilo, e de alegria, taõ nova para o ditoso Santo, como o era o beneficio. O Menino Deos pôs nelle os olhos com semblante carinhozo, e ao mesmo tempo o renovou todo em o interior, com taõ divinos effeitos, que naõ cabe no possivel o reduzirem-se a palavras. Fez o Santo Esposo novos Canticos de louvores, por se ver enriquecido com taõ magnificos favores; e depois que por algum tempo havia gozado o seu espirito dos effeitos dulcissimos, que recebeo de ter nas suas maõs ao mesmo Deos, que na sua encerra os Ceos, e a terra, o voltou á mais feliz, e ditosa Mãy, estando Maria, e Jozé de joelhos, para dá-lo, e recebê-lo, e com esta reverencia o tomava sempre, e o deixava de seus braços a prudentissima Senhora, e o mesmo fazia seu Esposo, quando lhe tocava esta ditosa sorte. Antes de chegarem a Sua Divina

O que disse S. Jozè quando se vio com o mesmo Senhor nos braços.

na Mageſtade faziaõ tres genuflexoens, beijando a terra com actos heroicos de humildade, culto, e reverencia, que exercitavaõ a grande Rainha, e o Bemaventurado S. Jozé. Finalmente o cuidado da humilde, e amoroſa Mãy com o ſeu Menino Deos, era taõ inceſſante, que ſó para tomar algum ſuſtento, o deixava dos ſeus braços nos do Santo Patriarcha algumas vezes, e outras em os dos Santos Miguel, e Gabriel, por eſtes dous Archanjos lhe pedirem, que em quanto comia, ou trabalhava S. Jozé lho deſſe a elles, cumprindo-ſe admiravelmente o que diſſe David: *Em ſuas maõs te levaraõ.*

M. C. p. 2. lib. 4. n. 508.

78 Deſenganada Maria do meſmo Deos, de que havia tambem de ſujeitar ao ſeu Santiſſimo Filho, naõ obſtante ſer Deos, ás Leys da Circunciʒaõ; falla entre ſi com a Ley que o ordenou, dizendo: *Oh Ley commũa, juſta, e ſanta es; porèm mais dura para o meu coraçaõ, ſe a has de executar em quem he ſua vida, e dono verdadeiro. Que ſejas rigoroſa para alimpar da culpa a quem a tem, juſto he: porèm que executes a tua força em o innocente, que naõ póde ter delicto, exceſſo de rigor parece, ſe naõ te acredita o ſeu amor! Oh ſe fora goſto de meu amado eſcuʒar eſta pena! Porèm como a recuʒará quem vem a buſcá-las, a abraçar-ſe com a Cruʒ, a cumprir, e a aperfeiçoar a Ley! Oh cruel inſtrumento, ſe executáras o golpe na minha propria vida, e naõ no dono que ma deo! Oh Filho meu, doce amor, e lume da minha alma, poſſivel he, que taõ de preſſa derrameis o Sangue, que val mais que o Ceo, e a terra! A minha amoroſa pena me enclina a eſcuʒar a voſſa, e a eximir-vos da Ley commũa, que como a Author della vos naõ comprehende; mas o deʒejo de cumprir com ella me obriga a entregar-vos ao ſeu rigor, ſe vós, doce vida minha, naõ cõmutais a pena, em que eu a padeça. O ſer humano, que tendes de Adaõ, eu, Senhor meu, vo lo hey dado, porèm ſem macula de culpa, e para iſto diſpenſou cõmigo a voſſa Omnipotencia na commum Ley de contrahi-la. Pela parte que ſois Filho do Eterno Pay, e figura da ſua ſubſtancia pela geraçaõ eterna, diſtais infinito do peccado: pois como, dono meu, quereis ſujeitar-vos à ley do ſeu remedio? Porèm ja vejo, Filho meu, que ſois Meſtre, e Redemptor dos homens, e que haveis de confirmar com exemplo a doutrina, e naõ perdereis ponto niſto. O' Padre Eterno, ſe he poſſivel, perca o cutèlo agora o ſeu rigor, e a carne a ſua ſenſibilidade. Execute-ſe a dor com eſta vil creatura: cumpra com a Ley o voſſo Unigenito Filho, e ſinta eu ſó a ſua doloroſa pena. Oh cruel, oh inhumana culpa, que taõ de preſſa dás o aʒedo a quem naõ te póde cõmetter! O' filhos de Adaõ, aborrecei, e temei ao peccado, pois para o ſeu remedio ha de miſter derramar Sangue, e padecer penas o meſmo Filho de Deos.*

Falla Maria Santiſſima com a Ley da Circũciʒaõ por ſe ver preciſada a Circunciʒar ao Menino Deos.

Myſt. Cid. p. 2. lib. 4. n. 516.

79 Conferia Maria Santiſſima tudo com ſeu Eſpoſo, o qual convertidos os praʒeres, e os goſtos, com que haviaõ ambos celebrado a Paſchoa da ſua dita, em ſuſpiros, naõ ceſſava de encarecer a laſtima, e a dor, que lhe occaſionava o ver-ſe preciſado a levar áquelle martyrio ao que venerava por Deos, e fallando com a laſtimada Eſpoſa dizia: *Senhora da minha vida, as laſtimas, que encubris, os ſuſpiros, que bebeis, prendem os meus paſſos, para que naõ procure ver derramar o ſangue dos voſſos, e meus olhos: mas ſe iſto he goſto ſeu, e ainda goſto de hum Deos, a elle nos devemos ſujeitar, moſtrando valor, e faʒer-nos á paciencia. O ſentimento he grande, ja vejo que vos penetra o mais vivo da alma, ja conſidero que quiʒereis eſcuʒá-lo, mas como iſto ha de ſer, pelo meſmo Deos aſſim o ordenar, rompamos os embaraços, e faça-ſe eſta ſangria a eſte Menino amante, que ſe eſtá abraʒando no fogo do amor, que tem aos homens.*

Lamenta S. Jozè o ver que a Ley o obrigava a levar á Circunciʒar ao Menino Deos.

80 Antes que chegaſſe o oitavo dia, a prudentiſſima Rainha poſta na preſença do Senhor, lhe fallou aſſim: *Altiſſimo Rey, e Pay do meu Senhor, aqui eſtá voſſa eſcrava com o verdadeiro Sacrificio, e Hoſtia em as maõs. O meu gemido, e a ſua cauſa naõ eſtá occulta à voſſa Sabedoria. Conheça eu, Senhor, o voſſo Divino beneplacito, em o que devo faʒer com voſſo Filho, e meu, para cumprir*

Pedio Maria Santiſſima ao Senhor lhe determinaſſe o que devia obrar ſobre a Circunci-

zaõ do Menino Deos, e alcançou delle a resposta.
Myst. Cid. p. 2. lib 4. n. 517. e 518.

cumprir com a Ley, e se com padecer eu ás dores do seu rigor, e muito mais, posso resgatar ao meu docissimo Filho, e Deos verdadeiro; apparelhado está o meu coraçaõ, e tambem para naõ escuzá-lo, se por vossa vontade ha de ser Circuncizado.

O Altissimo Senhor respondeo: *Filha, e pomba minha, naõ se affliga teu coraçaõ, por entregar teu Filho ao cutèlo, e á dôr da Circuncizaõ, pois eu o enviei ao mundo, para dar lhe exemplo, e para que dè fim a Ley de Moyses, cumprindo-a inteiramente. Se o habito da humanidade, que tu lhe has dado como Mãy natural, ha de ser rompido com a ferida da sua carne, e juntamente da tua alma, tambem padece em a honra, sendo Filho natural meu por eterna geraçaõ, Imagem de minha substancia, igual cõmigo na natureza, Magestade, e Gloria; pois o entrego á Ley, e Sacramento, que tira o peccado, sem manifestar aos homens que naõ póde tè-lo. Ja sabes, Filha minha, que para este, e outros mayores trabalhos me has de entregar ao teu Unigenito, e meu. Deixa pois que derrame seu Sangue, e que me dè primicias da saude eterna dos homens.*

Offerece Maria Santissima o Menino Deos ao seu Eterno Pay.

81 Com esta determinaçaõ do Eterno Pay se conformou a Divina Senhora, como cooperadora do nosso remedio, com tanta plenitud de toda a santidade, que naõ cabe nas humanas razoens. Offereceo logo com rendida obediencia, e com ardentissimo amor o seu Unigenito a seu Eterno Pay, dizendo: *Senhor, e Deos Altissimo, a Victima, e Hostia de vosso acceitavel sacrificio, offereço com todo meu coraçaõ; ainda que cheyo de compaixaõ, e dor, de que os homens hajaõ offendido a vossa bondade immensa de maneira, que seja necessaria satisfaçaõ de pessoa, que seja Deos. Eternamente vos louvo, porque com infinito amor vedes a creatura, naõ perdoando a vosso mesmo Filho pelo seu remedio. Eu, que por vossa dignaçaõ sou Mãy sua, devo sobre todos os mortaes, e demais creaturas, estar rendida ao vosso beneplacito, e assim vos entrego ao mansissimo Cordeiro, que ha de tirar todos os peccados do mundo pela sua innocencia. Porèm se he possivel que se tempere o rigor deste cutèlo no meu doce Menino, accrescentando-se no meu peito, poderoso he vosso braço para cõmutá-lo.*

Preparaõ Maria Santissima, e S. Jozè os unguentos, e o mais necessario para a Circuncizaõ, e descem innumeraveis Anjos a assistir ao Satissimo Mysterio.
Myst. Cid. p. 2. lib. 4. n. 523.

82 Logo trataraõ Maria Santissima, e Jozé de preparar o necessario para o acto, como foy o unguento que se havia de applicar á ferida, e hum vidro de crystal, em que se havia de receber a sagrada Reliquia da Circunciz aõ, pannos em que cahisse aquelle preciosissimo Sangue, que se havia de começar a verter em preço do nosso resgate, para que nem huma gotta se perdesse, nem cahisse entaõ na terra. Estando os ditosissimos Esposos conferindo as revelaçoens que ambos tinhaõ tido, sobre pôrem o nome de JESUS ao doce Filho, desceraõ das Alturas innumeraveis Anjos em forma humana, com vestiduras brancas, e refulgentes, descobrindo huns resaltos de encarnado, todos de admiravel formosura. Traziaõ palmas nas maõs, e coroas nas cabeças, as quaes despediaõ de si mayor claridade que muitos soes, e em comparaçaõ da belleza destes Santos Principes, todo o vizivel, e formoso da natureza parecia fealdade. Porèm o que mais sobresahia na sua formosura, era huma diviza, ou venera em o peito, como gravada, ou embutida nelle, em que estava escrito o Dulcissimo Nome de JESUS; e a luz, e refulgencia, que despedia cada hum dos Nomes, excedia á de todos os Anjos juntos. Repartiraõ-se este Santos Anjos em dous Coros na ditosa cova, na qual adoraraõ, e reverenciaraõ com muitas genuflexoens ao Menino, que estava nos Virginaes braços de Maria Santissima. Vinhaõ como por Cabeças deste Exercito Celestial os dous Grandes Principes S. Miguel, e S. Gabriel, com mayor resplandor que os outros Anjos, os quaes traziaõ nas maõs o Nome Santissimo de JESUS, escrito com letras grandes em humas tarjas de incomparavel resplandor, e formosura.

83 Os dous Principes Celestiaes se chegaraõ á Rainha do Ceo, e lhe disseraõ: *Senhora, este he o Nome do vosso Filho, o qual está escrito na mente de Deos,*

Deos, desde ab æterno, e toda a Beatissima Trindade o ha dado ao vosso Unigenito, e Senhor nosso, com poder de salvar ao genero humano, e o assenta na Cadeira, e Throno de David; reynará nelle, castigará seus inimigos, e triunfando delles, os humilhará atè os pôr por peanhas de seus pès, e julgando com equidade, levantará a seus amigos, para collocá-los na sua Gloria. Porèm tudo isto ha de ser á custa de trabalhos, e de Sangue. Agora o derramará com este Nome, porque he de Salvador, e de Redemptor, e seraõ as primicias do que ha de padecer pela obediencia do Eterno Pay. Todos os Ministros, e Espiritos do Altissimo, que aqui vimos, somos enviados, e destinados pela Divina Trindade, para servir ao Unigenito do Padre, e vosso, e para assistir a todos os Mysterios, e Sacramentos da Ley da Graça, e para o acompanharmos, atè que suba triunfante á Celestial Jerusalem, abrindo as portas á linhagem humana. Tudo isto ouvio, e vio o ditosissimo Jozé, que com Maria Santissima, com novos Canticos glorificaraõ ao Senhor em as suas magnificas obras, e nos seus incomprehensiveis Sacramentos.

Trazem os Cortezoẽs Celestiaes o nome de Jesus de mandado do Eterno Pay. Myst. C. n. 524.

84 Ainda que todos os Sacerdotes podiaõ circuncizar, e outro qualquer homem, Maria Santissima, pela Dignidade do Filho, quiz que o Ministro da Circuncizaõ fosse o Sacerdote, e Ministro da Synagoga de Belem, ao qual foy pedir S. Jozé que viesse ao portal, ou á cova do Nascimento, onde foy com effeito com outros dous Ministros, que o costumavaõ ajudar naquelle ministerio: e supposto achasse horroroso, e humilde o lugar, logo que pôs os olhos em Maria Santissima, e no Menino que tinha nos braços, sentio no coraçaõ hum novo movimento, e na alma hum rarissimo prazer, que o inclinou a mayor devoçaõ, e ternura, e admirado de ver tanta perfeiçaõ, e santidade em hum lugar taõ desprezivel, e pobre, conveyo em fazer o gosto a Maria Santissima, qual o de ter ella ao seu amabilissimo Filho nos braços, em quanto o Sacerdote fazia a Circuncizaõ, e assim foy Maria Santissima o Sagrado Altar, em que se começaraõ a cumprir as verdades figuradas dos antigos sacrificios, offerecendo este novo, e matutino nos seus braços, para que em todas as condiçoens fosse acceito ao Eterno Pay.

Vay o Ministro da Synagoga de Belem Circuncizar ao Menino Deos. Myst. C. n. 532., e 533.

85 Desenvolveo a Virgem Mãy a seu Filho Santissimo dos pannos em que estava, tirou do peito huma toalha, ou lenço, que tinha prevenido ao calor natural, com a qual tomou nas maõs ao Menino, de maneira, que a santissima Reliquia da Circuncizaõ se recolhesse nella. Fez o Sacerdote o seu officio, Circuncizando ao Menino Deos, e Homem verdadeiro, que ao mesmo tempo com immensa caridade offereceo ao Eterno Pay tres cousas de tanto preço, que cada huma era sufficiente para a redempçaõ de mil mundos: A primeira foy admittir fórma de peccador, sendo innocente, e Filho de Deos vivo; porque recebia o Sacramento, que se applicava para se limpar do peccado original, e se sujeitar á Ley, que naõ devia. A segunda foy a dor que sentio, como verdadeiro, e perfeito Homem. A terceira foy o amor ardentissimo, com que começava a derramar seu Sangue pela linhagem humana; e deo graças ao Padre, porque lhe havia dado fórma humana, em que padecer para sua gloria, e exaltaçaõ.

Circunciza-se o Menino Deos nos braços da Virgem Mãy. Myst. C. n. 533.

86 Chorou o Menino Deos, como Homem verdadeiro, e ainda que a dor da ferida foy grande, assim pela sua sensivel compreiçaõ, como pela crueldade da faca de pederneira, naõ foraõ tanta causa das suas lagrimas a dor natural, como a sobrenatural sciencia, com que estava vendo a dureza dos mortaes, mais insensivel, e forte, que a pedreneira, para resistir ao seu dulcissimo amor, e á chamma que vinha accender no mundo, e nos coraçoens dos professores da Fé. Chorou tambem a ternissima, e amorosa Mãy, como candidissima ovelha, que levanta o balido com seu innocente cordeiro. E com reciproco amor, e compaixaõ, se trasladou o Menino para os seus braços, onde o involveo em os asseados panninhos, entregando a sagrada Reliquia do prepucio, e do Sangue derramado a seu Esposo Jozé, para que o guardasse com

Chora o Menino Deos como verdadeiro Homẽ, chora Maria Sãtissima, e guarda S. Jozè as sagradas Reliquias do prepucio, e Sangue. Myst. C. n. 535., e 536.

com o cuidado, e veneraçaõ devida ás mais preciosas Reliquias do Ceo, e a da terra. Perguntou logo o Sacerdote o nome, que se lhe havia de pôr, e respondendo Maria, e Jozé, que o de JESUS, o Sacerdote o escreveo no livro, onde escrevia os mais. Ao escrevê-lo sentio huma grande, e interior cõ moçaõ, que o obrigou a derramar muitas lagrimas, e admirado do que sentia, e ignorava, disse: *Tenho por certo, que este Menino ha de ser hum grande Profeta do Senhor: tende grande cuidado na sua criaçaõ.* A este ditoso Sacerdote, com o contacto da carne deificada do Infante Deos, lhe foy dado novo ser de graça, que conservou até á morte, pois morreo Santo.

Celebraõ Maria Santissima, S. Jozè, com os Anjos, com Canticos novos o Mysterio da Circunciзaõ.

87 Despediraõ Maria, e Jozé ao Sacerdote, dando-lhe de offerta duas vélas de cera, que tinha comprado S. Jozé para estarem accezas em quanto se fez aquelle lastimoso acto. Os prudentissimos Esposos curaraõ a ferida de Jesuzinho com os unguentos, que tinhaõ preparados, e ambos celebravaõ o mysterio da Circuncizaõ com doces lagrimas, e Canticos novos, os quaes fez Maria Santissima cantar aos Santos Anjos, em louvor do novo, e doce nome de JESUS.

Dividem Maria Santissima, e S. Jozè os donativos dos Reys em tres partes. Mystic. C. p. 2. n. 573.

88 Como Maria Santissima sabia que os Reys Magos do Oriente haviaõ de ir adorar a seu Filho Santissimo por verdadeiro Deos, se deixou estar no portal até á sua vinda, onde era visitada de muitas creaturas, principalmente de gente pobre, e fingeia, que era a que mais amava, e estimava. Despedidos os Santos Reys Magos, a cuja funçaõ naõ assistio S. Jozé, por Divina disposiçaõ, conferiraõ Maria Purissima, e S. Jozé, que os donativos dos Reys se deviaõ distribuir em tres partes, huma para o Templo de Jerusalem, que foy o incenso, e mirrha, e parte do ouro; outra para que o Sacerdote, que circuncizou o Menino, a empregasse em seu serviço, e da Synagoga, ou lugar de Oraçaõ, que havia em Jerusalem; e a terceira para se distribuir pelos pobres; e tudo executaraõ com liberal, e fervoroso affecto aquelles Espiritos mais dezapegados dos chamados bens do mundo.

A mesma n. 573. e 574.

89 Feita pois a Embaixada dos Reys, e a repartiçaõ dos seus donativos, deixando o portal, foraõ ser hospedes de huma pobre, honrada, e santa mulher, que morava perto delle, a qual lhes deixou livre o melhor da habitaçaõ. Acompanharaõ nos todos os Anjos, e Ministros do Altissimo, na mesma forma humana, que sempre lhe assistiaõ. Para guarda, e custodia do portal, ou cova, quando o Menino, e Mãy sahiaõ della, pôs Deos hum Anjo, que a guardasse, como o do Paraizo, e assim tem estado, e está em a porta da cova do Nascimento, com huma espada; e nunca mais entrou naquelle santo lugar algum animal. Se o Santo Anjo naõ impede a entrada aos inimigos Infieis, em cujo poder está aquelle, e os mais lugares sagrados, he pelos Juizos do Altissimo, que deixa obrar aos homens pelos fins da sua Sabedoria, e Justiça.

Assigna Deos hũ Anjo para guarda da cova, em que nasceo, donde sahio Maria Santissima para casa de hũa sua devota.

90 Como se cumpriaõ os quarenta dias, que, conforme a Ley, eraõ dados ás mulheres que pariaõ filho, para se irem purificar ao Templo de Jerusalem; naõ teve reparo algum Maria Santissima em obedecer á tal Ley, naõ obstante o estar izenta della, como a mais pura das mulheres: e como tambem estava obrigada por outra Ley a aprezentar, e offerecer no Templo ao seu Jesus, como primogenito, determinou com seu Esposo Jozé o dia em que haviaõ de sahir de Belem. Despediraõ se da piedosa mulher, que os hospedou, e deixando-a cheya de bençoens do Ceo, cujos fructos colheo copiosamente, ainda que ignorava quem eraõ os Divinos hospedes; foraõ visitar o sitio do mais feliz Nascimento, para ordenarem dalli a sua jornada com a ultima veneraçaõ daquelle humilde sacrario, porèm rico de felicidades, naõ conhecido por entaõ. Entregou a Virgem Mãy a S. Jozé o doce Menino, para se prostrar em terra, e adorar o chaõ, que foy testimunha de taõ admiraveis Mysterios; e feito isto com incomparavel devoçaõ, e ternura, disse a seu Esposo: *Senhor, dai-me a vossa bençaõ, para fazer com ella esta jornada,* como

Dispõem se Maria Santissima para se ir purificar ao Templo, e pede licença a seu Esposo Jozè para sahir de Belem.

como me dais sempre que sayo da vossa casa. Tambem vos peço me deis licença para a fazer a pè, e descalça, pois hey de levar em meus braços a Hostia, que se ha de offerecer ao Eterno Pay. Esta obra he maravilhosa, e dezejo fazè-la com as condiçoens, e magnificencia, que pede, em quanto me for possivel.

91 Usava Maria Santissima por honestidade, de hum calçado, que lhe cobria os pés, e lhe servia como de meyas, o qual era de hervas, como canamo, ou malvas, curado, e tecido grosseira, e fortemente; e supposto era cousa de que usavaõ os pobres, o trazia com muito affeyo, e decente alinho. S Jozé a mandou levantar, por estar de joelhos, e lhe disse: *O Altissimo Filho do Eterno Pay, que tenho em meus braços, vos dè a sua bençaõ. Seja tambem em bõa hora, que caminheis a pè, e o leveis nos braços; porèm naõ haveis de ir descalça, porque o tempo o naõ permitte, e o vosso dezejo serà aceito diante do Senhor, que vo lo ha dado.* Desta authoridade de cabeça em mandar a Maria Santissima usava S. Jozé, [ainda que com grande respeito] por naõ defraudá-la do gozo, que tinha a mesma Senhora de humilhar-se, e de obedecer-lhe, e como o Santo Esposo lhe obedecia tambem, e se mortificava, e humilhava em mandá-la, vinhaõ a ser os dous obedientes, e humildes reciprocamente.

Dá licença S. Jozé a Maria Santissima para fazer a jornada a pè, mas naõ descalça como ella pertendia. Myst.C.p.2. lib. 4. n. 587., e 588.

92 A obediente Senhora naõ replicou mais ao Santo, obedeceo ao seu mandado em naõ ir descalça, e posta de joelhos recebeo o Infante Jesus, ao qual adorou, e deo graças pelos beneficios que naquelle sagrado portal havia obrado com ella, e com todo o genero humano. Pedio a Sua Divina Magestade conservasse aquelle sacrario com a devida reverencia, e veneraçaõ. Cubrio-se com hum manto para o caminho, e recebendo em seus braços ao Thesouro do Ceo, e applicando-o ao seu peito Virginal, o cobrio com grande alinho, para defendê-lo do temporal do inverno.

93 Partiraõ do portal, pedindo ambos a bençaõ ao Menino Deos, a qual lhes deo vizivelmente: S. Jozé accõmodou no jumento a caixa dos vestidinhos do Divino Infante, e com elles a parte do dom dos Reys, que levavaõ para offerecer ao Templo. Assim se ordenou de Belem a Jerusalem a procissaõ mais solemne, que jamais se vio, porque na companhia do Principe das Eternidades Jesus, da Rainha sua Mãy, e de Jozé seu Esposo, partiraõ da cova do feliz Nascimento os dez mil Anjos, que haviaõ assistido nestes Mysterios, e os que mais desceraõ do Ceo, com o Santo, e doce Nome de JESUS na Circuncizaõ. Todos estes Cortezaons do Ceo hiaõ em fórma vizivel humana, taõ formosos, e refulgentes, como quem eraõ: da sua vista gozavaõ Maria Santissima, e S. Jozé, que com os mesmos Angelicos Espiritos celebravaõ o Mysterio com novos, e altissimos Canticos.

Sahem os Divinos peregrinos de Belem acõpanhados de dez mil Anjos. Myst.C.n. 589.

94 Naquella occasiaõ por disposiçaõ Divina estava o tempo destemperado de frios, e gelos, os quaes como naõ perdoavaõ ao seu mesmo Creador humanado, chorava como verdadeiro Homem nos braços da sua amorosa Mãy, a qual usando do poder que tinha sobre os elementos, mandou que moderassem o seu rigor com o Menino Deos, mas naõ com ella. Obedeceraõ os elementos á ordem da sua legitima, e verdadeira Senhora, mudando-se o ar frio em huma branda, e temperada marè para com o Infante Jesus sómente, mas naõ para com Maria Santissima, que experimentou o mesmo rigor de frio; e fallando contra o peccado, disse: *Oh culpa desconcertada, e em tudo inhumana, pois para o teu remedio he necessario que o mesmo Creador de tudo seja affligido das creaturas a que deo o ser, e as está conservando! Terrivel monstro, e horrenda es, offensiva a Deos, e destruidora das creaturas, que convertes em abominaçaõ, e as privas da mayor felicidade de amigos de Deos. Oh filhos dos homens, até quando haveis de ser de coraçaõ grave, e haveis de amar a vaidade, e a mentira! Naõ sejais taõ ingratos para com o Altissimo Deos, e crueis para com vósoutros mesmos. Abri os olhos, e vede o vosso*

Chora o Menino Deos com frio nos braços de Maria Santissima, que mandou ao frio que naõ o molestasse &c. Myst.C.n.590.

Falla Maria Santissima com a culpa, e com os mortaes, que deraõ occasiaõ a que o mesmo Creador fosse opprimido das suas mesmas creaturas.

vosso perigo. Naõ desprezeis os preceitos de vosso Padre Celestial, nem o ensino de vossa Mãy, que vos gerou por caridade, pois tomando o Unigenito do Pay carne humana nas minhas Entranhas, me fez Mãy de toda a natureza. Como tal vos amo, e se me fora possivel, e vontade do Altissimo, que eu padecesse todas as penalidades, que haõ havido depois de Adaõ, as admittira com gosto pela vossa saude.

Por ter o summo Sacerdote revelaçaõ de quem eraõ os Divinos peregrinos os mandou esperar, e accõmodar em as casas de hum Mordomo do Templo.

95 Ao mesmo tempo que continuavaõ a jornada os Divinos peregrinos, teve revelaçaõ de quem elles eraõ Simeaõ Summo Sacerdote do Templo de Jerusalem, e da mesma sorte a Santa Viuva Anna, que havia sido Mestra da Virgem no mesmo Templo, os quaes mandaraõ por hum secular Mordomo do Templo esperar aos Santissimos peregrinos, com a recõmendaçaõ de que os levasse para sua Casa. Como lhe deraõ os finaes, que lhe tinhaõ sido declarados, facilmente os achou o Mordomo, o qual depois de accõmodar com grande amor, e caridade áquella Trindade da Terra, foy dar conta ao Summo Sacerdote. Na tarde do mesmo dia em que chegaraõ, advertio Maria Santissima a seu Esposo, que levasse em silencio, e sem ruido, ao Templo os dons dos Reys que lhe haviaõ promettido, o que o Santo fez entregando a mirrha, o incenso, e ouro a quem costumava receber no Templo as esmólas, naõ deixando lugar para se advertir em quem era o que dava esmóla taõ grande. Comprou S. Jozé no mesmo tempo duas rolas para offerecer no outro dia com o Infante Jesus, naõ querendo comprar o cordeiro, que offereciaõ os mais ricos com os primogenitos, por naõ quererem degenerar em acçaõ alguma da sua pobreza, e humildade, e porque seria desporpoçaõ do traje humilde, e pobre, de que usavaõ, o offerecer dons de ricos no publico.

Foy novamente illustrado Simeaõ de que estavaõ completas as profecias da vinda do Messias, e sahio a esperá-lo no Templo.
Myst. C. n. 593.

96 Naquella noite foy de novo illustrado com a luz Divina o Santo Velho Simeaõ, pois com mayor claridade conheceo todos os Mysterios da Incarnaçaõ, e Redempçaõ humana, e que em Maria Santissima estavaõ verificadas todas as Profecias de Isaias, quaes as de que huma Virgem conceberia, e pariria hum Filho, e que da Vara de Jessé nasceria huma flor, que seria Christo. Com esta intelligencia, ficou o Santo Simeaõ taõ elevado, e taõ affervorizado em dezejos de ver ao Redemptor do mundo, que havia muitos annos esperava, por tambem lhe haver sido revelado que naõ morreria sem vê-lo; que no outro dia com grande trabalho foy esperá-lo ao Templo, onde ja naõ podia ir por causa dos seus muitos annos, e achaques. Tambem a ditosa Viuva Anna teve similhante intelligencia, e a dita, que logo diremos, pois he preciso dizermos primeiro em que se occupou aquella noite Maria Santissima, e o como nella, e na manhaã seguinte se dispôs para apresentar ao seu amado Jesus no Templo. Conhecendo pois que era vontade do Eterno Pay, que se lhe apresentasse no Templo o seu Unigenito, assim pelo Mysterio, como pelo cumprimento da sua santa Ley, cujo fim era Christo nosso Senhor, pois por isto foy ordenado que os Judeos santificassem, e offerecessem todos os seus primogenitos, esperando sempre ao que o havia de ser do Eterno Pay, e de sua Mãy Santissima, passou a noite em colloquios Divinos, e fallando com o Eterno Pay, lhe disse: *Senhor, e Deos Altissimo, Pay do meu Senhor, festivo dia será o de amanhaã para o Ceo, e terra, em que vos offereço, e trago ao vosso Templo a Hostia viva, que he o thesouro da vossa mesma Divindade. Rica he, Senhor, e Deos meu, esta oblaçaõ, e bem podeis por ella franquear vossas misericordias á linhagem humana, perdoando aos peccadores, que torceraõ os caminhos rectos, consolando aos tristes, soccorrendo aos necessitados, enriquecendo aos pobres, favorecendo aos desvalidos, allumiando aos cegos, e encaminhando aos errados. Isto he, Senhor, o que eu vos peço, offerecendo-vos ao vosso Unigenito, que tambem he Filho meu por vossa dignaçaõ, e clemencia. E se mo haveis dado Deos, eu vo lo aprezento Deos, e Homem juntamente, e o que val he infinito, e menos o que peço.*

Colloquios de Maria Santissima com o Eterno Pay, sobre o aprezentar no Templo ao seu Unigenito.
Myst. C. n. 597.

Rica

Rica volto para o vosso Templo, donde sahi pobre, e minha alma vos magnificará eternamente; porque taõ liberal, e poderosa se mostrou cõmigo a vossa Divina maõ.

97 Chegada a manhaã para que nos braços da Purissima Alva sahisse o Sol do Ceo á vista do mundo, sahio a Divina Senhora da pousada para o Templo, com o seu Menino nos braços, e Esposo Jozé. Acompanhavaõ a esta Trindade da terra os Santos Anjos, que os tinhaõ seguido desde Belem, em fórma corporea, e formosissima, como deixamos dito, os quaes hiaõ cantando dulcissimos Canticos a Jesus Menino, com a harmonia de suavissima, e concertada musica, se bem que só sua Mãy Santissima a percebia. A'lèm daquella multidaõ, desceo do Ceo outra innumeravel, que tambem acompanharaõ ao Divino Verbo humanado, juntos com os que tinhaõ a venera do Santissimo Nome de JESUS, até á porta do Templo, na qual sentio Maria Purissima novos, e altissimos effeitos interiores de devoçaõ. Posta no lugar a que chegavaõ as mais mulheres, que hiaõ a offerecer, se prostrou de joelhos, adorou ao Senhor em espirito, e verdade no seu Templo, e se aprezentou diante da sua Altissima, e Magnifica Magestade com o Menino nos braços. Logo se lhe manifestou em vizaõ intellectual a Santissima Trindade, e sahio huma vóz do Pay, que sómente ouvio a mesma Senhora, que dizia: *Este he o meu amado Filho, no qual eu tenho o meu agrado.* O mais ditoso dos homens Jozé, sentio no mesmo tempo nova cõmoçaõ de suavidade do Espirito Santo, que o encheo de gozo, e da sua luz.

Vaõ Maria Santissima, e S. Jozè aprezentar ao Templo o Menino Deos acompanhados de innumeravis Anjos. A mesma Myst. C. n. 598.

98 O Summo Sacerdote Simeaõ, e Anna Profetiza, que tinhaõ revelaçaõ de todos estes Sacramentos, chegaraõ onde estava Maria Santissima cheyos de espirituaes jubilos, que se lhes accrescentaraõ com verem á Mãy, e ao Filho banhados de resplandor, e de gloria, respectivamente. Entregaraõ a offerta de duas rolas, e duas vélas de cera, e recebendo o Sacerdote ao Infante Jesus nas suas maõs, levantando os olhos ao Ceo, o offereceo ao Eterno Padre, e pronunciou aquelle Cantico cheyo de Mysterios: *Agora Senhor, despedirás a teu Servo, segundo tua palavra, em paz: porque ja meus olhos viraõ ao que he tua saude: ao qual puzestes diante da cara de todos os povos; lume para a revelaçaõ das gentes, e gloria de Israel teu povo.* Isto disse publicamente, e virado para Maria Santissima disse: *Adverti Senhora, que este Menino está posto para ruina, e para salvaçaõ de muitos em Israel; e para final, ou branco de grandes contradiçoens, e á vossa alma, sua delle, traspassará hum cutèlo para que se descubraõ os pensamentos de muitos coraçoens.* Até aqui disse Simeaõ, que lançou ultimamente a bençaõ aos felicissimos Pays do Menino, como Sacerdote. Anna Profetiza confessou tambem alli ao Verbo Incarnado, e fallou dos Mysterios da Paixaõ, e da vinda do Messias publicamente.

Recebe Simeaõ no Templo ao Menino Deos, e entoou o seu celebre Cantico.

99 Ao mesmo tempo que o Santo Velho pronunciou as palavras profeticas da Paixaõ, e Morte do Senhor, cifradas no nome do cutélo, e final de contradiçaõ, o mesmo Menino abaixou a Cabeça, com cuja acçaõ, e muitos actos de obediencia interior, acceitou a profecia do Sacerdote, como sentença do Eterno Pay declarada pelo seu Ministro. Tudo isto vio, e conheceo a amorosa Mãy, e com a intelligencia de taõ dolorosos Mysterios começou a sentir de presente a verdade da profecia de Simeaõ, ficando-lhe ferido desde logo o coraçaõ com o cutélo, com que a ameaçava para o diante. O Santo Esposo Jozé, quando ouvio as taes profecias, entendeo tambem muitos dos Mysterios da Redempçaõ, e trabalhos do dulcissimo Jesus, porèm naõ lhos manifestou o Senhor taõ copiosa, e excellentemente, como os conheceo, e penetrou a Divina Esposa; porque haviaõ differentes razoens, e o Santo naõ havia de ver tudo na sua vida.

100 Acabado este acto, Maria Santissima beijou a maõ ao Summo Sacerdote, e lhe pedio de novo a bençaõ. O mesmo praticou com Anna sua antiga Mestra no Templo, porque o ser Mãy do mesmo Deos lhe naõ impedia

Voltaõ Maria Santissima, e S. Jozè do Templo com o intento de principiarẽ nelle hũa novena.

pedia os actos da sua profunda humildade. Voltou para a casa em que assistia, com o Menino Deos, e seu Esposo, na companhia dos quatorze mil Anjos que a guardavaõ, e serviaõ, onde determinaraõ os castissimos Esposos de perseverar em Jerusalem nove dias, para nelles visitarem o Templo outras tantas vezes, e offerecerem a sagrada Hostia de seu Filho Santissimo, em acçaõ de graças dos singulares beneficios, que tinhaõ recebido entre todas as creaturas, cuja novena principiaraõ, e proseguiraõ sómente atè o dia quinto, pois nelle teve Maria Santissima huma vizaõ pela qual lhe disse o Eterno Padre: *Esposa, e pomba minha, os teus intentos, e dezejos saõ gratos a meus olhos, e nelles me deleito sempre; porèm naõ pódes proseguir os nove dias da tua devoçaõ, que tens começado, porque quero tenhas outro exercicio de padecer pelo meu amor, e que para criar teu Filho, e lhe salvares a vida, sayas da tua casa, e patria, e te auzentes com elle, e com Jozè, passando ao Egypto, onde estareis atè que eu ordene outra cousa; porque Herodes ha de intentar a morte do Infante. A jornada he larga, trabalhosa, e de muita incõmodidade, padece-a por mim, que eu estou, e estarei contigo sempre.* A isto respondeo a prudentissima Senhora: *Senhor, e dono meu, aqui està a vossa Serva com o coraçaõ preparado para morrer, se for necessario, por vosso amor. Disponde de mim á vossa vontade. Só peço, que vossa bondade immensa, naõ reparando para os meus poucos meritos, e desagradecimentos, naõ permitta chegue a ser affligido meu Filho, e Senhor, e que os trabalhos venhaõ só para mim, que devo padecè-los.*

Myst. C. p. 2. lib. 4. n. 609.

Ordena o Senhor á Senhora que fuga com o Menino para o Egypto.

101 Remetteo-a o Senhor a S. Jozé para que em tudo o seguisse na jornada, mas como lhe naõ communicou no mesmo dia a vizaõ que havia tido no Templo, na seguinte noite, estando o Santo dormindo, lhe appareceo em sonhos o mesmo Anjo, que o tirou das duvidas com que estava sobre a prenhez de sua Santissima Esposa, o qual lhe disse: *Levanta te, e com o Menino, e sua Mãy, foge para o Egypto, onde estarás atè que eu torne a dàr-te outro avizo, porque Herodes ha de procurar o Menino para tirar-lhe a vida.* No mesmo ponto se levantou Jozé, e foy procurar a Santissima Maria, a quem disse: *Senhora, a vontade do Altissimo quer que sejamos affligidos, porque o seu Santo Anjo me fallou, e disse que gosta, e ordena Sua Divina Magestade, que com o Menino vamos fugindo para o Egypto, porque cuida Herodes em procurá lo para lhe tirar a vida. Animai-vos, Senhora, para o trabalho deste successo, e dizei-me que posso eu fazer de vosso allivio, pois tenho o ser, e a vida para o serviço do vosso doce Menino. Esposo, e Senhor meu,* [respondeo Maria Santissima] *se das maõs liberalissimas do muito Alto Senhor recebemos tantos bens de graça, razaõ he que com alegria recebamos os trabalhos temporaes, com nósoutros levaremos ao Creador do Ceo, e da terra, e se elle nos tem posto perto de si, que maõ serà poderosa para offender-nos, ainda que seja de ElRey Herodes? E aonde levamos a todo o nosso bem, e o Summo Bem, o thesouro do Ceo, nosso dono, a nossa guia, e luz verdadeira, naõ póde ser desterro, pois elle he nosso descanso, porto, e patria. Tudo temos com a sua companhia, vamos a cumprir sua vontade.*

Remetteo o Senhor a Maria Santissima a S. Jozè para que em tudo o seguisse, e manda a este Santo que fosse para o Egypto. Myst. C. n. 610., e 611.

111 Chegando pois Maria Santissima, e Jozé aonde estava dormindo o Divino Infante, lhe disse: *Foge, querido meu, e seja como o cervinho, e o cabritinho pelos montes aromaticos: vinde querido meu, sayamos fóra, vamos viver em as Villas. Doce amor meu* [accrescentou a terna Mãy] *Cordeiro mansissimo, vosso poder se naõ limita pelo que tem os Reys da Terra, porèm quereis com altissima sabedoria encubrì lo por amor dos mesmos homens. Quem dos mortaes, bem meu, póde pensar que vos tirarà a vida, pois o vosso poder anniquila o seu? Se vós a dais a todos, porque vo la tiraõ? Se os buscais para dar-lhes a que he eterna, como querem elles dar-vos morte? Porèm quem comprehenderá os altissimos segredos da vossa Providencia? Eya, Senhor, lume da minha alma, dai-me licença para que vos desperte, que se dormis, vosso coraçaõ a vèla.*

Falla Maria Santissima com o Menino Deos para despertá-lo. Myst. C. n. 612.

Algumas

Algumas razoens similhantes a estas disse tambem o ditoso Jozé, e logo a Divina Mãy, posta de joelhos, despertou, e tomou em seus braços ao docissimo Infante, o qual, para a mais enternecer, e para se mostrar verdadeiro homem, chorou por algum tempo. Oh maravilhas do Altissimo, em cousas taõ pequenas a nosso fraco juizo! Pediraõ lhe ambos a bençaõ, e Deos Menino lha deo para consolá-los.

112 Pouco depois da meya noite partiraõ os Santissimos peregrinos em direitura ao Egypto, sem mais carruagem, que a do jumentinho, que haviaõ levado de Nazareth. Muitos cuidados lhes assaltaraõ os coraçoens ao partir com tanta pressa para huma jornada taõ dilatada, por naõ saberem os incômodos que passariaõ pelo caminho, o como seriaõ recebidos dos Egypcios, e se achariaõ cômodidade para a criaçaõ do Menino; porèm todos se minoraraõ na consideraçaõ de que era vontade do mesmo Deos que padecessem penalidades, e desterros, naõ obstante o viverem izentos de toda a culpa. Os dez mil Cortezaons do Ceo fizeraõ daquella noite formosissimo dia aos Divinos caminhantes, e depois de adorarem, e reverenciarem a seu Creador disfarçado no traje de menino mortal, se offereceraõ á Senhora para a acompanhar, e guiar onde fosse vontade do Senhor, e sua. Queria Maria Santissima ir de caminho por Belem, para adorar aquella sagrada cova, que foy o primeiro hospicio do seu Santissimo Filho no mundo, mas os Santos Anjos lhe encontraraõ esta devoçaõ, dizendo-lhe: *Rainha, e Senhora nossa, Mãy de nosso Creador, convem que apressemos a jornada, e prosigamos o caminho sem nos divertir-mos delle: porque com a diversaõ dos Reys Magos, sem voltar por Jerusalem, e depois com as palavras de Simeaõ, e de Anna, se ha movido o povo de sorte, que alguns dizem que vós sois May do Messias; outros, que tendes noticia delle; e outros, que vosso Filho he Profeta, e sobre que os Reys vos visitaraõ em Belem ha varios juizos, e de tudo está informado Herodes, que manda com grande desvèlo buscar-vos, e por esta causa vos mandou o Altissimo partir de noite, e com tanta pressa.*

Daõ principio ao caminho do Egypto os Divinissimos peregrinos.

113 Obedeceo a Rainha do Ceo á vontade de Deos, declarada pelos seus Anjos, e desde o caminho fez reverencia ao sagrado lugar do Nascimento do seu Jesus, renovando a memoria dos Mysterios, que nelle se haviaõ obrado, e dos favores que alli havia recebido. O Santo Anjo, que está por guarda daquelle sagrado, sahio ao caminho em forma vizivel, adorou ao Verbo humanado nos braços de sua Divina Mãy, a qual recebeo grande consolaçaõ, e alegria pelo ver, e conversar. Inclinava-se a Senhora a ir por Hebron, que lhe ficava pouco distante, por nella estar naquella occasiaõ sua Prima Santa Isabel com seu filho S. Joaõ Baptista; porèm S. Jozé naõ conveyo em que fizessem aquella diversaõ, supposto o perigo em que se punhaõ de procurar Herodes ao Menino Baptista. Vendo a Divina Senhora que era justificado o temor do seu Santo Esposo, mandou a hum dos Anjos da sua guarda, que fosse dar avizo a Santa Isabel, para que acautelasse o Menino Joaõ, supposta a indignaçaõ, e diligencia de Herodes. Deo o Santo Anjo a Embaixada, voltou com a resposta a Maria Santissima, a quem enviou logo Santa Isabel hum moço com alguns regálos, e dinheiro para a jornada. Repartio Maria Santissima os regálos pelos seus amados pobres, e do dinheiro comprou algumas roupinhas para o Menino Deos, e huma capa para S. Jozé, accômodada para o caminho, na Cidade de Gaza, onde descançaraõ dous dias, e fez Maria Santissima alguns prodigios, dando saude a enfermos.

Intenta Maria Santissima ir por onde estava Santa Isabel, e S. Jozé naõ côvem, e manda a mesma Senhora hum Anjo com o avizo a Santa Isabel de que acautelasse o Menino Joaõ.

114 Ao terceiro dia de jornada, deixando a Cidade de Gaza, e os povoados da Palestina, se metteraõ os Santissimos peregrinos nos dezertos areozos, que chamaõ de Bersabé, encaminhando-se por espaço de mais de sessenta legoas de despovoados, para chegarem a tomar assento na Cidade de Hillopolis, a que chamaõ agora Cayo do Egypto. Deo lugar o Altissimo para que o seu Unigenito humanado, com sua Mãy Santissima, e S. Jozé, sentissem grandes

Do que padeciaõ Jesus, Maria, e Jozè pelo caminho do Egypto.

grandes moleftias, e penalidades naquelle defterro. Era precizo paffarem-fe as noites ao fereno, e fem abrigo em todas as feffenta legoas defpovoadas, o que fe fazia mais penofo, e intolleravel por ferem noites do inverno. A primeira noite pois, que fe acharaõ fós naquelles campos, fe arrimaraõ na fralda de hum montezinho. A Rainha do Ceo, com feu amabiliffimo Filho nos braços, fe affentou na terra, onde tomaraõ algum alento, e cearaõ do que levavaõ da Cidade de Gaza. Deo a Imperatriz do Ceo o peito Virginal ao Infante Jefus, o qual com femblante aprazivel a confolou, e a feu Efpofo. Efte com a fua capa, e alguns ramos formou hum pavelhaõ, para que o Divino Verbo, e fua Bendita Mãy fe defendeffem do fereno. Os dez mil Anjos lhe fizeraõ corpo de guarda em forma vizivel, e humana. Conheceo Maria Santiffima que feu Santiffimo Filho offerecia ao Eterno Pay aquelle dezamparo, e trabalhos, e os da mefma Mãy, e S. Jozé. Dormio o Menino hum pouco nos braços da Virgem Mãy, que efteve fempre velando, e em colloquios Divinos com o Altiffimo, e com os Anjos. S. Jozé fe encoftou com a cabeça fobre a arquinha em que levava os veftidinhos do Menino Deos.

Vendo-fe Maria Santiffima em neceffidade extrema, recorreo a Deos para que a foccorreffe, e manda aos elementos que naõ offendaõ ao feu Creador.

115 Profeguiraõ no outro dia a jornada, porèm como lhes faltaffe o paõ, e algumas fructas, que levavaõ, padeceraõ Maria, e Jozé grande, e extrema neceffidade; e como naõ podiaõ fupprir efta com alguma diligencia humana, a Divina Senhora recorreo a Deos, dizendo: *Deos Eterno, Grande, e Poderofo, eu vos dou graças, e bençoens, pelas magnificas obras do voffo beneplacito. E porque fem merecè-lo eu, fó por voffa dignaçaõ, me deftes o fer, e vida, e com ella me haveis confervado, e levantado, fendo eu pó, e inutil creatura. Naõ vos tenho dado por eftes beneficios o digno retorno; pois como pedirei para mim o que naõ poffo recompenfar? Porèm, Senhor, e Pay meu, vede ao voffo Unigenito, e concedei-me com que lhe alimente a vida natural, e tambem a de meu Efpofo, para que com ella firva a Voffa Mageftade, e eu a voffa palavra feita carne pela faude humana.* Para que eftes clamores de Maria Santiffima nafceffem ainda de mayor tribulaçaõ, deo lugar o Altiffimo aos elementos para que com as fuas inclemencias os affligiffem, fobre a fome, canfaço, e dezamparo; pois fe levantou hum temporal de agoa, e ventos muito deftemperados, que os cegava, e affligia muito. Efte trabalho condoeo, e mortificou muito a Virgem Mãy, pelo cuidado que lhe dava o Menino taõ delicado, e tenro, que ainda naõ tinha cincoenta dias, pois, como verdadeiro homem, fentia a inclemencia, e rigor do tempo deforte, que o manifeftava em chorar, e em tiritar de frio, na mefma forma que o fazem os mais meninos homens puros. Ufando a compadecida, e piedofa Mãy nefta afflicçaõ do poder de Rainha, e de Senhora das creaturas, mandou com imperio aos elementos, que naõ fó naõ offendeffem a feu Creador, fenaõ que lhe ferviffem de abrigo, e de refrigerio, e que fó com ella executaffem o rigor; e no mefmo tempo ceffaraõ as agoas, e os ventos.

Adminiftraõ os Santos Anjos o fuftento aos Diviniffimos peregrinos.

116 Como por humana induftria naõ podiaõ os Divinos peregrinos prover-fe dos mantimentos, de que careciaõ para fe alimentarem, e refazerem as forças para profeguirem com a jornada, lhe levaraõ os Santos Anjos formofiffimo paõ, hum fuaviffimo licor, viftofas, agradaveis, e fazonadas fructas; porque para que foffe tudo mais opportuno, fempre confentia o Senhor que a neceffidade chegaffe a extremo, e que ella mefma pediffe o foccorro do Ceo. Alegrem-fe com efte exemplo os pobres, naõ defmayem os famintos, efperem os dezamparados, e ninguem fe queixe da Divina Providencia, por affligido, e neceffitado que fe ache. Quando faltou o Senhor a quem efpera nelle? Quando virou o feu paternal rofto aos filhos famintos, e pobres? Irmaõs fomos do feu Unigenito humanado, filhos, e herdeiros de feus bens, e tambem filhos de Mãy Piedofiffima. Pois, ó filhos de Deos, e de Maria Santiffima, como defconfiais de taes Pays na voffa pobreza! Porque lhes negais a elles efta gloria, e a vósoutros o direito de que os alimentem, e foccorraõ!

corraõ! Chegai, chegai com humildade, e confiança, que os olhos de vosso Pay vos vem, os seus ouvidos ouvem os clamores da vossa necessidade, e as maõs desta Senhora estaõ estendidas ao pobre, e suas palmas abertas aos necessitados; e vós, ó ricos do mundo, porque, ou como confiais só nas vossas incertas riquezas, com perigo de desfallecer na Fé, grangeando de contado gravissimos cuidados, e dores, como vos ameaça o Apostolo? Naõ confessais, nem professais em a cobiça ser filhos de Deos, e de sua Mãy, antes o negais com as obras, e vos reputais por espurios, ou filhos de outros pays: porque o verdadeiro, e legitimo, só sabe confiar no cuidado, e amor de seus pays verdadeiros, e os aggrava, se põem a sua esperança em outros, naõ só estranhos, senaõ peregrinos.

Notem os pobres, e tambem os ricos.

117 Naõ só cuidava o Altissimo Pay de alimentar aos nossos Divinissimos peregrinos, senaõ tambem de recreá-los vizivelmente, para allivio da molestia do caminho. Muitas vezes que Maria Sacratissima se assentava a descançar com Deos Infante, desciaõ das montanhas, e do ar grande numero de aves, que com as suas suaves vozes, e differentes melodias os recreavaõ, pondo-se pelos hombros de todos, e sujeitando-se ao que dellas quizessem fazer. A prudentissima Senhora mandava ás mesmas aves que reconhecessem ao seu Creador, e lhe fizessem Canticos em agradecimento de havê-las creado taõ formosas, vestidas de lindas pennas, e de as conservar com o necessario alimento. A tudo obedeciaõ as irracionaes creaturas, com movimentos, e doces canticos. Logo virada para o doce Jesus, lhe fallava de amorosa Mãy, louvando-o, abençoando-o, e reconhecendo-o por seu Deos, e por Author de todas as maravilhas. A estes, e a outros muitos colloquios a ajudavaõ os Santos Anjos, alternando com a grande Senhora, e com aquellas simplez avezinhas, com harmonia mais espiritual, que sensivel. Fallava tambem a Divina Princeza com o seu doce Jesus, dizendo: *Amor meu, e lume da minha alma, como alleviarei eu o vosso trabalho? Como escuzarei a vossa molestia? Como farei que naõ seja penoso para vós este caminho taõ pezado? Oh quem vos levara, naõ em os braços, senaõ no meu peito, e delle pudera fazer brando leito, em que sem molestia fosses reclinado!* Respondia o suavissimo Jesus: *Mãy minha querida, mui alleviado vou em vossos braços, descançado no vosso peito, gostozo com vossos affectos, e regalado com vossas palavras.* O nosso S. Jozé alcançava muitos destes Mysterios, com o que se lhe fazia suave o caminho, e lhe esqueciaõ as molestias.

Alleviavaõ aos Divinissimos peregrinos as aves com seus descantes.

Colloquios de Maria Santissima com o seu Jesus.

118 A fugida do Verbo Divino teve outros Mysterios, e mais altos fins, que os de retirar-se de Herodes, e defender se da sua ira, pois tambem foy meyo que tomou o Senhor para ir ao Egypto obrar as maravilhas que obrou, das quaes tinhaõ fallado os antigos Profetas, e expressamente Isaias, quando disse: *Que subiria o Senhor sobre huma nuvem ligeira, e entrancia no Egypto, onde se moveriaõ os simulacros diante da sua casa, e se turbariaõ os coraçoens dos Egypcios no meyo delles &c.* Eraõ os Egypcios muito dados ás idolatrias, e superstiçoens, pois até os pequenos lugares daquella Provincia estavaõ cheyos de idolos, nos quaes existiaõ varios demonios, a quem adoravaõ os infelices moradores, e faziaõ sacrificios, com a esperança de alcançar delles respostas das perguntas que lhes faziaõ. Com estes enganos viviaõ taõ dementados, e apegados á adoraçaõ do demonio, que era necessario o braço forte do Senhor para resgatar aquelle povo dezamparado, e tirá-lo da operaçaõ, em que o tinha Lucifer. Para alcançar pois este vencimento do demonio, e allumiar aos que viviaõ na regiaõ, e sombra da morte, e que aquelle povo viesse á luz grande que disse Isaias, determinou o Altissimo que o Sol da Justiça Christo, a poucos dias do seu nascimento, apparecesse no Egypto em os braços da felicissima Mãy, e que fosse girando, e rodeando as terras do Egypto para illustrá-la toda com a virtude da sua Divina Luz. Cincoenta dias puzeraõ pelo caminho até tomarem assento em Heliopolis, nos

Dos fins, que moveraõ a Jesus para a fugida do Egypto.

quaes andaraõ duzentas legoas, por irem rodeando por varias terras, e lugares, em os quaes fazia estas maravilhas. Ao entrar nos lugares o Menino Deos em os braços da Virgem sua Mãy, levantava os olhos ao Ceo, e postas as maõszinhas, orava ao Padre, e pedia pela saude daquelles moradores possuidos do demonio, e logo sobre os que alli estavaõ nos idolos, usava do poder Divino, e Real, lançando-os, e arrojando-os ao profundo dos infernos. Ao mesmo tempo cahiaõ com grande estrepito os idolos, se arruinavaõ os altares da idolatria, e se fundiaõ os templos della. Conhecia Maria Santissima a causa daquelles prodigiosos effeitos, e S. Jozé como tambem conhecia que aquellas eraõ Obras do Verbo humanado, com admiraçaõ santa, naõ cessava de abençoá-lo, e de louvá-lo.

Cahiaõ os Idolos á vista do Menino Deos.

119 Pasmavaõ, e se admiravaõ os Egypcios de novidades taõ grandes, e naõ pensadas, por naõ perceberem donde lhes nascia, se bem que entre elles havia luz, e tradiçaõ, desde o tempo que Jeremias estivera no Egypto, que hum Rey dos Judeos iria ao Egypto, e destruiria os seus templos, e idolos; e por isso era commum o temor de que se verificasse a Profecia de Isaias, se bem que toda a duvida estava em naõ verem o Rey dos Judeos. Como viraõ os Egypcios que a Senhora, e S. Jozé eraõ peregrinos, e Hebreos, os procuravaõ para fallarem com elles da ruina dos seus templos, e idolos; e para perguntar-lhes o que entendiaõ naquella materia, do que tomavaõ occasiaõ os Santissimos Esposos para dezenganarem áquelles povos, dando-lhes noticia do verdadeiro Deos, e ensinando-os de que só elle era unico, e Creador do Ceo, e da Terra, e o que devia ser só adorado, e reconhecido por Deos, e que os demais eraõ falsos, e mentirosos &c. Desta sorte converteraõ os Divinos peregrinos innumeraveis almas ao verdadeiro Deos, naõ só pelo caminho, á vista daquelles prodigios, e dos de lançarem muitos demonios de pessoas possessas, e de darem saude aos enfermos, senaõ tambem em todo o tempo que estiveraõ no Egypto.

Procuraõ os Egypcios aos Divinos peregrinos admirados das cahidas dos idolos.

120 Antes de chegarem á Cidade de Hermopolis, a que alguns chamaõ a Cidade de Mercurio, succedeo o seguinte prodigio. Na entrada da tal Cidade havia huma grande, e frondosa arvore, na qual tinha o demonio collocado a sua cadeira. Quando chegou o Verbo humanado á sua vista, naõ só deixou o demonio aquelle assento, indo para as estigias lagoas, senaõ que tambem a arvore se inclinou até o chaõ, como agradecida da sua sorte, para que ainda as creaturas insensiveis testificassem quaõ tyranno dominio era o daquelle inimigo. O milagre de se inclinarem as arvores succedeo innumeraveis vezes nos caminhos por onde passava o seu Creador; porém o desta maravilha de Hermopolis perseverou muitos seculos, porque depois com as folhas, e fructo daquella arvore se curavaõ muitas enfermidades, e naõ faltaõ Authores, que digaõ se conserva ainda. O Padre Cartagena no seu *Marial*, diz que sahiaõ ao encontro dos Divinos passageiros muitas feras, e animaes ferozes, como crocodilos, leopardos, e leoens, e que segundo o seu distincto, se prostravaõ diante do Menino Deos, fazendo-lhe reverencia, e rendendo-lhe culto. Tambem diz o mesmo Author, que muitas cavernas de arvores differentes articulavaõ vozes, e com trinos doces saudavaõ a Jesus nesta fórma: *Salve-te Deos Rey. Rey, Deos te salve.*

Dezampara o demonio huma arvore em que assistia, e se inclina esta na prezença do Menino Deos.

Sahem os animaes ferozes a adorar ao Menino Deos.

121 Indo os Divinos peregrinos por hum monte solitario, lhes sahio de huma espessura hum montanhez bandoleiro, coberto de pelles, com huma frecha na maõ, mas apenas vio a Maria Santissima, e pôs os olhos em Jesus, trocou a fereza em mansidaõ, e saudando-os com muita affabilidade convidou aos Santissimos peregrinos para o seu tosco alvergue, em que tinha mulher, e filhos. Guiou pois o bandoleiro a Jozé, e Maria pelo mais aspero da montanha, até chegarem a huma fragosa cova, onde tinha o seu domicilio. A mulher mais carinhosa, se namorou tanto de Maria Santissima, e se elevou desorte no Bendito Menino, que lhes pedio ficassem alli aquella noi-

Sahe hũ bandoleiro aos Divinos peregrinos, o qual os leva a sua casa.

te, onde hospedaraõ aos Divinos passageiros, supprindo a vontade o agreste das dadivas. No outro dia de manhaã, involveo a Soberana Virgem ao seu Menino, mudando-lhe a camiza, e outros pannos, naõ obstante o naõ ter Jesus nunca em seu corpo suor, que criasse cousa immunda, o que fora nelle muito alheyo, sendo a mesma limpeza. Vio a piedosa bandoleira lavar a Virgem Mãy em huma pia de agoa os sagrados panninhos, em que tinha sido involto Deos Menino, naõ porque carecessem disso, sim por naõ estar ociosa, e por divertir em os crystaes parte da sua pena, se ja naõ fosse, para benzer a agoa com as reliquias de pannos taõ divinos, e com o toque das suas purissimas maõs; assim o addivinhou a bandoleira, pois o mesmo foy o banhar naquellas agoas a hum filho leproso, que o alcançar saude perfeita, e naõ só quiz pagar o Altissimo ao bandoleiro a pousada, que lhe dera, com este milagre, senaõ tambem com dar-lhe a Gloria, pois, segundo Pedro de Natalibus na vida do Bom Ladraõ, este bandoleiro era o ditoso Dimas.

Alcança hum filho do bandoleiro, que era o Bom Ladraõ, saude, por se lavar na agoa em que se haviaõ lavado as camizinhas do Menino Deos.

122 Depois de muitas penalidades chegaraõ os Divinos peregrinos á Cidade de Hiliopolis, a que tambem chamaõ Cidade do Sol, cuja eleyçaõ fizeraõ, por nella haver hum Templo, a que hiaõ orar muitas familias Hebreas. Chegaraõ em huma tarde os Divinos passageiros, e á entrada de huma porta, huma arvore grande, ou hum robusto olmo copado, fez cõmutaçoens de turbado, estremeceo suas folhas, e prostrando suas ramas pelo chaõ, adorou a seu modo ao Menino, que nos braços da Virgem sua Mãy resplandecia Divino, ainda que vestido de humano. Com prodigio mayor se coroou á entrada, pois, segundo Abulense, por naõ achar oportunidade de casa onde se recolhessem, entraraõ em hum Templo, que tinha as portas abertas, no qual estavaõ collocados os deoses dos Egypcios, que eraõ 365. idolos, segundo o numero dos dias do anno, os quaes logo que foraõ vistos de Jesus rodaraõ dos nichos pelo chaõ. Os Ministros, que alli estavaõ, vendo taõ raro cazo, amedrentados, e confuzos foraõ dar parte a Apodricio, Principe dos seus Sacerdotes, que indo logo ao Templo, acompanhado de muito povo, o mesmo foy pôr os olhos em Jesus, que prostrar-se de joelhos, e render-lhe adoraçoens, satisfazendo ao povo com estas palavras: *Egypcios, naõ vos admireis do que estais vendo, porque he cousa certa, que se naõ fora este Menino o Deos de nossos deoses, naõ se houveraõ elles prostrado diante delle, e assim o que convem he, que façamos nósoutros o mesmo que elles fizeraõ. Rendamos-lhe culto, e façamos-lhe reverencia, porque se naõ, talvez experimentaremos o perigo, e a ruina, que experimentou Faraó.*

Chegaõ a Hiliopolis, e na entrada huma arvore se prostra diante do Menino Deos.
Jasomeno lib. 5. Hic. Ecl.
Abulense 2. Mat.

Cahẽ 365. idolos diante de Jesus, Maria, e Jozè.

123 Deste prodigio resultou o estimarem os Egypcios muito a Maria, e a Jozé, e ao doce Menino em quanto alli moraraõ, e o conservar-se, ainda hoje, segundo diz Jansenio, em grande veneraçaõ a casa em que viveo esta Trindade da terra. Era a tal casa, segundo conta a illustrada Authora da *Mystica Cidade*; terrea, e humilde, pois só constava de tres apozentos, hum em que assistia Maria Santissima, e o Divino Menino, outro em que dormia, e orava S. Jozé, e o terceiro em que o mesmo Santo trabalhava E ainda que se acharaõ os nossos Divinos forasteiros accõmodados muito a seu gosto, careciaõ do necessario sustento, porque como estavaõ ja em povoado, lhes faltou o regálo milagroso, com que na soledade eraõ soccorridos por maõs dos Anjos, remettendo-os assim o Senhor á mesa ordinaria dos pobres, que he a esmóla mendicada, á qual recorreo S. Jozé nos primeiros tres dias que estiveraõ em Heliopolis, por naõ ter cousa alguma com que sustentar a Jesus, e Maria. Com este notavel exemplo, naõ se queixem os pobres da sua afflicçaõ, nem se confundaõ de remediá-la por este meyo, quando naõ acharem outro, pois se vio S. Jozé precisado a mendigar, para sustentar a vida do mesmo Senhor de todo o creado. Assim como Maria Santissima entrou naquella pobre casa, deo graças ao Altissimo, por haver achado aquelle descanço

Da casa de que fizeraõ eleiçaõ, e de como S. Jozè pedio os primeiros tres dias da chegada ao Egypto.
Myst. Cid. p. 2. lib. 4. n. 654. e 655.

canço, depois de taõ molesta, e proliха peregrinaçaõ; e á mesma terra, e elementos agradeceo o beneficio de sustentá la a ella, que pela sua incomparavel humildade se julgava sempre por indigna de tudo o que recebia. Adorou ao ser immutavel de Deos, naquella nova casa, derigindo ao seu culto, e reverencia, quanto nella havia de obrar. Fez obsequio, e sacrificio das suas potencias, e sentidos, e se offereceo a padecer prompta, alegre, e diligentemente quantas fomes, miserias, e trabalhos fosse servido de permittir-lhe o todo Poderoso naquelle desterro. Estimava Maria Santissima todos os trabalhos, e perseguiçoens da vida, como especiaes mercès de Deos, por ter conhecido com sciencia Divina, que no Tribunal Divino saõ bem admittidos, e que seu Santissimo Filho os havia de ter por herança, e thesouro riquissimo.

Cozia, e bordava Maria Santissima para fóra por ver naõ bastava o trabalho de S. Jozé para o sustento de todos.

Myst. Cid. n. 656.

124 Vendo a Divina Senhora que o trabalho de S. Jozé naõ bastava para sustentar a todos, e para pagar o aluguer das casas, determinou ajudá-lo, gastando o dia inteiramente em cozer, e em bordar, porque como fazia tudo com rara perfeiçaõ, eraõ muitas as obras que se lhe encõmendavaõ, por industria de humas piedosas mulheres, que no principio se lhe offereceraõ, e que sempre a serviraõ, e amaraõ com especiaes extremos, por verem o raio das suas prendas, e virtudes. Velava Maria Santissima quasi toda a noite em contemplaçoens altissimas, se bem que nunca as deixava de dia, ainda quando estava no lavor, em que o occupava, porque naõ queria pedir, nem esperar que Deos obrasse milagres, em o que com a sua diligencia, e trabalho se podia conseguir; porque em taes cazos, mais pediriamos milagres por cõmodidade, que por necessidade. Pedia a prudentissima Rainha ao Eterno Pay, que os provesse do necessario para alimentar ao seu Filho Unigenito, porèm juntamente trabalhava, e seu Esposo Jozé com grande diligencia, e cuidado.

Falla o Menino Deos a Maria Santissima, e lhe dá a norma da vida que havia de ter em o trabalho, e na oraçaõ.

Myst. C. p. 2. lib. 4. n. 658.

125 Agradou-se tanto o Menino Deos da prudencia de sua Mãy, e da conformidade que tinha com a sua pobreza, que desde o berço, em que estava deitado, lhe fallou assim: *Mãy minha, eu quero dispôr a ordem da vossa vida, e trabalho corporal*: pôs-se logo de joelhos a Divina Mãy, e respondeo: *Amor dulcissimo, e dono de todo o meu ser, eu vos louvo, e magnifico, porque haveis condescendido com o meu dezejo, e pensamento, que se encaminhava a que vossa Divina vontade dirigisse meus passos, encaminhasse minhas obras ao vosso Divino beneplacito, e ordenasse a occupaçaõ que havia de ter em cada hora do dia, segundo vosso agrado; e pois se ha humanado a vossa Deidade, e dignado vossa grandeza a condescender com meus dezejos, fallai lume dos meus olhos, que a vossa Serva ouve*: Respondeo o Senhor: *Mãy minha carissima, desde a entrada da noite* [esta era a hora, que nós contamos pelas nove] *dormireis, e descançareis atè á meya noite, e desde a meya noite atè amanhecer, vos occupareis nos exercicios da contemplaçaõ cõmigo, e louvaremos ao meu Eterno Pay. Logo acudireis a prevenir o necessario para o vosso sustento, e de Jozè. Depois me dareis o alimento, e me tereis nos vossos braços atè a hora de Terça, na qual me poreis nos de vosso Esposo, para allivio do seu trabalho, e no entanto vos retirareis para o vosso recolhimento atè á hora de lhe administrares o sustento, e logo voltareis para o lavor; e porque aqui naõ tendes as Escrituras Sagradas, cuja liçaõ vos era de consolaçaõ, lereis na minha Sciencia, a doutrina da vida eterna, para que em tudo me sigais com perfeita imitaçaõ e orai sempre ao meu Eterno Pay pelos peccadores.*

Dava Maria Santissima os peitos tres vezes ao Menino Deos, e o via como por hum crystal.

126 Com este aranzel se governou Maria Santissima em todo o tempo que esteve no Egypto. Dava o peito ao Menino Deos tres vezes no dia. Quando fazia lavor, estava de ordinario de joelhos diante do mesmo Deos, fazendo-lhe Canticos em louvor. Como o Corpo Santissimo de Jesus era para sua Bendita Mãy como hum purissimo, e clarissimo crystal, por onde via, e penetrava o segredo da sua Alma Deificada, e as suas operaçoens, via-se, e revia-

e revia-se [principalmente quando dormia] naquelle espelho immaculado, sendo de especial consolação para a Benditissima Senhora ver taõ desvelada a parte superior da Alma Santissima de seu Filho, em obras taõ heroicas de Viador, e juntamente Comprehensor, e dormirem ao mesmo tempo os sentidos com tanta quietaçaõ, e rara formosura do Menino, estando todo o humano unido á Divindade hypostaticamente.

Myst. C. n. 660.

127 Quando era tempo de dar Maria Santissima a S. Jozé o allivio de ter a Jesus em seus braços, dizia a Divina Mãy ao seu Jesus: *Filho, e Senhor meu, vede a vosso fiel Servo com amor de Filho, e de Pay, e tende vossas delicias com a pureza da sua alma taõ singèla, e acceita aos vossos olhos.* E ao Santo Esposo dizia: *Esposo meu, recebei nos vossos braços ao Senhor, que comprehende no seu punho todos os Orbes do Ceo, e da terra, a quem deo o ser sómente pela sua infinita bondade. Alleviai o vosso cansaço, com o que he a gloria de todo o creado.* Este favor agradecia o Santo com profunda humildade, e costumava perguntar a sua Esposa Divina, se poderia mostrar ao Menino alguma caricia; e assegurado da prudente Mãy, o fazia, com cujo allivio se esquecia da molestia do seu trabalho. Sempre que comiaõ Maria Santissima, e S. Jozé, tinhaõ comsigo ao Infante Divino, o qual tinha a Senhora nos seus braços em quanto comia, com o que dava á sua Alma purissima dulcissimo, e mayor alimento, que ao corpo, reverenciando-o, adorando-o, e amando-o como a Deos Eterno, e sustentando-o em seus braços como a Menino, o acariciava com carinho de Mãy affectuosa a seu Filho querido. Nem he possivel ponderar-se a attençaõ, com que se exercitava nos dous officios de creatura, para seu Creador, vendo-o, segundo a Divindade, Filho do Eterno Pay, como Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, Creador, e Conservador de todo o universo; e como Homem verdadeiro na sua infancia para servî-lo, e criá-lo. Nestes dous extremos, e motivos de amor, era toda inardescida, e incendida em actos heroicos de admiraçaõ, louvor, e de incendido amor.

Do que dizia Maria Santissima a Jesus quando o entregava a seu Esposo Jozè, e de como comiaõ todos.

128 Quando Isaias disse, que entraria o Senhor no Egypto sobre huma ligeira nuvem, para as maravilhas que naquelle Reyno queria obrar, em chamar nuvem a sua Mãy Santissima, ou como outros dizem á humanidade que della tomou, naõ ha duvida que esta metafora quiz significar, que por meyo desta nuvem Divina havia de fertilizar, e fecundar aquella terra esteril dos coraçoens dos seus habitadores, para que dalli em diante produzissem novos fructos de santidade, e conhecimento de Deos, como succedeo depois que nella entrou esta nuvem Celestial. Porque logo se dilatou a Fé do verdadeiro Deos no Egypto, se destruio a idolatria, se abrio caminho para a vida eterna, que até entaõ havia tido cerrado o demonio; tanto, que apenas havia naquella Provincia quem conhecesse a Divindade verdadeira, quando chegou a ella o Verbo humanado: porèm depois que allumiou o Sol da Justiça ao Egypto, e o fertilizou a Nuvem alleviada de toda a culpa, Maria Santissima, ficou taõ fecunda de santidade, e de graça, que deo copiosissimo fructo por muitos seculos; como se vio nos muitos Santos, que depois produzio, e nos Ermitoens em tanto numero, que fizeraõ destilar aquelles montes, e lavrar docissimo mel de santidade, e perfeiçaõ Christaã.

Tinha profetizado Isaias a ida do Senhor ao Egypto, onde teve innumeraveis Santos q̃ o serviaõ.

129 Para dispôr o Senhor este beneficio, que prevenia aos Egypcios, tomou assento na Cidade de Hiliopolis, como ja dissemos, e entrando nella, como era taõ povoada, e cheya de idolos, templos, e altares do demonio, todos se fundiraõ, com grande estrondo, e pavor dos vizinhos, que andavaõ attonitos, e fóra de si; e procurando á Divina Maria, e S. Jozé, como a peregrinos na terra, para que lhes dissessem o que sentiaõ. A Divina Maria, tomando o officio de Prégadora, e de Mestra dos Egypcios, os illustrou com a altissima doutrina, que lhes dizia, e com o desengano que lhes dava, dos erros que seguiaõ em naõ adorar a hum só Deos. Ensinou-os de todos os

Prègava Maria Sãtissima a verdadeira Fè aos Egypcios.

os artigos, e verdades, que tocavaõ á Divindade, e á creaçaõ do mundo. Como o mesmo Deos o havia de remir, e reparar. Ensinou-lhes os Mandamentos que tocavaõ ao Decalogo, que saõ da mesma Ley natural. O modo com que haviaõ de dar culto a Deos, e esperar a Redempçaõ do genero humano. Deo-lhes a entender como havia demonios, inimigos do verdadeiro Deos, e dos homens, e os desenganou dos erros, que nisto tinhaõ com seus idolos, e com as respostas fabulosas, que lhes davaõ, e os feissimos peccados a que os induziaõ, e provocavaõ, por irem consultá-los.

Curava Maria Santissima aos enfermos.

130 Declarou-lhes tambem, em como o Reparador de tantos males era ja vindo, ainda que lhes naõ disse era o que tinha nos seus braços: e para que melhor cressem a sua doutrina a confirmava com innumeraveis milagres, curando toda a qualidade de enfermidades, e lançando dos corpos humanos os demonios de que estavaõ possessos. Hia a piedosissima Senhora aos Hospitaes, nos quaes exhortava os enfermos á paciencia, e fazia admiraveis beneficios, curando-os naõ só espiritual, senaõ tambem corporalmente. Na cura dos homens enfermos, e chagados se achou a amorosa Mãy duvidosa entre dous affectos; hum o da caridade, que a obrigava a curar as chagas com as suas proprias maõs; o outro do recato, para naõ tocar em alguem. E porque o conseguisse como convinha, lhe disse seu Filho Santissimo, que curasse aos homens só com a palavra, e admoestando-os, que assim ficariaõ saõs; e ás mulheres curasse com as suas maõs, tocando-lhes, e limpando lhes as chagas que tivessem. A's mulheres acudia mais a piedosa Senhora, e com taõ incomparavel caridade, que com ser a mesma Pureza, e taõ delicada, livre de enfermidades, e pensoens, lhes curava as chagas, por ulceradas que fossem, applicando-lhes com as suas Benditas maõs os pannos, e ataduras necessarias. Algumas vezes succedia, pedir a seu Santissimo Filho licença para o deixar dos seus braços, e para o pôr no berço, em quanto hia curar, ou curava os enfermos na sua casa. Jamais punha a modestissima Senhora os olhos nas caras das pessoas a quem curava, desorte que as pudesse conhecer, se por outro meyo naõ conhecesse a todos com a luz interior.

Teve S. Jozè a mesma graça de curar enfermos.

131 Com a fama das suas virtudes, e dos prodigios que obrava, concorria tanto povo a procurar a Maria Santissima, que se vio precisada a pedir a seu amabilissimo Filho, que concedesse a S. Jozé tambem a graça de curar os enfermos, a qual com effeito lhe concedeo desorte, que exercitava S. Jozé o officio de assistir, e a graça de curar aos homens, e Maria Santissima ás mulheres. Como eraõ innumeraveis os obrigados aos Santissimos peregrinos, muitos delles como gratos procuravaõ gratificá-los com consideraveis dons, que nunca jamais admittiraõ, por naõ quererem sustentar se mais que pelos lucros dos seus trabalhos. Algumas dadivas, que acceitavaõ com o titulo de esmóla, as repartiaõ inteiramente pelos pobres, e isto praticaraõ em todos os sette annos, que estiveraõ no Egypto, onde os deixemos, em quanto vamos dar noticia do em que parou a diabolica astucia, e hypocrizia de Herodes sobre a perseguiçaõ dos Innocentes meninos.

132 Vendo aquelle ambicioso, e tyranno homem, que os Santos Reys Magos haviaõ estado em Belem com Maria Santissima, e o Santo Jozé, e que naõ voltaraõ por Jerusalem a dar-lhe parte do que acharaõ, como lhe haviaõ promettido, mandou fazer exactas diligencias pelos Santissimos Esposos, e pelo seu Menino, e desenganado de que naõ havia noticia alguma do caminho que levaraõ, se incendeo em grande colera, por ver naõ achava meyo nem remedio, para atalhar o damno que temia naquelle novo Rey. Porèm o demonio, que conheceo disposto áquelle barbaro homem para toda a maldade, lhe arrojou no pensamento grandes suggestoens para consolá-lo, propondo-lhe, que usasse do seu Real poder, e que degolasse todos os meninos daquella Comarca, que naõ passassem de dous annos: porque entre elles precisamente havia de topar com o Rey dos Judeos, que havia nascido na-

Manda Herodes tirar a vida a todos os meninos que naõ excedessem a idade de dous annos.

quelle

quelle tempo. Alegrou-se o tyranno Rey com este pensamento, que jamais cahio no homem mais barbaro, e o abraçou sem o temor, e horror, que pudera causar taõ iniqua acçaõ em qualquer homem racional. E pensando, e discorrendo como o havia de executar á satisfaçaõ, e gosto da sua ira, fez juntar algumas tropas de Milicia, ás quaes mandou debaixo de graves penas, que degolassem todos os meninos, que naõ tivessem mais de dous annos, na Cidade de Belem, e na sua Comarca. Assim como o mandou o tyranno, assim se executou pelos seus ministros, tanto sem excepçaõ de pessoas, que hum filho do mesmo Herodes teve a dita, que tiveraõ os mais Innocentes, do que bem se infere a incomparavel crueldade, e ambiçaõ de Herodes, pois mandou matar ao filho, a quem deo o ser, só com o temor de que pudesse privá-lo do Reyno.

133 Este impio mandato de Herodes sahio seis mezes depois do Nascimento de nosso Redemptor, e quando se começou a executar estava Maria Santissima com Deos Menino no regaço, ao qual vio como elle pedia ao Eterno Pay pelos pays, e mãys dos Innocentes, e que lhe offerecia aos defuntinhos, como primicias da sua morte, e que por serem sacrificados por respeito do mesmo Redemptor, pedia se lhes desse uso de razaõ, para que voluntariamente offerecessem as suas vidas, e admittissem as suas mortes por gloria do mesmo Senhor; e que lhes pagasse com premios, e coroas de Martyres, o que padeciaõ. Tudo concedeo o Eterno Pay, e quanto se passou em Belem, e na sua Comarca vio Maria Santissima como em hum claro espelho, na Sacratissima Alma, e opperaçoens do seu Jesus. Acompanhou a Bendita Senhora aos pays, e ás mãys dos meninos Martyres na dor, na compaixaõ, e nas lagrimas pelas mortes de seus filhinhos, e foy ella a verdadeira, e primeira Raquel, que chorou aos filhos de Belem, e seus, e nenhuma outra mãy soube chorá-los como ella, porque nenhuma soube ser mãy, como o era nossa Rainha, e Senhora.

Offerece nosso Redemptor ao Eterno Pay as almas dos Innocentes.

134 Como estava dezejosa a mesma Senhora de saber o que tinha passado Santa Isabel, depois que a avizou por hum Anjo da peregrinaçaõ, e crueldade de Herodes, e naõ se atrevia a perguntar ao seu Santissimo Filho este successo, pela reverencia, e prudencia com que o tratava nestas revelaçoens; o mesmo Senhor respondeo ao seu piedoso, e compassivo dezejo, dizendolhe que Zacharias, pay de S. Joaõ, fallecera quatro mezes depois do seu Virginal parto, e que Santa Isabel, por virtude do seu avizo, e noticiosa da crueldade de Herodes, se havia retirado para hum dezerto, com seu filho Joaõ, no qual estavaõ vivendo em huma cova por impulso, e approvaçaõ do mesmo Deos; que tambem lhe revelou falleceria Santa Isabel depois de concluidos tres annos de vida solitaria, na qual ficaria existindo o menino Joaõ, até que por ordem do Altissimo sahisse a prégar penitencia, como Precursor seu. Com esta noticia ficou Maria Santissima cheya de gozo, e compaixaõ; de gozo, por saber que o menino Joaõ, e sua mãy estavaõ salvos; e de compaixaõ, por considerar nos trabalhos, que naquella soledade padeciaõ, que Maria Santissima lhes fez depois mais suaves, com os favores que nella lhes fazia, como dissemos na vida do Grande Baptista.

Diz o Menino Deos a Maria Santissima que se retirara para o dezerto Santa Isabel, com o menino Joaõ &c.
Myst.C p.2.lib. 4.n. 675.e 676.

135 Depois de se cumprir o primeiro anno do Divino Infante Jesus, determinou este amibilissimo Senhor romper o silencio, e fallar com vóz clara, e formada ao fidelissimo Jozé, que fazia o officio de pay cuidadoso. Estando pois os dous Santissimos, e castissimos Esposos tratando em huma conversaçaõ do ser Infinito de Deos, e da bondade que o havia obrigado a taõ excessivo amor, como o enviar do Ceo ao seu Unigenito, para Mestre, e Redemptor dos homens, dando-lhe forma humana em que tratasse com elles, e padecesse as penalidades da natureza dépravada; S. Jozé admirado muito das obras do Senhor, se accendeo nos mayores affectos de agradecimento, e de louvores do seu amor. O que vendo o Menino Deos, que estava nos bra-

Falla a primeira vez o Menino Deos com S. Jozé, chamando-lhe Pay.
Myst.C.n. 681.

ços da Virgem Mãy, fazendo delles a primeira Cadeira de Mestre, fallou para S. Jozé com vóz clara, e intelligivel, dizendo: *Pay meu, eu vim do Ceo á terra, para ser luz do mundo, e resgatá-lo das trevas do peccado, para buscar, e conhecer minhas ovelhas, como bom Pastor, e dar lhes pasto, e alimento de vida eterna, ensinar lhes o caminho para ella, e abrir as portas, que estavaõ cerradas pelos seus peccados. Quero que sejais os dous filhos da Luz, pois a tendes taõ perto.*

136 Estas palavras do Infante Jesus, como cheyas de vida, e de efficacia Divina, infundiraõ no coraçaõ de S. Jozé novo amor, reverencia, e alegria. Pôs-se de joelhos aos pés do Menino Deos com humildade profundissima, e lhe deo excessivas graças, por lhe chamar Pay na primeira palavra que lhe vio pronunciar. Pedio a Sua Divina Magestade com muitas lagrimas, que com a sua Divina luz o allumiasse, e levasse ao complemento da sua perfeita vontade, e o ensinasse a ser agradecido a taõ incomparaveis beneficios, como recebia da sua larga maõ.

Pede Maria Santissima licença ao Menino Deos para o pór em pè, e tirar lhe as ataduras de menino.

137 Como naquelle primeiro anno andou o Menino Deos involto nos manteos, e nas faixas, em que costumaõ andar todos os meninos, porque naõ quiz que nelle se desse differença dos demais, em testimunho da sua verdadeira humanidade, e tambem do amor dos mortaes, por quem padecia aquella molestia, que pode escuzar; julgou a prudentissima Mãy que ja era tempo opportuno de tirá-lo das faixas, e depô-lo em pé, e de calçá-lo; e posta de joelhos diante do berço em que estava, lhe disse: *Filho meu, e amor docissimo da minha alma, e meu Senhor, dezejo, como vossa Escrava, ser pontual em dar-vos gosto. Ja lume dos meus olhos haveis estado opprimido com as ligaduras das faixas, e nisto haveis feito grande fineza de amor pelos homens; tempo he ja que mudeis de traje. Dizei me, dono meu, que farei para vos pór em pè.*

De como lhe deo o Menino licença para o vestir, declarando-lhe a forma.

138 *Mãy minha*, [lhe respondeo o Infante Jesus] *pelo amor que tenho as almas que creei, e venho a remir, naõ me tem parecido molestas as ataduras da minha meninice; pois na minha idade perfeita hei de ser atado, prezo, e entregue a meus inimigos, e por elles á morte, e se esta memoria he doce para mim, pelo gosto de meu Eterno Pay, tudo o mais me será facil. Só hum vestido trarei neste mundo, porque delle só quero o que me há de cobrir, ainda que todo o creado he meu, por lhe haver dado o ser; porèm entrego-o aos homens para que mais me devaõ, aos quaes ensino tambem como por meu exemplo, e amor haõ de negar, e desprezar tudo o que he superfluo para a vida natural. Vestir-me-heis, Mãy minha, de huma tunica talar, de cor humilde, e cõmũa. Esta só levarei, e crescerá cõmigo, e há de ser sobre a que na minha morte se haõ de lançar sortes, porque ainda esta naõ ha de ficar á minha disposiçaõ, senaõ de outros; e para que vejaõ os homens que nasci, e quero viver pobre, e despido das cousas viziveis, que como saõ terrenas opprimem, e escurecem o coraçaõ humano. Com este exemplo quero ensinar, e reprehender ao mundo, para que ame a pobreza, e naõ a despreze; pois quando eu, que sou Senhor de tudo, desvio, e renuncio tudo, será confuzaõ dos que me conhecerem pela Fè, cobiçar o que eu ensinei a desprezar.*

Duvida Maria Santissima pór ao Menino Deos descalso, e dá elle a razaõ porque o quer assim.

139 Fizeraõ na Divina Mãy as palavras do Menino Deos admiraveis, e divinos effeitos; porque a memoria, e representaçaõ da morte, e prizoens de seu Filho Santissimo, traspassou seu Coraçaõ candidissimo, e compassivo, e a doutrina, e exemplo de taõ extremoza pobreza, e desnudez a admirou, e provocou de novo á sua imitaçaõ. O amor immenso aos mortaes a inflammou tambem, para agradecê-la ao Senhor por todos, e nisto fez actos heroicos de muitas virtudes. E conhecendo que o Infante Jesus naõ queria mais vestido, nem calçado, disse a Sua Magestade: *Filho, e Senhor meu, naõ terá vossa Mãy coraçaõ, nem animo para em idade taõ tenra por-vos no chaõ com os pès nus; admitti, amor meu, algum reparo nelles, que os defenda. Tambem conheço,*

nheço, que a vestidura aspera, que me pedis, ha de lastimar muito a vossa delicada natureza, e idade, se naõ admittires outra de panno de lenço por baixo. Respondeo o Infante Jesus: *May minha, admitto para os pès alguma cousa pobre, atè que chegue o tempo da minha prègaçaõ, porque entaõ a hey de fazer descalço. Porèm de camiza naõ quero usar, porque he fomento da carne, e de muitos vicios nos homens, e com meu exemplo, quero ensinar a muitos, que o renunciaráõ pela minha imitaçaõ, e amor.*

140 Pôs logo a Celestial Rainha grande diligencia em cumprir a vontade de seu Santissimo Filho, e buscando laã natural, e por tingir, a fiou pelas suas benditas maõs muito delgada, e della teceo huma tunica sem costura, ao modo das que se fazem de agulha, que parecia ao que chamaõ terlis, porque fazia hum cordaõzinho, e naõ era como o panno lizo. Teceo-a em hum tearzinho, em huma peça inconsutil mysteriosamente, e teve duas cousas milagrosas, huma, que sahio toda igual, e sem ruga; e a outra, que se melhorou, e mudou a cor natural á laã, á petiçaõ, e vontade da Divina Senhora, na cor entre morado, e prateado perfeitissimo, ficando em hum meyo, que se naõ podia determinar na cor que tinha, porque nem parecia de todo morada, nem prateada, nem parda, e de tudo tinha. Fez tambem humas sandalias, como alpargatas, de hum fio forte, com que calçou ao Menino Deos. Fez-lhe mais huma meya tunica de lenço, para que lhe servisse de pannos de honestidade. Quando Maria Santissima quiz vestir ao seu docissimo Jesus, lhe disse prostrada de joelhos: *Senhor Altissimo, Creador dos Ceos, e da terra, eu dezejara vestir-vos se fora possivel, segundo a Dignidade da vossa Divina Pessoa. Tembem quizera eu poder fazer o vestido que vos dou, do sangue do meu coraçaõ, porèm julgo será do vosso agrado, pelo que tem de pobre, e de humilde. Perdoai-me Senhor, e dono meu, as faltas, e recebei o affecto deste inutil pó, e cinza, e dai-me licença, para que vo lo vista.* Admittio o Divino Infante o serviço, e o obsequio da sua Purissima Mãy, a qual logo o vestio, calçou, e pôs em pé. A tunica lhe cobria os pés, sem arrastar, as mangas cobriaõ até a metade das maõs. O pescoço da tunica era redondo, sem abertura por diante, e ajustado quasi á garganta, e com ser assim o vestio a Divina Senhora ao Menino, sem o abrir, porque lhe obedecia o vestido para accõmodar-se á sua vontade. Este vestido nunca se gastou, nem envelheceo, nem perdeo a cor, e o lustre, com que sahio das benditas maõs de Maria Santissima, e muito menos se manchou, nem sujou. Assim como hia crescendo o Sacratissimo Corpo de Jesus, assim hia crescendo o vestido. O mesmo succedeo com as sandalias, e pannos interiores.

Fiou, teceo, e fez Maria Santissima o vestido do Menino Deos. Myst. C.n. 686. da 2. part.

141 Pôs-se pois em pé o Infante, e Senhor das eternidades, que desde o seu Nascimento havia estado involto em pannos, e faixas, e de ordinario nos braços de Maria Santissima, e de seu Esposo Jozé. Pareceo formoso sobre todos os filhos dos homens. Os Angelicos Espiritos se admiraraõ da eleyçaõ, que fez de taõ humilde, e pobre traje, o que vestia ao Ceo de luz, e aos campos de formosura. Andou logo pelos seus pés perfeitamente, em presença de seus Pays, mas naõ diante de mais gente, com a qual dissimulou algum tempo esta maravilha, recebendo-o Maria Santissima, ou S. Jozé em seus braços, quando concorriaõ os estranhos, e de fóra de casa. Foy continuando em receber o peito da Purissima Mãy até que cumprio anno e meyo, tempo em que começou a comer tres vezes ao dia, como era, de manhaã, de tarde, e á noite. No principio comia humas sopinhas de azeite, peixe, e fructa, e tudo lhe dava Maria Santissima nestes tempos, por elle nunca o pedir. Depois de crescido comia ás mesmas horas em que comiaõ os Santissimos Esposos, e sempre no principio, e fim da mesa lançava a bençaõ, e dava as graças.

Recebia Maria Santissima, e S. Jozé o Menino Deos em seus braços. Ibidem n. 692.

142 Crescia o Infante Jesus, com admiraçaõ, e agrado de todos os que o conheciaõ. Assim como completou seis annos, começou a sahir de casa,

Logo que completou o Menino Deos seis annos sahia aos Hospitaes.

aos Hospitaes, e aos enfermos, aos quaes consolava, e confortava, para que tivessem paciencia nas suas afflicçoens, e nas suas enfermidades, e fazendo-se assim muito amado, e conhecido do povo, lhe offerecia este muitas dadivas, e quando acceitava algumas dellas as distribuia logo pelos pobres; com cujas acçoens, e com a força da Divindade attrahia a si os coraçoens dos Egypcios, e dos Hebreos que haviaõ na Cidade. Huns, e outros procuravaõ a seus Pays repetidas vezes a dar-lhes o parabem de terem hum Filho taõ Santo, e discreto como inculcava nas practicas, e conversaçoens, que dirigia, a que deixassem as adoraçoens dos idolos, adorando ao verdadeiro Deos. As almas, que reduzio em Heliopolis, e no Egypto se naõ podem reduzir a numero, podendo-se dizer, que foy ditosa culpa a crueldade de Herodes para os Egypcios, e que he tanta a força da Bondade, e Sabedoria Divina, que os mesmos males, e peccados ordena a grandes bens, e os tira delles, e se em huma parte se arrojaõ, e cerraõ as portas para as suas misericordias, chama em outras, e faz que lhas abraõ, e dem entrada; porque a propensaõ que tem a favorecer a linhagem humana, e sua ardente caridade, naõ a podem extinguir as muitas agoas das nossas culpas, e ingratidoens.

143 Cumprio os sette annos de idade o Infante Jesus, estando naquella Cidade de Heliopolis, que era o tempo daquelle mysterioso desterro, destinado pela eterna Sabedoria; e para que se cumprissem as profecias, era preciso que voltasse para Nazareth. Esta vontade intimou o Eterno Pay á humanidade do seu Santissimo Filho hum dia em presença de sua Divina Mãy. Naõ manifestaraõ a S. Jozé a nova ordem do Ceo, porèm aquella noite fallou em sonhos o Anjo do Senhor ao mesmo Santo, como diz S. Mattheus, dizendo-lhe: Que voltasse para Nazareth com o Menino, e Mãy, porque ja era morto Herodes, e os que com elle procuravaõ a morte do Menino Deos. Tanto quer o Altissimo a bõa ordem em todas as cousas creadas, que com ser verdadeiro Deos o Menino Jesus, e sua Santissima Mãy taõ superior em santidade a S. Jozé; com tudo isso, naõ quiz que a disposiçaõ da jornada a Galilea sahisse do Filho, nem da Mãy, senaõ que remetteo tudo a S. Jozé, que naquella Familia taõ Divina tinha o officio de Cabeça: para dar fórma, e exemplo a todos os mortaes, de que agrada ao Senhor, que todas as cousas se governem pela ordem natural, e disposta pela sua Providencia.

Diz hum Anjo a S. Jozè que volte para Nazareth.

144 Foy logo S. Jozé dar conta ao Infante Jesus, e a sua Purissima Mãy, do mandado do Senhor, os quaes lhe disseraõ, que se fizesse a vontade do Padre Celestial. Com esta resoluçaõ determinaraõ a jornada sem dilaçaõ. As poucas alfayas, que tinhaõ em casa, foraõ distribuidas pelos pobres, por maõ do Menino Deos, a quem Maria Santissima costumava dar as esmólas, para elle as levar aos necessitados, por conhecer que o Menino, como Deos de misericordia, as queria executar por suas maõs. Quando lhe dava as taes esmólas se punha de joelhos diante delle, e dizia: *Tomai, Filho, e Senhor meu, o que dezejais, para repartir com vossos amigos os pobres, e irmaõs vossos.* Naquella feliz casa, que por habitaçaõ dos sette annos ficou santificada, e consagrada em Templo, pelo Summo Sacerdote Jesus, entraraõ a viver humas pessoas das mais devotas, e piedosas, que deixavaõ em Heliopolis, porque a sua santidade, e virtudes lhe grangearaõ a dita que elles naõ conheciaõ, ainda que pelo que haviaõ visto, e experimentado, se reputavaõ por bem afortunadas em viverem, onde aquelles devotos forasteiros haviaõ habitado tantos annos. Esta piedade, e affecto devoto lhe foy pago com abundante luz, e auxilios, para conseguir a felicidade eterna.

Myst. C. p. 2. n. 703, e 704.

145 Partiraõ da Cidade para a Palestina, com a mesma companhia dos Anjos, que haviaõ levado na outra jornada. A Virgem Mãy hia em hum jumento com o Menino Deos, e S. Jozé acompanhando-os a pé. A despedida dos conhecidos, e amigos que tinhaõ, foy muito dolorosa para todos os que perdiaõ taõ grandes Bemfeitores, nos quaes conheciaõ consolaçaõ, amparo,

Sahem Jesus, Maria, e Jozè do Egypto, fazendo prodigios pelo caminho.

amparo, e remedio nas suas necessidades. Antes de sahirem aos despovoados, passaraõ por alguns lugares do Egypto, e em todos foraõ derramando graça, e beneficios, porque eraõ muito publicas as maravilhas, que haviaõ feito. Curaraõ muitos doentes, expelliraõ grande multidaõ de demonios, e finalmente todas as creaturas, que chegavaõ a elles com algum affecto mais, ou menos piedoso, sahiaõ da sua presença illustrados da verdade, soccorridos da graça, e feridos do Divino amor, pois sentiaõ huma occulta força, que os movia, e obrigava a seguir o bem, e a deixar o caminho da morte pelo da vida.

146 Cumpridos no Egypto os Mysterios, que a Divina vontade tinha determinado, e deixando aquelle Reyno cheyo de milagres, e de maravilhas, sahiraõ os Divinos peregrinos dos povoados, e entraraõ nos dezertos por onde tinhaõ ido, nos quaes padeceraõ novos trabalhos, porque sempre dava o Senhor tempo, e lugar á necessidade, e tribulaçaõ, para que o remedio fosse opportuno. Em alguns apertos o mesmo Menino Deos mandava aos Anjos que levassem de comer a sua Mãy, e Pay, e como este ouvia a ordem, se alentava, e consolava na pena de naõ ter o sustento necessario para o Rey, e Rainha dos Ceos. Em outros usava o Menino Deos do poder Divino, fazendo multiplicar hum pedaço de paõ no mais que era necessario.

Retrocede S. Jozè o caminho, e chega a sua casa de Nazareth.

147 Por S. Jozé ter noticia, antes de entrar na Palestina, que Archeláo havia succedido no Reyno de Judéa a seu pay Herodes, e que o imitava tanto na tyrannia, como se tinha visto em fazer degolar em hum só dia tres mil Judeos, torceo o caminho, e sem subir a Jerusalem, nem tocar em Judéa, proseguio a jornada em direitura a Nazareth, onde acharaõ a sua antiga, e pobre casa, em poder de huma santa mulher, parenta de S. Jozé no terceiro gráo, que era a que tratou do Santo Patriarcha, em quanto a sua Divina Esposa esteve assistindo a sua Prima Santa Isabel. Logo que entraraõ naquella casa Maria, e Jozé Santissimos deraõ incessantes graças a Deos, pelos haver livrado da crueldade de Herodes, e os restituir á sua antiga casa, e quietaçaõ. Ordenou logo a Beatissima Senhora a sua norma de vida, e exercicios com disposiçaõ do Menino Deos; S. Jozé dispôs tambem o que tocava ás suas occupaçoens, e officio, para grangear com o seu trabalho o sustento do Menino Deos, da Mãy, e de si mesmo. Tanta foy a felicidade deste Santo Patriarcha, que se nos mais filhos de Adaõ foy castigo, e pena condená-los ao trabalho das suas maõs, e ao suor do seu rosto, para alimentar com elle a vida temporal; no nosso S. Jozé foy bençaõ, e beneficio, e consolaçaõ sem igual, eleger-se para que com o seu trabalho, e suor alimentasse ao mesmo Deos, e a sua Mãy, de quem he o Ceo, e a terra, e quanto nella se contèm.

Ordenaõ Maria Santissima, e S. Jozè nova norma de vida para alimentarem ao Menino Deos, e a si.

Do como tratava Maria Santissima do regálo de S. Jozè, e do excesso da sua humildade.

148 O agradecimento deste cuidado, e trabalho de S. Jozé, tomou á sua conta Maria Santissima, pois em conrespondencia disto, o servia, e cuidava do seu pobre sustento, e regálo com incomparavel attençaõ, cuidado, agradecimento, e benevolencia. Estava-lhe obediente em tudo, e humilhada na sua estimaçaõ, como se fora Serva, e naõ Esposa, e o que mais era, Mãy do mesmo Creador, e Senhor de tudo. E que muito, que estivesse Maria Santissima assim obediente a S. Jozé, sendo Esposo seu, se era tal a sua humildade, que se reputava por indigna de quanto tinha ser, e da mesma terra que a sustentava, porque julgava que de justiça lhe deviaõ faltar todas as cousas. E em reconhecimento de haver sido creada de nada, sem poder obrigar a Deos para este beneficio, nem depois para outro algum, fundou tanto a sua rarissima humildade, que sempre vivia pegada com o pó, e mais desfeita que elle, na sua propria estimaçaõ. Qualquer beneficio, por pequeno que fosse, agradecia com admiravel sabedoria ao Senhor, como a primeira origem, e causa de todos os bens, e ás creaturas, como a instrumentos do seu poder, e bondade: a huns porque lhe faziaõ beneficios, a outros por-

que lhos negavaõ, a outros porque a soffriaõ; a todos se reconhecia devedora, e os enchia de bençoens de doçura, e se punha aos pés de todos, buscando meyos, artificios, arbitrios, e traças, para que nenhum tempo, nem occasiaõ se lhe passasse sem obrar em tudo o mais santo, perfeito, e levantado das virtudes, com admiraçaõ dos Anjos, agrado, e beneplacito do Altissimo.

Hia S. Jozè cada anno duas vezes aprezentar se no Templo, e a terceira em companhia de Jesus, e Maria.

149 Alguns dias depois que Maria Santissima estava com o seu Divino Menino, e S. Jozé de assento na Cidade de Nazareth, chegou o tempo em que obrigava o preceito da Ley de Moysés aos Israelitas, a que se aprezentassem em Jerusalem diante do Senhor. Este mandamento obrigava tres vezes no anno aos Varoens, e naõ ás mulheres, e por isso podiaõ ellas ir, ou deixarem de ir, por naõ terem mandamento que as obrigasse, nem que as prohibisse. S. Jozé se inclinava a levar comsigo a sua Santissima Esposa, e ao seu Divino Filho, para o offerecer de novo ao Eterno Pay. A Maria Santissima a inclinava tambem a piedade, e culto do Senhor; porèm como em nada se movià sem consultar com Deos, da consulta que fez, se assentou em que S. Jozé fosse duas vezes no anno só, e que na terceira fossem todos tres juntos. As duas vezes que subia S. Jozé no anno a Jerusalem, fazia esta peregrinaçaõ por si, e pela sua Divina Esposa, e em nome do Verbo humanado, com cuja doutrina, e favores hia o Santo cheyo de graça, devoçaõ, e dons Celestiaes a offerecer ao Eterno Pay a offerta, que deixava rezervada, como em deposito, para seu tempo, e no interim, como substituto do Filho, e da Mãy, fazia no Templo de Jerusalem mysteriosas oraçoens, offerecendo o sacrificio de seus labios; e como nelle offerecia, e prezentava a Jesus, e a Maria Santissima, era oblaçaõ acceitavel para o Eterno Pay, sobre todas quantas lhe offereciaõ o restante do povo Israelitico. Porèm quando subiaõ o Verbo humanado, e a Virgem Maria pela festa da Pascoa, em companhia do mesmo Santo, era esta jornada mais admiravel para elle, e para os Cortezaons do Ceo, porque sempre se formava no caminho aquella procissaõ solemnissima, que por vezes temos dito dos tres peregrinos Jesus, Maria, e Jozé, e dos dez mil Anjos, que os acompanhavaõ em forma humana vizivel. Era a jornada de Nazareth a Jerusalem quasi de trinta legoas, na qual gastavaõ os Divinissimos peregrinos mais tempo, porque depois que sahiraõ do Egypto, o Menino Deos andava a pé, e naõ queria usar do seu immenso poder para escuzar a molestia do caminho, antes procedia como homem passivel, dando licença, ou lugar ás causas naturaes, para que tivessem seus effeitos proprios, como era o cançar-se, e molestar-se com o trabalho do caminho.

Fazia o Menino Deos a peregrinaçaõ a pè, e Maria Santissima lhe alimpava o suor.

150 Naõ lhe impedia este trabalho Maria Santissima, porque conhecia a vontade que tinha de padecer pelo genero humano; porèm levava-o de ordinario pela maõ, e o mesmo fazia S. Jozé. Quando cançava, e suava, a Divina Senhora lhe limpava o seu rosto, mais formoso que os Ceos, e que as suas luminarias, o que fazia posta de joelhos, e derramando muitas lagrimas de compaixaõ. O Menino a consolava, fallando-lhe com muito agrado, e dizendo-lhe que recebia com gosto aquelles trabalhos, pela gloria de seu Pay, e bem dos homens. Em todas estas jornadas, que faziaõ Filho, e Mãy ao Templo, executavaõ heroicas obras em beneficio das almas; porque convertiaõ muitas ao conhecimento do Senhor, tirando-as do peccado, e reduzindo as ao caminho da vida eterna, se bem que tudo por modo occulto, porque naõ era tempo de manifestar-se o Mestre da Verdade.

Furta-se o Menino Deos em Jerusalem aos olhos de Maria, e Jozè.

151 Assim como o Menino Deos completou doze annos de idade, vendo que convinha ja que amanhecessem os resplandores da sua inaccessivel, e Divina luz, subio a Jerusalem com seus Santissimos Pays, no tempo da Pascoa chamada dos Azimos, cuja celebridade durava sette dias, sendo os mais celebres o primeiro, e ultimo. Determinaraõ os Celestiaes peregrinos o estarem

rem em Jerusalem todo aquelle settenario, para nelle celebrarem a festa com o culto do Senhor, e oraçoens, que costumavaõ os mais Israelitas, se bem em o occulto Sacramento eraõ taõ singulares, e differentes de todos os demais. Passado o settimo dia voltaraõ para Nazareth, porèm ao sahir da Cidade, deixou o Menino Deos a seus Pays, sem que elles o pudessem advertir, motivo porque foraõ proseguindo a jornada, ignorantes do successo. Para executar isto se valeo o Senhor do costume, e concurso da gente, que como era taõ grande naquellas solemnidades, costumavaõ dividir-se as tropas dos forasteiros, apartando-se as mulheres dos homens pela decencia, e conveniente recato. Os Meninos, que levavaõ a estas festividades acompanhavaõ aos pays, ou mãys, sem differença, com o que pode pensar S. Jozé que o Infante Jesus hia em companhia de sua Santissima Mãy, a quem assistia de ordinario, e naõ pode imaginar que iria sem elle. Maria Santissima naõ teve tantas razoens para julgar que hia seu Santissimo Filho com o Patriarcha S. Jozé; porèm o mesmo Senhor a divertio com outros pensamentos Divinos, e santos, para que no principio naõ attendesse, e que depois pensasse que o levava comsigo o Glorioso S. Jozé.

152 Com esta prezumpçaõ caminharaõ Maria, e Jozé todo hum dia, como diz S. Lucas. Acharaõ-se Maria Santissima, e seu Esposo no lugar onde haviaõ de pouzar, e concorrer juntos a primeira noite, depois que sahiraõ de Jerusalem, e vendo a Senhora que o Menino Deos naõ hia com S. Jozé, e dezenganado este Santo que elle naõ hia com a Senhora, ficaraõ ambos quasi immudecidos com o susto, e admiraçaõ, sem poderem fallar por muito tempo. Cada hum respectivamente governava o juizo pela sua profundissima humildade, lançando a si a culpa daquelle descuido. Mortalmente se assustaraõ os dous Esposos á primeira vista, porèm ao averiguar com razoens ser esta a perda, mil mortes prolongadas lhes representou a pena: *Aonde está, o meu Jesus?* [pergunta a Jozé Maria] E elle respondeo afflicto: *Virgem, naõ ficou convosco? Naõ, Jozé,* [replica] *que com vós vinha. Eu* [disse elle] *o julgava ao vosso lado. Eu* [disse Maria] *me descuidei com o vosso cuidado, e em fim o havemos perdido. Que havemos de fazer Esposo com perda taõ grande! Sem o nosso Deos, como viveremos? Sem a luz dos meus olhos, que consolaçaõ terá a minha alma? Sem a minha Alma, como terei vida? Ay Filho, Filho regalado, aonde te auzentastes dos meus olhos, quando auzencias de hum Deos saõ intolleraveis? Aonde te perdeste, quando naõ ha ganancias, que façaõ contrapezo a perdas Divinas? Que te adoro, Filho meu, naõ o ignoras; que sabes o meu querer, he bem sabido; que vez a minha dor, eu naõ o duvido. Porque me permittes pois lastimas taes em paga das minhas finezas? A mil imaginaçoens se vai o entendimento, que ainda que sei muito por graça, e nellas naõ me affirmo, ha razoens no cazo, que fazem suspeitar a natureza. Se haverás morrido, bem meu? Se se haveraõ apagado as luzes dos teus olhos, deixando em triste Occazo a alma que te adora? Mas naõ, naõ póde ser isto, que sei das Escrituras, que para a tua idade varonil te está huma Cruz esperando. Se acazo te has voltado para o Ceo, Ceo da minha alma? Que vendo o mal que te corresponde o mundo, occasionando te desterros, e fadigas, bem póde temer-se lhe hajas fugido, ainda que o remir nos padeça dilaçoens. Ainda que naõ, naõ te auzentaras com tanta dor minha, sem me dares parte dos teus pensamentos; porque estando eu innocente dos teus damnos, naõ havia de ficar por branco dos castigos. Ay Filho das minhas entranhas! Se haverá sido esta auzencia, por algum descuido meu, ou de meu Esposo, e para penar-nos haveis buscado outro arrimo? Porèm naõ sinto isto, porque estou livre desta culpa, e naõ ignorais vós, querido dos meus olhos, que em quanto ao possivel vos havemos servido sempre, e regalado, e se naõ como mereceis, naõ por falta de dezejos, e onde os dezejos sobraõ, sempre vos quadraõ por serviços. Naõ faço pè, naõ, nestes pensamentos, e imaginaçoens, mas os receyos, e as suspeitas, que me affligem,*

Mortalmente se assustaõ Maria, e Jozè por se verem sem Jesus, cuja falta lamentaõ.

fligem, as que o coraçaõ me partem, e ds que a alma se inclina, he pensar se haverá dado o dono da minha vida, a luz dos meus olhos, nas maõs de Archelao, e que mo terá morto. Ay Jozè! Esta pena me embaraça toda a alma, este receyo, verdugo dezapiadado, me aperta os cordeis, que ainda que naõ ignoro, (ay de mim) que sem que elle queira, ninguem o ha de matar, temo com tudo naõ haja assentido seu gosto a soffrer qualquer injuria, e mais quando Archelao reyna na herdada tyrannia de seu pay Herodes, que por meyo de tanto sangue innocente buscou a vida a nosso doce Jesus. Busquemo-lo, Jozè, pois poderá ser que o achemos vivo, antes que o temor me acabe.

Consola S. Jozè a Maria Santissima, e ambos procuraõ anciosos a Jesus.

153 A esta invazaõ de sentimentos a incerteza do cazo deteve algum tanto o freyo; e se collige do mesmo Texto de S. Lucas, que julgando Jozé, e Maria que iria diante com as mais tropas de vizinhos, e de parentes, andaraõ caminhando hum dia buscando-o, do que devemos inferir, que á pena da Virgem daria Jozé allivio, tirando-lhe imaginaçoens, e receyos, e dizendo: *Naõ vos affligais, carissima Esposa, quando está neutral o mal que sentis, e taõ indeciza a pena que chorais; que a ser certa, nem escuzara sentimentos, nem enxugara lagrimas, antes com as minhas multiplicara mais as vossas, para que com pranto igual sentiramos os dous lastimas taõ justas: porèm póde ser isto hum acazo de haver-se divertido o nosso Jesus, e com outros meninos do seu tempo, vizinhos, ou parentes, ir ja mui diante de nósoutros. Alarguemos pois o passo, que o cuidado sempre augmenta brios, façamos na sua busca apertadas diligencias, que confio no Ceo o acharemos; porque se nos rendemos á dor, póde ser morraõ as vidas a imaginaçoens só de tal cazo.*

Continuaõ em procurá-lo.

154 Animou-se Maria Santissima, e por consolar a S. Jozé foraõ buscar a Jesus entre as tropas de gente, e vendo era a perda certa, se voltaraõ afflictos, e lastimados para Jerusalem; porque nem os dez mil Anjos que assistiaõ a Maria tiveraõ licença do Altissimo para dizer lhe onde parava o seu Jesus. Fique á ponderaçaõ o immenso desta magoa, porque querer pintá-la como seria, por mais hyperboles que a penna fizera, fora diminuir muita parte do grande. Tres dias Maria sem Jesus, quando a serem horas breves as julgara seculos, que tormentos dariaõ ao coraçaõ! As suspeitas, e receyos ja revalidados, que crueis verdugos naõ seriaõ! Ao correr a noite com o seu manto negro, vendo-se sem Jesus os dous Esposos, quantas tristezas lhes cercariaõ as almas! Que somno viria a seus olhos, quando tudo era verter pedaços do coraçaõ em lagrimas desfeitas! Que manjar lhes daria allivio, quando se achava o gosto embaraçado com mil afflicçoens!

Pôdera S. Bôaventura as lastimas de Maria Santissima na falta do seu Jesus.

155 O Gloriofo, e Serafico Doutor S. Boaventura nos aponta algumas lastimas, que Maria Santissima fazia ja no retiro da sua casa, ja no Templo, ja no silencio da noite: *Oh Deos meu*, (dizia a Virgem chorando) *Padre Eterno de clemencia, taõ benigno para mim, que vos dignaste dar-me o vosso proprio Filho, por Filho das minhas entranhas, por cara prenda minha. Adverti, e vede que o hey perdido, que o busco, e naõ o acho, que naõ sey onde está. Pois sabeis que estou sem culpa, e que as minhas diligencias em guardá-lo naõ haõ padecido descuido, e Vós sabeis onde está, entregai-mo, Padre Eterno, pois sem elle naõ tenho vida. Tirai-me esta dor, livrai-me desta pena, mostrai-me ao meu amado Filho, dai-me ao meu Jesus. E Vós, Jesus querido, onde estais auzente? Aonde vos haveis ido? Em que casa tendes a hospedagem? Aonde tendes o alvergue? Dizei-me, dono formoso, aonde passais os dias? Onde tendes a sesta, e aonde vos colhe a noite? Dai-me luz, mostrai-me o caminho, para que eu vos ache, ou vinde a mim, para que vos naõ busque. Vejaõ ja meus olhos o formoso da vossa cara, e ficarei livre das dores que me cercaõ, soe ja vossa doce vóz nos meus ouvidos, e se aquietará minha alma.* Prosegue aquella Serafica Purpura, dizendo: *Estas lastimas, estas lamentaçoens eraõ as de Maria, e ainda que as consolaçoens de Jozè temperavaõ muito, diminuiaõ o pranto, naõ a pena; e demais, que tambem Jozé estava taõ lastimado de ver sentir a Maria*

Maria, e de ver-se sem Jesus, que às vezes necessitava do soccorro da Virgem, para que naõ se affogasse de pena.

156 Segundo alguns Intepretes Contemplativos, se há de considerar que este ficar-se Jesus em Jerusalem a furto de seus Pays, foraõ ja dezejos de andar as estaçoens do seu sacrificio, e de repassar os lugares da sua Morte, que como o fim do nascer Homem era para padecer, quiz desde a tenra idade de ir-se ensayando a sentir. Hia cada dia ao celebrado Horto de Gethsemani, que como primeiro passo da Paixaõ o fez preludio a pena. Naõ hia a ver o ameno da paragem, o delicioso da frescura, o esmalte das flores, naõ hia a escutar o canto do pintasilgo, os requebros do rouxinol, nem os trinados motetes, e melodias das mais aves, porque nenhum canto seria doce, a quem se apartara da Ave Maria. Haver hia Jesus com muita attençaõ hum retiro do Horto, que coroado de oliveiras, e rebuçado de sombras, se fazia lugar secreto, ainda que medroso. Alli pois considerava em como em huma tenebrosa noite havia de orar ao Padre, e que a recordos da sua Cruz, por muitos rios de coral se haviaõ de sangrar suas veas, com abundancia tanta, que o que entaõ via candidas flores, veria depois, tintas em sangue, passarem praça de rouxos cravos. Assustava-se Jesus, com a prevenida angustia, de medo se lhe enchia a Alma com recordo triste, e correo despavorido ao lugar, onde os Discipulos em somno sepultados lhe haviaõ de fazer escolta. Alli, para mais pena, se lhe reprezentou Judas aleivoso, que o havia de entregar a seus contrarios, e os injuriosos estrondos lhe fizeraõ ecco nos ouvidos.

Cõtempla o Menino Deos nos passos da sua futura Paixaõ.

157 Ja se considerava prezo, e atado, qual malfeitor, ja sahe do Horto, sentindo na alma estes futuros males, e pelo arroyo caminha a Jerusalem. Foy ás casas do Summo Sacerdote, e do Governo, onde haviaõ de viver Caifáz, e Poncio Pilatos. Dalli caminhou ao Palacio Real, casa que havia de ser de Herodes. Foy passeando pouco, e pouco a rua da amargura, que com o pezado Lenho, e regando-a com Sangue havia de passar algum dia. Chegou ao Monte chamado do Calvario, ao qual considerando a ultima estaçaõ da sua vida, e lugar assignalado da sua morte, em hum canto delle se arrima, todo temendo angustias, todo assustado de penas. Cercado destas afflicçoens, cheya a Alma de amarguras, voltou para o Templo, onde novamente contemplou os seus cuidados nas sombras da sua morte. Olhava para os sacrificios, imagens vivas de si mesmo, pois ao degolar qualquer cordeirinho, sentia quasi degolar-se; ao sacrificar qualquer victima, se via sacrificado. Revolvia no animo estas consideraçoens, e considerava que dentro de poucos annos, ja naõ se daria em sacrificio a vitéla, ou o cordeiro, senaõ que elle mesmo seria o holocausto. Nestes exercicios, conforme os piedosos Contemplativos, gastou Jesus o tempo dos tres dias, que esteve apartado de seus Pays, ensayando-se para as suas penas, para as suas dores, e para a sua morte.

Cõtinua na contemplaçaõ dos passos.

158 Naquelles tres dias hia visitar os enfermos do Hospital, e levar-lhes as esmólas que tirava de porta, em porta para elles, e para o seu sustento. O Mellifluo Bernardo, cheyo de admiraçaõ, e de assombro neste passo, de andar o Filho de Deos mendigando, rompendo a vóz por meyo dos soluços, exclama: *Oh dignaçaõ admiravel de Deos, pois sendo quem dá comida á multidaõ de Espiritos da Regiaõ Celeste, e sendo o que por cuja liberal maõ as aves, os peixes, e os animaes tem o sustento seguro, e feito o prato cada dia, este Deos pois, taõ rico, e opulento, mendiga das suas creaturas hum pedaço de paõ de porta em porta! Mysterio taõ estupendo, que encolhem os hombros os Ceos assombrados.*

Visitava nos tres dias de perdido os Hospitaes, e levava aos pobres das esmólas que pedia, do que se admira S. Bernardo.

159 Resolvidos os Santissimos, e afflictissimos Esposos a voltar para Jerusalem em busca do seu amado, o procuraraõ pelos Hospitaes, e por todas as ruas da Cidade, perguntando a todos os que encontravaõ pelo seu querido Jesus, tomando á Esposa dos Cantares as palavras da boca, por correrem iguaes parelhas a dor, e o affecto. Como o naõ achavaõ, a cada passo se lhes multiplica-

Proseguem Maria Santissima, e S. Jozè em procurar a Jesus.

multiplica a pena, e a cada hora de dor huma fonte de lagrimas correspondia. Bem podia como Mãy de Deos ter socego, pois de direito lhe naõ podia faltar o que buscava, mas com toda aquella certeza, lhe naõ permitia o seu amor o deixar de fazer diligencia em taõ grave perda, porque isto era merecer por si mesma, e aquillo era ter que agradecer a Deos: e em materias de amar, e buscar a este Senhor, quem mais faz mais merece, quem mais busca acha melhor. Assim em Maria, e Jozé naõ foraõ passos perdidos, nem as palavras, e perguntas debalde, pois ouvindo-os huma mulher, entre outras, lhe disse: *Esse Menino com os mesmos sinaes, que dais, chegou hontem á minha porta a pedir esmóla, a qual lhe dei, porque o seu agrado, e formosura me roubou o coraçaõ, e no mesmo tempo em que lhe dei a esmóla, senti no meu interior huma doce força, e compaixaõ de ver pobre, e sem amparo hum Menino taõ gracioso.*

Dá huma mulher noticia de que vira o Menino Deos na sua porta pedindo.

160 Estas foraõ as primeiras novas, que acharaõ os afflictos Esposos de seu Filho Jesus, e respirando hum pouco na sua dor, foraõ proseguindo nas perguntas, e como acharaõ quasi as mesmas noticias, dirigiraõ os passos ao Hospital, no qual tiveraõ a certeza de ir todos os tres dias a elle, levar esmóla, e consolar os pobres enfermos. Assentou Maria Santissima, que pois naõ estava com os pobres, que havia de estar no Templo, onde o deviaõ ir procurar. Só nesta occasiaõ dezenganaraõ os Anjos a Maria Santissima, dizendo lhe: *Senhora nossa, perto está a vossa consolaçaõ, logo vereis o lume dos vossos olhos, apressai o passo, e chegai ao Templo.* O mesmo avizo deo outro Anjo a S. Jozé, que procurava por outros sitios ao seu Jesus, cuja falta lhe occasionou dor incomparavel, a qual lhe fizera exhalar a vida, se a maõ do Senhor o naõ confortara, e o naõ consolara a prudentissima Senhora, porque a ancia de buscá-lo fez com que se esquecesse de alimentar a vida, e de soccorrer a natureza.

Dizem os Anjos a Maria Santissima onde está o Menino.

161 Com o avizo dos Anjos foraõ alegrissimos, e contentes para o Templo: mas antes que digamos o contentamento que lhes occasionou a sua achada, diremos as maravilhas que nelle fez, nas soluçoens que deo aos Doutores da Ley, que nelle se achavaõ. Foy Jerusalem a Cidade mais celebre do mundo, a mais applaudida das Sagradas letras, e a mais estimada dos Monarchas do Orbe, quando florecia na sua grandeza, e obstentava a sua Magestade, e formosura, que foy quando lhe deo Salomaõ os mayores lustres, fundando Academia no celebrado Paço de Sion, Universidade de Sciencias taõ insigne, que antes, nem depois nenhuma a há igualado, pois consta da Escritura Sagrada, que concorriaõ a ella todas as naçoens, por ouvirem principalmente a Salomaõ, que como taõ Sabio Theologo, a honrou, sendo seu Lente de Prima. Junto ao seu Real Palacio fez Salomaõ a Universidade, com suas Aulas, e Geraes distinctos para as Artes, e Sciencias, segundo consta de hum lugar dos Proverbios. Variando-se os tempos, ja na era de Christo nosso Redemptor, veyo a estar a Universidade em huma parte do Templo, onde os Rabbinos, e Doutores liaõ as suas Cadeiras.

Da-se noticia de Jerusalem, e da sua Universidade.

162 A esta Aula, ou Geral, sita no Templo, acudiaõ aos Actos da Escritura, em que se disputavaõ, ja materias de Ley, ja explicaçoens de Profetas, ja cazos de Ceremonias, e de Ritos. A ordem, que se observava quando assistiaõ os Doutores, era nesta fórma, segundo contaõ Santo Ambrosio, e S. Vicente Ferrer. Os Doutores estavaõ assentados nas suas cadeiras, os Cidadaons, e homens inferiores em bancos razos, que estavaõ ao redor do Theatro, ou Geral, e os que sómente hiaõ a ouvir, ou a ver, se assentavaõ no comedio aos pés dos Ministros, lugar que tambem tinhaõ os discipulos em o chaõ, que cobriaõ com esteiras. Este lugar humilde elegeo Jesus, tomando o assento no chaõ, naõ em cadeira, como o costuma pintar a devoçaõ Christaã, o que reprova S. Vicente Ferrer, por quanto se oppoem ao sentido Evangelico, porque a cadeira denota Magisterio, e só a tinhaõ os Doutores que ensinavaõ,

Continua, e se diz como Jesus foy ouvir a elle os Doutores.

naõ

naõ os que perguntavaõ duvidas, e ouviaõ questoens, e S. Lucas naõ diz que acharaõ ao Menino ensinando, sim perguntando, e ouvindo.

163 Questionando-se sobre que materia era a disputa em que achou Maria Santissima occupado ao seu Jesus, assentaõ muitos com o Cardeal de Toledo, e S. Vicente Ferrer, que a principal disputa era a vinda do Messias, por estarem todos os Doutores perplexos, e confuzos, por verem por muitos Textos das Escrituras completo o tempo de vir Deos ao mundo, se bem que a sua paixaõ os tinha cegos, pois á vista da sua mesma luz se achavaõ em trevas. A illustrada Authora da *Mystica Cidade* diz, que naquella occasiaõ disputavaõ da vinda do Messias, porque das novidades, e maravilhas, que se haviaõ conhecido naquelles annos, desde o nascimento do Baptista, e vinda dos Reys Orientaes, havia crescido o rumor entre os Judeos, de que ja era cumprido o tempo, e estava no mundo, ainda que naõ era conhecido. A mesma Serva de Deos traz as questoens, e soluçoens seguintes.

Do que disputavaõ os Doutores na presença de Jesus.

164 Affirmavaõ aquelles Doutores, que o Messias havia de vir com Magestade, e grandeza de Rey, para dar liberdade ao seu povo com a força do seu grande poder, resgatando-o temporalmente de toda a servidaõ dos Gentios, e que naõ podia ter vindo, porque naõ havia indicios daquella potencia, e liberdade, por se acharem os Hebreos totalmente impossibilitados para sacudir o pescoço do jugo dos Romanos, e do seu Imperio &c. Naõ soffreo a caridade immensa do nosso Deos Menino aquella ignorancia em huns Mestres, que deviaõ ser idoneos Ministros da verdadeira doutrina, e chegando-se para elles, com o seu agradavel semblante, pedio licença para fallar, e dar satisfaçaõ á duvida, e concedida ella, disse:

Myst. Cid. p. 2. lib. 5. n. 761. e 762.

165 A duvida, que se ha tratado da vinda do Messias, ouvi, e entendi inteiramente, e para pôr a minha difficuldade nesta determinaçaõ, supponho que os Profetas dizem, que a sua vinda será com grande poder, e Magestade, como aqui se ha referido com os testimunhos allegados: porque Isaias diz, que será nosso Legislador, e Rey; que salvará ao seu povo: em outra parte affirma, que virá de longe com furor grande, como tambem o assegurou David; que abrazará a todos seus inimigos. Daniel affirma, que todas as Tribus, e naçoens o serviraõ. O Ecclesiastico diz, que virá com elle grande multidaõ de Santos. E os Profetas, e Escrituras estaõ cheyas de similhantes promessas, para manifestar sua vinda com sinaes bem claros, e patentes, se se vem com attençaõ, e luz. Porèm a duvida se funda nestes, e em outros lugares dos Profetas, que todos haõ de ser igualmente verdadeiros, ainda que em parte pareçaõ encontrados, e assim he forçozo que concordem, dando a cada hum o sentido, em que póde, e deve convir hum com o outro. Pois como entenderemos agora o que diz o mesmo Isaias, que virá da Terra dos Viventes, e que, quem contará a sua geraçaõ! Que será saciado de opprobrios, que será levado a morrer, como a ovelha ao matadouro, e que naõ abrirá boca. Jeremias affirma, que os inimigos do Messias se juntaráõ, para o perseguirem, e lançar veneno no seu paõ, e borrar o seu nome da terra, ainda que naõ prevaleceraõ. David disse, que seria o opprobrio do povo, e dos homens, e como bicho pizado, e desprezado. Zacharias, que viria manso, e humilde, assentado sobre huma humilde besta. E todos os Profetas dizem o mesmo dos sinaes, que ha de trazer o Messias promettido.

Myst. C. n. 763 764.

166 Pois como será possivel [accrescentou o Menino Deos] ajustar estas profecias, se suppomos que o Messias ha de vir com potencia de armas, e Magestade, para vencer a todos os Reys, e Monarchas com violencia, derramando sangue alheyo! Naõ podemos negar, que havendo de vir duas vezes; huma, e a primeira, para redemir o mundo, e outra para julgá-lo; as profecias se devem applicar a estas duas vindas, dando a cada huma o que lhe toca: e como os fins destas duas vindas haõ de ser differentes, tambem o seraõ as condiçoens, pois naõ ha de fazer entre ambas hum mesmo officio, senaõ

A mesma n. 764.

naõ mui diverſos, e contrarios. Na primeira ha de vencer ao demonio derrubando o do imperio, que adquirio ſobre as almas pelo primeiro peccado; e para iſto, em primeiro lugar ha de ſatisfazer a Deos por toda a linhagem humana, e logo aſſignar aos homens com palavra, e exemplo o caminho da vida eterna, e como devem vencer aos meſmos inimigos, e ſervir, e adorar ao ſeu Creador, e Redemptor; como haõ de conreſponder aos dons, e beneficios da ſua maõ, e uſar bem delles. A todos eſtes fins ſe ha de ajuſtar a ſua vida, e doutrina na primeira vinda. A ſegunda ha de ſer a pedir conta a todos em o Juizo Univerſal, e a dar a cada hum o galardaõ das ſuas bõas, ou más obras; caſtigando aos ſeus inimigos com furor, e indignaçaõ: e iſto dizem os Profetas da ſegunda vinda.

Myſt. C. n. 765.

167 Conforme a iſto, ſe queremos entender que a primeira vinda ſerá com poder, e Mageſtade; e, como diſſe David, que reynará de Mar a Mar, e que o ſeu Reyno ſerá glorioſo, como dizem outros Profetas: tudo iſto ſenaõ póde entender materialmente do Reyno, e apparato ſenſivel, ſenaõ do novo Reyno Eſpiritual, que fundará em nova Igreja, que ſe eſtenda por todo o Orbe com Mageſtade, poder, riquezas de graça, e virtudes contra o demonio: e com eſta concordia ficaõ uniformes todas as Eſcrituras, que naõ he poſſivel terem outro ſentido. O eſtar o Povo de Deos debaixo do Imperio Romano, e ſem ſe poder reſtituir ao ſeu proprio, naõ ſó naõ he ſinal de naõ haver vindo o Meſſias, ſenaõ que he infallivel teſtimunho de que ja eſtá no mundo; pois o Patriarcha Jacob deixou eſte ſinal, para que os ſeus deſcendentes o conheceſſem, vendo a Tribu de Judá ſem o Ceptro, e governo de Iſrael, e agora confeſſais, que nem eſta, nem nenhuma das outras Tribus eſperaõ recupera-lo.

A meſma Authora.

168 Tudo iſto provaõ tambem as Semanas de Daniel, que ja he forçozo eſtarem cumpridas, e o que tiver memoria ſe lembrará do que tenho ouvido, que ha poucos annos ſe vio em Belem á meya noite hum grande reſplandor, e que a huns paſtores pobres lhe foy dito, que o Redemptor havia naſcido, e que eſte fora adorado de certos Reys, que vieraõ do Oriente, guiados de huma eſtrella, como Rey dos Judeos. Tudo iſto eſtava profetizado, o que crendo por infallivel ElRey Herodes, pay de Archeláo, tirou a vida a tantos Meninos, ſómente por tirá-la entre elles ao Rey, que havia naſcido, de quem temia ſucced eria no Reyno de Iſrael. Outras muitas razoens deo o Infante Jeſus, com as quaes os Doutores, e Eſcribas emmudeceraõ, e convencidos olhavaõ huns para os outros, dizendo com admiraçaõ: *Que maravilha he eſta! Que Menino taõ prodigioſo! Donde veyo, e de quem ſerá?* Porèm ficando ſe neſta admiraçaõ, naõ conheceraõ, nem ſuſpeitaraõ quem era o que aſſim os enſinava, e alumiava em taõ importante verdade.

Achaõ Maria, e Jozè ao Menino Deos entre os Doutores.

169 Eſtavaõ os Doutores dando as graças, e os parabens ao Menino pelas reſoluçoens que havia dado ás ſuas duvidas, quando a Virgem Mãy, e S. Jozé entraraõ pelo Templo, onde vendo ao ſeu Menino coroado de Doutores, por aſſombrados da ſua ſciencia, ſe banharaõ de goſtos inexplicaveis. Taes foraõ eſtes, que a naõ ſahir ao atalho a Divina Providencia, temperando os ardores, palpitaraõ os coraçoens entre os meſmos goſtos, e acabara a vida entre alegrias. O immenſo daquelle gozo melhor ſe deixa entender conſiderado, que referido. Viraõ pois Maria, e Jozè a Jeſus, ſahindo-lhes as Almas pelas janellas dos olhos, vio Jeſus aos afflictos Pays naõ menos gozozo, e lendo no ſeu roſto todos os ſeus dezejos, naõ permittio lugar a dilaçoens, pois deſpedindo-ſe cortez, ſe acolheo aos braços de Maria, e Jozé, deixando-ſe acariciar dos regálos, em que os caſtiſſimos Eſpoſos celebravaõ o contentamento de achá-lo. Obſervaraõ os Doutores para onde hia o Menino, que como lhes havia roubado a vontade, naõ era muito lhes levaſſe os olhos, e vendo-o entre Maria, e Jozé divertido em ternuras, e prazeres, e ſabendo eraõ ſeus Pays lhes deraõ muitos parabens, louvando-lhe a ſua grande ſabedoria, e agudeza.

170 Quan-

170 Quando se viraõ sós entrou a enternecida Mãy a formar as suas queixas, dizendo: *Filho dos meus olhos, sabendo o quanto vos adoro, e vosso Pay vos ama, e que hum instante de auzencia vossa he tormento; porque haveis usado deste rigor de perder-vos de nósoutros? Porque o haveis feito assim? Porque com vosso Pay, e comigo haveis permittido que a pena, e a dor hajaõ apertado os cordeis, para dar-nos tal tormento! Vede a vosso Pay, que nestes tres dias naõ fez mais que repassar dores, e sentir amarguras. E vede me amim, que feita hum mar de lagrimas, sem reparar ja nas leys do pundonor, casas, ruas, e praças hey cruzado em vossa busca. Aonde haveis estado tanto tempo? Aonde haveis comido nestes tres dias? Pobrezinho dos meus olhos, pediste de porta em porta, sendo Vós o mesmo Deos por quem pedieis? Oh que dor me haveis dado! Oh que pena! Oh que martyrio!* A estas queixas satisfez Jesus, dando-lhe a entender, que o haver-se perdido havia sido acordo de seu Pay, e que naõ havia havido causa para tanta pena, naõ tendo succedido os males, que temiaõ. As practicas, que refere o Evangelista S. Lucas, entre Maria, e Jesus, depois daquelle gozo, foraõ todas de queixas doces, e de satisfaçoens amorosas.

Forma Maria Santissima sentidas queixas contra Jesus.

171 Retiraraõ-se todos para Nazareth a celebrar taõ grande dita, onde os parentes, e amigos a solemnizaraõ com as demonstraçoens que merecia. Diz o sagrado Historiador S. Lucas, que estava Jesus sujeito a Maria, pelo direito de Mãy, e a Jozé pelo foro de Pay putativo. Até aqui pode chegar a dita da Soberana Virgem, e a felicidade, e excellencia de S. Jozé. Ser Maria Mãy de Deos, parir a Deos, criar aos seus Virginaes peitos a Deos, foy ser quanto póde ser, e quanto póde fazer Deos com huma pura creatura; porèm sujeitar se o mesmo Deos aos mandatos de Maria, he cousa pasmosa. Ser Jozé Santificado no ventre de sua Mãy, permanecer virgem, e merecer ser Esposo da Mãy de Deos, he a mayor altura, e non plus ultra do a que podia chegar hum puro homem: porèm que se lhe sujeite, e lhe esteja obediente hum Homem Deos, ao mais dezaffogado entendimento do homem, e ainda ao dos Espiritos Angelicos, enche de pasmo, e de assombros.

Chegaõ a Nazareth, onde estava Jesus sujeito a Maria, e Jozé.

172 Quiz Deos, vendo-se Homem, confirmar com seu exemplo a obediencia das suas Leys, e render sujeiçoens ao que o fazia izento; porque naõ há mais util modo de mandar, que observar o Legislador aquillo mesmo que manda. Havia dito por Salomaõ: *Honra a teu Pay de todo coraçaõ, e tem na memoria ás dores que custaste a tua mãy*, e logo prosegue: *Lembra-te, que se naõ fora por elles, naõ houveras nascido ao mundo*, e accrescenta: *Satisfaze-lhe, e paga-lhe o que lhe deves.* Vendo-se pois Jesus, ainda que Deos, Filho natural de Maria, e putativo de Jozé, lhe presta obediencia, pelo que tem de humano, e se sujeita a elles como Filho. Por muito que faça [diz bem o Filosofo] naõ póde pagar hum filho o que deve a seus pays. Sujeitar-se a elles, obedecer-lhes, e servi-los, naõ póde ser equivalente ao ser que receberaõ. Só Jesus, como Deos, se avantajou na paga, porque se recebeo de Maria o ser natural, vida, e substancia de homem, essa mesma vida, e substancia lhe havia dado elle a ella, como Creador, e a alma demais a mais, cousa que Maria naõ pode dar a Deos. O Corpo recebeo Deos de Maria, e a Alma naõ; porèm Maria recebeo de Deos o Corpo, e a Alma. O ser natural, deo Maria a Jesus; porèm Jesus deo a sua Mãy o ser sobrenatural, fazendo-a tambem Mãy da natureza Divina. Com tudo isto se criava o dulcissimo Jesus em casa de seus Pays, como Filho de obediencia, taõ modesto, taõ serviçal, taõ humilde, e como se naõ fora Deos.

Notem os filhos a obediēcia que devem aos pays.

173 Bõa materia tinhamos aqui para persuadir aos humanos á observancia do quarto Mandamento. Palavras de ouro de Chrysostomo illustraõ o intento. Conceitos da Aguia Agostinho bastaõ a mover o animo mais torpe. Persuasoens do Serafico Doutor S. Boaventura, razoens do Veneravel Beda, e discursos de Aymon, e Eutimio, roubaõ as attençoens. Lea a estes Santos

Notem mais.

Padres o curioso, porèm em quanto naõ tem cõmodidade para lê-los, encõmende á memoria estas palavras de Santo Agostinho: *Tirado o que for contra o preceito de Deos, em tudo o demais devem prestar os filhos obediencia aos pays*, e logo prosegue o Santo: *Quando naõ manda hum pay alguma cousa contra Deos, há de ser obedecido como o mesmo Deos, e isto porque*: [Accrescenta o Santo] *Porque he mandato de Deos.* Manda Deos que o filho se renda á obediencia do pay, e assim quando o pay manda ao filho, será contra o mesmo Deos o naõ obedecer-lhe. Que fará o homem, em ser obediente, e grato á causa do seu ser, pois ainda que Deos o naõ obrigara com preceito, a mesma natureza lhe faz justiça. Dilatados dias, e annos largos offereceo Deos, e ainda os pôs por condiçaõ, a quem tivesse aos pays o devido respeito: *Honra* [diz] *a teu pay, e a tua mãy para que chegues a mui velho*, desorte que a obediencia paternal vem a ser cousa de larga vida, e aos que esquecidos do Direito natural, e Divino trocaraõ a obediencia em dezacato, sentença de morte lhes fulmina o Ceo. Bem merecido castigo.

Exod. c. 20.

Ajudava Jesus a Jozè no officio de carpinteiro. S. Brig. lib. 6. revel. Cap. 58. S. Bazilio na Constitu. Monastc. Cap. 5. S. Boaventura nas Medit. da Vida de Christo.

174 Findos os annos da puericia, ajudou Jesus a Jozé no officio de carpinteiro, conforme affirmaõ doutas pennas, e tem revelado o mesmo Senhor, e sua Bendita Mãy, a muitos Servos seus. Muitas vezes viraõ Maria, e Jozé, que estando Jesus fazendo a sua tarefa, o rodeavaõ mil rayos de Divinas luzes, e os Anjos lhe cantavaõ sonoros, e doces Canticos. Entre madeiros, e cravos, entre martéllos, e trados andava mettido sempre, contemplando nestes instrumentos as feridas, e martyrios da sua Paixaõ. Quando pegava em algum madeiro, considerava a sua Cruz, e que em outro similhante havia de dar a vida pelos homens. Quando tomava os pregos, e o martéllo, contemplava, que com outros similhantes havia de ser pregado na Cruz, e que os golpes do martéllo haviaõ de ferir o coraçaõ de sua querida Mãy. Arrazavaõ-se a Jesus os olhos em agoa com esta consideraçaõ, a qual correndo pelas celestes faces até á Divina boca, esta a aproveitava, pela naõ desperdiçar. Se Maria, ou Jozé, entravaõ acazo na officina, em que estava com esta consideraçaõ, e com estes ensayos da sua futura morte, por naõ desconsolá-los, nem affligí-los dissimulava a dor, e mudando de semblante, lhes fallava em outra cousa. Quando topava com a corda, com o cordel, trastes necessarios do officio, se considerava prezo com a corda na garganta, e com as suas maõs atadas, como malfeitoras. Ao compasso destas consideraçoens, lavrava, e fabricava o docissimo Jesus, ja a mesa, ja a porta, ja a arca, ja a cadeira.

A' vista dos instrumentos ao officio, contemplava o Redemptor nos da sua futura Paixaõ.

175 O tempo, que furtava ao trabalho, naõ era, naõ, para fazer-se ao ocio, ou ao descanço, sim para dar-se á oraçaõ, no mais occulto, e apartado da casa, porque como via se chegava o tempo da Paixaõ, e da sua morte, tudo era estar fazendo prevençoens, e recordos. Oh alma, que isto les, ou ouves ler, oh fiel que o attendes, naõ passes adiante, sem ponderar primeiro nos teus descuidos. Se Jesus, sendo Deos, por ensinar-te a ti quando nada necessita, tanto tempo antes se prepara, e previne para a morte; como tu, que naõ sabes se chegarás á manhaã, e tendo taõ enredada a tua consciencia de culpas, e delictos, vives taõ descuidado, como se naõ houvera morte! Se Jesus, o tempo que tira á tarefa, e ao trabalho, se emprega na oraçaõ; como tu, andando sempre entregue ao ocio, naõ tiras para ella ao menos huma hora, das muitas que gastas mal! Se Jesus chora, geme, suspira, e se lamenta pelo que tu tens peccado, e pelo que havia de padecer por ti; como tu, que es a interessada, estás dormindo, sem derramar huma lagrima, nem dar ao menos hum soluço pelas tuas culpas!

Notem os descuidados da oraçaõ, e da morte.

Colloquios, que dizia Christo a huma Cruz. Valdivieso na sua Jozephina Cant. 22.

176 Costumava tambem este Official Divino [segundo a ponderaçaõ de huma Douta penna] quando acabava o trabalho, fazer de dous páos, que enlaçava, huma Cruz, á qual dizia mil requebros, abraçando-se com ella: *Cruz formosa* [dizia] *alegria dos Ceos, recebe estes abraços, que agora te dou, em*

paga

paga de que algum dia me has de ter em teus braços. Poem-te ſobre meu peito pelo fiel, e leal, com que me has de guardar as coſtas. Minha conſolaçaõ ſerás na minha ultima hora, tendo te á minha cabeceira; quando entre triſtes affliçoens render o Eſpirito ao Padre. Cama ſerás, ainda que eſtreita, em que deſcance meu Corpo deſangrado com muitas feridas. Serás chave de Cruz, que poſta ſobre meus hombros virás a abrir no mundo as portas da Gloria, que ha tantos ſeculos eſtaõ cerradas. Viga ſerás de lagar, em que arrimado, a teu peito eſpremas eſte ramo da mais precioſa vide. Eſcada ſerás tambem, por onde ſuba o homem deſterrado ás moradas do Ceo. Serás quem me terá atado, cravadas as maõs, e os pès, para naõ eſprimir caſtigos, e abertos ambos os braços para brindar com clemencias, e amizades a quem he cauſa de que morra. Ay Cruz da alma! Ay Eſpoſa minha! Toma eſtes doces beijos, e eſtes braços toma, que ainda que em ti me hey de ver atormentado, deſangrado, e morto, he minha conſolaçaõ ver-te a meu peito unida, e he meu goſto ver-te ja ſobre os meus hombros.

Falla S. Jozé com Jeſus Chriſto laſtimado de o ver com huma Cruz ás coſtas, trazendo-lhe á lembrança tudo o que tinha que padecer.

177 Huma occaſiaõ, em que o vio S. Jozé pelos reſquicios de huma porta com hum madeiro ás coſtas, traſpaſſado de dor, e feito todo ao pranto, entrou onde eſtava o Bom Jeſus, e abraçando-o pelos pés, lhe diſſe entre mil ſoluços eſtas ſentidas palavras: *Filho da minha alma, que ainda que o es do Eterno Pay, te adoro como a Filho, deſcanço da minha velhice, allivio dos meus cuidados. Que bronze, que marmore naõ abrandará a ſua dureza vendo-vos deſta ſorte! O grande amor que vos tenho, e a licença de Pay me fizeraõ aqui entrar, ſem vos pedir licença; perdoai-me ſe vos hey offendido, pois os erros do amor levaõ o perdaõ comſigo. Ao ver-vos taõ tenro abraçado deſſa Cruz, me fica tal dor, que feito pedaços o coraçaõ em o peito, rebenta pelos olhos feito em pranto. Ja vejo, Senhor meu, que ſaõ enſayos de morte, o que eſtais fazendo. Ja vejo que vos enſayais em os tormentos feros que vos eſperaõ: e ſe hum enſayo da voſſa Paixaõ me há deixado a alma morta, o ſangue enregelado, paſmados os ſentidos; que ſentirei, quando vos veja envolto em mares de ira, rodeado de aguazis, cuſpido, açoutado, e cravado em hum madeiro! Como vos poderei eu ver com huma corda ao peſcoço, maniatadas voſſas maõs, e feridas as voſſas faces a bofetadas crueis! Como poderei eu ver, que arranquem voſſos cabellos, que cubraõ voſſos olhos, e que amarrado a huma columna deſcarreguem ſobre vós innumeraveis açoutes! Como poderei eu ver que ſendo, como ſois, Rey dos Ceos, e terra, vos tratem qual Rey de burlas, cingindo voſſa teſta com coroa de eſpinhos! Como poderei eu ver, que com outra Cruz ao hombro mais groſſa, e mais pezada, que eſta com que vos enſayais, vades caminhando para o Calvario, ſuando gelos, coberto de affliçoens, rodeado de fadigas! Como poderei eu ver que vos arranquem a tunica do Corpo, e que renovadas as feridas cubraõ voſſas carnes mil arroyos de purpura quente! Como poderei eu ver que vos cravem em a Cruz dezapiedados verdugos, e que levantando-vos em alto mofem de vós, e vos digaõ mil opprobrios! Como poderei eu ver que deſpidais a Alma entre agonias, e que apenas defunto, rompaõ com huma lança voſſo peito! Como poderei eu ver, por mais que me faça de bronze, a minha Eſpoſa querida, e Mãy voſſa, traſpaſſada de dor ao pè da Cruz, e vertendo pelos ſeus olhos o coraçaõ em lagrimas desfeito! Naõ permittais pois [oh Filho da minha alma] que chegue a ver Jozè laſtimas taõ grandes, penas taõ crueis, dores taõ atrozes. Com lagrimas vos peço, eſpelho dos meus olhos, que antes de vos ver morrer, veja eu a minha morte. Por quem ſois vo lo peço, pelo amor com que vos amo, por eſtas fontes que verto, e ſe he que vos poſſo mandar, vo lo mando como a Filho. Dai-me eſte prazer, morra eu primeiro do que veja morrer em Cruz a quem adoro.*

Pede S. Jozé ao Redemptor, que o levaſſe antes de ver os ſeus tormentos.

178 Com laſtimas, e ternuras ſimilhantes ſe póde crer com credito piedoſo, que pediria Jozé ao Filho regalado, vendo enſayos da ſua Cruz, o levaſſe a deſcançar antes de o ver morrer, pois Jeſus enternecido de ver daquelle

quelle modo ao que respeitava, e amava como a Pay, tirando a Cruz dos hombros, e abraçando-se com elle lhe otorgou o que pedia. Chora hum, e chora o outro, e em reciprocas carecias hum ao outro se consola, até que por naõ dar que suspeitar á Soberana Rainha, enxugando os olhos se fizeraõ ao dissimulo.

Para gozarmos do frutto da Redēpçaõ de Christo, devemos padecer com Christo.

179 Todos os mortaes Catholicos queremos gozar do fructo da reparaçaõ, e redempçaõ humana, com o fundamento de que Jesus Christo nos abrio as portas da Graça, e da Gloria, mas naõ queremos seguî-lo em o caminho da Cruz, por onde elle entrou na sua, e nos convidou a buscar a nossa: e ainda que os filhos da Catholica Igreja Romana naõ seguimos nesta materia o erro dos Herejes, porque todos confessamos, que sem obras, e sem trabalhos, naõ há premio, nem coroa, e que he blasfemia sacrilega o valer-nos dos merecimentos de Christo nosso Senhor para peccar sem redea, e sem temor; porèm com toda esta verdade, na pratica das obras, que corresponde á Fé, muitos Catholicos se querem differençar pouco dos que estaõ em trevas, pois assim fogem das obras penaes, e meritorias, como se entenderaõ, que sem ellas podem seguir a seu Mestre Jesus, e chegar a ser Principes da Gloria.

Continua.

180 Sayamos, pois, ó mortaes, deste taõ praticado engano, e entendamos bem, que o padecer naõ foy só para Jesus Christo nosso Deos, e Senhor, senaõ tambem para nós; e que se padeceo morte, e trabalhos como Redemptor do mundo, tambem foy Mestre, que nos ensinou, e convidou a levar a Cruz, e a communicou a seus amigos; de maneira, que ao mais privado seu deo a mayor porçaõ, e parte do padecer, e nenhum entrou no Ceo, sem que o merecesse pelas suas obras, pois sua Benditissima Mãy, os Apostolos, Martyres, Confessores, e Virgens caminharaõ por trabalhos, e o que mais se dispôs a padecer, tem mais abundante premio, e coroa. Naõ padeceo o nosso Redemptor sómente para a nossa admiraçaõ, sim para ser admiravel exemplo que imitassemos, pois o ser Deos verdadeiro naõ o impedio para padecer, e sentir os trabalhos de Homem, antes por ser inculpavel, e innocente, foy mayor, e mais sensivel a sua pena.

Padece S. Jozè grandes enfermidades.

181 Por este caminho real levou Jesus Christo nosso Mestre, e Senhor a S. Jozé, por isso mesmo que o amava como a Pay, e sobre todos os filhos dos homens, pois para lhe accrescentar os merecimentos, e a coroa, lhe deo nos ultimos annos da sua vida algumas enfermidades de febres, de dores de membros, de vehementes dores de cabeça, que o affligiaõ, e attenuavaõ muito, sobre cujas enfermidades teve outro modo de padecer mais doce, porèm de muita dor, qual a que lhe resultava da força do ardentissimo amor, que tinha a Jesus, que era taõ vehemente, que muitas vezes tinha huns voos, e extasis taõ impetuosos, e fortes, que o seu espirito purissimo rompera as cadêas do corpo, se o mesmo Senhor, que lhos dava, lhe naõ assistira, dando-lhe virtude, e força para naõ desfallecer com a dor, mas nesta doce violencia, o deixava Sua Divina Magestade padecer até seu tempo, e pela fraqueza natural de hum corpo taõ extenuado, e debilitado, vinha a ser este exercicio de incomparaveis merecimentos para o ditoso Santo, naõ só em os effeitos da dor que padecia, senaõ tambem na causa do amor, donde lhe resultavaõ.

Assiste Maria Santissima á enfermidade de S. Jozè com o mayor desvèlo, e amor. Myst. C. n. 867., e 868.

182 Maria Santissima Esposa sua, era testimunha destes mysterios, e conhecia o interior do Santo, e assim via, e penetrava a candidez, e pureza daquella alma, os seus inflammados affectos, os seus altos, e Divinos pensamentos, a paciencia, e columbina mansidaõ do seu coraçaõ em as enfermidades, e dores, o pezo, e gravidade dellas, e que nunca se queixava, nem suspirava, nem pedia allivio nelles, nem na fraqueza, e necessidade que padecia, porque tudo tolerava o grande Patriarcha com incomparavel soffrimento, e grandeza de animo. Trabalhava a Bendita Esposa com incrivel gozo para o susten-

tar

tar, e regálar, ainda que o mayor dos regálos era guizar-lhe, e adminiſtrar-lhe o ſuſtento curioſamente com as ſuas maõs Virginaes; e porque tudo parecia pouco á Divina Senhora, a reſpeito da neceſſidade do ſeu Eſpoſo, coſtumava uſar do poder de Rainha, e de Senhora de todo o creado, mandando algumas vezes aos manjares, que fazia para o ſeu Santo enfermo, que lhe deſſem eſpecial virtude, forças, e ſabor. Quando S. Jozé comia o manjar, que levava eſtas bençoens de doçura, coſtumava dizer: *Senhora, e Eſpoza minha, que alimento, e manjar de vida he eſte, que aſſim vivifica, recrea o goſto, reſtaura as minhas forças, e enche de novo jubilo todo o meu interior, e eſpirito!*

183 Quando lhe dava o ſuſtento a humildiſſima Senhora o fazia de joelhos, e o deſcalçava na meſma poſtura, e ainda que o humilde Santo procurava animar-ſe muito, em ordem a eſcuzar a ſua Eſpoſa de algum deſtes trabalhos, naõ podia impedir-lho, por ella conhecer quaes eraõ as ſuas dores, e debilidades Como Meſtra da Sabedoria, e de todas as virtudes, o alleviava, e conſolava nas ſuas afflicçoens. Nos ultimos tres annos da vida deſte ditoſo Santo, em que mais ſe lhe aggravaraõ as ſuas enfermidades, lhe aſſiſtia de dia, e de noite, por lhe naõ faltar ás horas, e tempo opportuno, em que carecia de mantimento, ou de remedio: e como o meſmo fazia Jeſus noſſo Deos, e Redemptor, podemos dizer que ja mais houve, nem haverá enfermo taõ bem aſſiſtido como foy Jozé.

Continua em aſſiſtir lhe de dia, e de noite, e o meſmo fazia o Redemptor. Myſt. C. n. 869.

184 Nem ſe ſatisfazia a Divina Senhora com o que fica dito, pois procurava outros meyos para o allivio, e conſolaçaõ. Humas vezes pedia ao Senhor com ardentiſſima caridade, lhe deſſe a ella as dores, que padecia ſeu Eſpoſo, e o alleviaſſe a elle. Para iſto ſe reputava por digna, e merecedora de todos os trabalhos das creaturas, como a mais inferior dellas, e aſſim o allegava a Mãy, e Meſtra de Santidade, na preſença do Altiſſimo Senhor, e reprezentava ſer a ſua divida mayor que a de todos os naſcidos, e que naõ lhe correſpondia como devia, ſe bem que continuamente offerecia o coraçaõ preparado para todo o genero de afflicçoens, e de dores. Allegava tambem a ſantidade de S. Jozé, a ſua pureza, a ſua candidez, e as delicias, que tinha o Senhor em aquelle coraçaõ, feito á medida do de ſua Mageſtade Divina. Pedia-lhe muitas bençoens para elle, e lhe dava muitas graças por haver creado hum Varaõ taõ digno dos ſeus favores, cheyo de ſantidade, e rectidaõ, e convidava aos Anjos para que a ajudaſſem a louvar a Deos com novos Canticos: porque por huma parte via as penas, e dores do ſeu amado Eſpoſo, pela qual ſe compadecia, e laſtimava; por outra conhecia os ſeus meritos, e o agrado do Senhor em elles, e na paciencia do Santo ſe alegrava, e engrandecia ao Senhor.

Do muito que ſe compadeceo Maria Santiſſima das moleſtias de S. Jozè.

185 Em outras occaſioens, em que conhecia a piedoſiſſima Senhora as intoleraveis dores, que ſeu Eſpoſo padecia, pedia com muita humildade licença ao ſeu doce Jeſus, e com ella mandava aos accidentes doloroſos, e ás ſuas cauſas naturaes, que ſuſpendeſſem a ſua actividade, e naõ affligiſſem tanto ao Juſto, e amado de Deos. Com eſte allivio, obedecendo todas as creaturas a ſua Senhora, ficava o Santo paciente livre, e deſcançado por hum dia, ou mais, para tornar a padecer de novo, quando o Altiſſimo o ordenava. Rogava tambem a compadecida Senhora aos ſeus Anjos, que conſolaſſem a ſeu Eſpoſo, e o animaſſem nas ſuas dores, e trabalhos, como o pedia a condiçaõ fragil da carne, com cuja ordem ſe manifeſtavaõ os Anjos ao Santo enfermo em fórma vizivel, cheyos de formoſura, e refulgencia, e com dulciſſimas, e concertadas vozes lhe faziaõ muſica Celeſtial, cantando-lhe Hymnos, e Canticos Divinos, com o que o confortavaõ no corpo, e accendiaõ o amor de Deos na ſua puriſſima alma.

Mãdava a meſma Senhora ás dores que ſuſpendeſſem a ſua actividade. Myſt. C. n. 870. da 2. part. lib. 5.

186 Tendo-ſe purificado S. Jozé pelo decurſo de oito annos em o cryſol da paciencia, e do amor Divino, e vendo Maria Santiſſima que ſe lhe hia chegando o tempo de pagar o inevitavel tributo de filho de Adaõ, proſtrada

Vendo Maria Santissima que se chegava o dia da partida de seu Esposo, fez por elle hũa ternissima supplica a Jesus. Myst.C.àn.873.

da na Divina presença do seu Jesus, lhe fallou assim: *Senhor, e Deos Altissimo, Filho do Eterno Pay, e Salvador do mundo, o termo determinado pela vossa Divina vontade para a morte do vosso Servo Jozè, se chega, como o tenho conhecido pela vossa Divina luz. Eu vos peço, pelas vossas antigas misericordias, e bondade infinita, que lhe assista nesta hora o braço Poderoso de Vossa Magestade, para que a sua morte seja preciosa em vossos olhos, como foy taõ agradavel a rectidaõ da sua vida, para que và della em paz, com esperança certa dos eternos premios, para o dia em que vossa dignaçaõ hà de abrir as portas dos Ceos a todos os crentes. Lembrai-vos, Filho meu, do amor, e humildade do vosso Servo; da altura dos seus merecimentos; da sua fidelidade para comvosco, e para cõmigo; e de que este Justo, com o suor do seu rosto alimentou à vossa grandeza, e ao meu humilde sujeito.*

Responde Jesus Christo à sua Mãy.

Respondeo o nosso Salvador a taõ piedosa supplica: *Mãy minha, acceitaveis saõ estas petiçoens. No meu agrado, e na minha presença estaõ os merecimentos de Jozè. Eu lhe assistirei agora, e assignalarei lugar, e assento para seu tempo entre os Principes do meu povo, e taõ eminente, que seja admiraçaõ para os Anjos, e motivo de louvor para elles, e para os homens, e com nenhuma geraçaõ farei o que com vosso Esposo.* Deo graças Maria Santissima a seu dulcissimo Filho por esta mercè, e nove dias antes da morte de S. Jozé, lhe assistiraõ o Divino Verbo, e sua Mãy Santissima de dia, e de noite sem o deixarem só sem algum dos dous.

Myst. C. p. 2. à n. 874., 875. 876.

187 Naquelles nove dias lhe davaõ os Angelicos Espiritos tres vezes no dia Celestiaes descantes, sentindo naõ só o Santo, senaõ todas as pessoas, que entraraõ naquella pobre, mas inextimavel casa, cheiros admiraveis, e fragrancias as mais suaves, que elevavaõ os espiritos aos louvores do Senhor do Ceo, donde dimanavaõ. Hum dia antes que morresse, succedeo que, inflammado todo no Divino amor com estes beneficios, teve hum altissimo extasis, que lhe durou vinte e quatro horas, no qual vio claramente a Divina Essencia, e nella se lhe manifestou sem véo, nem rebuço, o que por fé havia crido, assim da Divindade incomprehensivel, como do Mysterio da Incarnaçaõ, e Redempçaõ humana, e da Igreja Militante, com todos os Sacramentos, que a ella pertencem. A Beatissima Trindade o assignalou, e destinou por Precursor de Christo nosso Redemptor para os Padres, e Profetas do Limbo, e lhe mandou que lhes Evangelizasse de novo a sua Redempçaõ, e os prevenisse para esperar a ida, e visita que lhes faria o mesmo Senhor, para tirá-los daquelle Seyo de Abraham á eterna felicidade, e descanço. Voltou S. Jozé deste rapto, com o rosto cheyo de admiravel resplandor, e formosura, e com a sua mente toda deificada da vista do Ser de Deos; e fallando com sua Esposa Santissima, lhe pedio a sua bençaõ, e ella a seu Filho Benditissimo, que lha desse, o que logo fez Sua Divina Magestade. A mesma Senhora, Mestra da humildade, posta de joelhos pedio a S. Jozé a abençoasse como Esposo, e cabeceira, e naõ sem Divino impulso o Varaõ de Deos, por consolar á prudentissima Esposa, lhe deo a sua bençaõ á despedida, e ella lhe beijou a maõ com que a benzeo, e lhe pedio que da sua parte saudasse aos Santos Padres do Limbo: e para que o humildissimo Jozé serrasse o testamento da sua vida com o sello desta virtude, pedio perdaõ a sua Divina Esposa do que em seu serviço, e estimaçaõ havia faltado, como homem fraco, e terreno, e que naquella hora lhe naõ faltasse a sua assistencia, e a intercessaõ de seus rogos. As ultimas palavras, que disse S. Jozé, fallando com sua Esposa Santissima, foraõ estas: *Bendita sois entre todas as mulheres, e escolhida entre todas as creaturas. Os Anjos, e os homens vos louvem, todas as geraçoens conheçaõ, magnifiquem, e engrandeçaõ vossa Deidade; e seja por vós conhecido, adorado, e exaltado o nome do Altissimo por todos os futuros seculos, e eternamente louvado, por vos haver creado taõ agradavel a seus olhos, e de todos os Espiritos Bemaventurados. Espero gozar da vossa vista na Patria Celestial.*

Davaõ-lhe os Anjos descãtes, e vè claramẽte a Divina Essencia, e recebe outras especiaes favores do Ceo.

Despede-se de sua Esposa bendizendo-a.

188 Intentou pór-se de joelhos o Santissimo Varaõ diante de Jesus Christo seu

ſeu Filho, e Redemptor; porèm eſte amante Deos o recebeo nos ſeus braços, e tendo a cabeça reclinada nelles lhe diſſe: *Senhor meu, e Deos Altiſſimo, Filho do Eterno Pay, Creador, e Redemptor do mundo, dai voſſa eterna benção ao voſſo eſcravo, e feitura das voſſas maõs. Perdoai, Rey piedoſiſſimo as culpas, que como indigno tenho commettido no voſſo ſerviço, e companhia. Eu vos confeſſo, engrandeço, e com rendido coraçaõ vos dou eternas graças, porque entre os homens me elegeo voſſa ineffavel dignaçaõ para Eſpoſo de voſſa verdadeira Mãy. A voſſa grandeza, e gloria ſejaõ o meu agradecimento por todas as eternidades.* O amabiliſſimo Redemptor lhe deo a bençaõ, e diſſe: *Pay meu, deſcançai em paz, e na graça do meu Padre Celeſtial, e minha, e aos meus Profetas, e Santos, que vos eſperaõ no Limbo, dareis as alegres novas, de que ſe chega ja a ſua redempçaõ.* Ao dizer eſtas palavras o noſſo doce Jeſus, eſpirou o ditoſiſſimo, e o mais bem afortunado homem dos naſcidos nos braços do ſeu Creador, e Redemptor, que foy o que lhe cerrou os olhos. Logo a multidaõ de Anjos, que aſſiſtiaõ àquelle acto, fizeraõ doces Canticos em louvor, e levaraõ a ſua Bemaventurada alma ao Limbo dos Santos Padres, e Profetas, cheya de reſplandores de graça incomparavel, como Pay putativo do Redemptor do mundo, e ſeu grande privado, digno de ſingulariſſima veneraçaõ, e conforme a vontade, e o mandato do Senhor; cauſou nova alegria naquella innumeravel Congregaçaõ de Santos, com as novas, que lhe evangelizou, de que ſe chegava ja o ſeu reſgate.

Recebeo Jeſus Chriſto nos braços, a quem faz huma oraçaõ de deſpedida.

Eſpira nos braços de Jeſus, que lhe cerrou os olhos.

Myſt. C. p. 2. lib 5. n. 877. e 878.

189 Naõ ſe deve paſſar em ſilencio, que a precioſiſſima morte de S. Jozé, ainda que lhe precedeo taõ dilatada enfermidade, naõ foy ella a cauſa total, porque com todas as ſuas enfermidades pudera naturalmente dilatar-ſe mais o prazo da ſua vida, ſe naõ ſe lhe ajuntaraõ os effeitos, e accidentes, que lhe cauſava o ardentiſſimo fogo de amor, que ardia no ſeu rectiſſimo coraçaõ: e para que eſta feliciſſima morte foſſe mais triunfo do amor, que pena das culpas, ſuſpendeo o Senhor o concurſo eſpecial, e milagroſo, com que conſervava as forças naturaes do ſeu Servo, para que as naõ venceſſe a violencia do amor, e faltando eſte concurſo, ſe rendeo a natureza, e ſoltou o vinculo, e laço, que detinha aquella alma ſantiſſima nas prizoens da mortalidade do corpo, em cuja divizaõ conſiſte a noſſa morte; e aſſim foy o amor a ultima doença das ſuas enfermidades, e eſta foy tambem a mayor, e a mais glorioſa, pois com ella a morte he ſonho do corpo, e principio da ſegura vida.

190 Maria Santiſſima preparou o corpo do ſeu caſtiſſimo Eſpoſo para a ſepultura, e o veſtio conforme ao coſtume dos mais Hebreos, ſem que chegaſſem a elle outras maõs que as ſuas, e as dos Santos Anjos, que em forma humana a ajudavaõ: e para que nada faltaſſe ao recato honeſtiſſimo da Virgem Mãy, veſtio o Senhor o corpo defunto de S. Jozé com hum reſplandor admiravel, que o cobria, para naõ ſer viſto mais que o roſto, e aſſim o naõ vio a Puriſſima Eſpoſa, ainda que o veſtio para o enterro. Exhalou o ſanto corpo de ſi admiravel fragrancia, que cauſou grande admiraçaõ a todos os que lhe aſſiſtiraõ, e acompanharaõ á ſepultura, em companhia do noſſo Redemptor, e de ſua Santiſſima Mãy, e de grande multidaõ de Anjos. Em todas eſtas occaſioens, e acçoens guardou a prudentiſſima Senhora a ſua immutavel compoſtura, e gravidade, ſem mudar o ſemblante com ademaens livianos, e mulheris. Logo deo graças ao ſeu amabiliſſimo Filho, e Deos verdadeiro, pelos favores que havia feito ao ſeu Santo Eſpoſo, as quaes concluio, dizendo: *Senhor, e dono de todo o meu ſer, Filho verdadeiro, e Meſtre meu, a ſantidade de Jozé meu Eſpoſo pode deter-vos atègora, para que mereceſſemos a voſſa dezejavel companhia; porèm com a morte do voſſo amado Servo, poſſo eu recear-me de perder o bem, que naõ mereço; obrigai-vos Senhor, de voſſa meſma bondade, para naõ deſamparar-me; recebei-me de novo por voſſa Serva, admittindo os humildes dezejos, e ancia do coraçaõ que vos ama.* Re-

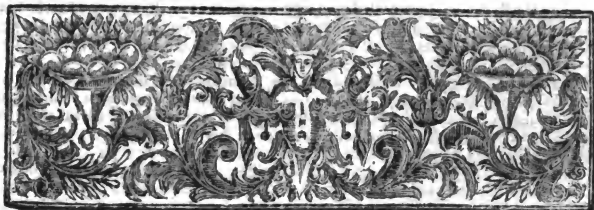
Maria Santiſſima o amortalhou, e acompanhou à ſepultura, e da meſma ſorte noſſo Redemptor.

Myſt. C. p. 2. lib. 5. n. 878. e n. 879.

cebeo o Senhor do mundo efte novo offerecimento de fua Mãy Santiffima, a quem diffe, que naõ a deixaria fó, até que foffe tempo de fahir a prégar a nova Ley, que vinha trazer aos homens.

Previlegios cõcedidos a S. Jozé.
Myft. C. n.892.

Falleceo S. Jozé na idade de feffenta annos e alguns dias, porque de trinta e tres fe efpozou com Maria Santiffima, em cuja companhia viveo pouco mais de vinte e fette. O Altiffimo Senhor concedeo a todos os que dignamente invocaffem a interceffaõ defte Gloriofo Patriarcha os previlegios feguintes. O primeiro, alcançar a virtude da caftidade vencendo os perigos da fenfualidade carnal. O fegundo, alcançar poderofos auxilios para fahir do peccado, e voltar á amizade de Deos. O terceiro, alcançar por feu meyo a graça, e devoçaõ de Maria Santiffima. O quarto, confeguir bõa morte, e naquella hora defenfa contra o demonio. O quinto, que temeffem os mefmos demonios ouvir o nome de S. Jozé. O Sextô, o alcançarem feus devotos faude corporal, e remedio em os trabalhos. O fettimo, o alcançarem os mefmos fucceffaõ de filhos em as familias. Eftes, e outros innumeraveis favores alcançaráõ da Summa Bondade de Deos, todos os que forem verdadeiramente devotos, e imitadores das virtudes de S. Jozé, Efpofo da Mãy de Deos, que feja eternamente louvado pelas muitas graças, e prerogativas, com que o enriqueceo.

CUIDA-

CUIDADOS DA MORTE, E DESCUIDOS DA VIDA.

VIDA ADMIRAVEL DA GLORIOSA SANTA ISABEL RAINHA DE PORTUGAL.

DAMOS principio ás vidas das Santas desta Monarchia Portugueza, com a vida da Gloriosa Santa Isabel Rainha da mesma Monarchia, assumpto taõ difficil de dezempenhar, quanto as suas esclarecidas virtudes, e gloriosas façanhas saõ impossiveis de comprehender. O Juizo pasma, a lingua emmudece, a maõ tremula dezampara a penna; deixando me sò com a da minha incapacidade para taõ alta empreza, para a qual justamente julgo a meu entendimento falto de idéas, ao mais elegante sem valentias na eloquencia, a Rhetorica sem figuras, e a discriçaõ sem palavras; pois as palavras da discriçaõ saõ toscas, as figuras da Rhetorica saõ mudas, as valentias da eloquencia saõ fracas, e as idéas de meu entendimento saõ humildes, e rasteiras Porèm o mesmo, que pudera desalentar a minha conhecida insufficiencia, anima a minha confiança; e o que pudera ser occasiaõ ao temor, he incentivo ao dezempenho: a mesma grandeza da materia, a mesma inaccessibilidade do assumpto me anima, me incita, e me provoca; porque supposto com o meu rude engenho naõ possa comprehender todas as virtudes desta grande Santa, escreverei as que bastem para que todos nos edifiquemos, e gloriemos de nos cahir em sorte huma Rainha taõ Santa.

Nasce Santa Isabel em Caragoça.

2 Nasceo pois esta prodigiosa creatura no anno de 1271. na Cidade de Çaragoça, Corte do Reyno de Aragaõ. Seu pay foy ElRey D. Pedro o III. filho de ElRey D. Jayme o I. a quem chamaraõ o Santo, e da Rainha D. Violante filha de André de Hungria, e irmaã da Rainha daquelle Reyno Santa Isabel. Sua mãy foy a Rainha D. Constancia, filha de Mamfredo Rey de Cezilia. Dizem os Escritores nascera do materno claustro coberta, e encerrada naquella tunica de carne, em que vivem as creaturas nos ventres de suas mãys. Nascia hum taõ grande bem para o mundo, e a naturęza, para recõ-

mendaçaõ da sua preciosidade, o regateou ao entregar-lho, providencia que observa nas cousas mais preciosas que produz, escondendo as perolas, e pedras em seus nacares, e no profundo da terra os metaes de ouro, e prata. A Rainha sua mãy mandou guardar aquella tunica em hum cofre de prata, senaõ como reliquia, como despojo da felicidade de seu parto. No sagrado lavacro depois de muitas conferencias lhe foy imposto o nome de Isabel, em obsequio de sua tia Santa Isabel de Hungria, cuja memoria era entaõ terno assumpto da devoçaõ, por collocada pouco havia no Catalogo dos Santos. Notou-se que havendo grandes discordias entre os Infantes de Aragaõ filhos de ElRey D. Jayme o I., por serem muitos, e de diversas mulheres, que em nascendo esta Santa ficaraõ amigos, e conformes de maneira, que D. Jayme a levou logo para sua casa, esquecendo-se com a sua presença da queixa que formava de seu pay, por se haver cazado sem o seu beneplacito.

Impoem-se-lhe o nome de Isabel em obsequio de sua tia Santa Isabel de Hungria.

3 Amanheceo pois taõ anticipadamente no entendimento da nossa Santa o uso da razaõ, que de ordinario vive offuscado entre as puerilidades da idade primeira, que se conheceo desde logo lhe havia cahido por sorte bõa alma, pela grande propensaõ, que logo mostrou para a virtude. Esta bõa indole, germanada com a sua indizivel formosura, era para seu avô hum poderoso iman, que lhe roubava docemente todas as attençoens, e parece que com espirito profetico dizia: *Que sem duvida seria aquella sua neta a mais honrada mulher, que Aragaõ havia nunca de produzir.* Na idade de seis annos lhe faltou o avô, e nella estava ja taõ bem instruida nas primeiras letras, e nas virtudes, que ja rezava o Officio menor de N. Senhora; e de oito principiou a rezar o Officio mayor de joelhos, ao qual a hia ajudar hum Religioso de grande virtude.

De seis annos se dá aos exercicios espirituaes.

4 Reconhecendo prudentemente quam perniciosos saõ os desperdicios do tempo, o empregava todo em exercicios virtuosos, sem dar lugar a que a ociosidade relaxasse seus costumes, ou refreasse seus fervores. Recolhia-se no Oratorio a certas horas em oraçaõ, onde gozava tantas doçuras do Ceo, quantas testimunhavaõ seus olhos. A caridade, que, como o sol entre os astros, resplandece entre as demais virtudes, descobria entre todas as desta Santa o vigoroso de sua chamma de maneira, que só o naõ ter que dar aos pobres que lhe pediaõ, era occasiaõ de ficar turbada a serenidade de seu rosto, o que reconhecido de seus pays, punhaõ na sua maõ com abundancia o remedio de muitos.

5 Naõ com poucas persuasoens, acompanhadas de muitas lagrimas, alcançou de seus pays licença para dar algum desafogo aos espirito na execuçaõ de mortificaçoens penosas, quaes as do jejum, e diciplina. Confundamo-nos pois, ó mortaes, com o exemplo desta menina, que sendo apenas de seis annos começou a praticar os primores da mais alta perfeiçaõ. Oh que gostozo espectaculo seria para os olhos de Deos Senhor nosso, ver na primavera de huma idade innocentissima fructos taõ opimos de santidade, e tambem logrados os esforços do seu poder! E que gloria seria para seus pays, verem em sua Santa filha a penitencia innocente, por usar della como de remedio preservativo da culpa, curando-se em saude pelas luzes do avizo, sem os horrores do escarmento! Justamente dizia ElRey seu pay, que na bondade de Isabel tinha affiançada a felicidade da sua Coroa.

Alcança licença de seus pays para fazer algumas mortificaçoens.

6 Crescia a nossa Santa na idade igualmente que nos meritos, e como suas prendas eraõ taõ relevantes, despertou a fama com suas vozes as attençoens, e dezejos de muitos Principes da Europa, que com nobre ambiçaõ solicitavaõ enriquecer suas Coroas com joya taõ preciosa, quaes foraõ o Imperador do Oriente, ElRey de França, o de Inglaterra, e D Dionysio, ou Diniz de Portugal. Tinha a Santa consagrado a Deos todo seu amor, razaõ porque se lhe naõ fazia tolleravel o reparti-lo com hum homem; porèm tendo por suspeitosa, e menos segura qualquer resoluçaõ, que nascesse de sua propria

Solicitaõ na para esposa de alguns Principes, e ajusta-se com D. Diniz de Portugal.

propria vontade, se deixou com perfeita resignaçaõ em a Providencia Divina, para que ella dispuzesse o que fosse de sua mayor honra, e gloria. Seus pays lhe tinhaõ taõ grande amor, que só em imaginarem se lhe havia de ir diante dos olhos aquelle pedaço de suas almas, era tormento intoleravel para seus coraçoens. Porèm vendo ser pensaõ inevitavel da grandeza o haver de sacrificar o gosto, e o carinho á conveniencia do Estado, offereceraõ a mais preciosa victima de seu amor á publica utilidade, que se lhe seguia de pactuarem as bodas com ElRey D. Diniz, assim por suas Reaes prendas terem altissima reputaçaõ em toda a Europa, como porque o lhes ficar menos distante lhes fazia suavizar a sua auzencia.

7 ElRey de Portugal [logo que se concluiraõ os contratos] naõ cuidava mais que em apressar a entrega, anciosо de chagar á possessaõ da sua mayor dita, qual era a de ter em sua companhia huma belleza taõ peregrina, e virtude taõ rara, como a fama publicava. Pelo contrario ElRey de Aragaõ naõ cuidava mais que em dilatá-la, sendo o extremozo amor, que a sua filha tinha, a remora de suas resoluçoens. Em fim, veyo o Aragonez na entrega, trazendo sua filha até os confins do Reyno, onde, dando-lhe a bençaõ, suppriraõ os olhos de ambos o embargo, que fez a dor nas linguas, e explicaraõ o sentimento, com que hum do outro se apartava, com a elegante eloquencia das lagrimas. De Castella lhe sahiraõ ao encontro seus primos o Principe D. Sancho, e o Infante D. Jayme seu irmaõ com apparato Real. O primeiro se despedio logo de acompanhá-la com cortezes rendimentos, recommendando porèm a seu irmaõ supprisse a sua falta, o qual a acompanhou até Bragança, onde a estava esperando com taõ copiosa, como luzida comitiva, o Infante D. Affonso seu cunhado.

Vem para Portugal.

8 Quando estava ainda em poder de seu avô, chegou á Cidade de Çaragoça o Ministro Geral de S. Francisco Fr. Jeronymo de Asculy, que veyo a ser Summo Pontifice com o nome de Nicoláo IV., e entrando a beijar a maõ a D. Jayme, este o recebeo com muitas honras. Pôs lhe nos braços a Infante de tres annos pedindo-lhe que, como legitimo successor de S. Francisco, lhe desse em nome do Santo Patriarcha a bençaõ. Fê-lo o Ministro Geral com grande ternura, e logrou seu avô o fructo de seu designio, pois foy taõ devota daquella Ordem, como veremos na narraçaõ summaria da sua vida, e mostrou na Cidade de Bragança, pois constando-lhe haver nella hum Convento fundado pelo Santo Patriarcha, offereceo as primicias da sua antiga devoçaõ ao Patriarcha Serafico, feliz annuncio de que seria hum dos mais opimos fructos de sua santa fecundidade, como mostrou vestida no seu penitente habito, enchendo ao mundo de exemplos, accumulando honras á Religiaõ, e adquirindo glorias para a Universal Igreja.

Na Cidade de Bragança mostrou a devoçaõ que tinha ao Serafico Patriarcha.

9 Da Cidade de Bragança passou a Trancozo, onde a estava esperando ElRey com impaciencias de amante, como tal quizera adiantar-se para recebê-la, e naõ podia como Rey, condenando os rigores da razaõ do Estado, cujos poderes se alargaõ até o dissimulo das finezas, como se a mesma Magestade vivesse izenta das leys do amor. Logo que ElRey a vio, ficou absorto de admiraçaõ, porque nem o pincel, que nos retratos costuma adiantarse lizonjeiro, nem a idéa, que em virtude dos informes havia formado sua imaginaçaõ, chegaraõ á verdade da sua formosura, a quem dava realces o pudor, e pureza virginal. Era discretissima, e apenas pode dizer palavra com concerto; porèm nunca andou sua discriçaõ mais ayrosa, que quando taõ justamente turbada cedeo o entendimento á vontade todo o triunfo.

10 Dia do grande Baptista do anno 1282., se recebeo na Igreja de S. Bartholomeu da mesma Villa, sendo ElRey de vinte annos, e a Rainha de treze naõ cumpridos. As festas, que precederaõ a estas bodas, foraõ taõ grandes, como se deve crer de hum animo Regio, qual o de ElRey D. Diniz, ainda que, para serem mui plauziveis, lhe sobrava o ser Rey Portuguez. Detiveraõ-se em

Recebe-se Santa Isabel em Trancoso.

em Trancozo alguns dias, donde partiraõ para a Univerſidade de Coimbra, na qual ſe lhe fez huma entrada, em que o brio, e lealdade Portugueza deſtou o reſto ás expreſſoens de ſeu amor. Achava a noſſa Santa naquelles applauſos a mayor confuzaõ, porque cuidava na morte, e reconhecia a fallencia de todas aquellas vaidades com que lhe brindava a vida; e como Deos Senhor noſſo enriqueceo ſua bendita alma com o dom da ſabedoria, entre as muitas acclamaçoens, e vivas, com que a feſtejavaõ, e veneravaõ, diſcernia, e apartava o que era de Deos, e o que era ſeu, e de cada huma deſtas couſas buſcava ſua origem, e principio, e de ambas tirava hum baixiſſimo conhecimento de ſi propria, para mais ſe confundir.

11 He ſem duvida o eſtado do matrimonio jugo taõ pezado, que ſó bem o poderáõ explicar os que o tomaraõ; eſte jugo pois, e o do governo deſta Monarchia Portugueza, tomou ás ſuas coſtas a noſſa Santa tendo apenas treze annos. Porèm Deos Senhor noſſo, que parece ab æterno, deſtinou a eſta ſua Serva para perfeita idéa de Princezas cazadas, lhe pôs na maõ o fio de ouro de ſeu ſanto temor, e amor, para que, vencendo perigos, e difficuldades, ſahiſſe ſempre coroada de triunfos. Amava digo a Deos, e amava a ſeu eſpoſo em Deos. Solicitava com deſvélo ter a ſeu eſpoſo contente, e o merecer ſeus agrados, mais com as doçuras de ſeu virtuoſo trato, que com os affagos da ſua formoſura. Obſervou com prudente cautéla os movimentos da ſua condiçaõ, e aſſim procurava aſſegurar o amoroſo laço das vontades, que, ſe naõ forem conformes entre os cazados, he preciſo que ſe affroxe, ou ſe rompa. Pedia a ElRey poucas mercès, e em tempo opportuno, e ſempre com o generoſo dezejo de que naõ viveſſe o merito deſvalido; ou de que naõ ficaſſe a neceſſidade queixoſa. Quando obſervava algumas couſas menos juſtas, procurava impedí-las com ſanto, e diſcreto zelo, e quando via naõ ſurtia o effeito que dezejava, diſſimulava com prudencia, recorrendo porèm a Deos por meyo da oraçaõ, para que lhe deſſe o remedio.

Prudencia com que ſe houve com o marido.

12 Trouxe de Aragaõ em ſua companhia para Director eſpiritual, ao Reverendo Padre Fr. Pedro da Serra, Religioſo Mercenario, Varaõ Doutiſſimo, e Virtuoſo, no que deo logo a entender, que a ſua primeira attençaõ, e o ſeu principal cuidado era o da pureza de ſua conſciencia, e o da formoſura de ſua alma. A elle lhe deo a obediencia, pelo que tocava á direcçaõ de ſeu eſpirito. Tanteou a vontade de ſeu marido quanto aos ſeus exercicios eſpirituaes, e ſingularmente penaes, e lhe ſacrificou o dezejo que tinha de os exercitar ao ſeu goſto. Elle, como intereſſado nas virtudes de ſua Santa eſpoſa, veyo goſtoſo na diſtribuiçaõ do tempo, que ella lhe aſſinalara para ſeus exercicios; receoſo porèm de que ſeus rigores desluziſſem a delicada flor de ſua belleza, lhe hia muitas vezes á maõ nas penitencias, dando-lhe larga para as eſmólas.

Tinha por Director a hum Religioſo Mercenario &c.

13 He a liçaõ dos livros eſpirituaes muito proveitoſa para recolher o animo diſtrahido pelas couſas do mundo, ou carregado com alguma paixaõ. A liçaõ nos enſina o caminho direito do viver, os exemplos dos Santos nos provocaõ, e incitaõ á ſua imitaçaõ, e a oraçaõ alcança a graça para a perfeiçaõ. Bem reconheceo pois a noſſa Santa Rainha todos eſtes proveitos, que da liçaõ reſultaõ, como bem o moſtrou na muita parte do tempo que nella empregava; e ſendo as vidas dos Santos para ella de grande delicia, lhe naõ era tambem de pequena mortificaçaõ, pois as naõ podia ler ſem derramar hum diluvio de lagrimas, ja naſcidas de ver os tranſes, que por Deos paſſaraõ, ja por lhe parecer que nada fazia em ſua comparaçaõ. Mortaes, deſcuidados da ſalvaçaõ, imitemos a eſta Santa na liçaõ dos livros eſpirituaes, pois nos livros ſagrados, como em hum eſpelho, veremos ſe a cara da noſſa alma eſtá fea, ou formoſa. Elles contaõ as acçoens dos Santos, e nos incitaõ á imitaçaõ das ſuas obras illuſtres. Tiremos pois [aſſim como a noſſa Santa] da liçaõ de todos os livros eſpirituaes affecto de devoçaõ, e formemos deſde alli oraçaõ

Proveitos da liçaõ eſpiritual de que ſe exercitava.

Perſuade-ſe á liçaõ eſpiritual a exemplo de Santa Iſabel.

oraçaõ deixando a liçaõ, e só assim conseguiremos o dezejado fructo da liçaõ espiritual.

14 A oraçaõ mental he a companheira inseparavel de hum religioso espirito, de maneira, que o que naõ tem esta virtude, he tronco sem ramos, ramo sem flores, e flor sem fructos, assim como o que a tem he tronco donde nascem pompozos ramos, ramo donde brotaõ odoriferas flores, e flor de que sahem sazonados fructos. Naõ ignorando pois tudo isto a nossa Santa Rainha, retirada no seu Oratorio se engolfava no pelago do amor Divino, diante de cuja presença derramava infinitas lagrimas; e temerosa de que mareasse no perigoso golfo dos applausos, e celebridade da Corte, recorria instantaneamente nella a Deos com muitas ancias, a tirasse em paz do perigo, em que o mundo a punha, com os falsos affagos da fortuna. Supplicava-lhe fosse servido de conservar em seu coraçaõ vivas as memorias da sua affrontaza Morte de Cruz, por cujas humildades se servio de escada para entrar na Gloria. Que naõ permittisse que quem o amava de coraçaõ se perdesse em os largos caminhos das prosperidades, pizando rosas, pois para lhe dar exemplo, elegeo sendo o Principe das Eternidades, o estreito caminho dos desprezos, pizando as espinhas que a sua Coroa teceo. Requeria-lhe, que pois á Sua Divina Mageſtade eraõ patentes os anciosos dezejos, que tinha de empregar se toda na sua imitaçaõ, naõ permittisse sua Clemencia que o pó subtil, que levantava o ar da vaidade, a cegasse, e a fizesse perder de vista a sagrada, e perfeita idéa de suas virtudes. Deos Senhor nosso, que nunca falta em despachar as supplicas de seus Servos, quando ellas se encaminhaõ a seu mayor aggrado, ouvio os clamores desta sua Serva, e os despachou, fiando della o pezo dos grandes trabalhos, que iremos expendendo em outros lugares, pois neste dizemos, que além da oraçaõ mental, que cada dia tinha, em que fazia estas, e outras supplicas, rezava o Officio Divino, o de N. Senhora, o dos Defuntos, os Psalmos penitenciaes, e huma notavel copia de oraçoens particulares. Trazia comsigo a todos seus Capellaens, e onde quer que se achava logo que amanhecia, lhes fazia cantar huma Missa com muita solemnidade. No tempo do Offertorio descia da Tribuna, e hia beijar de joelhos a maõ do Sacerdote, levando-a cheya de alguma esmóla. Acabada a Missa, cantavaõ, ou rezavaõ Vesperas os Capellaens, nas quaes estava presente com muita attençaõ.

He a oraçaõ mental companheira inseparavel de hum Religiozo &c.

Das supplicas que fazia a Deos.

A'lèm da oraçaõ mental, se emprega em varias oraçoens vocaes.

15 Como perita na vida espiritual, sabia que devia jejuar, para que seu corpo se naõ revelasse contra o espirito, pois este tanto mais forte se faz, quanto aquelle mais se debilita. Jejuava quatro Quaresmas no anno, a saber: a que a Igreja Catholica nos manda; a de N. Senhora até dia de sua Gloriosa Assumpçaõ; a dos Anjos, que acaba dia de S. Miguel, e a outra do Advento, principiando dia de todos os Santos. No mais tempo do anno jejuava tres dias na semana, e a paõ, e agoa nas sextas feiras, nos Sabbados, nas Vigilias das festas de Christo, da Virgem N. Senhora, dos Sagrados Apostolos, dos Anjos, e de outros Santos a que tinha devoçaõ. E continuamente jejuara a paõ, e agoa, se ElRey a naõ impedira com o receyo de que com a muita abstinencia desluzisse a fragil flor de sua belleza. Mortaes, saibamos que o mayor inimigo, que temos he o corpo, e que nunca jamais o mortificaremos como merece. Se a carne fazia guerra a esta Santa, que tanto a castigava com jejuns, e com outras asperezas, quaes as da diciplina, e cilicios; que guerra naõ fará aos que só cuidaõ em affagá-lo, e deliciá-lo como nós. Se naõ pudermos jejuar pela nossa pouca saude, ou porque nossos Padres espirituaes, ou Superiores nos estorvem, farceemos ao menos alguns de nossos gostos, e appetites, mortificando nossos olhos, e lingua; porque isto naõ prejudicará em nada á saude, nem nos prohibirá a obediencia, e nos será util para a virtude. Cousa estranha! Ver que esta Santa, sendo taõ delicada, e de taõ pouca idade, fizesse taõ rigorosas penitencias; e nósoutros sendo peccadores

Da sua abstinencia.

Persuade-se a virtude da abstinencia a seu exemplo.

cadores naõ queiramos fazer alguma! Que os faõs tomem as medicinas, que os enfermos recuzaõ! Que os Santos orem continuamente a Deos, e chorem feus leves defeitos, e os peccadores naõ choremos noffas graves culpas! Verdadeiramente, que todos eftes defcuidos nos mortaes nafce da falta da confideraçaõ da morte.

Prudencia com que fe houve no governo de fua cafa.

16 No governo de fua cafa fe portou com prudencia admiravel, tratando ás fuas damas com benignidade grande. Perfuadia-as, mais com o exemplo, que com palavras, ao exercicio das virtudes. Occupava-fe com ellas em toda a variedade de lavores, que confagrava a culto dos Altares. A lhaneza, a affabilidade, o agrado, e a alegria com que a todas tratava, fobre dar realces á Mageftade, a fazia amabiliffima. As fuas palavras nafciaõ da abundancia de feu coraçaõ, e como nefte andavaõ de maõ a maõ as doçuras, e os ardores da caridade, com a doçura de fuas palavras grangeava o gofto, e com o ardor accendia affecto á virtude. Ja fe entende, que as que tinhaõ mais cabimento na fua graça, eraõ as que mais fe efmeravaõ no ferviço de Deos. Ditofo Palacio, onde para o valimento naõ achava paffo o artificio da lizonja, e tinha franca porta a verdade, e a virtude. Com obras, e palavras perfuadia pois eftas. Com as palavras as fazia entrar ao coraçaõ pelos ouvidos, e com as obras as offerecia aos olhos com o exemplo. Em fim, perfuadia com a lingua, e com o exemplo, motivos porque fez grande fequito na virtude, e verdadeiramente, que o que vê praticado o que ouve da bondade, facilmente fe applica a goftar do que vê com a pia affeiçaõ do que ouve. As gallas, que veftia, ainda que com muita repugnancia de feus defenganos, eraõ preciofas, e dignas de fua grandeza.

17 Todas eftas virtudes, e outras mais, que em outro lugar diremos, faziaõ andar a ElRey nos primeiros annos todo abforto em admiraçoens, achando mais firmes apoyos para feu amor em a excellente prenda da alma de fua efpofa, que na fua extremofa belleza; porque efta foborna ao coraçaõ fómente com o agrado dos olhos, e aquellas fe entraõ á poffeffaõ da alma pondo em doce cativeiro todas as fuas potencias. Deo Deos a ElRey novos fiadores de fuas amantes finezas em a ditofa fecundidade de fua doce conforte, de quem houve Dona Conftancia, que foy Rainha de Caftella, e D. Affonfo, que fuccedeo no Reyno a feu pay. Efte ufano juftamente com a fua dita, bufcava occafioens em que moftrar-lhe o grande apreço, que della fazia, e o povo todo fe fazia em linguas de louvores feus, de maneira, que a vóz commûa, porque a nomeavaõ, era a de Mãy, e naõ a de Rainha, porque ouvia a todos, a todos defpachava, a todos foccorria com o affecto, benignidade, e alegria da mais amorofa mãy. Em fim, juftamente fe davaõ os Portuguezes o parabem da boa ventura, que alcançaraõ em tal Rainha, por nella ponderarem huma compendiofa cifra de todas as perfeiçoens. Era formofa fem o enfadofo achaque do defdem, e do melindre. Era huma Mageftade toda agrados. Huma virtude toda verdades. Tinha graça fem artificio. Prudencia fem affectaçaõ. Nella fe via a liberalidade com olhos, e a mifericordia fem limite; e peffoa em que concorriaõ tantos predicados, que muito confeguiffe a acceitaçaõ de todo o Reyno, e mereceffe o mayor agrado de feu efpofo.

Filhos que teve.

18 Reconhecia muito bem a noffa Santa os extremofos eftremecimentos, com que ElRey a amava, e naõ ignorava as acclamaçoens com que o povo a applaudia; porèm como via tudo ifto á clara luz do dezengano, tinha por fallidas todas aquellas felicidades, e por fufpeitofos aquelles applaufos; e affuftada fua humildade com a apparente fantafma daquella humana grandeza, empregava melhor feus penfamentos, defprezando os bens do mundo, e abraçando os do Ceo, que logo lhe moftrou ferem juftos os temores, que lhe nafciaõ daquellas felicidades. Em fim, vivia a Santa Rainha dezejofa de perigos, e de trabalhos, que lhe ferviffem de laftre, ou de fegurança, no perigofo

Teme a Santa çoçobrar no perigofo golfo dos applaufos.

rigoso golfo dos applausos. Veremos pois sua humildade sem susto em a possessaõ de seus dezejos, e a sua paciencia com exercicio, batalhando com trabalhos, e calamidades.

§. 19 Notavel he a inconstacia do coraçaõ humano! Quem dissera, que sendo a nossa Rainha formosa em extremo, discreta, prudente, honestissima, virtuosa, e por outras muitas excellencias digna da mayor estimaçaõ, havia de vir a perder esta por possuida de ElRey, que com extremecimentos incriveis a amava, pois sem que nas suas prendas houvesse alguma mudança, que pudesse refrear seu amor, divertio sua vontade em outros amorosos empregos, soltando a redea aos appetites, faltando-lhe ao respeito, e fidelidade, com grande escandalo, e abominaçaõ de sua Corte. De varias mulheres pois tirou por fructo de sua incontinencia seis filhos, que eraõ outros tantos padroens animados, que condenavaõ a sua semrazaõ, e publicavaõ os aggravos, que a sua Santa esposa fazia. Naõ ignorava esta os desconcertos de ElRey, e se muito o sentia como aggravos, que com elles lhe fazia, muito mais a magoavaõ como offensas, que fazia a Deos. Dohia-se da perdiçaõ de seu marido, porque o amava, e rogava a Deos com incessantes lagrimas o fizesse mudar de vida. Pudera com justa razaõ proromper em demonstraçoens de dor, e sentimento, por ver lhe fazia o marido hum taõ grande aggravo; mas assim o naõ fez, pois sempre o tratava com o mesmo carinho. Ardia em seu Real peito o fogo da caridade perfeita, que como Rainha de todas as mais virtudes, he a mais liberal, e se alarga com seus doces affectos a mais do que deve, communicando suas influencias ao mais indigno, e constratando com invencivel vigor ao odio, affoga em beneficios seus aggravos.

Filhos bastardos que teve ElRey D. Diniz.

20 Sabendo a Bendita Rainha, quem eraõ as amas, que criavaõ os filhos de seu marido, solicitava os trouxessem a seus quartos. Acariciava áquellas creaturas como proprias, dando-lhes, e mandando-lhes muitos mimos, e regálos. ElRey que supposto com aquella vida se inculcasse pouco Catholico, lhe naõ faltava prudencia; bem ponderava o mal que fazia, e o bem que com elle se havia a Santa Rainha. Pasmava, e se confundia de que sendo sua mulher se houvesse com elle sem alguma alteraçaõ entre tanta tempestade de offensas. Vendo em fim, que estas naõ tinhaõ diminuido nada no primitivo amor com que o tratava, e o mal que elle lhe correspondia, se achou corrido, e accuzado da sua propria ingratidaõ, tratou de restituir a sua amada Isabel o amor, que lhe havia roubado para empregos taõ inferiores, e taõ indignos. Ora se acazo alguma offendida como Isabel passa os olhos por esta historia, por meyo da oraçaõ, e da brandura, pertenderá o remedio para seu marido. Pois a experiencia ensina, que a justa queixa das mulheres em seus naõ merecidos desprezos, irrita mais a dezattençaõ de seus maridos, e alguns destes parece querem ellas se expliquem queixosas, para terem algum pretexto na sua obstinaçaõ.

Da caridade, e amor com que os tratava a Santa Rainha.

21 He a virtude da caridade fraterna, mãy fecunda de todas as mais virtudes; porèm entre todas ellas a que sempre se alimenta a seus peitos, e a que goza seus intimos abraços, e a que no rosto traz o mais vivo sinal de filha sua, he a misericordia, e compaixaõ com os pobres. Esta virtude se vio taõ praticada pela nossa Santa Rainha, quanto naõ poderemos bem explicar no breve Epitome da presente historia. Solicitava por todos os meyos possiveis o allivio de suas miserias, porèm antes que entremos a escrever alguns dos milagres de sua caridade, convidamos ao Leytor para que veja no seguinte parafrago, o como Deos Senhor nosso ainda neste mundo castiga aos máos, e gratifica aos bons.

22 Fez eleyçaõ a Rainha Santa de hum escudeiro, para expediente das esmólas, que mandava dar pelas casas necessitadas, e para se informar da verdade das muitas petiçoens, que cada dia lhe fazia gente de todos os estados. Era este pessoa de virtude, e de muita prudencia, e o certo he, que de

menos partes que estas se naõ havia de agradar a Santa Rainha. Estando pois o pay delle para morrer, dizem lhe encarregara entre outras cousas estas: *Que fosse sempre leal a seu Rey. Que se alegrasse de suas ditas, doesse de suas penas, e ouvisse Missa cada dia.* Estas cousas, que seu pay lhe encõmendou, pôs Carlos (assim o nomeaõ alguns Authores) empraxe, de maneira, que veyo a alcançar a honra de Camareiro de Santa Isabel, e ainda a de seu valido, pois todas as mercès, e despachos della, corriaõ por sua maõ; porque quando hum Senhor sabe por bem bastantes experiencias, que hum criado lhe he fiel, e o serve com lealdade, muito justo he que o honre, e lhe dê a maõ em tudo. Oh felicidades humanas, e que de tropeçadeiros se encontraõ nas vossas glorias! No mesmo valimento, na mesma dita, na mesma grandeza, semeou a inveja sua cizania, que isto de ver alheyos augmentos, e particularmente nas casas dos Reys, e Principes, de ordinario gera odios. Toda a honra, que ao privado se faz, serve de veneno ao emulo, que o vê, e com a mesma peçonha que no seu peito abriga, procura envenenar a graça, que no outro vê.

Nota huma notavel historia.

23 Outro criado de ElRey, (chamemos-lhe Flavio) era por aquelle motivo emulo de Carlos, e arrastado da poderosa força da inveja, que tinha de o ver mais augmentado, intentou a traiçaõ mais fea, e mais aleivosa, que cabe no humano pensamento, para acabar de hum golpe a seu emulo, e verter de huma vez toda a peçonha de sua inveja. Era Flavio muito contrario nos costumes a Carlos, pois a titulo de lizonjeiro, de fallador, e demanhoso, havia grangeado que ElRey lhe quizesse muito; porque naõ saõ deoses os Reys, para que se naõ deixem levar de huma lizonja, e de hum dito. Procurou occasiaõ opportuna para fallar a ElRey, e segundo Authores graves, foy a de quando o considerou mais elevado em amorosos empregos, talvez procurados pela sua industria. Disse-lhe todo mysterioso, que calara de boa vontade, o que naõ podia deixar de dizer, sem faltar á ley de seu amor, e lealdade; e certamente que a inveja, sendo taõ destro artifice de maldades, sempre se val da virtuosa capa do zelo, para lograr mais á satisfaçaõ seus tiros. Ficou pois o malevolo como duvidozo de proseguir com o que principiava a dizer; porèm ElRey, ja por curiosidade de saber, ou ja receoso de algum grave damno, alentou seus fingidos designios de maneira, que disse: *Senhor, a Rainha minha Senhora he Santa, em que naõ póde haver duvida, porèm tambem tem sobrada bondade em dar lugar a que Carlos, que he homem moço, entre no seu quarto com tanta frequencia, que dá que pensar, e que murmurar na Corte, e tenho por de minha obrigaçaõ dar este avizo, para que Vossa Magestade com a sua grande prudencia, e discriçaõ, lhe ponha remedio.* Naõ póde certamente a malicia conficionar seu veneno com mayor doçura, e nem póde chegar a mais hum animo ambicioso, e indignado. Verdadeiramente que só hum homem diabolico se podia atrever a pôr falta em huma honra taõ candida, em huma virtude taõ notoria, e em huma santidade taõ conhecida, como a da Santa Rainha; e notavel atrevimento o de chegar a dizer a ElRey tal pezar, pois ainda que verdade fora o testimunho, naõ permittem as leys do bem sentir, se diga sua affronta ao aggravado. Aos mais humildes homens se lhe guarda, ou se lhe deve guardar este respeito, quanto mais a hum Rey, cuja honra estava mais pura, e limpa que os luminosos astros.

A inveja como artificio de maldades, sempre se val da capa de zelo.

Intenta hum malevolo pôr nota na honra da Santa Rainha.

24 Era ElRey D. Dionysio, ou D. Diniz, prudentissimo, e toda sua prudencia houve mister, para naõ acabar a taõ mortal ferida. Soffreo valoroso o golpe, e inquirio a verdade prudente. Pôs-se a discorrer comsigo na santidade da Rainha; e a sua honestidade, a sua virtude, o seu recolhimento, e a sua penitencia lhe davaõ vozes á alma, que estava livre de culpa. Porèm o ver a frequencia com que Carlos entrava no seu quarto, o vê los fallar em segredo, e o achá-los com hum mesmo semblante, o provocavaõ a raivosos zelos. Por huma parte considerava á Rainha toda bondade, e por outra

Entra ElRey D. Diniz em zelos della.

via

via muitos indicios de sua affronta; por huma parte o confundia a razaõ, e por outra o inquietava o receyo. Porèm o certo he, que ElRey se tinha deixado ja sobornar da paixaõ, razaõ porque ja estava incapaz para fazer prudentes discursos; pois se com paixaõ naõ quizera averiguar a verdade, com pouca reflexaõ, que houvesse feito sobre as incomparaveis prendas de sua esposa, se houvera apagado o incendio de suas iras. Conhecera, que as innocentes luzes de sua formosura descobriaõ, e allumiavaõ a imagem da sobarania, para que se lhe tributassem respeitos, e veneraçoens, e que naõ podiaõ alcançar a sua eminencia grosseiros vapores de impuros dezejos. Conhecera, que aquella modestia cheya de Magestade, de cujas virtudes havia tocado milagrosas experiencias, naõ dava lugar a que della se formasse impuro juizo. Tudo isto pudera conhecer, e considerar ElRey, se o furor de sua zelosa paixaõ pudera ter algum cõmercio com a razaõ. Chamou sim a Flavio, a quem disse, que pois se havia atrevido a declarar-lhe seu aggravo, o fizesse sabedor das provas da culpa: *Sempre temi* [respondeo cauteloso] *de vir a estes lances, considerando o pezar em que havia de metter a Vossa Magestade; a força porèm da minha lealdade me obrigou a informá-lo: e porque Vossa Magestade naõ imagine que he alguma fantazia, ou alguma leve suspeita a que me deo a occasiaõ, attenda Vossa Magestade a que sempre que a Rainha minha Senhora estiver desgostosa, verá no semblante de Carlos o mesmo desgosto. E pelo contrario verá a este alegre, se ella o estiver tambem. Isto pois, suas visitas secretas, e frequentes, e sua grande privança, parece naõ inculca nascer donde naõ há affeiçaõ. De mais pequena chamma se levantaõ grandes fogos, e de menos principios se origina huma desdita. A mim me toca o advertir, e a Vossa Magestade o remediar. Eu em fim cumpri com o que devia, e se lhe hey dado desgosto, pague minha cabeça o ser argos da honra de Vossa Magestade &c.* Com estas, e outras similhantes palavras esforçou Flavio seu engano, e como para quem está zeloso bastem apparentes sombras para julgar verdade o que he mentira, se deo ElRey por satisfeito, se experimentado seu informe o achasse ajustado.

25 Costumava entrar Carlos onde a Rainha estava, procurando arbitrios para soccorrer aos pobres. Segundo graves Authores, quando ella se via sem dinheiro necessario para soccorrer a necessidade, que Carlos lhe exaggerava; por este mandava empenhar, ou vender a joya, ou alguma peça de valia. Quando tinha bem que dar a Santa Rainha, se alegrava, e da mesma sorte Carlos. Quando ella se entristecia, por naõ achar meyos para o soccorro dos pobres; o mesmo fazia elle. Eraõ pois estes, e similhantes colloquios os que fazia a Santa Rainha com Carlos. Colhia-os ElRey huma vez tristes, e outras alegres, e como homem ciozo, o que nelles era virtude attribuia a maldade; o que nelles santo zelo, nelle raivoza suspeita. Dissimulava sentido, e se retirava voltando-lhe as costas.

Experiẽcias, que fez ElRey de Sãta Isabel.

26 Bem via a Rainha Santa aquellas curiosidades de ElRey; porèm como estava taõ livre, e para com Deos, e o mundo taõ solida sua opiniaõ, nunca poderia prezumir que ellas se encaminhassem a receyos de sua honra, e provas de sua virtude. Chegou em fim ElRey a negar-se-lhe ao leyto, á mesa, e ainda á communicaçaõ, e rebuçava o veneno com a capa de que naõ soffriaõ suas rendas tantas esmólas, e gastos. Tudo era fallar-lhe por equivocos, a dous visos as palavras, e a muitos entenderes as razoens. Notando a Santa estes despegos, os attribuia a que outros gostos, ou empregos o traziaõ descontente, e em lugar de fazer [como outra fizera] alardes de sentimento, o acariciava mais terna, e mostrando-lhe mais amor, lhe procurava mais dar gosto. Nem seus beiços, nem seus olhos se desmandaraõ jamais contra o respeito. O dar huns suspiros, verter lagrimas os outros, sim, porque assim mostrava lastimar-se por seu Rey, e por seu esposo.

27 Carlos como criado fiel a imitava nas acçoens, que como ignorava a

Continuaõ as experiencias.

prova, que ElRey fazia, se deixava levar da agoa de sua obrigaçaõ, derramando muita pelos olhos. Bufava ElRey de coragem, quando via nos dous comprovados seus suspeitosos indicios, e por sahir de huma vez daquelle cuidado, apertou mais a prova aos cordeis. Disse á Rainha alguns pezares, só a fim de ver em Carlos o effeito. Foraõ elles taes, que levando sempre com muita paciencia, e com alegre semblante as seccuras, e aggravos de ElRey, naquella occasiaõ se mostrou sentida, sendo hum pranto a resposta. Applicou hum lenço aos olhos para embeber as lagrimas, e Carlos no mesmo tempo para reprimir as suas lhe foy precizo valer-se do lenço. Choravaõ ambos ao mesmo tempo, e o que era fineza no criado, o suspeitava ElRey outra contraria fineza. Notou ElRey, e se deo ao dissimulo, com o fim de mais experiencias. Achou-os outra vez traspassando memoriaes, e petiçoens de pobres, e estudando no meyo de remediá-los, e fallando á Rainha Santa com demonstraçoens de agrado, ella se lançou a seus pés agradecida, e alegre. ElRey dava as palavras á Rainha, e a Carlos os olhos dava, o qual alvoroçado, e contente de ver a sua Senhora alegre, soltou a redea ao prazer, como quem queria agradecer com aquella demonstraçaõ os favores, que á Santa fazia, como proprios. Hum coraçaõ singélo, e huma lealdade innocente, que sem escrupulos anda! Pois claro está, que a ser Carlos traydor, andara recatado na presença de ElRey, e o pezar, e a alegria soubera dissimular; porèm como andava innocente, lastimava-se dos pezares da Rainha, e se alegrava em seus gostos.

Intenta ElRey tirar a vida a hũ innocente q̃ julgava culpado.

28 Vendo ElRey por experiencia os extremos de Carlos para com a Santa Rainha, julgou nelles prova bastante para a sua desconfiança; porque para hum Rey suspeitoso, e ja por outro notado, a menor acçaõ daquellas soava a affronta. Recolhia-se melancolico a cuidar no modo do castigo, porque como prudente, todavia procurava com recato tirar aquelle tropeço, sem dar occasiaõ a que alguem viesse no conhecimento da sua suspeita: visto seu aggravo naõ ser mais que huma imaginaçaõ, lhe naõ pareceo justo castigar a Carlos em forma de castigo, senaõ tirar-lhe a vida, sem que jamais alguem o entendesse. Atormentado pois ElRey com estas turbulentas imaginaçoens, sahio a divertir-se ao campo, e passando pela ponte de Coimbra, vendo hum forno de cal, chamou o mestre, a quem disse: *A' manhaã pela manhaã hei de mandar aqui hum homem a dizer-vos executeis a ordem, que vos tenho dado, ao qual lançai no fogo, pois assim convem ao meu serviço, e a vós vos importa a vida a execuçaõ, e o segredo.* Feita esta impia prevençaõ, o dia seguinte chamou a Carlos, que era a victima, que tinha destinada para o horroroso sacrificio de sua vingança, ao qual deo o sobredito recado. Pondo o innocente Carlos em execuçaõ a ordem de ElRey, passando por huma Igreja, ouvio a campainha que tocava a levantar a Hostia consagrada, cujas vozes feriraõ aquella alma, como que o accuzassem de indevoto, pois sem haver aquelle dia adorado a Deos do Ceo, nem cumprido com a sua devoçaõ, hia dar gosto a ElRey da terra. Tanto se sobornou deste pensamento, que sem esperar mais violencias, entrou a adorar o Santissimo, e detevesse até que acabou aquella Missa. Sahiraõ successivamente mais Missas no mesmo Altar, e o devoto Carlos, que tinha ja feito juizo, que naõ importava hora mais, ou menos, o executar a ordem de ElRey as ouvio.

Escapa o innocente da morte por estar ouvindo Missa.

Morre hũ emulo do innocente, da morte que para este estava preparada.

29 Neste pequeno espaço obrou Deos suas maravilhas, que claro está havia de seguir-se algum prodigio a taõ bôa occupaçaõ. Estava ElRey taõ ancioso da morte de Carlos, que naõ podia ter socego até naõ saber a certeza della. Entrou o malevolo Flavio a dar-lhe os bons dias, e como o tratava como amigo, lhe contou a traça, com que havia mandado matar a Carlos. Ficou elle taõ alvoroçado com a noticia, como se póde prezumir da sua malignidade. Recõmendou-lhe ElRey fosse saber a certeza della, como quem ardia em dezejos de sabê-la, e elle, voando mais que correndo, por lhe parecer

cer cada momento de esperança hum seculo; chegou ao forno, em cujo incendio achou prevenido o castigo da sua descarada calumnia, ficando feito em cinzas. Pagou em fim, a juizos do Ceo, a sua maldade, e a sua traiçaõ, que quem infama innocencias, no mesmo laço com que procura acabá-las, justo he que deixe a vida.

30 Chegou Carlos depois bem ignorante do que se passava, e dando o recado ao mestre da calleira, elle respondeo dissesse a ElRey, que estava bem servido. Voltou Carlos com esta razaõ, e entrou onde estava ElRey, que em vé-lo ficou pasmado, e confuzo, que como o julgava por morto, e Flavio naõ voltara, quasi advinhava a troca. Entre turbado, e agastado lhe perguntou, como, e onde havia ido? Ao que Carlos satisfez dizendo o que havia passado. Abrio entaõ o enganado Principe os olhos á luz do desengano, e reconheceo os veneraveis Juizos de Deos em apoyo da innocencia de sua esposa, com o castigo do infelice culpado, disposto com taõ extraordinaria providencia.

Vem ElRey no conhecimento da verdade, e da santidade de Sãta Izabel.

31 Por naõ ficar ElRey todavia ainda com alguns escrupulos, perguntou a Carlos pela causa que o obrigava a estar alegre quando o estava a Rainha, ao que satisfez: *Lhe aconselhara seu pay, fosse muito leal a quem servisse, alegrando-se como proprios de seus gostos, e prazeres, e sentindo seus pezares, e desgostos. Que a todos aquelles extremos se via obrigado pela força de sua lealdade, e pela obediencia de seu pay.* No mesmo ponto foy procurar a Santa Rainha, e achando-a em oraçaõ, lhe pedio perdaõ de tudo, e com honestos abraços rematou seus pezares, deixou todos seus receyos, desterrou todas suas suspeitas, trocando em nova vontade seus passados desgostos, em caricias os desvios, e enternuras os dezaires.

32 Naõ saõ em hum Rey menos féros, nem menos perigosos os zelos de marido, que os zelos do Estado. Huns, e outros teve ElRey da nossa Santa Rainha. Curou o Ceo os de marido com a milagrosa providencia, que ja vimos, qualificando a sua grande pureza; e agora veremos a providencia naõ menos cuidadosa qualificando a sua lealdade. O Principe D. Affonso filho de D. Diniz, e da nossa Santa, ambicioso de reynar, e impaciente da tardança, quiz arrebatar a Coroa a seu pay, empunhando contra elle a espada, acçaõ bem dezattenta, e que a pagou depois com os mesmos fios; porque dezacatos contra hum pay, e mais Rey; que por dous titulos está em lugar de Deos, os castiga sempre o Ceo. A causa daquelle dezacato nasceo de huma emulaçaõ. Teve ElRey D. Diniz entre os mais filhos bastardos a D. Affonso Sanches, o qual, ja pelo engraçado, ja pelo carinhoso, alcançou grande lugar no peito de seu pay, pois ha bastardos taõ manhozos, taõ astutos, e taõ intromettidos, que se fazem idolatras. Reparou o Principe D. Affonso no valimento do irmaõ, e como a emulaçaõ em cazos similhantes seja taõ natural, ainda quando foraõ ambos legitimos, abrazado de pena de ver ao bastardo privado, começou a queixar-se á Santa Rainha, e aos amigos, que por mais que trabalhavaõ todos por consolá-lo, e divertí-lo, era empreza vaã, por ser justo seu sentimento, pois a entendimentos capazes, que estaõ cheyos da razaõ, pouco aproveitaõ os remedios contrarios á sua queixa.

Pertẽde o Principe D. Affonso uzurpar a Coroa a seu pay, e padece muito Santa Isabel por este motivo.

33 Supposto fosse este o principal pretexto, que o Principe tomou para dar-se por offendido, naõ há duvida que tambem o picava a ambiçaõ da Coroa, por querer ser ja Rey, ou governar ao menos, visto estar o pay muito entrado em annos, assim como via tinha succedido a seu tio ElRey D. Sancho o Bravo, que poucos annos antes havia usado em Castella as mesmas manhas contra ElRey seu pay D. Affonso o Sabio. Primeiro pois, como dissemos, com secretas queixas manifestou o seu aggravo, e quando considerou que ellas lhe naõ serviaõ, a cara descoberta começou a publicar seus sentimentos. Muitos dos Grandes lhe acharaõ razaõ, e se offereceraõ para ajudálo no despique; porém outros mais leaes, e mais prudentes lhe affearaõ o pretexto,

texto, e lhe reprovaraõ o intento. A nossa Santa, temendo a ameaçada tempestade, começou com mais ancias, supplicas, e rogos, a oppôr-se a tanto damno; mas nada foy bastante para elle retroceder do seu indigno intento, e para deixar de intentar apoderar-se de Lisboa; e ainda que cautelou muito seus designios, chegaraõ á noticia de ElRey seu pay, que prevenio tropas armadas, para atalhar o estrago das guerras civis, com a prizaõ, ou morte do filho por força de armas. Com estes intentos chegou com a Rainha Santa ao lugar do Lumiar junto a Lisboa. A Santa Rainha a quem se naõ póde occultar este militar apparato, reconhecendo o perigo fatal do filho, o avizou para que se retirasse, e dezarmasse os designios de seu pay com sua emenda.

Tem ElRey a Santa Izabel por suspeitosa, e a desterra para Alemquer.

34 Teve ElRey noticia que o Principe se retirara por avizo que a Santa Rainha lhe fizera, e tendo-a por suspeitosa, e por parcial de seus dezaforos, sem considerar que a naõ atalhar o damno ameaçado fora faltar ás obrigaçoens de Rainha, de mãy, e de Santa, concebeo contra ella taõ grande paixaõ, que atropellando todos os foros da razaõ, e do amor, a desterrou da sua companhia mandando-a para Alemquer, Villa sua, tirando-lhe o uso das rendas, e com expressa ordem de que naõ sahisse da Villa, lhe pôs guardas para que o fizessem sabedor de seus movimentos. Soffreo a Santa, com paciencia de tal, este dezaire, sem dar em sua defeza as muitas razoens, que pudera. Naõ faltaraõ Fidalgos, e pessoas principaes, que com o pretexto de compaixaõ, a aconselharaõ a que se fizesse forte em algum de seus Castellos, offerecendo suas assistencias para o desaggravo de suas offensas. Ouvio esta proposta com escandalo, e com severidade magestosa lhes disse: *Que a primeira obrigaçaõ sua, e de seus vassallos era reverenciar as ordens de ElRey seu Senhor, cujos receyos, e rigores tinhaõ em seu turbulento estado das cousas presentes, vizos bem apparentes de desculpa, vendo em seu filho taõ descobertas contra seu respeito a ingratidaõ, ambiçaõ, e deslealdade, profanando os sagrados da natureza, e da Coroa.* Admoestou-os para que socegassem, e naõ dessem ouvidos ás suggestoens, e sediciosas vozes da razaõ de Estado, quando as da razaõ natural ditavaõ, que a obediencia aos Principes era o movel dos acertos, e das seguranças. &c. Admiraraõ os Fidalgos a sua prudentissima, santa, e valorosa resoluçaõ, e ella acompanhada de suas damas, e de outras mulheres virtuosas, e de bom espirito, se empregava em exercicios espirituaes, e em rigorosas penitencias, dirigidas todas a mover a misericordia Divina, para que com a sua poderosa maõ apagasse o formidavel incendio das civis guerras, que ja se sentiaõ em horror as chammas.

Resposta admiravel de Santa Isabel.

Toma o Principe por pretexto os aggravos de Santa Isabel, para proseguir no seu ambiciozo destino, e se prepara ElRey para campal batalha.

35 O orgulhoso Principe, para mais se obstinar na sua ambiçaõ, se valeo do pretexto dos aggravos de sua mãy, e escrevendo cartas a Castella, e a Aragaõ, solicitava os animos para engrossar os partidos de seus parciaes. ElRey, que naõ ignorava seus ambiciosos designios, juntou exercito para se encontrar com seu filho, e reduzir a huma campal batalha toda a summa deste negocio, cuja importancia naõ era menos, que a de perder-se hum filho, ou a Coroa. Intentou primeiramente prender ao Principe, porèm naõ teve effeito a prizaõ, pois huns voltaraõ mal feridos, e outros ficaraõ mortos. Soltou ElRey a preza ás iras, e publicando ao som de caixas estes dezacatos, convocou a grandes, e pequenos em sua ajuda. Seguiraõ-no os leaes com bizarria Portugueza. O Principe se refez de mayores forças, e sahio á campanha. Muitos encontros de ambas as parcialidades, pôs primeiro a Lisboa em perigo de perder-se, pays contra filhos, e ao contrario guerreavaõ crueis, procurando cada hum prevalecesse o rumo que seguia. Naõ cabendo pois a intestina guerra nas ruas, e praças, se dezafiaraõ a campal batalha. Naõ huma, senaõ muitas vezes, se chegou a este extremo, sem que rogos de mulheres, nem lagrimas de donzellas, nem alaridos communs, bastassem a estorvar mortes, e feridas.

36 A

36 A Santa Rainha feita em Alemquer hum mar de lagrimas, tornava a si toda a culpa de tantas calamidades, parecendo lhe que estas mandava Deos Senhor nosso ao Reyno, em castigo de seus peccados. A força pois inconstratavel do amor de Deos, e do zelo de embaraçar tantos males publicos, deixando de parte os melindres do recato, e aquella compostura de que a santidade se veste, (que em cazos simillhantes tambem he virtude o heroico) sahio tambem á batalha, a ser montante de paz, e Iris de taõ cruel tempestade. Fortes obrigaçoens lhe arrastavaõ o affecto de huma, e de outra parte. O amor de filho, e a obrigaçaõ de marido. Feita fiel de balanças taõ iguaes, sem saber a que parte ladeasse, batalhavaõ em seu peito os affectos. Chegou-se a ElRey, e lançada a seus pés, elle a recebeo como naõ se esperava, que foy com muitas demonstraçoens de agrado, como quem naõ ignorava a bondade de seus procedimentos na sua prizaõ, e retiro, e banhada em diluvios de lagrimas, lhe fallou nesta substancia: *Senhor, e esposo meu. Conheço a razaõ que vos sobra, considero que he castigar, e naõ vencer, sahir a esta batalha, e naõ ignoro ser obrigaçaõ de pay domar altivezas de atrevidos filhos; e ja vejo em fim, que carregado de justiça vos provoca ao castigo a inobediencia deste filho, e a vingança dos que pouco fieis lhe fazem lado. Ja vejo tudo isto, e que ainda que fizereis a Portugal em cinzas, ainda naõ ficarieis despicado. Porèm Senhor, naõ hey de poder eu mais, que essa carga de razoens? Naõ valeráõ mais meus rogos, que o vosso despique? As lagrimas, que derramo, e as que verte todo o commum, naõ haõ de montar mais que hum castigo? Naõ attendeis a que no Principe apurais, e extinguis a vossa mesma vida; pois sendo prenda tanto da alma, por mais que agora com a paixaõ o negueis, se perecer na peleja, será matar-vos a vós, vendo-vos sem herdeiro? Naõ vedes, que em os vassallos, se se rompe em batalha, apoucais, e destruis por ambas as partes as vossas mesmas forças, com o que os Reys vizinhos se alegraráõ, e vos teraõ em pouco, e o Mouro, que está á mira, se entrará por vossa casa? Reparai por vossa vida em tanto inconveniente, e ainda que fique em parte quebrada vossa inteireza, e dezabrido vosso pundonor, suspendei por agora estes castigos, para que vos deva meu amor, sobre dividas tantas, esta generosidade, e bizarria.*

Sahe Santa Isabel de Alemquer, e falla a ElRey seu esposo. &c.

37 Disse tudo isto a Rainha com tal efficacia, e com taõ abundantes lagrimas, que ElRey enternecido, e convencido de suas razoens, lhe respondeo nesta substancia: *Senhora, eu sou Rey, e sou pay de meu filho, como pay, posso dissimular as ingratidoens de hum filho dezattento; porèm como Rey, naõ posso perdoar as rebeldias de hum vassallo desobediente. Imagens saõ de Deos os Reys na terra; e Deos, que he Rey Supremo, perdoa, e dá sua graça ao que se humilha arrependido; e resiste, e castiga ao que se obstina soberbo. Sabe Deos, Senhora, se eu dezejo perdoar a este dezattento moço, porque conheço, que de escarmentá-lo com o rigor das armas, se resultar que a Magestade fique satisfeita, e ayrosa, há de ficar a paternidade, e a natureza lastimada. Fazei vós, Senhora, com que vosso filho venha á razaõ, porque vindo, terá segura minha piedade, pois hoje se me pede o mesmo que dezejo, e espero das vossas efficacias, e da vossa virtude, que vençais a dureza de vosso filho, para que ambos vejamos o feliz logro de nossos dezejos.* Ficou a Santa Rainha com esta resposta animosa, e consolada, e partio a ver-se com o Principe, a quem fallou assim:

Resposta de ElRey.

38 *He possivel, Affonso, que sabendo o que vos quero, me dais este desgosto? Esta pena? Esta dor? Contra vosso pay, contra meu marido, e contra vosso Rey, que he mais, impunhais a espada? Em que barbaros Annaes o aprendestes? Que Hircania vos há criado? Que tigre vos deo o leite? Que dirá o Pontifice Romano? Que sentiraõ os Principes da Europa? Diraõ o que ja vistes, e ouvistes do Principe D. Sancho, pois sendo taõ famoso, lhe obscureceraõ os timbres a sua inobediencia. Olhai que hum pay, e hum Rey, e mais quando concorre*

Falla Santa Isabel ao Principe seu filho.

corre em huma mesma pessoa, he hum Vice-Deos na terra, a quem, se naõ adoraçaõ, devem consagrar os filhos respeito, e obediencia. Quando fora vosso pay hum dezalmado, hum homem sem razaõ, e hum barbaro que fora, devieis, como bom filho, reverenciá-lo por pay, e acatar lhe grande respeito. Que para hum pay, e hum Rey, naõ valem argumentos de se he razaõ, ou naõ he razaõ aquillo que ordena; obedecer-lhe sómente he a melhor razaõ. Sendo pois quem vos deo o ser, Rey taõ esclarecido, taõ ajustado, taõ douto, taõ estimado do mundo, taõ temido, e respeitado, que razaõ podeis ter para estes dezaforos? Nem quem senaõ os amigos de novidades haõ de apadrinhar a vossa demazia? Quem, se está dezapaixonado, há de dizer que he mais que ambiçaõ de mandar, e querer ser Rey, a causa que vos move? Que importa que prive D. Affonso Sanches, quando em o que se interpoem o vosso gosto, sois o preferido? Que haveis pedido a ElRey, que naõ vos fizesse? Que carinhos, e agazalhos naõ lhe haveis devido? Que juntas, nem que consultas se haõ feito sem vós? Que officios se haõ dado, sem que nelles tivesseis parte? Supposto pois que estais convencido, de que vos póde servir porfiar em ser ingrato, e rebelde? E quando faltaraõ todas estas razoens, taõ pouco vos deve o grande amor que vos tenho, que só por me naõ veres nesta pena, e neste conflicto, deixarieis as armas, e me farieis este prazer? Eya, Affonso, naõ haja mais inquietaçoens. Fazei por mim esta fineza; embainhai a espada, quando naõ, haveis de descarregar primeiro em meu peito as feridas, que offendais a vosso pay, porque a seu lado me hey de pór por arnez, e por escudo.

39 Valeraõ os rogos, e as razoens da Rainha Santa tanto, que no mayor incendio das iras, bastaraõ para apagar as chammas. Ficou-se suspenso Marte, e com igual attençaõ se desfizeraõ ambos os campos, retirando-se a sua casa cada hum. ElRey, como taõ Catholico, pós nas maõs de Deos aquelle negocio, valendo se de pessoas santas, e devotas, para que ajudassem a sua causa. Bom meyo he certamente acudirem os homens ao Ceo em seus apertos; porèm quando na maõ delles está remediar o damno, remediá-lo quer Deos seja o meyo. Assim succedeo aqui. Vivia naquelle tempo na Cidade de Çaragoça S. Raymundo, com grande fama de virtude. Pareceo a D. Diniz ajustado o cõmunicar-lhe seus pezares, e pedir-lhe conselho nelles. Cõmunicoulhos pois, por via de seu cunhado ElRey D. Jayme II., e havendo o Servo de Deos entendido a causa daquella guerra, satisfez a ambos os Reys, dizendo: *Quando o remedio dos damnos está nas maõs dos homens, naõ se há de pedir a Deos. E assim supposto que D. Diniz com a privança de seu filho bastardo*, [bastando reconhecê-lo por filho] *inquietava ao legitimo, temperasse aquella affeiçaõ, e teria a paz que dezejava.* Sahio a consulta ao paladar do Principe, o que vendo D. Diniz, accõmodou ao filho idolatrado, e fez ajuste de paz com o Principe, dando-lhe a Coimbra, a Monte Mór, e a Fortaleza da Sé do Porto. O Principe fez a ElRey homenagem das taes terras, e fez juramento solemne no Altar de S. Martinho de Pombal, que sobpena de ser tido por traydor, da maldiçaõ de Deos, e da de seu pay, jurava que o serviria, e obedeceria sempre &c. ElRey, para assegurar ao Principe, fez tambem juramento solemne no Altar de S. Simaõ de Leiria, de cumprir inteiramente o que tinha promettido, assim nos interesses promettidos ao Principe, como no perdaõ de todos seus sequazes.

Acõselha-se ElRey com S. Raymundo sobre a composiçaõ do Principe.

Resposta que deo o Santo.

Compoem ElRey ao Principe.

40 Estes saõ os infortunios que padeceo a nossa Santa Rainha no decurso do seu matrimonio, onde naõ sey quem entrasse com mayor cabedal de virtudes, para gozar de suas castas delicias, e quiz Deos Senhor nosso gostasse os semsabores, que costumaõ turbar mais a sua quietaçaõ, e socego. Foy a nossa Santa formosa, e extremosamente discreta, e engraçada; porèm a sua discriçaõ, e formosura padeceo dezaires, e desprezos. Era Santa em fim, e na castidade conjugal purissima, e padeceo sua opiniaõ as calumnias, que dissemos. Era amante de seu marido, e fidelissima a seu Rey, e padeceo suspeitas

Padece Sãta Isabel todos os dezaires, trabalhos, e desprezos com grande paciencia.

peitas o seu amor, e lealdade. Triunfou dos desprezos de sua formosura com a sua mansidaõ, e tolerancia. Venceo com virtude milagrosa as calumnias da sua opiniaõ, e desvaneceo com a verdade de seu santo zelo, as suspeitas da sua lealdade, sahindo de tantas tribulaçoens, como sahe o ouro do crysol mais puro, mais precioso, e mais digno de toda a estimaçaõ.

41 Tempo he ja de fallarmos na virtude da misericordia, que tanta posse tomou do animo da nossa Santa, e entre todas as mais virtudes moraes, que exercitou, pudera pertender a Coroa. As grandes riquezas que tinha, ainda naõ eraõ bastantes para apagar a insaciavel sede da sua caridade, pois dezejava ter mais do que tinha, para ter mais que dar aos pobres, e naõ para ter mais. Naõ se considerava senhora dos bens, senaõ por depositaria de Deos, que lhos havia entregado, para os repartir com fidelidade aos pobres, a quem tambem considerava como credores, que devia soccorrer de justiça, para naõ ficar culpada de infiel. Era D. Diniz de coraçaõ magnanimo, e muito generoso, e conhecendo na Santa esta propensaõ, álem das rendas, que em dote lhe havia consignado, lhe largou outras muitas, naõ só para dezaffogo da sua misericordia, senaõ tambem para ter parte em seu merecimento.

42 Notavel era a discriçaõ, e prudencia, com que a nossa Santa se havia no repartir das esmólas. Informava-se secretamente das pessoas mais necessitadas, e soccorria com muita cautéla aos que eraõ nobres, pois estas muitas vezes, com o empacho de pedirem, tem sepultado a sua pobreza no silencio, e muitas vezes quizeraõ para seu remedio, o que sobra a muitos, que andaõ mendigando de porta em porta, e talvez tomando por officio o pedirem, por mais quererem viver com similhante ociosidade, do que ganharem-no á custa de seu suor, e trabalho. Tinha assignalado Estudos para os filhos dos homens graves, e pobres, para que, instruidos nas letras, pudessem ser bons para si, e para os pays. A's donzellas formosas lhes dava estado, segundo suas qualidades, antes que a pobreza, inimiga capital da castidade, as induzisse a perigos della. Quando tinha noticia de que algum, ou alguma houvesse baixado de prospera a adversa fortuna, se compadecia muito, e favorecia a sua pobreza com maõ mais liberal, por lhe parecer que a mudança da sua sorte faria muito mais penosa, e intoleravel a necessidade.

Prudencia com que se houve no repartir das esmólas.

Assinala Estudos para os filhos dos homens graves.

Dá estado ás donzellas formosas.

43 Criava no seu Palacio aquellas donzellas orfaãs, que fossem filhas de seus vassallos, especialmente dos que lhe pagavaõ feudos. Cuidava muito em que ellas vivessem virtuosa, e santamente, e em tendo idade para as cazar, o fazia com pessoas de sua esféra, porque da desigualdade se naõ seguissem os desprazeres, que cada dia se observaõ entre os cazamentos, que carecem de igualdade. No dia das bodas as vestia por suas proprias maõs, e lhes punha as suas joyas proprias, para que sahissem com luzimento: e porque com a sua falta se naõ acabasse aquella piedosa obra, deixou a sua engenhoza, e ardilosa caridade muita parte de suas joyas ao Convento de Santa Clara de Coimbra, que fundou, para que as emprestassem as Religiosas ás donzellas que cazassem, com os dotes que no mesmo Convento deixou assignalados em certo tempo.

Cria no Palacio as orfaãs filhas de seus vassallos.

Veste ás esposadas com as suas proprias maõs.

Deixa as suas joyas no Convẽto de Santa Clara, para se emprestárem ás esposadas.

44 Quando sahia do Palacio, era innumeravel o concurso dos pobres que seguia a sua carroça, cujos clamores soccorridos de esmólas paravaõ em applausos. Nas sextas feiras da Quaresma mandava chamar a treze pobres em memoria do Apostolado de Christo nosso bem, e fazia muito porque fossem os mais ascorosos que houvessem. Lavava-lhes os pés de joelhos; dava-lhes de comer, de vestir, e dinheiro, e os servia á mesa com alegria grande, e humildade profundissima. Fazendo em huma occasiaõ na Villa de Santarem este louvavel exercicio, ferio o porteiro de seu Palacio a hum pobre na cabeça, por naõ ser taõ grande a paciencia daquelle, como a importunaçaõ deste. Reprehendeo a Serva de Deos asperamente ao porteiro, e curou com huma clara de ovo ao ferido, e mandando saber no outro dia de manhaã

Lavava os pès a treze pobres nas sextas feiras da Quaresma.

Cura hum pobre milagrosamente.

o como tinha paſſado , achou que a ferida ſe tinha encourado de maneira, que nenhum ſinal della tinha.

45 Na Quinta feira da Cêa mandava chamar muitas mulheres pobres , enfermas , e o mais enfermo Sacerdote que houveſſe , e com ternas lagrimas de compunçaõ lavava a todas os pés , depois as ſervia á meſa , e lhes dava veſtidos , e dinheiros , ſegundo a ſua neceſſidade. Por huma vez recuzou huma mulher dar lhe hum pé para que lho lavaſſe , depois de lhe ter lavado o outro , com o pretexto de que naõ eſtava em eſtado de poder ſer viſto, nem lavado , por hediondo , e aſcoroſo. Entrou por iſſo meſmo a Santa em mayor ancia de vê-lo , e de lavá-lo. Em fim , moſtrou a enferma o pé , e nelle hum cancro taõ torpe , e taõ horrivel , que a todos occaſionou o mayor aſco, pois lhe tinha comido a carne , e entrava ja pelos oſſos , que ſe hiaõ deſpegando , e os dedos eſtavaõ para cahir. Lavou-o a Serva de Deos , alimpou com os dedos a materia , enxugou-lhe com a toalha o pé , e beijou o meſmo cancro com maravilhoſa humildade. Oh acçaõ maravilhoſa , e humildade profundiſſima , e digna de andar muito viva na memoria dos homens , para gloria accidental de taõ grande Santa , e confuzaõ das ſoberbas deſtes tempos. Deos Senhor noſſo tanto ſe agradou daquella acçaõ , que por ella quiz fazer ainda mais publica a maravilhoſa virtude daquella ſua Serva , permittindo que no meſmo ponto , em que lhe chegou com as maõs , alcançaſſe a enferma ſaude.

Lava os pés a muitas mulheres pobres.

Nota huma acçaõ de grande humildade , e hũ prodigio , que a ella ſe ſeguio.

46 A extenſaõ da caridade da noſſa Santa Rainha em o amor dos proximos fique em fim baſtantemente ponderada em a miſericordia grande , que exercitou com os pobres ; porèm o mais do dito neſte ponto ſe explicou com mayores vantajens em hum anno taõ fatal de fome , que padeceraõ os dous Reynos de Caſtella , e de Portugal , em que cahiaõ os homens mortos pela falta de ſuſtento ; pois, compadecida de neceſſidade taõ extrema , gaſtava ſeus theſouros em ſolicitar para os pobres alimentos , a preços taõ ſubidos , que lhe foy preciſo deſfazer-ſe de muita parte de ſuas joyas , e alfayas. Vendo os miniſtros de ſua caſa que dava tudo quanto tinha , lhe quizeraõ ir á maõ , reprezentando-lhe o aperto em que podia ver-ſe a ſua propria familia ; porèm era mais perſuaſiva a ſua laſtima para que deſſe , que a ponderada reprezentaçaõ de ſeus miniſtros , para que encolheſſe a maõ , e dizia : *Que naõ queria ſer complice em a morte daquelles , que podia matar a fome , podendo a evitar com o ſeu ſoccorro : e que quanto ao perigo de ſua familia , a deixava confiada na Divina Providencia ; porque naõ permittia a piedade Chriſtaã que ficaſſe ſem remedio huma calamidade certa , e preſente , pelo vaõ temor de outra contingente , e futura.* Diſpendeo com a redempçaõ de cativos quantidades immenſas , e ajudou com muitas , e grandes eſmólas aos Miſſionarios , que ſe occupavaõ na converſaõ dos idolatras , e Mahometanos. Com os enfermos pobres , em que ponderava ſua compaixaõ duplicados titulos para ſoccorrer ſuas miſerias , ſe explicou mais liberal a ſua piedade. Viſitava as caſas de hoſpitalidades muito a miudo , e ſem algum melindre ſe chegava ás camas dos enfermos , informava-ſe de ſeus achaques , confortava-os com a ſuaviſſima doçura de ſuas palavras , perſuadia-os para que fizeſſem aquelles achaques precioſos diante de Deos com a paciencia , e a muitos ſó com o toque das ſuas maõs veneraveis fazia recuperar a ſaude perdida , o que lhe naõ cuſtava pouca mortificaçaõ á ſua humildade. Finalmente , foy a noſſa Santa Rainha hum dos mayores exemplares de eſmóla , que a Igreja de Deos tem reconhecido , e a que com a gloria de ſuas piedades illuſtrou o bem imitado , e bem dezempenhado nome de Iſabel , que ſe lhe impôs em reverencia de Santa Iſabel de Hungria ſua tia.

Nota huma admiravel reſpoſta em abono da caridade.

Viſitava as caſas dos enfermos muito a miudo &c.

47 Naõ ſe eſtreitou a magnanimidade do coraçaõ de Iſabel ás margens de ſuas eſmólas , ainda que , havendo ſido taõ immenſas , parece que houveraõ de ter apurado o cabedal de ſuas rendas ; pelo que era vóz commũa de que nas ſuas

ſuas veneraveis maõs ſe multiplicavaõ as riquezas. Em o que ſe manifeſtou a ſua magnificencia verdadeiramente Real, e religioſa, foy em as mageſtoſas fabricas, que á honra de Deos, e de ſeus Santos, levantou a expenſas proprias, padroens certamente illuſtriſſimos, em que hoje ſe conſervaõ glorioſas ſuas memorias, ainda que a ſua liberalidade dezintereſſada, e ſua humildade deſprezadora de vaõs applauſos, tomou por ſua conta algumas fabricas de obras pias, que outros começaraõ, e naõ puderaõ concluir, ou porque lhes faltou o cabedal, ou porque a vida lhes faltou. Aſſim pois lhe ſuccedeo com o Convento de Almoſter, Villa diſtante duas legoas de Santarem, que principiou a fundar D. Berengala, ou Verengala Ayres, a qual, eſtando no ultimo periodo da vida, encõmendou á Santa Rainha a concluſaõ da tal fundaçaõ, o que ella fez com grandeza igual a ſeu animo, e deixando-lhe rendas bem baſtantes para ſuſtento das Religioſas, e á Fundadora toda a gloria, pois naõ permittio feneceſſe ſua memoria.

Funda o Convento de Almoſter.

48 O meſmo lhe ſuccedeo tambem na meſma Villa, com hum Hoſpital de meninos expoſtos, que principiando-o hum Biſpo da Guarda, o naõ proſeguio pela morte lhe cortar o fio da vida, o qual a noſſa Santa proſeguio, e concluio, para que nelle ſe expuzeſſem todos os que houveſſem na Cõmarca de Santarem, tendo-o principiado o dito Biſpo para hum certo numero. Acariciava a todos os meninos daquelle Hoſpital com carinhos de mãy mais amoroſa, pois fazia que as amas delles os levaſſem miudamente a ſeu Palacio. Em fim, era aquelle Hoſpital as delicias de ſeu coraçaõ ſummamente compaſſivo. Quando creſcidos aquelles innocentes, os fazia applicar a officios, ſegundo ſeus genios. A obra em que fez mais reſplandecer a ſua Real grandeza, foy a de Santa Clara de Coimbra. Principiou-a Dona Mór Diaz, donzella de muitas virtudes, e que deſprezando os deleites, e vaidades da vida, a dezejava fazer fóra do mundo, digna de alcançar huma ditoſa morte; razaõ porque ſe recolheo no Convento das Conegas Regulares de Santo Agoſtinho, em o qual quiz profeſſar, e o naõ conſeguio, pelos parentes a encontrarem, temeroſos de que profeſſando nelle, ficaſſe herdeiro das muitas riquezas que poſſuhia. Cedeo com effeito Mór Diaz aos rogos, e inſtancias com que ſeus ambicioſos parentes a pertenderaõ diſſuadir, pelo que tocava ao profeſſar, porèm ceder naõ quiz, pelo que ao ſahir do Convento tocava, pois nelle foy perſeverando com vida igual ao deſpego que moſtrava.

Fũda hum Hoſpital de meninos expoſtos.

Intẽta Mór Diaz a fundaçaõ de Santa Clara de Coimbra, e lha encontraõ os Conegos Regulares.

49 Paſſados alguns tempos, teve revelaçaõ de fundar hum Convento de Monjas Clarizas, em obſequio de Santa Iſabel de Hungria, de quem era devota em extremo. Pôs a revelaçaõ, ou a inſpiraçaõ, em execuçaõ, fundando-o da parte do Rio Mondego. Em pouco tempo ſe augmentou a obra muito, porque a applicaçaõ de Mór Diaz era grande, e o cabedal para os gaſtos era muito copioſo, e prompto. Oppuzeraõ-ſe á continuaçaõ da tal obra os Conegos Regulares de Santa Cruz de Coimbra, com o pretexto de que era Mór Diaz Conega ſua profeſſa, cauſa porque naõ podia diſpôr de ſeus bens ſem o beneplacito da Religiaõ. Tanto a inquietaraõ com renhidas demandas aquelles Padres, que, a juizo de muitos, perdeo entre ellas a vida de paixaõ. Ficou o pleito pendente, e muito difficultoſo o ajuſte, por eſtarem as partes contrarias muito afferradas ao intereſſe; metteo a noſſa Rainha Santa a maõ no ajuſte, e offerecendo aos Conegos certas conveniencias, ſe deo a cobiça por ſatisfeita, e tomando por ſua conta aquella fundaçaõ, nella gaſtou exceſſivos cabedaes, ampliando os edificios com mayor ſumptuoſidade, e mandando fazer nova Igreja. Aſſiſtio ao lançar a primeira pedra do fundamento della, acompanhada de muitos Miniſtros, e Prelados. Quando a vio com a perfeiçaõ material, procurou a ſua eſpiritual perfeiçaõ, conſeguindo do Miniſtro Provincial de S. Thiago, lhe deſſe Fundadoras do Convento de Santa Clara de Çamora, celebre em Heſpanha pela ſua grande ſantidade. Mandou-lhe o Provincial nove Monjas das mais celebres em virtude do dito Convento,

Compõem Santa Iſabel aos Conegos Regulares, e proſegue com a fundaçaõ do Cõvento.

Vem nove Fundadoras de Çamora para Santa Clara de Coimbra.

to, acompanhadas de Religiosos graves, que até Coimbra as trouxeraõ. Sahio-as a receber a Rainha Santa huma legoa fóra de Coimbra, acompanhada do Principe D. Affonso seu filho, de sua nora Dona Brites, e de toda a nobreza. Metteo-as de posse daquelle novo domicilio do Ceo, com duplicados jubilos de sua alma. Na primeira vez que no refeitorio comeraõ, as servio á mesa, e mais a Infanta, fazendo ambas com esta exemplarissima humildade mais sublime a soberania.

Funda hum Hospital junto ao mesmo Cõvento.

50 A hum lado do sobredito Convento erigio hum Hospital, em obsequio de sua tia Santa Isabel, para trinta pobres honrados, quinze homens, e quinze mulheres, partidas em duas partes as vivendas, sem communicaçaõ de huma para outra. Alcançou Bulla do Papa Joaõ XXII. para que pudessem ter hum Capellaõ com authoridade de Parocho, que lhes administrasse todos os Sacramentos, e os enterrasse sem dependencia alguma do Ordinario.

Manda fazer hũ Palacio, do qual fez doaçaõ ao Convento.

Junto ao Convento, e Hospital, mandou fazer hum sumptuoso Palacio para sua vivenda, pela grande consolaçaõ que lhe resultava de viver perto das suas Religiosas, e dos seus pobres. Fez doaçaõ do Palacio ao Convento, com a clausula de que nelle pudessem assistir sómente os Reys, e Infantes. Deixou tambem o Hospital ao Convento, naõ quanto ao dominio, sim quanto ao governo, com plenaria jurisdiçaõ ás Abbadessas de administrarem toda a fazenda, nomearem Capellaõ, e assignalarem os pobres. Andando pois toda engolfada na fabrica desta obra, lhe aconteceo o seguinte prodigio. Levava no regaço humas moedas de prata para dar aos officiaes, e encontrando-a ElRey, lhe perguntou que era o que alli levava. Respondeo a bendita Rainha que flores, e querendo ElRey averiguar a verdade, achou ser assim; porèm sabendo da maravilhosa transformaçaõ, ficou compungido, e mais devoto da sua Bendita esposa.

Nota hum grande prodigio.

Funda hum Recolhimento de mulheres arrependidas.

Traslada-o para Torres Novas.

51 Na Cidade de Coimbra fundou mais hum Recolhimento para as mulheres peccadoras, que arrependidas da sua depravada vida, quizessem servir a Deos de veras. Procurou Ministros exemplares, que as exhortassem á virtude, e as alentassem aos progressos della. Vendo que com effeito eraõ perseverantes, as trasladou para Torres novas com competentes rendas, mudança a que deo motivo a sua compaixaõ, pois vendo-as bõas, e arrependidas, lhe dohia de que tivessem tanto aos olhos as suas passadas torpezas, podendo viver em terra mais desconhecida mais consoladas.

52 Estavaõ ElRey D. Diniz, e a nossa Santa Rainha na Villa de Alemquer, empregados em dar a Deos as graças do ajuste, que de pazes haviaõ feito com seu filho o Principe D. Affonso. Entregando a Santa Rainha na mesma occasiaõ suas potencias ao descanso de hum doce, e aprazivel somno, lhe appareceo o Divino Espirito, dizendo: *Seria muito do seu serviço, e agrado, que em honra, e culto do seu Nome, fabricasse naquella Villa hum sumptuoso Templo.* Despertou a Santa com grandes jubilos de seu espirito, porque supposto hajaõ sonhos, que saõ fabulas que a fantazia compõem, com a monstruosa travassaõ de diversas especias, que os sentidos nella derramaõ; tambem ha sonhos, que saõ Oraculos, em que Deos manifesta ás vezes o beneplacito de sua vontade. E como foraõ extraordinarios os effeitos, que aquelle causou na sua alma de amor, de ternura, e de devoçaõ, naõ pode duvidar que fosse avizo do Ceo, o que sem estes effeitos poderia ser fabula, e illuzaõ da fantazia. Com o conhecimento pois de que era Obra de Deos, propôs logo comsigo o pô-la em execuçaõ.

Apparece-lhe o Espirito Santo em sonhos, e lhe manda erigir hum Templo.

53 Levantou-se mais cedo do que costumava. Mandou chamar hum Capellaõ para que lhe dissesse Missa. Nella pedio a Deos Senhor nosso, lhe inspirasse a forma da fabrica. No fim della se pôs em oraçaõ em a mesma supplica perseverando, e logo mandou chamar mestres de obras, para com elles communicar seus intentos. Disse-lhes quaes elles eraõ, assignalou-lhes o sitio, e os mandou a elle para que, na presença do terreno, lançassem melhor

lhor as ſuas linhas. Chegando pois os meſtres ao aſſignalado ſitio, acharaõ abertos os aliceríes á flor da terra, e deliniada em ſua demarcaçaõ toda a fabrica, ſegundo as melhores leys da arte. Ficaraõ os meſtres aturdidos com o prodigio, e voltando a dar conta delle á Santa, ficou cheya de admiraçaõ, e grande gozo, pois taõ claramente manifeſtava Deos Senhor noſſo o goſto, que daquella obra tinha, cuja idéa, e deliniaçaõ havia corrido por conta da ſua Providencia. Eſte portento certamente naõ podia occultar-ſe aos olhos dos homens, viſto haverem tantas linguas para a ſua manifeſtaçaõ, quaes as dos pedreiros, e tantas bocas, quaes as dos aliceríes. Naõ quiz ElRey dar fé a eſte ſucceſſo, ſem tirar enformaçoens authenticas de ſe antes ſe haviaõ viſto naquelle ſitio os taes aliceríes, e achou que naõ ſó na tarde, ſenaõ tambem na noite antecedente, ninguem havia viſto tal, e nem era obra, que pudeſſe eſtar occulta aos olhos do povo, por ſerem neceſſarios muitos dias para ſe abrir, a ſer feita por maõs humanas.

Prodigio admiravel ſuccedido na fabrica do Templo do Eſpirito Santo.

54 Ficou ElRey D. Diniz com o paſmo que ſe deve prezumir de milagre taõ eſtupendo, e dando graças a Deos por lhe fazer feliz ſeu thalamo com huma mulher, a quem abonava as virtudes com taõ portentoſos milagres. Sahio tambem a Santa a regiſtar o prodigio, e levantando as maõs, e os olhos ao Ceo para engrandecer as ſuas maravilhoſas obras, ſe arrebatou em eſpirito, e ſe ficou immovel por tempo de meya hora. Quiz Deos Senhor noſſo, que diante do muito povo, que prezente eſtava, ficaſſe mortificada a humildade daquella ſua grande Serva, com a publicidade daquelle extaſi, para que viſſemos todos os mortaes, que promptamente paga o obſequio, que ſe lhe faz, ainda que por tantos titulos taõ devido, com ſuperiores mercès. Tenhamos pois por certo, ó peccadores, de que quem fervoroſo, e obediente, põem em execuçaõ as Divinas inſpiraçoens, as engrandece, e ainda as occaſiona, empenhando de hum favor em outro mayor a piedade Divina; como pelo contrario os que enſurdecemos ás vozes das inſpiraçoens, embargamos, e de algum modo eſterilizamos a ſua liberalidade.

55 Como a noſſa Santa via ſer a obra tanto do goſto de Deos, ſolicitava com preſſa a ſua concluſaõ, e aſſim mandou ſe profundaſſem mais os aliceríes, porèm que nem hum apice ſe alteraſſe a planta. Hia ver as obras muito a miudo, e hum dia, que nellas eſtava, ſuccedendo paſſar huma moça com humas poucas de rozas, lhas pedio. Pôs-ſe a dar graças ao Creador dellas, e depois ſe chegou muito alegre para os officiaes, dizendo: *Eya, trabalhe-ſe hoje muito, porque a paga ha de levar vantajem aos mais dias, e lhes hei de pagar com a minha maõ.* Dito iſto, deo a cada hum huma flor. Tomaraõ-na os officiaes com reverente alegria, e feſtivos applauſos, celebrando a dadiva, como gracioſidade de ſeu agrado, e benignidade taõ eſtimavel em ſua ſoberania. Guardou cada hum a ſua flor, naõ como cobiçoſo, ſim como agradecido, e devoto, pois á viſta de tantas maravilhas, todos as julgavaõ com apreço de reliquias. Acabada a tarefa, quando foraõ alegres a ver a flor, ſe acharaõ cada hum com a ſua dobra de ouro, dinheiro que naquelle tempo corria. Paſmados do portento, ainda naõ davaõ credito á evidencia de ſeus ſentidos, e ſe informavaõ huns dos outros, pagando-ſe-lhes a ſoluçaõ das duvidas, naõ menos que a pezo de ouro. Correo a fama deſte raro prodigio, com a celebridade que mereceo a ſua extravagante excellencia.

Transformaõ-ſe em ouro humas roſas, que deo aos pedreiros. &c.

56 Noticioſo delle ElRey, vendo que aquella obra corria tanto á conta de milagres, quiz ter parte em o ſacrificio, offerecendo á fabrica muita quantidade do ſeu Real thezouro; porèm a Santa, que para os gaſtos tinha em ſeu Deos taõ fiel thezoureiro, rogou a ElRey deixaſſe correr a expenſas ſuas todas as obras. Vendo elle a ſua eſpoſa taõ ambicioſa de gaſtar, permittio que correſſe toda a fabrica por ſua conta; porèm naõ que a ſua liberalidade ficaſſe baldia, ou ſem exercicio, pois tomou a ſeu cargo a doaçaõ do Templo, que foy muito magnifica. Em breve tempo, finalmente, chegou a grande

de perfeiçaõ, e naõ ha para que admirar a brevidade, e o acerto em huma obra, em que á porfia trabalhavaõ milagres, e mestres. Cuidou ElRey nos retabolos, nos ornamentos, e nas alfayas da Sacristia, que tudo foy com magnificencia digna da sua Real grandeza. Celebrou-se a primeira Missa com solemnissima pompa, assistindo com os Reys toda a grandeza da Corte.

Instituio-se a Irmandade do Espirito Santo.

57 Com beneplacito dos Reys se fez huma Irmandade, ou Confraria á honra, e gloria do Espirito Santo, cujas festas tinhaõ principio no Domingo da Resurreiçaõ, com huma solemne prociſsaõ, a que chamavaõ a Imperial. Sahia do Convento de S. Francisco á Igreja do Espirito Santo, e se repetia todos os Domingos, que mediaõ entre as duas Paschoas de flores, e de Pentecostes. Na festa do Espirito Santo concluidos os sagrados cultos, que se faziaõ em tres dias com magestosa devoçaõ, principiavaõ festas seculares de corrida de touros, fortilhas, e canas, ás quaes concorria a nobreza de Lisboa, e de outras partes do Reyno, e em todas estas festas succederaõ em diversos annos estupendos milagres. Hum dos estatutos da Irmandade era, que se corressem sette touros, e que se repartissem pelos muitos pobres, que acudissem ás festas, para os quaes se consignou tambem na Villa cento e trinta fanegas de paõ cozido.

58 Tudo era pouco, considerada a multidaõ do concurso, porèm de tudo sobrava muito; porque em seu repartimento, por merecimentos da Santa Rainha, havia mais que humana providencia. Os milagres pois que se tocaraõ naquelles festivos concursos, foraõ singularissimos. Coziaõ-se os touros em caldeiras muito grandes, e em panellas como pequenas talhas, e succedeo muitas vezes romperem-se com a violencia do fogo humas, e outras, porèm sem derramarem huma gotta de agoa. Naõ se podia cozer toda a carne junta sendo tanta, e era preciso tirar-se a ja cozida para se metter a crua; porèm neste trafego de carnes, nem minguava, nem se vertia o caldo. Ao tempo do repartimento, sendo ao juizo dos cozinheiros impossivel que alcançasse ao excessivo numero dos pobres, a experiencia desmentia seu juizo; porque depois de ficarem fartos, sobrava muito para novas refeiçoens.

Descem linguas de fogo a accender a lenha em que se fazia o comer dos pobres para confuzaõ de hum incredulo.

59 Contavaõ estes milagres em tempo de ElRey D. Duarte, que assistia com sua Corte os mais annos a esta festa; porèm o cozinheiro, que tinha estragado o gosto da devoçaõ para a fé destes milagres, quiz como incredulo fazer experiencia. Fez alimpar com especial cuidado o sitio, que havia de servir de lugar para as caldeiras, e panellas, encheo-as de todo o necessario para o cozimento, dispôs por sua maõ a lenha para dar lhe fogo a seu tempo, juntando como de aposta testimunhas, que qualificassem de razonavel sua incredulidade, e estando com esta tenacidade, viraõ todos que descendo linguas de fogo, accenderaõ a lenha, e com a eloquencia de suas luzes confundiraõ a dureza, e perfidia do cozinheiro, que convencido com a efficacia de taõ estupendo milagre, se fazia tambem linguas para publicá-lo com arrependimento da sua imprudente incredulidade. Em confirmaçaõ de quaõ agradavel foy aos olhos de Deos a dedicaçaõ deste Templo, e o fervoroso zelo da Santa Rainha, em a suprema adoraçaõ, e culto do Espirito Santo, succedeo nos seguintes annos o milagre seguinte. Offerecia todos os annos a nossa Santa Rainha hum cirio de cera muito grande, para que em os tres dias de Pentecoste, e em as festas mais solemnes do anno, ardesse no Altar Mór do Templo. Picou hum anno em Alemquer huma contagiosa epidemía, de que morria muita gente, e correndo a vóz de que estava o lugar apestado, começaraõ os lugares circunvizinhos a retirar-se de seu cõmercio. Affligido com isto o povo, fizeraõ huma prociſsaõ, na qual levaraõ accezo o cirio da nossa Santa, e tiveraõ taõ feliz successo as suas rogativas, que desde o ponto que a prociſsaõ sahio melhoraraõ os enfermos, e cessou inteiramente a epidemía pestilente.

60 Todo o tempo que durou a obra, (como pondera Cornejo) se via huma

hum milagre da sua humildade, abonado com outros muitos milagres de sua santidade admiravel. A hum lado da Igreja do Espirito Santo corre o rio, que banha os campos de Alemquer, em cuja margem tinha a Santa hum Palacio, ou quinta, a que se retirava para os seus espirituaes exercicios. Baixava-se ao rio com o pretexto da recreaçaõ, naõ para ver se em o lizonjeiro crystal de suas agoas, senaõ para lavar com suas maõs os pannos dos pobres do Hospital. Quem póde negar, que em tanta soberanía seja este da humildade hum milagre? Para chegar ao apice supremo de heroica huma humilhaçaõ, ha de nascer da grandeza; porque os que nasceraõ em baixa fortuna, tem o mais andado para serem humildes; porèm os que tiveraõ alto nascimento, tem muito que baixar para se humilharem. Ditosos sois, ó mortaes, os que achando vos pelo sangue, ou pelos postos subidos a essas alturas, vos servis da firme escada dos dezenganos, para vos baixardes humildes a tocar na terra do vosso principio, e o certo he, que com isto baixareis, para á mayor eminencia subir: e bem podeis estar seguros de que a luz da vossa grandeza, tocando em as cinzas do vosso proprio conhecimento, naõ só naõ se apagará, senaõ que se melhoiará em estimaveis resplandores.

Cornejo Chronica da Ordem de S. Francisco na vida da Santa.

Lava com suas proprias maõs os pannos dos Hospitaes. &c.

61 Lavava a nossa Santa Rainha no rio os ascorozos pannos do Hospital; e ainda que como humilde procurava acautelar-se neste exercicio, naõ bastava a sua cautela para deixarem de saber-se os seus humildes empregos; porque era muito lince a curiosidade alheya, que lhe seguia seus movimentos, cevada em as noticias de sua admiravel virtude. Parece naõ quer Deos Senhor nosso que fiquem occultas, e submergidas no cáhos do esquecimento as virtudes dos que nasceraõ em o mundo grandes; porque he incomparavel o fructo, que dos seus exemplos resulta, e com elles compensaõ os damnos, que os vicios de outros grandes fomentaõ com seus escandalos. Eraõ muitas as testimunhas conspiradas a publicar esta humildade exemplarissima, e aonde saõ muitas as testimunhas, pouco lugar tem a cautéla, nem o segredo. Os pannos, que lavava, eraõ testimunhas, porque fora pouco, que de suas maõs sahissem com limpeza, se naõ levassem tambem pegada a contagioza graça da saude, que no Hospital se dava a conhecer com milagrosos effeitos.

Continua.

62 Era tambem testimunha o rio, de cujas agoas a lingua, esquecida do vicio da murmuraçaõ, se derramava em seus louvores, agradecido da virtude da saude, que lograva com o contacto de suas maõs, graça que lhe pôs a prezumpçoens de ser emulo do Jordaõ. Arrojavaõ-se pois naquellas agoas os enfermos, e conseguiaõ remedio nas suas enfermidades, como diz por estas palavras na vida que da nossa Santa escreveo o Illustrissimo Bispo do Porto D. Fernando Correya: *Em quanto corriaõ as obras da Igreja, corriaõ tambem os milagres em o rio; porque honrando a Santa Rainha as suas prateadas margens, para lavar os pannos do Hospital, em virtude do contacto de suas maõs, saravaõ muitos enfermos de doenças incuraveis: os cegos viraõ, os tulhidos andaraõ, sararaõ os leprozos, gozando aquelle feliz rio effeitos do Jordaõ sagrado.*

No rio em que lavava os pannos se viaõ claros milagres.

63 Achava-se a Santa Rainha na Cidade de Coimbra com summo desprazer, occasionado das muitas turbaçoens em que estava o Reyno, por causa da ambiçaõ do Principe D. Affonso, que esquecido do juramento que havia dado, como ja dissemos, tomou novamente armas contra seu pay. Esta injustiça, e outras, que mais se publicaraõ a este Reyno, estava lamentando a nossa Santa Rainha, que tomou por Advogada, e Protectora de tantas calamidades (quantas as historias deste Reyno contaõ) á verdadeira Mãy de misericordia. E como naquelle tempo começasse a tomar voo a devoçaõ do dulcissimo Mysterio da sua Immaculada Conceiçaõ, dezejava merecer a sua piedade com algum obsequio, que ampliasse seu culto. Para este intento teve devotas conferencias com o Bispo de Coimbra D. Raymundo, que como Varaõ douto, e de virtudes insignes, ouvio com approvaçaõ a devota proposta da Santa Rainha.

Procura a veneraçaõ do Mysterio da Cõceiçaõ.

64 Pe-

64 Pedindo efte tempo para entrar em hum negocio taõ grave, determinou obrigar a Maria Santiffima, para que foffe medianeira com feu Santiffimo Filho no remedio de tantas, e taes calamidades, fazendo promulgar huma Conftituiçaõ, na qual mandava, que em todo o feu Bifpado no dia oito do mez de Dezembro fe celebraffe fefta á Immaculada Conceiçaõ da Virgem Maria. Na Igreja Cathedral de Coimbra fe celebrou a primeira vez a tal fefta, com advertencia, que foy a primeira que fe celebrou no mundo ao Myfterio da Conceiçaõ, e della paffou, e fe derivou a todas as Cathedraes do Reyno, com grande gloria da noffa Rainha Santa, e daquelle virtuofo Bifpo, que zelofos da mayor honra de Maria Santiffima, lhe confagraraõ efte reverente obfequio. No tempo em que fe promulgou efte Decreto, eftava a Santa Rainha em Lisboa, e gozofa do bom effeito, que com o Bifpo tivera a fua devota conferencia, que conftaffe o cordial amor, que tinha ao dulciffimo Myfterio da Conceiçaõ Immaculada, em alguma demonftraçaõ taõ cuftofa, como duravel. Eftava pois a noffa Santa dando fim á fabrica do Templo da Santiffima Trindade, e na Igreja delle levantou huma fumptuofa, e magnifica Capella, dedicada ao fagrado Myfterio. Com efte foberano exemplar fe propagou a devoçaõ defte Myfterio nefte Reyno. Triunfo certamente gloriofo, e naõ o menor entre os mayores, que fazem doce a memoria da noffa Santa Rainha.

Na Igreja Cathedral de Coimbra fe celebrou a primeira fefta da Conceiçaõ.

65 O ardentiffimo zelo, que Santa Ifabel tinha do bem publico defte Reyno, entaõ eftragado com os infultos de civis guerras, a trazia em hum continuo movimento de huns para outros lugares, em que houveffem Imagens milagrofas, ou devotos Santuarios. Com efte fim pois, fahio de Lisboa para Santarem, a rogar a Santa Iria alcançaffe de Deos mifericordia, com o eftabellecimento da paz para efte Reyno. E como as excellencias de fuas heroicas virtudes, hiaõ de dia em dia com mayores augmentos, as qualificava Deos com mayores milagres. Vejamos pois hum, que foy a todas as luzes maravilhofo, e eftupendo.

Sahe de Lisboa em direitura a Santarem, onde lhe moftra Deos o occulto tumulo de Santa Iria.

66 Ouvio a Santa a prodigiofa hiftoria de Santa Iria, a quem havendo-a fepultado a crueldade, para occultar feu delicto, em a profundidade do Rio Tejo, quiz Deos que entre feus cryftaes fabricaffem os Anjos maufoleo; e chegando-fe ao fitio em que efte eftá, fegundo a tradiçaõ, fe accendeo em vivos dezejos de ver efta maravilha. Confeguio-os com effeito, pois quiz Deos Senhor noffo que as agoas lizonjeiras a feu dezejo, e á fua virtude, reverentes fe dividiffem, deixando franca a entrada, para que chegaffe a regiftar o fepulchro ja patente, corridas as liquidas cortinas, que occultavaõ feu rico depofito. Ficou a noffa Santa pafmada, quando vio pendentes, e detidas as correntes, que apreffadas antes fe precipitavaõ, e que formavaõ da fua inconftante prata hum caes de ouro em as enxutas areas, para que chegaffem a lograr feus dezejos a fua devoçaõ. Sufpendeo-fe a Rainha Santa, e reputando-fe por indigna de favor taõ foberano, naõ queria entrar pelo caminho, que o Ceo lhe affinalava. Porèm, fazendo reflexaõ de que feria deixar inutil, e fem fructo aquelle grande prodigio, fe fe deixaffe vencer do encolhimento da fua humildade, entrou ouzada a lograr as cortezanias do Tejo com a fua comitiva. Quanto alli viraõ foy maravilha, pois a fabrica do maufoleo era taõ primorofa, que excedia a toda a arte da humana induftria, moftrando fó fer obra da idéa Angelica. Defcobrio-fe-lhe o virginal thefouro, que occultava taõ preciofa arca, e vio fe taõ inteiro, taõ florecente, e taõ incorrupto, como fe naõ houveffem por elle paffado tantos feculos, tendo banhada a neve de fua garganta com a purpurea de feu fangue.

67 O rio, que fufpendeo feu curfo para manifeftar efta incorrupçaõ milagrofa, pudera glozar-fe fua fufpenfaõ a pafmo, quando á vifta de tamanho prodigio corriaõ tantos rios de lagrimas, quantos eraõ os olhos que o viaõ, e eftiveraõ como fobradas fuas correntes. Adorou a Santa á Santa Martyr,

e louvando

e louvendo a Deos admiravel em feus Santos, fe pôs em oraçaõ largo tempo, porque, fufpenfas as reliquidas correntes, deraõ lugar para que fe fizeffe comprida, e efpaçofa a vifita, defde a meya tarde, até que o fol fe queria fepultar em feu occazo. Entaõ a Santa Rainha levando diante de fi fua comitiva, tomou o caminho de terra, e ja livres as agoas do feu embargo, começaraõ a cobrir ambiciofas o feu antigo thefouro; porèm com paffo taõ lento, que obfervavaõ os que a Santa dava, para occupar o lugar que feus pés dezembaraçavaõ. Hia em feguimento da Santa Rainha hum menino, com paffo mais pirguiçofo, que o que permittiaõ as preffas com que o Tejo hia defmontando fuas agoas, e eftas o forveraõ, e fepultaraõ na fua rapida corrente. Eftava a mãy obfervando de fóra tudo, e vendo a fatalidade de feu filho, dava laftimofas vozes, chorando, de que fó para ella foffe defdita, o que havia fido felicidade para tantos, aquella tarde. Chegaraõ os triftes clamores da mulher aos piedofo ouvidos da Rainha, que ja caminhava para a Villa, e arrebatada dos impulfos da fua compaixaõ, e mais dos fervores da fua fé, pedio á Santa Martyr, que alcançaffe de Deos a vida daquelle menino, e que dia taõ fantamente feftivo naõ era bem foffe defluftrado com hum azar taõ laftimofo. Ouvio o Senhor as fuas affectuofas oraçoens, e o Tejo bem achado com o ferviço da fua Rainha, repetio o obfequio, dividindo fuas agoas, e entregando ao menino vivo, e faõ.

Fica entre as agoas hum menino, que entrou com a Santa a ver Santa Iria.

Refufcita o menino Sãta Ifabel

68 Em memoria de taõ eftupendos milagres, e em obfequio da Santa Martyr Iria, de quem era a Rainha Santa devotiffima, mandou levantar junto áquelle fitio hum Real, e magnifico Padraõ, que encõmendaffe á pofteridade taõ admiraveis fucceffos, e affignalaffem o lugar certo, em que eftá cuberto das agoas o fanto fepulchro, que eftava de todo efquecido. Efte Padraõ permanece com nova maravilha, pois fendo tantos os eftragos, que ha occafionado o Tejo com as fuas impetuofas inundaçoens, parece que refpeitofo venera a eminencia defte Padraõ, izento, e privilegiado de fuas furias.

69 A fette de Janeiro do anno de mil e trezentos e vinte e cinco, levou Deos Senhor noffo para fi, depois de huma dilatada enfermidade, ao magnanimo Rey D. Diniz, tendo para a felicidade da fua bõa morte á noffa Santa Rainha por Agonizante. Depois de ordenar fe puzeffe o cadaver com a decencia devida, fe retirou com fuas damas ao Oratorio, onde dezaffogou a fua jufta dor, pagando á natureza o tributo de fuas lagrimas, que faõ os mais abonados teftimunhos de hum verdadeiro amor. Cortou os cabellos, demonftraçaõ taõ myfteriofa, como funefta, pelas varias intrepretaçoens que daõ as Divinas, e humanas letras a efte defpojo. A fua mais principal fignificaçaõ he a do defprezo, e efquecimento das vaidades do mundo, e hum facrificio, que faz a Deos a alma Santa até dos mais leves penfamentos nas aras do defengano. Largou todas as Reaes veftiduras, e veftio hum pobre habito de Santa Clara, que cingio com hum groffeiro cordaõ, e cobrio a cabeça com hum véo branco. Elegeo efte traje na fua viuvez, porque lhe ferviffe de luto, e de mortalha, para fignificar que ficava morta ao mundo, ficando amortalhada, e viva aos defenganos, trazendo á vifta nas cinzas do fayal fuas lembranças. Naõ deixou de motivar grande fufto no povo aquella devoçaõ extravagante, e como todo nafcia dos receyos de que tomaffe a refoluçaõ de viver em clauzura, a Santa com publicos proteftos lhe tirou todos os receyos.

Fica a Santa viuva.

Cortou a Santa os cabellos, e fe vefte do habito de Santa Clara

70 Deixou ElRey o fepultaffem no Real Convento de Odivellas, para onde o levaraõ depois de embalfamado, acompanhando o feretro em taõ larga, e funefta viagem, a Santa Rainha com o Infante D. Affonfo feu filho, os dous filhos baftardos do defunto, o Conde D. Pedro, e D. Joaõ Sanchez, com a comittiva de Prelados Ecclefiafticos, e dos mais illuftres Fidalgos da Corte. Chegaraõ a Odivellas, aonde, por ordem, que a Santa Rainha tinha dado, efperava o Arcebifpo de Lisboa com todo o Clero, e concurfo de Religioens, que celebraraõ as Exequias com mageftofa pompa; porèm

Sepulta-fe ElRey em Odivellas com affiftencia da Sãta Rainha.

funestissima, porque tinha a dor, e a tristeza duplicados motivos á vista do seu Rey defunto, e da sua Rainha viva amortalhada: e sendo esta a vida, que a todos ficava para consolaçaõ, lhes era de grande dor o vê-la vestida com os despojos da morte. Portou-se em fim a invicta Rainha taõ senhora de si, e de seus sentimentos, que, a naõ escrever o coraçaõ suas penas no papel de seu rosto com a seriedade de suas lagrimas, pudera passar praça de insensibilidade sua constancia.

71 Acabadas as exequias, cuidou logo em dar á execuçaõ o testamento de ElRey, com a pontualidade que se deve prezumir da sua grande santidade. E como deixasse hum grande legado á Sé Apostolica, delle deo parte á Summa Cabeça da Igreja, que era Joaõ XXII., o qual escreveo á Santa Rainha o pezame, pedindo-lhe juntamente se conformasse com a Divina vontade, exornando a carta com os mayores elogios em louvor do defunto, e della.

Vay a Rainha Santa a S.Thiago em obsequio da alma de ElRey seu marido.

72 Como o amor he o mayor engenheiro das finezas, para obsequiar a quem ama, engenhou o amor da nossa Santa para seu marido huma fineza taõ nova, como peregrina, tomando, para allivio de suas penas, a resoluçaõ de ir em romaria a visitar o sepulchro de S.Thiago, com a applicaçaõ dos precizos trabalhos de viagem taõ prolixa por suffragio de sua alma. Dispôs esta grande peregrinaçaõ, mais devota, que ostentoza, como quem amava mais a edificaçaõ, e o exemplo, do que a vangloria, e o applauso. Elegeo para esse effeito muitas pessoas de ambos os sexos, e todas exemplares, e sahio de Odivellas com aquelle segredo, de que faz tanta estimaçaõ a verdadeira humildade. Dezejava muito chegar a S.Thiago desconhecida, porèm tem a santidade muitas luzes que a publiquem, e ainda os mesmos silencios da humildade a descobrem. Caminhava semeando exemplos, e milagres, que eraõ outras tantas vozes, que convidavaõ a ver a peregrina: e ainda que no pobre, e penitente habito, que vestia, parece que podia desparecer-se a Magestade, a achava a attençaõ escrita com caracteres de respeito, e veneraçaõ em sua frente.

Dá vista a huma cega no caminho.

73 Na Villa de Arrifana lhe sahio ao caminho huma mulher com huma filha cega à nativitate, e lançando-se aos pés da Santa peregrina, lhe pedio com muitas lagrimas tocasse com suas maõs os olhos daquella enferma. Huns Authores dizem, que ao contacto das maõs recebera saude; e outros affirmaõ, que naõ a recebera senaõ passados alguns dias, e se assim foy, suspendeo a poderosa maõ de Deos seu influxo por algum tempo em este milagre, porque a humildade de sua Serva naõ se atormentasse com a vóz dos applausos. Proseguindo a sua santa peregrinaçaõ, em distancia de huma legoa se apeou da liteira, e beijando a terra com devoçaõ affectuosa, caminhou a pé em reverencia do Santo Apostolo até entrar na Cidade. Dous dias esteve a Santa encoberta, e no dia do Santo, que foy o terceiro, foy descoberta. Deo ao Santo Apostolo huma coroa de ouro, enriquecida de pedras preciosas. Hum docel de chamalote carmesim com bordaduras de ouro de tres altos, e guarniçaõ de perolas em todas as suas çanefas. Hum requissimo Pontifical para o serviço da Missa. Os vestidos mais preciosos, que foraõ em seus floridos annos lizonja de sua formosura, e tormento de seus desenganos. Muitas peças de prata, que serviraõ á ostentaçaõ de sua grandeza, applicadas com melhorado emprego ao culto dos Altares. Huma grande quantidade de dinheiro para a fabrica do Templo, e para o soccorro dos pobres ao prudente arbitrio do Arcebispo.

Grãdes offertas que fez ao Santo Apostolo.

Dá-lhe o Arcebispo de S.Thiago hum bordaõ, e huma bolsa &c.

74 Recebeo este taõ grandes offertas em nome do Santo, e lhe deo hum bordaõ engastado em prata, coroado no remate com huma pedra preciosa. Huma bolsa de aleonada cor, em que estavaõ bordadas de seda de huma parte a Imagem do Santo Apostolo, e da outra huma concha, insignia do mesmo Santo. Estimou a nossa Santa muito as dadivas do Arcebispo como reliquias,

e com

e com estimaçaõ de taes as teve sempre. Beijou-lhe a maõ com profunda humildade, e naõ por ceremonia. Correo a vóz em Galliza deste prodigio de desenganos, deste milagre da humildade, desta maravilha da devoçaõ, e concorriaõ naõ a ver com curiosidade a huma Rainha peregrina, sim a verem com devoçaõ a huma Santa, de quem todavia se naõ admiravaõ muito, pois ja a fama de suas heroicas virtudes havia defraudado antes as admiraçoens. A mayor nobreza da Cidade sahio a acompanhá la quando voltou, muito contra vontade da humilde Santa, que, como tal, pouco apreço fazia de similhantes lizonjas. Oh se acabassem de reconhecer os mortaes, e principalmente os grandes senhores, que o mais firme apoyo de suas veneraçoens, saõ o agrado, e a humildade, precioso esmalte de sua grandeza. Havendo em fim deixado a Cidade edificada com os seus bons exemplos, e cheya de fama de suas virtudes, e magnificencia, a mayor parte de Hespanha, de cujos Reynos, e Provincias concorreraõ muitos peregrinos, partio para este Reyno. Ao passar pela Arrifana lhe sahio ao encontro a mãy da cega, que ja gozava a dezejada vista, que agradecendo-lhe taõ grande beneficio com as demonstraçoens que pode, ella como taõ discreta, e humilde, lhe disse com agrado: *Agora verás, que foy bom o meu conselho, de que recorresses a Deos, que he a fonte de todos os bens, pelo remedio de teus males. Dou-te muitos parabens, de que se te lograssem as oraçoens, que eu em este cazo naõ pude pôr mais que os dezejos, que me deo a compaixaõ de ver cega a essa menina. Cria-a bem, para que seja a Deos muito agradecida, e toma para ajuda de a pores em estado esta esmóla.*

Resposta que a Santa deo, quando se lhe agradeceo hum milagre que fez.

75 Naõ he justo omittir aqui hum singular prodigio, que o Padre Escobar escreve da nossa Santa, que passou assim, segundo a tradiçaõ. No Termo da Arrifana se sentou ao pé de huma fonte a descansar do trabalho, que lhe occasionou taõ prolongado caminho. Estava no mesmo sitio huma larangeira, da qual tirou huma laranja, que alli mesmo comeo, e das suas pevides nasceo huma, cujas folhas, cujas flores, e cujas laranjas expressaõ as Quinas de Portugal; porque no plaino de suas folhas se vem cinco pintas postas em a ordem, que se pintaõ as ditas Quinas. As flores tem cinco folhas, e as laranjas cinco pevides. O prodigio he certamente grande, e naõ por isso deve deixar escrupulos á incredulidade, pois a Santa, e a quem se attribui, deixou obrados em apoyo da sua virtude outros ainda mais portentosos.

Nota hum raro prodigio.

76 Sahindo a nossa Santa de Santarem para Lisboa, lhe appareceo hum Ermitaõ naõ conhecido, que lhe disse: *Senhora, vossa filha Dona Constancia, Rainha de Castella me appareceo, e me manda diga a Vossa Magestade, que está padecendo no Purgatorio acerbissimas penas, e que o meyo de sahir de seus tormentos a gozar da Bemaventurança, será que Vossa Magestade compadecida, mande se lhe diga dentro de hum anno todos os dias huma Missa por algum Sacerdote de conhecida virtude.* Ficou a Santa taõ suspensa com a noticia, que naõ fez se detivesse o Ermitaõ. Dezembaraçada sim daquella primeira turbaçaõ, e do natural sentimento (de que naõ se izenta por privilegio algum, nem a virtude mais sublime, nem a Magestade mais Suprema) fez reflexo no successo, e chegando á Villa de Azambuja, mandou que se fizesse toda a diligencia pelo Ermitaõ, de que nenhuma noticia se achou. Encõmendou as Missas a seu Capellaõ o Padre Fernando Mendes, Sacerdote de vida exemplar, que as satisfez com summa devoçaõ. Hum anno as continuou, e no ultimo dia delle lhe appareceo em sonhos Dona Constancia, vestida de huma roupa talar, cuja brancura excedia aos mais puros arminhos, e banhada em resplandores de gloria, deo á Santa Rainha as graças da misericordia, que com ella havia obrado, tirando-a por meyo das Missas do tormento de suas penas, para ir a gozar de Deos por eternidades. Contou a ElRey (que ainda era vivo) o sonho, porèm delle fizeraõ pouco cazo, pois distrahidos ambos na variedade de negocios, se naõ lembravaõ de se estava, ou naõ con-

Apparece-lhe hum Ermitaõ, e lhe revela o Purgatorio de sua filha Dona Constancia.

Apparece-lhe gloriosa dando-lhe graças &c.

cluido o anno. No outro dia de manhaã lhe declarou o Capellaõ o como estava completo o anno, com cuja noticia ficou cheya de jubilo, e admiraçaõ, vendo ao mesmo tempo decifrados os mysterios do Ermitaõ, e os Oraculos do alegre somno, e conheceraõ que todos foraõ celestiaes avizos para consolaçaõ dos Reys, que estavaõ muito lastimados com a morte de huma filha, que deixou o mundo na florida idade de vinte e tres annos, opprimida de calamidades, e ficaraõ muito gozosos, sabendo que deixou a Coroa temporal de Castella, pela eterna Coroa da Gloria.

Apparece-lhe Christo em traje de pobre leproso.

77 Ja dissemos em lugar mais proprio algumas maravilhas, que a nossa Santa fez em obsequio da caridade, e agora diremos hum notavel prodigio, que pela mesma causa lhe aconteceo, que passou assim. Estava a Santa em Coimbra, [ainda em vida de ElRey] e mandando dar pelo seu esmoler a esmóla quotidiana, entre os pobres que a ella acudiraõ, foy hum chagado, e leproso, que motivou grande compaixaõ ao esmoler. Perguntou lhe este se aquelle seu mal teria ainda cura, e respondeo, que só huma lhe occorria, a qual era a de descansar hum pouco na cama de ElRey. Ficou o esmoler pasmado com appetite taõ extravagante, e contando-o á Santa Rainha, ella abrazada em caridade o levou á cama de seu marido. Naõ faltou quem desse parte a ElRey do successo, porque nunca os Palacios carecem de mexirisqueiros, e logo foy reprehender com aspereza a sua Santa esposa. Quiz ella dar alguma desculpa, porèm naõ a querendo elle ouvir, correo a cortina da cama, e ficou corrido, admirado, e confuzo, quando vio a cama cercada de luzes, e a nosso Senhor Jesus Christo lançado nella. De cuja vizaõ resultou á Rainha Santa o mayor jubilo, e o dizer-lhe ElRey, que se atè li dava muitas esmólas, muitas mais desse dalli em diante, ainda que empenhasse a sua Coroa Real.

Revela-se-lhe o apparecimẽto de N. Senhora das Dores.

78 Entre as terras, que Santa Isabel possuia, e que ElRey lhe dotara, eraõ as que abraça hoje o termo da Villa de Dornes. Nellas tinha por feitor a hum virtuoso homem, por nome Guilherme de Pavia, que muitas vezes hia a Coimbra dar parte à Rainha Santa da fazenda que administrava. Em huma occasiaõ lhe disse: *Guilherme, que vay lá de novidade nas minhas terras?* E elle respondeo: *Senhora, o que lá vay he, que da banda da terra do rio Zezere, se houvem huns ays, e suspiros muito dolorosos, e naõ sabemos o que vem a ser.* Ao que a Santa tornou, como quem tinha ja revelaçaõ de tudo: *Esses suspiros, e vozes, que se ouvem, saõ de nossa Senhora das Dores, ide, buscay-a, e levay-a para as minhas terras, aonde lhe fareis huma Igreja, e se lhe fundará huma Villa, a que chamaraõ a Villa das Dores.* Recolheo-se Guilherme para sua casa, fez diligencia no sitio dos gemidos pela Veneravel Imagem, que achou na serra da Vermelha, tão aspera, que muito poucas vezes a passaõ os lavradores com seus gados. Estava, e está esta Santa Imagem com seu Santo Filho nos braços, no passo em que o teve no regaço, quando Nicodemus, e Jozé o desceraõ da Cruz. A terra em que se achou era de Malta, e o devoto Pavia a levou para as da Rainha Santa, onde lhe edificou huma Igreja, e huma Villa; e assim como o determinou a Santa Rainha, se lhe pôs o nome da Villa das Dores, que pelos annos adiante se corrompeo em Dornes, como hoje se chama.

Exercita-se depois de viuva em exercicios sãtos, e obras de piedade.

79 He o pulso do santo amor a diligencia, e actividade em o exercicio das virtudes, em cujo continuo movimento consiste a saude da alma, como ao contrario, quando pulsa a pauzas, saõ indicio mortal de que acaba a vida, e se apaga seu incendio. Na vida desta grande Santa temos visto as actividades do seu santo amor em hum perpetuo giro de santas opperaçoens, sem permittir hum ponto de ociosidade. Pouco fora em hum espirito taõ elevado conter-se nos termos em que atè aqui havia vivido, se em o novo estado da viuvez, achando opportunidade para adiantar suas virtudes, a naõ lograsse com novos, e com mayores fervores. No estado do matrimonio teve sua

sua virtude de algum modo preza, e reduzida a limitados exercicios. Naõ com pouca mortificaçaõ desta mesma virtude, que recluza em seus dezejos padecia de naõ fazer, e de naõ fazer fundava meritos, pelo que em esta forçoza calma padecia. Nasciaõ estas limitaçoens da obrigaçaõ do estado, sujeita á obediencia, e gosto de seu marido; porèm roto ja o vinculo do matrimonio, posto em liberdade seu espirito, se deixou levar do impulso de seus fervores, que tinha reprezados em seus dezejos. Chegou á Cidade de Coimbra, e antes de entrar em seu Palacio, visitou a suas amadas Religiosas de Santa Clara, que vendo-a em seu mesmo habito, gozavaõ á satisfaçaõ os favores de seu carinho, sem aquelles encolhimentos, que antes lhe occasionava o fasto respeito da Magestade. Houve de huma, e de outra parte pezames, e parabens, lagrimas, e alegrias, medidas todas á variedade das cauzas; porèm todas filhas da verdade, e do affecto, sem mescla de lizonja, nem de affectaçaõ. Disse a Santa Rainha, que hia para ser sua companheira, e discipula em a escóla das virtudes, com animo de redimir o tempo que havia perdido em as vaidades. As Religiosas se confundiaõ com esta taõ profunda humildade, confessando o muito que devia aquella Cõmunidade em sua perfeiçaõ aos seus Reaes exemplos. Despedio-se a Rainha Santa com singulares demonstraçoens de agrado, e de carinho, e as Religiosas ficaraõ celebrando gozosas a dita de terem taõ perto a sua amantissima, e muito amada Patrona.

80 A primeira diligencia que a nossa Santa fez em Coimbra, foy desfazer-se das mais preciosas alfayas de vestidos, télas, e prata que tinha, sacrificando tudo ao culto dos Altares em diversas Igrejas, e Conventos pobres; porque tudo aquillo, que servio á pompa da sua grandeza, para cumprir com a vaidade do mundo, ficasse consagrado a Deos pelo dezengano. Coube ao Convento de Santa Clara a mais preciosa parte deste despojo, pois o enriqueceo com muitas peças de ouro, e prata, em calices, candieiros, e em outras alfayas de muito valor. Entre estas foraõ muito particulares, assim em o primor dos feitios, como na preciosidade da materia, doze meyos corpos de Apostolos de prata, e duas estatuas inteiras de Christo, e Maria do mesmo metal, guarnecidas de preciosas perolas. Feita esta piedosa diligencia, se applicou toda á concluzaõ da fabrica do dito Convento de Santa Clara, onde erigio o seu sepulchro em huma alta tribuna; e succedeo nesta fabrica huma maravilha grande, porque ao tempo de subir a urna se acharaõ os mestres, e officiaes muito embaraçados, porque o seu grande pezo, e a estreiteza da escada, naõ davaõ lugar a que pudessem os poucos que cabiaõ, applicando todas as forças, subir a urna. Acharaõ-se os homenes afflictos, porque lhes parecia preciso o demolirem a escada, que era muito primorosa, e de muito custo, para poder collocar a urna em seu lugar. Quiz a Rainha Santa ver em que consistia a difficuldade, e achando nascer da falta de forças dos poucos homens que nella podiaõ pegar, applicou o baculo de peregrina á urna, e disse para os homens: *Eya, que bem podeis.* A applicaçaõ do baculo teve tal virtude, e efficacia, que alligeirou tanto o pezo, que subiraõ a urna, naõ só sem trabalho, senaõ com descanço. Todos conheceraõ a evidencia do milagre, e a Santa com discreta humildade, e modesto rizo dizia: *Deixai-vos de boberias, que alguma desculpa haviaõ de dar os peoens da sua froxidade, e fraqueza, ainda que naõ fora muito de estranhar a virtude no baculo, que trago em reverencia do meu Apostolo S. Thiago, em cuja intercessaõ tenho fè para mui certos milagres.*

Desfaz-se das alfayas que tinha em obsequio da piedade.

Nota.

81 A norma de vida, que a nossa Santa fez neste retiro, para seu espirito muito delicioso, foy mais de Religiosa mortificada, que de Senhora secular virtuosa. A's inspiraçoens, que tinha de seguir a Christo com a Cruz da penitencia, deo franco, e inteiro cumprimento, livre ja dos sebresaltos da censura, que antes tinhaõ encolhida, e acobardada sua devoçaõ. Jejuava as Quaresmas, e os mais dias, que deixamos dito, porèm com mais rigorosida-

Vida que faz no estado de viuva.

de.

de. Era seu cilicio quasi continuo, e de muita aspereza. O seu somno muito escasso; porque gastando desde a hora de Completas o tempo até á meya noite em seus espirituaes exercicios, lhe ficava muito pouco tempo para o descanso, madrugando para dizer as Matinas, e Prima, com as Religiosas. Com estas, e com os pobres do Hospital, para cujas vivendas tinhaõ os seus Palacios secretos passadiços, gastava muito tempo em espirituaes conversaçoens. Exercitava a sua grande humildade, e misericordia, fazendo a cama aos pobres. Era a austeridade do Convento de Santa Clara admiravel, e conversava com aquellas Religiosas, em que achava o incendio de sua caridade mais fomento, e por este meyo fazia na perfeiçaõ progressos grandes. Era huma admiraçaõ ver o agrado, e humildade, com que temperava os resplandores da sua soberania, para ter mais franco, e familiar o trato das Religiosas, e podendo ser Mestra ainda das mais aproveitadas, e perfeitas, se portava com a humildade de Discipula. Comia muitas vezes com ellas no refeitorio, com condiçaõ, que lhe naõ dariaõ mais viandas, que as que ás mais se davaõ. Assistia a todas as horas do Coro, e ás diciplinas da Cõmunidade. Tinha pelas tardes horas assinaladas para dar audiencia em o seu Palacio, e para dar ordem em a distribuiçaõ das esmólas, que eraõ muitas.

82 Era tanto o amor, que ás Religiosas tinha, que tambem em seu Palacio fez Mosteiro, tendo no retirado de seu quarto sette Religiosas, com faculdade Apostolica, para que lhe fizessem companhia: assim que hum dos argumentos mais convincentes das virtudes heroicas desta Santa, he o tratar em toda a sua vida com pessoas virtuosas, e perfeitas. Mortaes, tende por sem duvida, que o que acompanhar a miudo com os homens santos, ou temorosos de Deos, será santo, ou ao menos temerá a Deos; e que o santo entre os santos se fará mais santo, por ter tambem a virtude suas emulaçoens, que se alentaõ a melhorar seus partidos. Sabei, que se o virtuoso viver entre peccadores, está muito perto de se ver inficionado com o contagio delles, se a virtude delle naõ for bem compreicionada, e valente. Procuremos pois, ó peccadores, a cõmunicaçaõ com pessoas virtuosas, como o fazia a nossa Santa Rainha, e reconheceremos que os virtuosos saõ iman dos virtuosos, que se symbolizaõ em os empregos, estreitando se em amigavel vinculo para viverem unidos. Veremos que todos aspiraõ a hum unico fim, que he o amor do Summo Bem, a cuja infinita amabilidade naõ alcança com infinita distancia o mais incendido amor da vontade creada, e que quizeraõ todos unir a força de seu limitado amor, fazendo cada qual seu o amor de todos, para amar mais dignamente áquelle Summo Bem, que tem ao amor de todos firme, e summo direito. Esta he pois, mortaes, a nobre, e generosa condiçaõ do amor santo, e Divino, contrario, e antipoda do amor profano; pois este com villaã inveja quer só para si o bem, que ama, e qualquer outro amor, que naõ seja o seu, o assusta com desconfianças, e enfurece com a raivoza paixaõ dos zelos. O amor Divino por opposto rumo solicita para a Summa Bondade, que ama, o amor de todos; e nisto funda os applausos da sua bõa eleyçaõ, e logra as finezas de seu emprego, dando com o seu amor, e com o que solicita, mayor satisfaçaõ á sua vontade. Amava muito a Deos Santa Isabel, e lhe solicitava amantes; porque sabia bem, que no cõmercio da caridade, he o trato da companhia mui segura para os interesses, e ganancias da alma. Em fim, os Servos de Deos saõ aromas, que de si despedem o suave cheiro de bons exemplos, e assim tem tambem a bõa qualidade dos aromas, pois os que cõmerciaõ com cheiros, sabem, que o meyo de os conservarem mais vivos, e fragrantes, he o tê-los juntos, porque estando sós perdem facilmenre a sua preciosa fragrancia.

Persuade-se a bõa companhia a exemplo de Santa Isabel.

Quẽ ama a Deos quer que todos o amem.

E quem ama a alguma creatura, naõ quer que algũ mais aame.

83 Supposto que da Romaria, que a S. Thiago fez, como ja dissemos, ficasse satisfeita a sua devoçaõ, o naõ ficou a sua humildade; razaõ porque determinou fazer outra, em que a devoçaõ, e a humildade ficassem igualmen-

igualmente satisfeitas, e huma de outra naõ zelosas. Na primeira ainda que acautelou sua grandeza, naõ alcançou a industria a que se lograsse o dissimulo, e se se disfarçou em trajes de peregrina, teve as estimaçoens de Rainha; e agora dezejando ser naõ Rainha, senaõ huma pobre peregrina, arbitrou o sahir de Coimbra occulta, com mui pouca comitiva, pobre, e desprezada nesta forma. Com tres mulheres de sua confidencia de bom espirito, e de robustas forças, para que lhe pudessem fazer companhia, fazendo com ellas a pé taõ largo caminho. Levava sobre seus hombros huns alforges de lenço, para recolher as sobras do que pedia de porta em porta para seu sustento. Mortaes, tomemos exemplo deste singular exemplar da santidade, e vejamos como era d'antes amiga dos pobres a impulsos de sua misericordia, soccorrendo as necessidades com largas esmólas, pagando assim com gosto a pensaõ de sua grandeza; e como agora, namorada da santa pobreza, se fez pobre pedindo esmóla, sujeitando-se a esta sensivel pensaõ da necessidade. Se houveramos de tomar bem as medidas ás humanas opperaçoens, para definir o seu valor, e merecimento pelo humano juizo, nada duvido de que este sentenciara, de que mais havia feito Santa Isabel em pedir esmóla, do que em dá-la; porque ao dá-la, he taõ connatural a complacencia de soccorrer a necessidade, que necessita a misericordia de precizoens, para que a vaidade naõ lhe roube o merito; porém em pedî-la, sobre o ter nisto o amor proprio repugnancia, e quebranto, tem em seus effeitos qualidades bem sensiveis para coraçoens generosos: porque se estes recebem a esmóla, que pediraõ, ficaõ gravados com a obrigaçaõ do agradecimento, sem maõs para o retorno; e se naõ o recebem, ficaõ carregados com o pezo de hum dezaire, que naõ tem satisfaçaõ. A todas estas difficuldades, pois, fez frente a virtude animosa da nossa Santa, a todas venceo com a sua experiencia propria, que teve de mais custoza, tudo o que vay da soberania á baixeza de quem pede, constrangido pela necessidade propria. Mereceo em fim, como Senhora, dando liberal; mereceo peregrina pobre, pedindo humilde; em huma, e em outra couza mereceo muito.

Faz segũda jornada a S. Thiago.

Attẽdei mortaes.

Prova-se como se faz mais em pedir, do que em dar esmólas.

84 Nesta fórma chegou á Cidade de S. Thiago, e visitou o sepulchro do Santo Apostolo sem susto de estar conhecida, e com summa consolaçaõ de se ver humilhada á vista dos concursos, que naquelle anno do jubileo foraõ muito numerosos. A pobreza de seu traje, e de suas companheiras, a modestia, e circunspecçaõ de porte, e trato, foraõ de grande exemplo, e assim que sahio da Cidade, gozosa de haver compensado em exemplos nesta romaria, o que teve de applausos, e acclamaçoens na passada, chegou a Coimbra, havendo coroado com esta façanhoza demonstraçaõ de sua humildade suas penitencias, e cerrado com esta chave de ouro suas mortificaçoens. Naõ nos detemos a ponderar a grandeza desta obra, porque ver huma Rainha taõ soberana, em idade taõ crescida, occultando os resplandores da Magestade em a parda nuvem do sayal grosseiro, caminhar a pé tantas legoas, pedindo o sustento pelas portas, excede a toda a ponderaçaõ, e nem sey que em outro algum successo possa mais bem lograr, que em este, o silencio sua celebrada eloquencia, valendo-se das mudas vozes da admiraçaõ.

Chega a S. Thiago como huma pobre peregrina.

85 Naõ teve lugar para o descanso a Santa Rainha, chegando de jornada taõ penosa, bem necessitada delle; nem quiz Deos que o gosto de haver cumprido tanto á satisfaçaõ seu voto, fosse sem azar: porque tendo destinada a sua Serva para as amarguras, e penalidades da Cruz da mortificaçaõ, lhe naõ dava tregoas para o descanso, porque enchesse com a sua paciencia, e resignaçaõ a plana desta mortal vida, fazendo mais cabedal de merecimentos para o premio grande, que a esperava na eterna. A poucos dias pois de sua chegada a Coimbra, teve a fatal noticia do rompimento da paz entre os dous Reynos de Castella, e de Portugal, occasionado tudo dos aggravos, e desprezos, com que ElRey de Castella D. Affonso XI. tratava a sua mulher

a Rai-

a Rainha Dona Maria, distrahido em illicitos amores, com taõ cega paixaõ, que desprezando com escandalosa publicidade a sua mulher propria, que era digníssima de toda a estimaçaõ, era senhora de seu coraçaõ a adultera.

86 A grande paciencia, e larga dissimulaçaõ da desprezada Rainha, deo lugar para que sua avô, a nossa Santa Rainha, tomasse por sua conta o remedio de tanto mal; pois sabendo que ElRey de Castella estava em Xerez de Badajós, com varonil resoluçaõ se pós a caminho, e chegando a avistar se com elle, lhe affeou as suas dezattençoens, e condenando seus escandalos, o persuadio à emenda, trazendo-lhe à noticia, que se proseguisse na sua obstinaçaõ, daria grande motivo a que ElRey de Portugal tomasse vingança dos aggravos que lhe fazia. Propôs digo a Santa Rainha a ElRey de Castella as razoens, que lhe occorreraõ para que mudasse de amor, e de vida, e com esta esperança se retirou para Coimbra. Mortaes, naõ nos deixemos cativar do amor impuro, como este Rey, porque fazendo-o como elle, nos exporemos ao precipicio de huma obstinaçaõ, pois ordinariamente as cegueiras do amor impuro, e deshonesto, correm mais precipitadas, quando mais prohibidas; assim como succedeo ao namorado Rey, que tanto naõ se emendou com a practica da nossa Santa, que passou a obstinar-se com taõ insolente escandalo, como se vio, dando dalli em diante com mais publicidade as adoraçoens, e as ceremonias da Magestade, á adultera, e a sua pacientissima esposa os desprezos.

Tem noticia do máo trato q̃ ElRey de Castella dava a sua neta, e vai reprehẽder o seu máo procedimento.

87 Vendo ElRey de Portugal a contumacia de seu cunhado, se resolveo a pôr-lhe guerra, pondo em Estremoz a sua Praça de armas. A Santa Rainha, sem embargo de ponderar as justas causas que ElRey seu filho tinha para huma guerra fatal, zelosa da paz de ambos os Reynos, se resolveo a ir a Estremoz ver-se com ElRey, porque naõ avaliava em muito o sacrificar os ultimos desperdicios de sua vida á publica utilidade. Na tarde antecedente ao dia da determinada jornada, foy ao seu Convento de Santa Clara, pedir ás Religiosas rogassem a Deos Senhor nosso por aquelles grandes trabalhos. Verteo tantas lagrimas na despedida, que todas as tiveraõ por presagiosos sinaes de que seria aquella a ultima visita, apprehensaõ, que fez prorromper a todas as Religiosas em ternas demonstraçoens de tristeza, com estranhas expressoens.

Vai a Santa Rainha a Estremoz, &c.

88 De Coimbra a Estremoz se contaõ mais de trinta legoas. O tempo em que fez a jornada era ardentissimo, porèm como a nossa Santa caminhava abrazada em os incendios do santo zelo, fez pouco cazo do trabalho da jornada, e dos nocivos rayos do sol. Poucos dias se passaraõ todavia, sem que na Santa Rainha se conhecessem os malignos effeitos do tempo, pois se lhe declararaõ em huma maliciosa, e mortal postema, cuja malignidade tomou forças na dissimulaçaõ da Serva de Deos, que como queria pôr em execuçaõ o negocio da paz, encobria o seu mal por naõ suspender a diligencia, nem assustar a Corte. Naõ pode com tudo a fraqueza da carne contrastar os galhardos fervores de seu espirito, e se rendeo ao golpe da dor, e aos ardores da quentura. Os primeiros sinaes, que deo da sua enfermidade, foraõ os de faltar á assistencia da Missa. Conheciaõ todos a sua devoçaõ ardente, e logo lhes pareceo que aquella novidade arguia na enfermidade muito perigo. Viraõ-na os Medicos, que por naõ perderem o costume, que tem de lizonjearem as pessoas grandes, ou pelo naõ intenderem melhor, facilitaraõ a doença, affirmando naõ ser cousa de cuidado: porèm como a Santa o teve sempre na morte, e por infallivel consequencia na sua salvaçaõ, tratou da disposiçaõ mais conveniente, para se dezembaraçar das suas dependencias, e entregar-se toda a seu Deos, com amor perfeitamente nu, e dezapegado de temporaes respeitos. Tinha feito seu testamento annos d'antes com maduro acordo, por se naõ querer parecer com os que, por se descuidarem da morte, deixaõ o testamento para os ultimos periodos da vida, expondo-se a hum impossivel,

Adoece a Rainha Santa mortalmente.

possivel, qual he o de se fazer bem entre as afflicçoens, e angustias, de que se vê a alma cercada naquella tremenda hora, huma cousa que tanto nos importa, e que para se fazer com acerto, se necessita de largo tempo, e de prudentes conselhos.

89 Recebeo a Santa Rainha todos os Sacramentos com devoçaõ extraordinaria, e singular jubilo de sua alma, que estava dezejosa de deixar o corporeo carcere. Estando a Rainha Dona Beatriz sua nora, com outras Senhoras, assistindo á Serva de Deos, lhe disse esta com alvoroço: *Filha, levantate, e sahe a receber a essa Senhora, que me vem consolar.* Vendo a Rainha que naõ entrava ninguem, lhe disse: *Minha mây, que Senhora he essa, a quem tenho de receber*? *Pois filha* [respondeo a Santa] *naõ vez essa Senhora vestida de branco, e taõ extremosamente formosa*? Ficaraõ a Rainha, e todas as mais assistentes cheyas de confuzaõ, principalmente quando viraõ, que com sinaes de veneraçaõ, e reverencia, estendia os braços banhado em alegres resplandores o rosto, do que tiraraõ logo por consequencia ser a visita do Ceo, e que era do Ceo a Rainha, que lhe fazia a visita. Certamente, que naõ conheceo a nossa Santa ser a Rainha dos Anjos, a que entrou a visitá-la vestida dos candores da pureza, porque tendo-se, como taõ humilde, por indigna de felicidade taõ grande, naõ lhe poderia vir á imaginaçaõ o ter a de taõ bôa ventura. Quiz sem duvida Maria Santissima naõ preveni-la com o avizo, occultando-lhe o conhecimento, para que attendidas as circunstancias deste venturoso successo, viessem no conhecimento as que lhe assistiaõ, do muito que era agradavel aos olhos Divinos aquella alma, a quem a Mây de misericordia assistia com taõ amorosas caricias. Ficou a Serva de Deos, com taõ Celestial visita, com a consolaçaõ que lhe devemos suppor, conservando por algumas horas os jubilos, e os resplandores em seu rosto, os quaes davaõ evidente testimunho da sua grande felicidade, como deraõ de Moysés os resplandores, que lhe occasionaraõ o colloquio, que com Deos teve em o Monte, e ainda que em Moysés era muito superior a causa, pode nesta occasiaõ dispensar a Divina Providencia, que fossem parecidos, e similhantes os effeitos.

Visita Maria Santissima a esta Serva sua.

90 Como o negocio da paz era o que mais tinha no cuidado, chamou por ElRey seu Filho, a quem pedio se suspendesse do furor com que estava, e que se conservasse no amor santo de Deos, dando-lhe juntamente as maximas mais seguras para o governo de seus Estados. Cresceo a enfermidade, e vendo ser chegada a ultima hora, rezou o Credo em vóz intelligivel, fez protestaçaõ da Fé, e postos os olhos em huma Imagem de Maria Santissima, disse o verso: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ &c.* Depois abraçada com hum Crucifixo, dando docissimos osculos nas suas Sagradas Chagas, cerrando os olhos com a serenidade de quem se entrega a hum suave somno, entregou a Deos seu felicissimo espirito, aos 4. de Julho de 1336. em idade de 65. annos. Assim morreo, ó mortaes, a esclarecida Rainha de Portugal, que, para acertar a morrer bem, sempre cuidou na morte, e fez a vida que tanto inculca o seu cuidado. Naõ era muito que morresse bem, quem viveo morrendo toda a vida como a nossa Santa; assim como muito he, ou grande temeridade, a de quem naõ vivendo como ella viveo, espera morte igual á que ella teve. Mortaes, se para o acerto de huma bôa morte naõ sobra o estudo de huma larga vida, como acertaráõ com ella os que vivemos com mil distracçoens, e ociosidades, sem hum taõ precizo estudo!

Fallecimento da Serva de Deos.

91 Ficou o seu santo cadaver formoso, e admiravel por todas as circunstancias, pois nas que tocavaõ ao regisio dos sentidos, se despareceraõ em os horrores da morte, e se admiravaõ os effeitos, e sinaes da vida. Assim o inculcavaõ a viveza da cor, a naõ alterada serenidade do rosto, a brandura da carne, a expediçaõ, e flexibilidade das suas juntas. Com tudo dava humas certas esperanças da felicidade daquella alma, que teve por força de suas mortificaçoens taõ sujeito ás suas leys aquelle corpo, que sem lhe ser

Ficou seu cadaver com todos os sinaes de vivẽte.

pezado, ou gravozo, foy companheiro, e fiel coadjutor de ſuas virtudes, e o deixou como marcado com taõ podigioſas izençoens, para companheiro de ſuas glorias.

92 As lagrimas, e os ſentimentos foraõ univerſaes, e como o merecia huma perda taõ incomparavel, e irrecuperavel. Abrio-ſe o teſtamento, em cuja prudente, e diſcretiſſima diſpoſiçaõ ſe acabou de reconhecer a excellencia do ſeu entendimento, e a bondade da ſua vontade; porque de todos ſeus bens fez herdeiros aos pobres, e ao Convento de Santa Clara de Coimbra, felice planta da ſua devoçaõ. Deixou ſe deſſe a ſeu corpo deſcanſo no ſepulchro que em vida tinha fabricado no meſmo Convento, recõmendando muito naõ o embalſamaſſem, fazendo nelle aquelle eſtrago, e deſtroço, que tem introduzido a vaidade da grandeza com horror da humanidade, e aggravo da pudicicia, que nas mulheres, ainda depois da morte, eſtima, e enſina a natureza; pois vemos, que das que morrem affogadas no mar, ſahem os corpos á ſuperficie das agoas com a boca para baixo, zelando com iſto a natureza, o ſeu pudor, e decencia. Tratou-ſe do enterro, ſobre o que houveraõ opinioens diverſas, pois huns queriaõ ſe enterraſſe em Eſtremoz, com a condiçaõ de ſe trasladar depois, e outros queriaõ ſe embalſamaſſe, ſem embargo da ſua declaraçaõ, com o pretexto de que ſó aſſim o poderiaõ levar para Coimbra, que dalli diſtava trinta e duas legoas. Tinha ElRey grande conceito da virtude de ſua Santa mãy, fundado em milagroſas experiencias, e venerando as ſuas diſpoſiçoens, mandou levaſſem o ſanto cadaver aſſim como eſtava. Metteo-ſe pois em hum caixaõ de madeira, veſtido no habito de Santa Clara, e envolto em hum panno branco: e ſem mais defenſa ás inclemencias do ſol, que hum couro, com que o caixaõ ſe cobria, ſahio de Eſtremoz o defunto corpo acompanhado de ElRey, e dos Grandes &c. Naõ tardou muito a Divina Providencia em fazer algum prodigio, pois logo na primeira jornada começou a ſahir quantidade de humor aqueo taõ cryſtallino, e de taõ ſuave, e extraordinario cheiro, que á ſua ſuavidade naõ alcançariaõ os mais ſuaves aromas. Recolheraõ ElRey, e os mais Senhores o tal humor em muitos lenços, com tanta admiraçaõ, como alvoroço, louvando juntamente todos a Deos com ternas lagrimas por prodigio taõ eſtupendo.

Deixou por herdeiros aos pobres, e ao Convento de Santa Clara.

Deſtilla ſeu ſanto corpo hũ ſuaviſſimo licor.

Chega a Coimbra o ſanto cadaver depois de ſette dias de jornada.

93 Depois de ſette dias de jornada chegou o ſanto cadaver a Coimbra, onde eſperava immenſo concurſo, naõ ſó da Cidade, ſenaõ tambem das terras viſinhas, e ainda das mais remotas deſte Reyno; pois como a todos ſe havia eſplayado a ſua liberalidade, e magnificencia, todos quizeraõ contribuir na ſua perca com juſta dor, e amargo pranto. Juntou-ſe pois de povo tanta infinidade, que naõ querendo ElRey, e o Biſpo de Coimbra, que eſtiveſſe expoſto o cadaver ás temeridades de huma indiſcreta devoçaõ, determinou mettê-lo aquella noite na ſua urna, ſem que o povo vieſſe neſſe conhecimento. Para lograr ſeus intentos ficou o Biſpo com alguns Sacerdotes, e Religioſos na Igreja. Naõ pode a humana induſtria atalhar os altos fins da Divina Providencia, empenhada em manifeſtar ao mundo as glorias, que lhe mereceo eſta admiravel, e forte mulher, com os fervores de ſeu zelo, e o exercicio das ſuas heroicas virtudes. Com eſta tençaõ adormeceraõ todos taõ profundamente, que quando eſpertaraõ tinha ja o ſol banhado a terra com ſeus alegres rayos. Em dous, ou tres homens pudera ſer o pezo de taõ largo ſomno cazualidade, originada do canſaço do caminho; porèm em tantos ſe conheceo ſer myſterio: o que vendo o Biſpo, cedeo do ſeu dictame, por naõ tyrannizar a devoçaõ, e a fé piedoſa daquelles triſtes vaſſallos, que ancioſos procuravaõ ver á ſua Rainha defunta. Aſſim dezenganado prevenio guardas ao feretro, para evitarem quaeſquer exceſſos.

Nota.

94 Ao meſmo tempo que ſe eſtava dando principio aos funeraes, ſe ouvio no Coro das Religioſas hum ruido taõ grande, que turbou a quietaçaõ,

e solemnidade dos Officios. Sabida a cauza era huma Religiosa, que muito tempo havia estava paralytica, á qual visitava a Santa caritativa muitas vezes, e regálava liberal. Pedió esta á Santa com viva fé se lembrasse das miserias que padecia, e alcançou o premio della com repentina saude, que lhe occasionou tal prazer, que saltando da cama foy publicar o prodigio entre as mais Religiosas com destemperados gritos, vivas, e acclamaçoens.

Sara uma paralytic.

95 Acabada a Missa Pontifical, se ouvio novo tumulto no Coro, entre as Religiosas, que com duplicados gritos pediaõ lhe mostrassem o santo cadaver. Condescendeo o Bispo com as suas pias supplicas, mandando-lho para dentro da clauzura onde se abrio o tumulo, no qual se achou o corpo defunto com todos os sinaes de vida, e a fragrancia que exhalava era taõ suave, e muita, que se participou a toda a Igreja. Pasmadas ficaraõ as Religiosas, e confundidos ficaraõ o Bispo, e os assistentes, com assim verem aquelle cadaver, tendo fallecido havia nove dias. Ellas, e elles naõ cessavaõ de beijar-lhe os pés, e as maõs com grande delicia de seus sentidos, e consolaçaõ de suas almas. Chegou-se a ella huma Religiosa, que tinha perdido huma queixada, e estava em termos de perder toda a boca, por causa de hum cancro. Beijou-lhe os pés com devota ternura, e ficou totalmente livre da sua incuravel doença. Com estes prodigios se ouviraõ com estranha confuzaõ baralhados entre si lamentos, e applausos, suspiros, e louvores, lagrimas, e acclamaçoens. Viaõ-se equivocados entre si varios affectos com hum mesmo semblante, porque as lagrimas pareciaõ effeitos da dor, e eraõ de alegria, pareciaõ de alegria, e eraõ de devoçaõ. As vozes enganavaõ, ou confundiaõ com a mesma equivocaçaõ os ouvidos, porque soavaõ tristes em funesto tom de queixas, e alegravaõ com a doce consonancia de louvores, e acclamaçoens, sendo nesta funçaõ a confuzaõ magestosa, e o ruido, nobres circunstancias, que subiraõ de ponto a sua celebridade.

Acha-se o cadaver incorru[p]to, e cheiroso depois de nove dias.

Sara a huma Religiosa de hum cancro.

96 Naõ com pouca difficuldade tiraraõ o santo corpo de entre as Religiosas, que como o julgavaõ thesouro seu, entendiaõ que tirando-lho lhe tiravaõ com elle os coraçoens. Tiraraõ-lhe o lançol, em que viera envolto, naõ só por ficarem com aquella reliquia, senaõ tambem por lhe darem humas ricas télas, em que novamente a envolvessem. As andilhas, em que o santo corpo veyo, e o couro com que dissemos se cobrira, se despedaçou em miudos bocados, que se repartiraõ pelas muitas pessoas, que com ambiçaõ santa pediaõ reliquias. Ao despedaçar-se a andilha, metteo hum homem hum prego pelo pé, que vendo-se assim magoado, com vóz lastimosa começou a clamar á Santa dizendo: *Que he isto, Santa, e Rainha minha, que quando os que careciaõ de saude a alcançaõ por vossos merecimentos, eu que vim com ella, e vos assisti a vossas exequias, hey de voltar a minha casa tolhido? Isso naõ, isso naõ, Senhora, que naõ he crivel da vossa piedade.* Ouvio a Serva de Deos as vozes desta amorosa queixa, e Deos Senhor nosso naõ quiz ficasse frustrada a fervorosa fé do seu devoto, pois se lhe cerrou a ferida sem ficar alguma cicatriz, ficando sim o sangue para testimunha, e rubrica des[te] milagre. Em fim, com estas celebridades ditas, o tiveraõ as funeraes funçoens da nossa Santa, em cujas admiraveis circunstancias, quantos os motivos de admiraçaõ, e de gozo, tantos foraõ de pranto, e de tristeza, reconhecida a perda grande de huma Rainha, cujas virtudes recõmendava a Divina Omnipotencia com milagres taõ insignes. O' Divina Isabel, Rainha da paz, saude dos povos, amparo dos pobres, consolaçaõ dos affligidos, parem, parem ja as temeridades de meus intentos, pois o intentar ser Chronista da vossa vida, foy em mim a mayor temeridade, por transcenderem as vossas insignes virtudes, e heroicas façanhas a esféra da minha imaginaçaõ. Mas, [j]a suppraõ os actos da vontade a falta de eloquencia, e do discurso, e continuem os affectos, pois ja o discurso se suspende no abysmo de excellencias tantas.

Outro milagre.

Dá-se noticia de alguns milagres de Santa Isabel , da sua Beatificaçaõ , Trasladaçaõ , e Canonizaçaõ.

97 DEpois de collocado o veneravel cadaver de Santa Isabel no seu mageſtoſo mauſoleo , concorreo innumeravel povo a adorá-lo, com a eſperança de alcançar remedio para ſuas neceſſidades. Referirmos os milagres, que fez com todas as circunſtancias delles, ſeria materia muito prolixa, e que occaſionaria talvez faſtio ao leytor , aſſim como lhe cauſaria o dilatado da hiſtoria. Huma mulher natural de Lamego , foy livre da tyrannia de huma legiaõ de demonios, logo que a tocaraõ com huma ſua reliquia. Eſtava hum homem prezo por huma divida havia quatro annos, ſem eſperança de ſahir da cadêa, pela naõ ter do dinheiro, que neceſſario lhe era para a ſatisfaçaõ : pedio com fervoroſa fé á Santa o ſeu remedio, e ella moveo o coraçaõ do credor de maneira , que no meſmo dia lhe perdoou a divida, e ſolicitou a liberdade.

Livra a huma mulher de huma legiaõ de demonios.

Remedea a hum prezo por dividas.

98 Achava-ſe huma mulher muito afflicta, por naõ ſaber ſe era vivo, ou morto hum filho, que havia annos ſe auſentara da ſua preſença ; recorreo á Santa Rainha, reprezentando-lhe a ſua inconſavel pena. Paſſados poucos dias chegou o filho, e contou, que em tal dia lhe deraõ taõ grandes ſaudades della, que naõ lhe pudera reſiſtir, ſenaõ pondo-ſe a caminho. Conferiraõ a mãy, e o filho o dia em que teve aquelle impulſo, e achou ſer o meſmo em que a mãy fizera as ſuas rogativas.

Outro milagre.

99 Huma mulher pobre teve huma eſquinencia, que lhe fez ſeccar o leyte, com que criava a hum menino. Foy viſitar o ſanto ſepulchro, bebeo de hum vinho, a que chamavaõ o vinho ſanto, e alcançou leyte com abundancia no meſmo ponto. Mais admiravel he o ſeguinte. Morreo huma mulher, e deixando huma menina de peito em poder de ſua avó, eſta affligida por naõ ter quem lhe deſſe de mammar, pedio á Santa a remediaſſe, e o fez de maneira, que lhe acudio leyte com abundancia aos peitos, com que criou a neta; e aſſim ficou duas vezes mãy de ſua neta.

Dá leyte a quem o naõ podia ter &c.

100 Huma Religioſa do Convento de Cellas, que muitos annos havia eſtava paralytica, e tolhida, alcançou repentina ſaude huma noite por interceſſaõ da noſſa Santa, que lhe appareceo em ſonhos, dizendo: *Filha, levanta-te, e vay a Matinas acompanhar tuas irmaãs, e cantarás louvores a Deos, em agradecimento de eſtares bõa &c.*

Dá ſaude a hũa tolhida.

101 Padecia huma Religioſa do Convento de noſſa Senhora da Caſtanheira huma enfermidade, de que lhe reſultavaõ mortaes deſmayos, e accidentes, e logo que a protecçaõ da Santa implorou, alcançou ſaude perfeita, naõ a tendo havia quarenta annos.

Outro milagre.

102 No meſmo Convento eſtavaõ tres Religioſas mortalmente enfermas de huma epidemía. Receoſas as mais Religioſas do contagio, fizeraõ voto de celebrar as veſperas do dia da Santa, com Miſſa de feſta, e logo alcançaraõ as tres Religioſas repentina, e inteira ſaude. Vinte e cinco annos perſeveraraõ neſta devoçaõ, quando depois de tanto tempo entrou o Confeſſor do Convento em eſcrupulos de maneira, que naõ permittio ſe continuaſſe com a promeſſa, com o pretexto de que naõ tinha culto univerſal. Seguiraõ a Abbadeſſa, e duas Religioſas o parecer do Confeſſor. Chegou o dia do tranſito da Santa, e á hora de veſperas cahiraõ enfermas a Abbadeſſa, as duas Religioſas, e o Confeſſor. O dia, e a hora deixou pouco que diſcorrer na cauſa, e perſuadidos com taõ cuſtoſa experiencia, proſeguiraõ mais fervoroſas em a celebridade, e alcançaraõ ſaude perfeita os quatro enfermos.

Prodigio com q̃ moſtrou querer lhe veneraſſem o dia.

103 Huma donzella orfaã de pay, e de mãy, dezejoſa de aſſegurar ſua ſalvaçaõ no eſtado de Religioſa, entrou em hnm Convento, parecendo-lhe que

que com effeito teria bens baſtantes para iſſo. Reconhecendo porèm ſe enganara, por lhe faltar quantia conſideravel, ſe affligio muito á viſta de lhe ſer preciſo deixar hum eſtado, que tanto appetecia. Concluido o anno do Noviciado, recorreo á interceſſaõ da Santa Rainha, com a eſperança de achar remedio nas ſuas piedades, e ella com effeito bem lembrada das ſuas antigas miſericordias, ſoccorreo largamente eſta miſeria, pondo na ſua cella por occulta maõ, com ſuperabundancia, a quantidade que faltava para cumprimento do dote, e porçaõ competente, e aſſim com taõ milagroſo modo celebrou a bõa Religioſa a profiſſaõ com luzimento.

Introduz dinheiro a huma Noviça para que lhe naõ ficaſſe fruſtrada a profiſſaõ.

104 Em Alemquer há huma poça em que a Santa lavava os pannos dos pobres do Hoſpital. Tal virtude ficou nas agoas della, que tem feito muitos milagres, dos quaes direy dous, que ſe autenticaraõ para os proceſſos da ſua Canonizaçaõ. Hum moço andava com todo o corpo, e cara coberto de venenoſas verrugas, e de maneira, que mais parecia monſtro, que homem. Encõmendou-ſe á Santa, e banhando-ſe naquella agoa em louvor ſeu, della ſahio livre daquella penoſa enfermidade, que o fazia abominavel, ſem o minimo ſinal de que a houveſſe tido, com geral admiraçaõ dos que o conheciaõ.

Sara a hum moço cheyo de venenoſas verrugas.

105 Hum homem paralytico, e tolhido deſde os pés até á cabeça, e quaſi cego, pedio o levaſſem áquella poça, e nella alcançou o premio de ſua fé no primeiro banho, ficando totalmente livre do grande tropel de achaques, e de dores, que tinha exhaurido ſua paciencia.

Sara a hum paralytico.

106 Tinha o Convento de Santa Clara de Coimbra o piedoſo coſtume, de dar de comer a quantos pobres acudiaõ no dia da Santa. Em hum anno pois de grande fome, ſe ajuntou infinidade de povo, o que vendo as Religioſas ſe affligiraõ muito, por verem que a extraordinaria prevençaõ, que tinhaõ feita, com attençaõ á commum neceſſidade, naõ podia alcançar ao ſoccorro da minima parte do concurſo. Chegaraõ a eſtar quaſi determinadas á ſuſpenſaõ das taes eſmólas, por evitarem o dezaire de andarem curtas, dando occaſiaõ de pena, e de inveja á naõ ſoccorrida neceſſidade, á viſta da que ficaſſe ſatisfeita. O clamor dos pobres venceo eſta apprehenſaõ, e ſe reſolveraõ a dar eſmólas até onde alcançaſſe a prevençaõ. Fazia-ſe eſte convite em nome da noſſa Santa Rainha, e claro eſtá ſer ponto de ſua Real piedade, e de ſua admiravel virtude, que as Religioſas ficaſſem contentes, e muito ayroſas, e os pobres naõ ſó ſatisfeitos, ſenaõ muito fartos; pois havendo comido com abundancia, lhes ſobrou para outra refeiçaõ baſtante comida. A graça de multiplicar-ſe lhe os bens a favor dos pobres, teve Santa Iſabel muitas vezes em vida.

Multiplicaõ-ſe as eſmólas.

107 Andava hum homem trabalhando nas obras de Santa Clara de Combra, e dizendo-lhe as Religioſas o naõ fizeſſe no dia da Santa, elle movido da cobiça foy proſeguindo com o trabalho. No meſmo ponto ſe vio totalmente lezo de hum lado. A ſua deſconſolaçaõ foy taõ grande, como a ſua deſdita, e eſta teve as qualidades da culpa, pois teve por unico remedia o arrependimento. Pedio perdaõ á Santa da ſua indevota profia, com firme propoſito de naõ trabalhar em ſimilhante dia, e a Santa lhe alcançou de Deos Senhor noſſo a ſaude que neceſſitava, deixando-o advertido com eſte avizo.

Caſtiga a hum homem por lhe naõ guardar o dia.

108 Tinha huma mulher hum grande tumor na maõ, que lhe colhia pela parte ſuperior todas as cordas, e nervos, com grandes dores. Uſou de todos os remedios da cirurgia, porèm ſem fructo. Com eſta affliçaõ pedio á Serva de Deos a remediaſſe, e aſſim que atando a maõ com huma atadura, com que haviaõ atado a Santa na ultima doença, ſe reſolveo no meſmo inſtante o monſtruoſo tumor, e ficou inteiramente ſaã, e expedita, ſem ſinal algum daquelle achaque.

Faz reſolver hum monſtruoſo tumor.

109 Eſtava hum carpinteiro a trabalhar nos andames do Convento, e ſentindo que elles vinhaõ abaixo com elle, chamou pela Serva de Deos, e logo

Outro milagre.

Dá vista.

logo vio que os barrotes, e traves, se puzeraõ em seu lugar, sem que elle perdesse o pé. Huma Maria Martinz de Coimbra, alcançou a vista de que carecia havia annos pela sua intercessaõ.

110 Estando-se correndo touros na Cidade de Coimbra, em obsequio de Santa Isabel, sahio hum bravissimo do touril, e encaminhando-se para o monte de N. Senhora da Esperança, onde estava quantidada de gente, toda fugia da sua ferocidade, excepto huma mulher, que estava com hum menino nos braços, a qual a esforços do temor do seu perigo, fugio para a ponta do monte, debaixo da qual estava hum formidavel precipicio. Buscou-a com cega colera o feróz animal, e a mulher vendo-se sem remedio, chamou em altas vozes pela Rainha Santa. Executou o golpe o feróz bruto, e arrebatado de suas iras se precipitou, levando traz de si á mulher, e ao menino. A compaixaõ dos que viaõ esta funesta tragedia, enchia o ar de lastimozos gritos; porèm foraõ estes logo festivas, e gozosas acclamaçoens, porque o touro se fez em pedaços com o golpe, e a mulher, e o menino ficaraõ sem lezaõ alguma, e todos cheyos de admiraçaõ de milagre taõ estupendo. Em fim, para os processos de sua Canonizaçaõ, se lhe autenticaraõ os milagres seguintes: Seis pessoas moribundas, que alcançaraõ saude perfeita, e repentina. Cinco tolhidos; dous leprosos; hum louco furioso, que alcançou juizo perfeito só com tocar as pedras do sepulchro desta Santa, onde o levaraõ atado; e o Padre Antonio de Escobar affirma resuscitar dez mortos.

Livra a huma mulher, e a hum menino da morte &c.

111 O Papa Leaõ X. a Beatificou para Coimbra, e Bispado a 15. de Abril de 1516., cento e oitenta annos depois do seu fallecimento, á instancia de ElRey D. Manoel. O Papa Paulo IV. lhe extendeo as honras a todo o Reyno de Portugal, á instancia de ElRey D. Joaõ o III. ElRey D. Sebastiaõ solicitou a sua Canonizaçaõ, e o conseguira, se o naõ atalhara a sua bem sabida desgraça, que mostrou sentir, a nosso modo de explicar, a imagem da mesma Santa, que estava esculpida sobre a sua sepultura, pois no mesmo tempo em que se perdeo na batalha aquelle mal aconselhado Rey, derramou pela cara copiosas pingas de agoa, com pasmo das muitas pessoas, que notaraõ tal prodigio, de que faz mençaõ o Chronista Dominicano no capitulo decimo da parte da sua Chronica.

Beatificou-a o Papa Leaõ X.

112 Filippe III. emprendeo o mesmo com o Papa Paulo V., que expedio ordens para se formarem os processos, cujos Cõmissarios fizeraõ abrir o seu sepulchro a 26. de Março de 1612., por ser vóz do povo de que estava o seu santo corpo incorrupto; e segundo consta de certidoens que se conservaõ na Torre do Tombo, se achou tudo nesta forma. Achou-se o caixaõ inteiro sem final algum de caruncho; pouco reparo se fizera na inteireza do caixaõ, se naõ se fizera reparavel a corrupçaõ da alcatifa, e do couro de touro com que estava coberto. Acharaõ immediatamente arrumados á caixa o bordaõ, e bolsa que a Santa trazia, desde a primeira romaria que fez a S. Thiago, e huns alforges de linho, de que usou na segunda, e tudo isto estava com a mesma inteireza, e luzimento, com que estava no dia em que alli se depositaraõ.

Solicita-se a sua Canonizaçaõ, e se acha incorrupto seu corpo.

113 Abrio-se o caixaõ de madeira, e foy como se houvessem derramado pelo ambito da Igreja os mais preciosas aromas, pois era de fragrancia taõ extraordinaria, que se conhecia ser confeiçaõ do Ceo. Estava o santo corpo envolto, e cozido em hum encerado de linho, e depois em huma colcha, e segundo a mayor immediaçaõ com que estavaõ era a sua inteireza, e incorrupçaõ mais evidente, e a suavidade de cheiro mais activa. Tiradas ambas as cobertas, appareceo o veneravel cadaver vestido de estamenha prateada, alguma cousa escura, cingido com o cordaõ de S. Francisco. A cabeça coberta com touca de linho, e sobre ella hum véo de seda negra, e em todas suas circunstancias em habito de Religiosa Clariza. O véo negro foy invetiva das Religiosas, que no modo possivel quizeraõ fazer esta devota lizonja aos dezejos, que a Santa teve em vida de ser Religiosa, e tambem foy

Continua a noticia de como se achou o santo cadaver.

foy huma nobre ambiçaõ de que parecesse sua.

114 Descoberto este prodigio da incorrupçaõ, eraõ em todos os circunstantes admiraçoens, assistidas de ternos affectos, explicadas em lagrimas pelos olhos, e em louvores, e applausos pelas linguas. Levantaraõ os véos brancos para registar o rosto, acharaõ este em todas as partes inteiro, a cor branca como de alabastro, a boca cerrada, o olho direito coberto, e entre aberto: o esquerdo com a menina elevada para o Ceo, e de cor verde. Por baixo dos véos se via o cabello ruivo escuro, menos que castanho, e curto como ordinariamente o tem as Religiosas. O pescoço, e alguma parte do peito estavaõ no mesmo candor, e frescura, que o rosto, e as maõs. Em fim, viaõ-se na Santa Rainha com hum veneravel assombro soberanias da Magestade, vestigios admiraveis da sua formosura, e finaes certissimos de suas virtudes heroicas. As testimunhas destas maravilhas foraõ quarenta das de mayor authoridade.

Continua.

115 O sepulchro, em que estava sepultada, e que ella mandara fazer em vida, era desta sorte: Huma arca de pedra assentada sobre leoens, ornada toda á roda com figuras de relevo, entre as quaes apparecia Santa Clara, e dez Freiras, todas com livros abertos, como que estavaõ rezando pela Bendita Rainha, que restaurou o Mosteiro. Esta arca se cobria com huma pedra, na qual estava esculpida a sua imagem com o habito, manto, e cordaõ da Ordem de Santa Clara. Tinha na cabeça hum véo, escolha da sua devoçaõ, e a Coroa, timbre da sua grandeza, unindo as representaçoens do que foy por affecto, e por nascimento; as maõs ambas cruzadas sobre o peito, e entre ellas hum livro fechado. Por baixo do braço direito hia descendo hum bordaõ, na cinta da outra parte huma bolsa, guarnecida de huma concha, em memoria das duas peças, que lhe deo o Arcebispo de S. Thiago na primeira romaria. Pela parte da cabeça a acompanhava hum nicho, nas costas do qual estava hum Anjo com huma toalha estendida nas maõs, e nella a alma da Santa Rainha. Aos lados lhe ficavaõ outros dous Anjos, que pareciaõ incensá-la. Mais abaixo estavaõ outras figuras. Finalmente, por huma, e outra parte as Armas de Portugal, e Aragaõ, gravadas em seus escudos.

Sepulchro que mandou fazer em vida.

116 Deo-se parte ao Romano Pontifice de tudo o que se achou, pelo Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, o qual teve grande prazer de taõ rara incorruptibilidade. Mandou o mesmo Bispo, summamente devoto da Santa, trinta mil cruzados para Roma para as despezas da Canonizaçaõ, que julgava proxima; porèm nem na sua vida, e nem na de Filippe III. se conseguio. Filippe IV. cuidou muito em satisfazer aos grandes dezejos, que seu pay mostrara da tal Canonizaçaõ; e sem embargo de a pedir a Gregorio XV. a naõ conseguio, senaõ de Urbano VIII., a quem a Santa obrigou primeiro com alguns milagres, que fez á sua propria pessoa, á vista de estar renitente em Canonizá-la. Finalmente a 25. de Mayo de 1625. a declarou o mesmo Pontifice por Santa, cuja Canonizaçaõ se celebrou em Roma com o mais ostentozo, e magnifico luzimento, que se havia visto naquella Curia; porque a nossa Naçaõ soltou todos os diques á sua devoçaõ, e honradissima vaidade, pois a sabem os Portuguezes ter bem, quando a tem, e huma vaidade bem tida, he ayroso dezempenho da obrigaçaõ, e digna de louvor. Em fim, a vaidade, que com prudente galantaria toca no ponto, e credito de quem a executa, he honra, naõ vaidade, he virtude.

Da sua Canonizaçaõ.

117 Agradecida a nossa Santa Rainha ás magestozas demonstraçoens feitas em applauso das suas virtudes, naõ teve ociosa a sua piedosa liberalidade, e confirmou a fé de todos com os illustres milagres, que estaõ pendentes diante da sua imagem no insigne Hospital, que a Naçaõ Portugueza conserva na mesma Curia Romana. O nosso Reyno solemnizou a Canonizaçaõ da sua Santa Rainha com nunca vistos applausos; porèm excedeo a todas as mais Cidades a de Coimbra, que a solemnizou com extraordinarias festas de oito

Celebra-se a sua Canonizaçaõ.

oito dias, as quaes se finalizaraõ com huma prociffaõ de graças, e de triunfo. Na Corte de Madrid tambem se celebrou a mesma Canonizaçaõ com magnifica pompa, e luzidos apparatos, e nem faltou com as mesmas demonstraçoens o Reyno de Aragaõ, que muito, e justamente se preza de lhe dar o ser natural.

Muda-se o Convento de Santa Clara de Coimbra.

118 Por causa das grandes inundaçoens do Mondego, que hia pondo ao Convento de Santa Clara na ultima ruina, pediraõ as Religiosas delle licença ao Sereniffimo Senhor Rey D. Joaõ o IV. para o mudar, a qual com effeito lhe deo depois de bem informado da sua justificada supplica, convindo em que se mudasse para o Monte de N. Senhora da Esperança, em cujo sitio com effeito se lhe deo principio, e se lançou a primeira pedra com solemnissima pompa a 3. de Julho de 1649.: porèm como a obra era magnifica, se dilatou mais do que pedia a necessidade, pois vemos que no tempo do Governo de ElRey D. Pedro II., sendo Principe Regente, se fez a trasladaçaõ das Religiosas para o novo Convento, [ainda por concluir] e da mesma forte a do corpo da nossa Bendita Rainha. Para a trasladaçaõ desta se ajuntaraõ a 15. de Outubro do anno de 1677. [que he o mesmo em que se mudaraõ as Religiosas] os Bispos de Coimbra, do Porto, de Lamego, de Miranda, de Viseu, de Targa, e de Pernambuco; e da mesma forte, se ajuntaraõ por ordem do mesmo Senhor Principe Regente, o Vis-Conde de Villa Nova de Cerveira, o Marquez das Minas, o Conde de Figueiró, o Conde Baraõ de Alvito, o Conde da Ponte, o de Aveyras, o de Soure, o da Feira, o de Santa Cruz, o Marquez de Arronches, e seu filho Antonio Rozendo de Sousa. Tambem se acharaõ alli pela mesma ordem o Padre Provincial da Ordem Serafica Fr. Joaõ da Madre de Deos, o Reformador, que entaõ era da Universidade D. Jozé de Menezes, que falleceo Arcebispo de Braga, o Claustro pleno, o Senado da Cidade de Coimbra, e outras muitas personagens, e innumeravel povo.

Continua.

119 Armou-se a Igreja velha, por ordem do Secretario de Estado Roque Monteyro Paym, de preciosas télas, e se guarneceraõ os arcos das naves com almofadas de diversas cores borbadas de ouro, e o tecto de excellentes brocados, e tudo com a grandeza que pedia taõ Regia celebridade. A Igreja nova tambem se ornou preciosamente com pannos da China azues matizados de ouro. Sobre as portas de hum, e outro Templo se puzeraõ tarjoens bellamente guarnecidos, com as Armas de Portugal, e Aragaõ.

Traslada-se o corpo da Santa.

120 Disposta a fórma da Trasladaçaõ, assentaraõ taõ illustres Personagens, que se examinasse se o santo corpo estava da mesma fórma, que se havia achado no anno de 1612., e que quando assim estivesse, se trasladasse inteiramente o caixaõ para hum custoso ataude de prata, e crystaes, que havia deixado feito o Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco para o mesmo effeito. Antes porèm de entrarem a fazer o exame, pediraõ o Acto, que se fez no sobredito anno de 1612., para verem o estado em que ficou o santo cadaver; porèm naõ houve quem desse noticia delle entre as Religiosas. Finalmente, estando todos com a desconsolaçaõ de naõ apparecer hum instrumento de tanta importancia, appareceo com elle hum mestre de escóla, dizendo, que hum menino seu discipulo entrara a dar-lhe liçaõ por elle, sem saber o que era, o que se attribuhio a prodigio da Santa Rainha.

Continua.

121 Entrou-se logo na diligencia de mover a grande pedra, que cobria o caixaõ, o qual acharaõ coberto com hum panno de veludo carmesim, porèm as taboas delle estavaõ despregadas, e desunidas desorte, que se naõ podia tirar inteiro como intentavaõ. Acharaõ se nelle duas mosquetas brancas taõ frescas, e engraçadas, como o estariaõ no tempo em que alli foraõ postas. Sem fazerem pois mais averiguaçaõ, determinaraõ se lavrasse outro caixaõ, o qual se fez pela mesma medida do outro. Forraraõ no por dentro, e por fóra de téla encarnada com flores de ouro, e com pregos, ferragens, e fechaduras

chaduras sobredouradas. Do proprio modo as forquilhas, com os remates de prata, e os meyos de téla, e da mesma eraõ as almofadas, que haviaõ de levar aos hombros. Junto ao monumento, e na sua altura se mandou fabricar logo huma tarima, que se cobrio com hum panno de brocado de tres altos de ouro, o qual era da Real Casa de Bragança, e naõ tinha servido em outra alguma funçaõ; sobre elle se lançou hum colchaõ de tela vermelha, e por cima deste hum cobertor da mesma téla. Defronte da grade do Coro a huma ilharga da tarima, se erigio hum Altar gravemente ornado, sobre o qual se pôs o referido andor, em que havia de descançar o cofre destinado para receber aquelle precioso deposito.

Continua a historia da Trasladaçaõ.

122 A 27. de Outubro, dia determinado para se trasladar do mausoleo de pedra para o cofre, o corpo da Santa Rainha, entraraõ na Igreja para esse fim os Prelados, e Titulos mencionados, com muitos Cathedraticos, Doutores, Dignidades, Lentes de Medicina, e Cirurgia, dous Notarios, e muitas mais pessoas. Revestio-se o Bispo Conde de Pontifical, e se pôs na cabeceira do tumulo; aos lados os outros Bispos, e na circunferencia os Titulos, com tochas accezas. Com facilidade se levantou a pedra, e tirado o panno de veludo; appareceo o caixaõ com as taboas despregadas. Logo acharaõ huma colcha branca izenta de corrupçaõ, e examinando logo os Bispos por cima da mesma colcha, com muita veneraçaõ, se estava o santo cadaver incorrupto, ficaraõ na sem duvida de que o estava, e tirando logo as taboas dos lados, e cabeceiras do ataude, ficou o santo cadaver sómente com a debaixo. Entre esta, e elle quizeraõ metter humas toalhas de tafetá carmesim, que para este intento estavaõ dispostas, em ordem a suspender-se no ar o santo corpo, e a transferí-lo para a tarima, o que naõ teve effeito senaõ depois de entrarem os Bispos descalços no mausoleo, porque o milagroso licor, que tinha lançado de si o santo cadaver, havia pegado o seu envoltorio á taboa desorte, que foy necessario força, e industria para se despegar. Naquelle mausoleo esteve o corpo de Santa Isabel desde o anno de 1336., até o de 1677., em que se fez a Trasladaçaõ de que fallamos, que saõ 341. annos.

Prosegue-se com o mesmo.

123 Posto o santo, e milagroso cadaver sobre o colchaõ da tarima, quizeraõ introduzí-lo no novo cofre, na mesma colcha branca em que estava mettido; porèm como vissem naõ cabia, por se errar a medida pela Providencia Divina, que queria patentear ainda mais as suas maravilhas, em credito desta sua Serva, se assentou em que ficasse de fóra a tal colcha, e assim ficou á vista de todos o envoltorio, que he de panno de linho cozido desde os pés até o peito, porque daqui para cima se tinha coberto quando se fizera a primeira vistoria para a sua Canonizaçaõ. Ao accõmodar-se o milagroso corpo no cofre, se vio a maõ direita, e o braço da Santa até o cotovêlo, e logo os Bispos, e todas as mais personagens, beijaraõ aquella bendita maõ, como a de Rainha sua, e de Santa. Requereraõ as Religiosas, que as fizessem dignas de similhante fortuna, e se lhes cumprio o gosto, porque como naquella parte estava ja huma porta por onde haviaõ de sahir para o novo Mosteiro, se abrio, e por ellas sahiraõ as Religiosas, duas, e duas, a beijar-lhe a maõ. Ja neste tempo se tinha feito exame no braço da Santa Rainha pelos Bispos, Medicos, e Notarios, e se fez instrumento de que estava taõ palpavel, e taõ alvo, como de corpo animado. Depois que as Freiras lhe beijaraõ a maõ, se fechou o cofre com quatro chaves, e posto no andor o levaraõ para o Altar Mór, no qual o collocaraõ debaixo de hum rico docel, acompanhado de muitas vélas, e tochas accezas com os enfeites, que se devem ponderar haveriaõ em taõ grandioso acto. Naquella noite se abrazou a Cidade com luminarias, e se continuaraõ nas duas noites seguintes com muitos repiques de sinos.

124 No dia 28. de Outubro se abrio a porta da Igreja, onde se abbre-

viou povo ſem numero, que havia concorrido de todo o Reyno, e ſe teve por milagre da Santa o naõ perigar peſſoa entre tanta multidaõ, que entrava á porfia a venerar aquelle milagroſo corpo. Diſſe Miſſa de Pontifical o Biſpo Conde, e acabada ella ſe formou huma prociſſaõ com todas as Confrarias, Clero, e Cõmunidades, em que o meſmo Biſpo levou o Santiſſimo Sacramento para o lugar, que havia de ſervir de Igreja no novo Moſteiro. Na tarde do meſmo dia ſe cantaraõ as Veſperas da Traſladaçaõ com Regio apparato. Aſſiſtiraõ os Biſpos nos Presbyterios em aſſentos razos, mais abaixo os Marquezez em cadeiras tambem razas, e logo os Condes. Nas Veſperas capitulou o meſmo Biſpo Conde, e cantaraõ os mais eſpeciaes muſicos do Reyno.

Continua.

125 No dia 29. entraraõ de manhaã na Igreja as Perſonagens declaradas, com o Corpo da Univerſidade, e Senado da Camera. Diſſe o Biſpo Conde Miſſa de Pontifical, e depois della ſe veſtiraõ os outros Biſpos com alvas, capas de téla branca, e mitras, para levarem o andor, em que hia o cofre com o ſanto depoſito. Pelas nove horas da manhaã principiou a prociſſaõ deſta fórma: O Marquez de Arronches levava o pendaõ de téla branca, em que hia o retrato da Santa Rainha, e as borlas delle ſeu filho Antonio Rozendo, e o Conde da Ponte. Logo ſe ſeguia o da Irmandade da meſma Santa, o qual era tambem de téla, e álèm da imagem de Santa Iſabel, que moſtrava de huma parte, da outra tinha as Armas de Portugal; depois della hia a bandeira da Cidade, e logo a Cõmunidade dos Padres Terceiros de S. Franciſco: ſeguia-ſe a de S. Franciſco da Ponte, e atraz della a Cruz da Cathedral com o Cabido, e todos os Conegos com capas de Aſperges. Depois delles hiaõ as Religioſas, que eraõ ſettenta e quatro, de duas em duas, com vélas nas maõs, os roſtos cobertos com véos, e todas com os ſeus mantos pardos pelos hombros.

Proſegue ſe o meſmo.

126 Hia no fim deſta ſanta Cõmunidade o Provincial da parte direita, e a Madre Abbadeſſa da eſquerda. Os Marquezes, e Condes ja nomeados, veſtidos com os mantos das Ordens Militares, que profeſſavaõ; levavaõ hum rico pallio de téla, debaixo do qual hia o ſagrado depoſito no andor, que levavaõ ſeis Biſpos reveſtidos, aos quaes ajudavaõ alguns Provinciaes de diverſas Ordens. Atraz hia o Biſpo Conde tambem reveſtido, e ao ſeu lado o Biſpo de S. Thomé D. Bernardo Juzarte, Conego Regular, que ſe tinha ſagrado naquelle tempo em Coimbra; logo formavaõ duas alas os Doutores, e Meſtres de Artes, com ſeus capellos, e borlas, todos com vélas accezas, e ultimamente o Reformador da Univerſidade com huma tocha no meyo dos Senadores da Camera. Todas as mais Cõmunidades Religioſas eſtavaõ em duas fileiras do Moſteiro velho até o novo, por dentro das quaes paſſou eſta prociſſaõ. Aſſim como chegou ao famoſo pateo do novo Moſteiro, parou a Cõmunidade de S. Franciſco, fazendo caminho ás Religioſas, que foraõ paſſando por entre as duas alas, e dirigindo os paſſos para o Coro; nelle eſperaraõ o milagroſo corpo, que entrou na Igreja, ao paſſo das ſonoras vozes, que rendiaõ as graças á Mageſtade Divina, cantando o *Te Deum laudamus.* Collocaraõ logo o ſanto thezouro no Altar, do qual ſubia huma peanha, em que eſteve expoſto o Santiſſimo Sacramento no dia ſeguinte, aſſiſtindo á ſolemnidade todos os Biſpos, Conſelheiros, e Titulos. Celebrou de Pontifical o Biſpo Conde, prégou de manhaã o do Porto, D. Fernando Correa de Lacerda, e de tarde Fr. Pantaleaõ do Sacramento, Leytor Jubilado da Ordem Serafica. Em fim, metteo-ſe o cofre de téla dentro do de cryſtaes, o qual ſe fechou com tres chaves, huma que ſe entregou ao Sereniſſimo Rey D. Pedro, como Principe Regente do Reyno, outra ao Biſpo Conde, e a outra á Prelada da Caſa.

Proſegue-ſe o meſmo.

127 As taboas do caixaõ ſe repartiraõ aſſim: A debaixo, que moſtrava eſtampado o corpo da Santa, e outra em que ſe via o meſmo até o peito, ſe enviaraõ ao Sereniſſimo Principe Regente D. Pedro, cobertas com hum panno

panno de damasco branco, e tambem parte da colcha em huma bolsa de téla. A metade de huma das taboas dos lados se remetteo á Princeza sua mulher, a qual mandou fazer humas contas della, que teve em grande veneraçaõ. A's Religiosas se deo outra taboa, com hum retalho da colcha, e todo o panno de veludo encarnado, que estava no caixaõ. As outras taboas, e o restante da colcha se repartiraõ pelos Bispos, Titulos, e por muitas, e innumeraveis pessoas, que as pediraõ, as quaes saciavaõ a sua devoçaõ com muitas medalhas, rosarios, e fittas, que tocaraõ na Santa Rainha, e naquellas taboas, colcha, e mais cousas, que estavaõ contiguas ao santo corpo.

Repartem-se as reliquias do caixaõ, e colcha em que estava a Santa.

128 Dezanove annos se gastaraõ na edificaçaõ do sumptuoso Templo do novo Mosteiro de Santa Clara, porque quiz ElRey D. Pedro que a Santa Rainha fosse venerada em huma Igreja, que em tudo mostra-se a Magestade de hum Palacio Regio. Logo pois que soube que elle estava na ultima perfeiçaõ, assim nas paredes, como no adorno dos doze Altares, que mandou pôr no dito Templo, ordenou que se trasladasse segunda vez para elle o santo cadaver; para o que mandou o seu Conselho de Estado, e muitos Titulos, que com os Bispos da Guarda, de Lamego, de Miranda, de Portalegre, de Viseu, e de Leiria, e o Diocesano, fizeraõ outra solemnissima Trasladaçaõ a 3. de Julho de 1696. depois do Bispo D. Joaõ de Mello sagrar o Templo no dia de 26. de Junho de 1696.

Traslada-se novamente.

129 Vendo as Religiosas o preparo que se fazia para se collocar a sua Santa Rainha na Tribuna do Altar Mór da nova Igreja, e que lhe ficava em muita distancia do Coro, entraraõ no empenho de pedirem aos Bispos, levassem o santo corpo á grade do Coro, e lhe deixassem beijar a maõ daquella Gloriosa Rainha, a quem tratavaõ como mãy, em correspondencia de serem della estimadas como filhas do seu amor. Naõ quizeraõ os Bispos convir no piedoso empenho das Religiosas, com o que deraõ occasiaõ a ellas proromperem neste excesso. Como na occasiaõ em que passou por Coimbra a Senhora Dona Catharina, Rainha da Gram Bretanha, se abrisse huma porta junto á grade do Coro, para por ella entrar a ver o grandioso dormitorio do Convento, e se achasse tapada com huma parede ligeira da parte da Igreja, se resolveraõ a despregar huma porta que tinhaõ pela parte de dentro, e romperaõ com muita facilidade a parede, em modo que por ella pudesse caber huma só pessoa. Por aquella abertura entraraõ doze Religiosas, as quaes tiraraõ com effeito o tumulo, e o metteraõ no Coro, entoando todas o Cantico: *Bendito o Senhor Deos de Israel.* Logo o puzeraõ em dous bancos alcatifados, e armaraõ o Coro com muitas tochas, e copiosas flores. Juntaraõ logo as chaves do Convento, e vendo que naõ diziaõ nenhumas nas fechaduras, estavaõ summamente descontentes, e olhando huma para o cofre com grande sentimento, disse: *Rainha Santa, day esta consolaçaõ ás vossas Freiras*, e no mesmo ponto advertio huma criada que tinha huma chave, que era proporcionada para o intento; porém naõ queria ir buscá la, temerosa de perder o bom lugar de que estava apossada. Fe lo porém obrigada de huma intensa dor, que lhe deo nos olhos, pela julgar castigo; e assim se verificou, pois o mesmo foy o ir buscar a chave, que o ir-se-lhe a dor.

Do arbitrio em que deraõ as Religiosas do Convento para verem o corpo da Santa.

130 Com aquella chave se abriraõ, naõ sem mysterio, as fechaduras do cofre, do qual sahio logo huma tal fragrancia, que se dilatou pelos dormitorios. Descalçaraõ-se todas as Religiosas, e fazendo repetidos actos de contriçaõ, cantando o *Te Deum laudamus*, por ordem foraõ beijando a maõ da Santa Rainha, pedindo-lhe com muitas lagrimas de devoçaõ a bençaõ de Mãy, e de Prelada. A Madre Abbadessa, e outras Religiosas lhe descobriraõ com muita decencia o rosto, e viraõ que o véo, que escondia a formosura della, estava no mesmo rosto pegado por huma parte com hum oleo aromatico, que de todo o corpo sahia. Tinha hum dos olhos algum tanto aberto, e o outro cerrado. O tacto parecia de pessoa vivente, e apalpando-

Prosegue-se o mesmo.

fe-lhe os dedos pareciaõ animados. Viraõ-lhe o peito, e acharaõ que o corpo era groffo, e cheyo de carne, e de eftatura cumprida. Naõ boliraõ no envoltorio do peito para baixo, nem tiraraõ das roupas coufa alguma para reliquias, pelo grande refpeito que tinhaõ ao fanto cadaver. Tornaraõ a fechar o cofre as Religiofas, fem que deffem ás ferventes do Convento, e menos á da chave, o gofto de verem aquelle milagrofo corpo, que tornaraõ a collocar no mefmo fitio com grandes faudades, e lagrimas.

Da ultima Trasladaçaõ da Sãta.

131 Divulgado parte do cazo, e vendo-fe a porta aberta, juftamente temeraõ os Bifpos que as Freiras furtaffem o fanto cadaver, mettendo em feu lugar algum volume pezado; á vifta do que fizeraõ novo exame, e notaraõ as maravilhas do poder Divino na inteireza do fanto cadaver, que naquelle anno fazia 360. que eftava defunto. Celebrou-fe finalmente efta fegunda Trasladaçaõ a 3. de Julho de 1696. vefpera da fefta da mefma Santa, com pompa igual á que fe havia feito a primeira do antigo para o novo Mofteiro. A cafa, que fervia de Igreja, eftava coberta com tapeçarias Reaes, toda alcatifada, e ricamente compofta. A efcada, que defcia della para o grande pateo, que acompanha o novo Templo, tambem tinha os degráos, que eraõ 28. adornados, e as paredes affim do mefmo Templo, como do Coro o eftavaõ com pannos de téla de diverfas cores. No muro, por onde fe entra de fóra para o pateo, álèm da fua portada, fe fez outra de madeira, e ambas fe guarneceraõ com muito primor. Da parte de fóra fe erigio hum Altar com elegantiffimo aceyo, para defcanfar o bendito depofito. A nova Igreja, naõ obftante a fua Mageftade, e belleza, tambem fe armou com regia oftentaçaõ, e a Capella Mór com a mayor curiofidade, e preciofidade, excedendo porèm a tudo o Throno, como a coufa mais principal daquella celebridade. Na tarde do fobredito dia fe formou a prociffaõ na fórma feguinte. Hia diante o pendaõ de téla, que differmos fervio na primeira Trasladaçaõ, e o levavaõ o Marquez de Alegrete, e dous filhos feus as borlas, e juntamente tochas accezas. Seguia-fe a Irmandade da Rainha Santa, logo a Cõmunidade de S. Francifco, e ultimamente o proprio palleo, que fe havia feito para a outra Trasladaçaõ, cujas varas levavaõ os Titulos, e outros dos lados os acompanhavaõ com tochas. Debaixo delle hiaõ os feis Bifpos com alvas, capas, e mitras, levando o milagrofo thefouro. Seguia-fe o Bifpo Conde, e ultimamente o Reytor da Univerfidade com os Cathedraticos, e Doutores. Sahindo fóra do pateo por huma porta, entrou pela outra, e veyo a acabar na Igreja nova, aonde foy collocado o corpo da Rainha Santa na Tribuna da Capella Mór.

De alguns milagres.

132 Nas duas Trasladaçoens puzeraõ as Religiofas grandes luminarias por todo o Convento, e em ambas ferveo o azeite que havia no Convento, e deforte, que fe averiguou crefcia na fegunda Trasladaçaõ quarenta alqueires de azeite, no que quiz moftrar a bondade de Deos lhe eraõ bem acceitos os obfequios feitos á honra daquella fua Serva. Ifabel de Soufa, fervente da Cõmunidade, como grande devota defta Santa, quiz obfequiá-la com fazer luminarias á fua cufta, porèm como era pobre, ajuntou algum azeite em huma talha, e pedio á Santa lho augmentaffe, e foy taõ bem defpachada a fua fupplica, que fendo pequena a porçaõ, que lançara na talha, a achou cheya, e affim pôs as luminarias muito á fua fatisfaçaõ. Huma mulher, chamada Maria, era aleijada de pés, e maõs de tal modo, que os braços eftavaõ mettidos nas ilhargas, e pegados nas nadegas os calcanhares, e fendo levada diante do tumulo da Santa, nelle foy reftituida á fua antiga faude deforte, que ficou no Convento fervindo ás Religiofas com o nome de Maria da Rainha Santa. Maria Benta era taõ aleijada, que para mover-fe neceffitava de andar em braços alheyos, e logo que pedio a Deos o remedio para feus males pelos merecimentos defta fua Serva, alcançou a dezejada faude deforte, que ficou com bella difpofiçaõ, e muito capaz de tomar qualquer eftado. Mui-

tos

tos milagres fez mais a Divina bondade de Deos, por acreditar, e honrar cada vez mais neste mundo a esta Bemaventurada na occasiaõ das ditas Trasladaçoens, antes, e depois.

133 Por causa da opposiçaõ, que tinha á Coroa de Castella o Archiduque de Austria, e depois Imperador Carlos VI., chegou a este Reyno, para por elle fazer a sua entrada em Castella a 7. de Março de 1704., onde foy recebido do Sereníssimo Rey D. Pedro II. com grande apparato, e Regia ostentaçaõ. Querendo o dito Archiduque entrar em Castella, determinou fazê-lo pela Beira, e assim o assentou com ElRey D. Pedro, que o veyo esperar á Cidade de Coimbra, com o fim de lhe mostrar o milagroso corpo da Santa Rainha, a quem com effeito vio, e beijou a maõ o mesmo Rey, e muitos Fidalgos a 9. de Agosto de 1704., e a 29. do mesmo mez teve a mesma dita com especial prazer o Archiduque. Nesta occasiaõ mandou ElRey D. Pedro fazer humas cintas de prata, que cercassem o tumulo de crystal, e o fechassem desorte, que nunca mais pudesse abrir-se sem sua ordem.

Vem o santo corpo ElRey D. Pedro, e o Imperador Carlos VI.

134 Pinta-se a esta Gloriosa Santa com o habito de Santa Clara, que trouxe depois de viuva. Tambem a pintaõ com o véo preto, com que dezejou professar, ou por se achar com elle na sepultura, por lho porem as Freiras quando a sepultaraõ. Outros a pintaõ com véo branco, que he o que ella sempre trouxe. Na cabeça a Coroa Real, que teve como Rainha, e na maõ direita o bordaõ, que lhe deo o Arcebispo de S. Thiago na primeira romaria que fez ao Santo Apostolo. Na esquerda se lhe põem prezo o escapulario cheyo de rozas, em que se converteo o dinheiro, que levava para dar aos pedreiros, como deixamos dito, ainda que alguns querem que seja em memoria de se converter em rozas o dinheiro, que levava para os pobres, equivocados nisto claramente, por quanto o tal prodigio succedeo a Santa Isabel Rainha de Hungria, e tia desta nossa Santa, e naõ a ella.

Vida, e morte admiravel da Gloriosa SANTA JOANNA *Infanta, e Princeza jurada de Portugal.*

OFferece-se-nos por assumpto a vida de huma Santa, que, nascendo nos braços da grandeza, se arrojou ao abysmo da humildade; que criando-se no regaço das delicias se abrazou com a cruz da mortificaçaõ; que naõ fazendo, em fim, pé na dita de nascer, como naõ merecida, se fez ainda mais illustre por seu obrar virtuoso.

1 He esta a sempre Gloriosa Santa Joanna, Infanta, ou Princeza jurada deste Reyno, filha de ElRey D. Affonso o V., e da Senhora D. Isabel, que nasceo em Lisboa a 2. de Fevereiro de 1452., admirando a Rainha a maravilha de ser izenta da pensaõ, que as mulheres herdaraõ da sua primeira mãy depois que a concebeo. Era a Rainha devotissima do Evangelista Amado, e quiz pôr seu nome na prenda a que mais queria, ou a que queria tanto, quanto a tinha dezejado, e pedido com preces, e oraçoens.

Nasce Santa Joanna em Lisboa.

2 Dotou-a o Ceo formosa com extremo, pois era de corpo muito composta, e senhoril; a fronte gracioza, e alegre; os olhos verdes, e formosos; o nariz meyaõ, e affilado; a boca grossa, e revolta; o rosto redondo, e alvo com alguma cor rozada; a garganta crystallina, e perfeita; as maõs de alabastro, que pareciaõ ser feitas ao torno; alta do corpo, e muito ayroso: em fim, era de agudissimo entendimento, porque nem sempre as formosas haõ de ser nescias, nem as feas entendidas. Eis aqui as naturaes prendas de que a dotou a natureza, por particular destino da Graça: vamos ver agora a liberalidade com que esta tambem a enriqueceo.

Enriquece-a a natureza com singulares dotes.

2 Naõ

3 Naõ teve de menina mais que a innocencia. Quando a idade estava em sua primeira flor, se achava sua alma radicada de sazonados fructos de santidade. Embargou a graça as suas opperaçoens à natureza, e dezaforou a esta creatura das cõmũas Leys, marcando-a por sua com caracteres de virtude, para que admirasse com veneraçoens o mundo, e particularmente este Reyno de Portugal, o haver-lhe dado o Ceo huma joya tanto sua, pois tendo apenas nove annos pareciaõ nella primores, e seriedades de perfeiçaõ, o que nas mais saõ gracejo, joguetes, e puerilidades.

Tendo apenas nove annos se principiou a dar a Deos.

4 Deo-lhe o Ceo, em falta da Rainha sua mãy, por mestra a Veneravel D. Brites de Menezes, que, como experimentada no caminho das virtudes, certamente muito a alentava ao seguimento dellas, prevendo, e prevenindo os perigos em que podia çoçobrar, entre os muitos contrarios que tem. Muito deve certamente a Deos, quem tem na sua primeira idade huma bõa educaçaõ, pois hum bom principio presagio he de venturoso fim.

Por fallecimento da Rainha foy educada pela Veneravel Dona Brites de Menezes.

5 Naquelles primeiros, e tenros annos, principiou a obsequiar a Maria Santissima com o seu Divino Officio, que cada dia dedicava á sua honra, e gloria; para o que mandou fazer no seu quarto hum Oratorio secreto, onde ordinariamente estava em oraçaõ mental, em que foy peritissima, e vocal, em que naõ era menos destra. Nenhuma das delicias, com que o mundo lhe brindava, lhe levava o cuidado, e só o conversar naquelle Oratorio com seu Esposo lhe levava os affectos. Os livros espirituaes eraõ alli o seu unico divertimento, por saber que nelles acha delicioso pasto o espirito, e soluçaõ das duvidas, tentaçoens, e embaraços, que se oppõem aos que querem seguir a vereda da virtude.

Principia a obsequiar a Maria Sātissima de idade de nove annos.

Dá-se á liçaõ dos livros espirituaes.

6 Querem os mundanos, e principalmente aquelles, a quem o sangue, ou a fortuna elevou a alguma grandeza, que suas filhas naõ careçaõ das artes de cantar, baylar, e tanger, pelos ter talvez introduzido o diabo a que saõ prendas proprias de mulheres qualificadas; sendo huma profanidade grande, e digna de reprehensaõ, pelas consequencias, que della se seguem, e que naõ expendemos por naõ ser por hora do nosso assumpto. O ver-se pois a nossa Santa precizada a gastar algum tempo nestas vaidades da vida, foy hum dos principaes sacrificios, que dedicou a Deos Senhor nosso, e naõ foy menor a afflicçaõ, que padecia em se ver obrigada a andar preciosamente vestida, por dar gosto a ElRey seu pay, e naõ dar occasiaõ a que a Corte nella notasse singularidades.

Afflige-se a Sãta pela fazerem aprēder a bailar &c, e a andar preciosamente vestida.

7 Nas funçoens de Palacio, em que assistia, sobresahia entre todas, como a roza entre as outras flores, pois dava realce á sua formosura com a sua virginal modestia, com que era doce lizonja dos olhos, e poderoso iman dos castos affectos. Privilegiou seu Esposo a sua pureza com izençoens de purissima. Quiz fazer a esta sua Esposa veneravel, e naõ appeticivel, naõ permittindo que ao sagrado de innocentes olhos, se atrevessem delinquentes dezejos. Assim se portava a nossa Joanna no exterior, mas naõ assim no interior, pois álèm de estar nestas mesmas occasioens com todo o pensamento elevado no Ceo, estava com hum bem apertado cilicio de ferro, e com huma camiza de estamenha debaixo dos brocados, e ricas sedas. A' noite recolhida na cella, alleviava com seu amado Esposo o grande tedio, e odio, que lhe resultava de assistir áquellas funçoens, taõ alheyas do caminho da humildade, e da pobreza, que queria seguir no sagrado da Religiaõ, para onde pedia a encaminhasse; e este era o fim das oraçoens, que continuamente fazia a Deos.

Por baixo dos borcados, e ricas sedas se atormēta com cilicios, e camizas de estamenha.

8 As penitencias, que em obsequio de seu amado fazia, eraõ estas. Dormia sobre huma cortiça, e em hum colchaõ de estopa grossa com dous lançoes de estamenha. Todas as sextas feiras jejuava a paõ, e goa, e nos dias em que deixava de jejuar, comia com tanta parcimonia, que podia igualar-se com os antigos Padres do Hermo. Outros jejuns particulares fazia, nos quaes naõ gostava cousa da terra, e passava em colloquios com seu Esposo, que eraõ

Doma o seu delicado, e innocēte corpo com rigorosas mortificaçoens, e penitencias.

eraõ para ella o prato de mayor regálo. Tomava rigorosas diciplinas de sangue, em louvor da Paixaõ de Christo, que naõ podia ler, nem ouvir sem derramar diluvios de lagrimas, que dezabafavaõ em enternecidos suspiros. Passava as noites das sextas feiras em continua oraçaõ, e contemplaçaõ do que Deos Senhor nosso passou pela Redempçaõ do genero humano. Costumava passar as Semanas Santas em silencio estreitissimo, pois naõ fallava nellas mais que o muito preciso a duas damas suas confidentes. Todos os dias dellas jejuava a paõ, e agoa, que acompanhava com muitas lagrimas. Na quinta Feira Mayor, mandava buscar por hum criado velho, e seu confidente doze das mulheres mais pobres, e humildes, que achava, ás quaes lavava os pés com muito amor, e dava seus vestidos novos, com certa quantia de dinheiro, e fazia levar as taes mulheres em fórma, que naõ sabiaõ onde tinhaõ estado, nem quem era a pessoa, que fazia aquelle humilde acto, pois cobria a cara, naõ por se envergonhar de fazer por Deos aquelle nada na sua opiniaõ, sim porque naõ se lhe estorvasse. Desde que se recolhia o Senhor no tumulo naõ comia, nem descansava, gastando todo este tempo em chorar com duas fontes de lagrimas a memoria de suas penas, e dores, recolhida na sua cella, que foy certamente hum admiravel theatro, em que o Divino poder, fez ostentaçaõ da sua grandeza, dando tanto esforço a huma menina de taõ tenros annos, para pelejar contra todo o inferno, para admiraçaõ dos Anjos, e para confuzaõ dos luxos, demazias, e descuidos com que se vivia naquelles, e nestes calamitosos tempos. Dava muitas esmólas, e as que cabiaõ no limite da sua possibilidade. Fazia corporaes, bolsas, e pallas para os Altares, mettendo sempre em tudo a Coroa de espinhos feita a agulha. Tecia por suas maõs variedade de cilicios, e diciplinas, que offertava ás suas mais intimas amigas.

Humilha-se Sãta Joanna a lavar os pès a doze mulheres pobres.

9 Assim passava esta menina entre os fastos, grandezas, e vaidades do Palacio, como o mais perfeito Monge da Thebaida: mas naõ satisfeita a insaciavel sede, que tinha da virtude, hydropica ainda de mayor perfeiçaõ, procurou recolher-se em parte, onde pudesse servir a Deos ás claras, e lhe fosse mais facil dar a ElRey conta de seus santos intentos. Informou-se dos mais observantes Conventos, que naquelle tempo havia, e ouvindo dizer, que o do Bom Jesus de Aveyro era hum verdadeiro vergel de virtudes, de que era agricultora a Veneravel Dona Brites Leytoa; muito dezejava recolher-se nelle. Andava no mesmo tempo Dona Leonor de Menezes, filha do Conde de Vianna D. Duarte, com o mesmo intento de se dar a Deos, porêm indeterminada no Convento que havia de eleger. Foy pessoalmente ao Bom Jesus de Aveyro, donde escreveo a Santa Joanna, dando lhe parte do como estava resoluta a ficar naquelle domicilio do Ceo. A carta dizia assim: *Senhora, cheguei a este Convento, e me parece que entrei no Paraizo. Taes saõ os contentamentos espirituaes, que nelle goza a minha alma, que naõ acho termos com que os explique a Vossa Alteza. Aqui tenho achado quanto dezejava, assim na austeridade da vida, e exercicio da oraçaõ, como no augmento das virtudes, caridade fraterna, companhia Angelica, e perpetua conversaçaõ com Deos, com quem, ou de quem só trataõ estas Religiosas. Minha Senhora, torno a protestar a Vossa Alteza, que naõ posso cabalmente referir a grande satisfaçaõ, e gosto, com que vivo: porque ainda a hum S. Paulo naõ foy licito explicar a Gloria do Paraizo, que só quem a goza póde conhecer. Esteja Vossa Alteza certa há de achar neste Mosteiro quanto dezeja o seu fervoroso espirito; e eu, que como sua mais humilde serva, e subdita, lhe dezejo todo o bem, folgarei que venha a participar da Bemaventurança, que assim quero chamar ao que neste Convento se goza.*

Informa-se dos mais observantes Cõventos do Reyno.

Carta de Dona Leonor de Menezes a Santa Joanna.

10 Animada Santa Joanna com taõ bõa informaçaõ, se pôs com muita ancia a accõmodar suas criadas, e criados com grandeza Real, dezejosa de abraçar o Dominico Instituto. Andando pois procurando os meyos de conseguî-lo

Inclina-se ao Cõvento do Bom Jesus de Aveyro, e cuida em preparar se &c.

seguî-lo, procurou o inferno atalhar-lhos temoroso dos progressos que promettia na idade provecta, quem em taõ tenra se ostentava nella taõ perita. Era Santa Joanna herdeira jurada do Reyno pela morte do Principe D. Joaõ, que falleceo tanto nos primeiros crepusculos da infancia, que apenas tres primaveras contava: e supposto tinha o Reyno ja herdeiro na pessoa de outro Principe D. Joaõ, era unica esperança, que a morte podia cortar em flor, como ao primeiro. Sendo pois Santa Joanna Princeza jurada deste Reyno, dotada das perfeiçoens da graça, e da natureza, com que costuma a poderosa maõ do Altissimo assignalar as almas de que faz eleyçaõ para ostentaçaõ gloriosa do seu poder, duplicadas razoens haviaõ para ser pertendida de muitos Monarchas.

Pertendem-na varios Principes da Europa.

11 No mesmo tempo, em que Santa Joanna andava cuidando em se retirar para Aveyro, entre os mais Principes que a pertenderaõ, e pediraõ, foraõ Maximiliano Rey dos Romanos, filho do Imperador Federico. Ricardo III. de Inglaterra, e Luiz XI. de França. Soube Santa Joanna dos empenhos com que os Embaixadores a vinhaõ pedir, e desprezando a gloria daquelles Reynos, que lhe offereciaõ vassallem, naõ cessava de clamar ao Rey dos Ceos, e terra, naõ permittisse homem humano gozasse da joya da virgindade, que sacrificada tinha a immortal Esposo. Ao mesmo tempo que a Santa Princeza andava fazendo taõ piedosas supplicas, andava ElRey cuidadoso, e indeterminado, no como se havia de haver com os Embaixadores dos tres Monarchas, porque queria ficar bem com todos. Entendendo ser para isso o melhor arbitrio chamar os Embaixadores, e dizer-lhes, que se via taõ indeterminado na eleyçaõ, que de seus Soberanos havia de fazer, que a deixava na de sua filha; assim o fez. Vendo os Embaixadores a resoluçaõ de ElRey, foraõ fallar á Princeza, dando cada hum as razoens com que seu Soberano a pertendia. Ella os ouvio com agradaveis demonstraçoens, e pedindo-lhes tempo para a resposta, se recolheo no seu Oratorio a consultar com o Esposo Divino o como se havia de livrar do humano. Para as supplicas serem mais bem ouvidas, as acompanhou com perennes lagrimas, enternecidos suspiros, asperos açoutes, e abstinencias raras. Foy tudo taõ bem acceito no Conspecto Divino, que lhe revelou fizesse eleyçaõ do de França, que no mesmo tempo havia fallecido. Naõ he explicavel o jubilo, que lhe resultou desta revelaçaõ, assim por della entender que Deos se servia de que naõ tomasse estado, como por lhe dar taõ excellente meyo para se eximir. Mandou logo chamar os Embaixadores, a quem disse, que sem fazer aggravo aos mais pertendentes, estava resoluta a dar a maõ de esposa a Luiz de França, no cazo que estivesse vivo, e que com outro algum cazaria, quando a tivesse o Ceo privada deste esposo. Naõ penetraraõ os Embaixadores a mysteriosa resposta; porèm naõ tardaraõ muitos dias em que naõ a vissem decifrada com a noticia do seu fallecimento.

Sente-o amargamente, e pede a Deos a conserve pura.

Deixa ElRey na eleiçaõ da Santa a que havia de fazer dos tres Monarchas.

Implora a poder de lagrimas, e de penitencias o favor de Deos, e revelha-lhe este fizesse eleyçaõ de hum, que tinha fallecido &c.

12 Entendendo a Santa, que com a morte daquelle pertendente ficava livre dos Monarchas do mundo, naõ succedeo assim, pois naõ cessaraõ por isso mesmo de pertendê-la com empenhos mais crescidos, principalmente o de Inglaterra. Vendo-se ElRey D. Affonso muito instado, convocou a Cortes, onde propôs as humanas conveniencias, que daquelle cazamento resultavaõ a este Reyno, que todo veyo em que desse a maõ de esposa ao tal Principe. Deo-lhe ElRey parte do que se havia determinado, e rogou quizesse fazer-lhe o gosto, porèm sem fructo. Intentou-a persuadir pelas principaes pessoas da Corte, e sempre se mostrou penha na dureza, e diamante na constancia. Vendo ElRey esta, intentou obrigá-la pela authoridade de pay, e Rey. Constando porèm á Santa dos seus designios, se valeo do costumado asylo da oraçaõ, onde teve taõ venturoso despacho, como na primeira vez, pois apparecendo-lhe hum mancebo mais luzido, e resplandecente que o sol, lhe disse: *Naõ te entristeças Joanna, porque ja o Esposo ouvio teus rogos, e te conservará como sua, sempre pura, e intacta. Lança fóra os temores, e sabe que,*

Pertende-a ElRey de Inglaterra, e se assenta em Cortes ser conveniente a esta Coroa.

Repugna Santa Joãna estes desposorios, e prosegue em pedir a Deos ajuda.

que ja he morto o novo pertendente. Dito isto, dezappareceo o Celestial Embaixador, e ficou a Serva de Deos cheya dos jubilos, que se devem ponderar, e prezumir em huma alma santa, e assim favorecida. Succedeo esta maravilhosa vizaõ em huma noite, e entrando ElRey no outro dia de manhaã onde a Santa estava, com intentos de abrir brecha naquelle duro penhasco, lhe beijou logo a maõ com summa humildade, e disse: *Naõ nego Senhor, que devo obedecer em tudo o que Vossa Magestade me ordena, e for justo; mas tambem creyo me naõ há de negar, que sempre se há de fazer a vontade de Deos. E se elle me escolheo por sua, como posso ser de outro esposo terreno? Lembre-se Vossa Magestade, que ja o primeiro escolhido em França morreo; e hoje para que conheça ser verdade, que o Senhor do Ceo naõ quer que me despoze na terra, saiba que o de Inglaterra he tambem morto. A' vista destes successos taõ repetidos, naõ queira Vossa Magestade contrariar mais a vontade do Altissimo.* Na confuzaõ, que he taõ facil de ponderar, como difficultoso de escrever, ficou ElRey, quando ouvio estas palavras, ainda que duvidoso da certeza do que por ellas annunciava. Antes de seis dias vio completo o que sua Santa filha lhe declarou, e admirou justamente nella mais virtudes do que lhe julgava, pois as approvava, e acreditava o Ceo com vozes de prodigios.

Apparece-lhe hũ Anjo segurãdo-a de que se havia de conservar intacta, e de q̃ fallecera o segũdo pertendente.

Razoens com q̃ Santa Joanna pede a ElRey lhe naõ queira encõtrar sua vocaçaõ.

Tem ElRey a certeza da morte de ElRey Inglez, vaticinada por Santa Joanna.

13 Como ElRey D. Affonso era taõ valoroso, como Catholico, e pio, determinou neste tempo fazer guerra aos infieis de Arzilla. Aconselhou se com a Santa Princeza, que lhe approvou, e louvou seus santos intentos. Levou comsigo ao Principe D. Joaõ, ainda que de tenra idade, para que fosse herdeiro dos seus espiritos, assim como o era do Reyno, cujo governo deixou ao cuidado da nossa Santa, a qual o administrou com tanta prudencia, justiça, e caridade, que naõ cessavaõ grandes, e pequenos de louvar a Deos, por lhe dar huma Princeza de prendas taõ relevantes, que naõ se podia jamais julgar a em que mais resplandecia. Entre os trafegos, cuidados, e trabalhos em que se devem prezumir preocupados os sentidos de quem tem á sua conta o governo de huma Monarchia, se naõ esquecia das horas deputadas para a oraçaõ, na qual naõ cessava de pedir a seu Esposo Divino desse victoria ás armas de seu pay, que certamente veyo a conseguir gloriosos triunfos contra aquelles inimigos do nome Christaõ.

Vay ElRey fazer guerra aos infieis de Arzilla, e deixa o governo do Reyno a Santa Joanna.

Entre as maquinas do governo, prosegue nos seus exercicios, e em pedir a Deos victoria nas armas de seu pay, que conseguio.

14 Apenas teve noticia que ElRey chegava á Corte, fez compôr suas damas com os mais preciosos vestidos que tinhaõ, e ella cheya de ouro, e diamantes, brilhava entre ellas, como o sol entre as estrellas. Depois de lhe dar os parabens da sua dita, lhe fallou nesta substancia, segundo o Chronista da Ordem Fr. Manoel de Lima: *Serenissimo Senhor, ja que o Altissimo deo tanta gloria ás bandeiras de Vossa Magestade, razaõ he que, reconhecendo estes beneficios por seus, lhe renda as devidas graças, offerecendo lhe em sacrificio o emprego das mayores estimaçoens. Pelo que, Senhor, peço a Vossa Magestade com todo o rendimento, me sacrifique a Deos, dando-me licença para me recolher a hum Mosteiro, em que o sirva, em quanto me durar a vida. Ja sey que isto he grande sacrificio para o coraçaõ de Vossa Magestade: pois tenho experimentado que me ama com excesso: porèm estes holocaustos do proprio affecto saõ os que Deos mais estima. Finalmente, meu pay, meu Rey, e meu Senhor, eu peço esta licença pelas Chagas do nosso Salvador, porque só estas cinco bocas taõ eloquentes poderáõ persuadir a Vossa Magestade, que me conceda o que postrada a seus Reas pès estou pedindo.* Enterneceo-se o pay summamente com supplica taõ digna disso, e depois de derramar hum diluvio de lagrimas, abraçado com ella, lhe respondeo: *Filha minha, as vossas prudentissimas razoens tem quasi convencido meu entendimento; ao mesmo passo, em que o amor de pay repugna a vossa bõa eleyçaõ; porque naõ há duvida, que deste apartamento ha de experimentar o meu coraçaõ mortaes golpes, pois se separa da cousa mais amada que tem nesta vida. Mas como tendes dito, que ao Senhor se deve sacrificar o que mais se ama, para que seja do seu agrado o sacrificio, eu lhe of-*

Volta ElRey triunfante, e pede Santa Joanna por alviçaras licença para se dedicar a Deos.

Resposta que lhe deo ElRey com a licença que lhe pedia.

fereço em vós o meu proprio coraçaõ, e vos dou a minha bençaõ, e a licença que me pedis: Ide filha, e consagrai vos àquelle Senhor, que conserva, e domina todos os Reys. Inexplicavel foy o gosto, que a Santa teve com a resposta de ElRey, que certamente foy muito digna de hum Principe pio, e Catholico. Beijou-lhe a maõ jubilosa, porèm o Principe seu irmaõ, e os principaes Fidalgos protestaraõ juridicamente, que naõ havia de professar habito algum, sem que o Reyno tivesse herdeiros.

Protesta o Principe seu irmaõ, e os principaes Fidalgos, que naõ havia de professar.

15 Naõ consente as pirguiçosas dilaçoens do tempo, nem as torpes tibiezas do descuido para cumprimento de suas ancias aquelle feliz coraçaõ, em cujo centro chegaraõ a levantar chamma os amorosos toques, e poderosos impulsos da inspiraçaõ Divina. Logo que Joanna conseguio de ElRey taõ bõa resposta, ardendo naquella sagrada inquietaçaõ, que causa nas almas o purissimo incendio do amor de Deos, naõ podia socegar, até que naõ se consagrasse victima da imitaçaõ de Christo nas aras do estado Religioso; e assim dentro de poucos dias deixou as pompas do Palacio, e entrou com cinco damas, que ElRey lhe fez levar, no Real Convento de Odivellas. Nelle esteve unicamente dous mezes, muito a pezar do seu gosto, porque só o Convento de Jesus de Aveyro lhe tinha roubado os affectos, e naõ quiz intentá-lo no principio, por recear a licença. Das muitas visitas, que occorriaõ, tomou pretexto para pedir a ElRey a permudasse para Convento mais longe, e apertado. Com facilidade condescendeo ElRey com a sua supplica, ensinuando-lhe juntamente fosse para o Convento de Santa Clara de Coimbra, onde viviaõ pessoas muito qualificadas. Mandou logo dizer ElRey á Abbadessa de Santa Clara a resoluçaõ com que estava de levar lá a Santa, assignalando-lhe o dia em que os havia de esperar. Ella no mesmo tempo escreveo á Abbadessa de Aveyro, pedindo-lhe a fizesse encõmendar a Deos na Cõmunidade, para que conseguisse o ir para ella. Sahio pois ElRey, o Principe, e alguns Grandes da Corte acompanhando a Santa aos 17. de Junho de 1472., e chegaraõ brevemente a Coimbra. Pôs-se a Santa logo em oraçaõ, e acabada ella entrou no Gavinete de ElRey, a quem fez outra taõ espiritual, e efficaz, sobre os intentos com que estava de ir para Aveyro, que ElRey naõ se atreveo a estorvá la. Oppôs-se a que naõ fosse para Aveyro sua tia Dona Filippa, que estava em Odivellas, e o Principe seu irmaõ, tambem o encontrava dizendo ambos, que naõ era justo fosse para hum Mosteiro taõ pobre, e que estava em hum canto do Reyno a filha de hum Rey; aos quaes respondeo: *Que pouco faria huma Princeza em se retirar a hum Convento pobre por achar a Deos, quando este Senhor pela resgatar a ella, e a todos os homens ingratos, se naõ dedignou de vir nascer nos apertos de hum prezepio.* Em fim, venceo a Santa com estas, e outras razoens, que o seu abrazado espirito lhe ensinou, todas as com que se oppunhaõ á sua resoluçaõ, de maneira, que sahio de Coimbra, e chegou a Aveyro a 30. de Junho do mesmo anno, porèm reservou a entrada para 4. de Julho, dia do Patriarcha S. Domingos.

Recolhe-se no Convento de Odivellas, onde sómẽte dous mezes existe.

Pede a ElRey a permude para Convento mais longe, e apertado.

Intenta ElRey mettè-la em Sãta Clara de Coimbra.

Pede a ElRey a metta no Bom Jesus de Aveyro.

Opposiçoens que teve para naõ ir para Aveyro.

Chega a Aveyro a 30. de Junho, e entra no Convento a 4. de Julho.

16 Naõ saõ ponderaveis os jubilos, que tiveraõ as Religiosas com a entrada de taõ qualificada, como virtuosa companheira, nem explicaveis saõ as saudades, que a ElRey, ao Principe, e a toda a Corte a sua entrada occasionou. Em fim, para huns, e outros concorriaõ justos, e duplicados motivos ja de jubilos, ja de magoas. Mezes antes appareceo sobre o Convento, e lugar da cella, que se lhe assignalou, hum Cometta, que na primeira noite dezappareceo, para assim certificar as Religiosas de que servira de embaixada á entrada daquella nova estrella, que a adornar entrava aquelle Dominicano Ceo. ElRey assignalou ao Convento para seu sustento a Villa de Aveyro, e muitas terras a ella contiguas; e querendo-lhe dar o governo, e jurisdiçaõ dellas o repudiou, como quem hia mais empenhada em ser governada, que em governar.

Annuncia-se a entrada da Santa com hum Cometta.

Assigna-lhe ElRey para seu sustento a Villa de Aveyro, e regeita Sãta Joanna o governo della.

17 Naõ recebeo logo que entrou o habito, por lho impedirem ElRey, e os

e os Grandes do Reyno; porèm naõ faltava a todos os exercicios da Cõmunidade, como outra qualquer Noviça. Passados tres annos envergonhada de se ver em trajes de secular entre as Esposas de Christo, disse á Prioreza, que estava resoluta a tomar o habito dia da Conversaõ de S. Paulo, o qual com effeito lhe deo depois de lhe fazer huma practica espiritual, que ella ouvio humilde, e chorosa.

Naõ vestio o habito, senaõ passados tres annos.

18 Assim como Joanna se vio vestida do Dominicano habito, dando todas as redes a suas fervorosas ancias, dezaffogou seu amante coraçaõ em ternas lagrimas, e em suspiros ardentes, dando graças a seu Esposo das excessivas finezas, com que hia favorecendo sua alma, e a S. Domingos pela admittir por filha sua. Ella procurou sempre tanto mostrar o era, que naõ perdia hum ponto do que determinavaõ as Constituiçoens do Convento, e nunca jamais quiz usar do privilegio Real, que estimava em menos que nada. Despojou se de tudo o que tinha sombra de riqueza, e até de hum relicario, que lhe havia dado a Rainha sua mãy estando moribunda, naõ quiz usar. Dos ministerios mais humildes da Cõmunidade se naõ eximio: varria as cazas, amassava o paõ, lavava a roupa; em fim, acarretava sobre seus Reaes, e delicados hombros pedra, e barro, para as obras da Casa. Sentia que a quizessem differençar das mais, ou que a tratassem com o titulo de Infanta, como outra sentiria lhe chamassem alguma grave injuria. Sendo o voto da obediencia o grilhaõ mais pezado, e que mais atormenta aquelles espiritos, que supposto vivem nas Religioens, naõ he com o dezapego que devem; era na opiniaõ desta Serva de Deos ligeirissimo preceito, e encarecia o quanto gostava da obediencia, dizendo: *De bõa vontade mercara com a mesma vida o ser Religiosa, quando naõ fosse por outra cousa, mais que por estar sujeita a outrem, e renunciar a propria vontade, de que se seguiaõ tantos damnos.* Na caridade para com os pobres foy insigne, e para com as enfermas extremoza, ás quaes servia em tudo com a mayor promptidaõ, e amor.

Despede-se Sãta Joanna de tudo o que era riqueza, e se abate aos exercicios mais humildes.

Encarece o quãto gostava da obediencia.

19 O socego, e alegria com que a Santa hia passando no Mosteiro, perturbou o inimigo geral do genero humano fortemente, pois logo que tomou o habito, o Principe seu irmaõ, e os Grandes do Reyno juntos em forma de Cortes, expediraõ solemnemente hum Procurador a Aveyro, a protestar á Prioreza, e mais Religiosas em nome de todo o Reyno a sua Princeza, reclamando, e annullando o Acto feito, com o pretexto de ser sem consentimento de ElRey, e do povo, que a tinha jurado herdeira da Coroa. Era a Prioreza Religiosa de esclarecidas virtudes, razaõ porque respondeo a esta instancia com a modestia, prudencia, e espirito, que as seguintes palavras inculcaõ: *Que ella naõ podia lançar fóra da Religiaõ qualquer sujeito, que tivesse recebido o habito por sua vontade, a naõ ter demeritos, e defeitos impossiveis ao seu Instituto; e que pelo que tocava á licença de ElRey, e do Reyno, respondia: Que para servir a Deos huma creatura no habito de Religiosa, naõ era necessario mais licença, que o livre alvedrio, e o querer tomar o estado de mais gosto, e perfeiçaõ &c.* Mais injurias vomitou o Procurador contra a Prioreza, e mais Religiosas, depois de lhe ouvir esta resposta, do que de si lançar póde huma vibora pizada. Tudo toleraraõ com paciencia rara. Sua tia D. Filippa com a furia que se deve prezumir em huma mulher que se deixa vencer da paixaõ, fazia dezatinos; hum dos principaes foy o vestirse de dó com toda a sua familia, querendo dar assim a entender ao mundo, que sua sobrinha lhe morrera, [assim era, porèm morreo para o mundo, por viver para com Deos] e lhe mandou tirar da companhia huma Religiosa, que de Odivellas levara, cuja falta sentio com effeito a Santa, mais que todos os ameaços, que por mil meyos lhe faziaõ. O Principe mostrou tambem o quanto sentio a resoluçaõ da nossa Santa com se vestir de luto, e deixar crescer a barba. Desta sorte a foy procurar ao Convento, onde lhe fallou nesta substancia:

Perturba o inimigo geral o socego de Santa Joanna, fazendo com que o Principe se lhe oppuzesse &c.

Resposta que a Prioreza deo ao Procurador.

Veste-se sua tia Dona Filippa de dó em demonstraçaõ de sentida.

Veste-se o Principe de dó pelo mesmo respeito.

20 *Naõ hà duvida, Senhora, que grande he o aggravo, que Vossa Alteza tem feito a ElRey meu Senhor, e pay, a mim, e a todos os vassallos, com esta sua mudança. Por huma pouca de quietaçaõ, que dezeja gozar, quer perturbar a todo o Reyno? Assim quer agradar a Deos, dedicando-lhe o que naõ he seu; e para fazer hum acto de caridade,* [se he que caridade se póde chamar] *naõ se lembra, que cõmette huma injustiça? As Princezas Reaes conserva-as Deos no mundo, naõ para se encerrarem entre quatro paredes em huma pobre cella, mas para governarem os povos nos seus Palacios. Lembrai-vos,* [*Senhora*] *que sois huma destas, e que estais jurada de todo o Reyno solemnemente, em falta de huma vida, que està a risco de perder-se com o desgosto de vos ver taõ vilmente vestida. Finalmente, irmaã, fallemos claro, esta vossa precipitada determinaçaõ naõ póde persistir. O Reyno a reclama, eu a protesto, e ElRey meu Senhor naõ póde conceder tal licença. Ver-vos-heis obrigada a ceder, senaõ às supplicas de vossos vassallos, à força que vos fizer; porque estaõ determinados a vir buscar-vos com armas, quando naõ queirais sahir de bõa vontade. Entaõ vos vereis constrangida a mudar de estado; nem eu poderei deixar de ser cabeça desta gente, porque assim convem à quietaçaõ do Reyno. Ja o Senhor tem visto o vosso dezejo, e acceito o vosso sacrificio; mas quer, e manda que se dè a Deos o que he de Deos; a Cesar, o que he de Cesar. Vós, como Princeza jurada, ja naõ sois vossa, sois do Reyno; tornay ao seculo, onde pertenceis, e ficaráõ os animos socegados.*

Responde Santa Joanna ao Principe desfazendo-lhe as suas razoens.

21 Ouvio Santa Joanna com muita attençaõ ao Principe, e lhe respondeo assim: *Naõ hà duvida, meu Principe, que o poder de Vossa Alteza, e de ElRey meu Senhor, como de todo o Reyno, he grande, e tanto mais forte, quando se quer mostrar contra huma pobre donzella, taõ fraca, como eu sou, sem ter outras armas offensivas, nem defensivas, mais que oraçoens, e lagrimas; mas naõ as tenha Vossa Alteza por taõ fracas, que naõ sejaõ fortissimas, e invenciveis, se naõ para vencer a força, e violencia, com que me ameaça contra toda a ley humana, e Divina, tirando-me do Mosteiro; ao menos para conseguir do meu Esposo, e Senhor, me dè gloriosa victoria contra todos os que quizerem contrariar-me, e firmissima constancia para perseverar atè à morte neste sagrado habito do meu Padre S. Domingos, de que o Ceo, por sua piedade, me fez digna, o qual estimo mais, que quantas purpuras me poderáõ dar todos os Reynos da terra. Disto posso assegurar a Vossa Alteza, e juntamente a todos os Senhores do Reyno, que antes hey de perder a vida, que deixar de continuar o caminho, que principiei. Nem eu me posso persuadir, que ElRey meu Senhor, e pay, e Vossa Alteza, de cujas virtudes, e Christandade tenho tanta experiencia, intentem mais impedir o que Deos tem ordenado, e contrariar sua Divina vontade. Elle he* [*meu Principe*] *o que me chamou para o seu serviço, e me conservará pela sua Divina misericordia no estado em que me tem posto; ainda que tenha contra mim o mundo todo. Que mudança diz Vossa Alteza que eu intentei, e puz em execuçaõ contra sua vontade, porque se mostra taõ sentido? Naõ me deo licença ElRey meu Senhor, para me encerrar neste sagrado Mosteiro, sahindo de Odivellas com beneplacito, e contentamento de Vossa Alteza? Pois imaginava que esta minha diligencia era para tornar ao seculo, e deixar de servir nesta Casa a meu Deos atè morte? Se prezumio o primeiro, perdoe-me dizer-lhe se enganou; que as Princezas de Portugal naõ mudaõ de estado, para dentro de quatro dias tornarem vaidosamente a buscar o que deixaraõ: e se cuidou o segundo, como creyo, porque naõ fez Vossa Alteza estes tumultos, quando à sua vista me deo ElRey a licença? Em que offendi eu a elle, a Vossa Alteza, e ao Reyno, como me diz? Em vestir este sagrado habito, que elegi com consentimento de hum, e de outro? Meu Principe, o estado, que tomei, foy com taõ firme resoluçaõ, que nem o seu poder, e de todo o mundo, nem a ira de ElRey meu pay, nem todos os excogitaveis tormentos, ou a mesma morte, seráõ bastantes para obrigar-me a mudá-lo. Dominica sou, e assim quero viver, e espero acabar &c.*

22 Estas

22 Estas, e outras similhantes razoens deo a invencivel Joanna ao Principe, que vendo naõ achava outras com que convence las, se retirou do Mosteiro, ameaçando aquella candida pomba, e á Veneravel Prioreza. Pareceolhe que o Arcebispo de Evora, que alli se achava, como douto, e Ecclesiastico, melhor a persuadiria a deixar o habito. Ensinuou-lhe seus intentos, e indo com effeito procurar a nossa Santa, lhe fallou com razoens taõ fortes, como estas: „ Quem negasse, Senhora, que o estado de Religioso naõ „ he mais perfeito que o do matrimonio, fora impio; porque he huma uniaõ, „ naõ com esposo da terra, mas com o Rey da Gloria. He a Religiaõ aquel- „ la escada de Jacob, em que os homens se assemelhaõ dos Anjos, e sobem „ ao Ceo por meyo da contemplaçaõ, quando descem humildes pelo pro- „ prio conhecimento do seu nada. He hum sacrificio perfeito, que a alma „ faz a Deos de si mesma. Finalmente, he hum porto seguro, onde naõ se „ experimentaõ os naufragios, e borrascas do mar do mundo. Devem julgar- „ se por entendidos todos os que se retiraõ a este lugar; especialmente to- „ dos os que vem fugindo dos grandes cargos da terra, em que se encontraõ „ os mayores perigos. Com mayor razaõ saõ dignos de eterno louvor Reys, „ e Principes, que, desprezando as pompas do seculo, se recolhem ás humil- „ dades dos Claustros, para servirem ao Altissimo. Tudo isto sey, e o con- „ fesso: porém há occasioens em que naõ he virtude o retiro, antes culpa „ gravissima, especialmente quando o bem commum se perde: porque para „ conservar este, se deve pôr de parte todo o particular. He verdade que „ todo o mundo admira a heroica resoluçaõ de V. Alteza, em se recolher á „ estreitissima Religiaõ de S. Domingos, desprezando as grandezas, naõ só do „ seu Reyno, mas de outros estranhos, que obsequiosos a pediaõ. Eu, como „ servo de V. Alteza, e Pastor de huma das Igrejas desta Monarchia, naõ „ posso deixar de pôr os olhos no bem della, para dizer-lhe, que naõ póde „ acertadamente conservar o novo estado, deixando arriscada a Coroa de Por- „ tugal. Advirta, (minha Senhora) que com a esperança do seu bom gover- „ no respirava este Reyno na grande tribulaçaõ em que se vê, sem ter mais „ arrimo, que o Principe meu Senhor, taõ fraco pela sua pouca saude, que „ se teme lhe falte com qualquer leve doença. E que será de seus vassallos, „ quando Deos assim o permitta! Quantos pertendentes teremos a esta Coroa! „ Quantos tumultos, guerras, dissençoens, ruinas, mortes, e finalmente a „ total destruiçaõ deste Reyno! Sendo V. Alteza causa de todos estes dam- „ nos, por querer ser Religiosa. Perdoe-me, se a paixaõ me faz exceder; que „ eu naõ posso chamar a isto senaõ impiedade, e injustiça. Sahiraõ dos Clau- „ stros da Religiaõ Religiosos professos, e muito santos, e se lançaraõ ás on- „ das do seculo, só por salvar huns poucos amigos; e V. Alteza naõ faz cazo „ da perdiçaõ de todo hum Reyno! Eu protesto, Senhora, que se professar „ este estado, que só por sua vontade tomou, todos seus Vassallos attribuaõ „ a V. Alteza os males, e perturbaçoens desta Monarchia; e entaõ lhe servi- „ rá de tormento, o que escolheo para quietaçaõ. Em conclusaõ [minha Se- „ nhora] exponho todas estas razoens ao seu grande entendimento; e acabo „ com dizer: Advirta V. Alteza, que he jurada Princeza de Portugal, e con- „ sequentemente naõ sua, mas do mesmo Reyno. „

Intenta persuadi-la a largar o habito o Arcebispo de Evora, a pedido do Principe.

23 Com grande attençaõ, humildade, e paciencia, ouvio Sor Joanna a este Prelado, a quem deo a seguinte resposta: „ Muito me admiro, Arcebis- „ po, de ouvir de sua boca estas razoens; e supposto sey, que o zelo do bem „ do Reyno, e serviço de ElRey meu pay, o obrigaõ a fallar-me assim, naõ „ posso deixar de dizer-lhe, que toda essa proposta, que me fez, he contraria „ ao seu estado. Naõ esperava eu de hum Pastor da Igreja, que me persuadisse „ a sahir do rebanho da Religiaõ, para me expôr aos perigos do seculo, en- „ tre os dentes dos ferozes lobos, que nelle se encontraõ. As razoens, que me „ aponta, naõ me convencem; porque todas se destroem com este só prin- „ cipio:

Responde Santa Joanna ás razoens do Arcebispo com outras naõ menos fortes.

„ cipio: que me determinei a vir para os Clauſtros, por aſſegurar a ſalvaçaõ „ de minha alma, que mais que tudo devo eſtimar. Naõ me obriga eſtar no „ Palacio a quietaçaõ do Reyno, o bem do povo, e o ſer Princeza jurada: „ porque eſtando vivo, e ſaõ o Principe meu irmaõ, nem eu aſpiro mais á „ C roa, nem ha que temer pertençoens, ſendo elle o verdadeiro, e legi- „ timo ſucceſſor de ElRey. E ſe ſe teme a vida de meu irmaõ, ſendo hum „ Principe robuſto, e guerreiro, como ja tem moſtrado em Africa; quem „ lhe aſſegura a minha, ſendo eu huma fraca donzella! Naõ he bom con- „ ſelho querer impedir as vocaçoens de Deos, por temores vaõs; e aſſim naõ „ ſe canſe mais o Arcebiſpo, porque naõ ha de conſeguir de mim o que in- „ tenta, &c.

24 Vendo o Arcebiſpo de Evora a pouca efficacia das ſuas razoens, ſe retirou a dar conta ao Principe da reſpoſta, que a ellas dera a noſſa Santa. Enfureceo-ſe o Principe por ver fruſtrados todos os meyos de perſuadi-la, tornou ao Convento com o de ameços taes, que concluiraõ: em que a havia de tirar por força, e fazer-lhe o habito em pedaços; ao que ella reſpondeo: *Que o Senhor, que lho tinha dado, a defenderia.* Irritado o Principe com eſta reſpoſta, impedio a que a Villa de Aveyro lhe concorreſſe com o que ElRey lhe tinha aſſignado para ſua ſuſtentaçaõ. Nenhum abálo fez iſto na conſtante Serva de Deos, que tinha em pouco os bens do mundo, por ter em muito os do Ceo. Só ſentia todavia, que foſſe ella cauſa de que padeceſſem diſſabores aquellas Religioſas, que juſtamenre receoſas com ella, rogavaõ continuamente a Deos applacaſſe qualquer inſulto, ou ira de peſſoas taõ poderoſas.

Pertende perſuadir o Principe a Santa Joanna com ameaços.

Priva o Principe a Sãta Joanna das rendas, que ſe lha havi aõ conſinado.

25 Porèm os exceſſos rigoroſos da ſua penitencia, as impaciencias ſantas do ſeu amor, os voos continuos, e ancioſos do ſeu eſpirito, a intenſaõ fervoroſa dos ſeus affectos, a violencia, ainda que doce, dos ſeus raptos, lhe cauzaraõ huma enfermidade de qualidade, que parece foy a pedra de toque, que deſcobrio os ſubidos quilates da ſua paciencia, e a officina, em que ſe poliraõ ſuas virtudes, com o buril de continuas dores. Encheo-ſe-lhe o corpo de humas manchas taõ peregrinas, acompanhadas de taes achaques, que aſſentaraõ os Medicos veria a dar em leproza, ſe naõ deixaſſe o uſo da laã, e do peixe. As perſuaſoens pois dos Medicos, dos Padres eſpirituaes, e ainda a inſtancia de ElRey a obrigaraõ [á cuſta de toda a alma] a fazer hum acto publico de deſiſtencia do habito. Chamou pois a Prioreza, deſpio o habito, dobrou-o pela ſua maõ, e beijando-o muitas vezes o pôs no Altar, dizendo-lhe com mais lagrimas, que vozes: *Bem ſey, habito ſanto, que naõ merecia eu lograr vos, nem veſtir-vos; porque ſe ſois traje verdadeiramente Angelico, era indecencia cobrires eſte demonio. Se a voſſa candidez, he indice de purezas, eſtava violento em mim com as mais enormes perverſidades: ja vos deixo: mas bem ſabe meu Patriarcha S. Domingos, que mais cuſtoſo ſacrificio faço em vos deixar, do que fiz em vos veſtir.*

Perſuadida dos Medicos, e dos Padres eſpirituaes deixa o habito.

Falla Santa Joanna com o habito.

26 Suppoſto a noſſa Santa deixaſſe o habito, tanto naõ deixou a norma de vida, que tinha, que duplicou os rigores della: e ſuppoſto comia carne, era tanto contra ſua vontade, que vinha a fazer mayor mortificaçaõ em comê-la, do que faria em deixá-la. Noticioſo pois ElRey, e o Principe de que deixara o habito, mandaraõ ſe lhe continuaſſem as rendas, que no principio ſe lhe conſignaraõ, e ainda lhas accreſcentaraõ, as quaes empregou todas em obras do Moſteiro, em congruas, que dava aos Capellaens, que nelle exercitavaõ os Divinos Officios, e em muitas eſmólas, e mais obras pias.

Manda ſe-lhe concorrer com os rendimentos que ſe lhe haviaõ tirado, e com ventajem.

27 Entrando na Villa de Aveyro no anno de 1479. huma grande peſte, temeroſo ElRey de que ſe apoſſaſſe do Convento, mandou tirar delle a noſſa Santa, ſem embargo das ſuas repugnancias, e com ella a Prioreza, ſeis Religioſas, e duas meninas. Onze mezes eſtiveraõ fóra do Convento, ſem que em todo eſte tempo deixaſſem jamais de rezar em fórma de Coro os Divinos Officios, ſegundo o uſo da Religiaõ. Depois de recolhida, como rio, que

Por cauza de huma peſte ſahe Santa Joanna do Convento.

que quando mais reprimido, costuma correr mais impetuoso, começou a correr com a mayor ancia pelo caminho das virtudes. Diante de toda a Cõmunidade, e dia de Santa Catharina, sua particular devota, ratificou por voto solemne perpetua virgindade, virtude certamente nobilissima, e peregrina no mundo, por ter sua patria no Ceo, e sua origem no mesmo Deos. Depois de fazer este acto, revestida de novo espirito, todas as suas practicas eraõ cheyas de fogo do Ceo, sahidas do incendio da caridade, que em seu peito ardia. E se a caridade, como o sol entre os astros, resplandece entre as demais virtudes, descobrio em todas as desta Santa o vigoroso da sua chamma, em tal fórma, que por ella veyo a perder a vida, e ainda a grangear a laureola de Martyr, como querem alguns Escritores da sua vida: e se naõ attendaõ.

Volta para o Cõvento, e faz voto solemne de virgindade.

28 Já dissemos que ElRey seu pay lho assignalara para sua sustentaçaõ a Villa de Aveyro, e o governo della, que supposto naõ quiz acceitar, quiz tomar á sua conta o zelar a honra de Deos, para que naõ fosse offendido. Soube pois que huma mulher grave vivia na Villa bem descuidada da morte, e por consequencia da sua salvaçaõ: procurou persuadi-la á emenda da sua depravada vida por brandos meyos, e exhortaçoens santas; vendo infructiferas suas instancias, e que hia perseverando escandalosamente nas suas perversidades, a fez desterrar da Villa. Esta pois morando no caminho por onde a Santa passou, no tempo em que se retirou para o Convento, pela occasiaõ que dissemos, lhe mandou dar hum pucaro de agoa, que a Santa cazualmente pedio á sua porta, do qual logo se lhe seguiraõ mortaes desmayos, e outros effeitos, que confirmaraõ o ser inficionada. Applicaraõ-lhe varios incentivos com que melhorou, mas naõ desorte, que recuperasse de todo a saude perdida. Aos oito de Dezembro de 1489. lhe creceo a enfermidade, e tendo no mesmo tempo revelaçaõ de ser chegado o tempo da partida, naõ com mais anelho trabalhaõ ás chammas em desprenderem se do imbustivel, para voarem á esféra, que forcejava o espirito de Sor Joanna em dezatar-se das prizoens do corpo para voar á patria. Com esta santa impaciencia, effeito de hum coraçaõ todo abrazado no purissimo incendio do Amor Divino, chegado o dia de Natal, foy assistir a todas as solemnidades delle, e confessando-se, como quem suppunha taõ propinqua a morte, se retirou para a sua cella muito debilitada. Vendo-a as Religiosas assim prostrada, duplicaraõ as preces a Deos Senhor nosso, pedindo-lhe por mercê aquella vida: porèm fezse surdo aos clamores, por querer coroar com immortaes grinaldas na sua Gloria, áquella Esposa sua. Estando a Prioreza, que era de exemplar vida, no Coro encõmendando a Deos esta sua Serva, se dignou este Senhor de mostrar-lha no Coro, vestida com hum habito resplandecente, que excedia a luz do sol, todo bordado de pedras preciosissimas, e que cantava docemente. No mesmo tempo ouvio huma vóz que sahio do Altar, que dizia: *Cedo será Joanna sua morte.* Dito isto, desappareceo a vizaõ, e indo logo a Prioreza contar tudo á Princeza Santa, esta sorrindo-se, respondeo alegremente: *Madre, antes de muito tempo se verá cumprido o que vossa Reverencia vio, e meu Celestial Esposo lhe revelou para que me avizasse:*

Reprehẽde a hũa mulher de máo viver, e esta em odio seu lhe faz dar hum pucaro de agoa venenosa.

Adoece gravemente, e tem revelaçaõ de sua morte.

Vizaõ que teve a Prioreza sobre a bemavẽturada morte de Santa Joanna.

Dá a Prioreza parte da vizaõ, e respõde a Santa.

29 Chegada a Semana Santa, de que foy taõ devota, como ja dissemos, supposto o corpo estava debil, o espirito estava com vigorosas forças, foy levada nos braços das Religiosas ao Coro, onde cõmungou Quinta Feira Mayor, com jubilos taõ grandes, que nem ella os poderia explicar. Retirada para a sua cella, nella foy continuando com os seus colloquios até dia de Paschoa, em que foy cõmungar com a Cõmunidade, e se despedio das cadeiras do Coro com os olhos banhados em lagrimas, dizendo: *A Deos assentos dos Anjos; jamais me vereis em vossa companhia.* A enfermidade se apossou de todos os membros de maneira, que só lhe ficaraõ as maõs livres para levantar ao Ceo, e a lingua para cantar louvores a seu Esposo Divino, que estaria sem duvida comprazen-

Vay receber o Santissimo ao Coro, e se despede das cadeiras delle.

comprazendo-se de ver padecer aquella sua Serva com inalteravel paciencia, e invicta conformidade na sua vontade.

30 No mez de Mayo de 1490. se vio assaltada de hum accidente, que a deixou sem sentido, e tornando a este, vendo-se cercada de Religiosas, ficou summamente consolada, e pedio-lhes a naõ dezamparassem, pois se chegava o tempo. Fez a ultima confissaõ geral no dia em que se celebra a Tina de S. Joaõ. Pedio o Sacramento da Unçaõ, que se lhe administrou de hum Altar, que se lhe fizera, cheyo dos Santos da sua devoçaõ, e a cada huma das formas repitia com grande dor, e contriçaõ: *Pequei, Senhor, perdoai-me, tende misericordia de mim.* Mirrou-a a enfermidade de maneira, que naõ tendo humor, que pelos olhos lançasse, disse á Prioreza com grande magoa, e

Queixa-se de naõ poder chorar suas culpas.

sentimento: *Que será isto Madre, que naõ posso chorar as minhas culpas! Receba o Senhor a minha vontade: porque o meu corpo ja naõ póde mais.* Seis dias viveo ainda depois, nos quaes quiz seu Divino Esposo acabar de purificá-la com dores terribilissimas, que sempre tolerou com indizivel tranquilidade, e alegria. Vendo-a huma Religiosa nas estancias da morte, lhe disse: *Naõ temais Senhora, porque estando crucificada entre tantos tormentos, naõ podeis ser separada do Summo Bem, que por nós morreo em huma Cruz.* Naõ temo [respondeo ella] *perder ja o Senhor em quem creyo: porque a sua misericordia he tanta, que espero me perdoará, como quem deo por mim a vida, sendo a mayor de todos os peccadores; mas naõ se admire, Madre que eu mostre tanto sentimento nesta hora: porque naõ vou para casa de algum Principe terreno: apparecer, sim em presença de hum Rey Celestial, e dar-lhe conta de todo o mal, que obrei em minha vida, e de todo o bem que podia fazer, e naõ fiz.* Justificadissimas causas tinhaõ as Religiosas para lamentarem, e chorarem a falta

Consola a huma Religiosa, e resposta que lhe deo.

Consola Santa Joanna ás Religiosas.

de taõ santa companhia, as quaes consolava, dizendo: *Naõ choreis minhas irmaãs; antes vos alegrai, se he que me amais: pois vedes que vou de huma vida cheya de miserias, e de perigos para Casa de hum Bom Senhor, em cuja piedade tenho firmes esperanças.* Entrando os Medicos a visitá-la, hum dia antes do seu felice fallecimento, os dissuadio da applicaçaõ dos remedios por perdidos, e mandou chamar o seu Capellaõ, a quem pedio lhe fosse dizer logo a Missa das Chagas, que era Medicina da alma. Pedio o mesmo a todos os Religiosos, e Sacerdotes da Villa, e á Prioreza a mandasse sepultar no Coro debaixo. Pedio finalmente a todas as Religiosas se lembrassem de rogar a Deos pela sua alma, e que fossem para suas cellas descançar. Ficando porèm algumas, com tanta clareza, e gosto practicou com ellas sobre as delicias da Gloria, e gozo dos Bemaventurados, como que tivera tudo experimentado.

Dissuade aos Medicos de lhe assistirem, e assigná-la humilde sepultura.

31 Supposto a enfermidade a tinha debilitado de todas as forças, e posto na mayor debilidade, se achava com o mais claro, e perfeito juizo. Perguntava muito a miudo pelas horas, e dizendo-se-lhe ultimamente tinhaõ dado duas depois da meya noite, mandou chamar o Confessor, com quem fez Confissaõ em vóz alta, e clara. Applicaraõ-se-lhe todas as Indulgencias concedidas pelos Romanos Pontifices áquella Religiaõ, e outras particulares. Pedio huma Imagem de Christo, e apertando-a entre os braços, disse: *Apartay, Senhor, a vossa Divina face dos meus peccados.* Rogou ás Religiosas a soccorressem naquella ultima hora com algumas oraçoens. Vendo-a a Prioreza na ultima agonia, e desfallecida, lhe perguntou se queria tomar alguma cousa de substancia, a que respondeo: *Naõ he tempo, Madre, bõa substancia será ler-me a Payxaõ de meu Salvador.* Leraõ lha com effeito, e chegando ao passo da bofetada, que em Jesus Christo deraõ em Casa de Annás, levantou o braço, e tirando da fraqueza forças deo em si huma, dizendo: *Oh Senhor, que tanto quizestes padecer pelos peccadores, perdoai-me, e salvai-me, para que seja do numero dos que vos haõ de amar, e louvar por toda a eternidade.* Quando se leo no fim da Payxaõ o como Christo expirara, deo hum grande suspiro, e disse: *Eu sempre esperei em Vós, Senhor, e por isso a Vós encõmendo*

Pede huma Imagem de Christo, e que lhe lessem a sua Santissima Paixaõ.

Dá hũa bofetada em si, e falla com Christo.

mendo minha alma, que creastes, e remistes com o vosso preciosissimo Sangue. Encõmendou-se á Mãy de misericordia, rezando o Hymno: *Ave Maris Stella*: repetindo com affectuosas ternuras: *Maria Mãy de Graça, Mãy de misericordia, defendei-nos do inimigo, e recebei-nos na hora da morte.* Disse o *Credo*, e pedindo a véla benta do Rosario, e á Cõmunidade lhe dissesse o Officio da Agonia, chegando áquellas palavras: *Omnes Sancti Innocentes, Orate pro ea*, abrio os olhos com tal resplandor, que causou admiraçaõ, e pondo-os no Ceo enviou a alma em hum aprazivel suspiro, que servio de ponto final, e glorioso ao periodo de sua santa vida aos 12. de Mayo de 1490., tendo de idade 38. annos.

Fallece Santa Joanna a 12. de Mayo de 1490.

32 Sempre foy preciosa nos olhos de Deos a morte de seus Servos, porque, deixando vencidos na batalha da vida a todos seus inimigos, se fazem dignos da coroa da justiça, adornada de preciosissimas perolas, que o Justo Juiz, e Soberano Rey lhe tem prevenido no eterno deposito da Gloria. Isto he o que passa nos olhos de Deos, que regista os coraçoens, e julga com equidade as justiças; porèm naõ he assim o que passa nos dos homens, cuja vista apenas alcança a primeira regiaõ das cousas. Em fim, a morte dos mesmos Justos, e Bemaventurados, naõ descobre a sua preciosidade em toda a occasiaõ, senaõ só quando a Omnipotencia Divina faz gloriosas suas mortes, e sepulchro, com o esplendor de manifestos, e evidentes milagres. Para que pois a morte da nossa Santa fosse tambem nos olhos dos homens preciosa, a constituio por hum perpetuo, e fecundissimo seminario de maravilhas, sendo a primeira a de seccarem repentinamente todas as flores, e arvores, que se achavaõ em hum jardim porque passou o santo cadaver, quando á sepultura o levavaõ. Servia-lhe de divertimento quando viva, e quiz o Eterno Esposo das almas, que aquellas creaturas insensiveis mostrassem sentimento pela sua falta. Passou o sentimento tanto ao intimo dos troncos, que nunca jamais brotaraõ flores as raizes, nem as plantas folhas. Prodigio certamente grande, e que lhe grangeara os mayores creditos nas estimaçoens dos homens, se delles carecesse huma vida que toda foy prodigiosa.

Seccaõ-se todas as flores, e arvores do jardim de Santa Joãna no tempo que por elle passou seu bendito corpo.

33 Huma Religiosa de grande espirito teve a vizaõ seguinte estando em oraçaõ. Pareceo lhe vira a Cõmunidade junta na cella, em que falleceo a Santa, e no meyo della Santa Joanna deitada no seu leyto. Notou, que em hum instante se encheo de gente de diversos estados, e condiçoens, porèm todos vestidos pompozamente; vio neste tempo entrar hum mancebo mais luzido que o sol, o qual disse, que sahissem todos para fóra, porque entravaõ as Onze mil Virgens, e outros Santos, que vinhaõ buscar a Princeza para a levarem á presença do Supremo Rey, onde hia celebrar os seus despozorios.

Prosegue-se a narraçaõ de alguns milagres.

34 A tempo que se achava nas ultimas agonias, estava encõmendando-a a Deos hum seu Capellaõ de conhecida virtude, o qual vio entrar pela porta huma grande luz, de que ficou taõ atemorizado, que prorompeo em chamar pelo Santissimo Nome de Jesus: vendo porèm persistia o resplandor, reparou que no meyo delle se decifrava huma coroa de espinhos banhada em sangue. Durou a vizaõ hum quarto de hora, em que tambem vio, que a coroa se hia levantando pouco, e pouco, e estando já para perdê-la de vista, ouvio huma vóz, que lhe disse: *Já he morta, já acabou.* Neste tempo fez final o sino do Mosteiro, e desappareceo a luz, deixando hum cheiro celestial.

Vizaõ da sua gloria.

35 A Prioreza do Convento, que muito sentira a falta de taõ santa subdita, estando em oraçaõ depois de Matinas, se arrebatou de ligeiro somno, e a vio vestida com o seu habito, luzidissimo, e nevado; a qual com rosto alegre, e rizonho lhe disse: *Minha Madre, porque estais taõ afflicta? Chorais pela minha morte, devendo alegrar-vos de tal felicidade? Dizei ás minhas Religiosas, e irmaãs, que empreguem as suas lagrimas em satisfaçoens dos defeitos, que podem desagradar aos olhos do Esposo: porque os seus Juizos naõ saõ como os do mundo; e sabei que brevemente succederá hum cazo neste Reyno,*

Outra vizaõ.

pelo qual conhecereis, que a morte foy para mim grande felicidade. Isto mesmo disse a outra Religiosa. Passado hum anno, e dous mezes depois da sua morte, falleceo ElRey D. Joaõ seu irmaõ, e o Principe D. Affonso seu sobrinho, ficando Portugal sem successor legitimo; e como precisamente havia de sahir para governar o Reyno se naõ tivera fallecido, o havia de sentir mais que a mesma morte, e assim se verificou o vaticinio. Dos muitos milagres, que Deos fez pelos seus merecimentos recopilamos os seguintes.

Prosegue-se cõ a narraçaõ de algunsmilagres que fez.

1 Huma Religiosa do mesmo Convento, achando-se dezamparada dos Medicos por ferida de peste, se valeo de Santa Joanna, e recuperou a saude perdida.

2 Outra Religiosa padecia sezoens dobres, e valendo-se da terra da Santa, se vio logo sem molestias.

3 Outra Religiosa alcançou perfeita saude em huns continuados accidentes, que padecia, por sua intercessaõ.

4 Achava-se hum homem opprimido de ardentissimas, e repetidas febres, e com applicar ao pescoço huma sua reliquia, se lhe varreo toda a enfermidade.

5 Huma Religiosa conseguio tambem a saude de repente, com lhe applicarem na cabeça hum cilicio, de que usava.

6 Outra Religiosa recuperou a saude, que perdera com huma febre continua, logo que huma sua amiga a cingio com hum ourello de que a Santa usava.

7 Hum homem alcançou por meyo da terra da sepultura da Santa repentina saude, estando ungido, e na ultima estancia da vida.

8 Huma mulher teve a mesma felicidade estando no mesmo perigo, logo que se cingio com huma correya do seu uso.

9 Huma Religiosa, que havia sido muitas vezes Prioreza do Convento, por sua intercessaõ alcançou perfeita saude em varios achaques que padecia, sendo hum delles huma Esimira de oito em oito dias; a qual, por se mostrar grata á Santa, trocou o panno negro de laã, que cobria a sepultura, por hum de cor, e de melhor qualidade, e sem embargo de se achar posto sobre a sepultura há noventa annos, se achou taõ inteiro, e fresco, como se naquella hora fora posto.

10 Da Ilha da Madeira mandou hum homem pedir terra da sepultura da Santa, dizendo fora advertido em sonhos, e com ella alcançou perfeita saude em huma enfermidade habitual.

11 Huma Religiosa impaciente com terribilissimas dores de ouvidos, logo que se valeo da Santa totalmente se lhe extinguiraõ.

12 Outra Religiosa, que se achava havia dous annos de cama, e debilitadissima, pedio a levassem á sua sepultura, onde alcançou o remedio, que dezejava, de maneira, que voltou para a cella por seu pé cantando Hymnos. e louvores a Deos.

13 Outra Religiosa depois de padecer quatro annos de martyrio com a cura de hum cancro, ou cirro, que tinha nas costas, recorreo á Santa por meyo de huma novena que lhe fez, e no ultimo dia della desappareceo o que tanto a opprimia.

14 Dona Brites de Lara, viuva de D. Pedro de Medices, alcançou milagrosa melhora por sua intercessaõ em hum fluxo de sangue, que a affligio sette mezes.

15 O Excellentissimo Conde de Miranda Diogo Lopes de Sousa, tomando por tres vezes huma pouca de terra do seu sepuchro, em Castella onde se achava, alcançou milagrosa saude em humas terçaãs dobres, que lhe haviaõ durado quatorze mezes.

16 Nota-se hum continuado prodigio com a terra que se tirou da sepultura desta Santa no anno de 1577., tempo em que tiraraõ seu santo corpo do

do lugar humilde, em que estava para, outro mais decente, ainda que naõ muito digno de taõ santo deposito, pois recolhendo-se em hum vazo de barro cousa de meyo alqueire della, e repartindo-se thé hoje por infinidade de devotos, que a pedem em suas necessidades, se naõ tem achado conhecida diminuaçaõ. Quiz certa Religiosa a tivesse, e intentando, com arrojo de mulher pouco considerada, extinguir a terra donde estava, vio castigado o seu atrevimento com hum vagado, e tremor, que lhe deo, de que resultou confessar a sua culpa, pedir perdaõ a Deos, e ficar mais devota da Gloriosa Princeza.

Converte-se hũa mulher a melhor vida com o exẽplo da Santa, e com o mesmo se persuade aos que a lerem.

17 Vivia em huma Cidade de Lorena muito esquecida da morte, e por conseguinte entregue aos cuidados, gostos, passatempos, e delicias da vida huma mulher principal. Visitava-se com huma parenta Terceira Dominica, que offerecendo lhe a vida de Santa Joanna para ler, movida de taõ singular exemplo reformou a vida de maneira, que falleceo com opiniaõ de Santa no mesmo Convento das Terceiras Dominicas. Mortaes, que tendes lido, ouvido, e notado o dezapego com que Santa Joanna deixou Ceptros, e desprezou Monarchias do mundo para se abraçar com a humildade, e cruz da mortificaçaõ, tirareis por ventura de taõ grande exemplo o fructo, que tirou a Veneravel Terceira Dominica de que fallamos? Parece-vos que Deos vos faltará com os auxilios? Persuadis-vos que naõ tereis valor para imitá-la? Enganais-vos. Quereis deixar Ceptros, desprezar Coroas, aborrecer mandos, e abraçar as mayores mortificaçoens, amar a pobreza, e seguir a humildade? Cuidai na morte, e na conta, e nada achareis difficil, sim tudo achareis facil. Resolvamo-nos pois a imitarmos a Santa Joanna, se naõ em vivermos taõ justificados como ella, ao menos em vivermos mais justificados do que vivemos, evitando as culpas graves com o cuidado, que Santa Joanna tinha em evitar as leves. Naõ desprezemos a liçaõ das vidas dos Santos, e mais livros espirituaes, pois saõ luzes, que allumiaõ nossos entendimentos, e os instruem com o conhecimento das eternas verdades. A liçaõ destes livros nos dá a conhecer a bondade de Deos, a malicia do peccado, a necessidade da penitencia; e tudo o necessario para a salvaçaõ. Oh se illustrassemos huma, e muitas vezes nossos entendimentos com esta soberana luz, como prezariamos mais as cousas Celestes, que as terrestes! Como achariamos que Santa Joanna fez ainda pouco em deixar o muito que deixou. O Grande Santo Hilario se converteo com huma liçaõ do Evangelho, Santo Agostinho com a liçaõ de S. Paulo, Santo Ignacio com a das vidas dos Santos, e a Terceira do nosso cazo com a vida da nossa Santa se converteo de maneira, que na segunda parte do *Agiologio Dominicano* anda sua vida escrita com o nome da Veneravel Madre Sor Margarida do Espirito Santo. Que sabemos pois, mortaes, se Deos tem disposto que consigamos a graça mediante a liçaõ de alguma vida de seus Servos, ou de algum livro espiritual? Fallamos com Deos quando oramos, porèm quando lemos ouvimos a Deos, que está fallando comnosco. Em fim, persuadamo-nos quando lermos em algum livro espiritual, serem todas as palavras de Deos, que nos manda observar, e praticar o que lermos, e desta sorte tiraremos o fructo, que tirou das suas continuas liçoens espirituaes a nossa Santa Princeza, e da vida desta a Veneravel Margarida.

Vida de SANTA THEREZA *Infanta de Portugal, Rainha de Leaõ, e Monja de Cister.*

TEmos para assumpto a vida de Santa Thereza Infanta deste Reyno, com cujo nascimento se augmentaraõ as suas glorias, porque foy maravilha da graça, modélo de cazadas, espelho de Religiosas, e exemplar de virtudes, assombro de penitencias, e confuzaõ dos mortaes, que por

descuidados da morte, só vivem entregues ás vaidades, e delicias da vida.

1 Nasceo esta Bemaventurada Rainha na Cidade de Coimbra pelos annos de 1175., seus pays foraõ ElRey D. Sancho o I. do nome, e a Rainha Dona Dulce, ambos de egregias virtudes. Ditosos saõ certamente os filhos, que merecerаõ pays virtuosos, pois com a lingua de seus exemplos formaõ, e reformaõ sem violencia a rude massa da primeira idade; e duas vezes ditosos saõ aquelles, a quem Deos Senhor nosso concedeo ayo virtuoso, que naõ se póde negar ser thesouro escondido, e que por ventura se descobre. A dita pois de ser bem nascida, e bem criada, teve a nossa Santa. Bem nascida, por filha de pays taõ esclarecidos, e bem criada por ter por aya, ou Dona, á Veneravel Dona Goda, huma das mais illustres Portuguezas que tem conhecido o Reyno, e se Deos Senhor nosso, que ab æterno a tinha destinado para Esposa sua, a favoreceo tanto com pays, e aya de virtude, naõ a favoreceo menos com a enriquecer de huma belleza taõ extremosa, que bem inculcavaõ as raras perfeiçoens de seu corpo ser esmalte de hum cofre, merecedor do rico thezouro de sua alma.

Desde menina foy muito dada a Deos, e se exercitava em muitas virtudes.

2 Era de genio muito compassivo, de generosidade grande para com os pobres, e de maneira, que ainda naquella tenra idade procurava dar-lhe bastas esmólas de dinheiro, ou do que podia haver, e tambem a de consolá-los nas suas miserias, encarecendo-lhes o soffrimento dellas com tal discriçaõ, e espirito, que bem se deixava ver o quanto o tinha inflammado da insigne virtude da caridade. Rezava o Psalterio de David com outras pias, e devotas oraçoens, que fazia de joelhos diante de huma Imagem de nossa Senhora. A' Missa assistia com respeito digno de taõ sacrosanto sacrificio, naõ se atrevendo a tirar os olhos do Sacerdote, que a celebrava, para confuzaõ dos mortaes, que mais offendemos áquelle Deos sacrificado naquelle tempo, do que o servimos. E que serviço a Deos fazem aquelles, que com impuros olhos, vagando por todos os circunstantes, despedem venenosas settas, que fazem tiro mortal ás almas, e muito mais ao coraçaõ de Jesus? Que serviço fazem a este Senhor aquellas bocas, que com immodestos rizos, e lascivos discursos affogaõ o trigo da Divina palavra, que naquelle tempo havia de brotar fructo em as almas.

3 As sobreditas virtudes, que a nossa Santa exercitava, tendo apenas sette annos, attrahiraõ de maneira o animo do nosso Veneravel Rey D. Affonso Henriquez, e avô seu, que por naõ poder estar hum instante sem ella, a levou para sua companhia, na qual esteve até seu fallecimento, que foy tres annos depois, pois he certo ter a nossa Santa dez annos apenas, quando elle passou a melhor vida.

Dá a maõ de Esposa a D. Affonso Rey de Leaõ, ao qual recebe em Bragança.

4 Divulgadas as sobreditas prendas da nossa Infanta por toda a Europa, muitos Principes della a pertenderaõ por esposa, porèm a quem coube a dita de merecê-la, foy seu primo com-irmaõ D. Affonso IX. de Leaõ, com o qual a despozou seu pay D. Sancho, por consentimento geral dos Grandes do Reyno, que dezejavaõ a estas duas Coroas com a uniaõ, que naõ tinhaõ naquelle tempo, pelos motivos que naõ expendemos, por pertencer a diversa historia. De Bragança, onde se fizeraõ as bodas, partio a Infanta para o seu Reyno de Leaõ, onde foy recebida dos Leonezes com nunca vista alegria, assim pela noticia que tinhaõ de huma taõ virtuosa Rainha, como por ella ser o meyo da paz destes Reynos.

5 Fazia-se summamente querida da nobreza, e povo, porque huns, e outros achavaõ nella o mayor amparo nas suas dependencias. Em esmólas dispendia o melhor das sua rendas. Vestia em todas as festas do anno a doze mulheres, e a doze meninos pobres. Resgatava a hum innumeravel numero de cativos, por naquelle tempo serem muitos os que estavaõ no Mourisco poder. Cazava a muitas donzellas, e orfaãs, e fazia outras innumeraveis obras de piedade, a que a inclinavaõ a generosidade do animo, e ardente caridade,

de

de que Deos a dotou. Deste matrimonio teve duas filhas, a que chamaraõ D. Dulce, e D. Sancha, e hum filho, a que chamaraõ D. Fernando.

Filhos que tiveraõ.

6 A paz, o amor, e uniaõ com que viviaõ, naõ se póde por penna cabalmente explicar, só digo, que hum instante naõ podia estar ElRey sem ella ao lado, e menos despachava cousa alguma sem a precedencia do seu conselho, por ser sempre o mais prudente, o mais piedoso, e o mais profundo. Porèm poucos annos lhes durou aquella paz, aquelle amor, e aquella quietaçaõ; porque tudo se mudou nas inquietaçoens, dezasocegos, e desgostos, que diremos, para que nos dezenganemos os mortaes de que os gostos, e contentamentos desta vida, saõ escuma do mar, que logo se acaba, nuvem que voa, e exhalaçaõ que logo fenece.

7 Era naquelle tempo muito difficil de alcançar-se dispensa para gráo taõ propinquo, qual o de primos carnaes, do que se seguiaõ ainda mayores males, pois se cazavaõ sem dispensa, e vinhaõ os Pontifices a dispensar depois facilmente, o que d'antes difficultosamente concediaõ, ainda aos mesmos Reys, e Principes. Esta devia ser a causa, porque nem ElRey D. Sancho, nem ElRey D. Affonso, mandaraõ pedir dispensa para o tal desposorio. Porèm, ou fosse esta, ou fosse outra, o certo he, que naõ só a naõ pediraõ antes, senaõ que tambem depois a naõ pediraõ. Cinco annos contavaõ ja aquelles bem cazados, pelo que tocava á igualdade das qualidades, e dos genios; porèm mal, por nullamente cazados, pelo que tocava a ser sem a precedencia da licença, que devia dar a Summa Cabeça da Igreja, a quem se deve obedecer, e respeitar, como a Pessoa que faz as vezes de Deos Senhor nosso, que tomou tanto á sua conta o dezaggravo da desobediencia, que aquelles Reys tiveraõ ao seu Vigario, como muito bem mostrou, castigando aos Reynos de Portugal, e de Leaõ com peste, e fome taõ cruel, e geral, que lugares houve, em que sómente escaparaõ duas, e tres pessoas, e com guerras taõ grandes, que esteve Portugal a pique de perder-se com a que lhe fizeraõ os tres Reys Mouros de Cordova, de Sevilha, e de Marrocos. Houve tambem hum horroroso Eclipse, que durou muito, e naõ atemorizou pouco a este Reynos.

Castigos que Deos enviou aos Reynos de Portugal, e de Leaõ &c. por cazarē sem dispensa.

8 Vendo os Portuguezes, e os Leonezes tantas calamidades nos dous Reynos, e attribuindo tudo a ser açoute de Deos, que se naõ servia daquelle cazamento, deraõ parte ao Summo Pontifice, que era Innocencio III. de tudo o succedido. Estimulado o Pontifice justamente de ElRey D. Affonso assim se esposar com sua prima, despachou hum Breve, pelo qual mandava se apartassem, sobpena de graves censuras. Ja se sabe que os Reys, como taes, querem que os mesmos Pontifices lhes obedeçaõ, ou que ao menos condescendaõ com tudo o que intentarem, e for de seu gosto; e assim que o de Leaõ teve noticia do Breve Pontificio, se aggravou muito de Sua Santidade o mandar, sem primeiro lho noticiar, ou consultar, motivo porque se fez surdo a todas as ameaças, e censuras, que o Pontifice lhe mandou intimar, e de maneira, que se vio este precizado a mandar por seu Legado a Hespanha a Guilherme, Cardeal do Titulo de Santo Angelo, que convocando ajuntamento de Bispos na Cidade de Salamanca, nelle julgaraõ por nullo o matrimonio. Mandaraõ logo intimar a sentença da nullidade aos dous Reys, e vendo que desobedeciaõ, e faziaõ pouco cazo della, excõmungaraõ a ambos, pondo juntamente interdicto nos dous Reynos de Portugal, e Leaõ, que durou hum anno, hum mez, e tres dias, porque a ElRey D. Sancho de Portugal naõ se lhe fazia toleravel ver huma filha, a quem tanto amava, assim de seu esposo excluida; e menos se fazia soffrivel a ElRey de Leaõ, o ver se lhe queria tirar da companhia o objecto de seus mayores cuidados, e aprenda, que estimava mais que tudo o da vida; razaõ porque perseverou em naõ largá-la.

Manda-os o Põtifice apartar, e se julga nullo o matrimonio.

Põem o Pontifice nosReynos de Portugal, e de Leaõ interdicto.

9 E como huns males attrahem a outros, chegou a fazer pazes com os Mouros,

Faz ElRey D. Sancho guerra a ElRey de Leaõ, para que lhe entregasse a filha.

Mouros, e dar-lhes favor em tudo. Vendo ElRey D. Sancho aquelle dezatino, e que delle podia seguir-se mayor ruina, fez guerra ao genro, para que lhe entregasse a filha; e para a conservar pedio a Sua Santidade a Bulla da Cruzada, que lhe concedeo, como a quem pelejava contra infiel. Ora vejaõ o quanto se cegaõ os homens, que se deixaõ sobornar da paixaõ, e vencer de hum grande amor; pois por huma, e por outra cousa esteve ElRey de Leaõ taõ propinquo a perder de todo a obediencia ao Papa, e a seguir os erros, que seguem todos os mais que lha naõ tributaõ, como a unica Cabeça da Igreja, e Vice-Deos da terra. Porèm o certo he, que quem tinha em sua companhia mulher taõ Santa, naõ havia facilmente de cahir em mayores erros, assim como com effeito naõ cahio, persuadido das suas continuas supplicas, que como acompanhadas com lagrimas abrandaraõ o coraçaõ de diamante de ElRey, que como tal estava firme em naõ largá-la de sua companhia, sem primeiro largar tambem a vida nas maõs de quem lhe intentasse tirar aquella ametade da sua alma.

Vem ElRey de Leaõ no divorcio, com grandes demonstraçoens de sentido.

10 Veyo ElRey D. Affonso no divorcio, persuadido de sua esposa, porque se ella com elle se unira, creyo que a guerra que seu pay, e sogro lhe pôs, naõ bastara. Assignalou-lhe quatro mil maravedis de renda cada anno para sustentar-se em Leaõ, ou em Portugal, cuja eleyçaõ deixou no seu arbitrio, e ella a fez de Portugal, para onde veyo com sua filha a Infanta D. Dulce. Foy taõ grande o sentimento, que occasionou a ElRey aquelle apartamento, que se naõ achou com animo para della se despedir, pois lhe parecia que o coraçaõ lhe estalaria na presença de dous pedaços tanto da alma, qual eraõ a mây, e a filha. E se para quem extremozamente ama, pouco apartamento basta para se sentir como a divizaõ da morte, que muito que esta demonstraçaõ fizesse ElRey, por se lhe furtar de diante dos olhos, naõ por tempo limitado, senaõ para sempre, aquella, a quem excessivamente amava.

11 Como elle amava, como Deos mandava, áquella que julgava por verdadeira esposa sua, desculpar por isso mesmo lhe devemos os mayores extremos de sentido, pois se Demosthenes comparou a divizaõ de huma companhia fiel, verdadeira, e proveitosa, com o membro saõ, vigoroso, e utilissimo, que do corpo se aparta, e violentamente se divide; qual mais fiel, qual mais verdadeira, e qual mais proveitosa, que a da nossa Santa Rainha para com seu esposo. Dizem os Escritores, que muitos tempos tanto naõ deo ElRey mostras de allivio algum, que se encheo de huma taõ forte melancolia, que esteve a pique de perder o juizo, e que naõ podia pôr os olhos nos dous tenros Infantes, sem que elles publicassem com lagrimas a saudade de sua esposa, de quem elles eraõ retrato. Vamos ver o que passa em Portugal á nossa Rainha em quanto seu primo fica dando mostras de sentido em Leaõ.

Recolhida a este Reyno intenta edificar hũ Mosteiro, e lhe assigna Deos o sitio.

12 Ja dissemos lhe consignara seu marido quatro mil maravedis de ouro de renda, com os quaes se poderia sustentar esplendidamente naquelle tempo; porèm ella, que tinha em pouco os fastos, e as grandezas do mundo, e que mais dezejava ser mandada, que mandar, unicamente attendia a se dedicar inteiramente a Deos, para o que determinou edificar hum Mosteiro de Religiosas Cistercienses, que he o mesmo que da Reforma de S. Bernardo, assim por ter sido este grande Santo eximio amigo, e parente de seu avô D. Affonso Henriquez; como por lhe levar as attençoens aquella sua Regra. Em duas, ou tres partes mandou principiar o tal Mosteiro, e em nenhuma o pode proseguir, pela atalhar a poderosa maõ do Altissimo, fazendo com que apparecesse em hum dia desfeito, o que no antecedente se havia feito. Vendo com estes repetidos prodigios, que seu Divino Esposo se naõ agradava daquelles sitios, lhe rogou com repetidas deprecaçoens a encaminhasse para o que fosse de mais honra, e gloria sua. E como Deos Senhor nosso tem particular complacencia de despachar as supplicas de seus Servos, quando ellas saõ fundadas em piedade, e dirigidas a seu mayor agrado, mostrou ser do

seu

ſeu, o de que ſe recolheſſe em Lorvaõ, Convento fundado ainda em vida do Patriarcha S. Bento, e que eſtava quaſi deſtituido de Religioſos, por cauſa da peſte, que ja diſſemos houvera. Pedio a Santa a ElRey ſeu pay os compuzeſſe, para que cedeſſem do dominio que a elle tinhaõ, e ſuppoſto o naõ quizeraõ fazer de bõamente ao principio, a bom partido o fizeraõ depois de haverem muitas replicas, e proteſtos de parte a parte, o que naõ contamos por naõ embaraçarmos com iſſo a vida da noſſa Santa, que:

13 Vencidas as ſobreditas difficuldades, e as mais, que ordinariamente ſe oppõem aos que querem ſeguir o caminho da virtude, com Breve Apoſtolico, e licença do Ordinario, entrou naquelle novo domicilio do Ceo, onde tomou o habito branco de Sº Bernardo, e ficou ſendo a primeira Rainha, que por ſua filha ſe reconheceo, e o primeiro Convento Ciſtercienſe, que houve na noſſa Heſpanha. Muitas Religioſas de outras Ordens a acompanharaõ, e naõ poucas Senhoras qualificadas o meſmo fizeraõ, attrahidas do odorifero cheiro de ſeu exemplo.

He Santa Thereza a 1. Rainha filha de S. Bernardo, e o Convento de Lorvaõ o 1. de Heſpanha.

14 Aſſim como a candida pomba, que por eſcapar dos laços, e aſtucias do caçador, velozmente foge, e indireita o voo, e a mira á mais alta penha, em que tem ſeu ninho, por nella julgar mais ſegurança, e deſcanço; aſſim a noſſa Santa, rotos os laços, e a rede, com que o diabo caçador do inferno, e ainda o meſmo mundo, pertendia enredá-la, ou detê-la mais no ſeculo, pôs direitamente a mira, eſtendeo todas as azas de ſeu eſpirito ao coraçaõ de ſeu Crucificado Eſpoſo, pedra, ou penha de verdadeira exaltaçaõ, e refugio, em cuja dociſſima rotura achou ſempre, naõ ſó liberdade, ſenaõ quietaçaõ, e delicia. Imaginava-ſe eſta candida pomba muito culpada diante de Deos Senhor noſſo, por lhe parecer daria algum aſſenſo ás culpas de ſeu marido, [porque ſabe o verdadeiro humilde fazer ſe cargo das culpas, que naõ cõmette] razaõ porque cuidou muito em atormentar ſeu delicado corpo com aſperrimas penitencias. Servia lhe de cama hum ataude de madeira, cheyo de feno com huma pobre manta para abrigo do frio. Uſava de rigoroſiſſimas diciplinas, e de penetrantes cilicios. Todas as Quareſmas jejuava a paõ, e agoa, e no mais tempo comia pouco peixe, e nunca carne, com cuja abſtinencia fortaleceo a alma da fraqueza da carne, que he arma diante da qual naõ para o inimigo; porque vencido o corpo, e rendidos os appetites, que ſómente ſe levaõ dos affagos da gula, fica taõ facil ſopeá-lo, por mais poderoſo que ſe reprezente, quanto a elle he leve o vencer a alma, quando a carne regalada ſe põem em hum corpo com ella, e entorpeçe com os exceſſos da gula os ſentidos, que ſaõ as vigias, e atalayas, que defendem as entradas dos vicios.

Simil.

Das penitẽcias, e exercicios ſantos em q̃ ſe exercitava.

15 Dava-ſe tanto á oraçaõ vocal, e mental, que era a primeira que entrava, e a ultima que ſahia do Coro, como quem ſabia, que por meyo da oraçaõ ſe aſſegura o ſoccorro do Ceo, que muitas vezes a favoreceo com favores eſtupendos, fazendo a todos patentes com vozes de prodigios o quanto lhe eraõ gratas as perennes oraçoens que fazia. Nas ſextas feiras ouvia Miſſa de madrugada, e ſe fechava no ſeu quarto, onde ſe punha de joelhos na terra nua com hum Crucifixo nos braços, e neſta poſtura perſeverava todo o dia ſem alimento algum, porque as lagrimas, que derramava com a conſideraçaõ dos tormentos de Chriſto, eraõ o prato de que mais goſtava. Foy viſta muitas vezes no Coro [onde ordinariamente ficava depois de Completas] arrebatada no ar, e outras mettida, ou cercada de hum eſplendor Celeſtial, de que ſahia grande claridade. Vendo porèm ſerem eſtes favores manifeſtos ás Religioſas, como verdadeira humilde, ſe retirava dalli em diante para lugares mais occultos, em que ſe dava á contemplaçaõ Divina, ſem mais teſtimunhas, que a de Dona Goda ſua primeira aya no ſeculo, e depois primeira Abbadeſſa do Convento. Com aquella fiel ſecretaria cõmunicava todos os ſeus ſentimentos interiores, e exteriores. A ella dava parte dos voos de ſeu eſpirito,

Da oraçaõ da Serva de Deos, e favores que deſte Senhor recebe.

eſpirito, e a ella pedia a açoutaſſe, até derramar ſangue, quando ſe naõ achava com vigoroſas forças para por ſua maõ o fazer.

Exercita a virtude da caridade.

16 A caridade, que para com as enfermas tinha, era extremoſa, aſſiſtindo a todas com pontualidade grande, e dormindo com ellas na meſma cama muitas vezes. Inventava, e fazia exquiſitos manjares para o ſeu regálo, e ſe lhes dava o mantimento corporal para que ſeus corpos naõ desfalleceſſem, lhes naõ faltava com o eſpiritual de ſaudaveis, e ſantos conſelhos, para que naõ desfalleceſſem as almas perdendo a paciencia, ou naõ ſe conformando com a vontade de Deos no meyo das afflicçoens, e dores, que muitas vezes envia aos ſeus mais mimoſos Servos, para mais ſe apurarem no ſeu amor, como no cryſol ſe apura o ouro. Naõ era menor a caridade, que para com os pobres tinha, pois tudo o que podia haver, e lhe accreſcia do ſuſtento das Religioſas, e criados, diſpendia no reſgate dos cativos, em cazar donzellas orfaãs, e em ſuſtentar muitas viuvas. Encõmendava a todos os pobres muito o affeyo corporal, dizendo: Que o cuidado do exterior affeyo, era indice do cuidado interior da alma. Limpeza honeſta recõmendava a noſſa Santa, a qual podia ter qualquer pobre, e naõ enfeites ſuperfluos, e gállas demaſiadas, com as quaes muitos ſe empobrecem, ao meſmo tempo que ſe querem inculcar ricos. Cõmungava duas vezes na ſemana, ſempre com tantas lagrimas, e gemidos, como teſtimunhavaõ as ſuas Religioſas. Muito a miudo cõmungava a noſſa Santa para aquelle tempo, e naõ para eſte, em que muitas beatas a excedem na continuaçaõ de receber a Deos Sacramentado, naõ as igualando em parte na capacidade que para iſſo ſe requer. E como ſó Deos Senhor noſſo ſabe qual he o mais conveniente, ſe cõmungar a miudo, ſe raras vezes, deixemos eſſa queſtaõ a ſeus Altiſſimos Juizos, e vamos proſeguindo com a vida da noſſa Santa, que:

Reſpoſta que coſtumava dar a quem lhe eſtranhava o tratarſe com rigor.

17 Perguntada de ſuas Religioſas, para que com tanto rigor ſe tratava, reſpondia: *Que tinha muito que pagar, e pouco donde o tirar, e aſſim lhe convinha trabalhar mais que todas para a ſatisfaçaõ, e tambem para que a morte a naõ tomaſſe dezapercebida.* [porque] Aſſim cuidava na morte, por iſſo fazia vida taõ penitente, e juſtificada; e nós mortaes, porque nella naõ cuidamos, penitente, e juſtificada vida naõ fazemos. Dei a eſta Obra o titulo de *Cuidados da Morte*, fundado em que todos os Santos, para o ſerem, nella cuidaraõ. Porém nenhuma vida de Santo Portuguez athéqui achamos, que mais comprove o noſſo aſſumpto, que eſta grande Santa; pois porque ſe lhe naõ varreſſe da memoria a lembrança da morte, mais de vinte annos antes que lhe ſuccedeo, mandou cortar, e lavrar huma pedra para ſepultar-ſe, ſobre a qual hia todos os dias ſentar-ſe a rezar o Officio dos Defuntos, e outras oraçoens pela ſua alma, em cujos exercicios, e conſideraçoens, gaſtava ſempre huma hora. Eſte ſepulchro mandou a ſua irmaã Santa Sancha, que nelle ſe enterrou, como na ſua vida dizemos, e fez outro para ſi.

Orava ſobre hũa pedra que mandou lavrar para ſepultura.

18 Eſta era a principal fórma de vida, que fazia a noſſa Santa Rainha: porém o diabo invejoſo de tantos progreſſos, quantos ella em todas as virtudes fazia, introduzio [ſe o naõ fez o ſeu proprio natural] no animo de ſeu irmaõ ElRey D. Affonſo tal ambiçaõ, que naõ ſe contentando com ficar Rey por morte de ſeu pay D. Sancho, intentou deſpojá-la das rendas, e Villas, que elle lhe dera, como dizemos na vida de Santa Sancha. Cauſa porque ſe vio precizada a deixar o ſocego, e quietaçaõ do Moſteiro, indo aſſiſtir para a ſua Villa de Monte Mór o Velho, onde ſe achou com D. Fernando Principe de Leaõ, que a veyo defender com innumeraveis ſoldados, aſſim por ſe ver obrigado a pôr a vida por quem lhe havia dado o ſer, como por aſſim lho ordenar ElRey D. Affonſo ſeu pay, e marido de noſſa Santa, que ſem embargo de ſe achar naquelle tempo ja cazado com outra, lhe naõ tinha perdido o amor, porque fizera tantos exceſſos, quaes ſaõ os que ja exprimimos. Houveraõ muitas mortes de parte a parte, e como nada baſtaſſe

Intenta ElRey D. Affonſo desherdar á Serva de Deos.

ftaffe para ceder da fua teima o ambiciofo Rey, fe queixaraõ as Santas ao Summo Pontifice, que depois de fe inteirar da juftiça dellas por feus Legados, veyo a dar fentença a favor feu. E vendo ElRey o máo fucceffo da fua pertençaõ, efquecido de que eraõ fuas irmaãs, e irmaãs taõ efclarecidas em virtudes, lhes fez tantas infolencias, quantas fe naõ podem bem explicar. O certo he, que feria diante de Deos hum goftozo, e alegre efpectaculo, ver a huma mulher fraca por natureza, atormentada da raivoza furia de feu irmaõ, fem que em tanta tempeftade de trabalhos, quaes foraõ os que as hiftorias contaõ, moftraffe alteraçaõ alguma, mas antes huma taõ grande ferenidade, e tranquilidade de efpirito, que bem inculcava o quanto nella campeavaõ bem logrados os poderes, e primores da Divina Graça, que taõ largamente com ella repartira. Digo pois, que feria goftozo, e alegre efpectaculo diante de Deos a do fofrimento defta Santa, pois gloriofiffimo efpectaculo deve fer para Deos o ver no grande theatro do mundo a tolerancia de hum Jufto, cuja fraqueza combatida da violencia dos demonios, ou dos que nefte mundo fazem as vezes delles, levanta trofeos, e canta victorias de feu corpo vencido.

He gloriofo efpectaculo diante de Deos a tolerancia de hum Jufto.

19 Recolhida a Santa para o feu Convento, [ainda naõ deixando de todo a demanda decidida, pois ElRey feu irmaõ fe oppôs á fentença Apoftolica deforte, que mandou Sua Santidade pôr interdicto nefte Reyno] foy continuando na fua louvavel vida. Dalli a pouco teve noticia do fallecimento de feu filho o Principe de Leam D. Fernando, a qual fentiria extremozamente, a naõ fe conformar muito com o beneplacito Divino. Seu efpofo D. Affonfo de Leaõ fe cazou com D. Berengala Infanta de Caftella, de que tambem foy apartado pela mefma caufa, que a noffa Santa. Daquelle fegundo matrimonio teve a D. Fernando [hoje S. Fernando] a quem desherdou dos dous Reynos de Leaõ, e Caftella, eftimulado de fe introduzir nefte (por lhe vir por fua mãy) fem lhe dar parte, deixando os a fuas filhas, e de noffa Santa, Dulce, e Sancha. Houveraõ tambem tantas diffençoens por efte motivo, que fe vio precizada a Santa Rainha a deixar outra vez o focego do Convento, e a vir á Villa de Valença do Minho, com fua filha D. Dulce, onde ajuftou com D. Berengala, ja entaõ viuva de ElRey D. Affonfo de Leaõ, e pelo mefmo mãy de D. Fernando, ficaffe efte com os Reynos, e obrigado a dar ás duas Infantas trinta mil cruzados de rendimento, e certas Villas. Accõmodado tudo defta forte, voltou com fua filha D. Dulce, e deixou a outra, a que chamavaõ D. Sancha, como ja diffemos, recolhida milagrofamente com as Cõmendadeiras de Cazolhos, onde refplandeceo em prodigios.

Caza-fe fegũda vez ElRey D. Affonfo IX.

Acha-fe a Santa em Valença do Minho com D. Berengala &c.

20 Entrou outra vez para aquella verdadeira atalaya do Ceo com permanente tençaõ de naõ tornar a fahir; porèm noticioza de que fua irmaã Santa Sancha eftava no ultimo da vida, terceira vez fahio para affiftir-lhe, como affiftio ao feu tranfito, e com as fuas maõs a amortalhou, e enterrou no tumulo, que para fi propria tinha preparado, como ja diffemos. Dalli em diante tomou mais debaixo da fua protecçaõ o Mofteiro de Cellas, em que fua Santa irmaã eftava, por affim lho recõmendar, ao qual augmentou muito em rendas, edificios, e numero de Freiras.

Recolhe-fe fegunda vez para Lorvaõ, e fahe terceira affiftir ao fallecimento de Sãta Sancha.

21 Conftou-lhe que fua irmaã a Infanta Dona Branca intentava fundar em Coimbra hum Convento aos Religiofos Dominicos, e com huma fanta inveja de que naquella grande obra de piedade a excedeffe, lhe pedio com grande empenho, quizeffe admitî-la na igualdade das defpezas delle, e affim convieraõ em que compraffe Santa Thereza o fitio, e em que concorreffe Dona Branca com os mais gaftos. Tomemos exemplo, mortaes, deftas Santas Religiofas, que parece competiaõ a quem feria mais piedofa, e efmoler, affim como talvez nós competimos, a qual ferá mais tyranno, e avaro para as coufas de Deos.

Concorre para a edificaçaõ do Convento Dominicano de Coimbra.

22 Favoreceo tambem muito as Encelladas da Ponte de Coimbra, e perseverando em outras portentosas virtudes com hum incrivel cuidado em encubrí-las, seu Divino Esposo procurou acreditá-la com publicá las a vozes de milagres. Huma Freira aleijada das pernas ambas, e taõ tolhida, que se naõ podia levantar donde se sentasse, alcançou repentina saude, sómente de vestir huma saya sua, que por esmóla lhe dera. Outra Freira asmatica conseguio a saude de que carecia, com beber huma pouca de agoa, em que a Santa havia lavado as maõs. E era constante sararem de maleitas os enfermos que alcançavaõ, e bebiaõ a tal agoa. Estava outra Freira com grandes, e mortaes agonias por cauza de huma postema, de que ficou livre, por lhe arrebentar, ao mesmo tempo que a Santa lhe deo hum abraço, como despendindo-se della. Falleceo huma Religiosa sem Sacramentos, e compadecida da sua desdita, orou ao Senhor, de quem alcançou a sua resurreiçaõ; porém depois de se confessar, e cõmungar, e de publicar fora Deos servido fazer-lhe aquelle prodigio por sua intercessaõ, tornou a largar o corporeo carcere, e subio ao etereo Coro das Virgens. Chegou-se huma mulher a ella com hum menino nos braços moribundo, e pedindo-lhe a saude com viva fé, pegou Thereza no enfermo, e fazendo sobre elle o sinal da Cruz, disse: *Sare-te nosso Senhor*, e logo o entregou a sua mãy com saude perfeita.

Resplandece em milagres.

23 Os sobreditos prodigios, e outros mais, que a incuriosa antiguidade deixou submergidos nas obscuras trevas do silencio, fez a nossa Santa, a quem seu amante Esposo revelou o dia do seu ditoso transito, tempos antes de lhe succeder. Assim como as cousas naturaes correm com mais arrebatado impeto, quando estaõ mais perto do seu centro, assim a nossa Gloriosa Thereza, vendo-se assim favorecida, e taõ chegada aos braços, e abraços de seu Senhor, e Esposo, corria para elles, ou voava agora com mais velocidade que nunca, nas duas azas da penitencia, e da oraçaõ. Chegado pois o dia para ella taõ dezejado, se despedio das Religiosas huma por huma, e depois de lhes fazer huma celestial practica, e de pedir-lhes se naõ affligissem com a sua falta, recebeo os saudaveis Sacramentos da Igreja, e posta de joelhos com hum Christo nos braços, inclinando o rosto sobre as maõs entregou seu espirito ao amante Esposo a 17. de Junho de 1250., e ao mesmo tempo que as Religiosas cantavaõ aquelle verso: *Suscepit Israel puerum suum.* Foy tal a formosura do rosto com que ficou, e o odorifero cheiro, que seu cadaver exhalou, que bem se deixa ver a gloria que sua alma possuia, que ainda quiz Deos mais manifestar por meyo de hum resplandor á maneira de sol, que por algum tempo esteve sobre o Mosteiro.

Tem revelaçaõ do seu fallecimento.

Fallece, e aparece hum resplandor sobre o Mosteiro.

24 Sepultaraõ na em hum tumulo de pedra inteiriça, que tinha mandado fazer em vida, junto aonde jazia sua irmaã Santa Sancha, no qual se lhe pôs hum epitafio em Latim, que diz na lingua vulgar: *Aqui descança a Rainha Dona Thereza, filha de ElRey D. Sancho I. de Portugal, a qual havendo sido cazada algum tempo com ElRey de Leaõ D. Affonso IX., annullado o matrimonio, desprezando as cousas do mundo, vestindo o habito Cisterciense neste Convento de Lorvaõ, que por sua industria passou dos Monges de S. Bento para as Religiosas de S. Bernardo, e perseverando nelle mais de vinte annos, falleceo com muitos applausos de prudente, generosa, e modesta, cheya de muitas virtudes, e com maravilhosos prodigios de santidade no anno do Senhor 1250.*

Da sua sepultura.

25 A sepultura estava unida á de sua irmaã Santa Sancha, dentro do Coro, encostado á parede que o divide da Igreja, de cujo sitio foy tirada com a de sua irmaã dalli a muitos annos pela Senhora Dona Bernarda de Alencastre, neta de ElRey D. Manoel, e Abbadessa do mesmo Convento, para o corpo da Igreja, em cuja trasladaçaõ se experimentou o prodigio de exhalarem os santos corpos por alguns buracos dos tumulos cheiro prodigioso. Como estavaõ patentes ao povo, foy muito o que concorreo a valer-se da sua protecçaõ para com Deos, e naõ foraõ poucas as maravilhas com que o mesmo

mo Senhor acreditou as suas Servas, que naquelle sitio estiveraõ sem culto mais de 320. annos. Vendo porèm taõ grande omissaõ nos Reys, o Cardeal Infante D. Henrique, exhortou a seu sobrinho ElRey D. Sebastiaõ a que cuidasse na sua Canonizaçaõ, na qual tanto quiz cuidar, que mandou a D. Manoel de Menezes, Bispo de Coimbra, formasse processo da vida, virtudes, e milagres das Santas Rainhas, para o mandar ao Summo Pontifice. Deo-se principio a tudo, porèm se lhe naõ deo fim, pelo terem ElRey, e o Bispo na jornada de Africa no anno de 1578.

Cuida-se na sua Beatificaçaõ.

26 No anno de 1617. alcançou licença de seus Prelados para edificar huma Capella na Igreja, junto ao sepulchro desta Santa Rainha, por naõ haver outro lugar mais conveniente, Dona Catharina da Silva, Senhora illustre, e rica. Como as Religiosas sabiaõ por tradiçaõ, que se veneravaõ os corpos das Santas irmaãs incorruptos, com o pretexto da obra da Capella, entraraõ a querer averiguar a verdade peitando aos pedreiros para moverem a pedra do sepulchro, que era grande, e porque naõ puderaõ concluir tudo antes de jantar, na hora do descanço dos taes pedreiros, entraraõ as Religiosas na Igreja, e pegando de unhas de ferro, alavancas, e em outros instrumentos, levantaraõ a pedra principal, e depois outra mais delgada, que estava sobre o corpo, o qual começou a respirar fragrancias celestiaes, que provocavaõ a devoçaõ, e a lagrimas a todas as Religiosas, que finalmente acharaõ ao santo corpo incorrupto, vestido no habito Cisterciense, cheyo de flores taõ frescas, como se naquella hora lhe foraõ lançadas. Tinha o rosto coberto com o véo negro; os vestidos taõ inteiros, que só as extremidades do habito tinha consumido o tempo. Tinha os olhos cerrados como de pessoa viva, e a boca em tal postura, que se lhe viaõ os dentes alvos, e a lingua rubicunda. Entraraõ as Religiosas a beijar-lhe as maõs, que acharaõ flexiveis, e trataveis; e finalmente, como naõ se via nequelle santo cadaver couza que naõ fosse prodigiosa, pertenderaõ mudá-lo para a clauzura, como a joya da mayor estimaçaõ; porèm foy tal a difficuldade no pezo, que medrosas, e reverentes desistiraõ do intento, contentando-se com tirarem reliquias, e com tocarem rosarios, e medalhas naquelle Bemaventurado corpo, que cobriraõ com hum panno bordado de ouro, e com hum véo de seda de listras de ouro, que, servindo de testimunho da devoçaõ, o era ainda mais do culto da Santa Rainha, que havia 367. annos que se achava sepultada.

Acha-se seu corpo incorrupto.

27 A' vista do prodigio da incorrupçaõ do santo corpo, e de muitos milagres que a Divina bondade fez pelos merecimentos desta sua Serva, se avivou no anno de 1634. a pertençaõ da sua Canonizaçaõ, pela Abbadessa do Convento, Dona Ignez de Noronha, e pelas mais Religiosas. Principiaraõ a Inquiriçaõ o Juiz, e Notarios nomeados pelo Ordinario de Coimbra aos 7. de Março do mesmo anno, na qual juraraõ duzentas testimunhas das maravilhas que tinhaõ experimentado em si, e visto em outras pessoas. Porèm ficou a tal justificaçaõ em ser até o anno de 1664., em que governava a Barca de S. Pedro o Papa Clemente IX., o qual mandou fazer novas diligencias, que se remetteraõ á Sé Apostolica, as quaes estiveraõ supitas por morte do mesmo Pontifice, e por negligencia de quem devia cuidar em huma causa taõ justa, até o anno de 1695., tempo em que as Religiosas insoffriveis de tantas demoras mandaraõ a Roma por Procurador Agente ao Padre Doutor Fr. Bernardo de Castro, depois Abbade Geral da sua Religiaõ neste Reyno. Era-o entaõ o Doutor Fr. Joaõ Paym, e Abbadessa da Casa Dona Joanna Sarmento, e todos concorreraõ para obra taõ santa com as procuraçoens, e dinheiros necessarios.

Continua-se nas diligencias da sua Beatificaçaõ.

28 O Serenissimo Senhor Rey D. Pedro, e a Serenissima Senhora Rainha Dona Maria Sofia, escreveraõ ao Summo Pontifice Innocencio XII., e aos Cardeaes, mostrando as razoens, que tinhaõ para dezejar o bom exito de taõ santa causa. Por authoridade Apostolica se fizeraõ novos processos nos annos

nos de 1697., e de 1698., aos quaes se deo fim, naõ sem mysterio a 13. de Março, dia dedicado á mesma Santa. Remetteraõ se para Roma, onde depois vencidas as difficuldades, que costumaõ haver em negocios de taõ grande importancia, se moveo o Summo Pontifice Clemente XI. a Beatificar a nossa Thereza, e a sua irmaã a Beata Sancha, o que fez primeiramente por *Vivæ vocis Oraculo* em 13. de Settembro de 1704., e depois por Bulla passada em 23. de Dezembro do anno seguinte de 1705., a qual principia: *Sollicitudo Pastoralis Officii &c.* A 14. de Settembro de 1709. concedeo o mesmo Papa Missa, e Officio para toda a Religiaõ, e para o Bispado de Coimbra, em cujo districto está o Mosteiro, e taõ preciosa reliquia, qual a do seu incorrupto corpo. Porèm como naõ estava o Reyno satisfeito com a limitaçaõ da graça, ordenou por Decreto de 11. de Fevereiro de 1713. o mesmo Summo Pontifice, que todo o Clero Regular, e Secular, rezasse, e dissesse Missas dellas do Commum nos dias dos seus transitos.

Beatifica-a o Papa Clemente XI.

29 Todas as despezas da Beatificaçaõ se fizeraõ á custa da Religiaõ, que querendo trasladar os santos cadaveres dos humildes tumulos de pedra marmore, em que estavaõ, para lugar mais eminente, cuidaraõ nas licenças necessarias para esse effeito, para o que ordenou a Abbadessa do Convento, D. Bernarda Telles de Menezes, se fizessem dous cofres de prata ao martélo, nos quaes pudessem caber dous corpos proporcionados, por se ter certificado no mesmo tempo de que ainda Deos os conservava com a mesma incorrupçaõ que fica dito. Feitas estas, e outras disposiçoens precisas para hum acto taõ santo, e taõ solemne, como queria se fizesse a Religiaõ, que naõ attendia a despezas, requereo a sobredita Abbadessa ao Doutor Fr. Antonio do Quental, Abbade Geral da sua Ordem, para que reprezentasse á Magestade de El-Rey D. Joaõ o V. os piedosos intentos daquelle Convento. Condescendeo o Padre Geral com a supplica da Abbadessa, e mais Cõmunidade, e Sua Magestade com a de todos, pois mandou que se fizesse a trasladaçaõ com a possivel solemnidade.

Traslada se seu santo corpo.

30 Destinaraõ pois para ella os dias necessarios, nos quaes se acharaõ em Lorvaõ o Bispo Conde D. Antonio de Vasconcellos de Sousa, o seu Cabido, o Doutor Abbade Geral Esmoler Mór sobredito, muitos Abbades da Religiaõ, o Senado da Camera de Coimbra, e as pessoas principaes daquella Universidade, assim Ecclesiasticas, como Seculares. No de 19. de Outubro se abrio o tumulo da nossa Santa Thereza, no qual se achou seu corpo coberto com hum véo de tafetá branco, mas naõ com a incorrupçaõ com que foy achado a primeira vez no anno de 1617., pois só se acharaõ os ossos unidos, e organizados na fórma da composiçaõ de hum corpo humano, porèm sem carne, nem pelle. Envolveraõ-se aquellas santas reliquias em hum finissimo panno de cambraya, e lhe sobrevestiraõ a cogula da Ordem de S. Bernardo, pondo-lhe tambem toucado, e véo de Religiosa, e logo na presença daquelle esclarecido congresso foy trasladado para o precioso cofre de prata, que dissemos estava preparado, o qual tinha oito palmos de cumprido, dous e meyo de largo, com altura proporcionada a esta medida. A prata figurada em ramos, e flores, com pedraria de cores differentes nellas engastadas, e tudo assentado sobre veludo carmesim, deixando claros de hum, e outro lado para se poderem ver pelo diafano dos crystalinos vidros, que os occupaõ, as sagradas reliquias. A tampa fórma hum throno, sobre o qual descança nas maõs de dous Anjos huma coroa, pela qual sahem quatro açucenas, tudo do mesmo metal; o encaixe se cobre com huma corneja artificiozamente lavrada, á qual nos quatro angulos servem de remate outras tantas figuras de Anjos.

Cõtinua, e se diz o como se achou.

Do feitio do cofre de prata em que se depositou.

31 Tem aquelle precioso cofre na primeira face, formada huma tarja com a imagem da nossa Santa, vestida no habito de S. Bernardo, com hum escudo nos pés partido em palla. Do lado direito as armas do Reyno de Leaõ, e no esquerdo as de Portugal, e esta letra: *Sancta Therezia Regina.* Na face ulterior,

ulterior, e lugar correſpondente á primeira, ſe fórma a outra tarja, em que ſe vem humas letras complicadas, cifra do nome da Prelada que entaõ era, e junto a ella hum eſcudo atraveſſado com huma banda xadrezada entre duas flores de lis, que ſaõ as armas da illuſtre Ordem de Ciſter. Da parte da cabeceira tem outra tarja, que expõem huma Cruz, e por cima duas maõs com eſta inſcripçaõ: *Votis conjunctis.* Na correſpondente há outra tarja, e nella eſculpido com meyo revelo hum Moſteiro com eſte epigrafe: *Hic tutior.* Forrou-ſe eſte ſingular, e cuſtoſo cofre de riquiſſima téla encarnada com colchoens, e almofadas da meſma peça, e em tudo digniſſimo do precioſo depoſito, que guarda.

Continua.

32 No dia 20. de Outubro ſe deo principio ao ſolemniſſimo Triduo, no qual eſteve o Senhor expoſto, aſſiſtio o Excellentiſſimo Biſpo Conde com capa magna, celebrou Miſſa de Pontifical o Padre Meſtre Doutor Fr. Bernardo de Caſtro, D. Abbade, e Reytor do Real Collegio de S. Bernardo de Coimbra. Ao ſahir da Igreja ſe viraõ muita variedade de danças, e folias que occaſionaraõ grande goſto, ao muito povo que alli ſe achava, com as ſuas variedades, e galantarias. Na tarde do meſmo dia ſe entrou na Igreja com huma bem ajuſtada, e ſuaviſſima muſica, formada das melhores vozes de todo o Reyno, onde os mandou buſcar o Excellentiſſimo Biſpo Conde, movido do ſeu grande zelo, ſem attençaõ ás grandes deſpezas que com elles fez, naõ ſó na grandeza com que tratou aos muſicos, ſenaõ tambem com que os premiou, do que tive fideliſſimas informaçoens vocaes dos muſicos que foraõ da Capella do venerando Senhor D. Rodrigo de Moura Telles, Arcebiſpo deſta Metropoli, a quem os pedio o ſobredito Excellentiſſimo Biſpo Conde. Na meſma tarde fez hum elegante Panegyrico das virtudes das Santas irmaãs o Padre Meſtre Doutor Fr. Manoel da Rocha, Religioſo de S. Bernardo.

Do Triduo que ſe fez neſta occaſiaõ.

33 No ſegundo dia, expoſto tambem o Santiſſimo Sacramento, com a aſſiſtencia do Biſpo Conde, e do ſeu Cabido &c. diſſe Miſſa o Padre Meſtre Doutor Fr. Bernardo de Caſtello Branco, Monje Ciſtercienſe, Chroniſta Mór do Reyno, D. Abbade que havia ſido do Collegio de S. Bernardo de Coimbra. Pela tarde deſte dia houveraõ as demonſtraçoens feſtivas do primeiro dia, e fez o Panegyrico o Padre Meſtre Doutor Fr. Marcos da Silva, Monje Ciſtercienſe, e Vice-Reytor do Collegio de Coimbra.

Continua.

34 No terceiro, e ultimo dia ſe expôs como nos mais dias o Santiſſimo Sacramento. Celebrou Miſſa de Pontifical o Excellentiſſimo Biſpo com a aſſiſtencia dos ſeus Conegos. De tarde houveraõ vilhancicos de arias, e recitados com vozes, que pareciaõ mais Angelicas, que humanas. Prégou o Padre Meſtre Doutor Fr. Joaõ Barbarica, tambem Monje Ciſtercienſe. Encerrou-ſe em fim o Santiſſimo Sacramento com muſica, e com todas as mais ceremonias, que ſe coſtumaõ exercitar em ſimilhantes actos, e funçoens, e logo ſe preparou a prociſſaõ que ſe fez a todo o cuſto, e com a grandeza, que ſe deve prezumir do Excellentiſſimo Biſpo Conde, do D. Abbade Geral Eſmoler Mór, e de hum Convento, em que ſe achaõ Religioſas muito eſclarecidas. Finalmente, collocaraõ-ſe as ſagradas Reliquias no Altar Mór da Igreja, a ſaber: as da Rainha Santa Thereza da parte do Evangelho, e as de Santa Sancha da parte da Epiſtola, onde eſtaõ á veneraçaõ dos Fieis, para honra, e gloria de Deos, que ſeja eternamente louvado.

Continua.

35 Eſtas Santas eſtaõ Canonizadas, pelo que toca á naçaõ Portugueza, porquanto no anno de 1716. ſe lhes aſſignalou pela Congregaçaõ dos ſagrados Ritos o Rito de Semiduplez para a ſua reza, e a 22. de Janeiro de 1724. ſe lhe approvaraõ as liçoens, e oraçoens proprias pela meſma Congregaçaõ, o que confirmou o Summo Pontifice Innocencio XIII. a 29. do meſmo mez, tudo a pedimento do Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ o V., e da Sereniſſima Senhora Rainha D. Marianna de Auſtria.

Eſtá Canonizada para o Reyno de Portugal &c.

Pinta-ſe a eſta Glorioſa Santa veſtida no ſeu habito de S. Bernardo, toucada

cada como Freira, na maõ esquerda hum livro, e na direita huma Cruz, e a Coroa Real, e Ceptro derrubados aos seus pés. Tambem se pinta resuscitando hum menino, e na fórma que diremos na vida de Santa Sancha se pintou em Roma. Na mesma vida que já entramos a escrever, daremos noticia dos milagres que por estas duas Santas irmaãs tem feito a summa bondade de Deos, que seja eternamente louvado em seus Santos.

Vida de SANTA SANCHA *Infanta de Portugal, e Monja de Cister.*

Nasce em Coimbra.

1 NAsceo na Cidade de Coimbra, Corte entaõ dos Portuguezes Monarchas. Seus pays foraõ ElRey D. Sancho I., e a Rainha D. Aldonsa, ou Dulce, ambos de egregias virtudes, que como taes poliraõ com educaçaõ cuidadoza este preciozo diamante, que começou a manifestar taõ temporaõmente o fundo das suas luzes, que deo certos presagios da sua futura santidade, pois nos primeiros annos da infancia parecia nas suas virtuozas operaçoens estar feita arbitra da idade, elegendo o melhor para si de cada huma da ancianidade.

Inclina-se nos primeiros annos á devoçaõ de Maria Santissima.

2 Nos primeiros crespusculos da sua infancia, se inclinou tanto á devoçaõ de Maria Santissima, que em vendo alguma Imagem sua, nella empregava os olhos, o coraçaõ, os affectos, e todos seus sentidos de maneira, que ficava totalmente absorta, e esquecida de tudo o da vida: e tomando ella por modello, e guia de suas acçoens a taõ soberana Senhora, naõ foy muito se inculcasse innocente na infancia, perfeita na juventude, que na idade mais provecta fosse Santa, e que a morte fosse precioza.

Reprehende-se a demaziada locacidade.

Applica-se á liçaõ dos livros espirituaes.

3 Applicou se á liçaõ dos livros espirituaes com desvélo grande, de cujo louvavel exercicio tirava por fructo os bons propositos, e pensamentos, que tiraõ todos os que com mediocre attençaõ se applicaõ á liçaõ taõ propria de quem cuida na morte, e em fazer vida, porque naõ se faça indigno da eterna. Desfazia-se em diluvios de lagrimas, quando lia as vidas dos Santos antigos do Ermo, a quem invejava, e dezejava imitar nas austeridades. Reprehendia a suas criadas asperissimamente quando lhes observava palavras, naõ só indecentes, e alheyas de toda a modestia, senaõ ainda indifferentes, como quem sabia, era a boca hum canal por onde se derrama o espirito, e se verte a devoçaõ: Mortaes, dos deslizes da lingua até o arrependimento, naõ ha mais distancia que perigo, do qual escapou o silencio, que he o sagrado da virtude, e da modestia. Saibamos, que onde há sobrada locacidade, he o erro inevitavel, e que a lingua mal enfreada da mortificaçaõ he huma fera, que tudo atropella, e em seu tropel costuma padecer igual destroço a reputaçaõ do culpado, e do innocente. Isto pois evitava a nossa Santa nos seus primeiros annos nas suas criadas, nas quaes, como mulheres moças, deliciozas, e ociozas, acharia o diabo linguaraz bom acolhimento.

Faz voto de virgindade, e resposta que dá á Rainha.

4 Fez logo voto de virgindade, e cingio a flor intacta desta virtude com vállas de espinhas de rigorosas penitencias, para se assegurar do bruto appetite da sensualidade, como logo diremos. A' guarda deste inextimavel thezouro empenhou todos seus desvélos, feita argos de muitos olhos, para prevenir, e acautelar os perigos. Vendo-a a Rainha taõ devota, taõ honesta, e taõ prudente, lhe perguntou por vezes, com quem queria cazar, e ella respondia: *Que estava cazada com aquelle, que antes de nascer a tinha escolhido por esposa.* Resposta certamente que bem inculcava o grande espirito com que Deos a enriquecera.

Por fallecimento da Rainha lhe assigná laElRey casa, estado &c.

5 Por fallecimento da Rainha sua mãy, ElRey lhe assignou casa, estado, e rendas convenientes para se sustentar com grandeza Real. Procurou para

para seu serviço criados de honesto procedimento, e criadas de conhecida virtude; e assim os divertimentos, que se viaõ no seu Palacio, era o da liçaõ de livros devotos, e o de se fazerem varios lavores para o uso das Igrejas, para confuzaõ de muitas Senhoras Portuguezas, que tem por desdouro o trabalho, e os estrados taõ cheyos de livros de Comedias, e de Novellas, que as ensinaõ a mal viver, como faltos de espirituaes, que as incitariaõ a viver bem, assim como a nossa Santa Infanta, que passava a vida nesta fórma.

6 Quando queria dar descanço ao seu tenro, e delicado corpo, o fazia sobre huma cortiça, depois de atormentar-se com huma rigorosa diciplina de sangue, que offerecia a seu Esposo Jesus Christo, ordinariamente todas as noites, para que permittisse naõ viesse a ter outro. Piedosissima supplica certamente, e muito digna do feliz despacho que teve. Depois de descançar seus debilitados, e mortificados membros no deliciozo leyto que dissemos, se punha a orar thé hora de Missa, que ouvia muito cedo com a reverencia, e attençaõ devida a taõ Augusto Sacrificio. Ora confundi-vos mortaes, mulheres, que vos tendes por qualificadas para com o mundo, com o exemplo da nossa Infanta, se he que naõ tendes por deslustre das vossas qualidades o ouvirdes os brados, e inspiraçoens divinas. Vede pois que qualidade foy a della, e que qualidade he a vossa. Ponderai no que fazia antes de ouvir Missa, e no que vós fazeis. Vereis a ella occupada em adornar a alma de virtudes, porque se fizesse bem acceita diante daquelle Deos sacrificado, e a vós em adornardes o corpo de gallas, e a cabeça de diamantes, por vos fazerdes bem acceitas, e bem vistas dos homens, que saõ certos nos concursos a que ides, como quem sabe a certeza da hora em que procurais a Deos, que he sempre pelo meyo dia; mas o certo he, que tarde, ou nunca achará a Deos, quem procura a Deos taõ tarde, e que este Senhor naõ olhará de bõa cara para aquellas que o procuraõ na Igreja, naõ só profanamente vestidas, senaõ com cara differente da que foy servido dar-lhes. Parecem estas mulheres de caras remendadas, as maçãas de Sodoma, que sendo por fóra muito formosas, coradas, e apraziveis á vista, por dentro saõ hum pouco de pó com carencia de miolo. Tenhaõ este em fim os pays, e os maridos, que as consentem, e evitaraõ muitas offensas de Deos, e naõ poucos descreditos seus.

Dorme em hũa cortiça, e se mortifica com diciplina de sangue.

Ouve Missa muito cedo, e se admoestaõ ás pessoas qualificadas com o seu exemplo &c.

7 Resplandecendo a nossa Santa em todas as virtudes, na da humildade se excedeo, parece que por ter sempre presente a recõmendaçaõ de Christo, que se pôs a si mesmo por Divino exemplar de mansos, e humildes. Santo Anselmo chamou monte á virtude da humildade, sendo que parecia lhe vinha mais propria a methafora de valle: soberbos costumamos chamar aos montes, humildes aos valles profundos; porèm o certo he, que com mayor propriedade lhe chamou o Santo, monte. He o monte a humildade, e eminente monte; porque desde o seu alto cume naõ há quasi nada ao Ceo: he monte que intentaõ subir muitos, mas poucos o logràõ; porèm a nossa Gloriosa Sancha, sobre o seu cume punha as suas Reaes, e illustres plantas, no mesmo tempo, em que se prostrava por terra a lavar as de doze mulheres pobres, que todas as quartas feiras do anno mandava ir ao seu Palacio. Fazia esta humildissima acçaõ depois de lhes administrar pelas suas maõs com abundancia o jantar. Recõmendava a todas por fim o segredo, com a pena de ficarem privadas da esmóla do allimento, e do dinheiro, que no mesmo tempo lhes dava.

Da sua grande humildade.

8 ElRey seu pay lhe deixou para seu estado a Villa de Alemquer, para onde se retirou logo, pelo muito que dezejava viver livre das inquietaçoens, e turbas da Corte. Levou na sua companhia familia de cuja virtude tinha bastante experiencia, com a qual foy proseguindo na vida que principiado tinha, sendo juntamente o seu Palacio hum continuo Hospital de pobres, a quem assistia com caridade mais que grande. Haviaõ em Alemquer naquelle tempo humas mulheres, que viviaõ vida muito austera, e penitente, e com taõ

Vay para Alemquer, onde se exercita em obras santas.

taõ grande recolhimento, e encerramento, que se chamavaõ as Emparedadas. A estas visitava muito a miudo a Santa Infanta, e por conhecer a sua pobreza, lhes assignalou certas porçoens cada dia, para supprirem a penuria em que viviaõ, e finalmente lhes augmentou a fabrica do tal Recolhimento, que estava no sitio onde hoje permanece a Igreja de nossa Senhora a Redonda, ou da Retunda, como dizem alguns Authores.

Pertende ElRey D. Affonso o tirar-lhe a herança de seu pay.

9 A grande quietaçaõ, e socego com que a nossa Santa vivia na sua Villa de Alemquer, procurou o demonio perturbar, pela immortal inveja, e implacavel aborrecimento que tem aos mortaes, e pelo summo dezejo que lhe assiste da sua perdiçaõ, e ruina, persuadindo a ElRey D. Affonso o Gordo seu irmaõ, para que a despojasse da herança da dita Villa de Alemquer. Communicou os intentos de ElRey com pessoas Doutas, e santas; consultou-se com sua irmaã Santa Thereza Rainha de Leaõ, a quem o mesmo Rey queria tambem lançar fóra de Monte Mór o Velho, e assentado na injustiça de ElRey, se resolveraõ a rezistir varonilmente aos seus combates, e assaltos, mandando pôr em armas aos seus vassallos, para que ElRey naõ tomasse as Villas, as quaes se fortificaraõ com muitos soldados Leonezes, com que soccorreo a sua mãy Santa Thereza, seu filho D. Fernando Principe de Leaõ. Combateo ElRey a Villa com grande furia de gente, mas os vassallos da nossa Santa rebatiaõ todos com tanto animo, que nunca tocava a retirar, que naõ sentisse huma grande perda de mortos, e de feridos no seu campo. Tomou-lhe ElRey a Villa de Aveyras por força de armas, a qual lhe havia deixado sua mãy a Rainha Dona Dulce; porèm pelo que respeitou a Alemquer, se vio precisado a levantar o cerco, que lhe pôs, com grande affronta, e perda sua.

Obriga-a ElRey por armas para lhe largar a Villa de Alemquer.

Peleja-se por huma, e por outra parte.

10 Ao mesmo tempo que estavaõ os soldados pelejando com as armas offensivas, e defensivas, estava a Serva do Senhor de joelhos pedindo a Deos o vencimento, por meyo das da sua fervorosa oraçaõ, e como a sua justiça era clarissima, com animo varonil visitava pessoalmente as muralhas, animava aos seus subditos para que defendessem a sua justiça. Finalmente, naõ cessava no mesmo tempo de mandar Embaixadas a ElRey seu irmaõ, pedindo lhe, que naõ fosse causa de tantas mortes, como se faziaõ naquelles combates, á conta de hum appetite, qual o de ganhar huma Villa, e desherdar a huma irmaã mulher fraca, e dezamparada de todo o soccorro humano. Protestava-lhe de caminho diante de Deos, e do mundo, que ella naõ dava por sua vontade causa a tantas perdas, e mortes, que succediaõ no seu Reyno, por quanto queria defender, e conservar o que seus pays lhe haviaõ dado, por assim lho aconselharem os homens sabios, e santos, a quem havia consultado.

Põem-se a causa em materia ordinaria, por ordem do Papa.

11 No tempo em que andavaõ assim em guerras ElRey com suas irmaãs, recorreraõ estas ao Pontifice Innocencio III., por via de D. Fr. Sueyro Gomes, entaõ Conego Regrante de Santo Agostinho, e depois Religioso Dominico, de quem nos lembramos nesta Obra, o qual foy a Roma representar ao mesmo Pontifice a semrazaõ de ElRey, e a muita que tinhaõ as Santas irmaãs para defenderem a sua causa. Mandou-se o Pontifice informar por Juizes delegados, e suspensas as armas, se pôs a contenda em materia ordinaria, que por esse motivo durou muitos annos, e nem se veyo a concluir senaõ por morte de ElRey, e já no governo de seu filho D. Sancho o II., que por sentença final restituio a suas Santas tias as despezas, e perdas, que se julgaraõ na defensa de taõ injusta guerra.

De como repugnou o cazamento de ElRey de Castella.

12 Intentou seu irmaõ cazá-la com ElRey de Castella, Principe de tantas prendas, e virtudes, que por ellas mereceo andar no Catalago dos Santos; ao que respondeo com huma resoluçaõ bem digna de huma virtude mais que grande: *Que antes se deixaria lançar em hum ardente fogo, ou no mar com huma corda ao pescoço, fazer seu corpo empedaços, cortando-lhe hum por hum seus membros, que cazar com homem mortal.* Vede, mortaes, que naõ regateais, nem fazeis apreço da virgindade, ainda quando o naõ podeis fazer sem culpa,

o quanto

o quanto a estimou a nossa Santa, pois podendo usar sem culpa das licitas delicias do matrimonio, com hum homem Santo, e Rey, tudo desprezou por conservar a preciosa margarita da virgindade, de que havia feito offerta a Deos, por saber a estima que faz desta açucena de recendente fragrancia, que se naõ conservaria com vigoroso candor, senaõ entre os espinhos da penitencia, com que a defendia. Confundaõ-se, á vista do exemplo da nossa Santa, as donzellas mal criadas deste seculo, que antes de abrirem os olhos, estaõ anciosas por cazar-se por naõ ponderarem no que fazem, e no a que se obrigaõ, falsamente enganadas dos deleites brutaes, que se fingem, e naõ achaõ, e assim vivem depois com pouca paz, com muita desconsolaçaõ, e com grande risco da salvaçaõ, faltando ao devido cuidado, e educaçaõ dos filhos, por naõ quererem do matrimonio as cargas, e o penoso, senaõ o deleitavel, e divertido.

Attẽdaõ as donzellas.

13 Em quanto as demandas de ElRey corriaõ, se retirou a Rainha Santa Thereza para o Mosteiro de Lorvaõ, para onde a acompanhou a nossa Santa Sancha, que admirada das grandes virtudes que praticavaõ as Religiosas daquelle Convento, que estavaõ observando o primitivo rigor da Ordem de Cister, se resolveo a fundar hum Convento de Monjas da mesma Ordem. Intentou faze-lo nas proprias Casas das suas Recolhidas, ou Emparedadas de Alemquer; porèm o naõ pós em execuçaõ, por ter revelaçaõ do Ceo, do sitio em que havia de fazer a tal fundaçaõ, que foy nos arrabaldes da Cidade de Coimbra para a parte do Norte, em huma quinta chamada Vimarani, onde agora permanece o celebre Convento de Cellas, nome derivado das Encelladas de Alemquer, que a Santa levou para elle As Fundadoras foraõ do Convento de Lorvaõ. A exemplo da nossa Santa, que alli tomou o mesmo habito, foraõ muitas as mulheres illustres, que deixaraõ os esposos terrenos pelo Celestial.

Vay para o Mosteiro de Lorvaõ, e funda o de Cellas &c.

14 Como zelosa obreira do campo do Senhor, naõ lançava da maõ a sua agricultura, como quem previa os damnos da inconstante condiçaõ dos mortaes, que cada dia nos inculcamos terra, que apenas começa a produzir os fructos da verdade, quando por momentos prorompemos na producçaõ de espinhas, e hervas agrestes, com que affogamos os bons propositos. Para este fim, alèm dos preceitos dos Estatutos Cistercienses, assignalou ás novas Religiosas hum aranzel de vida, a que todas uniformes se ajuntassem, e ajustassem facilmente, e verdadeiramente; que a virtude que se exercita tumultuaria, sem ordem, e sem metro no obrar, periga de caprichosa. E se a formosura de todas as cousas he a ordem, e concerto dellas, na vida espiritual deve ser infallivel este grande preceito da prudencia, porque naõ succeda acabar confuzaõ, o que começou virtude. Bõa prova desta verdade temos em muitos Conventos, que antigamente tiveraõ hum principio fervoroso, e naõ tiveraõ a perseverança que teve o da nossa Santa, que hoje florece em muitas virtudes.

Da prudencia com que governava &c.

15 Vendo-se pois Sancha naquelle novo estado, se engolfou com mayor empenho no pelago do Amor Divino, seguindo apressadamente o rumo da mortificaçaõ, e penitencia, vencendo as borrascas das paixoens juveniz, para tomar porto seguro na quietaçaõ, e tranquilidade do coraçaõ. Tudo quanto fazia lhe parecia pouco, e para dezaffogar as ancias, que tinha de imitar a seu Celestial Esposo nas dores, engenhou novo modo de atormentar o seu virginal corpo, trazendo hum gibaõ de cilicios, cingido com huma corda de esparto, jejuando, e diciplinando-se com rigor de quem cuidava na morte, e se descuidava da vida.

Da sua mortificaçaõ.

16 Portava-se com as Religiosas com indizivel humildade, exercitando os ministerios mais abatidos da Cõmunidade, como era varrer a casa, lavar a louça, e outros actos assim similhantes. Com esta pratica de virtudes governou muitos annos a sua Cõmunidade, sendo para todas as subditas huma idéa vivissima, e hum exemplar poderoso, que as compellia com doce violencia a

Da sua humildade, mansidaõ, e agrado para ás subditas.

obrar o melhor, e mais perfeito. Sua mansidaõ, agrado, e affabilidade eraõ hum doce feitiço das suas vontades. Rendeo-as gostosamente ao imperio do amor, que na modestia com que manda, faz mais prompta a obediencia em quem obedece, e tira todo o pezo ao jugo da sujeiçaõ.

17 Como nas Religioens antigamente se naõ observava a clauzura, que hoje se observa, depois de estar a nossa Santa no Convento de Cellas, foy á sua Villa de Alemquer, na qual estava quando neste Reyno appareceraõ os cinco Inclytos Martyres de Marrocos, grande lustre da Religiaõ Franciscana, aos quaes hospedou no seu Palacio com notavel caridade, e incomparavel honra, e informada dos designios a que os encaminhavaõ seus abrazados espiritos, lhes deo carta para seu irmaõ o Infante D. Pedro, que se achava naquelle tempo em Marrocos com grande valimento com o Imperador. A despedida que teve com aquelles egregios espiritos, lhe occasionou a mayor saudade, e inveja, por se considerar sem os mesmos meyos para derramar seu sangue, em obsequio de Christo seu amado Esposo. Pedio-lhes, que se se naõ encontrasse a vontade de Deos, lhe dessem noticias de seus triunfos, a cuja piedosa supplica naõ faltaraõ, apparecendo lhe no mesmo instante em que padeceraõ martyrio, mais resplandecentes que o sol, com Cruzes na maõ, dizendo: *Deos vos salve, que merecestes receber em vossa casa aos cinco Frades Menores, donde sahimos a ser illustrados pela confissaõ da Fè Catholica com o martyrio, e a recebermos seguindo as pizadas de Christo a resplandecente estóla da immortalidade. Ja subimos ao Ceo, aonde viviremos para sempre.* Este singular favor fez duplicar á nossa Santa os alentos com que estava de servir a Jesus Christo, e lhe conciliou taõ grande devoçaõ á Ordem dos Menores, que deo casas na ribeira da Villa aos primeiros Frades Franciscanos, que entraraõ em Portugal; que foraõ S. Zacharias, e S. Gualter, de quem ja escrevemos; e depois lhe doou o seu proprio Palacio, no qual se fundou o observantissimo Convento, que alli tem a Religiaõ Serafica.

Hospeda aos Sãtos Martyres de Marrocos, que vè gloriosos.

Deo o seu Palacio aos Franciscanos para fundarem Convento &c.

18 Hum anno depois que entraraõ os sobreditos Religiosos Franciscanos a fundar a sua Ordem, appareceo o Padre D. Fr. Sueyro Gomes, Religioso Dominiço, a procurar a Fundaçaõ da de S. Domingos, por ordem deste Glorioso Patriarcha. Procurou á Santa Infanta em Alemquer, de quem havia sidò Procurador em Roma nas contendas que tinha com ElRey seu irmaõ, como deixamos dito na vida de Santa Thereza, e nella achou o mayor agrado, e agazalho; e promettendo-lhe a sua protecçaõ para os seus santos intentos, logo lhe deo para principio a Ermida de N. Senhora das Neves em Monte-Junto, entre Tagarro, e Alemquer, por condescender com a vontade de Fr. Sueyro, que fez eleyçaõ daquelle sitio, por aspero, fragozo, e solitario, para nelle se dar ás contemplaçoens da vida eterna, e para delle sahir a persuadir aos povos circunvizinhos aos cuidados da morte, ao desprezo do mundo, e ao amor das virtudes. O tal conventinho se mudou depois para Santarem, com consentimento da mesma Senhora.

Concorre para a fundaçaõ dos Dominicos.

19 Recolhida a Serva do Senhor para o seu Convento de Cellas, com permanente tençaõ de nelle acabar a vida, foy proseguindo no governo do seu Mosteiro, e em dirigir ás suas subditas pelo caminho da perfeiçaõ, naõ só com a palavra, senaõ tambem com o mudo exemplo da sua santissima vida. Obrava a nossa Santa Prelada o que ensinava, e só assim podia ser bõa Mestra, porque he impossivel ensinar huma pessoa o mesmo que ignora. Cuida de ti, (diz S. Paulo) e logo dos demais: que he o mesmo que dizer aos Mestres, que obrem as virtudes, e naõ ensinem só de palavra, se querem que aproveite o que ensinaõ.

Volta para o seu Convento de Cellas.

20 Finalmente, querendo Deos Senhor nosso premiar seus grandes merecimentos, chamou á porta de seu coraçaõ com o toque de huma aguda, penoza, e prolixa enfermidade, em que mostrou extremoza paciencia, e conformidade, por ver se lhe chegava o dezejado termo da tarefa da vida mortal

Enferma mortalmente.

tal, para tomar posse de immortaes glorias. Noticioza sua irmaã SantaThareza de se lhe haver aggravado a enfermidade, deixando o Convento de Lorvaõ, lhe foy assistir, e achando-a quasi nos ultimos parocismos, a alentou para o conflicto, dizendo: *Se com alguma ley se reprimisse a morte, naõ vos anticiparieis vós, [ó amada irmaã] sendo menor, a mim, que sou mais velha, mas, como era justo, me seguirieis; porèm como ella seja effeito, e pena da culpa, que foy o desprezo, e quebra da Ley, naõ a póde ter: senaõ he, que Christo vosso Esposo, pelo muito que sempre o amasteis, vos quiz mais cedo livrar das miserias desta vida, e transferir para o Paraizo, onde entre as Virgens acompanhareis aquelle Divino Cordeiro. Em vós milita a razaõ da virtude, e naõ a da idade, esta ainda verde, aquella madura. Naõ vos será difficultoso o apartar do mundo, do qual sempre fugisteis, e reputastes o corpo por carcere; nem ignorais o caminho, o qual tendes preparado, trabalhando com animo, e signalado com a consideraçaõ. Cedo vos auzentareis vós, a quem nenhumas prizoens de gostos detiveraõ, e nos deixais por exemplo impressas as pizadas para vos seguirmos. Aquelle Senhor, a quem representa este santo Crucifixo, que tendes nas maõs, vos hà de ser guia do caminho, e Author da salvaçaõ. Aquella larga estrada, que haveis de seguir, achareis borrifada com o seu precioso Sangue. A este Senhor, deveis attribuir tudo aquillo que piamente considerasteis, e tudo o que obrasteis rectamente. Se aquelle Sangue vos naõ lavasse, vós naõ ficarieis limpa, este Corpo pregado na Cruz livrou a vossa alma; estas Chagas a curaraõ; esta nudez a vestio; esta pobreza a enriqueceo; a este vos recõmendai; a este vos entregai. Aqui tendes o vosso verdadeiro Esposo, e esponsorio da salvaçaõ.*

Visita-a sua irmaã Santa Thereza, q a alenta para o conflicto da ultima hora.

21 Muito consolada ficou a Bemaventurada moribunda com a practica de sua Santa irmaã, a quem respondeo brevemente, dizendo: *Porque razaõ havia eu de ficar cà nesta vida atraz de vós, (ó Thereza) que taõ superior me sois nas virtudes? Naõ se hà de attender a qual de nós seja mais moça, senaõ qual seja mais util. Anticipo-me eu, em quem he menor a perda, e que farei menos falta. Vós ficais, que servis de mayor conveniencia, e se eu alguma cousa aproveitasse, o podeis vós supprir. Encõmendo vos muito estas minhas irmaãs, que amo como filhas. Vossas servas saõ: tende cuidado dellas, e as contai por vossas; porèm as consolaçoens, que com vossas suavissimas palavras me dais, maravilhosamente movem para o sentido da piedade, e enchem de esperança a esta peccadora, que vay acabando &c.* No tempo em que estava mortalmente enferma, obrou o Senhor pelos seus merecimentos alguns milagres, que se autenticaraõ para a sua Beatificaçaõ.

Resposta que deo a Santa moribunda a sua irmaã.

22 Como Santa Thereza a naõ dezamparou na ultima hora da morte, vendo-a no ultimo periodo, applicou ao peito de Sancha o Crucifixo, e disse: *Abraçai ao que amasteis, suavizai esta boca Celestial, por vós untada com fel: pregai estes espinhos no peito, que se haõ de converter em rosas immortaes. Uni o Senhor a essa alma, para que a recolhais neste lado aberto quando espirardes.* Neste mesmo tempo estavaõ as Religiosas entre lagrimas, e gemidos rezando o Officio da Agonia, e logo que a Bemaventurada moribunda deo final de querer espirar, levantou a Bendita assistente a vóz, invocando os Santos Nomes de JESUS, e Maria. Ao cantar da Ladainha, logo que chegaraõ áquellas palavras: *Omnes Sancti, & Sanctæ Dei intercedite pro ea*, foy sua Bendita alma solta do corporeo carcere que a impedia para gozar da liberdade eterna aos 13. de Março de 1229.

Do seu fallecimento.

23 Assim como espirou acudiraõ suas Religiosas a beijar-lhe as maõs, e os pés, naõ só como a Prelada, e Mestra, senaõ como a Santa, aproveitando-se todas á porfia das suas alfayas. Logo appareceo gloriosa ao Glorioso S. Fr. Gil, Religioso Dominico, que assistia em Santarem, de quem já nos lembramos, ao qual deo paz no rosto com estas palavras: *Pax tibi*, favor, que o Santo disse em vida, e publicou na hora da morte, confessando juntamente que desde aquelle instante, nunca mais padecera os estimulos da carne, que

Apparece gloriosa a S. Fr. Gil.

cõmumente temos todos os mortaes, sem excepçaõ ainda dos mais perfeitos, quando naõ precede especial favor do Ceo. Desta Santa se podia dizer no seu tempo, o que o sabio Sirach disse de ElRey Jozias, que sua memoria era taõ agradavel a todos como a suavidade do ambar misturado com os mais cheiros, e ouvir seu nome de mayor fragrancia, que a mais bem acordada musica nos convites.

Eccl. 49.

24 Mandou-a sua irmaã Santa Thereza sepultar em huma sepultura de pedra, que tinha mandado lavrar para si, na qual se lhe esculpio em lingua Latina o seguinte epitafio: *A Infanta D. Sancha filha de ElRey D. Sancho I. de Portugal, que em todo o decurso da sua vida applicada a obras da virtude consagrou a sua virgindade ao Senhor, seguindo a vida Monastica no Convento de Cellas, que edificou junto aos muros de Coimbra; e resplandeceo nelle com os ornamentos das mayores virtudes, e fama de grande santidade, falleceo no anno de 1229. Foy trasladada por sua irmaã para este Templo de Lorvaõ, e repousa neste tumulo.*

Epitafio da sua sepultura.

25 Naquelle tumulo era procurada por muitas pessoas para que lhes valesse com a sua protecçaõ diante da Magestade Eterna, e alcançaraõ naõ poucas o premio da sua fé, nos favores que a liberal maõ de Deos distribuio a seus devotos, para credito seu. Muitas Religiosas, que ficavaõ de noite no Coro, viraõ a sepultura da Serva do Senhor cercada de resplandores. A Santa Abbadessa de Lorvaõ D. Maria Affonso, teve a fortuna de vê-la em huma vespera de S. Bernardo, vestida no habito da Ordem, toda respalndecente, junto de sua irmaã Santa Thereza, onde esteve até se acabarem as Matinas, e Laudes, e acabadas ellas, se sahio a Santa Rainha por huma nave da Igreja, e Santa Sancha com ella. A virtuosa Abbadessa a vio clarissimamente, e Santa Thereza, obrigada da obediencia, contou o que passara com ella, dizendo: que viera solemnizar em sua companhia a festa de seu pay, e parente S. Bernardo, e a avizá-la do tempo do seu transito, e a certificá-la da Gloria, que sua alma possuhia.

Vê se seu sepulchro cercado de resplandores, e a ella gloriosa &c.

26 No anno de 1617. foy achado o seu veneravel corpo incorrupto, e cheiroso, e no de 1713., em que se trasladou, pela occasiaõ da sua Beatificaçaõ, que se fez com a de sua irmaã Santa Thereza, onde a deixamos escrita, e onde remettemos ao Leytor, se achou o corpo coberto com hum véo de tafetá, o qual tirado com grande veneraçaõ, e respeito, se vio todo unido, e inteiro, sem embargo de ter fallecido á 486. annos, com os braços cruzados sobre o peito, e estes organizados com a composiçaõ de ossos, e nervos cobertos com pelle, e carne; todo o peito composto, e coberto com a cuticula, sem lhe apparecer algumas das costellas. Tinha a carne branda, e só se achava separada dos hombros a cabeça, o que devia nascer de alguma curiosidade das Religiosas.

Acha-se seu santo corpo incorrupto.

27 Envolveo-se o santo corpo em hum panno de cambraya, vestio-se-lhe a cogulla, reunio-se-lhe a cabeça, em que se lhe pôs o ordinario toucado, e véo das mais Religiosas, e foy trasladado para hum cofre de prata, que lhe estava destinado, na formosura, e grandeza nada inferior ao de sua irmaã Santa Thereza, e só havia differença nas figuras, emblemas, e epigrafes. Vê-se na tarja da primeira face a imagem da mesma Santa polidamente formada, com esta inscripçaõ: *Sancta Sancia Infans*, e ao pé hum escudo com as Armas de Portugal. Na cabeceira duas Coroas, huma Real, e outra de espinhos, com esta letra: *Per hanc ad illam.* Na da parte dos pés duas maõs dadas, com esta: *Felicitas temporum*, e no remate do meyo huma Coroa por onde sahem quatro palmas. O forro, e mais ornatos era correspondente ao de Santa Thereza. O caixaõ desta, e de Santa Sancha se fecharaõ cada hum com duas chaves, das quaes se entregaraõ duas ao Illustrissimo Bispo de Coimbra, e as outras duas ao Dom Abbade Geral Elmoler Mór, para que se naõ possaõ abrir, sem a assistencia de ambos.

Da sua Trasladaçaõ, e do caixaõ de prata em que está o santo corpo.

28 Pinta-se

28 Pinta-se esta Gloriosa Infanta vestida no habito Cisterciense, que he o mesmo que de S. Bernardo, toucada com véo preto, Coroa Real despre-zada aos pés, por rejeitar o ser Rainha de Castella, as maõs juntas, e levan-tadas, e os olhos postos no Ceo. Tambem se pinta da mesma sorte com huma maõ sobre o peito, e a outra apontando para o Ceo. No tempo em que se Beatificaraõ na Curia Romana, se pintaraõ a estas duas venturosas ir-maãs nesta fórma: Santa Sancha em huma nuvem, como que desce do Ceo, com a maõ esquerda apontando para o mesmo Ceo, e com a direita abra-çando a Santa Thereza, que está absorta, e elevada nas Glorias da irmaã, com os braços abertos, e meyos levantados, ambas em pé vestidas da mes-ma sorte, e muito resplandecentes, acompanhadas de Anjos, dos quaes dous de cima de huma nuvem as coroaõ com grinaldas de flores.

Da forma em q se pinta.

29 Como o corpo desta Santa está junto com o de sua irmaã Santa The-reza, e pelos merecimentos de ambas pedem os afflictos o remedio de suas necessidades, naõ se póde apartar huma da outra na gloria dos milagres, o que deo motivo ao Reverendissimo Padre Brito Author da *Chronica de Cister*, para concluir as vidas, que destas Santas irmaãs escreveo ha couza de cento e cincoenta annos, dizendo: „ Pelo decurso do tempo acreditou o Senhor a „ santidade, e gloria destas Veneraveis Rainhas, com estranhos milagres, „ cuja tradiçaõ está taõ viva entre as Religiosas da Casa, e muitas pessoas lei-„ gas, que daqui lhe vem concorrerem ás suas sepulturas com dons, e pe-„ tiçoens de saude, quando se vem cercados de qualquer necessidade: e por-„ que ainda naõ saõ Beatificadas, nem se lhes póde rezar Officio particular, „ como de Santas admittidas pela Igreja, costumaõ a rezar-lhes os sette Psal-„ mos Penitenciaes por espaço de trinta dias, com a qual devoçaõ affirmaõ „ as Religiosas terem experimentado seu favor em toda a necessidade que as „ invocaõ. E taõ bõas irmaãs saõ estas Gloriosas Rainhas, [chamavaõ-se Rai-„ nhas no tempo antigo as filhas de Reys) que na gloria dos milagres se naõ „ querem apartar huma da outra, antes como estaõ sepultadas com os sepul-„ chros unidos hum junto ao outro, de ambos juntamente levaõ terra para „ nominas, ambas invocaõ com este titulo de Rainhas Santas, e em nome „ de ambas se fazem as maravilhas, que saõ ja em tanto numaro, e vaõ cres-„ cendo cada dia em fórma, que álem dos que por negligencia, e descuido „ se tem perdido da lembrança dos que vivem, se lembraõ as Religiosas, e „ se tem assentado em quaderno mais de noventa e sette milagres; porque pas-„ saõ de cincoenta pessoas saãs de maleitas, que saravaõ com nominas da pe-„ dra dos seus sepulcros, ou bebendo por hum copo de jaspe da Rainha D. „ Thereza, que alli se conserva entre outras Reliquias: dos quaes foraõ oito „ enfermos de febres malignas; quatro julgados por mortos com a unçaõ, e „ mais Sacramentos da Igreja; quatro inchaços irremediaveis foraõ curados „ em pessoas diversas por sua intercessaõ: livrara mais dez pessoas doentes de „ febres malignas; sararaõ huma mulher de tirriveis fluxos, com que estava „ quasi á morte; duas tizicas confirmadas; huma leproza; duas aleijadas; huma „ asmatica confirmada; outra de mal de cabeça com que andava fóra quasi „ do seu sentido; muitas pessoas de frenezis; outra de tremor do corpo, e „ membros; duas, que cahiraõ de lugares altos, huma das quaes se quebrou „ pelo espinhaço; outra que fez em miudas partes a cana da perna. De par-„ tos sararaõ huma copia grande de mulheres, lançando-lhe huma nomina ao „ pescoço com a terra das suas sepulturas, e em cazos, e necessidades, que „ se lhes encõmendaõ, tem feito, e fazem cada hora maravilhas extraordina-„ rias, as quaes naõ conto por extenso, porque naõ saõ ainda approvadas pelo „ Ordinario „ &c. Athéqui o sobredito Author.

Dos seus milagres.

30 De outros milagres, que obrou a poderosa maõ de Deos pelos mere-cimentos destas suas Servas, e que se autenticaraõ para os processos da sua Canonizaçaõ.

1 Dona

1 D. Luiza da Silva, Religiosa no mesmo Convento de Lorvaõ, por padecer huma chaga junto ao embigo, que a obrigou a estar muitos annos de cama, recorreo ás Santas Rainhas, e alcançou repentina saude, depois que bebeo huma pouca de agoa em que se lançou pó raspado da sua sepultura.

2 D. Cecilia de Castro, tambem Religiosa no mesmo Convento, alcançou saude perfeita em hum cancro, o que lhe nasceo no peito esquerdo, e que conservava havia sette annos, com grande tormento por lhe faltar pouco para chegar ao coraçaõ.

3 D. Isabel da Cunha, tambem Religiosa do mesmo Convento, ficou com o juizo perdido em huma grande enfermidade que teve, o que vendo a enfermeira, lhe deo a beber huma pouca de agoa com terra das sepulturas das Santas, e por hum copo de jaspe, de que usava Santa Thereza, e logo recuperou o seu antigo juizo.

4 Outra Religiosa do mesmo Convento, chamada D. Maria Ayres, estando tolhida, e secca, por cauza de hum estupor que lhe havia dado, pedio que a levassem aos sepulchros das Santas, quando se abrio o de Thereza, e alcançou taõ repentina melhora, que pegando dos instrumentos ajudou as companheiras a levantar as pedras da sepultura.

5 Outra Religiosa do mesmo Convento, chamada Isabel de Faria, tinha na garganta hum inchaço ascoroso, que lhe tomava a guela, e lançava hum humor nojento, e vendo que naõ havia remedio na Medicina, pôs terra das sepulturas sobre o tal tumor, e logo alcançou a dezejada saude.

6 D. Paula Cabral, Religiosa do Convento, estando a comer se lhe atravessou na garganta hum osso, que a teve suffocada, e quasi espirando por espaço de duas horas; porèm logo que bebeo pelo vazo de Santa Thereza em nome das Santas irmaãs, engolio o osso, e ficou sem perigo algum.

7 A Religiosa D. Anna de Castro padeceo por quatro mezes huma dor de dentes taõ insofrivel, que naõ só naõ podia alcançar meyo de allivio, senaõ que tambem lhe hiaõ cahindo quasi todos; porèm logo que recorreo ao patrocinio das suas Santas mâys com a offerta de huma Novena, cessou o tormento, e lhe naõ cahiraõ mais dentes.

8 Outra chamada D. Clara de Castello Branco contrahio hum achaque taõ terrivel, que a dezampararaõ os Fysicos, pela verem trinta dias como mortal sem engulir couza alguma. Nesta afflicçaõ bebeo pelo copo da Rainha Santa, com muita fé nos seus merecimentos, e logo abrio os olhos, pedio de comer, e foy restituida á sua saude antiga.

9 D. Maria Carvalha alcançou a dezejada saude em hum inchaço, que lhe tinha tomado hum lado do corpo, logo que o untou com azeite de huma alampada, que ardia diante das Santas.

10 Francisca de Macedo, Religiosa Conversa do mesmo Convento, estando comendo carne se lhe atravessou hum osso na guela, com o qual se vio em evidente perigo, do qual ficou livre, lançando-o com huma tosse, que lhe sobreveyo logo que recorreo ás Santas irmaãs. Do mesmo perigo livraraõ estas a outra Religiosa chamada Bernarda da Costa.

11 D. Catharina de Almeida, Religiosa de Cellas, foy atormentada de taõ terriveis dores de cabeça, e dos olhos, por espaço de dez annos, que lhe tiraraõ o uso dos sentidos desorte, que nada fazia, nem dizia a proposito. Vendo-se desprezada de todas as Religiosas, recorreo a Deos, pelos merecimentos de sua mây Santa Sancha, e logo que pôs na cabeça huma sua touca, se lhe mitigaraõ as dores, se lhe foraõ os vagados da cabeça, e ficou restituida ao seu antigo juizo.

12 D. Mária Brandoa, Religiosa no mesmo Convento de Cellas, estava quasi cega, com as meninas dos olhos já cobertas de nevoa; porèm pelos merecimentos da Santa, de quem se valeo, foy totalmenre restituida á perfeiçaõ da sua vista.

13 Maria

13 Maria Caldeira Conversa do Convento de Lorvaõ, quebrou pelo espinhaço por cauza de huma queda, que deo, querendo adornar hum Altar, porèm alcançou a melhora da quebradura por intercessaõ das Santas, a cuja sepultura foy implorar a sua intercessaõ.

14 Outra, chamada Apollonia Francisca, alcançou a dezejada saude na doença de tizica confirmada, pelos merecimentos das Santas.

15 Outra estando espirando dando-lhe agoa pelo vazo de Santa Thereza, alcançou repentina saude.

16 O mesmo succedeo a hum André Simaõ, que estava preparado com todos os Sacramentos para o ultimo combate.

17 D. Isabel da Silva, Religiosa de Lorvaõ, depois de estar sette annos aleijada, e tolhida de pés, e maõs, alcançou a saude, de que necessitava, logo que a foy supplicar ás sepulturas das Santas, aonde a levaraõ.

18 A D. Guiomar da Silva, Religiosa no mesmo Convento, a atormentavaõ humas pestiferas maleitas, que a tinhaõ em summa debilidade. Nesta afflicçaõ recorreo ao favor das Santas, e pondo ao pescoço huma lasquinha dos seus tumulos, ficou livre de taõ grande mal, com a circunstancia de que nunca mais lhe deo.

19 Margarida Machada, Religiosa no mesmo Convento, depois de padecer por espaço de dous annos frio, e febre continuamente, alcançou inteira saude, logo que lançou ao pescoço huma nomina, com pedra dos sepulchros das Santas.

20 Luiz Pereira de Miranda, havendo muito tempo que padecia o mesmo mal, foy a Lorvaõ, e alcançou a dezejada saude, logo que bebeo pelo copo de Santa Thereza.

21 D. Affonso de Castello-Branco Bispo de Coimbra, estando com humas grandes febres, livrou dellas, logo que pôs ao pescoço huma bolsinha com terra dos sepulchros das mesmas Santas.

22 D. Violante de Lima, Religiosa de Lorvaõ, estando pranteada das companheiras, e dezenganada dos Medicos, foy restituida á sua antiga saude, logo que bebeo agoa com terra das mesmas sepulturas.

23 Isabel de Andrade, viuva, do lugar de Lorvaõ, logo que bebeo agoa pelo copo de Santa Thereza, recuperou a saude de que carecia, em huma perigosissima esquinencia.

24 Hum cego alcançou repentina saude diante das Santas Rainhas, sem mais trabalho, que o de lavar os olhos com agoa em que se lançou pó das mesmas sepulturas.

25 Huma mulher, vendo-se afflicta por naõ ter leyte com que criar huma menina, recorreo ás Santas, diante de cujos sepulchros rezou hum Rosario, e logo teve leyte em abundancia.

26 D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira, estava nos ultimos parocismos da vida, e como dezenganado, preparado com todos os Sacramentos: disse-lhe a Condessa sua mulher, que se valesse da intercessaõ das Santas Rainhas, promettendo-lhe no seu Altar huma Novena de Missas; assim o fez o moribundo, que alcançou repentina saude, que foy agradecer ás Santas em companhia da Condessa sua mulher.

27 O mesmo Conde estando muito mal de maleitas foy restituido á saude, logo que bebeo agoa com pó das suas sepulturas.

28 Huma moça do Convento estando tizica confirmada, por cauza de huma continua tosse, logo que bebeo agoa com pó das sepulturas das Santas, se vio livre de taõ perigoso achaque.

29 Maria Coelha, moradora no lugar de Lorvaõ, havendo vinte annos que naõ podia andar por causa de huma postema, se vio livre de taõ grande achaque, sem mais trabalho, que o de ungir a postema com azeite de huma alampada das Servas de Deos.

30 Com

30 Com a mesma unçaõ alcançou perfeita saude huma moça de menor idade, que tinha huma deforme inchaçaõ na cabeça.

31 Estava de cama, e dezesperado da saude Manoel Esteves de Lorvaõ. Offereceo-se por elle huma Missa sobre as sepulturas das Rainhas Santas, e o mesmo foy offerecer-se, que o sahir para fóra da cama com saude.

32 A Maria Luiza de Lorvaõ se encheo o peito de verrugas, e lhe seccou o leyte desorte, que naõ tinha com que criar hum menino, que de pouco lhe nascera. Mandou dizer huma Missa no Altar das Santas, a que assistio, e logo recuperou saude, e o leyte de que carecia.

33 Hum menino, por nome Manoel, padecia huma perigosa esquinencia, da qual sarou no mesmo ponto em que ungio a garganta com azeite da alampada das Rainhas Santas.

34 Isabel Diaz de idade de 70. annos, se naõ podia levantar por causa de huma perna que tinha aleijada, e recorrendo ás Santas mandou ir do mesmo azeite, com a qual untando a perna se lhe mitigaraõ as dores que a opprimiaõ, e se levantou da cama brevemente para ir agradecer ás Santas taõ grande beneficio, e dar graças a Deos, que assim honra ainda neste mundo quem o serve, o qual seja eternamente louvado.

Vida de SANTA MAFALDA *Infanta de Portugal, Rainha de Castella, e Monja de Cister.*

1 NAsceo na Cidade de Coimbra no anno de 1195., que foy o mesmo em que tambem nasceo o portentoso Santo Antonio, como dissemos no epitome de sua vida. Mostrou-se a natureza com a nossa Infanta mais prodiga, que liberal, pois a fez participante de quantos bens encerra em seus thezouros, ornando-a de formosura taõ peregrina, que por tal era publicada em toda a Europa. De discriçaõ avantajada, de prudencia rara, e de nobreza taõ qualificada, qual a de ser filha dos venturosissimos Reys D. Sancho o I., e D. Aldonça, ou Dulce, que a amava com encarecimento indizivel, em attençaõ das relevantes prendas que nella admirava, tanto nos primeiros crepusculos da infancia, que apenas tres primaveras contava, quando passou a melhor Reyno, deixando á nossa Santa Infanta debaixo da tutéla de seu pay, e de suas Santas irmaãs, Sancha, e Thereza, por esta ter voltado de Leaõ para onde fora, pelos motivos que na sua vida dissemos.

Seus pays foraõ ElRey D. Sancho, e D. Aldonça.

2 He verdadeiramente a formosura hum taõ grande dom da natureza, que por si mesmo se faz appeticivel, e amavel, sem a dependencia de outras algumas partes, ou perfeiçoens. Naõ ha cousa (entre as graças da natureza) mais soberana, mais precioza, nem mais divina; e se hum dos seus mayores, e importantes privilegios he o de avassallar os coraçoens mais robustos, e render os animos mais ferinos, que muito trouxesse a nossa Santa as chaves dos coraçoens de todos os do seu tempo, como sobornados da sua vista, se nella se via huma belleza taõ extremoza, (germanada em gráos iguaes de todas as mais graças da natureza, quaes a de discriçaõ, prudencia, e virtude) como as historias nos manifestaõ, assim como tambem nos affirmaõ conseguir por estas prendas a graça de seu irmaõ ElRey D. Affonso de maneira, que reputando-se para com todas as mais irmaãs por hum cruel tyranno, só para com ella se publicou humano, e fino, como bem se experimentou em naõ intentar tirar-lhe cousa alguma do que lhe deixou ElRey D. Sancho, assim como o fez ás outras, e em procurar-lhe estado digno de sua Real pessoa, ainda que inferior a seus merecimentos, pelos quaes se fazia mais benemerita do Esposo que alcançou, do que seu irmaõ lhe deo, pois:

3 Tendo dezanove annos se espozou com Henrique I. do nome, Rey de

Castella,

Castella, para onde foy a nossa Santa mais obrigada por seu irmaõ, e pela nobreza do Reyno, que por sua propria vontade, a qual era de se conservar intacta, em obsequio do Divino Esposo, a quem se havia dedicado. Porèm este Senhor condescendeo com a vontade de sua Serva, pois se naõ sabe negar a dezejos piedosos, quando estes se naõ executaõ por falta de occasiaõ, ou quando a execuçaõ delles pende de diversas vontades. Era ElRey D. Henrique, parente em gráo prohibido com a nossa Santa, razaõ porque tomou por pretexto, o naõ consentir se consummasse o matrimonio, sem a precedencia da dispensa, ainda que alguns querem, fosse por ser de menor idade, ElRey; e o certo he, que por huma, e por outra cousa foy, e assim se conservou donzella em Castella alguns tempos, no fim dos quaes mandou o Summo Pontifice annullar o cazamento, e Deos Senhor nosso levou para si o tenro Rey. Altos segredos da sua Providencia, que assim quiz atalhar naõ houvesse em Hespanha, por cauza da nossa Santa, as inquietaçoens, trabalhos, e ruinas, que houveraõ por similhante motivo, com o cazamento de sua irmaã a Rainha de Leaõ Santa Thereza, como na sua vida dissemos.

Despoza-se com Henrique I. Rey de Castella.

Morre ElRey, e volta a Rainha para Portugal.

4 Voltou por morte de ElRey para este Reyno, onde vendo as prodigiosas vidas, que faziaõ suas irmaãs Santa Sancha, e Santa Thereza, nos Conventos que reedificaraõ de Cellas, e de Lorvaõ, com huma santa, e piedosa emulaçaõ, tomou á sua conta a reedificaçaõ do de Arouca, que seu pay lhe havia deixado em testamento, cujo Convento era da Ordem de S. Bento, e estava destituido de Religiosas, pelo tambem estar de rendas; motivo porque as poucas, que nelle existiaõ, naõ guardavaõ a Regra Monachal como deviaõ. Fez pois a Santa com que ellas abraçassem a reformaçaõ de Cister, cujo habito juntamente com ellas tomou, com notaveis jubilos de sua alma, assistindo áquella funçaõ os Bispos de Lamego, e do Porto, com outras mais pessoas de qualidade, e assim que,

Reedifica o Convento de Lorvaõ, e nelle toma o habito de Cister.

5 Vendo-se a nossa Santa Rainha obrigada á mais perfeita vida pelas obrigaçoens do novo estado, procurou com tanta ancia dezempenhá-las, entregando-se ao exercicio das mais virtudes, como se até aquelle ponto houvera tido vida estragada. Com valente resoluçaõ assentou naquella importante maxima de naõ dar ouvidos ao amor proprio, que ordinariamente persuade sua conveniencia com a capa, ou com as vozes da necessidade. Fazia gemer o corpo debaixo do açoute das penalidades, tratando o tanto como a escravo rebelde, sem lhe dar tregoas, nem esperança dellas, que dormia vestida sobre huma cortiça. Jejuava tres vezes na semana, e ás sextas ferias a paõ, e agoa. Tomava diciplinas até derramar sangue. Trazia rigorosos cilicios. Guardava silencio quasi continuo. Assistia a todos os Officios, e horas Canonicas em companhia da Cõmunidade indispensavelmente. Tinha particular dom de lagrimas, e de tal modo chorava as minimas negligencias, e venialidades da mocidade, como se fossem graves culpas. A idéa principalissima, donde copiava para seu coraçaõ perfeiçoens, era Christo Crucificado. Engolfava-se em o amargo pelago de suas penas, e considerando áquella humanidade santissima alagada em sangue, se desfazia em lagrimas, ponderando os excessos do Amor Divino, e as ingratidoens dos mortaes. O ver que a taõ lastimoso estado houvesse reduzido a malicia á mesma innocencia, e ver que a malicia mais obstinada repitisse cada dia novas culpas, e aggravos contra a innocencia, era huma dor para a Santa Rainha taõ incomparavel, ou inconsolavel, que se o mesmo Senhor a naõ fortalecera, perdera a vida á sua violencia. Chegou a tanta perfeiçaõ, e ultimo trato com Deos, que gastava as noites em oraçaõ, e tal era a suavidade, que neste santo exercicio achava, que sempre lhe pareciaõ as horas curtas, e, qual outro Santo Antaõ Abbade, se queixava do sol, por trazer taõ cedo a aurora, que lhe tirava com sua claridade outro resplandor mayor, com que o Senhor lhe banhava sua bendita alma.

Exercicios espirituaes, e mortificaçoẽs que fazia.

Queixava-se do sol porque madrugava.

6 Para hum generoso, e compassivo coraçaõ, he a necessidade alheya hum

poderoso iman., que com suave violencia o arrasta, naõ tem mais gostoso emprego que o de soccorrê-la, nem mais sensivel pezar, que ver-se falto de meyos, e possibilidades para o seu allivio. Nesta virtude pois da misericordia, a quem dá impulsos a compaixaõ, foy a nossa Santa taõ singular, que reservando algumas rendas [se he que as naõ conservou todas por Breve Apostolico] as repartia em grossas esmólas, que dava ás virtuosas viuvas, ás donzellas bem procedidas, e a todos os mais necessitados, que da sua caridade se valiaõ. Naõ fez campear menos a genorosidade do seu animo, e o ardente da sua caridade, com as magnificas obras, que fez no Convento de Arouca, e com os rendimentos, que lhe deixou, para se poderem conservar nelle Religiosas, que a Deos servissem, e louvassem. Obra foy sua o Mosteiro de Santa Clara de Amarante, pois o fundou para mulheres recolhidas, ou Empa-redadas, segundo o uso daquelle tempo. Obra sua foy a Albergaria, que muito tempo se conservou perto da mesma Villa, onde os pobres achavaõ agazalho, e sustento As Igrejas de Abregaõ junto ao Rio *Tamega*, e a da Cabeça Santa edificadas foraõ pela sua ordem, e á sua custa. A Ponte de Canavezes obra foy tambem sua, assim como o foy a do Piar sobre o Douro, que pela grandeza com que foy fabricada, e rigorosidade do sitio, se veyo abaixo ainda no seu tempo, e vendo que assim ficava privada do dezejo que tinha, de que passasse a gente sem paga, inventou a sua ardilosa caridade a Barca, a que chamaõ de *Par Deos*, nome sincopado de *Por amor de Deos*, deixando renda perpetua para passar de graça a todos os caminhantes. Edificou hum Hospicio no Monte de Freitas, a que applicou rendas bastantes, para que nelle houvessem camas, e mantimentos para os passageiros; e condoída de que estes se perdessem na fragosidade do caminho, tambem deputou renda, para se conservar naquelle Hospicio, quem andasse de noite com lumieiras encaminhando-os, e quem estivesse de dia nos caminhos com agoa, e ainda com mantimento, para lhes offerecer, caridade certamente taõ grande, que naõ sey haja quem a iguale.

Obras, que mandou fazer a Santa Rainha em obsequio da caridade.

7 Venerava com indizivel affecto o Mysterio da Santissima Trindade. Era devotissima do Maximo S. Jeronymo, pelo muito que aquelle Santo Varaõ cuidava na morte, e no Juizo. Elegeo por seus Patronos aos Sagrados Apostolos, cuja protecçaõ alcançou por meyo das perennes oraçoens com que os obsequiava. Pois a devoçaõ, que tinha á Mãy de Deos, naõ ha palavras que bem a expliquem. A sua Soberana Imagem, que hoje existe na Sé do Porto, com a vocaçaõ de N. Senhora da Silva, venerava com especialidade, e em seu obsequio deo muito á mesma Sé, álèm dos preciosos vestidos, e joyas, que offereceo á mesma Santa Imagem, a quem visitava muitas vezes, pois naõ guardavaõ as Religiosas daquelles tempos o aperto da clauzura., que hoje se pratica.

Visitava muitas vezes a Santa Imagem de nossa Senhora da Silva.

8 Eraõ em fim ja taõ impetuozos, e frequentes os voos de seu espirito, anciozos de subir á sua esfera, que davaõ bem a entender as violencias, que padecia no corporeo carcere. Favoreceo Deos seus dezejos, revelando-lhe ser o dia, e fim de sua peregrinaçaõ, o mesmo em que sahira do Convento peregrinando, em obseqnio da sua Senhora da Silva. Na Aldêa de Rio tinto se vio pois assaltada de huma aguda febre, e vendo ser chegada a sua ultima hora, se preparou com todos os Sacramentos, que lha podiaõ grangear felice. Mandou chamar a Abbadessa, (a quem Deos Senhor N. tinha ja revelado tudo) que apparecendo na sua presença com outras Religiosas, lhe motivaraõ huma alegria extremoza. Todas sabiaõ o muito que sempre a affligira a consideraçaõ da morte, e vendo a muito alegre naquelle ultimo instante, lhe perguntaraõ a causa de tanta tristeza antes, e de tanta alegria entaõ. Respondeo: *Temi a morte toda a vida, para que me naõ tomasse de sobresalto nesta ultima hora.* Via ás Religiosas summamente magoadas pela sua falta, e querendo consolá-las, e juntamente advertí-las, (como quem sabia se conservaõ melhor na memoria dos mortaes os documentos, e conselhos, que se daõ

Revela-lhe Deos Senhor N. a sua morte, e manda chamar a Abbadessa do seu Convento.

daõ no ultimo periodo da vida] lhe fallou assim:

9 *Bem vistes, filhas, e irmaãs minhas, o amor, que a todas vos tive em quanto me durou a vida, e quanto trabalhei no decurso della por vos conservar conformes no espirito, e vontade Divina. Eu me parto consoladissima; sómente se me reprezenta a maravilhoza vida de nossas primeiras Fundadoras, e o rigor com que em seus principios deraõ cabal cumprimento aos preceitos da Regra, da qual chegaraõ a ter taõ pouca lembrança, que por se naõ perder a Casa, foy necessario tirá-la de suas maõs, e povoá-la de Religiosas de habito negro, em que a virtude se achou por alguns annos em gráo superlativo, mas, segundo a ordem que o tempo leva em tudo, chegaraõ ao estado que todas sabemos, pois foy forçado extinguir sua memoria, e dar-lhes novo habito, e modo de vida; e como nelle vos considero taõ boas restauradoras, combate-me o coraçaõ o gosto do que agora experimento, e o temor do que póde succeder ao diante. Este quizera eu ver-vos, naõ por desconfiar, mas para vos animar na carreira da Bemaventurança, para onde caminhamos. Eu acabo minha viagem, e vejo-me tanto no fim della, que as poucas forças, que tenho, me naõ consentem pronunciar estas palavras. Minha alma vos encõmendo, pois o amor, que sempre vos tive, me faz achar-me merecedora de tudo. A bençaõ de Deos, e a minha vos acompanhe para sempre. Amen.* Ditas estas palavras, abençoando a todas, se fez lançar sobre cinza, e com hum devoto Crucifixo nas maõs, repetindo o Psalmo: *In te Domine speravi*, voou aquella candida alma, como pomba sincera, a descançar no ninho da eternidade no 1. de Mayo do anno de 1252.

Practica q fez ás Religiosas no ultimo da vida.

10 Saõ os corpos dos Servos de Deos vazos de barro, em que a humildade cautelosa esconde, e occulta a luz das virtudes; porèm quando o cruel golpe da morte quebra o vazo, se descobre a luz, manifestando a belleza de seus rayos para admiraçaõ, e exemplo. Falleceo pois a nossa Santa com o Crucifixo nas maõs, taõ firme como d'antes, e ficou com o rosto taõ coradó, formoso, e com todos os membros taõ trataveis, e flexiveis, que desmentia com todos elles finaes os horrorosos estragos da morte. Despedia de si suavissima fragrancia, e se vio juntamente cercada de hum Celestial resplandor, que a todos parecia já effeitos da grande graça que alcançou, e ares da Gloria, que possuîa sua bendita alma.

Saõ os corpos dos Santos vazos de barro, em que se esconde a luz das virtudes.

Nota.

11 As lagrimas, suspiros, e sentimentos das Religiosas, e de todas as pessoas, que mais se acharaõ a seu felice transito, foraõ á medida do grande conhecimento, que de taõ grande perda tinhaõ: porèm aquelle mesmo conhecimento, que tinhaõ de suas heroicas virtudes, e os prodigios com que Deos Senhor nosso as acreditou, as consolava com as certas esperanças de que, se a perderaõ com a vista dos olhos, a tinhaõ segura em seus coraçoens, para lhe rogarem, e a ella no Ceo para as soccorrer.

12 Ordenou que logo que fallecesse a puzessem em huma mulla, e a sepultassem na Igreja em que parasse. Assim o fizeraõ as Religiosas, indo seguindo a mulla desde Rio Tinto atè Arouca, em cuja Igreja entrou, e prostrada diante do Altar de S. Pedro Apostolo, esperou lhe tirassem a carga, e logo que o fizeraõ, rebentou diante de todos os presentes. Prodigio certamente taõ grande, que nos naõ deixa lugar para o descrevermos, deixando-no-lo sim, para louvarmos, e engrandecermos a infinita bondade de Deos, que tanto cuida em engrandecer, e exaltar, ainda neste mundo, áquelles, que deveras o servem.

Nota hum estupendo prodigio.

13 Em todas as partes, em que parou a mulla, se lhe levantaraõ arcos triunfaes de pedra lavrada, que ainda hoje existem. Foy sepultada em soberbo mausoleo de pedra, com o Epitafio seguinte.

EPITAFIO.

Epitafio que se lhe pôs na sepultura.

AQui jaz sepultada a Illustre Rainha D. Mafalda, a quem sua propria bondade conte da graça infinita. Posto que reynou em Castella, vistaõ no em trajos de donzella, porque permaneceo em pureza virginal, para se livrar da segunda morte Servio a Christo em quanto esteve neste mundo, dando a todos grande exemplo de bondade, e aos pobres banquetes abundantes, dinheiro, e vestidos, como testificaõ seus doens. Esta foy humilde, branda, inimiga de obras reprehensiveis. Resplandeceo fundada em bondade, e por isto naõ purga hoje crime algum Foy com todas discreta, e branda, em obra, e palavra, verdadeira, piedosa, honesta, devota, modesta, e sabia. Foy magnanima, e especial amiga dos Padres Santos, que celebra a fama dos bons costumes. Enriqueceo muitos lugares, e reparou este em que estamos, pondo nelle Religiosas, em companhia das quaes viveo sem crime algum. Está sem duvida esta Santa Rainha, em companhia dos Santos, alegre-se com razaõ, porque está na Cadeira de Ceo. A era em que passou esta mulher pura, e Santa da vida, foy a de 1290. [que saõ annos do Nascimento de Christo de 1252.]

Algũs milagres da Serva de Deos.

14 Muitos milagres obrou, e obra Deos Senhor nosso por intercessaõ da nossa Santa, dos quaes diremos alguns dos que se achaõ escritos. Ateou-se em certa occasiaõ o fogo no seu Mosteiro, e vendo-se as Religiosas justamente affliсtas, recorreraõ á Serva de Deos, que appareceo logo no ar com hum bordaõ na maõ [que na vida costumava trazer] apagando aquelle voráz elemento, que retrocedeo de seu impetuoso curso, por meyo de duas Cruzes, que fez nas portas da Enfermaria, e do Coro.

Huma Religiosa chamada D. Violante de Sousa, sendo despenseira, teve tanta falta de azeite, que apenas havia para dous dias. Recorreo á Santa com viva fé, para que se condoesse da necessidade das Religiosas, e foy taõ bem despachada sua supplica, que indo ás talhas do azeite as achou trasbordando por fóra.

Outra Religiosa, a que chamavaõ Maria de Barros, alcançou saude milagrosa para dous inchaços perigosos, que tinha na garganta, e no peito esquerdo.

Outra Religiosa alcançou repentina melhora para hum grande tumor, que tinha de traz da orelha.

Outros muitos prodigios fez esta Serva de Deos, que constaõ dos processos que foraõ para Roma, para onde foy tambem hum instrumento juridico da milagrosa incorruptibilidade de seu corpo, que se achou no anno de 1612. envolto em hum sendal de tafetá pardo, como de quem estava dormindo lançando suavissimo cheiro, havendo 364. annos que tinha fallecido. Tambem consta, que no tempo em que assim se achou, foraõ ouvidos descantes Celestiaes, de que se fez Instrumento authentico, que foy remettido a Roma por ElRey D. Filippe o III. do nome, de Castella, e II. de Portugal, em ordem a alcançar-se a sua Canonizaçaõ pela Summa Cabeça da Igreja, em que se cuida; pois naõ está esta Santa declarada por tal, senaõ por huma tacita approvaçaõ dos Prelados mayores, e ao modo antigo, se bem, que a Sagrada Congregaçaõ dos Ritos deo licença para se pintar a sua Imagem no anno de 1700, attendendo ao culto immemorial, e antiquissimo, que tem com o titulo de Rainha Santa, que sempre se lhe deo, celebrando-se a sua memoria no primeiro de Mayo com grande solemnidade, acudindo á Igreja o Clero de todos aquelles contornos, e a dous do mesmo mez se lhe faz festa particular com paramentos ricos, e Missa de todos os Santos. Finalmente todos os dias se lhe canta no Coro a seguinte Commemoraçaõ:

ANTI-

ANTIPHONA.

ADſtitit Regina à dextris tuis in veſtitu deaurato, circumdata varietate.
℣. Adducentur Regi Virgines poſt eam.
℟. Proximæ ejus afferentur tibi.

OREMUS.

DEus, cujus amore Beata Regina Maphalda mundi vanitates, & oblectamenta deſpiciens, Cœleſtia ſemper tractavit: concede propitius, ut ejus meritis, & imitatione terrena pro tuo amore deſpecientes, ad Cœleſtia ſemper adſpiremus. Per Chriſtum Dominum noſtrum. Amen.

Como novamente ſe procura na Curia Romana com o mais creſcido empenho a Beatificaçaõ deſte Serva de Deos, a 24. de Junho de 1753. ſe abrio o tumulo, em que ſe acha depoſitado o ſeu ſanto corpo, o qual ſe achou incorrupto, com grande prazer dos Miniſtros Apoſtolicos, que foraõ deſtinados para eſta, e outras diligencias, e do muito povo, que concorreo a teſtimunhar taõ grande prodigio para honra, e gloria de Deos, que ſeja eternamente louvado.

SANTA PAULA *Virgem, Luſitana.*

1 NAſceo em Cordenóza, aldea junto a Avila, que pertencia á noſſa antiga Luſitana, no tempo em que os Godos dominavaõ Heſpanha. Seus pays eraõ pobres de bens temporaes, porèm ricos de virtudes, e por iſſo criaraõ a Paula em ſanto temor de Deos. Deraõ-lhe a incumbencia de paſtorear ovelhas, e andando naquelle humilde emprego, ſobornado da ſua rara formoſura, a intentou deſpojar da rica joya da caſtidade hum homem nobre que a encontrou andando á caça. Vendo-ſe a honeſtiſſima virgem em lançe taõ apertado, recorrendo ao favor Divino, fugio daquellas laſcivas maõs para huma Capella, que lhe eſtava pouco diſtante, e proſtrada diante de hum Crucifixo, pedio com lagrimas, naõ permittiſſe que aquelle depravado homem lhe roubaſſe a joya que mais eſtimava. Era mui ſanta a petiçaõ, e por iſſo mereceo o bom deſpacho que dezejava. No meſmo inſtante, em que acabou de fazer a ſupplica, ſe vio cheya de barba em tanta quantidade, que entrando o caçador no ſeu ſeguimento a deſconheceo, e diſſe: *Para onde iria huma donzella, que pouco há para aqui entrou!* E ella reſpondeo: *Eu naõ vi mais que a mim meſmo.* Eis-aqui como a noſſa Santa eſcapou de taõ grave, e manifeſto perigo, e o certo he, que Deos naõ falta com o remedio a quem a elle recorre com fé, e humildade.

Por eſcapar das maõs de hũ laſcivo, ſe lhe encheo a cara de barba.

2 Naõ ſe ſabem com individual certeza as mais virtudes em que ſe exercitou. De crer he que foraõ grandes, ou as que baſtaraõ para merecer andar no Catalago dos Santos. Floreceo pelos annos de 590. O ſeu ſanto cadaver eſtá em hum tumulo na Igreja de S. Secundo de Avila, onde faz muitos milagres, e lhe chamaõ cõmummente *Santa Barbada.* Eſcreve deſta Santa Fr. Luiz Ariz nas Grandezas de Avila, e Fr. Antonio de Cianca na Hiſtoria de S. Secundo. E a 15. de Janeiro ſe celebra a ſua feſta.

SANTA

SANTA COMBA OSORES, *Virgem, e Martyr com ſuas companheiras, das partes de Lamego.*

EM diſtancia de tres legoas da Cidade de Lamego, houve hum Moſteiro de Religioſas, a que chamavaõ Archenſe; delle foy pois Abbadeſſa a noſſa Santa Comba Oſores, que ſempre ſe exercitou em pulcherrimas virtudes com as ſuas ſubditas, em companhia das quaes ſacrificou a vida pela confiſſaõ da Fé de ſeu Eſpoſo Jeſus Chriſto, nas maõs de Almançor Capitaõ Mouro, que degolou a todas á eſpada, e deſtruio totalmente aquelle domicilio do Ceo. Delle eſcreve Fr. Luiz dos Anjos no ***Jardim de Portugal***, e Jorge Cardozo, della ſe lembra a 19. de Fevereiro.

SANTA COMBA, *e* SANTA ANONIMATA, *Virgens Martyres de Evora.*

FLoreceraõ eſtas Santas no tempo do infernal Diocleciano, e foraõ prezas em companhia de ſeu irmaõ, e Biſpo de Evora, S. Jordaõ. Santa Comba foy degolada por ordem do Preſidente Daciano em Tourega, que fica perto da Cidade de Evora, no meſmo ſitio em que hoje ſe vê huma Capella com a ſua invocaçaõ. Santa Anonimata eſmoreceo todavia com os tormentos, que vio executar em ſua irmaã, e fugio antes de lhe fazerem o meſmo para a Serra do Eſpinheiro, donde voltou envergonhada, e arrependida da ſua inconſtancia, e ſe offereceo ao martyrio, que alcançou igual ao de ſua irmaã, e foy taõ bem acceito no Divino Conſpecto, que permittio rebentaſſe huma fonte no lugar da execuçaõ, que hoje permanece, e ſe chama a Fonte Santa. Eſcrevem deſtas generoſas Eſpoſas de Chriſto, Fr. Luiz dos Anjos, e Jorge Cardozo &c.

SANTA COMBA *Virgem, natural de Coimbra.*

1 SAnta Comba, ou Columba, naſceo na Cidade de Coimbra, e floreceo no tempo da Gentilidade, razaõ porque ſe ignora o principal da ſua ſanta vida; pois apenas eſcrevem os Authores, que fora crucificada, aſſim por prégar a Fé de Jeſus Chriſto, como por defender a caſtidade, junto ao Illuſtre Moſteiro de Cellas, onde eſtá huma Capella dedicada ao ſeu nome, á qual vaõ muitos devotos ſeus, principalmente ás ſextas feiras, para ſe valerem da ſua efficaz interceſſaõ para com Deos, mayormente os que ſe achaõ com a enfermidade de maleitas, os quaes tiraõ terra de huma cazinha, que eſtá contigua á Capella, por haver a tradiçaõ de que fora ſepultada naquelle ſitio, a qual trazem os enfermos comſigo mettida em pannos: e como tornaõ a levar eſtes, para pendurar na meſma cazinha depois que alcançaõ a dezejada ſaude, ſaõ infinitos os que ſe achaõ teſtimunhando o bom ſucceſſo, que tiveraõ nas deprecaçoens, que fizeraõ á Santa.

2 Daquella cazinha foy o ſanto corpo trasladado para a Igreja de S. Joaõ, que eſta contigua ao celebre Moſteiro de Santa Cruz, onde eſteve muitos annos mettido na parede da parte do Evangelho, o que com evidencia ſe prova pelo letreiro, que eſtá em huma pedra branca, no ſitio onde eſteve o ſagrado depoſito. Tem a tal pedra hum buraco redondo, pelo qual mettiaõ os devotos alguns panninhos, que ſahiaõ como untados de oleo, com o qual ſe

untavaõ

untavaõ inchaços, e feridas, e outras dores, com milagrosos successos. Daquella Igréja foy novamente trasladado para o Real Mosteiro de Santa Cruz, onde se conserva com grande veneraçaõ huma grande Reliquia desta Santa, encastoada em huma sua imagem de prata, defronte do Altar do Santissimo Sacramento. Celebra-se a sua festa em Coimbra a 20. de Julho: *Descripçaõ de Portugal*, e *Jardim de Portugal.*

SANTA ANTONINA *Virgem, natural de Villa de Cea.*

1 NA acerba perseguiçaõ de Diocleciano, foy preza na Villa da Cea, que fica em pouca distancia da Serra da Estrella, por escarnecer com ouzadia Christaã dos vaõs, e torpes deoses da Gentilidade.

2 Os Imperadores Romanos lançaraõ huns Edictos, que quando alguns blasfemassem da sua ley, e louvassem outra, que os mettessem em hum vazo de madeira, ou de ferro, nus, e atados com a cabeça proclinada, e que depois de os untarem com leyte, e mel, os expuzessem por vinte dias aos rayos do sol, para que fossem mantimento ás moscas, e ás abelhas. Este rigoroso tormento executaraõ primeiramente os malvados ministros de Diocleciano na nossa Antonina, que tudo tolerou por amor de Jesus Christo, com inaudita fortaleza: e estimulados os tyrannos de a verem cada vez mais fina na confissaõ da Fé, a metteraõ em huma forma de urna de madeira, e a lançaraõ na grande lagoa, que está no cume da Serra da Estrella, donde enviou seu puro, e incontaminado espirito laureado ao Celeste domicilio. O Infante D. Luiz, filho de ElRey D. Manoel, tendo noticia que na sobredita lagoa tinhaõ apparecido algumas taboas por vezes, e querendo averiguar o donde vinhaõ, mandou hum buzio abaixo, o qual affirmou, que estava no fundo hum vazo de madeira, em fórma de arca, do que inferio ser o deposito fiel desta Santa. O Author do *Agiologio Lusitano*, mostra com bõas razoens ser esta Martyr natural da Villa da Cea, e diz, que indo áquelle sitio, lhe disseraõ pessoas, fidedignas, e antigas, que ouviaõ cantar muitas vezes a suas mãys, e avós o seguinte:

Agiol. Lusit. 1. *de Março.*

Antonina pequena
Dos olhos grandes
Mataraõ-na idolatras,
E feros Gigantes.

SANTA VICENCIA *Virgem, e Martyr, Lusitana.*

NAsceo a Gloriosa Santa Vicencia em Coria, Cidade da nossa antiga Lusitania. Foy illustre por nascimento, rara na formosua, avantajada nas riquezas. E o que he mais de estimar, Catholica Romana, e muito dada aos exercicios em que se costumaõ empregar os verdadeiros Christaõs: e como sem nenhum temor publicava por melhor a Ley de Jesus Christo, e blasfemava de todas as seitas, foy preza por ordem do perfido Trazimundo, grande observador da Arriana. Intentou aquelle malaventurado homem com muitas promessas persuadí-la para que se rebaptizasse, por se conformar com os seus falsos ritos; porèm como vio que a Santa virgem de nenhuma maneira quiz consentir em taõ grande dezatino, lhe mandou logo confiscar as suas muitas riquezas para a Coroa. Cuidava a Santa na morte, esquecia-se da vida, desprezava tudo o que nella mais se estima, por se lembrar das infinitas riquezas, que Deos tem preparado para os seus Servos, e por isso nada se

se lhe deo de que lhe confiscassem os bens temporaes, e menos a fez a froxar no proposito com que estava de publicar por mais santa a Ley de Christo, á morte com que a ameaçava o perfido Arriano; que a mandou a tormentar rigorosamente, e depois que a rebaptizassem á força. Metteraõ-na os infernaes ministros na pia baptismal, na qual bradava a nossa Santa: *Creyo que o Padre, Filho, e Espirito Santo he huma mesma substancia, e essencia &c.* E como os Arrianos negavaõ isto mesmo, e ella maculasse toda a agoa com hum fluxo, ficaraõ todos corridos, e envergonhados. Levaraõ-na outra vez para o Equuleo, e depois de executarem nella variedade de tormentos, a abrazaraõ por fim com ardentes chapas, ou laminas de fogo, e rasgaraõ as suas virginaes carnes com garfos, e pentes de ferro. E como no meyo daquellas rigorosidades naõ cessava de engrandecer, e louvar a Ley de Jesu Christo; estimulado o tyranno, lhe cortou o fio da vida com o de huma espada, que lhe lançou ao pescoço, e com este genero de morte conseguio o dezejado fim de seus designios aos 15. de Março do anno de 424.: *Jardim de Portugal, e Agiologio Lusitano.*

SANTA ESPINELA *Virgem, Lusitana.*

NAsceo neste Reyno de Portugal, de pays nobres, e Christaõs. Logo nos primeiros annos de sua idade se entregou aos cuidados da morte, ás meditaçoens da eternidade, e quando se vio com idade competente, se metteo em hum Convento de Religiosas, para nelle exercitar vida mais perfeita. Recebeo pois o habito, e como foy por gosto, e naõ constrangida como muitas fazem, se lhe augmentou summamente o fervor, e a devoçaõ, sendo entre as mais Religiosas hum perfeitissimo exemplo da obediencia, da mortificaçaõ, e do desprezo de si. Depois de proseguir muitos annos na sua louvavel, e santissima vida, quiz premiar o Divino Esposo á sua amante Serva, e a levou a gozar da sua ditosa companhia no primeiro de Novembro, pelos annos de 1290. No mesmo ponto, em que espirou, ouviraõ as Religiosas descantes Celestiaes, com os quaes quiz a bondade de Deos manifestar ao mundo a gloria, que possuhia a alma desta sua Esposa: *O Triunfo dos Santos* Hespanhol no liv. 3. trata desta Santa como Portugueza.

Quando falleceo ouviraõ as Religiosas descantes Celestiaes.

SANTA REGINA *Virgem, e Martyr, Lusitana.*

NAsceo neste Reyno de Portugal, no tempo em que perseguia aos Catholicos em Hespanha o perfido Olibrio, Prefeito Romano. Tendo aquelle tyranno noticia da Christandade, pouca idade, e rara formosura de Regina, a mandou ir perante si, onde procurou pelos meyos que póde, incliná-la a negar a Christo, e a dar culto aos falsos idolos, e simulacros do demonio. Porèm como a achasse constante, e difficil de convir a seu damnado, e torpe intento, a mandou metter no Equuleo, e ferir com varas. Estando a Santa soffrendo aquelle tormento com incrivel alegria, viraõ os circunstantes descer do Ceo huma Cruz, e sobre ella huma Pomba, que fallando com a Santa, disse: *Deos te salve Regina, pela tua constancia tens apparelhada a Coroa da Gloria.* Metteraõ-na por fim os tyrannos em hum poço de agoa para que nelle se affogasse, e pedindo auxilio ao Ceo, começou a tremer a terra, e baixou segunda vez a Pomba com huma Coroa, que lhe disse: *Vem Regina ao descanço, Bemaventurada es, pois merecestes esta Coroa.* Esta foy receber ao Ceo depois de degolada aos 7. de Settembro de 303., em cujo dia se

Desce do Ceo huma Cruz, e sobre ella huma Pomba.

ſe converteraõ á viſta das Divinas vizoens oitenta e cinco peſſoas. O Author Heſpanhol do *Triunfo dos Santos*, trata deſta Santa como Portugueza no ſobredito dia &c.

SANTA THEREZA *Virgem, natural do Sabugal, termo de Ourem.*

1 NAſceo em Sabugal, aldea, que fica em pouca diſtancia da Villa de Ourem, de pays humildes, e tementes a Deos, que ſe lhe naõ puderaõ dar as riquezas, que os mundanos mais prezamos, lhe deraõ huma bôa criaçaõ, que he o que ao meſmo Deos mais agrada. O certo he, que a mais nobre geraçaõ ſaõ os bons coſtumes, e que naõ poderá deixar de conſeguir hum ſanto fim, quem no principio, for ſantamente educado.

Foy ama de hum Prior de Ourem.

2 Por ſe livrar da penuria em que vivia em caza de ſeus pobres pays, ſe ajuſtou por ama de hum Prior da Villa de Ourem. Naõ he o ſervir occupaçaõ vil, como a intitulaõ aquelles ſoberbos, e aquellas ſoberbas, que antes ſe haõ de ſujeitar a pedir, e a outros tratos viz, e infames, do que a ſervir a quem os poſſa alimentar, augmentar, e tirar da pobreza em que os pôs a adverſa fortuna. O Verbo Divino Incarnado diſſe com humildade de coraçaõ, que vinha ao mundo a ſervir, para desfazer a inchaçaõ da vaidade dos homens, os quaes devem advertir, que eſtaõ mais ſeguros no eſtado humilde de criados, que no imperioſo, e deſvanecido de Senhores. D. Alvaro de Luna, na fortuna humilde de pagem, foy bem quiſto, e no alto throno de valido foy ſoberbo, e inſolente, e por iſſo degolado. Saber ſervir he ſaber mandar, e aſſim os que ſervem bem, ſaõ depois bons para occuparem as dignidades, como ſe vio em Jozé, que por ſervir bem ſendo fiel a ſeu Senhor, ſoube ſer Senhor de toda a terra do Egypto, e como ſe tem viſto em muitos homens, que do humilde eſtado de ſervos, chegaraõ ao ſublime de Senhores, dos quaes nomearemos ſómente a Raymundo Cabanes, que ſahio dos aſcos de huma cozinha, para a grande Dignidade de Seneſcal de Napoles. Naõ devem os ſenhores, e amos deſprezar, e dezeſtimar a quem os ſerve, lembrados de que ſe póde mudar a ſorte, mas antes devem tratar com muito amor, e agazalho a ſeus criados, para que elles os amem com a alma, e ſirvaõ com fidelidade, e pomptidaõ.

Falla-ſe da occupaçaõ de ſervir.

3 Com eſta ſervia a Bendita Thereza a ſeu amo, que naõ podia deixar de a venerar, e eſtimar pelas ſuas grandes virtudes, pois chegaraõ ao gráo de heroicas, e a ſer canonizadas por Deos pelas vozes de prodigios, dos quaes diremos alguns. Compadecida da deſnudez de hum pobre lhe deo huma capa, de que ſeu amo naõ uzava, por ſó ſervir de mantimento para a traça, e por lhe parecer que elle lhe naõ levaria a mal, o fazer aquella eſmóla ſem ſua licença. Enganou-ſe porèm no diſcurſo que fez, pois lhe levou o Prior tanto a mal a ſua caridade, que inſtou para que lhe deſſe conta da capa. Afflicta a Santa por ver a ſeu amo agoniado, e pela obrigar a dar-lhe a capa, que já naõ parava na ſua maõ, recorreo a Deos para que lhe ſocegaſſe o animo, e o Senhor ſe deo por taõ bem pago daquella obra de piedade, que lhe mandou por hum Anjo outra capa, que naõ tinha differença da que havia dado.

Approva Deos a ſua virtude com milagres.

4 Vio o Prior naõ ſó a do Anjo, ſenaõ tambem depois a outra, e ficou juſtamente confuſo do ſucceſſo, admirado da ſantidade da criada, e emendado da ſua grande avaricia. Oh quantos ſaõ os que antes querem ſe lhe deſtruaõ os veſtidos velhos pela traça, que darem-nos para cobertura dos miſeraveis! E quantos os ricos do mundo, que naõ querem acabar de entender, que lhes naõ dá Deos as riquezas para que as enthezourem, e deſperdicem, ſim

Notem ós avarentos, e de pouca caridade.

sim para que os pobres as logrem. Os ricos saõ dispenseiros dos pobres, e assim dissipaõ huns, o que negaõ aos outros; roubaõ os ricos tudo o que naõ daõ aos necessitados; se os ricos saõ avarentos, mais necessitaõ que os pobres; menos logra quem naõ dá o que tem, que aquelle que porque o naõ tem, o naõ logra; o melhor modo de lograr, he o distribuir. Com as esmólas se eternizaõ as riquezas; pelas maõs dos pobres passaõ para a outra vida os thesouros; quem desta sorte põem o seu thesouro no Ceo, bem póde ter o coraçaõ no thesouro. Que mais lucrozo cambio, que o de dar o ouro, e resgastar a culpa!

Converte se lhe o paõ em rozas.

5 Levando a nossa Serva de Deos huma cesta de fatias de paõ para dar aos pobres, (as quaes devemos suppôr, que por dá-las a elles, as tiraria a si, pois, como Santa, naõ devia ignorar, que quem dá esmólas do alheyo, põem sobre o altar o peccado) o amo lhe perguntou o que levava naquella cesta, e respondendo-lhe que rozas, descoberta a cesta achou ser verdade o que disse. Muitos cazos destes tem succedido a diversos Santos, e a muitas Santas, e naõ he fóra da razaõ o chamarem os Santos rozas ás fatias de paõ, porque se das rozas se escreve, que tem virtude para affeiçoar, e abrandar os animos dos que as trataõ, assim as esmólas affeiçoaõ, e rendem a nosso Senhor, para que nos faça mercês, segundo aquillo: *Bemaventurados os misericordiosos, porque elles alcançaraõ misericordia.* Esta Serva de Deos dava talvez do que tirava ao seu preciso alimento, por ter que dar aos pobres de Christo, e naõ só os que tem pouco podem dar esmóla, senaõ tambem os que nada tem; porque a esmóla, naõ consiste sómentente em se remediarem as faltas alheyas, senaõ tambem em emendar as alheyas faltas; pois naõ faz menor esmóla, o que mata a fome ao faminto, que o que cohibe o distrahimento ao vicioso, e desta sorte os mais pobrezinhos podem ser esmoleres, por serem todas as obras de caridade feitas ao proximo, esmólas muito acceitas a Deos.

6 Era muito dada ao exercicio da oraçaõ mental, a qual exercitava, no tempo em que trabalhava no serviço de seu amo, e naquelle que tirava ao preciso descanço. Nella se via muitas vezes transportada, e abrazada em levaredas do Amor Divino, que com ella dispendia perennes favores. Em huma occasiaõ se foy pôr em oraçaõ, em quanto se levedava o paõ que amassara, e nella embebida, e engolfada passou toda a noite. Vendo-se pois pela manhaã no mesmo lugar em que se puzera á noite, e lembrando-se do paõ, e do mal que levaria seu amo aquelle descuido, pedio a Deos que lho remediasse, e este Senhor o fez desorte, que mandou Anjos da Empyrea Curia, metter o paõ no forno, onde o achou cozido taõ bem, e perfeitamente, como administrado por taes maõs.

Mettem-lhe os Anjos o paõ no forno.

7 Huns ladroens, ou homens deshonestos, intentaraõ huma noite entrar em casa desta Santa, para a affrontarem; porèm por mais que trabalharaõ, nunca aquelles malevolos puderaõ arrancar a fechadura, mas antes para castigo da sua temeridade, permittio Deos se lhes pegassem as maõs na porta desorte, que começaraõ com dezentoados gritos a pedir perdaõ á Santa do seu louco atrevimento. Lembrou-se de que Santo Estevaõ primeiro Martyr orara pelos mesmos que o apedrejaraõ, e fez o mesmo pelos que a queriaõ affrontar, que despegadas as maõs se recolheraõ a suas casas confuzos, e admirados da virtude de Santa Thereza. Em memoria deste prodigio se pinta esta Santa de joelhos com huma fechadura na maõ, e desta sorte está na Igreja de Ourem.

Pegaõ se as maõs na fechadura da porta de Santa Thereza &c.

8 Em fim, depois de se exercitar em as muitas virtudes a que a incitava o muito que cuidava na morte, e se lembrava da eternidade, passou a receber a Coroa, que Deos lhe tinha perparado a 3. de Settembro do anno de 1266. He advogada das dores de cabeça. Della escrevem Fr. Luiz dos Anjos, no *Jardim de Portugal*, e o Author do *Triunfo dos Santos* no 3. liv.

He advogada das dores de cabeça.

SANTA

SANTA LUCRECIA *Virgem, e Martyr, Lusitana.*

NAsceo em Merida, Cidade da antiga Lusitania, de nobilissimos, e Christianissimos pays, que como taes procuraraõ acompanhar, e adornar a sua singular formosura com a preciosissima joya da Fé Catholica, dando-lhe saudaveis documentos, e regras, para mais perfeitamente servir a seu Esposo Jesus Christo, a quem havia consagrado a sua virgindade logo na adolescencia. Ardia naquelle tempo a insaciavel ira do Presidente Daciano, que por ordem do Imperador Diocleciano perseguia aos Christaõs; e tendo aquelle iniquo ministro noticia da Christandade da nossa Lucrecia, a mandou prender. Admirou se da sua rara formosura, e procurou naõ só dissuadî la da Fé Catholica, senaõ tambem fazê-la assentir no depravado intento, que tinha de a gozar. Vendo pois o tyranno que as promessas, e as suas branduras eraõ inefficazes, quiz levá-la por ameaças: e como estas naõ faziaõ mossa alguma no virginal peito da nossa Santa, lhe mandou dar muitos tormentos, e cortar a cabeça aos 23. de Novembro de 310., dia em que foy celebrar as eternas bodas com o seu Celestial Esposo. Desta Santa escreve Pedro de Natalibus, no liv. 11., e Paulo Diacono, no liv. dos *Santos de Merida &c.* O Mestre Anjos no *Jardim de Portugal.*

SANTA MAXENCIA *viuva, Lusitana.*

NAsceo em Coria, Cidade da antiga Lusitania, que ficava onde hoje se chama a Estremadura. Teve por esposo a hum Varaõ muito nobre, e virtuoso, do qual houve a S. Vigilio, Claudiano, e Magoriano, cujas vidas ficaõ apontadas neste Tomo. Foy a nossa Santa para Roma, em companhia de seu marido, e de seus filhos, onde, depois de ficar viuva, se retirou para Trento com S. Vigilio, no tempo em que foy sublimado á Dignidade de Bispo daquella Cidade. Cuidava a nossa Santa pouco nas honras, e couzas da vida, e por isso deixou a companhia do filho, por se ir entregar aos cuidados, e contemplaçoens da morte, e da vida eterna, em hum lugar ignobil, chamado Maiano, junto ao lago Tibulino, no qual passou o resto da vida em apertados jejuns, e perpetuas vigilias, até que cheya de outras egregias virtudes, e de felices annos, acabou em paz a 30. de Abril de 419. segundo Flavio Dextro, e seus Cõmentarios Bivar, e Caro.

SANTA CELERINA *viuva, Martyr, de Evora.*

1 SAnta Celerina, foy cazada com Lucio Venancio, ou Veronio, natural da Cidade de Evora. Quando os sagrados discipulos de S. Thiago trouxeraõ de Azia as suas sagradas Reliquias, era Lucio Venancio Tribuno da principal companhia de soldados, que havia em Galliza, e Patraõ, e defensor da Collonia Tarraconense. Morava cõmummente em hum antigo lugar deste Arcebispado de Braga, a que chamavaõ Cohortes. Segundo alguns Authores, era Lucio Veronio parente mui chegado da Rainha D. Loba, aquella que lhe remetteo os ditos discipulos de S. Thiago, para que os atormentasse, por prégar contra os idolos a quem tributava adoraçoens.

2 Venancio, assim por condescender com o gosto da Rainha, como pelo odio que tambem tinha contra os Apostolos de Christo, os atormentou cruel-

mente com variedade de açoutes. Succedeo converter se Lucio Venancio, com sua mulher Celerina, á vista do prodigio que viraõ em se arruinar huma ponte, no tempo em que estavaõ nella os perseguidores daquelles Varoens Apostolicos; de cujas maõs receberaõ estes venturosos cazados o sagrado baptismo, se naõ foy das de S. Mancio, primeiro Bispo de Evora, como diz o Author de *Evora Gloriosa* a pag. 196., o qual tambem diz, que a Gloriosa Santa Celerina naõ só sustentava ao mesmo Santo Bispo, senaõ tambem a todos os Ministros, e Sacerdotes, e que consagrara em Igreja huma das sallas do seu Palacio, onde hiaõ os Fieis assistir aos Divinos Officios.

3 Vinte annos gastou Santa Celerina em Evora, entregue a todos os exercicios de virtude, que a pudessem dirigir a huma feliz morte, no fim dos quaes se retirou para hum lugar, e porto, a que chamaõ Sines, que fica em pouca distancia do Campo de Ourique, no qual tinha grandes fazendas. Neste retiro estava exercitando virtudes heroicas, quando Deos Senhor nosso lhe revelou a chegada do sagrado corpo de S. Torpes, para lhe dar a honrada sepultura, que lhe deo, como deixamos dito na vida do mesmo Santo a pag. 59. deste Tomo, cuja piedosa, e generosa acçaõ premiou o Ceo, dando lhe a mesma Coroa de Martyr; pois sendo a todos os idolatras notoria a sua grande Christandade, e inflammada caridade, a accuzaraõ aos impios ministros de Nero, que depois de verem persistia constante na confissaõ da Fé de Christo, a privaraõ da vida com deshumana crueldade, fazendo-a electa Esposa, e egregia Martyr de Christo a dezasette de Mayo, segundo Jorge Cardozo no seu *Agiologio*, e o Mestre Anjos no *Jardim de Portugal.*

SANTA TEIXILINA *do territorio de Lorvaõ.*

NO tempo dos Godos floreceo a Gloriosa Santa Teixilina no territorio de Lorvaõ, Bispado de Coimbra. O principal da sua vida nos occultou a adversa fortuna daquelles barbaros tempos. Que foy santissima, ninguem o póde duvidar, á vista de se verem os antigos Christaõs obrigados a consagrar-lhe Templo em seu nome, que perseverou em pé até o infelice seculo dos Arabes, que arruinaraõ os mais dos Templos, e Igrejas dedicadas a Deos, que haviaõ na Lusitania. Della se lembra o *Agiologio* a 5. de Mayo.

SANTA ANASTASIA, *de quem se conservaõ as Reliquias em Villa-Viçosa*

1 NAsceo em Roma, de familia muito illustre. Cazou com hum homem tambem illustre pelo sangue, mas vilissimo, por ser de costumes depravados, e carecer do lume da Fé, a quem chamavaõ Publio. Este ganhou tal aversaõ a Anastasia, que naõ chegaraõ a usar da liberdade do matrimonio, e parece que foy logo no primeiro dia do esposorio, por ver que professava a Ley de Jesus Christo, a quem elle abominava, e aborrecia desorte, que vendo que ella soccorria aos Martyres, que estavaõ prezos, e a todos os Christaõs com largas esmólas, a metteo em huma tenebroza prizaõ, onde lhe mandava dar hum limitadissimo sustento. Alli a animava com cartas consolatorias S. Chrysogono, que depois foy Martyr de Christo.

Symbolo da Fè pag. 104.

2 Pela morte do marido conservou a pureza virginal, com que a deixou, (segundo diz o Veneraval Fr. Luiz de Granada) e podendo escapar da perseguiçaõ

feguiçaõ de Diocleciano, que no feu tempo, e mayormente em Roma, eſtava muito furioſa, paſſando a terras mais remotas, como paſſavaõ outras peſſoas, que eraõ conhecidas por Chriſtaãs, o naõ fez, por ſe empregar no ſoccorro dos perſeguidos Chriſtaõs, e os animar pelos carceres, para que naõ eſmoreceſſem. Alimpava-lhes, e curava-lhes as chagas, e fazia enterrar aos mortos com a pompa que ſoffria aquelle tempo. Tendo noticia os executores das crueis ordens de Diocleciano do piedoſo, e ſanto emprego de Anaſtaſia, a fizeraõ prender, e deſterrar com outros Chriſtaõs, para as Ilhas Palmarias, nas quaes foy attribulada, e atormentada com dilatadas prizoens, até que ultimamente atada de pés, e maõs a quatro páos, e rodeada de grande fogueira, conſeguio a glorioſa palma do martyrio, com que fez de ſi inteiro holocauſto a Jeſus Chriſto, no ſacroſanto dia do Naſcimento do meſmo Senhor, que ſeja eternamente louvado.

3 D. Jozé de Mello Arcebiſpo de Evora, no tempo em que foy Agente na Curia Romana deſte Reyno de Portugal, alcançou na meſma Curia o ſeu ſanto corpo, o qual depoſitou com ſolemne prociſſaõ a 26. de Fevereiro de 1600. no Convento das Chagas de Villa-Viçoſa, que he de Religioſas Franciſcanas, onde tem feito a bondade de Deos muitos milagres pela ſua interceſſaõ.

Vida, e martyrio de SANTA EULALIA *Virgem, e Martyr, Luſitana.*

1 NAſceo eſta Glorioſa Virgem, eſta maravilha da graça, eſte formoſo adorno da natureza, eſte eterno credito, e eſmalte da Igreja Luſitana, em Merida, Cidade Capital da Luſitana antiga. Apenas doze primaveras contava, quando eſquecida daquellas puerilidades, e diverſoens que a tal idade permitte, ſe deo deſorte á virtude, e ſe abrazou tanto no zelo da Fé, que havendo chegado áquella Cidade hum crueliſſimo Edicto de Diocleciano, porque mandava ſe prendeſſem, e atormentaſſem todos os Chriſtaõs, quiz, com reſoluçaõ mayor do que ſe eſperava de annos taõ tenros, ir arguir, e reprehender a Daciano, Preſidente, e executor do tal Edicto.

Publica Diocleciano hum Edicto contra os Chriſtaõs.

2 Entendido por ſeus pays o ſeu deſignio, ao meſmo paſſo, que, como finos Catholicos ſe encheraõ de goſto, e alvoroço, por verem tanta virtude, e valentia em taõ tenros annos, como pays temeraõ o laſtimoſo ſupplicio, a que ſe expunha a ſua cara prenda: e aſſim com o pretexto de diverti-la ſe retiraraõ para huma amena quinta, que tinhaõ perto da Cidade. Procuravaõ juntamente que eſtiveſſe alli occulta, em quanto paſſava aquella rigoroſa perſeguiçaõ; porèm a Santa donzella, que bem percebeo o fim daquella retirada, encobrio com a diſſimulaçaõ, o que em ſeu peito intentava; e aſſim por mais que ſeus pays cuidavaõ em naõ perdê-la de viſta, em encerrá-la, e occultá-la, eſperou occaſiaõ opportuna, e com chaves prevenidas, ſe reſolveo huma noite a fugir da ſua companhia, por ir buſcar a Deos, e defender a ſua honra. Deſcalça, e dezalinhanda ſahio de caſa para o campo, e ſem que o horror da noite a amedrentaſſe, nem as penas eſtabelecidas nos Edictos a embaraçaſſem, dirigio os paſſos para a Cidade.

El Hijo de David mas perſeguido pag. 326.

Sahe Eulalia de caſa de ſeus pays com intento de reprehender ao executor delle.

3 Naõ eraõ muitos os que tinha dado, quando ſe achou com huma eſcolta de Anjos; pois parecia razaõ, que concorreſſe o Ceo com ajuda de cuſto, a quem com zelo da Fé ſe hia offerecer ao martyrio. Com eſte eſtupendo favor do Ceo, chegou na madrugada a Merida, e ſabida a porta de Daciano, chegou a ella. Diſſe aos porteiros, que importava fallar-lhe, e vendo elles huma donzella bem parecida, de tenra idade, maltratada dos pés, que enſanguentara pelos eſpinhos, e pedras, como deſacoſtumados de andar deſcalços, pre-

Acompanhaõ-na Angelicos Eſpiritos.

zumindo

zumindo que lhe haviaõ feito alguma violencia, de que se hia queixar, deraõ logo parte de tudo a Daciano, que sem demora a mandou entrar. Atéqui sigo ao Author dos Davides perseguidos, com o que naõ conformaõ o Veneravel P. Fr. Luiz de Granada, e outros Authores, pois dizem, que depois do Presidente de Merida mandar prender a Liberio, pay da nossa Santa, mandara ir esta á sua presença, com cuja noticia se alegrara muito, e sahira da quinta em que estava, em companhia de Santa Julia grande amiga sua, e Serva de Deos, á qual disse: *Sabe irmaã Julia, que ainda que vou tarde, hey de ser a primeira que se ha de martyrizar.*

Granad. Symb. da Fè pag. 98.

4 Ou se fosse ella offerecer ao martyrio, como escreve o sobredito Author, ou fosse chamada pelo Presidente, como escrevem outros, he certo que foy á sua presença, e que sem a menor perturbaçaõ, e com muito dezaffogo lhe fallou assim: *Aque vens a esta Cidade inimigo de Deos? A perseguir Christaõs, e ás Virgens, que se haõ consagrado a Jesus Christo? Para que póde ser bom o obrigares a que se dem cultos a deoses falsos, e que se negue a adoraçaõ a Deos verdadeiro, Senhor de todas as cousas? Iris, Venus, Jupiter, e Marte, a quem cegos adorais os Gentios, naõ passaraõ de humas mulheres lascivas, e de homens que cõmetteraõ muitas maldades. Jesus Christo he só o verdadeiro Deos, que se vestio de homem, para nos remir, e salvar, e a este he que deves adorar, se te quizeres salvar &c.* Ouvindo o Juiz estas, e outras similhantes palavras, disfarçando a grande colera, que lhe occasionou o fallar taõ livre contra os seus deoses, respondeo: *Menina, antes que cresças queres perder a vida, por naõ dares adoraçaõ aos vossos deoses? Supposto sou de treze annos,* [respondeo ella] *naõ imagines que me poderas intimidar com as tuas ameaças, que assaz basta o que tem vivido na terra, quem tem esperanças de viver eternamente no Ceo.*

Reprehende ao Presidente Daciano, e cuida este em vencèla &c.

5 Ouvindo isto o Presidente disse: *Naõ te engane, mesquinha, essa vaidade: chega-te a offerecer sacrificios aos deoses, porque fazendo-o, escaparas dos grandes tormentos que te esperaõ, e serás honrada com hum esposo nobre, e rico. Eu* [tornou ella] *tenho esposo taõ nobre, e rico, como immortal, o qual he meu Senhor Jesus, Salvador de todo o mundo, a quem adoro, e adorarei atè morrer, e naõ aos teus falsos deoses.* Enfurecido o Juiz lhe nomeou curador, e logo mandou a este que a fizesse açoutar; porèm a Bendita virgem no meyo dos açoutes, dizia muitos louvores a Deos, e blasfemava do Imperador, e dos deoses, que elle, e os mais Gentios adoravaõ.

Canta entre açoutes muitos louvores a Deos.

6 Informado o Juiz da sua grande constancia, a mandou chamar á sua presença, e mostrando-se compassivo do que tinha padecido, lhe disse: *Menina, de que te aproveita esta tua porfia? Offerece sacrificios aos deoses, e naõ queiras soffrer tantas penas.* Respondeo a constante, e fiel Esposa de Christo: *Que te aproveita, dezaventurado, mandar-me despir, e açoutar, pensando que me poderias apartar da verdade? Enganas-te miseravel, porque supposto tens o meu corpo debaixo do teu poder, nenhum poder tens em minha alma, e porque te acabes de desenganar, te digo, que maldisse, e maldigo agora a todos os teus deoses, e aos teus Imperadores, e que sempre farei o mesmo em quanto me naõ tirares a vida, que quero dar por Jesus Christo.*

Resoluçaõ com que falla ao ministro.

7 Embravecido com esta resposta o perfido Juiz, mandou fazer hum theatro em huma praça da Cidade, e que a elle levassem a Santa para se atormentar publicamente. Mandou-a açoutar primeiramente com varas de arvores cheyas de nóz; e vendo-se a Santa lastimada dos açoutes, olhando para o tyranno Juiz, lhe disse: *Velho dezaventurado, naõ penses que me espantas com os teus castigos, e com as tuas ameaças, porque mais me esforças com huma e outra cousa.* Exasperado o Juiz com o dezembaraço da Santa, mandou aos verdugos que lhe lançassem azeite fervendo nos virginaes peitos. Assim que se executou taõ tyranno mandato, disse Eulalia: *Este azeite fervendo tanto me naõ faz damno, que antes me accende mais no amor de meu Senhor Jesus Christo, ao qual dezeja ver minha alma.*

Continua a resoluçaõ, e se lhe acumulaõ os tormentos.

8 Ou-

8 Ouvindo isto o tyranno Juiz, mandou que a mettessem em cal virgem, e que depois lhe lançassem agoa para que se abrazasse. Ouvindo a virgem esta ordem, disse: *Atormente te o fogo do inferno, pois assim trabalhas por atormentar à Serva do Rey do Ceo.* A este tormento se seguio o mandar o tyranno derreter huma quantidade de chumbo, e que o mostrassem a ella, dizendo-se-lhe, que depois de tendida em hum leyto de ferro, que alli estava prezente, lhe haviaõ de lançar aquelle chumbo pelo corpo, se naõ se desdissesse do que havia dito: mas como ella dissesse que aquelle, e outros mais tormentos soffreria por seu Esposo, se lhe lançou o chumbo, que naõ teve o effeito que os carnifices queriaõ, por se gelar para a Santa desorte, que nenhum damno lhe fez, mas naõ para os algozes a quem o mesmo chumbo abrazou as maõs.

Cõtinuaõ os tormentos.

9 Cada vez mais enfurecido o maldito ministro, ordenou que a açoutassem de novo, e que depois lhe esfregassem as chagas com pedaços de agudas telhas. Executada esta ordem, sem della resultar o fructo que o tyranno queria, disse este para a Santa: *Naõ penses que has de sahir daqui vencedora, porque outras penas mayores tenho apparelhadas para vencer te* A isto respondeo a virgem: *Naõ me pódes tu vencer: porque aquelle vence em mim, que peleja por mim.* A' vista desta resposta, mandou o tyranno que lhe queimassem o corpo com tochas accezas. Executado este horrendo tormento, disse a Santa Martyr: *Assado está ja o meu corpo, mas nem por isso me fallece esforço, e assim podeis lançar sal em cima das suas chagas, para que fique mais saboroso manjar a meu Esposo Celestial.*

Accrescẽtaõ-selhe à vista da sua constancia.

10 Exasperado o infernal tyranno de taõ grande esforço, e de taõ invicta constancia, mandou que a lançassem em hum forno accezo, e que delle a naõ tirassem senaõ depois de queimada; porèm a Santa virgem, por especial favor do Ceo, se conservou intacta nelle, cantando louvores a Deos. A' vista deste notavel prodigio, disse aquelle Gentio: *Entendo que somos vencidos, porque esta moça persevera na sua má intençaõ, e naõ sente dor, mas para que naõ se glorie vaãmente, tiray-a do forno, cortai-lhe os cabellos da cabeça, e levay-a pelas praças nua, para que assim se veja envergonhada.* Ouvindo isto a virgem, disse: *Ainda que seja deshonrada na terra, e despojada das roupas, que cobrem a meu corpo, aquelle, por cujo amor eu soffro este, e outros martyrios, tomará de ti vingança, dando-te o castigo que mereces, como a inimigo da Justiça, e perseguidor dos seus fieis amigos.* A isto respondeo o tyranno: *Se temes esta fealdade, vem, e sacrifica aos nossos deoses*: e dizendo a Santa, que offerecia a Deos sacrificio de louvor, pelas misericordias que com ella tinha uzado, mandou o cruel ministro, que a estirassem em hum cavallete de madeira, e que lhe puzessem fogo pelos lados. Assim como Eulalia se vio cercada de fogo, começou a louvar ao Senhor, como se fosse escrituraria, com as palavras de David: *Provaste Senhor o meu coraçaõ, e examinando-o com fogo, naõ achastes em mim maldade.* E como entraraõ no mesmo tempo os carnifices a descarnar seu virginal corpo com garfos de ferro, dizia: *Estes finaes, meu Deos, que o ferro faz no meu corpo, letras saõ com que o vosso Santo Nome se escreve na minha carne, as quaes publicaõ as vossas victorias, e triunfos.*

Mettem-na em hum forno ardẽdo &c.

11 Dos cabellos, que os verdugos lhe cortaraõ, fizeraõ hum cabresto, com o qual a enfrearaõ, e com este escarneo, e vituperio a levaraõ para o lugar destinado para o ultimo supplicio, onde a estenderaõ no cavallete, e açoutaraõ com novo rigor. Depois de a açoutarem, lhe queimaraõ as costas com tochas accezas, tormento que soffreo a Santa virgem com incomparavel paciencia, e alegria. Olhando porèm, para o que dava todas as ordens, disse: *Porque uzas, ó tyranno, de tanta crueldade contra mim? Pois abre os olhos, põem-nos na minha cara, conhece-me agora bem, para que bem me conheças no dia de Juizo, quando apparecermos diante de meu Senhor Jesus Christo, onde teraz*

Continua o martyrio, e exhala a alma entre chãmas em figura de pomba.

teraz o ultimo, e bem merecido castigo das tuas crueldades. Finalmente, mandou o tyranno que lhe lançassem fogo por todas as partes, desorte que a consumisse: e vendo a virgem que estava consummado o tempo destinado do seu martyrio, abrio a boca para tomar a chamma que ardia, pela qual exhalou a alma, em figura de huma candida pomba, que viraõ voar ao Ceo muitos dos que estavaõ presentes, que se tinhaõ convertido conhecendo a virtude de Deos, que assistia nesta sua Serva. Mandou o tyranno pendurar o santo corpo naquelle mesmo sitio, onde esteve tres dias diante de todo o povo, que admirou o prodigio de cahir sobre elle huma tal neve, que lhe afformozeou todos os membros, deixando-o sem as nodoas do sangue, e da negridaõ que lhe resultou dos açoutes, e das chammas do fogo, e o certo he que a tanta pureza só outra lhe podia servir de manto.

Degolaõ a sua cõpanheira Santa Julia.

12 No mesmo tempo foy degolada a sua colaça, e fiel companheira Santa Julia, da qual se naõ contaõ outros tormentos, porque occupado o tyranno em combater a principal, deo-se por satisfeito com tirar a vida de hum só golpe a quem suppunha que nada bastaria para a fazer retroceder na Fé, por cuja confissaõ morrera a sua cara amiga, e companheira. Sepultaraõ os Christaõs os santos corpos, com a honra, e decencia, que puderaõ. Passada a perseguiçaõ, e depois de crescer a Christandade naquella Cidade, se edificaraõ dous Templos, hum no lugar em que foy martyrizada fóra da Cidade, e outro na praça em que tolerou a mayor parte do seu dilatado martyrio.

Cõserva-se o seu corpo em Oviedo.

13 Entrando ElRey D. Sylo com grande poder pela terra de Mouros, conquistou a Cidade de Merida, donde tirou o corpo de Santa Eulalia, como a thezouro do mayor valor, e o proprio berço em que ella se criara. Fez metter o sagrado corpo em huma preciosa arca de prata, a qual depositara em hum Convento, que fundou de Monjas Benedictinas na Villa de Pravia, donde o passou para a Cidade de Oviedo na propria arca, ElRey D. Affonso o Casto. Alli se conserva com tanta devoçaõ dos naturaes da terra, que quando em suas necessidades querem impetrar de Deos alguma couza, tirando a arca das suas Reliquias, experimentaõ a facilidade com que o mesmo Senhor lha concede. Elle seja louvado em seus Santos.

SANTA THEODORA *Virgem, e Martyr, cujo corpo se conserva em Pinhel.*

NAsceo na Cidade de Roma, onde abraçando a nossa santa Fé com seu irmaõ o Inclyto Martyr S. Hermetes, Prefeito da mesma Cidade, foraõ baptizados pelo Santo Pontifice Alexandre I. Perseverando os Santos irmaõs nos santos exercicios, obras de caridade, e de penitencia, que se faziaõ precizos para satisfaçaõ dos erros, que haviaõ cõmettido, quando seguiaõ a Gentilica cegueira, foy morto na Via Salaria, naõ longe da Cidade S. Hermetes, por ordem do impio Aureliano, executor dos Edictos do malvado Imperador Adriano. Vendo pois Santa Theodora, que o santo corpo de seu Santo irmaõ estava insepulto, desmentindo com galharda, e valente resoluçaõ a fragilidade do sexo, lhe foy dar sepultura com a honra que merecia por Martyr de Christo, e por irmaõ seu, a quem no mesmo ponto foy acompanhá-lo ao Ceo, por exhalar a alma á violencia do golpe, que lhe apartou a cabeça do corpo. No anno de 132. os Christaõs lhe deraõ sepultura junto a seu irmaõ. No anno de 1620. trouxe da Curia Romana o seu virginal corpo Hector de Cella Falcaõ, o qual o depositou no Convento de S. Luiz de Pinhel, em cujo Cartorio se acha o Breve, que passou o Papa Paulo V. a 8. de Settembro de 1620. *Martyrol. Rom.*, Beda, Uzuardo &c.

5. de Abril.

SANTA

SANTA ADOZINDA *Abbadessa, Benedictina.*

FOy filha de D. Guterres Arias, e de D. Aldaura, ou Ildaura, Condes de Agueda, Cidade que houve entre Coimbra, e o Porto. Era irmaã de S. Rozendo, Bispo do Dume, de quem escrevemos neste Volume. Segundo o que mostra, e prova o Author do *Agiologio Lusitano* no quinto dia de Agosto, naõ foy esta Santa virgem, como diz o Author do *Jardim de Portugal*, mas sim cazada com D. Ramiro Mendes. Nenhum Author particulariza as virtudes em que mais resplandeceo esta Serva de Deos, pois só dizem, que depois de viuva tomara o habito em Santa Maria de Villa-Nova do Porto, que tinha fundado sua mãy Ildaura, que nelle fora Abbadessa, e esclarecera em virtudes taõ heroicas, que merecera o titulo de Santa com que he tratada. Em dizerem que foy mulher Senhora, e Santa, naõ dizem pouco, pois se provaõ de grandes nadadores, e de destros buzos, aquelles, que depois de se verem submergidos, e engolfados em immensas ondas do mar, sahem livres ao porto; assim prova de singular aquelle espirito, que vendo-se cercado das crescidas ondas, e borrascas do seculo, quaes saõ as honras, grandezas, pompas, e deleites, sahe sem risco, como fez esta Gloriosa Santa, tomando o porto do sobredito Convento, pois naõ ignorava, que supposto alli chegava o bramido das ondas, se naõ podia temer o perigo das agoas. Naõ se sabe o anno em que falleceo; porèm como seu irmaõ S. Rozendo falleceo no anno de 977., se póde prezumir que naõ levaria hum ao outro consideravel differença. O *Agiologio Lusitano* se lembra della a 5. de Agosto, e o *Jardim de Portugal* tambem.

Vida de SANTA NATALIA *viuva, de quem se conservaõ as Reliquias no Convento de Chellas.*

1 A Pag. 148. deste Volume dey huma breve noticia do Glorioso Martyr Santo Adriaõ, e prometti dá-la tambem de sua cara esposa Santa Natalia, o que agora faço, dizendo, que se prezava mais de professar, e de guardar exactamente a Fé de Christo, e de ser filha de pays que por ella deraõ a vida, que de ser mulher de hum homem illustre, segundo as estimaçoens Gentilicas, qual era Adriaõ.

2 Magoava-se muito naõ só de o ver acerrimo na adoraçaõ dos idolos, senaõ tambem de que perseguisse aos Catholicos, que os desprezavaõ, como hum dos primeiros ministros, que deputou o impio Imperador Maximiano, para executor dos barbaros, e tyrannos Edictos, que ideou este escolhido vazo de Satanaz contra os que se prezavaõ do nome de Christaõs, e naõ cessava de pedir a Deos lhe desse luz para deixar a sua cegueira, e seguir a clara luz do Evangelho. Conseguio Natalia os seus piedosos dezejos, pois vendo Adriaõ a maravilhosa constancia, com que padeciaõ os martyrios vinte e tres Christaõs, que estavaõ prezos, e que lhe havia recõmendado o Imperador, e capacitado por elles da verdade da Fé, que seguiaõ, se publicou Christaõ, motivo porque foy logo prezo, e maniatado com os mais.

3 Assim como a Bendita Natalia teve noticia de que Adriaõ se publicara Christaõ, teve taõ extraordinario prazer, que pondo de parte o decoro que se devia á sua illustre pessoa, e o temor do perigo a que se expunha, publicando-se por Christaã, a tempo em que estava acceza a perseguiçaõ contra o nome de Christo; vestida de galla se foy ao carcere, onde estava prezo seu marido, e prostrada a seus pés, toda desfeita em lagrimas, lhos bei-

Vay Natalia ao carcere dar o parabem ao marido, por estar prezo pela confissaõ da Fè &c.

joa, e juntamente as cadêas com que eſtava ligado, dizendo: *Bemaventurado tu, ó meu Adriaõ, pois foſtes taõ ditoſo, que mereceſtes ſer prezo pela confiſſaõ da Fè de Chriſto. Rogo-te affectuoſamente meu amado eſpoſo, e Senhor, que permaneças conſtante na confiſſaõ della, atè dar por ella a vida, para te fazeres digno das promeſſas do meſmo Senhor, e de huns bens, que nem os olhos viraõ, nem os ouvidos ouviraõ, nem os coraçoens dezejaraõ couſa ſimilhante. Naõ te lembres da tua mocidade, nem faças caſo das perſuaſoens, e dos rogos de teus parentes, que como cegos idolatras, e faltos do lume da Fè, te haõ de encontrar a felicidade, que, para ſempre te eſpera. Nem te lembres da minha viuvez, pois tendo tu a felicidade que eſpero, hei de cuidar muito em merecer a meſma, por te imitar, e acompanhar no Ceo, a quem acompanhei na terra. Pōem finalmente os olhos na conſtancia, e valor deſtes ſantos companheiros, que foraõ cauſa da tua converſaõ &c.*

Retira-ſe do carcere, onde pede aos companheiros do marido que o animem, e confortem para o martyrio.

4 Ficou Adriaõ ſummamente alegre de ver á ſua amada conſorte, e muito edificado de ver o animo varonil, e o ardente zelo com que o exhortava a padecer pela confiſſaõ da Fé. Diſſe-lhe, que ſe retiraſſe para ſua caſa, que eſtiveſſe ſem ſuſto, porque eſperava em Deos, que pelas ſuas oraçoens, e de ſeus ſantos companheiros, havia de perſiſtir conſtante até exhalar a vida; accreſcentando, que quando ſe viſſe no ultimo della, lhe daria parte para que o foſſe alentar, e ajudar no ultimo conflicto. Compungida, e muito ſatisfeita da reſoluçaõ que via em ſeu marido, diſcorreo por onde eſtavaõ os vinte e tres martyres ſeus companheiros, aos quaes depois de beijar as cadeas com que eſtavaõ prezos, e de os venerar, como a homens, que julgava de caminho para o Ceo, lhes diſſe: *Peço-vos, ó Servos de Jeſus Chriſto, que confirmeis eſta ovelha ſua, dando-lhe a miudo conſelhos de paciencia; propondo-lhe a grandeza do premio certo, que eſtá guardado para os que perſeverarem na Fè. Lucrai a eſta alma com as voſſas, para que tenhais a Chriſto mais voſſo devedor.* E ditas eſtas, e outras ſimilhantes palavras, ſe recolheo a ſua caſa, onde ſem ceſſar rogava a Deos pela conſtancia de ſeu marido, da qual juſtamente duvidava, por ſer filho de pays idolatras, e por elle ter deixado a idolatria haviaõ poucos dias.

Fecha as portas ao marido, por entender que fugia do martyrio, e o reprehende &c.

5 Logo que teve noticia Adriaõ, de que ſe chegava o tempo em que haviaõ de ſer martyrizados, com beneplacito dos ſeus ſantos companheiros, e licença dos guardas, ſahio do carcere, com o projecto de ir viſitar á ſua eſpoſa, e pedir-lhe, que foſſe aſſiſtir no ſeu martyrio, para o animar, e confortar. Como chegaſſe, antes delle a ſua caſa, a noticia de que ſe achava ſolto, conſiderando Natalia, que fora por elle eſmorecer com a força, ou com o medo dos tormentos, ficou quaſi ſem alentos, e traſpaſſada da mais exceſſiva dor. Foy eſta tal, que o meſmo foy o vê-lo á porta da caſa, que o fechá-la com grande preſſa, dizendo de dentro: *Naõ ha de entrar neſta caſa, quem deixou a em que eſtava prezo pelo amor de Jeſus Chriſto. Longe deve eſtar de mim, quem mentio a eſte Senhor.* Eſtas, e outras palavras de reprehenſaõ, e de deſcompoſiçaõ, proferio eſta incomparavel mulher, e finiſſima Chriſtaã, que vendo o ſilencio de Adriaõ (que por ouvî-la naõ dava deſculpa, nem dizia a cauſa da ſua ſahida) julgando-o ſem duvida culpado, foy continuando em dezaffogos a ſua pena, com eſtas, e outras ſimilhantes expreſſoens: *Oh homem ſem Deos! Oh homem ſem juizo! Oh meſmo, mais que todos os naſcidos, e quem te obrigava a ti a metter-te no que naõ havias de levar ao cabo! Quem te perſuadio a largar a companhia dos Santos! Olhem o cobarde, que deſpio as armas, antes de ver a cara ao inimigo. Moſtre as feridas que lhe fizeraõ, antes de alguem entender com elle. Ja eu me eſpantava, que da ſua progenie de impios pudeſſe ſahir couſa bōa, que ſe offereceſſe a Deos. Arvore má, e de gente homicida, que fructo póde dar para o Ceo? Que farás, triſte, e deſgraçada Natalia, vendo te mulher de hum arrenegado, ao meſmo tempo que eſtava celebrando com tanto goſto a gloria que te reſultava de ſer mulher de hum Santo Martyr!*

6 Ale-

6 Alegre estava Adriaõ ouvindo as injurias, que lhe dizia sua esposa, e gloriando-se de ter huma mulher taõ firme na Fé, que o aborrecia na supposiçaõ de que elle aborrecia a Jesus Christo, e por naõ soffrer mais, que huma innocencia desse mais penas a outra, disse: *Abre, minha Natalia, pois naõ fugi do martyrio como imaginas, e venho só a buscar-te para que me assistas nelle, como te prometti.* Parecendo lhe porèm que dizia aquellas palavras por enganá-la, proseguio em dizer-lhe, que naõ conhecia a quem apostatara de Deos, e que por isso lhe naõ abria a porta. Instou elle que lha abrisse, senaõ queria dar pena aos seus companheiros martyres, que o fiaraõ sómente pelo tempo que era precizo para a ir ver, e rogar; e se naõ queria tambem que elle se retirasse para o carcere, sem o gosto de fallar-lhe, e de consultarem o modo com que lhe havia de ir assistir ao conflicto.

Ouve seu esposo Adriaõ as reprehensoẽs com dissimulaçaõ, e declara ser muito differente o motivo da sua fahida.

7 Capacitada Natalia de que lhe fallava verdade, lhe abrio a porta, e prostrada logo aos pés de Adriaõ, lhe pedio muitos perdoens com as mais vivas expressoens do mal com que o havia tratado, ao que elle respondeo: *Verdadeiramente, que só tu sabes amar a teu Esposo, pois lhe dezejas, e procuras a mayor felicidade, que he a do Ceo.* Sem mais demora voltou Adriaõ para o carcere, acompanhado de Natalia, que vendo elle perguntava o como havia de dispôr da sua fazenda, respondeo: *Deixe, senhor, de occupar o pensamento em cousas que naõ importaõ. Levante o coraçaõ sómente aos bens eternos, e permanentes, para onde taõ piedosamente he convidado pela misericordia de Deos.*

Abre-lhe a porta, e depois o acõpanha ao carcere.

8 Assim como chegaraõ ao carcere, foraõ acceitos nelle dos Santos prezos com indiziveis jubilos. Natalia com devoçaõ, e ternura, a que a provocava o seu piedosissimo animo, entrou a alimpar com a boca a podridaõ das chagas, que tinhaõ occasionado os ferros, com que estavaõ opprimidos os Benditos Martyres, aos quaes juntamente curou, e regalou com varios mimos, e com roupas que mandou ir de casa, por tempo de sette dias, pois no fim destes foraõ todos chamados ao tribunal do iniquo Maximiano, que por principio mandou que fossem todos despidos, e postos á vergonha, exceptuadas sim as partes pudendas. Ordenou logo, que se principiassem os tormentos por Adriaõ, por ser mais robusto, e por se lhe naõ terem dado os que se tinhaõ dado aos mais. Fizeraõ-no sahir do carcere com o potro em que havia de ser atormentado nas maõs, o que vendo os Matyres seus companheiros lhe disseraõ: *Eis ahi te fez Christo digno de levares a sua Cruz, e de o seguires. Vè lá naõ façás pè atraz, acudindo mais pela tua carne, que pela tua alma, olha naõ te furte o diabo o Reyno da Gloria. Pōem os olhos no Ceo, e vay animoso, e enche a cara desse tyranno de vergonha, e confuzaõ.*

Chegaõ ambos ao carcere onde cura, e consola Santa Natalia aos prezos.

9 A Bendita Natalia por outra parte toda gostosa, toda alvoroçada, e toda solicita, naõ cessava de dizer-lhe: *Irmaõ, prega me esse coraçaõ no Ceo, e na vida, que naõ tem fim. Deixa-te perder todo, e ganharás tudo. Isto he hum sopro, e daqui a pouco estarás de hum voo na Patria Celestial.* Quiz primeiramente o tyranno convencé-lo com razoens, com ameaços, e com promessas, e vendo que nada conseguiaõ as suas industriosas diligencias, mandou que o moessem á força de horrendos, e deshumanos tratos. Logo que a grande Natalia ouvio os golpes destes, foy muito gozosa dizer aos outros Martyres companheiros, que já Adriaõ tinha dado principio ao seu martyrio, e no mesmo ponto se puzeraõ elles, e ella em oraçaõ, para que Deos lhe naõ faltasse com a assistencia, e com a constancia, e foy tanta a que teve, na variedade de tormentos, que por vezes lhe deraõ, que fizeraõ exasperar, e encher de colera ao tyranno, mayormente quando via blasfemava dos seus idolos, e engrandecia a Fé de Jesus Christo. Em todos os tormentos o confortava Natalia, que pondo-lhe as maõs na cabeça, lhe dizia: *Bemaventurado es, docissimo irmaõ meu, que te fez o Senhor digno de padecer pelo seu Nome. Bemaventurado es lume dos meus olhos, que levas Cruz, por quem a levou por ti. Tem a certeza de que assim como es participante das suas penas, assim o has de ser das suas glorias.*

Mostra a Santa grande prazer no martyrio de Adriaõ a quem anima &c.

 10 En-

10 Enfadados os impios executores das infernaes ordens de atormentarem ao Bemaventurado Adriaõ, o metteraõ no carcere com os companheiros, que naõ cessavaõ de lhe dar o parabem da sua constancia, e de lhe beijarem as feridas; e como no mesmo tempo se prohibio o entrarem no carcere as mulheres, que nelle costumavaõ entrar a consolar, e a servir aos Martyres, (ás quaes chamavaõ Diaconizas) cortou Natalia o seu cabello, e posta logo no traje de homem entrou com varonil resoluçaõ a cuidar no regálo, e no serviço dos Martyres, e pondo os olhos no seu, toda banhada em lagrimas, lhe fez esta falla: *Tenho, ó meu amado Adriaõ, huma mercè que te pedir, a qual para ti he facil de conceder-ma, e para mim mui importante o alcançá-la. Bem ves como te ajudo, e assisto no teu martyrio. Agora quizera eu, que assim como vivemos juntos neste miseravel mundo, nos ajuntassemos tambem na Casa de Deos. Assim como chegares lá, pede logo ao Senhor, que me mande chamar, porque elle faz mercè aos Santos, que entraõ de novo no seu Reyno. Eu temo, que tenha muitos pertendentes, tanto que me virem viuva, e naõ quero que seja maculado o thalamo de Adriaõ, Martyr de Christo. Tu pódes defendè-lo melhor, quando auzente no Ceo.* Prometteo-lhe Adriaõ, que naõ se esqueceria do seu pedido, quando se visse na presença de Deos.

Entra no carcere vestida de homem, onde faz a Adriaõ algumas supplicas.

11 Como no mesmo tempo entrassem no carcere muitas mulheres disfarçadas no traje de homens, á imitaçaõ de Natalia, para cuidarem da cura, e do regálo de todos os prezos, e fosse á noticia de Maximino taõ piedoso exercicio, mandou o tal tyranno, que levassem ao mesmo carcere huma bigorna, e que nella partissem as pernas, e os braços dos Martyres com huma alavanca. Noticiosa Natalia de taõ deshumana, e cruel sentença, obrigou com dadivas aos verdugos, para que principiassem por Adriaõ, o que fez, temerosa de que elle naõ esmorecesse, ou desmayasse, vendo executar nos mais taõ grande, e horrenda carniçaria. Assim o fizeraõ os carnifices, que pondo huma perna de Adriaõ sobre a bigorna, esta mais que varonil, e forte mulher, pegando no pé della a endireitou, e concertou desorte, que pudessem assentar em toda os golpes da alavanca. Foraõ elles taes, que puzeraõ a perna em miudos pedaços, e depois que fizeraõ o mesmo á outra, se ficaraõ os verdugos sem continuarem no martyrio, ou por enfadados, ou por compassivos de tamanha crueldade.

Pedio aos algozes principiassem o martyrio por Adriaõ, e ella lhe pega nas pernas &c.

12 Considerando porèm Natalia, que ainda aquelle martyrio era muito limitado, para quem havia de ter hum premio sem limite, e eterno, disse a Adriaõ: *O' Servo de Jesus Christo, ó meu ditoso esposo, por amor de Deos estende tambem o braço nesta bigorna, para que em quanto está em ti a alma, naõ padeças menos que os outros Santos, e vas com elles diante de Christo.* No mesmo ponto o estendeo o ditoso Adriaõ, entregando-o á sua Natalia, como se dissera, ahi o tens, faze delle o que quizeres. Assim o fez, pois o arrecadou, e metteo no coraçaõ, e no seyo a maõ delle, depois que o verdugo a separou do braço na bigorna, onde Natalia o estendeo. Com este ultimo golpe exhalou Adriaõ a vida, com a mais excessiva alegria de Natalia, que prostrada de joelhos deo muitas graças a Deos, pela fazer filha de pays Martyres, e mulher de Martyr.

Pede a Adriaõ que offereça hũa braço ao martyrio.

13 Depois de martyrizarem a Santo Adriaõ, martyrizaraõ a seus companheiros, e a todos mandou Maximiano lançar em huma fornalha acceza, por evitar com isso o serem seus corpos adorados, e venerados pelos Christaõs, mas de pouco importou a sua cautéla, pois no mesmo tempo tremeo a terra, e o Ceo irado de repente se cobrio de escuras nuvens, e começaraõ a estalar trovoens, e a cahir coriscos, e agoas taõ grossas, que naõ só apagaraõ, e alagaraõ a fornalha, senaõ tambem a Cidade de Nicomedia; em que os Santos triunfaraõ dos tyrannos, e do diabo. Vendo os Christaõs taõ grande prodigio, e que huns Gentios morreraõ sepultados nas ruinas, e os outros fugiraõ temerosos, e assombrados do que viraõ, recolheraõ os santos corpos, sem

Castiga o Ceo a Cidade em que padeceraõ os Martyres.

sem a falta de hum só cabello, e os inviaraõ em huma náo, que estava de partida para Constantinopla.

14 Ficou Santa Natalia em Nicomedia com a preciosa, e para ella a mais estimadissima Reliquia da maõ do doce esposo, a qual metteo em huma luva de mirrha, e envolvida em preciosa purpura a pôs na cabeceira do leyto, em que costumava dar algum descanço ao seu mortificado, e penitente corpo. Era a Santa dotada de formosura honesta, rica, e nobre, motivo porque a pertendiaõ muitos para mulher; porèm o que se declarou primeiro por pertendente, poucos dias depois do triunfo de seu esposo, foy o Tribuno, pessoa das mais principaes da Corte do Imperador, com beneplacito deste. Como alèm dos dotes da natureza, e da graça com que o Ceo a enriqueceo, como acima dissemos, tinha a virtude da prudencia, respondeo a quem lhe fallou no cazamento: *Que muito se alegrava com aquelle recado, por naõ poder esperar taõ grande ventura: porèm que só pedia a demora de tres dias, para dentro delles dar a ultima resoluçaõ. &c.*

O Tribuno da Cidade pertēde a Natalia por esposa.

15 Isto respondeo com o intento de fugir dentro delles áquelle perigo, para onde estava o corpo do seu Santo esposo. Logo se metteo no quarto em que conservava como Reliquia preciosa a maõ delle, por cujos merecimentos pedio a Deos que a livrasse de ser mulher de hum Pagaõ, depois de o ser de hum seu Martyr. Adormeceo depois de larga oraçaõ, e entre sonhos lhe appareceo glorioso, hum dos vinte e tres Martyres, que lhe disse: *Paz seja comtigo Natalia, Serva de Christo; para ti olha este Senhor, e nós naõ estamos esquecidos do trabalho, que tomaste por nossa cauza. Tanto que chegamos á sua presença, lhe pedimos te chamasse brevemente para a nossa companhia.* Natalia, lhe perguntou, tambem em sonhos: *Martyr de Christo, dize-me, chegou lá comvosco Adriaõ, meu irmaõ?* Respondeo-lhe o Martyr: *Antes ja tinha chegado primeiro; mas eya, levanta-te dahi, embarca-te, e vem para onde estaõ os nossos corpos, porque a hi te visitará Deos, e te conduzirá para a Celestial Jerusalem.*

Apparece hum Martyr a Natalia, e a manda fugir.

16 Acordou Natalia, que tomando o sonho, naõ como sonho, sim como embaixada do Ceo, sem mais demora deixou toda a sua casa, e sem se despedir de pessoa alguma, por temer lhe encontrassem a sahida, se embarcou para Constantinopla, levando comsigo, como farol a maõ do seu amado Adriaõ. Assim que foy á noticia do Tribuno, que a pertendia para mulher, a sua fugida, a seguio em outra embarcaçaõ, ou para ver se a podia obrigar ás segundas bodas que anhelava, ou para castigá-la no cazo que as repudiasse, que seria com o martyrio, por se ter publicada Christaã; porèm como ella hia cumprir com as ordens de Deos, necessariamente haviaõ de sahir infructiferas as diligencias dos homens, que a ellas se oppuzessem. Sem avistar pois o Tribuno o navio em que hia embarcada Natalia, voltou para Nicomedia, impellido de huns ventos contrarios, que o Ceo mandou. Pela meya noite, appareceo o diabo feito marinheiro, em huma embarcaçaõ fantastica, para aconselhar a Santa, e aos que governavaõ o navio em que hia, que tomassem certo rumo, com o fundamento de que era o mais conveniente para a sua navegaçaõ; porèm logo foy descoberto o engano do inimigo, naõ menos que pelo Santo Martyr, pois apparecendo a Natalia, lhe disse, que aquelle zeloso marinheiro era o diabo, que a dezejava affogar no perigoso sitio para onde os encaminhava, e que elle guiaria o navio até chegar a Constantinopla.

Foge para Constantinopla, para onde a quiz seguir o Tribuno.

Livra-a Adriaõ do naufragio, a que a encaminhava o diabo.

17 Assim que aportou o navio no porto de Constantinopla, visitou Natalia aos sagrados Martyres, e depois de depositar a maõ que levava de Adriaõ no mesmo deposito em que estava o corpo, e de fazer huma dilatada oraçaõ, se recolheo a descançar a certa caza, que elegeo para morar, na qual lhe appareceo em sonhos no mesmo dia seu esposo muito alegre, e resplandecente, e coroado com diadema de admiravel formosura, o qual lhe disse: *Bem vin-*

Dá-lhe Adriaõ a bôa chegada, e a convida para o da Ceo.

da es, ó Serva de Christo, filha de Martyres: vem agora para o teu descanço: vem receber o que te he devido. Acordou Natalia, e depois de contar a vizaõ aos Christaõs que tinha levado na sua companhia, e de se despedir delles, tornou a pegar no somno, e assim espirou suavemente em o Senhor. Os Christaõs depositaraõ o seu santo corpo com o de seu marido, e os dos mais Martyres, e todos passados tempos foraõ transferidos para Roma, donde vieraõ para este Reyno, pelo motivo que dissemos já na vida de Santo Adriaõ a pag. 148., onde saõ venerados, e festejados no Convento das Conegas Regulares de Chellas a 14. de Janeiro para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado.

Vida de SANTA ENGRACIA *Virgem, e Martyr, primeira do nome, Bracharense.*

1 NAsceo esta prodiosa Santa nesta Augusta Cidade de Braga. Seu pay se chamou Onteomero, e era Senhor de muitas terras, e vassallos nesta Provincia, e daquelles a que chamavaõ Regulos, porèm Catholico Romano, motivo porque logo que houve Engracia de sua mulher, a mandou criar em santos, e bons costumes. Com a bôa educaçaõ, e com a natural inclinaçaõ, que Deos lhe deo para tudo o que era piedade, sendo ainda menina, se pôs a viver de maneira, que a todos patenteava o quanto se descuidava da vida, e se lembrava da morte.

Naõ ha estado mais eminente que o da virgindade.

2 Quer Deos que o amemos, e para o fazermos mais perfeitamente, he sem duvida, que naõ ha estado mais eminente, que o da virgindade. Huma mulher cuida no seu marido, e nos filhos, e assim naõ póde deixar de ter o coraçaõ repartido entre Deos, e os homens; porèm a donzella [se faz o que deve] só cuida em amar, e agradar a Deos. A mayor prova, que ha, para sabermos se temos muito amor a Jesu Christo, he o padecermos muito por elle, privando-nos dos gostos desta vida por seu amor. Ponderaria isto a nossa Gloriosa Engracia, pois a naõ o ponderar, naõ faria a Deos sacrificio da sua virgindade, renunciando naõ só os illicitos, senaõ tambem os licitos deleites da vida. Porèm o certo he, que sabia, como Santa, que hum dos mayores serviços que se podem fazer a Deos, he o sacrificar-lhe o corpo casto. O amor Divino he o fógo, que consome a innocente victima, e o sacrificante, e a victima saõ o coraçaõ, e o corpo do Christaõ. Este he hum sacrificio, que dura toda a vida, e por isso a castidade tem seu martyrio, que supposto naõ seja taõ cruel ao parecer, como o que padeceraõ, e padecem os Santos Martyres dos tyrannos, he mais penoso pela sua larga duraçaõ.

Sacrifica a Deos a sua esta Santa.

3 Naõ se satisfazia a nossa Engracia com ser martyr da Castidade, e dezejava intimamente o sê-lo na realidade, porque a tudo a incitava o abrazado amor que tinha a Jesus Christo, que permittio conseguisse taõ piedosos dezejos, da maneira que diremos. Havia junto aos montes Perineos hum Fidaldo, a que alguns Authores daõ o titulo de Duque de Ruiselhaõ, ou Conde de Barcellona, que bem certificado da formosura rara, e excellentes prefeiçoens, e angelica pureza da nossa Princeza, a mandou pedir a seu pay Onteomero para Esposa. Deo Onteomero parte a Engracia da bôa occasiaõ que se lhe offerecia, e ella mostrou alegrar-se com a noticia, por lhe ter percedido a revelaçaõ de hum Anjo, em que a assegurava de que antes de dar a Eudo [assim se chamava o Duque] a maõ de esposa, celebraria outras mais puras, e Celestias bodas com o immaculado Cordeiro, derramando pelo seu amor o proprio sangue. Emprendeo pois a jornada com summa alegria, e sahio desta Cidade, deixando-a saudosissima pela sua auzencia, em companhia de dezoito Bracharenses, cujos nomes deixamos declarados, quando fizemos

Convidaõ-na cõ hum cazamento, e tem revelaçaõ de ser martyrizada antes de se concluir.

mos commemoração dos seus martyrios, e de seu Capitaõ, e tio de nossa Santa, Luperco.

4 Chegou digo a Gloriosa Infanta á Cidade de Barcelona, e ouvindo nella as diabolicas atrocidades, que usava o sanguinolento Daciano com os Christaõs em Çaragoça, privando-os das vidas temporaes com exquisitos tormentos, disse com extraordinaria alegria aos companheiros: *Vamos todos lá, confessemos a Christo Jesus por Deos, e Homem verdadeiro, para gozarmos de taõ felice sorte?* Alguns companheiros ao principio affroxaraõ, e por isso disseraõ, que bem podiaõ fazer jornada sem irem pela Cidade de Çaragoça: porèm como com isso se lhe encontravaõ as bodas que anhelava, naõ consentio nos desvios, e foy endireitando á Cidade de Çaragoça, que a achou toda inquieta com as mortes, e pregoens, que cada hora se ouviaõ pelas ruas, pelos mandar publicar contra os Christaõs Daciano, que era Commissario em Hespanha dos Imperadores Diocleciano, e Maximiano, e foy este cruel verdugo hum dos que mais almas enviou ao Ceo, por meyo dos cruelissimos martyrios, que fez executar nos innocentes Christaõs.

Sahe de Braga com 18. companheiros, e resolve-se a procurar a hum tyranno &c.

5 Informada a nossa Santa da deshumanidade de Daciano, esquecida totalmente da vida, e dezejosa de alcançar taõ ditosa morte, qual era a de Martyr, se foy ao Tribunal em que presidia Daciano, onde com intrepido animo, e liberdade Christaã, depois de lhe haver dito quem era, adonde hia, e para onde caminhava, o reprehendeo severamente das infaustas crueldades, e inexeraveis tormentos, que dava aos Servos de Deos, fazendo lhes derramar o seu innocente sangue, sómente por adorarem ao verdadeiro Deos, Creador do Ceo, e da terra &c. Sem embargo de ficar o tyranno logo na primeira vista sobornado da belleza, e rara formosura da nossa Santa, se accendeo de furor taõ diabolico, que atropellando por todos os respeitos, que se deviaõ a taõ illustre donzella, a mandou metter em hum carcere publico, e a toda a sua ditosa comitiva. Naõ esmoreceo a Santa com os ameaços, que lhe faziaõ os tyrannos, de nella executarem a mais cruel morte, se naõ se desdissesse do que havia dito, pois o fez tanto pelo contrario, que jamais cessava de roborar aos mais, e de blasfemar dos fementidos deoses, e iniquos Imperadores. Vendo isto Daciano, a mandou atar nas caudas de dous cavallos, e que desta sorte fosse arrastada pelas ruas publicas da Cidade. A alegria da virgem era taõ grande, como as lastimas dos que concorreraõ áquelle espectaculo, pois huns choravaõ a sua menoridade, outros se compadeciaõ da sua formosura, e outros maldiziaõ o desgraçado encontro, que no caminho lhe offerecera a ventura.

Reprehende ao tyranno.

Padece a Santa nas caudas de dous cavallos.

6 Oh admiravel, e nunca assaz louvada Bracharense, espelho de Virgens, e de Martyres, honra das mulheres, exemplo da constancia, quaõ differentes foraõ vossos passos pelas ruas de Çaragoça, dos que daõ as mulheres lascivas pelas desta, e de outras Cidades: vós regavais as pedras, e o chaõ com o vosso sangue, e ellas pizaõ-no com as suas perniciosas, e desnecessarias passadas. Oh quem me dera assistir á vossa memoravel tragedia, para impedir a furia dos cavallos, ou tirar ao menos das ruas as pedras para que vos naõ magoassem. Mas que he o que digo! Nada he o que digo, ignorante sou, e naõ entendido, pois como vós padecieis com tanto gosto, vos duplicaria o padecer ao mesmo tempo, que cuidaria vos alleviava com vo lo suavizar: e o certo he, que supposto o corpo se arrastava pela terra, vosso espirito hia por esses ares, e estava elevado naquella Gloria, porque sacrificariais mil vidas se as tiverais. E pois nella estais gozando o premio devido a tanta constancia, vos peço intercedais por mim para que tenha em todas as minhas pias resoluçoens, e o mesmo vos supplico para todos os vossos compatriotas, e patricios Bracharenses, que tanto, e taõ justamente se prezaõ de vos ter por natural.

7 Matizou pois a nossa insigne Bracharense com o seu innocente sangue

as

as pedras das ruas de Çaragoça, da qual ficaraõ esmaltadas quasi todas. Mandou a o cruel Daciano metter no carcere, assim ferida, e lastimada. Logo que os companheiros a viraõ entrar nelle taõ maltratada, começaraõ a derramar muitas lagrimas, a que os incitava a grande compaixaõ de ver á sua Capitania quasi desfallecida com o deshumano tormento, no qual certamente teria deixado a vida, se Deos lha naõ quizera conservar, para com ella animar aos mais, e merecer duplicados triunfos. Parece que se desvelava todo o inferno em maquinar diversos generos de supplicios para se atormentar á nossa insensivel Engracia; porèm debalde, pois em todos fazia esclarecer cada vez mais a grandeza de Deos, que lhe conservava o espirito entre elles desorte, que bradava cada vez por mais, e mais tormentos, pois se achava com grande animo, e generoso coraçaõ para tolerá-los por amor de Jesus Christo, verdadeiro Deos, e Homem.

Continua o martyrio.

8 Presenciou o tyranno Daciano as suas livres respostas, ponderou nellas a sua inflexibilidade, e de tudo colheo, que de cada vez tinha mayor coraçaõ, e por isso se resolveo a querer vê-lo. Mandou pendurar a Santa em hum lugar alto, e depois que lhe rasgassem seu nevado corpo com unhas, e garfos de ferro até que lhe apparecesse. Executaraõ os impios ministros a ordem do seu Presidente de maneira, que álèm de correr da Santa virgem copioso sangue, tiraraõ nas pontas dos garfos pedaços de carne, e do figado. Naõ largou ainda o espirito aquelle corpo, a quem tanta gloria grangeava padecendo, por lho querer conservar nelle Jesus Christo, naõ só para mostrar a sua Omnipotencia, senaõ para que fossem mayores os merecimentos daquella Angelica donzella. Bem pudera o tyranno persuadir-se a que era verdadeiro o Deos que publicava a Santa, pois lhe conservava a vida daquella sorte: porèm a sua cegueira lhe naõ deixava ver a verdade. Mandou fim, que lhe arrancassem as unhas, e que lhe cortassem o peito esquerdo, até lhe ficar patente o coraçaõ, o qual foy taõ profundamente mutillado, que trouxe comsigo grande parte das raizes, que o detinhaõ. Ficaraõ digo as entranhas descobertas aos verdugos, e veriaõ estes, e Daciano a Christo no coraçaõ de nossa Santa, se a cegueira lho naõ impedira, pois he este Senhor presidio, e fortaleza dos Martyres por inseparavel uniaõ de amor. E como se naõ se satisfez ainda o cruel tyranno com tanta variedade de carniceria, e quiz prorogando-lhe a vida, tirar-lha pelo termo mais exquisito, que pode inventar a sua luciferina crueldade, pois mandou que a tirassem do tormento, que lhe vestissem as roupas sobre as suas recentes, e lastimosas chagas, e que assim a levassem outra vez para o carcere, cujo caminho hia esmaltando com o innocente sangue, que manavaõ suas feridas. Queria o tyranno que morresse comida de seu proprio sangue, e assim ordenou a deixassem estar no carcere, onde com effeito esteve alguns dias sem mais allivio, que a dezabrida terra, e desta sorte se lhe multiplicavaõ as dores das feridas, por estarem as roupas interiores empapadas no sangue, e podridaõ dellas.

Abrem-se-lhe os peitos atè lhe ficar patente o coraçaõ &c.

Continua.

9 Admiravel, e nunca visto foy o vosso martyrio, ó illustrissima Portugueza, e muito mais admiravel a vossa incrivel constancia; pois padecestes prizoens, soffrestes açoutes, tolerastes andar a rasto, que vos abrissem os peitos, tirassem o coraçaõ, e parte do figado, tudo com taõ grande valor, que alegremente dizieis vos duplicavaõ as glorias com aquella exquisita diversidade de tormentos. E como pedieis vos los multiplicassem, lindamente vos satisfizeraõ a vontade aquelles crueis algozes, que por fim vos metteraõ hum agudissimo cravo no mais alto da cabeça, e desorte que vos penetrou o cerebro, ordenando-o assim a Divina Providencia, para que acabasseis a vida como verdadeira escrava de Jesus Christo. Oh donzella verdadeiramente admiravel, espelho clarissimo de Virgens, exemplo preclarissimo de Martyres, milagre da caridade, retrato de toda a virtude, que consummastes o vosso memoravel triunfo, esmaltando a vossa rutilante grinalda, com as pedras preciosas de

vossas

vossas esclarecidas virtudes, servindo-vos naquella hora o agro da morte de doçura, e de allivio soberano. Quem poderá nomear, ó divina Engracia, os gráos de gloria, que haveraõ correspondido aos merecimentos de tantas, e de taõ maravilhosas constancias! E pois o eterno remunerador vos havia de galardoar com a sua costumada liberalidade, vos peço naõ regateeis a vossa intercessaõ aos devotos, que vo la implorarmos, bem certificados de que tereis eminente poder nessas Celestes moradas, diante daquelle, a quem sacrificastes a virgindade, e consagrastes a propria vida, entre tantos, e taõ innumeraveis tormentos, sem que a debilidade do sexo vos impedisse a victoria.

10 Tendo os tyrannos ao santo corpo por indigno de estar nas entranhas da terra, o mandaraõ deitar ás féras para que o devorassem, e enterrassem nas suas. Porèm naõ conseguiraõ o effeito de seus designios, por lho atalhar S. Prudencio, Bispo de Tarasona, que subrepticiamente recolheo o santo cadaver, para lhe dar se naõ a sepultura, que merecia, ao menos a que pudesse agenciar-lhe, entre as espias dos idolatras. E estando o Santo Bispo para o metter em hum tumulo, que lhe mandou fabricar, prezenciou huma grande multidaõ de Anjos, que mandou a Empyrea Curia, vestidos de riquissimas dalmaticas vermelhas, para assistirem ás exequias daquella, que taõ gloriosamente havia vencido, e triunfado. Huns assistiraõ com cirios accezos nas maõs, e outros com thuribulos de perfumes Celestiaes, e outros finalmente se empregavaõ em cantos, e melodias Celestiaes, como ouviraõ os Christaõs, que assistiraõ ao seu enterro, e o certo he, que para as exequias de huma taõ grande Santa, se naõ podiaõ achar na terra dignos cantores. E com que gloria seria recebida no Ceo a alma da nossa illustre Bracharense, á vista de ser seu corpo taõ honrado, e venerado na terra!

Descem Anjos da Empyrea Curia, a fazerem as exequias desta Santa.

11 Conserva-se em Çaragoça a Columna Pretoria, em que foy açoutada esta Santa, e a veneraõ entre humas grades de ferro os devotos, como a reliquia de preço inextimavel. Alcançaõ os Çaragoçanos especiaes favores de Deos pela sua intercessaõ, e principalmente os que padecem dores no coraçaõ, e algumas molestias no figado; prerogativas singulares, com que o Divino Esposo a illustrou, pelas excessivas que padeceo em cada huma destas sensitivas partes. O Duque, pouco depois que teve noticia da felicidade de Engracia, se encheo de dezejos da mesma dita, e alcançou a inclyta Coroa de Martyr, talvez por lha solicitar do Ceo aquella, que esperava ter por Esposa na terra.

He advogada para as dores do coraçaõ, e do figado.

12 Já dissemos na historia do martyrio de S. Luperco, o como se trasladaraõ as Reliquias da nossa Santa, e por isso o omittimos aqui. A famosa Cidade de Çaragoça, como fiel depositaria das suas Reliquias, [naõ com pouca inveja nossa] solemniza todos os annos o felice triunfo da nossa Santa, com huma celebre procissaõ. Conservaõ-se as suas Reliquias em huma Igreja do seu nome, que mandou edificar, e deo aos Eremitas de S. Jeronymo, D. Joaõ II. de Aragaõ, em agradecimento de hum milagre, que lhe fez a nossa Santa, por meyo do cravo, com que foy martyrizada, o qual ainda hoje se conserva. Estaõ ardendo diante do seu sepulchro, e dos demais companheiros muitas alampadas, que estando proximas ao tecto da Igreja, se tem observado o naõ haver nelle sinal de fumo.

Conservaõ-se as suas Reliquias na Cidade de Çaragoça &c.

13 Na sumptuosa Igreja, que ha na Cidade de Lisbôa, dedicada ao seu nome, se festeja a 23. de Abril com Officio de segunda Classe, e Octava propria a esta Princeza, na qual está huma sua reliquia engastada no peito de hum formoso meyo corpo de prata, e pelos Altares da dita Igreja se veneraõ os retratos de seus santos companheiros. O nosso Veneravel Bracharense, e Abbade Resesuinto, e o Poeta Prudencio, cantaraõ em Sapphico metro a Angelica pureza, a admiravel constancia, o invicto certame, e o estupendo martyrio desta Santa. Os antigos Breviarios de Hespanha celebraõ o seu triunfo a 16. de Abril, sem embargo de ser a 20. o seu martyrio. O anno se naõ tem

averiguado com certeza, e parece foy do de 303. até o de 306. Todos os Martyrologios, e Flos Sanctorum, trataõ desta Santa.

Vida de SANTA ENGRACIA *Virgem, e Martyr, segunda do nome, Bracharense.*

1 A Mesma Cidade de Braga, sempre fertil em nos dar destes sazonados fructos, nos deo a outra Engracia, de que naõ menos se preza. Subornada do amor Divino, pelo considerar todo amavel, cheyo de formosura, e de thezouros eternos, se resolveo a naõ amar outra creatura no mundo, e a consagrar-lhe a sua virgindade, por saber o quanto estima este sacrificio.

Dedica a Deos a sua virgindade, naõ obstante ajustaõ seus pays hum cazemento.

2 Ajustou-lhe seu pay hum cazamento. Ignora-se se era Christaõ o noivo; porèm parece o naõ seria, á vista da tyrannia com que se houve com ella. Dezacerto he o cazarem os paysdefamilias ás filhas, que naõ querem, e muito mais com homens de que totalmente naõ gostaõ; pois, sendo assim, naõ poderáõ viver com a paz, amor, e uniaõ, que convèm haver entre os cazados. Naõ consultaraõ os pays da nossa Engracia a inclinaçaõ, vontade, ou gosto da filha, e só attenderaõ para as conveniencias temporaes, que foraõ sempre, e saõ hoje as porque se fazem cazamentos bem desiguaes. Deraõ-lhe sim noticia do noivo que lhe tinhaõ procurado, e ella, em vez de se alegrar com a noticia, (pois he a de que costumaõ fazer mayor apreço as mulheres) se intristeceo com ella, e respondeo, que naõ cazaria com homem humano, quem tinha promettido fidelidade a immortal Esposo. Ficaraõ os pays resentidos da sua resoluçaõ, e como a procuraraõ constranger, se resolveo a deixá-los, e a tomar o conselho de Christo, fugindo para as montanhas de Leaõ, que pela sua grande aspereza, e fragozidade, serviaõ naquelle tempo de asylo aos nossos Martyres.

Por se ver constrangida dos pays, fugio da sua companhia.

3 Estimulou-se muito o noivo do repudio, que Engracia [a seu parecer] fizera delle, e como assanhado Leaõ partio em seu alcance. Teve noticia que estava nos montes de Carvajales junto a Leaõ, e a elles a foy procurar, naõ já incitado de amor, que lhe tivesse, sim concitado de hum taõ diabolico furor, e entranhavel odio, que jamais se lhe diminuio, senaõ depois de banhar a espada naquelle innocente sangue. Mouro certamente devia ser o esposo, assim por estar naquelle tempo Hespanha, e Portugal cheya de taõ vil gente, como porque só hum homem barbaro, teria coraçaõ para descabeçar huma galharda donzella, que estava elevada na contempalçaõ das cousas Celestiaes, entre aquelles ingremes, e inhabitaveis montes.

Segue-a o noivo, e lhe corta a cabeça &c.

4 Recolhendo-se o tyranno com a cabeça pendurada pelos cabellos, em troféos da sua victoria, a lançou em huma lagoa de Badajós, deixando o seu truncado corpo no lugar da execuçaõ, donde o levaraõ com Hymnos de louvor alguns Christaõs, que tiveraõ noticia do tragico successo, e o enterraraõ em hum Convento dos Eremitas de Santo Agostinho, que lhe ficava visinho, que depois de reedificado de novo tomou o seu nome, e nelle se guarda honorificamente seu sagrado corpo, pelo qual obra a Omnipotente maõ maravilhas singulares nos que se valem da sua intercessaõ.

Sepultou-se o descabeçado corpo com grande veneraçaõ, e existe em hum Convento Eremitico, que tomou o seu nome.

5 Prodigios singulares obra Deos pela cabeça da mesma Santa, que está na Cathedral de Badajós, onde he venerada com publica demonstraçaõ, e anniversaria solemnidade. Dissemos que jazia na Igreja de Badajós, por nella a ter lançado aquelle deshumano carnifice, sem mais motivo, que a de querer conservar a inextimavel margarita da castidade; e agora diremos o como Deos nosso Senhor a quiz manifestar, para que se lhe desse honroso culto.

6 Andava hum moço pastoreando as suas ovelhas por aquellas ribanceiras, e che-

e chegando ao lago para beber fequiozo com o feu rebanho, todas as ovelhas fe efpantaraõ, e naõ ouzaraõ mitigar a fede, por verem que fahia da lagoa hum taõ extraordinario refplandor, que as cegava. Quiz o ruftico paftor fitar os olhos nelle, e ficou quafi cego, e fem embargo de o naõ ajudar muito o tofco difcurfo, convocou gente, a quem manifeftou o fucceffo. Efgotaraõ a lagoa com artificios, para alcançarem o defengano daquelle myfterio, e toparaõ com a reluzente cabeça, ainda frefca, e taõ encarnada, como a folha de huma roza. Ficou aquelle povo fummamente alegre com taõ gloriofo achado, e fabendo fer a cabeça da noffa infigne Martyr, lhe erigiraõ hum Templo no mefmo lugar, do qual o levaraõ paffados alguns tempos para a Matriz de Badajós, onde fe conferva, como ja diffemos, e fefefteja o feu triunfo a 3. de Abril, e no mefmo dia o celebraõ os Eremitas de Santo Agoftinho, no Convento que tem na Villa de Carvalhaes, em que tambem eftá o feu fagrado corpo. Ignora-fe o anno do feu martyrio, porèm naõ que foy no tempo em que os Arabes poffuiraõ Hefpanha. Efcrevem defta Santa Fr. Bernardo Maldonado, Gafpar Alvarez Louzada, Secretario do Arcebifpo D. Agoftinho de Caftro, e Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal.*

Apparece a cabeça da Santa.

SANTA SARAFINA, *natural de Monçaõ.*

NAfceo na Villa de Monçaõ, que fica no diftricto do Arcebifpado Primaz. Seus pays foraõ Gentios, e muy obfervantes na adoraçaõ dos idolos, e como criaraõ com efte leyte a Sarafina, e ella foffe de bôa indole, foy naõ fó muito dada á idolatria, e ao culto dos fingidos deofes, fenaõ tambem aos deleites, e profanidades do mundo; porèm deforte, que fempre confervou intacta a fua virgindade, no meyo daquelle perniciofo fogo. Mas Deos, que guardava efta pedra preciofa para afformozear a fua Igreja, difpôs que fe converteffe á fua Fé, mediante a prégaçaõ do Apoftolo S. Thiago, que lhe adminiftrou o fagrado lavacro, depois de a induftriar nos Myfterios da noffa fanta Fé. Exhortou-a o Santo Apoftolo á perfeverança, e a que naõ perdeffe a graça, que recebera no baptifmo, e como o perfeverar nefta muito tempo he difficul fem fe cuidar na morte, fe entregou a noffa Santa aos cuidados della, depois de fe efquecer, e de renunciar os deleites, e goftos da vida. Orava muito, e naõ jejuava pouco, por faber o quanto convem a abftinencia ás almas, que fe dezejaõ dar a Deos, por cujo amor difpendia tambem muitas efmólas, pelas quaes, e pelas mais virtudes, em que fe exercitou, mereceo fem duvida a eterna Gloria, em cujo alcançe foy a 29. de Julho de 56., fegundo o *Triunfo dos Santos*, Efpanhol, em cujo dia trata do feu felice tranfito.

Vida de SANTA MATRONA *Virgem, Bracharenfe.*

1 NAfceo Santa Matrona nefta Augufta Cidade de Braga, fegundo o prova o Author do *Agiologio Lufitano* no Commento ao decimo quinto de Março. Seus pays foraõ Arrianos; porèm a noffa Matrona guardou fempre a Ley de Chrifto deforte, que tendo apenas doze annos, deixou viver feus pays nos feus defcuidos, e determinou ir viver de fórma, que a naõ a achaffe a morte defcuidada. Foy pois em direitura para a Cidade de Capua, depois de faber por fonhos era affim vontade de Deos, a quem dedicara a inextimavel margarita da virgindade, fe lhe deffe faude, e a livraffe de hum defluxo de fangue, que padecia, e de que ja naõ tinha re-

Nafce de pays Hereges, e foge da fua companhia por mandado de Deos.

medio. Os sonhos que teve lhe ensinuaraõ naõ só a jornada, senaõ tambem que cobraria saude por intercessaõ de S. Prisco, Bispo, e Martyr, (hum dos settenta e dous Discipulos de Christo) cujo corpo havia de estar enterrado no sitio que lhe apontariaõ duas vaccas. Como era todavia a nossa Matrona filha de hum Regulo, ou de huma das mais principaes pessoas da Cidade, naõ levou comsigo menos de doze donzellas, que tambem dezejavaõ viver entregues aos cuidados, e exercicios, que saõ uteis para se adquirir huma bemaventurada morte.

Encaminhaõ-na duas vaccas para o sitio onde estavaõ as Reliquias de S. Prisco.

2 Assim como chegou a Capua, lhe sahiraõ ao encontro as duas vaccas, que tinha visto em sonhos, que a guiaraõ ao posto, em que jaziaõ as Reliquias de S. Prisco indecentemente sepultadas. Prostrada logo naquelle lugar em fervorosa oraçaõ, alcançou por intercessaõ do Santo Bispo o remedio para a sua queixa. E como se lembrou do voto, que havia feito de ser Religiosa, no mesmo lugar mandou edificar hum Convento, no qual se metteo com as suas doze companheiras, governando a Igreja Catholica o Papa S. Gelasio, que lhe confirmou os Estatutos, e tomou o Convento debaixo da sua Apostolica protecçaõ. Pôs no mesmo Convento em lugar eminente as Reliquias de S. Gelasio, a cuja sombra viveo religiosissimamente o restante de sua vida, e até que esclarecida com maravilhas, entregou seu candido espirito nos braços do Esposo Divino aos 15. de Março. No mesmo dia se celebra outra Santa Matrona, que foy Virgem, e Martyr, e natural de Barcelona. Floreceo a nossa Bracharense pelos annos de 500. do Nascimento de Christo, e se conservaõ as suas sagradas Reliquias na Cidade de Capua em huma urna, que jamais querem ver os Cidadaõs, pelo temor que tem de ver, e tocar Reliquias taõ preciosas. Trataõ desta Santa Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chronica de Santo Agostinho*, como a Religiosa sua, e Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, e outros.

Funda alli hum Convento em que se dedicou a Christo.

Vida de SANTA MARINA, *Anachoreta, natural da Comarca da Torre.*

1 NAsceo a Virgem Santa Marina, ou Marinha na Villa do Mogadouro, que fica nos confins deste Arcebispado de Braga. Nos primeiros annos da sua idade consagrou a Jesus Christo a sua virginal pureza, e parecendo-lhe que naõ poderia conservar esta no mundo, o desprezou, retirando-se para o Bispado de Salamanca, no qual escolheo para morada huma dezabrida gruta, em que exposta ás inclemencias, e rigores do tempo, perseverou fazendo vida igual ao dezengano, e digna de quem a elegeo para melhor se lembrar da morte; e por isso a achou o Esposo Sagrado vigilante, e apercebida do oleo de bõas obras, no tempo que veyo em sua busca.

2 Obrou Deos nosso Senhor muitas maravilhas por esta sua fiel Serva, razaõ porque converteraõ os povos mais vizinhos áquelle dezerto a gruta, em que ella viveo, em hum Templo em seu obsequio, do qual passados muitos annos fizeraõ hum honorifico Convento com a invocaçaõ de Santa Marinha, cujo precioso corpo se guarda na Igreja delle com a devida veneraçaõ em hum polido sepulchro de marmore, e a cabeça precintada de prata se conserva em hum Sacrario á parte, pela qual obra Deos nosso Senhor perennes beneficios, de que saõ qualificadas testimunhas os innumeraveis despojos das enfermidades, collocados por troféos em o circuito do seu glorioso sepulchro. *Agiologio 4. de Mayo.*

SANTA

SANTA GODINHA *Religiosa Benedictina, Bracharense.*

NAsceo no territorio de Braga da mais illustre familia da Provincia do Minho. Consagrou a Deos a sua virgindade nos primeiros annos da sua idade, por nelles lhe dar o mesmo Senhor huma luz grande da vaidade do mundo, hum conhecimento claro dos eternos premios, e humas indiziveis ancias de seguir a Christo, a quem com effeito seguio abraçando com gosto a formosa cruz da Religiaõ Benedictina, cujo habito tomou em Vieyra, Mosteiro que houve antigamente em Basto. Delle foy Abbadessa muitos annos, dezempenhando em todos a sua obrigaçaõ de maneira, que mereceo a acclamassem Santa, e que Deos Senhor nosso obrasse muitos prodigios, para credito da sua virtude. Teve por filha espiritual, e por subdita a sua sobrinha Santa Senhorinha, (de quem adiante escrevemos com mais diffuzaõ) á qual lhe mandou collocar as Reliquias em hum honrado tumulo, que está hoje em huma Igreja em Basto, da qual he Padroeira a mesma Santa Senhorinha. Naõ se sabe o dia, e anno, em que falleceo, e só sim que floreceo pelos annos de 950. Della escreve o Author da *Descripçaõ de Portugal*, o do *Jardim* do mesmo Reyno, e outros.

Vida de SANTA SENHORINHA, *Religiosa Benedictina.*

1 NAsceo no territorio Bracharense, e se teve a dita de bem nascida, como filha de Adulfo, e Thereza, Condes de Viseu, de Vieyra, de outras terras de Basto, mayor a teve em a virtude, que em taõ illustres pays. A esfera do poder de tudo o agradavel na virtude se inclue, com que sendo taõ illustre na perfeiçaõ a nossa Senhorinha, por demais lhe vem as demais ditas da natureza.

Nasce de pays illustres.

2 O nome, com que recebeo a graça baptismal, foy o de Domitila: porèm sempre foy conhecida pelo de Senhorinha, porque a trataváõ as pessoas que com ella viviaõ, por verem o muito que a idolatrava, e estimava o Conde seu pay, na falta da Condessa sua mãy, de quem ficou orfaã sendo de peito, motivo porque o Conde seu pay a mandou para o Convento de Vieyra de Basto, para nelle ser educada, e instruida nas cousas do Ceo, por sua tia Santa Godinha, de quem escrevemos no Capitulo antecedente. Nem se enganou o prudente Conde na eleyçaõ, que teve em entregar Senhorinha a Santa Godinha, pois a pôs no caminho das virtudes, que podiaõ caber na sua tenra idade, industriando-a de tal sorte no Amor Divino, que todas as suas practicas haviaõ de ser de cousas Celestiaes, em cuja consideraçaõ andava sempre taõ elevada, como esquecida, e descuidada de tudo o que eraõ gostos, e deleites momentanios. Todo o seu desvélo era o fazer extremos pelo seu amado, a quem dedicou logo a sua virgindade, e offerecia cada dia varias mortificaçoens, como eraõ as de apertados jejuns, de continuos cilicios, e de quotidianas diciplinas. O certo he, que affligia, e mortificava esta Santa o seu tenro, innocente, e delicado corpozinho nos primeiros annos da sua idade, porque cuidava na morte, e se lembrava da conta; e se naõ a imitamos nas mortificaçoens, e penitencias, he porque naõ nos lembramos da morte, nem da conta.

Foy virtuosa desde menina.

3 Tendo hum Fidalgo muito illustre, e rico, cabal noticia das virtudes, e prendas da nossa Senhorinha, lhe mandou noticiar o gosto que tinha de que lhe desse a maõ de esposa, mas a Bendita menina, a quem Deos pertendia para si, e havia communicado huma clara luz, e conhecimento da brevida-

de

Regeita hum cazamento, que lhe offereceo o Conde seu pay, a quem Deos mandou agradecer o naõ estorvar-lhe o intento que tinha de ser sua.

de da vida, incertera da hora, tempo, e lugar da morte, e que a presente vida se nos dá só para ganhar a eterna, elegeo a Christo por Esposo, como ao mais famoso dos homens, o mais puro, e o mais digno de ser amado, e excluio ao pertendente, e com elle as gallas do seculo, pompas, e vaõs deleites, que o mundo lhe offerecia naquelle cazamento, que tinha todas as circunstancias de acertado: e por assim as julgar o Conde seu pay, vendo-se apertado pelo noivo, fallou a Senhorinha com empenho para que acceitasse aquella bôa occasiaõ; porèm ouvio huma resposta digna do seu grande espirito, pois cheya de hum grande amor de Deos, lhe disse: *Que estava ja cazada com Christo Esposo da sua alma, e que de nenhuma sorte tomaria outro, ainda que fosse o mayor Monarcha do mundo.* Compungio-se o bom Conde, e se edificou tanto das palavras, e razoens, que a menina deo para naõ cazar, que logo lhe prometteo o naõ lhe estorvar seus santos intentos. Agradeceo Deos Senhor nosso ao Conde esta sua acçaõ tanto, que lhe mandou significar por hum Anjo o muito que lhe aprazia.

Toma o habito Benedictino.

4 No mesmo tempo tomou Senhorinha o habito de Monja Benedictina, no Convento em que se educara da maõ de sua tia Godinha, que tratou de fazer nella hum vivo retrato da perfeiçaõ Religiosa, e huma perpetua morada do Espirito Santo. Jamais obrava cousa alguma sem a precedencia do conselho de sua tia, que a instruio tanto no exercicio de amar a seu Celestial Esposo, na aspereza Monastica, e na observancia da sua Regra, que em breve tempo chegou ao apice da evangelica perfeiçaõ. Da continua contemplaçaõ das cousas do Ceo lhe nascia o desprezo das da terra, e huma Angelica conversaçaõ, germanada de taõ penetrantes, e affogueadas palavras, que inflammavaõ os coraçoens de suas companheiras de maneira, que com emulaçaõ cuidadosa procuravaõ novas traças de servirem a Deos.

Da sua mortificaçaõ.

5 Parece lhe naõ sahia da memoria o que diz S. Paulo por estas palavras: *Os que saõ de Christo crucificaraõ sua carne com os vicios em a cruz da mortificaçaõ, e penitencia*; e que diz Deos por S. Mattheus: *Fazei penitencia, e alcançareis o Reyno do Ceo &c.* Pois àlèm de nunca mais comer carne, nem peixe, misturava cinza, ou sal com o paõ, ou com o caldo que poucas vezes comia. Usava de rigorosos, e penetrantes cilicios, e se diciplinava cada noite até derramar copioso sangue. Trazia huns duros calos nos joelhos procedidos do muito tempo que gastava nesta postura.

Dezeja ser Martyr, e a consola Santa Godinha, mostrando-lhe que a vida Religiosa he martyrio.

6 Sabia Godinha, como muito perita na vida espiritual, o quanto aproveita a liçaõ dos livros santos, por fallar Deos com as nossas almas por este meyo, e por isso lhe recõmendou muito taõ santo emprego. Tanta doçura achou nelle a nossa Senhorinha, que todo o tempo que lhe crescia das occupaçoens da Cõmunidade, das consideraçoens da morte, e das contemplaçoens dos Divinos attributos, o gastava em ler as vidas dos Santos Martyres, com cuja liçaõ se abrazava em dezejos da mesma dita; porèm como via que a naõ podia conseguir pela impedir o estado Religioso, foraõ tantas as lagrimas que derramou, que lhe arderaõ as capelladas dos olhos, e veyo a enfermar de huma profunda melancolia. Conhecida por Godinha a origem della, como Santa, e prudente, a consolou com Santo Agostinho, dizendo: *Que a vida Religiosa, tomada em seu rigor, naõ he outra cousa mais que hum continuo martyrio, mortificaçaõ perenne dos sentidos, e propria abnegaçaõ, pugnando a toda a hora em campal batalha contra os tres inimigos descobertos da nossa alma.* E o certo he, que a vida Religiosa tomada no seu rigor he martyrio, e tanto mayor que os dos Martyres, quanto he de mais duraçaõ; porque este he huma penitencia continua de muitos annos, e o outro hum tormento de breves dias, ou horas, que logo acaba com aquella prudentissima consolaçaõ. Ficou Senhorinha socegada, consolada, e alegre; porèm com novos brios, e propositos de buscar dentro de casa o martyrio, que dezejava fóra della padecer, inventando para isso novos modos de asperezas, e de penitencias, caminho

minho por onde caminharaõ os mayores Santos, que as baleas, e peixes de mayor grandeza no mar salgado se criaõ, e naõ em agoa doce.

7 Falleceo sua tia Godinha, cuja falta sentio amargamente, ainda quie della tirou muitos motivos para louvar a Deos, venerar os seus altissimos Juizos, e para mais se ratificar na opiniaõ, que fazia das suas virtudes, pelas approvar o mesmo Senhor com maravilhas, e milagres. As escadas, por onde se deve subir ás Dignidades, saõ as virtudes da modestia, discriçaõ, prudencia, e sciencia, e como a nossa Monja tinha todas estas, e outros muitos predicados, por morte de sua Santa tia, foy eleyta Abbadessa naquelle Convento. Nem quiz o seu Glorioso Patriarcha S. Bento, que fosse Superior quem naõ tivesse prendas para isso, porque quem naõ merece o posto, que occupa, facilmente se descuida das obrigaçoens que tem os empenhos do officio, e do grave pezo do cargo; e quem estuda no que deve fazer pelo posto, difficultosamente faltará ás obrigaçoens que professa: e pelo contrario nenhumas attençoens terá ás dividas do officio, quem se acha incapaz para elle. A nossa Abbadessa com obras, e raro exemplo de virtudes satisfez exactamente as obrigaçoens de Prelada, por tempo de vinte e dous annos, e ainda mais annos o fora, se a morte lhe naõ cortara o fio da vida. A que ella sempre fez, era de quem sabia, que quanto excedia ás subditas em a Dignidade, tanto as devia exceder nas virtudes. Tinha titulo mais relevante, e assim eraõ melhores suas acçoens. Era a mesma vigilancia, a primeira para o penozo, e a ultima para o allivio. Firme columna do Coro, retirada das creaturas, só tratava com Deos, e com as suas Monjas, a quem encaminhava á perfeiçaõ, sendo a sua maravilhosa vida o mayor estimulo, e a mais rhetorica eloquencia com que as persuadia a viverem no agrado de Deos, e no dezagrado dos homens.

Por morte de Santa Godinha foy eleita Abbadessa &c.

8 Tratava só com Deos, e com as suas Monjas a nossa Santa, e por isso chegou á perfeiçaõ, a que naõ chegaõ aquellas Religiosas, que naõ sendo vistas, nem vendo em casa de seus pays, vaõ ver, e ser vistas, para a Casa de Deos seu Esposo. He o Senhor zelosissimo das suas Esposas, e se elle naõ quer que os homens, que no mundo deixaraõ, as vejaõ, naõ devem estas querer ser vistas delles. O' mortaes Religiosas, adverti, que ser virgens, e conceber dragoens he ser Minerva, e que naõ basta a prossissaõ da pureza sem a essencia da castidade; pois teres o vestido religioso, e o animo secular, he cazares no animo, e professares na Religiaõ. Se vós naõ temeis os congressos, he certo que amais os perigos; e quem ama estes, perece nas occasioens. A solidaõ he throno do pudor; o silencio a classe da pudecicia. Se vós introduzis na vossa cella ao Rey dos Reys, naõ deveis entrar no locutorio dos homens. Taõ perigosa he esta cõmunicaçaõ, que se julgou por mais admiravel o naõ se abrazar Jozé no fogo da lascivia, do que sahirem os tres moços illezos do forno de Babylonia. Se pois se faz precizo em guerras de sensualidade o fugir para vencer, quem se mette nas occasioens, como terá vencimento!

Notem as que pertẽdem ser, ou saõ Religiosas.

9 Bemaventuradas aquellas, que entraõ em Conventos reformados, e onde a clauzura he encerrar com Deos, e fechar para o mundo: e infelice aquelle, aonde a prizaõ religiosa he soltura para a liberdade profana, e nem ha cousa mais lastimosa, nem mais deploravel mudança, que a de fazer-se huma Esposa de Jesus Christo huma vil escrava do demonio. O ser Religiosa, ó mortaes, he sahir do mundo, para viver na Religiaõ, e cousa indigna he, entrar na Religiaõ, para viver no mundo. Quem tem o mundo no mundo, parece que tem disculpa nelle, e que nenhuma tem, e faz mais horrorosa a culpa, quem tem o mundo na Religiaõ, porque vay multiplicar as culpas naquelle estado, que hia buscar para a perfeiçaõ. Em fim, quem tem o mundo no mundo, vay ao inferno, pelo caminho do inferno; e quem tem o mundo na Religiaõ, vay ao inferno pelo caminho do Ceo. Desta fatalidade queria

Notem mais.

queria a Gloriosa Doutora Santa Thereza de Jesus se livrassem as donzellas, ensinuando-lhes, que naõ fizessem eleyçaõ de Conventos, que naõ fossem reformados, e aconselhando aos paysdefamilias por mais conveniente o cazarem, ainda que baixamente, a suas filhas, que o mettê-las em Conventos relaxados. Saõ dignas de ponderar as razoens, que para isso dá no Cap. 7. da sua vida.

10 As desordens, que vejo na de muitas Religiosas deste tempo, me impelliraõ a fazer esta digressaõ, e a cortar o fio da historia da vida da nossa Santa Religiosa, que emendo aqui, dizendo, que para acreditar Deos as suas virtudes, lhe deo o dom, ou a graça de fazer milagres. Converteo muitas vezes a agoa em vinho, para dar aos que trabalhavaõ no seu Mosteiro. Estando o paõ na eyra debulhado para se ventajar, sobreveyo huma grande trovoada, e como visse o risco em que estava o sustento das Monjas, e dos pobres, acudio ao Ceo com oraçoens, e por ellas alcançou dividir aquelle espesso negrume de maneira, que chovendo grande copia de agoa naquelles contornos com grande damno dos lavradores, sómente na sua eyra naõ cahio huma só pinga, ficando o ar sereno, e a terra enxuta.

Obra milagres.

11 S. Rozendo, Bispo do Dume, [de quem ja fizemos cõmemoraçaõ] era primo da nossa Santa, e por isso a veyo visitar de galla, no tempo em que estava sendo Abbade do Convento de Cella-Nova. Naõ se tinhaõ visto, nem communicado havia muito, razaõ porque gastaraõ a mayor parte do dia nas practicas, e conversaçoens, que devemos prezumir da santidade de ambos. Notavel he a nossa malicia, pois sempre nos inclinamos para o peyor! Andavaõ huns homens retelhando o Convento, e sentiraõ muito mal da practica dos nossos Santos; porèm tambem o sentiraõ, pois no mesmo ponto se apossou o demonio de seus corpos, e os deitou do telhado abaixo. Succesio que motivou grande compaixaõ nas Religiosas, por se verem com dous homens mortos em casa taõ desgraçadamente. Recorreraõ a quem podia remediar lhes aquella afflicçaõ, e ficaraõ summamente admiradas, quando viraõ resuscitados os homens pelas oraçoens da sua santa Abbadessa, e impoziçaõ das maõs de S. Rozendo, e ainda mais admiradas ficaraõ quando attenderaõ, que lhes succedera aquelle dezastre, por murmurarem da conversaçaõ dos Santos parentes.

Murmuraõ da Santa, e de S. Rozendo dous homens, que tiveraõ merecido castigo com a morte &c.

12 O Mosteiro de Vieyra estava fundado em hum dezacõmodado, dezabrido, e nocivo sitio. Quiz a Santa mudar-se para outra parte com todas as Religiosas. Communicou a seu pay o seu pensamento, e elle, como piissimo, e devoto Christaõ, lhe mandou edificar outro Convento em Basto, ao qual fez largas doaçoens. Estando para se mudar para o novo Convento, se achou com falta de paõ para a jornada. Recorreo a Deos com viva fé, e logo achou no alpendre da portaria seis cargas de farinha, com a qual remediou a sua necessidade.

Manda-lhe Deos paõ em humane cessidade.

13 No caminho para o novo Mosteiro, lhe succedeo huma maravilha bem notavel, e que ainda hoje he equivalente testimunho da virtude, e graça Divina, de que Deos a exornou. Foy ella esta: Chegando com as suas Freiras ao lugar de Carrezelo, e querendo rezar nelle Vesperas, foy taõ deزentoado o grasnar das raãs dos charcos circunvizinhos, que lhes impediaõ o Officio Divino. Mandou-as aquietar, ou calar, e ellas obedeceraõ ao seu imperio desorte, que naõ só se calaraõ para sempre, senaõ que tambem dezampararaõ o sitio, e se nelle apparece hoje alguma, (que he rarissima) carece da individual differença de grasnar.

Vè hum engraçado prodigio.

14 Estando no Coro em oraçaõ com as suas Religiosas, no primeiro de Março do anno de 977., ouvio humas Angelicas, e Celestiaes musicas. Perguntou ás mais Religiosas se ouviaõ alguma cousa, e responderaõ, que naõ. Perguntou a huma particularmente, de cuja virtude fazia grande conceito, e esta disse: *Ouvia huma musica taõ sonora, que parecia Celestial. Pois sabei,* [disse a Santa] *que agora subio ás moradas Celestiaes a alma de meu parente o Abbade*

Vè subir glorioso para o Ceo a S. Rozendo.

Abbade Rozendo (he S. Rozendo Bispo, que havia sido do Dume, de quem ja escrevemos) *acompanhada de Angelicos Coros, que vaõ entoando Canticos, e melodias Celestiaes.*

15 Muitos foraõ os prodigios, que Deos nosso Senhor obrou em abono das virtudes desta nossa Illustrissima Portugueza, que omittimos por naõ sermos prolixos; pois todo o nosso designio he escrever sómente acçoens, que obraraõ na vida os nossos Santos Portuguezes, pelas quaes mereceraõ ser venerados na terra, e collocados no ethereo firmamento, com gloria igual a seus merecimentos. Depois de ter muitos a nossa Santa, grangeados em cincoenta e oito annos, que de idade tinha, e em vinte e dous de Abbadessa, lhe revelou Deos a sua morte, por meyo de huma vóz Celestial, que dizia: *Veni electa mea, quia concupivit Rex speciem tuam.* Preparou-se para taõ importante jornada, com os veneraveis Sacramentos da Igreja, que recebeo com a ternura, e devoçaõ, que se deve prezumir da sua grande santidade. Chamou as Religiosas, exhortou-as á perseverança das virtudes, consolou-as para que naõ sentissem a sua auzencia, e deitando a todas a sua santa bençaõ, toda cheya de saudades de se ver ja na perpetuidade da Bemaventurança, subio a ella sua purissima alma, com azas esmaltadas de heroicos merecimentos, onde está gozando dos thalamos sempiternos de seu Esposo Divino.

Depois de vinte e dous annos de Abbadessa lhe succede a sua morte, que lhe foy revelada por huma vóz Celestial.

16 A 22. de Abril do anno de 982. succedeo o seu ditoso transito. Sepultaraõ-na no mesmo Mosteiro, (que hoje he Igreja Parochial, e se chama *Santa Senhorinha de Basto*] entre S. Gervaz seu irmaõ, e Santa Godinha sua tia. Muitos milagres alcançavaõ de Deos por meyo da terra da sua sepultura as mulheres esteriles, e os enfermos de maleitas. Disseraõ ao Arcebispo de Braga D. Payo, que estava o seu santo corpo inteiro, e sem corrupçaõ alguma; e como lhe naõ desse credito, sahio desta Cidade com tençaõ de abrir o sepulchro, o que naõ fez receoso de experimentar o castigo da sua incredulidade, á vista de prezenciar o prodigio, que obrou, dando vista a hum cego de nascimento, que implorou a sua intercessaõ no tempo em que se achava para abrir o dito sepulchro. Este, e outros milagres que obrava, lhe grangearaõ nome taõ celebre, que muitos Principes se vieraõ valer da sua intercessaõ, e se recolheraõ para seus Estados com os bons despachos, que anhelavaõ. D. Sancho Rey de Portugal, e I. do nome, lhe veyo fazer huma Novena, rogando-lhe desse saude ao Principe D. Affonso seu filho, e a alcançou. Em gratificaçaõ da recebida mercè, fez couto a sua Igreja, e elle mesmo andou a pé correndo, e assignalando o circuito por onde se havia de demarcar. Tudo isto consta de huma escritura, que anda lançada nos livros do Cartorio desta Igreja Primaz. Naõ se quiz mostrar ingrato ao favor recebido da Santa o Infante D. Affonso, pois logo que empunhou o Ceptro, mandou passar huma Provizaõ Real, pela qual recebeo debaixo da sua protecçaõ a Igreja da Santa, seu couto, e propriedades, demittindo de si todo o direito, que nellas podia ter. Os mais Reys de Portugal continuaraõ na devoçaõ de Santa Senhorinha, e ElRey D. Pedro Cru annexou á propria Igreja os fructos da Parochia de Santa Maria do Salto em Barrozo. O traslado da escritura com que o fez, traz o Chronista Fr. Antonio Brandaõ, e he o seguinte:

Dá vista a hum cego na preséça de D. Payo Arcebispo de Braga.

17 *Em nome de Deos. Amen. Saibaõ quantos estas escrituras virem, como eu D. Pedro pela Graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, á honra, e serviço de Deos, e de Santa Maria sua Madre, e assignaladamente á honra, e louvor da Bemaventurada Santa Senhorinha de Basto, e do Bemaventurado S. Gervaz, e em remimento de meus peccados faço doaçaõ á dita Igreja de Santa Senhorinha para sempre, e em guiza que nunca possa ser revogada, do todo o direito, que hei ao Padroado da Igreja de Santa Maria do Salto do Arcebispado de Braga &c.* E mais abaixo declara os encargos, com que a dá, assim: *Com tal condiçaõ, que qualquer que della for Abbade, tenha hum Capellaõ para todo sempre, que cante em cada hum dia Missa sobre o Altar, e diga as horas Ca-*

nonicas numa Capella , que na dita Igreja fez D. Ignez de Castro , aonde està o corpo de S. Gervaz , E outro si tenha hum mocinho , que sirva o dito Capellaõ na dita Igreja de tudo o que lhe cumprir , e tenha para todo o sempre tres alampadas com azeite , que tambem de dia como de noite estem sempre accezas, e huma esté diante o Crucifixo , outra ante hu jaz o corpo de Santa Senhorinha, e a outra na Capella ante o lugar hu jaz o corpo de S. Gervaz. Dada em Valença de Riba-Minho , quinze dias de Settembro. ElRey o mandou , Gonsalo Rodriguez a fez era de 1398. Escrevem desta Santa Fr. Antonio de Yepes , Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal* , Brito na *Monarchia Portugueza* , Duarte Nunes na *Descripçaõ de Portugal &c.*

Vida , e martyrio de SANTA SUZANNA , *natural de Braga.*

1 NAsceo nesta Augusta Braga , e segundo a opiniaõ mais seguida , foy irmaã no sangue , na fé , e no martyrio dos Santos Torcato , e Cucufate , de quem escremos neste Volume , pouco depois do triunfo de S. Victor , de quem tambem escrevemos a pag. 174. , e tambem irmaõ seu , como muitos querem , por assim o dar a entender a veneravel antiguidade; foy preza com seu irmaõ Torcato , e Cucufate , por ordem do Governador Sergio Galba.

2 Levaraõ-nos á presença daquelle Gentio , o qual logo que pôs os olhos na rara belleza , e singular formosura da nossa Suzanna , perdeo grande parte da indignaçaõ , e colera com que estava. Perguntou-lhe quem era , e podendo responder-lhe , referindo-lhe a illustre geraçaõ , de que descendia , esquecida do menos , e lembrada do mais , esquecida da vida , e lembrada da feliz morte que se lhe preparava , disse : *Sou Christaã.* Intentou Sergio Galba dissuadí-la da Ley de Christo , e incliná-la á adoraçaõ dos idolos por meyo das costumadas promessas ; porèm como vio que cada vez se mostrava mais constante , procurou fazer que assentisse no seu damnado intento a poder de rigorosos tormentos.

Fazem-se os nervos de boy em miudos pedaços.

3 Mandou-a açoutar com lategos , e nervos de boy , e estando os robustos algozes para executarem a ordem do Proconsul Sergio , permittio o Ceo se fizessem os nervos em miudos pedaços. Ficaraõ os Gentios confuzissimos com a maravilha , porèm a gentilica cegueira lhes naõ deo lugar para abrirem os olhos da alma , e se converterem á Fé daquelle Senhor , que prégava , e confortava á nossa Santa donzella , que de novo começou a exclamar com grande ouzadia , dizendo : *Executai em mim os tormentos que puder inventar a vossa tyrannia , pois nenhuns seraõ bastantes a desviarem-me do amor , e Fè de meu Esposo Jesus Christo.*

Constantissima resposta.

4 Encolerizou-se Sergio com resposta taõ livre , de maneira , que a mandou logo lançar a hum ferós , e faminto urso , para que fosse por elle despedaçada , e comida. Esperou a nossa Santa a batalha no campo , para que fosse mais gloriosa a victoria , na qual mostrou nosso Senhor as suas costumadas maravilhas , pois o animal indomito esquecido da sua ferocidade , e lembrado do respeito que se devia á Serva do seu Creador , se lançou logo a seus pés mais manso que hum cordeiro , catando-lhe reverencia.

Lança-se hũ urso a seus pès.

5 Em lugar de Sergio se converter com taõ grande portento , se estimulou , e endureceo mais , e desorte , que ordenou aos algozes que logo a degolassem , e a seus irmaõs Torcato , e Cucufate , com os quaes ainda naõ tinha fallado , por esperar o Governador livrá-los da morte , se a Santa se deixasse vencer do seu impudico amor , e affeiçaõ. Em fim , foraõ passados á espada os corpos destes gloriosos irmaõs , e transplantadas aos Ceos as almas , onde estaõ gozando das rutilantes grinaldas , que grangearaõ com as suas virtudes , e esmaltaraõ

Morre degolado.

maltaraõ com os preciosos rubins de seu innocente sangue.

6 Os seus santos corpos ficaraõ juntos ao Rio Leste, maltratados da furia popular, que os arrastou de huma a outra parte, naõ havendo idolatra, que deixasse de ensopar o ferro nelles, persuadidos de que com aquellas barbaridades faziaõ grandes serviços aos deoses Silvano, e Ceres, cujas festas ainda continuavaõ, em agradecimento da fertilidade dos campos, como ja dissemos na vida de S. Victor, que tambem padeceo martyrio no predito sitio, e no principio das taes festas. Os Christaõs sepultaraõ aos nossos Martyres junto a S. Victor, e ao Bispo S. Silvestre, onde estiveraõ em quanto lhes naõ erigiraõ huma Igreja no mesmo territorio, e no sitio em que hoje está a famosa Igreja de S. Victor, que mandou fazer, das ruinas da outra, o Illustrissimo Arcebispo de Braga D. Luiz de Sousa.

7 Sendo Arcebispo desta Metropoli Bracharense S. Giraldo, e andando visitando a sua grande Diocesi, veyo a esta Cidade no anno de 1102. D. Diogo Gelmires, e Arcebispo de Compostella, e transferio para a sua Sé muitos corpos de Santos, que enriqueciaõ esta Augusta Cidade, entre os quaes foraõ o de S. Fructuoso seu Arcebispo, o de S. Cucufate, o de S. Silvestre, e parte do de Santa Suzanna, pois permttio o Ceo que naõ ficasse Braga totalmente defraudada de taõ preciosa margarita. Entre as infinitas Reliquias, que se conservaõ no Sanctuario de nossa Senhora da Graça, ou do Populo, desta Cidade, se tem em grande veneraçaõ as Reliquias de Santa Suzanna, para onde as trasladou no anno de 1590. o Illustrissimo Arcebispo de Braga D. Fr. Agostinho de Jesus. O Licenciado Molina, escrevendo das cousas notaveis do Reyno de Galliza, diz dos nossos Santos:

Em Compostella está a mayor parte dos corpos destes Martyres.

Alli en Compostella de màs del Glorioso
Estan otros cuerpos de vida aprovados
De muitos milagros bien solenizados,
Que saõ Cucufate, Silvestre, e Fructuozo.
Y S. Susanna un cuerpo precioso
Està luego junto d'aquella Ciudad
A este recorré por serenidad
Si el tiempo se alarga de ser mui lluvioso.

8 As preciosas Reliquias de Santa Suzanna, estaõ na Parochia do seu nome, extramuros da Cidade de S. Thiago, a qual he hoje titulo de hum dos Cardeas da Igreja de Compostella. No territorio de Palmella tem a nossa Santa huma Ermida, ainda que he mais conhecida por de S. Braz; na qual se festeja na Oitava da Paschoa. No retabolo do seu Altar está pintado hum celebre milagre, que a Santa obrou em hum Conde, chamado Oliberto, que foy desta sorte: Achava-se cativo em terra de Mouros, e estes procuravaõ todos os meyos de atormentá-lo, para que desse ordem ao resgate. Em huma occasiaõ o ataraõ com cadêas a huma mó de pedra, e como fosse muito devoto de Santa Suzanna de Palmella, implorou a sua intercessaõ com taõ viva fé, que mereceo o achar-se de repente na sua Capella, atado á dita mó, que ainda se conserva em testimunho de maravilha taõ estupenda. Os corpos de S. Cocufate, e de S. Silvestre estaõ na Sé de S. Thiago em huma Capella do Sagrado Evangelista, onde rezaõ delles a 9. de Abril. *Agiologio Lusitano*, e D. Rodrigo da Cunha.

Prodigio singular.

Vida, e martyrio de SANTA COMBA, *e* S. LEONARDO.

1 NAſceraõ eſtes venturoſos irmaõs em Lamas de Orelhaõ na Comarca de Tras os Montes, deſte Arcebiſpado de Braga. Seus pays eraõ taõ pobres, que por elles mandavaõ paſtorear ſeus gados. Trataraõ porèm de ſe enriquecer de virtudes naquella humilde occupaçaõ de maneira, que mereceraõ ſacrificar a Chriſto as vidas, neſta forma:

2 Dotou a natureza de huma rariſſima formoſura á noſſa Santa paſtorinha, e de huma ſingular graça; razaõ porque muitos lhe tributavaõ adoraçoens, bem merecidas por eſtas, e por outras prendas com que o Ceo a enriqueceo. Naõ querendo pois a noſſa Santa ſer dezagradecida a Deos, lhe fez ſacrificio do meſmo que lhe havia dado, por ſe naõ querer parecer com aquellas, que ſe ſervem das formoſuras, e bellezas, para iſcas dos vicios, e occaſioens do peccado. E o certo he, que ſimilhantes formoſuras deviaõ ſervir de mayor temor, que de vangloria; de mayor faſtio, que de ſatisfaçaõ; pois em fim naõ ſaõ mais que huns perigos bem aſſombrados, e huns males, a que nós os miſeraveis mortaes temos amor.

3 Floreceraõ eſtes Santos no tempo da nunca aſſaz chorada deſtruiçaõ de Heſpanha; e como governava a Provincia de Tras os Montes hum Rey Mouro, e eſte ſoubeſſe da belleza da noſſa Comba, a mandou chamar para ſe gozar della. Fez-lhe grandes promeſſas para aſſim melhor a inclinar á ley de Mafoma, e a fazer aſſentir no ſeu depravado goſto; porèm a tudo reſiſtio a noſſa inſigne Comba, reſpondendo, que tinha ja ſacrificado a ſua virgindade a Jeſu Chriſto Senhor do Ceo, e da terra. Dito iſto ſe retirou a continuar com a ſua occupaçaõ de paſtora.

Abre-ſe hum penedo em obſequio deſta Santa &c.

4 Ardia em raiva o Mouro, por ſe ver deſprezado de huma taõ humilde peſſoa, e como viſſe que todos os meyos, com que a intentou perſuadir foraõ inefficazes, ſe reſolveo a ir procurá-la com o pretexto da caça. Eſtava a Santa bem deſcuidada com o ſeu Santo irmaõ, e quando vio perto de ſi ao inimigo da Fé, e da ſua pureza, fugio com a preſteza que pode, e eſcapou da ferocidade do Mouro, recolhida em hum penedo, que ſe abrio no meſmo tempo, que hia lançando maõ della. Ficou o maldito Mouro ſummamente raivoſo, por perder de viſta aquella, que tinha debaixo da lança, e veyo executar a ira em ſeu innocente irmaõ, a quem tirou a vida á força de feridas, que lhe deo com a lança que na maõ levava. Quando o barbaro foy a dar a lançada na Santa eſtimulado do repudio, a deo na penedia onde ſe eſcondera, na qual ficou impreſſa a lança, e naſceo huma fonte, que hoje permanece com o titulo de Fonte Santa. No meſmo ſitio ſe erigio huma Capella com a invocaçaõ de Santa Comba, e de ſeu irmaõ S. Leonardo, que he frequentada dos Fieis, que lhe vaõ pedir remedio para ſuas neceſſidades. O curioſo Poeta Antonio Ferreira, cantou eſte milagre em Oitava, e conclue:

Nota.

Senhores conto o que meus olhos viraõ,
Vi os ſinaes da pedra milagroza,
Bebi a ſanta agoa, e outros que o ſentiraõ,
Agoa ſanta lhe chamaõ, e precioza,
Iſto os vivos aos pays, e avós ouviraõ.
Hiſtoria divina he, naõ fabuloza,
Os Templos, e os Altares daõ bõa prova,
E com milagres mil o Ceo o approva.

Alli

Alli vem mil Cruzes, alli vem mil votos
Chuva ora levaõ, ora o Ceo sereno,
Naõ espanta a alta serra aos seus devotos,
Nem cansa ao velho, nem ao moço pequeno:
Dos vizinhos lugares, e remotos
Vem os pastores pedir agoa, e feno:
Alli offerecer vem brancas pombas
Os moços Leonardos, moças Combas.

5 Ignora-se qual fosse verdadeiramente o Martyrio, que executaraõ em Santa Comba, e o anno em que succedeo, mas naõ que fora martyrizada por ordem daquelle Regulo, ou Rey Mouro. Porém o Author do *Agiolog. Lusitano*, que ultimamente escreveo muito breve desta Santa, diz que fora degolada pelo Rey Mouro. O Padre Vasconcellos na *Descripçaõ de Portugal*, o Padre Anjos no *Jardim* do mesmo, D. Rodrigo da Cunha no *Catalago dos Arcebispos*, tambem se lembraõ desta Santa, para honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado.

Sousa Agiolog. tom. 4. pag. 63.

Vida, e martyrio admiravel da Gloriosa Virgem SANTA IRIA, *natural da Villa de Thomar.*

1 HE o assumpto a vida, e martyrio da Gloriosa Santa Iria, preciosa joya da Graça, illustre flor da pureza, e admiravel cifra da perfeiçaõ. Antigo he o contenderem grandes terras sobre serem patrias de Varoens insignes. Esta contenda há entre Leiria, e Thomar, que ambas querem acreditar-se com taõ illustre filha; segundo porèm as melhores, e mais provaveis opinioens, Thomar foy a ditosa concha, que, mediante o Rocio da Divina graça, deo ao mundo margarita taõ preciosa.

Nasce em Thomar.

2 Seus pays foraõ Hermogio, e Eugenia. Eraõ dotados de nobreza, e de riquezas, Catholicos, e de conhecida virtude. Alcançaraõ esta filha a instancias da Fé, contra a esperança da natureza: e sendo filha de oraçoens, e de pays virtuosos, naõ se podia esperar menos, que huma Iria prodigiosa qual esta foy, pois se lhe reconheceo logo na sua tenra idade hum coraçaõ nobilissimo, e taõ inclinado ás virtudes, que naõ parecia havê-lo formado a natureza para outro emprego mais, que para vistoso campo dos lustres da graça. Pareceo-lhe que para melhor conservar esta, e se ver dezembaraçada do mundo, que era o objecto da sua displicencia, e dezagrado, e se unir com o Filho de Deos, estimulo ineffavel, e glorioso incentivo de seu amor, seria a Religiaõ o melhor meyo. Metteo-se pois em hum Convento de Monjas Benedictinas com beneplacito de seus pays; no qual tinha duas tias, a que huns Authores chamaõ Cassia, e Julia, e outros Casta, e Justa. Debaixo da tutéla destas Religiosas, que em fim o eraõ na vida, cresceo na virtude com vantajens taõ prodigiosas, que mostrava a todas fora mais a dar documentos de perfeiçaõ, que a recebê-los.

Pays de Santa Iria.

Toma o habito Benedictino.

3 Por naõ querer parecer-se com muitas, que indignamente tem o nome de Religiosas, e desperdiçaõ o tempo em inuteis, e profanos livros, se deo á liçaõ dos espirituaes com fervor indizivel, como quem sabia que nelles, como em roteiros de perfeiçaõ, se descobrem os baixos de que deve fugir, e os rumos que deve navegar quem quizer passar com ventura o perigoso golfo da morte, e chegar ao seguro porto da gloria. Mortaes, e principalmente almas religiosas, e pessoas dadas a Deos, todo o tempo, que mal gastais, perdeis, e he certo viver ignorante do seu valor, quem o perde em vãamente o gastar.

Inclina-se á liçaõ dos livros espirituaes.

Louva-se esta, e se exhorta ao bõ emprego do tempo.

o gastar. Poucos saõ sem duvida os que o conhecem, pois quasi todos o temos por possessaõ de pouco importe. Se fosseis Senhor da celebrada Ave Feniz, naõ cuidarieis muito em que naõ se vos perdesse por naõ haver outra da mesma especie? Claro está que sim. Pois como sendo Senhor do tempo o deixais perder gastando-o em empregos indignos de hum mortal, e indignissimos de huma alma religiosa, naõ havendo outro com que recuperá-lo. Imitai pois á nossa Santa em empregar bem o tempo. Lede livros uteis em lugar dos inuteis, e tirareis de taõ santos empregos incentivos, e armas para resistir como ella ás astucias, e assaltos de Satanaz, que tem meyo caminho andado para o seu vencimento, quando arma os laços a huma alma ociosa.

4 Vendo as tias da nossa Santa, e seu tio Celio, Abbade de hum Convento de Monges Benedictinos, a rara propensaõ, que tinha aos sagrados livros, procuraraõ dar-lhe hum Mestre sabio, para que, com o lustre da doutrina, fosse mais fundamental a sua erudiçaõ. Era subdito de Celio hum Monge chamado Remigio, a quem a fama de noticioso, junta com a opiniaõ de exemplar, tinha grangeada naõ vulgares estimaçoens do povo. A este pois encarregaraõ o ensino da nossa Santa, que em pouco tempo se fez, com pasmo, e admiraçoens das gentes, doutissima nas Escrituras, e perfeitissima nos documentos dos Santos Padres, e mais doutrinas da Igreja.

Applica-se à liçaõ das Sagradas Escrituras &c.

5 Como as virtudes, sciencia, belleza, e mais partes da nossa Santa eraõ a todos patentes, claro está havia de ser pertendida de muitos. Hum dos sujeitos pois, que mais se assignalou em pertendê-la para esposa, (pois naquelle tempo sahiaõ muitas para esse effeito) foy Britaldo filho do Conde Governador Castinaldo; porèm errado andou em pertender para esposa a quem Deos accumulou tantos dotes admiraveis, e singulares perfeiçoens, como emprego especial de sua attençaõ Divina. Procurava occasiaõ de vê-la, e de manifestar-lhe seus intentos. Constou-lhe sahia a Cõmunidade a huma Igreja de S. Pedro, e de S. Paulo a alcançarem algumas indulgencias, e foy com descoco, e ouzadia de moço, confiança de Fidalgo, e temeridade de namorado, empregar as attençoens na belleza de Iria. Achou-se taõ subornado della, por ver em fim fora pouco o que a fama publicara, a respeito do que com evidencia vira, que fizera alli qualquer dezacato, se a sua mesma belleza lhe naõ infundira hum respeito grande. Retirou-se para casa enfermo de amor, e foraõ por fim taes as melancolias, de que se vio combatido, por ponderar as impossibilidades, que se lhe oppunhaõ ao alcançe do que tanto appetecia, que certamente exhalara a vida entre ellas, se a mesma que dera causa para a enfermidade, o remedio naõ lhe applicara.

Pertende Britaldo dar a maõ de esposo a Santa Iria.

Enferma Britaldo &c.

6 Revelou Deos Senhor nosso a esta sua Serva, era ella causa da enfermidade, que Britaldo padecia. Foy visitá-lo com varonil resoluçaõ, e caridade grande. Explicou-lhe a causa da doença, naõ sem pasmo, e admiraçaõ delle, por naõ lha haver cõmunicado. Reprehendeo-o de temerario em se deixar vencer de similhantes pensamentos, quaes eraõ os de intentar por esposa a que por tal se tinha a Christo sacrificado. Mostrou-lhe como era loucura grande grangear inferno, em materia de que naõ poderia colher fructo em tempo algum. Por fim lhe disse: *Oh Britaldo, para que fiques persuadido a que saõ oraculos do Ceo as razoens com que te advirto* (pôs-lhe a maõ juntamente na cabeça) *da parte do Omnipotente te dou a melhora dezejada, mas emenda os erros, e acautela os olhos.* Dito isto, ficou o namorado moço livre das ancias que padecia, e convalescido das tormentas em que çoçobrava seu amante coraçaõ, e discurso cego.

Visita Santa Iria a Britaldo, e o cura das melancolias que padecia por seu respeito &c.

7 Celebrou-se a melhora de Britaldo com muitas festas, e a virtude da nossa Santa com veneraçoens plauziveis. Os pays, que muitos, porèm humanos, remedios tinhaõ applicado a seu filho sem fructo, vendo que com a vista da Santa o conseguiraõ, naõ cessavaõ de dar á Santa as graças, e de tributar a Deos duplicados cultos, mostrando por fim a sua gratificaçaõ, dispendendo

pendendo com o Convento largas esmólas, e accumulando-o de muitos privilegios. O' mortaes, ó bellezas insensatas, donzellas nescias, e virgens loucas, que com muito menor causa entregais a vossa joya, e renunciais a Christo. Sabey, que pelejando esforçadamente com as armas de virtuosos actos, deveis guardar o thezouro da pureza, os que sentis os insultos, e estimulos da sensualidade. Acabemo-nos de persuadir, a que na officina do ocio, para esta guerra taõ crua, naõ se lavraõ armas, senaõ ferros; naõ armas para defenderem a pureza, senaõ ferros para aprizionar, e traspassar as almas.

Mostraõ se gratos os pays de Britaldo á Santa, pela saude que deo ao filho, e se exhorta á castidade &c.

8 Vendo o cruel inimigo da virgindade dissipadas suas maquinas, armou contra a Santa virgem outra cilada, tanto mais poderosa, quanto mais famoso, e cazeiro o instrumento. Passados dous annos, infundio hum lascivo furor em Remigio seu Mestre, que a educara em santos conselhos, tal, que, naõ podendo dissimular a suggestaõ diabolica, rompeo expondo em razoens, o que sentia na vontade depravada. Suspensa com mais que justa razaõ ficou Iria, por ver combatida a sua virgindade por quem lhe dera ja documentos para que intacta a guardasse; e depois de tornar a si da suspensaõ, fallou a Remigio nesta substancia: *Mestre, e Senhor. He possivel, que ensinando-me atèqui obras santas, agora me queirais persuadir a fazer peccados! He possivel, que guiando-me atèqui para o Ceo, me encaminheis agora para o inferno! He possivel, que prègando-me atègora fosse pura, intenteis agora naõ o seja! Cuidai Mestre, e Padre meu, no miseravel estado em que vos pòs a tentaçaõ em que assentistes. Trazei á memoria aquelles santos exemplos que me contaveis acerca da castidade, e tirai delles o fructo, que em mim mostraveis dezejar, porque eu estou resoluta a conservar intacta a pureza, que a Christo sacrifiquei. Fazei penitencia de culpa taõ horrorosa, e naõ sejais ouzado a querer pòr macula em quem està dedicada a Christo.* Dito isto, lhe voltou as costas, assim porque a sua belleza o naõ provocasse a absurdos mayores, como por rogar a Deos lhe desse valor para taõ crua guerra, e a elle luz naquella obscuridade, conhecimento daquelle desvario, e hum rayo de fogo da sua Divina Graça, para que verdadeiramente se arrependesse daquella culpa.

Remigio Mestre da Santa, se deixa vencer do amor impuro &c.

Reprehende a Santa a Remigio Mestre seu, e o exhorta á penitencia.

9 Todas as cousas negadas se fazem mais appeteciveis. Em lugar de Remigio ficar dissuadido da sua impura pertençaõ, com ver que a Serva de Deos naõ só nella naõ assentira, mas antes o reprenhendera, avivou seus incendios, e dobrou os empenhos. Chegou a declarar se por mais vezes, e a Santa o reprehendeo outras tantas, trazendo-lhe muitas á memoria, ser a mayor desgraça dar documentos ás almas alheyas, quem se esquecia da propria. Ser o mayor desvario perder a graça de Deos em taõ poucos dias, quem como elle tinha tantos annos de exercicios della. Trazia-lhe á memoria a bõa opiniaõ que perdia para com os homens, e o como se achava nas estancias da morte, em cujo ultimo instante lhe havia de pezar muito, e talvez sem remedio, das desordens da vida. Em fim, por mais que Iria com estas, e outras razoens lhe mostrava os erros, e abominava os horrores de seu precipicio, se naõ modificou o animo de Remigio, mas antes mais se exasperavaõ nelle os incendios de lascivo com as agoas da doutrina, e advertencias da casta Iria.

Prosegue Remigio nos seus torpes intentos, e a santa em reprehendè lo.

Prosegue Remigio na sua impura pertençaõ &c.

10 Dezenganado porèm de que era impossivel o vencimento, dissimulou o furor, que contra ella concebeo, nas apparencias do arrependimento. Vendo-o a Santa muito differente, modesto, e pio nas practicas, se dava muito paga da sua conversaõ. E que facil he de enganar hum coraçaõ singélo, e huma alma innocente por hum coraçaõ astuto, e animo cavilozo! E que horrorosas culpas naõ cõmette, quem por huma vez perde o temor a Deos, e se deixa cativar do amor impuro! Em Remigio veremos tudo. Deixou se cativar do amor de Iria, declarou-se lhe, e vendo que naõ dava satisfaçaõ a seus torpes dezejos, trocou o amor em odio, disfarçou este sagaz, e enganou a candida pomba, que andando, como tal, bem innocente do veneno que encobriaõ suas palavras, facilmente bebeo certa agoa, que lhe applicou, com o pretexto

Desenganado do vencimento, dissimula com aparencias de arrependido.

Applica-lhe hũa agoa com q̃ lhe fez inchar o ventre.

pretexto, que a sua perversidade lhe ensinuou. Era ella de qualidade, que em poucos dias perdeo a cor, e lhe cresceo o ventre de maneira, que cada dia se esperava o parto da barriga, que a inchaçaõ inculcava.

11 As Religiosas do seu Mosteiro, e principalmente aquellas que eraõ emulas da sua virtude, porque em todo o tempo, e em todos os Conventos as ha, com inconsideraçaõ de mulheres pouco consideradas, lhe davaõ em rosto com os seus virtuosos exercicios, chamando lhe quantos nomes inventar póde huma mulher brava. De enganadora, de hypocrita, de inimiga da verdade, de escandalo do Convento, e de outras cousas assim similhantes faziaõ huma ladainha. O povo fallava como tal, e com effeito o cazo era digno de fazerem discursos os ociozos, que cuidaõ mais em vituperar as vidas, e acçoens alheyas, que em emendar, e refrear as proprias. Em fim, o malevolo Remigio tambem era hum dos que fallavaõ. Só em suas santas tias achava algum refugio, porque tinhaõ ellas bem penetrado o fundo da sua virtude, razaõ porque nunca se persuadiraõ a que ella se exporia a cõmetter cousa taõ indigna do seu estado. De tudo appellava para seu Celestial Esposo, diante do qual gemia, e suspirava com successivas ancias, e copiosas lagrimas, pedindo-lhe auxilios para soffrer tantos desdouros, e tolerar infamias tantas.

Tolera a Santa muitos opprobios de suas companheiras &c.

12 Chegando á noticia de Britaldo, que primeiro conquistara sua pureza, e cedera da empreza por reverenciar os desposorios sagrados de Iria com Deos, entrou em pensamento de tirar-lhe a vida com o pretexto de que naõ assentira na sua pertençaõ, por preferir a outro sujeito. O amor, que com effeito antes lhe tivera, era grande, e sendo-o tambem a sua ira, aquelle levou vantajem a esta, pois renascendo como generosa Feniz mais vigoroso entre as cinzas das imaginadas offensas, applacou os incendios da colera, e tratou da satisfaçaõ dos dezejos. Procurou huma terceira, ou huma daquellas diabolicas sereas, que tem por officio o intruduzirem-se com a doçura de seu enganoso canto nos Palacios, nos estrados, e nas Igrejas, (porque nem em sagrado lhe escapem] com a cazada, com a viuva, e com a solteira, para persuadí-las a assentirem em gostos depravados, e por consequencia em mil offensas de Deos. Oh embaixadoras luciferinas, e que serviços fazeis a Lucifer, e desserviços a Deos fazeis! Porèm lá chegará o tempo, em que aquelle amante da pureza dezembainhará o montante da Divina Justiça sobre vós, por serdes causa de tantas impurezas, de tantas honras, e creditos perdidos, e de iniquidades tantas.

Intẽta outra vez Britaldo Santa Iria por huma terceira.

13 A huma destas pois procurou Britaldo, a quem ensinuou as principaes causas em que havia de fundar a diabolica practica, para que della sahisse o dezejado fructo. Disse, lhe facilitasse pois naõ tinha ja obstaculos que de seu amor a divertissem á vista do presente successo, e que por esta razaõ a esperava mais propicia a seus rogos, que na occasiaõ primeira, a qual certamente lhe havia desculpado com a falta dos annos, e pouco conhecimento do excesso com que a amava. Suavizava-lhe tudo por fim com o offerecimento de preciosas joyas, que sempre foraõ, e saõ hoje as rhetoricas mais elegantes, que persuadem as frageis mulheres aos mayores dezatinos, quando ellas naõ fazem apreço mayor da joya preciosa da pureza, como a nossa Santa Iria. Tambem lhe advertia por concluzaõ, que se perseverasse com o antigo parecer, acabaria por huma vez com as pertençoens, porque transformando as branduras em violencias, experimentaria sua belleza os lastimosos estragos da crueldade. Respondeo a Santa a estas impudicas proposiçoens, com dar as costas á luciferina enviada, conselho que aprendeo de Jesus Christo Esposo seu, porque responder a palavras ignorantes, he talvez dar occasiaõ a insolencias mayores. Donzellas, e Virgens faceis, que a menos pertençoens, a menores offerecimentos, e ameaços, vos deixaes vencer: Confundi-vos á vista de Iria. Vede como de tantos combates accrescentou sempre materia aos triunfos, ficando sempre como o penhasco dentro das inquietas ondas do mar; agitado, porèm

Insinua Britaldo á terceira o como a havia de vencer.

Exhortaçaõ.

porèm immovel; combatido, porèm vencedor. Contaõ os naturaes, que pondo o Dragaõ os olhos em hum crystal, com seu mesmo veneno rebenta. Naõ sey se será isto verdade, mas sey que isto mesmo vem a ser o que succedeo ao Dragaõ infernal no combate, que a Santa Iria deo. Pôs seus malignos olhos no crystal da sua pureza para a inficionar, e havendo-se lhe voltado a si a peçonha pela reflexaõ da rezistencia, naõ rebentou da morte para perder a vida, por ser immortal, sim rebentou de coragem, dezesperado da victoria.

Simil.

14 Vendo Britaldo naõ sahira com ella na sua pertençaõ, fomentou o odio, dando mayor materia á exorbitancia, e liberdade á tyrannia. Tinha pois hum criado, que se lhe tinha inculcado mais secreto, mais esforçado, e mais fiel para com elle, do que justo para com Deos. Em fim, era daquelles, que procuraõ grangear a graça dos amos, e acreditar-se com elles por finos, sem attenderem a que perdem a de Deos, nem a prejudicarem alheyos creditos; e de officio de authoridade tanta, razaõ era naõ carecessem os Palacios, e semrazaõ de que só se achasse nas mulheres. A este digo cõmunicou Britaldo tudo quanto havia passado com Iria, concluindo, que só com tirar-lhe a vida ficaria a sua socegada. Ponderemos na inconstancia, e miseria da humana vontade, pois no mesmo dia que dezeja huma cousa como amavel, a vitupera como aborrecivel. E em como em Britaldo era mayor o infortunio, e a cegueira mais crescida, appetecendo o máo, como se fosse bom, e calumniando o bom como se fora máo.

Estimulado Britaldo contra a Sãta procura tirar-lhe a vida.

15 Determinaraõ ambos huma noite, para nella darem á execuçaõ taõ barbaro, como diabolico pensamento, por estarem bem informados de que Iria hia depois de Completas fazer oraçaõ em huma lapa da cerca do Mosteiro. Naquelle sitio a procurou o maligno Manam, (assim se chamava o criado de Britaldo) que naõ foy bastante a reprimì-lo da sua barbaridade, o achar a Santa proferindo admiraveis ternuras, dezatando do peito innumeraveis affectos, do coraçaõ copiosos suspiros, e dos olhos mananciaes de lagrimas, tudo publicadoras de hum ardente amor, que tinha a Jesus Christo seu Soberano Esposo. Em fim, aquella mesma consonancia harmoniosa de affectos, com que enamorava os Anjos, e inclinava os Ceos, ensinuou o sitio em que estava, e nelle lhe fez exhalar a vida, atravessando-lhe a garganta com hum punhal a 20. de Outubro de 653., ajuntando á laureola da pureza a palma do martyrio.

Atraveça Manam o pescoço de Santa Iria com hum punhal.

16 Era a cegueira authora de sacrilegio tamanho, e naõ era muito que, por isso mesmo depois de cõmettido, fosse amontoando Manam os absurdos. Despio-lhe o habito, e o lançou no Rio Nabaõ, que corria perto, e o santo cadaver ás agoas do Rio Zezere o entregou, as quaes o levaraõ ao Tejo, onde os Anjos lhe fabricaraõ hum magnifico mausoleo, defronte da Villa de Santarem, mas occulto debaixo das ondas, talvez porque conhecessem os homens, que naõ eraõ merecedores de com seus olhos verem taõ illustre deposito.

Lança o santo cadaver no Rio Zezere.

17 Pareceo ao malvado Manam, que os disfarces de facinorozo Cain tinhaõ vigor para immudecer o sangue do innocente Abel, ou que as humanas cautélas podiaõ encobrir o facto ás Divinas attençoens; porèm enganou-se, como se enganaõ todos os mais, que imaginaõ naõ se faraõ publicas aquellas malignidades que fazem, por mais que as occultem humanas industrias. Faltou a Santa no seguinte dia. Assentaraõ todos ser certo o que prezumiaõ, e que mettera terra em meyo por envergonhada, seguindo ao author de sua affronta. Celio seu tio na alma sentia a sua falta, e muito mais por ignorar a causa della. Recorreo ao Ceo com perennes lagrimas, donde lhe foy revelado tudo quanto havia passado, e que para fazer patente a todos a grande virtude de Iria, convocasse o povo de Nabancia, e o encaminhasse ao Rio Tejo. Assim o fez o Veneravel Celio, e chegando com seus Monges, Clerezia, gente de Nabancia, e de suas Cõmarcas ao lugar assignado, fez o Tejo o mesmo

Revela Deos a Celio a morte de Santa Iria &c.

Divide-se o Tejo em duas partes, para manifestar o corpo da Santa Iria.

que obrara o Rio Jordaõ em reverencia da Arca do Testamento, e Povo de Deos; porque se dividio em duas partes, fazendo caminho solido a todos os que quizessem registar com as vistas aquelle preciosissimo thezouro. Abriraõ o sepulchro, que era de marmore, e acharaõ o cadaver santo envolto na tunica interior, respirando juntamente fragrancias, que excediaõ os mais suaves aromas da terra. Os esmorecimentos, os soluços, e as lagrimas em que prorompeo aquelle povo á vista de milagre taõ estupendo, foraõ taes, quaes se podem prezumir, e naõ se podem explicar. Clamavaõ todos pedindo ao Ceo misericordia, dezejando igualmente ver dezembainhado o montante da Divina Justiça contra os executores do sacrilegio.

Intentaõ tirar o santo cadaver, e naõ o conseguẽ.

18 Intentaraõ tirar o santo cadaver do sepulchro, com o pretexto de o levarem á sua patria, para que fosse venerado com solemnes cultos no mesmo lugar, em que havia padecido taõ barbaros desprezos; naõ tiveraõ effeito as suas diligencias, porque ao passo que applicavaõ as forças, cresciaõ no pezo, e firmeza delle as difficuldades. Conhecendo seu tio o Veneravel Abbade Celio, com esta evidencia, ser do agrado de Deos permanecesse naquelle sitio, desistio da empreza, e se retirou, levando por reliquias parte dos seus cabellos, e tunicas. Logo que cantaraõ muitos Hymnos de louvores a Deos, e em applausos da Santa, as agoas, que ja saudades sentiaõ pela sua companhia, a foraõ buscar com alvoroço grande, e a esconderaõ no seu coraçaõ como prenda digna de hum particular respeito, depois que deraõ lugar para o retiro da gente.

Manifesta-se a Santa Isabel Rainha de Portugal.

19 Assim se occultou ás humanas vistas aquelle precioso erario de virtudes, que fora sempre agradavel objecto ás attençoens Divinas. Com o tempo, e com a invazaõ, e assistencia dos Mouros neste Reyno, ainda perseverou mais escondido, por totalmente se extinguir a memoria do lugar em que depositado fora. Consta sim, que só a Santa Isabel Rainha de Portugal fora manifestado este prodigio da graça, o como, ja escrevemos na vida da Santa Rainha, aonde remettemos ao devoto curioso, por naõ repetirmos o mesmo, e fazer-nos mais prolongada, e talvez enfadosa, esta leitura. Dos milagres, com que Deos Senhor nosso quiz acreditar suas virtudes preclaras, diremos alguns.

Prodigio admiravel.

20 Cahio hum menino na mesma estancia do milagroso sepulchro, e quando todos julgaraõ o tinhaõ as agoas sepultado na sua profundidade, sahio por seus pés do rio, sem o menor final do infortunio; pasmaraõ de o verem enxuto, contente, e rizonho: e inquirida a causa, respondeo, que huma muito formosa Senhora o levara pela maõ a hum apozento claro, e vistoso, onde lhe fizera favores repetidos, e o regalára com deliciosas iguarias, e que ultimamente o conduzira até o lugar em que apparecera.

Dá vida a dous meninos.

21 Dous meninos, que levados das correntes das agoas eraõ tambem chorados como defuntos, tiveraõ vida pela sua intercessaõ.

Dá vida a outro menino.

22 Outro menino, sem chegar aos abysmos da morte, foy depositado em terra pelas mesmas ondas.

Resuscita outro menino.

23 Outro, que ja tinha pago o universal tributo, apenas foy offerecido no seu Altar, recuperou o vital alento. Prodigios certamente raros! Porèm he digno de grande reparo, de que todos elles resplandecessem em favor de meninos innocentes. Mysterio parece, no qual quereria talvez mostrar o Divino poder, que fora a nossa Santa taõ candida nas obras, e inculpavel na vida, que a elegera por advogada, e protectora da innocencia. Os aggressores Remigio, e Manam, temerosos da ira do Ceo, e da vingança dos homens, dirigiraõ os passos aos pés do Vigario de Christo, que era Martinho I., do qual impetraraõ absolviçaõ do sacrilegio. Delles se escreve acabarem com opiniaõ louvavel, por fructo da sua penitencia. De Britaldo naõ se escreve desse satisfaçaõ a Deos, nem ao mundo.

Remigio, e Manam depois de pedirem absolviçaõ, acabaõ louvavelmente.

Vida,

Vida, e martyrio da Glorioſa Virgem SANTA QUITERIA, *natural da Cidade de Braga.*

1 ENtre as innumeraveis glorias, de que juſtamente ſe preza, e deſvanece eſta auguſta, fiel, e nobiliſſima Cidade de Braga, he huma das mayores a de ter cõmunicado os vitaes alentos á Glorioſa Santa Quiteria, Infanta illuſtre, que deſprezando os terrenos lauros de ſeu pay, buſcou á cuſta de deſvélos, de fadigas, e de penitencias, que fez em huma ſoledade, a Coroa Celeſtial, merecendo ter nella colloquios Divinos, e ſer viſitada, e ſaudada, á imitaçaõ da Imperatriz Maria, por hum Anjo. Santa Quiteria digo, aquella Doutora, e Meſtra da Provincia do Minho, pois ſoube com grande eloquencia, com fortes razoens, e argumentos, tirar da idolatria ao Rey Lenciano, e converter a dous Biſpos arrenegados. Daquella Quiteria fallo, que offerecendo com grande valor, e esforço o peſcoço á eſpada, em teſtimunho das verdades que prégava, ſendo verdugo o que intentou ſer ſeu eſpoſo, por ir adornada da Coroa de Martyr, chamou ás portas de ſeu Eſpoſo Celeſtial, que a recebeo com palmas, para celebrar os ſeus triunfos.

2 Plantada a noſſa ſagrada Religiaõ neſte Arcebiſpado de Braga, pela prégaçaõ do Glorioſo Apoſtolo S. Thiago, e regada com os ſuores, e ſangue do primeiro Arcebiſpo delle S. Pedro de Rates, e com o dos mais Diſcipulos do meſmo Santo Apoſtolo, Deos Senhor noſſo, lhes hia dando o incremento pouco, e pouco, com aquella forte, occulta, e ſuave economia, com que a maõ invizivel da ſua Eterna Providencia ordena, diſpõem, e paſſa de hum extremo, a outro extremo, e muda todas as couſas. Correndo pois a voluvel roda dos annos, o de 117., ou de 118. do naſcimento de Chriſto, quando a dura parca cortou o fio da vida ao Grande Imperador Marco Ulpio Trajano, que fora ainda mayor, com mais luſtre de Heſpanha ſua patria, ſe ſobre a mancha da torpe idolatria naõ houvera accreſcentado o borraõ, que ennegreçou mais ſua fama, com ſer hum dos mayores perſeguidores, que teve a noſſa Catholica Religiaõ.

Morre o Imperador Trajano perſeguidor dos Chriſtaõs.

3 A'quelle tyranno [ſe bem que ſó o era em perſeguir aos Chriſtaõs] ſuccedeo Elio Adriano, filho de Adriano Afro, primo irmaõ do defunto Imperador, todos naturaes de Sevilha a Velha, a tempo que ſe achava na Gran de Roma Lucio Catilio Severo, ou Lucio Cayo Atilio, Bracharenſe, nobiliſſimo Senhor de taõ grandes Eſtados na noſſa Luſitania, e Galliza, que muitos Authores o denominaõ Rey, e de taõ luzidas e conhecidas prendas, que o novo Imperador, e o Senado Romano o elegeraõ Conſul, junto com Aurelio Antonio, que veyo a ſucceder no Imperio, como ſe vê dos Faſtos Conſulares.

Succede-lhe Adriano, que fez Conſul a Lucio Cayo pay de Santa Quiteria.

4 Reſolvendo-ſe o novo Imperador a viſitar as Provincias do ſeu Imperio, (como com effeito fez com grande conſolaçaõ, e allivio dos ſeus vaſſallos, a quem minorou muitos tributos, e livrou de tyrannos governos) mandou ao Conſul Lucio Cayo Atilio, a quem venerava, e eſtimava, naõ ſó pela ſua grande capacidade, ſenaõ tambem por ſer Heſpanhol, [aſſim como o era o meſmo Imperador) examinar o eſtado de Heſpanha, para que quando elle a ella chegaſſe, foſſe inſtruido do que nella ſe carecia, para o ſeu bom regimen.

Vem Lucio Cayo de Roma, onde eſtava, viſitar Heſpanha.

5 Por dar á execuçaõ os decretos do Imperador, ſe pôs Lucio Cayo ao caminho, e veyo em direitura a eſta Cidade de Braga, onde tinha ſua mulher a Illuſtre Calcia, e a ſua principal caſa, o que confeſſa o Illuſtriſſimo Munhoz na *Hiſtoria de Orenſe*, ao meſmo tempo, que o quer fazer natural da meſma Cidade de Orenſe, ſabendo muito bem, que Juliano Arcipreſte de

Hiſt. de Orenſe pag. 103.
Julian. in adverſ. pag. 54. n. 248.

Antiguid. de Tuy pag. 35. Hist. Eccl. de Brag. 1. part. Cap. 33. Dext. ad ann. 268. Brit. 2. part. Monarch. Lusit.

Toledo, o trata por Cidadaõ de Braga, e por Regulo da mesma Cidade, e Molano nas *Addiçoens ao Martyrologio de Usuardo*, o trata por Rey da Lusitania, fallando de Santa Ulgiforte sua filha. Finalmente, por natural de Braga, e por Regulo, ou Rey desta Provincia, e de Galliza, o trataõ o Illustrissimo Sandoval, Bispo de Tuy, o Illustrissimo Cunha na *Historia de Braga*, o Padre Pedro Henriques de Abreu na *Vida de Santa Quiteria*, o Padre Mestre Ascensaõ na *Vida da mesma Santa*, o Doutor Fr. Bernardo de Brito diz, que Lucio Cayo entrara com os Alemaens no tempo da Galieno, no que se equivocou conhecidamente, pois os Alemaens entraraõ na Hespanha no anno de 268., conforme Dextro, e Lucio Catilio, he do tempo do Imperador Adriano, que morreo no anno de 139., ou no de 140.

Vay Lucio Cayo a Tarragona onde estava o Imperador Adriano.

6 Desta Cidade passou Lucio Cayo a visitar o Reyno de Galliza, deixando emcinta a sua mulher a Rainha Calcia. Estando naquelle Reyno tomando as informaçoens, que lhe tinha recõmendado o Imperador, teve noticia de que este chegara a Tarragona, onde foy logo pelo visitar, e por lhe dar conta do estado em que estavaõ as cousas nas Provincias, que deixara recõmendadas á sua intelligencia, e parece que naõ seriaõ de pouca importancia as suas informaçoens, e direcçoens naquella occasiaõ, em que se celebraraõ humas Cortes muito applaudidas dos povos, por nellas se dividir Hespanha em seis Provincias, que foraõ a Betica, que comprehende Andaluzia, Lusitania, Tarragoneza, Carthagineza, Galliza, e a Tingitana, que era aquella parte de Africa, em que está Ceuta, Tangere, e Mazagaõ.

Dá Calcia mulher de Lucio Cayo á luz nove meninas.

7 Vendo-se a Rainha Calcia, nas largas auzencias, que fez Lucio Cayo a Galliza, vizinha ao parto, convidou a huma donzella sua criada, e confidente, para que sómente lhe assistisse, pois correspondia á sua qualidade, e nobreza, o pudor, e o recato, e vendo que da tosca concha do seu gentilico ventre, sahiraõ nove preciosas perolas, em lugar de agradecer a Deos tamanha felicidade, julgou por affronta o ver-se mãy de nove filhas, por ignorar, que ainda que naõ fosse superior a causa, e celestial o destino, naõ era inaudito, nem menos repugnante á natureza, pois se tem visto, outros mais raros, e fecundos partos, dos quaes nomearei alguns, dos que se achaõ escritos nos numeros seguintes.

Dá-se noticia de partos raros.

8 Decenio Frizo refere, que huma Matrona Romana, chamada Escofrea, parira trinta filhos de hum parto. Martim Cromeiro escreve na Historia de Polonia, que parira a 2. de Janeiro do anno de 1279., trinta e sette filhos a Condessa, mulher do Conde Birboslao. Gaufrido, Monge, escreve de huma Condessa de Olanda, chamada Margarida, que dera á luz de hum só parto, no anno de 1276., tantos filhos, quantos dias tem o anno, accrescentando, que todos foraõ baptizados pelo Bispo Guido, e sepultados logo com sua mãy no Mosteiro de Lunduno. Diz mais, que fora castigo, que lhe viera do Ceo, por ella tratar de adultera a huma pobre mulher cazada, que lhe pedira esmóla, com tres filhos no colo, que havia parido de hum ventre. Em Medina do Campo, no Reyno de Castella a Velha, pario huma mulher de hum parto sette filhos, e em Salamanca, a mulher de hum livreiro nove. Na Cidade de Hostia, na Fóz do Rio Tibre, pario huma mulher dous filhos, e duas filhas de huma vez, e alguns dizem, que foraõ quatro filhos, e quatro filhas.

9 Na Morea de Grecia, pario huma mulher quatro vezes, e de cada vez cinco creaturas. Trogo Pompeyo diz, que as mulheres do Egypto saõ taõ fecundas, que parem muitas vezes sette creaturas de huma vez. Avicena no livro 9. de *Animalibus*, escreve, que huma mulher parira de hum parto settenta filhos figurados. Refere Alberto Magno, que no seu tempo curara hum Medico a huma Senhora de Alemanha, que parira de hum parto cento e cincoenta filhos, todos envoltos em huma rede, do tamanho de hum dedo pequeno, e todos bem figurados. O Illustrissimo Arcebispo de Braga D. Rodrigo

drigo da Cunha eſcreve, que no ſeu tempo vivia em Italia huma Alemaã, que parira duas vezes, e de cada huma dellas onze filhos. Diz mais, que huma mulher, chamada Branca da Rocha, moradora na Quinta de Villar Mayor, da honra da Teixeira, deſta Provincia do Minho, parira quatorze crianças de hum parto todas vivas, e que todas receberaõ o ſagrado baptiſmo. Finalmente, diz mais o meſmo Illuſtriſſimo Prelado, que huma mulher de Chaves (Villa deſte Arcebiſpado) parira de hum parto ſette meninos, os quaes entregara a huma eſcrava para que os mataſſe, o que naõ tivera effeito pela tal eſcrava os dar a criar occultamente, cujos meninos vieraõ a ſer taõ grandes, e devotos homens, que edificaraõ ſette Igrejas, quaes foraõ Santa Maria de Moreiras, Santa Locaya, Santa Maria Demeres, Santa Maria de Galvaõ, Villar de Perdizes, o Moſteiro Dozo, e a metade da Igreja da Villa de Chaves, na qual tiveraõ Capella particular da invocaçaõ de S. Domingos, e nella ſepultura, em que ſe enterraraõ mãy, e filhos, com o Epitafio ſeguinte:

Aqui jaz Maria Mantéla
Com ſeus filhos arredor della.

10 E tornando ao retrete em que deixamos a Calcia, na afflicçaõ de ſe ver com nove filhas, a qual lhe naſcia, de lhe parecer perdia o nome de honeſta, e de fiel a ſeu marido, na opiniaõ delle, e do vulgo, que entenderiaõ teria violada a fé do matrimonio, dizemos, que mandou á ſua confidente Sila, ou Sita, duas couſas. A primeira, que perſuadiſſe, e capacitaſſe a toda a ſua familia de que tivera infeliz ſucceſſo no ſeu parto. A ſegunda, que ſahindo do Palacio, ſem ſer ſentida, levaſſe ao Rio vizinho (que he o Deſte, que paſſa pelos ſuburbios deſta Cidade) aquelle tenro rebanho das nove innocentes cordeirinhas, e que as deixaſſe ſubmergidas nas agoas deſorte, que naõ pudeſſem ſahir ao regiſto dos olhos.

Manda Calcia affogar as nove meninas no Rio Deſte.

11 Era Sila, ou Sita, que he o mais certo, como diremos, Chriſtaã encoberta, motivo porque deſprezando a ira de Calcia, e cerrando a porta á obediencia a natural compaixaõ, ſe reſolveo a repartir as nove Infantazinhas por amas Catholicas, que viviaõ occultas nos arrabaldes deſta Cidade, para que as criaſſem, e educaſſem na Fé de Jeſus Chriſto. E como naquella primitiva Igreja ſe conſervava eſta pura, e ſem eſcoria, e o fervor, e fogo da caridade entre os Chriſtaõs, com facilidade achou Sita amas de leyte, que ſe encarregaraõ de criar as meninas, adoptando-ſe em piedoſas mãys. E pois a caridade Chriſtaã foy a que deo taes mãys ás noſſas Infantinhas, cada huma dellas, poſto todo o cuidado, e eſtudo para o parto mais feliz, em que renaſcem as almas, reengendradas no ſer eſpiritual, quando a razaõ hia diſputando as ſuas luzes, as hiaõ induſtriando na doutrina Chriſtaã, e em o conhecimento, e amor das celeſtiaes verdades.

Naõ executa a parteiraSita taõ tyranna ſentença,mas antes deo as meninas a quem as criaſſe.

12 Bem capacitadas, e informadas deſtas, receberaõ o ſagrado baptiſmo, (e ſegundo affirma o Illuſtriſſimo Cunha na *Hiſtoria de Braga*) das maõs do Santo Ovidio, que naquelle tempo era Arcebiſpo deſta Metropoli Bracharenſe, ainda que vivia occulto, como de ordinario viviaõ os mais Biſpos da primitiva, e vivem hoje os Biſpos pelas Indias, pelos Japoens, e por outras terras, em que he perſeguido o nome de Chriſto. O meſmo Santo Arcebiſpo, tomou ao ſeu cuidado a ſua educaçaõ, e o pagar ás amas, que as criavaõ, depois que ſe lhe revelou o ſegredo pelas amas, ou pela ditoſa Sita. Os nomes que lhes pôs o Santo Arcebiſpo no ſanto baptiſmo, ou antes a eſtas nove eſtrellas com que o Ceo quiz ornar-ſe a ſi, e ennobrecer a eſta Cidade foraõ: Quiteria, Genebra, Victoria, Euſemia, Marinha, Marciana, Germana, Bazilia, Liberata, ou Uvilgeforte, como lhe chamaõ muitos Authores. O Illuſtriſſimo Sandoval, Biſpo de Tuy, traz no livro que eſcreveo das antiguidades daquelle Biſpado, varios Hymnos, que compôs em louvor deſtas Santas

Cuida na ſua educaçaõ Santo Ovidio Arcebiſpo de Braga.

Santas o Padre Jeronymo Romaõ da Companhia de Jesus, entre os quaes diz hum:

Gaude Sacerdos Ovidi
Tu Bracharensis Pontifex,
Qui meruisti filias
Tot ad polos transmittere.

13 Assim que as nossas donzellinhas chegaraõ ao uso da razaõ, e tiveraõ noticia de quem eraõ seus pays, do seu admiravel nascimento, e de que a sua impia mãy determinara tirar-lhes a vida do corpo, e da alma, naõ cessavaõ de dar a Deos infinitas graças, pelos grandes beneficios que lhes havia feito, estando taõ longe de fazerem vaidade da sua illustre linhagem, que em nenhuma cousa mais cuidavaõ, que em viverem muito obedientes, e sujeitas ás pobres mulheres, que lhes deraõ o leyte, e a Sita sua principal bemfeitora, que mereceo a palma de Martyr, como diremos, quando della tratarmos como de tal.

Os primitivos Christaõs eraõ summamente zelosos da Fè &c.

14 Todos os Gentios tinhaõ por opprobrio o nome de nosso Redemptor, porque como só dominava a idolatria em todo o mundo, se tinha pela mayor deshonra, e vileza o ser Christaõ, e assim o amor, com que se abraçava a Fé, o conhecimento de Deos, e o agradecimento a nosso Redemptor Soberano, que com a sua Paixaõ, e Morte nos livrou do peccado, e do inferno, desde logo, naõ só renunciava no baptismo todas as pompas da temporal vaidade, senaõ que se offerecia a padecer, e morrer pelo nome de Jesus Christo. Entaõ a esperança da Gloria, o temor da condenaçaõ eterna, o apreço, que he devido a huma alma immortal, eraõ agudas esporas, que incitavaõ, e provocavaõ aos Fieis para correrem, e naõ fugirem das sanguinolentas batalhas, por amor dos bens Celestiaes, de que todos se tinhaõ por nobres mantenedores. Naõ se affectava, nem se fazia jactancia de ser Christaõ, Catholico, nem de ser Christaõ velho, como fazem agora muitos, que estaõ envelhecidos, nos vicios que prohibe a Ley de Christo; pois só cuidavaõ em guardar á risca a mesma Ley, e em dar a vida pelas verdades della.

Com esta criaçaõ educaraõ as amas as Santas meninas.

15 Estas eraõ certamente as maximas com que singéla, e fielmente criaraõ ás nossas Infantinhas as suas espirituaes mãys, abrindo assim a porta para a sua eterna dita ás que a sua propria mãy, barbaramente cruel, destinava com horror á perdiçaõ eterna. Com os exemplos, e conselhos daquellas primitivas Christaãs, e com a authoridade, e prudente, e discreta direcçaõ de Santo Ovidio, faziaõ as Santas meninas (ja unidas em huma casa dos arrabaldes desta Cidade) humas vidas taõ penitentes, taõ mortificadas, e taõ exercitadas em todas as virtudes, que, entre os horrores do immundo, e obscuro Paganismo, luziaõ como tochas em o mundo, ou como estrellas no Ceo. Claro está, que o seu principal Mestre, e Director, era o seu Divino Esposo, a quem todas sacrificaraõ a virgindade, o qual se deleita, e gosta de que se lhe formem grinaldas de similhantes rosas, e açucenas; e assim naõ era muito, que com as luzes, e rocios da sua graça crescessem, e se exercitassem nas virtudes mais heroicas, que eraõ assombro, e confuzaõ ainda aos mais finos, e exactos na Ley de Christo, que ponderavaõ em humas taõ tenras donzellinhas, que apenas dez primaveras contavaõ, virtudes, que só se podiaõ esperar em idades provectas. Porèm todas eraõ preciosas, para se fazerem dignas de merecer as palmas, e os lauros, que alcançaraõ, como diremos.

Exercitaõ-se em virtudes heroicas.

16 A instancias de S. Quadrato, Bispo de Athenas, mandou o Imperador Adriano por publicos Edictos suspender a perseguiçaõ, que Trajano tinha movido contra os Christaõs. Isto fez no anno de 126., sette, ou oito do seu Imperio, porèm naõ perzistio nesta piedade em todo o tempo do seu governo, pois no anno de 137. renovou a perseguiçaõ em todo o Imperio, no qual padeceraõ

deceraõ innumeraveis Chriſtaõs, por ſer innumeravel o numero dos que dentro dos doze annos, que tiveraõ de quietaçaõ, viviaõ com menos cautéla entre os Gentios, pois ainda dentro naquelles annos naõ faltaraõ victimas, nem coroas, porque nos Sacerdotes, e Miniſtros idolatras, naõ faltava hum falſo zelo, nem a ambiçaõ da conveniencia, que ſe lhes ſeguia da confiſcaçaõ dos bens dos Chriſtaõs, a quem levantavaõ crimes falſiſſimos, viſto naõ baſtar o ſerem Chriſtaõs, para lhes tirarem as vidas, conforme o ſobredito Decreto do anno de 126., que ſe revogou no de 137, e publicou na noſſa Heſpanha no de 138.

Publica Adriano perſeguiçaõ contra os Chriſtaõs.

17 No meſmo tempo mandou publicar o iniquo Decreto Lucio Cayo, pelas muitas terras da Luſitania, que pertenciaõ ao ſeu dominio, por Galliza, pelas Aſturias, e Aſtorga, pois de todas eſtas terras era Braga a Capital Cidade, onde elle tinha o ſeu Palacio. A eſta Cidade pois, como Auguſta, e cabeça das ſobreditas Provincias, eraõ chamados aquelles, a quem a barbara cegueira dava o nome de culpados, e nella teve por iſſo meſmo principio a execuçaõ taõ ſanguinolenta, e tyranna, qual a de ſe tirarem as vidas a todas as peſſoas, que naõ adoravaõ aos infernaes idolos. Como as noſſas Santas meninas eraõ humas das principaes, que os abominavaõ, e que adoravaõ, e ſerviaõ publicamente a Jeſus Chriſto neſta Cidade, foraõ prezas, e levadas a preſença de Cayo Atilio, em companhia de Sita, por cuja induſtria tinhaõ recebido as vidas dos corpos, e das almas. Apenas elle vio as ſuas ignoradas filhas, iguaes na idade, na belleza, na modeſtia, e na compoſtura, quando ſe lhe commoveraõ as entranhas, obrando, ſem ſaber como, effeitos, ou affectos, ternamente ſenſiveis, aquella ſympathia, ou qualidade occulta, que faz ferver ſem fogo o ſangue. Perguntou-lhes com roſto ſevero, e coraçaõ compaſſivo, quem eraõ, e que Religiaõ profeſſavaõ? Ao que Genebra reſpondeo, como principal, a quem todas tributavaõ obediencia: *Se perguntas pela noſſa linhagem, filhas tuas ſomos. Se pela Religiaõ, todas ſomos Servas, e eſcravas de noſſo Jeſus Chriſto*; e dito iſto ficou ella, e todas as irmaãs com huma aprazivel e modeſta inteireza, acompanhada de huma celeſtial ſerenidade.

PublicaCayoAtilio as ordens de Adriano, em Braga, Galliza &c.

Vaõ as nove meninas á preſença do pay, onde ſe lhe declaraõ por filhas, e por Chriſtaãs.

18 Naõ podem haver palavras com que cabalmente ſe expliquem os vehementes, e contrarios affectos, que, como ondas do mar bravo, chocavaõ huns com outros, rompendo-ſe o peito, e o coraçaõ de Cayo Atilio. A paternal ternura hia a arrebentar pelos olhos em avenidas de lagrimas; reprimiaõ-ſe eſtas com o furioſo volcaõ do fervente zelo idolatra, que accendia as lagrimas da ſua ira; e começando mais a gritar, que a fallar, ſem que a razaõ formaſſe, ou reformaſſe as ſuas vozes, creſceo a admiraçaõ, e o rumor, dos Miniſtros, e do mais povo, que alli ſe ajuntou, movido de taõ eſtranha novidade. A ella ſahio tambem a Princeza Calcia, cheya de medo, e de aſſombro, e ainda mais aſſombrada, e confuza ficou, quando ouvio da boca de Sita a inobediencia com que ſe houvera aos ſeus impios mandatos, e o como cuidara em dar as vidas das almas, e dos corpos áquellas innocentes meninas, movida da piedade Chriſtaã. Com eſte teſtimunho, que Calcia naõ ſe atreveo a deſmentir, mas antes confirmou com demonſtraçoens de alguns ternos, e maternos affectos, ficou Cayo Atilio perſuadido de que aquellas nove meninas eraõ filhas ſuas, e ao meſmo tempo, que alegre pelas ver a todas belliſſimas, triſtiſſimo por ver ſeguiaõ huma Ley taõ abominada dos Imperadores, e delle.

Vè ſe Cayo Atilio perplexo com taõ rara novidade.

19 Mandaraõ Cayo Atilio, e Calcia deſpejar logo do quarto, e do Palacio todas as peſſoas, que nelle eſtavaõ á mira da novidade, e ſoltando as redeas ambos aos naturaes affectos, empregaraõ a ſua authoridade, diſcriçaõ, e arte, para as perſuadir a que negaſſem a Chriſto, e confeſſaſſem aos deoſes, que elles adoravaõ. Começaraõ pelas mais doces caricias, abraçando-as, e beijando-as com a mais exceſſiva ternura. Ponderaraõ-lhes a alta qualidade da ſua linhagem, e a abundancia das ſuas riquezas; o amor, e cuidado, com que dariaõ a todas dignos eſpoſos, com quem pudeſſem gozar contentes das proſperidades,

Intenta reſolver as meninas á adoraçaõ dos idolos.

des , e dos bens do mundo , concluindo , que quando naõ quizessem adorar aos deoses do Imperio , a quem todos deviaõ o ser , e elles as Dignidades que possuhiaõ , que lhes dariaõ a morte , como a viz aggressoras , e padroens infames da sua linhagem.

Por se resistirem as Santas ás persuasoens, e ameaças dos pays, foraõ encerradas em hum quarto, dõde sahiraõ por ordem de hum Anjo.

20 A todas estas , e outras muitas caricias , e ameaças , revestidas de huma fortaleza invencivel , resistiraõ , dizendo que eraõ Esposas de Jesus Christo verdadeiro Deos , e verdadeiro Homem , e que em testimunho da Fé , que elle trouxera ao mundo , haviaõ de dar as vidas. A' vista desta resoluçaõ , assentaraõ os pays , em que era acertado o encerrá-las em hum quarto , com a esperança de que ponderando ellas entre si o que haviaõ ouvido , tomassem novo acordo , ou incitadas das promessas , ou movidas dos ameaços. Encerradas pois todo o tempo , que restou daquelle dia , e parte da noite , perseveraraõ juntas em humilde , e fervorosa oraçaõ , pedindo a seu doce Esposo lhes cõmunicasse luz , para obrarem em tudo , conforme ao seu agrado , e vontade. No mayor silencio da noite , em que estavaõ lamentando , naõ a morte , que dezejavaõ por Jesus Christo , sim o verem com ella manchadas as maõs de seu pay , e augmentadas com isso as suas culpas , lhes appareceo hum Anjo do Ceo , que lhes annunciou era do Divino agrado , que fugissem de casa de seus pays , e que divididas depois por soledades , e montes , tomasse cada huma o diverso rumo , que o Senhor lhes havia de inspirar : e como quem lhes deo o conselho lhes facilitou a sahida , sem serem sentidas sahiraõ do Palacio.

Dividem-se as Sãtas para nunca mais se verem &c.

21 Como manifestou sua vontade o Senhor a taõ bõas , e taõ amantes irmaãs , de que se dividissem , e apartassem por differentes rumos cada huma ; apenas começou o dia a despontar as luzes , quando outras pontas , ou rayos começaraõ a ferir , e a abrazar seus coraçoens. Estavaõ muito unidas pelo sangue , e pela Fé : e se o vinculo do sangue liga muito com o amor natural, o da Fé , mais nobre , mais fino , e forte , redobra , aperta , e realça os laços do santo amor ; cuja uniaõ , como obra da Incarnaçaõ Divina , com mais difficuldade consente quebras , e que se rompaõ , quando se dividem , os singélos coraçoens , que por Deos , e em Deos se amaõ ; porèm como a Christaã Filozofia tem por fundamental elemento a negaçaõ de si , e de toda a vontade propria , com mais devotas , que mulheriz lagrimas , se despediraõ , se abraçaraõ , e dividiraõ as Santas irmaãs , para se naõ verem mais nesta vida. Cada huma tomou diverso rumo , posto o coraçaõ no Ceo , donde lhe vinha taõ rara , e estupenda resoluçaõ , e deixando-se levar do impeto do espirito , e guiar dos seus Anjos Custodios. Nesta conducta naõ pode deixar de mostrar-se milagrosa a Providencia Divina , cujas maravilhas em nenhum tempo se esgottaõ , por mais que ladre a impiedade blasfema , e heretica ; porèm nos principios da Christandade , e da Igreja , foraõ com mayor abundancia. Pedia o assim o arduo de hum negocio , tal , qual era dezatar das prizoens do demonio , e do mundo , e levantar ao Ceo os coraçoens dos homens carnaes , e mais pezados que o chumbo , fazendo-os abraçar a Fé , a Cruz , a Religiaõ, e a Doutrina de Christo.

Naõ se alcança a Gloria sem trabalhos &c.

22 Dezenganemo-nos pois os mortaes nescios , que julgamos que os Santos foraõ Santos , sem grandes angustias , tribulaçoens , e trabalhos , ou sem muitas pelejas , e victorias , que alcançaraõ de si mesmo , pois de nenhum modo foy assim. Todos levaraõ huma muito pezada Cruz , valendo-se da graça , com o seu proprio alento , e fervor. Todos , especialmente os Martyres, se exercitaraõ , e padeceraõ muito , para alcançar as suas palmas , e lauros. Pois se , como disse Christo , convinha que elle mesmo tolerasse tantas penas para entrar na Gloria , que era sua ; pela mesma , ou por outra mayor razaõ , convem que os Justos , e verdadeiros Christaõs , padeçaõ , e passem por muitas , e grandes tribulaçoens , para entrarem no Reyno dos Ceos , que naõ he seu , ainda que lhes está promettido.

23 Para

23 Para estas ditosissimas irmãs o alcançarem, sahiraõ decorrendo por varias Provincias, como diremos, á imitaçaõ dos Sagrados Apostolos, naõ receando os trabalhos, a que se expunhaõ, nem o darem as vidas estas candidas açucenas, por conservarem a incomparavel margarita da virginal pureza, que a Deos tinhaõ consagrado, pois com fortaleza, e constancia admiravel, entre os varios, e atrozes tormentos, que diremos nas vidas particulares, esmaltaraõ com os rutilantes rubins do seu proprio sangue as laureolas, e palmas de seus gloriosos triunfos. Glorie-se mais o Solio Bracharense, de naõ só dar o primeiro Bispo, os primeiros Martyres, e o primeiro Eremita de Hespanha, como mostramos nas vidas de S. Pedro de Rates, e de S. Felix Eremita, senaõ tambem as primeiras habitadoras dos dezertos, e amadoras da vida solitaria, e contemplativa, e as primeiras Martyres, que com o seu exemplo, e incomparavel constancia, foraõ guia de copiosos esquadroens de Martyres, que as seguiraõ.

24 Assim que Lucio Cayo teve noticia da fugida das Santas, mandou muitos homens por diversos caminhos no seu alcançe, os quaes por acharem sómente á nossa Quiteria, a trouxeraõ preza á presença de seu pay. Este a tentou com rigores, e com branduras, e vendo que nada bastava para a mudar do animo com que estava, de persistir constante na confissaõ da Fé de Jesus Christo, se resolveo a dissimular, por naõ perder esta filha, assim como tinha perdido as oito, e dando lhe tempo para resolver-se, a deixou no Paço na sua liberdade. Desta se aproveitou sómente para se entregar toda, e de todo á oraçaõ, e contemplaçaõ, em cujos exercicios foy cheya de muitas, e grandes consolaçoens espirituaes. O seu Anjo da Guarda a visitou, e saudou repetidas vezes da parte de Jesus Christo seu Esposo, ensinuando-lhe, que para viver mais socegada, e dezimpidida para a oraçaõ, subisse cada dia, com o pretexto de fazer exercicio, para o monte, que estava contiguo á cerca do Paço do pay, o que fazia a Santa, experimentando alli especiaes favores do Ceo.

Manda Cayo Atilio procurar as Santas meninas, e sómente lhe trouxeraõ a Quiteria, a quem deixou com alguma liberdade.

Uzou della para subir a hum monte a orar por ordem do seu Anjo.

25 Deos Senhor nosso se quiz chamar flor do campo, por serem as flores do campo, flores sem artificio, e por consequencia agradaveis a Deos. O traje, que vestio Sua Divina Mageslade, quando peregrinou neste mundo, foy de Hortelaõ, e de Pastor. Assegura a experiencia, e acredita a Fé, que a soledade he povoada de inspiraçoens Divinas, e cada ermo fralda amena do Divino Sion, e estrada para o Soberano Olympo. Bem alcançou esta verdade o penitente S. Jeronymo, pois dizia que era infinitamente dilatada a soledade, e que della com a contemplaçaõ podemos passear em o Paraizo. Aquella Celestial tocha do Jordaõ, espelho de penitentes, Sabio, Santo, e Profeta, na sua puericia sahio ao campo a buscar a Deos, porque os que saõ verdadeiramente Santos, e querem viver com Deos, deixando a communicaçaõ das gentes, se retiraõ dellas, e vaõ para a soledade; porque supposto nella faltem as creaturas, naõ falta Deos. Estes maravilhosos affectos, juntos com as ensinuaçoens do Anjo, tiraraõ a nossa Quiteria dos Palacios de seu pay, para a soledade do monte, que estava coberto de arvores na cerca dos Palacios de seu pay.

Falla-se da soledade.

26 Todos os Authores dizem, que a nossa Santa sahia a orar por mandado de hum Anjo, para hum monte, que ficava na cerca, ou junto ao Palacio de seus pays, a que chamavaõ Oria, ou Orial, e naõ acho que algum assignalasse o sitio delle, estando nos taõ patente á vista dos olhos. He este o monte, a que chamaõ agora, com bem pouca corrupçaõ do vocabulo, monte Oriol, ou Orial, que está nos suburbios desta Cidade, nos limites da Freguesia de S. Victor, que comprehende muita parte della, no qual tinhaõ huma quinta de recreaçaõ os Padres da Companhia. Ao pé do mesmo monte está hum lugar chamado Areal, onde tenho por sem duvida estava o Palacio de Cayo Atilio, e que delle subia para o sobredito monte a nossa Santa,

Monarch. Lusit. p. 11. pag. 125.

a comerciar com Deos, fobre o importantiffimo negocio da fua falvaçaõ.

27 Nem faltou quem reparaffe nas retiradas, e nos paffos, que a Santa dava para o tal monte, julgando-os por pouco decentes, e naõ obftante participarem ao pay das taes fanidas, alguns daquelles, que fe appropiaõ a fi zelofos das honras alheyas, fendo talvez por eftes meyos os mayores deftruidores dellas, elle dando mais credito ás razoens com que a Santa menina fe juftificou, a deixou na fua liberdade, talvez, que para por efte meyo mais a obrigar a affentir em hum cazamento, que lhe offereceo de hum Principe, a quem chamavaõ Germano, ou Dumano, a cuja propofta refpondeo com hum profundo filencio, dando com elle de alguma forte alguma efperança ao pay, com tençaõ de pedir a Deos, como fez, por meyo do feu Santo Anjo, lhe enfinuaffe o modo, com que fe havia de livrar do efpofo terreno, quem tinha votado a fua virgindade a immortal Efpofo.

Offerece lhe o pay o cazamento de hum Principe, o qual rejeita.

28 Menos, fe naõ podia efperar de huma alma, que tinha goftado de quam fuave he o Senhor, e de que os deleites de efpirito faõ puros, e incomparaveis com os da carne: e para que affim o entendaõ os mortaes, e aquellas donzellas, que antes de bem abrirem os olhos eftaõ fufpirando por cazar, fem attenderem para o que fazem, nem ao que fe obrigaõ, e fujeitaõ, attendaõ para eftas digreffoens. Noffo Senhor he fummamente deleitavel, e fe o demonio, mundo, e carne, provê de tantos generos de goftos, ainda que apparentes, aos que militaõ debaixo da fua bandeira, quaes feraõ os que terá Deos para os que bem o fervirem! Experiencia grande tinha David das confolaçoens, que Deos envia aos feus Servos, quando exclamava: *Quaõ grande he Senhor a multidaõ da voffa doçura, a qual tendes efcondida para os que vos temem!*

Notem a differença que ha nos deleites da carne, e do efpirito.

Pfalm. 30.

29 Para que fe conheça com evidencia efta verdade, fe faz precizo faber-fe, que o deleite procede de quatro coufas. A primeira, de conhecimento, ou fentido do bem que fe poffue, porque quem naõ conhece o bem que tem, nem o fente, nem lhe póde fer o bem deleitofo, nem aprazivel. A fegunda, he a obra, por meyo da qual fe alcança o bem dezejado. A terceira, he o mefmo bem. A quarta, he a prezença, e uniaõ do bem com a alma. Todas eftas caufas em o deleite efpiritual excedem incomparavelmente ás do deleite carnal; porque na primeira, que he o fentido, o deleite carnal fe conhece com fentido de carne ruftico, e groffeiro, e o efpiritual com o entendimento perfpicaz, e agudo, e quanto o conhecimento for mais vivo, tanto ferá caufa de mais vivo, e efficaz o deleite. Tambem excedem os deleites efpirituaes em a fegunda caufa; porque as obras, por cuja maõ mettemos a Deos em noffa cafa, para que a encha de gozo, faõ o contemplá-lo e amá-lo, e outras fimilhantes, e taõ proprias das creaturas, e taõ nobres, que ellas em fi mefmo deleitaõ a alma, e com a fua poffe fe a perfeiçoa, e fe goza; e ao contrario as obras, que o corpo faz para confeguir o deleite do fentido, faõ obras tofcas, viz, e que nenhuma peffoa as eftimaria por fi fó, fe a neceffidade, ou o damnado coftume naõ obrigaffe: e quando neftas duas coufas naõ fe excedeffem os deleites do efpirito aos demais, que faõ cebo dos fentidos, baftava para provar a fua excellencia ver o exceffo incomparavel, que fazem em o bem donde nafcem, que he Deos. Se a bôa pintura, ou a formofa flor deleita a vifta; fe a bôa mufica ao ouvido; fe o fuave manjar ao gofto; fe ao tacto a fuavidade, e brandura; e finalmente fe outras coufas indignas de nome deleitaõ os fentidos, graviffima offenfa faria a Deos, quem puzeffe em queftaõ fe elle deleita aquellas almas, que fe unem com elle mediante o mais fino, e dezintereffado amor.

Continua.

30 Bem o entendia, e publicou o Rey Profeta, quando diffe: *Que ha para mim no Ceo, e na terra, que poffa dezejar fóra de vós Senhor!* Caufa pois Deos nas almas Juftas, em que fe hofpeda, hum deleite, que excede incomparavelmente aos demais; pois os que o mundo, e a carne offerecem, faõ diminutos,

Continua.

minutos, breves, e viz, fundados sempre em falta, e em necessidade. Para melhor me explicar ponho por exemplo. Se naõ houvera fome, naõ deleitara a comida: logo se funda este deleite em necessidade, e em falta, e se naõ pódem comparar estes deleites carnaes com os espirituaes. Que comparaçaõ póde haver entre a luz, e as trevas! Entre Christo, e Beleal! Entre deleites do Ceo, e deleites da terra, deleites da carne, e deleites do espirito, deleites da creatura, e deleites do Creador! Reconhecendo a nossa Quiteria, como taõ illuminada por Deos, a differença que havia entre huns, e outros deleites, naõ quiz fazer taõ máo cambio, deixando o mais pelo menos, fazendo finalmente eleyçaõ do thalamo mais feliz, mais nobre, mais permanente, cifra de todos os bens, e congresso das eternas preciosidades, naõ cessava de pedir ao Senhor, e Esposo seu, que a livrasse daquelle perigo, foy taõ bem despachada a sua justissima, e piedosissima petiçaõ, que apparecendo-lhe o seu Anjo vizivelmente lhe disse: *Naõ temas Gloriosa Virgem, mas deixada a terra de teu nascimento, passa ao Valle de Aufragia, onde o Senhor te tem determinado a Coroa de martyrio, e no Monte de Pombeiro sepultura a teus ossos, na Igreja do Apostolo S. Pedro.*

Manda-a hum Anjo sahir da casa do pay.

31 Celebrou Quiteria esta noticia com singular alegria, como quem havia vivido na terra, como forasteira, e peregrina, e dezejava chegar á dezejada posse da sua patria, por meyo taõ meritorio, como o do martyrio, que se lhe annunciava: e como as impaciencias de hum ardente dezejo, nem permittem dilaçaõ, nem sabem conter suas ancias, escolheo logo para a acompanharem trinta donzellas Christaãs, que talvez seriaõ da sua criaçaõ, e das que a serviaõ, e oito Varoens; e toda esta comitiva de vidas taõ santas, que voluntariamente as hiaõ a dar por Christo, em companhia da sua Bendita Capitania, pois ainda que ella naõ revelasse a todas o segredo, bem sabiaõ que incorriaõ na indignaçaõ do pay, e que naõ era facil occultar-se á sua noticia taõ numerosa comitiva.

Sahe della acõpanhada &c.

32 Sahio esta occulta da Cidade, e dirigindo os passos para onde tinha determinado o Anjo do Senhor, chegaraõ ao Valle de Aufragia, de que era Regulo Lenciano, o qual tinha a sua principal Cidade onde agora está a Freguezia de Sandim, como affirma o Author da *Corofrafia Portugueza*, escrevendo da tal Freguezia, e do Valle de Aufragia, sem que lhe viesse ao pensamento de que nelle estivera Santa Quiteria. Deste Valle subio a Santa para o Monte de Pombeiro, que lhe ficava em pouca distancia, onde estava a Igreja, ou Capella de S. Pedro, que o Anjo lhe disse, a qual he certo se conservou com muita veneraçaõ até o anno de 1719., em que foy demolida, para das suas ruinas se fazer, como fez, outra com grandeza, a expensas dos innumeraveis devotos, que concorreraõ com esmólas em agradecimento das muitas mercês, que alcançaraõ de Deos pelos merecimentos desta sua grande Serva.

Chega ao Monte de Pombeiro.

Ant. Carv. da Costa tom 1. Cap. 23. pag. 121.

33 O Padre Pedro Henriquez, na vida que escreveo desta Santa, com apparentes razoens, e estiradas conjecturas, pertendia mostrar que se retirara para o Monte de Pombeiro do Bispado de Coimbra, com a authoridade de Manoel de Faria e Sousa, que assim o diz no *Epitome das Historias Portuguezas*, mas devia saber, que o mesmo Faria na *Europa Portugueza* diz, mais bem instruido, e informado, que se retirara a Santa com a sua comitiva para o monte de Pombeiro, de Entre Douro, e Minho, o qual fica em distancia desta Cidade de Braga cinco legoas, motivo porque ficava mais natural o ir para este, do que para o de Coimbra; e ainda mais opposto á razaõ está o dizer Juliano fugira para Toledo, pois sendo cousa crivel o ir para aquella Cidade, encaminhada pelo seu Anjo, naõ o era que Germano a fosse procurar acompanhado de soldados, (como dirá a historia adiante) a huma terra taõ distante, passando por tantos Reynos alheyos, só por vingar com a morte da Santa o desprezo que entendia lhe fizera em o naõ aceitar

Europa Portug. Cap. 7. fol. 287.

ceitar por espoſo. Diz mais Juliano, que a ſepultaraõ em Margaliza, e niſto acertou, pois todos ſabemos, que contiguo ao Monte de Pombeiro ſe conſerva ainda huma Freguezia com o nome de Margaride. No ſobredito Monte pois ſe achaõ com tanta propriedade as circunſtancias, que eſcrevem os Authores. Veſtem, e ornaõ o Monte, para onde ſahio a noſſa Glorioſa Bracharenſe, que vem a frizar com tudo o que elles dizem, e nenhum eſcrupulo lhes ficára de que fora o Pombeiro deſta Provincia o lugar para onde ſe retirara a Santa, ſe ponderaraõ, e foraõ ſcientes de tudo o que temos dito, e tiveraõ alcançado o acharem-ſe naquelle Monte os corpos, que diſſemos ſe acharaõ, na vida de S. Lenciano a pag. 89. deſte Volume, pois ſe devem ter pelos dos ſeus Santos companheiros, viſto todos os Authores dizerem, ſe ſepultaraõ no meſmo Monte. Em concluzaõ, os milagres, que a Santa nelle fez, e faz, dos quaes fallaremos adiante, ſaõ as mais efficazes razoens, com que ſe podem convencer, e confundir os eſcrupuloſos, e incredulos.

Eſtando no Mõte de Pombeiro a manda hum Anjo prègar a hum Rey, e a dous BiſposApoſtatas.

34 No ſobredito Monte de Pombeiro eſtava a noſſa Santa com a ſua companhia, preparando-ſe com jejuns, e outras mortificaçoens para o martyrio, quando o Anjo do Senhor lhe diſſe: *Virgem Santa, ſabei, que por meyo da voſſa doutrina, e exemplo, ſe haõ de encaminhar, e reduzir ao gremio da Igreja de voſſo Divino Eſpoſo Jeſus Chriſto tres almas, que apreſſadamente ſe eſtaõ precipitando no inferno, ſaõ eſtas a de Lenciano, Senhor deſta terra em que eſtais, o qual, deixando a Fè de Chriſto, deſpojou todos os ſeus ſagrados Templos dos paramentos, de prata, e ouro que tinhaõ, inſiſtindo em vexar com tributos aos Chriſtaõs, e as dos dois miſeraveis Biſpos, Marcial, e Valentiniano, que favorecendo as maldades deſte homem, o acompanhaõ na ſua miſeravel apoſtazia. A eſtes pois, que dezemparando a Fè, por fraqueza de animo, ordena a miſericordia de Deos vades reduzir á ſua Igreja, ſendo huma tenra donzella, para mayor confuzaõ da ſoberba humana, e mayor gloria da força Divina.*

35 Naõ indignada, como outro Jonas, com a perda do ſeu repouſo, mas obediente, e ligeira, alimentada, e esforçada com o Celeſtial paſto da Graça, e obediencia, [como outro Elias] baixou a Santa naõ da prezença do ſeu Divino amado, [na qual ſempre ſe achava] mas do alto do Monte de Pombeiro, á Cidade de Aufragia, onde vivia para o mundo, e eſtava morto para Deos o Regulo Lenciano, levando comſigo a ſua ſanta comitiva, á qual cõmunicou a revelaçaõ, e o intento com que hia, para que tomaſſem animo, e ſoffreſſem tudo o que foſſe penalidade.

Falla ao Rey, e aos Biſpos com eſpirito, e reſoluçaõ Apoſtolica.

36 Aſſim como Lenciano, e os dous Biſpos, que eſtavaõ juntos, viraõ a grande comitiva de donzellas que os procurava, ficaraõ perturbados, e confuzos, pois ninguem ſe póde eximir dos aſſaltos da perturbaçaõ, á viſta de huma novidade naõ eſperada. Sendo a Santa perguntada pelo motivo que tivera, para fazer o exceſſo que obſervavaõ, reſpondeo: *Que ſó o levar lhe hum alvitre, com que ſe fizeſſe o mais ſoberano Principe do mundo, a movera a deixar a quietaçaõ em que eſtava, indo-o procurar aos ſeus Paços.* A iſto reſpondeo Lenciano: *Que ſe para elle alcançar os bens, que lhe offerecia, ſe neceſſitava de alguma diligencia da ſua parte, que lhe naõ dilataſſe em dizer o em que conſiſtia. A primeira de todas,* [diſſe a Santa] *e ſem a qual ſe naõ póde fazer couſa alguma, he reſtituires os theſouros de Jeſus Chriſto, que tens roubado á ſua Igreja; e alleviar os tributos com que tens opprimido os Servos do meſmo Senhor, que como tem tanto a ſeu cargo a ſalvaçaõ de cada qual, por te dar lugar a ti, e a eſſes Veneraveis Biſpos, de procurardes as voſſas, me mandou que da ſua parte vos vieſſe notificar, para que tratando da emenda dos voſſos erros, procuraſſeis de alcançar a ſua amizade, e graça, que pela voſſa miſeria, e fraqueza tendes perdido, dando-vos a entender, em vos avizar por huma fraca donzella, quaõ brandas tinha para voſſa dureza ſuas entranhas de miſericordia.*

37 Indig-

37 Indignado Lenciano da liberdade, e clareza, com que a Santa o arguio dos males que tinha feito, lhe respondeo: *Por certo, atrevida menina, que quando ao primeiro encontro se empregaraõ em ti meus olhos, julgei bem differentemente dos teus intentos; porèm agora que vejo serem taõ dezairados, como atrevidos, he o meu que pagues tu, e todas as pessoas que te acompanhaõ, as penas que mereceis, tu pelo teu louco atrevimento, e as mais, por te seguirem, e naõ te encontrarem o desvario de me vires reprehender a minha casa.* No mesmo ponto mandou metter a toda aquella santa comitiva em hum escuro carcere, no qual estiveraõ tres dias sem se lhe dar algum soccorro, ou allivio corporal, pois em lugar do tyranno se compadecer de taõ innocente companhia, estava, como outro Saulo, maquinando, e revolvendo entre si, a variedade de rigores, que nella havia de executar. Porèm Quiteria, quaes os tres moços de Babylonia, estava com a sua comitiva louvando a Deos em o meyo de tanta pena, e afflicçaõ, pedindo pela conversaõ, e salvaçaõ de quem as offendia, e maltratava, á imitaçaõ do Divino Mestre, em nome de quem fez a todos muitas exhortaçoens, e huma practica taõ Celestial, e efficaz, que se prostraraõ todos em oraçaõ, derigida a pedírem valor, e esforço para si, e misericordia para os miseraveis Lenciano, e Bispos, que tinhaõ dezamparado a Fé Catholica.

Indignado o Rey da reprehensaõ, que lhe deo, a mandou prēder, e a toda a sua companhia.

Act. 9.
Dan. 3.

Soffrem a prizaõ com grande constancia.

38 Foraõ taõ bem acceitas no Divino Conspecto as oraçoens destes Martyres de Jesus Christo, que subitamente desceo hum resplandor do Ceo, que desterrando as trevas do carcere, o encheo de taõ Celestial fragrancia, que arrebatava os sentidos, ficando finalmente aquella obscura masmorra quasi hum Ceo, e todos os moradores della, sem mais fome, ou sede, que a de padecer, e dar as vidas temporaes por aquelle, que ja nesta vida lhes dava mostras do premio, que lhes estava reservado para a outra. No meyo daquelle Celestial resplandor appareceo hum Angelico Espirito, que segurou á nossa Bendita Quiteria, de que a nenhum dos seus faltaria valor para o martyrio, e que padeceriaõ o mesmo em confissaõ da Fé de Christo, aquelles que della tinhaõ apostatado, e outros Gentios, que a haviaõ de abraçar.

Descem ao carcere resplandores do Ceo, e entre elles hum Anjo, que consola a todos.

39 Como he summamente liberal a maõ do Senhor, quiz que naõ só Quiteria, e a sua amada companhia gozassem de favores taõ estupendos, como Celestiaes, senaõ tambem aquelles Gentios, que tinhaõ a seu cargo a guarda de taõ santo esquadraõ; os quaes divinamente allumiados com aquella milagrosa; e Celestial luz, abrindo as portas do carcere, se lançaraõ aos pés da Santa, a quem tinhaõ visto fallar com o Angelico Espirito, pedindo-lhe os instruisse para se fazerem Servos de hum Senhor, que taõ bem premìa aos que o servem; e naõ só os guardas tiveraõ esta felicidade, senaõ tambem outros muitos, que acudindo ao cheiro precioso, ja derramado por todo aquelle povo, hiaõ correndo á fragrancia de taõ saudavel mezinha; servindo a nossa Santa naõ sómente de dar remedio ás lastimosas chagas das almas daquelles cegos idolatras, mas tambem a varias enfermidades de muitos enfermos, retirando-se da sua prezença com o remedio nas almas, e nos corpos, louvando a Deos, e engrandecendo a virtude daquella sua Serva.

Convertem-se muitos idolatras, e principalmente os guardas do carcere &c.

40 Chegando a Lenciano noticia dos prodigios, que Quiteria obrava no carcere, os teve por fabulosos, e em lugar de uzar de alguma piedade com as Santas, qual outro Faraó com seus Magos, esteve taõ duro, e pertináz, que jurou havia de tirar a vida á Santa, e a todos aquelles que tinhaõ seguido os seus dictames; e querendo pôr em execuçaõ o seu iniquo juramento, mandou buscar a Santa Quiteria, por huns officiaes de Justiça, os quaes naõ voltaraõ com a Santa, e menos com resposta, por ficarem convertidos na sua prezença, e com resoluçaõ de seguirem as suas pizadas. Raivozo Lenciano com esta noticia, sahio acompanhado das pessoas principaes da sua Corte, jurando de cortar com hum só golpe da espada que levava a cabeça de Quiteria, e a todos aquelles que seguiaõ, e davaõ credito aos seus encantamentos.

Tendo o Rey noticia dos prodigios que obrava, pelos naõ crer, sahio de casa cõ o designio de matá-la.

41 An-

Perde no caminho a vista, e o ouvir, e tudo lhe restitue Quiteria.

41 Antes de chegar porèm ao carcere, em que havia de executar os seus damnados intentos, lhe chegou o castigo da maõ de Deos, pois perdeo a vista, e o ouvir, e ficando como hum trouco, assim o levaraõ os seus confidentes, e criados á prezença da Santa, a quem pediraõ lhe restituisse a saude, que elles ficavaõ por fiadores, de que elle faria tudo o que ella mandasse. Compadecida a Santa do deploravel estado em que estava Lenciano, se bem que contente, por ver era o meyo da sua conversaõ, fez oraçaõ, e logo lhe foy restituido o ouvir, mediante o qual soube o estado em que estava, o lugar em que se achava, e o quanto dependia das oraçoens de Quiteria, a quem offereceo grandes thezouros se lhe restituhia a vista, cuja promessa lhe cōmutou a Santa, sómente com elle prometter-lhe que naõ havia de fazer aggravo algum ás guardas do carcere, e a toda a mais gente que recebera a Fé de Christo. Logo que fez a promessa recebeo a vista de que carecia, por virtude do sinal da Santissima Cruz, que lhe fez sobre os olhos.

Enfada-se Lenciano com a Santa por lhe mandar restituir o furtado.

42 Logo que Lenciano se vio restituido á sua antiga saude, ficou com o contentamento que devemos considerar, e taõ obrigado á Santa, que a convidou com istancia para o seu Palacio, a cuja offerta respondeo ella, o naõ acceitava, em quanto elle naõ restituisse aos Templos os ornamentos, que delles tinha tirado, para ornar o mesmo Palacio, e o mais que delles tinha extorquido. Difficultosissima cousa he, ó mortaes, o restituir-se o que se furta; pois tanto naõ bastaraõ tantas maravilhas, quantas estava vendo, e experimentando em si Lenciano, para que alli logo promettesse á Santa de fazer as restituiçoens que lhe insinuava, que a ouvio com grandes demonstraçoens de enfadado; e triste, e melancolico, se retirou para o Palacio, qual outro mancebo, que mostrando dezejos de ser perfeito, e seguir a Christo, tanto que este Senhor lhe tocou em largar os bens da terra, que possuhia, se apartou da sua prezença acompanhado da mesma melancolia.

Recolhe se a Sãta para o monte, com a esperança de converter a Lenciano.

43 Se na nossa Gloriosa Quiteria faltasse a Fé, e a esperança, que tinha da predestinaçaõ de Lenciano, se retirara para o monte taõ triste como elle se retirou para sua casa, por ponderar a difficuldade, que lhe reprezentava o vil interesse, e o amor proprio, em apartar de si, aquillo de que se tinha apossado; porèm como ella tinha a Fé taõ viva, como a caridade, que a acompanhava, estava taõ certa na esperança da salvaçaõ daquelle arrenegado, como aquella que fora mandada pelo mesmo Ceo ao districto de Pombeiro, naõ a negociar ouro do seu Pactolo, senaõ a buscar aquella dragma, que, ao parecer de todo o inferno, estava ja perdida: mas que digo ao parecer de todo o inferno! Naõ digo, senaõ ao parecer de todos os Fieis: porèm com o resplandor, e luz desta resplandecente estrella do Ceo da Igreja Militante, com o cuidado, e diligencia desta Gloriosa Santa, digo, foy recuperada esta perda, e achada esta peça de tanta estima para aquelle, que com o inextimavel preço de seu precioso Sangue a tinha ja dantes resgatada a primeira vez do poder do Principe das trevas.

Exod. 17.

Converte se Lẽciano, e os dous Bispos.

44 Com esta viva fé, e confiança, se retirou Quiteria para o monte, a rogar com toda a sua santa companhia pela conversaõ daquelle, e dos dous Bispos apostatas. Levantaraõ pois todos as maõs, os pensamentos, e os coraçoens aos Ceos, onde subiraõ tanto de ponto as oraçoens, e rogativas, que desfallecendo de todo Amalec, venceo Israel, com a qual victoria ficou o ja ditoso Lenciano taõ outro do que antes era, que nada lhe dava ja mais pena, que a queda com que se tinha precipitado, e a tardança, e vagar que tivera em obedecer á Santa, á qual finalmente se offereceo, para executar tudo o que lhe fosse determinado: e para que fosse mais glorioso o triunfo desta victoria, foy ordenado pelo Supremo Author, que fossem tambem nelle, naõ como cativos, mas como triunfantes, os dous miseraveis Prelados, que por fracos tinhaõ perdido o que ganhavaõ com a ida de Quiteria áquelle districto, pois abominaraõ os seus erros passados, e protestaraõ fazer as devidas

vidas penitencias das suas horrendas culpas, até darem as vidas em testimunho das verdades Catholicas, que novamente abraçaraõ.

45 Cuidou Lenciano logo em restituir os thezouros, que tinha roubado á Igreja, e em repartir entre os pobres os tributos, injustamente levados, seguindo em tudo os dictames dos dous penitentes Bispos: e para dezenganar-se, de se tinha, ou naõ satisfeito em fórma, que pudesse alcançar de Deos absolviçaõ das suas culpas, mandou chamar á sua bemfeitora, a qual descendo do monte ao Paço em que estava, com os dous Bispos, antes delles lhe participarem o que tinhaõ obrado, e a resoluçaõ com que estavaõ, lhes fallou assim: *Oh Senhor, que alegre, e venturoso dia amanhaceo este para vós! E quanto mais lhe deveis a elle só, pois ganhastes a Bemaventurança eterna, e salvastes a vossa alma do inferno, que a todos os mais da vida em que andastes perdido, e se me chamais, para saber o como se acceitou no Ceo a penitencia, e restituiçaõ, que fizestes na terra, vos certifico, de que recebeo Deos a vossa contriçaõ, e de que a celebraraõ os Anjos com particulares demonstraçoens de alegria.*

Diz Santa Quiteria aos tres penitentes que foraõ acceitas de Deos as suas penitencias.

46 Consoladissimos ficaraõ os tres penitentes com a segurança, que a Santa lhes dava da sua predestinaçaõ, e entendendo que a obsequiavaõ, com lhe mandarem fazer naquelle monte huma Casa, ou Convento, em que se recolhesse com as suas companheiras, se lhe offereceraõ para isso, cuja offerta naõ acceitou a Santa, dizendo, que huma pequena sepultura lhe bastava na Ermida de S. Pedro, porque dalli a onze dias os chamaria Deos a todos, pelo meyo do martyrio, que lhes estava preparado. Pareceo a Lenciano impossivel, que houvesse quem cõmettesse taõ grande excesso, em humas terras de que elle era Senhor; porèm como tinha á Santa por hum Oraculo, porque Deos fallava, creo que tudo havia de succeder, como ella dizia, e assim a acompanhou ao monte, e mais os Bispos, onde ficaraõ todos preparando-se, com perennes oraçoens, com raras abstinencias, e com outras asperezas, para o vaticinado martyrio, que vieraõ a conseguir no determinado tempo, naõ obstante o procurar Lenciano atalhá-lo com gente de armas, que mandou pôr em defensa do santo esquadraõ nos primeiros dias, a qual naõ continuou, pela Santa a fazer recolher, assim porque a soldadesca perturbava o socego, que era preciso para quem estava contemplando na patria Celestial, para onde estavaõ de caminho; como porque a tal soldadesca, e gente de armas, naõ fosse causa de privá-la de hum bem, porque tanto anhelava. Conseguio este pelo motivo, que entro a contar.

Prognostica o seu martyrio, e o da sua companhia.

47 Quando Lucio Cayo Atilio teve noticia de que sua filha Quiteria lhe fugira de casa acompanhada das amigas, e criadas, que dissemos no numero 31. teve a mayor magoa; e naõ foy menor a que teve Germano, ou Dumano, a quem a tinha dado por esposa, o qual quiz logo segui-la no alcançe, o que naõ pôs em execuçaõ, por Lucio Cayo Atilio o impedir, com o pretexto de que queria mandar primeiro, como mandou, algumas pessoas suas confidentes, que a convencessem, e fizessem retroceder do intento que levava; porèm como estas voltassem com a resposta, de que nem promessas, nem ameaças a fariaõ dezistir do proposito com que estava de servir, e adorar por seu Deos, e Esposo a Jesus Christo verdadeiro Deos, e Homem, se resolveo a chamar a Germano, a quem disse: *Eu te acceitava por filho, conhecendo quaõ bem empregadas estavaõ minhas riquezas em teus merecimentos: mas a mulher, que te promettia, esquecida do muito que interessava em te ter por marido, e da obediencia, que me devia, como a pay, e Senhor; enganada por huns Christaõs, que a criaraõ desde pequena, me nega a mim de pay, e a ti de esposo, e segundo a constancia com que está, creyo que naõ mudará deste intento, ainda que perca a vida; por onde, se o amor te obriga a fazer mais diligencia pela alcançar, do que as que estaõ feitas, segue o que elle te manda; e se por ventura, seu desprezo trocou o amor em odio, e guiado delle pertendes*

Mandou Lucio Cayo, convidar a Santa para q voltasse para casa, e por ver o naõ fazia, ordenou a Germano a procurasse, e castigasse &c.

pertendes vingança, em tua maõ está o tomá-la da maneira que quizeres, sem por ella ficarmos nunca inimigos, antes tirando-lhe a vida, me darás quietaçaõ á minha, por naõ sentir sempre a magoa de quem a naõ tem da minha honra, a fama.

48 Por satisfazer Germano, ou Dumano, á vontade de Cayo Atilio, e dar á execuçaõ o odio que tinha á Santa, por lhe naõ querer dar a maõ de esposa, sahio desta Cidade com huma companhia de gente armada, e caminhando por lugares occultos, chegaraõ o Monte de Pombeiro na noite do dia em que a Santa tinha pronosticado o seu martyrio, o que fez muito de proposito, porque lhe naõ estorvasse o seu malvado intento Lencsano, e os moradores de Aufragia. Antes que Dumano repartisse pelo monte aos soldados que levava, lhes fez esta falla: *Amigos, e companheiros meus, bem sabeis a causa da nossa vinda a este lugar, e a que me tem dado esta douda, vaã, e enganada donzella, e quanto tem merecido castigo dos seus erros, assim contra seu pay, como contra mim; e sobre tudo por ella, e todos os da sua companhia terem desprezado aos deoses, e seguirem os erros daquelles, que a trazem enganada, que por leys dos Imperadores Romanos saõ condenados á morte, com excessivos, e estranhos tormentos, os quaes supposto que as leys assim lhos ordenem, e elles bem os merecem, e eu melhor dezejava executá-los; com tudo, por estarmos em terra de senhorio alheyo (de cujo Senhor eu tenho noticia que está tambem na opiniaõ desta desvariada menina, e a tem guardada debaixo da sua protecçaõ) naõ nos he possivel fazè-lo, pelo que com todo o segredo, e cuidado cerquemos esta dezafizada menina, e todos os da sua companhia. Naõ se perdoe a nenhum sexo, nem idade, nem qualidade de pessoa, por quanto todos elles nos tem merecido a morte, e nos saõ contrarios á ley, á vida, e aos costumes; e sobre tudo os aggravos que delles tenho recebido, naõ se satisfazem com menos, que com a vida, e assim o primeiro, que encontrar a Authora delles, tirando-lha, me dará allivio, e gosto, e a ella satisfaçaõ dos seus erros.* Todos prometteraõ obedecer pontualmente ás ordens de Germano na madrugada seguinte.

Chega Dumano ao Mõte de Pombeiro com muitos homens de armas &c.

49 Como a Santa menina sabia que com ella lhe nascia o mais alegre, e dezejado dia, se apartou das companheiras para entre huns matos, onde posta em fervorosa oraçaõ, poderia dizer ao seu doce Esposo aquellas amorosas palavras do Psalmista: *Deus, Deus meus, ad te de luce vigilo*, como se dissera: Meu Deos, meu amado, e querido Esposo, he chegado o dia em que me tendes promettido a entrada para o armazem dos vossos bens, fazendo-me merecedora da vossa Gloria, que he gozar da vossa Divina prezença. Eu naõ duvido do cumprimento da promessa, inda que naõ seja sabedora do modo della, e assim com esta certeza madruguei esta manhaã, se naõ mais do costumado, com mayor sede de Vós: e supposto que padeça esta torpezia á muito tempo, agora mais que nunca me vejo abrazada della, porque naõ sómente esta alma a quem mais toca esta saudavel enfermidade, a padece, mas esta fraca carne (para a qual no Horto de Gethsemani alcançaste esforço) está huma, e muitas vezes, repetindo os dezejos de beber da vossa Divina Fonte.

Dispõem-se para o martyrio.

Psalm. 61.

50 Estando pois a nossa Gloriosa Quiteria toda absorta em Deos, dizendo, se naõ estas, outras muitas, e amorosas palavras, foy achada por Dumano na madrugada daquelle dia, o qual como faminto, e carniceiro lobo, puxando da espada, apartou a cabeça do corpo áquella innocente cordeirinha, que estava preparada para o sacrificio, e retirando-se muito ufano para os companheiros da horrenda, tyranna, e vil acçaõ que obrara, a Santa pegando com as suas proprias maõs na cabeça, foy caminhando com ella para onde estava o seu devoto rebanho, que aturdido de taõ grande prodigio, que só se tinha visto em S. Dionysio Areopagita, a foy seguindo como em procissaõ, até á Capella de S. Pedro, em que a sepultaraõ, se com grandes lagrimas de compunçaõ, e de sentimento nascidas da sua falta, com muitas mais

Consumma o seu martyrio, e pega na descabeçada cabeça.

mais do gosto, que lhe resultavaõ de ver os finaes, e mostras da gloria que sua alma possuia, naõ só á vista daquelle rarissimo portento, senaõ tambem de ouvirem todos melodias Angelicas, que lhe celebravaõ as honras, com aquella Antifona, de que usa a Igreja em similhantes solemnidades: *Veni Sponsa Christi, accipe Coronam, quam tibi Dominus præparavit in æternum.* Vem Esposa de Christo receber a Coroa da Gloria, que o Senhor te preparou, para gozares em todas as eternidades.

51 De todos estes prodigios tiraraõ os convertidos Bispos, e Santa Columbina, que era a principal companheira de Quiteria, (a que alguns Authores daõ o titulo de Infanta) assumptos para louvarem, e engrandecerem as maravilhas de Deos, e para persuadirem a toda aquella devota companhia, a que desse a vida por elle; e foraõ taõ conformes em seguir no martyrio a sua Santa, e valorosa Haspalice, que entre todos os que alli se acharaõ, naõ houve quem esmorecesse, havendo muitos dos idolatras, que os imitaraõ, e se converteraõ, dos quaes sómente se faz lembrança de Adriano, que era o principal Cabo dos soldados, que levou Dumano, ou Germano, e outro Germano filho do tal Adriaõ. A forma do martyrio dos companheiros, e companheiras desta Illustre Bracharense, a naõ relato aqui, pelo ter feito a pag. 89. deste Volume, tratando de S. Lenciano Regulo, onde tambem conto o bem merecido castigo, que Deos mandou executar nos ministros, e soldados, que tiraraõ taõ innocentes vidas.

Notem.

52 Ha muita variedade nos Authores, sobre o anno em que esta Divina pomba subio do Monte de Pombeiro ao alto da Celestial Siaõ, a receber a Coroa da Gloria. Os que assignalaõ o anno de 130., conhecidamente se equivocaraõ, pois padecendo esta Santa no tempo do Imperador Adriano, como he certo, e mandando este publicar os Edictos contra os Christaõs na nossa Hespanha, no anno de 138., como deixamos dito a num. 16., e 17. deste Epitome, se colhe com evidencia, que neste, ou no seguinte anno havia de padecer a nossa Santa, em idade de 17., ou de 18. annos, nascendo ella no de 120., como dizem alguns Authores. Celebra-se o seu triunfo a 22. de Mayo.

Da idade em q morreo.

53 A num. 33. deste Epitome, prometti fallar dos milagres, que a Divina bondade de Deos tem feito pelos merecimenros desta sua Serva no Monte de Pombeiro, o que faço neste numero, e nos seguintes, para melhor comprovar de que neste monte, e naõ em outro, triunfou da barbara tyrannia, para cuja prova me aproveitarei da vida que compôs da mesma Santa, o Padre Mestre Fr. Bento da Ascensaõ, que a pag. 51. copiou a Certidaõ seguinte, a qual contèm o primeiro milagre, que a Santa fez no tal monte.

Dos milagres que fez, e faz.

54 „ Luiz Pereira da Cunha, Vigario que fuy da Igreja de Santa Eulalia „ de Margaride, Padroado da Sagrada Religiaõ de S. Bento, certifico, que „ em hum dos dias do mez de Janeiro de 1715. annos, veyo a minha casa „ huma mulher, cujo nome ignoro, pedindo-me lhe fosse abrir a Capella „ de S. Pedro, e dizer-lhe huma Missa a Santa Quiteria; e como ser o lugar „ do patibulo da Santa, aquelle monte, fosse incognito ao juizo dos homens, „ antes que por illustraçaõ do Ceo se declarasse estar nelle aquella maravilhoza santidade com os prodigios, que nelle obrou, e obra, me pareceo novidade o dito da tal mulher; e perguntando-lhe eu que motivo a persuadia „ a vir buscar a Santa neste lugar, onde thé o dito tempo naõ havia noticia deste thezouro; me respondeo, que padecendo a pestifera, e incuravel enfermidade de hum cancro no peito esquerdo, sentenciada pelos Medicos a dar fim á sua vida, e acabar com aquelle achaque brevemente; se „ fora confessar ao Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, da Cidade „ de Braga, pois era esta mulher de Lamaçaens, arrabaldes de Braga, e vendo o Confessor tantas demonstraçoens de contriçaõ nella, como era justo „ em quem tinha sentença taõ rigorosa dos Medicos, que sómente cinco dias

,, lhe davaõ de vida, lhe perguntou a causa de suas lagrimas; ao que ella res-
,, pondeo, que pelos Medicos estava condenada á morte pela queixa do can-
,, cro; e dizendo-lhe o Confessor, que pois nos remedios humanos naõ achava
,, algum ao seu mal, recorresse aos Divinos, e como na sua Igreja tem os so-
,, breditos Padres com summa veneraçaõ esta Santa, lhe disse recorresse a San-
,, ta Quiteria, que no monte de Pombeiro, álèm de Guimaraens, na Capella
,, de S. Pedro era o lugar do seu martyrio, e que naõ sómente se encómen-
,, dasse á Santa, mas viesse a este santo lugar; cuja promessa fez com tanta
,, efficacia, e devoçaõ, que deitando-se huma noite na cama, amanheceo
,, sem o cancro, como eu vi, e toda a minha familia, e com effeito lhe disse
,, huma Missa na Capella de S. Pedro, e por assim passar tudo na verdade o
,, affirmo, e sendo necessario juro *in verbo Sacerdotis.* Margaride de Novem-
,, bro 17. de 1720. = Luiz Pereira da Cunha =. A qual Certidaõ eu o Padre
,, Fr. Manoel do Espirito Santo, Monge de S. Bento, e Notario deste Real
,, Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, vi, e de mandado do nosso Muito
,, Reverendo Padre Mestre Dom Abbade, o Doutor Fr. Bento da Ascensaõ,
,, *de verbo ad verbum* fielmente aqui trasladei; e por ser ella a mesma verdade
,, debaixo do mesmo juramento o affirmo. = Fr. Manoel do Espirito Santo,
,, Notario do Real Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro.,,

55 Este prodigio incitou a devoçaõ do povo, para que concorresse a procurar naquelle monte, e na intercessaõ de Santa Quiteria, remedio para as suas necessidades, o qual acharaõ prezentaneo as innumeraveis pessoas, que direi em summa, entre as quaes nomearei sómente duas, que melhor comprovaõ o que dizemos. A primeira foy D. Maria das Neves, filha de Joaõ Teixeira Coelho, morador na Freguezia de Sandim, onde esteve a Cidade de Aufragia, ou Eufrazia, de que ja fallamos, de que foy Rey Lenciano, a qual tendo hum cancro na face, a quem os Medicos naõ puderaõ dar remedio, o alcançou logo que fez huma Novena de joelhos em obsequio da Santa, na Capella de S. Pedro, e que lavou a face com a agoa de huma fonte, que existe no mesmo monte, da qual fallaõ tambem alguns Authores. Por gratificar á Santa tamanha obrigaçaõ, andava cuidando em collocar na mesma Capella em que a julgava sepultada, huma sua imagem, o que naõ chegou a executar, por se adiantar outra pessoa, a quem novamente obrigou, que foy a que ja digo.

Continuaõ os milagres.

56 Estando o Licenciado Paulo Marinho, privado por huns frenezis totalmente do juizo, sonhou que naquella Capella estava sepultado o corpo desta Santa. Nos intervá-los, que teve, foy fazer huma Novena á sobredita Capella, com grande fé, e devoçaõ, com a promessa de collocar-lhe nella a sua imagem, se lhe alcançasse de Deos a dezejada saude. Alcançou com effeito por meyo da Santa, o que naõ pode alcançar pelo das muitas medicinas, que antes da Novena tinha tomado. Empenhado pois de taõ grande beneficio, mandou fazer logo huma formosa imagem, que fez collocar na sobredita Capella com huma procissaõ solemne, que constou de dezaseis Freguezias circunvizinhas. Houveraõ duas prégaçoens, a primeira na Igreja de Margaride, donde sahio a procissaõ, e a segunda no alto do monte da mesma Capella. Foy esta collocaçaõ no anno de 1716.

Continua o mesmo.

57 Augmentou-se a devoçaõ da Santa com a sua imagem, e com a noticia deste, e de outros prodigios desorte, que com o producto das esmólas, que deixava o innumeravel povo, que concorria áquelle monte, se lhe fez huma magnifica Capella, á qual se deo principio no anno de 1719., em cuja occasiaõ se acharaõ settenta e cinco sepulturas, de ossos, caveiras &c., como ja dissemos na vida de S. Lenciano, pag. 89., de que se colhe com evidencia serem da Santa, das trintas donzellas, e dos oito Varoens, que a acompanharaõ, do dito Lenciano, dos dous Bispos, e dos mais, que padeceraõ martyrio naquella occasiaõ, movidos dos prodigios que a Santa obrou, e do castigo,

que

que o Ceo mandou sobre os Gentios, que martyrizaraõ a tantos innocentes, dos quaes ja escrevemos as memorias na mesma pag. 89. Com mais evidencia se prova o que dizemos, com o que agora accrescentamos. Dizem os Authores, que escrevem desta Santa, que hum Anjo apparecera a Estrancho, Varaõ nobre, e temente a Deos, e que lhe disse, sepultasse a todos os Martyres no proprio monte, em que succedeo o seu martyrio, porque, andando o tempo, seria illustrado com maravilhas. Vemos pois, que naquelle monte foraõ sepultados, por se acharem as sobreditas sepulturas, quando se abriraõ os alicerces para a nova Capella, e vemos tambem illustrado áquelle monte com a occurrencia de innumeravel povo, e de tantas maravilhas, que só os milagres autenticados, e averiguados por verdadeiros que fez a Santa, desde o anno de 1715., até o principio do de 1721., saõ mais de cem, entre os quaes foraõ, os de tirar quatro cancros, os de dar vista a seis cegos, saude a sette aleijados, e os de fazer resolver muitos tumores, e lobinhos &c. Dos sobreditos milagres falla com miudeza o Padre Mestre Fr. Bento da Ascensaõ, na vida da mesma Santa, que imprimio no anno de 1721., desde cujo anno continuaõ naquelle monte os romeiros, e por consequencia as maravilhas.

Monarch. Lusit. part. 2. pag. 130. columna 1.

58 O Padre Antonio Garcia traz com miudeza em a vida que compôs desta Santa, ainda que muito abbreviada, os nomes das pessoas, a quem livrou de varios tumores, de apostemas, de aleijoens, de garrotilhos, de collicas, de gotta coral, de asma, de retençaõ de ourinas, de fluxos de sangue, de frieiras, de verrugas, de outros muitos achaques, e finalmente declara os nomes de quatro cegos, a que restituio a vista.

59 He esta Santa muito conhecida, e venerada por todo o Christianismo, e advogada particularmente, para o horrendo mal da raiva, privilegio que lhe provem da diabolica raiva, com que os tyrannos a mataraõ, e a toda a sua companhia, e dà com que se tiraraõ a si proprios as vidas, mordendo se, e despedaçando-se. Na Villa de Alemquer se tem grande devoçaõ a esta Santa, e se escreve, que ardendo este Reyno com peste, nenhuma pessoa de Alemquer, onde esta Santa he venerada, morreo deste mal. Na mesma Villa daõ aos mordidos dos animaes damnados o paõ molhado no azeite da alampada da Santa, com a experiencia, de que vizivelmente saraõ.

60 Na Villa Tardienta, que fica no Bispado de Huesca, Reyno de Aragaõ, se venera esta Santa com grandes extremos de devoçaõ. Alli lhe dedicou esta huma Irmandade muito opulenta, na qual entraõ irmaõs de muitas legoas de distancia, que acodem a celebrar o dia da sua festa, principalmente os da Cidade de Huesca, naõ obstante o distar da Villa cousa de quatro legoas, aos quaes concorre a Irmandade com paõ, carne, e vinho para tres dias, e isto com abundancia. A muita devoçaõ, que tem a esta Santa, lhe provem, por naquella Villa, e territorio, naõ morrerem, assim pessoas racionaes, como animaes irracionaes, do mal raivozo, do qual se livraõ desta sorte. O Ermitaõ da Capella da Santa, em muitos dias do anno, vay á Cidade de Huesca, e a muitas terras daquelle districto, e onde acha alguma pessoa, ou algum animal raivozo, os toca com o badálo de hum sino da Capella da Santa, quente ao lume, com o conhecido prodigio, de que ficaõ livres de taõ horrendo, e perigoso mal os que saõ tocados pelo badálo. Engrandecida, e louvada seja a grandeza, e liberalidade de Deos, que taõ rusticos meyos busca para acreditar, e honrar, ainda neste mundo, a quem nelle de véras o servio.

Vida, e martyrio da Gloriosa SANTA MARINHA, *ou* MARGARIDA, *natural da Cidade de Braga.*

1 A Huma espinha, que penetrou a formosa planta de Venus, attribue a cega Gentilidade o alegre nascimento da rosa: assim o conta por vezes Ovidio. A' espinha, diz, se deve o seu nascimento. Isto diz a ficçaõ, e a verdade da historia he, que da aspereza das espinhas, da dureza, e aspereza do mais cruel Pagaõ, que teve esta Provincia do Minho (para mostrar-se mais poderosa a Graça) sahiraõ ao mundo nove formosissimas rosas, quaes foraõ Santa Quiteria, de quem agora acabamos de fallar, Santa Marinha, de quem entramos a escrever, e as sette irmaãs, de quem logo escreveremos, pois todas foraõ rosas nascidas entre as espinhas da Gentilidade, mas plantadas no ameno Jardim da Igreja Lusitana, regadas com os tres rios da Fé, Esperança, e Caridade, alimentadas com o orvalho da Divina Graça, e aperfeiçoadas com o purpureo licor do seu puro sangue.

2 Na vida da Gloriosa Santa Quiteria contamos a desta, e de suas Santas irmaãs, até o tempo em que foraõ prezas por seu pay, Lucio Cayo Atilio, e que se dividiraõ por mandado de hum Anjo por varias terras, e Provincias do mundo, e agora dizemos, que a nossa Marinha, ou Margarida, que val o mesmo, encaminhada pelo seu Anjo, dirigio os passos para o Reyno de Galliza Bracharense, onde junto a Amphilochia (Cidade sujeita a Braga, que houve perto de Orense) lhe tinha destinada a casa de huma pobre lavradora, Catholica, e virtuosa, que com grande prazer a adoptou por filha. Para ajudar a esta nova mãy, e poder merecer o alimento, que lhe dava, se applicou a Santa menina aos trabalhos, e empregos communs dos lavradores, que saõ guardar os gados, plantar, regar, e beneficiar os linhos. Com o suor, pois, e com o trabalho de suas maõs, em taõ rusticos exercicios comia Marinha o paõ, e Deos a enchia de graças, e de bençoens.

Serve perto de Orense a huma lavradora.

3 Alli vivia mortificada, e negada ao ocio, e livre, ou ignorante dos perigosos combates, que nos corpos regalados, e ociosos costumaõ levantar os mais viz, e feyos appetites: e como o retiro do campo lhe offerecia aquella soledade, em que ás almas singélas falla Deos ao coraçaõ, levantando seus olhos aos montes, e ao Ceo, se recreava com o rocio, e chuva dos dons, e Celestiaes auxilios, e ainda quando voltava a vista a ervas, flores, e plantas, ou a outras innocentes, e insensiveis creaturas; todas lhe serviaõ de escada para subir ao Throno do immutavel ser, donde todas dimanavaõ. Desta sorte hia ascendendo de virtude em virtude, a que negada a si mesma, ao ocio, e aos appetites do corpo, com retiro, e soledade, de tudo se valia para buscar a Deos na oraçaõ, em que nos deixou os solidos documentos, de que naõ se conseguem medras espirituaes com devoçoens exteriores, e de passo, sem trabalhar, e mortificar appetites. Neste mesmo tempo naõ cessava Marinha de ratificar a Deos o voto, que lhe tinha feito da sua virginal pureza, e dedicar-se a servi-lo, a amá-lo, e a agradá-lo, como huma das suas mais fieis Esposas; por que abstrahido o seu amor de todas as creaturas, o fixou totalmente em o Cordeiro Divino, que se deleita, e regála com o fragante cheiro de candidas açucenas.

4 Mostrou a bondade de Deos o quanto lhe eraõ agradaveis os humildes, e devotos empregos de Marinha, com o prodigio seguinte, que se conserva na memoria dos homens por tradiçaõ, na mesma aldéa em que succedeo. No tempo em que fazonados os milhos miudos, tinhaõ o perigo de cahir com o ligeiro golpe das pequenas aves, que delles se sustentavaõ; por evitar este damno, mandou a devota lavradora a Marinha, que tivesse cuidado em

Munhoz. Noticias historicas de Orense pag. 37.

em efpantar a multidaõ, que acudiaõ á fua limitada fementeira, em quanto ella hia ouvir a Miffa, que dizia em huma occulta Igreja certo Sacerdote, que andava disfarçado entre os Gentios. Obedeceo Marinha ao preceito de fua mãy adoptiva, como verdadeira humilde, ainda que dezejava muito ouvir aquella Miffa, e as exhortaçoens efpirituaes, que coftumava fazer aquelle zelofo Secerdote aos poucos Catholicos, que viviaõ occultos entre os Gentios, para que perfeveraffem conftantes em fervir, e venerar áquella Summa Bondade de Deos, que na Peffoa do Verbo fe humanou a fazer-fe Homem, e que, por falvar aos homens, quiz padecer taõ penofa, e taõ affrontofa morte.

5 Aquelle dezejo pois, unido com a fua ardente fé, lhe miniftrou hum arbitrio, proprio da fua fanta finceridade, qual o de mandar aos paffaros daquelle circuito, em nome de Deos Senhor noffo, que fe encerraffem em hum curral defcoberto que alli havia, a quem fechava huma cancéla. Como porèm a infpiraçaõ foy de Deos, que queria dar a conhecer a virtude defta fua mimofa Serva, no mefmo ponto lhe obedeceraõ as aves, recolhendo-fe ao curral, que era de tapar aos gados. Vendo a noffa Marinha que eftava ceffado o motivo, que havia para ficar em cafa, foy para a Igreja, para fe utilizar da Miffa, e da palavra de Deos, onde vendo-fe reprehendida por defobediente de fua mãy, a fatisfez, dizendo-lhe que naõ temeffe damno algum no feu milho, porque deixava prezas ás aves, que lho podiaõ cauzar. Occafionou grande rizo á lavradora, e ás mais peffoas que ouviraõ hum dito, que juftamente tiveraõ nafcido de fumma candidez, e de puerilidade: porèm o effeito moftrou, e declarou a virtude; pois, acabada a Miffa, viraõ a lavradora, e as mais peffoas que a acompanharaõ, movidas da curiofidade, que Marinha abrindo a cancéla do curral, dera licença aos paffaros, que eftando livres, fe reputaraõ como prezos, para que foffem tratar da fua confervaçaõ. Elles voaraõ alegres, celebrando com feus gorgeos, e com as fuas fuaves melodias as maravilhas do Creador.

Recolhe aos paffaros em hum curral defcoberto &c.

6 A' vifta defte prodigio, ficou a lavradora venerando dalli em diante a fua filha, naõ fó por bõa Chriftaã, em cuja conta a tinha, fenaõ tambem por huma Santa. Efta vendo-fe mais obrigada a Deos naõ fó por efte prodigio, que obrou para credito feu, fenaõ tambem pelos efpeciaes favores, que lhe tinha feito defde o nafcimento, fe defpicava em correr, naõ fó pelo caminho dos Mandamentos com paffos agigantados, fenaõ remontando-fe fobre fi, e fobre todo o creado com fuperiores voos. Ja ancioza, como amante da pertençaõ do feu ultimo fim, defprezando a fua vida, e os bens de vida taõ caduca, concebia dezejos muito ardentes de conrefponder á Divina fineza, que fez o Verbo Divino, em morrer por nós, com dar tambem a vida por elle. O que veyo a confeguir defta forte.

Prepara-fe para o martyrio cõ exercicios efpirituaes.

7 Defconhecida do mundo a perola de Marinha, e encerrada na concha do traje, e dos empregos tofcos, eftava crefcendo em preciofidades do Ceo, no lugar de Pinheira de Arcos, quando ouvio a fortaleza, e conftancia com que davaõ a vida por Chrifto muitas creaturas, á ordem de hum Prefidente, que enviou o Imperador Adriano á Provincia de Galliza, a que chamavaõ Olibrio, e revolvendo no feu candididiffimo peito a caufa fuperior de taes triunfos; os opprobrios, e Sangue do feu Celeftial Efpofo; o pezo do eterno; a ligeireza, e figura de todo o momentaneo; as contingencias de huma vida caduca, expofta aos perigos das culpas, e de outras mil miferias; a morte precioza em os olhos do Senhor dos que preferem a todo o amor humano o amor da fua bondade; fe incendia nos mais ardentes dezejos de correr ao martyrio, por efpadas, por açoutes, e por fogo; porèm refreando os feus fervores, como humilde, em quanto orava, e fe offerecia a feu Efpofo, para que difpuzeffe da fua vida, lhe pedia fua affiftencia, conftancia, e fortaleza, para todas aquellas almas, que fe viaõ opprimidas, perfeguidas, e maltratadas pelo iniquo Olibrio.

Continuaõ, e fe augmentaõ com a noticia que teve dos que davaõ a vida por Chrifto.

8 Paffan-

8 Paſſando eſte a Ginzo, que fica junto ao ſitio onde eſteve fundada a Cidade de Amphilochia, e a hum Caſtello, de que hoje ſe conſervaõ veſtigios, perto das caſas de Armea, onde eſtava o preſidio da Legiaõ dos ſoldados Romanos, encontrou a noſſa Marinha, que eſtava paſtoreando as ſuas ovelhas, perto de huma antiquiſſima Torre, que hoje ſe chama de Sandiaens, e andando ſobre a marcha, com a ſua grande comitiva de ſoldados, pôs Olibrio os olhos na Bendita paſtorinha, e ſendo no principio muito acazo, veyo depois a ſer cuidado, e admiraçaõ da viſta; por ſer Marinha naturalmente taõ formoſa, que nem as injurias do tempo, nem os ares do inverno, nem os ardores do eſtio puderaõ diminuir a belleza do ſeu angelico roſto, naõ obſtante o carecer do adorno, que dá realce á formoſura, pois vivia ſem enfeites, e ſem outro alinho, que o dezalinho de huma pobre, e humilde paſtora, e de paſtora, que cuidava mais nos adornos de huma alma immortal, que na compoſtura de hum corpo, cujo principio foy aſcoroſo, cuja vida he hum ſacco de immundicias, e em cuja morte ſerá comida de bichos.

Encontra o tyranno Olibrio a eſta Santa eſtando paſtoreando o gado.

9 Dotou pois Deos á noſſa Marinha de ſingular eſplendor, eſmaltado, naõ de outro artificio, que o da ſua compoſtura, e modeſtia virginal. Tem eſta ſempre particular attractivo, para levar os olhos de todos, cauzando affectos contrarios: em olhos de pomba, excita affectos mais puros; porèm em os de aves immundas, de ſi brotaõ torpes, e deſordenados affectos, como ſuccedeo a Olibrio, que, cego de namorado, perdeo o juizo, motivo, porque logo ſe reſolveo a fazer loucuras, e a dar os errados paſſos de hum cego. Mandou aos criados, que pegaſſem em Marinha, e que a levaſſem á ſua preſença. Obedeceraõ pontuaes, e lançando as groſſeiras, e deſcortezes maõs á Angelica menina, a prenderaõ. Vendo ella que ja ſe principiava o martyrio, que tanto dezejava, entregando-ſe toda ao ſeu Divino Eſpoſo diſſe: *O' Senhor, e amante Eſpoſo meu, tende de mim miſericordia, lembrando vos neſta dezejada occaſiaõ de voſſa Eſcrava, e naõ permitais que eſta minha, e voſſa alma ſe perca na companhia deſtes máos, e perverſos, que pertendem deſtruir, e manchar a pureza, que vos tenho dedicado.*

Manda Olibrio prender a Marinha namorado da ſua belleza.

10 Aſſim como chegou a innocente Marinha á preſença do laſcivo Olibrio, advertio eſte, que ella trazia huma pequena Cruz no peito, inſignia dos Chriſtaõs, o que lhe ficou ſendo de grande pena, por ſe ver por huma parte excitado do zelo, e do culto, que tributava aos ſeus ſementidos deoſes, e por outra parte arrebatado, e vencido da ſua grande belleza; porèm proſeguindo o caminho, reprimio os ſeus encontrados affectos, reſervando o contraſtar a Marinha, ja com branduras, ja com rigores, no Caſtello de Armea, para onde tinha dirigido a jornada. Logo que chegou a eſte, que era bem propinquo ao lugar onde agora chamaõ *Agoas Santas*, chamou á Santa prizioneira, a quem fallou com a ternura, de quem eſtava prezo, e cego de namorado, dizendo: *Dize, menina, que qualidade he a tua? Es por ventura livre, ou eſcrava?* Como ella tinha poſto toda a ſua mente, e o coraçaõ em Deos, e eſtava com animo ſuperior a todos os perigos, reſpondeo: *No que toca á qualidade do corpo, livre ſou, e no que toca á da alma, ſabe que ſou Eſcrava de meu Senhor Jeſus Chriſto, e juntamente Eſpoſa ſua, porque lhe tenho dedicado a virgindade.*

Pergunta lhe Olibrio quem era, e naõ fica ſatisfeito da reſpoſta.

11 Diſſimulou o laſcivo Olibrio a amargura, que com aquellas palavras verteo Marinha no ſeu peito, e com aquelle affectado agrado, que enſina a prudencia, e a ſabedoria mundana, esforçando a rhetorica com os enfeites da ſua amoroſa ternura, lhe ponderou a honra, e a authoridade do ſeu poſto, as riquezas, joyas, eſtimaçaõ, e regálos, que alcançaria, dando-lhe a maõ de eſpoſa, deixando primeiro a Chriſto, e adorando, e dando culto aos deoſes, que adoravaõ, e reverenciavaõ os Imperadores Romanos, e os homens mais ſabios do mundo, como eraõ os Filoſofos, e Poetas delle. Concluindo, que era grande loucura o adorar por Deos a hum homem crucificado,

Intenta perſuadì-la a adoraçaõ dos idolos.

cado, morto em infame fupplicio, entre dous viz, e facinorozos ladroens.

12 Estes difcurfos, e argumentos de Olibrio, puderaõ muito bem vencer a huma menina de taõ tenros annos, fe naõ eftivera fobornada do Amor Divino, e cheya daquelle efpirito de Deos, que lhe miniftrou a refpofta que lhe deo, de que era nefcio erro, e torpe vaidade a dos Gentios, o adorarem tantos, e taõ indignos deofes: erro, que occupara a mayor parte do mundo, depois que pelo peccado o tyrannizara o demonio, até que viera vencé-lo, e lançá-lo do feu Reyno Jefus Chrifto, cujos Myfterios, como tambem os fructos da fua Morte, da fua Paixaõ, e do feu Divino Sangue, fe efcondiaõ áquelles fabios, e prefumidos de prudentes, e fe revelavaõ aos pequenos, e humildes. Como fallava Marinha com efpirito Divino neftas, e em outras Catholicas verdades, certamente que o havia de fazer com grande ardor, e Celeftial luz. Mas como naõ prendem as faifcas em o gelo de hum peito, que fe endureceo como marmore, e a luz, que he recreyo, e delicia dos olhos faõs, fó ferve de tormento aos enfermos; affim cego, e enregelado Olibrio, naõ participou da luz, nem do Celeftial ardor; pois em quanto fe naõ refolvia entre os meyos, ou de vencer com a fua amorofa paixaõ, ou de executar na innocente paftorinha os tormentos da mais barbara fereza, a mandou encerrar em hum obfcuro carcere, que havia na Fortaleza, por lhe parecer, que privada da cõmunicaçaõ, e do precifo alimento, fe renderia inteiramente a tudo o que foffe feu gofto.

Continua com o intento, e manda prender a Santa.

13 Porèm como a Divina Providencia, que cõmummente dirige á perfeiçaõ das fuas obras, por meyos regulares, e humanos, enviou ao carcere a hum Santo Sacerdote chamado Theotimo, que disfarçado a confortou, e animou para fer Martyr da caftidade, e da Fé; e affim, ainda que intentou por vezes Olibrio, convencé-la, e rendé la aos feus damnados intentos, com eftudadas caricias, com magnificas promeffas, e com falfas compaixoens, de que naõ quizeffe malograr o verdor dos feus annos, e a flor da fua formofura; cerrou a Bendita Marinha os ouvidos ás vozes do aftuto encantador, enchendo-o de opprobios, chamando lhe confelheiro infiel, infaciavel leaõ, perro lafcivo, e mais que humano monftro. Ouvindo eftas, e outras palavras de defprezo Olibrio, qual affanhado libreo, fe abrazou em colera contra a manfa cordeira, a quem procurou logo abalroar com obras, vifto naõ ferem de effeito algum as fuas palavras. Mandou-a pois para o carcere, donde a fez tirar depois para huma praça publica, á qual fahio Marinha, alegre, tranquila, e banhada das doçuras da fua interior confciencia; pois quanto era o dezejo, que tinha de derramar o fangue pelo feu amado Efpofo, tanto mayor era o esforço, que efte lhe dava, para naõ deziftir da empreza, até lançar maõ do Ceptro do Reyno, que efperava alcançar por meyo do martyrio.

Vifita-a no carcere hum Santo Sacerdote.

Sahe do carcere para huma praça publica.

14 Reveftido Olibrio do zelo dos feus deofes, e da antiga Religiaõ dos Romanos, ponderou largamente ao povo a injuria, que fe feguia á Religiaõ, e á Mageftade Imperial, da obftinada dureza daquella ruftica paftora, que, induzida dos Chriftaõs, negava a adoraçaõ aos deofes, dando-a fó a Jefus Chrifto, por quem naõ fazia cazo, nem da Mageftade do Imperio, nem dos confelhos com que havia procurado abrandar a dureza do feu animo. Depois de ponderar ao povo eftas, e outras razoens, que lhe miniftrava o odio, que lhe concebeo, por fe ver por ella defprezado, e injuriado; pondo os olhos em Marinha, lhe fez novas inftancias, para que deziftiffe da teima com que eftava em feguir huma Ley, que abominavaõ os Imperadores Romanos, fobpena de que, naõ o fazendo, procederia a executar nella os tormentos da mayor feveridade. Sorrindo-fe a gloriofa menina, com graciofo donaire lhe diffe: *Todo o teu poder naõ alcança, nem chega a mais, que a maltratar o corpo corruptivel, e a dar-me morte corporal; porém meu Senhor Jefus Chrifto he o dono, e Efpofo da minha alma, que por efte breve tormento me ha de dar a vida eterna. Fere pois, defpedaça, mata a efte corpo corrupto, que Jefus Chrifto he minha vida,*

Fortaleza com q̃ fe houve nas perguntas, e inftancias do tyranno.

vida, com elle naõ temo a morte, e sem elle a vida he verdadeira morte.

15 A' vista desta constancia, deixando Olibrio totalmente a mascara dos artificiosos affectos, se reduzio ao semblante mais natural do seu barbaro, e impio coraçaõ, mandando aos soldados, e verdugos, que depois de a despojarem das roupas, com que cobria o seu virginal corpo, a pendurassem á vista de todo o povo, e a açoutassem até lhe rasgarem as carnes. Neste crudelissimo tormento mostrou a nossa Marinha quaõ grande era a virtude, e fortaleza do Divino Espirito, porque sendo a causa das dores a que se tem relatado, taõ longe estava de sentir alguma, que nem hum suspiro, nem hum gemido dava para dezaffogo. Sentia finalmente mais a vergonha, e rubores da desnudez diante de tantos olhos registos, que as dores, açoutes, e chagas de ensanguentada.

Rasgaõ-se-lhe as carnes com açoutes.

16 Vendo Olibrio o pouco, que obravaõ na delicada menina açoutes taõ crueis, que lhe despedaçaraõ as carnes, mandou cessar com elles, e que a recolhessem á obscura masmorra, em que costumava estar, em quanto cuidava em novo modo de convencer a sua grande constancia. Pareceo-lhe meyo opportuno, o mandar publicar por Edictos, em Amphilochia, Orense, e em outras terras vizinhas, o dia em que havia de sahir a publico aquella teimosa, e enganada pastora, para que naõ só assistissem, e fossem testimunhas do seu castigo, senaõ tambem para que antes de se entrar á execuçaõ delle, fizesse cada hum diligencia por convencê-la, com as razoens que lhes occorressem: e sendo muitas as pessoas Gentias, que com a prudencia da carne lhe pediraõ que naõ malograsse huma vida, que estava tanto no principio, e que desse culto aos antigos deoses; todos ficaraõ aturdidos com as celestiaes razoens que lhes deo, da necessidade que havia do summo beneficio da Redempçaõ &c.

Recolhe-se ao carcere, e prezi-ste constante na confissaõ da Fè.

17 Dezenganado Olibrio de naõ conseguir os seus intentos por este meyo, mandou aos verdugos, que pendurada no equuleo, e despida, descarnassem o seu innocente corpo com pentes, e garfos de ferro. Naõ tardaraõ os ministros executores de taõ cruel rigor, e de taõ barbara fereza, de lavrar aquelle jardim de flores de virtudes, nem elle de lançar a fragrancia dellas, naõ sendo menor entre as demais a da paciencia, com que via rasgar ao seu tenro, e innocente corpo, a qual demostrava aos que estavaõ presentes, dizendo repetidas vezes: *Em ti, Deos meu, em ti, Jesus meu, e dulcissimo Esposo, esperei, e naõ hei de ficar para sempre condenada: livra com a tua justiça minha innocencia, e naõ consintas se riaõ de mim estes teus inimigos, senaõ que eu bendiga, e louve para sempre o teu Santissimo Nome.*

Descarnaõ-lhe o corpo com pentes, e garfos de ferro.

18 Pasmados todos os Gentios de taõ admiravel espectaculo, começaraõ a inquietar-se, e a abominar com alteradas vozes execuçaõ taõ cruel em huma menina de taõ tenros annos; o que vendo Olibrio, fingindo a piedade, que naõ tinha de natureza, disse: *O' enganada menina, eu te peço que atendas para a tua pouca idade, e que naõ queiras perder a flor da tua formosura, consentindo que mais se te affee com os rigorosos tormentos, que ja começaste a experimentar, e com os muitos, e mais crueis, que experimentarás, se, perseverando na tua pertinacia, naõ consentires no que por vezes te tenho rogado.* A isto respondeo a Martyr invicta: *Perversos saõ os teus conselhos, razaõ porque os naõ admitto. Os tormentos, que me dás, saõ os que me encaminhaõ, e levaõ para o Ceo. Tu, como dezavergonhado caõ, e faminto lobo, tens o poder, que te deo o Altissimo, para despedaçares, e comeres esta fraca carne; mas naõ tens poder contra a minha alma, que guarda para a sua Gloria aquelle Senhor, que me remio com o preço do seu precioso Sangue.*

Constante resoluçaõ com que falla a Olibrio.

19 Qual furioso javalí, quando sentindo se ferido da setta do atrevido monteiro sahe assanhado da cama, pertendendo despedaçar quanto diante delle se lhe offerece, tal sahio de seu sentido o impaciente Olibrio, vendo se ferido das penetrantes palavras da Santa, e como tal rompeo nas seguintes: *Ja de*

mim

mim para contigo, naõ terá de hoje por diante lugar a misericordia, pois és taõ ingrata, que escarneces dos que te aconselhaõ; taõ atrevida, que te atreves a blasfemar dos deoses, e taõ desasizada, que desprezas as penas, e tormentos, que tanto saõ para temer &c. E assim por socegar ao povo, que estava inquieto por ver tanta carniçaria, e por consultar á sua crueldade novos modos, e invençoens de martyrios, a mandou encerrar na escura masmorra, na qual esteve tres dias experimentando os favores do seu Divino Esposo, que com a sua Celestial luz desterrou as trevas do escuro calabouço, sarou as feridas do seu despedaçado corpo, e lhe restabeleceo todas as forças, que tinha perdido, naõ só pelos deshumanos tormentos, senaõ tambem pela falta de alimento.

Recolhem-na ao carcere, aonde lhe sararaõ milagrosamente as feridas.

20 Invejoso o demonio de ver que Marinha em taõ delicados annos conseguia taõ grandes triunfos, armada com a graça, e virtude de Jesus Christo, traçou, para derrubar sua constancia, assombrar a sua imaginaçaõ, e a sua vista com a horrivel, e espantosa vizaõ em que se lhe reprezentou, na fórma em que na Ilha de Pathmos o mimoso Discipulo vio outro, com mostras de tragar o Divino parto; e assim como áquella Divina Puerpera foy concedido pizar, e conculcar o infernal dragaõ, assim nesta occasiaõ ficou atropellado desta fraca, e tenra menina, que fazendo-lhe tiro com o final da Cruz dezappareceo, dando hum estouro como de trovaõ. Por esta victoria se pinta o infernal dragaõ aos pés da nossa Marinha. Se no principio de taõ horrivel conflicto clamou ao Ceo, por se ver dezamparada; depois lhe deo muitas graças, reconhecendo que delle lhe viera a victoria, e se offereceo de novo a toda a qualidade de tribulaçoens, e de trabalhos, como quem ja conhecia, illustrada da luz Divina, que o caminho real, e mais direito, para chegar a Jesus, abunda mais de espinhas, e de amores seccos, que de flores suaves do amor.

Intenta o diabo amedrêtar a esta Santa, e se retira corrido.

Apocal. Cap. 12.

21 Passados tres dias, em que a nossa Santa, dezamparada de todas as creaturas, estava unida ao seu Creador, mandou Olibrio que a tirassem do carcere, e que a levassem ao seu Tribunal, onde appareceo a Bendita menina, perfeitamente saã das feridas, formoza como sempre, com grande modestia, e humilde serenidade. Tanto se naõ converteo o impio Olibrio á vista deste prodigio, que de novo intentou reduzi-la á adoraçaõ dos seus idolos, a cujas instancias respondeo, que tratasse elle de conhecer, e de adorar a Jesus Christo, que para remir aos homens, baixara do Ceo á terra, e morrera em huma Cruz. Assim como Olibrio, ouvio estas, e outras similhantes palavras, cheyo de hum louco furor, mandou que, posta no equuleo, lhe abrazassem as costas, e os peitos com fogo.

Apparece novamente no Tribunal saã das chagas &c.

22 Este rigorosissimo tormento tolerou a Santa Virgem [mediante a Divina ajuda] com tanta paciencia, que se lhe naõ ouvio hum ay, em que dezaffogasse as intensas dores, que lhe havia de causar taõ grande tormento; porque podia mais que o fogo material, o que em seu peito accendia a amorosa chamma, que lhe infundia o Espirito Santo. Naõ deo nesta occasiaõ Olibrio noticia ao povo, nem aos soldados, do dia em que mandara apparecer a Marinha no seu Tribunal, porèm obrando o Instincto Soberano nesta occasiaõ, foy numerozo o povo que se ajuntou, para ser testimunha da maravilhosa constancia, com que huma taõ tenra menina padecia taes tormentos; e para se convencer, como convenceo, a mayor parte delle, de que só era verdadeira a Fé, que ella seguia, e prégava.

Tolera com suma paciene a o abrazarem-se-lhe os peitos, e as costas com fogo.

23 Vendo o obstinado Olibrio assim ao povo alvoroçado, e cõmovido, suspendeo a execuçaõ, ainda que por pouco tempo, pois logo mandou, que atada de pés, e de maõs, a mettessem em hum tanque de agoa, onde perdesse o alento, e respiraçaõ da vida; porque ignorava aquelle barbaro Pagaõ, que por fogo, e por agoa leva Deos aos seus ao refrigerio mayor. Assim como se vio a invicta Martyr submergida, fez huma devota oraçaõ, por cujo meyo se quebraraõ as cordas, e ligaduras, e sahio livre do elemento da agoa, assim

Mettem-na atada de pès, e de maõs em hum tanque donde sahe milagrosamente.

affim como tinha fahido do fogo. Crefceo no povo o motivo para o affombro, naõ fó por efte prodigio, fenaõ tambem por outro mayor, qual o de ver todo o numerofo concurfo baixar a huma pomba do Ceo, com duas Coroas de ouro pendentes no bico, mais formofas que os refplandores do fol, à qual acompanhava huma Celeftial vóz, que diffe: *Bemaventurada es tu entre as mulheres, pois permanecefte pura, e cafta, e pelejafte pela Fè, e caftidade, com que merecefles a Coroa da vida.* Affim quiz atteftar o Ceo, em como mereceo a noffa Illuftre Bracharenfe duas Coroas; huma porque venceo os mentirofos affagos, com que Olibrio quiz macular a fua pureza, e a outra, porque em defenfa da Fé excedeo ao mais impios tormentos a fua intoleravel conftancia.

Defce huma Pōba do Ceo com duas Coroas, e hũa vóz do mefmo Ceo a Canoniza Bemaventurada.

24 A' vifta de taõ patente, e de taõ raro prodigio, todo o numerofo concurfo começou a clamar, que confeffava a Jefus Chrifto, que ja em feu coraçaõ eraõ todos Chriftaõs; concluindo, que eftavaõ promptos para feguir a Marinha, e para lhe fazer companhia nos feus tormentos. Ouvindo Olibrio eftas clamorofas vozes, á fimilhança do impio Pharaó, reziftindo ás vozes, e aos claros finaes do infinito poder, como louco furiofo, convocou a Legiaõ dos Soldados Romanos, que affiftiaõ de prezidio no Caftello de Armea, para que armados de fogo, e de ferro, deffem fobre o numerofo concurfo, e tiraffem as vidas a quantos fe declaraffem Chriftaõs. Affim como os recemconvertidos tiveraõ noticia defta impia ordem, procuraraõ com ancia, e devota porfia, a Apoftolica Prégadora, que com a illuftraçaõ do Senhor, que lhe affiftia, os animou para o martyrio com palavras de vida, e de faude; declarando-lhes os principaes Myfterios da noffa fanta Fé, o fim para que fomos creados, a remuneraçaõ do premio, o caftigo eterno; efte, para os infieis, e máos; aquelle para os Fieis, e Juftos. Declarou-lhes finalmente, que ainda que o fanto baptifmo era a todos neceffario para renafcerem ao Ceo, o fangue, que derramaffem por Jefus Chrifto, suppriria efta falta, por dar a graça por modo maravilhofo.

Converte fe o innumeravel povo, que prezenciou taõ grandes maravilhas.

25 Foy tal a efficacia, com que perfuadio aquelles novos Chriftaõs a darem a vida por Chrifto, que, com a chegada dos foldados, fe offereceraõ á porfia ao martyrio, huns com os joelhos em terra, e com as maõs erguidas, outros proftrados por terra offereciaõ á efpada os pefcoços, os peitos, e todos os membros do corpo. Aonde cahiaõ huns a impulfos das efpadas, ou das catanas, e alfanges, chegavaõ correndo outros, procurando anticipar-fe á morte, e arrebatar com mais preffa a gloria, e a Coroa de Martyres. O numero defte fe efcreve com variedade, pois Surio, e outros Authores, o chegaõ ao de quinze mil, e o Breviario de Palencia numera fómente cinco mil, os que fizeraõ holocaufto voluntario das fuas vidas nefta occafiaõ.

Daõ a vida por Chrifto os convertidos.

26 Naõ baftou taõ grande mortandade para fe mitigar o frenetico furor do maldito Olibrio, pois mais encarniçado, e colerico, bramando como leaõ, mandou que lançaffem a Marinha em hum dos fornos, que ardiaõ no Caftello de Armea, perfuadido, que fó defta forte reduziria a cinzas, a que com defprezo do feu amor, das fuas promeffas, com injuria, e defdouro dos feus adorados deofes, foube, e pode converter a Jefus Chrifto tantas almas. Arrojada a Bendita Marinha entre as vorazes chammas, que fe tinhaõ bem preparado no tal forno para o intento, ellas a refpeitaraõ, como outras o fizeraõ aos tres mancebos, que fe lançaraõ em hum forno de Babylonia; ou como em a Çarça de Oreb foube o fogo prefcindir, deixando fem ufo a voracidade do ardor, e banhando-a fó com os agradaveis reflexos da luz.

Lançaõ a Santa em hum forno, donde fahe fem lezaõ.

27 Vendo o malvado Olibrio a Santa livre do fogo, com que a fuppôs reduzida a cinzas, mandou a hum verdugo, a que chamavaõ Marco, que lhe cortaffe a cabeça. Querendo o verdugo executar o golpe, a Santa lhe pedio o naõ fizeffe, em quanto naõ fazia huma breve oraçaõ ao Ceo, e como lhe concedeffe o que pedia, cortez, e compaffivo, levantando a noffa Marinha

Faz oraçaõ a Deos pedindo-lhe fizeffe faudavel a fua intercefsaõ &c.

rinha o ſeu eſpirito, e ſua vóz a Jeſus Chriſto Eſpoſo ſeu, lhe deo humildiſſimas graças pela haver livrado das torpes immundicias, e por lhe ter aſſiſtido, ficando vencedora de tantas, e taes penas. Pedio-lhe, com a confiança de Eſpoſa, taõ fina, e taõ amante, que para bem da Igreja, e dos Fieis, fizeſſe ſaudavel a ſua interceſſaõ para todos os ſeus devotos, e que todos os que a invocaſſem com fé, e coraçoens limpos, achaſſem para ſeus males neſta vida remedio, graça para a penitencia, e emenda, e perdaõ de ſeus peccados.

28 Feita eſta oraçaõ, ſe dignou a Summa Bondade de noſſo Redemptor Jeſus Chriſto, de apparecer a eſta ſua amada Eſpoſa, acompanhado de Angelicos Coros, o qual a confortou, e ſegurou de que acceitava a ſua petiçaõ, e ſupplica. No meſmo tempo baixou do Ceo outra candida Pomba, que trazia huma Cruz de ouro, como prenda de ſeu Eſpoſo Soberano, em arrhas do Reyno Eterno. Logo eſtremeceo a terra, e ſe ouviraõ no ar trovoens muito aſſombrozos, que atemorizaraõ aos circunſtantes, mas naõ á noſſa ditoſiſſima Bracharenſe, que, poſta de joelhos, offereceo ao cutélo aquella formoſiſſima garganta, que como orgaõ do Eſpirito Santo, enſinou recreyo, e alimento a tantos membros de Chriſto com a doutrina do Ceo. Executou Marco o golpe, ainda que eſtava confundido com ver occularmente tantas maravilhas, que fizeraõ depois taõ grande impreſſaõ no ſeu peito, que ſe converteo para viver, e morrer como Chriſtaõ.

Concede-lhe o meſmo Senhor a graça, que lhe pedio apparecẽdo-lhe.

Conſũma o martyrio degolada.

29 Cahindo em terra a ſagrada cabeça de Marinha, ſe multiplicaraõ as demonſtraçoens do Divino poder, e da ſua ſumma miſericordia; porque do truncado peſcoço corriaõ fontes de ſangue, miſturadas com leyte, para demonſtraçaõ de que naõ foy eſteril a ſua virgindade, ſenaõ muito fecunda, pois abundou do candido alimento para tantos filhos eſpirituaes, como deo a ſeu Celeſtial Eſpoſo. Naõ ſó imitou com eſte prodigio ao que ſuccedeo quando cortaraõ a cabeça a S. Paulo, ſenaõ tambem em a outra maravilha, que ſe ſeguio á cabeça cortada do meſmo Santo, pois ſe eſta fez naſcer tres fontes, ao contacto de tres ſaltos, que deo no chaõ; [que hoje ſe conſervaõ, e veneraõ em Roma] a da noſſa Santa fez brotar outras tres fontes, a impulſo de tres ſaltos que deo, as quaes ſe conſervaõ em pouca diſtancia do Templo, em que eſtá o ſepulchro da meſma Santa, na Freguesia a que chamaõ Agoas Santas, alludindo aos milagres, que a Divina Bondade de Deos faz pelo ſeu contacto. Aos 18. de Julho foy o ſeu triunfo, o anno foy o de 138., ou de 139., e teria de idade 18., ou 19.

Corre leyte do peſcoço da Sãta, e naſcẽ tres fontes ao contacto de tres ſaltos que deo a cabeça.

30 O Santo Sacerdote Theotimo, e outros Chriſtaõs, que por Providencia de Deos naõ foraõ martyrizados naquella occaſiaõ, ungiraõ com aromas o corpo deſta Glorioſa Martyr, e lhe deraõ ſepultura perto do meſmo ſitio em que foy degolada, e das milagrozas fontes, que manaraõ da ſua cabeça, onde ſe ouviraõ repetidas vezes Coros de Anjos, que com muſicas Celeſtiaes louvavaõ, e engrandeciaõ a victoria deſta grande Santa. A ella concorriaõ innumeraveis enfermos, e energumenos, com a certeza de que achavaõ nella o dezejado remedio. Naquelle meſmo ſitio de Agoas Santas, e em hum plano, que faz ditoſa aquella montanha, deraõ o ſobredito Sacerdote, e os mais Chriſtaõs ſepultura aos Martyres filhos, e companheiros da noſſa Santa.

Sepultaõ-na cõ os companheiros no meſmo ſitio em que foy degolada.

31 O precioſo depoſito de Marinha ficou occulto, e deſconhecido aos infieis; porèm conhecido, e venerado dos Chriſtaõs. Com a converſaõ do grande Imperador Conſtantino, ſe fez publica a ſua veneraçaõ, ſe bem que tornou a esfriar com a vinda dos Godos, e Suevos, que reynaraõ em Galliza Bracharenſe, deſde o anno de 717., em quanto foraõ Hereges Arrianos. ElRey D. Affonſo o Caſto vindo a Galliza pelos annos de oitocentos, pela occaſiaõ de ſe manifeſtar com luzes do Ceo o corpo do Glorioſo Apoſtolo S. Thiago, foy tambem a Agoas Santas, com a noticia de que ſe deſcobrira o ſepulchro da noſſa Santa, com o meſmo modo, ou ſimilhante milagre, porque aſſignalaraõ o ſitio muitas luzes, que em continuadas noites baixaraõ

Deſcobrẽ luzes do Ceo o corpo deſta Santa.

do Ceo. Informado pois o piedosissimo Rey do tal prodigio, e do portentoso martyrio de Santa Marinha, lhe mandou fabricar o Templo, que hoje existe, ainda que mais ampliado, e mais magnifico, do que os que se usavaõ na rudeza, e escassez daquelles tempos.

32 Neste Templo, no meyo da nave ao lado da Epistola, está o sepulchro desta Santa, pouco levantado do chaõ, e coberto com huma pedra, ou lapida, mayor que as commũas das sepulturas. Circunda, e rodea este sepulchro num bazamento de pedra lavrada, de ordinaria canteria, e sobre elle oito columnas, em cujos capiteis se fundaõ tres abobadas da mesma pedra, e debaixo delles, sobre pedrestaes dourados, estaõ tres effigies, huma de Santa Marinha, no meyo, e aos dous lados, a de Santa Marta, e a de Santa Eulalia de Merida, de quem escrevo tambem neste Volume. He indizivel a fé, e a devoçaõ com que acodem os devotos desta Santa a procurar a sua intercessaõ. Raspaõ da pedra do sepulchro alguns graõs, ou pós, nos quaes achaõ para os seus males o remedio, e o allivio; e a prova do milagre he, o levarem outra vez em humas bolsinhas os mesmos pós, que tiraraõ da pedra, as quaes deixaõ penduradas no sepulchro.

Está em Orense sepultada.

33 O Illustrissimo Munhoz, Bispo que foy de Orense, na Historia que fez imprimir do mesmo Bispado, escreveo a vida desta Gloriosa Santa, na qual conta muitos milagres, que a Bondade de Deos tem feito pelos seus merecimentos, ainda que duvida de que ella fosse a filha de Lucio Cayo Atilio, o que diz contra a torrente de todos os Authores, que logo nomearei, e contra o que diz o Illustrissimo Sandoval na *Historia Ecclesiastica de Tuy*, por estas palavras: *La Gema, ó Marina, padecio martyrio en Amphilochia, Ciudad Griega, y antigua, en el Obispado de Orense, a quien llaman con engaño los Breviarios Bracharense, Toledano, Compostelano, y otros Antiochia, e alli descança su cuerpo: padecio a 18. de Julio. Quedò la memoria desta Santa mais viva en este Obispado, que de las otras hermanas, pelas muchas Parochias, e Hermitas, que della hay.*

Hist. Eccl. de Tuy pag. 37.

34 O Arcipreste Juliano chama a esta Santa Gemma, ou Marinha, donde veyo o ajuntarem alguns hum nome com outro, e o chamarem-lhe tambem Margarida, que he o mesmo que Gemma marina, perola do mar; porque a pedra precioza do mar, que se concebe do rocio do Ceo, influindo a aurora com a sua luz, se chama perla no idioma Castelhano, Margarita no Grego, e Gemma no Latino.

Notem.

35 Confundem muitos Authores á nossa Santa Marinha Bracharense com Santa Margarida de Antiochia, em Pisidia, a quem chamaõ Marinha, Beda, e Usuardo, como escreve o Cardeal Baronio, as quaes saõ taõ diversas, e distinctas, como do Oriente ao Poente. O Mestre Rezende, na Carta que escreveo a Bartholomeu de Quevedo, sobre muitos Santos de Hespanha, censura o erro de levarem a esta Santa Marinha a Antiochia, com estas elegantes palavras: *Imitabimur ne bellum illum scriptorem, qui pro gestis S. Marinæ Virginis, & Martyris, apud Aquicaldensis primo, principio ad extremum usque finem gesta nobis obstruxit, se Theotimum faciens, & Antiochiam, ad quam Olibrius venerat Tyden Callecia Civitatem somnians nihil audacius imperitia.*

Mais.

36 O Martyrologio Romano faz mençaõ da nossa Santa no dia 18. de Julho, em que foy o seu martyrio, dizendo: *Gallecia in Hispania Sancta Marina, Virginis, & Martyris.* Baronio o segue nas Annotaçoens ao mesmo Martyrologio, e a 20. de Julho faz mençaõ de Santa Margarida, a quem os Gregos, diz, tambem chamaõ Marinha, que he a de Antiochia. Tambem muitos confundem a nossa Santa Marinha com Santa Marinha de Alexandria, que foy Virgem sómente, a qual viveo com o nome de Marinho no estado de Donato, sendo porteiro de hum Convento de Monges.

37 Neste Reyno de Portugal, e de Galliza, vemos muitos nomes de Marinhas, e de Margaridas, pela antiga devoçaõ, que tem a esta Santa, á qual se

ſe tem dedicado innumeraveis Templos. Neſte Arcebiſpado ſaõ muitos. O Convento da Coſta junto a Guimaraens a tomou por Padroeira. No Biſpado do Porto tem dez Igrejas Parochiaes. No Biſpado de Orenſe a veneraõ dezaſſeis Igrejas Parochiaes, e no de Tuy quatorze, naõ ſe fallando em Capellas dedicadas ao ſeu nome. Deſta Santa eſcrevem muitos Authores, além dos nomeados acima, como ſaõ o Breviario antigo Palenciano, o *Martyrologio Hiſpano*, *Luſitano. Jardim de Portugal*, *Benedictina Luſitana*, *Monarchia Luſitana*, *Agiol. Luſit* Munhoz na *Hiſtoria de Orenſe*, com mais expreſſaõ que todos, e outros muitos Authores.

SANTA LIBERATA, *ou* ULGEFORTE, *Virgem*, *e Martyr*, *natural da Cidade de Braga.*

1 FOy huma das nove filhas de Lucio Cayo Atilio Severo, Regulo de Braga. Na vida de ſua irmaã Santa Quiteria contamos a que todas exerceraõ, até o tempo em que hum Anjo mandou que, ſahindo de caſa de ſeus pays, ſe dividiſſem por diverſas terras. Todos os Authores eſcrevem, que eſta Santa ſe retirara para hum dezerto a fazer vida Eremitica, e a preparar-ſe para o martyrio, em companhia de alguns Chriſtaõs, que a ſeguiaõ movidos do ſeu exemplo, mas nenhum aſſignala o ſitio do dezerto, cujo nome occultou a antiguidade. Eſcreve-ſe ſim, que no tal dezerto, affligia o ſeu delicado corpo com aſperas penitencias, e que ſe deſcuidava tanto de conſervar a vida, que a ſua florente idade lhe promettia, que naõ comia mais que manjares ſylveſtres huma vez ao dia, e ja na declinaçaõ delle.

Vay para hum dezerto.

2 Eſtando pois a noſſa Santa no dezerto entregue ás contemplaçoens do Ceo, a procuraraõ innumeraveis Chriſtaõs, para que os conſolaſſe nas ſuas perſeguiçoens, e os animaſſe para o martyrio; e como no meſmo dezerto convertia muitos Gentios, que tambem a procuravaõ com a fama da ſua ſantidade, mandou ſeu pay Lucio Cayo Atilio, ſegundo huns Authores, ou outro igual tyranno, ſegundo outros, muitos ſoldados para que foſſem tirar-lhe a vida, e a todas as peſſoas que a ſeguiaõ. Martyrizaraõ os tyrannos miniſtros da impiedade a hum grande numero de Chriſtaõs diſcipulos da noſſa Santa, mas naõ fizeraõ logo o meſmo a eſta, por entenderem que o horroſo dos tormentos, que via praticar com os companheiros, a faria eſmorecer; no que ſe enganaraõ, pois a conſtante Infanta, com animo verdadeiramente Real, animava aos Benditos Martyres a padecer por Jeſus Chriſto, com razoens taõ efficazes, que todos ſe offereciaõ ao martyrio eſpontaneamente.

Procuraõ-na nelle, e martyrizaõ aos ſeus diſcipulos.

3 Intentando os miniſtros do inferno perſuadir a Santa á adoraçaõ dos idolos, com as ſuas eſtudadas promeſſas, e vendo que os abominava, deixando as palavras brandas de que uſavaõ, entraraõ com o rigor, deſpedaçando-lhe o ſeu innocente, e delicado corpo com açoutes, e garfos de ferro, e dando-lhe outros tormentos, que aquelles barbaros inventavaõ, com a ajuda do demonio, para mais mortificarem aos Servos de Chriſto. Eſte Senhor lhe deo tal conſtancia, e fortaleza, que nunca dezaffogou com huma palávra de ſentida, nem deſcompôs a modeſtia, e honeſtidade de ſeus olhos, que ſó movia para os pôr no Ceo, para dar graças ao ſeu doce Eſpoſo, pela fazer digna de tamanha dita, qual a de padecer pelo ſeu amor. Corrida, mas naõ vencida, a tyranna cegueira, de ſe ver deſprezada pela invicta paciencia de huma mimoſa, e delicada donzella, com diabolica ira lhe deraõ a morte de Cruz, que os Hebreos deraõ a ſeu Eſpoſo o Innocentiſſimo Jeſus, que no Ceo lhe havia de dar o merecido premio da ſua maravilhoſa conſtancia.

Daõ principio ao ſeu martyrio.

Crucificaõ-na.

4 Naõ ſó deo eſta Glorioſa Santa a vida pela Fé de Jeſus Chriſto, ſenaõ

naõ tambem por defender a sua pureza, como se colhe dos Martyrologios Romano, Portuguez, e de Usuardo, que dizem: *In Lusitania Sancta Vuilgefortis Virginis, & Martyris, quæ pro Cristiana fide, ac pudicitia decertans, in cruce meruit Gloriosum obtinere triumphum.* As palavras do Martyrologio de Usuardo accrescentado, dizem: *Sancta Vuilgefortis Virginis, & Martyris, filia Regis Portugaliæ, quæ ab aliquibus Latinè dicitur Liberata, Teutonice verò agnominatur Ont. Comera, quæ amore castitatis, & Christiana fidei, in Cruce moriens feliciter transivit ad Dominum.* Diz que a Gloriosa Santa Vuilgeforte, chamada em Latim Liberata, e em Tudesco Ont Comera, foy filha delRey de Portugal, a qual por conservar a sua castidade, e naõ negar a Fé de Christo, padecendo martyrio de Cruz passou gloriosamente ao Senhor. O glorioso triunfo desta esclarecida Bracharense foy a 20. de Julho, no anno ha duvida, muitos Authores lhe assignalaõ o de 138.

Noticias historicas de Orense pag. 117.

5 O Illustrissimo Munhoz, Bispo de Orense, diz que ella padecera em Caurstraleuca, que he o mesmo, que na Villa de Castello-Branco deste Reyno. O Padre Anjos no seu *Jardim de Portugal* lhe assignala a Cidade do Porto, no sitio onde chamaõ Miragaya, seguindo a Juliano Arcipreste de Santa Justa de Toledo, que diz: *In urbe Callenai prope Castra Leuca in Lusitania Sancta Vuilgefortis, quæ & Cometrensis, & Liberata adicitur, pro defensione fidei, & pudicitia in crucem agitur, & cervice suborsa, generosissimum Cruce de tyranno triumphum egit.* He de advertir que a famosa Cidade do Porto esteve antigamente em Miragaya, naõ muito longe do Castello, ou Castro Novo, ou Branco, o qual estava no sitio em que agora está a Sé, para onde se mudou esta Cidade no tempo dos Suevos.

Trasladaõ o seu santo corpo para Galliza, e depois para Siguença.

6 Naõ se sabe o motivo porque foy trasladado o corpo desta Gloriosa Santa para hum Mosteiro de Benedictinos de Galliza, do qual, pelo receyo das continuas guerras com que se via attribulado aquelle Reyno, foy transferido para o Mosteiro de Santa Dorothea de Siguença, Cidade que ficava na demarcaçaõ da Provincia Tarraconense, e hoje no Reyno de Castella a Nova. Como resplandecia em muitos milagres foy novamente trasladado para a Cathedral da mesma Cidade, donde o levaraõ furtivamente para a Cidade de Florencia.

7 Como os Cidadaõs, e povo daquella Cidade sentiraõ o roubo que lhes fizeraõ da sua Santa Padroeira, pediraõ a Deos com votos a sua restituiçaõ, a qual conseguiraõ a instancias, que fez ao Papa Bonifacio IV., o Bispo D. Simaõ Giron de Cisneros lhe fez lavrar huma magnifica Capella na mesma Sé de Siguença, onde collocou o corpo da nossa Santa em huma arca de prata. Passados porèm dous Seculos, o Bispo D. Fradique de Portugal, como intimo devoto desta Santa sua natural, mandou lavrar a sumptuosa Capella, que hoje tem, a qual dotou, e ornou com preciosidade. A 15. de Agosto de 1537. fez a trasladaçaõ das sagradas Reliquias, que foraõ mettidas em huma custosa arca de prata, depois de ver, e admirar o grande concurso que se achou naquella solemnidade, a camiza da Santa Martyr, com o sangue taõ fresco, como se naquella hora fora martyrizada, e que exhalava odorifero cheiro o seu santo corpo.

Agiol. Lusit. p. 4. pag. 174.

8 O Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha se persuadio de que a Santa Liberata, que se festeja em Siguença, naõ era a nossa Bracharense, mas sim outra natural da Cidade de Como, no que se equivocou, como mostra o Author do *Agiologio Lusitano* no dia 15. de Agosto, e tambem o mesmo *Agiologio* no dia 18. de Janeiro, no qual diz se celebra a festa desta Santa, e das suas oito irmaãs na sobredita Sé de Siguença.

SANTA

SANTA EUFEMIA, *ou* EUMELIA, *natural de Braga.*

1. NA vida da Gloriofa Santa Quiteria, de quem efcrevemos a pag. 803. contamos a vida de todas as fuas oito irmaãs, até o tempo em que hum Anjo as mandou feparar por varias terras, e Provincias, e agora dizemos, que Santa Eufemia, ou Eumelia, foy encaminhada pelo feu Anjo para Obobriga, Cidade que pertencia a Braga, por eftar nefta Provincia do Minho, no fitio que adiante diremos.

2 Parece naõ era a Cidade de Obobriga pouco populofa, pois mandando o Imperador Antonino fazer, ou reparar o Itinerario, Via militar, ou calçada, por onde paffavaõ as Romanas Legioens defde Aftorga a Braga Augufta, declarava foffem direitos a Obobriga, do que fe infere, que era capaz de alojar aos muitos foldados, que andavaõ dando á execuçaõ as ordens do Imperador. Nella pois tomou a noffa Santa peregrina algum defcanço do trabalho, que lhe occafionou taõ dilatado, e afpero caminho, na companhia de alguns Chriftaõs, que tinhaõ alli a fua refidencia, fem ferem conhecidos dos idolatras. Naquelles tempos fugiaõ, ou fe efcondiaõ deftes os Chriftaõs, que queriaõ guardar exactamente a Ley, huns por temor, e medo, e outros, [que eraõ os mais] porque como defconfiavaõ humildemente de fi, fe queriaõ difpôr, e fortificar com jejuns, e oraçoens, efperando o tempo opportuno, em que Deos os defcobriffe, e chamaffe á palma do martyrio.

Vay para a Cidade de Obobriga.

Munhoz Hiftoria de Orenfe.

3 Efte foy o motivo porque paffado algum tempo fahio Eufemia da Cidade, cheya de prudente virtude, e de humildade muito folida, para as montanhas, e afperas ferras, que ficaõ ao Norte defta Cidade de Braga, a que chamavaõ os antigos *Gerefio* [nome derivado dos muitos giros, e das muitas voltas, que por eftas ferras faziaõ os caminhos, e Via militar, que defta Cidade hia para Orenfe] e agora com pouca corrupçaõ chamamos Gerez. Naquella medonha, e afpera montanha, que ficava em pouca diftancia de Obobriga, e de Rio Caldo, fe entregou a noffa Santa aos cuidados da morte, e aos defcuidos da vida com avantajados progreffos, e augmentos no efpirito, por fer a foledade filencioza dos montes, e dos campos, o mais opportuno, e accõmodado inftrumento para a contemplaçaõ; por alli refpirarem os ares da verdade puros, fem que os inficione a lizonja, e corrompa a malicia. A piedade dos Fieis, que della tinhaõ noticia, lhe enviava por algumas vezes efcaffo alimento, que ajudava com as hervas do campo. E fe ella fugio dos povoados, onde faõ mais frequentes os perigos, porque nelles os vicios, tanto da viciada inclinaçaõ propria, fe correm da malicia alheya, que com a pratica de feus máos exemplos faz menos horrorofo o veneno da culpa; naquella foledade fenaõ vio cercada de poucas batalhas, penalidades, e fuftos; quaes eraõ os que lhe occafionavaõ os lobos, os javaliz, e outras bravas, e medonhas féras, de que abundaõ aquellas afperas ferranias? Quaõ penofo lhe feria o occultar-fe aos paftores, que, fobre ferem rufticos, eraõ barbaros Gentios! Quantas defcõmodidades experimentaria das injurias dos tempos, fem ter por efpaço de dous annos, que alli perziftio, outro refguardo, ou defenfa dos calores, e dos frios, que a rafgada gruta de hum penhafco, ou a concavidade de algum velho tronco! Com quantos medos, com quantas illuzoens diabolicas a procuraria derrúbar, e vencer o dragaõ infernal, invejozo de que fizeffe huma vida taõ afpera huma menina taõ illuftre, taõ delicada, e de taõ tenra idade!

Faz vida Eremitica no Gerez, onde perfeverou dous annos.

4 Nos dous annos, que efteve Eufemia naquelle dezerto, fez grandes progreffos na perfeiçaõ Evangelica, pois com o rego de celeftiaes influxos, crefceraõ formofas as flores das fuas virtudes, e deforte, que ouvindo a crueldade

Vay prègar a Fè a Obobriga, onde argumenta com os tyrannos Gentios.

de com que os impios idolatras, davaõ morte aos Fieis, que rezidiaõ na Cidade de Obobriga, cheya de zelo da honra de Deos, sahio do monte, e dirigindo os passos á Cidade, nella entrou, prégando a vozes a Gloria de Jesus Christo, e confessando a sua Fé; de que irritados os Gentios, a arrebataraõ com ignominia, e raiva, e entre alaridos, e vozes, a aprezentaraõ ao iniquo Presidente, em cujo theatro aquelle coraçaõ taõ innocente, e puro, se encheo, e recresceo com Apostolico gozo [que o mundo, e carne ignoraõ, e repugnaõ] de padecer contumélias, e morte por amor de Jesus Christo.

5 A primeira diligencia, que o tyranno Juiz praticou com a nossa Santa, foy a de mostrar-se compassivo do seu engano, e do seu imminente perigo, se naõ negava a Christo. Aconselhou-a que adorasse aos seus deoses, que eraõ os verdadeiros, a quem ella, e todos deviaõ o ser; porque, a naõ o fazer assim, perderia a honra, e a vida em a tenra flor da sua idade. A isto respondeo Eufemia com muita modestia, e constancia de animo, que o engano, sem desculpa, e o risco mais formidavel, era o que elle padecia, e todos os que o seguiaõ em a adoraçaõ dos idolos. Que só em Jesus Christo, que ella, e todos os mais Christaõs adoravaõ, se achava a verdadeira lúz, saude, e vida eterna.

Dá-se principio ao seu martyrio, e a cura hũ Anjo das chagas, que lhe fizeraõ.

6 Enfurecido o Presidente de taõ livre resposta, mandou que lhe dessem muitas bofetadas, e açoutes, e que assim lastimada, e ferida, a mettessem em hum carcere immundo, escuro, e estreito; no qual com effeito a metteraõ os infernaes Ministros, com o projecto de que logo exhalaria a vida, naõ só por debilitada dos açoutes, senaõ tambem da falta de alimento. Como a nossa encarcerada estava costumada a naõ perder de vista as dores, e affrontas de seu Esposo Jesus, naõ cessava de dar-lhe graças, pela fazer digna de padecer pelo seu amor. Porèm querendo o mesmo Senhor consolá-la, e animá-la para outras mayores batalhas, mandou a hum Anjo, que a curou das feridas dos açoutes, e alentou para as pelejas, que a esperavaõ.

Munhoz na Historia de Orense.

Intenta o Juiz persuadi-la a illicitos tratos.

7 Ordenou o Juiz que lhe naõ dessem mais tratos no decurso de alguns dias, por lhe parecer que lhe quebrantaria o animo a fome, a descõmodidade, o horror do calabouço, e as dores, e chagas dos açoutes passados; porèm dezenganado de que cada vez se mostrava mais constante, e firme na confissaõ da Fé de Jesus Christo, tratou de fazer-lhe a mais cruenta guerra, qual a de procurar com mimos, branduras, e offertas o incliná-la a illicito trato, por lhe parecer que seria o melhor meyo para lhe fazer perder a Fé: pensamento diabolico, e o mais proporcionado para conseguir o seu intento, pois desde o principio do mundo, até os presentes tempos, os fumos torpes, e por isso agradaveis á natureza corrupta, privaõ da melhor vista, e ja cerraõ, e ja abrem porta muito larga, a huns para naõ seguir, e a outros para dezampararem as bandeiras da pura, e Catholica Religiaõ, taõ contraria, e inimiga da deshonestidade.

A torpeza tem sido cauza das herezias.

8 Este ascorosissimo vicio he o mayor obstaculo para a conversaõ dos Pagoens, e Gentios. Este he o golozo cebo, com que a muitos attrahe o infeliz partido dos Hereges. Com este, todos os Hereziarchas antigos (entre os quaes sómente nomeyo o cujo Gallego Prescilliano) de cujas herezias fallo a pag. 165.) inficionaraõ a Igreja Catholica. Com este o porco Mafoma se fez senhor de muita parte do mundo, pelo achar a todo bem disposto para estas, e outras miserias. Com este cebo finalmente, e com a liberdade de consciencia, acharaõ innumeraveis discipulos, que os seguiraõ, os dezenvergonhados Apostatas das Religioens de Santo Agostinho, e de S. Domingos, Martim Lutero, e Martim Lucero, e o mais astuto, e politico Calvino.

Cõtinuaõ os tormentos.

9 Como a nossa Santa estava muito constante em guardar intacta a preciosa margarita da castidade, he certo que naõ havia de titubiar na Fé de Jesus Christo, a quem a havia dedicado, e menos dar assenso ás caricias, e promessas, que lhe fez, por si, e pelos soldados, o Presidente de Obobriga, que vendo

vendo naõ aproveitavaõ branduras, e promessas; para a persuadir aos seus inhonestos intentos, se resolveo a uzar dos rigores do equuleo, e potro, onde a mandou metter. Depois deste tormento, mandou que a pendurassem pelos cabellos sobre huma fogueira, ou forno accezo. Supposto padecesse Eufemia como sensivel, para se accumular de meritos, se mostrava como se fosse impassivel em a alegria, e serenidade do semblante, porque estava seu espirito mais inflammado que as mesmas chammas no amor de Jesus Christo seu Esposo, donde lhe vinha o valor, e a constancia.

10 Vendo esta o feróz Juiz, mandou que a apartassem dos seus olhos, e que a levassem á montanha de Gerez, e que nella a precipitassem de huma alta, e fragoza penedia, [que hoje conserva seu nome] mas o Senhor, que naõ queria tivesse aquella morte, mandou Anjos, que a receberaõ no ar, e a puzeraõ no valle sem damno, nem lezaõ alguma. Ha quem diz, que puzeraõ a Santa sobre huma pedra, em quanto cuidavaõ na morte que lhe haviaõ de dar, e que ella, como se fora branda cera, milagrosamente se amolgara, administrando-lhe huma concavidade, conrespondente ao seu santo corpo, cuja pedra dizem se conserva junto a huma fonte, que se chama de Santa Eufemia, com a experiencia de que naõ cria musgo, ou limo, e de que nunca secca.

Precipitaõ-na de hũa alta serra.

Agiol. Lusit. p. 2. pag. 537.

11 O Illustrissimo Munhoz escreve, que vendo os impios ministros da execuçaõ, que escapara com vida daquelle precipicio, e que cantava louvores Divinos, a levaraõ atada, e arrasto até onde estava o iniquo Juiz. Este cego da ira, e de diabolico furor, com a sua propria espada atravessou áquelle angelico corpo, traspassando de caminho aquelle coraçaõ puro, e taõ finamente amante do seu Divino Esposo; e por meyo desta ditosa morte voou ao Ceo a sua candidissima alma a receber duplicadas Coroas, vestida, e revestida, como defensora da castidade, e da Fé, com a gloriosa tunica da olanda mais fina da sua virgindade, e do manto de purpura da sua triunfante paixaõ. A 13. de Abril se festeja o seu triunfo, o anno delle, fazem huns o de 138., outros o de 139., e outros que he o mais certo, o de 140., primeiro do Imperio de Antonio Pio, e justamente dizem alguns Authores, que padecera na perseguiçaõ de Adriano; pois, naõ obstante o ser este ja fallecido no sobredito tempo, duravaõ os Edictos da perseguiçaõ, que elle deixou começada, a qual o novo Imperador Antonino, que lhe succedeo, mandou cessar no fim do anno de 140. Nascendo ella no anno de 120., como se tem por certo, veyo a consummar o seu martyrio de dezanove, ou de vinte annos.

Noticias Historicas de Orense pag. 123.

Consumma o seu martyrio.

12 No mesmo tempo, em que padeceo a nossa Santa, padeceraõ dous companheiros, de quem se naõ sabes os nomes; e como todos foraõ lançados ao campo, com aquelle desprezo que costumavaõ praticar os cegos Gentios com os professores da Fé de Jesus Christo, a piedade, e fervor dos Fieis, que alli viviaõ occultos, favorecidos, e cobertos com o manto da noite, os sepultaraõ juntos, deixando-os muito cobertos da terra, naõ longe dos muros de Obobriga, onde estiveraõ occultos á noticia dos homens, por cauza das perseguiçoens, que teve nossa Máy a Santa Igreja Catholica em os seguintes Seculos, com as invazoens, e uzurpaçoens dos Vandalos, Alanos, Suevos, Godos, e Mouros, até o anno de 1090., em que a Divina Providencia quiz que se patenteasse ao mundo, para publica veneraçaõ, o seu santo corpo, por meyo do milagroso modo, que vou contar.

Sepultaõ-na no monte &c. onde esteve atè o anno de 1090.

13 Andando pastoreando o gado em certo dia naquelle sitio, huma moça de vida innocente, natural do lugar de Manim, segundo Munhoz, Bispo de Orense, ou mais certo do lugar de Rio Caldo, como diz o Author do *Agiologio Lusitano*, vio em hum campo perto das ruinas de Obobriga, em hum sitio a que chamaõ Campilho, que se meneava huma formosa maõ, ornada de hum annel de ouro com huma resplandecente pedra. Sem mais pon-

Munhoz Historias de Orense.

Agiol. Lusit. 2. part. n. 537.

deraçaõ, ou discurso, ou por simplicidade, ou por curiosidade, ou por cobiça, tirou o annel do dedo á Santa, com o qual partio de carreira para casa de seus pays, porèm com o dezar de ficar repentinamente taõ muda, que chegando a ella, se naõ pode explicar senaõ por sinaes, que fazia, da parte em que achara o annel; e como com os mesmos sinaes convidava ao pay para ir ver a maõ donde o tirara, elle a seguio até o sitio em que vio aquella bella maõ, despojada da sua rica prenda. Andando o pay mais discreto, restituio á maõ o annel, e o mesmo foy o restituí-lo, que o cobrar a moça a falla, com que entrou a referir o prodigioso successo, e o ouvirem ambos huma Celestial vóz, que dizia: *Aqui está o corpo de Santa Eufemia, trata de o levar para a Igreja de Santa Marinha, para nella ser venerada.*

Milagroso modo com que appareceo a Santa.

14 Confuzo, e igualmente gostozo ficou o lavrador de observar, e ouvir taõ estupendos prodigios, e retirando-se para o seu povo, os participou a huns amigos, e vizinhos, os quaes o acompanharaõ ao sitio em que estava patente aquella bellissima maõ, no qual cavaraõ, o que se fez preciso, para descobrirem, como descobriraõ os preciosos thezouros do corpo da nossa Santa, e dos dous Martyres, de que ja fallamos. Lavraraõ huma urna de pedra basta, onde metteraõ os santos cadaveres, que com a solemnidade, que lhes foy possivel, na escassez daquelles pobres tempos, os levaraõ, naõ para a Igreja de Santa Marinha de Agoas Santas, que lhes ficava em muitas legoas de distancia, sim para huma Capella de sua irmaã Santa Marinha, que lhes ficava cousa de hum quarto de legoa distante do sitio, a que chamaõ Campilho, em que estava sepultada a Santa. De cuja Capella se erigio a Igreja Parochial, que existe, com o titulo de Santa Marinha de Covide, e he o que nos parece mais verosimel, á vista de dizerem todos os Authores, que levaraõ o santo corpo para huma Capella, que lhe ficava perto de sua irmaã Santa Marinha.

Continua.

15 He certo que naõ existe naquella Igreja o santo corpo, por delle ser trasladado para Galliza, como diremos, mas tambem o he, de que se lhe tem especialissima devoçaõ, fazendo-se-lhe todos os annos no seu dia festa com grande solemnidade, da qual ordinariamente saõ Juizes os meninos, que tem pays mais generosos, porque só fazem Juiz ao que offerece á Santa esmóla mais avultada. Tem obrigaçaõ de ir no dia da festa á mesma Igreja em clamor, de tempos antiquissimos as Freguezias de S. Joaõ do Campo, de S. Payo da Carvalheira, do Espirito Santo de Brufe, de S. Thiago de Chamoim, e de Santa Isabel de Monte, e he certo que o naõ fazem, senaõ por voto, que fizessem os seus passados em agradecimento de algumas mercès, que recebessem de Deos pela intercessaõ da mesma Santa.

16 Na mesma Freguezia de Santa Marinha de Covide, se acha huma Capella dedicada a esta Santa Eufemia, e distante della cousa de dez passos, se vé, e admira hum penedo, com humas plantas de pés, e de joelhos impressos, com a tradiçaõ, de que nelle orava a nossa Santa algum tempo, pois discorria pelas montanhas do Gerez, naõ estando em sitio certo, como praticavaõ todos os que andavaõ fugidos da perseguiçaõ dos Gentios, e preparando-se com penitencias, jejuns, e oraçaõ, para merecerem a palma do martyrio. Concorre a ver este prodigioso final muito povo de Portugal, e Galliza, de que tenho bõa certeza, pela averiguaçaõ que fiz neste particular com pessoas circunspectas, e dignas do mayor credito.

Notem a impressaõ que fizeraõ os seus em hum penedo.

17 Depois de estarem os sagrados corpos depositados na Capella, ou Igreja de Santa Marinha alguns annos, intentou huma matrona virtuosa, nobre, e rica, que vivia naquella vizinhança, trasladá-los para certa Parochia. Para conseguir o seu intento, que era piedosissimo, por se encaminhar á mayor veneraçaõ daquelles Santos, juntou a muitos homens robustos, para que tirassem da Capella o sepulchro, e o levassem para a destinada Igreja. Levaraõ-no com effeito até muita parte do caminho, no qual o deixaraõ, dezenganados

Notē o que succede o querendo-se trasladar o tumulo da Sãta.

ganados de que naõ podiaõ proseguir com o seu intento, por se lhes fazer o sepulchro sobradamente pezado. Assentou a devota mulher em continuar a diligencia no dia seguinte, mais bem prevenida de carro, e de homens; porèm como naõ era vontade Divina que se trasladassem os santos corpos naquella occasiaõ, no outro dia se achou o sepulchro na Capella donde se havia tirado, sem que ao menos o vissem levar as pessoas, que ficaraõ naquella noite em sua guarda.

18 Cousa de sessenta e tres annos se conservou na Capella, ou Igreja de Santa Marinha o corpo da nossa Santa, pois no anno de 1153. foy trasladado para a Sé de Orense, desta sorte. D. Pedro Seguino, Bispo daquella Diocesi, tendo noticia dos perennes prodigios, que fazia esta Gloriosa Santa, cuidou em trasladar para a sua Cathedral o seu santo cadaver, o que se lhe naõ fazia difficultozo com a noticia, que havia de ter, de que estavaõ os Bispos Gallegos na posse de virem a este Reyno fazer os piedosos furtos dos seus Santos, como o tinha feito no anno de 1102. o Arcebispo de Compostella, vindo tirar a esta Cidade os corpos dos Santos, que declaramos na vida de Santa Suzanna. Consultou o negocio com Deos, e por meyo de muita oraçaõ, de vigilias, e de penitencias; e como era Servo fiel do mesmo Senhor, lhe revelou era do seu agrado a tal trasladaçaõ. Veyo pois á Igreja em que estava o santo corpo, examinou-o com devoto respeito, e justo temor, e pondo-o em huma urna, e juntamente aos dous Martyres, que o acompanhavaõ, hia acompanhado de muitos Sacerdotes, levando em procissaõ os santos cadaveres, a tempo que acudiraõ com armas, a estorvá-lo, muitas pessoas de graduaçaõ, acompanhadas de innumeravel plebe, e ultimamente do Illustrissimo Arcebispo de Braga, que havia de ser o Beato Godinho, que era naquelle tempo o Dignissimo Pastor de taõ copioso rebanho, o qual junto com o Bispo de Orense socegou o tumulto, reduzindo a huma racional disputa os Direitos, que haviaõ por huma, e outra parte.

D. Pedro Seguino intenta trasladar o corpo da Santa para Orense.

Oppõem-se-lhe o Arcebispo de Braga, e o povo.

19 Quaes fossem as razoens com que peroraraõ aquelles dous Santos Prelados, naõ podemos nós dizer, visto sabermos que, naõ obstante ser grande a justiça que nos assistia, para conservarmos neste Arcebispado taõ grande thezouro, delle nos dezapossou a Divina Providencia, por querer enriquecer com elle a Sé de Orense; o que talvez seria em castigo de lhe naõ darem os Portuguezes a veneraçaõ, que se devia dar a huma sua natural, de taõ heroica santidade; pois se resolveo toda a questaõ, por hum arbitrio, com que sahio o Santo Bispo de Orense, o qual foy este. Que se procurassem dous boys indomitos, que se puzessem a hum carro, e nelle o feretro, com a urna dos Martyres, e que assim os deixassem tomar a vereda, que lhes ensinuasse o instincto, ou que lhes influisse a Bondade de Deos.

20 Todos convieraõ no arbitrio, e todos viraõ que fora inspiraçaõ de Deos, pois tomaraõ os boys o caminho de Orense, que foraõ seguindo com regulares jornadas, seguindo-os á proporçaõ dos seus passos o Veneravel Bispo, e Clerizia, que hiaõ Salmeando por todo o caminho, e fazendo as Preces, que manda a Santa Madre Igreja em similhantes funçoens. Assim como chegaraõ a hum lugar a que chamaõ Seijalvo, pararaõ os boys desorte, que pareciaõ immoveis, e como se fossem de pedra. Percebeo o Santo Bispo o motivo daquelle segundo prodigio, pois mandou logo á Cidade ordem, para que viesse o seu Cabido, o Clero, os nobres, e os soldados da Cidade, para levarem em procissaõ aos santos cadaveres; cuja ordem se executou pontualissimamente, e assim ao compasso de sonoras musicas, e de muitas lagrimas de compunçaõ, depositou o Bispo a urna das sagradas Reliquias debaixo do Altar Mór da Sé, segundo o costume, e Rito antigo. Esta trasladaçaõ foy feita no anno de 1153. O Author do *Agiologio Lusitano* diz se reza em Orense da tal trasladaçaõ a 17. de Agosto, no que se equivocou, pois se reza della a 26. de Julho, como affirma o Illustrissimo Bispo de Orense, o

Nas duvidas que houveraõ, se tomou a resoluçaõ de que hum milagre as desfizesse.

Agiol. Lusit. a 17. de Agosto.

Noticias Hist. de Orẽse pag. 134., e 135.

qual tinha mais razaõ para o saber, visto rezar della, o qual tambem diz, que o Illustrissimo Bispo da mesma Diocesi, D. Affonso segundo, levara o corpo da Santa com o de seus companheiros no anno de 1211. para huma Capella Collateral, que havia no lado da Epistola, onde esteve até o anno de 1720., em que o mesmo Illustrissimo Munhoz o trasladou para sitio mais honorifico.

21 O mesmo Illustrissimo Munhoz diz, se conserva o despenhadeiro, por onde lançaraõ os Gentios a esta Gloriosa Santa, e que do pé do sitio em que foy precipitada, até o em que consummou o martyrio, se vê hum caminho branco, que naõ produz herva, naõ obstante ser fresco, e frondozo o sitio contiguo, e he tradiçaõ de que por elle fora a Santa arrastada pelos impios idolatras.

Agiol. Lusit. 7. de Agosto.

22 O Author do *Agiologio Lusitano* diz se guarda o annel, que tirou a pastorinha do dedo á Santa, no thezouro de Orense, o que naõ dissera se tivera lido a Historia do mesmo Bispado, onde escreve o seu Bispo, que no anno de 1594. fora uzurpado aquelle celestial annel por D. Joaõ de Neboa, Dignidade na mesma Sé, na occasiaõ em que passara para Conego Thezoureiro de Sevilha. Conserva-se porèm no Sanctuario da mesma Sé de Orense, hum lençol, de lenço delgado, lavrado com primor ao antigo, no qual esteve involto o santo corpo, com o qual se toca aos devotos, e peregrinos nas festas da mesma Santa; e aos enfermos, onde o levaõ em huma bolsa de damasco, com a experiencia de milagrosos effeitos.

23 O mesmo Bispo de Orense escreve muitos milagres, que a Bondade de Deos fez pelos merecimentos desta Santa, dos quaes só nomearei hum, que fez a hum homem, e duas mulheres, que cahindo juntos em hum rio, andaraõ duas legoas por pesqueiras, por canaes, e por prezas, ja submergidos, ja por cima das agoas, das quaes sahiraõ, publicando que em quanto durara o naufragio a Santa os guiara, livrara, e defendera dos golpes, ou encontro das penhas, e que os dous Santos, que estavaõ em o seu sepulchro, os alumiavaõ com humas tochas que levavaõ nas maõs.

Notem.

24 Como haviaõ em Orense crescidissimos concursos nas festividades da Santa, naõ só por vizitá la, senaõ tambem por causa de huma feira franca, que durava seis dias, tres antes, e tres depois da festa principal, se cõmettiaõ alguns insultos, aggravos, e excessos, os quaes intentou remediar D. Fernando II., Rey de Leaõ, e de Galliza, por meyo de hum privilegio, que passou a 3. de Julho do anno de 1160., o qual se conserva no Archivo, e dizia em summa: que por reverencia de S. Martinho, [he o Patraõ da Se de Orense] e por devoçaõ que tinha a Santa Eufemia, cujo corpo descansava na Igreja de Orense, obrando muitos milagres, concedia a todos os que fossem á festividade de Santa Eufemia o dia 26. de Julho, por causa de peregrinaçaõ, de negociaçaõ, ou de cõmercio, Real seguro, que valesse tres dias dantes, e tres depois da festa; ameaçando aos transgressores com a ira do Omnipotente Deos, de S. Martinho, e de Santa Eufemia, e da sua indignaçaõ Real. Impondo juntamente quinhentos soldos, ou maravediz de mulcta aos que fizessem alguma injuria, ou molestia a peregrinos; ou cõmerciantes.

Mais.

25 Muitos Authores graves, procedendo sem exame rigoroso, confundem a nossa Eufemia com outra do mesmo nome, que padeceo martyrio em Calcidonia, Cidade que hoje subsiste com o nome de Pera, perto de Constantinopla, pela parte mais contigua, que pertence á Azia, e ainda que de mais da nossa ha duas Eufemias, huma em Phapagonia, e outra em Aquileya, só se equivocaõ, e confundem as Actas da nossa com a de Calcidonia, talvez porque havendo sido recebidas com geral applauso de todo o Orbe Christaõ, as Actas dos Martyres, que Simeaõ Metefraste escreveo no nono Seculo, tratando o mesmo Author com grande celebridade do martyrio, e milagres de Santa Eufemia de Calcidonia, muito venerada dos Gregos, a pia sinceridade

pós

pôs outra Calcidonia em Galliza, e applicou a nossa Eufemia os companheiros, os tyrannos, os martyrios, os verdugos, e o que he mais huma Calcidonia pintada com os muros, longitude, edificios magnificos, e com outros muitos signaes, que se escrevem, e convem só a outra, e assim se deve ter por indubitavel, que padeceo a nossa Santa, como temos dito, em Obobriga, Cidade que houve, e de que faz mençaõ Plinio, no celebrado Gerez, perto de Rio Caldo, entre hum valle, que formaõ os cabeços da serra do mesmo Gerez, em huma aprazivel veiga, a que seus vizinhos daõ o nome de Campilho.

Plinio l.2.cap.4.

Vidas, e martyrios das Gloriosas SANTA VICTORIA, SANTA GENEBRA, SANTA MARCIANA, SANTA GERMANA, *e* SANTA BAZILICA, *ou* BAZILIA, *naturaes de Braga.*

1 SEmpre he admiravel Deos, mas a nosso entender em humas obras, mais que em outras resplandecem as suas maravilhas. Naõ he muito que allumie o Ceo, nem que dê luz o dia: costumados estaõ os olhos a ver estes beneficios, e gozá-los: Que dem luz as sombras, que das trevas sayaõ resplandores, he singular prodigio. Este se vio no nascimento destas Santas, e de suas quatro irmaãs, de quem deixamos escrito, que foraõ humas brilhantes Estrellas, que sahiraõ das trevas da Gentilidade, como filhas de Cayo Atilio, e Calcia, Regulos Bracharenses.

2 Na vida de Santa Quiteria, huma destas nove resplandecentes Estrellas, escrevemos o seu prodigioso nascimento, e os progressos das vidas de todas nove, atè o tempo em que foraõ mandadas separar, por hum Anjo do Senhor, por varias terras, e Provincias do mundo, e agora escreveremos em summa, as veredas, que estas cinco tomaraõ, por ministerio, e insinuaçaõ dos seus Anjos, e o como, e onde alcançaraõ a Coroa do martyrio.

3 Dizem alguns Authores, que Santa Victoria, fugindo desta Cidade para a Cidade de Cordova, nella padecera martyrio, em companhia de Santo Asisclo, o que escrevem com grande equivocaçaõ, e por ignorarem que a Santa Victoria, que padeceo em Cordova em companhia de seu irmaõ o Santo Asisclo, naõ era a nossa Victoria, filha de Lucio Cayo, sim outra natural de Galliza Bracharense, que floreceo muitos annos depois, como se vê da sua vida, e martyrio a pag. 157. deste Volume.

Munhoz Hist. de Orensepag. 116.

Henriquez de Abreu. Vida de Santa Quiteria pag. 283.

4 O Bispo Aquilino, Adon, e o Bispo de Tuy, dizem, sim padecera martyrio na Cidade de Cordova a 18. de Novembro, em companhia de S. Zoilo, e o mesmo diz o Author do *Jardim de Portugal*; porèm naõ especificaõ a qualidade do martyrio que teve, pois o que se lhe attribue a esta Santa he o mesmo, que teve muitos annos depois a outra Santa Victoria, de quem acima fallamos.

Sandoval Antiguidades de Tuy pag. 41.

Jardim de Portugal pag. 45.

5 De Santa Genebra se escreve, que foy a primeira que nasceo das nove irmaãs, e que padecera glorioso martyrio na Cidade de Tuy, para onde fora no tempo em que se separou das mais. Naõ se escreve porèm a qualidade do martyrio, e menos o sitio em que està o seu preciozo corpo. No primeiro de Novembro se celebra o seu triunfo.

Santa Genebra.

6 Santa Marciana, sahio desta Cidade para a de Toledo, onde padeceo martyrio no anno de 155., e foy a ultima das nove irmaãs, que deraõ a vida pela Fé. O motivo do seu martyrio foy este. Encontrando hum idolo de Diana, que lançava agoa pelos pés, o fez em pedaços, de cujo zelozo excesso resultou o prenderem-na os idolatras, e o açoutarem-na com a sua costumada tyrannia. Intentando os mesmos idolatras deshonestarem-se com esta Gloriosa Santa, a puzeraõ em hum lugar proprio, para porem em execuçaõ os seus

Santa Marciana.

feus depravados intentos, os quaes naõ confeguiraõ, por apparecer milagrozamente entre ella, e o primeiro que a queria affrontar, hum groffo muro. Mandaraõ-na lançar ás beftas feras. A primeira, que foy hum leaõ, lhe beijou os pés; a fegunda, que foy hum touro, lhe fez nos peitos humas feridas, pelas quaes exhalou a alma. Hum Judeo, que foy a principal caufa de a lançarem ás beftas feras, foy caftigado no mefmo tempo, morrendo queimado, com toda a fua familia, em hum incendio, que fe lhe ateou nas mefmas cazas. Querendo-as edificar outros Judeos de repente morriaõ, para que fe vieffe no conhecimento de que o fogo viera por caftigo, e naõ por cazualidade. Celebra-fe a fefta defta Santa em Toledo a 12. de Julho. Na Cidade de Cezaria Mauritana de Africa, padeceo Martyrio outra Santa Marciana, de que trata o *Martyrologio Romano* a 9. de Janeiro.

Santa Germana. 7 A Santa Germana encaminhou o Efpirito Santo para Africa, e parece que em companhia de oito companheiros, que fugiaõ da perfeguiçaõ de feu pay, os quaes fe chamavaõ Paulo, Giroucio, Januario, Saturnino, Suceffo, Julio, Gato, e Pia, pois todos juntos deraõ as caras vidas pela Fé a 19. de Janeiro, em que delles fe lembra o *Martyrologio Romano.*

Santa Bazilica. 8 Santa Bazilica, ou Bazilia, fe hemos de dar credito a Juliano, Arcediago de Santa Jufta, foy martyrizada na Syria, em defenfa da virgindade, e da Fé de Chrifto, no primeiro de Novembro. O Illuftriffimo D. Rodrigo da Cunha fe inclina a que foy martyrizada em Hefpanha, em huma Cidade, a que chamavaõ em Latim *Syrmium.* Sendo affim, parece fe deve ler em Juliano, fallando defta Santa Virgem: *In Syrmio Sanctæ Bazilissæ Sororis Sanctæ Quiteriæ*, e naõ em Syria, e tambem parece haver equivocaçaõ no *Martyrologio Romano*, que della fe lembra a 29. de Agofto, pondo o feu martyrio em Smyrna, dizendo: *Apud Smyrnam natalis Sanctæ Basilissæ.*

SANTA SILA, *ou* SITA, *Virgem, e Martyr, natural de Braga, ou do feu territorio.*

NA vida da Gloriofa Santa Quiteria, e de fuas Santas Irmaãs differmos, que fua mãy Calcia fe valera de huma criada, ou confidente, na occafiaõ do feu parto, para que tiraffe as vidas ás nove meninas, que naõ fem prodigio dera á luz do mundo, e que ella, como temente a Deos, privou a Calcia de fer matricida de fuas filhas, dando-as a criar nos arrabaldes defta Cidade; e agora dizemos, que por taõ caritativa, e piedoza acçaõ, mereceo fer Martyr de Jefus Chrifto, como moftraõ muitos Authores, que uniformemente affentaõ fer efta Santa a Inclyta Padroeira dos Frades Menores de Thomar, contra a opiniaõ do Author do *Jardim de Portugal*, que quer feja S. Sita de Pifa, a qual refuta com efficazes razoens o Author do *Agiologio Lufitano*, que della trata a 6. de Abril, por fe fazer nefte dia a fua fefta no fobredito Convento de Thomar, fe bem, que o feu martyrio foy no 1. de Novembro pelos annos de 160.

Munhoz na Historia de Orenfe. Sandoval na de Tuy.

Jardim de Portugal pag. 52. Agiol. Lufit. 6. de Abril.

SANTA GUITERIA *Virgem, e Martyr.*

AO pé da muralha, que coroa o monte da Villa de Monte mór o Novo, fe conferva huma cova, ou lapa, em que viveo entregue aos cuidados da morte, e ás contemplaçoens da eterna vida Santa Guiteria. Naõ fe fabe a ditofa terra que a procreou, e he de crer, que feria a mefma Villa, ou alguma da fua vifinhança, e menos fe fabe os annos, em que floreceo,

floreceo, que talvez feria pelo de 300., em que o fanguinolento Daciano martyrizou em Evora a S. Vicente, e a fuas irmaãs, e a S. Jordaõ &c., pois fó fe efcreve, que fora tirada da fobredita cova, e aprezentada diante do Prefidente Romano, que depois de nella fazer executar varios tormentos, a mandara lançar, com huma mó ao pefcoço, pela fragofidade daquelle monte, no pégo que lhe fica inferior, do qual fubio o feu generozo efpirito ao Ceo, com a candida laureola de Virgem, para nella fer collocada no invicto exercito dos Martyres. Os Chriftaõs, na mayor efcuridade da noite, fepultaraõ o feu Bendito corpo no fitio de Monfuradouro, o qual conferva até o prezente o nome de Cova Santa, affim como o mefmo monte, e pégo, confervaõ o de Santa Guiteria. No mefmo fitio fe venera huma pedra de marmore, que foy o principal inftrumento da fua perfeita victoria. Defta Santa trataõ brevemente o Author do *Jardim de Portugal*, e o *Agiol. Lufitan.* a 30. de Março.

SANTA SABINA, e SANTA CRISTETA *irmaãs de S. Vicente, naturaes de Evora.*

1 A Pag. 160. defte Volume efcrevemos o como dera a vida por Chrifto S. Vicente com fuas irmaãs, cujo nomes alli naõ declaramos, o que agora fazemos, dizendo que eraõ Santa Sabina, e Santa Crifteta, naturaes da Cidade de Evora, e naõ de Talaveira de Caftella, como quizeraõ alguns Authores Caftelhanos, a quem convenceo o erudito Rezende com a verdade. Confundiaõ os Hefpanhoes a S. Vicente, natural de Evora, com outro S. Vicente, a quem veneraõ os naturaes de Talaveira, que fica junto a Toledo, fendo muito differente; pois S. Vicente de Talaveira padeceo martyrio em Laboffiffa, com feu irmaõ S. Leto no 1. de Settembro, em que os celebra o *Martyrologio Romano*, e ainda a Igreja Toledana, os quaes foraõ gemeos, filhos de Toribio, Cidadaõ de Toledo, e de Severa Aquenfe de Talaveira, e o noffo S. Vicente nafceo em Evora, donde paffou a Avila com fuas irmaãs, pelo motivo que differnos na fua vida, em cuja Cidade deo a fua, em companhia de fuas irmaãs a 27. de Outubro. Eraõ pois naturaes de Evora, da nobre, e antiga familia dos Cocominhos. As cafas, em que nafceraõ, eftavaõ encoftadas aos muros da Cidade, em cujo fitio fe levantou antigamente huma pequena Hermida em honra, e veneraçaõ deftas Santas, e de feu irmaõ, que fe confervou até o anno de 1467., no qual fe demolio, para fe edificar hum nobiliffimo Templo, a expenfas de Luiz Loy, natural da mefma Cidade, e por iffo muito devoto deftes Santos feus patriotas. Achafe o tal Templo muito ampliado pela occurrencia das efmólas, e do zelo dos Confrades de huma grande, e nobre Confraria, que fe erigio ha muitos annos em obfequio deftes Santos irmaõs.

2 Na vida de S. Vicente differnos onde fe fepultaraõ eftas Santas logo que padeceraõ, e para onde fe trasladaraõ feus fantos corpos, e agora dizemos, que junto a elles fe experimentava efte milagre. Quando alguem fe queria moftrar innocente de algum crime, jurava aos Santos Evangelhos diante das fuas fagradas Reliquias, e permittia Deos que foffe publicamente vifta a fua innocencia; porque fe jurava falfo era logo atormentado pelo demonio. Durou efte coftume muitos annos, até que foy prohibido que ninguem intentaffe livrar-fe em caufa alguma por efte meyo, como confta das Leys de Touro.

SANTA

SANTA CACIA, *ou* CASTA, *e sua irmaã* JULIA.

ERraõ ambas irmaãs da mãy de Santa Iria, de quem escrevemos a vida neste Volume, onde dissemos que seus pays a entregaraõ á educaçaõ destas Santas tias, e agora dizemos que muitos Authores lhe daõ o titulo de Santas. O Padre Fr. Fernando da Soledade na 3. part. da *Chronica Serafica* pag. 280., diz se conservaõ em grande veneraçaõ as suas Reliquias, e que permanece huma Capella dedicada a Santa Casta no lugar de Almogâdel, que fica em distancia de Thomar duas legoas, onde parece houve Mosteiro de Monges Benedictinos. Na tal Hermida se vê a sua imagem em habito de Religiosa, com palma, e livro nas maõs. Nenhum Author particulariza as virtudes, em que mais resplandeceraõ, mas o certo he que haviaõ de ser heroicas, pois mereceraõ o titulo de Santas.

SANTA FE' *Virgem, e Martyr, Lusitana.*

NAsceo Santa Fé, segundo huns Authores, em Merida, Cidade Capital da nossa antiga Lusitania, e segundo outros na Cidade de Rodrigo, que tambem cahia nos limites da mesma Lusitania. Na decima, ultima, e a mayor perseguiçaõ que teve a Igreja Catholica, no tempo dos mayores inimigos della Diocleciano, e Maximiano, veyo á França, e depois á nossa Hespanha o Presidente Daciano, com o designio de dar á execuçaõ os Edictos, que aquelles iniquos homens mandaraõ lavrar contra os professores da Ley de Jesus Christo. A Fé deste Senhor guardava taõ exactamente esta Virgem, que naõ cessava de promulgá-la entre os idolatras, como quem recebera a graça com o nome da mesma Fé, e appetecia a gloria de dar a vida em testimunho das verdades della; a qual com effeito conseguio, depois de haver tolerado com valor admiravel os mais horrendos tormentos, a 6. de Outubro de 300. Foy o seu ditoso triunfo na Cidade Agennense da Gallia Aquitanica, onde esteve seu santo corpo muitos annos sepultado honorificamente. Daquella Cidade foy trasladado por certos motivos para o Convento de Santo Cucufate de Catalunha a 14. de Janeiro, como refere Yepes na Cent. 3. anno de 778., se bem que Gonzaga affirma, que a sua santa cabeça, hum braço, e canéla, estaõ no Convento de S. Francisco de Girona no mesmo Principado de Catalunha. Vargas na *Hist. de Merida.*

SANTA DOROTHEA *Virgem, e Martyr, de quem se conserva a cabeça em Lisboa.*

ENtre as preciosas Reliquias, que se conservaõ no Templo de S. Roque da Cidade de Lisboa, se venera com os devidos cultos a cabeça da Gloriosa Santa Dorothea, que na Cidade de Cezaria da Capadocia foy mandada pôr a tormentos, por Apricio, Presidente, e executor dos iniquos Edictos dos sobreditos Imperadores Diocleciano, e Maximiano: e vendo o infernal Apricio que entre elles persistia muito alegre, e constante, e que naõ cessava de louvar a Jesus Christo, lhe mandou separar a cabeça do corpo, e assim mereceo, e conseguio as palmas de Virgem, e de Martyr a 6. de Fevereiro. Indo por Embaixador de Filippe o Prudente a Alemanha,

manha D. Joaõ de Borja, filho do Grande S. Francisco de Borja, impetrou de varios Conventos, onde eraõ veneradas, muitas, e especiozas Reliquias, que liberalmente lhe deraõ, por estarem em perigo de cahirem nas maõs dos Herejes, entre as quaes foy a cabeça de Santa Theodora, que doou com as mais, e com outras que alcançou em Roma, ao Templo de S. Roque de Lisboa, o que fez pela devoçaõ que tinha áquella Casa da Companhia, por seu pay ter sido Padre della; se naõ foy tambem a empenho de sua mulher D. Francisca de Aragaõ nossa Portugueza. Fez D. Joaõ a tal doaçaõ no Escurial a 22. de Settembro de 1587., e no fim do mesmo anno foraõ examinadas, e approvadas pelo Veneravel D. Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, as Reliquias seguintes. Huma bõa parte do Santo Lenho, dous Espinhos da Coroa de nosso Redemptor, do Sudario, do prezepio, huma preciosa madeixa dos cabellos de Maria Santissima. Muitas Reliquias dos Sagrados Apostolos, e dos principaes Martyres da Igreja Catholica, e de outros insignes Santos Bispos; e copioso numero de cabeças das onze Mil Virgens: esta trasladaçaõ se celebra a 25. de Janeiro, em cujo dia, e em outros muitos do anno, se mostraõ as sagradas Reliquias, engastadas, e custozamente ornadas, em meyos corpos de madeira dourada, ou de prata, em custodias, e em braços &c.

A Beata FELICIANA *Virgem, Religiosa de Santo Agostinho.*

NO anno de 1527. se extinguio o Mosteiro das Donas, que estava junto ao magnifico Convento de Santa Cruz de Coimbra, cuja Regra protestavaõ nove Religiosas, que nelle faziaõ vida santissima, em memoria dos nove Coros dos Anjos. Nesta Casa pois floreceo entre outras a Beata Feliciana, em grande pureza, e religiosa observancia, e se esmerou de maneira em todas as mais virtudes, que as acreditou Deos na sua vida com muitos prodigios, que por ella obrou, e mereceo que as suas Reliquias se venerassem desde o anno de 1192. em que falleceo até hoje, em cofre dourado no sobredito Convento de Santa Cruz. Estaõ collocadas na Sacristia aos pés de hum Santo Crucifixo, por ser fama, e tradiçaõ constante de que fallara algumas vezes a esta sua humilde Serva. Cardozo no seu *Agiologio* a 4. de Fevereiro.

As Beatas CONSTANCIA, *e* MARIA, *de vida pobres.*

1 NAsceraõ estas Servas de Deos na Cidade de Evora, que dezenganadas das falsas promessas, e vaidades do mundo, se resolveraõ a desprezarem-no, e a entregarem-se ás continuas memorias da morte, e ás contemplaçoens da vida eterna, em hum Recolhimento, que na mesma Cidade fundaraõ, que pelo tempo adiante veyo a guardar a Regra de Santo Agostinho, e he hoje sujeito ao Ordinario Eborense.

2 Em quanto viveraõ, servio Constancia de Prioreza, e Maria de Vigaria, dando ambas em todo o tempo os mais singulares exemplos ás muitas que as seguiaõ no dezengano. Portavaõ-se no governo com grande brandura, naõ faltando com tudo ao castigo, e ao rigor, quando a necessidade o pedia. Estava perto do Recolhimento a Igreja de S. Mamede, e a ella hiaõ todos os Domingos, dias Santos, e outros dias particulares em Cõmunidade ouvirem Missa, e assistirem á celebraçaõ dos Divinos Mysterios. Escreve-se que o Anjo da Guarda da Beata Constancia a levava, e trazia da Igreja pela maõ

em figura de hum galhardo mancebo, por ella carecer de quem a encaminhasse, por cegar totalmente alguns annos antes da sua felice morte. A'lèm de outras asperissimas penitencias, com que ambas se affligiaõ, tinhaõ em certa casa huma columna, na qual se costumavaõ açoutar ambas cruelmente em memoria dos cinco mil, e tantos açoutes, que deraõ em Jesu Christo nosso Redemptor, pela saude do genero humano. Estas, e outras penitencias offereciaõ pelas Almas do Purgatorio, e muitas vezes prezenciavaõ accenderem-se, e apagarem-se infinitas faiscas de fogo, parece que em final de serem pelas suas penitencias, e suffragios, alleviadas das penas que padeciaõ.

O Anjo da Guarda andava vizivelmente com a Beata Constancia.

Nota.

3 Gastados em fim muitos annos nestes, e em outros louvaveis exercicios, chegaraõ ao dezejado fim de seus designios, e accumuladas de meritos passou a gozar da Gloria a Beata Constancia, e depois a Beata Maria, deixando ambas tanta opiniaõ de santidade, que lhes davaõ os Eborenses solemne culto na primeira Oitava de Pentecoste, o que se extinguio com o tempo, que tudo consome. Destas Servas de Deos escreve o Mestre Anjos no *Jardim de Portugal*, e Jorge Cardozo no *Agiologio.*

Jardim de Portugal pag. 247.

A Beata MARGARIDA FERNANDES, *Terceira Dominica.*

1 NAsceo na Villa de Estremoz de Christaõs, e humildes pays, dos quaes ficou orfaã, sendo menina, motivo porque foy para o Convento de Santa Clara de Estremoz, a exemplo de cujas Religiosas se exercitou sempre em pulcherrimas virtudes. Hum parente a levou para a Cidade de Lisboa, onde a cazou com hum official, do qual teve huma filha, que lhe morreo quasi no mesmo tempo que o pay: e se no estado de solteira era virtuosa, no de cazada naõ afroxou, e no de viuva se aperfeiçoou nas virtudes. Professou no Convento de S. Domingos de Lisboa a sua Terceira Ordem com grande consolaçaõ, e logo fez proposito de andar sempre descalça, de jejuar muitas vezes a paõ, e agoa, e de rezar o Divino Officio, o que tudo cumprio.

2 Inflammou-se em dezejos de visitar os Santos Lugares de Jerusalem, e de Roma, e logo se sahio de Lisboa para os pôr em praxe, e caminhando sempre a pé, e descalça com grandes incômodidades, cumprio o seu pio dezejo. A grande alegria, e espiritual consolaçaõ, que lhe occasionou o ver-se entre aquelles Lugares santificados pelo immaculado Cordeiro, só poderá testimunhar aquelle, por cujo amor imprendeo taõ difficil peregrinaçaõ. Naõ se sabe o tempo que alli se deteve, e o certo he, que lá lhe ficaria o coraçaõ quando partio em direitura para Bolonha, para cumprir com a promessa, que tambem fizera de visitar o corpo de seu Santo Patriarcha. Chegada a Bolonha, de tal maneira ficou preza da affeiçaõ, e devoçaõ do Patriarcha Santo, que de lá dando hum vale á patria para nunca mais tornar a ella, se ficou na dita Cidade, ou perto della, em huma lapa cavada em viva rocha, na qual se tratava asperissimamente, e como quem se descuidava totalmente de conservar a vida corporal, por augmentar a espiritual. Gastava as noites inteiras em profunda oraçaõ na sua cova, e a mayor parte dos dias na Igreja diante do Santissimo Sacramento, e das Reliquias do seu Glorioso Patriarcha. Teve por Confessor em quanto esteve em Bolonha a Fr. Luiz Archivo, Varaõ de eminente santidade, que escreveo largamente sua vida, que naõ he facil de alcançar. Era o tal Confessor Lombardio, e naõ entendia a lingua Portugueza, com que lhe fallava a nossa Serva de Deos, e nem esta a delle, senaõ quando fallavaõ em materias espirituaes, e de confissaõ. Virtude que Margarida attribuia ao Confessor, e este a ella.

3 Disse-lhe seu Confessor, que naõ andasse descalça pela geada, e ella lançada

çada a seus pés lhe respondeo: *Como forrará o trabalho a seus pès, quem considera o exemplo de hum pay, que nunca caminhou senaõ com os çapatos no cinto! Como esta mizeravel peccadora receará a neve, lendo de hum Baptista, santificado no ventre de sua mãy, e de seus Successores, que vivendo no dezerto preseveraraõ sempre descalços! Padeçaõ agora os pès pelos máos passos, que noutro tempo deraõ, padeçaõ finalmente fogo na vida, para que naõ padeçaõ fogo na morte.*

4 Em fim, no anno de 1540. a 16. de Janeiro soltou a sua religiosa alma dos liames da carne, entregando-se com todo o affecto nos braços de seu Amantissimo Redemptor. Honrou Deos nosso Senhor o seu santo cadaver com fragrancias Celestiaes, e o depositaraõ aos pés do Patriarcha S. Domingos, onde as venerou o Illustrissimo, e Veneral Servo de Deos D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo Primáz, na occasiaõ em que foy ao Concilio Tridentino. No Convento de S. Domingos de Lisboa, se conserva entre outras singulares Reliquias, huma canéla desta Serva de Deos, a qual está com este letreiro: *Reliquia de Santa Margarida Portugueza, Freira da Terceira Ordem.* Della escreve Fr. Luiz de Sousa na vida do Santo Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e outros.

Vida da Beata D. BRITES DA SILVA, *Instituidora da Ordem de N. Senhora da Conceiçaõ.*

1 EScreveremos parte da vida, e das virtudes da Bemaventurada D. Beatriz, ou Brites da Silva, com o justo temor de que nos será impossivel o seguir a taõ ligeira Garça, o examinar as luzes de tanto Sol, colher as flores de taõ fertil Mayo, e o manifestar a corrente da formosa, e crystallina fonte, de que dimanaraõ enchentes de graças, e de virtudes, com as quaes ainda mais exaltou, e engrandeceo a incomparavel Lisboa, em que nasceo de pays taõ illustres, como Ruy Gomes da Silva, Alcayde mór de Campo Mayor, e Ouguela, e D. Isabel de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, Conde de Vianna, primeiro Capitaõ de Ceuta &c. Era irmaã de D. Diogo da Silva, primeiro Conde de Portalegre, e do Beato Amadeo, de quem tambem nos lembramos no terceiro Tomo desta Obra. E se por de sangue taõ illustre conseguio os applausos do mundo, pelas suas admiraveis virtudes grangeou as estimaçoens de Deos.

Nasce em Lisboa de Illustrissima familia.

2 Adornou-a o Ceo de quantas prendas se podem dezejar em huma mulher nobre, assim da natureza, como da graça, pois era formosa em extremo, de rara discriçaõ, de grande prudencia; e como esmaltava o ouro destas naturaes prendas com huma modestia sem igual, e virtude naõ vulgar, se fazia amavel, e appeticivel nos olhos de todos os que a viaõ, por ser a formosura hum forte iman, que attrahe as vontades. He opiniaõ de S. Bazilio o Grande, de que antes da desobediencia de Adaõ, naõ tinhaõ espinhos as rosas. Peccou Adaõ, e logo se rebellou o insensivel contra este Principe do creado. No estado pois da innocencia, segura estava a rosa, mas começando a reynar a malicia, necessita de defensa a formosura. Desse esta á roza, sejaõ archeyros os espinhos, e guardas da sua belleza. Deo Deos á nossa Beatriz huma formosura incomparavel, mas naõ faltou a sua Providencia em preveni-la de guardas, que a defendessem, quaes o recato, a prudencia, a discriçaõ, o affecto ao recolhimento, e sobre tudo huma estimaçaõ grande da virgindade, e pureza. Estas eraõ pois as espinhas, que defenderaõ a formosura desta rosa admiravelmente bella, a pezar de tantos, quantos intentavaõ despojar a sua loçania, e fragrancia, como logo veremos.

Era formosa, discreta, e virtuosa.

3 Attendendo ás sobreditas prendas, e virtudes, e a ser sua parenta em

propinquo gráo a Infanta D. Isabel, esposada com ElRey D. Joaõ II. de Castella, lhe deo o melhor lugar entre as Fidalgas Portuguezas, de que fez eleyçaõ para a acompanharem a Hespanha. Se a nossa Brites era celebrada em Portugal com os encomios, que mereciaõ as suas raras prendas, em Castella o começou a ser com assombros; porque a novidade dá grande realce á belleza, assim como a continuaçaõ de ser vista lhe diminue a estimaçaõ.

Vay para Castella por Dama da Rainha D. Isabel.

4 Vendo pois os Grandes de Castella que nella se achavaõ germanados os dotes da natureza, e da graça, fidalguia, formosura, entendimento, prudencia, e virtude, muitos a pertendiaõ para esposa, e todos tinhaõ muito bõa eleyçaõ, porque esposa com todos estes predicados rara vez, e naõ sem ventura, se acha. Cada hum dos pertendentes prezumia em si taõ grandes merecimentos, que julgava a pertençaõ dos mais por aggravo, e por temeraria, e a sua por justa, e obsequiosa; motivo porque chegaraõ a contender sobre quem era mais fino no seu serviço, e singular na sua acceitaçaõ: imprudencias, que sempre se achaõ nos de similhantes empenhos, por naõ ponderarem, que o tribunal, onde se devem decidir similhantes duvidas, he a vontade da pertendida, de cuja inclinaçaõ, ou dezagrado, pende a felicidade, ou a infelicidade de ser, ou naõ admittido este, ou aquelle pertendente.

Pertendem-na muitos Grandes para esposa.

5 Naõ tinha D. Brites outra culpa para os desconcertos dos seus cegos, e rendidos amantes, que a da sua belleza, pela qual naõ devia ser culpada, assim como a vibora culpada naõ deve ser pela peçonha que tem, ainda que com ella mate, por lha ter dado a natureza, sem ella lha pedir, nem escolher. Muitas vezes se indignou contra si mesma por ser formosa, (grande prova da sua virtude, pois aborrecia o que todas naturalmente amaõ!) dezejando se trocasse a formosura em fealdade, (grande realce da sua virtude, pois amava o que todas aborrecem!) só por naõ ser pertendida: e verdadeiramente, que só huma mulher de virtude heroica, como a nossa Santa, naõ estima o ser amada.

Dezejava se lhe cõvertesse a formosura em fealdade.

6 Porèm naõ lhe valeo a sua innocencia, o seu recolhimento, e a sua izençaõ, assim como naõ val a muitas perseguidas pela mesma causa, por se augmentar o dezejo de conseguî-las, pelo mesmo que se reconhece izençaõ, ou difficuldade. Isto he o que se pratica entre os loucos amadores do mundo, que por que se naõ lembraõ da morte, que os costuma acõmetter quando mais engolfados estaõ nas vaidades, appetites, e delicias delle, naõ empregaõ o cuidado, nem trazem o sentido mais que em dar á execuçaõ os seus gostos momentaneos, sem ponderarem nas offensas, que fazem a Deos, e no muito que dezacreditaõ a huma honesta mulher com qualquer assistencia que lhe façaõ, e com hum pôr de olhos mais curioso, por ser o seu credito como o espelho, que qualquer ar o contamina.

7 Continuaraõ os Fidalgos nas assistencias de Brites, em forma, que vieraõ a ter dissensoens junto ao Paço, e com ruido escandalozo, e empenho nescio, chegaraõ a empunhar as armas, e o certo he, que foy necessidade o valer destas, onde só valeriaõ as finezas, e onde a mayor seria a modestia, e o recato. Como este naõ aproveitou á Serva de Deos, vio çoçobrada, e naufragante a sua innocencia, entre as muitas tempestades, que se originaraõ, as quaes foraõ certamente muito venturosas nas consequencias, por servirem de berço á creaçaõ de huma insigne Santa, de que resultou tanto credito a Portugal, e tanta gloria para a Igreja de Deos, como veremos.

Originaõ-se graves dissẽsoẽs por seu respeito.

8 Noticioza a Rainha dos desconcertos Castelhanos, naõ obstante o cabal conhecimento, que tinha da sua virtude, com austeridade Portugueza, a mandou encerrar em grandes apertos. Huns dizem que dentro de huma arca, outros affirmaõ que em hum carcere de igual estreiteza, onde esteve tres dias, e tres noites, sem que a rigorosidade da Rainha permittisse que neste tempo se lhe desse alimento; e assim, que naõ tinha mais, que o das repetidas lagrimas, a que a incitava a incomparavel perda da sua opiniaõ.

Manda-a a Rainha encerrar em huma arca &c.

Perseve-

Perseverou sim sempre em oraçaõ á imitaçaõ de Jonas no ventre da balea, dos meninos na fornalha de Babylonia, e de Jozé no carcere, e por fructo della tirou daquella desgraça a mayor ventura, daquellas trevas a luz mais luminosa, e daquella solidaõ a mais soberana companhia.

9 Estando pois naquelle encerramento lamentando, e fazendo sacrificio a Deos da sua innocencia, ponderou na perversidade do mundo, nos enganos com que vivem os que o seguem, na inconstancia dos seus gostos, e contentamentos, na brevidade com que passaõ, de cujas consideraçoens veyo a tirar por fructo a resoluçaõ de buscar bens, e prazeres de mayor duraçaõ, que saõ os gozos Celestiaes, e eternos, que Deos tem promettido aos que o servem. Finalmente, querendo deixar o breve pelo eterno, o caduco pelo seguro, o terreno pelo Celestial, fez voto de guardar virgindade, na Religiaõ que lhe inspirasse Maria Santissima, de quem era cordial devota, e a quem obsequiou com incessantes oraçoens, e rogou pelo bom despacho com muitas, e repetidas lagrimas.

Resolve-se a deixar o mundo.

10 Foraõ estas taõ bem acceitas daquella, que he consolaçaõ de afflictos, sempre misericordiosa, sempre benefica, e sempre propicia, que no mesmo tempo appareceo o carcere coroado de luzes, e banhado de suavidades, equivocando-se em deliciosa confuzaõ as fragrancias, e as harmonias. Logo vio á Mãy da Pureza, vestida com tunica branca, e manto azul, acompanhada de hum luzidissimo esquadraõ de Anjos, e de Virgens, que com alegre rosto a consolou com amorosas palavras. Pô-la na sua liberdade, e vendo-se a favorecida Beatriz taõ milagrosamente livre da prizaõ, que a opprimia, sahio della, entre as pavorosas sombras da noite, dezejosa de dar á execuçaõ a sua promessa, no Convento de S. Domingos o Real em Toledo. Indo derigindo os passos para a tal Cidade, lhe sahiraõ ao encontro dous Religiosos Franciscanos, que depois de huma larga, e espiritual practica, lhe disseraõ, que havia ser mãy de muitas filhas. Rio-se do dito, lembrada do voto que havia feito, e do designio com que fazia aquella jornada; porèm quando vio que os Frades de repente se occultaraõ á sua vista, deixando-lhe a alma banhada de Celestiaes jubilos, teve o dito por de Oraculos Celestes, e pelo tempo adiante assentou comsigo, que os Religiosos eraõ S. Francisco, e Santo Antonio, de quem foy sempre muito devota.

Apparece-lhe Maria Santissima cercada de Anjos, e a tira da prizaõ.

Vay para o Convento de S. Domingos de Toledo, e lhe fallaõ S. Francisco, e Santo Antonio.

11 Naquelle Convento naõ tomou o habito de Religiosa, por disposiçaõ Divina, mas sim no de secular se conservou trinta annos, em cujo tempo mostrou sempre o empenho, que tinha de conseguir o Ceo á violencia das proprias mortificaçoens, pois foraõ raras as invençoens, e traças, que lhe ensinaraõ seus fervores, para atormentar sua carne, que conservou sempre pura entre as borrascas de tantos perigos. Jamais lhe viaõ o rosto descoberto outras pessoas, fóra de suas criadas, que lhe assistiaõ. Muitos eraõ os motivos, que tinha para se maltratar, huns seriaõ talvez em satisfaçaõ da cegueira dos homens occasionada do resplandor de sua belleza, outros nasceriaõ do profundo da sua humildade, e outros se originariaõ do ardente do seu amor; pois, como humilde se avaliava por taõ imperfeita, e peccadora, que lhe parecia que as mayores penitencias, que fizesse, naõ eraõ bastantes para purgar as manchas das suas culpas: e como amante em a continua contemplaçaõ da Paixaõ de seu querido Esposo, e na ponderaçaõ dos seus amorosos excessos anhelava a imitar suas dores, motivo porque lhe parecia pouco tudo quanto fazia pelo seu doce Jesus. Lembrava-se continuamente das mercès, que lhe havia feito este Senhor, e das finezas que tinha obrado o seu amor immenso por todos os mortaes, e se achava confuza, e corrida, vendo-se rica de bons dezejos, porèm ao seu parecer curta nas suas operaçoens, e mui pobre de virtudes.

Dá se á virtude naquelle Convẽto, onde esteve trinta annos.

12 Depois de praticar as mais heroicas, e de haver erigido sobre o profundo alicerce do seu abatimento o edificio de huma grande santidade, o cobrio com o tecto da santa contemplaçaõ, na qual gastava muita parte do dia, e a mayor

e a mayor parte da noite. Vendo a o Senhor assim aproveitada nas virtudes, a combateo com repetidas inspiraçoens, para que desse principio a huma Ordem, que tivesse o habito similhante ao com que lhe appareceo Maria Santissima quando estava no carcere. A Rainha Catholica D. Isabel, mulher de ElRey D. Fernando, e filha da outra D. Isabel, que a prendera, era muito inclinada á nossa Beatriz, pelas virtudes que sabia praticava, e sabendo della o intento com que estava de dar principio á Fundaçaõ da Ordem da Conceiçaõ, naõ só lho approvou, senaõ que tambem se lhe offereceo, para mandar vir a Bulla, e para lhe dar o sitio em que se fizesse o novo Convento. Deolhe com effeito hum grande Palacio, a que chamavaõ Galiana.

Dá principio á Religiaõ da Côceiçaõ.

13 Para aquelle Palacio se mudou a nossa Santa com doze Religiosas do mesmo Convento Dominico, em que assistira tantos annos, e supposto eraõ todas de grandes virtudes, ella resplandecia entre aquellas doze Estrellas, como resplandece o sol entre todos os mais Planetas. Nella estavaõ como em seu centro todas as virtudes, e como em a sua propria morada a mortificaçaõ interna, e externa, e sendo austerissima para comsigo, era para com as mais summamente compadecida, pondo-lhe taxa nos fervores, para que a nimiedade indiscreta lhes naõ tirasse a saude.

Vay para o Palacio de Galiana, onde teve a primeira Igreja.

14 De todas as virtudes he mayor a da caridade; porèm em ordem he a da Fé a primeira, como fundamento das bõas obras, como luz da alma, dom admiravel de Deos, fundamento do nosso bem, e diviza do Christaõs he a que nos faz filhos de Deos, he arma poderosa sua, e finalmente a primeira virtude que procura destruir em nós o universal inimigo de nossas almas: e como a nossa grande Serva de Jesus Christo estava muito radicada nesta virtude, e dezejava o seu augmento, pedio a ElRey D. Fernando o Catholico, e á Rainha D. Isabel, que fizesse hum Tribunal, que naõ tivesse mais obrigaçaõ, que a de castigar, e desterrar os erros, que se oppuzessem á verdadeira Fé da Igreja Catholica Romana: e como aquelles piedosos Reys eraõ muito interessados na gloria de Deos, e entenderaõ fora revelaçaõ que tivera aquella sua Esposa, cuidaraõ logo em pôr o Tribunal da Inquisiçaõ, e por Bulla do Papa Xisto IV., expedida no anno de 1483., foraõ creados Fr. Thomaz de Torre-Quemada Inquisidor Geral, e muitos Doutos, e graves Varoens para Inquisidores menores, e naõ nos devemos gloriar pouco os Portuguezes, de que pelas oraçoens, e zelo da nossa Santa se desse principio a hum Tribunal, que he o desterro das culpas, o castigo, e freyo dos Hereges, o assombro dos Judeos, e a cuja vigilancia, e integridade se deve a pureza da Fé, com que resplandecem os Reynos de Hespanha, e Portugal, que a exemplo do de Castella estabeleceo o mesmo Tribunal no anno de 1531. por Bulla do Papa Clemente VII., a quem a pedio o Senhor Rey D. Joaõ o III.

Da virtude da Fé, e de como esta Santa foy causa de se estabelecer o Tribunal da Inquisiçaõ.

Anno em que principiou a Inquisiçaõ de Hespanha.

Anno em que principiou a de Portugal.

15 Estando Brites esperando com ancia as Bullas, se chegou a ella hum gentil homem, pedindo-lhe alviçaras, com o fundamento de que ja estava feita a graça, e de que logo chegavaõ as Bullas della. Quiz dar as alviçaras ao mensageiro, e o naõ achou por lhe dezapparecer da portaria em que lhe deo o recado. Veyo porèm no conhecimento de que fora Celestial o postilhaõ, quando vio que as Bullas haviaõ sido passadas no mesmo dia em que se lhe deo a noticia. Outro similhante lhe deo a de que o navio, em que vinhaõ as taes Bullas, naufragara em o Golfo de Marselha, e que quanto vinha nelle fora despojos das ondas: com esta triste noticia se prostrou diante de Maria Santissima, pedindo-lhe, que se era do seu agrado aquella Fundaçaõ lhe restituisse as suas Bullas. Depois de perseverar em oraçaõ outros tantos dias como havia estado preza na arca, abrindo cazualmente hum baul, achou huns purgaminhos molhados com huns cordoens, e sellos, e julgando mysterioso o achado, mandou chamar a D. Garcia Quixada, Bispo de Guadix, que naquelle comenos se achava em Toledo, o qual examinando as Bullas, achou que eraõ as que haviaõ naufragado.

Dá se-lhe noticia em Toledo de ter passado a Bula da Ordem no mesmo dia em que passara em Roma &c.

Acha em hũ baul as Bullas que tinhaõ naufragado na náo em que vinhaõ.

16 Este

16 Este notavel prodigio excitou o Bispo a copiosas lagrimas, e no povo o mayor assombro, e naõ cessavaõ os Hespanhoes de applaudir huma Ordem, que taõ claramente mostrava ser empenho particular da Graça Divina. O mesmo Bispo tomou á sua conta fazer hum Sermaõ em acçaõ de graças, no qual publicou outra solemnidade mais plauzivel dentro do limite de quinze dias, em cujo tempo se havia de lançar o habito ás primeiras Fundadoras. Fez-se huma autentica averiguaçaõ do milagre, e a nobilissima Cidade, e Illustrissimo Cabido, levaraõ as Bullas em procissaõ, e as collocaraõ no Sacrario do dito Mosteiro, onde se guardaõ, como preciosa Reliquia.

Guardaõ-se as Bullas como Reliquia.

17 Naõ cessava a Serva de Deos de avivar nas suas filhas a formosa luz da caridade, para que unidas no doce vinculo da paz, e conformes em tudo, naõ se conhecesse nellas mais emulaçaõ, que a da virtude. Persuadia-as frequentemente para que sepultassem em perpetuo esquecimento as memorias do mundo; e para que estivessem com grande gosto esperando o dia determinado, em que haviaõ de receber o habito da Conceiçaõ Immaculada.

18 Estando no Coro pedindo a Deos, e a sua Santissima Mãy, que fizesse resplandecer em toda a Christandade aquella Ordem, lhe appareceo Maria Santissima, que depois de cõmunicar luz á alampada do Santissimo Sacramento, que estava apagada, consolou a esta sua Serva, dizendo-lhe: *Ves tu ma aquella alampada! Assim ha de ser a tua Ordem: parecerá quasi morta nos primeiros exordios da sua existencia, porque se ha de ver combatida, e opprimida de muitas contradiçoens, e adversidades; mas ha de ser illustre, e glorioso o seu augmento.*

Apparece-lhe Maria Santissima &c.

19 Estando outra vez no Coro, no mesmo dia em que se havia de lançar o habito ás Religiosas, anciosa de ver tudo concluido, lhe tornou a apparecer a mesma Senhora, que lhe disse: *Sim verás o que appeteces, mas será do Céo, porque no mesmo ponto has de sahir ao logro do eterno descanço.* No mesmo tempo foy assaltada de huma agudissima febre, e muito consolada, e conforme com as disposiçoens da Divina Providencia, chamou hum Religioso de S. Francisco, com o qual se confessou geralmente, e nas suas maõs fez profissaõ; vestida ja no habito do novo Instituto: assim como a ungiraõ, se vio no seu formoso rosto huma estrella de ouro, que ao passo que hia desfallecendo o corpo, arrojava mais resplandecentes rayos, até que dezappareceo juntamente com a alma a 17. de Agosto de 1489.

Torna-lhe a apparecer convidando-a para o Ceo, para onde partio.

Vio se no seu rosto huma estrella de ouro.

20 O tirar Deos Senhor nosso a esta sua grande Serva do mundo, ao mesmo tempo que mais necessaria parecia, para alento da nova Ordem que instituhia, he materia que dá aos discursos grandes motivos para os assombros, e foy em fim segredo da sua immensa Sabedoria, que naõ póde penetrar, nem deve especular a nossa simplicidade, e summa ignorancia. A dor das filhas foy taõ poderosa, pelas duplicadas razoens que lhe occorriaõ, que se viaõ precizadas a dar dezafogo á natureza, pelo meyo de immensas lagrimas, e de enternecidos suspiros: e para naõ parar tudo em excesso, muito proveitoza lhes foy a virtude da conformidade, a qual alcançaraõ felizmente, por ponderarem a bõa ventura, que tivera em ir receber a Coroa da Gloria, no mesmo tempo em que vestira, e professara o habito.

21 As Religiosas de S. Domingos movidas do grande affecto que lhe tinhaõ, e como obrigadas ao santissimo exemplo, que lhes havia dado a Serva de Deos em tantos annos, quantos tinha assistido no seu Convento, lhe foraõ assistir ao transito, com o fundamento de levarem o seu santo corpo para o Mosteiro de S. Domingos, e tambem as doze companheiras que havia levado comsigo a Serva de Deos. Todas rezistiraõ aos seus intentos, e com mayor dezembaraço D. Filippa da Silva de Menezes, sobrinha da Santa defunta, que appareceo Gloriosa em S. Francisco da Guadalaxara a Fr. Joaõ de Toloza, Religioso de S. Francisco, a quem recõmendou passasse a Toledo, para dar fim áquella porfia, o que com effeito fez o tal Religioso, naõ pela sua gran-

de

de authoridade, e virtude, sim porque assim o dispunha o Ceo. Sepultou-se pois o santo cadaver na Igreja dos Paços de Galiana, donde foy depois traslado para hum insigne Mosteiro, que se fez em Toledo, que foy o primeiro que teve a Ordem. Os seus santos ossos exhalaraõ no tempo da trasladaçaõ cheiro celestial, que bem mostrava a gloria que possuhia a alma, que os tinha animado. Depositaraõ nos em hum especioso sepulchro de pedra, o qual collocaraõ em hum arco, que está no Coro do mesmo Couvento.

22 Muitos saõ os Conventos de Religiosas da Immaculada Conceiçaõ, que se fundaraõ em Hespanha á imitaçaõ dos de Toledo, e se faz digno de reparo o naõ haver a mesma devoçaõ neste Reyno de Portugal, pois nos naõ consta haja nelle mais que hum, o qual he nesta Cidade de Braga. Mandaraõ pois as Fundadoras delle vir de Toledo a Regra, e os Estatutos, que se lhes deraõ em virtude de hum Breve, que passou o Papa Julio II. a 15. de Outubro de 1511. Passados muitos annos, em virtude de outro Breve de Urbano VIII., que executou o Excellentissimo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, mudaraõ em muitas cousas de estylo, naõ usando do de Toledo mais, do que de cobrirem com hum véo o rosto nos actos da Communidade, e trazerem huma medalha no bentinho, com a Imagem da Virgem Santissima, reprezentada na sua Immaculada Conceiçaõ. Tambem trazem o habito azul como as de Toledo, mas naõ andaõ descalças como ellas. Tem havido neste Convento muitas Religiosas de grande virtude, e naõ tem sahido poucas para Fundadoras de outros Conventos. Concluo com humas decimas, que fez hum engenho Hespanhol em louvor desta Serva de Deos.

A la honesta, y incomparable Belleza de S. Beatriz da Silva, falleciendo llena de resplandor despues de 30. años de retiro, que no se dexò ver el rostro.

DE todo aplauso vá lleno,
Silva, el ser que en ti señalo,
Tu belleza admira el malo
Tu virtud embidia el bueno:
Ama el respeto, y con freno
Venera la voluntad,
Pensamiento en tu beldad
Ningun deseo assegura,
Que el que nace en la hermosura,
Se muere en la honestidad.

Tal siempre tu vista fue,
Que casta al rendir despojos,
Tienes el alma en los ojos,
O por ellos se te vè.
La tierra miras, porque
Goze el suelo alegre calma,
Y quando al lograr tal palma,
Que lo bello, e casto encierra,
Los ojos baxas a tierra,
A el Cielo subes el Alma.

Silva, Selva deliciosa
Del gusto de Jesu Christo,
Huerto cerrado, y no visto
De fragrancia misteriosa:
Bella, apacible, y hermosa,
Prestas luz à las mas bellas
Luzes que encubres, y sellas;
No admiro, pues, que eminente
Una se mire en tu frente
Naciendo à pizar Estrellas.

SANTA

SANTA IRENE *Virgem, irmaã de S. Damazo Papa, natural de Guimaraens.*

1 SAnta Irene, como irmaã inteira de S. Damazo, de quem escrevemos a pag. 320., nasceo na Villa de Guimaraens, donde transitou para a Grande Roma, em companhia de seus pays, e de seu Santo irmaõ, o qual pelas suas grandes virtudes, e letras, foy sublimado ao Supremo Pontificado.

2 E se foy grande a dita de ter por irmaõ legitimo a hum Pontifice, mayor a teve na virtude; pois a esfera do poder de tudo o agradavel, na virtude se encerra. Foy taõ grande a sua, que devendo esperar esposo terreno, digno da irmaã de hum tal Pontifice, fez eleyçaõ de Jesus Christo, deixando assim as honras, e as riquezas vaãs, que o mundo lhe promettia, por gozar depois as solidas, e verdadeiras, renunciando o que brevemente se acaba, por possuir o que eternamente dura, e os deleites asquerozos da carne, pelos limpos, e puros do espirito.

3 Seu irmaõ Damazo lhe dirigio o livro *da Virgindade*, que compôs, no qual he certo achou as melhores instrucçoens para a guardar, e os mayores elogîos de huma virtude, que muito agrada a Deos, apraz aos Anjos, e admira aos homens; pois com o claro conhecimento das suas excellencias [pouco estima os diamantes, que n ignora os seus quilates] fez voto de castidade, antepondo a virginal pureza aos deleites carnaes, ainda que licitos, a qual conservou intacta na companhia de seu irmaõ, e naõ em Convento de Religiosas, como diz o Author do *Agiologio Lusitano*, pelas naõ haver em Roma no seu tempo, como mostra o Doutor Manoel Pereira da Silva Leal, nas *Memorias do Bispado da Guarda*, tratando da mesma Santa. He de advertir, que antes do Concilio de Trento, era a clauzura voluntaria, e que nenhum preceito a obrigava, pois só a devoçaõ a impunha ás que a queriaõ observar.

4 Sendo pois a nossa Irene companheira inseparavel do Santissimo Pontifice, participou muito dos seus santos exemplos, e das suas maximas virtudes: pois diz o Espirito Santo por boca de David, que com os Santos, seraõ Santos os que acompanharem com elles. Cada hum segue o que lhe deleita, busca o que lhe agrada, e dezeja o que lhe namora. Gostava Irene das virtudes heroicas de seu irmaõ, e as procurou imitar desorte, que ganhou no limitado tempo de vinte annos taõ grande thezouro de virtudes, que mereceo o titulo de Santa, e que o Santo Pontifice as canonizasse, com o Epitafio, que mandou gravar na sepultura, que se lhe fez no celebre Cemiterio de Calixto, junto á Igreja de S. Sebastiaõ das Catacumbas: e como he digno de andar na memoria dos Sabios, o copîo aqui.

Hoc tumulo sacrata Deo, nunc membra quiescunt.
Hic soror est Damasi, nomen si quæris, Irenæ.
Voverat hæc sese Christo, cum vita maneret.
Virginis ut meritum, sanctus pudor ipse probaret.
Bisdenas hiemes, nec dum compleverat ætas.
Egregios mores vitæ precesserat ætas.
Propositum mentis pietas veneranda puellæ,
Magnificos fructus dederat melioribus annis.
Te, germana soror, nostri nunc testis amoris

Cùm fugeret mundum, dederat mihi pignus honeſtum,
Quam ſibi, cum raperet melior, tunc regia cœli,
Non timuit mortem, cœlos quod libera adiret.
Sed dolui, fateor, conſortia perdere vitæ.
Nunc, veniente Deo, noſtri reminiſcere virgo.
Ut tua per dominum præſtet mihi facula lumen.

Naõ ſe ſabe o dia em que falleceo, ſebem, que o Author do *Agiol. Luſitan.* ſe lembra della a 4. de Janeiro.

Vida da Glorioſa SANTA MARIA MAGDALENA.

1 NAõ ſaõ todas as eſtrellas do Ceo de igual reſplandor, nem todos os Santos da Igreja de Deos de igual virtude; porque como entre aquellas differem humas das outras na claridade, entre eſtes, huns em mayores merecimentos que os outros, e por iſſo tambem a gloria ha de ſer ſuperior, ſe naõ na ſubſtancia da vizaõ, no accidente do premio: e ſuppoſto todos os Santos, e Santas, ſejaõ Eſtrellas reſplandecentes, com que a Igreja Catholica, como em ricos eſmaltes, ſe orna, e authoriza; com tudo ſempre entre elles ha alguns, que na grandeza, e claridade (como a lua) realçaõ melhor entre os fogos menores.

2 Tal foy ſem controverſia no formoſo Ceo da primitiva Igreja a Glorioſa Santa Maria Magdalena, Heroîna taõ amada, e favorecida de Jeſus Chriſto, que elle proprio a abſolveo dos ſeus peccados, para que das deteſtaveis ſombras das tartareas trevas, paſſaſſe a reſplandecer nos claros relevantes das eternas luzes, fazendo que reverdeceſſe mais na primavera alegre da Divina Graça, a que mais gelou no inverno frio da horrivel culpa. Naõ ma imporáõ juſtamente, os que virem exorno, e dou fim a eſte primeiro Tomo com a vida deſte aſſombro da ſantidade, deſte portento de maravilhas, deſta ſumma de merecimentos, deſte pelago de amor, deſte mar impenetravel de grandezas, capacitados do muito que lhe he obrigada eſta Cidade, pelos prodigios que com ella pratica, que ſe declaraõ no fim deſta hiſtoria, a qual entro a eſcrever com medrozo encolhimento, por me ver precizado a rezumi-la ás breves clauzulas, que pede huma Obra, a que tem direito innumeraveis Servos de Deos, e naõ ignorar, que poucas vezes as façanhas, que ſó cabem na admiraçaõ, deixaõ de padecer aggravo, quando ſe eſtreitaõ á penna de hum ignorante, qual eu ſou. Conheço pois a difficuldade do aſſumpto, e com ingenuidade o confeſſo: porém, como naõ poſſo fugir ao empenho de authorizados Bracharenſes, que a elle me provocaõ, fique na precizaõ deſculpada a minha grande temeridade.

3 Naſceo na Cidade de Jeruſalem, ſeus pays foraõ Syro, e Eucharia, ambos taõ illuſtres, que deſcendiaõ das mais conhecidas, e poderoſas caſas do Reyno de Judéa, e eraõ Senhores Soberanos de muita parte da Syria, pela que comprehendia as terras de Bethania, de Magdalo, e grande parte da Cidade de Jeruſalem. Tiveraõ ſeus illuſtres pays ſucceſſaõ multiplicada, na de Lazaro, e na de Martha, mayores que a Magdalena, mas ſómente na idade. A duvida que tinhaõ alguns Expoſitores de ſer Santa Maria Magdalena irmaã de Lazaro, que em caſa de Simaõ Leprozo ungio a Chriſto, a meſma a que o Evangeliſta trata ſómente com o nome de peccadora, reſpondeo ja o Padre Maldonado, dizendo, que naõ houve mais que huma Magdalena, allegando para iſſo as grandes authoridades de S. Cypriano, de Santo Agoſtinho, de S. Gregorio, de Ruperto, e de outros, e o meſmo diz a Authora da *Myſtica Cidade de Deos.*

Naſce em Jeruſalem de pays illuſtres.

Mald. in Luc. c. 7.

Myſt. Cid. 2. p. liv. 6. n. 1110.

4 Quando

4 Quando mais necessario lhes eraõ seus pays para os educarem em bons costumes, e lhes procurarem estados condignos ás suas qualidades, se lhes finalizou a vida; cuja falta se sentiraõ como filhos, suavizaraõ com o gosto de ficarem herdeiros de abundantissimos patrimonios, que começaraõ a dominar como proprios. A Lazaro couberaõ muitas terras, e copiosas herdades em varias partes. A Martha a Villa de Bethania, situada nos suburbios de Jerusalem. A Magdalena o Senhorio, e Castello de Magdalo, situado no termo da Cidade de Naim, Provincia da Gallilea, do qual tomou o nome.

Fica sem pay, e com grande patrimonio.

5 Poucas primaveras contava Maria Magdalena, quando o Abril da sua mocidade infundio no seu entendimento as idéas, de que o mundo era para ella, todo deleite, todo nectar, todo delicia, parecendo-lhe talvez, que quando elle por qualidade propria naõ fosse bello, ao menos o seria, quando ella o ornasse com a sua formosura, [tudo se deve crer de huma simplez, e desvanecida mulher], a qual com effeito era tal, que parece a natureza se empenhou, naõ sem especial destino da graça, em fazê-la hum epilogo de todas as perfeiçoens, das quaes fazia ella a jactancia, e a ostentaçaõ, que naõ devera, porque devia saber quaõ enganosa era aquella graça da natureza, quaõ mentirosо o donaire, quaõ fragil a formosura, como flor, que no mesmo dia que abre, murcha, e acaba. Certo he, que a formosura he lustre, galla, e adorno vistoso da natureza; mas fragil, e quebradiço, pois o tempo a desfaz, a sua mesma duraçaõ a deslustra, hum dia a ostenta, e outro a annuquila; e por isso o Espirito Santo chama a este favor da natureza, enganoso, porque em hum ponto o achamos trocado, desfeito, e desvanecido.

Era formosa, e se prezava de o ser.

6 De nada disto se lembrava a vaidosa, e desvanecida Maria, porque vivia descuidada da morte, e por consequencia esquecida de que a formosura do corpo he participada da alma, e de que em se apartando esta delle, fica feyo, horrivel, e abominavel; mas antes gozosa dos dotes com que a natureza a enriqueceo, deixando a deliciosa habitaçaõ, que tinha em Magdalo, se retirou para a Cidade de Jerusalem, com o projecto de ser alli mais bem vista, mais celebrada, e mais appeticida. Alli habitava em hum bom Palacio, com bõa assistencia de criadas, e de criados, donde sahia vestida profanamente aos principaes concursos da Cidade, com o designio de patentear o seu luzimento, e a sua formosura, e como naõ reparava em occupar os seus belissimos olhos em dar-lhe muitas vistas, levava as de todos os que a viaõ, conseguindo-se daqui grandes victorias para o inferno.

Procurava ser vista, e appetecida.

7 Naõ vivia com o desgarre de ser mulher commũa, e publica, pois naõ seria soffrivel a seu irmaõ o nobre Lazaro taõ grande dezenvoltura, sim com alguma cautéla se entregava ao vicio da sensualidade; ainda que nem por ser rica, e nobre, deixava de ser murmurada de todos a sua liviandade, para exemplo de muitas mulheres qualificadas, que entendem, que com a nobreza se dissimulaõ as suas cahidas, mas antes, que como estaõ em mais altos postos, saõ mais bem vistas de todos: e assim como aos rayos do sol, por ser taõ luzido, se vem melhor os atomos, por subtîs que sejaõ, assim nas Senhoras principaes quaesquer faltas estaõ mais á vista, e ao reparo, e por consequencia saõ mais escandalosas, como foraõ as de Maria Magdalena, que pondo todo o seu cuidado em que todos conhecessem a sua bizarria, e a appetecessem, accrescentando enfeites ao formoso, e entronizando com vaidade o natural affeyo, andava galanteando pertendentes. Finalmente, Maria Magdalena, por ser profana no traje, por fazer galla de ser vista, e de ser querida dos seus amantes, adquirio na Cidade de Jerusalem o titulo de Peccadora, pelo qual sómente era nomeada, e justamente, pois sendo taõ principal, e entregando-se tanto ás profanidades, naõ era deformidade, que trocasse o nome da sua fama, pelo das suas culpas.

Entregava-se com algũa cautèla a sensualidade.

8 Antes de entrarmos a contar o arrependimento, e a penitencia, que dellas fez, faremos huma digressaõ, de que poderaõ tirar alguma utilidade as

nescias mulheres, que se desvanecem com as suas formosuras, que procuraõ augmentá-las com imposturas, e que pertendem ser celebradas pelas ruas, e pelas praças, assim como Maria Magdalena. Naõ he culpa o serem as mulheres formosas, sim o he o jactarem-se, e desvanecerem se de formosas, pois o mesmo he o gloriarem-se as miseraveis creaturas da belleza do corpo, que affearem a preciosidade do espirito. Naõ ha mais formosura, ó nescias, e insensatas mulheres, que a graça da alma, pois só he formosa a formosura, quando a alma he formosa, e assim como he formoso o rosto, que naõ tem defeito, he formosa a alma, que naõ tem vicio.

Notem as mulheres q se prezaõ de formosas &c.

9 E se he culpa o jactarem-se as mulheres de formosas, tambem o he o manifestarem-se, pois o mesmo he o ver-se a formosura, que o arriscar-se a ser profanada. Quem procura ser vista, procura ser celebrada, e nunca he bôa a fama, de quem se faz celebre pela vista. Adverti, mortaes mulheres, que o melhor nome que podeis ter, he o naõ se saber o vosso nome, e a melhor fama he, o ignorarem todos a perfeiçaõ, ou os defeitos dos vossos rostos. A formosura ignorada, he a recolhida, e recolhida he a mais celebre, pois se põem muitas bocas na formosura, em que se põem muitos olhos.

Notem mais.

10 Se a honestidade da alma, e a formosura natural do corpo, andaõ regularmente discordes, por força haõ de andar discordes, a formosura affectada, e a honestidade verdadeira. Quem manifesta a propria formosura, faz vangloria de huma vaidade vaã, e quem divulga a formosura impropria, faz vaidade de huma mentira, e he certo, que naõ deve mentir com o rosto, quem naõ deve mentir com a lingua. Quem finge com demaziados enfeites, e com indecentes pinturas, a formosura que naõ tem, adultéra o rosto, que Deos lhe deo: e quem procura reformar o que este Senhor formou, reprova o que elle fez. Todo o fingimento, que as mulheres fazem no rosto, he prevaricaçaõ da Divina Obra, porque se o que nasce he obra de Deos, o que se finge he obra do diabo. Quem traz as cores com que nasceo, conserva a imagem, e similhança do Creador, e quem traz as cores com que naõ nasceo, toma as cores, e divizas do infernal espirito, por inficionar este o rosto, que inficiona a arte. Os Anjos, que cahiraõ do Ceo, mudaraõ as cores do rosto; só a cor do pudor, ou o da natureza he formosa; toda a que naõ he da natureza, ou do pudor, he fea; a que se tem, he parte da formosura; a que se põem, he toda da fealdade. Em fim, nenhuma pintura, que em si põem huma simplez, e desvanecida mulher, deixa de padecer bosquejos de impudicicia: pois quem muito se enfeita, muito se profana, e naõ se purifica a mulher, que muito se apura, mas antes grangea para com os homens hum máo nome, quando naõ seja o de peccadora, que grangeou a Magdalena, por se jactar, e fazer publica a sua formosura, e procurar augmentá-la com indecentes imposturas.

Notem mais.

11 Tendo Maria noticia de que aos Sermoens do Salvador do Mundo, concorria immenso povo, sahio de casa, naõ com o designio de ouvi-lo, e de se utilizar das suas Celestiaes Doutrinas, sim de ver, e de ser vista daquelle grande concurso: e oxalá, que naõ durasse ainda o tempo da Magdalena, e que naõ fossem muitas ás Igrejas com a capa dos Sermoens, e com o fim liviano. Antigamente haviaõ entre os Gentios postos publicos para a torpeza, e agora os Templos saõ, com grande desprazer de Deos, terreiros de galanteyos, e postos em que se ajustaõ tratos illicitos. Lastima he, de que naõ se podendo fazer hum galanteyo na casa propria, pelo que dirá a visinhança, se guarde para a Igreja, sem se attender ao que dirá Deos. Porque naõ deixaõ ir a algumas ás Comedias, e a outros similhantes concursos, por lhes evitarem as occasioens dos percipicios, buscaõ em os Sermoens occasiaõ para o concerto: e sendo assim, que devendo-se ir aos Templos, sómente com o destino de se ouvir a palavra de Deos, para o arrependimento das culpas, se faz delles theatros para os delictos. Assim o fazia Magdalena,

Vay Magdalena ouvir os Sermoẽs de Christo, mais por ser vista, que por se utilizar &c.

lena ; mas soube depois chorá-los, e Deos queira que todas as que a imitaõ nas dissoluçoens, a imitem tambem na penitencia dellas.

12 A occasiaõ de ver, e de ser vista dos seus amantes, levou Magdalena ao Sermaõ: porèm como as palavras de Jesus eraõ abrazadoras, e penetravaõ até o mais profundo dos coraçoens, tirando crystallinos raudáes de entre as faiscas dos mais duros marmores, começou a accender no peito de Maria huma Celestial luz, que a allumiava nas trevas das suas culpas para o caminho da sua salvaçaõ, incendendo-a em huma caridade, e amor ardente do mesmo Jesus, que havia de consummar a saude da sua dilatada enfermidade, como quem viera ao mundo por curar as almas da peçonha mortal do vicio.

Accēde Jesus no peito de Maria huma Celestial luz.

13 Voltou digo Maria para o seu Palacio, tocada daquella maõ poderosa, de quem dizia David, que os montes mais gelados arrojariaõ fumo de fogo, ao minimo final seu; e apenas chegou a elle, quando arrojando, os apparatos da torpeza, que constavaõ de brocados resplandecentes, e summamente ricos, do toucado, que era semeado de diamantes, e de outras pedras preciosas, espelhos todas em que o sol se revia, do calçado, guarnecido de perolas, com variedade, formosura, e riqueza, enlaçadas, e unidas; e finalmente desfeitas as douradas tranças de seus cabellos, com que enlaçava tantas almas, sobre a neve de seus hombros, e rompendo todas as redeas profanas, que serviaõ para a casa do vicio, tomou a resoluçaõ de dar se inteiramente a hum Deos, que do Ceo descera a buscá-la, e a quem tanto tinha offendido.

Começa a dar de maõ ás vaidades.

14 E sabendo que este Senhor, sendo summamente rico, se quiz fazer summamente pobre, deixando-se convidar por pessoas compassivas, como foy Simaõ leproso, que o convidou para a sua mesa, no mesmo dia do Sermaõ, entrou a contas comsigo, dizendo estas, ou outras similhantes razoens: Ay de mim! Ay de mim lasciva, e deshonesta! Até quando ha de durar a minha cegueira; e loucura! Quando conhecerei que o verdadeiro Pastor das almas anda errante pela minha alma perdida, inclinando-se das amenidades do Ceo, ás quebradas penhas onde me hey perdido! Hoje está á mesa de hum peccador como o Phariseo, o que sempre esteve alheyo das visinhanças do peccado. A' mesa está como pobre peregrino, o que com magnifica liberdade dá a todos o sustento. Na terra se apozenta humilde, quem nas azas dos Serafins tem seu throno, para com esta humildade romper as infames escrituras da culpa.

Resolve-se a ir procurar o Senhor a casa do Pharizeo &c.

15 Pois que temo, e para que mais me detenho, para que naõ vá pedirlhe com fé, e humildade, que rompa o dilatado processo dos meus delictos. Alma minha, que ha tantos annos andas enganada, naõ te demores mais em procurar o remedio, que taõ perto te tem posto a piedade de hum Deos amante. E pois sabes que ja o Redemptor, que ha tantos annos estava promettido aos mortaes, está na terra, nesta Cidade, e em casa de Simaõ, meu conhecido; bom será que lances maõ da occasiaõ, ja que as noticias do remedio me franqueaõ o caminho. Vamos pois a buscá-lo, pois razaõ forçoza será que saya ao encontro a quem do Ceo me vem buscar. Ja he tempo de esquecer-me das vaidades, que me trouxeraõ ao estado da morte, e de buscar no meu Redemptor a verdadeira vida. Ja tenho hum amante Divino, que me levará sobre seus hombros, como ovelha, que acha com trabalho o rebanho, se os torpes amantes que até aqui hey tido, me levaraõ aos despenhadeiros.

16 Porèm, que offerecerei a este Divino Amante em satisfaçaõ dos meus grandes delictos! Que dons levarei á casa do convite, que facilite a minha entrada! Eya, que ja me occorre o que devo levar. Os mesmos instrumentos, que serviraõ para a offensa de hum Deos offendido, saõ os que haõ de servir para o dezanojar. Os olhos, que atéqui foraõ portas dos meus torpes

dezejos,

dezejos o feraõ hoje das minhas profundas lagrimas. Este vazo de crystaes de sentimento, que tirará a dor do meu coraçaõ contrito, se derramará sobre o Ceo das suas plantas, e o enternecerá para que me perdoe: e da mesma sorte, que os meus olhos servem de medianeiros para a piedade, assim tambem toda a artilheria de graças vaãs, com que esta minha enganosa formosura fez forte, e deshonesta bateria aos coraçoens, combateráõ, e renderáõ, entre mil soluços o seu piedoso peito.

Sahe a procurar a Christo toda dezasseada com hum alabastro de aromas.

17 Apenas com similhantes razoens se resolveo a nossa peccadora arrependida a deixar as suas perversidades, por allumiada daquelle Divino resplandor, que naõ só accende, e illumina, senaõ que põem azas ás almas, para sahirem das trevas da horrivel culpa; quando como ave ligeira, a quem o estrondo repentino do arcabuz accrescenta os voos, sahio de casa, destrançado o seu formoso cabello, a formosura sem arte, a roupa sem alinho, só com graça o pranto, e tomando hum alabastro de aromas preciosos, sahio pelas ruas de Jerusalem a buscar a Jesus Christo.

Lança-se aos pès de Christo.

18 Chegou a casa de Simaõ, em cuja mesa estava o mesmo Senhor, naõ por comer manjares regalados, dispostos com cuidado, e alinho, sim por explayar naquelle convite o mar immenso das suas misericordias com huma mulher, que sendo das principaes da Cidade, era por isso mesmo a mayor pedra de escandalo, em que todos tropeçavaõ. Sem temer pois, de que se enojasse a soberba do Phariseo, nem pejo de que a vissem toda dezasseada, e descomposta os que assistiaõ ao banquete, por só se lembrar das manchas de suas culpas, se arrojou resoluta, e chorosa aos pés do Salvador, como a verdadeira fonte da sua eterna saude.

Huma grande dita se deve lograr atropellando difficuldades.

19 Vergonha devia ter de chorar em publico, e de fazer taes extremos diante de quem a conhecia toda formosa, e toda bizarra; porèm vendo da fórma, que tinha manchado sua alma, se affrontou mais da miseria interior, tendo só vergonha das culpas que cõmettera. Estava [diz S. Asterio] chagada das peçonhentas mordeduras do peccado, com tantas feridas, como havia tido em tanto tempo occasioens. Chegou o conhecimento do damno, e com elle a pena de se ver em tal desdita, e apenas recebeo aquella luz, e gozou da inspiraçaõ, quando, sem reparar em se seria a sua confissaõ importuna, naõ esperou que sahisse do convite o Medico da sua alma, senaõ que esporeada da sua dor atropellou por tudo, e insoffrivel, e impaciente em a dilaçaõ, entrou até á mesa, onde offereceo o seu pranto. O certo he, ó mortaes, que huma dita taõ grande, como sarar da culpa, sahir da morte para a vida, e da inimizade de Deos para a sua amizade, se ha de lograr atropellando-se, e vencendo-se montes de difficuldades. Da occasiaõ de huma felicidade, que sem se esperar se offerece, se deve lançar maõ, naõ com tibieza, sim com violencia, como quem rouba; porque a tibieza no lançar a maõ naõ seja occasiaõ de malograr se a dita. Bem certificada estava Magdalena, ainda que peccadora, desta verdade, pois naõ quiz perder taõ bôa occasiaõ por melindrosa, ou por descuidada, para ensinar a todos os mortaes, a procurar com toda a presteza a graça huma vez perdida, e a naõ se lhes dar do que diraõ aquelles, que por assim se naõ resolverem vivem de assento nas culpas, quasi com a certeza da sua eterna condenaçaõ.

Derrama Magdalena precioso balsamo aos pès de Christo.

20 Prostrada a ja ditosa, e Bendita peccadora aos pés de Jesus Christo, derramou o precioso balsamo, quebrando o alabastro, e quebrantando o seu coraçaõ, dezatou as duas fontes dos seus bellos olhos em correntes de lagrimas, sem duvida de grande estimaçaõ para o Divino Medico. Regavaõ os crystaes de Maria aquelles pés de fogo, e abrazavaõ de novo a sua cor, com os reflexos, que incendidos do amor despediaõ. Chorava, e soluçava Magdalena, sem que se atrevesse a pôr os olhos na cara daquelle Deos, a quem tinha gravemente offendido. Beijava aquelles sagrados pés, imprimindo nelles huma, e mil vezes os labios, que tantas vezes deraõ occasiaõ para as cul-

pas.

pas. Cada impressaõ dos labios da Magdalena, em os pés de Jesus Christo, era certamente huma frecha, que feria o coraçaõ deste Divino Amante, para que sahissem pela ferida de golpe as suas grandes piedades, e accrescentando feridas douradas, e fortes, começou a alimpar as lagrimas, com os dourados riços de seus cabellos, sendo os olhos, e os cabellos (como dizia a Esposa) instrumento das doces feridas de amor, com que este Senhor se queixava, ou deleitava.

21 Diz S. Gregorio o Magno, que se valera a Magdalena, para o seu remedio, dos mesmos instrumentos, que lhe haviaõ servido para a perdiçaõ. Os olhos, que lhe haviaõ servido de anzoes para a culpa, os cegou com lagrimas para a penitencia. Os labios, exercitados em torpes carinhos, os sellou com as plantas do Salvador, para que ignorasse a torpeza. Os cabellos, que adornando com arte a formosura, foraõ harpoens, e redes, com que feria, e pescava coraçoens, serviraõ agora de esponja de lagrimas. Em fim, quanto pode primeiro servir-lhe para os delictos, offereceo Magdalena ás plantas de Jesus para a misericordia. A' imitaçaõ desta grande peccadora, aprendamos todos os mortaes, em voltar em triaga para o nosso remedio todos os instrumentos venenozos, que foraõ causa da nossa desdita.

22 Vendo os convidados do banquete o bem dezabrido prato de lagrimas, e de suspiros de Magdalena, ficaraõ suspensos, e admirados, e por verem em taõ desprezivel estado a huma mulher Senhora, a quem conheciaõ por bizarra, e por dezenvolta no trato. O Phariseo porèm, calando-se como os mais, começou a fazer huns discursos filhos da sua soberba, que consistiaõ em duvidar de Jesus ser Profeta, e Santo, por naõ conhecer era Magdalena mulher peccadora, e por isso indigna de tocá-lo. A soberba, como desvanecida, e ignorante, sempre discorre mal, e erra nas illaçoens, como errou o Phariseo, que devia saber que a profecia he dom de Deos, que só se estende á sua disposiçaõ, e que póde hum Santo ser Profeta, e naõ saber tudo, pois Profeta era Eliseu, e ignorou a afflicçaõ com que a Sulamitis o buscava, porque Deos lhe havia occultado a causa da sua pena. Logo bem podia Jesus ser Profeta, e naõ conhecer a torpe vida da Magdalena. O Phariseo, como vaõ, desvanecido, e enganado hypocrita, tinha os olhos abertos para ver as culpas de Magdalena, e fechados para ver as lagrimas, que por elles derramava, se naõ he que julgava eraõ indignas tamanhas culpas da consolaçaõ Divina, e que ignorava o quanto Deos he estimador das lagrimas, que a seus pés vertem os peccadores.

Estranha o Phariseo o naõ conhecer Christo a Magdalena.

23 Aos pensamentos do Phariseo respondeo o Medico Divino desorte, que lhe deo a conhecer a sua Divindade, ao mesmo tempo que acudio pelo credito da Magdalena, com aquella mysteriosa, e intricada Parabola dos devedores, a quem o seu crédor perdoou as dividas, sendo as quantidades desiguaes, tirando por consequencia, que amou mais ao acredor, o que mereceo que lhe perdoasse mayor quantidade, dando lhe a entender em a similhança, que ainda que a Magdalena havia sido taõ grande peccadora, elle tambem era peccador, e que se a sua divida naõ era tanta, naõ era taõ pouco o seu amor taõ ardente. Dita a Parabola, pôs os seus Diviníssimos, e piedosissimos olhos em Maria, que naõ cessava em as lagrimas, dizendo lhe, que ja lhe estavaõ perdoadas todas as suas culpas, porque havia amado muito. Neste passo exclama S. Lourenço Novariense: *Quem te ensinou a lavar com taõ breves lagrimas taõ dilatados delictos? Quem te industriou para lavar com o ouro dos teus cabellos o processo de diamante em que estavaõ escritos? Venceste, porque choraste, e na tormenta do teu pranto merecestes a tranquilidade da consolaçaõ Divina.*

Satisfaz Christo á murmuraçaõ do Pharsieo.

24 Desde que entrou em casa do Phariseo, e se lançou a Magdalena aos pés de Jesus Christo, se lhe naõ ouvio huma só palavra: porèm como chorava deveras, e tem tambem para alcançarem o que pertendem suas vozes as

lagrimas,

lagrimas, chegaraõ ao coraçaõ de Jesus grandes clamores. Em fim, creo Magdalena que era Deos, aquelle, a cujos pés esperava o perdaõ das suas culpas, e aquella fé ardente, com o amor que lhe havia incendido, e as lagrimas, que como a fragoa lhe haviaõ augmentado, ouvio da boca do Salvador do Mundo o perdaõ de todos os seus delictos, e abraçada ainda depois desta dita com os sagrados pés, que haviaõ sido o seu sagrado, delles se naõ queria apartar.

25 Naquelle arco de paz, que offereceo Deos aos homens, depois do castigo universal do proceloso diluvio, achou delineado certo engenho, a Magdalena penitente, chorando aos pés de Christo, como nuvem, abundantissimas lagrimas, ferida dos amorosos rayos do Sol de Jesus, e affermozeada com os seus resplandores; e em fim feita ella mesma arco de paz com suas lagrimas, entre a Divina Justiça offendida, e o seu coraçaõ desfeito. Arco de paz foy o seu pranto, pois o mesmo Christo lhe disse por ultimo, em as batalhas amorosas da sua penitencia: *Vay-te em paz*. Oh lagrimas poderosas, medianeiras entre o peccador offensor, e Deos offendido! Arco sois, que a rayos Divinos illuminado, arrojais frechas penetrantes ao Coraçaõ Divino, a cujos harpoens se naõ pode deter a sua misericordia. Quem naõ combate a Deos com taõ valentes armas!

Notem.

26 Com as lagrimas pois da sua penitencia mereceo Maria Magdalena que Jesus levantasse no seu coraçaõ os luzidos troféos da sua Graça, destruindo as immensas aras dos desordenados appetites, em que sacrificava a alma ás penas eternas, sem escutar as vozes das Divinas inspiraçoens, por attender sómente ás fementidas delicias, que lhe ideavaõ os depravados gostos; os quaes deixou desorte, que ficou dalli em diante ultrajada a sua desenvoltura, abatida a sua grande vaidade, vencidos os sette demonios, que dizem S. Marcos, e S. Lucas, que lhe lançara Christo do corpo, e admirado o mundo do muito que póde hum rayozinho da Divina Graça; pois livre dos embaraços da carne, e sangue, e das occasioens da culpa, bateo as azas do seu espirito em apressado voo, para sublimar-se á eminencia da perfeiçaõ Evangelica, que prégava o mesmo Jesus: e sabendo, como bem illustrada, que o baixar pela humildade ao abysmo do proprio desprezo, era o meyo mais a proposito, e mais efficaz, para subir á altura da contemplaçaõ dos bens eternos, se profundou no conhecimento das suas grandes miserias, solicitando em tudo o seu abatimento no humildissimo, e pobre trato de que fez eleyçaõ.

27 Como vio que o Redemptor veyo dezenganar aos homens, dizendo que só eraõ Bemaventurados os Justos, que naõ andaõ atraz do ouro, e malaventurados aquelles, que trazem apegado o coraçaõ ás riquezas terrenas, e dezapegado das Celestiaes, repartio as suas com muitos pobres, exceptuando as que reservou para dispender no serviço do seu Divino Mestre, e para o sustento da sua santa companhia, a quem seguia pelos lugares, em que o mesmo Senhor prégava; e nem era muito que repartisse as suas riquezas em o serviço do Senhor, e em obsequio da piedade, quem ja saberia, como illustrada do Divino Espirito, que ter, com a obrigaçaõ de dar, he mais deposito, que dominio. Que ter muito, e naõ dar nada, he torpe idolatria do ouro. Que ter para o desperdicio, he culpavel loucura. E que ter para o soccorro das necessidades, he virtude; porèm com muita mortificaçaõ, porque sendo mais, que os cabedaes, os acredores, vive a piedade atormentada com as queixas das necessidades a que naõ póde soccorrer.

Segue a companhia de Jesus, e faz os gastos das suas rendas.

28 Despedio-se de todas aquellas pompas, que com a fazerem mais rica, e mais bella, convertiaõ em liberaes os namorados, e os avaros em amantes. Atirou, e tirou de si as pedras preciosas, para ir apedrejar á mesma vaidade, porque ja naõ era a sua tençaõ edificar no terreno, mas sim em centro bem differente das suas pedras; e parecendo-lhe que a pobreza de seus pés descalços,

Despede-se das antigas pompas &c.

descalços, tinhaõ descoberto nella verdadeiras minas de prata, e ouro, por tanto, com a cinza, e aspereza colorio, e teceo as laãs de seu vestido para imitarem a penitencia, e elegerem a solidaõ. A lembrança da sua passada vida extinguio nella tudo o que era rizo, sepultando debaixo da sua severa pallidez os mesclardos frescores do seu rosto. Tirou a seus olhos toda a vaidade activa, exceptuando o continuo pranto. Desterrou da mesa, naõ só aquellas delicias, que saõ perigosas á alma em quanto se gostaõ, e tambem custosas ao corpo em quanto se buscaõ; mas tambem tudo aquillo, que fosse bem voluntario da natureza, para que nella outra cousa se naõ visse mais, que hum preciso alimento; sendo os jejuns perpetuos, os que bem mostravaõ o quanto estava abastada das cousas mundanas. Dormia na terra dura, e redrobrava a noite com as trevas da sua dor, e finalmente naõ cuidava mais que em atormentar-se, e mortificar-se pelo seu Jesus, como quem tinha apprehendido das suas doutrinas, que o padecer era á medida do amor, e que as culpas naõ castigadas, deviaõ ser castigadas pelo Juiz, e as perdoadas punidas pelo delinquente.

29 Toda a sua delicia era servir, e acompanhar nas Missoens ao seu Jesus, e a sua Santissima Mãy, a quem amava, e servia com os mais finos extremos, e com quem excitava contendas amigas, e controversias amantes, sobre qual dellas tinha mais forçozas razoens para amar com mayor vantajem ao Divino Jesus; porque se huma como Mãy o tinha dado ao mundo, a outra tinha sido por elle tirada do mundo. Do que este dizia, vendo a despojada de todos os adornos, e que descalça, e pobre voluntaria seguia a Christo, naõ fazia cazo, porque aprendeo aos pés do mesmo Senhor, a metter debaixo dos seus o respeito do que diraõ; e desta sorte veyo a conseguir o attrahir coraçoens amantes, mas naõ para Satanáz; pois se antes a hiaõ buscar como a peccadora, depois a procuravaõ como a huma Santa Sacerdotiza, onde achavaõ os melhores documentos, acompanhados de vida mais Angelica, que humana.

30 Quem via a Magdalena sem Christo, via candida ovelha, que enche de ballidos o bosque, lamentando o dezamparo da sua solidaõ. Querendo o Senhor alleviar a hydropezia dos dezejos, que tinha de estar sempre na sua companhia, lhe fez a singular graça de se convidar para seu hospede, e de sua irmaã Martha, o que fez na casa, que esta tinha em Bethania. Martha toda se desvelava em cuidar no sustento, e no regálo, que havia de offerecer a Christo; porèm Magdalena enthronizada a seus Divinos pés, de nada mais se lembrava, que de agradecer-lhe as misericordias, que com ella tinha praticado, e de pedir-lhe lhas continuasse até o fim. Vendo Martha que se esquecia aos pés, e na presença de Christo sua irmaã Magdalena, sem ir cuidar no regálo da sua Pessoa, se queixou ao mesmo Senhor, o qual assim como tinha desculpado á sua amante Serva das calumnias do Phariseo, a desculpou das queixas da irmaã, dizendo: *Martha, Martha, muito solicitas andas, e distraida, e perturbada em muitas cousas, sendo na realidade, como he, só huma a necessaria, e precisa: tua irmaã Maria escolheo a melhor parte, a qual para sempre ha de durar, e nunca será tirada della.* Com esta resposta ficou Martha na intelligencia, que sendo bõa a sua occupaçaõ, era a da Magdalena melhor, por huma se dirigir ao temporal, e outra ao espiritual.

Convidou-se-lhe Christo por hospede.

31 Naõ foy menor o seguinte beneficio. Adoeceo Lazaro gravemente em Bethania, e logo mandaraõ a Jerusalem suas irmaãs Maria, e Martha hum proprio a Jesus, com huma carta taõ discreta, como breve, que dizia: *Vede, Senhor, que o que amais, está enfermo*, da qual parece se infere, que para negociar huma alma muito com Deos, naõ saõ necessarios muitos preambulos, nem palavras rhetoricas, porque para com este Senhor, que conhece, e penetra os coraçoens, poucas bastaõ. O Senhor, que queria fazer mayor o prodigio, dilatou dous dias a jornada, depois dos quaes chegou a Bethania, e a casa

Resuscita Christo a seu irmaõ Lazaro em Bethania.

e a casa das Santas irmaãs, que estavaõ lamentando a falta de seu irmaõ. Chegou Martha á presença de Christo, a quem disse: *Senhor, se Vós estiveras aqui, meu irmaõ naõ estivera morto.* A Magdalena, deixando as visitas, que a estavaõ consolando na sua justa pena, se prostrou novamente aos pés do seu Jesus, pedindo lhe a sua bençaõ, e queixando-se-lhe do pouco cazo que fizera dos seus rogos. Enternecido o Amante Divino das lagrimas de Magdalena, entrou a chorar, e a suspirar, e logo fez levantar a pedra, que cobria a sepultura. Feita esta diligencia, levantando a vóz, e os olhos ao Ceo, disse: *Lazaro sahe fóra*, e obedecendo á vóz, sahio vivo, e saõ do sepulchro o que antes estava nelle morto, corrompido, e mal cheiroso.

32 Desta resurreiçaõ se seguio o deixarem muitas almas a cegueira dos seus erros, e o fazerem-se discipulos de Jesus Christo, crendo as suas douttrinas; e o irritarem-se os Pontifices, e Phariseos, logo que se vulgarizou a maravilha em Jerusalem desorte, que fizeraõ Concilio, no qual decretaraõ a morte do Salvador, e que desse noticia delle quem a tivesse; o que declararaõ, por tambem saberem que o mesmo Senhor se retirara de Bethania, no mesmo ponto em que fez a resurreiçaõ de Lazaro. Foy para a Cidade de Efren, até que chegasse a festa da Pascoa, que naõ estava longe. Quando foy tempo de voltar para a celebrar com a sua morte, se declarou mais com os doze Apostolos, dizendo-lhes, que advertissem subiaõ a Jerusalem, onde o Filho do Homem, que era elle, seria entregue ao Principe dos Phariseos, prezo, affrontado, açoutado, até morrer crucificado. Seis dias antes da Pascoa chegou outra vez a Bethania, onde Maria Magdalena, e Martha, fizeraõ huma abundante cea, na qual assistiraõ o mesmo Redemptor, sua Santissima Mãy, e todos os Discipulos, que o acompanhavaõ para a festividade da Pascoa, entre os quaes ceou tambem Lazaro, de poucos dias resuscitado.

Daõ a Magdalena, e Martha em Bethania de cear a Christo.

33 Estando o Salvador do Mundo recostado neste convite, conforme ao costume dos Hebreos, entrou Maria Magdalena cheya de Divina luz, e de altos, e nobilissimos pensamentos, e com o ardentissimo amor, que tinha a Christo seu Divino Mestre, lhe ungio os pés, derramando sobre elles, e sobre a sua sacratissima cabeça, hum vazo de alabastro, cheyo de fragrantissimo, e preciosissimo licor, de confeiçaõ de nardos, e de outras cousas aromaticas. Por fim, limpou aquelles sagrados pés com os seus cabellos, assim como o tinha praticado em casa do Phariseo na sua conversaõ. Da fragrancia destes unguentos se encheo toda a casa, porque além de serem em quantidade, a liberal, e namorada Magdalena quebrou o vazo para derramar tudo sem escassez, em obsequio do seu Divino Mestre. O malvado, e avarento Judas, entrou logo a murmurar desta mysteriosa unçaõ, com o pretexto, de que seria mais conveniente o venderem-se aquelles preciosos unguentos, e o dispenderem-se com os pobres. Logo o Mestre da Verdade desculpou a Magdalena, dizendo a Judas, e aos mais Discipulos, que naõ inquietassem a Maria, porque naõ fora aquella acçaõ ociosa, e sem justa causa: que sempre poderiaõ os pobres achar quem nelles exercitasse a misericordia; mas que a elle para este fim o naõ teriaõ sempre presente: logo começou o Redemptor a manifestar-lhes em como aquella unçaõ tinha mais de mysteriosa, que de cazual, porque fora ungi-lo Magdalena, como se ja estivesse para espirar, anticipando-lhe o tempo da sua sepultura, que supposto naõ era ainda chegado, naõ lhe estava muito distante &c.

Unge Magdalena os pés a Christo, e murmura Judas &c.

34 Esta infausta noticia traspassou os coraçoens dos Discipulos, que choravaõ attonitos, olhando huns para os outros, para unirem com as vistas a devida dor, e com esta poderem fazer mais efficaz para Christo a sua compaixaõ; mas a Magdalena, que sem duvida pareceria de marmore, se naõ tremesse como leve folha, com o rosto de cinza, e com os labios defuntos se desfez em rios de lagrimas, por ver estava propinqua a morte de quem lhe havia dado a vida. Deixando o Senhor Bethania, foy para Jerusalem, onde celebrou

celebrou a ultima Cea com seus Discipulos, e a quem claramente declarou em como era chegado o tempo, em que naõ devia differir ao mundo a sua salvaçaõ, pela qual havia de dar a vida em huma Cruz.

35 Quem mais se adiantou em acompanhar ao Redemptor, depois de Maria Santissima, em todos os passos, e tormentos da sua Paixaõ Sagrada, foy a Magdalena, como dizem os Evangelistas; assim porque a chamma do seu amor a levava toda enardescida, como porque naturalmente era magnanima, esforçada, varonil, e summamente grata, e piedosa. Com o seu amado Jesus exercitou os actos mais heroicos de amor, naõ só quando elle estava no descanço dos banquetes, e andava nas Missoens, assistindo-lhe com o necessario, mas tambem quando o via nos tormentos da Cruz. Ao pé desta esteve no Calvario firmissima na assistencia, mas quasi morta pela dor, vendo ao Filho de Deos padecer tantos tormentos, tratado com tantos opprobrios, crucificado entre dous ladroens, e morto pelas suas culpas, e pelas de todos os humanos. Depois que os piedosos Jozé, e Nicodemus desceraõ ao Redemptor da Cruz, se abraçou com aquelle sagrado Cadaver, dando-lhe devotissimos, e repetidissimos osculos, e lavando o Sangue das suas feridas com os rios dos seus copiosissimos prantos.

Acompanhou Magdalena a Christo em todos os passos da Paixaõ.

36 O Evangelista S. Marcos, faz memoria do cuidado, com que Maria Magdalena, e as outras Marias advertiraõ onde se sepultara o sagrado Corpo de Christo. Com esta prevençaõ na tarde do Sabbado sahio a Magdalena da Casa do Cenaculo á Cidade, onde comprou unguentos aromaticos, para madrugar no dia seguinte, e ir ao sepulchro com as duas Marias a visitar, e adorar o sagrado Corpo do seu Mestre, com a occasiaõ de ungí-lo de novo. No Domingo antes de amanhecer, madrugaraõ com o designio de executarem o seu piedoso affecto, por ignorarem que o sepulchro estava sellado, e com guardas, por ordem de Pilatos. O que só sim se lhes fez difficultozo pelo caminho, era o naõ terem forças para levantarem a grande pedra, com que ficara cerrado o Monumento: porèm o amor lhes dava esforço para vencerem esta difficuldade, sem saberem como.

Vay a Magdalena procurar a Christo ao sepulchro.

37 Quando sahiraõ da Casa do Cenaculo era de noite, e quando chegaraõ ao sepulchro, ja havia amanhecido desorte, que era nascido o sol, porque naquelle dia se anticipou as tres horas, que se escureceo na Morte do Salvador do Mundo. Com este milagre concordaõ os Evangelistas S. Marcos, e S. Joaõ, pois hum diz que foraõ as Marias sahido o sol, e o outro, que haviaõ trevas; porque tudo foy verdade, pois sahiraõ muito de madrugada, e antes de amanhecer; e com a pressa, e diligencia do sol, as alcançou, quando chegaraõ, ainda que se naõ detiveraõ no caminho. Era o Monumento huma pequena abobada, como cova, cuja porta cerrava huma grande pedra, e dentro tinha a hum lado o sepulchro, alguma cousa levantado da terra.

Myst. Cid. liv. 6. n. 1478.

38 Pouco antes que chegasse a Magdalena com as suas companheiras a reconhecer a difficuldade, que hiaõ conferindo sobre o moverem a pedra do sepulchro, houve hum terremoto muito espantoso, e no mesmo tempo hum Anjo do Senhor abrio o sepulchro. As guardas do Monumento com o grande estrepito do terremoto, e do movimento da pedra, cahiraõ em terra, desmayados do temor que lhes causou, deixando-os como defuntos, ainda que naõ viraõ ao Senhor, porque havia resuscitado, e sahido do Monumento, antes que o Anjo tirasse a pedra. Maria Magdalena, e as mais Marias, ainda que sentiraõ algum temor, se animaraõ, confortadas pelo Senhor desorte, que chegaraõ aonde estava o Monumento. Junto á porta viraõ a hum Anjo, mais resplandecente que o sol, sobre a pedra do sepulchro, o qual lhes disse: *Naõ temais, que sey como buscais a Jesus Nazareno. Naõ está aqui, que ja ha resuscitado. Entrai, e vereis o lugar onde o puzeraõ.*

A mesma n. 1479.

Falla hum Anjo que estava no Monumento de Senhor á Magdalena.

39 Entraraõ as Benditas Marias, as quaes receberaõ a mayor tristeza ven-

Achaõ o sepulchro sê o Senhor, e lhes fallaõ dous Anjos.

do ao sepulcho vazio, porque estavaõ mais attentas ao affecto de verem ao doce Jesus, que á fé do Anjo, que lhes disse havia resuscitado. Ficaraõ porèm logo mais gozosas, e satisfeitas, quando dous Anjos, que estavaõ aos lados do sepulchro, lhes disseraõ: *Para que buscais entre os mortos, o que está vivo, e resuscitado? Lembrai-vos de que elle mesmo vos disse em Galilea, que havia de resuscitar ao terceiro dia. Ide logo, e day noticia aos Discipulos, e a Pedro, que vaõ a Galilea, onde o veraõ.* Com esta advertencia dos Angelicos Espiritos se lembraraõ as Santas Marias do que seu Divino Mestre havia dito, e seguras da Resurreiçaõ, foraõ com grande pressa dar conta aos onze Discipulos de Christo, e a outras pessoas, que seguiaõ as Doutrinas do Senhor.

Myst. Cid. p. 2. liv. 6. n. 1480.

40 Ainda que os Apostolos tiveraõ por delirio o que a Magdalena, e as mais Marias contavaõ, porque o mesmo Senhor resuscitado permittiria o esquecerem-se, de que lhes havia dito resuscitaria ao terceiro dia; S. Pedro, e S. Joaõ, dezejando certificar-se com os seus olhos, partiraõ a toda a pressa ao Monumento, seguidos das Marias. Inteirados da verdade, se retiraraõ do sepulchro a dar conta aos mais Apostolos; ficando as Marias da parte de fóra do sepulchro, conferindo com admiraçaõ tudo o que succedia. Porèm a Magdalena, como mais amante, e dezembaraçada, entrou outra vez no sepulchro, onde se estava desfazendo em lagrimas pela falta do seu doce Jesus, quando os dous Anjos, que estavaõ no mesmo sepulchro, lhe perguntaraõ: *Mulher, porque choras? Porque me haõ levado a meu Senhor*, [respondeo ella] *e naõ sey onde o haõ posto.* Dada esta resposta, sahio para fóra do sepulchro, e logo encontrou com o seu querido Jesus, a quem tanto naõ conheceo, que o julgou Hortelaõ. Perguntou-lhe tambem: *Mulher, porque choras? A quem buscas?* A Magdalena, naõ conhecendo a Christo nosso Senhor, lhe respondeo, como se fosse Hortelaõ do Horto, em que lhe fallava, e sem mais acordo, e vencida do amor, lhe disse: *Senhor, se vós o haveis tirado, dizei-me onde o tendes.* Naõ querendo o piedoso Senhor affligir mais o piedoso, e amoroso coraçaõ da sua Serva, muito doce, e amoroso, se lhe descobrio pelo mesmo, que com tanta ancia buscava, tratando-a pelo seu nome Maria.

Falla Christo a Magdalena com disfarce, e se lhe declara

41 Como esta o conheceo pela Celestial vóz, e pelos indiziveis jubilos de que foy banhada sua alma, abrazada do amor, a que a obrigavaõ taõ repetidas finezas, tratando-o por Mestre, e por Redemptor, o adorou prostrada a seus sagrados pés. Querendo porèm tocá-los, e beijá-los, como costumada a este favor, o Senhor a preveniо, dizendo: *Naõ me toques, porque ainda naõ subi a meu Pay, para onde estou de caminho. Vai-te, e dize a meus Irmaõs os Apostolos, como estou de passo para meu Pay, e seu.* Cheya de consolaçaõ, e de alegria incomparavel, sahio a Magdalena da Celestial presença do Senhor, a fazer o officio de Apostola dos Apostolos, e de digna Embaixadora do Augustissimo Mysterio da Sagrada Resurreiçaõ do mundo.

O Senhor resuscitado manda por Magdalena annunciar aos Apostolos a sua Resurreiçaõ.

42 Passados quarenta dias depois da Resurreiçaõ do Senhor, querendo elle pôr o sello a todos os incomprehensiveis Mysterios da sua Ascensaõ Sagrada, elegeo por testimunhas della, a cento e vinte pessoas, que ajuntou, e a quem fallou no Cenaculo, as quaes se compunhaõ de sua Santissima Mãy, dos onze Apostolos, dos settenta e dous Discipulos, de outros homens, e mulheres, e finalmente de Lazaro, e de suas irmaãs Martha, e da penitente Magdalena, á qual, como mais terna, e amante, se havia de fazer mais sensivel a auzencia, que fez o Divino Mestre do Monte Olivete para os Palacios eternos, e por isso lhe diria, vendo-o subir, entre os Celestiaes esquadroens: Parti finalmente meu Deos, e com razaõ, porque muito mais de que vos mereceo, vos teve o mundo; mas a mim se me parte o coraçaõ, com o vosso partir: e quem me assegura, que pelo futuro sem vós naõ possa eu errar esse caminho, que agora fazeis? Mas confio em que Vós, meu Senhor, vos dignareis de corroborar huma, e outra vez esta humilde Serva desse Empyreo com vossos amantes olhos; e por ventura, que naõ vos pezará de me

Vio a Magdalena subir o Senhor ao Ceo, de quem se despede.

verdes,

verdes, porque sempre me vereis comvosco. Ora vede-me, meu Deos, porque em quanto estivesse na terra, naõ só me puzestes os olhos, mas tambem os meus osculos, os meus dons, e as minhas lagrimas nunca desprezaste, por se comprazer a vossa Divina Bondade que eu vos amasse, e naõ de qualquer modo. Lembrai-vos de que vos naõ muda, o mudardes de estancia, e assim vos amarei tanto mais, quanto ao coraçaõ será necessario elevar se em querer-vos, para poder gozar-vos.

43 Naõ só teve a ditosissima Magdalena a felicidade de ver subir a Deos triunfante do Monte Olivete, senaõ tambem a de o receber no Cenaculo, transformado em linguas de fogo. O certo he, que havendo a Magdalena amado a Christo de preterito, tudo quanto póde amar hum peito humano; agora porque de presente foy bem affortunado hospicio do Espirito Santo; cresceo desorte o seu amor, e com tanta vantajem a si mesmo, que desmentio aquelles Filosofantes, que negaraõ poder-se dar hum infinito, mayor que o outro. Com os abrazados incendios do seu coraçaõ, começou a contender a eloquencia da sua vóz, porque prégando alguns annos o seu Jesus, com fervor taõ grande, ella naõ só com lingua de fogo o prégava, mas linguas de fogo produzia.

Assistio Magdalena no Cenaculo na vinda do Espirito Santo.

44 Os empregos de Magdalena em Jerusalem, depois da vinda do Espirito Santo, era o servir, e venerar a Maria Santissima, e o acompanhá-la nas repetidas visitas dos Sagrados Lugares, em que seu Santissimo Filho consummou o incomprehensivel Mysterio da nossa Redempçaõ, e em persuadir, e prégar áquelle ingrato povo de Jerusalem, as finezas, e amor de hum Deos, que, por livrá-los da escravidaõ da culpa, se sujeitou a nascer Homem mortal, e passivel, e a padecer viz, e atrozes tormentos: e como o mesmo faziaõ todos os Discipulos do Redemptor, se levantou a primeira perseguiçaõ contra todos os filhos desta nova Igreja, muitos dos quaes, por inspiraçaõ, e illustraçaõ Divina, fugiraõ de Jerusalem, e se dividiraõ por varias partes, e Provincias do mundo, para as illustrarem, como illustraraõ, com os resplandores da Fé, com as verdades do Sagrado Evangelho, com a prégaçaõ Apostolica dos soberanos Mysterios da Incarnaçaõ, Nascimento, Vida, Morte, Resurreiçaõ, e Ascensaõ do Senhor.

Empregos desta Santa em Jerusalem depois da Morte de Christo.

45 Como os Ministros da perfidia tinhaõ respeito á pessoa, e nobreza de Lazaro, e de suas irmaãs Martha, e Magdalena, e sabiaõ a commũa benevolencia, com que eraõ tratados na Cidade, temendo que esta se armasse contra elles, prégando os Santos irmaõs a nova Ley, porque se desterrava a sua Synagoga, se resolveo a desterrá-los, e da mesma sorte a huma criada, que foy aquella venturosa Marcella, que levantando a vóz em huma turba de gente, em applauso, e louvor de Christo, disse: *Bemaventurado he o ventre, que vos concebeo, e o peito purissimo que vos deo o sustento.* Pelo mesmo fim, prenderaõ a Maximino, hum dos settenta e dous Discipulos de Christo, a Celidonio, aquelle venturoso cego de nascimento, a quem o Redemptor deo vista, pondo-lhe hum pouco de lodo sobre os olhos, e ao illustre Decuriaõ, Jozé de Arimathea, Discipulo occulto do Senhor antes da sua Morte, e depois della bem manifesto, pela generosa piedade com que o desceo da Cruz, e o depositou em hum sepulchro novo. Suzanna, em quem o Senhor obrou o milagre de sará-la da importuna queixa do costado que padecia. A toda esta santa cõmittiva metteraõ os perfidos Judeos em hum navio sem véla, nem remos, expondo assim ao naufragio os corpos de quem com todo o desvélo lhes prégava para os livrar da subversaõ; mas o certo he, que contra os perigos naõ póde haver mais refinado peito de prova, que a propria innocencia, pois o carecer de véla, e de remos naõ impedio ao innocente navio, o mover-se para fazer viagem, porque levava dentro huma fé taõ viva, que faria mover até as mesmas montanhas. Voou em fim taõ apressado o feliz lenho, como quem hia bafejado pelo Espirito do Senhor, que, como destro

Desterraõ de Jerusalem a Magdalena &c.

na

na mareajem, o ensinava a suster-se sempre sobre as agoas, e o fez aportar com maré de rozas no Porto de Marcelha; nobilissima Cidade de França.

Dezembarca em Marcelha de França, onde a naõ quizeraõ recolher os naturaes, por serem idolatras.

46 Como os naturaes de Marcelha eraõ acerrimos na adoraçaõ dos idolos, naõ quizeraõ admittir em suas casas aos Santos peregrinos, motivo porque se viraõ precizados a dormir em huma rua publica, amparados do encosto de hum grande portico, que ficava contiguo a hum sumptuoso Templo, que a cegueira Gentilica tinha dedicado aos seus falsos deoses. Vendo a Santa na madrugada do seguinte dia a magnificencia, e riqueza com que aquelle Templo se preparava, perguntou o motivo, e respondendo-se lhe, que era o de ir o Senhor da terra offerecer sacrificios aos idolos, para que lhe dessem os filhos de que carecia, abrazada no zelo da honra de Deos, assentou o fazer daquelles idolatras penitentes, ou o padecer martyrio por taõ santo motivo. Chegaraõ pois os Principes da terra com magnifica pompa, e com hum luzido acompanhamento, a offerecer o holocausto, seguido de huma turba numerosa de grossos novilhos, e de outros ingentes animaes, que sendo votados á morte, com ramiferas coleiras, e floridas grinaldas, eraõ constrangidos a festejar os proprios estragos, insinuando prodigalidades em velipendiar as proprias vidas pela honra do seu Principe. A este começou a prégar a Apostolica Magdalena, para que se apartasse da idolatria, e adorasse a Jesus Christo, com palavras taõ suaves, e eloquentes, como he de crer o faria huma boca santificada, que tantas vezes beijara os sagrados pés de Jesus Christo nosso Deos, e Redemptor. O Engenhozo D. Antonio Julio Brugnale, Italiano, na vida que escreveo desta Santa, descreve a falla que ella poderia fazer ao Principes, na forma seguinte:

Prèga em Marcelha ao Principe da terra.

Notem o como fallaria ao Principe, para o dissuadir das adoraçoens dos idolos.

47 „ Parai, parai, ó Principes, e se quereis haver-vos como Reys do povo „ que dominais, se quereis ser pays dos filhos que pedis, naõ guieis aquel„ le pelo caminho da perdiçaõ, nem tireis a estes a esperança de nascer; a „ quem ides fazer votos, e a render adoraçoens! Aos vossos deoses? Mal „ affortunada cegueira, que por costume faz, que a quem naõ vè aquillo que „ deve ver, pareça sempre que vé aquillo que ver naõ deve. E que saõ estes „ vossos deoses? Naõ nasceraõ de homens! Naõ o confessais vós mesmos? „ Sim; porque he certo, que elles por si mesmos se naõ podiaõ fazer deo„ ses, que se tivessem tal poder, sempre, e em todo o tempo, haveriaõ ap„ petecido o serem Divinos; e por tanto, de outros receberaõ esta honra; „ e estes, de quem a receberaõ, foraõ os Monarchas, e os Supremos Impe„ radores, o que naõ negareis. Oh deoses feitos deoses por quem se naõ po„ dia fazer deos a si mesmo! Pois esta divindade, ou lhes nasce, ou mor„ re, conforme a clemencia, ou a ira de hum Cesar! E seraõ estes capa„ zes de ter em seu arbitrio a nossa salvaçaõ, estando toda esta sua divin„ dade de alheya maõ dependente! Poderaõ fazer felices aquelles, a quem po„ deremos privar da felicidade? E como poderá estar a nossa salvaçaõ, ou per„ diçaõ, sujeita aos decretos de hum Rey terreno!

Continua a falla.

48 „ Mas supponhamos, que hum Deos, mayor que elles, os quiz met„ ter de posse do Divino ser; e em tal cazo, naõ será bem que em pri„ meiro lugar encaminheis a este Deos as vossas adoraçoens, como mais dig„ no? E em segundo advertir, que necessidade poderia ter este Deos daquel„ les deoses, para dirigir as rectas ordenaçoens da sua Divina Providencia? „ Naõ haverá homem taõ insensato, que naõ tenha por indubitavel, que nos „ tempos antigos antes de nascer Bacco, Minerva, e Ceres, ja entaõ an„ davaõ as sementes sobre o campo, se maduravaõ nas vinhas os cachos, e „ as oliveiras fecundavaõ os saibros mais agrestes; e que antes que houves„ se Jupiter, ja cahiaõ as chuvas dos ares, e floreciaõ nas nuvens os Iris; e „ que o mesmo Jupiter temeo os rayos, que depois indignamente lhe collocastes „ na maõ. Mas tambem ouço dizer-me, que bem póde ser que esse Deos po„ derosissimo achasse a esses vossos idolos dignos de serem deoses, pelos me-

„ recimen-

„ recimentos da sua excellentissima bondade; mas que bem se póde compro-
„ var esta, com tantos furtos, tantos assassinios, e tantos adulterios, com os
„ quaes, como varios caracteres, destinguis a sua divindade de huma para ou-
„ tros? Oh vergonha incrivel! Pois se esses mesmos insultos taõ atrozes, em
„ que foraõ comprehendidos, e com excessos famozos, os puzeraõ em o Ceo
„ com a divindade de idolos; como agora se algum de vós os cõmetter ain-
„ da menos aggravantes, o metteis para sempre em hum carcere, e com no-
„ tavel descredito de pena ordinaria, o conduzis a hum patibulo? Oh ce-
„ gueira insana! Pois vem a ser agora para vós patibulo, aquella mesma cau-
„ sa, que a elles lhe deo a divindade.

49 „ He possivel, que sejais supplicantes adoradores de humas divindades
„ muito mais criminosas, do que aquellas de quem sois Juizes severos? He
„ possivel, que os tirastes da terra para os collocar no Ceo, naõ merecendo
„ elles que se lhes permittisse o respirarem sobre a terra! Dizei-me, por vos-
„ sa vida, permittireis que a vossos filhos, e filhas, se offereçaõ de escultu-
„ ra, ou pintadas as acçoens dos vossos idolos? As chuvas de ouro por Da-
„ nae, os Cisnes por Leda, a Aguia do vosso Jupiter, a rede de Vulcano,
„ e o adulterio de Marte? Naõ, pois se naõ quereis que se lhes offereçaõ, quaes
„ seraõ os vossos deoses, de cujas acçoens, ainda esculpidas, ou pintadas,
„ he necessario guardardes os vossos filhos? E se o permittis aos vossos filhos,
„ quaes seraõ, pois que sabem sempre esculpir seus delictos com o exemplo,
„ e patrocinio dos vossos deoses!

Continua.

50 „ Supponha-se, que recorre a estes hum malfeitor, a pedir-lhe con-
„ selho, ajuda, e favor para conseguir alguma impudicicia, latrocinio, ou
„ vingança; bem guiado vay, porque destes insultos recorre a peritos me-
„ stres; mas se lhes pedirdes beneficios innocentes, como se compadece re-
„ correrdes a espiritos malvados? Como pedis a vossa conservaçaõ a gente per-
„ fida? A vossa liberdade aos condenados? A vossa vida aos mortos? E os le-
„ gitimos partos a estupradores? Ora convertei-vos áquelle Deos, porque elle
„ he tal, que fez os homens, sem ser pelos homens feito: he invizivel Crea-
„ dor de tudo o que se vê, e que naõ se vê; aquelle que he izento da ne-
„ cessidade do respirar, de mover-se, e de sustentar-se. Beato inteiramente
„ por si mesmo, sem dependencia extrinseca; o que deo hum ser amenissimo
„ á terra, ao ar, á agoa, e aos animaes, só por amor do homem; aquelle,
„ que tem muitas vezes queimado, destruido, e arruinado os templos dos
„ vossos deoses, condenando-os a serem demolidos como cousa de seus vilis-
„ simos escravos; ultimamente aquelle que vós mesmos, sem o conhecer, mo-
„ vidos talvez do seu tacito dominio sobre as vossas consciencias, excitados
„ do primeiro moto, olhando para o Ceo, o invocais muitas vezes, naõ com
„ os nomes de Jupiter, ou Marte, mas só com o nome de Deos, para que
„ vos mitigue as repentinas angustias, ou vos facilite as futuras prosperida-
„ des. A este, a este recorrei, que se dezejais venturas permanentes, elle nun-
„ ca se mudou, nem mudará; se feliz fecundidade, elle de nada produzio
„ tudo; se prosperos augmentos, elle em cada dedo tem mil mundos; e tu-
„ do o que lhe pedirdes haveis de conseguir, pois, para ter quem lho pe-
„ disse, quiz fazer o homem, pelo qual elle se fez homem, conservando o
„ ser Divino, e aos homens se deo, sem que elles o constrangessem. Oh meu
„ Deos, e ha quem deixe de adorar-vos, para dar honras áquelles, que vos
„ blasfemaõ! Mas eu impetrarei de vós tanto espirito para vencer esta con-
„ tumacia Gentilica, quanto de vós alcancei, para me vencer a mim, pois
„ tive huma alma obstinada, impia, e execravel. Crede-me, ó Principes: af-
„ firmo-vos, ó povos, e fallo com experiencia, porque sey o quanto se per-
„ de em naõ servir a este Deos, e o muito que alcança quem bem o serve.
„ Oh tempo de amarissima memoria, aquelle que gastei sem o servir! „

Continua, e se conclue a falla.

51 Ouvindo os Principes estas, ou ainda outras mais efficazes persuasi-
vas,

vas, e penetrativas razoens da boca da illustrada Magdalena; naõ sabia o que obrasse; porèm para que naõ parecesse se dava por convencido das razoens de huma mulher, entrou no Templo, onde proferio seus rogos, mas com huma frieza muito propria, de quem dezeja supplicar em vaõ, e procura suppostos pretextos, para quebrar a reciproca amizade. Voltaraõ para casa os dous consortes, confuzos, e admirados do que haviaõ visto, e ouvido da boca daquella Angelica mulher, e como naõ acabavaõ de resolver-se no que haviaõ de obrar, appareceo a Bendita Magdalena em sonhos á Princeza, a quem disse: *Porque razaõ deixastes, e teu marido morrer á fome, e frio aos Servos de Deos, tendo tantas riquezas?* Acordou a Princeza, mas como teve por sonho, o que na realidade era vizaõ, naõ a revelou ao Principe, motivo, porque a repetio a Santa na segunda noite, mas com o mesmo effeito. Finalmente, na terceira noite appareceo a ambos juntos, reprehendendo-os com aspereza da crueldade, e avareza, com que deixavaõ padecer á fome aos Servos do Senhor: do que ficaraõ taõ espavoridos, e medrozos, que mandaraõ logo ir á sua presença aquella santa companhia, á qual deraõ casa em que decentemente estivessem, e todo o necessario para alimentar-se.

Manda o Principe chamar a Santa ao seu Palacio.

52 Ponderando o Principe na energia do dizer da Santa, no resplandor, e modestia dos seus bellissimos olhos, e na repetiçaõ daquellas revelaçoens, assentou comsigo, que aquella mulher excedia a humana esféra, e a que naõ era ella só a que fallava, motivo porque lhe disse: „ Mulher, grandes couzas „ nos dissestes, quando fomos offerecer sacrificios aos nossos deoses, naõ me„ nos que em desprezo delles, que em louvor do teu, a que chamas Jesus. Pa„ ra os vituperios daquelles, bastava para certificá-los, o naõ te vermos na„ quelle instante fulminada; mas para os louvores deste, por serem relevantes, „ seraõ necessarias mais exuberantes provas. Naõ deve crer de ligeiro, quem „ dá exemplo imitavel, naõ menos quando erra no mal, que quando acerta „ no bem. Sobre todas as mudanças, perigosissimas aos estudos, a que mais „ estranha o povo, he o variarem os Principes da Religiaõ em que se criaraõ; „ e se nas Leys, pertencentes a cousas humanas, sendo caducas, se aborrece „ tanto a instabelidade; quanto mais se devem estranhar nas Leys Divinas, a mu„ dança, por serem immoveis! Mas ainda assim, a verdade, ainda que intem„ pestiva, naõ he justo que em algum tempo se lhe fechem as portas, nem „ eu sou daquelles, que se erraõ como homens ignorando, queiraõ como Prin„ cipes errar com pertinacia. Portanto, impetra-nos hum filho do teu Deos, „ que logo nós, e todos os nossos Estados, o adoraremos, e reverenciaremos „ tambem por nosso Deos. Porèm se elle naõ puder, ou naõ quizer satisfazer „ aos nossos dezejos, naõ será razaõ que percamos de todo as esperanças de os „ satisfazerem os deoses, a quem temos recorrido: e entaõ será preciso, e con„ veniente castigar com todo o rigor, a quem tanto como tu os tens offen„ dido com graves, e atrozes injurias. „

Pede á Santa q lhe alcançe de Deos successaõ.

53 Gostosissima ficou Magdalena com este offerecimento, e promptamente lhe prometteo tudo o que dezejavaõ; porque como Deos, lhe tinha ja mandado o Espirito Santo, podia dispôr seguramente da sua vontade, mayormente, quando considerava que o Ceo naõ podia ser avaro naquella occasiaõ, em que adquiria hum Reyno para si, a troco de hum filho que para elle dava. Logo se verificou a certeza da promessa, vendo-se emcinta a illustre Senhora, a qual he certo que naõ cabia de alegria, pelo filho que cabia nella. Naõ cessava de abraçar a sua Bemfeitora, com a mesma ternura, com que abraçava no seu ventre aquelle beneficio. O Principe se houve com a Santa, naõ da sorte, que se mostraõ os Grandes pouco exercitados na sinceridade dos affectos, porque a assegurou candidamente, que o seu Estado a teria sempre por seu coraçaõ, pois por ella viria a ter a sua cabeça. Dizialhe Magdalena, que todo o favor se devia agradecer á liberalidade do seu Jesus, por ella naõ ter obrado naquelle beneficio, mais que o haver-lhe da-

Promette-lhe a Santa a successaõ, e lhe pede se baptize.

do

dò conta, e segurar-lhe, que elles haviaõ de cumprir o que tinhaõ promettido; e que por isso naõ deviaõ dilatar o seu agradecimento em recebe- rem a Fé, que aquelle Senhor viera promulgar aos mortaes.

54 Com indizivel gosto satisfizeraõ os Principes o que tinhaõ prometti do, recebendo solemnemente a agoa do baptismo das maõs de S. Maximino, hum dos companheiros da Santa, que pouco depois foy Bispo de Aquis. A seu exemplo fizeraõ o mesmo os Grandes da Cidade, e por consequencia o povo daquelle Principado, todos movidos das efficacissimas prégaçoens da Magdalena, a qual chegou a ter com aquelles Principes taõ grande valimento, que naõ se conhecia felice algum successo, sem que ella com a sua approvaçaõ o assentisse. Parecia naõ do Principe o valido, sim que havia succedido no Principado; e se o valimento em todos costuma ser materia de inveja, nella era conciliador da virtude intrinseca, e da affeiçaõ commũa. Saõ invejozos ordinariamente a mayor parte dos validos, e para que os mais homens lhes naõ roubem a elles os Principes, costumaõ elles primeiro roubá-los aos homens. Zelaõ elles muito aos Principes, porque se amaõ a si mesmos. Só para si querem todas as graças, e por isso naõ consentem que os Principes as façaõ commũas, porque desta sorte lhes parece que naõ possuem a graça toda. Devem sim ser os validos, similhantes ao espelho, em quem repercutindo os rayos da graça do seu Principe todos os beneficios, delles devem sahir para os outros os reflexos mais vigorosos, porque melhor unidos: mas a Magdalena se servia da sua privança, naõ para se elevar a si mesma, mas para fazer humilde ao seu Principe; gostava de que elle pendesse dos seus conselhos, para que naõ fosse senhoreado das proprias paixoens; jactava-se de ter authoridade com elle, só a fim de recuzar para si, e pedir para os outros. Ninguem a tomava por intercessora, que, ou naõ conseguisse o que intentava, ou naõ acertasse no que pedia. Tinha persuadido ao Principe com saudaveis admoestaçoens a que melhorasse o luxo da galla, do prazer, e do fasto, com avaliar por mais perfeito o necessitar do pouco, que desperdiçar o muito; porque sempre tem mayor dominio sobre o mundo, quem o despreza, que quem o destroe. Por direcçaõ da Magdalena, o gosto dos Principes era pacificar a Corte com a virtude, lançar de si, naõ tanto com ferozes caens, as feras nobres, quanto extinguir em si, com nobre fereza, os caens domesticos. Estimava-se mais sublime sobre os subditos, quanto menos os aggravava. Procurava que a balança da Justiça naõ pendesse para alguma das partes, senaõ só para aquella da clemencia. Vigiava, para que os vassallos vivessem socegados, sem temerem os estranhos. Ouvia as miserias, as supplicas, as queixas, e as operaçoens, e, o que he mais, ouvia pura a verdade. Na imagem dos Senhores se tinhaõ copiado a si mesmos os subditos com a devida porporçaõ; e porque os Principes de serem bons se naõ arrependessem, cada hum dos subditos procurava reprezentar-lhes em si amaveis costumes, e tanto, que aquelle que era bom só, por parecê-lo, em breve espaço trasladando na alma os habitos extrinsecos, de imitador, sendo imitavel, todo bom pareceo, porque o era todo.

Baptiza-se o Principe, a familia, todos os Grandes, povo, &c.

Foy valida do Principe, e devem notar os validos.

55 Passados alguns mezes se resolveo o convertido, e piedoso Principe a peregrinar a Roma, por ver nella ao Principe dos Apostolos, de quem a Magdalena dizia mil maravilhas: e dando conta á Princeza do seu intento, esta naõ conveyo em que fizesse aquella peregrinaçaõ, sem que a levasse por inseparavel companheira. Resolveraõ-se pois a sahir de Marcelha, no disfarce de peregrinos, deixando o governo da sua Casa, e a direcçaõ de muita parte do governo dos seus Estados recõmendado á prudencia da Magdalena, que na despedida lançou a ambos a bençaõ em forma de Cruz, como feliz guia, para o novo mundo da sua Fé. Embarcaraõ-se em hum navio, bem fornecido, e apparelhado de marinhagem, e providos dos criados, que serviaõ para a necessidade, e naõ para a pompa.

Intenta o Principe ir a Roma com sua Esposa.

56 A poucos dias de viagem, lhes sobreveyo a mais horroroza tempestade, e se a todos pronosticava a evidencia do naufragio, naõ era muito que a devota Princeza, pouco costumada a ligeiros sustos, quanto mais a acerbissimos tragos, desmayasse, como desmayou, entre os piedosos, e carinhosos braços do seu consorte em fórma, que se seguio ao desmayo o exhalar a vida, e o lançar do ventre hum menino. Vendo o Principe por huma parte extincta a sua mais amada prenda, sem que pudessem dar-lhe vida as finezas do seu amor, e todos os excessos da sua pena; e da outra hum bello Infante, que quanto tinha de formoso, tanto tinha de infelice, porque se achava sem mãy, e sem ama, que lhe pudesse ministrar o leyte, assentou, que pois lhe naõ podia conservar a vida, o devia lançar com a mãy em huma Ilheta, que se lhe offereceo á vista, contra o destino dos marinheiros, que queriaõ lançar ao mar a defunta. Vestio pois a esta com muita decencia, e cobrindo-a com hum manto, a deixou em certo sitio da Ilheta, com o tenro menino aos peitos, excesso, que he certo naõ obraria, sem efficaz inspiraçaõ de Deos, que queria por este meyo fazer resplandecer mais a sua piedade, ratificar na Fé ao Principe, e acreditar a virtude da Magdalena, como veremos.

Fallece a Princeza à qual lança o Principe em huma Ilheta, cõ o menino que pario ao peito.

57 Encõmendando o saudozo Principe á Magdalena a mãy, e o filho, proseguio com a viagem, e chegando a Roma, procurou logo ao Vigario de Christo S. Pedro, a quem fez sciente de quem era, de quem o havia convertido, do motivo da sua viagem, e do que nella havia passado. Recebeo-o o Summo Pastor com a benignidade de Santo, e entre outras palavras, com que o exhortou à virtude da preseverança, e á guarda da Ley de Jesus Christo, lhe disse: *A paz do Senhor seja comtigo. Bom conselho tomaste em crer em Jesus Christo nosso Senhor, mas naõ te sejaõ graves os trabalhos, que neste caminho tiveste, porque tua mulher dorme, e o filho está com ella descansado, porque só Deos póde dar, e tirar, e tornar a dar o que tirou, e converter em prazer o teu choro.*

Falla cõ S. Pedro, que lhe dá a entender estava viva a Princeza, e o menino.

58 Por se offerecerem a S. Pedro forçozos motivos para voltar á Palestina, com cortez obrigaçaõ lhe fez companhia o Principe. Nella vio com grande compunçaõ, e aproveitamento do espirito, hum por hum os Lugares memoraveis, que nosso Redemptor consagrou com o seu padecer, e com as suas glorias. Na volta de Jerusalem, foy milagrosamente o navio em que hia surgir ao sitio, em que havia deixado tanta parte das suas entranhas, e impellido de huma força superior, quiz examinar a verdade do vaticinio de S. Pedro, e logo vio na praya da Ilheta hum menino, recreando-se em ferir as ondas, com miudas pedrinhas. A novidade, que, ainda que amiga, amedrenta os pequeninos, obrigou ao tenro menino a pôr-se em fugida, para o sitio onde estava a defunta sua mãy, que era a unica creatura que neste mundo conhecia. Seguio-o o Principe pelo conhecer pelo envolvedouro que trazia, e achou á Princeza como na hora em que a deixara, haviaõ dous annos. Vacilou perplexo, desfalleceo ambiguo, e ficou sem sangue, de golpe medio o terreno com todo o corpo, excepto a cabeça, que só esta ficou sobre a sua prezada prenda, fortunadamente cahida. Tornando o Principe em si em breve tempo, tomou nos braços o querido menino, e depois de o haver socegado, e em quanto o contemplava bello, como hum Anjinho, recebeo nelle a possessaõ de pay, e com mil osculos dizia:

Brugnole Sale na vida da Magdalena. Estado 3. pag. 273.

Vay o Principe a Jerusalem cõ S. Pedro, e na volta vay ao sitio onde deixou a defunta, e acha ao menino vivo.

59 „Oh Magdalena, teu he na verdade este prodigio, pois naõ só pela „tua intercessaõ se me deo, mas por teus rogos se me conservou; bem mo„stra naõ o haver nutrido leyte terreno, pois he taõ lindo; mas he neces„sario fazer-me inteiro este favor, dando-me de propiedade, e naõ de em„prestimo este filho, que me impetraste; bem o pódes fazer se quizeres, por„que naõ he menos poder, naõ deixar que se auzente a vida onde naõ ha „sustento, que fazê-la tornar, onde naõ ha espirito. Consola-me, ó mulher „Santa,

Falla com a Magdalena ainda que lhe estava taõ distante.

„ Santa, ja que tu me ensinaste, que onde ha grande fé, quanto se pede se al-
„ cança; eu tenho fé taõ grande, como he o meu dezejo, mas eu, e este
„ menino somos poucos para te agradecermos tantas obrigaçoens, quantas te
„ devemos. „ E naõ dizendo mais, por lhe suspender as palavras entre os labios o movimento, que no mesmo ponto notou no cadaver da defunta Princeza, pois vio que se movia, assim como succede a quem começa a despertar de hum profundo letargo. Todo louco de prazer cahio de subito, com o rosto sobre o amado rosto: „ Oh doce esposa, he possivel, que te veja viva!
„ He verdade que estás viva, amada consorte? Sim o estou, [respondeo el-
„ la] consorte amado, e neste mesmo ponto venho eu tambem da vossa mes-
„ ma peregrinaçaõ, e onde vos conduzio Pedro, me levou tambem a mim
„ a Magdalena, álèm de haver-me, depois do parto, occultamente guardado
„ a vida; comvosco estive em Jerusalem, e comvosco vi todos aquelles Sa-
„ grados Lugares, que em cada passo, com a devoçaõ que respiraõ, produ-
„ zem hum vivo testimunho da verdade daquella Fé, que ha pouco tempo,
„ por graça de Deos, abraçamos. Quando o Vigario de Christo vos annun-
„ ciava bõas esperanças do meu ser, a Magdalena lhe assegurava a elle o com-
„ plemento da sua satisfaçaõ; e quando mostravas impaciencia por me haver
„ perdido, a Magdalena retinha os meus dezejos, se eu declarar-me queria.
„ Oh quanto, amado marido, lhe devemos! Oh quanto! [replicou elle] E
„ por tanto naõ convem dilatar-nos, vamos a buscá-la, para lhe restituirmos
„ aquillo que he seu, e dar-lhe tudo aquillo que he nosso, e a confirmar-lhe
„ o Principado, naõ só sobre os nossos povos, mas tambem sobre as nossas
„ pessoas. „

Resuscita a Princeza &c.

60 Com os jubilos, e contentamentos, que estes amantes consortes mal poderiaõ explicar, se embarcaraõ para a sua amada patria, onde foraõ recebidos dos parentes, e vassallos com as mais expressivas demonstraçoens de gosto, que lhes resultou de verem a seus Principes restituidos aos seus Senhorios, mayormente depois que foraõ scientes da morte, e resurreiçaõ da Princeza, e da milagrosa conservaçaõ da vida do Infantinho. Os obsequios, que fizeraõ a resuscitada Princeza, e o Principe á Magdalena, foraõ taes, quaes se pódem prezumir, e se naõ póde explicar á vista de se lhe confessarem devedores naõ menos, que de duas vidas. Respeitando-a como a defensora, naõ só dos seus Estados, mas tambem da propria vida, lhe pediraõ, que com a sua chegada, naõ quizesse deixar o manejo do governo, mas ella, naõ só por fugir ás grandes, e excessivas veneraçoens com que a tratavaõ, senaõ tambem por attender inteiramente para o negocio importante que tinha, qual o de assegurar a sua salvaçaõ, fallou aos Principes nesta substancia, como discorre Brugnole Sale na vida que escreveo desta Santa:

61 „ O excessivo, e sincero affecto, que me mostrais, amados, e ditosos
„ Principes, vos fará parecerem insipidas as minhas razoens; porèm se sou de
„ vós amada, porque vos ensinei o caminho da vossa salvaçaõ, naõ deveis
„ estranhar, que do mesmo modo que agenciei a vossa, agora trate de as-
„ segurar a minha; esta me obriga a huma dilatada, rigorosa, e fera peni-
„ tencia das minhas culpas, e me será difficultosissimo executá-la neste Palacio,
„ onde vós me tratais com tanta humanidade; por tanto será dar-lhe hum
„ grande principio, se de vós me apartar agora, para ir, onde a vontade de
„ Deos me chama, e os estimulos agudissimos da minha consciencia me per-
„ suadem; bem que sempre comvosco estarei unida com hum fervente de-
„ zejo, e perpetuos rogos a meu Deos, pela vossa felicidade: e em penhor
„ deste meu affecto, quero deixar-vos algumas pequenas memorias, mais pa-
„ ra conservar em vós minha lembrança, do que por serem necessarias para
„ a firmeza da vossa fé.

Despede-se Magdalena dos Principes para ir para o dezerto, e devem notar os Principes estas verdades solidas.

62 „ Lembrai-vos pois, ó Principes, que vos elegeo o Altissimo para ser-
„ des na terra hum commum, e vivo documento dos vossos subditos, e quan-

„ to mais ſuprema luz vos cinge, tanto mais ſeraõ expoſtas a univerſal cen-
„ ſura voſſas acçoens. Quanto mais vos vedes ſuperiores aos outros, tanto
„ mais procurareis parecer-vos com Deos, e para o conſeguirdes, vos he ne-
„ ceſſario ſer-lhe em tudo ſimilhantes; porque o infinito amor que elle tem
„ aos homens, deve ſer para vós hum modélo daquelle, com que haveis de
„ amar aos voſſos povos. Naõ deve ſervir a ſumma potencia para outra cou-
„ ſa, mais que para beneficiar; para o que o poder, e o querer devem an-
„ dar juntos.

63 „ Com os beneficios naõ ſe devem remir culpas de avareza, laſci-
„ via, ou de crueldade propria; porque com elles ſó ſe deve buſcar o amor
„ nos povos, e naõ a indulgencia. Oh felices dominantes, ſe obraõ como
„ pays da patria, primeiro que taes ſe chamem! E que procuraõ ſer grava-
„ dos primeiro nos coraçoens, que eſculpidos nas eſtatuas! A quem rogaõ
„ os ſubditos, uzem com elles o tyrannico coſtume, de quererem inveſtigar
„ os mais intimos reconditos que occultaõ ſeus interiores! O que naõ ſe con-
„ ſegue com os eleger por materia dos caprichos de ſeus Senhores, para que
„ deſperdicem o ſangue das ſuas vèas, ſendo preço cruel, de tyrannicas uzur-
„ paçoens; mas para manter nelles a concordia com a noticia, a alegria com
„ a manſidaõ, e a quietaçaõ com a vigilancia. Cuidados ſaõ eſtes, que, atten-
„ dendo ao ocio alheyo, fazem muitas vezes perder o proprio; mas he ver-
„ dade certa, que tambem goſtaõ de movimento continuo as celeſtes rodas,
„ e com a agitaçaõ perpetua ſe recrea a meſma eternidade; e aſſim como os
„ Ceos ſaõ rodados de incanſavel veſtigem, e como o mar he ſempre inquie-
„ to nas ſuas ondas, aſſim o Principe nos negocios publicos continuados em
„ ſi meſmo, como em circulo, ſempre regirando-ſe, ſe deve exercitar vi-
„ gilante. Pólo, mas ſempre fixo, a quem deveis imitar nos voſſos giros,
„ ha de ſer o Poderoſo Deos, e ſerá o ſinal de naõ apartardes a viſta de
„ taõ fiel Norte, quando do voſſo Palacio aprenderem as caſas particulares
„ exemplos de agradavel moderaçaõ; e for em vós propriedade por exceſſivos
„ actos, aquillo meſmo, que lhes ſeja licito pelas Leys.

64 „ Quando educardes o voſſo herdeiro, o fareis deſorte, que elle ſe
„ deva correr de peccar, naõ ſó porque ſois bons, mas que naõ queira peccar,
„ ainda que foſſeis maõs. Em ſumma, quando para vos exaggerarem com am-
„ pliſſimos hyporbeles baſtar a narraçaõ ſincera das voſſas obras, e continu-
„ ardes nellas rectamente, como principiaſtes, eu vos annuncio em nome do
„ grandiciſſimo Deos, que certamente vos vereis no ſeculo Principes por
„ muitos annos no voſſo ſangue, e depois naõ menos vos vereis eternamen-
„ te no Ceo, para vos comprazerdes aſſiſtidos dos voſſos povos. „

65 Naõ podendo aquelles ditoſos Principes encontrar a reſoluçaõ, com que a Magdalena eſtava de deixar a elles, por Deos, a acompanharaõ até fóra da Cidade, ſummamente enternecidos, e ſaudoſos, e o meſmo fizeraõ os principaes da terra, e muita parte do povo, pois todos a appellidavaõ com o titulo de Mãy, e de Santa. Naõ obſtante viver ella no Palacio daquelles Principes de fórma, que fazia delle dezerto, [pois o Palacio em que ſe ſerve a Deos, he hum dezerto edificado] fugio para o dezerto, como quem naõ ignorava que os Palacios dos Reys da terra ſaõ mal reputados com Deos, por nelles viver de ordinario a vontade eſcrava de ſeus dezejos, e os entendimentos illuzos, vendo com os oculos de larga viſta da eſperança enganoſa avultadas, e de perto as conveniencias, que eſtaõ mais longe da ſua ambiçaõ, e ſe dezapparecem como ſombra.

Dezerto para onde foy a Magdalena.

66 Em pouca diſtancia de Marcelha ha huma montanha taõ elevada, que parece ameaça o Ceo com a ſua altiveza, e taõ agreſte, que naõ produz couſa, que faça utilidade aos homens, e menos aos irracionaes. No ſimo della fabricou a natureza huma medonha cova, na qual foraõ metter os Anjos à Magdalena, porque naõ queria o Redemptor do Mundo recrear com delicias

na

na terra, mas ſim com as Celeſtiaes, a eſta ſua amada, e mimoſa Serva. Alegrou-ſe notavelmente do ſitio, que ſeu Eſpoſo lhe deſtinava para chorar os deſconcertos da ſua vida paſſada; porèm no meſmo ponto em que pôs o pé na entrada da ſobredita cova, lhe deo na face hum relampago cruel, que logo vio procedia da cabeça monſtruoſa de hum horrivel dragaõ, que eſtendido em hum dos lados da gruta, ja com o paſſo certo, e deliniado, feſtejava as futuras eſperanças que tinha. Aſſim como aquelle dragaõ pôs os olhos na Magdalena, eſtendeo duas negras, e medonhas azas, e abrindo as guélas immundas, enſurdecendo, e inficionando os ares com expedir hum tremendo grito em nuvem peſtifera de vento colerico, inveſtio contra ella, com dezafforado impeto. Naõ cahio a Magdalena de todo morta, ſómente daquella viſta, porque a continua meditaçaõ, que tinha dos ſeus peccados, tinha feito tal fructo nella, que ſe lhe naõ faziaõ novas as viſtas dos mais medonhos, e eſpantozos monſtros.

Vè-ſe quaſi tragada de hum monſtro.

67 Vendo-ſe pois quaſi tragada daquella beſta infame, e cheya de horror com a viſta de innumeraveis viboras, que ſe levantavaõ tambem contra ella, manifeſtando a ſua ferocidade nos olhos, e nos aſſobios, ſe valeo do ſeu Jeſus, dizendo: *Oh doce Jeſus Chriſto, aſſim me deſtes por manjar de hum dragaõ neſte dezerto depois de ter recebido tantas mercès, e beneficios de voſſa ſantiſſima maõ!* Diſſe, e logo o Glorioſo S. Miguel, naõ menos rapido, nem menos armado de hum rayo vivo, inſpirando hum irritado Paraizo do ſemblante, ferio com a lança, de maõ poſta, o formidavel dragaõ, a quem diſſe: *Vay-te daqui dragaõ infernal, naõ me conheces!* Logo ſe foy o dragaõ para o interior do dezerto, deixando atraz das coſtas huivos, ſibilos, fedores, e eſcuridades. Finalmente, reſpirou Miguel pelos labios vencedores chamma odorifera, e ardendo naquella balſamos aptos a recordar a Magdalena os ſeus antigos, felices, e devotos unguentos, fez que o fedor venenoſo da malvada ſerpente, com huma aura precioſa, e odorifera, ſe extinguiſſe, e logo voltando para a Magdalena, lhe fallou aſſim: *Ex-aqui ó devota penitente, limpa, e aceada a eſtancia, em que o Senhor, que tanto amas, quer que perſeveres choroza, e penitente, para exemplo dos que vierem depois.*

Defende-a o Angelico S. Miguel, que lhe deo o ſitio para a penitencia da parte de Chriſto.

68 Vendo-ſe a Magdalena taõ ſingularmente favorecida do Ceo, proſtrada affectuoſamente por terra, pedio ao Angelico Eſpirito, que ouviſſe eſta reſpoſta: „ Dizei ao meu Jeſus, que naõ era neceſſario que eu ſoubeſſe que lhe agradava tanto o meu padecer; porque eu naõ ſey imaginar, como poſſa achar-ſe o padecer, naquillo meſmo que appetece quem dezeja ſentir, porque ama; no mais ſeja eu embora condenada a quanto poſſaõ, naõ todos os elementos ſobre hum corpo, mas todos os demonios ſobre huma alma, excepto fazerem-me inimiga voſſa, meu amado, Deos, que tudo ſerá pouco, a reſpeito do nada que mereço, por vos naõ haver amado, e a reſpeito do que dezejo merecer, por tudo aquillo que vos amo. Serei ſim eſpelho de penitencia, mas ſó para mim, que ſerá bem naõ me veja outrem; porque temo, que ſe virem penar taõ levemente quem tantas vezes delinquio, naõ repararaõ em peccar; e poderá bem ſer, que ſe animem para mais vos offender; mas vós, meu Jeſus, ja que ha de ſer de pranto a minha dor, dai-me huma viva fonte neſta gruta, a qual chorando continuamente, me faça envergonhar, todas as vezes, que eu ceſſar das minhas lagrimas; naõ poſſo pedir-vos couſa, em que me ſeja licito eſperar-vos mais liberal, que neſta ſupplica, pois a deſtes muito largamente, ainda depois de morto. „

Recado, que deo a Santa a S. Miguel para Jeſus Chriſto.

69 Foy eſta huma petiçaõ de agoa, e tambem ſupplica de fogo, porque ſe moſtrou ella taõ efficaz para impetrar, que apenas fez a petiçaõ, quando logo brotou de improvizo de huma dura penha huma vea de agoa, que depois de correr com abundancia, formou em roda hum lagozinho placido. Vendo a Glorioſa penitente correr aquella fonte, e ponderando no muito

Dá lhe Deos huma fonte de agoa no ſitio da eleyçaõ, com a qual falla.

que

que Deos a amava, lhe brotou no peito huma fonte de doçura, taõ suave, que lhe inundou toda a alma desorte, que sentio liquidarem-se de terno prazer as proprias entranhas, e fallando com aquellas milagrosas agoas, disse: „ Estas tambem [dizia das suas lagrimas] brotaõ de hum seixo, tanto mais „ duro [ay de mim!] que aquelle, donde tu sahes, fontezinha amada. Tu só „ com hum aceno do meu Senhor te entristeceste, e isto por interesse alheyo; „ e eu mizera, quantos, e quantos annos aos divinos golpes, dados por mi-„ nha salvaçaõ, naõ lancei, nem huma pequena lasca! Ora bem, e que „ devo fazer por amor do meu Jesus, o qual por penhor de se naõ auzentar „ de nós, nem ainda de quem he remisso em o buscar, quiz ser crucificado „ em huma Cruz! O' Cruz, ó cravos, ó lança, dizei-me, que devo eu fa-„ zer de mim, por amor do meu Senhor, em conrespondencia daquelle tan-„ to, que vós haveis feito nelle, por amor de mim! „

Da penitencia que alli fazia.

70 Sabia esta amada Serva de Christo, como a principal discipula, que aprendeo na sua escóla, que na vida mystica estaõ mui das maõs, e em dissoluvel uniaõ, o amor, e o padecer, e sequioza da aspereza do santo amor, solicitava naquella soledade o meyo de padecer muito, por temperar a sua ardente sede. Punha da sua parte, para este effeito, as rigorosas penitencias, sobre a da mais rara abstinencia, pois no decurso de trinta annos, que alli perseverou, naõ comeo senaõ raizes, taõ amargozas, e picantes, que o mesmo sustento era a meditaçaõ do fel, que vira dar ao seu Jesu. De dous páos formou huma Cruz, diante da qual se ajoelhava em huma dura penha, onde com as tranças soltas, e emmaranhadas, devidia entre as duas luzes chorosas da sua cabeça, o officio de choverem dous diluvios, hum sobre toda a culpa da sua odiosa vida, e outro sobre todas as chagas da sua vida amada. Naquella postura perseverava immovel a mayor parte dos dias, e das noites. Destas tirava algum limitado tempo para o descanso, que dava ao seu debilitadissimo corpo sobre hum aspero, frio, e duro seixo. Repetidas vezes tomava na maõ huma pederneira, com a qual batia sobre os peitos, e se com os golpes daquella dura pedra brotava a Bendita penitente fontes dos olhos, nem por isso se satisfazia, porque lhe lembrava, que o seu Jesus, sendo ferido no peito com huma lança, havia lançado agoa naõ só pelos olhos. Naõ eraõ menores os castigos, que dava ás costas, em pena de haverem estado tanto tempo viradas para o Ceo. Em lembrança das antigas chammas, quando o sol era mais intenso, se expunha a elle naquelle sitio em que julgava mais ardentes as settas. No mais rigoroso do inverno, se mettia onde as sombras se condensavaõ mais solidas contra o calor do sol, para que enteriçada com o cruel frio, punisse com hum bater de dentes apressado, e repetido, os rizos licenciozos, e dissolutos do tempo passado. Fazendo assim guerra continua á sua carne, para que com apezadez, e grossaria das suas brutaes paixoens, naõ embargasse os voos do seu fervoroso espirito, se veyo a constituir na figura de hum esqueleto, coberta de cabellos, em forma, que naõ parecia creatura racional, sim monstro.

Tinha trabalhos, e tentaçoẽs.

71 Favorecia pois o Senhor os dezejos, que esta grande penitente tinha de padecer, dando-lhe tambem trabalhos, e tribulaçoens interiores, ja retirando as doçuras do seu trato, ja permittindo-lhe o mayor tropel de tentaçoens, em as quaes considerava o perigo de poder perder por sua fragilidade, o bem summamente aprazivel, a quem tinha sacrificado a seus proprios, e sagrados pés o seu candido coraçaõ. Nestas tribulaçoens era o unico emprego da sua memoria, o considerar ao Innocentissimo Jesus, posto nas affrontas, e dezamparos funestos da Cruz; e á vista deste exemplar soberano, tudo quanto padecia se lhe fazia taõ pouco, que como corrida da sua pouquidade, pedia com ancia, e alegria, mais, e mais padecer. Estas eraõ as penitencias, e as penas da Magdalena nos primeiros annos da sua penitencia, que nada avultaraõ reguladas pelas ineffaveis delicias, com que o Ceo cada hora a

recreava

recreava, pois se sustentou muito tempo com nutrimentos asperos, e agrestes, depois ficou sem necessidade de outra alguma cousa para viver, mais, que as do Ceo, de quem lhe vinha trazido em manjar, sómente Christo, de Christo. Se ella das asperezas do inverno, dos ardores do estio, e da atrocidade das proprias maõs, tinha muitos carnifices, que a combatiaõ; pelo contrario tinha das Celestes esféras mil Anjos, que sette vezes cadia dia a arrebatavaõ ao Ceo Empyreo, para lhe mostrarem a gloria, que Deos lhe tinha destinado pela sua piedade, e ella tinha merecido pela sua grande penitencia, e para ouvir nas sette horas Canonicas os Canticos, e louvores Celestiaes. Alli contemplaria, e veria com os olhos da alma o Consistorio da Santissima Trindade, tres Pessoas, e hum só Deos verdadeiro, Creador do Universo, e ineffavel na Sabedoria, inconstratavel no poder, sem igual na bondade, immenso na grandeza, na alteza sem medida, na eternidade sem principio, na duraçaõ sem tempo, na vida sem fim. Via naquelle Empyreo, em Deos, huma cousa, que naõ póde ser, nem imaginar-se outra, nem mais grande, nem mais nobre, nem mais sublime, nem mais deleitavel. Via huma vida, que naõ póde morrer, huma sabedoria, que naõ póde errar, huma luz, que naõ póde eclipsar-se; huma belleza, que naõ póde faltar; huma verdade, que naõ póde enganar; hum poder, que naõ póde cahir; huma Magestade, que naõ póde diminuir-se; huma immensidade, que naõ póde ter termo: e finalmente via o summo bem, sem sombra do mal.

Hia sette vezes cada dia arrebatada ao Ceo, do qual se falla.

72 Via, digo, a hum Deos, que dá sem interesse, que ameaça sem enfado, que castiga sem furor, que se vinga sem odio, que aborrece sem rancor, e que ama sem apaixonar-se, que alegra sem lizonjas, que tira sem violencia, que prende sem carcere, que ata sem cadêas, que namora sem feitiços, que dá morte, e resuscita. Via mais a hum Deos taõ excelso, que á sua vista toda a Magestade he desprezavel, toda a alteza he baixa, todo o poder he fraco, todo o saber he ignorancia, toda a luz he escuridade, toda a doçura he amargoza, todo o prazer he desgosto, todo o allivio he pezar. Via hum Deos, por quem todo o temor se alenta, toda a fraqueza se anima, toda a vileza se ennobrece, toda a tristeza se serena, toda a turbaçaõ se applaca, toda a tempestade se retira. Via hum mar, de quem todas as creaturas apenas saõ huma gotta; e hum Deos, que quanto mais se vê, tanto menos se póde comprehender, entender, ou explicar. Vio a Patria Soberana, abundante de todos os verdadeiros bens, izenta de todos os males, cheya de thesouros, sem inveja, rica de bellezas, sem velhice, guarnecida de gostos sem temor, ennobrecida das mais excelsas grandezas sem affectaçaõ. Vio os mais magnificos Palacios, os mais bellissimos, e odoriferos Jardins, os mais ostentozos triunfos, e as festas, e musicas mais sonoras. Vio finalmente a Rainha dos Anjos, que abraçando-a amoroza, ternissimas palavras lhe diria, recordando a sua antiga amizade, e ao Redemptor do mundo, que dando-lhe, como devidas as maõs, e os pés, lhe permittiria que naquellas rubricadas fontes se inebriasse, e lhe mostraria lugar perpetuo, e inseparavel junto a seus Divinissimos pés.

Falla-se de Deos no Ceo.

73 Eraõ taõ repetidos os favores, e taõ desmedidas as doçuras, que o Ceo fazia a esta grande penitente, que andava por aquelle dezerto elevada sobre todo o uso mortal, com os olhos inflammadissimos, e fitos no Ceo, gritando nestas, e em outras similhantes vozes: „ Naõ mais, naõ mais, meu „ Deos, ou mais amor, ou menos consolaçaõ. Ay de mim, todo o Paraizo „ de delicias no meu coraçaõ, e nelle naõ todo o amor do Paraizo! Ah coraçaõ, muito grande para receber, e muito estreito para dar! O' quem „ quer que sejais, que tiverdes coraçaõ, que saiba amar, dai-mo, dai-mo a „ mim, para que eu com elle augmente o meu amor. O' meu Jesus, vós „ sois o amado, vós sois o bello, vós sois o doce, e vós sois só vos. O' „ bello, ó doce, ó amado, e porque naõ posso eu amar-vos quanto vós po-

Eraõ indiziveis as doçuras, e os favores que lhe ministrava o Ceo &c.

„ deis?

„ deis! Porque naõ posso amar-vos quanto eu quero! Naõ he outra cousa o „ amar, mais que hum querer; e por tanto, se eu quero amar-vos infinita„ mente, porque outro fim infinitamente vos naõ amo! Quero, quero, meu „ Deos; e quem póde evitar-me, que vos naõ amo como quero! Ay, que „ muito! Naõ mais, meu Jesus. Ay doçuras, jubilos, e bemaventuranças, „ que se por ventura naõ sois outra couza mais que o meu amor, a quem eu „ amo, enchei-me por tanto, inundai-me, e submergi-me, que se tendes o „ meu Senhor comvosco, para que eu todo o possua, para que seja o meu „ tudo, nunca o deixarei partir dos meus braços, porque vós de meu co„ raçaõ nunca partais.

74 „ Mas se acazo sois outra cousa fóra do meu amor, ide, ide-vos lo„ go, porque naõ quero que sejais para mim, nem doçuras, nem jubilos, „ nem delicias. Ah meu Deos, e quem pudera amar-vos sem se comprazer, „ para que assim naõ se imaginasse que vos amava, só a fim de me gozar! „ Mas ay! Que naõ podeis ser amado sem deleite, porque sois muito bello, „ muito amado, e muito amavel, meu doce Jesus, minha Gloria, minha de„ licia, e minha alma; onde me conduzis, e aonde me deixais! A qual de„ licia, que me atormenta! A qual pena, que me allevia! Em vós fóra de „ mim, para estar em mim, com estar em vós! Dai-me a vós, e recebei-me „ a mim, e serei Bemaventurada, porque vós piedoso. Oh debilitar! Oh es„ vair! Mas, oh arder! Ah muito! Oh pouco! Ah pouco querer! Oh muito „ gozar. „

75 Naõ se póde negar ser illustre privilegio das virtudes verdadeiras a bôa opiniaõ, pois a pezar da cautéla com que as occulta, o que com espirito, e verdade as pratica, daõ vozes á fama, para que as celebre. Retirada naquella aspera, e inhabitavel montanha, vivia a nossa famosa penitente havia ja trinta annos, parecendo-lhe que nos silencios daquella soledade ficariaõ occultas, e esquecidas as suas virtuosas operaçoens; porèm tudo, o que trabalhou porque ficassem sepultadas no perpetuo descuido, foy hum despertador, que perpetuou a sua memoria. Cumprio com as obrigaçoens de humilde vivendo temorosa, e obrando recatada: dirigia as suas heroicas obras a fim de fazer progressos na virtude, movida dos impulsos Divinos, e fugindo dos applausos, e estimaçoens; porèm estas a alcançaraõ fugitiva dandonos a entender com isto, que quem naõ as busca he que bem as merece. Em distancia de duas milhas do sitio em que vivia Magdalena, se foy entregar á vida contemplativa, e solitaria hum virtuoso Sacerdote, o qual vendo subir, e descer os Angelicos Espiritos para o tal sitio, com bem nascida, e piedosa curiosidade, sahio da sua estancia, por observar o mysterio. Estando pois em distancia do penhasco em que habitava a Santa cousa de hum tiro de pedra, se vio preoccupado de hum horror subitaneo, que como gelo frio, e como chamma impetuosa, o penetraraõ desorte, que naõ podendo dar hum passo, perdeo todo o movimento: e inferindo daqui, que naquella gruta se occultava cousa, que naõ era digna de ser vista de pessoa humana, feito o final da nossa Redemçaõ, invocando o Nome de Jesus, fez voar sobre huma alta vóz este requerimento: *Eu rogo em virtude do Altissimo Deos, a qualquer pessoa que vive dentro dessa gruta, que se digne de me revelar o seu ser.*

Do como foy descoberto o sitio em q̃ estava a Santa.

76 Duas vezes fez esta supplica, sem conseguir a resposta, que pertendia, o que conseguio á terceira, a qual foy de que se chegasse para aquella gruta, onde tinha a habitaçaõ. Logo que se achou, ouvio huma suave vóz, que lhe fazia esta pergunta: „ Dize-me Servo de Deos, lembrar-te-has „ tu da peccadora affamada, a quem as lagrimas, os unguentos, o cabello, „ e os osculos mereceraõ a remissaõ de seus peccados? Sim me lembro, (res„ pondeo elle) e há de haver mais de trinta annos, que a Igreja Santa as„ segura a verdade desta famosa acçaõ. Pois eu sou essa, (respondeo a Magdalena)

Manda por hum Santo Sacerdote que achou, hum recado a S. Maximino &c.

„ dalena] e tenho chorado nesta gruta ha tantos annos minhas gravissimas cul-„ pas, donde nas consolaçoens sobre humanas diluviadas sobre a minha in-„ digna pessoa, do meu Senhor, tenho notado, que se bem de primeiro me „ empreguei com elle, dando-lhe unguentos para as suas Chagas, elle naõ de „ outra sorte com unguentos suavissimos me conrespondeo; agora elle se com-„ praz, que o viver para elle, e com elle se unaõ em mim inteiramente. Vay „ por tanto a meu amado Padre Maximino, (era hum dos seus companheiros, „ e primeiro Bispo de Aquis, que distava tres legoas daquelle sitio] e conta-„ lhe o que ouviste, e dize-lhe, que na seguinte Dominga, na hora destina-„ da para as Matinas, entre na sua Igreja onde me achará esperando-o. „

77 O Santo Sacerdote, igualmente espavorido, que gozoso do que ouvira, sem mais dilaçaõ desceo do monte à Cidade, em que era Bispo S. Maximino, que havendo ouvido, que dentro de pouco tempo, e depois de tantos annos havia de ver a sua devota, e companheira Magdalena, ficou cheyo de gozo inexplicavel, ao qual se seguio hum extasi, no qual lhe foraõ revelados os prodigiosos successos desta grande Santa. Chegada a hora, que o Ceo havia determinado para o seu transito, desceo delle o Glorioso Archanjo Miguel, que vendo que ella cintilava dos olhos amor Celeste, inclinando-se suavemente lhe disse: „ Ja naõ he tempo, generosa enamoradora, de appli-„ car a vista de longe, para ver quanto he daqui ao Paraizo, eis-aqui a esta-„ çaõ de ver-te eternamente dentro nelle, e naõ vizinha. Bastantemente tens „ soffrido, tem ja vergonha os tormentos de contenderem com quem os „ vence sempre, e naõ os merece; agora para ti tens padecido mais do que „ era necessario, e pelos outros tens padecido, quanto lhes basta para cre-„ rem o que padeceo Christo; elle te chama, e te espera, vamos sem de-„ mora. Partamos, [respondeo a Magdalena] que me he forçado partir para „ o Paraizo, ja que o meu Jesus naõ vem para mim; mas que agradecimen-„ to posso eu offerecer-te, Celestial Espirito, por esta nova, se sómente pó-„ de ser digno galardaõ do que mereces, aquelle, que ja possues? „ Voltou-se para a sua gruta, de quem se despedio, dizendo estas, ou outras iguaes palavras: „ A Deos, estancia fiel dos meus castos amores, por tantos annos „ secretissima depositaria. Eu me vou, mas trarei cõmigo de tuas agoas, das „ tuas trevas, e dos teus seixos eternamente viva a lembrança. Sejaõ bendi-„ tas as tuas asperezas, as tuas sombras, e os teus gelos, sempre para mim „ suaves, claros, e amenos. Sejas tu destinada sempre para morada de almas „ felices, taõ amadas do Ceo, que elle te haja de visitar todas as horas com „ as suas preciosas riquezas, e eu venha a ti muitas vezes, para dar confor-„ to a qualquer que em ti se fizer imitador de minhas penas. „

Falla, que lhe fez S. Miguel o Anjo com a noticia do seu transito para a Celeste Patria.

Resposta da Santa.

78 Logo foy levada pelos Angelicos Espiritos para a Igreja, onde com impaciente dezejo a esperava Maximino, que vendo-se de hum immortal claraõ todo offuscado, e de hum subito pavor esmorecido, quiz medrozo retirar-se; mas a ditosa Magdalena, levantada do pavimento por esquadra de Anjos, confortou ao Santo Bispo, dizendo: „ Amado Padre meu, porque „ fugis? Naõ sou eu a vossa amada filha? Quereis-me receber dessa sorte, „ depois de tantos annos, que me naõ vistes? Amai, e naõ temais em mim „ a graça do meu Divino Senhor, mas antes vos chegai para mim, para vos „ responder ás vossas perguntas, e vos contar em summa os successos da mi-„ nha vida. „ Ouvio-a de confissaõ, e nella muita parte dos favores, e das graças, que o Ceo lhe concedeo, e depois diante do Clero, que mandou o mesmo Santo Bispo convocar, recebeo o Santissimo Sacramento com devoçaõ propria daquelle abrazado Serafim, que arrebatada de hum extasi, subio á Patria Celestial, para unir-se inseparavelmente com o Senhor, que seja eternamente louvado, pelas grandes virtudes, e graças, que cõmunicou a esta sua fiel, e amada Magdalena.

Levaõ-na os Anjos para a Igreja, onde falleceo.

79 Sepultou-a S. Maximino na sua Sé, que era a de Aquis, da Provença,

Sepultou-se na Sè de Aquis, da qual se fez em seu obsequio hũ magnifico Templo.

onde foy o primeiro Bispo, com a pompa funeral, de que era digno o corpo de huma alma, que tinha sido a discipula mais amada, e favorecida do amor de Jesus. Daquella Sé, que he certo havia de ser limitada, como eraõ todas as da Igreja primitiva, fez hum famoso Templo Carlos II. Rey de Cezilia, e Conde de Provença, em obsequio da mesma Santa, naõ só por esta assim lho mandar, mas tambem em devida gratificaçaõ do prodigioso milagre que lhe fez, e que entro a contar. Sendo vencido, e prizioneiro no anno de 1279. de ElRey de Aragaõ, este o fez encarcerar em Barcelona, com o projecto de mandar-lhe tirar a vida. Estando nesta certeza, e com a justa afflicçaõ, que he de prezumir em lance taõ apertado, e cruel, recorreo ao patrocinio da Santa, lembrado de que havido honrado as suas terras, com a sua prégaçaõ, com a sua penitencia, e com o seu santo corpo. Para melhor merecer as suas rogativas para com Deos, jejuou muitos dias, e fez outras obras penaes, que concluio com se confessar, e preparar com todos os Sacramentos, com a disposiçaõ de quem se julgava no ultimo periodo da vida. Foraõ pois taõ bem acceitas as suas penitencias, as suas oraçoens, e lagrimas no Conspecto Divino, que apparecendo-lhe a Santa na sua vigilia, em traje de huma formosa matrona, lhe abrio o carcere, e dizendo-lhe que a seguisse, pôs naquella noite ao afflicto Rey em Narbona, Estado seu, sendo distante do carcere de Barcelona trinta legoas. Disse-lhe na despedida quem era, concluindo com as seguintes palavras:

Notem o como livrou da morte a quem lho mandou fazer.

Flos Sanct. do Rozario 2. part. pag. 224

80 ,, Sabereis, que estando para se dar huma batalha nesta terra, tiraraõ ,, o meu corpo do sepulchro, e em seu lugar puzeraõ outro, para que fossem enganados os inimigos, se quizessem furtar o meu corpo, e assim aconteceo; e ainda agora as minhas Reliquias estaõ no lugar em que foraõ postas, levando os inimigos as outras, cuidando que levavaõ as minhas. Por ,, tanto, vai lá, e acharás huma vide, segue-a, e verás que sahe da minha boca: acharás a minha cabeça toda nua, e sem pelle, excepto aquella carne, que o Salvador tocou, quando eu no Horto lhe quiz beijar os pés. ,, Todos os meus cabellos pereceraõ, excepto aquelles, que tocaraõ os pés ,, de Jesus: junto á cabeça está hum vazo de vidro cheyo de terra molhada ,, do Sangue de Christo, que eu recolhi ao pé da Cruz, e em quanto vivi ,, o guardei em memoria do meu Senhor: e achando estas cousas, as recolherás, e dirás o lugar da minha morte, e penitencia aos meus Frades, ,, ou Irmaõs os Padres Prégadores. Eu Prégadora, e Apostola fuy, e ao Mosteiro do lugar, onde eu falleci, darás renda, com que se possaõ sustentar cem Frades, para que floreça alli sempre Estudo geral. ,, Tudo isto escreve por formaes palavras o Mestre Fr. Silvestre de Prierio da Ordem dos Prégadores, Mestre que foy do Sacro Palacio, que trasladou tudo de huma Chronica antiga, que se acha em hum Convento dos Dominicos, que o sobredito Rey dotou com magnificencia Real, e lhe concedeo muitos privilegios, hum dos quaes he o de terem aquelles Religiosos o dominio temporal da Cidade, a que chamaõ de S. Maximino, e ós Reys o poder de nomear os Priores delle.

Prierio na sua Roza Aurea.

81 Em correspondencia do meyo da Igreja do tal Templo fica huma Capella subterranea, onde se guarda com o devido culto a cabeça de taõ amante, e amada Magdalena, engastada em hum meyo corpo de prata, e supposto toda descarnada, e secca como huma caveira, na sobrancelha esquerda tem hum pequeno fragmentozinho de carne ja denegrida com o tempo, que se conserva illeza em virtude do contacto dos dedos do Senhor, que a tocou naquella parte, como fica dito no numero 80. Assim a cabeça, como hum braço, que tambem alli se mostra, representa, que a Bendita Magdalena fora de estatura extraordinaria. O mais corpo se venera em huma caixa de prata, mettido em hum oco do Altar Mór, e de todas estas preciosas Reliquias tem os Governadores da Cidade de S. Maximino, em que existe o Con-

Notem onde estaõ as suas Reliquias, e as pessoas authorizadas que as vigaõ.

no Convento, huma chave, e outra o Porteiro do mesmo Convento. O dito Padre Mestre Pierio atesta, no allegado livro, vira no anno de 1497. naõ só as sobreditas Reliquias, senaõ tambem huma redoma de vidro, em que se guardaõ os cabellos, com que esta Gloriosa Santa alimpou os sacratissimos pés de nosso Redemptor, quando estava nos banquetes de Jerusalem, e de Bethania, e outra mais, que estava cheya de terra misturada com Sangue, que he a que a Santa recolheo no Calvario, quando estava ao pé da Cruz, no dia em que nella padeceo o Redemptor do Mundo, o que bem se prova com o milagre, que cada anno succede no dia de sexta feira Santa, no qual apenas se acaba de cantar a Sagrada Paixaõ ao povo, se vê ferver o que está dentro da tal redoma, desorte, que se faz liquido aquelle precioso Sangue.

82 D. Fr. Jozé de S. Thiago, Religioso Dominico, que depois de ser Inquisidor do Santo Officio de Lisboa, foy elevado á Dignidade de Bispo da Ilha dos Açores, indo para o Concilio Tridentino no primeiro anno, que se abrio, que foy no de 1545., vio todas as sobreditas Reliquias, e o portento de liquidar-se o preciosissimo Sangue de Christo, que se conserva na dita redoma, como escreve o Author da vida do Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo deste Arcebispado, que tambem teve a consolaçaõ de ver todas as sobreditas Reliquias no principio do anno de 1564., quando vinha do Concilio de Trento. Tambem reverenciou naquella Igreja dos Religiosos o corpo de S. Maximino, de quem aquella Cidade tomou o nome, o qual veyo com a Santa desterrado de Jerusalem, como fica dito a numero 45., e foy o primeiro Bispo de Aquis, assim como foy o primeiro Bispo de Marcelha S. Lazaro, [irmaõ da nossa Santa] do qual tambem vio o tumulo, e da mesma sorte os de Santa Marcella, e de Santa Suzanna, que tambem acompanharaõ á Santa no desterro de Jerusalem, como fica dito a numero 45.: seu companheiro no mesmo desterro Jozé de Arimathea, passou a Inglaterra, onde Evangelizou o Reyno do Ceo, como primeiro Apostolo daquella grande Ilha. Martha se clauzurou com a sua criada Marcella, e com outras mais Virgens, que trocaraõ o mundo pelo Ceo, na Cidade de Marcelha.

Vida do Veneravel Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Cap. 4. do 1. tomo pag. 327.

83 Em hum monte chamado a Falperra, que fica em meya legoa de distancia desta Cidade, para a parte do Nascente, ha hum sitio muito ameno, e aprazivel, cheyo de densas, e frondozas arvores, donde mais bem se descobre esta augusta, fresca, e deliciosa Cidade, no qual o Excellentissimo D. Diogo de Sousa, benemerito Arcebispo, e verdadeiramente reedificador della, mandou fazer huma Capella, impellido da devoçaõ, que tributava a esta Santa, a qual dotou com sufficiente fabrica, e rendimento para se sustentar hum Ermitaõ, que tivesse cuidado do seu aceyo, e da veneraçaõ da Santa. A imagem desta foy feita de pedra, com as maõs levantadas, e os olhos elevados no Ceo, como quando estava contemplando nas suas perduraveis delicias: a qual esta tanto ao natural, que parece viva, e que lhe naõ falta senaõ o poder fallar, como diziaõ da Estatua de Venus, que fabricou Apelles. Rouba as attençoens de quem a vê, e admira aos mais peritos, e modernos architectos a perfeiçaõ com que os antigos a lavraraõ.

Em Braga se venera esta Santa com grande especialidade.

84 Poucos annos ha, que a devoçaõ dos piedosos Bracharenses, Confrades, e devotos desta Gloriosa Santa, lhe mandaraõ edificar hum magnifico Templo de esquadria, lavrado á Romana, a expensas das esmólas, que lhe offereceo, e offerece o povo, em gratificaçaõ das repetidas maravilhas que faz nesta Cidade, impetrando do Ceo chuva, ou sol, quando se carece de huma, ou de outra cousa, para a utilidade das searas, ou para as occasioens em que se celebraõ festas, que naõ se julgaõ plauziveis, se falta a Magdalena nas procissoens, em que côstuma ir preciozamente vestida, e adornada com custozas peças. Finalmente, saõ os prodigios de Santa Maria Magdalena, pelo que respeita a alcançar de Deos sol, ou chuva, quando a vaõ buscar

Milagres que todos os annos faz nesta Cidade.

ao monte, obrigados da necessidade, taõ continuos, e ordinarios, que lhe falta o raro para a admiraçaõ: e como naõ faltará quem nos julgue por dilatado na narraçaõ da vida, e virtudes desta exemplar de peccadores arrependidos, a vamos concluir com hum prodigio, que obrou em credito seu a Divina Bondade de Deos, para que os seus devotos mais se affervorem na sua devoçaõ.

85 Hum Monge Cisterciense, andando chorando continuamente os seus peccados, e com grandes temores de que delles naõ alcançaria perdaõ, o animou, e consolou a Summa Bondade de Deos com esta vizaõ. Vio a Christo Senhor nosso, vestido de ornamentos Sacerdotaes, celebrar o santo Sacrificio da Missa, e todas as vezes que se virava para o povo, pegando no Caliz, que estava sobre o Altar, o mostrava a todos os circunstantes, e como naquelle Caliz naõ estava outra alguma cousa mais que as lagrimas, com que a Magdalena regara os pés de Christo por seus peccados, perguntou a causa, porque lhe mostrava aquelle Caliz com as lagrimas da Magdalena; e o Senhor lhe respondeo: *Para mostrar, que tanto me agradaõ as lagrimas de hum coraçaõ arrependido de seus peccados, que, para exemplo de peccadores arrependidos, guardei as lagrimas desta peccadora penitente.*

Spec. Exemp. Verb. Contritio Exempl. 2.

86 Com esta resposta se resolveo aquelle Monge a chorar com mais amargura, e fervor os seus peccados, por ver que Christo Senhor nosso fazia tanta estimaçaõ das lagrimas dos peccadores arrependidos, que guardava no seu Caliz as de huma penitente. Choremos pois, ó mortaes, á imitaçaõ da Magdalena, os nossos peccados, pois se vertermos lagrimas por elles, e por Deos, seremos hum Ceo no mundo, e hum Paraizo na terra. Naõ malogremos as nossas lagrimas pelos bens do mundo, e pelas cousas que elle mais preza; porque seraõ estereis, e sem proveito. Derramemo-las por Jesus Christo, e fertilizaraõ nossas almas, para que, carregadas de bellissimos ramalhetes, colha o mesmo Senhor flores para o seu entretimento. Naõ choremos pelas cousas terrenas, por naõ mancharmos o espirito, choremos pelas do Ceo; pois, por mais manchado que aquelle esteja, e sem formosura, mais formoso se tornará que o proprio Ceo. Choremos em fim todas as nossas culpas, e defeitos, estampemos mil osculos (como esta Santa peccadora) nos Divinos pés de Jesus, e ficaraõ nossas almas mais limpas, que a neve, e mais bem dispostas para a verdadeira penitencia. E pois ó Bendita Magdalena alcançastes o perdaõ de vossos peccados aos pés de Jesus Christo, vos peço que, pelo trabalho, que tenho tido em escrever as vossas, e as mais vidas, que contèm este, e os mais Volumes, me consigais do mesmo Senhor o reconhecimento dos meus, que por muitos, graves, e feyos, naõ merecem chegar aos pés do Cordeiro Jesus, e pois as vossas lagrimas, lavando os pés deste Senhor, aformozearaõ a vossa alma, e a deixaraõ feita hum Paraizo, por ellas vos peço, que me alcanceis humas continuas, e verdadeiras, com que chore as minhas grandes culpas, e ja que lançastes os vossos cabellos aos pés do Redemptor, offerecendo-lhe com elles todos os pensamentos vaõs, e dezejos máos, vos peço me impetreis do mesmo Senhor a graça de compor os meus passos vagos, os meus dezejos soltos, e os meus pensamentos distraidos desorte, que as minhas obras futuras, sejaõ as que dourem o escuro das minhas obras passadas, pois será a summa desgraça, naõ viver izento dos proprios vicios, quem a mayor parte da vida se tem exercitado em indagar as virtudes alheyas, ao que só me incitou o credito deste Reyno, e a honra, e gloria de Deos, que seja eternamente louvado. Celebra-se a festa desta Santa a 22. de Julho.

FIM.

INDEX

INDEX

DE TODOS OS SANTOS, E SERVOS DE DEOS,

de quem se escreve naõ só neste I. Tomo, mas tambem no II. III. e IV. pelos dias do anno. Dos que vaõ neste I. Tomo se aponta a pagina, e dos que vaõ nos mais se apontaõ os Tomos.

JANEIRO.

O V.

O V. Fr. Gaspar da Assumpçaõ, ou de Sá, Dominico. tom.2.
8 S. Renovato Bispo Lusitano, e Monje Bento. p.195.
S. Bonifacio, Bispo de Coria, Cidade da antiga Lusitana. p.216.
O B. Thadeo das Canarias, Eremita de Santo Agostinho, natural de Lisboa. He historia igualmente breve, que admiravel. p.569.
O V. D. Fernando Pires, Prior dos Conegos Regrantes. tom 4.
O V. D. Gonsalo Mendes, Conego Regrante 1. Prior de Caramos. tom.3.
9 S. Januario, Bispo de Alcaçar do Sal. p.193.
Santa Marciana Virgem, e Martyr, natural de Braga. p.837.
O V. D. Antonio Mendes, Bispo de Elvas, natural de Caminha Villa no Minho. tom.2.
O V. Domingos, e Joaõ MM., naturaes de Ulmar junto a Coimbra. tom.3.
10 S. Gonsalo de Amarante Abbade, e depois Religioso Dominico, da Provincia do Minho. p.140.
S. Guilherme Arcebispo. p.357.
Os Veneraveis Paulo, Clara, e Joaquim, Japonezes, Martyres. tom.2.
11 O V. Fr. Bernardo da Atougia, Franciscano. tom.3.
O V. Fr. Joaõ da Orta, Franciscano, natural de Val-Verde, lugar de Tras os Montes. tom.3.
O V. P. Francisco Pinto, Martyr da Companhia, natural do Brazil. tom.2.
O V. Fr. Baptista de Jesus, Arrabido, de Lisboa. tom.2.
O V. Fr. Pedro de Antoria, Arrabido, 1. Guardiaõ de Cintra. tom.2.
12 O V. P. Baptista, Conego do Evangelista S. Joaõ, n. de Evora. tom.2.
O V. P. Francisco Pires, da Companhia, natural de Cerolico Bispado da Guarda. tom.3.
O V. Fr. Domingos da Caridade, Paulista. tom 3.
O V. Fr. Pedro de Nazareth, Piedozo, natural de Atouguia. tom.3.
O V. P. Bartholomeu Alvares, natural do Termo de Bragança. tom.4.
O V. P. Manoel de Abreu, natural da Villa de Arouca, tom.4.
O V. P. Vicente da Cunha, da Companhia M., natural de Lisboa. tom.4.
O V P. Joaõ Gaspar, da mesma, Martyr, Palatino. tom.4.
O V. Vicente, Catequista, da Companhia, Martyr. tom.4.
O V. Joanne o Pobre, de Villar de Frades. tom.3.
13 S. Adelfio, Bispo de Tuy, quando sujeita a Braga. p.442.
O V. Fr. Nicoláo da Veiga, Eremita de Santo Agostinho. tom.3.
14 Santa Natalia, viuva de Santo Adriaõ, de quem se conservaõ as Reliquias em Chellas. p.777.
O V. Fr. Joaõ da Barroca, Terceiro Franciscano. tom.2.
O V. Fr. Antonio, Eremita da Serra de Ossa. tom.3.
O V. Fr. Manoel dos Anjos, Capucho, n. de Tibaens junto de Braga. tom.4.
15 S. Felix, Presbytero de Nola, de quem se conserva a cabeça na Guarda. p.220.
Santa Paula, Virgem, Lusitana. p.765.
O V. Fr. Francisco dos Santos, primeiro Carmelita descalço de Portugal, natural de Lisboa. tom.2.
O V. Fr. Pedro de Vidigal, lugar junto á Villa da Pesqueira. tom.3.
O V. D. Thomaz de Noronha, natural de Alemquer. tom.4.
16 A B. Margarida Fernandes, Dominica, de Evora. p.842.
O V. Fr. Francisco de S. Miguel, Franciscano, natural das Ilhas. tom.3.
O V. D. Urbano, Conego Regrante, natural de Coimbra. tom.3.
O V. Fr. Manoel da Conceiçaõ, Franciscano. tom.3.
17 O Santo Theodosio Imperador, natural da Provincia do Minho. tom.2.
Os Veneraveis Marcos, e Maria, e André, e Paulo filhos, Martyres. tom.3.
O V. Fr. Ignacio da Conceiçaõ, Arrabido, de Odivellas. tom.3.

S. Benig-

18 S. Benigno Arcebispo de Braga. p. 294.
Santa Liberata Virgem, e Martyr, natural de Braga. p. 829.
O V. D. Fernando Pires, Conego Regrante de Santo Agostinho. tom. 4.
O V. Fr. Martinho de Azevedo, Monge Jeronymo. tom. 4.
O V. Fr. Alvaro dos Martyres, Arrabido, natural de Lisboa. tom. 3.
19 Santa Germana Virgem, e Martyr, natural de Braga. p. 837.
O V. Fr. Joaõ de Portugal, Franciscano. tom. 2.
O V. P. Joaõ de Santa Maria, Conego do Evangelista, natural de Thomar. tom. 3.
O V. Fr. Francisco de Thomar, Capucho. tom. 4.
20 S. Theodoro o Admiravel, Lusitano. p. 191.
O Santo Rey Uvamba, Monge Benedictino, natural de Idanha a Velha. tom. 2.
O V. P. Antonio Rodriguez, da Companhia, natural de Lisboa. tom. 4.
21 O V. Fr. Fernando de Jesus, Dominico. tom. 2.
O V. P. Alvaro de Cintra, Conego do Evangelista. tom. 2.
22 S. Domingos Martins, Monge Bernardo, e Abbade de Alcobaça. p. 66.
S. Vicente, e Orencio, Martyres, da Cidade de Beja. p. 195.
S. Vicente, Martyr, Padroeiro de Lisboa. p. 394.
23 S. Joaõ Esmoler, Patriarcha de Alexandria, de quem se conserva hum braço em Lisboa. p. 58.
O V. Fr. Pacifico de Viseu, Conventual em S. Francisco do Porto. tom. 2.
O V. P. Gonsalo Fernandez, Clerigo menor, de Villa-Nova de Portimaõ. tom. 3.
O V. Irmaõ Diogo do Sacramento, Carmelita descalço, da Villa de Almendra. tom. 3.
O V. Fr. Joaõ de S. Diogo, ou Peccador, Capucho. tom. 4.
24 S. Salomaõ, Arcebispo de Braga. p. 273.
O V. P. Vasco Rodriguez, Conego do Evangelista, natural de Braga. tom. 3.
25 O V. Fr. Rubim, Franciscano. tom. 2.
O V. Cosme Fuxini, Martyr, Japonez. tom. 3.
26 S. Polycarpo, Arcebispo de Braga p. 268.
S. Fr Berardo, Fr. Pedro, Fr. Acursio, Fr. Adjuto, e Fr. Otho, Martyres em Marrocos, cujos sagrados corpos possue Santa Cruz de Coimbra. p. 422.
27 S. Juliaõ, Vicencio, Dativo, e 27. companheiros Martyres, da Villa de Moura. p. 215.
O V. Fr. Jorge de Jesus Maria, Carmelita, natural de Fonte Arcada. tom. 4.
28 Santo Tirso, Martyr, cujo corpo está em Meinedo do Porto. p. 392.
O V. Diogo Cazujemon, Japonez, Martyr. tom. 2.
O V. Luiz Bungo, Martyr, Japonez. tom. 3.
29 O V. Fr. Jeronymo de Elvas, Franciscano. tom. 2.
O V. Antonio Chuyemon, Japonez, Martyr. tom. 3.
O V. Fr. Christovaõ de Guardilha, Terceiro Franciscano. tom. 4.
O V. Irmaõ Mattheus Nogueira, da Companhia. tom. 4.
O V. Fr. Francisco da Cruz, Arrabido, de Alcobaça. tom. 4.
O V. P. Fr. Joaõ de Vasconcellos, Provincial dos Dominicos. tom. 2.
30 O V. Fr. Antonio de Macedo, Dominico. tom. 2.
O B. Sernando, Bispo do Porto, natural do Minho. tom. 2.
O V. Fr. Antonio de Alvito, Trino. tom. 3.
31 O V. D. Henrique, Arcebispo de Braga, de Evora, Cardeal, e Rey. tom. 2.
O V. Fr. Thomé da Cova, Martyr, Dominico. tom. 3.

FEVE-

FEVEREIRO.

1 S. URso, Bispo de Beja. p.217.
S. Gonsalo, Abbade de Santo Tirso, Mosteiro de Bentos, natural de Chaves. p.348.
S. Cecilio, Bispo Martyr, natural de Galliza Bracharense, e tres companheiros. p.313.
O V. Fr. Francisco de Espozende, Piedozo. tom.3.

2 S. Pigmenio, Bispo do Dume, Bispado que houve junto a Braga. p.347.
O V. D. Joaõ, Monge Bento. Nesta vida se escreve o raro milagre dos degolados. tom.2.
O V. Fr. Roque de Expectaçaõ, Arrabido, de Cascaes. tom.2.

3 S. Vedasto, Bispo, de quem se conserva a cabeça em Lisboa. p.151.
S. Celerino, Laurentino, e Ignacio, Martyres, na Cidade de Evora. p.194.
O V. Fr. Egidio do Dezerto, Monge Bernardo. tom.2.
O V. Fr. Francisco de Santo Antonio, Franciscano. tom.4.

4 Santo Ancirado, Eremita de Santo Agostinho, Fundador do Convento de Penafirme. p. 67.
S. Goldofre, ou Golfredo, Conego Regrante de Santo Agostinho. p.352.
A B. Feliciana, Religiosa Agostinha, de Coimbra. p.841.
O V. P. Joaõ de Brito, Martyr, da Companhia, natural de Lisboa. tom.4.

5 S. Fr. Pedro Baptista, e 22. Franciscanos, Martyres, no Japaõ. p. 69.
O V. Fr. Pedro da Guarda, Franciscano, da Ilha da Madeira. tom.2.
O V. Fr. Domingos Convero, Dominico, de Santarem. tom.4.

6 S. Theofilo, e seus companheiros Saturninho, e Revocata, Martyres em Vianna do Minho. p.354.
Santa Dorothea, de quem se conserva a cabeça em Lisboa. p.840.
O V. Fr. Affonso Gago, Franciscano, de Vianna de Lima. tom.3.
O V. P. Henrique Henriquez, da Companhia, de Coimbra. tom.3.
O V. Euzebio, Monge Camaldulense. tom.3.

7 S. Fiel, Arcebispo de Merida, Cidade da Lusitania. p.200.
O V. P. Joaõ de Caceres, Sacerdote do habito de S. Pedro, da Villa da Louzaã. tom.2.

8 O V. P. Affonso Barreto, da Companhia, natural do Porto. tom.2.
O V. Simaõ Feyo, Escrivaõ da Alfandega de Dio, e seus companheiros, Martyres. tom.2.
Os VV. Pedro, Aleixo, e Luiz, Japonezes, Martyres. tom.3.

9 O V. Fr. Leaõ, Franciscano. tom.2.
O V. Fr Joaõ, Monge Bernardo, primeiro boticario de Alcobaça. tom.2.
O V. Fr. Tristaõ de Penacova, Franciscano. tom.3.

10 O V. P. Pedro de Santa Maria, Conego do Evangelista S. Joaõ, natural de Braga. tom.2.
O V. Fr Bartholomeu da Infoa, Franciscano, natural de Miranda. tom.3.
O V. D. Payo Peres Correa, Mestre de S. Thiago, natural de Evora. He a sua breve historia muito digna da nossa lembrança. tom.4.

11 O V. Fr. Sebastiaõ do Canto, Martyr, Dominico. tom.2.
O V. Fr. Luiz da Cruz, Franciscano. tom.
Os Veneraveis Miguel, Joaõ, Pedro, e Thomé, Japonezes. tom.3.

12 S. Crispolito, Bispo de Britonia, Cidade que houve no Minho. p. 79.
Santa Eulalia Virgem, e Martyr, Lusitana. p.773.
O B. Callidonio, Arcebispo de Braga. p.270.
O V. Fr. Manoel de Jesus, Franciscano, da Villa da Cea. tom.2.
O V. Fr. Luiz da Cruz, Franciscano, da Charneca, lugar junto a Lisboa. tom.2.

Santo

MARÇO.

14 | Santo Antonio de Noto, homem preto, natural de Guiné. p. 338.
O V. Fr. Gualter, Franciscano, natural de Ponte de Lima. tom. 3.
O V. Pedro Martins, lavrador, de Carnide. tom. 2.

15 | S. Magoriano Confessor, de Coria, Cidade Lusitana. p. 229.
S. Aristobolo Zebedeu, Martyr. p. 338.
Santa Vicencia, Lusitana. p. 767.
Santa Matrona, natural de Braga. p. 787.
O V. P. Luiz da Camera, da Companhia, natural de Lisboa. tom. 3.
O V. Antonio Fogaça, Martyr, Portuguez. tom. 3.
O V. Fr. Nicoláo do Porto, Franciscano. tom. 3.
O B. Aldeberto, Monge Bernardo. tom. 3.

16 | O V. P. D. Gonsalo da Silveyra, da Companhia, filho do Conde da Sortilha. tom. 2.
O V. Fr. Affonso de Portugal, Piedozo. tom. 3.

17 | O V. P. Martim Lourenço, Conego do Evangelista S. Joaõ, natural de Lisboa. tom. 3.
Os VV. Fr. Innocencio, e Fr. Antonio, Martyres, Eremitas de Santo Agostinho. tom. 3.
O V. Fr. Antonio de S. Jozé, Arrabido, de Chileiros. tom. 4.

18 | S. Narcizo, Arcebispo de Braga, natural de Santarem, e
S. Felix, Arcediago de Braga, seu companheiro no martyrio. p. 271.
O V. D. Fr. Francisco da Cruz, Bispo de Cabo-Verde, Eremita Agostinho, e natural de Villa-Viçosa. tom. 3.

19 | S. Jozé Esposo de Maria SS. Notem a sua singularissima historia. p. 621.
S. Apollonio, Arcebispo de Braga. p. 275.
S. Leoncio, Arcebispo de Braga. p. 274.
O V. P. Antonio de Andrade, da Companhia, natural de Oleiros Dioceſi do Crato. tom. 3.
O V. Fr. Jozé do Espirito Santo, Arrabido, de Lisboa. tom. 3.

20 | S. Martinho, primeiro Bispo do Dume, Arcebispo de Braga, Monge Benedictino. p. 278.
Santa Godinha, Abbadessa Benedictina, do Minho. p. 789.
O V. Fr. Antonio de Penella, Capucho, do Bispado de Coimbra. tom. 3.

21 | O V. Fr. Antonio dos Reys, Franciscano. tom. 2.
O V. Fr. Cosme, Religioso Thomarista, natural de Lisboa. tom. 2.

22 | O V. Fr. Francisco da Incarnaçaõ, Carmelita descalço, de Arouca. tom. 2.
O V. Fr. Froylano, Monge Bentò, Abbade de Arouca. tom. 3.
O V. P. Manoel do Rego, Sacerdote do habito de S. Pedro, de Alter do Chaõ. tom. 3.
O V. Mathias, Japonez, Martyr. tom. 3.
O V. Fr. Miguel Falcaõ, Arrabido. tom. 3.

23 | S. Domicio, e seus companheiros Martyres, de Bragança. p. 80.
S. Indalecio, Bispo, e Martyr, de Galliza Bracharense. p. 315.
O V. Irm. Vasco Ferrás, da Comp., natural do Porto, onde foy Conego. tom. 3.

24 | S. Paterno, Arcebispo de Braga. p. 276.
O V. Fr. Agostinho da Magdalena, Martyr, Dominico. tom. 3.

25 | O V. Fr. Romaõ, Monge Bento, companheiro na penitencia de ElRey Godo D. Rodrigo. tom. 2.
O V. Fr. Antonio de Jesus, Carmelita descalço, natural de Aveyro. tom. 3.

26 | O V. Fr. Baptista, Franciscano, da Terra da Feira. tom. 3.
O V. Martinho, Eremita de Alcobaça, Martyr. tom. 3.

27 | O V. P. Bartholomeu da Costa, Thezoureiro mór da Sé de Lisboa natural de Castello Branco. tom. 2.
O V. D. Francisco das Neves, Conego Reg., natural de Lisboa. tom. 3.
O V. Fr. Antonio de Jesus, Carmelita, natural de Aveyro. tom. 3.

O V. P. Heytor Diaz, Sacerdote do habito de S. Pedro, natural de Torres-Vedras. tom.3.
28 O V. Ayres Manoel, Eremita, pay de S. Martinho Arias. tom.3.
O V. P. Estevaõ Diaz, da Companhia. tom.3.
29 O V. Fr. Pedro, Franciscano, da Provincia de S. Thomé. tom.3.
O V. Fr. Gabriel de Christo, Carmelita descalço, das Ilhas. tom.3.
30 Santa Guiteria V. e M., de Monte mór o Novo. p.838.
O V. Fr. Pedro Ramos, Eremita Agostinho, natural de Lisboa. tom.3.
O V. Capitaõ Filippe de Brito Nicote, Martyr, natural de Lisboa. tom.3.
O V. D. Godinho, Conego Regrante de Santo Agostinho, Bispo de Lamego, natural de Monte mór o Velho. tom.3.
31 O V. D. Fr. Braz de Barros, Eremita Jeronymo, natural de Braga, e primeiro Bispo de Leyria. tom.2.
O V. Irm. Gonsalo Henriquez, Converso Dominic., de Santarem. tom.3
O V. Fr. Francisco de Talaveyra, Franciscano. tom.4

ABRIL.

1 S. TEzifon, Bispo de Galliza Bracharense, e 3. companheiros. p.315.
O V. Fr. Fernando Pirez, Dominic., natural de Lisboa. tom.3.
O V. Fr. Pedro da Cunha, Franciscano, de Mosteiró. tom.3.
2 O V. Fr. Manoel Ferreira, Dominico. tom.4.
O V. Fr. Alberto de Nazareth, Monge Bento, da Villa de Cella. tom.3.
O V. Fr. Jacintho de S. Francisco, Arrabido, de Lisboa. tom.4.
Fr. Thomé da Trindade, Carmelita descalço. tom.4.
3 Santa Engracia Virg. e M., natural de Braga, segunda do nome. p.786.
O V. Pedro Bom, de Estremoz. tom.2.
Os VV. Thomé, Joaõ, e Lucas, MM., Japonezes. tom.3.
O V. Luiz Alvares de Andrade, pintor, e natural de Lisboa. Foy o que introduzio a devoçaõ dos Passos, e o primeiro que fez publicos os paineis das Almas. tom.4.
O V. Fr. Antonio da Magdalena, Arrabido, de Torres Novas. tom.3.
4 Santa Irene, irmaã de S. Damazo Papa, natural de Guimaraens. p.849.
O V. Fr. Joaõ Estacio, Eremita Agostinho. tom.3.
O V. P. Jorge de Tavora, da Compan., de S. Joaõ da Pesqueira. tom.3.
O V. P. Gonsalo de Medeyros, da Villa de Freixo. tom.2.
Os Veneraveis Mancio, e seus companheiros, Martyr. Japonezes. tom.
5 S. Raymundo Pastor, Lusitano. p.193.
Santa Theodora Virg., de quem se conservaõ as Reliquias em Pinhel. p.776.
O V. Cosme Romeiro, e tres companheiros MM. Japonezes. tom.2.
O V. Fr. Balthazar da Piedade, Terceiro Regular, natural de Tamanhos, lugar junto á Villa de Trancozo. tom.3.
6 O V. Fr. Cosme, Converso da Ordem de S. Bernardo. tom.3.
O V. Pantaleaõ Gonsalves, Çapateiro no Porto, natural de Lisboa. tom.3.
O V. Fr. Belchior de Jesus, Carmelita, do Termo do Porto. tom.4.
7 Santo Arcarico, Arcebispo de Braga, Monje Bento. p.247.
O V. Fr. Manoel de Jesus Maria, Carmelita, de Campo-Mayor. tom.2.
8 O V.P. D. Leaõ Henriquez, Provincial da Companhia, natural das Ilhas. tom.3.
Os Veneraveis Padres Fr. Luiz do Espirito Santo, e Fr. Joaõ da Trindade, Martyres, Dominicos. tom.4.
9 S. Fr. Thomaz de Tolentino, e seus companheiros, Martyres, Franciscanos. p.349.
S. Torcato, S. Cucufate, e Santa Suzanna, Martyres, de Braga. p.397.

Santo Hilario, Martyr, cujas Reliquias possue Villa-Viçosa. p.446.
Santa Suzanna, Martyr, natural de Braga. p 794.
O Dezembargador Ignacio Ferreira, Chanceller mór do Reyno, de Fonte Arcada da Beira. tom 2.
O V. P. Pedro de Toledo, da Companhia. tom 3.
O V. Fr. Antonio Lucano, Eremita de S. Paulo, n. de Estremoz. tom. 3.
10 O V.P. Calisto da Motta, da Companhia, da Bahia. tom. 2.
O V. P. Diogo da Madre de Deos, Eremita, natural da Cidade de Faro. tom. 3.
O V. P. Manoel da Consolaçaõ, Eremita, natural de Elvas. tom. 3.
O V. Fr. André da Veiga, Terceiro Regular. tom. 3.
O V. Fr. Hilario, Arrabido, de Obidos. tom. 4.
11 O V. Fr. Antonio dos Santos, Franciscano, da Venda do Gallego. tom. 2.
O V. Irm. Bento Goys, da Companhia, natural das Ilhas. tom. 2.
12 S. Victor, Martyr, natural de Braga. p.174.
Santa Eufemia, ou Eumelia, Virgem, e Martyr, natural de Braga. p.831.
O V. Paulo, Martyr, Japonez. tom. 3.
De S. Crispulo, e S. Restituto, Martyres, trata neste dia o *Agiologio Lusitano*, dizendo que padeceraõ martyrio em Agoas Celenas, junto de Melgaço, no tempo de Nero, o que sirva de noticia, visto se naõ dar nesta Obra por descuido de quem copiou o original.
13 S. Hermenegildo Rey da Lusitania. p. 74.
O V. Fr. Gonsalo de Val-Bom, Franciscano. tom. 2.
14 S. Fr. Pedro Gonsalves, Religioso Dominico. p. 82.
S. Silvestre Arcebispo, e natural de Braga. p.264.
O V. Fr. Gonsalo Marinho, Franciscano. tom. 3.
O V. Fr. Manoel Nunes, Trinitario, natural de Goa. tom. 3.
O B. Joaõ, Monge Bernardo. tom. 3.
O P. Sebastiaõ Barradas, da Companhia, natural de Lisboa. tom. 4.
15 S. Fr. Payo, Religioso Dominico, natural de Coimbra. p.201.
O V. Fr. Joaõ de Santa Maria, Eremita de S. Paulo, do Bispado da Guarda. tom. 2.
O V. Fr. Elias da Madre de Deos, Carmelita, natural de Lisboa. tom. 3.
O Governardor André Furtado de Mendonça, natural de Lisboa. tom. 3.
O V. Fr. Boaventura, Arrabido. tom. 3.
16 S. Toribio, Bispo de Tuy, quando sujeita a Braga. Nesta vida se escrevem as heresias de Presciliano. p.163.
S. Fructuoso, Arcebispo de Braga, Monge Benedictino. p.229.
Santa Engracia 1. do nome, natural de Braga. p.782.
D. Nuno Odoris, Fundador de hum Convento Benedictino, em Adaufe de Braga. tom. 2.
17 Santo Elias, e seus companheiros
S. Paulo, e
Santo Isidoro, Martyres em Cordova, Lusitanos. p.192.
Santa Celerina, viuva, e Martyr, de Evora. p.771.
O V. Fr. Thomé de Jesus, Eremita Agostinho, natural de Lisboa. tom. 3.
O V. Fr. Joaõ da Assumpçaõ, Franciscano, natural de Lisboa. tom. 3.
O V. Fr. Verissimo do Nascimento, Arrabido, natural de Lisboa. tom. 3.
18 Santo Apollonio, Martyr, cujas Reliquias possue Evora. p.159.
O V. P. Gonsalo Diaz de Barros, Conego do Evangelista S. Joaõ, natural de Braga. tom. 3.
O V. P. Antonio Vaz, Sacerdote do habito de S. Pedro, de Sebal, lugar junto a Coimbra. tom. 2.
O V. P. Manoel Leal, Vigario da Companhia, natural da Arrifana. tom. 3.

19	S. Ataulfo, Biſpo de S Thiago, quando ſujeita a Braga.	p.217.
	O V. Jeronymo Pegado, Terceiro Franciſcano, de Campo-Mayor.	tom.2.
20	S. Baudelio, Martyr, Luſitano.	p.192.
	O V. Fr. Antonio de Macedo, Dominico, da India.	tom.2.
	O V. P. Joaõ Cerveyra de Vera.	tom.3.
	O V. Fr.Manoel da Natividade, Capucho, natural de Lisboa.	tom.4.
	O V. Fr. Antonio da Natividade, Arrabido, de Lisboa.	tom.3.
21	S. Cayo Papa, Martyr.	p.163.
	Santa Senhorinha, Abbadeſſa no Minho.	p.789.
	O V. Fr. Archanjo, Franciſcano, da Provincia dos Algarves.	tom.2.
	O V. P. Joaõ de Santa Maria, Conego do Evangeliſta, natural de Braga.	tom.3.
	O V. Fr. Jozé, Hoſpitaleiro de S. Joaõ de Deos, do territorio de Vianna.	tom.3.
	O V. D. Franciſco de Soveral, Conego Regular de Santo Agoſtinho, Biſpo de Angola, natural de Sernancelhe.	tom.4.
22	O V. P. Affonſo de Caſtro, da Companhia de Jeſus, e Martyr, na India.	tom.3.
	O V. Boaventura, Martyr, Japonez.	tom.3.
23	S. Felix, e ſeus companheiros S. Fortunato, Martyres, Luſitanos.	p.453.
	O V. Thomé Cauſuca, Japonez.	tom.3.
24	O V. P. Fernaõ Mendez, Capellaõ da Rainha Santa.	tom.2.
	O V. Fr. Eſtevaõ do Eſpirito Santo, Franciſcano, de Lisboa.	tom.3.
25	O V. Fr. Manoel do Naſcimento, Franciſcano.	tom.3.
	O V. D.Franciſco Frigiaõ Inglez, morador, e ſepultado em Lisboa.	tom.2.
	O V. P. Gaſpar Paez, da Companhia, natural da Covilhaã.	tom.3.
26	S. Pedro de Rates, 1. Biſpo de Braga.	p.300.
	O V. Fr. Bento da Natividade, Franciſcano, n. da Pederneira.	tom.3.
	O V. P. Chriſtovaõ Ferreira, Martyr depois de renegar, natural do Arcebiſpado de Lisboa, e da Companhia.	tom.4.
27	O V. D. Fr. Sueyro Gomez, Dominico, natural de Lisboa.	tom.3.
	O V. Fr. André de Portugal, Dominico.	tom.3.
	O V. Fr. Martinho, Eremita de Santo Agoſtinho.	tom.2.
	O V. Fr. Diogo do Rozario, Martyr, Dominico.	tom.3.
28	S. Vital Soldado, e Martyr, cujo corpo eſtá em Pinhel.	p.214.
	S. Carilipo, e ſeus companheiros S. Apredicio, S. Agapio, e Santo Euzebio, Martyres Luſitanos.	p.458.
	O B. Bernardo, Monge de Ciſter.	tom.3.
29	S. Secundino, Arcebiſpo de Braga.	p.269.
	O V. Fr. Gaſpar do Eſpirito Santo, Franciſcano.	tom.2.
	O V. Joaõ da Cruz, 1. Ermitaõ de N. Senhora do Bom Deſpacho, Romagem celebre perto de Braga, natural de Monçaõ, Villa do Arcebiſpado.	tom.3.
30	Santa Maxencia, Virgem, Luſitana.	p.771.
	O V. Fr. Pedro dos Santos, Martyr, Dominico.	tom.3.
	O V. Lino Xacicata, Martyr, Japonez.	tom.3.
	O V. Fr. Archanjo, Leigo, Franciſcano, da Atouguia.	tom.4.
31	O V. P. Nuno Ribeiro, da Companhia, Martyr.	tom.2.
	O V. Paulo, e ſeus companheiros Martyres no Japaõ.	tom.3.

MAYO.

MAYO.

Affonſo. Neſta vida ſe eſcrevem varias noticias ſobre a inveſtidura do meſmo Rey. tom.3.
O V. D. Toribio Lopes, primeiro Biſpo de Miranda. tom.3.
O V. Fr. Manoel de Jeſus, Capucho, natural de Braga. tom.4.

10 S. Palmacio, Martyr, de quem ſe conſerva a cabeça em Santa Cruz de Coimbra. p.448.
O V. Fr. Belchior, Franciſcano, natural de Lisboa. tom.2.
O V. Fr. Ignacio de Jeſus, ou Tavares, Trinitario, de junto a Thomar. tom.2.
O V. Chriſtovaõ de S. Jozé, Fundador dos Antoninhos da Certaã, e della natural. tom.2.

11 S. Gandulfo, Martyr, de quem ſe conſervaõ as Reliquias em Villa-Viçoſa. p. 54.
S. Fauſtino, Arcebiſpo de Braga. p.243.
O V. Mendo Affonſo, Templario. tom.2.
O V. Fr. Roque do Eſpirito Santo, Provincial dos Trinos, natural de Caſtello-Branco. tom.2.
O V. Irm. Domingos da Cunha, da Companhia, natural de Lisboa. tom.4.

12 S. Paſcacio, Monge Bento, natural de Braga. p.447.
Santa Joanna, Princeza de Portugal. p.725.
S. Criſpolito, Biſpo de Britonia, Cidade que houve no Rio Lima. p. 79.
O B. Antonio da Conceiçaõ, Conego do Evangeliſta S. Joaõ, natural do Pombal. p.560.
O V. D. Nuno Alvares Pereira, Condeſtavel de Portugal, e depois Leigo, Carmelita. tom.3.
O V. Fr. Manoel das Chagas, Capuchinho, natural de Braga. tom.2.
O V. Fr. Felix de Jeſus, Carmelita, natural da Guarda. tom.4.

13 O V. P. Bom, e 17. companheiros Indios, e Martyres. tom.3.
Os Veneraveis Joaõ, Miguel, Predo, Japonezes, Martyres. tom.3.

14 S. Fr. Gil, Conego de Braga, e de outras Cathedraes, e ultimamente Religioſo Dominico. He digna de notar a ſua vida, e converſaõ. p.458.
O V. D. Eſtevaõ Vaſques Pimentel, Balio de Leça. tom.2.
O V. P. Gonſalo Vaz de Mello, da Companhia, de Fonte arcada. tom.2.
O V. Fr. Reginaldo de Mello, filho do Convento de Evora. tom.4.
O V. Fr. Antonio de Santa Catharina, Arrabido, de Lisboa. tom.3.

15 S. Odoario, Biſpo de Lugo, e Arcebiſpo de Braga. p.442.
O V. D. Theodoſio, Principe de Portugal. tom.3.
O V. P. Joaõ Rodriguez, Conego do Evangeliſta S. Joaõ, natural da Pedreneira. tom.3.
O V. Fr. Jeronymo do Dezerto, Benedictino. tom.2.

16 O V. Fr. Martinho de Santa Maria, Fundador da Arrabida. tom.2.
O V. P. Manoel da Coſta, da Companhia, da Amarante. tom.2.

17 S. Torpes, Martyr, de quem ſe conſervaõ as Reliquias no Arcebiſpado de Evora. p. 59.
Santos Arthemio, e Audax. p. 62.
S. Nunto, Abbade, Eremita Agoſtinho. p. 72.
Santa Thereza, Infanta de Portugal, e Rainha de Leaõ. p.739.
Santa Celerina, viuva, de Evora. p.771.
O V. Fr. Henrique de Tavora, Dominico, de Bemfica. tom.2.
O V Fr. Manoel de Seira, Capucho. tom.4.
O V. Fr. Pedro da Conceiçaõ, Arrabido, natural de Chaves. tom.3.
O V. Fr. Joaõ dos Santos, de Torres-Vedras, Arrabido. tom.3.

18 O V. Fr. Aleixo de Braga, Capucho. tom.2.
O V. Luiz, e ſeus companheiros, Martyres, Japonezes. tom.3.

19 O V. Fr. Joaõ de Moura, Dominico. tom.2.
Os Veneraveis Domingos Dozay, Luiz, e Joaõ, MM., Japoneze. tom.3.

O V.

O V. Fr. Diogo de Pernas, Capucho. tom.4.
30 O V. Fr. Martinho de Santarem, Dominico. tom.2.
O V. Fr. Bernardo, Franciscano de Xabregas. tom.2.
O V. Fr. Antonio, Trino, de Santarem. tom.2.
21 S. Mancio, primeiro Bispo de Evora. p.453.
O V. Joaõ Paes Barreto, homem de negocio no Brazil, natural de Vianna. tom.3.
O V. Fr. Antonio dos Reys, Franciscano, de Viseu. tom.2.
22 S. Leuciano Regulo, Marcial, e Valentino Bispos, companheiros no Martyrio de S. Quiteria. p. 89.
Santo Atto Bispo, natural de Beja. p.214.
Santa Quiteria Virgem, e Martyr, natural de Braga. p.803.
O V. P. Joaõ Baptista Machado, da Companhia, e seu companh. tom.2.
O V. Fr. Pedro da Assumpçaõ, Franciscano. tom.2.
23 S. Bazilio, ou Bazileo Bispo do Porto, e de Braga. p.262.
Santo Epitacio Bispo de Tuy, no tempo em que estava sujeita a Braga. p.262.
24 O V. P. Antonio de Araujo, da Companhia, natural de Leyria. tom.3.
O V. Fr. Palladio, Dominico, de Aveyro. tom.3.
O V. Fr. Francisco dos Reys, Arrabido, de Lisboa. tom.2.
25 Santo Eufrazio Bispo, e Martyr. p.314.
S. Geradio Bispo de Astorga, natural de Braga. p.446.
O V. P. Gaspar Coelho, natural do Porto. tom.2.
26 O V. Fr. Manoel da Costa, Trinitario, natural do Porto. tom.2.
O V. Duarte de Trayassos, Dominico. tom.2.
27 O V. Fr. Antonio o Descalço, Franciscano. tom.2.
O V. Fr. André de Santa Maria, Franciscano, Bispo de Cochim. tom.2.
O V. Fr. Ambrosio de Santo Antonio, Capucho, natural de Lagos. tom.2.
28 O V. Fr. Francisco de Macedo, Dominico. tom.4.
O V. Fr. Pedro de Melgar, Fundador da Provincia da Piedade. tom 2.
O V. P. Francisco Coelho, da Companhia, de Viseu. tom.2.
Os Veneraveis Leaõ Linyemon, e tres filhos MM. Japonezes. tom.2.
O V. Francisco de Villa-Viçoza, Piedozo. tom.4.
29 S. Melecio, e seus companheiros, MM. p.356.
O V. Irm. Fernaõ Gonsalves, Benedictino. tom.2.
O V. Mino Luiz, Martyr Japonez. tom.2.
30 O V. P. Pedro da Costa, da Companhia, natural da Portella do Arcebispado de Braga. tom.2.
O V. Thomé Joaõ, Terceiro Franciscano, sepultado na Arrabida. tom.2.
31 S. Pascacio, Monge Bento, e Cardeal. p. 447.
O V. Fr. Antonio de Christo, Franciscano, natural de Villar de Massadas junto a Villa Real. tom.3.
O V. Thomé de Ximavara, e seus companheiros Paulo, Leonardo, e Joaõ MM. Japonezes. tom.

JUNHO.

1 O V. Lydirico, primeiro Conde de Flandes, natural de Lisboa. tom.2.
O V. Francisco Machado, Portuguez, Martyr. tom.3.
O V. P. Manoel da Gunha, da Companhia, Martyr, do Bispado da Guarda. tom.4.
2 Santo Erasmo Bispo, e Martyr. p. 81.
Santo Eugenio Papa. p.125.

O V. Fr. Joaõ da Certaã, Monge Jeronymo. tom.2.
O V. Paulo Magoza, Martyr, Japonez. tom.3.
3 Santo Ovidio, Arcebispo de Braga. p.265.
Os Veneraveis Gonsalo Vaz, e seu irmaõ Joaõ Vaz, Mouros de nascimento. Notem os seus notaveis martyrios. tom.3.
O V. Joaquim Cabanuto, Martyr. tom.3.
4 O V. Fr. Joaõ Rodriguez, natural de Aljustrel, Religioso da Hospitalidade. tom.2.
O V. P. Balthazar Barreira, da Companhia, natural de Sacavem junto ao Tejo. tom.3.
5 S. Paulo Crunoqueni, e seus companheiros,
S. Joaõ Goto, e
S. Diogo, Martyres, da Companhia, Japonezes. p. 68.
O P. Diogo Carvalho, da Companhia. tom.3.
O V. Adaõ Aracava, Japonez. Notem o seu admiravel martyrio. tom.
O V. D. Fernando, Infante de Portugal. tom.2.
O V. Fr. Manoel de S. Mathias, Franciscano. tom.2.
6 O V. Fr. Luiz da Paixaõ, Dominico. tom.3.
O V. Fr. Paulo de Mesquita, Martyr, Dominico. tom.2.
O P. Francisco Navarra, da Companhia, de Evora. tom.2.
O V. Fr. Agostinho da Graça, Eremita Agostinho, do Alemtejo. tom.3.
O V. P. Sebastiaõ Vieyra, Martyr, da Companhia, n. de Crasto-Dayre. tom.3.
O V. Melchior da Luz, Dominico. tom.4.
7 O V. P. Francisco da Madre de Deos, Conego do Evangelista S. Joaõ, natural de Lamego. tom.2.
O V. Fr. Alvaro de Jesus, Carmelita, natural de Benavente. tom.3.
8 O V. P. Manoel de Elvas, Conego do Evangelista, natural de Lisboa. tom.3.
O V. Fr. Pedro da Madre de Deos, de Peniche. tom.2.
O V. Joaõ Ivo, Martyr, Japonez. tom.3.
9 O V. P. Jozé de Anchieta, da Companhia, natural das Ilhas. He esta vida certamente admiravel, e digna da attençaõ dos mortaes. tom.2.
O V. D. Apollinar de Almeyda, Bispo de Nicea, da Companhia, natural de Lisboa. tom.2.
O V. Fr. Manoel da Cruz, Arrabido, de Tavira. tom.4.
O P. Fr. Bartholomeu de Santa Maria, Agostinho descalço, de Penalva. tom.2.
10 O V. Fr. Pedro de Riba-Fria, Monge Jeronymo. tom.2.
O V. Fr. Simaõ Coelho, Provincial dos Carmelitas, de Lisboa. tom.2.
11 O V. Fr. Cypriano, Monge Jeronymo. tom 2.
O V. Fr. Joaõ de Obidos, Paulista. tom.3.
12 S. Joaõ Garino, Ermitaõ, Lusitano. He esta historia a mais rara. p.357.
D. Antaõ Alvares de Chaves, Bispo do Porto, e Cardeal. tom.2.
Os Veneraveis Gaspar Junyemon, e 27. companheiros Martyres, Japonezes. tom.2.
13 Santo Antonio de Padua, Franciscano, natural de Lisboa. p. 1.
O V. Fr. Jeronymo de Jesus, Antoninho. tom.2.
O V. Fr. Boaventura de S. Francisco, Franciscano. tom.2.
Os Veneraveis Miguel, Lino, e outros Martyres. tom 2.
O V. D. Francisco de Noronha, 2. Conde de Linhares. tom.4.
O V. Fr. Antonio de Jesus, Capucho, de Torres-Novas. tom.4.

O V.

14 O V. Fr. Miguel Soeyro, Prior de S. Domingos de Coimbra. tom.2.
O V. Fr. Carlos de S. Jozé, Franciscano, natural de Lisboa. tom.3.

15 O V. Fr. André de Moura, Religioso, Minimo. tom.2.
O V. Fr. Manoel de Estremoz, Piedozo. He digna de notar a sua morte. tom.3.

16 S. Joaõ, Martyr, natural de Bragança. p.225.
S. Paulo, Martyr, seu companheiro. Ibid.
O V. Fr. Antonio da Madre de Deos, Capucho, natural de Lisboa. tom.4.

17 Santa Thereza, Infanta de Portugal, Monja de Cister. p.739.
Santo Avicto, Arcediago, e natural de Braga. p.443.
O V. Thomé, Martyr no Japaõ. tom.3.
O V. Fr. Antonio da Piedade, Antoninho, natural de Chaves. tom.3.

18 O V. Fr. Pedro da Magdalena, Capucho, natural de Trocifal. tom.2.
O Irm. Luiz Antunes, da Companhia. tom.3.
O Irm. Fr. Antonio do Espirito Santo, Carmelita, n. de Lisboa, M. tom.3.
O V. Fr. Sebastiaõ da Assumpçaõ, Capucho, n. de Lisboa. tom.3.
O V. Fr. Gaspar, Corista Antoninho. tom.3.
O Irm. Manoel de Azevedo, da Companhia, n. de Vouzella. tom.3.

19 O V. D. Miguel da Lomba, Franciscano. tom.2.
O V. D. Egas Martins, Mestre de Aviz. tom.2.

20 O V. P. Francisco Pacheco, da Companhia, Martyr na India com 8. companheiros, natural da Villa de Ponte de Lima. tom.2.
O V. Pedro Arizo, e seu companheiro Martyres, Japonezes. tom.2.

21 S. Joaõ de Sagau. p.219.
Santo Innocencio, Bispo de Merida, Lusitano. p.152.
O V. Fr. Pedro de Ulelmar, Dominico, de Azeitaõ, e Martyr. tom.3.
O V. Fr. Simaõ da Piedade, Dominico, natural de Aveyro, e M. tom.3.
O V. Fr. Nicoláo do Rozario, Dominico. tom.3.
O V. Fr. Thomaz da Cova, Dominico. tom.4.

22 O V. Fr. André do Rozario, Dominico, de Elvas. tom.2.
O V. Fr. Pedro Fernandes, ou
O V. Fr. Pedro Gallego, Dominico, natural de Santarem. tom.3.
O Irm. Joaõ Rozado, da Companhia. tom.3.

23 S. Joaõ Presbytero, Martyr. p.125.
S. Juliaõ, Martyr, n. de huma Cidade, que houve junto a Monçaõ. p. 78.
O V. Fr. Eugenio, Monge Bento, Abbade de Lorvaõ. tom.3.
O V. D. Fructuoso, Conego Regrante, do Alemtejo. tom.3.

24 S. Joaõ Baptista. p.589.
S. Joaõ do Porto, Monge Bento. p.452.
O V. Fr. Antonio de S. Gregorio, Capucho, n. de Capareiros, Arcebispado de Braga. tom.4.
O V. Fr. Carlos de S. Jozé, Minorita, de Lisboa. tom.2.

25 S. Gallicano Ovino, Soldado, M., n. de Bragança. p.226.
S. Athanazio, Bispo de Galliza Bracharense. p.315.
S. Theodoro, Bispo da mesma Provincia. p.315.
O V. Leaõ Rofivie, Martyr, Japonez. tom.3.
O V. Fr. Diogo de S. Jozé, Carmelita descalço. tom.3.
O V. P. Abraham de Gorgiis, da Companhia. tom.2.

26 S. Vigilio, Bispo de Coria, Cidade da Lusitana. p.228.
S. Payo, ou Pelayo, Martyr, do territorio de Coimbra. p.388.
S. Hermogio, Bispo de Tuy, tio do mesmo. p.451.
O V. Manoel de Oliveira, homem de negocio, da India. tom.2.

27 O V. Fr. Thomé de Torres-Vedras, Arrabido. tom.3.
O V. Fr. Ambrozio de Santo Antonio, Antoninho, n. de Lagos. tom.4.

28 O V. Fr. Pedro de Leyria, Provincial da Franc. tom.2.

O V. Fr. Francifco do Rozario, Francifcano, do Porto. tom.3.
O V. D. Joaõ de Mello, Bifpo de Coimbra, natural de Evora. tom.4.
29 O V. P. Joaõ de Arruda, Conego do Evangelifta. tom.2.
O V. Fr. Francifco das Chagas, Francifcano, natural de Lisboa. tom.3.
30 S. Gualter, Fundador do Convento de S. Francifco de Guimaraens. p.132.
O V. P. Manoel da Confolaçaõ, Conego do Evangelifta, natural de Villa do Conde. tom.2.
O V. Fr. Pedro das Chagas, Francifcano. tom.3.

JULHO.

1 O V. Gafpar Camello, Soldado, Martyr. tom.3.
O V. Fr. Braz de Aguiar. tom.3.
O V. Sebaftiaõ Gomez, Martyr, natural de Alemquer. tom.3.
O V. D. Miguel de Caftro, Arcebifpo de Lisboa. tom.2.
2 O V. Fr. Joaõ Lopez, Dominico, natural de Aveyro. tom.3.
O V. Fr. Joaõ Freyre, Francifcano, de Caminha. tom.3.
3 S. Muffiano, e feu companheiro S. Paulo, Martyres. p.358.
S. Thelobeu, Arcebifpo de Braga, Monge Bento. p.296.
4 Santa Ifabel, Rainha de Portugal. p.683.
D. Eleuterio, Arcebifpo de Braga. tom.2.
O V. Fr. Joaõ, Leigo Francifcano, natural de Lisboa. tom.2.
Os Veneraveis Agoftinho, e Aleixo, Japonezes, Martyres. tom.2.
O V. Manoel de Magalhaens, Advogado, natural de Lisboa. tom.3.
5 O V. Fr. Pedro, Francifcano, Miffionario no Perú. tom.2.
O V. Fr. Alvaro de Aljuftrel, Piedozo, natural do Alentejo. tom.3.
6 O V. P. Manoel da Confalaçaõ, Conego do Evangelifta, natural da Barca. tom.3.
O V. Fr. Lopo Cardozo, Dominico. tom.3.
7 O V. Fr. Paulo de Azevedo, Francifcano, Martyr. tom.2.
O V. Fr. Pedro de Monte-Mór, Dominico, de Evora. tom.3.
O V. Fr. Pedro da Guarda, Francifcano. He vida igualmente breve, que admiravel. tom.4.
8 O V. Fr. Luiz de Vafconcellos, Francifcano. tom.2.
O V. D. Lourenço Vicente, Arcebifpo de Braga, cujo veneravel corpo exifte com miraculoza incorruptilidade na Sé da mefma. tom.2.
9 S. Briffos, Bifpo de Evora, natural de Mertolla. p.150.
O V. Fr. Pedro de Santo André, Francifcano, de Cananor. tom.2.
D. Fr. Jorge de Santa Luzia, 1. Bifpo de Malaca, Dominico, natural de Aveyro. tom.3.
O V. D. André de Oviedo, Patriarcha da Ethiopia, da Companhia. tom.4.
10 S. Marinho, S. Felix, e Nabor, Martyres, de Galliza Bracharenfe. p.355.
O V. Fr. Manoel de Caftro-Verde, Capuchinho. tom.2.
Os Veneraveis Thomé Mogofuk, e Gonfalo Bonfaxi, Japoens. tom.2.
O V. Fr. Francifco de Eça, Bernardo. tom.3.
11 O V. Fr. Pedro da Carnota, Francifcano. tom.3.
O P. Gonfalo Cardozo, da Companhia. tom.3.
12 O B. Antonio de Santarem, Francifcano. p.555.
O V. Fr. Gafpar de Cuba, Francifcano. tom.3.
O V. Fr. Domingos de S. Juliaõ, Capucho, na Infoa. tom.3.
13 O V. Joaquim Omi, Martyr, Japonez. tom.2.
O V. Fr. Athanafio Sanches, Trinitario. tom.2.
O V. Fr. Martinho de Santarem, Eremita Agoftinho. tom.3.

	O V. Fr. Mathias da Madre de Deos, de Marvaõ do Alemtejo, Arrabido.	tom.2.
	O V. Fr Joaõ de Coimbra, Capucho.	tom.2.
14	O V. Fr. Bartholomeu Bacias, Carmelita, da Villa de Moura.	tom.3.
	O V. Fr. Amador da Cruz, Eremita de S. Paulo, de Evora.	tom.3.
	Simeaõ, Martyr, Japonez.	tom.2.
15	S. Pedro, Eremita Lusitano.	p.397.
	O V. P. Simaõ Rodriguez, primeiro Provincial da Companhia, da Villa de Vousela.	tom.2.
	O V. D. Ignacio de Azevedo, da Companhia, natural do Porto, Prelado de 39. Martyres da mesma Companhia, que com elle padeceraõ na viagem do Brazil.	tom.4.
	O V. P. Redolfo Aquaviva, e seus comp. MM. da Companhia.	tom.4.
	O V. Joaõ Cavay, e 31. Martyres Japonezes.	tom.2.
16	S. Sisinando, Diacono, Martyr, natural de Beja.	p.216.
	O V. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Dominico, Arcebispo de Braga, natural de Lisboa.	tom.3.
	O V. Joaquim, Martyr, e cego, Japonez.	tom.3.
	O V. Antonio Mangoyemon, Martyr Japaõ.	tom.3.
	O V. Mathias Kiza, Martyr Japaõ.	tom.3.
	O V. Joaquim Coniya, M. Japaõ.	tom.3.
	Os Veneraveis Fr. Gaspar, e Fr. Manoel, Martyres Dominicos.	tom.
17	O V. Fr. Christovaõ Rangel, Dominico.	tom.3.
	O V. Fr. Joaõ de S. Filippe, Francifcano.	tom.3.
	O V. Francisco Mangoyemon, Martyr Japonez.	tom.2.
18	S. Paulo, Martyr, de Galliza Bracharense.	p.338.
	S. Heladio, Martyr, de Galliza Bracharense.	Ibid.
	Santa Marinha Virg., e Martyr, natural de Braga.	p.820.
	O V. Fr. Alvaro, Franciscano, de Leyria.	tom.2.
19	O V. Fr. Antonio Falcaõ, Franciscano, de Leyria.	tom.2.
	O V. Joaõ Michicava, e seus companheiros, Martyres.	tom.3.
20	Santa Comba Virgem, de Coimbra.	p.766.
	O V. Fr. Jeronymo de Brito, Carmelita descalço, natur. de Lisboa.	tom.3.
	O V. Fr Jozé de Jesus Maria, Franciscano, natur. de Braga.	tom.3.
	O V. P. Pedro Caffui, da Companhia, e Martyr.	tom.4.
21	O V. Fr. Joaõ da Costa, Dominico, da Guarda.	tom.2.
	O V. Joaõ, Martyr de tenra idade, e oito companheiros, Japon.	tom.3.
22	Santa Maria Magdalena.	p.850.
	O V. Fr. Domingos, Prior do Convento de S. Domingos de Santarem.	tom.3.
	O V. P. Joaõ Fernandes, Conego do Evangelista, n. de Evora.	tom.3.
	O V. Francisco Fernandes, mercador, e natural do Porto.	tom.3.
	O V. Fr. Antonio Pinto, Francisc., natural de Villa Viçosa.	tom.3.
	Thomé Nixifori, da Companhia, da Companhia, e 3. comp. MM.	tom.2.
	O V. Fr. Diziderio, Monge Bernardo.	tom.2.
	O V. Fr. Antonio da Conceiçaõ, Religioso Trino, n. de Lisboa.	tom.2.
23	O V. Fr. Estevaõ de S. Francisco.	tom.3.
	O V. Fr. Filippe Diaz, de Bragança.	tom.3.
24	S. Victor, e seus companheiros, MM. Lusitanos.	p.172.
	O V. Fr. Joaõ de Lisboa, Franciscano.	tom.2.
	D. Ambrosio de Mello, Conego Regrante, natural de Lisboa.	tom.2.
	O V. Irm. Jacobo, da Congregaçaõ do Evangelista, n. de Penella.	tom.3.
	O V. Fr. Pedro Lobato, Dominico, Prior de Azeytaõ.	tom.3.
25	O V. Fr. André o Cozinheiro, de Lisboa, Franciscano.	tom.2.
	Fr. Pedro da Estrella, Franciscano, de Alemquer.	tom.3.

O V.

	O V. Leaõ Geroyemon, e dez companheiros, Martyres.	tom.2.
26	O V. Joaõ Menino, Martyr.	tom.3.
	O V. Fr. Pedro da Atougia, Francifcano.	tom.3.
	O V. Luiz Kitaro, Martyr, Japonez.	tom.2.
	O Irm. Manoel de Sá, da Companhia, natural do Porto.	tom.2.
27	S. Pantaleaõ M., Padroeiro do Porto.	p.439.
	O V. P. Simaõ Rodriguez, da Congregaçaõ do Evangelifta, de Eftremoz.	tom.3.
	O V. D. Joaõ de Azevedo, Bifpo do Porto, Conego do Evangelifta, natural de Lisboa.	tom.3.
28	O V. P. Simaõ Vaz, Vigario de Sernate na India, Martyr.	tom.2.
	O V. Joaõ, Rey de Mamoia na India.	tom.2.
	O V. Sinticio, de Alcaçar do Sal.	tom.2.
	O V. Miguel Cufurya, M. Japonez.	tom.2.
29	Santa Serafina, natural da Villa de Monçaõ Arcebifpado de Braga.	p.787.
	O V. Principe de Ceylaõ, Martyr com outros Japonezes.	tom.2.
	O V. P. Fr. Joaõ da Povoa, Francifcano.	tom.2.
	O V. Joaõ Gerozaymon, e 5. companheiros Martyres, Japonezes.	tom.2.
	O P. Fr. Joaõ de Padua, Trino, natural do Cartaxo.	tom.2.
	O V. D. Theotonio de Bragança, e Arcebifpo de Evora.	tom.2.
30	O V. Fr. Joaõ de Evora, Jeronymo.	tom.2.
	O V. D. Juliano, Bifpo de Evora.	tom.2.
	O V. D. Godinho, Conego Regrante, e Arcebifpo de Braga.	tom.4.
31	O V. Domingos Matuço, lavrador no Japaõ, Martyr.	tom.2.
	O Irm. Vicente Alvares, da Companhia, da Villa de Ferreira.	tom.3.
	O V. Simaõ Sumya, Martyr, Japonez.	tom.2.
	O V. Miguel Conya, Martyr, Japonez.	tom.2.

AGOSTO.

1	S. Bono Presbytero, e Martyr.	p.126.
	S. Felix, Martyr, Padroeiro do Convento de Chellas.	p.335.
	Fr. Manoel de Vimiozo, Francifcano.	tom.2.
	O V. Fr. Domingos da Trindade. O V. Fr. Rodrigo de Novaes. O V. Fr. Simaõ de Jefus. O V. Fr. Ambrofio de Freixo. O V. Fr. Joaõ da Eftrada. O V. Fr. Damiaõ de Caftro. O V. Fr. Pedro de Santo Agoft. O V. Fr. Antonio Caldeira. } Martyres, e Religiofos Trinos.	tom.3.
	O Irm. Antonio Pereira, da Companhia, do Termo de Coimbra.	tom.4.
	O V. Martim Gomez, Martyr, Japonez.	tom.2.
2	O V. Fr. Balthazar de Guimaraens, Jeronymo.	tom.2.
	O V. Fr. Mathias, Francifcano, n. de Mayorca no Alemtejo.	tom.3.
	O V. Fr. Antonio das Chagas, Arrabido, de Traz os Montes.	tom.4.
	O V. Leaõ Kita, Martyr, Japonez.	tom.3.
3	S. Jordaõ, Bifpo, de Evora.	p.203.
	O V. Fr. Agoftinho da Cruz, Arrabido, da Villa da Barca.	tom.2.
	O V. Fr. Fernando de Braga, Francifcano.	tom.3.
	O V. Francifco Japaõ, Martyr, Japonez.	tom.2.
	O V. Fr. Francifco das Chagas, Agoftinho defcalço.	tom.2.

O V:

4 | O V. Fr. Pedro de Lordello, Capucho, da Cõmarca de Braga. tom.2.
O V. Fr. Mattheus de Trosesando, Franciscano, do Bispado da Guarda. tom.3.
O V. P. Mauricio, da Companhia, natural de Caminha. tom.2.
Os Veneraveis Fr. Thomé, e Fr. Mattheus, da Ordem de Christo. tom.2.
O V Fr. Salvador, Arrabido, da Torre de Mencorvo. tom.2.

5 | Santa Adozinda, Abbadessa Benedictina em hum Convento do Porto. p.777.
O V. D. Jacobo de Vianna, Conego da Divina Providencia. tom.2.
O V. P. Paulo de Portalegre, Conego do Evangelista. tom.3.
O V. Diogo Susk, e 11. companheiros Martyres, Japonezes. tom.2.
O V. Lourenço Toyemon, e 5. companheiras Martyres, Japonezes. tom.2.
O V. Fr. Estevaõ de Cuba, Capucho. tom.

6 | O V. Fr. Jeronymo Ximenes, ou de Santo Estevaõ, Eremita de Santo Agostinho. tom.2.
O V. Fr. Bamba, Abbade Bento, natural de Cinania, Cidade que houve entre Braga, e Guimaraens. tom.3.
O V. P. Manoel Borjes, Martyr, da Companhia, natural de Evora. tom.2.

7 | O V. Fr. Diogo da Veiga, Piedozo, de Aveyro. tom.2.
O V. Fr. Ressesuinto, Abbade Bento, natural de Braga. tom.3.
O V. Joaquim, Martyr, Japonez. tom.2.
O V. P. Francisco Machado, Martyr, da Companhia, natural de Villa-Real. tom.2.
O V. P. Bernardo Pereira, Martyr da mesma, natural de Viseu. tom.2.

8 | O V. Luiz, e seus companheiros Martyres, Japonezes. tom.2.
O V. P. Gonçalo Rodriguez, da Companhia, natural de Calheiros, do Arcebispado de Braga. tom.3.

9 | O V. Fr. Antonio de Santa Maria, Minorita, de Bragança. tom.2.
O V. Fr. Pedro de Amarante, Franciscano. tom.3.

10 | O V. Fr. Antonio de Jesus, Minorita, de Vianna de Lima. tom.2.
O Irm. Placido, da Congregaçaõ do Evangelista, n. de Lisboa. tom.3.
O B. Fr. Amadeu, Religioso Franciscano. He vida admiravel. tom.3.
O V. D. Rodrigo de Menezes, da Companhia. tom.3.
O V. Fr. Baptista da Trindade, Carmelita, natural do Termo de Bragança. tom.4.
O V. Fr. Gaspar da Annunciaçaõ, Arrabido, sepultado em Santarem. tom.4.
O V. Fr. Honorio de Santa Maria, Arrabido dos Arcos, Villa do Minho. tom.4.
O V. Agostinho Otta, da Companhia, e 4. companheiros Martyres, Japonezes. tom.2.

11 | O V. Fr. Francisco da Conceiçaõ, sepultado em S. Francisco de Lisboa. tom.4.
O V. P. Francisco Navarra, da Companhia, de Evora. tom.2.
O V. P. Pedro Collares, Sacerdote do habito de S. Pedro, de S. Lourenço de Ranhol, lugar junto a Lisboa. tom.2.
O V. Pedro, Martyr, Japonez. tom.2.

12 | S. Graciliano, Martyr, de Alcaçar do Sal. p.336.
O V. Fr. Antonio da Purificaçaõ, Dominico, n. de Setuval. tom.2.
O V. Irm. Balthazar Diaz, da Companhia, natural de Braga. tom.3.
O V. Fr. Antonio da Natividade, Arrabido, da Villa de Agueda. tom.4.
O V. Fr. Francisco da Piedade, Arrabido, de Viseu. tom.2.

13 | O V. Fr. Affonso, Franciscano, de Thomar. tom.2.
O V. P. André Gualdames, da Companhia, Martyr. tom.4.
O V. Constantino, Martyr, Japonez. tom.3.
O V. Hilario, Martyr, Japonez. tom.3.

S. Pascacio,

14 S. Pascacio, Conego Regrante de Santo Agostinho. p.197.
Os Veneraveis Luiz, e Francisco, MM., Japonezes. tom.2.
Luiz Rodriguez Romano, natural da Gollegaã. tom.2.
15 O V. Irm. Bartholomeu Lourenço, da Companhia. tom.2.
O V. Fr. Antonio de Monçaõ, Eremita. tom.2.
O V. Fr. Ambrosio da Madre de Deos, de Goa. tom.2.
O V. P. Salvador Rodriguez, da Companhia. tom.2.
O V. P. Fr. Balthazar de Alcacer, Piedozo. tom.2.
O V. Fr. Vicente da Costa, Leigo Regrante de Santo Agostinho, natural de Lisboa. tom.2.
16 O V. Pedro Leitaõ da Gamboa, sua mulher, e filha MM. tom.2.
O V. P. André Joaõ, Martyr. tom.2.
O V. Fr. Gonsalo, Donato, Jeronymo. tom.2.
O V. André de Xenday, Japonez. tom.3.
O V. P. Fr. Francisco de Santa Maria, Franciscano, e seus companheiros Martyres. tom.4.
O V. Belchior, Martyr, Japonez. tom.3.
O V. Joaõ Monzem, e companheiro Martyres, Japonezes. tom.3.
O V. Simaõ Kiota, e companheiros Martyres, Japonezes. tom.3.
O V. Thom, e companheiro Martyres, Japonezes. tom.3.
17 A B. Brites da Silva, Fundadora da Ordem da Conceiçaõ. p.843.
O V. Fr. Francisco Faraõ, Recoleto, do Algarve. tom.2.
O V. P. Antonio de Quadros, da Companhia, natural de Santarem. tom.3.
18 O V. Fr. Alvaro, Franciscano, n. de Leyria. tom.2.
O V. P. Antonio Criminal, 1. M. da Companhia. tom.3.
Os VV. André Fachizo, e Jeronymo, MM., Japonezes. tom.3.
O V. Fr. Diogo de Santa Maria, Martyr, Dominico, Japonez. tom.2.
19 O V. Fr. Heytor de Jesus, Dominico. tom.2.
O V. Fr. Antonio de Goys, Monge Jeronymo. tom.3.
O V. Damiaõ, e seu companheiro Martyres, Japonezes. tom.3.
20 S. Lucio Cayo Atilio, Regulo de Braga. p.349.
O V. Fr. Luiz de Flores, e companheiro, Martyres. tom.3.
O V. Fr. Joaõ da Motta, Dominico, n. de Evora. tom.2.
D. Pedro Sueyro, Prior de Santa Cruz de Coimbra. tom.3.
O V. Fr. Francisco dos Anjos, Franciscano, Conventual em N. Senhora da Ribeira. tom.4.
O V. Fr. Diogo de Hita, Piedozo. tom.3.
21 O V. Fr. Antonio do Crucifixo, Franciscano, n. de Leça junto a Matozinhos. tom.2.
O V. Fr. Gaspar, Eremita Agostinho, n. de Lisboa. tom.3.
O V. Fr. Athanasio, Eremita Agostinho, de Arronches. tom.3.
22 O V. Fr. Fernando da Paz, Franciscano, de Goa. tom.2.
O V. D. Fr. Adromicio, Bispo de Hibrenia. tom.3.
23 S. Fabiaõ, Arcebispo de Braga. p.268.
S. Apollinar, Bispo, Martyr, Comarca da Torre. p.399.
O V. Fr. Francisco de Santo Agostinho, Franciscano, de Goa. tom.2.
24 S. Varaõ, ou Baraõ, Anachoreta, da Villa de Mertola. p.196.
O V. Fr. Luiz de Affonseca, Dominico. tom.3.
O V. Fr. Joaõ, M., Franciscaco. tom.4.
25 Santo Amador, Anachoreta de Monte Santo. Trata-se nesta vida de huma admiravel devoçaõ de 33. Missas. p.197.
O V. P. Miguel Carvalho, Martyr, da Companhia, narural de Braga, e companheiros. tom.4.
O V. Fr. Cypriano Prestello, Eremita Agostinho, n. de Coimbra. tom.3.

O V.

26 O V. Fr. Cosme, Religioso, Thomarista, natural do Minho. tom. 3.
O V. Fr. Antonio da Luz, Francifcano, natural de Lisboa. tom. 3.
O V. Joaquim Vatanabe, e outros Martyres, Japonezes. tom. 3.
27 S. Fr. Lourenço Mendes, Dominico, n. do Minho. p. 449.
O V. Romaõ de Bungo, M., Japonez. tom. 3.
O V. Ignacio Kiyemon, e 10. compan. Martyres, Japonezes. tom. 3.
O V. Padre Antonio Machado, da Companhia, n. de Viseu. tom. 2.
28 O V. Fr. Nicoláo de Mello, Eremita Agostinho, natural de Belmonte. tom. 3.
O V. P. Mancio, da Companhia, do Japaõ. tom. 3.
O V. D. Leaõ de Noronha, n. de Alemquer. tom. 3.
29 Santa Bazilia, ou Bazilica, Virgem, e Martyr, n. de Braga. p. 837.
O V. Fr. Antonio Pereira, Franciscano. tom. 3.
O V. Irm. André Annes, da Companhia, natural de Manços de Evora. tom. 3.
O V. Irm. Antonio Canay, Martyr, Japonez. tom. 3.
30 O V. P. Pedro do Valle, Martyr, da Companhia. tom. 3.
O V. Fr. Gregorio, Recoleto Franciscano, n. de Viseu. tom. 3.
O V. André, e sua mãy, Martyres, do Japaõ. tom. 3.
O V. Thomé, e sua mulher Japonezes. tom. 3.
O V. Joaõ Kidera, Martyr, da Companhia. tom. 3.
O V. Fr. Antonio das Chagas, Carmelita descalço, n. de Lisboa. tom. 3.
31 O V. Fr. Fernando Corte-Real, Franciscano. tom. 3.
O Irm. Francisco Martins, da Companhia. tom. 2.
O V. Duarte Correa, M., natural de Macáo. tom 2.

SETTEMBRO.

1 AS BB. Constancia, e Maria, de vida pobre. p. 841.
O V. Fr. Christovaõ Botelho, Provincial dos Menores, natural de Leyria. tom. 3.
O V. Irm. Ambrosio Fernandes, da Compan., do Bispado do Porto. tom. 3.
2 O V. Fr. Alberto do Espirito Santo, Trino, Martyr. tom. 3.
O V. D. Theodosio de Jesus, Conego de Santa Cruz de Coimbra. tom. 3.
3 Santa Thareza, Virgem, do Sabugal. p. 769.
O V. Fr. Domingos dos Santos, Franciscano, n. do Alemtejo. tom. 3.
O V. Fr. Valentim, Eremita Jeronymo, de S. Marcos. tom. 3.
4 Os VV. Domingos, e Joaõ, MM., do territorio de Coimbra. tom. 3.
O V. Fr. Honorio, Franciscano, n. de Lisboa. tom. 3.
O V. D. Rodrigo de Moura, Arcebispo de Braga. tom. 4.
5 O V. Joaõ de Collonia, primeiramente arrenegado, e depois M. tom. 3.
O V. P. Diogo Gonsalves, Conego do Evangelista, n. de Oeyras junto a Lisboa. tom. 3.
O V. P. Francisco Pimentel, da Companhia, n. de Arganil. tom 4.
6 O V. D. Francisco de Santa Maria, Bispo Coadjutor de Braga, Conego do Evangelista, n. de Villa de Conde. tom. 3.
O V. D. Affonso Nogueira, hum dos Fundadores da Congregaçaõ do Evangelista, n. de Lisboa. tom. 3.
7 Santa Regina, Lusitana. p. 768.
O V. Fr. Vicente Barqueiro, Franciscano. tom. 3.
O V. P. Diogo Alvares, da Companhia, n. de Arzila. tom. 3.
8 Santo Adriaõ, M., e seus comp., cujas Reliquias possue Chellas. p. 148.
O V. Fr. Joaõ da Madeira, Dominico, n. de Elvas. tom. 3.
O V. Fr. Nicoláo do Rozario, Dominico, da Villa de Perdigaõ tom. 3.

	O V. Fr. Ignacio de S. Miguel, Arrabido, de Lisboa.	tom.3.
9	S. Profuturus, Arcebispo de Braga.	p.277.
	Os Veneraveis Juliaõ, e Mathias, MM., Japonezes.	tom.3.
10	O V. Padre Manoel de Moraes, da Companhia, natural de Bargança.	tom.3.
	O V. D. Pedro da Costa, Bispo do Porto, natural da Villa de Alpedrinha.	tom.3.
11	O V. P. Belchior Gonsalves, da Companhia.	tom.3.
	O V. Fr. Garcia de Vulcos, Dominico.	tom.3.
12	S. Boemundo, Abbade de Tarouca.	p.196.
	S. Juvenco Presbytero, Lusitano, primeiro Poeta Catholico.	p.160.
	O V. P. Pedro Diaz, com 11. companheiros Martyres, da Companhia.	tom.4.
	O P. Fr. Rodrigo de Jesus, Eremita Agostinho, n. de Viseu.	tom.2.
	O Irm. Fernando Alvares.	tom.2.
13	O V. Fr. Christovaõ de Coimbra, Arrabido.	tom.3.
	O V. Fr. Martinho da Guarda, Franciscano.	tom.3.
	O V. Fr. Luiz de Amaral, Franciscano.	tom.3.
14	S. Pedro, Martyr, Conego Regrante de Santo Agostinho, natural de Lisboa.	p.350.
	O V. Fr. Domingos da Caridade, Eremita Paulista, do territorio de Monçaõ.	tom.3.
15	S. Affonso M. Conego Regrante de Santo Agostinho, natural de Coimbra.	p.350.
	O V. Fr. Affonso de Assumpçaõ, ou de Albuquerque, Francisc.	tom.3.
16	S. Victor Arcebispo de Braga, Monge Bento.	p. 246.
	S. Fr. Hugo, e seus companheiros S. Fr. Leaõ, S. Fr. Domingos, S. Fr. Joaõ, e S. Fr. Electo, Religiosos Franciscanos, e Martyres.	p.344.
17	S. Socrates, e Santo Estevaõ, Martyres Lusitanos.	p.189.
	O V. P. Pedro de Villapouca, de Aguiar, e da Companhia.	tom.2.
	O V. Nuno Coelho, Contador do Mestrado, da Ordem de Christo.	tom.3.
18	O V. P. Joaõ de Sousa, e seu companheiro O V. Irm. Pedro Correya MM. da Companhia.	tom.2.
	O V. Fr. Luiz da Cruz, Franciscano, de Thomar.	tom.3.
	O V. Fr. Manoel da Conceiçaõ, Arrabido, de Lisboa.	tom.
19	O V. Fr. Joaõ de Palmella, Franciscano.	tom.2.
	O V. Fr. Lourenço de Pina, Franciscano, do Porto.	tom.3.
20	O V. P. Pedro Mascarenhas, da Companhia.	tom.2.
	O V. Fr. Luiz da Cruz, Franciscano, n. de Bragança.	tom.3.
21	O V. Fr. Fernando de Jesus, de Santarem.	tom.2.
	O V. Fr. Roque do Sacramento, Carmelita, n. de Santarem.	tom.3.
	O V. Fr. Francisco da Guta, Capucho.	tom.4.
22	O V. Thomé de Xique, e seus companheiros MM.	tom 2.
	O V. D. Joaõ Nunes Barreto, da Companhia, Patriarcha da Ethyopia, e n. da Cidade do Porto.	tom.3.
23	S. Felix, Arcebispo, e natural de Braga.	p.268.
	O V. Doutor Paulo Orosio Presbytero, e natural de Braga.	tom.3.
	O V. Fr. Diogo dos Anjos, Arrabido.	tom.4.

O V.

24 O V. Fr. Fernando Amado, Dominico, de Santarem. tom. 2.
O V. Joaquim Medico, Japonez, Martyr. tom. 3.
O V. Thomé, Martyr, Japonez. tom. 3.
25 S. Proculo, e seu companheiro
S. Hilariaõ, Martyr, na Villa de Serpa. p. 352.
O V. Fr. Cosme de S. Gregorio, Capucho, da Arrifana. tom. 4.
26 S. Maximiliano, e [illegible]
S. Valentino, M., Bispo de Vianna de Lima, no tempo em que foy Cidade. p. 355.
27 O V. Fr. Joaõ da Cruz, Eremita de S. Paulo, n. de Lisboa. tom. 3.
O V. Fr. Simaõ das Montanhas, Dominico. tom. 3.
O V. P. Fr. Joaõ de Villa-Real, Capucho. tom. 3.
28 O P. Francisco Rodriguez, e o
Irm. Martim Alvares, da Companhia, natural de Alcochete. tom. 3.
29 O V. Fr. Manoel de Estremoz, Piedozo. tom. 2.
O V. Joaõ Rebello, mercador. tom. 2.
30 O Regulo de Clatem, Martyr. tom. 2.
O V. Fr. Lucas da Resurreiçaõ, Eremita Agostinho. tom. 2.

OUTUBRO.

1 S. VErissimo, e suas irmaãs, Martyres, natural de Lisboa. p. 224.
O V. Fr. Domingos da Conceiçaõ, Franciscano, natural de Angra. tom. 3.
2 O B. D. Mendo, Conego Regrante, Prior de Ribas. tom. 2.
O V. Fr. Gregorio da Conceiçaõ, Capucho, n. de Vianna. tom. 3.
3 O V. Fr. Alvaro de Miranda, e seus comp.
O V. Fr. Ignacio, de Leyria.
O V. Fr. Pedro de Eça.
O V. Fr. Pantaleaõ.
O V. Fr. Rodrigo de S. Thiago.
O V. Fr. Manoel da Cruz.
O V. Fr. Custodio, Corista.
O V. Fr. Francisco Cartuxo.
} MM., Francisc. tom. 2.
O P. Francisco Ferreira, Presbytero do habito de S. Pedro, n. de Guimaraens. tom. 3.
Fr. Vital de S. Luiz, Arrabido, de Santarem. tom. 2.
4 Santo Herotheo, Bispo, e Martyr, Lusitano. p. 190.
O V. Fr. Pedro de Basto, Monge Bento. tom. 2.
O V. Fr. Angelo de Ascensaõ, Carmelita, n. de Monforte. tom. 3.
5 S. Paulo, Arcebispo de Merida, cabeça da Lusitana. p. 80.
O V. Fr. Pedro Gallego, Dominico, de Bemfica. tom. 3.
6 S. Filippe, ou Filippinho, companheiro de Santo Antonio. p. 123.
Santa Fé, Virgem, e Martyr, Lusitana. p. 840.
O V. P. Balthazar Guedes, Fundador dos Meninos Orfaõs do Porto, e e natural da mesma Cidade. tom. 3.
7 S. Martinho, Abbade de Cister. p. 189.
O V. Fr. Fernando de Cadaval, Dominico, natural de Lisboa. tom. 2.
O V. Fr. Luiz da Cruz, Franciscano, de Santarem. tom. 3.
O V. D. Fr. Joaõ de Sahagum, Agostinho descalço, Bispo de S. Thomé. tom. 2.
8 O V. Irm. Fructuozo Francisco, Religioso de S. Joaõ de Deos, do Concelho de Regalados, do Arcebispado de Braga. tom. 2.
O V. Fr. Luiz da Cruz, Franciscano, natural de Leyria. tom. 3.

O V. Fr. Domingos Gavinho, Arrabido, de Collares. tom. 2.

9 Santo Aza, Martyr, com 150. companheiros, de Galliza Bracharenſe. p. 79.

O V. Fr. Antonio de Serpa, Franciſcano. tom. 2.

O V. Fr. Agoſtinho da Graça, Eremita Agoſtinho. tom. 3.

10 S. Gereaõ, Capitaõ, e 18. Soldados, MM. p. 73.

O V. Fr. Joaõ da Cruz, Eremita de S. Paulo, n. de Lisboa. tom. 3.

O V. P. Manoel Martins, da Companhia. tom. 3.

11 S. Gens, Biſpo de Lisboa, e Martyr,

S. Placido, companheiro,

Santo Anaſtaſio, companheiro. p. 225.

O V. Fr. Chriſtovaõ de S. Jozé, Arrabido, de Lisboa. tom. 4.

12 O V. Fr. Franciſco da Aſſumpçaõ, Franciſcano, do Algarve. tom. 2.

O V. Fr. Jordaõ de S. Domingos, Dominico. tom. 3.

13 S. Januario, e ſeus companheiros.

S. Fauſto, e

S. Marcial, MM., e irmaõs, de Galliza Bracharenſe. p. 154.

S. Pedro Juliano, Arcebiſpo de Braga. p. 297.

O V. Fr. Antonio Alemaõ, Franciſcano, natural de Leyria. tom. 2.

14 O V. Fr. Antonio, e

O V. Fr. Pedro, Franciſcano, fallecido por huma morte precioſa em S. Franciſco do Porto. tom. 2.

O V. Fr. Paulo, Franciſcano, de Xabregas. tom. 3.

15 Santo Olimpo, Arcebiſpo de Toledo, n. de Lisboa. p. 221.

O B. S. Pedro Negles, Eremita, natural da meſma Cidade. p. 401.

O V. Fr. Affonſo de Monte Santo, Franciſcano. tom. 3.

16 S. Urſo, Biſpo de Beja. p. 217.

O V. Jeronymo Luiz, Martyr na China. tom. 3.

O V. Fr. Honorio de Santa Maria, Arrabido, n. dos Arcos, Villa no Minho. tom. 4.

17 O V. Lino, ſua mulher, dous filhos, e nove companheiros MM., Japonezes. tom. 3.

O V. Fr. Diniz de Mello, Dominico, n. de Lisboa. tom. 3.

18 O V. Fr. Antonio de Santo Alberto, Carmelita, de Torres-Novas tom. 2.

O V. Fr. Diogo das Vinhas, Dominico. tom. 3.

O V. Simaõ Gomez, o Çapateiro Santo, natural dejunto a Thomar, eſcreve-ſe neſta vida os nomes dos Santos, que foraõ cazados. tom. 4.

19 O V. P. Diogo Vuki, da Companhia, Martyr, Japonez. tom. 2.

O V. Fr. Joaõ de S. Lazaro, Antoninho. tom. 3.

20 Santa Iria de Thomar, Virgem, e Martyr. p. 797.

O V. Fr. Gonſalo de Santa Maria, Dominico, de Guimaraens. tom. 2.

O V. Fr. Martinho Martins, Conventual em Lisboa. tom. 4.

O V. Fr. Eſtevaõ de Santo Elias, Carmelita, n. de Caſcaes. tom. 4.

O V. Fr. Franciſco de Santo Antonio, Arrabido, de Obidos. tom. 4.

21 Os Veneraveis Juſto, Juliaõ, Simaõ, Paulo, Thomé, e Joaõ, Martyres, Japonezes. tom. 2.

Fr. Manoel de Azevedo, Franciſcano. tom. 2.

O V. P. Fr. Antonio das Chagas, Fundador do Varatojo, n. da Vidigueira. tom. 4.

22 O V. P. Diogo Carvalho, da Companhia, M., n. de Coimbra, e 8. companheiros. tom. 2.

O V. P. Fernande Annes, Conego do Evangeliſta, n. de Lisboa. tom. 3.

23 S. Servando, e

S. Germano irmaõs, Martyres, de Galliza Bracharenſe. p. 154.

Os V V.

NOVEMBRO.

6 O V. Fr. Simaõ das Chagas, Dominico, de Lisboa. tom. 2.
O V. Paulo Fuximi, Martyr. tom. 4.

7 Santo Amaranto, Martyr, natural de Amarante, Villa do Arcebispado de Braga. p. 350.
O V. Fr. Fernando, Eremita da Serra de Ossa. tom. 2.

8 O V. Antonio Ribeiro Cyrne, Soldado, e Martyr, natural de Vianna. tom. 2.
O V. P. Bernardo de Christo, Conego do Evangelista, natural da Guarda. tom. 3.
O V. Henrique, e outros Portuguezes, que morreraõ no cerco de Lisboa. tom. 4.
O V. Fr. Jozé da Conceiçaõ, de Alcobaça, Arrabido. tom. 3.
O V. Fr. Antonio da Paz, Arrabido, de Santarem. tom. 3.

9 Santo Hermenegildo, Monge, Lusitano. p. 344.
O V. Fr. Guilherme da Paixaõ, Monge de Cister, n. de Braga. tom. 2.
O Irm. Affonso Vaz, da Companhia. tom. 2.
O V. Fr. Francisco de Jesus Maria, Carmelita, n. de Pinhel. tom. 4.

10 Santo Aginha Salteador, na Provincia do Minho. p. 63.
S. Fructuozo Gonsalves, Conego Regrante de Santo Agostinho, Abbade, e natural de Constantim, Freguesia deste Arcebispado. p. 365.
O V. Fr. Bartholomeu, Franciscano, de Braga. tom. 2.
O V. Fr. Simaõ da Visitaçaõ, Franciscano. tom. 3.

11 S. Damazo, Pontifice Romano, natural de Guimaraens. p. 920.
O V. Augusto Menino, de Merida. tom. 2.
O P. Joaõ de S. Vicente, da Congregaçaõ do Evangelista, natural de Lisboa. tom. 3.

12 O V. Fr. Balthazar de Guimaraens, Dominico. tom. 2.
O V. Fr. Affonso de Toledo, Dominico. Escreve-se nesta vida o horrendo castigo, que sobreveyo a Villa-Franca da Ilha de S. Miguel, por naõ attenderem seus moradores para as suas vozes. tom. 4.
O V. Fr. Alvaro da Conceiçaõ, de Aveyro, Arrabido. tom. 2.

13 O V. Fr. Lourenço de S. Joaõ Baptista, Carmelita, da Villa da Louzaã. tom. 2.
O V. Fr. Joaõ de Atayde, Franciscano. tom. 2.

14 O V. Joaquim, e sua Esposa, Martyres, Japonezes. tom. 2.
O V. Fr. Ignacio da Purificaçaõ, Dominico, de Lisboa. tom. 3.

15 O V. Fr. Joaõ do Porto, Provincial dos Minimos. tom. 2.
O V. Fr. Francisco da Porciuncula, Leigo Arrabido, natural de Lisboa. tom. 4.

16 O V. Fr. Gaspar da Conceiçaõ, Franciscano, de Lisboa. tom. 2.
O V. Pedro Rodriguez, e seus companheiros, Mendo Valle, Damiaõ Vaz, Alvaro Garcia, Estevaõ Vasques, Valerio de Ora, e Garcia Rodriguez, Martyres em Tavira. tom. 4.
Fr. Gonsalo do Rozario, Arrabido, natural de Lisboa. tom. 4.

17 Santo Asisculo, e sua irmaã Santa Victoria, MM., de Galliza Bracharense. p. 157.
O V. Fr. Gonsalo de Guimaraens, Dominico. tom. 2.
O V. Fr. Antonio da Merciana, Capucho. tom. 3.

18 O V. Fr. Pedro Affonso, Monge Bento, e Abbade de Carvoeyro. tom. 2.
O V. Dezembargador Antonio Ferreira Leitaõ, n. de Fontearcada da Beira. tom. 2.
O V. Fr. Antonio de Azevedo, Dominico. tom. 3.

Santa

19 Santa Victoria, Virgem, e Martyr, natural de Braga. p.837.
O V. Fr. Gonſalo de Eſpozende, Capucho. tom.2.
O V. Fr. Lourenço da Cruz, Dominico, Prior de Azeitaõ. tom 3.

20 S. Quirico, ou Quirino, Monge Bento, e Arcebiſpo de Braga. p.236.
S. Froalengo, e
S. Gonſalo, Biſpos de Coimbra, e depois Monges Bentos. p.194.
O V. Fr. Jorge, Franciſcano, de Xabregas. tom.2.

21 O V. Alvaro Ferreira, Capitaõ, e homem de negocio, Martyr. tom.2.
O V. Fernando Viegas, e ſeu filho
O V. Juzarte, homens de negocio, Martyres, e naturaes de Braga. tom.2.
O V. Fr. André da Aprezentaçaõ, Antoninho. tom.4.

22 O V. Fr. Gonſalo, Franciſcano, de Ponte de Lima. tom.2.
O V. Fr. Joaõ da Veiga, Franciſcano, Piedozo. tom.4.

23 Santa Lucrecia, Virgem, e Martyr, Luſitana. p.771.
O V. Padre Jeronymo de Carvalho, da Companhia, natural de Barcellos. tom.2.
O V. Fr. Domingos da Magdalena, Dominico, da India. tom.3.
O V. D. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, Capucho, e Arcebiſpo da Bahia. tom.4.

24 O V. Fr. Jeronymo do Eſpirito Santo, Arrabido de Barcellos. tom.2.
O V. D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro Biſpo do Brazil. tom.4.

25 O V. Padre Manoel Godinho, da Companhia, de Lisboa. tom.2.
O V. D. Fr. Agoſtinho de Jeſus, Eremita Agoſtinho, natural de Lisboa. tom.2.
O V. D. Fr. Franciſco dos Martyres, Arcebiſpo de Goa, Franciſcano, natural de Lisboa. tom.3.

26 O V. P. Gil de Abreu, da Companhia, de Campo-Mayor. tom.2.
O V. Fr. Franciſco de Santa Barbara, Franciſcano. tom.4.

27 S. Facundo, e
S. Permitivo, Soldados, de Galliza Bracharenſe, Martyres. p.204.
S. Jacob, ou Thiago Intercifo, cujo corpo poſſue Braga. p.368.
O V. Fr. Joaõ de Mejorado, Jeronymo, da Arrifana. tom.2.

28 D. Joaõ de Atayde, Prior de Santa Cruz de Coimbra. tom.3.
O V. Fr. Agoſtinho do Cazal, Trino, e Martyr, n. de Alcaçar do Sal, e
O V. F. Joaõ de Jeſus, Trino, Martyr. tom.2.

29 D. Pedro Paes, Conego Regrante, de S. Vicente de Fóra. tom.3.
O V. Pedro Maxemara, Martyr. tom.4.
O V. P. Fr. Redempto da Cruz, do Arcebiſpado de Braga, e ſeus companheiros Martyres, Carmelitas. tom.4.

30 O V. Fr. Joaõ de Aquila, Arrabido. tom.2
O V. Fr. Domingos, Converſo, e
O V. Fr. Martinho, Dominicos, em Santarem. tom.4

DEZEMBRO.

O V.

17. O V. Fr. André Cidade, pay de S. Joaõ de Deos. tom.2.
O P. Diogo Fernandes, Capellaõ da Capella Real do Algarve. tom.4.
O V. Fr. Manoel da Bôa-Hóra, Agostinho descalço. tom.2.
18. O V. Fr. Antaõ, Religioso Trino, de Anciaens, Arcebispo de Braga. tom.2.
O V. P. Antonio de Nazareth, Conego do Evangelista, natural de Villa do Conde. tom.3.
O V. Fr. Manoel de Santa Luzia, Capucho, natural de Vianna. tom.4.
19. O V. Fr. Antonio Prestello, Franciscano, Guardiaõ de Xabregas. tom.2.
O V. Joaõ Acaxi, Martyr. tom.4.
O V. Fr. Gil da Resurreiçaõ, Arrabido, de Lanhozo, Arcebispado de Braga. tom.3.
20. O V. D. Gaspar das Chagas, Conego Regrante. tom.2.
O V. D. Nicoláo Monteiro, Bispo, e natural do Porto. tom.2.
O V. Irm. Fr. Salvador, Capuchinho. tom.2.
21. D. Fr. Antonio da Resurreiçaõ, Bispo de Angra. tom.2.
O V. Fr. Redempto da Cruz, Martyr, de Santa Maria de Cunha, Comarca de Braga. tom.4.
O V. Fr. Dionysio da Natividade, e seus companheiros Carmelitas. O seu Martyrio he admiravel. tom.4.
22. O V. Fr. André de Portugal, Dominico. tom.2.
O V. Fr. Sebastiaõ de Goys, Dominico. tom.3.
O V. D. Joaõ Nunes Barreto, da Companhia, Patriarcha da Ethyopia, n. da Cidade do Porto. tom.3.
O V. P. Fr. Felix do Espirito Santo, Capucho. tom.3.
23. O V. Fr. André do Rozario, Franciscano. tom.2.
O V. Fr. Luiz do Espirito Santo, e seu companheiro Fr. Joaõ da Trindade, Martyr. tom.4.
O V. Fr. Joaõ Cerita, Monge Bernardo, natural do Minho. tom.4.
O V. Fr. Diogo dos Anjos, Arrabido, de Leyria. tom.4.
24. O V. Fr. Xisto, Franciscano, da Cidade da Guarda. tom.2.
O V. P. Lazaro Nunes, Sacerdote do habito de S. Pedro, das Ilhas. tom.2.
O Irm. Domingos Pecorere, da Companhia, do Brazil. tom.3.
25. Santa Anastasia, de quem se conservaõ as Reliquias em Villa-Viçosa. p.772.
O V. Fr. Bento, Donato Benedictino em Tibaens, Cabeça da Benedictina. tom.2.
O P. Manoel Fernandes, da Companhia. tom.2.
O V. Fr. Manoel Coelho, Franciscano, de Lisboa. tom.2.
O V. Fr. Balthazar de Santo Antonio, Franciscano, do Porto. tom.3.
O V. Fr. Antaõ de Santa Maria de Neyva, Dominico. tom.3.
O V. Fr. Ignacio, Arrabido, de Aljubarrota. tom.3.
O V. Fr. Francisco de Christo, Arrabido, de Obidos. tom.4.
26. O V. Fr. Diogo de Amarante, Franciscano. tom.2.
O V. Fr. Francisco da Purificaçaõ, Dominico, natural de Elvas. tom.3.
O V. Fr. Joaõ Calvo, Arrabido, de Obidos. tom.3.
27. O V. Fr. Diogo de S. Roque, Antoninho. tom.2.
D. Fr. Henrique de Coimbra, Bispo de Ceuta, Franciscano. tom.3.
O V. Fr. Marcos de Santo Angelo, Carmelita, natural de Lamego. tom.4.
28. O B. Fr. Bernardo de Santarem, Mestre dos celebrados Meninos, cuja admiravel historia se escreve. p.586.
Os Veneraveis Boaventura, Joaõ, e outros Martyres Japonezes. tom.3.
O V.P. Joaõ Nunes, da Comp., natural do termo de Monte-Mór. tom.4.

S.Janua-

FINIS, LAUS DEO.